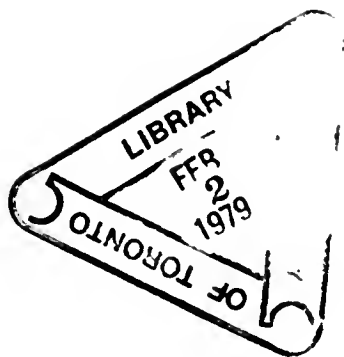




1111.

300.10



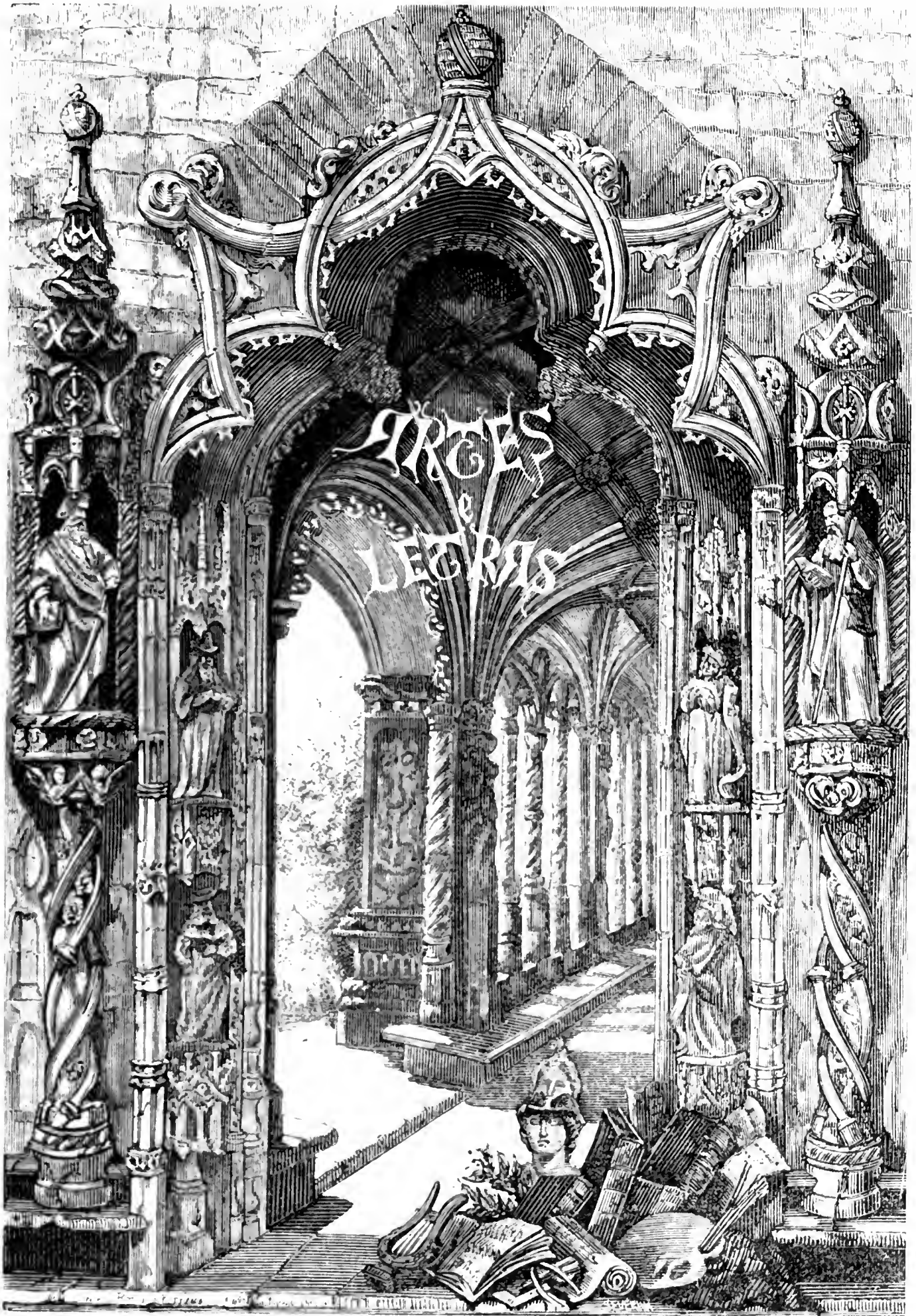


IX

7

11/18

18/11 - 3/11

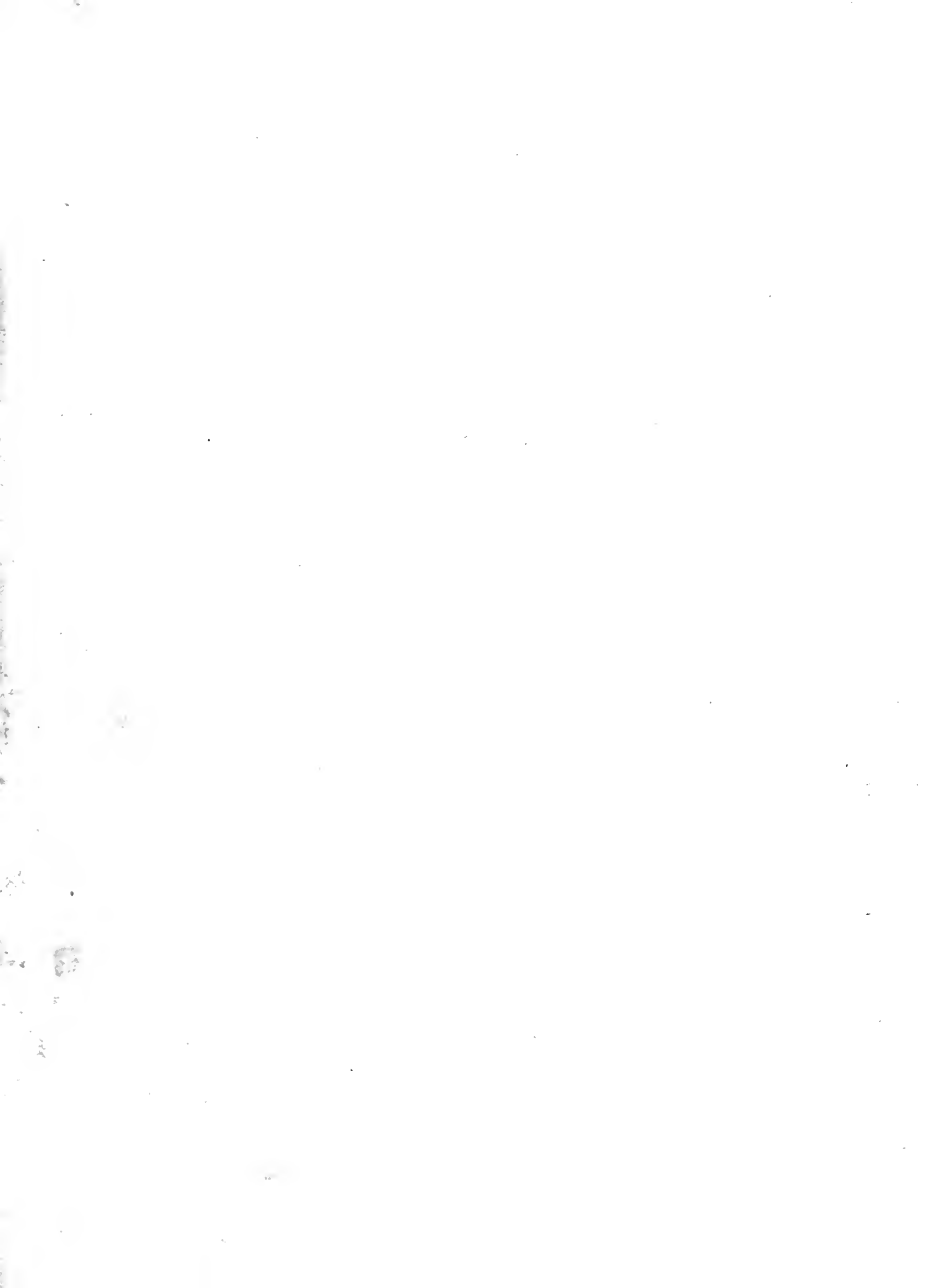


COLLABORADORES



A. Filippe Simões — Alberto Telles — Antonio Ennes — Brito Aranha — Bulhão Pato — Camillo Castello Branco — Claudio de Chaby — Eduardo Augusto Vidal — Francisco Gomes de Amorim — Francisco M. Tubino — Gonçalves Crespo — Guilherme Franco — Innocencio Francisco da Silva — José Maria de Andrade Ferreira — Julio Cesar Machado — Latino Coelho — Lucio de Mendonça — Manuel M. Bordallo Pinheiro — Marquez de Sousa Holstein — Narcisa (D.) Amalia — Pinheiro Chagas — Ramos Coelho — Raphael Bordallo Pinheiro — Ribeiro Guimarães — Simões Dias — Sousa Viterbo — Thomaz Ribeiro.

Rangel de Lima — Director





O PEZO BEM EXACTO, HEBREU!

Quatro de G. Semiond.

Editores Rolland & Semiond

Lisboa.

ARTES E LETRAS



LISBOA — JANEIRO DE 1872



PROGRAMMA da revista — **ARTES E LETRAS**, — cujo primeiro numero é publicado hoje, está exarado no prospecto distribuido pelos editores.

Tratar do importante assumpto de bellas-artes, tão pouco apreciado entre nós; diffundir no povo o gosto por esta sublime manifestação das faculdades humanas; encaminhar o melhor que possamos, os que visitam exposições e frequentam galerias de quadros, mas que por falta de educação artistica não estão habilitados para distinguir o bom do mau, o bello do vulgar: — eis o principal fim d'esta publicação.

Diligenciando tambem tornar conhecidas entre nós as obras artisticas e litterarias produzidas no imperio do Brazil, quer publicando gravuras d'aquellas, quer annunciando estas e dando todos os esclarecimentos que se possam colher ácerca de seus auctores, julgámos prestar algum serviço ao paiz, assim como aos artistas e litteratos brazileiros, de cujas produções tão rara noticia temos.

Para nos insinuarmos no animo d'aquelles que ainda consideram as artes liberaes assumpto de secundario interesse e pouco merecedor de alguma attenção, publicaremos na revista — **ARTES E LETRAS** — romances, viagens, monographias e outras composições litterarias de reconhecido merito, e manifestamente destinadas a desenfadar o leitor, instruindo-o.

Eis o que promettemos.

Não nos falta — podemos affirma-lo — a força de animo precisa para arrostar com as grandissimas difficuldades d'esta ardua empreza; e, para supprir a ausencia de faculdades de que certamente carecemos, tencionámos soccorrer-nos ao provado talento dos nossos principaes escriptores, que, melhor do que nós, hão de contribuir para a illustradora propagação de doutrinas que tanto têm influido no adiantamento e civilisação dos paizes mais esclarecidos.

Emfim, se a fortuna nos for prospera e conseguirmos auxiliar o incremento das artes em Portugal, ficaremos em paz com a consciencia, porque teremos cumpri-do a nosso contento a missão de que nos encarregámos.

RANGEL DE LIMA.

GRÃO VASCO

E A HISTORIA DA ARTE EM PORTUGAL

I

Um dos capitulos mais interessantes da historia da arte é sem duvida o que se refere ás origens da pintura em Portugal e ao seu desenvolvimento n'este paiz nos seculos XV e XVI; mas se este estudo é interessante, deve confessar-se que é por enquanto de summa difficuldade. Quasi nada se tem escripto sobre este assumpto, e as poucas obras que d'elle tratam, são ou confusas, ou incompletas, ou quasi inteiramente destituidas de critica, accetando tradições locais sem as passar ao crysol de um rigoroso exame, conservando attribuições evidentemente erradas, confundindo epochas, estylos e até personalidades diversas. Os dois trabalhos mais importantes que existem sobre a nossa antiga pintura são obras devidas a estrangeiros. É a primeira as *Cartas artisticas*, e o Diccionario do conde de Raczynsky. Contém profundas averiguações de factos e dados, numerosas comparações de quadros, e investigações que, por serem ás vezes producto pouco amadurecido do estudo do auctor, nem por isso são para desprezar nos seus resultados geraes. É o segundo trabalho a *Memoria sobre a antiga escola de pintura em Portugal* por J. C. Robinson, e refere-se, como o indica o seu titulo, á escola vulgarmente chamada de Grão Vasco, sendo quasi exclusivamente destinada a refutar n'um ponto especial, mas este importantissimo, as conclusões do conde de Raczynsky.

Cyrillo Volkmar Machado, Taborda e o proprio Barbosa Machado, tratam da historia da pintura em Portugal. Este ultimo auctor limita-se a citar alguns nomes e alguns poucos factos biographicos de cada um dos artistas a que se refere. Não trata, nem este era o seu fim, de uma historia systematica e critica da pintura em Portugal. Cyrillo e Taborda abalam-se a mais, mas as suas obras não são completas nem seguras. Não pretendo processar aqui estes auctores, apontar as suas deficiencias, os erros em que laboraram, e a nimia boa fé com que accetaram opiniões então prevalecentes, e que não podiam certamente resistir a um exame consciencioso e severo. Quando elles escreveram, a critica historica, sobretudo aquella critica especial que deve applicar todo o seu vigor das artes, era uma sciencia ainda muito em congeço, conhecida de poucos e usada por muitos menos. Não é para aduiz, e arte nenhuma dos nossos auctores a empregasse n'estas obras: força é porém dizer-se que apezar das suas deficiencias e imperfeições os trabalhos de Volkmar e de Taborda prestaram valioso serviço aos investigadores da historia das artes portuguezas, e ainda hoje podem com proveito ser consultados.

Se a estes nomes juntarmos o do douto cardeal Saraiva (S. Luiz) que para empregar as horas d'ocio que lhe deixava o desterro, compilou a sua historia dos artistas, e do illustre Garrett, que esboçou uma historia da pintura, e os dos auctores d'algumas memorias e artigos ácerca d'alguns quadros ou artistas, teremos concluido a bibliographia da historia da pintura em Portugal.

Creio que a esta deficiencia de obras especiaes, e portanto á difficuldade bastante grande que ha de estudar estas questões, é que se deve attribuir a opinião hoje muito vulgar que a pintura nunca existiu em Portugal com uma vida robusta, independente e nacional. Refutar completamente este erro seria escrever um volume. Averiguar minuciosamente todas as particularidades da historia da pintura portugueza pediria largas e trabalho-

sas indagações nos archivos, fastidiosas comparações de quadros, discussões technicas e historicas que levariam muito tempo, exigindo de quem as comprehendesse conhecimentos muito profundos e completos. Este trabalho não é para mim. Faltam-me tempo e forças. Não é tambem para a indole d'esta publicação.

O meu fim é mais modesto. Desejo apenas dizer em poucas palavras os resultados não a que eu cheguei, mas a que chegaram os poucos que se dedicaram a este espinhoso estudo.

II

Não vae longe a epocha em que da historia das artes nas Flandres e em Italia, pouco mais se sabia do que actualmente se sabe da arte portugueza. Os quadros antigos italianos eram de Perugino, os quadros distinctos da escola flamenga eram todos de João Van-Eyck. Corriam e aceitavam-se como verdadeiras as tradições legendarias acerca de alguns pintores. Assim Hemling era um pobre soldado recolhido por amor de Deus no hospital de S. João de Bruges, e que pagára a caridosa hospedagem com os magnificos quadros que ainda hoje são o mais bello ornamento d'aquella casa; assim tambem o pobre ferreiro Matsys, inspirado pelo amor, revelára-se um dia pintor insigne, e encontrára na força do seu affecto inspirações para imaginar e executar os soberbos trabalhos que tornaram o seu nome immortal.

Não ha muito ainda que o acervo de calumnias que a posteridade accumulava sobre a memoria de André dal Castagno, se desfez com a descoberta de um só documento; de assassino e ladrão fôra alumiado pelo pae dos historiadores de bellas artes, Vasari, e esta dupla calumnia, repetida durante seculos por todos os escriptores, tornára odiosa a memoria do pobre pintor florentino. A certidão do seu obito recentemente descoberta prova que falleceu treze annos antes do assassinato de Domenico Veneziano por outro André que não era pintor, e que não pretendia roubar segredo algum artistico, mas vingar uma affronta pessoal.

Ha poucos annos que as investigações de Waagen, de Neales, de Wauters, de Michiels reduziram a factos verdadeiros o montão de tradições e de lendas que até então compunham a historia da pintura flamenga. Não ha mais tempo que Rio, Passavant, Rumohr, Crowe, Cavalcaselle, e os annotadores de Vasari, para não fallar em muitos outros, fizeram igual trabalho para a historia da pintura italiana. A critica severa, um rigoroso methodo de investigações pacientes e longos estudos nos archivos, a comparação attenta dos monumentos da pintura que sobreviveram aos estragos do tempo e dos pseudo-restauradores foram os elementos de que elles se serviram para recompor cautelosamente, mas com segurança, a historia d'aquelles periodos. Nem se pôde ainda dizer que terminou aquelle trabalho de restituição historica. Todos os dias se descobrem novos documentos, se encontram novos dados, se apuram novos elementos, alterando muitas vezes as conclusões que se julgavam até então assestadas em solidas bases. O que os trabalhos de Herulano foram para as chronicas, está sendo a excellente obra de C. Blanc para as antigas biographias dos pintores. Haveria talvez mais poesia, mais belleza nas antigas lendas que a imaginação popular creára, porém havia n'ellas sem duvida muito menos verdade historica, muito menos exactidão do que nas severas mas conscienciosas investigações do Niebuhr portuguez. Se os modernos beneditinos da historia das artes despojaram muitas biographias artisticas de lendas e tradições que as embellezavam, acrescentaram-n'as com a descoberta de muitos

factos importantes, enriqueceram-n'as com os nomes de muitos artistas que jaziam esquecidos no pó dos archivos, desfizeram muitas reputações usurpadas, restituíram a seus verdadeiros auctores muitas obras que andavam ha seculos attribuidas a quem nem sequer contribuíra para a sua execução. Assim foi que despojado Cimabue da gloria que lhe conferira Vasari de restaurador ou, para melhor dizer, pae da arte em Italia, se vae fazendo devida justiça aos numerosos artistas das escolas de Vicenza, Piza, etc. que prendem o renascimento das artes em Italia por uma serie não interrompida aos antigos pintores dos seculos VI e VII, e explicam assim o facto, inexplicado por Vasari, do apparecimento de Cimabue. Assim foi que se tirou a J. Van-Eyck a gloria que lhe haviam conferido de auctor do celebre tryptico da adoração mystica do Cordeiro, para a dar a seu irmão Huberto, verdadeiro auctor d'aquella importante obra. Assim foi que os celebres frescos, que até ha pouco eram reputados obra commum de Masaccio e Masolino, foram com toda a razão e justiça reconhecidos serem obra sómente do primeiro.

E quantos outros factos não poderia eu citar? e quantos nos não reserva ainda a continuação d'aquellas laboriosas investigações, que já deram tão valiosos resultados?

III

Grão Vasco é na historia da pintura portugueza o que Van-Eyck, Durero e Perugino eram na historia das artes flamenga, allemã e italiana. São d'elle, ou quando muito, e por concessão especial, são da sua escola os numerosos quadros gothicos existentes em Portugal. Quadros gothicos disse, sacrificando ao uso commum, que por um prejuizo inveterado conserva uma palavra de todo ponto impropria e insignificativa. Os godos não tiveram arte, e muito menos pintura. Não foi d'elles, nem inspirada por elles aquella soberba escola de architectura, a que sem razão foi dado o seu nome. Creação eminentemente christã, nasceu aquella architectura da necessidade de reagir contra as fórmulas classicas, que recordavam muito a antiga religião e não satisfazião a fé ardente e exaltada dos seculos que viu surgir aquella esplendida arte. Adoptado e consagrado por um longo uso o nome de gothico para aquelle estylo de architectura, ampliou-se á esculptura e á pintura que foram contemporaneas d'aquelles edificios. Seja porém como for, pintura gothica se chamou aos quadros executados até ao seculo XV. Em Portugal pois eram todos de Grão Vasco, ou da sua escola.

Mas quem era Grão Vasco, quando e onde nascêra, onde aprendêra, onde fôra receber os profundos conhecimentos technicos que seus quadros revelam, quando e onde fallecêra, que discipulos deixára, quaes os nomes d'estes, eram outras tantas perguntas a que se não respondêra nunca. O apparecimento de Grão Vasco, sem precedentes, isto é, sem mestres, sem consequentes, isto é, sem discipulos, sem logar determinado de nascimento, envolto todo na nebrina de uma tradição indistincta, era um facto inexplicavel, e que por isso a muitos parecia inverosimil.

Quando começára a fallar-se em Grão Vasco, era outro problema que tambem não fôra resolvido até Raczyński. Os que foram, segundo a tradição, seus contemporaneos nem sequer mencionam uma vez o seu nome, que só começa a apparecer em meados do seculo XVIII. Como explicar este silencio a respeito d'um vulto tão insigne como devia ser aquelle pintor?

Cyrillo e Taborda, que escreveram na primeira me-

tade d'este seculo fallam em Grão Vasco, mas limitam-se a inserir nas suas obras as tradições vulgares que a respeito d'este pintor corriam no tempo em que escreveram, e não citam uma data, um documento, uma obra autentica do artista. Ainda outra fonte de confusões e embaraços. Os quadros de Vasco e de seus imitadores resentem-se effectivamente de influencias flamengas; os dos pintores menos legendarios, Campello, e outros dos reinados de D. Manuel e D. João III mostram claras reminiscencias das escolas italianas. Tudo era confusão, obscuridade, incerteza. Nem admira que em taes circumstancias houvesse quem duvidasse da existencia de Vasco e da sua escola, e attribuisse a pinceis flamengos as produções que se diziam d'aquelles pintores. Foi esta a primeira impressão de Raczymsky, e ainda hoje não falta quem sustente esta opinião.

Profundada porém a questão achou-se Raczymsky em frente de novo embaraço. Em vez de um pintor Vasco, encontrava agora cinco ou seis. Qual era, d'entre estes, o artista que merecera o glorioso titulo de grande?

Finalmente deparando com uma certidão de baptismo de um Vasco Fernandes, filho de Francisco Fernandes, pintor, suppõe que Grão Vasco nasceu em 1552, apesar da difficuldade que ha, adoptando esta opinião, de explicar como um artista nascido depois da metade do seculo XVI, pintava quadros, que pelo estylo, composição e mesmo technica parecem obra muito anterior.

Quanto mais se profundava o exame, mais cresciam e se multiplicavam os embaraços, a ponto de parecer a muitos que seria facto para sempre controverso se houve ou não um Grão Vasco, e qual foi a sua posição na historia da arte em Portugal.

(Continúa).

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

O MESTRE DE ESCRIPTA-

POR

GERARD DOW

Entre as magistraes obras de arte hollandezas, figuram os quadros de Gerard Dow, os quaes pela suavidade, expressão das figuras e perfeito acabamento inspiram o maior interesse.

Foi este artista discipulo de Rembrandt e chefe da escola de pinturas do genero que adoptou. Acabava com tanta paciência os seus quadros, que levava muitas vezes semanas para tocar o mais insignificante accessorio.

As composições que produziu ganharam immensa reputação em sua vida; uma das onze que existem hoje no museu do Louvre, foi paga pelo principe Eugenio de Saboia pela quantia de trinta mil florins.

Conta-se como tendo dado origem ao quadro *O mestre de escripta*, representado na gravura que damos, a seguinte anecdota.

Sentado a uma das janellas do convento de S. Francisco, transformado em escola dos pobres, na cidade de Amsterdam, passava o dia Raphael Huelst, homem dos seus setenta annos, mestre de escripta dos rapazes pobres, o qual em vez de ensinar os discipulos como devia, se entretinha principalmente em escrever titulos e documentos para a chancellaria dos estados geraes.

Dnyneke, filha de Gerard Dow, dando uma vez pelo velho, cujo typo curioso era completado por grandes olhos, o classico barretinho e um albernoz coevo de Car-

los V, correu a participar ao pae o achado, e tal vehemencia empregou na descripção, que o pintor deixando caualete e pinceis, pegou da pasta e foi procurar o modelo.

Gerard Dow quando defrontou com a janella de Huelst, descobriu-se respeitosa e começou de examinar a frente eucanecida do mestre de escripta, a cadeira de braços em que o via sentado, a velha estante do gabinete, e a gaiola em que saltitava uma avesinha que parecia ser a unica alegria do ancião.

Huelst saudou o observador desconhecido, e continuou a trabalhar, sorrindo apenas de vez em quando aos gabos que o artista lhe dirigia a proposito das suas bem lançadas letras.

Como os elogios continuassem, o mestre de escripta disse a Gerard Dow:

—Quero mostrar-lhe uns pergaminhos onde melhor póde observar letras maiusculas como o mais acreditado piutor não é capaz de fazer. A minha opinião será suspeita, mas, se é entendedor, como parece, ha de confessar que os quadros dos nossos primeiros artistas—de Gerard Dow, de Mieris ou de Metsu, por exemplo—são uma insignificancia ao pé d'este sublime trabalho!

—Assim o julga o proprio Gerard Dow, meu caro mestre, respondeu o pintor sorrindo—tanto que vem pedir-lhe algumas lições. Primeiramente porém ha de permittir-me que o desenhe, porque tenho o maior empenho em possuir o retrato de homem tão eminentemente.

O mestre de escripta encarou com assombro o seu interlocutor, e correu enfadado a cortina da janella para se furtar aos olhares curiosos do artista, que, delicadamente, o ferira no seu orgulho.

A avesinha vendo-se de repente ás escuras, tanto esvoaçou dentro da gaiola, que, extenuada de forças, caiu morta.

Ficou horrorisado o velho com a perda da sua companheira, e taes lamentos soltava que fazia dó ouvil-o.

—Querida joiasinha—dizia—tu que eras a minha unica alegria, o meu unico prazer, porque me abandonas? Compadece-te de mim, torna á vida, não me deixes só no mundo, peço-te!

Gerard Dow retirou-se profundamente commovido, mas a aventura mais lhe avivou o desejo de retratar o mestre de escripta. Baldados porém eram os esforços que empregava para esse fim; Huelst rejeitava todas as propostas.

Dnyneke, procurando auxiliar o pae nas suas diligencias, encontrou certo dia uma avesinha igual á que o ancião tinha perdido, a qual cantava tão bem, senão melhor, como a outra.

Comprou-a e mettendo-a em bonita gaiola, foi procurar o mestre de escripta.

O acaso permite que a avesinha, apenas entra nos aposentos do velho, comece a cantar. Raphael Huelst ergue as mãos ao céu, e rompendo em lagrimas, exclama commovido:

—Oh! não ter eu dinheiro para comprar esta joia!

Dnyneke aproveita o ensejo, e offerece a avesinha em troca do consentimento de Huelst em servir de modelo ao pae.

Momentos depois dizia Gerard Dow ao professor de escripta:

—Escusa de mudar de fato. Desejo representalo como o vi pela vez primeira.

E o celebre mestre da escola flamengo-hollandeza, de quem foram discipulos os eminentes pintores Gabriel Metsu e Francisco Mieris, dava principio a um dos melhores quadros sahidos dos seus primorosos pinceis.

UM TYPO DO MACADAM

Quem não conhece o typo? Quem o não encontrou já nas ruas da baixa, encostado á bengala, vestindo a quinzena justa mas andrajosa, apresentando-se ora como official amnistiado pela convenção de Evora Monte, ora como um veterano da liberdade, ora como um antigo professor? Conforme o aspecto por onde se encare, assim pôde desenhá-lo o lapis commovido de Dyckmans, ou o lapis amargo de Gavarni, a penna compassiva de Sterne ou a penna sarcástica de Balzac.

E se o chapén impossível, o typo esqualido e feio, apagarem na imaginação do leitor a idéa de que pôde alli estar um d'esses mendigos classicos, de longas barbas nevadas, de physionomia escultural, de fronte rasgada e pensativa, de andrajos que formam roupagens, lembrar-lhe-hemos que a natureza não obedece ás indicações academicas, que a miseria não se pauta pelos modelos artisticos, e que pôde haver uma desgraça tão profunda n'estes vultos, cujo semblante quasi que perden todos os contornos humanos, como nos que a pintura consagra, e que não são outra cousa mais do que a idealisação d'esses typos vulgares.

O poeta passa á noite, n'uma noite fria e chuvosa, pelas ruas da capital. Sac do theatro, onde o deslumbra-ram nos camarotes, radiantes de formosura, esplendidas de riqueza, as mais gentis mulheres da roda aristocratica. Saboreou todos os regalos da arte, no seio de uma atmosphera tepida e suavissima, entre as harmonias da orchestra, acariciado pelos jorros de luz que inundam a sala, e fazem scintillar os velludos dos camarotes e os doirados das esculturas. No seio da noite negra e tormentosa, encontra esses cabellos brancos, açoitados pelo vento, banhados pela chuva gelida, vê esse pobre corpo decrepito arrastando-se a custo, ouve essa voz tremula e humilde de um ancião, que implora, respeitoso, a juventude. Ao dar-lhe a sua esmola, sente quanto é odioso este contraste, e, chegando a casa ainda impressionado por esse triste espectáculo, sendo artista, desenha uma figura veneranda e dolorosa de velho mendigo, se é escriptor, traça, como o auctor da *Viajem sentimental*,

aquella physionomia melancolicamente bella do monge franciscano, que vem pedir, tristemente, uma esmola ao desdenhoso viajante.

Passa um d'esses erceis observadores da verdade humana, que interrogam com olhar fixo o esplendor e a miseria, os opulentos e os desgraçados. Esses viram no theatro não as sedas scintillantes e as macias epidermes, mas o escandalo e os vicios que se escondem detraz das mascaras formosissimas. Ao encontrarem o velho, pararam tambem diante d'elle, e dizem-lhe: Tu não és a miseria, tu és a devassidão! Na tua fronte senil os vicios, mais do que os annos, cravaram a sua garra infamante.

Antes que a chuva molhasse os teus cabellos brancos, ensoparam-se elles no vinho das tavernas. A tua voz enrouqueceu-a o abuso do alcool. Não és o mendigo de Dyckmans, nem o monge de Sterne, és o barão Hulot de Balzac, és um *declassé* de Béchard, és um velho *refractario* de Julio Valés, és a pustula hedionda da rua e da miseria, como as filhas de Goriot são as ulceras das salas e dos theatros esplendentes.

Qual d'estes dois typos será o que Manuel de Macedo desenhou com o seu lapis humoristico, onde se encontram uns reflexos do talento portentoso de Gavarni? Porque Manuel de Macedo é mais do que um optimo desenhador, é um pensador. De todos os nossos caricaturistas é o que mais se inclina para a maneira do auctor de *Masques et visages*. Os leitores lançando os olhos para o desenho que figura no primeiro numero d'este formoso jornal, hão de concordar de certo em que foi o segundo typo o que Manuel de Macedo teve principalmente em

vista. Ha cynismo n'aquella fronte curta, ha um *rietus* idiota n'aquella face avelhentada, e aquelle nariz é o nariz sagrado das libações. Ah! mas não afastemos os olhos com repugnancia. D'esses dois irmãos sinistros, o vicio e a miseria, qual foi o primogenito? N'estes subterraneos, que se abrem ao fundo da escada social, e onde se arrastam todos os hediondos vermes, filhos das trévas, quem sabe se não bastaria lançar torrentes de luz, para afugentar os reptis, para purificar o ambiente?



UM EPISODIO DA BATALHA DE CAMPO GRANDE



TITULO que acima fica, é o de uma notabilissima t'ela pintada a oleo pelo dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello, esclarecido e apreciado artista brasileiro.

De homens celebres pelo talento e pelo saber, t'êm sido berço as terras de Santa Cruz.

Porto-Alegre, A. de Azevedo, Magalhães, Alencar, Macedo e Gon-

çalves Dias, na litteratura; Pedro Americo, Victor Meirelles, Motta e Rocha Fragoso, na pintura; Chaves Pinheiro e Almeida Reis, na estatuaria; Carlos Gomes, Henrique de Mesquita e Santa Rosa, na musica; João Cactano e Joaquim Augusto na arte dramatica, são nomes já respeitaveis para os que prezam as boas letras e as artes, e que a posteridade infallivchmente ha de inserver nas paginas brilhantes das glorias do Brazil.

Bastaria a Pedro Americo—diz uma publicação brasileira que temos á vista—quando não tivesse outros titulos, outros trabalhos que o nobilitassem, apresentar o quadro—*Batalha do Campo Grande*—para firmar reputação não só de artista, mas de celebridade como pintor de batalhas.

Os precedentes d'este artista, porém, que lhe obtiveram entre outras glorias a de alcançar a cadeira de esthetica na Academia de bellas-artes do Rio de Janeiro, tinham já illustrado o seu nome, adquirindo-lhe o diploma de habil e consciencioso cultor das artes.

E não é só como pintor que Pedro Americo, doutorado ha poucos annos na Universidade da Belgica, é estimado na sua patria; os vastos conhecimentos que possui de sciencias naturaes e litteratura, cujos são prova alguns escriptos muito considerados em varias instituições da Europa, enriquecem os seus dotes e justificam o bom conceito em que é tido por amigos e indifferentes.

O quadro—*Batalha de Campo Grande*—que não temos o gosto de conhecer, nem mesmo por algum desenho, mas que vamos descrever pelo que dizem d'elle varios artigos criticos publicados no Rio de Janeiro—mede seis metros de comprimento por quatro de largura.

As figuras do primeiro plano são de tamanho natural.

O grupo do centro representa S. A. o principe conde d'Eu, general commandante em chefe do exercito brasileiro, montado em soberbo cavallo branco, que parte a galope dirigindo-se ao ponto em que a batalha se fere com mais ardor. O capitão Castro, ajudante de ordens do principe, lança mão ás redeas do cavallo do general, parecendo querer suspender-lhe a fuga, ao passo que o coronel Enéas Galvão, chefe do estado-maior, roga ao principe que se não arroje ao logar mais disputado da pugna.

O capitão de mar e guerra Salgado, ajudante de ordens de S. A. nos negócios navaes, figura n'outro plano, mostrando-se afflicto pelo perigo em que se acha o principe, sobre o qual e o seu estado maior, c'ae um chuvaes de balas.

Á direita do quadro e em plano mais afastado, o general Pedra bate-se de espada em punho com um official lanceiro de Paraguayos; á esquerda vêem-se os ajudantes capitães Taunay e Almeida Torres, assim como o coronel Moraes, avançando á frente da sua brigada de cavallaria e infantaria.

No ultimo plano avistam-se as baterias e os fortes inimigos nublados pela funaça da polvora.

Soldados paraguayos copiados do natural, apresentando magnificos escorços, figuram no primeiro plano, e bem assim o episodio de um frade capuchinho, sustentando nos braços um official brasileiro de artilheria, que exhala o derradeiro suspiro. O capuchinho é frei Fidelis d'Avola, que prestou durante a memoravel campanha do Paraguay relevantes serviços, ministrando a feridos e moribundos os beneficos soccorros da religião. O militar representa o bravo capitão Aronca, que perdeu gloriosamente a vida no campo de batalha.

As linhas da composição do quadro, segundo a opinião dos melhores criticos, são perfeitamente achadas, o desenho sempre correcto, a c'ôr boa e as regras de perspectiva rigorosamente observadas.

Revelam-nos os folhetos e os muitos artigos publicados no Rio de Janeiro ácerca d'este quadro, não só o merecimento d'elle, mas ainda o gosto que ha pelas bellas-artes n'aquelle bem fadado paiz, assim como o vastissimo conhecimento que alguns escriptores t'êm da especialidade.

O folheto intitulado—*Historico e analyse estetigraphica do quadro de um episodio da batalha de Campo Grande, planejado e executado pelo dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello*—assignado por Arceos, é bem escripto e trata desenvolvidamente assumptos de arte e de sciencia com muito saber e erudição. No folheto firmado por Octaviano Hudson, que tem por titulo—*Pedro Americo, pintor de batalhas, descripção do quadro historico da batalha de Campo Grande*—ha tambem excellente doutrina e boa critica.

Ambos os escriptores pedem, a proposito d'este quadro, protecção ao governo para as bellas artes do seu paiz; d'onde se deprehende que lavra no Brazil a mesma enfermidade que padecemos por cá.

Um d'elles, depois de solicitar energicamente eerta reforma, termina por estas palavras:

Proceda o governo imperial por fórma que possa, sem vituperio, repetir em propria applicação estes versos do sublime epico, que cantou Colombo:

«Nós somos os echos do bello e da gloria
E não os arautos do torpe egoismo.»

Juntâmos os nossos rogos aos do distincto escriptor brasileiro, pedindo aos governos, tanto de um como de outro paiz, que olhem com disvelo para tão importante assumpto, e lembrando-lhes que pelo estado de abatimento ou progresso das bellas artes, se afere quasi sempre o estado de abatimento ou progresso das nações.

RANGEL DE LIMA.

D. CARLOS

DE VERDI

Fallemos do *D. Carlos*, se dão licença que me estabeleça n'este cantinho do jornal *Artes e Letras*, destinado ao theatro lyrico. Não passa de ser um quarto perdido no grande predio do jornal, mas farei a diligencia por que a mobilia não esteja em desacordo com a do resto da casa, e que o leitor não se queixe de se haver demorado um instante aqui.

N'uma obra curiosissima, *D. Carlos e Filippe II*, de Gachard, ha uma carta de Badoara, então embaixador dos estados venezianos nos Paizes Baixos, em que se faz do príncipe D. Carlos quando tinha doze annos o seguinte retrato:—Cabeça desproporecionada do resto do corpo. Cabello preto. Franziinho, e ar de mau genio. Um dos casos que se contam d'elle, é que gostava de ver assar animaes vivos. Deram-lhe de presente um aspide da melhor qualidade; de uma vez o aspide mordeu-lhe um dedo: foi-se a elle, e arrancou-lhe a cabeça com os dentes. Parece que ha de ser atrevido, e muito dado ás damas. Gosta de vestir bem. Tudo indica que ha de ter desmedido orgulho, porque na presença do pae ou do avô já lhe custa a estar de bonet na mão. É colerico, quanto um pequeno o póde ser, e teimoso. O mestre não faz outra cousa senão explicar-lhe os *Officios* de Cicero, para lhe moderar os impetos do character; mas D. Carlos não quer quasi sempre fallar senão de cousas de guerra. Dizem os hespanhoes que ha de ser outro Carlos V. . .

Na opera nada d'isto; apparece em vez d'este mau rapaz aquelle heroe romantico da peça de Schiller, príncipe generoso, amante perfeitissimo, um infanção de xacara a respirar suavidade e amor. Têm sempre os poetas auctoridade e licença para estas audacias, e já dizia o Horacio que é privilegio d'elles e dos pintores o atreverem-se a tudo:

pictoribus atque poetis

Quidlibet audendi semper fuit aequa potestas.

Não é pequena liberdade tambem a de D. Carlos dizer a Filippe II que conceda ao povo a liberdade de pensar, — exactamente como diria hoje qualquer dos da Internacional;—idéa d'este tempo, idéa extraordinaria para a epocha d'elles, como seria se os athenienses mandassem embaixadores ao outro Filippe, ao da Macedonia, a pedir-lhe um caminho de ferro para a Beócia!

O librettista francez — escriptor primoroso, um dos phantasistas mais elegantes e atrahentes da litteratura moderna, Méry, fez a obra pelo molde — quanto possivel — da peça original; mas modificou umas scenas e mudou outras. Por exemplo o episodio do Infante com Elisabeth, é prologo do poeta francez: composto provavelmente para legitimar por alguma maneira o amor do enteado pela madrasta, e dar ao caso melhores ares de decencia. Tambem não existe no tragedia de Schiller aquelle desenlace da opera, que só uma noite se cantou em S. Carlos, e que faz lembrar os lances arriscados dos antigos dramas do Salitre, colloando theatralmente o avô entre a ira do pae e o perigo do filho. Schiller não tratou do desenlace, nem lhe viu talvez possibilidade; terminou a tragedia com uma scena de despedida e de renuncia a amores:

—A minha Elisabeth, diz lá D. Carlos, é a Flandres!

O marquez de Poza, aquelle marquez revolucionario, passa na opera de um lado para o outro sem marcar definitivamente o logar que occupa, senão pela in-

terpretação prodigiosa que um cantor sempre admiravel, o baritono Cotogni, lhe dá no nosso theatro lyrico. De quando em quando o libretto quer ir para a idéa de Schiller e conservar-lhe a feição; é n'esses pontos, a meu ver, que a opera falla; Poza não passa de um confidente, mas como o publico de S. Carlos ouvia melhor este confidente do que as revelações do príncipe, — uma vez elle morto, tudo para nós morreu com elle; e Carlos V ouvindo soar a hora de perigo e de morte para o neto, saiu do seu tumulo de S. Justo, de corôa na cabeça e purpura imperial nos hombros, para assistir a um perigo mais imminente ainda — o da quéda da opera arrastada pelo quinto acto!

Da segunda recita em diante, os cartazes de S. Carlos annunciaram sempre que a opera terminava com a morte do marquez de Poza. Ia n'isto uma galanteria para Cotogni, e uma reverencia para o publico, que não queria — cansado de quatro actos de musica, n'um paiz em que as operas de cinco actos não são as mais predilectas — pôr-se á escuta d'aquelle nada ruidoso do quinto acto, que arrefece o effeito dos actos precedentes.

É escripta com amor, com os cuidados e extremos da paixão, esta opera; respira em toda ella o desejo de Verdi de descobrir horisontes novos. Não poderiamos julgar do valor intrinseco da musica, mas se nos levamos pela auctoridade indiscutivel do effeito que ella produz na multidão e das impressões que desperta, — que de trechos graciosos e lindissimos, que de contrastes, que doce melancolia no motivo principal d'aquelle duetto que, depois de unir as vozes dos dois amigos, passa de vez em quando na orchestra como a lembrança d'aquella affeição, e no final ainda como o adejar da saudade. . .

A canção do véu, de rythmo agradavel e pittoresco, deve todavia a maior parte da originalidade e do encanto que lhe achámos em Lisboa, — estando tão habituados á musica hespanhola, que lhe serve de molde e lhe dá o character — á graça e ao primor com que Mad. Fricci a cantou. Quando ha doze annos esta prima-dona, então na aurora apenas da sua carreira, deixava Lisboa para ir crear n'outros theatros, onde foi gloria e fortuna, o vasto repertorio que hoje anda preso á sua voz e ao seu nome, bem se viu desde logo que amplos horisontes iam abrir-se ao seus raros dotes; cil-a de novo entre nós, ao fim de tanto tempo, e entre a partida e o regresso passaram-se doze annos, sem que falte uma nota ás joias d'aquella voz, nem se desenhe uma ruga como lineamento imperceptivel n'este talento já instruido mas sempre encantador. Foi a Arte lapidando o diamante; mas o Tempo, medroso, passou sem lhe tocar!

Tudo que canta o marquez de Poza tem mais character pela execução que se lhe dá do que propriamente pela melodia em si; não são côres, são *nuances*; e é exactamente por isso que ainda a musica d'essa parte fica melhor incumbida a tão delicado cantor como Cotogni. Para o que elle tem de cantar no *D. Carlos*, não me parece que bastasse voz, nem saber; é preciso gosto e alma, que são, a meu ver, as mais notaveis prendas d'este artista extraordinario.

O terceiro e quarto acto, aquelle principalmente, contêm bellezas variadissimas, ondas sonoras, que se vão acastellando umas sobre as outras, conservando a feição propria, ora ternas, ora ferozes, e concorrendo para um todo grandioso. N'alguns trechos sente-se de mais talvez o espirito monachal que Verdi quiz de proposito dar á opera, para se traduzir n'ella a Hespanha catholica; mas passa-se depressa d'aquelle frio de claustro para o calor da paixão, e a inspiração ardente do maestro resplandece logo, como o sol, na orchestra e no canto.

Taes são as impressões que me deixou esta opera admiravel, escriptas despretenciosamente e com a mira apenas de me desempenhar da missão que este jornal me fez a honra de incumbir-me, a fim de prestar ao *D. Carlos* de Verdi a distincção que se devia á opera nova dada este anno em S. Carlos. Diligenci, quanto pude, ser verdadeiro, attendendo a indole d'esta publicação; e evitei sempre as divagações de folhetim, porque se me houvesse permitido gracejos — teria talvez de lhes pedir desculpa; prefiro pedir-lh'a... de ter querido ser serio.

JULIO CESAR MACHADO.

OS CENTO E UM QUADROS DE TARDIF, AMIGO DE GILLOT

POR

ARSENIO HOUSSAYE

Entre os mais celebres amadores de quadros que havia em França, no fim do seculo XVII, figurava na primeira plana Tardif, antigo engenheiro e mais tarde secretario do marechal de Boufflers. Foi amigo de Watteau, de Largillière e de Audran, mas principalmente de Gillot. Quando fazia critica artistica, era sempre justo e verdadeiro. Terminado um quadro, ninguem ousava julgalo publicamente em quanto não era submettido ao olhar intelligente de Tardif; a sua opinião era, por assim dizer, o ultimo toque de pincel. O proprio Watteau, que zombava dos criticos, dizia ao largar a palheta depois de acabar uma das suas telas:

—Que maravilha! Se Tardif estivesse presente assignava-a.

Tardif possuia na rua Gît-le-Cœur um dos mais curiosos gabinetes de Paris. O marechal de Boufflers, que não ignorava a paixão do seu secretario, dava-lhe todos os annos, pelas amendoas, um trabalho de mestre. Tardif tinha de sua casa o sufficiente para comprar quadros aos seus amigos pintores vivos e dos seus amigos pintores mortos. O gabinete da rua Gît-le-Cœur gosava de tal nomeada, que o duque de Orléans foi lá uma vez acompanhado por Nocé, o que acabou de dar volta ao juizo de Tardif. No entanto se elle não tivesse padecido senão d'esta sublime loucura, que é prova da mais nobre aspiração á poesia do bello, haveria conservado com que viver honradamente até lhe soar a ultima hora; mas, como tantos outros, foi tambem acommettido da fatal insania de adquirir dinheiro com dinheiro, e deixou-se lograr pelo systema financeiro de Law. N'uma palavra, perdeu n'aquella revolução das riquezas francezas, tudo que possuia, excepto os quadros.

Era mister, porém, viver. Outro qualquer trataria de se desfazer das obras primas; Tardif desfez-se apenas dos creados.

—Vão-se embora, meus amigos, tratem da sua vida, procurem commodo onde haja dinheiro; eu actualmente não posso ter em casa senão pessoas que não comam: os meus quadros me farão companhia.

Tardif sentia-se velho, já não tinha o mais pequeno logar no coração para as paixões da vida; não precisava portanto senão de uma réstea de sol no quarto para viver satisfeito.

Restava-lhe ainda vinho na adega. Desceu lá e notou com alegria, visto que já não tinha mesa franca para os amigos, que o vinho duraria mais do que elle; que poderia até, em dia de jubilosas recordações, convidar

Watteau e Audran para ouvir com ambos o feiticeiro gró gró das garrafas.

Vinha soccogadamente da adega com uma garrafa em cada mão, quando na escada deu de cara com o velho Gillot.

—Watteau e Audran ainda vá, diz Tardif; mas Gillot!... o tonel das Danaides!

Mal tinha acabado estas palavras, já o velho pintor, devoto affectuoso de Baccho, lhe havia tirado uma garrafa, collocando-a amorosamente sobre o coração.

—Meu pobre velho Gillot, são só as que me restam.

—É o mesmo, profere Gillot; uma para cada um. O futuro para Gillot nunca chegava ao dia seguinte.

—Sabes, amigo Tardif, proseguio elle, que venho jantar comtigo?

—Da melhor vontade, amigo Gillot; mas previno-te de que não temos grandes guisados para saborear.

Entraram. Tardif poz na mesa um pedaço de pão secco.

—Safa! disse Gillot desdobrando o guardanapo, vi-ves da melhor manciara para despedir hospedes.

Entretanto o velho Tardif, mastigando intrepidamente uma codea, passeava o olhar em roda de si para contemplar as suas queridas telas.

—Que me importa? dizia elle; d'ora em diante não comerei apenas pão secco e vinho, almogarei um Teniers ou um Ruysdael, jantarei um Van Dyck ou um Murillo, cearei um Santerre ou um Watteau. Nos dias de festa virá á mesa um Paulo Veronez; nos dias de tristeza, quando estiver com fastio, debicarei uma das tuas obras primas tão vivas e alegres, amigo Gillot.

—Bem pensado e bem exposto, exclamou Gillot, enchendo o copo. Se todas estas obras primas fossem minhas, todás comeria, e com tanto appetite, que no fim de meia duzia de annos não existiria nem uma. Vac com o que te digo, amigo Tardif, não fujas do mundo para viver com estes personagens mudos que já se riem de ti. A mãe natura não te deu bôca para tu te sustentares de chimeras. Não queiras parecer-te com o cão da fabula que comeu a sombra e se damnou.

—Como te approuver, amigo Gillot. Se não gostas d'este systema de vida, não te assentes mais á minha mesa. Quanto a mim, acho que o meu espirito tem mais fome que a minha bôca.

Effectivamente Tardif persistiu em sustentar-se de pão secco e vinho em companhia dos seus valiosissimos paineis.

Deu o relógio a uma vendedeira que abria ostras á porta de uma taverna defronte das suas janellas, com a condição de lhe trazer todas as manhãs o pão, vir fazer-lhe a cama e varrer-lhe o quarto. A vendedeira era mulher bem conservada, tendo ainda uns longes d'aquella malfadada belleza que se perde aos vinte e cinco annos, e até mais cedo, quando se vendem ostras aos freguezes das tavernas. Cantava alegremente, ria com o riso encantador que assoma aos labios vermelhos e deixa ver uns dentes brancos. Com a touca ao lado, a saia curta e o seu ar jovial, era mais um quadro na galeria, e não era dos peiores.

Tardif, apesar de velho, habituou-se áquelle quadro como aos demais, e, como tinha a voluptuosidade dos contornos e da côr, succedia-lhe, ás vezes, sem dar por isso, passar carinhosamente a mão pelas rosadas faces da vendedeira. Esta soltava uma gargalhada, e continuava com o que estava fazendo.

As cousas caminhavam assim, quando Tardif, que, só de longe a longe, costumava sair, encontrou em casa do abbade Le Ragois, o grammatico R. P. Dequet — assi-

duo frequentador do palacio Boufflers, no tempo em que Tardif era secretario do marechal—jesuita celebre e procurador do noviciado no bairro Saint-Germain. Ao ver este santo homem segui-o para toda a parte, Tardif quiz ir-se embora, avisado vagamente não sei por que presentimento do coração; mas o reverendo padre foi-lhe n'esse mesmo momento apresentado pelo abbade Le Ragois.

—Meu caro senhor, proferiu o P. Dequet, soube por este amigo que possui uma das mais curiosas colleções de quadros que ha no mundo: quer fazer-me o especial favor de me admittir em sua casa? Os quadros são a unica distração um pouco profana, que eu concedo ao meu espirito.

Tardif, apesar de não gostar de visitas e ter fraca estima pelos jesuitas, não ousou fechar a porta de casa ao P. Dequet. Este procurou-o dois dias depois, acompanhado pelo abbade Le Ragois. Tudo elogiou—magdalenas e virgens, bacchantes e magdalenas—com tão expansivo entusiasmo, que muito lisonjeou o velho amator.

—Confesso-lhe, disse este ao P. Dequet, que não sou dos que mais acreditam na virtude dos jesuitas. A sua moral está bem longe de ser a do Evangelho; os senhores têm um modo de interpretar os livros santos com que eu me não conformo. A meus olhos, porém, o senhor não é da congregação; é amator de quadros, e como tal encontrará sempre a minha porta aberta.

O reverendo padre voltou amiudadas vezes ao gabinete de Tardif, que, a pouco e pouco, lhe concedeu a sua amisade. Os outros amigos, os antigos, os verdadeiros amigos, os que lhe bebiam o vinho e fallavam de melhores tempos, zombavam do seu fraco pelo P. Dequet. Prophetisavam-lhe que acabaria por entrar, elle e os quadros, para a companhia de Jesus. Tardif ria do caso, e parecia não se inquietar com o futuro.

Ao mesmo tempo o P. Dequet não perdia um minuto. Mostrava a Tardif, com evangelica doçura, os perigos de viver só quando se possuem obras de mestres e objectos de valor. Entreabria-lhe com mão discreta, mas attrahente, a porta do noviciado do bairro Saint-Germain.

—Em nada mudará os seus habitos, viverá como pagão, se for da sua vontade, tal qual vive presentemente. Se adoecer, não terá um estranho á cabeceira do seu leito de dor; lá estaremos nós todos, porque somos todos irmãos dos que padecem. Não receiará que lhe roubem a riqueza que possui, porque, como sabe, leva-se um quadro como um livro; podemos preparar-lhe entre nós uma espaçosa alcova, onde os seus cento e um quadros estarão todos pendurados.

—Cento e um! com que então já os contou? disse maliciosamente Tardif ao P. Dequet.

—Contar não, respondeu balluciando o jesuita. Se lhes sei o numero, é porque o senhor m'o disse.

Perccebendo que tinha avançado de mais ou que a occasião ainda não era boa, tratou de fazer uma retirada airosa para não perder inteiramente a batalha.

—A amisade cega-me talvez, continuou tristemente. O que eu desejo, meu amigo, é que o senhor viva por muitos annos, sem se inquietar, acompanhado pelos seus quadros. Acredite o que lhe digo, o senhor tem demasiada confiança nos vizinhos; esta vendedeira, por exemplo, que vem aqui a toda a hora, que entra e sae sem pedir licença, sabe Deus o que medita! Saiba meu amigo, que a tenho encontrado umas tres ou quatro vezes em certo armazem de quadros da ponte de Nossa Senhora!

Tardif deu um salto como um veado ferido: o golpe fôra certo.

—Gersaint! exclamou; um patife que fez com que

Watteau não me vendesse um dos seus melhores quadros *Cythera bloqueada*. Se ella tornar ao armazem de Gersaint, nunca mais lhe abro a porta.

—Mas, meu amigo, como ha de saber se ella volta lá ou não? o senhor já não tem pernas para ir nas pegadas de raparigas como aquella, e a ladina terá o cuidado de nunca lhe dizer aonde vac nem d'onde vem.

—Tem rasão.

—Por Deus lhe juro que foi o P. Le Ragois quem me abriu os olhos sobre o assumpto.

—E se eu a dispensar dos seus serviços, quem me comprará o pão, descerá á adega e me fará a cama?

—Nada mais simples; eu lhe enviarei alguém do noviciado.

—N'esse caso prefiro servir-me a mim proprio, porque, como já lhe disse, afóra alguns espiritos superiores, como vossa reverendissima e o P. Le Ragois, odeio tudo que me cheira a sacristia. Decidi de mim para mim morrer impenitente. Todavia, posto de sobre aviso ácrea de um perigo imminente, não quero tornar a ver essa mulher, e nunca mais permittirei, seja a quem for, exceptuando dois ou tres amigos, que penetre no meu caro santuario.

Effectivamente Tardif declarou á vendedeira que já não precisava dos serviços de pessoa alguma, e, a contar d'aquelle dia, viveu na mais rigorosa solidão, imaginando que todos os vizinhos e pessoas que via passar pela rua, não andavam preocupados por outra idéa que não fosse a de lhe entrar em casa e levar-lhe os quadros.

La elle mesmo de manhã buscava o pão; não fallava com pessoa alguma. Se se arriscava a ir até ao adelo mais proximo, para se recordar dos bons tempos em que ainda comprava quadros, fazia-o apertando na mão convulsa a chave da porta. Encontrava muitas vezes a vendedeira, mas voltava-lhe a cara para não ouvir o que ella dizia.

—Ah! meu infeliz sr. Tardif, ninguem me tira do miolo que o senhor vem a dar em doido; os jesuitas têm-lhe posto a cabeça á rasão de juro. Creia que lhe andam nas piogadas os corvos, e olhe que as minhas cantigas valiam mais que as d'elles.

—Assim é, dizia de si para consigo o pobre Tardif; mas os meus quadros!

Comtudo não podia deixar de ter saudades d'esses dias, ainda tão proximos, em que a folgasã vendedeira lhe espalhava o perfume da alegria no quarto e no coração.

O P. Dequet perguntou-lhe mais tarde se tinha herdeiros.

—Tenho herdeiros, tenho; um irmão e uma irmã. Meu irmão possui alguma cousa de seu; minha irmã sustenta uns poucos de filhos, que são toda a sua riqueza. Sinto bastante haver perdido os meus bens com os planos financeiros de Law; senão havia de provar um dia a essas creanças quanto sou amigo de sua mãe.

O P. Dequet deu duas ou tres voltas no quarto, parando em frente de cada quadro suspirando.

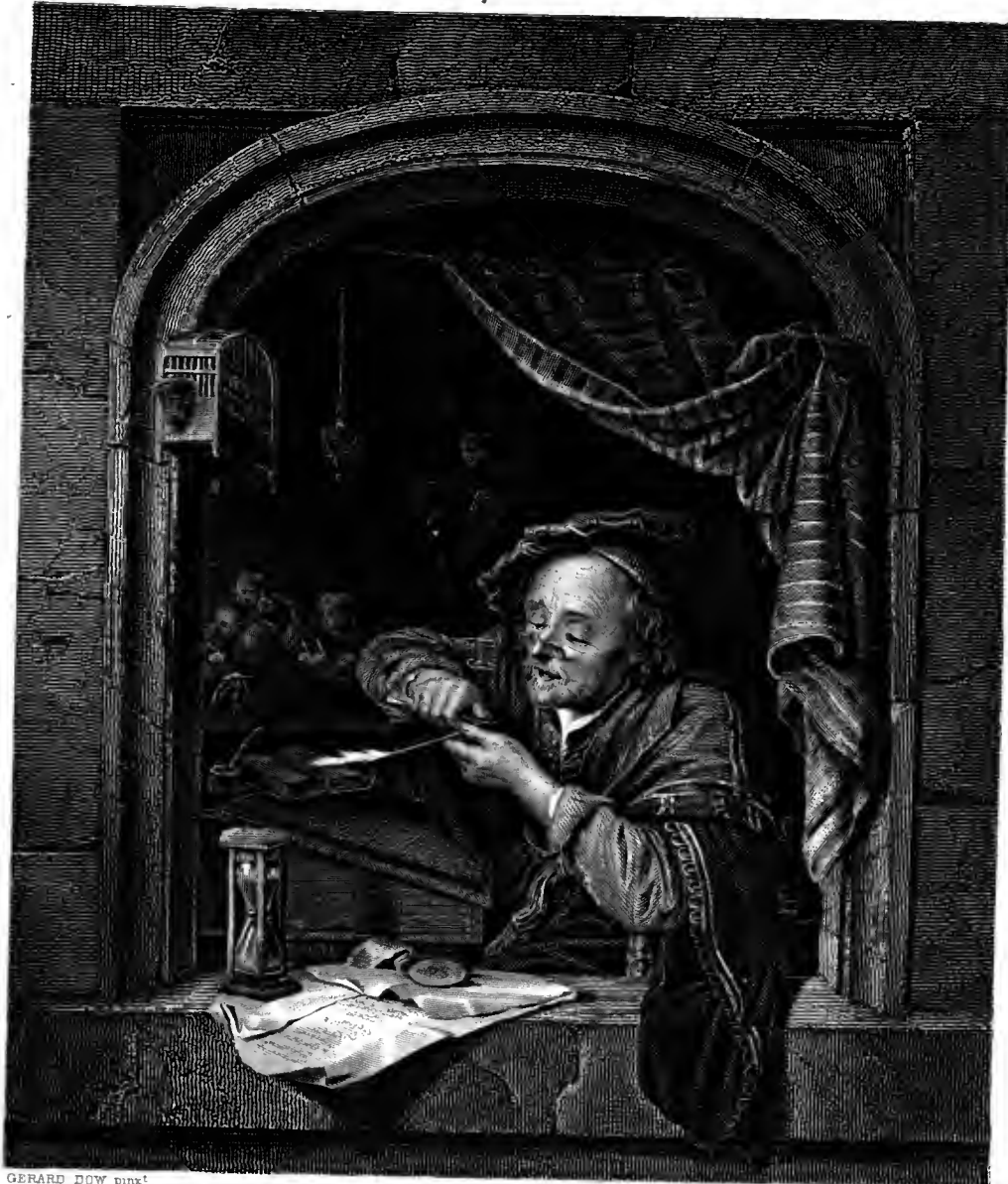
—Não será pena, dizia entre os dentes, que tão precioso gabinete se disperse um dia?

—Nunca! exclamou Tardif.

—Creança velha! continuou o jesuita; o que quer que os seus sobrinhos façam d'estes quadros?...

—Tem rasão. Os bourgonhezes gostam da côr, mas da côr do vinho.

—É verdade, meu pobre Tardif; os seus quadros serão vendidos a quem mais der por elles. Uns irão para o armazem do seu inimigo Gersaint, os outros para casa de algum judeu, que os occultará, privando-os da luz que lhes dá vida. Estes embarcarão para a America, aquelles partirão para a China; quem nos diz a nós que este for-



GERARD DOW pinxt

W. FRENCH sc

MESTRE DE ESCRITA.

and B. Semond Lisboa

moso *Festim* de Veronez não virá a ser exposto um dia nos céas ás injurias dos que os frequentam?

Tardif empallideceu.

—Está-me assassinando, disse ao jesuita juntando as mãos.

E deu uma volta em redor do quarto, deitando melancolicos olhares para os quadros.

—Não sabe—acrescentou voltando-se rapidamente para o P. Dequet—o que me succede amiudadas vezes durante as minhas noites de insomnia? Tenho um singular desejo, que ainda não me atrevi a declarar a pessoa alguma. É mandar construir uma galeria subterranea onde possa enterrar-me com os meus quadros. Acha loucura, bem sei; eu tambem já tirei d'ahi a idéa, por me lembrar que essas preciosas telas nunca mais veriam a luz do sol. Mas, por quem é, meu amigo, não fallemos d'isto; o senhor fez-me febre; hoje não ceio.

O P. Dequet foi-se embora deixando Tardif entregue a tão lugubres angustias, que o infeliz velho foi deitar-se meio morto. No dia seguinte a febre continuava. Não quiz fallar a pessoa alguma, nem mesmo ao amigo Gillot, o seu genio bom.

Na outra manhã, a febre tornára-se mais violenta; a morte veio bater-lhe á porta. Tardif não abriu, mas a tristeza não se afastou. Quando appareceu o P. Dequet a morte entrou com elle. Tardif já não estava em seu juizo. Não tinha agua, e pedia que lhe dessem de beber.

—Ah! meu infeliz amigo, disse-lhe o P. Dequet, não esperava encontrar-o de cama.

Foi elle mesmo buscar agua. Tardif depois de beber, agradeceu-lhe com a voz tão alterada e usando expressões tão singulares, que o P. Dequet disse consigo:

—Está por pouco.

Durante duas horas não abandonou a cabeceira do leito do doente, procurando dominar aquella rasão abatida, que até ali se havia rebellado contra os seus affagos. O que elle disse ao enfermo nunca pessoa alguma o soube. A verdade é que, no fim de duas horas, o P. Dequet tinha nas mãos estas eloquentes linhas escriptas por Tardif:

«Cedo ao noviciado dos jesuitas todos os meus quadros, como prova da consideração que tenho pelo P. Dequet, meu amigo, que desde já os póde levar d'aqui.

«París, 20 de maio de 1728.

«TARDIF.»

O P. Dequet não era homem que esperasse pela morte de Tardif para se julgar o legitimo herdeiro das obras primas. O primeiro cuidado que teve não foi administrar o viatico ao moribundo, nem correr a casa de algum medico ou boticario—bem se importava elle com a alma e com o corpo de Tardif—o seu pensamento estava empregado unica e simplesmente nos quadros. Portanto apenas se apossou da declaração por escripto, saiu á rua, chamou uma duzia de vadios, levou-os a casa de Tardif, e, enquanto o pobre homem gemia no leito da dor, mandou-lhes carregar com os quadros.

Custa a crer, mas é certo; elle proprio os despendurava com sombria avidez. Reservou as pequenas preciosidades flamengas, do tamanho da palma da mão, para irem consigo na carruagem. Os homens que tinha chamado não poderam, do primeiro carrêto, conduzir mais de sessenta quadros. Levou vinte e um na carruagem. D'esta sorte ficaram ainda vinte em casa de Tardif. O jesuita nem mesmo se despediu d'elle. Apenas de quando em quando, despendurando ao mesmo tempo os quadros, lançava olhares furtivos para a cama, a fim de certifi-

car-se de que o desgraçado continuava cada vez mais entregue ao delirio.

No entanto a vizinhança estava indignada com aquella profanação, com aquella impiedade, com aquelle saerilegio commettido pelo reverendo padre. Mas como, apesar de tudo, Tardif, havia mezes, não queria ouvir fallar de nenhum dos vizinhos, e ninguem se interessava por um velho tonto agastado do mundo e occulto n'un gabinete de pinturas, correu o negocio como no theatro, onde se consente que tantos crimes se commettam sem que pessoa alguma cuide em lhes pôr embargo.

Passou a manhã; o P. Dequet ainda não tinha voltado: provavelmente fóra preciso preparar uma casa no noviciado propria para receber os quadros, muitos dos quaes não eram dos mais catholicos.

Tardif, saíndo subitamente da modorra em que estava, deitou a cabeça fóra do leito e chamou pelo P. Dequet. Pela primeira vez na sua vida se assustou com o silencio. Perguntou a si proprio se já estava na cova. Saltou para o chão.

Ao ver as paredes nuas, começou a gritar que o roubaram, correu á janella, abriu-a, arrancou os cabellos, e chamou a vendedeira, que estava, como era costume, jovialmente assentada á porta da taverna, sorrindo aos que comiam ostras e bebiam á sua saúde.

Ouvindo Tardif chamal-a, a rapariga levantou-se do seu logar e veio fallar-lhe debaixo da janella.

—Venha cá depressa, lhe disse Tardif; não vê que estou para morrer? Ainda se fosse só isso! mas roubaram-me os meus quadros!

A vendedeira subiu a casa de Tardif; não era mulher de reserva. Alem d'isso tinha predilecção pelo bom do velho que lhe contava historias e fallava dos seus bonitos olhos. Quando entrou no quarto encontrou-o desmaiado no chão. Tomando-o immediatamente nos braços conduziu-o para a cama.

—Em todo o caso, disse consigo, não é possivel deixal-o morrer como um cão.

Quando o enfermo abriu os olhos estava ella ao pé de si, tendo nos labios o seu eterno sorriso. Mandára chamar um medico, o qual não tardou a chegar. O medico declarou que Tardif não chegava ao dia seguinte.

—Tem parentes? perguntou-lhe.

—Levaram-me todos, respondeu o moribundo; os melhores já se foram; ainda ahí estão alguns, mas de que valem sem os demais?

Tardif não prestou outros esclarecimentos.

Gillot appareceu. Á vista d'aquelle rosto tranquillo, o pobre Tardif viu um raio de intelligencia illuminar-lhe o espirito:

—Ah! amigo Gillot, porque estiveste tanto tempo sem vir ver-me? Ainda lá existe mais de uma na adega á nossa espera, deitada no chão como dentro em pouco eu estarei; eu já não sou mais do que uma garrafa despejada.

Gillot pegou nas mãos do doente e diligenciou convence-lo de que ainda não morria.

—Eu não sou medico, amigo Tardif; mas, se queres ir com o que te digo, manda buscar quatro garrafas de vinho, uma para mim, outra para ti, a terceira para o medico e a ultima para a morte se lhe der na mania apparecer.

—Tem toda a rasão! exclamou a vendedeira; mas foi pena esquecer-se de mim.

Tardif sorriu com o agradável sorriso dos seus melhores dias; de repente, porém, terrivel pallidez lhe cobriu o rosto.

—Os meus quadros! os meus quadros! os meus

quadros! Combinaram-se todos para me roubarem os meus quadros!

Ergueu-se um pouco e tornou a cair esgotado de forças.

Não pronunciou mais palavra. Gillot e a vendedeira velaram toda a tarde e toda a noite á cabeceira do enfermo. Que lhe beberam algum vinho, isso é mais que certo; mas foi tudo quanto obtiveram do expolio.

Tardif soltou o ultimo suspiro ao nascer do dia. A agonia começára-lhe de tarde, na occasião em que o P. Dequet voltou para conduzir os últimos quadros. A vendedeira tomou o encargo de lhe fazer um acolhimento digno da sacristia e dos mercados. Gillot, embora penalizado pelo proximo fim do amigo, não pôde furtar-se ao prazer de applaudir a eloquencia tão colorida e pittoresca da desembaraçada rapariga. O P. Dequet pretendeu afastar com maus modos a vendedeira para se approximar do leito do enfermo, ou antes para entrar no gabinete dos quadros. Houve começo de luta, na qual o reverendo padre não ficou de melhor partido, porque a vendedeira serviu-se de tão pesados argumentos, que até a um santo jesuíta deviam convencer. O P. Dequet saiu, mas na firme resolução de voltar d'ahi a pouco, escoltado por um exercito de homens de lei. Gillot havia escripto á familia de Tardif. O irmão do defuncto, que emprehendêra uma viagem a Paris, veio saber d'elle no proprio dia da morte. Gillot informou-o de tudo que se passára, e aconselhou-o a que demandasse os jesuitas para haver os quadros, convencido de que tão respeitavel congregação não ousaria proseguir em tal processo.

—Se tornar a haver os quadros, disse a vendedeira, ha de me dar um do sr. Gillot, que representa uma scena de feitiços. Considerar-me-hei com elle bem paga dos serviços que prestei a seu irmão.

—Pois eu, disse Gillot, não me contento com tão pouco; peço doze garrafas de velho bourgonha, para me enfeitigar ainda umas doze vezes antes de dizer adeus ao mundo.

O que fica referido é apenas o prefacio de uma causa celebre que está incluída no duodecimo volume da edição Riché¹.

«Ao cabo de tres audiencias, de duas horas cada uma, os reverendos padres jesuitas do noviciado foram condemnados a restituir os quadros e a pagar o valor dos que, segundo disseram, se tinham extraviado. A sentença é de 9 de agosto de 1729. Não houve appellação.

«Notou-se entre as testemunhas o sr. Gillot, pintor da Opera, e Maria Anna Vatout, vendedeira, os quaes foram considerados como os melhores advogados dos herdeiros.»

Os quadros passaram para os herdeiros, que os venderam, chamando sobre elles a attenção geral. Onde existiram essas obras primas tão queridas de Tardif, essas meninas de seus olhos, esses encantos de seu espirito? Fariam viagem á roda do mundo? Mystério semelhante ao da filiação e das emigrações dos povos. Veiu parar-me ás mãos uma cabeça expressiva, luminosa, não assignada, mas que denuncia o toque alegre e opulento de Gillot, esse filho prodigo que viveu sempre com mulheres de má fama até ao decaír da vida. Nas costas do qua-

¹ Esta edição é de 1776. Foi publicada em Amsterdam, por Marc-Michel Rey. O processo dos cento e um quadros apenas occupa vinte e seis paginas, de 445 a 470.

dro lê-se ainda em caracteres bem visiveis: — COLLECÇÃO TARDIF. Infeliz! Mal sabia elle que as suas loucuras e angustias haviam de ser comprehendidas — mais de cem annos depois da sua morte!

L.

CHRONICA DO MEZ

Não findou mal o anno de 71, e este em que vamos leva bons principios para as letras patrias.

Tenho á mão valiosissimos livros ultimamente publicados, os quaes da melhor vontade apresentaria ao leitor se não tivesse a certeza de que são já do seu conhecimento, seus amigos intimos talvez. E digo isto porque nenhum d'elles é bisonho e mal encarado, nenhum pertence á lugubre familia dos que dormem a somno solto, aprumados e cobertos de poeira, nas tristes estantes dos livreiros. São livros affaveis e amigos de correr mundo, livros cuja conversação instrue e recreia, cuja apparencia nitida e elegante nos convida a estender-lhes a mão, a recebê-los em casa, a approximal-os de nós e a sorrir-lhes com amisade.

O trato intimo do leitor com essas bellas paginas da nossa moderna litteratura, não obsta, porém, a que eu as cite n'esta folha; fóra de todo o ponto indesculpavel que uma publicação da indole da nossa, desdenhasse o prazer de publicar, ao menos, os nomes de taes obras e de seus auctores.

O *Arvento* de Molière, traduzido pelo sr. visconde de Castilho, é um dos que figuram entre os melhores livros ultimamente publicados, e o que, por todas as razões, deve occupar o primeiro logar na rapida e modesta menção que vou fazer d'elles.

É caso frequente qualquer mudar de nacionalidade, mas não succede nunca por esse facto, que o physico do individuo soffra a menor alteração. Se o homem é claro e loiro como um irlandez, claro e loiro fica, embora se naturalise café; se falla mal a lingua da terra que adoptou, não a fica fallando melhor depois de concluido o processo da naturalisação no ministerio competente.

O sr. visconde de Castilho realiso pois um milagre. Todos os que lidam mais ou menos com as letras conhecem *L'Arave* de Molière. É um francez — como elles dizem — *jusqu'à la moelle des os* — fallando a sobria mas garrida e caracteristica prosa do grande mestre. Pois é vê-lo hoje naturalizado portuguez, fallando a linguagem vernacula de nossos avós, posta em purissimos versos, e ostentando diante de quem o quer admirar, o typo fidelissimo dos filhos d'esta nesga do mundo, typo tão diverso dos que nascem alem dos Pyrenéos!

É por onde correu o processo para se conseguir tão extraordinario resultado? Por um ministerio, cuja pasta pertence ha muito ao sr. visconde de Castilho, a qual não foi adquirida como algumas que nós sabemos, mas ganha á custa de muito trabalho auxiliado pelo superior talento com que Deus dotou o illustre poeta.

A fórma puramente portugueza que o sr. visconde de Castilho conseguiu dar á sua versão, é, quanto a mim, a qualidade mais notavel d'aquelle soberbo escripto; das outras, que são muitas, eloquentemente falla o sr. Mendes Leal nas substanciaes paginas de boa e severa critica juntas ao livro.

Encontro perto d'este, outro livro de grande merecimento e firmado por um nome sympathico e muito apreciado como escriptor elegante: *Da loucura e das manias em Portugal, estudos humoristicos por Julio Cesar Machado*.

Bem dizia eu que todas as obras de que tencionava fallar são já conhecidas de quem me está lendo. Esta então, segundo presumo do sorriso que d'aqui vejo assomar-lhe aos labios, era já sua conhecida, leitor, antes de publicada em volume. É possivel, mas confesse que releu no livro, com o mesmo interesse e prazer, o que já havia lido nos folhetins do *Diario de Noticias*. Engano-me? Não; bem me queria parecer.

O ultimo livro de Julio Machado faz-me lembrar uma cadeia de variados fuzis, mas em que reina a maior proporção, embora cada uma das peças seja vasada em molde diverso. É como os bellissimos porticos e famosas columnas de architectura manuelina, cuja decoraçáo é tão caprichosa e variada, mas sempre tão harmonica.

Lêem-se os capitulos em separado sem que se precise do conhecimento dos demais para interessarem; entretanto lá estão ligados de modo tal, que o leitor passa de uns para outros sem que sinta, por assim dizer, mudança de temperatura.

É livro que tem sido muito procurado, e de que se fará mais de uma edição, a tal ponto é attraente. É dos poucos que têm poder no leitor; e o leitor, como certos maridos, gosta de quem o domine.

Está commemorado um alto feito no livro intitulado *José de Castilho, o heroe do Mondego*. Nem era justo que ficasse no esqueci-

mento o valor com que se portou um digno e esforçado official da marinha portugueza, procurando salvar, á custa da propria vida, por occasião do naufragio do malfadado brigue *Mondego*, os seus companheiros de trabalhos.

Incumbiu-se de gravar para sempre o successo, o sr. D. Antonio da Costa de Macedo, trabalhador incansavel, cujo fito principal é derramar por meio de livros ao alcance de todos, conhecimentos uteis e tendentes ao progresso moral do seu paiz.

Conseguiu d'esta vez, como sempre, o illustre escriptor realisar o seu nobre pensamento, porque deixou registados em estylo ameno, correcto e por vezes commovedor, assignalados feitos que accendem os brios. honram a patria e mais lustre dão a um nome por tantas razões illustre.

De um escriptor que pouco luctou para adquirir a aura publica, mas enjos louros, tão honrosamente ganhos, foram transformados, não ha muito, em funelres flores, corre impresso mais um romance admiravel de verdade, interesse e boa moral.

Intitula-se *Os fidalgos da casa mourisca*, de Julio Diniz, pseudonimo, como se sabe, de Gomes Coelho.

Quanto a mim, Gomes Coelho foi um dos escriptores que melhor percebeu a moderna escola realista. Nas suas obras vêem-se copias fieis do natural, mas do natural que merece ser copiado. O distincto analysta encarava a sociedade pelo seu lado mais sympathico. Era, por assim dizer, um escriptor optimista. Se o que Dumas, filho, diz no seu brilhante prologo da *Princesa George* a respeito do theatro, pôde ser applicado ao romance—como me parece que sim—a asserção de que *sendo o theatro a pintura ou a satyra das paixões e dos costumes, ha de ser sempre immoral, porque immoraes são sempre as paixões e os costumes que não se elevam acima da caveira commum*, é brillantemente destruida pelo auctor das *Pupillas do sr. reitor*, da *Morgadinha dos Canaviaes* e dos *Fidalgos da casa mourisca*, n'estes excellentes romances.

Enfim, todas as opulencias que encerram as obras de Gomes Coelho se encontram no seu ultimo livro, e em tão grande escala, que o elevam á altura dos primeiros romances portuguezes.

Quiz porém o destino que o notavel escriptor não chegasse a ler os mercedos encomios que a sua derradeira obra lhe tem alcançado; antes da imprensa expor aos olhares avidos da multidão aquelle trabalho, a pedra fria da campa cobria o corpo inerte do artista que o cinzelára.

Não são só estes os livros prestadios que me rodeiam; ainda tenho ao pé de mim um que merece as maiores atenções, porque representa grande trabalho de investigação.

Refiro-me ao *Summario de varia historia* pelo sr. Ribeiro Guimarães.

Este livro, como o de Julio Machado, trata de assumptos variados, mas guardando tambem certa homogeneidade que evita os grandes destaques de capitulo para capitulo.

Chamei-lhe livro prestadio, porque em toda a parte faz serviço meritorio quem estuda e descreve monumentos, costumes e factos historicos do paiz; em terra, porém, onde não ha quasi nada escripto sobre o assumpto e onde pouco se cuida do passado—sem que por isso ninguém se lembre do futuro—é duplo serviço o prestado pelos que mettem hombros a esses difficeis e fastidiosos trabalhos, sem ao menos terem a esperanza de que receberão a justiça que merecem.

D'este ultimo ponto, porém, não terá que se queixar o sr. Ribeiro Guimarães, porque o seu livro tem sido muito lido e devidamente estimado. Recomendámo-lo aos nossos leitores, tanto mais quanto muitos dos assumptos de que se occupa a obra do sr. Guimarães, escriptos e desenvolvidos com exactidão e saber, prendem de perto com os que se propõe tratar esta folha.

Os principaes arlges de critica publicados, ha annos, pelo sr. Andrade Ferreira em diversos jornaes da capital, acham-se hoje compilados no livro *Litteratura, musica e bellas artes*.

São escriptos conhecidos, é verdade, mas sempre apreciaveis e instructivos, como tudo que sae da apurada penna do esclarecido critico. Fallam-nos elles de homens illustres, avivando-nos as saudades dos que, como Rodrigo da Fonseca Magalhães, D. José de Almada e Rebello da Silva, já deixaram de existir, e despertando-nos maior interesse pelos que, como Antonio Feliciano de Castilho, Bulhão Pato e Julio Machado, ainda existem.

É livro pois que terá grande voga, porque é tanto para os que presenciam o movimento litterario e artistico da epocha em que foram escriptos aquelles bellos capitulos, como para os que só por tradição conhecem hoje esse tempo.

Passando do gabinete para o theatro, sinto dizer ao leitor que não posso fallar-lhe de um grupo de obras dramaticas originaes, postas em scena ultimamente, que esteja á altura do grupo de livros que deixo citados.

Os theatros portuguezes continuam infelizmente a viver do subsidio que lhes confere a litteratura estrangeira. Apenas de quando

em quando surge, como que a medo, uma composição nacional que o publico vae ver com a curiosidade que despertam as cousas raras.

—É original?

—É.

—Vê bem o que dizes: original?

—Original, sim.

—Então vamos ver.

E vae, e applaude, e tem sempre mais benevolencia com as peças de auctor portuguez do que com as traducções.

A culpa da decadencia do theatro nacional não sei de quem é, mas de certo não é do publico, que não o afugenta, antes o protege.

Escrevendo a respeito de composições theatraes hesito sempre em lavrar sentenças, porque me lembro que vou arvorar-me em juiz, tendo de assentar-me amanhã no banco dos réus. Sei o que me custam a fazer as minhas, por isso devo ser benevolo para com as dos mais. Não se estranhe pois se, de vez em quando, me cabir algum pingo de agua benta sobre estas apreciações.

Farei hoje o contrario do que se faz no theatro. Começarei peio entremez que é por onde li acabam.

Entre a flauta e a viola é o nome de uma composição do nosso primeiro romancista, o sr. Camillo Castello Branco, que foi posta em scena no theatro de D. Maria II depois de correr impressa ha tempos.

O illustre escriptor, mais propenso de certo para o romance do que para composições de theatro, tem obras dramaticas que receberam do publico merecido favor. Esta que se representa agora em D. Maria II não tem altas pretensões. Conhece-se que foi feita n'uma hora, por distração talvez, sem idéa de ver nunca as luzes da rampa. É falta de enredo, mas está escripta com aquelle vigor de estylo tão commum no distincto litterato, e recheada de bons e portuguezíssimos ditos que conquistam as palmas da platêa. O desempenho ajuda-a a viver na scena, onde se demorará de certo.

Do sr. Eduardo Coelho representaram os theatros de Lisboa, n'estes ultimos tempos, duas composições originaes *Oppressão e liberdade*, drama em dois actos e tres quadros, e *O que fazem ciúmes*, comedia n'um acto. Esta representou-se no Gymnasio, aquelle no theatro da Rua dos Condes e corre impresso em elegante folheto.

O drama, ao contrario de certas peças cuja acção está diluida em scenas fastidiosas e actos inuteis, tem o assumpto concentrado em limitadissimo espaço, o que muito contribue para que a attenção do espectador se não desvie das peripecias e siga cuidadosamente o dialogo. Os caracteres estão bem accentuados, tendo-se o auctor esmerado no personagem que, aos menos entendidos em cousas de theatro, parecerá talvez de secundaria importancia—o carcereiro sebastianista. Ha em toda a peça rigoroso estudo da epocha e a linguagem conserva-se sempre appropriadissima, duas condições tão indispensaveis em composições historicas, ao mesmo tempo tão difficeis de conseguir. Enfim, o drama *Oppressão e liberdade* torna-se recommendavel, porque sinceramente cumpre a missão do theatro, que é educar e divertir. Ensinando ao povo uma das mais brillantes paginas da historia portugueza, alenta-lhe os brios e recreia-lhe o espirito nas horas de ocio.

A comedia *O que fazem ciúmes* é um *dever de rideau* curto, despretencioso e bem dialogado, que o publico applaudiu.

O sr. Eduardo Coelho podia prestar uteis serviços ao theatro portuguez, se as fadigas do jornalismo, a que de preferencia se dedica, o não privassem de se applicar mais assiduamente áquelle genero de litteratura.

É infallivel para o publico o drama maritimo, porque encerra quasi sempre a poesia do mar, tão sympathica e attrahente, principalmente para os que não a conhecem senão pelos romances de Francisco Bordallo ou pelas mariinhas do sr. Tomazini.

O naufragio do brigue Mondego, drama original do sr. José Romano, é uma das peças portuguezas que durante esta epocha theatral maior concorrência tem chamado.

As situações de effeito, o assumpto e o espectáculo de que o drama está revestido, são tentações a que se não pôde resistir. Por isso o publico vae ao theatro, applaude e volta contente consigo e com a peça, e assim porque nunca se achou nos perigos em que viu os naufragos do *Mondego*, com a peça porque não o enganou quando prometteu recreal-o.

A abolição da pena de morte é assumpto magnifico para um drama, e sobretudo para um drama propagador da idéa moral e civilisadora, que Victor Hugo tão heroicamente defende no seu livro *Le dernier jour d'un condamné*.

Entre nós felizmente já não é preciso prégar contra o infame assassinato legal, mas por isso mesmo nunca virá fóra de proposito tudo quanto commemore e justifique a nobre conquista que fizemos, exterminando do codigo de nossas leis a negra pagina onde era autorizada a pena capital.

Foi n'este intuito de certo que o sr. Leite Bastos escreveu o drama que ora se representa no Gymnasio com applauso publico. *A abo-*

lição da pena de morte é composição bem urdida e escripta em correcta e chã linguagem portugueza. Denota que o seu auctor tem conhecimento do mechanismo da scena, e por isso deve ser prenuncio de muitos e por ventura melhores trabalhos no mesmo genero.

Termino fazendo votos para que, apesar do catalogo de originaes que deixo apontados não ser grande, tenha todos os mezes tantas e tão boas obras impressas e representadas para registar n'esta secção.

RANGEL DE LIMA.

OBRAS DE ARTE PORTUGUEZAS
QUE FIGURARAM NA EXPOSIÇÃO DE MADRID EM 1871



o dar a publico uma folha que se propõe a zelar os interesses das bellas artes, não podiamos deixar de inserir nas suas columnas, breve noticia dos trabalhos portuguezes que abrilhantaram a ultima exposiçãõ verificada em Madrid. A noticia d'essas obras é, pôde-se dizer, a noticia de todos os trabalhos artisticos produzidos em Portugal durante o anno findo.

Cremos que alguns dos nossos artistas podiam ter-se apresentado melhor n'aquelle civilizador certame, porque para muito mais têm talento e saber; mas, pouco habituados a provas publicas na casa alheia, não mediram talvez, com a circumspecção que fôra para desejar, o alcance do convite que lhes foi endereçado, o que deu causa a serem remettidos para Madrid alguns trabalhos menos cuidadosamente executados.

Dizendo, porém, que alguns dos nossos artistas não se apresentaram n'aquelle exposiçãõ tão brilhantemente como podiam, não se deve inferir que é nosso intento proparlar que os artistas portuguezes não figuraram dignamente ao lado dos seus collegas estrangeiros, poisque, pelo contrario, somos de opiniãõ que dos trabalhos enviados para Madrid, muitos têm subido merito, e artistas houve que receberam do jury hespanhol, da critica jornalística e da admiração dos amadores inequivocas provas de boa conta em que foram tidas as suas produções.

Relacionaremos os trabalhos que foram enviados pela commissãõ nomeada pelo governo, e os que directamente remetteram alguns artistas, expondo em breves palavras a nossa opiniãõ ácerca dos principaes.

O sr. Alfredo de Andrade mandou tres quadros: *Paül de Castel Fusano* (cercanias de Roma), *Uma manhã em Rivara* (Piemonte) e *Uma partida de pesca* (Liguria).

É este artista filiado na chamada escola do realismo. Exagera ás vezes a simplicidade dos seus quadros, mas procura bem a verdade. O quadro que representa o *Paül* obteve em Madrid a medalha de 2.^a classe; nós todavia damos a preferencia á tela denominada *Uma partida de pesca*, embora não gostemos muito das figuras.

O *Paül* não tem primeiro plano e é quasi um claro escuro. Contudo o céu é feito com rara habilidade e perfeição.

No livro ultimamente publicado pelo celebre critico hespanhol sr. Tubino *El arte y los artistas contemporaneos en la peninsula* encontram-se os maiores elogios ao quadro premiado do sr. Andrade, dizendo o illustre escriptor que elle faz lembrar *um mestre que se empenhe em*

crear toda a casta de difficuldades, só para ter o gosto de as vencer. Outro critico não menos intelligente tambem elogia o sr. Andrade em artigos publicados na *Illustracion de Madrid*, mas dando a entender que não se extasia ante a escola ultra-realista que o distincto pintor segue.

A folhas 259 do livro do sr. Tubino, lê-se: — *Andrade com a sua paizagem O CASTELLO DE FUZANO e Anunciaçãõ com os seus animaes, representam dignamente no certame a arte da pintura lusitana, etc.*

São poucos todos os encomios dirigidos ao sr. Anunciaçãõ, não só porque o seu talento o faz credor do maior apreço, como porque lhe devemos a regeneraçãõ da escola de paizagem, tão desvairada entre nós quando este mestre determinou transformal-a.

Cinco telas suas foram devidamente estimadas em Madrid: *Perdidos do rebanho*, *O vitello*, *dois estudos de animaes* e *A madrugada*.

O sr. Anunciaçãõ possui talento superior e é muito consciencioso, o que facilmente se percebe e é attestado pelos quadros mencionados. N'elles se revela tambem a sua nova maneira de pintar. Admirador de Troyon, que viu em Paris quando visitou a ultima exposiçãõ universal, tem-se deixado ultimamente dominar um pouco pelo processo.

Foi justamente premiado com a medalha de 2.^a classe pelo seu quadro *Perdidos do rebanho*, composiçãõ de verdadeiro merecimento que nada deixaria a desejar, se fosse menos convencional, e tivesse parte da simplicidade que sobra nos quadros do sr. Andrade.

Os estudos de animaes são magnificos, porque tendo todas as bellezas do quadro premiado, não têm nenhum dos senões que porventura a critica menos benigna possa encontrar n'elle.

Apresentou mais quatro grandes desenhos feitos a carvão, e que foram apreciados merecidamente. Emfim, como muito bem disse o sr. Tubino, este artista representou dignamente n'aquelle certame a arte da pintura lusitana.

Do sr. Ferreira Chaves foram dois quadros *Retrato do sr. Ignacio José de Araujo* e *Flores e fructos*.

O sr. Chaves é artista muito applicado e de talento. Eram já conhecidos estes seus quadros pelo muito merecimento da fôrma e da côr. Na imprensa portugueza receberam elogios quando pela primeira vez figuraram na exposiçãõ da *Sociedade promotora de bellas artes*; por isso nos abstemos de fallar d'elles, mencionando apenas que foram justa e devidamente acolhidos no vizinho reino.

Sentimos que o sr. Chaves não mandasse a Madrid os retratos concluidos ha pouco, dos srs. Santos Monteiro e Lamarão, pinturas que pelo vigor do colorido, bom desenho e similhaça, se tornam dignas de serem collocadas em qualquer exposiçãõ ao pé dos melhores trabalhos d'aquelle genero.

O conhecido pintor Christino figurou na exposiçãõ madrilena com dois quadros de paizagem: *A cruz alta de Cintra* e *A fonte dos amores*. Nos quadros d'este notavel professor notam-se quasi sempre grandes effeitos de luz e colorido muitas vezes agradavel.

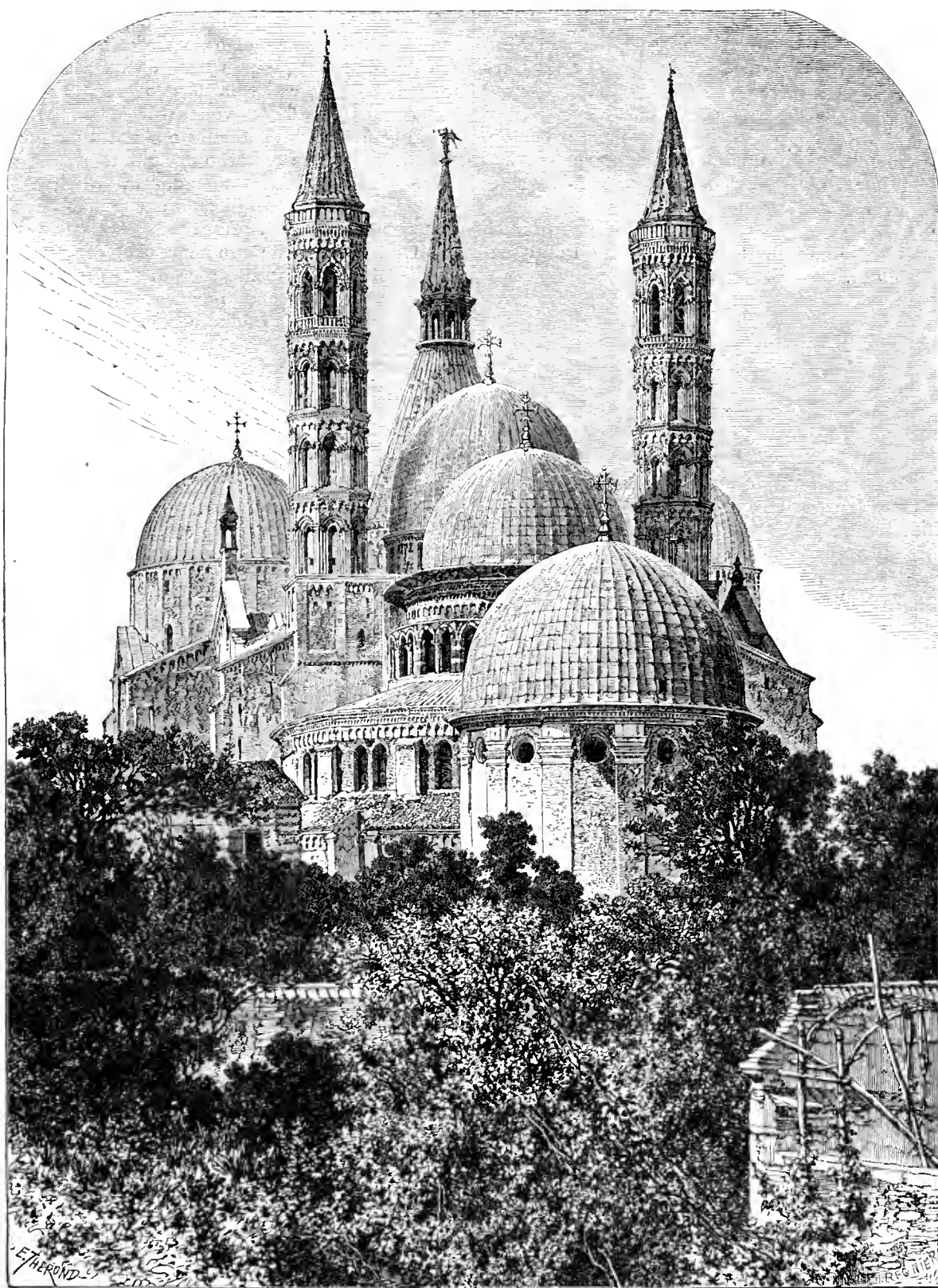
O lado esquerdo da tela *A cruz alta* é perfeitamente pintado e revela a aptidãõ e o talento do artista.

O quadro *A fonte dos amores* é, quanto a nós, melhor do que o primeiro. O ponto foi bem escolhido e está tratado com muita verdade. Ha vigor e harmonia em toda a composiçãõ, sendo a massa do arvoredo a parte do quadro reproduzida com mais felicidade.

Esta formosa tela foi offerecida pelo auctor a S. M. a rainha de Hespanha, e mereceu a distincção de ser gravada na *Illustracion de Madrid*.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.



A BASILICA DE SANTO ANTONIO DE PADUA

A cidade de Padua, patria do celebre historiador latino Tito Livio, do grammatico Asconio Pediano, do pintor Mantegna, do gravador João Cavino, e do explorador Belzoni, encerra notaveis edificios e sumptuosos templos, figurando entre os ultimos a cathedral de S. Justino, onde está o tumulo de Petrarcha, e a basilica de Santo Antonio, cujo desenho damos n'esta pagina.

Todos conhecem a historia do thaumaturgo portuguez, tão festejado entre nós pelos rapazes, e ainda mais pelas raparigas, que lhe fazem orações e offerecem promessas para que as case cedo.

Santo Antonio nasceu em Lisboa no anno de 1195. Foi conego regente de Santo Agostinho em S. Vicente de Fóra, passou depois para Santa Cruz de Coimbra, e

por ultimo professou na ordem de S. Francisco de Assis. Indo para a Africa em missão religiosa, foi lançado por uma tempestade nas praias da Italia. N'aquelle paiz ensinou theologia e prégou com distincção, adquirindo grande nomeada pela sua vida regradissima e pelos milagres que fazia. Morreu em Padua no anno de 1231.

Vinte e oito annos depois da sua morte deu-se principio n'aquella cidade á construcção da famosa basilica levantada sob a invocação do santo portuguez, a qual terminou em 1424. O primeiro encarregado da obra foi Nicolau de Pisa.

Mede esta excellente fabrica noventa e um metros de comprimento no interior, tem tres naves e sete cupulas, sendo a do centro de enormes dimensões.

N'um dos altares vêem-se preciosos baixos relevos em bronze, figurando varios milagres do thaumaturgo, devidos ao famoso cinzel de Donatello.

O altar de Santo Antonio é isolado, e está debaixo de riquissimo doceel, á roda do qual se lê o seguinte distico: *Divo Antonio confessorum sacrum*. O doceel é sustentado por soberbas columnas, entre as quaes ha quatro estatuas representando os evangelistas, e por baixo d'elle vê-se o corpo do santo. Nas paredes admiram-se excellentes baixos relevos. A entrada do altar estão dois candelabros lindissimos em fôrma de palmeira, tendo o pé de marmore magnifico e as folhas de prata primorosamente lavradas.

A igreja possui alguns quadros notaveis, e no coro ha um retrato do thaumaturgo que é considerado o melhor que existe.

Encontra-se ao lado do templo um edificio denominado *Escola do Santo*, onde ha trescos admiraveis de Ticiano e de Campagnola. Os de Ticiano são apenas quatro. O primeiro representa o milagre de dar vida a uma mulher assassinada pelo marido n'um accesso de ciúme. A cabeça da mulher é admiravel. O quadro, porém, está bastante deteriorado pelo tempo. O segundo, por cima da porta da sacristia, figura o santo realisando o milagre do pé cortado a um rapaz. O assumpto do terceiro é Santo Antonio restituindo a vida a uma creança queimada por agua a ferver. O ultimo representa o santo, fazendo fallar um pequeno para testemunhar a innocencia de sua mãe, accusada de adulterio pelo marido.

Os estrangeiros visitam com curiosidade a basilica de Santo Antonio, e nenhum portuguez passa por Padua sem a ver, pois lhe desperta mais curiosidade do que a qualquer outro viajante, por ser templo consagrado á santa memoria de um dos nossos mais celebres compatriotas.

O PESO BEM EXACTO, HEBREU!

POR

G. STAMMEL

Notou-se um dia grande agitação no bairro dos judeus da velha Reichstadt. Era o caso que os cavalleiros do duque Bernardo Weimar tinham saído da cidade, onde faziam quartel de inverno, para apresar os thesouros preciosos do conde hespanhol de Vista Hermosa, que vinham com um comboio de munições saído de Alarniger.

Os soldados acamparam n'uma floresta, e pouco esperaram pela chegada da comitiva. Cair sobre o inimigo e apresar munições e viveres, foi obra de um momento. O thesouro desejado vinha effectivamente escondido en-

tre grandes saccoes de aveia carregados n'um dos carros.

—Eil-o! exclama um soldado, louco de alegria; e n'um abrir e fechar d'olhos, valiosos objectos de prata e oiro do conde e preciosas joias da condessa, são divididos pela soldadesca avida de pillagem.

Alguns cavalleiros voltam á cidade para dar noticia do bem sucedido assalto; e ali está porque no bairro israelita se notava agitação desusada.

—Temos oiro em abundancia—diziam os judeus uns para os outros; foi pillhado um grande thesouro! está a chegar consideravel presa!

Ouve-se o clarim que annuncia o regresso dos cavalleiros, e tudo de repente socega. As moças judias refugiam-se no mais recondito das casas para se furtarem aos olhares atrevidos da soldadesca, mas os paes e os irmãos andam vigilantes.

Loëbel, rico ourives e usurario, tem palpite de que breve lhe baterá á porta algum dos cavalleiros. Envolto na pellissa vae para a escura loja. Abre o armario e pega na balança. Ouve-se fóra o ruído de passos pesados; enorme espadão tina sobre os degraus, e um sargento completamente uniformizado entra na loja do chatim.

—Venho propor-te negocio de mão cheia, judeu— profere arremessando ao chão um sacco.

Os olhos negros de Loëbel scintillam de prazer ao deparar com tamanha riqueza.

—Boa presa, sargento—diz mudando de physionomia; pena é que tudo isto seja prata dourada. Nem um objecto de oiro. E d'ahi os tempos vão maus, por isso...

—O PESO BEM EXACTO, HEBREU!—exclama o sargento retorcendo os bigodes.

Momentos depois embolsava alguns escudos, dizendo: —Dinheiro succo ou imperial, pouco me importa; ponto é não ser falso. Os dados á noite o farão girar e desaparecer.

Não fallára o palpite a Loëbel; o negocio fóra optimo para o judeu... e para o artista que tirou d'elle o assumpto para o primoroso quadro que damos em gravura.

DIVERSAS NOTICIAS

—N'um dos proximos numeros publicaremos o retrato do distincto pintor brasileiro, dr. Pedro Americo, auctor do quadro *Um episodio da batalha de Campo Grande*, cuja descripção damos. O retrato é desenhaldo por um dos nossos melhores artistas.

—O sr. ministro das obras publicas visitou o edificio da Academia das bellas artes, e, reconhecendo a insufficiencia das salas para a exposição e boa conservação dos importantes objectos de arte que possuiu aquelle estabelecimento, francamente declarou ser de urgente necessidade melhorar as condições do edificio. Oxalá se realizem os bons desejos do sr. ministro.

—No theatro de D. Maria II representam-se com muito applauso duas comedias *Os meninos grandes*, traduzida do hespanhol pelo sr. Castilho e Mello, e *A princeza George*, de Alexandre Dumas, filho, traduzida pelo sr. Ernesto Biester. A primeira é critica e chistosa; a segunda feita com talento, e inculca-se com o modelo da escola realista. Nesta Emilia Adelaide e Santos representam com energia, sentimento e naturalidade, dando aos seus importantes papeis o necessario relevo. Os demais actores tanto na *Princeza George* como nos *Meninos grandes*, desempenham os seus papeis com a perfeição que se deve exigir no primeiro theatro portuguez.

—No Brazil publicaram-se ultimamente os seguintes livros: *Annos academicos e Legendas da provincia do Espirito Santo*, pelo sr. dr. Peçanha Povoas. *Carta ao bispo diocesano D. Pedro de Lacerda*, pelo sr. Climaco dos Reis.

Um volume de poesias, pelo sr. Caetano Felgueiras.

Direito por linhas tortas, comedia em 4 actos, pelo sr. dr. Franca Junior.

6.^a caderneta da obra do sr. A. E. Zaluar sobre a *escola e o trabalho*.

Primeiro livro da adolescencia, pelo mesmo auctor.

Arabescos, phantasias escriptas pelo sr. Campos Carvalho.

Nevoas matutinas, poesias do sr. Luiz de Meudonça.

Tronco do Ipê, 2.^o tomo de um romance anonymo.

Biographia do visconde de Rio-Branco, pelo sr. Luiz Alvarenga Peixoto.

Luiz Augusto Rebello da Silva, estudo critico pelo sr. dr. Theophilo Ottoni.

Está no prelo:

Pantheon Maranhense, pelo sr. dr. Antonio Henriques Leal.

==== O sr. Antonio Alberto concluiu uma estatua colossal representando *Democrito*, que vae ser vasada em gesso. É prova de aproveitamento do estudo que fez em Paris.

==== O *Diario do Governo* publicou o programma para o concurso das medalhas a conferir, como premios, na exposiçao universal de 1873, em Vienna de Austria. Para a composiçao d'ellas são convidados a entrar em concurso os artistas de todas as nações. As medalhas são as seguintes, e os modelos devem ser executados em cera, gesso ou enxofre:

Medalha para a arte.

Medalha pelo progresso.

Medalha pelo merito.

Medalha de bom gosto.

Medalha de cooperaçao.

Serão todas cunhadas em bronze, e terão a mesma dimensao, que é um diametro de 7 centimetros. De um lado estará gravado o retrato do imperador com varias inscrições, e do outro as decorações emblematicas ou representações artisticas, com relação ao destino especial de cada medalha, ficando a invenção ao arbitrio do artista.

O modelo reconhecido pelo jury como a soluçao mais completa de cada uma das seis tarefas propostas, obterá como honorario a quantia de 50 ducados austriacos. Cada um dos seis modelos que obtiver o premio, passa em propriedade e com direito de reproducção á direcção geral da exposiçao.

Como se distribuirá depois a medalha de bom gosto?

Da unica opera nova que o theatro de S. Carlos tem dado n'esta epocha, falla Juho Cesar Machado em artigo especial.

==== Um quadro de E. Breton que estava no gabinete do director do theatro lyrico em Paris, ficou em cinzas com o theatro, por occasiào dos incendios postos pela Communa. Parece que era excelente trabalho artistico.

==== Como ultima prova de aproveitamento, pintou em Roma o sr. Antonio Rodrigues da Silva, pensionista do estado, um quadro representando *D. Filippa de Vilhena mandando ajoelhar os filhos para os armar cavalleiros*, assumpto extrahido do bello drama do visconde de Almeida Garrett.

==== Com o seu repertorio de comedias vae o Gymnasio atrahindo cada vez mais a attenção publica, porque faz sempre boa escolha e tem artistas como Anna Cardoso, Gertrudes Carneiro, Joaquim de Almeida, Silva Pereira, Braz Martins, Brazão e outros que representam com a graça e distincção que o genero exige, as composições proprias do sympathico theatrinho.

==== Vimos um grosso volume publicado no Porto, com o titulo de *Prova para a edição do guia do amador de bellas artes*, por D. M. de M. G. Pareceu-nos livro utilissimo, principalmente para quem se dedica a bellas artes, pois contém grande copia de esclarecimentos sobre as galerias nacionaes e estrangeiras.

O sr. Oliveira Martins publicou um novo livro, *Os Lusíadas, ensaio sobre Camões e a sua obra, em relação á sociedade portugueza e ao movimento da renascença*.

O sr. Antonio Pereira da Cunha escreveu um poemeto intitulado *O voto de El-Rei*.

O sr. Arnaldo Gama publicou mais um romance, *O bailio de Leça* (lenda do xiv seculo).

O sr. Tito de Noronha deu á estampa os *Ditos da freira*, reproducção da velha e rarissima edição do mesmo titulo, attribuida a D. Joanna da Gama.

==== No theatro do Gymnasio do Rio de Janeiro representa-se com applauso a comedia-drama do sr. dr. Augusto de Castro, brasileiro, *Tenentes da Diabo*.

A Phenix dramatica, theatro d'aquella cidade, annuncia o drama

phantastico em 4 actos. 1 prologo e 11 quadros, *Fausto*, do sr. Guferres da Silva, e deu ultimamente a comedia do sr. dr. Pires de Almeida, *O casamento do gaiata de Lisboa*, que muito agradou.

==== Deve começar em abril a collocação das estatuas sobre o arco da rua Augusta.

==== O theatro da Trindade prepara espectaculos para o carnaval, o que equivale a dizer que Delfina, Anna Pereira, Florinda, Rosa Damasceno, Izidoro, Queiroz, Leone e todos se preparam para nos entreter com algumas canções picarescas, e nos alegrar com os seus ditos chistosos.

==== O pintor brasileiro E. de Martins concluiu um quadro intitulado, *O naufragio de Camões*.

O sr. commendador Meirelles de Lima, do Brazil, terminou dois quadros, representando um *O combate de Riachuelo*, e outro *A passagem de Humaitá*.

A academia das bellas artes do Rio de Janeiro prepara para o proximo mez de fevereiro uma exposiçao dos trabalhos artisticos feitos na capital do imperio e nas provincias.

==== O sr. visconde de Castilho trabalha na traducção do *Sonho de uma noite de estio*, de Shakspeare.

Vae publicar-se um novo romance do sr. Eça de Queiroz, intitulado *O crime do padre Amora*.

O sr. Ferreira de Mesquita está escrevendo um drama a que poz por titulo *O impossivel*.

O sr. Luciano Cordeiro prepara dois importantes livros que brevemente publicará: *Tentativa de um balanço geral da nação portugueza*, e *Compendio de litteratura*.

==== M. Jones Tanner, photographo de Clunes (Australia), achou a maneira de obter photographias esmaltadas em cobre.

==== O sr. Latino Coelho foi encarregado pela academia real das sciencias de escrever o elogio historico de José Bonifacio de Andrada para ser lido na sessao a que ha de assistir S. M. o imperador do Brazil. José Bonifacio de Andrada nasceu em Santos, no imperio do Brazil, a 13 de junho de 1763, e falleceu em 6 de abril de 1838. Exerceu commissões importantes tanto em Portugal como no Brazil. Exilado em Bordéus durante seis annos, recebeu, quando voltou á patria, uma avullada pensao que lhe foi votada. O imperador D. Pedro IV tinha por elle tal acatamento, que lhe confiou a tutela de seu filho, o actual imperador do Brazil.

==== Concorreram muitos artistas e homens de letras ás exequias feitas na igreja de Santo Agostinho, em Paris, pela memoria do notavel pintor Henrique Regnault, morto em Buzenval durante os funestos acontecimentos que enlutaram a Franca.

==== Pela direcção geral de instrucção publica foi, em outubro ultimo, publicado o programma de concurso para a escolha de pensionistas do estado, a fim de se aperfeçoarem fóra do paiz no estudo de bellas artes. Os pensionistas devem ser tres, um de pintura de paizagem, outro de architectura e o terceiro de gravura a talho doce. Quererem para entrar no concurso de paizagem os srs. Gonçalves Pereira, Izaías Newton e Joaquim Victorino Pereira; no de architectura o sr. José Luiz Monteiro e no de gravura o sr. Antonio José Nunes Junior. O jury constituiu-se no principio d'este mez, sendo presidente o sr. conselheiro Assis Rodrigues, secretario o sr. Joaquim Pedro de Sousa, e vogaes os srs. Annuniação e Pires da Fonte. No dia 12 tiraram-se os pontos que serão executados em noventa dias uteis. Saíram os seguintes:

Paizagem — Quadro pintado a oleo representando Penha Longa, vista tomada do mirante da casa do sr. visconde de Bessone. — Um estudo de modelo vivo. — Uma cabeça de animal pintada em tres sessões.

Architectura — Projecto de uma bibliotheca para uma cidade de segunda ordem.

Gravura — Desenho e gravura em cobre da cabeça da Virgem representada no quadro n.º 210, pertencente á galeria da Academia real das bellas artes.

==== Morreu em Cannes com 52 annos de idade, o gravador Augusto Lehman, discipulo de Henriquel Dupont. Era auctor da bella estampa *Dante atravessando o purgatorio*, copia de um quadro de Flandrín.

==== A associaçao dos architectos civis celebrou ultimamente uma sessao solemne, presidida pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva. Inauguraram-se os retratos de dois socios fallecidos, Verissimo José da Costa, engenheiro de obras publicas, e o conde de Lavradio. O sr. José da Costa Sequeira, professor de architectura na Academia de bellas artes, leu a biographia de Verissimo José da Costa. Faltou

por incommodo de saúde o socio que devia recitar o elogio historico do conde de Lavradio, elogio que terá de ser lido em outra sessão.

Ao lado do retrato do conde foi collocado o mappa dos descobrimentos portuguezes, que elle encontrou em Inglaterra e fez publicar nitidamente em Londres.

O sr. presidente leu uma bem escripta memoria ácerca da architectura nacional.

Disse o correspondente de um jornal de provincia, que o pintor Antonio José Pereira, de Vizeu, possuidor do unico quadro conhecido com a assignatura de Grão Vasco, vai pôr á venda esta preciosa obra. O quadro é em tres taboas que formavam juntas um retabulo. A do centro representa o descimento da cruz, e as dos lados, uma, S. Francisco em extasis, outra, Santo Antonio pregando aos peixes. Na parte inferior da taboa do centro está a assignatura do artista, pintada a amarello, imitando ouro, cujo fac-simile é o seguinte:

VASCO
FR?

Se effectivamente o sr. Pereira levar a effeito a venda do seu quadro, cumpre ao governo empregar os necessarios meios para que não saia do paiz aquelle riquissimo trabalho.

O foyer do theatro do Odeon em Paris, foi ornado com um retrato de mademoiselle Aissé, a heroína do drama posthumo de L. Bouillet.

Em maio proximo abrir-se-ha ao publico a exposição da sociedade promotora de bellas artes em Portugal.

M. Merget, lente de physica na faculdade de Lião, descobriu um novo modo de imprimir chapas gravadas e clichés photographicos. O processo foi experimentado por M. Davaune, em presença da sociedade de photographia e produziu os melhores resultados.

Julga-se de grande importancia este ultimo invento, porque deve em pouco tempo modificar radicalmente todos os processos de impressão usados até hoje.

Para os principios do estio deve verificar-se no palacio de crystal do Porto, uma exposição peninsular de productos artisticos, industriaes e agricolas.

Têm estado expostas em Paris tres magnificas aguarellas, do infeliz Henrique Regnault. Um artigo que temos á vista, diz ser o acontecimento artistico mais notavel da ultima quinzena de janeiro.

Os theatros da rua dos Condes, Principe Real e Variedades offerecem aos seus frequentadores peças de grande espectáculo. Cada theatro tem um actor que é o predilecto do publico. Na rua dos Condes desempenha o papel de predilecto — e desempenha-o perfeitamente — o sr. Ribeiro, um dos mais primorosos talentos comicos da scena portugueza; no Principe Real é o sr. Pereira o incumbido da tarefa; nas Variedades cabe a honra a Cesar de Lima, actor alegre e que sabe alegrar o publico.

A academia das bellas artes de Paris, em sessão de 20 de janeiro, nomeou membro da secção de musica, M. Victor Massé, em substituição do fallecido maestro Auber.

O Times publicou uma correspondencia em que procura rebater a opinião de M. Robinson a respeito de um quadro que existe na igreja da misericordia do Porto, trabalho magnifico attribuido por aquelle critico a artista portuguez ou natural da peninsula.

A pintura é historica e allusiva á fundação da misericordia. No centro vê-se Jusus Christo na cruz, e dos lados a Virgem e S. João rodeados de muitas figuras. Entre as do primeiro plano está D. Manuel, sua segunda mulher D. Maria e seus oito filhos.

Como quadro gothico é dos melhores. Raczynski attribue-o á influencia da escola allemã em Portugal. Foi dadiua de D. Manuel, e tem reputação europea.

Falleceu em Beaumont-sur-Oise o escultor francez Lamms. Tinha 92 annos de idade, era cavalleiro da legião de honra e auctor de estatuas muito notaveis.

A primeira obra de esculptura feita em Roma pelo pensionista sr. Simões, está na Academia real das bellas artes. Representa um rapazinho assentado sobre uns degraus, estendendo a mão á caridade publica. A figura tem sentimento e está modelada com muita perfeição. O sr. Simões acha-se na cidade eterna concluindo em marmore, como prova final de aproveitamento, uma estatua representando *Uma mulher desfolhando um mathequer*.

Vae erigir-se em Londres á saída de Park-Lane, perto de Hyde-Park, uma fonte monumental. Deve ser ornada com as estatuas dos tres grandes poetas Shakspeare, Chaucer e Milton.

O sr. Bordalo Pinheiro (pae) concluiu um quadro com que presentou o redactor principal do *Diario de Noticias*, sr. Eduardo Coelho. É uma allusão ao appellido e á profissão do cavalleiro a quem foi offerecido o mimo. Não tivemos occasião de ver o novo trabalho do sr. Bordalo, mas dizem-nos muito bem d'elle.

A sociedade dos aguarellistas belgas abrirá a sua exposição annual, em Bruxellas, no proximo mez de abril.

O sr. José Machado Carreira dos Santos pintou um retabulo representando *S. Miguel e as Almas*, para ser collocado n'uma das capellas da igreja da Encarnação. O mesmo artista está restaurando o tecto d'aquelle templo.

A exposição das bellas artes de Haya effectuar-se-ha em 13 de maio.

Abriu-se novamente ao publico a importante galeria de pinturas e o museu de numismatica de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz, na Ajuda. Figura na galeria o novo quadro de grandes dimensões, que S. M. encommendára ao pintor italiano Gamba *Desembarque da infanta D. Beatriz n'um dos portos de Italia*. É composição de muito merecimento, e está collocada defronte do bello quadro que representa a princeza de Lamballe.

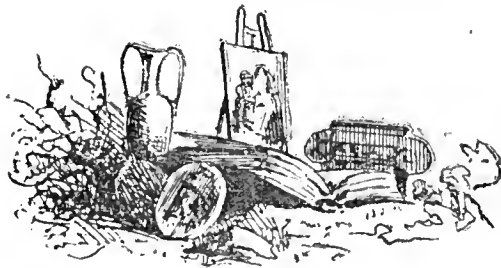
O pintor Henner terminou um quadro que lhe fôra encomendado pelas suas compatriotas de Mulhouse, para com elle presentarem M. Gambetta, ex-representante do Alto-Rheno. O quadro representa apenas *Uma alsaciana*. Já foi gravado por M. Flameng.

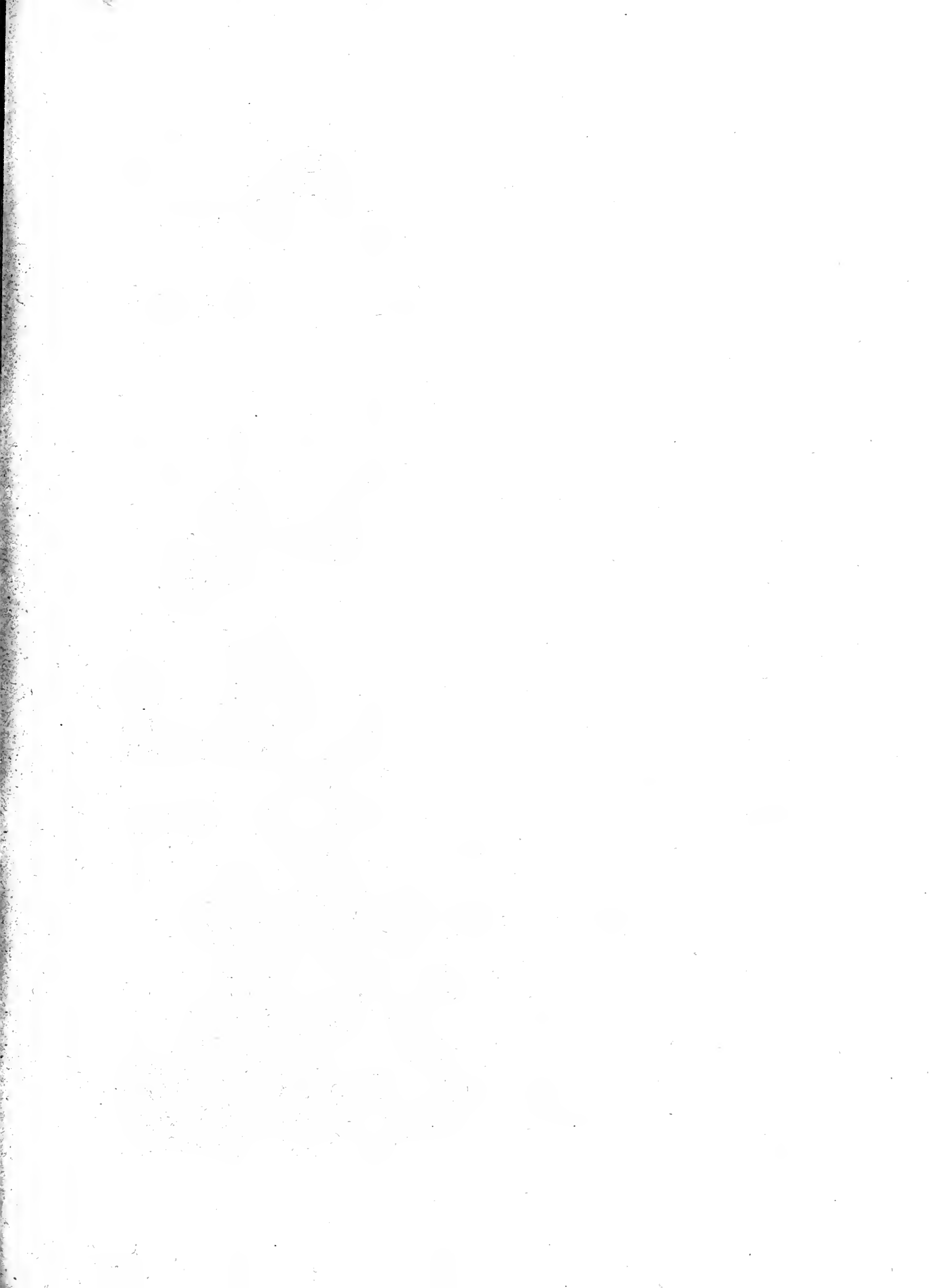
O sr. Dantas, pintor de marinhas, tem feito diversas composições extrahidas dos *Quadros navaes*, do fallecido almirante Celestino Soares. São hem executados estes trabalhos do novel pintor, e dignos do assumpto que representam.

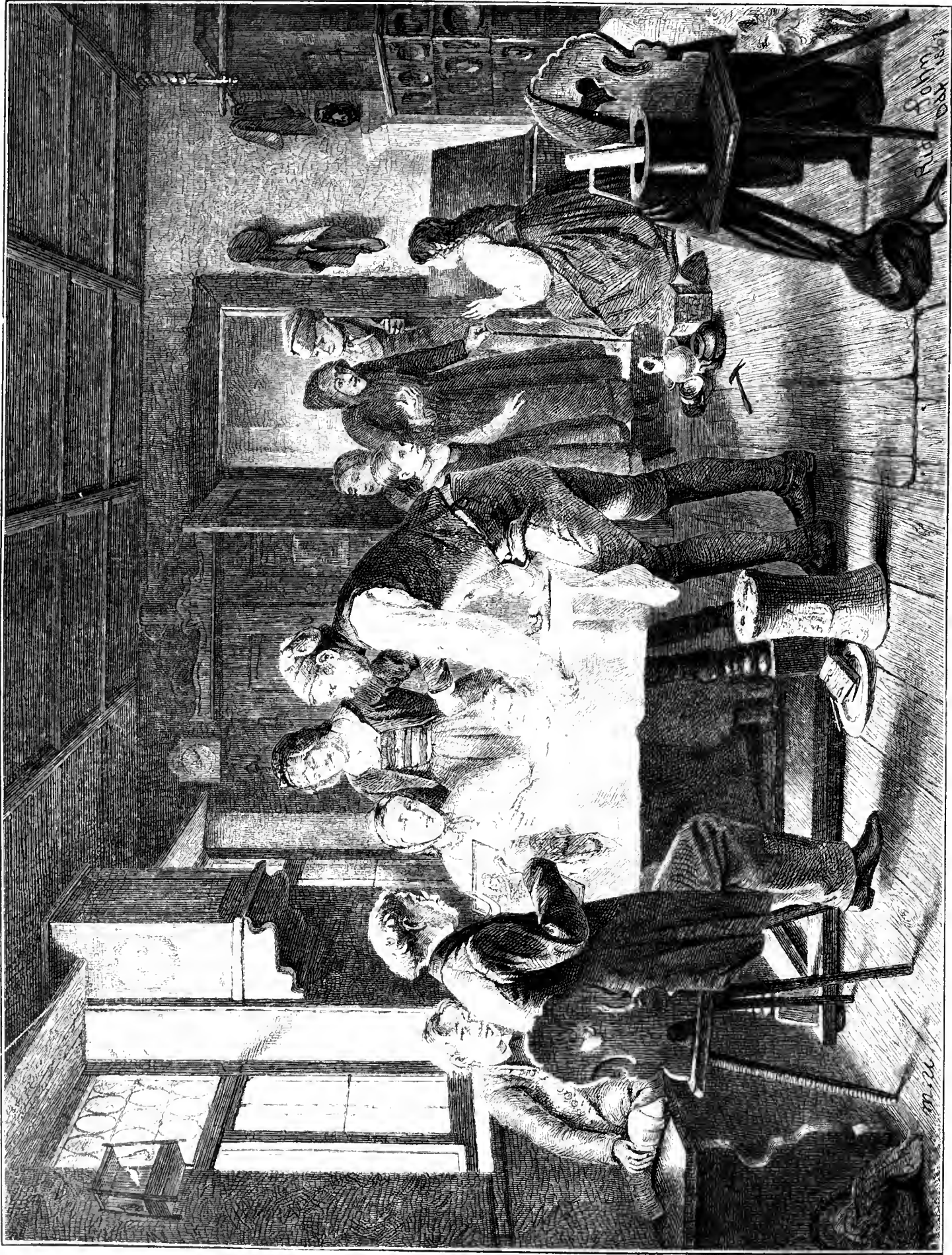
Publicou-se em Londres no dia 23 de dezembro ultimo, o primeiro numero de uma excellente obra intitulada *The metropolitan Museum of Art, Etchings of Pictures in the Metropolitan Museum, New York, etched by Jules Jocquemart, published by P. and D. Colnaghi and C.*

Já estão na Academia real das bellas artes os ultimos cinco quadros que o sr. visconde de Carvalho offereceu áquelle estabelecimento. Com estes são vinte os quadros que a Academia deve á generosidade do illustre fidalgo. Dos cinco ultimamente recebidos têm bastante valor o esboceto de Carlo Maratta, e duas cabeças de velhos, de pintor moderno da escola ingleza.

Acha-se collocado na bibliotheca das camaras legislativas, um busto colossal do notavel estadista Passos Manuel. Este excellente trabalho, executado em marmore de Carrara, saiu do atelier do sr. Calmels, e é assignado por este artista.







O ANTIQUARIO NA PROVINCIA.

Quadro de Richard Sohn.

Editores Rolland & Semiond

Lisboa.

ARTES E LETRAS



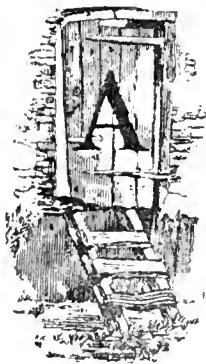
LISBOA—FEVEREIRO DE 1872

GRÃO VASCO

E A HISTORIA DA ARTE EM PORTUGAL

(Conclusão)

IV



descoberta de um quadro assignado authenticamente por *Vasco Fernandes* resolveu parte do problema. Certificou a existencia de um notavel pintor com aquelle nome, florescia pelo meado do seculo XVI. A comparação d'aquelle quadro com os outros attribuidos ao artista poderia deixar discriminar com exactidão quacs as suas obras. Este trabalho não está ainda feito. É para desejar que o emprenda algum zeloso investigador das glorias patrias, buscando delinear os verdadeiros caracteres

e o methodo do grande pintor portuguez. O que porém se pôde desde já affirmar é que a existencia do pintor Vasco não é um facto isolado na historia da nossa arte. A intima parecença que ha entre todos os quadros a que chamavam da escola de Grão Vasco, prova evidentemente que em Portugal houve desde os fins do seculo XV até ao fim do seculo XVI, uma escola nacional de pintura, primitivamente inspirada pela pintura flamenga, mas aporluguezando, por assim dizer, aquella escola, com a introdução de typos, de ornamentos, de particularidades todas portuguezas.

Outra prova de nacionalidade portugueza d'esta escola é a circumstancia de conservarem alguns d'aquelles quadros pintados depois da metade do seculo XVI, o estylo, e até a execução technica seguida pela escola no seculo anterior. Parece que os nossos pintores, ou fosse por terem menos contacto com seus collegas dos paizes estrangeiros ou por obedecerem a exigencias da opinião, conservaram, aperfeçoando-o, mas não no essencial, o estylo tradicional da escola d'onde haviam brotado. Assim é que são contemporaneos de Rubens pintores que a julgar pelas suas obras mais parecem preceder-lhe de muitas dezenas de annos. Este ponto pedia maiores desenvolvimentos que não pôde ter n'este artigo, mas que é de esperar alcançará n'um trabalho mais completo que o auctor d'estas linhas está preparando.

A benemerita sociedade promotora de bellas artes em Portugal deu á estampa uma traducção da Memoria já citada de Robinson ácerca da antiga escola portu-

gueza de pintura¹. Abi se encontram mais minuciosamente estudados alguns pontos em que apenas aqui foi possivel tocar. Baste-me dizer que da comparação d'alguns quadros attribuidos á escola de Grão Vasco, infere o critico inglez a existencia de pelo menos nove artistas distinctos portuguezes, que florescia desde 1500 até 1560. Esta convicção nasceu do estudo de poucos quadros. Muitos mais ha ainda a comparar entre si, e a estudar individualmente, e não pôde presumir-se a que resultado se deverá chegar com este trabalho.

Robinson não hesita em considerar portuguezes aquelles quadros todos. Em primeiro logar não é facil explicar como em epochas nas quacs eram custosas e limitadissimas as communicacões internacionaes, podiam ter sido exportados para Portugal quadros em tão avultado numero como são os que vulgarmente se chamavam de Grão Vasco. Em nenhum paiz se encontram tão numerosas produções das antigas escolas artisticas de outros paizes. As obras dos velhos pintores flamengos ficaram pela mór parte na Flandres e paizes limitrophes, assim como em cada pequena republica italiana da idade media ficaram e ainda hoje estão os thesouros d'arte que produziram os seus primeiros artistas.

Como é pois que Portugal forma a unica excepção a esta regra? e que nos annaes historicos dos paizes d'onde se fez a exportação nenhum vestigio ficou d'ella?

Note-se tambem, que em muitos dos quadros da escola portugueza (permitta-se-me que adopte e conserve este nome) estão patentes particularidades bem caracteristicas da sua nacionalidade. Sem fallar mesmo em typos de physionomias, alguns dos quacs porém são bem frisantes, sem indicar tambem o apparecimento de pretos evidentemente desenhados do natural, o que é uma forte presumpção a favor da origem portugueza dos quadros, visto que Portugal era quasi a unica nação que possuia vastas colonias com individuos d'aquella côr, sem me referir mesmo a estes fortes indicios vcm-se em muitos quadros moedas portuguezas, ornamentos cujo estylo é sem duvida alguma portuguez e objectos de ourivesaria religiosa de um caracter e de uma composição como sómente se encontra na antiga ourivesaria portugueza. Na galeria da academia de bellas artes ha quadros com calices, custodias, etc., de que na colleção d'arte ornamental da mesma academia se encontram exemplares identicos. A exposiçào em Paris, em 1867, de alguns d'estes exemplares confirmou o que ha muito era convicção do auctor d'estas linhas, a saber que o estylo d'aquella ourivesaria religiosa era portuguez, e que em nenhum outro paiz se encontra o mesmo typo n'aquelles objectos.

Corrobora a nacionalidade dos quadros a que me refiro a circumstancia já mencionada n'este artigo, de que são elles executados n'um estylo e com uma technica que já não eram usados nas Flandres pelos pintores contemporaneos dos auctores d'aquelles quadros; ou para me exprimir com mais clareza: os pintores flamengos que viviam na epocha em que os quadros foram executados não pintavam com o estylo e a technica que se notam n'aquellas pinturas.

V

É comtudo innegavel que a escola portugueza se resente muito da influencia flamenga, a ponto de serem as suas produções consideradas flamengas, pelos que não reconhecem a existencia da nossa escola nacional. Esta

¹ Estudo sobre a antiga escola portugueza de pintura, por L. C. Robinson, traduzido por ordem e a expensas da Sociedade promotora de bellas artes. Lisboa, 1868—á venda na livraria do sr. Pereira, rua Augusta, Lisboa.

influencia é evidente em todos os quadros que se attribuiam a Grão Vasco ou a seus imitadores; mas contemporaneos com as ultimas produções d'este cyclo de pintores apparecem quadros em que é manifesta a influencia da arte italiana. São obras de Campello, Gaspar Dias, Fernando Gomes e outros enviados a Roma por D. Manuel e D. João III. Houve, pois, simultaneamente em Portugal duas escolas bem caracterisadas de pintura. A primeira e a mais antiga, é a chamada escola de Grão Vasco. Parece-se no estylo com a escola flamenga, ainda que conserva até mais tarde do que esta antigos methodos de execução e de estylo. A segunda foi introduzida em Portugal quando D. Manuel mandou a Roma alguns pintores aperfeiçoarem-se pelo estudo das obras de Miguel Angelo e Raphael. Volveram de Italia estes artistas embebidos das doutrinas florentinas ou romanas, e imitaram ou seguiram como puderam os grandes modelos que haviam estudado.

Lançou pouco brilho este ramo de escola portugueza. Talvez o povo preferisse sempre o estylo chamado de Grão Vasco, mais religioso, mais nacionalisado. É certo que d'esta escola de Grão Vasco se encontram produções quasi até ao fim do seculo XVI, quando os pintores que tinham ido a Roma se achavam já ha muito de volta, e haviam tido sobejo tempo para formarem discipulos e implantarem no paiz o seu estylo e os seus methodos.

O outro ramo da escola portugueza parece dever a sua origem a João Van Eyck, afamado pintor flamengo. Veiu elle a Portugal, na comitiva do senhor de Roubaix, embaixador enviado em 1428 por Philippe o Bom de Borgonha, a D. João I de Portugal, para sollicitar a mão da infanta D. Izabel. Julga-se que Van Eyck se demorou dois annos em Portugal e executou o retrato da noiva de seu amo. Foi por occasião do casamento da infanta portugueza com o duque de Borgonha que este instituiu a celebre ordem do tozão d'ouro. A infanta falleceu em 1471. É possível que alguns outros artistas flamengos viessem á côrte do rei de Portugal, ligado por tão intimas relações de parentesco com o soberano da Flandres, e contribuissem para aclimatar em Portugal o estylo artistico adoptado então em seu paiz. Explica-se facilmente assim a origem da escola chamada de Grão Vasco. É certo, porém, que estas relações, se as houve, cessaram antes do fim do seculo XV, pois que não vemos os nossos pintores aproveitarem-se dos progressos que manifesta a arte flamenga por aquella epocha.

VI

O campo d'estudo é vasto e pede quem o explore. Será amplamente compensado de suas fadigas e trabalhos quem se dedicar a estudar o vasto repositório de materiaes que temos para illustrar a historia das artes entre nós. O auctor d'estes apontamentos quiz apenas chamar a attenção sobre os pontos mais importantes e mais controvertidos d'aquella historia.

É para lastimar que aos estrangeiros mereçam mais attenção do que aos nacionaes o exame e a discussão de questões que certamente são interessantes para Portugal. Se no nosso paiz existiu, como parece certo, uma escola de pintura em que se podem contar artistas illustres, não é vergonha para nós, que nem sequer saibamos os nomes da maior parte, e ignoremos de quasi todos as verdadeiras obras, e as particularidades biographicas?

Não é só na historia da pintura que somos culpados de desleixo. Ninguem contesta que tivemos uma escola nacional de architectura, cujos monumentos bem caracteristicos estão ainda de pé, testemmas irrecusaveis da

existencia de seus auctores. E contudo o que sabemos da historia da architectura em Portugal? Nem sequer se determinou com exactidão o nome do architecto do famoso convento dos Jeronymos, em Belem. Quaes são os verdadeiros caracteres da nossa architectura manuelina, como se desenvolveu, como se explica a sua formação na epocha chamada do renascimento, d'onde provém a harmoniosa combinação dos elementos gothicos com os italianos, de que só Portugal apresenta typos tanto na sua architectura, como nas suas artes menores de ourivesaria, bordados, etc.?

Permitta-se-me ainda uma reflexão antes de terminar. No decurso d'este trabalho indiquei na pintura portugueza a existencia de duas influencias contemporaneas mui diversas uma da outra; a flamenga e a italiana, e com ella procurei explicar certas contradicções apparentes, sem ella inexplicaveis. Consinta-se-me que diga que é tão manifesto este duplo character da arte portugueza, que se reproduz invariavelmente nas obras architectonicas e ornamentaes executadas em Portugal no seculo XVI. Em nenhum outro paiz se encontra. São, pois, certamente portuguezas, as produções em que elle apparece e domina.

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

O REALISMO



á se perdeu ha muito no ar o som da ultima gargalhada festiva. O entrudo arrumou o fato, engavetou as barbas, sacudiu a poeira das chinelas de bico, e tornou-se um homem grave, ponderoso, sem-sabor, commun. A cidade readquiriu os seus velhos habitos, — perturbados um momento — e discute agora nos botequins e pelas esquinas a subida dos fundos, a questão do Alabama, o *deficit* e o ultimo pamphleto dramatico de Victorien Sardou. Fóra d'isto vê-se triste e deserta. *Quomodo sedet sola civitas plena populo!* Seria o caso de exclamar pela bôca de Jeremias; se porventura os nossos Jeremias fossem dados a lamentações estereis!

É realmente uma cousa embaraçosa, n'este paiz, que não prima pela bossa imaginativa, o ter que relatar acontecimentos. Os dias passam, as semanas decorrem, os mezes fundam, e a gente alonga a vista por um areal immenso. O que se levanta? Alguma poeira sem contornos esbeltos.

Lá fóra, digam-me d'isso, que pullula a vida por todos os cantos. Aqui não, apesar do sangue arabe ou mourisco, ou não sei que outras origens, — que eu não sou muito dado a estas investigações sub-cantanas. De que procederá o phenomeno? De um desalento que se bebe com o primeiro leite. As rosas crescem pelos vallados, o alecrim dá-se bem na horta, ainda a chuva desaba e já as amendoeiras se toucam, e contudo a mocidade em vez de ser poeta é rhetorica, e quando desfranze os labios não canta, resmungua.

Que vemos, de consequente, na arte? Um apego ao chamado *realismo*, quer dizer, um sombrio abaixamento do olhar, uma ausencia total de aspirações, uma ruidosa

negação do bello. Tomou-se a humanidade pelo lado incorrecto e protervo, e poz-se-lhe mais a giba em relevo.

—«*Le Beau n'est, dans son essence que la manifestation du Vrai*», escreveu Lamemais no seu livro admiravel: *Esquisse d'une philosophie*; mas esta manifestação da verdade não suppõe o recorte de nenhum figurino ridiculo.

O que regala hoje os paladares?—Um desentulhar de abominaveis paixões, um amontoar de affectos lodosos. Encastellam-se ruínas, não se edificam templos. O adulterio nas suas largas variantes tem sido em toda a parte um almargeal para repastos soberbos. Os vindouros que apreciasssem esta quadra pelos productos artisticos, julgariam a sociedade em absoluta corrupção de feveras. Nós fazemos exactamente o contrario do que se praticava nos tempos da poesia feudal. Quem julgar as castellãs pelo depoimento dos trovadores, desenhara n'um fundo azul celeste uma preciosa imagem de mulher pensativa, banhada pelo luar nascente, e deixando cair do seu baleão a tentadora cascada de seda. Estes, ao menos, idealisavam o vulto. Onde estava a dama brutal, sordida, cheia de lascivos desejos, terrivel com os servos, caprichosa com os pagens, educada n'um meio vicioso e deleterio, esboçavam elles a seismadora das noites, pendendo d'um solau que á aragem trazia.

Pintar um monte pelo lado onde se lhe eriga o tojo é pintal-o com verdade, mas não será melhor reproduzir a encosta florida, por cujo dorso sobam os vinhedos, enroscam-se os pampanos, matizam-se as cores, serpeiam as aguas, até que por fim os olhos se perdem no cimo, e depois nas nuvens, e depois em Deus?

A arte não é simplesmente uma imitação da natureza, como já se escreveu ha muito; deve revelar, sob o que se dirige aos sentidos, o principio interno, a belleza ideal.

Isto é na musica, na pintura, na poesia e na estatuaria. Quando Cimarosa quer traduzir as alvoradas de um amor que vac desabrochar em felicidade, encontra na sua alma as notas, as perolas que se engastam no «*Pria che spunti in ciel l'aurora.*» Nada mais simples, nada mais trivial, e que outra cousa mais pathetica?—Quem não tivesse inspiração poderia escrever musica realista, porém, nunca faria musica eterna.

Contemplac os animaes de alguns mestres, e vereis que o enleio que elles despertam não provém da correcção exterior tanto como de uma faisca de sentimento, de vida, que o artista lhe inentiu, e que os faz pôr em relação com o nosso mundo occulto.

Que direi da poesia? Eu n'este ponto sinto-me coacto, como se expressaria um rei constitucional.

Para mim a poesia tem de ser essencialmente lyrica. Vem do coração e vae para o coração. É Alphéo abraçando Arethusa.

Um homem que ninguem taxará de futil, Edgard Quinet, escreveu no prologo de uma tentativa epica:—«*Toute poésie, prise en soi, est lyrique.*»—Sempre a imaginei deusa e nunca doutora. Chama-se Desdemona, e canta quando a morte adeja; chama-se Andromaea, e sorri-se quando as lagrimas caem; chama-se Ophelia, e as ondas que a levam podem esfolhar-lhe a viçosa grinalda de margaridas.

É assim que a entendo e é assim que a prézo. O seu fim é meigo, consolador, suave; ella é mulher, com todas as ternuras de mãe, de esposa, de filha, de amante. Não quer formar-se em leis, nem estuda pelo breviario de Stuart Mill; gosta dos campos, dos sorrisos, das creanças, do rumor das arvores, do lar onde as familias se congregam, dos valles por onde os amores suspiram;

e contenta-se com esse pouco, e vive feliz, e adornece radiante, com os olhos alongados pelas estrellas!

A esculptura, como todos sabem, reflecte o mundo dos seres. Tem a planta e o animal; o baixo relevo e o monstro. Na sua ultima expressão, encontra o homem, e é então estatuaria. O marmore fica sendo vestimenta, e por debaixo d'elle cumpre que o sangue ferva, e que as carnes palpitem.

O que ha de ser essa estatua? Apenas a sequidão das linhas e dos contornos? Não, de certo. O cinzel dorio quando se tornou immortal, foi quando ao esmero das linhas soube juntar o traço da paixão. E que energias ideaes nos captivam, que fortes sentimentos nos enternecem? Os que, por assim dizer, nos soltam a véla a alguma cousa que pensa e medita, os que nos arrebatam a alma até não sei que desvios melancolicos. É a dor de Laocoon, a incommensuravel dor paterna,—é a Venus celeste, a Isis remontada pelo genio grego, a casta e fecunda mãe do amor.

Eis ahi porque eu nunca me deixei cegamente apaixonar por essa escola que inventou o *realismo*. O que ella faz, em summa, é espalmar a verdade. Como a vê fresca, rosada, mimosa, a pompear umas galas que dão tentações ao animo, agnarenta-lhe os primores, cercea-lhe os encantos, despreza-lhe as louçanias, e imprensaa a n'uma sotaina onde ella não sabe ageitar as azas que lhe pendem dos hombros, como os anjos.

O *realismo* parece suppor um não sei que de má vontade contra a especie. É a enthronisação do feio, do pequeno, do detestavel; é a franca exposição de quanto se topa por esse mundo mais ou menos ulceroso. Do pintor Courbet dizia ha dezeseite annos um critico: «*Mr. Courbet, sous prétexte de réalisme, calomnie affreusement la nature.*»

A exaggeração da doutrina leva, por desgraça, ao falso hediondo,—o que é o peor de todos os abyssos.

Eu quando, por exemplo, leio as paginas formidaveis do poeta de Stratford, ponho-me a repetir o que d'elle escreveu Hugo. «Em Shakespeare os passaros cantam, as moitas vecejam, os corações amam, as almas padecem, a nuvem para, ha calor, ha frio, a noite eae, o tempo corre, as florestas e as multidões conversam, o vasto sonho eterno fluctua. A seiva e o sangue, todas as exterioridades do facto multiplo, as acções e as idéas, o homem e a humanidade, os vivos e a vida, as solidões, os povoados, as religiões, os diamantes, as perolas, os muladares, as cryptas, o fluxo e o refluxo dos seres, o caminhar dos que vão e vae, tudo isto existe em Shakespeare, e como este genio é a terra tambem d'ella saem os mortos.»

Maravilhosa definição! esplendida verdade! E contudo, saibamos uma cousa, *Romeo, Hamlet, Macbeth, Othello*, todos estes monumentos, todos estes assombros, estando na natureza, e vivendo da sua vida enorme, são porventura dramas realistas? Pois os requebros da varanda disse-os nunca jamais nanorado terreno? pois os espiritos descem á plataforma de Elsinour, armados de ponto em branco, *in complete steel*, a pronunciarem sublimes trechos de vingança? pois Hecate e mais as bruxas tem porventura bilhete de residencia authenticado em algum governo civil? pois o mouro que de si dizia não ter a clocação guapa e elegante, elle, o rude, que assevera ao remorderem-lhe as viboras;

—«*I am black;*

*And have not those soft parts of conversation
That chamberers have»;*

pois é elle o eloquente, o apaixonado, o imaginoso, o florido de tantas scenas opulentas?

Não; é que a verdade na arte deve de ser como a verdade na terra, dourada e aquecida pelos raios vivos do sol, que são também os raios do talento.

Reproduzir o typo ideal que só o espirito descobre, — como se expressa um escriptor já citado, Lamennais, — e que é por assim dizer inaccessible aos sentidos, eis tudo em que ella consiste.

Estas opiniões que eu tenho desde muito, e nas quaes seguros abonadores me confirmam, vieram-me a proposito d'esta benefica e sã publicação, — destinada a espartar o sentimento da arto nos que ainda não afinaram as cordas todas do peito pelo diapasão da contumelia politica.

São artes e letras, — duas cousas que não valem o processo eleitoral, e que nunca chegarão a ter as honras de constituir um ministerio independente.

Isto é que é por desgraça de uma realidade crua e desenxabida. Bebem-se uns ares de positivismo inutil que excluem toda a ancia generosa. Crê-se mal, e crê-se pouco.

Por mim em boas horas o diga, hei de ter sempre o culto do bello, e em quanto o pensamento se me podér erguer acima das arestas mundanas, fabricarei o meu refugio de horas queridas no regaço solitario das nuvens.

A arte não vae estudar com Magendie ou Flourens a viviseccão omnipotente; ella não anatomisa os seres para lhes descobrir os vicios de organismo; o que faz é sibil-os ao pinaculo da sua montanha, e ahi, ao clarão da sarga, mostral-os vestidos de luz, — reacs, mas grandiosos!

Fevereiro — 72.

E. A. VIDAL.

EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DE ARTISTAS PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS

Houve tenção de expor ao publico os trabalhos que se podessem colligir de artistas portuguezes contemporaneos, para solemnisar a passagem de S. M. o imperador do Brazil por Lisboa. El-Rei o Senhor D. Fernando offereceu os quadros que possui no caso de figurarem n'esta exposição, e do mesmo modo os srs. duque de Palmella se promptificaram a prestar as excellentes telas de Sequeira que enriquecem a sua preciosa galeria.

O vice-inspector da Academia real de bellas artes convocou, em a noite de 6 d'este mez, varios artistas e amadores para se discutir a idéa. Effectuou-se a reunião n'umas das aulas d'aquelle estabelecimento; assistindo quarenta e quatro pessoas. Foi unanimemente applaudido o projecto de fazer a exposição, e alguns dos assistentes prestaram-se espontaneamente a ceder para aquelle fim as obras de que são possuidores. Entre elles figuram o sr. marquez de Souza, que offereceu os seus cartões de Sequeira, e o sr. João Palha, que poz á disposição da Academia os seus quadros e os do seu sobrinho, entre os quaes avultam excellentes composições do sr. Anunciação e um quadro de Sequeira muito notavel por ser um dos primeiros estudos d'este mestre. O sr. Mozart também offereceu dois quadros e o sr. Alves Branco um.

Parece, porém, que, pelo menos, tão breve como se desejava, não se pôde pôr em pratica este excellentes pensamento, e que o motivo principal que obsta á realisação d'elle, é não ter a Academia uma ou duas salas onde exponha os trabalhos.

Lamentâmos o facto, e muito mais porque sabemos que aquelle estabelecimento tem feito as maiores diligencias para que os poderes competentes mandem proceder

á construcção de duas salas, cujos projectos foram entregues em tempo ao ministerio das obras publicas.

Bom seria que o actual governo, tomando em consideração o que fica dito, deferisse ao pedido da Academia, e que esta, aproveitando a idéa que ventilou, inaugurasse as novas salas com a exposição dos trabalhos de artistas portuguezes contemporaneos, tão desejada por todos que prezam as bellas artes, e tão precisa até para instrucção dos artistas, que podem ali ver e estudar trabalhos que não conhecem.

L.

O ANTIQUARIO

Em Portugal não se encontra vulgarmente, como em outros paizes e principalmente na Allemanha, o typo do antiquario, homem que passa o tempo a investigar onde poderá achar uma armadura velha, um livro precioso, um primor de esculptura, e que percorre as cidades, as villas e as aldeias para adquirir qualquer objecto com que possa enriquecer a sua collecção.

O antiquario revela-se no modo de vestir. Desconhecendo o luxo e desprezando a moda, representa só por si uma recordação viva do passado. No meio da sua collecção famosa não destoa dos objectos que o rodeiam. Anda sempre de chapéu de chuva, não para se resguardar das intemperies da estação, mas para abrigar as preciosidades que adquire e guarda com a precaução do avaro. Aparece em todos os leilões e vive nas lojas dos adêlos, onde fareja os armarios e os recantos na pista de objecto que lhe faça conta, e com o proposito firme de enganar o vendedor, talvez para se vingar das vezes que tem sido enganado por elle.

Explora com grande prazer as povoações menos visitadas pela gente das grandes cidades. Entra no domicilio do aldeão, onde é recebido com agrado por toda a familia. Basta-lhe para isso a respeitabilidade do porte. Depois de alguns rodeios encaminha a conversação para o assumpto.

— Ora, de que diacho me servem e á minha familia uns alfarrabios e cacos velhos que para ahi tenho? — lhe observa o aldeão. De nada, absolutamente de nada.

— Deixe-m'os ver que talvez façamos algum negociozinho. Eu não desgosto d'essas frioleiras.

— Vou mandar vir alguma cousa que possuo n'esse genero.

E seguidamente o aldeão ordena ás filhas que vão buscar o retrato velho que está coberto de pó atraz da arca, o livro escripto em caracteres desconhecidos e a chave ferrugenta que os pequenos arrastam pelo chão presa a um barbante.

O colleccionador fita os objectos com a expressão do lambareiro que vê deante de si uma bandeja de doces, assenta-se commodamente, põe a luneta no afilado nariz, e começa por examinar o quadro.

Olham todos para elle com o sorriso nos labios e desejando fazer-lhe mil perguntas. O dono da casa já tem vontade de saber se os objectos valem alguma cousa, os filhos observam com a maior curiosidade os movimentos do antiquario, as mulheres riem á socapa do idiota que tem a mania de comprar cousas velhas e só a avó apparecendo á porta, contempla com tristeza o homem que deseja levar-lhe de casa as reminiscencias queridas dos seus bons tempos.

É n'esta occasião que o pintor Sohn representou o assumpto no seu quadro magnifico O ANTIQUARIO, quadro que nós reproduzimos em a nossa primeira gravura.

O MOÇO DE RECADOS

É um philosopho. Encostado á esquina de um prédio que nunca será seu, sacco no braço, barrete apurado, deixando-lhe de fóra a orelha para ouvir logo o *pschiu* de que o chamar, contempla indifferentemente as glórias, as grandezas, e as vaidades que vão pela rua; sorri-se com malicia para os mysterios que avista e de que só elle tem a chave; e fuma, descuidoso da patria e do *deficit*, o seu cigarro ao sol.

Conhece tudo; conhece todos. Tem vivido na rua, e tem vivido da rua; todo o verão passado, levou uma carta por dia áquelle terceiro andar, e voltou logo para a esquina a esperar que lhe trouxessem outra; foi elle que atormentou de manhã durante dois mezes, accordando-o á força de toque de campainha, o devedor rebelde de um crêdor seu freguez; elle e só elle, na pista um dia inteiro de uma familia que andava a visitar as igrejas em quinta feira santa, teve a arte de a seguir na sombra, de ouvir dois officios e um sermão, de não perder o faro na confusão e na balburdia, e de ir gentilmente á meia noite e um quarto acompanhá-la em distancia até o domicilio — só para dizer depois a um cavalheiro, que lh'o incumbira, onde ficava a vivenda d'aquella que mais tarde veiu a dar-lhe a mão de esposa.

Não quiz nunca, como diz o povo, ser nada. Desde pequeno, vida nómada, vida aiçada e leve; segurar cavallos á porta do Martinho, deitar ramos e atirar das torrinhas de boca versos de cores ás bailarinas; ir buscar o jantar para aquelle castellino mysterioso, n'uma rua isolada, onde sem ninguem o sonhar, uma grande senhora ia ás vezes passar o dia longe do seu palacio, na penumbra encantada dos amantes; quando algum tenor fraco queria dar-se o *chic* de ver em sua honra voarem pombinhos em recita de beneficio, era elle quem ia ás varandas despedir essas ternas aves, com tal meiguice ás vezes, que lhes atava um cordel á aza para não voarem de todo e reservar uma ao menos para o arroz da ceia!

Cae-lhe um pouco para cima dos olhos a melena classica dos pensadores; duas farripas á maneira dos Girardin e dos Cobden; ar profundo e firme, nariz abundante, o nariz dos fortes, mostrando mais a mão esquerda do que a direita, como succede por coquetismo natural aos artistas e aos poetas que nunca põem em evidencia a mão que trabalha, a mão dos prodigios, a mão gloriosa; corpo á fresca, em mangas de camisa, calça um pouco á zuavo — a intrepidez, a agilidade — sapato grosso e solido — e, ao meio da cintura — *in medio virtus* — a apparecer a orelha de um suspensorio, o suspensorio dos estadistas, o suspensorio dos graves e dos firmes!

Moço de recados, lhe chamam. E em que póde isso humilha-o? É o confidente da vida, o porta-voz dos negocios, o correio do trato social. Ao que póde elle aspirar mais nobre do que ser util aos seus conterraneos, vencer o tempo e o espaço, resolver as cousas, ser o telegrapho ambulante? O que mais poderia ser, se não quer nada mais da vida, se já passou a idade das illusões, se conhece que com os annos lhe vaec escurecendo o animo e a pelle, se já está um pouco encarquilhado, e até amarelento e fusco da côr de um selim velho!

Altivo de mais para pegar no barril e vender agua como os gallegos seus competidores e seus rivacs, olha-os sem odio, mas sem consideração, — e não lhe inveja sequer a sobriedade, elle que foi sempre n'isso o contrario dos heroes de Tuy e de Redondella, amante do copo de bom vinho que lhe offerecem ás vezes nas casas onde leva uma boa nova, amante até da heraldoce no armazem vizinho á sua estação, ao

seu escriptorio, áquella esquina onde elle se encosta, olhando para a cidade n'uma beatitude de casuista, como quem se compara aos outros e não se sente inferior a elles:

— Moço de recados! diz comsigo. Mais infimo é recebel-os, que leval-os! . . .



A ESTALAGEM DOS TRES ENFORCADOS

CONTO DE ERCKMANN-CHATRIAN

I

Por esse tempo, disse Christian, pobre como um rato de igreja, tinha-me eu asyado nos desvãos de uma casa velha da rua dos Mimesoenger em Nuremberg.

Era uma especie de ninho no angulo do telhado. As telhas serviam-me de paredes e o vigamento de tecto. Tinha de caminhar sobre a minha enxerga para chegar á janella; mas esta aberta na empena tinha uma vista magnifica. Descobria-se d'alli toda a cidade e o campo. Via-se os gatos que passavam gravemente sobre as goiteiras, as cegonhas que traziam ramos no bico para alimento dos filhos, os pombos que saíam dos pombaes com as penmas como leques e que volteavam sobre o abysmo das ruas.

Á noite, quando os sinos chamavam o povo ao *angelus*, escutava, encostado á beira do telhado, o seu canto melancolico, via as janellas que pouco a pouco se illuminavam, os bons burguezes que fumavam cachimbo nos passeios das ruas, e as raparigas de sãia vermelha e curta, com a bilha sobraçada, rindo e conversando em volta da fonte de S. Seboel. Pouco a pouco tudo isto se apagava, os morecos começavam a esvoaçar, e eu ía-me deitar n'uma suave quietação.

O velho adeolo Toubac sabia tão bem como eu o caminho da minha toea, e trepava para lá muita vez. Todas as semanas, a sua cabeça de bode coberta por uma grenha avermelhada levantava o alçapão da entrada, e com os dedos seguros á borda do soalho, gritava com uma voz nazal:

—Então! então, mestre Christian, ha alguma cousa nova?

E eu respondia-lhe:

—Venha d'ahi, entre, acabei agora uma paizagem de que ha de gostar.

Então prolongava-se o seu corpo magro, alongava-se até ao tecto, e elle começava a sorrir silenciosamente.

Devo fazer justiça a Toubac, declarando que nunca reateava. Pagava os meus quadros a 15 florins uns por outros, e vendia-os por 40. Era assim um honradissimo judeu.

Começava a agradar-me este modo de vida, e cada dia lhe descobria novos encantos, quando na boa cidade de Nuremberg se passou um caso estranho e mysterioso.

Proximo á minha trapeira, um pouco á esquerda, era a estalagem do *Boi Gordo*, estabelecimento antigo e muito bem afieguizado. Tinha sempre deante da porta tres ou quatro carros carregados de saccos ou de vasilhas, porque quasi sempre antes de ir para o mercado, vinham alli os aldeões fortalecer-se com um copo de vinho.

A empena do telhado da estalagem tinha uma fórma particular: era muito estreita, aguda, recortada dos dois lados como os dentes de uma serra; nas cornijas e nas cercaduras das janellas tinha esculpturas grotescas e bandas entrelaçadas.

Acontecia, circumstancia notavel, que a casa fronteira reproduzia exactamente as mesmas esculpturas e os mesmos ornamentos: a propria haste que sustentava a taboleta tinha sido fielmente copiada com as mesmas volutas e as mesmas espiraes de ferro.

Parecia que estas duas casas velhas e antigas se reflectiam uma á outra. Havia porém uma unica differença: por detraz da estalagem elevava-se um grande carvalho

sobre cuja folhagem sombria se destacavam as arestas do telhado;—a casa fronteira recortava-se apenas sobre o céu. Além d'isso tão rumorosa era a estalagem do *Boi Gordo*, quanto a outra casa era silenciosa. D'um lado via-se constantemente entrar e sair os grupos dos bebedores cantando, movendo-se, fazendo estalar ás vezes os chicotes. Do outro reinava a solidão. Apenas se lhe entreabria uma ou duas vezes por dia a porta pesada para dar passagem a uma velha baixa com o queixo saliente, o vestido collado aos quadris, um grande cabaz sob o braço, e um punho cerrado contra o peito.

A physionomia d'esta velha havia-me por vezes impressionado; tinha uns olhos verdes e pequenos, um nariz agudo, afilado, com grandes ramagens n'um chale que tinha pelo menos cem annos, com um sorriso que lhe enrugava as faces como as pregas d'um grande laço, e uma touca de franjas pendentes sobre as sobranceilhas. Parecêra-me estranha, e interessára-me a ponto de ter a curiosidade de saber quem era e o que fazia esta velha na sua grande casa deserta.

Julgava adivinhar-lhe uma vida occupada em boas obras e em meditação piedosa. Mas um dia que eu parára na rua, seguindo-a com a vista, ella voltou-se de repente, lançou-me um olhar com uma expressão horrosa, indescriptivel, acompanhado de tres ou quatro hediondas caretas. Depois deixára cair a cabeça tremula, puxára pelo chaile, cuja ponta vinha de rastos, e dirigira-se rapidamente para a porta grande por detraz da qual desapareceu.

—É uma velha louca, pensei eu admirado, uma velha louca, má e velhaca. Fazia bem mal em me interessar por ella. Se eu pudesse ver-lhe outra vez a cara, talvez Toubac m'a pagasse por 15 florins.

Estes gracejos porém não me socegavam. O horri-vel olhar da velha como que me perseguia por toda a parte; e mais de uma vez, quando subia a escada perpendicular da minha toea, sentindo o fato preso algures, estremecia todo, imaginando que a velha teria vindo puxar-me pelas abas do meu fato para me fazer cair.

Toubac a quem contei esta historia não se riu; tomou um ar grave, e disse-me:

—Mestre Christian, cuidado, cuidado se a velha lhe quer mal. Ella tem uns dentes pequenos, agudos e maravilhosamente brancos; ora isto não é natural n'aquella idade. Tem mau olhado, acredite. As creanças fogem quando a vêem e o povo de Nuremberg chama-lhe a *Fleder mausse* (coruja).

Admirei-me da observação do judeu, e impressionaram-me as suas palavras. Como porém encontrasse ao fim de algumas semanas a *Fleder mausse* sem que isso me acarretasse desgraça, passaram-me em breve as terrores superstições e nunca mais pensei n'ella.

Ora aconteceu que uma noite em que eu dormia profundamente fui acordado por uma estranha harmonia. Era uma especie de vibração tão doce e tão melodiosa que o murmuro da brisa na folhagem póde apenas comparar-se-lhe. Escutei durante bastante tempo, com os olhos muito abertos sustendo a respiração para melhor ouvir. Olhei a final para a janella, e vi duas azas que se debatiam, esvoaçando contra os vidros.

Julguei a principio que fosse uma coruja presa no meu quarto; mas a lua appareceu no céu, e eu vi desenvolver-se sobre o seu disco brilhante as azas transparentes e arredadas de uma magnifica borboleta. Vibravam tão rapidas que nem se viam ás vezes; outras, repousavam distendidas sobre a vidraça, deixando ver as nervuras finas e entrelaçadas.

Esta appareição vaporosa no meio do silencio geral,

abriu o meu coração ás mais doces emoções; parecia-me que uma sylphide aerea vinha consolar-me do meu isolamento, e esta idéa enternecen-me e fez-me dizer-lhe:

—Descança meiga captiva, descança que eu não abusarei da tua confiança; não te prenderei contra tua vontade, não, volta, volta ao teu céu e á tua liberdade.

E abri-lhe a janella.

A noite era serena, milhares de estrellas scintillavam no espaço. Contemplei durante um momento este espectáculo sublime, e naturalmente vieram-me aos lábios palavras de oração e de preces.

Imaginem porém o meu horror quando, baixando os olhos, vi um homem enforcado no ferro que sustentava a taboleta do *Boi Gordo*, com os cabellos espalhados, os braços hirtos, as pernas estendidas e juntas, o corpo enfim projectando uma sombra gigantesca até ao fundo da rua.

A immobildade d'esta figura sob os raios da lua tinha alguma cousa de horrivel. Senti a lingua gelar-se-me e os dentes bater em convulsão. Já gritar, quando, não sei porque attracção mysteriosa, olhando mais para baixo, distingui vagamente a velha acocorada na sua janella, no meio das grandes sombras, contemplando o enforcado com um ar de contentamento diabolico.

Tive então uma vertigem de terror, as forças abandonaram-me, e recuando até á parede, caí desmaiado.

Não posso dizer quanto tempo durou este somno de morte. Quando voltei a mim era dia claro. A nevoa da noite, entrando no meu boraco, havia-me molhado os cabellos.

Na rua ouvia-se um rumor confuso. Olhei.

O burgomestre e o secretario estavam á porta da estalagem, e demoraram-se ali por muito tempo.

Muitas pessoas andavam de um lado para o outro, paravam para ver e depois continuavam o seu caminho. As mulheres da vizinhança que varriam as frontarias das casas, olhavam de longe e fallavam entre si. Enfim saiu da estalagem uma maca levada por dois homens, com um corpo envolvido e coberto por um panno de lã. Desceram assim a rua, e os rapazes que passavam para a escola seguiram-nos a correr.

Todos se retiraram.

A janella defronte estava ainda aberta, e no ferro fluctuava ainda um bocado de corda. Não tinha sonhado; não. Era bem certo o ter visto a grande borboleta, depois o enforcado, e enfim a velha.

N'esse dia visitou-me Toubac. Vi-lhe apparecer o grande nariz ao nivel do sobrado.

—Então, mestre Christian, não tem nada que nos venda?

Não o ouvi; estava sentado na minha unica cadeira, com as mãos sobre os joelhos, e os olhos fixos, dilatados, olhando vagamente. Toubac, surprehendido pela minha immobildade, repetiu mais de rijo:

—Christian! ó mestre Christian!... Depois, saltando para o sobrado, veio sem mais cerimonia bater-me no hombro.

—Então que é isso, que ha de novo?

—Ah! é Toubac?

—Creio que sim. Mas que tem? está doente?

—Não, estava scismando.

—Scismando em que?

—No enforcado.

—Ah! exclamou o adeão—Viu-o? Coitado—pobre moço! Que singular acaso! É já o terceiro no mesmo sitio.

—O que?! o terceiro?

—É verdade. Eu já lhe devia ter contado isto para o prevenir. A final ainda é tempo. Estou certo que ainda

ha de haver um quarto que siga o exemplo dos outros. N'estas cousas como em tudo, o que custa é a principiar.

Dizendo isto, Toubac sentou-se na borda do meu bahú, feriu lume, accendeu o cachimbo, e começou a lançar o fumo para o ar com um ar meditativo.

—C'os diabos! Disse elle, não me tenho por muito medroso, mas se me propozessem o passar a noite em semelhante quarto, declaro que preferiria ao menos ir-me enforçar n'outro sitio.

Imagine, mestre Christian, que, ha nove ou dez mezes, se apeou na estalagem do *Boi Gordo* um homem de Tubing que negociava em couros. Pediu de ceiar e viram-n'o comer e beber com excellento appetite. Dão-lhe a final o quarto do terceiro andar,—o quarto verde, como lhe chamam—e no dia seguinte acham-n'o enforcado no ferro da taboleta.

Enfim—era a primeira vez que tal succedia—que diabo!—ninguém pensou mais em tal.

Lavrou-se auto do corpo de delicto, e enterrou-se o homem no fim do quintal.

Seis semanas depois chega um militar de Newstadt. Tinha deixado o serviço, o vinha todo alegre de voltar para a sua aldeia. Esteve toda a noite a beber e a fallar de uma prima que o esperava para casar. Enfim levaram-n'o para o mesmo quarto do terceiro andar, e n'essa noite o Watchmann, quando passava pela rua dos *Minnesoenger*, divisou o que quer que fosse suspenso no ferro da taboleta. Levantou a lanterna, e viu o militar com a baixa mettida n'un canudo de folha caído sobre a perna esquerda, e os braços estendidos chegados ao corpo como se estivesse na fórma.

D'esta vez era extraordinario. O burgomestre fez um barulho dos diabos. Revistaram o quarto, sondaram as paredes, e enviaram uma certidão de obito para Newstadt.

O escrivão escreveu: morto por uma apoplexia fulminante.

A gente de Nuremberg indignou-se contra o estalajadeiro. Houve mesmo quem o quizesse obrigar a tirar o ferro da taboleta, dizendo que inspirava idéas perigosas. Mas calculo que o velho Nickel Schmidt não fez caso de tal, respondendo, que seu bisavô tinha posto o dito ferro ali com a taboleta do *Boi Gordo*, onde se conservava de paes para filhos, havia cento e cincoenta annos; que o ferro não fazia mal a ninguem, nem mesmo, por estar a trinta pés de altura, aos carros cheios de feno, que lhe passavam por baixo; que finalmente áquelles a quem a sua vista perturbasse, elle recommendava como remedio infallivel, o voltarem a cara e os olhos para o outro lado.

A final tudo soceçou, e durante muitos mezes não aconteceu mais nada.

Infelizmente, um estudante de Heidelberg que ia para a universidade, parou ante-hontem no *Boi Gordo* e pediu um quarto. Era filho de um padre protestante.

Quem havia de suppôr, que o filho de um padre protestante pensaria em se enforçar no ferro de uma taboleta, porque um commerciante gordo e um militar com baixa lhe haviam dado o exemplo? É forçoso confessar, mestre Christian, que nada n'este mundo tinha menos probabilidades. Porque enfim, o que os outros haviam feito não me parece rasão sufficiente... Pois bem, o estudante...

—Basta, basta! Exclamei eu: mas isso é horrivel! Presinto no fundo de tudo isso um mysterio espantoso. Nada: a causa não está no ferro, nem no quarto.

—Então desconfia do estalajadeiro, que é o homem mais honrado que ha no mundo, de uma das familias mais antigas de Nuremberg?

— Não, não. Deus me livre de lançar suspeitas sobre alguém; mas ha abyssmos que os nossos olhos não se atrevem a sondar.

— Bem, bem, tem razão, disse Toubac espantado da minha exaltação; é melhor fallarmos de outra cousa. Vamos a saber, mestre, e a minha paisagem de Sainte Odile?

Esta pergunta fez-me voltar ao mundo real. Mostrei ao adeo o quadro que terminára, Concluimos o negocio, e Toubac desceu a escada contente, e recommendando-me que nunca mais pensasse no estudante de Heidelberg.

Teria de boa vontade seguido o conselho do adeo, se fosse facil expulsar o diabo quando este se mette em qualquer cousa.

(Continúa.)

B.

OBRAS DE ARTE PORTUGUEZAS
QUE FIGURARAM NA EXPOSIÇÃO DE MADRID EM 1871

(Continuação)

Quatro foram os quadros que o sr. Antonio Manuel da Fonseca apresentou em Madrid: *Uma tagide*, *Eneas fugindo ao incendio de Troja*, *A nympha Peristero* e *O amor conjugal*.

Na litteratura e nas artes tem-se produzido ultimamente, como é sabido, notavel transformação. A escola romantica teve de ceder o passo á escola realista. Dumas filho com *A Dama das camelias* assombrou n'um dia a popularidade ganha pelo pae em centenaes de obras.

Os quadros do sr. Fonseca estão para os da moderna escola, para os de Courbet, por exemplo, como *O Conde de Monte Christo* está para o *Romance de uma mulher*. Pertencem a uma escola que já passou. Entretanto quem lhes prestar desapaixonada attenção, encontrará n'elles amudadas provas do talento do mestre e da sua longa pratica de pintar. O quadro que representa *Eneas* é, em nosso humilde parecer, o melhor que o sr. Fonseca mandou á exposição, com quanto pertença tambem á escola e maneira que serão em pouco no mundo artistico — usando da phrase de certo critico — um verdadeiro archaismo.

O sr. Isaias Newton tem talvez produzido melhor do que o que mandou a Madrid. É artista que vê bem o natural, mas pecca muitas vezes em reproduzil-o com grande mimudencia. As suas composições preside sempre a serenidade; céus puros, longes azulados, arvores tranquilladas. Ha falta de ardor nos seus quadros. Se nos atrevéssemos a dar-lhe um conselho, dir-lhe-íamos que procurasse mais o effeito geral e o contraste da natureza, reproduzindo o aspecto da paisagem sem se preocupar tanto com a parte technica, em que se nota quasi sempre minuciosidade de toque mais apreciavel nas pinturas de pequenas dimensões.

Tres foram os quadros que expoz *Palacio real da Ajuda e foz do Tejo*, *As duas fronteiras*, *Portugal e Hespanha*, e *Arraballes de Santarem*.

Estas telas, não obstante resentirem-se dos pequenos defeitos que apontámos e dos quaes o artista ha de com o tempo forçosamente emendar-se, porque tem elementos para isso, possuem incontestaveis bellezas que lhe mereceram em Hespanha a attenção das pessoas entendidas e os elogios dos bons criticos.

O retrato do padre Antonio Vieira é o unico trabalho em pintura que o sr. Antonio José Nunes enviou.

Este quadro era já conhecido, e d'elle se occupou

muito a imprensa quando pela primeira vez esteve em exposição.

Com elle mandou tambem o sr. Nunes uma *Nossa Senhora* desenhada primorosamente a lapis, e copiada de um quadro que existe na galeria nacional.

O sr. Pedroso figurou com tres quadros de marinhas: *Noite de luar*, *Torre de Bugio* e *Corveta Estephania*, que foram devidamente estimados, pois estão á altura do merecimento revelado por este artista em innumeras composições.

Apresentou mais dois quadros contendo varias gravuras em madeira, pelas quaes se póde facilmente julgar o estado em que se acha entre nós este ramo de bellas artes, por isso que o sr. Pedroso é um dos primeiros gravadores em madeira que ha no paiz.

Uma romaria (districto de Vizeu) e *Um mercado* são os assumptos de dois sympathicos quadrinhos que representaram em Madrid o talento do sr. Leonel. Ambas as composições são graciosas e têm as figuras tocadas com finura e delicadeza; ambas porém têm pouco colorido. A critica póde notar-lhes tambem demasiado acabamento nos ultimos planos com manifesto prejuizo do effeito geral. Seria pois para desejar que n'outros quadros o sr. Leonel attendesse de preferencia ao assumpto e grupos que o representam, não se occupando tanto dos *detalhes* nas figuras secundarias.

Duas formosas telas estiveram expostas, assignadas pelo sr. Joaquim Prieto: *O presente do casal* e *Hortaliças*.

Segundo informações que temos, não figurou em Madrid nenhum *bodegone* — como os hespanhoes chamam a este genero de pintura — que valesse o quadro de *Hortaliças* do sr. Prieto. Estes dois trabalhos que foram feitos, se não nos enganámos, para a primeira exposição da Sociedade promotora de bellas artes, receberam n'essa occasião sinceros elogios pelo merito que encerram.

Sempre que temos de referir-nos a trabalhos artisticos ou litterarios de uma senhora, sentimos extraordinario prazer, e ao mesmo tempo grande receio, porque o acatamento devido ao sexo formoso nos impede de fallar com desassombro e franqueza.

A ex.^{ma} sr.^a D. Maria Guilhermina da Silva Reis, esclarecida senhora a quem devemos os maiores respeitoes, colloca-nos porém na melhor posição para lhe criticarmos as suas obras com sinceridade e afouteza. Tendo de lutar com as difficuldades que se levantam a cada passo em Portugal para o artista estudar a natureza e os grandes mestres, principalmente se o artista é uma senhora, muito faz a sr.^a D. Maria Guilhermina da Silva Reis conseguindo apresentar-nos telas de tanto merecimento.

Quatro foram as que enviou a Madrid: *O castello de Palmella e quinta do sr. O'Neill em Setubal*; *A entrada do Tejo, vista dos arraballes de Lisboa*; *O Bom Jardim e seus arredores, vista tirada no monte Abraham em Bellas*; *Castello e Chalet da Pena em Cintra, propriedade d'El-Rei D. Fernando*.

Todos estes quadros revelam talento e applicação, recommendando-se principalmente pela verdade com que são pintados os longes. Se a sr. D. Maria Guilhermina estudasse melhor os primeiros planos, cujo desempenho não está em relação com os ultimos, difficil seria á critica mais severa apontar defeitos capitães aos seus quadros.

Dos que noticiámos aqui, temos por melhor o que representa *O Castello de Palmella e quinta do sr. O'Neill em Setubal*, cuja entoação suave e melancolica dá perfeita idéa da hora em que o ponto foi escolhido.



MAGDALENA.

O sr. Santa Barbara expoz uma miniatura representando em retrato a familia real portugueza.

Tem merito este artista, mas precisa applicar-se, principalmente a desenhar, para ser mais correcto nos seus trabalhos.

O retrato de S. M. El-Rei e o sr. D. Luiz e o de S. M. a Rainha, pelo sr. José Machado Carreira dos Santos, são prova do merecimento do seu auctor; a critica porém pôde notar-lhes defeitos, de certo muito desculpaveis em artista que principia, mas que bom será não se repitam em novas composições.

Os retratos estão parecidos, mas isto não basta; ambos têm falta de côr e algumas incorrecções de desenho, que mostram que o artista não consultou o natural quando desenhou as figuras.

Fazemos estas reflexões ao sr. Machado, procedendo a seu respeito como procedemos com o sr. Isaias, porque desejando nós usarmos de franqueza e imparcialidade para com todos, preferimos todavia mostrar-nos menos benevolos com os artistas de reconhecido talento, do que com os que nada valem. E a rasão é porque áquelles pôde a severidade da critica ser util, visto que a comprehendem, enquanto que aos ultimos de pouco serve deprimil-os ou elogial-os, porque nunca passam do que são.

Um dos nossos artistas mais infatigaveis é sem duvida o sr. Luiz Ascensio Tomazini, notavel pintor de marinhas, a quem a pratica de muitas e muito longas viagens conferiu largo subsidio para o emprehendimento dos seus paineis.

Mandou este artista para a exposição de Madrid onze quadros denominados *Entrada de Lisboa, Pharol da Guia, Calmaria, Torre do Bugio, Cabo da Roca, Pharol de Santa Martha, Barco de pesca fundeado, Saveiro Moleta, Uma pedra, Barco de pesca*.

De todos o mais estudado é o primeiro, *Entrada de Lisboa*. Este quadro tem boas qualidades; aguas transparentes, perspectiva bem entendida e colorido apropriado. Não gostámos porém da Torre. Desejariamos que o artista a tivesse tratado melhor, no que muito ganharia o conjunto da composição.

Depois d'este quadro apreciámos *A calmaria*, onde ha harmonia e socego.

Alem dos trabalhos expostos nas salas da Academia real das bellas artes antes de serem enviados á exposição internacional de Madrid, outros foram remettidos directamente pelos artistas, alguns dos quaes trabalhos tivemos a honra de ver nos *ateliers* de seus auctores.

Figura em primeiro logar o quadro do sr. Lupi denominado *A familia*, composição agradável e bem desenhada. A principal belleza d'este painel é o menino deitado no collo da mãe, o qual está admiravelmente estudado do natural, e por isso de uma verdade que fascina.

É pena que o quadro seja um pouco fraco de claro escuro e de côr, o que certamente foi devido ao artista não poder dispor do tempo sufficiente para melhor concluir a sua obra.

Ao quadro *A familia* coube a honra de ser premiado com a medalha de 2.^a classe, e gravado n'uma das paginas da excellente folha *Ilustração hispano-americana*.

Não tivemos a honra de ver os quadros que o distincto professor da Academia do Porto, sr. Rezende, artista que nós muito considerámos, expoz em Madrid. Por isso temos de nos soecorrer ao que o sr. Tubino diz no seu livro de critica, e é o seguinte:

«No salão do throno estão duas telas de Rezende, artista portuguez, que são prenuncio de boas facultades. Intitulam-se *Aldeã da Mortoza* e *Pescador portuguez*. Noto em ambas riqueza de colorido e bom desenho.»

O sr. Bordalo Pinheiro (pae) figurou com quatro quadros chamados, *A lenda da pega de Cintra; O leitor de Cervantes; O copo de agua e O pasteleiro de Belem*.

O novo genero a que o sr. Bordalo (pae) se dedicou, tem-lhe valido merecidos encomios das pessoas entendidas em bellas artes.

Sentimos que este artista não enviasse a Madrid *O bibliophilo*, por ventura o melhor trabalho que tem saído dos seus habéis pinceis. Entre os que mandou parecem-nos preferiveis *O pasteleiro de Belem e O leitor de Cervantes*, porque são os de mais vigor e correção de desenho, embora n'elles, como nos demais, haja alguma monotonia nos escuros.

O espirituoso caricaturista sr. Bordalo Pinheiro (filho) apresentou um grande desenho feito a carvão, cujo assumpto denominou, se não estamos em erro, *A volta da igreja (boda na aldeia)*.

É produção em que facilmente se adivinham as facultades humoristicas do desenhador, e que revela talento e espirito de observação, accusando ao mesmo tempo certa necessidade no artista de estudar bem o natural.

Figurou tambem com algumas aguarellas de costumes populares, que mereceram attenção, tendo sido a que representa *Um vendedor de palitos e rocas*, gravada na *Ilustração hispano-americana*.

Em esculptura, segundo informações que tivemos de pessoas auctorizadas, e pelo que lemos sobre o assumpto, somos levados a crer que os artistas portuguezes figuraram em Madrid tão bem como os nossos vizinhos hespanhoes.

Por todas as rasões mencionaremos em primeiro logar o nome do sr. Victor Bastos, que mandou *Um projecto de monumento dedicado á memoria dos navegantes portuguezes*.

Não tivemos o gosto de ver a obra do distincto escultor, a qual não figurou na exposição da academia, porque foi enviada directamente pelo artista; por isso nada podemos dizer a respeito d'ella.

Infelizmente nem da opinião do sr. Tubino nos podemos valer n'esta occasião, porque a respeito do trabalho do sr. Bastos diz apenas o illustre critico, que é um pouco pesado, mas grandioso.

O Adonis combatendo com o javali, grupo em bronze executado pelo sr. Fonseca, é tão conhecido de outras exposições, que nos considerámos dispensado de fallar d'esta excellente esculptura.

O sr. Simões, um dos modernos artistas mais estudiosos e de mais talento, discipulo muito considerado pelos seus professores Assis e Bastos, em Lisboa; Jouffroy em Paris e Monteverde em Roma, enviou tres excellentes trabalhos, dos quaes um, *O joven grego*, obteve por premio a medalha de 3.^a classe.

Os trabalhos são *Um joven grego agradecendo a Jupiter o seu triumpho nas corridas olympicas* (estatueta em gesso); *Cabeça de expressão* (em gesso); *O concilio dos deuses maritimos* (baixo relevo em gesso).

Na estatueta ha estylo apurado e muito estudo anatomico; tem nobreza a figura, e é pena ser de dimensões menores que o natural. A *cabeça de expressão* é bem feita, e o baixo relevo tem bastante merecimento.

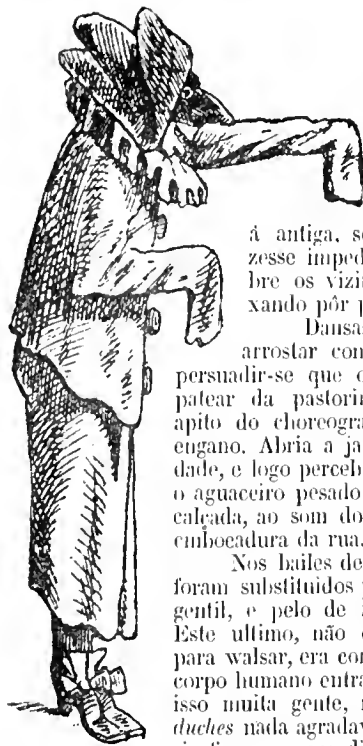
Dizem-nos que o jury de Hespanha foi pouco justo com este artista, porque, se não estão em erro os nossos informadores, premiou obras de menos importancia do que a estatueta do sr. Simões, com medalhas de maior consideração.

Outro escultor de talento que honra as artes do seu paiz é o sr. Alberto Nunes, discipulo distinctissimo do sr. Cahnel, em Lisboa, e do sr. E. Guillaume, em Paris.

Este artista mandou a Madrid uma estatua em gesso que figura *Cornelia trazendo para Roma as cinzas de seu marido Pompeu*. Ha nobreza na attitude da estatua, linhas graciosas na composiçao e o panejamento é bem estudado. O trabalho do sr. Alberto mereceu-lhe ser premiado com a medalha da 3.^a classe.

(Continua).

CHRONICA DO MEZ



allemos verdade: não houve entrudo, ou antes sómente ao céu foi permitido jogar o entrudo este anno.

E de que maneira o céu faz as cousas quando as comprehende! Desprezando com a maior sem cerimonia o edital do governo civil, brincou á antiga, sem que pessoa alguma lhe pozesse impedimentos. Era agua a potes sobre os vizinhos cá de baixo, não os deixando pôr pé em ramo... *secco*.

Dausas, foi rara a que se atreveu a arrostar com a cheia. Chegava a gente a persuadir-se que ouvia o sonoro e modesto sapatear da pastorinha, dirigido pelo intelligente apito do choreographo de praça; mas qual—era engano. Abria a janella com a mais viva curiosidade, e logo percebia que se tinha equivocado com o aguaceiro pesado que bailava sobre as pedras da calçada, ao som do rijo sueste que assobiava pela embocadura da rua.

Nos bailes de mascaras o *dominó* e o *pierrot* foram substituidos pelo *costume de ondina* no sexo gentil, e pelo de *mergulhador* no sexo barbado. Este ultimo, não obstante ser um tanto pesado para walsar, era contudo o unico que permitia ao corpo humano entrar na sala um pouco enxuto. Por isso muita gente, não querendo expor-se a estes *duches* nada agradaveis no mez de fevereiro, preferiu ficar em casa, divertir-se com a familia, a tomar parte nos folguedos publicos.

O inesperado temporal influiu muito, como deve suppor-se, na receita dos theatros, mas não obston, felizmente, a que se representassem algumas peças novas.

Foram muitas as traducções que receberam na semana do carnaval a saueção do publico. Se me permitem, porém, não fallarei d'ellas, embora respeite bastante os traductores, e tenha por elles mais deferencia do que certo critico que dizia, ha dias, n'uma revista litteraria publicada não me lembra onde:

«Os traductores são apenas inquilinos do predio que habitam, e toda a gente os accusa de fazerem mais estragos do que melhoramentos na casa que os abriga.»

Das composições originaes, citarei em primeiro logar a *Historia de um enforcado*, comedia burlesca do sr. Francisco Gomes de Amorim.

Todos sabem que uma pertinaz doença tem privado as letras patrias dos valiosos serviços que o sr. Gomes de Amorim lhes podia prestar.

Auctor applaudido, poeta estimado, prosador correctissimo, em mais de um drama, de um volume de versos e de um conto interessante, mostrou o sr. Amorim, quanto o seu espirito estava desannuviado das tristezas da doença, de quanto era capaz o seu robusto talento cultivado por cuidadoso e perseverante estudo.

O theatro, porém, foi o campo onde alcançou maiores victorias. *Odio de raça*, *Ghigi*, *Cedro vermelho* e outros dramas de grande fama, popularisaram o nome do notavel escriptor e deram avultados lucros a empreza que então geria o theatro de D. Maria II.

Ao sr. Gomes de Amorim coube a honra de adivinhar o genero propagado hoje pelos librettistas de Offenbach. Julgarão alguns que fraca honra cabe a quem escreve peças d'aquelle feitio. Quanto a mim, entendo que muitas d'ellas são feitas com grande talento, porque têm espirito e critica delicada, qualidades que não se encontram muitas vezes nas da outra escola. Aquellas *pochades* são para os bons modelos das composições dramaticas o mesmo que a caricatura é

para os quadros serios, e ninguém dirá que a caricatura é um ramo das bellas artes sem merecimento.

Voltaire costumava dizer que no theatro não é pateado quem quer; creio que será licito concluir d'esta phrase do grande philosopho, que se é preciso talento para fazer uma peça que o publico patiea, mais talento deve ser necessario para produzir uma que as plateas applaudem; e a *Gran-Duqueza*, o *Barba Azul*, a *Bella Helena* e outras têm recebido applausos em todos os theatros da Europa, não só pela musica, mas tambem pelas situações chistosas e pelos bons ditos de que são recheadas.

Mas voltando ao que disse a respeito do sr. Amorim ter adivinhado o genero dos librettistas de Offenbach: Epiphapio presentiu o genero, o sr. Amorim produziu-o.

No prologo que precede a peça *Figados de Tigre*, mandada imprimir por conta do auctor em 1869, conta o sr. Amorim o seguinte:

«... escrevi o primeiro acto dos *Figados de Tigre*, e li-o a Epiphapio. O grande artista rugiu de enthusiasmo, logo ás primeiras scenas. Semelhante ao cavallo arabe, que perdido com seu dono nos desertos ardentes do Sahara, sente repentinamente debaixo dos pés a fresquidão de um veio de agua proximo, assim o illustre actor fajejára, no começo da minha obra, o genero que havia muitos annos acariciava a sua phantasia!

Imagine-se a minha estupefacção, vendo-o correr e saltar pela casa, com risco de me quebrar os trastes, depois de ter tentado quebrar-me as costellas com um abraço.

—Homem, toma juizo! Tu já não és creança e...

—Acaba isso! Acaba isso depressa, se queres ganhar dinheiro e salvar o theatro!

—Pois julgas?...

—Se julgo?! o futuro da arte está n'esse genero, ou não está em cousa nenhuma.

—Não digas heresias! olha que insultas a arte e o senso commum; isto não passa de uma brincadeira, que eu escrevo por desenfado de outros trabalhos aborrecidos.

—Pois sim, seja brincadeira ou o que quizeres; porém, eu, que conheço a terra em que vivo, digo-te que tens debaixo das mãos o melhor elemento de receita, que pôde haver para os theatros; e posso affirmar-te, que esta especie de obras ha de enriquecer algumas emprezas futuras.»

O grande actor não se enganára nas suas prophcias.

A peça *Figados de Tigre* representou-se e o publico ao receber pela primeira vez tamanho choque mostrou-se surprehendido. Depois concorreu, movido pela curiosidade, a ver um espectáculo inteiramente novo para si, e auctor e empreza obtiveram o mais lisonjeiro resultado de tal enprehendimento.

Ora foi o auctor do celebre melodrama dos melodramas, que, ha pouco, durante um pequeno allivio da enfermidade que o apoquentava, escreveu, para se distrahir, a *Historia de um enforcado*, peça filiada no genero que inaugurou quando fez representar os *Figados de Tigre*.

A nova comedia burlesca do sr. Amorim é pois uma composiçao carnavalesca, bem dialogada, e cuja idéa bastante espirituosa, produziria talvez situações de melhor effeito se fosse aproveitada com mais vagar. Ainda assim é trabalho de escriptor pratico nas lidas da scena, e fez todo o carnaval do theatro de D. Maria II, cumprindo rigorosamente com o seu dever, que era provocar o riso no publico.

No theatro do Principe Real deu-se com grande applauso a revista do anno de 1871, *Cosas do arco da velha*, original do sr. Baptista Machado.

A revista do anno é para mim uma das manifestações do theatro que mais me entretêm. Difficil de executar pela paciencia de que se necessita para cerzir aquellas cobertas de retalhos, este genero de trabalho dá ao auctor gloria ephemera, pois que, passados os primeiros mezes do anno, o catalogo critico dos acontecimentos mergulha no insondavel abysmo do esquecimento, d'onde ninguém mais o salva, por muito bem feito que elle esteja.

Tres são as principaes condições a que uma peça d'esta ordem precisa satisfazer; ter graça, criticar bem os factos, e regista-los todos.

A estas clausulas impostas pelo publico obedece a nova peça do sr. Baptista Machado, e ali está porque ella tem despertado a curiosidade e é applaudida sempre que se representa.

No theatro da Rua dos Condes e no das Variedades tambem se representaram tres comedias originaes. *A filha do alabardeiro*, pelo sr. Graça, n'este; *A familia do bailarino*, pelo sr. Desforges e *A filha do regimento*, pelo sr. Araujo, n'aquelle.

A primeira e a ultima são composições ligeiras de auctores inexperientes; *A familia do bailarino* é apenas um pretexto para a parodia do baile hespanhol *Ayer y hoy*, dançado ha tempos no Circo e no Gymnasio.

Registro porém estas peças com muito prazer, porque entendo

que n'um paiz em que os theatros se alimentam de traducções, não deve passar sem menção qualquer original por mais modesto que seja.

O inspirado poeta sr. Pereira da Cunha publicou *O voto de El-Rei*.

Parece que a origem d'este poemeto está na tradição portugueza de que El-Rei D. Manuel subira a serra de Cintra a fim de ver se descobria nos largos horisontes que d'alí se avistam, a armada da India, cuja demora lhe preocupava o espirito, fazendo voto n'aquelle logar á Senhora do Restello de lhe erigir um mosteiro, se a frota chegasse ao Tejo a porto e salvamento.

Não tive o gosto de ler esta ultima obra do sr. Pereira da Cunha, que apenas foi distribuida a limitado numero de pessoas. Estou certo porém de que hão de abundar n'ella todas as qualidades eminentes que se encontram nas demais produções do illustre poeta, qualidades que as elevam á altura em que se acham os trabalhos litterarios portuguezes de primeira ordem.

Corre impressa a excellente comedia de Ponsard *Horacio e Lydia*, traduzida em verso pelo sr. João de Deus.

Todos conhecem o talento do traductor, por isso não é para admirar que a produção do poeta francez esteja vertida em primorosos versos portuguezes. Eu admiro sobretudo a naturalidade com que o harmonioso dialogo da comedia está feito; ao ler aquellas phrases medidas e rimadas sem esforço, fica a gente persuadida... de que pôde conversar em verso.

Parece que esta composição será representada no theatro de D. Maria II por Emilia Adelaide e Santos. É digna d'isso.

Não me consta que durante o mez apparecessem outras publicações de avultada importancia, e se por ventura appareceram ainda não houve occasião de se lhes prestar a attenção devida, porque os espiritos têm andado preocupados com tres assumptos da maior ponderação: — a questão do Alabama, o cometa que ameaça dar cabo do mundo no proximo verão, e a direcção dos balões.

A respeito do primeiro assumpto nada posso referir alem do que os jornaes diarios têm escripto, e para repetir o que já se sabe melhor é não dizer nada. Acerca do segundo, incumbem-se o espirituoso caricaturista sr. B. Bordallo Pinheiro de contar com o seu lapis inspirado, como o caso se ha de passar. Com relação ao terceiro, permittam-me que em vez de lhes apresentar algumas reflexões da minha lavra, transcreva as que publicou certo escriptor francez, acerca de similhante descoberta.

Quando todos são unanimes em encarecer as vantagens da viação aerea, pretende elle provar com os seguintes argumentos, que o balão, mesmo depois de encontrado o segredo de o dirigir, ficará muito aquém da locomotiva.

«A aerostação — diz — por mais que se trabalhe, nunca ha de fazer séria concorrência ao caminho de ferro.

«Supponhamos que a famosa direcção está descoberta. E d'alí? Será crível por ventura que estesapparelhos possam conduzir alguma vez as enormes cargas que o vapor transporta sem difficuldade? Poder-se-ha rivalisar um dia em velocidade com o *railway*? O proprio vento se lhe combaterem o impeto, será sempre uma resistencia que atrazará as viagens.

«Quanto á direcção exacta, como se ha de evitar na derrota qualquer desvio, por mais pequeno que seja, e, havendo-o, de que modo se ha de estabelecer o serviço exacto para os transportes?

«Já não fallo dos perigos que a aerostação fará correr aos que andarem lá por cima em viagem e aos que passeando cá por baixo, estarão em continuado risco de apanharem, de vez em quando, com um passageiro ou com uma ancora na cabeça.

«Não fallarei tambem das difficuldades da descida. Quando os balões circularem aos milhares (e só então se chegará a um resultado verdadeiramente pratico) metade dos habitantes do globo andará occupada em se dependurar nas cordas dos aerostatos em que viajar a outra metade.

«Portanto, ainda mesmo que se resolva o problema, ficaremos infinitamente menos adiantados do que muitos esperam, não contando com a completa revolução que se produzirá nas relações internacionaes, com a impossibilidade da policia devidamente funcionar e com muitas outras coisas.

«Seja como for, em consequencia d'esta bem legitima curiosidade que obriga o homem a trabalhar para descobrir o que ainda se conserva desconhecido, a direcção dos aerostatos continuará sendo o *desideratum* d'este seculo, enquanto não for vencida a pretendida impossibilidade. Basta o prazer do triumpho para incitar na luta.

«Quanto a M. Dupuy-de-Lome, direi que está ainda muito longe do fim a que se propõe. Presentil-o-ha?

«Consta-me que M. Giffard, pela sua parte, prosegue nas suas investigações, fencionando realisar brevemente algumas experiencias.

«*Bon courage!*»

Eis aqui pois uma opinião sobre o assumpto, que se não é ab-

solutamente boa, é contudo muito melhor do que seria a minha, se me aventurasse a dal-a.

Julgo não dever terminar esta resenha sem denunciar ao leitor dois bellos quadros que ha pouco vi no *atelier* de seus auctores.

Um é o retrato de uma interessante menina, pintado com muita felicidade pelo sr. Ferreira Chaves.

Se a missão do retrato fosse apenas ser similhante, aquelle eumpria já n'isso a sua missão; mas alem da similhança é preciso haver boa execução artistica para que o retrato seja tambem quadro e se torne digno da attenção dos que não têm a honra de ser da familia ou do conhecimento do modelo. Ora n'estes casos está o retrato a que me refiro, porque alem de ser desenhado com muita correccão, tem todos os attractivos com que um bom colorista sabe enriquecer as suas telas.

O outro quadro é do sr. Prieto e representa um grupo de coelhos surdindo de entre uns vasos onde estão plantados viscosos arbustos.

Difficil será pintar com mais verdade uma composição d'aquelle genero. As plantas têm sol, os coelhos estão vivos. Eu tive de observar o quadro muito calado e muito quieto. Estava-me deleitando tanto ver aquelles animaesinhos, tinha tanta pena de me separar d'elles ou de que elles se separassem de mim, que sabendo-os assustadiços e vendo-os com as orelhas espetadas á escuta do mais pequeno ruido, não avancei um passo, não dei uma palavra, com receio... de que elles fugissem.

RANGEL DE LIMA.

RUY BLAS

DE MARCHETTI

Já sei que vão dizer-me que esta musica não é original nem philosophica, que corre de vez emquando para um lado e para o outro á procura de idéa, colhe quando bem lhe parece algum pensamento alheio, e tem trechos que são para nós como que antigos conhecimentos, a quem se tira o chapéu dando-lhe o Deus te salve... Sei que me julgam com obrigação de zelar o sentimento da arte pura, e enfurecer-me até o ponto de provar n'este artigo que o entusiasmo com que foi acolhida em Lisboa esta opera se deve ao estrago a que chegou o gosto entre nós, proveniente do abuso, em quasi todos os nossos theatros, de musica de Offenbach, que, no dizer de alguns publicistas pequenos, não é musica.

Ai de mim! Como hei de confessar-lhes que não sou d'essa opinião, e que até comprehendendo perfeitamente que se possa estimar a phantasia graciosa do compositor da *Gran-Duqueza* sem deixar por isso de apreciar as idéas poeticas, as aspirações ideaes, o amor verdadeiro, e todos os sentimentos sinceros da alma. Não me parecem incompativeis esses dois generos como se fossem o bem e o mal, a fealdade e a formosura, a distincção e a baixezza; nem julgo defezo por nenhuma lei casta e mysteriosa da natureza, a quem haja bebido pela taça aguardentada do *Barba Azul*, chegar os labios, ainda humidos d'essas bebidas brancas, ao vaso sagrado em que sacia a sede em suave ebriedade a divina poesia!

Não; a decadencia do gosto não tem que ver com isto, e, se elle se sustenta ainda para alguma coisa entre nós com vivaz sentimento de independencia e de rasão, é para a musica, como se revela na preferencia do publico pelo theatro lyrico e no entusiasmo com que applaude, não só a opera gentil de Marchetti, mas as composições severas de Meyerbeer e ultimamente ainda o grave spartito de Verdi, em que o maestro sacrificou sabiamente á côr da epocha e ao caracter da acção as suas predilecções usuaes pelos motivos brillantes e pela chamada musica de effeito.

Extremamente agradavel ao ouvido, tendo por *libretto* um entredo muito conhecido e, conquanto inverosimil, dramatico; escripta com o cuidado e os recursos de quem tem estudado profundamente a sua arte, o que lhe tem valido os louvores serios dos competentes, Ruy

Blas pôde não ser uma producção do genio, não derivar da originalidade de um talento característico que com nenhum outro se confunda nem inite alguem, não ser a sublimidade, não ser a grande invenção, mas é com certeza a sensibilidade, a graça, de umas vezes a galanteria, de outras a melancolia do amor.

A symphonia lembra a introdução do *Fausto*; aqui e ali vem um motivo nosso amigo, ora de uma opera ora de outra, séria ou ligeira, um parecido com o *D. Carlos*, outro parecido até com a *Ponte dos suspiros* d'esse esconjurado Offenbach, a quem acho tanto talento, de quem tanto se desdenha, e que tanto prazer nos tem dado; ha d'isso tudo, é verdade, e passa ás vezes na orchestra um sopro de opera-comica, e outro sopro, no canto, de zarzuela; mas ha inspirações propriamente de Marchetti tambem, ou que, se o não são, por tal fórma está a marca tirada á roupa que nem os donos a conheceriam: o duetto do terceiro acto, por exemplo, do tenor e dama, apaixonado, meigo, e o terceto do ultimo acto em que a phrase do barytono é uma verdadeira joia.

Eliminado o alegre maltrapilho D. Cesar de Bazan, conde Garoffa, aquelle amigo que vivia de enganar eredores, jogar com bandidos e acceitar a qualquer diabo de salteador da sua amizade algum magnifico gibão rondado, que no inverno o abafasse e no verão o fizesse airoso, corre a acção da opera apenas entre D. Sebastião, a ruinha, Ruy Blas, e tem para duas d'estas partes dois grandes interpretes, madame Fricci e Cotogni: nenhum d'estes é o protagonista, bem sei, e *Ruy Blas* sem Ruy Blas é uma especie de borracho com ervilhas... que não tenha senão ervilhas; mas o tenor, que continua a ter, é claro, a mesma voz desagradavel que, se faz algum mal a quem o ouve, ainda a elle lhe tem feito peor, conseguiu attingir uma regularidade perfeitamente acceitavel, e ser applaudido. Que mais lhes direi? Applaudido sem contrariedade! Não sabia a gente qual era mais inverosimil, se ver aquelle heroe passar de lacaio a ser excellente ministro, integro, atilado e conhecedor das cousas, ou ver o tenor, que o representa, ir n'um pulo dos chius e das pateadas a uma ovação sem protestos!

Cotogni, o mais primoroso artista que ha muitos annos tem vindo a S. Carlos, realisa uma creação notabilissima. É a perfidia, a ironia, a sagacidade fatal de D. Sallustio. Sempre em scena, como se diz em phrase de theatro, não esquecendo nunca o seu personagem, fidalgo, perverso, e cantando sempre no melhor accordo com a intenção das palavras e da situação, Cotogni fez n'este papel o que nenhum outro artista, nem mesmo Faure, conseguiria exceder.

Madame Fricci... Que ha de dizer-se d'esta artista, cuja voz admiravel, educada no estudo, ganha com o tempo e melhora de dia para dia? Tem tudo, canto e paixão dramatica; a sua parte precisa um pouco que a façam valer, ella dá-lhe toda a sua alma, e não a ha maior.

É formosa opera. Lembra outras? É tambem porque vem depois d'ellas. Os que chegam primeiro aproveitam idéas e sentimentos geraes, e formulam sem difficuldade cousas singelas que dão volta ao mundo. Escrevem o que querem, sem custo e sem cuidado, porque o ouvido do publico não está ainda cansado pela tradição. Os que vem mais tarde, vão tendo maiores difficuldades. Com reminiscencias ou sem ellas, o que ha no mundo que não se pareça com alguma cousa? É uma opera d'esta epocha, da mesma maneira que o *D. Jayme* e a *Paqueta* são poemas d'este tempo; a musica dá tambem seu quinhão á moda, á phantasia, á convenção; ha me-

lodias, que faziam chorar nossos avós e que hoje fariam rir, a tal ponto de tempos a tempos se renova o gosto musical. Ruy Blas é uma opera de hoje.

JULIO CESAR MACHADO.

MAGDALENA

Representa uma das gravuras do nosso numero a bella figura de MAGDALENA.

Todos conhecem a historia da formosa peccadora, que as virtudes de Jesus converteram em imagem sublime do arrependimento. Escusado é pois fallar do assumpto, e basta que digamos algumas palavras sobre o auctor do quadro que damos á publicidade, artista muito conhecido em Portugal.

Pompeu Battoni nasceu em Lucca no anno de 1708, e morreu em Roma em 1787. Attribuem-lhe uns varios mestres de boa nota, e dizem outros que elle não teve nenhum, sendo a sua primeira profissão a ourivesaria. Contam estes, que tendo-lhe sido confiada uma caixa de rapé ornada com uma miniatura, Battoni copiou a miniatura com tanta habilidade, que a copia ficou melhor que o original. D'essa epocha em diante fez-se pintor.

Estudou em Roma e pintou quadros de historia, retratos de pessoas celebres e miniaturas muito estimadas.

No convento da Estrella em Lisboa ha sete quadros seus, dos quaes o mais notavel é o que adorna a capella mór, datado de 1781, e cujo assumpto é allegorico.

Na parte inferior quatro figuras de mulher representam as quatro partes do mundo. O papa mostra o coração de Jesus rodeado por uma gloria de anjos. No mesmo plano a *Caridade* está assentada ao pé de um altar, onde se vê um calix e a hostia.

N'uma das capellas do mesmo templo ha uma *Ceia* tambem de Battoni. É obra de grande importancia artistica. Cinco outros quadros de menores dimensões são attribuidos ao mesmo pintor, figurando um d'elles Santa Thereza agradecendo do céu a D. Maria I a fundação d'aquelle convento.

Attribue-se tambem a este artista o excellente quadro da capella mór da sé de Evora, representando a *Assumpção da Virgem*. O conde de Raczinski, porém, nega que seja de Battoni, tomando por fundamento que o mestre devia ter apenas vinte annos na epocha em que aquella composição foi executada, e que o estylo é diverso do dos seus demais trabalhos.

Tendo Raphael morrido com pouco mais de trinta annos, legando á posteridade muitas e mui valiosas obras, e não sendo raro ver os artistas mudarem de estylo durante a sua carreira, as rasões do celebre critico não nos parecem bastantes para negar o que a tradição affirma.

Como se vê pois ha em Portugal importantes quadros que attestariam o merecimento do pintor que executou o assumpto da nossa gravura, se a maneira brilhante como o mesmo assumpto está tratado não bastasse para o provar.

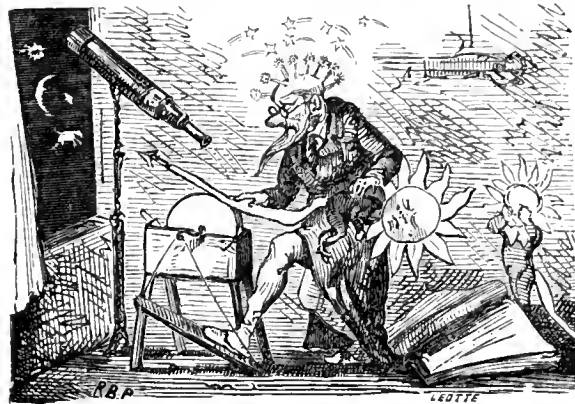


O COMETA DE 12 DE AGOSTO DE 1872

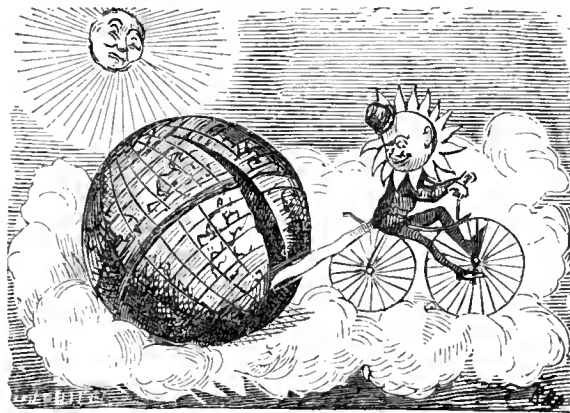
PROGNOSTICOS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



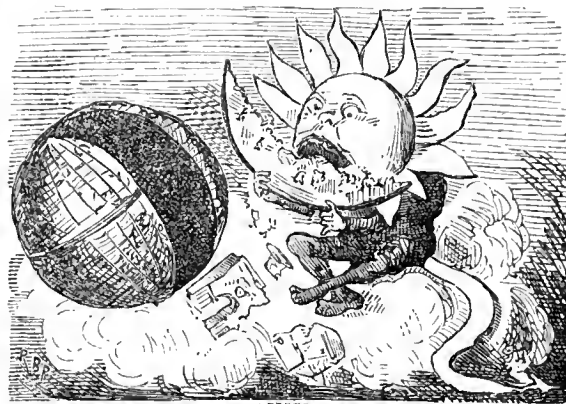
Recebe-se na aldeia a noticia do fim do mundo chorando todos com a devida consternação pelo futuro das suas almas damnadas. Conta o parochico que a imprensa livre da cidade diz que



um sabio italiano adivinhador, de cometas, amola a cauda d'um immenso mensageiro do destino



prompto a calar o mundo e a provar-lhe a madureza,



o que executa em 12 de agosto d'este anno da graça, acabando enfim as obras de Santa Engracia, o augusto arco da rua Augusta,



mais os frades de sabugo e sem sabugo como os do D. Carlos, gente de barba atada com que embirrio.



A sociedade prepara-se para a morte dansando sempre, apesar das incertezas do dia seguinte.



Verificam-se certos amores eternos... como o mundo, porque o cometa o racha em 12 de agosto.



Todos se prevêm do necessario com promessas de pagamento no proximo agosto em que tudo finda.



Enfim os parceiros do barril juram não embarrilar mais nem os freguezes nem a agua, e protestam quando se acabar o mundo (inevitavel castigo ás aguas da companhia e a outras barbaridades mais) fugir, acolhendo-se todos em S. Thiago de Compostella, que é logar seguro.



O que for soar; entretanto muito boas noites, até amanhã... ou até depois do fim do mundo.

A ARTE NO THEATRO

Para se fazer idéa approximada de como em Paris se levam á scena as peças de grande espectáculo, transcrevemos o seguinte artigo, que, sob o título acima, publicou M. Alfred Darcel na *Chronica das artes e da curiosidade*, a respeito da nova composição de V. Sardou *Le roi Carotte*.

Não se trata aqui da arte dramatica, mas sim da do scenographo, do guarda-roupa e do ensaiador, na parte relativa á *mise en scene*. M. L. Urbach escreveu ha muito sobre este objecto nos primeiros volumes da *Gazeta das bellas artes*. De então para cá tem este ramo da critica jazido em esquecimento. A importancia do quadro representando Pompeia na magica nova de M. V. Sardou, pede que voltemos ao assumpto na *Chronica das artes*.

Que relação póde existir entre o *Roi Carotte* e Pompeia? Nas magicas nada é impossivel, graças aos talismans. Ora os protogonistas creados pela phantasia de M. V. Sardou, andam á procura do anel de Salomão, outr'ora roubado por um soldado romano que, no anno 76, ficou enterrado debaixo das cinzas do Vesuvio com a colonia greco-latina. Fôra difficil de encontrar o soldado entre as ruinas. Mais valia evocar a cidade nas vespéras da catastrophe, com os famosos edificios e pittorescos habitantes.

Ao forum de Pompeia, com as suas enfadadas de columnas meio destruidas, como se vêem hoje, succede um portico de estylo dorico, que cerca o recinto onde se eleva a estatua archaica de Minerva, semelhante á que Seniart restaurou para o duque de Luynes. A de Venus, padroeira da cidade, se a memoria nos não falha, seria mais apropriada. Lojas escuras fecham a scena. A frente está a praça publica, onde nada ha de notavel. Mas o que completa, ou antes o que fórma o espectáculo, é o povo que vem successivamente animar a praça.

Eis o mercado. Mulheres, toucadas com pequenos chapéus de bico, taes como os objectos de barro cozido nos deram a conhecer, trazem fructos em compridos cestos conicos, ou acarretam-os em pequenas carroças de rodas massiças; o salchicheiro vende os chouriços pendurados na ponta de um pau que termina em fórma de T. Ha uma desordem: acode uma patrulha que parece destacada da columna Trajano. Saltimbancos chegados do Egypto divertem a multidão mostrando as suas habilidades; as cantarinas tocam harpa assentadas ao pé das columnas do portico. Varias creanças com tábuas encerradas presas ao braço, circulam a duas e duas por entre a multidão, conduzidas pelo pedagogo armado de chicote. Succede-lhes o cortejo de um noivado. Rapazes, tocando flauta, vem adiante dansando; seguem-os as bailadeiras de crótalos nas mãos, mareando a cadencia com o andar. Os presentes trazidos em palanquins, fecham o cortejo.

Dois gladiadores armados de escudo e foice, com o capacete de grande viseira, fortes braços e solidas grevas, cujos modelos foram publicados pela *Gazeta das bellas artes* quando se effectuou a venda Pourtalès, offerrecem os seus serviços aos ricos ociosos que vem entreter-se a ver passar as Margaridas Gautiers da epocha, recostadas nos seus carros puxados por dois cavallos brancos e trazendo debaixo do braço um cãosinho. Chega o edil, conduzido na sua cadeira, seguido por um cortejo de parasitas e pretendentes. Esta multidão animada, re-luzente de variadas cores, dando logar a que os dois

mundos, a Europa e a Asia, se acotovelem, vestida não por figurinos de phantasia, mas conforme os mais authenticos monumentos, os frescos, os vasos pintados e os objectos de barro cozido, é de uma indagação archeologica tão agradável como acertada e bem succedida.

Muitos acharão, de certo, que o caso é demasiado divertido para ser serio. Mas os que sabem que de cousas ainda estão por descobrir relativamente aos costumes de qualquer epocha, e quantas investigações não são necessarias para se determinar com precisão assumptos d'estes, hão de confessar que para se pôr em scena semelhante quadro, deve ter havido consideraveis estudos e pesquisas, muito embora n'alguns pontos ainda haja incorrecções.

Outro quadro, o do bailado das abelhas, é igualmente notavel pelo engenhoso dos fatos, meio homens, meio insectos, imitando as composições de J. J. Grandville. Formam as diversas figuras grupos tão brilhantes como variados. As borboletas, principalmente, são esplendidas com as suas immensas azas esmaltadas das mais vivas cores. Os fatos de colorido vario, lembram os dos *mignons* da côrte no tempo dos ultimos Valois, e pela sua esbelta elegancia, harmonisam perfeitamente com os appendices destinados a sustentar no ar o corpo em que estão vestidos.

As suspensões terminam este quadro em que a luz electrica inunda as bailarinas resplandecentes de lantejoulas, e apenas cobertas com uma faixa de riscas. Mas a luz quando é mal dirigida, mata as cores da decoração, projecta sombras sobre os pannos do fundo, accusa de mais o relevo dos corpos, produz reflexos falsos nos estofos de que são feitos os fatos, o destroe a harmonia geral penetrando em toda a parte com os seus raios demasiado brilhantes. É mister pois applical-a com sobriedade e concentral-a a maior parte das vezes unicamente no meio da scena, illuminando o grupo das dansarinas que parecem agitar-se sob a influencia d'aquella deslumbrante claridade, que, jorrando verticalmente, as envolve a todas.

Os outros quadros, em que se não pouparam os praticaveis, uma praça para onde se entra por uma porta em que ha uma torre; a floresta virgem em que os liames destinados a receber uma tribu de macacos, pendem em festões do cimo de arvores seculares; um interior aluniado pelo luar que se escoa através de larga vidraça; um mercado com longinquos edificios, são outras tantas provas do talento dos scenographos, mas não se afastam do vulgar das decorações extraordinarias, a que os directores dos theatros nos têm habituado em peças d'este genero.

DIVERSAS NOTICIAS

Falla-se em que o governo vae mandar erigir defronte do convento da Estrella o monumento dedicado a D. Maria I, existente na associação dos architectos, no Carmo. Este monumento foi composto e executado em Roma pelo esculptor João José de Aguiar, contemporaneo do pintor Sequeira. As estatuas feitas sobre a direcção do celebre esculptor Antonio Canova, se não são obra prima, têm linhas grandiosas, e revelam o merecimento artistico do auctor.

O monumento compõe-se de um pedestal simples sustentando a figura da rainha, de quatro estatuas decorativas representando as quatro partes do mundo, e de alguns baixos relevos. Custou esta obra avultada quantia, e por mais de meio seculo esteve esquecida e desprezada, até que a associação dos architectos a reclamou para o seu museu do Carmo.

Bom será que a idéa que actualmente voga de se levantar na Estrella o monumento, se verifique. Não temos nós tantos trabalhos

d'esta ordem para que deixemos ao abandono um que tem certo merecimento e commemora o reinado de uma soberana, a quem Portugal deve tantos estabelecimentos e obras importantes.

Em França lembraram-se alguns artistas de abrir uma subscrição patriótica, a fim de concorrerem para a libertação das provincias ainda occupadas pelos prussianos. Appellaram para a generosidade e amor patrio dos collegas, e encontraram sem difficuldade adhesões espontaneas de todas as classes mais ou menos dependentes das bellas artes. Em Lisboa, os esculptores e canteiros que trabalhavam sob as ordens do sr. Calmels, assim como os operarios e mais empregados dos srs. Lallemands, cederam um dia dos seus salarios para o mesmo fim. Honra seja a todos.

O sr. ministro da guerra do imperio do Brazil comprou ao notavel pintor Pedro Americo, por doze contos de réis, o seu excellentissimo quadro *Um episodio da batalha de Campo Grande*, cuja descripção deimos no primeiro numero.

Morreu em Versailles, com 60 annos de idade, o paizagista Felix Hippolyto Lanone. Foi discipulo de Victor Bertin e de Horacio Vernet. Era cavalleiro da Legião de Honra e muito apreciado pelas qualidades artisticas que obtivera á custa de solidos estudos.

M. Dupin offereceu á igreja de Clamecy (França), uma Santa Genoveva feita pelo estatuario M. Etex, auctor dos baixos relevos do Arco do Triunpho em Paris.

De 1836 até 1869 todos admiraram a santa sem que pessoa alguma tivesse a respeito d'ella nenhum pensamento menos religioso. Nesta epocha, porém, um extraordinario escrupulo de decencia, inspiroo a algum a luminosa idéa de vestir a estatua com uma longa camisa franzida no pescoço e caída até o pedestal. Resultou d'esta estúpida resolução, a santa que saíra casta e pura das mãos do artista, despertar hoje maliciosos pensamentos e dar vontade de rir aos que param defronte d'ella para a verem em fralda de camisa.

Se isto succedesse entre nós o que não se diria!

A academia real de bellas artes tenciona expor ao publico as suas collecções de desenhos antigos, gravuras e objectos de arte monumental, por occasião da visita de S. M. o Imperador do Brazil a Lisboa.

Os artistas e amadores de Turim têm andado sobresaltados por causa de uma noticia dada pela *Nova imprensa livre*, de Vienna. Julga-se ter apparecido um novo quadro de Ticiano *A virgem do véu*. Todos suppunham que esta obra de arte havia sido destruida no seculo xvi, por occasião da tomada de Roma pelo condestavel de Bourbon. O quadro foi encontrado entre varias obras de valor, n'um velho palacio pertencente ao fallecido doutor Riberi. O herdeiro d'este havendo chamado um pintor seu amigo para examinar e avaliar a galeria, fez-lhe presente do quadro a que alludimos, como recompensa do serviço que lhe prestára.

Uma commissão brazileira, á testa da qual está o sr. barão do Bom Retiro, encommendou ao estatuario francez Rochet, o busto do celebre escriptor José Bonifacio de Andrada, fallecido ha pouco. O esculptor encarregado da obra é o mesino que fez a estatua equestre de S. M. o imperador D. Pedro II, que está no Rocio do Rio de Janeiro.

O rei da Hollanda comprou por dois contos e seletentos mil réis um quadro de M. Chenu, intitulado *Efeito da nere em Bremod*, trabalho que figurára vantajosamente na exposição da sociedade dos amigos das artes, de Lyon.

O distincto litterato brazileiro sr. Pereira da Silva passou por Lisboa, vindo de Paris, com destino para o Rio de Janeiro.

Projecta-se em Paris abrir conferencias sobre a arte, feitas pelos mais illustres professores e mestres, sendo o producto d'ellas applicado á libertação da patria.

O sr. Carlos Relvas, photographo curioso mais perfeito nas suas obras do que muitos dos que vivem d'aquella profissão, mandou construir a sua residencia, na Gollegã, um magnifico atelier com todas as condições exigidas para a boa execução dos seus trabalhos photographicos.

A *sentinella*, quadro do pintor francez Regnault, morto ha um anno em combate, foi vendido em Paris por preço fabuloso.

O livro, o jornal e a revista que propagam idéas justas — diz uma excellente publicação que temos á vista — assemelham-se ás nuvens passageiras, do scio das quaes se espalha benéfica chuva sobre os campos, chuva porém que não fertilisa senão os terrenos bons.

Vendeu-se ultimamente em Paris o quadro do Messonier *A vedeta*, por 21:000 francos (3:780\$000 réis). Calculou-se, medindo a superficie da obra, que foi pago cada centimetro quadrado d'aquelle trabalho por 165 francos (29\$700 réis).

Bem empregada tela! exclama o *Figaro*.

Os jornaes do vizinho reino dizem que muitos artistas hespanhoes estão concluindo quadros e outros objectos de arte, com destino para a exposição do Porto. Entre elles contam-se o pintor de genero e costumes sr. D. Ricardo Balaca, seu irmão sr. D. Eduardo, pintor de *budegones*, o sr. Benso que na ultima exposição de Madrid se distinguio como colorista, e o distincto professor Puebla. Tambem se farão representar pelos seus trabalhos alguns artistas, que, não obstante serem muito conhecidos em Hespanha, não concorreram á ultima exposição realisada n'aquelle paiz.

Um dos jornaes a que nos referimos, conclue a noticia a este respeito dizendo:

— E visto que as artes lusitanas vieram visitar-nos no passado outomno, justo é que lhes paguemos a visita no proximo estio.

Bem vindos sejam os nossos vizinhos, lhes dizemos nós.

A ex-imperatriz Eugenia expoz á venda, no estabelecimento de M. Davis em Pall-Mall, Londres, uma collecção de quarenta boceas e caixas de rapé que possui. Entre os trabalhos mais notaveis citam-se dois Petitot; dois assumptos campestres de Watteau: uma bella caixa de rapé de ouro, por Kolbe, a qual pertenceu a Maria Antonieta; os retratos de Luiz XIV e de Mad. de Montespan. A esta collecção estão juntos tres moveis da epocha de Luiz XVI em marchetaria de Reissner, ornados de cobre emzelado por Gouthière.

Foi convidado para concorrer á exposição universal que no proximo anno deve effectuar-se em Vienna d'Austria, o abridor e gravador do Porto, sr. Motarinho. Tambem lhe foi pedido para ser collocado no museu nacional de Madrid o quadro das medalhas que expoz ultimamente n'aquella cidade.

Descobriu-se em Saintes uma sepultura gaulo-romana, contendo objectos curiosissimos, taes como vasos de vidro branco e de cores, vasos de barro, utensilios diversos e fragmentos de um cofre collocados á roda do esqueleto, ainda bem conservado, de uma mulher que a morte feriu na força da vida.

Nas excavações feitas em Pompeia na presença da grand-duqueza Olga e sob a direcção do senador Fiorelli, acaba de se descobrir uma mesa de marmore grego, ornada de figuras pintadas, que se suppõe representarem uma scena de Niobe. Tambem se encontraram muitos vasos de bronze e um leme do mesmo metal, que deve ter pertencido a uma estatua da Fortuna.

A academia portuense de bellas artes deu os seguintes pontos para o concurso triennial que deve realisar-se este anno:

Pintura — S. João *prégando no deserto*.

Esculptura — S. Jeronymo *fazendo penitencia*.

Architectura — *Projecto de uma igreja destinada para freguezia central de qualquer cidade*.

Um monumento digno do grande pintor a quem é consagrado, foi ultimamente erigido na grande sala ao rez do chão da Escola das bellas artes de Paris, como preito á memoria de Ingres. Uma estela simples de marmore branco, desenhada por Duban, sustenta o busto do artista em bronze, modelado por M. Guillaume. Na base da estela ha dois medalhões representando os dois discipulos de Ingres, H. Flandrin e Simart.

Na academia das bellas artes do Rio de Janeiro verificou-se, no dia 9, a distribuição dos premios aos alumnos. Assistiu sua alteza, seu esposo e muito povo.

Descobriu-se em Jerusalem uma estela quadrada, proveniente do templo de Salomão, reconstruido por Herodes o Grande. Numa das faces tem gravada em magnificos caracteres gregos, uma inscrição bastante longa prohibindo aos pagãos, sob pena de morte, a entrada nos recintos sagrados que rodeiavam o templo. É objecto de grande valor archeologico.

Tem atrahido a attenção publica em Paris, a exposição dos desenhos de M. Duban na escola das bellas artes. M. H. Delaborde escreveu um excellentissimo artigo sobre o assumpto na *Revista dos dois mundos*.

Succumbiu de apoplexia na escola das bellas artes, na occasião em que trabalhava com outros collegas no exame dos trabalhos de architectura dos discipulos, o architecto francez Leon Vandayer. Tinha 69 annos de idade, era official da Legião de Honra e membro do instituto. Entre os principaes trabalhos que executou, citam-se

de preferencia a cathedra de Marsella, o monumento nacional do general Foy feito em collaboração com David D'Angers e o Conservatorio das artes e officios.

==== Com o titulo de *Concursos publicos* principiou a dar á estampa no Rio de Janeiro o sr. Antonio de Almeida Oliveira, varios folhetos contendo as conferencias feitas por este cavalheiro no Maranhão.

O sr. Costa Ribeiro, do Brazil, publicou um volume de poesias intitulado *Horas vagas*.

O sr. Luiz Francisco da Veiga publicou dois folhetos intitulados *Brasil tal qual é*, os quaes servem de projecto a um livro que tratará da emancipação.

O sr. dr. Luiz Francisco da Veiga poz em livro as *Heroïdes* publicadas em tempo no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

No Maranhão vaé o sr. dr. Gentil Homem de Almeida Braga publicar um volume de poesias.

O sr. dr. Alexandre José de Mello Moraes, auctor de varias obras scientificas e litterarias, publicou o primeiro volume de um trabalho intitulado *Historia do Brazil reino e do Brazil imperio*.

Dominus tecum é o titulo de uma comedia que o sr. J. C. dos Reis Montenegro deu á estampa no Brazil.

O sr. L. Guimarães Junior, folhetinista do *Diario do Rio*, tem no prelo tres livros: *Os nocturnos*, com uma introdução do distincto escriptor José de Alencar, *Contos do norte* e *Curvas e zig-zags*.

Os calvarios é o titulo de um poema em nove cantos que o sr. Carlos Ferreira, do Rio Grande, está concluindo.

==== Na Suissa abre-se este anno uma exposição de bellas artes, á qual podem concorrer todos os artistas sem distincção de nacionalidade. A exposição effectuar-se-ha nas cidades e epochas seguintes: Genebra, 21 de abril a 19 de maio; Aarau, 26 de maio a 16 de junho; Lausanne, 23 de junho a 21 de julho; Lucerna, 1 a 18 de agosto; Soleure, 24 de agosto a 7 de setembro; Fribourg, 12 de setembro; Berna, 4 a 31 de outubro. As obras dos expositores devem ser dirigidas ao *comitê* da exposição suissa, no palacio eleitoral em Genebra.

==== Na praça da aclamação (Rio de Janeiro) vaé levantar-se uma columna monumental de bronze, conforme o projecto do architecto brasileiro sr. Caminhoá. É commemorativa das glorias alcançadas pelo exercito brasileiro na campanha do Paraguay.

==== A sociedade *Arti e Amicitie* abre a 15 de abril proximo, em Amsterdam, uma exposição de quadros de mestres antigos.

==== O sr. Camillo Castello Branco está concluindo dois romances que brevemente serão dados á estampa. Intitulam-se: *A infante capellista* e *Quatro horas innocentes*.

==== Em Boulogne-sur-Seine creou-se uma nova sociedade denominada *Sociedade da união das artes*, que projecta fazer uma exposição permanente.

==== Morreu no dia 16 d'este mez em Louvain, o esculptor belga De Fierlant. Foi discipulo de Geerts, e passou parte da mocidade em Italia. Auctor do tumulo de monsenhor de Raru, surprehendeu-o a morte estando a trabalhar no de M. Van Bockel, destinado á igreja de S. Pedro.

==== No imperio do Brazil começaram a publicar-se os seguintes periodicos litterarios e artisticos:

O somnambulo, jornal de caricaturas.

Lyra do trovador, folha litteraria dirigida por uma senhora.

O sorriso, folha litteraria.

Jornal das priminhas, periodico jocoso e critico.

==== Hippolyto Heizler, esculptor de animaes, morreu na cidade de Paris em outubro ultimo, victima de penosa enfermidade adquirida no serviço militar durante o cerco.

Expunha desde 1846 e obtivera uma medalha em 1852. Fez innumerous trabalhos por conta do sultão.

==== José Kranner, estatuário, morreu ha pouco em Pesth. Nasceu em Praga no anno de 1801. Depois de ter levantado o monumento do imperador Francisco I em Pesth, foi encarregado dos trabalhos da igreja votiva de Vienna e de restaurar a cupula de Praga.

==== Pensa-se em admittir no Instituto de França as mulheres que tenham adquirido para isso direitos iguaes aos dos academicos. Refere-se até que o nome de mademoiselle Nolie Jacquemart figura em primeiro lugar que o de mademoiselle Bosa Bonheur.

Um critico francez diz a este respeito, que a justiça não deve ser preterida pela galanteria, e que é mister pensar bem nos nomes

de Brion, Breton, Français, Corot, Daubigny e Fromentin antes de se tomar tão grave resolução.

==== *Fayoun* é o titulo de um livro publicado em Paris por um artista, o qual relata com a brilhante inspiração produzida pela inocidade, as impressões experimentadas n'uma viagem feita com o celebre pintor Gerome e alguns amigos, ao Egypto e á Syria.

==== No Rio de Janeiro effectuou-se a inauguração do novo edificio para o conservatorio de musica, junto á academia de bellas artes. De fronte d'esta abriu-se a rua Leopoldina, ha muitos annos projectada, a qual faz com que se aviste do Rocio o edificio da academia.

==== Cegou em Paris um artista chamado Anastasi. Os collegas, vendo-o a braços com a miseria por não poder trabalhar, fizeram uma subscrição de quadros para serem vendidos em leilão e o producto reverter a favor do infeliz. A venda produziu a importante quantia de cento trinta e sete mil sessenta e nove francos (réis 24:672,3420).

Eis os resultados da confraternidade.

==== A respeito da descoberta ultimamente feita de um quadro de Teniers, conta-se o seguinte:

Ha pouco tempo um dos directores das vendas de Anvers, M. de Loeker, tendo comprado certa mobilia, encontrou n'um velho armario duas taboas cobertas de pó, através do qual se percebia o que quer que fosse pintado.

Limpas as taboas, o possuidor viu que eram pedaços de um quadro representando uma baliia com dois barcos ancorados e uma praia com figuras. Estes fragmentos comprados por um francez, M. Delaney, de Roubaix, e restaurados com grande cuidado, formam hoje uma bella pintura attribuida a David Teniers. O lote em que estava o Teniers falso ou authentico, foi comprado pelo preço de 500 francos (90,5000 réis). O quadro é magnifico e com certeza de mestre antigo. Os entendedores apenas divergem sobre a paternidade da obra.

Em casa de M. Nicolie, restaurador em Anvers, acaba de se encontrar uma gravura antiga d'esta notavel composição.

==== Lord Stanley of Alderby está traduzindo para o inglez o excellente romance do fallecido escriptor Gomes Coelho, *As pupillas do sr. Reitor*.

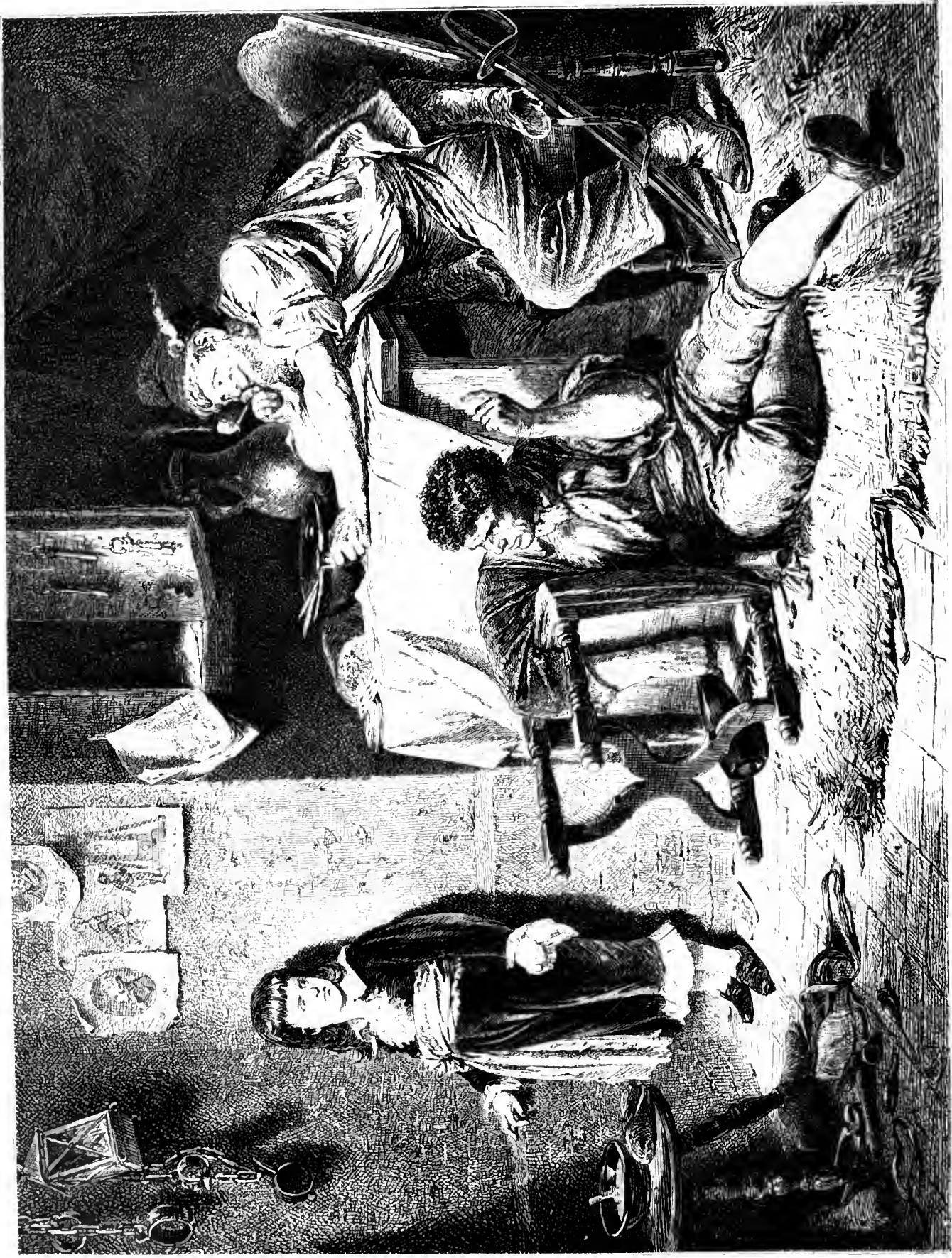
==== O ministro da instrucção publica de França recebeu, ha pouco, os planos e desenhos das excavações feitas por MM. Teulieres e Faugère-Dubourg, a fim de desenterrarem uma cidade gaulo-romana, achada a alguns kilometros de Nerac. Varias salas adornadas com mosaicos riquissimos estão já a descoberto, e se se continuarem os trabalhos, obter-se-hão revelações importantes para a historia e architectura da Novempopulania no seculo II.

==== A medalha commemorativa da visita do imperador do Brazil ao Porto foi incumbida ao habil gravador d'aquella cidade, sr. Arnaldo Molarinho. No averso terá o retrato do imperador rodeado pela inscrição *D. Pedro II, Imperador do Brazil*. O reverso representará uma corôa de carvalho com um raio no centro, formando uma estrella, e dentro d'esta as palavras *Are Cesar*. Em volta da corôa de carvalho ler-se-ha o seguinte: *Visita de S. M. I. á cidade do Porto em fevereiro de 1872*. Será cunhado um exemplar em ouro para offerecer a S. M. Os outros exemplares serão tirados em prata.

==== Entre as perdas para a arte causadas pelos incendios da communa de Paris, conta-se um famoso tecto pintado por M. Ullmann, que representava *A justiça desmascarando o crime*.

==== Em Lyon, Cannes, Besançon, Mans e Pau, cidades de França, projectam-se exposições de bellas artes para este anno. A de Lyon é universal.





O DELPHIM DE FRANÇA EM CASA DO SA PATEIRO SENA.

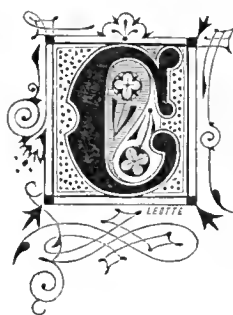
Rezado de Paçoty.

ARTES E LETRAS



LISBOA—MARÇO DE 1872

AS ESTATUAS PARA O ARCO DA RUA AUGUSTA



Com auctorisação superior publicámos o trecho principal da consulta que a academia real das sciencias dirigiu ao governo de Sua Magestade sobre quaes estatuas conviria eleger para que com ellas se ornasse e embrocesse o arco da rua Augusta, consulta primorosamente redigida pelo secretario da mesma academia o illustre publicista, o sr. José Maria Latino Coelho.

A Academia Real das Sciencias, depois de commetter a dois dos seus benemeritos socios, José da Silva Mendes Leal e Rodrigo José de Lima Felner, o estudo e exame d'esta questão, sobre a qual lavraram um erudito parecer, discutiu em uma de suas ultimas sessões a these que lhe era proposta, e conveiu nas seguintes conclusões que tem a honra de submeter á alta apreciação de Vossa Magestade.

Primeiro: Que no ponto contestado de preferencia entre a estatua do marquez de Pombal e a de Affonso de Albuquerque, todas as razões historicas determinam a escolha da primeira. E as razões summariamente compendiadas, em que esta real academia fundamenta a sua opinião, cifram-se, principalmente, em que a Praça do Commercio, porventura a mais grandiosa e monumental de quantas edificações deve o reino e a cidade de Lisboa á energia perseverante e illustrada do marquez do Pombal na sua larga e civilisadora administração, está recordando em cada uma das suas obras e dos seus ornatos os beneficios d'aquelle governo memoravel, cujas grandes virtudes patrioticas é lastima que fossem mais de uma vez deslustradas pela demasiada severidade. Acresce mais que se bem a effigie de Affonso de Albuquerque, um dos mais abalisados capitães das nossas guerras e conquistadas orientaes, esteja sempre bem e justamente em qualquer parte, onde fluctue a bandeira de Portugal, a collocação da sua estatua no arco da rua Augusta, consagrada a memorar as pacificas victorias da administração civil, em certa maneira destoaria do pensamento fundamental, que presidiu á sua traça primitiva.

Segundo: Que por analogas razões não parece á Academia haverem sido bem destinadas a exornar o arco as estatuas de Viriato e Vasco da Gama: a primeira, porque, além de representar um heroe, apenas frou-

xamente vinculado pela identidade do solo ás tradições geminamente portuguezas, relembra as façanhas militares de um povo extinto, e seria ao lado do grande reformador de Portugal no XVIII seculo, uma antithese ao mesmo tempo desapprovada pela estethica e pela historia. A segunda, porque não é Vasco da Gama um vulto, a quem se designe segundo logar n'um monumento nacional.

Tão justa, tão inimitavel, tão universal é a sua fama, que ou o immortal descobridor ha de ter estatua publica, sagrada exclusivamente á commemoração de seus feitos sem exemplo, ou havemos de deixar—que é melhor e mais honrado galardão—que o seu nome pronunciado com profunda veneração em todo o mundo civilisado, seja o melhor monumento da sua gloria. Não seria decoroso que quem foi primeiro, ou antes singular na empreza que levou a feliz termo, tivesse agora companheiros no premio e na memoria. Mais avisadamente se deveriam escolher para as associar ao vulto de Pombal no arco da rua Augusta, as imagens de homens benemeritos, que se houvessem assignalado por suas virtudes civicas, e que mais tivessem honrado a toga do que ceifado com a espada vencedora os seus loiros immortaes.

Terceiro: Que, se a Academia respondendo em primeiro logar estritamente ao ponto, sobre que foi consultada, não hesita em decidir-se pela estatua do illustre iniciador da nova civilisação da nossa patria, transcendendo agora, em nome da arte, os limites que lhe foram assignados pela pergunta do governo, julga do seu dever pronunciar-se contra a collocação de qualquer estatua no monumento da rua Augusta. E os fundamentos d'esta sua opinião são obvios, e a seu parecer irrefragaveis.

São a architectura e a esculptura duas artes irmãs, congeneres, essencialmente sociaveis entre si. Uma a outra se completam e se embellecem. A columna, o arco, o friso, o acroterio vivem em harmonia com o relevo e com a estatua; as linhas correctas e geometricas do debuxo architectonico consociam-se com os graciosos contornos da figura viva, assim como na natureza, *substratum* essencial, origem empirica de toda a manifestação artistica, a vida organica se enlaça a cada passo com a existencia inanimada. Se, porém, a estatua e o edificio se ajudam mutuamente é forçoso distinguir os casos em que o edificio ou a estatua são respectivamente o principal ou o accessorio. Seria um contrasenso artistico desconhecer em cada hypothese esta necessaria distincção. Quando se intenta commemorar o genio, os feitos, as virtudes de um personagem eminente, quando o monumento é, por assim dizer, individual, quando se procura esculpir em bronze, em marmore, em granito, com caracteres ao mesmo tempo legiveis á imaginação e aos sentidos, o nome de um heroe, circumdando-o de todos os attributos, com que vivo se engrandeceu, a estatua é a fórma, que habitualmente se prefere. A architectura é então serva ou ministra da arte esculptural. Talha o pedestal, affiçoa o plintho, cinzela o capitel, e levanta ás nuvens coroada de loiros, a estatua gigante do heroe. Quando o monumento se erige á divindade ou quando traslada na pedra um capitulo brilhante de historia nacional, quando a individualidade desaparece na sombra de uma nação inteira, ou compartilha por igual nos seus triumphos, quando o heroe não tem nome proprio, porque se chama um povo ou um exercito, ou quando ao seu appellido se ligam memorias nacionaes, a architectura toma o nivel e o compasso para dominar na edificação, e o maço e o escopeo esperam obedientes os preceitos que lhes impõe a traça geral da construcção.

E então que se arroja aos arcs a cúpula de S. Pedro, ou se escavam na rocha os santuarios de Ellora e

de Elephanta. É então que se erigem as pyramides onde a mole gigantesca e sublime exclue o ornato, como impróprio da sua austera simplicidade. É então que se fabricam, por uma arte nascente e imperfeita, os arcos laterícios da primitiva Roma, ou se arredondam os sumptuosos arcos triumphaes da Roma cesarea, avassallando ás pompas da sua vida nacional as sublimes inspirações da arte grega. Não ha alli como ornamento exterior a estatua de nenhum heroe.

A epigraphia e o baixo relevo completam as memorias que a architectura, arte mais synthetica, apenas sabe vagamente delinear.

A estatua de um grande homem n'um monumento architectanico deixaria de ser uma apothecose para ser apenas uma figura ornamental.

O assumpto d'aquelles poemas de pedra volver-se-ia episodio mal visivel. O que se houvera dito, se para coroar o Parthenon, não para resplandecer com toda a magestade hellenica no sacrario do templo, o cinzel divino de Phidias tivera modelado em ouro e em marfim a formosissima estatua da Pallas Athené, a eterna virgem mythologica?

A porta do templo manuelino de Belem está como de guarda ás suas conquistas a estatua cavalleirosa do infante D. Henrique. E não ha desar nem sem rasão. Aquelle é o monumento erigido ás nossas empresas transatlanticas, porque é levantado a Deus, que nol-as influu e prosperou. É diante do Creator todos os grandes são pequenos e todas as glorias são vangloria! Symbolisa a Batalha a nacionalidade Portugueza, victoriosa de estranhas cobiças e aggressões. Personifica-se no Mestre de Aviz o povo que o elegeu e a seu lado pelejou. E onde está o vulto d'aquelle heroe? Dorme o seu somno de pedra no recinto do magnifico mosteiro. De entre as nações modernas, mais zelosas em pagar com marmore aos grandes homens já mortos, a estes perseverantes operarios da gloria e da civilisação, o salario que, ás vezes, em vida lhes não souberam satisfazer em pão, nenhuma é porventura mais diligente do que a Inglaterra. Mas as estatuas dos seus filhos benemeritos avultam nas praças, ou exaltam-se na abbadia de Westminster, junto dos sarcophagos, onde o tempo vae gastando os seus ossos, e vivificando mais e mais a sua fama. Se havemos de solver a divida aos heroes, se não é melhor estatua, como de Cação notou Antonio Vieira, o havel-a merecida, do que tel-a, saibamos pagar com decoro o preito da gratidão. Não roubemos a effigie aos homens benemeritos para decorar edificios! Accommodemos antes á sua gloria os monumentos, que lhes houvermos de levantar.

DUAS PALAVRAS Á CERCA DO MOVIMENTO ARTISTICO DA PENINSULA

Não haverá muitos annos que ainda se dizia: — Em Portugal não ha artistas. Os portuguezes apenas são capazes de imitar os estrangeiros. — Hoje, porém, felizmente, em todos os ramos da arte ou da industria se conhece que os filhos d'esta terra não só podem produzir como os das outras nações, mas que entre elles ha distinctos talentos.

Portugal acaba de ser representado em Hespanha por um certo numero de artistas, cujas obras, longe de envergonharem o paiz, fizeram conhecer aos nossos visinhos que tambem somos apreciadores e cultivadores de bellas artes.

Um distincto escriptor hespanhol, dando o devido apreço ás obras dos nossos artistas, e fazendo a analyse critica dos trabalhos

ultimamente expostos em Madrid, nota que, apesar do progresso real dos artistas da peninsula, nem em Portugal, nem mesmo em Hespanha, elles representam hoje uma escola puramente nacional; que apenas entre os artistas valencianos, á frente dos quaes colloca como adail o distincto pintor Domingo, auctor do magnifico quadro — *Santa Clara* — se conhecem tendencias para chegar a esse fim, e que entre todos os outros artistas peninsulares existe pura liberdade d'estylo que muitas vezes degenera em licença.

Quanto ao que diz respeito aos artistas de Lisboa, e sobre os motivos da sua pouca homogeneidade de estylo, diremos o seguinte:

Para que as obras d'arte d'um paiz tenham um certo cunho ou base de simillhança entre si, a que se chama escola, é necessario sem duvida que os artistas conservem alguns pontos de concordancia no seu methodo de execução, embora entre elles haja variedade d'estylo devida á indole, á organisação de cada um. A base do systema que constitue ou distingue a escola, provém, ordinariamente, ou das primeiras lições de um mestre commum, ou do merito transcendente de algum homem notavel que levou os outros a seguir-o, ou da tendencia que, insensivelmente, os artistas, na sua concorrência mutua, foram tomando, e que tornou distincto o seu systema de pintar.

Portugal tambem teve artistas que constituiram uma escola de pintura, apreciavel pelas suas bellezas de execução. Formou-se esta escola sobre principios implantados em o nosso paiz por J. Van-Eyck, e teve aqui grande desenvolvimento nos seculos XVI e XVII, chegando aquellas produções de origem allemã a tomar um caracter puramente nacional. A escola, a que nos referimos, é hoje conhecida pelo titulo de escola de Grão Vasco, antigo pintor portuguez, cujo nome, envolto no véu da tradição, chegou aos nossos dias.

Começaram os artistas portuguezes a ser enviados a Roma, por particular protecção dos reis ou dos nobres, e principiaram a abandonar, taxando-a de golphica, a escola nacional, trazendo-nos de Italia o estylo da epocha em que ali iam beber a educação artistica, imitando até aos tempos modernos o que em Roma se fazia.

Foi no reinado da senhora D. Maria I, que o intendente Diogo Ignacio de Pina Manique fundou uma aula de desenho, e que a expensas do governo foram mandados estudar a Roma alguns moços de talento, entre os quaes, como pintor, avultou Domingos Antonio de Sequeira, o qual, dotado de grande genio inventivo, foi o unico que nos seus ultimos dias desvendou os olhos e patenteou, embora tarde, que tinha nascido para produzir alguma cousa original. Os seus quatro quadros que representam o *Juizo final*, a *Epiphania*, o *Calvario* e a *Ascensão* assim o attestam; contudo estes ultimos trabalhos de Sequeira, produzidos fóra de Portugal, e pouco conhecidos dos artistas noveis, não formaram escola, e os seus discipulos, que poucos foram e de pouco vulto, seguiram a sua primeira maneira.

O professor Antonio Manuel da Fonseca regressou de Roma em 1833, e continuando na senda dos seus antecessores, trouxe para Portugal o transumpto do que ali se praticava no começo d'este seculo.

Creou-se a academia das bellas artes de Lisboa em 1836: era o sr. Fonseca o mestre, e, a principio, todos o imitaram.

O sr. visconde de Menezes e o infeliz Metrass, ambos discipulos do sr. Fonseca, dirigindo-se a França e á Italia para se aperfeiçoarem nos seus estudos de pintura, alcançaram já uma nova epocha de transição e decadencia, e, por circumstancias diversas, formaram o seu estylo tambem diversamente, mudando em tudo o que a principio haviam seguido.

Thomás José d'Annuniação, adoptando o genero de paizagem e animaes, desligando-se do que houvera accedido e dedicando-se exclusivamente ao estudo do natural, compenetrou-se das vantagens d'este methodo, e persuadido que d'elle lhe viria a verdadeira sciencia, conseguiu, com improbo trabalho, produzir obras que muito o acreditaram.

João Christino da Silva, seguindo as mesmas pisadas, pinto paizagens e composições de genero, que muito fizeram esperar do seu auctor.

José Rodrigues, que teve o talento de colher com interesse o que vira de melhor nas obras dos artistas Fonseca, Menezes, Roquemont e Metrass, tambem apresentou trabalhos de incontestavel merito.

As exposições privativas da academia de Lisboa fizeram conhecer obras que revelavam um futuro brilhante: *O Camões e o João*, *A leitura de um romance*, *Só Deus*, e *O Camões lendo os Luziadas*, de Metrass; *O Eneas*, *A visitação*, e *O menino entre os doutores*, do sr. Fonseca; *O cego*, *O tambor ferido* e outros quadros do sr. visconde de Menezes; *O cego violinista* do sr. José Rodrigues e os seus retratos-quadros; *A volta do trabalho* e muitos outros quadros de animaes do sr. Annuniação; *A primeira impressão da arte* e *Os artistas em Cintra* do sr. Christino, e *A lição* do esperançoso artista Patricio, que a morte nos roubou tão cedo, foram obras, cujo apparecimento não ha de esquecer.

Miguel Angelo Lupi, que havia sido igualmente discipulo do sr. Fonseca, tinha-se afastado dos trabalhos artisticos; não podendo, porém, desviar-se d'elles por muitos annos, voltou aquellas fides, e foi es-

¹ O sr. D. F. M. Tubino.

tudar em Roma no mesmo tempo em que Marciano Henriques da Silva, discípulo, a princípio, do sr. Fonseca e depois do sr. visconde de Menezes, também ali estudava.

Estes dois artistas, regressando a Portugal, apresentaram obras de muito merecimento, seguindo ainda novos systemas de execução.

As exposições da sociedade promotora das bellas artes deram também occasião ao apparecimento de Alfredo de Andrade, moço de grande merito e seguidor da nova escola realista — de Tomazini e Pedroso, felizes em muitos dos seus quadros de flores, Izaias Newton, discípulo de Annuniação, que progrediu como paizagista, sendo notavel pela harmonia, suavidade e fidelidade de seus quadros, Barradas, dotado de uma imaginação viva, Gonçalves Pereira, estudioso e intelligente, Figueiredo, Almeida e outros, que apresentam um futuro esperançoso, e Leonel Marques Pereira, antigo discípulo da academia, que, voltando ás lides da arte, tem exhibido ultimamente quadros apreciaveis no genero de miniatura a oleo, alcançando nas suas obras, cheias de expressão, grande finura de toque.

Enumerando aqui os pintores de Lisboa, observámos em quasi todos elles tendencias differentes. Trabalham os nossos artistas n'uma epocha em que a volubilidade de idéas, a incredulidade, e desconfiança e o desejo de originalidade são causa da divergencia que se nota não só entre as obras d'arte, mas também na litteratura, e que vae de accordo com as idéas geraes da moderna sociedade.

A decadencia a que havíamos chegado no começo d'este seculo, seguiu-se, depois da criação da academia das bellas artes, uma reacção que muito promettia. O professor Antonio Manuel da Fonseca, dotado de grandes qualidades artisticas e ainda ha pouco respeitado na ultima exposição de Madrid, era o chefe primitivo dos artistas modernos; porém a escola romantica por um lado e o archaismo idealista de Overbeek por outro, vieram substituir a escola classica de Roma, a que o nosso mestre commun pertencia. Metrass, filho de uma nova era, e que já occupava a posição official de professor da academia, poderia substituir o nosso primeiro chefe; mas faltou ao paiz no desabrochar do seu talento, cortando-lhe a morte o fio da existencia. Continuaram, portanto, as divergencias e cada um fez carreira por si. Estes são os factos.

Agora, perguntaremos nós, quanto ás differentes tendencias dos nossos collegas — a divergencia de estylo que entre elles se nota não revela talento? — não revela em cada um a força necessaria para se guiar a si proprio? que nos importa a pouca unidade de estylo? não ha n'isso mesmo uma certa originalidade? não fazemos nós muito mais do que fizeram os nossos antecessores? deveremos praticar como os artistas de outros paizes, que seguem de perto o que os outros executam, e d'ahi resulta muitas vezes uma uniformidade que se converte em monotonia? por ventura podemos nós ser taxados de mendigar n'uma escola estrangeira? não damos signaes de vida em o nosso modo de proceder?

Mil modos ha para representar a natureza, haja um pensamento feliz realisado sobre a tela, seja elle expressado com sentimento, correcção e harmonia, que importa o mais?

Os pintores portuguezes tiveram a sua escola filiada na antiga escola allemã, e depois perderam-na imitando os italianos. Os artistas hespanhoes tinham a sua boa escola, conservaram os seus riquissimos museus, que nós não temos, e apesar d'isso decaíram, fazendo-se imitadores dos francezes. Se acaso hoje, com justa razão, muitos d'elles se resolveram a entrar no bom caminho, servindo-lhes de exemplares as obras dos seus antigos mestres, é porque a escola de Ribera, Alonzo Cano e Velasquez pôde renascer, por ser fundada na verdade das formas e na harmonia dos tons; mas a nossa antiga escola portugueza não pôde renascer, porque o seu estylo gothico é incorrecto, e seria necessario um espirito forte como Rubens, para que aproveitando as bellezas da execução, finura de toque e brilhantismo de côr, transformasse e refundisse em formas baseadas na verdade aquellas boas qualidades.

As escolas formam-se quando um homem eminente é seguido por aquelles que o admiram; o egoismo da epocha não permite estas ovações, e quasi todos dedicam a sua admiração mais a si proprios do que aos outros.

Continuem, portanto, os artistas portuguezes a empregar os seus esforços em produzir e produzir bem, sirva-lhes de exemplo a nação vizinha, que ainda na sua ultima exposição se arrojou a grandes commettimentos em composições historicas, auxilie o governo, pela sua parte, como tem praticado a Hespanha e outras nações, os artistas para que elles não se limitem a trabalhos de simples especulação e a arte progredirá.

Dizemos que, pela sua parte, o governo deve auxiliar os artistas, porque a sociedade promotora das bellas artes, cuja extinção hoje seria uma grande perda, só por si não basta; pelos poucos meios de que dispõe, não pôde coadjuvar com mão larga o progresso da arte.

Para que a arte possa progredir será inevitavel que, sem quebra

nem prejuizo da sociedade promotora, se restabeleçam as exposições officiaes, adquirindo o governo por preços razoaveis os melhores quadros que ali se expozerem, e servindo estes quadros para complemento da nossa galeria, ainda tão pobre em obras nacionaes.

A esperanza de gloria e de uma retribuição honrosa, será então o incentivo para maiores commettimentos, e em poucos annos como tem succedido no reino vizinho, realçarão as obras de merito dos nossos artistas.

Se as exposições privativas da academia de Lisboa deram lugar ao apparecimento de obras de certo vulto, ao nosso bom rei artista o senhor D. Fernando se deve esse impulso, porque a mór parte d'essas obras por elle foram adquiridas; e se ainda posteriormente alguma cousa se tem feito, também grande parte d'esse impulso se deve tanto a elle como a Sua Magestade El-Rei o senhor D. Luiz I, que igualmente muito nos tem protegido. Esta protecção tão decidida e tão pouco imitada pelos particulares, não basta contudo para que os artistas se desenvolvam como devem, e o estado não ficará mais pobre destinando, de dois ou de tres em tres annos, para compra de quadros, uma quantia razoavel, e assim animará e desenvolverá o talento de homens que, com improbo trabalho e de coração, se dedicam a honrar o seu paiz. Este foi o meio ultimamente empregado em Hespanha e os resultados têm sido acharem-se os seus museus enriquecidos com os magnificos quadros *Os comeneros* de Gisbert; *O testamento de Isabel a Catholica* e *A morte de Lucrecia*, de Rosales; *A Santa Clara*, de Domingo; *A morte de Seneca*, de Domingues; *O 3 de maio*, de Palmaroli e muitos outros, que tanto honram seus auctores como a Hespanha sua patria.

A exposição de Madrid deve servir-nos de norma, e quanto ao merito dos nossos artistas, se considerarmos que, infelizmente, faltaram, entre os portuguezes, alguns dos melhores cultores da arte, que dos proprios que concorreram não foram levadas ali as suas obras mais importantes, e que ainda assim a nossa exposição não envergonhou Portugal, podemos concluir, com justo fundamento, que unido-nos todos, ao menos por honra do paiz, empenhando todas as nossas forças, conseguiremos apparecer brillantemente nas futuras exposições entre os artistas da Europa.

M. M. BORDALLO PINHEIRO.

A ESTALAGEM DOS TRES ENFORCADOS

CONTO DE ERCKMANN-CHATRIAN

II

(Continuação)

Quando me achei só todos estes acontecimentos se desenharam no meu espirito com uma espantosa nitidez.

A velha, pensei eu logo, é a causa de tudo. Foi ella quem meditou estes crimes e quem os perpetrou. Porque meio? Pela astucia? Por um poder invisivel?

E passeava agitado no meu desvão. Havia não sei que voz interior que me dizia:

— Não foi inutilmente que o céu te mostrou a Fledermause contemplando a agonia da sua victima; não foi em vão que a alma do pobre estudante veio acordar-te sob a forma de borboleta: não, não foi em vão. Christian, o céu impõe-te uma missão terrivel! Teme, se a não cumpres, de cair também nos laços da velha: quem sabe se n'este momento ella já os prepara na sombra?...

Durante muitos dias me perseguiram estas estranhas allucinações. Deixei de dormir e de trabalhar. Caí-me o pincel das mãos, e, particularidade horrorosa, dava comigo, ás vezes, a olhar para o ferro da estalagem como fascinado. Enfim, uma noite, para sair d'esta situação impossivel, desci rapidamente a escada e fui-me esconder atraz da porta da Fledermause, decidido a surpreender o seu fatal segredo. Não se passou, desde então, um só dia em que eu deixasse de seguir a velha, sem a perder de vista, espiando-a. Mas era tão sagaz e tinha, para assim dizer, um furo tão subtil que nem precisava voltar a cabeça para saber que a seg. dam! Fingia, toda-

via, não dar por tal: ia ao mercado, ao açougue, como qualquer outra mulher; apenas apressava o passo murmurando palavras confusas.

No fim de um mez adquirir a convicção de que me seria impossível, por este meio, conseguir os meus fins; isto entristeceu-me profundamente.

—Que hei de fazer? perguntava eu a mim mesmo. A velha preveniu as minhas intenções, acautela-se, e todas as probabilidades de successo me abandonam. Velha scelerada! talvez já imagines ver-me atado á extremidade da tua corda!

Á força de pensar e de formar planos, atravessou-me o espirito uma idéa luminosa. O meu quarto era superior á casa da Fledermause. Não tinha, porém, janella para lá. Despeguei então uma telha e vi com alegria todo o interior da habitação da velha.

—«Até que, finalmente, és minha, exclamei eu; d'aquí não podes escapar-me. Hei de ver as tuas idas e vindas quaes são, enfim, os habitos da fúinha na sua cova. Não desconfiarás que te vigia este olho invisível, que surpreheende o crime ao nascer. Oh! a justiça tem um passo lento, mas chega sempre.

Nada havia tão sinistro como aquella morada. Era um pateo profundo forrado de lageas largas e cheias de musgos; a um dos cantos havia um poço com uma agua estagnada e repugnante; uma escada de caracol e ao fundo uma varanda; na balaustrada roupa velha e o panno de uma enxerga; no primeiro andar, á esquerda, uma pia indicando a cozinha; á direita as janellas altas da casa que davam para a rua; alguns vasos de flores seccas: tudo isto sombrio, esboracado, humido.

O sol apenas penetrava por uma ou duas horas no fundo d'esta sentina. Depois a sombra voltava; a luz apparecia um momento ainda em pequenas manchas sobre as paredes arruinadas, nas grades apodrecidas e nos vidros sujos das janellas: volteavam turbilhões de atomos nos raios doirados da luz.

Era, com effeito, este o sitio proprio para a Fledermause habitar.

Terminava eu, apenas, estas reflexões quando ella entrou: voltava do mercado. Ouvi a porta pesada ranger nos gonzos; Fledermause appareceu caugada e arquejante: as franjas da touca caíam-lhe para a cara. Subiu a escada, segurando-se com força ao corrimão.

Fazia um calor de abafar. Era, precisamente, um d'estes dias em que as casas velhas estão cheias de vermes, de insectos, aranhas, mosquitos que zumbem ou que produzem ruidos subterraneos.

A Fledermause atravessou lentamente a galeria como um furão que se sente em segurança na sua toca. Demorou-se um quarto de hora na cozinha, depois voltou a estender roupa e a varrer a escada onde havia palha espalhada.

Por ultimo ergueu a cabeça e poz-se a percorrer minuciosamente com os seus olhos verdes todos os recantos do tecto.

Porque estranha intuição desconfiaria ella que alguém a espiava? Ignoro-o. Mas, abaixando devagar a telha, abandonei n'esse dia o meu observatorio.

No dia seguinte a Fledermause parecia socegada. Na varanda batia um raio de luz.

Quando passava apanhou uma mosca que voava e apresentou-a com delicadeza a uma aranha que fizera a sua teia a um canto do tecto.

Esta aranha era tão grande que, apesar da distancia, vi-a descer de malha em malha atravez da sua teia, depois escorregar ao longo de um fio como uma gotta de veneno, tomar a sua presa d'entre as mãos da megera e

subir rapidamente. Então a velha olhou-a com attenção, cerrou os olhos, espirrou e disse com um tom ironico:

—«Deus te abençoe, minha querida; Deus te abençoe!»

Não pude durante seis semanas descobrir coisa alguma. Umaz vezes a Fledermause descascava batatas sentada, outras estendia a roupa sobre os balaustres da varanda. Vi-a tambem fiar, mas nunca a ouvi cantar, como fazem as boas velhas, casando a voz tremula e monotona com o ruido zumbidor da roda.

Havia sempre em volta d'ella um silencio absoluto.

Não tinha gato; sociedade constante das velhas. Os pardacs não poisavam nas beiras do telhado e os pombos, ao passarem por cima do pateo, estendiam mais as azas para fugir: parecia que tudo temia os seus olhares.

Só a aranha medrava na sua companhia.

Custa-me hoje a comprehender a minha paciencia durante tantas e tantas horas de observação; nada me aborrecia e coisa alguma me era indifferente. Ao menor ruido levantava a telha: havia em mim uma immensa curiosidade estimulada por não sei que vago temor.

Toubae queixava-se.

«Mestre Christian, dizia-me elle, em que diabo passa o tempo?! D'antes tinha sempre um quadro por semana, e agora apenas o tenho por mez! Isto de pintores!... Bem se costuma dizer: mandrião como um pintor. Em ganhando alguns creutzers, mettem as mãos nos bolsos e dormem.»

Eu mesmo começava a desanimar. Por mais que espreitasse não descobria nada de extraordinario. Começava já a pensar que a velha não era, talvez, tão perigosa como eu a suppunha, e, insensivelmente, desculpava-a. Mas uma tarde que eu espionava no meu buraco, fazendo estas benevolas reflexões, a scena mudou repentinamente.

(Continúa.)

B.

A VIRGEM

QUADRO DE RAPHAEL

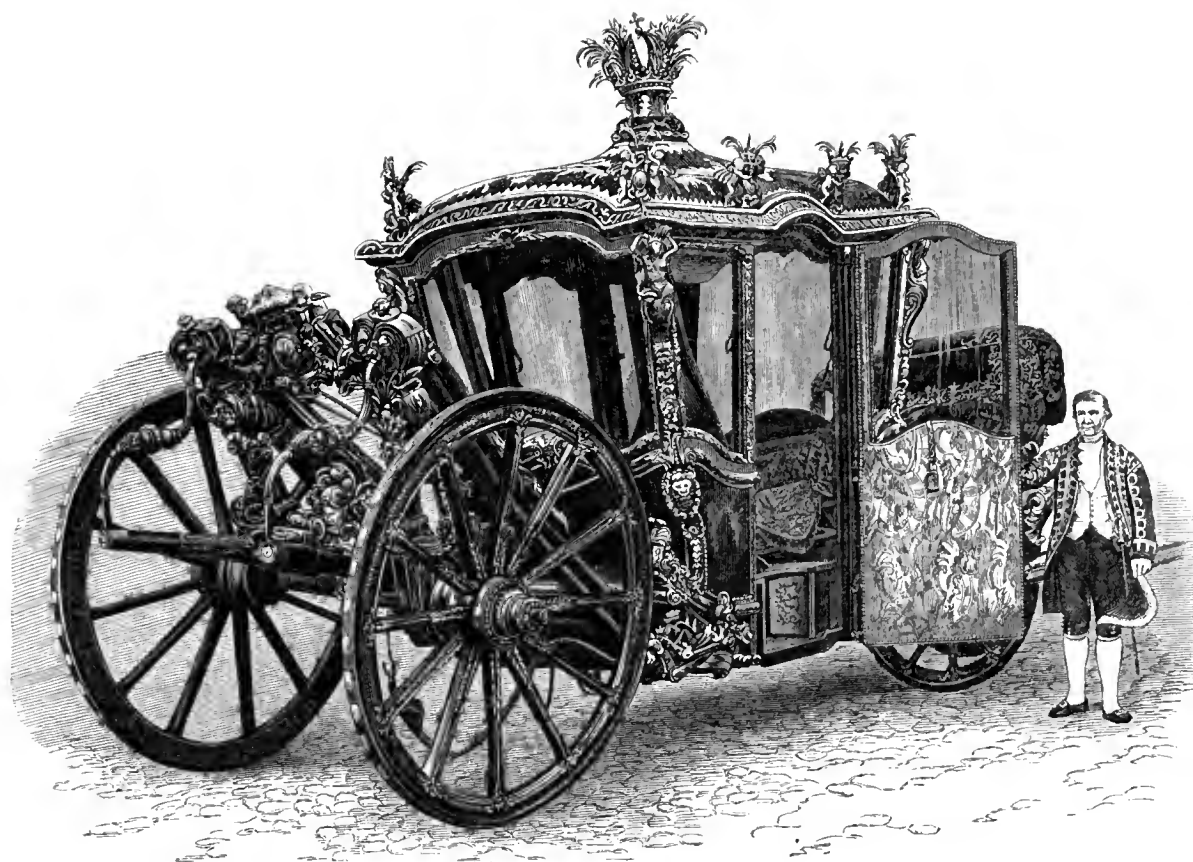
O quadro que damos em gravura, intitulado—A VIRGEM, conhecido pelo nome de—*A Virgem de S. Xisto*, passa por um dos meliores de Raphael.

No meio de uma gloria de cherubins está a Virgem de pé, tendo nos braços o Menino Jesus. Á esquerda S. Xisto, Papa, fundador dos Benedictinos de Placencia, adora, de joelhos, o Redemptor do mundo. Do lado direito Santa Barbara, tambem de joelhos, olha para a terra e parece conceder protecção á cidade de Placencia que encerra o seu corpo. Na parte inferior do quadro dois anjos de rara belleza, em graciosissima posição, completam o precioso trabalho do mestre, que, durante a sua curta vida, soube dotar o mundo com tão famosos thesouros.

Diz-se que este quadro foi feito para pendão de procições; mas, segundo todas as probabilidades, a sua verdadeira applicação foi para o altar mór dos Benedictinos de Placencia. Não se sabe ao certo em que época o mestre o concluiu; pôde comtudo affirmar-se que é uma das suas ultimas obras.

O quadro existe na galeria de Dresda. Foi comprado pelo rei Augusto III, que, tendo grande pezar de não possuir, na galeria d'aquella cidade, um original de Raphael, propoz aos frades do convento onde o quadro estava, dar-lhes uma copia e trinta e seis contos de réis, para lhe cederem o original.

Na galeria de Rouen ha tambem uma copia.



OS COCHES DA CASA REAL

Entre as preciosidades de diversos generos, que, respeitadas pelo tempo, se conservam ainda hoje como outras tantas reliquias do brilhante esplendor ostentado pela cõrte portugueza em épocas de maior opulencia, occupa mui distincto lugar, e tem sido objecto para admiração geral de nacionaes e estranhos, a riquíssima collecção dos antigos coches reaes. Diminuta para o que foi, em razão de desfalques repetidos e provenientes de causas variadas, mas ainda tal qual sufficiente para se poder affirmar com a auctoridade dos que o sabem, que no seu estado actual nenhuma outra conhecida no mundo lhe leva vantagem em numero e qualidade. As mais poderosas e cultas nações da Europa, onde estão agglomerados os productos da industria humana, e de cujo seio as artes, domiciliadas ha seculos, espalham com radiante fulgor por todo o universo as suas manifestações, ficam ainda assim n'essa parte inferiores a este pobre-Portugal¹.

A collecção dos coches reaes, por effeito de accumulações ou accrescimos successivos, havia tocado o seu auge nos ultimos annos do reinado da rainha D. Maria I, e já durante a regencia do filho, que depois lhe succedeu

com o nome de João VI. Foi então que começaram as perdas (não fallando nos coches, que por estarem ao serviço diario do paço em tempo d'el-rei D. José, haviam perecido no incendio subsequente ao terremoto de 1755). Quarenta e tantos coches, tirados provavelmente d'entre os melhores, levou consigo a familia real, quando, em 1807, fugindo da invasão franceza, se retirou para o Brazil. No anno de 1834 foram ainda mais alguns enviados para o Rio de Janeiro a titulo de partilhas, por fallecimento do sr. D. Pedro IV. — Venderam-se depois outros, que se achavam deteriorados, no reinado da senhora D. Maria II. E por ultimo existem ainda não poucos em estado de ruina, tal que alguns não admittem concerto. Assim os que por seu estado de boa conservação apesar da diuturnidade dos annos, ou por haverem sido moderadamente restaurados, se acham ao presente aptos para serviço, não passam de trinta e nove, segundo as informações mais veridicas e recentemente colligidas.

É em verdade para lastimar que com este resto, escapado á destruição e desbarate dos outros, mas ainda assim de tão extraordinaria valia, nos não chegassem noticias certas e exactas com respeito á origem e circumstancias de cada um. Com esse conhecimento poder-se-iam adquirir especies de maior alcance e proveito, não só para a historia das artes em Portugal, visto como por argumentos plausiveis parece que muitos coches foram aqui fabricados e ornamentados por artistas nacionaes, mas ainda para desvanecer mais cabalmente as tradições fabulosas que por tempo correram entre os meos sabidos e habituados a exagerações hyperbolicas, ácerca da origem d'alguns ou da época a que pertenciam.

Havia quem affirmasse, até na imprensa (e chegou

¹ Em Moscow, no anno de 1855, por occasião da solemnidade da coroação do actual imperador Alexandre II, appareceram no presépio alguns sumptuosos coches, que se diz haverem já figurado em festas identicas nos reinados de Catharina II e Paulo I. O desenho de tres d'estas equipagens, havidas como evidentemente de origem franceza, e escolhidas entre todas por mais notaveis, pôde ver-se no jornal francez *L'Illustration* do referido anno, onde vem em termos pomposos qualificadas de *obras primas e inestimaveis, verdadeiros monumentos historicos*, etc. Comtudo, em presença da descripção que ali se faz, não parece que qualquer d'elles possa admittir relações de superioridade comparada com alguns dos coches portuguezes.

a repetil-o um viajante estrangeiro¹, que devêra ter menos credulidade, e a critica sufficiente para não dar assenso e curso a informações tão evidentemente erradas), ser um d'aquelles o coche de gala de D. Affonso Henriques, outro, o d'el-rei D. Diniz, e um terceiro o de D. Mameel!!!... Nem ao menos occorria aos que taes ineptias propagavam, que a introdução e uso dos coches na Europa é de data mui mais recente que a de qualquer dos alludidos reinados, sendo hoje ponto assentado entre os mais proficientes indagadores d'estas antigualhas, que os coches reaes só foram conhecidos em França no reinado de Henrique IV; em Inglaterra no da rainha Isabel; e que em Portugal appareceram pela primeira vez quando Philippe II, seu príncipe introductor em Hespanha, veio a este reino para roborar a sua conquista, e receber dos novos subditos o juramento de fidelidade. Os nossos antigos monarchas, desde o vencedor de Ourique até o cardeal rei, não conheceram nem tiveram para si e suas familias outros vehiculos de transporte senão cavallos, ou as chamadas *andras*, especie de leito ou cadeira portatil, de que repetidas vezes se encontra feita menção nas velhas chronicas.

Para supprir pois a deficiencia de noticias historicas e authenticas de quaesquer particularidades, os nossos archeologos têm sido obrigados a socorrer-se de conjecturas fundadas sobre a indole especial de cada um d'estes artefactos, hoje existentes, ou das generalidades que a seu respeito nos fornece a historia dos diversos reinados. Assim se determinam pelos brasões d'armas que os adornam, e por outros signaes caracteristicos, os coches que trouxeram a Lisboa as princezas que successivamente vieram esposar os reis D. Pedro II, D. João V, D. José I, e o príncipe regente, depois rei D. João VI. É da mesma sorte conhecido um com que o papa Clemente XI brindára D. João V, de cujo reinado datam a maior parte, e por ventura os mais sumptuosos. O de que este soberano se serviu na ida ao Alentejo para receber a infanta de Hespanha D. Marianna Victoria, destinada esposa de seu filho e successor D. José I, não só sobresáe a tudo o que de melhor se havia visto em Lisboa, mas causou, segundo se affirma, admiração aos parisienses, costumados n'aquella época ás pomposas equipagens da côrte de Luiz XIV.

Ha de mais antiga data um, que tradicionalmente se diz haver servido a Philippe III de Castella e II de Portugal, durante a sua curtissima assistencia n'este reino; mas parece restar ainda n'esse ponto alguma duvida. Os que nenhuma admittem, por serem quasi dos nossos dias, são os que pertenceram a D. Maria I, e os que D. João VI mandou fazer em Paris e Inglaterra no seculo actual, e se diz serem de todos os mais desengraçados e menos ricos.

Não se encontra porém entre elles vestigio algum dos famosos coches que serviram na entrada solemne do conde da Ribeira, quando enviado á côrte de França em 1715, nem dos que tão notavelmente figuraram na de André de Mello e Castro, em Roma, na qualidade de embaixador extraordinario ao papa; sendo-nos aliás conhecida a descripção d'estes ultimos pelas estampas que formam talvez a parte mais importante na *Relação* que d'aquella embaixada se imprimiu em Paris em 1709, nas linguas portugueza e franceza em volume de folio.

O que hoje sabemos de todos, por mais recentes averiguações, pôde ver-se na serie dos primorosos artigos, que sob as rubricas *Coches antigos da casa real*, e *Luxo*

e *magnificencia da côrte d'el-rei D. João V*, escreveu e publicou, nos tomos X e XI do *Archivo Pittoresco*, o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, intelligente e prestante investigador dos monumentos e antiguidades patrias, sendo alguns d'esses artigos acompanhados das respectivas gravuras. Pena é que tão curioso trabalho ficasse interrompido pela suspensão d'aquelle instructivo semanario. Anteriormente outro nosso diligente antiquario, o sr. abbade Castro, havia dado á luz, em 1845, e fez reimprimir com emendas e additamentos em 1859, o resultado de suas indagações em um erudito opusculo de 13 paginas de 8.º com o titulo: *Noticia ácerca dos antigos coches da casa real*.

Para accommodação d'estes coches mandára el-rei D. João V construir, de proposito, no sitio do Calvario, proximo de Aleantara, um edificio onde permaneceram por largo tempo. Achavam-se ali ultimamente sem uso, e padecendo as deteriorações inevitaveis dos annos e do pouco ou nenhum cuidado que com elles se tinha, quando em 1845 houve a idéa de que alguns figurassem na apparatusa solemidade do baptismo da senhora infanta D. Antonia¹. Para esse effeito foram limpos ou restaurados uns dez, que, transferidos para as cocheiras do paço de Belem, continuaram desde então a servir nas mais lustrosas funções da côrte. Em 1862, por occasião do consorcio do actual reinante o senhor D. Luiz I, foram reparados mais alguns, que com aquelles e outros menos mal conservados, e removidos do antigo local, passaram a occupar as cocheiras reaes situadas na calçada da Ajuda, previamente reedificadas com todas as condições e commodidades necessarias para o mister. No Calvario ficaram unicamente os coches que por sua absoluta damnificação foram julgados incapazes do serviço, ou demandavam uma inteira e difficil reconstrucção.

A gravura que as *Artes e Letras* offerecem hoje á curiosidade dos leitores, é copia fiel de uma photographia exactissima, e representa um coche de data comparativamente moderna, mas dos mais apreciaveis da collecção por sua riqueza e bem acabado lavor. Pertence, segundo nos informam, á época de D. Maria I, e é o proprio que no baptismo da senhora infanta conduziu seus augustos paes, a senhora D. Maria II e o senhor D. Fernando. Affigura-se-nos que será tambem o mesmo a que allude o sr. abbade Castro, pag. 10 do seu opusculo, e que diz servira pela primeira vez a 6 de junho de 1781, quando a rainha foi visitar solememente o novo convento que acabava de edificar com dispendio excedente a 5.000:000\$000 réis, sob a invocação do Santissimo Coração de Jesus. É todo envidraçado em roda pela parte superior dos paineis (sendo estes cobertos com bellas pinturas, que se attribuem ao fecundissimo e sempre engraçado pincel do nosso artista Pedro Alexandrino de Carvalho) e ornado de ricas molduras, figuras allegoricas e festões, tudo de talha doirada. Pela parte interior é forrado de *tissu* de oiro de exquisito gosto e subido preço; e o tejadilho tanto interior como exteriormente forrado de veludo verde, com guarnições tambem bordadas de oiro. Em volta do mesmo tejadilho contam-se oito manganetas de bronze doirado, formando outros tantos grupos de anjos, que sustentam corôas, e na parte central e mais elevada ergue-se uma grande e formosa corôa, egualmente doirada. O jogo e trazeira levantada não desdizem do restante apresentando tambem bellos or-

¹ Pôde ver-se a miuda narrativa d'este acto pomposo, celebrado a 8 de abril de 1845, no *Diario do Governo* n.º 86, de 14 do mesmo mez. Vej. tambem a *Illustração, jornal universal*, n.º 2, de 3 de maio do dito anno, onde segue á descripção da festividade uma estampa com a representacção do prestito.

¹ O príncipe Lichnowsky, nas suas *Recordações de Portugal em 1842*, pag. 84 da versão portugueza.

natos e figuras obrados em talha doirada, cujo gosto e execução provam exuberantemente a pericia dos nossos artistas, se este soberbo artefacto foi, como tudo induz a crer, fabricado em Portugal.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

PAQUITA

(ULTIMAS ESTROPHES DO CANTO VII)

.....
Adelina, sabendo, de improviso,
Que Pepito tambem a acompanhava,
Sorrira com angelico sorriso...
Desde aquelle momento não pensava
Senão no dia em que partissem juntos...
E a que ponto esse dia lhe tardava!

Chegára, enfim! O brigue da carreira,
Airosa embaração que então corria,
Levando a palma sempre á mais veleira,
Dentro em pouco a seu bordo os recebia,
E, abrindo as vélas e transpondo a barra,
A um largo, com bom vento, proseguia.

O mar! o mar!—Ó Deus, no vasto mar,
Nas planuras d'aquella immensidão,
Sob o céu, ante as ondas, dilatar
A vida por um outro coração,
Que em extremos d'amor por nós palpita
Como as ondas que alem vemos quebrar!...

Ruja, embora, o tufão! Embora a morte
Ameace do abysmo as nossas vidas,
Unindo-se em phrenetico transporte,
N'uma só nossas almas confundidas
Contemplam o furor do pégo indomito,
Ufanas encarando a mesma sorte!

Salta o vento e propicio de outro lado
Já nos conduz nas azas da boiança.
O sol brilha no céu—precipitado
Palpita o coração com a esperança,
Até que, enfim, por entre o véu das lagrimas
Descobrimos o porto desejado!

Corria a um largo o brigue, onde seguiam
Adelina, Pepito e a preceptora.
No convez do navio os dois sentiam,
Em presença do mar, o que eu agora
Disse, leitor, e nunca as suas almas
Tinham sentido as impressões d'ess'hora!

Ao desbotado rosto da donzella
Assomavam as rosas, e a alegria,
Que, havia muito, já nos olhos d'ella
Apenas por momentos entreabria,
Agora, como o sol de um dia esplendido,
No azul dos bellos olhos lhe fulgia!

Pepe saudava o mar. Ella inclinava,
C'o a morbidez do amor e da ternura,
No peito d'elle a fronte que vergava
Desfallecendo á força de ventura.
Que fronte—onde os cabellos fluctuavam
Com a brisa do mar!... que formosura!

Digo a brisa do mar, e não supponha
O presado leitor, que me refiro
À brisa, que, beijando a flor risonha,
Solta no prado um languido suspiro:
Infallivel bordão de certos vates
Cujo estro e doçura eu tanto admiro!

Não, senhor—é da fresca e larga aragem
Que agita as ondas em cachões de espuma,
E, correndo, na rapida passagem,
Varre do céu as nuvens uma a uma,
Até deixar o firmamento em volta
Sem ter nem sombra de ligeira bruma.

Encostado á amurada respirava
O par ditoso a immensa poesia
Do céu, do mar, do sol que scintillava
Sobre as ondas azues, onde fervia—
Esmaltada de luz—a branca espuma
Que as ondas orgulhosas corava!

Uma sombra nas orlas do horisonte!
—«Terra á vista»—exclamou em continente
Um marinheiro de bronzeada fronte.
Afirmou-se o hespanhol attentamente,
Porém, em vez de terra, apenas viu
Um pontinho o seu olho inexp'riente.

O navio corria a todo o panno.
Era um crystal de rocha o céu polido;
Azul ferrete o mar quebrava ufano,
Das lufadas do norte sacudido;
E nas ondas de luz o sol vivissimo
Banhava o céu e as vagas do oceano!

Adelina, ditosa, embevecida,
Transportada d'amor, junto do amante
Sentia-se outra vez cheia de vida.
Meu Deus, com que alegria, n'esse instante,
As almas juvenis ambos fundiam
No olhar apaixonado e fulgurante!

As almas juvenis!—Ó mocidade,
Inda ás vezes te sinto, inda te vejo,
Atravez da tristeza e da saudade,
Rebrilhar com um rapido lampejo
Da existencia do céu—quando contemplo
Um namorado par no alvor da idade!

Dentro em pouco a Madeira florecente,
No limpido horisonte recortada,
Já se podia ver distinctamente.
Ó flor do mar, ó terra abençoada,
Onde no inverno, pelo mato agreste,
Abre, sorrindo, a rosa perfunada!

Quem podera tornar áquelles dias
Que em teu scio passei! Ó Providencia,
Nunca mais voltarão as alegrias,
Os magos sonhos, a divina essencia
Dos annos juvenis, mixto sublime
De paixão, de enthusiasmo e d'innocencia?!

Voltá da primavera o sol brilhante;
Volta a flor ao pomar; a rosa ao prado;
Às veigas a scara sussurrante;
Às aves o gorgeio enamorado...
E um anno, um mez, um dia, um só momento.
Não volta para nós d'esse passado!!

Varrêra o norte as nuvens do horizonte,
E, o que é pouco vulgar, n'aquelle dia,
Até o viso do mais alto monte,
A vista todo o quadro descobria.
O navio deu fundo. Aos dois amantes
Singular alvoroço embevecia!

Pepito miui ao peito a bella ingleza,
Que ficou, por momentos, fascinada
Ante o aspecto gentil da natureza;
E, quebrando a mudez apaixonada,
Ella disse depois entre-surrindo:
=«Oh! aqui torno á vida com certeza!...

Correu mais forte um pouco a viração
E agitou-lhe os cabellos, que roçavam
A face do manco. Essa impressão...
O aroma que os cabellos exhalaram...
N'um impeto d'amor os labios d'elle
De repente nos d'ella se cravaram!...

Era a primeira vez!!—Aquelle beijo
Ante o céu os amantes desposava!
Innocencia, candura, ardor, desejo,
Tudo ali santo Deus, se concentrava!
Celebravam assim divinas nupcias,
Em presença do mar que os contemplava!

FIM DO CANTO SETIMO

BULHÃO PATO.

O DELPHIM DE FRANÇA

EM CASA DO SAPATEIRO SIMÃO

QUADRO DE PILOTY

Os que leram a historia da primeira republica da França tiveram agora occasião de ver, no theatro de D. Maria II, representado com muita propriedade, um antigo conhecimento, o sapateiro Simão. Viram, tambem, com todo o esplendor da verdade, a scena altamente dramatica em que o brutal republicano, com o coração ermo de todos os sentimentos bons, vae á prisão de Maria Antonieta, e arranca dos braços da mãe aquelle que as potencias chegaram a reconhecer como rei de França, e que o destino quiz que morresse ignorado e esquecido.

Pois a nossa primeira estampa representa o infeliz principe em casa do seu algoz, tranzido de susto ouvindo as ironias amargas de um homem, que, avaliando os factos pelo que lhe dictava o espirito rude, determinára vingar-se, no innocente, de tudo que os antepassados de um fizeram soffrer aos antepassados do outro.

Alem do interesse historico que desperta o quadro que damos, recommenda-se elle pela composição, que é primorosa, e, principalmente, pela expressão physiologica dos diversos personagens, que é magnifica.

O receio com que o desditoso principe, ainda vestido com os trajes da corte, ouve as facecias que lhe dirigem, e a satisfação feroz do sapateiro patriota que se prepara talvez, para cevar na indefeza creança as suas iras concentradas, acham-se tão bem traduzidos no quadro, que o coração confrange-se ao contemplar aquelle deploravel episodio de uma revolução que, embora accusada de, no rugir das paixões desenfreadas, haver der-

ramado sangue innocente e commettido barbaridades affrontosas, teve tanto de grande e de sublime, porque libertou uma classe do pesado jugo que a opprimia porque restituiu ao povo os fóros de que elle se achava esbulhado.

Se juntarmos á expressão perfeitissima das physiologias e á naturalidade com que as figuras estão grupadas, o bom desenho de cada uma d'ellas e a minuciosidade com que são tratados os accessorios, devemos concordar em que o quadro de Piloty, O DELPHIM DE FRANÇA EM CASA DO SAPATEIRO SIMÃO, é digno da especial attenção dos que prezam os bons trabalhos artisticos.

OBRAS DE ARTE PORTUGUEZAS

QUE FIGURARAM NA EXPOSIÇÃO DE MADRID EM 1871

(Conclusão)

Tambem o sr. Rosa mandou a Madrid o *Busto do fallecido visconde de Almeida Garrett*, esculptura que todos têm visto no salão do theatro de D. Maria II. Por ser obra conhecida, e a respeito da qual muito se escreveu em tempos, mencionamos-a apenas, absten-do-nos de repetir o que já se disse.

Em architectura apresentou o sr. Avila, discipulo da escola de bellas artes de Paris, alguns trabalhos; a saber: *Projecto para uma camara municipal* (fachada principal, corte e planta); *Projecto de um amphitheatro para uma escola* (fachada principal, corte e planta); *Projecto de um restaurant* (fachada, corte e planta); *Projecto de uma casa de campo*, em construcção para o sr. duque de Loulé e conde de Valle de Reis (fachada principal, dita lateral, corte, planta e *detalhes* em grande); *Projecto de construcção de uma igreja de S. Torquato*, em Guimarães (fachada, dita lateral, dita posterior, corte, planta e *detalhes*); *Projecto de uma casa de campo* (fachada, corte e planta).

O melhor d'elles é, quanto a nós, o projecto para a camara municipal, executado com primor.

O sr. Sousa enviou a sua excellente gravura, a agua forte, do quadro do sr. Annunciação *O recolher do gado*, a gravura a buril do quadro do sr. Metrass, *A leitura de um romance*, e retratos do fallecido monarcha D. Pedro V, do sr. visconde de Castilho, do sr. Bulhão Pato, do sr. Fontes Pereira de Mello, da sr.^a Volpini, da sr.^a Delphina do Espirito Santo, do sr. F. A. da Silva Taborada, do sr. Julio Cesar Machado, do sr. Magalhães Coutinho, do sr. José Lourenço da Luz, do sr. Pimentel, do sr. Bruschy, do sr. Annunciação e dos fallecidos srs. José Esterão e Rodrigo da Fonseca Magalhães.

São obras conhecidas e já devidamente julgadas e apreciadas. Da primeira quiz o jury de Hespanha adquirir a chapa, o que não conseguim, por ser propriedade da sociedade promotora de bellas artes em Portugal. O distincto artista foi permiado com a medalha de 2.^a classe.

O sr. Caetano Alberto mandou dois quadros com diversas gravuras em madeira, de merecimento relativo ao estado em que este ramo de bellas artes se acha no paiz.

O sr. Soller, artista portunense, que estudou por algum tempo architectura em Paris, obteve a medalha de 2.^a classe, pelo *Projecto de uma bibliotheca*, trabalho que não tivemos a satisfação de ver, porque foi enviado directamente para Madrid pelo seu auctor.

O sr. Correia, do Porto, apresentou tres desenhos: *Santa Izabel rainha de Portugal*; *O retrato do sr. duque de Loulé* (lithographias) e *Um retrato á penna*.



RAFAEL SANZI pinx.

W. BURNCH

A VIRGEM.

É conhecido este artista como bom desenhador e os seus trabalhos não desmentem a opinião em que é tido. O quadro que representa a Rainha Santa é bem composto o executado com mestria. Sentimos, porém, que artista tão considerado não se fizesse conhecer em Madrid por trabalhos de mais alta aspiração.

O sr. Soromenho expoz — *Uma ovarina*, desenhada a esfuminho e lapis. Este quadro distancia-se, para melhor, de um que este desenhador apresentou, ha tempos, na exposição da Sociedade Promotora de Bellas-Artes.

Os longes e a atmospheria são bem feitos, e ha harmonia em toda a composição.

Finalmente, o sr. Campos, de Lisboa, e o sr. Molariño, do Porto, enviaram diversas medalhas gravadas com o primor nunca desmentido pelos trabalhos d'estes artistas. Foram premiados, mas com distincções de menos valor do que as conferidas a outros artistas, que, segundo nos dizem, não os excederam.

Concluimos a nossa revista dos quadros mandados a Madrid. Nem sempre acertariamos nas apreciações que fizemos, estamos convencidos d'isso, mas podemos afiançar que fomos imparciaes, porque, não attendendo ás ligações de amizade que nos prendem á maior parte dos artistas citados, temos a consciencia de que fallámos desassombradamente e com a franqueza indispensavel nas apreciações de uma folha d'esta indole.

R. DE L.

CHRONICA DO MEZ



novidade saliente do mez foi a visita de S. M. o imperador do Brazil a terras de Portugal.

O Senhor D. Pedro II, depois de terminada a guerra, que por tantos annos absorveu a attenção do imperio, depois de proposta a lei civilisadora da abolição dos escravos, determinou-se a percorrer a Europa em viagem mais de instrução que de recreio.

Tendo visitado os paizes que, pelo seu estado de adiantamento, são classificados como primeiros na escala do progresso, escolheu, para final estagão da sua jornada, este cantinho do mundo — gloriosa patria de seus antepassados — a que o prendem estreitas ligações de amizade e de familia.

Uma vez em Portugal apresentou-se nos principaes estabelecimentos scientificos e tratou com os homens mais eminentes na litteratura, nas artes e na politica, mostrando-se conhecedor de variados assumptos, sendo affavel com os que vinham prestar homenagem á sua alta hierarchia e deixando grata memoria no animo dos que o procuravam ou eram por Sua Magestade procurados.

Pondo de parte os atavios da realza, diligencia viver sempre como particular, mas procedeu muitas vezes como principe. Se habitava as hospedarias, se percorria as ruas em carruagem de aluguel, se occupava qualquer camarote no theatro, se tomava logar entre os demais cidadãos nos sitios publicos onde apparecia, também distribuiu com mão larga e generosa muitas esmolas, enxugando algumas lagrimas e exercendo, n'este ponto unicamente, as funcções do alto cargo que a Providencia lhe destinou.

Sua Magestade Imperial mestrou, pois, pelo seu procedimento,

compreender bem o seculo em que nasceu; vê-se que respeita as idéas liberaes e democraticas laboriosamente conquistadas pelo povo, para que essas idéas, na sua integra justiça, o respeitem a elle também.

Lisboa, Porto e Coimbra vestiram-se de gala para receber os imperiaes viajantes. Lisboa, principalmente, apresentou-se com toda a galhardia. Não parecia a mesma. Sorumbatica e mettida consigo, como é, desfranziu n'esses dias os labios e sorriu graciosa. Foi tal a transformação, que os proprios filhos que nunca saíram do seu agasalho, a desconhecaram.

As festas em Lisboa têm a vantagem de expor aos habitantes um simulacro da vida, do ruido, da alegria das grandes cidades. Durante as ultimas a que me refiro, observaram-se phenomenos rarissimos, coisas extraordinarias de que ninguem julgava susceptivel a capital d'estes reinos.

Muita gente a passeiar!

Muita luz nas ruas!

Enchentes nos theatros!

Enchentes no passeio em dias de semana!

Em Lisboa é preciso pretexto para se sair á rua. As luminarias foram d'esta vez o pretexto. É certo que este nosso bom povo já não corre a foguetes — tudo, até a politica o prova — mas por luminarias, em sendo boas, ainda muita gente se incommoda. Só a muita luz tem o poder de atrair as mariposas, que em noite de simples illuminação municipal não saem do foto casulo.

A commissão encarregada de festejar a passagem do imperador pela capital contribuiu muito para estas alegrias, pois mostrou a boa vontade de que estava possuida, para que tudo fosse luzido e digno do fim a que era destinado. Pena é que as pessoas, a quem foi commettida a execução do pensamento dos commissionados, não mostrassem também o seu bom gosto.

Alguns dos adornos das ruas, diga-se a verdade, tinham pouco de bonitos. As pyramides do Rocio, por exemplo, eram de um mau gosto *pyramidal!* Verdade é que illuminadas produziam algum effeito, e ellas foram levantadas para se verem assim; mas como de dia, carregadas de pesado luto, saltavam mais á vista do que de noite em que o vento fresco do norte lhes apagava de quando em quando o fogo do enthusiasmo, por isso me não deve ser estranhado que eu registre aqui a disformidade d'aquelles collossaes monumentos, que só tinham de bom representarem dignamente a *idade de ferro* em que vivemos.

Outro assumpto bem diverso prendeu também as attencões da população de Lisboa nos principios do mez. Foi o beneficio da actriz Emilia Adelaide, um dos mais primorosos talentos que abrilhantam a scena portugueza.

O publico, sempre sollicito em applaudir os bons talentos, concorre á festa dos grandes artistas, disputando os logares mais insignificantes da sala com tal ardor e perseverança, que deixa muitas vezes remediados para alguns mezes os contratadores de bilhetes. Pelo preço das entradas á porta dos theatros, em noite de beneficio, é facil de avaliar o merecimento do beneficiado, quando elle é actor ou actriz. Escusado será, pois, dizer que os bilhetes para a noite de festa da actriz Emilia Adelaide foram cotados por alto preço. A sala estava cheia, e brilhante foi a ovação com que os admiradores da actriz a receberam na sua entrada. Pagavam-lhe assim os esforços por ella feitos para alcançar o logar distincto que hoje occupa.

Representou-se n'essa noite, pela primeira vez, o drama de Giacometti — *Maria Antonieta*, traduzido pelo sr. Biester. O drama, que se encontra impresso em elegante volume, foi tecido pelo auctor sem ficção alguma. É, por assim dizer, uma das mais sentidas paginas da historia de França, escripta em oito capitulos, que tantos são os quadros em que está dividido aquelle poema de lagrimas.

O publico affligiu-se com os ultimos actos, que são os mais tristes, e deu signaes de reprobção. Comtudo não reparou em que, julgando vingar-se da peça que o incomodava, apenas se vingava da historia, esigmatizando factos succedidos. A presença do carasso, sobretudo, irritou-o muito. Os mais sensiveis tiveram n'aquelle momento vontade de guilhotinar o ministro da alta justiça para que elle não guilhotinasse a rainha. Não chegando, porém, a tanto a sua algada, contentaram-se com dar-lhe uma boa pateada, como quem diz:

— Já que não morres ás nossas mãos, morrerás... aos nossos pés.

O desempenho do drama foi bom, em geral, distinguindo-se a actriz Emilia Adelaide e o actor Santos. Este no difficil papel de Luiz XVI encontrou a melhor corôa da sua gloria artistica. Depois de traduzir com a maior felicidade o caracter fraco e indeciso do rei, que viu desabar sobre si e toda a sua familia o collossal edificio da monarchia, exprimiu com verdade e angustia a dor violenta, a agonia dilacerante que deve sentir o misero que sae dos braços da esposa e dos filhos, para se entregar nas mãos do algoz. Foi completo.

Já que falei do theatro registarei tres novas composições originaes que se deram durante o mez: *Arte, patria e caridade*, pelo sr. Alfredo de Athayde; *Durante o reinado do sr. D. Pedro II*, pelo sr. Desforges e *Scenas da vida de Coimbra*, pelo sr. Barros.

A primeira representou-se no Gymnasio; as duas ultimas na rua dos Condes.

O sr. Athayde, apesar de habituado a escrever no genero comico, saiu-se muito bem do primeiro ensaio que fez no genero serio. A sua ultima comedia é apenas um episodio, mas episodio sentido e bem calculado para o fim a que se destinava. Corre impressa e foi dedicada a S. M. o imperador do Brazil.

A comedia do sr. Desforges agradou, e quasi que se pôde dizer d'ella o que digo da do sr. Athayde, porque, sendo ambas escriptas com o mesmo proposito, deram ambas igual resultado e quasi que têm identico enredo.

A ultima comedia citada tem a vida e alegria que o titulo exige. O publico applaudiu-a.

Agora fallemos de livros.

O incansavel escriptor, sr. Camillo Castello Branco, deu á estampa mais um livro. Não é novidade o que deixo escripto; novidade seria dizer:

— Ha um anno que o sr. Camillo Castello Branco não publica um livro.

Escrever muito e muito bom é dado a poucos escriptores. No catalogo d'esses poucos, porém, está inscripto o nome do sr. Camillo. A sua reputação podia ser européa, se elle não tivesse um defeito; ser portuguez. Entretanto, onde se lê a nossa lingua o sr. Camillo Castello Branco é considerado como um dos primeiros, se não o primeiro escriptor portuguez do seu genero.

O ultimo livro que deu á publicidade *Quatro horas innocentes*, contém uma serie de contos interessantes e escriptos em estylo ameno e vernaculo, que delectam o leitor durante quatro ou mais horas, conforme a perfeição com que o leitor ler por cima. Intitulam-se: *A flor da Maia*; *O livro de Lazaro*; *A coroa de ouro*; *Por causa do pauvo de bóca*; *O inferno*; *O santo de Midões*; *A cruz do corcovado*; *Em vinte annos*; *Uma carta de Ignacio Pizarro*; *Leitura consoladora*; *Celestina e Pataratas*.

Embora o sr. Camillo Castello Branco affirme que isto de *novellas, poemas, dramas, letras amenas, enfim, está por um fio em Portugal*, creio bem que não será pelo seu livro que o fio ha de quebrar; antes, pelo contrario, mais facil será o auctor entrar no templo da Memoria com a decima edição vendida.

Ignoram muitas pessoas, de certo, que Portugal foi patria de uma cantora celebre, cuja reputação européa dá honra ao paiz que a viu nascer. Chamava-se Luiza de Aguiar Todi e era filha de Setubal, d'essa formosa rainha do Sado, que teve a gloria de tambem ser mãe de um dos nosso maiores talentos poeticos — Bocage.

Colligiu, á custa de grande trabalho, o sr. Ribeiro Guimarães todas as noticias que ha escriptas acerca da notavel cantora, e, dando-lhes a fórma indispensavel aos trabalhos d'aquella natureza, publicou-as em livro sob o titulo de — *Biographia de Luiza de Aguiar Todi*.

Este livro é destinado a cumprir duas missões, qual d'ellas mais louvavel: a primeira, esclarecer o publico sobre a existencia de uma celebridade portugueza, ignorada pelos que menos se occupam de assumptos artisticos; a segunda, auxiliar com o producto da venda as bisnetas da cantora, que, não podendo esquivar-se ao triste destino que persegue a maior parte das familias dos artistas, lutam actualmente com a miseria.

A auctoridade do escriptor que assignou a obra, e os serviços que ella se propõe a prestar, bastam para lhe servir de recommendação e torna-la conhecida.

O sr. Anthero do Quental reuniu os seus primeiros versos e publicou-os em volume, chamando-lhes — *Primaveras romanticas, versos dos vinte annos*.

São sempre dignos de attenção os fructos dos bons talentos, ainda que não sejam fructos bem sazonados. N'aquelles em que não se encontra o suco substancioso produzido pela experiencia e pelo estudo, vê-se a frescura, a mocidade, aquelle viço agradável e seductor que se perde com o andar dos annos, como se perde a negrura dos cabellos e o assetinado da pelle.

Só por excepção estas qualidades se encontram no escriptor de cincoenta annos e se não manifestam no poeta de vinte.

O sr. Anthero está na regra, com relação aos versos que publicou, porque respiram mocidade e têm-se com agrado.

Na cidade do Porto deu o sr. conde do Rio Pardo á estampa um drama original, em cinco actos, intitulado — *Preconceitos de raça*.

Não é em livro que as composições de theatro podem ostentar as suas bellezas; sobre o paleo, animadas pela interpretação dos actores e adornadas pelos atavios do scenario, é que revelam todo o seu merecimento, porque só ali a maior parte dos traços principaes dados pelo dramaturgo se manifestam com todo o seu vigor e luzimento.

Parce-me que o drama — *Preconceitos de raça* deve produzir bom effeito posto em scena, porque está dialogado com facilidade, bem enredado e tem alguns finaes de acto bons. Em livro desperta

logo no principio a curiosidade do leitor, o que é de bom prenuncio para o theatro.

N'um paiz cuja principal industria é a agricola, um jornal, que se dedique á especialidade, é sempre bem acolhido. Tenho á vista um que vai já no terceiro anno da sua publicação e que promete longa vida. É o *Jornal de horticultura pratica*, publicado no Porto e redigido pelo sr. Oliveira Junior, cavalheiro muito intelligente e versado no assumpto de que trata a sua publicação.

Não é preciso ter grande lavoura ou espaçoso jardim para se consultar este bello jornal. A donzella que todas as manhãs rega as roseiras da sua varanda e cuida da begonia com que a presenteou certo amator de flores e de bonitos olhos, muitos dos artigos do *Jornal de horticultura pratica* tambem interessam.

Têm discutido os periodicos diários o sitio em que se deve erigir o monumento do escultor Aguiar, dedicado á rainha D. Maria I.

Apresentaram-se varios alvitres, e, lembrando algumas pessoas que a estatua ficaria bem collocada dentro do passeio da Estrella, houve quem dissesse ou escrevesse, que não se devia pensar n'aquelle local para semelhante fim, porque não convem *estragar o passeio*.

Eu entendo que não se devia pensar n'aquelle local para semelhante fim, porque não convem *estragar o monumento*.

As obras de arte do genero monumental devem estar em sitio espaçoso e desafrentado, para que se possam ver a distancia e sem terem cousa alguma que as assombre. É isto o que, segundo me parece, não se pôde conseguir dentro de um passeio disposto como o da Estrella, sejam quaes forem os esforços que se façam para chegar a um bom resultado. Se se entender, pois, que não é possivel collocar a estatua defronte do convento da Estrella, ainda que se tenha para isso de sacrificar uma porção do passeio, arrancando-lhe o gradeamento e abrindo-lhe ruas para carnagens, o que seria talvez o melhor de todos os planos, é minha opinião que se levante o monumento no Aterro ou em qualquer praça espaçosa, mas nunca n'um jardim, até para que não succeda que algum futuro vereador se lembre um dia de lhe mandar enfeitar o pedestal com plantas trepadeiras.

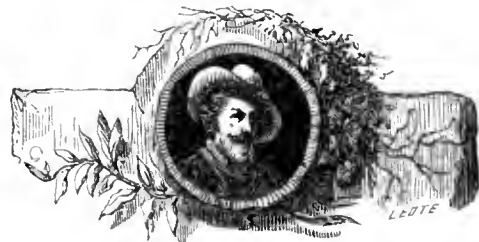
Do *atelier* do sr. Lupi estão para sair tres bons quadros. O primeiro é uma pequena composição, cujo assumpto, semelhante ao da tela que este artista mandou á exposição de Madrid, é — *A familia*. O novo quadro, porém, é mais pittoresco e de colorido muito agradável e vigoroso. Pertence á sr.^a condessa d'Edla.

Os dois restantes são o retrato do sr. Pons e de sua esposa. Ambos têm bastante valor artistico e tornam-se, principalmente, notaveis pela transparencia com que são pintadas as carnes. A similiação é perfeita em qualquer d'elles.

O sr. Tomazini concluiu uma nova marinha que expoz á analyse publica.

Apesar de habil navegador, nunca o sr. Tomazini, auxiliado pela nautica, levou tão depressa de um porto a outro qualquer embarcação, como agora fez, auxiliado pela pintura. Poz a navegar nas agnas do Zambeze os vapores *Sena* e *Tete*, estando elles ainda dentro do dique do arsenal! É maravilhoso, dirão, mais maravilhoso que se os tivesse mandado pelo telegrapho! O caso, porém, é veridico, e quem desajar certificar-se ainda está a tempo, porque o quadro achta-se exposto na elegante loja de espelhos Margoteau Ferreira. Não vê-lo, que não perdem o tempo. Gosarão do aspecto de uma linda marinha com o céu abrazador dos climas tropicaes, as agnas remansosas e transparentes dos grandes rios, e com muitas outras bellezas de que não me lembro, porque não fiz como aquelle *dilettanti* que tinha por costume, quando ouvia alguma melodia que lhe agradava, dar um nó no lenço, para se não esquecer.

RANGEL DE LIMA.



O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR
ERCKMANN-CHATRIAN

I

Vivia, ha poucos annos, na pequena povoação de Graufthal, nos confins dos Vosges e da Alsacia, um d'estes veneraveis medicos de aldeia que ainda usam cabelleira, grande casaca direita, calções e sapatos com fivelas de prata.

Chamava-se Frantz Matheus. Tinha, já de sua familia, a casa melhor do logar, com sua horta, algumas terras de semeadura na serra, uns prados no valle; ao que, para conhecermos toda a sua fortuna, acrescencaremos os ovos, o leite, o queijo, e, de tempos a tempos, uma gallinha magra, com que as aldeãs agradecidas presentavam o sr. doutor. Isto bastava á sua vida, á de Martha, uma velha que o servia, e á do seu cavallo Bruno.

Matheus era o eurioso typo dos antigos *doctores medicinae, theologiae* ou *philosophiae* da boa escola allemã: tinha uma physionomia doce, serena, cheia de quietação e de bondade; mas tinha uma paixão dominante — a metaphysica. O mesmo prazer que qualquer teria lendo *Candido* ou a *Viajem sentimental*, sentia-o elle meditando o *Tractatus theologico-politicus* de Baruch Spinoza ou a *Monadologia* de Leibnitz.

Tambem para se distrahir fazia experiencias de physica e chimica.

Um dia deitou farinha de centeio com esporão n'uma garrafa de agua. No fim de dois mezes viu que o centeio fizera nascer pequenas enguias, as quaes, dentro em pouco tempo, se multiplicaram infinitamente.

Esta descoberta encheu Matheus do maior enthusiasmo, e fê-lo immediatamente concluir que, uma vez que se podia fazer enguias com farinha de centeio, se poderia fazer homens com farinha de trigo. Depois reflectindo, pensou o sabio doutor que esta transformação deveria operar-se lenta e progressivamente: que do centeio nasciam enguias, das enguias outros peixes de toda a sorte, e d'estes, reptis, quadrupedes e passaros, e assim por diante até chegar ao homem. E, assentando que tudo isto se passava em virtude da lei do progresso, chamou á progressão a escala dos seres. Ora como Matheus estudára

grego, latim e muitas outras linguas, começou a compor os 16 volumes de uma magnifica obra intitulada — *Palingenesia-psycologica-anthropo-zoologica*, onde explicava a criação espontanea, a transformação dos corpos e a peregrinação das almas, allegando Brahma, Vishnou, Siva, Isis e Osiris, Thales de Mileto, Heraclito, Democrito, e, enfim, todos os philosophos cosmologicos antigos e modernos.

D'esta obra mandou elle alguns exemplares ás universidades de Allemanha onde, — o que não é muito para admirar, — grande numero de doutores adoptou o seu systema, conferindo-lhe os diplomas de membro correspondente do instituto cirurgico de Praga, da sociedade real de sciencias de Goettingue e do conselho veterinario das caudalarias de Wurtzburgo.

Animado por estes illustres suffragios resolveu Matheus fazer uma segunda edição da sua *Palingenesia* enriquecida com algumas notas hebraicas e syriacas destinadas a elucidar o texto.

Mas a sua creada, mulher velha e de muito tino, ponderou-lhe que essa gloriosa empreza lhe custára já metade dos seus haveres, e que de certo teria de vender a casa, a horta, os prados, para imprimir as notas syriacas. Pediu-lhe, enfim, que cuidasse mais das cousas mundanas, moderando o seu ardor anthropo-zoologico.

Estas considerações contrariaram altamente Matheus que, todavia, não pôde deixar de concordar em que a boa da mulher tinha razão, limitando-se assim a exhalar profundos suspiros, e encerrando no peito as suas aspirações para a gloria.

Ora muito tempo se passou sobre isto.

Matheus voltára aos seus antigos habitos. Montava a cavallo de manhã para visitar os doentes e voltava tarde, cansado. Á noite, em vez de se fechar na bibliotheca descia ao jardim para dis-

por as latadas, limpar as arvores, sachar as lentilhas. Depois da ceia apparecia o mestre João Claudio Nachtmann, o guarda rural Christian e algumas velhas da vizinhança com as suas rocas.

Sentavam-se em volta da mesa e fallavam do tempo. Matheus fallava dos doentes, e depois, á noitinha, cada um ia dormir para sua casa, a fim de ter no dia seguinte a mesma vida.

Assim se passavam dias, mezes e annos. Todavia, esta existencia pacifica não bastava para consolar Matheus da sua vocação perdida. Quantas vezes, nas jornadas mais distantes, só, no meio dos bosques, se censurava elle aquella funesta inacção!



Uma descoberta encheu Matheus do maior enthusiasmo

— Frantz, dizia a si mesmo, o teu logar não é em Graufthal! Todos aquelles a quem o Ser dos seres fez depositarios dos thesouros da sciencia devem-se á humanidade. Que responderás tu, Frantz, a essa grande lei, quando chegar o dia do julgamento e ella te disser com a sua terrivel voz: Frantz Matheus, eu tinha-te dado a mais bella das intelligencias, tinha-te descerrado os véus que cobrem as cousas divinas e humanas, destinára-te, desde a origem dos seculos, a derramar a luz da sã philosophia... Onde estão as tuas obras? Em vão pretendérás desculpar-te com a necessidade de tratar dos teus doentes: esses deveres vulgares não eram para ti — outros os eumpririam. Frantz, tu não foste digno da confiança que te concederam, condemno-te a descer na escala dos seres.

As vezes chegava o bom do doutor a acordar de noite, gritando:

— Frantz! Frantz! tu és um grande criminoso!

A creada acudia assustada.

— O que é isto, meu Deus!

— Não é nada, não é nada, respondia Matheus — é que tive um mau sonho.

Ora este estado moral do illustre doutor não podia durar muito tempo: a compressão que n'elle exerciam as tendencias metaphysicas era intensissima e insupportavel.

Uma tarde, voltando á aldeia pelas margens do Zinsel, encontrou um d'estes vendedores de biblias e almanachs que costumam ir até á serra.

Frantz nunca conseguira suffocar inteiramente a sua paixão pelos livros; apeou-se e foi examinar os que trazia o vendedor.

Por uma notavel coincidência tinha elle um exemplar da *Anthropo-zoologia*, de que, havia 16 annos, não tinha podido ver-se livre. Observando, porém, então o amor paternal com que Matheus considerava o seu livro, disse-lhe que aquella obra se vendia muito, que todos a queriam ler, que a edição estava esgotada e que, por muito procurada, cada dia se tornava mais cara.

O coração de Frantz pulsava, entretanto, com força; as mãos tremiam-lhe.

— Oh grande Demiourgos! grande Demiourgos! murmurava; é n'isto que reconheço a tua infinita sabedoria; é pela bôca dos simples que tu chamas os sabios aos seus deveres.

Quando entrou no Graufthal Frantz sentiu-se dominado por uma intensa agitação; caminhava sem destino, vagamente; passava-lhe pelo espirito um turbilhão de idéas incoherentes. Deveria ir residir para Goetzingue? para Praga? Deveria reimprimir a *Palingenesia* com as novas notas? Ou deveria apostrophar o seculo sobre a sua indifferença em materia anthropo-zoologica? Tudo isto o atormentava e o commovia, mas todos estes expedientes lhe pareciam muito longos e a sua impaciencia não admittia demoras. Resolveu, finalmente, seguir o exemplo dos antigos prophetas, e ir elle proprio prégar a sua doutrina ao universo.

II

Depois que Frantz Matheus tomou a generosa resolução de esclarecer o mundo com as suas luzes, uma estranha e infavel serenidade se apoderou da sua alma.

Era na vespera do dia de S. Bonifacio, ás seis horas da tarde. Um sol esplendido illuminava o valle de Graufthal recortando no céu azul e limpido as flechas immoveis e elevadas dos abetos.

O doutor estava sentado na velha poltrona de seus

paes, junto da janella que tinha caixilhos de chumbo, percorrendo com a vista a povoação silenciosa, e ao longe vagamente as montanhas vaporosas e indistinctas.

Os aldeões ceifavam a herva na beira ensombrada das florestas; as mulheres e a velha Martha com ensininhos sacudiam os fenos, cantando as antigas modas do paiz.

O Zinsel murmurava apenas por entre as suas margens de gramineas; ouvia-se um zumbido vago que enchia o ar; ranchos de patos subiam o rio lançando a espáços os seus gritos nasaes; as gallinhas dormiam á sombra das paredes, sobre os timões dos carros, por entre as grades, as charruas e os utensilios da lavoura. Algumas creanças coradas, gordas, brincavam pelo chão á porta das choupanas, e os cães de guarda, com o focinho entre as patas, cediam tambem ao calor abafadiço do dia.

Este espectaculo tão sereno commoveu irresistivelmente o coração de Matheus e as lagrimas começaram a correr lentamente pelas suas faces venerandas. Tomou a cabeça grisalha entre as mãos, e, com os cotovellos desencansados no parapeito da janella, começou a soluçar como uma creança.

Uma multidão immensa de recordações enternecedoras lhe passou pela memoria: esta casa rustica, asylo de seu pae; este pequeno jardim, cujas arvores e cujas plantas as mais insignificantes elle semeára; a mobilia antiga de carvalho ennegrecida pelo tempo, tudo lhe fazia lembrar a sua serena felicidade, os seus velhos habitos, os seus amigos, a sua infancia; dir-se-ia que cada um d'estes objectos inanimados tinha uma voz tocante que lhe supplicava que os não deixasse, que o accusava de ingratição, lamentando-o do seu isolamento no mundo; dir-se-ia tambem que o coração de Matheus era o echo de todas essas vozes, e a cada lembrança novas lagrimas corriam abundantes de seus olhos.

Depois pensava n'esse pobre logarejo de que elle era a unica providencia; e quando, através das lagrimas, olhava para todas essas portas pequenas onde tantas vezes parara a dar consolações e a distribuir soccorros que alliviassem os soffrimentos humanos, quando se lembrava de todas as mãos que apertava nas suas, de todos os olhares de affeição e de amor que o haviam abençoado, ficava como exausto sob o peso da sua resolução e não se atrevia a pensar na hora da partida.

— Que dirá Christian Schmidt, pensava elle, a quem salvei a mulher d'aquella terrivel doença, coitada? Elle que me é tão reconhecido! Que dirá Jacob Zimmer, a quem salvei da ruina, quando elle, pobre homem! nem tinha um *liard* para reconstruir a sua casa? Tão meus amigos! Que dirá a velha Martha que me trata como se fosse minha mãe, que todas as manhãs me traz o café com leite, que me concerta os calções, as meias e que nunca se deita sem que eu fique bem abafado com o meu barrete de algodão bem posto sobre as orelhas? Pobre Martha! pobre e boa Martha! Ainda hontem eu a vi trabalhar n'umas piugas para mim, e arrumar aquella duzia de camisas novas que ella fiou tambem para mim! Que dirá Jorge Brenner que ainda, ha quinze dias, me trouxe de presente lenha para o inverno? Sim, que dirá Jorge Brenner quando souber que a sua lenha ha de ser queimada por outro? Vae desesperar-se de certo! É um homem dos diabos que não ouve nada e que é capaz de me não deixar partir.

Taes eram as reflexões de Frantz Matheus: de modo que, se a sua resolução não fosse tão firme e inabalavel, tantos obstaculos a teriam sem duvida mudado.

O TABERNEIRO

Tem estrella para si, — como os heroes. Triumphou! Tem vindo com o peixe frito pela estrada da vida adiante, como com um anel no dedo. A taberna é hedionda, escura, immunda; mas, em se lhe dizendo que a ponha á moda, com vidraças e letreiro, é como se lhe aconselhassem que deitas-se fogo á casa. Contam-lhe ás vezes que os papeis publicos recommendam que haja progresso, e proclamam uma coordenação mais logica da ordem social: traduz-se isso, no conceito d'elle, em não considerarem de equidade apitar sobre quem não paga o que comeu e bebeu; — e, voltando os lombos a taes razões, fecha a gaveta, como se tivesse medo que lhe tirassem alguma cousa.

Não gosta de poesia, quer seja em palavras, pensamentos, ou obras. É talvez do clima; esta brandura de ar, certa facilidade de existir, a bonhomia de costumes, suffocam o sentimento das artes e do bello. A castanheira, que, ha doze annos, se acha estabelecida á porta da taberna, quiz amal-o: elle não deixou.

É um antigo. Creou-se na quadra florescente da meia canada; — estava o vinho a quatro quando elle *debutou*; podia um homem n'esses tempos beber a fazenda, e ainda ficar de ganho; azoiou-o o enfadamento das decimas, e as medidas novas estontearam-no; attribuiu á versatilidade dos governos a invenção dos decilitros, e nunca mais quiz saber do que vae nas camaras: parou em politica quando parou o meio quartilho.

A sociedade para elle é uma salada: a prudencia é o azeite, a esperteza o sal, o crime o vinagre, e pimenta a manha. Com a cautela é que elle se tem achado; por isso não se lhe dá de ser manhoso. Já conheceram dois su-

jeitos sinceros: ambos eram tolos; um deitou-se da muralha de S. Pedro de Alcantara, o outro ficou por fiador de um amigo; — e nunca pôde assentar-se bem qual dos dois deu maior tombo. Por isso não sendo elle pessoa de ter nojo de tudo, a idéa da sinceridade dá-lhe tal embrulho ao estomago que até cospe fóra!

Não quer isto dizer que seja esperto de nascença.

Longe d'isso. A sua vocação estava para asno, mas torceu-a nas ironias da vida. Mostrára outr'ora aos freguezes, por igual, o ar mais boçalmente affavel; movia-se tardamente, e, por encontrar n'aquella beatitude encantos somniferos, deixava-se levar ás vezes da somnolencia do justo, e dormia encostado ao balcão, em quanto os que lhe honravam a casa comiam e bebiam. Prova de confiança, rasgo generoso, que equivalia a dizer-lhes: — « Em quanto eu durmo, podiam vocês despedir-se, sem pagar o festim! » E, para maior cavalleirismo, até roncava.

A pouco e pouco deu-se mal com isso; surprenderam-no de vez em quando freguezes infieis. Reconheceu que não lhe ia á tasca gente digna de que elle a honrasse com uma rapozeira, e ficou por esperto de olho á mira. Apostou então um dos caurineiros do bairro pregar-lhe uma peça; pediu umas muletas quebradas a um coxo amigo, que já não se servia d'ellas, e, com os ares molestos de quem se arrasta, apre-

sentou-se na taberna com um rancho que convidára. Mandou vir de tudo; era de mais a mais em noite farta: havia coelho e pescadinhas; vinho, soberbo: o Torres tem dois mezes no anno, e estava n'um d'elles. O caloteiro pediu-lhe que guardasse as muletas lá dentro, n'algun cantinho, e largou a comer e beber alegremente com os amigos n'uma mesa arejada — ao pé da porta. Foi indo o tempo; e o taberneiro, convencido que o outro não po-



dia ir-se embora sem o acordar, para que lhe dêsse as muletas, deixou-se dormir suavemente. Então, enquanto elle resonava, a malta, que findára o banquete, poz-se ao fresco, para ver como estava a noite.

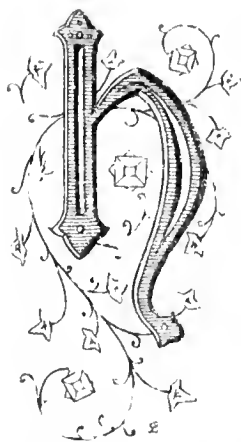
Foi isto o que lhe formou o caracter. Nunca mais dormiu senão com os olhos abertos. Espreguiça-se, boceja, como vêem, mas está alerta. Poucas fallas; apenas um garganteado mais grosso ou mais fino, a dizer o que ha para prato. Costumou os frequentadores a sentarem-se gravemente e não lhe dizerem mesmo o que querem: fazem-lhe apenas um signal, — elle entende tudo; momentos depois estão na mesa o copo e o petiseo; acabado o acto, dinheiro ao lado do copo; e elle a ir logo busca-lo e a dar o troco, se o ha.

O seu recreio e a paixão forte da sua vida é a perfeição do serviço. Nas occasiões de azafama, quando elle repete o que pede o freguez — cuida-se estar nas famosas representações de D. José Serrate, em que se resumiam em pequeno espaço as maravilhas estrategicas dos nossos annos guerreiros; ouve-se-lhe a voz do outro lado da rua; as iscas e as azeitonas obedecem-lhe tremulas. Fosse elle portuguez em vez de ser gallego, e tivéssemos nós todos aquelle garbo; povo capaz de servir fressura com tal arrogancia seria invencivel!

Bom homem. Não quer mal a ninguem, e tem tido epochas de fazer bem aos gatos. Nunca teve na sua vida dores nem amores; — um unico odio, isso sim, entranhado, ligadal, indestructivel: aversão permanente e inabalavel, — a cerveja!

JULIO CESAR MACHADO.

TRES EXPOSIÇÕES



oje tem-se como certo que um dos mais efficazes meios empregados para o desenvolvimento das artes e das industrias é a exposição publica dos diversos productos.

Os paizes mais illustrados, convencidos d'esta grande verdade, promovem amiudadas vezes estes civilisadores certames, conseguindo, geralmente, os melhores resultados.

O favor da opinião publica e os premios conferidos pelos jurys competentes não são honras para desprezar, pois d'elles resultam, para os que trabalham, a gloria que inebria e o augmento da riqueza que dá as commodidades da vida.

Por isso as exposições, alem de educarem os artistas e os industriaes, pois que da reunião de varios e apurados exemplares tiram sempre lição até os mais instruidos, servem de estimulo aos mediocres para se tornarem bons, e aos bons para se tornarem optimos.

Diligencia-se reunir para o verão no palacio de crystal do Porto os productos artisticos e industriaes de Portugal e Hespanha. Oxalá se realice a idéa, porque havemos de aproveitar do adiantamento dos nossos vizinhos, e ao mesmo tempo, mostrar que não estamos tão atrasados como por ventura supõem as nações que mal nos conhecem.

Convidam-nos para Vienna d'Austria onde se franqueiam ao mundo as portas de uma grande exposição. Lá iremos, e esperamos em Deus que não havemos de

ser vexados pelos opulentos concorrentes que formam na vanguarda da civilisação, antes considerados e protegidos, porque em alguns artigos lhes levaremos vantagem, sem por isso nos vangloriarmos, e n'outros lhes ficaremos inferiores, disfarçando com a modestia o infortunio.

Annunciam-nos, finalmente, um exposição de productos portuguezes e brazileiros no Rio de Janeiro. Folgamos sinceramente com a noticia, porque teremos occasião de fraternisar com um povo amigo a que nos unem os mais estreitos laços da amizade e do sangue, e porque alimentamos a esperanza de que os donos da casa aonde vamos ser recebidos, nos pagarão um dia a visita.

Sabe-se tão pouco em Portugal do estado de civilisação do Brazil, e lá conhecem-se tão ligeiramente os nossos adiantamentos em varios ramos das artes e das industrias, que, d'esta promettedora festa internacional, podemos affiançar, hão de colher ambos os povos os saborosos fructos que produzem sempre as intimas relações de dois paizes e a noção exacta do merecimento e valor industrial de cada um.

O pensamento da exposição deve-se ao sr. dr. José Joaquim Pessanha Povoá, distincto litterato brazileiro, e a um nosso compatriota residente no Rio, o sr. Marcelino Ribeiro Barboza. Honra lhes seja.

Bom será que o governo portuguez preste algum auxilio a este util empreendimento coadjuvando, em tudo que lhe fôr possível, os esforços particulares. Torna-se preciso que a idéa proclamada pelos dois benemeritos cidadãos se desenvolva e realice, pois temos a certeza de que do estreito amplexo dado pelos dois paizes hão de forçosamente resultar, como dissemos, importantes beneficios para a nossa patria e para a dos nossos irmãos de alem mar.

R. DE L.

DIVERSAS NOTICIAS

— O sr. Carlos Relvas fez o retrato de S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz e o de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia. São dois trabalhos photographicos primorosos.

— Arden em Erfurt o antigo convento de Eremitas de Santo Agostinho, onde Luthero entrou para ser frade mendicante. Perdeuse a biblia do celebre reformador, annotada pelo seu proprio punho, e o livro dos visitantes, onde se liam as assignaturas de Schiller, Goethe, Humboldt, rainha Luiza e Guilherme III. Tambem serviram de pasto ás chammas varios outros livros importantes, manuscriptos valiosos e um quadro de Beck.

— O sr. dr. Franklin Tavora, pernambucano, vae publicar um drama intitulado — *O artigo 219.º*, no qual procura combater aquelle artigo do codigo brazileiro. Em seguida a este trabalho dará á estampa — *As lentas do norte*.

— O estatuário Barre terminou o modelo da estatua monumental de Berreyer, que vae ser levantada n'uma das praças de Marselha. O orador está representado de pé na tribuna.

— N'uma venda effectuada perto de Tréport, o sr. Haudebout comprou por quantia insignificante uma porção de molduras velhas e algumas telas em pessimo estado. Ao limpar as telas, encontrou uma pintura que se attribue a Rubens e que deve ser o esboço da — *Apresentação*.

— O sr. Francisco Palha presenteou S. M. o sr. D. Pedro II, com dois preciosos authographos do visconde de Almeida Garrett. Um é o da comedia — *Um noivado do Dáfundo*, e o outro uma carta em verso escripta pelo poeta ao sr. Palha. S. M. tambem alcançou um authographo do grande orador José Estevão.

— A administração do Louvre fez acquisição do retrato, a lapis, de Ingres, que foi gravado por Calamatta.

===== Em Waterloo-Place abriu-se uma importante exposição de aguarellas, na qual figuram com grande vantagem os artistas inglezes W. Hunt, Landseer, Turner, Stanfield, Maclise, Gilbert, e os francezes Frère e Rosa Bonheur.

===== A sr.^a D. Maria Carolina Ribeiro Neves offereceu á academia real das bellas artes dois desenhos a lapis. Um é o retrato do príncipe D. Augusto, primeiro marido da Senhora D. Maria II, depois de morto, o outro uma paizagem, por acabar, de Conte. Estes trabalhos faziam parte da collecção de desenhos que a familia Ribeiro Neves possui.

===== A classe das bellas artes da academia real da Belgica decidiu fazer em maio uma exposição solemne das obras de todos os seus membros, para celebrar o *centenario* da sua fundação.

===== Tem sido bastante procuradas, para uso das escolas, as — *Leituras populares*, do sr. Brito Aranha. É livro conscienciosamente escripto, muito interessante, e de grande vantagem para a educação da mocidade.

===== O celebre *maestro* brasileiro Carlos Gomes, auctor da opera — *Guarany*, cuja reputação é hoje européa, está para levar á scena, em um dos theatros de Italia, a sua nova opera — *Gabriella de Nevers*, e trabalha assiduamente na partitura de — *Cromwell, o protector*, que ha de ser cantada no theatro lyrico de Londres.

===== Quando se fizeram as demolições no sitio da Porta Nobre (Porto), encontrou-se na parede de uma casa um quadro grande de madeira, emoldurado, com figuras em relevo, tendo um metro e sessenta e dois centímetros de alto, sobre um metro e cincoenta e tres centímetros de largo. Compõe-se o quadro de sete figuras assim dispostas:

No centro, de pé, vê-se uma que pelo vestido e pela corôa parece ser um rei, sustentando em cada mão um sceptro; pende-lhe do pescoço um grande colar formado de conchas, terminando na frente por uma cruz e figurando pertencer a alguma ordem de peregrinos de Jerusalem; no manto vêem-se algumas flores de liz, distinctivo da realza de França. Levantam o manto á altura dos hombros dois anjos, e, debaixo d'elle ajoelhadas, estão tres figuras de cada lado, representando duas d'ellas dois reis. As quatro restantes acham-se cobertas com corôas que se assemelham ás ducaes; da cintura de todas pendem cordões franciscanos. A figura principal mede um metro e cincoenta e um centímetros, e tanto esta como todas as outras são pintadas e douradas. A pintura e os doirados estão muito sujos, mas a esculptura acha-se bem conservada. O merecimento do quadro está na sua antiguidade.

A camara tenciona manda-lo limpar para o collocar no Atheneu Portuense.

===== O sr. dr. José Ribeiro Neves offereceu a S. M. o imperador do Brazil um retrato de D. Pedro IV, tirado em Queluz, poucas horas depois do fallecimento d'este soberano.

===== O *Burlington Club* vae fazer uma exposição de pinturas e desenhos de Holheim. Deve começar em abril e será composta de obras que existem no castello de Windsor e em outras residencias reaes.

===== O sr. Henrique de Mesquita, auctor da opera — *O vagabundo*, está escrevendo uma nova partitura intitulada — *O tira-dentes*. O libretto é do sr. Joaquim Pires.

===== O zimbório do Pantheon está em obras. Durante as lutas da communa, as pinturas representando *Attila*, *Santa Genoveva* e a *Conversão de Cloris* soffreram muito.

===== O sr. A. M. da Cunha Belem publicou um esboço biographico de S. M. o Senhor D. Pedro II na collecção dos *Contemporaneos*, editada pelo sr. Pedro Correia. É trabalho consciencioso e curiosissimo pela minuciosidade com que está tratado o assumpto.

===== Terminou em Paris o leilão da galeria Pereira, em que se venderam quadros por preços fabulosos.

===== Estão sendo compradas em Paris, a peso de ouro, as porcelanas de Saxe, que apparecem nos leilões.

===== Em Londres abriu-se uma exposição de trabalhos do sr. Gustavo Doré, e em Paris uma de desenhos e aguarellas do sr. Français.

===== O pintor De-Martino expoz em Montevideo um quadro — *O incendio do vapor America*. Tecem-se muitos elogios a esta obra.

===== Nas galerias do sr. Durand-Ruel, em Paris, abriu uma

exposição, cuja entrada é paga; sendo destinado o producto á libertação do territorio. Entre varias obras dos srs. Fromentin, Millet, Th. Rousseau, Corot, Feytaud-Perrin, Manet, Bonvin, Madame Collard, Diaz, Courbet, Bouvier e outros, figuram dezoito quadros de Delacroix.

===== O sr. Victor Bastos offereceu a Sua Magestade o imperador D. Pedro II um album contendo photographias de todas as obras em esculptura de sua composição.

===== A academia real de Londres tambem pretende, segundo se diz, abrir as suas portas ás senhoras que cultivam as artes e merecem tal distincção pelo seu talento.

===== N'uns desaterros, que se estão fazendo em Beja, têm apparecido varias moedas antigas, de algum valor para os que se dão ao estudo da numismatica.

===== No theatro das Variedades deu-se uma nova magica — *O Diadema de fogo*, do sr. Bastos, que tem agradado.

===== Uma correspondencia ingleza, dirigida ao *Athenaeum*, refere que o mosteiro de S. Martiño em Napoles, decorado com as mais bellas produções da arte italiana, acaba de receber ultimamente todas as riquezas do museu de Boughi, comprado pelo governo, e que são consideraveis em louças dos Abruzzos e porcelanas pintadas de Capo di Monte. Deve reunir-se a estas collecções a que o marquez del Vasto legou ao museu nacional, a qual contém, entre varias preciosidades historicas, as tapeçarias executadas por desenhos de Ticiano, e que formavam a tenda de Carlos V na occasião da batalha dada, em Pavia, por este imperador ao rei Francisco I, em 1525.

===== Publicaram-se no Brazil as seguintes obras litterarias: *Romance de uma velha*, comedia em cinco actos, pelo sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, ha tempos representada na Phenix Dramatica.

Til, romance (1.^o volume) pelo sr. José de Alencar.
Impressões e gemidos, poesias posthumas (1.^o volume) do dr. José Coriolano de Sousa Lima.

Flores marchas, versos do sr. Filinto Elycio da Costa Cotrim, lente do lyceu das Alagoas.

Scenas populares, pelo sr. Juvencio Galeno, poeta cearense.
Nevos matutinas, poesias do sr. Lucio de Mendonça, mancebo de 19 annos de idade. O distincto litterato brasileiro o sr. Machado d'Assis elogia muito esta obra, n'uma carta dirigida ao auctor.

Idéas e sonhos, poesias do sr. Antonio de Sousa Pinto, do Recife.

Favos e travos, romance pelo sr. Rosendo Moniz Barreto.

===== A exposição nacionaal e annual de bellas artes da Belgica verificar-se-ha este anno em Bruxellas, do primeiro de agosto ao primeiro de outubro.

===== Diz-se que em 1875 se abrirá em Madrid uma grande exposição para a qual serão convidados todos os artistas estrangeiros.

===== No Gymnasio Dramatico, de Pernambuco, deu-se o drama — *Vida e milagres de S. Benedicto ou o thaumaturgo da Sicilia*, escripto no Recife.

===== O *Artigo 47* é o titulo de um drama que tem chamado bastante concorrencia ao theatro do Principe Real.

===== No proximo mez de outubro faz cem annos que o marquez de Pombal effectuou a reforma da Universidade de Coimbra. Ha tenção de mandar cunhar em bronze uma medalha para commemorar o importante *centenario*. A medalha terá no averso a effigie de D. José I, com a legenda — *A Universidade de Coimbra, reformada em 1772, celebra o primeiro seculo, depois da reforma, em 1872*. No reverso deverá ter uma figura allusiva ao facto da reforma, representando o marquez de Pombal dando os novos estatutos á Universidade.

===== Morreu em Paris o sr. Rioereux, homem de vastissima instrucção, e o mais considerado entendedor de ceramica de toda a Europa. Era filho de um estalajadeiro de Sèvres, e começou a sua carreira por pintor de flores na manufactura imperial. A perda de um olho obrigou-o a abandonar os trabalhos decorativos, sendo por essa occasião nomeado conservador das collecções. Ao seu enterro assistiram os principaes escriptorés, artistas e amadores de ceramica.

===== Annuncia-se a publicação de uma obra importante no Porto. Intitula-se — *Portugal antigo e moderno; dictionario geographico, historico e archeologico de Portugal*. O primeiro volume conterá a historia chronologica do paiz, desde os tempos mais remotos até o anno corrente, e os demais volumes, que devem ser cinco, for-

marão o dictionario. O auctor d'esta obra é o sr. Augusto Barbosa de Pinho Leal, que ha trinta annos collige apontamentos para a dar a lume.

===== Falleceu em Paris o pintor Francisco Hippolyto Debon. Era discipulo de Gros e de Abel de Pujol, e premiado com varias medalhas. A sua obra mais notavel pertence ao estado e representa *A entrada de Guilherme, o conquistador, na cidade de Londres*.

===== O sr. consul geral do Brazil em Madrid presenteou S. M. o imperador com um excellente quadro de Murillo.

===== No theatro de S. Luiz, do Rio de Janeiro, vae representar-se o drama biblico com prologo, tres actos e epilogo—*O paraizo perdido, ou a creação e o diluvio*, desempenhando o actor Furtado Coelho o papel de Adão.

===== A familia Manique possui um quadro de grande valor artistico pintado em Roma pelo nosso celebre artista Domingos Antonio de Sequeira, em 1794. Representa uma allegoria á fundação da casa pia de Lisboa.

===== Vae ser exposta no *British Museum* uma estatua romana de grande valor estafnativo. É a primeira copia conhecida do famoso *Diadoumenos* de Polycleto, o *pendant* do *Doryphoro*. A execucao denuncia uma epocha de grande decadencia, mas dá idéa do que devia ser o original. Representa um rapaz atando uma facha á roda da cabeça. Foi achada nos entulhos do theatro romano de Vaison (Vaucluse). Para se fazer idéa do valor artistico do *Diadoumenos*, basta saber que esta estatua foi vendida por 100 talentos, isto é, réis 97:200\$000.

===== Estão em via de publicação no Brazil os *Quadros historicos da guerra do Paraguay*, importante obra collaborada pelos melhores litteratos e artistas do imperio.

Nos primeiros numeros appareceram a *Rendição de Uruguayana*, e o *Ataque e defeza da ilha do Carvalho*, desenhos do notavel pintor Pedro Americo e a *Passagem do Curuzú, no momento da destruição do encouraçado Rio de Janeiro*, desenho do conhecido pintor De-Martino.

===== A academia real de bellas artes elegu S. M. o imperador do Brazil academico honorario.

===== Em Strasbourg abriu-se, ha mezes, concurso para a reconstrução do Templo Novo, queimado durante o bombardeamento. Apresentaram-se trinta e sete projectos, achando-se representadas as escolas franceza, allemã e ingleza. O projecto que obteve o primeiro premio foi o dos artistas francezes, os srs. José Bernard, Henrique Motte e Alberto Tournade, discipulos do sr. Questel. Diz um jornal parisiense que foi uma victoria pacifica alcançada pelos architectos francezes na Alsacia.

===== O sr. Alfredo Howell Irouxe de Londres um notavel quadro de Van Dyck e um magnifico desenho de Sequeira, que pertencia á colleção de Thomás Lawrence. El-Rei D. Fernando comprou este ultimo trabalho.

===== O sr. Ferro Cardoso, artista brasileiro, deve terminar no proximo abril a obra gigantesca do templo de Nossa Senhora da Candelaria. Parte depois para a Belgica, onde vae abrir uma rua, cujo risco executou ha dois annos. A rua denomina-se do *Comde de Flandres*. É artista muito estimado pelo seu talento, tanto no imperio como no estrangeiro.

===== Ardeu a academia de bellas artes de Dusseldorf, na Alemanha. Salvou-se a colleção de gravuras, que é preciosissima, e uma galeria de quadros, entre os quaes figura *A Assumpção da Virgem*, de Rubens. No catalogo das riquezas perdidas conta-se um grande quadro de André Muller, começado ha quatro annos e quasi concluido.

===== O sr. Marciano da Silva, a cargo de quem está a galeria de S. M. El-Rei, offereceu ao imperador do Brazil o retrato a oleo do illustre poeta, o sr. visconde de Castilho. Não tivemos occasião de ver este novo trabalho do sr. Marciano, por isso nada podemos dizer a respeito d'elle.

===== O quadro attribuido a Alberto Durer, e que decora uma das capellas de S. Gervasio, em Paris, tinha sido tirado e escondido, durante a communa. Ultimamente foi encontrado e collocado no seu antigo lugar.

===== O celebre pintor brasileiro Pedro Americo está pintando o retrato do sr. D. Pedro I, que lhe foi incommendado pelo senado

===== Foram collocadas em lugar conveniente as inscrições lapidarias da Universidade, para que S. M. o imperador podesse bem examinar aquella colleção epigraphica, na qual se encontram exemplares muito notaveis.

===== O esculptor brasileiro, o sr. Pinheiro Chaves está modelando uma allegoria, de tamanho maior que o natural, cujo assumpto se baseia no celebre decreto da liberdade dos escravos.

===== Foram eleitos academicos de merito pela academia real de bellas artes, os srs. José Simões de Almeida, esculptor e auctor da bella estatua *Uma mulher desfolhando um malmequer*, que daremos em gravura; José Antonio Gaspar, architecto; Pedro Americo de Figueiredo e Mello, professor de esthetica da academia de bellas artes do Rio de Janeiro, e auctor do quadro *Batalha de Campo Grande*, cuja descripção fizemos no primeiro numero; D. Frederico de Madrazo, presidente da academia real das nobres artes de Madrid, e auctor de excellentes quadros historicos; Gisbert, director dos museus de Madrid, e auctor dos celebres quadros *Los Comuneros* e *Los Puritanos*; Ballu; Cesar Dally e Victor Calliat.

===== Alguns jornaes portuguezes annunciaram a venda em Madrid de doze quadros antigos, que pertenceram a uma casa de fidalgos hespanhoes.

Os quadros e preços annunciados são os seguintes:

Paizagem e caça, por Van Artois (escola flamenga)—675\$000 réis.

Um cão disputando a outro um pedaço de carne, por Francisco Sneyders (idem)—675\$000 réis.

Paizagem, por Pedro Snayers (escola hollandeza)—270\$000 réis.

Retrato da imperatriz Agrippina Augusta, por Jorge Nasari (escola italiana)—540\$000 réis.

Retrato da imperatriz Faustina Augusta (idem)—540\$000 réis.

Retrato da imperatriz Poppéa Sabina (idem)—540\$000 réis.

Retrato de um imperador romano (escola italiana)—435\$000 réis.

Retrato de outro imperador romano (idem)—435\$000 réis.

Paizagem e gados, por Pedro Orrente (escola hespanhola)—réis 180\$000.

S. Domingos de Gusmão, por Velasquez—270\$000 réis.

Santa Thereza de Jesus (idem)—270\$000 réis.

Um retrato (idem)—9:000\$000 réis.

===== N'um dos muitos leilões de quadros, que ha amiudadas vezes em Paris, dois museus republicanos, o de Nova York e o de Neufchatel, disputaram os *Pescadores do Adriatico*, notavel quadro de Leopoldo Robert. O americano, repleto de dollars, cubria, a todo o momento, o lanço do pequeno cantão, que, pela sua parte, não esmorecia nem recuava. O incidente porém terminou bizarramente. Nova York cedeu do seu intento, apenas soube que era a cidade natal do grande artista que lhe disputava a obra capital d'aquelle a quem servira de berço, que Neufchatel se dispuzera a comprar por todo o preço.

===== Mr. Perrodin, discipulo de Hippolyto Flandrin, acabou na igreja de Nossa Senhora de Paris a serie importante de pinturas, cuja execucao lhe foi confiada pela arcipreste d'aquella cathedra.

Os assumptos são: *A vida da Virgem* (seis quadros); *A Annunciação*; e *A Assumpção*; *Doze Santos*, dos que annunciaram a gloria da Virgem, fizeram parte da sua familia, ou propagaram o seu culto; *O martyrio de Santo Estevão*; *Doze Santos* da Clerazia de Paris. A estas pinturas muraes ainda se hão de juntar oito assumptos extrahidos da historia de S. Luiz, pintados nas portas do oratorio onde estão guardadas as reliquias, na sala capitular.





O PRIMEIRO BANHO.

QUADRO DE GUSTAV S. S.

ARTES E LETRAS



LISBOA—ABRIL DE 1872

PELOURINHOS



a uns certos generos de trabalho esculptural, derramados por todas as nossas provincias, cujo exame comparativo proporeiona um dos mais poderosos subsidios á historia da introdução e progressos da esculptura em Portugal.

Estes generos de trabalho são os antigos *portaes*, os *tumulos*, os *paineis de almas*, os *cruzeiros* e os *pelourinhos*.

Em não só se nos apresentam como elementos mui essenciaes e elucidativos para o estudo de um importante ramo das artes, senão que indirectamente explicam, de um

modo exemplificativo, muitos dos antigos usos e costumes do nosso povo, as piedosas creanças que o chamavam a casar os intuitos religiosos com as creações do genio artistico, e até não poucas instituições suscitadas e por muito tempo consagradas pelas leis do reino.

Pertencem á primeira parte d'este grupo os *portaes* e *tumulos*, onde, por entrelaçados arabescos, fructo da phantasia artistica, se contemplam imagens de santos e vultos de seraphins e cherubins, recordação de lendas e tradições monasticas. Os *paineis de almas* e os *cruzeiros* resumem a segunda, pois bem mostram quanto os habitos do povo se inspiravam da creança religiosa. Restam os *pelourinhos*, que significam a ultima, antigos instrumentos de supplicio, e hoje apenas emblemas de jurisdicção municipal. Em todas estas construcções, por vezes sumptuosas, a arte encontrou cultores e fez progressos manifestos, revelando os caprichos do genio artistico e o gosto de épocas bem distinctas.

Será dos pelourinhos que nos occupemos n'este artigo.

O pelourinho, na antiguidade, era um meio de execução penal. A *columna mœnia* dos romanos, especie de patibulo usado por aquelles povos, deu de certo origem aos pelourinhos dos tempos modernos, pois a encontramos introduzida nas Gallias, logo depois de Roma haver conquistado aquelle vasto territorio.

A cidade-media adoptou-a, com modificações e de baixo de diversos nomes, mas sempre com o mesmo fim patibular.

Os francezes ficaram-lhe chamando *pilori*, e nós, imitando os francezes, no comêço da monarchia, começamos tambem a fazer uso d'este instrumento de morte, denominando-o *picota*.

O sr. visconde de Juromenha, n'uma pequena dissertação ácrea d'este assumpto, cita Souval, que apresenta um documento do seculo XIII (1295), onde se faz menção de um poço, que existia n'uma das antigas praças de Paris, no qual se faziam as execuções. Chamavam a este poço *puteus dictus Lory*, do que inferiu que o instrumento de execuções penaes, hoje appellidado pelourinho, derivou o nome d'aquelle poço collocado em semelhante sitio e que pertencia ao burguez Lory.

Deixando estas origens e derivações, mais ou menos forçadas, com que os antiquarios, perdidos nos labirintos da archeologia, aproveitam as etymologias mais abstrusas, não podemos deixar de confessar que a palavra pelourinho se encontra mencionada em muitos e antiquissimos documentos, sobretudo dos seculos XII e XIII, assim francezes, como inglezes, allemães e portuguezes, apenas com as variantes de *piloria*, *pilorium*, *spilorium*, *polorintium* e até *pelerinum*, bem approximada ao vocabulo pelourinho adoptado por nós, e sempre em identico sentido de machina ou aparelho de execução penal.

Em geral consistia n'uma columna de pedra ou pilastra de alvenaria que tinha no topo uma gaiola, a qual girava horisontalmente. Era dentro d'esta gaiola que mettiam o paciente, fazendo-lhe dar voltas, segundo resava a sentença, e expondo-o assim ás vistas do povo, porque o compelliam a ter a cara voltada para fóra. E d'este antigo uso que se deriva com certeza a fórmula penal, ainda ha pouco observada em Portugal e n'outros paizes, de infringir aos criminosos a pena de dar voltas em roda da forea.

N'esta formalidade subsistia ainda outro designio, além do vexame opprobrioso, que era tornar bem conhecido o suppliciado dos observadores, para que, quando a sentença fosse só esta, se precatassem das ruins intenções do condemnado.

Os termos do presente documento provam assaz o que fica indieado: *Latro falsarius judicabitur per communia, et ponetur in pelorico ut omnes eum videant et cognoscant*. *Charta majoria Rothomagi et Falesiae*: o que resa assim:—Ladrão e falsario, sentenciado pela communa e posto no pelourinho, para que todos o vejam e conheçam.

Esta condemnação é dos tempos da cidade-media, como evidentemente se mostra, tempos em que a jurisdicção municipal ainda assumia o direito de comminar penas corporaes, chegando a sua altivez, quando se sentia offendida no orgulho de suas immuniidades locais, a competir em direitos e regalias com os outros poderes do estado, com o poder senhorial representado pelo alto clero e pela nobreza, e até não poucas vezes com a pessoa do rei, como succedeu em Inglaterra, uma parte da Allemanha, e principalmente em França, o que bem o

prova Thierry nos seus eruditos trabalhos ácerca da formação das communas, em que tão vivas se reproduzem essas contendas tumultuosas entre o clero feudal e os burguezes. E Portugal tambem não se isentou d'essas discordias, por vezes sanguinarias, como o assevera sr. Alexandre Herculano no seu profundo trabalho *Apostamentos para a historia dos bens da corôa e foraes*, onde se lêem as seguintes palavras:— «E quando outras provas não houvesse de que n'estas partes da Peninsula tambem as *conjuracões*, ou ligas de burguezes, chamadas entre nós *irmandades* (*germanitates*), arrancaram á força, como em França, privilegios e franquezas aos senhores, bastará lembrarmo-nos da historia do Compostella, no tempo de Diogo Gelmirez, para conhecermos perfeitamente a identidade d'estes movimentos populares em um e outro paiz.»

N'essas eras, porém, como fica observado, o pelourinho significava amplo direito de jurisdicção municipal, por chegarem as attribuições dos antigos municipios, depois conceelhos, até ao ponto de poderem inflingir penas corporaes rigorosas e crueis; e esta alçada ou direito de jurisdicção local existia em Portugal e subsistiu por bastante tempo, como o provam varias leis penaes de cartas de municipio. Por exemplo, uma d'essas cartas da camara de Vizeu, de 1304, manda que o carnicheiro accusado de usar de pesos falsos seja logo exposto; e de igual sorte condemna o padeiro, que roube no peso do pão, peitando-o em cinco soldos. Outra postura da camara do Porto fixa, com grande rigor penal, as coimas, que deveriam ser inflingidas ao padeiro que vendesse o pão por preço desproporcionado ao custo dos cereaes.

Tendo portanto de servir para estes fins penaes, os pelourinhos d'esses tempos conservaram quasi a sua fórma primitiva, ou antes a que depois lhes deu a idade-media, conhecida entre nós por *picota*. Ainda em algumas partes do reino se depara com taes patibulos, com toda a exactidão antiga da estrutura repugnante que lhes determinava o seu lamentavel destino. Existe um livro na Torre do Tombo, que comprova esta asseveração: este livro abre por este dizer: «*Este livro encerra as fortalezas que estão situadas na fronteira de Portugal e Castella, e foi feito por Duarte d'Armas, estribeiro da côrte do muito alto, poderoso e serenissimo senhor Dom Manuel primeiro, rey de Portugal e dos Algarves, dáquem e dálem, dos mares em Africa, senhor de Guiné, da conquista e da navegação e do commercio, da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc.*»

Este Duarte d'Armas era pintor de el-rei D. Manuel, e occupou-se em desenhar as fortalezas do reino e tambem muitos dos pelourinhos que designavam as terras, onde existiam as referidas fortalezas, como terras que deviam possuir este symbolo de jurisdicção municipal, por lhes haver sido dada tal qualidade. Esses pelourinhos ainda reproduzem a configuração exacta que exigia a sua applicação penal. Vêem-se alli os das villas de Sabugal, de Mendo, do Mogadouro, e de Penaróia. A fórma é a mesma dos pelourinhos francezes; conservam igualmente as gaiolas ou guaritas para a exposição dos criminosos. Os que presentemente existem já não têm este feitiço. São, na maior parte, construidos de uma columna, mais ou menos lavrada, o até de estrutura caprichosa e não poucas vezes de aprimorada esculptura, erguida em cima de uma base assente sobre degraus cortados em sentido quadrangular, sextavado ou octogono. Do tópo da columna ou pilastra saem, em cruz, quatro braços de ferro, com anneis ou cadeias pendentes das extremidades. Um capitel, uma corôa, ou qualquer

outro remate fecha a columna em cima. O pelourinho de Coimbra termina por um instrumento de ferro cortante, em modo de faca. A guarita do da Arruda é quadrada e encimada por um brazão, julgo que as armas da villa, o que se encontra em muitos do reino. O pelourinho da villa da Batalha é de primoroso lavor, mostrando bem ser construido no tempo das capellas imperfeitas, pois reproduz as bellezas esculpturaes do estylo manuelino. Os de Aljubarrota, de Alverca e Cintra pertencem de certo á mesma época: encerram tambem incontestavel valia artistica.

Não a maioria os pelourinhos do reino são obra de el-rei D. Manuel, assim como muitas das matrizes e principaes templos. Foi no reinado d'este monarcha que foram dados ou renovados os foraes á maxima parte, ou quasi totalidade das povoações em que então estava subdividido o reino. Chamam a attenção do curioso as illuminuras que se encontram em grande porção d'estes foraes, pelo seu realce, colorido e doiraduras, e tambem pela nitidez dos caracteres, arabescos e cercaduras que se observam.

São os pelourinhos do tempo de D. Manuel os mais apreciaveis, pela elegancia brincada da sua estrutura. O da villa de Aljubarrota é decerto um dos mais singulares e aprimorados. Os de mais remota data, que eram os verdadeiros patibulos das infracções municipaes, quando os municipios, e depois os conceelhos, absorviam um grande poder na applicação das leis do reino, despertam decerto mais a curiosidade do archeologo, porque o seu uso prendia com costumes que desapareceram, mas são mui inferiores, considerados artisticamente. Valem para a historia, mas pouco para a arte. Todos, porém, e ainda os mais modernos, concorrem para esclarecer e exemplificar uma parte da historia da arte em Portugal, no que se refere á esculptura. Pena é que não possamos aqui reproduzir pela estampa esses elementos dispersos, em que a historia dos costumes e instituições se allia tão estreitamente a uma parte da historia das artes entre nós¹. Os pelourinhos de Mogadouro, Penaróia, Coimbra, Aljubarrota, Cintra, Oeiras e Lisboa bastariam para colligir e resumir os capitulos d'esta historia documentada, cuja exposição e analyse seria valioso serviço feito ao gosto de apreciação dos monumentos, e estímulo directo para estudos mais profundos nas obras esculpturaes.

Os pelourinhos serviam tambem para a execução da pena capital. Muitos documentos historicos o testificam. Folheando-se o *Diccionario* de Ducange, é facil de encontrar casos d'estes. Segundo um documento alli citado, vê-se que, cêrea do anno de 1438, Carlos VII, rei de França, condemnou a morrer no pelourinho um subdito seu, que havia abraçado a religião anglicana. Diz assim o documento:— *Ante prandium fecit rex publice, prope pitorium, amputare caput Bertrandi de Arat, militis proditoris, qui se fecerat anglicum.*

Entre nós ainda ha lembrança recente de um d'estes tristes exemplos. O pelourinho de Lisboa não está immaculado de taes successos, com que o rigor do systema penal antigo lançava o opprobrio sobre os costumes publicos de uma nação. Ainda subsiste a memoria de ali ter sido executado um cadete, por ter assassinado seu irmão.

Oeiras, 14 de abril de 1872.

JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA.

¹ Quando tratarmos dos paineis de almas, portaes, etc., procuraremos apresentar alguns d'estes pequenos monumentos, com o que ficará ainda mais completa esta noticia.

OS FILHOS DE CARLOS I

QUADRO DE
VAN DYCK



osam de reputação universal os retratos devidos ao pincel de Van Dyck. É merecida a reputação, porque esses famosos trabalhos fazem parte do precioso thesouro de maravilhas que nos legaram os pintores de ha dois seculos.

Van Dyck pintou diversos quadros representando os filhos do rei Carlos I, a quem deveu tantos e tão valiosos favores. A mais bella de todas essas numerosas composições, porém, é a que damos em gravura. No castello de Windsor está o original d'ella, e em Dresde, Turim e Wilton House, encontram-se copias notaveis.

Os tres filhos do desditoso rei, que figuram na gravura que damos, são: o principe Carlos II; o duque de York, mais tarde Diogo II, e a princeza Maria que veiu a casar com o principe de Orange, e que foi mãe do principe do mesmo titulo, chamado ao throno inglez para defender o protestantismo contra as tendencias romanas de seu tio materno Diogo II.

Alem da importancia do assumpto, observam-se no quadro em que figuram—OS FILHOS DE CARLOS I, todas as bellezas que caracterisam as excellentes composições do celebre flamengo, que foi a gloria da sua patria e do grande mestre que o dirigiu nos primeiros trabalhos.

O PRIMEIRO BANHO

POR
GUSTAVO SUS



il-os—quebraram a fragil casca e entraram no mundo.

Ainda pouco empennados, e por conseguinte mal prevenidos para as inconstancias da atmosphaera, não procuram abrigo debaixo de um telheiro, ou entre as taboas velhas encostadas ao muro do pateo onde nasceram; pelo contrario fogem para o campo, e, no primeiro sitio onde encontram agua a correr, banham-se contentes.

A agua é para elles elemento amigo. Por emquanto refrescam-se n'aquella pequena torrente que vae regar as varzeas proximas; mais tarde, atirar-se-lhão resolutos ao largo tanque, e nadadores intrepidos, cortarão a liquida superficie em todos os sentidos, mergulhando umas vezes, batendo as azas outras, e conservando-se sempre alegres e satisfeitos.

É singela, mas graciosa, a composição do quadro que acompanha este numero, e cujo assumpto fica apontado no que levamos dito. Ha muita verdade na attitude d'aquelles patinhos desenhados com esmero e delicadeza. O artista produziu um quadro encantador, que desperta a curiosidade até aos que menos se entretêm com objectos de bellas artes. É que—O PRIMEIRO BANHO, do pin-

tor Gustavo Sus, tem o prestigio das composições que representam com exactidão e talento as scenas vulgares, mas apraziveis da natureza.



CONSELHO

I

Deixa essas largas, symptuosas salas,
Onde se acoita a solidão e o tedio,
E para o corpo e alma só remedio
Vae procurar da natureza ás galas.

A cidade é monotona, e veneno
O pó corrupto, que se aspira n'ella;
O que vale cubri-la um céu ameno,
Como o nosso, ou que seja grande e bella,

Se é tudo sempre o mesmo: ruas, praças,
Onde muros a muros se succedem,
E ar, e luz, e liberdade pedem
Do povo fluctuante as negras massas?

Ar, liberdade, luz, não foram feitos
Para morar no turbilhão mundano,
Ou nos carcereos humidos e estreitos,
Que para si construe o fraco humano.

Têm por habitação o imperio immenso
Do mar, que banha, que circunda a terra,
A campina, a floresta, o valle, a serra,
E o firmamento sobre nós suspenso.

Ahi, por sua força geradora,
Sem cessar, o espectaculo varia,
E nunca se interrompe a voz sonora,
Que louva o Creator, de noite e dia.

Tudo é mesquinho e pobre na cidade;
Tudo é grande na grande natureza:
Mostra aquella dos homens a fraqueza;
Esta do Omnipotente a magestade.

II

Podes livre existir e és prisioneiro;
Podes correr o mundo e não o corres;
E no trem ou palacio o anno inteiro
Sósinho passas, e d'inercia morres.

Eu, a quem nega a sorte o numen loiro,
Impaciente por ver que sempre habito
Quatro palmos de terra, necessito
De ao menos viajar em sonhos d'oiro.

—Sonhos que logo a realidade apaga,
Deixando-me peor—e tristemente
Olho o veloz baixel, que rompe a vaga,
O mar ao longe e a serrania ingente.

Ah! Se não fôra essa creança, parte
De mim mesmo, que eu amo, que estremeço,
Fructo de um breve amor, que nunca esqueço,
(Mas, meu filho, não posso abandonar-te!)

Eu iria outra vez por esse mundo,
Em procura não sei de que destino,
E de novo saudara o val profundo,
O monte, o bosque, o oceano, peregrino.

Basta que um dia a pallida doença
Pela mão para o leito nos conduza,
E que, a final, a morte nos reduza
A nada o corpo que se move e pensa.

Mas enquanto ha saude, mas enquanto,
Bem como em ti, a mocidade ferve,
Do globo conhecer um só recanto,
Deixar que o espirito e o vigor se enerve!

Não; dize adeus aos commodos da vida,
Ao teu palacio, ao brado turbulento
Da cidade, e procura o movimento,
Que a alma nos desperta adormecida.

É como a agua o homem: se quieta,
Perde a belleza, a côr, e se empaluda;
Se corre, torna ao que era, e, em vez de infecta,
A roda os campos em jardins transmuda.

Porém, se, á sociedade costumado,
Temes estar co'a natureza apenas,—
Que, muita vez, as solidões amenas
Fazem sangrar um coração maguado,—

Deixa a patria, que a patria já conheces,
Este solo que os astros abençoam,
Fertil d'encantos e doiradas messes,
Que mil sombras de heroes inda povoam,

E busca as terras, onde o genio do homem
Se casa á mão de Deus: a Grecia, o Egypto,
O velho Oriente, que, já quasi um mytho,
Na bruma do mysterio os annos somem;

Albion, que tem dos mares o governo,
França, Allemanha, e a mais formosa d'ellas,
A que, no tempo antigo e no moderno,
É grande, a Italia, a mãe das artes bellas;

A terra onde perfuma a laranjeira
O tunulo famoso de Virgilio,
Onde cada campina é um idyllio,
Cada pedra de feitos pregocira;

O paiz das ruinas grandiosas,
Da maior gente veneranda tunba,
Meio coberta de jasmims e rosas,
Que inda após quinze seculos retumba,

A patria dos vulcões e dos poetas,
Que brotou das entranhas de gigante,
Como o Etna e o Vezuvio, o Tasso e o Dante,
Do arrojo e do poder irmãos athletas;

A patria da harmonia e da pintura,
De Buonarotti, Raphael, Cellini,
Que junta ao som da brisa que murmura,
É aos ais do rouxinol os de Bellini.

Passa do Colosseu aos Apenniños;
Da alterosa Parthenope a Sorrento;
Do mar a Tibur, onde, á tarde, o vento
Repete ainda os cantos venuzinos;

Dos Alpes á cidade do mysterio,
Que esconde nas lagunas a vergonha;
Do Pó a Roma, que, de novo, o imperio,
D'entre as ruinas accordando, sonha;

Da Toscana, jardim de olentes flores,
A Florença, jardim de pedra e arte;
A Milão; á Sicilia; a toda a parte,
Mesclando a humanos naturaes primores.

Varia; idéas, sitios variando,
Pesa-nos menos da existencia a carga,
E, á medida que vamos caminhando,
O coração parece que se alarga.

Nada ha peor do que viver comsigo
Solitario; eu o sei de experiente:
Soffre-se a desventura duplamente,
E a habitação converte-se em jazigo.

Depois, quando te aperte acre saudade
Da patria, viva sempre na lembrança,
Volta ao palacio teu, volta á cidade,
E do peregrinar n'ella déscansa.

Rico de sensações e de memorias,
Tu, então, lembrarás com ledro rosto,
A ti e aos outros, de cad'hora o gosto,
Que é sempre farto o viajor de historias.

Assim, do impulso da passada lida
Viverás algum tempo satisfeito.
Depois, quando a existencia aborrecida
Te parecer, e o coração estreito,

Dize, outra vez, adeus ao ocio e aos lares,
E vaga novamente pelo mundo,
Ou na face da terra, ou no profundo,
Liquido espaço dos revoltos mares.

Tal quizera eu viver; por isso quero
Que tu vivas tambem da mesma sorte.
Peior que a lucta a inercia considero:
O luctar é viver, a inercia é morte.

RAMOS COELHO.



O POBRESINHO

Vive á nossa custa. Era-lhe facil fechar os olhos, fóra de casa, e pedir aos viandantes que tivessem dó de um pobre cego «*que não tem vista, mergulhado na escuridão das trevas pela privação da luz e sem poder ver a claridade do dia*»; mas não quer tentar Deus,—e vac vivendo de estender a mão.

Já de uma vez cuidou observar que está em paiz de mendigos, em paiz de collegas. Tudo serve de pretexto aqui para pedir esmola, e a differença apenas é dar-se-lhe outro nome; uns, chamam-lhe amendoas ou broas, e têm uma caixa de musica que sesacmealheiro; outros têm a profissão de beneficiados e disparam, pela rua fóra, bilhetes da superior; ha os que pedem por cartas, os que andam á pechincha de condecorações, os que tratam os outros por tu em voz alta e lhes pedem dinheiro ao ouvido; os que se empregam em não estar empregados, comem e bebem dos transtornos que tiveram, e espremem um revez como quem unge uma vacca! Raça inaturavel; especie de lepra da idade media!

Foi, talvez, esse espectáculo o que lhe deu animo para se encostar ao bordão, deixar crescer as barbas quanto quizessem, armar-se de panella a tiracollo, e ponderar, de si para si, que, visto queixarem-se os da Internacional de que os ricos vivam dos pobres — a melhor desforra é resolverem-se os pobres a viver dos ricos!

Os ricos, de mais a mais, devem lisongear-se de dar esmolas. É apparatuso! Não me refiro aos philanthropos fingidos, que a pretexto de melhorarem a sorte da classe mais numerosa e mais pobre, vão melhorando a sua, deitando pocira aos olhos dos tolos e apanhando bons logares: ha até negrophilos que reprovam a escravidão, e dão pancada nos creados brancos,—e uns amigos da humanidade que matam de desgostos os parentes que têm em casa! Refiro-me aos bons homens,—que, por

serem bons, não deixam de gostar ainda mais de si que dos outros, e de ter a porção de vaidade sufficiente para estimarem figurar em publico, fazendo bem, e tendo, depois, nos jornaes votos de agradecimento. Os agradecimentos, entre nós, são como que o troco da esmola! Agradece-se tudo á mercê do acaso: até, quando morre alguém, não se deve deixar de agradecer depois, publicamente, ao cirurgião que o tratou—para dar a entender que o doente morreu... curado!

O pobresinho perito deve conhecer á primeira vista, quem é capaz de fazer bem, e qual o modo por que mais gosta de o fazer. Ha systemas de caridade conforme o temperamento dos individuos: alguns, por exemplo, não gostam de se desabotoar no inverno—e o pobresinho deve dirigir-se-lhe apenas em occasião em que os veja contentes, a abrirem o casaco e a metterem os dedos á bolsa para comprar charutos, ou pagar os pasteis que comeram nas pastellarias da Baixa!

Este, que a estampa nos mostra, não é dos mais triviaes, nem tem o typo desprezível e quesilento dos peores da sua raça; deve-se isto talvez em grande parte a ser tão velho; a velhice santifica tudo, é grande, é sagrada. Mas não tem cara de mau, nem se suspeita n'elle alguém d'esses mendigos riquissimos de que as folhas publicas contam de vez em quando, o caso posthumo. É um pobre homem; nem sequer é aleijado! Se fosse aleijado tinha outra estimação. A familia nunca teve razão de queixa contra elle, —senão essa; de mais a mais foi sempre um homem sem delibera-



ção; muitas vezes lhe deram de conselho os outros companheiros, por verem que elle não fazia carreira,—que se estropeasse; não esteve por isso, e o resultado é haver chogado á idade que representa—sem ter nunca florescido na estrada da Nazareth, no caminho de Bellas no dia do Senhor da Serra, nos grandes arraiaes, nas feiras, nas festas celebres, nos varios pontos de reunião dos pedintes *de cartello*, que têm direitos adquiridos e logar certo nos certames da mendicidade,—vasta

cambada de aleijões e maltrapilhos, que vivem uns com os outros, conhecem-se todos, e casam entre si!

N'aquella panella arrecada elle toda a qualidade de coisa que lhe possa servir; se lhe dão n'alguma casa o resto da sopa ou um caldo, melhor: se lhe não dão caldo nem sopa, guarda o que lhe dêem—ou apanha alguma coisa nas pedras da rua; disputa um osso aos cães: e, se é dia em que tem alguém de fóra a jantar, leva tambem a folha de couve ou a rama do nabo, que a lama estava a querer para si!

É um desgraçado. Deve principalmente haver para elle um momento amargo na vida, momento de tristeza infinita. É quando vir o neto, já de pequenito, principiar a pedir esmola: quando o encontrar na rua, a disputar-lhe os dez réis que alguém lhe dê: quando olhar bem para elle e para si, confrontando a magestade dos cabellos brancos, e a graça dos cabellos loiros; a fraqueza do que chega ao fim, e a do que ainda agora va de partida; aquelle tremer de duas luzes, uma por ir apagar-se, outra por estar a accender-se; athletas da miséria e da vida, diferentes na estatura, mas fracos ambos, e ambos estacados na fronteira do que ninguem sabe o que será; um, ao pé do berço—tunulo d'onde se sac, outro, já perto do tunulo, berço onde se entra outra vez... Ah! Pobre velho! Talvez que uma lagrima diga a Deus, n'esse instante, quanta amargura custa a esmola a quem pede!...

JULIO CESAR MACHADO.

A ESTALAGEM DOS TRES ENFORCADOS

CONTO DE ERCKMANN-CHATRIAN

(Conclusão)

A Fledermause passou como um relampago pela varanda—não parecia a mesma: ia direita, com os dentes cerrados, o olhar fixo, o pescoço estendido; caminhava com grandes passadas, e os cabellos grisalhos fluctuavam-lhe pelas costas.

«Olá, attenção! ha o que quer que seja de novo!» dizia eu comigo.

Mas as sombras da noite descera sobre a casa arruinada, os ruidos da cidade extinguiram-se, e o silencio reinou.

Ía já para me deitar quando, lançando os olhos para a rua, vi a janella da frente illuminada: um viajante occupava o quarto do enforcado.

Então todos os meus receios despertaram. Estava explicada a agitação da Fledermause: farejava uma nova victima.

Não pude dormir toda a noite. O ruido da palha, a roedura de um rato no forro, bastava para me fazer arrepia. Levantei-me por fim, puz-me á janella e esutei. A luz do quarto fronteiro apagara-se. N'um momento de mais commoção, illusão ou realidade, parecon-me ver a velha megéra que tambem olhava e esutava.

Passou a noite; o dia veio esclarceer a minha vida. A pouco e pouco fui sentindo os ruidos da cidade. Exhausto pelo cansaço e pelas emoções que experimentara, adormeci enfim, mas por pouco tempo. Quando deram oito horas já eu estava no meu observatorio.

Pareceu-me que o somno da Fledermause não fóra mais socegado que o meu. Quando abriu a porta da varanda tinha as faces emagrecidas e de uma pallidez livida. Trazia apenas sobre a canisa um vestido de lã

e pelas costas, espalhadas as madeixas de cabellos grisalhos e russos. Olhou para o meu lado, mas não me viu; tinha um olhar preoccupado e via-se que pensava n'outra coisa.

De repente desceu deixando os sapatos no alto da escada. Ía talvez certificar-se se a porta de baixo estava bem fechada.

Vi-a subir apressada, galgando tres o quatro degraus de cada vez. Era horrivel.

Correu para a casa proxima, onde se ouviu como que o ruido da tampa pesada de um grande cofre.

Depois appareceu na varanda arrastando um boneco, um manequim vestido como o estudante de Heidelberg, que ella suspendeu com extrema agilidade a uma das traves do telheiro. Depois desceu para o vão do pateo, e começou a soltar grandes gargalhadas. Tornou a subir então, desceu de novo com arcos de louca, e de cada vez dava gritos e gargalhadas ruidosas.

Sentiu-se barulho á porta: a velha saltou, despendurou o manequim, levou-o, voltou, e inclinada sobre a balaustrada, com o pescoço estendido, os olhos brilhantes, ficou immovel escutando. O ruido afastava-se... os musculos da face destenderam-se-lhe e resfolegou como alliviada: fóra uma carruagem que passára.

A megéra tivera medo.

Então entrou outra vez na casa, e ouviu-se o ruido do cofre que se fechava.

Esta scena extraordinaria confundia todas as minhas idéas: que significava aquelle manequim?

Tornei-me mais attento que nunca.

A Fledermause saíra com um cabaz: e eu segui-a até voltar a esquina da rua. Retomára o seu ar tremulo de velha com passos curtos, voltando, de vez em quando, a cabeça para ver se alguém a seguia.

Demorou-se cinco horas. Eu passei, meditei—o tempo parecia-me interminavel. O sol aquecia as telhas e perturbava-me o cerebro.

Vi na janella fronteira o pobre homem que occupava o quarto dos tres enforcados: era um camponez da Floresta Negra, com um grande chapéu de tres bicos, um collete escarlate, uma physionomia risonha e aberta. Fumava tranquillamente no seu cachimbo de Ulm com um ar descuidado.

Senti vontade de gritar-lhe:

«Bom homem cuidado! não se deixe fascinar pela velha! acautele-se!» Mas não me teria entendido.

Pelas duas horas, a Fledermause entrou em casa. O ruido da porta abrindo-se echoou até ao fim do pateo. Depois vi-a apparecer sósinha e sentar-se no ultimo degrau da escada. Collocou o cabaz diante de si e tirou de dentro primeiro uns mólhos de hervas, alguns legumes; depois um collete encarnado, um chapéu de tres bicos, uma vestia de velludo escuro, uns calções de belbutina e um par de meias grossas de lã. O traje completo de um camponez da Floresta Negra.

Senti uma especie de vertigem... passaram-me chammas pelos olhos.

Pensei nos precipicios que attrahiam com um poder irresistivel—poços que foi preciso entulhar, porque a gente deitava-se n'elles; arvores que foi necessario cortar, porque muitos se enforcavam nos seus ramos, o contagio enfim de suicidios, de assassinios, de roubos produzidos em certas epochas, por meios determinados; a influencia nervosa extraordinaria do exemplo,—que faz bocejar quando se vê um bocejo, soffrer quando se vê soffrer, matar-se porque outros se matam... e os cabellos eriçaram-se-me de horror.

Como é que a Fledermause, tão sordida, tão mesqui-

nha, poderia adivinhar uma lei tão profunda da natureza? Como encontraria meio de a explorar em proveito dos seus instinetos sanguinarios? Eis o que eu não podia comprehender,—o que ultrapassava os recursos da minha imaginação. Todavia, sem pensar mais n'um tal mysterio, resolvi fazer voltar contra a velha a terrivel lei, atalhando-a á sua propria cilada. Havia muitas victimas innocentes que pediam vingança!

Percorri as casas de todos os adellos de Nuremberg, e á noite entrei na Estalagem dos Tres Enforcados com uma grande trouxa debaixo do braço.

Nickel Schmidt conhecia-me havia muito. Fizeralhe o retrato da mulher—que era uma dama gorda e de boas carnes.

—Viva mestre Christian, que feliz acaso o traz por cá? A que devo o prazer de...

—Meu caro Schmidt, tenho um grande desejo de passar a noite n'aquelle quarto.

Estavamos á porta da estalagem e eu indiquei-lhe o quarto verde. Elle olhou-me desconfiado.

—Ah! esteja desenganado que não quero enforçar-me.

—Está bem, está bem! francamente, havia de me custar... um artista do seu talento. E quando quer o quarto?

—Esta noite.

—Não posso, tem gente.

Tinha, tinha, mas póde occupa-lo já, disse uma voz atraz de nós. Eu dispenso-o.

Voltamo-nos admirados. Era o camponez da Floresta Negra, com o seu grande chapéu na cabeça e uma trouxa enfiada n'um pau.

Acabavam de lhe contar a historia dos Tres Enforcados.

—É um assassinio, uma infamia.

Disse elle tremulo de colera e gaguejando. Mereciam ir para as galés.

—Vamos, vamos, creio que nada d'isso o impediu de dormir esta noite.

—É que, felizmente tinha resado antes de me deitar. A não ser isso, quem sabe onde eu estaria a estas horas.

E afastou-se levantando as mãos ao céu.

—Bem, disse Schmidt, é seu o quarto, mas nada de más idéas...

—Para ninguem seriam piores que para mim, meu caro.

Entreguei a trouxa á creada, e installei-me provisoriamente entre os que bebiam a uma das mesas.

Havia muito que me não sentira mais tranquillo nem mais feliz de viver. Depois de tantas inquietações, estava próximo a conseguir o meu fim. O horisonte aelavrava-se, e, depois, não sei que potencia superior me auxiliava.

Accendi o cachimbo, e, encostado á mesa, defronte de uma caneca de cerveja, ouvi o côro do Freyhütz, executado por um rancho de eiganos do Schwartz Wald.

A corneta, a trompa, o oboé, faziam-me seismar vagamente, e, por vezes, despertando para ver as horas, perguntava a mim mesmo se o que me estava succedendo não era apenas um sonho.

Quando porém o Wachtmann veio fazer-nos retirar, outros pensamentos mais graves se elevaram no meu espirito, e eu segui pensativo a pequena Carlota que me precedia com uma luz na mão.

III

Subimos a escada de caracol até ao segundo andar. A creada deu-me a luz e indicou-me o quarto.

—É ahí, disse ella, descendo precipitadamente.

Abri a porta. O quarto verde era como todos os quartos de estalagem: um leito muito alto e um tecto muito baixo.

Com um golpe de vista revistei o seu interior. Depois fui escondendo-me até á janella.

Nada apparecia ainda em casa da Fledermause; apenas na extremidade de um quarto sombrio se via brilhar uma luz—talvez uma lamparina.

«Bom, disse comigo, correndo a cortina, tenho tempo».

Abri então a minha trouxa. Puz uma touca de mulher com franjas e colloquei-me em frente de um espelho, com um pineel, para pintar rugas na cara. Levei n'isto mais de uma hora. Depois de ter posto o vestido e o grande chale tive medo de mim mesmo: era a propria Fledermause que ali estava e que me olhava do fundo do espelho.

N'esse momento o Wachtmann gritou na rua «onze horas».

Preparei então o manequim que levára e vesti-o com um fato igual ao da megéra. Em seguida entreabri a cortina.

Depois de tudo o que eu tinha visto da parte da velha: a sua *astucia infernal*, a sua prudencia, a sua espezteza—parece que nada devia já surprender-me. Todavia tive medo.

A luz que eu víra no fundo do quarto, essa luz immovel, projectava então uma claridade amarellada sobre o manequim do camponez da Floresta Negra, que estava ancorado na borda do leito com a cabeça inclinada sobre o peito, o chapéu de tres bicos puxado para os olhos, os braços pendentes,—ao que parecia, entregue ao mais desanimado desespero.

A sombra graduada com uma arte diabolica deixava apenas ver o comprimento da figura; quasi que só se destacavam na claridade o colete vermelho e os botões arredondados. Era sobretudo o silencio da noite, a immobilidade do vulto, o seu ar abatido que deviam apoderar-se com um espantoso poder da imaginação do espectador. Eu, que estava prevenido, senti-me todavia arripriar. O que não experimentaria o pobre camponez surpreendido repentinamente por esta visão? Teria sido esmagado, perderia o livre arbitrio, e o instincto de imitação faria o resto.

Apenas mexi na cortina vi logo Fledermause a espreitar atraz da vidraça. A janella fronteira abriu-se; depois o manequim pareceu erguer-se e caminhar para mim. Avancei tambem, e tomando a minha luz com uma mão, abri com a outra repentinamente a janella. Então, eu e a velha, achámo-nos face a face, porque ella, atterrada deixára cair o seu manequim. Os nossos olhares cruzaram-se cheios de um igual horror.

Ella estendeu as mãos e eu estendi tambem as mãos; agitou os labios, e eu agitei os meus, deu um longo suspiro e encostou-se—e eu encostei-me tambem!

Não sei dizer o que esta scena tinha de horrivel.

Era o quer que fosse delirante, desvairado, louco! Uma luta entre duas vontades, entre duas intelligencias, entre duas almas que queriam destruir-se. A minha, porém, levava-lhe vantagem: combatiam com ella as victimas.

Depois de haver por alguns segundos imitado os movimentos da Fledermause, tirei uma corda debaixo das saias e prendi-a ao ferro da taboleta. A velha olhava-me com a bocca entre-aberta. Passei a corda em volta do pescoço: as pupillas selvaticas da velha pareceram incendiar-se, a physionomia decompoz-se-lhe.

—Não! não! disse ella com uma voz suffocada.

Continuei com a impassibilidade do carraseo. Então a Fledermause enraiveceu.

—Velha louca! berrou ella, erguendo-se com as mãos crispadas sobre o parapeito. Velha louca!

Não a deixei continuar: apaguei rapidamente a luz, inclinei-me como quem quer dar um grande salto, e pegando no manequim, passei-lhe a corda ao pescoço e precipitei-o no espaço.

Um grito terrível atravessou a rua.

Depois tudo cahiu em silencio.

O snor corria-me em bagas pela cara. Escutei muito tempo. No fim de um quarto de hora ouvi longe, longe... muito longe a voz do Wachtmann que gritava:

—Habitantes de Nuremberg, meia noite... deu meia noite!

—E agora murmurei eu, fez-se justiça, estão vingadas as tres victimas. Perdoae-me, Senhor.

Cinco minutos haviam passado depois do ultimo grito do Wachtmann: vira a megéra attrahida pela sua imagem saltar da janella com a corda ao pescoço e ficar suspensa ao ferro da sua casa... vira o estremeamento da morte percorrer-lho o corpo, e a lua serena, silenciosa, passando por sobre a beira do telhado, vir descançar-lhe os seus raios frios e pallidos sobre a cabeça desgrenhada.

Era assim que eu tinha visto o pobre estudante de Heidelberg.

Foi assim que eu vi a Fledermause.

No dia seguinte soube-se em Nuremberg que a Co-ruja se havia enforcado.

Foi tambem o ultimo acontecimento d'este genero na rua dos *Minnessinger*.

NUMEROS DO INTERMEZZO

HENRI HEINE

Lançaram-te no rosto o aéreo véu nupcial;
Bem sei que te perdi, mas não te quero mal.

Brilham do teu collar as pedras luminosas;
Mas no teu coração que noutes luctuosas!

Em sonhos eu desci, oh! misera mulher!
As sombras da tua alma e vi-te o padecer.

Bem sei que te perdi, oh! minha doce amada!
Mas não te quero mal, que és muito desgraçada.

Sonhando, ouvia suspirar o vento
Das tilias sobre a cupula odorante;
E, como outr'ora, ouvia o juramento
Do teu amor constante.

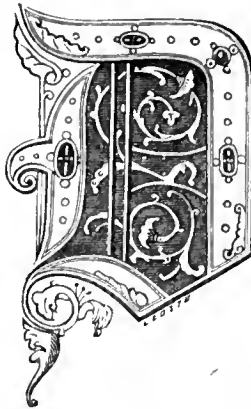
Que protestos de amor n'esse momento!
Mas na febre dos beijos que me deste,
Como para gravar teu juramento,
Em meus dedos mordeste!

Dona do riso alegre, o meu tormento!
Dona de olhos azues, oh! minha amada!
Já me bastava o doce juramento,
Foi de mais a dentada.

Coimbra.

G. CRESPO.

CHRONICA DO MEZ



epois dos frios agudos e das chuvas torrenciacas, o céu compadecido enviou-nos a tepida aragem da primavera e a luz benéfica de um sol esplendente.

Reverdecem os prados, povoam-se de rosas os jardins, tonca-se de virginaes flores a laranjeira. Começa a lembrar o campo. As senhoras dão ferias aos pesados vestidos de veludo e aos regalos de fina marta; os homens, vendo que as arvores se vestem de folhas, tratam de despír os pale-tots.

Vida nova. Encontram-se, á noite, nas praças ajardinadas grupos de pessoas aspirando o aroma suave das plantas; principia o consumo das bebidas refrigerantes; os *chilis* de aba larga já dão a sua voltinha, de tarde, no passeio; ouve-se ao domingo o estalar dos foguetes, tentação irresistível dos amadores de touradas; o chapéu de chuva, fazendo-se branco, transforma-se em chapéu de sol.

O jubilo da natureza é communicativo. Já se não vêem pela rua figurões mal encarados, de gola levantada, mãos nas algibeiras e nariz vermelho; agora, até os pobres andam animados e risonhos como que participando da alegria das côres que traça a natureza.

Eis o magico poder da primavera, d'esta formosa estação, que é o enlevo dos poetas namorados de tudo que é bello, das donzellas que adoram a mocidade e a alegria, das creanças que folgam com a liberdade dos campos, dos velhos que procuram o calor do sol, de todos, enfim, que preferem a claridade á escuridão, a suavidade á aspereza, o azul ao pardo.

O primeiro dia de festa que as senhoras de Lisboa têm, no começo da estação amena, para ostentar as suas novas *toilettes*, é o da procissão de Nossa Senhora da Saude.

Dia de festa lhe chamei, e de certa ninguém se rebellará contra o qualificativo. A procissão da Saude é uma das funcões religiosas que actualmente se celebram na capital, com maior pompa e decoro. Este anno o apparato das ruas por onde passa o prestito, excedeu tudo que até agora se havia feito para solemnizar aquelle acontecimento. Eu nunca vi as ruas de Lisboa tão vistosamente adornadas. A rua Augusta, sobretudo, com milhares de bandeiras, de variadas côres, constantemente disparadas pelo soprar do vento; com a calçada coberta de areia e rosmaninho; com as janellas ornadas de valiosas colchas, de corôas esmaltadas, de festões de buxo, de brancas estatuas, de caprichosas jarras, de espheras brilhantes, de paineis coloridos, de flores, de esculos, produzia maravilhoso effeito, principalmente quando, ao passar da procissão, nuvens de folhas de rosas toldavam os ares, e o som alegre das musicas regimentaes se fazia ouvir, completando o esplendor do acto.

Quasi todas as outras ruas fizeram igual acolhimento á imagem veneranda da Senhora da Saude, que tanta devoção inspira ao povo de Lisboa, e cuja festa será talvez, em pouco, tão luzida, como era antigamente a do Corpo de Deus.

Isto não quer dizer que virá tempo em que as senhoras ficarão penteadas, de vespera, para assistirem á procissão; mas o que de certo ha de acontecer, se aos habitantes da rua do transitto não esmorecer o devoto entusiasmo, será o dia de Nossa Senhora da Saude tornar-se, para a cidade de Lisboa, um dos mais festivos e solemnes do anno.

Os cantores, ao contrario das andorinhas, fogem de nós quando se approxima o calor. O theatro de S. Carlos fechou no fim de março, e os *dilettanti* viram-se obrigados a procurar abrigo para as noites ainda frias, nas demais casas de espectaculo.

O theatro de D. Maria II recebeu-os esplendidamente, offerecendo-lhes uma peça original de auctor estimado nos diversos ramos de litteratura, em que tem empregado o seu vigoroso talento. A representação de um drama portuguez de merito littera-



OS FILHOS DE CARLOS J.

rio, é, por estes malfadados tempos que vão correndo para as letras nacionaes, caso digno de entusiasticas demonstrações. Nós, que não temos para nos recrear no theatro senão composições bastardas, fundadas em costumes que nos são alheios, escriptas muitas vezes por auctores insignificantes, eivadas quasi sempre de maus conselhos e pessimos exemplos, devemos animar e auxiliar na luta os valorosos escriptores que ousam pelear contra esses inimigos amados pelas emprezas, e até por ellas protegidos, inimigos terriveis que têm sido e continuarão a ser, infelizmente, tão prejudiciaes aos que escrevem, como aos que escutam.

Applaudí, pois, o sr. Pinheiro Chagas, quando, pela primeira vez, se representou a *Helena*, e ainda d'aquí o applaudo, porque é um dos escriptores, que, não obstante haver muitas vezes peccado, como nós todos, em auxiliar as emprezas com algumas versões de peças estrangeiras, tem sempre em mente que é obrigação rigorosa dos que podem fazer mais do que traduzir, dotar o nosso theatro com trabalhos nacionaes.

O novo drama do sr. Pinheiro Chagas é filiado n'uma escola muito do agrado de todos, escola que tem por fim recrear e commover os espectadores, sem lhes cançar o espirito.

São estas peças de singelo enredo, e recommendam-se mais ou menos, segundo a maior ou menor perfeição com que se desenhavam os caracteres, com que se desenvolvem os diversos episodios, e com que é escripto o dialogo.

Se porventura as composições d'este genero são faccis de apprehender, porque o alicerce é — permitta-se-me a expressão — pouco dispendioso, por isso tambem offerecem grandes difficuldades para se levarem ao fim com interesse progressivo, porque o auctor, não podendo dispor dos elementos que fornecem os enredos complicados, tem por unico recurso, para se desempenhar dignamente do seu encargo, as situações da palavra e a originalidade e graça dos incidentes.

Eu entendo que o auctor que se determina a escrever uma peça, mas que, falta de forças para a pensar maduramente e enredar como convem, appella para os episodios com que, no decorrer dos actos, tenciona esmaltar a sua obra, deve desistir do emprehendimento, porque nunca o realisará. Parece-me que o auctor que não dispõe de engenho bastante para tecer um enredo dramatico, tambem não o tem para crear os episodios necessarios n'uma peça de singela intriga; portanto, ou ha de escrever uma sensaboria, porque o que toma por episodio dramatico, não o é, ou ha de encontrar invenciveis obstaculos nas primeiras scenas do primeiro acto, porque não acha meio plausivel de estirar o seu pouco substancial assumpto.

Quero eu concluir d'aquí, se não são erroneas as minhas asserções, que todos os que fazem peças sem enredo, mas engenhosamente desenvolvidas e adornadas com incidentes agradaveis e bem pensados, poderiam escrevê-las com enredo, se se entregassem a pensá-lo pacientemente, ou não quizessem seguir a escola especial a que pertencem taes composições.

E o que succede á *Helena*, do sr. Pinheiro Chagas. Não tem emmaranhada intriga, porque o auctor não lh'a quiz fazer; mas possui os dotes exigidos em obras d'aquella natureza, sobressaindo a tudo, como se nota em quasi todas as obras do illustrado escriptor, a linguagem, que é sempre animada e florida.

A *Helena* deu-se pela primeira vez, em beneficio de um actor que reúne ao talento dramatico, herdado de seu pae, e ao estudo perseverante a que se tem votado para progredir, caracter honrado e nobres sentimentos. Por isso, amigos e conhecidos o têm no melhor conceito, aguardando com interesse as occasiões em que lhe podem ser agradaveis.

Era para ver-se a ovação que o publico fez a Rosa junior, durante a noite do seu beneficio. Ovação na sala e ovação no camarim. Chamadas, palmas, flores, versos, presentes, tudo, enfim, com que se pôde obsequiar um artista de primeira ordem, tudo contribuiu para alindar e completar aquella entusiastica festa.

Eu, imitando o que se costuma dizer em dia de annos, desejo-lhe que conte muitas em companhia de boas peças originaes, como a que escolheu d'esta vez.

Os espectaculos forneceram este mez algum assumpto aos chronistas. Nos theatros de segunda ordem subiram á scena diversas peças originaes.

O José do Telhado, drama romantico, cujo principal defeito

é não ter quasi nada da vida tristemente celebre do protagonista, representou-se no theatro do Principe Real, e foi bem acolhido pelo publico; igual sorte obteve, pela verdade com que está conduzida, a comedia em um acto, original do sr. Alfredo Calleya, dada no theatro da rua dos Condes — *Uma noite em casa do sr. Palha*, e bem assim — *O Passeio Publico á noite, com cores e jogos de vista*, composição do sr. Luiz de Araujo, levada á scena do theatro do Principe Real, a qual, como todas as obras do popular auctor, tem certo sabor nacional, que desperta o interesse das platéas.

Nas Amoreiras abriu-se um theatro novo, theatro feito com uma duzia de tábuas, e onde representam actores de secundario merecimento. Não se julgue, porém, que se passa mal um bocado de noite n'aquelle moderno e popular divertimento; pelo contrario, a sala está alegre e asseada, e os actores representam com uma certa *verve* que desperta o riso franco e sincero do povo, riso que se communica ás pessoas de outras classes, que, por curiosidade e para variarem de distração, procuram logar n'aquelles bancos, commodamente feitos para as receber.

A peça com que o theatro abriu — *A corte d'El-Rei Menau*, original do sr. Baptista Machado, é apropriada ao paleo onde se representa, e por isso foi applaudida pelos espectadores que têm enchido a sala.

Em Madrid ha theatros n'aquelle genero, mas que seguem outro systema de espectaculos. Durante a noite dão quatro ou cinco representações diversas, compondo-se cada uma de um acto de comedia e um baile. Custa a entrada para cada representação um real (quarenta e cinco réis). O espectador que assiste a todas as representações da noite, tem direito a uma bebida.

Estes theatros, cujos actores são muito medioeres e se apresentam em scena revelando a miseria que os opprime, embora representem muitas vezes de condes ou de banqueiros, tiram avultados interesses, porque estão cheios todas as noites, e tão cheios, que as pessoas que vão lá por simples curiosidade pouco se demoram, com receio de morrerem suffocadas.

Já que estou fallando de theatro, citarei um elegante volume publicado, ultimamente, pelo sr. Plantier, no qual se acham impressas tres applaudidas comedias, devidas á penna do sr. Paulo Midosi, e que foram applaudidissimas em diversos theatros de Lisboa. Denominam-se: — *A arte e o coração* — *O sr. Procopio Baeta está em casa na noite de...* — e *A grande duqueza de Gevolstein no penultimo andar*.

O publico que procurou vê-las interpretadas pelos actores, ha de agora desejar aprecia-las postas em livro. Rin-se com ellas assentado no seu logar da platéa, alumiado pela brilhante luz do lustre, rodeado de centenaes de pessoas; hoje pôde tambem rir, lendo-as com vagar, repotreado em commoda poltrona, sem testemunhas, á luz do dia ou do candieiro do seu gabinete.

Está publicado o segundo e ultimo volume do livro — *Litteratura, musica e bellas artes*, do sr. Andrade Ferreira.

Fallei do primeiro tomo d'esta obra, encarecendo-a pela finissima critica com que o auctor aprecia diversas produções litterarias e artisticas.

O segundo volume confirma o que disse. Não esmorecem n'elle o interesse nem o merecimento do primeiro, e, como este, é auxilio e recreio para quem escreve e falla dos assumptos designados no titulo da publicação.

Concluirei por uma conta corrente. Não deve estranhar-se que eu n'esta publicação introduza calculos que só parecem proprios dos livros de *Deve e Ha de Haver*, quando d'estes calculos reverta beneficio para as artes ou para as letras.

Está n'este caso a conta corrente annunciada.

É de certo conhecida do leitor a bellissima estatua em marmore — *Uma mulher desfolhando um malmequer*, com que o sr. Simões de Almeida dotou as galerias do estado, e que tem sido o enlevo dos visitantes da academia real das bellas artes.

Pois é a respeito d'este trabalho, e principalmente do seu auctor, que se pôde fazer o seguinte calculo, inteiramente favoravel á determinação de mandar estudar ás aulas estrangeiras os artistas de verdadeiro talento.

O sr. Simões recebeu do estado:

Subsidio em Paris, durante quatro annos e tres mezes que alli esteve a estudar	2:550\$000
Subsidio em Roma, durante um anno e tres mezes	750\$000
Importancia de tres viagens	170\$000
Importancia de material para a estatua	360\$000
Somma réis	<u>3:830\$000</u>

O estado recebeu do sr. Simões:

A estatua— <i>Uma mulher desfolhando um malmequer</i> , que vale, pelo menos	2:500\$000
A estatua— <i>O joren grego</i> , cujo valor approximado é	400\$000
Tres composições em baixo relevo, tres estatuas, dois grupos de composição e outros estudos, no valor approximado de	800\$000
Somma réis	<u>3:700\$000</u>

Tendo pois o estado gasto 3:830\$000 réis, e auferido obras no valor de 3:700\$000 réis, segue-se que adquiriu um bom artista por 130\$000 réis.

Haverá ainda quem ache caro? Talvez.

RANGEL DE LIMA.

O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

Mas, á medida que o sol se inclinava para o Falberg e que o ar fresco da noite se espalhava pelo valle, o socego e a serenidade renasciam no seu espirito. Ergueu para o céu os olhos com amor, e os ultimos raios do crepusculo illuminaram a sua cabeça inspirada. Dir-se-ia que orava em silencio: é que Frantz Matheus scismava nas consequencias incalculaveis do seu systema para a felicidade das raças futuras. Apenas a chegada de Martha pôde interromper o curso d'estas meditações sublimes.

Ouviu a criada entrar na cozinha, guardar o encinho atrás da porta e pegar na loiça para arranjar a coia.

Todos estes ruidos que lhe eram tão familiares: os passos de Martha que elle era capaz de distinguir entre mil, os rumores da aldeia, o canto das ceifeiras que voltavam alegres para suas casas, as janellas pequenas e encobertas que successivamente se illuminavam, tudo isto commovia o bom doutor;—quasi que não se atrevia a mover-se—com as mãos postas, a cabeça inclinada, escutava entenecido esses sons confusos.

—Escuta, escuta estas vozes amigas, porque talvez nunca mais as oigas!... nunca mais!

N'esse momento, Martha abriu a porta, sem ver o amo sentado, na sombra.

—Está ahí, sr. doutor?

—Entre, Martha, entre, respondeu Matheus com uma voz tremula.

—O senhor, como pôde estar assim ás escuras?! Vou buscar luz.

—Não, não, prefiro falar-te assim. Preciso dizer-te... Vem cá... ouve.

Matheus não pôde dizer mais nada, o coração batia-lhe com força. Pensava que se, quando contasse a sua resolução a Martha, esta lhe pudesse ver a cara elle sentiria uma grande pena.

Martha comprehendeu que ia ouvir uma má noticia e sentiu as pernas vergarem-lhe.

—Que tem, sr. doutor, está tremulo?

—Não é nada, não é nada, minha boa, minha querida Martha. Assenta-te aqui; aqui ao pé de mim. Preciso dizer-te...

Mas a phrase começada expirou outra vez nos labios do doutor.

Momentos depois continuou:

—Não me has de querer mal por isso, não? Não deves querer-me mal por isto.

A velha, cheia de anciedade, correu a buscar o candieiro. Quando voltou viu Matheus pallido como a morte.

—Está por força doente, soffre d'alguma coisa?

Mas o illustre doutor tivera tempo de voltar a si. Uma idéa luminosa acabava de esclarecer o seu espirito.

—«Se chego a convencer Martha tudo se fará, o que, de resto, provará claramente a toda a humanidade quanto é irresistivel a eloquencia de Frantz Matheus.

Forte com esta convicção, levantou-se.

—Martha, disse elle, olha bem para mim.

—Estou olhando, sr. doutor, respondeu a velha estupefacta.

—Ouve: tens diante de ti Frantz Matheus, doutor em medicina pela faculdade de Strasburgo, membro correspondente do Instituto cirurgico de Praga, e da Sociedade real de sciencias de Goettingue, conselheiro veterinario de caudelarias de Wurtzburgo, e outr'ora, por uma serie de circumstancias bem terriveis, cirurgiãomór do bando de Schinderhannes.

N'este ponto o doutor fez uma pausa, para que Martha pudesse á vontade apreciar a magnificencia dos seus titulos; depois continuou:

—Frantz Matheus, o unico descobridor da famosa doutrina psychologico-anthropo-zoologica, que revolveu o mundo, consternou a ignorancia, exasperou a inveja, e extasiou o universo! Frantz Matheus, depositario dos destinos da humanidade e da philosophia cosmologica fundada sobre os tres reinos da natureza, vegetal, animal e humano! Frantz Matheus que, ha quinze annos, se enerva n'um repouso cobarde e culpado, e cuja consciencia indignada todos os dias o accusa de abandonar ao acaso dos systemas, aos sophismas das escolas, á influencia desastrosa dos preconceitos, o futuro do genero humano!

Martha tremia, nunca vira seu amo n'um tal estado de excitação.

Pela sua parte o illustre philosopho observava com prazer a estupefação da criada.

Proseguiu pois com um acrescimo de eloquencia:

—Até quando, ó Matheus! pesará sobre a tua cabeça esta responsabilidade? até quando esquecerás tu a missão sublime que te impõe o genio? Não ouves as vozes que te chamam? Não sabes que para subir na escala dos seres é preciso soffrer, e que soffrer é merecer? A ignorancia e o sophisma erguem-se em vão contra ti! Caminha! Caminha, ó Mathens! semeia sobre a tua estrada os germens beneficos da anthropo-zoologia, e a tua gloria, immortal como a verdade, augmentará de seculo para seculo, abrigando com a sua folhagem viridante as gerações futuras. É por tudo isto, Martha, que vaes desde já preparar-me a minha mala, e dizer a Nickel que concerta a sella de Bruno, ao qual darás uma razão

dobra de aveia. Amanhã, antes que raie a aurora, partirei para ir prégar a minha doutrina ao universo.

Ao ouvir esta conclusão, Martha ia desmaiando. Parecia-lhe certo que seu amo endoidecêra.

—O que! sr. doutor, o que! pois quer partir, deixar-nos? Mas isso não é possível! Tão bom, tão caritativo, todos tão seus amigos na aldeia! Isso não é possível!

—Assim é preciso, respondeu estoicamente Mathews. É o meu dever.

Martha calou-se e pareceu resignar-se. Poz, segundo o costume, a toalha sobre a mesa, a loiça, e serviu a ceia. Constava ella n'esse dia de gallinha e canja, com avelãs para sobremesa: Frantz Mathews, da familia dos roedores, gostava muito de avelãs.

A creada multiplicava em volta d'elle toda a especie de seducções: trinchava a gallinha, offerecia-lhe os bocados mais delicados, enchia-lhe o copo até a cima, e olhava-o com um ar melancolico, como que de quem o lamentava.

Quando a ceia terminou, acompanhou Mathews até ao quarto, abriu a roupa da cama, e verificou se o barrete de dormir estava sobre o travesseiro.

Tudo ali era branco, assciado, bem disposto: a bacia de porcelana sobre a commoda, dentro da bacia a garrafa com agua fresca, entre as duas janellas um espelho pequeno mas brilhante, a bibliotheca com a *Anthropo-zoologia* em dezeseis volumes, auctores latinos, e alguns livros de medicina cuidadosamente espanjados. Por toda a parte se reconheciam os cuidados meticulosos da vigilante creada.

Depois de ter verificado que tudo se achava no seu lugar, Martha abriu a porta, e deu as boas noites a seu amo com uma voz tão tecante que o illustre philosopho se sentiu commovido até ao fundo d'alma.

Teve vontade de abraçar a boa mulher e de lhe dizer:

—Martha, minha boa Martha, não imaginas como Frantz Mathews adora a tua coragem e a tua resignação: elle te annuncia os mais altos destinos no futuro.

Isto queria elle dizer-lhe; mas o receio de uma scena demasiado pathetica acalmou a sua profunda commoção. Recommendou-lhe apenas, outra vez, com instancia que levasse a razão de Bruno, e que o acordasse ao despontar do dia.

A boa mulher afastou-se lentamente, e o illustre doutor Mathews, satisfeito com este primeiro triumpho, deitou-se na sua cama de pennas.

Não pôde, durante muito tempo, adormecer. Recapitulou todos os successos d'esse dia memoravel, e as sublimes consequencias do systema Anthropo-zoologico: as viagens, as evocações, as prosopopéas encadeavam-se no seu espirito luminoso, até que enfim as palpebras cerraram-se-lhe pouco a pouco e adormeceu profundamente

III

Quando Frantz Mathews abriu os olhos, apenas os raios do crepusculo começavam a esclarecer a aldeia de Graufthal.

Acordara-o o canto matutino do gallo de Christian Bauer, seu visinho, precisamente no instante em que Socrates e Pythagoras lhe collocavam sobre a cabeça coiroas immortaes.

Este feliz presagio pol-o logo de bom humor.

Vestiu os calções e abriu a janella para respirar o ar livre.

A pouca distancia da porta da casa o mestre-escola

João Claudio Wachtmann passeava d'um lado para o outro, com um papel na mão, fazendo gestos verdadeiramente extraordinarios.

O doutor olhou-o com espanto. João Claudio vestira o seu fato domingueiro, trazia o grande chapéu de tres bicos e os sapatos de fivelas de prata.

—Mestre Claudio, gritou-lhe elle, que faz por aqui tão cedo?!

O mestre-escola respondeu impassivel e grave:

—Leio um trecho de eloquencia composto por mim; o quer que seja capaz de enternecer o coração d'uma pedra.

O gesto, a attitude e o olhar imponente de João Claudio perturbaram Frantz Mathews. Começou mesmo a sentir-se inquieto.

—Senhor Claudio, disse elle com una voz commovida, não desconheço nem o seu talento nem a sua illustração: quer fazer-me o favor de me mostrar o seu discurso?

—Ha de ouvir-o, sr. doutor, ha de ouvir-o quando todos estiverem reunidos, respondeu Claudio Wachtmann guardando o papel na algibeira do seu casaco. É perante todos que eu quero ler esta obra notavel, fructo, por um lado, dos meus estudos, e por outro da minha profunda dor.

O mestre-escola tinha um olhar augusto ao pronunciar estas palavras, e Frantz Mathews sentiu que empalidecia.

—Martha, Martha! murmurou elle, que fizeste? Não bastava teres feito vacillar a minha coragem com as tuas lagrimas, aproveitaste-te do meu somno para alvoroçar a aldeia contra mim!

E o illustre doutor Mathews não se enganava. A sua creada dera rebate da sua partida, e a noticia espalhara-se por toda a povoação.

Pouco depois appareceu Jorge Brener, o rachador. Lançou uma vista d'olhos para a casa do doutor e veio sentar-se no banco de pedra ao pé da porta. Depois chegou Christian, o malhador, cuja physionomia exprimiua com energia a desolação em que se achava; depois Katel Schmidt, a irmã do moleiro, depois enfim todo o logar—mulheres, creanças, velhos, como se se tratasse d'um enterro.

Mathews, occulto atraz das vidraças, estremeia vendo accumular-se a tempestade. Primeiro pensou em confundir aquella multidão ignorante, completamente falta das noções mais elementares sobre os tres reinos da natureza, e de a obrigar a córar do seu egoismo, demonstrando-lhe d'um modo evidente que Frantz Mathews se devia ao universo, e que um tão sublime genio não podia enterrar-se no Groufthal, sem commetter um crime horroroso de lesa-humanidade.

Todavia a sua natural prudencia suscitou-lhe um projecto menos grandioso, mas mais justo e sagaz: consistia este em entrar de vagar na cozinha, da cozinha passar ás casas da granja, apparelhar Bruno, e safar-se pela porta trazeira.

Este plano engenhoso fez sorrir o bom doutor. Imaginou desde logo a estupefacção de Claudio julgando surprehender a lebre na toca, quando esta já fosse correndo pela serra.

Calçou pois, immediatamente, as suas meias de lâ novas e as botas grandes de viagem que tinham umas esporas como rodas de relógio, envergou o casaco escuro, cobriu-se com um chapéu de grandes abas que lhe dava um ar respeitavel e abriu a porta com a maior prudencia... Foi, atravessando a cozinha, que elle felizmente se lembrou da Anthropo-zoologia, o que o obrigou a voltar á pressa para levar o sabio repertorio na algibeira.

Bem eustava ao illustre doutor não poder levar consigo os dezeseis volumes in-quarto, mas tinha de memoria todos os desenvolvimentos, todas as notas, corolarios, referencias, e innumeradas observações ineditas, curiosos resultados dos seus novos estudos.

Finalmente, depois d'um ultimo adeus á sua querida bibliotheca, esgueirou-se a tremer até á cavallariça, como se fora um infeliz captivo que escapasse das mãos dos infieis.

A luz do dia já ali entrava atravez dos vidros sujos d'uma fresta. O doutor cobrou animo ao ver Bruno.

Bruno era um animal vigoroso, de pescoço espaçoso, peitos largos, espessos, atarracado, solido do membros, enfim o digno e robusto sustentaculo d'um medico de aldeia. Era caso de cada qual dizer ao ver passar Matheus sobre Bruno: «Eis o melhor animal e o maior philosopho do paiz».

Frantz Matheus reconheceu pelo ventre arredondado e lúcido do seu companheiro que elle realmente comêra as duas medidas de aveia, motivo porque, sem mais considerações, o enfreou, e o sellou com o albardão grande de coiro onde mettu o exemplar do seu repertorio, conduzindo o animal para o portão da sahida com uma pressa que bem mostrava o seu violento desejo de escapar á eloquencia de Claudio Wachtmann. Chegado ahí tirou a tranca e abriu as portas de par em par.

Na sua frente achava se toda a gente da aldeia: primeiro João Claudio Wachtmann com o Hubert ferreiro, á direita e Christian Bauer á esquerda.

A cara veneravel do bom doutor tornou-se roxa de colera: parecia que dos olhos, habitualmente serenos e meditativos, sahiam relampagos de indignação.

Montou rapidamente e gritou:

—Deixem passar.

Mas ninguem se mexeu, e Frantz cuidou mesmo ver um sorriso de escarneo em todas as physionomias, como que desafiando-o a que tentasse partir.

—Então, meus amigos, deixem-me passar, repetiu o doutor com um ar menos decidido. Vou ver os meus doentes da serra.

Esta mentira, que era contraria aos seus habitos, eustou-lhe a dizer: os aldeões que conheciam o seu caracter bom, nem mesmo o ouviram.

—Já sabemos tudo, disse Catharina, fingindo que enxugava as lagrimas ao avental. Já sabemos tudo. A Martha disse-nos tudo: quer deixar a aldeia.

Matheus ia responder, quando João Claudio Wacht-

mann com um gesto impoz silencio aos circumstantes.

Veiu até defronte do doutor, fulminando-o com os seus olhares severos, tirou com gestos magestosos os oculos da caixa, escarranchou-os no seu grande nariz, desdobrou um papel com gravidade, lançou uma vista de olhos sobre os aldeões como para lhes ordenar attenção, e enfim começou a ler, com uma accentuação solemne, fazendo as competentes pausas nos pontos e virgulas, e gesticulando como um prégador, a seguinte obra prima:

—Quando o grande Antiocho, imperador de Ninive e de Babylonia, concebeu o designio ambicioso de sair de seu reino para emprehender a conquista das cinco partes do mundo, com o fim peccaminoso de se cobrir de loiros, disse-lhe o seu amigo Cinéas: «Grande Antiocho, re-

bento illustre de tantos reis, imperador de Babylonia, de Ninive e da Mesopotamia, terra situada entre o Tigre e o Euphrates, guerreiro magnanimos e invencivel, dignae-vos escutar as palavras tocantes do vosso amigo Cinéas, homem sensato, que se prostra a vossos pés, e que só póde dar-vos os melhores conselhos. O que é a gloria, ó grande Antiocho! o que é a gloria?!... Um fumo vão, semelhante á sombra espessa que não tem corpo que a sustenha. A gloria! oh! a gloria! o flagello da humanidade que tem em si a peste, a guerra, a fome, o opprobrio e a desolação! Como, illustre Antiocho! quereis abandonar vossa mulher, augusta rainha, modêlo de virtudes, e vossos filhos que se estorcem de desespero e se cobrem de cinzas? Como! Tereis a alma tão insensivel e perversa que precipiteis no abysmo da desolação este povo que vos adora, estas mulheres nubeis, estes homens maduros, estas creanças de peito e estes velhos com os cabellos tão brancos como as neves



Quando o grande Antiocho

do monte Ida, de quem sois, até certo ponto, o pae, ouvi os seus brados! vêde as suas lagrimas, sentis...

Teve o orador de parar, porque começaram todos a chorar; os mulheres soluçavam com ruído, os homens davam grandes suspiros, as creanças gritavam, e por toda a casa echoavam gemidos.

Então Claudio Wachtmann ergueu-se nos bicos dos pés, e moveu lentamente o seu grande nariz para a direita e para a esquerda, a fim de verificar se cada um fazia o seu dever. Viu que Jacques Purus, rapaz diabolico, se subira á escada da granja, onde, segurando pelo rabo o gato maltez da velha Martha, o obrigava a soltar lugubres mios. Wachtmann fez-lhe um signal ameaçador com a mão, e o rapaz, recordando-se das ordens que recebera, começou para logo a lançar gritos tão agudos

como os que deve produzir a trombeta do juizo final.

Então Claudio Wachtmann sentiu que triumphava, porque, na verdade, nunca se vira nada semelhante.

Na physionomia de Frantz Matheus estava pintada a maior consternação. Quando, porém, ouviu os termos com que Cinéas falava ao grande Antiocho, um sorriso imperceptível lhe entreabriu a bocca. Avançou ainda um passo então, de modo que a cabeça de Bruno se achou fóra do circulo formado pela gente.

João Claudio ergueu o braço, e todos se calaram como por encanto.

—Illustre doutor Matheus, disse elle, taes como os habitantes de Babylonia...

Mas logo Matheus, sem ouvir o fim da phrase, enterrou as esporas em Bruno, que partiu como um turbilhão pelo meio das sebes, dos quintaes, das searas, dos mattos, pisando as couves de um, os nabos de outro, o trigo d'este, a aveia d'aquell'outro, enfim como se verdadeiramente estivera possesso.

Os gritos dos aldeões perseguiram-no sem que elle voltasse sequer a cabeça. Ia já atravessando os terrenos da communa.

João Claudio estava hirto, amarello como uma vella de cera. Erguia os braços e clamava:

—E não acabei! e não li a passagem em que Nabuchodonosor foi mudado, por causa do orgulho, em boi com pennas de aguia. Ouvi pois Jacques! Huberto! Christian!

Mas ninguem queria escutal-o; toda a gente da aldeia corria apoz Matheus; ouviam-se gritos, urros, assobios, e os cães que corriam e que ladravam. Dir-se-ia o fim do mundo.

Pouco depois viu-se o doutor subir a galope o Falberg. Atravessara o Zinsel a nado. Ia agarrado ao pescoço de Bruno e as abas de seu grande casaco esvoaçavam-lhe em volta pela rapidez com que caminhava.

Enfim desapareceu por entre os arvoredos, e os aldeões ficaram a olhar-se embasbacados.

João Claudio quiz então retomar o fio do seu bello discurso, mas todos lhe voltaram as costas, dizendo:

—Para que serve o teu discurso, uma vez que perdemos o nosso bom doutor... Tivéssemos nós advinhado, que, a final, o melhor de tudo era tel-o asegurado pelas redeas.

E eis como o illustre doutor Frantz Matheus, graças á sua resolução heroica, á sua presença de espirito e aos musculos vigorosos de Bruno, conseguiu reconquistar a sua independencia.

IV

Póde imaginar-se a alegria de Matheus ao ver-se escapo de João Claudio e dos outros. Pouco tempo se ouviram ainda os gritos, cada vez mais afastados, da aldeia, substituidos enfim pelo completo silencio das florestas.

Foi só então que o bom doutor, dando graças ao Deus de todas as coisas, deixou cair as redeas sobre o pescoço de Bruno e subiu tranquillamente a encosta de Saverne.

Já o sol ia alto quando chegou á estrada. Batia-lhe perpendicularmente sobre a cabeça um grande calor; o suor banhava-o. Bruno parava de bocado a bocado para

arrancar as muitas de hervas do caminho, mas o illustre philosopho não dava por coisa alguma. Estava-se já vendo no theatro dos seus triumphos, caminhando de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, fulminando os sophistas e semeando pelo mundo os germenens beneficos da anthropo-zoologia.

—Frantz Matheus, tu és predestinado. Era para ti, para ti só, que estíva guardada a gloria de fazer a felicidade do genero humano, e de derramar n'este mundo a luz eterna. Olha para estas vastas terras, para estas cidades, para estas granjas, para estas aldeias, para estas pobres casas: todos esperam a tua vinda. Por toda a parte se espera uma doutrina nova fundada sobre os tres reinos da natureza; por toda a parte os homens gemem na duvida e na incerteza! Digo-t'o Frantz, sem vaidade, mas sem falsa modestia tambem: o Ser dos seres tem os olhos fitos em ti. Caminha! caminha e o teu nome, igual aos de Pythagoras, de Moysés, de Confucio e dos mais legisladores,

será repetido pelos echos até á consummação dos seculos.»

Era assim que o illustre doutor raciocinava na intima sinceridade da sua alma, descendo das alturas do Falberg, á sombra dos abetos, quando o tiraram de tão profundas meditações, exclamações, gargalhadas, e os sons incertos e fanhosos de uma rebeca.

Estava então a duas leguas do Graufthal, defronte da taberna de *Lèchefrite*, onde os habitantes de *St. Jean des Choux* vão comer omeletas e fazer dançar as namoradas.

Havia precisamente n'esse momento muita gente na taberna; os ceifeiros em mangas de camiza e as aldeãs dos arredores, de saias curtas, volteavam rapidas como o vento ao pé das parreiras, levantavam as pernas, batiam



E as abas do seu grande casaco esvoaçavam-lhe em volta pela rapidez com que caminhava

os pés, executavam passos a principio simples, depois mais complicados e soltavam brados estridentes.

Concou Peter, o tocador, o famoso Coucou Peter, filho de Jokel Peter, de Lutgelstein, a alegria de todas as vendas de cerveja, de todas as tabernas da Alsacia, —o bom, o jovial Coucou Peter, estava sentado n'uma pipa de cerveja, no meio, com a sua camiza grossa de linho que tinha botões de aço do tamanho de escudos de seis libras, bochechudo, corado, com um chapéu largo de feltro que tinha preza uma penna de gallo. Serrava com enthusiasmo uma antiga valsa da terra, e era d'elle só que se compunha toda a orchestra de *Lêchefrite*.

Vinho, cerveja, Hirschen-wasser corria pelas mesas, e beijos vigorosos, applicados sem mysterio, excitavam a alegria geral.

Apezar de todos os cuidados que lhe davam o futuro do mundo e o da civilisação, Matheus não pôde deixar de admirar este espectáculo tão alegre. Poz-se atraz do parreiral, e riu com vontade dos abraços e das scenas amorosas que via por entre as ramarias.

De repente, porém, e enquanto elle se entregava a estas curiosas observações, o tocador saltou abaixo da pipa e começou a gritar:

—Ah! o doutor, o meu bom doutor, o doutor Frantz! Olá, deixem-no passar! deixem-me apresentalhes o illustre inventor da peregrinação das almas e da transformação do homem em batatas!

Note-se que o illustre philosopho tivera a imprudencia de communicar a Coucou Peter as suas meditações psicologico-anthropo-zoologicas, e que este não era homem que temesse comprometter o systema com allusões inconvenientes.

(Continúa.)

B.



DIVERSAS NOTICIAS

— Sua Magestade El-Rei, o Senhor D. Fernando, Dignou-se Conceder á revista —Artes e Letras— a honra de ser publicada sob a Sua protecção.

— Auctorizou-nos o sr. dr. Pessanha Povoá, a considerarmos como collaboradores da revista —ARTES e LETRAS— os seguintes escriptores brazileiros:

Pessanha Povoá — D. Narciza Anália — Guimarães Junior — Machado de Assis — Barros Junior — Salvador de Mendonça (Rio de Janeiro) — Celso Magalhães (S. Paulo) — Franklín Tavora (Recife).

São todos litteratos esclarecidos que muito honram as publicações em que figuram; damos por isso esta noticia com o mais sincero prazer.

— É de certo curiosa a seguinte nota das quantias que figuram no orçamento inglez, applicadas para bellas artes — Restauração

das pinturas de Hampton Court, 500 libras — Uma pintura a fresco, na sala central de Westminster, 500 libras — Trabalhos para augmento da galeria nacional, 50:000 — Museu industrial de Edimbourg, 11:200 libras — Burlington House (academia real) — 47:000 libras — Trabalhos no museu britannico, 5:229 libras — Idem no Science and Art Department, 34:896 libras — Para o monumento de Wellington, 3:000 libras, como supplemento á quantia de 27:500 libras que fôra votada — Palacio das moedas, 80:000 libras — Para as collecções, cursos, etc.; Gran-Bretanha: science and Art Department, 234:812 libras — Museu britannico, 97:601 libras — Galeria nacional, 5:815 libras — Galeria nacional de retratos, 2:000 libras — Varias sociedades, 12:450 libras — Irlanda: galeria nacional, 2:380 libras — Academia real irlandeza, 1:877 libras.

— O sr. Alberto Pimentel publicou um esboço biographico do fallecido escriptor Julio Diniz, auctor de varios romances portuguezes de grande reputação.

— Nas galerias do Louvre figuram dois quadros novos. Um collocado entre dois Holbein, representa *Christo descido da cruz*; é de Rogier van der Weyden. Está perfeitamente bem conservado e é magnifico. Foi legado em 1871 áquelle estabelecimento, por M. Mongé Misbach. O outro, legado por M. Jules Vallé, em 1870, representa *S. Pedro negando Christo*, e é de Lenain. Está collocado por cima de um Claudio Lorrain.

— O museu de Lille fez aquisição dos seguintes novos e importantes quadros: O esboço de Poussin para a composição — *O Tempo arrebatando a Verdade*, dois soberbos retratos, por van der Helst, e um retrato de mulher do povo, por Frantz Hals.

— M. Mazerolles recebeu uma encomenda de oito trabalhos decorativos para um dos *foyers* da nova Opera de Paris. Os trabalhos serão executados em tapeçaria dos Gobelins.

— O professor jubilado de pintura historica, da academia real de bellas artes, Antonio Manuel da Fonseca, foi nomeado socio correspondente da academia de S. Fernando, de Madrid.

— O director da galeria nacional de Londres publicou o relatório de 1871. Vê-se por este documento, que, durante os cento e oitenta e sete dias em que a galeria esteve aberta ao publico, foi visitada por 911:658 pessoas. Além da collecção de sir Robert Peel, adquirida e collocada em 1871, foi comprado por 1:000 libras um quadro de Teniers, representando o castello de Perck, propriedade do artista. As duas telas da galeria mais frequentemente copiadas são o retrato de van der Ghenst, designado pelo nome de Gervatius, e a *Innocencia*, por Joshua Reynolds.

— Vendeu-se, em Vienna d'Austria, a famosa galeria Grell, onde havia quadros de Ticiano, Veronez, Tintoreto, Palma, E. Delacroix e Vernét. Produziu avultada somma.

— A viuva de Rossini perdeu a demanda que intentára contra M. Michotte, por haver dado a conhecer, em sociedades particulares, trechos ineditos do celebre compositor.

— No Maranhão publica-se, ha pouco, um jornal litterario intitulado — *O domingo*.

— O sr. dr. José Tilo Nabuco de Araujo, do Brazil, começou a publicar um romance intitulado — *Zahra*.

— *Ensaio sobre o Beriberi no Brazil*, é o nome de um importante livro dado á estampa na Bahia, pelo dr. José Francisco da Silva Lima.

— O sr. Anthero Dias Lopes, brazileiro, publicou um novo livro de versos, intitulado — *Harpa do meio dia*.

— Está publicada a segunda edição da notavel obra, escripta em francez pelo dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello — *La science et les systèmes*.

— O dr. Luiz Francisco da Veiga deu á estampa uma poesia intitulada — *Christo na cruz*.

— Noticiaram os jornaes, por indicação do presidente da sociedade geographica de Italia, que o conservador da bibliotheca real de Bruxellas descobriu um manuscrito em doze capitulos, contendo a *Relação original autographa da descoberta da Australia, pelo navegador portuguez, Manuel Godinho*, que ali aportou em 1601, tendo por consequente sobre os holandezes a prioridade de tres ou quatro annos, o que tem sido injustamente desattendido. É natural que o governo portuguez solicite copia authentica de tão precioso documento para archivar em alguma das nossas bibliothecas.

==== Sahiu á luz em Paris um livro, contendo diversos artigos publicados na *Gazette des beaux arts*, por M. Charles Clément, a respeito de Prud'hon. Acompanham esta excellente obra trinta gravuras, representando os principaes quadros do pintor, algumas gravuras e os seus mais importantes desenhos.

==== A *Sociedade das bellas artes de Caen*, organisa para este anno: 1.º, um concurso de desenhos dos discipulos das escolas que compõem a academia de Caen; 2.º, uma exposição dos seus desenhos, que se effectuará de 29 de julho a 12 de agosto. O concurso é dividido em quatro secções: desenho architectonico, desenho ornamental, desenho de figura e desenho decorativo. Ha recompensas, tanto para professores como para discipulos.

==== O sr. Simões, auctor da estatua—*Uma mulher desfolhando um matmequer*, foi nomeado para substituir o sr. Victor Bastos na aula de esculptura, enquanto este artista se achar doente.

==== A exposição de Bordens abriu em 30 de março. Concorreram duzentos oitenta e sete artistas, que mandaram quinhentas e cinquenta e oito obras.

==== Para se fazer idéa de como, em Paris, o povo concorre aos museus, apresentamos a seguinte nota dos visitantes que foram a tres d'elles, n'um domingo:

Louvre	52:500 pessoas
Cluny	15:000 »
Luxembourg.....	9:400 »

==== Parece que os benemeritos promotores da exposição portugueza, no Rio de Janeiro, assentaram no seguinte programma:

A exposição é dividida em quatro grandes secções, a saber:

- 1.ª Materias primas e suas transformações immediatas.
- 2.ª Machinas, utensilios, ferramentas de artes e officios, material para o officio profissional, processos de produção, noticias technologicas.
- 3.ª Productos das industrias agricola e manufactora ou fabril.
- 4.ª Bellas artes.

Ha dois juries de admissão; um em Lisboa, e outro no Porto. Ha tambem no Rio de Janeiro um jury de apreciação, dividido em secções. Fazem parte do jury do Porto os membros da commissão auxiliadora, e outras pessoas que a mesma commissão queira aggregar a si. O de Lisboa é constituído pelas direcções da associação promotora da industria fabril, da real associação de agricultura, da associação commercial, e da sociedade promotora de bellas artes, assim como pelas pessoas que forem a estas direcções aggregadas. O jury do Porto promove a colleção e expedição de productos dos districtos do Porto, Braga, Vianna, Vizeu, Villa Real e Bragança. O de Lisboa encarrega-se dos outros districtos do continente e illhas. A uma secção especial é incumbido o trabalho relativo ao ultramar, que deve ser feito de accordo com o director do museu dos productos ultramarinos. Ao catalogo serve de introdução uma noticia relativa ao estado actual das nossas industrias. Os expositores são convidados a declarar os preços dos productos, autorisando a venda, mediante uma commissão em beneficio da empresa.

A empresa toma a seu cargo as despezas de collocação e exhibição dos productos. Alem d'isso compromette-se a crear agencias permanentes em todas as provincias do imperio, com amostras dos productos, tarifas dos preços, e fielmente informadas com relação ás condições da produção e venda, e a promover por todos os meios ao seu alcance o desenvolvimento das nossas industrias.

O programma não pôde ser mais promettedor. Oxalá se realizem os bons desejos dos cavalheiros a quem se deve tão útil quanto civilizador pensamento.

==== Gustavo Doré tem exposto, na rua Bayard n.º 3, Paris, o seu novo quadro—*Christa saindo do pretorio*, o qual contém mais de quatrocentas figuras. O quadro vae para Lóndres no 1.º de maio.

==== O reverendo J. F. Russell determinou franquear a importante galeria de quadros antigos que possui, em Greenhithe, a todas as pessoas que lhe dirijam o pedido em carta a Ormonde Terrace n.º 4, Regent's Park, Londres. Alguns jornaes francezes dizem que desejam ver seguir aquelle exemplo pelos seus compatriotas.

==== O sr. Joaquim Prieto está restaurando o quadro da capella de Nossa Senhora das Almas do Encarnadouro, na serra do Bussaco. A composição representa *S. Miguel e as almas*, e é de mediocre merecimento.

==== Terminou a exposição em Pau, dando excellentes resultados para os artistas. Dos quadros expostos venderam-se sessenta e dois, isto é, um por acad cinco. A media da venda elevou-se a 600

fr. (108\$000 réis) por quadro. O museu de Pau fez aquisição de tres telas.

==== Morreu em Cracovia, com 57 annos de idade, o cõde Alexandre Przewdziecki, sabio archeologo polaco. Era auctor de uma obra em tres volumes, muito estimada, sobre os *Modelos da arte na Polonia, na idade media*.

==== O jury que devia julgar os trabalhos mandados para o *Salão* d'este anno em Paris, rejeitou, quasi por unanimidade, dois quadros de Courbet, um dos quaes era datado da prisão. Não foi por falta de merecimento nas obras do grande artista, que o jury, exorbitando das suas attribuições, as rejeitou; foi apenas por espirito partidario e satisfação politica, do que resultou ser o jury censurado, até pelos inimigos do artista, que tanto condemnavam um, por se apresentar tão cedo em publico, como o outro, por haver ido alem do que lhe permite o regulamento, que é apenas julgar os trabalhos.

Conta-se que, tendo Courbet ficado desgostoso por causa da rejeição dos seus quadros, dissera a um amigo, que, para se distrahir, iria passar algum tempo a Roma; ao que o amigo lhe respondera:

—Não vás; deixa em socego a columna de Trajano.

==== A exposição de Rouen resente-se dos males que ultimamente perseguiram a França. Poucas obras novas se apresentaram. Entre ellas, porém, citam-se de preferencia—*O jardim francez em Veneza*, effeito de tuar, quadro de M. Ziem—*Uma moira de Tanger*, por M. Landelle; e—*A saída de Tréport*, marinha de grande effeito, por M. Th. Weber. Em esculptura, as obras mais notaveis foram—um grupo de lutadores, por M. Etex, offerecido a M. Thiers, e dois meninos, um que chora, e outro já tratado por M. Hasse, e agora novamente explorado com grande felicidade.

==== Os jornaes italianos annunciaram, a todos os artistas, que está aberto concurso, para uma estatua em marmore, um pouco maior que o natural, representando José Mazzini. A estatua é para substituir o busto, collocado no Capitolio, em 17 de março ultimo. Fezella o concurso em 18 de junho d'este anno. As provas devem ser enviadas com o nome e a residencia do artista, á sala do circo romano, 81, rua da Cruz, em Roma.

==== Morreu o celebre physico americano Samuel Morse, inventor do telegrapho electrico. Morse, cuja primeira profissão foi pintor, morreu com a idade de 81 annos. Nasceu em 27 de abril de 1791, em Charlestown. Estudou no Yale-College, d'onde saiu em 1810 para se dedicar á pintura. Em 1811 passou á Inglaterra, a fim de se aperfeiçoar na sua arte, apresentando varios quadros nas exposições da academia real.

==== Trabalha-se em Bruges (França) para se crear um museu destinado a reunir as numerosas obras de mestres, dispersas pelos diversos estabelecimentos municipaes.

==== Descobriu-se ultimamente a serie composta dos doze apostolos, do artista que assignava as suas obras com o monogrammo A. Z. Da colleção apenas se conhecia o S. Thomé.

==== O *Diario do governo*, de 40 do corrente mez, publicou o programma para a adjudicação da empresa do theatro de Maria II. O governo não concede subsidio, e não impõe escripturas. Na condição 5.ª, permite no theatro todos os generos de manifestações dramaticas, com exclusão dos espectaculos indignos, e exhibição de feras e animaes engenhosos, e no § unico d'esta condição, mantém o disposto no artigo 39.º do decreto de 4 outubro de 1860, quanto á preferencia das peças originaes, bem como o determinado no decreto, com força de lei, de 8 de julho de 1851, na parte que respeita aos direitos de auctor.

==== O *Burlington Club*, de Londres, abriu exposição de uma famosa colleção de esmaltes de Limoges, e de uma serie de provas do *Liber Studiorum* de Turner.

==== Com o maior prazer transcrevemos da excellente folha—*O Brazil*, a seguinte noticia, pela qual se vê o apreço e estima em que são tidos os bons talentos artisticos, nas terras de Santa Cruz:

==== Os amigos e admiradores do distincto pintor nacional, Pedro Americo, nomearam uma commissão, composta dos srs. Christiano Ottoni, Ladislau Netto, Salvador de Mendonça, Antonio José da Rocha, Quintino Bocayuva e João de Almeida, a fim de que, por meio de uma subscrição popular, se promovesse uma manifestação de applauso, aos notaveis dotes do inspirado auctor da *Batalha de Campo Grande*.

Tão satisfactorios foram os resultados do trabalho da commissão, (devendo mencionar-se, principalmente, a valiosa cooperacão da provincia de Parahiba do Norte, berço do artista), que já se acha prompta

uma corôa de ouro, e sobra ainda quantia sufficiente, para ser restituído á liberdade algum captivo.

Quer a entrega da corôa, quer o acto de manumissão, devem effectuar-se no dia da abertura da exposição da academia das bellas artes, onde vae occupar logar honroso, a tãla de Pedro Americo.

A corôa, que já esteve exposta, é feita nas officinas dos srs. Victor Resse filho & irmão. Quatro ramos de louro, atados como uma fita, sobre a qual ficará a seguinte inscripção: *Lembrança dos brasileiros, a Pedro Americo*, sustentam na parte anterior uma delicada palheta, d'onde pendem pinceis, lapis de desenho e o lenço. As côres distribuidas na palheta são representadas por varias pedras preciosas, como sejam, o brilhante, a esmeralda, a saphyra, o rubi, a turqueza, o topazio e a opala. Tanto a concepção, como a execução da corôa, honram o artista, que a poz em obra.

Todas estas manifestações em prol dos talentos nacionaes são dignas de louvor e apreço, porque são os melhores estímulos para novas composições que virão engrandecer o nome brasileiro.

===== Começaram os reparos na igreja da Magdalena, em Paris.

===== No dia 7 d'este mez fizeram-se em Paris exequias por M.^{me} Troyon, mãe do celebre paizagista d'este nome. M.^{me} Troyon fóra lavadeira. O filho morreu deixando-a millionaria, o que nada influia na sua vida simples e modesta. Depois de ter valido a mais de um infeliz, offereceu 12.000 francos (2:160.000 réis) para se fundar um premio perpetuo, a favor do artista pobre, que mais se distinguisse no genero a que seu filho deven tanta nomeada e tão consideraveis bens de fortuna.

===== Suicidou-se em Paris o pintor Siméon Levis, disparando contra o peito a sua espingarda de caça.

===== As sessões do congresso archeologico de França abrir-seão em Vendôme, a 18 de junho. Inaugurar-se-ha, por essa epocha, na mesma cidade, a estatua de Ponsard. Haverá tambem uma exposição retrospectiva de objectos de arte d'aquelle paiz.

===== Os reparos de que carecem as estatuas do jardim das Tulberias, lembraram a necessidade de inserver no pedestal de cada uma, ao lado do nome do esculptor, o assumpto da obra.

===== Foram brilhantes os festejos realisados no Rio de Janeiro, por occasião da chegada de S. M. o imperador áquella capital. Entre as mais sumptuosas decorações que adornavam as ruas, notava-se o arco de triumpho, que a guarda nacional fez erguer, junto ao seu quartel general. Era de estylo dorico, e media cento e vinte palmos de altura. Quatro grandes columnas, separadas do corpo do arco, sustentavam estatuas de gesso, de fórmias athleticas, representando as quatro armas de que se compõe a guarda nacional—*infanteria, caçadores, artilheria e cavallaria*. Mais quatro estatuas, symbolisando os rios Amazonas, Tocantins, S. Francisco e Prata, e varios trophéos de armas antigas, festões de flores e outros ornatos, completavam os adornos do famoso arco triumphal, que era illuminado, á noite, por dois mil bicos de gaz.

Todo este trabalho foi delineado pelo nolavel architecto brasileiro, o commendador Bettencourt da Silva, que apenas recebeu como recompensa da sua obra a gloria de a ter concebido. As estatuas eram modeladas pelo esculptor Chaves Pinheiro, e a pintura decorativa executada pelo artista Abreu Pereira.

===== N'um dos muitos leilões de objectos de arte, que ha todos os dias, em Paris, os quadros do defunto pintor hespanhol Zamacois, irmão da celebre cantora de zarzuela, muito nossa conhecida, obtiveram os seguintes preços:

A grade do parque—810.000 réis.

Caçador, costume do tempo de Luiz XIII—738.000 réis.

Frade concertando a cabelleira—648.000 réis.

Conjurados, tãlva pintada de ambos os lados—720.000 réis.

Durante a chura—1:044.000 réis.

A hora do encontro—1:080.000 réis.

A entrada dos toireiros—558.000 réis.

Um confessorario—1:098.000 réis.

Interior da sala do throno, em Madrid—738.000 réis.

Saltimbancos—345.000 réis.

Um intendente—aguarella—150.000 réis.

Um bobo, aguarella—189.000 réis.

Um arauto do tempo de Carlos VII, aguarella—108.000 réis.

Além d'estas obras, venderam-se outras, de diversos artistas, sendo as principaes:

Morgens de um rio (Rico)—324.000 réis.

Azenha (Rico)—180.000 réis.

A porta de uma igreja (Fortuny)—198.000 réis.

Um pateo (Fortuny)—126.000 réis.

Pateo de gallinhas (Fortuny)—198.000 réis.

Rapariga brincando com um macaco (Madrizza)—540.000 réis.

Guitarrista (Pille)—81.000 réis.

Aldeão valenciano (Palmaroli)—81.000 réis.

Tocador de bandolim, á penna (Fortuny)—108.000 réis.

Procição em Hespanha, esbocto a sepia (Fortuny)—90.000 réis.

Pescadores de rãs, aguarella (Fortuny)—90.000 réis.

O total da venda foi de 16:560.000 réis, cabendo, d'esta somma, 12:560.000 réis aos quadros de Zamacois.

===== A academia das bellas artes recebeu um quadro de genero com que a presenteou o artista hespanhol, o sr. Lengó. Intitula-se—*O mau visinho*, e representa alguns pombos comendo descuidosos, enquanto que os olhos attentos e brilhantes de um gato os vigia. É composiçào de muito merecimento.

===== O sr. Sousa e Vasconcellos concluiu um drama historico, original em cinco actos, intitulado—*A duqueza de Caminha*. Tivemos occasião de ouvir ler esta composiçào do novel auctor, e pareceu-nos ser trabalho consciencioso e de muito merito, porque satisfazendo ás principaes exigencias do theatro, não falta nunca á verdade historica nem á verosimilhança da acção. Oxalá que o drama do sr. Vasconcellos venha a ser representado em theatro digno d'elle e de modo correspondente ao seu valor litterario.

===== A venda das obras de arte e curiosidades, pertencentes ao celebre republicano Henrique Rochefort, produziu 4:685.220 réis. O numero de quadros era cincoenta e cinco, e o dos objectos curiosos trinta e um. Dos quadros, só tinham merecimento, um de Meyer, e outro de Van Goyen.

===== O director da exposiçào, que ha de verificar-se em 1873, em Vienna d'Austria, barão de Schwartz, resolveu que os trabalhos de separaçào, preparaçào do terreno e arranjo dos jardins fosse á custa dos expositores. Esta resoluçào não agradou aos commissarios estrangeiros, e parece que o sr. Thiers vae tratar o negocio diplomaticamente.

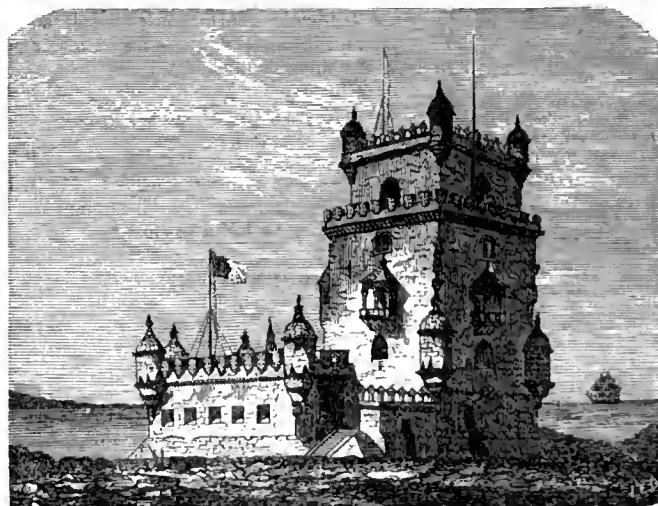
===== Lady Walmsley doou á Inglaterra a bella galeria de retratos, colligidos por seu esposo.

===== Abriu-se uma subscripção, em Napoles, para se erigir um monumento a Mercadante. S. M. El-Rei Victor Manuel contribuiu com a somma de mil francos (180.000 réis).

===== No leilão de mobilia e objectos de arte, do sr. visconde do Arneiro, comprou o sr. José Gregorio da Silva Barbosa dois excellentes quadros, do fallecido pintor Patricio. Um é a vista da Tapada real, composiçào de muito merecimento, que foi gravada pelo auctor para o ultimo *Jornal de bellas artes*; o outro representa um rapaz conversando com uma rapariga, ao pé de uma fonte.

Eram os melhores trabalhos artisticos que figuraram no leilão.

===== No incendio que devorou a igreja de S. Thomás, em Madrid, perderam-se os frescos de Juan de Toledo, Montero de Rojas e Camillo, muito apreciados pelos entendidos; alguns quadros de Herrera, Leonardoni e Jordan, e as esculpturas de Carmona e Rubiales, que ornavam os relabulos.







O TOCADOR DE REALEJO.

RECORDO DE JAMES

ARTES E LETRAS



LISBOA—MAIO DE 1872

LORD BYRON EM PORTUGAL¹

Livro II—CINTRA—Cap. I

Primeiras impressões—A Pena—A cova do beato Honório—O palacio real—O paraizo de Vathek.



uedemos á fresca sombra d'esta luxuriante vegetação, que tem as raizes na agua, os troncos engrinaldados de hera, e a verde folhagem sempre humedecida pelas nevoas delgadas que vem todas as manhãs das bandas do mar eom os aeres perfumes da costa e os vívidos aromas das flores e fructos de Collares.

Sentemo-nos na relva ou no lagedo, entre esse montão de fragas pittorescas, todas cobertas de musgo, e este riacho travesso que nos está aqui a borbulhar aos pés, cadenciando com suavidade o pensamento...

E abrindo sobre os joelhos o livro de lord Byron², deixemos a vista ora espairecer por todo esse gracioso dobar da serra e seus palacios e jardins, ora correr maravilhada as bellas estancias do poema.

A sua primeira impressão é a de um indizível encanto. Depois, a phantasia exaltada por tão inopinado deslumbramento accende-lhe no peito a ehamma divina, e nunca o enthusiasmo, a admiração, as brilhantes saudações do genio, romperam mais espontaneas e sublimes da sonora lyra dos poetas!

Vêde como elle se exprime:

XVIII

Eis que em vario labyrintho de montes e valles surge o glorioso Eden de Cintra. Ai de mim! que penna ou que pincei logrará jámais dizer a metade sequer das bellezas d'estas vistas mais

¹ Este artigo faz parte de um ensaio sobre a viagem de lord Byron a Portugal, estudo inédito, do qual publicaremos tambem alguns excerptos relativos ao grandioso monumento de Mafra.

² *Childe-Harold's Pilgrimage.*

deslumbrantes que ess'outras em que falla o poeta que abriu ao mundo, tòmado de espanto, as portas do Elyσιο?

XIX

Mosteiros suspensos de horridos penedos; sobros seculares em volta de precipicios vestidos de musgo, que o ardor do sol crestou; arbustos gotejando á sombra no valle profundo; o azul suave de um mar tranquillo; aureos pinos em viridentes ramos; torrentes que se despenham das cristas da serra; no alto as vinhas, cá em baixo as ramas dos salgueiros... Fôrma tudo um quadro maravilhoso de variada belleza!

XX

Trepae então de vagar a senda tortuosa e, voltando o rosto a miúde, parae de quando em quando. Cresce a altura da fraga e as graças crescem! Repousae depois no convento de Nossa Senhora da Pena, onde monges frugaes amostram aos estrangeiros as reliquias que possuem e narram lendas antigas.¹ Homens impios foram castigados aqui... Mas, olhae! alem, n'aquella cova por largos annos viveu Honório, fazendo da terra um inferno na esperança de ganhar o ceu!

XXI

Ao passo que subis, vêde quantas cruces toscas, aqui e alli, á beira do caminho! Não as tomeis por devotos testemunhos de piedade;—são fracas memorias de ferozes matadores. Sim, por toda a parte que a victima, soltando um grito, derramou o sangue sob o ferro do assassino, alguém ha que levanta uma cruz de fragil ripa. E cheios d'ellas se encontram a cada passo bosques e valles n'esta terra sanguinaria, em que as leis não bastam para proteger a vida².

XXII

Nos recostos das collinas e no valle, palacios arruinados, que só flores silvestres cercam—antiga morada de reis—dão ainda a lembrar o passado esplendor. Alem se eleva o bello palacio real. E ali tambem tu, Vathek! opulento inglez, fizeste outr'ora o teu paraizo, sem considerar que a riqueza, prodiga de voluptosidades, quando uma vez chega a realisar os prodigios de que é capaz, é para logo se dizer adeus a todo o socego!

XXIII

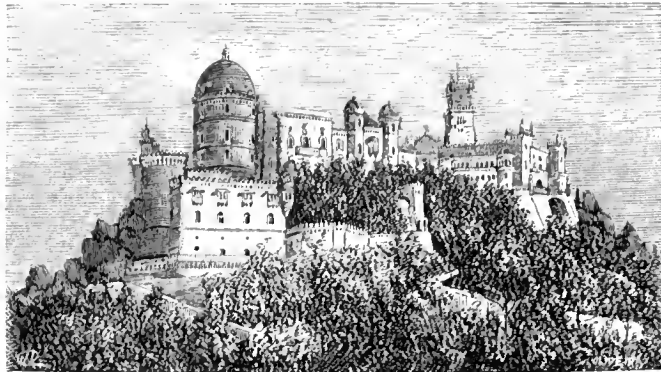
Aqui moraste, aqui, sob os pinaros sempre bellos d'esta serra, formaste sonhos de prazer. Hoje, porém, como coisa amaldiçoada dos homens, a tua vivenda encantadora está solitaria como

¹ No *Panorama* de 1838 foi esta passagem traduzida assim:

Subis de espaço a tortuosa senda:
Voltando a face, repousaes na encosta:
Cresce a altura da fraga, e as graças crescem:
No mosteiro da Pena então parando,
Monges frugaes vos mostrarão reliquias,
E estranhas lendas vos dirão de outr'ora.

² Tenho para mim que o fecho d'esta estancia é antes uma conclusão, embora exagerada, do estado social do reino em 1809, que propriamente o resultado de uma impressão local, de uma impressão de Cintra. É evidente que as frageis cruces de ripa que orlam a beira do caminho, das quaes falla o poeta, em nenhuma maneira se podem referir, como aliás pretende a tradição, ás grandes cruces de pedra, que indicam ao viajero o trilho do convento dos *Capuchinhos*. Por outro lado, que fundamento ha para se poder suppor que esses indicios christãos de mortes naturaes ou violentas estivessem ali, por esse tempo, espalhados em tamanha quantidade que merecessem, realmente, menção especial? A não se querer insinuar, á força, que lord Byron teve o proposito deliberado de mentir e diffamar, quando é certo que os tristes successos da epocha lançam em grande parte um vivo clarão nas suas tremendas imprecações (veja-se o que sobre este ponto escrevi no *Instituto* de Coimbra, vol. xv, n.º 1):—a não se querer insinuar isso, digo, é licito pensar que n'aquella estancia os oito primeiros versos vem apenas para exprimir o fim do ultimo, que é um facto historico. Esses versos são, digamos assim, a severa fôrma poetica (e hem livremente poetica!) em que se envolve, meia disfarçada, meia nua, a verdade.

tu. Altas hervas parasitas a custo dão passagem para salas desertas e portas abertas. Que lição ainda recente para o homem que medita! Vaidade dos prazeres do mundo que o tempo inexorável depressa mudou em ruínas!



A Pena

O convento da Senhora da Pena que lord Byron visitou, não era, como todos sabem, o soberbo palácio que admiramos hoje. Abraça-se, confunde-se com elle, mas não perdeu por isso o caracter manuelino da sua feição primitiva¹. Ampliado, mudou apenas de destino. O ouro com os seus poderes, e a arte com a sua varinha de condão, transformaram tudo... A íngreme vereda que levava ao convento é agora uma subida fácil e suave. Como por encanto, a estreita cêrca dos frades tornou-se parque extenso, umbroso e perfumado, verdadeiramente digno da magnificencia regia. E se o antigo mosteiro quasi se desconhece, lá ficou sempre a meia-idade no alto castello exalçado ás nuvens, na ponte levadiça e nos rastilhos, nas torres e nos fossos, nos bastiões e ameias, nos patios e vigias, no tijolo e nas ogivas, no caprichoso, no phantastico, no extravagante dos labores da pedra!

É attribuido a Botaca, primeiro architecto de Belem, o risco do convento². O estylo d'estas duas fabricas primorosas, posto que mais modesto na Pena, é commum a uma e outra, como o alto pensamento que as elevou. Não erra a tradição, por certo, quando refere ter sido fundado este convento por el-rei D. Manuel com o fim de perpetuar a memoria das longas horas que ali passou n'aquelle penhasco, a sós com a esperança, cada vez mais ansiosa e insofrida, de ver apontar na extrema orla do oceano a desejada mensagem do descobrimento do Gama. Destinado o convento á ordem de S. Jeronymo, não se esqueceu o venturoso monarca de o contemplar com uma corôa ornada com grande esmeralda, e feita do primeiro ouro que veio do Oriente, a qual doou á Senhora. Mais dadivas de subido valor lhe fizeram tambem outros reis e rainhas. Coube, porém, a Sua Magestade El-Rei D. Fernando fazer-lhe a ultima, a maior de todas. Foi adquiri-lo, em 1838, para o tirar do abandono em que estava, para o amparar das ruínas, que não tardariam muito, para o livrar, enfim, do vandalismo que já agora é mau fado dos monumentos nacionaes!

N'esse mesmo anno se fizeram os primeiros trabalhos: —reparos no edificio e arranjo da cêrca, —começando tambem a construcção da estrada nova, acabada em 1840.

Em 1841 resolveu o Senhor D. Fernando transfor-

¹ «Era o genero manuelino, menos profuso; um mixto de gothico-normando e arabe, alliança original com muito discernimento conservada na reedificação e ampliação actual.» Sr. Mendes Leal — *Mon. Nac.* pag. 84.

² Idem — pag. 88.

mar o antigo cenobio em palácio, e deu-se principio ás obras.

Reedificou-se a parte do edificio que os monges se tinham visto na necessidade de demolir, por causa dos estragos que fizera no convento o celebre terremoto de 1755. Reparou-se a igreja e o retábulo, collocando-se vidros de côres em todas as janellas do templo.

Desappareceu a feia torre dos sinos que o leitor ainda pôde ver na gravura do *Panorama* de 13 de janeiro de 1838. E em 1843 estava já concluida a formosa torre do relógio, que em cada uma de suas quatro faces tem mostrador, como a da universidade de Coimbra, e uma perfeita cinta de ameias, nas quaes estão esculpidas as cruces de Christo, rematando em uma guarita nos quatro angulos. Pelo mesmo tempo, ficou tambem acabada a elegante arcada e torrinha que lhe ficam proximas, alargando-se o adro da igreja.

O claustro, reedificado na sua perfeição, é singular pela sua pequenez.

Em 1844 principiou definitivamente a construcção do palácio. O illustre academico barão de Eschwegue, já fallecido, foi quem traçou o plano geral. Os trabalhos, dirigidos por elle até á sua morte, continuaram depois pelo mesmo plano. O terrapleno destinado para uma bateria de quatro peças e o caminho de ronda em volta do edificio foram feitos em 1847.

A todos maravilha a architectura phantastica do paço acastellado da Pena, ha pouco concluido. Quem o ha visto que não admirasse o vestibulo, cujo tecto, ao gosto arabe, imita stalactites naturaes, o portal que é uma copia exacta da celebrada porta da justiça na Alhambra, o bello portico allegorico da creação do mundo, e tantos verdadeiros primores?³

O gosto immenso que o rei cultor das artes tinha feito n'esta construcção, a qual, para em tudo ser boa, até veio restaurar á optima escola nacional de lavrantes de pedra, pôde aquilatar-se ao justo não só pelos grossos cabedaes que despendeu com mão larga n'um monumento que verdadeiramente honra a nação, mas pelo muito e bem que superintendeu nas obras, sendo incansavel em as promover e examinar de verão e no inverno, todo o anno, se pôde dizer, e por espaço de tantos annos!

Murphy, visitando a Pena em 1789, achou no convento apenas quatro monges². Byron, que lá esteve vinte annos depois, não nos diz quantos viu, mas talvez nem encontrasse tantos! Alguem me affirmou que pouco antes da extincção das ordens religiosas não havia lá nenhum, e a quem queria ver a Pena já mostrar-lh'a um religioso do convento de baixo (*Trindade*, freguezia de Santa Maria), onde estavam as chaves.

A denominação do convento — Nossa Senhora da Pena — induziu o poeta a um erro grave: — tomar aquella expressão no sentido de castigo em vez de penha «pois que da crista penhascosa em que assenta derivou a origem e o nome³.» N'este falso supposto compoz o verso da estancia XX: «Homens impios foram castigados aqui...» Mais tarde (em uma nota da 2.^a edição) confessou o erro, mas não emendou o texto.

Lord Byron foi tambem aos *Capuchinhos da Serra*, e deixou memoria escripta da sua visita nos conceituosos versos que escreveu sobre a cova do beato Honório, que

¹ Vej. *Cintra Pinturesca* e cit. *Mon. Nac.: Univ. Pitt.* de 1843, n.º 1 e 10, e de 1844, n.º 13 e 21, e a excellente noticia do *Palácio acastellado da Pena em Cintra*, estampada no *Arch. Pitt.* de 1837-1838, pag. 363 e 364.

² *Mon. Nac.* — pag. 81.

³ Idem — pag. 77.

fica na cerca do convento. Diz a tradição que n'essa cova, Honorio, austero anachoreta, viveu em cheiro de santidade por espaço de trinta annos. Byron dedicou-lhe dois versos, e o sr. visconde de Juromenha tres linhas ¹.

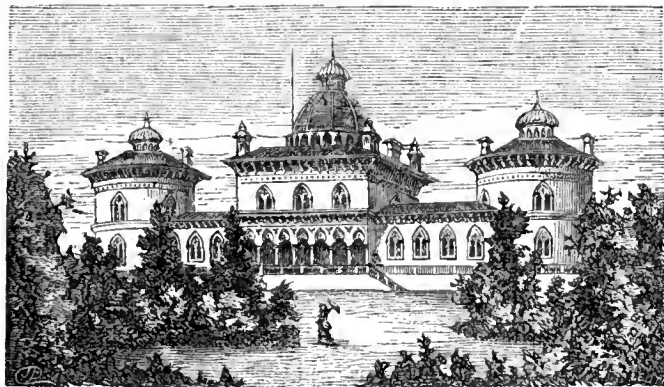
O palacio real mereceu-lhe apenas um verso.

Cumpre advertir aos curiosos que querem rasão de tudo, como diz o nosso Fr. Luiz de Sousa, que não podemos achar quem nos quietasse com coisa fundada n'esta letra (est. XXII):

Nos recostos das collinas e no valle, palacios arruinados, que só flores silvestres cercam, — antiga morada de reis — dão ainda a lembrar o passado esplendor.

² Dão que pensar os dois versos que traduzi assim:

Alli tambem tu, Vathek! opulento inglez, fizeste ontr'ora o teu paraíso...



Monserate

Onde seria?

Perguntei por isso a ultima vez que estive em Cintra, e ninguem me soube dar noticia da quinta que lord Byron viu no verão de 1809. Quinta pensava eu que seria, por que não ha paraíso sem arvores, flores e fructos, pelo menos.

O exemplar do *Childe-Harold*, que tinha então comigo, em nada podia elucidar-me a este respeito. Era um modesto volume em oitavo, impresso em Edimburgo, com a lettrinha tão empacada, e tão pobre de notas e esclarecimentos que até a gente se envergonhava de ver reduzido áquella mesquinha fórma o grande espirito de tão illustre lord!

Em taes apuros lembrou-me consultar uma traducção, e entre as notas d'ella encontrei a seguinte:

«*Vathek* é um dos livros que mais admirei na minha mocidade. B.» ³

Bem podia esta nota ser um facho brillantissimo que afugentasse a escuridade d'esta passagem. Digo mais — não só podia... devia-o ser. Porque nas obras de um poeta como Byron, o qual, no dizer de Moore, ao passo

¹ *Cintra Pinturesca* — pag. 87.

² Com o titulo — *O Paraíso de Vathek em Cintra* — foi já publicada esta parte no *Instituto*, vol. xv, n.º 3.

³ *Œuvres complètes de lord Byron*, traduites par Benjamin Larocche. Première série, pag. 318.

que alliava uma tão grande parte da sua vida á sua poesia, dava tambem certa poesia á sua existencia, é difficil, ao desenrolar a teia dos seus sentimentos, estremar o ficticio do real. Mas, por isso que a tarefa é ardua é que o traductor devia esforçar-se por vencer todas as difficuldades da versão e da interpretação. Dizer, porém, que *Vathek* é um livro, calando o nome de quem o compoz, é perpetuar a incerteza dos leitores sobre o paraíso de que falla o texto. Ora ide lá saber agora quem foi o auctor de *Vathek*, para conhecer quem foi o dono da quinta, e depois inquirir da quinta pelo nome do dono!

Isso não obstante, prosegui em investigar esta curiosidade. Recorri a uma excellente edição dos poemas de Byron annotados por Walter Scott e Thomas Moore, além de outros escriptores de grande tomo. E, Deus louvado, que se estes tambem não dizem coisa alguma... então é que não ha remedio senão aguardar pela discussão d'este gravissimo ponto n'algum congresso litterario...

Descance, porém, o leitor, que tão avisados commentadores deslindaram perfeitamente esta meada, transcrevendo dos *diarios* de lord Byron o grande louvor que elle fez do romance oriental de *Vathek*, e additandolhe um parenthesis, no qual se lê isto:

«O cavalheiro William Beckford, filho do afamado alderman e herdeiro da sua immensa riqueza, publicou, na tenra idade de dezoito annos, as — *Memorias dos grandes pintores* — e, no anno immediato, o romance assim elogiado (*Vathek*).

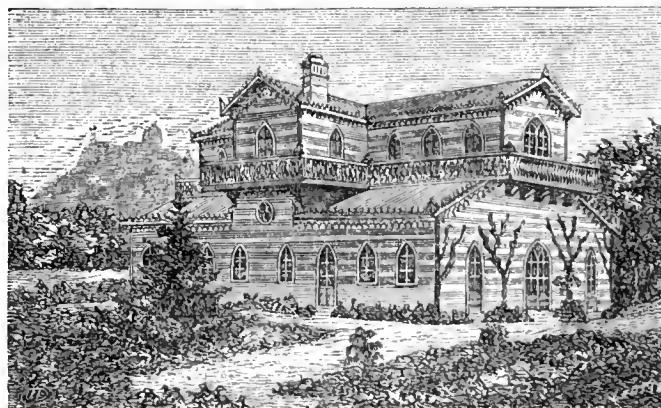
«Depois de representar Hindon em varias legislaturas, foi induzido a fixar por algum tempo a sua residencia em Portugal, onde estava muito viva a memoria da sua magnificencia no tempo da peregrinação de lord Byron.»

O paraíso de Vathek vem a ser, portanto, a quinta de Beckford, que foi a do sitio de Monserate. Di-lo a voz constante e diz a verdade, confirmada até pelo erudito escriptor da *Cintra Pinturesca* (pag. 79, 80 e 81).

Ainda ha «um quadro original feito a tempera no anno de 1808,» que foi reproduzido em gravura no *Archivo Pittoresco* de 1864 (pag. 245), representando o palacio antigo d'essa quinta celebre. O palacio actual é uma maravilha, como todos sabem, e pertence ao sr. visconde de Monserate, tambem filho da Gran-Bretanha.

Por ultimo direi que entre os romances com que Rebello da Silva enriqueceu a litteratura patria ha um, — *Lagrimas e Thesouros*, — por ventura o mais caracteristico e bem acabado, cujo protagonista é William Beckford.

ALBERTO TELLES.



O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

—Doutor Matheus, doutor Matheus, disse elle, saindo debaixo da parreira, chega a proposito.—Viva a alegria! É o doutor Matheus!

E atirando com o chapéu ao ar, deu um salto, passou por cima da latada e segurou Bruno pelo freio.

Ouviu-se um *hurrah* geral, porque todos conheciam o doutor Matheus.

—Apeie-se, doutor.

—Entre, doutor.

—Um copo de vinho.

—Qual! de Kirsche, do Kirschen-Vasser.

—Por aqui, por aqui.

—Por aqui, doutor.

Um abraçava-o, outro levava-o pelo braço, um outro pelas abas do casaco; e gritavam todos, e as mulheres riam, e o pobre Frantz já nem sabia onde tinha a cabeça.

Levaram-lhe o cavallo para a sombra, deram-lhe uma medida de aveia, e, minutos depois, estava o illustre philosopho sentado entre Petrus Bentz, que era guarda de caça, e Tobias Muller, que era o dono da taberna. Diante d'elle dançava Coucou Peter, equilibrando-se ora n'uma perna, ora n'outra, e tocando o celebre *hopser* de Lutzelstein com uma agilidade e um entusiasmo admiráveis.

—Aqui tem a minha caneca, gritava Tobias.

—Sr. doutor, dizia a pequena Inzel, bebe por o meu copo, não é verdade?

E como os beijos se lhe entreabrissem para sorrir, viu-se-lhe uns dentes pequenos e brancos como a neve.

—Sim, sim, minha filha, dizia Frantz, com todo o gosto.

E os olhos brilhavam-lhe de felicidade.

Batiam-lhe nos hombros.

—Já almoçou, sr. doutor?

—Não, meu amigo, ainda não.

—Olá, Tobias, uma omeletta para o doutor.

Momentos depois todos haviam retomado os seus lugares. As raparigas encostavam os braços cheios e rosados sobre as mesas, com as mãos entrelaçadas nas mãos dos namorados. Os paes estavam defronte e as mães gordas encostadas ás latadas.

Coucou Peter deu de novo o signal para a dança, e as valsas recommearam.

O maior desejo do illustre philosopho seria de começar desde logo a prégar. Via, porém, que toda esta mocidade, assim entregue aos prazeres, estava pouco no caso de escutar a sua palavra com todo o recolhimento necessario.

No intervallo que medeiu entre dois galopes Coucou Peter voltou a vasar o seu copo e disse:

—Então, doutor Frantz, deve ter as pernas dormentes. Vamos, agarre-se-me a uma d'estas pequerruchas, e toca a dançar. Olhe além aquella, a Gredel, que tal? é má? Que olhos! Veja-me aquelles pés! Gredel, anda cá. Que me diz a isto, doutor?

A rapariga approximara-se sorrindo. Estava encantadora com a sua touca preta e um espartilho de veludo bordado com lentejoilas brilhantes.

—Que queres, Coucou? perguntou ella.

—O que quero? o que quero?... repetiu o tocador segurando-a pela barba, redonda, rosada, aveludada como um pecego. O que quero?... Ah! se eu tivesse os meus vinte annos! Se nós tivéssemos os nossos vinte annos, tio Matheus! e batendo com uma das mãos sobre o estomago, soltou um suspiro fundo e prolongado.

A rapariga baixava os olhos e murmurava timidamente:

—Queres rir á minha custa, Coucou, queres rir.

—O que eu queria era chorar e não rir, Gredel. Se eu tivesse os meus vinte annos, então, sim, então é que eu me ria.

Calou-se um momento, melancolico, depois voltando-se para Matheus, que córara até á raiz dos cabellos:

—É verdade, doutor Frantz, onde diabo é a ida tão cedo? É preciso que tenha partido de madrugada para já aqui es-

tar a estas horas: ainda não é meio dia.

—Vou prégar a minha doutrina, respondeu Matheus com um ar simples e natural!

—A sua doutrina! repetiu Coucou abrindo muito os olhos. A sua doutrina!

E conservou-se por momentos espantado, boquiaberto; mas de repente começou a rir.

—Tem graça, sim, senhor, tem graça. Ah! ah! ah! que boa chalaça, doutor Frantz!

—Que achas tu do comico no que eu acabo de dizer? Quantas vezes te disse eu no Graufthal que cedo ou tarde havia de partir? Eis-me: não ha nada mais simples.

—O que! pois, realmente, vae prégar d'esse modo?!

—De certo.



A rapariga baixa os olhos e murmurava timidamente:

— Vac anunciar a tal peregrinação das almas, e a transformação das plantas em animaes e dos animaes em homens?

— Sim, meu amigo, vou; e dizer muitas outras coisas não menos notaveis que eu nunca tive tempo de dizer.

— Mas ao menos, oiça lá, vem bem provido, com a einta bem fornecida? porque, enfim, é um elemento indispensavel para quem quer prégar.

— Que dizes! exclamou Matheus cheio de uma nobre indignação. Não trouxe nem um *liard*, nem um *kreutzer*. Quem possui a verdade não precisa de outra riqueza.

— Não precisa de outra riqueza! repetiu o tocador pasmado. Ora esta! ora esta!

Os aldeãos haviam-se, a pouco e pouco, agrupado em volta d'elles, e, sem que comprehendessem perfeitamente o que se dizia, viam pela physionomia de Coucou Peter que se passava o que quer que fosse de extraordinario.

De repente o tocador começou a dançar, e a agitar o chapéu com gestos de alegria.

— Estou decidido! estou decidido! tambem vou, co'os diabos.

Depois, voltando-se para a gente espantada, exclamou:

Olá! Olhem todos para mim: eu sou o propheta Coucou Peter. Ah! ah! ah! não esperavam por isto? pois nem eu. Eis o meu mestre. Nós vamos prégar ao universo. Eu vou na frente: *Crin-crin! crin-crin! crin-crin!* Depois chegam as gentes e annuncia-se-lhes a peregrinação das almas, o que lisongeia o publico, e logo: *zum! zum! zum! houpdasa!* Come-se, bebe-se, dorme-se aqui, passeia-se por acolá... e *houp! houp! houpdasa!*

E saltava, acompanhava-se com a rebeeca, ria — parecia doido

— Tio Matheus, gritava elle, aqui me tem, parto comsigo — nunca mais o deixo.

O illustre doutor não se atrevia a tomar a serio estas palavras.

Coucou subiu á pipa, onde antes estivera, e clamou com voz forte:

— Fazemos-vos saber, ó gentes, que, em vez de voarem para o céu, como nos antigos tempos, as almas dos homens e das mulheres entram no corpo dos animaes, e as dos animaes nas plantas, arvores ou legumes — isso depende do que tiverem feito — e que, em logar de termos vindo a este mundo por meio de Adão e Eva, como alguns dizem, fomos primeiro couves, rabãos, cenouras, peixes e outros animaes de duas ou quatro patas, o que,

de resto, é mais simples e mais facil de acreditar. Foi Frantz Matheus, o illustre doutor meu mestre, que descobriu tudo isto. Quanto a vós muito nos obsequiareis se assim o annunciardes a vossos amigos e conhecidos.

E Coucou Peter desceu da pipa, agitou o chapéu e veio collocar-se cheio de gravidade ao lado de Matheus, gritando:

— Mestre, deixo tudo para o seguir.

Matheus, enternecido pelo vinho branco, começou a chorar.

— Coucou Peter, dizia elle, proclamo-te, á face do céo, como o nosso primeiro discipulo! Tu serás a primeira pedra do novo edificio fundado nos tres reinos da natureza. As tuas palavras echoaram no meu coração.

Reconheço-te digno de consagrar a tua vida a uma tão nobre causa!

E beijou-o sensivelmente.

Os aldeãos estavam maravilhados de um semelhante espectáculo.

Quando viram o tocador guardar a rebeeca no bernal, um murmúrio se ouviu de todos os lados, e, se não fôra o respeito que tinham a Frantz Matheus, alguma coisa mais teria succedido.

Mas o illustre philosopho levantou-se e disse-lhes:

— Meus filhos, passámos juntos muitos annos. Vi crescer a maior parte e outros foram meus amigos. Sabem que fiz por todos o que pude. Nunca poupei o meu trabalho para os servir, nem os meus cuidados, nem a pequena fortuna que juntaram os esforços de meu pae. Hoje, porém, o universo reclama-me, e eu devo-me á humanidade. Separemo-nos como amigos, e pensem alguma vez em Frantz Matheus, que tanto lhes quiz...

Pronunciando estas palavras as lagrimas aban-

faram-lhe a voz. Foi preciso, pela sua commoção, leval-o até junto do cavallo.

Todos choraram este excellente medico, pae dos pobres e consolador dos infelizes.

Viram-no afastar a passo, de vagar, com a cabeça inclinada. Ninguem soltava uma palavra, para não augmentar a sua dor, e todos sentiam que acabavam de soffrer uma grande perda.

Coucou Peter com o chapéu á banda, o bernal a tiracolo, seguia-o empavezado e orgulhoso. De bocado a bocado voltava-se e parecia dizer:

— Agora rio-me eu de vocês. Sou propheta! o propheta Coucou Peter! *houp! houp! houpdasa!*



não imaginaria que estes dois homens extraordinarios caminhavam á conquista do mundo

V

Quem visse Frantz Matheus e o seu discípulo descerem pelo carreiro estreito de Steinbach, por entre os velhos abetos, não imaginaria que estes dois homens extraordinarios caminhavam á conquista do mundo. Não que o illustre philosopho, montado com gravidade sobre Bruno, com a cabeça elevada, as pernas pendentes, não tivesse o quer que fosse de magestoso; mas é que Coucou Peter não se parecia de modo algum com um verdadeiro philosopho; — uma physionomia jovial, um abdomen dilatado e a grande penna de gallo no chapéu, faziam-no antes parecer um alegre patusco, d'estes que possuem espantosos preconceitos a favor da boa vida, e que não pensam nas consequencias desastrosas dos seus appetites.

Esta observação inspirou ponderosas reflexões a Matheus. Pensou, porém, que fazendo-lhe seguir á risca um regimen exclusivamente psychologico-anthropo-zoologico, obrigando-o a ser prudente, moderado, sobrio, penetrando-o, enfim, dos principios tocantes da sua doutrina, conseguiria fazer-lhe adquirir uma physionomia mais conveniente.

Coucou Peter é que considerava o caso sob outro ponto de vista:

— Como elles vão ficar pasmados de me verem propheta! Ah! ah! ah! que grande ratão que é o Coucou Peter! Sempre o mesmo! Onde diabo irá elle prégar a tal transformação dos corpos e a peregrinação das almas? Sempre queria que m'o dissessem. Até ha de fallar no caso o Ahnanach de Strasburgo para o anno. Verão! Poderão ver-me n'uma das folhas com a minha rebeca, e por baixo em grandes letras: «Coucou Peter, filho de Yokel, Peter de Lutzelstein, partindó para converter o universo.» Ah! ah! ah! que ratão de propheta!... Vacs comer por quatro, beber por seis, e prégar a abstinencia aos homens, hein? E quem sabe? talvez nos dias da tua velhice possas tornar-te grande rabino da peregrinação das almas, e dormirás então sobre um colchão de penas, terás umas barbas longas e brancas, e usarás oculos fixos. O patife do Coucou Peter!... Nunca pensei que arranjasse um lugar tão bom!

E todavia bem a seu pezar ainda algumas duvidas o inquietavam. Achava estas bellas esperanças um tanto incertas; previa já difficuldades e concebia vagas apprehensões.

— Olhe lá, mestre, estou ha boa meia hora com vontade de dar á lingua. Desejava fazer-lhe umas perguntas.

— Falla, falla, meu rapaz, respondeu Frantz. Acaso a duvida começará já a abalar a tua nobre resolução?

— Ora ahí é que bate o ponto. Está bem certo, bem seguro da sua peregrinação das almas, mestre? Porque enfim, devo dizel-o com franqueza, não tenho a menor idéa de haver vivido antes de vir ao mundo...

— Se estou certo!?... Que dizes, homem! exclamou Matheus. Julgas então, desgraçado, que eu quizesse enganar o mundo, lançar a desolação no seio das familias, a perturbação nas cidades, a desordem nas consciencias?!...

— Não digo isso, sr. doutor... antes, pelo contrario... eu estou completamente convencido da grande doutrina, mas penso que haverá outros que não quererão acreditar-a, e que dirão: «Que diabo quer elle dizer com as taes almas que entram nos corpos dos animaes?!... nem que nós fossemos para ahí umas bestas! hein? Almas que viajam! almas que sobem e descem na escala dos seres! almas que têm quatro pés e almas que des-

abrocham em folhagem! Ah! ah! ah! este homem está doido». Não sou eu que digo isto, mestre... são os outros... percebe? Eu creio em tudo, é claro. Ora, mas vamos a saber o que lhes responderia, mestre?

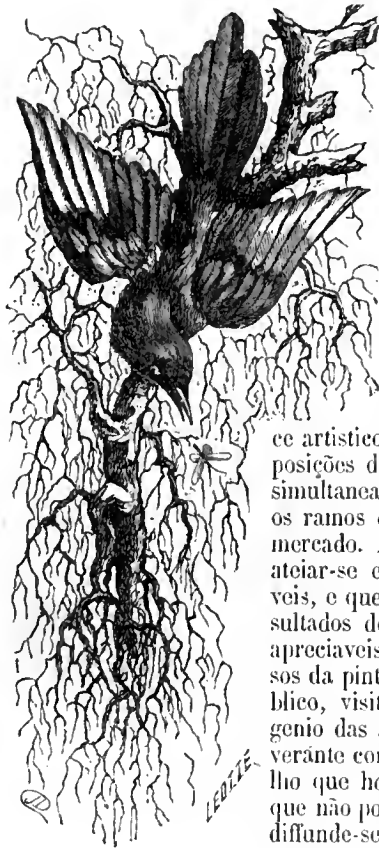
— O que responderia? perguntou Frantz cheio de indignação.

— Ora isso é que é: ver o que se ha de responder a esses impios... a esses nadas.

(Continua.)

B.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELLAS ARTES



ESTA a nona Exposição d'esta sociedade, que, de anno para anno, tem ido adquirindo novas sympathias, o que se mostra pelo seu numero de socios sempre crescente. Em quasi todas as cidades do Brazil tem encontrado coadjuvação, sendo acolhido com entusiasmo o pensamento que presidiu á sua fundação.

Superfluo é encarecer este pensamento, que abrange verdadeiro alcan-

ce artistico e utilidade pratica. As Exposições da Sociedade Promotora são simultaneamente um certamen de todos os ramos das artes do desenho, e um mercado. A nobre emulação, facil em atear-se entre os talentos incóntestaveis, e que encaminha aos grandes resultados do estudo, produz as obras apreciaveis que asseguram os progressos da pintura e da esculptura; e o publico, visitando estes logares, onde o genio das artes ou a applicação perseverante conseguem reunir muito trabalho que honra o paiz, alcança noções que não possuia: o sentimento artistico diffunde-se e aperfeiçoa-se, e o pintor, o esculptor, o gravador, o estatuário,

n'uma palavra, todo o cultor de bellas artes encontra, pouco a pouco, e cada vez mais numeroso e esclarecido, um mercado certo e facil para os esforços do seu engenho.

Tal é o intuito, — nobre e fecundo intuito, — da Sociedade Promotora, e taes têm sido e serão cada vez mais os seus resultados na esphera pratica do movimento artistico de Portugal.

Antes de começar a nossa analyse, uma observação.

A commissão que superintendeu nos trabalhos da Exposição, julgou melhor collocar os quadros pela ordem symetrica, e eu penso que é esse o peor systema que poderia adoptar. Nada mais confuso e difficil para o exame das obras expostas. Tem ás vezes de se percorrer a sala inteira, primeiro que se encontrem os trabalhos de um ou outro expositor. O methodo mais racional, e que, por isso, mais auxilia o exame do observador intelligente, é a collocação das obras de cada expositor sobre si. Não só com facilidade se vêem logo os trabalhos todos que um artista expoz, mas qual os generos que ensaiou, as suas diversas aptidões; e em vista d'este exame comparativo, torna-se facilimo e até agradavel conhecer os resultados dos estudos feitos, para onde tendem os progressos, qual é o genero que evidencia mais incontestavelmente as forças do artista, e onde se pronuncia a sua individualidade.

Tudo isto é quasi impossivel de conseguir com os quadros dispersos, e afogados entre trabalhos de auctores diferentes, que não poucas vezes lhes contrariam a indole e obscurecem o merecimento.

Feito este reparo começemos as nossas observações.

Qual é, porém, a importância da presente Exposição?

Sentimos dizel-o: a Exposição, este anno, é das menos significativas que tem effectuado a Sociedade. A physionomia geral é pobre e pouco variada. Predominam os retratos, essa humilhação, esse recurso extremo do pincel intelligente, quando se não ergue ás proporções illustres, illuminadas pelos rasgos assombrosos dos Ticianos, dos Holbeins e Van-Dycks, e mais proximaemente pelo talento elegante de Thomaz Lawrence, Madrazo e Grant, que enriqueceram os salões ostentosos e galerias de familia de uma parte da Europa com as suas obras apreciaveis. Os quadros de genero e *natureza morta* superabundam, symptoma sempre evidente de decadencia, de fallencia de forças creadoras, e desanimo para o emprehendimento de obras que, unicamente, podem perpetuar a arte e darem d'ella a sua significação luminosa, porque a copia exacta e os trabalhos de imitação são um testemunho de perseverante paciencia, mas jamais prova de imaginação viva e potencias creadoras, essencia da verdadeira vocação para as artes em geral.

Pertencem á esculptura, talvez, as manifestações mais promettedoras na actual Exposição, e tambem á sua irmã mais immediata, na ordem do valor positivo dos diversos ramos da arte, á architectura. Os trabalhos dos srs. Simões, Nunes, Rosado, e Gaspar, são dignos de um certamen artistico, como deve ser considerada a exposição, e dão já a certeza da valia do talento e da applicação dos auctores. O *Orphão*, do sr. Simões, possui uma cabeça cheia de sentimento, e se, examinado por todos os seus aspectos, não apresenta sempre linhas irreprehensíveis, é, em geral, bem composto e bem modelado. Ha ali muito estudo do natural, realçado pelo pensamento pathetico que o inspirou.

O *Democrito*, estatua colossal, do sr. Nunes, faz honra aos seus estudos, e se esses estudos, como nos asseveram, pouco tem passado de dois annos, torna-se mais do que uma maravilha o resultado de tantos esforços. É surprehendente o que se observa.

Está longe, comtudo, de ser isento de defeitos, porque o sr. Nunes abalancou-se a muito. Dois annos não perfazem ás vezes nem os primeiros passos do tirocinio do estatuario. Mais d'esse espaço levam muitos a copiar do gesso e do nú, sem erguerem vistas para committimentos tão audazes.

Vê-se que o sr. Nunes seguiu o typo da estatuaria grega, e isso o desculpa da arguição que lhe ouvimos fazer da pequenez da cabeça da sua estatua em relação ao agigantado da corpulencia. Não é defeito; é o resultado de um systema. O maior defeito da estatua subsiste no desleixo e linhas desgraçiosas da perna direita, e principalmente no antagonismo do vigor da musculatura das espaldas, peitos e braços, que indicam o homem na força da vida, com a flacidez de toda a região epigastrica. O antebraço esquerdo é tambem falho de estudo anatomico, sobretudo junto do pulso.

E realmente graciosa a *Ovarina*, do sr. Rosado! Soube reunir a verdade e elegancia do typo popular a um agradável accordo de linhas artisticas.

No sr. Gaspar antevê-se um architecto: a seriedade de seus estudos, o *Projecto de um palacio de justiça*, dá-nos direito a nutrir esta esperanza.

Porém o sr. Simões ainda figura com um trabalho, um dos mais perfeitos e recommendaveis d'esta Exposição: fallámos das gravuras em pedras finas, em agathas-onyx. Os seus dois camafeus n'um broche e n'um alfinete de peito resumem um primor de delicadeza. Fazem lembrar as boas obras florentinas d'este genero.

Voltemo-nos comtudo para a pintura, e sigamos a ordem do catalogo.

O sr. Annuniação expoz tres quadros de animaes, quasi tudo carneiros e ovelhas. São formosos estudos. Nada ha de mais bem estudado do natural. Se houvesse de pôr algum defeito no modo por que este apreciavel artista interpreta os seus modelos, seria talvez no excesso de intenção moral, no cunho de instinctos apuradissimos que elle imprime nos irracioaes reproduzidos pelo seu magico pincel. O carneiro do quadro do centro é uma cabeça que attesta o que notámos. Verdade é que o sr. Annuniação encontra, entre outras, uma poderosa auctoridade em seu favor; encontra o pintor inglez Landseer; mas, se existe genero de pintura em que a interpretação real seja a unica aceitavel, é de certo este. A escola ingleza, ou espiritualista, leva a exagerações que a boa critica de certo não pôde aceitar. Rosa Bonheur, Braeasat, Troyon, Decamps, consideram o animal debaixo do ponto de

vista unicamente pintoresco; e effectivamente, expressar a exactidão, anatomica e distinctivos de raça deve ser o empenho do animalista. Querer imprimir a alma, pensamento, poesia e paixão n'um cavallo, n'um boi ou n'um carneiro, é de alguma arte querer envolver os processos da pintura em questões philosophicas de que deve andar distante.

Diga-se tudo a respeito do illustre professor de paizagem, porque as suas forças podem com todo o rigor da critica. Parece-nos que o artista envolveu em accessorios demasiados o seu trabalho principal. Ha muita verdura em volta d'aquellas cabeças; e se o vigor do seu toque, e um bem entendido effeito de claro escuro as não realçasse, ou, para melhor dizer, se a especie de plasticidade d'aquelle pôr de tinta lhes não dêsse quasi vulto e extrema naturalidade, os quadros soffreriam, porque o brilho excessivo dos verdes mataria tudo o mais. Apreciados, comtudo, absolutamente, estes trabalhos do eminente artista possuem as qualidades que ha muito engrandecem o seu pincel; possuem desenho, cor, delicadeza de toque, consistencia de empaste, força de claro escuro,— attributos do verdadeiro pintor.

O sr. Barradas nos seus *Recreios nacionaes* (um interior que representa una tasea com os freguezes agrupados), apresenta, de certo, progresso. No entanto importa dizer a verdade. O quadrinho está bem composto; possui agradável effeito de claro escuro, mas as figuras como os typos populares, estão pouco estudadas: são *banaes* e não verdadeiramente caracteristicas. N'este genero, depois de estudar Hogarth e Wilkie, o verdadeiro é retratar do natural. As suas *Recordações de Cadiz* tem effeito de perspectiva, posto que o tom do luar seja excessivamente azul.

Que formoso trabalho o retrato da ex.^{ma} sr.^a E. M. A. Sá, do sr. Chaves! Os progressos d'este artista são evidentes, e reclamam um justo apreço em tudo, que vae expondo todos os annos. Que transparencia de tinta, como aquellas mãos estão desenhadas e modeladas, como aquelle accordo de cores, sem sacrificio de nenhuma parte do retrato, dá o completo realce da cabeça! Não é só um retrato, é um quadro. A gradação do claro escuro resume um verdadeiro esforço n'aquella agradávelissima composição.

Os dois retratos dos srs. Santos Monteiro e Lamarão possuem as mesmas qualidades do artista, posto que nenhum d'elles chegue ao mimmo do primeiro.

O quadro de flores está sabiamente composto. Tem flores muito bem pintadas e agrupadas. A observação da natureza sobressae de todos aquelles exemplares, sobretudo nas rosas, que como que viçam, e vemos adejar as suas petalas, como se foram naturaes.

Chaves é dos que trabalham pela arte, e para a arte.

Attrahê a attenção do visitante a agradável paizagem do sr. João Christino, a *Cruz Alta*, em Cintra. A *Fonte das Lagrimas*, do mesmo auctor, ostenta o vigor da tinta e riqueza de tons da paleta que tantas vezes temôs elogiado. O talento do colorista revela-se mais uma vez. A sua maneira de conceber a paizagem é sempre poetica, e approxima-se um pouco dos effeitos da scenographia, pela contraposição dos planos, amplitude de perspectiva e fortes projecções de luz.

O sr. Dantas reproduz com felicidade um combate naval entre uma fragata portugueza e dois vasos de guerra francezes, assumpto extrahido dos *Quadros navaes*, do sr. Celestino Soares, já fallecido. Mostra grande disposição, e será de certo um pintor notavel, se conseguir entregar-se a estudos mais methodicos e regulares.

Aqui temos agora uma maravilha de pareença no retrato do nosso mallogrado amigo, Augusto José Gonçalves de Lima, obra a pastel da sr.^a D. Herminia Monteiro Teixeira Duarte. Impressiona, quando se entra na sala. Não é tão sómente a reprodução exacta das feições, é a expressão moral, aquella doçura de caracter e elevação de espirito do desditoso poeta!

É um trabalho esmeradissimo, que alia o vigor do oleo ao acabado do trabalho a pastel.

O quadro dos coelhos do sr. Girão está soffrivelmente composto e revela estudo do natural.

O *Mau vizinho*, do sr. Lengo, natural de Malaga, é um gato que espregueira para dentro de uma grade um desvão escuro, onde comem alguns pombos. É um quadro de bastante estudo do natural, e cuja composição, sem ser pretenciosa, está perfeitamente combinada. As aves vêem-se naturalissimamente reproduzidas, e de maldoso e felino hospede só se enxergam os

olhos cujas pupillas, amarellas e refulgentes, fulguram na obscuridade do ultimo plano. É um chistoso episodio, e ao mesmo tempo reproduzido com talento artistico. Pena é faltar-lhe a gradação de tons, e que entre o branco dos pombos e o escuro do ultimo plano não esteja estabelecida a gamma indispensavel, para dar a harmonia do quadro.

O sr. Isaias Newton prosegue no seu genero de trabalhos: é um incansavel e escrupuloso reproductor da natureza. A sua tóla bem se pôde comparar ao *espelho de Poussin*, que reflecte, concentrando-os e tornando-os mais comprehensíveis, os aspectos a que o contrapõem. Não ha de certo ali um merito de interpretação, como o requerem as boas regras da arte moderna, que determina que o ideal do artista respire em todas as suas obras, como o cunho da sua individualidade, mas ha um ver geometrico, uma observação segura e minuciosa, e uma admiravel maneira de traduzir com o pincel aspectos que, por complexos, facilmente desvairam a vista do artista. N'uma palavra, o sr. Isaias Newton não é propriamente um paizagista, no sentido largo e ideal da palavra, mas um retratista da natureza. E debaixo d'esta ordem de considerações, os seus quadros, os *Arrabaldes de Santarem*, a *Nova Cintra*, e *As duas fronteiras* possuem merito sobejo.

O sr. Macedo é, talvez, o nosso artista que possui mais conhecimentos theoreticos. Poucos, como elle, fallam tão bem a linguagem de *atelier* e entram mais facilmente na parte tecnologica da arte. Mas o seu talento, que o possui assás aproveitavel, tem andado disperso em tentativas e ensaios, que já produziram, comtudo, estudos serios. Em scenographia o seu pincel é hoje dos mais elogiados, pelos effeitos de perspectiva e combinações de tinta em que tanto procura approximar-se da natureza. Mas n'isto parece-me de alguma sorte cair em exageração, porque o distincto artista, que com tanto resultado tem estudado a eschola franceza, abraçou com encarecimento os principios da proclamada eschola realista, cuja interpretação anda hoje tão desvairada, dando occasião a resultados onde os preceitos bem entendidos da arte e as regras eternas do bello tem tudo a condemnar.

Felizmente, o sr. Macedo não tem saído de um justo equilibrio, e as suas tendencias para o *realismo da actualidade* unicamente se denunciam por uma certa sequidão de tinta, que a observação da natureza, nos seus aspectos mais risonhos e fulgurantes, como os offerece o nosso paiz, corrigirá pouco a pouco, alegrando a phantasia do pintor.

Os trabalhos que apresenta reproduzem praticamente e em parte, a verdade d'estas observações. No emtanto os estudos do luar, principalmente a *Noite de luar no Mondego*, reproduzem magnificos effeitos de perspectiva e bastante certeza de tom.

Temos agora os trabalhos do sr. Pedroso, que d'esta vez são assás variados, pois se compõem de episodios naveas, marinhas e paizagens, como a *Ponte sobre o rio de Sacavem*.

O sr. Pedroso é um artista perseverante, e cujas obras revelam, mais ou menos, applicação e estudo. Nos assumptos maritimos ha quem lhes prefira o sr. Tomazini, e outras affirmam que os seus navios são desenhados com superior conhecimento de construcção nautica.

Todavia, não é só n'esta particularidade que subsiste o seu merecimento: por exemplo, o quadro da *Praia das Maçãs* apresenta um naturalissimo jogo de aguas, e em alguns outros notam-se bonitos effeitos de luar, o que concorre para agradaveis combinações de perspectiva.

Aqui se nos offerece outro expositor hespanhol, o sr. D. José Luiz Pellicer. O seu *guerrilheiro* tem merecimento, apresenta boa tinta e particularidades de detalhe pintados com delicadeza: assim o desenho fosse mais correcto.

Não gosto das *Recordações de Segres*. O processo é inadmissivel em quadros de tão pequenas dimensões. Ali a tinta parece posta a espátula, e não modelada a pincel. De perto, lembra um mosaico ou trabalho de enrustação. Assim pintavam os etruscos. Não vamos, por desvairamentos de escholas, volver á infancia da arte. No emtanto, nota-se-lhe vigor de tinta e muita certeza de tom.

Voltemo-nos depressa para a *Romaria*, do sr. Leonel, uma das obras da Exposição d'este anno, que mais atrahe a attenção do publico.

Como se vé do titulo, este quadro é uma reunião de typos e costumes do nosso povo. A uma certa distancia, o quadro não tem effeito geral, porque a *manche*, ou entoação, é um pouco fria; mas, examinando de perto, como convem áquellas numerosas figu-

rinhas que se agrupam e enredam nos chistosos episodios d'aquella nossa tradicional usança das provincias do Minho e da Beira, sente-se um inexplicavel prazer em encontrar a verdade de todos aquellos typos populares nas parecências, nos trajos elegantes e originaes, e nos usos peculiares que tanto os caracterisam. A ponta do pincel explica os menores detalhes, como se a photographia ali operasse as suas maravilhosas reproduções. Cada figura personifica uma feição moral das nossas provincias. É um valioso quadro de costumes, em que o fundo de observação é fortemente auxiliado pela veia satyrica e artistica delicadeza de toque do auctor.

O *Mercado* não offerece tanta verdade, e os *Costumes da Morteza* são apenas episodios, mais ou menos approximados, da *Romaria*.

A *Volta do mercado*, quadro mais vasto, encerra igualmente bastante merito como obra de reproducção dos nossos usos populares, mas a composição é desleixada, porque, diga-se a verdade, o sr. Leonel reproduz typos com grande felicidade, mas faltam-lhe as faculdades proprias para a composição, faculdades cuja ausencia escapa facilmente em composições pequenas, mas que para logo se revela em trabalhos de vastas dimensões.

Os quadros do sr. Bordalo revelam a mistura do estudo simultaneo da eschola hespanhola e flamenga. O quadro do *Bibliophilo* seria um bello trabalho, se não fosse a incorrecção de desenho da mão esquerda. O *Velho caçador* é, talvez, a obra mais completa, n'esta exposição do sr. Bordalo. Torna-se digna de louvor a cabeça do *Leitor de Cervantes*, pela verdadeira e caracteristica expressão que a anima. Quanto aos detalhes são de um acabado inimaginavel.

Muitos são os fructos de laborioso trabalho do sr. Prieto que temos á vista. O sr. Prieto é um artista de inquestionavel applicação. Dá-se mais incessantemente aos trabalhos de genero, e alguns expõe este anno que lhe grangeiam elogios. A *Poda no jardim*, por exemplo, é um quadro bem composto e estudado com consciencia do natural, e a impressão causada seria completa, se a dureza de algumas velaturas, nos coelhos, e uns tons da folhagem sobre o vermelho do vaso, que se vé ao centro, lhe não alterassem desagradavelmente a harmonia.

Tambem este anno expõe a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Guilhermina da Silva Reis uma colleção de paizagens, algumas das quaes de merecimento. A *Vista proximo de Bellas*, o *Castello de Palmella*, *Monserrate* e a *Serra de Cintra*, principalmente, resumem em grão superior os dotes do pincel d'esta senhora. Suavidade de tinta, limpidez de ares, longes agradaveis, contraposição de planos, deixando sobressair formosos effeitos de perspectiva, e ajuntando-se a isto tudo uma escolha de aspectos naturaes em que um sentimento tranquillo se casa com fagueiras impressões poeticas, eis, em resumo, a que se reduzem taes dotes, que só por si podem fazer a reputação de um paizagista, e sobretudo se esse paizagista é uma senhora, e da melhor sociedade de Lisboa.

Passemos ao sr. José Rodrigues. Eu já tenho declarado umas poucas de vezes que me sinto propenso para o estylo d'esse artista. Não sei se é verdadeiro, se é exagerado; sei simplesmente que é agradável, e que revela muita exuberancia de phantasia. Que riqueza de tons, que opulencia de paleta, que reflexos e projecções de luz! A *Camponeza*, a *Credda* e o *Cozinheiro* pertencem a este genero. A tinta de todos elles é formosissima e o effeito de claro escuro surpreendente. Possui o sr. Rodrigues uma tinta quente, facilidade graciosa, e um modo de compor attractivo.

Porém, a obra mais notavel do sr. Rodrigues, d'esta vez, é o retrato do sr. D. Francisco de Pancas de Azevedo, conego da Sé Patriarchal. É um magnifico retrato, ostentando todos os prodigios, já conhecidos e tantas vezes enumerados, do seu pincel brilhante e arrojado. A cabeça tem relevo, e as roupas são admiraveis de naturalidade.

O unico quadro historico que nos apresenta a Exposição é o quadro de *D. Philippa de Vilhena armando seus filhos*, executado em Roma, como ultima prova dos estudos do sr. Antonio Rodrigues da Silva, ali pensionado pelo Estado.

O apreciavel estudante foi infeliz na escolha do assumpto. *D. Philippa de Vilhena, armando seus filhos*, é já uma banalidade em pintura historica nacional. Nem um mestre consummado poderia triumphar da aridez do assumpto; e digo aridez, porque todos os assumptos são aridos, quando exhaustos por muitos



A VAN DYCK pinxt

W FRENCH sc

S. HERRMANN.

Editeurs Rolland & Jemond Lisboa.

auctores. A composição é frouxissima, a distribuição de luz mal entendida, e na figura de D. Philippa não ha naturalidade nem nobreza, nem nos filhos a resolução nobre que os distinguui.

Mas deve-se attender a que se trata ainda de um pincel que mal começa a esboçar estes trabalhos, aliás cheios de difficuldades para os maiores talentos. Os Ingres e Delacroix são raros em todos os tempos.

O sr. Toledo, já nosso conhecido por notavel paizagista, apresenta d'esta vez alguns trabalhos que estão longe do merito do quadro exposto e tão louvado, ha tres annos, offerecido á Academia. Aquelle quadro havia-nos revelado o auctor como pertencendo á eschola realista, mas á bem entendida eschola realista, aquella que não abnega de todo as facultades que podem constituir a individualidade do artista, em favor de uma servil copia da natureza.

Este anno, porém, vejo com pezar que as theorias do notavel artista se desviaram da sua verdadeira direcção. A *Manhã na serra* confirma isto, e se lhe tirarmos o primeiro plano, que, ainda assim, esquece todas as leis do colorista para achar a verdade da fórma, achámos apenas um trabalho, que, com magoa o escrevemos, assignala grande retrocesso no valor ideal do sr Toledo. Os outros quadros, que expõe, resentem-se igualmente da mesma ordem de idéas.

Já alludimos ao sr. Tomazini.

O sr. Tomazini é pintor e homem do mar, e d'ahi nasce a facilidade e predilecção com que trata os assumptos maritimos, e a aptidão com que se sae das suas difficuldades. A tinta dos seus quadros, em geral, não é das mais brilhantes, mas tambem se pôde explicar isto satisfactoriamente pelos assumptos de que se occupa, pela maior parte tempestades no mar alto. No entanto, o que ha nos seus quadros, o que incontestavelmente elles inspiram quasi todos, é o sentimento, a vida do maritimo, que só a possessão e logra exprimir o homem que tem arcado com as ondas erguidas em serras a despenharem-se sobre o lenho, que em taes horas não significa senão a ousadia impotente da creatura humana perante a furia dos elementos. Esta poesia afflictiva do nauta sente-se, respira-se effectivamente na presença dos quadros do sr. Tomazini.

A Exposição ainda apresenta trabalhos de diferentes generos e valia, como, por exemplo, desenhos a carvão, entre os quaes sobresaem os do sr. Annuniação, não devendo ficar sem reparo os esforços do sr. Bordalo junior, Bastos, Alfredo Keil, e Soromenho, que ainda assim conseguem não se fazer esquecer a par de tão eminente artista.

Os *carvões* do sr. Bastos, cujo processo talvez não seja o legitimo, têm effeito. Refiro-me aos das matas do Bussaco. As *Bodas da aldeia*, do sr. Bordalo, que são apenas um estudo, promettem um bom quadro, quando o auctor se disponha a colligir as suas forças para o fazer. Attraem igualmente a attenção as suas aguarellas, sobretudo o *Vendedor de palitos*.

Não concluo sem incorporar n'esta lista de ensaios, mais ou menos promettedores, os srs. Andrade, Esteves, Figueiredo, Martins, D. Elisa de Oliveira, D. Amelia Virginia Roma, Sá Pamplona, Caetano Alberto, Almeida, Godinho e Martins, que em diversos ramos attestaram o seu empenho em concorrer a tão honroso certamen.

Ao sr. Andrade pedimos não deixe desvairar o seu bello talento pelos extravios das falsas theorias, que a perversão do gosto moderno se abalança a denominar eschola realista. O seu quadro, *Uma manhã em Rivura*, está bem desenhado, mas a côr!... Que pobre, que miserria seria a natureza, se nos offercesse para exemplo aquella gradação de tinta! Não pôde ser. Ali não está a verdade, e, por conseguinte, fallece a base de todo o realismo, ainda mesmo interpretado no seu positivismo mais arido e repugnante, quer dizer, fóra de todas as condições da verdadeira esphera artistica.

Talvez ainda alguns objectos, igualmente dignos de apreço, me escapem a esta rapida analyse, que não posso deixar de fazer resumida, e que por força, por isso mesmo, tem de sair incompleta, pela difficuldade de examinar minuciosamente obras expostas tão confusamente, e tomar sobre ellas apontamentos, quando o methodo adoptado na collocação em nada auxilia o observador.

JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA.

O TOCADOR DE REALEJO



ê-os a gente por toda a parte, — nas cidades, na provincia, por acaso, nas aldeias; e, o que é mais, se alguma vez for pelos Alpes, perdido no meio d'aquella natureza grandiosa e excepcional, onde as arvores verdejantes banham os pés no gelo, os riachos correm a cada passo das elevações, faiscando como chamma de prata nos rochedos, e as nu-

vens affagam o cume dos montes, volteando-lhes em redor como um véu bordado: se avistar apenas um casalinho, como que suspenso no espaço entre o farpão de uma nuvem, rochas trepadas

unas nas outras, cataractas arrastando ruidosamente para os precipícios as arvores que algum vendaval haja arrancado, — lá avistará, de repente, a meio caminho d'aquellas paragens, á porta de uma estalagem, no meio das montanhas, onde costumam apciar-se os viajantes e ter meia hora de descanso — o tocador de realejo com o seu casaco de belbutina, e um cobrejão de jornada, a dar ao braço e a girar com a manivella, deixando, ás vezes, per-

der o olhar melancolicamente no vago dos montes e dos abysmos! E se a noite estiver agreste, se a neve for muita, não o encontrará á porta, mas ve-lo-ha na grande sala da estalagem, resplandecente de luzes, toda cheia de mesas, n'um turbilhão de creados com grandes toucas brancas servindo aos viajantes a sopa a ferver, o roast-beeff e o vinho, — e elle, entre os grupos, no meio da vasta refeição, diligenciando alegrar os espiritos, receiosos da noite e dos Alpes, com as valsas caprichosas do seu realejo!

Pobre Orpheu errante!

Só os pequenos da rua o comprehendem e o admiram! Enquanto a maior parte da gente passa, sem lhe querer dar importancia, como se não valêra nada tocar semelhante instrumento, de simples mecanismo, que nem requer intelligencia nem vocação, olham-no as creanças com veneração, como que protestando contra a indifferença publica.

Ha duas qualidades de realejo, o que delicia, e o que faz raiva; fóra d'isto não ha mais nenhum! Uns amotnam, ensurdecem, devastam, em o andamento sendo vivaz; ou então mergulham n'um torpor, n'uma atonia physica e moral, a que o povo chama rabuge, e acabam por adormecer quem os ouve; preferindo o primeiro methodo quasi sempre, — tocar depressa... para serem peiores, — porque quem dormir não paga, e os que não quizerem dores de cabeça atiram-lhes gentilmente com um pataco para so ver livre d'elles: — outros tocam musicas commoventes, ou festivas, e são magnificos; vozes soberbas, que sabem bem ao ouvido o conhecem o caminho para a alma, melodias que attrahem, certa distincção nas cadencias, no prolongar do som, sem se sentir a ro-

tina estúpida de um automato, mas o sentimento e a inspiração de um artista!

Quando eu era pequeno vi uma vez um realejo que me deixou para sempre profunda e eterna lembrança.

Era ao cair de uma tarde. Eu estava á janella e iam-se-me os olhos com tal soffreguidão n'aquelle realejo primoroso, ao qual toda a pequenagem e a garotada toda do sitio haviam feito roda, que meu pae, por ter dó do anecio em que me via, mandou chamar para nossa casa o tocador. Veiu o homem: era um suave italiano, no genero d'esse que a estampa apresenta, homem de meia idade, de cabello para traz da orelha, calça larga, e um roupão apertado na cintura. Começou a tocar, correu uma bastida de taboinhas, leve anteparo ao panno de bôca de um theatrito, e logo uns bonecos que eu já da janella havia avistado principiaram, ao som da musica, a girar n'uma contradança. Era o paladino, com o seu gorro vermelho e pluma branca, polainas e calção de veludo carmezim; era a santinha da viola, com o seu capotinho de peregrina e um chapéu de aba direita: era o preto de cara de polimento, mãos de polimento, pés de polimento: era o jockey cortando o ar com o chicotinho: e, no fim, o guarda-portão com o seu sobretudo azul de galões brancos, fazendo cortezias ao desfilar dos pares!

Ha perto de trinta annos que foi isto, e aquelles bonecos de realejo, todos elles fínhas, vidrilhos, guisos doirados, ainda hoje me apparecem nas saudades como se fossem a phantasia, o relampago da felicidade, cherubins de Cidalisa, creaturinhas do melhor dos mundos, mais brancas que os lyrios e a neve...

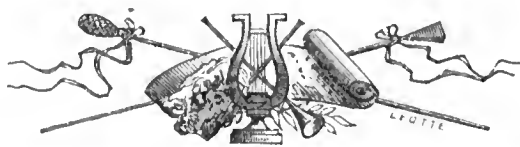
De onde vêm os tocadores de realejo? Vêm lá do fundo da sua terra, tocando pelas estradas fóra, todo o caminho, para poderem ter cama e pão. As vezes jantando a *Norma*, a *Sonambula*, o *Baccio*, dormindo ao luar, e partindo outra vez de madrugada para o lado de onde lhes parece que vem o dia e o mundo.

Lá uma vez ou outra deixam-se ir a gostar de alguém, e vão expressar a paixão que têm defronte das janellas da formosa, alguma creadita galante, que se recria de ouvir musica.

Arrastam todo o dia das dez horas em diante, ora sobre uma perna, ora sobre outra, a pesada caixa das melodias,—que faz mais bulha, ás vezes, que uma trovada. Aos dias santos estão como se querem, e é caso de ganhar o duplo; mas lá vêm depois os dias de chuva, as grandes ventanias que não deixam abrir as janellas... Correm a cidade; tem cada um d'elles os seus sitios conhecidos, publico affeioado, que nunca lhes recusa uns cobres,—as costureiras que trabalham nas modistas, por exemplo, freguezas que não falham, que se delectam em escutar, enquanto trabalham, as melodias dos mestres, pensando ao mesmo tempo na sua vida, nos seus amores, boas raparigas para quem a musica não representa só a harmonia dos sons—mas a das almas!

Com os annos, o tocador vê fugir-lhe o gosto pela vida errante, e a força para suster o realejo. Quem os ouvir conhece logo essa situação de despedida á musica; tocam mais demoradamente, mais vagamente, como que traduzindo o andamento as suas tristezas. Sente-se que estão velhos, doentes, cansados, e parecem desentranhar da voz do realejo o canto do cysno!

JULIO CESAR MACHADO.



CHRONICA DO MEZ



tempo não tem corrido mal para os theatros, e os actores vão aproveitando as noites ainda frescas para effectuarem os seus beneficios.

Não devo nem quero esquecer essas festas artisticas em que amigos e indifferentes vão com os seus ramilhetes, os seus mimos e os seus applausos testemunhar aos comediantes o apreço e estima em que têm o seu talento.

O espectador que frequenta o theatro, contrahe certa amizade com os artistas dramaticos, embora não os conheça, pela maior parte,

senão do palco. Aquella amizade eria-se-lhe no peito sem elle sentir. Habitado a rir com as faecias de um, a commover-se com as exclamações de outro, a esquecer-se enfim dos seus leves pezares e muitas vezes das suas profundas inagoas com o conjunto do trabalho de todos, o coração, grato ás commoções beneficicas partidas da scena, affeioa-se áquelle grupo de trabalhadores que todas as noites gastam um pedaço da vida para suavisar e alegrar a dos que vão escutal-os.

De entre o grupo, alguns artistas ha, que, pelo seu talento superior, alcançam melhor quinhão de sympathia, e por isso, maiores e mais subidas mercês recebem do publico.

Delphina e Santos são d'estes, e ha pouco, obtiveram ambos evidentes provas do favor e consideração que todos lhe dedicam. A primeira, na Trindade, depois de haver representado o papel principal de uma comedia habilmente traduzida pelo sr. Cíntia Moniz, e o segundo, em D. Maria, tendo acabado de reproduzir uma das mais brilhantes creações do talento dramatico de Feuillet, tiveram a ineffavel satisfação de ver como ainda entre nós, apesar do indifferentismo que ha para tudo que diz respeito a artes, se premeiam os bons talentos e os esforços para se sair do campo da vulgaridade.

Outros artistas dramaticos realisaram igualmente a sua festa annual nos diversos theatros a que pertencem, colhendo tambem demonstrações sinceras e agradaveis do bom conceito em que são tidos. Foram Silveira, Polla, Florinda, Braz Martins e Valle.

Braz Martins teve duas festas; uma como actor, e outra como auctor.

Levou em seu beneficio uma comedia em tres actos, escripta originalmente por elle, com o fim de se representar n'aquelle recita. *Fructa do tempo* se intitula.

Propõe-se a nova comedia do Gymnasio a fulminar duas seitas muita conhecidas hoje; a dos que, em nome de Deus, vivem vida regalada á custa alheia, e a dos que, em nome da libertação das classes opprimidas pela miseria, diligenciam enriquecer e alcançar boa posição social.

Para chegar ao seu proposito, colloca o auctor, de um lado o sordido intrigante das sacristias acompanhado pelo propagador das modernas idéas nas officinas, e do outro o padre modelo, que baseia as suas predicas na doutrina de Christo, e um semi-philosopho que afina o proceder pela religião da caridade, e condemna, por falsas, todas as idéas que tendem a afastar-se das suas, quer avançando, quer retrocedendo.

Parece-me que o auctor se preoccupou de mais com a significação moral que pretendeu dar á sua peça, desprezando um pouco a urdidura dramatica, do que lhe resultou fazer uma composição mais declamatoria do que theatral.

Entretanto a nova comedia do sr. Braz Martins encerra mui-

tas qualidades apreciáveis, sendo uma das principaes o proposito firme que o auctor parece ter de ajudar com o seu talento os que pretendem expurgar a scena dos maus exemplos e fataes torpezas em que anda envolta. Isto e os mais merecimentos d'aquella composição original valeram ao sr. Braz Martins applausos espontaneos e sinceros da platêa.

A *Fidalguinha das Amoreiras*, parodia da *Morgadinha de Valle Flor*, foi a peça escolhida para o beneficio do actor Valle no theatro do Gymnasio, beneficio concorrido e abrilhantado com as ovações feitas pelos amadores da interpretação galhofeira dos papeis de comedia ao auctor que tão distinctamente pratica esse genero.

A peça é original do sr. Eduardo Garrido, um dos escriptores mais chistosos e mais conhecedores do mechanismo dramatico.

A sua nova composição, porém, que muito agradou no Rio de Janeiro, não conseguiu adquirir a sympathia dos platêas portuguezas. Quanto a mim, não é por falta de graça e engenho que a *Fidalguinha das Amoreiras*, mal se sustenta entre nós, é, sim, porque o auctor, talvez para ter o gosto de luctar com maiores difficuldades, procurou seguir acto por acto, scena por scena, o drama parodiado, o que deu causa á sua obra fatigar um pouco os ouvintes. Os parodistas francezes, como muito bem sabe o sr. Garrido, costumam, n'este genero de trabalhos, aproveitar as situações principaes do drama que desejam pôr em parodia, e d'este modo fazem quasi sempre composições mais breves e ligeiras do que aquella que tomam por ponto de partida.

Os resultados praticos das parodias conduzidas por este systema são ordinariamente mais lisonjeiros para o theatro, embora não representem, a maior parte das vezes, tanto engenho e trabalho, como as que são feitas pelo methodo usado pelo sr. E. Garrido, na *Fidalguinha das Amoreiras*.

No theatro de S. Carlos está dando representações dramaticas uma companhia italiana de medioere merecimento, á frente da qual, porém, estão dois vultos artisticos de alguma nomeada. Um é o actor Mayeroni, muito nosso conhecido por haver tido a subida habilidade de se fazer applaudir, quando representou ao lado da Ristori; o outro, a actriz Elvira Pasquali, cujo talento dramatico flexivel e amestrado se amolda facilmente aos diversos papeis que interpreta, representando-os com distincção pouco vulgar. Esta, no desempenho dos dramas—*A Dama das camelias*, *Estatua de carne*, e *Soror Thereza*, e aquella, no das peças—*Força da consciencia*, *Milton*, e *D. João de Austria*, elevam-se á altura onde só podem chegar os que tomam a serio a arte que exercem e consagram a vida a engrandece-la e honra-la.

A Italia é ainda a patria dos famosos talentos; quando nós cuidavamos que só em França havia bons comediantes, envia-nos ella, para nos esclarecer, Ristori, Salvini, Rossi, Pasquali, Casilini e Mayeroni.

Abençoado torrão, a que as artes tamanhos favores devem!

Quando, não obstante os incentivos que tenho annuciado, os theatros começam a esmorecer por falta de concorrência, abre o circo Price as suas portas, sentindo-se o empresario invadir por bemfazeja e suave alegria, á proporção que o azogue sobe no crystallino tubo do seu thermometro.

O empresario do circo—deseulpe-me elle a comparação—é como a cigarra; quanto mais ardente está o sol, mais contente anda. Não se dá bem com o frio, que lhe afugenta do jardim os espectadores; chega a ser fanatico pelos caniculares. No dia em que todos andam afflietos com calma á procura de sitio onde corra uma aragem, respira elle a plenos pulmões. Vejam como um jardim e um theatro fresco podem influir na organização physica de um empresario.

Efectivamente o circo Price é um refrigerio agradável para as noites quentes. Assiste-se ali a um espectáculo ligeiro—excepto quando trabalham os arabes—que não fatiga o espirito nem os olhos, podendo nos intervallos passeiar-se em espaçoso jardim illuminado, onde se ouve musica, se vê dançar, se bebe cerveja, e se contempla, phantasiando agradaveis e extravagantes sonhos, a profundidade de umas pequenas moitas de verdura, através das quaes, quando se não repara no muro velho que circunda o recinto, se aligura estar a immensidade.

Deixando estes assumptos e julgando-me dispensado de fallar das festividades religiosas que attrahem á egreja os devotos do mez de Maria, da antiga feira das Amoreiras, e até das crendices populares que levam o povo, n'um dos dias de maio, a tratar as searas como roupa de francezes—desaforo *pittoresco* que eu nunca deixo de preseneear, porque sempre gostei dos quadros populares, em que as variegadas cores dos trajes se misturam, em poetica harmonia, com as mimosas galas da natureza—registrarei alguns livros publicados n'este mez.

O *major Napoleão e Madrid* são dois formosos volumes de vidos á penna do incansavel escriptor, o sr. Pinheiro Chagas.

Eu tenho particular estima pelo talento do sr. Chagas, e por isso não me farto de encarecer os seus trabalhos litterarios.

O *major Napoleão* são narrativas contadas com a lhanza do soldado, mas do soldado instruido. Agradam e ensinam. De permissão com os attractivos do estylo, encontram-se factos da nossa historia habilmente reproduzidos. Aos menos doutos serve pois de lição amena e proveitosa o curioso livro.

Madrid é a reunião das impressões experimentadas pelo auctor quando foi em viagem de recreio á capital de Hespanha. Ha fina e delicada critica nas diversas apreciações do que o viajante observa em Madrid, e grande verdade nas descripções. É volume interessante para os que não conhecem a primeira cidade da nação vizinha, porque a vêem conscienciosamente traçada e analysada, e não menos interessante para os que já lá estiveram, porque podem comparar as suas impressões com as de um viajante de talento e bom gosto.

Tenho em meu poder o novo livro de poesias do sr. Simões Dias—*Ruinias*.

É uma collecção de excellentes versos, cheios de harmonia e rimados sem esforço. Deprehende-se, porém, da leitura d'elles, que o poeta não os lançou no papel por desenfado ou apenas com o fim de versificar; reina em quasi todas aquellas inspiradas estrophes um alto pensamento, que é o fructo da civilisação e do esclarecimento das idéas do povo.

Pode-se atiançar, sem receio de commetter grande erro, que o novo livro do sr. Simões Dias é um bom livro.

Do sr. Brito Aranha corre impresso um pequeno volume—*Lagrims e Saudades*, que é, por assim dizer, sincero preito de admiração prestado ao talento brillante e fecundo de Rehelle da Silva, escriptor e estadista que dotou a sua patria com monumentos litterarios de notavel valia.

Tem aleançado boa aacceptação o folheto do sr. Brito Aranha, no qual se encontra, alem do assumpto referido, circumstanciada noticia de trabalho identico publicado pelo escriptor brasileiro, o sr. Theophilo Ottoni.

Já que fallei de um escriptor do Brazil, mencionarei a publicação do interessante folheto—*Heroes da arte*, escripto pelo sr. Pessanha Povoá, esclarecido litterato e juriconsulto brasileiro, que ha pouco esteve entre nós.

O intuito do auctor foi pôr em relevo o merito transcendente de dois artistas que são a gloria do Brazil. Um é o pintor Pedro Amerio, de quem por mais de uma vez já tenho fallado n'esta publicação; o outro o compositor Carlos Gomes, applaudido em Italia e conhecido em quasi toda a Europa, excepto em Portugal.

O folheto do sr. Pessanha Povoá, publicado em Lisboa, presta o relevante serviço de divulgar o merecimento d'aquelles seus compatriotas, que têm o direito incontestavel de ver o seu nome respeitado em toda a parte onde haja, por mais pequeno que seja, algum gosto pelas artes.

Seja-me permittido registrar aqui o nome de um livro dado á estampa o anno passado, mas que eu só li agora, e que me deixou gratas recordações.

Retiro-me ás *Miniaturas romanticas*, de que é auctor o sr. Magalhães Lima. Contém o elegante volume, impresso em Coimbra, oito pequenos romances interessantes e despretençiosos. Menciono apenas o nome do livro, porque seria prolixo fallar detidamente de uma obra de que a imprensa periodica já se occupou, e que o leitor provavelmente conhece.

Não ha novidades artisticas. A unica de que podia fallar — a exposição da Sociedade promotora de bellas artes —vae mencionada em artigo especial.

RANGEL DE LIMA.

A SOMBRA DOS MORTOS

LAGRIMA

(TRADUÇÃO DE GUTIERREZ)

Á porta fui bater de um que era amigo,
E minha voz morreu-me na garganta,
Porque de ti saudade não habita
Onde delira a dança e a orgia canta!

Mas vamos, minh'alma, além:

Que a sombra dos que morreram
Na terra ingrata amigos já não tem!

Á porta fui bater do amor primeiro
E para traz volvi angustioso,
Porque essa mesma mão de tua amante
Cariciava a fronte de um esposo!

Mas vamos, minh'alma, além:

Que a sombra dos que morreram
Na terra ingrata amores já não tem!

Á porta fui bater do lar paterno
E caíu-me da aldraba a mão tremente:
Ah! onde o ruido do festim resoa
Não mora uma lembrança do ausente!

Mas vamos, minh'alma, além:

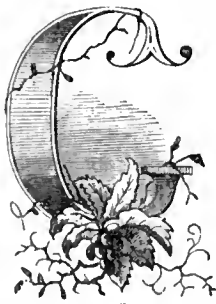
Que a sombra dos que morreram
Um lar na terra ingrata já não tem!

No dia melancolico dos mortos
Fui ao pé de um sepulchro abandonado,
E com teu nome ergui a minha prece,
Por sobre o musgo d'elle ajoelhado.

Não fujas, minh'alma, já:

Que o nome dos que morreram
Só na pedra dos tumulos está!

LUCIO DE MENDONÇA.



om a devida venia transcrevemos do jornal — *O Instituto*, publicado em Coimbra, um artigo assignado pelo erudito escriptor o sr. Filippe Simões, a respeito de

UM QUADRO DE JOSEPHA DE OBIDOS

N'uma sala do convento do Carmo em Coimbra conserva a Ordem Tereceira um quadro apreciavel de Josepha de Obidos. Representa o Menino Jesus, por fórma que differe do typo communmente usado. É uma formosa creança em pé n'uma almofada vermelha, sobre peanha de madeira. Na mão esquerda sustenta a esphera do mundo, sobrelevada com a cruz, e tambem uma bandeira com os instrumentos da paixão. O braço e a mão direita estão postos de modo que parecem abençoar a esphera. Ao rosto de côr rosada, que exprime singular intelligencia, servem de natural moldura fartos e annellados cabellos loiros, cingidos com uma coroa de flores. E logo acima da cabeça o sol resplandecente.

O Menino traja veste de gaze, rematada de finas rendas, tão alva, tão fina e transparente, que deixa ver por debaixo as carnes, com suas cores proprias, tudo muito ao natural. Cinge a veste

na cintura uma fita azul com pequena moldura doirada, na qual se lêem as seguintes letras: J. N. R. J. Cobre-lhe o corpo, porém só na parte posterior, um comprido manto de velludo vermelho bordado. Em baixo, no chão, á roda da peanha, vêem-se rosas, tulipas e amores perfectos, pintados com aquelle mimo e delicadeza, que distinguem as flores do mesmo pincel. Ao lado direito lê-se: *Josepha, em Obidos, 1680.*

No meio da face anterior da peanha está o symbolo do cordeiro, atado de pés e mãos, em tudo semelhante ao de muito maiores dimensões, que da mesma auctora se conserva na bibliotheca de Evora.

Note-se que, segundo refere o conde de Raczynski, é tambem de Josepha de Obidos um menino Jesus com tunica transparente, representado n'um quadro que se guarda no côro da igreja de Varatojo.

Entre os quadros que a sr.^a D. Maria Benedicta Castro e Mello, de Soure, mandou para a exposição districtal de Coimbra em 1869, havia tambem um pintado em cobre, que representava o Menino Jesus deitado, e que tinha o nome de Josepha de Obidos.

Pedia a obra que descrevemos mais detida analyse e considerações, já em relação ao pincel de Josepha de Obidos, já em respeito á escola a que pertence esta pintura. Não quizemos, porém, mais que dar noticia aos amadores das bellas artes de uma obra até hoje desconhecida na historia da pintura portugueza.

Resumos das actas das sessões do conselho da Sociedade promotora de bellas artes em Portugal



essão de 2 de abril.—Nomearam-se dois membros do conselho para, de accordo com o secretario, tratarem da collocção dos quadros na sala da exposição. Foram os srs. Lasserre e Thomás da Fonseca.

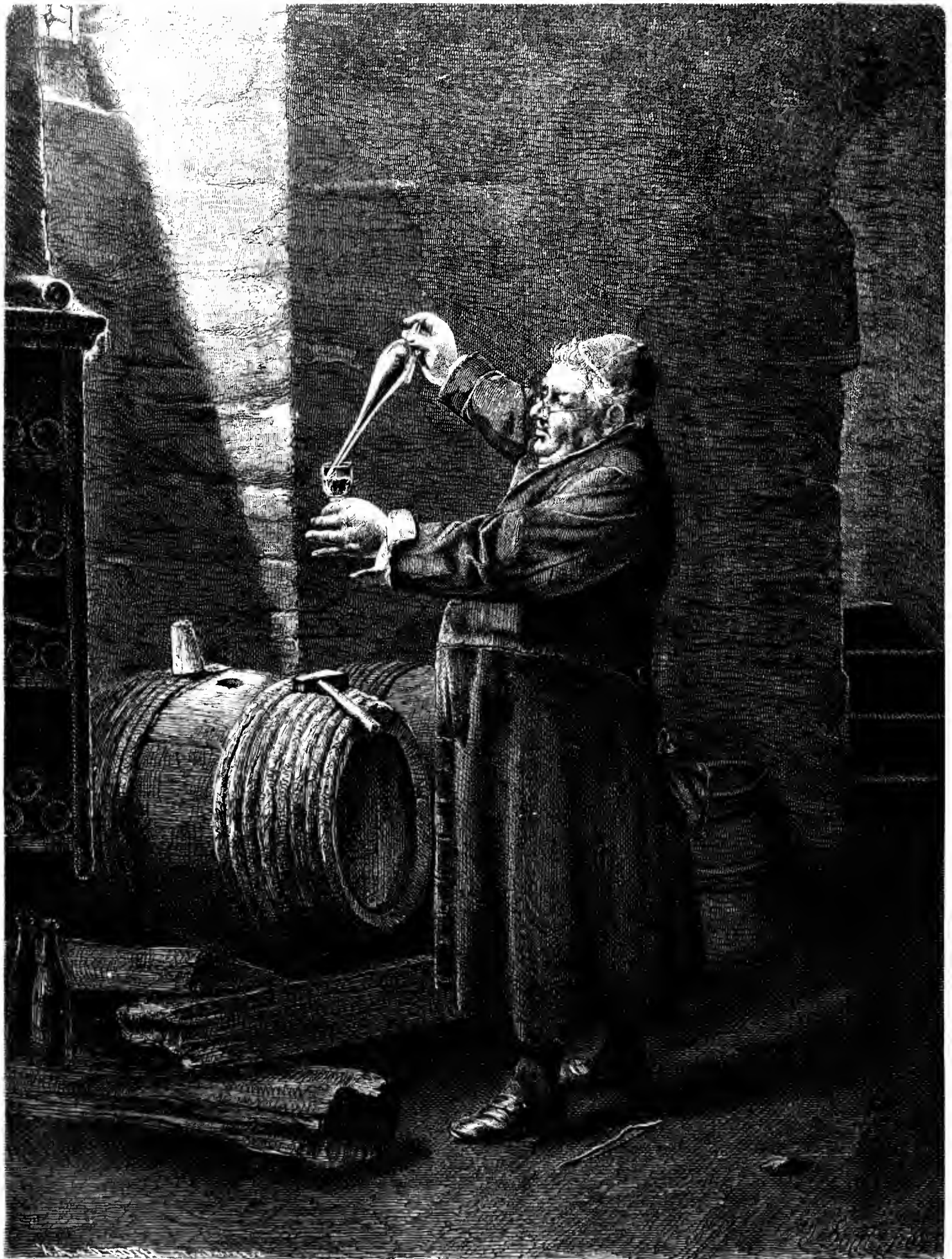
Sessão de 28 de abril.—Elegeu-se o jury para conferir as medalhas, o qual ficou composto por parte dos expositores, dos srs. Rambois, Porto-Alegre e Cinatti, e por parte do conselho, dos srs. Thomás da Fonseca, Lasserre e Sousa. Depois d'esta eleição procedeu-se á escolha das obras enviadas á exposição. Em numero de 105 foram admittidas; de 95 destinadas á venda por meio de sorteio, foram acceitas 83, sendo a maior parte dos seus auctores convidados para modificar o seu preço.

Sessão de 24 de maio.—Approvou-se a concessão das medalhas e menções honrosas, feitas pelo jury, do seguinte modo: medalhas de prata, aos srs. Leonel Marques Pereira e Manuel Maria Bordalo Pinheiro, em pintura; aos srs. Antonio Alberto Nunes e José Simões de Almeida Junior, em esculptura; ao sr. José Antonio Gaspar, em architectura. Medalhas de bronze, aos srs. Luiz Domingues de Almeida, Castro Barradas, D. Herminia Monteiro Teixeira Duarte, e Gustavo A. L. Esteves, em pintura; ao sr. Alfredo Keil, em desenho. Mercês honrosas, ao sr. José Rosado, em esculptura; ao sr. Luiz Bastos e Raphael Bordalo Pinheiro, em desenho. Tambem se estabeleceram o numero e valor dos premios para a extracção.

Em 9 de maio effectuou-se a abertura da exposição, acto a que assistiram Suas Magestades, que se dignaram distribuir os premios que na exposição anterior haviam sido conferidos.

Em 26 de maio effectuou-se a primeira extracção da loteria da Sociedade, isto é, tendo-se estabelecido 33 premios, extrahiram-se 33 nomes de socios, que ficaram sendo os premiados.

Em 28 e 29 de maio verificou-se a segunda extracção e a escolha das obras de arte expostas.



W. DESPENSIRO.



CALDAS DE VIZELLA

Caldas de Vizella é um sitio onde nascem umas aguas sulphureas, cujas virtudes são conhecidas ha bastantes seculos. As nascentes d'estas aguas existem nas duas margens do rio Vizella, a seis kilometros da cidade de Guimarães. Em cada una das margens, ligadas pela ponte que a gravura representa, ha uma freguezia; una das quaes tem a invocação de S. João, e a outra de S. Miguel, e por isso se denomina o sitio muitas vezes, Caldas de S. João, ou Caldas de S. Miguel: as duas freguezias têm, cada uma, trezentos a quatrocentos fogos; ficam a vinte kilometros da cidade de Braga.

É um valle pittoresco e aprazível, saluberrimo, e já hoje mui procurado dos achacados de varias enfermidades, que ali encontram allivio.

É fóra de duvida que as Caldas de Vizella foram conhecidas dos romanos, os quaes ahi tiyeram umas thermas, como attestam os vestigios ainda agora existentes; e alem d'estes outros ha, que recordam a existencia de uma povoação. Parece que seria no logar da Lameira onde se levantava a dita povoação, por ser ahi que se achou o fragmento da cimalha de um portico, com uma inscripção referente aos annos 81 a 90 da era de Christo. Alem d'estes outros vestigios se tem descoberto, por aquelles sitios, mostrando a permanencia dos romanos, e que por alli passava uma estrada, ou um ramal, que de Braga, por Guimarães, se dirigia para Amarante.

Do tempo dos suevos tambem consta que no sitio das Caldas de Vizella houve povoação de alguma importancia, porque se faz menção d'ella (*oculis Calidarum*) no concilio celebrado por Theodomiro, em Lugo, no anno de 569, ou era de 607.

Na freguezia proxima de S. Salvador de Tagilde, e na aldeia de Arricança, consta que nascêra o famoso S. Gonçalo de Amarante. Essa freguezia povoou e lhe deu nome Athanagildo, pelos annos de 560.

É tradição que n'aquelle sitio residira a predilecta

dama do rei D. Ordonho, Adosinda, isto por 964; e mais tarde, em 1014, tambem alli habitára o rei D. Affonso v, e sua mãe D. Geloira.

Sem nos embrenharmos mais n'estas archeologias, não ha duvida de que os romanos tiveram umas thermas, e portanto uma povoação no sitio das Caldas de Vizella. Mais tarde os invasores, vindos do norte, tambem por esses sitios estanciarão.

Parece, todavia, que com o andar dos tempos foram menos concorridas as aguas thermas de Vizella. Francisco da Fonseca Henriques, no seu *Aquilegio medicinal*, diz: «As Caldas de Guimarães estão na freguezia de S. Miguel, por ellas chamada das Caldas, distante meia legua da dita villa, em um campo baldio da mesma freguezia, em que ha sete ou oito olhos de agua, pouco distantes uns dos outros, todos quentes, mas alguns com um calor tão excessivo, que queimam. Antigamente deviam ser estas Caldas mui frequentadas, porque ha menos de tres annos (1723) se descobriu no meio d'aquelle campo um tanque de pedra de cantaria lavrada, de quarenta e quatro palmos do comprimento e trinta e tres de largo, feito com primorosa architectura, do qual brotam por diferentes partes tres caldas, ou tres fontes d'esta agua, em que sem duvida se tomavam banhos, descendo para o tanque por umas escadas, de que se tem visto um só degrau, por estar cheio de terra e coberto de agua.»

Depois o auctor do *Aquilegio* enumera as molestias em que as aguas de Vizella são efficazes, de que resultaria serem uma especie de panacéa.

O padre Antonio Carvalho da Costa, na sua *Corographia*, fallando da freguezia de S. Miguel das Caldas, diz que era abbadia do padroado real, e então apresentada pelo prior de Santa Marinha, de Lisboa, e que ali, em um lameiro baixo baldio, havia cinco olhos de agua, uns mais quentes do que os outros, e todos mui medic-

naes para grande quantidade de enfermos que se iam curar naquellas caldas.

Estes escriptores antigos não fallam senão nos olhos d'agua que rebentavam na freguezia de S. Miguel, mas conservam a denominação á outra freguezia de *S. João das Caldas*, por onde se vê, que tambem ali eram conhecidas. A *Corographia* diz que chamavam a esta freguezia S. João de Guimarães, e, no seu tempo, das *Caldas*. Aquí está a quinta de Guimarães, de que foi senhor Francisco Soares de Aragão, coutada e honrada no tempo de D. João II com parte do rio Vizella, mas que os descendentes deixaram perder, por não confirmarem as doações, desde o tempo do cardeal-rei. Era no principio do seculo passado morgado de Pedro Vaz Sirne de Sousa.

No logar da Lameira é onde existe a maior povoação das Caldas de Vizella, com bons edificios para alojamento de enfermos, tem a sua hospedaria, e uma alameda publica de bom gosto, e que é um passeio aprazível.

N'este logar da Lameira é onde ha maior numero de banhos, e entre elles o chamado banho do Sol, com duas piscinas, e cujo pavimento é de curioso mosaico calcareo.

Em alguns d'esses banhos existem as piscinas ainda do tempo dos romanos: são as piscinas do granito, abertas de mosaico embutido na singular argamassa de que usava aquelle povo.

Ultimamente a camara de Guimarães, cremos nós, incumbiu o sr. engenheiro Dejangt de estudar as aguas de Vizella, e fazer o risco de um vasto estabelecimento thermal. Em resultado dos estudos d'aquelle engenheiro, estão hoje aproveitadas, mais ou menos, cinco nascentes. Estas nascentes consideram-se divididas em tres grupos, com os nomes de Lameira e Velmenso, na margem direita, freguezia de S. Miguel, e de Mourisca, na margem esquerda, freguezia de S. João. O producto total da agua, em 24 horas, sobe a 327:000 litros, afóra algumas nascentes desprezadas.

O rio Vizella forma-se de tres regatos que nascem em Montelongo, passa pela aldeia de Arricanha e outras, e desagua no Ave, o qual desemboca no mar, em Villa do Conde.

A freguezia de S. Miguel foi patria de Manuel de Faria e Sousa, commentador de Camões. Na *Fonte de Aganippe*, Faria e Sousa celebra o Vizella n'estes versos:

Corre el Visela amado
Progresso sonoro,
O crystalino parto de uma peña,
A ser favor de um prado.

O Vizella desliza placidamente por aquelle sitio das Caldas, mas logo abaixo corre precipitado entre altos e pedregosos montes. No monte da margem esquerda eleva-se uma linda casa de campo, construida na imitação do estylo gothico. É um pequeno edificio de um só pavimento terreo, com as janellas e portas ogivacs, e cercado de uma alpendrada com suas guarnições floreadas.

Esta propriedade de tão bom gosto pertence ao sr. Vilby, negociante britannico, residente no Porto.

As aguas de Vizella são applicadas aos mesmos achaques a que aproveitam as Caldas da Rainha: têm nascentes de variadas temperaturas; e uma, como se disse acima, é tão quente, que não anda no uso. Forma um banho quadrilongo, revestido de mosaico romano; n'elle poderiam banhar-se até vinte pessoas. Tem em redor uma grade de ferro, que serve de varanda ao passeio laçado que cerea o tanque.

Concluido ali um estabelecimento thermal, com as accomodações proprias, a povoação, que já vac crescendo, ha de tomar um consideravel desenvolvimento.

J. RIBEIRO GUIMARÃES.



O SEU RETRATO

Olhos onde a ternura se derrama
Em reflexos subtis e maviosos,
Na bocca a seducção, na face a chamma,
A graça nos cabellos luxuosos.

O seio entumecido como a onda
Quando se arqueia ao rebentar em flor,
Parece que agitado se arredonda
Nas pulsações do jubilo e do anor.

É ella, é ella, — o morbido sorriso,
A languidez da fronte que se inclina,
Aquella doce luz do paraíso
Que lhe affronta o semblante, e lh'o illumina.

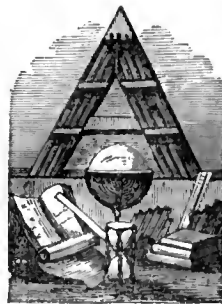
Tudo o que vejo, és tu; ai, mas a vida,
Mas tua alma, teu ser, tudo o que é meu,
Quem é que o sabe dar, rosa querida,
Sem que a aurora d'um beijo inflamme o ceo!...

E. A. VIDAL.

S. HERMANN

QUADRO DE

VAN DYCK



Antonio Van Dyck, pintor flamengo, nasceu em Anvers, no anno de 1599, e morreu em Londres no de 1641. Foi discipulo de Rubens. Depois de ter viajado pela Italia, França e Hollanda, o rei Carlos I chamou-o em 1632 a Londres, onde fixou a sua residencia. O frio acolhimento que tiveram os seus quadros historicos, obrigou-o a abandonar quasi completamente aquelle genero de pintura, em que se approximava muito de Rubens, entregando-se aos retratos, no que rivalisou com Ticiano. Trabalhava com a maior facilidade, rasão por que produziu grande numero de obras.

Desejando mostrar o seu talento em alguma grande composição, propoz-se a fazer a decoração da sala do banquete de White-hall, cujos tectos foram desenhados pela mão de Rubens; mas não obtendo esta obra, dirigiu-se a Paris para alcançar a decoração da grande sala do Louvre. Soube, porém que Poussin viera expressamente de Roma encarregado d'aquelle trabalho, e, cheio de desanimo, tornou a Inglaterra, onde pouco tempo viveu.

Van Dyck tinha menos imaginação do que Rubens, não possuía a audácia que levava este artista a tratar os assumptos mais grandiosos; no entanto excedeu o mestre na expressão, delicadeza de sentimentos e correcção do desenho. Se Rubens lhe levou vantagem no vigor e brilho do colorido, elle foi-lhe superior na verdade com que reproduziu a natureza.

O quadro — *S. Hermann*, que damos em gravura n'este numero, é de formosa composição; todas as figuras têm excellente desenho e expressão magnifica. É dos melhores que produziram os magicos pinceis de Van Dyck.

DIVERSAS NOTICIAS

===== El-Rei D. Fernando comprou ao sr. Manuel de Macedo um album de desenhos feitos por este artista, no genero dos typos que temos publicado. O habil desenhador começou já outra collecção, a que poz por título — *A vida do theatro*.

===== Francês, paizagista francez, que está actualmente sendo a admiração dos que visitam as exposições onde elle tem quadros, vivia em intima amizade com Benonville, desenhador muito apreciado pela verdade e consciencia com que executava os seus trabalhos.

Os dois amigos costumavam ir juntos para o campo e estabelecer o seguinte contrato: todo aquelle que fosse colluido pelo outro em manifesto erro nos assumptos copiados do natural, pagaria um tanto para a comunidade. Calcule-se como a exactidão dos desenhos não seria escrupulosa e minuciosamente verificada por cada um dos dois adversarios-amigos.

===== O orçamento que a assembléa de Versailles votou ultimamente para as artes em França, é o seguinte:

ARCHIVOS, BELLAS ARTES E MUSEUS

Administração central.....	36:270\$000 réis
Material.....	7:560\$000 »
Archivos nacionaes — Pessoal.....	26:190\$000 »
» » Material.....	5:868\$000 »
Estabelecimentos de bellas artes.....	78:192\$000 »
Obras de arte e decoração de edificios publicos	164:700\$000 »
Exposição das obras dos artistas vivos.....	44:100\$000 »
Theatros nacionaes e conservatorio de musica..	297:900\$000 »
Assignaturas de obras de arte.....	21:480\$000 »
Incentivos e soccorros.....	45:720\$000 »
Monumentos historicos.....	198:000\$000 »
Museus nacionaes.....	109:800\$000 »
Bibliotecas dos palacios.....	6:820\$000 »
Palacio do Luxemburgo.....	20:642\$400 »
Manufacturas nacionaes.....	145:791\$000 »
Total.....	1.212:033\$400 »

===== Abriu-se a exposição dos aguarellistas em Bruxellas. O rei assistiu á inauguração.

===== Escrevem de Vienna que no dia 10 de abril foi aberta a exposição permanente de Künstlerhaus. Contém quadros a oleo, aguarellas, estatuas e trabalhos de architectura em numero de 741 objectos. Distinguem-se entre todas as obras os quadros de genero. Esperava-se que a exposição fosse melhor.

Leubach, de Munich, Angeli e Felix, expozeram excellentes retratos; mas nota-se com pezar que a maior parte dos artistas, em todos os generos de pintura, têm mais *savoir-faire* do que originalidade, porque se limitam apenas a imitar os artistas francezes e allemães. Muitos pintores de nomeada, como Makart, Pettenkofen, Reni van Haanen, não expozeram directamente; os negociantes de quadros expozeram trabalhos que possuíam d'elles, assim como grande numero de telas de todos os paizes e particularmente de França, sendo quasi todas de pequenas dimensões, mas de artistas de importancia, como Meissonier, Troyon, Couture, Plassan, etc.

A exposição permanente do Künstlerverein do mez de abril, embora pequena, possui telas muito mais notaveis do que as da grande exposição. Um magnifico retrato de Makart, dois famosos quadros de Robert-Fleury, tres excellentes paizagens de Calame, dois quadros de Troyon, uma paizagem de Theodoro Rousseau, os *Tres mosqueteiros* de Meissonier, muitas telas formosissimas dos irmãos Achenbach e outras obras primas. Esta instituição é bem dirigida, e os amadores encontram logar lá para expor os seus trabalhos. Póde-se dizer, sem

risco de se passar por exagerado, que a exposição de abril no Künstlerverein, embora muito inferior em quantidade, excede em belleza a do Künstlerhaus, que se distingue unicamente pelo mau gosto que presidiu á disposição dos quadros, e pela quantidade de maus trabalhos collocados nos melhores logares, por effeito de protecções e compadrios.

===== Falleceu em Kensington o estatuario da academia real de Londres, Ricardo Westmacott. Tinha 73 annos de idade. Era auctor de obras muito estimadas, notando-se entre ellas *Venus e Ascanio*, o *Tocador de cymbalos* e a *Nympha e o Fauno*. Provou ser, alem de artista, bom escriptor, nas obras que publicou — *Ensaio sobre a colorisação das estatuas* e *Guia das escolas de escultura*.

===== Fez-se leilão em Londres de algumas obras de artistas francezes, as quaes foram vendidas pelos seguintes preços: *Um rebanho*, desenho a carvão, Rosa Bonheur, 56 guinéos; *Carneiros*, desenho, Rosa Bonheur, 72 g.; *Cavalleiro com senhoras*, pintura, Merle, 31 g.; *Rapariga mourisca*, Carolino Duran, 155 g.; *Uma vitella*, Troyon, 110 g.; *Joren grega*, Landelle, 56 g.; *Praia com rebanhos*, Augusto Bonheur, 278 libras.

===== No proximo mez de junho haverá em Dudley-Gallery, Egyptian Hall, Piccadilly, Londres, uma exposição de obras de arte executadas a claro-escuro.

===== O desenvolvimento das bellas artes augmenta cada vez mais na Gran-Bretanha. Em Londres, onde ha, como se sabe, sociedades de pintores a oleo e de aguarellistas, vae abrir-se uma nova exposição especialmente destinada á gravura e ao desenho. O South-Kensington, com as suas numerosas escolas, não basta á ardente actividade do povo inglez. Uma nova instituição, devida á iniciativa particular, vae servir-lhe de auxilio. Está para ser inaugurado um museu fundado por sir Antonio Brady e M. Hansard, sendo a inauguração feita com a exposição das preciosas collecções de sir Ricardo Wallace, de lord Elcho e do marquez de Westminster.

===== Morreu em Melle (França) com 85 annos de idade, o sr. Renato Francisco Roudier, celebre archeologo e numismatico.

===== A venda dos quadros, estudos e desenhos de Karl Girardet produziu a somma de 12:465\$000 réis. Vinte e cinco quadros pertencentes á collecção da baroneza de Roëil foram vendidos por perto de 90:000\$000 réis. Figuravam entre elles o quadro — *Os porcos*, de Potter, que chegou a 705 libras sterlingas; *Uma paizagem*, de Hobbema, vendida por 4:125 lb.; *Uma marinha*, de Van de Velde, que teve o lanço de 3:712 lb. O museu de Anvers comprou por 2:275 lb. uma *Quêda de agua*, de Ruysdaël.

===== O museu do Louvre fez aquisição, no leilão de Leão Cogniet, do desenho do quadro de Prud'hon — *A justiça perseguindo o crime*, que figura na sala chamada das sete chamins. O desenho está assignado e datado, e tem nas costas, escripto pela mão do auctor, o seguinte: «Esboço do quadro feito para a sala do tribunal criminal de Paris, por Pedro Paulo Prud'hon, em 1808.» Tem 40 centimos de altura e 50 centimos de largura. Foi adjudicado por 162\$000 réis.

===== Durante o verão abrir-se-ha no Louvre uma nova galeria que se denominará de *Miguel Angelo*, e que é destinada a receber as melhores esculturas que havia nos palacios imperiaes incendiados e destruidos.

===== O bufê da Grande-Opera de Paris será decorado com oito tapeçarias de Gobelin, feitas por modelos de M. Magerolles, e que medem 2 metros e 90 centimetros de altura por 90 de largura. Os assumptos das composições são: *O Cafê*, o *Cha*, o *Vinho*, a *Frueta*, os *Sorvetes*, a *Pastellaria*, a *Caça* e o *Peixe*.

===== Na occasião em que o principe Napoleão poz á venda em Londres a sua bella collecção de quadros dos mestres italianos, a imperatriz Eugenia expoz, para ser vendida, em Pall Mall, na casa de M. Davis, uma pasta contendo 45 aguarellas assignadas quasi todas por artistas não francezes. A esta collecção estava junta uma das mais importantes obras de esmalte modernas que se tem feito. É a reprodução em ouro do prato e jarro de Briot. Este objecto, comprado em 1867 por 27:000\$000 réis, obteve a grande medalha de ouro na exposição universal.

===== O *Salão* franqueou as suas portas aos parisienses avidos de apreciar objectos de arte, no dia 10 d'este mez. Desde o dia 8 que os artistas tiveram livre entrada para limpar e envernizar os seus quadros. Tem concorrido muito povo a ver a exposição. O retrato de Thiers está na primeira sala, á entrada da exposição, do lado direito. A excepção dos grandes quadros, em cuja collocação não foi observado o methodo a que foram sujeitos os demais, todas

as obras estão expostas por ordem alfabética, segundo o costume.

A escada que vai ter ao *Salão* está sumptuosamente decorada com magníficas tapeçarias, que formam um soberbo vestibulo guarnecido de flores.

O *Salão* abre-se todos os dias ás 10 horas da manhã. A entrada é gratuita aos domingos e quintas feiras: nos outros dias paga-se um franco.

Muitos quadros representando scenas da guerra foram retirados, embora tivessem sido admitidos pelo jury. Os artistas, convidados a tomar em consideração a inopportuna de uma exposição solemne dos agravos contra a Prussia, na occasião em que o governo encetava delicadas negociações para a libertação do territorio, não hesitaram em dar exemplo de moderação e patriotismo, retirando, de seu motu proprio, as obras que apresentaram.

Figuram entre os trabalhos de primeira ordem, uma paizagem de Françaes, intitulada—*Daphnis e Chloé*, a estatua de *Joanna d'Arc* por Chapu, e um *Retrato de mulher*, copia de Rembrandt, gravado por Dauguin.

Julio Jacquemart terminou, para a reimpressão do volume—*Esmaltes e camaphéus*, que vai ser publicado pelo editor Hachette, um formoso medalhão de Theophilus Gautier.

Fez-se um resguardo de madeira ao *Sansão*, de Miguel Angelo, estatua de marmore collocada sobre um dos lados da porta do *Palazzo vecchio* de Florença, que se acha bastante damnificada pela acção do tempo. Trata-se de a transportar para uma das salas do museu *Degl'uffizi*, substituindo-a por uma copia moderna em marmore.

O sr. Foucard, de Valenciennes, presenteou o museu do Louvre com um retrato de homem, por Mabuse, assignado e datado de 1524. O quadro está em perfeito eslado de conservação, e foi exposto na sala dos gothicos flamengos.

A bibliotheca do museu da industria, em Bruxellas, recebeu de um generoso anonymo que por mais de um vez lhe tem feito valiosos presentes, uma preciosa collecção de mil estampas originaes dos melhores mestres, relativas á decoraçáo, mobilia, serralheria e ourivesaria da epocha de Luiz XVI. Foram postas á disposiçáo dos operarios e dos alumnos, das 7 ás 10 horas da noite, para serem copiadas, permitindo-se o uso do papel vegetal.

Os artistas de Vienna associaram-se para fazer uma loteria cujo producto é applicado á fundação de uma caixa economica para pensão ás viúvas e orphãos dos associados. Destinam-se 5:400,000 réis para compra de objectos de arte. A loteria effectuar-se-ha a 28 do proximo dezembro. Sirva isto de exemplo.

Na igreja de Nossa Senhora da Gloria, em Aveiro, existe um quadro de bastante valor artistico, representando Nossa Senhora do Rosario. É attribuido a Grão Vasco.

O rei dos belgas fez acquisição das seguintes obras na exposiçáo dos aquarellistas: *Natureza morta e flores*, por Charette; uma *Encosta em Nimelette*, por Ligny; *Vendedor de fructa no Cairo*, por Wauters, e um *Interior de igreja em Maasslins*, por Bosboom.

Está concluido o quadro que o sr. José Rodrigues pintou no tecto da sala do tribunal do commercio. A composiçáo é allegorica. Themis empunhando a espada occupa o centro; tem á direita a cidade de Lisboa representada por uma esbelta mulher, cuja cabeça, passada pelo reflexo, está muito bem pintada, á esquerda Mercurio, symbolo do commercio. Um ramo de oliveira e a cornucopia da abundancia completam a composiçáo, que tem bonitas linhas e sobretudo grande vigor de colorido. O fundo é bem executado.

O sr. José Rodrigues está tambem pintando o retrato de El-Rei para a mesma sala.

Publicaram-se no Brazil as seguintes obras:

O drama em um acto, pelo sr. Antonio José da Fonseca Moreira—*Lagrims perdidas*.

Leitura para os sabbados, revista hebdomadaria pelos srs. bachareis Mata de Araujo e Correia Canto.

Aleijones, collecção de versos, pelo sr. Carlos Ferreira.

Resurreiçáo, romance, pelo sr. Machado de Assis. A proposito d'esta ultima obra vimos nos jornaes do Rio criticas muito lisonjeiras para o illustre litterato, que é uma das glorias do Brazil.

Bertall, o espirituoso caricaturista francez, está fazendo um album de caricaturas a proposito da ultima exposiçáo do *Salão*.

O pintor brasileiro Pedro Americo já expoz o seu ultimo trabalho—*O retrato do imperador D. Pedro I*, cuja encomenda lhe fôra feita pelo senado. A tela mede 2 metros e 80 centimetros de al-

tura, por 2 metros de largura. D. Pedro é representado de pé sobre os degraus do throno, no acto de abrir pela primeira vez a assembléa legislativa. Na tribuna á esquerda estão algumas damas, reconhecendo-se entre ellas a imperatriz do Brazil e a infanta D. Maria, que foi depois rainha de Portugal. Do mesmo lado e abaixo dos degraus do throno ha duas figuras que lembram os viscondes de Barbacena e Santo Amaro, presidente e secretario do senado.

Os jornaes do Rio de Janeiro lecem os maiores gabos a este trabalho do celebre auctor da *Batalha do Campo Grande*, encarecendo-lhe sobretudo o colorido.

A respeito do drama original em cinco actos—*A condessa do Freixial*, que subiu á scena do theatro de D. Maria II, em beneficio do actor Silveira, escreveu o sr. Eduardo Vidal, em folhetim do *Diario Popular*, o seguinte:

Quem está afeito a umas certas peças de idéas temerarias, de intuitos arrojados, de theorias extravagantes, não encontrará n'esta—*A condessa do Freixial*—o sabor acre no qual muitos paladares acham delicia. É um thema sem basofias de novidade, mas discutido gravemente. O povo e a nobreza, o andrajo e o pergaminho, duas honras,—quando são honras,—que lutam porque não se entendem. A madre silva do castello debruçou-se para o lilaz da choupana, e no dia em que se sentiu enlaçada vieram-lhe rubores do espousal, vergonhas do enlace, e teve tentações de partir com ella. Julgou que a flor era atrevida em querer subir, e esqueceu-se de reparar em quem tinha descido. D'estes esquecimentos é que muita cousa má vem ao mundo!...

O sr. Rangel de Lima, que largou a tela pela pagina do livro, tem dado de si, n'este ultimo campo, mais de um testemunho honroso. *A Condessa do Freixial* é sobretudo uma peça de sentimento. Dentro d'aquellas muralhas antigas quanto vive é de boa entranha. Póde um preconceito de raça, uma illusáo fidalga, uma limidez antipathica embaciar o crystal dos limpidos affectos; mas o que ali se nota, com abundancia, é austera e generosa virtude. Por isso no quarto acto, quando a condessa, tomando proporções magestáticas, fulmina o filho com a eloquencia que dá a virtude,—os retratos de familia, chamados a assellarem aquellas palavras, fazem lembrar os de D. Ruy Gomes, quando este, apontando-os a Carlos V, exclamava com a sobranceira de um cavalleiro sem mancha: *N'est-il pas vrai, vous tous?* As situações são de grandeza diversa, porém no fundo tem ambas o mesmo cunho severo.

Para servir de guia aos jurys que têm de julgar as obras de arte que figuram nas exposições portuguezas, publicámos uma parte de um artigo critico relativo á exposiçáo franceza denominada—*O Salão*, com a doutrina do qual artigo concordámos perfeitamente.

«O jury, segundo parece, foi severo este anno. Pela nossa parte felicitámo-lo do coração, porque nada se havia tornado mais necessario do que restituir á exposiçáo nacional o caracter de concurso serio, e substituir o direito de asylo banal, até agora concedido ao primeiro individuo que apparecia, por uma hospitalidade restricta, que só por si é uma recompensa e uma honra. O *Salão*, diga-se o que se disser, não póde ser refugio legal aberto, á custa do estado, a toda a gente que entre na carreira das artes por vocação ou por outro qualquer motivo, e n'ella prosiga conforme póde. Não é instituido para abrigar periodicamente todos os productos do pincel, do cinzel ou do buril, como a imprensa, o theatro francez e a opera não são feitos para dar publicidade a tudo quanto póde ser lido, representado ou cantado.



ARTES E LETRAS



LISBOA—JUNHO DE 1872

O palacio de Calhariz—Diogo Bernardes—Frei Agostinho da Cruz—A serra da Arrabida

I



RANDE, magestosa e ao mesmo tempo amenissima, é a serra da Arrabida.

Muito pouca gente conhece aquelle pontô de vista, uma das perspectivas mais pittorescas de Portugal. Se em certa época a peregrinação á Arrabida era enfadonha e difficil, não succede o mesmo agora, que temos o caminho de ferro até Setubal. De Setubal á serra, por mar, na primavera ou no verão, é um passeio agradável.

Em 1854 foi a primeira vez que visitei a Arrabida em companhia de A. Herculano.

Juntamente com dois amigos, J. Philippe de Soure e L. T. Homem de Brederoode, A. Herculano tomara de renda a propriedade de Calhariz, morgadio e solar do duque de Palmella, D. Pedro.

Entrando no palacio de Calhariz da Arrabida, tem-se idéa, immediatamente, do gosto e da largura do animo do seu proprietario.

Os grandes espiritos revelam-se em todos os factos da sua vida.

Tudo alli foi gisado em grande, a entrada, as salas, a capella, a livraria, os quartos para hospedes.

A capella veio de Italia e é uma obra d'arte, cujos pormenores não posso descrever de memoria, porque já lá vae um bom par de annos que estive alli pela ultima vez.

Recordo-me bem da impressão que me fez, em globo, aquella magnifica vivenda!

Cheguei n'um dia asperrimo de dezembro, depois de quatro leguas de caminho por entre pinheiraes, terreno arenoso, monotono, labyrintho intrincado, em que chegamos a convencermos-nos de que é preciso ter na mão o fio de Ariadne, para o viajante se desembaraçar d'a-

quella enredadissima meada a que os praticos chamam simplesmente—os pinheiraes.

Nem o pio de uma ave, nem o esvoaçar de um passaro. De quando em quando silvos agudos perpassando por entre a ranaria sonora. Era a rajada desabrida do nordeste rispido.

Quando chegámos á chapada onde fica o palacio, vinha caído a noite. O céu estava limpido; as estrellas com scintillação viva; frio intensissimo.

Apeámo-nos com os membros entorpecidos pela marcha e regelados pelo frio. Abriu-se a porta da casa de entrada, a casa dos veados, como lhe chamam, por estar decorada com estas peças venatorias.

Nos quartos que nos tinham sido destinados, além do agasalho, havia o luxo e bom gosto. Pouco depois entravamos na casa de jantar, onde estava a mesa servida: na vasta chaminé de marmore erpítavam grandes toros de madeira secca em lareira esplendida.

Aquelle aconchego interior, sobretudo para nós que tinhamos apanhado lá fóra a bravura do tempo, era sumamente agradável.

Depois de jantar fui até á livraria, sentei-me n'uma commoda cadeira e deitei mão de um livro. Deparou-se-me um volume de Diogo Bernardes, onde havia uma dedicatória e uma nota que se referia a seu irmão, frei Agostinho da Cruz.

Agostinho da Cruz vestira o habito de S. Francisco e passara largos annos na Arrabida. Mais uma razão para eu desejar percorrer a serra, triste refugio, durante tanto tempo, de um poeta de mimo, talvez o unico que, em Portugal, teve nas suas, embora rapidas, composições, verdadeiro sentimento e perfume mystico.

O irmão do poeta-monge, Diogo Bernardes, foi um escriptor de algum sentimento e, por vezes, de verdadeira suavidade. Escolhido, n'aquella fatal jornada d'África, para ir cantar as suppostas glorias portuguezas, levara-o o amor-proprio a aceitar empresa com que não podia.

N'essa época estava Camões em Lisboa, tinha acabado de publicar os *Lusiadas*, epinício das nossas glorias nacionaes; mas os homens do seu tempo, isto é, os emulos do genio, os ruins invejosos de todos os tempos, preferiam á *lyra sonora* do nosso Homero e do nosso Tyrteu a avena pastoril do auctor do *Lima*.

Diogo Bernardes recebia ufano a carta regia de poeta-official, deixando na sombra o principe dos nossos vates.

Caro pagou a vaidade, coitado!

Com o desbarato da nossa gente nas arcias d'África, onde se bateu com bisarria, caiu nas mãos do inimigo, e captivo, arrastado de presidio em presidio, curtiu pesados annos de saudades e atribulações de todo o genero, implorando em vão a Christovão de Moura e Francisco de Sá, em versos insulsos, o seu resgate, até que Philippe II, mirando á popularidade, remiu os portuguezes captivos na Africa.

Voltando á patria, onde as ambições fatuas lhe haviam feito suppor que regressaria coroado com os loiros da victoria guerreira e as palmas do Capitolio, apenas os seus protectores lhe arranjarão o modesto logar de *moço da toalha*, que exerceu durante o governo do cardeal Alberto.

Diogo Bernardes, ao envez de seu irmão Agostinho da Cruz, era desastrado quando entoava canticos ao divino.

Feliz, muitas vezes, nas descrições bucolicas, nas elegias e nas canções amorosas, assim que se voltava para os sentimentos celestes descambava na trivialidade das loas.

Como amostra daremos estas quatro quadrinhas que provam até que ponto era n'elle poderosa a inspiração mystica.

O poeta, tratando do estado da sua alma, rompe no seguinte epiphonema:

Alma minha, ó alma
De ti esquecida,
Por que dás á vida
De ti mesma a palma!

Ella te maltrata,
Tu traz ella corres;
Por que tanto morres
Pelo que te mata?

Quanto só deseja,
Quanto se procura,
Dou-lhe que se veja
Que vale o que dura?

Não sei d'onde vem
Desconcerto tal,
Trocar certo bem
Por mui certo mal.

Se os crimes de lesa-poesia são punidos no outro mundo, bem pôde o poeta socorrer-se a algumas das suas graciosas composições de outro genero, para redimir, com ellas, tão arrastadas sensaborias!

Em seu irmão, frei Agostinho da Cruz, o sentimento religioso era profundo e exaltado.

Agostinho da Cruz (Agostinho Pimenta no seculo) convivia com a mais fina sociedade litteraria do seu tempo.

D. Duarte, D. Alvaro, o duque de Aveiro, seu filho D. Jorge, o duque de Torres Novas, e outros fidalgos, recebiam com aprazimento o poeta, ouviam-lhe com applauso os versos, e faziam-lhe requintadas e singulares finezas.

Estas caricias da boa fortuna, tão appetecidas por uns, e tão esquivas para outros, com ser reconhecido a ellas, não podiam vencer o pendor nativo da sua alma, que engeitando as auras ridentes d'este mundo, preferia a solidão e a penitencia do claustro, prelibação, n'aquelle espirito asctico, das immarecessiveis venturas do céu.

As mais encarecidas supplicas de amigos não poderam abalar-lhe o animo, nem ter mão no desfecho de seus designios.

Concorreram tambem para este desfecho as desillusões que experimentara em certa epoca. Ao amor pelo retiro da vida espiritual juntou-se o tedio pelo mundo, pelos seus amargos desenganos e ruins vaidades.

Estou que, se hoje houvesse conventos, apesar de não terem decidida vocação pelo claustro, alguns poetas fariam outro tanto. Talvez venha a coisa quando vier o direito de associação completo. Entre as saudades de amigos e as lagrimas da familia, vestiu o habito ou antes a mortalha de S. Francisco. Á solidão do mosteiro quiz juntar a solidão do sitio.

Procurou o convento de Nossa Senhora da Arrabida, de que era padroeiro o duque de Torres Novas, e alli, na serra deserta, cortada a pique sobre o mar, que rebenta no reconcavo das rochas e no ambito das grutas, quiz, longe do mundo, elevar a sua alma a Deus!

Pensando na minha visita á serra, ao mosteiro, ás grutas dos monges: recordando os versos do poeta, que lêra nos primeiros dias que passei na Ajuda, quando era

muito moço ainda, fui deitar-me, e adormeci com mais vivos desejos de percorrer aquellas romanticas paragens, desejos que realicei no dia seguinte.

(Continua).

BULHÃO PATO.

O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

O illustre philosopho parou no meio da estrada, ergueu-se sobre os estribos, e disse com uma voz estrondosa:

— Miseraveis, sophistas, discipulos do erro e das falsas doutrinas! os vossos desvios capciosos, as vossas subtilezas escolasticas não prevalecerão contra mim... Em vão procurareis escurecer o astro que brilha na abobada dos céus, esse astro que vos esclarece, que vos aquece, que fecunda a natureza, e que, apesar das vossas blasphemias, apezar da vossa ingratição, não deixará de vos encher dos seus beneficios.

Para que preciso eu vêr essa alma que me inspira os mais nobres pensamentos? Não a tenho sempre presente ao meu ser? Não é ella o meu proprio ser? Cortae-me estes braços, estas pernas, e dizei-me se diminuístes Frantz Matheus, intellectual e moralmente? Não; o corpo não é mais que um involucro, só a alma é eterna! Ah! Coucou Peter, põe a mão sobre a tua consciencia, e olha para essa immensa abobada, imagem de grandeza e de harmonia, e depois... atreve-te a negar o Ser dos seres, a causa primaria d'esta magnifica creação!

Enquanto Matheus improvisava este discurso, Coucou Peter olhava-o, piscando os olhos com um ar malicioso.

— Bem, bem; falle assim sempre ao povo, e tudo correrá optinamente.

— Crês ou não crês, finalmente, na peregrinação das almas?

— Ora! pudera!... Verá, verá como nós vamos matar todos os prégadores d'esta terra. Não ha um só que seja capaz de fallar, assim de uma vez, tanto tempo sem tomar o folego... o bom exito é infallivel... Os outros precisam assoar-se, tosem de bocado a bocado para se recordarem do fio da sua historia... Ora o mestre bota-se por ali adiante sem parar, como se lhe tivessem dado corda! É magnifico, magnifico!

Chegaram assim á enruzilhada das tres fontes. Matheus parou.

— Aqui estão tres caminhos, disse elle. A Providencia, que vela pela sorte dos grandes homens, vae dar-nos a conhecer aquelle que devemos seguir, inspirando-nos uma resolução cujas consequencias são incalculaveis para o progresso das luzes e da civilização.

— Não se enganou, illustre doutor Frantz, disse Coucou Peter. A Providencia acaba de me segredar que é hoje dia de S. Bonifacio, quer dizer o dia em que a tia Windling, a vinva Windling, estalajadeira de Oberbronn, mata, todos os annos, um porco gordo. Chegamos pois a tempo de comer os chouriços e de os regar com a bella cerveja.

— Mas não poderemos começar desde já as nossas

predicas! Exclamou Matheus indignado das tendencias sensuaes do seu discipulo.

—Pelo contrario, tudo se concilia: a estalagem da tia Windling deve estar cheia de gente, e acharemos logo a quem prègar.

—Dizes que estarí lá muita gente?

—Com certeza. Vem sempre a aldeia em peso comer a carne assada.

—Vamos n'esse caso a Oberbronn.

—É que, ponderou o tocador, deve-se obedecer á Providencia.

Pozeram-se pois a caminho, e pelas cinco horas da tarde o illustre philosopho e o seu discipulo desembocavam magestosamente na unica rua de Oberbronn.

A animação da aldeola alegrou Matheus, que sobretudo gostava da vida do campo. O perfume dos fenos e flores que impregna o ar na epocha das ceifas, os grandes carros carregados que estacionam por debaixo das trapeiras altas, enquanto os bois, perto, descansam; os braços que se vem estender para agarrar os mólhos de feno suspensos na extremidade das forquilhas compridas e luzidias, os ceifeiros que se deitam á sombra, na frescura; o tic-tac rythmico dos debulhadores na eira, os turbilhões de poeira que sobem das tararas; as gargalhadas das raparigas que saltam nos celleiros; as figuras bondosas dos velhos, cujas cabeças brancas e osceas se inclinam nas janellas, com um barrete de algodão cobrindo o cranco calvo; o que se descobre do interior das cabanas e das casas pobres, onde se vêem estendidas meadas de cauhamo sobre as grandes fornhalhas de ferro e onde as velhas cantam uma antiga moda á creança que adormece; os cães que vagueiam e farejam quem passa; os gritos dos pardaes que se dispersam pelos telhados, ou vem mesmo pousar sobre os mólhos nos telheiros, tudo isto significava vida e fazia feliz o doutor Frantz.

Julgou-se por um momento de volta ao Grauffthal. O proprio Bruno levantava a cabeça, e muitas exclamações alegres sandaram Coucou Peter pelo caminho.

—Olé! Ah! vem Coucou Peter para comer os chouriços. Que bom! Como vamos rir! Bons dias, Coucou Peter.

—Bons dias, Karl! Bons dias, Heinrich! Bons dias, Christian! Bons dias! Bons dias!

E distribuia apertos de mão pelos que de toda a parte lhe fallavam. Todas as vistas, porém, se voltavam para Matheus, que pelo seu ar grave, pelos seus bons fatos de panno, e pelo cavallo medio e luzidio, inspirava o mais profundo respeito.

—É um cura! — É um ministro protestante! É um dentista! Diziam de si para si.

Perguntavam em voz baixa a Coucou Peter, mas este não tinha tempo de responder, e corria atrás do doutor.

Chegaram enfim á volta da rua, onde a Frantz Matheus pareceu de bom agouro o aspecto da estalagem da tia Windling.

Uma rapariga estendia n'esse momento sobre as grades de madeira da varanda a roupa da barrela. Entre as portas via-se um magnifico porco destendido e aberto desde a cabeça até ao rabo; via-se o branco das gorduras, o rosado das carnes, tudo lavado, rapado, limpo — uma lindissima e appetitosissima apparencia.

Um cão de gado, corpulento, com os pèllos longos e pardos, lambia as gotas de sangue que haviam caído na soleira da porta.

As janellas de forma antiga, uns choupos agudos que se elevavam proximo, um grande telhado saliente

que abrigava as meadas de lenha, e a capoeira onde carejavam uns frangãos coloridos, o pombal em cujo poleiro regougavam dois lindissimos pombos azues, tudo concorria para dar á estalagem da tia Windling uma physionomia verdadeiramente hospitaleira.

—Olá! Eh! Hans! Karl! Ludwig! Onde estão, mandriões? Gritou ainda de longe o tocador. Então deixam ficar na rua o sabio doutor Matheus?! Sucia de tratantes que se não envergonham de tal!

E enchia a casa com a voz, com os passos; dir-se-ia, pelo modo por que fallava e pelos seus ares importantes, que acabava de chegar um verificador dos impostos, um guarda geral, ou mesmo um sub-prefeito.

Um criado, Nickel, appareceu á porta assustado perguntando:

—Valha-nos Deus... então o que aconteceu para um barulho assim?

—O que aconteceu, desgraçado? Então tu não vês o illustre doutor Matheus, o inventor da peregrinação das almas, á espera de que tu venhas segnar-lhe no estribo? Vamos, avia-te, recolhe o cavallo, e já te previno que hei de ter olho na manjadoura, e que a tua cabeça me responde pela palha que eu encontrar na aveia da ração.

Então Matheus apciou-se, e o criado cumpriu as ordens recebidas.

Não sabia o illustre doutor que para entrar na sala commum tinha de atravessar a cozinha, de modo que foi como que uma agradável surpresa o espectáculo que se lhe apresentou ante os olhos.

Estava-se a meio caminho do enchimento dos chouriços: o fogo brilhava na chaminé; n'um aparador os pratos e as travessas brilhavam como soes; um rapaz, Miguel, fazia girar o espeto como uma maravilhosa regularidade; a sr.^a Catharina Windling, com as mangas arregaçadas até aos cotovellos, em frente de uma cella, erguia magestosamente uma grande collér cheia de leite, de sangue, de mangerona e de alhos picados, deitando tudo isto para dentro das tripas, que uma criada, Soffayel, segurava bem abertas, para que este agradável mixto podesse enche-las convenientemente.

Coucou Peter ficou como petrificado perante um tão delicioso quadro: abria os olhos, dilatava as ventas e respirava o perfume dos tachos.

Por fim com uma voz transportada disse:

—Ó meu Deus! Que bodas! Que bodas!

A sr.^a Catharina voltou a cabeça e exclamou com alegria:

—Ah! És tu, Coucou Peter? Já cá te esperava. Nunca faltas aos chouriços.

—Faltar aos chouriços? Nunca, sr.^a Catharina, nunca. Sou incapaz de semelhante ingratidão. Devo-lhes muito para que os esqueça.

Depois, adiantando-se com um ar grave, pegou na collér grande de João, mergulhou-a na cella, e examinou durante segundos a massa com uma attenção verdadeiramente psychologica.

A sr.^a Catharina enruzou os seus braços vermelhos e esperou o juizo do tocador. Este ergueu a cabeça e disse:

—Ha-de perdoar, sr.^a Catharina, mas com sua licença direi que seria bom deitar aqui mais algum leite. Não se deve poupar o leite, que é a delicadeza, como quem diz, a alma do chouriço.

—Ahi está o que eu já tinha dito, exclamou a tia Windling; não é verdade, Soffayel? Não é verdade que te tinha dito que seria bom mais algum leite?

—É verdade, bem tinha dito a sr.^a Catharina.

— Bem, agora tenho a certeza de não me enganar. Vae tu busear a bilba do leite. Quantas colhéres mais, Coucou Peter?

O tocador voltou a examinar a mixtura e respondeu:

— Tres, tres colhéres, sr.^a Catharina, e bem medidas. Que eu... no seu logar... deitava-lhe quatro.

— Pois deitam-se quatro, respondeu Catharina; vae pelo seguro.

Foi n'esse momento que ella viu Matheus, espectador impassivel d'este conselho gastronomico.

— Valha-me Deus, e eu que não tinha visto este senhor! Veiu contigo, Coucou Peter?

— É o meu intimo amigo, o sabio doutor Matheus, de Graufthal. Viajamos para recreio proprio e ao mesmo tempo para derramar as luzes da civilização.

— Perdoe-me, sr. doutor, acudiu a tia Windling. Como vê estamos enterrados nos chouriços até aos olhos. Entre, entre, e desculpe-me.

O illustre philosopho fez profundas cortezias, como para dizer: « Não ha de que, não ha de que », e ao mesmo tempo pensava: « Esta mulher é da familia das gallinaeeas, especie prolifica, naturalmente voluptuosa, que se alimenta bem. Signaes caracteristicos: olhos vivos, faces gordas, coradas, nariz, apezar de grosso, um pouco arrebitado ».

Ora acontece que o illustre doutor se não enganava completamente no seu juizo, pois que a tia Windling fôra nos seus tempos heroina de varias historias... e, emfim, de casos extraordinarios, sem fallarmos em que, apezar dos seus quarenta annos, ainda conservava uns olhos tentadores.

Matheus entrou na sala commum e sentou-se na extremidade da mesa de pinho, proseguindo n'estas judiciosas reflexões, ao passo que Coucou Peter limpava os copos e mandava Soffayel busear uma garrafa de Wolxheim para refrescar o illustre doutor.

Logo que a creada saía a sr.^a Catharina chegou-se ao tocador, poz-lhe a mão no hombro, e disse-lhe em voz baixa:

— Com que então, Coucou Peter, este senhor é teu amigo, hein?

— Meu amigo intimo, tia Catharina.

— Um bello homem, disse ella fitando Coucou Peter.

— Eh! Eh! Tia Catharina, disse este sorrindo, acha?

— Acho sim: é um homem... um homem perfeito.

— Eh! Eh! Respondeu Coucou Peter; pudera, um homem que tem terras suas, um sabio, um medico celebre.

— Um medico!... Que tem terras! Repetiu a sr.^a Catharina. Nada, tu não dizes tudo o que sabes? Porque diabo veiu elle aqui parar?

— Eh! Eh! Fez Coucou Peter piscando os olhos, a tia Catharina é fina, lá isso é! Eh! Eh! Eh! Se eu me atrevesse... mas emfim ha cousas...

Depois enxugando os copos continuou:

— Diga-me lá, ó sr.^a Catharina, o Tapihans molcero ainda por ahí vem?

— Tapihans? Exclamou a tia Windling, nem tu me falles n'elle, mesmo eu caía! O que elle queria era casar com a minha casa, com a minha horta, com as minhas varzeas, ladrão!

— Não era o homem que lhe convinha, lá isso não era, observou o tocador.



e examinou durante segundos a massa...

Soffayel subia n'esse momento a escada; a tia Catharina estava radiante de alegria.

— Bom, bom, disse ella pegando na garrafa, eu vou servir esse senhor. Deita tu nos chouriços umas quatro colhéres de leite. Coucou Peter, olha para mim, vê se eu tenho alguma coisa na cara, se tenho o cabello desarranjado.

— Fresca como uma rosa.

— Achas?

— Ora, e até cheira a morangos, sr.^a Catharina.

— A morangos? Ora essa!

Então a tia Windling limpou com todo o cuidado os braços á toalha que estava pendurada atraz da porta, pegou na garrafa e entrou na sala commum, pulando como se fôra uma rapariga.

Frantz Matheus estava sentado ao pé d'uma janella aberta, a vêr lidar as abelhas de Baumgarten, cuja colmeia lhe ficava em frente: caíam torrentes de luz por entre as roseiras floridas, e o illustre philosopho, distra-

hido por uma doce meditação, escutava o vago zumbido dos insectos que apparecem ao cair da tarde.

Foi então que a tia Windling entrou: atraz vinha Coucou Peter alegre, a rir, com tres copos seguros nos dedos.

— Á vontade, doutor Matheus, dizia elle, está cansado, faz calor, dê-me o seu capoto para eu o dependurar n'este prego.

— Esteja á sua vontade, senhor; considere-se em sua propria casa. Coucou Peter já me disse o seu nome, e o doutor Matheus é bem conhecido n'esta terra; é uma grande honra recebe-lo em minha casa.

Matheus commovido por uma acolhida tão amavel, córou, ergueu os olhos e respondeu:

—Favores, favores seus, senhora. Sinto não ter trazido um exemplar da *Anthropo-zoologia* para lhe offerecer como testemunho do meu reconhecimento.

—Por aqui apreciam-se os homens de talento, exclamou a tia Windling. Ah! eu gosto muito dos homens de talento.

Dizendo estas palavras a estalajadeira olhava-o de um modo tão meigo, que o pobre philosopho se sentiu acanhado.

—Tapihans! ainda me vem falar de Tapihans, um João Ningnem, um moleiro, proseguiu ella. Sempre ha muita má lingua n'esta aldeia! A dizerem que vamos casar-nos, só porque o vêem vir aqui beber cerveja todas as tardes. Jesus! Credo! Deus me livrasse de um homem que só tem de seu o folego de ar que respira. Para viuva basta uma vez!

—Calumnias, calumnias, não duvide, dizia Matheus. Essas murmurações não tem a menor influencia no meu espirito, porque isso seria contrario aos meus principios philosophicos.

N'esse momento o tocador encheu os copos, dizendo:

—Vamos, sr.^a Catharina, toca a beber á saude do doutor. Á sua saude, doutor Frantz!

A tia Windling não era inimiga do Wolxheim; bebeu assim á saude do doutor Matheus, como o faria um huzar. Tirou-lhe depois o capote e o chapéo desabado, e foi pendural-os n'um prego da parede.

—É preciso estar á vontade. Nada de cumprimentos. Vá lá, Coucou Peter, mais uma gota para eu ir preparar a ceia. É verdade, sr. doutor, diga-me de que gosta: carne assada? frango de fricassé?

—Qualquer coisa... é-me indifferente, respondeu Matheus.

—Qual! por força que gostamais de alguma coisa.

Coucou Peter fez-lhe entender por um signal que conhecia o prato favorito do doutor.

—Bem, bem, disse a estalajadeira comprehendendo, far-se-ha o que se puder.

E vasando d'um trago o copo olhou sorrindo para Matheus, e saiu dizendo que voltaria n'um instante.

Coucou Peter seguiu-a para fazer preparar um prato de *Kuchlen*, de que elle gostava muito, e que suppunha agradaria tambem ao illustre philosopho. Este, sentindo uma ineffavel serenidade, ficou perto da janella: ouvia-se a voz da tia Windling dar ordens, os rumores do serviço na cozinha, as idas e vindas, e elle attribuia todas as atenções de que o cercavam ao ruido que já fizera no mundo a sua magnifica obra, e felicitava-se pela ge-

nerosa resolução que tomara de esclarecer o universo.

VI

Era já noite quando a sr.^a Catharina reapareceu, fresca, risonha e preparada, trazendo na mão um magnifico candieiro de cobre, brilhante como oiro.

Enquanto esperava que chegassem os habitantes da aldeia, despejava Matheus a garrafa do Wolxheim, preparando-lhes um magnifico discurso, baseado nos judiciosos principios do sabio Aristoteles. A chegada da tia Windling mudou, porém, o curso dos seus pensamentos convincentes e luminosos.

Puzera a viuva a sua bella saia de ramagens, um pequeno collete de seda vermelha e o toncado dominigueiro, com grandes laços de seda levantados como as azas de uma borboleta.

O illustre philosopho sentiu-se fascinado; deixou-se ir na contemplação silenciosa dos braços arredondados, dos olhos vivos, e da agilidade e elegancia de movimentos da viuva.

Pará logo descobriu a sr.^a Catharina a expressão admirativa dos olhos humidos do bom doutor, e os seus labios grossos e vermelhos arquearam-se n'um sorriso.

—Fil-o esperar muito tempo, sr. doutor, — dizia ella estendendo uma toalha branca na extremidade da mesa; fil-o esperar muito tempo? repetiu com um olhar d'uma languidez que penetrou até ao fundo da alma pudibunda de Matheus.

—Cuidado, Frantz, cuidado! dizia elle consigo; lembra-te da tua alta missão, e não te deixes enecantar por esta seductora creatura.

E sentia que um arripio indefinido lhe descia pela espinha dorsal, e sem querer baixava os olhos.

A sr.^a Catharina estava radiante.

—Como é timido, pensava ella, como córa. Ah! se eu podesse animal-o! Está ainda muito bem conservado, muito bem conservado.

N'este momento entrou Coucou Peter soltando ruidosas gargalhadas. Trazia os chouriços fumegando sobre uma travessa, e nunca se víra physionomia mais alegre.

—Ah! doutor Frantz, doutor Frantz, que cheiro! que sabor! É tudo toucinho, tudo sangue e tudo nata! Imagine, tio Matheus, que já provei coisa d'uns onze decímetros; pois, olhe, não fez senão abrir-me o appetite.

E dizendo isso punha o prato sobre a mesa lentamente, com um ar de adoração; depois encostou-se á parede, desatou a gravata, abriu a camisa, desabotoou-se



—Nobre e sublime animal...

para estar mais á vontade, e soltou um profundo suspiro.

Atrás d'ella entrára a gorda Soffayel com os pratos e um grande pão de centeio ainda quente do forno. Depois de tudo convenientemente disposto, Coucou Peter, armado-se com uma grande faca com cabo de pau do ar, exclamou:

—Então que é isso, tia Windling! Sente-se ao pé do doutor. Ah! Ah! Ah! Que bom encontro foi este!

Depois arregaçou as mangas, trinchou o chouriço, e espetando um pedaço com o garfo, collocou-o no prato de Matheus.

—Mestre Frantz, introduza-me isto no seu organismo e conte-me depois.

Viu então que a garrafa estava vazia, o que o obrigou a exclamar:

—Soffayel, então! Não sabes que o chouriço gosta de nadar?

A creada envergonhada de um esquecimento saiu a correr. Como, porém, encontrasse Tapihans na cozinha, disse-lhe por mangação:

—Ah! Pobre Tapihans. Entrou-te o cuco no ninho. É melhor procurares outro.

E Tapihans, pallido e amarello, com o nariz afilado, as orelhas largas, o barrete de algodão no alto da cabeça, e as mãos nas algibeiras da sua jaqueta parda, appareceu no limiar da porta.

—Olá! És tu, Tapihans! Gritou Coucou Peter. Chegas a proposito para nos veres comer.

O homemzinho caminhou até ao meio da casa, olhou por alguns segundos para os convivas, sobretudo para o doutor e para a viuva, que nem se dignou voltar a cabeça. O nariz parecia dilatar-se-lhe, augmentar; finalmente, abrindo a bôca, disse:

—Boa noite, sr.^a Catharina.

—Boa noite, respondeu ella engulindo um pedaço de chouriço.

O moleiro não se moveu e olhou outra vez para o doutor, que tambem o olhava pensando:

—Este homem não pôde deixar de ser da especie das rapozas, raça de ladrões pouco delicados de sua natureza. Depois vê-se que algum bicho o consome; pallido, faces salientes, olhos tão vivos... maus signaes!

E bebeu sobre estas reflexões um copo de Wolxhein, que lhe pareceu delicioso.

—Porque, então, não estás ainda casado, Tapihans, hein? Perguntou Coucou Peter entre a masticação de dois bocados.

O homemzinho não respondeu, mas mordeu os beiços.

—Mais um bocadinho de chouriço, sr. doutor, mais um bocadinho, disse a viuva com ar sentimental.

—Muito obrigado, muito obrigado, respondeu o doutor commovido pelas attencões e pelos cuidados d'aquella boa creatura.

Porque, com effeito, a sr.^a Catharina enchia-lhe o copo, olhava-o com meiguice, descansava-lhe de tempos a tempos a mão sobre os joelhos, e inclinava-se para lhe poder dizer em voz baixa:

—Como sou feliz de o ter conhecido, doutor Frantz.

Ao que o bom philosopho respondia:

—E eu! E eu! Agradeço-lhe do coração a sua boa hospitalidade. É muito boa, realmente, e acredite que será da melhor vontade que eu contribuirei para o seu aperfeiçoamento.

Estas conversas cochichadas faziam amarellecer Tapihans. Por fim foi sentar-se n'um canto da casa ao pé da chaminé, e bateu sobre a mesa, gritando com voz de falsete:

—Vinho!

—Soffayel, disse a viuva com indifferença, traze vinho a esse homem.

—Esse homem! Repetiu o moleiro. É de mim que falla, tia Windling? Ainda hontem me chamava Tapihans, e já hoje me não conhece, hein?

—Pois sim, sim, eu te chamarei Tapihans, deixa estar, respondeu com mau modo a sr.^a Catharina, mas deixa-me agora socegada.

(Continua).

B.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

As tartarugas, seu desovamento e pesca.—Viagem nocturna pelo Xingú.—Caçada singular.—A perda da canoa.—Desanimo.—O ubá e o indio.—Um libertador forçado.—Travessia perigosa.



QUANTO OS movimentos ruidosos das rodas e dos helicoides dos barcos movidos a vapor não levaram o terror e o espanto ao seio profundo do Amazonas, viviam ali, em quasi placido socego, muitos milhões de tartarugas, que depois se refugiaram nos lagos numerosos e nos vastos confluentes do gigante dos rios. Era espectáculo para alegrar a vista do viajante faminto um areal do sertão, nas occasiões do desovamento, que principiava

na lua nova de outubro! Apesar de todos os sitios arenosos terem suas tartarugas afreguezadas, que annualmente lá iam depôr os ovos, havia um logar mais predilecto d'aquelle povo aquatico algumas leguas acima do rio Trombetas, nas formosas praias formadas pela embocadura do Nhamundá, onde, segundo a tradição, as amazonas acommetteram Orellana. Do Pará e de todos os pontos do sertão acendiam alli centenaes de pessoas, umas para negociar, outras por simples curiosidade, e o maior numero para fabricar manteiga com os ovos das tartarugas. Improvisava-se uma povoação com barracas de folhas de palmeira; as auctoridades dividiam o terreno em quinhões, que se distribuïam por familias ou individuos, e promulgavam um regulamento das praias, com disposições penaes severissimas contra quem perturbasse o desovamento. Nas proximidades da lua nova as tartarugas iam saindo, de noite e pouco a pouco, do rio; subiam pelo areal, a distancia das cabanas; tomavam grandes precauções para que ninguem as sentisse; abriam com as mãos curtissimas uma cova, que pela profundidade se poderia duvidar que tivesse sido feita por ellas; depunham ali de quatro até dez duzias de ovos, redondos, molles, e tamanhos como meio ovo de gallinha; tapavam o buraco; alisavam a areia em roda, de modo que não ficassem vestigios da sua passagem, e recolhiam-se ao elemento amigo e protector com a consciencia de que haviam desempenhado escriptulosamente os deveres que lhes impunha a natureza. Se uma chuva immediata ou um vento rijo vinha em seguida revolver

o chão, sumiam-se as pégadas antes que as visse o homem; a areia e o sol chocavam os ovos; e, passado o tempo necessario, a ninhada rompia o involuero, furava a dura camada, que para outros entes seria terrível sepultura, e surgia radiante á luz do astro generoso, que a aquecera no berço subterraneo.

Por maior que fosse a distancia do rio ou do lago, embora não se avistasse um nem outro do lugar onde nasciam as jovens tartarugas, não houvesse medo que ellas hesitassem no caminho, que perdessem tempo em estudar traçados ou que fizessem rodeios! A primeira que saía, partia como uma setta na direcção do elemento em que ia viver; e apoz ella seguiam todas as suas numerosas irmãs. Um instincto sublime, uma verdadeira e maravilhosa inspiração dizia-lhes de que lado estava a agua; e, apenas nascidas, corriam para ella como se fossem velhas e experimentadas camilheiras! Nada tão gracioso e ao mesmo tempo tão digno de admiração, como ver uma d'essas grandes ninhadas atravessando vastos arcaes em linha recta, na direcção da sua nova patria!

Á medida que a lua nova se approximava, as tartarugas mães iam-se tornando menos timidas; primeiro só saíam de noite e longe das barracas; depois arriscavam-se de dia; e a final não escolhiam hora nem sitio. Quando a lua começava, havia uma verdadeira invasão nas praias! Os pobres animaes, apertados pela natureza, appareciam aos milhares, cobriam litteralmente o areal, não tinham quasi tempo de enterrar os ovos, esmagavam-se mutuamente, e o ruído que faziam batendo com as conchas umas nas outras, dava idéa do que deveria ser o bater das armas e dos escudos n'uma batalha da idade media. Já não se temiam da gente que viam, nem da bulha que em outras occasiões as teria feito fugir para bem longe; arrastavam-se difficilmente, umas por cima das outras, embaraçando-se e tentando subir até onde achassem terreno desimpedido para abrir a cova e pôr os ovos; mas, cansadas de lutar, levando a todos os momentos encontrões das que, já livres, fugiam a toda a força para o rio, e apressadas pela necessidade de se alliviarem, largavam os ovos aos poucos — aqui, vinte; além cincoenta; mais adiante, dez; nem sempre acabavam de desovar, porque umas vezes lhes faltava o espaço e o tempo e outras succumbiam ao cansaço e ao sol ardente do meio dia, que as assava dentro dos cascos! esta faina durava tres dias e tres noites com maior furia; depois ia abrandando, como tinha começado, e ao fim de uma semana já não vinham outra vez senão de noite; e assim continuavam até nova lua.

Era expressamente prohibido apanhal-as, assustal-as, ou perturbar por qualquer modo os trabalhos da postura durante o tempo da lua. Quem queria comer tartarugas, ou ovos d'ellas, devia ir procural-as fóra da circumscripção marcada pela auctoridade; e não era necessario para isso grande trabalho. Fimdo o tempo da desoyação tiravam-os os ovos, empilhavam-se na praia, onde o sol os fazia fermentar, e fabricava-se a manteiga, que, mettida em potes, era mandada para o Pará, onde cada pote se vendia por 5\$000 a 6\$000 réis em moeda fraca¹. A industria da manteiga juntava-se uma outra, accessoria, que era a tartaruga cozida, ou *moqueada*², em pedaços, e mettida tambem em potes, que se acabavam de encher com manteiga. Chamava-se a este petisco (que tambem se fazia de peixe-boi) *mevira*, que, traduzido quer dizer — assadura.

¹ Antes de 1844. Hoje regula o preço de 10\$000 réis até 16\$000 réis. A manteiga ou azote de tartaruga, que é liquida, serve para luzes e para temperar a comida da gente pobre.

² O mesmo que assada.

Depois da desova as tartarugas espalhavam-se pelos rios e lagos e muitas deixavam-se ir levadas pelas correntes dos grandes rios até ao litoral do Pará. Ignoro se depois voltavam, mas parece-me que se lhes tornaria impossivel vencer a distancia de tantos centos de leguas contra a maré. O que é certo é que vi muitas em diversos sitios do baixo Amazonas, mas do rio Xingú para baixo não me recordo que haja praias onde ellas vão pôr ovos.

Sabem todos que a tartaruga de agua doce não é o mesmo que a do mar; os cascos d'esta ultima são os que se aproveitam no commercio. No Amazonas e seus confluentes ha diversas qualidades; no Xingú, a que mais abunda é a especie *Tracajá* — *Ernys Tracava*, de Spix.

Constou na minha feitoria¹, que em uma das ilhas proximas costumavam sair muitas tartarugas em noites de luar; eu e os meus tapuios só finhamos por mantimento um pouco de peixe secco e farinha de pau, e por isso nos sorriu a idéa de podermos obter carne fresca sem necessidade de perdermos horas de trabalho. Assim que chegon o primeiro dia de lua, embarquei-me com uns quatro ou cinco homens, levando cada um de nós o seu sabre, e remámos para uma ilha a que chamavamos dos — Cajueiros — porque em suas bellas praias abundavam os Anacardos. Esta ilha ficava a distancia de uns cinco kilometros para baixo da nossa barraca; a maré sente-se no Xingú e faz inchar o rio, mas pouco ou quasi nada influe na velocidade da corrente. Deitámos a canoa para o largo e deixámos-a ir ao som d'agua. Um tapuió chamado Pedro, da tribo dos mundurucús, levantou o remo ao alto e poz-se a admirar a agua que d'elle escorria, espelhada pelo clarão da lua, como se fóra um rolo de fitas de crystal. Era um poeta perdido!

Eu, que não sonhava ainda com as musas, mas que me sentia enlevado diante dos magnificos espectaculos da natureza, accendi um grande cigarro, enrolado em casca de tauari², e comecei a fumar olhando para o ceo e para o rio. A noite estava limpida e tranquillá, como são quasi todas as da America do Sul; e os cheiros suavissimos de varias plantas e flores, perfumavam deliciosamente a atmospherá e embriavam os sentidos. Os meus homens, apezar da sua rude selvageria, sentiram-se tambem dominados pelo vago sentimento que me finha, por assim dizer, em religioso recolhimento, e deixaram de conversar, accendendo os cigarros.

Durante o tempo que vivi com os indios do Brazil convenci-me de que elles nem sempre olham com indifferença para as maravilhas da creação. O sol, o aspecto do ceo estrelado, as noites serenas e o luar esplendido dos tropicos, captivam a attenção do mais barbaro habitante do Amazonas; mas o seu maior deleite é contemplar, fumando um cigarro de tauari, as grandiosas massas d'agua que por todos os lados o rodeiam.

Os meus tapuios iam, pois, calados como eu, emquanto a canoinha descia, impellida pela corrente do Xingú, na direcção da ilha dos Cajueiros. O silencio solenne que havia em torno de nós era interrompido, de vez em quando, pelos rugidos da onça ou do jaguar, pelo bramido rouco de algum jacaré, o grito de um macaco, ou o assobio de um passaro nocturno. A linha escu-

¹ Chama-se assim a cabana dos exploradores da borracha ou gomma elastica, e comquanto feitoria tenha em bom portuguez outra accepção, entendi que devia adoptar aqui a designação consagrada pelo uso no Pará.

² Do entrecasco de uma arvore, que tem este nome se faz uma especie de papel para cigarros, ao qual se chama igualmente tauari.

ra e enorme dos arvoredos desenhava-se nas aguas, da parte d'onde vinha o luar, e, apesar da distancia a que nos achavamos de terra, viam-se grandes pyrilampos, cortando em todos os sentidos as sombras densas da floresta, como se fôra uma dança d'estrellas. Aos lados da canoa saltavam por vezes alguns peixes, que a belleza da noite convidava a variar instantaneamente de elemento; moregos monstruosos, roçando as longas azas negras na lymphá prateada, atravessavam a miúdo de uma para outra margem; a nossa canoa, vogando ao som d'agua, com cinco homens immoveis como estatuas, dando por todo o signal de vida ós fogachos dos cigarros, que se moviam lenta e indolentemente cada vez que as mãos os tiravam ou levavam á bocca, completava o quadro.

A hora, o luar, o espectáculo do ceo e das aguas, tudo era propicio para despertar n'uma alma terna e juvenil lembranças e saudades da patria, da mãe, dos amigos, de quanto Deus deu ao homem para elle amar no berço e chorar depois de perdido.

Os meus olhos arrazaram-se de lagrimas, e o cigarro caiu-me da bocca... Um dos tapuios ia, provavelmente, fazer-me algum reparo ácerca da minha melancolia, quando sentimos um grande abalo, e a canoa recebeu um choque como se tivesse sido abalroada e lhe houvessem saltado dentro muitos homens. Eu e os meus erguemo-nos d'um salto com os sabres em punho.

No sertão d'aquelle prodigioso paiz é assim a vida. No meio da maior tristeza, olhamos para o lado e vemos um bugio fazendo-nos tantas e taes visagens que desatamos a rir ás gargalhadas; n'um accesso de alegria, caímos ao rio sobre um jacaré; topamos uma onça á porta de casa, ou uma cobra dentro da rode de dormir! Se nos entregamos á admiração ou ás saudades, somos levados pela corrente contra algum madeiro, que nos faz naufragar: e muitas vezes, quando pensamos em delicias e prazeres innocentes, vemo-nos forçados a lançar mão das armas para defender a vida contra inimigos mysteriosos!—A natureza está alli perfectamente de accordo com estas peripecias: vemos o ceo limpido, o ar sereno, o dia brilhante, o rio tranquillo... e repentinamente cae um furacão, como uma parede que desaba; rebentam as escotas; quebram-se os mastros ou rasgam-se em tiras as vélas da embarcação—o que é uma fortuna, porque se isto não succede o tufão mette-nos no fundo;—as aguas encapellam-se em vagas temerosas; o ceo turva-se; a chuva cae em torrentes...—mas, tudo isto passa com a mesma rapidez com que veio! É uma mutação de scena, verdadeiramente theatral! Reapparece a serenidade na atmosphera, o sol brilha no firmamento, e os aromas rescendem das selvas com mais suavidade, emquanto se tranquillizam de novo as aguas dos rios e dos lagos! Em outros logares, e em certas occasiões, não se interrompe a calmaria; não ha nevoas, nem vento, nem nuvens. É noite: está a terra inundada de luz suave e pura; a superficie do rio, immovel, como se houvera sido tocada por vara magica!... Ouve-se ao longo um trovão medonho, como o rebentar de peça de artilheria; uma vaga immensa, um rolo de muitos metros de espuma, sobe, fervendo e rugindo, pelo rio acima, levando consigo tudo quanto encontra, espedaçando as maiores embarcações, que se não acantelaram a tempo, arrancando arvores seculares n'um ponto e cravando-as n'outro com as raizes para o ar, fazendo e desfazendo ilhas, e conduzindo o pavor e a morte até ás portas das povoações! É a *porórica*, phenomeno de que muitos têm fallado, e que ainda ninguem explicou satisfactoriamente. Depois da primeira onda, veem outras duas mais peque-

nas, e, mal se desvaneece a ultima, a maré, que estava parada ou corria ainda para baixo, começa a encher com grande velocidade. A superficie do rio alisa-se quasi instantaneamente; a atmosphera permanece inalteravel; a lua resplandece com o mesmo brilho; os ventos não se moveram, e o Cruzeiro do Sul alumia com o mesmo fulgor o theatro de taes prodigios!...

(Continua.)

F. GOMES DE AMORIM.



O BANQUETE DOS DEUSES

AO MEU PARTICULAR AMIGO

J. D. DE OLIVEIRA JUNIOR

Evohé! evohé! O firmamento
era todo suave melodia,
era um mar de prazer em movimento.

Quando Venus o einto desprendia,
quando mostrava os seios palpitantes,
rescendendo finissima ambrosia,

todos então saudavam delirantes
essa filha da vaga gemedora,
a formosura que os fazia amantes.

• Evohé! evohé! Ó tentadora,
• tu, que vences na alvura as mais formosas,
• sempre bella, apesar de peecedora,

• permite que o licor das frescas rosas,
• no jardim das Hesperides colhidas,
• te perfume essas tranças preciosas.

• Vê como em ti concentras nossas vidas!...
• Teu collo é como um templo luminoso,
• onde as pombas se acolhem doloridas!

• Quando soltas o manto vaporoso,
• descem teus raios ao soturno Averno,
• e o mundo acordas embalado em goso.

• Evohé! evohé! O meu phalerno
• é para ti, que sorridente passas,
• ó prazer novo no prazer eterno!

• Embriaga-te, irmã das doces Graças,
• embriaga-te, ó mãe dos nús amores,
• ao crystallino retintim das taças! •

Assim dizia Bacco, entre os ardores
do solenne festim, embriagado
no perfume dos vinhos e das flores.

Marte acudiu ao brinde alvoroçado,
mas, esgotando a taça, ia bebendo
o ciúme que o faz desesperado.



ANT. VAN DYCK. P.

A. J. AYNE

CARLOS I (REI DE INGLATERRA).

Editores Robini & ...

Venus que o via pallido, tremendo,
enchou-lhe o coração de confiança,
como quem vae a pedra amollecendo.

Elle disse, brandindo a dura lança,
— Eu tenho no meu seio a heroicidade,
eu levo a morte, onde o meu braço alcança.

• Eu tenho no meu sangue a moicidade,
• a minha voz, no meio do combate,
• chega a fazer tremer uma cidade.

• A minha espada é como um raio, abate
• as legiões impavidas; o solo
• fica sempre tingido d'escarlate.

• Canta-me, pois, eloquente Apollo,
• ó Orpheu d'este olympico banquete,
• tu quo levas a luz de polo a polo;

• a teus pés arremesso o eapaeete,
• como dama que aos pés da divindade,
• vem depôr os rubis do bracelete.

• Vê-te no meu esendo: a magestade
• das épicas façanhas se revela
• n'esta quasi infinita variedade.

• Eia, Homero, que Iliada tão bella!
• que grandiloqua serie de poemas,
• a desenhar-se no esplendor da tela!

• — Nunca, Marte! recolhe as tuas gêmeas:
• eu nunca venderei a minha lyra,
• a troco de brilhantes diademas.

• Bem vês, a minha musa não delira
• n'essas cruentas bacchanaes da guerra;
• sobre as rosas dos tumulos suspira.

• O que ella tem lá dentro, o que ella encerra,
• a minha branda cythara plangente,
• é um perfume que não ha na terra,

• nem no ceo, nem no enxame refulgente
• das estrellas que bordam meu caminho,
• nem no fundo do mar sonoro e ingente.

• Eu não desejo a viuvez do ninho,
• nem quero vêr que o eysne moribundo
• leve ensopado em sangue o seu arminho.

• Quando eu de luz e de calor inundo
• a terra loirejante das cearas,
• tudo são hymnos no prazer do mundo!

• Não queimarei o incenso em tuas aras:
• se eu te votara a cythara eadente,
• no sangue dos heroes a macularas!

• Eu cantarei, na inspiração fremente,
• Aquelle, euja fronte geradora
• produziu a sciencia omnipotente.

• Elle é Deus, Elle é Pae! se assim não fôra
• o raio de Vulcano queimaria
• a sua mão mimosa e protectora.

• Jupiter tutelar, quem me diria
• que nos aureos festins do paraíso
• te faltassem os raios da alegria?!

• D'onde vem a tristeza que diviso?
• Nem o calor do nectar purpurino
• desabrocha em teus labios um sorriso!

• Tu não tens que tremer do teu destino,
• giram contigo as rodas do futuro;
• tudo obedece ao teu querer divino!

• Porque baixas o olhar sereno e puro
• á filha do teu Genesis dilecta,
• á Terra envolta no seu manto escuro?

• Não temas confiar-te d'um poeta...
• Deseobre-me essa magua, esse mysterio,
• que tanto te acabrunha e te inquieta.

• Bem sei eu que as saudades têm imperio
• tanto nos peitos frageis e humanos
• como n'um coração todo sidereo.

• Penetrei, descobri os teus areanos:
• teu inquieto espirito vagueia,
• como a espuma que cobre os oceanos.

• Sobem de quando em quando á tua idéa
• aquellas ruidosas aventuras,
• em que sorriu mais d'uma Galathéa.

• Quantas, ó Deus, oh! quantas formosuras,
• quantas cabeças scintillantes de oiro
• acarinhaste em languidas ternuras!

• Era a terra um vergel, era um thesouro...
• Umaz vezes qual eysne mavioso,
• e outras inda, imaginario toiro,

• has sorvido o lieôr de todo o goso!...
• tu, Deus, inda mais Deus te imaginaste
• n'esse sonhar febril, voluptuoso!

• Hoje o lyrio pendeu na sua haste...
• Debalde n'essa lyra inda dedilhas,
• se as cordas uma a uma lhe quebraste!

• Hoje a Terra não tem as maravilhas:
• a minha luz apenas alumia
• a triste pallidez das suas filhas.

• Aquelle harem de divinal magia
• abriu as suas portas marchetadas
• á turba que em redor se revolvía.

• Já se não pódem escolher as fadas,
• as virgens do sorriso d'innocencia,
• para os thóros celestes destinadas.

• E quando inda existira essa opulencia,
• um qualquer D. Juan te provaria
• que vae além da tua experiencia.

• Ó Deus, não desesperes, todavia!
• Novos mundos de goso embryonario
• hão de surgir esplendidos um dia!

• Olha em roda de ti! O estatuario
• ha de animar da chama sacrosanta
• o seu museu inerte e solitario!

• Em cada sol, que a vista nos encanta,
• a vida nova, em nova primavera,
• n'um turbilhão doirado se levanta!

• Tu terás um banquete em cada esphera,
• tu terás o noivado do infinito,
• em cada mundo um templo de Cythera.

• Fita, Senhor, os olhos, onde eu fito,
• e verás que, entre as massas luminosas,
• a Terra era um mesquinho aerolitho.

• Com a cabeça engrinaldada em rosas,
• pereorrerás, como insolfrido amante,
• uma a uma as immensas Nebulosas.

• Qual cometa de nucleo coruscante,
• has de fazer tremer os seios lassos
• no fogo de teu rosto deslumbante.

«Depois de percorridos os espaços,
«quando voltas ao throno das auroras,
«cansado enfim de beijos e d'abracos.

«coração de gigante que não ehoras,
«como chuva de fogo, hão de banbar-te
«do pudor santo as lagrimas sonoras!»

Assim cantara Apollo. O proprio Marte,
cheio d'enthusiasmo, obedecia
áquelle influxo divinal da Arte.

E o prazer borbulhava! Estremecia
todo o azul dos ethereos pavimentos
n'esse crescente delirar da orgia

Cambaleando, os deuses violentos
abraçavam-se ás deusas fatigadas,
e dormiam nos seios opulentos.

Mas no entanto, nas sombras condensadas,
ouvia-se um ruído ensurdescente,
a musica febril das gargalhadas.

Era um cantico audaz, voz inclemente,
era um hymno de guerras implacaveis,
um grito de vingança omnipoteute.

Eram filhos da terra, miseraveis,
que saíam das lobregas ruinas,
sem ter do lar os gosos ineffaveis.

Tinham no rosto a escuridão das minas,
sorriam ferozmente, como escravos
pisados pelo pé das Messalinas.

Vertiam sangue as mãos, como se os cravos
lh'as tivessem varado, n'um calvario,
em frente de juizes, vis, ignavos!

Cada qual vinha envolto n'um sudario:
eram muniás saídas da caverna,
era a raça maldita, o PROLETARIO!

Tinham na fronte escripta a raiva interna;
sabiam que era a divida tremenda,
pediam contas da injustiça eterna.

Tinham rasgado enfim a crua venda!
Quem é que os ensinava todavia?
Quem lhes mareava a luminosa senda?

Vinham da noite, a noite os envolvia!...
Mysterio que é vedado ao pensamento...
Era chegado á consciencia o dia!

Ouviu-se estremecer o firmamento,
e ao sinistro clarão da tempestade,
a deusa da razão tomou assento
sobre o throno immortal da liberdade!

Lisboa, maio, de 1872.

SOUZA VITERBO.



A ARTE NA ANDALUZIA



A historia os grandes
florecimentos artisticos
correspondem sempre
a periodos de grandes
e arraigadas ereções,
de sentimentos energi-
cos, de ideas culminan-
tes, que regem os diver-
sos modos de ser da
actividade humana.
Não é facil achar uni-
dade n'uma florecen-
cia artistica sem que
ella exista tambem na
esphera do pensamen-
to, nem se concebe a
fórma do pintor e do
estatuário senão quan-
do se acha em harmo-
nia com a sua epocha,
sendo a expressão mais
alta das aspirações com-
muns dos seus contemporaneos.

Em momentos de crise, quando
o passado se desmorona e o porvir
jaz ainda no mysterio do desconhe-
cido; quando o ideal fraqueia, falta
de vigor e de seiva, predominando o
arbitrario, a arte, embora alcançando honro-
sos triumphos e conquistando positivas victo-
rias, mostra-se incoherente e contradictoria,
sem rumo certo nem clara e concertada signi-
ficação. Modelando-se na cultura que a aca-
lora, a arte como esta, segue direcções dis-
tinctas, intentando, talvez, aproximar e
acommodar encontradas tendencias que no
futuro hão de leva-la ao abysmo da sua ruina.

Cumprem esta lei e sancionam a dou-
trina as manifestações artisticas de tres povos
differentes, o grego, o andaluz e o italiano. Ha um momento na
historia da arte hellenica no qual, inspirando-se o artista na
athmosphera que respira, executa as suas obras sujeitando-se á
idéa que mais caracteriza aquella civilisação. O grego, enamo-
rado da bella natureza, rende culto á fórma como não renderia
nenhum outro povo, e eleva a personalidade humana até á apo-
theose. A belleza plastica, o rythmo dos movimentos, o concreto
do equilibrio das partes materiaes do corpo e das forças, a olym-
pica serenidade e fixidez da expressão, a graça dos contornos, o
decoro da attitnde: eis-aqui os elementos que ha de exprimir o
mestre quando se chama Phidias, Apelles ou Polignoto.

Cinzelando o marmore que extraiu do Pentelico ou de Paros
o artista só tem em mira offerecer ás multidões simulacros do
typo humano com a aureola esplendente de luz e harmonia em
que o colloca a phylosophia.

Venus Aphrodite saindo das ondas crystallinas, nua, mas
cingindo o brilhante cinto da graça, é creação propria da escul-
ptura hellenica: todas as demais figuras, desde a Diana até Hebe,
desde Apollo e Orpheo até Endymião ou Jupiter, são simples re-
produções do padrão primitivo, modos ou phases de um conceito
unico, a belleza sob a sua relação puramente antropomorphica.

Recorra-se a quantos monumentos de esculptura chegaram
até hoje e achar-se-ha comprovada esta these. Todos os simula-
cros plasticos são, se bem attentarmos, relações distinctas de um
principio unico, o ideal da perfeição sensivel expandindo-se em
metamorphoses multiplices.

O que succede na Grecia repete-se na Andaluizia. Em ambas
estas regiões dão-se circunstancias muito apropriadas, circum-
stancias que produzem analogos resultados. Como na Attica e no
Peloponoso as paisagens que rega o Guadalquivir estendem-se de-
baixo de um céu sempre azul e cheio de bellissimos contrastes.

Extensas veigas, altas e abruptas montanhas, despenhadeiros torrentosos; as húmidas brisas do mar refrescando a aragem que descorre pela ramaria, arrancando ao bosque umbrífero mysteriosas harmonias; perfumes delicados e essências excitantes ás flores e ás plantas; espectáculos esplendidos onde a natureza ostenta as suas galas mais nobres; noites aprazíveis e sileneiosas como nol-as afligura o desejo; auroras de magico encanto, e horizontes por onde a vista se recreia com as fantasticas perspectivas que n'esses horizontes traçaram genios desconhecidos!

Habita a terra andaluza uma raça ou variedade onde se reúnem os mais oppostos elementos, o asiatico e o occidental, o romantico e o classico; são os ríspidos castelhanos, por cujas veias corre sangue celtico e germanico, euscara e visigodo, e o arabe e mauritano, rebentos vigorosos do tronco semítico que com aquelles se confundem, constituindo um modo especial da cultura iberica, que propriamente tem o titulo de mudejar.

Enthusiasmo, vehemencia, fantasia, hyperbolicos desejos, repentinos desfallecimentos, volubildade, paixão, arrebatamento, eis-aqui os rasgos que caracterisam o andaluz ao terminar a reconquista, como distinguem o atheniense nos tempos mais prosperos d'aquella republica. No fundo ha grandes semelhanças entre ambos estes povos; um e outro fundiram a sua respectiva existencia em luctas sanguinolentas, ambos rendem pareas ao naturalismo, e deixam-se guiar mais pelo sentimento do que pela reflexão.

Para o andaluz a belleza será um culto, para o atheniense foi toda a sua religião: ali Vesta, expressão mais alta da forma feminina, no seu mais puro e delicado conceito, representará a alma da Grecia encerrada no Prytaneo; aqui a igreja christiano-arabe, entre o mudejar com o simulacro de Maria, ha de constituir tambem o recinto privilegiado em volta do qual se agrupa a grei dos erentes. Respeitando toda a devoção, Maria é na Betica o que Kipris é na Attica. Desenvolveu-se a estatuaria grega em volta d'este ideal, cresceu a pintura andaluza vigorizada pela visão translucida da mãe do Nasareno. Em ambos os paizes desceja a arte sobre uma affirmação potente — a belleza — com a differença, que, n'um d'elles, concehe-se unicamente como organismo positivo e no outro como equilibrio intimo do sensível e o immaterial.

É a muitos propositos importantissima esta observação: sem ella não se explica a unidade da arte andaluza, nem é facil raciocinar sobre os seus desenvolvimentos. A Andaluza vive consagrada, em grande parte, á paixão, ao amor, á poesia, a tudo o que é bello e delicado, a quanto se accomoda áquella compleição singularissima, onde o sensualismo tende a nivelar-se com a idealidade. Desde os primeiros tempos da pintura anonyma mosarabe até á decadencia da escola de Murillo, no seculo xviii, a Virgem é o ideal que inspira todos os artistas. Conserva Sevilla preciosas estatuas da Virgem, talhadas em eburnea materia, antes da decima quarta centuria, e se a pintura decorativa se insinua em quanto conhecemos, com as Virgens de Recamador, de Coral e de Antiqua, anteriores, em Sevilla, á ruina do imperio islamista, quando a arte desfallece e se perde nos desvios da tumidez extravagante, a Bella Pastora fecha o circulo das representações figuradas da ereação mais attractiva e expressiva da religião christã. Desde Aleixo Fernandez, que florece pelos annos de 1490, até Luiz de Vargas, Céspedes, Antonio Cano e Murillo, que posteriormente illustraram a arte andaluza, não se conhece um mestre, á parte singulares excepções, que não aeuda, primeiro do que tudo, a pintar a Virgem, reproduzindo algum dos episodios da sua historia. Se as tábuas de Fernandez mostram a delicadeza com que o artista sente o thema que figura, pinta Vargas a interessante, entre o peccador e a divina justiça, com mestria verdadeiramente raphaelesca. Tem Céspedes uma Anunciação que encanta, e Cano lavrou uma «Nossa Senhora de Belem» onde se reúnem perfeições ás quaes, até hoje, não attingiu nenhuma escola nem nenhum mestre.

Harmonisam-se em Murillo todas as tendencias, correntes, qualidades e esperanças da arte andaluza: Murillo é o resumo de todos os seus precursores, e a intelligencia ditosa onde acham ecco todas as resonancias da vida andaluza. O seu ideal é conhecido, a sua inspiração não muda nunca: Murillo pintou a concepção, a summa virtude, encarnando-a no corpo mais realista e mais formoso. Como na quadra opportuna todas as neves das serras descem, convertidas em torrentes, até formarem rios caudalosos, assim tambem quando a cultura andaluza tocou a meta do seu apo-

geu, todos os esforços concentrados de cem predecessores tiveram de fundir-se n'um genio poderoso, que os acolhera diligente para os coordenar no molde da sua originalidade. A arte andaluza avanteja-se, em certo sentido, á grega, como uma civilização se sobrepõe a outra: desconhece Cleomenes o que em Murillo é verdadeiro requisito de exito, a graça moral da alma, o sentimento do amor materno, o *pathos*, a idéa cosmopolita do bem, tomando corpo n'uma creatura innocente, mãe do que se sacrifica para redimir os homens da primitiva culpa. Aphrodite é a belleza feminina, é a mulher; Maria é além d'isto, a mãe, a pureza, o casto amor, o sublime sentimento da maternidade, capaz dos mais surprehendedentes sacrificios. A Grecia desconheceu a piedade; o christianismo levantar-lhe-ia altares; a Andaluza represental-a-ia na sua forma mais delicada, sendo este culto como um perfume ineffavel votado a suavisar as amarguras do transito terreno.

Na pintura andaluza, como na estatuaria classica, a dôr é o contingente, o detalhe e o accidental. Lacoonte e os ascetas de Zurbaran servem de fundo sombrio de onde resaltam a claridade de Athenéa e a diaphaneidade da Immaculada. Tem o artista grego e o andaluz fé, robusta fé: identificados com a sua epocha são a feliz expressão das suas dores e alegrias, dos seus triumphos e fraquezas, das suas saudades e esperanças. Os templos erguidos na Grecia á mulher serão os mais egregios. A Andaluza chamar-se-ha terra de «Maria Santissima» porque em cada povo terá não um, porém muitos sanctuarios, em cada peito um altar e em cada lingua um cantor das suas glorias. Separam-n'a os montes Marianos do resto da Peninsula; Sevilla ufana-se com o titulo de cidade marial, n'ella o culto virginio alcança tão subido esplendor, que as gentes a designam com o epitheto de Roma do meio-dia, e, n'aquella ponta extrema, que, em frente da Africa, é protegida pelo monte Calpe, construíram os hespanhoes, quando Gibraltar ainda não gemia sujeita pelo leopardo inglez, um modesto e venerando tabernaculo para o enriquecer com a imagem de «Nossa Senhora da Europa».

Figurando a Virgem nasce a pintura andaluza: á sua sombra cresce e prospéra até constituir florecimento proprio, e, traçando o sympathico simulaero, conclue com Tovar e seus discipulos.

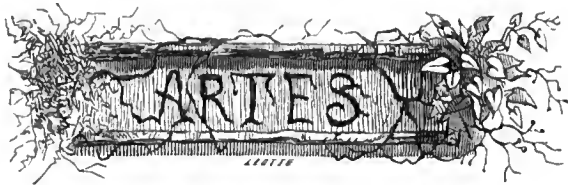
É este o momento de contrastar a arte grega e andaluza com a do renascimento classico-italiano. Encherá este varios seculos com os seus triumphos, alcançará a sua influencia até os ultimos termos do mundo civilizado, penetrará no organismo dos povos latinos, lançando n'elle profundas raizes, venerá as difficuldades technicas como nenhuma outra, moldará valiosissimas estatuas, pintará telas peregrinas, fará relevos primorosos; porém carecerá de unidade, de um fim concreto, de uma direcção constante que encaminhe os seus esforços. Falta de fé, a arte da Renascença gosa, em troca, de um abundantissimo cabedal de faculdades, de meios e conhecimentos que realçam em obra com caracteres superiores e perfeições inauditas. D'este modo se explica como, querendo-se reproduzir o ceu catholico, se encerram as imagens piedosas nas linhas do panagismo: como ao lado da castissima donzella que morre no circulo romano, se ostenta o lascivo episodio de Psyk e Cupido. O Christo da Minerva, produção da facundia descommunal de Buonaroti, mais do que ao Redemptor se assemelha ao Meleagro da fabula; o Juizo, da Capella Sixtina, é um torpe insulto estampado no rosto da moral evangelica; o Moysés de S. Pedro *in-vincoli*, em vez do legislador israelita dir-se-ha o Briarco da mythologia! Concupiscencia e fantasia, forma de modelar robusta e expressão equivoa, desenho magistral, riquissimo colorido, movimento, exuberancia, composição acertada, sensibilidade, eis-aqui a arte da Renascença: todavia não busqueis n'ella unidade e harmonia, porque não lograreis descobri-la.

Serve a arte grega os fins superiores da civilização que a cerea; é a arte para os andaluzes o meio de significar os seus sentimentos religiosos; a pintura e a esculptura são um complemento do ensino sacerdotal: na Italia os artistas attendem ao agrado dos sentidos e á satisfação de necessidades terrenas engendradas pelo fausto e refinamento dos prazeres e das prescripções da moda. O andaluz não esquece um instante que Deus lhe outorgou a inspiração para que as suas obras fossem offerendadas a seus altares; o italiano sustentará praticamente a doutrina da arte pela arte, o exercicio da arte cortezã, aristocratica e leviana que procura os effeitos, não pela sublimidade da idéa, mas

pelo accordo do claro e escuro, a magia do colorido e a belleza das linhas.

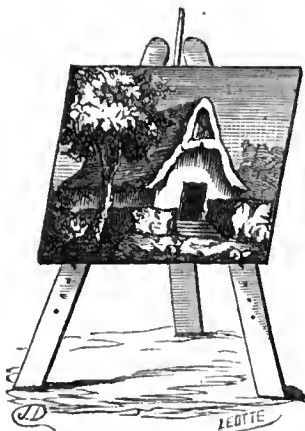
Seria violento o pensar que formulámos uma censura; não foi esse o nosso proposito n'esta occasião. Queríamos explicar um successo, dar a chave de um problema, mostrar a idéa superior sob cuja disciplina se relacionam factos complexos, entre si ligados por tenues e intimas analogias. Aspiramos, n'uma palavra, a bosquejar o verdadeiro conceito da arte andaluza, as leis que a regem, o principio que a vigorisa, a tendencia que a domina, dando a razão das suas glorias, de tal modo ordenadas que em si mesmas levaram o germen da sua ruina, filha, no seculo xviii, não só da propria fraqueza, producto, em grande parte, do concreto e esclusivo do seu ideal, mas tambem do tyrannico imperio dos acontecimentos geraes que produzem em toda a raça latina nma crise de verdadeira decadencia.

FRANCISCO M. TUBINO.



PRESTES A COMBATER

QUADRO DE C. KRONER



MANHECE esplendido um dia do outomno. O sol, despontando no horisonte, inunda de luz as gotas de orvalho, que brillham como perolas sobre as arvores frondosas. Não corre a mais leve aragem. Ouve-se apenas o trinar suave dos passarinhos que saltitam por entre os densos mattagaes. De vez em quando soltam-se dos troncos algumas folhas vermelhas e doiradas, que vêm atapetar o chão ainda humido.

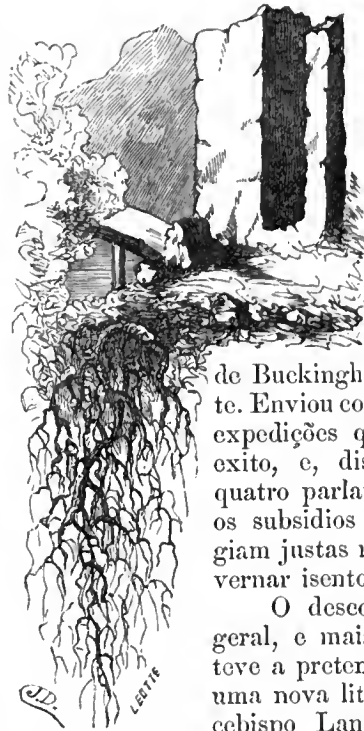
Um berro forte e prolongado fere-nos de repente o ouvido, e, volvendo o rosto, vemos entrar na clareira proxima um formidavel veado. Aquelle berro terrivel é o prenuncio de um desafio. Do outro lado aproxima-se outro veado robusto, sobranceiro e bem armado, como que cheio de confiança na sua força e coragem. É de certo um conquistador. Vem com a mira nas corças gentis que formam o harem do senhor d'esta parte da floresta. O provocado reconhece immediatamente o perigo e prepara-se para a defeza. Lucta feroz e medonha, lucta sem tregoa, e da qual ha de infallivelmente resultar a morte de um dos combatentes, vae começar.

É n'esta occasião que o pintor C. Kroner representa os dois impavidos inimigos. É graciosa e animada a formosa composição do distincto pintor de animaes. Ambos os veados têm excellentes desenho e exprimem perfectamente a situação em que se acham. A paisagem que lhes serve de fundo é deliciosa.

Emfim, o quadro denominado pelo seu auctor — *Prestes a combater*, é obra completa a que o primor da gravura que o reproduz no nosso numero, dá grande realce.

CARLOS I

QUADRO DE VAN-DYCK



MA das paginas mais tristes da historia da Inglaterra é sem duvida aquella em que se acha registado o tempestuoso dominio de Carlos I.

Subiu este monarcha ao throno em 1625, tendo de idade vinte e cinco annos. Como seu pae, deixou-se governar, durante os primeiros tempos do seu reinado, pelo duque de Buckingham, antigo favorito da corte. Enviou contra a Hespanha e a França expedições que tiveram o mais infeliz exito, e, dissolvendo successivamente quatro parlamentos que lhe recusavam os subsidios que desejava, o lhe dirigiam justas reclamações, pretendeu governar isento de alheios conselhos.

O descontentamento do povo foi geral, e mais augmentou quando o rei teve a pretensão de impôr a todo o paiz uma nova liturgia estabelecida pelo arcebispo Land. O parlamento, convocado para suffocar as desordens que affligiam o reino, longe de proteger o soberano, constituiu-se juiz de seu procedimento, condemnou á morte o primeiro ministro Strafford e reuniu contra o proprio rei um exercito, á frente do qual collocou Essex e Cromwell. As tropas reaes foram batidas em varios recontros, e Carlos I, que se refugiára na Escocia, foi entregue aos revoltosos pelo povo escocoz. Julgado pelo parlamento, foi condemnado á morte como tyranno e executado em 1649, defronte do palacio de White-Hall, soffrendo a pena que lhe infligiram com a maior serenidade e presença do animo.

É um dos muitos retratos d'este rei, pintados por Van-Dyck, a estampa que damos em gravura, retrato de magnifica expressão e que tem a nobreza e altas qualidades artisticas que distinguem todas as obras do celebre flamengo.



OS DOIS PEQUENOS

O maior é pae do mais pequeno.

Não andam de lucto, porque isso entre elles não se usa; mas ficaram sem pae ha seis mezes, e ha seis mezes que ganham a vida. O mais novo vende fructa, broinhas de milho ou bolos de bacalhau: o mais velho vende jornaes.

Cada um segue a sua lida; e quando o mais velho encontra o mais novo, brilham-lhe os olhos de alegria de o ver sereno, quieto, com o seu cestinho do negocio; se é de verão, conversam por um momento na rua, diz-lhe uma graça, ou compra-lhe uma laranja para repartir metade com elle; se é de inverno, aquecem-se juntos á porta de um forno, recolhem-se um momento n'uma escada, depois cada um corta por seu lado, á chuva, atravessando o frio e a lama; ao partir, ás vezes, o mais velho abraça o outro, estende uma parte da blusa, pega no nariz do irmão, e diz-lhe:

—Assôa!

Alegres, descuidados, não ha rua na cidade por onde não passem, de pregão na bocea, barrete á zamparina, roçando um dedo pelas paredes.

Têm os corpitos de frageis creanças, e já um tanto de caras de homens. Braços de nada, que parece que estalam nos cotovelos; enfesaditos sempre, figurando menos idade que a que têm, e, ao mesmo tempo, semblante já de expressão marcada, o seu quê de physionomia: — é a experiencia que lhes dá

isso, a experiencia que vão tendo da vida. Provaram, ao nascer, do fructo da arvore da sciencia, esses dois pequerruchos; isso que o mais velho tem na mão, é uma laranja, e tambem é de alguma fórma o fructo da arvore fatal, que com o orgulho e a ebriedade de ganhar o pão desde creança dá a saciedade e o tedio das coisas.

Ambos elles gostam de passear. Presam e frequentam os divertimentos gratuitos; em alguém se atirando de qualquer muralha, já elles vão depois ver o cadaver; o render da guarda do Terreiro do Paço dá-lhes tal ale-

gria que não ha fibra em seu corpo que não lhes ande a bailar, só de pôrem na idéa aquelle rega-bofe; e em ouvindo a bulha da musica, de todas as bulhas a que mais adoram, é como se os tambores lhes subissem á cabeça que nem aguardente!

Têm força physica e energia moral. Correm desde o romper do dia. O mais velho é o sabio, é o poeta, é o pae, é o tudo; ainda de noite já está na rua dos Calafates a comprar a sua porção de *Diarios de Noticias*, e no largo de S. Roque a prover-se de *Diarios Populares*; honradissimo nos seus negocios; homem de pala-

vra; o que aquillo diz é uma escriptura; papeis cá, dinheiro lá, — e toca a correr com a aurora e a acordar bem a cidade n'um berreiro que chega logo ao *si* antes do *sol*:

—O *Diario de Noticias*, o *Diario Popular*, a 10 réis!...

Come e bebe do jornalismo, veste-se da letra redonda, nutre-se da imprensa; — vive da luz, como a salamandra!

Um está condemnado aos bairros tristes, o outro paira nos sitios alegres; o pequeno anda da rua do Arsenal á Ribeira, o mais velho é todo ruas da baixa, largo do Pelourinho, e Chiado; o Chiado sobretudo é-lhe preciso, gosta d'aquelle ar, e de vender o jornal áquelles senhores; quando vae no caminho de ferro com passagem gratuita, chega a assalta-lo por ahi fóra uma tal saudade do Chiado, que, para não desatar dois repuchos pelos olhos fóra, tem de gravar com uma navalhita nos baneos do wagon, ou, pelo menos, nas abas do casaco de algum sujeito que apanha descuidado ao seu lado, esse nome do Chiado que representa o bair-

ro elegante, o que elle desejaria de preferencia áquellas paragens longinhas, onde vae espalhar os jornaes, os costumes e as *piadas* novas de Lisboa!

Os vadios da cidade olham ás vezes, admirados, para essas creanças, que souberam conquistar o seu lugar e o seu pão n'este mundo; mas os dois pequenos vão seguindo o seu caminho, e largando o pregão, sem fazer caso da pasmaceira, que abre, ha seis mil annos, a bocea e os olhos da ociosidade ao avistar o trabalho.

JULIO CESAR MACHADO.



CHRONICA DO MEZ



AMINHAMOS pela vereda da civilisação, é verdade, mas de vagar, parando de vez em quando, como que para não chegarmos cansados.

Olhamos para as demais nações da Europa, e vemos umas a andar depressa, outras a correr, e nós, sem alterarmos o passo, contentamo-nos apenas com o innocente gostinho de encarecer e invejar aquelle exercicio proveitoso.

Resulta d'esta nossa boa pachorra, começarmos a fazer uso dos uteis descobrimentos ou das modas agradaveis, quando tudo é já velharia nos outros paizes. Em toda a parte, por exemplo, o gosto pelas flores está ha muito desenvolvido; em Lisboa ha apenas um ou dois annos, que principiam a desaparecer de certas varandas os craveiros, as roseiras e os

vasinhos de mangericão, para serem substituidos pelas plantas formosas que hoje communmente se encontram sobre as elegantes *étagères* que adornam os gabinetes.

As ramilleteiras de Paris são ainda, para os que nunca visitaram a capital da França, uma especie de entes fantasticos ou sobrenaturaes. Lê-se com a maior curiosidade e escuta-se com verdadeiro enthusiasmo a descripção d'essas creaturinhas freeseas e gentis, que andam pelas ruas offerecendo ramilhetes e sorrisos.

No emtanto a industria das flores não é das que se têm dado peor com os ares de Lisboa. Os periodicos annunciam n'um bello dia a abertura de uma elegante venda de flores em tal sitio; no dia seguinte fallam da abertura de outra venda ainda mais elegante e tendo plantas não menos mimosas. D'ahi a pouco vê-se no Chiado e nos salões dos theatros, uma especie de sicarios, de melenas sobre os olhos e cigarro atraz da orelha, trazendo nas mãos negras e calosas, uns cabazinbos franzinos que contêm camelias e raminhos de violetas. A este tempo havia-se creado uma associação de agricultura, com o util empenho de abrir exposições annuaes de flores, offerecendo premios aos concorrentes que melhores productos apresentassem para os seus certames e convidando-os com o maior numero de attractivos, a fim de lhes desenvolver o gosto. E eis-ahi como nós nos aproximámos, quasi no fim do seculo em que vivemos, de uma estação do progresso aonde as demais nações chegaram ha immenso tempo.

A Associação de agricultura, faça-se-lhe justiça, não quer parecer estacionaria; procurando melhorar sempre as suas exposições, inaugurou a d'este anno com um luzido baile de subscrição, a que assistiram algumas senhoras da primeira sociedade e muitos homens, e onde se dançou com animação até a madrugada. A exposição estava curiosa, a mata offerecia agradável aspecto, de sorte que, a troco de uma bagatella, entreinha-se a gente durante uma longa tarde de junho entre flores de todas as especies, algumas das quaes pagavam, de bom grado, aos visitantes, os meigos olhares que estes lhes lançavam.

O Passeio Publico, outra exposição de flores de todas as especies, já illumina de noite as suas ruas, franqueando-as aos que não desgostam de passear duas horas ao ar livre, ouvindo alguns trechos de boa musica.

Como nos outros annos, o Passeio tem ainda as suas noites de calor official. Nas demais não se vê quasi vivi' alma.

Qual será a razão da grande concorrência n'umas noites, e do completo abandono em outras? pergunta muita gente.

Eu presumo conhecer o motivo.

Poucas pessoas comprehendem as illuminações do Passeio como ellas verdadeiramente são. Custa dinheiro a entrada, não custa? Logo, ir á noite para o Passeio deve ser um divertimento. Eis o raciocinio de quasi todos, succedendo, naturalmente, aos que vão ali para se divertir, saírem de lá aborrecidos.

Mas o Passeio não é divertimento, é apenas um sitio onde

ha bom piso para andar, onde cada um se encontra com os amigos e conhecidos, se assenta quando está fatigado, toma neve ou cerveja quando tem sede, ouve tocar, de vez em quando, uma ou outra harmonia das meliores operas; emfim o Passeio é um ponto de reunião aceiado, illuminado, cheio de arvores, com algumas commodidades, para onde se entra quando ha vontade, d'onde se sae quando se quer, dispendendo-se apenas a mais pequena moeda de prata que ha cunhada no paiz. Encareim o Passeio d'este modo, digam-me se em vez de se deitarem ás nove horas, não vão para lá todas as noites.

Uma das ovações mais brillantes que se tem feito nos theatros portuguezes, foi a que a actriz Emilia das Neves, e alguns dos seus collegas, receberam em a noite da sua despedida do theatro de D. Maria II.

Não houve flores, nem versos, nem certos festejos conventionaes que antecipadamente se preparam para obsequiar os actores que se estinam; a ovação consistiu em applausos continuados e phreneticos, em abraços apertadissimos trocados entre os artistas e as pessoas, que, no auge do enthusiasmo, invadiram o paleo; em vivas levantados pelos que acompanharam Emilia das Neves ao seu domicilio, para lhe significarem as saudades que tinham de a ver afastar-se da scena.

A commoção que se apoderou da grande actriz quando viu tantas provas de affecto pelo seu talento, é indescriptivel. No paleo tradziu com o gesto grandioso que todos lhe conhecemos, a profunda magoa que a acompanhava n'aquella hora augustiosa, e a gratidão que votava aos obsequios que lhe dispensavam. Da sua janella expressou por palavras entrecortadas de lagrimas, iguaes sentimentos e o legitimo desejo de que não seria aquella a última noite em que obtéria do publico tão agradaveis demonstrações de estinua.

Não foi de certo a última noite. Eu confio em que ainda tornarei a ver Emilia das Neves n'um dos theatros de Lisboa. Não estamos nós tão ricos de bons artistas, que possamos deixar no esquecimento um dos meliores.

Recebi do Rio de Janeiro tres interessantes livros de que vou fallar com muito prazer. Intitulam-se *Resurreição*, romance pelo sr. Machado de Assis; — *Alcyones*, poesias pelo sr. Carlos Ferreira, e — *Nevoas matutinas*, versos do sr. Lucio de Mendonça.

Deseja o auctor do romance *Resurreição*, que a critica lhe diga se alguma qualidade o chama para o genero de litteratura que ensaia na sua nova publicação, ou se todas lhe faltam, porque n'este caso volverá para outro campos em que já tem trabalhado com approvação, cuidados e esforços.

Não devo abalar-me a satisfazer o desejo do sr. Machado d'Assis no tom solemne de critico encartado, porque o não sou, nem desejo ser; entretanto, se o distincto litterato brasileiro se contenta com a opinião franca e sincera de um simples trabalhador, que só tem o merecimento de deajar acertar, dir-lhe-hei que continue a eserever romances, muitos romances, porque se estreou com um de grande interesse e optimas condições litterarias, que pôde servir de lição e modelo a muitos escriptores do genero.

De entre as qualidades boas que exornam a obra do sr. Machado d'Assis, sobresae uma que mal se pôde definir e que tão rara é de encontrar em grande numero das publicações modernas: — a que nos prova, da primeira á ultima pagina, que o livro é escripto por um litterato.

O volumê de poesias que o sr. Carlos Ferreira denominou — *Alcyones*, contém magnificas composições, não isentas de defeitos, porque não ha obra humana que os não tenha, mas em que os vestigios de um bom talento saltam mais depressa á vista do que as culpas que a critica inexoravel possa porventura imputar-lhe.

Os *fantasmas*, a poesia a Carlos Gomes, *A casa silenciosa*, *Idyllios*, *Mazeppa* e *Uma scena do serralho* são, quanto a mim, inspirações brillantes, em que se vêem perfeitamente unidos os dotes naturaes de poeta ás investigações indispensaveis aos que procuram cultivar esses dotes.

Nevoas matutinas chamou o sr. Lucio de Mendonça a um grupo de poesias cheias de sentimento e naturalidade, por vezes tão melancolicas e sombrias, que mal deixam ver, atravez da espessa tristeza que as envolve, os verdes annos do auctor.

É livro muito festejado no Brazil, e que não o seria menos

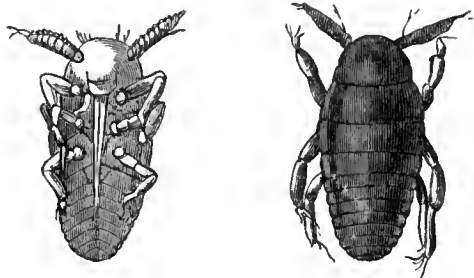
em Portugal se fosse bem conhecido. Os homens deviam apreciar-o porque é de fácil leitura e entretém o espirito; as senhoras haviam de adorar-o, porque falla muito de amores sem ser piegas, expõe simples pensamentos sem ser trivial, e é confidente dos mais intimos sentimentos do auctor sem ser ridiculo.

Quatro publicações portuguezas recebi tambem, as quaes passo a registar.

— A these do sr. Theophilo Braga, defendida por este erudito litterato no concurso a que se procedeu para o preenchimento da cadeira vaga no Curso superior de letras, folheto cheio de interesse e que mostra evidentemente os estados serios a que o seu auctor se tem dedicado.

— Um livro do sr. Oliveira Junior — *Novo flagello das vinhas*, obra que não aconselharei ás senhoras que leiam, visto que nenhum interesse lhes desperta, mas que os homens, mais ou menos dados aos assumptos agricolas, devem conhecer, pois que trata de uma questão importante, que preoccupa o espirito dos vinhateiros de toda a Europa, e por isso muito de perto diz respeito a um paiz cujo principal commercio é o dos vinhos.

A affabilidade do sr. Oliveira Junior devo o poder publicar, como objecto de enrosidade para os leitores d'esta chronica, o desenho que abaixo vae, e que representa o *Phylloxera* das raizes da videira, em ponto muito maior que o natural, visto de dois lados.



Sobre a vida e particularidades d'este individuo feio e antipathico, que ameaça o mundo com a destruição completa da obra de Noé, encerra o livro do sr. Oliveira Junior importantes revelações de todo o ponto curiosas e proficuas.

— *Guia do amador de bellas artes*, luxuoso volume publicado no Porto pelo sr. D. M. M. Guimarães, cavalheiro instruido, que tem viajado muito e que professa o mais ardente amor pelas artes.

Este livro, além de excellente roteiro para os que viajam em Portugal, traz numerosas indicações para aquelles que tiverem de peregrinar os principaes paizes da Europa.

O seu auctor socorreu-se aos melhores escriptores, principalmente para a indicação e apreciação das obras de arte que cita; raras vezes dá sobre ellas opinião sua, o que é prova da grande modestia de que é dotado. Acompanha o livro um excellente mappa da rede dos caminhos de ferro da Europa, muito conveniente para quem viaja.

— *Album theatral*, a ultima das obras a que me referi, é o primeiro folheto de uma serie de peças faccis de representar em sociedades particulares ou em familia.

Contém este folheto a engraçada comedia — *Duas lições n'uma só*, vertida habilmente do francez pelo sr. Duarte e Sá, e representada em diversas epochas no theatro de D. Maria II.

Precede a comedia uma introdução do sr. visconde de Castilho, em que o eminente poeta se dirige ao publico, apresentando-lhe utilidade da nova empreza, e aconselha os editores a que tenham o maior eserpulo na escolha das obras que vão publicar, para que ellas não contenham esses *venenos moraes e litterarios*, que se encontram tantas vezes nas peças representadas em os nossos theatros.

Sigam os editores os judiciosos conselhos do illustre poeta, que não se hão de arrepender: todos sabem que em assumptos litterarios ninguem os dá melhores.

No meado d'este mez publicou-se o numero programma do novo periodico — *Diario illustrado*, folha adornada com gravuras nacionaes e estrangeiras, collaborada por alguns dos principaes

escriptores portuguezes e dirigida por pessoas provadamente habitadas para os diversos ramos de que se encarregaram.

E com o mais sincero jubilo que annuncio uma publicação, que, por todas as razões, deve ser um poderoso incentivo para o desenvolvimento do gosto pela leitura e pelas artes, honrosa e util propaganda em que a revista — *Artes e Letras* se empenha desde o seu começo.

Desejo, pois, ao novo collega, todas as fortunas e prosperidades de que é, por muitos respeito, merecedor.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

==== Com o titulo de *Diabretes* vae sair á luz no Rio de Janeiro uma publicação similhante á das *Farpas*.

Auras matutinas é o titulo de um volume de poesias dado a lume pelo sr. Hypólito de Camargo, estudante de direito em S. Paulo (Brazil).

Idyllios é o nome de um volume de versos publicado pelo sr. doutor Caetano Felgueira, livro que tem sido um verdadeiro acontecimento litterario no Rio de Janeiro.

Do sr. doutor França junior publicou-se a comedia em um acto — *Typo brasileiro*.

No primeiro numero do novo periodico do Recife — *O momento*, começou o distincto litterato Cesar de Magalhães a publicar um romance denominado — *Ella por ella*.

Com o titulo de *Lyra christã* vae publicar-se na Bahia um volume de versos do sr. Brazileiro Dias.

A respeito do livro — *Scenas populares*, do sr. Juvenal Galeno, do Brazil, publicou o sr. conselheiro José de Alencar a seguinte carta:

« Meu presado collega. — Recebi e cordealmente lhe agradeço os seus dois mimos litterarios, as *Scenas* e as *Lyras*.

« O primeiro já o devorei; e confesso-lhe que ha muito tempo não leio paginas que me causassem tão intimo prazer. Parecia-me que estava no Ceará, na formosa praia do Mucuripe, entre as palhoças de pescadores, á sombra dos cajúes, onde tantas vezes fui em ranchos de familias a improvisadas pescarias.

« Outras vezes me suppunha nas *Pedrinhas*, quando ella era fazenda de criação, e iamos lá assistir á feira do gado; tinha eu então uns sete annos.

« Creia-me. Livro tão original ainda não se escreveu entre nós; e o Ceará deve lisongeiar-se de ter quem lhe dê na litteratura patria um lugar que não tem outras provincias mais ricas e adelantadas em progresso material.

« Continue pois a colligir as nossas tradições e illustrar o nome cearense.

« Com estima e verdadeiro apreço — de v. s.^a admirador e patriocio affectuoso e obrigado. — José de Alencar. — Em 31 de março de 1872. »

O editor do Rio de Janeiro, o sr. Garnier, publicou um interessante livro intitulado — *Supremacia intellectual da raça latina*, resposta ás allegações germanicas, pelo astronomo Emmanuel Liais, vertido pelo sr. Abranhes Gallo, que precedeu a traducção de algumas linhas bem elaboradas.

Lagrimas do coração é o titulo de um novo volume do sr. Sylvio Duarte.

==== O museu de Sout-Kensington, em Londres, abriu no 4.^o d'este mez uma exposição de antigos instrumentos musicos, anteriores ao seculo xix. Entre os objectos raros d'este genero, encontram-se uma incomparavel rebeca de Stradivarius, denominada — *A donzella*, um violoncello do mesmo mestre, famosos cravos emprestados pela sr.^a Erard, flautas Luiz xiii, bandolins, gaitas de folles Luiz xv, e as batutas de Mozart e de Rossini.

==== A exposição organisaada em Liège pela Sociedade de Emulação contém 393 obras, entre as quaes se citam como primeiras, duas telas do sr. Gallait — *Montaigne visitando Tasso* e — *A familia do pescador*. São tambem notaveis os seguintes quadros — *Jaqueline e Isabel da Hungria*, pelo sr. de Vriendt; — *Isabel de Inglaterra*, pelo sr. Soubre; — *A ruiva* e — *Uma visita á creança doente*, pelo sr. de Groux, e diversos trabalhos de Cermak, Landelle, Stallaert e de Wilde.

==== O conselho municipal de Paris resolveu, em sessão de 27 de maio, que era occasião de desenvolver as classes de desenho,

com especialidade as de desenho geometrico, e de animar os aprendizes que frequentam as escolas nocturnas; que uma parte da reserva inscripta no art. 21 do cap. xi do orçamento de 1872 seja empregada em subsidiar as sociedades que contribuirem para dar á aprendizagem em Paris esclarecida direcção: finalmente, que uma escola de aprendizagem seja creada como ensaio e typo para servir de exemplo, sobre as bases indicadas no relatório feito pelo sr. Bendaud.

Quem nos dera por cá d'estes incentivos!

==== Leopoldo Flameng encarregou-se de illustrar o ultimo livro de Victor Hugo — *O anno terrivel*. O talento do artista, segundo escreve um jornal francez que temos á vista, é penhor de que os seus trabalhos não ficarão inferiores ao poema.

==== O creado de um individuo de Pons (França) estando a trabalhar com alguns operarios para atriarem uma cisterna em certo lugar da propriedade do amo, encontrou, cerca de dois metros de profundidade, uma estatua que se julga ser de ouro massiço, e que não tem menos de um metro de alto. Parece que a estatua representa a deusa druidica Velleda, ou Ceres, a deusa da agricultura.

==== Vae abrir-se concurso para a reconstrucção do *Hotel de Ville* de Paris, utilizando, quanto possivel, as construcções subsistentes.

==== Cento trinta e quatro artistas estrangeiros figuram no *Salão* de Paris, a saber: 29 belgas, 16 italianos, 15 americanos dos Estados Unidos, 14 suissos, 13 hollandezes, 10 inglezes, 8 hespanhoes, 8 russos, 6 austriacos, 6 prussianos, 3 suecos, 2 saxonios, 1 dinamarquez, 2 peruvianos e 1 brasileiro. Chamámos a attenção dos artistas portuguezes para esta noticia.

==== O sr. Durand Ruel expoz em Paris os grandes e bellos desenhos de Emilio Bayard, que foram retirados do *Salão*. O sr. Goupil tambem expoz os trabalhos de alguns artistas que, á semilhança dos de E. Bayard, foram retirados da exposiçáo. Emilio Bayard é o auctor das estampas que illustram o romance — *O illustre doutor Matheus*, que publicamos n'esta revista.

==== O sr. Daniel expoz na galeria que precede a sala das sessões da Academia das sciencias de Paris, specimens notaveis de pintura sobre estanho. Eis o processo. Pega-se n'uma folha de estanho o mais delgada possivel, estende-se sobre um objecto consistente e liso como uma chapa de vidro, e pinta-se sobre ella o que se quer. Deixa-se secar e envernisa-se depois. A pintura levantada da chapa e adherente á folha de estanho fica prompta para se applicar ao sitio que se deseja. Antes de se applicar porém, estende-se sobre a parede ou sobre a madeira destinada a decorar-se, uma mistura qualquer que preserve da humidade; é então que o operario colloca a pintura estanho, amoldando-a a todas as concavidades ou saliencias das molduras ou esculpturas.

O sr. Dumas lembra que os chins empregam ha muito a pintura sobre estanho de fórma um pouco differente, nos seus moveis ou laças; o que se toma por dourado em alguns objectos, não é mais que a folha de estanho dando o brilho metallico, coberta de um verniz amarello que produz a côr do ouro.

==== O sr. Bartholdi, artista alsaciano, que dotou a cidade de Colmar com as estatuas de Rapp e de Bruat, e que é auctor do bello grupo de bronze offerecido pelos alsacianos-lorenos ao sr. Gambetta, propoz á municipalidade de Belfort, executar em baixo relevo um leão monumental sobre a muralha vertical do castello, como que para lembrar ás futuras gerações a heroica defeza de Belfort em 1870-1871. O desenho, muito elogiado pelos entendidos, já está depositado na *mairie*.

==== No leilão feito em Londres, do gabinete do sr. Middleton, antigo proprietario do Hotel da Europa em Bruxellas, o Museu nacional da Belgica adquiriu para a sua galeria denominada dos *Gothicos*, tres obras soberbas attribuidas a Memling.

==== A exposiçáo geral de bellas-artistas de Bruxellas, relativa a 1872, começa no dia 15 de agosto e fecha em 15 de outubro. Admitte as produções dos artistas vivos belgas ou estrangeiros. Os objectos destinados á exposiçáo devem ser dirigidos á *Commissáo directora da exposiçáo das bellas-artistas em Bruxellas*.

==== O sr. Justiniano Nicolucci publicou uma carta na *Opinião* acerca do descobrimento na Terra do Lavrador, de um tumulo do tempo da idade de pedra. A carta contém minuciosas noticias que muito interessam os archeologos.

==== De certo estarão lembrados os leitores do caso que lhes contámos relativo a uma camisa vestida á *Santa Genoveva* da igreja de

Clamecy (França). Pois novo caso se deu agora na igreja de Nossa Senhora de Bruges, onde ha um famoso grupo de marmore attribuido a Miguel Angelo. Para não offender a decencia, mandou-se cobrir com um véu o menino Jesus nã, que figura no grupo. A este respeito escreve um periodico francez, dirigindo-se aos fanaticos que tem dado taes ordens, o seguinte: «Se as nossas obras de arte lhes offendem os olhares, porque é que, em vez de as mascararem ridiculamente, as não remettem intactas para os nossos museus?»

==== A venda das colleções do principe Napoleão, que ha pouco se effectuou em Londres, produziu 57:600,000 réis. Entram n'esta somma 41:600,000 réis, quantia por que foram vendidos os trinta e oito quadros que faziam parte da colleção.

==== Abriram-se mais dois gabinetes no museu de moedas e medalhas da casa da moeda em Paris. No primeiro está um medalheiro de medalhas de ouro e prata antigas, perfectamente conservadas. Vê-se ali um enorme anel de ouro, de sinete, que pertenceu ao rei Childeric II, encontrado em Tournay, no seu tumulo, e offerecido pelo sr. Lecavalier, de Caen. O segundo gabinete contém os typos não inutilizados das estampilhas do correio de todos os paizes do mundo civilisado.

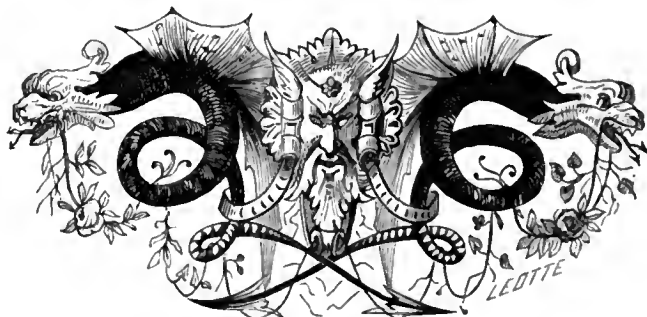
==== A Academia real das bellas-artistas da Belgica abriu no dia 16 d'este mez um concurso extraordinario entre os antigos discipulos da Academia, de menos de trinta annos de idade, que tenham obtido qualquer distincção nos concursos da classe superior de architectura. O premio é de mil francos. Os concorrentes farão a composiçáo de um monumento publico.

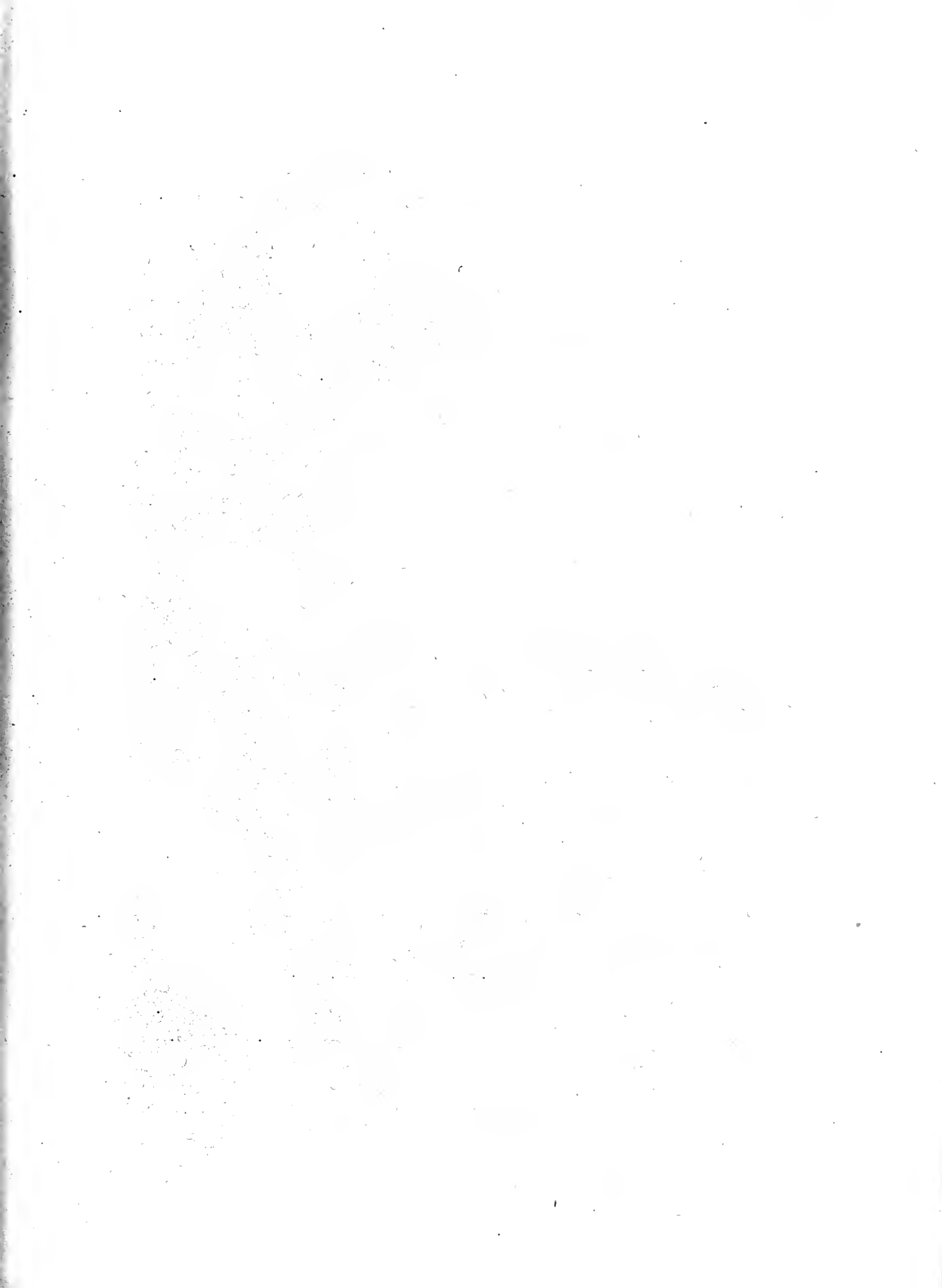
==== O museu do Louvre recebeu da sr.^a Ducrest de Villeneuve um bonito retrato de uma grande dama ingleza, feito a tres-lapis, por sir Thomaz Lawrence. Está na sala dos desenhos a pastel, ao lado do *Menino do cesto de cerejas*, por João Bastel, legado ao museu do Louvre por sir Henrique Wilker, em 1867.

==== Collocou-se na igreja da Magdalena, em Paris, uma estatua do abbade Deguerry. O sacerdote está representado a fazer oraçáo, com as mãos postas, de murça, estola e rochete, tendo ao pé dos joelhos a palma do martyrio. A estatua é de gesso, e foi collocada provisoriamente sobre o tumulo que encerra o corpo do abbade Deguerry, enquanto se não termina a que, pelo mesmo modelo, está esculpindo em marmore o sr. Oliva.

==== A venda dos quadros enviados pelos artistas francezes para minorar a sorte dos que perderam os seus haveres no incendio de Chicago, elevou-se a perto de 60:000 dollars. O preço mais alto foi offerecido pelo sr. Stuart, que pagou por 2:275 dollars uma pequena aguarella de Meissonier — *Um soldado do tempo de Luiz XIII*. O quadro de H. Vernet — *Alton Macaulay*, que pertenceu a Luiz Filippe, não passou de 1:300 dollars. A tela enviada por Hugues Merle — *O trabalho*, foi vendida ao sr. Osborn por 2:000 dollars. Citam-se tambem: — *O bandolim*, de Madrazo, 645 dollars; *A caridade*, de Saintim, 675 dollars; *Um retrato* de Toulmouche, pintado pelo proprio artista, 700 dollars; *Rapariga persa*, de Emilio Vernet, 475 dollars; *Primavera*, por Florent Villeurs, 925 dollars; *O palacio dos doges*, 360 dollars; *Na mesquita*, por Pasini, 426 dollars; *O propheta Eliseu*, de Mazerolles, 310 dollars; *Um fumador do tempo de Luiz XV*, de Jorge Gimert, 350 dollars. A venda effectuou-se em Clinton-Hall.

==== A reproducção do hemicyclo da Academia das bellas-artistas de Paris, feita por P. Delaroche para auxiliar a gravura do sr. Henriquel Dupont, foi vendida a um amator americano por mais de cem mil francos (18:000,000 réis).







LETTURA DE UEA CRONICA.

ARTES E LETRAS



LISBOA—JULHO DE 1872

O palacio de Calhariz—Diogo Bernardes—Frei Agostinho da Cruz—A serra da Arrabida

(Conclusão)



ASCI e fui creado n'um paiz montanhoso. A montanha aspera, bravía, solitaria, com as suas quebradas, correjos, vertentes, gargantas, desfiladeiros, chapadas quasi a prumo, e, ao mesmo tempo, as grutas, oasis de verdura, fontes, alamedas umbríferas e rescedentes — a montanha soberba e graciosa, selvática e camena, é, para mim, á parte o mar, o quadro da natureza que mais me inspira e mais me encanta.

Na Arrabida, quando das suas assomadas contemplamos o nascer do sol, lembram-nos aquellas soberbas estrophes que Soares de Passos, o grande poeta, improvisou ao Bussaco:

.....

 E cada vez que fulgido
 Renase o novo dia,
 De nova luz te banhas,
 Despindo os negros véus;
 E dizes em teu jubilo,
 Ao sol que te allumia:
 —O rei d'estas montanhas
 Sauda o rei dos céus.

E quando o sol se afunda nas agnas, que parecem dar-lhe sepultura, ainda dizemos com o desventurado e inspiradissimo poeta:

Depois ao vel-o pallido
 Nas vagas do horizonte,
 Pareces ao mar vasto
 Dizer com altivez:
 —Em teu regaço ó pelago,
 Tu lhe sumiste a fronte:
 Avança, que de rasto
 Virás beijar me os pés!

A vegetação na Arrabida é tão abundante e, porventura, mais variada do que em Cintra. Refiro-me, já se vê, á vegetação espontanea. Cintra, em muitos pontos tem cultura aprimorada.

O medronheiro na Arrabida toma proporções extraordinarias, formando alamedas, retiros amenissimos, labirintos graciosos. Quando está carregado de fructo vermelho, aromatico e embriagante, é uma delicia.

Perdidas, aqui e além, no pendor da serra, encontram-se as casinhas dos antigos monges. Cada uma d'ellas dava, apenas, para abrigo de uma pessoa.

Chamavam-se lapas essas habitações dos piedosos eremitas.

Que vida a d'aquelles contemplativos solitarios!...

Se a lei impreterivel do progresso se não oppozesse, e cada vez mais, ao sentimento que leva o individuo a sequestrar-se da sociedade, isto é, da humanidade; se não fosse egoismo fatal no homem o attender só a sentimentos individuaes, e satisfazer, apenas com relação a si, as exigencias do seu espirito:—dado um certo instante, chegada certa hora da vida—nada havia comparavel ao apartamento do mundo, ao desprezo completo por este lidar insano em que se desvela a sociedade, desde o servo até ao summo potentado!

Nem o conquistador floreado a espada vencedora e rutilante, ao findar o combate, quando a terra estremece com os brados da victoria; nem orador delirantemente applaudido no fóro; nem o poeta laureado no Capitolio; nem o sabio descobrindo os segredos da natureza; nem o artista realisando na tela ou no marmore a sua concepção ideal, podem sentir, extremos das ruindades humanas, os jubilos, transportes, arrebatamentos, extases sublimes, que sente o que é sincero, profundamente beato!

¿Quem não terá tido na vida uma hora de ineffaveis delicias—hora de rosas e de clarões matutinos—hora em que a alma, como a Esposa dos Canticos, pede que lhe acudam com as flores confortativas porque se sente desfallecer d'amor!?!... Pois essa hora são todas as horas do verdadeiro beato! Ha já muito poucos, raros, rarissimos... talvez nenhum. Tenho pena: é uma amostra de felicidade que faz bem á gente. Uns que por ali ha, e que fingem de taes, não me enganam. Coitados, são mais infelizes do que eu:—maseam e engolem todos os dias, com os *Padre-Nossos*, o seu odio á humanidade!

Frei Agostinho da Cruz, ante de se esconder, para sempre, n'aquelle saudoso retiro, passou por Azeitão, onde foi despedir-se do duque de Aveiro e seu filho D. Jorge.

Depois de fazer oração na igreja, e de se apresentar ao superior, partiu para a serra. Por suas proprias mãos erguen uma choça de ramos verdes e ali se abrigou até que o duque lhe mandou construir outra mais supportavel.

O seu biographo, Costa e Silva, transcreve o soneto que o poeta-eremita compoz na primeira noite que passou n'aquella choupana,—escutando o mar ao longe, contemplando os astros do firmamente, e sentindo o ar lavado da montanha que agitava os ramos da espessura selvática.

Como todas as suas composições mysticas, tem este soneto um suave perfume religioso:

Que logar acharei no pensamento,
 Tão aspero, medonho, triste, escuro,
 Onde, meu Redemptor, estê seguro,
 De mais vos offender um só momento!

Não digo pelo meu contentamento,
Que brando me faria outro mais duro,
Mas por não ser ingrato a amor tão puro,
Que morreu por me dar merecimento.

Como vos servirei, pois vos não amo?
Como vos amarei, pois vos offendo?
E sempre cada vez mais gravemente.

N'estes frios suspiros que derramo,
Sem servir, sem amar, Senhor, entendo
Que não ha poder ser, viver contente.

Todos os domingos pela manhã descia ao convento,
onde ia buscar o pão para a semana.

Algumas horas do dia matava-as entretendo-se em trabalhos manuaes—lembranças para as pessoas de familia e amigos que deixara no mundo: cestinhos de verga, bordões, rosarios de contas feitos com sementes de arbustos d'aquelles proprios sitios, rosarios como ainda hoje se dão a quem vai visitar o convento.

As tardes, nos pincares mais altos da serra, contemplava, com suaves enleios, o sol afundando-se nas ondas rumorosas, espectáculo talvez o mais solenne e mais bello da natureza, e, antes que chegassem as Ave-Marias, renovava nos braços da cruz de madeira tosca, erecta a poucos passos da choupana, a grinalda de florinhas rusticas que tecia todos os dias em offerenda á Virgem.

Quando os primeiros suspiros do abril bafejavam a serra, com o abrir da madre-silva o da rosa agreste, com os gorgeios amorosos dos passaros, aquella alma sensitiva abria-se aos clarões, aos perfumes, ás auras e aos cantos da primavera.

Este soneto é delicadissimo:

Passa por este valle a primavera,
As aves cantam, plantas enverdessem,
As flores pelos campos apparecem,
O mais alto do loiro abraça a hera.

Abranda o mar, menor tributo espera
Dos rios que mais brandamente descem,
Os dias mais formosos amanhecem,
Não para mim que sou quem d'antes era.

Espanta-me o porvir, temo o passado,
A magoa choro d'um, d'outro a lembrança,
Sem ter já que chorar, nem que perder.

Mal se pode mudar tão triste estado,
Pois para o bem não póde haver mudança,
E para maior mal não pode ser.

Um dia chegou-lhe ao seu deserto uma tristissima nova. Tinha morrido seu irmão Diogo Bernardes. No asceta, no desenganado cenobita, n'aquelle coração que parecia morto para tudo que tinha relação com o mundo, ainda produziu profundo abalo a voz do sangue, e na elegia que dedicou á perda do irmão dilecto, sente-se a agudissima saudade que lhe cortava a alma.

Eras além de irmão mais do que amigo...

exclama o poeta n'um impeto de dor, e depois, como espantado de que a sua alma, combatida por tantos desgostos, ainda tenha alento para sentir os revezes do mundo, fecha o canto por estes apaixonados versos:

Eu cuidava bastar a fortaleza
Da solitaria serra em que eu habito,
Para fortalecer minha fraqueza,

Mas n'ella se abalou mais meu esp'rito,
Que chorando não fica consolado
Da muito aguda dor que o tem afflicto.

Dôr, que no coração amargurado
De momento em momento mais se entranha,
Sem que possa ficar desafogado
Nas lagrimas d'amor em que se banha.

Antes de fechar esta rapida noticia não resisto ao desejo de transcrever mais um soneto, para mim o melhor de Frei Agostinho da Cruz.

O soneto é dedicado á Magdalena.

Os dois ultimos versos do primeiro quarteto, já pelo delicado da idéa, já pelo aprimorado da forma, são magnificos:

Diante do Senhor está lançada
A Magdalena triste e vergonhosa,
Qual na força do sol vermelha rosa
Dos seus ardentes raios traspassada.

A nova e grave dor lhe tem roubada,
Signal do que padece, a voz queixosa,
Lembra-lhe que passou tão perigosa.
Vida da vida sua descuidada.

Os pés, que de seus passos foram guia,
Em lagrimas banhados aliumpava,
Com os cabellos de que se cobria.

Alli do Redemptor, a quem buscava,
Encaminhada foi, por que queria,
Que anasse muito mais quem tanto amava.

Quatorze annos durou o seu voluntario exilio. A serra, o mar, o céu com o sol, a lua, as estrellas, e as carregadas nuvens, os relampagos e as tormentas, foram, alternadamente, testemunhas das suas dôres, das suas santas alegrias, dos seus desalentos e dos seus extases mysticos!

A morte recebeu-o nos braços meiga, risonha e sollicita como um anjo de redempção. O povo, n'uma piedosa lenda, contava que ao tirarem-lhe o retrato, depois de morto, sorriera alegremente o bemaventurado monge, concluindo, d'este supposto facto, que não era só um bom padre o eremita da serra, mas um inspirado e um santo.

O viajante que visitar a Arrabida, ao passo que se maravilhar com as perspectivas da natureza, deve lembrar-se de que nos principios do seculo XVII alli viveu um poeta em circumstancias tão singulares!

São notaveis aquelles sitios! O duque de Palmella, o grande homem de estado, artista pela cultura e pelo gosto, que vivera na Allemanha com Schlegel e madame de Staël; em Italia com Alfieri, Silvio Pellico, Ugo Foscolo, Manzoni, e por toda a Europa, enfim, com os homens do seu tempo, votava singular predilecção á vida de Calhariz e á serra que lhe fica proxima.

Bem dissemos nós serem notaveis aquelles sitios: mais tarde, durante nove annos, todos os mezes ia passar alguns dias áquelle palacio e percorrer muitas vezes por aquella serra outro homem: o autor do *Eurico*, do *Monge de Cister* e da *Historia de Portugal*.

BULHÃO PATO.

O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

Tapihans calou-se e bebeu, a seguir, tres copos de vinho, batendo na mesa e gritando:

—Mais! mais! mais! depressa!

—Dize lá, velhote, então ainda não casaste? repetiu em voz alta Coucou Peter.

—Que queres, Coucou,—respondeu o moleiro com um sorriso ironico,—não posso andar a correr terras como os maltrapilhos que não tem em sua casa que comer; preciso cuidar dos meus bens, fiscalisar os meus haveres, lavrar as minhas terras, colher as novidades. Ora a gente precisa, é verdade, ter uma mulher em casa; mas as mulheres preferem entregar-se ao primeiro vagabundo que passa, gente que se não sabe d'onde veio, ou que se sabe de mais; que enche a barriga á custa dos pobres e que sopra n'um clarinete para lhe pagarem a ceia. Tu bem me percebes, amigo Coucou Peter. Emfim, eu bem sei que sou digno de dó, mas emfim tenho a consolação de poder dizer: aqui estão os meus campos, aqui está o meu moinho, aqui está a minha vinha.

Coucou Peter, um pouco desconcertado a principio pelo discurso do moleiro, retomou o seu sangue frio habitual e respondeu:

—Ter campos, moinhos e vinhas, é bom; é muito bom, é optimo, Tapihans; mas, olha, não é tudo. Sim, é preciso além d'isso ter uma cara e uma figura tal ou qual. Ninguem casa com moinhos, casa-se com as figuras e querem-se palpaveis, frescas, rosadas, o quer que seja no meu genero, continuou elle cofiando as faces e olhando para o moleiro com olhos de escarnico.

—Ah! ah! ah! trocista, disse a tia Windling, batendo-lhe nas costas, só tu me farias rir.

Então Matheus que acabara de cear, bebeu um ultimo copo de Wolxheim gota a gota, e voltando-se para Tapihans disse:

—Oiga, amigo. Não são os campos, os jardins e as casas, que se devem considerar no casamento, mas as raças, isto é, as familias carnivoras, papivoras, herbivoras, granivoras, insectivoras, omnivoras, e outras que seria longo mencionar, mas que é preciso considerar nos successos da vida. Bem vê que os pombos não se unem aos camarões, nem as rapozas aos gatos, nem as cabras ás aves. Ora o mesmo deve succeder aos homens, porque considerando as coisas debaixo do ponto de vista psychologico-antropo-zoologico, unico verdadeiro porque é o unico que é universal, reconhecerá que ha tantas especies de homens quantas as especies de animaes. E a final a explicação d'este facto é simplissima: é que nós todos descendemos de um animal, como eu demonstro no capitulo XXIII do oitavo volume da minha *Palingenesia*. Leia, leia a minha obra e convencer-se-ha. É por tudo isto que as raças se devem alliar com a mais judiciosa attenção. É até essa a missão especial da humanidade, ponto de reunião de todos os seres, fusão de todos os tipos submettidos a uma força nova a que eu chamo *contade*. Ora, procedendo agora por analogia, vemos que a raça das cabras, por exemplo, com a das lebres, póde formar um bom mixto, enquanto que a raça dos lobos com a dos carneiros, só dará uma especie de monstros que serão estupidos e ferozes, cobardes e cruéis. Quan-

tas e quantas allianças assim não vemos nós por esse mundo? Só se pensa na fortuna hoje em dia e ali está o resultado. A si por exemplo, amigo, não lhe aconselho o casamento.—A sua saúde...

Mas Tapihans, pallido de raiva, não o deixou terminar.

—Ah! cão, então tu queres dizer que eu sou como um lobo?

E atirou com toda a força, enfurecido, a Matheus, a caneca em que bebêra o vinho.

Felizmente o illustre philosopho arredou-se com a sua habitual prudencia, de modo que o projectil caiu com toda a força sobre o estomago de Coucou Peter. E ainda Matheus estava espantado do succedido já Tapihans havia aberto a porta e fugido.

A sr.^a Catharina, que pegara n'um pau de vassoura, gritava na rua:

—Anda cá, infame, volta, se te atreves! Miseravel, affrontar as pessoas que estão na minha estalagem! Já se viu uma coisa assim?

Depois entrou, correu a Matheus, fez-lhe tomar um copo de vinho, poz-lhe agua fresca nas fontes e soccou-o de todos os modos.

Quanto a Coucou Peter suspirava e gemia dizendo:

—O meu organismo está doente! Soffayel, minha querida Soffayel, vae já encher esta garrafa ou ver-mehas morrer de fraqueza.

Um quarto de hora depois Matheus que voltava a si, disse:

—Este homem é evidentemente da raça carniceira. Julgo-o capaz de voltar com um machado, uma foice ou outra arma qualquer.

—Que volte! gritou a corpulenta viuva cerrando os punhos com ar ameaçador, que volte, se é capaz!

O que não evitava que Frantz Matheus, não tirasse os olhos da porta, de modo que o medo natural á sua timida especie o impedia de ver os galanteios de que a sr.^a Catharina o cercava.

Coucou Peter, que já não tinha pretexto algum para fazer encher outra vez a garrafa, propoz o irem-se deitar. Todos foram da mesma opinião porque era tarde, os vidros das janellas estavam já negros e nem o menor ruido se ouvia fóra.

Então a tia Windling pegou no candieiro, disse a Soffayel que corresse os ferrolhos e pediu a Matheus que a seguisse.

Subiram assim a escada de caracol que havia no fundo da cozinha, e Matheus poude observar por toda a parte o maior arranjo e a maior economia. Havia nos corredores grandes armarios que a sr.^a Catharina tivera o cuidado de abrir, e onde se viam grandes runas de roupa branca dobrada: toalhas com cercaduras vermelhas, guardanapos, canhamo, linho. N'outro sitio cereaes em grandes casas, ao ar; trevo, colza, luzerna, trigo, cevada, aveia: era o celleiro da abundancia.

Emfim, chegaram a um quarto vasto e bem mobilado, com duas commodas cobertas de magnificas loigas de Luneville e crystaes de Walerystacl, um leito com docel, alto como uma torre, e com dois espelhos pequenos de S. Quirin.

Então, lançando a Matheus um ultimo olhar, apertando-lhe a mão com um ar timido e baixando os olhos, a sr.^a Catharina disse:

—Durma bem, sr. doutor, e não tenha maus sonhos.

Sorriu, contemplou o bom do philosopho por alguns momentos, fechou a porta e desceu a escada.

Coucou Peter, segundo o costume, fóra dormir para o palheiro.

VII

Frantz Matheus não pode dormir n'essa noite. Não fez senão, animado pelo mais nobre entusiasmo, dar voltas sobre o colchão de pendas e soltar exclamações de triumpho. A fuga heroica do Grauffthal, a conversão milagrosa de Coucou Peter, a acolhida hospitaleira da tia Windling, tudo lhe corria tumultuosamente na cabeça. Não tinha somno, nunca mesmo sentira o espirito tão lucido, tão vivo, tão penetrante; e o calor excessivo da roupa fazia-o transpirar abundantemente. Foi por tudo isto que ao amanhecer se vestiu, desceu ao pateo e respirou o ar livre.

Tudo estava ainda silencioso. O sol allumiava apenas os cimos dos mais altos choupos: havia uma profunda serenidade. Matheus, sentado sobre uma pedra, contemplava silencioso, recolhido, a granja e o reponso da natureza.

Os telhados extensos e musgosos, o travejamento combinado pela industria do homem, as altas empenas, as janellas sombrias, ao fundo a porta pequena da horta aberta para os campos onde as sombras começavam a empallidecer, as fôrmas vagas e indecisas das arvores no crepusculo, tudo conduzia o illustro philosopho ás mais suaves meditações.

Pouco a pouco o dia desceu dos telhados, as sombras estenderam-se pelo chão do pateo, e ao longe, muito ao longe, Matheus ouviu o canto de uma cotovia. Depois um gallo alongou o pescoço pela fresta da capoeira, deu um passo, estendeu as azas brilhantes para receber o ar fresco da manhã e um estremecimento de felicidade agitou-lhe as pennas doiradas e vermelhas; dilatou-se-lhe então o peito e lançou no espaço um grito forte, agudo, prolongado, que se foi repercutindo até ás florestas. As frangas, friorentas, appareceram timidamente no comego da escada, chamando-se umas ás outras, saltando de degrau em degrau, penteando-se com o bico, cacarejando e riudo a seu modo. Espalhavam-se depois ao longo dos muros e das paredes engulindo apressadas os vermes que havia junto do orvalho. Os pombos vieram tambem circular sobre o pateo, e enfim os raios vivos do sol introduziram-se nos estabulos; ouvin-se uma ovelha balar lentamente e todas as outras responderem-lhe, e Matheus abriu um postigo para que os pobres animaes recebessem o ar.

Um delicioso espectaculo commoveu então o coração do philosopho: entrava o dia em ondulações doiradas pelo meio das sombras que se dissipavam estreme-

cendo, tocando aqui e alli as traves negras, osapparelhos suspensos na parede, e as manjedoras adornadas de forragens. Nada se pôde imaginar de mais sereno que um tal quadro: os bois immensos com as palpebras entreabertas, a cabeça pesada, os joelhos curvados sob o peito, dormitavam ainda; uma vitella branca, lindissima, estava já accordada, esperta; descangava o focinho azulado e cheio de gottas brilhantes sobre a anca d'uma vacca leiteira, olhando Matheus com os seus grandes olhos, como que surprehendida e parecendo dizer-lhe: — Que nos quer este? Nunca o vi!

Estava alli tambem um cavallo da lavoirra que parecia muito cansado e abatido, o que todavia o não impedia de puxar de bocado a bocado por uma longa paveia de trevo. Uma cabrinha negra trepava á mangidoira para poder chegar á herva fresca e verde.

Mas o que sobretudo impressionou o illustre doutor, foi o magnifico toiro de Glann, gloria e orgulho da tia Windling.

Não se cansava de admirar-lhe a cabeça larga e encrespada como o tronco de um velho cavallo, os páus luzidios e curtos como cunhas de ferro, e a papada macia e flexivel que do labio inferior descia até entre os joelhos.

— Nobre e sublime animal, dizia elle enternecido, nem tu podes imaginar quantos pensamentos profundos e judiciosos me inspira a tua vista! Não, tu não attingiste ainda o desenvolvimento intellectual e moral que pôde elevar-te á altura de um sentimento psychologico-anthropo-zoologico, mas nem por isso as tuas fôrmas são menos maravilhosas. Attestam ellas, pelo seu conjuncto harmonioso, a grandeza da natureza, porque, apesar do que dizem os materialistas, — seres sem logica nem raciocinio systematico, — nada d'isto se fez

n'um só dia: milhares de seculos foram precisos para te fazer chegar a este gráu de perfeição esthetica. Sim, a passagem da fôrma mineral á fôrma vegetal e da fôrma vegetal á fôrma animal, é incommensuravel; sem fallar das fôrmas intermedias, porque do estado carvão ao estado carvalho, e do estado ostra ao estado toiro, a distancia é prodigiosa. Assim Frantz Matheus admira em ti essa força interior que se chama Deus, alma ou qualquer outra cousa, e que trabalha sem cessar no aperfeiçoamento dos individuos e no desenvolvimento das individualidades na materia.

E calou-se e ficou mergulhado n'um extasis, mudo e immove!

Ora enquanto Matheus fazia em voz alta estas re-



Animo! Animo!

flexões, a taboa que fecha a abertura por onde se deitam as forragens nas manjedoiras deslisou vagarosamente para o lado, deixando passar a cabeça bochechuda de Coucou Peter.

É facil imaginar a surpresa do tocador quando viu o seu illustre mestre discursando ao toiro.

—Ora esta! pensou elle. Querera convertel-o?!

E ao mesmo tempo uma idéa singular lhe atravessou o espirito.

—Ah! ah! tinha graça! disse elle. Espera, espera, que o toiro vae responder-te.

Depois, juntando as mãos sobre a bocca, gritou:

—Oh! oh! oh! grande doutor Matheus, eu sou bem infeliz!

A estas palavras o illustre philosopho recuou espantado.

—O que é isto? balbuciou olhando em volta. Quem me falla?!

Mas não poude vêr a cabeça de Coucou Peter, ocenta por um molho de palha. O bom do discipulo estalava com riso, e continuava mugindo:

—Oh! oh! oh! Sou muito infeliz! Porque eu era Nabuchodonosor e não pensava senão em beber e comer, e eis-me por fim com o meu lugar perdido na escala dos seres! Oh! oh! oh! como eu sou infeliz!

Mas o illustre philosopho, a principio surpreso, reconheceu a voz do tocador.

—Como ousas tu profanar, Coucou Peter, a mais sublime das philosophias? Julgas-me tão ingenuo que acredite n'essas illusões?

Coucou Peter appareceu então dando grandes gargalhadas.

—Ah! ah! ah! doutor Frantz! Que quer? quando o vi fallar ao boi, não pude deixar de rir um bocado.

O proprio Mathens se riu, porque chegara a surprehender-se com o que ouvira.

—Eu bem sabia, dizia elle, que as almas não podem retrogradar de um reino para outro; que tal phenomeno era impossivel e contrario ao systema. Foi por isso que eu a principio me espantei, e depois descobri que me querias enganar. A alma humana não póde conter-se no corpo de um animal, por não achar no cerebro logar sufficiente.

E o bom philosopho ria do seu primeiro movimento de surpresa, e Coucou Peter apertava as ilhargas por não poder rir mais.

Riam ainda quando a tia Windling, vestida de saia curta de lâ riscada de vermelho, as mangas arregaçadas,

fresca e desenxovallhada, abriu a porta do pateo e desceu a escada.

Viuha dar de comer ás gallinhas, trazia o avental cheio de cevada, de milho.

—Bons dias, sr. doutor, disse ella vendo Matheus. Já de pé a estas horas! Dormiu bem?

—Perfeitamente, perfeitamente, sr.^a Catharina, respondeu o doutor.

—Sr.^a Catharina, disse Coucou Peter, vou accender o lume á cozinha, pois não?

—Sim, sim, eu já lá vou tambem. Vae vêr, sr. doutor: que bellas gallinhas! São mesmo uma benção do Senhor. Pipi, pipi... Tres põem todos os dias, e que ovos! Pipi, pipi... Grandes, grandes, como punhos. Pipi, pipi...

E as gallinhas vinham esvoaçando, e os patos corriam, e os gansos abriam

as azas, e toda a creação cacarejava, gritava, piava, e saía de todos os cantos: viam-se alli gallinhas grandes, pequenas, pretas, brancas, amarellas, vermelhas, que se empurravam, que saltavam, que voavam.

—Como é bello tudo isto! murmurava o illustre philosopho. O natureza, natureza! Mãe fecunda! deusa de seios uberrimos! alma! animação! sopro divino! A tua riqueza e a tua variedade não tem limites!

A tia Windling sentia-se vaidosa por estas palavras, e tomava para si o melhor dos elogios.

—Não é verdade? dizia ella. Não é verdade que as minhas gallinhas estão gordas e bem creadas? Farto-me de lhes dar os melhores grãos. Olhe alli, alli, aquella grande, branca... ha tres semanas que põe todos os dias. E aquella cinzenta, acolá, a que tem umas pennas amarellas nos olhos... aquillo é a riqueza de uma casa; um dia via-a pôr dois ovos, um de manhã, outro á

tarde; faça idéa... afóra os que ella esconde! E este galicho preto! isto é diabolico! Ante-hontem se não sou eu depenava o gallo grande por causa d'aquella franga que ali está, uma lambisgoia que os faz andar ás bulhas! Quer ver, quer ver... aposto que vão pegar-se outra vez... Que dizia eu? Então, então!... que demonios! Chta!... larga! larga... Aqui está aqui está o que fazem os homens! Se já viram!

E apezar dos gritos os dois rivaes estavam engalfinhados, o bico de um atacando o bico do outro, com as pennas do pescoço erguidas, aos saltos, procurando ferirse em bons sitios, volteando, e perseguindo-se com um furor incrível, até que um novo punhado de grãos lhes fez suspender o combate.



—Pobre homem. Deus te guie!

—É singular, murmurava entretanto Matheus, como esta especie de gallinaceas tão tímida está por vezes animada dos instinctos mais ferozes! Vejam o que pôde o ciúme, paixão furibunda e sanguinaria! E a tia Windling olhava-o de soslaio e dizia:

—Coitado! pobre homem! Pensa talvez em Tapihans. Pôde estar descaçado que não põe cá mais os pés!

Por fim, tendo despejado o avental, voltou-se com o mais terno sorriso para Matheus e perguntou-lhe:

—O sr. doutor gosta de ovos?

—Muito, minha querida, muito, sobretudo cozidos. É um alimento saudavel e delicado.

—Bem, bem, vamos então juntal-os, que deve por ali haver que baste para o seu alnoço.

E subiu a escada com desembaraço enquanto o illustre philosopho voltava pudicamente a cabeça para não vêr as meias azues da hospedeira sob a saia curta de lã.

A sr.^a Catharina entrou na capoeira, e reapareceu pouco depois muito contente trazendo uma duzia de ovos, que mostrava com ar victorioso.

—Hein? Veja, veja isto, dizia ella, de pé sobre uma viga. É todos os dias isto. Que ovos! Não ha gallinha no logar que os ponha assim. Faz favor, sr. doutor, ajuda-me a descer? É que tenho medo...

Foi preciso que Matheus arrumasse o pé á escada e estendesse as mãos á sr.^a Catharina que ria, fingia-se assustada e parecia alegrissima.

Quanto ao doutor estava roxo como um framboaz,

—Muito obrigada, muito abrigada, sr. doutor. Vou jurar que a branca poz atraz da meda de lenha; vi o ovo d'ali de cima. Vamos mandar Nickel buscal-o.

E tomando o braço do illustre doutor entrou com elle para casa.

Quando a sr.^a Catharina e Matheus appareceram na cozinha, Coucou Peter, sentado sobre um banco diante da lareira, soprava com todas as suas forças por um canudo de ferro, para espertar o fogo: as brazas brilhavam por entre os carvões, as vides estalavam e a agua fervia n'uma panella. Nas grelhas, e espalhando um agradável aroma, assava-se uma magnifica costelleta.

A tia Windling parou na soleira da porta e exclamou:

—Ah! Coucou Peter, sempre queria que me disseses onde foste buscar essa costelleta.

Concou Peter apontou sem se levantar para um grande armario de carvalho.

—É mesmo um gato! Sabe onde tudo está guardado. Mas eu tinha a chave na algibeira...

—Pôde guardal-a, pôde, disse o tocador com ar grave: para mim não é precisa. Com uma pallinha abro todas as fechaduras.

—Que ladrão! ainda has de acabar nas galés, disse a hospedeira rindo.

Matheus quiz reprehender o discipulo, mas Coucou Peter interrompeu-o:

—Mestre, disse elle, gosto de costelletas. Gostar de costelletas não é contrario ao systema. Ora tudo que se não prohibe é permittido, não é verdade sr.^a Catharina?

—Tens razão, tu tens sempre razão, já se sabe. Vamos, tira-te d'ali, deixa-me cozer os ovos. Quer ter a bondade de entrar na sala, sr. doutor... eu venho já... é só o tempo de rezar um Padre Nosso. E tu, Coucou Peter, podias entretanto dar de beber ao cavallo do sr. doutor. O Nickel saiu esta manhã para mudar a egua para o prado grande.

—Com todo o gosto, tiasinha, com todo o gosto.

E o tocador saiu e o illustre philosopho entrou na sala.

Nunca Frantz Matheus se sentira mais sereno, mais feliz, mais contente comsigo e com a natureza. O ar livre abria-lhe o appetite. Ouvia o gato miar sob a mesa, e a sr.^a Catharina varrer o patamar da porta, cantarolando o estribilho antigo de Karl Ritter:

Ama-me tu, que eu te amarei,
Que eu te amarei,
Que eu te amarei...

Ora olhava para o velho relógio de Nuremberg, amarello, carunchoso, no seu quadro de porcellana pintada com flores de côres vivas, e o cuco de pau que cantava ao dar das horas, mechanismo engenhoso que o illustre philosopho se não fartava de applaudir; ora parava diante das janellas, e deixava vagar os seus olhares pelo largo de Oberbronn.

Ali ao pé de uma pia esverdeada, onde caia um fio de agua limpida por uma calha carcomida pelos musgos, estavam reunidas as raparigas da aldeia; em mangas de camisa, de saias curtas, com as pernas e os pés nús, batiam a roupa branca, gritavam, chamavam-se umas ás outras, fallavam de riço, e o bom philosopho sorria de vêr os seus modos d'ellas, tão ingenuos, e as suas attitudes cheias de graça.

Bruno bebia na pia, e de vez em quando voltava a cabeça como para saudar Matheus. Coucou Peter dava estallos com o chicote e dizia madrigaes ás lavadeiras, que se riam das suas palavras. Quando porém quiz, sem duvida por vingança, abraçar a mais bonita do grupo, ouviram-se grandes gritos agudos, gargalhadas, um tumulto incrível. Cairam-lhe todas em cima, molhando-o, atirando-lhe com os batedores e com a roupa humida.

Apezar d'este violento ataque o maganão não largava a rapariga, beijando-a no pescoço, na cabeça, nas faces e gritando com ar alegre:

—Como é bom! Batam, batam, a mim importa-me bem. Como eu gosto d'isto!

E todos chegavam ás janellas e riam... e os velhos gritavam e os cães punham-se a ladrar, e Coucou Peter, córado, luctando, repetia sempre:

—Vá mais um beijo pela peregrinação das almas!

—Ah! infame, dizia Matheus, vejam que casta de discipulo ali tenho!

Por fim, como visse correrem os aldeãos com paus, montou em Bruno, saltou por cima da pia, e entrou na cavallariça, gritando:

—Como são bonitas as raparigas de Oberbronn! São doces como cerejas, estalam na bocca como nozes.

E quiz correr o ferrolho, porque os rapazes e os paes estavam furiosos.

Infelizmente Ludwig Spengler, um filho do guarda rural, cuja namorada Coucou Peter abraçara, chegou ao mesmo tempo e entalou o pau na porta.

Foi então que todos correram ao pateo sobre Coucou Peter, que berrava:

—Meus amigos! meus ricos amigos! isto era brincadeira! era por graça!

Emquanto o empurravam para a rua sob uma chuva de papladas:

É doce como cerejas, dizia um.

—Estalam como nozes, acudia outro.

—Como é bom! gritava Ludwig Spengler batendo a mais não poder.

Matheus, testemunha do succedido, bradava da janella:

—Animo! animo! Coucou Peter, recebe essa provação anthropo-zoologica com a resignação de um philosopho. Agradece a esses moços, que estão n'este momento trabalhando para o teu aperfeiçoamento moral! Eu já notára que tu pertences á familia dos zangãos, especie voluptuosa, que se nutre dos olhos das flôres e dos fructos os mais delicados. Com mais algumas lições d'estas, espero que renunciarás a esses principios sensuaes.

O pobre Coucou Peter curvava-se todo e olhava para o mestre com o ar derrancado de quem diz:

—Eu sempre queria vêr-te no meu logar com todos os teus principios anthropo-zoologicos!

(Continúa.)

B.

AOS PÉS DA DEUSA

Senhora dos meus cuidados,
E dos meus males senhora,
Porque não dás que passados
Sejam meus males agora
De ha tanto principiados?

Meu coração não repousa
Desde a hora em que te vi;
Se eu olho e não vejo cousa
Que possa egualar-se a ti,
Por não dizer mais formosa!

Se os negros olhos elevas
Vejo em mim um céu aberto;
Se os fechas, fecham-se as trevas
Na minha alma; e então mais perto
Vejo o abysmo onde me levas...

Desereio? Perdoa a affronta:
Deserer de ti é peccado;
Mas o peccado que monta,
Se eu bem o tenho expiado,
Soffrendo dôres sem conta?

Nem tu mesma as avalias!
Se viesses lêr no meu peito,
Então, sim, comprehenderias
Os estragos que tem feitó
O olhar que a furto me envias!

E tu que vês augmentados,
Cada dia e cada hora,
Males por ti começados,
Bem poderias, senhora,
Dal-os já por acabados!

Podias, sim; mas não queres
Ter dó de quem tanto te ama:
Vês o incendio, mas preferes
Augmental-o ateando a chamma...
Vaidosas que sois, mulheres!

Pois se a morte me estás dando
Quando em ti a vida existe,
Porque me deixas penando?
Ai! senhora, se ando triste,
Bem sabes tu porque o ando!

Trago a cabeça esvaída,
Meu peito aberto de dôres...
Ai! tu não sabes, querida,
Que me envenenam as flôres
De que me enfeitas a vida!

Quando, rara vez, inclino
Eu teu scio a face ardente,
N'esse scio alabastrino,
Doirado suavemente
Pelo teu olhar divino,

Ai! meu dôce amor perfeito,
A lingua humana mal sabe
Dizer n'um som contrafeito
O que em palavras não cabe,
Porque não cabe no peito.

Com o pensamento nos céus,
Olhos fitos nas estrellas
Que brilham nos olhos teus,
Deixo-me ir suspenso d'ellas,
Quem sabe aonde? até Deus!

E subo e subo, e, subindo
A essas regiões celestes,
Não sei se me vae fugindo
A vida, se acordo prestes
N'um outro mundo mais lindo!

Mudo, extatico, sem falla,
Entre jubilos de esperança,
Ai! nos braços teus, opala,
Desmaio, como a creança
Nos braços da mãe que a embala.

Mas acordo: a realidade
Cega-me os olhos, não vejo
A luz da felicidade,
Que eu entrevira n'um beijo,
Do qual só resta a saudade!

Mas porque os males passados
Hei de avival-os agora,
Para augmentar meus cuidados,
Que tu não queres, senhora,
Vêr em meu peito acabados?

Vêr-te eu, botão pequenino
De uma rosa perfumada,
Folha branca sem destino
Solta d'haste, arrebatada
Das valsas no torvelino,

Saltando de braço em braço
Á mereê dos curiosos,
Que já estão armando o laço
Para apanharem os gosos
Que tu lhes dês n'um abraço...

Faz pena; e tu bem podias
Com um só gesto, senhora,
Converter em alegrias
Estas tristezas de agora,
Minhas fieis companhias!

Nada mais facil; quizesse
Tu, que és senhora de mim,

Ouvir-me as trémulas preces,
E despachal-as por fim
N'uma palavra que desses,

Verias como eu ficava
Rendido logo a teus pés,
E nas mãos t'os apertava
Beijando-os, como talvez
Olhos de outra não beijava.

Mas porque os tristes cuidados
Que passo por ti, senhora,
E que eu desejo acabados,
Hei de avival-os agora
Para os vêr mais aumentados?

Vae teu caminho, mas olha
Lá do futuro, aonde fôres,
Para quem hoje desfolha
No teu regaço estas flôres
Da esperança, folha a folha.

E quando vier o cansaço,
Pois também cansa a alegria,
Quando o teu corpo já lasso
De gozar, cair um dia
N'algum estranho regaço,—

Só esta crença me assiste:—
Lembrar-te-has, n'essa hora,
Dos tempos em que me viste
Em volta de ti, senhora.
Sempre, sempre, sempre triste.

Vizeu, outubro de 1871.

J. SIMÕES DIAS.

A ANTIGA TRAVESSA DO PINTOR



ESTE jornal deve occupar-se não sómente dos assumptos exclusivamente artisticos, senão também propugnar por todos aquelles que tenham uma relação, remota, ou proxima, com as artes, ou que d'elles possa advir consideração ou boa fama aos talentos que as cultivaram ou cultivam.

Muita gente ignora o motivo de se haver posto o nome de—Travessa do Pin-

tor—á pequena rua que vae da Carreira dos Cavallos ao Arco do Cégo. Pois é uma rasão historica, e que deve conservar gratas lembranças n'aquelles que estudam a vida dos homens mais notaveis que perpetuaram em Portugal as artes da pintura.

Este pintor de que aqui se trata, e que deu o nome á travessa indicada, foi Pedro Alexandrino, o nosso pintor historico mais notavel pela época do terremoto, aquelle a cujo pincel facil devem os nossos principaes templos, demolidos ou incendiados pelos temerosos desastres d'aquella grande catastrophe, os seus retabulos, retabulos que foram substituir as obras do seu antigo mestre André Gonçalves.

Pedro Alexandrino possuia uma casa n'aquelle sitio, que se tornava fallada, principalmente, por uma grande cisterna em que gastara sommas prodigiosas. Era uma mania. Chegava elle a dizer, que a mór parte do importe de seus quadros a *tinha mettido* na cisterna.

Quando algem, visitando-o, lhe perguntava pelas suas obras, dizia logo com a jovialidade que lhe era habitual:—*Tenho tudo mettido na cisterna.*

O nome d'este artista notavel deu o nome á travessa, que com rasão se devia ufanar d'elle, porque Pedro Alexandrino teve merecimento, o que é impossivel de negar diante da sua melhor obra, que é o quadro do *Salvador do mundo*, collocado na Sé de Lisboa. É uma composição elevada, em que a frouxidão de colorido se resgata pela correcção do desenho elegante e facil.

Ha pouco, quando a camara tratou de alargar aquella travessa, houve algem que se lembrou, de certo por ignorar a rasão historica d'aquella denominação, de mudar o nome do *Travessa do Pintor* para *Rua do Hospital D. Estephania.*

Parece-nos realmente um desacerto.

A memoria d'aquella bondosa princeza subsiste de certo assás perpetuada no espirito de todos nós, e ainda mais n'aquelle mesmo local, pela fundação do estabelecimento de caridade a que pozeram o seu nome, sem que seja preciso ir apagar, para mais propagar a sua lembrança, uma tradição historica, a unica por ventura com que a posteridade celebrou o nome illustre que o talento de Pedro Alexandrino logrou accrescentar ao catalogo dos nossos pintores.

É essa uma ingratidão a que a propria finada rainha se opporia, se pudesse. A camara municipal de Lisboa, da mesma sorte que avivou a memoria do nome do famoso Camões do Rocio, e que conserva o do poeta Chiado, nos locaes respectivos onde estes homens tão celebrados residiram, deve conservar a denominação da travessa que recorda o auctor do famoso quadro do *Salvador do mundo.*

Oeiras, 6 de junho de 1872.

JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA.

LEITURA D'UMA CHRONICA

O muito estimavel poeta Alfredo de Vigny escreveu n'uma das suas melhores composições:

*Qu'il est doux, qu'il est doux d'écouter des histoires,
Des histoires du temps passé,
Quand l'hes branches d'arbres sont noires,
Quand la neige est épaisse et charge un sol glacé.*

A gravura que hoje se apresenta, copia de um quadro de Heyden—*Leitura de uma chronica*, faz lembrar estes versos exactamente. O pintor, ao que parece, escolheu para assumpto a época do renascimento artistico. A scena deve passar-se, por exemplo, em Nuremberg. Um beneditino sapiente, investigador, curioso, descobriu por entre a multidão de cartapacios folhudos alguma reliquia da velha Grecia ou da amantissima Roma, e fiel discipulo de João Reuchlin ou de Conrado Weissel, está-a trasladando ao idioma patrio, com deleitação das damas illustres.

É isto o que deve ser, com certeza. Obra de casa não estão elle's saboreando. No longo periodo da idade media a Allemanha não desentranhou de si nenhum monumento. O esplendor poetico derramado no tempo dos Hohenstaufen, além de ser nma reverberação da França, morre ensombrado pelas contendas intestinas, e a voz dos *minnesinger* e dos *meistersinger* esmorece á falta de ambiente.



MURILLO pinxt

W FRENCH sc

A REFEIÇÃO.

Printed by Rolland & Senier, 1851

Quanto aos *Niebelungen*, esse bello poema a que os allemães chamam a sua *Illada*, podemos filiar-o nas chronicas francezas, empareiradas com as chronicas gothico-lombardas.

O que é, porém, muito possível, em vista de um riso escarminho que desflora subtilmente os labios do frade, e que faz dilatar um tanto as pupillas do auditorio, é que elle esteja a lêr a *Náu dos doidos*, de Sebastião Brandt, preciosidade poetica muito para desenjoar de rimas insipidas.

Leitura de uma chronica!... seja qual fôr o livro, o titulo do quadro é que faz a gente pensar n'outros tempos e n'outros costumes.

Um mundo novo de idéas e de aspirações estendia a mão ao fio tradicional dos classicos. Era a sociedade juvenil pedindo arrimo á sociedade vetusta. Do montão das ruinas surgiam as pedras ignoradas, accumulavam-se os mineiros e os lapidarios, interrogavam-se os pallidos manuscritos, conversava-se com Cícero e com Ovidio, e a inspiração christã, antes de tomar o vôo para as serenas regiões do seu ideal, retemperava-se primeiro nas aguas hellenicãs.

Como os trovadores haviam corrido de castello em castello, entoando as suas canções amorosas, corriam então os sabios de universidade em universidade, iniciando-se nos sagrados mysterios.

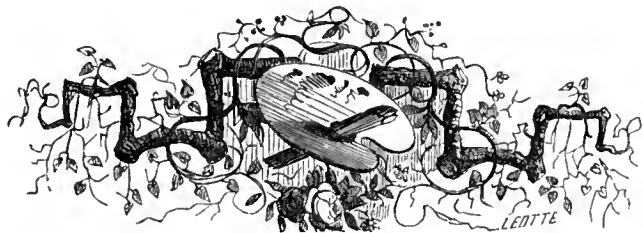
A dama dos pensamentos residia em Paris, em Ingolstadt, em Winchester.

Foi uma grande época, na verdade, em que as duas levadas se uniam e se engrossavam, para formar o oceano amplissimo em que tinham de navegar os baixes do pensamento moderno. Acalmada a febre erudita, levantados os joelhos do genuflexorio em que os idolatras se haviam deixado estar embebidos na contemplação gentilica, o espirito humano tomou o curso que lhe estava traçado, curso enorme, caminho infinito, cujas barreiras se esboçavam ás mãos de Colombo e de Guttemberg.

O nosso benedictino folheia no entanto o gordo livro que lhe descança no regaço, e talvez procure n'elle alguma passagem de audição consoladora, algum trechosinho que venha bulir com o peccado, graças ás exumações de Filelfo e de Bracciolini.

Foi n'isto que eu pensei ao observar o quadro, e talvez isto fizesse, se por ventura me banhasse a luz d'aquelle tempo, e se os carunchos da cella não me houvessem ruido lentamente as veras.

E. A. VIDAL.



A REFEIÇÃO

Quem entra no Museu do Prado em Madrid, ao lado dos primores de Raphael, das esplendidas telas de Ticiano, das maravilhas de Rubens, e das elegancias de Van-Dyck, distingue logo na linha dos primeiros, entre os mestres, os dois reis da pintura hespanhola—Murillo e Velasquez. O espirito hesita, quando se trata de disputar entre os dois preeminencias, e a final pôde uma tendencia especial da nossa alma fazer com que sympathisemos mais com as telas de um d'elles, como me succedeu a mim com Velasquez, mas a palma da victoria ninguem ousa outhorgal-a definitivamente.

Dizem alguns que Velasquez é o pintor da terra, e Murillo o pintor do céu. Não acho justa a definição. Parece d'ella deprender-se que Murillo paira em nuvens de mysticismo, e copia a belleza ideal que entrevia em sonhos vagos. Ora eu inclino-me um pouco mais para a opinião do distinctissimo escriptor hespanhol, o sr. Tubino, que denomina a maneira de Murillo um realismo idealista¹. Na sua immensa obra espelham-se as paizagens, os typos que o rodeiavam, esmaltados, porém, com reflexos ce-

¹ Murillo, su época, su vida, sus cuadros.

lestiaes. O céu de Murillo é a Andaluzia banhada por uma luz sobre-humana. Como os antigos Hellenos transportavam para o céu, transformando-os em constellações, os personagens e os objectos da historia ou da lenda do seu paiz, Murillo transportou para o céu christão as scenas, que lhe eram familiares, as figuras que volteiavam em torno d'elle por noites de luar sereno, ou em tardes de luminosa melancholia. As suas Virgens são as sevilhanas divinizadas, conservando ainda a rosa nas tranças côr da noite, e uma certa vivacidade garrida, transparecendo por entre a innocencia, no negro e scintillante olhar.

A vida de Murillo tem uma certa serenidade burgueza que explica estes caracteristicos do seu genio; desde que lhe apparece a gloria, a sua existencia é um suave e placido sorriso. Nunca sobre-excitou a sua potente imaginação, arrojando-a ao campo febril do ascetismo, ou fazendo-a profundar na realidade da vida para n'ella encontrar o drama. Rodeiam-n'o os bons frades que lhe encomendam os quadros; os seus concidadãos, antes de o admirarem como um sublime pintor, respeitam-n'o como excelente pac de familia e optimo parochiano. Alli n'aquelle risonha Andaluzia é sempre azul o céu, são sempre perfumadas as brisas do Guadalquivir, e sempre é esplendido o florir das rosas, e sempre encantador o sorriso das mulheres. Murillo deixava-se impregrar em todas estas delicias; espelhavam-se-lhe na pallieta o azul do céu e a purpura dos horisontes crepusculares, projectava-se-lhe na tela a sombra curiosa das andaluzas; ouvia, enquanto pintava, o sininho da ermida; via por uma porta entre-aberta um doce quadro de familia; tudo isto entrou na composição do seu genio, tudo isto concorren para dar ao seu colorido aquella suavidade e inimitavel magia, que faziam o desespero de Mengs; tudo isto deu ás figuras dos seus quadros um ar de naturalidade que surprehende; tudo isto fez enfim com que Murillo fosse o mais hespanhol de todos os pintores, porque é a propria Hespanha com os seus limpidos ares, o seu florido solo que se lhe reflecte na pallieta.

Mas o céu de Murillo é, como eu já disse, um céu familiar, sente-se que o pintor conhece intimamente os seus santos, que teve relações com S. José, que fez saltar nos joelhos o Menino Jesus. Trata sem cerimonia o Evangelho e o *Flos Sanctorum*, e ainda n'isso se revela o seu caracter nacional. O catholicismo de Murillo é o catholicismo andaluz, que trata mão por mão os personagens celestiaes. Este, já se vê, é o catholicismo popular, o catholicismo da choupana e da alegre ermida da estrada, que tem o adro sombreado por uma romanzeira, e o altar mór banhado por uma larga faixa de sol. Para o catholicismo da inquisição lá está Ribera, para o catholicismo do claustro ascetico lá têm Zurbaran, para o catholicismo das cathedraes dá-lhes Velasquez o seu Christo crucificado; Murillo é o catholico da Paschoa florida e da noite de S. João. Elles que pintem o martyrio, a paixão, a tristeza lugubre, e o drama do Golgotha; Murillo escolhe a vida, as flores, o milagre jovial de Cana, o *Sinute parvulos venire ad me*.

Como tão pequeno intervallo separa o mundo religioso de Murillo do mundo da sua convivencia, não pôde haver tambem um abysmo entre os seus quadros religiosos e os seus quadros profanos. Costumam os hespanhoes dizer que quem quizer observar uma colleccção de Virgens de Murillo espere, ao cair da tarde, junto da fabrica de tabacos, as cigarreiras de Sevilha. Não seria tambem difficil de encontrar em qualquer familia andaluz a reproduccção d'aquelle delicioso quadro do Menino Jesus *del Pajarito, ó del Perrito*. Olhem-me para estes dois rapazitos da optima gravura que a empreza das *Artes e Letras* apresenta aos seus assignantes; este assumpto foi mais de uma vez tratado por Murillo. Pois hem, ponham azas áquelles espertos e fornosos garotos, e ahi tem dois cherubins de Murillo, trabalhando pouco conscienciosamente na celebre *Cozinha dos anjos*, que se admira no Louvre.

O quadro, de que a nossa estampa é gravura, pertencia ainda ha pouco tempo ou ao sr. Bankes, ou ao conde de Lonsdale, porque ambos possuíam um quadro sobre este assumpto¹: *Dos muchados comiendo frutas*, segundo se vê no catalogo apresentado pelo sr. Tubino. Ainda outra vez tratou Murillo assumpto similhante, representando, n'um quadro, que a Pinacotheca de Munich possui, *Dos muchados sentados en el suelo comiendo*

¹ A empreza das *Artes e Letras* tem, para publicar, a gravura do outro quadro de Murillo a que nos referimos no texto.

uas. Murillo amava a infancia; comprehendia, como ninguem, a sua ingenuidade, a sua travessura, o seu riso, os seus adoraveis espantos, a sua innocente malicia. No pintor sublime sentia-se o extremo pae.

Velasquez e Murillo resumem admiravelmente nos seus dois grandes vultos a pintura hespanhola; mas Velasquez é cavalheiresco, é severo e grave como um castelhano; Murillo alegre, poetico, expansivo como um andaluz. Ambos se pôde dizer que correspondem ás mais sublimes manifestações de genio popular de Hespanha: Velasquez ao *Romanceiro*, Murillo á melodia nacional.

PINHEIRO CHAGAS.

A MUMIA DO ARCEBISPO D. LOURENÇO



A historia ecclesiastica e secular de Portugal avulta na metade ultima do seculo XIV a figura energica, expressiva e sempre bulçosa do arcebispo D. Lourenço.

Cingindo a mitra bracarense no anno de 1374, começou o seu governo, como elle proprio declarou em Roma, tirando das mãos de poderosos, entre mosteiros, igrejas e prazos de grande valor, mais de mil, que restituiu á igreja de Braga. Augmentou os bens da sua mesa, que o deão e o cabido tinham dissipado. Obrigou a viver honestamente a muitos clerigos, que nem de nome conheciam a honestidade. Prégou os mysterios da fé, instruindo com a voz autorisada aquelles que nem ao menos conheciam os primeiros principios da religião christã. Acercou-se, enfim, de homens de armas para se defender ou para subjugar aos que se oppunham a esta grande reforma, que parece ter mudado completamente as condições da diocese bracarense no pequeno espaço de dois ou tres annos.

Ferindo interesses pessoaes e alterando costumes inveterados, tanto da nobreza como do clero, o arcebispo veio a soffrer os effeitos de uma guerra furiosa, que temerariamente provocára. Sua origem plebêa ainda mais exacerbava os odios d'aquelles que se vangloriavam de descender de avoengos já illustres em tempos anteriores á fundação da monarchia. Inaudito e feio caso era que um neto de Maria Vicente, por alcunha a *Longa da fonte*, um homem sem appellidos, e que por si proprio tornára seu nome de baptismo conhecido e respeitado, se atrevesse a fazer justiça entre os orgulhosos representantes da mais antiga nobreza do reino.

A reacção contra o arcebispo foi tão forte, que logrou alienar-lhe as vontades de el-rei D. Fernando e do papa Gregorio XI, o proprio que o elevára ao solio archiepiscopal.

Em 1377 entravam em Braga, apoiados pelo meirinho-mór de Entre-Douro e Minho e seus homens de armas, tres visitantes nomeados pelo summo pontifice para devassar das culpas do arcebispo.

Triumpharam por então os inimigos do prelado. Ti-

nham sido escolhidos para visitantes alguns dos mais encarniçados, e, entre elles, o proprio bispo de Silves, D. Martinho, o qual concorrêra com D. Lourenço na pretensão da mitra bracarense.

A fim de escapar ao furor dos visitantes que intentavam prendel-o e por se defender das accusações que lhe faziam, fugiu o arcebispo para Roma, onde impetrou do papa Urbano VI uma sentença que o absolvía como varão bom e circumspecto no espirital e temporal, de vida honesta e louvaveis costumes. Esta sentença, dada em 14 de fevereiro de 1379, veio depois a ser confirmada por el-rei D. Fernando em 1382.

Convém advertir que D. Lourenço, ou para obter a sentença, ou por effeito d'ella, ou finalmente pela força de suas convicções, se declarou partidario de Urbano VI no seisma que então dividia a christandade. O apoio do arcebispo primaz, valioso em qualquer conjunctura, mais o era ainda quando os reinos de França, Escocia e quasi toda a Hespanha se tinham abertamente manifestado contrarios áquelle pontifice e favoraveis a Clemente VII. Os successos confirmaram a esperança que o papa Urbano depositára no prelado bracarense. Por sua influencia se lhe conservou obediente el-rei D. Fernando e resistiu a todas as suggestões, que, em sentido opposto, faziam na côrte de Portugal os embaixadores de Castella.

Pelo fallecimento de el-rei D. Fernando em 1383, se originaram as guerras da successão, em que o arcebispo D. Lourenço seguiu o partido do mestre de Aviz. No cêreo de Lisboa prestou relevantes serviços, preparando os navios e galés que haviam de defender a barra, e trabalhando pessoalmente e obrigando os clerigos a trabalhar nas obras de defeza.

A grande influencia que tinha no animo de alguns prelados muito contribuiu nas côrtes de Coimbra para a aclamação de D. João I.

Porém, o campo da batalha de Aljubarrota foi o theatro onde melhor se desenhou o seu genio esforçado e cavalleiroso. Animando aos soldados com a palavra e com o exemplo, pelejava entro a cavallaria, como se toda a sua vida se exercitára na carreira das armas. Ao tempo em que andava mais accessa a luta, um soldado castelhano aproximou-se do arcebispo e sem respeito á imagem de prata de Nossa Senhora que trazia no morrião á guisa de pennacho, acertou-lhe pela face uma grande cutilada. Não perdeu o animo o corajoso prelado, e com taes golpes respondeu ao atrevido castelhano, que logo alli lhe tirou a vida.

Pouco depois da batalha referia D. Lourenço este feito n'uma carta a D. João de Ornellas, abbade de Alcobaga:

«Aprove a Deos e a Santa Maria sa Madre que as ribeiradas do meu gilvãs, seiam ia vedadas, e jos mestres vom de bem pera melhor, e eu o sento bem em mim, ca se vier caizo, ia darei, e levarei oitra pola mesma requesta: e crede vos bõ amigo, ca quem esta pespegou, ea nom a leou enxebres, nem ira contar em Castella ó soa-lheiro o cruzamento da minha cara.»

Falleceu o arcebispo D. Lourenço no anno de 1397, e foi sepultado na sua capella, n'um tumulo que o representava em estatua, vestido de pontifical.

Abrindo-se o tumulo ha alguns annos, appareceu o corpo muito bem conservado. Trasladou-o o cabido para o vão inferior de um altar na mesma capella, onde está exposto á veneração dos fieis. Desejando, porém, obstar ao damno que a mumia poderia receber do ar humido, mandou-a cobrir com um verniz espesso e brilhante, que mais denegriu ainda a pelle curtida pela acção de tantos scenlos.



PRESTES A GOMBAPPR.

(Quanto au G. Kawan.)



O arcebispo D. Lourenço parece hoje um negro vestido de pontifical. A estúpida mania de cair, pintar e emplastar não se limitou na sé de Braga aos monumentos de pedra, aos velhos silhares das paredes, aos rendados das janellas, aos tunulos esculpidos, abrangeu também o corpo do venerando arcebispo, que mal imaginaria em vida que, cinco seculos depois de ter sido acutilado por um soldado castelhano, havia de ser envernizado por um carpinteiro portuguez!

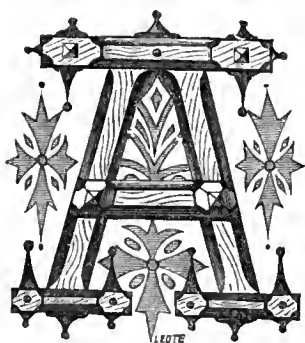
A. FILIPPE SIMÕES.



VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

As tartarugas, seu desovamento e pesca.—Viagem nocturna pelo Xingú.—Caçada singular.—A perda da canôa.—Desanimo.—O ubá e o indio.—Um libertador forçado.—Travessia perigosa.

(Continuação)



MINHA canôa tinha ido bater contra uma grande arvore, meio submergida na ponta de uma ilha, e por pouco se não virou! Os ramos sem folhas, açoitando os bancos da prôa, fizeram-nos suppôr uma invasão e por isso pegúmos nas armas. Reconhecida a causa do susto, pareceu-nos conveniente guardar as nossas meditações para outra vez, e remámos com força para a

praia dos Cajueiros, que já se avistava.

Ao approximarmo-nos da terra vimos no cimo do areal reflectir-se o luar n'um corpo brilhante, e suspendemos o movimento dos remos.

—É uma tartaruga, —disse um dos tapuios.

Eu nunca tinha visto tartarugas vivas. Achando-me na terra das maravilhas e dos successos extraordinarios, e ignorando que força de resistencia offereceria um d'aquelles animaes, antes de se deixar apanhar, apertei com força o punho do meu sabre.

Os meus homens tinham-me dito simplesmente:

—Vamos ás tartarugas?

E eu, que apreciava aquella concisão sparciata, respondi com o mesmo laconismo:

—Vamos.

Não tinha ainda ouvido descrever a pesca, nem o desovamento d'aquelles animaes, e ia levado pela curiosidade, que sempre me guiara pelos sortões.

Quando desembarcámos, arrastámos a canôa para longe d'agua, sem nos lembrarmos da maré, que estava enchendo, e abaixámo-nos, alongando a vista pela praia, para vêr se descobriamos os cascos molhados onde o luar se espelhava. Além da primeira tartaruga, que tínhamos visto, reluziam ao longe mais seis ou oito. O principal dos tapuios, que era o indio mundurucú, partiu a correr sem nos dizer nada, e nós fomos todos após elle.

Dirigimos a carreira para a tartaruga mais proxima, que suspendeu a postura e quiz fugir assim que nos sentiu os passos; mas, antes de tratar da sua propria segurança, o santo amor materno lembrou-lhe que devia esconder o ninho, e nós chegavamos no momento em que a triste alisava a arcia com um zêlo que lhe foi fatal.

O indio Pedro arremessou-se sobre ella e voltou-a de peito para o ar, não sem difficuldade, porque a infeliz resistia, pretendendo morder, ou arranhar as mãos que lhe inutilisavam as forças. Foi a primeira vez que eu vi tamanho exemplo de amor maternal. A mãe, arriscando a vida em defeza de seus filhos... Ó mães, que de lições tendes dado ao egoismo dos homens, de então para cá!... Mas tem sido perdidas todas; perdidas por tal fórma, que até vos cansastes já de as dar, e hoje não ha talvez quem morra por seus filhos, nem mesmo entre as tartarugas!

As outras mães fizeram, provavelmente, algum signal usado entra ellas para dizer:—«Salve-se quem poder!»—porque se precipitaram todas para o rio, com a maior velocidade que lhes permittiam as suas curtas e largas patinhas. Cada um de nós correu para seu lado, e em menos de um quarto de hora tínhamos voltadas na praia todas quantas alli estavam; nem una só escapou! Eu tornei-me tão destro no exercicio, que egualava, se é que não excedia os proprios tapuios!

Mas que drama tão doloroso e pungente era o d'aquellas pobres creaturinhas debatendo-se, tentando uma lueta inútil para salvar a futura prole! A sua vista abrimos cruelmente as covas, onde ellas haviam depositado os ovos, e lembro-me ainda dos esforços desesperados que faziam as miseras para se arrastarem sobre as costas e impedir que violassemos no berço os segredos da maternidade! Os meus tapuios, em quem a civilisação não conseguira destruir completamente os habitos da vida primitiva, devoraram alguns ovos crús, ainda tepidos do calor do ovario!

Foi a primeira lição de selvageria que eu recebi dos homens; e ou fosse porque o meu estomago se revoltasse contra a ignaria barbara ou porque realmente visse, como se me afigurou ao clarão da lua, cairem lagrimas em fio dos olhos das tartarugas, rejeitei os ovos que me offereciam para provar, dizendo-se-me que eram deliciosos.

Depois vi muitas vezes arrancar os filhos dos peitos das mães africanas, para os vender a um senhor diferente, e ellas, embrutecidas pela escravidão, não choravam; vi os homens venderem as mulheres de quem tinham tido filhos e pôr em leilão os filhos que houveram d'essas escravas, sem a menor demonstração de sentimento; vi a mãe, corrompida no seio da opulencia e dos esplendores da aristocracia social, ir para o baile offerecer sorrisos e deleites ao cynismo depravado, enquanto o filho expirava, n'um berço de ouro, entregue a cuidados mercenarios.

Reconheci então que os habitos da vida anti-social me tinham deixado intacto o sentimento do bem e do justo e a virgindade da alma; e que era menos difficil achar lagrimas nos olhos das tartarugas, do que coração no peito de muitas creaturas humanas. Na escola dos animaes ferozes não se aprendem as atrocidades que se praticam entre povos, que se dizem civilizados, e eu tenho momentos em que deploro sinceramente haver deixado a sociedade dos meus tapuios do Xingú... Adiante!

Quando os homens se fartaram do ovos, trataram de ir buscar a canôa para mais perto, a fim de se embarcarem as tartarugas. Eu corri adiante de todos para o logar onde a tínhamos deixado, e não a vi. Alonguei a

vista pela praia fóra, abaixei-me para vêr melhor;— nada!—O grito de afflicção que soltei attrahiu os tapuios todos.

—Foi-se a canôa!

—Como assim?

—Que é d'ella?

—Roubaram-n'a?

—Levou-a a maré, que estava enchendo, e nós não fizemos reparo!...

—Qual historia! Furtaram-n'a.

—Mas quem? Por aqui não ha moradores...

—Alguem que passou...

—E agora?

—Agora?

—Sim; que havemos de fazer?

—Valha-me Deus!...

—Esta só pelo diabo!

—Um caso assim!... E estamos n'uma ilha deserta!... por aqui não passa ninguem; todas as canôas vão ao largo, ou encostadas á outra banda!

—Mas que se ha de fazer?

—Eu não sei.

—Nem eu!

—Nem eu!

—Isto só por seiscentos diabos!

—Seria algum ladrão?

—Seria a maré?...

—Nós temos tartarugas para comer até que venha alguem... talvez que os cajueiros estejam com fructos... ovos não faltam... e então...

—Sim; mas a canôa?!

—É verdade; e a canôa?!

—Não temos redes para dormir!...

—Nem farinha!...

—Nem tabaco!...

—Nem pimenta!...

—E eu tenho só um bocadinho de isca no urú¹; se esta falhar, como havemos de ter lume? Aqui não ha dos paus que servem para o accender.

—Olhem se vae alguem roubar-nos as tartarugas!...

—É verdade! Quem sabe se foi ladrão que levou a canôa?...

E como se todos tivéssemos a consciencia de que a riqueza mais util que possuíamos, depois da perda da embarcação, eram as tartarugas, corremos todos para o pé d'ellas. Era tempo; duas ou tres tinham feito tantos movimentos e com elles se haviam por tal modo enterado na areia, que estavam quasi a tocar-lhe com as mãos e dentro em pouco poderiam voltar-se. Annullámos os seus esforços e começámos a correr a praia em todos os sentidos, sempre com os olhos fitos no rio, procurando a canôa, como animaes ferozes fechados n'uma jaula em busca da saída. Apesar de filhos dos bosques, e todos conservando ainda, mais ou menos, alguns habitos da sua tribu, nenhum dos tapuios queria resignar-se a dormir n'aquelle areal desconhecido, sem rede e sem fogo.

Eu, que os tinha visto andar sempre sem medo por florestas virgens e rios, onde iam comigo pela primeira vez, sentia-me, com razão, inquieto, achando-os agora tão acovardados e sem animo. A causa explica-se com tudo, facilmente. A canôa é a alma do indio do Brazil, assim como a gondola é a do veneziano, e o cavallo a do arabe. Um indio do Amazonas sem canôa é um corpo sem alma.

¹ Especie de cestinho, onde guardam o tabaco, isca, fuzil e pederneira.

O ubá, canôa de um só cedro, é feito por elle com a fórma de uma flecha, para correr mais e torna-se seu companheiro inseparavel até á morte; quando sac dos lagos para os rios, leva-o pelo canal mais curto; se é preciso dar uma grande volta, por ficar distante a bôca do lago, prefere arrastal-o atravez da floresta, ás vezes até distancias grandissimas; de sorte que quando o ubá não leva o indio, é o indio quem leva o ubá; e assim atravessam a vida, unidos sempre!

Nas horas de repouso, a canôa dorme tambem, amarrada com cordas de embira (*xylopia frutescens*) no portosinho, onde o indio ergue o seu tijupar; ao menor rumor desconhecido, adeus casa e familia! Com o remo em uma das mãos e as armas na outra, o homem arremeça-se ao ubá e faz-se ao largo, com a rapidez da setta despedida pela corda do arco! A canôa torna-o invencivel; os rios, lagos e igarapés, são aos milhares, e elle conhece-os todos; se porém navega em sitios desconhecidos, vae sempre pelo meio do rio, e se o rio é estreito atravessa-o sem cessar, de uma para outra margem, approximando-se da terra o menos possivel e remando sem ruído; uma boa remadella colloca-o n'um instante longe da praia, e outra o aproxima; sentado á pôpa do ubá, maneja-o com o remo, com que rema e governa ao mesmo tempo, melhor e mais facilmente do que o illustre Marquez de Marialva manejava um cavallo. De vez em quando, se a prudencia lhe não recommenda que seja desconfiado, lança-se á agua e nada alegremente á roda da canôa, como faria em volta de qualquer joven india um amante apaixonado; umas vezes pendura-se-lhe á pôpa, outras á prôa; ora se debruça n'uma, ora n'outra banda; e não raro se compraz em nadar com uma das mãos, arrastando-a com a outra sobre o elemento liquido!... Ao vêl-os tão estreitamente unidos—homem e embarcação—dir-se-hia que o madeiro inanimado sente, comprehende, e é sensivel a essas demonstrações de ternura! Outra mão que não seja a de seu dono, move custosamente o ubá, governa-o mal, e não lhe imprime a velocidade usual; como o cavallo, que reconhece nas re-deas e nas pernas o seu cavalleiro, o cedro cavado pela mão do selvagem parece distinguir o seu remador, e como que se faz mais leve e mais docil para elle do que para os estranhos! Privado da canôa, o indio, apesar de nadador excellente, foge da agua, entristece, esconde-se nos matos e torna-se mais feroz. Os habitos da vida fluvial, no sertão do Brazil, ao contrario do que succede entre os povos cultos, são mais brandos e suaves do que os da terra. A guerra com as onças, tigres, serpentes, ou tribus inimigas, torna os gentios mais selvagens e sanguinarios; os rios tambem têm os seus jacarés, mas a canôa separa-os do indio, e um remador valente nem teme affrontal-os, nem ser alcançado por elles quando quer fugir.

Havia mais de uma hora que nos tinhamos sentado tristes e desalentados ao pé das tartarugas, quando avistámos ~~uma canoinha~~ passando ao largo, tripulada por uma só pessoa. Antes de gritarmos para que nos acudisse, occorreu a um de nós que podia muito bem ser a nossa canôa e o seu roubador; deitámo-nos immediatamente na praia, espreitando-lhe a direcção e procurando adivinhar, pelos movimentos do remador, as suas intenções.

(Continua.)

F. GOMES DE AMORIM.

O RAPAZ DOS PHOSPHOROS

É filho de um jovial farcista qualquer, muito concituoso, que disse uma vez á familia:

—O rapaz que puxe por si, que é o que eu fiz. Já lhe deixo mais do que o meu pae me deixou: deixo-lhe os fios do telegrapho, os caminhos de ferro, as estradas-sinhas... Eu não tive nada d'isso, e quando queria ir á Azambuja havia de galgar como um cabrito por montes e charneças.

A mulher redarguiu:

—Vê ao menos se o arrumas!

—Arrumo.

Deu-lhe um cesto cheio de caixas de phosphoros, abriu-lhe a porta, e pôl-o na rua.

O pequeno por entre a azafama da sua agencia, foi seismando que tinha graça vir a ser mais rico que o pae. Assaltou-lhe a idéa o ecco de tudo que tinha ouvido, e as maximas e desconchavos paternos encheram-lhe a cabeça. Não se pôde dizer nada diante de creanças; qualquer conceito dirigido á innocencia instrue-a ou estroe-a: a candura é como a neve, tudo lhe põe rastro ou mancha; o pae costumava dizer: —Meio mundo vive de enganar outro meio! Elle tratou de ser da metade de cima.

As caixas de phosphoros muito cheias, chegam a ser perigosas: ao abrir-se, ardem todas. Para commodidade e segurança do freguez, aligeirou-as quanto poudo e de cada duzia fez treze: ficaram optimas, e renderam-lhe mais 10 réis.

Se pedisse esmola, rotinho, ninguem lhe daria um real; d'aquella fórma, com ares de independencia, ninguem tem animo de lhe recu-

sar 10 réis, quer seja pelos phosphoros, quer não. Para pedir, é indispensavel ter geitos de não precisar: é-se mais bem servido; quanto menos um pobresinho annuncia miseria, mais a gente se julga obrigado a dar-lhe esmola: seriam capazes de nos empobrecer a nós, se andassem... de trem!

Trata este galopim pequeno de enriquecer pela industria e pela esperteza: ha occasiões em que julga de preceito impingir seu pataco falso; e o menos que faz é passar como excellentes os phosphoros pessimos, que uns

atiram com a cabeça aos olhos de uma pessoa, e têm estropiado por ali meio mundo. Como, porém, se diz que é mais facil fazer caminho enganando o proximo do que amando-o, o rapazêlho timbra em ser do tempo e do paiz. Hoje é mal visto todo o homem que não enriqueça; chega-se a desconfiar das suas facultades. Dizem os circumstantes:

—É esperto e não ajuntou dinheiro!? Ora, adeus! Quem fôr esperto, sempre faz negocio: compra com a esperteza alguma posição boa, e nunca volta costas sem exigir troco.



Manda o rifão que se faça o bem na sombra, mas não passa de palavras; quem faz bem, em geral, gosta de o fazer ás claras... para todos verem; por isso o pequeno, por entender a léria, acende logo um phosphoro, quando pede que lhe comprem a caixa.

Não considera senão quem fuma; para esses todo o agrado e inteira cortezia; o Figaro, quando delineava o seu tribunal, dizia: —«E a canalha atraz!» Assim deixa elle como rebotalho os que tomam rapé.

Para elle o phosphoro é tudo, e vê tudo pelo phosphoro: conhece, pela escolha que faz o comprador, de que indole e raça o homem é: os amantes compram dos amorphos; os medrosos, dos compridinhos para subir escada; os artistas vão-se aos de páu; os burguezes ainda teimam com o José Osti.

Vê o phosphoro em tudo,—até no paiz, pequeno quanto basta para não exercer influencia nos negocios da Europa, podendo passar sem exereito, o que equivale a passar sem impostos, viver de braços cruzados, juntando algum vintem,—e que

não gosta senão de estar sempre no meio dos partidos politicos como um phosphoro entre a bigorna e o martello, até lograr de alguma vez o mesmo destino que o phosphoro tem, saltar-lhe a cabeça, ou arder, apagar-se, o pisarem-n'ó!

Quando vê nas ruas os meninos finos, fica pasmado; principalmente se avista uns esopinhos vestidos de militares, pela mão do pae, que sempre lhe dão riso como se fossem livrecos sem prestimo com encadernação de luxo. Tem dó quando encontra ás tardes de quinta

feira os ranchinhos do collegiaes a passear, humildes e tristes, adiante do prefeito, ao passo que elle disfructa a alegria selvagem de beber ar livre todos os dias e a toda a hora, na cidade, no campo, á mercê da fortuna e da venda.

Ha de crescer este patusquinho, e ha de ser um rapagão forte, despachado, alegre, em vez de se moer nos lyceus, acanhado, contrafeito, e ficar para sempre um Paneracio, de gola alta, calças com inchação de joelheiras, casaco a fazer préguas nos rins, e um zabumba na cachola, muito sério, muito sério, muito sério...

JULIO CESAR MACHADO.

CHRONICA DO MEZ



ELIZMENTE ainda para cá não eiram os ardentes calores que têm abrasado os habitantes dos Estados Unidos da America, a ponto de alguns se resolverem a ir tomar o fresco para o outro mundo. No entanto o sol de Lisboa não é dos mais benevolos durante o estio, e por isso os encaimados filhos da formosa rainha do Tejo vão sempre, nos mezes mais quentes do anno, pedir á amena sombra das arvores do campo, a fresquidão que não encontram nas abafadiças ruas e praças da cidade.

Mas a vida no campo é monotona e fastidiosa quando os passeios e demais distrações se não amindam, o que nem sempre acontece. Percorrer invariavelmente as mesmas ruas da quinta, assentar-se a gente a horas certas debaixo das mesmas arvores da alameda, passar quasi todo o dia a contemplar as mesmas flôres do jardim, cança o espirito, e aborrece-nos da paisagem por mais virente que seja, embora muitas pessoas façam consistir a sua felicidade em executar sempre a mesma coisa, tomando talvez por norma o que Chateaubriand escreveu não sei em que logar de um dos seus excellentes livros: — *Si j'avais encore la folie de croire au bonheur, je le chercherais dans l'habitude.*

Ora eu conheço remedio especifico para quebrar a monotonia do campo, remedio que nos transporta a regiões sempre diversas, de modo que a vida se nos torna variada, leve e delectosa. E é facil de adquirir; encontra-se nas paginas de um bom livro.

Ao delicado offerecimento de varios cavalheiros devo eu ter experimentado, no decurso do mez que vae correndo, os beneficos effeitos da leitura de algumas obras valiosas. Vou fallar d'ellas, não tanto para dar a minha opinião sobre o merecimento de cada uma, senão para indicar aos que desejarem recrear e esclarecer o espirito, o nome dos livros modernos que devem adquirir.

O *carrasco de Victor Hugo José Alves* é um formoso volume editado pelo conhecido livreiro do Porto, o sr. E. Chardron, e escripto pela mão firme e vigorosa do sr. Camillo Castello Branco. O novo romance do incansavel escriptor, além do interesse que desperta desde as primeiras folhas, pela originalidade dos principaes personagens que figuram no enredo — a luvaina da rua nova da Palma e o malevolo escrevinhador Victor Hugo José Alves — conserva o leitor dedicado ás boas letras, em constante admiração diante da magnificencia do estylo imaginoso e audaz do auctor, estylo que não só é delecto, como ensinamento.

Entretecidas com o romance propriamente dito, encontram-se algumas paginas da nossa historia moderna, que não são de certo as menos bellas, porque se acham escriptas com verdadeira eloquencia e fino criterio. Cito de entre ellas as que tratam do finado rei D. Pedro V, onde por ventura se lêem os melhores trechos da obra.

Salvador Rosa, drama escripto por um mancebo, que, segundo julgo, se estreia no mundo litterario com esta composição, é uma peça romantica ornada habilidosamente com todos os artificios e peripecias que foram n'outro tempo o enlevo das platéas, mas que estão hoje um pouco banidos dos theatros de primeira ordem.

Denota porém este original trabalho a existencia de faenldades dramaticas muito aproveitaveis no seu auctor, o sr. Bartholomen de Oliveira Dias e Sousa, que de certo emprehenderá e levará a cabo novas composições, de que ha de tirar honroso proveito quando dirigidas pelo estudo indispensavel da especialidade.

O drama — *Salvador Rosa* — tem desenho correcto de caracteres, investigação acertada da época e dos costumes, dialogo bem travado e alguns effeitos dramaticos artisticamente calculados. Não me parece porém que seja peça que possa representar-se, ou que dê lisonjeiro resultado quando posta em scena, porque tem, como trabalho para o theatro, scenas de grande extensão em que as idéas se acham quasi sempre diluidas n'um vasto mar de palavras, e outros senões impossiveis, talvez, de remediar sem o drama ser refundido.

Durante a leitura notam-se tambem duas scenas que devem forçosamente produzir resultado diverso d'aquelle que o auctor espera. Uma é quando no terceiro acto Paula empunha a espada que Pazzi anteriormente arrojara, e ameaça com ella a sua rival Luceccia; a outra quando no quinto acto Paula entra disfarçada em monge, e Genovino lhe arranca a barba postiça.

O auctor a quem não falta com certeza talento, devia, quanto a mim, ter escolhido de preferencia para se estreiar no theatro, um assumpto portuguez. Escolhel-o-ha porém agora para os novos trabalhos que emprehender, e, tendo sempre em vista que as composições dramaticas são como a scenographia, em que uma broxada larga e francamente applicada pelo scenographo, produz mais effeito que milhares de toques delicados e finos do pintor de cavallette, estou que virá a ser um bom escriptor dramatico, porque poucos dos que militam n'este campo tem tido mais auspiciosa estreia.

O segundo volume do *Summario de varia historia* pelo sr. J. Ribeiro Guimarães, como o primeiro de que já fallei n'esta secção, é, por assim dizer, um feixe de artigos curiosos e instructivos, que derramam bastante luz sobre muitos dos nossos velhos usos, acontecimentos historicos e monumentos antigos, pelo que se torna de grande proveito não só para os menos lidos nas coisas patrias, como para os que têm de escrever sobre o assumpto.

Um dos capitulos da nova obra do sr. Guimarães intitula-se — *Pateada real*, e n'elle refere o auctor que achou n'um livro noticia do seguinte facto acontecido com el-rei D. Sebastião:

«Na primeira occasião que visitou a universidade, indo visitar uma das aulas, foi receebido com pateada. Turbou-se o rei, e, empunhando a espada, perguntou o que significava aquillo; disseram-lhe ser applauso escolastico; serenou o animo, e das outras vezes mostrava contentamento.»

Se o caso é veridico — do que o sr. Guimarães duvida — vê-se que a universidade seguia n'essa época o uso que ha no estrangeiro de applaudir com os pés. Entre nós quando uma peça é pateada, costuma-se dizer ironicamente, como que para consolar as pessoas a quem o successo entristece:

— Foram inglezes.

Em todos os países que eu conheço os applausos no theatro dão-se com as mãos e com os pés. Lembra-me, a proposito, o seguinte. Quando ultimamente estive no estrangeiro, notei que um meu compatriota e amigo com quem ia todas as noites ao theatro, umas vezes palmeava, outras pateava os actores ou a peça. Estranhando o facto, perguntei-lhe a razão do seu proceder, e respondeu-me:

— Como aqui o applauso é dar palmas ou pateada, eu quando gosto dou palmas e quando não gosto pateio. D'este modo consigo ser cortez com o povo que me hospeda, e ficar em paz com a minha consciencia.

Similhante em curiosidade e utilidade é a *Gnia do viajante em Belem*, livrinho assaz portatil e contendo noticias historicas

das edificações e monumentos que se encontram no concelho mais frequentado dos arrabaldes de Lisboa.

Os diversos capitulos de que se compõe o excellente livrinho denominam-se: *Belem*—*Alcantara*—*Forte do Sacramento* (vulgò forte de Alcantara)—*Palacio do Calvario*—*Palacio do Patriarcha*—*Forte da Junqueira*—*Cordoaria*—*Palacio de Belem*—*Largo de Belem: conspiração dos fidalgos contra a vida de el-rei D. José I; supplicio do duque de Vizeu e seus cumplices; sentença; chão salgado; igreja da Memoria*—*Mosteiro de Santa Maria de Belem* (vulgò convento dos Jeronymos)—*Casa Pia*—*Torre de S. Vicente* (vulgò torre de Belem)—*Palacio da Ajuda*—*Nota indicativa dos principaes estabelecimentos.*

Vae sendo supprida a falta de guias que ha em Portugal, onde as indicações d'este genero se acham mais compendiadas em volumes estrangeiros do que em livros nacionaes. Ha pouco tempo um cavalheiro do Porto deu á publicidade, como já n'outra occasião disse, uma *Guia do amador de bellas artes*, na qual se encontra grande copia de esclarecimentos relativos a Portugal, agora temos a *Guia de Belem*, perfeitamente coordenada, ao alcance de todas as algibeiras e em edição muito regular. Esperamos que o publico se interessará por este livrinho, convidando assim os editores a empreender outros do mesmo genero, relativos a varios pontos do paiz, o que será de certo um bom serviço feito aos que se interessam pelas curiosidades patrias, bem como aos estrangeiros que nos visitam.

Quijote y el Cervantes serve de titulo a um estudo critico de grande merecimento, publicado na capital do visinho reino pelo erudito escriptor o sr. D. Francisco M. Tubino.

O novo livro do sr. Tubino é trabalho muito curioso, principalmente para os que se tem entregado ao estudo da grande obra de Cervantes, fonte inexgotavel de pesquisas e discussões desde o seu apparecimento até nossos dias. As investigações feitas pelo sr. Tubino ácerca do falso D. Quixote, e os argumentos vigorosos e bem deduzidos que apresenta para provar as suas asserções, denotam o estudo serio que o auctor tem feito do assumpto, assim como os seus elevados conhecimentos, e derramam brilhante luz sobre o caracter e merecimento de muitos dos vultos da época de Cervantes, como Aliaga, Lope de Vega e outros.

O livro do sr. Tubino é, pois, além de agradável, instructivo, e por isso digno de ser consultado não só por aquelles que maior conhecimento têm da litteratura hespanhola, como pelos que lhe são mais alheios.

Além dos livros portuguezes que primeiro citei, publicaram-se mais tres: *Fausto* e as *Subichonas*, famosas tradueções do sr. visconde de Castilho, e o *Livro de consolação*, novo romance do sr. Camillo Castello Branco.

Não ha, pois, rasão de queixa d'esta vez. Se em todos os mezes saíssem dos prelos portuguezes obras tão importantes e valiosas, o estado de prosperidade da nossa litteratura havia de ser mais lisonjeiro. Tenhamos porém esperança de que o favor publico servirá de incentivo para novas produções.

Quando algumas empresas dos espectaculos da capital retiram em frente do inimigo—o calor—fechando as portas ao theatro e licenciando a companhia, ou fugindo para as provincias á procura de espectadores, outras ficam na brecha, armando-se até os dentes para saírem victoriosas e aproveitar, muito bem aproveitado, o pouquissimo publico que vae n'esta época ao theatro.

A Trindade pôz em scena este mez, com deslumbrante espectáculo, uma nova magia do sr. Aristides Abranches, escriptor dramatico muito esclarecido e applaudido. A concorrência ao novo espectáculo tem sido grande. As magnificas vistas pintadas pelos scenographos, os srs. Procopio e Lambertini; os bonitos e desusados fatos, delineados pelo sr. Cohen; a *mise-en-scène* caprichosa e bem calculada, feita pelo sr. Moniz; o optimo desempenho da actriz Anna Pereira, que em diversos typos que representa, é sempre natural e graciosa; o desempenho tambem notavel dos demais actores, e por fim os bons elleitos do poema, tudo contribue para que as *Tres rocas de crystal* sejam um dos espectaculos mais brilhantes e dignos de serem vistos, que ha hoje em Lisboa.

Quiz a Providencia, que todos os que trabalham para aquelle theatro, auctor, ensaiador, actores, pintores, guarda roupa, ade-

recista, etc., concorressem com a sua boa vontade e o seu melhor trabalho para abrihantiar o primeiro espectáculo novo a que assistia o director da casa, depois da prolongada e perigosissima doença de que felizmente se acha salvo. Foi um acaso feliz e agradável para todos, até para os espectadores que nem foram dos que menos se interessaram pelo restabelecimento do talentoso escriptor e director, nem são dos que menos se importam com o deslumbramento e belleza dos espectaculos que lhes offerecem.

Admira-se, e com rasão, a presença de animo que tem uma empresa para arrostar com os perigos do calor, fazendo representar, na força do estio, uma peça dispendiosa e que n'outra estação teria certissima concorrência; mas ainda é mais para admirar que n'esta mesma época arriscada se eriem novas empresas, se construam theatros e se dêem representações, de mais a mais de noite e de dia.

Além dos theatros volantes que andam de feira em feira, temos outro com pretensões mais elevadas do que os preços dos logares.

Ha tempos referiram os periodicos diarios, que o sr. Villar Coelho tencionava mandar construir uma casa de espectaculos não sei em que sitio; pouco depois annunciavam os mesmos periodicos que tal casa estava construida em Alcantara, se chamava theatro de D. Augusto e abria em julho. Assim foi. O theatro está dando as primeiras representações, a que assiste o publico da localidade e o de Lisboa, festejando as peças e a companhia, que é muito regular e deve ser bem dirigida pelo sr. Apolinario de Azevedo, muito pratico e sabido em coisas de theatro. Se a fortuna costuma coroar os grandes arrojos, é natural que o theatro de Alcantara nunca seja abandonado pela inconstante e caprichosa deusa.

A novidade artistica do mez é a exposição dos trabalhos executados pelos artistas que foram ao concurso aberto na Academia das bellas artes, a fim de se mandar estudar ao estrangeiro, um architecto, um gravador e um paizagista.

A exposição effectuou-se na sala denominada de D. Fernando. Foram cinco os concorrentes: um á secção de architectura, outro á de gravura e tres á de paizagem.

Os trabalhos apresentados pelo architecto e pelo gravador pareceram-me muito bons, e julgo que o estado, enviando estes alumnos ás escolas estrangeiras para se aperfeiçoarem na sua arte, obterá dois excellentes artistas.

Quanto aos pintores de paizagem, parece-me que difficil será ao jury, escolher, entre dois, o melhor. E digo entre dois, porque julgo um fóra da liça, pois manifestamente se vê que em pintura, e principalmente no quadro grande, alcançou menos vantagens que os seus collegas. Reconhece-se nos dois restantes que fizeram ambos os maiores esforços para se apresentarem dignamente, e, se commetteram erros, mostraram tambem que qualquer d'elles está nos casos de aproveitar bastante com o estudo sério que fizer fóra do paiz. De ambos os quadros se pôde talvez dizer—se por ventura elles são assignados pelos artistas a quem os attribuo—que representam os trabalhos mais completos e perfeitos que têm saído dos pinceis dos seus auctores. O mesmo se não dirá, de certo—querendo-se ser imparcial—das copias do modelo vivo, que me pareceram trabalhos muito mediocres com relação ao merito dos concorrentes.

Emfim, aguardando a decisão do jury, desde já dou os parabens aos felizes que obtiverem o subsidio para estudar em França ou Italia, porque isso equivale a regressarem á patria mais illustrados e aperfeiçoados na sua arte, depois de terem vivido meia duzia de annos no meio do bulicio e das seduções com que as grandes cidades convidam os estrangeiros.

RANGEL DE LIMA.



DIVERSAS NOTÍCIAS

==== O sr. visconde de Carvalhede presenteou a nossa Academia de bellas-artes com mais onze quadros. A generosidade d'este cavalleiro deve aquelle estabelecimento artistico ter a sua galeria acrescentada com trinta e um quadros, alguns dos quaes de muito valor. Os ultimos que vieram são: *Danée*, copia de Ticiano; *Herodiada*, Lucas Cranach; *Transfiguração de Christo*, Tintoretto; *Santa família*, Annibal Carrache; *Loth e a família*, Francisco d'Imola; *Baptismo do eunucho da rainha da Ethiopia*, idem; *Santo Estandislaw*, Pietro di Crotona; *Christo crucificado entre os ladrões*, Antonello da Messina; *Isabel d'Orléans, duquesa de Guise*, Mignard; *Ropaz da época do imperio*, Gerard; *Velha*, Nicolau Maas. Os tres ultimos são os melhores d'esta renessa.

==== Na rua de Alealá, em Madrid, está em construcção um novo theatro que se denomina de *Moratin*. Deve o nome ao de um celebre auctor dramatico hespanhol dos fins do seculo passado e principios d'este. Moratin foi amigo de Goya, que lhe fez alguns retratos preciosissimos.

==== Publicaram-se no Brazil as seguintes obras:

Succintos conselhos ás jovens mães, pelo sr. dr. Theodoro Langard.

Versos de Flavio Reimar. Diz-se que este nome é pseudonimo do sr. Gentil Homem de Almeida Braga, auctor do livro *Entre o céu e a terra*.

Loucuras da mocidade, comedia em um acto, pelo sr. Antonio José da Fonseca Moreira.

Lanterna de Diogenes, primeiro numero de uma folha periodica. Promette tratar de tudo e para todos, e tem por divisa: «A verdade e só a verdade.»

O Paulista, folha que estava suspensa e se publicava em Campinas.

O filho do povo, pequeno periodico publicado na cidade de Cuyahá.

Um noivo e duas noivas, romance em tres volumes, original do sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo.

Napoleão. Pio IX e Victor Hugo, ou o porvir da realeza, do passado e da democracia universol, pelo sr. Augusto Garrett.

Amor e infamia, drama em um prologo e tres actos, pelos srs. José Candido dos Reis Montenegro e Carlos Clementino Carvalhaes.

==== O sr. His de La Salle fez doação ao Museu do Louvre, de mais de 200 desenhos e uns 10 quadros escolhidos pelo sr. Reiset da sua famosa colleção. As obras de arte doadas pelo sr. La Salle não entram no Museu senão depois da morte do seu possuidor.

==== N'um dos salões do Conservatorio dramatico do Rio de Janeiro, inaugurou-se, ha pouco, uma sociedade denominada — *Club Mendelssohn*, cujo fim é tornar conhecida na capital do Brazil a musica classica. Foram fundadores da sociedade os srs. Demetrio Riveiro, Ricardo Ferreira de Carvalho, Cerrone e J. J. dos Reis.

==== No dia 7 d'este mez abriu as suas portas ao publico a famosa exposição de Lyon. Houve festas magnificas para celebrar a inauguração. O palacio é vistoso e encerra objectos preciosissimos.

==== O rei da Dinamarca assistiu á solemnidade da abertura da exposição internacional em Copenhague. O numero dos expositores é, pouco mais ou menos, de 4:000, sendo os principaes dinamarquezes, suecos e noruegueses.

==== O jury do *Salão* de Paris podia conferir duas series de medalhas: 8 de primeira classe e 16 de segunda, em pintura; 4 de primeira e 8 de segunda, em escultura. Em vez, porém, das 8 de primeira classe e 16 de segunda em pintura, conferiu 4 de primeira classe e 24 de segunda, e em vez de 4 de primeira classe e 8 de segunda em escultura, concedeu 2 de primeira classe e 12 de segunda. A medalha de honra foi ganha pelo pintor Julio Adolpho Breton.

==== Em Dieppe abriu-se, no dia 20 d'este mez, uma exposição de que é presidente Alexandre Dumas. A *Sociedade dos amigos das artes*, d'aquella cidade, encarregou-se da organização da exposição.

==== Tem estado exposto no Passeio publico do Rio de Janeiro o projecto do monumento que vae erguer-se no campo da Aclamação, as glorias conquistadas no Paraguay, projecto executado pelo joven architecto brasileiro, o sr. Caminhoá.

Um grupo allegorico que figura o Brazil esmagando o monstro da anarchia, assenta sobre uma esphera azul com estrellas doiradas, re-

presentantes das provincias do imperio. O Brazil vê-se sob a forma de uma guerreira espartana. O capitel e fuste, que, com o grupo superior, são de bronze, termina inferiormente em quatro faces, cada uma das quaes tem um medalhão representando uma das principaes batalhas. O primeiro refere-se á do Riachuelo, o segundo á de Tuytuy, o terceiro á de Lomas Valentinas, e o quarto á de Peribeuy. Separam os medalhões quatro estatuas figurando — *A marinha* — *A artilheria* — *A infantaria* e — *A cavallaria*. Toda esta parte é tambem de bronze. Por baixo estão oito rios, recostados a dois e dois sobre urnas jorrando agua, que se despenha em formosa cascata. Nos quatro angulos e separando estes grupos, ha quatro *proas de navios*, como que para indicar quão grandes foram os feitos navaes. As proas terminam por cabeças de monstros, que arremessam agua pelas narinas a grande altura. Esta parte do monumento é de marmore de diversas côres, sendo as cabeças dos monstros de bronze. As bacias maiores são de granito, tendo a ultima quarenta e dois metros de diametro. A altura do monumento anda por cincoenta e nove metros. O modelo representa-o na decima parte do tamanho.

==== Está em Lisboa o sr. D. Toribio Ruiz Gimenez, jornalista hespanhol e socio da casa editora de D. José Gil Dorregaray, no vizinho reino, a fim de tornar conhecidas duas excellentes obras que a referida casa está editando. Uma d'ellas é relativa a medicina e a outra intitulada — *Museu español de antigüedades*, é dirigida por D. Juan de Dios de la Rada y Delgada, e publica em lithographia, gravura ou cromolithographia, com a respectiva descripção, os principaes objectos do Museu archeologico de Madrid. É obra importantissima e muito curiosa.

==== O circulo artistico de Bruxellas, que não havia justificado até agora o seu nome, mostrou finalmente qual o fim para que foi instituido. Depois de terem edificado uma galeria, os membros do circulo encheram-na de obras de arte, e tão lisonjeiro foi o exito da primeira exposição, que já se trata de construir nova galeria, para o que se abriu um emprestimo, que deve ser preenchido pelos associados. Entre as pinturas expostas, notam-se muitas paizagens e marinhas, alguns retratos, mui poucos quadros de genero e nenhum de historia. Todas as telas estão collocadas nas melhores condições de altura e luz, pelo que nenhuma reclamação foi feita á direcção. Encontram-se obras de Madou, Robie, Roelofs, Clays, offerecidas pelos auctores como premios para o emprestimo do circulo, e de Cluyse-naar, van Camps, Verheyden, Devaux, Coosemans, Portaels, Goethals, Wauters, Artau, Oyens, Werwée, Francia, Chabry e Tschaggeny. A escultura é representada por fragmentos da decoração executada por de Groot no palacio da Bolsa. A arte industrial não foi excluida; o sr. de Mol expoz as suas bellas louças de camafeus, genero em que não tem rival na Belgica.

==== Os srs. Rollin e Feuarent, francezes, compraram pela quantia de 108:000,000 réis, o medalheiro mais rico de Inglaterra.

==== O archidnque Carlos Luiz aproveitou a sua estada na capital da Turquia, em trabalhar diligentemente para o esplendor da exposição universal que se deve effectuar no proximo anno em Vienna d'Austria. O sultão poz, do melhor grado, todos os thesouros de arte que possui, á disposição de sua alteza, que escolheu por suas proprias mãos grande numero de objectos preciosos para figurarem na exposição, entre os quaes se notam ricas mobilias, colchas, vasos, armas e manuscritos raros. O commissario turco Hamdi Bey, e o architecto Montani, partem brevemente para Vienna, a fim de darem começo aos trabalhos de construcção para a exposição turca.

==== Está aberta a exposição de artes e de industria em Dublin.

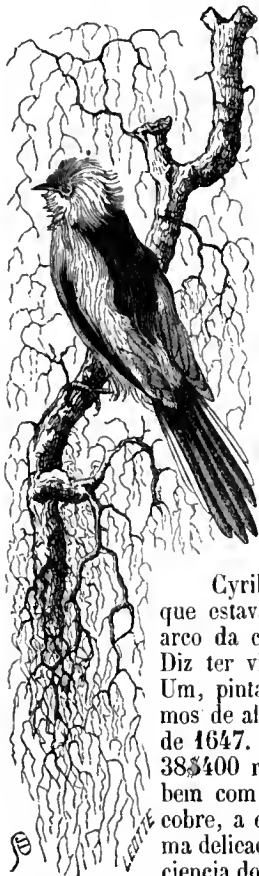


ARTES E LETRAS



LISBOA — AGOSTO DE 1872

QUADROS DE JOSEPHA D'OBIDOS



JOSEPHA d'Ayala, communmente denominada Josepha d'Obidos, foi uma pintora notavel no seculo xvii pelo grande numero e variedade de seus quadros. Comquanto não sejam grandes primores de arte, merecem, todavia, os elogios dos entendidos. « Temos visto, diz Taborda, muitos quadros d'esta heroína, a maior parte de flôres e fructos, e tambem alguns de historia, e em todos admiramos grande força de engenho, muita verdade e viveza de expressão, mas um estylo algum tanto duro. »

O auctor do *Theatro Heroico*, Damião de Froes Perim, diz que na igreja e convento de Valbemfeito, da ordem de S. Jeronymo, se admiram grandes pinturas de Josepha d'Obidos e que em casa de um seu descendente, o dr. João Gomes de Avellar vira muitas de igual perfeição em panno, cobre e prata.

Cyrillo Volkmar Machado ouviu celebrar os que estavam na Misericordia de Obidos sobre o arco da capella-mór e na freguezia de S. João. Diz ter visto alguns em Lisboa e muito bons. Um, pintado n'uma chapa de cobre de dois palmos de altura, tinha a firma da auctora e a data de 1647. Foi vendido a um inglez em 1807 por 38\$400 réis. Outro com a data de 1657 e tambem com o nome da pintora, representava, em cobre, a coroação da Virgem. Era obra de extrema delicadeza, lembrando em certos adornos a paciencia dos auctores dos quadros gothicos. Pertencia ao conego de Evora, fr. Miguel de S. Remigio.

Taborda affirma de Josepha d'Obidos que teve singular propensão para tirar retratos, como mostrou no da princeza D. Isabel, filha de el-rei D. Pedro II e da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, que, por quanto ficasse mui parecido, se julgou o mais capaz de se mandar ao duque de Saboya, Victor Amadeu, com quem a princeza se desposou.

Na bibliotheca de Evora ainda hoje se conserva um quadro que reputámos entre os melhores de Josepha d'Obidos. Representa um cordeiro branco, ligado de pés e mãos e cercado de uma grinalda. As flôres estão pintadas com muito mimo e o pello e a posição do cordeiro naturalissimos. Em 1867 figurou na exposição de Paris uma photographia d'este quadro.

No Varatojo viu o conde Rackzynski dois quadros de Josepha d'Obidos. Um representava Nossa Senhora das Dores, e estava na capella do noviciado; o outro era um Menino Jesus muito

gracioso, pintado em panno e vestido com uma tunica transparente que mais lhe realçava a belleza. Estava no côro da mesma igreja do Varatojo.

Em Coimbra mostraram-nos em uma sala do convento do Carmo um quadro de Josepha d'Obidos, pertencente á ordem terceira, e muito semelhante ao ultimo dos que Rackzynski observou na igreja do Varatojo.

D'este quadro, que tem a data de 1682, publicámos no *Instituto* uma noticia descriptiva, que mereceu a honra de ser reproduzida no quinto numero d'este jornal.

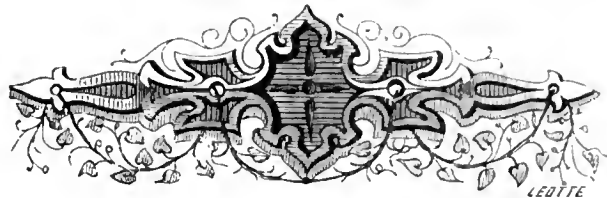
Ao que por essa occasião dissemos, acrescentaremos agora que vimos depois em Coimbra, n'uma casa particular, outro quadro semelhante, porém de menor perfeição. Tem igualmente o nome da pintora e data pouco posterior: Josepha, em Obidos, 1682.

Entre os quadros que a sr.^a D. Maria Benedicta Castro e Mello, de Soure, mandou para a exposição districtal de Coimbra em 1869, havia um pintado em cobre que representava o Menino Jesus deitado, e tinha tambem o nome de Josepha d'Obidos.

Exercitou-se esta pintora em gravura, como se prova pela que tem o seu nome e a data de 1653 nos Estatutos da Universidade de Coimbra, impressos em 1654.

Josepha d'Ayala nasceu em Obidos e falleceu em 1684, contando apenas uns cincoenta annos de idade. Foi sepultada na igreja de S. Pedro d'Obidos, onde se vêem, diz Taborda, muitos quadros seus que farão lembrar sua memoria.

A. FILIPPE SIMÕES.



O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

Comtudo este discurso produziu uma diversão favoravel a Coucou. Os bons aldeões, impressionados pela physionomia augusta e pelos gestos do illustre philosopho, approximaram-se da janella, emquanto o tocador aproveitava a occasião para se safar, fechando-se na cavallariça.

Metade da gente da aldeia se achava então sob as vistas de Matheus: os aldeões grupavam-se em volta, e olhavam-n-o uns por cima das cabeças, outros por cima dos hombros dos que lhe ficavam adiante, curiosos de saber o que elle dizia.

Imagine-se o entusiasmo do philosopho; sentia vontade de os abraçar a todos: não cabia em si de contente.

—Frantz, dizia elle consigo, é evidente que o ser dos seres, o grande Demiurgos, reuniu este numeroso auditorio para que tu o convertas. Seria necessario ser cego para não reconhecer n'este facto o dedo do Deus.

E estava tão commovido que durante segundos não pôde articular uma palavra; assoava-se, estendia as mãos, abria a bôca; os argumentos apresentavam-se-lhe tão numerosos que não sabia por onde começar. Sentia necessidade de dizer tudo ao mesmo tempo.

Por fim o seu espirito asserenou, e com uma voz forte e vibrante disse:

—Nobres habitantes de Oberbronn, seres privilegiados da natureza, modestos e respeitáveis camponeses,— não imaginaes quanto a vossa visita me commove, nem a gloria que vos espera nem os thesouros que eu vos trago.

À palavra thesouros houve grande agitação entre o povo: esperaram todos desde logo ve-lo metter a mão n'um sacco, e atirar dinheiro pela janella. Os que estavam mais longe approximavam-se depressa, e a coxa Katel, que estava na frente, começou a gritar, imaginando, ao ver os outros passarem-lhe para diante, que queriam tirar-lhe a sua parte.

Este afim em se lhe approximarem causou vivo prazer ao illustre philosopho.

—Sim, meus amigos, continuou elle com um tom pathetico, trago-vos os thesouros da sabedoria, da philosophia e da virtude.

E estas palavras foram para todos uma decepção.

—Que te leve o diabo com os teus thesouros de sabedoria! gritou-lhe Ludwig Spengler, bem me parece que precisas mais d'elles que nós.

Matheus, indignado, calou-se para poder com uma grandiosa apostrophe fulminar aquelle miseravel; quando o moleiro Tapihans, approximando se da janella, tirou o barrete de algodão e disse:

—Olá! bons dias, Abrahão; que vens tu cá fazer? Então queres fazer-nos judeus?

—Eu não me chamo Abrahão, respondeu o illustre philosopho. Sou Frantz Matheus, doutor em medicina pela faculdade de Strasburgo, membro correspondente da...

—Ora adeus! Eu bem sei quem tu és, acudiu o moleiro em ar de escarneo. Tu chamas-te Abrahão Speizer, e ainda o anno passado me vendeste um cavallo cego de que nunca mais me pude vêr livre. Olha, e até, se não me engano, és tu mesmo o rabbino de Marmontier.

Assim que elle soltou estas palavras levantou-se na multidão um grande alarido.

—Vamos ao rabbino! Quebremos os ossos ao rabbino! Fóra! fóra! Vamos ao rabbino!

—Estão enganados, meus filhos, bradava o pobre philosopho, cegam-vos os vossos instinctos animaes.

Mas ninguem queria ouvil-o: as velhas erguiam os páus das vassouras, e os homens mostravam-lhe os forcados; alguns procuravam pedras, enquanto Matheus, pallido, interdicto, balbuciava palavras inintelligiveis.

De repente, por uma especie de subita inspiração, voltou-se e fugiu para a cozinha.

Foi então que os gritos e o tumulto redobrarão fóra. Até a sr.^a Catharina se assustou!

—Valha-me Deus! disse ella, o que fez, sr. doutor?

—Não fiz nada, não fiz nada... gaguejava o illustre philosopho... foi o moleiro que...

—Tapihans? Miseravel! É que quer separar-nos, e para isso alborota o logar contra nós. Fuja, fuja, continuou ella mettendo-lhe um grande chouriço na algibeira, fuja! até á vista... ha de voltar outra vez, não é verdade?

Mas o illustre doutor não precisava que o aconselhassem a fugir e já a esso tempo ia atravessando o pateo e dizendo:

—Sim, sim, vêr-nos-hemos nas espheras superiores.

Entrou na cavallariça pela porta trazeira e viu que o seu discipulo apertava as cilhas ao cavallo.

É que Coucou Peter observára a scena por uma janella que dava para a praça, e, prevendo logo o resultado da predica, corrêra a sellar Bruno.

—Chega a proposito, mestre, disse elle; é que eu

ia safar-me sósinho. Ao que parece a peregrinação das almas não péga por cá, hein?

—Fujamos! disse Matheus que perdêra a cabeça.

—Tambem me parece melhor. Estes brutos não estão á nossa altura. Vá, vá, salte para a garupa, ou temos o ealdo entornado.

E pôz-se logo a cavallo. O illustre doutor trepou para traz d'elle com uma destreza maravilhosa.

Coucou Peter tirou a tranca, abriu a porta e entrou no largo a correr como um doido.

Gritos terriveis so elevaram em volta d'elles. Matheus levou logo tres tremendas pancadas de forcado. E a cada uma o seu discipulo gritava:

—Ai! ai! Vá, que são lições de psychologia.

Mas o illustre philosopho não dizia palavra. Tinha os olhos fechados, e agarrava-se-lhe com tanta força que o tocador podia a custo respirar.

A sr.^a Catharina, de pé sobre o patamar da sua porta, com uns ovos n'uma frigideira, contemplava esta scena soltando gritos lastimosos, porque julgava que matriariam o doutor.

Quando viu o cavallo afastar-se a grande galope por entre os gritos e os apupos da multidão, a boa mulher enxugou os olhos á ponta do avental, e entrou na cozinha, dando um profundo suspiro e murmurando:

—Pobre homem. Deus te guie!

VIII

Depois de uma galopada de meia hora Frantz Matheus, que já não ouvia senão o som da corrida rapida do cavallo na terra do caminho, e o canto dos passaros pelo ar, arriscou-se a abrir um olho... depois o outro... de modo que, vendo-se no meio de uma espessa floresta, longe dos cacetes e do espirito sophistico dos aldeões, respirou como se fóra um enforcado a quem houvessem cortado a corda.

Pelo seu lado Coucou Peter moderou a andadura de Bruno, e palpou-se para se certificar se estava intacto. Quando se convenceu de que tudo se achava no seu logar, voltou-se para a aldeia, que se via ainda por entre as arvores, estendeu os braços magestosamente e exclamou:

—Habitantes de Oberbronn, o propheta Coucou vos amaldiçoa!

—Não, não, não os amaldiçoes, murmurava o doutor com voz supplicante, não os amaldiçoes! Meu Deus! elles não sabem o que fazem.

—Pois tanto peor para elles, respondeu o tocador enfadado; amaldiçô-os até á terceira e quarta geração. Ah! já sabem? Sucia! Tapihans, Ludwig Spengler, estaes amaldiçoados! desprezo-vos como a lama das minhas botas!

E dizendo isto, voltou-se e proseguiu o seu caminho.

Bruno seguia então a passo o atalho de Eschenbach. O sol queimava a terra arciosa, milhares de insectos volteavam em torno das matas, e o seu vago zumbido era o unico rumor que enchia o espaço.

Esta immensa serenidade da natureza commoven insensivelmente Matheus. Baixou a cabeça em silencio, cobriu o rosto e começou a chorar.

—Então que tem, mestre? perguntou Coucou Peter.

—Nada, meu amigo, nada, respondeu elle com uma voz abafada. Penso nos desgraçados que nos perseguem, penso nas numerosas transformações por que ainda terão de passar antes que cheguem á perfeição moral, e lamento, lamento deveras que tenham tão máu coração. É em mim que lhes queria tanto, em mim que comprehendia

esclarece-os sobre os seus destinos futuros, em mim que ainda os amo com todas as forças da minha alma, é em mim que elles batem, a mim que injuriam, desconhecendo a pureza das minhas intenções. Não podes imaginar, não podes, quanto isto me custa. Deixa-me chorar, porque são lagrimas bem suaves as que me provam que sou bom. Oh! Mathens, Mathens! homem virtuoso! exclamou elle. Chora, chora sobre os desvarios dos teus semelhantes, mas não murmures contra a justiça eterna. É ella a que faz a tua grandeza e a tua força. Alho, tulipa, caracol, lebre, homem, por fim, nem sempre tu foste philosopho. Foram precisos bastantes seculos para domar em ti os instinctos animaes. Sede pois indulgente, e pensa em que, se estes inferiores te querem mal, é porque não são dignos de comprehender-te.

—Ora parece-me realmente bom que recebamos pancadas e ainda em cima lamentemos os que nol-as dão, disse Coucou Peter. Creio, e'os diabos, que era mais natural lamentarmos-nos a nós mesmos.

—Ouve, meu amigo, disse Mathens enxugando as lagrimas. Quanto mais scismo mais certo eston de que assim deve ser. Todos os prophetas foram infelizes. Ledod foi enviado a Bethel sob condição de não comer nem beber; uma vez que, infelizmente, comeu um bocado de pão, um leão o devorou, encontrando-se-lhe depois os ossos entre esse leão e o seu burro. Jonas foi engulido por um peixe: é verdade que apenas esteve tres dias no seu ventre, mas é em todos os casos desagradavel permanecer por setenta e duas horas n'uma tão incommoda posição. Habaene foi arrebatado pelos cabellos e levado pelo ar em Babylonia, e, vê tu, Coucou Peter, que deve ser bem afflictivo estar suspenso pelos cabellos. Ezequiel foi lapidado. Não se sabe bem ao certo se Jeremias foi lapidado ou serrado ao meio. Quanto a Isaias não resta duvida que foi serrado. Amós foi...

—Mestre, mestre, não julgue que essas historias me animam. Nada, nada; lá se tenho de ser serrado então prefiro voltar á minha rebecca e tocar até morrer.

—Vamos, vamos, socega, hoje os prophetas não são tão maltratados, alguns até recebem, pelo ser, grandes tenças.

Conversando por esta fórma, proseguiu o caminho pelo valle de Zorn. Mathens esquecia a ingratição do genero humano, no seu muito maior amor pelo interior das florestas. O ruido imperceptivel do insecto que tritura a casca das velhas arvores, o vôo da ave que roça com as azas pelas folhas, o vago rumorejar do regato que corre pelas quebradas, os turbilhões de ephemerós que volteiam sobre as aguas estagnadas, todos estes mil episodios da solidão, davam de continuo assumptos novos para as suas meditações anthropo-zoologicas.

Coucou Peter assobiava para se distrahir, e dava de tempos a tempos um beijo á garrafa de Kirschenwasser; ás vezes Bruno enterrava-se no leito do rio Zorn até aos peitos: então o mestre e o discipulo agarravam-se um ao outro, erguiam as pernas e olhavam para a agua que corria por baixo tumultuosa e sonora.

O calor tornara-se insupportavel: nem um sopro penetrava nos arvoredos. Coucou Peter apeara-se e sentia o suor banhal-o. Mathens, que não pregara olho toda a noite, bocejava de tempos a tempos e murmurava: «Grande! grande Demi... urgós...» sem que todavia soubesse positivamente o que dizia.

Chegaram assim a uma quebrada onde a torrente corria sobre um leito de calhaus. Logo que Bruno chegou á beira da agua estendeu o pescoço para beber, de modo que Frantz, que não esperava por este movimento, ia-lhe saíndo pela cabeça. Coucou Peter teve apenas

tempo de o segurar pelas abas do longo casaco, dando uma gargalhada tal, que todos os eccos das proximidades a repetiram.

—Coucou Peter! Coucou Peter! exclamou o illustre doutor indignado, não tens vergonha de rir no momento em que me ia afogando? É essa a tua amizade para comigo?

—É que ria, mestre, precisamente por ter escapado. Não o segurasse eu e veriamos como a estas horas estava para ahí que nem uma rã.

—Este dia é nefasto, respondeu Mathens. Prevejo innumeras desgraças se proseguissemos agora a nossa viagem.

—Tanto mais que o doutor está com somno e póde cair do cavallo, disse Coucou Peter. Deite-se sobre a relva e durma-me ahí um bom somno; verá como passa depressa o dia nefasto. Eu vou tomar um banho; o Bruno mesmo não desgostará de descansar um pouco.

Este conselho estava muito nas idéas que n'esse momento preocupavam o bom do doutor para que não fosse seguido.

—Approvo esse agradavel designio, disse elle. Querido discipulo, chega-me o teu hombro... é que estou dormente. Larga a redea do cavallo. Banha-te, meu rapaz, banha-te para refrescar o sangue.

Fallando assim, Frantz ia-se estirando ao pé de um carvalho; sentia-se verdadeiramente feliz de estender os braços e as pernas por entre o mato.

Os grillos cantavam em volta. De tempos a tempos uma corrente de agua mais rapida batia nas pedras com um ruido estranho; uma vez entreabriu as palpebras e viu Coucou Peter preparando-se para despir-se.

O marulho da agua, o ramalhar das folhas, embalaram a sua imaginação com um scismar vago, indefinido; distinguu a travez dos ramos espessos, o céu, a crista dos montes... Por fim o seu espirito começou a sentir-se como que obscurecido. Continuavam os mesmos sons a impressionar-lhe os ouvidos, de modo que a sua monotonia similhava o mais vasto silencio.

O bom do doutor começou a não perceber coisa alguma; já não olhava e a respiração doce e regular annunciou em breve n'elle um somno profundo. Talvez que n'esse momento o seu espirito, desprendido das prisões terrenas, e transportando-se de idade em idade, seguisse na fórma de uma lebre pelas immensas florestas da Gallia; talvez divisasse tambem o tecto humilde da casa paterna de Grauffthal e a velha Martha que chorava a sua ausencia.

IX

Dormia profundamente o illustre philosopho havia duas horas, quando Coucou Peter lhe disse:

—Mestre! mestre Frantz, erga-se! Aqui estão os peregrinos de Hasbach que descem do monte. São mais que as areias do mar. Erga-se, mestre, e veja.

Mathens levantou-se e viu logo o seu discipulo empoleirado n'uma cerejeira brava. Apanhava cerejas como um pardal e comia ás mãos cheias. Depois dirigiu as vistas para o monte fronteiro.

Por entre os abetos elevados, via-se caminhando uma fileira longuissima de peregrinos: uns descalços, com as botas espetadas na ponta do bordão, outros carregados de mantimentos, de trouxas, de frascos e todo o necessario.

Vinha na frente uma velha que recitava uma oração, primeiro só, depois acompanhada em côro por todos os outros.

—Orae por nós! orae por nós!

E esta phrase, repetindo-se, percorreu os grupos que estavam sobre os rochedos, nas quebradas, nos valles, e parecia o canto melancolico dos bandos de egonhas, quando atravessam as nuvens.

O illustre doutor ficou por tal modo commovido com este espectáculo, que não podia fallar. Coucou Peter, porém, do alto da arvore, estendia a mão para mostrar a gente das aldeias, á proporção que chegava ao cume da montanha.

—Ahi vem os de Walsh, dizia, conheço-os pelos chapéus de palha, pelas jaquetas e pelas calças que lhes chegam aos sovacos. São uns bons patuscos. Vão peregrinando até á Alsacia para beber o vinho. Os outros aquelles que vem atraz de calção e grandes casacos, com botões grandes em que dá o sol, são os de Lagstroung, o paiz mais pobre e mais beato que ha na terra. Vão á feira beijar os ossos de S. Florencio. Alli estão os de S. Quirin, de blusas com o boné á banda. Cuidado com os soccos d'elles quando fôr a procissão. Esta gente que faz vidros e tem fabricas, é bulhenta, e quer bater nos allemães. Olhe, com elles, mestre Frantz, nada de discutir sobre a peregrinação das almas. Veja aquelles que vêm agora torneando a Rocha-chata, chamam-lhes os Jacques Eordoí da serra. Estes peregrinam para mostrar os fatos. Olhe, olhe como elles cobriram os chapéus com os lenços e como metteram as calças para dentro dos canos das botas: são os presumposos de Aberscheviller, andam sempre assim com ar grave e de nariz no ar. Mas!... espera... quem diabo são aquelles que vêm atraz, cambaleando?! Ah! agora, agora! Já sei, já sei: é a gente da planicie, são os lorenos com os burnaes cheios de nozes e toicinho. Oh! meu Deus, como elles vêm cansados! Pobres mulhe-

res! Tenho dó d'ellas, palavra. Todas estas pequenas do campo são frescas como rosas, emquanto que as da serra da Houpe são morenas como groselhas.

O bom do apostolo tinha sempre que dizer a respeito de cada aldeia, emquanto que Matheus se perdia n'um abysmo da mais profunda contemplação.

No fim de uma hora o coice da procissão começou a mostrar-se já menos povoado: subiu lentamente a encosta, depois voltou á Rocha-chata. A grande distancia viam-se ainda grupos dispersos: eram doentes e invalidos que vinham em carros. Desappareceram tambem por sua vez, e tudo ficou solitario e silencioso.

Então o illustre philosopho olhou para o seu discipulo com ar grave, e disse-lhe:

—Partamos para Hasbach: é alli que o ser dos seres nos chama. Não te diz o coração, Coucou Peter, que o grande Demiurgos, antes de nos conduzir ao theatro dos nossos triumphos, nos quiz mostrar n'este deserto o quadro da immensa variedade das raças humanas? Comprehendes, meu amigo, comprehendes a magestade da nossa missão?

—Comprehendo, mestre, que devemos partir. Coma primeiro estas cerejas que lhe apanhei, e depois a caminho.

Matheus não viu n'estas palavras o tom que desejava. Sentou-se, porém, com o chapéu do seu discipulo entre os joelhos, e comeu as cerejas com excellente appetite. Depois, como Coucou Peter tivesse trazido Bruno que pastava a pouca distancia os rebentos novos, Frantz montou, o discipulo segurou na redea, e subiram pelo carreiro arcento que levava até á Rocha-chata.

O sol descia por detrás de Losser, atravessando com os seus raios de oiro as flexas agudas dos altos abetos. Por muita vez se voltou Matheus a fim de contemplar este imponente espectáculo. Quando chegaram ao arvoredo tudo se escureceu, e os passos de Bruno soaram sob a abobada dos velhos carvalhos como se fôra n'um templo.

Cerca de uma hora depois, a lua começou a despontar sob a folhagem no momento em que divisaram, cincoenta passos mais abaixo, um grupo de peregrinos que se dirigiam tranquillamente para a feira. Coucou Peter reconheceu logo Hans Aden, homem alto, *maire* de Dabo, com o burro Schimel e a sr.^a Thereza, sua mulher, que ia sentada n'uma das cangalhas do burro. O que o admirou foi vêr uma creança gorda, córada, na outra cangalha de Schimel, porque Hans Aden não tinha,



Coucou Peter teve apenas tempo de o segurar

que elle soubesse, filho algum. Iam assim como veneraveis patriarchas: a sr.^a Thereza com o lenço atado em volta da sua gentil cabeça, olhava a creança com uma indefinivel ternura; o burro seguia com passo firme á beira do talude; as orelhas, longas e pendentes, empinavam-se ao menor ruido para depois caírem de novo melancolicamente. O corpulento Hans Aden vestia um casaco que lhe chegava ás barrigas das pernas, trazia o chapéu do tres bicos descahido para a nuca, as mãos nas algibeiras de traz, e caminhava gravemente, dizendo a espaços:

—Hup! Schimel, hup!

Vendo tudo isto Coucou Peter não esperou por Matheus e começou a correr pelo carreiro abaixo, gritando:

—Ora para que viva, sr. Hans Aden, para que viva. Onde vão tão tarde?

Hans Aden voltou-se vagarosamente e a mulher ergueu os olhos para vêr quem gritava d'aquelle modo.

—Oh! és tu, Coucou Peter, disse Hans Aden estendendo-lhe a mão. Boas tardes, rapaz. Vamos de romaria.

—Ora ali está o que são coincidencias, disse Coucou Peter muito alegre, tambem para lá vamos. Chegou o momento de renovar o nosso conhecimento. Mas então foi alguma promessa, sr. Hans Aden? É doença na familia?

—Não, não, Coucou Peter, responderon o maire de Dabo. Graças a Deus todos passam bem. Vamos dar graças a S. Florencio de nos haver concedido um filho.

Sabes que eramos casados havia cinco annos sem ter tido essa felicidade. Até que, um dia, disse-me minha mulher: Olha, Hans Aden, precisamos ir de romaria até S. Lourenço; todas as mulheres que lá vão tem logo um filho. Eu cá sempre pensei que isto não servia para nada. Ora, adeus, disse-lhe eu, isso não serve para nada, Thereza, e depois bem vêes que eu não posso deixar a casa. Demais a mais olha que chega o tempo das colheitas, e eu não posso abandonar isto tudo.

—Pois bem; partirei só, respondeu-me ella. Tu és um incredulo, Hans Aden, verás que te has de arrepender. Pois vae, disse eu, e veremos quem tem razão. E foi, e foi, meu caro Coucou Peter, e, vê tu! Nove mezes depois exactamente, nove mezes depois, appareceu-nos uma creança forte e gorda, a creança mais bonita da terra. Desde essa occasião todas as mulheres de Dabo querem fazer romarias.

Coucou Peter escutou esta historia com uma singular attenção. No fim levantou a cabeça de repente, e disse:

—E ha quanto tempo foi a sr.^a Thereza á rouaria?

—Faz agora dois annos, respondeu Hans Aden.

—Dois annos! murmurou Coucou Peter, empallidecendo e encostando-se a uma arvore, dois annos! Deus do céu!

—Que é isso? que tens tu? perguntou Hans Aden.

—Nada, nada, não é nada, sr. maire. É uma fraqueza que me dá nas pernas sempre que estou muito tempo sentado.

E olhava para Thereza que baixava timidamente os olhos e offerceia o peito á creança. Coucou Peter começou de repente a andar, bradando:

—Isso é que é, sr. Hans Aden, isso é que é felici-

dade. Tudo lhe sae segundo o seu desejo. É o *hern* mais gordo e perfeito que ha na terra. Tem campos, prados, propriedades, e, não contente com isso, manda-lhe S. Lourenço a creança mais bonita do mundo. Mas, é verdade: já d'aqui me não vou sem o vêr, coitadinho, continuou elle, tirando o chapéu e approximando-se á sr.^a Thereza, em gosto tanto de creanças...

—Ora essa! não faças cerimonia, Coucou Peter, disse o *maire* com ar de vaidade satisfeita e de completa felicidade, podes vê-lo: então que mal ha n'isso?

—Aqui o tem, sr. Coucou Peter, disse a sr.^a Thereza em voz baixa. Dê-lhe um beijo. É muito bonito, não é verdade?

—Se é bonito, disse Coucou Peter, ao passo que duas lagrimas grossas e pesadas lhe corriam lentamente

pelas faces avermelhadas. Se é bonito! Santo Deus! que mãos! que peito! que cara tão alegre e tão gorda!

E erguia a creança, e olhava para ella com os olhos muito abertos, parecia não a querer restituir a ninguém. A mãe sorria e afastava a cabeça para enxugar uma lagrima.

Por fim o alegre tocador deitou a creança na sua caminha, e preparou-lhe a cabeceira com cuidado.

—Tome sentido, sr.^a Thereza, dizia elle, as creanças devem ter as cabeças mais altas, cuidado.

Depois atou o cesto do burro, e ficou a sorrir para a mãe, enquanto Hans Aden, que parara a poucos passos, cortava um ramo de sabugo para fazer um assobio.

Matheus, que se demorara, por causa da grande inclinação do caminho, juntou-se então com o seu discipulo.

—Ora viva, boa gente, disse o illustre doutor levantando o seu largo chapéu,—que o Senhor os abençoe.

—Amen, respondeu

Hans Aden, approximando-se com o ramo de sabugo.

A sr. Thereza inclinou a cabeça e pareceu fíear seismando.

Andaram então, sem fallar, coisa de um quarto de hora. Coucou Peter ia ao pé do burro e olhava a creança com evidente prazer. Frantz pensando nos acontecimentos que se preparavam, ia recolhido, meditando.

—Diga-me, sr. Coucou Peter, disse por fim Thereza timidamente, ainda passa a sua vida a viajar como d'antes? Não se fixou ainda em sitio algum?

—Sempre, sr.^a Thereza, sempre, sempre a cantar e sempre feliz. Eu sou como o pardal que só tem um ramo para passar a noite, e que de manhã voa em busca das scaras.



—Aqui o tem sr. Coucou Peter...

—Faz mal, sr. Coucou Peter, disse ella. Devia arranjar alguma cousa para a velhice... Pensar que uma tão boa pessoa, que uma pessoa tão capaz pôde, de um momento para o outro, cair na miseria!...

—Que quer! Não ha remedio senão ganhar o pão de cada dia, e só tenho para isso a minha rebecca. É verdade que, aqui onde me vê, sou mais do que pareço, por que sou propheta. Alli está o doutor Matheus que bem pôde dizer-lh'ó. Descobrimos, eu e elle, a peregrinação das almas, e resolvemos prégar a verdade pelo mundo.

Foram estas palavras que despertaram Frantz das suas reflexões.

—Tens razão, Coucou Peter, disse elle, a hora aproxima-se. Vão-se cumprir os destinos. Então os que tiverem trabalhado na vinha e semeado o bom grão, serão glorificados. E haverá grandes mudanças sobre a terra, palavras de verdade passarão de bôca em bôca, e o nome de Coucou Peter soará como o dos maiores prophetas. O enternecimento que este discipulo acaba de patentear á vista da infancia, d'essa idade de fraqueza, de doçura e de ingenua pureza, é a melhor prova de uma bella alma, e eu não hesito em lhe predizer altissimos destinos.

A sr.^a Thereza olhava para Coucou Peter que baixava modestamente os olhos. Via-se que ella se sentia feliz, ouvindo tão bellas cousas a respeito do bom tocador.

Deixaram n'este momento a floresta e acharam-se deante do burgo de Hasbach com os seus telhados altos e ponteagudos, as ruas tortuosas, e a velha igreja do tempo de Erwin.

Todas as casas tinham luminarias.

Os romeiros desceram a serra em silencio.

X

Pelas nove horas da noite entraram, o illustre philosopho e os seus companheiros, no velho burgo de Hasbach.

As ruas estavam por tal fórma cheias de gente, de carros, de gado, que a custo podia passar-se.

As casas velhas com os seus corucheus derrocados dominavam o tumulto, e illuminavam, com a luz das suas janellas estreitas, a multidão agitada.

Todos aquelles devotos vindos da Alsacia, da Lorena, da serra, pareciam formar, reunindo-se ao pé das estalagens e hospedarias, verdadeiros formigueiros. Alguns tinham acampado junto das paredes, outros debaixo dos telheiros e nos pateos das quintas.

O rodar das carruagens, o mugir surdo dos bois, o tropear dos cavallos, o dialecto dos lorenos e dos allemães, formavam uma incrível confusão.

Que assumpto que era tudo isto para as meditações de Matheus!

Foi tambem por isso que Hans Aden e a sr.^a Thereza se julgaram felizes de haver encontrado Coucou Peter. Que lhes teria acontecido, sósinhos, no meio d'esta confusa multidão?

O folgasão tocador empurrava a gente, gritava: «Arreda!», parava quando era difficil romper, puxava Schimel pelas redeas, dizia a Matheus que se não perdesse, animava Bruno, batia á porta das estalagens para pedir hospedagem, e apezar de nomear a sr.^a Thereza, o sr. *mère* e o illustre philosopho Matheus, todos lhe diziam:

—Vão a outro sitio, a outro sitio, e Deus os guie.

Mas Coucou Peter não era homem que desanimasse e respondia sempre:

—Andar, deixe, deixe, sr.^a Thereza, sempre havemos de achar onde nos mettamos. Eh! eh! Mestre Matheus, que me diz a isto? Vamos prégar amanhã, hein? Cuidado, esse carro, sr. Hans Aden, cuidado, anda Schimel! Vá, Bruno!

Os outros andavam pasmados.

Matheus, como visse que os habitantes de Hasbach vendiam feno, palha e tudo o mais aos pobres romeiros estafados, sentiu com isto uma grande dôr d'alma.

—O corações duros e de pouca fé, exclamou elle, ignoraes acaso que esse espirito interesseiro e de traficancia vos fará descer na escala dos seres?

Mas ninguem desgraçadamente o escutava, e muitos chegavam ás janellas e riam da sua ingenuidade.

—Em nome do céu, mestre Frantz, dizia-lhe Coucou Peter, não faça discursos anthropo-zoologicos a esta gente, senão passaremos a noite ao ar livre, se nos não succeder coisa peor.

A sr.^a Thereza descansava entretanto o braço sobre o hombro do tocador.

Apezar da sua indignação, o illustre philosopho não podia deixar de admirar a actividade immensa dos habitantes de Hasbach: um carneiro alto e gordo, de pé, entre duas lanternas, distribuia tres e quatro especies de carne, fresca, de uma apparencia appetitosa que fazia gosto vêr; as creadas elegantes com o seu cabazinho no braço, os olhos grandes, o nariz arrebicado, mais frescas, mais gordas, mais vermelhas que as costelletas que pendiam dos ganchos do açougue; n'outro lugar um ferreiro com os braços nus, a cara mascarrada, trabalhava com outros no interior de uma forja; sentiam-se os martellos bater, o folle soprar, as faiscas voar em todos os sentidos até virem apagar-se aos pés dos que passavam; mais longe Conrad, um alfayate, acabava á pressa para a festa o collete encarnado do sr. adjuncto; um melro na sua gaiola de vime gorgeava uma aria, e Conrad cozia, puxando compassadamente a agulha; nos mostradores dos pastelleiros, bollos e dôces magnificos desafiavam a gula dos circumstantes, e o boticario tinha n'esse dia collocado nas suas janellas dois grandes vidros, um de agua azulada, outro de agua avermelhada, que produziam um maravilhoso effeito.

—Como é grande o mundo! dizia Matheus, todos os dias progride a civilisação! Que dirias tu, Martha, se visses um similhante espectáculo! Nem acreditarias os teus olhos, nem te atreverias a prever o triumpho do teu amo n'um tão grandioso e vasto campo. É que a verdade brilha por toda a parte com um eterno esplendor, esmagando a inveja, o sophisma e os vãos preconceitos.

O pequeno grupo, empurrado de rua em rua, desembocou em frente da antiga estalagem de Jacob Fischer. Ouviu-se Coucou Peter soltar uma exclamação de alegria.

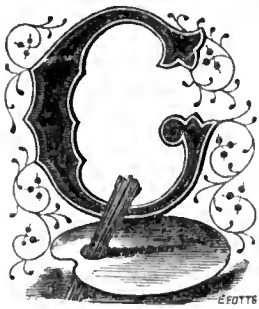
O reverbero que estava sobre a porta allumiava toda a frontaria, desde a taboleta das *Tres rosas* até ao ninho de cegonhas que se acha no alto do telhado; desde a escada lamacenta onde se tropeça até ao becco estreito onde os bebedores costumam parar, com a fronte pendente, a cabeça encostada á parede, murmurando palavras inintelligiveis.

(Continua.)

B.



DOIS QUADROS DO PINTOR BRASILEIRO VICTOR MEIRELLES



om o mais vivo prazer damos as descrições dos dois últimos quadros do professor de pintura historica na Academia de bellas artes do Rio de Janeiro, o sr. Victor Meirelles, procedendo com respeito a este notavel artista como já fizemos com relação ao doutor Pedro Americo.

COMBATE NAVAL DE RIACHUELO

Sobre o vapor *Amazonas* vê-se no passadiço o chefe Barroso, tendo ao lado o pratico Bernardino, o commandante Brito e o guarda marinha Barbosa; ávante, sobre o castello de prôa, o immediato Delphin Carlos de Carvalho dirigindo a manobra; no primeiro plano, á direita, um vapor paraguayo a pique, tendo parte do convéz fóra d'agua, sobre o qual estão diversos grupos de inimigos, que, apezar de derrotados, fazem ainda um ultimo esforço de vingança: na caixa da roda, meia immersa n'agua, um marinheiro brasileiro, que sem duvida caíra dentro do navio inimigo no momento do ehoque dado pelo *Amazonas*, é mortalmente ferido a tiro de revolver por um official paraguayo: ao longe a *Araguary* e o *Beberibe* perseguem os vapores paraguayos que fogem rio acima; vê-se o *Jejuy* a pique, e duas chatas que caem agua abaixo. No ultimo plano o *Jequitinhonha*, adornado, jaz encalhado perto da barranca, e um vapor paraguayo ainda mais ao longe foge precipitadamente. Pela pôpa do *Amazonas*, no centro do quadro, vê-se a *Alearim*, que vaie prestar soccorro á *Parnahyba*. Á esquerda, e no segundo plano, vê-se um grupo de paraguayos e alguns camalotes; mais ao longe, e em terceiro plano, a *Parnahyba* entre o *Taquary* e o *Salto*; finalmente, mais longe ainda, está o *Paraguary* encalhado na margem do rio.

PASSAGEM DO HUMAYTÁ

A 19 de fevereiro de 1868 a esquadra encouraçada brasileira, composta dos navios *Barroso*, *Bahia*, *Tamandaré*, e dos monitores *Rio Grande*, *Alagôas* e *Pará*, forçaram o passo de Humaytá.

Haviam previamente tomado conveniente posição para auxiliar aquella perigosa empreza os encouraçados *Brazil*, navio chefe, *Herval*, *Colombo*, *Cobral*, *Silvado* e *Lima Barros*, ficando estes dois ultimos do lado do Chaco.

As tres horas e meia da madrugada, logo depois de naseer a lua, dado pelo navio chefe o signal de avançar, rompeu a honrosa marcha o *Barroso*, levando a seu lado o monitor *Rio Grande*, seguidos pelo *Bahia* com o *Alagôas*, e após estes o *Tamandaré* com o *Pará*.

Perecebida a manobra da esquadra imperial pelas sentinellas da formidavel Humaytá, rompeu d'ella um fogo de bala tão sustentado e rapido, que, dentro em pouco tempo, terra, céu e aguas era tudo fogo e fumo; de todas aquellas baterias, assestadas sobre as barrancas do rio, choviam incessantemente milhares de projectis, e era tão forte o troar da artilheria, que se sentia a terra estremecer.

Do lado do Chaco, perto do logar onde estavam presas as grossas correntes de ferro que partiam da fortaleza, e interceptavam a navegação no rio, mandou o astucioso inimigo fazer fogneiras, a fim de serem melhor divulgados da fortaleza os movimentos da esquadra.

Aquellas formidaveis correntes que tanto terror causavam, os torpedos e outras machinas infernaes, tudo foi veneido pela coragem inaudita dos valentes marinheiros que compunham a divisão avançada da esquadra.

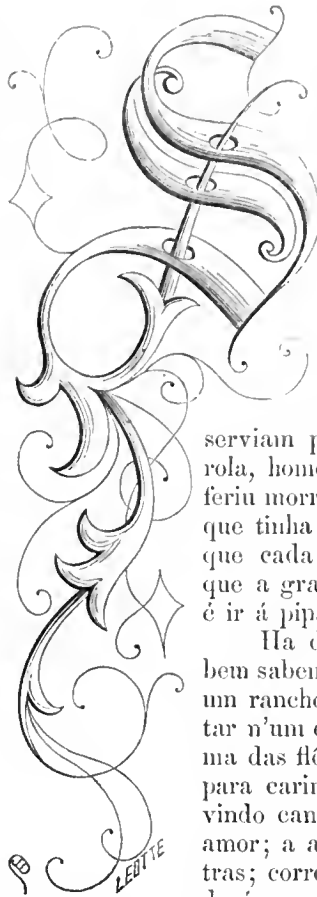
Já o *Barroso* e o *Rio Grande* haviam, dobrando a ponta do Chaco, transposto o passo. Ao passar pelas correntes, uma bala cortára ao *Alagôas* os cabos de reboque que o ligavam ao *Bahia*, e desarranjando-se-lhe ao mesmo tempo a machina, tomado pela correnteza das aguas, vem caindo rio abaixo n'aquella volta difficil quasi encalhar na ponta de pedras. O *Tamandaré* e o *Pará*, tendo vencido esta ponta perigosa, estão perto do logar das correntes.

N'esta occasião, no meio do medonho estampido que partia de Humaytá, e d'entre as densas nuvens de fumaça que toldavam o ar, vê-se subir um foguete que, partindo do *Barroso*, annuncia a toda a esquadra que o passo de Humaytá está vencido.

É este o momento escolhido pelo artista.

Estes dois quadros, encommendados em 1868 pelo ex.^{mo} sr. conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo, então ministro da marinha, pertencem a este ministerio. O artista, para melhor des-empenho d'elles, foi, á custa do governo, ao Paraguay fazer os indispensaveis estudos.

O DESPENSEIRO



E disserem que cheira á frisqueira, ao forno, á casa da fructa, ou á adega,—póde ser: ao que elle não cheira é ao hospital!

Não bebe ao sol, bebe á sombra. Nasceu para a ucharia, e para distribuir o que outrem dá;—tinha a vocação de despenseiro! Também, que querem? Elle não ia a funcções nem a patuscadas; o seu destino era desengañar a vida no fundo de um claustro; nem todos

serviam para isso: ali está o Savonarola, homem de paixões fortes, que preferiu morrer queimado, tanto era o amor que tinha á liberdade! A liberdade é o que cada um a entende:—para esse que a gravura nos mostra, a liberdade é ir á pipa!

Ha distrações mais sympathicas, bem sabemos. É muito agradavel ir com um rancho passar o dia ao campo, jantar n'um caramanchel, aspirando o aroma das flôres e o da primavera, a olhar para carinhas bonitas, cantando e ouvindo cantar... A relva é cúmplice do amor; a alegria é a melhor das orquestras; corre o tempo, parecendo que tudo é nosso: as folhas verdes, o azul do

céu, o matiz do campo... Quando termina o repasto, fica vasio o cesto das provisões, passou para os olhos o vinho das garrafas, deitou-se á estrada a casca do ananaz que levou um, as rollhas do Madeira que levou outro; toca a dançar de mãos dadas, ás voltas e aos abraços, e, em faltando o folego, quasi a cair de cabeça tonta, ainda se olha uns para os outros com prazer... Grandes tardes! Que de historias contadas por entre o trigo, que de aventuras... E ás vezes, depois, o arraial, o fogo de vista, e lá se rasga um vestido, e lá se volta á meia noite no omnibus, ou no vapor...

Mas elle não tinha, e não podia ter nada d'isto. Ficar-lhe-ia mal a ternura. Chorou, de uma occasião, um bocadinho,—e isso por causa da moral; tambem, foi pouco. É um figurão assoprado, ventripotente, beberri- cando sempre ou engolindo a papança de Gargantua; e bello assedado, mão gorda, frente serena, meio abbade antigo com privilegio de esperteza, e meio lambaz de frade mção, brilhando-lhe nos oculos os olhos e nos olhos o amor de Baccho!

Está acciado, e grave. As congregações tinham mi- formes, pretos, azues, brancos, cinzentos, e o povo pu- nha-lhes alcunhas: os descalços, eram pés frescos; os de habito preto, carvociros; os de S: Domingos, habito bran- co, padeiros, etc.: este está á vontade, e proprio da sua missão; vê-se que ainda é mais despenseiro que frade.

Tinha muito que fazer. Provar, envasillar,—pro- var, engarrarar,—provar, mandar para a mesa, e beber. Outros tinham suas incumbencias, que parecendo dever pesar-lhes mais... não lhes pesavam ás vezes tanto!

Enearregar-se-ia, como outro qualquer, de dizer mis- sas, para que as almas não ficassem retidas no purgato- rio, se lli'o fossem pedir como cousa urgente; mas, como

despenseiro, ia-se dispensando d'isso; bem lhe bastava a sua lida, prova d'aqui, prova d'alli, e este tem seu pique, e o outro está no mosto, e o d'acólá tem côr, e o d'além tem corpo, e um é pallete, o outro é madurinho, — enfim, uma labutação, o desempenhar-se das funcções de que se achava investido!

O serviço de bôca nos conventos tinha muito que se lhe dissesse! No refeitório havia tantos extases como na capella. Já na vida dos santos se observa isso. S. Francisco de Paula gostava de servir á mesa, S. Malaquias gostava de a pôr, Santo Antonio, depois da refeição, queria lavar a louça, etc.

A cozinha, a adega e o forno, faziam suar; mas o forno, sendo o mais quente, era o que fazia suar menos. De uma occasião sendo preciso accender a lenha e não havendo lume alli á mão, foi o que estava de semana ao forno buscar lume á capella; mas, logo que chegou ao altar, pôz-se a resar, a resar, e esqueceu-lhe o que ia fazer: ao despenseiro nunca succedeu uma d'essas; era homem mais forte; escolheram-n'o por isto mesmo para aquelle cargo, e houve o maior accordo n'essa eleição — porque, sendo elle o melhor companheiro e o melhor bebedor, sempre a congregação teria menos a receiar de seus rigores, e poderia contar com mais canadas que sermões.

Dos conventos saíram pessoas notaveis e cousas excellentes. Os frades foram primorosos para a educação, para a agricultura, e para os comes e bebes. Ninguém os excedeu no amanho das cêreas, no latim, e no preparo das conservas; dispunham com tal pericia as ginjas na aguardente que era facil morrerem emboreados nos garrações a comel-as todas. Enriqueciam depressa, economisavam muito, tinham heranças quasi todos os dias, nunca vendiam, e saboreavam a existencia e a propriedade.

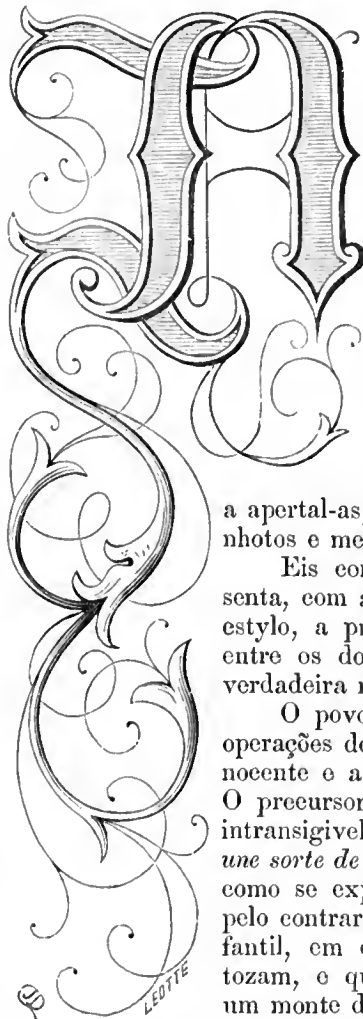
Na quietação das noites do claustro pensavam, provavelmente, ás vezes nos pobres clérigos de aldeia, que passam a vida de braços cruzados, sem ter nada que fazer a maior parte do anno; e elles, coitados, faltava-lhes o tempo para tanta azafama, sermões, festas, jantares, missas encommendadas — isso, então! por mais desembaraçados que fossem, e ás vezes podia parecer promptidão de mais, dizer a missa toda n'um quarto d'horasito! não havia mãos a vencer!

Assim este, coitado, com a responsabilidade das provanças, — não fosse alguma pingolla menos saudavel adoccer a comunidade: frei Gerundio soffria do estomago e esfriava com o vinho fraco, frei Anastacio não supportava vinhos mal temperados, frei Anselmo tinha insomnias com os vinhos brancos, frei Gaudencio gostava de se metter pelos dôces e de os acompanhar com o abafado, frei Natividade tinha aquella scisma de que sem o Lavradio não ha refeição que preste, e o pobre despenseiro via-se obrigado, por humildade... a gostar de todos!...

JULIO CESAR MACHADO.



JESUS-CHRISTO E S. JOÃO



'AQUELLES dias veiu João Baptista prégando no deserto de Judéa:

— «E dizendo: Emendae-vos, porque chegado é já o reino dos céus:

— «Porque este é aquelle do qual foi dito pelo propheta Isaias: «Voz do que elama no deserto. Apparelhae o caminho do Senhor, endereçae as suas veredas.»

— «E João andava vestido de pelles de camello, e um cinto de coiro a apertal-as, e o seu comer eram gafanhotos e mel montesino.»

Eis como S. Matheus nos apresenta, com a dôce simplicidade do seu estylo, a primeira pagina da ligação entre os dois grandes iniciadores da verdadeira religião humana.

O povo, não sei porque secretas operações do espirito, creou a mais innocente e a mais risonha das lendas. O precursor não é para elle o *nazir* intransigivel, o homem da penitencia, *une sorte de Lamennais toujours irrité*, como se expressa Renan; S. João é, pelo contrario, um bemaventurado infantil, em cuja volta os cordeirinhos tozam, e que sentado na escarpa de um monte deita vistas serenas para os horisontes franjados de oiro.

S. João arrotêa as primeiras moitas que o Mestre desbravará de todo.

Saem ambos do mesmo enthusiasmo, e elevam-se na mesma aspiração. O primeiro é rude, aspero, temeroso como os antigos prophetas; Jesus é a alma idyllica, o poeta do amor e da caridade, o coração perfumado como os lyrios, de que elle se servia tanto em suas imagens.

Um promete lançar no fogo a vinha que é secca, e, similhante a Elias, sâe furioso da sua caverna para apostrophar a *raça de viboras*; o outro, com o melancolico olhar espraiaído pelos lagos e pelas campinas, deixa cair as mais dôces lagrimas que se tem vertido no mundo, e diz, com o presentimento do muito que ha de padecer pela sua obra: — «Bemaventurados os que choram!»

O que se sabe é que se amaram.

Moços ainda encontraram-se no mesmo caminho, e em vez de se aggreirem mesquinhos, abraçaram-se generosos. João reconheceu de momento a superioridade de Christo. As aleyones conhecem as pombas. E elles amaram-se. Voavam para o mesmo ideal, sonhavam com as mesmas perfeições, preparavam a redempção dos animos.

Vinham em nome da sua pureza aconselhar-nos que nos abstivessemos de maculas. Vinham em nome da sua juventude vibrar as cordas onde tem de resoar os hymnos da esperanza e o carmo dos amorosos arrebatamentos. Vinham dar testemunho da sua verdade estendendo os braços para o sacrificio, e morrendo na idade dos sonhos, quando o peito se agita n'uns devaneios sem limite, e



JESU CHRISTO E S. JOÃO.

quando, ao'cerrar da tarde, começam a fluctuar umas visões que de dia se esboçavam ao largo, doiradas por um raio de sol.

Eu disse que o povo, por uma evolução a que ninguém marcará regras, architectou uma graciosa lenda de amizade pueril entre Jesus-Christo e S. João.

É isto que representa a gravura, copia de um quadro de Rubens.

Nada tão gracioso como estas creancinhas que se apertam em grupo. Dois anjos as emmolduram, e para se respirar toda a fresquidão bucolica não faltam os pomos e a ovolhina candida. É uma allegoria a ressumbrar jubilos, uma composição suave e fragrante.

Elles estão allí com o descuidoso bem-estar dos poucos annos; não sabem que ha Salomé's que decapitam, nem Golgothas onde a *posca* vem ungir os labios.

São credulos, são felizes; ainda não pensaram em se dedicar pelos homens!

O illustre flamengo a quem se deve este apreciavel trabalho peccava, dizem uns, pela indiscreta mesela do profano com o divino. *Felix culpa*, redarguirei eu pela minha parte. Em vez de me desenharem com uma realidade tosquiada as scenas da vida syderal ou terrena, prefiro estes enlances em que a inspiração dardeja, — o gosto mais de vêr a agradável mentira de um Jesus affagando o Baptista, do que muita outra verdade onde o sentimento é nullo e em que o cerebro, á mingua de inspiração, representa o papel de *cliché* photographico.

E. A. VIDAL.

A TEMPESTADE

... Ves esses relampagos, Victor, los ves? Esse hombre dijo que no le causaban miedo, por que la ciencia le mostraba que son un efeto natural: é yo te digo a tí que ese hombre miente, que quiere engañarse a si mismo, por que efectivamente tiene miedo. La ciencia no hace otra cosa sino dar más grande idea del SEÑOR que está allá arriba, y que coloca la tempestad en el corazon del miserable del mismo modo que las nubes en el espacio para que choquen entre si.

Hugelmann y Bleza — DRAMA.

É noite cerrada, n'um céu tenebroso
Estrellas não podem brillantes fulgir;
E a pallida lua se esconde saudosa
Seu brilho occultando, sem luz espargir.

Os ventos do sul, rebramindo terriveis,
Enlaçam no cedro ramagens do til;
E balam de susto cordeiros mansinhos,
Medrosos retidos no pobre redil.

Nos ares perdido, na luta afanosa,
Librando vae triste o abutre ruaz;
E as brenhas alpestres dos cerros trementes
Os uivos repetem do lobo voraz.

No valle profundo, corrente medonha,
Rojando penedos, vae grossa a correr;
E o mocho piando, d'encontro na rocha,
Incerto na toca, vae pobre bater.

Lampejos constantes no céu fuzilando,
Precedem sinistros a voz do trovão;
E as ondas do mar, que rebramam em rolos,
Em furia desfazem na praia o cachão.

Terriveis phantasmas, no cume da serra,
Pastor aterrado só cuida visar,
E o tronco abatido na feia tormenta,
Os passos incertos lhe vem estorvar.

Da furia dos ventos velozes rugindo,
Das aguas em jorros do céu a cair,
O gaimo saltando, no campo, perdido,
Seta rumo, sem trilho, vae só a fugir.

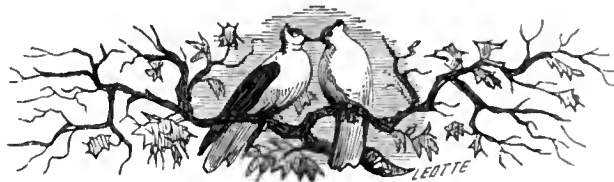
Castellos de nuvens, escuros negrejam,
Que passam ligeiros p'ra o norte a correr;
Mais densos, maiores, d'aspecto medonho,
Em breve já outras lhes vem succeder.

Robusto pinheiro fendido no tronco,
Por terra caindo, prostrado ficou;
Em baixo na praia se escuta a celeuma
No bareo que ao longe na rocha topou.

Meu Deus, piedade! — no mar e na terra,
O homem — que é nada — dos p'rigos salvae!
Na rija procella, que brame terrível,
Os brados do homem, meu Deus! escutae!

Quem ha que não veja na dura tormenta
Imagem perfeita do triste viver;
Da luta terrestre, que vida se chama
No mundo de penas, paixões e deserer?...

CLAUDIO DE CHABY.



VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

.....
As tartarugas, seu desovamento e pesca. — Viagem nocturna pelo Xingú. — Caçada singular. — A perda da canôa. — Desanimo. — O ubá e o índio. — Um libertador forçado. — Travessia perigosa.

(Conclusão)



LUA estava meio encoberta e proxima a desaparecer de todo. O desconhecido remava lentamente, e, comquanto não virasse a prôa para a terra, indicava visível intenção de se approximar d'ella; ia rodeando a praia, que formava um semicirculo, o parecia prescrtal-a com o olhar — que nós adivinhavamos, mais do que viamos, pelos movimentos da sua cabeça. Chegado a certa altura, virou para traz, sempre com a mesma indolencia de movimentos, e sem fazer o menor ruido. Era evidente que procurava alguém ou alguma cousa. Não havia probabilidade de que andasse allí para se divertir, sósinho, ás onze horas ou meia noite. Não podia ser pescador nem caçador de tartarugas, porque para isso deveria ter vindo ao anoitecer, que é quando ellas costumam sair d'agua; e no Xingú pesca-se deitado na rede, dentro de casa, e mata-se peixe sem necessidade de perder a noite em peregrinações aventurosas pelo rio. — Mas

que procurava então? Quem era? D'onde vinha? Para onde ia?—Taes eram as interrogações mudas, que cada um de nós fazia aos seus botões, apertando o punho do sabre. E viria só, ou teria perto alguns companheiros? Havia pouco tempo que a revolta dos cabanos¹ se tinha apaziguado no sertão, e alguns restos dispersos do acampamento de Ieupiranga² não tinham ido entregar-se, preferindo ficar com as armas a gosar da amnistia que lhes salvava as vidas. Não poucas canoas de commercio tinham sido assaltadas e mettidas a pique, depois de roubados e mortos os tripulantes; muitas casas haviam sido invadidas em diferentes logares do Amazonas, e corriam vagos rumores de que nos bosques do Xingú se acoitava um bando de assassinos. Todas estas lembranças nos salteavam o espirito ao tempo em que o mysterioso navegador girava em volta da praia, chegando-se sempre, e cada vez mais cautelosamente, para a terra.

—É o ladrão da nossa canoa—disse em voz baixa o indio mundurucú.

—Talvez.

—Com certeza. Vem espreitar se estará por aqui alguém, para depois passar com ella... porque, provavelmente, quer passar para este lado, e tem-n'a amarrada a alguma arvore, lá para traz da ilha...

—Póde muito bem ser.

—É algum pescador de tartarugas, que andaria pelas praias do lado opposto ao tempo que a maré a levou pelo rio abaixo; viu-a sem gente, amarrrou-a, e veiu á descoberta; se visse aqui um homem só... Quem sabe? Talvez tentasse matal-o!... Acreditem que já nos sentiu e que se anda assim devagar é para vêr se nos descobre...

—Mas com que fim?

—Eu sei... para nos vender, talvez, a nossa canoa... ou para saber quem nós somos, e a levar depois para sitio onde não a tornemos a vêr...

Vê-se que o tapuio discorria admiravelmente, e chegava á verdade pelos caminhos por onde andam os maiores sabios.

Eu continuei o dialogo com elle.

—Seria bom chamarmos o homem?

—E se elle fugir?

—Sendo o ladrão, de certo foge! Porém, se não fôr?

—Perderemos a occasião de atravessar o rio para a feitoria, e Deus sabe quando passará por aqui outra canoa que nos leve!

—Isso é verdade... O homem parece que já nos viu... Lá volta para o largo e agora rema com fôrça! Ponham-se todos em pé, e deixem-me fallar eu só.

Erguemo-nos de um salto, e o indio gritou:

—Ó da canoa!

O remador desconhecido deu ainda duas remadelas, para se afastar mais de terra; depois atravessou a canôinha e respondeu pachorrentamente:

—Que é? Quem me chama?

--Atraca!

O homem virou a prôa para o rio, dispondo-se, provavelmente, para se pôr mais ao largo. N'este momento a lua, já prestes a esconder-se, rompeu o véu de nuvens que a envolvia e alumiu esplendidamente o theatro d'esta scena.

—So dás mais uma remadella para o largo—gritou o indio mundurucú—fazemos-te fogo, e de cinco balas alguma te ha de acertar!

Dizendo isto agitou no ar o sabre, pondo-o em pontaria como se fôra espingarda; nós movemos tambem os nossos, e o luar, reflectindo-se nas laminas, fez crer talvez ao desconhecido, que eram com effeito os canos das armas de fogo que elle via luzir, porque se approximou sem responder.

—Conservámo-nos todos em posições de atiradores até a canoa estar quasi em secco; providencialmente a lua sumiu-se no momento em que o remador perguntou:

—Então que me querem?

Em vez de responder, precipitámo-nos sobre elle, e apoderámo-nos da canoa.

—Não me matem!

Reconhecemos com grande magoa que a embarcação era uma casquinha de noz, que apenas levaria dois homens á vontade!

Interrogámos o tripulante, sobre se tinha visto a nossa; pedimos-lhe, que se a tinha achado, nos levasse onde ella estava porque o recompensariamos largamente; mas elle affirmou que tal canoa não vira, e que andava por alli á caça das tartarugas—confirmando o dito com uma, que levava a bordo,—e não tivemos difficuldade em o acreditar.

—Então leve-nos á nossa feitoria, na bôca do rio Arapari!

—Tão longe! A canoa não póde com mais de duas pessoas...

—Pois ha de levar-nos todos, que somos seis, com você, afôra as tartarugas.

—Impossivel!

—Experimentemos.

—Vamos todos para o fundo!

—Paciencia.

—Valha-me Deus!

O homem era um mestiço, que dizia morar da outra banda do rio; treinia de medo, vendo-nos embarcar as tartarugas, e, se dois dos nossos não estivessem a bordo, teria fugido, desde que viu que não tinhamos armas de fogo. A providencia aconselhava-nos a que fossemos metade por cada vez; mas, como a distancia era grande, ninguem quiz ficar na ilha deserta, á qual todos tinham tomado horror, sem nenhuma razão porque era formosissima!

Mettemo-nos, pois, dentro da montariasinha¹, e afastámo-nos da pria. Immediatamente começou a entrar agua por todas as costuras mal calafetadas, e por cima das bordas, a cada movimento do remo! As tartarugas perneavam no fundo da canoa, fazendo maior balango, e difficultando o esgoto da agua, que mettiámos sem cessar: a noite tornara-se escurissima!

O homem desconhecido, que era quem remava, dava grandes gexidos e encommendava-se a Deus, chamava pelos nomes da mulher e dos filhos; e pedia-nos, por tudo quanto havia de mais sagrado, que, ao menos, deitassemos fôra as tartarugas, que pesavam por dois ou tres homens.

O pedido era sensato; mas custava-nos, depois de tantos trabalhos, da canoa perdida—que teriamos de pagar ao chefe da exploração da borracha—e dos sustos passados na praia dos Cajueiros, não levarmos sequer por premio os objectos d'essas fadigas! Ordenámos ao mestiço, que em vez de seguir pelo rio acima, na direcção da nossa cabana, atravessasse em linha recta para a ilha² onde ella era situada, porque depois, embora

¹ Denominação dada ao bando de facinoras, que, em 1835, se apoderou do Pará.

² Logar onde pretenderam resistir á tropa que os perseguia.

¹ Denominam-se *montarias*, umas canoinhas muito leves, que não são como os ubás, de uma só peça, mas feitas como as outras embarcações pequenas, com costuras e cavernas.

² Julgava-se que era terra firme e ainda hoje se denomina rio

naufraassemos, não corriamos já o risco de morrer afogados; e se de todo em todo a canoinha não pudesse levar-nos pelo rio acima, iríamos por terra, logo que nascesse o sol.

O terror era geral quando chegámos a meio rio; não se dava vencimento á agua, e íamos prestes a alagarnos. Por maior diligencia que fizéssemos para evitar o balanço, tínhamos que reyezar-nos a miude no esgoto, augmentando-o com os nossos movimentos; íamos todos estafados, e, se não fosse o temor de sossobramos mais depressa, teríamos então deitado todas as tartarugas ao rio! Mas essa manobra tornava-se agora perigosissima, porque os animaes eram muito grandes e pesados!

Tive muitas occasiões de susto, muitos perigos e naufragios; mas nunca me vi em situação comparavel á d'aquella travessia, onde tive de encerrar friamente a morte, durante duas mortaes horas, por uma escuridão horrivel! E tudo isto sem necessidade, porque, se esperássemos o dia, teríamos feito uma jangada em que facilmente atravessariamos!

Emfim, chegámos ao pé de terra, e respirámos. N'essa occasião quiz um dos tapuios experimentar se haveria por ali jacarés, para saber se elle snos devorariam, em caso de naufragio, e imitou-lhes os gritos. Respondeu-lhe um milhão de vozes temerosas, cavas, profundas, tetricas, que nos fizeram arripiar; por isso, em vez de desembarcarmos alli, que tambem era perigoso e difficil pelo emmaranhado da margem, preferimos ir indo pelo rio acima, luctando com o esgoto da canoinha. Seriam tres horas da manhã quando chegámos á feitoria! Gratificámos o nosso remador, e dias depois soubemos que fôra aquelle desalmado tratante quem nos havia roubado a nossa canôa! Mas nunca mais os tornámos a vêr —nem a elle nem a ella.

F. G. DE AMORIM.

A VILLA E O CASTELLO DA LOUZÃ

I

Não era, entre nós, muito commum o gosto de viajar, mas vae-se generalizando. Aparecem-nos hoje pois, com frequencia, pessoas que deixámos de ver por algum tempo e que depois nos dizem que estiveram fóra do reino. Tambem não é raro ouvir-se-lhes, no meio de descripções que talvez fosse impossivel reproduzir: — Oh! a França! . . . Oh! a Suissa! . . . Oh! a Allemanha! — como se do intimo quizessem denunciar que desejavam ser antes francezas, ou suissas, ou allemãs. . .

Por que? Estudaram lá a fórma do governo, a organização militar e policial, o desenvolvimento do commercio, os melhoramentos das industrias, os methodos do ensino, para virem referir-nos, aos compatriotas boquiabertos e ignorantes, o que poderia felicitar a patria? Não.

Aquellas exclamações, que dão certa importancia a quem as solta, com affectação de francezia, apenas se traduzem pelo enlevo em que ficaram os viajantes a que me refiro diante de uma arvore secular, na frente de uma alegre paisagem, na encosta de uma elevada montanha, no centro de um hotequim deslumbrante, ou na presença de uma iguaria indigesta. Mais nada.

Arapari, o que não é mais que um furo ou canal, que, tendo do lado superior esse nome, tem do inferior a denominação, creio eu, de rio *Acahi*. Os dois não fazem senão um, que forma a illa em que assentava a minha feitoria e que erradamente se considera terra firme.

Teuho portanto que lastimar, a miude, não ouvir: — Oh! Portugal! . . . que riqueza! que opulencia! que abundancia! como a natureza foi prodiga contigo! como tu podes florescer e prosperar!

Isto succede tanisómente porque a maior parte das pessoas que se dão a viajar pelo estrangeiro, e nunca viram por ahí as nossas riquissimas terras, os nossos uberrimos campos, as nossas maravilhosas paisagens, preferem recrear-se e extasiar-se lá por fóra, sem indagarem primeiro, nem se importarem com o que ha de bom em casa. Tão geral é a idéa de que não ha nada que ver em Portugal, que muitas pessoas, por um erro digno de compaixão, se riem quando lhe affirmam que ha, e, ou não saem nunca da sua aldeia, ou saem da aldeia para França!

Esses taes envergonham-se, sem duvida, de que não os ouçam discorrer ácerca do que viram muito superficialmente em Paris ou em Genebra, mas não se envergonham de ouvir dizer de si que não conhecem do seu paiz senão a sua aldeia!

Pois quer o acreditem, quer não, antes de partir por essas terras estranhas ainda não percorridas por mim, continuarei a discorrer, e á minha custa, pelas povoaçõesinhas portuguezas, onde encontro tantos encantos que se me figuram não serão inferiores aos que possum deparar-se-me lá fóra.

Vem tudo isto, bem ou mal, a proposito da villa da Louzã, que visitei pasmado ante o formoso, extenso e feracissimo valle em que assenta, a respeito do qual já lancei os apontamentos para uma memoria¹, e de que vou tratar de novo resumidamente, para que as duas gravuras d'estas paginas tenham explicação.

II

Pondo de parte as considerações archeologicas e historicas, que se prendem com a origem da villa e que teriam bom cabimento n'outro genero de estudo e n'outra especie de publicação, basta-me-ha indicar que a Louzã não teve sempre este nome.

Vê-se, em documentos antigos, que foi mudando de denominação desde as primeiras epochas da fundação da monarchia, e que no tempo de D. Alfonso Henriques, occupando os moradores certa porção de terreno partindo do castello para o rio, que ainda se chama Arouce, já no tempo de D. Manuel (seculos xv-xvi) se havia estendido para o local em que se tem conservado até os nossos dias.

O foral de D. Manuel, referindo-se ao fundador da monarchia, não deixa pois nenhuma duvida emquanto á mudança do nome: — «Mostra-se polo dito foral ser a dita terra dada então ao concelho de *Arouce* que depois se chamou a *Foz de Arouce*, a qual povoação depois se mudou na *Louzã* (Lousam), etc.»²

A villa da Louzã está a 20 kilometros ES. de Coimbra, ao qual districto administrativo pertence. E cabeça de concelho e comarca; tem correio diario e 4:500 habitantes. O concelho do mesmo nome comprehende 5 freguezias em 13:031 hectares, com 2:400 fogos e quasi 10:000 habitantes.

Do aspecto geral da villa, estendendo-se em um valle cuja formosura não pôde bem apreciar-se senão vendo-o, dá-nos boa idéa a gravura junta.

III

Não tem a Louzã monumentos architectonicos, que prendam a attenção do artista, que deseja apenas encontrar reproduções de esplendidas e luxuosas obras por toda a parte; mas tem ruinas e edificios que de certo captivam o archeologo e o curioso, que só se dão por satisfeitos, nas minuenciosas investigações a que se dedicam, quando sabem a razão das coisas. Julgo n'este caso o castello, a igreja matriz, o pelourinho, as capellinhas, as fabricas de papel, o palacio da sr.^a viscondessa do Espinhal, o palacete do sr. commendador Monte-Negro, o hospital e a bibliotheca popular, fundações d'este cavalheiro, que tambem possui uma bella e vasta propriedade, na provincia de S. Paulo, do imperio do Brazil.

¹ Vide *Memorias historico-estatisticas de algumas povoações de Portugal*, 1 vol. de 400 paginas.

² Contestando um ponto do meu livro citado, o sr. Annibal Pipa Fernandez Thomaz, que o anno passado estudava em Coimbra, e hoje vive na Louzã, mandou-me copia d'este foral, para me asseverar que o rei D. Manuel tambem se não tinha esquecido da sua terra.

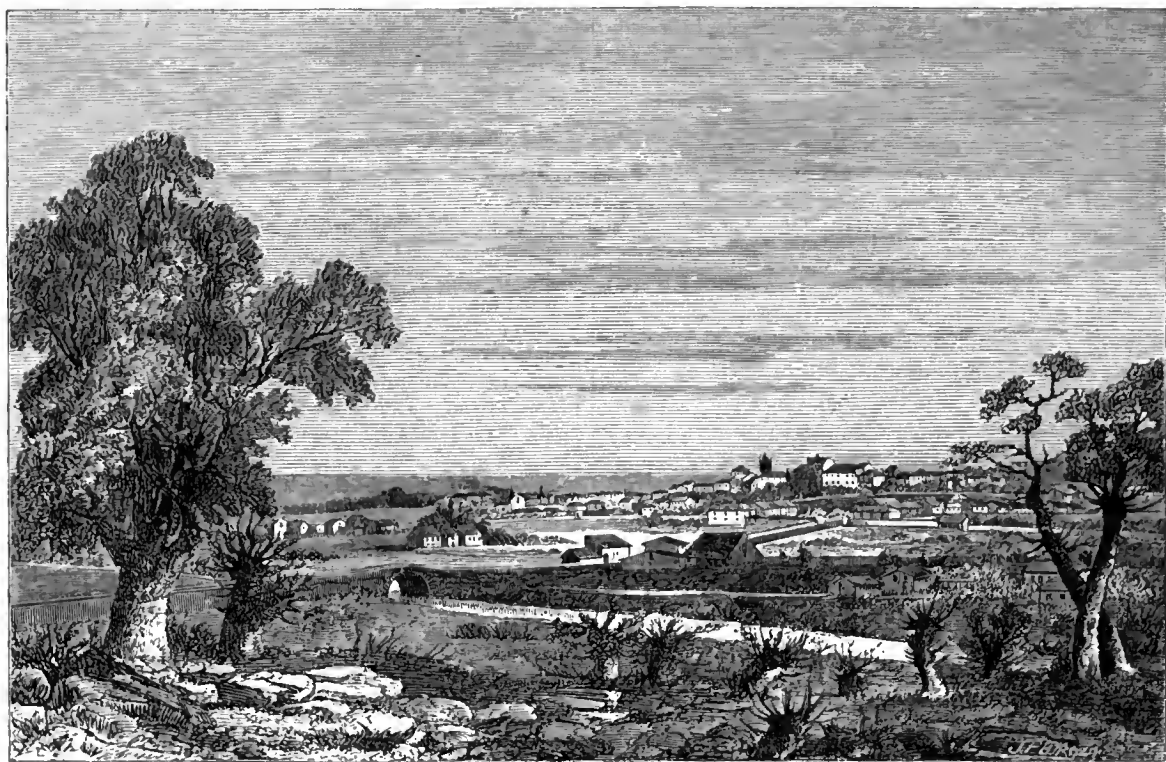
O castello da Louzã, a pequena distancia da villa, offerece hoje, e ha talvez muitos seculos, tamsómente ruinas aos que o visitam; e posto que sejam varias as opiniões ácerca da epocha em que poderia ser fundado, todas porém são conformes em que já existia no tempo do estabelecimento da monarchia. Qual seria a sua importancia militar, attenta a situação em que o vemos e a area que occupa? Não entrarei n'essa averiguação, por me faltar aqui o espaço e não ter á mão os documentos de que necessitaria para isso. Declaro todavia que me inclino á opinião dos eruditos que conjecturam que o castello seria construido como fortificação avançada, para cortar a marcha dos sarracenos que pretendessem atacar de novo Coimbra, sem que esta cidade estivesse prevenida para repellar as snas continuadas investidas. Dada esta hypothese, teriamos em Coimbra um nobre e valoroso capitão, Sisenando, no governo de Castella e Leão o famoso rei Fernando o Grande, e a correr o segundo quartel do seculo xi.

Como quer que seja, o povo, que ama a poesia, e a tem ingenita, vê todas as ruinas, que denotam a mais remota antiguidade, povoadas de encantos, e ás fabulas que se engendram, sem que um simples mortal possa nunca saber-lhes a origem, porque

provém tamsómente da voz do povo, dá esta voz curso e volume.

Sentemo-nos á beira de um lar; oiçamos ou o crepitar consolador da lenha da chaminé, se estamos na estação invernosa, ou o cantar monotono e melancolico da cigarra, se estão visinhas as noites do outono; rodeemo-nos da familia, que tem o primeiro e o mais santo lugar em todos os quadros e lances da vida provinciana; e por entre os sorrisos, que alegam e affagam, não deixemos perder a voz do ancião, que vem narrar-nos sinceramente as tradições que povoam e exaltam a villa da Louzã.

Primeira tradição: que um rei, por nome Arnnee, para fugir da perseguição de um intrepido conde, viera do seu reino com uma formosissima princeza, sua filha, e preciosos thesoiros, e se escondera no castello da Louzã; e que foi ali, por entre suspiros e queixas, que Sertorio, o celebre romano que viera da Africa defender a Lusitania contra os romanos, se namorou da tal princeza, mandando levantar em sua honra, na frente do castello e no ponto mais alto da serra da Louzã, para festas e sacrificios, um altar que tem a denominação de *altar do Trivim*. A princeza, que tambem era devota, tinha uma capellinha dentro do castello.



B. LIMA

A villa da Louzã

Segunda tradição: que sendo o castello tomado aos moiros, alli se encontrou um livro de versos, de auctor scandinavo, em cujas paginas manchadas de sangue se decifrava uma tal ou qual relação de factos que originaram a destruição da Hespanha pelos barbaros filhos de Agar ou sectarios de Mahomet.

Terceira tradição: que D. Affonso Henriques, sabendo da existencia da capellinha, na qual orava a formosa princeza, filha do rei Arnnee, mandara que a limpassem e benzessem, muito antes da batalha de Onrique.

Quarta tradição: que pelos primeiros annos da monarchia fôra á Louzã um castellão ou almoxarife para tomar posse da villa e do castello, mas a municipalidade e o povo oppozeram-se-lhe, allegando os seus fóros; houve conflicto serio e o almoxarife foi morto no campo.

Quinta tradição: que sendo a Louzã, por então, segundo se dizia, uma *Cintra dos nossos reis*, alludindo-se á grandeza panoramica d'aquelles sitios, para lá ia a mulher de D. Affonso Henriques passar a estação calmosa, servindo-lhe de residencia o castello. Acompanhavam-na algumas damas. Uma d'estas, chamada Violante, de peregrina belleza, excitou por tal modo a paixão de

um bom trovador. Egas Moniz Coelho, primo do celebre Egas Moniz, que estes amores causaram certa sensação na cõrte de D. Mafalda, e Violante, ou por conselhos da rainha ou pela natural volubilidade do coração feminino, deixou abysmado nos seus desencadeados affectos o pobre trovador, e foi-se caminho de Castella em companhia do novo escolhido, já seu esposo, oriundo das margens do Manzanares.

Como já visitei o castello, posso em resumo affirmar aqui a minha opinião, dizendo: que o castello é mui pequeno e mal manobriariam n'elle quarenta homens; que não podia servir de residencia a pessoa alguma, e principalmente a reis moiros ou não moiros; que não se lhe encontraram vestigios de nenhuma construcção especial, capella, casa, etc.; que as trovas attribuidas a Egas Moniz tem o pequeno defeito de não poderem ser d'elle, porque aquella linguagem usou-se cem annos depois; que tem em volta restos, aqui e alli, pouco visiveis, ao que se nos representou, de pequenas construcções, as quaes, ou serviriam de abrigo á guarnição do castello, ou serviriam para os primeiros habitantes do antigo municipio de Arouce; e que, finalmente, certas tradições populares são muito boas para entretenimento

das longas e fastidiosas noites de inverno, mas não servem para estudos serios e bem fundados da historia.

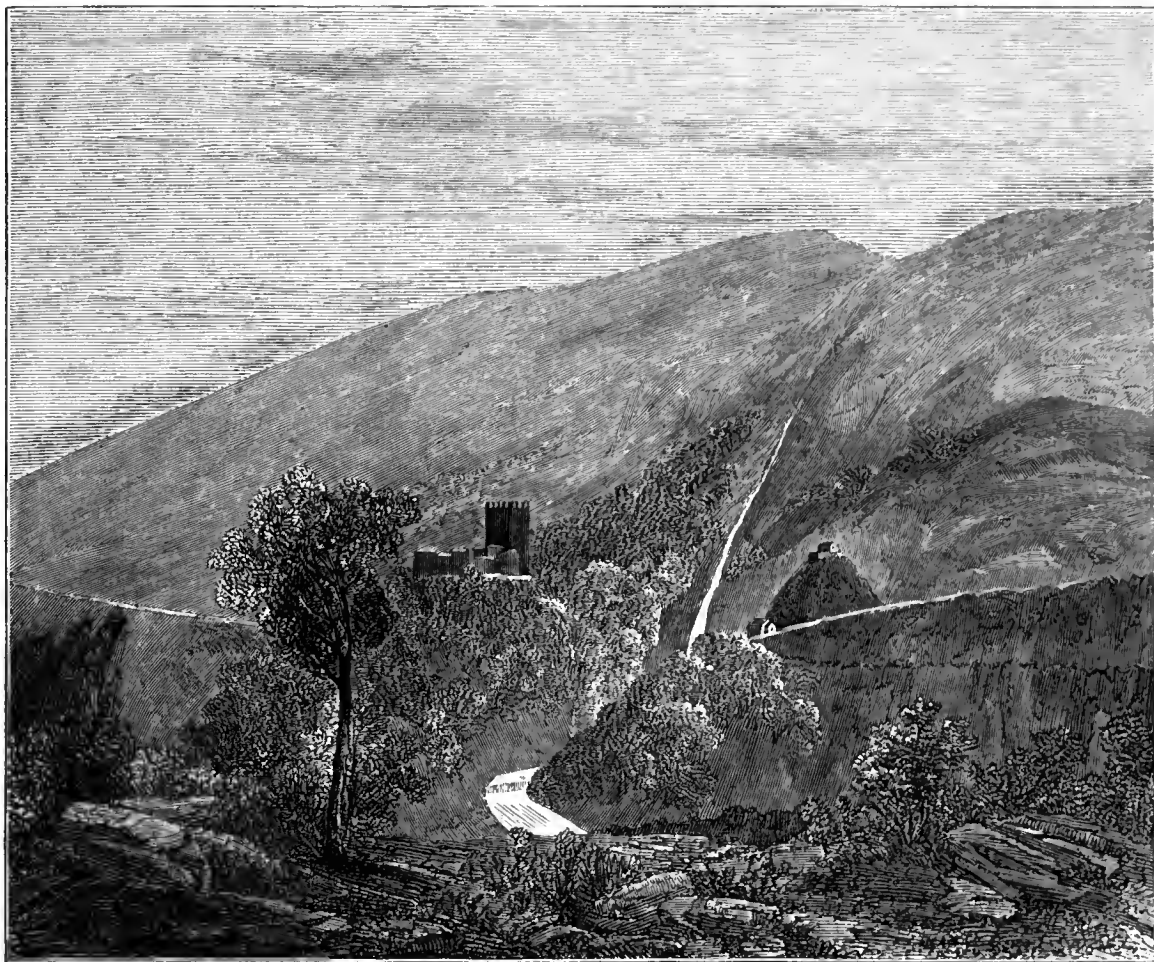
IV

Quando se estabeleceu definitivamente o governo constitucional, em 1834, o pelourinho, symbolo do poder municipal, que estava posto no centro da villa, foi demolido e quasi enervado no emhal do edificio dos paços do concelho. Assentava em tres degraus. Era um pequeno fuste de grés vermelho da serra de Alveite, rematado por tres caras ou faces, desgraçadas e toseas, como revelando a infancia da arte. Tinha para os delinquentes argolas e ferros cruzados no fuste, que se lhe arrancaram quando se fez a remoção.

A igreja matriz, de que é padroeiro S. Silvestre, foi reconstruida no seculo xviii. Tem em geral pouca elegancia architecto-

nica, posto se lhe encontrem interiormente claros vestigios da architectura do seculo xvi. Na capella da familia Ferraz, defronte da do Santissimo, seguiram contudo evidentemente o estylo manuelino no exterior, e o que se pôde chamar do tempo dos Filip- pes no interior.

Defronte do castello ergue-se, poeticamente, um penhasco, que baptisaram com o nome de *Penhasco das ermidas*, porque, por uma extensa escadaria sobreposta na rocha, se vae a tres capellinhas da maior devoção e do mais singelo conforto para os povos da Louzã e das freguezias circumvisinhas: a primeira é dedicada a S. João, a segunda ao Senhor da Agonia, e a terceira, a do alto, á Senhora da Piedade. Na vespera e dia de S. João, em que ha feira annual mui concorrida na villa, a romaria ao Penhasco das ermidas é notavel, não só pelo numero dos ranchos que alli vão, mas tambem pela alegria e pelos cantares que os acompanham.



B. LIMA

PEDROZO

O castello da Louzã—O penhasco das ermidas

O palaeio da familia Salazar, hoje apenas representada pela sr.^a viscondessa do Espinhal, dama de agradavel trato e de muitos rasgos philantropicos, tambem pôde ver-se e admirar-se pelas dimensões e pelo assombroso luxo da ornamentação.

As pessoas que forem á Louzã não devem, portanto, deixar de ver o que indicamos, e mais as fabricas de papel, de que não podemos já tratar no espaço de que dispomos, nem deixar de pagar o devido tributo de respeito aos benemeritos que auxiliaram a fundação da bibliotheca e do hospital, cuja iniciativa se deve ao sr. commendador Monte Negro.

Os fructos da bibliotheca e da escola popular já os tem colhido muitos com proveito. Os do hospital hão de ser colhidos tambem utilmente. Trabalha-se com sollicitude para isso.

Se é agradavel achar no fim de um artigo alguma coisa que tire o enfado de particularidades, que nem todos apreciam, rematarei com um facto notavel, que já contei nas minhas *Memorias*

e que soube na propria villa. Depois da batalha do Bussaco, em 27 de setembro de 1810, o general Massena viu-se obrigado, por successivas marebas, a evitar as forças que Wellington commandava. Alguns mezes depois, porém, tendo os francezes estabelecido o seu quartel general na casa do desembargador Salazar, na Louzã, a rectaguarda do seu exercito foi completamente derrotada em Foz de Arouce pela vanguarda das forças anglo-portuguezas, ficando no lodo do rio um sem numero de soldados de Napoleão I. Massena, assim que soube este desastre, fugiu da Louzã, deixando preparado o jantar; Wellington avançou e veio sentar-se á mesa e comer as iguarias que o inimigo lhe abandonara.

BRITO ARANHA.

CHRONICA DO MEZ



proximo que vamos escapos. Mais uma vez a Providencia se dignou velar sobre este atomo que percorre o espaço, á mercê de quantos cometas e outros figurões de má catadura encontra pelo caminho. Parece que a policia lá de cima é um pouco mais vigilante que a cá de baixo: ha tantos mil annos que o orbe terraqueo tem sido ameaçado de destruição por tão poderosos adversarios, e ainda não consta que fosse alguma vez seriamente atacado por esses malfeteiros da immensidade.

Que a terra tem inimigos, como todos nós, isso não entra em duvida. As chuvas demasiadas, os frios excessivos, os intensos calores, os raios, os aerolithos não são talvez senão pequenas picardias que lhe fazem, ou mesquinhas vinganças que desejam tirar d'ella os invejosos e malquerentes. É certo, porém, que ainda não foi possível conseguir, por mais diligencias que se tenham empregado, o seu aniquilamento.

O que invejam á terra não sei eu: estou que não serão as continuadas dissensões em que os habitantes d'ella andam sempre, o que os leva a estereis pugnans em que o sangue se derrama profusamente sem proveito para alguem.

Entretanto, se é certo o que o padre Antonio Vieira afirma no sermão dos peixes, que é lei do mundo os pequenos serem devorados pelos grandes, provavelmente nas cortes dos grandes soes e dos planetas milhões de vezes maiores do que a terra, está ha muito decretado que o pequeno astro desapareça do mappa do ceu, e por isso lhe enviam, de vez em quando, esses intrigan-tes da laia do que em 12 de agosto andou chegando a nós, mas que não logrou felizmente os seus intentos.

Estou que, n'este ponto, os grandes astros nunca hão de conseguir as suas aspirações, se ellas são effectivamente as que se lhes attribuem. A terra tem incontestaveis direitos para não ser riscada da carta dos mundo, que povoam o espaço, tem a sua historia, não serve de obstaculo á marcha dos demais astros, subsiste briosamente ha muitos milhares de annos, e a Providencia que sabe avaliar melhor do que ninguem os direitos de cada um, tem-n'a livrado, até hoje, e continuará de certo a livrar dos grandes perigos que por vezes a ameaçam.

Não deixam, porém, de assustar os habitadores estes annuncios imprudentes dos sabios que tanto julgam conhecer os segredos da natura. Andou muita gente afflicta com a idéa de que tudo isto se derreteria, chegando alguns dos menos illustrados a enlouquecer de dor, e muitos dos mais precavidos a fazer testamento para deixarem tudo em ordem.

Não bastava a uns e outros o terror que lhes causa a vigilancia da canicula durante este mez — o que obriga muita gente a passar trinta dias sem se lavar, com receio de dar abalo ao corpo — ainda por cima os atormentou a noticia do acabamento do mundo, que a final é a que menos nos deve atemorisar, porque sendo todos nós, mais ou menos, egoistas, desejando a maior parte perder um olho comtanto que o o visinho fique sem os dois, deve-nos ser agradavel passar d'esta para melhor vida com a certeza intima de que não fica por cá ninguem.

Dois festas, uma religiosa outra profana, reclamaram este mez a presença das elegantes e dos curiosos da capital. A primeira foi o *Te Deum* em S. Domingos para solemnizar na casa de Deus as melhoras do sr. Francisco Palha; a segunda a recita dada no theatro da Trindade, com peças d'aquelle escriptor illustre, para igual commemoração no templo da arte.

A uma e outra assistiram pessoas de todas as classes da sociedade; fidalgos, escriptores, artistas, funcionarios, commerciantes, todos foram patentear a sua sincera estima áquelle que pelo seu talento, delicado trato e genio folgassão só tem amigos,

embora na agitada vida que tem vivido se lhe haja deparado mais de uma occasião de grangear inimigos.

No *Te Deum* cantaram os artistas da Trindade a preciosa composição de Marcos de Portugal, interpretando-a, sem sabermos musica, muito melhor do que a maior parte dos cantores de profissão que é costume ouvir n'estas solemnidades. Quando as atrizes Anna Pereira e Florinda cantaram os solos que lhes couberam, a attenção dos ouvintes voltou-se toda para o côro da igreja, e no resto de cada um se podia observar notavel expressão de applauso mais significativo e sincero do que é, por vezes, o ruido das palmas nas platéas.

Na recita foram bem desempenhadas as composições dramaticas levadas á scena, saudando o publico estrepitosamente e com verdadeiro regosijo, o sympathico homem de letras a quem era dedicada a festa.

A actriz Emilia Adelaide recitou uma *Saudação* do sr. Pinheiro Chagas, mimosa poesia que, com a devida venia, transcrevo:

Resplende na alma do artista
doce luz de gratidão!
Não é na mente egoista
que se inflamma a inspiração.
Se o auctor vos extasia
dando ás flores da poesia
vício, aroma, seiva e côr,
é que em seu peito irrequiesto
tem mais raizes o affecto,
tem as paixões mais ardor.

Se, n'esta noite sandosa,
ao amigo salvo, enfim,
tecemos e'rôa mimosa
c'o as rosas do seu jardim, —
é que audazes desejamos
que elle, entre os floridos ramos,
entre os loiros da ovação,
entre as lembranças da gloria,
garde a modesta memoria
da nossa viva affeição.

Da prolongada agonia
saindo, enfim, vencedor,
vê em todos a alegria,
sente de todos o amor.
Tudo jubilos e flores,
de puro affecto penhores!
E emquanto resplende aqui
doce festa da amizade,
o anjo da caridade
lá fóra escuta e sorri.

O doce prazer da esmola,
mais que a gloria que seduz,
nobre espirito consola
do vate que torna á luz.
Deu ao theatro, seu sonho,
poeta — o estro risonho,
homem — vida e coração.
É pois a festa completa:
Vós applaudis o poeta,
nós festejamos o irmão.

O sr. Francisco Palha teve portanto occasião de observar, pelos emboras que recebeu na igreja e pelos applausos que lhe deram no theatro, quanto é querido dos amigos e do publico, aos quaes com o seu brilhante talento comico, tem distraído e ensinado tanta vez.

A publicação recente de varios folhetos e artigos assignados por alguns nomes conhecidos, a proposito de uma celebre questão litteraria ventilada ha pouco, é, quanto a mim, infallivel prenuncio de que, em breve, sairemos do mau habito em que nos achamos de elogiar ou censurar tudo que se publica, sem se apresentarem as razões por que a publicação é boa ou má, nem se discutir se essas razões são ou não procedentes.

N'estes ultimos tempos tẽem-se notado certos symptomas de vida na critica litteraria. A proposito do concurso do sr. Theophilo Braga e das obras dadas á estampa por este incansavel homem de letras, tem-se escripto muito.

Ignoro se o publico ha seguido de perto esta questão debattida, como já disse, não só em folhetos, como em artigos dos periodicos de Lisboa e Porto; se não lhe tẽem prestado maior reparo tẽem feito mal, porque as pugnas litterarias valem quasi sempre mais que os estereis debates politicos, visto que d'aquellas, quando conduzidas por homens como os que figuram agora com respeito ao sr. Theophilo Braga, collie-se com certeza grandissimo proveito, qual o do desenvolvimento da instrueção; ao passo que d'estes, quando se não trata de principios e o tiroteio de palavras ôcas se emprega apenas para o já conhecido — deseje tu para eu subir — o resultado que se obtẽem é unica e simplesmente o maior desenvolvimento da fatal descrença que lavra no coração de muitos, com grande prejuizo para a causa publica.

Recebi do Brazil varios livros, e, cumprindo a obrigação que me impuz de tornar conhecidas, quanto possivel, por esta revista, a maior parte das obras publicadas no unico paiz estrangeiro em que se falla e escreve a lingua portugueza, de bom grado vou fallar d'ellas.

De algumas d'estas obras tem já certamente noticia os que lidam de perto com a litteratura brasileira, porque foram dadas á publicidade no anno passado ou ha mais tempo; aos que até hoje se não tẽem occupado dos escriptores do imperio, será grato, ereio, travar conhecimento com taes produções, dignas por bastantes motivos, da attenção dos portuguezes.

Denomina-se — *Idyllios* o formoso volume em que o sr. Caetano Filgueiras publicou um grande numero de pensamentos poeticos, alguns dos quaes admiraveis.

Tem este escriptor trabalhado muito em pró da litteratura do seu paiz, procurando dar-lhe feição nacional, para o que usa, entre outros recursos de que se serve, ir buscar as suas imagens á opulenta e grandiosa natureza da terra que lhe foi berço. Pretende outrosim crear uma nova orthographia da lingua, afastando-se inteiramente nas suas publicações, do modo de escrever adoptado por toda a gente. Prova tudo isto que o sr. Filgueiras é escriptor laborioso, que estuda com perseverança e deseja prestar bons serviços empreendendo trabalhos uteis.

Os versos publicados no livro a que me refiro, são versos de verdadeiro poeta, versos que dão a medida do grande talento do auctor. Os ultimos do volume — *Epistola a Machado de Assis*, que mereceram largos elogios do sr. visconde Castilho e do sr. Camillo Castello Branco, são realmente um primor de arte e bom gosto. Conheço poucas descripções em verso com tanto vigor e propriedade de colorido. É poeta-pintor quem versifica assim.

Da talentosa escriptora brasileira a sr.^a D. Narcisa Amalia recebi um folheto denominado — *Celeste*. É composiçãõ que se lê n'um quarto de hora, e é esse, quanto a mim, o seu grande defeito. A quem escreve como a sr.^a D. Narcisa Amalia não devia ser permitido publicar obras de tão pequeno tomo; o leitor enlevado na poesia e elegancia do estylo do livrinho, elega ao fim e entristeece. Succede-lhe como ao esfaimado a quem sirvam apenas uma pequena parte da melhor iguaria; crescee-lhe o appetite. Como porém as obras litterarias se não avaliam pelo peso, fez bem a sr.^a D. Narcisa Amalia, visto entender que o assumpto lhe não dava para mais, em publicar aquellas poucas paginas que são nova e irrefragavel demonstração de quanto vale o seu talento.

Bibliotheca Popular chama o sr. Alfredo Moreira Pinto a umas cadernetas que publica periodicamente, contendo varios assumptos, em prosa e verso, muito curiosos e assignados por diversos escriptores. É publicaçãõ util e além de util muito-agradavel.

Acompanhavam estas obras mais duas: uma a *Biographia do actor Furtado Coelho*, escripta pelo sr. Francisco Antonio Felgueiras Sobrinho, e outra a *Historia da trasladação da côrte portugueza para o Brazil em 1807-1808, que contém a historia da descoberta e fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, os diversos nomes que tiveram as suas ruas e as chacaras por onde passaram, precedida pela physionomia social, moral e*

politica, pelo dr. Mello Moraes, da cidade de Alagoas. Do primeiro livro considero-me dispensado de fallar porque é bem conhecido em Portugal, onde até, se não me engano, se acha á venda; do segundo nada posso dizer porque, sendo grosso volume de grande formato, não tive ainda tempo para o ler.

Ao fallar de um livro de importancia historica, devo tambem referir-me ao terceiro volume da *Synopse dos decretos remettilos ao extincto conselho de guerra*, colleção importantissima de documentos para a historia militar de Portugal, desde 1650, em que foi creado o conselho de guerra, até 1834, em que foi extincto. Estes documentos são colligidos pelo sr. Claudio de Chaby, conspicio e illustrado escriptor que se tem entregado ultimamente a estudos positivos, produzindo obras que são do mais util subsidio para a historia patria.

O terceiro volume da *Synopse*, a julgar pelos precedentes, deve conter importantes documentos que, de certo, esclarecerão convenientemente aos que desejarem saber dos factos militares da epocha a que elles se referem. D'aquí o interesse que encerra o livro, não d'aquelle interesse que faz palpitir o coração das senhoras ao voltarem a folha do romance que lêem — interesse que se evapora como fumo depois de lida a novella, sem deixar de si a minima porção de proveito, quando não produz desproveito — mas interesse verdadeiro para quem trabalha e especialmente se dedica a assumptos da historia do paiz. Por isso recomendo a estes o novo volume publicado pelo sr. Chaby, e previno as senhoras de que não pensem n'esta obra, nem mesmo desejem vel a.

Verificou-se na academia real das bellas-artes a votação sobre os trabalhos dos concorrentes ao subsidio do estado para irem cursar no estrangeiro architectura, pintura de paizagem e gravura. Em architectura foram approvados por unanimidade os trabalhos do sr. José Luiz Monteiro; em gravura foram approvados por maioria os do sr. Antonio José Nunes Junior, e em pintura nenhum dos tres candidatos obteve maioria absoluta.

Com relação aos ultimos, foi esta a peor solução que podia ter aquelle notavel certame. Devendo o governo, á vista dos trabalhos expostos, mandar estudar fóra dois dos candidatos, em vez de um, como era do programma, não manda nenhum. Altos destinos . . . do jury!

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

==== A academia de bellas artes do Porto foi mimoseada por dois cavalheiros com uma porção de gravuras representando as *loggie* de Raphael, no Vaticano; seis retratos a oleo devidos ao pincel de João Glama; um esboceto a oleo de Joaquim Raphael e um ma-nequim para estudo de roupas.

==== Publicou-se no Brazil o primeiro numero de um novo periodico exclusivamente dedicado á mocidade, que tomou por titulo — *Centro academico*, e por divisa — *La presse, qui fait le jour dans les esprits, crée la fraternité.* (V. Hugo.)

O seu programma é o seguinte:

«Attrahida por uma secreta, mas natural sympathia, ou pelo interesse de uma causa commum, a mocidade reune-se ás vezes e constitue um pequeno nucleo, cujas forças trabalham em harmonia para o mesmo fim.

N'estas circumstancias, o alvo não pôde ser outro, que não o cultivo do espirito sedento de progresso e de gloria. A alma dos moços necessita expandir-se, communicar-se, aperfeiçoar-se e empregar em alguma cousa nobre o excesso de vigor que sente.

Foi d'este modo que nasceu o — *Centro academico*. Elle parte de um d'esses nucleos trabalhadores a convidar os obreiros, que andam dispersos. É necessario que a mocidade trabalhe!

Tambem o sr. Francisco Alvares da Silva Castilho publicou um livro para creanças denominado — *O principio da sabedoria é o temor de Deus*.

Historia e tradições da provincia de Minas Geraes é o titulo de um livro recentemente dado a publico pelo sr. doutor Bernardo Guimarães, brasileiro.

A casa Garnier, do Rio de Janeiro, vae editar um livro de poesias da nossa collaboradora a ex.^{ma} sr.^a D. Narcisa Amalia, denominado — *Nebulosas*.

Tambem se publicaram ultimamente as seguintes obras de auctores brasileiros:

Esposa e mulher, romance pelo sr. A. D. de Paschoal.

Poesias satyricas, quinto volume, pelo sr. padre José Joaquim Corrêa de Almeida.

Carta dirigida ao reverendo sr. padre Almeida Martins, pelo *Ermittão*.

Biographia do sr. conde de Itaguahy.

A situação e os dissidentes, pelo sr. doutor José Tito Nabuco de Aranjó.

Geographia alagoana, ou descripção physica, politica e historica da provincia das Alagoas, pelo sr. doutor Thomaz de Bomfim Espindola (2.^a edição).

Caminho de ferro de D. Izabel, pelo doutor André Rebouças, importante estudo sobre o traçado da via ferrea de Paraná a Matto Grosso.

Um novo livro do sr. doutor Bernardo Guimarães, auctor do *Garimpeiro*, com um conto historico e dois romances intitulados—*A filha do fazendeiro* e *Zupyrá*.

Analyse critica da «Batalha de Campo Grande» e do «Combate de Riachuelo», dos distinctos mestres doutor Pedro Americo e commendador Victor Meirelles, pela sombra de Giorgio Vasari. Recebemos este folheto, que agradecemos.

Polychinello, novo periodico critico, theatral, agricola, etc.

Eccos do Povo, folhetos de 16 paginas, moldados pelas *Farpas*.

==== O sr. João Pedroso Gomes da Silva vai publicar uma collecção de trabalhos em gravura da sua execução, intitulada—*A gravura de madeira em Portugal, estudos em todas as especialidades e diversos estylos*. A impressão das gravuras é feita em Inglaterra, e com a ultima gravura será offerecido a todos os assignantes um prologo devido á penna de um dos nossos melhores escriptores. Esta publicação tem por fim esclarecer o publico sobre o estado de adiantamento em que se achá a gravura sobre madeira em Portugal. Ninguem mais competente do que o sr. Pedroso para tão util empreendimento.

==== Está-se construindo em Vienna d'Austria um grande theatro para funcionar durante a epocha da exposição em 1873. Deve conter cinco mil pessoas. O director dos espectaculos é o barão Schwartz. Calcula-se a edificação em 250:000 thalers.

==== Na exposição aberta em 15 de junho na academia imperial das bellas artes do Rio de Janeiro figuraram cento noventa e nove obras dos seguintes artistas:—Agostinho José da Motta, professor de paisagem da academia, 3 *paisagens*—Alfredo Baptista, *uma corça de ouro em prata*—Antonio Araujo de Sousa Lobo, 1 *retrato*—Antonio de Oliveira Fernandes, alumno da academia, 6 *paisagens*, sendo 2 copias—Augusto Rodrigues Duarte, alumno da academia, 6 *retratos*—Bolle & Girard, 1 *desenho architectonico* (fachada da casa Decap & Autéage em construcção na travessa de S. Francisco:— applicação da arte ceramica á decoracção dos edificios)—Eduardo de Martino, membro correspondente da academia, 1 *marinha*—Emilio Bauch, 1 *quadro de retratos*—Ernesto de Sousa Reis Carvalho, official de gravura da casa da moeda, *retrato no anverso de uma medalha*—Estevão Roberto da Silva, alumno da academia, 4 *retratos a lapis*—14 *desenhos* de alumnos da aula de desenho do arsenal da marinha, dirigida por Felix Matheus Warletta—Felix Perret, 8 *quadros de genero*—Francisco José Pinto Carneiro, official de gravura da casa da moeda, 1 *allegoria no reverso de uma medalha*—Francisco Caminhoa, 1 *desenho do modelo do monumento que se deve erigir no Campo da Aclamação*—Frederico Desiderio de Barros, alumno da academia, 6 *paisagens e marinhas*—Guilherme Henrique Doer, 6 *quadros de fructos a pastel e 4 a lapis, tambem de fructos*—Gustavo James, 7 *marinhas*—Henrique Nicolau Vinel, 7 *paisagens e marinhas*—Henschel & Benque, photographos allemães, 10 *retratos*—D. Isabel Henninger, discipula das escolas de Paris e de Munich, 3 *quadros de natureza morta*, sendo 2 a oleo e 1 a aguarella, 1 *copia de um quadro de Teniers e 1 leque*, pintura a *gouache* sobre setim—João Zeferino da Costa, pensionista da academia em Roma, 11 *estudos do natural e 7 copias*—D. Joanna Thereza Alves de Carvalho, 2 *estudos do natural*—Commendador Joaquim da Rocha Fragoso, retratista de Sua Alteza o conde de Eu, 10 *retratos*—José Ferreira Guimarães, photographo da casa imperial, 2 *photographias*, sendo uma sobre porcellana convexa—José Maria dos Santos Carneiro junior, 3 *desenhos* (copias)—José dos Reis Carvalho, professor jubilado da escola de marinha e honorario da academia, 1 *paisagem e 1 quadro de flores*—Julio Mill, 3 *paisagens e 1 retrato lithographado*—Leopoldo Heck, gravador da casa imperial, 3 *desenhos á penna*—Manuel Francisco Tavares, 1 *paisagem*—Manuel Joaquim Valentim, 2 *miniaturas em esmalte*—Modesto Ribeiro, photographo—4 *trabalhos photographicos*—Nicolau Facchinetti, pintor de paisagem de Sua Alteza o duque de Saxe, 3 *marinhas e paisagem*—Doutor Pedro Americo de Figueiredo e Mello, lente de historia das artes esthetica e archeo-

logia da academia, 3 quadros, sendo um—*A batalha do Campo Grande*, outro o esboço d'este quadro, e o terceiro—*Sua Magestade o senhor D. Pedro I na abertura da Assembléa legislativa, em 1826*—Pedro Antonio da Costa, 1 *ramillete de flores de prata*—Poluceno Pereira da Silva Manuel, 5 *retratos*—Rodolpho Bernardelli, alumno da academia, 2 *bustos em gesso*, sendo um o retrato do celebre tragico Rossi—Sanderson, 6 *quadros de natureza morta, flores e paisagem*—M. Steffen, surdo-mudo, 3 quadros, a saber:—*Uma batalha, Um cão e Um retrato*—Victor Meirelles de Lima, professor de pintura historica na academia, 5 quadros, a saber:—*Combate naval do Riachuelo, Passagem de Humaytá e 3 retratos*—Villa, 1 copia—15 paincis pertencentes á collecção nacional, restaurados ultimamente pelo conservador da Pinacotheca Carlos Luiz do Nascimento—Ignacio Tavares de Sousa & C.^a, 5 *mozaicos de madeira e 1 Novo instrumento para se conhecer a dilataçao e retrataçao das madeiras*, inventado e feito pelo expositor—Alfredo Jorge Eugenio Seellinger, 3 *retratos*.

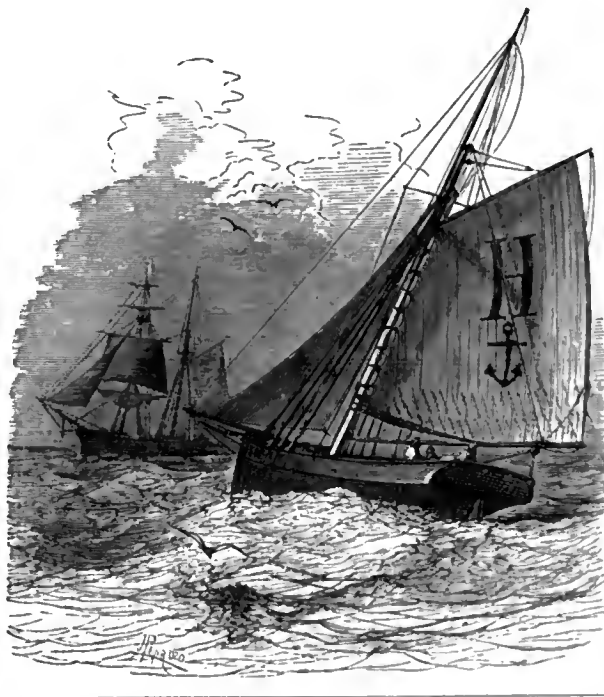
==== O ministro da instrucção publica em Italia recebeu uma carta do director do Museu britannico, rogando-lhe que tome as necessarias providencias, a fim de que se proceda com o maior cuidado ás escavações que se estão fazendo na rua Vinte de Setembro, em Roma, onde se espera descobrir o *Campo Scelerato*, lugar em que antigamente eram enterradas vivas as vestaes criminosas.

==== Publicou-se o numero-programma de um novo periodico quinzenal, intitulado—*Gazeta musical de Lisboa*. Começará a distribuir-se no 1.^o de outubro proximo e cada numero será acompanhado de uma peça de musica dos melhores auctores, de quatro, seis, oito ou dez paginas, nitidamente lithographada e impressa em excellente papel. É modico o preço e util a publicação. Deus a aviente.

==== Morreu em Dresde o muito conhecido actor allemão Emilio Devrient.

==== No Rio de Janeiro tem-se representado com grande applauso a opereta comica—*Telegrapho electrico*, cuja musica é escripta pelo distincto compositor brasileiro Carlos Gomes. Parece que este secundo artista, auctor da opera—*Guarany*, cantada com applauso em Italia e Inglaterra, escreveu mais uma composição intitulada—*Fosca*, a qual, segundo refere um periodico inglez, é a peça escolhida pela direcção do theatro *Scala*, de Milão, para a abertura da estação do inverno, que deve ser em 26 de dezembro.

==== O *Campeão das Provincias* disse que o sr. marquez de Sousa comprara por 120,000 réis o quadro que existia na igreja da freguezia de Nossa Senhora da Gloria, da cidade de Aveiro. Referiu mais o dito periodico, que os entendidos attribuem grande mercedimento áquella pintura, comquanto o retabulo se ache muito deteriorado pelo abandono em que esteve muitos annos, chegando a ser vendido por 120 réis ao sacristão da freguezia.





10 ANNIVERSARIO DO DESEMBARGADOR.

Quinta-feira, 1.º de Dezembro.

ARTES E LETRAS



LISBOA—SETEMBRO DE 1872

CUSTODIA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE ENTRE-AS-VINHAS
DA VILLA DE MERTOLA

UANDO se constituin a monarchia, se umas causas se oppunham ao desenvolvimento das artes em Portugal, outras, pelo contrario, o favoreciam e ajudavam.

A grande agitação dos povos nas luctas sangrentas que precederam ou acompanharam a mudança de leis e de costumes, a instabilidade do presente e a incerteza do

futuro, afastavam naturalmente os espiritos da cultura das artes e das letras, mais conforme aos oeios da paz, que ás desordens da guerra.

Mas para a transformação social que então se operou no occidente da península contribuíram em grande parte os estrangeiros que o desejo de correr aventuras ou de buscar fortuna trouxe para longe de suas terras. Eram artistas muitos d'elles, architectos, esculptores ou pintores, educados nas cidades da Europa, onde, por esse tempo, mais prosperavam e floresciaam as artes.

A outros, que vieram a ser prelados ou dos primeiros senhores em Portugal, formara-se-lhes o gosto artistico em suas patrias e nas peregrinações á Terra Santa. Com as riquezas que tomavam aos moiros pagavam os segundos o trabalho dos primeiros.

Perderam-se muitos dos monumentos mais antigos da arte portugueza, porém os capiteis da Sé e da igreja de S. Christovão de Coimbra, os da porta da Sé de Lisboa, os lavores da igreja dos Templarios em Thomar, provam a perfeição dos artistas, que, no reinado de D. Affonso Henriques, trabalhavam em Portugal.

É maior ainda a falta de subsidios para a historia da esculptura em metal d'esse tempo. Sabemos, porém, pelos documentos escriptos, que se lavravam para as igrejas vasos e cruces de prata e até de oiro massiço, e pela perfeição da esculptura em pedra se ha de avaliar a da esculptura em metal.

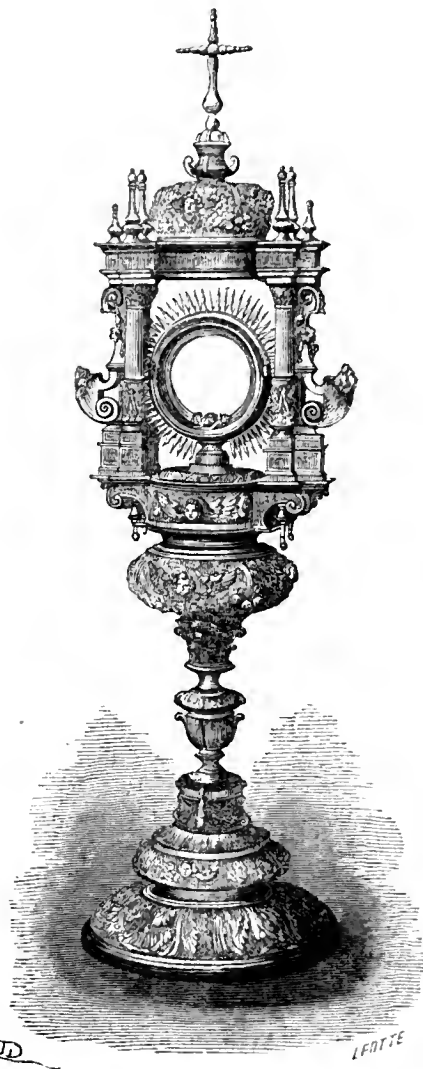
El-Rei D. Sancho I e sua mulher a rainha D. Dulce offerreceram aos mosteiros de Alcobaca e de Santa Cruz de Coimbra objectos para o culto delicadamente lavra-

dos. Do seculo XIII e dos seguintes conservam-se algumas peças de metal por onde melhor se avalia o estylo e a perfeição dos esculptores que as fabricaram.

São dos seculos XV e XVI os monumentos mais ricos e numerosos d'esta especie de esculptura.

Entre essas alfaias de maior preço que attestam a antiga opulencia das cathedraes e outras igrejas de Portugal contam-se algumas custodias primorosas.

No thesouro da Sé de Evora guarda-se uma de prata doirada, admiravelmente esculpida, talvez ainda no seculo XV. Suppõe-se que seria generosa dadiwa do bispo D. Affonso de Portugal, que cingiu a mitra ebo-reense desde 1485 até 1522.



Em Coimbra conserva o cabido a custodia, que nos fins do seculo XV ou nos principios do seculo XVI deu o bispo D. Jorge de Almeida á sua igreja. É do estylo ogival, e tão perfeita e tão elegante, que muito bem condiz com o celebre retabulo que o mesmo magnifico prelado mandou fazer para a capella-mór da velha Sé coimbricense.

É ainda do mesmo estylo, posto que já do anno de 1534, a da collegiada de Nossa Senhora de Guimarães.

Emfim, a todas sobreleva, pelo valor intrinseco e pela excellencia da esculptura, a que el-rei D. Manuel mandou fazer para o mosteiro de Belem.

Ao tempo que n'outras nações da Europa se effi-

tuára havia já muitos annos a grande revolução do renascimento das artes, Portugal conservava com respeito o estylo consagrado durante seculos pela representação dos dogmas, symbolos e aspirações do christianismo.

Seguido dos innumerados artistas que trabalhavam em Portugal, opulento com os vivos e brilhantes reflexos orientaes que admiravelmente o apropriavam para representar as idéas gloriosas da epocha de D. Manuel, identificado emfim com as tradições, com as empresas, com o genio nacional, o estylo que ainda hoje denominamos *manuelino* veiu a cair de todo em desuso no reinado seguinte de D. João III.

Então se introduziu em Portugal o estylo classico, imitado das obras primas de Grecia e Roma, e ostentando já por toda a Europa elementos uniformes, medidas invariaveis e a severidade das rectas que substituiam a caprichosa elegancia das curvas ogivales.

É d'este estylo, como se vê na gravura que a representa, e, por conseguinte, posterior ao tempo de D. Manuel, e talvez ao de D. João III, a custodia da igreja de Nossa Senhora da villa de Mertola.

Sem a elegancia e graciosa magestade do estylo ogival, ainda assim a custodia a que alludimos é uma obra digna de attenção pelo bom desenho do todo e apurada esculptura de cada uma das partes ¹.

A. FILIPPE SIMÕES.

O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

—Mestre Frantz, disse de repente Coucou Peter, gosta de torta de creme?

—Porque perguntas tu isso? disse o doutor admirado.

—Porque ha tres dias que a tia Jacob não pensa senão em fazer *kougelhof* e tortas de creme; é, como quem diz, a sua idéa philosophica desde que o tempo da feira se aproxima. O tio Jacob, esse é que só cuida de engarrafar vinho, de fumar cachimbo atraz do forno, o quando a mulher grita, deixa gritar, porque realmente não ha meio algum de a fazer calar. É como uma gallinha choea, quanto mais a enchotam, mais ella grita. Até que chegámos! Que de gente! Apeie-se, sr.^a Thereza, apeie-se. Sr. Hans Aden, faz favor de segurar nas redeas de Schimel? Eu vou pedir ao tio Jacob para nos dar agasalho.

¹ Se bem nos recordámos, tem grande semelhança com esta custodia a do convento de Santa Catharina em Evora.

É tambem de prata doirada. No pé representa uma torrinha com sua cupula e nichos, muito semelhante á do aqueducto d'aquella cidade, cujo desenho appareceu no *Archivo Pittoresco*, tomo x, pag. 33. É provavel que o architecto e o ourives imitassem n'uma e n'outra parte alguma construcção notavel da Italia.

A torrinha do aqueducto é talvez obra do italiano Pasquino Vilanes, que, em 1556, dirigia a obra dos canos que haviam de levar a agua de Prata ao laranjal ou jardins reaes.

Demoliu, ha poucos dias, este apreciavel monumento a camara municipal de Evora.

Estavam então defronte da estalagem. A multidão movia-se em volta d'elles. Viam-se os freguezes, avinhados, subir e descer a escada cambaleando; retiniam os copos; ouvia-se gritar por cerveja e por couves; as creadas, que os hospedes abraçavam de passagem, davam gritos e riam; a tia Jacob preparava a loiça e o marido abria as torneiras na adega.

Coucou Peter entrou na estalagem, promettendo voltar breve.

Appareceu com effeito, passados poucos minutos, com o proprio Jacob, um bom homem gordo e pranteiro, com as mangas arregaçadas até aos cotovellos.

—O que eu desejava era servi-lo, meu caro, dizia elle, mas tenho todos os quartos occupados; resta-me o palheiro e os telheiros, vejam se lhes serve.

Coucou Peter olhou para a sr. Thereza com um ar desanimado, e percorreu com a vista a rua onde o povo se accumulava.

—Se fosse só para mim, tio Jacob, aceitava já. Um pobre diabo como eu dorme sempre na palha. Mas bem vê que esta pobre mãe, esta creancinha, o doutor Matheus, que é a nata dos philosophos... replicava elle com uma voz que partia o coração. Então veja lá, tio Jacob, ponha-se no nosso logar.

—Que queres, Coucou Peter, disse o estalajadeiro, não posso fazer com que os meus quartos não tenham gente.

—Não se incomode tanto por nossa causa, sr. Coucou Peter, disse então a sr. Thereza; nós não somos tambem tão difficeis de contentar.

—O que, sr. Thereza! Pois quer ir para um telheiro?

—E porque não? disse ella sorrindo. Quantas e quantas se dariam por muito felizes de ter um, no meio d'esta confusão, não é verdade, Hans Aden?

Mas Coucou Peter já não ouviu a resposta do respeitavel Hans Aden. Corria já para o quintal a buscar lenha gritando:

—Muito obrigado, tio Jacob, muito obrigado.

—Não deites fogo ao palheiro, disse o estalajadeiro.

—Não ha de haver novidade, tio Jacob.

A noite estava escura. Pouco tardou que uma fogueira viva e alegre alumiasse o vigamento e as telhas das casas.

Não era de certo o quarto magnifico de Oberbronn, adornado com duas commodas e com uma cama de penas onde a gente se enterrava. Os barrotes negros subiam de andar em andar até ao cimo do tecto. Do lado da rua quatro pilastras de carvalho preservavam das correntes do ar. Não havia alli espelhos de S. Quirin, apenas se viam as portas da cavallariça ao longo da parede, e ao fundo os porcos levantando com as trombas as portas dos chiqueiros, grunhiam como para dar as boas noites.

Frantz lembrou-se com satisfação que outros prophetas haviam habitado logares semelhantes.

—A virtude, disse elle com gravidade, habita nas choupanas. Felicitemo-nos, meus amigos, de não viver em palacios.

—É exacto, respondeu Coucou Peter, mas é bom sempre fazer de modo que se não durma na lama.

Todos então começaram a trabalhar. Hans Aden subiu a escada do palheiro e começou a deitar pela janella feixes de palha. Matheus descarregou Schimel e Bruno, enquanto a sr.^a Thereza tirava as provisões de um alforge.

Coucou Peter, esse, attendia a tudo: dava forragens aos animaes, estendia-lhes a cama, pendurava os appa-

relhos, provava o vinho, sem que no meio de tudo isto perdesse de vista o ponto onde dormia o filho de Thereza.

Por fim installaram-se commodamente sobre os molhos de palha e começaram a cear.

Outras scenas eguaes se passavam na rua Tonnelet-Rouge. Cada grupo de romceiros tinha a sua fogueira, cuja luz se reflectia nas casas proximas.

Pouco a pouco começou a succeder ao tumulto um grande silencio.

Toda esta boa gente, extenuada, conversava em voz baixa, como se estivesse em familia. Era tambem o que faziam Coucou Peter, Hans Aden, a sr.^a Thereza e Matheus. Pareciam amigos velhos, sentados em volta da fogueira, com uma garrafa a circular de mão em mão, alegres, á vontade, como se fosse em sua casa.

—Queira servir-se, sr.^a Thereza, dizia Coucou Peter. É magnifico este vinho da Alsacia. De que sitio é, sr. Hans Aden.

—De Ekersthel.

—Ah! ah! logo vi. É afamado. Dê-me um bocado de presunto.

—Aqui tem.

—Á sua saude, mestre Frantz.

—Á vossa, meus filhos. Que bella noite! Como a aragem é suave! O grande Demiurgos tinha previsto que os seus filhos não achariam onde se abrigassem. O grande Ser, exclamou elle, ser dos seres, aceita os meus agradecimentos, que partem de um coração sincero. Não é só por nós, meus filhos, que devemos agradecer-lhe, mas por essa innumeravel multidão de creaturas, vindas de tão longe com o fim nobre e louvavel de o venerar.

—Sr. Hans Aden, porque se não senta? aqui, n'este molho de palha.

—Estou bem assim, Coucou Peter, obrigado.

A creança estava dentro de um dos cestos de Schimel, encostado á parede. De momento a momento Coucou Peter erguia a coberta, para ver se o filho de Thereza dormia.

Schimel e Bruno comiam tranquillamente, e quando a luz vacilante projectava os raios nas pilastras, nas janellas cheias de palha, nas paveias pendentes dos molhos, nos carros, nas canecas de cerveja, nos mil objectos confusos da sombra; quando illuminava a cabeça serena e meditativa do illustre doutor, a physionomia suave de Thereza, ou a expressão jovial de Coucou Peter, parecia ver-se um velho quadro da Biblia.

Pelas onze horas Matheus pediu licença para dormir. Já a esse tempo dormia profundamente o corpulento Hans Aden, estendido ao longo da parede. A sr.^a Thereza e Coucou Peter, que não tinham somno, continuaram a conversar em voz baixa. Antes de adormecer Frantz ouviu a voz do sereno repetir no meio do silencio geral:

—Onze horas! onze horas dadas!

Depois, passos que se afastavam e o ladrar de um cão preso. Entreabriu uma vez os olhos e viu a sombra das orelhas de Schimel, que se agitavam, destacando-se na parede como se fossem as azas de uma borboleta.

As creadas da estalagem das Tres-Rosas trancavam a esse tempo a porta e riam na casa de entrada: foram as suas ultimas impressões.

XI

O sol entrava já por sob as pilastras do telheiro, quando estrondosas gargalhadas acordaram Frantz Matheus.

—Ah! ah! ah! não vê? não vê, sr.^a Thereza? dizia Coucou Peter; não vê que demonio este? Não é tão velhaco? Verá que demonio d'aqui sae, verá!

Frantz, que dirigira as vistas para o sitio d'onde partiam estas alegres exclamações, viu o discipulo ao pé de uma espaldeira encostada ao muro da estalagem e por onde cresciam arbustos que a enchiam de magnificos pecegos.

Coucou Peter tinha na mão um d'estes pecegos, que mostrava á creança deitada no cesto, que já estava ao dorso de Schimel. O pequeno estendia as mãos para agarrar o fructo, á proporção que o tocador lh'o dava e tirava, rindo a ponto de lhe rebentarem as lagrimas dos olhos.

Do outro lado a sr.^a Thereza olhava sorrindo para esta scena. Parecia á primeira vista feliz, e todavia via-se-lhe no olhar uma vaga melancolia. Hans Aden, o corpulento Hans Aden, com o cotovello encostado á espaldeira, observava com gravidade, fumando o seu cachimbo.

Não se póde imaginar nada mais encantador do que esta scena matinal. Via-se uma alegria tão franca, tanta ternura na physionomia de Coucou Peter, que o proprio Frantz se poz a dizer:

—Que boa cara! Brinca como se fôra uma creança! Como se sente feliz! É de certo o melhor rapaz que eu conheço! É pena, é pena que os seus instinctos sensuaes e o seu desordenado amor da carne o arrastem muitas vezes além de todos os limites convenientes.

Foi pensando tudo isto que o doutor se levantou. Sacudiu a palha que tinha no fato; depois, adiantando-se, tirou o chapéu desabado, e deu os bons dias aos que o cercavam.

A sr.^a Thereza estava tão pensativa que apenas lhe correspondeu com uma inclinação de cabeça.

Coucou Peter gritou-lhe logo:

—Olhe, mestre, veja que linda creança! Como é engraçada! diga lá, mestre, diga de que raça ella é.

—Essa creança é da familia dos piscos, respondeu Matheus, sem hesitar.

—Da familia dos piscos! repetiu Coucou Peter espantado: Olhe, mestre, não é pelo gabar, mas sempre lhe direi que ha muitos motivos anthropo-zoologicos que me fazem suppôr que ella seja da familia dos piscos.

Hans Aden acabou de fumar, mettu o cachimbo no bolso e disse á mulher:

—Vamos, Thereza, é tempo de ir á feira antes que lá esteja muita gente.

—Vem connosco, mestre? perguntou Coucou Peter.

—De certo. E Bruno?

—Está na cavallariça; não precisa traze-lo. Por a sr.^a Thereza querer comprar muitas coisas é que nós levamos Schimel.

Estas explicações bastaram a Matheus. Pozeram-se a caminho.

A aldeia estava cheia de gente. Tinham, por ordem do *maire* tirado os carros e o gado; as janellas estavam engradadas, e as ruas cobertas de folhas e flores. O que sobretudo agradava ao illustre philosopho era o cheiro das flores colhidas de fresco e o do musgo das grinaldas que a brisa baloiçava.

Ia tambem admirando as raparigas com a touca e o corpete bordados com lentejoilas scintillantes; as velhas que adornavam com vasos e candelabros o throno que se erguia no meio do largo, eram ainda mais dignas de ser vistas, porque usavam os antigos trajes de seda amarella ou côr de violeta de grandes ramagens, com a

touca de brocado de ouro, o mais rico fato do mundo, enfim.

—Trabalhava-se d'antes melhor do que hoje, mestre, dizia Coucou Peter. Lembro-me que minha avó tinha um vestido novo que fóra da avó d'ella. E agora quatro a cinco annos fazem tudo velho!

—Tudo, menos a verdade; a verdade é sempre joven: o que Pythagoras dizia ha dois mil annos é tão verdadeiro como se o houvesse dito hontem.

—Bem sei, é como as velhas rebecas, respondeu Coucou Peter; quanto mais se tocam melhores parecem, até que se partem. Concertam-se, é certo, mas a final tantos bocados novos se lhes põe, que já lá não existe nada do antigo.

Assim fallando chegaram á feira. Já lá se achava muita gente. Atordoava os ouvidos um ruído confuso de assobios, de pifanos, de cornetas. As barracas estavam cheias de quinquilherias, de espadas de pau, de bonecas, de espelhos, de relógios de Nuremberg. Ouviam-se confundidas as vozes dos mercadores e dos pelotiqueiros.

Coucou Peter ardia em desejos de fazer um presente á sr.^a Thereza: não fazia senão remechar nas algibeiras, volta-las, sem que achasse coisa alguma. Como encontrar dinheiro? Occorreu-lhe a idéa de voltar á estalagem e vender o apparelho de Bruno ao primeiro judeu que topasse. Mas Hans Aden ficara um pouco atraz... então teve uma outra idéa:

—Mestre, disse elle, segure na rede de Schimmel, que eu já venho.

Depois foi ter com Hans Aden e disse-lhe:

—Sr. *maire*, esqueci a minha bolsa na estalagem, porque eu e o meu illustre mestre guardamos o dinheiro na sella de Bruno. Pedia-lhe que me emprestasse dez francos até logo.

—Com todo o gosto, disse Hans Aden fazendo uma careta, com todo o gosto.

E deu-lhe dez francos.

Coucou Peter tomou então um ar importante e voltou a tomar o braço da sr.^a Thereza, conduzindo-a diante da mais bem fornecida barraca.

—Peço-lhe, sr.^a Thereza, que escolha de tudo que lhe agradar. Este chale... estas fitas... este corpete... fique com tudo, com tudo... não faça cerimonia.

Como ella quizesse apenas tirar uma fita côr de rosa, obrigou-a elle a escolher um magnifico chale.

—Não, não, sr. Coucou Peter, dizia Thereza, deixe-me só levar esta fita.

—A fita o o chale, sim? Fique com ambos por amor de mim, disse elle em voz baixa. Se soubesse como isso me faz feliz...

E comprou um câosinho de assucar para a creança, depois umas nozes doiradas, depois um tambor, e não descansou enquanto os dez francos lhe não desapareceram até ao ultimo centesimo. Sentiu-se então satisfeitissimo, e quando Hans Aden se aproximou gostou de ver que Coucou Peter cercara de atenções sua mulher.

Quanto ao illustre philosopho, a vista de toda esta gente causava-lho a maior exaltação; queria a todo o transe prégar, e dizia a cada passo:

—Coucou Peter, era tempo de prégar. Olha, olha para esta gente... Que occasião, que magnifica occasião para annunciar ao mundo a minha doutrina!

—Não penso n'isso, mestre, respondeu o bom do apostolo, não penso n'isso. Vê aquelle gendarme? pois ahí tem quem logo o prenderia. Só os charlatães tem direito de prégar nas feiras.

Deram assim todos tres volta ao largo.

A sr.^a Thereza comprou tudo de que precisava para sua casa: uma escova, colheres de estanho, uma escumadeira e outros objectos do mesmo genero. Hans Aden comprou uma foice, que dava quando se lhe tocava um som claro e vibrante, tamancos e uma escova para cavallos. Quando eram dez horas já um dos cestos de Schimmel estava cheio. A gente cada vez era mais, e levantava nuvens de poeira. Ao longe sentia-se o ruído de uma valsa.

Como se dirigissem para a estalagem, passaram perto da *Madame Hutte*, d'onde lhe vieram tão alegres sons, que o proprio Hans Aden parou a considerar.

Fluctuava uma bandeira sobre a barraca; rapazes e raparigas es-

tavam juntos, accumulados á porta: as de Rokesberg com as tranças cheias de fitas; as de Bouren-Grédel com os laços de seda caíndo sobre a nuca, as saias vermelhas, as meias brancas, bem puxadas, e os sapatos de salto alto; os da serra com os seus chapéus de abas largas enfeitados com uma folha de carvalho; os alsacianos com chapéus de tres bicos, sobrecasaca direita, collete escarlato e calção, formava tudo isto um espectáculo admiravel, que atrahia para aquelle lado os que passavam. A sr.^a Thereza sentia um inexplicavel desejo de dançar; a mão tremia-lhe sobre o braço de Coucou Peter, que a olhava com ternura e lhe dizia baixinho:

—Sr.^a Thereza, vamos dançar uma valsa?



Obrigou-a a aceitar um magnifico chale

— Eu bem queria, mas meu filho... não quero deixá-lo só... e depois que diria Hans Aden!

— Qual! deixe... uma valsa é um momento. O pequeno não sofre com isso; dorme que é um regalo.

— Não, não, sr. Coucou Peter, não me atrevo. Hans Aden não gostava.

Fallavam assim olhando um para o outro. A sr.^a Thereza ia talvez ceder, quando se ouviram os sinos da igreja.

— Thereza, disse Hans Aden, é o terceiro toque. Vamos depressa para a estalagem.

— Não é preciso, sr. *maire*, disse Coucou Peter, podem partir d'aquí mesmo. Vou levar Schimel e lá o esperamos para jantar. Fazem-nos o favor de aceitar o nosso jantar, não é verdade?

Hans Aden pensou mais uma vez que Coucou Peter era uma excelente creatura, e a sr.^a Thereza tirou do cesto de Schimel o bello chale que elle lhe havia comprado, e pol-o, lançando um terno olhar para o bom do cantador, que sentiu as lagrimas vir-lhe aos olhos. Depois a mesma sr.^a Thereza pegou no filho, de que não queria apartar-se, mesmo porque as bençãos de S. Lourenço só podiam fazer-lhe bem, e finalmente separaram-se no largo da igreja.

Coucou Peter tomou o caminho de baixo para evitar o encontro dos feics que concorriam pela rua do Tonnelet-rouge.

Matheus seguia-o com gravidade, o abandonava-se á vaga contemplação da montanha e dos campos, recapitulando *in mente* as provas invencíveis da sua doutrina. O toque dos sinos, o rumor do vento, o sol magnifico espalhando os seus raios sobre a multidão agitada, tudo maravilhava o illustre philosopho, tanto mais que a esperança de prégar fazia com que nada lhe desagradasse.

Passaram então pelos vergeis que havia ao descer para o valle. A espaços ouvia-se um tiro de espingarda, e passavam pequenas nuvens de fumo, estendendo-se e desaparecendo. Pouco a pouco o ruído da multidão acabou e viu-se a frescura dos verdes substituir a poeira das ruas.

Na volta para a fonte, onde costumam vir da aldeia dar de beber ao gado, viram os caçadores, os guardas da floresta, de farda verde, e um grupo de aldeãos, altercando sobre o premio de um carneiro.

O alvo estava collocado do outro lado do valle, defronte do carvalho grande da aldeia. Os atiradores, de pé por detraz das sebes das hortas, experimentavam as ar-

mas, apontavam, meneavam a cabeça com satisfação ou impaciencia. Alguns apostavam, outros inclinavam-se como se faz no jogo da bola, e cada qual se julgava mais habil do que o que errara o alvo.

Frantz Matheus, que não podia ouvir, sem estremecer, o ruído de um tiro, apressou o passo e entrou na viella das Acacias.

Esta solidão, depois de tantas scenas tumultuosas, tinha para elle um singular encanto.

Todos os habitantes de Hasbach estavam na igreja. Quando os sinos deram o ultimo toque deixaram de atirar.

Ouvia-se ao longe preludiar o orgão.

Foi então que Frantz e o seu discipulo desembocaram na rua do Tonnelet-rouge, defronte da estalagem das *Tres Rosas*.



— Levante-so, que está curada.

XII

Enquanto Coucou Peter levava Schimel para a estalagem, Matheus, cansado de andar na feira, entrou na estalagem.

Estava o illustre philosopho bem longe de esperar o magnifico espectáculo que se lhe apresentou.

De um lado ao outro da sala estendia-se uma mesa coberta com a competente toalha de algodão branco com guarnições vermelhas. Mais do quarenta talheres a ornavam, cada um com o seu guardanapo muito acceiado, muito teso, dobrado a fingir um bote ou uma mitra: via-se mesmo que eram novos e que pela primeira vez saiam das areas. Ao lado de cada talher estava uma garrafa de bom vinho da Alsacia, e de espaço a espaço uma garrafa bojuda, transparente como crystal, que reflectia as janellas, o ceu e os objectos que a rodeavam.

Accrescente-se que o sobrado fôra lavado na

vespera, e arejado com areia fina, que o ar circulava pelas janellas entreabertas, que o cheiro dos assados vinha ás baforadas por uma communicação que dava para a cozinha, que se ouvia o tinir da loiça, o tie-tac do espeto, a crepitação do fogo na chaminé, imagine-se que tudo assim annunciava um festim magnifico, a quarenta soldos por cabeça, e poder-se-ha suppôr com que felicidade Frantz se sentou junto de uma das mesas, limpando o suor, á espera da hora de jantar.

Nem viv'alma perturbava o silencio da sala, porque todos sabiam que a estalagem das *Tres Rosas* teria muita gente n'esse dia solemne, e que ninguem perderia o seu tempo a servir nma ou duas canceas de cerveja.

O illustre philosopho deixou-se fiar durante algum

tempo gosando d'esta deliciosa serenidade; a final tirou da grande algibeira do seu casaco o repertorio anthropo-zoologico e começou a procurar um texto digno das circunstancias.

Ora a tia Jacob, logo que ouviu abrir a porta, olhou pela rotula, considerou por mais de um minuto este homem grave que lia serenamente n'um livro, depois fez signal á Orhel para que se aproximasse, e indicando-lhe o illustre philosopho sentado com os cotovellos encostados ao parapeito da janella, n'uma attitudo meditativa, perguntou-lhe se não o achava parecido com o eura Zacharias, um velho que morrera havia cinco annos.

Orhel declarou que era o proprio.

Katel, uma rapariga que n'esse momento segurava o cabo de uma cassarola, correu a ver o que se passava e deu um grito de surpresa.

Houve grande alvoroço na cozinha, cada qual veio metter o nariz na rotula, murmurando: «É elle», ou: «Não é elle.»

Por fim a tia Jacob, tendo olhado com mais attenção, disse a Katel que voltasse para junto da cassarola abandonada, e, compondo os cabellos sob a touca, entrou na sala.

O illustre philosopho estava por tal fórma absorto, que nem ouviu abrir a porta; de modo que foi preciso a tia Jacob perguntar-lhe o que queria, para lhe attrahir a attenção.

—O que eu desejo, boa mulher, disse Matheus com um ar grave, o que eu quero não m'o pode dar, não. Só o que nos vê e governa do alto dos ceus, e cuja immutavel vontade constitue a lei do universo, pôde conceder-me n'este supremo instante a inspiração que lhe peço. Em verdade lhe digo que grandes coisas se preparam para aquelles que por fraqueza ou por ignorancia se sentem culpados. Que estes se humilhem, que reconhecçam os seus erros, e serão perdoados; mas que os sophistas cheios de orgulho e de má fé, incapazes de sentimentos nobres e generosos, e até, estou em dizer, de justiça, que os sophistas e os seres sensuaes que cada vez mais se enterram na materia, e até chegam a negar a alma immortal, base da moral e da sociedade humana, que esses pois tremam! Está para sempre cavado um abysmo entre nós.

A tia Jacob, que de si para si se accusava de não assistir á procição havia já tres annos, julgou que Frantz lia no seu espirito como n'um livro aberto.

—Valha-me Deus, eu bem conheço que pequei, porque devia, devia de certo ter assistido á procição; mas esta casa, bem vê que é uma estalagem, não pôde deixar-se só. Tem a gente que tratar dos arranjos da cozinha...

—Da cozinha! bradou Matheus. E é pela cozinha que deixa a grande questão da transformação dos corpos e da peregrinação das almas! Pobre mulher! pobre mulher! Como é digna de lastima! Para quem junta essas vãs riquezas, á custa da sua alma immortal? Para seus filhos? Não, que os não tem. Para si propria? Sim, talvez, mas a vida dura um momento tão rapido, que nada se pôde gozar. Para os herdeiros? Para que desenvolver o amor pelos falsos bens da terra? Não sabe que d'elles nasce a avareza, a cubiça, a inveja, que até ás vezes nos leva a desejar a morte dos nossos parentes.

—Este homem sabe tudo, pensou a tia Jacob. Sabe que não tenho filhos, e que o tratante do meu sobrinho só espera pela minha morte para ser o herdeiro dos meus bens; tambem sabe que ha tres annos que não assisto á procição. Valha-me Deus! é um propheta!

Eram d'este teor os raciocinios da boa mulher,

quando a procição começou a passar. Ouviase um immenso rumor dominar o silencio geral, depois os canticos da igreja e o órgão. De repente esses canticos saíram para o largo. Viu-se então desfilar o andor de S. Florencio, trazido por algumas raparigas de branco, a cruz, o pendão, e todos os curas dos arredores com vestes de cerimonia, emfim appareceram ao longe os conegos e chantres de barretes vermelhos, e depois o resto tumultoso da procição.

Em vez porém de tomar pela rua do Tonnelet-rouge, deu volta a Hasbach, segundo o antigo costume que o proprio S. Florencio introduzira, e o valle encheu-se do mesmo solenne murmurio que o illustre philosopho já havia notado na serra: «Orae por nós, orae por nós!» Parecia uma floresta movida por um pé de vento, misturando os seus rumores ao tocar estridente dos sinos.

—Oh! espectáculo grandioso e verdadeiramente digno do homem! exclamou Matheus. Concurso admiravel dos povos confundindo os seus pensamentos n'um só pensamento e as suas almas na alma universal. Oh! nobre e tocante imagem do futuro! O que será então quando a verdade tiver soado pelo mundo, e quando, remontando-se nas azas da logica transcendente, e voando para os ceus, a humanidade vir face a face o Ser dos seres, o grande Demiurgos! A que infinito entusiasmo se não elevarão os homens, quando agora concorrem de tão longe apenas porque tiveram um presentimento da verdade!

Ao tempo a que o illustre philosopho assim fallava cada vez mais animado, corria a tia Jacob a casa das vizinhas, annunciando-lhes que chegara um propheta, o qual, por isso mesmo, sabia tudo: que elle lhe dissera que ella não tinha filhos, que seu sobrinho Jéri Hans cubiçava os seus bens, e que os tempos vinham perto; que elle conhecia os segredos mais intimos, e que fazia milagres.

Orhel e Katel haviam tambem largado o trabalho e corriam atraz da tia Jacob, apoiando, confirmando e augmentando ainda o que ella contava.

Ter-se-hia queimado toda a comida se Coucou Peter, por uma verdadeira inspiração, não houvesse entrado na cozinha e não visse as panellas ao desamparo. Então, cheio do mais santo horror, deitou agua no assado, viu cuidadosamente cassarola por cassarola, espumou o caldo, preparou os mólhos, fez girar o espêto, molhou a sopa, tirou os kùehlen do forno e poz os pratos sobre a mesa; e apesar de fazer tudo isto chamando, gritando, mexendo-se... ninguem lhe respondia. Por fim, depois de meia hora, estafado, desceu ao pateo para lavar as mãos e a cara, porque não queria apparecer como estava á sr.^a Thereza.

Foi então que chegou a tia Jacob e as vizinhas, que acharam tudo cozido e assado como devia estar, e tudo posto em ordem, prompto para servir-se: ergueram as mãos ao ceu e acreditaram n'um milagre.

O barulho que fizeram chamou a attenção de Coucou Peter, que ficou admirado de o levarem á sala, onde, mostrando-lhe Matheus, lhe contaram o milagre feito.

Coucou esteve a ponto de soltar uma immensa gargalhada, mas contendo-se disse:

—Como? Será possivel! Foi o que eu vi, foi!

As vizinhas cercaram-no pressurosas, perguntando-lhe o que vira. Então Coucou Peter contou a serio que, passando diante da cozinha, vira uma figura branca, como quem diz um anjo, que dava ao espêto.

—Vi-o como as estou vendo, disse elle á tia Jacob.

E todas as mulheres se entreolharam cheias de muda admiração. Nenhuma sentia coragem para proferir uma palavra. Sairam assim uma apoz outra, e a noticia

do milagre immediatamente se espalhou por Hasbach.

Quando se quiz servir o jantar a tia Jacob quasi se não sentia digna de tocar nas tampas das panellas. A cada passo voltava a cabeça, julgando sentir o anjo que a seguia. As duas creadas não estavam menos atrapalhadas.

Foi assim que Coucou Peter, para que a boa doutrina triumphasse, enganou toda a aldeia de Hasbach e precipitou o illustre doutor Matheus n'uma nova serie de extraordinarias e maravilhosas aventuras.

XIII

Ao meio dia em ponto acabára a procissão.

Os curas, os conegos, os bedeis, as mulheres, as creanças, os burguezes e os romeiros, entravam de volta em Hasbach, uns para comerem o seu jantar acompanhado com vinho branco, cerveja ou café, outros para fazerem honra ao seu farnel junto de uma fonte e sobre os bancos de pedra que ha á porta das estalagens.

O illustre philosopho sentia que se aproximava a hora das prégações. Não via já o que se passava em derredor e recolhia o seu espirito.

Coucou Peter, que entrara na sala, disse-lhe:

— Mestre, vamos a isto, sente-se além na cabeceira da mesa. Eu sento-me ao lado, para sustentar a doutrina.

E Frantz Matheus sentou-se no logar que lhe indicava o seu discipulo na cabeceira da mesa, defronte das janellas.

Pouco tardou que a sala se não enchesse com uma grande multidão, composta de gente viuda de todos os cantos da Alsacia e da Lorena, abastada e sufficiente para não olhar a quarenta soldos de mais ou de menos, comtanto que jantasse bem. Havia tambem gente da serra, entre a qual figuravam Thereza e Hans Aden, sentados á direita de Coucou Peter, que, empunhando a faca e o garfo de cabo de pau do ar, se preparou a trinchar as viandas.

A sopa serviu-se, e o jantar começou no meio do maior silencio.

A sr.^a Thereza com o filho nos joelhos parecia feliz por se achar junto de Coucou Peter, que pela sua parte lhe dispensava as maiores atenções, servindo-a dos melhores bocados.

Ora como a noticia das predicas e dos milagres de Matheus se houvesse espalhado em Hasbach, estava a estalagem cercada de gente, que olhava pelas janellas para o interior da casa, perguntando onde estava o propheta. A tia Jacob, no limiar da porta, explicava-lhes tudo o que se passava, entretanto que as creadas, desamparadas pela ama, serviam o jantar esbaforidas, Kattel correndo de roda das mesas, para mudar os pratos, e Orchel trazendo-os da cozinha. A sala estava cada vez mais cheia de rumor e animação. Os convivas, ignorando a missão sublime do illustre philosopho, conversavam de coisas indifferentes, da feira, das colheitas, das vindimas proximas. Comiam, riam, bebiam, chamavam as creadas, que subiam e desciam á pressa pela escada de caracol com os pratos de couves, de miolos, de salechias fumegantes, de gigote assado, de patos a nadar no proprio chorume, e de leitões com a pelle appetitosa e doirada.

No meio d'esta alegre animação Frantz julgava ouvir palavras propheticas:

— Honra e gloria! Honra e gloria ao grande Matheus! Gloria eterna ao inventor da peregrinação das almas!

E n'um mudo extasis, inclinava-se nas costas da sua cadeira, deixava cair o garfo, e escutava estas vozes longinquas. Todavia diga-se, em verdade, que tudo isto era, sobretudo, effeito do vinho de Wolxkeim e do tumulto atordoador da sala.

Eram duas horas e serviam a sobremesa. É este o momento, n'um jantar, em que todos fallam ao mesmo tempo sem se escutar ninguem, em que todos tem espirito, e em que ora um ora outro começa a rir, a rir, sem saber bem porque.

Foi então que o illustre doutor, erguendo-se no topo da mesa, começou a explicar com um ar grave a transformação dos corpos e a peregrinação das almas.

Fallava de espaço, com serenidade, dizia:

— A justiça é a lei do universo; o ser está desde a origem dos tempos submettido á lei da justiça. Tudo se tem feito por ella, nada se tem feito sem ella. É a vida, que é a vontade: a vontade é o que anima a materia, e d'esta vieram as plantas, d'onde vieram os animaes, d'onde vieram os homens. Houve um homem enviado por Deus, que se chamou Pythagoras. Esse homem veiu ao mundo e não foi comprehendido... e as suas doutrinas tambem não foram entendidas.

Assim fallava o illustre philosopho, e todos o escutavam pasmados de tanta sabedoria.

Havia porém entre os assistentes um velho anabaptista, chamado Pelsly, homem temente a Deus. Ora esta veneravel pessoa estava indignada com a doutrina exposta pelo illustre doutor.

Foi por isto que, levantando um dedo, exclamou com um ar do inspirado:

— Ora o Espirito disse claramente que nos tempos por vir alguns abandonariam a fé, seguindo os espiritos do erro e as doutrinas diabolicas ensinadas por impostores cheios de hypocrisia, cuja consciencia emnegreem os crimes.

E tendo pronunciado estas palavras, callou-se.

E todos viram que elle se referia a Matheus.

O illustre philosopho empallideceu, porque ouviu em derredor um murmuro ameaçador. O proprio Coucou Peter estava como sobre brazas.

Não tardou, porém, que Frantz, concentrando todas as suas forças, não respondesse:

— Oh! impostores e gentes de má fé, ousareis negar que a justiça seja a lei do mundo? Não eram todos os seres eguaes, antes de haverem merecido pelos seus actos? E, se não haviam existido antes de nascer, porque ha estas differenças entre elles? Porque nasce este como planeta, aquelle como homem ou animal? Porque nasce um pobre, estúpido ou intelligente? Onde estaria a justiça de Deus se todas estas differenças não proviessem de virtudes ou de faltas em existencias anteriores?

Mas o anabaptista, em vez de se confessar vencido por este irrespondivel argumento, ergueu outra vez o seu longo e magro dedo, e disse:

— Fugi das fabulas impertinentes e pueris, e daevos aos exercicios piedosos, porque a piedade é util a todos, e a ella foram promettidos todos os bens da vida presente e todos os bens da vida futura. Isto que vos digo é a verdade, digna de receber-se com uma inteira submissão, por isso que aquillo que nos faz soffrer os males e as offensas é a nossa esperanza no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens e sobretudo o Salvador dos fieis.

A estas palavras a assembléa agitou-se, e Matheus viu outra vez que todos os olhares se voltavam ameaçadores para elle.

Foi n'esta difficil situação que o illustre philosopho, erguendo os olhos ao ceu, exclamou:

—Ser dos sercs! ó grande Demiurgos! cuja poderosa vontade e immutavel justiça governa todas as almas, digna-te, digna-te esclarecer este espirito obscurecido pelo veu do erro e pelo veu dos preconceitos!

Mas o anabaptista Pelsly, furioso por ouvir estas palavras, exclamou:

—És tu, tu só, espirito do abysmo, que queres obscurecer a nossa intelligencia. Está escripto que, se alguém ensina uma doutrina differente d'esta e não abraça a verdadeira, é porque o orgulho o cega e porque a ignorancia o ensurdece, porque está possesso d'uma doença de espirito que o leva para questões e para combates de palavras, de que nascem a inveja, a disputa, a maledicencia e as suspeitas offensivas.

Já o illustre doutor não sabia o que respondesse, quando Conceu Peter se entrometteu na questão, porque como em tempos vendera almanacks e biblias, conhecia-as tão bem como o anabaptista.

—Mas, disse elle batendo com o punho sobre a mesa e fulminando o anabaptista com os olhos abertos e irritados, mas nada se occulta que não deva ser descoberto, nem ha nada secreto que não deva ser conhecido, porque o que disserdes na obscuridade, se publicará á luz do sol, e o que disserdes ao ouvido e em segredo será prégado pelas praças. Assim vos digo, Pelsly hypocrita, que sabeis tão bem reconhecer o que presagiam os differentes signaes do ceu e da terra, porque não reconheceis o tempo em que vamos? Porque não tendes discernimento para reconhecer, pelo que sentís em vós, o que é justo e bom?

(Continua.)

B.

O GABINETE DE CICERO

(Tradução)



MINHA Cicero quasi quarenta e tres annos, quando se dispoz a formar uma bibliotheca em um muscu. Exercera brilhantemente os melhores cargos da republica, e em breve obteria o consulado; mas, antevendo as desgraças que ameaçavam a liberdade da sua patria, e lembrando-se que ha uma época na vida em que a felicidade consiste sómente no repouso disfructado na solidão, occupou-se desde esse momento, no modo de suavisar os dias da velhice. «Livrae-vos» dizia elle ao seu amigo intimo Tito Pomponio Attico, então em Athenas, «livrae-vos de prometter ou de vender a vossa bibliotheca a alguém; desprezae todas as propostas que se vos façam a esse respeito, por melhores que sejam: é um recurso que guardarei para os meus dias de descanso, e para isso me previno tomando as medidas necessarias.»

Tencionava Cicero collocar a sua bibliotheca em uma casa de campo que possuia proximo de Tusculum; casa (servindo-nos de suas proprias palavras) onde não só gostava d'estar como o lembrar-se d'ella lhe era extremamente agradável.

Julgava este grande homem, e com razão, que o campo é o unico asylo dos philosophos. O ar puro que alli se respira, o repouso, a liberdade, o silencio, tudo attrahe a reflexão, e convida ao estudo.

De dia para dia augmentava a paixão de Cicero pelos livros; «ella é igual» escrevia a Attico, «ao aborrecimento que tenho pelo resto das coisas humanas;» porém, ou Cicero estava de má fé quando assim escrevia, ou era mais edoso do que geralmente se julga: effectivamente na idade de quarenta e tres annos em que suas esperanças chegavam ao limite; prestes a obter a dignidade em que só pensava, dignidade que devia collocar-o á frente da republica, e dar-lhe uma auctoridade cuja extensão era igual ao do imperio romano, só o preoccupavam então idéas de grandeza e de governo. Mas Cicero era como muitas pessoas dos nossos dias: philosophava sem ser philosopho.

O orador romano não punha menos sollicitude em achar curiosidades antigas, do que livros. «Conheceis o meu gabinete (escrevia a Attico), diligenciae por encontrar objectos dignos de occupal-o e embelleza-lo; em nome da nossa amisade, não deixeis escapar o que for curioso e raro. Costumo comprar (mandava dizer a Fabio Gallas) «todas as estatuas que podem ornar o meu gabinete.»

Informado por Attico de que em breve receberia uma magnifica estatua que reunia as cabeças de Mercurio e de Minerva, Cicero, cheio de alegria, respondeu: «É admiravel a vossa descoberta; a estatua de que me fallaes parece ter sido feita de proposito para o meu gabinete; sabeis ser costume collocar Mercurio em todos os logares de exercicio, e Minerva tanto mais propria é n'este logar, quanto elle é só destinado ao estudo. Continuae a reunir, como m'o promettestes, na maior quantidade que possivel seja, objectos d'esta natureza.» Escrevia incessantemente a todos os amigos que julgava no caso de poderem satisfazer a sua curiosidade, e esperava a resposta com o ardor e a impaciencia, que se observa em alguns dos nossos amadores.

Attico era principalmente quem mais cartas recebia. «Não vos demoreis em mandar-me as acquisições que fizestes para a minha academia; o pensar só n'esses marcos de marmoro com cabeças de bronze, de que me fallastes, me enche de alegria: ainda uma coisa, «fazei com que cheguem, sem demora, juntamente com outras estatuas, e tudo o que achardes digno de embellezar o meu gabinete. Confio na amisade que por mim tendes, e no vosso bom gosto. Não imaginaes até onde chega a minha paixão por estas coisas; é tal, que poderá parecer ridicula aos olhos de muitas pessoas; mas vós, que sois meu amigo, só pensareis em satisfazer a... Comprac-me sem hesitar (diz elle n'outra parte) «tudo o que vos parecer raro; meu amigo, não poupeis a minha bolsa.» Teria outra linguagem o mais entusiasta dos amadores? Recorda-nos isto um prelado da casa Strozzi, que, querendo comprar em Roma uma pedra gravada, antiga e de extraordinaria belleza, deixou em penhor da quantia que n'aquelle momento não levava consigo, a carruagem e os cavallos, confessando ao mesmo tempo, que antes quererá andar a pé toda a sua vida, do que perder tal pedra.

F.





G DOW pinxt

W FRENCH SC

G. DOW.

Printed and Sold by W. F. French, No. 10, St. Paul's Church-Yard, London.

A MUSICA



POESIA com suas imagens, com seus sublimes triunfos de inspiração, adornada com as mais brilhantes galas do espirito, quando devassa todos os segredos do bello, apenas consegue deslumbrar a imaginação; e se ás vezes nossos sentimentos patrióticos se exaltam á leitura de um poema heroico, bem depressa a reflexão fria e egoista vem substituir a fugitiva emoção.

Por isso na *Divina Comedia*, n'esse assombroso monumento erguido contra a soberania pontifical pela fecunda imaginação do gibelino Dante,

abandonamos as violentas apostrophes para seguirmos anciosamente os gemidos musicas de *Francesca de Rimini*.

A pintura com seus maravilhosos jogos de luz e brilhante colorido, não nos crava no espirito mais profunda impressão.

O terror que sentia o povo romano contemplando o portentoso fresco de Miguel Angelo — *O juizo final*, esvaecia-se logo depois sem deixar vestigios em seus corações enervados pelo gozo.

Não é assim a musica.

Os infelizes párias da sorte que se curvam quebrantados pelas mais cruentas provações que lhes inflinge o destino implacavel, quando alguma cavatina melancolica lhes acaricia o ouvido, experimentam um bem estar indefinivel, e suas almas, por um momento erguidas acima dos cardos da existencia, sobem constrictas nas espiraes harmonicas até á séde do Senhor.

O africano, crestado pelo sol ardente, extenuado pelos mais rudes trabalhos, quando ao crepusculo depõe a enxada e so senta no liminar da pobre choupana, fita os olhos nas ultimas resplandecencias que purpureiam o horisonte, abre o peito á nostalgia da patria e da familia, e canta; á medida que sua voz monotona e chorosa se eleva no espaço, immensa commoção lhe entume o seio, e delicioso pranto lhe inunda as faces retintas. A aragem vespertina que passa pede que colha essas harmonias repassadas de amargura, e com ellas povoe os desertos candentes que percorrera infante...

E elle é feliz cantando.

Mesmo os filhos predilectos da fortuna quantas vezes não estremeceem, sentindo que o ecco de uma melodia dolorosa não se casa á perenne escala de prazeres que lhes deleita a vida?

Quando uma d'essas revelações subitas rasga o manto de gozos em que se envolve a mulher ditosa, baixa do ceu um anjo para recolher a perola esplendida que se escapa de seus olhos luminosos — a lagrima da caridade.

Desde as mais remotas eras que a humanidade experimenta a doce influencia da musica.

Os antigos bardos celtas, quando cantavam nas praças publicas as tradições cosmogonicas dos sacerdotes, as lendas maravilhosas de Gwion e Koridwen, e a morte dos heroes, electrisavam as turbas, porque aos accordes de um instrumento sonoro. Nos campos da batalha os velhos guerreiros curvavam-se reverentes ante os druidas e arremessavam-se com o peito descoberto contra o ferro dos inimigos: feridos mortalmente, alargavam suas feridas, e expiravam bebendo a crença sublime da immortalidade da alma nas notas sagradas dos hymnos nacionaes.

Saul, cercado pelas ventanias de Assur, confundido com os silvos do vendaval os rugidos surdos da irrosa tempestade que lhe dilacera o coração: um loiro mancebo de Bethlem toma a harpa maviosa, e os sons, mais suaves que as vibrações eolias das auras de Cedron, despenhando-se em cascatas das cordas inspiradas, vão acalmar os violentos furores do rei e circumdalo de encantadoras imagens.

Tasso, devorado por mysteriosa angustia, que era como que um presentimento de sua desgraça, inclina a fronte enfecbreida no regaço de Cornelia, e adormece sorrindo, embalado pelas doces canções de sua dedicada irmã.

Baptista Gési, aos onze annos de idade, depois de ouvir cantar uma missa de Palestrina, exclamou cheio de enthusiasmo: «—Eu tambem sou musico!» Vinte annos depois executava-se na Capella Sixtina o *Stabat Mater dolorosa*, que firmou para sempre a sua reputação de grande artista, e o povo em sua ingenua admiração, appellidava-o — O Pergolez.

Quem pôde ainda hoje ouvir o celebre *Miserere* de Allegri sem derramar abundantes lagrimas?

É especialmente na Italia, na patria dos grandes genios, sob aquelle sol que aureolou com raios immortaes a fronte de Carlos Gomes, que o gosto pela musica é mais espontaneo, mais natural e instinctivo.

Veneza, a cidade cysne, que, como a Venus do paganismo, um dia surgiu das espumas radiante de belleza, de mocidade e de crenças, desfallece de morbidez se aos beijos do vento a vaga desata o seio perfumoso d'onde se escapan aerias melodias.

Alli, nas noites estivas, quando a lua chorosa e triste se embala nas redes da amplidão, e a noiva de Marino Falliero, o doge revolucionario, adormeco tranquillá ás caricias do genio do Adriatico, a madona veneziana, a mulher de madeixas revoltas, faces pallidas e olhar cheio do fogo, que o Veronez eternison em suas admiraveis telas, resvala em airosa gondola á flor das ondas, bebendo a largos haustos nas barcarolas do gondoleiro os anceios indefiniveis de Cassandra Fidelli e Christina de Pisani — as formosas poetisas.

Byron, debruçado sobre a ponte do Rialto, esquecia-se da ingratição de sua patria n'essas cantilenas populares impregnadas de tão melancolica poesia; Alfredo de Musset, o moço poeta, e Sand, a loira soberana da intelligencia, foram um dia realizar entre ellas o romance de seus amores.

Napoles, porém, é o berco da musica italiana. Antes mesmo que fossem creadas as academias, já os filhos da voluptuosa Parthénope possuiam a sua musica e embriavam-se com as *villaneli*. No principio do seculo xvi as napolitanas cantavam nas reuniões abraçadas a suas harpas. Tarquinia Molza, a celebre poetisa, compunha o acompanhamento para seus hymnos e cantava-os depois

com extrema graça; e a filha do Tintoreto tocava com perfeição diversos instrumentos.

No século XVII fundaram-se em Napoles diversas academias de canto e composição, dirigidas por flamengos e hespanhoes: d'ellas saíram as legiões de artistas que suplantaram todos os estrangeiros, e se derramaram por todo o universo; á sua frente achavau-se os restauradores da musica moderna, Alexandre Scarlatti e Nicolo Porpora. Hoje, que a influencia da pintura e da poesia tem sido tão desprestigiada na Italia, ainda a musica electrisa e sempre electrisará essas cabeças ardentes.

Os *lazzaroni*, ebrios de luz, estendem-se nas ruas, fecham os olhos, e acompanham attentamente as volatas d'aquella sublime e immortal phantasia sonhada pela imaginação morbida de Paganini—*O carnaval de Veneza*, que o *virtuose* estropia pelas esquinas; se a execução das *floriture* foi perfeita, levanta-se, atira-lhe a unica moeda que possui, e retira-se cantarolando alguma *popolane*, contente e feliz por ter ouvido boa musica.

Os moços e moças que á noite passeiam em grupos pelas ruas, quando passam por uma imagem da *Madona*, param, e em côro elevam suas frescas vozes.

O Italia, ó patria do luar e das serenadas, jámais perecerá a filha dilecta de teus poeticos sonhos!

No Brazil, onde a intelligencia brota espontanea e opulenta como a luxuriante vegetação que cobre seu solo, é tambem notavel o gosto pelas bellas-artes.

Levante-se uma ponta do veu que occulta o santuario da familia brasileira: junto a um piano ou encostada a uma harpa, ver-se-ha sempre um meigo perfil de donzella, povoando de suaves harmonias o serão de seus paes.

E não é só isso.

A Europa inteira curvou-se ante o talento de He-loisa Marechal, e aos loiros que ella colhera no theatro nacional, juntou suas estrondosas ovações.

Carlos Gomes, pallido e commovido pelo assombroso triumpho que conquistou no *Scalla*, penetra radiante no templo da gloria.

Henrique Alves de Mesquita, embora sem protecção e reduzido á pobreza, não desanima: trabalha com a febre do enthusiasmo para obter a admiração dos seus compatriotas, e novas operas confirmam hoje a bem merecida nomeada do auctor do *Vagabundo*.

Emilio do Lago refugia-se nos braços da morte, levando á patria suas delicadas composições.

Luiza Leonardo, a inspirada interprete de Gottschalk, calca aos pés as faixas infantis, e em breve o estrangeiro enramará de novos loiros a corôa de gloria que já lhe cinge a fronte seisinadora.

É que enquanto o velho Portugal acompanhava anciosamente com a vista a nave aventureira de Pedro Alvares Cabral, as raças autochtones que povoavam as vastissimas e desconhecidas regiões da America do Sul, grupavam-se sob as immensas cangeranas e frondosos ipés, e embeveciam-se nos cantos cabalisticos do Piága, aos sons do Boré.

É que descendemos d'aquelles singelos filhos da natureza, que se afastavam com horror da *Marabá*, para acalentarem seus futuros heroes com o hymno guerreiro que nos transmittiu Gonçalves Dias na *Canção do Tamoyo*; e nas fontes diamantinas onde se inspirava o Pagé, nos perfumes silvestres da flora tropical, que embalsamavam as madeixas corredias de Moêma e Paraguassú, nas lagrimas de luz que choram as constellações sobre a campá d'essas gerações extinctas, bebemos as choréas que em derredor do Genio do Brazil entoam as tribus angelicas.

Concluo.

A poesia prende e extasia, a pintura fascina e arrebatá, mas a musica só por si faz mais do que isso, porque, acima de tudo, abala o coração humano e é capaz de mudar a indole de todos os povos.

Rezende—1872.

NARCISA AMALIA.



Versos recitados no Palacio de Crystal, do Porto, a 22 de fevereiro de 1872, por occasião do beneficio dos pescadores da Povia de Varzim.

Sorri, pallido Christo! O amor da humanidade
De esplendido fulgor a terra hoje illumina;
Perfuma os corações a flor da caridade,
Cinge-se quem te ouviu de aureola divina.

Oh! Povia de Varzim, oh! perola do Minho,
Que ignoto pescador á beira mar deixou;
Como fatal te ha sido o teu aleyoneo ninho,
O amor que tens á vaga, á mãe que te embalou!

Não temes o branir do monstro furibundo,
Do algoz dos filhos teus, que em perennal vac e vem
Os chama, attrahe, conduz ao pélagó profundo,
E depois de os matar repelle-os com desdem!

Vês a onda subir humilde, envergonhada,
Rojando-se a teus pés, pedindo-te perdão,
Devolver te no rôlo a victima roubada,
E receber gemendo a tua maldição;

E, em vez de detestal-a, o som da calmaria
Facil indulto arranca ao teu funesto amor!
Porque daria Deus tão perfida harmonia
Á grande voz do mar, que encanta o pescador?!

Eil-os correm ao largo! É de feição o vento;
O temporal passado ha muito que esqueceu;
Nenhuma imagem triste acode ao pensamento...
Bem pouco paga ao pobre o muito que perdeu!

Porém, tolda-se o ceu e as nuvens se amontoam;
Enerespa-se, espumando, a superficie azul;
Os echos do trovão ameaçadores troam;
Fuzila o raio ao longe e o vento salta ao sul.

Prôa á terra e fugir!—Mas, ai! a tempestade
É mais veloz que o medo e avança com furor!
Adens, familia e patria! Adeus, o mocidade!
Que tudo o mar levou triste ao pescador!...

Vós, que viveis na terra á sombra da esperanza
De um prospero porvir, acaso suspeitais
A vida sem descanso, a sorte sem mudança
Do misero sujeito á lei dos vendavaes?!

E quando o inverno vem?! Outro inimigo insano;
Tambem monstro voraz, a fome, socia atroz
Da invernica cruel, das furias do oceano,
Levanta em torno ao pobre o seu clamor feroz!

Oh! mil vezes bemdita a mão que apaga as dores,
Que a desgraçados taes o pranto hoje enxugou!
Em nome de Jesus valen aos pescadores,
Para cobrar no ceu, dobrado, o que emprestou.

Sorri, pallido Christo! O amor da humanidade
De esplendido fulgor a terra hoje illumina;
Perfuma os corações a flor da caridade,
Cinge-se quem te ouviu de aureola divina.

F. GOMES DE AMORIM.

O ANNIVERSARIO DO DESEMBARGADOR



ESTAMPA, que este artigo acompanha, é de certo uma das mais bellas, que a empreza das *Artes e Letras* tem apresentado aos seus assignantes. Não é um d'estes banaes quadros de genero, que se limitam a reproduzir uma das

scenas vulgares da existencia, fazendo figurar na tela quatro ou cinco vultos mais ou menos bem desenhados, mas sem individualidade, nem feições caracteristicas. No quadro de Becker é cada figura um typo, accentuado profundamente, ainda que se veja que as illumina a todas a luz serena da virtude modesta e alegre.

O desembargador decididamente já pediu a sua reforma. N'aquella fronte lisa e vasta já não passam as nuvens das preocupações judicarias. Vive no campo, saboreando os regalos da existencia, a doçura dos sóes poentes, e a suavidade epicuriana dos bons jantares. Tem a digestão facil, e o somno sem remorsos. Lê Montaigne á sombra das carvalheiras da sua quinta senhorial. Escreve elle mesino, apurando a calligraphia, e floreado as iniciaes dos capitulos, algum livro serio e instructivo, no genero da *Sagesse* de Charron. Não desdenha completamente o madrigal, e desconfio que elle já compoz alguma epistola em verso, que limou e relimou com uma pachorra horaciana.

Aquello sujeito alto e robusto, exuberante de força e de saude, é um visinho, talvez mesmo um parente, *gentilhomme campagnard* em toda a força do termo, chefe de familia, chefe de tribu, varão patriarchal. Será genro do desembargador? Talvez! Se o é, que largas discussões á sobremeza! Como o seu riso sonoro ha de contrastar com o fino sorriso do sogro! Como a sua larga e possante mão ha de fazer estalar n'um aperto cordial a mão nervosa do desembargador! Quantos ralhos ácerca de politica não irão entre os dois! Como se verá obrigada a intervir no caso aquella suave figura feminina, que é a doce poesia, o meigo encanto d'este gracioso quadro!

Depois que a encontraram, os olhos não a deixam mais! Que elegancia nas linhas flexuosas do seu corpo!

que pureza nos contornos do semblante! Que brandas ondulações no seu modesto penteado! Exhala em torno de si esta doce figura um perfume de bom gosto e de virtude! Vou jurar que em casa d'aquelle homem de bem, que traz bengalão e chapéu, ha de haver sempre roupa branca de neve cuidadosamente dobrada na gaveta da commoda, e flores collidas de fresco a perfumarem o salão! Ah! como sentimos, ao vermos aquella figura casta e sã, que estamos longe das mulheres de lar, de templo e de rua, tres especies de femeas, que Dumas filho inventou, e que todas, ainda as mais puras, vivem em atmosphera ficticia e corrompida das torpes creações do romancista francez. Como estamos longe dos mysterios de alcova, e do «Mata-a», e do triangulo, e de todas as outras phantasias d'esse homem, que nunca soube o que era a mãe e a mulher, e a familia, na sua expressão mais elevada e mais pura!

Agora venham as creanças! Vejam como Becker estudou bem essas adoraveis e loiras physionomias, que têm caracteres tão distinctos, segredos tão encantadores. Querem que lhes conte o mysterio d'aquelle dedo nos labios da pequenina para quem se debruça o vulto gentilissimo da mãe? É tão facil! Em casa, antes de sair, repetiu, como fogo, com expressão, n'aquelle gorgear dos passarinhos e das creanças, que é o enlevo das mães, e o jubilo das primaveras, o comprimento com que havia de saudar o desembargador. Mas chegou junto da cadeira respeitavel do seu velho amigo, acanhou-se, procurou não se approximar, sorrindo e córando, mas deixou-se arrastar brandamente, olhando sempre por baixo das palpebras, para a physionomia risonha do magistrado. Quando se tratou porém de dizer o comprimento, poz o dedo na boca, psalmeou as palavras, coadas por entre os labios que sorriem sempre, em vez de as recitar como no ensaio caseiro. E a mãe: «Então, menina, tire o dedo da boca! Então, foi assim que lhe eu disse?—A menina não é bonita!—(para o desembargador, fazendo-lhe um signal ás escondidas). Ella não falla, porque não sabe!... Quem sabe é o irmão». E enfim o comprimento lá saiu como pôde, e a mãe tornando: «É sabido! Em casa é uma cousa e cá fóra é outra». E, apezar do *fiasco*, a mãe sorri-se passando os dedos pelos anneis do cabello da pequenina, e o pae ri-se francamente, e o desembargador senta no collo a netinha, se é que é neta, e a creada diz lá ao fundo: «Que galanteria de creança!»

O pequenino é um typo diverso. É já um homeminho. Anda na *hora, hora*, e ha de saber apresentar intrepidamente o seu ramallete e o seu comprimento de annos. É o unico personagem que não attende á scena principal. Desdenha essas puerilidades. Já sabe o que ha de pensar ácerca da timidez da irmã, que lhe quebrou uma espada de páo, e lhe abriu a gaiola do um canario, de que elle tratava especialmente. Não dá importancia ao que está succedendo, elle previra-o: «A mana chega lá e não diz nada». Tambem para que hão de confiar á creança esses importantes encargos? Elle sim! Verão como elle desempenha o seu papel! Como recita os versos, e entrega o ramallete! Como responde ás perguntas do desembargador! Tudo isto se lê n'aquelle olhar distraído, na feição varonil que adoptou, na seriedade do seu rosto.

Para completar a scena, temos a creada ao fundo. Quer use os cabeções e as mangas tufadas do seculo XVII, quer use os lenços no pescoço do seculo XIX, a creada do celibatario ou do viuvo é sempre o mesmo typo. Um pouco dona de casa, enchendo a cada instante a boca com as palavras «o senhor desembargador,» falando ao jantar, ralhando á noite, enquanto o velho amo se ri si-

lenciosamente, se ella é já madura, ou lhe affaga com a mão enrugada as faces em flor, se é rapariga a serva!

*Allons, Babet, un peu de complaisance!
Un lait de poule, et mon bonnet de nuit!*

Tal foi a collecção de typos, que Becker agrupou em torno da figura do desembargador, todos eheios de verdade e de expressão. Ah! Se os pintores percebessem bem que os quadros de genero são talvez os mais difficéis de todos, da mesma fórma que de todos os generos theatraes é a comedia o mais difficil, se percebessem que n'este genero têm obrigação de nos interessar, de nos enlevar com a reproducção das scenas familiares da vida, e que, se é facil captivar-nos o espirito com a pintura dos grandes factos historicos, já não o é igualmente encantar-nos com o modesto desenho de uma scena singelissima, com os fidalgotes de campo de Becker, os rapazotes de Murillo, ou com os *magots* de Temiers, se os pintores percebessem isto, não abundariam tanto no mercado os quadros de genero, que não têm significação alguma, nem poesia, nem observação, nem sentimento, nem estudo de typos, e que invadem contudo por toda a parte as salas da burguezia, os botequins, e os salões dos hotéis.

PINHEIRO CHAGAS.

GERARDO DOW



primeiro numero das *Artes e Letras* deu a conhecer o homem cujo retrato se vê agora: Gerardo Dow, pintor de Leyde, — terra do *Propheta*, — discipulo de Rembrandt Van-Ryn, e florecente pelos começos do seculo XVII.

Está-se-lhe a ver na cara uma certa bondade que não exclue a malicia. Rosto medio, olho limpido, madeixa em aneis, camisa esbagaçada, como a do *Rei Lear*, mãos de fidalgo, e uns dentes alvos a entreverem-se graciosos. Apezar da rabeca artistica, da farrusca de espadachim, e de um certo ar fragueiro que se nota no quadro, ninguém penso que Gerardo Dow era homem de aventuras galantes como, por exemplo, Van-Dyck. Não, senhores; ou pelo menos a historia, registando-lhe o nome, poupou-se a notas marginaes.

O discipulo do grande mestre do claro-escuro é um completo flamengo, na extensão d'esta palavra, que vae do queijo até o genio. A sua feição característica é a paciencia, o esmero, o acabamento. Não se deixa levar em nenhuma labaredas de enthusiasmo, não solta a redea aos frisões e por isso não cairá no Pó, á maneira de Phaetonte; o seu toque, firme e delicado, como o de Vanderwerff, denuncia a freima de um bom espirito.

E em regra é isto toda a escola flamenga. Quando a renascença imprimiu o seu cunho na arte, ella, não seguindo o movimento ascensional da Italia, ficou-se a contemplar a natureza, e a observá-la attentamente, para depois a photographar na tela, se assim me é permitido dizer.

Rubens, e poucos mais, saem d'este acanhado circulo da verdade, — sem elevação nem magnitude, — e entorna a flux a sua abundante cornucopia.

Os assumptos que captivam de preferencia os dis-

cipulos da escola são os populares ou burguezes. É tudo simples, desaffectedado, natural, perfeito; mas a alma não se eleva, agitada por um estremecimento celeste.

Apezar da *Convenção d'Evora-Monte* vão-se por ali alçapremando os *realistas*. Um nome como outro qualquer!... D'antes chamava-se a isso *naturalidade*, e uma pessoa entendia-se. Seja agora o que quizerem, — contanto que a arte não baixe ás torpes carnalidades, nem ande a vasculhar pelos processos criminaes, nem pelos gynecceos mais ou menos polluidos, o thema predilecto das suas composições.

O *bello ideal* não se attinge por meio de nenhuma receita de pharmacopola empyrico, mas toma-se d'assalto por um divino arrebatamento do espirito. É uma coisa que o admiravel Eugenio Delacroix traçou no seu canhenho, e que Theophilo Silvestre nos deu nos seus *Documentos novos*. Diz o pintor da *Barca do Dante*, do *Marino Faliero* e do *Vinte oito de julho*: «Quando o artista se pozer em cata de uma expressão, de um estylo convencional, tornar-se-ha secco e vulgar; quando se entregar sem condições á sua franca originalidade, quer se appellido Raphael, Miguel Angelo, Rubens ou Rembrandt, terá firme penhor da sua grandeza e da sua pujança».

Revertendo a Gerardo Dow e á escola flamenga, dizia eu, que a excellencia d'estes mestres está, por maior, na penetração com que observam e na delicadeza com que reproduzem. O quadro de que hoje se dá copia em gravura, demonstra-o cabalmente. O pintor retratando-se, esteve amovelmente enlevado na contemplação do seu *eu* externo. Vê-se-lhe n'aquelle sorriso espraído, e no cinturão que pende para que se lhe notem as bordaduras. Quanto tempo consumiu elle a estudar a capa, ageitando-lhe as pregas com donairoza tafularia? Talvez quasi tanto como aquelle outro que fez e apparellhou uma nau que se encobria toda sob as azas de uma mosca.

Apezar do tudo, Gerardo Dow ha de ser sempre um mestre. O que eu censuro é a escrupulosa imitação, as algemas com que os alumnos se maniatam, o cego aprisoamento á terra, emfim, Daguerre a chasquear de Giorgione. Tudo isto será muito bom, diz um dos maiores pensadores que tem escripto n'estes assumptos, o philosopho *De l'art et du beau*, mas occupa na arte um logar tão secundario, que não ha comparação com o que constitue o verdadeiro genio, nas suas enormes relações com a humanidade, e no seu desenvolvimento em o seio de Deus e do universo.

Dar unicamente em reflexo o que impressiona os sentidos, é o que fariam *verbi gratia*, os leões.

Si mes confrères savoient peindre, como dizia judiciosamente o da fabula. Deseer das regiões serenas da intelligencia para as da sensação material, é engolfar-se n'um coisa que é muito tangivel, muito evidente, mas que não é de certo luminosa.

Cada seculo tem a sua feição, e eu não venho aqui remodelar o nariz ao nosso, venho a dizer por hypothese, que Juan Valdés Leal, com todas as suas verdades nuas e cruas, não se abeira muito do passaporte chancellado pelos deuses immortaes.

E. A. VIDAL.



PST!

Não tem nome; não é Manuel, nem Joaquim; não é Cyrillo, nem Praxedes, nem Symphronio, nem Wenceslau, nem Quintino, — é o *Pst!* Chama-se da janella, ou da rua: *Pst!* e já se sabê que é elle!

Dos muitos vendilhões do *Diario de Noticias* este é um dos valentes. Boa voz de barytono, e um sapato só; a nota e a agilidade!

Nunca lê o jornal, — unicamente porque não sabe ler; mas empresta o numero a um gallego seu conhecido, que faz leitura em voz alta aos companheiros, umas vezes á esquina, outras na taberna, — e elle ouve. Está ao facto sempre das coisas de Hespanha, aprende de cór e saltado seu verso do vez em quando, principalmente quando a poesia dá parte ao publico de que principiam a apparecer os grillos; não engraca com a concisão dos despachos telegraphicos, e pede sempre que lhe leiam um crimesinho, ou qualquer coisa funesta, *Horri-vel incendio, Horri-vel attentado*, etc.

Ha no jornal uma parte, nem de instrucção nem de recreio, mas simplesmente negocio commercial, que d'antes o entretinha muito — os annuncios. Tomava-os a serio. Em a folha gabando a pomada ou a farinha do sr. fulano, já elle cuidava que se fazia isso com um fim desinteressado. Quando lhe explicaram que os directores, n'esse ponto, são commerciantes de publicidade, e que, debaixo d'esse titulo, não poderiam levar a mal que cada um estime e avalie sua fazenda, quer seja vinho, botas, roupas, ou outra qualquer coisa que esteja á venda, estranhou elle não ver na terceira e quarta paginas uma só palavra exaltando os talentos dos que fazem composições poeticas, theatraes, ou para livraria, outrosim chamados litteratos, alguns dos quaes elle conhece, de os ver á porta do Martinho e outras academias. Reparando então com mais escrupulo, viu que os annuncios d'esses vinham no que se chama corpo do jornal, e chegou a averiguar que não eram pagos: — ao principio isto espantou-o; annuncios a engrandecer os litteratos do Martinho, sem lhes levar nada por isso — pareceu-lhe celebre; talvez

que o Martinho é que os pagasse. Mais tarde, porém, no seu lidar do jornalismo o grande pratica da imprensa, veio a entender tudo: não deveriam ser pagos esses annuncios de elogio a litteratos, por serem feitos muitas vezes pelos proprios louvados; e deverem por esse facto ser considerados... litteratura!

Ganha por dia perto de tres tostões. Escolheu este emprego pelo amor que sempre teve ás letras, comquanto só as conheça... de vista: não é mettediço; convivendo, já ha um par de annos, as letras e elle, pois nem assim ainda se metteu com ellas; mettediço, não é.

Á noite, alli pelo Rocio, á hora dos botequins, ouve-se um bocado de politica, que abre muito o entendimento; elle põe-se a esentar, de jornaesinhos debaixo do braço, ganhando assim novas luzes pelo sovacco e pela orelha. Ainda não teve occasião de se manifestar, mas tende um pouco para a republica; um dia d'estes conversando com um amigo chamado *pirralho*, ou *Pirralho*, — o P grande ou p pequeno é indifferente, porque é appellido de phantasia, ou alcunha, como se costuma dizer, — ponderava elle a vantagem de democratizar.

— Tu já sabes ler? perguntou-lhe o outro.

E elle a insistir na idéa de democratizar, democratizar.

— O que tu deves é aprender a ler! tornava-lhe o *Pirralho*.

— Bem sei o que tu dizes; é bom, é; não é mau o *saber facilita o gajo a explicar-se*; mas, deixa lá...

E ia teimando com a receita, de que o que é mais preciso é democratizar.

Anda muito, e vadia as suas digressões; até vae ás vezes para Cintra, e por lá se deixa ficar uns dias, depois de combinar com outro amigo o seu programma de negocio, que é o seguinte: o amigo parte de Lisboa com os jornaes, fresquinhos, ás quatro horas da madrugada; chega ao Cacem ás sete, vendendo pelo caminho, e levando uma reserva; no Cacem está á espera d'elle o outro, que recebe a reserva, põe-se a caminho e chega a Cintra ás nove horas, — antes dos omnibus!

Esta tarefa pesada e difficil, a elle não lhe custa muito. Peior e bem peor massada lhe parece a de ser figurão: ali está, por exemplo, que chega a ter dó de quem



anda nas azas da moda, e que contrahc para com o mundo a obrigação de dar festas e de entreter os outros. Quando lhe encomendam, n'uma casa ou n'outra, grande porção de certo numero do jornal onde vem descripta a luzida *soirée* que lá se deu, logo elle fica com pena d'aquella familia, a pensar nas trezentas cortezias que os donos da casa tiveram que fazer aos convidados, e no incommodo que ha de ser ficarem no outro dia a untar a nuca com oleo de amendoas doces para a conservar brandinha e flexivel!

Em casa de ferreiro, espeto de pau, — vende o jornal, mas nunca vem n'elle. É independente, está satisfeito, não inveja a sorte de outrem; os aldeões de Virgilio seriam felizes, se conhecessem a sua felicidade: este é feliz, e conhece-a. Não é nada, não é ninguém, é o *Pst!*...

JULIO CESAR MACHADO.

CHRONICA DO MEZ



ODA a imprensa diaria e bem assim os que se occupam em discutir as ultimas novidades, tiveram este mez largos assumptos para manifestar a sua erudita e conscienciosa opiniao.

A these defendida por Alexandre Dumas — o escriptor da moda em França — de que o marido tem direito de mar-

lar a esposa que o atraioa, e a demonstração theorica e pratica dada pelo padre Jacintho — outro vulto da moda tambem em França — de que os padres tem direito para se casarem, têm sido, e ainda são, os principaes themas dos debates dos periodicos e das conversações dos particulares nos cafés e em familia.

Eu não pretendo emitir aqui parecer, nem sobre as arrojadas theorias de Alexandre Dumas, nem acerca da resolução heroica do padre Jacintho. Atigura-se-me porém que este escolheu a peor occasião para reclamar os direitos que, a seu ver, tem o sacerdote de possuir mulher legitima. É numerosissima a classe a que pertence o padre Jacintho, portanto numerosissimos serão os casamentos, deferindo-se ao requerimento do celebre orador sagrado. Ora como do augmento dos casamentos, provém necessariamente o augmento de probabilidades de haver maior numero de esposas infelizes, segue-se que, em conformidade ás theorias de Alexandre Dumas, teremos de assistir mais amudadas vezes á applicação da pena de morte ás mulheres, o que será de certo espectáculo tristissimo dado pela humanidade, n'um seculo que se diz de progresso e civilisação. Que, para fallar verdade, isto de idéas contra a pena de morte, vae, quanto a mim, retrogradando a olhos visto entre nós. Ainda ha pouco as duas camaras, a imprensa, os discursadores do Martinho, os socios do Gremio, os frequentadores do Chiado, todos os bons portuguezes, emfim, oppunham, como augmento frisante e irresistivel para destruir certas accusações que por vezes nos fazem, de estarmos em seculo atrasados, a abolição da pena de morte. Diziam com louvavel jactancia:

— Enganam-se os que nos julgam pouco adiantados; caminhámos na vanguarda da civilisação, porque acabámos de facto e de direito com a pena de morte.

Pois muitos, alguns até que votaram a lei que nos fez dar tão largo passo na vereda da civilisação, applaudem hoje o alvitre de Alexandre Dumas, e pedem, ao mesmo tempo, a vida de um soldado, que teve a malvez e covardia de assassinar um seu superior.

Repito, não venho para aqui defender nem condemnar as asserções do escriptor francez, apresentadas no seu prologo, ao novo drama que vae pôr em scena; não approvo nem reprovo a determinação tomada pelo padre Jacintho, de se ligar matrimonialmente a uma mulher, em contravenção dos preceitos da igreja, nem tão pouco discuto se para a disciplina do exercito é preciso ou não privar da vida o facinora que enodou a farda com o sangue do seu superior. Registo apenas os factos, quasi sem commentarios.

Seja-me porém permittido que, a proposito do que fica dito, lamente um dos peiores e dos mais inveterados vicios que nos corrom: — a pouquissima attenção que damos aos negocios de maior interesse, para nos occuparmos dos de interesse secundario.

Ha pouco me fazia notar com tristeza um amigo intelligente e pratico do mundo, este fatal systema de vida.

— Escute, me dizia elle, as conversações animadas dos grupos de certas classes que invadem os logares publicos, e diga-me se algum falla da guerra dos Dembos, que traz em sustos uma das nossas melhores provincias do ultramar; ou dos tristes successos de Moçambique, esquecidos mas não terminados; ou dos salteadores da India, que põem em risco a vida e os haveres de tantos irmãos nossos; ou da politica chineza que se empenha em nos ser desagradavel, sempre que pôde, na importante cidade de Macau. Não, ninguém falla de similhante coisa: o *homem-mulher*, a conferencia dos tres imperadores, as experiencias da nova artilheria em Trouville e o casamento do clero, são os assumptos das acaloradas discussões entre toda a gente que sabe ler, e que podia entregar-se com mais utilidade aos negocios da propria casa, em vez de analysar detidamente os da casa alheia.

É esta uma grande verdade; soffremos ha muito das funestas consequencias d'este mal e continuaremos a soffrer, se, convencendo-nos de que precisamos mudar de vida, não tomarmos um dia esse expediente acertado.

A feira de Belem e os banhos do mar marcam a transição do estio para o inverno. Fecha o passeio, despovoa-se Cintra, acabam as carapinhadas e os sorvetes; immediatamente os que não mudam a casa para Pedrouços, Oeiras ou Cascaes, recolhem a Lisboa, os theatros reabrem as suas portas, começa a apparecer nas mesas dos botequins um ou outro meio-grog.

Entra-se no outono, estação formosa e temperada, em que ha noites de luar admiraveis e convidativas á meditação. É bom estar n'uma d'essas noites sentado sobre uma rocha ou recostado na areia, vendo a immensidade das aguas do mar brilhando como lamina extensissima de prata, recordando as aventuras e prazeres desfructados no verão, e calculando as aventuras e prazeres do passado e das phantasias do futuro. O presente é para nós coisa insignificante; não o sabendo apreciar, deixamol-o transformar-se em passado, para então lastimarmos que não seja presente. Anathema que persegue a humanidade para que nunca sejamos felizes, visto que fazemos consistir a felicidade tão sómente no que não podemos reaver e no que talvez nunca possamos haver!

Parece que a fortuna se resolveu a proteger n'esta epoca os theatros de Lisboa. D. Maria e o Gymnasio encetaram as suas representações, obtendo a concorrencia de numero publico.

D. Maria recorreu ás melhores peças do antigo repertorio, as quaes pela sua contextura e bom desempenho parecem não se fazer velhas. Mostrou que a sua companhia é muito competente para representar composições de primeira ordem, do que não era licito duvidar, figurando entre varios nomes estimados, os de Emilia Adelaide, Virginia, Gertrudes, Santos, Theodorico e Antonio Pedro; por fim, deu-nos peça nova. *Julia*, se intitula; é seu auctor Octavio Feuillet e traductor o sr. Ernesto Biester. Este drama, que já corre impresso traduzido pelo sr. Castilho e Mello, a quem agradeço a delicada tembrança de me enviar um exemplar do seu trabalho, é composição destinada a moralisar os maridos devassos, inflingindo-lhes o mais severo dos castigos. Construido sobre bases não muito solidas, conduz todavia os seus poucos personagens a scenas de interesse e effeito, principalmente quando representadas por artistas do talento de Santos e Emilia Adelaide. Ninguem, creio, será capaz de interpretar melhor do que Santos o terceiro acto da nova peça; tenho pena de que se ache esgotada com este notavel actor toda a phraseologia do elogio, porque desejava encarecer o seu ultimo trabalho com encomios que ainda lhe não tivessem sido dirigidos.

O Gymnasio abriu com — *A filha unica*, comedia em quatro actos, traduzida pelo sr. Lopes Cardoso de uma composição italiana em cinco. Tambem n'essa noite subiu á scena a comedia original do sr. Santos Lima — *O afilhado do marquez*, e a eminente

actriz Emilia das Neves recitou a formosa poesia do sr. E. Vidal — *As mães*.

A primeira comedia agradou porque tem elementos para isso e foi muito bem desempenhada por Maria das Dores, Maria Adelaide, João Bosa, Polla e Pinto de Campos. Absurda por vezes, é contudo architectada por mão habil e segura. O terceiro acto é de extraordinario vigor. Succedem-se as scenas violentas e artificiosamente preparadas para entusiasmarem a platêa, e o desempenho por parte de João Rosa e dos seus collegas, n'esse acto, faz com que se não desaproveite uma unica situação.

O sr. Santos Lima, auctor lisonjeiramente experimentado nas lides da scena, foi menos feliz com a sua nova producção, do que o tem sido com outras. A comedia — *O afilhado do Marquez* é muito longa e tem pouca vida. Talvez que se alguns dos artistas que a representaram, diligenciassem animar um pouco mais os seus papeis, ella tivesse maior agrado, mas da maneira como foi levada á scena é forçoso dizer que não captivou muito a attenção.

Contudo eu applaudo o trabalho do sr. Santos Lima. Fez uma peça original, procurou emancipar-se, e emancipar-nos, da tutela estrangeira — honra lhe seja. Vale mais um original menos bom, do que a melhor traducção. Se foi pouco feliz com esta peça, não se segue que não seja muito e muito feliz com as demais; continue por conseguinte a escrever composições suas, que faz com isso grande serviço ao theatro portuguez.

O incançavel escriptor, o sr. Pinheiro Chagas, publicou mais dois livros — *O segredo da viscondessa* e os *Guerrilheiros da morte*.

Ninguém sabe aonde o sr. Pinheiro Chagas se fornece de tempo para produzir tantos e tão diversos trabalhos litterarios, como os que dá a publico todos os dias. É preciso ter fecundissimo talento para conseguir o que o sr. Chagas realisa. Na politica, na historia, no romance, no theatro, no jornalismo litterario, em tudo que reclama o auxilio das letras, emprega o distincto escriptor o seu engenho e sempre com distincção.

Aos seus ultimos livros tenho ouvido tecer os maiores gabos; eu nada posso dizer d'elles, porque ainda não tive o gosto de os ler.

Os periodicos diarios têm-se occupado com elogio de um opusculo anonimo, em verso, intitulado — *Os paes da mãe patria*.

É realmente um folheto engraçado e curioso. Conhece-se que o auctor não é novato em trabalhos d'este genero, que tem profunda observação e veia humoristica para descrever os typos que intenta apresentar ao publico. As maliciosas allusões e ás catilnarias de ferir fogo que o escripto contém, presidem sempre dois dos predicados mais necessarios e raros de encontrar em assumptos d'esta ordem: — a boa educação e o criterio.

Annuncia-se um livro de critica á traducção do *Fausto* feita pelo sr. visconde de Castilho. O livro é firmado pelo sr. Joaquim de Vasconcellos, cavalheiro de bastante merecimento com quem tenho tido o gosto de tratar de perto mais de uma vez, e que muito aprecio.

Não conheço o livro e por isso não posso fallar d'elle. Deve todavia despertar a maior curiosidade, porque isto de criticar qualquer obra saída das mãos de qualquer escriptor, é sempre tarefa difficil e arriçada; criticar porém uma obra como a traducção do *Fausto*, e principalmente sendo a traducção devida ao talento do sr. visconde de Castilho, é caso mais serio, porque as difficuldades e os perigos tomam vulto de tal sorte assustador, que é mister ter a consciencia bem segura do trabalho a que se mettem mãos, para o emprehender desassombradamente.

Estou certo, porém, de que o sr. Joaquim de Vasconcellos, que já publicou a importante obra que trata dos musicos portuguezes, não dava agora á estampa um livro de tanta responsabilidade se não se considerasse perfeitamente habilitado para o escrever; é por isso que, repito, a critica do sr. Vasconcellos acerca da traducção do *Fausto*, está destinada a despertar a maior curiosidade.

O senador brasileiro o sr. Silveira da Motta deu á publicidade no Rio de Janeiro — *Tres discursos proferidos no senado na discussão da falla do throno e da fixação das forças de terra*, e um *Jornal de conferencias radicaes*, contendo outros discursos pronunciados pelo illustre orador.

Recebi estas publicações, e pela rapida leitura que fiz de taes discursos, pareceu-me que o sr. Silveira da Motta é orador de vastos conhecimentos politicos, historicos e litterarios. Se juntar ao saber os demais dotes indispensaveis ao tribuno, dotes de que só pôde fazer menção quem o tiver ouvido fallar em publico, deve occupar distinctissimo logar entre os oradores do imperio.

Infelizmente nenhuma novidade acerca de artes tenho para dar n'esta secção. Escasseiam os trabalhos e escasseiam os artistas. Actualmente na Academia estudam poucos alumnos e quasi nenhum d'elles dá esperanças de vir a ser notavel talento. Aqui ninguém se entrega seriamente ao estudo das bellas-artes. Os paes

não mandam ensinar desenho aos filhos com o proposito de lhes facilitar uma carreira em que possam ganhar a vida. Quando os mandam aprender desenho é para que os meninos possuam uma prenda. Lisonjeia-lhes a vaidade terem um filho que faz uma cara, ainda que seja com os olhos tortos e a bocca á banda. Em terra onde a arte é considerada prenda, nunca pôde haver artistas. E d'ahi muita gente ainda conserva certos preconceitos a respeito dos que se dedicam ás artes, e em geral com relação á gente de talento. O que Frederico Soulié diz n'um dos seus romances — *« Il reste encore assez de bourgeois qui considèrent un clerc de notaire ou un commis à la caisse des consignations comme un homme mieux posé qui le peintre le plus célèbre »* é moeda muito corrente entre nós.

Outra circumstancia a que se attribue a falta de artistas, é a de não haver quem compre trabalhos. Esta causa produz effectivamente perniciosos effeitos. Não que os bons artistas não vendam sempre as suas producções — alguns ha a quem falta o tempo para satisfazerem as pessoas que desejam possuir obras suas — mas o artista mediocre não tem nada que fazer em Portugal e morre de fome, se não lança mão de outro modo de vida. Ora como nem todos tem a certeza de chegar a ser grandes artistas, quasi ninguém quer arriscar-se a ser mediocridade e por conseguinte a morrer de fome.

Lá fóra, nas grandes cidades, todos vivem, bons e maus, primeiros e ultimos. Aqui a pequenez do paiz, a pouca vida industrial, o nenhum gosto pelas artes e a falta completa de protecção dada pelos governos a este importantissimo ramo da instrucção publica, são a origem de que succeda justamente o contrario.

Não cessarei portanto de repetir: — olhem com attenção e interesse, aquellos a quem o assumpto está incumbido, para a necessidade absoluta de vencer os obstaculos que se oppõem ao progresso das bellas-artes em Portugal, que prestarão, com as suas luzes e bons desejos de acertar, relevante serviço ao paiz.

RANGEL DE LIMA.



DIVERSAS NOTICIAS

==== Installou-se em Lisboa a Comissão central directora dos trabalhos preparatorios para a Exposição universal de Vienna d'Austria, commissão de que é presidente Sua Magestade El-Rei o senhor D. Fernando.

==== Saíram á luz no Brazil as seguintes obras literarias:

Historia dos jesuitas e suas missões na America do Sul, pelo sr. doutor Mello Moraes.

Jardim Pelotense, periodico litterario publicado em Pelotas.

Entreacto, revista semanal de artes, letras, costumes e politica.

Resumo de economia social e Roma perante os seculos, pelo sr. Carlos de Koseritz.

O pamphletista (auctor dos typos politicos), pelo sr. Valerio Publicola.

Historia dos martyres da liberdade, versão pelo sr. Abranches Gallo, ampliada com varios episodios da historia do Brasil e de Portugal.

Typos judiarios.

Estudos agricolas, pelo sr. J. J. Carneiro da Silva.

Typos industriaes e financeiros, pelo sr. doutor Albino dos Santos Pereira.

Preciosas celebres, por Quintius Fabius.

O Constitucional, folha do Bio Grande do Sul.

Flores, poesia dedicada ao sr. Pedro Americo, pelo sr. Guilherme Antonio Lopes.

Contos de Paquetá, pelo sr. J. J. Pereira de Azurara.

Traçessura de Cupido, comedia de costumes pelo sr. Dias da Silva Junior.

Lyra Christã, volume de poesias pelo sr. Brasileiro Dias.

Configuração e estudo botânico dos vegetaes seculares, pelo sr. doutor José de Saldanha da Gama.

Catechismo brasileiro, pelo sr. Cyriaco Antonio dos Santos e Silva.

Com mais dois quadros presenteou o sr. conde de Carvahido a nossa Academia de bellas-artses. São uma paisagem, de Brenghel, e um cão, de Goya.

Tambem o distincto pintor hespanhol o sr. Oeon, offereceu á Academia uma excellente marinha, expressamente pintada para este fim.

Annuncia-se em Madrid a publicação de um novo periodico — *La illustracion hispano-portuguesa*, de que são redactores e collaboradores muitos dos principaes homens de letras do visinho reino. O novo periodico trata de sciencias, litteratura, industria e conhecimentos uleis; é illustrado com gravuras dos melhores artistas e começa a publicar-se no 1.º de outubro.

Foram retirados do jardim das Tulherias, para serem expostas n'um dos vestibulos do Louvre, todas as estatuas de ferro fundido, sendo substituidas pelos seguintes trabalhos:

Flora descendo do carro, estatua em bronze por Laurent Magnier, que estava n'uma das portas de S. Cloud.

Erigone, estatua em marmore, pelo sr. Carrier Belleuse.

Omphale, pelo sr. Eudes.

Venus, pelo sr. Clésinger.

Diana e a Nympha, pelo sr. Levêque.

O vencedor na carreira, estatua em bronze pelo sr. Falguière.

Além d'estas composições foram collocadas sobre os plinthos que rodeiam o lago central dezeseis bellos vasos de marmore, tirados dos jardins de S. Cloud. *O caçador em descanso*, de Nicolau Coustou, o *Annibal de Slodtz* e o *Julio Cesar* de Gilherme Coustou, foram transportados para o Louvre, para a *Sala dos Coustou*, onde igualmente se acha o *Mercurio*, de chumbo, feito por Pigalle, trazido do jardim do Luxemburgo, onde foi substituido por uma bella copia do Fauno antigo, da casa Barberini. *O tocador de flauta*, de Coysevox, do jardim das Tulherias, occupa hoje o centro da sala que encerra o tumulo de Mazarini, sala em que tambem está uma *Venus*, de Anguier, trazida de S. Cloud. Quatro trabalhos de Legros, vindos do jardim de S. Cloud, contribuem para a ornamentação da *Sala Puget*. A *Joanna d'Arc*, de Rude, foi tirada do jardim do Luxemburgo, para ser exposta na *Sala de Claudet*, para aonde tornou o *Philopoemen* de David d'Angers.

O musen de Varzy (Nièvre) fez aquisição dos modelos em gesso de sete estatuas e um busto executados pelo estatuario Julio Antonio Droz, morto em Paris no mez de janeiro ultimo.

Um livreiro e editor do Brazil, o sr. E. Dupont, imaginou, para facilitar a publicação das obras litterarias e scientificas dos escriptores d'aquelle paiz, formar uma companhia, que se denomina — *Typographo-litteraria*.

No largo de S. Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, vae ser elevado um monumento ao heroe da independencia, José Bonifacio de Andrada e Silva. A estatua representa-o em pé, fardado de ministro de estado. A execução da obra foi confiada ao estatuario Rochet, que já a concluiu.

São notaveis os resultados que produziram, durante o anno escolar findo em abril, as aulas inglezas destinadas ao ensino das artes, 56:016 trabalhos foram executados nas 397 classes frequentadas de noite, e 73:226 nas classes frequentadas de dia, o que dá um total de 129:242 obras de desenho, modelação e pintura. Feita a comparação com os resultados obtidos no anno de 1874, ha uma differença de 19:051 trabalhos a mais. Todos os trabalhos foram submettidos a exame previo; uma comissão de examinadores estudou cada escola em separado. No exame foram concedidos 1:100 premios de 3.ª classe; a comissão escolheu em todos os desenhos de cada escola 1:208 trabalhos dos melhores e dos mais adelantados, para enviar ao Concurso nacional em que comparecem todas as escolas de arte de Inglaterra. Como recompensa dos concursos, concederam-se juntamente com premios de livros, 10 medallas de ouro, 25 de prata e 60 de bronze. Todos os trabalhos recompensados no Concurso nacional, como algumas outras obras premiadas n'outros concursos, são de novo expostos na galeria occidental do pavimento inferior do Museu de South Kensington. Esta exposição está aberta ao publico desde julho até setembro.

Um dos primeiros pintores da Allemanha, Eduardo Magnus, nascido em Berlim a 7 de janeiro de 1799, morreu ha pouco. Depois de haver successivamente estudado medicina, architectura e philosophia, frequentou o atelier de pintura de Schlesinger, tornando-se notavel na exposição de 1826. Depois percorreu a França e a Italia, e foi eleito, em 1837, membro da Academia das bellas-artses de Berlim, sendo nomeado professor em 1844. Mandel e Trossin gravaram muitos dos seus quadros de genero, entre os quaes — *Duas raparigas ao nascer do sol*, *Duas creanças*, *Uma camponeza* e *Um pescador de Neja*. Era eminentemente sobretudo nos retratos; quasi to-

dos os principes e a maior parte das notabilidades da Allemanha foram retratados por elle. Os retratos de *Jenny Lind*, da *Condessa de Rossy-Sontag* e da *Mendelssohn-Bartholdy* figuraram na exposição universal de Paris em 1855, onde obtiveram a medalha de 2.ª classe. Á exposição de 1867 enviou — *Orpheu trazendo Eurydice á luz*.

Suicidou-se o joven gravador hespanhol Rosello, que estava estudando na Eschola de bellas-artses de Paris. Achando-se gravemente doente, resolveu tornar a Hespanha para junto de sua familia. Um medico teve a imprudencia de lhe dizer que a molestia era incuravel, e o artista, desesperado do seu estado, atirou-se de uma ponte para a linha do caminho de ferro, na occasião em que passava um comboio. Rosello gravou um *Christo morto*, copia de uma tela de Philippe de Champagne e publicada pela sociedade franceza de grávura, e deixou por acabar uma famosa chapa, copia do *Christo morto, chorado pelas santas mulheres e pelos apóstolos*, formoso quadro de Ribera, collacado ultimamente n'uma das salas do Museu do Louvre.

O Gabinete das estampas de Paris comprou, pelo enorme preço de 440\$000 réis, uma estampa unica e de bello estylo, attribuida a Botticelli e pertencente á colleção Weigel. Esta primorosa obra, que provinha do gabinete Otto, de Leipzig, foi provavelmente gravada para ornar a tampa de uma caixa redonda.

Morreu com a idade de 78 annos o decano dos pintores allemães Julio Guy João Schnorr von Harosfeld. Nasceu em Leipzig, foi discipulo da Academia de Vienna, e partiu para Roma, onde se demorou dez annos. Tornando á Allemanha exerceu o professorado na Academia das bellas-artses de Munich, depois na de Dresde, sendo nomeado director do musen real d'esta cidade. Era tambem membro associado do Instituto de França. Além dos cinco quadros extrahidos das lendas dos *Niebelungen*, que pintou nas casas ao rez do chão da Nova Residencia de Munich, por ordem do rei Luiz, e de cinco outras telas colossaes, cujos assumptos são tirados da historia de Carlos Magno, de Barba-Roxa e de Rodolpho de Hapsburgo, com que ornou a sala das recepções, executou grande numero de outras obras, entre as quaes: uma *Santa Familia*, *S. Roque distribuindo esmolas*, *Scenas de Ariosto*, pintadas a fresco para a cidade de Massini, a *Annunciação da Virgem* e muitos quadros em collaboração, tirados da vida de Jesus. Tambem executou, com o sr. Neuruther, as illustrações para uma edição dos *Niebelungen*, e desenhos gravados em madeira para uma edição de luxo da *Biblia*.

Uma interessante dadia de ceramica foi feita ao musen de Sévres pelo sr. Brianchon, archeologo normando. É uma porção de azulejos da Renascença, arrancados de uma casa situada no logarejo de Mare-Barbet (arredores do Havre). Os azulejos representam carraças, ornatos, flores de liz, medallhões de homens e de mulheres, e são considerados como amostras raras e preciosas d'aquellas decorações no seculo XVI. Como succede muitas vezes com as obras de ceramica, parece que o oleiro moldou os azulejos sobre alguma arca de madeira da epoca. Os entendidos podem encontrar estes specimens curiosos no musen de Sévres, ao lado da numerosa serie de ladrilhos esmaltados que possuiu aquelle estabelecimento.





UMA LECTURA NA OFFICINA ANTES DO TRABALHO.

Revista Illustrada

ARTES E LETRAS



LISBOA—OUTUBRO DE 1872

OS ABUSOS DO REALISMO



ão sei palavra mais prodigalisada e menos definida do que o *realismo*. Devendo designar uma theoria de esthetica, que abolisse o dogmatismo classico e o subjectivismo romantico, caiu das espheras luminosas e serenas da arte nos armazens da moda, onde o esfarrapou a ignorancia, onde a pobreza de ingenho o amoldou ao seu corpo, onde o prurido de excentricidade lhe deu o relevo, as fórmãs e as proporções de *escandalo*

artístico. Se o não desprendermos dos abusos, que d'elle têm feito a desordem e a presumpção dos espiritos, morrerá sua victima.

O que banalmente começou a inculcar-se como realismo na plastica, foi a copia servil, plana, mechanica das fórmãs naturaes, e a carencia, na arte, do seu elemento subjectivo: a idéa. A escola incipiente começou a legislar em Portugal para os methodos de trabalho artistico, e preserevendo como regra, aliás proveitosa, não pintar nem esculpir senão com o modelo á vista e para o retratar, determinou em alguns artistas a tendencia para não passarem alem de estampar na tela a natureza inanimada, com a fidelidade da photographia, realçada pela imitação do colorido. E como, por via de regra, não andam muito levantados por espontaneas aspirações nem muito estimulados pela critica e pelo gosto publico os espiritos consagrados á arte, a observancia da regra realista, mal entendida, deu de si o fabrico d'esses quadros taboletas, em que os tachos vidrados se grupavam invariavelmente com peças de casa, avelludados peccgos e bem areiadas bacias de arame, e que exprimiam um ideal que só excedia a cozinha para entrar na despensa. Admittida como suprema lei a necessidade dos modelos, e como ultima meta a reproducção, de espelho, d'esses modelos, os artistas, homens larciros, aproveitavam-se dos que mais lhes andavam debaixo de mão, e como entre nós, por um pudor comico, a fórmula humana, ainda a que se desnuda para a lascivia, escrupulisa revelar-se ao

amor purissimo da arte, raro a viamos viver na tela fóra das condições do *retrato*, que é genero para pouco mais do que attestar habilidades de processo. Os talentos de composição envergonharam-se de apparecer; a pintura historica, pintura por excellencia, foi quasi totalmente abandonada, ou por se entender que não era consoante com o realismo, ou por se reputar difficilissimo applicar-lhe os seus methodos.

Perdoem-nos os nossos artistas a liberdade d'estas reflexões, que só censuram um momentaneo descaminho de alguns, que todos vão corrigindo. As copias da natureza inanimada eram proveitosas como estudos de desenho e de côr: não podiam, todavia, ser acceitas como applicação cabal de uma theoria artistica. O uso de nunca desviar as vistas de um modelo é bem calculado preserevativo contra as aberrações do lapis e do pincel, movidos pelos erros da reminiscencia ou pelas deficiencias do estudo: mas vae longe d'esse uso recommendavel ao apertado preceito de não lançar na tela senão o que os olhos contemplam, preceito que limita absurdamente os horisontes da arte, annulla a concepção artistica, e quando observado com exagerado escrupulo, arrasta o proprio talento a pintar, por exemplo, David, um inculto pastor de Israel, com os cabellos cortados á *ingleza* pelo nosso *Baron!* E dado o preceito, e querendo observar-o escrupulosamente, o artista só poderia evitar este erro imperdoavel e outros analogos, se alcançasse, para molde do seu vencedor de Goliath, um typo da raça semita, com os dotes physicos que essencialmente se supõem no juvenil athleta; sem o que, ou o assumpto não poderia ser tratado, ou o quadro não seria realista, ou o modelo, não sendo dispensado, soffreria profundas modificações.

Ora, a doutrina que de consequencia em consequencia induziu alguns dos nossos artistas a conterem os seus talentos no ambito das vasilhas de barro e das fructeiras, é uma falsa interpretação do realismo. O realismo espedaçou os caons da estatuaría grega e todas as convenções classicas dogmatisadas pelos Davids; o realismo reprehende a semceremonia com que a arte romantica refunde a natureza, ou para a aformosear, como ella dizia, ou porque, preoccupando-se exclusivamente com a idéa ou o sentimento a exprimir, descure a sua expressão; o realismo substitue á immobildade do modelo grego e ás regras prefixas do bello, a variedade do modelo vivo; ordena ao espirito individual que subordine a sua conceptividade ás leis naturaes, legisla a verdade primorosa da fórmula e da côr, mas sómente para que os elementos objectivos da arte sirvam melhor, mas exacta e completamente á manifestação de uma idéa, de um modo de ver dos phenomenos physicos, moraes ou sociais.

Não reduz, pois, a arte á copia da natureza; exige que ella seja inviolavel para as facultades artisticas, mas permite-lhes variarem infinitamente o seu ponto de vista, encarar os objectos em todas as suas phases, e escolher d'ellas as que mais lhes convem reproduzir para a realisacão do fim proposto. E é porque anda mal comprehendido este respeito da theoria realista pelo elemento subjectivo da arte e pela liberdade de espirito do artista, que ella tem sido tão calumniada e tem padecido que em seu nome se decretem regras absurdas e se estabeleçam doutrinas falsas, que urge desmentir e abandonar.

Mas ainda não tinha sido justicada entre nós,—e observe-se que as minhas observações não transpõem as fronteiras,—a moda de copiar servilmente a natureza inanimada, e já apparecia outra supposta applicação do *realismo* a provocar novos e porventura mais clamorosos protestos, e a attrahir as coleras e os merecidos des-

dens do tradicional lyrismo, que vive e ainda domina, mercê das demasias da reacção, que ha de acabar por vencel-o, natal-o e dar-lhe sepultura honrada entre o arcebispo Turpin e qualquer Egas Moniz dançeiro.

Assim como se havia imposto ás faculdades artisticas a missão orgulhosa de corrigir e aformosear a natureza, e se reputára indignas de contemplação e reprodução as realidades, que se não ajustavam aos moldes convencionaes do bello; assim a reacção contra esta falsa esthetica, desvairando-se nas horas de combater, chegou a inculcar á arte como seu exclusivo objecto os aspectos da natureza que ella até então degradára, rehabilitou e consagrou o feio, o vil e o grotesco, e alcunhou de *realistas* as expressões de uma concepção mysanthropica do mundo physico e do mundo moral.

Esta curiosa aberração observa-se na litteratura como na plastica, e seria fácil determinar-lhe as relações proximas com os movimentos sociaes do nosso tempo. A satyra mordaz e descrida, substituindo o idyllio e a ode perennes, apagou a luz no ceu e a virtude na alma. Esfolharam-se as arvores; enxurdaram-se as aguas; o esqueleto granitico da terra rompen o humus verdejante; enpardeceu o annil dos horiscentes; os campos, d'antes inevitavelmente esmaltados de flores, vestiram-se de tojos; degradaram-se as fórmãs e desmaiaram as côres. E a arte converteu-se em caricatura da natureza, porque nada mais é a caricatura do que esta selecção e exaggeração, n'um todo, das suas fórmãs e das suas phases grotescas ou feias, que constitue a essencia do realismo *satanisado*.

Isto na plastica.

Na litteratura oppoz-se ao ideal lyrico a concreção do mal. Os revolucionarios aspiraram á critica, assignaram pazes com a sciencia, escalpelaram o homem e a sociedade, mas subordinaram a logica das suas synteses a um preconceito, que as falsifica, que talvez se imponha a alguns espiritos como revelação dos seus caracteres, e que se fosse applicado por um astronomo ao exame do disco solar, só lhe deixaria ver as suas manchas. Os seus romancistas, os seus poetas, os seus dramaturgos, exploram unicamente os baixios sociaes e os tenebraes do coração humano, e, generalisando andaciosamente as suas observações particularissimas, sentenciam:—a sociedade é isto e é sempre lodo, onde se enroscam as perolas; isto é o homem e é sempre o barro adamitico, sem o sopro de Jehovah!

E os pseudo-realistas, que mais accram vistas de philosophos para devassar os reconditos do mundo moral, assimilham-se, obcecados pelo preconceito de escola, a esse maniaco celebre que repellia uma esposa bellissima, porque só lhe via no corpo a nudez do esqueleto por baixo das fórmãs redondas e macias; o tecido sangrento dos musculos, a rede das veias e os filamentos nervosos por baixo da entis rosada e sedosa.

Ora, nem na litteratura nem nas artes plasticas, uma theoria de esthetica, que se define pelos caracteres que elementarmente esbocei, póde ser prezada como phenomeno mais grave e duradouro do que as aberrações de um movimento revolucionario, que, quando muito, poderão corresponder a um estado social transitorio e decadente. O espirito humano passa quasi sempre pelo absurdo, mas sem presistir n'elle, para chegar á verdade; e todas as revoluções, enquanto pelejam, exageram, até os desvirtuar, os principios que vem a estabelecer definitivamente. Assim como o socialismo, militante e no estado de formação incompleta, accende as communas de París, a arte forcejando por acabar de partir o auctoritarismo classico e por normalisar a liberdade romantica,

luta, e no tumulto da luta extravia-se, resvala para o satanism, e abraça-se a quantos paradoxos lhe podem servir, não de leis, que não as procura ainda, mas de armas de guerra.

Todavia, ha tantas idéas justas e que hão de inscrever-se nos codigos, n'esse socialismo, que observamos degenerado em crime ou descambado na utopia, como ha no realismo falsificado principios e forças de uma regeneração artistica; e mal iria á critica se imitasse o mineiro ignorante, que arroja de si o oiro por vel-o incrustado em desprezível ganga, em vez de o lavar e depurar. Até os deploraveis e bem conhecidos abusos, que aqui registrei, nada mais são do que interpretações falsas e applicações viciosas de principios verdadeiros e fecundos. Os preceitos que, tendo degenerado n'uma especie de casuistica, iam reduzindo a arte a um processo de copia fidelissima, e se exemplificaram pelo triumpho do *bodegone* e pelo desamparo da pintura historica, deviam deter as suas applicações no ponto de impôr ao artista o estudo consciencioso da natureza, e de lhe prohibir remodelar phantasiosamente as suas fórmãs e revogar arbitrariamente as suas leis.

E a pratica, que está prescrevendo como unico objectivo á arte a reprodução de determinados aspectos do mundo physico e moral, e que na paisagem propende para limitar os dominios de Neptuno ao pantano miasmatico e as floras ao pinheiral verde-negro; passou, inconscientemente, partida das escolas antigas, por onde devêra estabelecer-se: pela theoria que restitue á alçada das faculdades artisticas a natureza em todas as suas manifestações, em todos os seus caracteres, em todas as suas phases, em todas as suas modalidades infinitas, sem dependencia de conformidade com typos e canons prefixos, e como a encara e comprehende o espirito individual.

A. ENNES.

O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

Ainda Concou Peter não havia dito as ultimas palavras, quando se sentiu á porta da casa um grande tumulto. Olharam todos uns para os outros admirados: ninguém podia dizer qual fosse a causa de um tal ruido.

Ora succedia que a velha Margredel, a mulher paralytica do tecelão Nickel Schauler, ouvira fallar dos milagres do illustre philosopho, e queria que elle a curasse.

Traziam-n'a pois quatro pessoas na cadeira de braços, que não largava havia dois annos.

O povo rodeava-a gritando:

—Animo, Margredel, animo!

E Margredel sorria com melancolia porque tinha fé no propheta, e sentia já em si como que um acordar da vida.

Quando ella chegou defronte da estalagem das *Tres Rosas*, a tia Jacob abriu a porta da rua e depois a da sala de jantar.

Viu-se então a pobre Margredel, pallida e descar-

nada como a doença a fizera, erguendo as mãos supplicantes e gritando:

—Salve-me, sr. propheta, digno-se lançar um olhar sobre esta sua humilde serva.

E a gente enchia a casa de entrada, as janellas, e chegava até á sala, repetindo estas palavras no meio da maior confusão.

Quando Coucou Peter viu isto sentiu vontade de safar-se, porque não tinha a menor confiança nos milagres da sua doutrina, tendo ao mesmo tempo toda a certeza de que o lapidariam de companhia com o seu illustre mestre, se este não curasse a paralytica.

Mas o illustre philosopho, sem duvidar um momento sequer, confiando na sua missão, pensou que o Ser dos seres lhe enviava aquella desgraçada afim de que elle podesse dar ao universo uma brilhante prova das verdades anthropo-zoologicas. Assim compenetrado d'esta idéa, ergueu-se e caminhou para Margredel, que o olhava espantada.

O povo afastou-se diante d'elle. Frantz chegou até defronte da paralytica, olhou-a com uma grande suavidade, e disse-lhe em meio do mais profundo silencio:

—Mulher, confias tu no Ser dos seres, e na sua infinita bondade?

E Margredel, erguendo os olhos ao ceu, respondeu com uma voz fraca:

—Ó meu Deus, meu Deus! Vós que lêdes nas almas, sabeis se eu tenho fé!

—Pois a fé te salvou, disse Matheus com firmeza. Levanta-te, que estás curada.

A estas palavras, saídas do intimo d'alma, todos estremeceram.

Margredel sentiu uma força extraordinaria pereor-rer-lhe os membros, fez um esforço e levantou-se; depois, caindo de joelhos diante de Matheus, começou a chorar.

—Estou salva, dizia ella, estou salva!

Era um tocante espectáculo o vêr aquella pobre mulher de joelhos aos pés d'este homem, que lhe sorria com bondade, e que a ergueu e beijou nas faces emnegrecidas, dizendo-lhe:

—Está bom, está bom, volta para casa.

E a boa mulher saiu, dizendo:

—Meus filhos, meus pobres filhos, nunca mais vos serei pesada!

Então Frantz, voltando-se para os assistentes, disse serenamente:

—Foi a vontade de Deus! Quem ousará negar o poder de Deus?

E estas palavras encheram de admiração toda a gente.

O proprio Coucou Peter estava por tal fórma pasmado por tudo que vira e ouvira, que não podia mecher-se da sua cadeira, e apenas murmurava com voz tremula:

—Mestre, mestre, eu nem sou digno de desatar os cordões dos seus sapatos! O mestre é um grande propheta, um verdadeiro propheta! Tenha dó do seu pobre discípulo, do pobre Coucou Peter, ente sensual e cheio de defeitos que se atreveu a duvidar.

Mas o anabaptista não estava convencido. Rasgava o fato quando saiu da sala, bradando:

—E n'esse tempo apparecerão falsos prophetas, que farão grandes prodigios e coisas espantosas, a ponto de seduzirem os proprios eleitos.

Mas ninguem lhe dava ouvidos, e eram innumeros os louvores a Frantz, pelos prodigios que praticára.

XIV

Foi assim que o illustre doutor Matheus, conhecendo o poder da vontade, mostrou a grandeza do Ser dos seres.

Margredel ia caminho da sua casa, e o povo ia atraz d'ella, espalhando por Hasbach a nova do milagre.

Os visinhos e os que a haviam visto antes, sentada á porta, diziam:

—Querem vêr que é a Margredel, a paralytica que estava sempre sentada na soleira da porta aquecendo-se ao sol!

Uns respondiam:

—É, é!

Outros diziam:

—Qual! é alguém que parece com ella.

Mas ella bradava de longe:

—Sou eu, sou. Foi o propheta que me curou!

E corriam de toda a parte á estalagem das *Tres Rosas*, abandonando a festa e a egreja, para verem e ouvirem o propheta.

Frantz Matheus, de pé, a uma das janellas da sala da estalagem, contemplava este espectáculo com uma ineffável felicidade.

—Ó grande Demiurgos, eu te agradeço o teres-me deixado viver até este dia. Póde agora morrer Frantz Matheus, porque já viu o triumpho da anthropo-zoologia.

No entretanto o anabaptista Pelsly dirigia-se a casa do *maire* de Hasbach a fim de denunciar o illustre philosopho.

O *maire*, Jorge Bremer, estava jantando com os seus amigos, e celebrava o dia da festa com um alegre banquete.

O anabaptista contou com socego e verdade as coisas prodigiosas que acabavam de se passar.

—Estes homens, disse elle, tendo conhecido Deus, não o glorificaram como Deus e não lhe renderam graças. Assim se desvairaram em seus vãos raciocinios e os seus corações insensatos se cobriram de trevas. Enlunqueceram e chamaram-se sabios, e a honra que só é devida ao Deus incorruptivel transferiram-n'a para a imagem d'um homem corrupto e para as figuras de animaes, de quadrupedes e de reptis. É por isso que Deus os entregou aos desejos dos seus corações, aos vicios da impureza, de modo que, mergulhados n'elles, deshonraram o seu proprio corpo, tendo antes collocado a mentira no logar da verdade de Deus e rendendo á creatura a adoração e o culto soberano, que é só devido ao creador abençoado de todos os seculos.

Assim fallou Pelsly, o anabaptista, e o *maire*, batendo na mesa, exclamou:

—Que me diz, homem? Isso é lá possivel?

—Venha comigo e verá, disse o anabaptista.

E o *maire* levantou-se encolerisado e deixou á mesa a mulher, os filhos e os amigos. Desde que voltára da proeissão não pudéra ainda gozar de um momento de repouso, e já a esse tempo lhe tinham fallado do milagre feito na cozinha da tia Jacob.

Quando chegaram á rua de Tonnelet-Rouge custou-lhes a romper a multidão do povo, que gritava:

—Gloria! Honra seja ao propheta!

E via-se ao longe o illustre philosopho á janella, rodeado por Coucou Peter, pelo corpulento Hans Aden e por todos os convivas, a arengar ao povo com eloquencia.

O sr. *maire* conseguia por fim abrir caminho, e Coucou Peter viu-o de repente subir a escada da estalagem.

Frantz fallava ainda quando o *maire* entrou na sala, e quando o anabaptista, designando com a mão o illustre doutor, o accusava n'estes termos:

—Como é ao sr. *maire* que devemos a mais completa paz, e como já á sua sabia providencia devemos muitas disposições salutaras, accusamos-lhe este homem de ser o chefe de uma seita sediciosa, de introduzir a sisanía e a perturbação n'esta cidade, de ensinar falsas doutrinas e de fazer milagres.

Frantz Mathens, ouvindo esta accusação proferida em voz alta e solemne, voltou-se e ficou assustado ao ver o *maire* revestido com a sua banda.

—Quem lhe deu licença para fazer milagres e para prégar em publico? Perguntou o *maire*.

A principio o illustre philosopho não soube o que responder; mas depois de alguns momentos, voltando a si, disse com a mais profunda indignação:

—Desde quando são precisas licenças para ensinar a verdade? Oh! Horriavel profanação, digna dos mais rigorosos castigos, bem como da execração dos seculos! Pythagoras, Socrates, Platão, e tantos outros, precisavam acaso de licença para ensinar as suas doutrinas? Não andavam elles seguidos pelos seus discipulos, rodeados pelo respeito, pela admiração e pelo enthusiasmo dos povos?

O *maire*, estupefacto em vista d'esta longa phrase, olhou durante alguns momentos para o doutor. Por fim disse-lhe:

—Dê graças a Deus por não termos prisão communal, porque havia de o ensinar a fallar com mais respeito a um magistrado revestido das suas insignias. Dou-lhe vinte minutos para sair da cidade; um segundo mais que aqui o apauhe faço-o conduzir por dois gendarmes a Saverne.

Todos estavam pasmados.

Concou Peter voltou-se então para o anabaptista, que sorria com um ar triumphante, e disse-lhe com eloquente desprezo:

—Está escripto: sereis entregues aos magistrados, para que vos ponham a tormentos, e sereis banidos por causa da justiça.

E todos os que presenciaram esta scena, tão indignados como o discipulo de Mathens, teriam, sem a presença do *maire*, esmagado Pelsly.

No entretanto tivera o illustre philosopho tempo de voltar a si, resolvendo mesmo defender-se a todo o custo, porque de contrario pensava, com magoa, que perderia o fructo de tantos esforços e sacrificios.

—Sr. *maire*, disse elle forcejando por parecer sereno e socegado, sr. *maire*, vou-me justificar cheio de confiança na sua justiça, porque sei que governa ha muito tempo já esta provincia, e que lhe é facil conhecer que ha apenas um dia que estou em Hasbach, sem que durante elle este anabaptista me encontrasse nunca discutindo, reunindo o povo, nas egrejas, nos templos ou nas praças publicas. Não poderá assim provar as accusações que me dirige. É certo, e eu mesmo o confesso, que em virtude da philosophia que elle chama sediciosa, sirvo o Deus de Pythagoras, esperando n'elle como este mesmo anabaptista, e conhecendo-o como elle o conhece. Ora eu trabalho para conservar a minha consciencia tranquilla; de modo que como ella me ordena de espalhar a luz por todos os modos, puz-me a caminho, deixando o tecto de

meus paes, abandonando os amigos e tudo que tinha de mais caro no mundo, para cumprir o meu dever. Permitta-me pois o conservar-me ainda um dia n'esta terra: não peço mais para o converter ás verdades anthrop-zoológicas.

—É por isso que vae partir quanto antes. Já lhe não concedo senão dez minutos de demora.

E voltando-se para o anabaptista acerescentou:

—Pelsly, vá buscar os gendarmes.

A estas palavras Frantz Mathens conheceu que começava a predominar no seu animo a natureza de lebre que o formava, e com os olhos rasos d'agua exclamou:

—Sr. *maire*! sr. *maire*! Como a posteridade o não julgará severamente!

E saiu sem que pudesse dizer mais.

Todos durante alguns segundos se sentiram commovidos pelo que acabava de se passar.

Concou Peter lançou olhares desolados sobre a mesa sem saber que fizesse, até que se levanta-



Meu querido Bruno, meu pobre Bruno!

tou bradando com voz forte:

—Verá, sr. *maire*, como a posteridade o ha de julgar severamente!

E, pondo o chapéu á banda, saiu magestosamente atraz do mestre.

Logo que Concou Peter saiu houve um grande alboroto. Jacob Fischer, que era um homem naturalmente avarento de dinheiro, lembrou-se que Concou Peter e Mathens lhe haviam alugado o telheiro e comprado duas medidas de aveia para Bruno; que além d'isso tinham comido a 40 soldos por cabeça, e mandado na sua conta d'elles o jantar de Hans Aden e da sr.^a Thereza.

Correu pois atraz de Concou Peter, gritando:

—Eh! Eh! Espera! Paga antes de to ired!

E todos seguiram o estalajadeiro cheios de curiosidade pelo que se ia passar.

Quando chegaram á escada do pateo, viram Frantz, que saía do telheiro com Bruno pela redea, e Coucou Peter atraz com a sella e a mala, açodado, querendo pôr á pressa osapparelhos no cavallo, porque já presentia que os poderiam reter.

Jacob Fischer lançou um grito de indignação e desceu os degraus a quatro e quatro.

—Não os deixo sair assim. Ao menos o cavallo responde-me pelo dinheiro.

E lançou-se fulo sobre o cavallo, enquanto que Coucou Peter, empurrando-o com força, tiron de detraz da porta da cocheira um grande pau.

—Para traz, olá! Não tenho nada consigo.

No entretanto Jacob Fischer pendurava-se nas redeas do cavallo, e Matheus dizia mansamente:

—Vamos, meu caro discipulo, põe o pau no seu logar, larga esse pau.

A principio Coucou Peter não queria obedecer, mas quando viu muita gente juntar-se em volta, lembrou-se das lições psychologicas de Oberbronn.

Estavam a esse tempo completamente rodeados pelo povo.

Cada qual contava ó caso a seu modo, e Matheus sentia-se profundamente commovido ao ouvir todos esses gritos, todas essas palavras, todas essas explicações, porque se havia quem o louvasse, tambem havia quem o accusasse de querer partir sem pagar.

Estavam ali Jacob Fischer e sua mulher, Orchel e Katel, Hans Aden e a sr.^a Thereza, Kasper Siebel, filho de Ludovig, Silhel o ferreiro, Passauf o guarda com o seu chapu grande de gendarne, o anabaptista Pelsly e o *maire* com a sua banda tricolor. Toda esta gente fazia um grande ruido.

Por fim, por ordem do *maire*, todos se calaram, e Jacob Fischer disse de que se tratava:

—Esta gente deve-me o aluguer do telheiro, deve mais quatro jantares a 40 soldos cada um, e duas medidas de avcia. Tudo isto somma doze francos. Querem ir-se embora: mas d'onde são? Ignoro-o. Coucou Peter nunca tem de seu um soldo. Exijo por consequencia que me deixo de penhor este cavallo.

Matheus respondeu:

—Em todos os tempos poderam os prophetas comer e beber, dando por isso os que os hospedavam louvores á Providencia, e, quando alguem lhes fechava a porta, sacudiam elles o pó das suas botas e iam para outro

sítio. Ora eu digo que são bem para lastimar esses homens duros, para os quaes seria melhor não haverem nascido do que estarem a affligir as nossas vistas com o espectaculo das suas iniquidades.

Apezar d'estas eloquentes palavras, o *maire* e Jacob Fischer não pareciam estar convencidos. O estalajadeiro então começou a ler a sua lista:

—Tanto de despeza do cavallo, tanto de despeza do sr. philosopho e do seu discipulo, tanto de despeza dos convidados, somma: doze francos.

Então o *maire*, vendo que o tumulto augmentava, disse:

—Jacob, fica tu com o cavallo de penhor. Que partam a pé.

Então o estalajadeiro puxou as redeas das mãos de Matheus, de modo que este, quasi caindo, se abraçou ao pescoço de Bruno soluçando como uma creança.

—Meu querido Bruno! Meu pobre Bruno! dizia elle, querem separar-nos... Tu tens sido o meu unico amigo. Não sejam maus e crueis connosco! Meu pobre Bruno, que vae ser de ti, longe do teu companheiro? Vaes talvez ser maltratado, sem terem nenhuma attenção para com os teus longos serviços.

E caíam as lagrimas dos olhos d'aquelle velho cheio de cãs, de modo que as suas palavras commoveram todos os assistentes.

—É realmente uma crueldade tirar o cavallo a este pobre velho. Coitado, elle não é mau homem... vejam como chora. Só quem tem bom coração é que pôde gostar assim dos animaes.

E muitas mulheres que tinham vindo como as outras com os filhos ao collo, retiravam-se por não poderem ver uma scena assim.

Coucou Peter, atraz de Bruno, inclinava a cabeça com ar triste. Pensava que era elle só a causa de tudo, e sentia as lagrimas correrem-lhe pelas faces córadas.

—A sr.^a Thereza tambem chorava, e como todos se conservavam em volta para que o estalajadeiro não pudesse levar o cavallo, conseguiu ella chegar-se a Coucou Peter e metter-lhe na mão trinta francos sem que ninguem percebesse.

—Accete isto como lembrança minha, sr. Coucou Peter.

Então Coucou Peter mettu os trinta francos na algibeira do collete, soluçando cada vez mais; depois, passados momentos, levantou a cabeça e disse:

—Ora, tio Jacob, eu não o julgava capaz d'isto.



No meio do bosque este acampamento fazia um effeito admiravel

Sempre pensei que fiaria a homens de bem... mas uma vez que assim não é, tome... aqui tem o seu dinheiro; e agora largue depressa o cavallo, se quer a cabeça inteira.

Tinha elle a esse tempo tirado outra vez detraz da porta o seu grande pau, e era desejo de todos que elle derreasse aquelle miseravel estalajadeiro.

Concou Peter pagou tambem a Hans Aden, lançando á sr.^a Thereza um olhar tão suave que a commoveu até ao fundo da alma; beijou depois a creança que ella tinha ao collo, e disse:

—A caminho, mestre, vamos. Os homens são uns miseraveis. Matheus poz-se a cavallo. Concou Peter abriu a porta que dava para fóra da cidade, e o *maitre* não socogou senão depois de os ter visto desaparecer além das portas.

(Continúa).

B.

OS POETAS



ODAS as épocas em Portugal têm uma raivinha de predilecção, argumento sem replica, *ultima ratio*, contra a qual não ha que dizer, porque é ao mesmo tempo absurda e victoriosa. Tem sempre sido assim na politica, na arte, e nas letras. Houve tempo em que a injuria suprema, com que os cortezaes do poder fechavam a bôca a todas as objecções, era ser republicano; depois foi acoiado do retrogrado, de repente, sem se saber

porque todo o pobre homem que continuou a ser como era, a viver como vivia, a pensar como pensava; os operarios, que estão agora outra vez na voga pelas *grèves*, estiveram por um momento em moda pelas associações e pelos jornaes; a mocidade partiu com a mania dominante da economia politica, e foi dar consigo na politica sem economia; chamou-se a isso o progresso: d'alli a pouco, como se um furacão nos tivesse voltado, já não embirravamos senão com os progressistas; as comedias, os jornaes, a rua, tudo mettia o progresso á bulha; dizia-se de qualquer coisa ridicula, prejudicial, ou futil: —«É o progresso!»—; foi-se embirrando successivamente com uns poucos de grupos: um homem andava pelo seu pé, ou parava, ou punha o chapéu, ou tirava-o, ou respirava, ou tossia, era *cabralista*; o homem depois tossia, ou respirava, ou punha o chapéu, ou tirava-o, ou parava, ou ia andando, era *pé fresco*, era *lazarista*, era *unha-negra*, era *possidonio*, ou, peor do que tudo, era *litterato*:—actualmente se o homem é *poeta*, isso já não é só o cumulo da malvadez, é a aberração da rusticidade de matuto.

De que provém isto?

Que não se faça caso d'elles depois de morrerem, já estava estabelecido entre nós ha muito tempo; se lhes quizermos visitar os tumulos, communicar com elles atravez do tempo e do espaço, inspirar-nos pelo seu coração e erguer a nossa fraqueza á altura da sua virilidade, não

sabemos a que porta ir bater. A França tem o Pantheon; a Inglaterra tem a abbadia gothica de Westminster, onde estão reunidos com os soberanos, partilhando com elles das honras e poderio da celebridade, os homens que deram lustre á patria pelo seu talento, e que dormem alli, no silencio dos mortos, cereados do respeito dos vivos; a Italia tem Santa Croce, que conserva em tumulos de marmore, no centro das maravilhas artisticas dos seculos, a memoria dos que foram illustres; mas nós não chegamos sequer a saber onde os nossos nasceram, nem morreram: os antigos, nem pensamos n'isso; dos mais recentes tambem não queremos saber, esquecemos-os e vamos-lhe pisando as cinzas; estão por ali algures, espalhados pelas igrejas, pelos cemiterios, em Lisboa, nas provinciaes, no estrangeiro, esquecidos na confusão dos campos ou no tumulto das hervas e das sarças.

É talvez bem entendido assim: morreram, morreram; vamos a outros. Mas o peor é que, pelos modos, não queremos outros e parece que não se nos daria de matar os que estão vivos! Que as senhoras não gostavam muito d'elles, isso já se sabia; um ou outro dizia o contrario, mas era basofia: os homens, porém, tomaram-lhe quisiuha de repente,—isto é que é singular!

É triste de referir, bem sei, é muito triste de referir que elles em todos os tempos hajam feito poucas conquistas, mas a verdade exige que o digamos; é notorio que nos versos apregoam o contrario,—porém para disfarçar os *fascos* provavelmente.

Canções, apesar de dizer na canção v:

De amor escrevo, de amor trato e vivo

escreveu bem, tratou mal, e viveu peor; grandioso, idealista, namorou-se de Catharina, ficou sem um olho por causa d'ella—pois que por causa d'ella foi desterrado, por causa d'ella embarcou para Africa, por causa d'ella combateu em Ceuta onde o perdeu: namorou-se da patria como se visse n'ella uma amante, a patria principiou por lhe dar 15\$000 réis por anno depois d'elle ir lèr ao paço *Os Lusíadas*, e acabou por não lhe pagar a fença, deixando-o morrer á fome, se o Jáó, que nem era a patria nem era mulher, não fosse para o Pote das Almas pedir esmola para elle.

O que foi Beatriz para o Dante? Uma raparigota despreocupada, meio ventoinha, que lhe tomava as declarações por doidices, e ria a bandeiras despregadas,—diz a historia que com o pretexto de o considerar moço de mais para ella. Casou com outro quando bem lhe pareceu, esqueceu o vate que tão magnificamente ficou a lembrar-se d'ella, e poz em vida n'un inferno o coração do poeta, que, por unica vingança, quando ella morreu a levou para o paraíso nas suas divinas rimas!

São tão notorios os rigores de Laura para com Petrarcha, o *casto* Petrarcha, como os sonetos em que o poeta suspira e anda os ais sem cuidar de outra coisa senão d'essa paixão, como o abbade Serra, paixão unica na sua existencia, que tão mal paga foi, e nunca lhe serviu senão para andar n'essa eterna pasmaceira!

O namoro de Torquato Tasso com Leonor não foi mais feliz nem mais acertado e bem accedido do que o do Ovidio; alcançou-lhe só o cair das boas graças do duque de Ferrara, e dar occasião ao poeta de compôr a tal respeito um soneto em que se compara a Icaro, que expirou victima... de uma mania arriscada!

Milton foi desastradissimo nos affectos; uma verdadeira lastima; nem sequer conseguiu que a mulher gostasse d'elle:—mais ainda, não conseguiu sequer que ella fingisse. Diz-se que era senhora insupportavel de genio:

e até me persuado, que para se vingar do sexo que o amofinára é que elle cantou as culpas de Eva e o mal que d'ahi proveio.

Bernardim Ribeiro fez sempre triste figura: o monologo da donzella na *Menina e moça* diz assim fallando do livro d'elle:—«Para uma só pessoa podia elle ser, mas d'esta não soube eu mais parte d'elle, pois que as suas desditas e as minhas o levaram para longas terras estranhas, onde bem sei eu que, vivo ou morto, o possue a terra sem prazer nenhum.» Historia! Poderia não ter prazer nenhum, e tanto peor para elle, mas o caso é que era voz geral haver-lhe a princeza voltado a cara, quando elle lhe appareceu estropiado da larga peregrinação que emprendera por amor d'ella.

E o Chatterton? Na tragedia unicamente é que apparece Katty Bell, cobrindo com a sua dedicação como se fôra com um veo branco, os ultimos momentos do poeta; na historia o caso é outro, Chatterton morreu sózinho, esquecido, abandonado, em casa de uma hospedeira velha que o conservára por ter dó d'elle; encontrou-se-lhe em cima da mesa, em vez de um retrato, uma madeixa de cabellos loiros e cartas de uma mulher, —um copo sujo de não sei que heberagem que levava arsenico!

O que não se tem fallado das amantes de Byron, applicando ao poeta a balda de se personificar em todos os heroes dos seus poemas; todavia o que faz desconfiar que elle não haja sido tão grande conquistador como parece, é vel-o a gente voltar de vez em quando humilde e supplicante para junto de sua mulher, ingreza secca e estica, á qual um homem da tempera e do orgulho d'elle, haveria renunciado por uma vez se tivesse encontrado na vida alguma das sublimes creaturas que descreve. Aquelle eterno volver a lady Byron parece desmentir as Eloydnes, as Annas, as Jennys, as Marias, que por este mundo de Christo com tanta liberalidade se lhe tem attribuido, e que elle proprio de alguma maneira pareceu negar não deixando a Fletcher recados, por sua morte, senão para a filha, para a irmã, e para a mulher!

Boeage não atirou comsigo a um desregramento de costumes tão escandaloso, senão por não encontrar alguns amores que o consolassem. Foi como aquelles viandantes, que, por terem sede e não encontrarem fonte limpida, vão beber aos charcos. Não foi talvez a libertinagem de muitas de suas poesias, mais que uma desforra: Gertruria preferira-lhe um bacharel!

No nosso tempo o caso muda um pouco, porque já não ha poetas entre nós que façam vida d'isso, —ou morte d'isso. O poeta errante, de cotovellos rôtos, mendigando o pão de porta em porta, ou fazendo um soneto para apanhar um jantar, desapareceu felizmente nos nossos dias. Quem sabe se é d'ahi que vem o mal? Não porque a gente lhes tome aversão agora de os vêr felizes nas conquistas, —mas porque, se as senhoras principiam a estimal-os e se as formosas não são já para elles como os cachos de uva em pintura que os passaros iam debicar no quadro antigo, —se já devéras as encontram na vida, em vez de ficarem sempre de aza estendida, labios sequiosos e coração ávido, sem as possuir senão em imagem, isso é talvez o que lhes faz bem como homens e o que lhes póde fazer mal como poetas...

Que maganões! De papinho cheio, e a affectarem de tristes! Gemem sem lhes doer nada. Diz-se ás vezes nos necrologios que este ou aquelle tivera animo de soffrer sem se queixar; a elles, ao contrario, em nos deixando, poderá gravar-se-lhes no mausoleu o seguinte epitaphio:

AQUI JAZ

FULANO POETA

MARTYR QUE SE QUEIXOU SEM SOFFRER

É arriscado. Os poetas em tendo amores que lhes corram bem, perdem a voz; são como os rouxinocs, em achando a feneça!

JULIO CESAR MACHADO.



RECORDAÇÕES DE UM SONHO

Senhora, consinto ainda
Em abrir mais uma chaga
No coração — recordando
Aquella hora aziaga
Em que o derradeiro adeus
Te disse, a cara voltando
A outros climas, á outros ceus,
Para que o pranto não visses.
Embaciare os olhos meus.

Que não te amava, disseste,
Pondo os olhos lacrimosos
No azul da esphera celeste.
Ai! momentos deliciosos
Para ti e para mim,
Aos quaes tão cedo pozeste
Tão amargurado fim!

Se te amei! inda o duvidas!
Pódes duvidar, embora,
Mas tens de dar-me a razão
Do pranto que orvallia agora
Tantas esperanças perdidas,
Perdidas n'uma só hora,
Como um sonho, sonho vão.

Por ti desvelei as noites.
Eneurtei por ti os dias:
Se de longe me sorrias,
Lá corria por buscar-te;
Até quando me mentias,
Teimava em acreditar-te;
Agora vou procurar-te,
Mas é em vão que procuro...
Ai! visão do meu futuro,
Desesperei de encontrar-te!

E dizes que não te amei!
Estás zombando, infeliz.
Só eu ao certo é que sei
Com que amor sempre te quiz.

As horas mais encantadas
 Junto de ti as passava,
 Conversando em lindos nadas
 Que o teu rosto me inspirava.
 Ai! noites abençoadas,
 Horas de amor e segredo,
 Quem então imaginava
 Que vos iríeis tão cedo!

Formoso sonho foi esse!
 Hoje que d'elle acordei,
 Ainda pasmo, scismando
 No muito que eu te amei!
 A alma ainda me estremece
 Não sei de que estranho horror!
 Será de remorso, ou pena?
 Estragos d'aquelle amor!...

Tu que nunca amaste tanto,
 Porque a *coquette* não ama;
 Mas que viste o largo pranto
 Em que eu affogava a chamma
 D'esse amor tão malfadado,
 Bem sabias em que estado
 Trazias meu coração!
 Ai! minha cabeça louca!
 Quem me adivinhára então
 Que o meu sonho mais doirado
 Mentia por tua bôca!

Tudo lá vae, é verdade;
 Mas inda me apraz agora
 Recordar os bellos tempos
 Em que eu te amava, senhora.
 Se calava, parecia-me
 Vergonha não provocar
 Os sons doces, melodiosos,
 Que a tua voz sabe soltar:
 Se te fallava, tremia-me
 A voz nos labios medrosos;
 Se alguns versos suspirosos
 Te balbuciava a medo,
 Já eu pensava que n'elles
 Se descobria o segredo
 Que n'alma andava escondido!
 Ai! tempo tão mal perdido!

E as dores por que passava?
 E os tormentosos instantes,
 Se o teu olhar me fitava
 Com menos amor que d'antes?
 Se triste, já eu pensava
 Ser causa da tua dor;
 Se alegre, já eu cuidava
 Que brincavas com o amor;
 Se sorrias para outro,
 « Já não é minha » dizia;
 Se não sorrias « Disfarece,—
 Quer illudir-me algum dia »
 E assim passava o meu tempo
 Sem conhecer alegria.

Ai! quantas vezes me viste,
 Pallido o rosto, tristonho,
 Como que absorto n'um sonho,
 Que de ordinario era triste
 Como a tristeza que eu tinha!
 Ai! quantas vezes não vinha

Teu olhar meigo, risonho,
 Surprehender-me nos olhos
 Uma lagrima furtiva,
 Que é o balsamo dos tristes
 Que trazem a alma captiva!

E tudo se foi agora
 Que morri aos olhos teus!
 Quando as vistas ergo aos ceus
 E te procuro, senhora,
 Atravez d'esses espaços,
 Mal sabes tu que inda estendo
 Para ti meus frouxos braços;
 E cuidando que inda aperto
 Tua seductora imagem,
 Aperto... mas só encontro
 A sombra, o vacuo, a miragem!
 Ai! derradeira illusão,
 Atravez dos olhos baços
 Vejo fugir-te, deixando
 Em ruínas meu coração!

E dizes que não te amava,
 Quando posto de joelhos
 A chorar te supplicava
 Que de mim tivesses dó!
 Já d'isso te não recordas?
 Lembro-t'ó eu:

Triste e só,
 Quasi de um abysmo ás bordas,
 Mas preso, suspenso ali
 Pelo demonio ou por Deus,
 (Que eu não sei quem me prendia
 A altura dos olhos teus)
 Vê se te lembras, disseste-me
 Com tal voz, qual nunca ouvi:
 « Ai! se eu te perder a ti,
 Quem me ha de valer a mim? »
 Estavas sonhando, e assim
 Quando o teu sonho acabou,
 Nunca mais te recordaste
 Do que em sonhos se passou!

Tiveste razão, senhora.
 Do que te serve um amor
 Que nos mercados d'agora
 Não tem aquelle valor
 Que já mereceu outr'ora,
 No tempo que chamam rude,
 Por não vender a patacos
 O coração e a virtude?

Tiveste razão, tiveste;
 Viva o progresso e o dinheiro!
 Agora um leve pedido
 E seja este o derradeiro:
 Se alguma vez em tua vida
 Te lembrares de que vivo
 Saudoso d'aquelles tempos
 Em que andei por ti captivo,
 Dó não te peço das penas
 Que voluntario tomei,
 Peço-te, sim, que não digas
 Que soffro porque te amei.

Teria vergonha eterna,
 Pezar immenso e profundo,
 Se alguém soubesse no mundo



M HONDEKOETER pinx!

W FRENCH sc

AVES DOMESTICAS.



Editores Rolland & Semiond Lisboa



Que as tuas azas, borboleta,
Fugindo do amor á chamma,
Sacudiram a sna lama
No meu orgulho de poeta!

Se teimoso o pranto vier
De quando em quando orvalhar
Esperanças que eu tiver
De algum dia recordar
Os tempos que já lá vão,
Se o não puder estancar
Nos meandros do coração,
Hei de com elle apagar
As letras d'esta escriptura,
De fórma que ninguem possa
Ao pé do meu encontrar
O nome de uma prejura!

J. SIMÕES DIAS.

UMA LEITURA NA OFFICINA



LE é ferrador, ao que parece.

Ferra e lê, pela mesma força de razão com que muitos lêem e até escrevem, devendo ser pacientes no sobredito officio.

Levantou-se cedo, por ante-manhã, quando as cotovias são as unicas a chalar ao longo dos parreiros orvalhados.

A forja ainda não está accesa, a luz entra frouxamente pela janella, aluminiando os tornos, as tenazes e os malhos.

Que se ha fazer para sacudir as ultimas nuvens do somno? Ha alli um rapazinho que virá a ser um homem, e um velho calvo, rijo, secco, e que bem sabe que o trabalho avigora o corpo, mas que a leitura sã dos livros é para a alma o que são para o caupo as chuvas de maio.

A creança tem ainda o olhar velado e timido, gostaria talvez mais de saltar os vallados áquella hora, do apanhar algum ninho occulto, do furtar dois lampos na primeira occasião que tivesse, e de cantar e pular como as aves. O mestre, porém, que quer fazer d'elle uma creatura util, e que resmungo sempre que a vadiagem lhe cruza a porta, diverte-o com a leitura matinal, commentando os pontos obscuros do texto com a afoiteza de quem não pódo ser contraditado.

N'esto momento parece que achou elle verruga na pagina. Tem o olho absorto, o dedo fincado no papel, e o labio descahiu-lhe com um geito meditativo. O aprendiz, que ha de ser neto por força, conheceu que alli havia dureza, o que se lhe nota no cruzar das mãos, e n'um certo pendor abstracto. É o periodo em que o velho rumina, e a creança divaga. Elle está alli todo, a escarafunchar n'algun conceito mais dubio; e os onze, os doze annos, que se lho defrontam, estão a lembrar-se de como é tepida a cama, e de como é luzente o sol.

Eis o magnifico quadro de Stammel, bello pelo sentimento da acção, e rico de abundantes accessorios.

Uma leitura na officina — o que vem a dizer, uma especie de ablução antes de começar o sacrificio. Se haviam de estar á porta enquanto enrubecesse o ferro, a dar noticia das leiteiras que passam, das creadas que assomam e dos cães que se espreguiçam por debaixo dos alpendres, preferiram aquella refeição frugal e gostosa.

Quando o livro se fechar, o pedagogo inquirirá do ouvinte o que lhe pareceu aquillo, e arrumado o cartapacio, assestado o alcaraviz ao lume e despachada a bigorna, dar-se-ha principio á lida, — dura lida, — que já não é muito para aquelles cabellos brancos, o que ainda é de mais para aquelles outros loiros.

Parece que está a gente a ouvir a melopeia roufenha do leitor, coando-se por um montão de utensilios. Tudo alli o escuta, o mesmo silencio o admira, — para me servir de uma fórma arrojada de Milton, — pasmado de que a taes horas o despertem, não com o bater cadenciado do martello, mas com a cantilena de uma soporifera narrativa.

Muito bem, mestre, muito bem, que o rapazola ha de crescer, fazer-se um granadeiro de tres covados, casar com a mulheraça mais tronchuda da freguezia onde elle nasceu o onde mora, cercar-se de uma ninhada de diabretes; e então, quando for homem, e tu já dormires o teu ultimo somno debaixo de uma pedra rasa, — os filhos e a mulher hão de vir acompanha-lo, ali mesmo, n'essa officina onde tu tens feito saltitar tantas chispas, e depois, abrindo o *in-folio*, amarellecido dos annos, continuará a ler na paguia em que a morte te firmou um ponto.

E quando recommencarem as obrigações afanosas, é de erer que esso teu neto, esse imberbe, — queimado ao tempo do muito conviver na forja, — diga á prole que lhe ha de estar a namorar um farrancho que são de corrida para os chaparraes da montanha:

«—Assim era eu tambem, quando os pardaes me vinham desafiar do beirado. O avô lia, lia, e toda a minha vontade era estender as pernas por esses valles abaixo, e quem quizesse malhar que malhasse. Bem me fazia elle em me prender como um cachorro á trella, que se não fosse assim andar-me-hia agora sem eira, e vocês, se cá os tivesseis mandado Deus, saberiam que tal é o chão para cama!»

Costuma-se fallar muito da arte pela arte, e eu sei de varios mestres que não crêem n'outra divisa. Quanto a mim tenho-a por inaceitavel. Se um bosquejo, uma estatucta, uma melodia, uma estrophe não servissem para coisa nenhuma boa n'este mundo, se não dulcificassem o intimo, se não levantassem o espirito, se não fizessem crescer a vontade para algum ponto digno o justo, se não despertassem o que quer que seja dentro de nós—Deus occulto e ardente,—n'esse caso, a humanidade devia espedaçar os monumentos erigidos á gloria, e proclamar a eusa dos vinte e quatro como a verdadeira expressão do bello, que é o bem ao mesmo tempo.

Este quadro, cuja gravura se apresenta agora, está per si só a desmentir a affirmativa. Lê-se n'elle um conselho, mas dado com a fascinadora eloquencia do talento: convem que o livro não seja um mytho para a officina.

Eis ahi está uma cousa que o pintor diz na tela, que o poeta esculpe nos seus marmores, — que a arte assevera, como ha não sei quantos mil annos anda a asseverar e a prégar o evangelho das nações; e ahi tem que isto, — que ainda não é nenhuma realidade de *boulevard*, almiscarada e conspurcada simultaneamente, — vale muito e muito mais que a botina do mostrador ou que os perfumes de João Farina.

Eu sei que as *Tres graças* de Pradier ainda não resolveram a questão das *grèves* nem tornaram o pão mais barato; o que é de presumir é que tenham feito levantar-se muitos olhos acima dos tortulhos do mundo, e com os olhos muitas almas!

E. A. VIDAL.

AVES DOMESTICAS



'ESTA tristeza das casas da cidade ninguém ha que devanceie um quintalinho de quatro metros, com a sua nesga de céu azul e a sua restea de sol, que o não povô logo na imaginação de aves e de flores. São o jubilo e a poesia do jardim. Haverá utilitarios que não queiram senão perús e conves; haverá poetas lyricos que não devanciêm senão rosas e pombos. Eu, que não sou nem utilitario nem lyrico, prefiro uma grande variedade de flores á vermelha uniformidade das rosas, e as gallinhas, e os gallos, e os frangos, e os patos aos pombos ou aos perús, sem que por isso despreze o Perú com recheio e o pombo com ervilhas.

A poesia tem abusado do pombo por tal fórma, que eu sinto as minhas velleidades de começar a detestal-o. O pombo ia passando a ser um animal pretencioso. A gente imagina-o sempre de fita cõr de rosa ao pescoço, poisado no hombro de uma menina romantica. D'antes era impossivel que um poeta ou um pintor descrevesse ou desenhasse uma pallida donzella entre verdura e flores, sem a collocar em languida posição e dando de comer a um pombo favorito. O pombo já tinha idéas da sua serventia bucolica, e começava a tomar attitudes. Aristocratisava-se entre as aves. Contam-se casos de pombos Renés, e de pombas Adélias com milhafres por Antonys. Os pombos deixavam de ser aves e principiavam a ser trovadores. Havia pombos que tocavam bandolim. Um mais audacioso chegou a perpetrar uma elegia. O pombo, além d'isso, passou de Florian para os românticos. Florian cingira-o de *faveurs roses*, os românticos regaram-n'õ de lagrimas. O pombo a tudo se resignou. É, de mais a mais, como se vê, um animal sem convicções litterarias. Eu estava sinceramente odiando o pombo. Foi necessario o cerco de Paris e uma pagina eloquente de Paulo de Saint-Victor para eu lhe restituir a minha estima.

A arte esteve porém por muitos annos condemnada exclusivamente aos pombos no ramo das aves domesticas. Assim como uma grande porção do dicionario não podia figurar na alta litteratura, assim tambem as gallinhas e os patos estavam excluidos da pintura e da poesia. Houve um poeta que precisou uma vez de fallar em gallinha: fez uma periphrase em quatro versos, mas não proferiu em lingua aristocratica a palavra villã. Alfredo de Vigny, achando-se na necessidade de dizer «camisa» cõron, investiu, e a final não se resolveu. Saiu da difficuldade, como o poeta da gallinha, com uma periphrase. Tratava-se de confessar que a heroína do conto estava em camisa. Eis como a coisa se narrou:

*Dolorida n'a plus que ce voile incertain,
Le premier que revêt le pudique matin,
Et le dernier rempart, que, dans la nuit folâtre,
L'amour ose enlever d'une main idolâtre.*

N'esses bons tempos una canisa e uma gallinha em poesia custavam quatro versos cada uma. Em pintura as gallinhas viam-se ao longe na paisagem, como o povo nas tragedias. O gallo ainda tinha uma entrada em quadros familiares, mas a gallinha era proscripta severamente.

Goethe em poesia e Kaulbach em pintura onsarain rebelar-se contra o preconceito. Uma das mais suaves figuras femininas da galeria do auctor do *Fausto*, Lili, é apresentada pelo poeta no acto de distribuir milho a uma capoeira, que parece a Assembléa Constituinte das aves domesticas, depois de 1789. Os pombos por alli esvoaçam tambem, mas, como o estado da nobreza depois do juramento do Jogo da Pella, não tem lugar á parte, e vêem-se muitas vezes preteridas pelo terceiro-estado dos patos. Veio Kaulbach, o grande pintor bávaro, e com o seu lapis magico reproduziu o quadro ideado por Goethe, e onsou apresentar n'uma estampa Lili, meiga, risonha, formosissima, rodejada do seu «povo esvoaçante», como diz no *Eremitario* um outro rehabilitador dos patos e das gallinhas, o meu amigo e nosso distinctissimo poeta Julio de Castilho.

As gallinhas tem pois direito de cidade na poesia e na arte. É era realmente estranho que se ellas, depennadas, exprimem o entusiasmo e o arrebatamento— a *chair de poule* é o symptoma das grandes commoções, — não exprimissem com pennas senão a prosa villã. Os poetas já não desdenham chamar as gallinhas pelo seu nome, e contar até a sua dedicacão pelos frangos e o seu amor maternal; os pintores occupam-se d'ellas com toda a attenção, e reconheceu-se enfim que não era o fricassé o unico e fatal destino da raça gallinacea. Por isso as *Artes e Letras* entenderam que se não rebaixavam offerecendo aos seus leitores essa magnifica gravura de aves domesticas, a proposito da qual eu deixei vagabundar, contando com a indulgencia dos leitores, a minha incorrigivel penna de folhetinista.

PINHEIRO CHAGAS.

NAVEGAR EM RUINAS

A F. RANGEL DE LIMA



EU caro amigo.—Dar-lhe-hei noticia de uma exploração archeologica, interessante mais pelas estranhas condições do logar explorado, que por descobertas que aproveitem ás artes ou á historia.

Sabe que na margem esquerda do Mondego, em frente de Coimbra, se ergueram outr'ora os conventos de Sant'Anna, de S. Francisco e do Santa Clara. Dos dois primeiros não resta um só vestigio. Nem uma pedra escapou á força destruidora das cheias e á elevação successiva do areal. Do terceiro, mais afastado que os outros do leito do rio, ainda está de pé, a velha igreja muito arruinada.

É um edificio dos principios do seculo XIV. Predomina em todo elle a ogiva. Não a ogiva larga e despro-

porcionada da Sé de Evora, nem tão pouco a de lanceta com a fórma elegante e graciosa que tomou na Batalha e no Carmo, porém a de transição, como é a dos claustros de Alcobaça e de Santo Thyrsó.

Contava apenas dois seculos o mosteiro antigo de Santa Clara e já as inundações do Mondego incommodavam as freiras, fazendo estragos dentro na egreja e arruinando claustros e dormitórios. Quiz el-rei D. Manuel edificar-lhes nova casa, porém não acabou com ellas a que deixassem os logares onde a rainha Santa Izabel, bemfeitora e edificadora do mosteiro, passara em exercicios de devoção os ultimos dias da vida.

Na segunda metade do seculo XVI, tornando-se de todo impossivel celebrar na egreja os officios divinos, mandaram as religiosas construir uma abobada na altura de uns oito ou dez metros do pavimento, e levantar sobre ella novos altares. Tinha a egreja cincoenta e seis metros de comprido e tamanho pé direito, que, apezar de cortado n'uma terça parte, ainda ficou o sufficiente para que a nova obra não parecesse muito defeituosa e acanhada.

Entretanto, pouco tempo aproveitou ás religiosas este expediente, porque, andado um seculo, pouco mais ou menos, se mudaram para o novo mosteiro, onde têm residido e virão a acabar dentro em breves dias.

Desculpe, meu amigo, os preliminares historicos. Importa recorda-los para intelligencia do que me proponho referir.

A parte superior do templo, ou a ultima egreja que tiveram as freiras no mosteiro antigo, serve ha muitos annos de palheiro, celleiro e outras rusticas officinas. A parte inferior está inteiramente sequestrada do restante e dos terrenos adjacentes, por se terem tapado todas as communicações que havia para o lado de fóra.

Examinar estes espaços tenebrosos, buscar os occultos restos da parte inferior da egreja primitiva, hoje subterranea, tal era o fim da exploração.

O meu excellente amigo, o capitão A. de L., director das obras do Mondego, carecia de fazer certos estudos de nivelamento na margem do rio. Importava-lhe, para esse fim, sondar o pavimento da egreja. Por outra parte, amador, como eu, das antiguidades, de bom grado se prestou a juntar aos seus estudos hydraulicos o exame archeologico.

Associaram-se-nos na empreza outros dois amigos illustrados e tambem possuidos do mesmo gosto das antiguidades: o doutor C. e M. O., a quem actualmente pertencem as ruinas do mosteiros e muitos dos terrenos adjacentes.

No sabbado, 12 de outubro, reunimo-nos todos junto da egreja, da parte do sul. Acabavam de desobstruir a ogiva de uma porta lateral, soterrada até ás empostas do arco.

No logar onde estavamos tinha sido o antigo claustro com suas fontes e jardins. D'este formoso retiro, cujos encantos não compensariam a algumas das religiosas os prazeres que tinham deixado com o mundo, não restam outros vestigios mais que os encontros das abobadas na parede meridional da egreja e quasi rentes com o chão. Tanto se ha elevado o terreno pelo decurso dos seculos!

M. O., que não precisa de encarecer os merecimentos da sua bella vivenda com falsas tradições, e que aprecia a verdade acima de tudo, abriu-nos um quintal proximo para nos mostrar o sitio onde fóra assassinada D. Ignez de Castro, a *Fonte dos Amores*¹. Por cima do

¹ Tendo-se levantado o terreno com as inundações annuaes tres ou quatro metros, não julgamos que a primitiva *Fonte dos Amores* es-

tanque, onde corre, vêem-se ainda vestigios de uma pintura que parece ter representado a morte d'aquella dama.

De dois versos que escrevêra por baixo da pintura quem a fizera, restavam sómente estas poucas palavras:

... flores
... amores.
... Est... xxx...

Era o final da estancia CXXXV do canto 3.^o dos *Lusiadas*, remate de um dos mais notaveis episodios do poema.

Naturalmente nos occorreu á memoria toda a estancia:

As nymphas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe pozeram, que ainda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua e o nome amores¹.

Por aquelles mesmos sitios, e muito proximos do mosteiro, eram os paços, onde residia D. Ignez de Castro quando foi assassinada, e que tambem de todo desapareceram. D'esta proximidade e dos versos citados de Camões se deprehende que em seu tempo já aquella fonte se chamava *dos Amores*. Depois, provavelmente, da ficção mythologica do poeta se originaria o nome de *Fonte das Lagrimas* applicado á outra mais distante, onde, por ser a nascente, as nymphas deveriam chorar, para que suas lagrimas viessem correr na *Fonte dos Amores*.

É verdade que muita gente julga ver o sangue da infeliz amante do filho de Affonso IV, milagrosamente conservado nas pedras por onde corre a agua da *Fonte das Lagrimas*. A esses nenhuma razão os despersuadirão de que o assassinio da «linda Ignez» foi onde não póde admittir-se, sem olvidar todas as poucas memorias que os historiadores nos deixaram d'aquelle facto, mais memoravel que memorado.

Quando nos tornámos á porta da egreja, estava já demonstrado por algumas sondagens que dentro d'ella havia um metro ou mais de lodo, e por cima outro metro d'agua clara e limpida. Era um como grande lago subterraneo, onde poderíamos navegar livremente em todas as direcções. A entrada da porta sobrenadava o batel prestes para receber-nos.

Entrando primeiramente, verifiquei que o ar interior não tinha cheiro algum desagradavel. Era, porém, quente e humido. Adverti aos meus companheiros que me parecia não haver perigo em o respirar por algumas horas: entretanto que poderia conter miasmas infectos que, sem darem rebato ao sentido do olfacto, nos causassem trai-

tivesse exactamente no mesmo logar que hoje occupa. Deveria ser mais baixa e talvez para a parte do rio, por serem mais proximos d'elle que o mosteiro, os paços que a rainha D. Isabel comprára ao convento de Sant'Anna.

Na fonte primitiva, como na actual, corria a agua trazida pelo aqueducto, que chamam *Cano dos Amores*, ou por outro que já no seculo XIV tinha o mesmo nome.

¹ Convem advertir que na *Fonte das Lagrimas*, aonde o vulgo refere actualmente a morte de D. Ignez de Castro, se vê esta mesma estancia gravada n'uma lapide. A *Fonte das Lagrimas*, situada no extremo da quinta do mesmo nome, fica a sudoeste e em grande distancia da outra.

çociramente alguma febre paludosa, que nos fizesse arrender da curiosidade que nos impellia para aquelle tenebroso recinto.

Como homens animosos e destemidos que são, riram-se dos miasmas que não viam e entraram todos no batel.

Pelo arco aberto da porta penetrava a luz do sol, doirando a superficie da agua e esclarecendo os espaços mais proximos.

Começámos a navegar mansamente pela nave meridional e em breve nos achámos na escuridão. Accendemos os archotes que levavamos. Os seus clarões avermelhados projectavam-se pelas paredes e abobadas e pelos arcos e pilares em que estas se estribam. Viamos em realidade uma d'aquellas ficções tetricas e espantosas com que Radcliffe outr'ora, e hoje Ponson du Terrail aguçá a curiosidade dos leitores e assusta os mais ingenuos.

—Quem habitará estas sombrias regiões? perguntou um de nós.

Buscámos e não vimos senão dois individuos do genero *limax*, sem conchas, rasteando lentamente na parede humida. Mas, como não estivessemos longe da porta, ficámos em duvida se por ella teriam entrado, procedendo-nos algumas horas.

Pouco depois o doutor C., de todos nós o mais minucioso observador, enxergava uma grossa enguia a erguer-se do lodo e a observar com curiosidade os hospedes que assim lhe devassavam sua tenebrosa habitação. Nenhum outro ser vivo encontrámos nas ruinas da velha igreja.

Chegando ao extremo occidental da nave do meio, vimos uma porta de ogiva demasiadamente estreita para ter sido a principal do templo. Nas igrejas de freiras a porta principal costuma ficar ao lado, por causa do côro.

M. O. recordava com saudade os passeios que dera em Veneza nas gondolas, por entre as ruinas de velhos palacios. Depois, lembrando-se da mythologia, comparou a navegação que faziamos com a do Acheronte.

Não acabava, quando subitamente, junto da porta por onde entráramos, avistámos umas chammas ardentes que nasciam da agua e pareciam envolver algumas pessoas que tinham acendido a observar-nos d'aquelle sitio.

Nenhum de nós tremeu, gritou ou desmaiou. Outros mais timoratos ou assustadiços julgariam que, irritados os manes das freiras, sepultas na igreja, contra quem lhes perturbava o silencio dos tumulos com discursos gentilicos, se vingavam fazendo alli apparecer o proprio inferno.

Mas as pessoas envolvidas pelo fogo não se extorriam nem davam o menor signal de dor. Continuavam a seguir-nos com os olhos, sem, ao menos, fugirem do calor das chammas.

Logo nos occorreu a explicação de tão estranho espectáculo. O fumo dos archotes carregava o ar, como espessa nuvem. A differença de densidade entre o fumo que enchia o espaço superior e as camadas do ar inferior, proximo da agua, causava um bello effeito de miragem, semelhante aos que se observam no Sahara ou nos mares glaciaes. As chammas que observávamos ao longe eram as imagens das que saíam dos nossos archotes.

Continuámos a navegar pela nave central, seguindo para o nascente. No meio da igreja encontrámos uma parede de grandes pedras faceadas, a qual, cortando de lado a lado todas as tres naves, nos impediu de avançar por qualquer d'ellas.

Prolongava-se com esta parede em cada nave uma abobada tambem de cantaria, de tres ou quatro metros de largo e na mesma altura da abobada geral de tijolo, construida para se mudar a igreja para cima d'ella. Era um enigma cuja solução demandava o exame da outra metade do templo, que a parede escondia aos nossos olhos.

Passámos depois á nave septentrional, onde não vimos outra coisa notavel senão uma grande pedra de marmore, quadrangular, branca e lisa, quasi á flor d'agua e junto da nave do meio. A maior parte concordámos em que teria sido um pulpito, hypothese que a exploração da outra metade da igreja mostrou não ter fundamento.

Depois de termos andado uma hora ou mais na igreja abandonada, saímos por onde entráramos. O ar carregado do fumo já não era muito respiravel, estimulava desagradavelmente os olhos e pouco deixava ver, ainda em pequena distancia. Quando respirámos o ar livre e vimos a luz do sol, os pulmões dilataram-se com prazer e um sorriso de satisfação transluziu em todos os rostos.

Assentámos em explorar a parte oriental da igreja na proxima segunda feira, ao meio dia, e em substituir os archotes por lanternas de furta-fogo.

No dia aprazado, 14 de outubro, desobstriu-se a porta do lado do norte, mais alta e larga que a do sul. Era aquella por onde os feis entravam, ha quatro seculos, para dentro da igreja.

Desejando repetir o exame da parte explorada, fui mais cedo, ás nove horas da manhã, antes que mudassem o barco para o outro lado. Os raios do sol penetrando áquella hora obliquamente dentro na igreja, permitiam uma observação mais perfeita. Foi assim que descobri na parede divisoria da igreja uma especie de janella quadrangular, que antecedentemente não víamos, cortada em certa altura pela abobada.

Ás onze horas da manhã estava aberta a porta do norte, e o barco sobre a agua. Entrei só, e, com a luz de uma lanterna, observei aquella parte das ruinas mais importante que a outra.

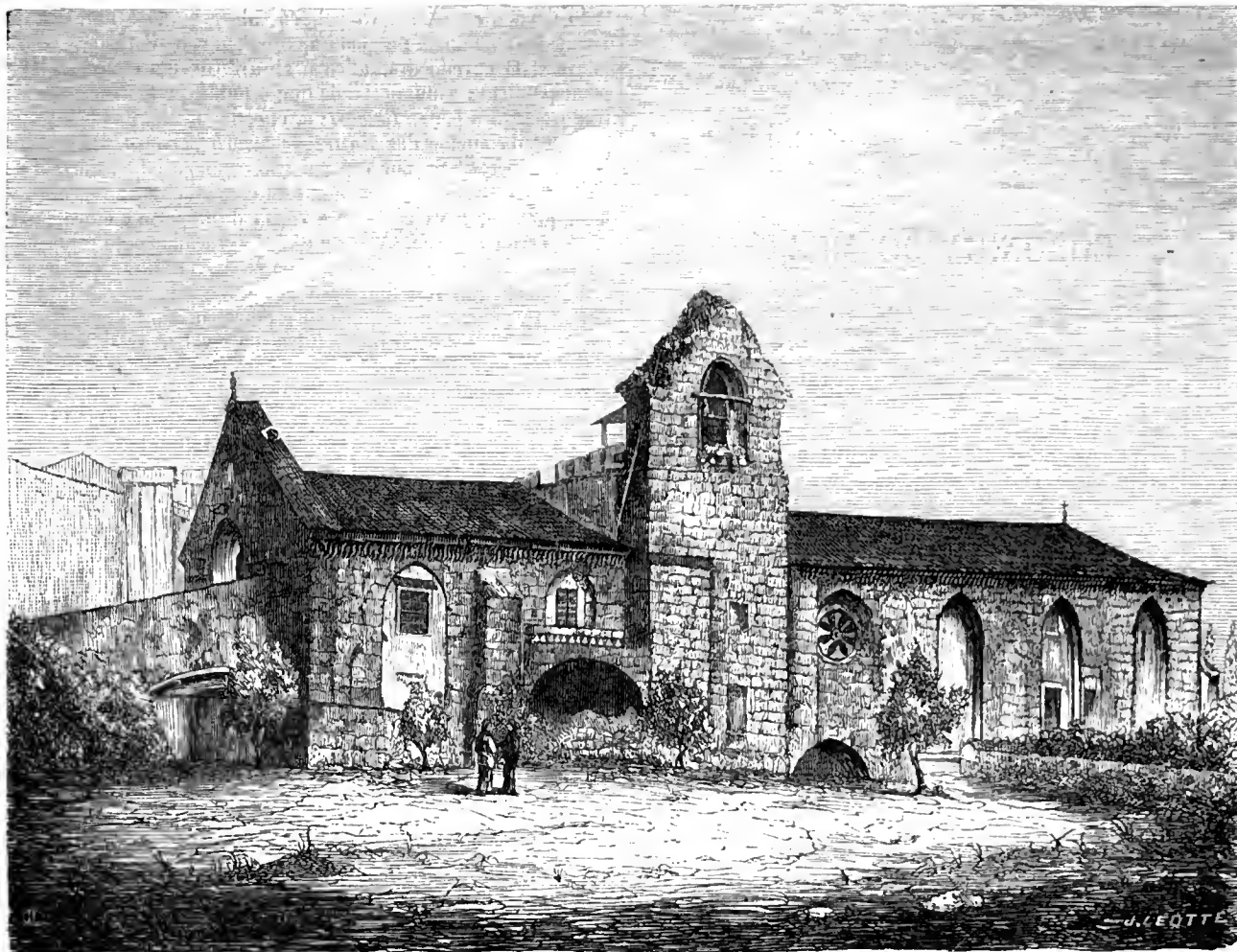
Seguindo do nascente para o poente pela nave do meio, fui encontrar a parede divisoria. Como da outra parte, prolongava-se com ella na distancia de cinco metros uma abobada, que era a continuação da que se descobrira do lado opposto. Pela côr, signaes de apparelho e artezões parece uma parte do edificio primitivo, e, portanto, anterior á abobada geral de tijolo.

Havia pois no meio da igreja, na altura de uns nove metros, uma abobada de oito ou nove metros de largura, ligando as duas fachadas lateraes e interceptando a parede divisoria vertical, que, provavelmente, se prolongaria para a parte de cima.

N'esta parede, vista, como eu agora a via, da parte do nascente, apparece não só a janella que do outro lado se descobre, mas tambem outra por baixo, a qual penetra na agua e no lodo. Ambas foram tapadas com alvenaria.

Sendo depois discutida entre todos esta singularidade architectonica, assentámos, que, para além ou ao poente da parede divisoria era o côro do baixo, o que o de cima se prolongaria sobre a abobada, ficando assim á igreja, frequentada pelo povo, mais o espaço de cinco metros por baixo do côro superior.

Avançando para o nascente pela nave septentrional, cheguei a uma capella que lhe serve de remate. Os capiteis das columnas são mais perfeitos que os outros da igreja. A abobada é muito elegante, á maneira de cu-



Ruínas da igreja de Santa Clara de Coimbra, vistas da parte do sul

pula, e artezuada. Em correspondencia com esta e na outra nave lateral, achei uma capella similhante. Entre ellas fica um espaço mais amplo, que era a capella-mór. A abobada que cobre este espaço é de tijolo, prolongamento da que se construiu no seculo XVI. A abobada primitiva mais alta que as das capellas lateraes, ainda se vê pela parte de cima, junto de uma cira que fica ao nascente da igreja.

Andando pela nave meridional, achei na parede uma linda ogiva de marmore, comparavel ás mais elegantes da Batalha. Não era de capella, porque o espaço interior apenas tem cincoenta ou sessenta centimetros de fundo. Seria um ediculo, onde primitivamente estaria o tumulo da rainha Santa Isabel? Por fóra e por dentro viam-se os logares, de onde tinham arrancado os azulejos.

Depois repeti o exame com os meus amigos doutores C. e L. J., que n'este dia o acompanhava.

Quando mais entretido estavamos a discutir a edade de um arco ou o aparelho de uma pedra, ouvimos vozes que nos chamavam. Não sabiamos de quem fossem, porque, rescoando entre a agua e a abobada, perdiam o timbre caracteristico. Aproximámo-nos da porta. Era M. O., que logo saltou para o barco. Pouco depois vieram A. de L. e um empregado da sua repartição, a quem demos os ultimos logares. O barco estava cheio com as seto pessoas que tinha dentro. O bordo pouco distava da agua. Qualquer descuido n'um movimento o afundaria, lançando-nos no lodo, de onde nos custaria a safar.

Afinal novos brados annunciaram a vinda de outro

explorador. Era A. M., que teve de esperar a vaga de um logar.

Passado pouco tempo saíram A. de L., e o doutor L. J. Entrou logo A. M., que estava ancioso por tomar parte na exploração.

Combinámos em não dizer-lhe coisa alguma, para que, por si e do que visse, tirasse as conclusões que lhe parecesse. A. M. saiu-se muito bem d'este exame. Não lhe escapou um vestigio, um signal, uma particularidade, por pequena que fosse.

Todos os seus juizos pareceram conformes aos nossos, embora não tivesse assistido ás explorações anteriores, nem tomado parte em nossas discussões.

Regressando para a cidade, dizia-nos o doutor C.:

—Se en tornar a ser ministro, lembrem-me as explorações archeologicas em Portugal, que desde já lhes prometto que se hão de fazer muitas e importantes.

Ao que eu respondi:

—Pela minha parte hei de ter o maior cuidado em não lembrar taes coisas a v. ex.^a

—Por que?

Porque sou seu amigo e não o quereria de modo algum desacreditado entre muita gente que, se visse um ministro mandar fazer excavações, e não tirar debaixo da terra com que *matar o deficit*, logo o teria por incapaz de dirigir os negocios do seu ministerio.

Recolhi a casa, e ao correr da penna lancei no papel as impressões que a exploração das ruínas me deixara.

Se da publicidade lhe parecerem dignas, dê mais essa honra ao

Coimbra, 15 de outubro
de 1872.

Seu amigo e collega obrigado,

A. FILIPPE SIMÕES.

CHRONICA DO MEZ



ODE-SE afoitamente dizer que as novidades principais do mez foram os espectaculos variadissimos dos theatros e a concorrência do publico a presenciar-os. Os amadores d'este genero de distrações — que não são muitos, infelizmente, n'esta boa cidade — têm já bastante por onde escolher. Com a estação invernosa abriram-se todas as casas de espectaculos, e as empresas começaram de porfiar sobre qual ha de atrahir maior numero de pessoas á sua sala. E o publico enlevado certamente pela diversidade e qualidade dos manjares que lhe servem, tem correspondido este anno, mais do que é costume no começo das epochas theatraes, aos desejos das empresas.

D. Maria encheu quasi todas as noites os camarotes e platéas com as *reprises* das suas melhores peças. O excellente drama do sr. Pinheiro Chagas — *A Morgadinha de Valflor* despertou geraes attentões, não só pelo merecimento da obra, que é muito, como pela substituição do papel principal que fôra creado por um mestre, e era agora feito por um quasi principiante.

Não se houve porém mal o actor Alvaro na arriscada empresa a que metten hombros, e, se poupasse um pouco as suas forças nas scenas menos violentas, para as empregar expansivamente quando a situação o exige, mais perfeito lhe sairia o seu trabalho e de certo com menos custo. O publico fez-lhe justiça applaudindo-o nas situações em que mais se distinguio.

Depois da *Morgadinha* representou-se a bella comedia de Victorien Sardou — *Les pates de Mouche*, traduzida em portuguez com o titulo de — *Por causa de uma carta*.

O interesse por esta peça, com relação ao desempenho, ainda foi maior, porque eram mais as substituições, e porque é notorio o trabalho de Santos no papel de Prospero Block.

A notavel actriz Emilia Adelaide, incumbindo-se do papel que fôra creado pela infeliz Manuela Rey, tomou sobre si o pesado encargo de confrontar o seu trabalho com o de um dos mais primorosos ornamentos que teve a scena portugueza. Todavia a moderna actriz, auxiliada pelo seu experimentado talento e pela forcea moral ganha com a estima do publico, desempenhou-se o melhor possivel da sua ardua missão, representando com a maior naturalidade e alegria as scenas de verdadeira comedia de que se compõe a peça, e ás quaes, diga-se a verdade, a excellente actriz não está muito habituada.

Alguns dos demais artistas que substituíram os antigos nos outros papeis — Virginia, Amelia Vieira, Antonio Pedro, Maggioli e Gil — tambem representaram com o esmero e aptidão que têm mostrado em trabalhos menos facéis.

Santos foi muitissimo bem, como sempre.

Depois das peças antigas deu-se peça nova. No fim do mez subiu á scena a comedia — *Rabagas*, celebre composição de Sardou, que tantos murros fez dar e levar ao publico que presuroso correu ás platéas dos theatros de França, para ver em scena aquelle *escandalo* politico.

Os espectadores portuguezes, á parte os murros, mostraram-se com esta peça mais francezes do que os proprios francezes,

porque principiaram a pateal-a antes de saberem o que ella era.

Rabagas divide-se em duas partes: — satyra politica e enredo dramatico. A satyra politica, abstrahindo a injustiça que o auctor fez ao homem publico que intentou ridicularisar, é engraçadissima. O enredo dramatico é absurdo e sem interesse. D'aqui principalmente a animosidade que o publico e a critica têm mostrado contra a peça. *Rabagas* é, effectivamente, das peiores composições do auctor das *Pattes de mouche*, *Vieux garçons* e *Famille Benoiton*. Só por especulação commercial V. Sardou podia conceber e deixar representar esta comedia. Se a escreveu para fazer politica, para advogar a causa do imperio e atacar a republica, errou o golpe. A côrte está desgraçadamente representada na sua composição. O principe de Monaco é durante toda a peça um bonacheirão ridículo, para no ultimo acto se transformar em odioso tyrannete, pois que não é outra coisa o homem que manda, por ciúmes, fuzilar o que julga seu rival. A intriga e a devassidão tambem se acham perfeitamente representadas em todos os actos. Vê-se pois que se effectivamente V. Sardou quiz fazer politica pondo em scena — *Rabagas*, não se importou com tirar um olho a si para arrancar dois ao visinho. O que, porém, conseguiu foi arrancar os olhos do visinho com a maior graça e o mais fino talento.

O desempenho da comedia no theatro de D. Maria não foi primoroso. E sempre difficil para os actores crearem typos que lhes não são muito familiares. Só Antonio Pedro teve a fortuna de caracterisar bem o seu papel, representando com a maior verdade e graça um *sans-culottes* avinhado. Os demais, ou se achavam deslocados, ou não tinham quasi nada a fazer para mostrar o seu talento. No entanto o sr. Izidoro e a actriz Gertrudes, aos quaes coube a maior responsabilidade do desempenho, representaram toda a comedia com a aptidão de que dispõem sempre os primeiros actores, até para os papeis que lhes são mais estranhos.

A Trindade começou a dar as grandes festas, que, em obsequio a alguns artistas, é costume haver em todos os theatros.

Foram duas das primeiras atrizes d'aquelle palco — Anna Pereira e Florinda — as que inauguraram n'esta epocha as agradaveis noites dos beneficios notaveis.

No beneficio de Anna Pereira representou-se a zarzuela — *O sargento Frederico*, posta em portuguez pelo sr. Aristides Abranches; no de Florinda subiu á scena a zarzuela — *Hontem caqueiro hoje cavalheiro*, traduzida pelo sr. Francisco Palla.

Ambas estas peças bem urdidas, paramentadas com os chistes que sabem escrever os dois applaudidos auctores que as transplantaram para a lingua portugueza, ornadas de boa musica e habilmente desempenhadas pelas protagonistas e demais interpretes, estão dando avultadas receitas ao theatro, com o que muito folga a empresa e todos os que por ella se interessam, em cujo numero figura o publico.

O Gymnasio repetiu a conhecida peça do sr. Camillo Castello Branco — *Abençoadas lagrimas*, deu em primeira representação as comedias n'um acto — *Entre casados*, traduzida pelo sr. E. Martins, e *O meu genro não é para graças*, traduzida pelo sr. S. Vasconcellos, as quaes agradaram, e o drama em tres actos extrahido pelo sr. A. Calleya do romance de Léon Gozlan — *Les martyrs inconus*, intitulado — *Valentina*.

Esta peça, como succede a muitas, foi applaudida do principio até o fim, sem que todavia os espectadores gostassem devéras d'ella. Quanto a mim o defeito principal do novo drama do Gymnasio, é a manifesta dessimilhança que ha entre os costumes que n'elle se desenham e os nossos. Aquella acção pôde ser razoavelmente boa e interessante no paiz em que o pensar e o proceder das pessoas da sociedade que alli se representam, sejam assim. Cá ninguem procede nem pensa de semelhante modo, o que deu logar ao resentimento que se levantou contra a peça. Convem no entanto advertir — e isto fôra escusado dizer-se, se, por inexplicavel acaso, a critica não tivesse attribuido grande parte dos erros da peça ao traductor — convem advertir, repito, que todos os defeitos do drama *Valentina* provém principalmente da maneira como está concebido e desenvolvido o romance d'onde elle foi tirado.

Conheço o romance e parece-me que ninguem poderia fazer d'aquella composição mais do que o sr. Calleya fez: se portanto alguma censura cabe ao traductor é unica e simplesmente por ter escolhido para architectar um drama em portuguez, uma obra que

só fôra escripta para ser um romance em francez. O sr. Calleya fascinou-se talvez pelos effeitos dramaticos a que a acção effectivamente se presta; n'isso está a sua condemnação e ao mesmo tempo a sua desculpa.

Todos os effeitos do drama foram escrupulosamente aproveitados pelos artistas que interpretaram os primeiros papeis — João Rosa, Polla, Pinto de Campos, Maria das Dores e Emilia dos Anjos. D'estes o que teve encargo menos pesado para as suas forças, foi o actor Polla; os demais luctaram com innumeradas difficuldades e venceram quasi todas. A isto e á severidade com que o jornalismo diario criticou a peça, se deve a curiosidade excitada no publico para ir vel-a.

Ainda o *Santo Antonio*, a *milagrosa* composição dramatica do sr. Braz Martins, dá boas receitas em Lisboa. Foi o theatro da Rua dos Condes o que d'esta vez se lembrou de a reproduzir, e não teve que se arrepender da idéa. Além dos incentivos da oratoria, que são dos melhores no genero, havia d'esta vez a curiosidade de ver o actor Ribeiro no papel do thaumaturgo. Custava a erer que o artista que representa com tanta graça e verdade o creado lórpa dos *Crimes do Brandão*, interpretasse com a gravidade e sentimento que o papel requer, o protagonista da oratoria *Gabriel e Lusbel*. E no entanto o sr. Ribeiro, fazendo-nos esquecer completamente do que é actor comico, desempenhou ao agrado de todos e com a circumspecção devida, o estranho papel que ora lhe coube. É talento assás maneavel o do sr. Ribeiro; presta-se a todos os generos dramaticos com a maxima facilidade.

Com medo da *revolta* se denomina uma nova comedia n'um acto, original do sr. Luiz de Araujo.

Pelo titulo se vê que a nova composição do humoristico escriptor é um *a proposito*, e todos sabem que a missão dos *a proposito* no theatro, é apenas fazer rir. A comedia do sr. Luiz de Araujo satisfaz pois ao fim a que se propõe; alegra as platéas, que, não querendo ficar em divida ao auctor, também o alegram, applaudindo-o.

O theatro do Principe Real inaugurou os seus espectaculos com o *Corsario negro*, drama que pela côr do adjectivo que figura no titulo, se conhece ser carregado. É original do sr. Baptista Machado. Este escriptor tem ultimamente produzido bastantes composições theatraes em que revela o seu grande conhecimento do gosto das platéas populares. Não é das de menos merecimento a ultima que poz em scena, o que se comprova pelas successivas enchentes que tem dado ao theatro.

Afóra alguns episodios pouco verosimeis que, por vezes, se observam no correr da acção, o *Corsario negro* participa de todas as condições que requerem os dramas do seu genero. Tem boas situações, alguns dialogos felizes, e é bem representado pelo talentoso actor Joaquim de Almeida, que, ajudado por mais um ou dois artistas, tem no theatro do Principe Real a responsabilidade dos primeiros actores dos chamados theatros de *boulevard* em Paris, que é supprirem com o seu talento, o talento que falta ao resto da companhia.

Tambem o afamado Price concorreu este anno ao certame, que tem por fim atrahir a attenção e as economias da população de Lisboa.

Não tem sido dos mais infelizes n'este ponto o conhecido empregario, porque traz artistas notaveis na sua companhia. A familia Kennebel, de que faz parte uma creancinha que é um verdadeiro *petit prodige*; os irmãos Leoni, realmente extraordinarios nos seus audazes exercicios, o picador Vidal e outros, são artistas notaveis em toda a parte. Não admira por conseguinte que o cofre do empregario que teve a fortuna de os escripturar, se enche agora como no primeiro anno em que Thomaz Price descobriu esta mina.

Feita a revista dos espectaculos do mez com a brevidade que a indole d'esta publicação requer, fallarei de alguns livros ultimamente publicados.

Nunca é tarde fazer menção de uma obra litteraria de verdadeiro merecimento, ainda que essa menção appareça quando a edição está quasi esgotada, como succede com a dos *Papeis velhos*, o ultimo volume publicado pelo fecundo e esmerado escriptor o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

Papeis velhos, chama o sr. Teixeira de Vasconcellos a um grupo de contos moraes, compostos e escriptos com o primor que se observa em todas as suas obras litterarias.

Encerra o volume curiosidade e ensino; curiosidade porque cada uma das pequenas narrações n'elle contidas, é feita com tal habilidade que o leitor não pôde interrompê-la por causa do interesse que liga aos diversos personagens; ensino porque todos aquelles contos têm instrução moralisadora e são escriptos em correctissima linguagem portugueza, como a que sabe usar o sr. Teixeira de Vasconcellos. E n'estas diversas qualidades que tem este e todos os livros d'aquelle escriptor, está o segredo da brevidade com que elles se vendem.

Ainda a questão do *Homem-mulher* preoccupa a attenção dos escriptores e dos leitores, apesar do *côrte pela raiz* que lhe pretendeu dar o sr. Camillo Castello Branco com a sua *Espada de Alexandre*, folheto notavel onde se encontram capitulos engraçados.

O sr. Alberto Pimentel também deu á publicidade no Porto algumas paginas humoristicas sobre o assumpto, e ainda ha pouco saiu dos prélos de Lisboa uma traducção cuidadosamente feita pelo sr. Gervasio Lobato, do pequeno livro de Henrique d'Ideville — o iniciador da questão — denominado — *O marido que mata e o marido que perdoa*.

Outrosim não está ainda abandonada a discussão ácerca do celibato ecclesiastico. Do sr. Luciano Cordeiro corre impresso um folheto — *O casamento dos padres*, em que, segundo o meu modo de ver, o erudito escriptor trata a questão com muito criterio e imparcialidade, expondo e defendendo a melhor doutrina.

A *Historia da communa* pelo sr. Pinheiro Chagas e *Batalhas dos portuguezes*, pelo sr. Osorio de Vasconcellos, são dois livros notaveis, pelo interesse que encerram e pela auctoridade de seus auctores, livros de que a imprensa diaria se tem occupado com lóuvor.

Publicou-se também em Lisboa mais um romance do sr. Leite Bastos — *A calumnia*, e em Coimbra um livro de versos — *Adejos*, pelo sr. José Julio da Silva Ramos.

O sr. Leite Bastos é o que se pôde chamar — um martyr do trabalho. Sempre na brecha, luctando com as maiores contrariedades, arrojando-se aos mais temerosos perigos, nunca desanima o incansavel escriptor, tentando todos os generos de litteratura — jornalismo, critica, romance, theatro — e avançando sempre. D'elle escreveu o sr. visconde de Castilho ao sr. Camillo Castello Branco as seguintes honrosissimas palavras:

«Ouvi hontem ler pela primeira vez escriptos de Leite Bastos, de que nenhuma noticia tinha. É um dos mais aproveitados discipulos de v. ex.ª, imitador não digo porque ha coisas que se não imitam; mas a verdade é que ninguem que eu saiba lhe tomou com tanta propriedade a maneira rapida e incisiva de narrar e gracejar e a côr veruacula em que nos deliciasmos os enjoados da peralvilhice litteraria. Do merecimento d'este Leite Bastos é pois a v. ex.ª que eu dou os parabens e agradecimentos.»

O romance — *A calumnia* tem os dotes apreciaveis que sempre se encontram nos escriptos de auctores que estão nos casos de merecer ao sr. visconde de Castilho palavras animadoras como as que deixo transcriptas.

No livro do sr. José Julio da Silva Ramos acham-se alguns versos naviosos e bem feitos como os da poesia — *Na praia* e outras. É obra digna de ler-se.

Seja-me permittido lembrar também uma nova publicação, que, se não attrahe o leitor pela prosa nem pelo verso, é do maximo proveito para as creanças que principiam a sua educação.

Quero fallar da — *Arte de contar, para uso das escolas primarias*, pelo sr. Augusto José da Cunha, editada pelos srs. Rolland & Senniond. Esta pequena obra, dividida em quatro folhetos que se vendem em separado, como se usa em Inglaterra e na Alemanha, para facilitar ao estudante menos abastado a aquisição do livro, é destinada a substituir as antigas taboadas. Composta por pessoa instruida e muito sabedora do assumpto, tem regras facéis, exemplos habilmente combinados, demonstrações claras e bem deduzidas, de sorte que, segundo todas as probabilidades, ha de ser d'ora em diante adoptada pelos professores das escolas

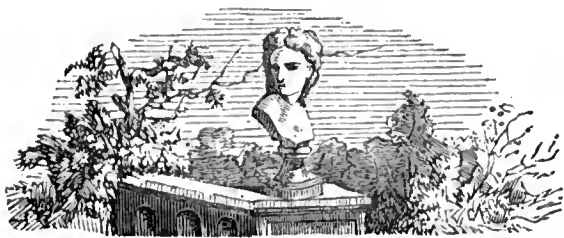
primarias, de preferencia aos retrogrados folhetos que até agora usavam.

Em compensação de ter occupado por um instante as attensões da leitora com a prosaica recommendação de uma taboada, vou fallar-lhe de um objecto elegante, luxuoso, digno de figurar sobre a banca mais primorosamente guardada do seu mimoso *boudoir*. Refiro-me ao album que o nosso primeiro gravador em madeira, o sr. João Pedrozo Gomes da Silva, começou a publicar com o titulo de — *Historia da gravura em madeira em Portugal*.

Pela primeira folha se conhece que é obra valiosa e merecedora, como já disse, de se apresentar nas salas elegantes da primeira sociedade, podendo, pela modicidade do preço por que é posta á venda, ser tambem adquirida por aquelles que dispõem de poucos meios para objectos de luxu.

Foi boa a idéa d'esta publicação, porque a empresa vae com ella auferir lisonjeiros lucros, o sr. Pedroso firmar a sua reputação de bom gravador, e o publico possuir trabalhos de arte n'um genero pouco divulgado no paiz.

RANGEL DE LIMA.



DIVERSAS NOTICIAS

==== No Brazil têm saído á luz da publicidade as seguintes obras :

A brisa, jornal litterario redigido no Maranhão.

O zig-zag, periodico do Codó.

Processo de João Guilherme Ratteliff, victima da rainha Carlota. Em seguida apparecerá o *Processo de Tiradentes*. Os importantes documentos d'esta publicação são colleccionados por um escriptor muito conhecido no Brazil, que se occulta sob o pseudonymo de *Esquiros*.

Poesias do sr. Joaquim Ignacio Alvares de Azevedo.

Resposta ás « Farpas brasileiras », por Julio Pereira.

Conferencias feitas no Maranhão, pelos srs. Ennes de Sousa e Antonio de Almeida Oliveira.

Criminosos celebres (tres episodios historicos) *Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes e Os salteadores da ilha da Caçueirada*, pelo sr. Moreira de Azevedo.

Contos sem pretensão, por Luiz Guimarães Junior.

Pancrácio da Silva, entusiasmado com as eleições, dialogo comico por Crespus Fernic.

Estudos agricolas, pelo doutor João José Carneiro da Silva, de Campos.

Gazeta do Povo, jornal da cõrte, órgão dos direitos e legítimas aspirações do povo.

Contra Farpas e As ameaças do sr. Dupont, dedicado aos portuguezes, por Carlos Silva.

Correio de Taubaté, periodico semanal, alheio ás lutas politicas.

Sonhos de ouro, romance por J. de Alencar.

O homem-mulher, traducção pelo sr. Abranches Gallo.

Directorio do joven sacerdote, pelo sr. conego Francisco Bernardino de Sousa.

Estudos sobre Luiz de Camões e os seus Lusíadas, pelo sr. Joaquim Nabuco.

Epoca, folha semanal em S. João da Barra.

O jesuitismo em Sobral; cartas de Origenes a Abeillard, folheto publicado no Ceará.

O seminarista, romance pelo sr. doutor Bernardo Guimarães.

O nacional, periodico politico.

Opinião, jornal litterario e recreativo no Ceará.

Regeneração, periodico dos typographos de Santa Catharina, que se dedica á instrucção, litteratura e noticias.

A voz da America, órgão republicano da cidade de Aracaty (Ceará).

Archivo contemporaneo, folha illustrada quinzenal.

Escriptos de hontem, pelo sr. Paula Barros (2.ª edição). É um volume de prosa e verso, contendo recordações da vida de estudante.

A gazetilha, pequeno e interessante diario noticioso, humoristico e commercial.

O zuavo da liberdade, pelo sr. doutor Antonio Scioso Moreira de Sá.

Versos, volume collaborado pelos socios do Gabinete portuguez de leitura no Maranhão.

Contos uteis, pelo sr. doutor Cesar Augusto Marques, do Maranhão.

Criticos momentos e Uma moça astuciosa, comedias formando um volume, pelo sr. Macedo Brito, do Maranhão.

Os quatro pontos cardeaes e A mysteriosa, romances do sr. doutor Joaquim Manuel de Macedo.

Diario da Tarde, novo jornal do Rio de Janeiro.

A campangada, parodia em verso.

==== O sr. Julio Simon, n'uma visita que fez aos sotões do edificio do Louvre, em Paris, encontrou grande numero de telas que todos suppunham de insignificante merito, e que se descobriu serem obras primas de grande valor. Foram avaliadas em quinze a dezoito milhões de francos.

Ha entre ellas um Rembrandt que vale quatro mil francos, um Gerard Dow de igual valor, e dois Rubens e Van-Dyck, do valor de quatrocentos mil francos cada um. Determinou-se que todos estes quadros encontrados sejam expostos no museu do Louvre.

==== Tem estado em exposição no Rio de Janeiro um retrato do sr. doutor Joaquim de Saldanha Marinho, pintado pelo doutor Pedro Americo. Parece que é trabalho de subido merito, como todos os que produzem os habeis pinceis do distincto pintor brasileiro.

==== Ha em Lisboa uma sociedade de musicos amadores, que emprehendeu uma novidade e soube realis-a. São os concertos de cavaquinho, organizados e dirigidos pelo sr. Agostinho Martins, da ilha da Madeira. Não se poderá calcular sem os ouvir o grau de perfeição a que estes artistas — ha na sua aptidão e no seu talento bastantes titulos para merecerem este nome — conseguiram attingir. O cavaquinho é, como se sabe, um instrumento predilecto da Madeira, e o sr. Agostinho Martins e a sua orchestra fizeram d'elle verdadeiros milagres!

==== O nosso governo mandou elogiar as sociedades portuguezas de beneliceencia no Rio de Janeiro, pela desvelada protecção que ellas concedem aos nossos compatriotas pobres, ali residentes. Tambem mereceu uma portaria de louvor o sr. commendador João Elisario de Carvalho Monte Negro, residente em S. Paulo, do imperio do Brasil, por ter mandado distribuir ás escolas do seu concelho, a Louzã, 150 exemplares das *Leituras populares, instructivas e moraes*, do sr. Brito Aranha.







NÃO TENHA MEDO! (O BAVARDO EM TERRITÓRIO INIMIGO.)

Рисунгъ отъ В. Календъ. въ.

ARTES E LETRAS



LISBOA—NOVEMBRO DE 1872

ERRADA OPINIÃO SOBRE OBJECTOS DE ARTE



PORTUGAL é um dos paizes onde as artes do desenho estão menos estudadas, e onde existem menos subsidios authenticos para auxiliar a sua verdadeira historia analytica.

É sobretudo preciso desconfiar das opiniões erradas que subsistem ácerca de muitos monumentos ou de simples obras de arte. Pela maior parte estas obras ou monumentos pertenciam ás antigas ordens reli-

giosas, e a fama que havia, tanto de umas como de outras, era aquella diffundida pelas chronicas escriptas pelos historiadores monasticos, em que ordinariamente as lendas e as tradições, suscitadas pelas idéas mysticas do tempo, influíam para que um retabulo, uma imagem, uma estatua, ou qualquer outra manifestação do talento artistico, não

fosse apreciada senão por entre as abusões do fanatismo religioso. É a devoção que hyperbolisa o merecimento da pintura religiosa d'este ou d'aquelle quadro, e não poucas vezes a ignorancia ou a boa fé dos frades rodeava de encarecidas apologias objectos que o amor do bello e os preceitos do bono gosto destituíam de toda a importancia.

E eram estas idéas erroneas, ou meramente exageradas, que se communicavam ao animo popular, e que o levavam a esses encarecimentos no apreço de obras, que pouco ou nada valem, segundo a boa critica, mas cujo merecimento anda exaltado só porque narrativas legendarias, ou excessos de piedade devota o perpetuavam, enquanto outros objectos de reconhecida valia permanecem esquecidos ou, pelo menos, subsistindo perplexos alvitros a respeito do seu merito real.

É sobretudo na pintura que isto se observa. Vem-se pelos antigos mosteiros, que o camartello demolidor deixou de pé, e nas velhas sés de muitas provincias do reino, objectos inculcados como preciosas reliquias, sem valor algum, e não poucos, que nem sequer os apontam aos olhos do curioso intelligente, aliás dignos de figurar n'uma galeria ou n'um museu.

Pouca gente, por exemplo, sabe que Lisboa possui

um dos melhores quadros de Rubens. No côro da igreja de Jesus, hoje parochia das Mercês, existe uma *Resurreição* que todos os votos de entendidos attribuem ao grande pintor flamengo. O conde de Raczynski, que não é facil n'estas apreciações e cuja pratica no conhecimento das melhores obras não se pode deixar de reconhecer, escreve no seu livro *Les arts en Portugal*, o seguinte: «É de certo; assim o julgo (o referido quadro de Rubens) uma obra d'este grande mestre: é até, segundo a minha opinião, uma das suas mais nobres produções. Este quadro pareceu-me intacto, ou se, como assevera o sr. Fonseca ¹, foi restaurado, foi-o de uma maneira conscienciosa, com o cuidado que merecia fão valiosa obra. É um soberbo quadro, e um dos productos de arte mais preciosos que se encontram em Portugal. Em frente d'este quadro acha-se uma *Adoração dos Reis Magos* (Epiphania), que, por muitas das suas qualidades, parece obra de Fernando Boll, mas é muito inferior á *Resurreição*.»

Aqui temos pois uma apreciação insuspeita, e a certeza de possuirmos um dos melhores quadros de um dos melhores pintores conhecidos, do chefe da escola flamenga, do illustre auctor do *Descendimento da Cruz*, d'essa famosa obra que suscita a admiração de todos os viajantes que a contemplam no côro de um convento de Antuerpia.

A Academia das bellas-arts tambem hoje adquiriu os melhores quadros, que em outro tempo pertenceram á Bemposta, e entre elles uma *Nossa Senhora*, de Holbein, admiravel a todos os respeitos. Tem, pouco mais ou menos, dois metros de altura por um e trinta centímetros de largura. As figuras do primeiro plano tem um terço de grandeza natural. Acha-se em perfeito estado de conservação. Os vandalos, alcumbados restauradores entre nós, pouparam-n'o ainda até hoje ás suas selvagerias. O assumpto é a Virgem sobre um throno, com o Menino Jesus ao collo, rodeada de numerosos santos. Por detraz do throno descobre-se um fragmento de bella architectura do tempo de Francisco I. Foi a princeza D. Catharina, filha de D. João IV, irmã de D. Pedro II, e esposa de Carlos II de Inglaterra, que fundou o Paço da Bemposta, vulgarmente conhecido pelo *Paço da Rainha*, e que, depois de viuva, trouxe este quadro de Inglaterra e o mandou collocar na capella do palacio. Presentemente, pela venda do espolio d'aquelle residencia real, a qual o governo destinou ultimamente á Escola do Exercito, passou o quadro, com outros muitos, á Academia; no entanto até então era quasi ignorada a existencia de similhante preciosidade artistica, como quasi tudo mais de apreciavel que encerrava aquelle edificio, que tudo estava sujeito ás intemperies, porque não havia resguardo nem cautela, que o preservassem da humidade ou de algum desvio, como succeden a tanto primor de arte que pertencia aos conventos.

Tambem é bem pouco conhecido, a não ser depois de algumas exposições, onde tem figurado, o bello quadro da *Batalha de Pavia*, pertencente á casa de Penamacor, attribuido a Alberto Durer, e um *S. Domingos*, de Moraes, pinturas de incontestavel merito, assim como outras notaveis, como o grande retabulo de *Nossa Senhora*, circundada de anjos, que se acha no paço archiepiscopal de Evora, o quadro representando a *Fonte de Misericordia*, pertencente á Misericordia do Porto, o *S. Pedro*, de Grão Vasco, da cathedral de Vizeu, e outros objectos de summo preço, como o riquissimo livro

¹ O antigo professor de pintura historica da Academia, hoje jubilado.

de orações, da casa Mesquitella, não fallando da quantidade de custodias, calices, machinetas, relicarios, osculatorios, thuribulos e navetas e demais objectos do serviço do culto, cuja materia e lavor maravilhoso e antiguidade, os tornam dignos de um museu.

A existencia da mór parte d'estes esmeros artisticos jaz ignorada, e o seu valor sem ser qualificado, por consequente. Em Allemanha, França e Inglaterra, as obras notaveis dos melhores artistas antigos, sobretudo quadros, estão catalogados esrupulosamente; a sua authenticidade fixada, a valia marcada, e quantas copias existem d'elles, quaes os auctores, o merito relativo de cada uma d'ellas, tudo com o rigor e analyse de quem pesa e avalia diamantes e depois os classifica para poderem ter um preço corrente no mercado. De sorte que, quando se falla de Rubens, Raphael, Ticiano, ou Murillo, não ha mais que folhear os catalogos e interrogar os *contrastes*, os verdadeiros apreciadores, para se saber se um quadro é verdadeiro, ou apocripho, se é copia de bom auctor ou contrafacção sem merecimento reconhecido; e não só isto mas o preço porque está reputado, e dizemos *preço reputado* porque se encontra nos mercados de Inglaterra e Allemanha com a mesma certeza dos fundos cotados nas praças commerciaes, ou ainda mais, porque os fundos variam, conforme as oscillações da bolsa de um paiz, ou alternativas financeiras dos governos, enquanto os quadros de auctor, se padecem alteração na somma arbitrada, é para mais; é porque algum opulento amator russo, americano ou inglez, entusiasmado, e ambicionando ajuntar á sua galeria mais aquella maravilha de arte, cobre arrojadamente o lanço com mais algum punhado de libras.

Isto é o que se passa lá fóra, onde ha verdadeiro conhecimento e apreço das artes. Em Portugal nem apreciação, nem sequer certeza do que possuímos. E alguma coisa que se avança a este respeito, é quasi sempre com supina ignorancia. Nem os quadros, nem as preciosidades dos conventos foram nunca classificados competentemente, nem arbitrado o seu valor. De igual sorte infinitas riquezas artisticas que estavam vineuladas nos antigos morgados, ou pertenciam ás casas dos fidalgos, e figuravam até como memorias de tradições famosas, quasi tudo isso desapareceu ou permanece ignorado.

A ignorancia, de uma parte, e o desleixo, de outra, abriram as portas ás vendas fraudulentas e até aos roubos, e o resultado é que objectos de subida importancia tem saído de Portugal, sabendo-se unicamente da sua existencia quando estão arrecadados nos museus das galerias dos ricos estrangeiros.

Esta tem sido a sorte de muitas das nossas preciosidades artisticas.

Oeiras, 1872.

JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA.



O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

por

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

XV

Não se pode imaginar o desespero de Frantz Matheus e o do seu discipulo ao sairem de Hasbach.

Coucou Peter estava furo, brandia o pau que trouxera e dizia a cada passo:

— Infame anabaptista! infame *maire*! infame Ja-eob! Miseraveis! se aqui vos apanhasse! Ah! meu Deus que rica dança! Não ficavam com um cabelo na cabeça. Expulsar um homem d'estes! Um homem que faz milagres! Um homem que vale mais do que todos vós até... até á vigesima geração. Muito felizes serão se eu os não encontrar cedo ou tarde!

Era assim que fallava Coucou Peter, voltando de vez em quando a cabeça para ver se os gendarmas realmente o não seguiam.

O illustre philosopho ia silencioso, immerso na sua dôr. Só passado algum tempo, e quando chegaram á aldeia de Piefenbach, n'uma das gargantas da serra, é que o bom do doutor pareceu voltar a si.

Levantou o seu grande chapeo, enxugou o suor e disse com uma notavel serenidade:

— Meu querido discipulo, acabamos de passar por uma terrivel provação. Agradeçamos ao grande Demiurgos que hoje, como sempre, nos cobriu com a sua egide. Em vão os sophistas nos perseguem com as suas injurias, em vão atravessam no nosso caminho os obstaculos e as ciladas: tudo serve afinal para tornar mais evidente a protecção do Ser dos seres que funda sobre nós as suas mais bellas esperanças.

— Tem razão, tem razão, sr. doutor, respondeu Coucou Peter; quem faz milagres como nós, não tem medo de coisa alguma. Antes de seis mezes hei de eu entrar em Hasbach de mitra e montado n'um cavallo branco, com dois meninos do côro a pegarem na cauda dos meus habitos e a queimarem incenso. É verdade que enquanto isto não succede, era prudente saber onde vamos.

— Ah! meu amigo, respondeu o illustre philosopho, ha de haver sempre logar diante dos nossos passos, e se até hoje não temos sido bem succedidos, é por que nos falta um theatro mais vasto. Bem vêes que a Providencia nos conduz, sem o querermos, para as grandes eidades. Vamos a Saverne.

— Cuidado! cuidado! Saverne é uma terra cheia de advogados e de gendarmas.

Isto dizia o bom do apostolo porque tinha a mulher em Saverne, e dividas nos cervejeiros, nas estalagens e em quasi todas as tabernas da cidade.

Mas o illustre doutor não attendeu ás prudentes objecções do seu discipulo.

— Fizeram-se os gendarmas para os ladrões e não para os philosophos. Ávante, Coucou Peter, ávante! Cada um dos momentos da nossa vida pertence á humanidade.

Desciam então a calçada silenciosa de Piefenbach.

A maior parte dos habitantes tinha ido para a feira de Hasbach, e as casas pequenas com as portas fechadas, os quintaes cercados de sebes mal unidas, os po-

ços solitarios cheios de musgo, apresentavam um aspecto melancolico que contrastava com a alegre animação da festa.

Coucou Peter ia pensativo.

— Diga lá, mestre, disse elle, os rabinos podem casar?

— Decerto; é até um preceito que lhes impõe Moysés para que propaguem a especie.

— E o grã-rabino da peregrinação das almas?

— Por que não? O casamento está na natureza.

Estas palavras alegraram Coucou Peter.

— Afinal, sr. doutor, disse elle, não ha razão para que nos entristeçamos. A primeira coisa que devemos fazer ao chegar a Saverne é ir ver minha mulher. Ha cinco mezes que a não vejo: deve ter feito suas economias.

— O que?! Tua mulher!

— Minha mulher, pois então. Grédel Baltzen, que casou com Coucou Peter perante um *mair*e e um padre.

— Por que razão nunca me fallaste em tal?

— Porque nunca m'o perguntou.

— Mas por que não vives com tua mulher?

— Por que?... verdade, verdade, minha mulher é magra, magrissima, e não está mais na minha mão... uma mulher magra... é que é mais forte do que eu esta anti-pathia.

— Mas então por que casaste?

— É que a esse tempo não conhecia muito bem as minhas inclinações. Eu estava então na idade da innocencia e aquella rapariga seduziu-me. Depois, quando vi que cada dia minha mulher minguava mais, disse comigo: Coucou Peter, tu e tua mulher não são da mesma raça; é melhor partires. Fui ao armario, peguei no que havia e parti. Por que afinal, a consciencia está acima de tudo: pensei na infelicidade de ter filhos magros e sacrificuei-me.

Esta confissão surpreendeu o illustre philosopho. Commoveu-o porém a delicadeza do seu discipulo e sobretudo os seus sentimentos anthropo-zoologicos.

— Pois bem, approvo plenamente os motivos do teu procedimento. Mas, quem nos diz que tua mulher não seja infeliz?

— Qual! mestre! É feliz, felicissima até de se ver livre de mim. Se nós nunca podiamos entender-nos! Quando eu dizia que era branco, é porque ella dizia que era preto, de modo que as mais meigas conversas terminavam sempre á bordoadada. Depois não lhe falta coisa alguma. É criada do padre Schweitz, que é um dos meus antigos companheiros de Strasbourg no tempo em que eu era moço de um cervejeiro e elle estudante de theologia! Bom tempo! Quantas vezes eu o levei ao armazem d'aquella cerveja de março, forte, espumante, que nos obrigava a passar em revista todas as vasilhas! Ah! ah! ah! ainda me faz rir quando penso... Mas voltando á vacca fria: minha mulher tem doze francos por mez, casa, cama e mesa. A sua obrigação é tratar da casa, arranjar a roupa, pôr a panella ao lume, e ler á noite um ou dois capitulos da Biblia no tempo que o pastor passa a fumar cachimbo e a beber cerveja no Casino. Quem não ha de ser feliz com esta vida? E note-se que o pastor é viuvo e não torna a casar.

— Sim, sim, respondeu Matheus distrahido, deve ser feliz.

Tinham então chegado ao outro lado da aldeia e o illustre philosopho observava um grupo de mulheres que gesticulavam em volta do que quer que fosse que estava na terra.

Um homem pequeno com as faces descaidas, que era o moleiro, coberto por um barrete pardo e cheio de

farinha, estava encostado a uma porta e fallava com muita animação.

Apezar do tic-tac do moinho e do ruido da agua que saltava em cachões do açude, ouvia-se distintamente gritar:

— Vão para o diabo! eu não tenho nada com isso.

Frantz e Coucou Peter aproximaram-se para ver a que era. Quando chegavam já perto as mulheres afastaram-se e Matheus pôde ver uma velha cigana estendida junto da parede e ao que parecia moribunda.

Era esta tão enrugada, tão decrepita, que parecia ter cem annos. Estava calada e immovel, mas um pequeno, de joelhos, ao pé, pedia ao moleiro que a recolhesse na casa.

A chegada de Matheus caluára um pouco a irritação do homem.

— Nada, nada. Eu bem sei que se a velha morresse as despezas do enterro haviam de ser feitas por mim. Nada.

O illustre doutor, commovido por um tal espectáculo, aproximou-se da porta e disse ao moleiro:

— Então como tem coração de recusar um asylo a esta desgraçada? Veja que pode, coitada, morrer se lhe não acodem. Pense o que todos diriam de si. Vá lá, homem, faça o que lhe pede este pobre rapaz.

— Sr. cura, respondeu o moleiro tirando o chapeo, ainda se ao menos fossem christãos... mas são pagãos.

— Que importam as opiniões philosophicas, respondeu Frantz, nós somos todos irmãos e temos as mesmas necessidades, as mesmas paixões, a mesma origem. Ande, ande, homem, dê um molho de palha a esta infeliz creatura: assim faz o seu dever e o Ser dos seres ha de recompensal-o.

As mulheres juntaram-se a Matheus de modo que o moleiro temendo um escandalo, abriu a porta, praguejando contra os vagabundos que obrigam a gente a sustental-os enquanto vivos e a enterral-os depois de mortos. De modo que realmente não era muito para louvar a sua caridosa acção.

Coucou Peter considerava esta scena com as mãos nos bolsos sem dizer palavra. Quando porém Matheus cortejou as mulheres e continuou o seu caminho, perguntou-lhe:

— Ó mestre, julga que aquella velha está muito doente?

— Decerto, respondeu o bom doutor sacudindo a cabeça, temo até que não passe d'esta noite.

— E comtudo viu como ella se levantou com desembaraço logo que lhe abriram a porta.

— É verdade, e ainda estou pasmado! Sempre é preciso que os ciganos tenham a vida bem pegada ao corpo! disse Matheus. É da vida sobria e primitiva que levam, nas florestas, ao tempo. Sem os excessos da comida, da bebida, do trabalho que são funestos aos outros homens. Era assim tambem que viviam os nossos primeiros paes.

Coucou Peter sorria.

— Mestre, mestre, disse elle, queira perdoar; mas com o devido respeito direi que conheço bastante os ciganos para poder asseverar-lhe que gostam do que é bom e que o seu consumo em aguardente é um pouco superior ao nosso. Só enquanto a trabalho é que o mestre tem razão: preferem o ocio a serem uteis á humanidade, como nós, por exemplo, que trabalhamos para as gerações futuras. Ora agora quer saber o que eu penso d'aquella velha?

— Dize, dize.

— Penso que está tão doente como qualquer de nós.

Penso que depois de se ter certificado que todas as portas do lugar estavam fechadas, e que não podia ahí biffar coisa nenhuma, é que se fingiu doente para entrar no moimho. De noite é que ha de ser o bom: eston já a vel-a levantar-se com o pequeno, visitar a capoeira e depois de ter torcido o pescoço á creação, antes que o dia nasça, ter-se-ha posto a andar. Ora ahí tem o que eu penso.

— E o que é que te auctorisa a fazer semelhante supposição? exclamou o illustre philosopho. É mau, Coucou Peter, é muito mau suppor tudo isso de uma raça inteira de homens, só por que tem a pelle mais amarella, os beiços mais grossos e os olhos mais vivos que nós.

— Nada, nada. Qual! É simplesmente porque são todos indistinctamente da familia das rapozas, ponderou Coucou Peter com gravidade.

— Mas a vontade, homem, não poderá mudar os seus mans instinctos? redarguiu Matheus, surprehendido por se ver embarçado no seu proprio systema. Não são todos os homens perfectiveis? Queres que os consideremos como brutos? É certo que tem appetites animaes provenientes da sua primitiva natureza. Mas o grande Demiurgos deu-lhes ao nascerem uma faculdade superior que é o senso moral para distinguir o justo do injusto, e combater todos os instinctos incompativeis com a dignidade do homem.

— Ora tudo isso seria muito bom, disse ainda Coucou Peter, se eu não fosse antigo conhecimento d'aquella velha, a quem por muitas razões os seus companheiros chamam a *Pega-negra*. Aquillo coitada, é uma sina, quanto mais velha mais apegada ao que é dos outros. Ia jurar que depois da morte ainda o Ser dos seres a faz cá voltar com as unhas como garras em recompensa das suas boas obras.

— Mas então, se é como dizes, voltemos a prevenir o moleiro.

— Ora, adens. Que temos nós com isso? E depois eu tambem não posso jurar que ella não esteja doente, e afinal o moleiro não vale mais que ella. É o maior ladrão de farinha que se conhece. Deixe, que se a *Pega-negra* lhe torcer o pescoço ás gallinhas, é já depois d'elle ter devorado muitas alheias. Mestre, não pensemos mais n'isso. O que eu quiz foi dizer-lhe que estes ciganos não são da nossa raça. Que devemos ser justos: nunca saem á estrada. Gostam de comer e beber á custa dos outros, mas ha muita gente no mundo que pensa tal qual.

Enquanto fallavam, iam o illustre philosopho e o seu discipulo internando-se na floresta. Coucou Peter, que julgava saber o caminho, parecia-lhe a cada passo ver a casa do guarda Jeri, seu antigo companheiro, onde contava passar a noite.

Decorrida meia hora porém, sem que lhe apparecesse coisa alguma do que esperava, começou a sentir suas duvidas sobre a direcção que seguia. Continuavam a andar.

Passou outra meia hora, o caminho tornou-se tão estreito que nem mesmo já havia duvidas: tinham-se perdido.

Serian sete horas. Os cardos e o tojo prendiam-se ao fato de Matheus e ao do discipulo. Afinal o carreiro acabou ou perdeu-se por entre as urzes e o alto mato.

— Olhe lí, mestre, dizia então Coucou Peter, está certo do caminho?

— Certo do caminho! repetiu Matheus parando espantado. Se é a primeira vez que o ando!

— Bom. Estamos promptos. E eu que me ia deixando guiar por o doutor. Que se ha de fazer agora?

— Voltar para traz, disse o illustre philosopho.

— Sim, mas d'aqui a meia hora é noite fechada, e estamos a duas leguas de Piefenbach. Nada, vamos para diante, sempre para diante. Por fim acabamos por chegar a algures.

Olharam então um para o outro perplexos. Os tordos como que se fallavam nas copas elevadas das arvores. O sol poente coloria a folhagem de tons amarellados; ouvia-se ao longe n'um valle a queda de uma torrente como um ribombo enfraquecido.

De repente, Coucou Peter disse:

— Mestre, mestre, não ouve?

— Sim, sim, alli para baixo, disse Matheus indicando o valle.

— Até sinto cheiro a fumo, continuou Coucou Peter, escute.

— Parece-me que sim, disse o illustre philosopho.

— Nada, agora não ha duvida, disse o discipulo, estamos perto d'uma carvoaria. D'onde está o vento? Bom, é d'alli. A caminho.

Tinham apenas dado cincoenta passos n'essa direcção, quando entraram n'um profundo valle e se acharam em face de um bando de ciganos que preparavam a sua comida em volta da fogueira.

— Olá! disse Coucou Peter, já não ficámos sem ceia, mestre.



Era um espectáculo enternecedor

E dirigiram-se aos ciganos, espantados de ver um homem a cavallo apparecer n'aquelle ermo.

XVI

Á proporção que Frantz Matheus se aproximava dos ciganos, iam-no cada vez mais impressionando as suas physionomias d'uma alegria verdadeiramente philosophica.

Lia-se n'ellas a indifferença absoluta pela opinião publica. Uns vestiam amplos fatos, enormes, outros tinham-nos curtos de mais. Nas calças havia mais buracos que fazenda, o que os não impedia de estender as pernas com uma certa altivez e de encarar atrevidamente toda a gente como se magnificos bordados os cobrissem.

Quasi todas as mulheres tinham uma creança ás costas n'uma especie de sacco a tiracolo e tratavam com o maior socego dos seus arranjos: umas deitavam lenha no lume, outras accendiam o cachimbo com uma brasa, outras lançavam na panella os bocados de pão, de nabos e de cenouras que traziam nos bolsos.

No meio do bosque este acanpamento fazia um effeito admiravel. O fumo estendia-se como vultos azulados por sobre o valle, e ao longe as rãs começavam o seu concerto melancolico.

— Ora comam e bebam em paz, disse Matheus cumprimentando-os, que todos os fructos da terra são feitos para o homem. Que bem me faz ver as creaturas do ceo prosperarem e espalharem-se pelo mundo em presença do grande Demurgos! Que felicidade sinto vendo-as augmentar em força, em sabedoria e em belleza!

Os ciganos olhavam para o illustre philosopho com desconfiança; mas, quando viram Coucou Peter, alguns levantaram-se exclamando:

— Olhem, é o Coucou Peter que vem ceiar connosco.

— Nem mais nem menos, disse o jovial cantador distribuindo abraços e apertos de mãos. Boa noite, Wack, boa noite, Pfiifer Karl. Olá, Daniel! Então como vaes isso? Adeus, pequeno, desde quando tens tu essa creança Nachtigal? Santo Deus, como tudo isto fructifica e se desenvolve! Vamos a ver se este é de boa raça: olhos negros e cabellos encarapinhados... Vamos, vamos, não ha que dizer. Tudo está na ordem, Nachtigal. Que diabo! todos estes ciganos com os seus olhos azues teem assim um ar levado do diabo: parecem coelhos bravos a que deu o fardo de couves.

— Ah! ah! ah! que patusco é este, Coucou Peter, diziam os ciganos chegando-se para elle e rodeando-o, tem sempre alguma coisa para fazer rir a gente.

Enquanto isto se passava Matheus prendia Bruno a uma arvore. Quando depois d'isto se voltou, viu já Coucou Peter inclinado sobre a panella.

— Então come-se hoje de magro? perguntava elle abanando a cabeça.

— Jejuamos em honra de S. Florencio, respondeu Nachtigal.

— Bem, bem, mas esperem que ainda não chegámos todos.

Depois, voltando-se para Matheus, acrescentou:

— Nada de ceremonias, ó mestre. Sente-se ao pé do fogo e esteja como em sua casa. Enquanto aos mais,

cuidado, nada de esquecer as mãos nas algibeiras do illustre philosopho.

— Então tu tomamos por ladrões? disse um rapaz coberto por um capote que lhe chegava aos calcanhares.

— Que idéa! Pelo contrario, Melchior, mas sei que teem os dedos curvos de modo que ainda que não queiram sempre ahi fica alguma coisa entalada.

Matheus aproximou-se de vagar e percorrendo com a vista os ciganos, disse:

— Assim como o virtuoso Aristides, perseguido pelo odio dos partidos e victima da ingratição dos meus concidadãos, venho sentar-me á lareira de uma nação estranha, e reclamar os direitos sagrados da hospitalidade... Feliz o que vive na solidão, em face d'este ceo immenso, d'estas florestas infinitas. Nunca se observou aqui nem o vicio triumphante, nem a virtude humilhada, nem o coração aqui se corrompe pelo egoismo ou secca pela inveja. Sobretudo bemaventurado

o que acredita na justiça eterna, por que não será enganado e receberá o premio dos seus trabalhos, da sua coragem e da sua virtude.

Depois de assim fallar o bom do doutor, sentou-se ao pé do lume e pareceu perder-se n'um abysmo de meditações.

Os ciganos, espantados, olharam uns para os outros, perguntando por esses olhares o que queria dizer aquelle homem.

Foi então que Coucou Peter começou a contar as longinquoas peregrinações do illustre philosopho e as vicissitudes da sua viagem. Ninguem o entendia.

Pfiifer Karl, o trombone, dizia:

— Mas que quer elle? Por que diabo anda a cor-



Havia muitos annos que Frantz se não lembrava de ter visto coisa assim

rer mundo? Uma vez que tem casa, terras e tudo o de que precisa, por que não vive no que é seu? E se gosta de viagens, porque não vende uma das suas terras para pagar aos estalajadeiros?

Aquella boa gente não podia perceber que coisa fosse um propheta. Ria a perder das explicações de Coucou Peter, e como o illustre doutor estava immovel, abstracto e sem os ouvir, Coucou Peter acabou por se rir tambem.

— Ah! ah! ah! grande velhaeo, Pfffer Karl, dizia elle batendo nas costas do trombone, não és tolo de todo, vamos lá. Não és tu que trabalharás para as gerações futuras, não. Ah! ah! ah! afinal acho uma boa idéa o prégar. Que querem?

Os eiganos quizeram persuadir-o a que arranjasse a rebecca para os acompanhar á feira. Já mais de uma vez haviam viajado na Alsacia juntos, e sabiam como Coucou Peter era festejado em toda a parte. Mas este recusou-se a abandonar a sua doutrina.

— Nada, dizia elle, sou propheta e hei de ficar sendo propheta. Já fui musico muito tempo. Se depois soubesse que outro tinha sido em meu logar o summo rabbino d'esta religião, era capaz de me matar de desespero. Nada. Quero dar que fallar. Quero que o nome de Coucou Peter seja um dia egual ao de Pithagoras.

— Um doido n'uma terra, ponderou Pfffer Karl, dá sempre mais que fallar que toda a gente de juizo, isso é sabido.

— Mas é que nem todos são doidos da minha especie, disse Coucou Peter, rindo. É como os carneiros de seis patas: dá-se-lhes bom comer, mostram-se por diuheiro, conservam-se e os outros tosquam-se e comem-se. Se eu possuísse uma perna no meio das costas, tinha a minha fortuna feita, e vinham ver-me do fim do mundo.

Mas a panella continuava a fumejar e sentia-se pelo ar um cheiro seductor. Aproximaram-se. Nachtigal foi lavar a sua tijella a uma veia de agua que corria perto e offereceu-a a Coucou Peter. Mas este declarou que, tendo jantado perfeitamente, não lhe appetecia o caldo de cenouras. Matheus afastou-se, dizendo que tinha somno. É que realmente as codeas sedijas que vogavam na agua elara da panella, não tentavam o appetite.

A noite era escurissima.

Coucou Peter accendeu o cachimbo e viu os eiganos comer. Havia uma tigella que circulava e por onde cada qual bebia uma porção.

Frantz foi estender-se sobre o mato. Por muito tempo o illustre philosopho deixou vaguear as suas vistas pelo valle tenebroso; escutava tambem vagamente o ruido longinquo de uma cascata que a espaços parecia calar-se para depois recommear a soar como uma tempestade que se aproxima. Todo o valle respondia a esta voz solemne: as folhas agitavam-se, as aves gorgeavam e os abetos balouçavam os cimos agudos e negros.

De repente, um rapaz começou a cantar uma moda da serra que dizia:

«A caminho, bohemios! a caminho! eis o sol, o sol que sobe além atraz da floresta! Pega no teu sacco e segue a grande alameda de arvores que conduz á aldeia. E' comprida a alameda, a alameda da aldeia. É preciso partir cedo, e andar, andar muito, para chegar ao outro amanhecer.»

Esta voz de timbre infantil como que se dispersava pelo valle, e os eccos respondiam-lhe até longe, até muito longe, com um accento terno e amortecido.

Houve umas mulheres que começaram a cantar com o rapaz. Sentaram-se em redor da fogueira com as mãos

juntas em volta dos joelhos e começaram a cantar em côro. Depois os homens juntaram-se tambem, e o côro ia assim crescendo e repetindo:

— A caminho, bohemios! a caminho!

Pouco a pouco Matheus deixou pender a cabeça, estendeu-se sobre o musgo e adormeceu profundamente.

XVII

No dia seguinte Frantz Matheus acordou antes do romper da manhã. Caía um orvalho abundante que penetrava lentamente o grande capote escuro que o cobria. O ar estava sereno e o valle cheio de nevoa.

Os eiganos estavam já de pé e dispunham-se a partir antes do dia. Carregavam a panella, os trombones, as trompas e o zabumba. As mulheres accommodavam as suas trouxas ás costas, e os sacos onde as creanças se introduziam.

O vago murmurio da chuva que batia nas folhas era o unico rumor que perturbava o silencio da floresta.

Coucou Peter, encharcado como um pato, não se tinha tirado de ao pé do fogo. Assava umas batatas sob a cinza e parecia melancolico.

— Vá, disse-lhe Pfffer Karl, se queres acompanhar-nos, despacha.

— Não, não vou. É forçoso que prégue em Saverne.

— Então, boa viagem, camarada, saude.

Nachtigal veio tambem apertar-lhe a mão, e todo o bando se poz a caminho, afastando-se de vagar por entre o mato alto e espesso. Começava uma pallida claridade a esclarecer o horizonte. A chuva cortava o ar, mas nada d'isto entristecia os eiganos. Ouvia-se que iam rindo e conversando.

— Boa viagem! gritava-lhes Coucou Peter.

Muitos voltavam-se e acenavam com os chapéus.

Desappareceram afinal por detraz das arvores.

Foi então que Coucou Peter viu o illustre philosopho, que se abrigava debaixo das abas largas do chapéo.

— Mestre, disse-lhe elle, vae hoje a benção do Ser dos seres encher-nos de força, de sabedoria e de belleza.

— Cada dia que vem, respondeu Matheus, accrescenta novas provações e novos meritos á nossa gloriosa empreza.

Estas palavras foram pronunciadas com um tom tão suave, tão resignado, que Coucou Peter sentiu-se comovido.

— Venha d'ahi doutor, disse elle, venha provar as minhas batatas, que são farinhentas como castanhas.

— Aceito, meu rapaz, aceito.

E veio sentar-se ao pé do discipulo.

— São justos e bons os eiganos, continuou elle, pegando n'uma batata. Vivem sem acumular riquezas vãs e apparentes, ao acaso do dia de hoje, como as aves do ceo, preferindo a todos os bens illusorios do mundo a sua independencia. Talvez tu não reparasses na alegria philosophica com que comiam aquella sopa de cenouras. Afinal tem uma vida bem mais feliz do que se pensa.

— Tem toda a razão, mestre, dizia Coucou Peter. Ainda o anno passado eu viajei com estes eiganos. Tocavamos walsas pelas feiras da Alsacia, dormiamos de noite nos quintaes, ou debaixo dos rochedos ao ar livre, mas posso jurar-lhe que nos não sustentavamos de pinhões como os esquilos. Todos os dias havia aves, paios e toicinho a fartar.

— E quem dava isso tudo?

— Ora! proseguiu Coucou Peter, rindo, enquanto nós tocavamos n'um sitio, e que as mulheres do logar

vinham dançar, *Nachtigal*, a *Pega-negra* e mais duas ou tres, esgueiravam-se por detraz dos quintaes e entravam nas casas. Se encontravam gente diziam a *buena-dicha*, mas se não viam ninguém era um momento enquanto safavam o canhamo de sobre o lume e o toieinho da chaminé. Aquillo era manteiga, ovos, pão, não ficava armario fechado. Enchiam as algibeiras, umas algibeiras enormes que ellas trazem debaixo das saias, e iam esconder-se nas florestas. Ah! mestre, continuava este apostolo radiante de alegria, era bom ver a cara dos aldeões quando voltavam a casa. Ah! ah! ah! que caras! e que descomposturas que levavam as mulheres! Ah! ah! ah!

— Então tu ris, desgraçado? Ignoras que essa vida era um crime?

— Que tinha eu com isso!? Eu tocava rebecca e mais nada. Se tivessem prendido os ciganos não teriam nada que me dizer a mim.

— Mas se tu vivias do fructo dos seus roubos! Dir-se-ha que te falta o sentimento do justo e do injusto.

— Ora ahí está justamente o motivo por que eu os deixei. A consciencia remordia-me. A cada bocado dos taes petiscos que eu comia era logo uma voz interior a gritar-me: «Cuidado, Coucou Peter, cuidado, pode muito bem ser que te filem e que te mettam na prisão. «Tanta vez ouvi esta voz que comeci a enristecer, e a ver sempre gendarmas que me perseguiram. O tempo das feiras tinha acabado; era quasi inverno. Um bello dia, por signal que tinha nevado, metti a rebecca debaixo do braço, e apezar da gritaria de *Nachtigal*, de *Pfifer Karl* e de toda a sucia que não queria largar-me, voltei para Saverne.

Matheus não respondeu, mas, já tinha retirado a sua estima aos ciganos, e estava sentindo um certo peso na consciencia e no estomago, proveniente das batatas que lhes comêra.

O sol que acabava de apparecer lançava um clarão immovel. Era tempo de partir.

Matheus montou em Bruno. Coucou Peter tomou-o pelas redeas e começou a subir para o alto da serra a ver se saiam dos nevoeiros que cobriam o valle.

Os passaros cantavam com a alegria da manhã. Á medida que a noite empallidecia, o ar tornava-se mais vivo, mais penetrante.

A pouca distancia, por entre o mato, tornaram a encontrar o caminho de Saverne e Matheus já mais alegre, felicitou o seu discipulo de haver abandonado os ciganos.

— Vê tu, meu amigo, até onde podem arrastar-nos as nossas paixões! Em troca de alguns paios, podias muito bem perder a tua alma immortal. Não te esqueças nunca que o homem tem tres forças que o governam na vida: os instinctos sensuaes, o egoismo e a consciencia dos seus deveres. Faze com que esta ultima te dirija e serás um modelo de virtude.

— Agora, disse Coucou Peter, com as lições psicologicas de Oberbronn e a abstinencia completa de carne, como diabo não hei de eu ser virtuoso? Se para isso basta o jejum e algumas pauladas, graças a Deus não temos de que nos queixar: nenhuma d'estas coisas nos tem faltado.

Matheus poz-se a rir com vontade.

— É evidente, Coucou Peter, é evidente, e muito mal fariamos se nos queixassemos, porque enfim todas as contrariedades que nos acontecem tem por fim o nosso aperfeiçoamento moral.

— Pois sim, mestre, mas á força da gente se aperfeiçoar pelo jejum, derranca-se o estomago e um bello dia mesmo para rir só encontramos energia em metade da cara.

Caminharam assim pela matta. O sol já mais quente penetrava atravez da folhagem. Bruno seguia a passo um carreiro bordado de musgo, Coucou Peter apanhava as amoras que cobriam as silvas, e com a boca cheia assobiava para responder ao canto dos passaros.

As gralhas passavam em bandos atravez das arvores, ás vezes tão perto que o alegre cantador lhes atirava com o pau.

Tudo continuou d'este modo até ás nove horas. Quando o calor começou a fazer-se sentir e que tiveram de subir as collinas íngremes de *Dagsberg*, invencivel melancolia se apoderou do coração de Matheus.

Não se encontrava viv'alma.

Ouvia-se sempre o rumorejar dos abetos, o tintilar ao longe, nas grandes pastagens dos valles, das campainhas das vacas, o canto dos pastores, triste ou alegre, que se prolongava pelos eccos.

Tudo isto lhe fazia lembrar o *Graufthal*, a sua velha Martha, os seus amigos ausentes, e suspiros profundos e prolongados lhe faziam arfar o peito. O proprio Coucou Peter estava contra o seu costume meditabundo. Bruno deixava pender a cabeça com um ar melancolico como de quem se lembrasse de tempos mais felizes.

Mais d'uma vez tiveram de tomar o folego, antes que, pelas cinco horas da tarde, chegassem ao valle de *Zorn*, ao pé do *Grande-Barr*.

Então o nevoeiro descerrou-se.

Por cima de suas cabeças serpeava a estrada da *Lorena*. Carroças, aldeões, aldeãs, com uns cestos grandes cheios de hortaliças, subiam a ladeira. Os estalos dos chicotes, o ruido dos guizos, alegravam a paizagem e pareciam já annunciar *Zabeon*, a terra dos merendeiros alvos, dos paios e da cerveja espumante.

(Continúa.)

B.

A UMA SENHORA

Pedir-me versos—senhora?...
Mas que lembrança tambem!...
É como se um dia a aurora
Pedisse a luz que em si tem.

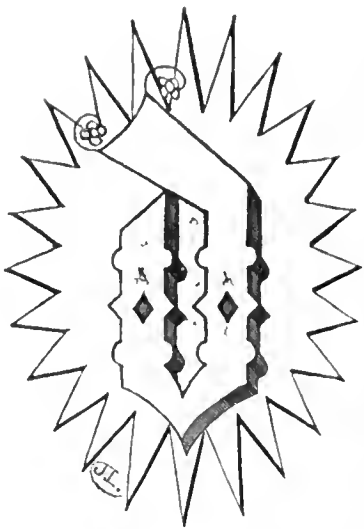
Pois creia que sinto magoa,
Mas não posso; o que sou eu?...
Apenas um veio d'agua
Que reflecte a luz do ceo.

Olhe, escute um bom conselho,
Quer poesia, e de primor?
É vêr-se no seu espelho
Que não sei d'outra melhor.

E. A. VIDAL.



NÃO TENHA MEDO!



IL-O a estampa : é durante a guerra. A morte no campo, o frio no lar, as mulheres sem pão, os filhos sem pae!

Não tem culpa d'isso o soldado. O soldado é o povo, ou nem sei se chega a sel-o. O que é o povo, por fim de tudo? Uns homens que trabalham vergando ao peso da enxada, dando á terra a força e a vida que Deus lhes deu, não são o povo : os que vivem curvados silenciosamente a uma disciplina barbara, tambem, pelos

modos, não são o povo. Homem do povo propriamente, como por ali se entende, é o operario das cidades, e, ás vezes, o vadio d'ellas. Por causa d'esse, é de tempos a tempos massacrado o soldado, e ficam na miseria as familias.

Pobre soldado! É sempre pequeno o quinhão que lhe cabe nas honras e nas glorias.

O sangue d'elle é sangue anonymo, que não importa nada á nação. Não tem familia, nem parentes, nem casa.

É uma coisa que se meeche, e morre : nem é bem uma coisa que se meeche, é uma coisa que se faz mecher.

Não é sequer do povo;—perde com o vestir farda esse caracter sagrado!

Quando a gente é pequena gosta muito de vêr soldados, e daria tudo por ser tambor, a rufar por gosto, deixando todos pasmados, direitinho como um lyrio, emquanto sôam as trombetas e os corvos abrem a boca...

Hombro armas!

Avançar!

Tropa contra tropa, todos heroicos, espanto de tyrannos, alma ardente, charanga intrepida a fallar da patria e da gloria, por modo que até os galuchos rompam de cara, truz catrapuz, por entre tiros, gritos, hymnos, chammejar de polvora, sangue a deitar fumo, estertor, a morte em turbilhões...

Mais tarde o soldado assusta, ou faz pena.

Esse que a estampa nos mostra é talvez um bom homem; tem ares d'isso. A guerra é a atrocidade, mas a atrocidade não vem d'elle. A guerra é a habilidade na affrouta, a injuria engenhosa áquelles a quem se quer matar, o genio militar irresistivel, a arte de comprar generacs inimigos, o mandar fuzilar, nas terras onde se entre, uns ponceos de rios para os outros irem abrindo a burra; é a alegria sinistra : pilhar, devastar, assaltar comboios, fazer saltar o paiol da polvora...

Que culpa tem d'isso o soldado, coitado!? Que culpa tem elle de que os paizes mais adiantados estejam ainda n'esse ponto como o Perú do velho mundo?

Vem essas creancinhas? Estavam brincando á porta; havia apenas semanas que o pae lhes faltára. A mais pequenita, que tem uma boneca debaixo do braço, perguntára á mãe para onde é que o pae havia ido :

—Para o ceo!

Como tambem tinha um balõesinho, d'esses com

que as creanças brincam, foi buscal-o, e perguntou outra vez á mãe :

—Ó mamã, se eu largasse este balõesinho, para onde ia elle?

—Pelo ar!

—Onde é pelo ar?

—Longe, longe.

—Para o ceo?

—Lá para cima, sim.

A pequenita foi scismando até a porta, e largou-o.

O soldado ia passando.

—Então deitas fóra o bonito?

—Deito.

—Porque, amorsinho?

—Para elle ir para o ceo, para o papá brincar com elle!

O soldado estremeceu. Em tempo de guerra a tristeza das creanças é aterradora...

—Então o teu pae...

—Ainda não veio da guerra.

—Nem vem, disse a mais velha.

A mãe, de dentro, chorando, balbuciou :

—Não voltará!

O bavaro fez festa ás creanças, quiz dar-lhes do seu farnel, uma bolacha, um pedaço de pão com carne, e entrou.

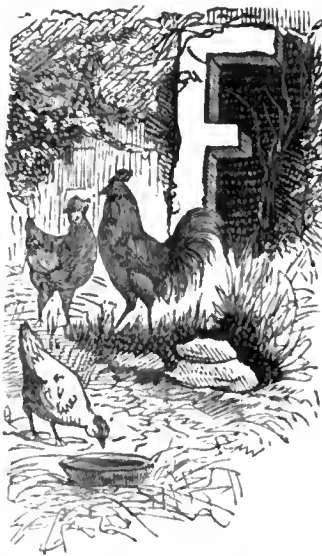
O olhar da mãe, ao fundo, parece reprehender as creanças, para que se afastem.

—Não tenha medo! diz o soldado á mais velha

JULIO CESAR MACHADO.

A MERENDA

(QUADRO DE MURILLO)



AZ symetria a gravura, que as *Artes e Letras* hoje apresentam aos seus leitores, com a da *Refeição*, que ha tempos aqui se publicou. O assumpto é quasi identico. As qualidades do quadro são as mesmas, a intenção do pintor não é diversa, as physionomias dos rapazes da *Merenda* não differem sensivelmente das dos outros galopins, que trincavam com ancia a fructa. O que ha a notar simplesmente a mais é o cacho de uvas, appetitosas uvas da Andaluzia, em cujos bagos, doirados pelo sol ardente dos paizes meridionaes, parece que estamos já sentindo refterver o generoso vinho de Xerez.

A empreza das *Artes e Letras* é que foi um tanto cruel com os seus leitores, apresentando-lhes em pleno dezembro este cacho de uvas... pintado. Eu por mim, condemnado, enquanto a fructas verdes, á maçã caracteristica da Normandia, senti appetites infernaes, e estive quasi accrescentando uma lenda á historia da arte, saltando nas uvas de Murillo, como o passaro tradicional nas uvas de Zeuxis.

Confesso, e abra-se aqui um parenthesis ligeiro, que



MARLLO P.

W. FRENCH SC.

A MERENDA.

THE END OF THE WORLD.

nunca me pude conformar com o facto de ter perdido o Paraiso por causa da maçã! Sou implacavel com Eva, e não lhe perdoo a sua inexplicabilissima fragilidade. A maçã é uma fructa que nunca pode tentar ninguém; é uma fructa espessa, burgueza, normanda, fructa que, se se mettesse em politica, figuraria no centro direito da assembléa de Versailles, fructa de côres placidas, que só lembra a bebida pacata da cidra, e as planicies monotonas, e as paizagens massudas. Só uma habitante de Caux, uma d'aquellas mulheres que usam as toucas singulares que todos conhecem, é que se tentaria com a maçã; ora eu estou convencido de que a mulher, que brotou de um jacto da primeira inspiração de Deus Nosso Senhor, não foi a normanda, foi a andaluza.

Mas a andaluza não se tentava com a maçã, tentava-se com um cacho de uvas, como esse que Murillo pinta. O cacho de uvas encerra, nas suas perolas doiradas pelo sol, o licor que enthusiasma. A andaluza estenderia de certo a mão para o racimo tentador pendente sobre a sua cabeça em ondulações graciosas. Fazer da maçã o fructo da tentação, é o mesmo que fazer de Satanaz um burgo-mestre, com rheumatismo, e obeso.

Mas isto afastou-nos do assumpto principal da gravura. Quem são os dois rapazes que estão comendo as uvas? Ignoramol-o. Dois garotos que furtaram talvez o cacho na vinha do proximo, e que não suppunham de certo que ao mesmo tempo conquistariam as uvas... e a immortalidade.

PINHEIRO CHAGAS.

AQUELLA CASA TRISTE...



CASA grande das quinze janellas branqueja no espinhaço do monte.

As janellas fecharam-se ha seis mezés, ao mesmo tempo que duas sepulturas se abriram.

A sepultura do *Africano* que chegava ao cemiterio, quando a filha expirava; e a sepultura de Deolinda, quando o sino dobrava ainda nos funeraes do pac.

*
* *

Ao homem, que morreu n'aquella casa triste, chamavam o *Africano*.

Estou-a vendo d'aqui.

As vidraças reberveram o sol poente.

Eu, ha hoje dez annos, vi abrir os alicerces d'aquella casa.

Lidavam operarios a centnares.

Entre os alvencis estava um homem, na pujança dos annos, magro, macilento e tostado pelo sol da Africa.

Disseram-me que era homem muito rico, e viera do cabo do mundo, e se chamava o «Duque» por appellido, e o *Africano* por alcunha.

Avizinhei-me d'elle com o semblante risonho de corteziias para lhe perguntar como ia, em monte assim

agro e ermo, fabricar edificio tão grandemente cimentado.

Responden que tinha em Benguella uma filha, com quem andára viajando na Suissa. E que a sua Deolinda, estanceando nas empinadas serras de S. Gothard, lhe dissera que seria feliz se morasse no topo d'uma montanha, em casa imitante de outra onde pernoitára, e d'onde vira levantar-se o sol do seu leito de neve.

E elle, pae extremoso, rico e saudoso da patria, disse á filha que, por cima da casinha onde nascêra, em um oiteiro do Minho, sobranceava um alto monte, golpeado de regatos que derivavam por entre arvoredos fresquissimos.

E a filha, cingindo-se ao pescoço, exclamára:

—E quando vamos?

—Irei fazer a casa no alto do monte, e depois irás tu, e levaremos para a capella os ossos de tua mãe. E eu descangarei d'esta labutação em que pude grangear mais que o preciso ao teu passadio, visto que prefêres ao viver em Paris uma casa nas serras de Portugal.

E saiu de Benguella, provido de dinheiro para edificar o ostentoso *chalet* que a filha phantasiára.

Ora, os architectos do Minho, como não parecêsem a planta do *Africano*, construíram-lhe um palacio aldeão, especie de dormitorio monastico, um leviathan de granito zebrado de vidraças enormes e portas alterosas.

Perto d'alli, na outra lombada do mesmo oiteiro, está o antigo solar torreado dos senhores de Farelans.

E eu que, n'aquelle tempo, me embrenhava nas ruinas grandiosas do paço senhorial de Ruivaens, a decifrar a lenda meio historica dos Correias de Sá nos frescos do tecto apainelado, ao perpassar pelas grossas cantarias do *Africano*, dizia entre mim: «O palacio cavalleiroso que desaba, e o palacio industrial que se levanta. Aquelle recorda as manhas epicas do peito illustre lusitano, a industria da lança que atirou da India para alli, na ponta ensanguentada, a pedraria dos reis de Chaul, de Calecut e Mombaça. Ergue-se o novo palacio para assignalar á posteridade que o peito moderno lusitano é ainda illustre e emprehendedor, differencando-se do antigo sómente no que vae entre adaga e azorrague, entre acutilar o indio pela frente, ou verberar o ethyope pelas costas.

Mas eu não sabia se aquelle homem, tão entranhadamente pac, amcalhára os seus haveres por entre os perigos do cruzeiro. Talvez que não. A riqueza não é sempre o estipendio generoso dos homens crueis. E, em corações afistulados por peçonha de cubiça—sêde execravel que se dessedenta em lagrimas—não cabe o exaltado e santissimo sentimento do amor paternal. Quem chora por um filho não tem olhos que vejam, enchutos, arranear escravos dos braços de suas mães. Verdade é que os praticos d'estes ultrajes a Jesus—Ser divino em que Deus se manifestou no mais elevado grau da consciencia humana—dizem que lá, nas cubatas, não ha mães, nem filhos: ha individuos bestialmente rebanhados, e inconscientes de laços de familia. Se assim é, meu Deus, porque não destes á vossa creatura de epiderme negra o amor maternal que dulcifica as meiguices da hyena enroscada nos fillos?

*
* *

Aprumadas as paredes, delineados os repartimentos, os patins, as portas, a capella e o jardim, Duque, o *Africano*, saudoso da filha, deixou a obra em meio, e dinheiro de sobra ao seu feitor, pautando-lhe que, no prazo de doze mezés, a casa estaria feita.

E voltou a Benguella, onde tinha centenas de escravos, armazens de café, de marfim, de gomas, e as suas vastas sementeiras sobre dez leguas circulares de terra, onde o suor da pelle fresca, porjada pelo sol a pique, era um como adubo forte, um guano de sangue estilado por entre fêbras vigorosas e distendidas pelo látigo.

Vendeu as fazendas, enfeirou as bestas e os negros, abarrotou a galera de carregação sua, esquipou a tolda, decorou de frouxéis de seda o camarim da filha, e aproun para a patria. Parecia um dos antigos viso-reis que voltavam da India, d'uns que não se chamavam João de Castro nem Affonso de Albuquerque.

— Vale duzentos contos a carga da *Deolinda*— diziam os amigos do *Africano*, quando as velas da galera, chamada com o nome da filha de seu dono, trapeavam bafejadas por aprazível brisa.

A navegação, por perto da costa, e sempre ajudada por prosperos ventos, correu alegre e descuidosa de receios.

Deolinda deleitava-se a remirar a prata das ondas espumantes, ou, enlevada em leituras amenas, passava as tardes na tolda, enquanto não chegavam os seus amores mais queridos, as estrellas do ceo e as phosphorecencias do mar.

Ella era mulata, e bella quanto cabe ser, com a face beijada por aquelles raios ardentes e o sangue escaaldeado das lufadas do deserto—mulata, com as feições levemente denunciativas da raça materna, quasi tiraute o esmaiado amarellido, um bem harmonisado conjuncto de graças, avantajadas ao que se diz belleza, debaixo d'este nosso ceo de rostos niveos, sangue pobre, e epiderme alvacenta.

*
* *

Trasmontada a linha, e festejado o passo com desccantes da maruja, o ceu entrou de nublar-se, a nortada a ringir nas gaveas os silvos agoureiros, e o piloto esperto a encarar mui fito em um nevoeiro que se acastellava sobre noite, á volta do sol esmaecido. Era em fevereiro de 1869.

Ao repontar a manhã do dia seguinte, o mar urrava acapellado, as nuvens desciam a beber as ondas que se encurvavam, o sol apenas entreluzia frio e marmoreo na baça claridade da manhã.

Ao meio dia, o escurecer fez-se rapido e pardacento como um crepusculo de noite invernos.

Bravejou subita furia de mar, apenas collido o velame.

O piloto vira terra, e cobrara alento na esperanza de proejar para Cabo Verde, conquanto se temesse d'aquella costa infamada de muitos naufragios, desde que portuguezes se andam á cata de oiro e opprobrio por entre os colm lhos da morte, na espadua das tempestades, a braços com a ira de Deus e dos homens.

Noite alta, estrondeou no cavername da galera um como estampido de pega que detonasse dentro.

Deolinda foi collida nos braços do pae, quando resvalava da camilha ao pavimento, com o livro das suas orações nas mãos convulsas, e o nome da Mãe dos afflictos nos labios.

—Morreremos, meu pae?—perguntou trespassada de horror.

—Animo!—murmurou elle—abraça-te em mim, que eu não quero chorar-te nem que me chores, filha... Morreremos juntos.

Em cima estrugiu a eccleuma dos marinheiros, o rojar rispido das amarras, os gritos, as supplicas, os api-

tos, o troar da peça que pedia soccorro, e o dos trovões, que reboavam, e um relampadejar que azulava os abyssos.

E, de subito, a galera, apoz aquelle rapellão que lhe vibrou as cavernas, quedou-se arquejante, a rossar nos espigões da restinga.

E as vagas, raivando contra aquelle estorvo, galgavam-no rolando-se, refervendo e marulhando de um bordo a outro. O porão descozia-se, sorvendo e golfando jorros de agua como o monstro dos mares escalavrado pelos arpeus.

O capitão, pallido mas sereno, debruçou-se no corrimão da camara, e disse:

—Encalhou a galera, sr. Duque. É tempo de sair a terra.

—Nenhuma esperanza?—perguntou o *Africano*.

—As vidas salvam-se... talvez...

—Só?...

Perguntou o homem rico; mas aquelle monosyllabo, estrangulado na garganta, rouquejou como um arranco da vida. *Só! Só a vida? A minha vida de quarenta annos, os meus duzentos contos de réis não se salvam? Eu hei de sair pobre d'entre esta riqueza que é minha, que é o repouso da velhice, o patrimonio de minha filha? Só!*

E as lanchas, balançadas no vaivem das ondas, chofravam nos flancos do navio por entre espadanas de espuma.

Deolinda atravessou corajosa, e firmada no braço do pae, até ao portaló. O *Africano* levava no rosto um terror indescriptivel, e nas contorsões e visagens de afflicção a agonia da peor morte.

E ella saltou de impeto ao escaler, apenas amparada na mão de um passageiro, que lhe disse:

—Adeus...

—Não vem?—perguntou ella.

—Primeiro hão de ir as creanças, as mulheres e os velhos.

Deolinda contemplou-o alguns momentos, e amparou a face do pae, onde as lagrimas derivavam copiosas.

Os escaleres vararam na areia, revessados no rôlo da vaga. Estavam salvos os velhos, as mulheres e as creanças.

E, logo, os remadores intrepidos que outra vez se arrostavam com a morte, viram a galera a baloiçar-se entre o vagalhão, e ouviram o estrallejar do cavername por sobre os clamores dos naufragos; depois, levantou-se um grande mar, e a lancha ficou para além d'essa formidavel montanha; e, quando o escareceu deseaiu para solevar a barea, um momento quieta nas fauces da voragem, os mareantes já não viram da galera senão o gume da quilha, e á volta d'ella o bracejar dos agonisantes.

*
* *

Um dos que alli morreram foi aquelle que, dando a mão a Deolinda, lhe dissera: «Adeus!»

Era um homem de triunta annos, bem figurado, ares de fina raça e maneiras de cortezão, com palavras polidas e nunito alheias das usuaes nos homens que viandam por aquellas paragens. Não lhe sei o nome, nem que lh'o soubera o diria. Foi-lhe tumulo o mar, como se a sorte quizesse que o seu nome se não lêsse em epitaphio. Sei que elle cumprira sentença de tres annos em Angola, porque aspirára ás honras de ser rico, sem escrupular nos meios. Tinham-lhe dito que os seus conterraneos mais nobilitados se haviam enriquecido, trocando as riquezas da sã consciencia por outras que levam ao inferno, é verdade, mas pelas portas do paraíso das rega-

lias d'este mundo. Via-os saborearem-se em socego dos bens mal adquiridos, sem remorso que os remordesse, nem injuria da sociedade que lhes puzesse ferrete na testa; ao revez d'isso, elles eram a classe mais ao de cima, a gente chamada ás honras, sem desconto na estupidéz nem proterva reputação, quanto á procedencia de seus bens de fortuna.

Nascimento illustre, educação primorosa em letras, e bastante descuidada em moral, pobreza repentina por effeito de demandas que o esbullaram do patrimonio, impaciencia, ruins exemplos de infames prosperados — todas estas coisas se travavam de mão para o perderem. O seu crime foi associar-se desaproveitadamente com moedeiros falsos, prestando-se a servir de passador de notas no Brazil; no acto, porém, de fazer-se á vela para lá, de um porto do archipelago açoriano, foi denunciado, preso, e condemnado.

De volta para Portugal, foi visto por Deolinda a bordo da galera de seu pae, que o tratava com desdem, senão desprezo. A filha do negreiro no começo da vida mercantil, mas depois (bendita seja a civilização!) phylantropo seguidor das leis humanitarias impostas pelo cruzeiro — soube de seu pae o crime do passageiro, e não se compenetrrou do racional horror de tamanho delicto. Bem que o condemnado não ousasse abeirar-se dos mercadores, e menos d'ella, Deolinda usou traças de conversar com elle uma fugitiva hora de noite serena, enquanto o pae, no seu camarim, formava esquadrões de algarismos, dos quaes tirou a prova real de que os seus haveres excediam para muito os duzentos contos que lhe attribuiam.

Desde essa hora da noite estrellada em que ella ouvira palavras nunca ouvidas, accendeu-se no coração combustivel da mulata o fogo que costuma purificar as culpas do homem amado, tanto monta que elle seja moedeiro falso, como homicida, quer negreiro, quer ladrão de encruzilhada.

E elle soube que era amado d'aquella mulher que havia de herdar muito oiro, e nem por isso lhe deu o galardão de ter descido até ao pobre estygmatisado para sempre. Nem palavra de humildade agradecida, nem de animo alvorçado por esperanza de ser, a um tempo, amado e rico. Deolinda ousou arguil-o de frio e desdenhoso. Elle explicou docemente a sua frialdade, dizendo que só havia no mundo uma mulher que não devia desprezal-o, e uma só a quem elle devesse amar sem pejo nem temor de ser repellido.

— Quem é? — perguntou ella em sobresalto.

— E minha mãe. Vou procural-a, e pedir-lhe perdão, por haver posto a minha ignominia á cabeceira do seu leito de moribunda. Se a não mataram vergonhas e saudades, é porque Deus quer que eu a veja.

* * *

Quem sabe ahi dizer o que Deus quer de nós?

O degradado, na volta da patria, alli morreu n'aquelle naufragio, depois que ajudou a salvar as creanças, as mulheres e os anciãos, despedindo-se de todos com aquelle sereno adeus que dissera á filha do Africano.

E Deolinda, quando soube que elle era um dos vinte e cinco cadaveres escalavrados na costa de Cabo Verde, chorou poucas lagrimas, e parecia querer romper no seio uma represa d'ellas, que lhe deliam os estames da vida.

— Estamos pobres! — exclamava o pae.

— Temos de mais para o que havemos de viver — respondia ella com uma alegre serenidade.

— Por que has de tu morrer, minha filha? — voívia elle já conformado com a desgraça.

— Porque senti ha pouco um estalo no coração, e euidei que morria abafada. Passou esta ancía, mas sei que hei de morrer d'isto. Parece que vejo a sepultura aberta, e que o frio do cadaver me trespassa.

O pae aconchegou-a do seio, como quem aquece uma creança enregelada, e soluçou:

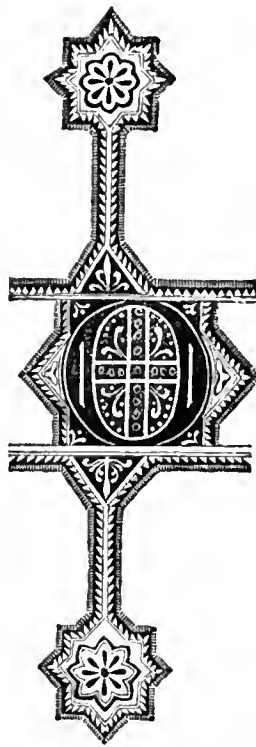
— O meu Deus! leve-me minha filha, quando eu me queixar da vossa vontade que me reduziu a esta pobreza!

(Continua.)

C. CASTELLO BRANCO.



LEONOR DA FONSECA PIMENTEL



Oh ditosos aquelles
 De quem feitos illustres se soberão,
 De quem ficam memorias soberanas.
 De quem se ganha a vida com perdela,
 Dóce fazendo a morte as honras d'ella.

Lusiadas, cant. vi, est. lxxxiii.

1

s grandes successos da revolução franceza agitaram, nos fins do seculo passado, toda a Europa.

Os soberanos, ou pelo parentesco em que estavam com Luiz XVI, ou pelo temor de que o exemplo da França se tornasse contagioso em seus estados, formaram liga geral offensiva contra esta nação. Não previram que uma guerra externa, tão injusta como imprudente, contribuiria com efficacia para reunir todos os partidos que dividiam o paiz revolucionado, e para assegurar o exito da revolução que, sem aquelle estímulo, teria degenerado talvez em guerra civil. Não puderam adivinhar que nas batalhas em que pretendiam abater, supprimir talvez uma nação, para assombro do mundo se formaria o genio guerreiro, de quem receberiam os danos que intentavam fazer.

A Inglaterra, esperando engrandecer-se com a total ruina da França, poz as maiores diligencias para que os soberanos se colligassem, particularmente os da Italia, e dessem principio a uma guerra que ella desejava, mas que se não atrevia a declarar primeiro que as outras nações.

O rei do Piemonte Victor Amadeu, rompeu as hostilidades da parte de Nicea e Saboia. Mal succedido em principio redobrou de esforços, auxiliado pelos outros soberanos da Italia, soccorrido com tropas austriacas e protegido pelos inglezes. Os exercitos da França não sómente impediram a invasão, mas avançaram victoriosos pelo paiz inimigo.

Estas primeiras guerras tendo começado em 1792

prolongaram-se até ao anno de 1796, em que Bonaparte, enviado á Italia, iniciou, por uma serie de victorias successivas, a sua gloriosa carreira.

A 17 de outubro de 1797, quando a Europa ab-sorta esperava do novo general ainda mais brilhantes feitos que os que já lhe illustravam o nome, assignava-se a paz em Campo-Formio com as condições estipuladas pela França.

Mas a paz nem dava a esta nação quanto ella podia exigir, depois da campanha da Italia, nem contentava os estados que não podiam ficar senão peor do que estavam antes da guerra. Assim, com pretextos não muito fundados, os francezes occuparam Roma em fevereiro de 1798 e expulsaram Pio VII para a Toscana.

Por outra parte, o rei de Napoles, o imperador da Austria, o duque da Toscana e o rei da Sardenha, protegidos e incitados pelos inglezes, aprestavam-se para continuar a guerra.

Nas Duas Sicilias e, portanto, em Napoles, reinava Fernando IV, casado com Maria Carolina de Austria, irmã de Maria Antonieta. Ambiciosa, imprudente e vingativa, a rainha, a quem o fraco animo de Fernando se humilhava, dirigia com o ministro Acton os negocios do governo.

Os inglezes, que desejavam avassallar o reino de Napoles e ao mesmo tempo voltar contra a França o seu dinheiro, tropas e navios, aproveitaram-se das condições favoraveis que lhes offercia a côrte napolitana para conseguirem os seus fins.

Excitando o odio da rainha para com os francezes e outras más paixões que a dominavam persuadiram-lhe, desde 1793, a pratica de um systema odioso, que havia de alienar-lhe as sympathias do povo e promover as dissensões intestinas.

Tomada de imaginarios sustos, Carolina acreditava que milhares de napolitanos tinham relações secretas com os francezes, e se aprestavam para a precipitar do throno, como estes haviam feito a sua irmã. Uma junta do estado, a quem foi commettido o encargo de julgar os suspeitos, atulhou as cadeias de accusados e condemnou alguns á morte. A rainha cobria o reino de espiões e gabava-se de *ir assim destruindo o velho preconceito que reputa infame o denunciante.*

Ao mesmo tempo sobrecarregava o povo de tributos onerosos para levantar tropas de mar e terra que servissem não sómente para apoiar os seus vexames e abusos dentro do reino, mas tambem para expulsar os francezes da Italia.

Não estavam os napolitanos educados para a revolução, nem comprehendiam as idéas que a tinham produzido e sustentavam em França. Porém, a tyrannia do governo, a devassidão da corte e as exações do fisco, desinvolveram antecipadamente um fructo, a cuja maturação obstavam a rudeza e a ignorancia do povo.

O castigo injusto de revolucionarios suppostos fez que apparecessem os verdadeiros.

Havia em Napoles alguns homens, superiores por sua illustração ao vulgo, capazes de apreciar as instituições liberaes e de ver que o governo impolitico, despótico e oppressivo da rainha e de Acton precipitaria o reino de Napoles n'um abysmo. Esses, a quem ameaçavam já a cadeia ou a forca, associaram-se secretamente com o nome de *philomati*, escolhendo para as suas reuniões o *Palacio da rainha Joanna*, velhas ruínas de uma casa que não chegára a ser concluída, na encosta do Paussilippo.

Era ali que liam as cartas e gazetas de França e, em conversas e discussões animadas, tratavam de radi-

car as novas idéas, e de constituir um partido que tomasse á sua conta promover, de accordo com os francezes, a queda do throno e a expulsão de um rei imbecil e de uma rainha cruel e impudente.

A victoria de Nelson nos mares de Alexandria em 1798, reanimando as esperanças dos soberanos colligados, fez redobrar a actividade do governo de Napoles. N'um só dia recrutou quarenta mil homens. Nos fins de outubro mais de setenta mil formavam o exercito da frenteira.

Para lançar os francezes fora da Italia, o exercito napolitano contava com o apoio do imperador da Austria, do duque da Toscana e do rei da Sardenha.

O imperador não se moveu, transtornando assim o plano da campanha, que era cercar os francezes por todos os lados. O exercito napolitano, commandado por Mack, foi sobre Roma e Civitta Castellana, onde pelos revezes que padecceu se deixou entrar de tal desanimo que, em vez de expulsar os francezes, lhes abriu o caminho de Napoles.

O povo arnou-se amotinado para sair ao encontro do inimigo. O rei, sem coragem para o dirigir ou acompanhar, fugiu com a familia real na esquadra de Nelson, levando muitos milhões e as joias da corôa. No meio da geral desordem o general Mack, para escapar ao furor da plebe, teve de refugiar-se entre os soldados francezes que Championnet commandava.

II

O povo de Napoles, como ha poucos dias o de Paris, passára de uma confiança vaidosa e cega ao extremo da desesperação. Aguardava as grandes victorias do exercito, organizado á custa de tantos sacrificios, e o exercito trouxera-lhe os francezes sobre a cidade. Esperava gloriosos feitos da esquadra, em que vira dispender milhões, e a esquadra desapparecera incendiada pelos seus proprios alliados, os previdentes inglezes. Contava com o rei, que deveria servir-lhe de pae e guial-o, como cabeça que era de todos, e o rei fugira, abandonando cobardemente o seu posto. Depositára, enfim, a ultima esperança no príncipe Pignatelli, a quem Fernando IV commettera o governo da cidade, e o *vicario* tratára com o inimigo o armisticio mais ruinoso que em tempo algum se fizera, promettendo, por umas treguas de dois mezes grande parte do reino e dois milhões e meio de francos.

O povo julgou-se trahido por todos. Invadiu os castellos e, apossando-se das armas, assenhoreou-se da cidade. Muitos magotes percorriam as ruas gritando: *Viva a religião! Viva o povo napolitano!* E, ao som d'estas e outras vozes, saqueavam e incendiavam as casas dos que passavam por *jacobinos*.

Da parte de fora os francezes ameaçavam a cidade. Dentro reinava o terror.

Havia, felizmente, devotados á causa da França muitos napolitanos, de quem a plebe não desconfiava. Esses misturavam-se com os populares e os guiavam conforme podiam, fingindo-se adversos aos francezes para obstar a maiores horrores. Alguns conseguiram apoderar-se do castello de Sant'Elmo, que domina a cidade, e o entregaram ao general Championnet, inutilizando d'este modo todo o projecto de defeza que não serviria senão de aggravar horriavelmente os males que ameaçavam aos napolitanos.

Apenas se avistou na fortaleza a bandeira da republica, recresceu o furor da população. O tumulto subiu ao maior auge. Foram invadidas com mais violencia as ca-



Leonor da Fonseca Pimentel

sas d'aquelles que se suppunham em relações com os francezes.

Um dos magotes que andavam em tal diligencia pretendia arrambar a porta de certa casa, soltando braços de vingança e de morte, principalmente contra uma mulher, cujo nome, com temerosa sanha, muitas vezes repetia.

Quando chegavam a ponto de consummar o attentado, abriu-se de subito outra porta da mesma casa, por onde saíram á rua muitas damas armadas.

Seguiram-se alguns momentos de silencio e de estupefacção. Enquanto estas se punham em ordem, como a companhia de um batalhão disciplinado, uns d'aquelles homens enfurecidos deixavam cair por terra as alavancas e machados com que trabalhavam no arrombamento, outros, mais deshumanos, erguiam-nos ao alto, bem como se quizessem preparar-se para a luta.

Estavam frente a frente o bando dos amotinados e a gentil cohorte que os surprehendera. Que singular contraste! De uma parte, os *lazzaroni* cobertos de andrajos immundos e esfarrapados. A colera decompunha-lhes as feições que os cabellos desgrenhados e a barba hirsuta faziam mais hediondas. De outra parte as damas elegantes e graciosas, penteadas e vestidas com esmero, não deixavam transluzir na serena tranquillidade dos rostos

senão a resignação e o valor com que affrontavam a morte, ou o desprezo que sentiam para os ferozes assassinos, de quem tinham de aproximar-se para achar meio de fugir-lhes.

Pareciam os anjos de Milton aprestando-se para a luta. De um lado os bons, de outro os maus.

Vinha commandando as damas armadas aquella a quem mais se dirigiam os clamores do povilheu. Era uma mulher elegante e formosa, de aspecto nobre e varonil. A figura, os olhos e o gesto impunham silencio e respeito á turba enfurecida. Avangando resoluta contra ella, com uma pistola em cada mão, disse com voz clara e firme:

— Não precisaes de subir as escadas para nos assassinares. Aqui, á luz do sol e com a cidade de Napoles por testemunha, executareis o vosso intento. Sabei, porém, que venderemos caro as vidas. Nem todos de entre vós se hão de gloriar de punir com a morte algumas mulheres, que não tem por culpa senão o abominar os tyrannos que vos enganaram e trahiram.

Os *lazzaroni*, estupefactos de tamanha audacia na occasião em que menos a esperavam, ou receiosos de lutar sem armas de fogo contra quem as trazia, ou, enfim, porque as palavras d'aquella que fallára os convencessem da injustiça com que procediam, ficaram-se quietos e silenciosos. As damas, aproveitando-se d'esta inercia,

afastaram-se apressadamente da turba, que, de um para outro momento, poderia recuperar a perdida sanha, e, proseguindo, não sem grande perigo, pelas ruas da cidade, foram refugiar-se no castello de Sant'Elmo.

Mas, quem era a dama que, por seu animo varonil e pela coragem que soubera incentivar ás que a seguiam, pôde fugir com ellas aos insultos do populacho, refreiar-lhe os impetos, e escapar á morte horrorosa que as esperava?

Aquella mulher, illustre na historia moderna da Italia, aquella mulher, a quem um de seus mais notaveis contemporaneos applicou a divisa: *Audet viris concurrere virgo*, era filha de paes portuguezes e chamava-se Leonor da Fonseca Pimentel ¹.

(Continua.)

A. FILIPPE SIMÕES.

REMEMBER!

Vae, sim, — pois que?... As rosas orvalhadas
Inda em teu seio esplendem com frescor,
Vae, creança, e nas horas deseuidadas
Ama, sê toda amor.

Quem não ha de folgar quando a existencia
Se exhaure em brandos sonhos de prazer,
Quando tudo seduz, e a providencia
Nos manda amar e crer?

Ergue a fronte, desprende a fina trança,
Confunde-te a sorrir no turbilhão.
A festa! pois não ouves?... eia, á dança...
Tu deves ir, em não.

De que me serve o extase d'uma hora
Se a minha alma em taes jubilos não crê?
O que importa o clarão que accende a aurora
Ao cego — se o não vê?...

Mas tu, que erês e esperas, tu que és bella,
Segue, divaga, encanta, o mundo é teu,
E corre, e vóa, — que é tua sina, estrella,
Voar de ceo em ceo.

Depois, quando sentires morto o alento,
E da festa veloz chegar o fim,
Dá-me, sequer de leve, um pensamento,
Não te esqueças, sim?

E. A. VIDAL.

¹ O nome de Leonor da Fonseca Pimentel sôa harmoniosamente ao ouvido, como puro e legitimo portuguez. Todavia, ninguem, que nos conste, observou antes de nós, que poderia ser oriunda de Portugal a heroína que viveu com distincção e morreu gloriosamente entre os campeões e martyres da revolução republicana de Napoles.

Vannucci diz que Leonor da Fonseca Pimentel nasceu de uma familia conhecida de Napoles. Alexandre Dumas, n'um romance que o sr. Pinheiro Chagas traduziu em 1865, chama-lhe *napolitana de origem hespanhola*.

Em 1870 publicámos no *Commercio do Porto* os documentos que attestam a sua verdadeira origem. Hoje podemos acrescentar ao que então escrevemos muitas noticias colligidas em varias obras italianas, e o retrato que foi copiado de uma gravura da que tem por titulo — *Panteon di martiri della liberta italiana*.



CHRONICA DO MEZ



ão sempre uteis e proveitosas as discussões litterarias, quando encaminhadas com prudencia e talento. A proposito da comedia — *Rabagas*, traduzida pelo sr. Pinheiro Chagas, e de um folhetim publicado por este escriptor atacando a peça, travou-se calorosa discussão entre o *Journal do Commercio* e o sr. Chagas, sobre a responsabilidade moral dos traductores com relação ás obras que transplantam para a lingua patria. Como o sr. Pinheiro Chagas

citasse o nome do sr. Latino Coelho que traduzira em tempo a comedia — *Les ganaches*, considerada por aquelle escriptor compositão politica de idéas contrarias ás do illustre traductor, o sr. Latino dirigiu uma carta ao *Diario Popular*, dizendo que não julgava a comedia que vettera para o theatro de D. Maria com o titulo de — *Os caturras*, compositão politica. A esta

carta ainda o sr. Chagas respondeu, e a discussão terminou por ali.

Não pretendo emittir opinião sobre o motivo do pleito; recomendo apenas aos que não tiverem conhecimento do caso, que procurem os numeros do *Journal do Commercio*, *Diario Illustrado* e *Diario Popular* em que foi tratado o assumpto, para que possam devidamente apreciar de que lado está a razão.

Tambem o *Journal da Noite* ergueu a sua auctorizada voz em defeza do sr. Chagas, applaudindo o que este distincto homem de letras escreveu relativamente aos traductores, os quaes, diga-se de passagem, lhe sahiram das mãos escorrendo sangue.

Acerca d'este ultimo ponto, quer-me parecer que foram demasiados rigorosos na classificação dada aos traductores, os que escreveram contra elles. É bono, e até necessario, differenciar os dos que produzem obras originaes; manda porém a justiça que se lhes não destine logar tão inferior e humilhante como o que de certo lhes caberia, se fossem abraçadas por todos as idéas de alguns dos contendores que entraram na lide de que fallei.

O theatro de S. Carlos começou menos mal a sua epoca lyrica. Tem regular companhia e está dando algumas das melhores e mais espectaculosas peças do seu repertorio. É pena que este não seja mais variado; ainda estão fóra d'elle muitas maravilhas conhecidas ha largo tempo nos principaes theatros da Europa, algumas das quaes, como as de Wagner por exemplo, são escriptas em estylo completamente ignorado do publico portuguez.

Tambem este anno se tem notado a falta do excellentes esaiador hespanhol, que, durante a epoca passada, tão habilmente encaminhou nas principaes operas, cantores e orchestra. Apesar de tudo, o publico tem concorrido aos espectaculos e applaudido os principaes artistas, alguns dos quaes, e por ventura os melhores, são já conhecidos dos annos anteriores.

Continuam os beneficios dos principaes artistas nos diversos theatros.

No Gymnasio recebem inequivocas provas de apreço e estima a actriz Maria das Dóres, em a noite da sua festa artistica. É, a meu ver, esta sympathica actriz um dos bons talentos que ornani o theatro portuguez. Ajudada pela força de vontade com que estuda e pelos conselhos que modestamente solicita de pessoas entendidas na sua arte, ha de, certamente, em pouco tempo, firmar no conceito publico o logar distincto a que os seus meritos lhe dão direito.

Do espectaculo dado n'esta noite não me cumpre fallar. N'outra secção d'este periodico, encontrará o leitor um dos muitos artigos que a imprensa diaria publicou a tal respeito.

Na Trindade tambem teve esplendida festa uma das mais gentis atrizes dos nossos theatros — Rosa Damasceno. O pu-

blico mostrou-lhe com bravos e palmas a boa conta em que a considero, não sendo menos prodigo em applausos para com o espectáculo realzado n'essa noite.

O habito não faz o monge, zarzuela esmeradamente traduzida pelo sr. Brito Aranha, e a comedia — *Mosquinha morta*, vertida tambem com muito primor pelo sr. Cunha Moniz, foram recebidas com a cortezia que os espectadores dispensam ás composições que lhes agradam.

N'este theatro representou-se em beneficio do actor De Veerby, uma farça original do sr. Geraldo De Veerby, intitulada — *Quem nasce para ríntem...* A nova composição tem scenas graciosas que se ouvem agradavelmente, e acima de qualquer outro merito possui o de ser trabalho original.

No theatro do Principe Real subiu á scena uma peça do sr. Lopes Cardoso denominada — *Regabofe*, parodia da comedia de Sardou — *Rabagas*. A parodia para ser completa foi até, como o *Rabagas*, um tanto aggreddida pelo publico, e attrahiu ao theatro da rua nova da Palma o apparatus bellico anteriormente visto no theatro do Rocio.

Completarei o assumpto — theatros — registando duas noticias — uma agradável, outra tristissima.

A primeira é a estreia da actriz Margarida do Nascimento, que, na comedia em um acto — *No campo*, traduzida para o theatro do Gymnasio pelo sr. Gervasio Lobato, mostrou ter habilidade e sobretudo excellentes dotes para a scena.

A segunda é o fallecimento de um actor estimavel, que juntava ao talento de artista o talento de escriptor. Retiro-me a José Maria Braz Martins, um martyr do trabalho que viveu e morreu desgraçado como quasi todos os homens de talento.

Como actor, desempenhou Braz Martins notaveis papeis, sobressaindo no do protagonista da excellente comedia do sr. Cascaes — *Nem Cesar nem João Fernandes*; como author escreveu avultado numero de peças originaes, sempre applaudidas e tão festejadas algumas, que muitas emprezas ganharam enormes lucros com ellas, ao passo que o desditoso author lutava com a miseria.

Eu, que devi ao merito do actor a interpretação fiel de alguns papeis que mui gostosamente lhe confiei, aqui deixo estas palavras de sincera estima pelos seus meritos e de profundo sentimento pela sua falta, como unico preito que posso render á sua memoria.

Theoria do Socialismo, é mais um livro devido á esclarecida e auctorizada penna do sr. Oliveira Martins, publicado ultimamente pelo sr. P. Plantier. Ainda não tive occasião de ler o novo trabalho do sr. Martins, mas, a julgar pelos demais publicados por este escriptor, deve ser digno do apreço de todos que presam as boas letras.

Os editores os srs. Lucas & Filho publicaram a terceira edição do bello romance do sr. Pinheiro Chagas — *Os Guerrilheiros da Morte*. Poucos escriptores se gabam n'esta pequena terra, em que quasi ninguem lê, de ver segundas e terceiras edições dos seus livros; o sr. Chagas pertence ao grupo d'esses poucos. Merece-o, porque dispõe de grande talento. A terceira edição dos — *Guerrilheiros da Morte* — está luxuosamente impressa e custa barato.

Tambem recebi do Brazil um livro intitulado *Cartas a Cincinnati, estudos criticos* de Sempronio. Sempronio é o pseudonimo de um distincto litterato residente em Pernambuco. Sobre o merecimento do livro só posso dizer que é escripto em boa linguagem portugueza e de agradável leitura. Sendo o assumpto d'elle rigorosa e severa critica de duas obras brasileiras, que não tenho o gosto de conherer, mal posso discernir de qual dos lados está a razão. Entretanto, os argumentos do critico parecem-me bem deduzidos e de cerrada logica.

Tem attrahido as attentões da população de Lisboa, o grupo e as estatuas que ornão o arco do Terreiro do Paço. Effectivamente o grupo que representa a Gloria coroando o Valor e o Genio, devido aos habeis cinzeis do sr. Calmels, é de optima escultura. Os menos entendedores de coisas de arte não calculam, de certo, as difficuldades com que tem de lutar o artista para effectuar um trabalho, que produza o effeito devido na altura em que está o grupo do arco do Terreiro do Paço. Estas difficuldades fo-

ram com a maior fortuna vencidas pelo sr. Calmels, o que, reunido a excellente composição e perfeita execução de todas as figuras, contribue para o optimo resultado d'aquelle magnifico trabalho monumental.

Não é nova a figura da Gloria; no Palacio da Industria em Paris, e n'outros monumentos mais ou menos notaveis, encontra-se aquella formosa mulher, trajando d'aquelle modo e empunhando as corôas com que premeia as figuras que a ladeiam; mas as linhas harmonicas achadas pelo sr. Calmels, e o porte suave e ao mesmo tempo nobre que o artista soube dar á figura principal do seu grupo, são dotes tão apreciaveis e encantadores, que este reparo fica inteiramente destruido pelas incontestaveis bellezas de tão notavel obra. O Valor e o Genio são tambem de primorosa escultura e de magnifica expressão.

As figuras inferiores que até hoje estão collocadas são: o rio Tejo, Viriato e Vasco da Gama. É o sr. Victor Bastos o author d'ellas. De todas a que mais me agrada, é a de Viriato, com quanto se pareça um tanto, na posição, com a estatua de Camões que figura no monumento levantado ao sublime poeta, o qual monumento é tambem devido aos cinzeis do illustrado professor da nossa Academia.

Agora seja-me permitido fazer uma pequena reflexão, á qual são completamente estranhos os artistas que contribuíram para as obras de arte de que tenho fallado.

Não posso conformar-me com a maneira usada em Portugal de pagar as dividas contrahidas com os nossos grandes homens. Enfeixar guerreiros com poetas e estes com estadistas ou com descobridores, collocar todos n'um unico monumento distribuindo os melhores logares a quem melhores documentos de capacidade apresenta, não é modo de honrar esses excelsos vultos que tanta gloria deram ao paiz que lhes foi berço. O erro praticado no monumento a Camões está infelizmente repetido no arco do Terreiro do Paço. Porque não havemos nós de pagar essas dividas separadamente, levantando monumentos especiaes a cada um d'esses homens illustres que nos tornaram conhecidos no mundo, se, demais a mais, o podemos fazer sem grande augmento de despesa?

Nós entendemos, visto que o nosso principal monumento é adornado com um famoso pedestal, que não se podem levantar estatuas senão sobre pedestaes famosos. É um erro. Em Londres encontram-se pelas ruas estatuas collocadas sobre modestos plinthos, em Paris a estatua equestre de Henrique IV assenta sobre um pedestal simplissimo, em Versailles a admiravel estatua de Luiz XIV está nos mesmos casos e em roda d'ella veem-se as estatuas de varios homens celebres sobre pedestaes como os que sustentam a maior parte das estatuas em Londres.

Porque não havíamos pois de mandar fazer estatuas, representando Camões, João de Barros, Vasco da Gama, Azurara, Viriato, o marquez de Pombal e todos a quem já pagámos mal a divida e outros a quem ainda nada pagámos, além de as collocarmos sobre pedestaes lisos e distribuirlas pelas praças, pelas ruas e por todos os pontos da cidade em que a sua collocação fosse acertada?

Isto embellezaria a cidade e livrar-nos-ia do eterno anachronismo de apresentar Viriato quasi de braço dado com o marquez de Pombal.

Mas o que não tem remedio remediado está, e melhor é o que se tem feito, que não fazer nada.

E já que estou fallando de monumentos, direi que não acredito na singular noticia dada pela imprensa diaria, de que a camara municipal de Lisboa offereceu á de Belem o monumento a D. Maria I, visto que não acha aquella rainha digna de figurar em estatua, no centro de qualquer praça de uma capital a que nenhuns serviços prestou.

Um periodico enumerando os melhoramentos e fundações que datam do reinado da piedosa rainha, diz que o facto de não se conceder logar em Lisboa para a elevação do monumento á filha de D. José I, é uma offensa feita á historia; eu acrescentarei que tambem é offensa feita á arte, porque importa privar a capital de um monumento artistico de bastante merecimento.

Não posso portanto crer que a camara municipal de Lisboa tomasse a resolução que se lhe attribue, porque, a não ser por ignorancia — o que todos estão longe de suppor em tão respei-

tavel corporação — ninguém de proposito o caso pensado offendo ao mesmo tempo a historia e a arte.

RANGEL DE LIMA.



DIVERSAS NOTICIAS

Publicaram-se no Brazil as seguintes obras e jornaes :

Um opusculo do sr. dr. G. M. de Villanova Machado sobre a historia do Brazil com o titulo de *Poder Auctoritario*.

O *Investigador* é o titulo de um novo periodico politico, noticioso e commercial, que começou a ser publicado no Rio Grande. É seu proprietario o sr. Laurindo de Carvalho Moreira.

Rudimentos de botanica, pelo sr. F. M. de Oliveira.

Com o titulo de *Filigranas*, mandou imprimir o sr. D. Luiz Guimarães Junior outro livro de contos e historietas, umas tristes, outras alegres, no genero das *Curvas e zig-zags*, que tão bom exito obtiveram.

Publicou-se o 2.º volume da *Historia dos martyres da liberdade*, por A. Esquiros, traducção do sr. Gallo, com alguns episodios da historia do Brazil e de Portugal.

Da casa Garnier saiu á luz o opusculo *Eva*, resposta de Marie Devaines ao *Homem-Mulher*.

O sr. Eduardo Jayme Gomes de Araujo, estudante de 4.º anno na universidade de Olinda, publicou um livrinho intitulado *As victimas*.

O sr. dr. Mello Pitada extrahiu do romance *A condessa de Monte Christo*, um drama em 1 prologo, 2 actos, 8 quadros e epilogo, com o mesmo titulo.

Com o titulo *Scenas da escravidão*, publicou o sr. Julio Cesar Leal um novo romance. É a narrativa dos factos desgraçados que por vezes occorrem por effeito da funesta instituição da escravidão.

O sr. Campos Carvalho vai publicar um livro de critica philosophica ácerca das obras do fallecido poeta Castro Alves. Intitula-se o livro — *O poeta da republica*. As obras ineditas do poeta Alves, colligidas pelo sr. Campos Carvalho, são as seguintes :

Os escravos, poema no genero dos *Châtiments*, de Victor Hugo. Dois fragmentos d'esta poesia já foram publicados : *as Vozes da Africa* e *Uma tragedia no mar*.

D Juan, drama romantico.

A cachoeira de Paulo Affonso, poema americano, que é pelos que o conteeem considerado como a obra prima do poeta.

Poesias lyricas, um volume no genero das *Espumas fluctuantes*, com a introdução em verso do *Diablo mundo*, de Espronceda.

O drama *Gonzaga*, levado á scena em S. Paulo com grande applauso, e a respeito do qual foi publicada uma carta laudatoria de José de Alencar, dirigida a Machado de Assis. A edição d'este drama foi cedida pelo auctor ao livreiro o sr. Cruz Coutinho.

Dos prelos da typographia do *Diario da Bahia* saiu á luz um folheto intitulado *Os operarios e a revolução*, por um artista.

Recebemos os primeiros numeros do periodico brasileiro — *Archivo Contemporaneo*. Sae quizenalmente, é bem redigido e publica muitas lithographias, algumas das quaes de bastante merecimento.

N'um quintal em Beja, onde se fizeram execavações, encontrou-se parte de um braço e mão de uma estatua de marmore. O fragmento mede 0^m.24 de comprimento; o pulso tem de grossura 0^m.22. Os dedos pollegar e indicador estão quebrados. Junto á Galiana, ao fazer-se um desaterro para o leito da estrada de Balceizão, tambem se encontrou um tumulo de tijolo coberto com uma pedra sem inscripção. Quasi no mesmo lugar foram achadas algumas moedas romanas.

Falleceu o professor substituto da cadeira de architectura civil na Academia das bellas-arts de Lisboa, o sr. José da Costa Sequeira. Era artista muito instruido e d'isso legou provas. Publicou diversos livros relativos á sua arte e construiu algumas obras de architectura, entre ellas o quartel de Alcantara. Era sobrinho do celebre pintor portuguez, conhecido em toda a Europa, Domingos Antonio de Sequeira, do qual possuia muitos desenhos e outros importantes trabalhos.

A respeito da comedia em tres actos, original do director d'este periodico, representada no Gymnasio com o titulo — *Como se*

enganam mulheres, escreveu o *Jornal do Commercio* o seguinte artigo, do qual suprimimos, por falta de espaço, a parte em que resumidamente se expõe o pensamento da comedia e aquella em que se analisa o desempenho.

COMO SE ENGANAM MULHERES. — Sabem os leitores que é este o titulo da nova comedia, em tres actos, do sr. Rangel de Lima, representada pela primeira vez no theatro do Gymnasio.

O sr. Rangel de Lima, n'esta sua nova producção, affirma mais vigorosamente o seu talento dramatico, no que respecta á contestura e ao dialogo.

O 1.º acto da comedia está bem feito; é cheio de vivacidade, tem scenas ligadas com muita arte, bem dialogadas, e ás vezes espirituosas, que provocam naturalmente a hilaridade. Todas as saídas que o visconde busca para se desembaraçar das perguntas importunas que a mulher lhe dirige, e que revelam um principio de desconfiança, são muito chistosas.

Confessamos que depois d'este primeiro acto esperavamos que o seguimento sustentasse o mesmo tom ligeiro, o mesmo espirito, a mesma graça; não succede, porém, assim, a comedia toma depois um ar mais serio, chegando mesmo a violento no fioal do 2.º acto.

Não ha duvida de que, se a comedia no 2.º e 3.º actos continuasse com os enganos do marido, oppoendo a estes os da mulher, que procuraria com espirito e dissimulação aterrar o marido, fingindo ao mesmo tempo ignorar as suas loucuras, fazendo-lhe crer n'uma inclinação supposta, e tudo isto com o intuito de o trazer á emenda do seu desvario, isto, dizemos, sustentaria a comedia n'um tom, que se vai perdendo, para degenerar, mais ou menos, no drama. Seria uma luta do dissimulações e de artificios, que daria largas ao auctor para desenvolver o seu talento no dialogo, e a sua imaginação na contextura dramatica.

Seguiu por outro caminho o sr. Rangel de Lima, e diremos por isso que fez mal? Não, por certo. É evidente a sua intenção de protestar contra essas infamias sociaes propagadas por uma certa sciencia amena, ácerca dos deveres conjugaes. O fioal do 2.º acto claramente o demonstra. Quando ouvimos o visconde, liviano, e por ventura um pouco dissoluto, dizer que matasse a mulher, se lho fosse infiel, causou-nos isto certo asno; mas depois quando o vimos atremetter para a mulher que, desesperada, para o mortificar tambem, lhe dizia que amava Raphael, e chegar o general para lhe expobar a feia acção com esta phrase enérgica: — « Não desça até onde descem os vilões! » — pare eu-nos comprehender a intenção do sr. Rangel de Lima, intenção que applaudimos, porque nasce de um intuito honesto. Já basta de infamias no theatro; é tempo que a honra e o dever tenham o seu culto na scena.

A comedia não corresponde bem ao seu titulo, porque não se trata só do marido que engana a mulher, esta tambem engana o marido, embora com boa intenção.

A comedia tem scenas delicadamente escriptas, e algumas, pode dizer-se, que são de mão maestra, como as do 1.º acto, a do 2.º, entre o visconde e Raphael, antes d'este escrever a carta a Luiza; e a do 3.º, em que o visconde apresenta a carta a Raphael.

Perdoe-nos, porém, o sr. Rangel de Lima: parecemos deostrar de uma certa delicadeza que predomina em toda a sua comedia a scena em que Raphael diz á viscondessa que, como ella lhe insinuára, escrevera a carta a D. Luiza, e lhe apresenta a mesma carta para ella a entregar; ha ali uma allusão, na qual se insiste, por parte da viscondessa e de Raphael, ao officio de corretora de amores, que nem pode vir a proposito, porque a lembrança da viscondessa é natural, e por que supõe n'esta uma grosseria de p-n-sar, que desdiz do caracter que o auctor lhe attribue. Causou-nos pena a allusão, e muito mais a insistencia; o publico riu-se, mas nem por isso a allusão deixa de ser de mau gosto.

Poderiamos discutir o modo por que o sr. Rangel de Lima preparou o desenlace; mas para que? A critica compraz-se muitas vezes de compor uma peça sobre a qual analisa; é muito facil, muito mais facil do que imaginar originalmente a peça.

D. Luiza é mulher sentenciosa e despreocupada; tem uma certa philosophia, que exclue as paixões violentas; comprehende a situação da mulher, e diz-lhe que se resigna muitas vezes aos desvarios dos maridos, porque n'isso vai o seu bem-e-tar.

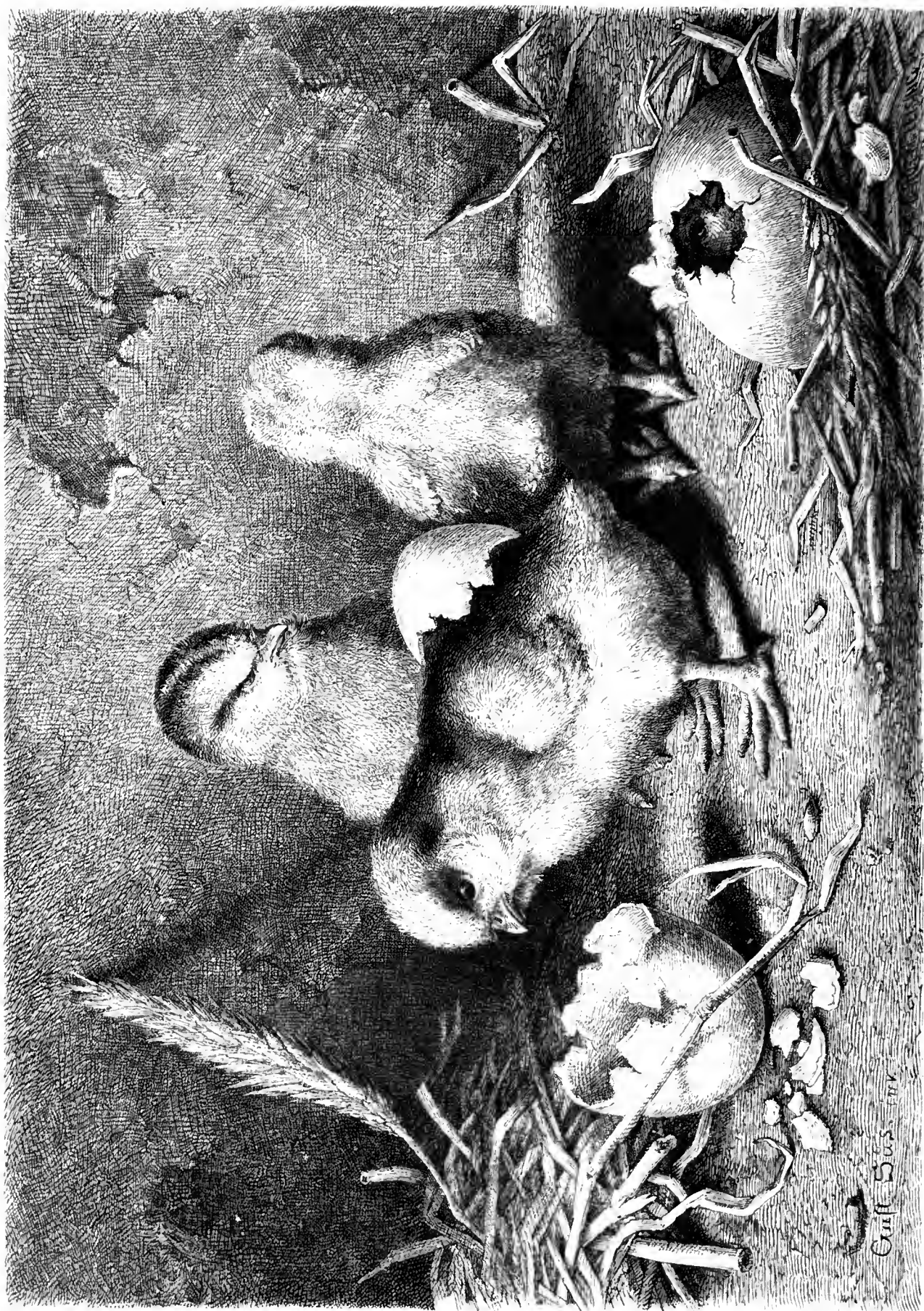
Por fim, a comedia do sr. Rangel de Lima é a obra de um homem de talento serio e consciencioso; podiamos dizer-lhe que é uma coisa admiravel; mas elle proprio ria-se do encarecimento, porque é modesto, não o cega a halofia vaidade dos que se improvisam genios a si proprios, com o beneplacito do elogio mutuo.

O que havemos de fazer senão animar-o a proseguir no mesmo caminho? Tem os dotes precisos para a comedia fina e espirituosa; o seu estylo apura-se, sem se guindar a lyrismos disparatados; a sua tendencia é para as naturalidades; facile e correcto no dialogo, sabe ser concituoso nos ditos, que lhe acodem a tempo, como tanto se vê na sua ultima comedia.

Siga, siga, por esse caminho; e procure evitar o sabor francez uas suas composições: sabor já insipido, o muitas vezes corrompido.

Já o dissemos — COMO SE ENGANAM MULHERES — é comedia que merece ser vista, porque entretém, conserva o espectador quasi sempre de bom humor e a sua interpretação é muito satisfactoria.





A. PRIMEIRA REFLEXÃO.

Quadro de GUSTAV DÉS.

ARTES E LETRAS



LISBOA—DEZEMBRO DE 1872

A PRIMEIRA REFLEXÃO



que temos diante de nós, copia fidelíssima de um quadro admirável, não é uma d'estas scenas epicas, em que a imaginação se delicia commemorando os feitos sinistros dos heroes; nem é um painel, em que se vejam delineados os episodios realistas da vida commum, como os sabia debuxar e colorir o pincel humoristico da escola flamenga; nem é um paiz ridente e formosissimo, como os tecia de sombra e de luz, de ar-

voredos e de ramagens, a graciosa palheta de Claudio Lorrain, de Ruysdael, de Everdingen e Watteau. Não ha alli vultos homericos de grandes homens, vestidos de arneses ou de chlamydes, nem figuras bucolicas de singellos e agrestes pegureiros, apascentando pelas agruras da serra as brancas ovelhinhas, nem crestados lavradores lidando no trafego diario da vida rural, ou volvendo

á choça domestica, saudosos do lar e do repouso, quando as sombras começam a descer silenciosas sobre a amplidão dos montes e dos campos n'aquella hora solemne e melancolica, de que Virgilio cantou:

Et jam summa procul villarum culmina fumant,
Majoresque cadunt altis de montibus umbræ.

Nem ares, nem ceos, nem horizontes, nem veigas, nem outeiros, nem campinas chãs e arrelvadas, nem calvas e riscosas penedias. Apenas uma nescasinha estreita de terra, ou de chão, entre paredes apertadas, umas pavias, ou antes feixesinhos de palha com as espigas já murchas e ermas do seu grão, um ovo em parte despojado do envoltorio, do outro, por unicas reliquias a casca já rompida e os fragmentos dispersos em derredor. Eis ahi o scenario d'esta acção representada pelo estro do pintor. Por unicas personagens d'esta scena alguns mal emplumados pintainhos, os mais d'elles acabados de sair á luz e ao ar livre, e tão de fresco nascidos, que o primeiro ainda traz no dorso um pedaço da casea protectora; o ultimo encerrado na tepida clausura, como que olhando já por uma frestasinha do seu ovo o mundo externo, a que breve irá surgir.

Eis ahi um quadrosinho singello da natureza animal, uma pintura biologica, a expressão esthetica d'esta phase, em que se distinguem e separam as duas vidas,

a vida placentaria e a vida independente do animal.

E que n'esta communiissima realidade da natureza, houvesse o artista de buscar o sujeito e a inspiração da sua tela! Que a arte se rebaixe até penetrar nos pateos e cercados, onde se desenrollam ainda obscuramente (apezar das conquistas da embryogenia) os mysterios da incubação! Materia é certo para justissimos reparos dos que estão habituados a haver por contraposto do bello o que é vulgar, por negativo do sublime o que é domestico. A natureza (dirão os que desdenham por humildes e plebeus os gallinheiros), a natureza é sem duvida a realização phenomenal e objectiva do bello e do sublime, como a arte é a sua representação intelligivel e ideal. A natureza tem o seu logar nos paineis dos grandes mestres, mas é só quando o ingenho dos pintores trasladou para as suas telas as scenas magestosas da criação, quando as feições da natureza, a sua physionomia, como a appellidou Humboldt, transparece no complexo das linhas, da luz, do colorido, e não está puramente individualisada na figura de uma planta, ou nos contornos de um animal. Não me debuxeis (dirão) um passarinho, nem uma borboleta, nem uma flôr, nem um coleoptero, nem uma monocotyledonea gigante, que altêa a copa até ás nuvens nas paragens da zona torrida, ou uma *erica* ou uma giesta, que vive desmedrada em ignotos andurriaes. Dae-me no vosso quadro os picos altivos dos Andes, as quebradas e as gelleiras dos Alpes, as noites serenas e glaciaes das regiões polares; as selvas primigenias da Australia ou da America; pintaes o ceo, o oceano, as montanhas, as torrentes, o sol que se esconde entre um nimbo ethereo de luz e resplendores, ou as forças da natureza, quando vestidas de sombra e de borraseas, Titães nunca vencidos, parece que desquiciam a terra e rasgam o firmamento. Eis ahi o bello, o sublime da natureza; o universal, e não o individual; o concreto, a harmonia de todos os elementos e de todas as energias naturaes, não a solitaria e mesquinha figuração do que é minimo e perdido, pela sua pouquidade, na infinita machina do *Kosmos*.

Mas estes são os quadros heroicos da natureza, os paineis historicos da criação. E assim como ás scenas epicas do homem respondem de mui perto e por complemento e antithese na arte, os quadros, que chamamos de genero, aquelles, em que mais se achega o pintor á humana condição, desenfetada de ornatos e ficções, assim tambem ao pintor naturalista (que dizemos agora realista, com vocabulo mais francez e mais de moda) se deparam em a natureza ao lado dos retabulos sublimes os quadrosinhos da vida individual.

E não é de hoje, nem é predicado de uma escola particular e servilmente imitadora, esta feição da arte, a que appellidam *realismo*.

De dois aspectos, ou antes de dois elementos essenciaes, se compõe a arte, quer seja a architectura ou a tectonica, quer a plastica ou a pintura, a *orchestica* ou a musica, a poesia ou a oratoria. Um elemento sensivel e objectivo; outro subjectivo e ideal; um ministrado pelo mundo exterior é da alçada privativa dos sentidos; o outro como que immanente no espirito cae exclusivamente na jurisdicção da idéa eterna e immutavel. No *idealista* ha pois sempre de necessidade um esteio, uma base, um *substratum* real, tangivel, material: no *realista*, ainda no mais estreme e exaggerado para que não deixe de ser arte, é força haver tambem um quanto de espiritual, de intelligivel, de ideal¹. O equilibrio dos dois ele-

¹ Vej. Otfried Müller *Handbuch der Archaeologie der Kunst* (Manual da archeologia da arte). *Zur Theorie der Kunst*. pag. 2 e seguintes.

mentos, a coexistencia harmonica da natureza e da phantasia, a regrada concordancia do intelligivel e do sensivel dá ás creações do genio artistico a suprema expressão do bello. «A obra de arte, segundo a expressão de Ottfried Müller, deve ser a intima união de uma idéa esthetica e de uma forma exterior, e por tal maneira, que a *unidade* se realice na concepção do artista»¹.

O *realismo* ou antes o *naturalismo* apparece a cada passo mesclando-se aos episodios e ás scenas epicas nos poemas da antiguidade, e nos paineis mais ideaes do novissimo drama. A vida commum em todas as suas feições se entretrece com a existencia sobrehumana. Na *Iliada* os proprios deuses no seu *anthromorphismo* não podem resgatar-se inteiramente dos senões da carne e da materia. Celebram os immortaes os seus conselhos com o forçado cortejo das humanas paixões e dos interesses sensuaes. Repastam-se os nunes nos seus convivios e restauram as forças corporaes com o reponso nos seus thalamos doirados. O *Zeus ypnó kai philotéti dameis*, de Homero² o Jupiter domado e vencido pelo somno e pelo amor, Hermes, o deus medianoiro, reparando na *Odysséa* o cançasso do caminho e alegrando o animo com o auxilio de uma alentada refeição, (*autar epei deipnése kai éraire thymon edóte*), são testemunhos evidentes de que a arte, ainda a mais imaginosa e arrojada, não tem poder para allear-se sem afundar na terra as suas raizes e pedir á natureza as formas sensiveis das suas mais graciosas creações.

Se os deuses de Homero padecem achaque de realismo, porque são apenas homens idealizados, ou antes engrandecidos na estatura e emborecidos no aspecto e no meneio, que diremos dos heroës, em cujas veias, segundo a expressão homerica, não corre o sangue divino (*ambróton*) dos immortaes?³ Ha porventura quadro mais *realista* ou melhor tirado do natural do que, no livro VI da *Odysséa*, o da formosa filha de Alcinoos, aprestando-se para ir lavar ao rio as vestes, que tem no chão junto de si e a que o poeta chama *veryppómena*, e necessitadas de deixar nas aguas a impureza que as deslustra? E quando a princeza pede ao pae que lhe mande apparellhar um carro que a leve até o rio, a razão que dá Nausicaa é principalmente que de cinco irmãos, que tem, a dois ainda inuptos e florentes na idade e no vigor só lhes apraz o dançar e o correr, levando vestiduras acabadas de lavar⁴. Nada pode haver de mais commum e mais domestico do que a descripção minuciosa, em que o poeta nos desenha a filha gentil do rei dos Pheacios fazendo os seus aprestos para o officio caseiro e altamente *realista* de lavar as roupas da familia. Tiram os fannulos o carro, jungem os mulos, que o hão de conduzir, enquanto Arête, a mãe da donzella diligente, vae dispondo n'uma cesta a refeição, que a filha ha de levar para o seu tráfego, sem que deslumbre o completar-lhe o viatico abundante (*pantoion*, diz Homero) com seu odre caprino (*askó en aigeió*) bem attestado de vinho sabroso⁵. Toma Nausicaa as redeas e o flagello, com que vae

governando os animaes e forçando-os a correr. Chegada ao rio, cuja lympha pura e copiosa é accommodada a restituir ás vestiduras a sua pureza (*mála per rypoenta kathérai*), as donzellas que a servem e acompanham, desjungem do carro os machos e afastando-os do logar, onde as aguas correm impetuosas, os deixam a pascer a gramma, que, segundo affirma o poeta, é *doce como o mel*⁶. As mulieres agora tiram do carro as trouxas de roupa-gem, deitam-nas á agua e começam de batel-as velozmente. Concluida a sua tarefa estendem ao sol na praia as peças, que lavaram⁷. É n'aquelle exercicio humilde, que o divino Ulysses encontra a filha de Alcinoos, que, no dizer do epico, se avantajava ás suas ancillas, como Diana perseguindo os capros e os cervos no Taygeto ou no Erymantho, na estatura e na belleza se distingue facilmente das suas nymphas, ainda que todas formosissimas⁸. N'este lavor caseiro lhes sae ao encontro o filho de Laertes, ainda que, na phrase de hoje, a sua *toilette* não fosse propriamente irreprehensivel e toda ella consistisse n'un ramo carregado de folhagem. *Gymnos per éon*⁹, diz Homero, que n'este passo não podemos em vernaculo trasladar litteralmente; ainda que o rei de Ithaea não estivesse mais galan e cortezão na vestidura para saudar as damas do que o pae commum dos homens no paraiso terreal, *urgia a necessidade*¹⁰, no dizer do poeta, e em tamanho desalinho era força apparecer á virgem dos Pheacios.

Eis ahi, com alguns descontos do que só em grego seria licito escrever, um dos paineis mais realistas, que a phantasia de um grande e fecundissimo poeta ousaria debuxar nas suas télas immortaes. A natureza, a vida, o que ha de mais commum e na apparencia menos esthetico. E todavia a *Odysséa* é um *epos* grandioso, onde o sobrenatural e o divino doiram a cada passo com os seus reflexos as sombras da vida real.

Acheguemos a esta scena homerica um episodio d'aquelle magnifico, original e esplendido poema, onde a musa moderna e christã trocou a figura homerica do forasteiro da *Odysséa* por um Ulysses, meio heroico e meio grotesco, onde o regulo de Ithaea cede o seu logar ao *ingenioso hidalgo de la Mancha*, tão disertó na palavra e tão bravo na peleja como o arguto conselheiro de Agamemnon. É a novella de D. Quixote uma epopéa verdadeira, com as suas situações tragicas e levantadas e os seus trechos litteralmente copiados da vida commum. E entre as muitas scenas *realistas* de que se compõe o seu tecido, nenhuma ha por ventura mais fielmente reproduzida ao natural que a do capitulo XVI «*De lo que sucedió al ingenioso hidalgo en la venta, que él imaginó ser castillo*». A Nausicaa de Ulysses é agora, egualmente tirada *d'après nature*, e salva a formosura, a Maritornes de D. Quixote. Como o mal afortunado Odyssens, é tambem o cavalleiro manchego um peregrino, trabalhado pelos maus tratos da fortuna. Se Nausicaa lava a roupa ás ribas do Mediterraneo, a moça asturiana ajuda a fazer a cama a D. Quixote e segura o candil, enquanto as caridosas hospedeiras lhe estão bismando e emplastrando as pisaduras alcançadas por tropheus na peleja com os alentados Yangueses. De Nausicaa a Maritornes não vae a minima differença em serem ambas exactamente trasladadas da vida quotidiana e communissima. A distincção está sómente, em que a virgem de Coreyra tem com a gentileza physica a formosura moral. São eguaes na hospitalidade Maritornes e Nausicaa. A prin-

¹ Mesma obra, pag. 6.

² *Iliada*, XIV, 353.

³ «So ist zunächst die leibliche Gestalt der Goetter nach ihren Maassen und Verhaeltnissen ganz die menschliche.» Nagelsbach's *Hömerische Theologie*, Nuremberg, 1861, 15. Na *Iliada* Arês e Athenê (o Marte e a Minerva dos romanos) retratados no escudo artificioso de Achilles sobrelevam, é verdade, na belleza e na estatura, aos personagens humanos que avultam em deredor: as suas figuras são porém semelhantes e ajustadas as dos simples mortaes; *Kadó kai mê kaló*. Pulchros é de vulto agigantado, como deuses que são, acrescenta o poeta para auctorisar o avantajado das figuras em relação aos homens, que são representados com maior humildade na estatura. *Lóoi d'hypotizones ésan*. *Vej. Iliad*, xviii, 516-519.

⁴ *Odyss.*, VI, 62-65.

⁵ *Odyss.*, VI, 72-78.

⁶ *Odyss.*, VI, 81-90.

⁷ *Odyss.*, VI, 90-98.

⁸ *Odyss.*, VI, 102-108.

⁹ *Odyss.*, VI, 136.

¹⁰ *Chreio gar ikane*. *Odyss.*, VI.

essa pleacacia com as suas servas tratam de que Ulysses, cenagoso e horrído no aspecto, se mundifique na corrente do rio e lhe dão vestimenta com que se cubra. Maritornes e as vendeiras medicam piedosamente o mal aventureado paladino. D. Quixote é talvez mais ideal e menos humano do que Ulysses. Enquanto o *cavalheiro da triste figura* dá em todo o decurso de suas varias aventuras os exemplos mais notaveis de inimitavel sobriedade, o peregrino de Ithaca revela a cada passo os mais felizes instinctos animaes, e devora com incrível rapacidade (*harpaleós*, diz Homero)¹ os manjares e as bebidas, que as domesticas de Nausicaa lhe aprestam logo alli á beira mar.

O *naturalismo* encontra-se pois em quasi todas as obras de arte. O bello, com ser ideal e intelligivel, precisa da fórma e da natureza para encarnar e revelar-se em *actualidade* esthetica. O *realismo* é necessario aos pormenores, ás linhas, aos perfis: fazendo allusão a estas copias fidelissimas do mundo real, dizia Cervantes, gabando a historica exactidão do fabulador auctor arabigo: « Cide Hamete Benengeli fué historiador muy curioso y muy puntual en todas cosas; cebase bien de ver, pues las que quedan referidas, con ser tan mínimas y tan rateras, no las quiso pasar en silencio. »²

Volvendo agora ao nosso quadro, e aos nossos pintinhos, ali temos um exemplo de que coisas *tan mínimas y tan rateras*, tão chegadas ao que tem de mais vulgar e commum a natureza, possam dar materia a creações da arte.

Na antiguidade foram sempre as formas naturaes assumpto predilecto de artistas memoraveis. A pericia dos antigos, diz Otfried Müller, na representação dos mais nobres animaes, proveiu da sua delicada sensibilidade em apreciar as formas caracteristicas da criação³. Quem se não lembra dos cavallos e das quadrigas de Calannis, em que a natureza apparecia tão exactamente delineada pelo escopro do artista observador? Quem não conhece as admirações e os encomios, com que a antiguidade celebrou o talento de Pythagoras, o estatuário de Rhegio, em cinzelar, como se fossem vivas e em movimento as veias e os tendões das suas figuras e em converter o estudo reflectido das formas do organismo n'um instrumento magico da arte, em elevar a anatomia, — o naturalismo da existencia organica — á dignidade e á eminencia do bello e do ideal? Quem não viu citada com encarecimento a vacca do beotico Myron, o insigne imaginario do *Discobolo*, e de Ladas, o cursor?⁴ A proposito do qual e da vida, com que o artista soubera relevar no bronze as formas do animal, dizia Plinio, ter o insigne estatuário como que multiplicado a natureza, ou antes, segunda vez a tinha creado pelo poder energico da arte. Quem não rememora as formosas esculturas, que exornavam o friso e as *metopes* do segundo Parthenon, onde sob a direcção de Phidias, exauriram os artisticos thesouros do cinzel os mais abalisados esculptores do aureo tempo de Pericles; e onde na pompa triumphal das velhas Panathenás estavam esculpidas com primorosa naturalidade as vaccas e os toiros, levados como hostias ao sacrario?

São faunosos o leão colossal de Cheronea, o toiro farnesio, grupo admiravel de Apollonio e de Taurisco.

¹ Odyss. vi. 250.

² D. Quixote. III parte. cap. xvi.

³ *Handbuch der Archæologie der Kunst*, pag. 606.

⁴ Foi tão famosa na antiguidade a vacca de Myron, que lhe foram consagrados numerosos epigrammas (no sentido hellenico da palavra) dos quaes ainda existem ao presente não menos que trinta e seis. Vej. *Kunstgeschichte der Alterthums* (Historia da arte na antiguidade) von Dr. Franz Heber, Leipzig, 1871. pag. 298.

E se da plastica procedemos á pintura, ali temos Zeuxis, que levou a tal extremo o realismo, e a tal ponto o seu empenho de fascinar pela perfeitissima illusão, que ainda nos seus paineis historicos, na *Penelope*, tão encarecida na antiguidade, sacrificando o *Ethos* á exactissima reproducção da natureza, desterrou das suas figuras (na phrase de um historiador da arte antiga) o *essencial*, o *invariavel*, isto é, o *ideal*, e situou no seu primeiro plano o phenomenal, o visivel, o instantaneo, isto é, o individual e o concreto¹. E do seu *realismo*, em que o pincel pela engenhosa opposição das sombras e da luz, alcançou os maximos triumphos, nos deixaram os antigos notorio documento no celebrar aquellas uvas proverbias, em que, illudidas pela naturalidade inexcelsivel, vinham as aves cobiçosas debicar.

As obras, que figuram os quadros individuaes da natureza, não são pois vedadas á larga jurisdicção da plastica e da pintura. E aquelle que está presente, e a cuja elucidacão consagramos estas linhas, é testemunha irrecusavel de que a arte pode, sem perder os seus fóros de ideal e subjectiva, amoldar a sua inspiração ás formas naturaes, imitar os seus lineamentos, e representar nas telas ou nos marmores não sómente o organismo na sua mais perfeita phase individual, senão tambem como que saltar a natureza e devassar os seus arcanos, nos processos da sua evolução e *ontogénese*, segundo a novissima expressão do professor Haeckel, de Berlin.

Eis ali o que o pintor Gustavo Sus realisou no seu painel, a que deu o nome de « A primeira reflexão ». O artista surpreendeu a timida prole da gallinha n'aquelle momento, em que os pintinhos deixam o ovo para gozarem pela primeira vez a vida á luz e ao ar livre. A natureza está alli reproduzida pelas tintas e pelos perfis. Mas a este exacto e minucioso realismo está associado algo de ideal e poderíamos dizer, de philosophico. Os pintinhos tem vida, expressão, physionomia. Ainda mal seguros entre o ovo e a existencia independente, quasi que se interrogam a si mesmos e ao mundo externo, como quem procura confusamente a solução de um problema infinitamente superior ás energias do seu instincto, como quem pergunta aonde está, o que ha de fazer, qual será afinal o seu destino. N'aquelle animalinho, que ainda traz ás costas um pedaço do aposento, que tivera durante a incubação, vê-se o que quer que seja de profundo e meditativo. N'aquelle que ao lado lhe estancêa e em cuja cabeça o quadro pyramida, tentar-nos-hiamos a ler e a interpretar a desconfiança, o sobresalto, a expectação. Ao que nos está voltando o dorso occultou-lhe o artista o aspecto e o meneio, deixando assim á phantasia do espectador mais liberdade e alvedrio, assim como (se é licito comparar a representação da natureza physica ás scenas mais patheticas da vida moral) Timanthes, o pintor de Cythno, se empenhava, no dizer de Plinio, em dispor sempre as suas figuras e os seus grupos de feição que n'elles phantasiasse quem os via mais do que os olhos podiam alcançar².

J. M. LATJNO COELHO.

¹ *Ibid.*, pag. 356.

² É sabido que Timanthes, no seu famoso painel do sacrificio de Iphigenia, dos antigos tão largamente celebrado, exprimira nos seus heroicos personagens a dor n'uma intensidade crescente proporcionada ao seu parentesco e relação com a victima innocente: Calchante, o vate, apparecia apenas triste, Ulysses profundamente commovido, lachrymoso Ajax. Menelau no mais subido transporte da desolação e da agonia. De Agammenon, o pae de Iphigenia, não havia já na phantasia e na palhetta do pintor nem rasgos, nem expressão, com que debuxar a dor excruciante. Timanthes velou a cabeça ao chefe dos argivos, porque não sabia nem podia pintar-lhe nas feições um padecimento superior ao do inconsolavel Menelau. Reber, *Kunstgeschichte des Alterthums*, 359.

O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

À saída de um pequeno valle descobriram com effeito a povoação.

Bruno então sentindo a aproximação de uma cavallariça, começou a galopar com ardor.

Quando chegaram ás primeiras casas, Matheus metten-o a passo.

— Chegámos, disse elle, ao termo das nossas fadigas, vão enfim cumprir-se os fados.

E o mestre e o discipulo entraram cheios de confiança na antiga rua dos Cortidores, onde realmente se manifestou á sua passagem uma estranha agitação.

Todas as janellas se enchiam de caras novas e velhas, de toucas, de chapéos e de barretes, de algodão e todas pareciam animadas de grande curiosidade.

Os frequentadores do Casino vinham á janella com um taco ou um jornal nas mãos; os rapazes que saiam da escola corriam atraz d'elles com os livros ás costas; os proprios patos que andavam gravemente pelas ruas conversando talvez de coisas indifferentes, soltaram como que um grito de triumpho e voaram até o largo da Licorne.

— Vê que sensação causa a nossa chegada, Coucou Peter, disse o illustre philosopho. Cada vez

somos recebidos com mais enthusiasmo. Se o pastor nos emprestar a sua igreja ahí por um dia ou dois que seja, podemos ter a certeza de converter esta terra. Nesse caso, o mais simples será estabelecer discussões, e obrigar a gente a propor-nos duvidas. Juro-te que, entretanto, de cima do pulpito trovejarei como a tempestade, chorarei sobre os desvarios do seculo, fulminarei com um salutar terror os incredulos, os sophistas, e sobretudo os indifferentes, essa lepra da sociedade, esses seres sem fé nem lei, que não pensam, que não crêem em coisa alguma e que duvidam até da sua propria existencia. Oh! raça impura, raça de viboras entregue aos gozos materiaes, como vós tremereis! Sim, em verdade vos digo, que a voz inflammada de Matheus vos encherá de terror e vos

fará cair de joelhos. Todavia, descançae, que Frantz Mathens não é cruel, contanto que reconheçaes a transformação dos corpos e a peregrinação das almas, contanto que desça a fé aos vossos resequidos corações, tudo vos será perdoado.

A exaltação em que Frantz se achava não o impedia porém de notar o que se passava em volta de si. Diante do tribunal passeavam uns letrados quaesquer de vestes pretas. Isto começou a dar-lhe que pensar e quando no largo da Licorne uma especie de soldado da policia, coberto com um grande chapéo armado e tendo o bastão caracteristico, começou a seguir-os com a vista, foi então que o illustre philosopho, como a sua natureza de lebre acordasse, se lembrou de que não trazia passaporte.



Sentou-se pensativo diante da lareira

Felizmente haviam a esse tempo chegado á rua dos Capuchinhos, mesmo defronte do presbyterio.

— Alto, disse Coucou Peter, chegámos á estalagem.

— Graças a Deus! ponderou Matheus, demos hoje uma boa trotada.

E apeou-se. Coucou Peter levou Bruno para a cavallariça.

Foi então que se ouviu a voz do pastor Schweitzer, que dizia:

— Doze luizes! doze luizes!? Tu endoiceste, Salomão! Uma vacca magra e velha!

— Tenho quem m'os offereça, sr. Schweitzer.

— Pois recebe-os, meu rapaz. E eu agradeço-te da mesma maneira o teres vindo fallar-me primeiro.

— O pastor negoeia em gados? perguntou Matheus.

— Negoeia em tudo, respondeu Coucou Peter, sorrindo. É tão bom homem! verá.

Iam atravessando a casa de entrada. Nesse momento a discussão entre o pastor e o judeu estava animadissima.

—Vá lá. Cada um cede metade, dizia um.

—Tu queres mangar conmigo? dizia o outro. Dez luizes e nem mais um centimo.

Coucou Peter parou ao pé da porta. Matheus olhou por cima dos hombros do seu discipulo e viu uma d'essas salas antigas, com os tectos altos, guardada de grandes moveis de carvalho, grandes armarios, e mezas massigas, d'estas que dão uma impressão de bem-estar e conforto, e que nos contam que alli se come bem, se bebe melhor, se dorme optimamente, o que mostra como desce a benção do Senhor sobre os homens que alli entram.

Um homem baixo, gordo, estava sentado n'uma poltrona de coiro. O abdomen tinha no seu corpo uma

só curva que principiava na barba e se arredondava nas coxas. Na cara, vermelha e dilatada, via-se o mais perfeito ar prazenteiro.

Proximo d'elle estava em pé um garanjão com a blusa apertada na cintura, nariz de cavallette, e os cabellos côr de laranja.

— Guarde-o Deus, sr. pastor, disse o cantador.

O homemsinho voltou-se e soltou uma estrepitosa gargalhada.

— Coucou Peter? Coucou Peter! Ora esta! Ah! ah! ah! D'onde vens tu, miseravel? D'onde vens a esta hora?

E empurrou a cadeira, abriu os braços e chamou Coucou Peter sobre o seu ventre redondo, dilatado, immenso.

Foi um espectáculo enternecedor. Parecia-se com dois ovos tentando abraçar-se. Matheus, que via os esforços de uma tal tentativa, tinha as lagrimas nos olhos.

Desanimaram por fim, e Coucou Peter, voltando-se para o pastor, disse:

— Sr. pastor, tragolhe aqui o illustre doutor Matheus, a melhor pessoa e o maior philosopho do universo.

— Seja bem vindo, senhor, disse o pastor Schweitzer, apertando a mão de Frantz. Queira sentar-se; estimo immenso conhecê-lo.

Em seguida despediu o alquilador e correu á cosinha, gritando:

— Gredel! Gredel! aqui tens o Coucou Peter.

Gredel, que preparava a ceia, chegou á entrada da sala, acompanhada de tres ou quatro pequerruchos que vinham atraz, gritando, caíndo e pedindo fatias de pão.

— Bons dias, Gredel, bons dias, disse Coucou Peter, abraçando sua mulher, como vae isso, rapariga?

— Bem, muito bem, grandissimo velhaço, responden ella entre risonha e zangada. Com que então aeabou-se o dinheiro, hein? e vens buscar mais? Não é assim?

— Então, Gredel, então! Sê razoavel, eu estou aqui de passagem; bem vês que não vale a pena mortificar-me por tão pouco tempo.

As creanças, como lhes não davam outra coisa, dependuraram-se a berrar á camisa de Coucou Peter, chamando-lhe *nonon* Coucou Peter.

O pastor esfregava as mãos com ar satisfeito. Depois de Coucou Peter haver amaciado um pouco a sua metade, que não estava já tão magra como elle a descrevera, e de ter abraçado os pequenos dizendo-lhes em segredo que ia chegar a sua mala cheia de bellissimas

gulodices, Gredel voltou para a cosinha, e Coucou Peter, Matheus e o pastor, installaram-se em frente d'uma garrafa de Wolxheim velho.

A casa parecia animada com um não sei que ar de festa.

As creanças cantavam, assobiavam e corriam na rua para ver chegar a celebre mala de Coucou Peter.

As gallinhas, a que Gredel torcia o pescoço, davam gritos agudos. Coucou Peter contava as suas longinquas peregrinações, o seu titulo de grande rabino e os seus futuros projectos. O illustre philosopho admirava-se a si proprio na narração d'estas maravilhosas historias; os copos enchiam-se e despejavam-se como que automaticamente e o abdomen rotundo do pastor Schweitzer estremeia de regozijo ao ouvir as innumeraveis aventuras do seu antigo companheiro.

— Ah! ah! ah! que comedia! dizia elle, has de ser sempre o mesmo Coucou Peter, não ha ninguem como tu para fazer bom sangue á gente.

Anoitecera. A sombra das casas visinhas estendia-se pela sala grande, quando Gredel trouxe a luz.

Vinha tambem servir a ceia. N'uma volta de mão estendeu uma toalha sobre a mesa e dispoz os pratos em volta.

Coucou Peter estava-a olhando enternecido. Nunca a vira tão fresca, tão gorda, tão tentadora. Estava devêras pasmado de nunca haver descoberto todos os attractivos de sua mulher, de modo que, n'uma das vezes que ella passava, entusiasmado, passou-lhe o braço em volta da cinta e poz-se a valsar com ella, gritando:

— Houpsa, Gredel! houpsa! houpsa!

— Estás doido? estás doido? dizia ella.

Mas elle sem a ouvir continuava, repetindo:

--- Houpsa, Gredel! houpsa! houpsa!

Até que parou, deu-lhe um beijo no pescoço e disse:

— Pois olha que és sempre a minha Gredel, fica sabendo: a Gredel mais bonita que eu tenho encontrado em toda a minha vida.

Depois voltou a sentar-se com gravidade, cruzou as pernas e pareceu entregue á maior felicidade.

As creanças vinham para casa, gritando:

— *Nonon*, Coucou Peter. Não vem a mala! não vem!

— Ora essa! disse Coucou Peter. Isso não pode ser. Soceguem que não tarda.

Mas os pequenos não se consolavam com tão pouco. A vista porém das filhós de maçã, dos pasteis, da



Não se imagina nada mais triste do que o bom do doutor

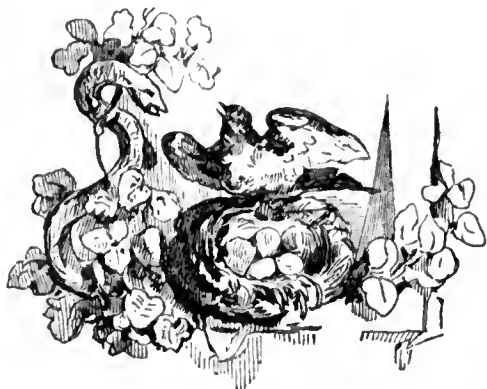
torta com toucinho, que Gredel acabava de servir, voltou-lhes logo o bom animo.

Antes mesmo que Matheus e Coucou Peter se tivessem sentado á mesa, já elles estavam em volta, com os guardanapos no pescoço; e quando o pastor com uma voz solenne deu graças ao Senhor pelas bellas coisas que elle puzera no mundo para os seus filhos, era encantador ouvir-lhes gritar todos ao mesmo tempo: *Amen*.

Cearam com a maior alegria. Todos estavam com excellente appetite. Gredel servia as creanças, Coucou Peter enchia os copos, e fazia saudes, ora ao illustre Matheus, ora ao illustre Schweitzer.

(Continúa.)

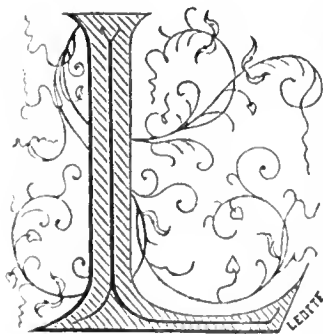
B.



LEONOR DA FONSECA PIMENTEL

(Continuação)

III



LEONOR da Fonseca Pimentel nasceu em Roma pelos annos de 1752 a 1754.

Foi seu pae Clemente Henrique da Fonseca Pimentel, cujos parentes viviam em Beja na segunda metade do seculo passado. De Roma passou com sua familia em 1760 para Napoles, onde existia ainda no mez de novembro de 1777.

Qual fosse a profissão de Clemente Henrique Pimentel, quaes os motivos que o levaram e tambem a sua mulher, a mãe de Leonor, para Roma, quaes os que depois os obrigaram a domiciliar-se em Napoles, não o sabemos nós. Apenas consta que, por occasião de se romperem as relações de Portugal com a curia de Roma em 1760, sahiram d'esta cidade para a de Napoles¹.

Dotada de superior talento e natural disposição para a poesia. Leonor da Fonseca Pimentel, logo aos

¹ Quanto aqui dizemos é o mais que se pôde colher de varias cartas que se conservam na bibliotheca publica de Evora, e particularmente, da que em seguida transcreveremos. É uma copia escripta no seculo passado por letra que parece de D. Frei Caetano Brandão, arcebispo de Braga.

² Cópia da carta do Ill.^{mo} Sr. commendador Sá Pereira, ministro de Sua Magestade Fidelissima em a côrte de Napoles, ao Rev.^{mo} Sr. Antonio Pereira de Figueiredo, theologo e deputado da real mesa da

dezeses ou dezoito annos compunha versos que mereciam os louvores de Metastasio.

De suas obras poeticas vimos sómente algumas cantatas, odes e sonetos impressos, que se conservam na bibliotheca de Evora. Entre essas composições menores ha um drama (*componimento dramatico*) em verso e dedicado ao marquez de Pombal. Intitula-se — *Il trionfo della virtù*.

Na dedicatória, datada de Napoles de 1777, a autora falla, com entusiasmo de portugueza, de uma nação, *na qual não nascêra, mas da qual era filha*. Menciona com palavras eloquentes os grandes descobrimentos dos portuguezes; a opulencia da nação até ao reinado de D. João III; a decadencia que se lhe seguiu durante o dominio de Castella; a gloriosa revolução que libertára Portugal d'aquelle pesado jugo, sem todavia lhe restituir a antiga força e prosperidade. Mostra depois como o genio reformador do marquez de Pombal dava outra vez á monarchia o antigo esplendor, tornando-a por sabias leis uma das primeiras da Europa.

Ao drama, como a autora declara, deu assumpto um execranda attentado que puzera em risco a vida do grande ministro. Foi provavelmente o de João Baptista Pêle, pouco depois da inauguração da estatua equestre, facto que tambem avulta no entrecho da composição⁴.

commissão geral e official maior de Linguas de Sua Magestade Fidelissima na secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, etc. Lisboa.

Rev.^{mo} Sr. Antonio Pereira de Figueiredo. Envio a V. Rev.^{ma} a resposta que me deu a traductora da *Analyse da Profissão do Pê* do Santo Padre Pio IV, depois d'ella ter lido e ponderado as reflexões que me remetteu V. Rev.^{ma} e que eu immediatamente lhe communiquei.

«Ella nasceu em Roma de pae e mãe portuguezes, e veio menina para esta cidade, aonde seus paes e parentes vieram estabelecer-se, por occasião da ultima rotura de Portugal com Roma. O seu talento natural, grande e bem cultivado, lhe tem adquirido aqui nome distincto na republica das lettras, por varias suas produções muito estimadas, não menos em verso que em prosa.

«A digna traducção do referido livro de V. Rev.^{ma} avultou mais o nome de que ella já gozava, á proporção do muito grande de que V. Rev.^{ma} goza na Italia, e maiormente n'esta capital, desde que aqui appareceram as primeiras produções do seu raro talento e doutissimo engenho.

«É para mim de summa satisfação e gloria o render este officio, ainda que tenue, a um meu nacional, que tanta honra e lustro tem dado, e dá á nossa nação, qual é V. Rev.^{ma} E com o mais vivo desejo de poder render-lhe todos aquelles de que me julgar capaz, estimo e aproveito esta occasião para pedir-lhe que me dê outras muitas do seu agrado e serviço.

«Deus Guarde a V. Rev.^{ma} m. a. Napoles, 17 de feveiro de 1739. De V. Rev.^{ma} Attento venerador seu e servo o mais obrigado, José de Sá Pereira».

A epocha do nascimento de Leonor da Fonseca Pimentel, que se suppõe pouco anterior a 1753, concorda com o que se deduz das palavras de Metastasio, que em 1770 chamava a Leonor — *joia apenas entrada no quarto lustro*.

Numa das seguintes notas daremos a carta a que se refere José de Sá Pereira.

¹ Eis aqui as proprias palavras de Leonor da Fonseca Pimentel:

«... Io non ho potuto raffrenare, o Signore, il potente entusiasmo in me destato e dalla ammirazione di così straordinarie cose, e dalla tenerezza di vederle eseguite in una nazione, nella quale io no nacqui, ma della quale son figlia. Inspirata da questo è il presente dramatico componimento, che io dedico a V. E. Egli prende soggetto da un execranda attentato; ma questo attentato istesso è il fregio più luminoso della vostra gloria, poichè l'alloro più degno della vera virtù è quello, ond'essa si adorna su i vizi debellati. Ed egli è ben giusto, che di anno in anno si celebri, e vada nei fasti lustrati segnato di splendore, e di gioia quel memorando giorno, nel quale contento del sollecito frutto de' vostri gloriosi sudori, voi innalzaste o Signore, a nome della risorta nazione ammirabile monumento di riconoscenza, e di fede al Pio, Felice, Augusto Sovrano: e riceveste a' piedi di quel monumento stesso eterno attestato della gratitudine dei vostri concittadini, e vedeste il zelo di questi cangiarsi in nuovi trionfi le vili trame dell'altrui depresea perfidia. Io sono adunque in questi versi quasi un organo delle sincere voci,

Consta o drama de duas scenas. A primeira passa-se n'uma horrenda caverna. A *Inveja* descreve ás *Fúrias* o odio que sente para com o marquez de Pombal, por haver reedificado a cidade de Lisboa que ellas tinham destruido. Communica-lhes o designio que formára de arrasar de novo aquella cidade e dar a morte ao marquez. Encarrega este ultimo golpe á *Traição* e ao *Rancôr*.

A scena segunda é na praça do Commercio de Lisboa, adornada para a inauguração da estatua equestre. As *Bellas-artes*, coroadas de louros e no acto de acabarem o monumento cantam :

Sorgi, o bronze avventuroso
Gran portento in ogni età ;
No di te piú glorioso
Monumento alcun non v'ha.

Apparece com suas companheiras a *Inveja*, que, ao vêr a estatua, rompe em terriveis ameaças. Acode a *Virtude*, seguida de *Genios*, entre os quaes se distinguem o *Zelo* e a *Fidelidade*.

Segue-se uma disensão entre as duas potencias sobre-naturaes. A *Inveja* despede suas serpentes. Treme a terra, bramam as ondas, prenunciando a destruição da praça e de toda a cidade. N'este momento, a *Virtude* vibra o raio e a *Traição* cae fulminada. Desapparece o côro infernal, ficando apenas a *Inveja* e o *Rancôr* vencidos e encadeiados pela *Virtude* ao pé da effigie do marquez de Pombal.

A *Virtude* canta o seu triumpho ; segue-se depois o côro das *Deidades marinhas* e o dos *Genios*. As *Nymphas do Tejo*, alludindo ao desenvolvimento da agricultura, da industria fabril e do commercio, cantam em côro :

Nei nostri campi Cerere
Era da Bacco oppressa ;
Cerere or sorge anch'essa
I campi a ricoprir.
Le meréi a noi veniano
Pria da'stranieri regni ;
Or vanno i nostri legni
I regni ad arriechir.

O côro das *Bellas-artes* allude á grande reforma e novos estatutos da Universidade de Coimbra e no desinvolvimento das artes :

Prima l'error coprivasi
Col manto del saper ;
Ora le scienze svelano
I puri rai del ver.
E le Virtuti abbellansi
Al nobile splendor ;
E le bell'Arti adornansi
Di non mai cinto allor.

As *Deidades marinhas da Asia*, celebrando o estado vigoroso das possessões asiaticas, cantam em côro :

Quasi neglette figlie
Lungi versammo il pianto ;
E'l primo onore intanto
In noi parca mancar.

che così gran giorno, e così grande avvenimento hanno eccitate ne' cuori e de' vostri fedeli ammiratori, e de' veri cittadini, a' quali la distanza ha impedito di partecipare delle publiche dimostrazioni della patria . . .

L'antica gloria a sorgere
Or torna in noi sicura,
Già le nemiche mura
Torniamo a minacciar.

Emfim, as *Deidades marinhas da America e da Africa*, cantam as leis que declararam livres em Portugal os escravos e seus filhos e concederam aos subditos americanos as prerogativas de portuguezes :

E noi costrete a gemere
In dura schiavitù,
Ora godiamo in libera
Soave servitù.
Il laccio indissolubile
Passò del piede al cor ;
Ch'ove virtute ha imperio,
Ivi obbedisce amor.

Tal é muito em resumo o entreccho da composição dramatica *Il trionfo della virtù*.

Obra vasada nos moldes que mais se apreciavam no theatro no tempo em que foi escripta, deveria ser acollida com enthusiasmo por aquelles a quem mais interessavam as reformas do grande ministro. Porém, não chegou de certo a representar-se em Portugal, porque, fallecendo el-rei D. José em 20 de feveiro de 1777, o marquez de Pombal recebeu da rainha D. Maria I a sua demissão em 14 de março de 1777, na vespera do dia em que Leonor da Fonseca Pimentel assignava em Napoles a apologia em que o tinha por indispensavel á nação portugueza !

Emquanto a illustre poetisa imaginava encadeiados pela *Virtude* a *Inveja* e o *Rancôr*, elles, despedaçados os laços que os prendiam, arrancavam a effigie do marquez de Pombal do monumento que symbolisava as grandes reformas da sua gloriosa administração !

IV

Leonor da Fonseca Pimentel cultivou tambem as sciencias. Spallanzani elogiou seis conhecimentos em historia natural ; e não falta quem lhe attribua o ter collaborado com este sabio illustre na descoberta dos vasos lymphaticos.

Nem as sciencias theologicas lhe eram estranhas. Traduziu e annotou em italiano a *Analyse da profissão da fé*, obra do padre Antonio Pereira de Figueiredo ¹.

¹ A carta de Leonor da Fonseca Pimentel a José de Sá Pereira, acerca da traducção da *Analyse da Profissão da Fé*, e por elle transmitida, com a carta que já transcrevemos, ao padre Antonio Pereira de Figueiredo, é a seguinte :

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Em resposta ás reflexões do muito respeitavel Padre Antonio Pereira de Figueiredo acerca da minha traducção da sua obra — *Analyse da Profissão da Fé*, etc. que V. Ex.^a teve a bondade de communicar-me — digo ; — que :

Pag. 58 — *neppur qui si fa molto* etc. o paragrapho que o Padre Pereira ajunta nas suas reflexões, em latim, já o tinha exposto na obra em portuguez, e se acha palavra por palavra na traducção.

O mesmo é na pag. 71 — *Ma supponghiamo* etc. aonde diz — *ora piú forte ragione*, etc.

Pag. 60, aonde diz *avendo pero la Chiesa*, etc. e segue — *Piú non rimane*, etc. já eu tinha advertido que poderia explicar-me melhor, e na errata corrigi e emendei, dizendo — *altro non rimane di fede, e perché altro non rimane di fede, rimane ugualmente possibile*, etc.

Pag. 103. *È dunque fede della Chiesa?* Como esta pergunta tem seu ligame de significado com a que precede o — *è dunque?* tem aqui a mesma força de — *è forse. È avventura?* que é como parece que o Padre Antonio quierera traduzido o *estne?*

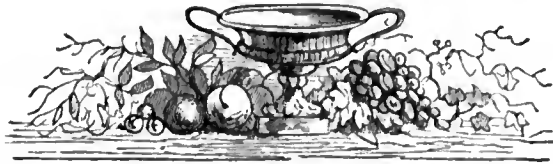
Pag. 129. *Se dunque non si puo*, etc. Communiquei a reflexão

Outros muitos factos e importantes, que não podemos descobrir, honram de certo a vida litteraria de Leonor da Fonseca Pimentel. Mas os da politica, posto que não occupassem senão os ultimos dias da sua carreira, deixaram na sombra tudo o mais.

D'esses tornaremos agora a fallar.

(Continúa.)

A. FILIPPE SIMÕES.



FLORES ESTRANGEIRAS

(Á ILL.^{ma} E EX.^{ma} SR.^a D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO)

A HESPAÑIA

(FRAGMENTO)

Passei triste e saudoso entre os folguedos
e as festas da alta *Villa coronada*;
tanto divino olhar, rostos tão ledos...
Minh'alma é como a flor dos olivedos
Co'a sorte d'ella a solidão condiz;
vive nas castas sombras recatada
que é singela, inodora e sem matiz.

A capital ruidosa
essa febril vulcanica cidade
que tem placares d'ouro em cada chaga,
que ri no *Prado* e conspirando irosa
se condensa, medonha tempestade,
que folga, ama, doideja e se embriaga
no delirio das festas sanguinarias,
ostentava á minh'alma deslumbrada,
entre horrores de crimes e loucuras,
epopeias de glorias legendarias!
— O circo... Maurogato... Torquemada
accendendo as *piedosas* labaredas
ao som do *miserere* das clausuras!
e ao sinistro clarão, que se prolonga

do Padre Pereira ao douto ecclesiastico a quem pertence aquella annotação, pois minhas são sómente : a 3, 6 e 8 e a 10, que vão differençadas com as estrelinhas; agradece elle com muito obsequio ao Padre Pereira a dita reflexão, porém julga ter no extenso da mesma annotação dado todas as illustrações necessarias.

Com esta occasião peço licença a V. Ex.^a me faça o favor de saber, se o Padre Pereira, alem da traducção da *Analyse* e de outro livro, recebeu — *Spirito della giuridizione Ecclesiastica sulla ordinazione de Vescovi* dell'Abbate Gemmaro Cestari, que é o mesmo que fez o discurso preliminar á traducção da *Analyse*, e as annotações que não são minhas; e outro livro — *Falsità de titoli vantati dalla S. Sede sulle Sicilie*, obra de um seu irmão tão douto na historia dos tempos do meio, como o outro o é na historia ecclesiastica e na theologia; e tudo quanto aqui esteve a esquadra entreguei eu ao abbade Soyer com uma carta minha para o mesmo Padre Pereira.

Com o mais reverente obsequio mandamos o nomeado ecclesiastico e eu, as mais respeitaveis lembranças ao P. Pereira, e fico de V. Ex.^a Ill.^{ma} — Muito obrigada e obsequiosa serva — D. Leonor da Fonseca Pimentel.

No fim da carta lê-se a nota seguinte :

«O Padre Soyer nada entregou até agora».

do templo ao paço e do palacio á choça,
debruçam-se os heroes de Covadonga
dos muros immortaes de Saragoça.

.....
Confundem-se as edades e as distancias
nas mal distinctas brumas do horisonte...
O mar!... mar que se agita em crebras ancias!...
Aventurêira nau de pandas velas
domina esse infinito vago, incerto,
profundo, transparente, e, d'alterosa,
voga, arfando, co'a prôa nas estrellas!
e perpassa no liquido deserto
sobre esteiras d'espuma luminosa.
D'onde virá? — d'un povo e d'uma historia
que não temem rivaes; — chama-se — Gloria. —
Onde vac? — procurar mundos ignotos;
soberba entre rajadas e procellas,
transporta luz e amor e Deus! não teme!
leve na prôa a fé, a esperança ao leme
e immortaes, semideuses, por pilotos.
Quem são? — É noite escura no convéz,
mas descobrem-se, á luz de cada raio,
da eminencia onde estão Cid e Pelayo,
os vultos de Colombo e de Cortéz.

Nas memorias que o vento me trazia
em notas de longinqua serenata
mostrava-me, febril a phantasia,
de pedra bruta e marmore e ouro e prata
informe construcção! — monstro e prodigio!
paço, templo, museu, forte, clausura!
o portico, romano; do poente,
de torre goda homerico vestigio;
ibera chocha, ao norte, — sobria, escura; —
balcões, banhos e ogivas do nascente;
pendentes dos cunhaes, bronzes cadeias.
Cobrindo esta miseria e este fastigio
zimbórios, minaretes, colmo e ancias!

Era a formosa Cordova? seria!
e esse listão de prata que a beijava,
e esse jardim real que a perfumava
era o Guadalquivir e a Andaluzia.

Dos salões orientaes vinham a flux
os perfumes de Smyrna e de Palmyra,
risos, suspiros timidos e luz;
e não se ouviam passos; quem ouvira,
no alcaçar mauritano, algum furtivo,
pequeno pé, mimoso, brando, esquivo,
das mulheres do harem — eden do amor,
ou dos amantes seus e seus tyrannos,
se das lãs do Tibet em Cachemira
bordavam as tufadas alcatifas?
Mas a branda canção do trovador,
mouros, iberos, godos e romanos
ouviam das ventanas dos Califas.

Da guitarra sonora ao som plangente
cantava o menestrel, ebrio d'amor,
e os ecos repetiam brandamente :

— « Andorinhas saudosas,
na primavera,
vem todas pressurosas,
pensar alli!
alli, n'essa janella



H. HULBEIN DJ. pinx.

J. P. FRENCH

A VIRGEM.

Editor & Holland & Se...



onde eu quizera
ver hoje a minha estrella,
que inda não vi!

Ide-vos, africanas,
dizer ao moiro:
—o alcaçar das sultanas
é triste e só.—
Dizei-lhe como eu chamo,
e as cordas d'ouro
se dizem quanto eu amo
e ella sem dó!

Quando a vejo nasce ó dia,
e ao seu olhar e ao seu rir,
inflora-se a Andaluzia
e canta o Guadalquivir!» —

Passava a lua cheia em ceo azul
e respondia ao canto namorado
em canto suspiroso e demorado
um arabe no serro de Padul :

—«Pobres de nós! quanta sanha
ergueu a fé contra a fé!
e os alcaçares de pé,
e sempre brazões da Hespanha!» —

Soára ao pé de mim risada estranha,
secca, nervosa, cynica, estridente!
riso que fica n'alma e se repete
nas insomnias do espirito doente,
como o rir da loucura ou da miseria!...
.....
Antes do Mephistopheles do Goethe
rira-se o Mephistopheles da Iberia!

Era o genio que ria immerso em dôres
e as palpebras de prauto estavam cheias!
como a geada murcha e cresta as flores,
este riso matára as epepeias.

Bem vês o turbilhão em que estas scenas,
a minha caprichosa phantasia,
lançava, como em funebre registro,
no espirito caçado e merencorio.
Ao pé de tanto brilho eu era apenas
o convidado pallido e sinistro
nos festins delirantes de Tenorio.

India — 1870.

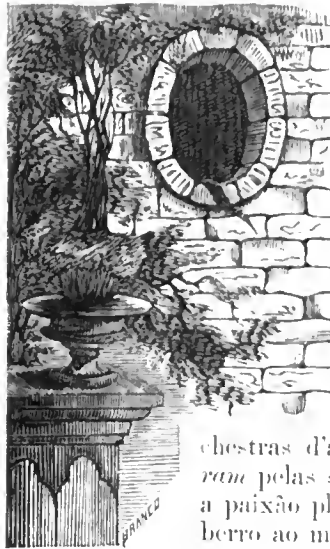
THOMAZ RIBEIRO.



AQUELLA CASA TRISTE...

(Continuação)

II



CANDO souu em Ruivães a nova de haver chegado ao Porto o *Africano*, com a filha, os homens ricos e pobres, da terra e de fora, contribuíram com mais ou menos para se lhes fazer uma espera de estrondo em Famicção. Contrataram-se as bandas musicaes mais em voga, ou *mais na berra*, como diziam os antigos. Parece que a phrase seicentista foi inventada particularmente para as orchestras d'aquelles sitios, as quaes *ber-ran* pelas suas goelas de metal, quando a paixão philarmónica as não exalta do berro ao mugido, do mugido ao urro, e do urro ao bramido. Ha alli trombetas que parecem ter assistido ao arrasar-se da Jericó da Biblia, e se reservam para trovejarem o horrendo signal da resurreição em Josaphat.

Eram quatro as philarmónicas chamadas a festejarem a entrada de Antonio Duque no concelho. A musica de Landim, famosa por seis cornetas de chaves, que executavam valsas e pegas theatraes, de modo que se Ducis as ouvisse diria que a opera lyrica balbuciuera os seus primordios entre as florestas druidicas. A banda de Fafião competia com a de Guifões na sustancia das trompas e troada das caixas. A de Ruivães avantajava-se ás tres rivaes na delicadeza das modas e sentimentalismo com que as charamelas respiravam o sopro d'aquelles musicos, cujas bochechas pareciam estar cheias de alma e castanhas assadas.

Sou um homem feliz e digno de inveja. Tenho saboreado os innocentes deleites que prodigalisan no seu auditorio as quatro bandas musicaes de Landim, Fafião, Ruivães e Guifões. Quando algum amigo vae alegrar o ermo de S. Miguel de Seide, chamo logo a musica mais delicada, a de Ruivães; principalmente se o amigo é de Lisboa, e frequentador de S. Carlos. O sr. visconde de Castilho e seu filho Eugenio são chamados a depôr n'este processo da immortalidade que vou instaurando ao figle e á requinta, principalmente á requinta de Ruivães. Não vi o sr. visconde chorar de prazer, mas observei que s. ex.^a estava commovido quando a requinta assobiava uns guinchos estridentes da *Maria Curara*.

Thomaz Ribeiro, o poeta eminente, recollia se ás vezes, não ao seu quarto a calafetar os ouvidos, mas no intimo de sua alma a fazer viveiro de inspirações. Eugenio de Castilho, o poeta das phantasias loiras, quer a musica de Ruivães lhe amolentasse a sensibilidade, quer os rouxinoes das ramarias lhe dessem invejas dos seus amores, fosse o que fosse, foi assaltado e vencido d'uma paixão.

Esta paixão tem uma historia. Não sei se elle tenciona escrevel-a nas suas memorias posthumas; e, assim, conta-a eu, é esbulhal-o da novidade e primazia; desconfio, porém, que o meu hospede e amigo desconhece a historia d'aquella raparigaça de cabellos de ouro e ancas

boleadas que deslumbrava a duzia de moças requiebradas que lhe apresentei na cira.

Chamava-se ella Amelia de Landim. Contava-se que tinha vindo para alli da roda dos expostos de Barcellos. Naturalmente, porque era linda e pobre, ou se vendêra ou tinha sido vendida. Assim se disse; mas o certo era que um filho de lavrador rico lhe dera o impulso no alto da ladeira, ao fundo da qual estava a voragem. Pode ser que a alma se abysmase e requiebrasse no fogo dos infernos por onde resvala a mulher perdida. Pode ser. Do corpo é que ella não perdêra a menor belleza; nem sequer o vigor dos dezoito annos.

Teria então vinte e cinco. Não era belleza peninsular. Aquelle escarlate, os olhos azues, os opulentos cabellos loiros, a pujança das formas, a musculatura rosada e rija, a elegancia congenita, o riso, a desenvoltura sem despejo, a graça lubrica do trajo, enfim, a mulher, os arvoredos, a musica de Ruivães, nomeadamente a requinta, e em meio de tudo isto um rapaz de vinte e dois annos, poeta porque é Castilho, e ardente porque é trigueiro, e apaixonado porque é ardente, eis aqui o porquê d'aquelles amores.

Castilho carecia de um confidente com ouvidos e critica. A poesia não lhe deu para se confidenciar com os sobreiros da matta, nem me consta que elle se andasse a entalhar na cortiça iniciaes e datas.

O seu confidente foi o morgado de Pereira de Esmeriz, ultimo senhor da honra e couto de Esmeriz, um rapaz de grande coração, que eu apresentei, no Limoeiro, a José Cardoso Vieira de Castro, que, em 5 de outubro do anno passado, morreu no degredo, para onde o acompanhou aquelle morgado. Este neto dos Pereiras Coutinhos, e dos remotos castellões de Riba d'Ave, é hoje em Cassengo, na Africa, negociante de café, de marfim, de gomas, de farinhas, etc. Depois de haver bandarreado vida de fausto, com muitas illusões perdidas, mas pouquissimas lagrimas, porque a desgraça lhe anda sempre a morder os tacões das botas, em dia de fieis defuntos, ajoelhava, e então chorava, no cemiterio de Loanda, defronte do cômodo onde jaz Vieira de Castro, o mais sublime desgraçado que os homens injuriaram, desde que o sol de Deus aquece condições de feras dentro dos covis que se chamam arcas do peito.

O meu caro morgado, estas linhas não chegam ao seu sertão, nem eu desejo que as leia, para lhe não darem rebates de saudade d'aquellas noites de 1866, quando você e mais o seu gentil confidente, com intervenção da lua, fallavam da Amelia de Landim, emquanto os meus queridos visconde de Castilho e Thomaz Ribeiro se embellesavam nas trovas da Custodia da Feira, que seria Hypathias, se nascesse na Grecia, ou Corinna, se os amavios de Italia lhe coassem no seio coizas mais limpas do que as coplas que a trovadora do Minho tirava do estomago em perfumes de vinho verde.

Não sei como Eugenio de Castilho saiu de S. Miguel de Seide, pelo que respeita á alma. Lá dizia-se que Amelia, a doida, vehementemente apaixonada, iria de poz elle. Eu recei o longo de fino amor, d'onde adviriam ao meu hospede agros desgostos. Se os de Lisboa lhe vissem, quantos rivaes, que mordentissimos ciúmes! Aquillo era mulher para destinos extravagantes. Que a sentassem n'uma friza de S. Carlos! Os binoculos assentados n'ella seriam tantos como as paixões, e ao outro dia a engeitada de Landim, se não fizesse ministerios, havia de fazer muito amanuense de secretaria, e dar vazão ao estanco de muito bacharel.

Não foi: estava-lhe reservado menos brilhante, mas mais pacifico destino.

Um dia, appareceu em Landim um homem de Barcellos, procurando a mulher, que trouxera da roda dos expostos, em 1871, uma menina chamada Amelia. Vivia ainda a ama, que a creára. Foi chamada a exposta á presença do homem que se dizia portador de uma fausta nova.

Chegou Amelia, e recebeu do velho desconhecido o tratamento de *excellencia*. Cuidou-se ella ludibrio do sujeito, e riu-se ás casquinadas para lhe agorentar o prazer da zombaria.

No entanto, o velho, composto gravemente o aspecto, disse-lhe:

—Minha senhora, não é para gargalhadas a missão que venho cumprir...

—Pois v. s.^a está a dar-me *excellencia*!—volveu Amelia.

—Dou-lhe o tratamento de seu pae e seus avós. Seu pae, o sr. Alvaro de Mendanha, antiquissimo fidalgo de Barcellos, falleceu ha tres dias com testamento, em que declara que houvera de uma sua parenta, aquelle tempo freira no mosteiro de Vayrão, uma filha, que por justos motivos expozera, assignalando-a com o nome e outras circumstancias. Acrescenta que tem noticia de existir em Landim essa menina, que elle reconhece sua filha, e a institue sua universal herdeira. É v. ex.^a portanto a herdeira do sr. Alvaro de Mendanha.

A ama abriu a bocca e despediu um *ah* surdo, que vinha da garganta afogada pelo jubilo.

Amelia quedou se immovel, pensativa, triste, e murmurou:

—Se meu pae sabia que eu estava aqui, porque me não levou para a sua companhia?

—Respondo, minha senhora. Quando v. ex.^a tinha dezoito annos, seu pae indagou e descobriu que a sr.^a D. Amelia estava aqui; porém, ao mesmo tempo, exactas ou inexactas informações lhe asseveraram que v. ex.^a levava uma vida pessima, deshonorada e cheia de opprobrio. Receiou, com algum fundamento, o sr. Alvaro de Mendanha, que o aviltamento de sua filha desluzisse o lustre do seu nome, e por isso abafou o coração e o remorso debaixo do peso de sua dignidade, ou recuou diante da irrisão da sociedade...

—Mas...—interrompeu Amelia—se eu estava perdida, foi porque elle me atirou ao mundo e á sorte sem amparo de ninguem...

—Tem razão, minha senhora, e foi essa mesma a razão que moveu seu pae a deixar-lhe todos os seus bens.

—Mas eu antes queria conhecê-lo e ser pobre, que ser rica por morte d'elle.

—Já que não é remediavel essa nobre dôr—tornou o testamenteiro de Mendanha—receba v. ex.^a a suprema prova do arrependimento de seu pae. Neste legado dos bens está o legado do coração. Seja de hoje em diante v. ex.^a digna d'elle, já que desde esta hora os seus appellidos são dos mais illustres d'esta provincia.

Neste mesmo dia, D. Amelia de Mendanha saiu para Barcellos, onde entrou a occultas para o palacete de seu pae, afim de trajar luto e apparecer convenientemente aos numerosos parentes que confluíam a desaujal-a.

Os bens eram grandes em terras e foros. Casa antiga e solida. Alfaias do tempo de D. João v a dourarem os salões de tecto apainelado, com reposteiros brazoados. Na parte mais velha do edificio cadeiras repregadas de bronze, contadores atauxiados de prata e enxadrezados a côres, guadalmecins nas paredes, amplas mesas de pés torneados, leitos rendilhados com as armas dos Men-

danhas na espalda, bufetes, jarras da Índia com as iniciaes de um governador de Chaul, oriundo de Mendanhas, retratos de familia a começarem em D. Gil Gutierrez de Mendanha, solarengo de Barcellos. Em meio d'isto, e senhora de tudo isto, aquella Amelia de Landim, ó meu amigo Eugenio de Castilho! aquella Amelia, que sarabandeava a *cana verde*, o *lera aqua o regadinho*, e descantava umas *torradas com manteiga* que não ha ali mais que se diga.

—Onde estava ella?

Perguntavam entre si as primas e os primos.

E diziam exactamente onde ella estivera e de que infectos paues se levantára com azas de oiro aquella borboleta saída de tão foio casulo! Relatavam-se os pormenores da sua desgraçada vida, encareciam-se, como se fosse preciso, as deshonestidades... e visitavam-na.

Volvidos alguns mezes, tres padres, á compita, lhe saíram a propôr tres casamentos. Rapazes, parentes, abastados ou arruinados, mas fidalgos e gentilissimos de suas pessoas.

Rejeitou-os.

Um dia, saiu D. Amelia de Barcellos, na sua sege, apeiou em Famalicão, saiu a pé, e parou perto de Landim, á porta de um lavrador. Procurou por um homem que dava pelo nome de Antonio do Couto-de-baixo.

Saiu a fallar-lhe no quinteiro, ou alpendre, um sujeito de trinta annos, boa figura de camponio, estupidez em barda por todo aquelle carão.

—Antonio—disse ella—conheces-me?

—A senhora, a senhora... acho que é...—tartamudeou o lavrador agadanhando no occipital.

—Sou a Amelia de Landim. Quando eu tinha 15 annos, amei-te. Era então innocente. Esperava ser tua mulher, e perdi-me. Teu pae não te quiz deixar casar comigo, porque eu era pobre. Sei que soffreste, e quizeste fugir para o Brazil, afim de ganhares dinheiro, para depois me receberes. Eu não te deixei ir. Sabes qual foi a minha vida depois. Hoje estou rica, ainda te amo, porque foste a origem da minha desventura. Queres casar comigo? Responde.

—Quero.

—Então segue-me.

—Deixa-me ir dizer a minha mãe; que essa queria que eu casasse contigo.

—Podes dizel-o a teu pae, que esse tambem quer agora.

E, d'ahi a momentos, o pae e a mãe saíram ao alpendre a recebê-la, e levaram-na para o sobrado entre caricias.

Ahi pernoitou.

O velho nunea pôde desarticular os queixos da apostura do espasmo, desde que D. Amelia principiou a contar por milhares de alqueires de milho o rendimento de sua casa.

Ao outro dia, que era domingo, leram-se os primeiros banhos, e, com dispensa dos immediatos, casaram-se na igreja de Santa Maria de Abbade.

*
* *

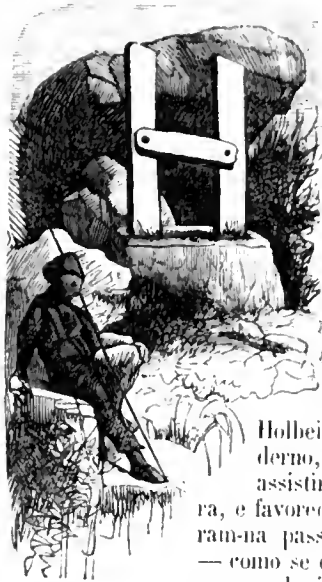
Mas a que proposito caiu este conto, que não tem que ver com AQUELLA CASA TRISTE!...

Ah! foi por amor da requinta da musica de Ruivães, que está agora silvando na *Barca da Trofa*, á espera de Antonio Duque, o *Africano*.

(Continúa.)

C. CASTELLO BRANCO.

A VIRGEM



A familias para as quaes o talento se constituiu em movel de inventario. Os paes legam ao filho o morgado, e estes passando á descendencia, sem que os direitos de transmissão se cobrem. Nós temos tido d'essas familias illustres, e ainda hoje uma d'ellas ali está, — coberta de gloria, — e tão patente que não será mister nomeal-a.

Deu-se isto com a familia Holbein, que occupa na historia da pintura allenhã um dos logares mais eminentes.

João Miguel Holbein, João Holbein, o antigo, e João Holbein, o moderno, representam tres gerações que, assistindo ao desenvolvimento da pintura, e favorecendo-a com o seu trabalho, — vieram-na passar do idealismo ao racionalismo, — como se expressa Ernesto Forster, até chegar a adquirir um embo profundo e natural de verdade.

Nas quadras de fé enthusiastica, o principio e o caracter da arte mostraram-se em linhas significativas: é a idéa christã e a mais elevada aspiração do bello. A forma sensível, a revelação d'este ideal está sempre no Christo e na Virgem. A principio estes typos foram procurados no que a arte antiga possuia de mais consoante com as tradições mysticas do povo; d'aqui resultava uma certa grandeza sombria, um conjuncto de magestade grega velada sinistramente pelas brumas de que se cercava Jehovah. O Christo, em vez de manifestar a indole piedosa e idyllica da sua alma, tinha o que quer que fosse do temeroso de Homero. O cordeiro transfigurava-se em aguia. Na eração da Virgem o sentimento era igual. Não viamos aquella belleza augusta e sobrehumana, temperada por uma suave doçura; não era a *gratia plena* diante da qual os anjos se inclinavam risonhos; sentiamos-nos dominados, mas sem o enternecimento da commoção.

Entrados em plena idade media, n'esse periodo de incubação maravilhosa, os typos começam a alterar-se na idéa e na forma. É o espirito christão que prepondera. O Christo é realmente o *Verbo feito carne*, — como diz um grande escriptor; e a Virgem tambem, por assim dizer, ganha aos nossos olhos em amovavel respeito. Apesar de tudo, e até o momento da Renascença, a arte continúa sob a tutela bysantina.

A transformação que se operou do seculo xv para o xvi, dando ao mundo primores, que hão de ser immortaes, trouxe em si mesma os germens da futura decadencia. O elemento grego da forma pura sobrelevava á idéa christã. A virgem appellidava-se *Fornarina*. O sensualismo incutia-se na arte, e a sciencia ia fecundando a duvida. Estava-se no tempo em que o cardeal Bembo, valido de Leão x, jurava *per deos immortales*, e escrevia a Sadoletto que não lesse as epistolas de S. Paulo, para que ellas não lhe estragassem o gosto: « *Omitte has nugas; non enim decent gravem virum tales ineptias.* »

De feito, a Renascença trouxe pela mão a duvida religiosa. Os espiritos allumiados por uma nova luz quizeram devassar horizontes novos. Esta revolução que se empenhava existia solapando a arte. As singelas e poeticas credulidades d'outro tempo iam-se gradualmente desvanecendo. A mão que pintara a *Disputa do Santissimo Sacramento*, tambem se deliciava com a *Escola de Athenas*, e por ventura mais ainda com a lasciva historia de Psyche, escripta nos doze quadros da villa Chigi.

Deixemos, porém, estas considerações geraes e digamos em resumo o que se nos alligura a *Virgem* de Holbein, d'esse admiravel pintor d'além-Rheno.

Quando o materialismo invadiu rudemente a arte, a Alemanha pretendeu refugiar-se e abluir-se nas fontes primitivas. Como havia ella, porém, de encontrar em si as intimas fervenças que d'antes incendiavam os artistas? D'aqui a imitação, essa rede em que as azas se não podem alargar.

O quadro que hoje se apresenta em gravura é conhecido pela *Madonna von Hans Holbein*, e existe na galeria de Dresde. Mede de altura 1^m,80, e de largura 0^m,91. O seu assumpto é a familia do burgo-mestre Meyer, de Bâle, implorando a benignidade da Virgem. Holbein, o moderno, é conhecido, principalmente, como pintor de retratos, e a isso deve a maxima celebridade; mas o seu inicio na arte foi a pintura historica, e em tal genero legou modelos eternos. O seu nascimento paira entre 1495 a 1498; e morreu da peste em Londres em 1554.

Agora demoremo-nos um tanto na contemplação da tela, e permittamos que a critica se exerceite.

Houve algum tempo em que a *Madonna*, a Virgem, foi principalmente um *meio* para se nos patentear o Christo. Ella mesma o demonstrava nos traços da sua physionomia. Estava alli como no momento da saudação: «Eis aqui a escrava do Senhor; cumpria-se em mim segundo a tua palavra.» Era uma beattitude modesta, era verdadeiramente a mãe deslumbrada e quasi tímida ante os esplendores do filho. Não havia o celestial orgulho, — tolerem-me a phrase, — de andar adstricta a um tamanho facto; havia antes um receioso jubilo a transparecer furtivamente n'um riso mal aberto, e n'um olhar de humilde embevecimento. O maior exemplo d'esta verdade é a Virgem de Raphael, na capella Sextina.

Mais tarde, quando o culto da Mãe de Deus ganhou forma independente, quando ella se tornou a consoladora dos afflictos, *Consolatrix afflictorum*, ella, a Rainha de todos os Santos; n'esse tempo que faz lembrar aquelle outro em que o piedoso S. Bernardo, ao entoar-se na festa do Natal o cantico *Salve Regina!* exclamava arrebatado: «*O clemens! o pia! o dulcis Maria!*» santa effusão da alma tão bem expressa no admiravel fresco de Schrandolph; então, insisto, a Virgem constituiu de si mesma o fim unico do quadro. Era já a padroeira, a protectora, a saude dos enfermos, o contentamento do lar, aquella para quem se elevavam as mãos nas horas amargas da tristeza.

Isto basta-nos para aceitar-nos os commentarios que se tem feito da gravura. A familia do burgo-mestre Meyer está alli toda, recommendando-se ao favor da Rainha do ceo; e a creança que lhe vemos aos seios, é um filhinho, um impubere, que a morte creston, mas que reffloriu na vida eterna.

O auctor do ultimo catalogo do musen de Dresde quiz sustentar que o menino que se vê ao collo é o proprio filho da Virgem, attribuindo á imperfeição do pintor, e em geral da arte allemã, as formas secas e os ares doentios que se lhe observam. Esta razão é insufficiente. Basta attentar na robustez graciosa do outro que se vê no-quadro. A opinião de Forster subsiste. A creança é o ultimo rebento da familia Meyer, que se aconchega ao peito divino, e que lança ainda á terra um olhar de saudade e de magoa.

N'esta *Virgem*, é certo, respira-se um delicioso perfume do ideal christão, e contudo são manifestas as individualidades. É esta uma feição da escola. Como Van-Eyck, como Schongauer, como Alberto Durer, — Holbein imprime nas suas figuras o cunho da vida real, direi mais, da vida allemã. Aquella rosa mystica deixa bem vêr em que alegretes sentiu vida.

E apesar d'isto, que serenidade ineffavel, que paz e que mansidão em tudo! Experimenta-se um estranho enlevo ao attentar n'este grupo, sobre o qual desce, como o albor de duas estrellas, o olhar candido da Virgem.

Este monumento da arte allemã foi propriedade dos descendentes de Jacob Meyer até o seculo xvii, em que o comprou Miguel Le Bloy por 1.000 thalers. Em 1690 passou ao banqueiro Avogredo, de Veneza, que o legou á familia Dellino. O conde Algaroth comprou-o depois por 1.000 sequins para o principe elector de Saxe, e hoje o magnifico quadro existe no novo museu de Dresde.

Holbein, o grande Holbein, tem moradia em Portugal. Sua Magestade El-rei o Senhor D. Fernando possui um dos ruros quadros do mestre.

E. A. VIDAL.



PEDRO AMERICO



ALLAR n'um pintor, cujos quadros se não viram; e n'um escriptor, cujas obras se não leram, é uma empreza difficil. Estou n'essa situação a respeito de Pedro Americo; como porém as *Artes e Letras* não me pedem um estudo critico ácerca d'esse vulto notavel, mas simplesmente uma noticia que acompanhe o seu retrato, para isso disponho dos melhores elementos, pois que tenho diante de mim uma admiravel biographia do homem de quem tenho de me occupar, traçada por um distinctissimo escriptor bra-

zileiro, o sr. Luiz Guimarães Junior.

N'essas paginas avulta com tal relevo a figura de Pedro Americo, mostra-se-nos tão profundamente original, que desde logo nos parece que ficamos conhecendo esse artista pensador, e votamos immediatamente uma viva sympathia a esses dois espiritos, o do biographado e o do biographo, ambos essencialmente modernos, ambos cheios de vida e de mocidade, ambos entusiasticos e sinceros.

Sente-se no affecto que perfuma as paginas do opusculo o reflexo d'esta fraternidade intellectual, que, n'este seculo de luta, pôde ligar dois homens na communhão sagrada do pensamento.

Pedro Americo, tal como resalta d'aquellas paginas animadissimas, é, como dissemos, uma figura altamente caracteristica. A indole moderna revela-se em cada um dos actos da sua vida. Sente-se que elle, como Henrique Regnault, o pintor de *Salomé*, e o heroe de Montretout, não hesitaria em trocar o pincel pela espingarda, se lhe fosse necessario dar testemunho de si n'essas lutas sanguinolentas, em que se combate e se morre pela victoria de uma idéa santa.

Aquella bohemia enervadora, a que Henrique Murger prestou o encanto seductor do seu estylo, não é hoje, para os que entram na carreira da arte, a ante-camara obrigada da gloria. Ha uma differença profunda entre a geração moderna e a geração de 1830. Os românticos arvoravam o desdém do estudo, da seriedade, proelamavam a loucura como condição essencial do genio, a miseria pittoresca e alegre, entremeciada de orgia, como a grande excitadora das obras primas. A estroinice e a inspiração eram para elles duas irmãs gêmeas; talento que não se robustecesse na indolencia, consideravam-n'o um talento convencional. As dividas que nunca se pagavam, a gravata vermelha, o chapéu que escandalisava os burguezes, a calça de côres vistosas, a desordem, a excentricidade eram os caracteristicos do genio entre o romantismo.

Hoje a escola moderna, se pecca, é pelo extremo opposto. O estudo e a seriedade são os seus caracteres. *Mens sana in corpore sano*, é a sua divisa. Fora as excitações febris, a orgia que escandece e enerva, o abuso da phantasia! o adepto da arte exerce um sacerdocio. A arte liga-se intimamente com as outras evoluções do espirito humano. Longe de se sequestrar da sociedade, deve perceber pelo contrario que tem uma missão social a cumprir. O artista é um pensador, não um louco. A epoca é de luta, o artista é um combatente. No estudo perseverante é que se afiam as armas. Longe



PEDRO AMERICO

de desprezar tudo quanto não seja a arte pura, deve reconhecer que não ha conhecimentos que sejam inuteis ao artista. Henrique Regnault em França, o nosso biographado no Brazil, são dois dos mais robustos representantes d'esta escola. A correspondencia de Henrique Regnault, ultimamente publicada, mostra de que fortes estudos se alimentava aquelle juvenil espirito. A biographia de Pedro Americo, escripta por Luiz Guimarães, mostra-nos no artista ao mesmo tempo um pensador, um philosopho, e um athleta da palavra de tal ordem que as suas victorias n'uma universidade belga, ganhas em defeza de uma these que apresentou para o doutorado, foram commemoradas com admiração pela imprensa d'esse paiz, e reconhecidas pelos seus contendores, homens dos mais illustres na sciencia contemporanea.

Não traçamos aqui a biographia de Pedro Americo; devemos encerrar-nos em estreitos limites. Procuramos apenas desenhar a sua figura original. Pedro Americo tem hoje 29 annos, é considerado o primeiro pintor do Brazil, é apreciado na Europa como um dos mais robustos campeadores das modernas lidas philosophicas. Nunea se viu mocidade mais exuberante de fructos esplendidos. Dir-se-hia que o sol da sua patria lhe desenvolveu o talento com a rapidez com que enfolha e opulenta as arvores das suas florestas. Teve Pedro Americo

um desenvolvimento prematuro. Foi um pouco *enfant prodige*, como em musica Mozart. Aos 13 annos era tal a sua reputação na sua provincia natal, que um naturalista estrangeiro, encarregado de uma missão scientifica pelo governo do Brasil, aggregou-o como desenhador á sua expedição. Aquelle espirito teve por esse facto uma educação robusta e sã. Costumou-se bem cedo a enlaçar a arte com a sciencia. Teve tambem cedo de conhecer as provações da miseria em que se retemperam os animos privilegiados. Veio estudar á Europa, depois de ser já vantajosamente conhecido no Brazil. Veio com a protecção do imperador, mas essa protecção mostrou-se tão deficiente e hesitante, que Pedro Americo lutou na Europa com privações. Nem por isso escorregou para os charcos da bohemia, nem deixou de estudar com affineo tudo o que se offerecia ao seu espirito avido de saber. Chamado ao Brazil por desejos do imperador para concorrer a uma cadeira vaga na Academia das Bellas-Artes, foi... abandonando um futuro que se lhe entremostrava lisongeiro n'este grande centro do movimento europeu, onde é tão difficil abrir caminho por entre a multidão dos candidatos á gloria, e onde contudo Pedro Americo já lograra conquistar valiosa reputação como artista e como pensador.

Para não nos embrenharmos na historia das lutas

que na sua patria amarguraram o artista, diremos simplesmente que tristes desapontamentos aguardavam no Brazil Pedro Americo. Pintára com extremado carinho um quadro intitulado a *Carioca*, recordação da patria em que empregára todo o seu talento, que retocára com affecto, e que destinava para o imperador. Recusou na Europa quantias valiosissimas, regeitou uma proposta de quinze mil francos, quando não tinha talvez quinze francos na algibeira, para dar ao seu soberano uma prova de reconhecimento. Motivos, que não conhecemos, e que se ligam talvez com a historia das lutas que Pedro Americo teve que sustentar na sua patria, fizeram com que o pintor não pudesse realizar esse desejo querido.

Pedro Americo teve porém como artista homenagem mais valiosa do que seria a que o imperador lhe outorgasse: foi o entusiasmo de um povo. Querendo celebrar as glorias da nação brasileira na luta que travou com o Paraguay, traçou a sua grande tela historica a *Batalha do Campo Grande*, considerada como a sua obra prima, e que enche de orgulho o Brazil, pois que mostra que, se não faltam, n'essa terra florecentissima, braços heróicos para defenderem a bandeira auri-verde, tambem ha artistas, cuja phantasia fogosa, cuja habil mão, podem reproduzir e immortalisar na tela as épicas batalhas, as lutas e as façanhas dos homens que defenderam, nas margens d'esses rios oceanicos do sul, os interesses da civilização.

Pedro Americo é genro de um distincto brasileiro, muito conhecido e muito apreciado entre nós, o sr. Manuel de Araujo Porto Alegre, consul geral do Brazil em Lisboa, artista distinctissimo, poeta illustre, e um dos espiritos mais finos e mais esclarecidos que temos conhecido. N'essa familia estão, pois, ligados pelos laços da estima e da afinidade, representantes dos mais illustres das duas gerações litterarias e artisticas do Brazil. Ambos viveram no centro do grande movimento europeu do seu tempo, ambos sustentaram com gloria nas lutas do pensamento em plena Europa a honra da joven America. Ambos representam admiravelmente a indole especial de cada uma das gerações a que pertencem, sem as aberrações deploraveis que faziam descair a de 1830 na inutilidade orgiaca da bohemia, a da actualidade no pedantismo mais insupportavel de todos, que é o pedantismo ignorante.

Pedro Americo tem diante de si um largo futuro. O Brazil pôde de certo venerar n'elle desde já uma das suas glorias mais incontestaveis. Sem o podermos avaliar por nós mesmos, temos contudo para fazer esta prophécia os dados mais seguros. Como pintor, a sua *Carioca* é admirada em Paris, é procurada pelos negociantes de quadros, juizes imparciaes, porque o interesse exclue a adulação; a sua *Batalha do Campo Grande* enthusiasma o Brazil; como philosopho, ganha uma victoria assignalada na defeza da sua these n'uma universidade belga, e essa victoria reconhece-a o proprio adversario,

o sr. Jules Mathieu, e celebra-a a imprensa de Bruxellas. Vemos, pois, que tem Pedro Americo o genio da pintura, e que não desprezou os estudos fortes, que, longe de serem tropeço para a inspiração, a encaminham, e fazem com que ella se não limite a desatar-se em flôres, mas em fructos tambem. Além disso, Pedro Americo tem a forga de vontade que o fez atravessar intrepidamente as provações da sua juventude, que o não deixou recuar diante das amarguras da iniciação, e que o ha de certo continuar a amparar contra os embates da inveja, tanto mais que, tendo a consciencia do seu valor, sentindo ao seu lado um grupo escolhido de moços intelligentes, que saúdam com enthusiasmo o arrojô com que

elle despreza as tradições academicas, e entra desassombrado pelos trilhos da sciencia nova, com os olhos fitos na luz do pensamento, ha de reconhecer que os ludridos dos invejosos são mais uma nota do côro triumphal que segue sempre os iniciadores, como os insultos do escravo eram parte obrigada do concerto ovante, que acompanhava até o Capitolio, na antiga Roma, os consules victoriosos.

PINHEIRO CHAGAS.

CHRONICA DO MEZ



UGRAM, desapareceram talvez para sempre do theatro de D. Maria n as noites de frio silencio e tranquillidade soporifera, essas tristes noites em que, segundo refere espirituosamente um jornal da epoca, succedia por vezes algum economico frequentador dos espectaculos publicos chegar n'um dos intervallos ao porteiro da platea, pedir licença para ver em qual dos camarotes estava certa familia e obter d'elle esta resposta:

— Essa familia não está cá.

— Conhece a familia que procura?

— Não sr.

— Então como sabe que ella não está cá?

— Porque nos camarotes não está ninguém.

Hoje, felizmente, as coisas mudaram de figura. Vem-se as plateas cheias de espectadores, os camarotes adornados com as vistosas *toilettes* das primeiras senhoras da capital, ouve-se o sussurro da curiosidade antes de subir o panno, percebe-se o interesse com que o publico esenta os actores; ha palmas, bravos, flores e, o que mais é para notar, tambem ha pateadas, famosas pateadas, dispostas na vespera, como era, e ainda é, costume em S. Carlos, o grande theatro da moda.

Durante as representações da *Princesa Jorge*, o sol da benevolencia publica ainda illuminou o palco, se bem que os mais entendidos nos segredos meteorologicos d'aquella atmospheria, presentiam que se continuassem a reinar ventos do mesmo quadrante, não tardaria de rebentar furiosa a tempestade. Viu-se pouco depois que não se enganavam. Apenas o barometro mareou — *Rabagas*, turvaram-se os ares e a tempestade estalou. Foi immensa a pateada, ameaçadora a physionomia da policia, travaram-se discussões acaloradas nos calés, onde ellas são vulgares, e chegaram a travar-se na imprensa, onde são raras, quando se não trata de politica. Por fim passou o temporal e estiou. Subiu depois á scena o drama — *O Louco d'Ecora*, peça altamente patriótica e cheia de situações violentas, aparelhadas pelo auctor — um portuguez ha muitos annos residente no Rio de Janeiro — para plateas de segunda ou terceira ordem. Em contraposição do que fizera a — *Rabagas*, o publico applaudiu fervorosamente as principaes scenas de todos os actos do — *Louco d'Ecora*, mostrando assim que desculpava mais depressa qualquer offensa dirigida á historia, do que feita a um homem, ou a um partido. Foi todavia passageiro, como o veranito de S. Martinho, o reinado do applauso limpo, sem mescla de assuada ou larafunda. Anunciou-se a comedia do sr. Ernesto Biester — *Os Sabichões*, e toda a gente correu pressurosa ao theatro, mas prevenida, como o piloto que navega no canal da Mancha durante o inverno, sobe ao catavento. Effectivamente, no meio do primeiro acto desencadeou-se a tormenta, como se esperava, impetuosa, terrivel, medonha. As palmas lutaram com a pateada, mas esta mais teimosa e arrogante, não se deixou vencer, e os actores tiveram de representar sob a influencia pouco animadora de uma platea amotinada.

A pateada era visivelmente dirigida á parte critica da comedia. Alguns espectadores viram nas principaes scenas offensa directa

e injusta a certo grupo de escriptores, e quizeram desaffrontal-os. Dialogos ha em que realmente parece que o auctor quiz alludir a individuos conhecidos; mas, ao mesmo tempo, vêem-se praticar aos personagens da peça, que por ventura poderiam representar esses individuos, acções tão indecorosas e menos dignas, que se fica em duvida se taes personagens são mera ficção do auctor, ou se effectivamente querendo ligurar de retratos, são apenas retratos mal parecidos. Todos conhecemos os suppostos criticados e sabemos que são homens trabalhadores, de talento, e que não tem na sua vida particular nem a mais leve sombra das fealdades que mancham o caracter dos tres sabichões da comedia do sr. Biester. Isto leva-me a crer que não houve a intenção que se attribuiu ao auctor, e que este apenas desenhou uns typos como muitos que Scribe e outros escriptores dramaticos tem apresentado na scena.

Quanto á comedia, propriamente dita, parece-me que se não é das melhores do sr. Biester, encerra todavia qualidades que valem comprouar mais uma vez, o ingenho do auctor de uma das maiores colleções de obras dramaticas originaes portuguezas. A contextura do primeiro acto, a scena da declaração no segundo e a situação final do terceiro são exemplos do que levei dito. A intriga, como a de todas as peças criticas, é limitadissima; em compensação, os accessorios estão bem tratados, e por vezes, talvez, tão bem tratados, que saltam para o primeiro plano, offuscando tudo que se acha n'este. E isto um leve senão, mas largamente resgatado por effectos dramaticos muito apreciaveis.

A comedia — *Os Sabichões* representou-se em beneficio do actor Antonio Pedro, comediante muito estimado pelas nossas plateas. Deve-lhe ter sido agradavel a cortezia com que o publico o saudou no seu apparecimento, tanto mais quanto facilmente se conhecia, que eram espontaneos e do coração os applausos dispensados. O sr. Antonio Pedro é dos actores comicos mais engraçados e conscienciosos. Tem no seu repertorio uma galeria de typos completos, perfeitissimos, typos observados e estudados do natural, ou antes adivinhados como que por encantamento ou intuição artistica. D'aqui o apreço em que todos o tem, e as agradaveis provas de amizade que ha recebido durante a sua esplendida carreira de actor.

O desempenho da peça foi regularissimo, sobressaindo os primeiros artistas e o actor Brazão, que desempenhou com muita vivacidade e alegria o seu importante papel. No acto da guitarra uma parte do publico reprovou o facto de se trazer á primeira scena portugueza o popular instrumento, e outra parte applaudiu entusiasticamente a ingenua e graciosa desenvoltura com que a actriz Virginia cantou e tocou o fado.

Ao theatro do Gymnasio tambem voltaram as noites de alegria e grande concorrência. A estreia de um actor e o reaparecimento de outro ha muito retirado das taboas do palco, mas nem por isso menos considerado como mestre na sua arte, aguçaram a curiosidade publica.

O auctor que se estreou foi o sr. Augusto Rosa, o filho mais novo do sr. João Anastacio Rosa, o actor que reapareceu.

Nas comedias — *Caprichos*, *Amores em ninho de aguas* e *Morgado de Fafe*, provou o novel actor que tem as melhores disposições para a scena, parecendo propenso a representar com a elegancia, finura de gesto e graça da palavra que o genero requer, os papeis de galãs comicos; na comedia do sr. Camillo Castello Branco, o actor que escudava com a sua presença a estreia do filho, mostrou que as suas grandes facultades artisticas ainda não foram atrophiadas pela doença, e que se o corpo pudesse resistir ao trabalho aturado, o espirito coadjuval-o-hia como na epoca da sua mais esplendida gloria.

Em a noite da estreia, pois, e nas demais em que os dois artistas representaram, o publico festejou-os sempre, fazendo-lhes chamadas especiaes e applaudindo-os conjuntamente com o galã dramatico do theatro, o sr. João Rosa, como que para significar que estimava ver sempre o Gymnasio, á semelhança d'aquella noite, navegando em maré de rosas.

O sr. Joaquim de Almeida, o primeiro actor do theatro do Principe Real, fez o seu beneficio n'aquella scena, com um drama traduzido pelos srs. Annaya e Carlos Borges, intitulado — *O Capitão phan'asma*. O drama agradou, porque tem — como vulgarmente se diz em linguagem de theatro — todos os matores

que as plateas avidas de fortes commoções, exigem. O beneficio representou o principal papel com o arrojo e entusiasmo a que o extraordinario caracter do personagem obriga, e obteve repetidos applausos e todas as demonstrações de affabilidade que a noite da sua festa lhe merecia.

Cumpre-me registar, antes de sair dos divertimentos publicos, onde tenho passado um bocado de tempo, que já começaram os bailes de mascaras. Eu estou certo que a ninguém succede o que me succede com um baile de mascaras. Para mim o baile de mascaras é um divertimento assustador, por outra, não é divertimento, porque ninguém se diverte onde está com receio. E eu confesso que ando receioso nos bailes de mascaras: assustam-me como uma carta anonyma, ou uma calumnia forjada na sombra, sem que eu possa descobrir o nome do calumniador. E por isso que os bailes de mascaras se me tornam antipathicos, até mesmo quando lá não vou. Tolerero as mascaras á luz do dia, em pleno carnaval, mas á luz do gaz, e principalmente quando ainda são fructo immaturo, acho-as torpes e insupportaveis. A noite e o incognito garantido pela mascara, alligaram-se-me insidiosas trincheiras por detraz das quaes a cobardia se esconde para nos agredir. A ninguém de certo, repito, succede o que me succede com os bailes de mascaras. Eu desamo-os tanto, que até n'este momento, em que apenas fallo d'elles e não estou lá, passo para outro assumpto com o maior prazer.

Prospera notavelmente a *Bibliotheca Universal*, de que são proprietarios os srs. Lucas & Filho. Procurando diffundir o gosto pela leitura dos bons romances, acaba de publicar o primeiro volume da excellente novella maritima de G. de la Landelle — *A Viagem do Sargento*, traducção primorosa do sr. Pinheiro Chagas. Como já tive occasião de dizer, as edições dos srs. Lucas são luxuosas e custam modico preço. Não admira, portanto, que esta empresa vá de foz em fôra, o que muito lhe desejo, como a todas as que são uteis e dignas.

Não ha muito, quando a publicidade pela imprensa estava menos desenvolvida e os divertimentos publicos eram menos convidativos que as noites de inverno se passavam ou a conversar pacatamente com as familias que vinham de visita, ou a jogar o voltarete em doce tranquillidade, com algum caturra da visinhança, ou, enfim, a dormir a sonno solto com a cabeça recostada no espaldar da cadeira e os pés embrulhados em espesso cobertor.

Hoje não succede assim. Ainda ha familias que se deitam cedo, preferindo a companhia dos lençoes e do travesseiro á de um bom livro ou de uma peça de theatro recreativa e interessante; mas a maior parte da gente frequenta os espectaculos, ou, quando fica em casa, apega-se a um livro para não ir para a cama á noite. Nas provincias tambem o amor pela leitura está mais introduzido, e não é raro ver proximo do magusto que estala na lareira, o romance da moda com que vae entreter-se durante as longas horas de dezembro, a honrada familia do opulento lavrador.

Foi para servir n'essas appetecidas horas de tranquillidade do corpo e do espirito, que o sr. Julio Cesar Machado publicou o seu livro — *A' lareira*.

Ninguém melhor do que este escriptor podia fazer um volume de tal genero. Para a leitura destinada a entreter e matar o tempo, como se usa dizer, é mister que os assumptos sejam variados, ligeiros, graciosos, revelando espirito de observação, sem que isso traga dissertações philosophicas de fazer cabeçar, tocando de vez em quando a corda do sentimento sem chegar nunca a arrancar lagrimas de enchear o lenço. O novo livro do sr. Julio Cesar Machado está, pois, n'estes casos. Tem variedade de assumptos, porque contem umas vinte e tantas historias todas dessemelhantes e em estylo apropriado; tem observação do natural, porque todos sabem que este escriptor usa, para bem se desempenhar da sua missão de folhetinista, investiga a verdade do que pretende tratar, desde a modesta barraca do arlequim de feira até os dourados bastidores do nosso primeiro theatro, ou até os salões aristocraticos das principaes familias; tem, finalmente, sentimento, porque muitas vezes na occasião em que a espontanea gargalhada desfero dos labios do leitor, uma phrase, uma palavra só, vem causar-lhe aquella doce commoção que nos arraza de agua os olhos, sem nos fazer solfier.

Todas estas excellentes qualidades, que se encontram no livro do mais assiduo collaborador d'esta publicação, o tornam digno de geral apreço, do que provém a edição esgotar-se em poucos dias para satisfação do editor, gloria do auctor e contentamento de todos os que prezam que n'esta boa terra—que apenas se ufana do sol que a allumia e das vinhas que produz quasi espontaneamente—tambem se faça justiça a quem trabalha e tem talento.

A outra obra tambem notavel—*Crepusculos*, volume de versos pelo sr. E. A. Vidal, se podem applicar as ultimas palavras que deixo escriptas acerca do livro—*A larveira*. Este escriptor é tambem dos que vém desaparecer rapidamente as edições das suas obras. *Crepusculos* é uma collecção de muias poesias como as sabe fazer o sr. Vidal, entre as quaes figuram duas comedias em verso: — *Ao luar*, dada em D. Maria II no beneficio do sr. Rosa Junior e sempre muito applaudida; e — *O Saboiano*, ainda não representada. Além de muitos outros valiosos trabalhos, encerra tambem as conhecidas poesias recitadas innumeras vezes pela actriz Emilia das Neves—*As mães* e — *Ave Popule!* Como se vê, é livro destinado a ter grande voga, o que de certo não maravilhará o auctor, que está acostumado a estes triumphos.

Tambem recebi do sr. A. Filippe Simões tres folhetos escriptos expressamente para o seu doutoramento na universidade de Coimbra. São — *Erros e preconceitos da educação physica*, dissertação para o acto de conclusões da faculdade de medicina, — *A contractilidade e a excitabilidade motriz*, dissertação defendida perante a mesma faculdade e — *Theses de medicina theórica e pratica*. Como se vê, são livros de sciencia, que apenas poderão atrahir os profanos pela pureza e amenidade de estylo do auctor, qualidades estas que os leitores das—*Artes e letras* tem podido apreciar em mais de um trabalho do sr. F. Simões.

Por ultimo annuncio uma nova publicação critica intitulada — *O espectro de Juvenal*. O titulo é de fazer tremer os menos receiosos. Entretanto, sabendo-se que o novo periodico está entregue a pennis illustradas, nada ha a receiar do espectro do satyrico latino, porque se a critica inepta desgosta e offende, a boa critica elucidat e corrige.

RANGEL DE LIMA

DIVERSAS NOTICIAS

— No Brazil foram publicadas as seguintes obras :

Inocencia, romance de Silvio Dinarte (pseudonymo), auctor da *Mocidade de Trajano* e *Lagrimas do coração*.

As secas no Ceará, opusculo publicado em Stuttgart, pelo sr. dr. Marcos Antonio de Macedo. Demonstra a possibilidade da construção de um canal que ligue o rio S. Francisco ao rio Jaguaribe.

Aspasia, volume pelo sr. conselheiro João Manuel Pereira da Silva, deputado da nação.

Tiradentes, pamphleto politico.

Paulista, orgão democratico da cidade de Taubaté. É seu proprietario e redactor o sr. Alfredo de Almeida.

A republica pelo imperio, folheto politico sem nome de auctor.

Naufragio, historietta romantico-religiosa pelo sr. Fernando Leal.

O promptuario da legislação provincial do Rio de Janeiro, desde 1835 a 1867, pelo sr. João Carlos Pereira do Lago.

Araçá, conto americano em verso, pelo sr. Francisco Severo, do Ceará.

O Artista, periodico dedicado ás artes, letras, industria e commercio. Saé uma vez por semana; é seu proprietario o sr. Manuel Ribeiro Marceneiro.

Preunio, periodico litterario, critico e jocoso, publicado aos domingos.

Revolução, orgão hebdomadario do partido republicano, propriedade do Club *Democracia Cearense*.

O Mossoroense, semanario politico, commercial, noticioso e litterario.

Em Ouro Preto encetou a sua publicação a 11 do passado uma nova folha bi-semanal com o titulo *Echo de Minas*.

O principe russo e o Echo Americano, opusculo acerca de uma carta publicada n'aquella folha por um dos personagens da comitiva do principe Alexis.

— Os periodicos francezes registam quasi todos os dias as produções artisticas do pintor hespanhol Fortuny e os preços fabulosos por que ellas são vendidas. Este artista, que é uma das maiores glorias modernas da Hespanha, reside em Paris e dedica as suas horas de trabalho principalmente a aguarellas. Admira-se a execução dos seus quadros que se recommendam pela graça com que são feitos e especialmente pela tinta brilhante e vigorosa que os embelleza. As aguarellas do pintor Fortuny estão pois em moda actualmente em Paris e são disputadas pelos principaes banqueiros que as pagam por contos de reis.

— Na poesia *Flores estrangeiras*, d'este numero, pag. 184, col. 2.^a lin. 33, onde saiu: — iberá chocha — deve lêr-se: — iberá choça.

Typ. Sousa & Filho — Rua do Nor. e. 445





ARTIGOS

- Abusos (Os) do realismo** — A. Ennes — pag. 115.
Aniversario (O) do desembargador — Pinheiro Chagas — pag. 139.
Antiquario (A) travessa do Pintor — José Maria de Andrade Ferreira — pag. 101.
Antiquario (O) — pag. 20.
Aquella casa triste... — C. Castello Branco — pag. 169, 185.
Arte (A) na Andalusia — Francisco M. Tubino — pag. 90.
Arte (A) no theatro — pag. 30.
Aves domesticas — Pinheiro Chagas — pag. 154.
- Banquete (O) dos deuses** — Sousa Viterbo — pag. 88.
Basilica (A) de Santo Antonio de Padua — pag. 13.
- Caldas de Fozella** — J. Ribeiro Guimarães — pag. 77.
Carlos (D.), de Verdi — Julio Cesar Machado — pag. 7.
Carlos I — quadro de Van Dyck — pag. 92.
Centa e um (Os) quadros de Tardif, amiga de Gilot — Arsenio Haussaye, tradução livre — pag. 7.
Chronica do mez — Rangel de Lima — pag. 10, 26, 41, 56, 74, 94, 110, 126, 142, 158, 174, 190.
Coches (Os) da casa real — Innocencio Francisco de Silva — pag. 37.
Cometa (O) de 12 de agosto de 1872 — prognosticos de Raphael Bordallo Pinheiro — pag. 29.
Conselho — Ramos Coelho — pag. 51.
Custodia da igreja de Nossa Senhora de Entre-as-Vinhas da villa de Mertola — A. Philippe Simões — pag. 129.
- Delphin (O) de França em casa do sapateiro Simão** — quadro de Piloty — pag. 40.
Dispensaria (O) — Julio Cesar Machado — pag. 119.
Diversas noticias — pag. 14, 30, 46, 62, 79, 95, 112, 127, 143, 160, 176, 192.
Dois (Os) pequenos — Julio Cesar Machado — pag. 93.
Dois palavras acerca do movimento artistico da peninsula — M. M. Bordallo Pinheiro — pag. 31.
- Episodio (Um) da Batalha de Campo Grande** — Rangel de Lima — pag. 5.
Errada opinião sobre objectos de arte — José Maria de Andrade Ferreira — pag. 161.
Estalagem (A) dos tres enforcados — Erekmann-Chatrian — trad. B. — pag. 22, 35, 54.
Estatuas (As) para o arco da rua Augusta — Latino Coelho — pag. 33.
Exposição da sociedade promotora das bellas artes — José Maria de Andrade Ferrelra — pag. 70.
Exposição dos trabalhos dos artistas portuguezes contemporaneos — L. — pag. 20.
- Filhos (Os) de Carlos I** — quadro de Van Dyck — pag. 51.
Flôres estrangeiras — Thomaz Ribeiro — pag. 181.
- Gabinete (O) de Cicero** — trad. G. Franco — pag. 135.
Gerard Dow — E. A. Vidal — pag. 140.
Grão Vasco e a historia da arte em Portugal — Marquez de Souza Holstein — pag. 1, 17.
- Hermann (S.)** — pag. 78.
- Ilustre (O) doutor Matheus** — Erekmann Chatrian — trad. B. — pag. 43, 58, 68, 82, 99, 113, 130, 146, 162, 180.
- Jesu-Christa e S. Joã** — E. A. Vidal — pag. 120.
- Leitura de uma chronica** — E. A. Vidal — pag. 104.
Leitura (Uma) na officina — E. A. Vidal — pag. 153.

Leonor da Fonseca Pinentel — A. Philippe Simões — pag. 171, 182.
Lord Byron em Portugal — Alberto Telles — pag. 65.

Magdalena — pag. 28.
Merenda (A) quatro de Murillo — Pinheiro Chagas — pag. 168.
Mestre (O) de escripta — pag. 3.
Moço (O) de recabos — Julio Cesar Machado — pag. 21.
Mumia (A) do arcebispo D. Lourenço — A. Philippe Simões — pag. 106.
Musica (A) — Narcisa Amalia — pag. 137.

Não tenha medo! — Julio Cesar Machado — pag. 168.
Navegar em ruinas — A. Philippe Simões — pag. 154.
Numeros do entremezzo — Henri Heine — Gonçalves Crespo — pag. 56.

Obras de arte portuguezas que figuraram na exposição de Madrid — R. de L. — pag. 12, 24, 40.

Palacio (O) de Cathariz, Diogo Bernardes, Frei Agostinho da Cruz, a serra da Arrabida — Bullião Pato — pag. 81, 97.
Poquita (ultimas estrophes do canto VII) — Bullião Pato — pag. 39.
Peдро Americo — Pinheiro Chagas — pag. 188.
Pełourinhos — J. M. de Andrade Ferreira — pag. 49.
Pês (Aos) da deusa — J. Simões Dias — pag. 103.
Pezos (O) bem exacto, hebreu! — pag. 11.
Pobresinho (O) — Julio Cesar Machado — pag. 53.
Poetas (Os) — Julio Cesar Machado — pag. 150.
Prestes a combater — quadro de C. Kroner — pag. 92.
Primeira (A) reflexão — J. M. Latino Coelho — pag. 177.
Primeiro (O) banho — quadro de Gustavo Sus — pag. 51.
Put! — Julio Cesar Machado — pag. 141.

Quadro (Um) de Josepha de Obidos — A. Philippe Simões — pag. 76.
Quadros de Josepha de Obidos — A. Philippe Simões — pag. 113.
Quadros (Dois) da pintor brasileiro Victor Meirelles — pag. 119.

Rapaz (O) dos phosphoros — Julio Cesar Machado — pag. 109.
Realismo (O) — E. A. Vidal — pag. 18.
Recordações de um sonho — J. Simões Dias — pag. 151.
Refeição (A) — Pinheiro Chagas — pag. 105.
Remember! — E. A. Vidal — pag. 174.
Resumos das actas das sessões do conselho da Sociedade promotora de bellas-artes em Portugal — pag. 76.
Ruy Blas, de Marcheti — Julio Cesar Machado — pag. 27.

Seu (O) retrato — E. A. Vidal — pag. 78.
Sombra (A) dos mortos — Gutierrez, trad. de Lucio de Mendonça — pag. 76.

Taberneiro (O) — Julio Cesar Machado — pag. 45.
Tempestade (A) — Claudio de Chaby — pag. 121.
Tocador (O) de reateja — Julio Cesar Machado — pag. 73.
Tres exposições — R. do L. — pag. 46.
Typo (Um) do macadam — Pinheiro Chagas — pag. 4.

Uma (A) senhora — E. A. Vidal — pag. 167.

Versos recitados no Palacio de Crystal do Porto, a 22 de janeiro de 1872, por occasião do beneficio dos pescadores da Povoia de Vazim — Francisco Gomes de Amorim — pag. 138.
Viagens pelo interior do Brasil — F. Gomes de Amorim — pag. 86, 107, 121.
Villa (A) e o castello da Louzã — Brito Aranha — pag. 123.
Virgem (A) — E. A. Vidal — pag. 187.
Virgem (A) — quadro de Raphael — pag. 36.

GRAVURAS

Aniversario (O) do desembargador — Becker, L. Heiland — pag. 129.
Antiquario (O) na provincia — Richard Sohn, Roth — pag. 17.
Artista (Um) no estudo — R. Bordallo Pinheiro, Pedrozo — pag. 192.
Aves domesticas — M. Hondekoeter, W. French — pag. 152.

Barco-piloto do Harre — J. Pedrozo — pag. 128.
Basilica (A) de Santo Antonio de Padua — E. Therond, Regnier — pag. 13.

Caldas de Vizella — pag. 77.
Carlos I — Van Dyck, Payne — pag. 88.
Castello (O) da Louzã — Barbosa Lioa, J. Pedrozo — pag. 125.
Chalet (O) — Dantas, Leotte — pag. 61.
Coche (Um) da casa real — pag. 37.
Cometa (O) de 12 de agosto de 1872 — prognosticos de R. Bordallo Pinheiro — pag. 29.
Custodia da igreja de Nossa Senhora de Entre-as-Vincas da villa de Mertola — J. Dantas, Leotte — pag. 129.

Delphin (O) de França em casa do sapateiro Simão — Pfloty — pag. 33.
Dispenseiro (O) — Grutzner, Roth — pag. 113.
Dois (Os) pequenos — R. Bordallo Pinheiro, Leotte — pag. 93.

Olhos (Os) de Carlos I — Van Dyck, W. French — pag. 56.

Gerard Dow — G. Dow — W. French — pag. 133.

Hermann (S.) — Van Dyck, W. French — pag. 72.

Illustre (O) doutor Mathens — Emilio Bayard — pag. 43, 60, 61, 68, 69, 84, 85, 100, 101, 116, 117, 132, 133, 148, 149, 161, 163, 180, 181.

Jesu-Christo e S. João — Rubens, W. French — pag. 120.

Leitura de uma chronica — Heyden, Becker — pag. 97.
Leitura (Uma) na officina antes do trabalho — Stammel — pag. 145.
Leonor da Fonseca Pinnetel — J. Pedrozo — pag. 173.

Magdalena — Battoni, W. French — pag. 24.
Medalha da Sociedade promotora das bellas-artes em Portugal — Peralra, Leotte — pag. 80.

Merenda (A) — Murillo, W. French — pag. 168.
Mestre (O) de escripta — Gerard Dow, W. French — pag. 8.
Moço (O) de recados — Manuel Macedo, J. Pedrozo — pag. 21.
Monserate — Dantas, Leotte — pag. 67.
Masico (O) popular — Bordallo Pinheiro — pag. 144.

Não tenha medo! (o bavaro em territorio inimigo) — W. Kaulbac Jun — pag. 161.

Pedro Americo — F. Chaves, Rico — 189.
Penca (A) — Dantas, Oliveira — pag. 66.
Penhasco (O) das ermidas — Barbosa Lioa, J. Pedrozo — pag. 125.
Pezço (O) bem exacto, hebreu! — E. Stammel, Roth — pag. 1.
Pobresinho (O) — Manuel Macedo, J. Pedrozo — pag. 53.
Prestes a combater — Kroner, Roth — pag. 81.
Primeira (A) reflexão — Gustavo Sus, Roth — pag. 177.
Primeiro (O) banho — Gustavo Sus, Roth — pag. 49.
Psi! — Manuel Macedo, J. Pedrozo — pag. 131.

Rapaz (O) dos phosphoros — R. Bordallo Pinheiro, Leotte — pag. 109.
Refeição (A) — Murillo, W. French — pag. 104.
Ruinas da igreja de Santa Clara de Coimbra, vistas da parte do sul — J. Dantas, Leotte — pag. 157.

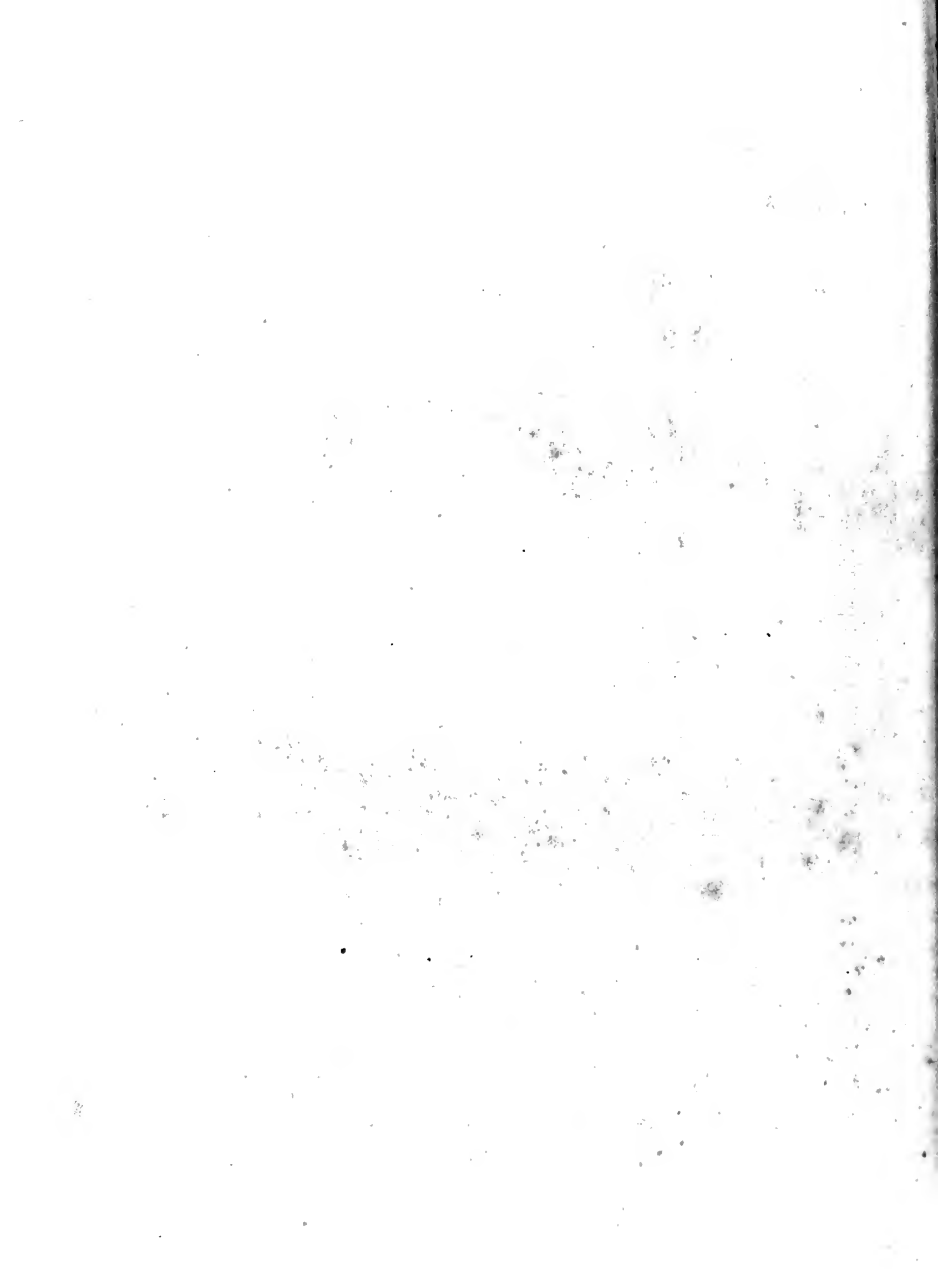
Tabernculo (O) — Manuel Macedo, J. Pedrozo — pag. 45.
Tocador (O) de reatejo — Knass, Karberg — pag. 65.
Torre (A) de Belem — Leotte — pag. 64.
Typo (Um) do macadam — Manuel Macedo, J. Pedrozo — pag. 4.

Viatico (O) em Cintra — Bordallo Pinheiro, Leotte — pag. 176.
Villa (A) da Louzã — Barbosa Lioa, J. Pedrozo — pag. 124.
Virgem (A) — Holbein, W. French — pag. 184.
Virgem (A) — Raphael, W. French — pag. 40.



auto
 J. L. S.







COLLABORADORES



A. A. da Fonseca Pinto — A. Filippe Simões — Alberto Pimentel — Alberto Telles — Alfredo Campos — Antonio Ennes — A. X. Rodrigues Cordeiro — Brito Aranha — Bulhão Pato — Camillo Castello Branco — Christovam de Sá — Claudio de Chaby — Eduardo Augusto Vidal — Eduardo Coelho — Francisco Antonio Barata — Francisco Gomes de Amorim — Francisco M. Tubino — Gomes Leal — Gonçalves Crespo — Guilherme Franco — Ignacio de Vilhena Barboza — Innocencio Francisco da Silva — José Maria de Andrade Ferreira — Julio Cesar Machado — Latino Coelho — Luciano Cordeiro — Lucio de Mendonça — Luiz Augusto Palmeirim — Luiz Guimarães Junior — Manuel M. Bordallo Pinheiro — Maria (D.) Amalia Vaz de Carvalho — Marquez de Soufa Holstein — Marx de Sori — Narcisa (D.) Amalia — Pinheiro Chagas — Ramos Coelho — Raphael Bordallo Pinheiro — Ribeiro Guimarães — Simões Dias — Soufa Viterbo — Thomaz Ribeiro.



Rangel de Lima — Director



AS FLORES DA JANELLA.

ARTES E LETRAS



LISBOA—JANEIRO DE 1873

LEONOR DA FONSECA PIMENTEL

(Conclusão)

V



os 22 de janeiro de 1799, poucos dias depois de se terem assenhoreado do castello de Sant'Elmo, os francezes entraram na cidade de Napoles.

Logo, entre clamores de alegria e manifestações ruidosas, se proclamou a republica parthenopêa. As tropas francezas, para que fosse menos repugnante a idéa de *ocupação estrangeira*, tomaram o nome de

exercito napolitano. Os tribunos explicavam ao povo nas ruas e praças os principios do novo governo. Os frades e sacerdotes, devotados á causa da revolução, prégavam tambem, mostrando a conformidade das idéas de liberdade, egualdade e fraternidade com as maximas fundamentaes do Evangelho ¹.

Leonor da Fonseca Pimentel redigia o *Monitor Parthenopêo*, cujas paginas, escriptas com desaffectedada e natural eloquencia, accendiam em todos os corações o mesmo santo amor da liberdade que a inflammava.

Nos theatros representavam-se algumas das tragedias de Alfieri e outras peças igualmente proprias para excitar os sentimentos patrióticos. Uma noite, no theatro de S. Carlos, aproveitaram essa excitação para publicar

¹ Entre os membros do clero que melhores serviços prestaram á republica cita Vannucci os padres F. Conforte e M. Scotti, M. Ciccone, G. Belloni, Cavallo, M. Guarano, Caraffa e Jerocades. Os bispos Sero, Sarno, Natali, Troisi, o bispo de Sansevero e o arcebispo Zurlo. O historiador Cuoco assevera que foram de trinta a quarenta os prelados que tomaram parte na revolução. Alguns pagaram com a vida o terem pugnado pela liberdade e pelo bem da patria.

algumas noticias desagradaveis que temerosamente ameaçavam a sorte da republica. N'um entre-acto uma actriz veio ao proscenio annunciar a marcha victoriosa do cardeal Ruffo e a derrota das tropas republicanas.

Os espectadores pediram em altos gritos o hymno da liberdade, voltando-se para um camarote, onde estava Leonor da Fonseca Pimentel e bradando muitos: «A Pimentel! A Pimentel!» Queriam que o hymno fosse cantado não pela actriz, mas pela illustre poetisa, pela inspirada redactora do *Monitor*, a quem chamavam a sybilla napolitana, o genio da republica parthenopêa.

Ella hesitou; porém, vendo a unanimidade da manifestação, desceu ao palco, onde foi saudada e calorosamente applaudida.

Depois, succedendo ao ruidoso tumulto profundo silencio, Leonor acompanhada pela orchestra começou a cantar:

Il tiranno é caduto, sorgete
Gente opressa, etc.

Terminado o hymno, houve em toda a sala uma agitação indescriptivel. Aos bravos, palmas e applausos de toda a sorte ajuntavam-se o brandir das armas, os clamores de vingança e as juras dos que promettiam vencer ou morrer na defeza da republica.

Com muito custo serenara a tempestade no resto da noite, para se desencadear mais furiosa no dia seguinte nas praças, ruas e clubs de Napoles. Estes ultimos, depois de animadas discussões, deputaram ao governo, a fim de conjurar os males que ameaçavam a republica, alguns de seus principaes membros.

VI

Encontraram-se, perante os ministros no palacio nacional, Vincenzo Russo e o general Matera por parte dos exaltados e por parte dos moderados o bispo de Vico e Leonor da Fonseca Pimentel.

Pretendiam os exaltados que se suspendesse a constituição e se nomeasse um dictador e se lançassem impostos forçados e, enfim, se levantassem forcas para os inimigos da republica, ou para quem se oppozesse aos meios energicos e violentos que julgavam indispensaveis. Queriam o *terror*, como em França no anno de 1793.

N'este sentido fallára o general Matera, cujos discursos vehementes e acrimoniosos mal pndera rebater o ministro Manthoné. Antes que outros dos moderados tomassem parte na discussão, levantou-se Leonor da Fonseca Pimentel, dominada de profunda commoção, que na pallidez do rosto e no estremecimento da voz bem se patenteava.

«Oh! exclamou ella. Melhor me fôra ter morrido no patibulo juntamente com Manuel de Deo e com Vitaliano! ¹ Ao menos teria deseido ao tumulto entre as lamentações affectuosas de meus irmãos e profundamente convencida de que os defensores da liberdade podem ser martyres, mas jámais criminosos.

«Quê! Pois nós os sequazes da justiça e da verdade, os apóstolos da nova fé, nós os republicanos queremos imitar os satellites da tyrannia, os homens das trevas, oppondo aos crimes, aos roubos, aos assassinos de Ruffo, Mammonc e Fra Diavolo, delictos semelhantes, levantando forcas e arrancando aos innocentes a honra, os bens e a vida?»

¹ Estes e V. Galiani tinham sido enforcados em 1794, quando o rei e a rainha suspeitaram de haver uma vasta conspiração contra a realza. O mais velho dos tres contava apenas vinte e dois annos e dezenove o mais novo.

«Não, por certo, ó cidadãos! Pereça a republica partionopéa, arraze-se a cidade de Napoles e fiquemos sepultados em suas ruínas, antes que fazer o menor mal a innocentes ou derramar o sangue de transviados concidadãos, que não deixam, por isso, de ser irmãos nossos e filhos da mesma mãe commum!»

Grandes e geraes applausos, que os membros do elub dos exaltados não ousaram contrariar, acolheram as palavras de Leonor, e a incitaram a proseguir:

«Não sou eu a quem applaudis, porém á virtude da caridade, ao amor da patria e da humanidade, aos altos sentimentos que me inspiram. E, com quanto muitissimo pudesse dizer sob a influencia de tal inspiração, dispensa-me de longos discursos o participardes dos mesmos generosos sentimentos. Concluirei, por tanto, em poucas palavras:

«A sanguinosa anarchia da França, os tristes dias de terror fizeram analdicoar na Europa a republica e os republicanos. Agora pertence-nos a nós, filhos da Italia, nascidos na terra do genio, da virtude e da gloria, rehabilitar a republica e os republicanos.

«A liberdade está ameaçada. Talvez que seus altares venham a ser de novo derruidos pelo fanatismo ignorante e cego. Talvez que nossas cabeças tenham de cair aos golpes do algoz. Embora. Consuma-se o sacrificio, mas digam de nós as gentes e declare a historia:

«*Pereceram por haverem querido o bem dos homens!*»

A assembléa deliberou em seguida conferir a Manthoné, ministro da guerra, o commando em chefe do exercito republicano, com larga faculdade de levantar novas tropas, de ordenar as antigas, de dirigir, em summa, todos os aprestos para a defeza da patria.

Resolveu tambem que se considerassem filhos adoptivos da republica as mães, as viúvas e os orphãos d'aquelles que, defendendo-a, perdessem a vida.

Em quanto se discutia esta ultima lei, Gabriel Manthoné levantando-se exclamou:

«Cidadãos, espero que minha mãe virá a aproveitar os beneficios de tão generoso decreto!»

VII

No meiado junho de 1799 as tropas do cardeal Ruffo, auxiliadas pelo populacho de Napoles, entraram na cidade. Os chefes republicanos refugiarão-se nos castellos, onde resistiram por alguns dias, até que obtiveram uma capitulação honrosa que lhes permitia, conforme quizessem, ou embarcarem nos navios, ou permanecerem na cidade sem que fossem perseguidos.

Mas a rainha Carolina, sedenta de vingança, deputou a Nelson lady Hamilton, cujas seducções o levaram a violar a capitulação, algemando oitenta e quatro cidadãos, que entregou á furia da plebe para serem apunhalados nas ruas ou conduzidos á forca.

O rei veio de proposito da Sicilia para instituir tribunaes, onde foram condemnados muitos republicanos. Dizem que sómente nas cadeias de Napoles chegaram a contar-se trinta mil.

Leonor da Fonseca Pimentel foi tambem condemnada á morte. Escutou a sentença com animo tranquillo; e antes de seguir para a forca pediu e bobou café, repetindo o verso de Virgilio:

Forsan haec olim meminisse juvabit.

Depois, como dama superior á desgraça, percorreu com rosto sereno e passo firme as ruas que da cadeia conduziam á praça do mercado, onde tinham levantado a forca.

Da immensa turba que a rodeava, alguns a injuriavam com cantigas obscenas ou lhe gritavam que dêsse vivas a el-rei Fernando. Ella, chegando ao sitio elevado da forca, pediu com a mão e com a voz alguns momentos de silencio á bruta multidão para dizer as ultimas palavras, que seriam, por certo, dignas de seus altos espiritos. E já principiava, quando os carrascos, receiando algum tumulto, lhe cortaram com a vida a palavra.

Entretanto os lazzaroni cantavam:

La signora Dianora
Che cantava neoppa u triato
Mo abbala miezzo a u mereato

Viva, viva u papa Santo
Ch'a mannaté i cannoncini
Per distruggere i giacobini

Viva a forca e masto Donato¹
Sant'Antonio sia laudato².

A. FILIPPE SIMÕES.

¹ O carrasco.

² Além da carta de Leonor da Fonseca Pimentel que publicamos n'uma das notas precedentes, guarda-se tambem na bibliotheca de Evora a seguinte, dirigida ao bispo de Beja D. frei Manuel do Genaculo:

«Ex.^{mo} e rev.^{mo} sr.—Com a occasião que volve para essa cõrte o sr. D. Diogo de Noronha, ministro d'ella junto á de Roma, me valho d'esta oportunidade para renovar a v. ex.^a rev.^{mo} os protestos do meu obsequio, e remetter-lhe pelo mesmo a obra dos direitos da neutralidade, da qual fallava já a v. ex.^a na minha carta passada, e que, referindo-se muito ao estado de neutralidade armada nas ultimas guerras, julguei que não lhe seria desagradavel passal-a debaixo dos olhos.

«Não me permitiram de acerescentar o volume do paquete, e por esta causa não pude incluir tambem n'elle a obra sobre a legislação do cavalheiro Filangieri, e da qual tem até agora saído sete tomos, que ficam esperando nova commodidade de remessa. Juntamente com o indicado livro achará alguns livrinhos de ephemerias poesias por mim compostas, que ainda que não merecedoras de occuparem o seu tempo, as receberá v. ex.^a com um tributo da minha veneração, e para que lhe tenham viva na memoria a lembrança d'ella; e terá a bondade de entregar a meu tio o pequeno plico que vae para elle e contém alguns exemplares das mesmas poesias, e quanto devo lhe agradeço as honras e favor que lhe faz.

«Novidades que interessem as letras aqui não ha mais que a nova instituição que a cõrte cuida em fazer das escolas normaes em todo o reino, para que em toda a extensão d'elle possa a baixa gerarchia do povo aprender a ler e escrever, e por cujo effeito se mandaram dois religiosos tomar as instrucções no imperio, que já tornaram: e está um desembargador encarregado do plano necessario para a execução, que cedo se espera; e além d'ella o abrir que por ordem da mesma cõrte se vae fazendo dos antigos portos de Bajo (aonde se está fabricando um magestoso molo e um excellente forte) e de Miseno, cuja communicação já se abriu com o mar morto, o qual fará como um porto interno a respeito do outro, e além do abrigo e grande commodidade para as naus, já se tira a da rectificação d'aquelle ar pelo enxugamento das muitas agnas encharcadas nas terras circundarias, e que deformavam aquellos amenissimos sitios das delicias e da grandeza romana. Importante descoberta é a que um douto socio da Academia de Padua tem feito nos montes cerea de Verona, como de um carneiro de ossos de elephants de grandeza como nunca se conheceram, e sobre os quaes compoz uma dissertação que se ha de publicar com os ultimos actos da dita Academia; e que eu devo em breve receber pelo mesmo auctor e cujo conteúdo, não podendo deixar de ser curioso e instructivo, communicarei a v. ex.^a

«Que faz entretanto a Academia de Historia Natural, instituida em Lisboa debaixo dos auspicios do sr. duque de Lafões? E, pois me parece que com tão illustre presidente não deve estar ociosa, teria pela honra d'esta minha madre patria gosto de saber quaes os actos publicos ou memorias particulares que tenham saído d'ella. V. ex.^a fique certo do meu rendimento e desejo de servil-o no que o meu pouco prestimo pôde valer, e de ser muitos annos como desejo a mais obrigada e obsequiosa serva—D. Leonor da Fonseca Pimentel.»

Esta carta, autographa, não tem data, mas em razão de alludir aos sete volumes publicados da obra de Filangiere, intitulada *Sciencia da legislação*, parece ter sido escripta em 1785 ou pouco depois, por se terem publicado n'esse anno os tomos 6.^o e 7.^o da mesma obra.

AS FLORES DA JANELLA



REGAR as flôres a vemos nós; mas o olhar, Deus me perdoe, não vae para o regador, vae para a rua...

É tarde. O papá está dormindo; a mamã foi-se deitar; — aeriada engomma. Ouve-se ao longe o cantarolar de um trecho de música

O ciel tu sai si Mathilde m'è cara!

Ella vae regando as flôres...

Dois lugubres soldados, a escabecear gravemente, caminham, encostando-se pelas paredes, como quem véla pela patria com mais ares patrulhaticos... que patrióticos!

Ouve-se um assobio; cadente, melodioso...

O regador já não tem agna; mas ella vae regando sempre... Que flôres aquellas, que tanto amor lhe devem!

Plinio, o antigo, falla de umas flôres côr de ouro e côr do sol, que abrem pela primavera; e conta que os magos usavam d'ellas por terem o condão de dar felicidade. Mas onde nasce essa preciosa planta e de que modo é cultivada, é que elle não diz; talvez por nascer na primavera em toda a parte, como a esperança, e ser no coração — antes das paixões o queimarem — que deve ir buscar-se o balsemo para as regar!

O que dizem essas flôres da janella, não o sei; ha livros para isso, e por ahí correm no poder de toda a gente a dizer-nos a linguagem d'ellas. É por signal bem galante, essa troca de nomes entre o mundo vegetal e o mundo intellectual, dando ás idéas a graça e o aroma das plantas e ás flôres o dom de discorrer.

Talvez se realise, sabe Deus onde, este sonho da terra.

Quem sabe, se no mundo em que habitam os namorados, não se metamorphoseará em flôr cada palavra dada e não se andará a pisar imagens, promessas, esperanças, como aqui, nos jardins, latadas de geranios e violetas?

A hora é perigosa. É á meia noite que os paes se fecham, e os namorados passam. Este não tem duvida, porque não sabe agradecer: aquelle tambem não, porque lhe tarda a falla; o outro ainda menos, porque lhe tarda a idéa: mas, lá apparece um ás vezes, que é todo palavras encantadas, ternuras e juramentos.

— Juro-lhe por isto!

— Juro-lhe por aquillo!

Um egypcio! Um verdadeiro egypcio dos que estavam sempre a jurar, — pelos deuses Iris e Osiris, que, ao menos, tinham cara de gente, por Ambis, que tinha locinho de cão, pelo boi Apis, pelo macaco, pelo crocodilo, e pelo alho, pela cebola, *et cetera!*

Assim elle é capaz de jurar pelas pedras da rua, e pela charuteira, e pelo seu cão, ou pelo cão do pae d'ella, ou pelo cão que nem o pae d'ella nem elle proprio tiveram.

Mancira entretida e suave, maneira de todo o ponto meridional, de passar as noites de verão, conversando ao luar, sorrindo, olhando-se...

Mas pôde lá vir um — de noite os namorados são como os regadores, todos se parecem em distancia — que seja o mau olhado, a fatalidade, a má sorte... E depois a visinhança que principia a fallar; e as flôres regadas distrahidamente, preoccupadamente; e os invejosos, os ruins, os diffamadores, corsarios que vão abicar sempre como os passaros ladros no melhor fructo...

Ou então algum bem meigo, bem meiguinho, que goste das flôres e de quem as rega, por gostar ainda mais da burra do pae. Diacho! Flôres é coisa linda; mas tambem dinheiro... Ha opiniões!

As vezes a burra do pae resiste, e não ha remedio senão dar-lhe assalto... saltando ás flôres.

Depois, lá se vae tudo; consideração, honra, coração e alma; e a felicidade d'aquella janella á hora de regar as flôres desfolhar-se-ha como ellas e não ficará sendo senão uma lembrança penosa; flôres ainda, mas rôxas e tristes, — saudades.

Vamos, — bonita! Para dentro! Já está prompto, já estão regadas as flôres! Vae; fecha a janella; esconde-te. Pensa, deseja, espera o que quizeres, — sósinha: á janella, não. D'aqui a nada virá elle, embugado no capote, fumando o seu charuto, á saida do theatro ou de um club...

Esconde-te.

Não lhe digas nada, senão quando estiveres só, quando elle não te ouvir. O estar só para ti é a noite: o vel-o é o dia; esconde-te. Faze como alguma d'essas flôres, que ahí tens, que de dia dobram as pétalas e não teem confiança senão na noite...

Já que esse homem é o sol para ti, ó namorada! faz como o rouxinol que tem medo do sol e não quer mostrar-se sem elle se apagar, ou então como uns bichinhos de que os sabios fallam, que se envolvem durante o dia em atomos de pó e fluctuam ao cimo d'agua como folhas seccas, fingindo não ter vida para que ninguem lhes faça mal, e só apparecendo á noite, moscas pequenas, com umas azinhas bonitas e olhos de esmeralda...

É o que tu deves fazer, namorada! Não abrires as azas senão quando ninguem t'as puder vêr!

A janella e as flôres são a tentação; tua e de quem passa. Não ha coisa mais real, mais verdadeira, mais positiva que uma janella: para ti, não chega a haver coisa mais phantastica.

E talvez — por que não? talvez tambem para elle sejam essas flôres as do paraiso, — nem o ha melhor do que o coração de uma mulher de quem se gosta e que saiba gostar de nós, coração para onde se nos vae a alma, e as idéas amorosas que volteiam como anjos, resplandecem como estrellas, e desabrocham como flores...

O peor é, que esse retiro magico que tão formoso Deus nos dá, jardim de delicias, paraiso inspirado — qual é de nós que o não perdemos?

Vamos! As flôres estão regadas. Fecha a janella...

JULIO CESAR MACHADO.



GIL VICENTE E A CUSTODIA DE BELEM



STAMOS deante de um dos monumentos mais extraordinários da ourivesaria religiosa do século XVI, ao qual se prende o successo mais fecundo da historia moderna, por isso que foi destinado a commemorar a descoberta do Oriente; mas o entusiasmo do artista tem de ceder ante a necessidade da investigação critica para resolver os embaraçosos problemas que envolvem o creador d'essa maravilha. Sabe-se que a Custodia de Belem foi feita por Gil Vicente, como se declara em uma clausula do testamento de el-rei D. Manuel; será por ventura esse genio, o do mesmo homem que fundou com os seus Autos o theatro portuguez? A falta de argumentos, os espiritos medianos vêem-se forçados a admittir duas entidades, para não darem a um mesmo Gil Vicente a corôa dramatica e o talento da ourivesaria; procurados documentos, consultadas as genealogias manuscritas, interpretadas as allusões historicas, comprehendido o espirito encyclopedico do século XVI, estabelecida a connexão de escolas, e mostrada a relação íntima entre os Autos do poeta e a tecnologia da ourivesaria, as duas personalidades confundem-se em uma só, e a fundação do theatro portuguez, que dera até hoje a immortalidade a Gil Vicente, torna-se um accidente casual na sua vida, consumida principalmente nos altos labores da arte, que se tornaram uma manifestação forçada das grandes riquezas das nossas descobertas. Sigamos cada um dos topicos indicados, e a verdade se tornará evidente. Não é Gil Vicente o unico homem que em Portugal se tornou inextinguível em mais do que uma forma de arte; o seu contemporaneo Garcia de Resende tambem foi politico, poeta, musico, historiador, desenhador e architecto. Era este o caracter d'esse século forte pelo sentimento da antiguidade, pelo gosto da sumptuaria que levava á comprehensão do bello, pela actividade intellectual; sob este ponto escreve Cournot, que se lhe não pôde contestar, o ter sido o século dos artistas, e n'este sentido incomparavel: «Artistas, como Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Raphael, que são simultaneamente geometras e architectos, esculptores, pintores, poetas, engenheiros, physicos, philosophos, e que primam em generos tão differentes, não podem ser mais especialmente grandes, incomparaveis artistas, senão porque vivem em um tempo e em um paiz em que a arte captiva de preferencia as mais altas e as mais completas intelligencias. Ora, isto mesmo constitue um phenomeno historico de primeira ordem, uma singularidade, de que não ha precisamente exemplo no passado, e tal, que tudo leva a crer que o phenomeno não se reproduzirá mais.»¹ Gil Vicente pertence a esta pleiada pelo genio e pelo século: quando elle escreveu a D. João III a dar-lhe conta do modo como apalacou o povo de Santarem que tentava trucidar os judeus, deixou uma prova do seu tino politico: quando desmascarava nos seus Autos a absorção que o poder clerical estava exercendo sobre a sociedade civil, e quando pugnava pela liberdade de consciencia e pela descentralisação, mostrou esse espirito da independencia do terceiro estado que os grandes juriconsultos souberam sustentar; dissentia sobre a scena como theologo os mais altos mysterios da fé, contra os combates que os padres lhe davam para que elle não pudesse pregar, como succedeu com o nascimento do infante D. Luiz; pela sua parte os eruditos da Renascença portugueza chamavam-lhe Pasquino, porque possuido da poesia profunda da idade media, não deixava penetrar sobre a scena a comedia pelo gosto de Plauto e de Terencio. Era elle quem nas grandes pestes distrahia a côrte que fugia para Evora, Thomar ou Coimbra: e nos desastres que assaltavam a familia real, victima do seu fanatismo, era tambem elle quem possuia o condão do riso, quem dispensava os thesouros da alegria. Este seu ultimo aspecto faz lembrar Boccacio e Rabekis. Caracteres tão diversos, como estes, que já foram tratados na *Historia do Theatro portuguez*, bastavam de per si para lial-o n'essa grande pleiada dos espiritos encyclopedicos do século XVI; porém o facto

de nos apparecer o seu nome firmando o mais assombroso monumento da ourivesaria portugueza, obriga-nos a estudal-o sob um aspecto, que até hoje só pertencia aos primeiros genios da Renascença.

No testamento de el-rei D. Manuel, de 7 de abril de 1517, encontra-se esta clausula importante: «Item, Mando que a Custodia feita por Gil Vicente para o Mosteiro de Bellem, seja entregue á dita Casa, bem como a grande Cruz, que foi guardada na minha thesouraria, feita tambem pelo mesmo Gil Vicente, e tambem as Biblias escriptas á penna, que fazem parte do meu guarda roupa, as quaes são guarnecidas de prata, com cobertura de veludo cramesi.»¹ Como se vê, por este importante documento, a Custodia foi mandada entregar ao Mosteiro de Belem em 1521, e ali permaneceu até á extincção das ordens religiosas; não é portanto possível duvidar ácerca do nome do auctor; na base oval da Custodia, se lê sobre um friso em letras de esmalte branco: * O * MVITO * ALTO * PRINCEPE * E * PODEROSO * SENHOR * REI * DO * MANVEL * AMDOV * FAZER * DO * OVRO * I * DAS * PARIAS * DE * QUILOA * AQUABOV * E * CCCCCVI. Rara será a obra que tenha mais caracteres de authenticidade incontrovertida do que esta. A unica difficuldade que existia até hoje consistia em saber quem era esse pasmoso artista? Houve um francez que lhe chamava *Aquabov*, antes de se conhecer o trecho do testamento de D. Manuel; conhecido o nome de Gil Vicente, ereseceu a difficuldade por causa da divergencia com o fundador do theatro portuguez. Como solver esta obscuridade, se a mesma personalidade do poeta creador do theatro, se resumia em alguns poucos resultados de uma Memoria de Aragão Morato, e de umas fracas glossas d'esta memoria no prologo da edição de Hamburgo! Tinham razão em acreditar na existencia dos dois typos diversos; mas as obras de arte, quando produzidas pela inspiração, quando creadas pelo genio, tem um caracter de profunda verdade: contemplada a Custodia de Belem e confrontada com a Custodia de prata dourada que se guarda na collegiada da Oliveira em Guimarães, saltava ao espirito a existencia de uma mesma tradição artistica, de uma mesma escola. Seria Guimarães que teria influido sobre o gosto da ourivesaria em Lisboa? É certo que a tradição, recolhida por Barbosa Machado, dizia que disputavam o nascimento a Gil Vicente Lisboa e Guimarães. Este criterio nos dirigiu nas investigações, e no manuscrito de Christovam Alão de Moraes, datado de 1667, que tem o titulo de *Sedatura lusitana*² encontramos estes factos preciosos: «*Martim Vicente, foi um homem natural de Guimarães; dizem que era Ourives de prata; não podemos saber com quem casou; só se sabe de certo que teve a Gil Vicente.*» Isto já bastava para acreditar-mos que o auctor da Custodia de Belem era natural de Guimarães; mas o manuscrito genealogico é mais explicito, e declara-nos que esse Gil Vicente, filho do ourives de Guimarães, é o afamado poeta da côrte de D. João II, D. Manuel e D. João III: «GIL VICENTE, filho unico d'este Martim Vicente, foi homem meu discreto e galante, e por tal foi sempre muito estimado dos Princeses e senhores do seu tempo. Foi o que fez os Autos, que em seu nome se imprimiram, e por sua muita graça foram sempre celebrados pelos melhores que se fizeram n'aquelle genero. Está sepultado em Evora.» O grão de authenticidade que nos merece este manuscrito é irrefragavel; porque Christovam Alão de Moraes datou a *Sedatura* de 1667, e elle segue esta genealogia até 1668, em que figurava o seu trisneto Manuel Barreto de Pina, que viveu em Torres Vedras, e n'esse anno foi procurador em côrtes.

Achado tão incalculavel subsidio, é que se conhece o que havia de verdade nas características da escola de ourivesaria de Guimarães. Gil Vicente veio para a côrte unicamente pelo seu extraordinario talento como ourives; o seu nome apparece-nos como *laurante da rainha D. Leonor*, mulher de el-rei D. João II; o seu talento como poeta dramatico só se revelou accidentalmente. Succedeu o mesmo com Lope de Rueda, ourives de Sevilla, e tambem fundador do theatro hespanhol. A profissão explica este encyclopedismo artistico; é tambem um ourives, Fortiguerra, quem descobre a gravura. A ourivesaria, como disse o bibliophilo Jacob, era a escola de todas as artes na idade media; ali se aprendia a chimica e o esmalte, a ceramica, o desenho, a architectura, a estatuaria, a gravura, a pintura; cada vocação particu-

¹ *Considerations sur la marche des Idées*, t. 1, p. 178.

² *Sonsa, Provas da Hist. Geneal.*, t. III, p. 328.

³ *Bibliotheca do Porto*, Ms. 441, fl. 176.

lar seguia o seu instinto: os espiritos vastos, que abrangiam em si a comprehensão de todas as formas do bello, ficavam ourives, dominavam como semideuses. Em Portugal, não foi Gil Vicente o unico que seguiu esta tendencia; no *Cancioneiro geral*, apparece-nos um ourives, Ruy Fernandes (1516) figurando como poeta nos serões do paço, e egualmente citado nos Autos de Gil Vicente. Que outros artistas mereciam no seculo XVI estas honras? Na epoca em que floresceu Gil Vicente, a escola de ourivesaria de Guimarães era florescente; como contemporaneo de seu pae Martin Vicente, encontramos o nome de Pedro Alves, de 1480; este artista era natural de Guimarães e d'elle se achava noticia nas *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*, do padre Torquato Peixoto de Azevedo; fallando de um homem de virtude, morto em 1480, que com as suas orações curava as feridas dos cães damnados, diz que a sua cabeça «a trouxeram a Guimarães, a casa de um ourives chamado Pedro Alves, que morava na rua Sapateira nas casas da esquina da travessa que vae para a cadeia da correição, o qual foi avô do Conego Manuel da Silva; e este tirou da cabeça os queixos debaixo, e encastoados em prata á sua custa os deu aos que a trouxeram, por lhe deixarem o resto da cabeça, o qual guardou em sua casa, aonde os doentes a iam tocar e recebiam saude: e por sua morte a mandou collocar na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira aonde... está; no dito Cartorio está tambem o inventario feito em 1527, que diz: Item, outra arca de marfim, chapeada de arame dourado, aonde está a cabeça de um Santo, que presta para mordeduras de cães danados.» (Op. cit. p. 210.) O estylo da escola de Guimarães tambem se conhece pelo Calix offerecido pelo Chantre Fernão Alves á Collegiada em 1527: «É o Calix de prata dourada, e tem de pezo onto marcos menos uma onça; no pé vêem-se esculpidas em alto relevo as figuras de oito Apostolos; no meio estão seis estatuas, a de Nossa Senhora e a de cinco Apostolos, mettidos em nichos, inteiramente vasados, aos quaes fazem corda uns

arrendados baldaquinos, guarnecidos de delicadissimos labores; na parte superior tem um côro de anjos em adoração, cinzelado com singular esmero. Este precioso calix foi dadiua do Chantre Fernão Alves, no fim do reinado de D. Manuel ou no principio do de D. João III.»¹ Vista a Custodia de Gil Vicente, o mesmo gosto dos doccis ou baldaquinos, dos nichos, da adoração dos Apostolos usado na ourivesaria de Guimarães, mostra-nos uma mesma corrente artistica. Fóra de Guimarães Gil Vicente não deixaria de influir na escola aonde recebera a ednecação; el-rei D. Manuel offerecendo á Collegiada da Oliveira: «Um thuribulo, ... que peza sete marcos e tres onças;» e «Uma naveta, que deu o mesmo rei, que peza quatro marcos e seis onças»² não deixaria de occupar o pretentoso ourives da corte, como abaixo veremos.

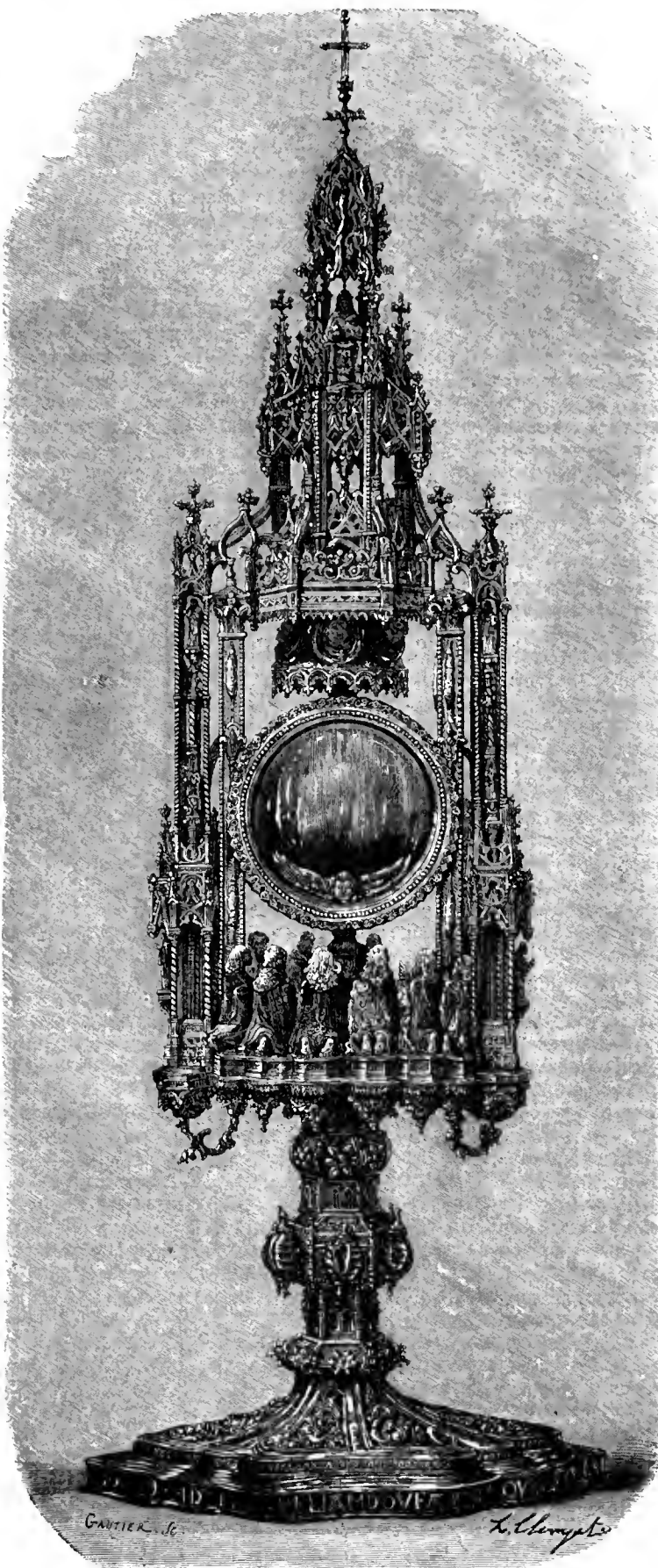
Depois da morte de Gil Vicente, a ourivesaria continuou a florescer em Guimarães; mas as leis sumptuarias que prohibiram na vida civil os ornamentos de ouro e prata, não puderam atrophiar o talento que ali se manifestava quasi por uma fatalidade ethologica. Em 1563 florescia o afamado João Gonçalves, mais conhecido pelo nome de *Engenhoso*, e o introductor do serrilhado na moeda;³ e mesmo em nossos dias o grande gravador de medalhas, José Arnaldo Nogueira Molariño, representa para nós essa antiga seiva artistica de Guimarães.

A primeira epoca em que Gil Vicente apparece na corte, pode-se fixar pelo processo poetico do *Cancioneiro de Resende*,⁴ em que a rainha D. Leonor o manda versificar no feito de Vasco Abul: foi isto depois de 1492, e na rubrica do processo é chamado *Mestre Gyl Vicente*, o que denota já a proffissão com que figurava na corte. Por certo que a rainha D. Leo-

¹ J. A. de Almeida, *Dict. Choro.* t. I, p. 498.—*Mem. resuscit.* pag. 214.
² *Mem. resuscit.* p. 216.
³ Aragão, *Description des Monnaies*, n. 639, p. 56—

Sousa, *Proras*, t. IV, p. 161.—*Elucidario de Viterbo*, p. 403.—Raczynski, *Dictionnaire*, p. 118.

⁴ *Canc. ger.* fl. 210, col. 5.



nor, depois da sua viuvez em 1495, toda occupada em actos de piedade, não tinha que dar a fazer a um *laurante* exclusivamente seu; demais, Gil Vicente no *Auto pastoril castelhano* allude a D. João n.º, «com seu *cujado real*». É crível que Gil Vicente viesse para a corte por influencia de Fernão Vicente, que era Escrivão da Chancellaria desde 1460. É impossível fallar no talento poetico e artistico de Gil Vicente, sem esboçar o caracter extraordinario da rainha D. Leonor, e da acção prodigiosa que exerceu sobre a civilisação portugueza; a esta illustre senhora, é que a imprensa portugueza deveu os seus mais brilhantes progressos; ella fundou tambem os primeiros hospitaes¹; animou Gil Vicente na creação do theatro portuguez, e defendeu-o sempre contra todos os seus detractores. A desgraça de Gil Vicente começou depois da morte da rainha D. Leonor.

(Conclue.)

* * *

O CHIMICO



CONHECE-SE a escola flamenga só com olhar para a gravura. Depois vae-se procurar o nome do artista e encontra-se — Teniers. Não podia deixar de ser pintor que estivesse juramentado á bandeira de Van-Dick e andasse celebrado na historia a par de Synders, Snegers e Diepenbech.

Não é o *Chimico* decerto um quadro vivamente colorido, cheio de animação, de pujança, de vida, mas para logo se revela o *bem-acabado* de que falla o Garrett com referencia á escola flamenga, a minuciosa verdade de descripção, a inimitavel fidelidade nos typos e nos pormenores, que a caracteriza.

Está-se no laboratorio de um chimico, de um alchimista talvez, de um d'esses infatigaveis sonhadores do ouro, das pedras preciosas, da panacea universal. É porventura um dos paes da chimica, que viveram procurando a pedra philosophal no arsenico, no mercurio, no antimonio, e até nas lagrimas! Verdade é que ainda agora tem a gente o seu tanto de alchimista, porque muitas vezes lhe parece que as lagrimas são — não ouro, como elles queriam, — mas perolas... É qualquer de nós seria capaz de ir procurar uma lagrima ao fim do mundo, como se realmente estivesse n'ella a verdadeira pedra philosophal, contanto que tremesse n'uns olhos docemente melancolicos.

¹ «Instituição da confr.ª da Misericord.ª d'Evora.

«Anno do Nascimto de N. S. Jesus Christo de 1499 a 7 dias do mez de dezembro e na vespóra da Conceição se começou a St.ª Confr.ª da Mesr.ª em esta cidade d'Evora, a qual foy receber o convento de S. Francisco aa parte da Alagoa com procissão e grande solemnidade e pregação que logo se fez no dito mosteiro e as despezas que nisto se fizeram mandou pagar El-Rey D. Manoel nosso senhor: e o principio desta santa confr.ª foy a snr.ª Rainha D. Leonor irmã d'ElRey nosso Senhor

• Primeiros confrades:

ElRey nosso snr.

A R. D. Maria

A R. D. Leonor

O Mestre de Santiago

O Conde de Tentugal

Vasco da Sylveira e sua m.ª D. Brites

Fernão da Sylveira e sua m.ª

Ruy Per.ª da Sylva e sua m.ª

B.ºm.º Dias criado de Ruy de Mello

Vasco da Sylva e sua m.ª (Repetido este nome. Não é erro da copia.)

Daniel e Souza

M.ª de Lemos f.ª d'Alvaro de Lemos.

Tudo alli é labutação e... alchimia.

Ha fogão, ha retortas, ha machinas, vasos, cabeças de animaes mumificadas, e até o fiel companheiro do trabalho assiduo, — o cão, mas note-se, sobre uma almofada, porque se está n'um paiz frio. Ao fim do laboratorio trabalham dois auxiliares, um fazendo uma preparação ao fogo, outro pulverisando uma droga no almofariz. O primeiro parece um dedicado neophyto da alchimia; o segundo esquece-se do trabalho para responder talvez, chasqueando do mestre, ás maliciosas interrogações de um dos quatro estranhos que estão á mesa. Quem serão elles? Por certo companheiros do pagem que está seguindo curiosamente o labutar do chimico, porque lhe arde no coração a impaciencia de possuir o amavio que veio procurar.

Anda namorado o pagem, e sabe que só com magico elixir poderá vencer a isenção da castellã esquiva. Veio talvez comprar a mandragora, uma unica folha de mandragora, que, tomada em qualquer liquido, faz a gente sentir-se subitamente amoroso; ou o azedarach, colhido no ultimo sabbado do mez, benzido com a grande fórma cabalistica de Salomão, ou finalmente um preparado de musgo cosido com sapos, que tem mysteriosa virtude... Pagará com a sua bolsa o elixir, e a castellã render-se-ha, porque elle lhe ha de dizer, doidamente apaixonado, que lhe dera a beber um elixir, e ella bem sabe que a magia do elixir é irresistivel. Render-se-ha pois, não por amor, mas por superstição, ou talvez por superstição e amor.

Por uma janella espreita para o interior uma cabeça curiosa. É um ocioso que está contemplando a Edademedida, observando a credulidade do pagem que veio procurar o amor na charlataneria, sendo o amor a coisa mais desartificial d'este mundo. Ocioso, não digo bem, um criado que não trabalha n'esse momento, justamente porque o ano está trabalhando.

Por outra janella, lateral, descobre-se uma nesga de ceo, — do ceo tão erradamente estudado pela alchimia, cujo elemento mystico revive ainda na superstição e cujo elemento chimico foi o primeiro germen de uma sciencia importante.

Este alchimista anonymo de Teniers por dois titulos igualmente notaveis merece o nosso respeito: porque elle nasceu do pincel de um artista celebre, e porque d'elle nasceram Geber, Rhazés, e Alberto o Grande. É que em verdade os philosophos hermeticos não são tão risiveis como a muita gente se affigura; realmente descobriram uma pedra philosophal, — a chimica. Foram mais longe que os philosophos contemporaneos que vivem a procurar a pedra philosophal do nosso tempo, e raras vezes a encontram — a gloria...

Porto — 1873.

ALBERTO PIMENTEL.



CONFIDENZA

A M. A.

Perguntaste-me um dia a vida que eu levava,
Mimosa e eburnea flôr,
Em antes de te ver; respondo-te: sonhava,
Ouviste, meu amor?

Não era bem sonhar, ás vezes longo espaço
Ficava-me a sorrir
Para os quadros, que eu via em luminoso traço
Nas télas do porvir.

Presta-me o ouvido attento: escuta-me, querida,
Os que me lembram mais!
Assim, fita nos meus, ó pomba estremeçada,
Os olhos teus leaes!

Imagina, creança, um prado extenso e franco:
Uma aurora de abril:
Da longa estrada á beira um campanario branco:
O ceo — profundo anil —.

Um confuso rumor; um acordar de aldeia;
Aromas pelo ar;
Bois ao longe a mugir; a ramaria cheia
De alegre chilrear.

De uma casa á janella uma creança loira,
Mimosa e festival,
Fiando á luz do sol, que leve a sobredeira
De aureola ideal.

Toda risos e festa a doce creatura
Olhava para mim;
E eu repetia a sós: «alcanço-te, ventura!
Serei feliz emfim!»

De um outro quadro então recordo-me saudoso,
E alongo os olhos meus
Para o quadro gentil, o sonho mais gracioso
Que me caiu dos ceos.

Fica ao longe da vil poeira das cidades
E do seu vão rumor,
O palacio esquecido; á hora das trindades
Entreemos n'elle, flôr!

Deixemos os jardins, as áleas e o arvoredado,
E o oloroso pomar.
Subamos essa escada, agora a furto e a medo,
Comecemos a olhar.

É vetusto o salão: em flaccida poltrona
Repousa e seisma alguém;
Alguém que nos recorda a imagem da Madona,
Grave o sisuda mãe.

D'esse alguém no regaço um anjo se reclina
Confiado e feliz;
Sae-lhe um aroma subtil da boca purpurina,
Falla: não sei que diz.

É casta essa creança e pura entre as mais puras
Que em sonhos vi jámais;
Tem o vago esplendor das biblicas figuras
Dos antigos missaes.

É moça e é menina, olhar nenhum ainda
De leve a maculou;
Dorme no seio d'ella o amor, a creença infinda,
Que Deus lhe confiou.

Quando ella ergue sorrindo as palpebras franjadas,
Ficâmos a pensar
Nos mysterios do ceo, nas coisas ignoradas,
Que descobre esse olhar.

Deixa que eu me ajoelhe, extasiado e mudo,
Cego de tanta luz!
E que tremulo beije o tepido veludo
De seus pésinhos nús.

E não córa, bem vês! a candida creança,
Antes meiga sorri,
E entre risos me diz compondo a longa trança:
«Pensava agora em ti!»

«Porque tardaste tanto, ó poeta? eu te esperava,
«Na minha solidão!
«Vem os thesouros ver, que para ti guardava
«Dentro do coração!»

Concertae vossa orchestra, harmonicas espheras,
No celico esplendor!
Maria, essa creança, ó flôr das primaveras!
Eras tu, meu amor!

Coimbra — 72.

GONÇALVES CRESPO.

**O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS**

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

O illustre philosopho celebrou a peregrinação das almas e o pastor fez o elogio da sua progenie com um visivel enternecimento. Fritz havia de ser padre. Nada o entretinha como a Biblia. Era uma creança cheia de intelligencia. Wilhelm tinha as mais felizes disposições para o commercio, e Ludvig, que levava e dia inteiro a tocar pifano, não deixaria de chegar a general.

Matheus não queria de modo algum contradizer as opiniões philosophicas do amavel pastor, mas no fundo do seu espirito pensava que todos elles pertenciam indistinctamente á familia dos pinguins, notaveis pelas suas azas curtas, ventre dilatado e gulodice correlativa.

Foi uma grande satisfação para o illustre philosopho, quando a sobremeza veio confirmar as suas previsões. Os pequenos começaram a devorar nata, pasteis e tortas, com espantosa avidéz: Fritz quebrava nozes, Wilhelm mettia uvas no bolso e Ludvig, o mais pequeno, bebia o vinho de Gredel todas as vezes que esta voltava a cabeça para sorrir a Conceu Peter.

No fim da ceia, o pastor pediu o seu cachimbo de espuma, que accendeu enquanto Frantz lhe rogava para prégear no templo a sua doutrina. Schweitzer, recuando então a sua poltrona, lançou algumas baforadas de fumo, e respondeu com a maior serenidade:

— Illustre philosopho, o ardor philosophico que o

anima, commove-me a ponto que o meu maior prazer seria servil-o. Mas lá o templo é que não pôde ser, porque realmente eu não posso estar a arranjar como adversario contra mim um raio de eloquencia como a sua. Não se pôde exigir tanto da fraca humanidade. Felizmente temos em Saverne um Casino que é um lugar onde se renne a boa sociedade, a gente mais selecta da terra. Vae ahí encontrar advogados, juizes, procuradores, que são todos pessoas muito instruidas, que decerto o ouvirão com o maior prazer, e aproveitarão das suas luzes. Se quer mesmo...

— Sr. pastor, interrompen Matheus, levantando-se, sinto que é o Ser dos seres que lhe inspira o pensamento de me levar a esse sitio. Partamos. Não ha um momento a perder. Demais tem o universo jazido na duvida e na incerteza.

— Devagar, devagar, illustre philosopho. Soeegue. Em primeiro lugar é prudente engraixar essas botas. Que eu bem sei que um espirito superior se não preoccupa com estes detalhes vulgares, mas enfim as botas engraixadas não podem tambem prejudicar a sua eloquencia. Depois a Gredel vac-lhe escovar um tanto ou quanto o fato, só tirar a maior, porque me parece que quererá conformar-se com as regras oratorias que recommenda Cicero. Por esse tempo acabo eu a minha cachimbada e partimos com a graça de Deus.

Estas judiciosas considerações decidiram Matheus a moderar a sua impaciencia.

Concou Peter vestiu-lhe o roupão e as chinellas do pastor. Gredel foi engraixar as botas e escovar o fato; e o proprio Frantz se collocou diante d'um espelho para fazer a barba como costumava no Grauffthal.

Por fim, tendo no quarto proximo mudado de camisa, o illustre philosopho e o pastor encaminharam-se juntos para o Casino.

Concou Peter, que ficava com Gredel, allunhou-os até á porta desejando-lhes todas as felicidades possiveis.

XVIII

Emquanto Frantz subia a antiga rua dos Capuchinhos, sentia-se penetrado de um gozo immenso por ter mudado de camisa, por ter feito a barba, e tudo isto lhe enchia o espirito de invenciveis argumentos, ao passo que a lua parecia na frente guial-os para o Casino.

Um murmurio confuso annunciava que a capella de S. João estava cheia de fieis. Nas ruas não se ouvia o menor ruído. As mulheres estavam nas egrejas e os homens nas tabernas.

Frantz e o pastor caminharam por algum tempo calados, respirando com delicia o ar fresco da noite, tão agradável depois de uma boa ceia; olhando para os clarões que relampejam das portas que se abrem e fecham rapidamente, para as lanternas como que sósinhas se viam caminhar na noite, para as sombras que appareciam por detraz das vidraças esclarecidas das janellas, e enfim para todos estes vagos accidentes da noite, tão cheios de mysterio, de devancios, e de indefinivel encanto.

O illustre philosopho, animado pelas meditações anthropo-zoologicas, começava ás vezes a andar muito depressa.

— Mais devagar, meu caro, mais devagar, dizia então o pastor, olhe corre como uma lebre. Deixe-me tomar o folego.

— Já estarão todos reunidos? perguntava Matheus.

— Qual! Não tenha pressa, homem. Que diabo não se diria, se os juizes, os advogados e os procuradores,

fossem para alli beber e jogar quasi ao meio do dia? Não pôde ser, não é decente. É preciso esperar que não haja gente nos cervejeiros; em summa, é preciso dar exemplo de bons costumes.

Isto dizia o bom do pastor, sem que conseguisse que Frantz deixasse de estender as pernas cada vez com mais entusiasmo, dizendo a si proprio:

— Animo, Frantz! Não dês ouvidos aos conselhos de uma falsa prudencia e de um cobarde amor pelo repouso. Os desvios capciosos do sophisma não poderão allucinar a tua intelligencia, nem demorar a tua marcha triumphante.

O pastor não fazia senão rir da precipitação do philosopho.

— Mas onde vae, homem, disse elle finalmente já á porta do Casino. É aqui.

Frantz voltou-se e viu umas janellas altas que brilhavam illuminadas na sombra. Atravez de uns cortinados vermelhos, descobriam-se distinctamente uns vultos que se agitavam.

— E' aqui, pensava elle, que vae enfim realizar-se a regeneração dos homens.

E esta idéa começou a impressional-o profundamente.

Quando porém o pastor abriu a porta, mostrando uma sala vasta e esclarecida por um sem numero de luzes, a sua commoção foi extrema.

Já alli estava muita gente. Alguns liam jornaes. O tabellião Crentzer jogava o *piquet* com Swiebel, um advogado. O nobre barão de Pipelnaz, estirado n'uma grande poltrona, discutia gravemente os negocios publicos. O moço delegado Papler, ria e conversava com a formosa Olympia, que estava sentada atraz do balcão.

Havia muitos annos que Frantz se não lembrava de ter visto uma coisa assim; e quando, ao passar por diante de um dos espelhos de moldura doirada, se viu em pé no meio da sala, com o seu casaco escuro, os seus calções e o seu grande collete, agradeceu interiormente ao pastor o havel-o feito engraixar as botas e escovar o fato.

Os dignos membros do Casino voltavam a cabeça e sorriam entre complacentes e ironicos do aspecto do bom doutor. Parecia-lhes um aldeão da Alta Alsacia, perdido nas espheras superiores. Divertia-os o seu ar espantado.

Quando porém o pastor lhe offerecen uma cadeira e pediu duas canecas de cerveja, pensaram que seria algum padre aldeão e ninguem pensou mais em tal.

— Quantos tem, sr. Swiebel? perguntou o tabellião.

— Quarenta e sete.

— Cincoenta, tres reis... tres damas...

A formosa Olympia tocou a campainha, e vieram servir a cerveja sobre uma bandeja envernizada e cheia de pinturas brillantes.

Pôde imaginar-se como Matheus não estaria maravilhado de tantas magnificencias. Os candeeiros tinham os lumes no centro de globos brillantes e as cadeiras tinham estofos de veludo tão macio como a lã de cordeiros.

De modo, que apesar das suas inabalaveis convicções, o doutor sentia-se vencido por esta timidez natural aos que se acham pela primeira vez em presenca dos grandes da terra.

— Então o meu illustre philosopho quer que annuncie o seu discurso? perguntou o divertido pastor.

— Um momento, um momento, respondeu Frantz em voz baixa, ao passo que uma repentina vermelhidão invadia as suas veneraveis faces. Ainda não preparei o exordio.



O CHIMICO.

Lithograph published by the American Mission Press.

— Pois é tempo, é tempo. Se me dá licença, vou ler este jornal. Quando estiver prompto, é só dizer-me.

Mathews respondeu que sim com a cabeça, e tirou da algibeira o seu reportorio anthropo-zoologico.

A prudencia não faltava de todo ao illustre doutor. A sua natureza tímida havia-o habituado nas transformações successivas a ter as orelhas fitas de modo que muitas vezes quasi se podia asseverar que dormia com os olhos abertos. De modo que percorrendo o seu reportorio não deixava por isso de observar o que se passava na sala, e esecutar com a maior attenção o que se dizia em volta.

A cada passo appareciam novas pessoas. Uma vez era Stoffel, recebedor das contribuições, com uma cadeia de ouro grossa e uma grande confusão de berloques. D'outra vez foi Hoepes, pharmaceutico, homem de voz forte e ruidosa que se ouviu logo que entrou no vestibulo. Uma outra Seypel, guarda geral, com a sua farda bordada em todas as costuras.

Todos elles paravam um instante no baleão, dirigiam alguns galanteios á formosa Olympia, que movia a cabeça sorrindo com a maior graciosidade; depois iam sentar-se e pediam um jornal.

Pouco a pouco a conversação animou-se. Fallava-se no proximo baile do sub-prefeito e citavam-se as pessoas que concorreriam. Havia um jantar de gala no encerramento dos trabalhos. Já vinha a caminho o grande pastel que se mandára fazer a Strasburgo. O guarda geral quando lhe fallavam em perdizes e gelinotes sorria com finura, mas não dizia palavra.

Depois vinham as confidencias; cada um tirado do bolso o bilhete de convite.

— Tambem vac? quanto folgo!

— É o meu amigo?...

Felicitavam-se, apertavam as mãos.

O que fez chegar ao auge o geral contentamento foi a noticia dada pelo nobre barão de Pipelnaz da proxima chegada do prefeito. Então todos acharam a mais intima correlação entre esta chegada e o baile do sub-prefeito.

O prefeito dignar-se-hia sem duvida assistir. Que acontecimento! Os convidados olhavam-se com uma especie de extasi. Estar n'um baile com o prefeito! Ceiar á mesma meza com o prefeito!

Os que não haviam ainda recebido convite continuavam a jogar gritando:

— Tres de rei, quatorze de az! como se não ouvissem de que se fallava.

O pastor parecia ler o seu jornal com a mais completa attenção.

Não conseguiam porém disfarçar completamente o seu despeito. De resto, todos os lamentavam sinceramente. Coitados!

— Oh! grande Demiurgos, pensava Frantz, é possível que em vez de pensarem na transformação dos corpos e na peregrinação das almas, os homens se occupem de taes futilidades!?

A piedade profunda que esta gente inspirava ao illustre philosopho tel-o-hia feito tomar immediatamente a palavra, se lhe não parecesse conveniente esperar que o entusiasmo que o rodeava se tivesse um pouco acalmado.

Haviam-se então formado pequenos grupos de intimos para tomar punch ou vinho quente.

Não se fallava por toda a parte senão nas graças da mulher do sub-prefeito, na sua incomparavel distincção, nas suas excellentes ceias.

O nobre barão de Pipelnaz, *mairie* da cidade, insistia na recepção que se devia fazer ao prefeito. Havia vinte annos que, segundo o uso, o barão comprimentava á porta da *mairie*. N'uma circumstancia porém tão excepcional, parecia-lhe que deveriam ir esperal-o fardados e não duvidava mesmo, elle, encarregar-se de um pequeno discurso de felicitação.

A chegada do delegado Kitzig interrompeu esta agradável conversação. Era um antigo condiscipulo de Schweitzer na universidade de Strasburgo; todas as noites se juntava no Casino para jogar uma partida de jouker.

A roda dos elegantes divertia-se muito á custa das maneiras ordinarias do delegado Kitzig, que segundo diziam não sabia conservar-se no seu lugar, fallando familiarmente com qualquer. Todos porém lhe faziam boa cara, porque occupava uma alta posição em Saverne, e porque ninguem pôde gabar-se de que nunca terá nada que fazer com um de-



O Ser dos seres ordena. Seja feita a sua vontade!

legado do procurador regio.

Todos pois sorriam para o delegado que se limitava a responder com movimentos de cabeça e algumas palavras insignificantes.

— Tem tanta bondade, sr. delegado.

— Favores seus, sr. delegado.

— Por quem é, sr. delegado.

— Ah! ah! ah! que farça, hein? disse o pastor ao ouvido de Mathews. Diga-me se viu cousa assim no Graufthal.

Mas o illustre philosopho não responden. Reconheceu em Kitzig um individuo da raça canina pela qual, como se sabe, as lebres tem uma singular veneração.

Passados poucos momentos o delegado veio ter com

o seu amigo Schweitzer, apertou-lhe a mão, comprimiu Matheus, sentou-se e disse:

—Então, Karl, vamos ao nosso jouker? Preciso distrahir-me.

—Quando quizeres, Miguel.

—Imagina, continuou Kitzig, que não faço outra cousa ha cinco horas senão ouvir testemunhas, e Deus sabe quantas ainda me virão da feira.

—Da feira de Horlach? perguntou o pastor, olhando para Matheus.

—Sim. Sabes lá o que por lá vac! Dois bandidos alvorotaram a população com predicas incendiarias, atacando as leis, a moral, a religião, até chegaram a fazer milagres. É uma causa-crime importante.

—Então se caírem nas mãos da justiça?...

—É caso de uns vinte annos de galés, respondeu Kitzig, tomando uma pitada de tabaco com indifferença. Vamos ao que importa. Tragam cartas.

Nunca Matheus se encontrára em tão terrivel situação. Pensou primeiro em se denunciar, sustentando a sua doutrina á face do mundo inteiro. Mas só esta idéa lhe fez eriçar os cabellos; olhou para a porta e ficou imóvel.

O pastor tambem não estava muito á vontade. Teve porém o sufficiente sangue frio para dizer:

—Apresento-te o sr. doutor Matheus do Graufthal, que chegou hoje de Nideck.

—Ah! disse o delegado baralhando as cartas, veio das ruínas do Nideck? Então passou por Horlach?

Frantz julgou que ia desmaiar. Felizmente a lingua começou machinalmente a mover-se e conseguiu balbuciar:

—Não, senhor, eu vim pela serra.

—É pena, podia talvez dar-nos bons esclarecimentos, concluiu Kitzig.

Em seguida deu as cartas e começou a partida.

Que situação esta para Frantz!

No momento em que ia enfim conseguir o mais magnifico triumpho oratorio, proclamando o seu systema, ser obrigado a calar-se, a renegar a doutrina, a occultar-se como um criminoso! Porque, afinal, quanto mais pensava em denunciar-se, mais os seus instinctos naturaes se lhe oppunham com uma força invencível. Sentia cámbiras no estomago e a sua intima dôr parecia dizer-lhe:

—Pobre Matheus! Pobre Matheus, a que ponto chegaste! Ir para as galés na tua idade! Pobre Matheus! Que fizeste para merecer uma tal sorte? Porque sacrificaste o teu repouso, as tuas mais caras affeições pela felicidade do genero humano! Pobre Matheus!

E sangrava-lhe o coração e todo o seu ser soffria por tanta humilhação, e todavia, e todavia... não sentia força para se demneiar—tinha medo.

É quando depois da primeira partida, Kitzig lhe observou com um ar distrahido que devia por força ter passado por Horlach, visto que o caminho de Nideck vem ter a essa povoação; Matheus negou outra vez, negou com energia, dizendo que passára pelo lado de lá do Schneeberg e fazendo uma descripção inventada da estrada e das bellezas da natureza, descrevendo sempre grandes rodeios em volta de Piefenbach e de todas as terras por onde tinha passado.

Veio por um caminho bem comprido, notou o delegado; depois a partida continuou sem interrupção.

De tempos a tempos, Kitzig fazia suas reflexões acerca da rudeza dos caminhos da serra e do perigo de prégar doutrinas novas, e então o illustre philosopho estremecia até á médula.

Assim se passou esta noite que devia decidir da

gloria eterna de Frantz Matheus, do progresso da civilização e da felicidade das raças futuras.

De tudo isto só ficaram os transees mais crucis.

E em quanto a maior alegria se estabelecia em volta do pobre doutor, em quanto o nobre barão de Pipchaz dava largas á sua vaidade e todos aquelles seres vulgares se embalavam nas mais risonhas esperanças, elle, tão bom, tão justo, tão benevolo, só podia pensar em fugir, pensando tambem em levar para a America os thesouros da sua sciencia.

—Alli ao menos, pensava elle, as doutrinas são livres, e nem ha delegados nem gendarmes. Todos podem fazer milagres á vontade.

Acabava de dar meia noite. Já muitos dos socios do Casino se haviam retirado, quando Kitzig, o delegado, se levantou e dirigindo-se a Matheus disse:

—Está por força enganado. Não pôde deixar de ser. Veio metter-se na estrada de Saverne pouco antes da aldeia de Harlach e atravessou-a.

Frantz Matheus jurou pela terceira vez como transportado de indignação, que não sabia mais nada senão que nunca havia passado por tal sitio.

Este entusiasmo tel-o-hia trahido se elle não tivesse a physionomia mais bondosa que se pôde imaginar. Quem poderia suppor que aquelle bono tio Matheus, doutor no Graufthal, era esse terrivel reformador, esse grande criminoso que concebera o designio audacioso de revolucionar o universo? Kitzig não fez pois mais que rir da sua singular exaltação, desejando-lhe felizes noites.

O pastor e Frantz saíram no fim; e, quando se acharam a sós, na rua, o pobre doutor, comprehendendo a sua fraqueza, começou a chorar. Por mais que o pastor com palavras consoladoras, quizesse reanimal-o, não conseguiu que elle se perdoasse a si proprio. Sem o auxilio do bom pastor não poderia até dar um passo, tanto soluçava e tamanha era a exasperação que lhe agitava o corpo.

(Continúa.)

B.

AQUELLA CASA TRISTE...

(Concluzão)



s quatro musicas reunidas na ponte da Trofa, depois de espavorirem os passarinhos, que, ao descer da tarde, se emboscavam nas ramarias do rio Ave, retrocederam, porque o Duque não chegou. Os promotores da festa, mandando sobraçar os feixes de foguetes de tres estoiros, disseram entre si que o Africano, faltando á hora da espera triumphal, bem demonstrava ser filho do capador da Lançola. Outro era de parecer que o Duque, tratando de resto as pessoas que o obsequiavam, dava a perceber que não queria amigos do seu dinheiro.

O Africano havia escripto de Lisboa ao sen feitor, annunciando-lhe o dia em que tencionava chegar á sua casa de Ruivães, com recommendação de lhe ter prepa-

o Africano havia escripto de Lisboa ao sen feitor, annunciando-lhe o dia em que tencionava chegar á sua casa de Ruivães, com recommendação de lhe ter prepa-

rados os leitos e assoldadada uma boa criada para o quarto de sua filha.

Divulgou o feitor a nova, sem propalar a do naufragio, porque a não sabia. Se o homem lesse gazetas, informaria os seus vizinhos do desastre de seu amo, da riqueza sorvida pelas guelas da tormenta, da quasi pobreza em que ficara o naufrago, e, enfim, das piedosas lastimas com que os periodicos deploravam a catastrophe de duzentos contos grangeados honestamente. Se isto se soubesse em Ruivães, não haveria quem se afanasse em busca de musicas, competindo entre si os obsequiadores sobre qual arranjaria aquella que maiores gritos fazia dar á fama pelos buracos da requinta. Quanto ás vinte e quatro duzias de foguetes de tres estoiros, que os rapaziños de Ruivães tinham carregado até á Ponte da Trofa, é bem de ver que ninguem se abalancaria a tamanho estoiro de generosidade, se se soubesse que o Duque não vinha em circumstancias de chorar de ternura abraçado ao peito magnanimamente d'onde rabiavam tantos foguetes.

No dia marcado ao feitor, devia o Africano chegar á Ponte, onde era esperado; porém, apeando na estalagem da Carriça, legua e meia distante, ouviu dizer que na Trofa estava o poder do mundo, com quatro musicas, e muito fogo do ar, á espera de um brasileiro que vinha da Africa.

Ouvindo isto, Duque disse ao boleiro que recolhesse a parelha da sege, porque resolvera sair de madrugada.

Depois, foi contar á filha o que ouvira, e o desgosto que queria evitar no encontro de festas, tão desapropositas da tristeza de ambos.

Deolinda, prostrada no leito, approvou a resolução do pae, queixando-se de agonias, suffocações e desmaios do coração, que mal a deixavam seguir a jornada.

Passou o pae o restante do dia e parte da noite á beira da cama, inventando com santo esforço alegrias que divertissem Deolinda da concentração que uma ou outra lagrima desafogava por momentos. Alegrias!...

Que heroismos cabem em peito de pae! Quantos ha que são supplicados por esse amor que parece vir da mão de Deus! Que maiores angustias tem esta vida, se comparamos todas á d'aquelle pae que allí estava ao pé da filha que os medicos de Lisboa lhe haviam auscultado e considerado perdida!

Mas elle, acreditando na sciencia que tem a certeza de ser lesão mortal a hypertrophia do coração, affigurava-se-lhe que a Providencia o não castigaria tão severamente, fazendo-o sobreviver ao perdimento dos bens, para depois amparar em seus braços a filha agonizante. Nunca discutira entre si se Deus era preciso, ou que parte lhe coubesse no regimento d'este mundo. São meditações estas que, em Africa, passam rapidas como o sirôco, mas não abraçam, nem obrigam as caravanas a curvar o corpo até bater com as faces nos areaes. Os que por allí veniagam, á imitação do pae de Deolinda, pensam, se acaso pensam, que a justiça do ceo tem alçada em mais amenos climas, e descura saber se lá o homem tem mais ou menos semelhança com o tigre. Porém, depois que o ceo se azuda e estrélla, á quem da linha, e a brisa refrigera o sangue, os expatriados, maiormente os ricos, não recusam erer que ha Deus, dadas certas condições; fazem-lhe o obsequio de o conjecturar sentado á mão direita do Padre Eterno, e absorvido na peremal gloria de sua divindade, sem intender nas trivialidades d'este globo, mais pequeno que os milhares de mundos que lhe circumvalam á ourela do throno. Esta philosophia é grandiosa e barata. Cançam-se os mestres em a propagar, e todavia qualquer sandeu bem engraxado a

tem espontanea na alma, como tortulho em lodaçal, sem que os philosophos lhe inculquem. Estudem Ario, Spinoza, Renan, e outros, afóra o meu bacalhoeiro, que tem dentro de si tres philosophos, um portico, um lyceu, dentro de si, repito, porque o *si*, o *elle*, são as cedulas bancarias, a burra, que tem um nome de predestinação para aviso e escarmento de sabios que se burrificam, não querendo acabar de intender que saber, honras, regalos, respeito, inviolabilidades, vem tudo da burra.

Succede, porém, uma vez ou outra, encerepar-se uma onda, que logo se arqueia em vagalhão, e se abre em voragem. Abi resvala a riqueza do homem, que se arrodellára com ella das farpas do mundo. Os brilhantes impenetraveis do arnez caíram e rolam na profundidade do abysmo. Aquí está o homem a pensar em Deus, por que está pobre, está sósinho, já se não vê idolo dos outros e divindade de si proprio. A desgraça, que traz sempre consigo um anjo vestido no eco com uma luz que arde inextinguível no tumulo de Silvio Pellico, assenta-se ao lado do infeliz, e começa por lhe dizer:

«Que eram esses bens da vida, se tão depressa te reduziste a esta pobreza? Olha tu para as estrellas que scintillam serenamente sobre a voragem que t'os engoliu, e pede ao meu anjo que te diga o que ha d'estes milhões de mundos para além.»

Ah! quando esta voz repercuta na consciencia de um pae, e ao mesmo tempo a aza da morte roça e tinge de rubor febril a face de sua filha, então sim, Deus entreluz na tréva, a alma erê, mas erê para pedir de mãos erguidas. Isto é fê, é fê que relampagueia; mas eu não sei se alguma hora a razão dos grandes desgraçados foi allumiada por esse relampago.

Assim orava o Africano, ás quatro horas da manhã, em pé, defronte do leito da filha adormecida.

*
* *

Entraram na casa apalçada de Ruivães, inesperadamente.

Quando o souberam os vizinhos, um correu á igreja a repicar o sino e a sineta, outro rompeu as nuvens com girandolas, a orchestra da terra, que andava dispersa a sachar os milhares, confluíu a galope a casa do mestre, escodeou as mãos no regato, travou dos metaes, e rompeu estridulamente á porta do Africano, tocando o hymno de 20, o hymno do sr. Costa Cabral, o hymno da sr.^a D. Maria da Fonte, o hymno do sr. duque de Saldanha, e o do Santo Padre Pio IX.

O Africano saiu á janella com sua filha, cortejou o publico, assistiu a duas mazurkas tocadas com variações de requinta, e pediu venia para recolher-se em razão de sua filha se sentir mal com o sol que lhe dava no rosto.

O publico murmurou, tregeitando uns momos significativos de menos respeito.

O feitor foi dizer a seu amo que era preciso dar de beber aos musicos, e receber a visita dos parentes e mais lavradores.

O Duque respondeu:

—Vá ahí fóra ao pateo, e diga bem alto que eu estou pobre.

—Pobre!—acudiu o feitor casquimando um riso perspicaz—Bem me fio eu n'isso! V. s.^a está a mangar!...

—Faça o que lhe digo—volveu severamente o amo.

E, de facto, o criado foi ao pateo, chamou a si os lavradores mais grados, o mestre da musica, o boticario de Délaens, e o boticario de Landim, e o regedor de Vermoim, e disse-lhes:

— O ill.^{mo} sr. Duque manda-me dizer a vocemecês que está pobre.

Os circumstantes olharam uns para os outros, embrutecidos pelo mesmo choque. Um d'elles, porém, que eu presumo fosse um dos dois boticarios, deu aos beiços um geito de quem vac orar. Encararam-o todos, e o boticario tirou do peito estas duas palavras:

— Ora bolas!

E saiu do pateo.

Tenho esquadrinhado o melhor sentido d'aquellas palavras do attico pharmaceutico. Consultei philologos, que mais comvisinham d'este sujeito, e apenas colhi que as expressões «ora bolas» montavam tanto como dizer: ora bolas.

Eu, porém, dou mais lata interpretação ao epiphonema, sabendo que todo aquelle gentio *boloirou* para casa ¹.

* * *

O Africano, passados seis mezes, procurou um brasileiro rico de Ninães, recentemente chegado, e disse-lhe:

— Sei que o senhor está resolvido a edificar uma casa. Se quer poupar-se a grandes despezas, incommodos e desgostos, compre-me a minha. Vendo-lh'a por metade do que me custou, com uma condição: se eu e minha filha não tivermos morrido dentro de seis mezes, serei obrigado a dar-lhe a casa no fim d'este prazo; mas, n'estes primeiros seis mezes, o senhor não poderá occupal-a.

Pedi o brasileiro explicações de tão estranha clausula.

O Duque respondeu:

— Minha filha está mortalmente enferma. Tem um aneurysma. Eu tambem me sinto no termo da vida. Vou morrendo a cada hora que a doença me deixa ver a morte na face de minha filha. Não hei de sobreviver-lhe, se Deus me não fizer o beneficio de me levar adiante.

Consolou-o o brasileiro conforme soube, acceitou a proposta, e assignou as escripturas no dia seguinte, entregando ao vendedor alguns contos de réis.

Pagou o Africano as dividas contrahidas em Cabo-Verde, encerrou-se na ante-camara do quarto de sua filha, e deu-se pressa em aggravar os seus padecimentos á custa de se remirar no seu infortunio, de cortar bem dentro as fibras ainda rijas do coração, antecipando a imagem da filha morta, repulsando todo o allivio da esperança, furtando-se a todo o desafogo, matando-se com a lentidão de um desvairado que se encavernasse, n'um antro, esperando sem terror a entrada da fera, e anecando-a para se lhe rasgar nas presas.

Ao quinto mez do contracto, os padecimentos de Deolinda tocaram nos extremos symptomas da morte. As hemorragias amudaram-se. Estava já entorpecida, immovel, salvo quando arrancava do seio as aspirações, que revelavam ao travez das coberturas da cama os arquejos do coração.

N'esta conjunctura, o pae estabeleceu entre si e Deus uma convenção que era já delirio precursor da demencia ou da morte: «Se ella hoje morrer, ou Deus me mata amanhã; ou, quando ella estiver sepultada, eu me matarei.»

O parocho, que sacramentára Deolinda, ouviu estas vozes, e disse aos botões da sua batina: «Este homem está no inferno.»

¹ Não se procure *boloirar* nos dictionarios, enquanto os dictionaristas ignorarem a linguagem popular do classico povo do Minho e Traz-os-Montes. Lá, fazer rolar uma bola, é *boloirar*.

Quando ficou sósinha, Deolinda chamou o pae e disse-lhe:

— Não quero ir d'esta vida, sem dizer-lhe um segredo com que não devo morrer. No meu bahu está uma caixinha de folha, que o mar lançou á praia, depois do naufragio. Levaram-me em Cabo-Verde esta caixinha, cuidando um marujo que fosse minha. Abri-a, e vi que encerrava cartas de uma mãe muito extremosa para seu filho. O filho era aquelle rapaz que vinha do degredo, e salvou os velhos, e as creanças, antes de morrer. A mãe, que lhe escrevia, diz-lhe em algumas cartas que tem sentido as angustias da fome. Chama-se ella... Meu pae lhe verá o nome e a terra onde vivia... Se tiver morrido, feliz d'ella. Se ainda viver, meu pae, mande-lhe como esmola o que ficar do meu espolio, e diga-lhe que eu... lhe amei o seu infeliz filho... até morrer... por elle!...

— Cumprirei a tua vontade, minha filha — respondeu o pae.

* * *

Ditas aquellas palavras, o Africano encarou na filha com a fixidez torva de um amaurótico. Depois, como se sentisse dobrar sobre os joelhos, saiu da alcova e atirou-se como ebrio para o leito, e murmurou estas vozes:

— Men Deus! morro por amor de minha filha, e ella... morre por outro... Bem podia consentir a desgraça que eu morresse sem este desengano... Vinte annos a adorar esta filha, um anno a agonisar ao pé da sua agonia... e afinal ouço-lhe dizer que morre por um homem... que não era seu pae...

Escabujou em ancias muito afflictivas, pedindo a Deus com dilacerante esforço que lhe abreviasse o trance. Rompeu em soluços; e, suffocado pelo choro ou por um golpo de sangue, arrancou da vida n'um estremecimento instantaneo.

Deolinda ouviu o murmurio rouco d'esta convulsão da morte. Voltou a face para onde suppunha que estava o pae.

Chamou-o. Sentou-se no leito com supremo esforço. Tangeu a campainha. Acudiu a criada, a quem ella pediu que lhe dêsse o seu vestido. Foi nos braços da criada á sala contigua, onde o pae tinha o seu leito. Dobrou-se sobre o peito d'elle, colhendo-lhe nos labios um halito ainda quente, como vestigio da alma que passára queimando as fibras por onde abrira a fuga do seu inferno.

— Morto! — bradou ella, golphando-lhe no seio o derradeiro sangue.

Transportada ao canapé fronteiro, alli se quedou empedernida. Não houve rogos que a tirassem de lá. Viu amortalhar o cadaver de seu pae, viu-o sair no esquife para ser depositado na capella da casa. Ouviu o ultimo dobre da sepultura; e então, comprimindo o seio esquerdo com ambas as mãos, invocou a compaixão da Virgem Santissima, e expirou.

* * *

Lá está em cima aquella casa triste... O brasileiro, que a comprou, não a quiz habitar. As janellas nunca mais se abriram. O vestido, que despiram do cadaver de Deolinda, pende ainda da espalda do canapé em que ella morreu.

C. CASTELLO BRANCO.



MULHER DESFOLHANDO UM MALMEQUER

Assim como as flôres mimosas das estufas são o entretenimento d'aquelles para quem a vida está em pleno dia, as flôres singelas do campo são o enlevo da innocencia, dos que, no desabrochar dos annos, sonham com um futuro de alegrias e regosijos.

Não vemos na primavera, por entre as messes floridas que atapetam as campinas, grupos de creanças tocando-se com papoulas vermelhas, menos vermelhas ás vezes que as suas faces sadias?

Não vemos a candida donzella arrancar furtivamente da mouta de flôres silvestres o estrellado malmequer, e guardal-o cuidadosa, olhando para todos os lados com receio de que a observem?

Eil-a pois na sua virginal alcova, só-sinha, desfolhando a prophetica flôr, que vae dizer-lhe se aquelle que lhe despertou no coração o primeiro amor, sente por ella igual affecto.

Saltou para fóra do leito meio envolta na tenue roupagem, e, segura de que ninguem a vê, consulta o florente oraculo.

N'aquelle momento, como o reo que espera a sentença final e se acha entre a liberdade e o captiveiro, entre a alegria e o pezar, entre a risonha planície inundada de sol e o frio carcere coberto de sombras, sente-se ella presa da duvida, flagello terrivel da vida, sem saber se ha de afagar a esperança que lhe sorri do eco azul do seu ideal, se temer o desengano que a ameaça por entre as pavorosas trevas da incerteza.

Contempla a margarita que tem nas mãos, com amor e repugnancia, entre um riso e uma lagrima.

Cada vez mais perplexa resolve não a consultar. Vae para a arremessar de si; detem-se, arranca-lhe a medo uma folha. Arfa-lhe de susto o peito, empallidece,

vacilla; a presaga flôr dos campos, o fatidico malmequer começa a ler-lhe a sentença.

É n'este momento que a representa a famosa estatua com que o sr. Simões de Almeida enriqueceu a galeria do estado, estatua cujo desenho, devido ao lapis do talentoso artista, damos em gravura n'esta pagina.

Que sentimento em toda aquella figura!

Nenhuma convenção, nenhum maneirismo; o certo, a verdade, a mulher!

Os cabellos não são como os dos modelos antigos, a collocação não é como a das estatuas classicas, as fórmulas não são as d'aquelle bello tão ideal, que só o cinzel do escultor sabe produzir; o artista não quiz emendar a obra de Deus, não adoptou nenhuma escola inventada pelos homens, seguiu a escola creada pela natureza.

Por isso o famoso trabalho que produziu, impressiona tanto e tanto, que o espectador experimenta, como a donzella, dois sentimentos diversos ao profanar-lhe o segredo do seu coração e da sua nudez.

A voluptuosidade das carnes palpitantes, atravez das quaes parece girar o sangue, exalta-lhe os sentidos e impelle-o a commetter o sacrilegio de tocar covardemente n'aquella creatura franzina e indefensa; mas o sentimento do olhar, a castidade da expressão, o respeito que irradia a nobre e innocente figura, fal-o recuar e arrepende-se do pensamento mau, que,

breve como o relampago, lhe cruzou o espirito.

Então contempla-a com respeito, e, como que implorando-lhe submissamente perdão, roga a Deus que a margarita dos campos lhe seja favoravel no seu vaticinio, para que d'aquelles olhos candidos não caia jámais uma lagrima, para que d'aquelles labios virgens não saia nunca um lamento.



SENHORA DE PEDRA

És de pedra, mas que pedra!
Pedra preciosa, talvez;
Mas onde uma flôr não medra,
Nem sequer uma, bem vêes...

Por mais lágrimas que verta,
Não ha pranto, não ha mála,
Que em branda cera converta
A pedra de que és formada.

Trago os meus labios feridos,
De te beijar, frio pó;
Em ti postos meus sentidos,
Sem que em mim ponhas um só!

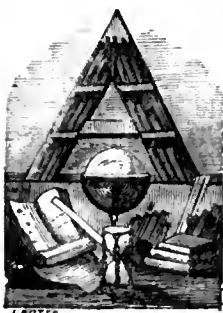
Se tu és a pedra dura
Que nem o pranto amollece!
Ai! como a nossa ventura
Tão breve desaparece!

Sempre cuidei que, algum dia,
De meus beijos o calor
Animasse a pedra dura
De que és feita, meu amor;

Engano. Sobre uma pedra
Plantem rosas muito embora,
A do amor... essa não medra.
Tu és de pedra, senhora!

J. SIMÕES DIAS.

FRANCISCA DE RIMINI E PAULO MALATESTA



GRAVURA de que fazemos Brinde aos nossos assignantes representa um dos mais deliciosos quadros de que se inspirou a poesia humana. Todas as linguas tem procurado reproduzi-lo, mas nenhuma consegue transplantal-o com o viço original. Como succede com as essencias, que, mudadas de um para outro frasco perdem o que ha n'ellas de mais subtil e balsamico, assim os encantadores tercetos do Dante descoram e empauam-se no traslado para outro idioma.

Eis uma verdade que existe de certo no espirito de todos, e que foi admiravelmente expressa por Sismondi.

Quem não conhece esta voluptuosa historia d'amor?

Francisca di Rimini, filha de Guido Novello da Polenta, casára com Lanciotto, filho mais velho de Malatesta. Era elle, comquanto de animo esforçado, de um exterior desagradavel e displicente. Interesses de familia haviam determinado os desposorios. Um irmão de Lanciotto, por nome Paulo, tinha de sua pessoa muitos dotes gentilissimos. Francisca sentiu que os olhos se lhe volviam a miude para o cunhado, — até que com elles lhe foi o coração. Um dia, estando em desafogado colloquio, foram surprehendidos por Lanciotto, que os matou d'um golpe.

É isto que deu origem ao formosissimo canto 5.º do *Inferno*. Dante, chegando ao segundo circulo do abysmo encontra Mimos, de aspecto temeroso e rangendo os den-

tes, — *orribilmente e ringhia*, o qual lhe dirige uma vehemente apo-trophe. Ali são castigados os sensuaes. Entre elles, porém, duas sombras attraem o poeta, dois vultos que parecem duas pombas quando se acolhem ao ninho levadas por amoravel desejo.

São os amantes de Ravenna.

O poeta ergue a voz, e pede-lhes que fallem, se acaso ninguem o impede.

— *O anime affanate,
Venite a noi parlar, s'altri nel niega.*

As sombras, movidas por este affectuoso convite, separam-se do grupo onde está Dido, e é n'esse ponto que começa a narrativa de Francisca, que o sabio Ginguenê confessa haver lido mil vezes, sempre com egual deleitação e com a alma a pairar nas espheras: — «São dois malaventurados, escreve elle, mas não precitos, porque vivem e viverão sempre juntos.»

Do mesmo modo escreve Ugo Foscolo: «*la giustizia divina era clemente a que' miseri amanti, da che fra tormenti infernali concedeva ad essi d'amarsi eternamente indivisi.*»

A versão d'este bello episodio tem sido feita em todas as linguas cultas. Uma das mais felizes pertence a lord Byron. O sr. conselheiro Viale, na sua *Miscellanea Hellenico-Litteraria*, apresenta doze variantes, confessando com exagerada modestia que nenhuma d'ellas o contenta.

Áparte os receios nimiamente escrupulosos do illustre professor é sem duvida que os tercetos que o florentino põe na boca da desditosa Francisca de Rimini são de tal modo simples e meigos, arrulham com uma brandura tão sua e tão do intimo, que não ha reflectir os harmoniosos cambiantes d'este quadro immortal.

Silvio Pellico tambem se inspirou nas desgraças d'estes dois amantes; porém a sua tragedia, — digamol-o sem offensa para o poeta, — não consegue altear-se até as serenias regiões onde subiu Alighieri.

Mr. Ampère, na sua *Viagem dantesca*, fórma este conceito justissimo: — *La poésie humaine n'a rien de plus simple et de plus profond, de plus pathétique et de plus calme, de plus chaste et de plus abandonné que ce récit.*

A traducção que damos em seguida pertence a E. A. Vidal, e faz parte d'uma das narrativas do seu livro *Contos da sesta*.

Do poeta João de Deus conhecemos tambem uma translação d'este episodio.

Na grande edição ingleza de H. F. Cary, vem curiosissimas explanações a respeito do quanto estes versos tem brincado na reminiscencia de outros escriptores, como tambem se observa que o tão sabido e tão repetido *nessum maggior dolore*, sac provavelmente d'uma sentença de Boccio, pensador muito estimado do Dante, no livro *De consolatione*.

Agora ouçamos Francisca, embora na nossa linguagem:

Nós liamos um dia, distrahidos,
De Lanclote a historia apaixonada;
Eramos sós, mas puros nos sentidos.

Mais de uma vez sentimos enleada
A vista, e murcha a côr da fronte acesa;
Mas foi n'um ponto a culpa suscitada.

Quando lemos que a pallida belleza
A um beijo se renden do ancioso amante,
Esta alma que á minh'alma andará presa

Deu-me na boca um beijo delirante.
Fôra o livro traidor; n'aquelle dia
Não pudémos ler mais siquer um instante.

CHRONICA DO MEZ



Logo no começo do anno que vai correndo, houve em Lisboa um acontecimento theatral digno, por todos os respeitoes, de menção especialissima. Foi o beneficio do actor José Carlos dos Santos, effectuado no theatro de D. Maria II, com a primeira representação do—*Tartufo*, celebre comedia de Molière, accommodada á scena portugueza pelo sr. visconde de Castilho.

Nenhum dos leitores d'esta secção ignora de certo que a comedia do—*Tartufo* é uma das melhores composições dramaticas do afamado auctor-actor francez João Bap-

tista Poquelin, mais conhecido pelo nome de Molière, o qual viveu ha duzentos annos e ainda hoje é respeitado como mestre dos que pretendem analysar e corrigir, pelo theatro, os defeitos e vícios da humanidade. E outrossim não desconhecem, com certeza, os leitores a famosa traducção do sr. visconde de Castilho, que, ha tempos, corre impressa e tem sido apreciada por todos os que presam as obras que fazem honra á litteratura patria.

O *Tartufo*, posto em versos portuguezes, é modelo de linguagem e de perfeição na arte de versificar. Se o dialogo contem, por vezes, uma ou outra locução menos elevada e que destoa um pouco de outras completamente estranhas ao dizer mais commum, é em compensação, vasado sempre em moldes genuinamente nacionaes, e puro de qualquer liga que lhe desmereça o valor.

Dos merecimentos e excellentes qualidades da comedia se acham publicadas em todas as linguas, extensas analyses devidas a pennas de escriptores eminentes. e, junto á propria traducção do sr. visconde de Castilho, se encontra um bem elaborado puizo critico feito pelo sr. Mendes Leal, onde se exaltam os meritos do poeta que escreveu o original, bem como os do poeta que fez a versão.

O actor Santos, a quem se deve a exhibição na scena portugueza da monumental comedia de Molière, é inquestionavelmente de entre os que lidam em Portugal em assumptos do theatro, o que mais sabe dos diversos ramos da arte que professa. Por isso, e pelo bom uso que faz dos seus variados conhecimentos, recebe sempre que se apresenta em publico, exuberantes provas do bom conceito em que todos tem o seu peregrino talento, cultivado pelo estudo constante dos melhores modelos e pela intelligente observação do natural.

Dicção, propriedade do gesto, expressão de physionomia e delicadeza de porte ninguem os possui melhores, o que faz com que o seu trabalho artistico, atinja, quasi sempre, o maior grau de perfeição que é dado exigir na arte de representar. Senhor da scena e das platéas, desempenha os seus papeis com a maxima tranquillidade e segurança, conseguindo assim, conforme Diderot e outros auctores de boa nota recommendam, ser constante espectador e critico de si mesmo. D'esta forma corrige os proprios defeitos tão facilmente como, na qualidade de ensaiador, corrige os defeitos alheios.

Ao talento excepcional do sr. José Carlos dos Santos, como actor e ensaiador, deve o theatro portuguez a exemplar execução do—*Tartufo* em D. Maria II.

Custa a erer como, em tão pouco tempo, o notavel ensaiador conseguiu de actores pouco habituados a dizer versos e a representar peças classicas, a uniformidade e regularidade de desempenho que se observa em toda aquella difficil composição.

O actor Santos, no papel de *Tartufo*, representa com grande conhecimento da arte, dando todo o relevo e colorido ás diversas phrases que pintam aquelle eterno modelo de hypocrisia e maldade. Quando pretende seduzir a esposa do amigo a quem deve os maiores beneficioes: quando desalivela a mascara e se apresenta aos olhos de todos tal qual é, repellente e abominavel; quando, finalmente, recebe o castigo dos seus feitos malditos, e ainda

brada com hypocrita indignação contra a tyrannia dos que perseguem a innocencia, é sempre completo e perfectissimo, tornando-se merecedor dos applausos com que o publico todas as noites o victoria.

No papel de beato sincero e ingenho amigo do seu mais cruel inimigo, o actor Antonio Pedro é gracioso e natural, obtendo largo quinhão dos triumphos reservados para os principaes interlocutores da famosa comedia.

A actriz Emilia Candida, no papel de creada ladina e jovial, faz lembrar os seus bons tempos em que, favorecida pelos poucos annos e pelo seu bello talento comico, era o enlevo das platéas do Gymnasio.

Representa sempre com muita distincção a actriz Emilia Adelaide, sustentando assim o lugar de honra que hoje occupa na scena portugueza. Consegue, portanto, na comedia de Molière, dar vulto a um papel que não se presta a grandes ostentações da arte.

Os demais artistas coadjuvam briosamente aquelles a quem conferam os papeis tratados com mais esmero pelo auctor, contribuindo todos para o conjuncto magnifico que se nota no espectáculo mais atrahente que se tem apresentado ultimamente nos theatros da capital.

Em S. Carlos deu-se este mez uma opera nova. Já era tempo de sair da monotonia em que se acha o theatro lyrico de Lisboa, onde não se cantam senão as partituras que fizeram as delicias de nossos avós.

Caligula se intitula a nova composição, escripta pelo maestro G. Braga, um italiano que tem appellido portuguez.

Esta opera foi cantada pela primeira vez em Lisboa, e, forçoso é dizelo, com quanto revele bastante saber musical no seu auctor, não obteve mui favoravel acollimento. Filiada na moderna escola, tem como principal merecimento, a observancia rigorosa das regras da harmonia. O auctor prestou ponquissima attenção á melodia, ou por falta de estro, ou para ostentar os seus profundos conhecimentos musicaes, que melhor se manifestam no cumprimento fiel dos preceitos harmonicos, do que na forma rythmica do canto. Ora o publico de Lisboa, apesar da fama de entendedor com que o honram, preza acima de tudo a melodia, e só perdoa a Mayerbeer não lhe dar nas suas operas, trechos que se possam cantarolar á saída do theatro, depois da primeira representação. D'aqui a indiferença com que foi ouvida a nova opera d'este anno, contraste perfeito na forma e no acollimento de uma das novas operas do anno passado—*Ruy Blas*.

Continuam no theatro do Gymnasio as reaparições dos bons artistas. Depois do actor Azidoro, que tornou a sua antiga casa, onde sempre alcançou notaveis triumphos; veio o actor Taborde receber as palmas que os frequentadores d'aquella sympathica sala lhe conferem sempre com tanta espontaneidade.

Foi no *Afilhado de Pompignac*,—comedia drama de Alphonse de Jalin, vertida para portuguez por modesto escriptor, cujo nome o cartaz não regista,—que o popular actor fez a sua apresentação.

A comedia, desajudada de certos accessorios brilhantes a que muitas das composições dramaticas de Alexandre Dumas filho e Victorien Sardou habituaram o publico, é todavia desenhada a traços largos e vigorosos, denotando ter saído de mãos habéis para trabalhos dramaticos. Tem situações de seguro effeito, graça delicada na parte comica e caracteres gravados com firmeza e saber. O desenlace, porém, de certo para fugir á trivialidade, não moralisa nem satisfaz. Chega até a despoetisar e tornar ridiculos alguns dos personagens que o auctor se esforça em apresentar illuminados pelas côres mais sympathicas.

O desempenho contudo atenua, quanto possivel, este e por ventura outros defeitos que não passam despercebidos aos que assistem aos espectaculos, sem se deixarem completamente fascinar pelos effeitos theatraes.

O actor Taborde representa, com a verdade e graça que lhe são proprias, o typo mais sympathico e risinho da comedia. Da gosto vê-lo com o seu lenço encarnado na mão e o seu ar natural de velho galhofoeiro, lançar ás platéas que o esentam, aquelle olhar magano que tão comicamente refulge.

Coube tambem ao actor Polla um dos papeis mais notaveis. Na descripção que faz dos occultos martyrios que soffre o marido

atraído pela mulher que ama, martyrios mais pungentes que todos os soffrimentos a que se expõem os que na guerra conquistam o cognome de heroes, é admiravel de verdade, sentimento e exaltação.

Os demais interlocutores representaram bem, como costumam, os seus papeis.

Pela primeira vez subiu á scena em o theatro da Trindade, para beneficio do actor Augusto, a parodia da opera — *Ernani*, intitulada — *Nini, ou a palavra de honra*. Escripta pelo sr. Francisco Palla, auctor do *Andador das almas*, e n'esta composição moldada, inutil é dizer que tem versos graciosissimos e situações de muito effeito comico. Se não promette viver a longa e folgada vida que tem tido nos theatros de Lisboa o — *Andador das almas*, é porque veio n'uma epoca em que o publico, mal acostumado pelas operas burlescas francezas, não se contenta apenas com a parodia da palavra, quer tambem a parodia da musica. Ao pé do general Boum entoando a sua comica e celeberrima canção, não pode fazer grande figura um regedor caricato, cantando a serio a aria de Carlos v.

O desempenho da nova opera-comica é bom, se attendermos a que foi entregue a comediantes que não sabem cantar. Os actores dos theatros que dão este genero de espectaculos, representam sempre em cada peça dois papeis: — o dos personagens que figuram e o de cantores. E o mais notavel é que, muitas vezes, vão melhor n'estes ultimos do que n'aquelles. Parece impossivel, mas é verdade.

E depois de deixar aqui registada a abertura de um novo theatro popular no decano dos bairros de Lisboa — o de Alfama, e de mencionar a estreia auspiciosa de uma nova magica, muito plebéa, no theatro da Rua dos Condes — *A cebola mysteriosa*, terminarei esta chronica citando os livros com que me obsequiaram, e fallando de uma exposição que mereceu a analyse dos que estimam os bons trabalhos photographicos produzidos n'este paiz.

O sr. Chardron, editor e livreiro na cidade do Porto, apprehendeu a publicação de um *Diccionario de educação e ensino*, trasladado a portuguez pelo sr. Camillo Castello Branco, e ampliado pelo traductor nos artigos deficientes em assumptos relativos a Portugal.

É facil de avaliar o alcance e importancia d'esta publicação pelo auxilio que vem prestar a quem deseja instruir-se nos diversos ramos do saber humano, havendo principalmente a firme certeza de que todas as explicações e esclarecimentos são exactos e bem elaborados, visto que á frente do livro figura o nome do sr. Camillo Castello Branco.

D'este notavel escriptor recebi tambem o folheto que ha pouco saiu á luz, denominado — *O visconde de Ouquella, perfil biographico*. É mais uma valiosa produção da fertil, correcta e elegante penna do auctor de tantos monumentos litterarios portuguezes; e se despertou, como era natural, a curiosidade publica, bem o mereceu, porque, pelas bellezas do estylo e vigor da argumentação, é modelo no seu genero.

O sr. José Simões Dias, delicado poeta e professor do lyceu de Vizeu, acaba de publicar um *Compendio de poetica e estylo*, obra de grande utilidade para uso das escolas. O auctor tem dado repetidas provas nas suas formosas poesias, do vastissimo conhecimento que possui do assumpto; não admira portanto que no seu volume haja não só boa disposição das diversas materias de que trata, mas tambem clareza e concisão bastantes para a facil comprehensão dos que desejam estudal-as.

No Maranhão publicou o sr. A. Brito um folheto, contendo duas comedias em um acto, originaes: — *Criticos momentos e Uma moça astuciosa*. Indicam estas duas composições notavel propensão no auctor para a litteratura dramatica, propensão que de certo o levará a emprehender trabalhos que demandem mais follego, e por isso o tornem conhecido e estimado como escriptor de theatro.

Durante os dias 8 e 9 d'este mez, esteve exposta na conhecida loja de espelhos Margoteau Ferreira, na rua nova do Carmo, a colleção de trabalhos photographicos que o esclarecido curioso, o sr. Carlos Relvas, tenciona enviar á exposição universal de Vienna de Austria.

O sr. Relvas é já conhecido nos paizes estrangeiros como o mais primoroso photographo portuguez. Em todas as exposições onde apresenta os seus magnificos productos artisticos, obtem sempre honrosas distincções. Está pois habituado a estes triumphos, e por isso não exultará de certo com os bem merecidos elogios que vae alcançar dos criticos intelligentes que visitarem a exposição photographica no grande certame que se annuncia.

Trabalhos de todos os generos—retratos de diversos tamanhos, grupos, marinhas, paizagens, edificios e copias de estampas—executados pelos processos mais recentemente inventados, apresenta o sr. Relvas, primando todos pela nitidez, força de claro-escuro e pureza de tom.

É honra portanto para Portugal figurar n'uma das secções da grande exposição com tanto lustre e distincção, honra devida ao talento e afan com que um dos nossos mais abastados compatriotas, estimulado pelo amor que tem ao bello, aproveitou as horas que lhe restam dos cuidados que dedica á sua laboriosa casa, para se entregar ao cultivo de uma das mais notaveis e proveitosas maravilhas que o genio do homem descobriu no presente seculo.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

No imperio do Brazil foram publicadas as seguintes obras litterarias:

Trabalho e caridade, drama pelo sr. Antonio José da Fonseca Moreira.

Maneira de tratar as mulheres como ellas merecem, por Achilles Capdesbaing. Parece que este livro prende de perto com a celebre questão do *Homem-mulher*. O auctor, de certo receioso de que as senhoras tirem séria vingança contra elle pela maneira menos agradável por que as trata, acatela-se declarando que a leitura do seu livro é defesa ao bello sexo.

Deveres do homem, reflexões moraes e philosophicas pelo sr. dr. Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira, 2.^a edição.

O forasteiro, romance pelo sr. dr. Joaquim Manoel de Macedo, 2.^a edição.

Estão sendo muito notaveis os trabalhos de gravura em madeira executados pelo artista hespanhol, residente em Madrid, o sr. Severini. Ultimamente publicou a *Ilustração hespanhola e americana* uma estampa devida aos buris do distincto gravador, representando o *Claustro gothico do collegio dominicano de S. Gregorio em Valladolid*, que é uma verdadeira maravilha de execução. Aos nossos leitores será dado, em breve, o poderem avaliar devidamente o talento do sr. Severini, que tem entre mãos trabalhos importantes para esta revista.

No dia 31 de dezembro ultimo effectuou-se no edificio do Conservatorio de musica do Rio de Janeiro, a distribuição dos premios aos alumnos do mesmo Conservatorio e da Academia das bellas-artes, bem como aos artistas que mais se distinguiram na ultima exposição. Assistiu ao acto solemne sua magestade o Imperador e sua augusta familia. O dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello, orador da Academia, fez um eloquente discurso em que mais uma vez provou a sua vastissima intelligencia. Terminou a solemnidade por um brillante concerto, no qual se distinguiram diversos alumnos do Conservatorio de musica.







A. PASTORA.

ARTES E LETRAS



LISBOA — FEVEREIRO DE 1873

A PASTORA



ADA qual no seu mundo: — o mundo d'ella é este.

Nenhum piso lhe parece melhor que o da herva sacudida do vento, queimada do sol.

Gosta do musgo meio secco e das urzes que se encravam nas fendas dos rochedos.

Aspira com delicia o aroma das plantas serranas, que

os temporaes enrijam.

Mal avista as aldeias, que ficam n'uma distancia de que já não ha côres nem fórmas; parecem-lhe sombras, os povoados, ao longe, a banhar-se n'uma tinta azulada...

É uma pastora, de physionomia suave, intelligente, de expressão serena e contemplativa.

Parece desligar-se do solo, suspensa entre o monte e o céu.

Curva-se-lhe a relva debaixo do pé comprido e delgado. Ha força graciosa n'aquelle todo; ha voluptuosidade, ha phantasia na doçura d'aquelles olhos, que resguardam o fogo nas palpebras longas e assedadas. O feitiço da bôca tem um tom apaixonado e calido. Ha raios seintillantes, ha reflexos morbidos n'aquelle rosto; e como que uma luz doirada, certo ardor irritante n'aquelles cabellos que fogem ao lenço que quer prendel-os, e se espalham á mercê do vento dos montes.

Tem talvez a pelle trigueira; levemente, mas morena um pouco. É porque o sol a achou bonita, e a queimou de beijos!

Alli está sósinha uma longa tarde, um dia inteiro ás vezes.

Ninguém lá vae; ninguém lá sabe ir; mal se percebe até o rasto do caminho...

Não ha medo de que alli surja de subito, como n'outras pastagens, alguma alegre cavalgata, e a estrondosa berraria dos guias, e as vaidades da admiração ruidosa, e a barafunda de amarrar cavallos e desenfardelar as provisões, e os dichotes pesados que se cruzam em occasiões d'estas.

É tudo sereno, silencioso, e grande ao mesmo tempo. A natureza não tem alli um interesse secundario, não se subordina á creatura; não é apenas um theatro

onde devem figurar heroes e passar-se casos; reina, é senhora, e parece dizer como Medéa:

— Só eu, e basta!

A creatura esquece a creatura; deixa alli a sociedade de ser dogma e religião; sacode-se o jugo.

A pastora está a gosar a sua liberdade; está a conversar com os montes, está a ouvir d'elles coisas que os homens não sabem dizer... Ella não conhece outra coisa senão aquellas montanhas e aquellas ervas; não estima nem quer bem senão ás plantas que convem ás ovelhas e ás cabras, — as suas queridas cabrinhas, de olhos amarellos, pernita alta, e pêllo tão farto que parece que andam de capinha preta, parando aqui e alli muito pasmadinhas, sempre com ares de curiosidade e de meiguice, pondo as patinhas no monte, roendo uma silva, pascendo uma flôr d'alfazema, e seguindo depois com a bôca cheia de ervas, empurradas pelas companheiras que vem de traz, muito dircitinhas, a comer e a andar.

Entretem-se com ellas, com as suas cabrinhas amigas, com ellas vive, com ellas pensa e falla, entendendo o que lhe dizem com as suas physionomias espartinhas, resignadas, tristes, em que brilham de vez em quando relampagos de capricho e de originalidade. Recreia-se de as ver nas pastagens, a correrem quando lhes parece e a mudar de sitio, como uma floresta de chifres por cima de uma nuvem escura.

Conhecem-a de pequena aquelles montes, e ella conhece-os tambem e crê firmemente no poder que têm... Vive no cume de um d'elles um espirito melancolico e solitario, que ella lá sabe, grande, grande, da altura de um pinheiro e do feitiço d'elle quando serpêa requebrando-se com o vento: tem, por signal, lá em cima um jardim de que trata com extremo e onde crescem os perigosos vegetaes que tudo podem...

Oh então está lá em cima a bruxa, que mette medo a todos, ás mulheres principalmente: a bruxa, que não é demonio, mas que é peor, creatura que teve má sorte á nascença, a quem o baptismo não purificou, porque o padrinho e a madrinha a consagraram ao diabo que logo a dotou com prendas. É ella que atormenta e perde; muda-se ás vezes em chuva e em vento, e não ha fugir-lhe, por mais que se calafetem as portas das cabanas, porque passa pelos buracos das fechaduras, atravessa as paredes, anda com leguas em meia hora. É ella que engendra as doenças para que não ha remedio, é quem arma os pesadelos, é quem faz as mordeduras na lingua, e quando alguem se arranha a dormir e rasga a pelle com as unhas ou nos alfinetes, sendo em cama pregada, — é ella... é ella...

Para a pastora os rochedos, as cavernas, as nascentes d'agua, as arvores, tudo tem um deus em si, poderes maleficos ou propicios, que o amor e a vingança, as paixões boas e as más veneram e adoram...

Ella sabe o segredo de todas aquellas tradições, que nenhum de nós por aqui poderá contar, porque se perde o sentido do symbolo em querendo trazel-o para longe, e apaga-se a idéa que se esconde n'elle. Cobrem talvez esses mythos grandes lições com o seu véo transparente; para nós são vestigios pallidos, idéas vagas que mal se entendem: para a pastora, porém, esses montes são tudo.

É a elles que vão pedir noivo as donzellas: e as esposas o titulo de mãe.

Têm culto aquellas serras; é lá tambem que vivem, vestidas de branco, coroadas de flôres, as fadas que dão vida ás plantas salutaes com que se allivia a dôr e a saudade. Cantam á noitinha, á hora do recolher do gado, e quando lhes parece mudam em fios de seda

o linho grosseiro de que as pastoras se vestem. Por lá crescem as flores silvestres que espalham pelas quebradas, pelas charnecas, pelos valles, exalações deliciosas... Diz-se que no ultimo dia de cada anno vão as pastoras esperar as fadas, e perdem ás vezes o rebanho com o sentido n'ellas...

Então, — de umas vezes desce do monte a felicidade, e são as fadas toucadas de rosas que vem vêr quem lhes tem querido bem; — de outras vezes é a desgraça, e são fadas más, que trazem ao collo uma creancinha banhada em lagrimas, de cabecita coberta com um diadema de espinhos negros.

No primeiro caso, as pastoras vão ter noivo e viver contentes n'um casal: — no segundo, hão de ter fogo na choupana, devorarem-lhe o rebanho os lobos, e morrer-lhes o namorado longe da familia e longe d'ellas.

A pastora sabe tudo isto e em tudo isto está pensando. Só não pensa talvez, comquanto o saiba, que de balde de repente um dia se perguntará por ella aos ecos d'esses montes, quando alli cair alguma terrível tempestade, das que nunca deixam n'aquellas paragens senão vestígios de completa devastação. Na manhã d'esse dia nefasto, talvez nenhuma nuvem pareça perturbar a pureza dos ares; e quando ella olhar para o céo, a vêr o que o tempo annuncia, como é costume da gente do campo, enganar-se-ha com a serenidade do horisonte.

D'alli a pouco só se ouvirá o tinir dos chocanhos do gado, meio suffocado pela neve. E serão esses brancos flocos o lençol em que se amortalhe a pastora...

JULIO CESAR MACHADO.

GIL VICENTE E A CUSTODIA DE BELEM

(Conclusão)



elo fallecimento de D. João II, a corôa veio a pertencer a el-rei D. Manuel, irmão da rainha D. Leonor; vivendo na corte, mas alquebrada pelos profundos desastres de familia, esta senhora não tendo que dar a fazer ao seu laurante, por que para ella haviam acabado as sumptuosidades, pedia-lhe por occasião das festas religiosas que compuzesse algum Auto hieratico. Nas rubricas dos Autos, traz Gil Vicente esta declaração: «*E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a Rainha velha d'esta representação, que pediu ao Autor que isto mesmo lhe representasse ás Matinas do Natal, endereçado ao nascimento do Redemptor...*» E tambem: «*Adita Senhora Rainha, satisfeita d'esta pobre cousa, pediu ao auctor que paradia de Reis logo seguinte lhe fizesse outra obra.*» A maior parte dos Autos de Gil Vicente foram escriptos a pedido da rainha D. Leonor; a esta classe pertencem tambem as *Tres Barcas*, primitivamente compostas em portuguez com o titulo *Auto de Moralidade*, e depois traduzidas pelo proprio auctor para castelhano com o titulo *Tragicomedia allegorica del Paraiso y del Inferno*.¹ Entre as obras perdidas de Gil Vi-

cente, figura no *Catalogo de Barrera e Leyrado o Auto da Donzella da Torre, ou do Fidalgo portuguez*.¹ Insistimos sobre este ponto da influencia da rainha D. Leonor sobre o talento dramatico de Gil Vicente, porque d'aqui se tira um fortissimo argumento para provar a identidade do poeta com o ourives. Na tragicomedia de *Dom Duardos*² vem uma dedicatória ao principe D. João, successor de el-rei D. Manuel, em que declara ter composto grande parte dos seus Autos em serviço da rainha D. Leonor, sua tia: «*Como quiera (Excelente Principe y Rey mui poderoso) que las Comedias, Farças y Moralidades que he compuesto en servicio de la Reyna vuestra tia...*» No Cartorio do Hospital de S. José, de Lisboa, encontrou o sr. José Maria Antonio Nogueira, esmeradissimo cultor da nossa archeologia portugueza, e nos communicou com o mais invejavel desinteresse, um documento, em que, além de outros factos sobre Gil Vicente, lhe chama *Ourives da rainha D. Leonor*. Como era possivel, que a rainha tivesse um lavrante tão perito, como Gil Vicente, e um poeta dramatico tão gracioso e fecundo, tambem chamado Gil Vicente, sem que os seus contemporaneos, que de tudo chasqueavam, não tirassem partido d'essa homonymia? De mais, na farça dos *Almocreves*, figura um Ourives, que pede a um fidalgo a paga do seu trabalho, e este escusa-se promettendo-lhe que o ha de recommendar a el-rei; no *Auto da Alma*, ha tambem o mesmo conhecimento tecnico de ourivesaria, quando descreve as joias com que o diabo quer seduzir a alma; na *Fragoa de Amor*, apparece em scena uma forja e bigorna, e varios cupidinhos trabalhando para transformar diversos frades em galantes namorados. Tudo leva a concluir a identidade entre o ourives e o poeta. Em 1502, frequentava Gil Vicente a corte, quando teve occasião de escrever e representar o monologo do *Vaqueiro*; n'esse mesmo anno representou o *Auto Pastoril castelhano*; em 1503 representou o *Auto dos Reis Magos* e o *Auto da Sibylla Cassandra*. No fim de 1503, é que chegou a Lisboa o primeiro ouro das páreas do Oriente, e foi quando el-rei D. Manuel encarregou a Gil Vicente o trabalho da prodigiosa Custodia. D. Manuel estava no Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro em Evora, quando lhe deram a noticia da descoberta da India; em reconhecimento, deu á Virgem e ao Menino do Altar mór duas corôas de ouro. Este sentimento o levou a servir-se do genio extraordinario de Gil Vicente; durante o trabalho da Custodia, que acabou em 1506, representou Gil Vicente na corte em 1504 o *Auto da Fé* e o *Auto de S. Martinho*, á rainha D. Leonor; em 1505 a farça de *Quem tem farellos*³ e o *Auto dos Quatro Tempos*. Podemos acreditar com toda a certeza, que o Alvará que existe no Cartorio do Hospital de S. José, foi uma consequencia do modo como desempenhou o trabalho da Custodia offerecida ao Mosteiro de Belem; n'esse Alvará, datado de 1509 e passado em Evora a 15 de Fevereiro, se concede a Gil Vicente o privilegio de ser Vedor de todas as obras de prata ou ouro, que se fizerem para o Hospital de Todos os Santos, Mosteiro de Belem e Convento de Thomar: «*Alvará de Gil Vicente, Ourives. Nós El-Rey fazemos saber a quantos este nosso Alvará virem, que confiando nós de Gyl Vicente, Ourives da Senhora Rainha minha irmã, e que nisto nos servirá assy bem, e como o faz em todas as outras cousas em que o encarregamos, por lhe fazermos graça e merecê, temos por bem e o fazemos Vedor de todas as obras que mandamos fazer, ou se fizerem de ouro ou prata para o nosso Convento de Thomar e Hospital de Todos os Santos da nossa cidade de Lisboa, e Mosteiro de Nossa Senhora de Belem, queremos que todas as obras que para as ditas Casas se houverem de fazer, ora seja por nosso mandado, ora por as ditas Casas o mandarem fazer se façam pelo dito Gil Vicente, ou por Officiaes que elle para isso ordenar;...*» etc.³

Além d'estas obras de Gil Vicente, encontramos citados mais dois trabalhos do lavrante da rainha D. Leonor, no proprio testa-

qua castellana, amentandola. Vid. *La Danza de los Muertos*, por Fernando Wolf, (apud Collecção de documentos ineditos para a Historia de Hespanha, t. xxii, p. 518.)

¹ Impresso em Lisboa, por Antonio Alvares, 1643. 4.º Completamente ignorado.

² Folha volante da Bibl. do Porto. (N.º—8—74.)

³ Este documento apparece pela primeira vez publicado na sua integra, na *Historia de Camões*, t. i, p. 65; extrahido pelo sr. José Maria Antonio Nogueira, do Registo geral. Liv. i, fl. 16 e 17. A noticia da sua existencia foi-nos communicada pelo sr. dr. José Gonçalves Ribeiro Guimarães

¹ De Schack, na *Historia de la literatura y arte dramatica en España*, t. i, fl. 205; e Moratin, *Origenes del Teatro español* (Bibl. de Autores, t. ii, p. 193.) Citam uma edição de Burgos de 1539. Nas notas de Moratin, se prova que Gil Vicente compoz esta refundição hespanhola de uma peça escripta por elle mesmo em portuguez; os annotadores transcreveram esta rubrica manuscrita: «*Compusit en ten pua portugueza e luego el mesmo auctor la traslado á la len-*

mento d'esta senhora, que se perdeu, mas do qual conserva alguns extractos Frei Jeronymo de Belem, na *Chronica Seraphica*: «Item, deixo ao dito Mosteiro da Madre de Deos o Relicario, que fez Mestre João, em que está o Santo Lenho da Vera-Cruz..... e os dous Calices, que andam em minha Capella: a saber, o que corregeo GIL VICENTE, e outro dos que elle fez, que está já no dito Mosteiro...»¹ O mestre João, auctor do Relicario, que vimos no thesouro do Mosteiro da Madre de Deus, por intervenção do notavel architecto-archeologo, o sr. José Maria Nepomuceno, é sem duvida o mestre João Gonçalves, natural de Guimarães, patrio de Gil Vicente, e sobrenominado o *Engenhoso*, pela sua extraordinaria vocação artistica; a epoca em que se fixa a sua actividade (1521-1563) coincide com o tempo em que a Rainha D. Leonor escreveu o seu testamento; a sua naturalidade, explica a communicação com Gil Vicente, que era filho de um ourives de prata d'aquella cidade. As obras de Gil Vicente, aqui apontadas são, um *Calice*, que elle concertou, e outro, dos que elle fez; com certeza seriam estes outros calices os que fez para o presente de el-rei D. Manuel ao papa Leão x em 1514, e principalmente para o Mosteiro de Belem, Santos e Thomar, d'onde era vedor das obras de ourivesaria.

Um argumento existe unicamente contra a identidade de Gil Vicente ourives e poeta dramatico: é não ser citado como ourives fóra dos documentos officiaes. Esta omissão explica-se pelas pretensões aristocraticas de seus filhos: Luiz Vicente, foi casado com uma filha de um fidalgo *Luiz de Pina*, e os seus descendentes pelas ligações de parentesco com os Godinhos, tornaram-se as pessoas principaes de Torres Vedras, chegando a ser procuradores em côrtes em 1668; *Dona Valéria Borges*, terceiro filho do poeta ourives, casou com um filho de D. Luiz de Menezes, das principaes familias do reino; *Paula Vicente*, viveu sempre no paço, aonde foi camareira da rainha D. Catharina. Por estes factos se vê como a pretensão heraldica fez prevalecer o caracter litterario sobre o talento artistico de Gil Vicente, a ponto de se querer hoje acreditar que foram dois individuos distinctos.

Durante a vida de el-rei D. Manuel, Gil Vicente viveu estimado; basta ver a relação das riquezas do guarda-roupa d'este monarca² enumeradas em uma quitação de D. João III, assignada em Evora em 11 de Maio de 1522, para concluir da actividade de Gil Vicente; aneis de ouro com pedras gómis de prata, apitos, botões, lavatorios, bacias, estoques guarnecidos de ouro, escriptorios, garrafas de prata, emfim todo o trem de um dos monarchas mais faustosos da Europa, só podia ser formado por um artista como Gil Vicente, o unico capaz de sustentar em Portugal os progressos que a arte estava attingindo na Europa. Quando, em 1514, el-rei D. Manuel mandou ao papa Leão x o presente das Pareas da India, por certo que Gil Vicente, então no esplendor do seu genio, trabalhou n'esse pontilical inteiro mandado pelo monarca, n'esses baculos, cruzes e thuribulos, que deixaram assombrados os artistas da capital do mundo civilisado. N'esta epoca florescia tambem o afamado ourives e poeta Diogo Fernandes, que Gil Vicente cita nos seus Autos. Tudo levava a crer, que em Portugal se inaugurava uma grande epoca artistica, como Celini inaugurou depois na Europa; mas a morte de el-rei D. Manuel veio arrastar consigo todas estas esperanças. Succedeu-lhe o fanatico e estúpido D. João III; durante o seu reinado começou a decair o theatro, e Gil Vicente queixa-se duramente da sua pobreza; começaram a apparecer leis sumptuarias, em que se prohibia o uso de vestimentas com galões de prata ou ouro, á excepção das tapeçarias para as egrejas. Gil Vicente morreu quasi na miseria; o seu genio estava destinado a inaugurar entre nós a Renascença e a florescer n'essa grande atmospheria artistica. D. João III annullou todo o seu trabalho, admittindo a Inquisição em 1536. A vida civil tornou-se um acto funebre.

Pela lei de 1535, de el-rei D. João III, explica-se porque a ourivesaria religiosa teve mais desenvolvimento; no artigo 8 d'esta lei se lê: «Item, cue a dita defeza de seda, ouro, bordado, dourado e prateado, se não entendesse nos ornamentos de egrejas e oratorios, nem em livros de qualquer sorte.» E em seguida prohibe-se a ourivesaria sumptuaria:

«9. Item; que os que tivessem feitas algumas peças esmal-

tadas, douradas ou prateadas, de qualquer feição, podessem trazer-as sem pena, jurando aos Santos Evangelhos como as tinham feitas antes d'esta lei.

«10. Item, que os ourivezes podessem tirar pela feira ouro ou prata, para fazer suas obras, que por esta lei não eram defezas.

«11. Item, que os ourivezes que antes d'esta ordenação publicada tivessem feitas algumas obras de ouro esmaltadas, dentro de outo dias as mostrassem aos Juizes dos lugares, e jurando aos Santos Evangelhos, que as tinham feitas, as podessem vender dentro de um anno a quaesquer pessoas, e essas as podessem trazer.»¹ Isto mesmo foi confirmado em 1560, na menoridade de D. Sebastião.

A arte portugueza, que produziu a Custodia de Belem, em quanto se inspirou de um pensamento nacional, concebeu creações como os *Lusiadas*. Estes dois monumentos completam-se: ambos retratam a vida e o sentimento dos portuguezes na epoca em que assignalavam na historia o seu passo para a civilisação. A Europa é que nos tem ensinado a ler estas paginas eloquentes, que Gil Vicente e Camões deixaram. Ao passo que a Custodia de Belem era levada para a Casa da Moeda, em risco de ser estupidamente reduzida a 3:640\$000 réis de dinheiro sonante, na Exposição de 1867 offerciam-nos por ella um milhão: ao passo que os *Lusiadas* eram deturpados pela censura do Santo Officio, e ainda modernamente tidos por degradantes para qualquer poeta actual assignar uma das suas estrophes, todas as litteraturas adoptaram para si essa biblia de um povo, traduzindo-a e commentando-a com intelligencia e com amor.

De todo este trabalho, conclue-se sem esforço, que o fundador do theatro portuguez, Gil Vicente, foi o mesmo que deixou a forma inimitavel e gigantesca a que chegou a arte portugueza no seculo XVI; é pela comprehensão de monumentos d'esta ordem, e não por phrases banaes de patriotismo, que o sentimento da nacionalidade pôde renascer em uma mocidade que tem de herdar o legado corrupto dos velhos.²

Recapitulando os resultados d'este trabalho, aqui se enumeram os argumentos, que provam ser Gil Vicente, o conhecido poeta e fundador do theatro portuguez, esse extraordinario artista auctor da Custodia de Belem.

1.º Pela *Sedatura lusitana*, ms. genealogico de Christovão Alão de Moraes, Gil Vicente era natural de Guimarães, filho de Martin Vicente, *ourives da prata*.

2.º Pelo alvará de 15 de fevereiro de 1509, el-rei D. Manuel nomeou vedor de todas as obras de ouro e prata feitas para o mosteiro de Belem, hospital de Todos os Santos e convento de Thomar a *Gil Vicente, ourives da senhora rainha minha irmã* (D. Leonor.)

3.º Os principaes Autos de Gil Vicente foram escriptos a pedido da rainha D. Leonor, como vem declarado nas rubricas iniciaes; e a epoca em que começa a figurar na côrte fixa-se em 1492, pelo processo jocoso de Vasco Ahul do *Canc. ger*, onde se lhe chama *Mestre Gyl Vicente*.

4.º No prologo da tragicomedia *D. Duardos*, edição de folha volante, dedicada a D. João III, declara Gil Vicente que fez os seus Autos e Moralidades em serviço da rainha sua tia (D. Leonor.)

5.º No fragmento do testamento da rainha D. Leonor, vem citados dois Calyres legados ao mosteiro da Madre de Deus, com o que corregeu *Gyl Vicente*, e o outro dos que elle fez, e que eram da capella da dita rainha.

6.º No testamento de el-rei D. Manuel de 7 de abril de 1517, cita-se a Custodia dos Jeronymos, d'onde Gil Vicente era vedor, como tendo sido feita por Gil Vicente, e bem assim uma *grande cruz*, feita pelo mesmo.

7.º O estylo da Custodia dos Jeronymos é o mesmo da Custodia offercida por Gonçalo Annes á collegiada da Oliveira, de *Guimarães*; o que se explica pelo facto produzido por Alão de Moraes.

8.º O Relicario de Mestre João, o *Engenhoso de Guimarães*, possuido pela rainha D. Leonor, trabalho de esmalte preto admi-

¹ Nunes de Leão, *Extravaçantes*, p. 388.

² Para o conhecimento das phases por que tem passado a Custodia, vid. a monographia do sr. Teixeira Aragão, *Dom Vasco da Gama*, etc.

¹ *Ch. Seraph.* t. III, pag. 85. Communicação do sr. José Maria Nepomuceno

² Sousa, *Provas*, t. II.

ravel, revela-nos que o *laurante* da Rainha foi talvez o primeiro a reconhecer o talento do seu patricio.

9.º Na *Furça dos Almocreves*, Gil Vicente introduz como typo principal um ourives, victima dos fidalgos que lhe não pagam as obras que encomendam; na *Fragoa de Amor*, figura em scena uma bigorna e forja, onde os frades vem pedir para serem caldeados em guapos namorados; no *Auto da Alma*, o poeta descreve, com conhecimentos technicos de ourivesaria, as joias com que o diabo vem seduzir a Alma.

10.º Gil Vicente não só escrevia os seus Autos, como era musico e actor: pertence á pleiade dos espiritos encyclopedicos do fim do seculo xv, como Miguel Angelo ou Leonardo de Vinci, ou mesmo Garcia de Rezende, que possuiam quasi todas as formas da Arte: portanto não repugna moralmente o julgal-o chefe da escola da Ourivesaria portugueza.

11.º Os filhos de Gil Vicente, Luiz, Paula e o Valeria Borges, já pelos seus enlaços matrimoniaes na principal aristocracia, já pelas suas posições honorificas no paço, é que fizeram esquecer que seu pae era o assombroso *laurante da rainha D. Leonor*, para se nobilitarem pelos seus talentos litterarios.

12.º Em grande parte dos seus Autos, Gil Vicente dá a entender que elles são um trabalho accidental: tiveram origem casualmente, nem se escreveram para serem representados diante do povo. Logo, a occupação principal para elle era a da Ourivesaria.

* * *

RUINAS DO CARMO

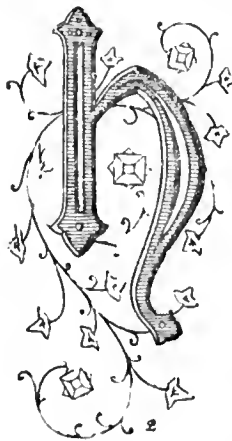
(CARTAS A FRANCISCO GOMES DE AMORIM)

I

Haec loca vi quondam et vasta convulsa ruina
Dissiluisse ferunt...

Virg. AENEID. III.

Meu carissimo poeta.



A pouco tempo que um meu patricio e amigo navegou em ruinas pelo interior da igreja velha de Santa Clara ¹. Navegar dentro de uma igreja é extraordinario em toda a parte, menos em Coimbra, por causa das enchentes do Mondego. A piedade de nossos maiores levantava templos n'estas formosas margens, mas o rio bloqueava-os, e depois inundava-os, e afinal destruiu-os.

Para orar tem o homem o primeiro templo no coração; e digo no coração, porque orar vale o mesmo que amar. Mas para o culto externo, se uns preferem as corôas dos montes que os avisinham dos astros, e outros a espessura dos bosques, cujo asylo os aperta intimamente com Deus, o habitante de Coimbra prefere a margem do rio, cujo espelho reverbera o azul do firmamento.

Em Braga sobe-se a encosta do monte para chegar ao santuario do Bom Jesus; e d'aquelles cumes o pensamento dilata-se com os olhos por horizontes extensos que lhe fallam da magnificencia divina. No Bussaco o mosteiro esconde-se em matta tenebrosa, onde só reinam as sombras crepusculares; e n'esta solidão asctica embebe-se o espirito em profundo respeito religioso. Mas, em Coimbra, os templos mais fallados elevam-se quasi rentes com o rio; a oração que irrompe dos labios cruza-se

com as auras fluviaes que doidejam pela folhagem dos choupos e dos salgueiros, acompanhada muitas vezes dos trinadoes do ronxinol. Se n'uma parte a grandeza revela a magestade, e n'ontra a solidão incute o respeito, aqui na suavidade do clima respira-se o amor e n'este perfume se embala a oração, porque orar, como já disse, vale o mesmo que amar.

Contudo, a visinhança do Mondego é incommoda e fatal para as egrejas e conventos, assim como para as casas que se agrupam em volta. O rio subverte-as com as areias, como o Vesuvio faz com as lavas ás povoações que o circumdam. A differença é que a erupção do monte é rapida e momentanea, e a acção do rio é lenta de seculos, mas constante, e com as cheias continuadas vai enterrando successivamente os edificios das margens ¹.

É verdade que, no Egypto, as inundações do Nilo obrigam os naturaes do paiz a edificar os templos pelos outeiros. E houve rei, Ptolomeu Philopator, que os erigiu sobre navios! ² O Mondego porém, é porventura mais caviloso do que o rio africano, porque este tem as suas enchentes periodicas e certas, e o Mondego não; o seu curso é ordinariamente sereno, e no seu socego e quietação como que parece arrependido, na phrase do poeta, de levar agua doce ao mar salgado. E quem dirá de certo, ao fitar os campos do alto da cidade, que a serpe de prata que os corta ao meio, delgada fita que lhes cinge o manto de verduras, se possa na furia do inverno desatar e desdobrar violenta em sudariô de estragos e ruinas?!...

Ora, o templo velho de Santa Clara, que é hoje um lago escurissimo, encoberto á luz do dia pelas suas paredes e abobadas seculares, semelha um pouco as brenhas estygias das Eneidas, e o meu presado amigo A. Philippe Simões fez-me lembrar com o seu artigo a cymba enfarruscada do velho Charonte, que recolhia uns e desembarcava outros. Está enterrado o templo mais de metade com os capiteis das columnas do lado do norte quasi ao nivel do chão ³; e emquanto as areias o não sepultam de todo, vai ao menos dando pasto á curiosidade dos archeologos.

E talvez que ainda pudesse desentulhar-se e conservar-se enidadosamente como reliquia veneranda; mas, infelizmente, o desleixo e a inercia, entre nós proverbiaes, vão ajudando a furia do rio, e ainda mais a sanha do tempo. *Tempus edax, homo edacior*, o tempo é cego e o homem estúpido, como entendeu Victor Hugo.

Bom seria, repito ainda, que tentassem salvar aquellas ruinas, dar-lhes permanencia e tornal-as monumento de architectura antiga. Eu amo muito as ruinas, assim como amo os velhos. Umás e outros despertam funda veneração, e são os laços mais fortes que nos prendem ao passado. *Les vieillards sont la majesté du peuple*, dizia Joubert; e nós podemos acrescentar que as ruinas são as cãs venerandas das povoações.

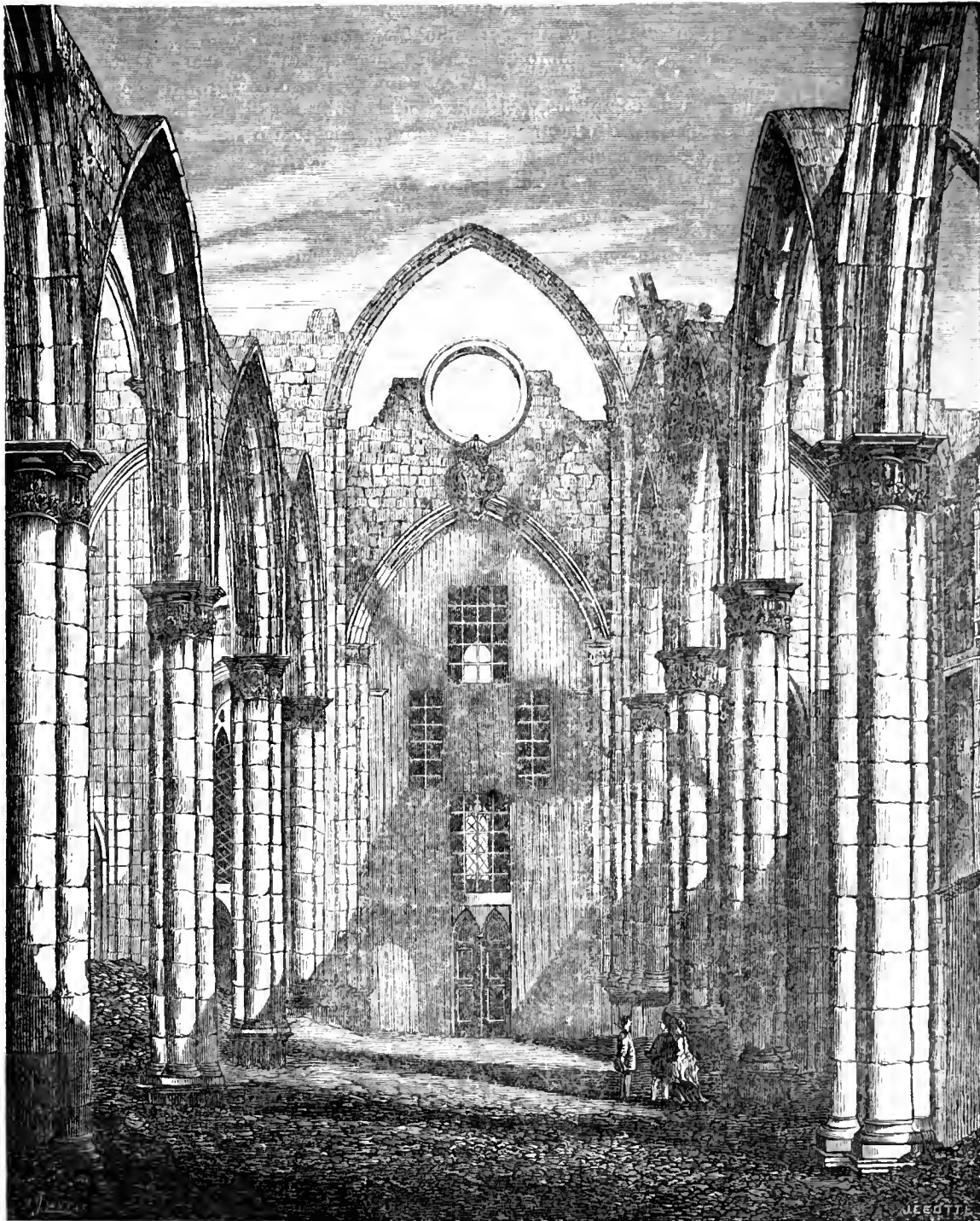
E a proposito de ruinas deixe que lhe falle das ruinas do Carmo, que são as suas ruinas, o sitio onde o visitei, onde passei na sua amavel convivencia horas esquecidas e sempre lembradas, esquecidas então e lembradas hoje.

¹ Não ha exaggeração no nosso asserto. O Mondego tem destruido lentamente as casas e templos das duas margens. O bairro e igreja de S. Cuenfate, os conventos e egrejas de Sant'Anna, S. Francisco, Santa Justa, S. Domingos e outros, foram já inteiramente subvertidos, Santa Clara, de que fallámos, está de todo inutilisada, e a capella do Arnado e o magestoso templo de Santa Cruz tem soffrido muitos insultos do rio. O bairro baixo da cidade com as inundações toma muitas vezes a similhança d'uma Veneza.

² Athen. *Deipnos*. lib. v.

³ Figanière, *Mem. das rain.*, pag. 197.

¹ A. Philippe Simões. Veja-se *Artes e Letras*, tomo I.º, pag. 154 e seg.



RUINAS DO CARMO

(DE UMA PHOTOGRAPHIA DO SR. CARLOS RELVAS)

E como ambas as ruínas, as de Santa Clara e as do Carmo, umas cingidas pelo Mondego, outras sobranceiras ao Tejo, despertam memórias vivas e nomes famosos da nossa história! Como ambas se identificam homogêneas com a natureza dos seus rios! Aqui, sob o céu ameníssimo de Coimbra, florescem as rosas da caridade da piedosa rainha; além, entrelaçados com a magestade do Tejo, se enramam os louros sempre virentes do santo condestavel. E rosas e louros adornam ainda hoje as paredes dos templos, monumentos firmissimos da piedade antiga!

Como se eleva o espirito e dilata o coração, quando pomos os olhos nos magestosos restos das preteritas grandezas elaustraes! São livros da nossa história essas rui-

nas, porque a architectura é também uma linguagem: as paredes e abobadas d'um templo valem ás vezes uma chronica, as suas columnas e arreados capiteis valem um poema. Santa Clara de Coimbra resume a vida de Santa Isabel, e evoca as piedosas lendas da idade media que matisam a sua história. O Carmo de Lisboa falla de D. Nuno, do cavalleiro da Flor da Rosa e da espada de alfageme, do heroe de Aljubarrota, que tão siugularmente emobrecceu a terra do seu berço:

Ditosa patria que tal filho teve!

D. Nuno Alvares Pereira, o denodado campeão de D. João I, este «varão tão excellentes que na vida deu a

corôa ao rei e depois da morte reis á corôa ¹», foi o fundador do convento do Carmo, em cuja clausura se amortalhou no habito de frade e falleceu a 1 de novembro de 1431 ².

Passados trezentos e quatro annos completos, a 1 de novembro de 1755, o temeroso terremoto que arruinou a cidade de Lisboa, destruiu tambem o convento e desmoronou a egreja, sem respeito pelas cinzas do valeroso condestavel. E quando o braço e influencia do Marquez de Pombal ergueram com extraordinaria energia a cidade da sua queda, estas ruínas ficaram sempre de pé como monumento singular do tremendo cataclysmo.

E ellas ali que se elevam magestosas com as arcarias meio derrocadas, prova manifesta de que este logar se espedaçára ha tempos, abalado por convulsão violenta e vasta ruina:

*Hæc loca vi quondam et vasta convulsa ruina,
Dissiluisse ferunt...*

N'este sitio assentou o meu amigo os seus arraiaes; creou aqui um retiro no bulicio da capital, um Tibur no centro da cidade. Outr'ora na sua formosa aldeia de Ave-lomar correu-lhe ligeira a infancia descuidada, como leve batel em mar de rosas, brilhante como o sol, curta como um sonho d'amor; sua existencia juvenil foi perfume da flôr, perdido no sopro da viração. A sorte jogou-o depois para as terras americanas, e no novo mundo arrastou uma vida nova, ardente como os tropicos, inconstante como as ondas. Hoje descança depois de procellosa tempestade, mas descança doente e fatigado, esgotadas as forças, que pelo mundo lhe ficaram em pedaços repartidas. Restam-lhe apenas duas joias, dois amores, duas domesticidades — a da familia e a das musas. Na primeira tem as joias de que se ufanava Cornelia, na segunda as que adornavam as fronte de Byron e Garrett. Que doce balsamo para as suas dôres physicas, meu amigo!...

Penetremos porém nas ruínas do Carmo; mas antes de fallar do monumento historico, fallar-lhe-hei do seu asylo, que é accessorio indispensavel d'este. O terreno que se estende ao sul das ruínas e com ellas se prende foi arrendado ou aforado pelos frades em 1808. Os foreiros embarracaram tudo de madeira, e fizeram um detestavel acampamento de eiganos ou coisa que o valia. Mais tarde o conselho de saude publica do reino acudiu a este foco de infecção, e conseguim que a camara municipal de Lisboa em 1854 expropriasse por uns 500,000 réis todo o terreno. O conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, que possue na rua Nova do Carmo um excellentes predio, contiguo pelas costas ás ruínas, tomou o terreno de arrendamento á camara para que os inquilinos do quinto andar tivessem por aqui serventia e passagem para o largo do Carmo.

Em 1867 o nosso conhecido poeta Francisco Gomes de Amorim mudou-se para o quinto andar do predio e tomou posse tambem do terreno e serventia. Houve então transformação completa, e a parte inferior unida com as casas foi logo ajardinada e convertida n'uma miniatura de Cintra, com tanquesinhos, repuchos, arvoredos e plantas raras de todas as zonas: um verdadeiro ninho de flôres. A parte superior, que confronta com o publico e que é mais vasta, foi tambem agora preparada, cortada de ruas que imitam os jardins inglezes, e povoada de arvores de fructo e plantas de ornamento.

¹ Fr. Domingos Teixeira, *Vida de D. Nuno Alvares Pereira*, in fine.

² Segundo outra versão dizem que fallecera a 11 de maio de 1432, n'uma terça feira, segunda oitava do Espirito Santo.

Está convertida litteralmente n'uma especie de parque-sinho delicioso, que é um pequeno eden, um oasis de verduras no centro das casarias innumeras da cidade. N'este ameno retiro se agrupam por vezes notabilidades da capital, politicas, litterarias, artisticas e scientificas, em convivencia com o solitario das ruínas; e chamo-lhe solitario, sim, porque os seus padecimentos o prendem dentro de casa em carcere forçado.

Foi por este motivo principalmente, para lhe suavisar a sua prisão involuntaria, que o conselheiro Bartholomeu dos Martyres renovou o arrendamento feito com a camara municipal, e com largo dispendio mandou despejar o terreno das pedras e entulhos que o obstruam, offerecendo-o ao nosso poeta para que o aproveitasse como entendesse. O poeta, que é tambem artista, correspondeu a tão delicada fineza com uma metamorphose maravilhosa, e fez surgir d'aquelle chão ineulto um formoso jardim, emmoldurado nas pittorescas ruínas que o circumdam. Uma elegante gradaria de ferro com seu portão o adorna pelo lado do Carmo.

Quem conheceu aquelle local no seu antigo estado e o visita hoje, fica devéras encantado com as mudanças que n'elle operaram a arte e o bom gosto. Pelas vetustas paredes do velho monumento de Nun'Alvares trepam os jasmims odoriferos e as formosas *bougainvilleas*; aqui as chagas e baunilhas, alli as madre-silvas e muitas outras trepadeiras se enlaçam amorosamente com as ruínas, que parecem gratas ao jardineiro pelo empenho com que procura velar-lhes a nudez vergonhosa.

Vai porém extensa esta carta, desordenada e em desalinho; desculpe-me. Na seguinte lhe darei a historia da egreja em resumo, procurando compendiar o mais possivel quanto lhe diga respeito.

Coimbra, 14 de fevereiro de 1873.

A. A. DA FONSECA PINTO.

OU TUDO OU NADA

«Ou tudo ou nada» era o mote
Da nossa mutua affeição;
Escrevemol-o com lagrimas
No meu, no teu coração.

Por elle arrotei perigos,
Por elle me fui sentar
Na varanda de Pilatos,
A espera de um teu olhar.

As turbas que iam passando
Sorriam vendo-me alli,
E eu soffria-lhes as vaias,
Por que as soffria por ti!

As pedras da tua rua
Gastei-as só por te ver;
Gastaria os proprios olhos
A olhar para ti, mulher.

Que abysmos de dôr aquelles!
Mas que me importava a mim
Perder-me, se um braço amigo
Viria salvar-me alfim?

Lembrava-me o «tudo ou nada»
Da nossa mutua affeição,

Mote que escreveram lagrimas
No meu, no teu coração.

Os ventos rijos da noite,
De dia o sol, o calor,
De nada d'isso eu cuidava
Por cuidar de ti, amor.

As minhas noites... que noites
Tão longas por ti velei!
E os meus sonhos? Ai! que sonhos
Tão curtos por ti sonhei!

A alma chorava-me ás vezes
Sem conhecida razão;
Triste presagio! cubria-se-me
De crepes o coração!

Nuvens negras no futuro
Era o que eu via tão só;
E o presente... Ai! o presente
Via-o desfazer-se em pó!

Visão de louco, — dizia —
Pois quem segura dirá
A realidade de um sonho
Onde firmeza não ha?

E voltava ao «tudo ou nada»
Da nossa mutua affeição,
Mote que escreveram lagrimas
No meu, no teu coração.

E assim zombando de sonhos,
Mais do seu presagiar,
Sem n'elles crer, desejava
Passar a vida a sonhar.

Deus, porém, não quiz que fosse
Eterno o sonho fallaz;
Já na minha alma não vejo
Aquella tranquilla paz.

Ai! negras nuvens d'outr'ora
Quem houvera de dizer
Que vós ereis a mortalha
De um amor que ia a nascer?

Ai! pobre da alma anciosa
Que em seu caminho de luz
Não via além projectar-se
A sombra de erguida cruz!

Ai! coração mal guiado
Por um capricho infeliz,
Que sempre segues teimoso
O que a razão contradiz!

Sombra da minha ventura,
Contigo o «tudo» passou,
Menos o «nada» coitado!
Que esse por meu mal ficou.

E assim aquella divisa
Da nossa mutua affeição
Despareceu para sempre
Do meu, do teu coração!

O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

XIX

Quando chegaram a casa, estavam todos dormindo. O pastor deixou Matheus á porta da sala grande, entrou só na cosinha e voltou no fim de alguns minutos com uma luz.

Um grande abatimento viera substituir-se á agitação do doutor. Seguiu-o assim machinalmente até ao primeiro andar a um quarto de dormir que dava para o jardim do presbyterio.

As ramadas mais altas das arvores agitavam-se brandamente ás janellas. Os lençoes eram de maravilhosa alvura, e os moveis de carvalho, antigos, pareciam dar as boas vindas com ingenua familiaridade.

Mas o illustre philosopho, não deu, na sua dôr, por nenhuma d'estas particularidades, e apenas se sentou soltando um profundo suspiro.

—Vamos, vamos, disse-lhe o pastor, faça por se esquecer d'estas pequenas contrariedades da carreira philosophica. Durma homem, durma bem, e verá amanhã que se acha fresco e bem disposto como se houvesse alcançado a mais decisiva victoria.

Apertou depois a mão a Frantz, pôz um candieiro sobre a meza e desceu tranquillamente para se deitar.

Quando os passos do pastor deixaram de se ouvir e que o silencio mais completo reinou na casa, Matheus, com os cotovellos apoiados sobre a meza e a cabeça entre as mãos, ficou a ver arder a vela vencido por o maior abatimento. Pôde-se dizer que não pensava e todavia estava triste, triste como se o grande Demiurgos o houvesse abandonado.

Pela uma hora ouviu uma criança que chorava na visinhança, e a mãe que procurava socegal-a com voz meiga. Esta voz de eriança, tão fraca e tão suave, e a voz d'aquella mãe mais suave ainda, commoveram o coração do pobre philosopho. Sentiu que uma lagrima lhe cahia pelas faces. Depois a criança socegou e o silencio tornou-se mais completo. Frantz, exausto pelo cansaço, adormeceu encostado á mesa.

Quando acordou, o dia começava a empallidecer os vidros, e a vela lançava um clarão avermelhado do fundo do castiçal. Então todos os acontecimentos d'aquella noite lhe vieram á memoria. Levantou-se e abriu uma janella. Os passaros cantavam já no jardim; alguns trabalhadores com a enchada ás costas passavam conversando pela grade, e as suas vozes, áquella hora da manhã, ouviam-se de muito longe em toda a rua.

As leiteiras da serra, frescas e rosadas, com as suas bilhas de estanho debaixo do braço, descansavam junto dos marcos de pedra, e as criadas de saias curtas, com os braços nus, vinham uma por uma comprar o leite para o almoço.

Toda esta boa gente tinha um ar alegre e sadio que fazia gosto ver.

As criadas demoravam-se a fallar de baptismos, de casamentos, da partida dos que iam ser soldados, d'uma cousa, d'outra.

Ás vezes alguma d'ellas dizia:

—Ih! meu Deus, e o lume que arde ha meia hora!

E o meu pão que se tisa! e eu para aqui a fallar. Bons dias, menina Carlota!

— Bons dias, menina Christina.

E dispersavam-se os grupos, e corriam lamentando não terem podido fallar bastante e promettendo desforrar-se no dia seguinte.

Os logistas abriam as portas e dependuravam nos ganchos as taboetas.

A cada momento apparecia algum novo incidente.

E por entre tudo isto corria o ar da serra, tão vivo, tão puro, que o peito dilatava-se com felicidade e para assim dizer respirava por si.

Frantz, ressurado por este feliz espectáculo, começava a ver o mundo sob um aspecto mais agradável. Chegava já a admirar-se dos seus sustos chimericos, porque enfim, verdade verdade, ninguém podia prohibir-lhe que pregasse uma doutrina fundada sobre a mais elevada moral, sobre a mais sã das logicas.

Por pouco se não resolvessem então a ir-se denunciar ao delegado, a fim de confundir os invejosos. Mas a sua prudencia fez-lhe ver que provavelmente começariam por o prender, deixando para mais tarde o julgamento da doutrina. Esta judiciosa reflexão acalmou consideravelmente o seu enthusiasmo.

— Frantz, disse elle, achas-te possuido de demasiado enthusiasmo philosophico. Era bello de certo soffrer pela immutavel verdade, a perseguição e o martyrio; oh! era até sublime, mas para que serviria isso? Se te prendessem, quem ensinaria ao mundo a anthropo-zoologia? Não seria de certo Coucou Peter, homem de pouca fé e naturalmente inclinado aos gozos da carne. Não, vae-te, é a prudencia que t'ó ordena. Sobre tudo, ó Frantz, desconfia da tua extraordinaria audacia. A verdadeira coragem consiste em domar as proprias paixões.

Depois d'esta sabia ponderação decidiu-se o illustre philosopho a partir para Strasburgo sem perda de um minuto. Pôz para isso o seu grande chapeo e desceu ás apalpadellas para o corredor. Mas como passasse diante de um quarto pequeno debaixo da escada, e hesitasse um pouco sem saber se deveria dirigir-se para a esquerda ou para a direita, sentiu a voz do discipulo perguntar:

— Quem vae ali?

— Sou eu, meu amigo.

— Ah! é o sr. doutor...

E Matheus ouviu o ruido de quem saltava de um leito. Coucou Peter em camisa appareceu á porta.

— A estas horas e já de pé, doutor? perguntou o cantador.

— Não é sem motivo, meu rapaz. Saberás que somos perseguidos. Soube-o hontem no Casino.

— O que? perseguidos? perguntou Coucou Peter, deitando o barrete de algodão para a nuca. Perseguidos por quem?

— Ora, por gendarmes.

— Porque?

— Por termos pregado a nossa doutrina.

— A nossa doutrina!

— Sim, sim, homem, a nossa doutrina.

— Ah! que infames! Está claro querem defender os logares que têm, e que lhes rendem bom dinheiro. Porque se nós fossemos escutados, passaríamos nós a ter os logares e a ganhar o dinheiro.

— E sabe, meu amigo, que nos ameaçam de nos mandarem para as galés.

Coucou Peter abriu muito os olhos e ficou com a boca aberta.

Então numa voz griton do fundo da alcova:

— Foge, Coucou Peter, por amor de Deus, foge!

— Socega, Gredel, socega, disse o cantador. Pobre mulher, coitadinha, como me ama! Vamo-nos embora. As galés! Ora esta! Que infames! Mas para onde iremos agora, mestre?

— Para Strasburgo.

— Pois vamos para Strasburgo. Gredel, depressa, levanta-te e arranja-nos um bom almoço. Mestre, volte para o seu quarto; n'um minuto estarei ás suas ordens.

O illustre philosopho voltou para o seu quarto. Pouco depois Coucou Peter appareceu abotoando os suspensorios.

— Olá, mestre, minha mulher já está na cosinha; eu vou apparellar o Bruno, e antes de passada uma hora estaremos a caminho.

Matheus contou-lhe então por miúdo o que se passára na noite anterior, e Coucou Peter soube com alegria que os procuravam para os lados de Hasbach.

— Bem, bem, ninguém corre atraz de nós; podemos almoçar com socego.

Desceram juntos á cosinha. Gredel estava assando umas costelletas e preparando o café.

Apezar do que o inquietava, o illustre philosopho contemplou com grande praser esta scena matutina.

Gredel, andando d'um lado para o outro, dispondo o lume com muita actividade, voltando as costelletas, fazia-lhe lembrar a boa e velha Martha, que sem duvida a essa mesma hora fazia identicos serviços.

Sentou-se assim pensativo defronte da lareira e Coucou Peter foi dar a razão a Bruno.

O dia enchia então de reflexos azulados a cosinha, o fogo crepitava, milhares de faiscas saltavam sobre os ferros negros do fogão, e Matheus olhava para tudo com um ar grave pensando no Grauffthal.

Passado um quarto de hora, Coucou Peter voltou e participou que Bruno comia a sua medida de aveia com visível satisfação. Depois voltou-se para a mulher e disse:

— Gredel, dá-me a faca mais bem afiada que tiveres.

— Para que? perguntou ella.

— Vaes ver, vaes já ver.

E com a faca na mão subiu á chaminé, pegou n'um chouriço da grossura do seu braço, cortou-o pelo meio, fez o mesino a um prezunto, e contentissimo:

— Mestre, se tivermos de andar pelos mattos muito tempo, protesto-lhe que não havemos de comer só bolotas, como os devotos de Santo Antonio.

— Também quando tu morreres de fome! disse Gredel, é porque nem já tens os calções para empenhar.

— Como tu me conheces, Gredel, como tu me conheces bem! disse o cantador abraçando-a. E saiu para guardar nos alforges as suas provisões.

— Então é verdade, sr. doutor, disse Gredel, que vae nomeal-o rabino da peregrinação das almas? É porque elle contou-me tanta coisa, tanta coisa, que me custa a aereditar.

— É verdade, é, minha filha, disse Matheus; o seu marido, apezar do seu genio alegre e leviano, tem um bom coração. Estimo-o por isso, e ha de me succeder no governo das almas.

— Tem um bom coração, sr. doutor, disse ella, isso tem; mas é tão doído, e tem-me dado tantos desgostos. Que eu confesso, apezar d'isso, que não posso deixar de o amar; porque elle tem boas qualidades, tem.

— Bem, bem, minha filha, disse Matheus sensibilizado pelo ar ingenno de Gredel. Coucou Peter ha de ser digno de si. Ha de fallar-se d'elle por todos os seculos dos seculos.

Gredel toda vaidosa pelo que lhe dissera Matheus correu a pôr a mesa, e Coucou Peter que tornára a en-



TENIERS E A FAMILIA.

Editores Richard & Sonnard Lisboa



trar poz-se a fazer com fatias de pão com manteiga, café e costeletas um excellente almoço, por modo que o pastor, sentindo o ruido dos copos, appareceu em mangas de camisa, e deu uma grande gargalhada quando viu os seus convivas á mesa.

— Ainda bem! ainda bem! vejo que está mais consolado.

Frantz participou-lhe que ia partir.

— Pois meu caro amigo, disse o pastor, sentando-se; apezar do prazer que teria em o conservar na minha companhia, julgo que é prudente essa sua resolução. Um bello dia Kitzig descobria-o aqui, e apezar da amizade que me tem não o poderia livrar de passar um mau bocado. Posto isto, bebamos uma pinga. Gredel! aqui tens a chave da frisqueira; vae busear uma garrafa de Wolxheim.

— Vou já, sr. pastor.

E todos beberam e comeram com excellente appetite.

Frantz sentiu pena de deixar tão boa gente. Quando foram oito horas tiveram enfim de separar-se.

Matheus abraçou o pastor. Coucou Peter abraçou sua mulher, que derramou abundantes lagrimas sobre o seu detestavel marido. Acompanharam-nos assim até ao pateo onde Bruno esperava os viajantes.

Já Matheus estava montado e ainda o pastor Schweizer lhe apertava com força as mãos, sem que Gredel podesse despendurar-se do pescoço de Coucou Peter.

Partiram por fim no meio das bençãos e dos adeus de toda a familia.

XX

O doutor Frantz e o seu discipulo atravessaram a cidade. As casas pequenas e espalhadas pela encosta, succediam-se umas ás outras rodeadas de terras, com as officinas de lavoura, os curraes, a varanda de pau onde se põe a roupa a enxugar, as creanças bochechudas que pedem esmola a quem passa, e as velhas curiosas que se estendem pelas janellas acenando com a cabeça. Um quarto de hora depois estavam no campo, respirando o ar livre, galopando por entre duas linhas de nogueiras que se prolongavam até muito longe, ouvindo o canto dos passaros, e pensando ainda no bom pastor Schweizer, que tão bem os havia recebido, e na boa e meiga Gredel que tanto chorára vendo-os partir.

Quando os telhados ennegrecidos de Saverne e a velha torre quadrada da igreja desapareceram por detrás da serra, Coucou Peter saiu enfim da profunda e vaga meditação em que ia, tossiu duas ou tres vezes, e elevando a voz, entoou com um ar grave a antiga ballada do conde de Geroldsek, e cantou o anão amarello que estava de vigia no mais alto das torres, e o libertamento da formosa Teba, captiva no Alto-Barr.

Sentia-se na voz de Coucou Peter o que quer que fosse de melancolico, porque elle ia pensando na sua Gredel.

Bruno caminhava a compasso de musica. Matheus, que ouvia aquelle antigo canto, sentia no espirito confusamente vagas recordações.

Na ultima estrophe Coucou Peter tomou o folego e disse:

— Que boa vida levavam os taes condes de Geroldsek! Correr pelas serras, roubar as mulheres, bater nos maridos, beber, cantar, festa e mais festa, desde manhã até á noite. Deus do céo! nem o rei lhes chegava aos calcanhares!

— Não ha duvida que os condes de Geroldsek eram nobres e grandes senhores, disse Matheus. Os seus dominios estendiam-se do condado de Barr ao Senegau e do

Mundat inferior até ao Bassigny no Champagne. As joias mais ricas, as armas mais bellas, as tapeçarias mais opulentas adornavam os seus sumptuosos palacios da Alsacia e Lorena; os vinhos mais preciosos enchiam as suas adegas, e numerosos cavalleiros caminhavam sob suas bandeiras. Nos seus palacios havia muitos nobres e muitos criados a seu serviço, e alguns frades tambem que elles sobretodos estimavam. Infelizmente, em vez de praticarem as virtudes anthropo-zoologicas, estas nobres pessoas roubavam os viajantes nas estradas, a ponto que o Ser dos seres, farto das suas rapinas, os fez descer até aos animaes.

— E a mim afigura-se-me ser eu um d'esses bons frades de que fallou. Não se me dava, com effeito, de ter sido um d'esses bons frades! Hei de certificar-me do caso em passando por Geroldsek.

— Como queres tu certificar-te d'isso?

— É que subindo ao castello, se eu fór um dos taes frades, irei mesmo sem guia ter á adega.

Matheus lamentou as tendencias sensuacs do discipulo, mas riu do seu bom humor.

— Ninguem póde ser perfeito — pensava elle — o pobre Coucou Peter só pensa em satisfazer os seus desejos physicos, mas é realmente tão bom rapaz, que o grande Demiurgos não lhe póde querer mal.

E o illustre philosopho abanava a cabeça como quem diz:

— Ha de ser sempre o mesmo!

Era conversando d'este modo que os dois caminhavam tranquillamente por entre as nogueiras.

Havia uma hora que o sol alto e o grande calor os obrigára a tomar o outro lado da estrada para receberem a sombra das arvores.

Até onde a vista podia estender-se, apenas se descobria n'aquella grande planicie da Alsacia a ondulação dos centeaes, dos trigos e das aveias, e as baforadas quentes da brisa traziam de longe o perfume dos fenos cortados. Sem querer, era-se obrigado a olhar para o lado do Mossig que corria debaixo da sombra espessa dos velhos salgueiros que molhavam a sua longa cabelleira na agua, e a pensar na felicidade de mergulhar n'estas ondas vivas e limpidas.

Pelo meio dia, Frantz Matheus e o seu discipulo pararam junto d'uma fonte cercada de alamos, perto da estrada. Tiraram a sella a Bruno, e Coucou Peter poz na agua a esfriar a sua borracha de Wolxheim. Tirou depois as provisões dos alforges, e estendeu-se junto do seu illustre mestre, entre dois regos de aveia que os occultavam completamente dos ardores do sol. É uma sensação deliciosa, depois do cansaço e da poeira dos caminhos, descansar á sombra, ouvir a agua correr por entre as hervas, observar os milhares de insectos que pousam sobre a nossa cabeça em turbilhões alegres, e sentir as espigas amarellas como o ouro estremecer em volta.

Bruno pastava na borda d'um talude. Coucou Peter agitava-se, movia-se com a maior satisfação, dava estallos com a lingua, e de vez em quando passava a borracha a Matheus que todavia, pelo calor que fazia, preferia ao melhor dos vinhos a agua pura da fonte.

Por fim, quando o alegre cantor terminou a sua refeição, fecho a navalha, e disse:

— Mestre, tudo vae ás mil maravilhas. É evidente que o grande Demiurgos nos protege. É evidentissimo. Estamos já longe de Saverne, e quero que me inforquem se o tal delegado fór agora capaz de nos pôr a vista em cima. Bebamos pois, e a caminho. Se chegarmos tarde, achámos as portas fechadas.

Dizendo, isto arranjou os alforges, deu as redeas a

Matheus, e depois d'este cavalgar Bruno recommencaram a sua jornada cheios de coragem e de confiança.

Passára o maior calor: a sombra dos altos proximos começava a estender-se sobre a estrada, e a brisa do Rheno vinha refrescar o ar.

Mas a cada povoação Coucou Peter se lembrava que ainda lhe restavam seis francos dos trinta que The-reza lhe dera, e fazia uma estação na garrafeira mais proxima. Em toda a parte encontrava conhecimentos e pretexto para offerecer ou aceitar alguma garrafa. Por mais que n'estes momentos pedisse ao mestre para entrar, este, prevendo que d'esta maneira nunca chegariam ao seu destino, conservava-se a cavallo diante da porta no meio de um grande circulo de aldeãos que o vinham ver. Quando muito aceitava um copo pela janella com o qual se associava aos numerosos amigos do seu discípulo.

Pela tardinha, enfim, viram a antiga cidade de Strasburgo.

Havia nos sitios por onde passavam grande animação. A cada passo se encontravam carroagens, carrocciros que puchavam os cavallo pelas redeas, empregados da alfandega com a sua vara de ferro sondando os fardos, diligencias cheias de recrutas. No horisonte appareciam muitas luzes que se multiplicavam nas ondas escuras do Ill. Mas quando passaram a ponte, e a casa da guarda rumorosa da barreira, as guardas avangadas, quando penetraram na cidade e viram as casas antigas com as frentes decrepitas e arruinadas, milhares de janellas reflectindo a luz dos candieiros, as lojas de sedas, de doces, de livros illuminadas, com os lados das portas cheios de fazendas, e as ruas estreitas e tortuosas perdendo-se na sombra, que de longinquas recordações, que de pensamentos enternecedores assaltaram a memoria do doutor! Fôra alli que passara os melhores annos da sua mocidade. Via-se perto a cervejaria Heron, onde todas as noites ao sair do amphitheatro, elle vinha fumar o seu cachimbo e tomar uma caneca de cerveja com Ludwig, Bastian, Conrad, e muitos outros companheiros. Era alli que o *Seignor* discursava no meio dos *Burchen* seus subditos, e que as ereadas alegres e moças corriam em volta d'elles, rindo com um ou correspondendo ao olhar de outro. Oh! dias formosos e queridos, como estaes já tão distantes! Que é feito de vós Conrad, Wilhelm, Ludwig, corajosos bebedores? Que é feito de vós ha quarenta annos! E vós Gretchen, Rosa, Carlota, que é feito tambem de vós? Tão novas, tão graciosas, tão ligeiras, quando provocaveis o pobre Frantz, que estava sempre sentado na quina da mesa, grave, silencioso, fumando com tranquillidade, bebendo a pequenos tragos com os olhos no tecto a scismar talvez, nas sublimes descobertas anthropo-zoologicas! Para onde fugistes mocidade, graça, belleza, despreoccupações, esperanza illimitada?... Estaes longe, muito longe! Pobre Matheus! e tu fazes-te velho, o teu cabello embranquece, e é apenas o teu systema o que ainda te sustenta!

Tudo isto pensava o pobre philosopho, e o coração pulsava-lhe com força, e a gente que passava, as carroagens, as lojas, os edificios succediam-se uns aos outros sem o poderem distrahir das snas recordações.

As vezes, o aspecto dos logares distrahia-os um pouco das meditações melancolicas. Alli ao pé da alfandega, logo por baixo do telhado d'aquella casa alta que se reflecte no Ill e d'onde se vêem passar os barcos, era a sua mansarda onde havia aquella mesa pequena de abeto, suja de tinta, e no fundo da aleoia a cama coberta com cortinas azues... e onde elle proprio, Frantz Matheus, ainda moço, com os dois cotovellos apoiados

sobre um velho in-folio aberto ao pé da luz, estudava os principios do sabio Paracelso que colloca a alma no estomago, do illustre Borden que a dispersa por todos os orgãos, do profundo La Caze que a fixa no centro muscuroso do diaphragma, do judicioso Ernesto Platner que a faz sugar da atmospheria pelos pulmões, do sublime Descartes que a encerra na glandula pineal, de todos os grandes mestres enfim do pensamento humano! E revia ainda tudo isto, e sorria com um sorriso ingenuo, por que enfim depois d'esse tempo que de conhecimentos preciosos, que de sabios descobrimentos se não haviam accumulado no seu espirito!...

— É que, pensava elle, se o corpo se gasta e enfraquece, a intelligencia desenvolve-se todos os dias: eterna mocidade da alma, que sem envelhecer se completa nas suas transformações successivas.

Um pouco mais longe ainda, era a casa da boa e innocente Luiza, que fiava com o seu ar casto e sereno, enquanto Matheus sentado aos seus pés sobre um banco, a contemplava horas e horas, murmurando: Amas-me Luiza? ao que ella sempre respondia: Bem sabes que te amo Frantz.

Oh! dôces e suaves recordações! E tudo isto não é agora mais que um sonho!

E o bom do doutor deixava-se levar pelo encanto d'estes ingenuos pensamentos — e parecia-lhe ouvir ainda a roda de fiar de Luiza rumorejar no meio do silencio, quando a voz de Coucou-Peter lhe veio dissipar encantadas illusões.

— Então, mestre, onde vamos?

— Vamos onde o dever nos chama, respondeu Matheus.

— Pois sim, mas onde?

— Onde fôr mais propicio á propagação da nossa doutrina.

Haviam a esse tempo chegado ao pé das arcadas. Pararam debaixo de um candieiro.

— Tem fome, mestre? perguntou Coucou-Peter.

-- Alguma.

— Tal qual como eu, disse o discípulo coçando nas orelhas. O grande Demiurgos devia mandar-nos pelo menos sopa.

(Continua)

B.

TENIERS E A FAMILIA



EM sempre as cidades commerciaes viveram unicamente do mercantilismo, antes pelo contrario muitas d'ellas têm sido berço de nobres artes.

Navegadora e commerciante foi Veneza, e os palacios que se reflectem magestosos nos mil canaes do Adriatico revelam ao viajante o genio artistico d'aquelle povo de gondoleiros. E, se entrades a dentro dos palacios, vereis as galerias preciosas, que attestam a existencia de uma escola de pintores notavel em todo o mundo.

Similhante a Veneza, similhante a outras cidades

italianas, Anvers pôde escrever nos seus fastos, a par das tradições marítimas e commerciaes, as tradições immoredouras d'uma serie brilhante de pintores. Aqui nasceu Teniers, o moço, aqui desabrochou e floresceu o seu grande talento aquecido muitas vezes ao sol refulgente do auctor da *Descida da Cruz*, de Rubens, o preceptor maximo da escola flamenga.

Teniers não tem a invenção ardente de Rubens; o seu pincel não tem o vigor epico do grande mestre, mas a sua imaginação é igualmente fecunda, o seu espirito reparte-se assombrosamente por todos os assumptos, e a sua palleta infatigavel bastára para encher a maior das galerias. O numero dos seus quadros é assombroso.

Uma cousa notavel se observa no trabalho de Teniers. Reproduziu muitos quadros, foi copista, e no entanto as suas copias têm uma individualidade que facilmente se destaca do fundo da tela. A sua *maneira* é tão distincta, é tão particular o seu *estyllo*, que reconheceis o mestre na mais insignificante minudencia, na pintura d'um cachimbo por exemplo.

Sem o presentir talvez, Teniers era um revolucionario. O seu pincel era uma espada, cada um dos seus quadros um campo de batalha, d'onde saía victoriosa a idéa da independencia, a idéa da nacionalidade, a idéa da patria. Cada uma das suas scenas da vida flamenga era um protesto contra a violencia do dominio estrangeiro. Elle não era, é verdade, dos escravos, elle tinha a amizade das côrtes e dos soberanos, elle via levantar-lhe os pinceis esse aventureoso príncipe que se chamava D. João d'Austria; mas, no meio da opulencia, no esplendor dos saraus, as recordações da sua mocidade pobre haviam de prepassar-lhe no espirito, e a voz do povo do povo que elle nunca renegou nas suas fidalguias d'artista, havia de lhe despertar a idéa da independencia, essa idéa que nunca se apaga nos corações, por mais que se tenham affeiçoado ao prazer, por mais que tenham adormecido no luxo.

Porque é preciso notar que a individualidade d'um povo não está na energia physica, mas principalmente na energia moral, nas suas creações artisticas, litterarias e scientificas. A Grecia não se levanta na espada de Alexandre, mas tem a sua estatua sobre o Parthenon. Quando não pudesse viver encarnada na Venus de Praxiteles ou no marmore dos seus formosos deuses, remogaria hora a hora nas paginas sempre vivas da Iliada ou da Odysseia. O seu gosto artistico lá existe nos templos de que ainda restam algumas columnas de pé. Quando lhe não bastassem Homero e Pindaro e tantos outros, o seu genio litterario resuscitaria das tragedias em ruínas d'Eschylo, o creador sublime de Prometheu. A sua inspiração scientifica resoa nas paginas d'Aristoteles, o grande encyclopedista, assim como o seu espirito religioso se revela em Socrates e Platão, os percursos talvez das doutrinas do Golgotha.

A Italia de ha muito que vivia unida e não fôra mister o genio de Cavour para dar uma patria commun a Petrarca, a Dante, a Bellini, a Raphael, a Leonardo de Vinci, a Mazzini, a Spallanzani, a Volta, a Galvani, a Beccaria, a Vico, a Rossi, a Colombo, a Secchi, a Macchiavello, a Metastasio, a todos estes illustres representantes do bello e da verdade, do direito e da justiça, a toda esta raça de creadores, a toda esta galeria de poetas, de pintores, de architectos, de naturalistas, de politicos, de physicos, de astronomicos e navegadores. Esmagada pela Austria, vencida e retalhada pelo estrangeiro, dominada pela theocracia e pelo absolutismo, ella está sempre de pé, porque ninguem lhe comprime o genio que a natureza lhe vasou no seio, porque

ella não vive sómente da tradição do velho imperio, nem a sua cabeça está vazia como os velhos tumulos da Roma cesarea ou cheia de sombras como as catacumbas dos primeiros discipulos dos apostolos.

O que se pôde dizer da Italia e da Grecia, affirmase igualmente da Allemanha e de outros paizes. A Flandres está n'este caso. Teve sempre em si um grande principio de vitalidade, um grande amor á autonomia. Teniers é um bom flamengo, é o Henri Conscience do seu seculo. Talvez o grande romancista se inspirasse nos quadros de Teniers; o que é certo é que ambos, em terreno differente, seguiram os mesmos processos, ambos beberam na mesma fonte, ambos desceram o seu olhar de sympathia ao seio das massas populares. Ha uma cadeia que liga estes dois grandes talentos. Henri Conscience era tão cioso das tradições locais e patrioticas, que escreveu os seus romances no dialecto peculiar áquellas provincias; desprezou o idioma de Goethe e o de Voltaire, sem que por isso lhe faltasse a popularidade universal. Os personagens de Teniers não podiam deixar de fallar a linguagem commun da pintura, mas não perderam o *patois*; conhece-se immediatamente a sua naturalidade, assim como os romanos conheciam os *barbaros* que lhes entravam os muros, embora fossem educados em todas as subtilezas da linguagem de Virgilio. Aquelles rostos, aquelles vestuarios, aquelles horisontes, aquelles accessorios, tudo revela a procedencia. Teniers tinha a bonhomia flamenga; nos seus quadros respira-se a alegria por vezes maliciosa. As suas *kermess* são um verdadeiro typo.

Teniers nasceu em 1610 e quasi alcançou o seculo, pois morreu em 1694. Seu pae era igualmente pintor, mas a reputação do filho excedeu muito a nomeada paterna, de maneira que o filho foi a maior gloria do pae. Ao principio viveu na pobreza, chegando uma vez, segundo resa a tradição, a pagar um almogo com um improviso magnifico. A fortuna porém sorriu-lhe cedo e elle viveu que nem o mais lustroso fidalgo no seu castello das tres torres, entre Anvers e Malines.

Raras vezes caminham a par a gloria e a felicidade. Teniers encontrou-as no mesmo caminho e os louros da immortalidade vigaram-lhe no metal amodado com que lhe pagavam os quadros. Na vida faustosa, nunca deixou todavia em repouso os seus pinceis; tinha a febre do trabalho e da arte.

Se quereis conhecer pessoalmente o artista, ahí o tendes retratado por si proprio no quadro que representa a gravura e que se conserva no museu de Berlim. É uma scena da vida íntima. Ahí está desenhada a formosissima residencia. É a beira d'um lago, onde se espelham os arvoredos da quinta e as construcções acastelladas. Tudo isto é impregnado de poesia. Teniers, como Leonardo de Vinci, como Miguel Angelo, como Salvator Rosa, não revela o seu grande talento debaixo d'uma unica feição. É tambem musico. Enquanto tira as harmonias do seu violoncello, enquanto se escuta a si proprio e se escuta com certa voluptuosidade, como se lhe vê no rosto, quem sabe se lhe perpassam diante dos olhos, a par com as ondas sonoras, as ondas coloridas d'um quadro que principia a debuxar-se no seu pensamento?

Atraz d'elle, em pé, está o filho soltando a voz quasi infantil, porque bem se lhe reconhece a frescura da idade. Ao lado, encostada a uma pequena mesa, sustentando nas mãos um livro de musica, com o seio coberto de preciosas rendas de Malines, a esposa do artista, uma physionomia serena e meiga, cheia de belleza insinuante, despida da sensualidade das virgens d'alguns pintores, um modelo de mãe, enfim.

Mais distante um pagem está na posição de quem vai encher a pequena taça que sustenta na mão esquerda com o vaso que lhe pende da mão direita. Encostado à porta que deita sobre o jardim, está um individuo deliciando-se na musica e como que receando ser visto dos concertistas. É o modorno, segundo alguém que descreve o quadro.

A arte no seio da familia! o que ha de mais nobre

no que ha de mais santo! Mas como se o espirito humano vivesse n'um constante paradoxo, como se para antepôr a esta harmonia fosse necessario um contraste frisante, lá está, encimado no muro do parque, um macaco, espectador enlevado, dando ao quadro um tom malicioso, revelando a philosophia humoristica do artista.

SOUZA VITERBO.



UMA PAIZAGEM

(DESENHO DO SR. ISAIAS NEWTON, GRAVURA DO SR. LEOTTE)

É amena e aprazível a paizagem que representa a nossa gravura. Devida ao lapis de um artista conhecido — o sr. Isaias Newton — representa um fragmento do campo dos arrabaldes de Lisboa, onde a vegetação é vigorosa e frondente.

O sr. Isaias Newton, bastante estimado como pintor de paizagens, vê bem o natural e copia-o com a aptidão adquirida pelo estudo e pela pratica.

Nota-se porém, em quasi todos os seus quadros, demasiada fidelidade na reproducção dos pontos de vista escolhidos. A arte não pode nem deve limitar-se a copiar integralmente o que se apresenta aos olhos do artista. Este é obrigado a sujeitar o assumpto que pretende tratar, a certas e determinadas regras, idealizando-o quanto possível, sem contudo lhe tirar a verdade.

Se, no theatro, o auctor dramatico expuzer as scenas communs da vida tal qual succedem e se observam no trato domestico, não passará de apresentar um painel

frouxissimo, que apenas aleçará pela vulgaridade e deformidade artistica os apupos dos ouvintes.

Convém, pois, estudar e imitar a natureza como base essencial para todas as producções artisticas; é mister porém saber interpretal-a, para que não sejamos escravos dos seus caprichos por vezes menos bellos e até absurdos.

Se, todavia, nas paizagens do sr. Isaias se podem apontar defeitos d'esta ordem, prinam ellas quasi sempre por qualidades artisticas muito apreciaveis, quaes são — boa escolha dos pontos de vista, colorido agradável e toque firme e seguro.

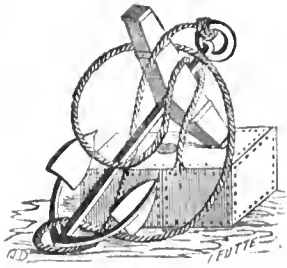
Folgamos em dar publicidade a este trabalho, tanto mais quanto, sendo a gravura de artista tambem portuguez, temos juntamente occasião de apresentar uma amostra do talento de dois artistas nacionaes.

RANGEL DE LIMA.



A CURIOSA

A CURIOSA



iz Alibert, na *Physiologia das paixões*, que a curiosidade é o primeiro attributo do systema sensível, a primeira faculdade activa do nosso entendimento, e addiciona, que as creanças são curiosas em extremo.

A da gravura que temos presente é muito natural que nuncalhesse as ponderações do moralista. O que faz é confirmal-as, — e já não é pouco.

Levantou-se muito cedo, — isto por uma ante-manhã de julho, em que as pedras ainda estão quentes do sol da vespera, e os montes e os campos e a natureza toda acordam risinhos e enlevados no eco, como dois noivos adolescentes.

A mãe perguntou-lhe, vendo-a saltar da cama, levida e com a saiazinha sobre a camisa:

— «Onde é que tu vaes, rapariga?»

— «Ao quintal, vêr se apanho uma pouca d'herva para o ruço.»

— «Sempre és bem cuidadosa; — olha o animal não morresse de fome por mais uma hora. Mandasse-te eu pegar d'agulha, que talvez os lençoes fossem de grude!»

A pequena faz que não ouve, ata os cabellos como pôde, e sac pela porta da cosinha, — uma porta que deita para o quintalejo, — que é um pedaço de terra tratado de horta, com sua parreira de bons cachos ferraes, e duas arvoretas de carogo.

Ha de ter dez annos, a regular pela estatura. É seccasinha de fórmãs, nervuda, mas sã como um pero. Vac descalça á fonte, volta de lá com o seu cantaro á cabeça, gorgendo quasi sempre, chama-se Maria por ser afillhada d'uma Nossa Senhora de grande devoção que ha na parochia da aldeia, — o que não faz impedimento a que seja uma endiabrada.

Pudera ser uma santa!...

Com todos aquelles espiritos da meninice a cachoarem-lhe por dentro, — e depois nenhuns cuidados, nenhuma tristeza, a não serem as que chegam ao caír da tarde, quando a mãe a recolhe, á maneira de gallinha que estende as azas aos pintainhos.

Pois n'essa manhã tinha-se ella levantado muito cedo, e fôra colher a sua braçada para contentamento do ruço. O verde folga n'aquelle torião que é um gosto em fre-cura, — e os dedos da pequerrucha não lhe dão longos descangos. Boa dona de casa em principio, — afôra o que diz a mãe, que para essa não ha outro démo no mundo.

Eu estou a rever-me n'ella, encarapitada ao muro, e acodem-me insensivelmente aos labios aquelles dois versos de Delille:

— «*Mais quel sage peut voir sans un attrait flatter
La vie encore naissante et l'homme encore en fleur!*» —

Porque artes se esqueceu da arribana e dos almeirões viçosos, e foi pôr-se alli a espreitar, dependurada e com o pescoço estendido, como o de um cysne ao pavonear-se nas aguas?

É que estando a amarrar a pavêa sentira vozes na azinhaga, — um chalrear de ceifões, — e desconfiara que outras tambem por lá soavam, — mais finas, mais finas!...

Largou cut o a obra, galgou sobre o fundo d'um cesto, e estendeu-se muito, — quanto pôde, — para bispar o farrancho, que ia de gadanha ao hombro e com o desenfado na alma.

— «Olha, aquella é a Gertrudes» — disse ella quasi em segredo á beira do muro, — attentando n'uma raparigota dos seus dezeseis, que ia foliando... ao que parecia com alguém que a conhecera na esfolhada.

Depois desceu, a curiosa, e foi-se a apanhar a herva, — mas scismando, scismando, em qué não sei, — mas como ia descalça, talvez no arranhão d'alguma silva!

Eis o que deu assumpto a este singelissimo quadro de Passini. É uma eclogasinha, um idyllio, antes um madrigal. — uma cousa de pouca monta, que nada possui do grandioso de Chenavard ou de Cornelius, que foge á discussão como uma borboleta se nos escapa dos dedos, — mas que faz pensar no que quer que seja de bom, e de casto, e de innocente, — nas manhãs sem nuvens, nos corações sem pezares, na mocidade florida como os campos, e nos campos tão lindos como ella!...

E. A. VIDAL.



Primeiras provas das gravuras da celebre edição dos *Lusiadas* mandada fazer pelo Morgado de Matheus



o leilão de E. Gauthier em Paris foi comprada para o sr. José Gregorio da Silva Barbosa, distincto amador de bellas-artes, a colleção das primeiras provas das gravuras que fazem parto da edição dos *Lusiadas*, conhecida pela do Morgado de Matheus.

Esta preciosa colleção parece ser a mesma a que se refere o sr. Imocencio no seu *Diccionario Bibliographico*, tomo 5.º, pag. 263, e a qual pertenceu ao commendador Francisco José Maria de Brito, fallecido em Paris no anno de 1826.

A colleção compõe-se de 24 estampas, sendo 12 gravuras a agua forte e 12 a talho doce. É sabido que as primeiras provas das gravuras teem sempre valor muito superior ás demais, não só porque são mais vigorosas e nitidas, mas porque são raras.

Acompanhando as gravuras, recebeu o sr. Barbosa uma biographia com o retrato do poeta, escripta em francez, extrahida do *Atlas historique* de A. Le Sage e do *Atlas de littérature, des sciences et des beaux-arts*.

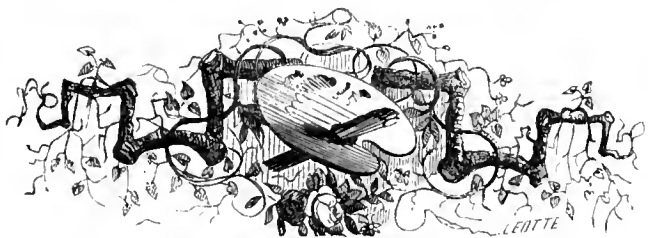
Ninguem ignora que da edição do Morgado de Matheus se tiraram apenas 210 exemplares, que custaram 51:152,40 francos, exemplares que foram distribuidos pelas principaes bibliothecas do mundo, pelos soberanos e por alguns amigos do morgado. O illustre fidalgo, querendo levantar ao seu paiz e ao primeiro poeta portuguez um monumento digno de ambos, não regateou despezas e por isso procurou os mais distinctos artistas da epoca para illustrarem a obra que emprenhendeu.

Foram quatro os desenhadores, Gérard, Fragonard, Visconti e Desenne; trabalhando os tres ultimos, bem como os gravadores, sob a direcção de Gérard.

Pôde vêr-se a curiosa nota das despesas d'esta edição, bem como a lista da distribuição d'ella, a pag. 378 e seguintes do tomo 1.º das *Obras de Luiz de Camões*, edição do sr. visconde de Juromenha.

As gravuras vem todas descriptas no *Diccionario* do sr. Innocencio, tomo 5.º, pag. 262.

Entre muitas opinões favoraveis que se tem emitido acerca da magnifica edição do Morgado do Mathens, transcrevemos, por ser uma das mais honrosas, a do Instituto de França, publicada no *Essai sur les beaux-arts, et particulièrement sur le Salon de 1817*, par E. F. A. M. Miel, Paris 1817 e 1818: «*La préface, la vie du poëte et les notes à la fin de l'ouvrage sont de M. de Souza. On y trouve une critique saine des recherches précieuses, et beaucoup d'observations bien méditées, dont le style noble et pur est l'expression fidèle du caractère et de l'âme de l'écrivain. Ce travail, que M. de Souza a consacré à l'honneur du poëte, son compatriote, et à l'avantage de la littérature de son pays, devient des aujourd'hui, par la communication vraiment libérale qu'il en a faite à toutes les nations du monde civilisé, un monument plus glorieux, plus utile et plus durable que ceux mêmes que l'on peut ériger avec le marbre et le bronze.*»



CHRONICA DO MEZ



ão ainda os theatros e os livros que me fornecem o principal assumpto para esta resenha.

Antes do folião carnavalesco invadir os proscenios, as salas e as ruas, agitando os seus atoadores cascaveis — reclamo infallivel para os que desejam e podem recrear-se — deram os principaes theatros de Lisboa alguns notaveis, de que é mister fazer menção.

A *Indiana*, drama n'um acto, em verso, original do sr. Thomaz Ribeiro, e *Pedro-Rai-ro*, comedia em tres actos, traduzida com muita graça pelo sr. Julio Cesar Machado, foram as peças novas que subiram á scena no theatro de D. Maria II, em a noite do beneficio da actriz Emilia Adelaide.

É bem conhecido o nome d'esta distinctissima actriz, tanto em Portugal, como no Brasil. Possuidora de excellentes dotes para a scena, favorecida por brillante talento dramatico e coadjuvada por força de animo bastante para luctar, até vencer, com os dillicéis obstaculos que surgem a cada passo na carreira trabalhosa que escolheu, Emilia Adelaide conseguiu, em pouco tempo, ser uma das mais notaveis actrices que pisam a scena portugueza. Não maravilha, portanto, que os seus admiradores — que são todos os que presam a arte de representar bem — lhe confirmem sempre, mas com mais fervor e enthusiasmo em a noite de seu beneficio, as homenagens devidas a artistas superiores.

A *Indiana* é uma preciosa miniatura, representando costu-

mes orientaes. Todo o quadro respira suavissima poesia e está tratado por mão de mestre; mas sendo, como todas as miniaturas, mais proprio para examinar-se de perto, não produz o effeito theatral que seria para desejar, collocado a distancia em que as pinceladas largas e francas da scenographia, dão melhor resultado do que o acabamento completo e minucioso da pintura para emoldurar.

Pedro-rairo é uma comedia escripta e representada em França ha muitos annos, participando por isso de todos os pros e contras do theatro antigo. Tem mais enredo do que muitas peças modernas de maior vulto, mas carece de originalidade para a epoca presente. A acção passase em tres epochas diversas, o que proporciona aos principaes actores a creação de typos salientissimos. Conberam esses papeis á actriz Emilia Adelaide e ao actor Santos, que satisfizeram em todas as scenas aos mais exigentes, tornando-se a actriz duplamente notavel, porque no primeiro acto representa, e bem, n'um genero inteiramente opposto á sua indole artistica. Ao actor Antonio Pedro tambem coube n'esta peça um bom papel, que elle engrandeceu com o seu admiravel talento comico, merecendo por isso geraes elogios.

O actor João Rosa realison durante este mez, no Gymnasio, o seu beneficio.

Este artista é, no seu genero, um dos mais estimados do nosso theatro. Representa com muita paixão e ardor papeis de galã, dando sempre justa interpretação ao personagem que lhe compete reproduzir. No drama que escolheu para seu beneficio mostrou mais uma vez as suas posses artisticas, tirando grande partido de um papel que faz parte do repertorio dos grandes mestres.

O drama intitula-se — *O mulato*, foi traduzido pelo sr. E. Biester de uma peça italiana e só se recommenda por ter papeis escriptos expressamente para um actor e uma actriz ostentarem os seus dotes artisticos. N'um mostrou o sr. João Rosa, como já disse, que possui recursos bastantes para representar bem os papeis mais valiosos, no outro revelou a actriz Maria das Dores que o seu talento lhe faculta o poder executar convenientemente trabalhos dramaticos preparados de proposito para artistas excepcionaes.

Tambem n'esta noite se representou uma comedia nova, original, em um acto, denominada — *Por força*, na qual fez a sua estreia como auctor dramatico, o sr. Maximiliano de Azevedo. Não tem grande enredo a primeira composição do novel auctor, mas prima pela viveza e graça do dialogo, qualidades que so devidamente apreciam os que lhe conhecem a dilliculdade. O publico applaudiu muito a comedia e os interpretes.

A opera burlesca — *As cem donzellas*, musica de Lecocq, traducção do sr. Fimes, e a comedia em um acto de H. Meillac e Halexv — *As campainhas*, traduzida pelo sr. Pinheiro Chagas, formaram o espectáculo do beneficio do actor Leoni, effectuado no theatro da Trindade.

Em muitas peças tem o sr. Leoni revelado os dotes de intelligencia que o recommendam como actor. Os seus melhores papeis são os de galã comico, em que patenteia sem esforço as suas principaes qualidades artisticas, quaes são — esmero e correccão no dizer, vivacidade e graça na gestienção.

As cem donzellas, como todas as peças burlescas, é um grupo de scenas mais ou menos absurdas, cujo principal merito consiste em entreter o publico durante duas horas. A musica tem alguns trechos bonitos e originaes, sendo os mais notaveis a walsa, o galope e o quarteto do terceiro acto.

Bem diversa d'esta peça é a comedia — *As campainhas*, na qual ha scenas bem imaginadas e dispostas, dialogo espirituoso e interpretação adequada.

Durante o carnaval a peça mais notavel que se representou nos theatros de Lisboa, foi uma traducção do sr. Paulo Midosi intitulada — *As duas noivas de Boisjoli*, a qual subiu á scena em o theatro de D. Maria II. O original d'esta peça foi dado no theatro do Palais-Royal em Paris, onde se representam as composições mais engracadas dos auctores francezes. Todavia o nosso publico nem sempre sympathisa com as comedias do repertorio d'aquelle theatro, que tem quasi todas a mesma forma dramatica e são, pela maior parte, um pouco livres. *As duas noivas de*

Baisjoti, porém, tiveram a fortuna de cair em graça aos espectadores do theatro de D. Maria II, e tanto em graça, que passou a comedia do carnaval para a quaresma, o que raras vezes succede ás *verdadeiras peças de entrudo*, como o sr. Paulo Midosi entenderden denominar a sua traducção.

O maestro Braga, auctor da opera *Caligula* de que fallei no mez antecedente, tem dado alguns concertos de violoncello no palco do theatro de S. Carlos, que attrahiram a attenção dos amadores de boa musica. O sr. Braga é eximio professor na sua arte e primoroso execcutante. Como tal, consegue entusiasmar os seus ouvintes, que o applaudem sinceramente em todas as noites que faz ouvir as agradaveis melodias do seu mavioso instrumento.

Cumpre-me annunciar a publicação de quatro livros que recebi: — *A actualidade*, pelo sr. Magalhães Lima; *Paginas da vida humana*, pelo sr. Francisco Xavier da Silva; *Humildade*, pelo sr. J. E. Xavier Machado; *Musicas e canções populares*, pelo sr. Adelino Antonio das Neves e Mello, filho.

A actualidade é um estudo economico-social em que se discentem, com bastante conhecimento do assumpto, as principaes questões que prendem, hoje mais que nunca, a attenção dos que se interessam pelas classes trabalhadoras. O auctor, esclarecido estudante da universidade de Coimbra, dedica a sua obra á memoria de Proudhon.

Paginas da vida humana é uma collecção de escriptos originaes e traduzidos, que se lêem sem enfado, antes com prazer. Entre elles figura a comedia — *O carnaval no convento*, já representada n'um dos theatros do Porto.

Humildade é um folheto de vinte e tantas paginas, contendo fragmentos em prosa e verso, que formam, por assim dizer, o diario da vida de um rapaz enamorado.

Musicas e canções populares é um formosissimo volume em que se encontram muitas das principaes antigas das nossas provincias, acompanhadas pela musica respectiva. O sr. Neves e Mello não fez mais do que colligir essas dispersas estrophes compostas pelo povo com a mais singela e imaginosa poesia. Prestou porém com isto um bom serviço, que lhe será agradecido e recompensado por todos quantos presam este genero de trabalhos.

Com o maior prazer annuncio alguns trabalhos artisticos de bastante merecimento, executados por artistas portuguezes.

O sr. Manuel Maria Bordallo Pinheiro concluiu mais dois quadros de genero, no estylo que ultimamente adoptou e para o qual tem mostrado muita aptidão. Intitula-se um — *A peixeira*, e outro — *O dispensivo*. Este é muito melhor do que aquelle. Tem bastante vigor, toque delicado e accessorios tratados com muito mimo e verdade.

Tive occasião de ver a formosissima estatua que o sr. Soares dos Reis, discipulo da Academia de bellas-artistas do Porto, está concluindo n'aquella cidade, como prova do aproveitamento que o artista tirou do estudo que fez em França e Italia, por conta do estado, durante alguns annos.

A estatua é em marmore de Carrara e denomina-se — *O desterrado*. Representa um rapaz nú, sentado sobre algumas pedras, com uma perna sobre a outra, os braços apoiados com desalento sobre o joelho, e a cabeça pendida, como que pensando nas angustias do exilio. A expressão da cabeça é admiravel e as fórmulas esculpturales denotam os conhecimentos anatomicos do artista e a sua pericia na arte de modelar.

Temos portanto dois esculptores que fazem honra ao paiz — o sr. Simões, de quem esta publicação mais de uma vez se tem occupado, e o sr. Soares dos Reis, que hoje apresento aos leitores. Praza a Deus que elles possam influir no indispensavel desenvolvimento da sua arte nas duas primeiras cidades de Portugal onde residem.

Além d'estes, ha o sr. Alberto, que ao presente se acha em Paris concluindo os seus estudos. Tambem é artista de subido merito, como attestam os trabalhos que tem exposto na Sociedade Promotora de bellas-artistas.

Assim apparecessem pintores!

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Publicaram-se no Brazil as seguintes obras:

Viajem poetica a Petropolis, em hespanhol, por D. Carmen Oliver de Gelabero.

Nevoiras, livro de versos pelo sr. Torquato X. M. Tapejoz, da provincia do Amazonas.

Collecção de versos da poetisa do Rio Grande, D. Amelia Figueirôa.

Vãos icarios, volume de versos pelo dr. Rozendo Moniz, precedido de um prologo pelo sr. F. Octaviano.

Quadros, poesias do sr. Joaquim Serra.

Beijo, pequeno jornal dedicado ao bello sexo. Saiu á luz em Pernambuco.

Descobriram-se em Mantua algumas obras attribuidas a Giotto São frescos pintados n'um velho palacio da casa Gonzaga, os quaes começavam a ser destruidos pelos operarios que trabalhavam no edificio, quando um individuo que passava, reconhecendo o merecimento das pinturas, conseguiu que se suspendesse a vandallica tarefa. Nos fragmentos que escaparam ao camartello destruidor, percebem-se uma Virgem no throno entre Santa Catharina e Santo Estevão, e um Crucifixo.

Está em Lisboa o sr. Cesar Sighinolfi, esculptor italiano muito conhecido n'esta cidade. Trouxe alguns trabalhos importantes da sua arte, sendo os principaes — *O busto de S. M. a rainha*, primor de modelação e de semelhança; *O amor da patria*, representado por um official do antigo caçadores 5 do exercito portuguez; *A reflexão no estudo*, que figura uma creança a meditar depois de ter lido um livro. O distincto artista tem-se occupado ultimamente no busto em meio natural do apreciaavel folhetinista e assiduo collaborador das *Artes e Letras*, o sr. Julio Cesar Machado.

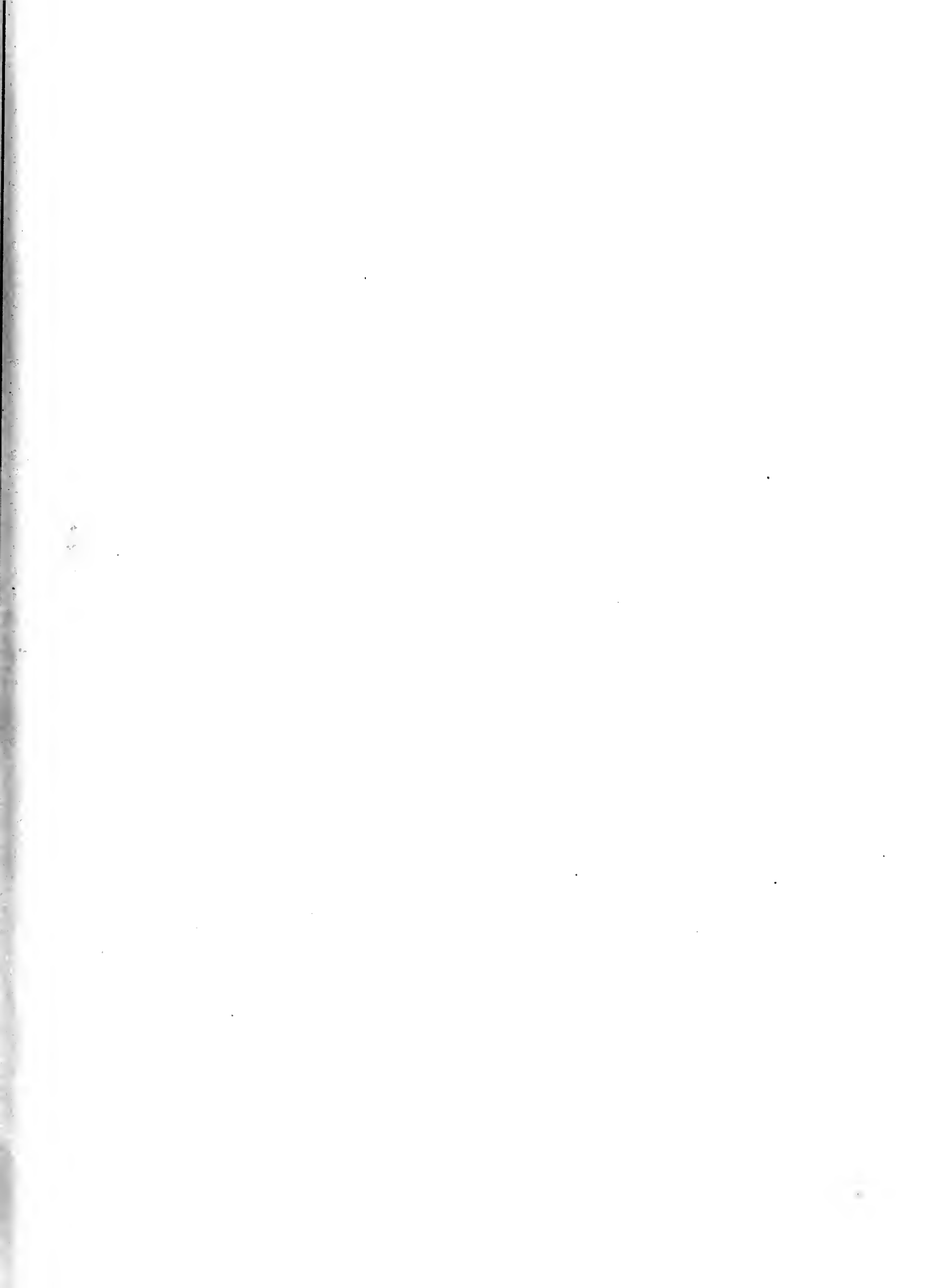
O museu de Sevres, em Paris, conta entre os objectos preciosos de ceramica que possui, mais um extraordinariamente curioso. É uma amphora representando duas figuras vestidas. Parece que da comparação d'este vaso com um fragmento que existe no mesmo museu, encontrado ha tempos em Milo, podem os eruditos fazer preciosos estudos sobre os processos de pintura dos artistas gregos.

No dia 12 de janeiro effectuou-se a honrosa manifestação de estima e apreço dirigida pelo povo brasileiro ao seu compatriota o dr. Pedro Americo, auctor do quadro *A batalha de Campo Grande*.

Por iniciativa de varias pessoas abriu-se uma subscrição popular afim de se offerecer ao notavel artista, uma corôa de ouro cravada de pedras preciosas, e ornada com os attributos da arte que elle tão distinctamente professa. Na presenca de numerosissimo concurso de povo effectuou-se a solemne cerimonia, sendo a corôa entregue ao artista por uma commissão apresentada pelo sr. Saldanha Marinho; em seguida tomou a palavra o sr. Boeayuva, que, n'um eloquente discurso, exaltou os merecimentos d'aquelle a quem os seus admiradores prestavam em tão solemne momento a mais honrosa homenagem.

O dr. Pedro Americo respondeu, agradecendo commovido a honra que recebia.







EM DIA DE ANOS.

ARTES E LETRAS



LISBOA — MARÇO DE 1873



O VEADO

AMBEM, que mal fazia elle?...

O pobre do animal estava recolhido na sua lapa. O inverno entornava as cataractas do ceo, e os campos alastravam-se de barrocaes profundos.

Havia em tudo um sombrio desalento, uma desconolação em que se debatia a alma.

E o veado, sósinho, pensava.

Em que? Talvez n'uma lucta originada pelo ciuime, briga que elle teve entre silvedos, ha cousa de mezes, quando o amor lhe aqueceu o sangue — por entradas de maio. Seriam antes recordações da companheira, — una formosa e gentil corça — que se perdeu do trilho acoçada pelos monteadores? O certo é que elle estava melancolico, de olhos humidos e com um respirar offegante.

Desculpen-me Descartes e o jesuita Bougeant se n'isto anda sombra de heresia psychologica; mas é que eu tenho uma credulidade infantil que ainda se não rendeu ao devaneio dos philosophos.

As vezes, attentando nas pupillas de certos animaes, parece-me ver n'ellas agitar-se o que quer que seja, — uma especie de escravo que sacode os ferros, de pensamento mudo que se esforça por balbuciar una palavra, um grito, — e fico a scismar no que anda lá por dentro, um som, solitario e desconhecido.

Quem não sabe a historia do celebre cão do monte de S. Bernardo, condecorado por haver salvo vinte e duas pessoas, que sem elle morreriam? Chegou-lhe a sua vez em 1816, guiando um correio do Piemonte.

O que ha n'isto da machina ou do simples instincto?

Com que admiravel subtiliza, e com que intuição de verdade não nos descreve Virgilio o cavallo de Palantio, vertendo copiosas lagrimas?

Queira ou não queira o orgulho humano reconhecer

uma alliança que o offende; o que não poderá é entrincheirar-se dignamente nas velhas palissadas cartesianas, e negar estes admiraveis prodigios, que se levantam, á maneira d'uma interrogação obscura, em frente do nosso espirito.

E o veado, sósinho, pensava!

N'isto começou a distinguir ao longe um rumor, confuso ainda, sumido quasi, disperso, mal definido, que ora se aproximava ora fugia, mas que resoava por entre o gemer dos troncos despídos.

Levantou-se e apurou o ouvido.

As levadas de agua eram caudalosas e espumantes. Quem se atreveria com aquelle tempo a bater os cerros inhospitos? Mas o rumor crescia, estrondeava pela quebra dos fraguados, era já o vozeio e o relincho — era a caça, a perseguição, a morte, o adeus extremo áquellas florestas, nuas agora, mas tão exuberantes ao depois, — quando verdeja a selva e se enfolham os codeços.

— «O now, for ever,

«Farewel the tranquil mind! farewel content!»

Os cães já se viam galgando os declives, o grito dos caçadores sibillava do outro lado da montanha; — nem uma hesitação, nem um momento, nem uma saudade a entorpecer os musculos. As torrentes precipitam-se, os despenhadeiros repetem-se, o despojo das arvores tapiza o chão de embaraços; tudo é incerto, escuro, perigoso, mas a fuga é inevitavel. O veado arremeça-se. Vão-lhe na colla os mastins desvairados, — já o tocam, já o mordem, já o cercam; mas elle derruba-os, e, furioso, extenuado, continúa na delirante carreira, atirando consigo de abysmo em abysmo. Por fim, cortando uns juncaes espessos, achou-se em plena enseada. Foi ali que estacou, berrando. Um dos perseguidores está caído e tímido. O outro não ousa aproximar-se, embora mostre os valentes colmilhos.

N'esta circumstancia desesperada, um homem, um seismador, um artista, adivinhava as ancias d'este pobre animal, e esboçava-o na sua tela. Era Edwin Landseer, o famoso pintor de quem com extrema verdade já escreveu um critico: «*Il est dans la confiance des bêtes.*»

De feito, o cunho especial d'estes quadros é que ha n'elles uma alma. A natureza não se reflecte muda e inerte; as creaturas que alli vemos palpitam d'uma vida sua e opulenta. Tem a dôr, o intimo padecer, os estremecimentos do desespero, as energias poderosas, os nevôeiros da saudade. Elle, o pintor, não se demorou na contemplação externa da fórma, não se embebeu por demais no enlevo do colorido, não foi o copista servil de umas exterioridades apparatusas. Viu, mas sondando; colheu em flagrante a natureza.

Eis um pintor que os homens do chamado *realismo* devem detestar cordialmente. Pois assim se pôe lagrimas nos olhos de um cervo moribundo? pois o carneiro, tostando melancolico, ha de ter uma idéa, um sentimento a fluctuar-lhe nas pupillas? Pois tu ousas ser espirituallista, e dás paixão, alma, poesia, a esses miseros brutos que nós, os reis da criação, esporeamos e aguilhoamos a nosso talante? Ah, Landseer, Landseer, tu estás muito abaixo das recentes especulações, — e a philosophia positiva, a philosophia moderna, o ultimo elixir da arte, desterrar-te-ha para os bancos do aprendizado ignaro!

E apesar de tudo, nada mais natural que estes quadros. O que os singularisa é o sopro de vida que lhes deu o artista. A verdade não é só o ignobil. O grandioso pôde deixar de ser o horrivel. O bello não se senta como Job sobre as podridões de um muladar, mas paira

em nimbos celestiaes, com a fronte constellada e impoluta.

Em todos os tempos e em todos os paizes apparece, n'um momento dado, uma certa edição de theorias. Succede como com os figurinos. Andam em voga por mezes, por annos, adquirem defensores, rodeam-se de um cordão de baluartes, resistem aos tiros mais ou menos certos, até que por fim ruem, esboroam-se, pulverisam-se, e no logar que deixam vago erigem-se outras em monumento. Ha sempre e em tudo a poderosa influencia da *moda*. O que hoje se applaude é amanhã apedrejado; o diadema que hontem nas lupercas offereciam a Cesar, é depois atirado ao lodo e conspueado pelos mesmos que lhe haviam brumido os florões.

É o caso de citar ainda uma vez o meu poeta querido, e de dizer com elle pela boca de Marco Antonio:

*«But yesterday, the word of Cæsar might
Have stood against the word—now lies he there,
And none so poor as do him reverence!»*

É esta uma verdade de geraes applicações, formosamente contornada por Shakespeare.

Ahi têm outro, —mergulhador do coração, —natural como a natureza, esplendido como ella, e vejam se n'ó pautam e aferem pelos padrões do *realismo*. Não, que elle parte esses liames, despedaça essas craveiras; e embora disforme em Caliban, grutesco em Falstaff, devanador em Puck, hediondo em Shylock, abominavel em Iago, ha sempre o musculo, o sangue humano, o latejo da verdade nos filhos d'este gigante de Stratford.

O cunho de sir Edwin Landseer está no que é a parte verdadeiramente psychognostica. Elle interroga a alma dos animaes, e põe-na em evidencia. Dá-lhes entendimento e poesia. Não busca recortar na tela esses factos crus e indigestos que não são mais que *le maniérisme du laid*; pelo contrario, os seus assumptos tem amplitude e profundeza, significam um movimento do animo do artista reproduzido nas suas obras.

«Il se mule toujours quelque chose de nous aux lieux que nous voyons; — escreveu sentenciosamente Lamennais. A impressão physica do logar é modificada pela condição do nosso ser interno. Um valle, uma floresta, a solidão dos montes, a suavidade de um logar por onde as manadas passam, como n'um quadro de Paulo Potter, tudo isso que n'um dia deslizou aos nossos olhos sem despertar nenhum sentimento, fere-nos ás vezes, captiva-nos, embebe-nos, e o coração parece conversar com as pedras, com as arvores, com as flores, e entendel-as.

Então, se o pintor as transplanta para os seus paineis, imprimir-lhes-ha o seu caracter, deixal-as-ha viver da sua vida. São materialmente exactas, reaes, verdadeiras; mas tem sobre tudo isso o elemento espirital ou ideal, que a arte não dispensará nunca.

Estas cousas são de uma intuição rapida e indestructivel. A natureza, em cujo seio nos movemos, não é sómente o aggregado de penhascos e de folhedos. Habita n'ella uma secreta diffusão, um mysterio que nos attrahe e nos impressiona. É d'ahi que vem o respeito a saltar-nos, quando o bosque nos aperta com as copadas ramas, e depois os contentamentos idyllicos ao estendermos o olhar pelas varzeas floridas. A fórma sensivel não conseguiria, de per si, vibrar a corda dos nossos affectos. Foi um effluvio subtil emanado dos calices e das ondas, uma exhalação cosmica e divina, um fluido que se aspira nas lufadas sonoras. Sentem-se por vezes aquelles sagrados estremecimentos que enrugavam, como um oceano, a ampla fronte de Laocrecio.

Na ordem dos pintores que melhor caracterisam a natureza está Landseer, o auctor do formoso quadro cuja copia se apresenta em gravura. Aquelle veado perseguido e afflicto, que só tem diante de si a medonha extensão das aguas, dirige-se á nossa piedade, e commove-nos. Alli ha padecer, ha ancias, ha uma voz a clamar, e umas entranhas que se contorcem. Se pudessemos dar-lhe-hiamos refugio.

Elle fez-lhe mais, o artista; esse deu-lhe a perpetuidade.

E. A. VIDAL



O CACHIMBO DO SULTÃO

A RANGEL DE LIMA

Tinha o sultão uma escrava,
que era o lyrio matinal,
que mais aroma exhalava
no seu palacio real.

— «Vem, formosa entre as formosas,
fôr entre a fôr das romãs,
encher a fronte de rosas,
cobrir de beijos as cãs.

Não sabes, tímida filha
da velha Jerusalem,
quem é que a teus pés se humilha,
quem te dá todo este harem?

És escrava, tens escravas
que te hão de perfumar,
e a essencia em que tu te lavas
hei de bebel-a a fartar.

Como os teus olhos dão sêde!
que sede de amor sem fim!...
Dormirás na minha rede,
á sombra do meu jardim!

A agua que sao da bôca
dos meus marmoreos leões
não me apaga a paixão louca,
não me esfria as sensações.

Conheci toda a belleza
do norte aos confins do sul,
mas só tu és a princeza
de Damasco e de Stambul.

Preparem-lhe as aureas sedas,
preparem-lhe os parasoes;
nós vamos ás alamedas
escutar os rouxinões.

Para as almas inquietas,
que tem o sangue em rumor,
não ha mais dôces poetas
mais dôces cantos d'amor. •

Mas a formosa captiva
 não tinha na sua voz
 a melodia lasciva
 das filhas dos Pharaós.

Tinha a face côr de rosa
 coberta de pallidez,
 e tinha na fronte airosa
 um raio d'intrepidez.

— «Não, não quero, disse ella,
 rasgando o véo de setim,
 beijar-lhe a fronte amarrella,
 sentar-me em seu palanquim.

Tenho a carne prateada,
 e tenho o meu sangue azul,
 não quero ser comparada
 á meretriz de Stambul.

Não quero que nos meus sonhos,
 nos meus sonhos virginaes,
 accorde aos gritos medonhos
 dos funulentos chacaes.

Não quero que no meu leito,
 ao despertar da manhã,
 encontre banhado o peito
 no sangue de minha irmã.»

Volveu o sultão iroso,
 sob fingido desdem:
 — «É este um dia de gozo
 nas festas do meu harem!

Minha perola estimada,
 que eu tanto queria amar,
 serás outra vez lançada
 ao fundo leito do mar.

Abri-lhe o nevado seio
 mais bello que a luz do sol!
 Ninguem mais ouça o gorgoeio
 d'este gentil rouxinol.

Em mil porções retalhado,
 ha de arder seu coração
 no cachimbo calcinado
 do calcinado sultão.»

Disse, e o cachimbo caindo
 no pavimento em xadrez,
 bem como o sonho mais lindo,
 em mil bocados se fez.

E nunca mais ao sol posto,
 depois do ardente café,
 o sultão do bronzeo rosto
 fumou no seu *narguillé!*

Lisboa, 29 de outubro de 1872.

SOUZA VITERBO



LEIRIA

I



UE no tempo do dominio dos romanos na Lusitania houve nas proximidades do Liz e do Lena, e, ao que parece, edificada no sitio de S. Sebastião, cerea de legna e meia ao sudoeste de Leiria, a antiga Collipo, cabeça de certo e demarcado territorio de que falla Plinio, é fóra de duvida; mas que d'esta povoação já quasi não havia vestigios quando se fundou Leiria, e que esta não foi levantada nas suas ruinas, como tambem nunca foi povoação arabe, é hoje ponto assentado.

A actual Leiria, ou antes, o castello que lhe deu principio, data da primeira metade do seculo XII. Por esse tempo a alta Estremadura era um vasto deserto, onde se não levantavam ainda as aldeias, villas e castellos, que depois o vieram a povoar.

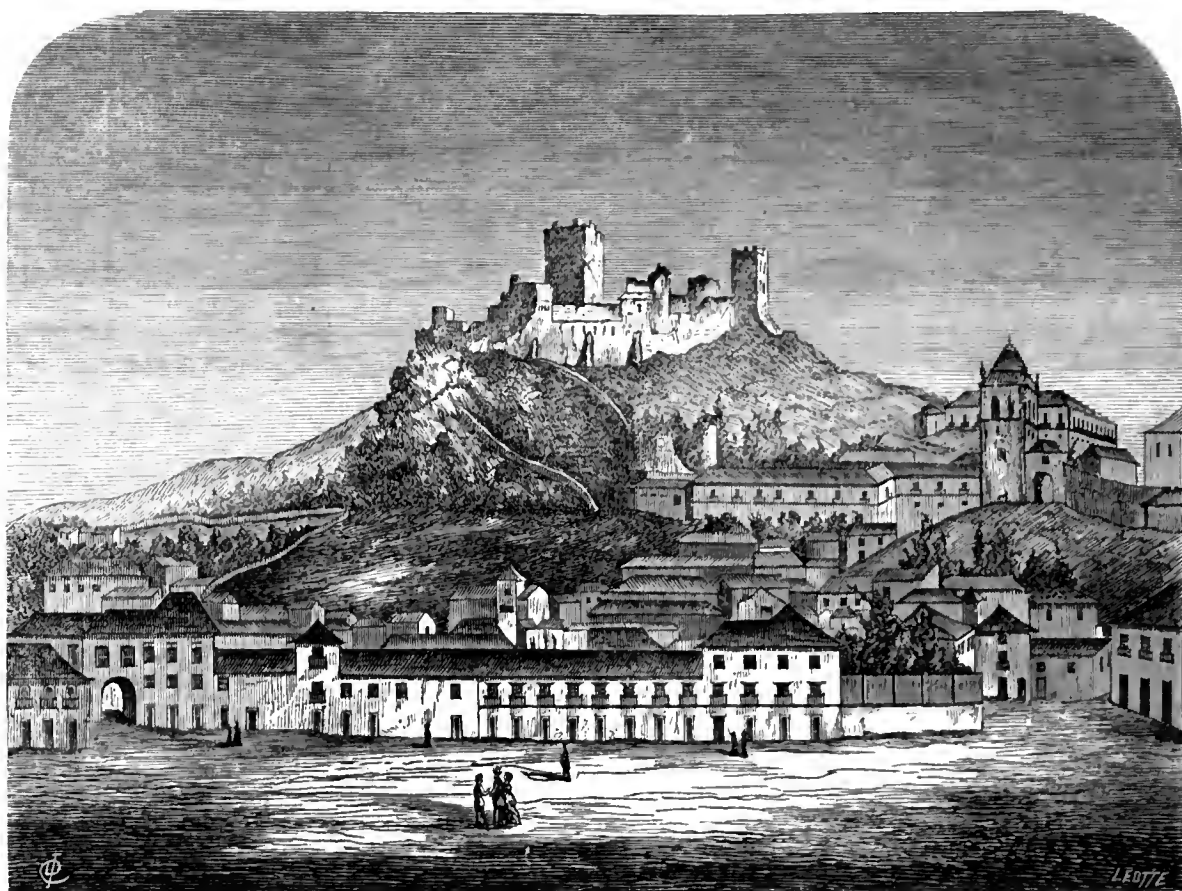
Os mussulmanos, senhores de Lisboa, Cintra, Obidos, Santarem, e talvez de Torres Novas, segundo parece deprehender-se dos escassos monumentos da época, occupavam a provincia do Al-Gharb, que começando nos districtos do sul, ainda se estendia áquem do Tejo.

Os christãos occupavam já as terras meridionaes até á Galliza, possuíam Coimbra, e chegavam a Soure, cujo castello, para o defenderem, tinha sido dado á ordem dos templarios, pela rainha D. Thereza, nos ultimos dias do seu governo, em 1128. Porém, entre Soure e o Tejo o que havia? Bosques incultos, covis de feras, um immenso tracto de terreno despovoado, que era, por assim dizer, o campo neutro das duas raças inimigas.

Thomar ainda não existia. Galdim Paes, o chefe dos cavalleiros do Templo, a quem o territorio foi doado por D. Affonso em 1159, só em março de 1160 é que lançou os fundamentos do seu fortissimo castello. O territorio de Pombal foi incluído n'esta doação; porém, tanto a villa, como as suas fortificações, são posteriores ás de Thomar, por que a data do respectivo foral é de 1174. O castello de Ourem foi edificado de novo por D. Thereza, filha de D. Affonso Henriques, que era senhora do logar; D. Thereza saiu de Portugal para casar em Flandres pelos annos de 1183, e a edificação pouco anterior devia ser. O foral d'Ourem é de 1180. O mosteiro d'Alcobaça teve o seu principio em 1153; á sombra d'elle, e pelos esforços da ordem de Cister, é que o castello e a villa se levantaram, é que Porto de Moz nasceu e ergueu as suas murallas, é que os campos em derredor se viram rotos e desbravados.

Foi, pois, em *terra deserta*, e no meio d'esta solidão, para oppor uma barreira ás correrias dos arabes, e cobrir a estrada de Coimbra, que o moço infante D. Affonso veio levantar o castello de Leiria em dezembro de 1135. «*Quod Castrum in terra deserta a fundamento, ego primitus erexi.*» «O qual castello eu primeiro levantei dos fundamentos *em terra deshabitada.*» diz elle na doação que annos depois fez a Santa Cruz de Coimbra do ecclesiastico de Leiria.

Eil-o ainda de pé, — ergueu-se com a monarchia. São passados 738 annos. Centos de vezes tem estremo-



LEIRIA

(DE UM QUADRO DO SR. LUIZ AUGUSTO DO SOUTO)

cido o monte pedregoso, senão vulcanico, que o sustenta, milhares d'ellas tem fuzilado os relampagos sobre elle, innumeras o tem agoitado a tempestade e os ventos, e as suas torres meio derrocadas parecem dizer-nos que tem recebido meo destruição da mão do tempo, do que da mão dos homens!

Eil-o! Aquellas paredes ensanguentadas por cruentos combates, aquellas ruinas, que são no seu genero as mais bellas de todo o Portugal, por que rivalisam com algumas das margens do Rheno, não são só uma reliquia de antigas eras, testemunha de prodigios; nem tão pouco o ponto fortificado, que, no dizer de D. Affonso, concorreu para a conquista de Santarem e das terras do seu terno; são tambem o unico castello levantado na Estremadura por mãos christãs antes da batalha d'Ourique.

Maldito seja o alvião que sobre elle se levantar.

II

Para tal castello, edificado na raia dos dominios sarracenos, como sentinella avançada de Coimbra, só um alcaide como Paio Gutterres, que um antigo escriptor compara a Scipião Africano. Foi, pois, a Paio Gutterres, que D. Affonso o entregou, e desde esse momento estabeleceu-se uma das lutas mais desesperadas, mais violentas e tenazes que os homens tem presenciado diante de quatro paredes erguidas.

Alli não se dormia, nem havia tréguas. Na frente, áquem do Tejo, estava uma linha guarnecida de fortalezas mussulmanas, na rectaguarda o socorro a dôze leguas de distancia! Não importa. O alcaide, que tinha tanto de bravo como de temerario, levava muitas vezes as suas correrias ao pé de Santarem, e os arabes irritados, trazendo muitas vezes as suas ás proximidades de Leiria, acabaram por sítial-a em 1137.

Eram muito superiores as forças, a defesa foi desesperada; mas D. Affonso achava-se na Galliza, não pôde socorrer-nos, e o resultado foi perderem-se aquellas muralhas, onde duzentos e quarenta dos nossos succumbiram, vendendo caras as vidas. D. Affonso, sabendo d'este desastre, corre da Galliza, onde tinha acabado de ganhar a victoria de Cerneja contra os infantes de Leão, e vem resgatar o castello. Lá diz o nosso epico:

..... o rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra, mui pouco havia, do vencido.

É d'ahi que vem as armas da cidade — um castello e um corvo sobre um pinheiro manso, coroado de uma estrella — alludindo a ter o moço infante assentado uma noite o seu arraial n'uma altura proxima, a que ainda hoje chamam Cabeço d'Elrei — e vir um corvo pousar-se na copa de um pinheiro, a bater as azas e a gritar em signal de contentamento. * Os nossos tomaram o caso como de bom agouro, arremetteram á porta de traição, e tomaram a fortaleza. Foi isto pelos annos de 1138.

De novo em 1140, reunindo as forças do Al-Gharb, marchou contra ella o chefe sarraceno, desbaratado em Ourique, no anno antecedente, e d'esta vez, reduzida a fortaleza a um montão de ruinas, a parte da guarnição que não ficou morta, foi captiva e com ella Paio Gutterres, o seu intrepido alcaide. D. Affonso Henriques tambem então se achava na Galliza, firmando pazes com o imperador Fernando VII e não pôde vir em seu auxilio.

A margem direita do Tejo estava ainda em poder dos arabes. Leiria era o unico ponto que podia tornar facil o ataque de Santarem, Lisboa e Cintra, as tres praças então mais importantes do occidente, e o rei soldado,

que o conhecia, empregou desde logo todos os esforços para a sua reedificação. A morte escondia-se atraz d'aquellas paredes; o socorro até ahí tinha sido impossível, os mais ousados já trepidavam quando se lhes incumbia a defesa; mas tudo pôde uma forte vontade. O castello vae resurgir das suas cinzas.

III

O que era principalmente necessario para o guarnecer, e para vencer as resistencias que começavam a manifestar-se entre aquelles, que na guarda de tão perigoso posto, eram como offerecidos em holocausto á patria? Duas coisas. Despertar o amor proprio, fallar á vaidade pelo elogio, ainda que merecido, dos seus habitantes e defensores; vencer as resistencias pelas promessas espirituaes. Foi isso o que se fez. Deu-se-lhes foral em 1142, e ahí exara-se que, na opinião do rei, os soldados e o povo de Leiria eram os melhores soldados e povo do mundo: «*Miles Leirena stet pro meliori milite de tota terra, regis in iudicio, et peon pro meliori peone.*» Na mesma occasião, diz o sr. Alexandre Herculano, os alvazis e mais membros do conselho municipal de Coimbra, declaravam que os homens de armas que tentassem ir combater pela fé na Palestina fossem defender a Estremadura, e em especial Leiria, onde, se morressem, obteriam a remissão dos seus peccados do mesmo modo que em Jerusalem.

Era uma verdadeira cruzada; invocava-se a religião e a patria, no tempo em que estas duas idéas eram as que mais podiam no animo do povo, e quando isto se diz a portuguezes é impossível que o braço se não arme, e que o peito se não exponha ás lanças do inimigo, qualquer que seja o seu numero e o perigo da posição na peleja. Foi, pois, o castello restaurado e guarnecido de novo, assim como a povoação, que começava a estender-se ao norte das suas torres.

Seguiram-se cinco annos de sortidas, correrias e combates, cinco annos, em que elle ainda sósinho, no meio da Estremadura deshabitada, guardava a estrada de Coimbra, erguendo-se intrepido na fronteira dos domínios mussulmanos.

Entretanto elevava-se no horisonte a estrella do fundador da monarchia. A 15 de março de 1147, caiu por uma surpresa em seu poder a fortissima Santarem; a 21 de outubro d'esse mesmo anno abriu-lhe Lisboa as portas; Cintra e Obidos renderam-se poucos dias depois; e Leiria, no meio d'este desabar do dominio dos arabes, pôde respirar uma hora.

Respirou, refez-se; viu então em roda de si, no territorio que havia guardado, erguer castellos e povoações, viu-as medrar sem inveja, por que não tinha de que a ter, mas a sua corôa de martyr ainda não estava completa. Em 1190, deseioso Jacob, imperador de Marrocos, de vingar as perdas que os seus tinham soffrido, passou o Estreito, reuniu-se ao andaluz, talou o Al-Gharb, transpoz o Tejo, e enquanto D. Sancho I o esperava em Santarem, dirigiu-se sobre Torres Novas, Thomar e Leiria, pondo tudo a ferro e fogo. Foi tempestade que passou; Leiria destruida n'esta invasão tornou a levantar-se, repovoando-se de novos moradores, e em 13 d'abril de 1195 deu-lhe D. Sancho o segundo foral.

O castello tambem se fortificou, desejanço de vez; o dominio sarraceno, reduzido n'esse tempo á Andaluzia, e só ameaçando algumas povoações do Algarve, garantiu-lhe o repouso. Pouco mais de cem annos depois, D. Diniz ergueu-lhe a torre de menagem, e talvez a alcaçova. Santa Isabel renovou-lhe a igreja de Nossa Senhora da Penha, hoje em ruinas, assim como os paços

em que vivem. Na segunda metade do seculo XIV, D. Fernando continuou-lhe as muralhas, e metten dentro d'ellas uma grande parte da povoação, que se alargava para o sitio, onde hoje o suburbio denominado Arrabalde ostenta os seus quintaes e as suas hortas.

Frei Antonio Brandão, que escreveu no principio do seculo XVII, fallando do castello, diz que vae sentindo os damnos do tempo (melhor diria dos homens), e censura o *desuado de quem deixa ir perdendo tão nobres antigualhas, que se poderiam conservar com bem pouco custo...* É que já n'essa época era visto com reprehensivel indifferença um monumento de gloriosas recordações. Os francezes em 1810, e os portuguezes em 1833 e 1834, julgaram vagaroso o devastar dos annos, e metteram mãos á obra dobrando-lhe a destruição.

Cimentado com o sangue dos que nos libertaram a patria, não tremerá o inconsiderado, ou a mão temeraria, que se arme do alvião para lhe arrancar uma pedra?

(Continúa.)

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

* Um castello, uma estrella, um pinheiro e um corvo — são as armas de que reza a historia. No padraõ adoptado pela camara todos estes symbolos estão em duplicado, como se vê do seguinte e.cudo.



DIA DE ANNOS



d'ella.

Pela manhã, tão depressa se levanta da cama, a primeira coisa que faz é ir-se ao papellão e tirar um quadradinho.

Quadradinho tirado, quadradinho deitado fóra — logo, logo — da janella abaixo, com grande satisfação.

MA pequenina, de uma familia minha conhecida, fabricou um dia d'estes com uma grande tira de papel verde — a cor da esperanza! — e com uns quadradinhos de papel branco numerados, uma especie de folhinha de porta com os seus repartimentos.

Cada quadradinho representa um dia.

Tantos papellinhos numerados, quantos os dias que ainda faltam para o dia dos annos

Depois, de olhos pregados no numero do papellinho que haja de tirar no dia immediato, exclama impaciente:

—Ai! ainda faltam noventa para o dia dos meus annos, em que todas as pessoas que cá vem me dão presentes. Ainda faltam oitenta... Ainda faltam trinta... Ainda faltam dez...

Conta a familia que não ha coisa que se compare aos ares graves, gravissimos, com que a pequena acompanha sempre esta formalidade quotidiana; mas que tem que vêr principalmente quando chega a não faltar já senão dois, ou um,—um dia só para tirar, rasgar, deitar fóra, ou queimar!

Digam se aquillo não faz crescer agua na bôca, com desejos de voltar á idade em que a gente se lembra de fazer folhinhas contra a duração da vida!

E d'ahi,—não! Em virtude até do axioma moral que affiança, com bom juizo, que a felicidade dos paes é feita principalmente pela felicidade dos filhos, estou em crer que o contentamento que se tem com o espectáculo das alegrias que as creanças promettem a si próprias sempre ha de ser superior ao jubilo que teriamos com o rejuvenescer outra vez!

Porque, recorde-se o leitor comigo — no tempo em que faziamos muitas festas ao nosso dia d'annos, não eram as coisas como são hoje! Davam-nos uns *bonitos* muito... feios, uns bonecos que havia então por ali muito ratões, o velho de chapeo na mão e a velha a fiar, o urso de loiza, um palaciosinho de caseas d'ovo, um carrinho toscó e grosseiro, um cavallo de pau que parecia um banquinho... Enfim, um horror!

Foi preciso vir o Salles retrozeiro proteger um pouco a infancia com umas bugigangas que mandava buscar a França, aliás supponho que ainda hoje estariamos reduzidos ao carro de pau, com um boisinho, e ao lagarto, que estende e encolhe, e ao frade de sabugo das velhas capellistas!

Não diminuía a difficuldade por se tratar de gente crescida. Em dia de annos era sabido que a não querer comprar uma pulseira na loja do Merêa, havia unicamente a appellar para as caixas de seis frascos de agua de Colonia do José Maria Farina, uns frascos esguios, interminaveis, de gargalo infinito, que pareciam trepar pela gente acima!

O mais usado para o dia de annos era embuchar as creaturas com lampreias de ovos. Havia tal que recolhia em casa no dia dos annos da mulher, desoito travessas de doce *armadas*—estyló do caso—e ficavam todos doentes, amos e creados, de vastas indigestões de golo-seimas!

Hoje, mudaram os usos. Escolhe-se um livreiro que tenha mais sagacidade e bom gosto, o seu quê de phantasia com dois quês de prudencia,—e compra-se-lhe um livro dos que elle tem no armario das prendas,—livro bonito, e livro bom, de uns que não se parecem com os outros, mas com os quaes os outros quereriam parecer-se; livros, que se imprimem em França e em França se encadernam, concebidos e destinados para o mundo todo; livros que instruem, e livros que recreiam; de umas vezes, obras adequadas á esphera infantil, nas quaes se encontram as impressões da primeira idade, traçadas com verdade e graça na lingua universal das creanças: de outras vezes, narrativas de viagens, obras de litteratura, de religião, de historia.

Em Portugal ainda no nosso tempo nada d'isto havia. Principiou o livreiro Plantier, homem de raro gosto, mais que intelligente —homem de talento, espirito phantastico e subtil — a tornar conhecidas em Lisboa as edições de luxo: *Les femmes de la Bible, les Femmes de*

Walter Scott, de George Sand, de Balzac, *L'âne mort* de Julio Janin com estampas de Tony Johannot, *Les Fleurs animées* de Grandville...

Até esse tempo dar um livro, entre nós, era fazer presente de um cartapacio fusco e tacanho, em typo arrepiado, muito mettido, n'um papel que todo elle era fios, escuro e enviusado; encadernado todo este horror em earneira — da que usam os presos do Limoeiro para fazer sapatos—por um sensaborão qualquer, que errava sempre os dizeres e punha por uso ou officio na lombada duas asneiras ou tres!

É lembrar-se a gente do *Thesouro dos meninos*, com aquellos monos pintados, sempre de maxima por baixo dos pés:

Fazer mal aos animaes é indicio de mau character

Um momento de furor fez de Alexandre um assassino

E ainda esse era o mais taful;—a não se dar de presente um Atlas com um tratado da Esphera e dos Globos, e vinte quatro mappas,—ou uma historia do Portugal e suas conquistas, por Danião de Lemos Faria e Castro—ou a Medicina domestica, tratado completo de conservar a saude e de precaver as enfermidades por via de regimen e remedios simples...

Um horror! A qual havia de ser mais gêbo, mais pesadão, mais mal geitoso; uma verdadeira fabrica de *borracheiros*, em que o traductor, o desenhador, o impressor e o encadernador, andavam ao desafio a qual havia de ser mais asno!

Mais vale decerto o costume em que alguns se puzeram agora, de fazer presente de um *speech*. Vão jantar n'esse dia a casa de quem faz annos, brincando-lhe nos labios um sorriso malicioso,—e, á sobremera, põem-se de pé, mettem a mão esquerda na algibeira das calças, mergulham a mão direita nas ondas do cabello, atagam a suissa que lhes faz moldura ao rosto, e presentoiam a creatura com algumas flôres oratorias:

—Brindo ao meu caro Elesbão, n'este dia para todos nós tão querido em que... etc.

Os presentes hoje são como as mentiras na philosophia —jocosos, officiosos, e até perniciosos.

Os jocosos consistem, por exemplo, em apresentar-se um sujeito—que todos os dias que Deus dá ao mundo vae papar o jantar áquella familia—com uma caixinha de phosphoros, muito serio e grave, diante do dono da casa e dizer-lhe:

—Meu caro amigo, hoje é o dia dos teus annos e a alegria que isto me dá não se descreve. Quizerá ter o pincel de Apelles...—Não era Apelles que tinha um pincel? Era, era...—ou a lyra de...

—Sim, sim, bem sei: e depois?

—E depois, toma lá (tira da algibeira uma caixinha de faia com phosphoros amorphos, obra de dez réis de custo) toma lá esta lembrança!

Desata tudo a rir.

—Obrigado! diz o dono da casa.

—É sincera.

—Bem sei.

—Modesta como a minha amizade.

—Sim.

—Tem luz como a esperança que nutro de que vivas por muito annos.

—Obrigado.

—E olha que esses são dos melhores! Os de cera tiram os olhos á gente, com a mania de lhes saltar a ca-

beça,—como sabes. Esses são magníficos. Não ha perigo de incendio; acendem só na caixa...

—Bem sei!

—Ah! Sabias? Tão pouco ha perigo de envenenamentos. Ainda que queiras envenenar-te com elles, não podes; o phosphoro está na caixa e não no palito.

—É boa!

—Ah! Não sabias! Pois ahí a tens. E agora parabens, dá cá um abraço,—novamente!

E toda gente a rir e a achar-lhe uma graça infinita:

—Forte ratão!

—Grande maganão!

—É bem apanhada!

E cada uma d'essas pessoas está pensando entre si:

—Tudo o que é de mais, não presta; tudo o que é de menos... também! A largueza confina com a prodigalidade. a fronteira da economia toca com a chifrinice... Não ha faculdade bonita que não tenha corolario feio, distancia pequenina entre a qualidade e o defeito, primeira transformação pela qual passa a qualidade para ir dar em vicio... A economia envolvida em brincadeira é a crystalida que contém a avaresa!

Officiosos... Presentes officiosos...

Um exemplo basta.

Um padre meu conhecido tinha uma sobrinha que quasi nunca lavava os dentes. Uma senhora conhecida d'essa gente dava sempre á rapariga no dia dos annos uma caixinha com pós e uma escova!...

Perniciosos?

Vá tambem um exemplo.

O sujeito mandou vir umas caixas de charutos da Bahia; abre uma, encontra os charutos furados: o tabaco da Bahia é finissimo, e, como sabem, dá-lhe facilmente o bicho. O sujeito cala-se, manda as outras caixas de presente a um amigo que faz annos,—e obriga o outro a agradecer-lhe muito, a não poder dizer-lhe que não fumou nem um, e a ter de dar-lhe a elle—quando chegar tambem o seu dia de annos—um presente que não esteja furado.

Esse pobre homem que a estampa apresenta pertence ao numero dos que são victimas da dedicação. Leva o seu raminho, que encommendou com tempo para poder tel-o na manhã d'este dia, fez a barba mais cedo, como se observa do bem escahoado d'aquella carantonha, vae todo lepidó com o ramilhete, e ainda antes de entrar já os cães lhe saltam ás pernas e a gente da casa está no eirado a rir-se d'elle.

Regra geral; o melhor de tudo é nunca dar parabens, —dar só pesames: sae mais barato!

JULIO CESAR MACHADO.



O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

por

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

Matheus olhou para Coucou-Peter, mas este não tinha ar de quem graceja. Matheus ficou meditabundo.

Por mais de um quarto de hora viram a gente que andava sob as arcadas: os vendilhões apregoarem as suas fazendas, as raparigas pararem diante dos mostradores, os estudantes fazerem soar as esporas nos passeios, e estalar os chicotes, os professores graves atravessarem a rua por entre o povo, com um masso de livros debaixo do braço.

Emfim, Coucou-Peter tornou a fallar:

—Parece-me mestre que o ser dos seres não pensa n'este momento em nós. Quer-me parecer que obrariamos prudentemente indo ganhar alguns cobres para as cervejarias, em vez de esperarmos a ceia da Providencia. Se o mestre soubesse cantar!... É pena que o mestre não saiba cantar; mas, emfim, vou eu só, e o mestre espera-me á porta.

Pareceu esta idéa bem humilhante a Matheus, mas como nada de melhor tinha a propôr, seguiu resignado o seu discipulo que tirou a rebecca do bernal.

Não se imagina nada mais triste do que o bom do doutor, indo de cervejaria em cervejaria, e vendo pela janella o seu discipulo a dançar ora n'uma perna, ora na outra, para emfim sustentar a boa doutrina. Por mais que se lembrasse da sua elevada missão, por mais que pensasse que o ser dos seres queria experimentar o seu animo antes de o elevar ao cume da gloria, por mais que desprezasse os ricos armazens e as lojas sumptuosas, todas as magnificencias que se mostravam nas vidraças e todo este brilho do luxo, e da opulencia, por mais que repetisse — *Vanitas vanitatum et omnia vanitas!* O vosso orgulho, oh! grandes da terra não é mais que poeira! passareis como sombras, e será como se nunca houvesseis existido!... — nenhuma d'estas sublimes verdades lhe serviu de muito, sobre tudo porque Bruno teimava em querer entrar em cada uma das estalagens porque passava.

Pararam assim em mais de vinte lojas de bebidas. Eram nove horas e Coucou-Peter apenas ganhára cinco soldos.

—Doutor, disse elle, estamos mal, aqui tem tres soldos se quer beber uma caneca de cerveja; eu vou comprar um pão pequeno, porque sinto que o estomago se me vae sumindo.

—Obrigado, Coucou-Peter, obrigado, disse o pobre philosopho angustiado, não tenho sede, mas ouve-me: Lembro-me que Jorge Müller, o dono do Heron, aquella cervejaria grande á entrada, me fez prometter de nunca ir para outra casa que não fosse a sua. Foi isto no ultimo dia do nosso *Fuchs commerce*. Haviamos terminado os estudos. Jorge Müller, vendo que tinhamos todos pago as nossas dividas, apertou-nos as mãos e offereceu-nos a sua hospedaria para quando voltassemos a Strasburgo. Lembro-me como se fosse hoje. Devo pois cumprir a minha palavra.

—Mas ha quanto tempo foi isso? perguntou Coucou Peter, reanimado pela mais doce esperanza.

—Ha trinta e cinco annos, respondeu Matheus com simplicidade.

—Trinta e cinco annos! disse Coucou Peter, e pensa que Jorge Müller ainda ali está?

—Está sim. Eu vi a taboleta quando passámos. Está tudo na mesma.

—Bem, bem! vamos ao Heron, disse o discipulo abatido. Se nada houver a ganhar, tambem nada podemos perder. Que o grande Demingos nos ajude.

XXI

Davam 9 horas na cathedral, quando Frantz Matheus e o seu discipulo passaram diante da cervejaria do Heron.

O pateo sombreado por tilias estava cheio de povo: um rancho de ciganos acompanhava o tumulto com musica selvagem.

Kasper Müller, que era o cervejeiro, em mangas de camisa, andava d'uma meza para outra, apertando as

mãos aos freguezes, fallando e rindo com elles, e todas aquellas physionomias graves, comicas, perdidas na sombra, ou vagamente esclarecidas pelas luzes vacilantes, apresentavam um estranho espectaculo.

Mas o illustre philosopho não fazia as suas habituaes reflexões sobre a afinidade das raças e olhava para todos d'um modo indeciso. Dir-se-hia vendo-o com o pescoço inclinado e as pernas na attitude do repouso indifferente que desesperava do triumpho da sua doutrina e do futuro das gerações.

— Então, mestre, animo, disse Coucou Peter, entre em casa do seu amigo Jorge Müller. Que remedio tem elle senão reconhecê-lo, e'os diabos! Viva a felicidade! O caso é ter onde dormir esta noite, amanhã convertêremos o mundo.

Matheus obedeceu machinalmente. Apeou-se, abotoou o seu grande casaco escuro, e adiantou-se com o passo vacilante no grande patco, percorrendo com olhares incertos todos os grupos sem saber a quem se dirigisse.

Kasper Müller viu-o assim vagando sob as telhas, como alma penada, com a sua bondosa physionomia melancolica que desde logo o interessou. Veio ter com elle e perguntou-lhe o que desejava.

— Sabe dizer-me, respondeu Matheus fazendo um grande cumprimento, onde está Jorge Müller.

— Jorge Müller? morreu ha quinze annos.

— Meu Deus! como eu sou infeliz! disse o pobre homem com a voz abafada.

Comprimentou outra vez e dirigiu-se para a porta. Mas o cervejeiro commovido por aquella dolorosa exclamação, deteve-o e tomando-o de parte disse-lhe com interesse:

— Perdão, meu senhor, parece-me bastante afflicto. Diga-me, se eu posso prestar-lhe o serviço para que procurava Jorge Müller.

— Tem razão, senhor, tem razão, estou devêras afflicto. Vinha pedir um asylo para esta noite a Jorge Müller, que era um dos meus melhores e mais caros amigos. Não o vejo ha trinta annos desde que acabei os meus estudos; mas sei que, se o encontrasse, o seu coração seria o mesmo, e eu havia de ser bem recebido.

— Estou certo d'isso, mas eu que sou seu filho hei de recebê-lo como elle, creia.

— É o filho de Jorge Müller? disse Matheus, o pequenito, Kasper, que eu tantas vezes embalei ao meu collo? Meu querido filho, como folgo de o ver, eu podia lá conhecê-lo com essas suissas e essa cara gorda e côrada.

Kasper Müller sorria da exclamação franca e ingenua do doutor. Como visse, porém, que um grande numero de freguezes se havia agrupado em volta para os ouvir, levou-o para a sala principal, então deserta, para alli o ouvir contar a sua vida.

Foi então que Frantz lhe disse sem rodeios por que circumstancias deixára o Graufthal e as innumeradas vicissitudes das suas peregrinações anthropo-zoologicas. Kasper Müller pondo-lhe então familiarmente as mãos sobre os hombros, disse-lhe:

— É um homem digno e honrado. Diga-me agora uma coisa: não estará o seu nome inscripto no registro do meu nascimento?

— Está, está, Jorge; quiz que eu fosse uma das testemunhas.

— Não são precisas mais explicações, interrompeu o cervejeiro. Já o não deixo esta noite. Vou recolher o cavallo e mandar-lhe o seu discipulo.

E deixou Matheus para ir dar as suas ordens.

Tinha apenas chegado Coucou Peter á sala onde

estava o doutor, quando Carlota, uma das creadas da hospedaria, veio dizer-lhes que tudo estava prompto.

Apezar d'esta agradável noticia, Frantz Matheus estava profundamente melancolico. Parecia-lhe que o grande Demiurgos, em vez de o deixar recorrer a Jorge Müller, devia ter-lhe dado elle mesmo, directamente, todas as coisas necessarias á existencia philosophica, tanto mais que era pela gloria do dito Demiurgos, que elle Matheus abandonára o Graufthal sem um real de seu.

Mas Coucou Peter maravilhado de achar tão optimo albergue, precisamente no momento em que já se decidira a dormir ao relento, não fazia senão admirar-se do tamanho da hospedaria, da escada guarnecida d'um excellente corrimão com maçanetas de cobre, da quantidade de casas, de modo que quando Carlota abriu a porta de um bonito quarto onde se via uma meza redonda, sobre a qual funegava já uma terrina e metade d'uma perua reccheada, o seu reconhecimento expandiu-se em acções de graças:

— Oh! grande ser, dizia elle, ser dos seres! E' n'este momento que se manifesta o teu poder sem limites e a tua infinita sabedoria! Deus dos deuses? que banquete concedeis a uns pobres diabos d'uns philosophos que já faziam contas de ficar na rua.

E proferia estas palavras com uma voz tão expressiva que desde logo a menina Carlota se lhe affeiçoou.

Mas o illustre doutor não lhe respondeu, por que estava na verdade abatido, e fazia as mais tristes reflexões sobre a carreira philosophica.

Pensava que o maior philosopho dos tempos modernos, o successor de Pythagoras, de Philolaus e de todos os sabios da India e do Egypto, que o illustre Frantz Matheus de Graufthal, em vez de ser recebido pelas populações com o devido enthusiasmo, em vez de ser levado em triumpho por caminhos previamente cobertos de palmas, corrêra o risco de dormir na rua e de morrer de fome, e tudo isto o entristecia profundamente. Á proporção que comia, ia recapitulando com amargura os successos da sua viagem; as pauladas de Oberbronn, o attentado de Jacob Fischer contra Bruno, as ameaças do procurador de Saverne e o ter-lhe proposto Coucou Peter irem cantar nas cervejarias. Era esta ultima circumstancia que sobretudo o amargurava até o fundo d'alma; a espasmos grossas lagrimas lhe inundavam os olhos, porque já se via, como Belisario, pedindo esmola de mão estendida no canto d'alguma rua.

A principio Coucou Peter não reparou na expressão de desgosto que lhe annuviava a physionomia. Mas considerando-o quando acabou de comer, descançou o copo na mesa e disse:

— Em que diabo está pensando, mestre? Nunca lhe vi essa cara.

— É que penso, respondeu elle, que o genero humano é indigno de conhecer as sublimes verdades anthropo-zoologicas. É que penso que os povos vivem em uma funesta cegueira de que elles proprios são a causa. Foi em vão que quizemos fazer ouvir-lhes a voz da justiça. Foi em vão que tentámos, com a eloquencia e a persuasão, enternecer-lhes os corações. Foi em vão que lhe sacrificámos as nossas mais caras affeições, que deixámos a casa de nossos paes, os nossos amigos, os nossos...

Mas não pôde acabar; o coração enchendo-se, por assim dizer, com a enumeração d'aquellas aventuras, abafou-lhe a voz, fel-o cair sobre a mesa, e encheu-o de lagrimas.

Kasper Müller, que vinha de fechar a cervejaria, porque eram onze horas, entrava n'esse momento com uma garrafa de Wolxheim velho em cada mão. Ficou pasmado d'aquella scena.





—Então que é isso? E eu que vinha beber com um velho amigo de meu pae, acho-te-os consternados?

Coucou Peter deu-lhe uma cadeira e contou-lhe o que se passára.

—É só isso? disse Kasper Müller, chegou então a essa idade sem conhecer os homens! Ora! se eu tivesse de chorar por todos aquelles a quem tenho feito bem e que me pagaram com a ingratiidão, tinha trabalho para seis mezes. Vamos, vamos, torne a si. Que diabo! pois está entre bons e sinceros amigos, e é agora que chora. Vá lá, uma pinga; este velho Wolxheim vae dar-lhe animo!

E encheu os copos fazendo uma saude ao illustre philosopho.

Mas Frantz Matheus estava affectado demais para se deixar consolar tão depressa; e apesar da excellencia do Wolxheim, apesar das boas palavras do seu hospedeiro, e das palavras animadoras de Coucou Peter, havia sempre no fundo da sua alma uma vaga tristeza. Só mais tarde quando Kasper Müller fez cahir a conversa sobre os tempos antigos, é que elle pareceu reanimar-se. Então o bom velho traçou as physionomias d'outros tempos com a maior perfeição, fallou na simplicidade dos costumes, na affectuosa cordealidade dos antigos habitantes de Strasburgo, na vida ingenua e patriarchal da familia. Via-se que todas as suas affeições, toda a sua alma, todo o seu coração se refugiavam n'este longinquo passado.

Coucou Peter, com os cotovellos encostados á mesa, fumava gravemente o seu cachimbo; Kasper Müller sorria ouvindo a narração de Matheus; e Carlota, sentada por detraz do fogão, dormitava, deixando a pouca e pouco pender a cabeça e levantando-a de repente.

Era mais de uma hora quando Kasper Müller se despediu do seu hospede.

Então Carlota, meio adormecida, conduziu Coucou Peter a um quarto proximo e pôde enfim ir descansar.

Frantz, que ficou só, levantou a cortina da janella, e contemplou durante alguns minutos as ruas desertas e silenciosas da cidade, os candeeiros quasi apagados e a lua derramando a sua pallida claridade sobre as chaminés.

Um sentimento indefinivel de abandono e de tristeza se apoderou de todo elle, — parecia-lhe estar só no mundo.

Deitou-se enfim murmurando uma oração, e, quando adormeceu, achou-se no formoso valle de Graufthal: ouvia os estremecimentos vagos da folhagem e o mocho negro a cantar sob as sombrias columnatas dos abetos.

E teve um bello sonho!

XXII

Os pregões dos vendedores de hortaliças acordaram Frantz Matheus ao amanhecer. Os nevoeiros do Rheno cobriam a cidade; as carroças pesadas faziam estremecer a calçada.

Que contraste com o pequeno logarejo de Graufthal, tão sosegado, tão pacifico, no meio do seu valle de abetos! Ah!, apenas o murmurio vago das folhagens, o gorgear dos passarinhos, as conversas alegres das mulheres na soleira das suas portas, lhe vinham perturbar o seu repouso matutino.

Como os menores suspiros, o mais ligeiro ruido se ouvia tão bem no meio do silencio geral! Como lhe era suave seismar no grande Demiurgos, enquanto esperava que a boa e velha Martha lhe viesse trazer as chinellas!

Por muito tempo esteve o illustre philosopho encostado ao travesseiro a revêr aquella felicidade domestica, aquellas paizagens tão serenas da serra, os carreiros que se confundiam sob o matto e o suave murmurio do Zin-

sel correndo por entre as areias; depois o pescador subindo o curso da ribeira com a canna ás costas e a linha; o caçador encharcado pelo orvalho, voltando ao amanhecer com a carabina debaixo do braço; o carvoeiro na sua cabana cheia de fumo com o machado á cinta! O proprio João Claudio Wachtmann, com o seu pequeno chapéo de tres bicos e o seu grande nariz, figurava-se-lhe um ente privilegiado da natureza gozando d'uma felicidade incalculavel, enquanto elle, pobre, exilado, sem cira nem beira, repellido por todos, sem ter nem uma pedra em que descansar a cabeça, se considerava como o mais desgraçado e o mais abandonado dos seres. Ah! se elle não tivesse aquella alta missão a cumprir! Se não estivesse predestinado, desde a origem dos seculos, á destruição do sophisma e dos preconceitos! E quantas amarguras, quantas desgraças, quantas decepções lhe não tinha suscitado aquella alta missão! Pobre Matheus, como podia elle cumpril-a! Onde iria ao sair d'aquella casa que o abrigava? Que faria ainda n'essa mesma noite?

Foi pensando assim, que o doutor se vestiu, desceu devagar a escada e se achou na sala.

Quando entrou, estavam as janellas abertas; as criadas regavam e varriam o chão; a mulher de Kasper Müller enchia de fructos e fatias de pão os cestinhos dos filhos que iam para a escola. Esta scena animada fez-lhe esquecer um tanto as suas reflexões sobre a difficuldade de converter o universo.

Kasper Müller e Coucou Peter, sentados junto de uma das mesas pequenas da sala, receberam-n'o com exclamações de alegria. Sentiu-se mais animado.

—Bons dias, meu caro, então como passou a noite?

—Chega a proposito, mestre, vae-se almoçar.

—Sente-se, sente-se, sr. doutor. Olha, Catharina, aqui tens a pessoa de quem te fallei.

—Estimo muito conhecê-lo, porque me disseram muito bem de si, respondeu ella.

Arranjaram-lhe um logar na mesa e Carlota veio com duas cafeteiras servir o café com leite.

Mas ainda n'estas circumstancias o illustre philosopho teve que notar o espirito sensual do seu discipulo.

Quando Carlota lhe serviu o café, disse-lhe elle:

—Deite-me bastante café, que eu depois lhe direi por quê.

Matheus fez-lhe um signal para que moderasse a sua gulodice, mas elle repetiu:

—E bastante leite, mas tambem lhe hei de dizer por quê.

Carlota encheu a chavena até acima; depois pôz as cafeteiras na meza e esperou explicações de Coucou Peter.

—Então porque espera? perguntou o cantador.

—Espero que me diga a razão porque me pediu muito café e muito leite.

—Ah! é porque costume tambem servir-me de muito assucar, respondeu elle com socego.

Todos se riram da resposta e Matheus não se atreveu a censural-o alli.

Durante o almoço todos estiveram alegres. O illustre philosopho não teve tempo de reflectir nos seus futuros projectos; mas para o fim, como lhe occorresse que devia partir dentro em pouco, sem todavia saber o seu destino, a physionomia tornou-se-lhe serena e grave.

Kasper Müller, que parecia lêr-lhe no pensamento, disse então:

—Sr. doutor, ha de permittir-me uma coisa.

—Tudo o que eu puder fazer, está as suas ordens.

—Está dito. Ouça-me, então. Se se demorar n'esta terra, quero que se utilise da minha casa e da minha mesa.

Frantz fez um gesto como de quem queria levantar-se, mas Kasper Müller, pôz-lhe a mão no braço e continuou:

— Ouça-me até o fim e depois me responderá. Uma pessoa de mais ou de menos, n'uma casa como a minha, não quer dizer nada.

— Nem duas, ora! — acrescentou Concou Peter — onde comem tres, comem quatro.

Mas Kasper Müller não fez caso d'esta reflexão e proseguiu:

— Lembra-se que m'o prometteu! Se porém agora me consultasse sobre os seus grandiosos planos, dir-lhe-ia francamente que, no seu logar, voltava ao Grauffthal.

Frantz olhou enternecido para Kasper, mas não respondeu. Viu-se que lutava ainda contra uma grande resolução.

— Voltava ao Grauffthal, continuou Kasper Muller, em primeiro logar porque poderia alli fazer mais bem do que em outro qualquer sitio; e depois porque os homens não merecem que alguem se sacrifique por elles, porque elles nunca o entendem ou nunca o querem entender, e porque Deus ha de, logo que queira, saber illuminar os seus filhos, e porque finalmente, em, no seu caso, doutor, julgaria ter já adquirido o direito de descansar.

(Continua).

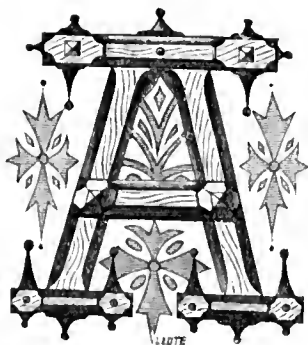
B.

RUINAS DO CARMO

(CARTAS A FRANCISCO GOMES DE AMORIM)

II

Meu amigo.



14 de agosto de 1385 feriu-se nos campos de Aljubarrota a batalha mais memoravel nos fastos nacionaes. As espadas fimosas do Mestre e do Condestavel asseguraram n'este dia a independencia da patria, e iniciaram o periodo aureo da nossa grandeza politica.

A epoca dos Affonsos foi apenas escola de cavallaria, rude escola, onde o portu-

guez se adestrou nas armas, e adquiriu na asperza dos combates a robusta virilidade que tão gallardamente provou no reinado de D. João I. As proezas de Ourique e do Salado eram os primeiros vôos da aguia, os ensaios validos d'uma nação de heroes; Aljubarrota foi a façanha do guerreiro, que tinha a consciencia do seu direito e a segurança do seu valor.

A primeira dynastia, meu amigo, fórma o prologo da nossa nacionalidade, é o seu periodo geniaco. As espadas alargam as fronteiras e alimpam o terreno de inficis; a lingua a custo balbucia as primeiras articulações. Mas a dynastia joannina colhe o paiz já adulto; as espadas não alargam, consolidam; a lingua traduz as manifestações do espirito em termos apropriados.

A mesma architectura acompanha as vicissitudes politicas da sociedade, encarna-se na vida intima do povo

e perpetua-se como monumento. E olhe que não encontramos typo mais fiel, expressão mais genuina e caracteristica d'uma epoca. A poesia é filha do genio, e o genio não tem idade. Quem descobriu jámais uma ruga em Virgilio ou uma cã em Homero?... A historia é o reflexo do escriptor, e nem sempre a photographia d'um povo. A tradição é um ecco, e o ecco um som vago e indeciso. A architectura vale mais do que esta trindade, porque a consubstancia toda depurando-a das suas imperfeições. Ella póde ser um poema sem a ficção da poesia; tem a consciencia da historia sem a versatilidade do auctor, e é superior á tradição porque é o seu signal, o sello da sua veracidade. Além d'isso, é um espelho, onde se reproduzem bem distinctas as feições d'um povo; um livro, onde se registam com segurança os seus annaes. Vêde-me, por exemplo, a Sé velha de Coimbra ou a cathedral de Evora, que são incontestavelmente paginas dos primeiros tempos da monarchia. O mosteiro de Santa Maria da Victoria e o templo de Nossa Senhora do Vencimento são mommentos authenticos da epoca de D. João I e da batalha de Aljubarrota.

E eis-nos portanto outra vez em frente das ruinas do Carmo, de que lhe prometti um esboço historico. Mas mal posso desempenhar a minha promessa cabalmente, porque me fallecem tempo e saude, e só me sobra boa vontade, o que não é bastante.

O templo de *Nossa Senhora do Vencimento*, que é hoje todo ruinas, foi edificado pelo Condestavel na descida oriental d'um dos montes em que assenta Lisboa, ficando em correspondencia com o do Castello de S. Jorge. A sua fabrica se concluiu em cerca de trinta annos, pois começando em 1389 veio a concluir-se em 1422. Na batalha de Aljubarrota, dada na vespera da Assumpção da Virgem, fez Nun Alvares o voto de erigir-lhe este templo, que por isso tomou o nome de *Senhora do Vencimento*. Esta é a opinião corrente e mais verosimil, mas por alguns impugnada, attribuindo uns esta fundação á victoria de Valverde, outros a milagres do ceo, estes á devoção sómente do Condestavel, aquelles á sua conversão, com que, despindo a couraça de guerreiro, se amortallou no habito de religioso. Mas todos se conformam em que aos favores e mercês da Virgem devêra o fundador a inspiração de tão insigne fabrica. Ora a mercê assignalada da Virgem, a corôa de todos os seus favores, foi enramar-lhe a espada de louros na batalha de Aljubarrota, e isto na vespera do dia em que a igreja celebra um dos seus mysterios. Postos frente a frente os dois exercitos, desproporcionados no numero porque o castelhano excedia a trinta e tres mil soldados e o portuguez não chegava a sete mil, desiguaes nas armas porque a artilheria inimiga troava pela primeira vez no reino, o vencimento foi julgado como milagre da Providencia. E assim o reconheceram os dois valentes caudilhos portuguezes, levantando em memoria da peleja e honra da soberana protectora el-rei D. João I o mosteiro de *Santa Maria da Victoria*, e o Condestavel o templo de *Nossa Senhora do Vencimento*.

Ha poucos mezes um erudito hespanhol, o sr. C. Ximenez de Sandoval, publicou em Madrid uma notavel monographia historica, *Batalla de Aljubarrota*, estudo critico-militar que honra a sua imparcialidade na apreciação de um facto que foi desastroso para a sua patria. No seu livro falla tambem do convento do Carmo; e ainda que não siga a opinião de Jorge Cardoso e Manuel de Faria e Sousa e d'outros, encostando-se á de frei José Pereira de Santa Anna, que não baseia a origem do convento na victoria de Aljubarrota, comtudo não se exime de enumerar esta fundação entre outras dedicadas áquella

batalha, por ter sido obra do Condestavel e a sua ultima residencia ¹.

Seja porém como fôr, o Condestavel epilogo a sua vida condignamente com esta veneranda edificação, que por mais de tres seculos foi admirada e respeitada de nacionaes e estrangeiros, e que ainda hoje nas suas ruinas é monumento d'arte e padrão de gloria como precioso specimen de architectura gothica e recordação do glorioso reinado *de boa memoria*.

A 16 de julho de 1389 se abriram os alicerces do templo com toda a solemnidade, prevenidas as licenças do rei e bullas do papa, e *sobre o sitio melhor da cidade* (como diz o *Agiologio Lusitano* ²), campeou por fim com magestoso donaire a sacrosanta casa da Virgem. Era esta a melhor eidadella, o mais nobre capitolio dos triumphos navaes da rainha do Oceano. Os horisontes eram extensos, os panoramas variados. Além de se descobrir uma grande parte da cidade, dilatando-se os olhos para o meiodia, descanzavam agradavelmente sobre o limpido cariz do Tejo, vendo-o coberto de basta floresta de navios; as naus de guerra estacionavam sobre as ancoras, as embarcações ligeiras, faluas e bergantins, sulcavam a corrente em differentes direcções. Da banda do norte o paiz era delicioso, matizado de casas de campo e bordado de odoriferos pomares, hortas e jardins, que na primavera com flores e no estio com verduras compunham um quadro amenissimo ³. É o que dizem as chronicas do tempo, e que ainda hoje se vê em grande parte.

A fabrica foi sempre melhorando successivamente, acerescentaram-se capellas, substituiram-se e melhoraram-se muitos trabalhos e alfaias, e com o correr do tempo parece que tão primoroso santuario chegaria a tocar o zenith da grandeza. No 1.º de novembro de 1755 toda esta maravilhosa construcção, como obra fragil do homem, foi destruida pelo temeroso terremoto! Celebrava-se missa alta manhã, e o templo apinhava-se de fieis, quando, rebrandando o furioso cataclysmo, se abriram as formosas naves e se fenderam as solidas paredes, desabando o edificio e sepultando sob as suas ruinas innumeradas victimas!

Poupar-lhe-hei a descripção minuciosa da casa e templo na epoca antiga, e só lhe apontarei os dimensões que ainda conserva ⁴:

Comprimento da porta ao altar mor	327	palmas
Largura das tres naves	100	»
Altura do templo	112	»
Vão dos arcos que separam as naves	27	»
Largura da capella mór	30	»
Largura do cruzeiro	40	»

Emquanto ao aspecto geral da egreja, reporto-me ás gravuras conhecidas. A capella mór e collateracs, que, segundo os chronistas, representavam *uma inexpugnavel e soberba fortaleza*, levantavam-se do chão em cinco cor-

pos semi-circulares por entre reforçados pilares de cantaria lavrada, que assentavam sobre escarpas firmissimas. São estes os restos principaes que ainda hoje existem.

A historia do convento do Carmo e da sua magestosa egreja anda tratada em muitos livros, tanto nos agiologios e chronicas antigas, como nos jornaes contemporaneos. Os primeiros desenvolvem miudamente a sua fundação e progressos, os segundos tratam das ruinas que deixou o terremoto. E uns e outros são o ecco da profunda veneração, que a todos os portuguezes mereceu sempre esta obra do Condestavel. O valor de Nun'Alvares, immortalizado nos golpes da sua espada e nas pelepas homericas da independencia, reunido com a piedade dos seus ultimos annos, grangearam-lhe popularidade extraordinaria. O povo o cantou nas suas trovas e festejou nos seus folguedos; e a sua imagem veneranda sobrees nos nossos fastos como um dos deuses indigetes, tão fallados nas epocas remotas.

Mas advirtamos ainda mais. Dois sentimentos poderosos e unicos, a religião e o patriotismo, crearam o nosso reino, desenvolveram-n'o e sustentaram-n'o em mais de sete seculos. A cruz da espada de Afonso Henriques arvorou-se em labaro, e é ainda hoje, a despeito de elementos deletorios, o mais solido fundamento da nacionalidade portugueza. O esforço do nosso braço, avigorado pela fé, realizou prodigios, não os prodigios das lendas, mas os milagres da historia. Ao lado d'uma batalha eleva-se um templo, isto é, o valor e a piedade unem-se em laço estreito, e d'esta união resulta a nossa grandeza. Por isso a egreja de Nossa Senhora do Vencimento tem, além da significação religiosa, a commemoração politica, mas politica que é tambem uma religião, o amor da patria.

Dizia o nosso Garrett, e dizia muito bem, que é preciso crer em alguma cousa para ser grande — não só poeta — grande seja no que fôr. Mas Garrett fallava do Dante, do Goethe, do Camões. E se o fervor da creença dá a immortalidade ao homem, tambem a dá ao povo que fórma a sua Iliada com batalhas e descobertas.

Eu bem sei que ha hoje uma sciencia mephistophelica que de tudo ri, mas a *duvida* que ella gera e que vae lavrando no presente, é mil vezes peor do que o chamado *fanatismo* do passado. N'estes casos, confesso que me quero antes com a credulidade das creanças, do que com o scepticismo dos philosophos. A fé, que funda imperios, vale bem mais do que o cynismo, que os desmoralisa.

Curvemo-nos portanto diante das ruinas do Carmo, e se não podemos imitar nem o valor que originou a sua construcção, nem a arte que a dirigiu tão elegante e perfeita, não neguemos ao menos o tributo do respeito ao que é de si verdadeiramente grande.

E ponho ponto, meu amigo; desejava alongar-me mais, mas não posso. Desculpe as minhas imperfeições á conta da minha muita amizade. Adeus.

Coimbra, 20 de maio de 1873.

A. A. DA FONSECA PINTO.

¹ No puede, pues, considerarse este edificio como los anteriores, dedicado exclusivamente á dicha batalla: mas, teniendo presente la fecha en que él lo determinó, la probable certeza del voto de erigir á la Virgen un templo digno de su culto; y la consideracion de que las honras y mercedes que de ella creyó recibir fueron en esa guerra, cuyas acciones principalmente señaladas y gloriosas para él son las de Aljubarrota y Valverde, no será despropósito darle lugar en nuestra reseña, cuando, por otra parte, es allí donde cambiando el guerrero y el opulento señor la armadura por el hábito de la orden del Carmen, pasó en oracion los postremos años de su vida. C. Nim, de Sandoval, *Batalla de Aljubarrota*, pag. 271.

² Jorge Cardoso, *Agiol. Lusit.*, tom. III, pag. 215.

³ Fr. José Pereira de Santa Anna, *Chronica dos Carmelitas*, tom. I, pag. 562.

⁴ Póde ver-se o *Panorama*, 1.º vol. (1837) pag. 4.



PRECIOSIDADES ARTISTICAS

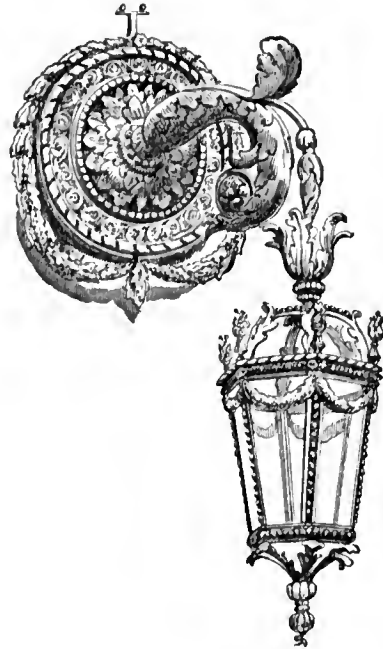
Na arte existe um elemento de belleza, que, por assim dizer, a determina e defi-

ne. É o seu *caracter*. Por elle conhecemos não só a epoca, mas tambem a nacionalidade do producto.

Em muitos casos, chega a evidenciar-nos o auctor.

obra não impressiona tanto como o seu cunho accentuado e especial.

N'um podemos reconhecer o periodo de decadencia, n'outro um arraiar de afoutas



N.º 1 — Lampada e florão de ferro

La Bruyère disse conceituosamente, falando do homem: — *Son caractère jure pour lui*. Quasi que o mesmo poderíamos escrever da arte.



N.º 2 — Assucareiro de prata

Nos variados exemplares que apresentamos agora, e que são recriados ao gosto artistico, tanto dos tempos antigos como das eras medievais, a belleza positiva da



N.º 3 — Lécytho attico

idéas, e n'alguns o caminhar aavez de uma serie já de conquistas.

Conhecem-se os labores de raças que, à mingna de facultades plasticas, não con-



N.º 4 — Vaso oscense

seguiram reproduzir as formas correctas e puras da arte grega, como se podem assinalar barreiras, e mostrar d'onde começaram a apparecer alvores d'essa graciosa

e preciosíssima *faiença*, ou louça de barro esmaltado, no desenho e ornamentação da qual o proprio Ticiano pôz mão, em honra ao



N.º 5—Castiçal de bronze

duque Affonso de Este. N'outra parte vemos um *specimen* d'aquella famosa louça franceza conhecida pelo nome de *Rei Henrique II*—



N.º 6—Almofada em obra de talha

Roi Henri Deux—manufatura tão peregrina, que a sua origem e desenvolvimento foi por muito tempo desconhecida da historia.

As nossas gravuras grupam-se nas diversas provincias tanto da esculptura em metal e na de madeira, ou obra de talha, como



N.º 7—Vaso de Ferrara

propriamente na da olaria. Podemos collocal-as n'um cyclo, a datar pela indole, do terceiro ou quarto seculo antes de Christo,



N.º 8—Bule de louça de barro *Henri deux*.

terminando no oitavo, esse momento fatal da decadencia da arte. Além de tudo, o que estes monumentos trazem em si, é a

asseveração de muitos factos sociaes, e de como as necessidades de occasião promoveram uma singular variante nos costumes.

As contendias militares entraram n'isto por maior. As baixelas de prata, *batterie de cuisine*, fundiram-se para occorrer á soldada dos mercenários. A nobreza da França, e illustres principes italianos, despojavam as suas mezas de maravilhas antigas, e concediam ao barro quasi que foros realengos. É que o duque de Lorena, para bater o seu adversario em Nancy, pagára aos combatentes com as taças e bandejeões dos seus maiores: do mesmo modo que Alfonso de Este deitára á fornalha os seus primores incomparaveis, para que esse veio de ouro fundido pudesse alimentar a guerra contra o papa.

Piccolopasso, na sua *Arte de oleiro*, diz que este príncipe inventou, ou foi pelo menos, o primeiro que empregou um delicado esmalte, chamado *branco de leite*.

Dando agora começo á apresentação das nossas gravuras, seja a primeira um florão e lampada de ferro (n.º 1) extrahidos da colleção Monbrisson.

Na quadra do seu fabrico, isto é, do reinado de Luiz XIV á revolução, o esmorecimento do bom gosto na arte torna-se sensível. D'aqui resulta difficuldade em descobrir o artista.

O vaso que se segue (n.º 2) é um assucareiro de prata, feito no primeiro quartel d'este seculo, por Bienvais, famoso na ourivesaria. O desenho é obra de Percier. Nota-se n'este objecto uma especie de estylo classico, sem largueza nem elevação, apropriado ao falso gosto da epoca, não obstante as suas prendas de harmonia e até mesmo de elegancia.

Temos seguidamente (n.º 3) um *Lécytho attico*, reliquia dos melhores dias da arte grega. A parte inferior, a aza, e o remate ou gargalo, são d'aquelle escuro bellissimo, a que, na cor, e só n'ella apenas, pôde ser comparavel a louça preta de basalto por Wedgwood. O corpo do lécytho, ou garrafão para oleos, é pintado a branco e cinzento; e o desenho é a imitação, pela singeleza das linhas e immensa força de verdade, d'aquelles monumentos em que os gregos assellaram a enorme superioridade da sua concepção artistica. Sabemos, pelo testemunho de Aristophanes, que um lécytho de mão de mestre (como por exemplo o da nossa copia, que é não só uma obra prima de olaria, mas que se recommenda pela graça da pintura), podia ser comprado por uma quantia não excedente a tres tostões.

O pequeno jarro etrusco (n.º 4) parece ser um arremedo oscese — de Huesca ou Osea — em que se busca rastrear o fino gosto da olaria grega. Figura elle um assumpto religioso ou mythologico em que, n'um desenho trivial, se mostram as ancilas conduzindo objectos domesticos. O periodo caracterizado é de um profundo desabamento da arte.

A forma do vaso é secca e desengraçada, e contrasta frisantemente com a leveza gentil do lécytho.

O castiçal de bronze (n.º 5) da colleção Nolvos, pertence ao seculo XVI, mas o nome do auctor é desconhecido, como tambem o da lampada e florão de ferro (gravura n.º 4). Ha muita elegancia no que constitue verdadeiramente o corpo do castiçal, porém a largura da base é desproporcionada e denota excessivo pezo.

Os arabescos e laçarias d'este painel ou almofada (n.º 6) revelam a esculptura em madeira, ou obra de talha, no seculo XVI. É escolhida de entre as da colleção Bonaffe.

A urna (n.º 7) é de *fiança* de Ferrara, manufactura que principiou e se desenvolveu sob os auspicios do duque Hercules I, no declinar do seculo XV. É uma formosissima obra de arte, tanto nas linhas como no luxo da ornamentação. O desenho d'este vaso é que se attribue a Ticiano, e em similhante supposição nada ha de incongruente, porque as caprichosas bellezas da taça, e a abundancia imaginosa das figuras, podem muito bem ter saído da phantasia do grande pintor veneziano.

O n.º 8 é um bule de louça *Henri deux*. Esta forma usada ainda hoje na Italia, parece ser a antecessora da dos bules ou *biherons* modernos.

Estas amostras da arte industrial, representada pelos melhores mestres, hão de ter sempre, além da valia que lhes é propria como fragmentos da historia, a que resulta das suas qualidades, como exemplos de belleza artistica.

ANTIGUIDADES



COMMUNICOU mr. Waddington, á Academia de França, promenores do maior interesse relativos ás escavações feitas pelos inglezes para encontrarem o celebre templo de Diana, reputado, na antiguidade, uma das sete maravilhas do mundo. Mr. Waddington foi buscar a maior parte d'estes promenores a uma carta de mr. Wood, e submetteu ao mesmo tempo á Academia um plano do templo traçado, não em virtude de conjecturas mais ou menos racionaes, mas segundo os resultados alcançados em consequencia das escavações.

Omittindo a parte descriptiva, pois que não é possível apresentar o plano que a torna intelligivel, daremos alguns dos principaes esclarecimentos que se encontram na referida carta.

Omittindo a parte descriptiva, pois que não é possível apresentar o plano que a torna intelligivel, daremos alguns dos principaes esclarecimentos que se encontram na referida carta.

O templo tinha de largura 173 pés inglezes (o pé inglez regula por — 0,304) e de comprimento 308 pés. A roda havia uma plataforma de 9 1/2 pés de alto, á qual se subia por uma escada de dez degraus. O templo tinha cem columnas, duas das quaes, pelo menos, eram da forma mais antiga que se conhece. Descobriram-se vestigios do primeiro templo — o que foi queimado por Erostrato. As paredes, que eram de marmore, tinham 6 pés de espessura; para o segundo templo fizeram-se as paredes mais espessas pela addicção de novas enxilharias de ambos os lados.

O segundo templo foi destruido no terceiro seculo da era christã pelos godos ou scythas; os materiaes foram mais de uma vez empregados em construcções levantadas na localidade. O que porém acabou de destruir o monumento, foi a edificação de uma egreja no mesmo sitio onde esteve o templo.

Mr. Wood remetted o plano, que não passa por enquanto de trabalho provisório, sollicitando á Academia que o arceade no archivo. Trata-se para mr. Wood do direito de prioridade ao descobrimento, propondo-se elle a dirigir ulteriormente áquella illustre reunião de sabios, todos os documentos relativos ás escavações e aos seus resultados.

Mr. Waddington crê que a Academia corresponderá devidamente á homenagem que lhe prestou o sabio estrangeiro, patenteando-lhe oficialmente a sua satisfação.

Em Athenas tambem se fez ultimamente um descobrimento bastante curioso para os antiquarios.

Morreu ha annos em Valachia um grego muito rico, chamado Leppa, deixando uma avultada somma destinada a fazer resurgir os jogos Olympicos, modificados conforme as exigencias da sociedade moderna. Depois de largas discussões, resolveu-se erigir para este fim um edificio em Athenas, entre o jardim do palacio e o templo de Jupiter Olympico.

Encontrou-se primeiro ao cavar o terreno escolhido para a construcção, bocados de mosaico do tempo dos romanos e paredes de data mais moderna construidas de pedra ordinaria e argamassa.

Estes achados não animaram a maiores investigações. Ha pouco tempo, porém, os operarios que andavam escavando o terreno para os alicerces da futura edificação, encontraram vestigios de uma construcção antiga e os troncos de duas estatuas maiores que o natural. As estatuas, uma de homem, outra de mulher; foram desco-



bertas apenas a 1 metro e 40 centímetros de profundidade, em sitio onde o terreno sobe suavemente para uma collina. É fóra de dúvida que são ambas da época dos romanos. As mãos e os pés estão quebrados, mas o que resta, basta para indicar que ellas representavam divindades: Esculapio e Hygia provavelmente.

As pernas da estatua de Esculapio foram encontradas, separadas do tronco, assim como tres fragmentos dos braços da de Hygia.

Representava-se esta deusa tendo sobre o hombro uma serpente e segurando n'um vaso em que o reptil mergulhava a cabeça. Nas escavações acharam-se muitos fragmentos do corpo da serpente.

CHRONICA DO MEZ



ALLAR dos acontecimentos do mez, n'uma publicação em que a politica e os factos completamente estranhos ás artes e á litteratura, não são bem olhados nem mesmo admissiveis, equivale a tratar constantemente dos mesmos assumptos, isto é, a referir com a brevidade que a secção exige, o que occorreu pelos theatros e o que se publicou pela imprensa.

Pois que não posso entoar hymnos á Providencia pela magnanimidade com que fez crescer uma e engordar outra das duas franquezas que tem estado em exposição na rua do Ouro, nem tão pouco me é permitido citar outros successos considerados profanos dentro d'estas columnas, limitar-me-hei a tratar, como nas revistas anteriores, de theatros e de livros.

Foi dos mezes mais fertéis em espectaculos notaveis o mez que findou.

N'uma noite reapareceu no Gymnasio um dos primeiros talentos da scena portugueza: n'outra faz o seu beneficio de escriptura em D. Maria n'um artista novel, mas de vigorosa intelligencia; mais tarde é a festa artistica de uma actriz de merito transcendental, com uma comedia de Molière.

Foi no drama em cinco actos—*A côrte na aldeia*, extrahido pelo sr. José da Silva Mendes Leal da bonita comedia franceza *Les ivresses ou la chanson de l'amour*, que a actriz Emilia das Neves se apresentou de novo em publico, depois de haver estado por alguns mezes completamente retirada dos trabalhos scenicos.

Toda a imprensa periodica sandou a reaparição da eximia actriz, que tem sido sempre muito applaudida por numerosos espectadores, cabendo igual honra aos demais artistas que dignamente a acompanham na primorosa execução do drama em que se estreou no Gymnasio.

A Côrte na aldeia é composição conhecida do publico de Lisboa, que a viu representar ha annos no theatro de D. Maria n. Filiada na escola que pôde considerar-se de transição do romanticismo para o naturalismo, tem scenas bem traçadas e de seguro effeito. Os primeiros actos correm friamente, porque a exposição da peça é longa; no terceiro acto porém, e principalmente no quarto e quinto abundam as situações calculadas para entusiasmar as platéas, sendo todavia algumas do ultimo pouco verosímeis.

A linguagem é sempre fluente, imaginosa e correctissima, como tudo que sae da esclarecida penna do sr. Mendes Leal, escriptor fecundo e de muito saber, a quem o theatro portuguez tão relevantes serviços deve.

O actor Alvaro fez o seu beneficio em D. Maria n'um acto, primorosamente traduzida pelo sr. Ferreira de

Mesquita—*Luiz XI e o poeta*, e com o drama em quatro actos—*O bastardo*, excellente versão do sr. Tito de Carvalho.

A primeira comedia é um episodio interessante da vida de Luiz XI, o rei perfido, vingativo, cruel, supersticioso e desconfiado. O episodio succede com Pedro Gringoire, celebre poeta satyrico d'aquella epocha, o qual, segundo a ficção tecida pelo auctor, é obrigado a inspirar amor a uma donzella, durante o curto espaço de meia hora, para salvar a vida que arriscara escrevendo versos offensivos á pessoa do rei.

Esta peça teve excellente desempenho no primeiro theatro portuguez, e foi posta em scena com muito esmero pelo ensaiador o sr. José Carlos dos Santos. O publico applaudiu-a muito.

O Bastardo é composição dramatica bem architectada, mas onde se encontram bastantes materiaes já usados em trabalhos d'aquella ordem. No entanto, é dialogada com vigor, tem idéa moralisadora e scenas traçadas com verdadeiro talento. A do quarto acto, em que o filho bastardo exprobra ao pae o abandono a que o votou, fazendo d'elle um perverso em vez de o tornar homem de bem e útil á sociedade, é perfeitamente bem escripta, e presta-se a que dois actores patenteiem os seus recursos artisticos.

Todos os actores representaram bem o drama, recebendo o beneficiado paga condigna dos esforços que tem empregado para desempenhar satisfatoriamente o logar que está occupando entre artistas de primeira ordem.

Molière está em moda nos theatros de Lisboa.

Ao *Medico à força* succede o *Tartufo*, a este segue-se o *Avarento*.

Representou-se esta excellente comedia, considerada uma das melhores do vasto repertorio do celebre auctor francez, em beneficio da actriz Dellina, comediante de superior talento, que honra sobremaneira o nosso theatro.

A apreciação da peça está feita ha muito pelos principaes criticos de todos os paizes, e na propria traducção portugueza do sr. visconde de Castilho poderá encontrar o leitor uma extensa analyse escripta pelo sr. Mendes Leal, na qual se põem em relevo os merecimentos da obra e os da traducção, que tanto uns como outros são muitos.

Ninguem ignora que a peça original é escripta em prosa e a traducção feita em versos primorosos, como os sabe fazer o auctor do—*Amor e melancholia*.

O desempenho do *Avarento* no theatro da Trindade foi regular, sobresaindo o actor Ribeiro, que executou o papel principal dando realce ás principaes situações, e a actriz Dellina que representou com a maior verdade e a mais fina observação do natural, o papel que lhe pertenceu. Não escacearam portanto os applausos a esta distinctissima actriz, que hem os mereceu pelos seus anteriores trabalhos e pela nova criação que em a noite do seu beneficio apresentou ao publico.

Em S. Carlos deu-se mais uma opera nova, nova para Lisboa, pois que para quasi todos os theatros lyricos — *A força do destino* é peça antiga.

Como a maior parte das peças de Verdi a—*Força do destino* agradou logo na primeira representação, obtendo espontaneos e unanimes applausos.

O *libretto* é extrahido do drama hespanhol do mesmo titulo, representado em Madrid no anno de 1835, e de que é auctor o duque de Rivas. A acção é por vezes absurda, mas presta-se a effeitos scenicos e musicas que o celebre compositor soube aproveitar maravilhosamente.

Notam-se na opera além de algumas longuras, bastantes reminiscencias de outras composições, o que é muito commum em grande parte dos trabalhos de Verdi. Os trechos principaes são a romanza da dama no primeiro acto, o *racconto* do barytono, a canção da cigana, a romanza da dama e o coro final do segundo, a romanza do tenor, a cançoneta do vendilhão e o *rataplan* no terceiro, o duetto do tenor e do barytono, e o final do quarto acto. O papel de fr. Militão, proprio para alegrar o drama, que é cheio de tristuras e horrores, dá um tom de opera-comica á composição, que me parece destoar um pouco da severidade propria das partituras d'aquella ordem.

Verdi refundiu a opera que primeiro escreveu com o titulo de—*Força do destino*. A de S. Carlos é a segunda, que encerra, conforme a opinião geral, mais bellezas que a da primitiva, em-

bora haja n'esta um duetto que muitos julgam melhor do que o equivalente na partitura que ouvimos.

O desempenho é bom por parte de todos os artistas, que são os primeiros da companhia.

Nos demais theatros tambem se tem dado espectaculos novos.

No do Principe Real subiu á scena uma peça original do sr. Varella, intitulada—*João Brandão*, que pouco engenho dramatico encerra, e que é apenas uma revista dos factos ligados á vida tristemente celebre d'aquelle homem, hoje degredado em terras de Africa.

No da rua dos Condes deu-se uma oratoria original do sr. Salvador Marques da Silva, denominada—*Santa Quitéria, a martyr christã*, que está bem posta em scena e tem attractivos bastantes para chamar a concorrência, não sendo os menos notáveis as scenas pintadas pelos acreditados scenographos, os srs. Procopio e Lambertini.

Livros de bastante merecimento viram a luz da publicidade durante este mez.

O primoroso estyllista o sr. Latino Coelho publicou em volume alguns trabalhos que fez em tempo para a Academia das Sciencias, e aos quaes pôz o titulo de—*Elogios academicos*. Escusado é encarecer o merecimento d'este livro, que tem logo na primeira pagina a melhor das recommendações—o nome do auctor. Haja vista a curiosidade e o interesse com que o publico o tem procurado.

Scenas Contemporaneas chamou o sr. Claudio José Nunes a uma colleção de bellissimos versos em portuguez e francez, publicados em luxuoso volume editado pela casa Rolland & Semiond, e antecedidos de um notavel juizo critico do sr. Latino Coelho.

O sr. Claudio José Nunes é um dos nossos bons poetas; quasi todas as suas composições teem idéa moral e proficua, atiladamente desenvolvida e ornada com as brilhantes galas de um estylo imaginoso e apropriado.

A imprensa periodica recebeu o novo livro do sr. Claudio com as maiores honras.

O sr. Antonio Francisco Barata enviou-me um folheto denominado—*Vasco da Gama*, e um volume impresso em Coimbra, intitulado—*O Manuelinho d'Erora*.

No poema canta o auctor as famosas glorias do celebre descobridor do caminho da India; no romance recorda os esforços feitos pelos eborenses para se libertarem do terrivel jugo castelhano.

A parte ficticia do romance é agradável e interessante, a historica acertada e instructiva. O assumpto é o mesmo do drama representado ultimamente no theatro de D. Maria II—*O louco de Erora*, com a differença, porém, de que no romance procurou o auctor acatar a historia e cuidar a linguagem, ao passo que no drama apenas se observa habilidade em quem o escreveu para armar aos elleitos que arrebatam as platéas.

Do sr. Xavier Machado recebi mais um escripto que se intitula—*A razão*. É uma analyse á velha questão suscitada pelo folheto do *Homem-mulher*, que tanto ruido fez no mundo litterario e a que pôz termo a queda monumental da *Mulher de Claudio*, comedia de Alexandre Dumas, a que o tal folheto servia de prologo.

Por fim citarei o novo livro do sr. barão de Roussado—*Entre estrangeiros*.

Estão ainda na memoria de todos os espirituosos folhetins do sr. Manuel Roussado, publicados nos principaes periodicos de Lisboa e lidos com avidéz pelos que preferem a graça scintillante de alguns periodos ligeiramente delineados, á irreprehensivel correção de uma prosa embocada e fastidiosa.

É a esses que eu recommendo o novo livro do sr. barão de Roussado, affirmando-lhes que a longa persistencia do auctor em paizes estrangeiros, ainda não lhe fez perder a graça portugueza que tão interessantes e agradaveis tornava todos os seus escriptos.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Encontrou-se na cidade de Colonia, em casa de um particular, o precioso esboço de um dos mais celebres quadros de Rubens, pertencente á egreja de S. Martinho de Alost e do qual ha uma gravura magnifica, hoje rara, de Paulo Pontius. O esboço representa os *Pestíferos invocando S. Roque* e tem mais figuras do que o quadro, que mede cinco metros de altura.

No Museu do Louvre abriram-se mais tres salas onde figuram muitos quadros de que o publico e os artistas estavam privados ha annos. Os principaes são: *A peste*, de Van Ostade; *Santo Agostinho*, de Gaspar de Crayer; *Christo morto*, de Van Mol; *Magdalenha aos pés de Christo* e o *Retrato de Luiz XIII*, de Philippe de Champagne; *Venus e o Amor*, um *Retrato* e o *Boi esfolado*, de Rembrandt; *Venus e Vulcano*, dois *Retratos* e *S. Sebastião*, de Van Dyck; a *Ceia* e o *Retrato de Maria de Medicis*, de Porbus; o *Almirant Tromp*, de Jordaens.

No Brazil publicaram-se as seguintes obras:

Mimi, romance pelo sr. dr. José Tito Nabuco de Araujo.
Arremedos, colleção de lendas e canções populares pelo sr. dr. João Salomé de Queiroga.

Cantos do retiro, livro de versos pelo sr. Fernando de Mattos.

O sr. dr. Benjamin Francklin Ramires Galvão reimprimiu a *Prosopopeia de Bento Teireira*, obra de grande valor historico, e de que não ha, segundo parece, senão dois exemplares, um na Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro e outro na Bibliotheca publica de Lisboa.

Na galeria de quadros do castello de Fachna, pertencente ao barão Stakelberg, descobriu-se um quadro de Holbein, o novo, cuja assignatura fixa definitivamente o nascimento do celebre pintor. Foi em 1497.

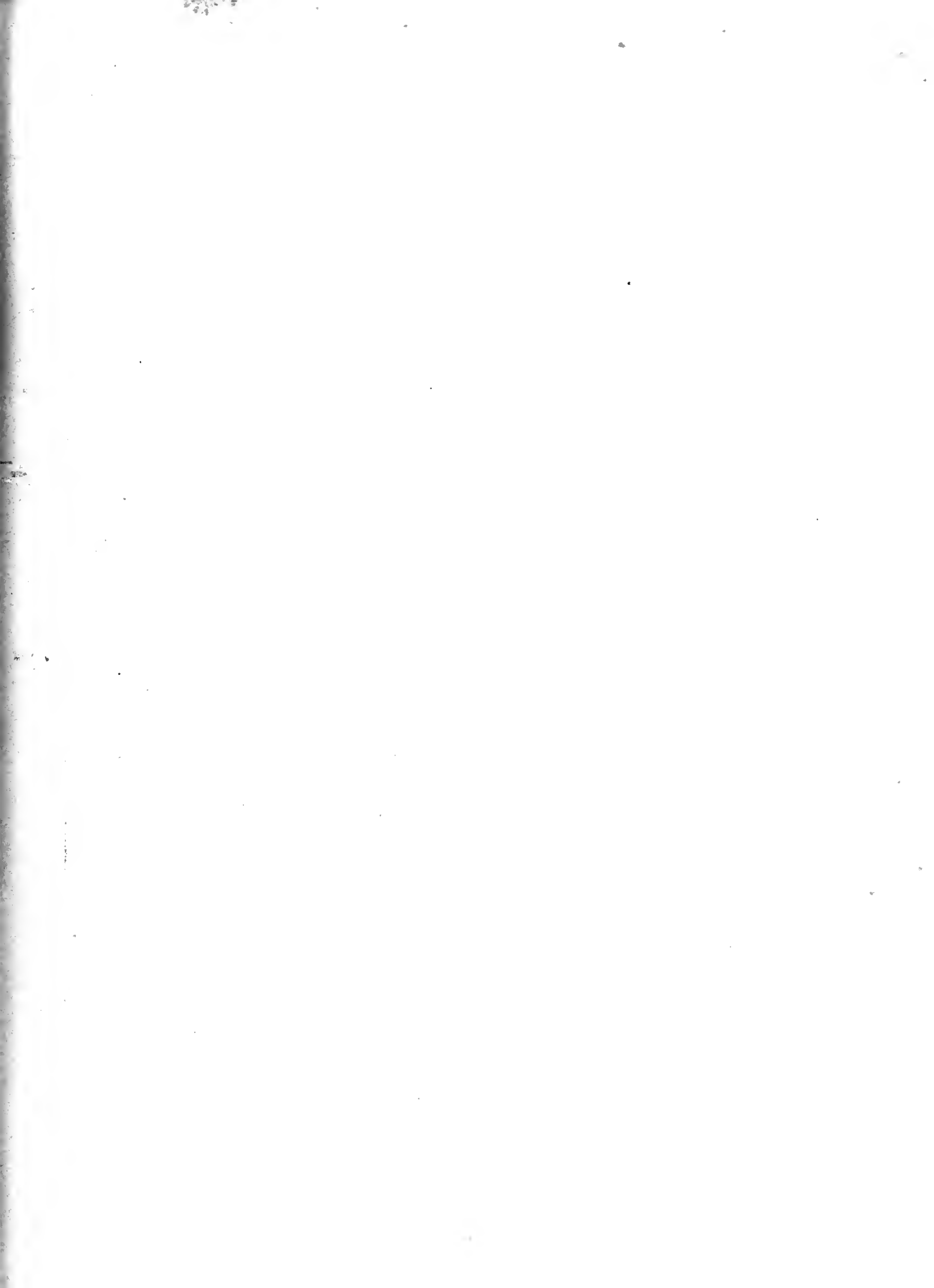
O paisagista francez Alexandre Gosselin poz termo á vida enforcando-se em sua propria casa. Tinha sessenta annos de idade. Ignora-se a causa de tal acto de desespero.

Cabanel, o celebre pintor francez, manda á exposição de Vienna um quadro decorativo, que havia sido encomendado para o pavilhão de Flora nas Tuilherias, e é agora destinado ao tecto da grande escada que conduz ao Museu pela outra extremidade da grande galeria. Alguns baixos relevos de Guillaume devem, conforme o projecto de M. Lefuer, acompanhar a decoração de Cabanel.

Anda por dois mil o numero de expositores francezes não admittidos no grande certame de Vienna, por falta de espaço.

Em Bruxellas vae abrir-se uma exposição internacional de obras de arte pertencentes ás escolas antigas dos Paizes-Baixos, á qual muitos inglezes possuidores de quadros e a propria rainha de Inglaterra prometteram enviar as colleções que possuem. Em Amsterdam tambem vae haver uma exposição retrospectiva, comprehendendo tudo quanto as grandes colleções holandezas possuem de melhor em ourivesaria, louças, esmaltes, etc.







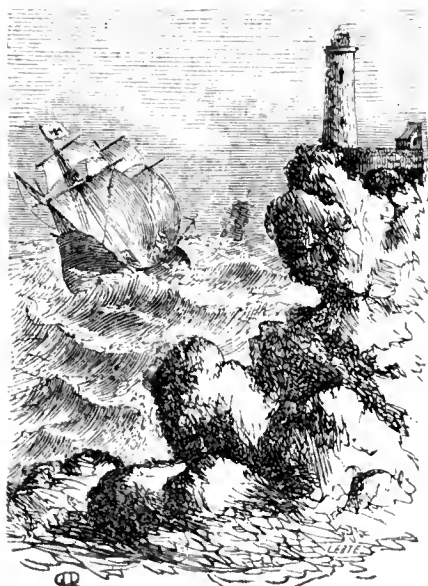
A CHAUVEN PARTIA.

ARTES E LETRAS



LISBOA — ABRIL DE 1873

MORTE DE D. LOURENÇO DE ALMEIDA



OGRÁRA Vasco da Gama descobrir um novo caminho para a Índia; alcançára amostras dos productos do Oriente sem passar por terras do arabe ou do persa e sem necessitar dos navios de Veneza. Obtivera realizar o pensamento dominante de algumas gerações, as esperanças de um reino e as previsões dos sábios; conseguira, no dia 20 de maio de 1498, lançar uma ponte de Lisboa a

Calecut e vir depois entregar ao senhor rei D. Manuel as primicias da Índia, e o ouro de Quilôa que o successor de D. João II manda transformar na monumental custodia de Santa Maria de Belem.

Estava satisfeito o sonho glorioso do gloriosissimo grão-mestre da ordem de Christo; — na igreja da Batalha, sobre o tumulo do infante D. Henrique, deviam ajoelhar reverentes, os que oppunham razões de ordem e de conveniencia aos incitamentos de Pedro Nunes, e dos varões que illustraram a escola de Sagres, para que não houvessem de proseguir as navegações e descobrimentos, que ainda hoje são o mais honrado titulo e o melhor direito á soberania e indepedencia do pequeno reino de Portugal.

As armadas haviam seguido a rota do S. Gabriel; e os capitães mores, desfraldando a bandeira da ordem de Christo e expondo a cruz da redempção nas velas das naus e galeões, devassavam os mares *nunca d'antes navegados*, e proclamavam bem alto a audacia e ousadia portugueza.

Cumpria atar os laços das novas amizades, que povos e reis nos offereciam, por admiração ou temor, conservar em respeito os que prejudicados em suas explorações commerciaes, alveiosamente nos moviam eiladas e traições, e tambem oppôr a lucta e a força contra os

que contrarios se mostravam aos pacíficos intuitos com que diligenciavamos estabelecer-nos no Oriente.

Isto urgia fazer. Não o conseguiam porém os esforços separados e diversos: instava que um pensamento unico dirigisse e governasse todos os commettimentos, que um systema raciocinado regesse e ligasse todas as vontades, discordes muitas vezes nos meios de alcançar victoria dos inimigos.

Era por tanto indispensavel eleger e nomear quem provesse de prompto a tudo, quem por todos pensasse e fosse obstaculo ou remedio aos perniciosos males que poderiam resultar da desharmonia, onde o accordo mais de que tudo se necessitava.

Não rareavam então em Portugal os homens sobre que podia recair acertada escolha para o mando e para a guerra, mas devia ella ajustar em varão que ás qualidades cavalleirosas dos antigos guerreiros, juntasse as faculdades de administrador supremo e pudesse exercitar com o requerido criterio, o elevado encargo de delegado do rei em tão longinquoas regiões.

D. Francisco de Almeida, filho do primeiro conde de Abrantes, que por seus talentos e bravura comprovados na guerra de Granada, conquistára, ainda longe do rei e da côrte, o diploma de capitão mór da Índia, é designado por D. Manuel para a espinhosa e arriscada missão de governar as terras descobertas por Vasco da Gama.

Entrega-lhe o rei venturoso a bandeira real, que symbolisa a soberania de que o reveste e o poder que lhe concede com o titulo de visor-rei.

A 25 de março e 18 de maio de 1505 veem do Restelo caminho da Índia 28 naus e caravellas, levando bandeira de capitania a nau *Bom Jesus*.

D. Francisco de Almeida, primeiro visor-rei da Índia, commanda a poderosa armada, em que se contam as naus *S. Gabriel, Flor de la mar, S. João, Espirito Santo e S. Tiago*; e se extremam os audazes e esclarecidos navegadores João da Nova, descobridor de Santa Helena, e D. Lourenço de Almeida, filho estremecido do illustre D. Francisco, hercules portuguez, cujas façanhas na Índia enchem de assombro os estranhos e são inveja a naturaes.

Descobre elle a ilha de Ceylão, antiga tapabrana e acode a Panane onde o seu guião amarello tremula ovante sobre a tranqueira conquistada aos mouros de Calecut. Alli immortalisa o seu nome combatendo sósinho contra quatorze nares aos quaes vence, após haver armado cavalleiro com a propria espada Nuno da Cunha, dizendo ao pae: — «Sr. Tristão da Cunha, sabe Deus que minha espada n'este dia não tinha ganhado nenhuma honra, mas agora fica com muita, que minha espada a ganhou em tocar vosso filho, tão honrado cavalleiro, em que fico tão obrigado.»

Segue elle com a armada de doze velas para Cambaya, guardando e combonando como capitão mór do mar as naus de Cochim, que seu pae lhe entregára; corre a costa e obrigado pela força do tempo, entra o rio de Chaul para ali aguardar e juntar as naus com que tem de voltar a Cochim.

É improvisamente acommettido n'aquelle porto pelas armadas reunidas do turco e dos reis de Cambaya e de Calecut. Trava-se a lucta em que a sorte das armas é por vezes diversa. O valor portuguez suppre a deficiencia de navios, a dos combatentes e até a falta de munições. Os louros do combate foram colhidos pela espada christã: alguns navios apresados são valioso trophéo da victoria, que se não completa por que a noite a interrompe e obsta á continuação da batalha.

Recebem os contrários auxílios e reforços, que os anima a esperar pelo dia e pelo ataque dos nossos, e ainda a concertarem-se para a nova lucta, que por experiência sabem ha de ser temerosa.

Os nossos medindo apenas a propria audacia e sem mais contarem, nem a mais attenderein, só aguardam por que o vento enfine as velas para irem abordar a poderosa armada de Mir-Hocem.

Desfraldam os traquetes e seguem rio abaixo; mas então a nau de D. Lourenço, desgovernando, vae atravessada encostar-se a uma estacaria sobre a qual é impellida pela força da maré vasante, e allí inclinando, dando a borda e chegando a metter agua no convez, ameaça sossobrar; — os outros navios confiados em que a nau de D. Lourenço conseguirá *safar-se*, só quando vêem o grande pendor que ella toma, é que surgem, mas já em tal distancia, que os bateis com os seus capitães, a toda a força de remos, não vencem o peso da corrente nem conseguem abordar a nau do capitão mór.

Sobre esta começam os rumes a atirar bombardas, vindo uma nau e muitas fustas de Meliquiaz batel-a rijamente, com o que a põe em duro aperto, abrindo-lhe varios rumbos. Neste transe em que se vêem sós rodeados de inimigos, o mestre e os demais da nau instam com D. Lourenço por que salve a todos, salvando-se a si: — «Senhor, a nau já é perdida. Salvae-vos no batel com a gente que puder caber, que a outra irá a nado, porque a nau não tem salvação, porque ainda que venha a maré, como se endireitar logo se metterá no fundo — que melhor sois vós vivo que nós todos.» Mas o capitão mór, o filho do visor-rei, não pôde aceitar alvitre que a prudencia aconselha, mas que a heroicidade repelle; a resposta é digna d'elle: — «Não podemos todos caber no batel, e os que ficassem logo os matariam as fustas, e por tanto ide-vos no batel os que couberdes, e então tornae por mim.»

O capitão mór prefere a morte honrada e gloriosa, sobre as taboas do navio, á vida comprada á custa da fuga e tambem do sacrificio dos seus.

Que aprendam n'elle como procedem heroes; ton e n exemplo amigos e inimigos de como se serve a patria: o primeiro nas honras é o ultimo nas desgraças. Perde-se a vida, ganha-se a immortalidade.

Um pelouro quebra as duas pernas a D. Lourenço de Almeida, que logo expira com palavras de animosa resignação; o seu corpo é soterrado no baixio onde a nau assenta, sem que jámais possam achal-o as diligencias dos contrários, que mais do que os amigos procuram encontrar-o; — por sepulchro o fundo do rio de Chaul, por monumento a nau que commandava! Entregam-se a Meliquiaz os poucos que restam da nau de D. Lourenço, e os outros navios seguem rota para Cochim, encontrando tres navios portuguezes que vinham de Ormuz, abastecem-se de polvora e de pelouros e vo'tam a Chaul, onde infructiferamente buscam os rumes, que ao tempo já eram partidos para Dia. Frustradas assim as esperanças de vingar a morte do seu chefe ou de morrerem combatendo allí, resolvem recolher a Cochim.

Vão tristes e abatidos; entre as naus falta a do capitão mór, entre os guerreiros falta o primeiro, o mais bravo, o mais esforçado d'elles, D. Lourenço de Almeida. Ao aproximar de Cochim, suscita-se a difficuldade a que todos pretendem esquivar-se, de qual dos capitães será o triste mensageiro, que levará a tristissima nova da perda da nau e da morte do filho ao pae e visor-rei.

Só a sorte pôde decidir a contenda, e esta recae em Camacho. Segue constringido o capitão para Cochim e a sua caravel'a passa ante a fortaleza sem a sandar;

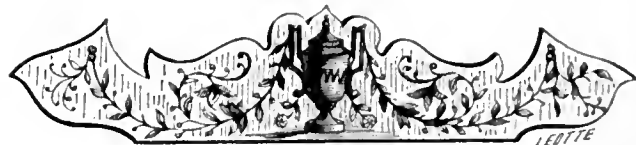
quem leva lutos no coração, lagrimas no rosto não pôde ostentar apparentes galas e demonstrações festivas.

Mas o visor-rei, ou por que o seu coração de pae adivinhasse o funesto acontecimento ao ver voltar sem o filho as naus de Cananor, ou por que realmente tivesse informação ou aviso do desastre, teve d'elle a certeza ao ver chegar a caravel'a de Camacho. Desembarca este, e tremulo e afflicto se descobre ao avistar o vulto venerando de D. Francisco de Almeida, que melancolico mas sereno, e sem o deixar fallar, lhe pergunta: — «Por que não salvastes a fortaleza, que não é do pae do morto, mas de el-rei de Portugal?» Não se descreve o que vae no coração de Camacho; não lhe occorrem palavras nem de pezames nem de desculpa; titubeia apenas sons entrecortados de soluços. É commovedor o lance; termina-o D. Francisco, dizendo: — «Ora vos ide a descansar, e mandae á caravel'a que faça sua costumada salva, e eu mandarei na igreja fazer signal pelo defunto; e o mais deixae, porque quem o frangão comeu ha de comer o gallo ou pagal-o.»

Eram assim os portuguezes de então. Morriam uns no assalto á fortaleza, hasteando n'ella a bandeira das quinas; outros defendendo a tranqueira; outros fazendo ir pelos ares os navios que commandavam, ou submergindo-se com elles; outros em procura de uma terra desconhecida; outros prégando e ensinando o evangelho; e todos resignados, ufanos, orgulhosos, sacrificando-se por Deus e pela patria, como D. Francisco de Almeida perdeu o filho estremecido que era toda a sua gloria, como elle proprio se sacrificou em combate singular.

Morriam aqui, renasciam na eternidade.

MARX DE SORI.



NUNCA EU TE LÊSSE, BALLADA!

Suspende a dura sentença,
Que de teus labios ouvi!
E ergue do chão os quebrados,
Teus negros olhos magoados,
Quando me acerco de ti!

Ergueste-os, encantadora!
Mas antes do teu perdão,
Attende-me, e ouve, senhora
Com todo o teu coração.

Escuta:

«A um rei namorado
Sincera e fiel amante
Ao morrer tinha deixado,
De um longo affecto em penhor,
Cinzelada taça d'ouro
Do mais antigo lavor.

Amava o rei mais que tudo
Aquella doce lembrança,
Que lhe trazia os aromas
Das finas e ondeantes cômas
Da desditosa creança.

Toda a vez que elle bebia
 Por esse vaso sagrado,
 Uma extatica alegria
 Como flôr ideal sorria
 No seu turvo olhar caçado...

Um dia vendo-se o pobre
 Mais triste, velho e abatido,
 Abraçou-se commovido
 A taça, o tremulo amante!
 E as lagrimas uma a uma
 Deslisavam n'esse instante
 Nos rudes flôcos de espuma
 Da longa barba fluctuante!..

N'aquella hora de agonia
 Chamou seus filhos e herdeiros,
 Deu-lhes tudo que possuia,
 Ouro, palácios, riquezas.
 Os seus castellos roqueiros,
 E as suas largas devezas.

Dividiu tudo contente:
 A taça guardou sómente.

Sentindo fugir-lhe a vida,
 Manda o triste convidar
 Seus pares, filhos e herdeiro
 Para um festim derradeiro
 No castello sobranceiro
 Às verdes aguas do mar.

Em meio da festa o velho
 Erguendo a taça, e sorrindo,
 Embebido o olhar no infundo,
 Um frouxo canto soltou;
 E mal o canto findara
 No leito da onda amara
 A taça de ouro lançou...»

Eram profundos cimmes
 Os d'esse rei namorado:
 Que não fosse alguém bel'er
 Por esse copo adorado,
 E viesse a conhecer
 Os cariciosos perfumes
 D'aquelle vaso sagrado.

Hontem á tarde, beijando-a
 De teu labio a viva rosa.
 Lembrou-me a historia singela
 D'essa ballada amorosa:
 E dentro em mim de repente
 Tão extranha dor senti,
 Que n'um impeto demente
 Do teu labio humido e ardente
 Com tórvo gesto fugi!

Lembrei-me, cabeça louca!
 Que, se eu acaso morresse,
 Talvez um outro sorvesse
 Os beijos da tua bôca!

E no azul indefinido,
 O minha piedosa anêmona!
 Cuidei ouvir o gemido
 Da mórribunda Desdemona...

Ai! desavisado amor,
 Perdôa, sombra adorada!
 Nunca eu te avistasse, flôr!
 Nunca eu te lêsse, ballada!

Coimbra —187...

GONÇALVES CRESPO.



O BIBLIOPHILO



STÁ no interior do seu mundo: ide perturbar-lhe aquelle silencio e ter-lhe-heis arrancado a felicidade.

Como Pythagoras, tem o ouvido affeiçoado para as musicas mysteriosas. O grande philosopho grego affigurava-se-lhe ouvir a harmonia das espheras; e ele tambem ouve um concerto a resoar entre as paredes escuras do seu quarto; cada livro é um instrumento da grande orchestra; de cada folha sae uma nota que só elle comprehende.

Vive solitario e vive entre amigos. Não descerra os labios e mudamente palestraia em todas as linguas. Discursam com elle os velhos e os moços, os vivos e os mortos, os mortos principalmente. Ama os antigos, os classicos, tem por elles uma especie de culto: adora Homero e extasia-se com Cicero, melancolisa-se com Virgilio e sente-se rejuvenescido com Anacreonte.

É o quer que seja de *medium* o bibliophilo. Evoca os grandes espiritos e sente-se face a face com os genios. É um seu familiar; como que a sua alma é feita da alma de todos elles.

Ninguem lhe pergunte pela familia; os seus filhos são os seus livros. Se quereis vêr o bando das louras creanças, voltae os olhos para outro quadro; aqui só entrou a meditação e o estudo, aqui, se existe amor, é o amor do pergaminho.

Quando e'le, depois do pequeno passeio no quintal, entra á noite no seu gabinete e accende o candieiro amarello de tres bicos, aquella desordem phantastica, aquellas rimas de livros, aquella atmosphaera pulverulenta produzem-lhe, desde a cabeça aos pés, uma voluptuosidade indescrivel. Está no convivio dos seus intimos. Tem todos os aromas e todas as delicias. A sua imaginação não concebe outro prazer.

Umaz vezes é como o alchimista. Lida, afadiga-se, tressua; julga ter descoberto um thesouro, encontra na bibliotheca d'um mosteiro um manuscrito extraordinario; a letra está quasi consumida, a traça rendillhou-o, mas aquillo é uma perfeita maravilha, que se torna preciso restituir ao seu primitivo valor. Depois de esforços inauditos de paciencia, depois de gastar dias e noites a adivinhar garatujas, quando já suppunha que iria reve-

lar algum dos livros perdidos da historia cesareana de Tacito, apenas depara com um rude tratado culinario devido á ociosidade d'um devoto irmão de S. Bernardo. São os seus dias de luto!

Outras vezes as suas alegrias chegam a tocar o delirio. Ri e salta como as crianças.

No dia em que, por exemplo, completa a sua *campanha*, vai-se ver ao espelho; palpa-se moço, reconhece-se bello. Conquistou uma preciosidade! Como que se abraça e se felicita a si proprio. O livro do entusiasmo não o deixa um momento; leva-o para a cama, para a mesa do jantar, para toda a parte. Como que pede á gente que lhe perguntem e tomasa perguntar por elle, que lhe ponham duvidas sobre a veracidade da edição, para mais uma vez ter o ensejo de verificar que é a edição *priniceps*, o melhor exemplar, o raro, o unico!

O bibliophilo nem sempre é rico ou pelo menos remediado. Quando é pobre, é para ver os prodigios que emprega para salvar a sua bibliothecasiinha. É economico, é avarento, chega a ser miseravel para que ninguém o desaprove das suas reliquias. Viveria n'uma catacumba como os martyres, contanto que lhe não arrancassem

do peito aquella sua religião dos livros. É a sua crença, é a sua fé; matem-no e promettem-lhe dar por cabeceira mortuaria um *alzeriano*, que elle irá satisfeito para a cova. Quando vai á estante e tira um volume para o trocar por uma fatia de pão, antes quizera que lhe abrissem o peito. Não se suicida, não morre de fome, para gosar mais um momento aquella felicidade. Quando tiver vendido o ultimo livro, terá perdido o ultimo instante da vida.

Foi esta idéa philo ophica que guiou o pincel de Manuel Maria Bordalo Pinheiro, cujo amor pela arte bem se pôde dizer igual ao que tem pelos livros o heroe do seu quadro.

O *Bibliophilo* da nossa gravura está representado n'um dos seus momentos de concentração. Acaba de ler e medita de certo sobre o valor litterario do manuscrito que lhe pousa no joelho. Quem sabe! talvez algum facto desconhecido surgisse d'aquella leitura! É necessario cogitar por um momento, chamar a juízo a memoria, dis-

correr sobre a opinião dos auctores, combinar as datas, cotejar os textos e toda esta operação mental se desenha na sua fronte vasta e encanecida.

O sr. Bordalo Pinheiro não é um professor no sentido official da palavra. É um amador incansavel, um artista de gosto, que se sente enamorado pela escola flamenga e que de vez em quando nos mimoseia com uns quadros pequeninos, cheios de observação, feito d'uma maneira pouco vulgar.

A gravura, devida ao buril do sr. Pedroso, dará o pensamento do quadro, mas quem lhe quizer apreciar o colorido solicite o favor do rei-artista e reconhecerá o *Bibliophilo* entre os quadros estima-



O BIBLIOPHILO

dos da galeria do paço da Necessidades.

O senhor D. Fernando tem sido um apreciador distincto do talento do sr. Bordalo Pinheiro, cujo nome já é hoje o brazão d'uma familia de artistas.

O quadro, que nos suscitou as considerações d'este ligeiro artigo, foi premiado n'uma das ultimas exposições da Sociedade promotora das bellas-artses.

A CHAVENA QUEBRADA



— Todos nós portuguezes, povo por excellencia para beber chá, sabemos como por cá se tem passado sempre este caso. Está a mesa aberta, o competente camdeiro, e oito ou nove pessoas reunidas a passar a noite, conversando e bocejando em quanto não chega o bule.

Tudo parentes, e pessoas de amizade.

Physionomias de gente de bem, serenas, quietas.

Duas senhoras a fazer *crochet*; a dona da casa dando audi-

encia, ora á direita ora á esquerda. O marido jogando o wisth ou o voltarete com tres amigos. Uma menina a bordar.

Na parede o retrato do dono da casa, com a sua farda de camarista.

— O *Diario Illustrado*, que é d'elle? pergunta uma das visitas.

— Aqui está.

— Ainda hoje o não vi. Traz um general. Está bom este general!

— Parece o primo Pentecostes!

— É verdade. É boa! É tal qual o Pentecostes! O desenhista devia represental-o de chapeo-de sol, que é como elle costuma andar!...

O dono da casa interrompe o jogo, por um ataque de ira:

— É preciso ser burro...

— Que?

— É preciso ser burro... de fortuna!

Um dos assistentes lê os annuncios do *Diario de Noticias*:

— Ah! cá estão as pilulas!

— Estão ahí?

— Estão. E com um agradecimento, de mais a mais.

— Agradecimento do doente. É uma cortezia bem entendida. Ai esperem, não é do doente, não: o doente morreu...

— É então o medico que lhe agradeça?

— É a familia que agradece ao medico.

— Como, a familia?

— Certamente. E vê-se, pela maneira porque está redigido isto, que o doente morreu... curado!

— Ah!

— Pois é.

Ouve-se bater á porta.

— São as Albuquerque provavelmente.

— Não; a esta hora, e pelo bater, parece-me a D. Caetana e a sobrinha.

— A sobrinha prometteu trazer hoje versos novos.

— É poetisa? pergunta a menina que está bordando, despedindo sobre o filho da casa, que é seu primo, um olhar de inquietação.

— Grande poetisa! diz o dono da casa, cedendo o seu logar á mesa do jogo. Grande musa! É a decima, e em largando a recitar é pesada como um imposto!

As meninas do *crochet*, uma ao ouvido da outra, em quanto entra D. Caetana e sua sobrinha:

— O mana, olha, esta menina dizem que tem uma lyra?

— Serio?

— Serio, sim: quem o disse é pessoa lá de casa, que provavelmente já lh'a viu. E tambem li no jornal que tem uma tripode...

— Quem sabe lá!?

— Vi eu no jornal!...

— Deixa fallar!

— Sr.^a D. Caetana, minha querida amiga, que bondade a sua de fazer o sacrificio esta noite...

— Já a semana passada desejavamos vir, minha senhora, mas meu marido teve em casa uma pequena reunião politica...

— Sempre a politica!

— Ora! Não lhe deixa tempo para mais nada. Sempre combinações, sempre planos! E depois, receios...

— As coizas nunca estão tranquillias... Ha gente que vive de idéas... Victor Manuel, que era rei do Monte Pio, fizeram-o rei da Italia, e ao senhor D. Luiz, rei de Portugal, querem fazel-o rei da Siberia... — Eu, como vê, já tambem sei fallar d'estas coizas...

— Estou vendo... estamos vendo.

Um pareciro para outro:

— Que foi que ella disse do Monte Pio?

— Piemonte é o que ella quer dizer. Piemonte e Iberia!

— É a mesma coisa.

— *Mutatis mutandis*.

A dona da casa, beijando a sobrinha de D. Caetana:

— Ha alguma composição nova?

Silencio eloquente da modestia. D. Caetana diz á sobrinha:

— Anda, responde! Não ouves o que te perguntam!?

A menina diz:

— Hontem quando a lua accendia no horisonte a sua lampada de alabastro e o eco principiava de entreabrir seus cofres de saphiras...

Pára o jogo. Um dos pareceiros, furioso:

— Então você joga?

— Deixe ouvir...

A menina prosegue:

— ... minha alma desprendeu um cantico de envolta com as vozes mysteriosas da natureza.

— Oigamos! exclamam as senhoras largando o *crochet*.

— Não sei se conseguirei recordar-me. Tenho tido hoje uma nevralgia funesta; todo o dia estive deitada; ergui-me ha pouco do leito da dôr...

— Mas agora estás melhorsinha, diz-lhe a tia. Vamos, recita.

Até vir o chá não se faz outra coisa. Está a agua a ferver na cosinha, e a poesia a ferver na sala; composição sobre composição, as estrellas, a lua, o sol, as sombras, os riachos, o suspirar das ondas, os bateis no argenteo lago, a brisa da manhã e a brisa da noite, o gorgueio das aves, as alegrias da primavera...

— É admiravel! É sublime!...

— Passo! diz um a jogar.

Entra o chá.

Que saudades do apparatus antigo, — as estreitas falias com manteiga, a que chamavam *kestias*, finas, finas, a embrulhar-se umas nas outras: e os bolos d'especie no prato grande do Japão; e uma creada armada sempre da thesoura para velas, espevita aqui, espevita alli, recebendo na bandeija as chicaras varias, fazendo tudo n'uma volta de mão, e esbogalhando os olhos a ver quem requeria mais chá pelo facto de não metter a colher na chavena.

Hoje torradas de um lado, bolachas inglezas do outro, dois bules ao centro, e está dito tudo.

— Preto ou verde? pergunta a dona da casa com sorriso complacente.

Uma das visitas encarrega-se da parte historica:

O chá verde é artificial; agradável, mas falso. Um sophisma! O amigo china pega do chá preto, que é o chá natural, o verdadeiro chá, besunta-o de azul da Prussia, de saes de cobre, depois engomma-o...

— Como, engomma-o?

— Não o engomma a ferro...

— Ah!

— Mas mette-o em agua de gomma, e põe-o depois no forno a seccar!

Fica uma pessoa com a entranha engommada a lustro!...

— Puro polimento!...

— O que não impede que os chinas bebam chá tres vezes ao dia, pelo menos: a gente rica, muitas mais. Conta n'uma carta o nosso cunhado o governador, que não só o chá é allí circumstancia indispensavel nas ceremonias religiosas, mas que não ha ir de visita a qualquer casa sem que logo se offereça d'elle uma chavena ou duas.

— No Japão, reduzem o chá a pó; deitam nas chircas agua a ferver, e uma pitada do pó em cada uma!

— A arvore que produz o chá é tão bonita! exclama a poetisa. É um arbusto sempre virente, que tem parecências com a murta!

As senhoras parecem enfadar-se com este rasgo de erudição, e olham para a musa de revez. Tudo que eleva alguém acima do vulgo, nascimento, riqueza, formosura, talento, ou poder, tem de pagar patente ás invejinhas e á malquerença publica. Por isso um sensaborão que allí se encontra, redargue logo para lisongear o despeito dos prosaicos:

— A arvore boi, que produz bifes, não é talvez peor, apezar de não se parecer com a murta.

— Mas não tem influencias para a politica! acode um deputado, trincando uma bolacha. Em quanto que o chá... Estavam bem aviadas as reuniões nocturnas da maioria no ministerio do reino se elle faltasse! O chá ministerial!...

Seguem-se os protestos em favor do chá que se acha presente: que é muito bom, que é o melhor de todos, que não ha enconral o egual em Lisboa: ás vezes dão logar a um desafio essas discussões, desafio amavel já se vê:

— No sabbado, se fizerem favor de ir a nossa casa, hão de experimentar o chá que lá temos, offerta do mandarim Tzig-san ao nosso cunhado governador...

E estabelece-se concurso, e manda-se buscar o chá á outra casa, e nomeia-se juiz, e estabelecem-se jurados, e ha advogado e accusador.

É por entre a agitação d'estes cataclismos, que, de uma vez ou d'outra, a creada estonteada na balburdia das vozes e dos argumentos, vira a bandeja, quebra as chavenas, e rega o tapete com os restos d'aquelle chá... judicial.

JULIO CESAR MACHADO.



O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Conclusão)

Kasper fallava com voz firme e segura. Cada uma das suas palavras parecia sair do coração.

Frantz mudava a cada momento de côr: no fim escondeu a cabeça entre as mãos, dizendo:

— Julga então que fiz bastante pelo genero humano e que a posteridade n'ó terá de que me censurar? Julga que cumpri o meu dever?

— Se fez bastante?! Mas qual é o philosopho que pôde gabar-se de haver feito tanto? De haver sacrificado tudo, tudo pela sua doutrina? Vamos, meu respeitavel amigo, não chore. N'ó chora quem tem a sua vida, e as suas acções. Deve bastar lhe o testemunho da propria consciencia.

Estas palavras benevolentes minoravam a angustia de Frantz. As lagrimas corriam sem esforço como que brotando de uma fonte. Sentiu-se vencido pela fortuna e pelos judiciosos conselhos de um homem de bem.

Mas Coucou Peter, que percebeu que o iam privar do seu logar de grão rabino, baten na mesa e disse:

— Pois eu digo que temos a certeza de conquistar o Universo, e não é exactamente na melhor occasião que se deve abandonar a empreza, co'os diabos! E o logar de grão rabino que me prometteram? Por que o mestre prometteu-m'ó e não é capaz de dizer o contrario.

Matheus não respondeu. Não tinha nem forças, nem animo para o fazer.

Mas Kasper Muller, pondo a mão no hombro do apostolo, disse-lhe:

— Tenho para ti, amigo, um logar que te deve convir mais que o de grão rabino. Faço-te moço da cervejaria com trinta franco: por mez, casa, cama e mesa, e a generosidade dos freguezes á tua disposição, hein? que te parece?

Foi então que as gordas bochechas de Coucou Peter se dilataram de satisfação.

— Diabo, homem! Tem um modo de dar com o fraco da gente!

— Renuncias então a dignidade de grão rabino? perguntou o cervejeiro.

— Pudera! A não ser que o mestre...

— Nada, nada, isto é só contigo. Decide.

— Acabou-se, disse Coucou Peter, levantando-se. Viva a cerveja! o meu verdadeiro logar é junto da cerveja.

Quando o seu discipulo abandonou assim definitivamente a grande causa da doutrina, o illustre philosopho respirou, levantou os braços ao céu e disse:

— O Ser dos seres ordena: que a sua vontade se faça.

E foram as unicas palavras melancolicas que disse. Por que, pensando que ia vo'tar ao Graufthal, sentia uma alegria indescriptivel e plena descer-lhe ao fundo d'alma; tão grande fôra o seu ardor em sair da aldeia, tão grande era agora o desejo de ali voltar.

A mulher do cervejeiro juntou-se ao marido para lhe pedir que descançasse ainda dois dias. Foi tudo baldado.

— Quero partir já, já, dizia elle passeando na sala, não me demore, minha senhora, não me peça: teria o desgosto de lhe dizer que não. Os fados cumpriram-se. Coucou Peter, vae apparellhar Bruno, vae, Coucou Peter, quanto mais cedo melhor. Ah! meus amigos, se sou-

bessem que enorme peso tiraram de sobre o meu coração! Ha dois dias que não respirava. Cada passo que me afastava do Graufthal me enchia de tristeza. Mas vou partir, vou voltar, graças a Deus, á minha aldeia.

Kasper, vendo-o tão decidido, não insistiu. Saiu com Coucou Peter e ajudou a apparellhar o cavallo.

Frantz, que os seguira, andava á roda d'elles sem poder conter a sua impaciencia. Por fim, vendo tudo prompto, o bom do doutor lançou os braços com effusão ao pescoço de Kasper, dizendo-lhe:

— Nobre alma! digno filho de Jorge Müller! nunca esquecerei os serviços que lhe devo. Possa o Ser dos seres derramar as suas bênçãos sobre toda a sua familia.

Abraçou tambem a sr.^a Catharina, e enfim Coucou Peter que soluçava.

Depois pôz o pé no estribo com a maior presteza, quando se sentiu preso por uma das abas do casaco. Era Coucou Peter que lhe mettia o que quer que fosse na algibeira.

— Que estás tu fazendo? perguntou Frantz.

— Não é nada, não é nada, sr. doutor: é o signal do meu ordenado que eu já recebi. Uma vez que já não é propheta, ha de precisar de dinheiro. Lembre-se que o caminho é por Wasselorme, Marmontier e Saverne. Pare na *Cornucopia da abundancia* e não se deixe roubar pelos estalajadeiros que hão de abusar da sua bondade.

Matheus olhava para o seu discipulo com um inexplicavel enternecimento.

— Oh! Coucou Peter, Coucou Peter, que homem tu serias se os fúnestos instinctos da carne não tivessem tanto imperio sobre ti! Que boa alma! que simplicidade natural! que espirito de justiça! Serias perfeito!

E abraçaram-se outra vez a chorar.

— Não me diga mais nada, doutor, proferia commovido o discipulo. Olhe que sou capaz de abalar consigo, e de nunca mais beber senão agua para o não deixar.

Por fim, o bom do doutor conseguiu montar e afastou-se repetindo:

— Que o Ser dos seres lhes pague a todos e derrame sobre todos os seus beneficios. Adeus! adeus!

XXIII

Frantz Matheus seguiu os conselhos de Coucou Peter. Parou em todas as estalagens que elle lhe tinha indicado no caminho, pagando a sua despeza como deve fazer todo o homem que não viaja por conta da civilização.

Passou por Wasselorme, Marmontier e Saverne, e no dia seguinte chegou ao alto de Falberg, no ponto em que se inclina para o lado de Graufthal.

Era madrugada quando Frantz desceu a serra.

O gallo vermelho de Christina Bauer começava o seu canto matinal, de modo que Matheus ouvindo esta voz tão conhecida, começou a chorar de alegria.

Bruno ia a passo e rinchava de mansinho, como para dizer:

— Sr. doutor, estamos em casa. Veja se conhece estes carreiros, este matto alto, estas grandes arvores! E lá em baixo, aquelles tectos de colmo, ainda cobertos em parte pela névoa do valle: é a nossa terra. Como eu estou contente de a ver, sr. doutor.

E o bom doutor Matheus soluçava. Tinha largado as redeas sobre o pescoço do seu cavallo, e cobria o rosto com as duas mãos sem poder conter as lagrimas; depois enxugava os olhos e fitava tudo em silencio.

O céo pardaeento, os vapores esbranquiçados, os ro-

chedos cobertos de musgo, os arbustos, o cheiro acre das plantas, a aragem, tudo fallava ao seu espirito; e, quanto mais se aproximava, mais o extasiava tudo que via. Cada objecto lhe parecia tão bello como se o vira pela primeira vez, tão estimavel como se houvera passado mil existencias com elle.

— Meu Deus! meu Deus! dizia elle, como sois bom de me deixardes tornar a vêr a minha terra, a minha grande terra! Nem eu sabia, meu Deus, até que ponto amava esta terra. Nem sabia quanto estas arvores, estas casas, esta lindissima Zinsel que corre murmurando, estes abetos que oscillam, eram necessarios á minha vida! Não sabia, não.

E o carroiro que elle seguia alargava-se gradualmente, e ia ás voltas por alli abaixo como para lhe mostrar todo o encanto da paizagem e conduzi-lo suavemente á sua morada.

No fim de uma hora chegou ao caninho areento que fica ao fim da ponte de madeira, á entrada da aldeia.

Os passos de Bruno eccoaram na ponte, e o pobre animal rinchou com mais energia.

Todos dormiam ainda no Graufthal; o gallo vermelho de Christina Bauer era o unico que repetia os seus co-co-ro-cós.

Matheus ia olhando para as portas, para os tectos salientes, para as trapeiras tapadas com palhas, para os respiradouros das adegas.

Da ribeira vinha como que uma agradabilissima sensação de frescura. Parece que uma vida nova circulava já nos membros do pobre doutor.

Achou-se enfim diante da sua porta.

Apeou-se, lançou a vista por sobre a palissada do seu pequeno jardim e viu as gotas de orvalho como perolas, ornando as magnificas cabeças das suas couves.

Como tudo estava fresco, sosegado, silencioso!

Bateu ao postigo e esperou... Bruno rinchou... Que acontecerá? Virá?... E cutou... sentiu alguém que atravessava a casa... Levantaram o fecho... Como o coração de Frantz pulsava!... Sentiu que empurravam o postigo e... Martha... a boa velha Martha, com a sua touca de dormir, inclinou-se para fóra.

— Oh! meu Deus! é o sr. doutor! é o sr. doutor!

E a toda a pressa, a toda a pressa, veio a pobre mulher abrir a porta.

Matheus, sentado sobre o banco que estava ao pé da sua casa, chorava como o filho prodigo.

B.

CATHEDRAL DE LINCOLN



LIFICADA sobre uma eminencia, e no centro d'uma região plana e vasta, a cathedra de Lincoln domina horisontes extensos, tornando-se, por esse modo, visivel a distancias n'õ curtas. O viajante que estiver entre Newark e a montanha oriental de Retford, nas proximidades de Tuxford, descobrir-lhe-ha, em dia claro, as torres elevadas, comquanto haja doze milhas de perneio.

A posição d'este glorioso edificio entra, por maior, na sua celebridade, visto que o espectador defronta com elle, seja qual o ponto em que se ache, admirando-o nas suas varias grandezas: — o que traz á memoria as palavras do psalmista, referindo-se a Jerusalem: — «*Fun-*

damenta ejus in montibus sanctis;» «Tem os alicreos nas montanhas sagradas.»

Um moderno escriptor francez disse a respeito de *Nossa Senhora de Lincoln* — (a cathedral é dedicada á Virgem): — «A belleza da sua estrutura, a regularidade do seu complexo, a elegancia em todas suas partes e a magnificencia da architectura, collocam-n'a a par dos templos de Chartres, de Amiens, de Bourges e de Reims, essas obras primas da arte religiosa.»

No tempo dos romanos, Lincoln era uma povoação de pequena monta; engrandeceu-se pouco a pouco, até o momento da conquista, tornando-se depois d'ella uma das mais florescentes cidades.

No intuito de a fazer digna de respeito, Guilherme ordenou que se construísse uma poderosa fortaleza, para o que se arrazaram não menos de duzentas e cincoenta casas, obtendo-se d'este modo um terreno larguissimo e conveniente.

Remi ou Remigiús, abbade de Fécamp, que da Normandia acompanhara o Conquistador, e por elle fôra nomeado bispo de Dorchester, em 1070, transferiu a séde episcopal para Lincoln, do que resultaram os mais beneficos effeitos para os novos dominios, sob o ponto de vista religioso. Remi dirigiu com grande impulso os trabalhos da cathedral, dando-lhe a forma da cruz latina, com um duplo cruzeiro, e inclinandose a que o estylo architectonico fosse o romano-byzantino. É esta a sua traça actual, comquanto se observem algumas pequenas modificações. O bispo viveu bastante para assistir ao rapido incremento da sua obra; mas no dia marcado para a consagração da igreja, a 9 de maio de 1092, fechou os olhos para sempre. Em 1124 um destruidor incendio devastou parte do templo, porém o bispo Alexandre ordenou de prompto a sua completa reedificação. Sessenta annos depois um tremor de terra destruiu-lhe as muralhas e arcadas internas, sendo Hugo de Grenoble quem depois mandou reparar os damnos. A cathedral subsiste como se vê hoje, desde esse periodo.

Mr. Gwilt, escreve na sua *Encyclopedia de Architectura*: «Hugo de Grenoble construiu a nave, côro e teias, entre 1186 e 1200; Grosfete e Lexington, entre 1240 e 1254, edificaram as torres; Hugo de Burgundia

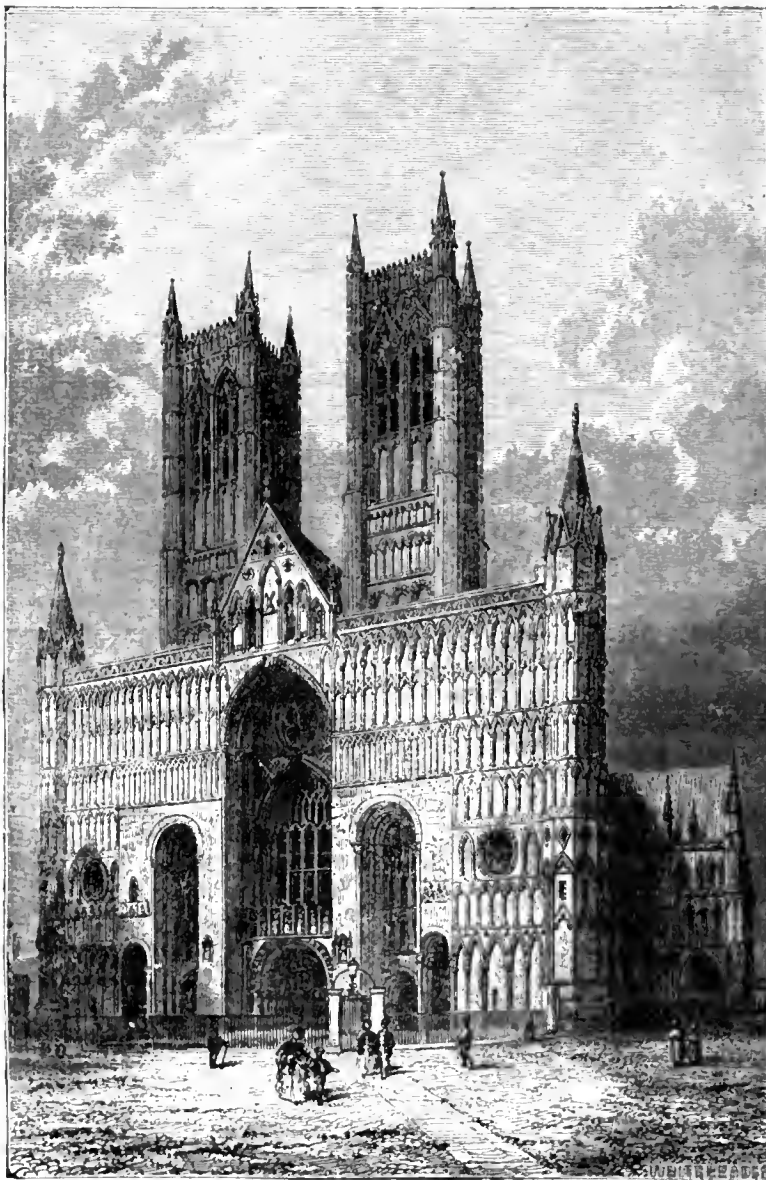
addicionou-lhe o presbyterio e o cruzeiro occidental, de 1286 a 1300; em 1306, D'Alderby alterou o desenho do côro, e juntou o cruzeiro oriental, até que em 1438 Alnwick rasgou a grande janella do poente, e levantou o portico.»

A estrutura do templo consiste em uma nave e teias, quatro cruzeiros, côro, cancello e capella. Internamente, vêem-se dezoito amplas arcadas, em que as dos cruzeiros se incluem. A perspectiva, graças ao renque de columnas, é em extremo pittoresca; e o effeito, no todo, nada invejaria a qualquer outro, se houvesse mais elevação nas arcadas. A nave é elegante, e os pilares trabalhados com opulencia; as teias são em demasia apertadas, porém isto não prejudica a belleza no seu conjunto.

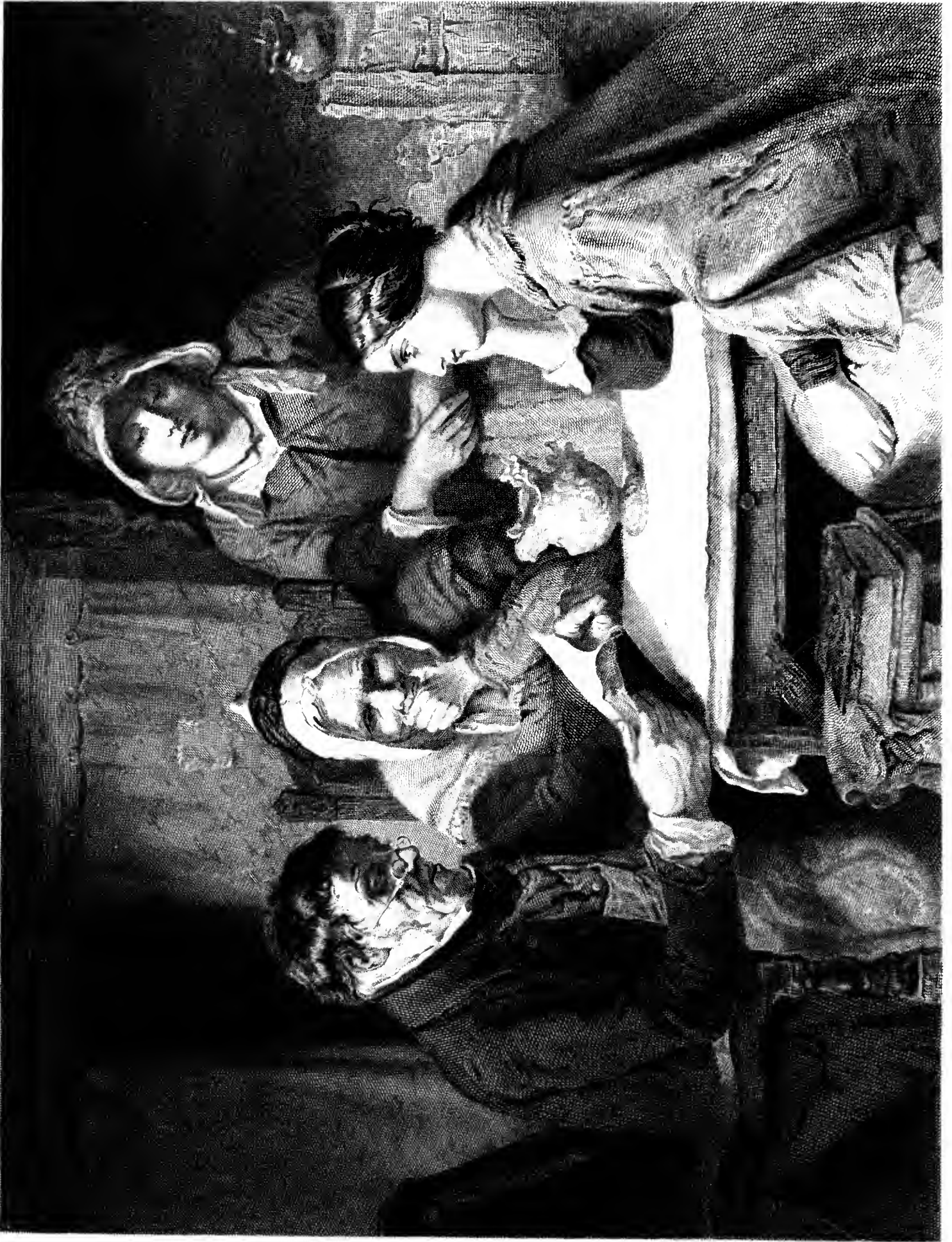
A capella tem uma formosissima abobada, sustentada por uma columna central, em cuja volta se enlaçam dez preciosos columnellos, fechados pelo mesmo fuste. A frontaria occidental apresenta duas torres que se elevam a uma altura de 180 pés; de principio eram ellas encimadas por uma especie de grimpas, que se desmoronaram no primeiro quartel d'este seculo, conservando-se unicamente os pinaulos dos angulos. Na intersecção dos cruzeiros com a nave e o côro, ha uma enorme torre central, que as da banda do poente encobrem ao espectador. Esta torre principal é de 300 pés em altura, e terminava n'uma espiral, que desabou em 1547. Considera-se, geralmente, a parte oeste do edificio como um dos mais bellos padrões da architectura gothica, e isto não tanto pela magestade das linhas, como pela multiplicidade dos labores. Nos primeiros annos havia em muitos nichos as estatuas dos reis de Inglaterra, porém o fanatismo do seculo 17.^o, deu-lhes fim impiedoso.

O côro, separado da nave por um riquissimo ante-paro ou guardavento, sobreleva em composição e factura á mesma nave e cruzeiros, com quanto não seja de um caracter distincto. O extremo oriental do côro e a capella da Senhora, mostram a transição do estylo anglo-primitivo para o ornamentado, do que resulta uma peregrina belleza. O claustro é quadrangular, conservando-se tres partes d'elle no seu estado d'origem.

A cathedral de Lincoln pôde considerar-se, a todos os respeito, como uma das melhores fabricas cre-



CATHEDRAL DE LINCOLN



etas pelo sentimento religioso, e quasi justifica a tradiçõ, de que tanto se vangloriavam os frades do seu mosteiro, que imaginavam o *Principe das trevas* a deitar-lhe olhos de enbiga. D'aqui tirou o povo materia para um dos seus amexins: — *a look like the devil over Lincoln*; — *collhar como o demonio para Lincoln*; — quando se trata d'algum invejoso.

A LEITURA DO EVANGELHO

EM alguns paizes com fôro de civilizados, em Portugal por exemplo, esquadriham-se moradas e moradas de pessoas graves, eleitoraes, examinadas em instrucção primaria e civilidade, e não se encontra senão um livro: o almanach do anno. Em Inglaterra ha pelo menos uma biblia em cada casa, e em algumas ha tantas, de tantas edições, que, regorgitadas para a sala, encostam-se ás *etaçères*, e d'entre poreclanas de Sèvres e albums de tartaruga offerecem aos visitantes, como se fossem refrescos, uns psalmos de David ou uns proverbios de Salomão.

E a Biblia não é para os utilitarios inglezes um traste de luxo, que dê boa fama da casa, dos seus teres e dos seus costumes, como são muitas livrarias dos nossos palacios, compradas por atacado em leilões, expressamente para serem espanejadas pelos famulos. Os inglezes protestantes lêem os textos santos quasi tanto como o *Times*, lêem até nos wagons. A Biblia, fraternizando com a bandeira britannica, anda nas malas dos *touristes* e com o livro de quarto dos navegadores, dá voltas ao mundo com os Cook, atravessa a Africa com os Livingston, e é tão verdadeiramente uma instituição nacional como o parlamento e o *cricket*.

E esses marinheiros bretões, verdadeiros pagãos devotos de Baccho, que são o desespero da policia e a opulencia da praça da Figueira, assistem a leituras da Biblia com a mesma gravidade statica com que se descobririam para entoar *God save the queen*. A *sociedade de temperança*, porém, nunca lhes lê o caso triste de Noé, tão imitado na ebriedade como na nudez, em que o surprenderam os filhos e a policia surprehende os seus imitadores fidelissimos.

No quadro de Faed, uma familia ingleza, uma familia protestante, laboriosa, temente a Deus, sem dividas nem remorsos, escuta religiosamente a leitura da Biblia. Religiosamente, disse eu, e devéras aquella mesa de pinho toseco em camara desornada é um altar n'um sanctuario, e a leitura uma cerimonia do anglicanismo. O pintor acertou em dar á scena este aspecto piedoso. Ali falla-se de Deus e para Deus se levantam os espiritos. A Biblia soletra-se nas physionomias, mórmente no olhar profundo, casto e limpido da mulher formosa, que defronta com o ledor, olhar por onde se vê uma alma ingenua recolhida em pensamentos solennes. O quadro dispensava inscripção. Ninguem diria que o livro aberto nas mãos do velho operario era um romance de cavallaria, *Rocambole* ou a chronica de Carlos Magno, como seria provavelmente, se o operario, talvez sapateiro, fosse portuguez.

Nas horas de repouso em que nós outros, se somos caseiros, jogamos a *bisca*, o patriarcha da familia, tambem seu sacerdote, recostou-se na poltrona hereditaria, que é o throno do lar, e pediu o thesouro da sua sciencia, aquelles dois grossos e amarellecidos volumes, por onde sua mãe lhe ensinou a soletrar. Trouxe-lh'os a filha, — que tem braços de molde de lhes não sentir o pe-

so, — sentou-se a seu lado a esposa tambem em cadeirão d'espaldar, como quem não renuncia as prerogativas da sua meia soberania domestica; acercou-se d'ella, em posição respeitosa, a humilde companheira dos seus labores, e o velho operario, assestando os oculos, começou a relêr, pela centesima vez, a historia da meiga Ruth ou as tribulações de Job, de que elle usa citar as resignadas sentenças, quando a desgraça o persegue ou lhe pede conforto.

Elle lê, não sem esforço, que o rosto lhe denuncia, e com voz monotona, rythmica, a espaços retardada pelas difficuldades da soletração. Lê respeitosamente e como quem resa, mas este respeito é mais uma convenção bem cumprida, do que um sentimento espontaneo. Talvez que o seu espirito positivo e chão não comprehenda a eloquencia da poesia hebraica, e por certo que da sua interpretação individual dos textos biblicos não adviria nenhum schisma á igreja. Não é evidentemente da massa dos Lutheros. Mas todos o escutam, mais attentamente do que as multidões apinhadas nos templos catholicos escutam os evangelhos, que não entendem, e quem de todo se embeveceu na leitura do patriarcha, foi sua filha, que lhe crava os olhos no rosto: aquella mulher de belleza severa, que não tenta os sentidos.

Ha muitos generos de belleza feminina. Citarei sómente, em primeiro logar; a do gosto e a da moda, que correspondem aproximadamente á da natureza e á da arte social. Digo da arte social, porque se a sociedade faz caracteres, não é muito que remodele corpos. Depois ha a belleza das mãos e a das Phrynés, a que se respeita como uma transparencia de virtude, e a que se deseja como uma promessa de sensualidade. E eu, sem ser asceta, preferiria a das mãos e a da natureza, tanto na arte, se fosse artista, como n'este mundo do diabo e da carne, se escolhesse esposa.

A donzella do quadro de Faed é das imagens da minha eleição. É uma mulher, e faço esta nota para contrapô-la ás pallidas e adelgaçadas *bonecas*, que das *montres* de modistas e cabelleiros estão passando ás té-las. Mas tambem podia ser uma santa, uma *madona*, sem desdouro artistico do altar em que pousasse os pés, pela formosura da alma, grave e meiga, que lhe espiritualisa o rosto. E apesar da modesta condição que lhe não deu para lapidar-se, filha util de um operario, até robustecida pela hygiene do trabalho, nos olhos rasgados, que são por força negros, fulgura-lhe a intelligencia, concentrada nas pupillas, como para ir ao encontro da palavra de Deus e da poesia!

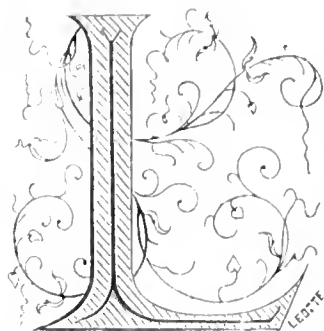
Ella sim; em quanto a cabeça, primorosa pela naturalidade, de sua velha mãe se debruça para a Biblia, querendo ajudar com a vista dos caracteres a comprehensão do seu sentido, sente ella cada uma das phrases do livro santo como se a pronunciasse, transfigura-se nos personagens biblicos para viver da sua vida, chorará como a filha de Jeplité votada ao holocausto, amará Ruth como ella foi amada por Noemi, compadecer-se-ha como Esther dos captivos de Babilonia, e ouvirá sempre os mandamentos divinos e as insp'rações dos prophetas como os ouviram Moysés e David.

Cuido porém que a sua virtude não se associará sem condições ao entusiasmo do povo de Bethulia e dos santos padres pela forte Judith, e que ha de dizer para si, que se fóra Moysés não teria degolado os vinte e tres mil adoradores do bezerro d'ouro. Mas se, n'este pensamento misericordioso, a ignorante donzella se aparta de S. Gregario, devemos perdoar-lhe, pois que a não illumina, como a este piedoso varão, a fé da igreja catholica!

A. ENXES.

LEIRIA

IV



LEIRIA conquistou um lugar de honra nas luctas pacíficas da civilização apenas largou a couraça e depoz o escudo de guerreira. Dois dos grandes factos que na historia dos povos symbolisam essas luctas são: 1.º A intervenção da burguezia, pelos procuradores dos conselhos, nos negocios publicos a par do clero e da nobreza. 2.º A descoberta e o exercicio da imprensa a datar do meião do seculo XV. Pois bem. A terra em que essa intervenção e esse exercicio se manifestaram primeiro entre nós foi Leiria

Posta em duvida por uns, negada redondamente por outros e com indestructiveis argumentos, a existencia da assembléa de Lamego no tempo d'Alfonso Henriques, restam, não contestadas, até 1254 — quatro convocações de Córtes: 1.ª em Guimarães (1108) em que só figuraram os nobres — *omnes proceres portugalenses*; 2.ª em Coimbra (1211) em que ao lado do elemento religioso appareceram os barões e os vassallos da corôa; 3.ª em Coimbra (1228) em que tambem não entrou senão o alto clero e a nobreza; 4.ª em Leiria (1254), reinando Alfonso 3.º, não só para cumprir em parte as promessas que este havia feito antes de usurpar o reino ao infeliz D. Sancho 2.º, mas para reparar os males causados pela guerra ¹.

N'aquellas tres reuniões, como acabamos de vêr, não intervieram senão as classes privilegiadas, n'esta entraram já os procuradores dos concelhos — *bonis hominibus de Conciliis* —, a exemplo do que acontecia em Castella desde 1188. Até a assembléa de Leiria, reunida em fevereiro de 1254, os homens do povo suavam rompendo a terra, vertiam o sangue nos combates, contribuiam para o estado com os seus haveres, mas não tinham um lugar nos conselhos dos reis; em Leiria pela primeira vez conquistaram esse lugar, e puderam erguer a voz entre os representantes do privilegio, para a defesa dos seus direitos menosprezados, ou das suas liberdades desattendidas.

«D'estas córtes, diz o sr. A. Herulano, os monumentos que nos restam são escassos; mas esses bastam para avaliarmos toda a significação de uma assembléa por mais de um modo notavel e que marca uma epocha importante na historia das nossas instituições politicas.»

Basta-nos o testemunho do illustre escriptor. A liberdade municipal, que no sentir d'elle é a unica verdadeira que tem existido no mundo, e talvez a unica possível, data entre nós do meado seculo XIII —, e tem em Leiria o seu berço ².

Vejamos o outro facto que a ennobrecce.

A imprensa que desde 1450 a 1455 foi descoberta por Guttemberg, em Mogunc'a, e que em seguida se espalhou na Alemanha, na Italia e na França, appareceu pela primeira vez em Portugal, em Leiria, em 1465? A se, assim, Leiria foi a primeira terra, não só de Portugal, mas de toda a Península, que possuia uma typogra-

phia, porque Valença d'Hespanha só a teve, ao que parece, em 1474.

Quem o diz? Dillo Pedro Alfonso e Vasconcellos, que vivem nos fins do seculo XVI quando affirma que havia tradição, auctorizada com o parecer do nosso celebre mathematico Pedro Nunes, de que Leiria fôra a primeira cidade das Hespanhas que tivera uma typographia, e note-se que Pedro Nunes já em 1530 era cosmographo mór do reino. Tenta proval-o Antonio Ribeiro dos Santos na sua eruditissima memoria sobre a introdução da typographia em Portugal; asseveram-n'o o conde de Ericira, D. Luiz de Menezes, e o academico Soares da Silva, referindo-se ambos a uma edição em 4.º das obras do infante D. Pedro, que dizem ter visto.

Não era effectivamente impossivel que em 1465 apparecesse a typographia em Leiria, porque n'esse mesmo anno no pontificado de Paulo 2.º apparecen ella no mosteiro de Subiaco, nos arredores de Roma, e ali se imprimiram as obras de Latancio. Mas, se attendermos a que não se generalisou em França senão de 1470 em diante, apesar de protegida e auxiliada por Luiz XI, e na Inglaterra depois d'essa época; a que só appareceu em Veneza em 1469, na Hollanda em 1468, e a que o mais antigo monumento typographico que nos resta de Hespanha, em Valença, é de 1474, não será muito provavel que a descoberta de Guttemberg estivesse já em exercicio em Leiria em 1465.

Ha ainda outra ponderação que parece vir em reforço d'esta. Se em Leiria, em 1465, se publicassem as obras do infante D. Pedro, o que não pôde provar-se porque a edição não tinha data, e só por induções é que se lhe attribuiu aquella, como é que só em 1494, vinte e nove annos depois, se publ'cou na mesma localidade a edição hebraica dos prophetas, e nenhuma outra em tão longo espaço de tempo, quando a typographia em toda a parte tendia a derramar-se e a desenvolver-se apenas estabelecida uma vez?

Não, Leiria, não pôde talvez aspirar com bons fundamentos á gloria de ser a primeira terra da Península que teve uma typographia, mesmo que ella fosse estabelecida por judeus, que tinham nas suas mãos o segredo do commercio e da industria; mas o que é fora de toda a duvida é que longe em Portugal duas communas que mandaram a Italia contractar typographos e impressores para o estabelecimento da imprensa nos seus territorios, e essas communas foram as de Lisboa e Leiria.

O que se lhe não pôde negar é que ella, se não foi a primeira, foi uma das primeiras terras de Portugal que abriu as suas portas á invenção de Guttemberg, e que dos seus prelos saiu ainda no seculo XV a *Imitação de Christo*, de Kempis.

Pouco depois saia Pedro Alvares Cabral as aguas do Tejo com a armada que em 1500 havia de descobrir as terras de Santa Cruz, e as taboas que levava a bordo para a orientação da derrota eram do *Almanach perpetuo dos movimentos celestes* de Abrahão Zacuto, astronomo de D. Manuel, impressas em Leiria em 1495.

V

Os monumentos que illustram Leiria, dando-lhe um lugar distincto na historia da nossa civilização, não se limitam aos dois que acabamos de enumerar.

É sabido que só principiamos a ser economicos e agricultores no reinado de D. Diniz, d'esse bom monarcha de quem o nosso Antonio Ferreira, disse:

*Reven, edificou, lavrou, venceu,
Heurou as musas, poetou e leu.*

Até ali todo o tempo tinha sido pouco para levan-

¹ A. Herulano. Hist. de Portugal, vol. 3.º, liv. 6.º

² Além d'estas cõrtes reuniram-se em Leiria outras em 1276, reinando D. Fernando, e outras em 1377, para o juramento de D. Duarte. Estas foram continuadas em Santarem.

tar povoações nos ermos, ou brandirmos a lança nos campos de batalha. De guerra estrangeira, das luctas intestinas, dos casamentos, das mortes, ou do nascimento dos reis ainda as nossas chronicas nos dizem alguma coisa, quando dizem; no mais ou são escasas, ou mais ainda do que isso, guardam profundo silencio.

Em que época se semeou a primeira mata do paiz? Do que anno data a sementeira? Que annos levou a povoar? Nada d'isto se sabe; diz-se só, vagamente, que a devemos ao rei lavrador, é tradição de paes a filhos, e o que d'elle conhecemos é bastante para o não pormos em duvida.

O homem que desejava emancipar-se da Biscaya, dando uma provisão a Sancho Pires em 1292 para investigar as minas de ferro do reino; o homem que percorrendo constantemente o paiz multiplicou as suas forças productivas pelo arroteamento de terras e dessecação de pantanos; o homem, que olhando em roda de si, viu e avaliou a posição de Portugal banhado do norte a sul pelas ondas do Atlantico na ponta occidental da Europa, foi tambem o que previu que n'esses mares nos estava guardado o sceptro das conquistas, sem que por isso deixassemos de bastar a nós mesmos pela agricultura e pela industria no torrão minguado da patria.

Foi sem duvida. O pinhal que se intitula de Leiria, e que occupando uma superficie de mais de 3 leguas quadradas³, a 14 kilometros S. O. da cidade, surgiu ao nuto de uma vontade poderosa; D. João 2.^o e D. Manuel encontraram-no, quando quizeram construir essas armadas que tinham de levantar a cruz da redempção, e com ella a bandeira portugueza nas cinco partes do mundo.

Mas por que foi a costa visinha de Leiria, e não outras, o ponto escolhido por D. Diniz para a sementeira do grande pinhal? Por que Leiria era a terra das suas predilecções?

Em outubro de 1286, vendo elle que o littoral da Pedreira para o norte era um deserto que em parte podia ser aproveitado para a industria de pescaria, mandou em sitio conveniente levantar a povoação de Paredes, que começou com trinta moradores, aos quaes mandou dar outros tantos moios de trigo, impondo-lhes a obrigação de terem sempre preparadas, pelo menos, seis caravellas de pesca⁴.

O campo até á foz do Liz era um vasto pantano, cujas emanações prejudicavam a saude dos povos. O rei lavrador cobriu-o de vallas e esgotou-o, tanto em beneficio da corôa, como dos habitantes circumvisinhos. Te nos d'isto o documento em relação ao paul do Ulmar, cujo esgoto elle incumbiu ao seu esmoler Fr. Martinho em 1291.

Este esgotamento, ou fosse no paul do Ulmar, ou fosse n'outros igualmente prejudiciaes que enchiam o campo de Leiria, parece que ia progredindo, porque os religiosos de Santa Cruz de Coimbra, que d'alli recebiam os dizimos, deixaram-nos em 1309 para com o seu producto se continuar a abertura das vallas.

Depois de tantos trabalhos que a favor de Leiria precederam o esgotamento do paul dos Magos em Sal-

³ Segundo o relatório da administração das mattas de 1868, o pinhal tem hoje, pouco mais ou menos, uma superficie de 9:531,9000 hectares arborizados, 183,0000 hectares semeados, e 2:103,7000 por arborisar.

⁴ Paredes, hoje sepultada pelas areias, foi em crescimento ate ao tempo de D. Manuel, chegando a ser uma povoação importante com o fóro de villa. No meiado do seculo xvii ja d'ella não existia, diz D. Francisco Brandão, senão a ermida da Senhora da Victoria, a que o povo de Leiria ia em romagem todos os annos no dia da Natividade da Senhoia.

vatterra, mandado fazer em 1295; depois de tanto dinheiro consumido n'uma localidade para a tornar productiva e habitavel, não é natural que o monarcha a desejasse garantir? Era.

Pois as areias moveleças no seu trabalho incessante, impellidas pelo vento continuariam a inundar os terrenos beneficiados, esterilizando-os, se não encontrassem um obstaculo, e esse obstaculo não podia ser senão uma grande floresta interposta entre elles e o mar.

D'aqui, e do pensamento de prover ás nossas futuras armadas nasceu o pinhal dito d'El-Rei, antes talvez de 1300, anno em que a villa foi doada a Santa Izabel.⁵

Dos prelos de Leiria, já o dissemos, saiu o directorio nautico, que acompanhou Alvares Cabral, quando em 1500 descobriu na America a terra de Santa Cruz.

Da floresta de Leiria, dizemos agora, saiu a fusta em que o intrepido Bartholomeu Dias dobrou em 1487 o cabo das Tormentas, apontando-nos o caminho da India.

É que dois seculos tinham sido bastantes a crear uma grande riqueza florestal, e a terra d'Affonso, a guerreira, teve mais um brasão nos ocios da paz.

VI

Uma povoação que, pela sua importancia já nos fins do seculo xiii, forneceu para a guerra quaranta besteiros, em quanto as suas visinhas Torres Novas, Abrantes, Thomar, e a mesma Coimbra só davam de vinte a trinta e dois⁶, não saía em regra do dominio da corôa senão para mimosear uma filha idolotrada, uma esposa virtuosa, ou uma mulher por quem o coração estremeceira d'amor.

A D. Affonso Henriques, que vira acabar em verde annos a infanta Matálda; que vira Urraca, a primogenita, chorando n'um claustro, separada de seu marido Fernando 2.^o, de Leão, não restava para consolo dos seus ultimos dias senão uma filha — Thereza. Amava-a como um louco; esta filha era o seu orgulho: Leiria, a terra da sua predilecção, a que elle havia erguido n'um deserto, a que lhe havia custado tantas fadigas — deulha.

D. Diniz andou em guerra com seu irmão o príncipe D. Affonso, que lhe disputava uma parte do reino: Izabel, sua esposa, anjo de candura e de paz, trouxe-os pelas supplicas á concordia, fez-se esta nos primeiros tres dias de julho de 1300, e no dia 4, para a recompensar, como se adivinhasse que tambem a 4 de julho entraria ella nas regiões celestes, fez-a senhora de Leiria. Era a terra em que elle folgava de viver, a terra que havia enriquecido, rompendo-lhe os campos e cobrindo-lhe o littoral d'arvorêdo; joia de mais valor talvez a tivesse, de mais estima — não.

D. Fernando, que pelo amor de D. Leonor Telles

⁵ O pinhal de Leiria, segundo se deprehende dos alvarás de 26 de julho de 1597 e 6 de junho de 1598, foi depois consideravelmente augmentado e demarcado, reinando Philippe 3.^o de Castella e 2.^o de Portugal, D. João 4.^o, como refere Fr. Francisco Brandão, mandou fazer no campo novas aberturas.

⁶ Um documento do reinado de D. Diniz, mas que se refere em parte a tempos anteriores, menciona os soldados d'esta arma, que cabiam a cada municipio. O sr. Alexandre Herculano, referindo-se a elle escreve: «Cumprindo que o numero d'elles (dos lesteiros) fosse proporcional ás forças militares de cada concelho, e estas á sua população e riqueza, o documento a que nos referimos serve para indicar a grandeza e prosperidade comparativas de muitas povoações importantes no fim do seculo xiii. Assim vemos que Abrantes dava 32 lesteiros, Thomar 32, Ponhal 21, Soure 12, Torres Novas 21, Ouren 21, Porto de Moz 10, Leiria 50, Penella 6, Miranda 4, Aronca 12, Coimbra 31, Monte-Mór Velho 21, Alcanede 15, Santa em 60. *II. de Portugal* l. 8.^o

affrontou as reprovações do povo e dos nobres; que por assental-a no throno repudiára o casamento ajustado e jurado de uma infanta de Castella; que não via senão aquella mulher a cujos pés havia posto a corôa, o coração, e o orgulho; D. Fernando, que tudo lhe sacrificou, e que daria o sangue e a vida, se ella tanto quizesse, deu-lhe o senhorio de Leiria. Fora de S. Izabel, não lhe podia dar mais.

Concebem-se estas tres doações, e ainda se admite, a que antes da rainha santa se fez a D. Affonso, sobrinho de D. Diniz; mas o que não pôde deixar de maravilhar é que D. Gonçalo, o irmão de D. Leonor Telles, pudesse um dia chamar-se senhor de Leiria.

Pois foi-o! Mas D. João I.^o, para que não tornasse a descer tanto, revogou a doação, e encorporou Leiria na corôa, com privilegio de ali ficar sempre. Este privilegio continuou-o D. Duarte, e D. Affonso 5.^o confirmou-o dizendo que o fazia *por em ella haver muitas cousas para filhar desenfadamento, quando lhe prouvesse em ella estar.*

É um elogio real. Tristezas, e muitas, teve-as o vencedor d'Arzilla, e se não fôra a sua vida agitada, e morrer no vigor dos annos, muitas vezes teria vindo espai-recel-as ás margens do Liz, do

*Formoso rio Liz, que de contente
Está detendo as aguas vagarosas
Por não passar d'aquí sua corrente* ⁷

Outros o fizeram.

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

(Continúa).

DOCUMENTOS INEDITOS Á CERCA DE CORREGGIO

Foi ultimamente publicada em Correggio uma memoria interessantissima em resultado de buscas feitas nos archivos d'aquella pequena cidade e nos de Parma, com relação á vida do famoso pintor Antonio Allegri, mais conhecido pelo nome de Correggio.

Dos documentos mencionados na memoria, resultam muitos factos que rectificam certas opiniões que geralmente corriam como fundadas:

- 1.^o—que o artista nunca foi discipulo de Mantegna, como até agora se julgava;
- 2.^o—que não esteve em Roma a estudar a arte no tempo de Raphael e de Miguel Angelo;
- 3.^o—que não foi a Veneza no tempo de Ticiano;
- 4.^o—que o seu unico e verdadeiro mestre foi Antonio Bartolotti, no atelier do qual trabalhou, servindo-lhe de modelo alguns dos melhores quadros do mestre;
- 5.^o—que o artista não descendia de paes pobres e desconhecidos, e que n'o morreu, como até agora se suppunha, na mais horrenda miseria;
- 6.^o finalmente — que á abastança e ao bem-estar, que nunca lhe faltaram durante a sua carreira, deveu justamente poder estudar com descaço e attingir a grande perfeição a que chegou.

Este trabalho do cavalheiro Quirino Bigi contém outrosim interessantes esclarecimentos acerca dos artistas que precederam e se seguiram Correggio, aos quaes provam a existencia na cidade de Correggio de uma florescente escola de pintura em que o mestre estudou e de que tirou grande auxilio para os seus progressos. Pelas mesmas noticias se vê tambem o logar importante que a escola de Parma occupava na cultura artistica da Italia.

⁷ Francisco Rodrigues Lobo

CHRISTO NO JARDIM DE GETSEMANI

A gravura, que as *Artes e Letras* apre-entam hoje aos seus leitores, é copia de um quadro magnifico de Carlos Dolcei, quadro que existe no palacio Brignoli em Genova. Vêm portanto os leitores que, a proposito d'esta gravura, nos seria facil fallar-lhes em Genova a soberba, e nos seus doges, e nas suas ruas de palacios, e nos marmores do seu *Albergo dei Poveri*, e na phrase conceituosa de Dupaty, já citada por Lopes de Mendonça, e nos Dórias e na conjuração de Fiesque, e em tudo quanto se refere á esplendida cidade. Restringindo-nos um pouco mais ao assumpto, ainda podiamos fallar nos Brignoli, e no amor que uma fidalga d'esse nome inspirou ao grande e esbelto pintor Van-Dyck, e no romancinho que Méry escreveu com esse assumpto. Finalmente, ainda a proposito de Carlos Dolcei que longa e facil dissertação não podiamos fazer tomando por thema a pintura italiana e as suas diversas escolas, fallando muito em Vasari que nunca lemos, e não dizendo uma palavra acerca do modesto *Diccionario de Conversação* que consultaríamos para o caso!

Mas confessâmos que nos livra d'estas tentações de balofa erudição a grandeza do assumpto que inspira ao eminente pintor italiano o quadro magnifico de que a nossa gravura é copia. O jardim de Gethsemani! Não ha em todo esse drama sublime do Evangelho scena mais pungente do que esta! É que em muitos dos outros passos da paixão de Christo a narração dos apóstolos mostra-nos o ente superior ás fraquezas da humanidade, o redemptor divino que celebra a mysteriosa cerimonia que ha de regenerar o mundo. No jardim de Gethsemani, Christo apparece-nos um homem, grande pela abnegação, grande pela coragem com que affronta o sacrificio, mas tendo no amargurado espirito as hesitações, a tristeza, os desalentos humanos.

É, como nós, segundo a phrase celebre de Terencio, somos homens, e nada do que pertence á humanidade deixa de nos impressionar; como, apczar de admirarmos respeitadamente o que a religião nos ensina acerca dos mysterios do sacrificio de um Deus, só sabemos comprehender, lamentar as dôres que nossos irmãos padecem, e que nós podemos sentir tambem, como em Gethsemani é que o Christo se aproxima de nós, e revela as injustas fraquezas da humanidade, é tambem essa dolorosa scena, de todas as que compõem a mysteriosa tragedia do Calvario, a que mais nos commove e nos impressiona.

O jardim de Gethsemani! Qual é o homem de nobre e generoso coração que não tem tido nunca vez na sua vida os transeos dolorosos, de que o padecer de Christo é a synthese sublime? Quem não tem já sentido uma vez humedecer-se-lhe a fronte com o suor d'aquellas angustias? Não o sentiu de certo o egoista que nunca pensou senão nos seus proprios deleites: mas o homem de alma aberta a todas as dedicação e a todos os sacrificios, o homem que conhece os gases asperos e austeros, que derrama na consciencia o cumprimento de um dever, o homem que arrancou do coração, para fazer a felicidade de outro, um amor em que cifrava a sua vida inteira, o homem que sacrificou ao seu paiz a tranquillidade da sua existencia, o homem que soube o que era abnegação e renunciamiento de si mesmo, quantas vezes n'ó passou n'um outro jardim das Oliveiras as horas angustiosas da tua dôr, ó Christo, quantas vezes não souo o suor das tuas agônias, ó redemptor sublime, ó santo e resignado martyr!

N'essas horas terriveis revolta-se a carne com a sua fraqueza contra o dominio tyrannico do espirito; vem o



Christo no Jardim de Gethsemani

POR CARLOS DOLCI

raciocínio egoísta, vem a torpeza baixa e vil dos nossos instintos animaes lançar-nos em rosto a imbecilidade da nossa virtude, que ha de ser escarnejada por todos, que ha de privar-nos de uma delicia na terra, promettedo-nos apenas uma recompensa no problematico Paraizo dos mysticos. O epicurianismo scientifico das edades modernas vem segredar-nos ao ouvido: Tu que não és senão um pedaço de materia animada, que voltas ao seio commum da natureza, quando em ti se apaga a chamma vital, porque cercias os prazeres da tua existencia transitoria, porque procuras a dôr esteril, o padecimento inglorio, quando unicamente deves pensar em fazer da vida um Paraizo? Porque te segregas da humanidade, pensador solitario, que vaces procurar, furtando-te ás delicias da juventude, nos agros caminhos do estudo, a solução dos problemas que podem interessar a felicidade de teus irmãos? Porque deixas a doce terra da patria, aventureiro missionario, para ires procurar em paizes ignotos o martyrio inglorio, só para lebares a entes desconhecidos a palavra da vida e as esperanças do ceo? Porque te arrancas voluntariamente, martyr da amizade e do amor, ás delicias ineffaveis que sonhaste, só para que sejam felizes dois entes que estremeces, enquanto devoras em silêncio as lagrimas ignoradas do teu obscuro sacrificio? E estas phrases tentadoras soam-nos ao ouvido, e gotejamos na frente o suor das agonias, e pedimos a Deus que affaste de nós o calice amargoso, e, se ao cabo de longa e asperrima lucta, saímos triumphantes, é porque ha decididamente dentro de nós, acima das impulsões da materia, das concepções elaboradas na massa cinzenta dos lobulos cerebraes que, para os materialistas, representa simplesmente o espirito, o intellecto, uma essencia sublime que nos inspira as grandes dedicações e os generosos sacrificios, que nos consola de todas as dôres com os jubilos austeros da consciencia, que é um raio de luz divina que faz scintillar, como as perolas entre o lodo, entre as paixões terrenas as santas e nobilissimas virtudes.

E o Christo, em Gethsemani, commove-nos principalmente porque deixou de ser o Deus da tradição evangelica, para se transformar no martyr sublime, que, antes de consummar o sacrificio, hesita e desfallece. É o heroe da idéa redemptora, que, antes de morrer por ella na cruz affrontosa, antes de fecundar com o seu sangue a propaganda emancipadora, volta os olhos com tristeza para o mundo que vae deixar, ainda no vigor da juventude, que hesita em quebrar os laços dos mil affectos que o prendem á terra, que pensa na dôr e na injuria, no sarcasmo e no insulto que vão succeder para elle ás acclamações da turba, ao riso meigo das ereanças, ás lagrimas das mulheres entusiasticas que ungem com o perfumado nardo os seus pés macerados pelos abrolhos da peregrinação. E ha de morrer no Calvario agreste e nu, quando tem os olhos ainda cheios com os huminosos reflexos das paisagens do Tiberiades, quando lhe parece que ainda contempla a barca de Pedro que se baloiça ao cair da tarde nas aguas dormentes do lago, as collinas que se esfumam nas brumas do crepusculo, e a multidão que se agrupa para lhe ouvir a voz suavissima, para escutar as suas praticas cheias de uma doce poesia, para prestar attenção ao seu inspirado verbo! Placidos idyllios que vão terminar na horrida tragedia! Dulcissimo romance que vae ter por epilogo a cruz angustiosa! E a duvida salta-o ainda! Será valioso o sacrificio? Não morrerá sem eccos a sua palavra ardente? O martyrio do Golgotha não será uma pagina olvidada na historia da humanidade! «De-via» de mim! Senhor, o calix da amargura! exclama elle dolorosamente, sentindo apagar-

se-lhe a confiança na sua grandiosa missão, ao ver os apostolos que dormem, como lhes dorme talvez a fé no e pinto a anhadado! E o martyr, triste e só, no seio da noite, e no jardim da agonia, sente banhar-lhe a fronte o gelido suor do desalento.

És, enquanto a mim, o caracter profundamente humano, e por isso mesmo essencialmente dramatico, da scena sublime de Gethsemani!

PINHEIRO CHAGAS.



CHRONICA DO MEZ



A tempo para tudo. Antes de principiar a compilação dos livros publicados no mez e dos acontecimentos theatraes succedidos da ultima chronica paracá, permittam que lhes falle de outro assumpto.

Quando a primavera começou a estender o seu manto de verdura pelos prados e collinas, e o sol benéfico de abril veio convidar os habitantes da capital a irem aspirar o perfume das flores ao campo, um jeque no recreio muito em moda nos paizes estrangeiros e pouco explorado em Portugal, serviu de pretexto a grande parte da população para abandonar a capital nas manhãs dos domingos, dirigindo-se em carroagem, a cavallo ou a pé a um dos nossos mais elegantes arrabaldes.

Costava que no Campo Grande havia corridas de cavallos, e todos queriam assistir aquelle divertimento quasi novo no paiz. A concorrencia era enorme. Fazia gosto ver o despertar de uma cidade somnolenta como a nossa, em que todos se movem methodicamente, e caminham de vagar e sem variante, para o mesmo sitio onde costumam ir todos os dias! Apresentavam curioso aspecto os sitios por onde passava a multidão, que ia assistir ao espectáculo offerçido gratuitamente no Campo Grande. E lá, n'aquella vasta alameda, que de certo se transformaria em delicioso passeio, se o demonio das economias tão entremettido onde não é chamado e tão a'astadigo d'onde se torna indispensavel, não viesse com o braço escarnado suspender as obras encetadas para esse fim: lá, era agradável ver aquelle grupo enorme de povo de todas as classes, cercado os cavalleiros que portavam em mostrar a sua pericia para conquistar os applausos dos amadores, que não eram os que figuravam em menor numero no improvisado circo rodeado de vegetação esplendente.

Reconhecem todos, mais ou menos, a conveniencia das corridas de cavallos, tanto para o aperfeçoamento das raças, como para o desenvolvimento da arte de equitação; bom será, pois, que esta diversão, curiosa e útil, todos os annos se repita, escolhendo-se terreno apropriado e dando-lhe o esplendor que tem nos primeiros paizes da Europa, onde attrahe a attenção de nacionaes e estrangeiros.

O enthusiasmo d'este anno estimulará de certo os iniciados da idéa a renova-la e effectual-a como é mister.

Um dos homens mais eminentes do paiz, retirado ha muito da arena litteraria, onde foi, por largos annos, lidador respeitavel e respeitado, quebrou o silencio da sua voz auctorisadissima, dando á imprensa um volume com varios escriptos importantes. Refiro-me ao eminente historiador o sr. Alexandre Herculano e ao seu ultimo livro intitulado—*Opusculos*.

As obras do sr. Alexandre Herculano, como as dos escriptores de melhor nota, pertencem á classe das que não carecem de recommendação para se divulgarem, porque o nome do auctor suppre tudo quanto haja a dizer a respeito d'ellas. Alem do que, não seria eu de certo quem sairia da minha humildade para fazer a apologia de um livro, que só me pôde servir para estudar e venerar; vá a outros mais competentes a tarefa.

Ao registrar porém os—*Opusculos* do sr. Alexandre Herculano, permitta-se-me que lastime que tão profundo escriptor esteja ha tantos annos afastado da vida activa das letras, porque, auxiliado pela auctoridade que lhe dão o talento e o saber, e pela coragem com que expõe e commenta qualquer facto, sem offensa da verdade nem espirito de parcialidade, prestaria relevantes serviços, patenteando claramente as enfermidades moraes que nos affligem e aconselhando os meios de as debellar.

Do sr. Silva Pinto recebi um volume intitulado — *Horas de febre*.

O titulo é appropriadissimo.

Encara o auctor os factos contemporaneos com febril impaciencia e dá a perceber que os grandes males que nos perseguem, necessitam de remedios energicos de matar ou curar.

O novo livro do sr. Silva Pinto é fiel representante das idéas avangadas, constantemente expostas pelo moço escriptor em mais de uma obra apreciavel.

Embora pareça, muitas vezes, pela ironia pungente com que analisa acontecimentos que passam para muita gente como legitimos e innocentes, que o sr. Silva Pinto é homem em quem a maduresa da idade tem deixado arregar-se a descrença, conhece-se todavia, lendo-se detidamente os seus escriptos, que ainda tem o fogo do enthusiasmo ateadado pela mocidade, porque avança e combate com denodo, não se arreiciando dos perigos nem dando quartel ao inimigo.

Dois palarras aos leitores das Farpas é um opusculo escripto por um brasileiro, impugnando, com documentos, asserções expostas na conhecida publicação do sr. Ramalho Ortigão, a respeito do imperio do Brazil.

Aquelles, a quem interessa o assumpto, devem ler o folheto, que é pequeno e escripto com bastante clareza.

Esboços a carrão é um volume contendo varios escriptos do sr. Joaquim Emygdio Xavier Machado, antecedidos de uma carta do sr. Camillo Castello Branco.

O auctor, como muito bem diz o eminente romancista que o apresenta, *motiva as suas idéas com auctoridades, e modestamente primoroso parece dar maior valia ás opiniões alheias do que ás suas*.

Estas palavras são o melhor elogio que se pode tecer ao livro do sr. Machado.

Na cidade do Porto está-se publicando, em edição luxuosissima, o bello romance de Chateaubriand—*Atala*.

É traduzido com muito esmero pelo sr. Guilherme Braga.

Feita em bom papel e primorosamente illustrada com os desenhos de Gustavo Doré, que serviram na rica edição franceza que ha d'este livro, a edição do Porto pôde considerar-se uma das mais notaveis e opulentas que se tem feito em Portugal.

Nebulosas se chama um formoso volume de poesias da interessante e talentosa collaboradora brasileira d'esta revista, a sr.^a D. Narcisa Amalia. Antecede o livro um bem escripto prologo do sr. dr. Pessanha Povoar, no qual se exaltam os extraordinarios dotes intellectuaes da distincta poetisa. Por um retrato que acompanha a obra, se vê que a belleza da auctora não é inferior ao seu

talento, o que desperta ainda mais o desejo de travar conhecimento com o livro.

Merece elle todas as attentões, porque encerra poesias de grande energia, ricas de preciosas rimas, cheias de imaginação e sentimento, muitas das quaes por estas qualidades e pela seriedade do thema, mais parecem trabalhos de um poeta de combate, do que estrophes saídas da penna de uma senhora.

Está impresso o famoso poema dramatico do sr. Thomaz Ribeiro—*A Indiana*, que ainda hoje se representa e applaude no theatro de D. Maria II, e do qual já tive occasião de fallar n'esta chronica.

A edição é feita pela acreditada livraria Moré, do Porto, sempre incansavel na publicação das melhores obras dos escriptores portuguezes. Os que não viram, e tambem os que viram representar a peça, não devem deixar de ler aquelles inspirados versos, escriptos por um dos nossos mais talentosos poetas, o auctor do *D. Juyne* e da *Delfina do mal*.

Apesar da interrupção que tiveram os espectaculos publicos em consequencia das cerimoniaes religiosas da semana santa, os theatros variaram de tal modo os seus espectaculos, que difficil seria fazer longa analyse de todos, no curto espaço destinado para esta secção. Limitar-me-hei, pois, a dar noticia abreviadissima d'elles, demorando-me apenas com algum que me pareça merecer mais detida menção.

A companhia lyrica do theatro de S. Carlos, que terminou a serie das suas representações nos primeiros dias d'este mez, succedeu a companhia italiana de declamação, á frente da qual está a conhecida e talentosa actriz Elvira Pasquali.

A companhia estreitou-se com o celebre drama de Victor Hugo—*Ruy Blas*, no desempenho do qual apenas a razão o comico Fortuzzi, que fez o papel de D. Cezar de Bazan. N'outras peças, porém, que se tem succedido a esta, o actor principal, o sr. Bozzo, que poucos applausos colheira no papel de Bay Bias, ha conseguido merecer algum favor do publico, porque representa com bastante conhecimento da arte, com quanto seja um pouco frio e muito inferior em dotes e merecimentos aos grandes talentos que o precederam—Salvini e Rossi. O actor Fortuzzi é, a ora a Pasquali, o artista que mais caiu em graça ás poucas pessoas que concorrem aquelle espectaculo.

A actriz Gertrudes fez o seu beneficio no theatro de D. Maria II com a comedia hespanhola de Eusebio Blasco—*A mosca branca*, engenhosa e original composição, que duraria largo tempo em scena, se fosse dada n'um theatro onde as peças de tres actos fazem me hor carreira do que em D. Maria II.

A beneficiada recebeu do publico as provas de estima que o seu talento merece.

Tambem n'este theatro fez beneficio, obtendo as honras devidas ao seu merito, o actor Theodorico.

A peça escolhida para essa noite foi o drama em cinco actos e um prologo, dividido em duas partes—*Calet-Roussel*.

O drama alcançou muitos applausos, mas não tem chancado concorrência ao theatro. E *succalento* de mais para aquella scena, onde o mimó, a naturalidade, o espirito e a poesia encontram mais elementos de vida, do que as situações absurdas e os lanceos tetricos, que não podem ser tomados a serio pelo publico mais illustrado. Por este motivo, o competentissimo director tecnico do theatro, raras vezes lança mão d'aquelle genero de composições.

Com a opera-comica hespanhola — *O segredo de uma dama* fez beneficio no theatro da Trindade o actor Queiroz, a quem o publico festejou, como usa para com os actores mais estimados.

A *zarzuela* era já conhecida em Lisboa por ter sido representada, ha annos, no Circo-Price. Apesar d'isso agradou muito pela companhia portugueza, porque tem entrecho razoavel e interessante, dialogo animado, musica bonita e interpretação excellente.

Resta-me fallar da peça de theatro que, por ser composição original, mereceu mais, durante o mez, a attenção d's criticos. Refiro-me á comedia em tres actos do sr. Gervasio Lobato — *De-*

baixo da mascara, levada á scena em primeira representação no beneficio da actriz Maria Adelaide.

É sempre difficil dar animação a uma composição theatral, e a difficuldade augmenta quando a composição é de enredo simples, como o da comedia—*Debaixo da mascara*. Todavia a qualidade mais saliente da nova peça do Gymnasio é justamente a vida, o movimento, o espirito—meios que os actores francezes empregam com frequencia para despertarem o interesse de que muitas vezes carece a urdidura. É portanto muito para louvar esta circumstancia da comedia do sr. Lobato, havendo a notar, principalmente, que foi com ella que o auctor fez a sua estreia no theatro.

O enredo, pôde-se dizer, apenas serve de pretexto para aquelle grupo de scenas animadas e chistosas. É por vezes inverosmil e tem solução pouco acertada, porque estabelece uma theoria que não pôde nem deve passar como lei, qual é a de um marido perdoar franca e alegremente á mulher que teve uma aventura amorosa, em que a sua honra esteve quasi a naufragar, unicamente por saber que a aventura fôra com elle proprio, sem que a esposa o conhecesse. Neste caso o marido podia ficar satisfeito por o caso não ter passado para o dominio de outrem, mas não podia nem devia desculpar a intenção perfida da esposa, salva do abysmo por mero acaso.

Estes reparos que a critica pôde e deve fazer, não offuscam o merecimento litterario, que é muito, da primeira obra do sr. Lobato, a qual obteve do publico o mais lisonjeiro acolhimento.

O desempenho foi bom. A beneficiada e a actriz Emilia dos Anjos disseram e fizeram os seus papeis com muita distincção. Os srs. Tabora e Izidoro foram, como sempre, muito comicos. O actor João Rosa desempenhou esmeradamente o papel de marido; o sr. Augusto Rosa manifestou mais uma vez a sua muita vocação para galãs comicos, e o sr. Carlos de Almeida caracterizou bem o papel que lhe coube. A peça está perfeitamente ensaiada e é sempre muito applaudida em todas as noites que se representa.

Um facto tristissimo cobria de luto a classe dos pintores portuguezes. Marciano da Silva, notavel pintor historico e director da galeria de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz, baixou á sepultura depois de lutar por algum tempo com os atrozes soffrimentos de uma doença mortal. Além da perda irreparavel para sua familia e seus amigos, ficou a arte privada de um dos seus mais ferrosos e distinctos cultores. Eu, que era um dos amigos do finado, aqui lhe deixo estas linhas como recordação indelevel da estima que lhe dedicava e da sincera admiração que tinha pelo seu talento.

Effectuou-se este mez, em Lisboa, um leilão notavel.

A livraria do fallecido Joaquim Pereira da Costa, uma das melhores bibliothecas particulares da capital, foi vendida em hasta publica. O leilão durou vinte dias e foi mandado fazer pelo filho e herdeiro do fallecido, o sr. visconde de Pereira. Entre as obras notaveis que se venderam, chamou a attenção um pequeno livro impresso em Lisboa, intitulado — *Boosco delectoso solitario*, livro tão raro, que, segundo creio, não se conhece outro exemplar em bibliotheca alguma do paiz. Foi arrematado por 4053000 réis.

Venderam-se tambem varios exemplares das diversas edições dos Lusíadas, entre elles dois da primeira, 1572, que chegaram um a 413000 réis, ao qual faltavam algumas folhas e o frontispicio, e o outro a 1023000 réis, estando em bom estado. A edição conhecida pelo nome da do Morgado de Mathens, chegou a 1603000 réis. Parece que varios romances de cavallaria foram comprados antes do leilão por alguns livreiros de Lisboa, fazendo mais tarde a aquisição d'elles a camara municipal do Porto. O exemplar da primeira edição das obras de Gil Vicente, diz-se que tambem foi comprado antes do leilão por um livreiro da capital, que, segundo consta, o vendeu a um do Porto, com o ganho de dez libras, lucrando este na venda que fez d'elle a um particular, mais alguma coisa do que o seu collega de Lisboa ganhára.

D'aqui se vê que é mais lucrativo negociar em livros do que escrevel-os. Ganha quem os vende e ganha quem os compra. De todos, porém, o que mais ganha, quando os livros são bons, é o que, em vez de fazer venda, faz leitura d'elles.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

— S. M. El-Rei o sr. D. Luiz nomeou director da sua galeria de quadros o sr. Thomaz de Anuncição, distincto pintor e professor de paizagem da Academia das Bellas-Artes, em substituição do fallecido artista Marciano da Silva.

— Não temos noticia de nenhuma obra litteraria publicada no Brazil, depois das que registámos em o numero antecedente.

— A França vae fundar em Roma um curso de archeologia para os alumnos da Escola franceza de Athenas, o qual será regido por Alb. Drumont. Pela sua parte o Instituto da correspondencia archeologica de Roma, que, segundo a resolução tomada pelo Reichsrath allemão, fica sendo do 1.º de janeiro de 1874 em diante, instituição imperial allemã, vae fundar em Athenas um estabelecimento scientifico dependente do de Roma.

— Nas galerias do musen do Luxemburgo, em Paris, tem sido expostos varios quadros a fim de preencherem os espaços deixados pelas pinturas enviadas pelo governo á exposição de Vienna. Entre esses trabalhos, que o publico não via ha muitos annos, notam-se: — a *Tentação de Christo*, por Ary Scheffer; um *Retrato de homem em pé*, por Gigoux; o *Bem e o Mal*, por Victor Orsel, e uma *Muda de diligencia na Normandia*, por Carlos de la Beige. Este ultimo quadro pintado em 1831, é de vigoroso colorido e tem acabamento pouco vulgar. Estava-nos aposentado do palacio de Compiègne.

— Parece que a fabrica de ceramica das Devezas emprehen- den, e tem quasi concluido, um grande quadro de azulejo, como os que antigamente se faziam, e cujo processo de pintura se julgava perdido.

— Um annuncio inserto no periodico — *Nova imprensa livre*, de Vienna, enumera os museus imperiaes que estarão abertos durante a epoca da Exposição universal, marcando os dias e horas da abertura. A visita a estas colleções será apenas prohibida ao publico, em o domingo do Pentecostes e no dia do *Corpus-Christi*. Estarão, pois, patentes ao publico: — o Thesouro imperial (*Schatzkammer*) ás segundas, terças, quartas, quintas e sextas feiras, das dez á uma hora da tarde, sendo os bilhetes de admisión dados gratuitamente a quem os solicitar de vesperta na administração; o Gabinete de medalhas e de antiguidades, durante os mesmos dias, das nove ás duas da tarde; a Collecção Ambras, fcm como a colleção de esculpturas e inscrições antigas e o Museu egypcio, todos os dias, excepto á segunda feira, das dez ás quatro horas da tarde, nos domingos e dias santificados das dez á uma hora; a Galeria de quadros de Belvedere, nos dias e horas marcados para a Collecção Ambras; o Museu de artilheria, todos os dias, das nove horas as tres da tarde, excepto aos domingos e dias santificados. A entrada em todos os museus é gratuita.

— Os periodicos de Vienna annunciam a chegada áquella capital de um engenheiro americano, a fim de estudar a construção do palacio da exposição. Parece que se trata de realizar uma exposição universal nos Estados Unidos, em 1876, na cidade de Philadelphia. As despezas serão feitas por subscrições particulares. Só no estado da Pensylvania, ha já subscriptos para este fim, 1,800,000 dollars!







FAZ-ME A HONRA?

QUADRO DE ERDEMANN

ARTES E LETRAS



LISBOA—MAIO DE 1873

O ORPHÃO



olhar d'elle o diz.

Timido, recioso, humilde, apresenta-se n'aquella casa para trabalhar, para ganhar a vida que não pediu a Deus...

Descalcinho, com a trouxa ás costas, e o barrete na mão; vae já servir, ainda na idade dos carinhos e dos mimos, elle a quem ninguem faz mimos nem carinhos

n'este mundo.

Vão emprega-lo, sabe Deus em que.

Bem lhes importa o destino que vae ter!

A gente da casa olha-o com a indifferença de estranhos; a mãe está toda entregue á creança que tem ao peito: a avó segura um dos netos pela mão, enquanto o outro mette commodamente as duas mãos nas algibeiras.

O pequeno que puxe por si e tire forças do corpo, —para isso se lhe hão de dar os bocados da bôca, e uns sapatos!

Quando se comprehenderá a necessidade de proteger as creanças? Em não tendo familia, não encontram auxilio nem protecção em ninguem; pobres pequeninos!

As pessoas que os tomam para si, exigem-lhes quasi sempre trabalho superior ás forças d'elles, com a mira no lucro ou no salario.

A lei protege todos os interesses, mas esquece-lhe um que devia dominar todos, —o interesse da creança, que ha de ser homem...

Tinha, de algum modo, o innocente que se encontra só no mundo, e que representa por entre o seu infortunio e a sua tristeza o esperar do futuro, tinha de algum modo, me parece, o direito de ser protegido contra os perigos, contra a corrente tantas vezes adversa da ruim fortuna; e á auctoridade superior do estado competia intervir em favor da fragil creaturinha para que não se lhe exija mais do que o que póde, nem lhe estraguem a saude e o animo por uma lide desproporcionada com a idade, que nem sabe nem se atreve ainda a affrontar a vida real, a vida pratica.

De uma vez, no Chiado, uma pequenita á porta de uma loja, enquanto a mãe via as modas e conversava com os caixeiros, perguntava a outra pequena, que ali se achava com a familia:

—E aquella menina?

—É minha irmã.

—É o seu papá?

—É pae d'ella tambem.

N'isto fica a pequerruxa pasmada.

Admiração profunda.

—Um papá só, para ambas! exclama.

Já lhe parecia pouco; e entendia talvez, creança ditosa, filha unica, contente e alegre, que o amor de pae repartido por dois filhos já não é o mesmo, já não tem a mesma força, a mesma doçura, a mesma meiguice, o mesmo encanto que concentrado n'um só.

Que faria, pobre pequena, se ella soubesse o que é não ter pae nem mãe.

A quantas barbaridades vivem sujeitos os pobres orphãosinhos! Que miseria amarga de isolamento, de abandono, e de lagrimas!

N'um d'esses becos sujos, humidos, escuros, quartéis de desgraça e pobreza, infectos, immundos, atrozes, de que ainda ha restos em Lisboa, passou-se ha annos um caso horroroso com um pobre pequeno.

Nem tinha pae nem mãe.

Vivia ali com uma gente, que o tinha nem se sabia por que nem para que; malta fusca, verde, esfarrapada; de uma gente, que ha, para tudo, e que não faz nada; cambada que não acha em que se empregue, ou que a preguiça torna inactiva; homens sebentos, luzidios, entretendo a fome com aguardente: mulheres sem sexo, rotas, descalças, sujas, a puxarem por uns pequenos magritos, estonteados, que os paes deixaram orphãos.

A fome engendra o vicio e o desenido do bem: *mala suales!* A tal gentalha, com quem vivia o pequeno começou de repente a ter gosto em o martyrisar.

Por que?

A creança foi-se definhando a pouco e pouco.

De magrinho que era, ia estando das proporções de esqueleto.

Já não era corpo, aquella coisita amarella, engehhada, em que se poderiam contar os ossos e as vertebraes.

Haviam-lhe quasi desaparecido os ossos na cavidade das orbitas. Os dedos eram da grossura de uma caneta de escrever...

Pallidez verde, nodoas lividas no rosto...

Aquella cambada sem alma, sem coração, sem dó, sem nada, tinha pensado desfazer-se do pequeno sem que indicio algum pudesse denuncia-la á justiça, e iam-o ma-taudo a poder de o privar de dormir!

Levados de odio bruto, o odio estúpido dos maus, especie de doídice de antipathia, ebriedade de torturar alguem, não deixavam de dia nem de noite a creança pregar olho!

Faziam-lhe bulha; obrigavam-o a levantar-se; quan-

do já não tinha força para estar em pé, levavam-o, como elles dizem, *em charola*; davam-lhe beliscões, moíam-no.

A vizinhança ouvia-o chorar; a mulher ria, o homem praguejava; mettiam-lhe medos; faziam-lhe horrores. . .

Uma pobre mulher, que morava ao lado d'elles, condocu-se da creança, chamou-a a si, ameaçou-os com a policia, mudou-se para outro sitio, e levou o pequeno consigo.

O pequeno viveu sem medrar.

Vive ainda, enfesado, caladito quasi sempre. Conhego-o; dou-lhe um vintem ás vezes. Para o ouvir, perguntei-lhe uma occasião:

— Gostas d'este vintem?

— Gosto, sim, senhor.

— E que applicação lhe vaes dar?

— Para pão.

O pão havia sido o bollo, o ideal, d'elle!

Ha uma só coisa mais triste ainda do que uma gaiola sem passaros, e uma casa sem creanças: é uma creança sem pae nem mãe!

Não é preciso ser orphão para comprehender bem toda a amargura de destino dos que o são. Nós todos, alguma vez, temos tido na vida a hora inconsolavel de estarmos longe dos nossos, e pezar-nos n'alma a saudade da familia;—é calcular por essa hora passageira, o que será o sempre!

Quando depois da morte de meu pae, em 1852, me determinei a não ir para a aldeia, onde minha mãe tem a sua casa, e ficar sózinho aqui a aprender o officio das letras, fa a entrar o inverno. As ventanias de dezembro açoitavam as vidraças da janella do quarto onde eu morava. Estava pobre, sem pae, longe, muito longe de minha mãe; tinha dezeseis annos; rompêra abertamente com a Durruivos, o que equivalia a quebrar o passado e querer edificar o futuro n'o presente, que me estremecia e estalava debaixo dos pés. . .

Chegou a noite de Natal.

Ouvi os sinos a chamar para a missa do gallo; vi da janella as ruas cheias de povo, que girava de um lado e do outro muito contente, com os seus papeluchos de brôas debaixo do braço. . .

E, como era a primeira vez que aquella noite, que sempre me fôra alegre, me encontrou triste e só, sentado á mesa de trabalho com os livros por unicos amigos e unicos companheiros, conheci com que tristeza devem sentir-se perdidos de desgraça n'este mundo os que entram orphãos na vida. . .

JULIO CESAR MACHADO.



FAZ-ME A HONRA?

QUADRO DE ERMANN



M galau do principio do seculo, dos que chegaram aos nossos dias mumificados nas caricaturas carnavalescas, offerece o armino do seu braço a uma dama coeva, para transpôr os humbraes da porta marchetada, onde está perfilado, como um recruta á voz de sentido, o velho mordomo, de librê de veludo e cabelleira de polvilhos. As duas figuras arqueiam-se, descrevendo um parenthesis. Elle reteza a perna, abre um angulo de 45° com o pé envernizado e a linha recta do seu caminho, curva e recurva o braço como para encaixillar o pulso alvo, que lhe procura o encosto, acompanhando-se com uma donairoza mesura. Ambos dão boa fama dos seus mestres de dança e requiebros. São dois figurinos da cortezia avoenga, dois corypheus de *menuet*, que se ensaiam nos bastidores.

Isto é o quadro. Brendamour e a sua finissima gravura dizem-nos, que as figuras e os accessorios são pintados com o esmero e o acabamento, que Meissonier exagera nas suas miniaturas.

A seda dos fatos rugge, é luminosa e quebra as linhas das prégas, dispensando o tacto de verificar quanto é encorpada. O marmore xadrezado do pavimento espelha as fórmãs, as côres e os brilhos, como se fôra o cristal de um lago, onde resvalassem patinadores. Os adornos da moradia luxuosa, as galas dos visitantes tafues estão *tratados* com o bom tom, largo e despretencioso, de um pincel fidalgo, tambem iniciado em todos os segredos do *processo*. O desenho, o agrupamento das figuras, a distribuição da luz, o claro-escuro e a côr,—por supposição benevola—; tudo enfim quanto constitue a parte mecnica e material da arte, tudo é exemplar, sabio, perfeito, para se estudar e imitar, salvo o melhor juizo das competencias, perante as quaes se curva submisso o meu gosto, ignorante dos mestres e dos codigos.

Mas, com tantas excellencias reaes ou presumidas, o que é este quadro de Erdmann? É um monumento, uma retrospectão de costumes perdidos. É uma amostra, uma reliquia de uma sociedade no estado fossil. Tem um merecimento e uma significação historica e archeologica. Corresponde de certo modo a uma certidão de camara municipal, declarando os preços correntes dos cereaes n'um anno atrazado. Mas a arte ficou n'elle reduzida ao *processo*, por falta do seu elemento ideal. O artista não tomou parte na sua obra, senão como o copista, que reproduz uma illuminura do seculo XIV. E o espirito mais impressionavel vê, revê, medita, contempla o quadro, sem poder extrahir d'elle mais do que o prazer da curiosidade satisfeita, ou aquelle mesmo encanto com que a vista se repasta em sedas ondeiantes ou matizadas tapeçarias.

Qual é o elemento ideal, qual é a concepção verdadeiramente artistica, que se exprime por aquellas duas figuras, que por cortezia se alquebram enquanto a servi-

lidade se apruma? Não é por certo o bello physico, que tambem é um fim legitimo da arte, e principalmente o foi na Grecia, onde correspondia a um culto social. A gestulação da etiqueta e o côrte dos vestidos apagam nos specimens da humanidade de artificio, pintados por Erdmann, as fórmulas que dizem ser imagem da perfeição divina, avizinhando-as do grotesco. A mulher pouco mais é do que o cabide do seu fato. Não ha bello possível enfiado n'uma casaca direita, que tufa na cinta, que se espalma sobre as pernas, e é uma atroz blasfemia contra as leis da natureza e do gosto, passada da moda á guarda roupa da caricatura. E a arte só pôde repetir taes blasfemias, quando são essenciaes á symbolisação da sua idéa; podem ser-lhe *meio*, mas nunca lhe devem ser *fim*, como realmente são *fim* da pintura que commentámos.

Pretenderia o pintor allemão recommendar á geração descerimoniosa de hoje, como ideal das relações superficiaes entre os dois sexos, aquella etiqueta de que é amosttra o maneirismo, com que os seus personagens se saudam e enlaçam os braços? Se assim fôra, acudiriam a arte a engeitar o artista, tornado mestre-sala, e a critica dos costumes a reprovar-lhe a apologia da absurda convenção de phrases e gestos, que effeminava os espiritos e desarticulava os corpos dos nossos avós. Essa convenção oppressora, que aflautava as vozes no tom do madrigal e afiambrava as pernas nas posições do minnete, não significava respeito á mulher, nem delicadeza de sentimentos, nem pureza de intenções. Era um verniz, que tambem abrilhantava a podridão, era uma mimica para os olhos, era uma fórmula, e, transplantada dos salões para a telta, fica sendo tambem uma fórmula, uma combinação de attitudes estudadas, e por isso o quadro *Faz-me a honra?* não falla á alma, apesar das suas figuras terem expressão correlativa á sua acção, e é frio, a despeito do movimento que lhe communicam as posições dyamicas d'essas mesmas figuras.

Tirem-lhe a intenção historica, supponham que não é uma scena de costumes, que não tem uma realidade retrospectiva, o quadro não terá sentido. Mostrem-o a quem ignore o código do bom tom contemporaneo das marrafas polvilhadas, só verá n'elle umas roupagens de veludo e seda, desgraciosamente envergadas n'uns manequins feios! A arte aqui só vive, pois, do processo e do elemento archeologico de que se apropriou. Mas este elemento é de insignificante valor, que nem é corrente em toda a parte e por todos os tempos. A arte é para mais do que perpetuar os figurinos das modas passadas e a plasticidade das maneiras cortezes. N'este mister apouca-se; pôde mover a curiosidade, pôde agradar aos sentidos, pôde realizar o *bonito*, pôde até satisfazer o gosto, mas não alcança o bello e não é uma linguagem ideographica do espirito, communicando com o espirito através das sensações da fórmula e da côr.

Ha realismo na pintura d'Erdmann? Certamente, mas no assumpto ha a convenção com a sua inevitavel frieza. A theoria realista mais inflexivel não exclue a escolha do objecto da arte, entre as realidades naturaes e sociaes, nem prohibe ao artista inprimir-lhe o cunho das suas faculdades e do seu modo pessoal de o encarnar e comprehender, em si e nas suas relações. Aqui, o erro está na escolha do objecto, que é onde começa a revelar-se o genio artistico. Nem tudo é material proprio para as creações da arte, e tambem ella tem a sua dignidade, que não é a dignidade orgulhosa de tragedia antiga, que só convivia com principes e magnates, mas a da intelligencia humana, que se desdoura nos empregos futeis e abdica nas occupações estereis. Quem lhe restituira a consciencia d'essa dignidade!

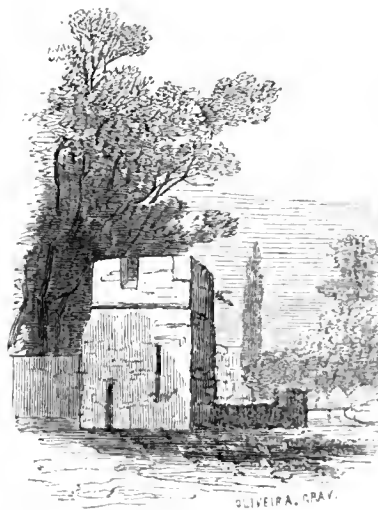
Faz-me a honra! é exactamente um madrigal pintado: fórmula aprimorada, imagens engenhosas, harmonia nas rimas, nem vigor nem originalidade na concepção. Isto no conjuncto. Visto o quadro por partes, a estatua de librê de veludo, que se alinhou com a hobreira, ainda suscita uma reflexão pertinente á escolha do assumpto. É uma estatua sem articulações e sem vida, que satisfaz todos os preceitos da etiqueta servicial, mas enfiada a vista. Todavia, Erdmann modelou-a assim por necessidade de composiçào e sob a pressào de um perigo. Se em vez d'um adorno de sala fosse uma figura humana, e animada, primaria na telta, rebaixando e subjugando o grupo principal. O servo pareceria fidalgo: a par da sua magestade, os fidalgos passariam por bailarinos; e o pintor teria feito um epigramma ás maneiras pretenciosamente cortezes dos nossos venerandos maiores, tanto é certo pender este assumpto para os baixios da caricatura!

Erdmann, porém, é um artista insigne e venceu-lhe o pendôr. Venceu uma difficuldade. E se a minha critica se mostrou empenhada em descobrir o vicio original da sua obra, não foi para apoucar os seus muitos merecimentos reaes, mas para cumprir o que supponho ser hoje o primeiro dever de todas as criticas: a de levantar as vistas da arte e dos seus cultores para o bello da natureza e do mundo moral.

A. ENNES.



ARIADNA



paes e a abandonal-as depois.

As coisas não melhoraram muito com a vinda do Redemptor; e até parece que o caso se tornou mais vulgar, porque consegue quando muito figurar nas partes de policia, ter um interesse ephemero para os frequentadores das salas dos tribunaes, e depois ficar archivado no cartorio de algum esrivão de direito, até que a traça ami-

À que sempre houve grandes tunantes por este mundo, é facto averiguado na historia; e seja qualquer que fôr a época sobre que se lance a vista, sempre apparece o amor a fazer das suas e a pagar mal a quem melhor o serve.

A historia da pobre Ariadna é mais um exemplo que prova bem que já doze seculos antes da vinda de Christo havia seductores, que andavam a roubar raparigas aos

ga se incumba de roer os autos e com elles a memoria dos feitos dos Lovelaces modernos.

Se os esculptores começassem a inspirar-se de acontecimentos semelhantes e a reproduzir no marmore todas as Ariadnas abandonadas por este novo e velho mundo, seriam dentro em pouco tantas as estatuas que as pedreiras ficariam esgotadas, se antes uma geração de Phidias e de Miguelis Angelos, ainda quando a boa sorte no-la deparasse, não tivesse deixado cair o cseopro e o cinzel, fatigado o braço de archivar na pedra lastimosos successos de mulheres raptadas e abandonadas pelos amantes.

É certo que n'outros tempos as coisas não se passavam do mesmo modo, e como não vigorava ainda a carta constitucional, que determina que a lei seja igual para todos, nem a republica franceza havia abrigado com a sombra da bandeira tricolor o mote onde se lê egualdade, os crimes e os soffrimentos do povo, que rastejava na sombra immensa da ignorancia e da escravidão, passavam desaperecebidos, para apenas serem vistos pela posteridade os reis, quer tivessem os olhos humidos de lagrimas, quer as mãos manchadas de sangue ou os corações a trasbordar de torpezas.

Tambem o tal senhor Theseu, que furtava princezas aos pares, e que reincidia nas suas proezas, sem que lhe pungisse o remordimento de ver as suas victimas succumbirem na solidão, no desalento e na angustia, era digno de figurar na historia, principalmente pela negra ingratição com que tratou Ariadna, a quem deveu o exito da sua mais brilhante empreza.

Minos era um rei de Creta, que tivera a infelicidade de casar com uma tal Pasiphae, a qual se apaixonou por um toiro; e o marido, que ainda não tinha lido o *Tue-la* de Alexandre Dumas, entendeu que o melhor, para esconder a sua deshonra, era occultar o fructo d'aquelle amor tauro-adulterino no centro de um labyrintho, construido por Dédalo, e que ao que parece era muito mais complicado do que o da quinta das Lorangeiras, pois ninguém, nem o proprio constructor, era capaz de sair de lá.

Os athenienses, vencidos pelos de Creta, ficaram obrigados a pagar um tributo annual de sete mancebos e sete donzellas, para alimentar o Minotauro, que assim se chamava a creança, que nem do paé nem da mãe podia ter herdado aquella tendencia carnivora.

Mas enfim, como tudo era extraordinario n'aquelle época creada pela vivissima imaginação grega, deixemos passar a extravagancia dos amores da rainha e dos appetites anthropophagos do exilado do labyrintho.

Theseu, filho de Egeu, rei de Athenas, foi a Creta levar a ração de carne humana para o Minotauro, mas como era pimpão destemido e já provado em varias proezas, concebeu o plano de dar cabo do bicho, tanto mais que elle já tinha apanhado vivo o toiro de Marathona, façanha esta em que podia ter rivalisado com elle qualquer pegador do Ribatejo, se já por aquellas fabulosas épocas estivesse desenvolvido o gosto das lidas tauro-machicas.

Ora matar o Minotauro era o menos; a maior difficuldade estava em entrar e, ainda mais, em sair do labyrintho.

Theseu, que não tinha perdido o seu tempo, galanteando a menina Ariadna, encontrou n'esta um poderoso auxiliar para a sua empreza; e o que hoje lembraria a qualquer erriada de servir, que se occupasse em fazer meia, occorreu á princeza cretense, que deu ao namorado um novello, que podemos assegurar não ser de algodão, pelo simples motivo d'esta planta se haver descoberto muitos

seculos depois; e o futuro companheiro do chefe dos argonautas (não sei se vae aqui anachronismo, valha a verdade!) armado do fio de Ariadna, que ficou tradicional, penetrou no labyrintho, deu cabo do monstro enquanto o demo esfrega um olho, salvou os seus sete compatricios e outras tantas compatricias do lance pouco agradável de serem devorados, e em paga do auxilio que a filha de Minos lhe dera e do amor que ella lhe consagrava, fez-lhe o favor de a raptar, raptando ao mesmo tempo uma sua irmã, por nome Phedra, para mostrar que era homem capaz de grandes emprezas.

Realmente, furtar duas irmãs ao mesmo tempo não é coisa muito facil mesmo n'esta nossa época em que as artes e as artimanhas estão muito mais desenvolvidas! Mas a volubildade, que ha de ser sempre o caracteristico do coração dos seductores, o tedio, que ha de ser sempre o complemento do amor, e o abandono, que é o justo castigo das meninas honestas que se deixam raptar pelos amantes, vieram acabar este idyllio amoroso da princeza cretense; e o regio seductor, com a mais negra ingratição, deslembrando a mercê que recebêra no fio salvador, quando passou pela ilha de Naxos, alijou a carga das amantes, deixando ali, exposta á intemperie e ao desespero, só, sobre os rochedos, a infeliz Ariadna, que na amargura da saudade passou a vida, até que o extremo desalento a levou a lançar-se ao mar.

Ora, é no momento solemne em que a desditosa filha de Minos se entrega sem testemunhas á sua dôr e ao seu remorso, que o esculptor a surprehende, e lhe traduz no marmore as bellas feições que devem caracterisar aquelle lance tragico.

Estamos na sala *delle statue* do Vaticano, em Roma, e é ahí que vamos travar conhecimento com essa formosissima figura, que a nossa estampa representa.

A dôr da filha de um rei, n'aquelles tempos, em que a demagogia não campeava como agora, apesar de não ser desconhecida dos povos a fórma republicana, devia ter um caracteristico especial de grandeza e sublimidade. Não podia confundir-se com a dôr exaltada e furiosa de uma rapariga de pouco mais ou menos, nem com a dôr sentimental da filha de um honrado burguez educada n'um recolhimento, nem ainda com a magoa affectada de uma princeza de theatro creada pelo sopro da imaginação de qualquer dramaturgo. Essa dôr principesca devia ter um cunho especial, distincto do vulgar, assumir proporções tragico-plasticas.

A filha do monarcha foi leviana, como qualquer outra donzella de obscura e humilde condição; deixou-se captivar de amor por um aventureiro, que apesar da sua regia stirpe, não tinha a melhor reputação; caiu como qualquer filha de Eva: mas supportou com tal resignação e magestade as consequencias do seu erro que os visitantes d'aquelle museu de preciosidades artisticas, tomados de respeito e de acatamento, estão promptos a perdoar-lhe a leviandade... em attenção ao esculptor.

Sua alteza real a princeza Ariadna, a quem falta mais macio leito, está recostada sobre os rochedos, com a formosissima fronte apoiada na mão esquerda, e o braço direito curvando-se elegantemente por sobre a cabeça, onde tumultúa uma tempestade de recordações. Esta graciosissima posição é realçada ainda pelo garbo com que o tronco, levantado um pouco, se annolda descuidosamente na sinuosidade do rochedo, e os membros inferiores pendem abandonados em ligeira flexão, deixando sob as admiraveis prégas da roupagem entrevêr as esbeltas fórmas feminis. Os seus olhos cerrados dizem que o somno a embala n'aquelle leito durissimo, em que ella sonha talvez. n'esse momento, com o ingrato que assim a abando-

nou, recompondo, n'esse intimo caleidoscopo da imaginação desperta entre o adormecimento de todas as outras faculdades, a lembrança dos instantes ditosos que passou junto a Theseu que adora ainda, a Theseu que lhe fugiu, e cujo baixel ella viu alongar-se da costa de Naxos, sulear garboso as ondas, sumir-se no horisonte, roubando-lhe a esperança e a felicidade e deixando-lhe por companhia unica o gemido plangente do mar, que tão bem se casa ao gemer do seu coração.

Exhausta, extenuada de estender a vista pela infinda amplidão do espaço e os vãos de alma pelo immenso vaeu dos seus affectos perdidos, Ariadna caiu talvez sobre os rochedos, onde o somno amigo lhe veiu exprimir nas

nas expressivas feições da estatua, impõe o respeito, que impõem as grandes dôres, que ninguém ousa perturbar levemente. Os que não sabem a historia de Ariadna conhecem que se encontram face a face com uma enorme desdita; os que a sabem abstracem d'ella, para só apreciarem o sentimento que ella symbolisa.

Ha quem diga que a correccão das linhas d'aquella admiravel physionomia não se encontra em nenhuma outra manifestação artistica, senão na *Noite* de Miguel Angelo, na sacristia da nova capella de S. Lourenço, em Florença, sendo possivel que o grande mestre florentino se inspirasse n'esta estatua, quando creou a sua grande composição.



Ariadna

palpebras o narcotico succo que traz lenitivo a todas as mágoas.

Ariadna vê porventura na intima concentração do sonho esse doce repouso do tumulto com que a namoram os abysmos do mar, sem que a agite a idéa da morte, antes sorrindo-lhe como abrigo appetecido, onde ha de encontrar fim o seu soffrimento acerbo.

Junto d'este maravilhoso primor de arte falla-se em voz baixa e com o acatamento com que se fallaria dentro de um recinto sagrado. Aquella omnipotencia do artista, que vason o fogo de uma alma no marmore frio, e que traduziu a eloquencia de uma grande desventura

Ao contemplar-se esta obra maravilhosa de escultura, esquece-se o fabuloso e até o vulgar do assumpto, perdoa-se de certo de boamente a Theseu a sua devassissima ingratição e pouco moral façanha, e não se lhe leva em mal que elle abandonasse Ariadna, e que ainda fôsse depois raptar uma Helena qualquer, só porque essa proeza, que tantos outros depois d'elle têm praticado, sem que a tradição se ocupe de registal-a nos seus floridos archivos, inspirou a formosissima estatua, que hoje a nossa estampa reproduz.

MOCARREMI¹

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

I



singleto o episodio que vou contar; é um esboço de costumes orientaes e passou-se no tempo em que os nossos missionarios, soldados fervorosos da religião e da patria, levavam as suas conquistas de amor ao seio endurecido dos velhos povos do oriente.

Os galeões portuguezes transportavam em cada monção para os portos da India guerreiros de duas especies; rivaes sem serem inimigos: — soldados e padres. Foi uma formosa época.

Enquanto os caminhos do Egypto e do golpho persico, as cidades do Eufrates e as caravanas do deserto, se viam despojadas do commercio da India, os morros carrancudos e inhospitos do cabo tormentoso viam cruzar-se, nos mares encapelados do sul, náus que gemiam avergadas de homens, de artilheria, de lanças, de escapularios e de riquezas sem conto.

Enquanto o Cairo e Palmyra e Bassora e Veneza tremiam do silencio sinistro das suas praças e estradas, bramia de raiva o Adamastor de vêr devassado sem respeito o seu mar selvagem, solitario, feroz, agora, como cão domestico, ornado de uma coleira de navios com flamulas desconhecidas.

Na India, das mysteriosas florestas de palmeiras debruçadas á beira-mar, saudavam os nossos intrepidos avós as naus do reino, que despontavam cada anno sobre o horisonte dos mares, e recolhiam no seio os recém-vindos para as luctas e para a gloria. N'essa confraternisação entusiastica havia fé viva no presente e esperança no futuro.

Riem-se hoje por ali da fé e da esperança, do entusiasmo e do amor da patria; pois, mocidade brilhante, ride a vosso prazer das velharias do sonhador, mas queme parecer a mim que, ou não fareis nada com a vossa philosophia sceptica, ou o que fizerdes não será grande, nem consistente.

Se a natureza nos deu os affectos com o pensamento, o sentimento com a rasão, não foi para que nos desqui-

¹ Bragança, 2 de maio de 1873. — Sr. redactor das *Artes e Letras*. — Accedendo ao convite de v. achei entre os manuscritos que trouxe da India, esse esboço de romance que tencionava recompor e completar nas minhas horas vagas. Como não as tenho e querendo condescender com o seu desejo, ali vai tal como veio. Se v. entender que vale a publicação, pôde dispôr d'eile, senão melhora-lo-hei quando voltar á vida das letras, se me parecer que merece mais apurada revisão.

Sou de v. etc. — Thomaz Ribeiro.

Com a inserção do manuscrito n'estas paginas, respondemos á delicadissima carta do nosso illustre collaborador.

R. DE L.

tassemos de uma parte das nossas facultades no que julgamos proveito das outras, e que é apenas um desequilibrio fatal que ameaça a humanidade de incalculaveis cataclismos.

Tendes rasão em muitas das vossas doutrinas, mas caís, victimas de visões deploraveis, em exageros que assustam.

Virá uma nova escola amparar as conquistas da rasão com a elevação do sentimento, porque a natureza sempre triumpho por fim, e quando não houver perigo de cairmos nos excessos das idolatrias, nem de nos perdermos nos páramos infinitos das cogitações abstractas, será chegada a época das grandes conquistas da humanidade.

— Abaixo as algemas do pensamento! — é justo; mas cuidado! não tomemos auxilios por algemas. Se loucura seria pensar que, amputando os braços ao caminante, elle deve chegar mais depressa por ficar assim menos pesado, annullando os nossos sentimentos praticamos identica loucura.

Era em 1548, época em que D. João de Castro, depois das brilhantes fadigas de Diu e das victorias assinaladas de Salsete, recolhido ao palacio dos visoreis, chorava ainda dentro dos seus aposentos solitarios a morte prematura de D. Fernando de Castro, que os soldados de Diu e de Cambaya viram voar e desaparecer no espaço, envolto n'um turbilhão de fogo e fumo, ao estrondo de uma explosão legendaria.

Que mais brilhante apothéose preparou já a gloria guerreira aos seus dilectos? Por altar, muralhas negras e bastiões accesos, vomitando metralha e avergalos de cadaveres ameaçadores; aqui... além... rarissimos! soldados tismados com o morrão acceso ao pé da espada flamejante e rubra; de fóra, exercitos assombrados, olhando a ascensão esplendida! por fundo, ao norte, os areaes adustos; ao sul, as aguas do mar sem fim!

Uma bandeira portugueza pregada no mais alto da muralha e os hymnos de uma grande victoria acompanhados pelas vagas do mar e pelos ventos do deserto.

Ninguem viu jámais chorar o visorei. — «Por cada uma das pedras d'essas muralhas daria eu de boa vontade um filho» — dizia elle aos enlutados cavalleiros.

Chorava, a sós consigo, o varão forte; e adoravam-no e cantavam-lhe canticos de amor nas ruas e nos templos, os povos do oriente.

II

D. Fernando de Castro, o gentil soldado, no pouco tempo que se demorára em Goa era o orgulho dos moços illustres que tinham valia e valor, o idolo do povo rude que o apontava jubiloso como um dos mais esbeltos cavalleiros recém-vindos do occidente, e a inveja das formosas e tentadoras indianas que o espreitavam com amor através das rotulas invejosas e ciumentas das suas janelas recatadas.

Por horas do fim da tarde, quando as auras do mar subiam o Mandovy e vinham enrolar-se e brincar nas palmeiras e tamarindos das cercas da grande cidade, costumava o esbelto portuguez sair, só, do palacio dos visoreis por uma porta pequena e de cunhas bordados que dava para o adro de S. Cactano, porta de que ainda hoje achareis formosos vestigios; passava ao pé da ampla fabrica da Misericordia, deixando a Sé á direita e chegando ao largo do Bom Jesus, onde se guarda o tumulo sumptuoso de S. Francisco Xavier, tomava pela esquerda para fóra da cidade e dirigia-se ao caes de Cumbarjua, onde hoje

ainda se encontram vestígios de uma porta nos restos da antiga muralha.

Desde a igreja do Bom Jesus ao canal de Cumbarjua é ameníssimo o trajecto. A rua, larga, plana e alinhada, como todas as da velha cidade, abre por uma densíssima floresta que para ambos os lados se estende. Mangueiras, coqueiros, acacias vermelhas, tamarindos, cajueiros, bambuaes, e a enredar todos os troncos e ramos o betle aromático e mil espécies de trepadeiras com florescência eterna, eis a decoração d'aquella rua solitaria, onde nem o canto das aves perturba hoje o silencio tumular da triste cidade morta.

Chega-se ao canal e a natureza abre um sorriso; as aves cantam, as aguas scintillam, as tonas conversam e os arbustos marinhos, que se alimentam em cardumes das aguas salgadas, cobrem-se de garças pescadoras.

No seculo XVI era differente aquella rua. D'um e d'outro lado havia, aqui e além, e dizem-n'o hoje as ruínas, casas de campo com seus jardins e bosques de arbustos floridos. Eram gentios quasi todos os habitantes d'aquelle paraíso oriental.

N'uma das ultimas casas á esquerda morava uma goana que enchia todo o Malabar com a fama da sua belleza. Devia ter quinze annos. O noivo, a quem seus paes a prometteram de cinco annos de idade, saíra pequeno para Madrasta com toda a sua familia, que de lá annunciava de anno em anno a sua vinda, e sempre o enlace era adiado. No entanto, Mogarem fazia-se mulher e resplandecia de formosura.

Viu-a um dia por acaso D. Fernando de Castro e julgou encontrar a Venus da mythologia. Ella fugiu como a chitella do mato; elle parou pensativo e não chegou n'esse dia a ver as aguas do canal de Cumbarjua.

De noite sonhou com aquella morena formosura envolta no seu *panno* amarello de seda de Naepur com os lustrosos cabellos soltos a varrerem o chão, com os grandes olhos negros de fogo e veludo. No dia seguinte pensou que tudo fôra illusão. Á tarde passou e nada viu. Banhou-se no rio de Cumbarjua. A noite surpreendeu-o nas aguas e pela primeira vez attentou no que eram as noites orientaes. Que estrellas e que transparencias, que aromas e que scintillações!

Subi a um monte eizei onde termina o céu e onde começa a terra; quaes são os astros e quaes os vagalumes; especialmente quando a lua, pouco acima do horizonte, espalha, entre o céu e a terra, o véo branco da sua poeira de prata, que adelgaça um pouco as trévas dos montes e offusca a meio a transparencia do firmamento.

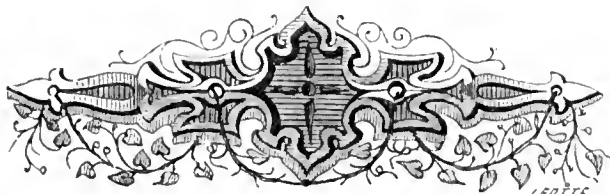
Compreende-se o amor das feras, mas não se comprehende a sanha feroz dos seus instinctos.

Quando o mogo cavalleiro voltava, as janellas da casa indú estavam-se alumiando.

Parou, e do bambual que se debruçava á beira da estrada, fugiu espavorida, agitando violentamente as folhas das canas, uma cobra? uma cerva? ou a formosa mulher que lhe apparecêra na vespera?

Na transparencia de uma das janellas baixas desenhou-se e passou o vulto esculptural da formosa Mogarrenti.

(Continúa.)



ATELIER NO CONVENTO



mundo está do lado de fóra da porta...

E a porta deita para o grande e sombrio corredor do mosteiro, que tambem é um mundozinho de paixões, de intrigas e de virtudes. Todavia nem a esse mundozinho pertence o monge á hora em que, fechado na cela, está contemplando o seu quadro, preparando as tintas, aquecendo a sua velhice á chamma intima do amor pela arte.

Assim como pelas ruínas vae subindo e verdejando a hera, cercando os escombros n'um abraço de mocidade, lateja no cerebro do velho artista, por baixo dos cabellos brancos, accendendo aurora e fechada n'um circulo de neves, a idéa do bello, a flôr sempre verde dos espiritos lucidos.

Elle ali está só consigo, no seu *atelier*, e com a dôce *madona* que vae retocar. Nem as sombras da cêrca o convidam ao ocio, nem as portias dos rouxinoes palmeiros lhe despertam emulação como ao frade de Benfica, nem as palestras da communitade, ora illustrativas ora venenosas, o prendem; nem os rotulos do templo o retêm em piedoso recolhimento. Nada; remanso só quer o da sua officina, musica a da sua alma, palestrar o do seu espirito, recolher-se o dos seus devaneios artisticos.

Resa com os outros, mas não se fica a penitenciar-se diante dos altares. Resa menos e adora mais. Vê Deus melhor á luz da sua grande intuição artistica do que á luz dos candelabros do templo. O bello é para elle, como para Platão, o esplendor da verdade, e a verdade absoluta é Deus, porque Deus é a affirmação indestructivel de quanto ha de grande e santo, e bom, e justo...

Para o seu Deus é bastanté altar o seu coração. Ali o adora, não no idioma da igreja, mas na muda linguagem dos pensamentos intraduzíveis.

Não dispensa no seu *atelier* o candido e pallido Jesus, porque ainda não encontrou belleza como aquella. Quando quer um modelo de doçura e bondade suavissimas, ergue os olhos ao crucifixo, e ali o encontra.

Nas cellas vizinhas falla-se, ri-se, discute-se. Nem dá por isso. Vive mais de sentir que de fallar.

O mundo está do lado de fóra da porta...

O vozear sempre fôí do mundo. Deixa portanto o mundo em paz, se bem que o mundo não se esqueça de que elle vive.

A sociedade do convento chasqueia do companheiro quando raras vezes o vê, por entre o arvoredo da cêrca, assomar á janella do cubiculo e demorar o olhar n'umas tintas dôcemente coloridas que se vão alternando no horizonte.

A communitade segreda-se epithetos que vão apontados á continua reclusão do velho artista, e que seriam offensivos se não fossem impudentes.

Todavia os epithetos não chegam á janella do frade, porque se perdem na coma das arvores como as pedras que o rapazio atira de fóra do muro...

A sociedade do mundo falla d'elle, porque o conhece, porque lhe compra os quadros, quer dizer,—falla d'elle porque lhe conhece o nome e não conhece a pessoa...

A inveja dorme por supôr que um frade se não pôde armar para a lucta, e sair do mosteiro, e reptá-la, e vence-la em pleno dia. A inveja supõe bem, porque o nosso frade está separado d'ella e de tudo o mais pela barreira da sua porta. . . Oh! mas se lhe receiasse a presença, se o visse face a face e não pudesse aguentar-lhe

espesso, que não deixe passar os projectis da inveja e da calúnnia?

Que respondam todos os collaboradores d'este periodico e todos os artistas do mundo.

Tu tens, ó monge artista, o teu *atelier*; elles têm o seu escriptorio.



XA. BARENOUOB.

Atelier no convento

o brilho do olhar, seria inclemente para elle como a maldicencia da maior parte da commuidade.

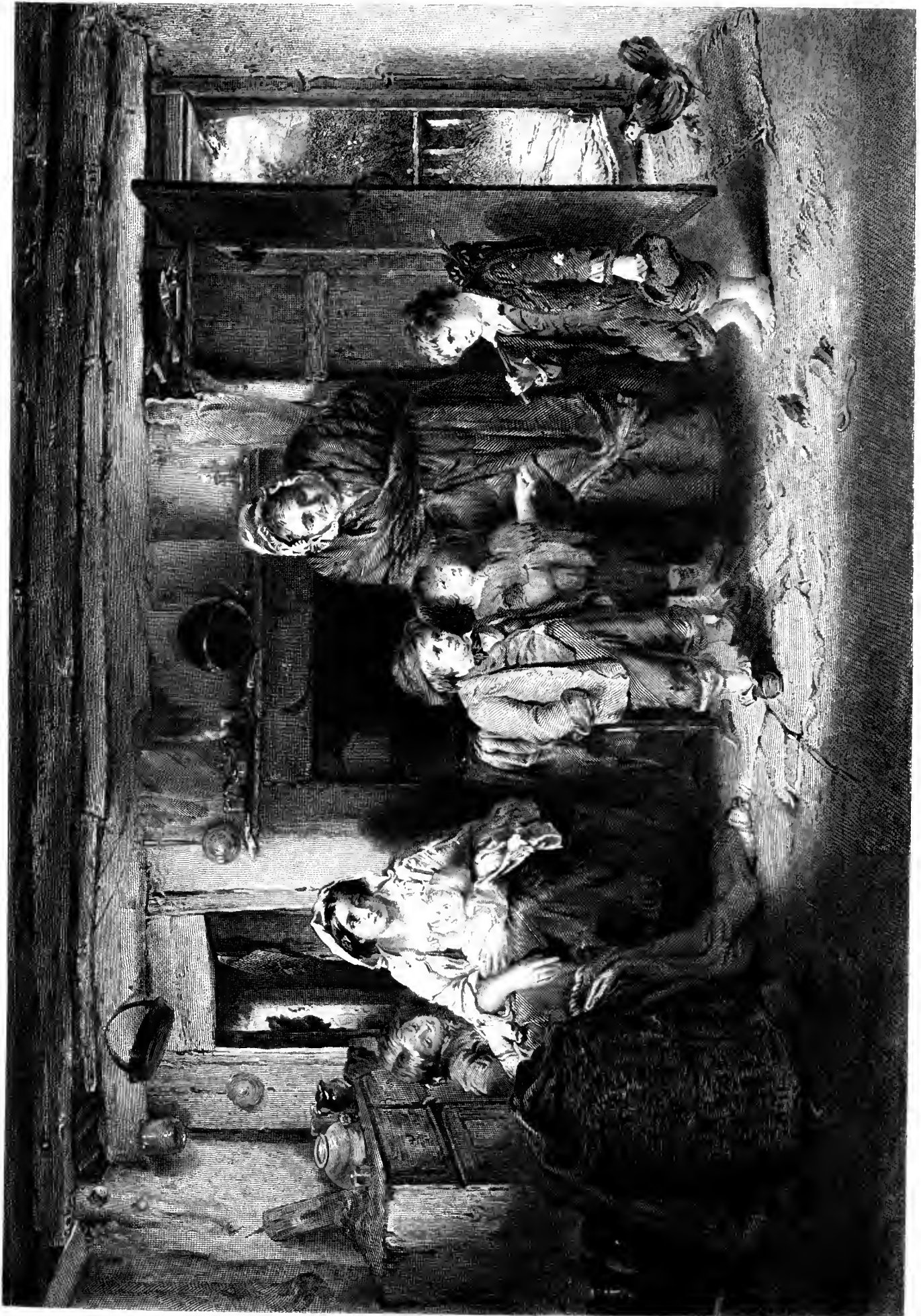
Todavia lá estavam as arvores da cêrea para apañar as vias da multidão e as pedras do rapazio. . .

Que artista como tu, ditoso monge, não tem tambem o seu metro de arvoredo, tão sombrio, tão copado e tão

Ditasas, unicas de felicidade, as horas em que a porta está fechada, e do lado de fóra da porta. . . o mundo.

Porto - maio.

ALBERTO PIMENTEL.





LEIRIA

VII

(Continuação)



ALLANDO da sua nunca esquecida Leiria, que lhe fôra patria, mas nem sempre mãe carinhosa¹, diz Francisco Rodrigues Lobo n'um lugar do *Condestavel*:

«Está a formosa terra situada
N'uma planície fresca e deleitosa,
A uma rocha íngreme encostada
D'onde o castello a mostra mais formosa;
De dois alegres rios rodeada,
E de fresca verdura graciosa,
Valles ao redor verdes sombrios
Que cortam mansamente os brandos rios.»

Effectivamente, os arredores de Leiria, por muito cortados de aguas e sombras, são amenissimos na estação calmosa, e é por isso em grande parte que os nossos reis da primeira e segunda dynastia a procuravam para n'ella se desfadarem dos negocios do estado.

D. Affonso III, talvez tambem porque Leiria havia seguido o seu partido, contra D. Sancho II, ia alli estar muitas vezes como entre amigos, e d'alli datava muitos dos seus actos de governo. O foral de Extremoz é datado de Leiria, a 22 de dezembro de 1258. Pela morte d'este monarcha em 1279, a rainha sua esposa, já enamorada das bellezas do sitio, já porque o alcaide mór era então D. Pedro Annes de Portel, filho de D. João de Aboim, grande valido de D. Affonso III, para alli foi residir. Santa Izabel tinha uns paços magnificos no castello, outros na baixa da Ribeira de Pontes, na Povoa de Monte Real, outros convertidos depois em capella de sua invocação; e ahi, ou contemplando o céo e a natureza risonha que a cercava, ou exercendo obras de caridade, passou tranquilla muitos dos seus dias. Foi ella quem fundou e dotou o primeiro hospital que teve Leiria, foi por sua intercessão que os povos de Monte Real, além de serem isentos da milicia, pagavam menos collecta das terras que amanhavam no campo, que os dos outros districtos². D. Diniz nas horas que o governo lhe deixava livres corria á caça no Camarçãõ, folgava em Amor, espairecia no campo, poetava nas margens dos rios, vivia ali tão gostoso como na sua Odivellas.

O mesmo rei determinou que seus filhos só podessem ser creados em Lisboa, Santarem, Leiria ou Coimbra. No codicillo que fez ao seu testamento em 1299, depois de outorgar que a rainha D. Izabel, sua mulher, seja guarda e tutora de D. Affonso e de D. Constança, seus filhos, são estas as suas palavras: «E mandâmos que os ditos nosso filho e filha não saiam de Lisboa, ou de Santarem, ou de Coimbra, ou de Leiria, e de seus termos, até que o dito D. Affonso nosso filho seja de revora e de idade lidima e comprida, ou o qual nosso filho, ou filha, que

¹ «Ó doce patria minha desejada,
Nunca esquecida em meu verso amoroso,
Que quanto sois mais bella e celebrada
Tanto sempre de vós sou mais queixoso.»

F. RODRIGUES LOBO. — *Condestavel*, canto 19.º

² Carta do 1.º de julho de 1309, dada em Leiria.

fôr nosso herdeiro; salvo se a rainha visse, por prol de nosso filho ou filha que se fizesse ab».

D. João I tambem em Leiria mandou crear o seu filho natural D. Affonso, primeiro duque de Bragança, ahi o casou com D. Brites, filha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e em satisfação de haver casado sem dispensa, sendo professo na ordem militar de Aviz, ahi fundou em 1384 o convento de S. Francisco de menores observantes¹. D. João III fê-la cidade, e a instancias suas no anno de 1545 Paulo III, por bulla de 2 de maio, elevou-a á dignidade de bispado.

Vinte e dois bispos têm até hoje governado a diocese. Fallaremos de alguns d'entre os que são dignos de especial menção, pelas obras queprehenderam, qualidades que os tornaram celebres, ou dotes que os distinguiram.

D. fr. Gaspar do Casal, terceiro bispo (1557 a 1579), que fôra confessor de D. João III, e que passa por ser um dos prelados mais sabios e respeitaveis do seu tempo, lançou a primeira pedra nos alicerces da sé cathedral, a 11 de agosto de 1559, deixou-a em principio de construção quando saiu para o concilio de Trento, e concluiu-a em 1573. Este templo é um vasto edificio de tres naves, da ordem toscana, hoje bastante desguarnecido depois que os francezes em 1810 lhe levaram os lampadarios de prata, e muitas das suas melhores alfaias. Foi tambem este prelado quem edificou para repouso das suas cinzas, a igreja e convento da ordem dos religiosos de Santo Agostinho, que se achá á entrada sul da cidade, e que hoje serve de aquartelamento militar.

D. Antonio Pinheiro, creado bispo de Leiria em 1579, não foi menos notavel que o seu antecessor. Estudára em Paris, foi mestre do principe D. João, filho de D. João III, foi visitador e reformador da universidade de Coimbra, embaixador a Castella e o mais eloquente dos oradores da época. Foi tambem elle, nas côrtes de Almeirim, um extrenuo defensor de Filippe II, e quem mais concorreu pela sua auctoridade e conselhos para a perda da nossa independencia².

D. Pedro de Castilho, elevado ao episcopado pelo fallecimento de D. Antonio Pinheiro, em 1583. Tambem grande partidario de Filippe II, foi seu capellão mór e esmoler mór, conselheiro d'estado, presidente de desembargo do paço, governador de Alcobaça, D. prior de Guimarães, inquisidor-mór depois que renomeou o bispado, e por duas vezes vice-rei de Portugal. Governou a diocese por vinte e quatro annos, e deixou de si boa memoria por muito esmoler.

D. Diniz de Mello e Castro, foi elevado a bispo da diocese em 1627, e governou-a até 1636 em que foi promovido ao bispado de Vizeu. Não se distinguio por altos cargos na côrte, nem pela sua influencia nas questões politicas. Distinguiu-se como pae de pobres, pela sua acrisolada caridade, casando e dotando orphãs, vestindo presos, pagando dividas aos que por ellas estavam encarcerados, soccorrendo familias desvalidas nas suas casas, acudindo-lhes nas suas afflicções, pagando-lhes remedios, e sendo a providencia de quantos soffriam. Como bemfeitor de

¹ Em parte do convento onde hoje ha apenas vestigios da construção primitiva, edificou-se ultimamente a cadeia publica. A igreja está entregue á ordem terceira de S. Francisco.

² O sr. Innocencio Francisco da Silva, quando trata d'este prelado como escriptor, diz: «que não foi até agora possível discriminar a época do seu fallecimento, que parece tivera lugar entre os annos de 1581 e 1583». Falleceu em Lisboa em 1582, em novembro, segundo as memorias do bispado, porque foi nos dias 8, 9 e 10 d'este mez e anno que o cabido de Leiria lhe fez os officios. Era natural de Porto de Moz.

pobres tambem Leiria lhe deve a fundação de um hospital anexo á casa e igreja da misericórdia¹.

D. Pedro Vieira da Silva, era filho de Leiria, ordenou-se depois de viuvo, e veio a ser bispo da diocese de 1671 a 1677. Fundou o convento de Santo Antonio dos Capuchos, hoje convertido em hospital militar, e levantou dos fundamentos o seminario, onde tambem se acha estabelecido o lyceu. Refere-se a elle o seguinte distico, que dá testemunho da sua modestia, e que se lê debaixo das suas armas, na entrada do edificio:

*Dum vivit, renuit, poni hic hæc stemmata, Petrus:
Si fas, e tumulo nunc quoque respuret.*

D. Miguel de Bulhões, bispo de Leiria de 1761 a 1779, fez a magnifica escadaria de Nossa Senhora da Encarnação, capella a que se havia dado principio em 1588 e que se havia concluido por muitas esmolos dos devotos. A este seguiu-se D. Lourenço de Lencastre, transferido do bispado de Elvas para o de Leiria em 1780. É o heroe do *Hyssope*. Está immortalizado pela sua contestação com o deão José Carlos de Lara.

D. Manuel de Aguiar, governou a diocese desde 1790 a 1815, anno em que falleceu. Se algum dia se escrever a historia d'este virtuoso prelado, e creio que ha elementos para ella na mão do meu intelligente amigo, professor de latinidade e secretario do lyceu, o sr. Victorino da Silva Araújo, se algum dia se escrever, vêr-se-ha o que era um modêlo de bispos, como os queria S. Jeronymo, paes e não senhores.

Emquanto o intendente Manique empregava os seus esforços para que em Lisboa, a favor da saude publica e da hygiene, se creassem cemiterios, sem nada conseguir, não obstante o principe regente ordenar, por um decreto de 5 de abril de 1796, que se procedesse á compra de terrenos para elles, o bispo de Leiria D. Manuel de Aguiar sagrava, a 4 de novembro de 1798, o cemiterio de traz da Sé, onde logo mandou levantar o seu jazigo². Se todos os bispos de Portugal quizessem fazer o mesmo, e para elles não haveria as difficuldades que encontrou o intendente Manique, não acharia resistencias a lei de 1834, nem se dariam as reluctancias que ainda hoje se manifestam ácerca de enterramentos n'algumas povoações do Minho. Foi tambem este virtuoso prelado quem começou a edificação do hospital em 1798, o dotou e o abriu a 8 de junho de 1800, indo elle mesmo buscar os doentes na sua carnagem ao antigo hospital, e trazendo-os a um por um para o novo edificio³. Foi elle quem restaurou e dotou o seminario episcopal, abrin-

¹ A irmandade da misericórdia foi instituida em 1454, e a sua primitiva igreja e casa, no sitio chamado da Judiaria, datam do mesmo tempo. O bispo D. Diniz de Mello, em 1636, sendo provedor, reuniu-lhe um hospital ou acrescentou notavelmente o que já havia. O hospital está existindo. Quanto á igreja de hoje está no mesmo sitio, é ampla e notavel pelo retabulo da capella mór que é todo de marmore, incluindo o sacario que é feito de uma só pedra, mas nem na sua architectura, que é moderna, nem em nenhum dos seus componentes, ou accessorios, ha nada que fizesse parte do templo que existia no seculo xv.

² Ultimamente, reconhecendo-se que este cemiterio já não bastava á população, construiu-se outro no Outeiro de S. Antonio do Carrasçal, ao nascente da cidade.

³ O magnifico hospital, que hoje se vê á entrada de Leiria, e sobranceiro ao rio, vindo de Coimbra, foi em parte dotado com o rendimento do que havia junto á igreja da misericórdia, assim como este já era a reunião dos diferentes hospitaes e albergarias que tinha havido, e que foram, por provisão regia de 1615, annexados á mesma misericórdia. Estes hospitaes quasi todos pequenos, com obrigação alguns d'elles de tres ou quatro camas sómente, e agasalho a peregrinos eram: o hospital de Todos os Santos instituido em 1522, situado junto á antiga igreja de S. Martinho; o hospital da Gafaria, no Arrabalde da Ponte, fundado do que pa-

do-o em 1804; quem pela segunda vez o renovou por haver sido queimado pelos francezes, reabrindo-o em 1812; quem fundou o collegio para a educação de meninas, junto ao recolhimento da Ordem Terceira de S. Francisco, cujas aulas foram abertas em 1803¹; quem presentou a cidade com o famoso carrilhão que decora a torre da Sé; quem a consolou depois dos morticínios, dos roubos e dos incendios porque passára nas invasões francezas de 1807 a 1810²; quem deixou de si memoria tão alta, tão carinhosa, e tão cheia de bençãos, que tarde se apagará na tradição dos leirienses transmitida de paes a filhos.

A este infatigavel obreiro, a prol do rebanho que lhe havia sido confiado, seguiram-se:

D. João Ignacio da Fonseca Manso (1818 a 1834). Era varão douto. Restaurou o paço episcopal, reduzido a cinzas pelos francezes.

D. Guilherme Henriques de Carvalho. Governou a diocese desde 1843 a 1846, anno em que subiu ao patriarchado.

D. Manuel José da Costa (1846 a 1851). Era homem muito accessivel, bondoso e energico. Restaurou por esmolos que solicitou no bispado, e abriu ao ensino das sciencias ecclesiasticas em 1850 o seminario diocesano fechado desde 1834. Já em Vizeu, como vigario capitular, tinha feito o mesmo.

D. Joaquim Pereira Ferraz. Foi transferido do bispado de Bragança para o de Leiria em 1852, o falleceu na sua casa de Barcellos em 1873.

Será o ultimo? Fechará o cyclo, não poucas vezes glorioso, de um bispado que já conta 328 annos? Sabe-o Deus.

(Conclui-se-ha)

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

ARREPENDIDO

Pequei, é verdade,
Descrendo de ti;
Foi grande o peccado;—
Se o tenho expiado!...
Perdôas?— sorri.

rece por Santa Izabel, ou pelo menos beneficiado por ella no seu testamento; o hospital dos ferreiros, serralleiros, caldeireiros, ferradores, etc., situado no sitio das Caldeirarias; o dos tecelões, no sitio dos banhos; a albergaria de S. Braz a S.^{to} Estevão; o hospital de Nossa Senhora do Porto Covo, no Arrabalde da Ponte. Além d'estes houve tambem o hospital do Espirito Santo, extineto ha muito junto á confraria e igreja do mesmo nome.

¹ Além d'esta casa de educação, tem Leiria outra tambem para ensino de meninas. Foi estabelecida ultimamente e está a cargo das religiosas do convento de Sant'Anna, fundado por D. Catharina, filha de D. Fernando, duque de Bragança.

² Em uma terça feira, 5 de julho de 1808, entrou em Leiria o general Margaront á frente de cinco mil homens para reprimir a cidade que se havia revoltado contra o governo de Junot, e porque na entrada tentaram oppôr-se-lhe umas centenas de populares mal armados, que se tinham entrincheirado no alto de Portella, e não quizeram render se, caiu sobre os inconsiderados destroçando-os, e levando á ponta da baioneta quantos depois encontraron diante de si. As victimas d'esse dia, entre pessoas de todos os estados, sexos, e idades, subiram a 135.

Voltaram os francezes a occupar Leiria desde 3 de outubro de 1810 a 10 de março de 1811, e n'estes cinco mezes reinou de novo a devastação, o incendio, o roubo e a morte. O bispado, que no principio de outubro de 1810 contava 66:486 almas, não contava no fim da invasão mais de 37:582, apesar de ter havido n'este periodo 113 nascimentos. Quer dizer, havia menos 29:017 individuos, e d'estes tinham sido mortos violentamente pelos francezes 1:109. Os outros morreram ao desamparo ou de doença, ou viviam expatriados dos seus lares. Consta de umas relações que o bispo D. Manuel d'Aguiar exigiu aos parochos.

Fui máu, foi um crime,
Pungi-te, innocente;
Acerba corrente
Levou-me a rasão.
Os sonhos de encanto
Perderam a alvura;
Vê tu que amargura!...
Não torno,—mas não.

Depois, magoado,
Achei-te ao meu lado
Cortada de dôr;
Puz termo ao peccado:
Fallei-te d'amor.
Uni-to ao meu peito,
Teu ar contrafeito
Meiguices não quiz,
E apenas mansinho
Dizias-me, e triste:
—«Responde, o que viste?...
«Responde, o que fiz!...»—

Mais tarde, mais longe,
Mais livres do mundo,
Ao rosto jocundo
O brilho volveu;
Mais tarde, mais longe,
Mais livres e anantes,
Que largos instantes
Vivemos no céu!...

A voz redemptora
Soára ao meu lado;
Foi grande aquell' hora
D'amor e perdão.
—Levanta-te, Lazaro!—
Ergui-me da morte!
E ao seio agitado
Volveu-me a rasão.

Pequei, é verdade,
Descrendo de ti.
Que immenso peccado!...
Perdôas?—sorri.

E. A. VIDAL.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

I

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucuui.—A Jutahycia.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurumos.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xiugú e salto da cachocira grande.



ASSIM como o pescador, em muitos dos Rios do Pará e do Amazonas, de pé nas margens, pôde escolher, através das aguas transparentes, o peixe a que ha de arremessar o arpão ou a flecha, a abundancia e variedade da caça, que povoa as selvas, permite ao caçador o mesmo luxo! Deus comprouve-se em tornar facil e commoda a vida do homem n'aquellas fertéis regiões. Rios enormes, que dispensam estradas e caminhos;

arvoredos immensos, carregados de fructos, de oleos e resinas preciosas, de mel de abelhas o de leites nutrientes; plantas medicinaes, tão variadas e numerosas, que se se podesse conhecê-las todas e adivinhar-lhes as maravilhosas propriedades fazia-se em cada cem casos de doença recuar a morte noventa e nove vezes; temperatura quente, sem as aborrecidas exigencias do vestuario; atmosphera embalsamada, provocando suavemente o somno; terra gratuita para quem quer trabalhar; e sustento facil para os que detestam o trabalho!

O viajante, penetrando no interior d'aquelle paiz prodigioso, sente-se logo tentado a fixar n'elle a sua residencia para sempre! Tudo que vê e ouve o incita e persuade a que siga esse pensamento. Longe das cidades e das grandes villas, a terra é livre. Pôde escolher o local mais aprazivel, á margem dos rios ou dos lagos, e derrubar os arvoredos na extensão que lhe convier. Com tres paus amarrados com cipós, de umas para outras arvores, improvisa uma barraca e cobre-a com folhas de palmeira; ata uma rede de um para outro esteio, e eis a casa e a cama! Com plantas apropriadas ou com cascas de arvores filamentosas, tece uma linha de pescar; serve-se para iscar os anzoes dos fructinhos silvestres, que pendem das ramadas sobranceiras ao rio; e deita a linha, prendendo-a ao punho da rede onde dorme. O peixe, pegando, acorda-o; mesmo deitado, puxa-o para casa, isca novamente o anzol e torna a arremessal-o á liquida dispensa!

As tartarugas nas praias e os jabotys nos mattos quasi que pedem por obsequio, que os voltem de peito para o ar, para os impedir de fugirem! Milhares de aves de todas as grandezas andam incessantemente a cruzar diante da vista do homem, como que a perguntar-lhe se voltaram porventura os tempos do Paraiso terreal ou se já se não usa comer passaros deliciosos! A caça de pé toree ás vezes o caminho, a fim de vir mostrar-se, para que se não esqueçam de que ella existe ali, quasi sem esperança de ser caçada! O unico objecto inteiramente inutil n'aquelles sertões encantados é o dinheiro!

E, apesar d'isto, ha indios n'aquelle fertilissimo paiz, que muitos dias se alimentam unicamente de farinha de pau molhada em agua dos rios! Chama-se *xibé* ou *ti-cuára*, em lingua tupy, esta abominavel coisa! Tal é o odio figadal que têm os indigenas a tudo quanto se pareça com trabalho! Ah! elles comprehenderiam bem, se podessem lê-lo, o sabio economista que diz, que quando falla do homem se não refere ao immundo animal que fossa a terra!

O sertão do Amazonas é o ideal dos vadios! Não se precisa roupa lavada, porque não ha necessidade de a sujar, visto poder-se andar nú! Basta possuir um sabre e um machado para se ser opulento. E isto explica perfectamente a rasão por que muitas pessoas se deixam por lá ficar! O maximo trabalho, para os que não se sustentam com a farinha molhada em agua fria, consiste em pescar deitado, e em caçar do modo que mais adiante se verá.

Daria muitos volumes a enuneração das coisas uteis e agradaveis, que jazem desprezadas ou desconhecidas no interior do Brazil. A navegação e o commercio fazem-se quasi exclusivamente pelos grandes rios; os exploradores da borracha, da copahiba, da salsa e do cravo limitam-se á procura das arvores que produzem essas drogas ou a pouco mais. O resto das riquezas naturaes, que é a maior parte, uma immensa parte! fica prejudicado pela falta de conhecimentos e de população. E necessario andar, como eu andei, durante annos pelo meio das florestas virgens e pelos milhares de rios, ainda mal

conhecidos ou completamente ignorados, para se avaliar a assombrosa e variada opulência com que lá se ostentam os thesouros da natureza.

.....

O rio Tucuruí, que desagôa na margem oriental do Xingú, proximo da assomada onde os hollandezes levantaram em 1625 uma fortificação de fachina, era citado pela sua fertilidade e pela abundancia de madeiras preciosas, para construeção naval, que povoam as suas margens. A casa de Carmello & Barros, que estava construindo um navio na foz do Curanátá, encarregou-me de uma expedição, que mandava ao Tucuruí cortar itaúba, loiro anarello, massaranduba e outras arvores proprias para costado e convez da escuna. Eu tinha apenas treze annos; mas conseguira ganhar tão facilmente a confiança e affecto dos tapuios, que os dois negociantes, de quem eu era caixeiro, não hesitaram em entregar-me a direcção do serviço, certos de que eu seria obedecido e respeitado. Eram doze indios, de diferentes nações, os que eu levava ás minhas ordens. Fallavam todos intelligivelmente a lingua portugueza, a tupy, e os seus respectivos dialectos. A circumstancia de eu ter aprendido tupy foi devida a influencia e ascendente que adquiri sobre elles. O tapuio lisonjeia-se de ouvir os brancos falarem a lingua geral do Brazil, e torna-se muito mais tratavel com os que a sabem. Eu conhecia-os todos pelos seus nomes; e em vez de os reprehender, quando commettiam qualquer falta, lastimava-me na sua presenca de ter sobre mim a responsabilidade do serviço, dizendo que qualquer d'elles era mais capaz do que eu para desempenhal-o; mas que os negociantes preferiam ralhar commigo antes do que com elles e que por isso me collocavam n'aquella posição. Não se faz idéa do que eu obtinha por estes meios! A maioria empenhava-se á porfia para me não deixar queixoso; e se um ou outro, dos que pertenciam ás tribus peiores, pretendia desmandar-se ou desobedecer-me, eram os proprios companheiros que se encarregavam de o metter no bom caminho!

Á entrada do Tucuruí deparámos com um grande monte, na margem direita, formando angulo com os dois rios. Desejando exploral-o, por curiosidade minha, subimos, com immensa difficuldade, á sua maior altura; a ascensão fazia-se agarrando-nos aos cipós e arbustos para não resvalarmos no temivel despenhadeiro, que por todos os lados nos rodeava. A corrente do Tucuruí ou alguma revolução da terra tinha cortado a montanha a pique, do lado d'este rio, deixando-a por ali despida de arvoredos. Era medonho e ao mesmo tempo arrebatador o espectáculo que se nos offereceu á vista, quando chegámos ao ultimo plano da serra. No fundo do abysmo rolavam, fervendo, as aguas barrentas do Tucuruí, que se estendia para a nossa direita até grande distancia; na frente, a mais de um quarto de legua, via-se a margem opposta, arredondada por grandiosos arvoredos, de verdes variadissimos, rompendo d'entre a massa compacta das ramarias as cabeças de numerosas palmeiras de diferentes especies. Á esquerda desenrolava-se como um crepe immenso o magestoso e profundo Xingú, enjas aguas de côr ferruginosa pareciam negras, vistas de tamanha altura! Em torno de nós e sobre as nossas cabeças, um como templo de verdura, d'onde pendiam, como alampadas de coral, flôres vermelhas, agigantadas, e fructos do tamanho de melancias!

Os proprios indios, que me acompanhavam, apesar de costumados á multiplicidade dos espectaculos que a natureza lhes mostra diariamente, não puderam eximir-se á admiração que aquelle lhes causara e foram os pri-

meiros a chamar para elle a minha attenção, quando chegaram ao cimo da montanha!

Um d'elles, que se tinha sentado no chão, soltou uma exclamação de contentamento ao pôr a mão sobre um fragmento de resina da arvore denominada jutahy.

—Jutahycica!

Os outros aproximaram-se-lhe e todos começaram a revolver a espessa folhagem que cobria o solo. Em menos de dez minutos juntou cada um seu monte de pedaços d'aquella resina, semelhante á gomma copal, que é muito usada pelas indias para vidrar loiças. Reparámos então que a maioria dos colossos vegetaes que nos cercavam eram jutahyseiros e que o chão estava completamente forrado com a enorme quantidade da materia resinosa que produzem essas arvores. Até eu quiz trazer, sem saber para quê, uma porção de jutahycica; e para isso imitei os tapuios, que tinham tirado as calças, e, amarrando-lhes as pernas nas extremidades, improvisaram com ellas dois saccoes e encheram-os com o thesouro achado, lastimando-se de não poderem levar mais!

A descida era perigosa, mesmo sem carga; tínhamos necessidade de ambas as mãos livres para que quando uma largasse a arvoreta ou cipó a que se agarrasse estivesse a outra já segura em novo apoio. Amarrámos ás costas as cargas de resina e partimos. Antes de ter andado metade do caminho já eu maldizia a idéa de me ter ajojado com aquella preciosidade, inutil para mim; e de boa vontade a atiraria ao rio, com calças e tudo, se podésse largar sem perigo os verdes balaustres a que me ia soccorrendo! Mas não havia tempo de parar nem de hesitar; era preciso descer rapidamente, com tanta firmeza nos pés como na vista. Um arbusto fragil, que se desarraigasse, uma arvoreta de especie quebradiça ou um cipó, que se soltasse da arvore que o prendia, precipitar-nos-hiam no abysmo!

Quando iamos na descida notámos que grande parte das plantas a que nos agarravamos eram arvores de cravo! Ouvi muitas vezes depois qualificar de absurda a opinião dos indigenas, que affirmam existir sempre este vegetal precioso nas vizinhanças dos jutahyseiros. A mim não me é permitido duvidar do que vi; mas não affirmo tambem que não fosse puro acaso. O que ainda hoje me causa espanto é não me ter occorrido então, nem a nenhum dos meus companheiros, que nos teria sido muito mais proveitoso carregarmo-nos da casca do cravo em logar da jutahycica. Levávamos os farellos e deixavamos a farinha.

Quem sabe a quantos exploradores terá succedido o mesmo?

(Continúa).

F. GOMES DE AMORIM.





Portal da igreja de Santa Maria de Belem

De uma photographia do sr. Carlos Relvas

A igreja de Santa Maria de Belem será sempre um dos mais bellos e mais gloriosos monumentos de Portugal. Ao contemplar a face tostada d'aquelle monumento, acode logo ao espirito a época mais afortunada d'este paiz, lembram logo os primeiros annos do reinado de D. Manuel, a sua côrte faustosa e litteraria, aquelles caval-

leiros, que, na Africa, sustentaram a mais dura guerra, ou, aventureiros, foram por mares nunca de antes navegados, em busca do oiro, das especiarias, e de tantas riquezas do Oriente, que pareciam souhos de imaginações febricitantes. E não param ali as memorias do formosissimo templo; lá está no portal do sul o vulto do magna-

nimo infante D. Henrique, encostado ao seu montante, com aquelle aspecto severo, como de constante reprehensão aos que vieram mais tarde e não souberam manter as consequências do seu ousado empreendimento. Dir-se-hia que o esculptor da figura do preclaro infante previra que, as glorias iniciadas por tão insigne príncipe, um dia se desvaneceriam não só pelos azares da inconstante e varia fortuna, senão pelo *gosto da cubiça, e por aquella rudeza de uma austera, apagada e vil tristeza*, que, poucos annos depois da empreza de Vasco da Gama, começára a transformar o character portuguez. Está ali, como sentinella ao monumento, o cavalleiro de Ceuta, para o defender com o seu montante das aggressões dos vandalas.

Oh! mas bem se viu que era de pedra a figura do filho de D. João I, porque os vandalas zombaram d'ella e escarneceram do seu aspecto tão grave. Se elle podera vê-los, teria enxotado os barbaros ou haveria punido n'elles a ousadia de pôrem mãos sacrilegas na primorosa obra de D. Manuel.

A gravura, que acompanha este artigo, representa o portal de oeste e mostra os estragos feitos no monumento por gente sem consciencia. Mutilaram toda aquella face, cortaram-na sem dó, e depois mascararam-na com um vestibulo e um portico, que davam passagem dos dormitórios para o côro da igreja. Em 1869 foram demolidos o portico e o vestibulo, e então appareceu, com toda a sua hediondez, a barbaridade dos frades, para os quaes com tanto amor el-rei D. Manuel levantára tão sumptuosa fabrica.

Este feito indigno e barbaro não foi obra de D. Pedro II como se asseverou, mas de D. João III, porque bem o demonstravam o artesoadado das abobadas, igual ao do pavimento superior do claustro, e os florões de antigo lavor, e em um dos quaes se lia a data—1540.

Mas qual fôra o risco d'aquella frontaria, que hoje vemos tão desigual no seu desenho? Acaso chegou a concluir-se e os vandalas a mutilaram depois, ou estava ainda incompleta quando se fizeram o vestibulo e o portico? Causa é impossivel de dizer. O que se sabe, o que se vê, é o portal cortado pelos baldaquinos, que na gravura se rematam sobre um pedestal, e ainda pelas cupulas dos baldaquinos, onde estão as figuras de el-rei D. Manuel e sua mulher a rainha D. Maria. As janellas têm os lavores quebrados. Enfim, foi um grande destroço, que deixou desfigurado em grande parte tão formoso portal.

Agora trabalha-se na restauração dos estragos causados no portal pelos frades, ou quem quer que foi. Substituiu-se a janella moderna do côro por um magnifico oculo; recompõem-se as janellas antigas; já está renovada a platibanda, e vae proseguindo a restauração.

Deixando por agora o muito que ainda ha a dizer ácrea da frontaria de oeste da igreja de Santa Maria do Belem, limitar-nos-hemos ao portal representado na gravura.

É o portal formado de um arco mui abatido, composto de talões. As umbreiras são mui ornadas, tendo cada uma quatro nichos com anjos, cherubins, etc. Do meio do arco pendem dois cherubins sustentando o brasão de Portugal, ao que parece, encimado pelo timbre de dragão. Acha-se esta parte muito deteriorada, e por isso não pôde ser bem examinada. Por cima dos cherubins, em um nicho, está representado o Nascimento com figuras de vulto; á direita a Annunciação, e á esquerda a Adoração dos Reis, tambem em figuras de vulto, e n'uma linha mais baixa que o do Nascimento.

De cada lado da porta, em nichos cobertos por brincados baldaquinos, e sobre capiteis de fustes enroscados, estão, do lado direito, el-rei D. Manuel, de joelhos sobre

uma almofada e por detrás S. Jeronymo com o leão, e, do lado esquerdo, a rainha D. Maria, tambem de joelhos, e por detrás S. João Baptista com o cordeiro conchegado ao peito. Por baixo dos nichos, e parecendo sustentá-los, vê-se em cada um d'elles um anjo em meio corpo, com os braços abertos, tendo nas mãos o escudo de el-rei D. Manuel, o brasão real e a esphera; e o do nicho, onde está a rainha D. Maria, o escudo bipartido de Portugal e Castella, e um emblema representado por tres lyrios, de que nos occuparemos mais adiante.

Nos nichos, que ficam aos lados, e mais inferiores, estão os quatro evangelistas, e nos outros os apóstolos principaes.

É de advertir que estas figuras estão todas truncadas, por mera maldade; não ha uma só que esteja perfeita, e isto é tanto mais para lastimar, porque são de optima esculptura; a figura de el-Rei D. Manuel, a de S. Jeronymo, a de S. João Baptista, são expressivas, e com bastante correção; as dos evangelistas e as dos apóstolos, mais pequenas, são uns primores de arte; são umas estatuetas esculpidas com muita gentileza.

Os vasos que se vêem aos lados, e as bases em que assentam, destoam do estylo do portal, e são, por isso, evidentemente, obra muito mais moderna.

Ha muita originalidade n'este portal, porque se destaca de todos os demais da época chamada manuelina. É pena que esteja tão maltratado, e parecendo que é quasi impossivel restituil-o á sua belleza primitiva. Julga-se que foi a soldadesca, por mais de uma vez aquartelada no convento, o mesmo a das guardas que ali houve, quem especialmente mais concorreu para o destroço causado nas figuras e nos lavores.

Ácrea do escudo com os tres lyrios, a que acima nos referimos, é nossa opinião que seriam divisa da rainha D. Maria, porque se encontram em diferentes partes do edificio e por modo significativo. No portal de oeste, além do escudo já indicado, vêem-se ainda os lyrios e a esphera por cima dos ultimos baldaquinos de cada lado. No cruzeiro da igreja, no meio da ornamentação das duas portas, que ha do lado do evangelho, uma das quaes vae dar á sacristia, lá estão, n'uma a esphera, e n'outra o escudo com os lyrios. No portal do sul tambem se observam, e no claustro, se bem nos lembra, igualmente existem.

É fôra de duvida que se podem considerar como uma divisa, e, com probabilidade, attribuil-a á rainha D. Maria, pela indicação do portal de oeste.

Ha, na ornamentação de toda aquella admiravel fabrica, muitas figuras e emblemas de diferentes especies, que devem ter a sua significação, hoje mui difficil de descobrir.

J. RIBEIRO GUIMARÃES.



CHRONICA DO MEZ



RES novas obras viram este mez a luz da publicidade, editadas pela casa Rolland & Semiond: *Rosas pallidas*; *O homem perante a natureza* e *Cantos e satyras*.

A primeira é uma collecção de romances agradaveis e interessantes, devidos á esclarecida imaginação de uma senhora bastante conhecida pelo muito amor que dedica ás letras patrias.

Intitulam-se: *Celeste*; *Amor de filha*; *Amor de mãe*; *A dama das violetas*. A penma elegante da sr.^a D. Guiomar Torreão — a auctora do volume citado — tem produzido versos delicados, contos sentimentaes e criticas sensatas ácerca das publicações dos

nossos primeiros litteratos.

O novo livro da distincta escriptora e poetisa occupa lugar honroso entre os seus diversos trabalhos, porque é fructo amadurecido de um talento cultivado com esmero e por isso apurado e robustecido. Antecede-o uma carta do sr. Thomaz Ribeiro, em que o illustre poeta, com a auctoridade que lhe dá o seu nome, tece os maiores elogios ás narrativas que teve occasião de lêr antes de publicadas, elogios merecidos, segundo o publico verá, quando conhecer a obra.

E posso afirmar que o publico ha de travar conhecimento com ella, porque despertam sempre curiosidade os livros novos e bons, muito principalmente quando são assignados por uma senhora.

O retrato da auctora feito no atelier do photographo Rocha, á praça da Alegria, acompanha a obra, que é impressa em edição elegante.

O homem perante a natureza é um discurso philosophico publicado pelo sr. Antonio Monteiro Rebello da Silva. O auctor divide a sua obra em quatro partes: *Educaçào do homem sobre a terra*; *Impossibilidade da origem simultanea do homem*; *Relações, transcendente e pratica entre o homem e o globo terrestre*; *Superioridade e destino do homem*.

Em carta dirigida ao auctor, escreveu o sr. visconde de Paiva Manso, depois de varias reflexões, o seguinte:

«O seu livro, meu caro amigo, que li com o maior interesse, é a expressão dos sentimentos que tenho exposto, e do estado dos espiritos n'este momento, em que todas as sciencias moraes, como diz Vacherot, passam por uma crise, cujo signal caracteristico se resume na formula: *antinomia das theorias da sciencia e dos principios da consciencia*.

«Para a soluçào d'esta antinomia ha de contribuir, se a amizade me não cega, o livro que v. intenta publicar sobre *O homem perante a natureza*, livro que necessariamente ha de provocar a attenção publica pela profundidade com que é tratado um assumpto pouco cultivado n'um paiz em que raros espiritos se têm consagrado ao estudo da philosophia transcendente.»

As palavras do illustre academico bastam para se fazer idéa da auctoridade com que a obra é escripta.

Cantos e satyras é um precioso volume do inspirado poeta o sr. Bulhão Pato, contendo strophes de muito sentimento a par de outras de fina graça e boa critica.

Uma das qualidades mais apreciaveis que se observam nas poesias do sr. Bulhão Pato, é, quanto a mim, a naturalidade e sinpleza com que o auctor usa referir os seus pensamentos. Os melhores versos d'este poeta não trajam arrebiques nem se inculcam pretenciosamente; d'ahi o sabôr de verdade que têm, e que é o encanto dos que prezam sinceramente a escola do naturalismo.

Os srs. Lucas e Filho, editores, tambem publicaram mais um romance, enriquecendo assim a escolhida bibliotheca que emprehenderam formar.

Intitula-se *A mascara vermelha*, e é assignado pelo popular nome do sr. Pinheiro Chagas.

A aççào baseia-se nos acontecimentos politicos succedidos em Portugal depois da restauraçào de 1640, figurando no primeiro

plano os vultos historicos do duque de Caminha e do marquez de Villa Real, pae do duque, principal influente de uma das muitas conspirações que n'aquella época se tramaram.

A parte ficticia do romance é interessante e a historica bastante curiosa, as descripções são feitas em estylo opulento e o dialogo travado com clareza e fluencia.

Vê-se, pois, que a nova obra do sr. Pinheiro Chagas, editada pelos srs. Lucas e Filho, tem todas as probabilidades de alcançar a mesma accitação lisonjeira que têm obtido os livros até hoje publicados por estes editores.

A estação theatral, estando a findar, precisaram as emprezas cumprir os seus contratos realizando os beneficios dos artistas que tinham direito a essa regalia.

Por isso foi variadissimo o repertorio dos theatros durante o mez de maio, sendo obrigado o publico habituado a concorrer ás festas artisticas dos principaes actores, a andar em perfeita romaria, de platéa em platéa, a applaudil-os e festejal-os.

N'uma noite reunia o actor Polla no Gymnasio os seus affeições e admiradores, recebendo d'elles uma das ovações mais completas que se têm feito no theatro, durante os cinco actos da comedia de Seribe — *A calunnia*, em que o distincto artista representou com muito merito o papel principal; n'outra noite o tenor Silva realisava a sua festa artistica na Trindade, levando em primeira representaçào a opera-comica hespanhola — *Liquidaçào social*, cujo assumpto, segundo se infere do titulo, é do maior interesse n'estes tempos que vão correndo; mais tarde, reproduzia-se em D. Maria II a comedia — *Fernanda*, em beneficio do actor Cesar de Lima, desempenhando este o ditilic papel de Pomerol, creado na scena portugueza pelo actor Polla.

De todos os espectaculos, porém, os que mais attrahiram a attenção, por serem compostos de trabalhos dramaticos originaes, foram os dos beneficios das actrizes Virginia e Emilia dos Anjos.

O primeiro effectuou-se no theatro de D. Maria II, com a comedia-drama em quatro actos, original do sr. Pinheiro Chagas — *Magdalena*; o segundo realisou-se no Gymnasio, com a comedia em tres actos, original do sr. Sousa e Vasconcellos — *Tres mulheres*.

Magdalena é uma composiçào da escola moderna, cujo assumpto — a regeneraçào da mulher — apesar de mais de uma vez tratado no theatro, offerece alguma novidade pela maneira elevada como o auctor soube apresental-o e desenvolvel-o.

Tem esta comedia alguns lances, que, de certo, a critica imparcial poderá considerar menos felizes, sendo o principal d'elles o do final do segundo acto; em compensaçào, porém, encerra bellezas que o publico e as pessoas mais illustradas não se fartam de admirar e applaudir, sobresaíndo a todas a graça do dialogo propriamente de comedia, como na bem escripta scena de Arthur com Alberto de Magalhães no começo do segundo acto, e a virilidade das situações dramaticas, como na scena capital do terceiro acto entre Alberto de Magalhães e Magdalena.

Se não é justo considerar a ultima produçào do sr. Pinheiro Chagas o seu mais importante trabalho dramatico, porque, segundo me parece, não levou de vencida os mais bellos actos da *Morgadilha de Valfjör*, deve todavia confessar-se que representa ella um dos mais preciosos escriptos do vigorosissimo talento do auctor, que é um dos mais laboriosos e fertes escriptores da moderna geraçào.

O desempenho da *Magdalena* foi quasi irreprehensivel. Couberam os primeiros papeis ás actrizes Virginia e Emilia Adelaide e aos actores Santos e Alvaro.

A actriz Virginia representou com a maior naturalidade e correçào todas as scenas que lhe couberam, sendo sempre ingenua e affectuosa como o papel exigia. No terceiro acto teve uma transiçào admiravel, que o publico applaudiu calorosamente.

No papel de Magdalena foi a actriz Emilia Adelaide muito bem, representando com a precisa vivacidade as scenas de comedia do primeiro acto, e com bastante sentimento as dramaticas do terceiro e quarto.

Santos foi de inexceldivel naturalismo em todo o papel, tallhado de molde para o seu esplendido talento.

Menos feliz foi de certo o actor Alvaro, porque só conseguiu vencer os perigos do ingrato personagem que representou, nas scenas do quarto acto.

O publico festejou muito na primeira representaçào da comedia o auctor e os interpretes, destinando todavia a melhor parte dos seus applausos á actriz Virginia, por ser n'essa noite a rainha da festa e porque o seu bello talento artistico lhe mereceu taes distincções.

Tres mulheres é um formoso trabalho litterario que mereceu ao sr. Sousa e Vasconcellos tomar lugar entre os nossos primeiros auctores dramaticos, lugar para onde elle já caminhára escrevendo duas comedias em um acto.

Nas *Tres mulheres* ha principalmente a louvar a naturalidade

com que o auctor desenvolveu o assumpto e a correção com que escreveu o dialogo.

Desataviada dos accessorios que os auctores francezes empregam em quasi todas as suas obras dramaticas, a comedia do sr. Sousa e Vasconcellos tem apenas o numero de scenas indispensavel para se apresentar e resolver o thema escolhido. Pelo segundo acto conhece-se que o auctor tem decidida propensão para a litteratura dramatica, porque toda a acção corre n'elle animada até o final, em que ha uma situação verdadeiramente theatral, d'estas que o publico, por mais indifferente que seja, não deixa nunca de applaudir.

A solução do thema não me parece muito feliz, mas a situação era tão complicada, que o auctor saiu-se d'ella conforme pôde. Entretanto a ausencia da verdade nas ultimas scenas esfria um pouco a conclusão; mas o publico, desculpando este defeito, applaude as bellezas da peça, que são muitas, e as do desempenho, que não são menos.

As actrizes Emilia dos Anjos no papel de esposa leviana, Maria das Dores no de irmã dedicada e Maria Adelaide no de viuva garrida, vão muito bem; os actores João Rosa, Pinto de Campos e Polla, nos principaes papeis, desempenham-se da sua missão como primeiros artistas. Elisa e Carlos de Almeida, fazendo personagens secundarios, acompanham perfeitamente os seus collegas.

A primeira representação da comedia foi, como fica dito, em beneficio da actriz Emilia dos Anjos. Esta comediante, que tem feito ultimamente sensiveis progressos, representando com muita correção e elegancia dillicis papeis, teve occasião de avaliar, pela ovação que recebeu, quanto o publico reconhece os esforços que os artistas fazem para bem merecerem os seus applausos e sympathias.

Com magua o digo, nenhum dos espectaculos citados attraheu, depois da primeira noite, as atenções do publico de Lisboa, como um concerto de guitarras que ultimamente se effectou no Casino.

A casa encheu-se a deitar fóra, e houve sempre, durante o espectaculo, o maior enthusiasmo e animação. Nenhum concerto, que me lembre, dos empregados pelos melhores executantes, despertou nunca maior curiosidade, nem obteve mais applausos. Alguns têm estado até completamente desertos de espectadores. As harmonias da banza, porém, concorreram todas as classes da sociedade, desde a primeira até a ultima. Só as senhoras lavraram protesto contra o espectaculo. Valha-nos isso. Devo, todavia, confessar que alguns dos tocadores são dignos de se ouvirem, e em quizera que o publico os fosse applaudir e ajudar, não desdenhando, porém, os concertos que lhe offerecem os bons artistas. Preferir o chorado fadinho da guitarra a uma peça concertante executada por notaveis professores, é que eu não posso perdoar senão a... algum fadista.

RANGEL DE LIMA.



DIVERSAS NOTICIAS

Está concluido o monumento levantado no Maranhão á memoria do famoso poeta brasileiro Gonçalves Dias. A estatua foi collocada no dia 19 de abril. É o primeiro monumento que se erige n'aquella cidade depois da pyramide que existe no Campo de Ourique, commemorando a sagração de S. M. o Imperador.

Nas excavações comprehendidas em Roma no monte Esquilino, onde se projecta construir um bairro, fizeram-se interessantes descobrimentos com relação á topographia da antiga Roma. Encontraram-se varios objectos que parece terem pertencido ao antigo campo de Servio Tullio, figurando, entre elles, uma torre semi-circular com o diametro de 8 metros. Estas ruínas de antigas fortificações romanas são curiosissimas e servirão para ornar o novo bairro. Collocar-se-hão no centro de uma grande praça, que deve ficar justamente no sitio em que ellas foram encontradas. As fortificações datam de ha 2:500 annos.

Em Salone descobriu-se um sarcophago que parece ter servido de sepultura christã. Tem representado o bom Pastor com o cordeiro aos hombros. Ao lado do bom Pastor vêem-se um homem e uma mulher (de certo os esposos fallecidos, porque o sar-

cophago é d'aquelles em que se podiam collocar dois corpos), os quaes estão rodeados de muitas figuras, homens, mulheres e creanças. O sarcophago estava collocado de modo que não dêsse nas vistas, o que leva a erer que data de época em que se receiava dos pagãos e se diligenciava esconder aos olhos d'estes as sepulturas christãs.

Um curioso objecto, destinado á exposição no Prater, ha de causar, de certo, a admiração dos visitantes do palacio da industria. É a *Illiada* estenographada por um professor da universidade de Vienna. O poema que tem, como se sabe, 600 paginas de impressão, pôde metter-se n'uma casca de noz. Postas ao lado umas das outras, as folhas (36) em que foi executado o trabalho, não chegam a formar meia folha de papel.

A raridade e o grande valor que têm hoje os autographos de Molière, fazem com que o descobrimento de uma linha e até da assignatura do eminente poeta, seja um acontecimento litterario. Em França encontrou-se ultimamente o mais extenso, o mais antigo e o mais interessante dos autographos até hoje conhecidos, do auctor do *Misanthropo*. Estava nos archivos departamentais do Héruault. É um documento escripto n'uma folha de papel, com perto de 21 centimetros de largura por 29 de altura; as palavras occupam a metade superior da folha e são as seguintes:

J'ay receu de Monsieur le Secq trésorier de la bource des Estats du languedoc la somme de six mille liures à nous accordez par messieurs du Bureau des comptes de laquelle somme je le quitte fait a Pezenas ce vinght quatriesme jour de february 1656.

MOLIERE · I ·

quittance de six mille liures.

Trata-se de organizar em Paris uma venda de obras de arte, cujo producto revertirá a favor da filha do Prud'hon.

Os seguintes algarismos dão idéa do apreço em que na França se têm as bellas artes.

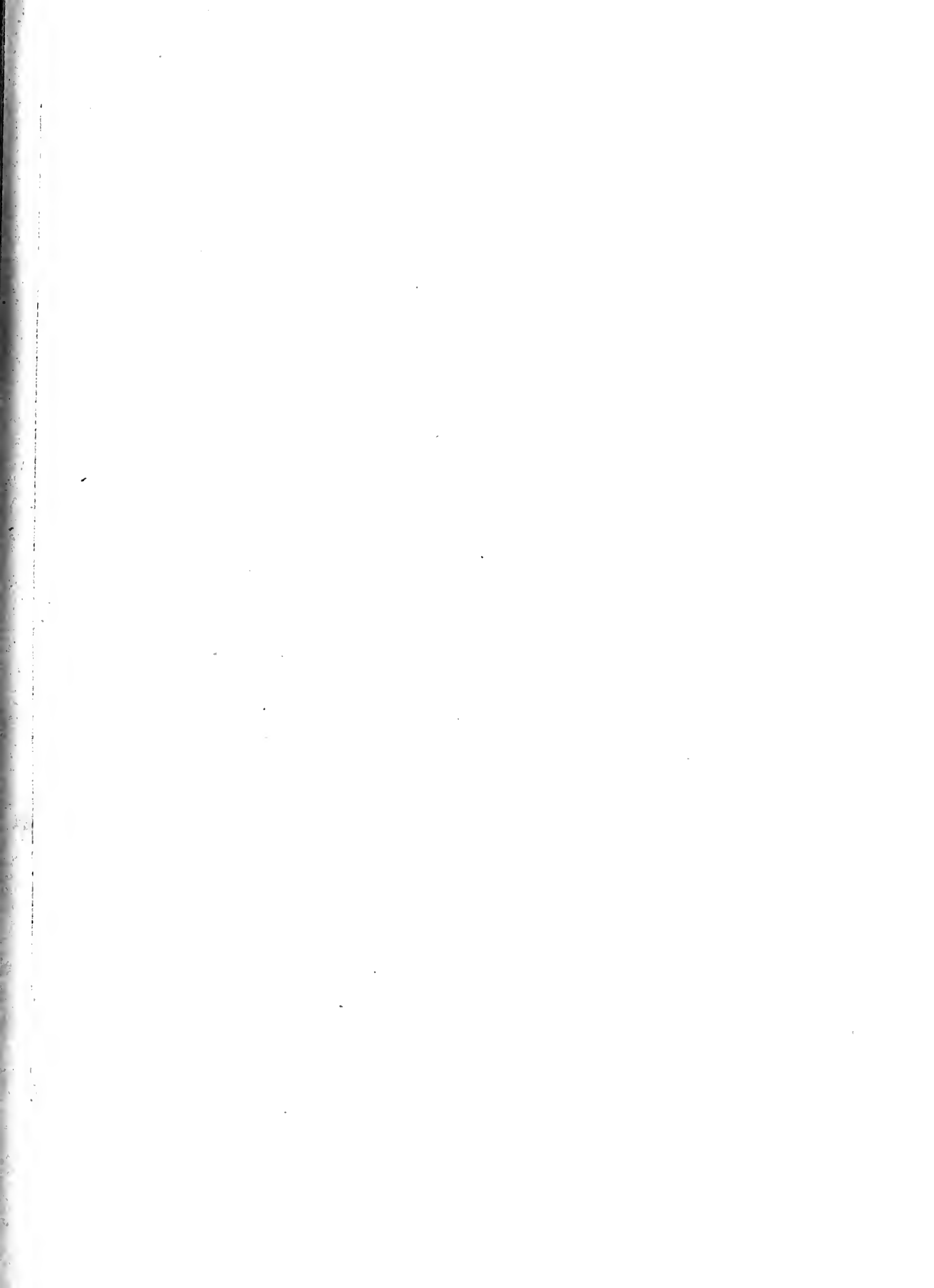
A sociedade dos Amigos das Artes de Reims apresentou aos seus accionistas a seguinte conta relativa á exposição verificada este anno:

Vendas feitas aos amadores	102:600 fr.
Compras provenientes da loteria	12:975 .
Total	115:575 fr.

Vendeu-se ultimamente em Londres uma collecção maguifica de caixas de rapé e boecetas, a maior parte das quaes esmaltadas por Petitot. Uma boeceta de oiro dada por Luiz XVI ao embaixador da Russia, o principe Besborodko, ornada de esmaltes representando a familia real em Pré-Saint-Gervais e assumptos de festas campestres nos arredores de Paris, foi arrematada por 15:000 francos.

No proximo mez vender-se-ha em Paris a famosa collecção de quadros pertencentes ao celebre baritono Faure, amator de pinturas tão notavel, como virtuose eminente. Na collecção figuram trabalhos dos mais notaveis pintores coloristas contemporaneos, como Delacroix, Rousseau, Troyon e Diaz.







. NÃO TEM CONCERTO...

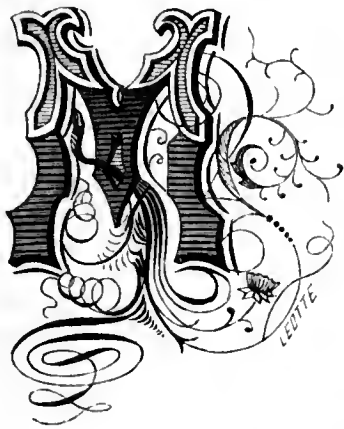
QUADRO DE ROTTA

ARTES E LETRAS



LISBOA—JUNHO DE 1873

NÃO TEM CONCERTO



'ALDITO sapateiro!

Com que supremo beijo de desdem, estira elle a ironia!

—Que diacho se ha de fazer d'isto?!

E espreme o sapato entre os dedos, e espalma a outra mão, e vão a cair-lhe, como no verso do Tolentino, sete vezes os olhos do nariz!

É cruel aquella idade.

Cruel como a primeira infancia!

Está ali ao pé d'elle a pobre rapariga, uma gorducha que não é másita, muito branca, muito redondinha, o que o povo chama roliça, toda ella suave, humilde, d'estas creaturas que vem ao mundo para se contentar com tudo, que nascem para ser pobres, que vivem á sombra, fadadas para ser ninguém, e que, no entanto, se puxassem por ellas e a felicidade estivesse por isso, seriam capazes de dar brado n'este mundo, taes quaes as outras a quem a sorte sorri e a fortuna se presta!

Não é magra, bem o sei. Isso é reservado ás elegantes e ás ditosas.

—Estás tão gordo, Figaro! diz Almaviva ao barbeiro, quando o encontra inesperadamente em Sevilha, n'aquella noite em que andava rondando as janellas de Rosina. Estás tão gordo, Figaro!

—*La miseria, signor conte!* responde o outro.

Assim é esta.

Não lhe é dada a belleza altiva e nervosa das tentadoras; nem a natureza nem a modista se atreveu a enfeitá-la por modo que escandalise a simplicidade, *sancta simplicitas!*

Tudo n'ella é mediocre e timido; até a estatura.

Na propria pallidez não ha o tom funéreo das heroínas...

Os cabellos não se lhe entregam aos caprichos elegantes da moda e do penteado; prendo-os, segura-os a coifa humilde, e conservam uma disposição recatada, constante, para que até o vento os respeite...

Está roto aquelle sapato?

Não.

Está velho.

Roto, não. Não ha seixo imprudente, que ouse rasgar o sapato humilde em que aquelle pé vá calçado.

Sobre esse velho sapato despede ella ainda um ultimo e saudoso olhar, enquanto o velho o tortura, e esmaga rudemente com a sua mão grosseira e impiedosa...

—Adeus, diz ella n'esse olhar, adeus sapato companheiro da minha lida! Só tu sabes o que precisa andar, girar, correr, n'este mundo, quem nem tem doto nem bens, nem sequer o dinheirinho que se exige para pertencer a Deus e recolher-se a um convento.

E o sapato a estalar pelos poutos e a ranger com o desprengar do tacão, entre os dedos barbaros do sapateiro, velho motejador e frio!

E na profundeza do olhar d'ella como que se adivinha a consciencia de que deviam reflectir-se n'elle a seda e as joias em vez de servirem de espelho a uma loja terrea e humida...

Não foi de certo fadado aquelle pé, bem o estamos a vêr na estampa, para pisar tapetes, de uns que ha de fiudo branco onde desabrocham flôres magnificas;—mas não o foi tão pouco para se gastar em ruins sapatos por cima de um sobrado a cair, ou de frios tijolos...

Nascêra talvez para os destinos recatados, honestos, simplicés, da vida tranquilla, caseira, desambiciosa, mas remediada. Casar com um honesto operario, cuidar da casa e dos filhos, estinar bem o marido, a paz, o lar, sem que os seus vinte annos fugindo, correndo, lhe agitasssem pela frente as azas de sombra...

Ter olhos para vêr o céo, a agua, as arvores, as estrellas, e empregal-os em vêr o sapato roto!

A mais horrivel, a mais desillusionante palavra que possa soltar-se, está a dizê-la aquelle velho á pobre rapariga:

— Não tem concerto!

É como se o advogado dissesse ao cliente:

—Pense e resolva-se a perder a demanda!

É como se o medico dissesse ao doente:

—Não ha cura para si!

É como se Deus dissesse á creatura, que viveu, errou, peceou:

—Para ti não ha misericordia, para ti não ha salvação!

Cruel e estúpida expressão da insensibilidade:

— Não tem concerto!

Mas tudo tem concerto, velho imbecil!

A paixão que se extravia, a ambição que fallece, a idéa que se engana, o amor que se arrasta, o talento que é perdido...

Tudo tem concerto, velho tonto; o braço que se quebra, e o futuro que se partiu; o coração que pulsa do mais, e o coração que pulsa de menos, a cegueira do espirito e a do corpo...

E vaes tu, sapateiro reles e asno, metter-te em dizeres uma palavra d'essas a quem espera tudo da palavra que vae ouvir-to; e nem sabes ao menos, remendão birbante, que ha no pé humano o indicio das faculdades e das paixões, que o órgão da dansa está no osso que serve de base á tibia, dando equilibrio ao corpo e origem a todos os movimentos pelas suas articulações com a perna; que na cavidade do calcanhar está a perseverança; que o órgão do amor platonico está, na mulher, por baixo das primeiras phalanges; e, ao contrario, por cima, no homem, estabelecendo-se o contacto quando duas pessoas apertem o pé uma á outra ás furtadellas por baixo da mesa; que o temperamento brigão está n'um pé leve e agil, que cede logo em se impacientando á tendencia irresisti-

vel de despedir um ponta-pé; que a cobardia está na depressão da parte superior, isso a que se chama não ter altura no peito do pé; e que, — e este é o caso, ó velho e brutal sapateiro! — o órgão do animo está no calcanhar e na sola do pé, vindo d'ahi o dizer o povo para dar a entender uma organização que não tem medo:

— Espero-o a pé firme!

E esse é o calcanhar e o pé da rapariga que ahi mostra a estampa; pé seguro, calcanhar grosso e grande; — e estás tu a desanimal-a, a tirar-lhe a força e a vida, com essa palavra bestial!

Cala-te, e aprende, sapateiro opinioso e ignorante: nunca se diz, jámais deve dizer-se a alguém, seja do que fôr:

— Não tem concerto!...

JULIO CESAR MACHADO.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

III

(Continuação)



s janellas d'aquella habitação encantadora foram-se a pouco e pouco illuminando; muitos vultos bronzeados, com os seus turbantes de mil côres, percorreram o jardim em todas as direcções; arvores e arbustos resedentes cobriam-se de vagalumes e um som suavissimo de cantares surgiram das alamedas ou das salas, que não deixava a distancia e o vago das vozes morbidas perceber a D. Fernando d'onde partissem.

Parecia ao moço amante que um deslumbramento o tomava, ou filtros de feitiço o tinham preso ali; parecia-lhe que aquellas vozes tinham, ora a ternura dos cantos das mães aos berços, ora o ardor magnetico dos tremetes e truncados segredos da amante ao namorado; segredos antes bafejados que fallados, antes sentidos que ouvidos em meio de fremitos e desmaios em noite amena e tepida ao pé de um lago confidente e quieto.

Parecia-lhe que, pelo jardim, cruzavam sempre sombras mysteriosas e caladas e parecia-lhe tambem que o vulto da formosa indiana se viera insinuando por entre a ramaria da sebe que se debruçava para a estrada, e a cujas franças elle se estava agora segurando.

E tudo isto era mais uma visão que um quadro, mais uma sensação que um apparecimento. Um desejo efficiente, um affecto creador, uma phantasia illuminada, um espectáculo interior visto com os olhos fechados, commovente de mais para visão, crepuscular de mais para realidade.

E D. Fernando, presa de uma anciedade vertiginosa, com o coração impaciente de febril, tremulo, que o diziam as cannas do bambual a que se amparava e por

entre as quaes espreitava meio occulto, iria jurar que o halito da formosa oriental lhe estava banhando o rosto, tão perto sentia elle uns effluvios que o embriagavam.

E os canticos ao longe, e o luar e as flôres e os vagalumes, a atmospheria morna e as folhas do betle sagrado que lhe batiam no rosto, tudo quanto o cercava o endoidecia.

E o bambual estava quieto e serrado; negro, mysterioso, insondavel! e uma fascinação poderosa teimava n'elle que uns olhos o estavam vendo, que uns labios lhe sorriam; olhos mais negros que o veludo e mais brilhantes que os astros, labios mais vermelhos que o coral de Mascate ou de Sorrento, e mais humidos que a orchidea orvalhada no tronco do tamarindo.

E não via! e não ouvia.

— Impossivel! disse elle fallando consigo, como o somnolento que tenta espalhar o somno.

Pareceu-lhe porém que o bambual mechiã.

— Oh não fujas, se és tu aquella por quem estou preso, segredava elle tão baixo como se lhe fallasse ao ouvido, confia na minha lealdade de cavalleiro; se tu soubesses quem sou não duvidavas de mim.

Calou-se, escutou... Nem um som, nem um movimento.

Sorriu-se com o sorriso ingenuo da sua idade; mas de repente sentiu que o cheiro da arca e do betle, tão conhecido no oriente, o bafejava de novo, que a respiração lhe faltava e que a vertigem crescia.

A lua subia no céu entre a illuminação do infinito.

— Meu Deus, d'onde me vem esta allucinação? dizia D. Fernando no seu monologo, ha plantas venenosas em toda a India e arvores que matam aquelles a quem abrigam, contudo esta morte é doce e voluptuosa. Sonhar que se tem ao pé uma mulher adoravel talhada como as Venuas da Grecia, ardente como o sol d'onde brotou e preguiçosa como as anras tropicaes! Se eu pudesse expirar nos braços d'ella!!

Sentiu-se de repente preso n'um braço por mão pequenina, mas forte e firme, puxando-o mais para dentro da sebe de verdura, o outra mão aveludada e quente veio pousar-lhe nos labios. D. Fernando sentiu-se estremecer, mas não de receio nem de surpresa; guardou o silencio que lhe impunham; o braço que lhe prendera o braço soltara-lh'o e veio enroscar-se-lhe ao pescoço. A sua cabeça achava-se encostada agora a um seio perfumado, velado apenas por uma tella fronxa de seda; uma chuva abundantissima de cabellos lhe caía sobre a cabeça e sobre o rosto; um dos braços de D. Fernando procurou insensivelmente a cintura que se lhe offerecia, e sentindo-se envolvido por uma onda de electricidade como nunca havia sentido, desejou morrer ali.

Ouviu então passar na estrada, atrás de si, tropel grande de gente que demandava a cidade e vozes que não entendia.

Comprehendeu que o tinham querido esconder entre a folhagem dos olhos curiosos dos que passavam.

O rumor perdeu-se ao longe e o abraço e o silencio duravam ainda.

D. Fernando, quieto, quieto, cuidava mesmo em comprimir a respiração, tanto receiava que se lhe furtasse aquelle seio arquejante e o soltassem d'aquello abraço tão demorado.

Era o sonhador já quasi consciante de que sonha, que se não quer mover para lhe não fugir o encanto.

Emfim, muito de manso e de leve beijou, que nem parecia beijo, a mão que se lhe demorava nos labios.

A indiana retrahiu-se violentamente.

Um momento depois tomou-lhe o braço e mostrou-

lhe umas luzes que appareciam no cimo da rua do lado da cidade.

- Quem será, perguntava D. Fernando.
 — Criados de teu pae que vem buscar-te.
 — Conheces-me?!
 Já não teve resposta.

IV

Passado um quarto de hora, entrou D. Fernando no palacio entre os criados que o vieram procurar, com lampiões de muitas luzes, porque a sua demora começava a inquietar o visor-rei.

Na segunda sala encontrou seu pae em pratica com um frade que gosava do maior prestigio no oriente. Chama-se Francisco Xavier, chegava de longe e dava conta a D. João de Castro do resultado das suas missões. Era magro, não alto, mas direito, avelhentado e doente. Tinha uma frente espaçosa e olhos cheios de luz e de amor; boca cheia de graça, e mãos pequenas e finas cheias de bençãos.

— Aqui o tendes, fr. Francisco, disse D. João de Castro, apresentando-lhe seu filho; foi longo o banho, meu Fernando, olha que todos os excessos são fataes n'este clima.

D. Fernando beijou a mão de seu paé e inclinou-se diante de fr. Francisco Xavier.

— Dae-lhe a vossa mão a beijar e abençoa-o tambem, fr. Francisco.

D. Fernando beijou a mão do bom frade e disse-lhe, depois de recebida a benção:

- Eu conheço-vos muito, fr. Francisco Xavier.
 — Por vosso pae, senhor.

— Por vós, pelas vossas obras, e sobretudo pela vossa caridade que vale ainda mais que a vossa doutrina.

— Guapo moço em verdade, segredava fr. Francisco a D. João de Castro. Tão novo e tão discreto.

— Em breve o chamareis tambem valente, que lhe vou dar um posto de honra.

— Guarde-o Deus! guarde-o Deus! murmurava o frade pensativo.

— Adeus, Fernando, despede-te de nós e vae dormir, que de manhã cedo tens caçada, e convém que te aprepresentes fresco e repousado.

— A estas horas das aguas de Cunbarjua! murmurava fr. Francisco; não pôde ser; a maré desceu ha muito e elle vem abraçado e distraído.

D. Fernando entrou no seu quarto e recostou-se n'uma preguiçeira de baloiço, de cissó, bordado de râmarias e divindades gentílicas.

O estado da sua imaginação só é comparavel á embriaguez do opio ou do *haschich*; os seus sonhos, ás acres delicias das visões do celebre inglez de Quincey; a differença era apenas de que em vez do *consul romanus*, D. Fernando via em todos os quadros da sua phantasia, como n'uma apothecose, a bella indiana.

Parecia-lhe que o domestico papagaio da Praganã, que andava solto parlando por todo o palacio, tomando proporções do genio das lendas, o incitava a que se levantasse e saísse em demanda da maxima ventura, enquanto o seu querido *Martinho* einzento de Damão se offerencia a guial-o através das selvas scintillantes até um logar recondito de delicias.

Saía e nas azas do seu sonho atravessava selvas serreadas. Via-no passar feras e aves invejosas, e no meio de gorgeios e aromas caminhava sempre e sempre, sem fadiga nem receio. Os astros desciam a misturar-se com as flores e os canticos; e elle arrobado de gloria passava

como um bem aventurado no meio de uma atmosphera luminosa.

Ao cabo das florestas encontrava um rio larguissimo esmaltado de vélas brancas, e em cada barco que lhe passava em frente havia uma canção de vozes femininas.

N'um dizia-se:

- As moiras de Pondá
 são como o sol do oriente
 que é quente, quente;
 mas no alto Mordongouro
 cioso espreita o mouro
 e o barco não vac lá.
 Cantar, cantar!
 Quem vos pudera amar
 ó moiras de Pondá!

N'outro barco:

- Feliz do que encontrando-a entre-dornida
 ao lado se lhe deita
 antes que venha o dia,
 sonhando paraísos de delcete,
 sentindo-a palpitante e commovida,
 e quo ella acorde, o veja e lhe sorria.

N'outro:

- Ella espera e sonha e quer
 amores que tenham febre;
 amor que a isenção lhe quebre
 amor que a faça mulher.

N'isto passava junto á margem um escaler branco e doirado todo brilhante de pharoes e flamulas; barco almirante d'esta esquadrilla feliz. Dentro reclinada sobre coxins flaccidos de damasco amarello, coberta de joias e gallas, a bella Mogarem, a formosa ideal, no meio de uma aureola, via-o e chamava-o.

Quando porém ía saltar para bordo, um grande vento enchia as vélas, o escaler empinava-se sobre as vagas e desaparecia. Apenas se ouvia em côro ao longe:

- O noivo espera remeiros,
 vergae os remos nas aguas.
 Quantas penas, quantas máguas
 vão em peitos de donzellas
 e ficam tambem por ellas
 em peitos de cavalleiros?!

Então uma nuvem densa tomava todo o quadro; o bramido e a arrebenção das vagas ía-se transformando em fragor de batalha; a nevoa tornava-se fumo; no meio d'ella relampejava a artilheria, cujo estrondo enchia as quebradas das montanhas. Clamores da lucta, maldições dos feridos, hymnos de vencedores, desabar de muralhas, relinchar de cavallo, brados de commando, clangor de trombetas, tropear de esquadrões, rodar estridente de artilheria, zumbir e estalar de incendios, o grande rumor da grande pugna; e, no redemoinho immenso, confundidos os exercitos n'um lago de sangue e fogo em meio de uma atmosphera vermelha.

Elle luctava e commandava, montado no mais formoso cavallo, e ouvia uma voz que lhe dizia:— Ávante! Corre para mim, conquista-me! Repara que sou a Gloria. E elle ollhava o via pairar no espaço a imagem querida de Mogarem, n'um fundo de oiro, transparente, desfraldando o pendão das quinas.

O DESPOTA E O POETA

ESTUDO LITTERARIO

DE

EMILIO CASTELLAR



A uma revolução na Russia. O homem que personifica na sua mais alta expressão a revolução litteraria russa, é Pouchkine. O romanticismo, que na França e na Hespanha representava a emancipação, representou o retrocesso na Allemanha, por estes contrastes entre as raças, que formam como a trama da vida historica.

Era a escola romantica, na Hespanha, livre protesto contra o espirito cortesão e tradicional da litteratura borbonica chamada classica; e na Allemanha era franca reacção contra as idéas do nosso tempo, e religioso culto aos tempos da idade media.

Na Russia, o romanticismo tinha character analogo ao character francez e hespanhol; na Russia era protesto vivo contra o lubrico germanismo da côrte, e invocação eloquentissima ao espirito do seculo e á ascensão da liberdade sobre os povos.

Pouchkine foi romantico.

Nos alvares do seu romanticismo não cantou, pois, a natureza como a cantavam os poetas classicos, Delille na França, Melendez na Hespanha; não cantou, como os seus tyrannos queriam, os bosques de alamos e larix; os estaleiros immensos como o mar; a neve virgem prateada pelos raios da lua plena; as ondas do Baltico, ora celestes nos eternos dias do verão, ora aprisionadas sob o marmoreo gelo das eternas noites do inverno; os horizontes polares com as suas rosadas auroras boreaes de um esplendor indizível quando as formam e decompõem os desertos e as cordilheiras de cristal; não cantou, não, esta natureza, que continúa nos seus movimentos, no seu brilhantismo, na sua belleza, ainda quando seja testemunha do crime; e que recolhe e bebe em completa indiferença o sangue dos martyres e sustenta com o seu vivificante ar o peito dos tyrannos; cantou o espirito com as suas idéas, o espirito com as suas agitações; o espirito, que se povoa de tempestades intimas, e sobe impetuoso até escalar o céu em pós da justiça e da liberdade, e que quando cáe rugindo de dôr e exasperação, não reconhece, nem no proprio Deus, auctoridade e poder para roubar-lhe o seu direito.

Cantar o espirito no seio da Russia! Devia pagal-o caro o poeta. Segundo nos historiadores, Pouchkine foi agitado antes de ser condemnado ao desterro; segundo outros, foi meramente proscripto para o interior e recluso em silencioso claustro.

Devorava ali o seu proprio ser.

O martyrio do Titão solitario no cimo do Caucaso era o seu martyrio.

Aos impetos da escola romantica succederam as dôres de Byron.

Estas dôres pungentes, estas penas dilacerantes; a vida de todo o divino e humano; o fel derramado nas feridas interiores do coração e da consciencia; o fel saindo aos borbotões do figado como de amphora quebrada; a ironia fina; o sarcasmo amarguissimo; os transitos bruscos desde os extasis dos anjos em mistica oração até os juramentos dos camponios em brutal embriaguez; toda

aquella escala da indignação cansava a consciencia morta de um povó tristemente escravo.

A sua dôr, a sua duvida, a sua amargura, eram a dôr, a duvida e a amargura da geração, que previra a liberdade no céu do futuro para cair ferida sob o latego, sob o knout do pretoriano cossaco.

Gemeu a Russia pela boca do poeta; envergonhou-se a Russia de si propria com a vergonha do poeta.

Este chegou a crear uma personificação dos seus proprios males, creando um typo immortal do seu espirito e do espirito russo; creou o typo de Oneguine.

É admiravel o talento dos poetas para pôr em uma só pessoa o character do todo um seculo.

O theatro hespanhol tem maravilhosos exemplos de tal aptidão poetica.

O Segismundo de Calderon, nascido para rei encerrado entre os animaes; posto nas entranhas de aspera gruta, sem communicação alguma com o genero humano; condemnado a invejar a liberdade da ave que vóa sobre a sua cabeça e do peixe que nada aos seus pés, e do bruto das selvas, e do regato sem espirito; com menos alvedrio que os seres materiaes, personifica aquelle povo hespanhol, que caindo em miseravel servidão, perdeu nas suas cadeias até a alma.

Oneguine era tambem o typo, tambem a personificação da Russia e do espirito russo.

Agil, e não pôde mover-se; intelligente, e não pôde pensar; com palavras, e não pôde fallar; sedento, e não pôde beber; faminto, e não pôde comer; as facultades intellectuaes e as facultades physicas são n'elle completamente inuteis; até o amor lho parece vedado a quem só ha de engendrar escravos; Oneguine é a imagem das gerações que nascem e morrem sob o despotismo; ociosas para os mais altos misteres da vida; inuteis nas espheras da actividade humana; desejosas de sair da sua escravidão, mas sem acertar com a saída; gerações abortivas e hirtas, para as quaes a terra é como vasto sepulchro, e a vida, sem liberdade, sem pensamento, sem consciencia, como perpetua asphyxia.

Esta persuasão de que todas as suas facultades eram inuteis, chegou a infundir no poeta completa indiferença entre a liberdade e a servidão, entre o erro e a verdade, entre a reacção e o progresso.

Para que aspiraria a pedra á intelligencia? Para que aspiraria ao calor da vida?

Toda a aspiração, pouco a pouco, foi afogada n'aquella coração; toda a idéa foi morta n'aquella intelligencia; ficou como a natureza, que produz a formosura sem ter a consciencia de produzi-la.

Cantou, cantou, mas cantou na olympica indiferença da arte pela arte.

Cantou, cantou, mas cantou repetindo as suas passivas inspirações fugazes de todos os dias, como o transparente lago repete os objectos das suas margens.

Não foi uma idéa reanimando a natureza e a vida, como deve ser a virtude poetica; foi a machina photographica repetindo os factos e as idéas que passavam pelos cristaes da sua mente.

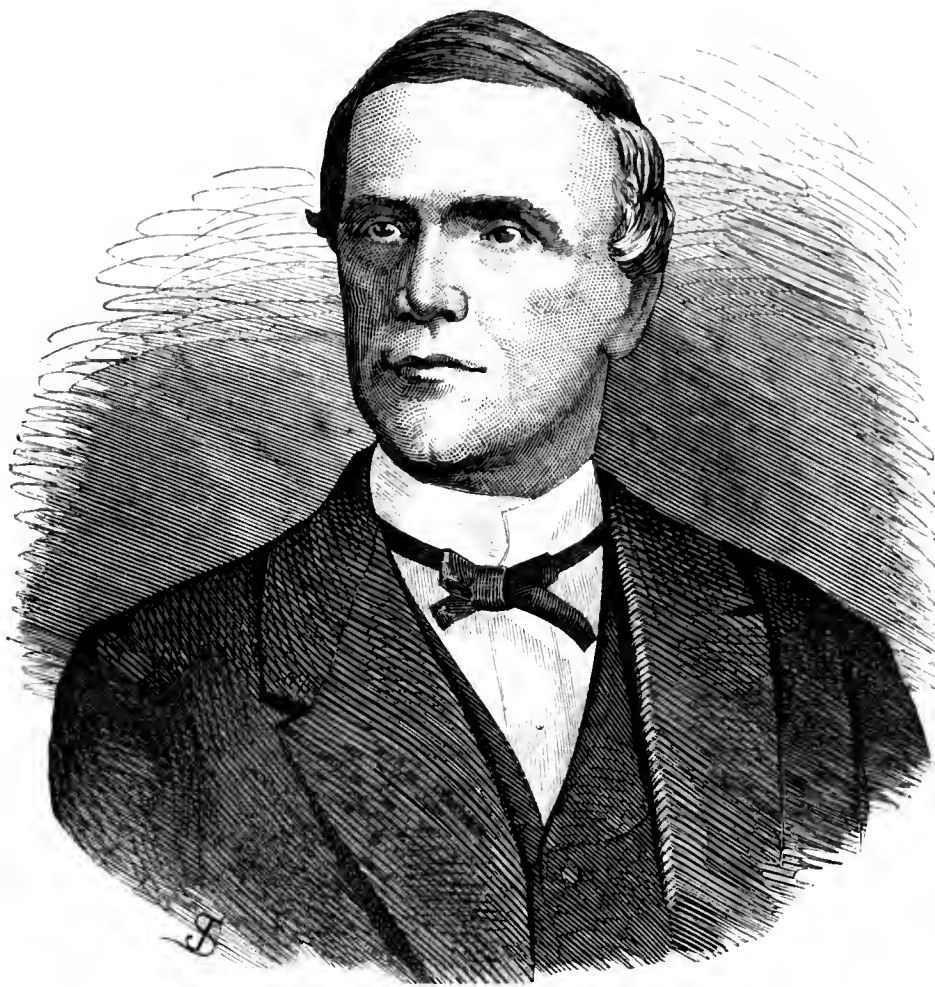
O autoerata chegou ao total cumprimento dos seus desejos: o poeta suicidára-se.

Amaldiçoou no seu triste suicidio o unico elemento que o sustentava contra a tyrannia e que o auxiliara a supportar a solidão do seu claustro: amaldiçoou a opinião publica.

Triste réo de crime horrivel contra o genero humano, amaldiçoou o seu protector na desgraça, o seu juiz no perjurio.

(Tradução)

(Continua).



Francisco Adolpho de Varnhagen

(Barão de Porto Seguro)

Por uma singular fatalidade, existem quasi sempre odios intensos e rancorosas rivalidades entre as nações navegadoras da Europa e as suas antigas colonias, que vieram com o andar dos tempos a proclamar a sua independencia, e que são hoje nações livres. Entre a Inglaterra e os Estados-Unidos da America existe uma lucta surda mas continuada, não é vista com bons olhos a Hespanha pelos republicanos da America Hespanhola. Ha aqui juntamente com o sentimento da independencia politica o sentimento da *independencia do coração*, que torna ingratos para com a sua antiga mãe patria os filhos com existencia separada e casa propria, que povoam hoje de norte a sul o Novo Mundo? É isto pelo contrario o resto do resentimento da longa oppressão, em que foram mantidas, pelo deploravel systema colonial dos dois ultimos seculos, as terras florescentes, que só á custa do sangue dos seus habitantes compraram o direito de se desenvolverem sem peias nem restricções, e de fundarem no seu generoso solo as instituições livres dos modernos tempos? Será apenas isso mais uma prova de que a lucta entre irmãos, quando ella chega a travar-se, é mil vezes mais rancorosa e sinistra do que pugnas entre estranhos? Não o sabemos; o que é certo porém é que o povo menos estimado nas colonias emancipadas é sempre o da antiga metropole, apesar de ter ainda com os cidadãos dos ju-

venis estados americanos a communitade da lingua, dos habitos e das tradições.

Não succede porém isso, pelo menos tão geralmente como em outros paizes, entre Portugal e o Brazil. Se no seio das classes menos illustradas do povo brasileiro vivem tenazmente arraigados sentimentos de odio contra os portuguezes, que se manifestam por uma ou outra explosão deploravel, e que n'uma parte da imprensa encontram ecos selvagens, em compensação os homens esclarecidos do Brazil não occultam a sua viva sympathia por Portugal, assim como tambem os nossos homens mais illustrados estendem mão amiga a esses portuguezes da America. Esta troca de sympathias é bem patente na litteratura. Foi Alexandre Herculano o primeiro que saudou com enthusiasmo o estro nascente e já brilhante de Gonçalves Dias; as produções da imprensa portugueza encontram sempre na critica e no publico do Brazil o mais lisongeiro acolhimento.

Entre os homens superiores aos velhos preconceitos e aos velhos resentimentos coloniaes, entre os homens que, sem deixarem esmorecer o seu patriotico amor pelo Brazil, manifestam a cada instante a Portugal a mais decidida sympathia, avulta sem contestação Francisco Adolpho de Varnhagen. Nascido no Brazil, educado em Portugal, consagra ás suas duas patrias o mais vivo e intenso affe-

eto. Ambas lhe são devedoras de relevantes serviços. A sua intelligencia brilhante, o seu estudo indefesso, a sua critica sagaz têm sido empregados igualmente na investigação das glórias dos dois paizes. Se tem estudado, com apaixonado ardor, as origens brazileiras, não tem sido menor o seu zêlo em revolver os pergaminhos que attestam a nobreza intellectual dos portuguezes, e em dar conhecimento ao mundo erudito do estro balbuciante dos nossos trovadores. Deve-lhe o Brazil, é certo, a admiravel historia, que bastaria para dar nome ao seu auctor, e que lhe grangeou as mais honrosas distincções concedidas pelas mais importantes academias estrangeiras, mas quanto lhe não deve tambem a historia portugueza! Republicou as mais formosas epopéas brazileiras, e tecer louvores, na sua excellente linguagem, aos epicos do seu paiz; mas as rudes e singelas trovas dos nossos poetas da meia idade encontraram n'elle tambem um editor zeloso, e um commentador, a um tempo erudito e enthusiastico. Ornou as paginas da *Revista trimestral do instituto do Brazil* os seus estudos biographicos ácerca dos grandes vultos da nossa antiga colonia; mas nas *Memorias do conservatorio de Lisboa* resplandecem tambem as paginas por elle consagradas a um dos nossos ultimos heroes do mar, o vice-almirante Quintella. Trocando o severo buril do historiadador pelas pennas de oiro do romancista e do dramaturgo, contou Varnhagen a historia cheia de peripecias do seu compatriota Amador Bueno, e avivou em estylo adequado a velha lenda de Sumé, esse personagem da mythologia americana, em que os jesuitas viram ou quizeram ver S. Thomé; mas tambem, no formosissimo quadro que intitulou *Chronica do descobrimento do Brazil* não se esqueceu de desenhar as figuras epicas de Pedro Alvares Cabral, e dos navegadores portuguezes seus companheiros, que, depois de affrontarem as angustias do temporal, descansam com admirativo espanto nas praias floridas da America, e, ajoelhados ante a cruz tosea da madeira d'esses desconhecidos bosques, agradecem a Deus o ter-lhes deparado a um tempo a salvação e a gloria, a vida e a immortalidade.

Filho do coronel de engenheiros allemão Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, official ao serviço do Brazil e homem tambem distinctissimo, parente do celebre escriptor germanico Varnhagen de Ense, este illustre brazileiro nasceu em S. José de Ypanema, na provincia de S. Paulo, a 17 de feveiro de 1816. N'essa provincia, onde florescia no Brazil os bons estudos, n'essa provincia, cujos filhos deram provas sempre de grande energia, e de viva intelligencia, devia effectivamente nascer o homem, que toda a sua vida foi um infatigavel trabalhador, e que, se não pôde como os paulistas dos seculos XVII e XVIII embrenhar-se pelas virgens solidões do Brazil, em bandeiras audaciosas, para interrogar os segredos das florestas, e para esquadrinhar o oiro escondido no seio das minas, foi applicando o seu vivo espirito e a sua força de vontade á resolução dos grandes problemas historicos e litterarios, immergir-se audaciosamente nas trevas da litteratura medieval, ou no labyrintho da historia dos descobrimentos, derramar luz nos primordios da historia litteraria portugueza, destrinçar com sagacidade as questões que dizem respeito aos grandes navegadores.

Não lhe devemos só esses grandes serviços litterarios; apenas adolescente, sympathisando com a causa da liberdade em Portugal, veio alistar-se, como voluntario, nas fileiras dos que por ella combatiam. Voltou, depois da victoria, a frequentar o curso da arna de engenharia, que terminou em 1840, mas antes d'isso, e contando apenas vinte e dois annos de idade, mostrára já a sua tendencia para os estudos historicos, escrevendo umas

Reflexões criticas sobre um escripto do seculo XVI, impresso sob o titulo de *Noticias do Brazil*, que mereceram os gabos de juiz tão competente como era o celebre patriarcha de Lisboa, D. Fr. Francisco de S. Luiz.

Ao mesmo tempo este bellissimo estudo abria-lhe as portas da academia real das sciencias de Lisboa, e essa mesma memoria, juntamente com a publicação do *Diario de Pero Lopes*, fizeram com que o instituto historico e geographico do Brazil o nomeasse seu socio. Em tão verdes annos nunca de certo haviam sido conquistadas tantas distincções academicas, e sobretudo nunca tinham sido tão justamente conquistadas.

Aos vinte e seis annos entrava o sr. Varnhagen na carreira diplomatica. Abriu-lhe isto ensejo, não só para prestar serviços politicos ao seu paiz, mas tambem para se relacionar com os sabios europeus, e para poder aproveitar, em presença dos archivos da velha Europa, o seu gosto pronunciado pelos estudos historicos. A America mais de uma vez tem escolhido entre os seus homens de letras os seus diplomatas nas côrtes da Europa, como para nos mostrar assim que não tem ella o culto exclusivo das prosperidades materiaes, e que tambem as nobres preocupações da intelligencia a captivam e attraem.

Assim, para citarmos ao acaso, vemos os Estados Unidos enviarem á Europa como seus representantes Bancroft, Washington Irving, etc., o Brazil, Magalhães, Varnhagen, etc., etc.

Foram effectivamente productivos os ocios diplomaticos do joven addido brazileiro. As *Trovas e cantares de um codice do seculo XIV*, precedidas por um excellente prologo, tornaram o sr. Varnhagen crêdor da eterna gratidão dos portuguezes, e apresentaram-n'o como um dos primeiros entre os que têm sabido estudar com são criterio e consciencioso trabalho a historia da litteratura portugueza.

Não abandonou elle ainda hoje esses estudos queridos, e a publicação do *Cancioneirinho do Vaticano* veio demonstrar aos portuguezes, que o sr. Varnhagen continúa incangavel a prestar-nos serviços, e a preceder os nossos sabios n'essas investigações, que são de tanta importancia para a nossa historia.

Em 1854 começou o sr. Varnhagen a publicar a sua magnifica *Historia do Brazil*, o grande monumento litterario da sua vida, diante do qual se curvaram respeitosa e propriamente os seus proprios adversarios. Affirmavam-se ali o seu ardente patriotismo e as suas altas qualidades de historiador e de escriptor. Voltando as suas atencões para a sua terra natal, o diplomata brazileiro pagou-lhe com amor o tempo que empregára em estudar os primeiros monumentos da lingua portugueza, e que aliás não podem tambem ser indifferentes ao Brazil, porque o seu estudo esclarece a historia da lingua que se falla no vasto e florescente imperio americano.

Opusculos em que estudou as viagens de Americo Vespuccio e de Colombo, escriptos por elle não só em portuguez, mas em italiano, em hespanhol, em francez, que todas essas linguas lhe são igualmente familiares, affirmaram mais a reputação que elle tinha no mundo scientifico, reputação sancionada pelas distincções com que o têm honrado as mais importantes academias.

Enquanto se occupava d'estes labores historicos o litterarios, não esquecia Varnhagen o cumprimento dos seus deveres diplomaticos, e a sua penna empregava-se tambem, com a sua costumada superioridade, em discutir as questões politicas e sociaes que mais interessavam ao Brazil. Na questão da escravatura foi elle um dos iniciadores do grande movimento emancipador. Entretanto passava dos logares secundarios da diplomacia a exercer

os cargos de ministro brasileiro em Madrid, no Paraguay, no Chili, no Perú, e ultimamente em Vienna d'Austria, onde ainda hoje reside, e onde mostra aos allemães que as tradições do grande nome germanico de Varnhagen d'Ense tem sido conservadas no Brazil por um membro da sua familia, que o tem illuminado com a luz de uma gloria ainda mais viva.

Ultimamente, o governo brasileiro agraciou-o com o titulo de barão de Porto Seguro, e, dando-lhe este titulo, que lembra a entrada do vasto imperio brasileiro no gremio da civilisação, que marca o principio dos seus tempos historicos, mostrou que recompensava, não só o diplomata, mas o escriptor tambem, e que dava uma consagração official á vasta reputação do homem a quem João Francisco Lisboa, o celebre escriptor maranhense, chamava «pae da historia brasileira».

PINHEIRO CHAGAS.



LE GITE

COLLEÇÃO ARTISTICA DO FALLECIDO REI DA SUECIA

CARLOS XV não foi só poeta, artista e pintor, foi tambem eminente conhecedor de objectos de arte. A prova está nas colleções que formou, tanto no palacio real de Stockholmo, como na residencia de verão de Ulryksdal.

Muitos dos objectos d'estas colleções havia-os doado ao paiz, a fim de serem collocados no museu nacional; mas ficára com alguns para si, os quaes, vista a necessidade de cumprir certos interesses de familia, foram ultimamente vendidos em leilão, no palacio de Ulryksdal, perto de Stockholmo.

O catalogo compunha-se de mais de 700 numeros. A primeira parte (200 artigos) continha uma serie de moveis historicos de diferentes épocas, entre outros armarios raros do seculo XVII, mesas preciosissimas, espelhos curiosos, e alguns leitos de armação no estylo Renascença, que o rei havia adquirido ultimamente, e por isso não figuram no museu nacional.

A segunda parte comprehendia esculpturas de figurinhas, vasos, taças de diversos feitios, objectos de prata, bronze e outros metaes gravados e incrustados.

Na terceira parte figuravam objectos pertencentes aos aposentos particulares de Carlos XV, como colleções completas de armas, de utensilios de caça, taças scandinavas da idade media, cachimbos e grande quantidade de objectos historicos de muito valor.

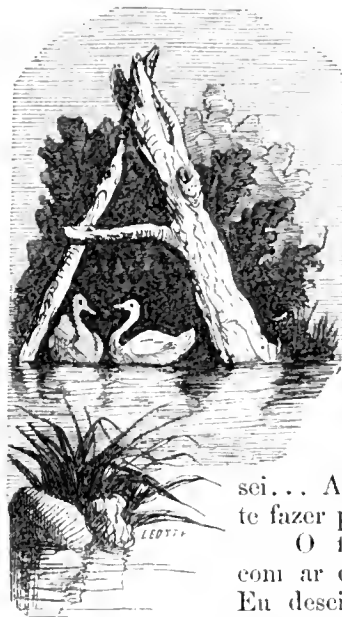
A quarta dizia respeito a porelanas, grupos, serviços, vasos; a quinta a vestes e bordaduras; a sexta a objectos artisticos de marmore, porphydo e granito, feitos por artistas suecos, figurando n'ella tambem duas urnas gigantescas, que ornavam a entrada do palacio; a septima, finalmente, a quadros e aguarellas. Quasi todos os quadros são assignados por artistas hollandezes, e estavam nos aposentos da rainha Luiza. Entre elles notam-se valiosissimas obras de Molenaer, J. Buysdael, Teniers, Ostade, Metz, Hobbe-na, Baekluysen, e tambem de Claudio Lorena, Boucher e outros pintores francezes.



VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

II

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucumí.—Os meus tapuios.—A Jutahycica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurunos.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.



PENAS chegámos á canôa, desembarrei a trouxa que trazia ás costas e atirei-a com grande colera ao fundo da embarcação.

—Olhe que quebra a jutahycica!—me gritou o piloto, que era o maioral dos meus tapuios.

—Grande desgraça!

—É que se a esmigalha, não vale nada.

—Que me importa!

—Então para que a trouxe?

—Para quê? Nem eu sei... Ah! já me recordo! Foi para te fazer presente d'ella.

O tapuio começou a sorrir-se com ar de incredulo contentamento. Eu desci ao esgotadouro da canôa, peguei nas minhas calças, e tirando

para um paneiro (cesto de talas ou de cipó) a resina que tinha trazido, offereci-lha.

—Toma lá.

—O patrão Chico está brincando?!

—Não estou.

—A jutahycica é muito cara, onde a não ha; usa-se para vidrar as loiças e tem muito gasto.

—Pois faze-me o favor de accitares esta para ti.

—Sério, sério?

—Homem!... não sei como queres que o diga mais claro?!

—Então dê cá. Muito obrigado. Ih! que carga tamanha que elle trouxe! É quasi tanta como a minha! Não sei como pôde com ella, sem cair pela ribanceira! Tenho aqui perto de duas arrobas! isto vale bem bom dinheiro!

É o excellento indio sentou-se e principiou a pegar complacientemente, ora n'um ora n'outro pedaço, dos maiores, arrumando-os todos no paneiro que eu lhe dera.

Os companheiros, que tambem estavam desentrouxando a sua resina, deitavam para o quinhão do piloto, depois de aerescitado com o meu, olhares de inveja e cobiça!...

Pobres ignorantes! Andaram perto de mez e meio com a jutahycica atraz de si, até que se aborreceram! O maioral foi o primeiro que atirou ao rio com a sua, e os outros imitaram logo tão bom exemplo! Eu, apesar da minha curta idade, tinha sido mais feliz ou mais providente; livrára-me do encommodo desde principio por um acto de generosidade!

Os meus indios tinham ido a diferentes aldeias do Xingú mostrar a sua mercadoria.

Jutahycica?—murmuravam com indifferença as mulheres que faziam panellas:—o mato está cheio: quando é preciso, vae-se procurar.

- Mas esta é muito boa!
 —Toda a jubahyca do Xingú é assim.
 —Dê alguma cousa por ella.
 —Não posso.
 —Um cacho de bananas?
 —Não tenho.
 —Curauá, para cordas d'arco?
 —Não ha.
 —Um pançeiro de beijús? Farinha? Tapioca?
 —Não quero.

Todas diziam o mesmo, e acabaram por não querer a resina nem de graça! Como elles não encontraram nenhuma canôa de negociante, deitaram-n'a fóra!

Eis o resultado da riqueza... na terra onde todos são ricos! E eis a razão por que os indios, em geral, não querem trabalhar, nem tirar as drogas dos seus matos. Seria necessario ir muito longe para poder vendê-las ou trocá-las, e elles preferem estar deitados na rede, com o cachimbo ou o cigarro da casa de tanary n'uma mão e a cuia de farinha com agua na outra. Sabios philosophos, comprehendem a vida a seu modo e embirram solemnemente com a maneira por que os brancos pretendem impôr-lhes uma felicidade differente da sua, a felicidade do trabalho¹.

Entrámos no Tucuruí, que corria com violencia, e fomos remando, por ter escasseado o vento, encostados ás suas margens alterosas e opulentas de vegetação.

É pelo Tucuruí que costumam descer os indios, nas raras vezes que vêm offerecer aos brancos os productos da sua industria, e foi por elle tambem que nos fins do seculo XVII entraram os primeiros missionarios jesuitas, que iam, affrontando a morte, levar a luz do christianismo aos mundurucús e aos jurunas.

Havia muitos annos que os gentios não tinham communicado com os brancos. As calamidades provenientes da tomada do Pará, pelos chamados cabanos, em 1835, estenderam-se além do Xingú e ecoaram provavelmente no meio das tribus selvagens. Essas tribus, estranhas aos motivos que promoviam a anarchia da provincia, conservaram-se indifferentes. As que tinham tido relações com os brancos abstiveram-se durante algum tempo, mesmo depois da paz restabelecida, de tornar a descer dos seus rios.

O governo do Pará, no intuito de recommençar a catechese interrompida, mandára ao Xingú uma missão, levando presentes de ferramentas para os indios jurunas, a fim de que estes viessem recebê-los á villa do Pombal e ali se baptisassem.

Quando eu partira da foz do Curauatá constára ali que a missão do governo chegára dias antes a Pombal, e que o commandante da villa ia mandar dois homens praticos subir o Tucuruí até certa altura e depois atravessar pela floresta virgem o territorio que separa aquelle rio da região habitada pelos jurunas. Como eu seguia, pouco mais ou menos, o mesmo rumo, occorrêra-me vagamente a idéa de acompanhar os emissarios, se acaso os encontrasse; mas, reflectindo nos inconvenientes e perigos de uma tal aventura, não tornei a pensar n'ella senão depois de ter entrado a bôca do Tucuruí.

Seriam quatro para as cinco horas da tarde quando avistámos um *sítio*, como n'aquellas paragens se denominam as habitações solitarias nas margens dos rios.

—Oh! de casa?!—gritou o nosso piloto em portuguez.

¹ Hoje, que as communicações se tornaram mais facéis por meio da navegação a vapor, é claro que vão mudando as coisas para melhor. O auctor referiu-se aqui ao tempo em que por lá andou—ha 28 annos.

—Oh! lá?—responderem uma voz.

—Dá licença?

—Encoste—volveram na mesma lingua.

São estes os preliminares para se poder aproximar uma embarcação de qualquer casa habitada. Se não respondem á primeira vez, é necessario fallar em tupy porque sendo a residencia de indios mansos e não estando elles presentes as mulheres não dão resposta. Apesar de entenderem e fallarem correntemente o portuguez, só praticam n'esta lingua quando estão embriagadas! Fóra d'isso, quem não lhes fallar tupy, não lhes arranca uma palavra. Succedem ás vezes cousas galantes e graciosas com ellas, pela circumstancia de não responderem ao que se lhes pergunta, embora, como já disse, percebam tudo perfeitamente! O mais usual, quando ellas estão em casa sem homem algum e chega gente branca, é fugirem para o mato se têm tempo para isso, e podem do seu esconderijo vêr despojar a casa, e levar-lhes, não só os poucos haveres mas até os proprios filhos, que não se mostram para reclamar contra a violação do seu domicilio! Se vão para fugir e algum branco as surprehende, param e ahí ficam, mudas, immoveis, timidas e acovardadas. Fallae-lhes porém a sua lingua; dizei-lhes, por exemplo:

—Xe oicó goataçára (Eu sou viandante).

E se é formosa e nova e não vos responde:

—Indé, cunhá mucú porang, nitio erecendû-pé? (Tu não ouves, formosa moça?)

Vel-a-heis logo córar de alegria e desenhar-se-lhe um sorriso nos labios; se não fallar ainda, pegae-lhe na mão, que logo vos dirá, se bem que ainda com vergonhosa e engraçada timidez:

—Oicónhóte, caryba! (Está quieto portuguez branco!)

Porém a severidade da intinação é adoçada ou completamente desmentida pelos olhos meigos, que vos contemplam cheios de sympathia!

Atracámos a um portosinho aberto na ribanceira e abrigado do sol e do vento por algumas arvores frondosas. A pequena distancia da margem via-se a casa principal, n'un terreiro espaçoso, construida de terra e coberta com folhas de palmeira inajá (*Palma Maximiliana*, de Mart). Aos lados erguiam-se diversos tejupares ou barracas, feitas com a mesma folha. Aqui e ali, grupos de bananeiras e ananazes, uma cuieira (*Crescentia cujete*, Lin.) carregada de fructos, duas ou tres laranjeiras e uma grande mangueira attestavam que os moradores não desdenhavam inteiramente a cultura das arvores fructiferas. Sobre os tectos da casa central estendiam-se em todas as direcções os ramos de um jurumú (*Cucurbita maxima*, Duch.) que deixava pender em roda dos beirados as suas aboboras amarellas, semelhantes, na fórma, a *biberons* enormes.

Uma mulher ainda moça, de raça india, que estava deitando mandioca de mólho, e que nós não tínhamos visto quando atracámos, largou o cesto no rio e partiu a correr para casa; ao mesmo tempo saíram-lhe ao encontro, vindo do mato, umas poucas de crianças, inteiramente nuas, e enfiaram todas de cambulhada pela porta da residencia principal. Passados instantes appareceu a essa mesma porta um homem descalço, em mangas de camisa, alto, magro, e tão queimado pelo sol dos tropicos, que difficilmente se poderia dizer se era branco ou de côr.

—Dá licença que desembarque?—perguntei eu, dispendo-me a saltar da borda da canôa para terra.

O interrogado olhou para mim sem responder, disse o que quer que fosse para o interior da casa, trouxeram-lhe um cachimbo acceso, mettem-o na bôca e encaminhou-se lenta e indolentemente para a margem do rio.



J. H. PAYNE SC.

M. W. PHELPS PINCH

ST. ANTONIO DE PADUA.

Persuadido de que elle me não tivesse ouvido, repeti a pergunta:

—Dá licença que desembarquemos? E concede-nos logares para atarmos as redes esta noite?

—Com muito gosto. O sr. é portuguez?

—Tenho essa honra. E o sr.?

—Eu?!... Eu tambem sou... ou antes, já fui; agora sou tapuio.

—Como?

—Pois não vê?—E apontou-me, sorrindo, para a sua tez, que parecia bronzçada.

—Está queimado do sol; que tem isso?

—Não me lisonjeie; o que eu estou é caboculo; mas se algum pezar tenho por isso, é o de não ter vindo metter-me a tapuio logo que cheguei ao Brazil. O sr. é ainda uma criança; vê-se que está novato no paiz e sobretudo no sertão; quando tiver adquirido, como eu, experiencia dos homens e das cousas, talvez que se faça tambem aprendiz de selvagem.

Comecei a encarar com espanto aquelle homem extraordinario. Como já disse, eu tinha pouco mais de treze annos; apenas havia lido os *Luziadas* e o *Carlos Magno* e acreditava tanto na possibilidade da existencia dos doze pares de França, da bella Floripes e de Ferrabraz de Alexandria, como no Evangelho, na Magdalena e em S. Pedro. Imagine-se, pois, qual seria a minha admiração vendo e ouvindo pela primeira vez um philosopho e um descrente! Elle notou o meu pasmo, e, depois de lançar uma enorme bafurada de fumo, passou gravemente para a mão esquerda o cachimbo, que tinha na direita, e disse-me, mostrando-me os pés descalços:

—Supprimi a patria e os sapatos; fiz economia de sentimento e de capital. Para os individuos da minha tempera, a patria é onde as cousas correm á vontade e sem trabalho... Trabalhar é bom para as bestas.

Os meus tapuios, a quem esta theoria parecia quadrar, vieram fazer circulo; e eu, que me sentia sem disposições para besta, comecei a tomar interesse pela philosophia do meu compatriota... tapuio. Elle puxou outra cachimbada e proseguiu:

—Aqui onde me vê, tenho só quarenta annos... e pareço ter sessenta! Sabe por que?

—Os trabalhos, talvez?... O clima... alguma enfermidade?...

—A ambição, o desejo de enriquecer, a parvoice de ter saído da minha terra aos quinze annos, puzeram-me n'este estado. E se não lhe tenho acudido a tempo, ficava fresco!... Mas vamos para casa. Mande vir as redes e entre.

Fomos subindo, calados, a rampa suave, que conduzia da margem do Tucuruí ás habitações. Chegando diante da porta, não me pude conter sem soltar uma exclamação:

—Formoso sitio!

—Gosta?

—Acho lindo! As casas estão admiravelmente situadas!

—Pois, se quizer, pôde ficar aqui toda a vida.

—Agradecido.

—Não ha de quê. Podemos viver juntos ou separados, como lhe convier mais; se preferir, fazemos-lhe uma casa nova ahi pelo pé... todos os sitios aqui são bonitos. E se quizer antes esta, dou-lh'a, e faço outra para mim.

—Dá-m'a?!

Encarei-o mais espantado persuadido de que elle estaria zombando da minha curta idade; mas vi-o tão sereno e grave, que logo perdi a desconfiança.

—Imagina, talvez, que lhe dava um grande mimo?

Vejo que ignora ainda como se edificam as nossas habitações! Entre.

Entrámos, sentámo-nos cada um em sua rede e elle gritou, em lingua tupy, para o lado de uma porta feita de folhas de palmeira bussú (*Palma Manicaria saccifera*):

—Dá cá o cachimbo novo e aquece o café.

A hospitalidade, nas provincias do Pará e do Amazonas, quer exercida pelos naturaes, quer por estrangeiros estabelecidos no paiz, tanto nas villas e aldeias como nos *sítios* isolados á borda dos rios e dos lagos, começa sempre do mesmo modo. Offerece-se uma rede á visita, para descansar baloçando-se; dá-se-lhe um cachimbo muito comprido, bem carregado de tabaco; e em seguida o café, que nas casas medianamente abastadas está sempre ao lume, e que os ricos e remediados servem em chicanas e os pobres em cuias.

A porta de palha agitou-se, quando o meu hospedeiro fallou para esse lado, signal evidente de que alguém estava encostado a ella, espreitando e ouvindo. Momentos depois appareceu a mulher, que na occasião da nossa chegada estava deitando a mandioca de mólho no rio; trazia n'uma das mãos um immenso cachimbo com tubo de madeira pintado de varias côres, que no paiz se chama *taquari*, e na outra um pedaço de madeira inflammada. Era india, de feições muito regulares, e teria quando muito vinte e cinco annos; vestia apenas uma saia de chita, que lhe dava pelo meio das pernas, e usava os cabellos, que eram longos e pretos, caídos pelas costas. Após ella seguiam cinco crianças, todas em *toilette* de Paraiso, com as caras sarapintadas pelos succos de diversos fructos, que estavam comendo; agarravam-se umas ás outras, e a de diante, que teria uns dez annos e parecia a mais velha, pendurava-se á saia da mãe.

A joven tapuia aproximou-se timidamente da minha rede, apresentou-me o cachimbo com gesto pudico e gracioso, assoprou o lume sobre o tabaco e retirou com os filhos na mesma ordem, não sem que estes me deitassem repetidos olhares de curiosidade e reccio.

—É a minha ultima familia, — me disse o dono da casa.

—Ultima?!

—Sim; tive outras, que me incomodavam com as suas exigencias, e deixei-as.

(Continua.)

F. GOMES DE AMORIM.

SANTO ANTONIO DE PADUA



ão é preciso mirá-lo, conhece-se logo. Um Santo Antonio e de Murillo.

Roupeta sem cheirar a cilícios; anjos com a apparencia de traquinas.

É um quadro que tem o que quer que seja do céu e da terra; — especie de beijo dado pelas ondas no horizonte.

Elle ainda é moço, — um franciscano imberbe e risonho, de quem as donzellas se apaixonavam.

Não tem nenhuns ares de casuista nem de theologo; é simplesmente um bom rapaz, que se deixou partir da vida aos trinta e seis annos, na idade dos enthusiasmos

e das commoções, como tem succedido a tantos outros espiritos delicados e sensiveis.

A devoção prendeu-se a elle pelo amor. Festejam-no e endereçam-lhe requerimentos. E protector e casamenteiro.

Por isso, um dos nossos maiores talentos, senão o maior de todos, escrevia sentenciosamente:— «Se vos adoce o filho, Santo Antonio; se vos foge o escravo, Santo Antonio; se perdeis a menor miudeza da vossa casa, Santo Antonio; e talvez se quereis os bens da alheia, Santo Antonio».

Elle é para tudo.

Ossos de quem presta!...

De conego regrante, que era, vestiu a samarra obscura, e foi-se a missionar até Africa.

Ninguem dirá que as febres o colheram.

Está alli nedio, fresco e viçoso, que nem uma rosa de com folhas. É que a graça do Senhor póde muito!...

Cansado de espalhar o bem a mãos prodigas, segundo uns,—o de partir bilhas ás raparigas, segundo outros,—foi-se até Padua, no tempo em que lá dominava o barbaro Ezzelino,—o por um d'aquelles milagres que lhe eram peculiares, libertou do jugo os paduanos.

Valeu-lhe isso uma estatua... e os sermões dos vindouros.

Este caso d'elle entregar o corpo a terra alheia deu que scismar ao nosso grande jesuita:— «Quando por parto da patria me queria queixar do seu amor, atalhou-me o Evangelho com a sua obrigação. *Vos estis lux mundi* (sois a luz do mundo). Foi luz do mundo?—Não tem logo Portugal de que se queixar. Se Antonio não nascera para sol, tivera a sepultura onde teve o nascimento. Mas como Deus o creou para luz do mundo, nascer em uma parto e sepultar-se na outra, é obrigação do sol... Lisboa foi a aurora do seu oriente: seja Padua a sepultura do seu occaso!»—

N'isto de ser santo influe tambem muito a popularidade. É como para ser deputado ou camarista. Não basta o haver mettido pé na côrte celestial; é preciso o seu bocado de influencia terrena. Seja-se lá Militão ou Amancio, embora se tenha cheio o universo de maravilhas... Logra-se unicamente uma citação no calendario, e quatro fumos no thuribulo. Mas ser a arca do testamento, martello de heresias, officina de milagres, e o maior valido de Deus; ser tudo isto, por amor do suffragio, do plebiscito, da eleição voluntaria e directa; prevalecer aos collegas na beatitude, a uns que foram martyres, outros inquisidores, e até a alguns que puderam aconsoantar o papado com o paraiso; sobrelevar ás potestades, e ter tudo, desde a rodinha de fogo á predica encomiastica,—para isso é que é preciso, além de virtude, aquelle favor da plebe... com que os mesmos santos engordam.

Do nosso compatriota podemol-o dizer com orgulho. Em mais bem fadadas horas do que elle ninguem se mergulhou na piscina. Aquillo foi atravessar este valle de lagrimas, com o brilho iriado de uma borboleta fugitiva, e acolher-se á gloria,—admiravel esplendor em que tantos se queimam, antes que ella os illumine!

N'este quadro de Murillo ha todas as graças do pintor sevilliano. A piedade do assumpto mescla-se de alegria. Está a gente a vêr aquelles pequenotes alados, e com vontade de os fazer saltitar nos joelhos. São creanças que elle viu n'algum dia, brincando por entre as searas louras. Têm a carnadura sadia dos que beberam a bons peitos. Vieram do céo n'um raio da alvorada, fazendo cortejo ao Menino. O santo estava n'aquelle momento em extase. Subito pousou-lhe um corpinho nos braços, e sentiu que as faces lhe eram acariciadas com

meiguice. O tecto da sua cella fendeu-se sem ruido, e as nuvens rasgaram-se, franjadas de purpura. Era a visão dos espiritos sublimes e castos.

Hoje em dia razões de ordem e de policia têm descolorido as festas populares. Ainda ha o descante, a fogueira, o palmito; mas não se encontra já aquella expansão antiga, de uns tempos que me lembram sempre, quando eu, pequeno, o sem desenganos de tanta cousa, e ainda saudades de tantas mais, me punha a alumiá o meu throno, com os olhos a encherem-se-me de um jubilo que me descia inteiro ao coração...

Estou que com isso ganham em extremo os costumes; mas o certo é que se desbota a feição pittoresca... e innocente, por que não o diremos tambem?

Ha um certo ambito constitucional em que muita poesia se afoga. Isto, tanto pelo que diz respeito ao grande como ao pequeno. Faz lembrar as palavras de um notavel pensador: «*Nos civilisations, régies par une police minutieuse, ne sauraient nous donner aucune idée de ce que valait l'homme à des époques où l'originalité de chacun avait pour se développer un champ plus libre*».

O que se applica ao desenvolvimento das concepções arrojadas, póde entender-se do mesmo modo com as manifestações do sentimento. Decepam todas estas puerilidades inoffensivas em nome de não sei que conquistas... e deixam por ali ficar tanta e tanta pestilencia nociva.

Cousas dos homens, tão sujeitos a estes enganos e desvios. Por isso, e conformando-se com as debilidades da carne, o poeta da *Divina Comedia* escrevia:

*State contenti, umana gente, al quia;
Chè se potuto aveste veder tutto,
Mestier non era partorir Maria.*

Vêr tudo!... Dizem alguns que vêem. O que elles nunca descortinaram é o secreto enlevo de umas cousas que parecem tão tenues, o que tamanhos contentamentos diffundem.

O santo ali está, e esse bondadoso como sempre. Nada de cumprimentos, é requererem-lhe o amor da esquivá, a protecção do ministro, os 3:000 duros de Hespanha, a parreira sem molestia, o volver de uns olhos que andam longe, e a alta na cotação de fundos.

Tudo elle concede, tudo, prodigo como um rei, quando entorna a ucha das veneras no regaço avido dos mendicantes.

E. A. VIDAL.

NUMEROS DO INTERMEIO

HENRI HEINE

Sobre os olhos formosos
Da minha doce amada
Rimeí canções que os astros decoraram;
E embalsamei-lhe a bôca perfumada
Em tercetos graciosos.
Innumeras estancias decantaram
Seu rosto peregrino,
Que os jaspeados lyrios escurece—
Que soneto divino
Eu rendilhara com subtis lavoros
Sobre o seu coração... se ella o tivesse!

G. CRESPO.

LEIRIA

VIII

(Continuação)



concelho de Leiria, que hoje occupa uma superficie de 70:263 hectares, e que contava no primeiro quartel do seculo xiv, no reinado de D. Diniz, 8:500 habitantes; em 1417, no reinado de D. João I, poucos mais¹, com quanto o que hoje é concelho da Batalha pertence então ao termo de Leiria, e em 1527, pelo recenseamento ordenado por D. João III 10:525— tinha em 1810, antes da invasão franceza, 31:588.

Desceu depois, em 1811 a 18:368², mas já em 1845 contava 24:904, em 1852 32:348, em 1864 35:264 e em 1869 attingia a cifra de 28:586 almas nas 23 freguezias de que se compõe. Quer dizer, em pouco mais de cincoenta annos d'este seculo tem Leiria dobrado a sua população, e apesar de grande desfalque que soffreu em 1810 e 1811, durante a invasão estrangeira, ainda hoje, quanto ao numero de habitantes, é o decimo primeiro entre os 256 concelhos em que se divide o continente do reino³.

Dando noticia dos tributos que paga, socorrendo-nos para isso aos *Elementos para o estudo da questão de fazenda*, do sr. Fradesso da Silveira, daremos tambem uma idéa da sua riqueza.

O rendimento collectavel do concelho de Leiria é de réis 180:9160\$257, o numero de predios inscriptos na matriz é de 63:426, o numero de conhecimentos de 10:036. Isto mostra a grande divisão da sua propriedade.

Eis a nota das suas contribuições no anno de 1869:

<i>Predial</i> , comprehendendo as contribuições ordinarias e extraordinarias e os respectivos addicionacs..	15:424\$746
<i>Industrial</i> , idem, idem.....	6:240\$661
<i>Pessoal</i> , idem, idem.....	2:925\$356
<i>Municipal directa</i>	4:194\$564
<i>Municipal indirecta</i>	8:353\$903
<i>Derrama para a congrua</i>	2:452\$460
Total , réis.....	39:591\$690

Leiria lavra muito milho, pouco trigo⁴, pouco azeite, bastantes legumes, mas a sua principal cultura, nas freguezias que lhe ficam na linha do nascente a poente, é a vinha.

O concelho em 1852, ultimo anno de produção regular antes da invasão do *oidium thuchery*, pagou de subsidio litterario 2:947\$434 réis, o que equivale a ter manifestado cerca de 12:000 pipas de vinho. Hoje, depois que se conhecem os effeitos da enoxidação, pôde com affouteza dizer-se, que cultiva não menos de 18 a 20:000 pipas, e isto só em seis ou sete das suas freguezias.

D'este vinho, em geral clarete, e de muito bom sabor o que se produz nas encostas, consome-se uma parte na localidade e a outra, convertida em aguardente fina, acha facil consumo no grande mercado do Porto, para beneficiar os vinhos do Douro.

Tambem cria bastante gado, mas este em geral das raças menos favorecidas. A estatística em 1852 dava-lhe na especie cavallar 665 cabeças, na azinina 2:037, na muar 189, na vacuum 5:409, na lanigera 7:382, na caprina 7:658, na suina 8:458. Total 31:798 cabeças. N'este genero as condições de produção não terão feito grande differença.

¹ É para notar que a população de Leiria não augmentasse no longo espaço de cem annos, ou pouco menos.

José Joaquim Soares do Barros, na *Memoria que escreveu sobre as causas da differente população de Portugal*, em diversos tempos da monarchia, diz, referindo-se a um trabalho estatístico de Diogo de Pina Manique, e reflexões de D. Noronha, nosso diplomata em Roma, que as relações de Pinhel, Lamego, Leiria, e outras, faltavam no dito trabalho, feito em 1776, e foi mister supprir-lo com os dados que se encontravam na geographia de D. Luiz Caetano de Lima. Depois, citando e copiando a resenha feita em 1417, por commissão de El Rei D. João I a Vasco Fernandes de Tavora e a A. Baurim, para irem pelo reino, ver, apurar o escolher besteiros do conto, acrescenta que d'este estudo se inferia que Saotarem, Thomar, Torres Novas e Leiria tinham n'aquella época diminuido em população, pela decadencia da sua agricultura.

² O numero de pessoas mortas violentamente e por effeito de epidemia, desde 8 de outubro de 1810 a junho de 1811, durante a invasão dos francezes, sobe em todo o concelho a 13.974.

³ Não fallando em Lisboa e Porto, divididas em bairros, os concelhos cuja população excede a de Leiria, são unicamente Guimarães, Braga, Barcellos, Coimbra, Vizeu, Chaves, Feira e Estarreja.

⁴ Segundo a estatística semi-official do sr. D. Antonio da Costa, o concelho de Leiria colheu em 1852 1:400 moios de trigo, 10:960 de milho, 986 de feijões e 2:136 de batatas.

IX

Adduziremos agora alguns dados por onde se possa avaliar a sua industria manufactora e industria piscatoria, collidos em parte da *Estatistica industrial do districto de Leiria*, publicada pela repartição dos pesos e medidas, com referencia ao anno de 1862.

O concelho de Leiria n'aquelle anno tinha: 2:145 industriaes e officinas mechanicas, mestres e aprendizes, dos dois sexos, afóra os pescadores nas duas estações de Pedrogão e Vieira; 42 fornos de cal, telha e tijolo (hoje tem mais); 21 olarias; 65 pedreiras em exploração, de onde se extrahem annualmente, sem contar a extracção extraordinaria para estradas e obras publicas, 20:800 metros cubicos; 100 teares de panno de linho á mão; 18 fabricas de cortumes; 303 lagares de vinho; 4 machinas de aguardente de distillação continua (hoje tem 11); 47 lagares de azeite e 214 moinhos de motor hydraulic, o que não admira n'um concelho de tal extensão, cortado por tres rios: o *Liz*, o *Lena*, e outro, que não seccam nem mesmo na presença dos maiores estios. Além d'estes moinhos, ha presentemente alguns de moer enxofre.

A industria piscatoria limita-se ás duas estações de Pedrogão e Vieira. No Pedrogão havia, em 1862, 80 pescadores matriculados, com um material de redes e barcos avaliado em 2:490\$000 réis; na Vieira, 300 pescadores matriculados, e tinham as redes, barcos, armações e utensilios avaliados em 3:540\$000 réis.

O rendimento das redes na Vieira em 1852, segundo a estatística do sr. D. Antonio da Costa, foi de 3:930\$000 réis. O principal producto da pesca em qualquer d'estas praias é o da sardinha, que é excellente, porque as aguas são mais vivas, e o de carapan.

Produzem tambem peixe grosso: cavalla, corvina, dourada, goraz, linguado, raia, robalo e ruivo. Mais de 120 mulheres se empregam em conduzir o peixe e a sardinha em cavalgaduras aos mercados de Leiria, Batalha, Porto de Moz, Villa Nova de Ourem e outros, e ali vende-lo.

X

A riqueza florestal do concelho de Leiria não está só no Pinhal dito de El-Rei, cujo valor em 1868 se orçava em 702:500\$000 réis, está tambem em que as suas collinas e outeiros, pela visinhança em que se acha do mar, são na maior parte coroados pelo pinheiro maritimo.

O valor das madeiras exportadas—taboado, vigas, barrotes e travessas para o caminho de ferro—e carregadas na costa da Vieira em 1862, foi de 35:000\$000 réis. Não temos a nota da que concorre ás duas estações do caminho de ferro de Cacharias e Chão de Maçãs, mas persuadimo-nos de que o valor, se não for superior ao da via maritima, tambem não será menor. A importancia dos fretes das mercadorias no *tramway*, ou caminho de ferro americano da Marinha a S. Martinho, por 8202,575 toneladas metricas, foi em 1862 de 9:381\$950 réis, e a quasi totalidade de productos que por elle se conduz é madeira do pinhal da Marinha. A receita liquida d'este pinhal nos 8 annos de 1852 a 1859, incluindo em cada anno a lenha que então se vendia á fabrica de vidros, foi de 111:279\$926 réis, o que dá um termo medio annual, ou saldo positivo de 13:909\$990 réis; mas já no anno economico de 1869-1870 o saldo positivo foi de 19:777\$327 réis, e, juntando no mesmo anno o rendimento liquido da fabrica de resinagem, 4:145\$000 réis, sobe a 23:922\$327 réis. A venda de madeiras nos ultimos annos tem augmentado, tanto pela exportação de travessas para os caminhos de ferro hespanhoes, como pela de taboado refiado para as caixas de passas de Alicante e outras fructas seccas.

São filhas da grande floresta, porque são alimentadas com as suas madeiras e com a resina dos pinheiros em pé, duas industrias importantes, ambas na povoação da Marinha: a fabrica de vidros fundada em 1769 por Guilherme Stephens, e por este doada ao estado em 1826, e a fabrica de resinagem.

A fabrica de vidros está hoje muito aperfeiçoada nos seus processos, pelos esforços que tem empregado a actual empresa, e limitando-nos a fallar na fabricação do crystal, diremos que a produção que em 1855 foi de 555:480 peças, foi em 1863 de 668:802, attingiu em 1867 a mais de 800:000, e em 1870 subiu proxima-mente a 1:200:000. Isto é, a produção dobrou no pequeno espaço de 15 annos, e o pessoal da fabrica, que foi já, segundo as suas differentes vicissitudes, de 200, 300 e 500 empregados, consta hoje de 600 de ambos os sexos. Os fornos consomem annualmente mais de 15:000 carradas de lenha, das quaes 12:000 são dadas pelo governo, custando o córte, a factura e o carreto de cada uma 500 réis á empresa¹.

(Continua.)

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

¹ Falla detidamente da fabrica da Marinha, o sr. Brito Aranha nas suas preciosissimas *Memorias historico-estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal*. Foi d'ellas que extrahimos esta abreviada noticia.

PRECIOSIDADES ARTISTICAS

O 3.º numero d'este anno principiámos a reproducção de alguns dos mais notaveis monumentos que constituem capitulo na historia da arte. Continuando hoje, daremos



N.º 1 Jarro

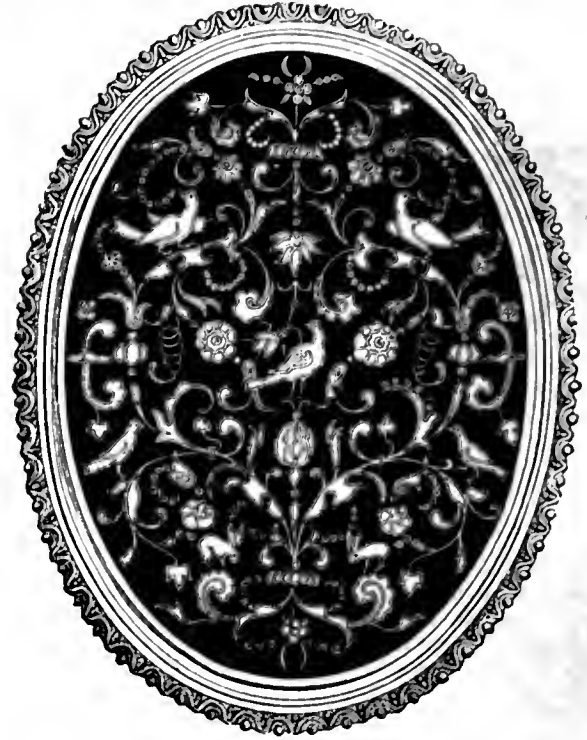
uma definição succinta dos objectos represen-



N.º 2 Cabaça

tados, por isso que o espaço que elles occupam nos tolhem para commentarios mais amplos. O n.º 1 mostra-nos um vaso de barro Urbino, em

fôrma de jarro, pertencente á casa Rothschild. A mascara ou caranca sobposta á aza, a cabeça de carneiro adornando a parte



N.º 3 Medalha

superior, e o corpo em talhe de urna sobre o qual assenta outro,



N.º 4 Vaso hispano-mourisco

ligeiramente globular, tudo revela um merecimento subido.

O n.º 2 é uma cabaça ou frasco | lecção Jarvez. O assumpto o é centauro Nesso, conversando com Dejanira,



N.º 5 Punho de uma chave de peregrino, também da mesma espécie de barro, que faz parte da col-



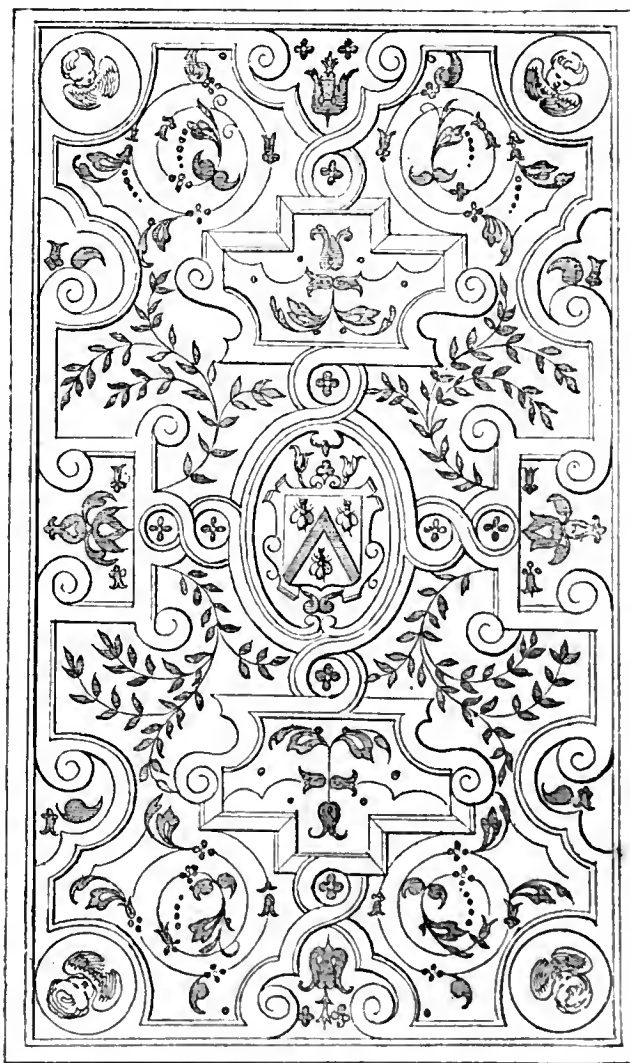
N.º 6 Pilastro

llhas da cabaça, por onde se enfia o bordão ou a correia.



N.º 7 Entalho

esposa de Hercules. Os chavelhos retorcidos dos dois satyros, formam as ore-



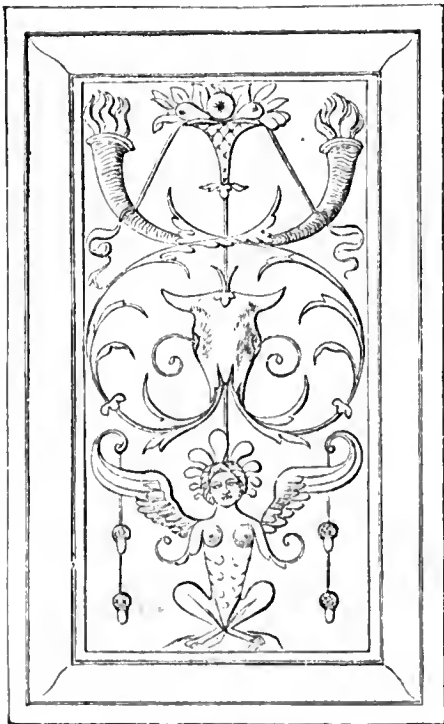
N.º 8 Capa de um livro

O n.º 3 é a medalha de um collar em esmalte. Tem similhaças mui proximas com uma joia da collecção Kensington, que é um pendente dourado



N.º 9 Entalho

em miniatura, contendo um retrato contemporaneo da rainha Izabel, com os cabellos soltos fluctuando nos hombros,—



N.º 10 Entalho

reliquia vendida ao Museu por duzentos e cincoenta guinéos — isto é, — mais de um conto de réis.

O n.º 4.º é um vaso de barro

hispano-mourisco, actualmente na galeria ceramica de Kensington, comprado á collecção Soulages por oitenta libras. Mede vinte e uma pollegadas de altura e quatorze e meia de largura. A côr geral é o branco esmaltado, e o molde convencional. As folhas que o ornamentam são em uma parte



N.º 11 Entalho

azues, e n'outra de amarello esverdeado. A base tem o contorno de uma trombeta, o corpo é globular e o gargalo ou bôca appareta o modo de um funil.



N.º 12 Cofre embutido

As duas largas azas, que dão a lembrar a envergadura das de um passaro, são de um debuxo peculiar a estes objectos, de esmerado requinte.

O n.º 5 é o punho ou cabo de uma chave de ferro cinzelado. Em Kensington pôde estudar-se uma serie curiosa d'estes trabalhos. Duas chimeras, de pescoço alongado, assentam-se no abaco de um capitel corinthio, cuja pureza não é estreme, havendo um pomo a encimar-lhe o enlace dos collos.

O n.º 6 é a parte superior de uma pilastra. Um homem lendo n'um missal sustem o capitel, e duas figuras grutescas de leão e de homem amparam o remate.

O n.º 7 é o modelo de uma almofada ou entalho em diversas côres.

O n.º 8 é a capa de um livro azul, com ornatos de oiro. O volume a que elle serve de cobertura é uma copia do *Precationes ex Veteribus orthodoxis Doctoribus*. Pertenceu ao presidente de Thou, cujo brazão está esculpido no escudo do centro.

Os n.ºs 9, 10 e 11 são desenhos de modelos, que pertencem, pelo estylo, á renascença dos architectos francezes, no periodo de Francisco I. Fazem parte da collecção Kensington.

O n.º 12 é um cofre tauxiado de marfim e de ebano. A sua fórmula elegante, o precioso das curvas, a firmeza das linhas, o delicado da traça, a abundancia do desenho, uma certa ousadia caprichosa na feitura, tudo isto o torna digno de fechar distinctamente esta serie de *Preciosidades artisticas*.

CHRONICA DO MEZ



occos espectaculos nos theatros, ainda menos publicações litterarias e quasi nenhuma novidade artistica. N'isto se resume a chronica do mez.

Letras e artes estão em completa ociosidade. O calor abatendo as forças aos que produzem e tambem aos que consomem, faz com que os primeiros deixem na mais perfeita tranquillidade as suas fauldades creadoras, e os segundos poupem, quanto podem, as suas fauldades perceptíveis.

Em quasi todas as nações da Europa tem reinado a maior animação. A Hespanha turbulenta pensa noite e dia na guerra civil atcada por uns contra a demasiada liberdade das modernas instituições, por outros contra a carencia de liberdade das mesmas instituições; a Austria opulenta cuida nos sonhados, mas não realisados, interesses que devia auferir da vastissima exposição que abriu nos jardins do Prater; a França abatida, a Inglaterra orgulhosa, a Russia possante, além dos assumptos graves que lhes prendem o espirito, entre-têm-se com a execução ou organização dos festejos para receberem o Schah da Persia, esse pomposo rei dos reis, que está tendo mais gasto na Europa do que o proprio chá da India: nós pouco fazemos, embora tenhamos muito de que tratar, e folgamos apenas com ir todas as noites ao Passeio publico tomar um sorvete e ouvir a charanga dos bombeiros.

Verdade é que tivemos este mez successos notaveis, que, muito embora esperados e já conhecidos desde épocas remotas, ainda assim attrahiram sériamente a curiosidade publica. Foram a procissão do Corpo de Deus e as festas de Santo Antonio e S. João.

E não se admirem de que taes acontecimentos prendessem a attenção dos habitantes da rainha do Tejo.

Quando estamos no campo a mais simples coisa nos diverte, um carreirinho de fornigas, o pardal que vem beber á regueira, um mocho que pia no olival, e mil nadas enfim que alimentam o espirito. Assim acontece em Lisboa, principalmente no verão, épo-

ca aborrecida em que as pouquissimas distracções que temos, cedem o passo ás toiradas nos domingos de tarde e ás illuminações do Passeio em todas as noites da semana.

E ainda assim, no mez que está a terminar, não tem havido grande razão de queixa, porque se conservaram abertos alguns theatros e nem todas as familias que têm casa no campo partiram para lá.

O theatro de D. Maria II reproduziu o drama *Córa, ou a escravatura*, peça antiquissima n'aquella scena, mas que ainda d'esta vez chamou regular concorrência.

Na presente época, além dos attractivos das situações dramaticas, do sumptuoso scenario do acto do vapor, e do desempenho dos principaes artistas que primeiro representaram alguns dos personagens, despertava a curiosidade ver como a actriz Emilia Adelaide interpretava o difficil papel da protagonista, que já fora desempenhado pelas actrizes Emilia das Neves, Manuela Rey e Carlota Velloso. Como é de presumir, o brilhante talento de Emilia Adelaide ainda mais uma vez deixou triumphar a actriz de todos os escolhos que devia encontrar no cumprimento d'aquelle encargo. O publico dispensou-lhe inteira justiça, applaudindo-a muito.

Fez beneficio com este drama o actor Heliodoro, que recebeu na sua primeira entrada, e no final da peça, bastantes provas de consideração.

No theatro da Trindade representaram-se duas peças novas: *Tres chapéos*, comedia em tres actos, traduzida do francez pelo sr. Gervasio Lobato, e *As minhas duas mulheres*, opera-comica em tres actos, traduzida do hespanhol pelo sr. Aristides Abranches. A primeira subiu á scena em beneficio do actor Ribeiro, a segunda em beneficio da actriz Anna Pereira.

Tres chapéos é uma comedia bem enredada, com situações e ditos que divertem os espectadores. Desempenhada muito razoavelmente por todos os actores, foi sempre bem recebida e applaudida nos finaes dos actos. Na primeira representação coube, como era natural, maior somma de applausos ao actor Ribeiro, por ser n'essa noite que elle realisava a sua festa artistica.

As minhas duas mulheres é composição que não prima nem pela originalidade da urdidura, nem pela novidade da musica. O enredo é como o de todas as operas-comicas; a musica filiada mais nas escolas italiana e franceza, do que na hespanhola. Entretanto poema e partitura são bonitos e muito merecedores de serem ouvidos e applaudidos.

As honras do desempenho da nova opera da Trindade couberam á actriz Anna Pereira, apesar do papel que lhe pertenceu não ser dos que melhor se casam com o seu original talento. Actriz superior, não encontra, todavia, Anna Pereira difficuldades que não saiba vencer, nem perigos que sériamente a atemorise; e, se nem sempre consegue levantar-se a alturas aonde poucos podem subir, júnais desce ao nivel da medioeridade ou mesmo da sufficiência. Ora, porque o publico avalia devidamente estas circumstancias, está a distinctissima actriz no melhor conceito de todos os espectadores, desde os mais intelligentes até os menos illustrados, razão por que em a noite do seu beneficio obteve de uns e outros completa ovação, recebendo tambem varios minos dos seus admiradores mais intuios.

Um livrinho que reuna o util ao agradável, deve ser dos mais appetecidos pelos leitores de bom gosto. Está n'estes casos o pequeno volume publicado pelos srs. A. Batalha Reis e Oliveira Junior, denominado *O campo e o jardim*.

Bonito e sympathico titulo, principalmente para obra publicada no verão. Convida-nos elle, á hora do calor, a consultar as paginas desprezenciosas á frente das quaes nos sorri.

O campo e o jardim é livro destinado a andar tanto nas mãos calosas do cultivador, que moureja de sol a sol para arrotar os campos d'onde tira o sustento quotidiano, como entre os delicados dedinhos da formosa dama, que emprega o tempo que lhe sobra dos cuidados da *toilette*, no amanho do seu delicioso jardim.

Não admira, pois, que a nova publicação dos dois conhecidos escriptores, tão dedicados á especialidade de que trata o volume, tenha a melhor acceitação por mais de uma classe de leitores.

O sr. Carvalho Prostès, habil empregado das côrtes, publicou um interessante mappa em francez, intitulado *Statistique de la presse périodique portugaise, 1641 à 1872*.

É um trabalho de investigação e paciência, pelo qual muitos encomios cabem ao auctor.

Do mappa vê-se que durante o periodo de 1641 a 1872 têm sido publicados em Portugal 1407 periodicos; a saber:

Periodicos politicos.....	850
Periodicos litterarios, scientificos e de recreio	261
Periodicos agricolas, commerciaes, industriaes e artisticos	41
Periodicos de medicina, pharmacia, etc.....	26
Periodicos de jurisprudencia, administração, etc	40
Periodicos religiosos, theologicos, etc.....	46
Periodicos militares	9
Periodicos de theatros, bellas artes, modas, etc.	47
Periodicos satyricos, burlescos, criticos, etc.	45
Periodicos de annuncios.....	42
Total.....	1407

Em consequencia do fallecimento de sua magestade a imperatriz, viuva, do Brazil, fez-se leilão dos objectos existentes no palacio das Janellas Verdes, onde habitava aquella senhora.

Enorme concorrência de povo tem enchido as salas durante todos os dias, não só para arrematar varios objectos, mas para visitar o palacio de uma pessoa da familia real portugueza, a quem se attribuia uma das maiores riquezas europeas.

O *espectaculo*, porém, não correspondeu ao interesse com que o publico o procurou. Havia no palacio objectos ricos, sim, mas nenhum que maravilhasse o olhar até dos que menos têm visto. A mobilia não era tão moderna que tivesse o brilho attrahente dos objectos novos, nem tão antiga que merecesse a attenção dos colleccionadores de exemplares da remota marcenaria. Nem a época nem os labores a recommendavam.

O leilão ainda dura, tendo o espolio produzido até o presente avultada quantia, como é natural, mas não tão avultada como se elle fosse vendido em terra onde houvesse mais algum amor pelos objectos que têm certa significação historica, como aquelles, vista a sua precedencia.

Em qualquer paiz estrangeiro, a venda publica dos objectos que tivessem pertencido a um soberano, e muito principalmente a um soberano a quem o paiz devesse, como ao imperador D. Pedro IV, as instituições liberaes que nos regem, devia ser uma venda curiosissima, em que todos estes objectos se elevariam a extraordinario preço. Aqui não passou de um leilão vulgar, onde quasi tudo foi arrematado pelo seu valor intrinseco.

Tive occasião de ver um quadro que o sr. Antonio Felix da Costa, antigo discipulo da academia, concluiu para a igreja da Arrentella. Representa *Nossa Senhora da Consolação*. A Virgem envolvida em manto azul, tendo ao collo o Menino, está no meio de uma gloria de anjos.

O quadro mede 5 metros de altura por 3 de largura, é de effeito, está desenhado com alguma correccão e tem colorido agradável. Não é trabalho tão perfeito como o que poderia sair dos pinceis exercitados de um artista afeito a emprezas d'aquella ordem; mas, attendendo a que o sr. Felix da Costa, depois de concluir os seus estudos academicos, tem apenas pintado alguns retratos, pôde altõitadamente dizer-se, sem o mais leve receio de se passar por lisonjeiro, que o seu novo quadro denota qualidades artisticas muito apreciáveis, qualidades que é mister não desaproveitar, emprindo aos que podem fazel-o, animar o artista, quer empregando o seu talento em novas obras de consideração, quer aconselhando-o sinceramente e guiando-o no difficil caminho que elle deseja percorrer.

Não são tantos os pintores em Portugal, que possamos dispensar um que tem talento e boa vontade. Aos amadores de bellas artes, e aos que pela experiencia e pelo talento occupam os primeiros logares entre os que professam a arte da pintura, compete, pois, auxiliar o auctor do quadro sacro de que faço menção.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

==== Vac no volume ix o *Archivo popular*, interessante publicação feita na cidade do Porto. Contém variados artigos e é da indole do antigo semanario d'este titulo, mas não tem gravuras.

==== Suicidou-se, por não poder já supportar os atrozos padecimentos da doença que o affligia, Claudio Mercier, um dos mais notaveis restauradores de quadros, da França. A elle se deve a restauração do Hemicyclo da Escola de bellas artes de Paris, famoso fresco de Paulo de la Roche, deteriorado por occasião do incendio que houve n'aquella estabelecimento em 1855. Por um pro-

cesso tão habil como engenhoso, collon Mercier á parede todas as porções de pintura arrancadas pelo calor, o que facilitou a Robert Fleury pintar de novo os pedaços que o fogo destruiu completamente.

==== Começou a publicar-se em Lisboa o *Archivo aduaneiro*, periodico de legislação fiscal e assumptos commerciaes. É seu redactor principal o sr. Francisco de Lencastre.

==== Vendeu-se ultimamente em Paris a bibliotheca do sr. Ruggieri, fornecedor dos grandes fogos de artificio queimados n'aquella cidade. Era um bibliophilo que tinha remido de preferencia os livros que tratam de festejos, regosijos, cerimoniaes publicas, etc. Estas obras pouco procuradas ha trinta annos, estão-n'o sendo muitissimo actualmente. A colleção formada á custa de muita paciência, constava de mais de 1:200 volumes respectivos aos diversos periodos da historia de França, do fim do seculo xv para cá, comprehendendo tambem os paizes estrangeiros. Entre os principaes livros arrematados, citam-se:

A sagração de Luiz XVI, in-4.º, exemplar de Maria Antonietta, 1:600 francos.

Discurso da triumphante entrada do rei Henrique IV em Rouen, 1599, 2:020 francos.

Coroação do muito illustre rei da Bohemia, 1527, in-4.º de 8 paginas, 1:000 francos.

A muy excellente viagem do principe Carlos Cesar (Carlos V) 1530, in-4.º de 8 paginas, 1:200 francos.

Representações de cavalgada e entrada triumphal de Carlos V em Bolonha, 1530. Exemplar em pergaminho, 4:000 francos.

Canonisação de S. Francisco de Salles, sollemnizada no mosteiro das religiosas da Visitação, em Bordoas, 1667, in-8.º de 54 paginas, encadernada com outros dois folhetos do mesmo genero, 99 francos.

A immortalidade do torneio de M.º duque d'Esperon (em verso) 1627, in-8.º de 32 paginas, 300 francos.

==== Em 1876 effectuar-se-ha, como dissemos em o numero antecedente, uma grande exposição na Philadelphia (Estados Unidos). O local já foi escolhido. Poder-se-ha levantar n'elle, dizem os periodicos americanos, o mais vasto edificio dos que até hoje têm sido construidos para analogo fim. Os americanos receiavam de que a elevação dos direitos da alfandega afugentasse os expositores. Para remediar este inconveniente, parece que já se resolveu considerar as mereadorias enviadas á exposição como tendo pago os direitos, não sendo submettidas ao imposto senão aquellas que forem vendidas no paiz.

==== Em Nossa Senhora de Paris, ao pé do jardim do arcebisado, creou-se uma especie de museu formado dos diversos fragmentos do edificio, que, por qualquer incidente, ou pelo mau estado de conservação, ha sido preciso substituir. Tem-se usado de certo methodo para a collocação dos fragmentos, de modo que se vêem com facilidade as amostras de todos os estylos empregados na construcção da vasta fabrica, em que se trabalhou ainda durante os seculos xiv e xv. Os fragmentos são architraves ou cornijas com ornatos do seculo xii; columnatas, cujos capiteis têm ainda vestigios de pinturas; capiteis de todas as épocas, e até da época romana que precedeu a construcção do templo; santos mutilados, etc.





A ADEGA DO CONVENTO

QUADRO DE EDUARDO PRUTZNER

ARTES E LETRAS



LISBOA—JULHO DE 1873

O CONCERTO



não é gente para meditações, á classica luz de uma lamparina de azeite. Vive muito melhor na sua insibidade galhofeira.

—«O que se ha de fazer com uma noite d'estas?...»—

—«Traz de lá copo e frasco.»—

—«Tambem queres os dados?»—

—«Não, que o jogar é um vicio.»—

—«E o beber?...»—

—«Uma necessidade terrena. O alcool sublima os espiritos, e o vinho traz consigo os pensamentos alegres.»—

—«Dizem isso os borrachos.»—

—«Já o dizia Salomão antes d'elles.»—

E rematando com o peso da auctoridade biblica, o homem humedeceu os labios.

O inverno tem isso consigo,—é uma estação que faz a gente sociavel. Lembrâmo-nos mais da casa e da familia, o de umas semsaborias tranquillias que formam o melhor bocado da vida.

—«Então vocês estão callados?...»—

—«É que o acto pede respeito. A mesa é altar...»—

—«Só se fôr por ter vinho.»—

—«Seja. Mas todo o santo quer musica.»—

—«Pois venha de lá a bandurra.»—

Os tres achegaram-se mais á mesa, e o improvisado

STO é na Hollanda,—
paiz frio e nevoento.

A noite caíra e juntamente com ella uns pingos de agua, enregeladores e desconsolados. A casa não prima pela exuberancia dos confortos,—e a brisa do mar é uma atrevida que até se escôa pelas figas mais tenues.

A familia sentiu a necessidade de fazer rosto á intemperie.

No bairro ha de haver quem aquella hora esteja lendo o Erasmo ou o Boërhaave; mas isto

Lyêo da Batavia principiou a dedilhar no instrumento com a fleugma de uma alma inacessivel aos remorsos.

Os tigres não lhe vieram lamber os pés, como succedia ao fabuloso personagem, porque lá, segundo consta, a policia não dorme; mas elle é que de vez em quando lambe os beiços orvalhados, para que o folego da cantata lh'os não seque antes de tempo.

Pelos ares que observamos, aquillo são creaturas que pegaram de estaca.

Estão alli como no seio de Abrahão podiam estar as almas de todos os justos. As horas deslisam, os bagos da ampulheta vão caindo, caindo, com a sua mansidão imperturbavel e horrenda, os gallos cantam empoleirados nos camvaviaes da horta, e elles continuam a beber e a chalrear, solemnes e meigos no meio de uma natureza aspera.

Uma vizinha de ao pé da porta, mulher que faz manjar d'espreitaças, abeirou-se muito á socapa, e mettu a ponta do focinho curioso. Tambem se enredou na armadilha. Quer ir dar voltas á vida, que a tem das bens lidadas na miseria; porém aquelle maganão tem uma voz tão fresca, tão fresca... e depois sabe umas cantigas que lembram tanta coisa da mocidade!...

A velha já d'alli se não tira.

Capitulo de menos na sua chronica do bairro.

O concerto é este. Espectador só um, mas consciencioso, como se diz em revista de theatros.

Quando se esgotar a ultima lagrima na taça, deporrão o instrumento, e cambaleando um pouco, irão tomar as exhalações matutinas.

Fraca bebida!...

—«Que tal de noite?...»—

—«Bem passada. Grande cousa é a baga do zimbro, com que se faz a genebra...»—

—«É a tripa do animal com que se arranjam as cordas.»—

—«Á saude de ti, Otto;»—o hollandez da viola deve por força chamar-se Otto.

—«Á nossa!»—e levam ainda o copasio á bôca, mas já com aquella piedosa tristeza de quem apenas beija um sareophago.

A da porta tem-se retirado a este tempo, muito lepidamente e risonha, murmurando a agasalhar-se no capotinho felpudo:

—«Sempre esta gente é bem patusca!...»—

E. A. VIDAL.

NUMEROS DO INTERMECCO

HENRI HEINE

De um lyrio branco no mimoso calix

Se eu a fosse depôr

A vaga essencia de minha alma, em breve

Escutáras no calice de neve

Uma canção do amor.

Canção divina relembrando as ancias,

E o languido tremor

D'aquelle beijo—em noite mysteriosa—

Que me deram teus labios côr de rosa,

Meu doce e casto amor!

Coimbra.

G. CRESPO.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL¹

III

Nova terra da promessa. — Expedição ao rio Tucuruí. — Os meus tapuios. — A Jutahyeica. — Índias domesticas. — O portuguez Ferrugem. — Caçada. — Viagem atravez da floresta virgem. — As onças. — A picada perdida. — Chegada á aldeia dos indios jurunas. — Usos e costumes d'estes selvagens. — Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.



EPARANDO na minha crescente estupefacção, o meu interlocutor cruzou uma perna por cima da outra, deitando os pés fóra da rede, e continuou, encostando-se para traz e pondo o cachimbo no chão:

— Chamo-me Antonio Ferrugem; nasci no Porto e vim para o Brazil muitos annos antes da independencia d'este paiz. Por mais de vinte vezes arranji alguns tostões, que os ladrões me comeram, e outras tantas voltei ao trabalho, como um burro de carga! Metti-me pelos sertões, aprendi os dialectos dos povos selvagens com quem convivi; tentei enriquecer por todos os meios possiveis!... A fortuna havia-me declarado guerra e judiava conmigo sem cessar! Aborrecido, cansado, e convencido por fim de que n'este mundo a felicidade é como cada um a encara, deixei-me de asneiras e aceitei a situação que me offerecia a sorte.

Não faltam entre as indias moças bonitas, que se comprazem em servir os brancos... Penso que deixei filhos no Rio Negro, no Tapajós e no Amazonas... E agora tenho no Xingú estes, que acaba de ver. São os ultimos. Ha doze annos que me estabeleci n'este sitio; a mulher trabalha na roça, faz a farinha, os vinhos, a comida e o arranjo todo da casa. Eu caço e pescó, passeando, para me divertir. Achei o segredo de ser rico sem trabalhar... porque não preciso nada, além do que me dá o rio e o mato...

— E a roupa?

— Roupa?! É quasi um luxo; mas tambem temos. Quando chega até aqui alguma canôa, trocamos farinha, tabaco, aguardente de beijú ou vinho de cajú e de cacau por algodão, chita, polvora, sal e ferramentas. Se quero maior distração vou até aos gentios, que me conhecem, e por um machado ou um sabre compro redes de dormir excellentes. Enfim, vivo a vida dos tapuios independentes e não tencioo ir morrer em outra parte.

— E a patria? Não se lembra d'ella?

— A patria?!... sim... lembro-me ás vezes! E, francamente, desejava não me lembrar tanto, visto que não conto tornar a vê-la. Como já lhe disse, entendo que a patria do homem deve ser aquella onde elle se acha bem... mas não sei que exquisitez tem a terra onde se nasce, que está sempre a repuchar-nos o coração, quando estamos longe d'ella!...

Pareceu-me que lhe tremia a voz ao proferir estas palavras e fizeram-se-lhe os olhos ligeiramente vermelhos. Acaso o homem forte e o philosopho cynico seriam personagens de theatro, creadas pelas circumstancias?...

Ficámos por muito tempo calados, balaçando-nos nas redes.

— Conte-me a sua vida — disse elle de repente; — todo o portuguez, que se acha n'estas paragens, tem uma historia, por pequena que seja.

Quando eu concluía a narração dos acontecimentos da minha ainda curta existencia, entraram dois tapuios e um mameluco, chegados n'esse momento em canôa do governo, com um officio em que se pedia a Ferrugem que auxiliasse os emissarios mandados á região habitada pelos jurunas na tentativa de mover aquelles indios a virem baptisar-se á villa de Pombal, onde receberiam varios presentes de ferramentas.

— Parece-me massada... — disse Antonio Ferrugem, depois de ler a carta. — Tenho amanhã de ir caçar com o meu compadre Aragão, de Porto do Moz, que ficou de vir cá dormir esta noite...

— Partiremos depois de amanhã, se vocemecê quiser, — observou o mameluco.

— Não estava agora muito disposto para ir aos gentios... tenho ali poucas cousas em termos de negociar com elles.

— O sr. commandante do Pombal mandou um caixão de ferramentas para vocemecê dispôr d'ellas como entendesse.

— O commandante é um homem previdente, mas...

N'este ponto entrou o compadre Aragão, que tinha chegado e desembarcado sem se annunciar. Era um homem de trinta annos, alto, magro e secco, de côr branca, olhos vivos e pequenos, nariz aguçado e physionomia comica. Vinte e oito annos depois recebi em Lisboa a visita d'elle e fiquei maravilhado de o vêr. Figurava ter a mesma idade, o mesmo vigor, o mesmo sorriso alegre, que eu lhe notára no Xingú! Dir-se-hia que o tempo se assustava com a fórma audaciosa do seu nariz e com o seu ar presenteiro e não ousava marcá-lo com seu cunho rugoso!

Em Portugal, deparou, n'uma casa do infelizes, com uma creatura, que se lhe affeiçãoou sinceramente; arrancou-a do abysmo, lavou-a com a sua generosidade, regenerou-a, e levou-a consigo para o seu formoso paiz. Pobre Aragão! Julgava-se feliz. Tinha feito uma acção boa; desencatára n'um lodaçal um diamante purissimo, e comprazia-se a lapidá-lo quando a morto o derrubou entre as arvores frondentes do seu rio querido! Descansa em paz, amigo! As antas, os veados e os porcos do Tucuruí nunca mais ouvirão a voz do caçador intrepido, que os fazia fugir amedrontados para as profundezas da selva; mas, felizes dos que podem como tu adormecer o ultimo somno embalados pela saudade e o reconhecimento!.....

— Viva o compadre e a companhia! — gritou Aragão, interrompendo Ferrugem, e cumprimentando-nos a todos.

— Já vê que eu fallava verdade — disse o dono da casa ao mameluco; — aqui vem quem se estava esperando para irnos amanhã caçar antas. Comtudo... se quiser demorar-se até o outro dia, irei acompanhá-lo. Desejo obsequiar o amigo, que me escreveu este officio.

— Pois sim, senhor.

— Vae aos gentios, compadre?

— Vou; quer acompanhar?

— Não posso; parto um dia d'estes para Santarem e não volto senão passados dois mezes.

Ferrugem olhou para mim, e levantou-se.

— Quer o senhor vir connosco?

— Eu?!... Pois sim; irei. Mas as madeiras?

— Deixa-se tudo determinado para a sua gente as ir cortando. Eu ensino-lhe o melhor local para as derrubar e o porto de mais facil embarque.

— O peor é que não tenho ferramentas para trazer algumas curiosidades em troca!...

— Arranja-se ali alguma coisa. Amanhã vamos caçar e no dia seguinte, de madrugada, partiremos.

— Vae-se por terra?

¹ Na pag. 76, do n.º 5, col. 1.ª, lin. 5, onde se lê «na margem oriental» deve ler-se «na margem occidental».

—Podíamos ir pelo Xingú, arrastando a canôa por entre os penedos das cachoeiras; mas é viagem mais trabalhosa. A volta desceremos por lá.

Ceámos todos alegremente. O nosso hospede, apesar de philosopho, gostava de comer o melhor que podia. Regalou-nos com peixe e caça moqueada (especie de assado), com molho de tucupi, e abriu um frasco de vinho, que, segundo elle dizia, era milagroso, porque se não acabava nunca.

—Apósto que é do que lhe mandei no anno passado?!—perguntou Aragão sorrindo-se.

—Certamente; não tenho de outro.

—Pois ainda dura?!—

—Se lhe digo que o frasco é milagroso!... Quando tiro um copinho de vinho... deito logo outro de agua.

—Oh! homem!... Deve estar fresco! Para que o estragou?

—Próvem.

Provámos... Aragão fez uma careta medonha e eu engoli o liquido sem pestanejar, para mostrar-me digno da hospitalidade com que fôra acolhido.

—É inaudito!—exclamou o compadre de Ferrugem.

—Delicioso!—emendou este.—Recorda-me o vinho verde!... Fiz isto assim para conservar o mais tempo possível uma lembrança da patria.

A final rimos todos. Ferrugem confessou que no frasco não existia desde muito senão agua avinhada e foi buscar vinho de cajú e agnardente de canna. No fim da ceia tomámos café, fumámos e adormecemos nas redes, conversando uns com os outros.

Por obsequio a nós, e como excepção aos usos estabelecidos, a mulher e os filhos do nosso hospede não dormiram na mesma casa, mas sim na immediata áquella em que ficámos. Era um excesso de delicadeza. O costume é dormir a familia toda na mesma sala, cada pessoa em sua rede, ou duas n'uma, conforme o gosto, as posses e a moral dos moradores. É moda que os tapuios accitaram dos indios bravos, por commodidade, e que alguns brancos adoptaram sem escrúpulo, no sertão.

Ao romper da manhã fomos acordados pelo berreiro, que os filhos da casa entoavam em côro, pedindo mingau de tapioca. A musica não era de todo impropria da floresta virgem; mas, apesar d'isso, todos nos sentimos mediocremente lisongeados, porque nos estava sabendo bem o somno da madrugada. Ferrugem levantou-se e, n'um estylo bastante pittoresco, prometteu dois pontapés ás creanças, se se não calassem immediatante; como ellas obedeceram, fiquei entendendo que a promessa não seria uma simples figura de rhetorica.

Descemos das redes para o rio, a fim de lavarmos os rostos, como usam as pessoas dadas ao luxo da limpeza; e em seguida tomámos cada um sua cuia de mingau, adoçado com mel de abelhas creado no pau de arco.

Se o leitor se sentir alguma vez acommettido pelo appetite de viajar, e se fôr ao Xingú, aconselho-o a que passe ao Tucuruí, porea-se na floresta, e quando deparar com o tejupar hospitaleiro de algum dos raros habitantes, tambem perdidos n'essas regiões, peça uma cuia de mingau, temperado com mel de abelhas creado no pau de arco. Fôra d'essa situação não ousou recommendar-lhe o accipe. A mim soube-me muito bem e penso que os outros comensaes não eram mais difficéis de contentar, porque todos lamberam conscienciosamente as suas escudellas.

N'aquelle paiz fertilissimo nunca falta comida; mas é necessario que quem anda pelos seus rios magestosos e

por suas florestas maravilhosas se não faça grave ou meteuoloso com os alimentos. A par da caça e dos peixes variadissimos e de sabor delicado, encontram-se bichos, desusados em historia natural, que é forçoso comerem-se em muitas circumstancias. Estomagos educados com sôpa, vacca e arroz, escusam de metter-se pelos sertões. Lá quer-se gente que não faça cara a um rabo de lagarto, uma costella de jacaré, um rato assado no espeto, um pedaço de cobra moqueada ou uma coxa de macaco cozida, que é o mesmo que comer perna de creança. Quem não fôr para isto, ha de passar muitas vezes fome, apesar da abundancia da terra, ou contentar-se com farinha molhada em agua dos rios e dos lagos. Não se julgue porém que aquelles petiscos sejam repugnantes; adubados com sal, pimenta, limão, e, sobre tudo, bom appetite, tornam-se excellentes. Eu bebia com delicias o caldo de macaco (nas occasiões em que não tinha coisa melhor e a necessidade apertava comigo) e cheguei muitas vezes ao extremo de o gabar a um dos meus tapuios, que tinha sido antropophago em pequeno e me respondia sempre, esgaseando os olhos:

—Que faria se provasse caldo de gente!

O nosso trem de caça era immensamente luxuoso. Ferrugem possuia duas espingardas de pederneira, e emprestou-me uma d'ellas, que tinha o cão amarrado com tres ou quatro voltas de cipó; Aragão levava arma de fulminante, objecto rarissimo então n'aquellas paragens e que eu via pela primeira vez; o mameluco e os tapuios empunhavam arcs e frechas. Completava-se o armamento com os terçados, sem os quaes ninguem dá um passo nas florestas, e com dois machados para tirar a caça miuda dos buracos das arvores. A matilha compunha-se de... um cão gozo, lazarento, apanhado por Aragão nas ruas de Porto de Moz!

Este serviço de caça, a que chamei immensamente luxuoso, faria sorrir de desdem qualquer caçador mediocre dos da Europa; ser-nue-ha contudo facil provar, que não o qualifiquei temerariamente.

Partimos.

Ainda não teriamos percorrido quinhentos metros o já ouviamos o cão ladrar, andando de um para outro lado. Aragão, que era entusiasta pela caça, gritou:

—É uma paca! É uma paca!—E partiu, a correr, incitando o gozo, com vezes adequadas, para que não largasse o rasto.

Todos o seguimos, correndo como elle.

Quem nunca tiver caçado mal pôde comprehender ou avaliar a paixão venatoria! Logo que se dá n'um rasto quente, começa a transformação; levanta-se a caça, foge, a matilha pressegue-a, apodéra-se dos caçadores uma febre terrivel. Cães e homens precipitam-se em corrida vertiginosa; identificam-se uns com os outros; communicam-se mutuamente os seus pensamentos de sangue e os seus instintos ferozes! Confundem-se no mesmo ardor e desejo de matança. O cão apropria-se da intelligencia do homem e revela facultades superiores para perseguir as victimas; o homem converte-se em fera insaciavel, e pratica actos de uma brutalidade sem nome! Deleita-se matando innocentes!

O prazer da caça é um prazer horrivel!... Confesso que muitas vezes me deixei desvairar por elle, mas não fui eu que o inventei... Infelizmente, está mais que provado que as paixões ruins são as unicas susceptíveis de aquecer a especie humana!...

Nós não tínhamos outra matilha senão o cãocito, apanhado nas ruas de Porto de Moz, no Xingú; porém esse bastou para encovar aquella primeira paca, e depois mais cinco em seguida! A paca (*Coblogenys Paca*) é do

tamanho das lebres; e apenas se sente perseguida, encovava-se imediatamente. As matas do Pará e Amazonas estão cheias de grandes arvores caídas, furadas, e é n'ellas que, em geral, se refugiam as pacaas e cotias (*Dasyprocta*). Todos os cães que vagueam pelas povoações dos índios, ou mesmo pelas dos brancos, sabem caçar; ainda mesmo que nunca tenham entrado nas florestas, a primeira vez que n'ellas se lançam seguem infallivelmente uma (e alguns duas ou tres) das muitas especies de animaes comestiveis, que as povoam. Encovada a caça, reduz-se o trabalho de apanhar a cortar um ramo, que sirva de basculho, o com elle se empurra a paca ou cotia para um dos lados da arvore caída, aonde ella se acotcheu; tapam-se os dois buracos; mede-se por fóra do pau o sitio onde está o animal; torna a metter-se o basculho, para que não possa mudar de logar, e com o machado abre-se um buraco no sitio medido e tira-se a caça viva!

Aqui está porque classifiquei como excessivamente luxuoso o nosso armamento. Basta um cão vadio e um machado para se ter abundancia de comida excellente! O machado não é difficil de obter, a troco de qualquer droga, das que produz o mato; e o cão apanha-se nas aldeias, com o que em algumas partes se faz ainda favor aos habitantes! Acrescente-se que não ha nenhum cão que não cace o jaboty (*Testudo terrestris-Emys foveolata*, Mik.) especie de kagado monstruoso, que abunda nas selvas do Tucuruí e em toda a margem occidental do Xingú; e julgue-se se são necessarios grandes petrechos de caça!

O nosso cão, nos intervalos do encovamento das pacaas, ia voltando jabotys. Apenas os via, virava-os de peito para o ar, a fim de que elles não pudessem fugir, e sentava-se ao pé, latindo compassadamente e de modo que nos fizesse saber, que não podia afastar-se d'ali. Apanhámos tantos n'aquelle dia, que na occasião da retirada fomos obrigados a largar muitos pelo caminho, por não podermos com elles!

A caçada ás antas foi menos feliz e é das mais difficéis. Apenas matámos uma e com assaz de trabalho!

Seria meio dia quando o gozo deu signal de caça grossa. Estavamos todos sentados n'uma clareira, extenuados de cansaço e de fome; os tapuios iam accender lume para assar uma paca porque se haviam prevenido levando farinha, sal e pimenta. De repente, o cãozinho, que andava sempre furando por entre as mais densas espessuras, soltou um grito desusado e partiu em direcção ao rio.

—Será uma onça?—interrogou Aragão, armando a espingarda.

—É uma anta!—volveu rapidamente Ferrugem, engatilhando tambem a sua.

—Anta! Anta!—exclamaram os tapuios, largando tudo, e arremessando-se em carreira desordenada no seguimento do cão, cujos latidos se iam perdendo na distancia. Eu corria com elles; os dois brancos, após um instante de hesitação, seguiram-nos tambem.

Momentos antes estavamos immensamente fatigados; mas as forças voltaram-nos como por encanto! O ruido dos nossos passos sobre a grossa camada de folhas secas, que cobriam o solo, assimilhava-se a um trovão subterraneo! As aves fugiam por cima das nossas cabeças, soltando pios de terror e espanto; a caça miuda, que então desprezavamos, agachava-se debaixo dos nossos pés, transida de medo, e sem animo de fugir ante a nossa appareição terrivel; os macacos, em bandos numerosos, paravam suspensos dos ramos, encaravam-nos, e pareciam querer perguntar-nos, com a admiração nos olhos, se eramos algum flagello mandado por Deus para assolar

aquelles bosques tranquillos e mysteriosos! E nós passavamos como o furacão, saltando barrocaes e fojos, vallas e ribeiros, subindo e descendo, correndo, descalços, por entre espinhaes agudos, escorregando por arvores caídas, aqui furando por baixo, voando além sobre ramarias e troncos, caíndo, erguendo-nos, rasgando a roupa e as carnes, sem um grito, sem parar, sem respirar quasi, destruindo plantas maravilhosas, orchidéas de belleza incomparavel, caladiums, que tornariam immortal o sabio e a estufa que os acimatassem na Europa...

—Anta!—grita uma voz.

Estacámos todos.

(Continúa.)

F. GOMES DE AMORIM.

À CONTA DE DEUS



ÉDE-AS: ali se aconchegam em amoroso amplexo duas creanças. É assim a innocencia! Desenhada e lêda não a mortificam pesadas recordações do passado, nem angustiosas ambições para o futuro; e o presente concentra-se na limitada area de seus affectos infantis. Oh! Como é feliz a creança! Quando repousa no seu leito pequenino, é-lhe sereno o dormir; de quando em quando brinca-lhe nos labios um sorriso, como se aquelle anjo da terra praticasse em seu sonhar com algum anjo do

céo, que viesse acidental-o com o arminho de suas azas. Quando desperta sorri ainda, porque o sonho não se evaeceu com o despertar, como se evaecem os sonhos da juventude. O

anjo do sen sonhar está ainda ali, a seu lado, cobrindo-a de meiguices; é a mãe que a acaricia estreitando-a ao seio: e o seio da mãe é urna de affectos, manancial de ternura, thesouro de amor.

É ali que a creança bebo os primeiros sôpros de vida; é d'ali que ella recebe a primeira cultura do espirito; é a mãe quem primeiro a ensina a erguer suas mãosinhas tenras e a orar ao Senhor.

Ao sol esplendido do amor maternal se abre e desenvolve aquelle coração puro. O primeiro sentimento que surge em sua alma é o amor filial, e este amor affluindo-lhe do coração aos labios traduz-se n'uma palavra — a primeira que se desprende d'aquella bôca virgem — é a palavra — mãe! —

A vida da creança é a vida do sentimento, e por isso ama tudo quanto se lhe afigura innocente. Esquece-se embevecida a contemplar a florinha singela que desabrocha vigorosa na relva na amplidão do valle. Escuta attenta o gorgoejo da avesita que canta seus amores na laranjeira do pomar. Affeição-se ao cãozinho que lhe é companheiro fiel em suas distrações pueris. Sente-se attrahida por um impulso irresistivel para os seus irmãos na infancia. Ama-os porque elles tambem são pequeninos, são innocentes tambem.



À conta de Deus

Nas suas faces assetinadas transparece a serenidade de sua alma candida.

Não lhe lembra o dia de amanhã, porque só vive do presente. Não se arreccia dos homens, porque os não conhece.

O mundo afigura-se-lhe um canteiro de flôres sem espinhos, um dia de primavera sem nuvens, um sonho doirado sem termo.

Está assentada á borda do preeceipicio e sorri porque não conhece a profundeza do abysmo, nem vê a morte que lá no fundo se esconde terrivel. Se o abysmo quer atrahil-a, suspende-a a Providencia. E senão vêde o gracioso grupo, que essa mimosa gravura representa.

Iam talvez aquellas creanças levar frugal refeição a seus paes, que longe de casa trabalhavam no campo. No meio da azinhaga surprehendeu-as o temporal. Toldam-se os ares, condensam-se as nuvens, gemem os ventos, abrem-se as cataractas do céo, e a tempestade, suspensa da mão do Omnipotente, balouça-se ameaçadora e terrivel, é n'este balouçar agitado, como a agonia do moribundo, arranca das harpas da selva umas notas roucas e horrisonas que alvoroçam o mundo. O mundo treme e as creanças sorriem!

Pobres creanças que ides ser victimas da vossa inexperiencia! Mas... não, não ha de ser assim, que a Providencia véla pelos innocentes, que lhe são tão queridos.

As aves do céo e os lyrios do campo não esquecem ao pae celeste que aveludou a plumagem de umas e deu matiz ás pétalas dos outros; e não valerão mais do que as aves e os lyrios aquellas crianças, que dentro d'aquelle envolvero têm alma tão pura?!

Se por cima e em derredor de suas cabeças loiras ruge a tormenta, dentro de seus corações candidos sorri a bonança; se no mundo exterior atemorizam os horrores do inverno, no mundo de seus espiritos enlevam as flôres da primavera; se as ameaça a natureza, protege-as a Providencia.

Quando o filho de Deus passava pela terra, disse uma vez estas palavras meigas: *Sinite parvulos venire ad me*: —Deixae que os pequeninos se acerquem de mim. —

Foi um brado de protecção ás creancinhas, que não têm ainda uma intelligencia desenvolvida para medir o alcance do perigo, nem um braço forte para o conjurar.

Jesus subiu da terra ao ceo, mas a Providencia olha do ceo para a terra. Jesus partiu, mas o Calvario ficou!

As creanças são os mimosos do Senhor, como a innocencia é a virtude predilecta de Deus.

A sombra da palmeira protege as flôres da intemperio das estações. Os pequeninos são flôres, e a cruz é palmeira no deserto da vida.

Á sombra da cruz não ha furacão rijo que derribe aquellas flôres, nem geada forte que as creste, nem sol ardente que as murcha; não, que as protege a cruz e a cruz é inabalavel, como o promontorio que as vagas não sogobram, como o roble que as rajadas não torcem, como a montanha que os furacões não abalam, como a eternidade que o tempo não destroe.

Não receeis pelas creancinhas, que se abraçam assentadas no comoro. Não é o chapéo que as cobre, é a cruz que as protege. Não estão nas mãos do acaso; estão — á conta de Deus! —

F.



MOGAREMI

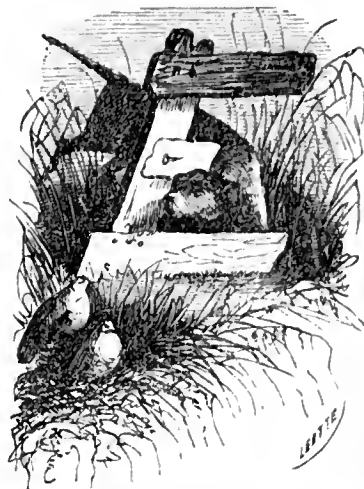
(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

IV

(Continuação)



ouvia outra voz que lhe dizia: — Terminou a lucta, vencedor, despe as armas e vem repousar no meu scio; attenta que sou o Amor. E elle olhava e via n'um fundo verde transparente a mesma querida imagem sentada n'um caramanchel florido, e elle atagado nos seus braços, pousando a fronte caçada no scio tumido e palpitante, e sentindo-se esconder n'uma nuvem de cabellos negros e luzentes.

A Gloria e o Amor casavam-se no mesino ideal.

O seu cavallo desprendia-se da terra e voava atrás d'aquella apparição phantastica.

O quadro luminoso fugia e baixava até se perder como um aerolito entre a rainagem de uma floresta.

O cavallo que não podia romper a rede dos arbus-tos e trepadeiras, salvava as arvores mais altas, e descobria por fim o ponto luminoso, onde D. Fernando devia achar o repouso, o premio, o galardão das suas fadigas. Apeava-se e caminhava a passos mortos através do matagal serrado, por onde a custo penetrava um raio d'aquelle foco de luz, cuja intensidade crescia á proporção que elle se aproximava. Ao chegar ficára estatico!

A arvore prodigiosa¹, a arvore dos frescos pavilhões, a arvore que de cada braço lança á terra uma raiz que se faz tronco, a arvore-gruta, a arvore-cathedral do oriente de muitas naves e arcarias concentricas, a arvore do bem e dos mysterios nas escripturas gentlicas, a arvore das columatas e galerias, a tenda das florestas ernas armada por Deus para albergaria dos indios nomadas, alumiada por uma luz vivissima, era um esplendido templo, em cujo centro dormia uma formosura, que seria deusa se D. Fernando não conhecesse n'ella uma mulher.

Ao lado caía de um rochedo aspero, côr de fogo, por junças, musgos e vergontas de trepadeiras agua em gotas e fios tenues, dentro de um lago rustico cheio de nenuphars; em volta arbustos avergados de rosas e um enchame de beija-flôres de todos os matizes, não maiores que vespas, volitando entre a ramada, enganados pela vivida luz que saía do centro da arvore mysteriosa.

Em torno d'ella, como cortinas de leite, caíam, em forma de stalactites, longas franjas de luz verde e rubra, trementes como chuva de esmeraldas e rubis. As côres porém iam passando por todas as cambiantes do prisma até que o sol nascendo as transformava em saphiras e brilhantes.

Depois...

¹ *Ficus indica*, ou arvore das gralhas.

Um eriado, entrando no quarto, dizia a D. Fernando que os montadores esperavam.

Era manhã.

V

Mogarem, entrando em casa, parou á porta, voltou-se e julgou vêr, que não veria, uma sombra negra atravessar a passos mortos a rua e introduzir-se no jardim pela sebe onde, momentos antes, estivera ao pé de D. Fernando.

Só os olhos de um indio podem vêr o indio nú, que áquellas horas da noite quizer passar escondido; que, sentir passos, não ha ouvido que os oiça. Demorou-se, atenta o não sem cuidados, mas como nada mais viu, nem ouviu, julgou-se illudida e entrou.

No claustro cantavam e conversavam as suas servas e amigas, que como taes as tratava. Recostou-se n'umas almofadas e vieram agitar-lhe os leques, trazendo-lhe a areca e o betle n'uma salva funda de prata, dentro o partidór da areca, tambem de prata, e a manteiga de cal n'um boião de ouro esmaltado.

Ha em Roma, no museu de Villa Borguese, uma estatua de Canova representando uma mulher, recostada tambem sobre almofadas, que dá uma idéa do que era Mogarem n'aquelle momento. Conhecem-na pelo nome de —Venus vencedora— o contam-se a respeito d'ella umas historias do amores, das quaes se conclue que as irmãs de Napoleão I tambem gostavam da immortalidade.

Os pés da Venus estão nús, como estavam os de Mogarem, e o seio e um pouco mais que o seio. O lençol, que na estatua representa o pudor social, era n'esta substituido por uma tela de seda escarlate; um dos hombros e metade do seio cobriam-lh'o os cabellos. A face poisava n'uma das mãos e os dedos dos pequeninos pés estavam inquietos. Tomou-lh'os nas mãos uma das servas e apertava-lh'os carinhosamente.

A conversa interrompida continuou.

—Hontem de manhã andava á caça na ilha; depois veio passar aqui, no palmar da fonte, e pediu-me agua.

—Deste-lh'a?

—Dei; porque não daria?

—Não sabes como é impura a bôca do christão?

—Lavei o tambió depois, descansa. Voltou-se para mim a rir-se agradecido e deu-me esta bolsinha de rupias.

—Sem dizer nada?

—Fallou, fallou, mas eu só lhe percebi:—Mogarem— respondi-lhe que não entendia falla de christão, e elle partiu.

—Á tarde vi-o eu no rio.

—Tu espreitaste-o?

—Pudera! Estava debaixo dos salgueiros meio metido na agua; é branco como a cabaia de Brahma o mais lindo que o Vischenú dos nossos quadros.

—E filho do Raja¹.

Uma serva cantou:

—As palmas olham a terra
e as arequeiras o céu;
pois valo mais quem se curva
do que quem tanto se ergueu.

Mogarem reparou na cantadeira e tornou a deitar-se.

—Como' vens triste, senhora.

—Venho cansada.

—Coitada, senhora minha, andas a espreitar se vem o teu noivo, bem sabes que já não pôde tardar.

—Ide-vos! Quero dormir e conversaes comigo?!... Saíram.

Da porta uma d'ellas voltando perguntou:

—Vaes vêr a caçada amanhã?

—Meu pae prometteu-me. Vou.

E ouviu fóra a cantadeira:

—Nem sempre chora quem pena,
nem sempre o mar mostra escolhos;
nem sempre ri quem se alegra
nem dorme quem fecha os olhos.

E é de erer que Mogarem não dormisse, que no dia seguinte tinha as palpebras pizadas, e nunca olhos christãos viram gentia mais linda.

VI

Seriam sete horas da manhã quando nos campos de Marcella, hoje varseas e palmares, então incultos, hoje pertencas da corôa portugueza, então, ora do reino de Sunda, ora dos maratas, andava accesa a monteria. Era por ali o caminho dos que, de quando em quando, vinham bater as nossas muralhas, fazendo-se fortes na ilha de Cumbarjua, com que defrontava aquella porta por onde D. Fernando saia todas as tardes a banhar-se. Era por ali tambem que saíam as correrias dos christãos em perseguição do inimigo que fugia.

Eram frequentes, n'aquelles campos, as caçadas e monterias dos nossos, monterias que tinham muito de desafio e que por isso se faziam sempre com forças que pelo menos garantissem a retirada, difficil, porque tinha de fazer-se através de dois canaes.

D. Fernando, recém-chegado a Goa, mostrava desejo de assistir a uma caçada perigosa, e D. João de Castro tinha preparado uma das mais vistosas e numerosas que em Goa se tinham visto; e deixou partir D. Fernando, quasi com remorso de o deixar partir.

Ao romper do dia estavam tomadas pelos batedores as cumiadas que formam o amphitheatro desde sud'oste a norte, e varriam para o valle e planicie, onde estacionavam os caçadores, ao som de grandes alaridos de vozes, instrumentos metallicos e latidos de cães, a caça, tímida ou attonita, que estacionava nos matos ou nas cavernas menos seguras da penedia.

Pouco depois começaram de se ouvir tiros, mais bastos a cada momento, por entre o mato da planicie, mas tiros que não tinham eco, nem um rugido do fera, nem um grito de homem, nada; e este tiroteio lugubre e sem vozes contrastava afflictivamente com o estrondear longinquo dos batedores e chameleiros.

Os pontos de vista dominantes foram-se cobrindo de espectadores, que pelo pittoresco dos seus vestuarios davam realce e character oriental ao grande quadro da caçada. Em barcos embandeirados desciam ou subiam o canal muitas familias de Goa, moiros, gentios ou christãos, de modo que ao nascer do sol o vasto quadro era animadissimo e surprehendente. Nos ramos das arvores havia uma agitação febril enorme que maravilhava os que, notando a falta completa de vento, ainda não couheciam a causa d'aquelles moviimentos convulsivos e encontrados; eram dezenas ou centenares de macacos timoratos e curiosos que faziam vergar por toda a parte as franças da floresta.

O sol vinha duro e faiseante, e só perto do canal havia uma aragem amena.

¹ Viso-rei ou governador.

Os caçadores guardavam os seus postos; viam passar as chitellas, os merús e as rapozas, mas guardavam os seus tiros para o tigre, a pantera (bibió), a hiena e o chacal.

Por enquanto só algumas hienas e bibiós tinham passado surrasteiros pelos postos guardados, o tigre real esperava attento e seismador a aproximação dos batedores.

D. Fernando estacionava n'uma pequena eminencia não longe do canal, do lado de sud'oste. Havia uma inquietação evidente no modo por que escutava e olhava em volta de si. O bulir de uma folha, o zumbir de um insecto, o perpassar de uma aragem, lhe chamava a attenção. Tinha nas mãos aperrada a sua longa espingarda e ás vezes procurava na cinta a faca de matto e duas pistolas de alcance carregadas a dupla carga. A caçada era a pé.

O circulo dos batedores ia-se apertando na planicie quando se ouviu o brado sinistro de:—tigre real no matto!—Repetiram-n'o cem vozes roucas dos batedores e milhares de espectadores repetiram nos serros:—tigre real —.

(Continua.)



À POMBA QUE VOU

Ah! son image est là devant moi comme dans les premiers jours de son allégresse et sa joie.

EDGAR POE.

I

Foste-te ó luz das solidões amenas!
 Ó grandes olhos tristes, ideaes...
 Que hoje sois astros nas mansões serenas,
 —Partiste, casta pomba d'alvas pennas,
 Em procura dos lucidos pombaes!

II

Tu estás, hoje, entre aservas e as pociras,
 Ou cheia d'immortaes claridades!...
 Oh doce irmã das rollas companheiras!
 Por ti sinto chorar as laranjeiras,
 E de luto vestirem as saudades!

III

Eu creio ouvir roçar os teus vestidos,
 No perpassar das virações agrestes!...
 E soar o teu nome aos meus ouvidos...
 Quando ouço, —sob os astros condoidos, —
 Chorarem as raizes dos cyrestes!

IV

Ó cabellos ao vento destrangados!
 O faces mais macias do que as pennas...
 D'uns ninhos ideaes, agasalhados!...
 Ó brancos seios nús, avelludados,
 Que creis castos rivaes das açucenas!...

V

Vós sois partes d'um corpo abandonado
 Entre as vermes sem olhos, e as raizes! —
 —E, ah! que vezes, talvez, n'um ai cortado,
 Não me terá teu seio immaculado
 Entre aservas bradado: « Não me pises! »

VI

Por isso vou curvado para o chão
 Com medo de pisar-vos, tranças bellas!
 E, ai quantos como eu, tambem irão,
 Correndo o mundo atraz d'uma illusão,
 —Soletando-vos, mysticas estrellas!

VII

Oh! quantas vezes, n'este mar d'escolhos,
 Contemplando o azul triste e sem fim...
 E os pés ensanguentando nos abrolhos...
 —Eu nas estrellas creio vêr teus olhos,
 Que estão chorando lagrimas por mim!

VIII

Por isso como a folha já varrida,
 Arrastada nos ventos dos valles nús...
 Vou curvado na noite desabrida,
 Por ti chamando pomba adormecida,
 Entre as folhagens tremulas da luz.

.....

GOMES LEAL.



À FIGA



OMO é doce e meiga! Os seus labios são para o sorriso da honestidade... para quem será o seu coração?

Dá vontade de ser discipulo d'ella! Qual será o seu livro estimado? Quem será o seu poeta escolhido? Quem pudéra ser a estrophe que ella decora!

Encontrasse a gente aos vinte annos uma professora com aquelle rostinho insinuante, com aquelle sorriso de ternura e era logo o querer desaprender tudo, para se entregar de novo aos rudimentos, para folhear do novo a cartilha, para soletar com mais gosto o *abc*... dos amores.

As creancitas estremeecem de alegria quando lhe beijam a mão, e o pequerrucho de oito annos cobre-se de quando a quando de uma vaga tristeza, porque presente que ainda não tem na alma aquelle rouxinol, que só principia a cantar aos vinte.

As vezes, quando se está na aldeia, vê-se passar em manhãs aridas, assopradas de ventos gelidos, os filhos do moleiro com os pésitos nus e as mãosinhas roxas. Levam ao tiracólo o saquitel dos livros e dentro do peito o medo, a tristeza e o desalento.

São os proletarios de amanhã, e se elles, nos grandes dias das commoções sociaes, trouxerem o odio no coração e o grito de guerra na bôca, lembremo-nos que tiveram a amargura da escola e pisaram a neve com os pés descalços e comeram o pão negro nos caminhos desertos, e em vez dos afagos da mãe soffreram os castigos bestiaes do professor.



O CONCERTO.

Que profundo contraste entre os rapasitos andrajosos das aldeias e essas creanças louras e risonhas, florescentes de saúde, que se embalam, sob ondas de cambraia, aos murmúrios do piano! Uns sentaram-se no lago de

flôres e das pinturas, apesar ainda do sorriso meigo e insinuante da professora, eu preferia ser a creança agreste, o rapaz selvagem, o perdido das florestas, o seismador dos caminhos, porque a minha imaginação subiria aos



A lição

uma casa humilde, de paredes rotas, onde o vento assoviava; outros têm as cadeiras almofadadas, a sala cheia de luz e de flôres, os livros risonhos, engrinaldados de estampas.

E, no entanto, apesar dos cristaes e do piano, das

cêos, os meus pensamentos sombrios se embrenhariam na sombra das devezas e a minha alma se alargaria na immensidade e solidão das campinas!

SOSA VITERLO.

O DESPOTA E O POETA

ESTUDO LITTERARIO

DE

EMILIO CASTELLAR

(Continuação)



ARA o sentir d'aquella alma despedaçada, quando sacudia e atormentava as cordas da harpa postas por Deus nas suas mãos; o povo estúpido, indifferente, capaz de apreciar o Apollo de Belvedere pelo peso do marmore e não pela formosura das linhas; o povo adormecido no barro dos seus campos, com alentos do morte como a cavidade dos sepulchros, dizia-lhe que o seu cantico era sonoro e ruidoso, mas vão e esteril como o vento; e a um povo assim devia bastar-lhe como unico regalo, não a poesia, dom celeste; senão o calabouço dos despotas, o latego dos pretorianos e o machado dos verdugos. Com effeito, o latego dos pretorianos mordera até a alma de Pouchkine.

Quando a natureza suscita um poeta e lhe põe na intelligencia idéas universaes, no coração sentimentos humanos, erguendo-lhe a esphera luminosa onde todos os objectos se esclarecem e se vivificam na luz da formosura, e todas as idéas expressam e se abatem deliciosamente em suaves harmonias, excita-o, dá-lhe inspiração, confia-lhe a arte magica das formas, põe-lhe na voz melodiosos accents, e na mente a virtude do trabalho creador; torna-o sensível e às vezes até desgraçado, para que aformoseie as noites da vida como o satellite aformoseia as noites do planeta, e acorda novas almas como a primavera desperta novos seres, e diffunde idéas nos seios da consciencia como diffundem seiva, aroma, mel, a luz e o calor nas entranhas da natureza.

Renegar até da sua inspiração, nada podia ser-lhe tão beneficioso na côrte.

Mandou-lhe o despota, não soldados que o açoitassem, mas cortesãos que o corrompessem.

Lembrou-se que todos os despotas tinham tido junto de si um genio: Philippe, Aristoteles; Augusto, Virgilio; Carlos V, Garcilaso; Philippe II, Lope; Luiz XIV, Molière; e quiz Nicolau ter o seu poeta, escolhendo Pouchkine, que dera maravilhosa flexibilidade á lingua russa, e que recebera os caudaes das idéas do seculo, evaporando-os em holocausto ao despotismo.

Nomeou-o por isso seu camarista.

Ainda ficava um resto do pudor no coração do poeta; e resistiu a similhante graça. Nicolau, porém, resolvido a deshonral-o, depois de opprimil-o, impôz-lhe que optasse entre o cargo de camarista ou o desterro no Caucaso.

O despota asiatico arrojou aos leões o propheta Daniel; o czar russo arrojou Pouchkine aos cortesãos.

Em similhante situação não ficava a Pouchkine outro recurso que morrer ou deshonrar-se, e escolheu deshonrar-se.

A libré pesava-lhe como uma cadeia.

Tomára-o Deus um dos seus anjos de eleição; e o despotismo convertera-o em uma das suas bestas de carga.

Além, na solidão da sua alma, no dialogo com a

sua consciencia, quando se recordasse de que ha um Deus no céo e uma justiça implacavel na terra; ante a historia, cujos premios e castigos são eternos como a successão e a corrente dos tempos, o poeta devia retorcer-se na dôr, de ira contra si proprio, de triste desesperação, por não ter preferido aos favores dos tyrannos, que matam, a transfiguração e a apothecose do martyrio, que deixa inextinguivel luz na memoria humana.

Que foi grande a sua dôr, conhece-se em que a sua vida foi desastrosa. Perdeu o mais necessario a toda a existencia, perdeu a estima de si proprio. Buscou todos os meios de fugir de si mesmo, e não tropeçar com o cadaver do seu genio amortalhado entre as espessas sombras da sua consciencia. Para fugir de si, entregou-se desenfreado ao prazer.

Aquella vida sem futuro, torrente sem suleo, pensamento sem objecto, intelligencia sem luz, cantico sem nenhuma inspiração, coração sem esperanza, espirito sem idéa; aquella vida evaporou-se, pelo que respeita a idéas, no vacuo; e estagnou, pelo que respeita a sentimentos, no vicio. A orgia foi para elle como o philtro. Mas se na orgia encontrou alguma vez o esquecimento, tambem encontrou terrivel, implacavel castigo.

Abriu as portas da sua casa aos epicureos, e os epicureos, segundo as suas suspeitas, corromperam-lhe a unica mulher a quem verdadeiramente amára no mundo, a sua companheira do desterro, a sua esposa.

O poeta foi sempre zeloso como um arabe. Bisneto de um negro, as paixões de Othelo feriram-lhe ruidosamente o peito. Eram fundados os seus ciumes? Não pôde averigual-o a historia. Porém sim dirá que Pouchkine podia reccar tudo da sua propria abjecção e dos companheiros que o cercavam. Os anonymos não lhe consentiam vida tranquilla. Varios maridos illudidos fallavam-lhe, sob as suas assignaturas, da communitate das suas desgraças.

(Tradução.)

(Continua.)

A ADEGA DO CONVENTO



adega de um convento!

Que de idéas se não associam a estas duas palavras apparentemente hostis, uma conforto dos corpos, outra refugio das almas, unidas ambas na nossa estampa em discreto convivio!

A adega é, se quizerem dar-lhe essa honra, a representante de uma das feições economicas do seculo, emquanto que o convento

symbolisa o viver nem sempre pautado das eras extintas, a idéa incubada nos espiritos, apertada ás vezes pelos cilicios, outras vezes desprendendo o vôo e rasgando os espaços do futuro.

Quem vê estes homens vestidos de burel, humildes na uniformidade exterior do trajar, pacientes como quem acceta espontaneamente uma regra, e parecendo abdicar dos luzimentos e ambições do mundo, bem se engana descrendo do rifão que afirma que o habito não faz o monge.

O voto que desligava um homem da sociedade enclausurando-o até a morte dentro das quatro paredes de um mosteiro, se, excepcionalmente, era o brado de uma consciencia torturada, ou a aspiração pela penitencia ao ante-goso da bemaventurança eterna, quantas vezes não foi tambem estímulo ao desencadeamento das paixões d'aquelles que julgavam havel-as amortalhado no habito da ordem em que professavam.

É porque elles entravam para os conventos suppondo-se fortes, e cá fóra ficavam, para os fazer raivar e perder, os tres inimigos do homem — mundo, diabo e carne — cada um de per si capaz de tentar o vencer a mais pudica das organizações, a mais vavonil das resistencias, a mais precavida das vocações claustraes.

Um grupo de tres frades nediros representa a nossa estampa. Tres fradalhões, como o sareasmo popular se comprazem sempre em figurar nos seus contos aquelles felizes celibatarios, que, na sua grande maioria, engordavam com os dizimos e as prinicias sugados ao trabalho improbo do cultivador, requeridos com esquecimento total do Evangelho ás migalhas do orphão e da viuva.

Um d'elles deixou-se ir atraz do vinho, como outros, fazem fé os contos da rainha de Navarra, se deixavam ir atraz das peccadoras que lhes prestavam ouvidos. Dispenseiro infiel do convento, sentiu o frio glacial das abobodas da adega, convidando-o a habilitar-se com conhecimento de causa a informar a communitade da qualidade do vinho de que já enchera tres garrafas que depuzera na cesta que tem ao lado, e provou-o.

A quarta garrafa foi a sua perdição, aliás pouco para estranhar, conhecida como era no convento a sua quéda para a pinga. Quando nos claustros deram pela falta do reverendo acendeu logo a suspcita que não estaria em oração mental, e um leigo transmittiu ao guardião a idéa de que seria possivel topar com elle na adega.

Adormecêra profundamente!

A véla gasta da palmatoria que o seraphico bebedor deixou consumir até ao fim, revela a quantidade das libações que foram precisas para intopeccer aquelle corpo, mais avesado ás ousadias do pichel, do que virado para as cogitações das penas do inferno.

O pasmo do guardião é nenhum, apesar da denuncia que o leigo, apavorado pela idéa de um incendio, lhe faz por gestos do bem estar do dormente que se deixou vencer, mas sem virar a cara ao inimigo, antes instigando-o á torneira com o pucaro, cúmplice do seu intempetivo somno.

O guardião, que pelos oculos revela mais trato com os livros que o seu imprevidente irmão, sem desfitar os olhos d'aquella scena pagã, corre com a memoria os tempos em que as regras monachâes ainda não haviam affrouxado, e acceta no que está vendo texto para um sermão, que pôde com certeza auctorisar com a melhor doutrina, mas sem esperanza plausivel de converter á sobriedade o ditoso provador que se repoltrea nos lagedos da adega, como no melhor e mais fôfo dos colchões de pennas!

Antes do apparecimento de Luthero, d'aquella raio da devassidão claustral, as indulgencias para estes casos menores teriam talvez sido requeridas ao papa, e concedidas sem difficuldade á borracheira dos ociosos que, detestando a leitura massuda das chronicas, aguçavam a intelligencia com o licôr que Mafoa por cautela prohibira

aos crentes para os distanciar do amor que os indices lhe consagravam.

Os conventos, como todas as instituições humanas, tinham de tudo, e davam para tudo. Representantes exclusivos de todo o saber nas artes e nas letras, os frades foram, durante os dois ultimos seculos da sua colossal prosperidade, o que hoje é a imprensa, facho de luz que ás vezes o vento das suas paixões agitava, e que no seu incerto bruxear cegava em vez de alumiar.

O idyllo andava perto da tragedia, e esta alliava-se muitas vezes, sem constrangimento, á farça ridicula e ao entremez de mau gosto.

Quando Abeillard suspirava, o convento recendia aos perfumes d'aquella alma impregnada de celestiaes aromas. Quando Luthero trovejava, os claustros da Allemanha abalavam a fé secular do catholicismo, e o convento tornava-se o representante de uma das maiores revoluções que os seculos têm presenciado. Abalada pela palavra ardente de um frade, Roma, viu sem já lhe poder acudir, negado o principio do celibato ecclesiastico, posta em duvida a supremacia do representante de S. Pedro, e o livre arbitrio substituindo o dogma, e a fé implicita nas decisões dos concilios.

Consummada a revolução religiosa, os que persistiram em reconhecer a infallibilidade papal, e em jurar nas palavras de S. Thomás de Aquino, de quem o pontifice Gregorio VII fóra o mais pratico dos discipulos, o convento continuou a ser, ora o mais fervoroso defensor das temporalidades que os dissidentes haviam fulminado, ora, e foi esta a sua peor feição, a ser, não o refugio de peccadores contrictos, mas o estimulante dissimulado de seis dos peccados mortaes, porque o setimo, o da inveja, andava longe d'aquelles corpos folgados pelas largas sextas dormidas depois das fartas refeições.

Foi depois do relaxamento da disciplina conventual que a critica popular tomou a si o julgamento do viver fradesco. A côr das faces, o roliço do cachaco, o avolumado do abdomen do frade, entraram a passar em julgado como a negação do ascetismo, do voto de pobreza, dos jejuns e das penitencias, que algumas das ordens monasticas assoalhavam ser o caminho da salvação.

As adegas e as garrafeiras dos conventos tiveram um bem merecido renome na peninsula, e hobreavam com os mais generosos vinhos do mundo, quando entre nós uma nova ordem de idéas economicas e politicas as sacrificou, em 1834, em holocausto ás exigencias de uma sociedade que se reconstituia.

O frade de rosto macerado, e de penna na mão ou atraz da orelha, como o representavam os retratos das galerias dos conventos, foi pela descrença dos artistas modernos transformado como a nossa estampa o apresenta, e como a Allemanha e a França o reproduziram em grotescos quadros, como o consciencioso symbolo da intemperança, em todos os gosos da vida.

O vinho não era ao que parece a unica tentação dos reverendos, que robusteciam as forças phisicas jogando a bolla nas cêreas dos conventos. O esquecimento de um dos principaes preceitos do decalogo denunciava tambem ás vezes n'elles a fragilidade da carne, pelo menos já no meado do seculo XVI dizia o poeta Quevedo:

Dios perdone al padre Esquerria,
Pues fue su paternidad
Mi suegro mas de seis años.

Apesar d'estes e de outros gracejos, de que não queremos ser editores responsaveis, os conventos tiveram representantes capazes de os salvar do esquecimento, e

mesmo da critica acintosa dos seus adversarios. Quando as ordens monasticas estavam já em Portugal ameaçadas de morte, os frades representaram com uma energia nem sempre louvavel a resistencia ás idéas que, mais cedo de que elles pensavam, deviam definitivamente triumphar.

Entre os que mais se distinguiram na cruzada reaccionaria, avulta a figura pouco sympathica do padre José Agostinho de Macedo, o desalmado auctor de sanguinarios pamphletos, deshonra da sua classe e revelação dos ruins instinctos do seu auctor.

Mas, para que a memoria das extinctas corporações religiosas não ficasse manchada com as apostrophes truculentas do auctor da *Besta Esfolada*, quiz a Providencia que aquelle a quem, não sem justiça, podemos chamar o ultimo frade portuguez, fosse o ermitão da Serra d'Ossa, o benemerito frei Francisco de S. Luiz, a quem as letras patrias devem assignalados serviços, e a igreja lusitana exemplos de não vulgar compostura.

L. A. PALMEIRIM.

O MOSTEIRO DE BELEM E A SUA RESTAURAÇÃO

ENTRE as concepções grandiosas, que resistindo á voracidade dos annos e poupadas pelos cataclysmos da natureza, se conservam ainda de pé como provas incontestaveis dos feitos de nossos maiores, do seu poder e da sua magnificencia, occupa de certo um lugar distinctissimo o antigo mosteiro de Belem, com razão admirado por nacionaes e estranhos. Não menos respeitavel é elle pelas recordações que symbolisa, que sobre-excellente pelos primores da sua execução artistica nas partes onde não foi alterado o pensamento original.

Nessa maravilhosa fabrica, typo caracteristico e peculiar da architectura na aurora do renascimento (isto é, quando a arte gothica, que por longos annos predominára na Europa desassombradamente, levada enfim de vencida ia cedendo o campo á chamada regeneração classica) vê-se realisada a idéa do monarcha venturoso, que herdeiro das nobres aspirações de seus predecessores, quiz assim perpetuar o valor e constancia dos portuguezes, domadores invenciveis das ondas, dos ventos e dos homens.

Justamente impressionados pelas bellezas, que ao observador se ostentam em tamanha copia na contemplação do famoso monumento, varios conferraneos nossos têm d'elle feito em tempos modernos objecto do seu estudo, buscando á luz de novas e pacientes investigações esclarecer as sombras em que nos deixaram incuriosos antepassados, por escassez de notícias, quer da fundação primitiva, quer das variações que no progresso das obras se foram introduzindo, sempre com manifesta deterioração dos delineamentos iniciais.

Se na publicação, pela imprensa, dos resultados obtidos não lograram seus auctores dar-nos até aqui uma historia completa e circunstanciada, têm ao menos colligido para ella bom numero de subsidios e alguns documentos valiosos, tanto mais necessarios a presentes e vindouros quanto vão sendo notaveis as transformações e reparos recentemente operados, e que ainda continuam na restauração começada ha poucos annos do edificio e suas pertenças: trabalhos que, uma vez concluidos, tornarão

pouco menos que inintelligivel uma parte das descripções publicadas em epochas preteritas.

Dos escriptores que tomaram o nobre empenho de excitar a curiosidade do publico tornando-o participante do fructo de suas pesquisas, cabe innegavelmente o direito de prioridade ao sr. abbade A. D. de Castro e Sousa, na sua *Descripção do real mosteiro de Belem*, que imprimiu em Lisboa, 1837, 8.^o-gr. de 25 pag., por elle mais correcta e muito ampliada em segunda edição, ibidem, 1840, 8.^o-gr. de 75 pag. — Seguiu-se-lhe o sr. Vilhena Barbosa, nos artigos insertos no seu *Universo pittoresco*, (1839 a 1844), no tomo I, pag. 49, tomo II, pag. 209 e 273, e tomo III pag. 241. — No correr d'este intervallo e sob mais largas dimensões traçou o sr. F. A. de Varnhagen (actual barão de Porto-Seguro) a *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem* (Lisboa, 1842, 4.^o de VI-54 pag.). N'este opusculo foram colligidos e additados os artigos que de principio sahiram no mesmo anno em diversos numeros do *Panorama*: cumprindo, porém, observar que n'esse mesmo jornal, n.^o 102 de 9 de dezembro de 1843, inseriu o mesmo senhor um novo artigo com especies importantes, recolhidas em indagações posteriores, e que vieram rectificar em alguns pontos as contidas no opusculo.

O fallecido J. L. Domingues de Mendonça, traductor e continuador da *Historia de Portugal* de Schaeffer, incluiu tambem em supplemento ao tomo VIII da mesma historia (1845) uma *Noticia historica acerca do sumptuoso mosteiro de Santa Maria de Belem*, que occupa de pag. 1 a 130, e na qual, apesar da linguagem gongorifica e rebuscada, peculiar do seu auctor, pôde ainda aproveitar-se alguma cousa.

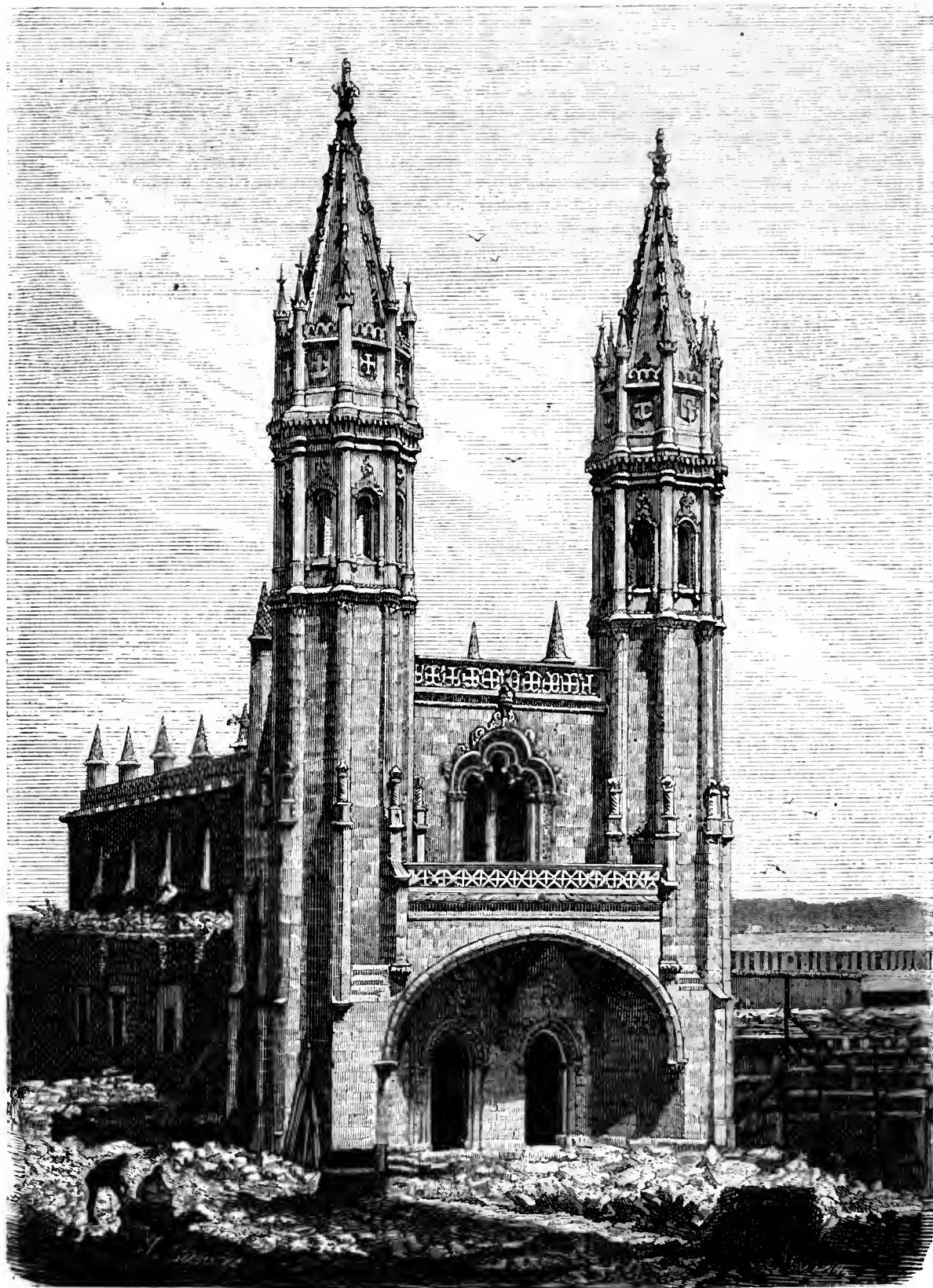
Tratou igualmente do assumpto o sr. conde de Raczyński na sua apreciavel obra *Les Arts en Portugal* (Paris, 1846); e occorre ainda mencionar o artigo do *Portugall artistico*, n.^o 6 (1853), devido á delicada penna do sr. Latino Coelho, e outro do *Arquivo pittoresco*, tomo VI, pag. 2 a 4, etc.

Ultimamente o sr. dr. Ribeiro Guimarães no tomo III do seu curioso e instructivo *Summario de varia historia*, vindo á luz já no anno corrente, compilou de pag. 5 a 61 todos os artigos historicos e descriptivos de sua collaboração, que acerca do mosteiro e de especies correlativas andavam espalhados por diversos tempos em varios numeros do *Jornal do Commercio*. Nem é para deixar em silencio n'esta enumeração a novissima *Guia do viajante em Belem*, pois que n'ella se tocam, embora concisamente, de pag. 101 a 140, noticias tanto da fundação e estado antigo do mosteiro, como da sua actual restauração.

Cerrando por aqui esta resenha, que seria talvez mais longa se a memoria nos soccorresse, pediremos venia aos que timbram em apurar a verdade, e desejam aprofundar o conhecimento nas cousas de curiosidade ou estudo, para lembrarlhes uma necessidade, que se nos figura impreterivel. É a de ter presentes e confrontar no assumpto sujeito, antes de assentar juizo em qualquer ponto, todos os escriptos alludidos, que mutuamente se esclarecem e rectificam. De não se attender a isto resultam ás vezes embaraços e até graves inconveniencias.

No que diz respeito, v. g., ás encontradas opiniões acerca do primeiro e principal architecto da obra, se o benemerito auctor do *Summario*, que no citado tomo III, pag. 16 e 17, se esforça por combater com attendiveis rasões a opinião de principio aventada pelo sr. Varnhagen, que mostrára inclinar-se a considerar como primeiro architecto João Castilho asturiano e não portuguez, como outros têm julgado: tivesse tambem consultado o artigo

supradito no *Panorama* de 1843, conheceria para logo a inutilidade da sua impugnação, vendo que o proprio sr. Varnhagen rectificára desde muito aquelle errado juizo¹ | chivo Nacional; taes que o obrigaram a transferir a paternidade supposta de João Castilho para o italiano Boitaca, ou Boytaqua, o mesmo que por aquelles tempos fi-



á luz de novos documentos por elle examinados no Ar-

¹ Note-se, pois vem a proposito, que o sr. Ribeiro Guimarães tornaria por outra parte mais peremptorio o seu argumento se attentasse em que João Castilho fallecera não pelos annos de 1560, como se presumia, mas precisamente a 30 de agosto de 1581, a ser exacto, como devemos suppôr, o que sobre este ponto affirma o sr. visconde de Castilho (Julio) nas notas ao drama *Camões* de seu illustre pae, tom. III da edição de 1864, a pag. 23.

gura tambem de um modo honroso nas obras da Batalha, e cujo nome adulterado tem dado talvez origem a outros erros.

Como advertimos acima, terminadas que sejam as obras da restauração comprehendida e não pouco adiantada, a igreja, e mais ainda o resto do edificio, farão considerabilissima differença comparados ao que eram ante-

riormente. Procurar-se-hão debalde algumas partes que n'elle figuravam. Aham-se já demolidos, e de todo desapareceram, o antigo vestibulo e seu portico, a sala chamada dos reis, e todas as mais exerecencias que occultavam pelo lado do poente a face primitivamente destinada para ser a principal do templo. Mutilada barbaramente por aquellas construcções informes, achá-se hoje a descoberto, posto que em estado lamentavel, e com ella o formoso portal, cujo desenho vimos ha pouco reproduzido no n.º 5 das *Artes e Letras*.

A torre dos sinos e relógio, que nunca chegara a concluir-se, obteve d'esta vez o seu acabamento final. Cumpre porém confessar, e seja dito com magoa, que esse acabamento ha sido por entendidos olhado com desprazer, como sendo na parte já restaurada a mais infeliz, e afora outros defcitos que se lhe notam, a que menos se conforma com o risco primordial, destoando inteiramente do estylo manuelino, ao passo que mais se aproxima do typo chamado gothico-italiano.

O antigo dormitorio, inda agora em reconstrucção, porém já separado inteiramente do templo pela demolição do corpo intermedio que os ligava, será depois de completo uma das obras mais notaveis da restauração, e á qual não poderá faltar o louvor merecido. As interessantes e bem pensadas modificações ahi introduzidas honram o gosto e intelligencia do artista, e melhoraram sobremaneira a traça dos primeiros architectores.

Ao corpo, inteiramente novo, que occupa a parte central na fachada d'esta vasta edificacão, e na qual um magestoso e elegantissimo portico ficará sendo a entrada principal da Casa Pia, seguem-se para um e outro lado vinte e quatro arcos, que é para desejar se vejam em breve desafrontados dos deformes tapumes de alvenaria, que ainda encobrem os vãos de quasi todos. Ficam estes arcos separados entre si por botarços ou gigantes, que se erguem a toda a altura do edificio, e são rematados por nacellas estriadas em espiral, havendo sobre cada arco uma janella. Estas são todas, segundo a linguagem technica, de volta inteira; porém as que ficam mais proximas do portico ou dos angulos do edificio excedem ás ontras em ornatos, o tem cada uma seu arco concentrico, sustido por columnelos intermediarios.

Avultam nos quatro angulos outros tantos torreões quadrangulares, que offerecem tal qual similhaça com os minaretes arabes, e são rematados por cupulas pyramidaes, tudo de magnifico effeito. Por cima, em toda a extensão do edificio, e por entre as nacellas que rematam os botarços, corre uma platibanda ou peitoril, aberta em cruces da ordem de Christo, ornato que passou da velha para a nova edificacão.

A gravura que nos deu o thema para o presente artigo representa a face que fica voltada para o poente, com os seus dois torreões; quasi identica á que se lhe oppõe pelo lado do nascente, e ambas já concluidas á satisfacão dos apreciadores que têm voto na materia.

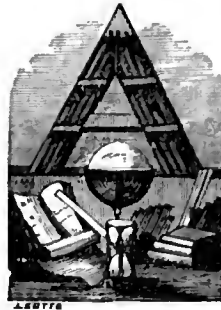
INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.



LEIRIA

X

(Conclusão)



fabrica de resinagem, que completa a antiga fabrica, que só produz pez, aleatrão e agua raz, teve o seu principio em 1858, e deve-se á perseverança e força de vontade de um prestantissimo empregado, o sr. Bernardino José Gomes. Trabalha por conta do estado e é dependente da administração geral das matas. A elaboração da gema ou resina liquida do pinheiro, que já em 1868 se elevava a mais de 100:000 kilogrammas, augmenta de dia para dia os seus productos, que são terebinthina, essencia de terebinthina e resina amarella, e promette attingir maiores proporções dentro em poucos annos. Estes productos, que já têm grande estimacão entre os industriaes, e que foram premiados na exposicão de Londres, são superiores em qualidade a identicos de industria franceza. Assim os considerou mr. Dives, distincto chimico do Mont de Marsan, quando disse que os de Venezia e Chio não eram mais bellos, e confirma-o mr. Charles Detroynt (de Bayona) quando, comparando-os com os da França, esereve: *É penoso confessá-lo, mas não podemos competir com os productos de Portugal, porque são o melhor que se póde encontrar n'este genero.*

XI

Fallámos das suas industrias e da sua importancia agricola, fallemos dos seus meios de instrucção e beneficencia.

O concelho de Leiria, que em 1852 tinha apenas 5 escolas primarias, tem agora 14 para o sexo masculino, e ultimamente foram creadas mais duas. No anno de 1872 matricularam-se 538 alumnos.

Nas duas casas religiosas para a educação do sexo feminino matricularam-se:

No recolhimento de Santo Estevão.....	68 educandas
No convento de Sant'Anna.....	111
Total.....	179

No lyceen, no anno lectivo findo matricularam-se nas differentes aulas 45 estudantes. Do seminario diocesano não temos a nota.

O movimento do hospital civil de Leiria no anno de 1872 foi o seguinte:

Entraram durante o anno 674 doentes, tinham ficado do anno anteedente 36, saíram 610 e falleceram 59.

Rendimento real recebido.....	3:675\$964
Rendimento accidental.....	219\$505
Total.....	3:895\$469

Despeza.....	3:852\$594
Fundo a produzir rendimento.....	58:750\$045

O concelho tem tres monte pios, o *Leiriense*, o da *Marinha Grande* e o de *Nossa Senhora da Encarnação*. O *Leiriense*, que foi fundado no 1.º de janeiro de 1854, contava no ultimo de dezembro de 1872, 200 associados do sexo masculino, 60 do feminino e tinha de fundo permanente a render na mesma epoca 2:793\$040 réis.

O monte pio da *Marinha Grande*, composto na sua maior parte de operarios da fabrica e fundado em 3 de dezembro de 1870, contava em 31 de dezembro de 1872, 212 socios e 93 socias, total 305, e tinha de fundo permanente a render 770\$073 réis. A empresa da fabrica auxilia-o com a verba de 30\$000 réis annuaes.

O monte pio de *Nossa Senhora da Encarnação*, fundado no 1.º de julho do 1872, tambem com a séde em Leiria, tinha já em 31 de agosto de 1873, 389 socios e um capital de 680\$000 réis nutuado por escripturas publicas.

Resumo. Têm os tres monte pios, dos quaes um é moder-nissimo, 995 associados, com o fundo de 4:243\$113 réis. Ha dezo-nove annos havia um só monte pio e começára com 49 socios. Estes algarismos são eloquentissimos, provam que as classes operarias se vão convencendo pela experiencia da efficacia d'estas uteis instituições.

Terminámos aqui a noticia porque não queremos abusar das paginas do jornal *Artes e Letras* dedicadas a materias menos aridas. Leiria está hoje cortada de estradas. As suas diligencias podem rodar para Coimbra, para as Caldas, para Chão de Maçãs, para a Figueira dentro em pouco, para a Marinha, e até para algumas das freguezias rurais em estradas de 3.^a ordem; está ligada ao caminho de ferro do norte por duas estações — Pombal e Chão de Maçãs; tem um caminho americano da Marinha a S. Martinho, o primeiro que em Portugal se construiu, e falla-se que vaie ser o centro de outro, que partindo da estação do Entroncamento se dirigirá por Villa Nova de Ourem á Batalha, a Aleoça e ás Caldas da Rainha. Não sabemos se a sua industria mineira está morta de vez, nem se o alto forno para a fundição de ferro que em 6 de março de 1866 se inaugurou em Pedreães, nas proximidades da grande floresta, e ao qual se prognosticaram tão altos destinos, tornará a trabalhar; mas com os elementos que acabámos de descrever, seremos nós os ultimos a não acreditar nas prosperidades que no futuro lhe estão guardadas.

Ha em Leiria, escreveu mr. de Grouchy, subterraneos cuja entrada ainda se vê tapada a pedra e cal no largo do Paço do Bispo (*Place de l'Évêché*). São tres as aberturas que vão dar a ella, mas diz a tradição que no fundo d'uma está fechada a peste, no fundo d'outra a fome, e no fundo da terceira grandes thesouros. O escriptor acrescenta: «O medo, junto á incerteza supersticiosa é tal, que não se encontrará um operario que se preste a empregar o seu camartello para a abertura do subterraneo».

Trabalhem todos os seus filhos, possuam-se de zelo e boa vontade os que têm a missão de os dirigir e governar, aproveitem todos os meios que a natureza tão liberalmente lhes prodigalissou, e os seus netos, mesmo sem desobstruir o subterraneo, expondo-se á peste e á fome, terão encontrado os thesouros da lenda.

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

CHRONICA DO MEZ



ESTE numero da nossa revista posso, felizmente, dar algumas noticias sobre importantes trabalhos de bellas artes executados ultimamente em Portugal. Poucas vezes me succede ter este prazer, porque, devido mais á desanimacão do mercado do que á boa vontade e talento dos artistas portuguezes, nem sempre apparecem obras que mereçam a pena de mencionarem-se.

O sr. Simões, esculptor notavel e já sufficientemente conhecido dos leitores d'esta publicação, concluiu uma estatua em marmore que lhe fôra encomendada pelo commerciante d'esta capital, o sr. Pacheco. Representa a celebre poetisa de Lesbos — Sapho, e é um trabalho primoroso como composição, sentimento e execução.

A decima musa, como lhe chamavam os antigos, está figurada a caminhar, segurando com a mão esquerda a lyra. No olhar meditativo e na fronte cheia de expressão, percebem-se os lampejos d'aquelle poderoso talento, tão celebrado e estimado pela facilidade e enthusiasmo dos seus esplendidos versos, dos quaes apenas alguns fragmentos chegaram a nossos dias.

Tanto as carnes como as roupas e accessorios, estão acabados com a delicadeza e esmero que emprega nas suas produções mais queridas, o artista de consciencia e talento.

É pois esta uma esculptura delineada e concluida com verdadeiro amor. Não é trabalho de commercio, dos que os artistas fazem muitas vezes com o intuito unico de tirarem algum interesse pecuniario. A beneficio do esculptor que talhou no marmore aquella suave figura, reverteu, primeiro que tudo, um bom quinhão de gloria, remuneração que é para o sr. Simões, como para os que professam do coração as artes nobres, a melhor que se pôde obter.

O sr. Simões tem outros diversos trabalhos importantes entre mãos, sendo os principaes dois magnificos bustos em marmore dos srs. visconde e viscondessa de Condeixa, quasi concluidos; um

busto do sr. visconde de Pelotas, muito adiantado, e outro do sr. visconde de Inhauma ainda em começo.

As esculpturas d'este notavel artista têm tido o melhor acolhimento e o nosso paiz, que não é, diga-se a verdade, dos que mais protecção dispensam aos homens estudiosos e de merecimento.

São tambem dignas de especial attenção e muito procuradas pelos amadores, as pequenas esculpturas em pedra fina, denominadas camafcos, em que o sr. Simões é habilissimo.

Tive occasião de vêr uma obra artistica do sr. Cyfka, distincto amator e notavel colleccionador de bellas artes, estabelecido ha muitos annos em Lisboa, obra que faz honra ao auctor. É um grande prato de louça, tendo pintado ao centro uma allegoria que representa a entrega da regencia do sr. D. Fernando, ao rei D. Pedro V.

O regente cede a seu filho o leme da nau do estado, na qual se vê occupando logar distincto a figura symbolica de Portugal. Quatro Virtudes remam a força de braços, fazendo com que a nau sulque as aguas, d'onde surgem nymphas, tritões e o Tejo. Uma das nymphas offerece um collar de perolas ao rei.

A composição do quadro é agradável e o desenho se não está executado com rigorosa correção artistica, tem bastante merito para ser feito por um amator.

O sr. Cyfka possui uma valiosa colleção de quadros, e, por ventura, a mais completa colleção de gravuras que ha em Portugal. De entre os quadros que vi, citei como os que mais me surprenderam, uma Nossa Senhora, preciosissima tela de Sequeira, uma Judith, excellente quadro de Murillo, e uma composição figurando Loth e as filhas, que o sr. Cyfka attribue a Ticiano.

Das gravuras, prendeu-me especialmente a attenção, um magnifico album de decorações scenicas, gravadas e coloridas pelo fallecido scenographo italiano Alexandre Sanquirico, o mestre dos notaveis pintores de theatro, quasi nacionalizados portuguezes, os srs. Rambois e Cinnatti.

Este album, cujos exemplares nunea foram postos á venda, mas sim distribuidos pelos principaes soberanos da Europa e pelos mais intimos amigos do auctor, é um objecto raro, curiosissimo e que serve de agradável entretenimento até aos profanos, condicão a que nem sempre satisfazem os objectos de arte menos vulgares.

São poucas as publicações litterarias que tenho a registrar n'esta chronica.

Do sr. Alberto Pimentel, escriptor portuense de muita valia, recebi um pequeno poema denominado *Lyrios*, que a actriz Emilia Adelaide recitou no theatro de S. João, em a noite do seu beneficio.

O poema é todo em alexandrinos e tem estrophes formosissimas. Termina por uma judiciosa asserção, enunciada com elegancia e propriedade, mormente sendo proferida por quem percorre com distincção a vereda da arte:

Sêde justos, olhae que da gloria os caminhos
Têm arcos triumphaes e tapete d'espinhos.

Do sr. Francisco Xavier da Silva tambem recebi mais um livro, intitulado *Contos portuguezes*. É obra dedicada pelo auctor á invicta cidade do Porto. Como se vê do titulo, contém o volume diversas e variadas narrações escriptas em linguagem facil e com sabor portuguez. Chamam-se: *A pobre Chica*, *O barbeiro da rua dos Canos*, *O filho da Maria Gorda*, *O pae da vida* e *Como se mudam as scenas*. É livro popular que merece ser lido.

Tambem recebi do sr. A. Henriques da Silva, de Vizeu, um *Sermão de Santo Antonio*, publicado pelo auctor em consequencia de não o ter podido recitar do pulpito, visto que, segundo se infere das palavras que precedem a oração, o bispo da diocese pôz duvida em deixar pregar na Sé um minorista.

Não querendo entrar na apreciação do facto, que pouco a proposito viria n'esta publicação, e julgando-me tambem dispensado de avaliar o alcance de certas liberdades tomadas pelo auctor, afastando-se um pouco das fórmulas consagradas para trabalhos d'aquelle ordem, limitar-me-hei a dizer que da leitura que fiz do folheto, me pareceu que o sr. A. Henriques da Silva é moço de bastante talento, possuidor de estimaveis dotes que o tornarão, de certo, se continuar estudando, um escriptor distincto e por ventura um orador notavel.

Estão em ferias os theatros. Apenas o Gymnasio depois da digressão que a sua companhia fez ao Porto, abriu as portas convidando o publico a ouvir as melhores peças do antigo repertorio, e offerecendo-lhe uma diversão quasi nova em Lisboa. Consiste ella em concertos dados por meninos campanologos.

Ha annos estive na capital uma companhia de escocezes que

chamou a atenção publica, pela maneira brilhante com que executava, servindo-se de afinadas campainhas, as melhores peças de musica conhecidas. Todos os artistas d'aquella notavel *troupe*, eram, porém, adultos. N'esta companhia, não; os artistas são creanças, a mais velha das quaes terá dez annos e a mais nova dois.

Os infelizes, que, logo nos primeiros annos da vida, quando outros da sua idade só pensam em brincar e divertir-se, são obrigados a ganhar o pão de cada dia, tocam afinada e correctamente diversos trechos, não se enganando nunca e mostrando até vivo interesse pelo bom desempenho do seu trabalho artistico.

O mais pequeno tropeça no tapete da scena, quando entra ou sac, e precisa que o assentem na cadeira ao pé da mesa onde estão os seus instrumentosinhos. Pois hão de vel-o quando toca; sempre com a maior atenção nos movimentos dos irmãos, logo que lhe cabe a vez, agita as campainhas que lhe pertencem, grave e consciencioso, como qualquer instrumentista já careca ou de cabellos brancos, assopraria o seu instrumento, no meio de uma orhestra afamada.

O publico das platéas e dos camarotes ri-se e commove-se com a gentil creança, e, como não póde beijal-a e aos irmãos, applaude a todos freneticamente, chamando-os repetidas vezes ao proscenio, sem se lembrar de que todo o tempo que demora os innocentes sobre aquellas taboas, são minutos de somno que lhes rouba.

RANGEL DE LIMA.



DIVERSAS NOTICIAS

Um dos mais antigos quadros de Murillo foi vendido em Londres, no dia 11, em hasta publica. Representa Santo Antonio de Padua adorando o Menino. É o original da famosa gravura em aço que demos em o nosso numero anterior. Diz-se que o famoso painel pertenceu á igreja dos Capuchinhos de Cadix. Depois de animada luta, a obra foi adjudicada ao sr. Cox, de Pall-Mall, pelo preço de 1:200 guinéos (5:400.000 réis).

O Shah comprou em Londres, quando visitou a exposição internacional, doze quadros na importancia de 37:500 francos (6:750.000 réis). Eis a lista das obras de arte que vão talvez já em caminho de Teheran. *Nascer do sol n'uma floresta da America*, por A. Wiist, 8:000 fr.; *a Aldeia do Meiningen*, por Fr. Roffiaen, 7:750 fr.; *o Castello de cartas*, por F. Gerard, 1:500 fr.; *o Passeio*, por J. Gerard, 2:000 fr.; *as Cabras*, por A. Plumot, 3:500 fr.; *a Tarde*, por C. Gabriel; *o Philtro*, por Verhoeven-Bal, 3:500 fr.; *Logar na campina*, por Kaelhof; *o Escuro*, por Bouvier, 1:000 fr.; *Rebanho suizo*, por E. Ryland; *Dormideiras*, por Asselberg, 1:125 fr.; *a Praia de Zuydcole*, por Muzin, 3:500 fr. Outros quadros compraria o soberano se não estivessem já vendidos. Entre elles, cita-se uma tela de Gullens, representando a *Recepção da primeira embaixada persa por Margarida de Austria, em Anvers*, que o Shah examinou com grande attenção, mostrando desejos de a comprar.

Registam os periodicos estrangeiros a morte do conhecido retratista allemão Francisco Xavier Winterhalter; do desenhador francez Carlos Colin, que illustrou as edições do Beranger e de Musset; do desenhador francez Longin; do artista belga, conhecido pelo decano da escola de Anvers J. J. Van Regemortel; do gravador francez Roberto Mitchell; do esculptor allemão Potsch; do pintor allemão Mühlrig; do professor prussiano Schulz; do antiquario e illuminador Henrique Shaw; do conselheiro Alberto

Von Zahu, anetor de diversas obras sobre artes; do esculptor americano Hiram Powers; do eminente gravador allemão José Von Keller e do pintor francez Arnaldo Scheffer, sobrinho de Ary Scheffer e cunhado de Renan. Vae má a quadra para os artistas.

De um extracto do catalogo official da exposição de bellas artes em Vienna, vê-se que os Estados Unidos expozeram 15 quadros, o Brazil 1, a França 1:537 quadros, esculpturas e objectos de arte, a Suissa 198, a Italia 625, o Monaco 3, a Suecia 45, a Noruega 71, a Dinamarca 101, a Hollanda 167, a Belgica 296, a Austria 811, a Hungria 155, a Russia 437, a Grecia 37, a Turquia 7, a China 2, a Inglaterra 203 e a Allemanha 735.

O museu do Louvre fez ultimamente aquisição de um quadro de Gentile da Fabriano representando uma Nossa Senhora assentada com o Menino ao collo, recebendo a adoração de um devoto. O quadro está exposto na grande galeria. N'elle se nota uma transição curiosa do estylo do seculo xiv para o do xv. O fundo da paizagem e a cabeça da Senhora accusam já os progressos feitos pela arte procurando emancipar-se, ao passo que as fórmulas da Virgem e as do devoto, estão ainda tratadas com a dureza tradicional dos pintores da idade média.

O sr. Cottenot, ha pouco fallecido, deixou um importante legado ao musen francez, chamado de Cluny. Consiste n'uma colleção numerosissima de objectos de arte, mobilia e armas. O musen já está de posse de parte da colleção, e principalmente das armas orientaes, que são de grande interesse tanto pelo ponto de vista da arte, como pela riqueza dos seus ornamentos.

Belfort prepara-se para festejar a retirada da guarnição prussiana. Inaugurar-se-ha, por essa occasião, um leão colossal, collocado sobre a muralha da cidade. O leão é feito pelo esculptor alsaciano Bartholdi e tem a enorme dimensão de 6 metros.

O sr. Aldama encomendou ao pintor francez Adriano Dauzats quatro quadros, cujos assumptos seriam tirados das *Mil e uma noites*. O preço de cada quadro era de 2:000 francos, recebendo o artista 1:000 francos depois de esboçado o quadro, e os outros 1:000 quando concluido. Adriano Dauzats começa o primeiro quadro que representa *Simbad, o maritimo*, cobra 1:000 francos, mas tem a infelicidade de fallecer antes de concluir a obra. O sr. Aldama reclama o quadro, prestando-se a pagar os 1:000 francos ajustados, como se elle estivesse concluido. O irmão e universal herdeiro do pintor recusa-se, porém, a ceder-l'ho, dizendo que o respeito pela memoria de um artista não consente em que se entregue uma obra por acabar. O tribunal, aonde o caso é levado, resolve que o herdeiro não podia recusar-se a entregar um objecto vendido; que não lhe é licito discurrir se o quadro está concluido ou não, porque o comprador contenta-se com elle como está; que este motivo, enfim, não colhe, porque o herdeiro apresentára o quadro em exposição publica. O irmão de A. Dauzats é condemnado a entregar a obra recebendo 1:000 francos, ou a pagar 3:000 francos de perdas e danos.







O PREGADOR
QUADRO DE GUSTAVO SÜS

ARTES E LETRAS



LISBOA—AGOSTO DE 1873

O PRÉCADOR

QUADRO DE GUSTAVO SUS



ROVAVELMENTE o *préador* de Sus é o seu philosopho embryonario, que ao sair do ovo voltou atraz as vistas, pondo-se a mirar a casa partida que lhe fora gasalho, com a grave curiosidade d'un Darwin da sua especie. Aquella *primeira reflexão* dava esperanças! A nasença reflectia: agora, medrado, feito pela experiencia da capoeira, falla, disserta, *préga*, e deve ter sido mais facil a Sus entender-lhe a voz, do que prescrutar-lhe o pensamento.

«No tempo em que os animaes fallavam» costuma dizer-se de tempos fabulosos. Pois fallam, perguntam a Landseer. Gustavo Sus tambem é dos que o asseveram, sem ser La Fontaine. Fallam, ao menos, com a *expressão*, que traduzem os celebres animalistas, que por traduzil-a são celebres. A arte, porém, gastou

seculos a comprehendel-a. O animal para ella era uma *fôrma*; não queria dar-lhe *vida*, negava-lhe a *alma*, só o accetava para accessorio ou symbolo, degradava-o, e assim lisongeava o orgulho do *homo sapiens*, a quem, a despeito da sapiencia, sempre a *besta* inspirou uma certa emulação. Isto não é um paradoxo, é uma verdade, cujos documentos andam por ali espalhados nas metaphysicas.

Foi necessario toda uma revolução nas idéas, uma revolução pantheista, dirão os philosophantes, para que a animalidade subalterna merecesse ser contemplada pela arte, como uma das portentosas manifestações da natureza mãe. Começou a nobilitar-se figurando na *paisagem*, para lho dar movimento o vida, mas como um elemento de composição. Depois chegou a ser um assumpto, fôrmo como um genero de pintura, mas ainda então, mas ainda hoje, são afamados, por excepcionaes, os artistas que consideram e fixam na tela o animal, não como ma-

teria bruta, mas como materia animada pela vida de instinctos, por uma *alma* rudimentar, que se lhe lê na *expressão*.

Sus é um d'estes physiologistas dos animaes. Dos seus quadros aquelles, em que o pinto *prégador* só figuraria reduzido ao estado de *natureza morta* pelos sicarios da culinaria, ou mesmo a esses, em que a arte, caída no processo, se esmera em representar os filamentos do pelo ou a rama das pennas, parando extasiada deante d'esto *tour de force*, ha uma distancia que estheticamente lembra a que vae d'un marmore esculpido por Miguel Angelo ao Jupiter de Phidias, ou a um qualquer Pharaon tallado pelo escopro egypcio. O homem tambem já foi meramente uma fôrma para a esculptura e para a pintura, como ainda é hoje o animal para o common dos artistas; foi a Grecia que lhe deu alma, e Praxiteles pôde ser celebrado por Calistrato porque em suas mãos o «bronze animou-se e fez-se carne» como Lysippo o foi por Propereio, por *animosa effingere signa*.

O objecto do pintor animalista deve ser a *vida* e não sómente a structura animal. Landseer e Sus são bons exemplos. E não se revolte nenhum critico, em nome do realismo ou de qualquer theoria artistica, contra as reflexões e as *prégações* dos pintores, porque a convenção de analogia que nos titulos causa estranheza, não prejudica a verdade natural dos quadros, que por elles se inscrevem.

A. ENNES.

AS BELLAS ARTES NA EXPOSIÇÃO DE VIENNA DE AUSTRIA



as informações que vão lêr-se.

PARA satisfazer a curiosidade dos leitores, que certamente desejariam encontrar n'estas paginas algumas noticias acerca do movimento artistico em Vienna, durante a exposição universal, colligimos de cartas particulares e de varias folhas, que se occuparam mais ou menos detidamente d'este importantissimo assumpto,

I

Para quem não conhece o estado das diversas escolas de pintura moderna na Europa, seria difficil verificar-lhes o progresso unicamente pelo estudo das obras contemporaneas mandadas para a exposição de Vienna.

A Gran-Bretanha, por exemplo, n'este certamen da arte europea, parece que renunciou o concurso, pois vimos que pediu apenas uma sala para a pintura a oleo e outra para as aguarellas e para a esculptura. É verdade que a sua exposição annual de bellas artes coincidia, como a de França, com a abertura da exposição de Vienna, e esta circumstancia sem duvida contribuiu para que diminuisse ali o numero das obras inglezas.

Sem entrar na apreciação das tendencias dos artistas, que ora representam a pintura na Gran-Bretanha, pôde-se todavia indiciar, pelo geral, o caminho que segue a escola. Os pintores inglezes, que se julgam classicos, tratam de assumptos antigos ou vão inspirar-se na my-

thologia, na allegoria ou na representação das scenas descriptas pelos poetas nacionaes. Os demais artistas querem transplantar a vida real, e, como o novellista Dickens, pela accumulção de pormenores bem observados, pela expressão de um sentimento verdadeiro, ora poetico, ora comico ou grutesco, conseguem agradar ao publico que principalmente exige da arte a reproduçção das scenas de todos os dias. E assim estes, como verdadeiros artistas, dominam tudo: a vida dos campos, a vida do mar, as elegancias mundanas e as miserias do pauperismo inglez, onde os francezes só encontram dramas e os seus vizinhos de além-Mancha soberbas elegias.

Ha na Inglaterra um artista, o sr. Millais, ao qual pôde applicar-se esta facilidade e este gosto. A popularidade justissima de que goza, junta elle o ser moço, rico, illustre e laureado. Atreve-se a tudo. Passa da historia á phantasia, da paizagem ao retrato, do drama á elegia, do naturalismo ao idealismo. Faz o que vê, o que sente, o que quer, interessa-se em tudo, nada o desanima, as idéas ou as phantasias que outro repelliria como indignas da arte, elle aproveita-as habilmente. Interpreta Moore ou Byron, Walter Scott ou Shakespeare, e sabe oppôr ao encantador retrato de uma dama da aristocracia ingleza, traçado com perfeição notavel, um retrato maseudino, o medico Paget, ou o engenheiro Fawler, acabado por um processo tal, que dá vontade de indagar se o artista renunciou o emprego do pincel para o substituir pela espátula.

Ha, ao par d'isto, pintores da vida íntima e animalistas que estão certos de agradar aos inglezes, porque lles representam as scenas familiares ou o episodio da vida dos animaes que os habitantes da Gran-Bretanha estimam com predilecção. Como ha no temperamento e na indole dos inglezes certa excentricidade e extravagancia, a arte traduz repetidas vezes esta extravagancia.

A escola, considerada no todo, não pôde, apesar do orgulho britannico, aspirar todavia a figurar com os homens como Reynolds, Lawrence, Gainsborough, Constable, Furnes, etc.; a superioridade dos inglezes exerce-se em outra esphera, mas demonstra absolutamente as tendencias, os costumes e o caracter do paiz. O estrangeiro, que entrar em qualquer exposiçção de bellas artes, e examinar os quadros de diversas procedencias, conhecerá logo, pelo caracter eminentemente nacional, os que vieram de Inglaterra.

II

Em Vienna de Austria, se não fôra a iniciativa de alguns amadores e altos personagens, que mandaram para ali muitos quadros que possuíam, dir-se-hia que a Gran-Bretanha renunciára o concurso. A rainha Victoria mandou a famosa *Praia de Brighton*, que pôde estar ao par do seu *Derby*, e onde a observação engenhosa e as intenções comicas chegam muitas vezes á caricatura.

O velho Landseer, artista de primeira plana, do qual as *Artes e Letras* já deram um lindissimo quadro¹, mandou o seu retrato, que representou de frente, no acto de começar um desenho e cercado pelos seus cães. O *Santuario*, uma das mais celebres composições d'este artista, tão popularisado pela gravura, tambem se vê em Vienna ao lado de uma reunião de caçadores, do presidente da academia, Francis Grant, que n'esta tela conseguiu apresentar os retratos da aristocracia ingleza.

Faod, o pintor sentimental, apresentou dois quadros, a *Partida* e *No cemiterio*, composiçção que já figurára em 1872 na exposiçção da academia de Londres.

¹ Vide *O Veado*, pag. 10 d'este tomo II.

Millais tem ali duas telas que parece não darem perfeita idéa do seu grande talento; no entretanto, uma d'ellas, o retrato de Ninah Lehman, é obra original. Leighton, Watts, Calderon, Walker, este ultimo tão distincto, ou não estão representados ou mandaram obras escolhidas ao acaso e sem premeditaçção. Erskine Nicol, com os seus assumptos sympathicos e agradável excecção, alcançou certo resultado.

A sala das aguarellas é tambem muito limitada, e, como a outra, só é composta, para assim dize-lo, de obras enviadas pelos proprietarios, que quizeram dar-lhes assim maior valor apresentando-as em Vienna, tornando ao mesmo tempo mais saliente o certamen. Dava-se igualmente a occasião de admirar as aguarellas tão estimadas do sr. John Gilbert, occasião rarissima, porque todos os trabalhos primorosos d'este artista só podem encontrar-se nas galerias reaes ou nas de particulares abastados, e não saem de lá por preço algum. A *Batalha de Naseby* o *Luiz XIV reunindo o conselho em casa da senhora de Maintenon*, são realmente dignas de menção.

Read, Pinwel, David Roberts, com as suas vistas de monumentos de notavel exactidão; Walker, com uma pequena composiçção engenhosa, a *Horta*, e outra scena mais importante e de verdadeira poesia, que pertence ao sr. Frederico Sheman, revelam certa uniformidade que do certo não parece de importancia para a Inglaterra, onde o movimento da produçção artistica é desenvolvido, mas onde, a fallar verdade, as obras se consomem nos locais em que se produzem, e onde os artistas não têm verdadeiro interesse em arriscar-se a uma exposiçção longinqua.

III

A exposiçção da Suissa não está nas mesmas condições. Exceptuando alguns artistas, á frente dos quaes se via o sr. Calame, que reproduzem os gelos e as paizagens caracteristicas do paiz, a escola não offerece uma particularidade notavel. A maior parte dos pintores suissos produz no estrangeiro; uns fazem da França sua segunda patria, e outros vivem e estudam em Roma. No entretanto, o conjunto das obras expostas tem interesse, e, guardada a proporção, o esforço foi de certo maior do que podia esperar-se. E estes artistas, que residem e produzem no estrangeiro, e ali são muito apreciados, tinham comtudo em Vienna o seu lugar sob a protecção da confederaçção helvetica.

D'este modo, os srs. Anker, com as suas scenas da idade media, Vautier com o *Enterro* que figurou na exposiçção de Paris, Karl Bodmer, com os seus desenhos naturalistas, os effeitos do outono nas florestas e os seus animaes; e a propria duqueza Colonna com o seu busto de Bianca Capello, figuram ali, depois de terem constantemente produzido no meio parisiense, á sombra da bandeira suissa.

IV

A Hollanda occupa um espaço limitado; mas tem na exposiçção de Vienna um resto de gloriosa tradiçção, e realçam ali certos nomes que é preciso conservar como de artistas distinctos e que sustentam brilhantemente a fama de uma escola que se considera na Europa como inteiramente fôra do seu caminho e em plena decadencia. O sr. Notley mandou retratos bem acabados; o sr. Israels, muito conhecido em Paris; o sr. Artz; o sr. Bisschop, que não falta nunca a uma exposiçção do palacio da industria; o sr. Tenkate; o sr. Henker e o sr. Maris, gracioso colorista, parece que são os que mais prendem a attenção dos visitantes.

V

A Belgica merece mais serio estudo. Encontra-se harmonia nas suas obras e conhece-se bem o movimento artistico d'esta pequena e briosa nação. Os artistas belgas conservam a sua individualidade, mas podem em breve confundir-se na escola franceza, attendendo á assiduidade com que vão a França e ao bom acolhimento em que ali têm as suas obras.

Para os que seguem com predilecção as exposições de Paris, não ha talvez um só nome belga, que não se considere tanto como os dos artistas francezes. O sr. Gallait que em outro tempo chamava a attenção por causa das suas scenas historicas, parece ter-se retirado da lucta. O sr. Alfredo Stevens, pelo contrario, com o ardor da mocidade que se lhe reconhece, mandou talvez uns dezeseis quadros á esposição. Muitos d'estes trabalhos são conhecidos e os mais modernos não revelam contudo grande progresso. O sr. Stevens tem uma certa indecisão que pôde prejudicá-lo.

O sr. Willems, mui apreciado em França, mandou cinco quadros, que denunciavam grandes qualidades artisticas. O sr. Willems, occupa um primeiro logar entre os seus collegas belgas. O sr. Clays apresentou boas marinhas. O sr. Robby mandou fiôres. O sr. Jonghe conservou-se nos seus assumptos favoritos, que se popularisam pela gravura. O sr. Smitz enviou o seu notavel quadro *Monte Pincio*, tão admirado pelos artistas e amadores. O sr. Madou apresentou scenas de interior; o sr. Haas, animaes formosamente pintados; o sr. Lagye, scenas archaicas, e o sr. José Stevens, um quadro de cães.

O sr. Baugniet não mandou quadro algum; mas, na sala reservada ás telas de maiores dimensões, appareceu com uma obra magnifica o sr. Wirtz, que é sem duvida o artista mais popular da Belgica. Ali se via uma especie de reminiscencia do *Juizo final* de Miguel Angelo, executado em proporções colossaes. Este quadro não podia deixar de chamar a attenção dos visitantes, mas nada acrescentava ás bellezas da escola belga, pois que nas telas de menor dimensão é que mais sobresaia a personalidade dos seus pintores.

O quadro apocalyptic do sr. Wirtz, que já deu o seu glorioso nome a uma grande instituição artistica, lembra não só o *Juizo final* da capella Sixtina, mas tambem o *Diluvio* de Girodet.

(Continua.)

B. A.

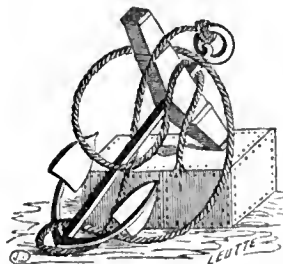
O DESPOTA E O POETA

ESTUDO LITTERARIO

DE

EMILIO CASTELLAR

(Conclusão)



DANTHES, official dos guardas, era o rival preferido. Correu o poeta a sua casa, mostrou-lhe as cartas, e exigiu logo um desaggravo, uma reparação. Danthes, para dissuadil-o, pediu-lhe a mão de sua cunhada, da irmã primogenita da esposa de Pouchkine. Verificou-se o matrimonio; porém nasceram novas suspeitas.

Em tal situação, o poeta injuriou publicamente o seu cunhado, e o cunhado não teve outro remedio senão acceitar um duello.

Terrivel tragedia! Dois homens, unidos por tantos laços, casados com duas irmãs, que deviam sentir ao mesmo tempo entre si e contra si mutuos zelos, iam matar-se ou morrer. Um d'elles arrastava do sepulchro uma existencia cheia de prazeres; o outro uma existencia mallograda por ter faltado á vocação do seu genio.

Ambos, antes de se matarem, levavam o que quer que fosse morto e corrupto nas suas respectivas almas.

Verificou-se o duello no espesso bosque nas visinhanças de S. Petersburgo.

Danthes disparou primeiro. Pouchkine foi mortalmente ferido. Nas ancias da morte, com o véo da eternidade ante os olhos, sentindo partir-se-lhe o peito no estertor da agonia despedaçadora, apertou febrilmente a pistola e disparou-a sobre o seu inimigo. Ferido Danthes na espinhela esquerda, caiu morto.

O poeta, julgando-o morto, arremessou-lhe a pistola á cabeça e disse:

—Pensei que me alegraria mais a morte d'esse homem!

Na realidade, não havia outro morto senão elle. Começou uma longa, penosissima agonia, logo que o depositaram no leito. A familia, que deshonorára, cercava-o angustiada, e o povo, que offendêra, pedia noticias do seu poeta nacional.

Só um homem, frio como o ferro, impassivel como o destino, vagava em torno d'aquelle triste leito de agonia, para acabar de extinguir alguma coisa maior que a vida material, para acabar de extinguir as obras do genio que tinha corrompido. Este homem era o imperador.

Podia o poeta ter escripto, além, na solidão do seu gabinete, no segredo da sua consciencia, quando o espectro de uma vida mallograda lhe apparecesse aos olhos febris, quando o torcedor do genio lhe exigisse com imperio e com remorsos alguma verdade salutar, podia entregar em tercetos, em estancias inmortaes, o tyranno ao castigo irreparavel de uma execração eterna na posteridade. Era indispensavel arrancar este ultimo florão á sua corôa, este ultimo pedaço á sua alma.

O imperador mandou-lhe um emissario encarregado de pedir-lhe todos os seus papeis em troca do pagamento das snas dividas e da designação de uma pensão a sua mulher e a seus filhos. O poeta firmou este contracto á borda escura da eternidade.

Era pela madrugada de 2 de janeiro de 1838 quando expiron.

N'esse momento não pôde contemplar, não, com os olhos serenos, a posteridade, nem dizer que tinha cumprido fielmente com o exercicio do seu genio.

Deixava entre as garras do despotismo a sua immortalidade feita em estilhas e a sua gloria tão escoregada como o pó do seu cadaver.

Nem os seus perseguidores, sequer, consentiram que tivesse funeraes. Na Russia tudo pertence ao imperador. Era, pois, seu tambem o cadaver.

Pela calada, em noite glacial, conduzindo o morto para outra igreja que não fosse a sua parochia, citando um sacerdote que dissesse, como ás escondidas, rapida missa, o imperador enterrou o poeta, que em breve desapareceu sob o sudario de uma immensa capa de neve, mas não tão fria como a capa de neve do despotismo estendida sobre o seu genio.

Esse, esse é o destino de toda a alma grande, nascida sob o ignominioso imperio da tyrannia. Quanto mais se estuda a historia, mais se aprende a conhecer-te e adorar-te, oh liberdade!

(Traducção.)

OS DOIS VELHOS

ELLA

Meu caro Rangel de Lima.—Andei hontem ao cair da noite no Chiado a ver se encontrava nas senhoras idosas que passavam, com os loiros netos pela mão, um typo

que perpassavam garrulando. Não me pareceu inteiramente descuidosa a sua velhice d'ellas. Ao contrario, não ha ali maior canceira que a de reprimir, com cinco dedos já tremulos, um corpinho inquieto, saltitante, que parece querer escapar-se para qualquer dos lados e respirar livremente o ar alegre das ruas!



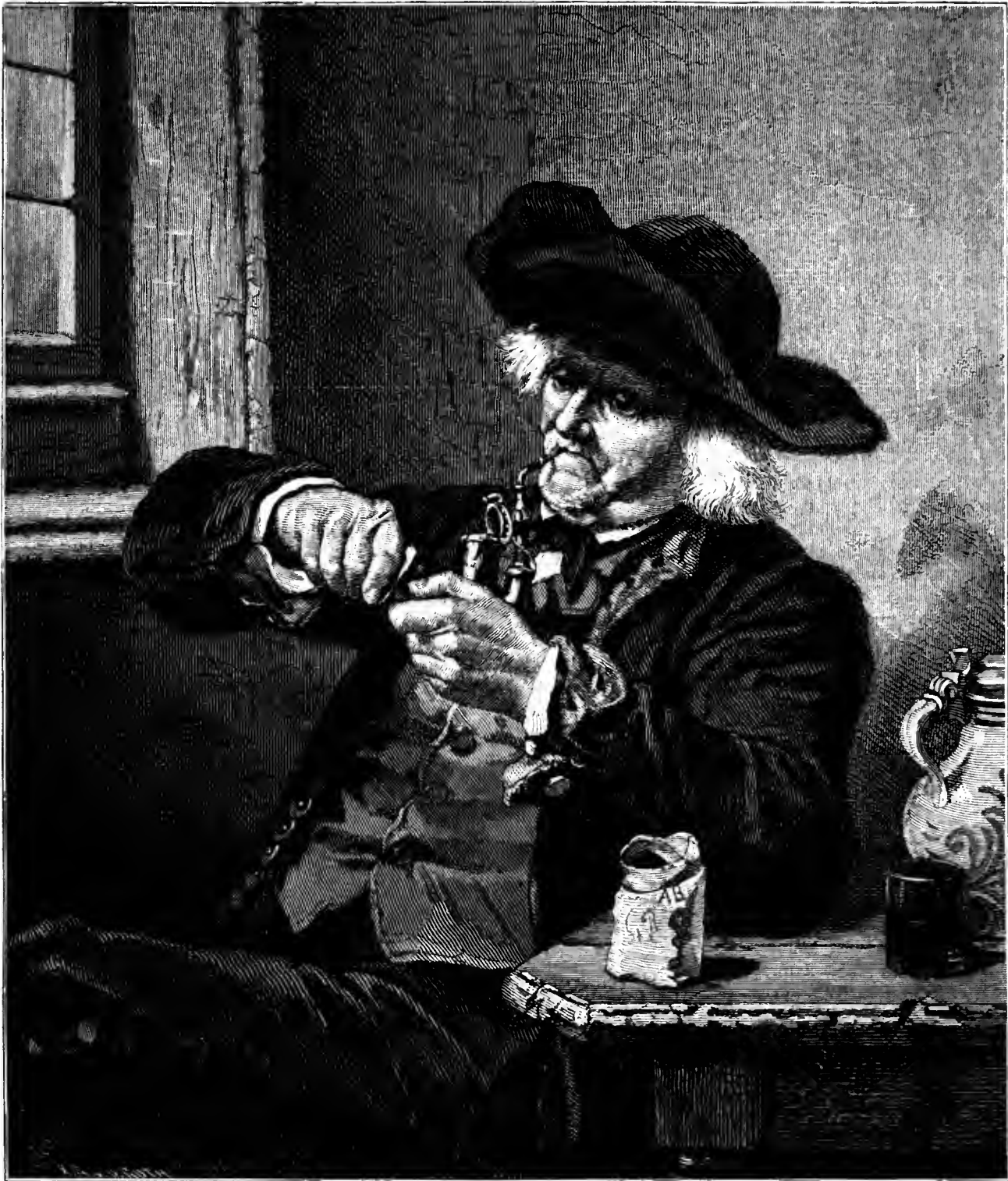
que pudesse corresponder ao retrato feminino que me encarregou de commentar. Não achei sequer vislumbres de similhaça. As que eu vi iam afadigadas para desviar dos treus e dos transeuntes as inquietas creanças de blusa de panno preto e chapéo toureiro, que se ficavam absortas a olhar para as *vitrinas* e para as outras creanças

A gravura que me enviou representa um tranquillo occaso de regalada existencia. Perdeu-se ali nuna avó, mas o certo é que a velha da gravura não tem netos, pela simples razão de que nunca teve filhos. Sempre revelou suas tendencias para o egoismo da felicidade. Querria marido chefe de secretaria. Já n'esse tempo os chefes

de secretaria eram tão difíceis de encontrar solteiros como hoje. Ficou esperando que subisse algum amanuense dos que conhecia. Tanto esperou que envelheceu. Começou então a dar a Deus e a si mesma o que os chefes de secretaria não quizeram.

Livre de considerações conjugaes, permittiu-se a li-

que se estende dos paes dos paes aos filhos dos filhos. Nada d'isto. As contas que ella resa são de pau: a cruz que remata o rosario é de metal amarello. Quantas vezes os pequeninos braços dos netos não são os braços do amouroso Jeinho em que se crucifica deliciosamente a velhice das avós! E depois as avós não tomam café com o r'par-



berdade de viver para os seus dois regalos: tomar café e resar. Só attendem exclusivamente ao espirito e ao estomago, os que não precisam de escutar o coração. Ella até o coração dos velhos dispensa, porque não tem familia. O rosario das avós são os netos: cada cabeça loira é uma conta dourada; o fio que as prende a todas é o amor

tir com os netos. Onde estão na gravura as cabeças loiras em torno da mesa e da chavena? A familia da velha regalona é a cafeteira. Quando o café está quente e forte, lambe o pires; quando está tepido e delgado, limita-se a lambe o beijo. Nunca se quizila! e com os netos havia naturalmente de quizilar-se algumas vezes. Cada dia se

reputa mais feliz por não ser avó. Quando morrer, não chorará por ella a familia que não tem, mas em compensação cairá ainda do bico mal-encxuto a ultima lagrima da cafeteira que na vespera deixára em cima da mesa.

ELLE

Faz *pendant* á velha que toma café o velho que está fumando pelo seu estimado cachimbo. Não casou tambem. Pensou sempre em ter dinheiro para tabaco. De vez em quando, para lavar a bôca, um trago de vinho. Tem a idade que se vê, e ainda hoje viaja sem mala; leva apenas consigo um pacotesinho em que se não lê o seu appellido e unicamente se soetra a palavra *Kentuky*. É o nome do seu melhor amigo. Quando está carecido de conselho, mette-o dentro do cachimbo, e obriga-o a fallar por meio da combustão. Pouco lhe importa que o amigo esteja a arder; o que elle quer é satisfazer o seu empenho. Ouve-lhe a vaporosa linguagem, e fica melhor. Quando se sente alegre, sopra ao tubo e diz para dentro do pipo: Ahi va e alegria. O amigo responde no mesmo tom doidejando em nuvensinhas revoltas que se baralham no ar.

O que o nosso velho considera uma das suas grandes felicidades é o encontrar sempre o tabaco e o cachimbo no mesmo sitio em que os poisa. Se tivesse netos, encontraria o tabaco no lugar do cachimbo, o cachimbo no lugar do tabaco, e muitas vezes nem um nem outro encontraria em qualquer dos logares. De mais a mais as creanças são palreiras, — fallam muito alto. O cachimbo, a unica pessoa com quem elle dialoga, conversa docemente, e elle pôde, a bel prazer, modificar-lhe com os labios a linguagem sempre discreta. Anda mettido em flannels e bom fato. Veste á antiga, mas sempre confortavelmente. Os avós, os S. Martinho da familia, precisam a miude de cortar a capa para cobrir os netos. As vezes, uma faisca do cachimbo abre-lhe um buraco na jaqueta; mas os dedos dos netos são muito mais prejudiciaes que as faiscas do cachimbo: abrem um rasgão.

Está muito contente de viver assim, e, se gasta em fato o vinho, é tudo para se conservar mais tempo, porque em morrendo não torna a fumar.

O epitaphio d'elle podia ser o cachimbo.

ALBERTO PIMENTEL.

AO MENOS...

Eu vejo-a em cada tarde na janella,
suave e pallida, o olhar incerto,
o meigo olhar pendido ao livro aberto,
que lhe falla do amor de Jayme e Estella!

E faz-me lembrar sempre a Graziella,
ou a visão d'um sonho mal desperto,
ou inda um branco lyrio entre-aberto
á doce luz d'uma alvorada bella!

E quando a vejo assim em cada dia,
semipresa na languida leitura
das estrophes de magica harmonia,

um férvido desejo est'alma eria;
quizera eu ser as folhas da brochura,
que era, ao menos, um livro que ella lia!

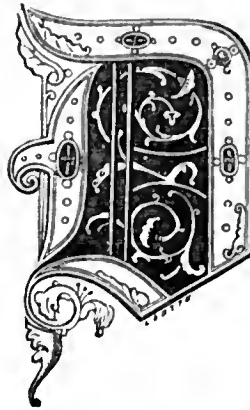
Braga, 1873.

ALFREDO CAMPOS.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

IV

Nova terra da promissão. — Expedição ao rio Tueurui. — Os meus tapuios. — A Jutahycica. — Indias domesticas. — O portuguez Ferrugem. — Caçada. — Viagem atravez da floresta virgem. — As onças. — A picada perdida. — Chegada á aldeia dos indios jurunas. — Usos e costumes d'estes selvagens. — Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.



IR-SE-JIA que nos tinha tocado o halito gelado das regiões polares, convertendo-nos em estatuas de neve! Ficámos immoveis como se estiveramos pregados no solo! Compriniamos a custo a respiração anhelante e concentravamos a vida toda nos ouvidos.

O cão latia ao longe de modo que indicava ter perdido o rasto.

— Quem disse que sentia a anta? — perguntou o inameluco.

— Silencio! — ordenou Aragão, em voz baixa.

Ferrugem fez-lhe um gesto de attenção, e ambos rovistaram as armas. Os tapuios armaram rapidamente as tacuáras nos arcos e eu raspei a unha do pollegar direito na pederneira da minha espingarda, como tinha visto por vezes fazer a outros caçadores, que julgavam este processo infallivel para que o tiro partisse a tempo.

— O cão aproxima-se! Entra no rasto!... Attenção, compadre!...

Apenas Ferrugem proferiu estas palavras, ouviu-se um grande estrepito, do lado opposto áquelle para onde estavamos voltados, e uma anta, maior do que os grandes porcos domesticos, atravessou a galope a pequena clareira onde nos achavamos. Os tapuios, que olhavam n'essa direcção, dispararam os arcos e eu vi, ao voltar-me, cravarem-se duas ou tres tacuáras de tabôca no flanco do animal. Aragão e Ferrugem atiraram ao mesmo tempo; como porém a caça lhes surdira d'onde menos a esperavam, os tiros foram mal apontados e a anta continuou a fugir.

— Corram, que va e ferida! — disse Aragão, carregando novamente a arma.

— Eu aposto em como lhe furei a pá! — gritou Ferrugem, tambem carregando a sua.

— A minha tacuára quebrou dentro! — observou um dos indios, apanhando parte da frecha, que se partira de encontro aos troncos, depois de enterrada no corpo da anta.

— Ella tambem leva a minha! — affirmou outro tapuios.

— E a minha! — acrescentou terceiro.

— Ahi va e o cão! Sigam-lhe o rasto, enquanto eu tiro um maldito espinho, que me ia aleijando! — bradou Aragão.

— Eu já não posso andar com elles! — exclamou Ferrugem, sentando-se no chão e começando a procurar nos pés os espinhos da palmeira marajá (*Bactris Marajá*, setosa, de Mart.).

— Nem eu!

— Nem eu!

— Nem eu!

Foi um grito geral; e todos se iam pondo em atti-

tudes de se desespinharem, quando Aragão se levantou de salto o deitou a correr, dizendo:

—Lá a virou o cão! Ah! vem ella!

Branços e tapuios arrenhessimo-nos novamente uns após outros em rapida corrida! Ninguém sentiu mais espinhos! Ouviu-se perto o ruido da anta, que atravessou diante de nós, perseguida pelo cão, e afigurou-se-nos que ella afrouxava a carreira.

—Vae cair!—bradou com alegria o caçador do Porto de Moz.—Foi a minha palanqueta de ferro quem a varou!

—Deixemos-lhe essa gloria—me disse Ferrugem baixo;—eu furei-lhe a pá, mas sou amigo d'elle e não quero tirar-lhe a satisfação de julgar que a matou com a sua arma de novo invento.

—Caiu?!—perguntou Aragão ao maneluco, que ia adiante.

—Caiu, sim senhor; mas foi no lago; e nada que é uma consolação!

—No lago?!

—Sim, no lago; deu um mergulho formidavel, surdiu longe e vae direita á outra banda com tanta pressa, que faz gosto vê-la!

Chegavamos á borda do um lago, que effectivamente havia ali, e vimos a anta, já muito ao largo, nadando como se estivesse de perfeita sande. Soltámos todos uma exclamação unanime de colera e despeito.

—Cachorra!—berrou Ferrugem, pondo a espingarda á cara;—espera ali que eu te arranjo!

Os tapuios retezaram as cordas dos arcos e iam despedir as suas frechas de tacuára, ao mesmo tempo que Ferrugem apontava; eu, preparava-me igualmente para disparar.

—Perdão, meus senhores!—nos gritou Aragão, estendendo diante das nossas armas a sua linda espingarda de fulminante.—Dêem-me licença que lhes mostro a qualidade d'este instrumento.

—É justo—respondeu Ferrugem;—o compadre é meu hospede e eu desejo obsequial-o em tudo que pudér. Ninguém mais atire!

Abaixaram-se todas as armas. Aragão inclinou-se, agradecendo com uma cortezia.

—Olhem que a anta foge!—clamei eu, vendo-a aproximar-se da margem opposta.

O caçador brasileiro voltou-se para mim com soberbo desdem; mas reparando na minha juventude e no meu ar de curiosa inquietação, retomou o seu sorriso benevolo e delicado, e volveu-me placidamente:

—Estou a dar-lhe tempo de chegar perto de terra, porque matando-a no meio do lago não a poderíamos ir buscar, por não termos aqui canôa.

—Tem certeza de a matar?

—Parece-me que sim. Aonde quer que lhe metta a bala, compadre?

—Arrume-lhe sempre á cabeça, pelo seguro. O compadre sabe que o tapir americano não se deixa morrer facilmente; aquelle patife, que já leva duas balas e tres ou quatro frechas, navega como se fosse para alguma festa!

—Vou encaixar-lh'a debaixo da orelha esquerda, por ser o sitio que me faz mais geito.

Depois, virando-se para mim e cumprimentando-me:

—Meu joven amigo, lá vae por honra sua, e de toda a companhia.

Agradei, inclinando-me em silencio. Elle pôz a arma á cara, apontou vagarosamente e nós voltámos todos a vista para o animal, que se ia chegando á margem arborizada do lado opposto. Quando o tiro partiu a anta

levantou meio corpo, revolveu as aguas em torno de si e recaiu immovel na superficie do lago.

—Hurrah pelo Brazil!—exclamei eu, com admiração sincera. Aragão recebeu com alegre e desaffectedada modestia as nossas felicitações, e corresponden-me apertando-me a mão.

—Vamos buscar o bicho—disse Ferrugem;—são horas do irmos puxando para casa; é tarde e estamos longe.

Fomos torneiando o lago até onde estava a anta; tirámo-la para fóra e verificámos que o caçador acertára no ponto indicado por elle. Os primeiros tiros haviam igualmente sido empregados, se bem que com pouca felicidade. Um déra na omoplata direita, e a bala achára, sem entrar, por ser de chumbo. Era o de Ferrugem. O outro foi n'um quadril do mesmo lado. As tacuáras dos tapuios estavam mais de quatro dedos cravadas no flanco! E apesar d'isso a anta tivera ainda forças para atravessar o lago, e talvez não morresse sem a ultima bala de ferro, de Aragão!

Era a primeira vez que eu via o animal que os naturalistas denominam tapir americano. Depois tive muitas occasiões de o conhecer e estudar melhor, e posso affirmar que as noticias dadas a seu respeito por certos viajantes são tão verdadeiras como as que se referem ao modo por que os macacos atravessam os rios¹. Anta não é vocabulo tupy. Alguns auctores o derivam do allemão, do arabe, do francez antigo e do latim. Outros o julgam de origem africana. O nosso Barros, nas *Decadas*, já fallava em «adarga de couro d'anta». Mas, venha d'onde vier, os indios do Brazil substituíram o nome de *tapieté* e *tapiyra caupora* pelo de anta, hoje adoptado por quasi todas as tribus do Brazil. O individuo a que elle pertence abunda na provincia do Amazonas (bem como em quasi todas as florestas da America meridional) e era vulgarissimo nas matas do Xingú. É durante a noite que elle se compraz em percorrer as selvas, descer ás margens dos rios ou dos lagos, atravessal-os a nado, pelo simples prazer de banhar-se, e não raro se aventura, nos seus passeios, até ao centro das plantações, deliciando-se com alguns dos fructos que n'ellas encontra, especialmente nos melanciaes. De madrugada recolhe-se aos sitios escuros das florestas, preferindo sempre os logares frescos, onde as gramineas mais tenras lhe offereçam pasto com que entreter os ocios do dia. Costuma andar sempre pelos mesmos caminhos, enquanto não tem motivo para desconfiar que lhe façam ali emboscadas, e chega a abrir com a sua passagem nas barreiras dos rios trilhos de alguns metros de profundidade. Caça-se, do noite, á espera ou com armadilhas, em que se põem espingardas engatilhadas, que elle dispara contra si e que raras vezes lhe acertam; e de dia, com cães, que o fazem sair dos bosques cerrados para as clareiras e margens dos lagos, onde se lhe possa atirar a descoberto. Para o matar com o primeiro tiro é preciso atravessar-lhe o coração ou o cerebro. É dotado de tão extraordinaria força que se a onça faminta o espera o lhe salta em cima, corre com ella por debaixo das arvores caídas até acertar com alguma que batendo na cabeça ou no peito da onça a derrube morta. A giboia, que esmaga o touro com os seus tremendos aneis, costuma enroscar-se na anta e prender-se ás arvores; a anta porém não lhe dá tempo de a subjugar; arranca tres ou quatro vezes em corrida furiosa, até que rebenta a serpente!

Os que dizem ser grosseira e pouco saborosa a carne

¹Veja-se no *Odio de Raça*, de F. G. de Amorim, a pag. 316 e seguintes, a nota LVII, relativa aos macacos.

do tapir americano, com certeza a não comeram nunca bem preparada. É tão boa como a melhor dos nossos animais da Europa; e posta de escabeche, depois de assada nas grelhas, chega a ser deliciosa.

A anta, apanhada em pequena, domestica-se facilmente e torna-se ainda mais mansa do que o porco.

Ha exemplos de tomar tanta afeição á pessoa que d'ella trata, que a segue por toda a parte e, se vem a faltar-lhe, deixa-se morrer de paixão! Creada ao pé de creanças, costuma-se a brincar com estas, perde inteiramente a timidez nativa, e torna-se mansa e meiga como os cães. No estado de braveza, a fuga é o seu unico recurso para evitar a morte. Não é contudo prudente aproximar-se-lhe quando está ferida mortalmente, porque, apesar de não morder, agarra os cães com a bôca e sacode-os com tamanha furia, que os mata, batendo com elles nas arvores; e mais de um caçador tem ficado gravemente ferido com os coices que ella despede n'esse extremo.

Depois de esfolado e esquartejado o tapir morto por Aragão, repartiu-se a carga entre todos e demos por finda a caçada. No regresso para a residencia de Ferrugem, onde chegámos ao anoitecer, ia este ensinando aos meus tapuios como e por onde deviam começar a estrada para a conducção das madeiras, os logares mais apropriados para derrubal-as, e os portos mais proximos para ellas serem embarcadas.

No dia seguinte, de manhã cedo, depois de nos confortarmos com o competente mingau, seguiu cada um seu destino. Aragão foi para o Xingü; os meus homens para a floresta, onde deviam ficar até á minha volta; Ferrugem, eu, o mameluco e os seus dois companheiros, embarcámos na canôa do governo e fômos subindo o Tucuruí. O mameluco tomou o jacumá, remo curto com que o arraa rema e governa ao mesmo tempo a canôa; os dois indios remavam ao meio da embarcação, sentados, de costas para o jacumaiba (piloto); Ferrugem accendeu o cachimbo e deitou-se sobre um banco, entre a tolda e os remeiros; eu peguei na espingarda e preparei-me para ir atirando aos grandes passaros, de côres variegadas, que de vez em quando atravessavam por cima de nós ou se baloiçavam nas ramarias debruçadas sobre o rio; o cão, que Aragão nos deixára para se vêr livre d'elle, e que nos convinha muito na viagem que empreendiamos, sentou-se a meu lado, observando com gravidade comica os meus estudos e attitudes de caçador inexperiente.

Navegámos todo aquelle dia contra a corrente impetuosa do Tucuruí, atravessando de uma para outra margem, cada vez que encontravamos grandes enseadas ou curvas, a fim de encurtar a distancia. O Tucuruí, sempre caudaloso, offerecia-nos aspectos variadissimos a todos os instantes. Aqui, eram terras baixas, alagadas, que o rio ia devorando lentamente, apesar da resistencia que lhe oppunham as sêbes da aninga (*Arum*), nascida e creada dentro de agua e que avançava em columna cerrada sobre o seio do invasor da patria; mais adiante, a aninga cedia o lugar á inbaubeira (*Cecropia peltata*, L.), que ostentava os seus troncos fistulosos e as suas grandes folhas, esbranquiçadas pela parte inferior, nos cimos de ribanceiras altissimas; ali, um grupo de palmeiras miriti (*Mauritia flexuosa*), sobre um talude de terra preta; além, a floresta multicolor, com as suas arvores gigantes, de mil especies, enlaçadas de cipós, cobertas de graciosas parasitas, entrando no leito do rio, como se fôra mostrar-lhe as suas opulencias e detendo-se ante as aguas turvas, que lhe manchavam as grinaldas floridas e os festões de maracujás pendurados na corrente; umas vezes, barreiras de tabatinga (*barro branco*); outras, pe-

nhascos denegridos; agora, planicies cobertas de verdura, d'onde saiam igarapés (ribeiros) numerosos, que despejavam em silencio o tributo de suas aguas crystallinas no seio insaciavel do Tucuruí; logo, montanhas a prumo, d'onde se despenhavam torrentes, bramindo, e como que ameaçando destruir aquelle a quem rendiam forçada vassallagem! E em todas estas paizagens pittorescas, já humildes e graciosas já imponentes e soberbas, em terra e no rio, milhares de seres animados, de fórmulas novas e originalissimas, de todos os tamanhos, côres e feitios, que nos encaravam com espanto, e que pareciam perguntar-se uns aos outros se nós íamos ali para os comermos ou para sermos comidos por elles!

Eu não tinha animo de desfechar a espingarda sobre tantos prodigios, não sei se com receio de os errar e fazer má figura diante dos meus companheiros, se detido por um vago sentimento de respeito. Afigurava-se-me vagamente, que o caçar ali era o mesmo que caçar no Paraizo; e aterrava-me a idéa de me parecer com a serpente, que no Eden cagára nossa mãe Eva. O cão, a quem tinhamos dado o nome de Pagé (feiticeiro), cada vez que via passar alguma peça digna de tiro, consultava-me com o olhar e parecia admirar-se da minha hesitação por não poder applical-a a si proprio. Por fim tomou a attitude de quem diz consigo:

—Hum!... Já percebo! Quer coisa melhor!... Mas... para caçador de tolda de canôa tudo isto é bom de mais! Enfim... vamos a vêr o que é que elle espera.

E, para vêr melhor, deixou ir descaindo a cabeça e adormeceu.

—Ai!

—Aguenta! Com os diabos!...

—Jesus!

Estes tres gritos resultaram de bater a nossa canôa contra umas pedras ou paus, que estavam occultos debaixo d'agua. O primeiro soltei-o eu, indo pela borda fóra tomar um banho no Tucuruí, de espingarda na mão. Felizmente o logar era baixo e fiquei quite com o susto e o banho! O segundo grito foi expellido por Ferrugem, que rolou para o esgotadouro e ficou menos mal, com um quadril amolgado e a cabeça rachada em duas partes. O terceiro atirou-o o mameluco, caíndo tambem no rio, com menos felicidade do que eu, porque esfolou atrozmente as canellas. Os dois tapuios limitaram-se a dar mutuamente uma grande marrada, esmurrando os narizes com silencio estoico.

—Ó seu Agapito! onde diabo vossê a cabeça e os olhos?!—exclamou Ferrugem, subindo do esgotadouro, com a cara cheia de sangue e apertando com uma das mãos a nadeга magoada.

—Eu levava tudo no seu logar—volveu com ar lastimoso e trepando para a embarcação o pobre mameluco, encharcado como um pinto.—Arranjei-me bem!...

—E a mim?! Estou acciado para ir andar uns poucos de dias no mato! O que vale é que os gentios não são pessoas de cerimonia!... Olha o pobre Francisco, coitado! Veja para o que eu o convidei!...

—Ah!... isto não é nada. A espingarda, que me emprestou, é que se ía perdendo!...

—Eu bem não queria vir! Burro de Agapito!...

—Oh! seu Ferrugem, olhe que são coisas que succedem!... Ninguem via o que estava debaixo d'agua... e vossemecê, que é homem entendido nas coisas do sertão, não tem que estranhar.

Ferrugem estava já a este tempo lavando as contusões e feridas com cachaça, que levava n'un grande frasco de vidro empalhado, e punha de vez em quando a vazilha á boca, deixando ir mais para o interior do que gastava no exterior. Depois, passando-me o frasco:



U BARBEIRO DA ALDEIA.

— Molhe-se por dentro e enxugue-se por fóra. Agapito de todos os diabos, beba lá tambem e veja se nos faz outra!

Agapito bebeu longamente, pondo os olhos em alvo, e tomando uma attitude que me fez recear de que elle d'ahi por diante batesse mais vezes com a canoa, para ter novos ensejos de beijar o frasco.

Felizmente, não encontrou baixos ou cachopos, que o favorecessem! N'essa noite dormimos ainda na canoa; e no dia seguinte ao meio dia chegámos ao lugar d'onde tínhamos de seguir por terra para a região habitada pelos jurunas.

(Continúa.)

F. GOMES DE AMORIM.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

VI

(Continuação)

NINGUEM descreve a sensação de terror que açoitou os caçadores solitarios. Os tiros cessaram e cada qual, arquejante, pallido, mas resolutto, esperava vêr chegar a fêra á clareira que guardava. O clamor parou em toda a linha e em todas as atalaias, como se houvera uma cessação de vida ou a espera de um grande acontecimento. Só os cães, antes uivando que latindo, saltavam por cima do mato, e procuravam em todas as direcções. O sol dos tropicos esbraseava os horisontes e faiseava centelhas de lume sobre os temerarios caçadores. As garças dos salgueiros erguiam-se a prumo e pouzavam de golpe como se as fulminasse o que viam.

Os corações das mulheres confrangiam-se e dilatavam-se successivamente, porque na mulher, ainda mais que no homem, ha mixto de pomba e de fêra.

Era tremendo o momento e solemne o silencioso espectaculo.

De repente, sentiu D. Fernando que o cabello se lhe levantava na cabeça e que todo o sangue lhe refluia ao coração. Não se moveu. Dez passos á sua direita agitaram-se os arbustos, abriram aos lados e alguma cousa passou surratelymente no intuito de ganhar o valle de sud'ocste. Este valle é estreito e as suas vertentes alcantiladas. D. Fernando seguiu com a vista na direcção d'aquelle estranho movimento, quando a trinta passos vê relampejar a corpolenta fêra. Pôz instantaneamente a arma á cara, mas o tigre tinha desaparecido.

Correu, sem avisar os companheiros, fascinado por aquella apparição; deseou a encosta, subiu o monte fronteiro, atravessou uma planura extensa e vendo sobre a esquerda serros perfectamente escalvados, comprehendem que o tigre procuraria esconder-se nas selvas da beira de agua. Era pois o seu caminho mais direito e devia tomar a frente. Comtudo, o cansaço da subida, e o impeto da carreira, tinham-no prostrado; felizmente começava a descer e achava á sombra de um tamarindo, logar azado para a espera. Entrou de manso, ajoelhou com o joelho direito, encostou o cotovello esquerdo ao rebordo de uma pedra bruta e ficou dominando o pequeno mas amenissimo valleiro, ao fundo do qual havia um banho rectangular, cheio de agua limpida e fresca, e em torno mata de cajueiros e tamarindos.

Durou dois minutos esta espera, mas durante elles consumou-se aos olhos de D. Fernando um drama, cujas peripecias e scenario só podem encontrar-se no oriente.

O sol quasi não entrava no valle, tão densa era a ramaria. Uma indiana acabava de banhar-se, que o cabello solto gotejava ainda; compunha as manilhas no braço e um dos pés brincava distrahidamente dentro da agua. Uma volta do seu panno azul pendia-lhe a tiracolo. As flôres de um tamarindo caíam-lhe em cima, desfolhadas, e ella deixava-se enfeitar e sorria complacente dos cuidados da arvore carinhosa que a tratava como noiva. Os dentes d'esta oriental eram pequeninos e transparentes; o sorriso que os mostrava era melancolico; os olhos eram grandes e energicos; a fronte pensativa e grave; o rosto comprido e pallido; a estatura alta. Devia ter dezoito annos e era bella como Niöbe ou como Respha.

Divisava-se-lhe uma preocupação notavel, uma curiosidade ansiosa no modo por que olhava de quando em quando para os lados. Esperava de certo.

Dois passos atrás d'ella e não querendo ser visto nem sentido, espreitava enfeitado um formoso gentio de pequeno bigode argolado e de listas doiradas no turbante. Espreitava-a namorado e tinha instinctivamente um dedo na bôca como que a impôr silencio. Sorria sempre e olhava-a com jubilosa admiração. Por vezes tomava umas flôres do tamarindo, lançava-lh'as sobre a cabeça e escondia-se atrás do cajueiro a que se amparava. Doce brincado de amores n'uma bucolica oriental!

Os sons longinquos da caçada passavam por sobre o arvoredado, mas em baixo apenas se ouviam os beijos da agua no pé distrahido da indiana. Defronte d'ella, do outro lado do banho, appareciam de quando em quando por entre as plantas rasteiras duas cabeças curiosas do serpen-tes que vigiavam.

Eram dois pares namorados! uma aproximação monstrosa mas vulgar dos amores ciumentos e mortaes da India-mater.

D. Fernando estremecêra! no mesino instante, porém, um novo actor entrava furtivamente no palco! A tres passos distante do indio apparecêra o achatara-se a pavorosa cabeça do tigre real.

D. Fernando viu-o abaixar-se e retrahir-se; pôz a arma em pontaria e um tiro partiu. Ouviu-se um roneo pavoroso. Quando o fumo se ergueu, viu-se o tigre nas ultimas contorsões esmagando um homem rasgado de alto a baixo; uma mulher estatica, com os braços retezados para o cadaver do seu amante e com os olhos saindo-lhe das orbitas. Não soltava um grito, não derramava uma lagrima, só o sorriso se lhe havia transformado em soluço. Olhou para defronte e viu as duas *capellos* armadas e com os olhos chammejantes.

Caminhou para ellas automatica, livida, pavorosa! Saltou-lhes em cima e pisou-as aos pés. Deixou-se morder e lacerar pelos dois reptis enfurecidos, correu para o cadaver do seu amante, arrancou-o ás garras da fêra, enroscou-se n'elle e devorou-o com beijos. D. Fernando chegára emfim, mas parou defronte de tanta desdita e respeito o thalamo nupcial d'aquelle agonia voluptuosa. Quasi a expirar a gentia olhou-o, apontou-lhe o tigre morto e disse-lhe:— Bem hajas!

Ontra mulher chegava offegante do lado do canal, e, tomando-lhe e apertando-lhe a mão, dizia-lhe:— Amo-te.

D'ahi a momentos chegavam em tropel os caçadores. Mogarem tinha desaparecido.

— Que é isto? diziam os caçadores, recuando á vista dos tres cadaveres.

— Um drama do oriente, meus amigos.

(Continúa.)

O BARBEIRO DA ALDEIA



barbeiro é, geralmente, o sabio das aldeias, o amigo intimo do cura, o conselheiro aulico do regedor da parochia.

A roda do barbeiro gravitam os mais serios interesses da localidade. É na loja d'elle que se firmam e amigilam reputações, que se lê o jornal que o deputado do circulo manda gratuitamente ao mais verboso dos seus eleitores, que se faz a barba ao morgado em decadencia pela abo-

lição dos vinculos, que se introduz a ordem no cahos da grenha anarchica do ovelheiro, é lá, finalmente, que se arrancam dentes e queixos ao freguez, que pede ao mestre força, em vez de lhe exigir geito, e o gratifica com um murro em ver satisfeitos os seus imprudentes desejos.

Prendado n'uma escala desconhecida n'umas poucas de leguas em circumferencia, o barbeiro lê manquejando, mas sem soletrar, as circulares do governador civil, as pastoraes do bispo da diocese, os editaes da camara municipal do concelho, e ainda por cima toca cavaquinho e flauta, ajuda á missa, faz contas de cabeça, e desce, magnanimidade que nem todos lhe reconhecem, a diagnosticar sobre as enfermidades dos gados atacados de gafeira ou mórriha, negando-se por modestia a pôr em execução as regras da alveitaria, que elle conhece mais a fundo que a parentella que traz espalhada pelos sertões da Africa e do Brazil.

Na consciencia da sua valia intrinseca, o barbeiro da aldeia dispensa o apparatus dos instrumentos cirurgicos, os elixires que os seus collegas das cidades recommendam como correctivo contra os achaques de bôca. Accumulando conscienciosamente as duas artes, a de barbeiro e dentista, e annexando-lhe como complemento as de sangrador e astronomo, ao barbeiro basta uma torquez, uma lanceta e uma navalha, para satisfazer ás exigencias dos seus freguezes mais melindrosos, tendo como aphorismo da profissão o *mais vale quem quer do que quem pode*, com que se desculpa, e honra, de fazer tudo sem ter aprendido nada.

Com a mão calosa, com que na alta dos salarios não desdenha dar meia duzia de enchadadas na vinha de um visinho ou na horta de um compadre, e dispensando o pincel com que os mais cautos distribuem o sabão pelas bochechas dos freguezes, o barbeiro rural é com a propria mão lichosa que põe em combustão a cara das victimas, mas tão innocente, que ninguém se julga com direito a queixar-se d'aquella lava que de repente lhes invade as epidermes, e as torna salamandras entre a espuma frígida do sabão, e o calor vulcanico da esfregadella do artista.

Fiel ás tradições da classe o verdadeiro barbeiro nacional enfeitá os umbraes da locanda com as classicas sanefas de hacta verde orladas de encarnado, pendurando-lhe por cima as lustrosas bacias de arame, e o bicheiro onde em continuas evoluções se agitam as sanguesugas condemnadas, para mais tarde, á manobra artesiana de fazer com que o sangue irrompa da pelle cetacea das gargantas dos saloios atacados de angina, ou molestados

pelo marneleiro de um rival no mercado do ultimo domingo.

Sempre vendido em todas as eleições, ainda assim o voto do barbeiro significa para as populações sertanejas a consciencia auxiliada pela sabedoria, e pobre do candidato que o não tiver pelo seu lado ao *deitar dos papelicós*, phrase que representa para o saloio o acto solenne da eleição, acto que o barbeiro ordinariamente dirige, fazendo-se o Ganimedes dos meios quartilhos que a aldeia bebe, como votou, dando com a lingua os mesmos estalidos de duvida, quer á qualidade do vinho, quer ao prestimo e á competencia do candidato.

A civilização, de que o nosso seculo tanto blasona, e de que já o sr. Guizot escreveu a historia, chega tão desfigurada á loja do barbeiro que, commentada depois por elle no adro da igreja á saída da missa, antes se lhe pôde chamar retrocesso, do que caminho desbravado para molhores futuros. Os caminhos de ferro, as machinas de lavoura, o gaz e até o petroleo, são applicações da industria moderna, que o barbeiro considera abaixo da agudeza que lhe é precisa a elle para não errar com a veia arteria de quem lhe reclama uma sangria, ou com a sagacidade, filha da pratica, com que annuncia chuvas para o S. Miguel, ou affirma que as paschoas hão de aquelle anno ser molhadas.

O barbeiro, instado diariamente a dizer a sua opinião sobre tudo o que ignora, reconhece a final em si uma tendencia imata para propheta, e é por isso que se aventura a aconselhar que se lance ou deixe de se lançar a semente á terra, quinze ou vinte dias antes ou depois dos mareados pela rotina, que é a que se reduz nos campos toda a sciencia de Luiz Figuier e todas as locubrações chanternaes do padre Theodoro de Almeida.

Celibatario por segurança, e com horror aos brinquedos turbulentos da infancia que o distrahiriam do estudo das hervas medicinaes, e do conhecimento das nocivas com que julga ter posto embargos a muitos passaportes para o outro mundo, o barbeiro occupa os raros instantes que lhe sobejam das suas multiplices cogitações em tirar do ingrato cavaquinho, sons que elle cuida serem o desespero dos rouxineos que a ama do cura traz engaiolados, e postos a arejar á porta da ermida, por cima da lista dos festeiros e mordomos da procissão que já vem proxima.

Nem tudo são rosas na vida do homem. O barbeiro é ás vezes chamado pelo administrador á cabeça do concelho, e, se é em tempo de eleições, não volta de lá com as mãos abanando. Acontece porém tambem ser incommodado para testemunha, ou convidado (vilipendio administrativo!) para se incumbir das arduas funções de cabogeral, serviço que elle repelle como incompativel com a liberdade de acção de que carece para officiosamente harmonisar as desavenças locais.

Costumado a ver concentrados todos os poderes nas mãos de um só, as d'elle proprio, o barbeiro é absolutista por instincto, apesar de se haver avesado ás fórmulas constitucionaes, e de tirar d'ellas o proveito que lhe compete, como a quem tem um olho na terra dos cegos.

Aos domingos, e logo antes da missa das almas, está o barbeiro no seu posto, tendo reforçado a toalha que fez o serviço de toda a semana, com uma outra que lhe deve ser auxiliar, para não enxovalhar as belbutinas dominigueiras dos freguezes. A navalha essa é que se transformou em fouce-roçadoura, no repetido e escabroso exercicio de transplantar as sedas das caras dos escanhoados para o papel pardo que na aldeia substituiu, mais economica do que acciadamente, o panninho da barba de que geralmente se usa para igual applicação.

Na loja de um barbeiro, como nas tendas, é indis-

pensavel um chamariz para as moscas, que costuma ser de ordinario o jornal politico do dia, retalhado em tiras no melhor da polemica com os adversarios, e servindo de pousio aos insectos que, sem aquelle derivativo, espicacariam a calva do abegão que se barbeia, ou lambriam as roscas e os especiones macrobios, já impregnados do cheiro do bacalhau, a que o vendedor ainda pelo habito alemha de doces, engodando os rapazes que saem da escola.

O barbeiro se não é, podia bem passar por haver sido o inventor da bisea e dos tres setes, jogos em que primam todos os da sua profissão, dando ás cartas fórmas architectonicas desconhecidas a Vinhola, mas caracteristicas dos baralhos que envelheceram no trato nocturno de seis ou mais invernos consecutivos, ungidos pela saliva pouco conservadora dos parceiros.

Nas festas da aldeia o barbeiro, como os actores comicos, representa cumulativamente uns poucos de papeis diferentes, saíndo-se de todos elles a contento do publico. Armador e pyrotechnico nas vespéras dos dias duplex, quem tove a fortuna de o ver em mangas de camisa forrando de escarlata o pulpito da ermida, ou obtendo a certeza da combustão rapida da polvora de uns foguetes, desconhece depois a gravidade com que o vê ajujado ás varas do pallio, ou cantando no córo uma lição, com uma voz digna do mais monumental dos fiascos, se ousasse erguer-se no palco de um theatro de terceira ordem.

Pachorrento e laborioso, não ha quem se avanteje ao barbeiro de aldeia na pouco invejavel industria nacional de adestrar pintassilgos a abrirem com o bico as tampas do comedouro, e a morrerem esfalfados na empreza de tirar agua aos dedaes do reservatorio insidioso, que é para as avesinhas ignorantes o supplicio de Tantaló.

Quando o jornalismo vivia ainda na nossa terra a vida enfesada dos engeitados, o barbeiro resumia em si a critica caustica do chamado artigo de fundo, a bisbilhotice do noticiario, as lagrimas fementidas do necrologio, a amenidade casual do folhetim, e a versatilidade dos que depois fizeram profissão do que n'elle era instincto sem arte, e pensão sem pensamento reservado.

Supponho ser da abundancia de estabelecimentos d'esta especie que houve em Portugal que nasceu o annexim popular «não tarda uma loja de barbeiro», como significação de uma cousa que vem proximo da outra. Para bem se comprehender a prodigalidade de nossos avós, e a freguezia que tinham os barbeiros, é preciso aqui recordar que o bigode era ainda então considerado como um attestado de immoralidade no logista, no medico e no negociante, e que por compensação a este horror capilar os reaes exercitos usavam de rabicho e bolsa, e de polvilhos as classes a que se negava o direito de disporem da cara a seu contento.

O antigo barbeiro reservava sempre a um canto da sala de trabalho o espaço necessario para accommodar o rebollo, onde afiava as navalhas e o estro, aquellas para martyrio das caras dos freguezes, este para as empreitadas poeticas que já lhe haviam dado renome nos arraiaes, como cantador.

No meado do seculo passado a classe nobilitou-se na pessoa do mavioso poeta pastoril Domingos dos Reis Quita, cabelleiroiro lhe chamam os seus biographos por composura, mas a quem racionalmente devemos suppôr barbeiro, sendo como eram ainda annos depois da sua morte uma novidade as pomadas e os elixires, que Nicolau Tolentino metteu á bulha em uma das suas chistosas satyras.

Como não mal diria a sua sorte o melancolico auctor do suave idyllio, «Tircea» obrigado a escanhoar um margano, ou renovar a corôa de algum conego da Sé patriarchal, enquanto a poesia lhe borbullhava lá por den-

tro, e aproveitava os momentos de ocio para lançar no papel versos como estes:

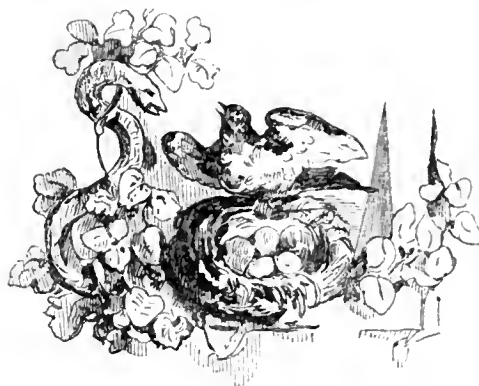
Só por ti meus suspiros serão dados;
Só por ti chorarão de amor meus olhos,
Meus olhos, que por esses tão formosos
Agora estão chorando tão saudosos!

Pobre Quita! Que de cabeças ôcas te não passaram pelas mãos, enquanto a tua ardia na febre da inspiração poetica, e o coração te ia ao encontro da morte que te colhia no vigor da idade!

O barbeiro que a nossa estampa representa pôde ter sido um contemporaneo de Quita, mas é de certo outra a sua nacionalidade. Bastaria a caveira que se ostenta com o ornamento principal do interior da loja para denunciar, independente de outros accessorios, que um allemão frequentador da feira de Leipsick é o curioso pedicuro que extrae do pé do caminheiro o espinho que o molesta, enquanto o aprendiz perseruta os arcanos de um queixal, rebelde a todos os paliativos, e irremissivelmente condemnado a vêr a raiz ao sol.

A concentração do caracter nacional dos dois artistas está fielmente reproduzida na minuciosa attenção que ambos prestam ás respectivas operações de que se encarregaram.

L. A. PALMEIRIM.



TRIO DE FOLHETINISTAS

VALENTINA

As linhas d'este rosto são delicadamente suaves e sobrefudo expressivas.

A fronte é serena como um lago de Italia, opalisada, e da brancura impecavel das neves do Hymalaia.

Os olhos são redondos, intelligentes, vivazes; ora aguias, ora pombas, ora borboletas.

Os cabellos finos, de um louro cendrado, quasi sempre despretençiosa e singelamente penteados, dão á cabeça de Valentina o ar inspirado e divino da cabeça de uma estatua de Musa.

As sobranceilhas partem da nascença do nariz, avivadas, escuras e rapidas, como as flechas dos Parthas, indo morrer não longe das fontes, polidas como agatha, no louro desmaiado do ambar.

A bôca denota a indizível altivez da raça aristocratica: ligeiramente desdenhosa quando falla, e triste, quando o sorriso a illumina.

A voz de Valentina tem a doçura ineffavel do canto das aves na *Primavera*, o seu andar tem a harmonia do andar da Deusa, de que falla o Mantuano.

Nada ha mais delicioso do que vê-la, depois de haver deixado cair no velino as perolas do seu talento, tomar a costura, coser, ou bordar com a modestia de uma joven romana da republica, ao lado de sua mãe, olhando de vez em quando para os horisontes longinuos, e para as ondulantes campinas, d'onde saem em bando alegre as cantilenas dos trabalhadores.

ROGERIO

Rogério é alto e de uma constituição robusta e sanguinea.

A cabeça poderosa e ativa, a bôca humida e saudavel: nos meandros do labio um tanto bourbonico doideja a miude um sorriso malicioso, mas de uma malicia intelligente e boa.

O olhar coado através dos vidros da luneta é vivo, mobil, illuminando-lhe o rosto energico e accentuado. Observa sorrindo.

Os cabellos negros, abundantes, lustrosos: a fórmula das suissas regular, geometrica: o bigode frisado, petulante.

O pescoço solido, firme, antigo, faz lembrar o de Danton, tirante a côr bronzçada.

Vaidoso como uma creança, Rogério delicia-se em mostrá-lo, decotando por demais as camisas.

Quando anda o seu corpo apruma-se; o seu pisar tem uns leves geitos de impertinencia; deviam de pisar assim os *talons-rouges* da Regencia.

Tres vezes elegante: no livro, na conversa, na *toilette*.

Adora o luxu como Alcibiades, as viagens como Alexandre Dumas, as artes como o barão Taylor, e as viris commoções do perigo como . . . um toureiro.

CESAR

Tres elementos compõem esta physionomia: intelligencia, alegria e bondade.

O nariz tem a aresta um pouquinho larga; as narinas são abertas, frementes, impressionaveis; a cabelleira é meridional, cheia de reflexos, fluctuante como as plumas de um capacete antigo.

Os olhos, posto que tenham as palpebras um tanto pesadas, são grandes, magnificos, perscrutadores.

O rosto cheio como o de Janin; o bigode caído, arqueado, negro e pequeno, como o de Balsac, deixa que se entrevejam uns labios polpudos como os de um Ephebo.

De estatura regular, e parecendo debil, porque lymphatico, Cesar sustenta contudo aos hombros, com uma elegancia florentina, as batalhas tropeçadas da *Revolução*.

O seu estylo tem a frescura das eclogas syracusanas; é adoravel como uma pagina do amor, e malicioso como o raio do sol, que brincou na aza do primeiro beijo de Eva.

Descuidoso como as creanças, fecundo como os rios africanos, bondoso como os patriarchas da Hellade.

É doido pela musica, pelas flores, pela Arte, pelo talento, e diga-se tambem, pelas mulheres, ainda que o saibamos solteiro.

Os Cesares contudo precisam de dynastia.

Coimbra.

G. CRESPO.

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DE BELEM



architectura gothica, degenerando da pureza que attingiu, e de que é formoso typo a igreja da Batalha, foi buscar ornamentos, para mais se ataviar, ao estylo arabe e á arte classica, que produzira as maravilhas da antiga Grecia. Esta aliança de estylos tão oppostos constitue a transição da architectura gothica para a do renascimento. Foi uma revolução na arte, determinada pela revolução social, que pôz termo á barbarie da idade media, abrindo de par em par as portas aos progressos da moderna civilização, iniciada no seculo XIV pelos sabios e pelos artistas fugidos de Constantinopola ao desmorronar do imperio do Oriente, e desenvolvida e firmada em bases solidas, no seculo XV, pelo arrojado commettimento de Vasco da Gama.

Sendo as artes, e sobretudo a architectura, como espelhos em que se retratam fielmente as idéas do homem, as suas creanças, necessidades, aspirações, enfim o viver da sociedade, estamparam-se, por consequente, nos monumentos os effeitos móracs d'essa grande revolução social. O embate dos velhos principios com os que iam constituir a nova sociedade; a luta porfiosa dos interesses creados e dos costumes arraigados com os que de novo se levantavam, produziram a instabilidade nas instituições, e a incerteza e a duvida nos espiritos, e a desordem nas idéas e nos costumes.

A architectura, que está em tão intimas relações com a humanidade, seguindo passo a passo todos os seus progressos, identificando-se com as suas idéas, procurando satisfazer as suas necessidades, elevando-se e exaltando-se com as suas prosperidades e triumphos, e abatendo-se com os seus infortunios, não podia deixar de apresentar em si a perfeita imagem d'aquella anarchia moral.

Pois d'esta anarchia artistica, que tanto nos enleva pela elegancia das fórmulas, e pela variedade, profusão e delicadeza da ornamentação, é o mosteiro de Nossa Senhora de Belem um dos mais bellos e sumptuosos specimens que se conhecem, e o ultimo que se construiu na Europa. E de tão precioso monumento é o claustro, representado na gravura junta, uma das mais esbeltas e primorosas partes.

Em qualquer paiz o mosteiro de Nossa Senhora de Belem seria um monumento artistico de muito apreço. Mas para nós, os portuguezes, ainda é mais alta a sua significação como gloriosissimo padrão da historia patria.

Essas arcadas tão grandiosas, essas abobadas de lagarias tão floreadas; essas columnas tão elegantes, de tão variados feitios, que se caçam debalde os olhos em procurar duas iguaes; essas rendas tão delicadas; esses labores de tão opulenta e phantasiosa invenção, de que está recamada toda a cantaria; enfim esses variadissimos emblemas, que avultam por todo o claustro, ressaltando da pedra por entre as folhagens, arabescos e mil outros graciosos relevos, fallam-nos de Vasco da Gama, e de Pedro Alvares Cabral, descobrindo a India e o Brasil, de João da Nova, fazendo a descoberta da ilha de Santa Helena, Pereira a de Socotorá, D. Lourenço d'Almeida a de Ceylão, e depois a das Maldivas, Tristão da Cunha a das ilhas a que deu o seu nome, e a da Ascensão, Ruy Pe-

reira Coutinho a de Madagascar, Abreu as Molucas; fallam-nos de Fernando de Magalhães, fazendo a primeira viagem em volta do mundo, de D. Francisco d'Almeida, Affonso d'Albuquerque, Duarte Pacheco, D. João de Castro, e muitos outros heroes, que levando as quinias de Por-

fabrica magnifica, honrosas providencias governativas, pois que enquanto cresciam as suas paredes mandava el-rei D. Manuel reunir e resumir as leis em um codigo, commettendo esse trabalho a famosos juriscultos: encarregava Fernam de Pina da reformatão dos foraes au-



Claustro do mosteiro de Nossa Senhora de Belem

De uma photographia do sr. Carlos Rebas

tugal ás mais remotas regiões do globo, plantavam na Asia, na Africa e na America a par da Cruz de Christo, a arvore sagrada da civilisação europea, lançando ao mesmo tempo os fundamentos do vastissimo e poderoso imperio, que teve Lisboa por capital. Recordam-nos essa

tigos do reino, e Duarte Galvão e Ray de Pina de es reverem as chronicas dos reis seus antecessores; fazia investigar nos archivos, nos edificios, e nos sepulchros os brasões da nobresa, a fim de serem copiados e illumina-dos em um livro, em outro as armas das cidades e villas;

instituiu a confraria da Misericordia, a instituição mais religiosa e philosophicamente caritativa, que os homens até hoje têm creado; fundava e reformava hospitaes; construía edificios grandiosos, muitos d'elles monumentos de arte, como a torre de S. Vicente de Belem, os templos da Misericordia, em Lisboa, do convento de Christo, em Thomar, do mosteiro da Pena, em Cintra, etc.; edificava os magnificos paços da Ribeira, e muitos edificios publicos importantes, que formam um extenso catalogo.

Enquanto o lapis do architecto e o escopro dos esculptores poetisavam, deliniando no papel e esculpindo na pedra os emblemas de tantas emprezas gloriosas, Duarte Galvão, Fernam e Ruy de Pina, André de Resende, Castanheda, Danião de Goes, Barros e Couto, pegavam da penna de historiadores, e seguindo diferentes veredas, eternisavam seus nomes, eternisando as glorias de Portugal; Bernardim Ribeiro, o poeta apaixonado, despido de arte, mas ataviado das galas do genio, cantando amores e saudades, fazendo sentir os encantos da sua lyra melancholica, assignalava o começo de um periodo brilhante da litteratura nacional, e abria as portas a dois legisladores do Parnaso lusitano, Sá de Miranda e Antonio Ferreira; Gil Vicente creava e fazia popular o theatro portuguez, divertindo com a sua graça original príncipes, nobres e plebeus, ao mesmo tempo que os instrua e lhes corrigia os vicios; Garcia de Resende colligia as trovas populares, e legava á posteridade o seu inestimavel cancionero; um homem desconhecido e pobre, um aventureiro, que empunhou a espada e a lyra, e que lutando contra a adversidade e contra a inveja, zombou de ambas pelo condão do genio e da coragem, elevava-se acima de todas as illustrações do seu tempo, e tomando logar ao lado dos grandes epicos da antiguidade, com o nome glorioso de Camões, fazia admiradas e populares entre todos os povos civilisados as proezas dos filhos de Portugal¹; immortalisavam-se muitos homens no fóro e no pulpito; pollia-se a linguagem e adogavam-se os costumes; o Grão Vasco², Antonio e Francisco de Hollanda, e Campello, fundavam a escola portugueza de pintura; Matheus Fernandes illustrava a architectura, traçando um poema nos dois esbeltos portaes das capellas imperfeitas da Batalha; Diogo de Carta ou Carça, Pedro de Frias, Diogo Pires, Rua e Pedro Taca elevavam á maior perfeição a esculptura em madeira e pedra; Jeronymo Luiz lançava os fundamentos á escola de gravura; André de Escovar, João Rodrigues e Mathias de Arando escreviam e ensinavam artes de musica; e João Gallego construía o famoso galeão S. João Baptista, o celebrado *Botafogo*, com o seu talhamar de fino aço, o maior navio de guerra que até esse tempo se tinha visto na Europa.

Finalmente, enquanto se erguia o monumento de Belem opulento de arte, o amor da patria e da religião incitava os portuguezes a praticarem nobilissimas acções, refulgindo nas navegações arriscadas, nos campos da batalha, nos tribunaes de justiça, na cadeira evangelica e no gabinete do litterato.

Taes são as recordações que se ligam ao monumento manuelino, precioso livro de pedra, repleto das mais peregrinas memorias, que podem dar nome illustre a um povo.

1. DE VILHENA BARBOSA.

¹ As obras do mosteiro de Belem, nunca terminadas, progrediram durante os reinados de D. Manuel, D. João III e D. Sebastião.

² Em minha opinião o Grão Vasco não é um mytho, mas sim o creador da escola nacional de pintura.

PER AMICA SILENTIA...

Chantez, chantez! jeune Inspirée.
VICTOR HUGO.

Hei de dizer-te um dia, minha pallida,
como é suave e bello ouvir-te o canto,
mystico som de harpa dolorida,
harmonia sem fim de um côro santo!

E em que rosados sonhos tenho a alma,
que se alenta em teu cantico divino,
como a flôr entre-abrindo as brandas petalas,
quando a aurora em seu carro adamantino

nas sombras do occidente a luz derrama,
cambiante véo de um quadro que fluctua,
aonde pouco a pouco se confunde
a transparencia alvissima da lua!—

Mas não sabes as horas de delirio
em que sómente vivo de te ver;
e como choro e soffro noite e dia,
quando sósinho penso em ti, mulher!—

Que importa? hei de seguir-te, branca aurora,
n'este mundo de dôres em que existo,
preso da immensidade de teus olhos,
como as turbas da meiga voz do Christo!—

.....
.....

Mas quando te apertei a mão nervosa,
e teu rosto senti junto do meu,
não sei o que a luz tinha em si de estranha,
quando do teu olhar a mim desceu!—

Era um véo de tristeza encantadora,
nevoa de noite de luar de agosto,
sombra mysteriosa emmoldurando
a curva graciosa de teu rosto!—

E desde então, ó minha dôce pomba,
que as venturas do céo me vens contar,
eu vi que se tornaram tristes, languidos,
os eilios que assombream teu olhar!—

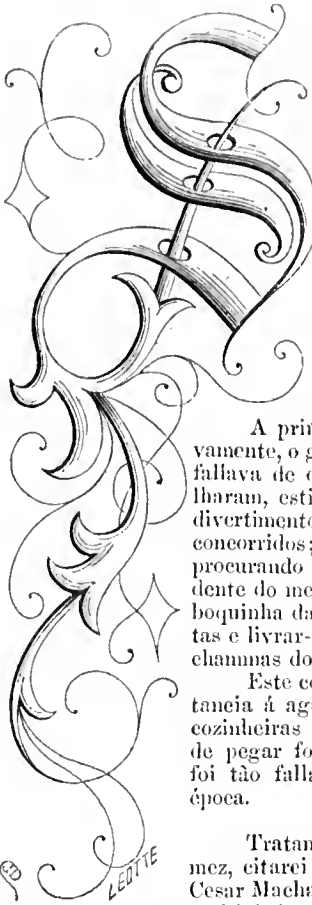
E quando em longas noites de vigilia,
a sós com tua sombra eu endoideço,
ou quando, ideal sagrado de meus sonhos,
que desças para mim eu tanto peço!—

Bem sinto que acolheste alguma lagrima
de tantas que chorei em vão por ti,
e a misturaste ás ondas de teu seio...
livro aberto de amor que eu nunca li!...

Astro de branca luz, mystica flôr,
será isto que eu sinto um sonho apenas?
ou tu, que és casta e pura, a algum martyrio
mais doloroso ainda me condenas?

Que importa? hei de seguir-te, branca aurora,
n'este mundo de dôres em que existo,
preso da immensidade de teus olhos,
como as turbas da meiga voz do Christo!

CHRONICA DO MEZ



E não tivesse em cima da mesa alguns livros que se publicaram este mez, e me foram enviados, os quaes me impõem a agradável missão de fallar d'elles, esta chronica resumir-se-hia a poucas linhas, por isso que não me seria licito preencher-a com dissertações a respeito dos successivos incendios que têm posto a cidade, não direi n'uma brasa, mas em grande alvoroço, e dos incendiarios, que, se existem n'esta boa terra, são as unicas pessoas que actualmente dormem tranquilas, sem outra inquietação que não seja a carestia do petroleo.

A principal novidade do mez foi, effectivamente, o grande numero de incendios. Não se fallava de outra coisa. Os theatros que trabalharam, estiveram pouco animados, os demais divertimentos da capital pouquissimamente concorridos; quem não se achava no campo, procurando algum refrigerio para o calor ardente do mez da canicula, mettia-se em casa á boquinha da noite, a fim de aferrolhar as portas e livrar-se do calor ainda mais ardente das chamas do petroleo.

Este combustivel que tirou grande importancia á agua-raz, quer como veneno para as cozinheiras namoradas, quer como facil meio de pegar fogo ás casas dos cidadãos, nunca foi tão fallado em Lisboa. Tudo tem a sua época.

Tratando, pois, dos livros publicados este mez, citei as *Manhãs e noites*, pelo sr. Julio Cesar Machado; *O juramento da duqueza*, pelo sr. Pinheiro Chagas; e *Summario de varia historia*, pelo sr. J. R. Guimarães e *Os jesuitas*, pelo sr. Oliveira Pires.

LEITTE

O auctor do primeiro volume de que fiz menção, o sr. Julio Cesar Machado, é tão conhecido pela graça, delicadeza e feição particular das obras que assigna, desde o folhetim em que é o primeiro, até o livro em que se conserva a par dos melhores escriptores da moderna geração, que censurado será ao fallar de mais uma das suas muitas produções litterarias, relembrar os dotes valiosissimos que todos lhe conhecem e apreciam.

O seu novo livro, á maneira da maior parte das ultimas obras do notavel folhetimista, não se compõe exclusivamente de narrações alegres e divertidas, como tão superiormente as sabe escrever o auctor; entre algumas d'essas narrações se encontram tambem paginas melancolicas, que de certo farão humedecer de lagrimas os olhos da leitora enternecida. São estas as *noites*, como aquellas as *manhãs*, de que nos falla o titulo.

A edição promette esgotar-se em pouco tempo; é tambem uma das condições dos livros de Julio Cesar Machado.

O juramento da duqueza, nova publicação da Bibliotheca Universal dos srs. Lucas & Filho, serve de continuação ao interessante romance historico *A mascara vermelha*, já registado n'esta secção em o numero de maio.

Ambos os livros são do sr. Pinheiro Chagas, escriptor feudo e muito apreciado tanto em Portugal como no Brazil.

O juramento da duqueza é tambem romance historico. N'elle se encontram alguns dos personagens com quem o leitor travára conhecimento no volume antecedente, e bem assim muitos outros d'aquella época, entre os quaes figura um de summa importancia litteraria, o celebre jesuita e famoso classico o padre Antonio Vieira.

É cheia de interesse dramatico esta nova obra do sr. Pinheiro Chagas e de utilissima leitura aos menos sabedores da historia portugueza, porque, pelas descrições amenas dos principaes factos successidos no começo da dynastia a que pertence a casa reinante de Portugal, facilmente se toma conhecimento com uma época tão notavel e importante, como aquella a que se acha estreitamente ligado o grande acontecimento da independencia patria.

O terceiro volume do *Summario de varia historia*, ultimamente editado pela casa Rolland & Semiond, é, como os dois primeiros tomos, de muito interesse e instrução.

O auctor, o sr. José Ribeiro Guimarães, preston notavel serviço com a publicação d'esta obra, feita á custa de muitas e fastidiosas investigações em escriptos antigos, porque pôz ao alcance de todos o conhecimento de antigualhas, cuja origem, significação ou descripção, só se poderiam obter, antes do *Summario*, recorrendo aos velhos cartapacios das bibliothecas.

Pelo capitulo d'este ultimo volume, intitulado *Um quadro de Sequeira*, em que o auctor falla de um esboceto do celebre pintor portuguez, comprado pelo actor João Anastacio Rosa por 175000 réis, no leilão do fallecido Felix da Costa Pinto, se pôde apreciar o pouco ou talvez nenhum conhecimento de bellas artes que infelizmente ha em Portugal. Ninguem no leilão, excepto o sr. Rosa, percebeu que era uma preciosidade artistica o painel sobre que se estava licitando, provavelmente com laços de 500 réis, ou menos. E todavia a *maneira* de Domingos Antonio de Sequeira é bem caracteristica; quem tiver ollhado para um quadro do mestre com verdadeira attenção, pôde facilmente conhecer quasi todos os demais do mesmo pincel.

O esboceto arrematado pelo sr. Rosa é de assumpto allegorico; figura a *Derrota do despotismo e a victoria da liberdade*. Não deixa a menor duvida com relação ao auctor. Pertence actualmente á Academia real de bellas artes, que o avaliou e pagou com merece.

O livro do sr. Oliveira Pires *Os jesuitas*, foi, segundo refere o auctor no bem elaborado prologo que acompanha o romance, pensado e escripto ha muitos annos.

É esta uma circumstancia que mais encarece o talento do sr. Oliveira Pires.

Se o estylo revela, por vezes, a pouca firmeza do escriptor que dá os primeiros passos na vereda das letras, a urldadura da fábula, a dramatisação de alguns lances, as investigações historicas, o interesse geral da obra e outras circumstancias indispensaveis nos romances, e que não faltam no de que faço menção, traçado aos vinte annos, dão clara idéa da muita aptidão do auctor, que poderia ter feito brilhante carreira como romancista, se, em vez de ter fugido á sua decidida vocação, para ir exercer um logar em qualquer secretaria, se houvesse entregado exclusivamente ao cultivo das letras, que é a habitual profissão de tantos homens prestadios em outros paizes, mas que, em Portugal, infelizmente, só pôde ser passatempo mais dispendioso, ás vezes, do que rendoso.

Além de muitas e interessantes noticias historicas compendeadas no romance, cujo thema são os ultimos feitos em Portugal da celebre companhia de Jesus, que tanto tempo dominou o mundo e que foi por fim dissolvida e quasi anniquilada por um papa, a quem, de certo, o arrojo castou a vida, avulta em plano principal a figura gigantea do primeiro ministro de el-rei D. José, um dos mais acerrimos perseguidores dos jesuitas e que muito contribuiu para a extincção da ordem.

D'aqui se vê que o romance do sr. Oliveira Pires não tem apenas o interesse balfo de uma ficção qualquer; encerra dados historicos artificialmente tecidos com a parte romantica, de modo que ao mesmo tempo que recreia, pôde servir de ensinamento.

As principaes familias que estão no campo a ares, recolheram quasi todas á capital no dia 14 d'este mez, para assistirem ao mais popular divertimento que ha no paiz.

Tratava-se, como se vê, de uma toirada. D'esta vez, porém, a diversão duplicava de interesse, porque a toirada era das chamadas de fidalgos.

Todos desejavam applaudir o denodo com que alguns rapazes, uns já experimentados em tão arriscadas luctas e outros que pela primeira vez entravam n'ellas, iam repetir aquellas famosas pelejas com a força bruta, tão apreciadas e tão bem lidadas pelos fidalgos antigos, que não tinham duvida, antes se compraziam, em tomar parte n'ellas como combatentes.

A praça do Campo de Sant'Anna estava brillantissima, não porque as sanefas e cortinas com que a enfeitaram a tornassem mais vistosa, mas porque a belleza e as *toilettes* elegantes das senhoras que estavam nos camarotes e em logares reservados na trincheira, apresentavam aspecto magnifico e attrahente. N'um dos logares reservados da trincheira, viam-se muitas das senhoras hespanholas pertencentes ás familias emigradas que se acham em Lisboa, as quaes applaudiram entusiasticamente e brindaram com rebuçados, charutos e ramilhetes os lidadores, que, diga-se em boa verdade, se portaram todos com o brio da mocidade cavalleiresca de Portugal. Distribuiram-se uns impressos em que as nossas interessantes hospedes, agradecendo em mimosas quintilhas a hospitalidade portugueza e o convite que lhes fora dirigido para a festa, animavam os mancebos que tomavam parte na lide.

Correu animadíssima a tarde, não havendo a lastimar nenhuma eventualidade menos agradável, a não ser uma ou outra queda de nenhuma consequência grave, dada pelos forcados, e o susto que as hespanholas tiveram quando um dos bois tentou ir visitá-las ao seu compartimento.

Os únicos theatros que trabalharam durante o mez, foram os do Gymnasio e Príncipe Real. O primeiro deu o drama de grande espectáculo *O mosqueteiro do rei*, que o publico applaudiu do principio ao fim; o segundo reproduziu a operetta *A grã-duqueza de Gerolstein*, afortunada peça, que até depois de muito vista e na força do calor, chamou concorrência ao theatro.

Por isto se vê que Offenbach ainda não foi de todo destroado; deve, porém, confessar-se que, apesar de tudo, é rei que está muito em baixo... rei que presente republica.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTÍCIAS

— A *Sociedade promotora de bellas artes em Portugal* publicou o relatório da sua gerencia, relativo ao nono anno social. N'elle se lêem algumas lisonjeiras palavras a respeito da revista — *Artes e letras*, as quaes sincera e cordialmente agradecemos. Também distribuiu pelos socios não premiados, uma gravura de vida aos habéis buris do sr. Pedroso, copia de um fofinho quadro do sr. Christino. Representa *Um sendeiro de quarenta annos*.

— Falleceram durante este mez os seguintes artistas estrangeiros: Antonio Chintreuil, paisagista francez, discipulo de Corot; Augusto Poitevin, esculptor francez; Carlos Manuel Conrad, prussiano, pintor e aguarelista distincto; Paulo d'Oubry, de 28 annos de idade, paisagista francez (succumbiu por excesso de trabalho); Clodion Roux e Jorge Dronin, pintores francezes; José Fagnani, retratista italiano e Luiz Carlos Augusto Couder, celebre pintor francez, discipulo de Regnault e de David. Tinha 83 annos de idade, era membro do instituto e condecorado com a Legião de Honra. Dos pintores citados, morreram de desgraça Clodion Roux, ao saltar uma fenda nas montanhas da Suissa, e Jorge Dronin pela inalação do chloroformio que applicou á face, para abrandar uma dor de dentes que não o deixava dormir.

— A commissão encarregada de celebrar o quarto centenario de Miguel Angelo (5 de maio de 1875) terminou a discussão dos principaes artigos do programma, que dizem respeito á parte litteraria e artistica da festa. Resolveu-se a publicação, em edição de luxo, da correspondencia completa de Miguel Angelo, bem como da sua biographia e dos documentos conhecidos ou incitados relativos á vida e obras do grande mestre. A commissão convidará também os artistas a enviarem desenhos de factos inherentes á vida do illustre italiano, os quaes desenhos serão photographados e depois reunidos em album. O mesmo se fará á todas as produções de Miguel Angelo, incluindo os seus importantissimos desenhos. As outras resoluções da commissão referem-se á cunhagem de uma medallha; á collocação de uma lapide commemorativa na casa em que o grande artista nasceu, em Capreso, e na que habitou, durante muitos annos, em Settignano; finalmente, á remoção da estatua representando *David*, para uma tribuna onde devem igualmente figurar os modelos das suas principaes obras de esculptura. A municipalidade de Florença será igualmente convidada a elevar um monumento em honra do universal artista.

— Está exposto na grande nave do palacio da Industria, em Paris, o plano em relevo do ataque e defesa de Paris. Levantado escrupulosamente na escala de um millimetro por metro, representa não só a parte que vai do centro da cidade e das fortificações para os portos, as aldeias e os bosques, mas também os cumes dos terrenos elevados, como Montmartre, S.^{ta} Geneveva, Belleville, Monte Valeriano, Sèvres, S.^{ta} Cloud, Avron e toda a encosta da bacia do Senna. Póde seguir-se, passo a passo, a linha do cerco que rodeiava Paris. Pequenas peças de artilheria de aço, marcam o logar e a disposição das baterias allemãs, e claramente indicam os sitios da cidade para aonde ellas fizeram fogo até 26 de janeiro. O espectador, andando em redor d'este panorama visto de cima, póde achar-se quer em Chatillon, o ponto mais proximo das fortificações (4 kilometros), quer em Gournay-sur-Marne, o ponto mais afastado (20 kilometros). A illusão optica é quasi completa, prestando-se o espirito á redução proporcional dos objectos e das distancias. O logar dos prados é marcado com um pó verde. Os bosques são de musgo. O Senna corta a cidade e circunda a peninsula de Gennevilliers, de que tanto se fallou e tão

mal se aproveitou. Os monumentos, em escala reduzida, com as suas torres e os seus zimbórios superiores aos telhados das casas, formam com estes um aspecto maravilhoso. Brillam o zimbório dourado dos Invalidos e a igreja russa. Os vastos telhados da nova Opera, os pateos e os pavilhões do Louvre e as linhas dos *boulevards* distinguem-se perfeitamente, e servem de ponto de partida para se conhecerem as sub-divisões dos bairros. Este interessantissimo plano foi levantado pelo sr. Liénard. Parte do producto da exposição é destinada para a caixa dos socorros dos refugiados alsacianos e lorenos.

— O *Salão* de Antuerpia abriu as suas portas no dia 10 de agosto, ás dez horas da manhã. A exposição é numerosissima. O catalogo encerra para cima de 1:256 objectos de arte. O sr. de Keyser, director da academia de Antuerpia, expõe um quadro historico e um retrato de mulher do tamanho natural. Notam-se importantes obras dos principaes artistas nacionaes e de muitos estrangeiros.

— Vae haver em Vienna, no museu imperial e real de Austria, Stubenring, uma exposição de quadros antigos pertencentes ás colleções particulares. Ver-se-hão representados os mestres hollandezes do seculo xvii, as escolas allemãs e flamengas e os mestres italianos dos seculos xv e xvi. A exposição foi promovida pelos amadores de Vienna. A entrada custará uma pequena quantia.

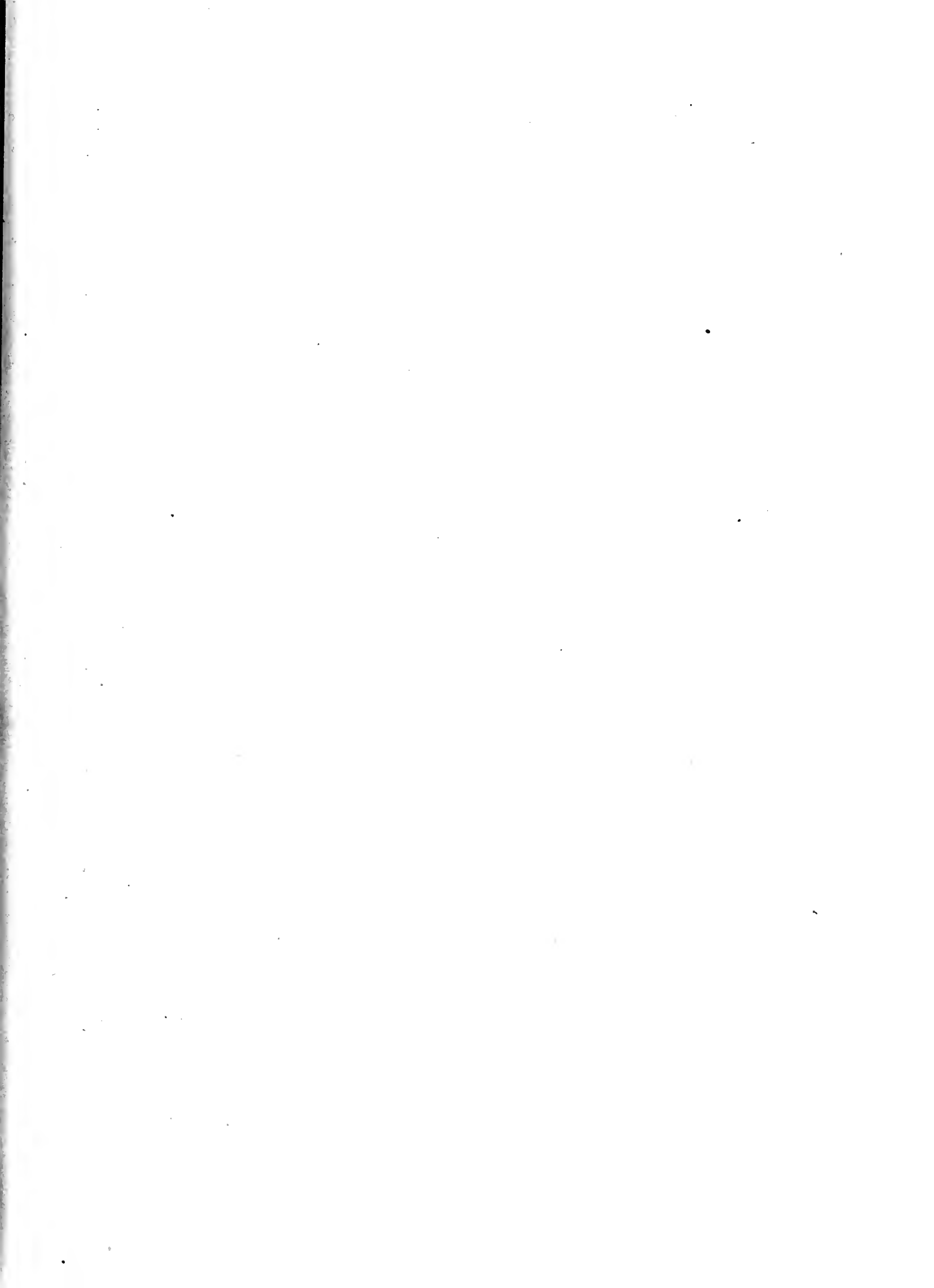
— A exposição de bellas artes por occasião da inauguração da camara municipal de Aberdeen (Inglaterra) que importou em 70:000 libras, foi officialmente aberta ha dias. É feita sob a protecção da rainha e encerra preciosidades em pintura, porcelanas, objectos de arte, de ouro e de prata. A rainha enviou, entre outros objectos, uma pintura do Carl Haag, estatuas equestres em cêra, em que ella é representada e bem assim o principe Alberto, estatuetas de prata, etc., etc.

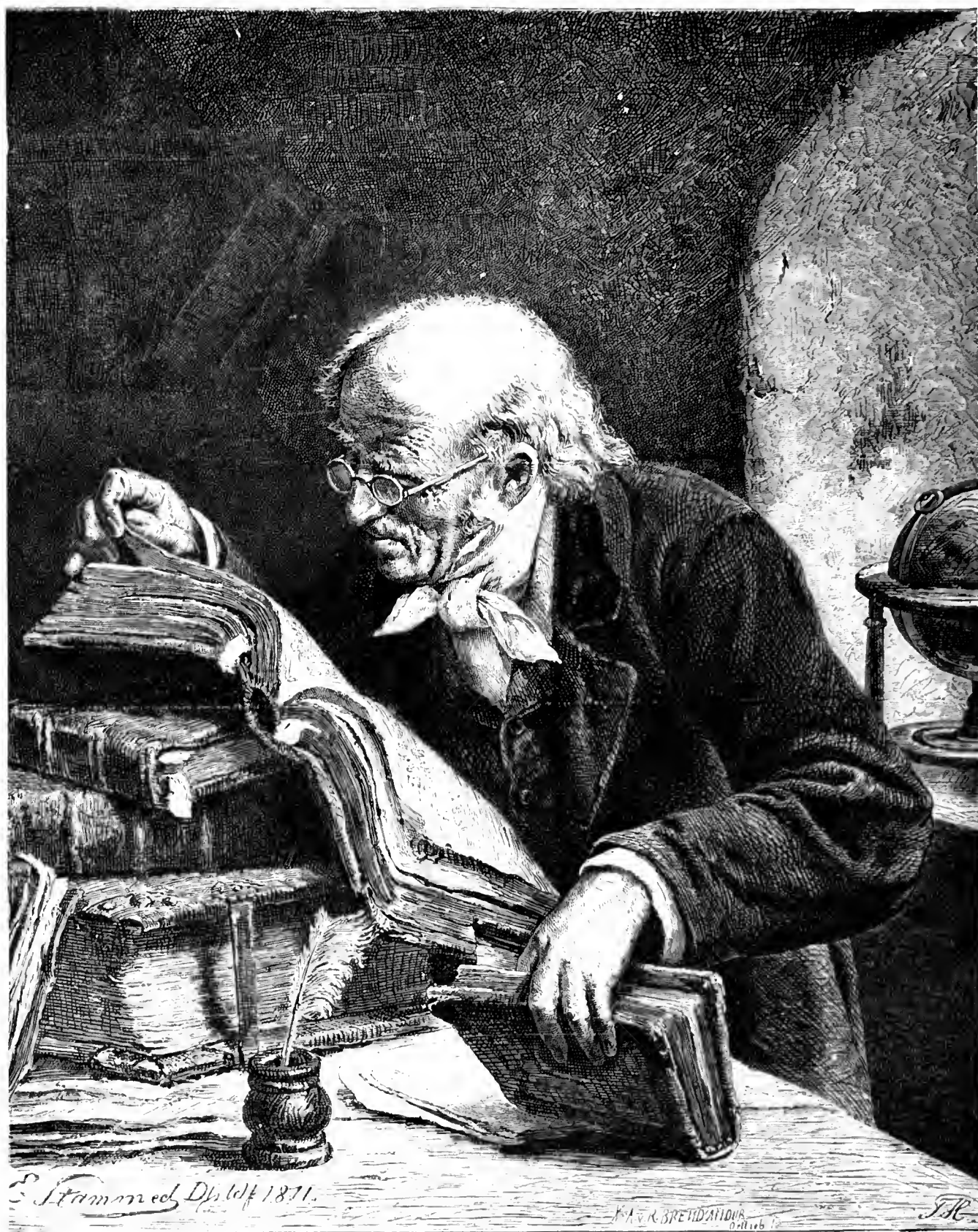
— O esculptor inglez Trentanova concluiu o busto de Adeline Patti, celebre cantora, que nós conhecemos apenas por sua fama. Convidou para o examinarem as primeiras celebridades do mundo musical. Depois de um apropriado discurso de sir Benedict, descobriu-se o busto. A Patti parece que se mostrou muito commovida por aquelle tributo de admiração prestado ao seu talento.

— Na bibliotheca do museu britannico existem escriptos e desenhos satyricos, que estão sendo catalogados. Já se publicou o primeiro volume. O segundo, que está no prélo, conterá uma grande colleção de satyras sobre assumptos pessoais e politicos, desde a coroação de Guilherme e de Maria, até fins do anno de 1733, data notavel na historia da satyra.

— Estão-se tirando os modelos das preciosas esculpturas do Palacio da municipalidade de Paris, que figuram na fachada do pavilhão Henrique IV, destinados para um dos museus de França. Acabados estes trabalhos serão postos em hasta publica os trabalhos de demolição d'esta parte do edificio incendiado.







Typ. de Christovao A. Rodri, nes.

NÃO PERCEBO!

QUADRO DE E. STAMMEL.

EDITORES ROLLAND & SEMIOND. LISBOA

ARTES E LETRAS



LISBOA—SETEMBRO DE 1873

ARCHEOLOGIA

O MUSEU CENACULO EM EVORA



MADOR de antiguidades, como de todas as sciencias e bellas letras, creára D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, em Beja, no tempo em que ali fôra bispo, um *Museu Sisenando Cenaculo Pacense*, em que se guardavam mais de cem lapidas, cippos, fragmentos de estatuas e outras antiguidades. Chamára-lhe *Museu Sisenando*, porque na

igreja de S. Sisenando mandára elle guardar aquella collecção, antes que a convertêssa em escola e aquelles objectos fossem mudados para o incompleto templo dos jesuitas.

Subindo á cadeira dos arcebispos de Evora em 1802, trouxera consigo D. Fr. Manuel do Cenaculo muitas das preciosas collecções que em Beja diligenciára rennir cuidadoso. Deixára, porém, a collecção epigraphica, por demasiado pesada e de difficil transporte, trazendo, comtudo, um ou outro objecto, por mais leve.

Decorreram annos, e aquelles preciosos restos da antiguidade romana, goda e arabe iam desaparecendo successivamente, e teriam sido amiquilados de todo se o sr. dr. Augusto Philippe Simões não viera para Evora, e não tomára a seu cuidado a bibliotheca publica d'esta cidade.

A frente d'este estabelecimento, o sr. dr. Simões começou zelosissimo a ajuntar na bibliotheca quantas inscripções iam apparecendo, chegando mesmo a obter do governo uma ordem de lhe serem remettidas para Evora treze lapidas apenas, que restavam em Beja do Museu Cenaculo. Encorporadas estas ás que a bibliotheca possuia por diligencia dos srs. Rivara e João Raphael de Lemos, foram todas classificadas pelo sr. Simões e mandadas collocar no templo romano, chamado de Diana.

Ali se guardou a collecção até ao dia 17 de junho de 1871, em que o templo começou a ser despido das paredes da idade media, que absorviam em si as bellas e elegantes columnas romanas. Forçoso era arrecadar aquella valiosa collecção n'outro local, pois que ali ficaria exposta ao rigor dos tempos, que damnificaria muitas inscripções.

Escolheu-se o palacio de El-Rei D. Manuel, no jardim d'esta cidade, para, no pavimento terreo d'aquella casa, serem dispostas e ordenadas, sob a tutela do municipio.

Reparada pois a casa, allumiada convenientemente por ordem da camara, cujo presidente era o sr. M. de P. da R. Vianna, ali se acham hoje ordenadas aquellas testemunhas millenarias, que na sua linguagem muda nos trazem á memoria milhares de gerações volvidas.

Lidas e impressas correm aquellas inscripções no *relatorio* que, ácerca da renovação do museu Cenaculo, o sr. dr. Simões dirigira á camara municipal, presidida pelo sr. visconde da Esperança, José.

Foi isto em 1869.

Tão fertil é porém este solo de antiguidades, matriz tão fecunda se nos apresenta, que já hoje outras lapidas se acham encorporadas na collecção.

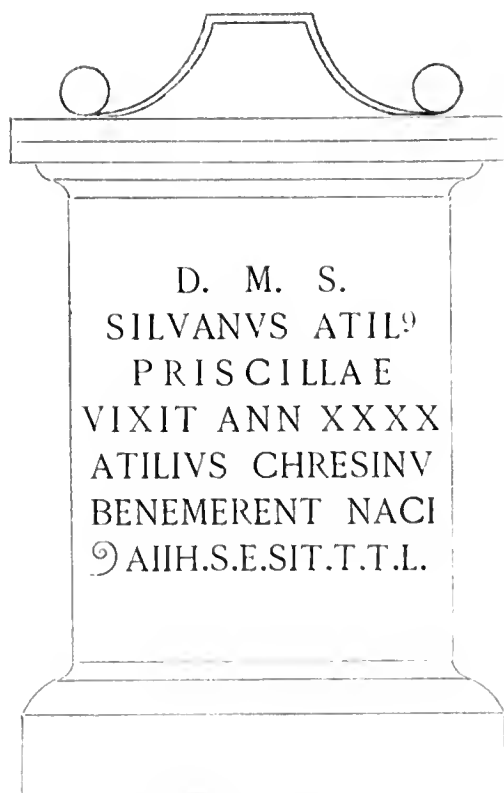
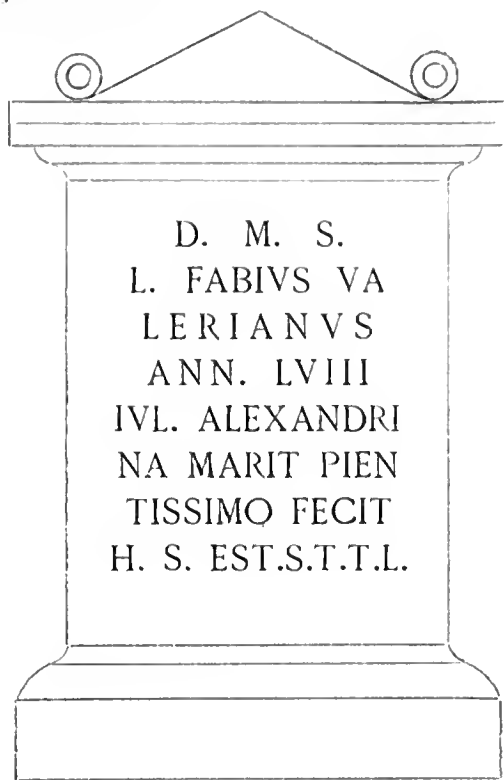
Pena é, porém, que os homens devotados á causa dos seculos volvidos, escasseiem tanto em Evora, n'esta vasta necropole onde o antiquario, ainda hoje como no tempo dos Resendes, dos Estaços, dos Farias, tanto tem que estudar, tanto que descobrir, tanto que explicar. Vive na India o sr. Rivara, em Coimbra o sr. doutor Simões, no tumulo jaz o filho querido d'esta cidade, João Raphael de Lemos. A cada passo topa o alvião n'uma lapida, n'um fuste, n'um capitel. Inscripções apparecem na rua menos publica, na casa mais desprezada, no entulho da habitação demolida.

Nos templos, ignoradas ou esquecidas, ha muitas memorias preciosas de homens, de instituições, de factos.

Semanas ha que na claustra da cathedral lemos, supponho que princiramente, uma valiosa inscripção, que vem lançar immensa luz sobre a fundação do mesmo templo, ponto controvertido, ou, quando menos, pouco elucidado. Não a podendo aqui pôr fielmente copiada, por suas muitas conjunctas e inclusas, ao menos por despertar vontade de cabahente o fazer quem possa, e porque tanto a ponto vem, ei-la aqui fica lida singelamente no latin em que está escripta. Mede o comprimento da campa do bispo D. Durando, em uma só linha, e diz assim em seu gothico-monachal:

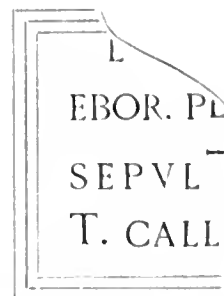
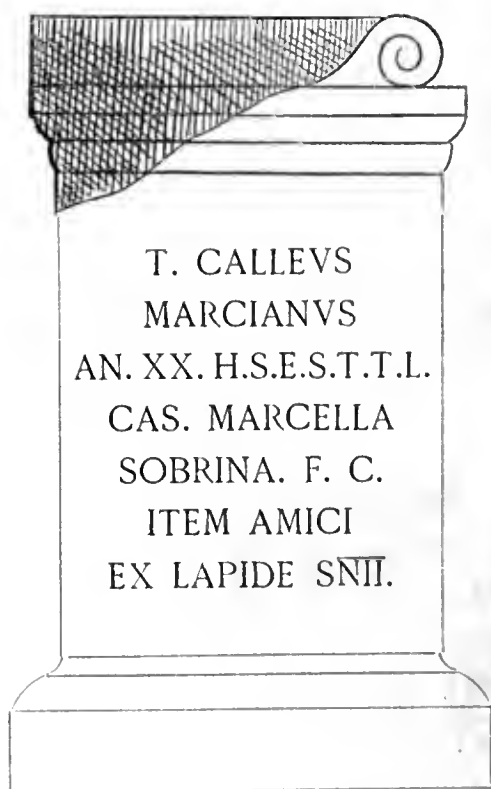
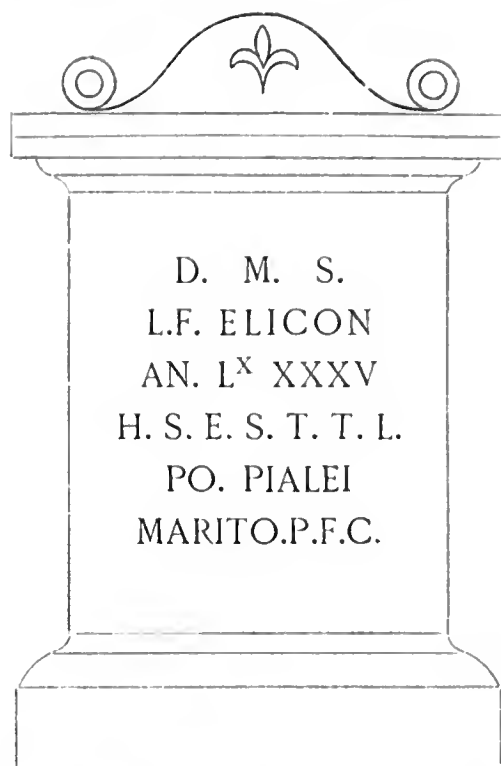
HIC: QUIESCIT: BONE: MEMORIE: DOMINUS: DURANDUS: EPISCOPUS: ELBORENSIS: QUI: DEDIT: INICIUM: (SIC) HUIC: OPRI: CUJUS: ANIMA: REQUIESCAT: IN: PACE: DEI:

Apparecendo proximo da misericordia a muralha romana¹, construida, sem duvida, já nos ultimos tempos do grande povo, foram encontradas n'ella as seguintes inscrições tumulares:



Veio de Arraiolos para Evora ha pouco tempo esta inscripção. As letras da ultima regra estão mui imperfeitas, parecendo-nos, contudo, não poderem ser outras.

¹ Não ha em Evora vestigios de muralhas que não sejam a *Romana*, a *Fernandina* e a *Affonsina*. Todavia pôde ser que a denominada romana seja da idade media, sem embargo de havermos lido algures que os romanos, já nos paroxismos do imperio, pouco escrupulo faziam em empregar em suas construcções objectos de sua passada grandeza.



Em uma parede da bibliotheca, que olha para sueste, via-se embutida na parede uma pedra com este dizer:

ANNIVERSAREOS POR FERNÃO COLO

Ordenando as conveniências d'aquelle estabelecimento o alargar de uma pequena janella, que immediatamente por cima lhe dava luz, e descarnada aquella pedra conheceu-se ser ella um tumulo do seculo XIII, por cima do qual, sobre a ogiva de um arco, appareceu este letreiro em gothico-monacal:

E : M : CC : LXXX

IX : VIII : KL :

NOVEMBRIS :

OBIIT : FER

NAMDVVS :

COELVVS

Arrancado o tumulo e aberto continha dentro a ossada de um individuo, meio envolta ainda na roupagem da mortalha e porventura em restos de empastados musculos!

Tomados com respeito os ossos que a mais leve pressão tornava pó, foi mandadô sepultar no cemiterio publico da cidade aquelle partidario do Sancho II ou do conde de Bolonha, guardando-se na collecção archeologica o tumulo curioso.

Esta importante collecção archeologica chama hoje a attenção em Evora do visitante archeologo, já pelo grandioso do numero, já pela raridade de algumas d'aquellas pedras, sendo para esta cidade mais um titulo brilhante de sua civilização, manifestada n'este culto á historia, á grande mestra da vida, á prophetisa do futuro.

Evora, 1873.

A. F. BARATA.

O Rabbi



EMOS de frente um rabbi, escusado seria dizel-o.

Rabbi é um dos titulos que os judeus davam aos doutores da lei mosaica. Tambem poderiamos dizer *Arabi* ou *Mar*; porém isso alçapremava muito o caso até as sabenças philologicas, e so o leitor é homem de figados syriacos ou arabicos, vá remettido para Gollio ou Castello, no *Diccionario Heptaglotto*.

Este é um rabbi, que teima em conservar no perfil e na alma o contorno dos seus avoengos.

Vegeta na tradição, como o lichen póde vegetar n'uma frincha.

O seu mundo está todo na *Mischna* e na *Gemara*, dois livros que são para elle dois polos.

Explica a lei na synagoga, e d'ali vac meditala para casa á frouxa claridade da lampada.

Sabe que ha progresso, quer dizer, alguma cousa mais que nas eras de Gananiel, porque o tem espreitado com horror do alto da sua morada sombria.

É velho, e é triste.

Cobrem-no duas noites.

Ainda mais: é só.

Duas noites n'um ermo.

D'aqui tem-lhe resultado um certo azedume, que o torna deseconsolador e caustico.

Foi moço, como todos; e apesar do desterro moral em que vive ha tantos seculos a sua raça, teve, pela intersecção dos souhos, o apparecimento vago da felicidade.

Transportou-se muitas vezes em espirito ao vaporoso tempo dos mysterios antigos, e á luz da sua imaginação, viu desfilar sobre as montanhas de Gelboé e de Sulem aquellas mulheres de cantaro á cabeça, pallidas e scismadoras, com os olhos afogados em extases voluptuosos.

Sorria-se, então, e murmurava alguns arrulhos do *Cantico dos canticos*, — especie de *Pervigilium*, — talvez um pouquinho mais adubado de sensualidade... mystica.

Com os annos foram-se-lhe mellando as verduras. A fantasia negou-se-lhe a pinturas ideaes, e quando buscava uma Ruth em leiras de qualquer correligionario, topava, quando muito, com duas samaritanas de grés, catando o pulgão ás cepas.

Disse adeus para sempre aos devaneios pueris, e mergulhou-se na sciencia.

As phocas eruditas ergueram-se dos seus recessos e vieram complimental-o.

Já não tinha illusões, nem enthusiasmos, nem ferverças intimas, nem o cantar d'esses rouxinoes meliodiosos, que se desentranham pela noite alta, — menestreis dos bosques, que se inspiram da aurora como das estrellas; — já morrera para a sensação e para o sentimento, — e por tanto, — como um rato acossado, — refugiára-se no queijo ôcco das especulações talmudicas.

N'um paiz christão e constitucional nomeal-o-hiam sabio, a tanto por mez, e incumbil-o-hiam de fazer levar os miolos publicos; visto achar-se em meio diverso, pouparam-no ao cesto das tamaras e elevaram-no a rabbi.

Agora é velho, — o que o faz respeitavel.

Como metten o coração entre parenthesis, acaricia devotamente o estomago.

Não se infere, porém, que tenha chegado á glotonaria.

Aecita o ramadão, porque a lei o prescreve; mas sabe igualmente explicar a *Thora* com a desanuviada hermeneutica de quem não tem achaques no gaster.

Sabe que o entendimento não é uma cousa tão immaterial como muitos cuidam, e por isso gradua a corrente de phosphoro que num bom jantar faz de presente ao cerebro.

Lê e come: pasta no livro e na mesa.

Deram com elle uma vez meditando n'este conselho de Paulo a Thimotheo, na primeira epistola:

— « Não bebas d'aqui por diante sómente agua, mas usa tambem d'um pouco de vinho, por causa de teu estomago e de tuas continuas enfermidades. » —

O rabbi meditava n'este ponto sem escrupulo. A primeira razão é que ainda julgava fariscar em Paulo uns desvanecidos funnos judaicos, e lembrava-se tambem dos seixos que elle arremeçou a Estevão, por conta dos do synhedrio; e depois, aquelle dizer era tão consoante aos ouvidos da alma!...

O Deus de Abrahão te proteja, rabbi miserando, para quem o tempo corre, já sem alegrias nem esperanças. Tu has de ter ao canto da arca a tua meia duzia de

dobrões com o pezo, d'esses que os teus progenitores gualdriparam n'alguma onzena de gerifaltes.

Respeita isso, como um legado piedoso.

Estuda,—o que, não sei, mas alguma obra que não entendas,—e prospera n'essa maninha insufficiencia. Dorme repleto, e accorda sem amargos de bôca.

Um dia ha de chegar a tua hora, e então dize o ultimo adeus,—não direi ao livro nem ao bife,—mas á flôr que vires no beirado visinho,—e pede ao invisivel, em que todos nós cremos, que te leve até onde ella manda o perfume!

E. A. VIDAL.

ESTATUA DE BOCAGE



oi de festa, na cidade de Setúbal, o dia 21 de dezembro do anno de 1871. A formosa rainha do Sado vestiu as suas galas, engrinaldrou-se e trabordou de jubilo, porque n'aquelle dia honrou a memoria de um dos seus mais illustres filhos, o poeta Manuel Maria Barboza du Bocage. Inaugurava-se o monumento erigido ao poeta por iniciativa do sr. visconde de Castilho, e seu irmão José Feliciano de Castilho. Lisboa enviava áquella festa a flôr da sua litteratura e muitos cidadãos distinctos por outros meritos.

Aquelle que, n'um arrebatamento de enthusiasmo, por ser louvado pelo maior engenho poetico do seu tempo, engenho peregrino esmaltado por um caracter probo e austero, bradava:

Zoilos, tremei! Posteridade és minha!

via lá da eterna mansão, onde habita, confirmada plenamente a sua ousada expansão de enthusiasmo.

No dia 21 de dezembro, pois, o marquez d'Avila e Bolama, vice-presidente da academia real das sciencias, o conselheiro Miguel Maria Lisboa, ministro do Brazil, em Portugal, o visconde de Castilho, um dos auctores da proposta para a crecção do monumento, e o dr. Antonio Rodrigues Manitto, presidente da camara municipal da cidade do Setúbal, descobriram a estatua de Manuel Maria Barboza du Bocage, correndo os cordões das bandeiras que velavam a mesma estatua, aos sons festivos das musicas que vieram a esta festa.

Na praça, onde estão os paços do concelho, e que desde então se ficou chamando *Praça de Bocage*, se levanta o monumento dedicado a Elmano.

O pensamento inicial d'esta homenagem a Bocage partiu do sr. José Feliciano de Castilho e seu irmão, o visconde.

No dia 15 de setembro de 1865, anniversario secular do nascimento de Bocage, celebrava-se nas salas do Club Fluminense, do Rio de Janeiro, uma festa litteraria em honra do poeta, por iniciativa do sr. José Feliciano de Castilho e de seu irmão, o visconde. Foi ali que o sr. Castilho expôz a nobre idéa de perpetuar, em duradouro monumento, a popularidade de que gosou e gosa o poeta, e a admiração que elle inspirou pelo seu maravilhoso engenho. Foi bem recebido este pensamento e desde logo se nomeou uma commissão para o realisar. Eram máus os tempos para agenciar a subscrição indispensavel ao

fin que se tinha em vista, porque a guerra do Paraguay paralytava tudo e absorvia todas as atencões. Sem embargo, á custa de bastantes esforços, conseguiu-se juntar uma somma, não avultada, mas sufficiente para um monumento modesto. Essa somma foi depositada pelo thesoureiro da commissão José Ricardo Moniz, na casa bancaria Fortinho & Moniz, do Rio de Janeiro, mas esta casa falliu, e portanto lá foram absorvidos os fundos destinados a honrar a memoria de Bocage.

Pelo relatorio do thesoureiro, vê-se que o producto da subscrição subiu a 8:427\$640 réis (moeda fraca), deduzindo porém as despezas, foi a somma depositada na casa Fortinho & Moniz 6:735\$220 réis.

Mas o sr. Castilho não tendo entrado na thesouraria da commissão com as duas ultimas verbas, que recebêra, salvou ainda a quantia de 1:583\$000 réis, a qual, reunida com a de 162\$000 réis, importancia de um rateio pago pela casa fallida, perpez o total de 1:745\$000 réis, o qual, reduzido a dinheiro forte, ficou em 614\$437 réis.

Veio, mais tarde, o sr. Castilho a Portugal, e aqui, de accôrdo com seu irmão, o visconde, tratou de levar por diante o pensamento iniciado em 15 de setembro de 1865, no Rio de Janeiro.

Foi confiado o modelo da estatua ao esculptor Pedro Carlos dos Reis.

Sobre uma escadaria de quatro degraus, dos quaes o primeiro tem 4 metros de largura, sendo a altura d'elles 1^m,10, ergue-se um pedestal quadrado, que da base até á cornija tem 2^m,40 de alto e 1^m,50 de largo; nos quatro angulos é chanfrado e nas quatro frentes tem as seguintes inscrições:

Do lado do sul:

A. M. M. BARBOZA DU BOCAGE

ADMIRADORES SEUS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

M DCCC LXXI

De Elmao eis sobre o marmore sagrado
A lyra em que chorava ou ria amores...
Ser delles, ser das musas, foi seu fado!
Honrae-lhe a lyra vates e amadores!

Do lado do norte:

Este, em quem se ufana a pedra erguida,
Ah! se encantou com sonoras côres...
Já Bocage não é! não sois, amores!...
Chorae-lhe a morte, e celebrae-lhe a vida!

Do lado do nascente:

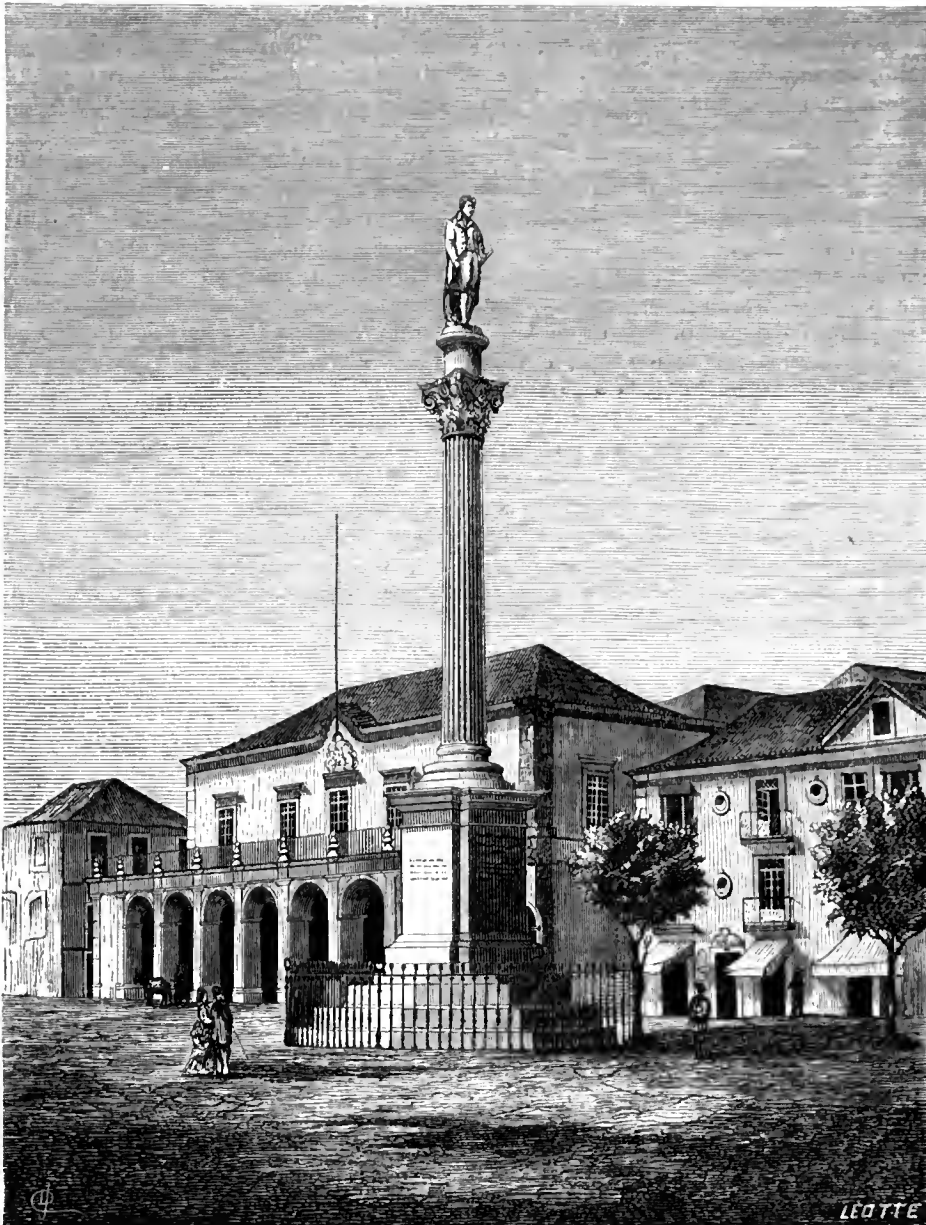
Doou-me Phebo aos scenos vindouros;
Deponho a flôr da vida, e guardo o fructo;
Pagando á vil materia um vão tributo
Retenho a posse de immortaes thesouros.

Do lado do poente:

Um nune só terrivel ao tyranno,
Não á triste mortal fragilidade,
Eis o deus que consola a humanidade,
Eis o deus da rasão, o deus de Elmano.

Estes quartetos são todos de Bocage.

Sobrepoem-se ao pedestal uma columna da ordem corinthia com canelluras, e medindo o envasamento a altura de 0,60^m o fuste 4^m de altura, e 0^m,66 de diametro, e o capitel 0^m,80. A estatua, que tem 2 metros de altura, eleva-se sobre um suppedaneo convexo. O poeta está de cabeça descoberta, vestido com o traje do seu



Estatua de Bocage

tempo, casaca, calção e capa; na mão direita tem uma penna, e na esquerda um livro.

A altura total do monumento é de 12 metros.

A primeira pedra do monumento foi solennemente collocada pela camara municipal da cidade de Setubal, no dia 22 de novembro do mesmo anno, em que se fez a inauguração.

Toda a despeza com o monumento, sua collocação, etc., importou em 2:750\$450 réis.

Ignorâmos quem concorreu com a maior parte d'esta somma, porque a primeira subscrição perdeu-se na fallencia da casa Fortinho & Moniz, do Rio de Janeiro, como referimos; portanto, além do que escapou em poder do sr. José Feliciano de Castilho, foi necessario completar a despeza, e, segundo ouvimos, o sr. Castilho e o barão de S. Clemente, vice-presidente da commissão nomeada no Rio de Janeiro, o fizeram á sua custa.

A subscrição foi aberta só no Brazil, tendo concorrido brasileiros e portuguezes, ali residentes.

Em Portugal ninguem contribuiu, nem foi convidado para contribuir para o monumento de Bocage, com que justamente agora se ufana a cidade de Setubal.

J. RIBEIRO GUIMARÃES.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

V

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucuruí.—Os meus tapuios.—A Jutahycica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios juruua.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Deseida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.

T Tucuruí estreitára repentinamente, mostrando-nos a quinhentas ou seiscentas braças adiante da prôa a sua primeira quêda entre duas muralhas de basalto. Ao lado esquerdo, pela parte inferior da cachoeira, surdia um igarapé, de aguas transparentes, cuja bôca ficava inteiramente occulta pelas densas ramarias da floresta. Afastando ou levantando os ramos, conseguimos metter por baixo d'elles a nossa embarcação e entrámos no ribeiro, que era navegavel apenas uns vinte ou trinta metros.

Amarrámos a canôa, escondêmol-a o melhor que pudémos para que algum indio bravo se não divertisse a mettê-la no fundo ou a empurrar-a para a corrente do Tucuruí e descarregámos para terra as bagagens e mer-

eadorias, que tínhamos de levar ás costas. O mameluco e seus companheiros contavam regressar por ali; Ferrugem desejava descer o Xingú pelas cataractas, porque tencionava comprar aos gentios um ubá (canôa de cedro de uma só peça), que lhe encommendára o compadre Aragão; eu seguia o caminho de Ferrugem.

Depois de repartida entre todos, conforme as forças de cada um, a carga que tínhamos de levar, procurámos a *picada* e pozemo-nos a caminhar.

Chama-se *picada* aos signaes que toda a pessoa tem necessidade de fazer quando entra na matta virgem, para poder achar o seu caminho no regresso. Logo que se penetra na floresta vão-se cortando com o sabre, companheiro inseparavel d'essas excursões, os cipós e os ramos, que impedem o transitio; aqui e ali dão-se golpes nas arvores, de modo que se lhes tire um pedaço de casca, para os tornar bem visiveis, e derrubam-se algumas plantas herbaceas das mais grossas; mas tudo isto é feito sem parar, para não perder tempo, e nem sempre se repara se fica sufficientemente indicado o caminho que se vae levando. Quando muita gente segue o mesmo trilho é facil dar com elle sem esforço, e até conservá-lo por algum tempo desobstruido; mas se foi só um viajante que o trouxe, não é raro que o perca, algumas horas, e até alguns minutos, depois de o ter deixado e se veja na impossibilidade de voltar ao seu ponto de partida!

A *picada*, que nós procurámos e descobrimos depois de muito trabalho, fôra, por mais de seculo e meio, entretida pelos indios jurunas, que desciam pelo Tucuruí para o Xingú, attrahidos pelos missionarios. Interrompidas as missões, por guerras, falta de padres, de iniciativa official ou por outras causas, os indios deixaram de vir e a floresta retomou os seus direitos sobre o terreno usurpado por elles outr'ora. Quando, cinco annos depois, o intrepido portuguez, que eu acompanhava agora, foi procurar o antigo caminho, encontrou apenas ligeiros vestigios d'elle e teve de fazer outro novo para se guiar á volta. Mas tinham decorrido perto de seis mezes desde que elle passára ali, e seis mezes, para a vegetação assombrosa d'aquellas regiões, correspondem a dez annos, para as nossas arvores da Europa! Os ramos e os cipós, cortados pelo explorador audacioso, tinham, com essa poda não intencional, redobrado as potencias vitaes e as forças vegetativas; cobriram-se de rebentos mais vigorosos do que aquelles de que os tinham privado, vestiram-se de mais espessa e opulenta folhagem, abraçaram-se, miram-se com maior ardor uns aos outros, e occultaram inteiramente aos olhos do homem o trilho impio, por onde elle costumava ir profanar os mysterios augustos da solidão e da selva. O signal que com maior segurança nos indicava a *picada* era ter-se tornado mais emaranhada a vegetação no sitio por onde ella seguia!

A floresta mostrou-se-nos imponente e magestosa, logo que nos afastámos das margens do rio. O sol enviava-nos, atravez da abobada de verdura que nos cobria, uma luz esverdeada, que enchia de reflexos metalicos as superficies das folhas. De quando em quando atravessavamos pequenas clareiras e viamos então uma nesga de ceo, de azul esbranquiçado, que me fazia sentir certa impressão de saudade pelas margens dos grandes rios. Depois tornavamos a entrar na espessura sombria, allumiada apenas em partes por uma claridade similhante á do crepusculo da noite. Muitas vezes mettíamos os pés em pantanos, que não podíamos descobrir antecipadamente; os espinhos, os cipós e os troncos prendiam-nos a cada instante, rasgavam-nos a roupa e o corpo, e dificultavam-nos o andar. Os riachos eram sem conto, e nem todos se podiam atravessar facilmente. Passavamos, uns, sobre velhas arvores

caidas, que nos serviam de pontes; outros, escorregando pelas suas margens lamacentas, cobertas de caladiums agigantados, de maranthas e fetos arborescentes; saltavamos os mais estreitos, quando a natureza do terreno o permitia.

Muitas das plantas, que iam assignalando com os sabres, exhalavam cheiros fortes, aromaticos e inebriantes; quando as feriamos, umas deitavam pelos golpes agua purissima; outras, leite; e algumas, sangue! Milhares d'ellas eram, no dizer dos nossos indios, remedios maravilhosos contra todas as doenças. E grande parte encerravam venenos tão mortiferos como os das cobras coraes, jeraracas, cotitiriboias e caseaveis, que de instante a instante se arrastavam, languidas e indifferentes, por entre a nossa pequena caravana.

O ar, viciado por enorme quantidade de materias organicas em decomposição, era pesadissimo; agitavam-se n'elle nuvens de mosquitos, de diversas especies, que nos mordiam as mãos e o rosto, enquanto innumeras colonias de formigas furiosas nos assaltavam as pernas; a mosca mutica, o maroim e o mucum (dois bichinhos microscopicos ornados de ferrões excellentes!) prestavam ás formigas e mosquitos auxilio efficaz e permanente.

Vendo que a roupa me ficava aos pedaços pelos ramos e espinhaes, comprehendí a inutilidade de se andar vestido nas florestas e a sabedoria com que os selvagens costumam untar-se com oleos de palmeira, a fim de escaparem ás ferroadas dos seus compatriotas insectos.

Borboletas enormes e bezoiros monstruosos, resplandecentes, vestidos de luz e de brilhantes, esvoaçavam em torno de nós, mostrando-se inquietos e pouco satisfeitos com a nossa presença. A cada momento encontravamos macacos agigantados, vermelhos, horrendos — parodias de homens feios! — que desciam dos ramos e nos seguiam, imitando os nossos movimentos, e armando-se de paus a que se abordoavam com maneiras nada conciliadoras.

A caça miuda apparecia-nos com frequencia; porém Ferrugem determinára que a não matassemos inutilmente. Era medida de prudencia abstermo-nos de dar tiros sem necessidade, porque podiam ser ouvidos por indios mundurucis, habitantes do Tapajós, que corro paralelo ao Xingú, os quaes estendem até ali as suas correrias e n'aquella época consideravam-n'os de pouco ameno trato. Ferrugem affirmava, que elles amavam o proximo a ponto de o comerem assado!

Algumas das arvores que encontravamos tinham fructos comestiveis; as palmeiras inclinavam para nós os seus cachos verdes, amarellos, vermelhos, alguns (como o miriti) cobertos com escamas de ouro; outros (como os do marajá) similhantes a azeitonas de Elvas. Sobre muitas d'essas arvores, bandos de papagaios, aráras, periquitos, tucanos e maracanás faziam um barulho infernal, gritando todos a um tempo. Dir-se-lhia um parlamento de passaros, discutindo a consolidação da sua divida fluctuante. Outros muitos ruidos diversos correspondiam ao palrar das aves: assobios, ais, zumbidos, berros, guinchos, rugidos, mil rumores mysteriosos, inexplicaveis, intraduziveis!... Seria por ventura a alma poderosa e immensa da natureza animando aquellas solidões profundas?!...

Proximo da noite acampámos no meio de um gracioso grupo de palmeiras bacaba (*Enocarpus Distychius*). Accendemos lume, fez-se a ceia, que constava de paca e anta, com mólho de sal e pimenta; farinha molhada na agua de um pequeno ribeiro, que passava ao pé; uma pequena dose de aguardente, e diversos fructos silvestres. Amarrámos as redes nas palmeiras, deixando o lume no centro; e depois de juntarmos boa provisão de lenha, para o conservar toda a noite, accendemos

os cigarros de tauari ou os cachimbos e deitámo-nos com a serenidade de patriarchas primitivos.

D'ahi a poucos momentos os meus quatro companheiros, familiarizados com aquella existencia extraordinaria, dormiam a somno solto! Eu não fui tão feliz como elles. Tinham decorrido apenas mezes que deixára as cidades para me lançar, por puro gosto, é certo, na vida aventureira das florestas; os grandes rios e as solidões immensas attrahiam-me, fascinavam a minha imaginação juvenil e traziam-me como que suspenso e subjugado pelas suas maravilhas e a sua grandeza epica! Porém, nos momentos de repouso, quando o somno se não apressava em vir cerrar-mo as palpebras e tudo em torno de mim era silencio, então, a sós com os meus pensamentos e recordações, olhava attentamente para a minha situação e lastimava-me pela haver creado voluntariamente. Lembrava-me de meu irmão, do minha mãe, do meu paiz e dos meus primeiros commettimentos. . . Passava-me por diante dos olhos uma nuvem e deixava-m'os orvalhados de lagrimas. A desventura tinha-me feito homem aos dez annos; e fôra talvez para me não entregar ás preoccupações do futuro, logo ao sair da infancia, que eu me arremessára ao fundo dos ser-tões! . . .

Não sei quanto tempo estive a sonhar acordado. Por entre as duas corôas das bacabeiras, a que estava atada a minha rede, via uma nesga de ceo, resplandecente de estrellas; em torno das palmeiras giravam grandes morecos, esperando, provavelmente, que eu adormecesse para irem sugar-me o sangue ou o dos meus companheiros; enormes vagalumes pairavam por entre a fôlha e se desancavam de vez em quando nos punhos das redes; ouvia-se muito ao longe, de envolta com o canto monotonô das guaribas (*Simia Mycetes*), um estrondo abafado, que parecia ir crescendo á medida que a noite avançava; era o ruído da grande cataracta do Xingú, que eu ouvia pela primeira vez sem poder explical-o. Os mosquitos, saciados ou desejosos de repouso, iam-me deixando pouco a pouco. Após algumas horas de meditações melancolicas e saudosas, o somno começou enfim a dominar-me lentamente; os meus olhos foram-se fechando; mas afigurava-se-me estar acordado e ver distinctamente grande multidão de serpentes, macacos, morecos, antas e onças, dançando todos em roda do lume uma dança vertiginosa! O nosso cão, Pagé, seguia-os com olhar inquieto e suspeitoso e rosnava cada vez que elles se lhe aproximavam. De repente pareceu-me que as onças iam devoral-o, e, tentando acudir-lhe, agitei-me na rede e acordei sobresaltado.

O cão estava effectivamente rosnando e recuava em direcção á minha rede, com a cabeça voltada para um macisso de folhas de ubim (*Geonoma Spiriana*, Mart.), que nos occultava a margem do riacho. Ergui-me para espartar o lume; quando me abaixava, fui detido por um braço robusto e ouvi estas palavras, proferidas cautelosamente dentro do meu ouvido:

— É uma onça!

— Ah!

— Silencio! Pegue na espingarda; eu já cá tenho a minha. Acorde o bruto do Agapito; mas pouha-lhe a mão na bôca, senão elle atira algum urro.

Era Ferrugem quem me estava fallando. Acordei o mameluco, não sem que elle justificasse os receios do meu compatriota, porque já depois de despertado e instruido acerca da visita que vinha honrar-nos, pretendeu bocejear como um verdadeiro alarve, sendo necessario que Ferrugem lhe dêsse um murro, que o fez embatuear.

— Segurem o cão e apertem-lhe o focinho para se calar, — ordenou o chefe da expedição.

Agapito obedeceu; mas tão brutalmente o fez, que o

animal gemeu dolorosamente e os dois tapuios, que dormiam ainda, sentaram-se nas redes, gritando um d'elles:

— Cobra está comendo cão! Acorde a elle!

— Cala-te, estúpido! — rugiu Ferrugem em voz baixa. — É uma onça.

— Onça?!

— Uma onça?! Pai do ceo nos acuda! Atiça lume! Solta cachorro!

E sem esperar resposta ou ordens em contrario, o índio que dava estes gritos saltou fóra da rede, aticou o lume e pôz-se a chamar o cão, que Agapito segurava entre os joelhos, ao mesmo tempo que procurava, apalmando no chão, o seu terçado, arco e flechas.

O lume levantou uma chamma esplendida, allumiando todos os recantos escuros á roda das nossas redes. O cão ganiu com terror, soltando-se das mãos do mameluco, e todos nós recuámos involuntariamente. A distancia de cinco ou seis passos estava sentada, contemplando-nos com magestosa sobranceira, uma bella onça, rajada e pintada como os tigres. A luz, dando-lhe de chapa nos olhos, obrigou-a a baixar a cabeça; ouvindo porém o cão, levantou-se e sorriu-se, a seu modo, dando um passo para o centro do nosso acampamento e soltando um rugido, que aspirava a ser meigo e amavel, e que o terror crescente de Pagé me fez traduzir assim:

— Talvez me contente com o cão. . . Ponham-n'o para cá, se não querem que lhes custe mais cara a brincadeira!

Ao mesmo tempo ouvimos estalar um ramo secco dentro do leito do riacho e percebemos que se aproximava novo hospede.

— É outra! — disse Ferrugem rapidamente. — Costumam vir beber a este lugar do igarapé. Ninguém se mecha!

Foi-me impossivel obedecer á ordem do nosso chefe. As meditações a que me tinha entregue antes de adormecer, o meu somno agitado, o modo por que despertei, a lembrança de que podia ter sido devorado enquanto dormia, o lugar, a hora, o ruído da cataracta ao longe, a presença do animal e a bulha do outro, que se aproximava, tudo isto me excitou a tal ponto, que, apontando á cabeça da fera, disparei a espingarda no momento em que Ferrugem ordenava o contrario.

Um berro medonho, curto e rapido, seguiu a detonação da minha arma; e antes que eu tivesse tempo de ver o effeito do tiro, fui derrubado por violento impulso e caí ao pé do lume com o terrivel quadrupede sobre o peito. Ao vê-lo avançar impetuosamente a enorme cabeça e as fauces abertas, na direcção do meu rosto, fechei os olhos e pedi a Deus que a minha morte fosse instantanea. Não pôde ser peor, nem mais dolorosa, a sensação que se deve experimentar quando termina a vida, do que foi aquella por que eu passei n'esse momento. Dois ou tres segundos pareceram-me a eternidade! O animal, furioso, pôz-me um pé no estomago e suffocava-me já com o seu halito ardente e impuro, quando Ferrugem, veloz como o relampago, atravessando entre mim e elle o cano da espingarda lhe enterrou o sabre no coração, fazendo-o cair morto a meu lado.

Ergueram-me do chão meio desfallecido; deitaram-me na rede e Ferrugem despejou-me na bôca uma porção de cachaca, que era o seu remedio para tudo.

— Ha caçadores que bebem agua n'estas situações — me disse elle; — é um erro grave, que pôde ter consequências funestas. Vejamos se ella lhe chegou. . . hum. . . arranhaduras ligeiras. Foi felicissimo! Ah! tem o resultado de não se seguirem os conselhos das pessoas experimentadas! . . . Quando eu disse que ninguem se me-

chesse, ia atirar-lhe de modo que a deixaria ficar onde estava. A sua espingardinha não é propria para matar estes bichos; e, ainda assim, deu-lhe bem na cabeça! Mas ella tinha tempo, antes de morrer, para nos matar e comer a todos.

Sentei-me na rede, ainda atordoado; estava deseioso de ir vêr a onça, que os tapuios se dispunham a esfolar para levarem a pelle.

— É um macho — disse Agapito.

— Felizmente! — volveu Ferrugem. — Se fosse a fema, estava elle já a contas commosco! Apesar d'isso, não se fiem muito; vigiem bem, e escutem com attenção todos os ruidos. Quem anda nas florestas deve ter bom ouvido; e, n'essa parte, vejo que sou mais tapuio que vocês! Se acordei, foi porque ouvi esse patife vir caminhando mansamente, julgando que nos surprehendia! Por estes sitios é preciso ter sempre os ouvidos abertos, mesmo quando se fecham os olhos.

— Como ella está gorda! Dêem um bocado de carne ao Pagé, para as farejar melhor d'aqui por diante.

Pagé não precisava que lh'a offerecessem; já a estava roendo, do lado que os indios iam esfolando.

— Sendeiro! — gritou-lhe Ferrugem. — Quando ella mechia, escondias-te debaixo das minhas pernas! Não te faças mais esperto e verás o que te succede!

— Olhe que foi elle quem nos deu primeiro signal do inimigo. . .

— É verdade; por isso lhe desculpo a covardia. Talvez seja a primeira vez que vê um bicho d'estes. . . Attenção! Ouvi mecher da banda do igarapé! . . .

— Tambem eu.

— Eu não ouvi nada.

— É a fema! O Francisco, não será mau carregar novamente a arma; sempre é melhor que nada. Mas tenha-me sangue frio! . . . E ninguem faça senão o que eu mandar. Quando todos governam, cada um puxa para onde quer, e vae a cousa torta!

Carreguei immediatamente a espingarda. De vez em quando ouviam-se passos pesados a pequena distancia; estalavam os ramos; o cão rosnava e mostrava desejos de avançar; porém tinha a prudencia de não passar do pé do lume! Assim decorreu o resto da noite, velando todos. Apenas amanheceu, almoçámos, emalámos as redes, pegámos nas bagagens e partimos. Não nos tinhamos afastado ainda uma duzia de passos, quando sentimos ruido atraz de nós; voltámos immediatamente e vimos outra onça, um pouco mais clara, arremessar-se sobre o cadaver do companheiro e começar a devoral-o com delicias! Era a mulher que almoçava o marido!

— Oh! fêmeas! — exclamou Ferrugem, indignado — Oh! Evas! Oh! feras! Aqui está como vós sois todas e a razão por que eu vos deixo sem magoa!

(Continua.)

F. GOMES DE AMORIM.

PAEI!

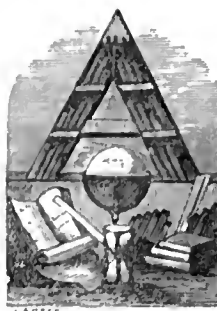
Elle era mau, cruel e sanguinario.
Forjando no olhar raios vermelhos,
Assassinou na estrada um operario,
Que lhe pedia a vida de joelhos.

Mas se querieis vêr como se doira
O mais feroz olhar com doce brilho.
Era mostrar-lhe uma creança loira:
O leão das florestas tinha um filho.

ALBERTO PIMENTEL.

ESPERANÇA

• Amor, fogo e tosse a seu dono descobre. •



ASSIM pôz o apophtegma secular de sobre-aviso os namorados para que houvessem de ser cautelosos nas manifestações de seus affectos, mas é em vão que a sciencia propaga as lições da experiencia, pois nunca o coração humano se emenda ou se precata; por mais que préguem philosophos, as paixões vão lavrando invencivelmente o seu curso natural, cegas á luz da evidencia, e surdas aos gritos da razão.

Aqui nos quiz a gravura reproduzir em delicadissimos traços, e com todos os preceitos da plastica, um dos muitos exemplos d'esta mesma verdade da natureza humana, que ha de frisar melhormente aos sentidos do leitor pela eloquencia da estampa do que pela fidelidade com que vou narrar o episodio que lhe deu assumpto.

É a leitura de uma pagina obscura do coração, um romance intimo o que se passa á sombra indiscreta d'essa fronteira carvalha.

Uma esperança de amor ali está fulgindo como estrella propicia em céu de puro azul, que uma nuvem sombria vem agora manchando. Trocavam-se ternas confidencias, davam-se mutuos pareceres, ouviam-se de consulta as duas raparigas, a mais ingenua e inexperiente mostrando as queridas letras do seu namorado á mais sabida e ladina, e pedindo-lhe conselho ácerca da resposta a dar; a outra dizendo-lhe como escreve n'esses intrincados casos, e como é conveniente pôr no papel exactamente o contrario d'aquillo que se sente.

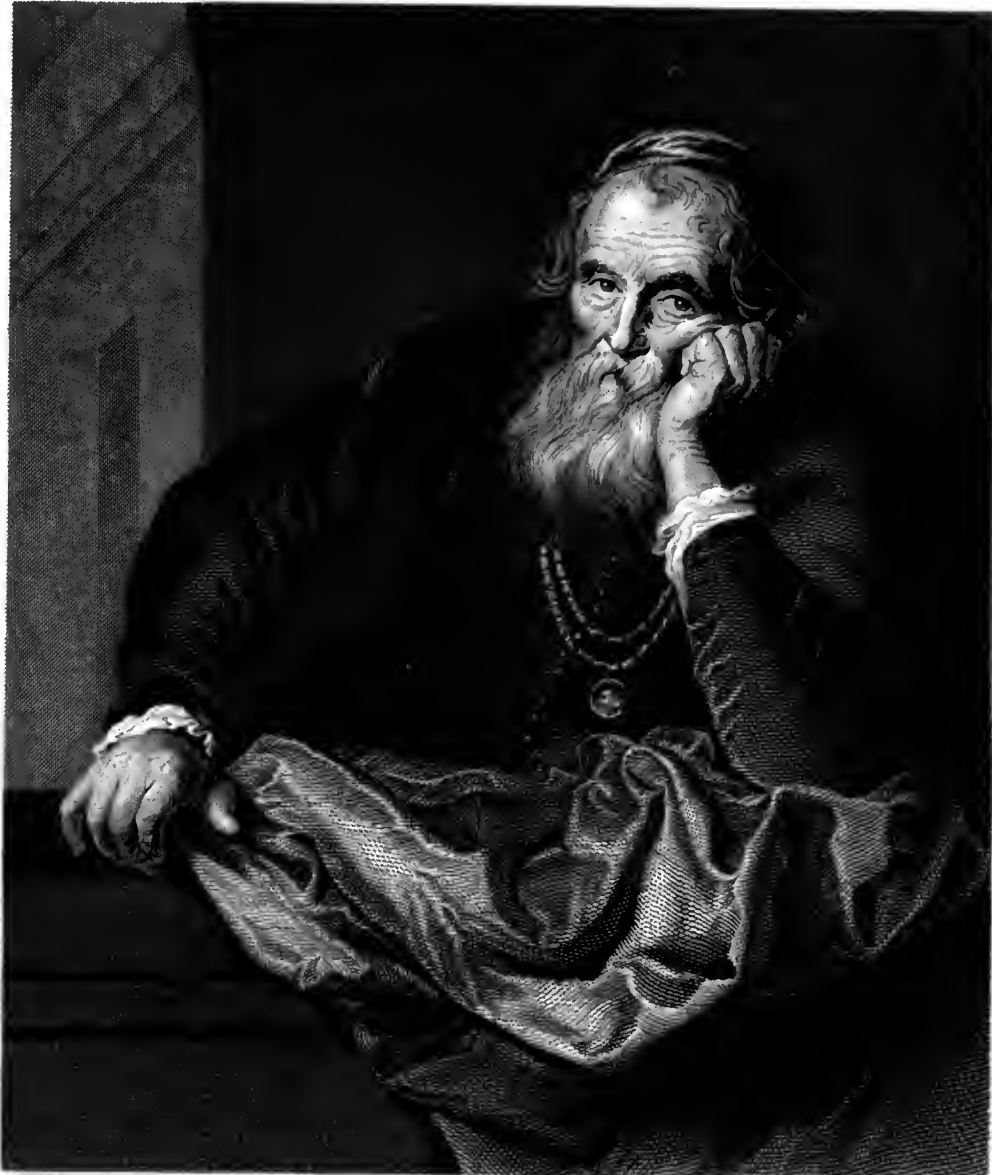
Eis senão quando surge a nuvem negra. Ella lá vem desdobrando-se no horizonte, apparecendo por detrás do arvoredor; arregaça ao de leve as rainagens para abrir caminho em que a sua passagem não encontre atritos denunciadores; vibra a desconfiança no olhar perscrutador; pinta-se-lhe no rosto a inquietação e a curiosidade malevola, que levou Epimethen a derramar no mundo os males da fatal boceta de Pandora, e converteu a mulher de Loth em estatua de sal; é nuvem que traz raio; é a espia, a avó rabugenta e deslemburada do passado, a importuna creatura que lá apoia agora a mão direita, secca e descarnada na parte superior do penedo. Escuta excitada e tremula de raiva o innocente dialogo das duas raparigas. E que innocente elle é:

— Achas bonito o meu rascunho? diz a graciosa Luiza a Joanna, a ladina, querendo disfarçar com o dedo maximo da mão direita a ruga maliciosa que lhe está franzindo, a seu pezar, o labio inferior, folha de rosa de Alexandria que a brisa do amor enerespa.

— Tem doçuras que nem um favo de mel; eu por mim punha-lhe uns bocadinhos de malagueta, que elles se a gente se lhes mostra muito doce, costumam enjoar-se mais depressa, e olha que as melhores maçãs são as que têm um agrosinho.

— Ora, coitado, isso dizes tu por os dois que te atraioçaram, mas este cá é outra cousa; declara-me tudo o que sente, e eu pago-lhe na mesma moeda, abrindo-lhe o coração. É muito bem sabes que eu não fiz mais do que copiar este rascunho, e pôr-lhe de minha cabeça umas certas cousinhas que a gente não pôde calar quando gosta de veras de um rapaz.

— Bem me dizia a mim este dedo (trovejou a velha avó em monologo intimo, ao escutar estes arrulhos),

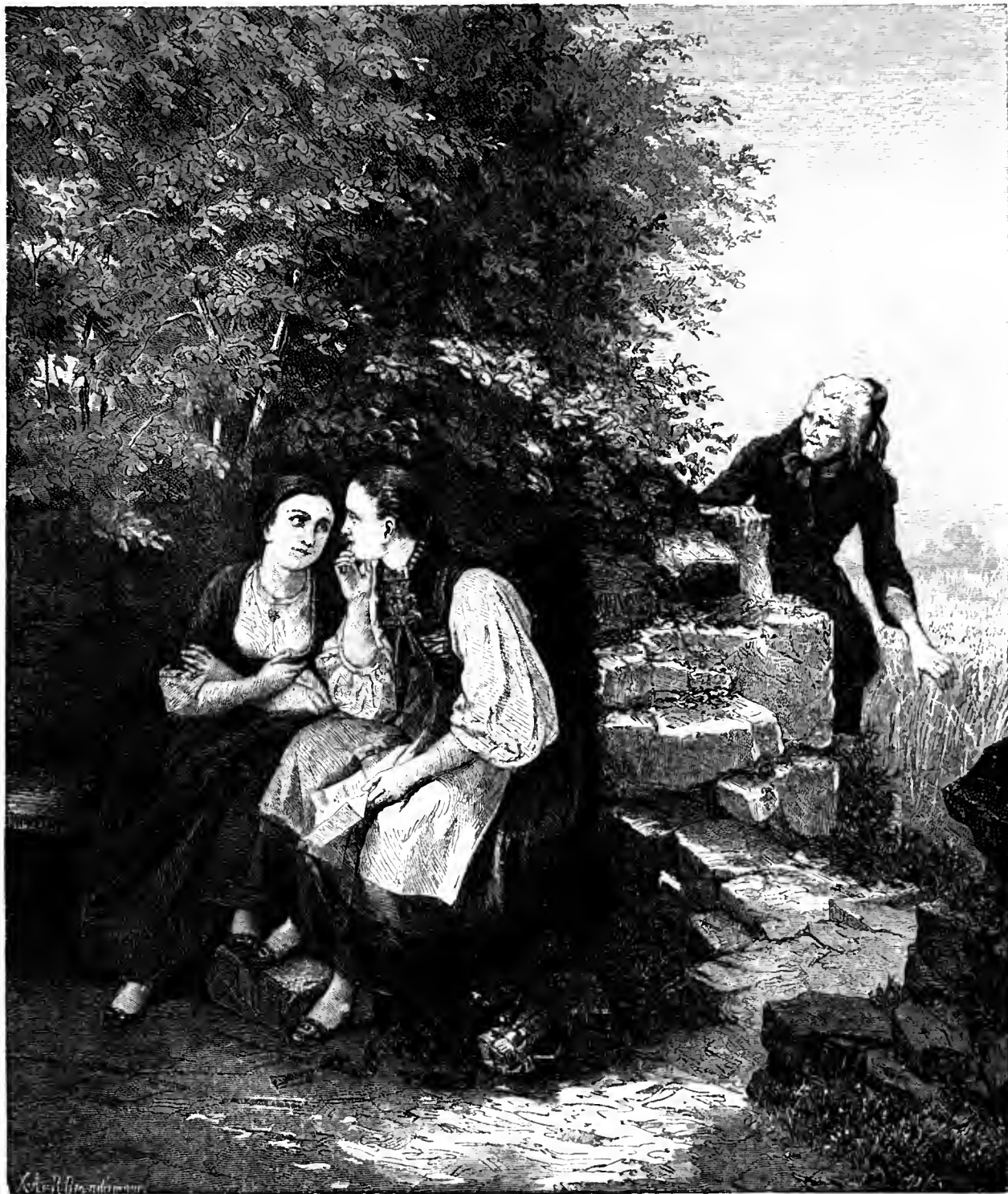


G. FERICK pinx.

W. FRANK sculp.

O RABBI.

que aquelles teus sonhos agitados, o teu madrugagar de rouxinol, as tuas idas sósinhas ao pôr do sol para o cerrado, e aquellas lagrimas sem causa, e aquelle arquejar | casses tapar com o testro da panella a cratera do Etna ou do Vesuvio. Tu bem sabes que não tiveste força para o reprimir em ti ha hoje uns bons sessenta, e mais quem



Surpreza

sem lida, e os suspiros a escaldar, e o phrenetico mudar de animo da alegria para a tristeza, do desalento para a vivacidade, era o demonio do amor que te andava desinquietando. Mas cal'-te, que não levas a tua ávante! Enquanto Deus me der vida nenhum cão goso te ha de lamber!

Protestos vão da impotencia; ferros de tresloucada: é como se quizesse impedir com a mão a saída do vapor que comprime as paredes da caldeira; como se bus-

te requestava não era aquella delicada pintura de rapaz que a ella lhe traz o peito em alvoroço.

Nem comparação tinha. O teu João era laborioso rendeiro, não ha duvida; alargou as suas lavouras, comprou grandes propriedades, e creou todo esse vação que por ali se estende em predios urbanos e rusticos por duas leguas a redor, auxiliado, já se sabe, por aquelle certo achado mysterioso de dinheiro, que dizem que era dos mouros, ou dos judeus, valha a verdade, que elle achou debaixo

d'aquella pedra na caverna subterranea ao pé da Rocha Triste, onde dizem que apparecem medos; mas era bronco, era boçal, vestia de saragoça; tinha até mal feito o corpo; e se não fosse o saber lêr, escrever e contar bem nem te merecia a ti, que lá em leitura e escripta aqui por estes sitios ninguém te deita a barra adiante. . . ninguém, a não ser a Luizinha, neta digna de tal avó.

Mas o moço que a ella lhe anda requerendo amores é louça mais fina. Não será elle capaz de dirigir uma lavoura, de levantar do nada uma fortuna como essa de que a filha da tua filha é herdeira necessaria, e que faz arregalar os olhos a mais de meia duzia de Adonis; lá isso talvez não seja; não será apto para complicadas luctuações, nem ainda sequer para accrescentar um real ao que tem já de sua casa, e ao que lhe possa vir por parte da mulher que escolher. Mas que importa? Outros tempos, outros pensares.

É elegante, de boas palavras, já tem adiantados estudos, e se casar com a Luiza vêmo-lo para ali um dia, quem sabe?—um grande figurão na cousa publica, que para isso o caso está em cada qual se metter a taralhão na politica, e avesar algum vintem, que eu não sei se as inclinações do rapaz deitam para esse lado. O que é certo é que elle não é má pessoa, que se fina de amores pela pequena, e não deixa tambem de lhe fazer conta o que ella ha de vir a herdar; e se rompeu no excesso do lhe escrever foi porque está disposto a pedil-a mais dia menos dia, que isto cá na aldeia não é como nas cidades, não se anda a empatar durante eternidades uma fraca rapariga pondo-lhe a cabeça á roda com cartinhas piegas tiradas dos romances; aqui, quando se chega a escrever, está o caso já muito adiantado, e se tambem se mente não é tanto nem com tão cruel cynismo.

A velha caminhou pé ante pé por detrás de Luiza, e saltando de um pulo, como hyena raivosa, arrancou-lhe das mãos a carta e o rascunho de resposta, que ella tinha no regaço. As duas ficaram passadas. Não é facil desenhar o seu enorme sobresalto, contar a sua afflicção. Caiu um raio entre uma e outra, e assombrára-as; uma bombarda perdida, por errada pontaria, de campo de batalha longinquo fôra arrebentar alli; explosira subitamente uma mina aberta n'aquelle chão; caíra estrondosamente, a impulsos de um terremoto, o dourado templo do amor,volvendo-se os hymnos em gemidos, e transformando-se em furias os cupidinhos! Estremeceram, coraram, e depois empallideceram. Pregaram os olhos no chão, e duas lagrimas frias humedeceram os lindos olhos castanhos de Luizinha.

—Sua grandissima sônsa, rugiu a avó, parecendo-lhe vêr algum peralta da vizinhança levar-lhe a neta e o cofre; cuidava que eu não havia de saber tudo, que não tinha quem a vigiasse, que a sua avó era alguma tola, que não percebesse as cousas. Pois deixe estar que vae ficar fechada em casa para sempre e não ha de vêr sol nem lua, senão pela janella do jardim!

As duas conservaram-se caladas, e apenas Joanna por um ligeiro movimento tirou das mãos tremulas da velha a carta do namorado de Luiza. A boa da septuagenaria, pondo os olhos, ergueu até ao vertice do angulo visual o outro papel, que era o rascunho da resposta e pôz-se a lêr para instruir-se acerca da direcção e indole dos amores de Luiza, que ella bem sabia não podiam ser senão muito castos e elevados. Mas apenas lidas as primeiras linhas começou por sua vez a suspirar n'uma convulsão, arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas, faltou-lhe o chão debaixo dos pés, e enfiou-se Joanna e Luiza não a amparassem. Luiza apertou-a a si n'um estremecimento de amor e respeito, e disse com voz branda, suave e pausada:

—Perdão, minha avósinha; eu amo-o muito, e como nunca escrevi nenhuma carta a nenhum, fui aos papeis da minha avó e tirei uma copia de uma das cartas que vocencê escreveu ao avó, que Deus haja. Perdôe-me.

A santa velha não pôde proferir palavra, mas a ladina da Joanna, tendo-se recobrado do susto, suavizou o tom dramatico da situação observando:

—Nós somos umas fracas creaturas, e minha mãe disse-me muitas vezes isto que nunca me esqueceu:

Filha és, mãe serás; assim como fizeres assim acharás.

EDUARDO COELHO.

MOGAREMI

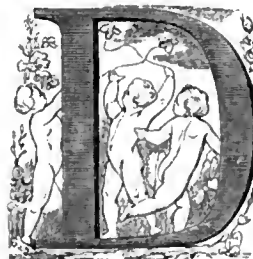
(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

VII

(Continuação)



URANTE muitos dias celebrou-se a caçada e a intrepidez do D. Fernando de Castro. O caçador imberbe era objecto de todas as conversações. Goa—a esplendida capital—victoriava-o convertendo a montaria n'um verdadeiro feito d'armas.

Só D. Fernando andava preocupado e triste. A scena dos dois amantes, mortos á sua vista, mostrava-lhe o oriente, a ello que estava deveras namorado, sob um aspecto aterrorador.

Lembrou-se um dia de ir saber quem fossem aquelles dois desventurados e de presenciar as saudades que haviam de enflorar a sua memoria.

Atravessou o canal, chegou-se ao theatro do drama que presenciára e encontrou ossos desconjunctados e dispersos, fragmentos de roupas dilaceradas e manchadas de sangue.

—Quê, pensou elle, pois os chacacs encontraram-os ainda para seu repasto nocturno?

As aguas do banho permaneciam quedas e cobertas de folhas e flôres signal do seu abandono.

Entre as hervas achou dois *cancanãs*, manilhas de vidro que andaram no braço da malograda amante, e beijou-as com respeito e com lagrimas:—O Respha triste e formosa, eu quero tambem chorar-te.

Seguiu um carreiro caprichoso que cortava do norte a sul a floresta; passou ao monte immediato; além d'elle o caminho descia; descen; no fundo do monte havia uma aldeia abrigada com palmeiras. Á entrada da aldeia uma indiana ainda moça tirava d'um poço agua com o seu *tambió*.

Pediu agua, bebeu o disse á moça que se não dignava olhal-o:

—Seriam d'esta aldeia, linda menina, um gentio e uma gentia que ha tres dias foram mortos pelas feras além no valle dos cajueiros?

—Eram, lhe disse a gentia, ollhando-o pela primeira vez.

—Conheceste-os?

—Rani era minha irmã.

—Conheceis estas *manilhas*?

—Conheço.

—Tomae-as! achei-as junto aos seus ossos...

A gentia retrahira-se violentamente, tomára sobre a ilharga esquerda a bilha da agua e partíra.

Ali perto fumava um velho á porta de uma cabana d'olos. Viu o ouviu o dialogo, e disse para D. Fernando:

—Não te espantes bom rapaz, elle era *sudra* e ella *brahmíne*.

D. Fernando emvou a cabeça. Era a excommunição implacavel para os dois amantes, era a deshonra herdada e transmissível para as duas familias.

Quando voltava passou de novo no sitio da catastrophe; olhou aquelles despojos truncados e sentiu confranger-se-lhe o coração.

—Coitados! dizia elle entre soluços; ousaveis ter coração n'uma terra onde só ha instinctos! Nem uma lagrima dos vossos, nem uma compaixão de estranhos, nem a esmola da sepultura! Ó Christo, ó Deus bom e suavissimo, tu tinhas compaixão dos que amavam e protegias os párias; como póde haver tanta gente que te não conhece?!... Prantearei eu só a tua agonia sublime, formosa mulher pallida e triste. Escolheste bem a hora de morrer. Haviam de matar-te os homens, pediste á sanha dos reptis a esmola do seu veneno!...

Que religiões!... que povos!...

Momentos depois havia juntado os ossos e os fragmentos dispersos das vestes dos dois amantes; abria uma cova entre duas rochas negras e ali os resguardava cobrindo-os de terra e pedras grandes do monte. Em cima desfolhou algumas flôres e ajoelhou. D'uma folha de palmeira fez uma cruz e collocou-a na campa improvisada. Recibe-os tu, meu Deus, dizia entre lagrimas; bem vês que ninguém os quer!

No dia seguinte mandava resguardar-lhe melhor a ultima jazida e n'uma pequena pedra de marmore, que as hervas logo cobriram, lia-se esta inscripção:

Ajuntou-os a morte, mais piedosa
que os seus deuses e o mundo e as leis austeras.

Bem hajas selva annoza
que tens reptis e fêras.

(Continua.)

NUMEROS DO INTERMEZZO

HENRI HEINE

Reverdesciam as tilias
Do sol aos vividos beijos;
Dos passaros os solfejos
Murmuravam na amplidão.
Se me lembro, ai! se me lembro
Dos abraços, que me deste
N'esse momento celeste
De ineffavel commoção!

Grasnava o corvo agoirento,
As seccas folhas caíam,
E uns tristes raios desciam
Da plumbea curva dos céos.
Se me lembro, ai! se me lembro
Da mesura silenciosa,
Que tu fizeste, mimosa,
No extremo do nosso adeus!

Coimbra.

G. CRESPO.

NÃO PERCEBO!



—Quem querem? Nem sempre a convivencia com os livros dá só alegrias! não é de deleites apenas coroada a fadiga de conversar com esses amigos mudos, quietos e silenciosos, que a solicitude do leitor vae arrancar á estante e a que o seu espirito, investigando-lhes os mysterios de cada pagina, de cada linha, de cada palavra, dá eloquencia e vida. No commercio de duas intelligencias ha attritos que se não vencem, ha sombras que se não dissipam, ha coisas que se não percebem. Debalde a sagacidade do leitor intenta penetrar no animo do escriptor, reconstruir a sua individualidade moral pelas palavras que deixou traçadas na sua obra, dar vida

á folha que se lhe espreguiça indolente diante dos olhos, animar o cadaver de uma alma, que dorme no tumulto do livro!

Falla o amigo; traduz nas phrases escriptas a impressão de cada idéa que lhe aqueceu o cerebro, e o leitor attento, buscando penetrar até ao intimo da intelligencia alheia, identificar-se com ella, pensar com o seu pensamento, sentir com as suas impressões, concluir com os seus raciocinios, coar atravez da sua massa encephalica a idéa materialisada nas palavras do livro, succumbe muitas vezes n'essa fadiga, e exclama desalentado como o personagem que a nossa estampa representa:—«Não percebo!»

É a confissão da derrota; é a humilhação da inferioridade confessada; é o Waterloo do leitor desvelado!

Por isso bem fazem muitos que convivem com os livros, como na sociedade é costume conviver com as visitas de cerimonia. Conhecem-os só por fóra; pelos titulos e encadernações. São os bibliophilos. Accumulam volumes para encher as estantes, cuidando apenas da elegancia plastica da sua disposição. Que importa a doutrina que elles encerram? Que importa a indole de cada um d'elles? O bibliophilo entretém amores platonicos com a sua livraria, namora cada tomo com os requebros com que um moço de quinze annos requesta as priminhas elegantes; desvanecer-se ao contemplal-os, sente-se feliz proximo d'elles, mas respeita-os de tal modo e tanto, que não é capaz de attentar contra a sua virgindade.

A existencia dos volumes que pertencem aos bibliophilos corre placida e serena. Para elles não ha fadigas, nem trabalhos, que lhes alterem a belleza, a fórma, o luxo das capas, a irreprehensivel alvura das folhas; e se não fóra a traça indiscreta, que ás vezes lhes vae perturbar a tranquillidade, seriam eternamente jovens, como essas donzellas sem coração e sem affectos, que jámais envelheceriam, se o veneno da inveja se não lembrasse ás vezes de corroel-as; para elles não ha o perigo de uma nodoa de azeite, nem a possibilidade de um borrão de tinta, cicatrizes honrosas que attestam os trabalhos dos que o acaso fadou para a luta incessante, onde acabam, feitos pedaços, mas sempre acariciados pelo sol da gloria; para elles é a celebre phrase com que o genio satyrico de D. Francisco Manuel de Mello saudou a livraria de um bibliophilo:—«Ah! maganões! que vida que levam!»

Os bibliomanos convivem com os livros como os que têm propensões aristocraticas costumam conviver com as familias nobres. Não lhes investigam as qualidades ou os defeitos, não se lhes afeiçoam por sympathy gerada na convivencia; amam-as apenas pelas tradições que representam, pelo passado que recordam, pelo valor de estimação que o mundo lhes dá. Esses não organizam uma livraria para terem livros, mas para terem um museu; e ficam todos afanos em possuir por centenas de tostões, em mau papel e peor typo o que, por dezenas de reaes, qualquer reimpressão moderna lhes podia dar em optimo papel e legiveis caracteres. Ter uma edição rara é para elles a suprema ventura; ter muitas edições rarissimas da mesma obra um jubilo indizível; confrontar os erros e deformidades de cada uma d'ellas, estudar quasi n'uma escala o progresso da arte typographica, a maior das delicias!

Outros ha que têm livros para saciarem n'elles appetites quasi brutaes. Não os lêem, devoram-os! pesa-lhes que apenas o sentido da vista se empregue na leitura, e quereriam saborear os seus volumes como os glotões saboreiam os manjares que lhes delicia o paladar. Estes são bibliophagos. Almoçam, jantam e ceiam leitura, sem trabalho de digestão. Lêr, lêr muito, lêr sempre, é a sua occupação e o seu empenho. O seu cerebro nem tem tempo de produzir uma idéa, de occupado que está exclusivamente em absorver as idéas alheias. São como os avarentos que accumulam riquezas, sem saber-as pôr em circulação, nem mesmo para as augmentar. Tal genero de leitores gostam de ter a livraria bem provida, como os musulmanos opulentos estimam ter um serralho bem povoado... para variarem de delcites.

N'este seculo de positivismo que vae correndo; n'esta quadra egoista e interesseira em que todos procuram com afan o equivalente metallico do seu trabalho, em que as propensões são mais dictadas pelo interesse do que pela afeição, e em que a poesia das paixões desapareceu de sobre a terra para dar logar á prosa vil do calculo, não é raro encontrar leitores tambem, que só adquirem livros com o mesmo intuito com que o alfaiate compra peças de panno... para ter a materia prima da sua industria. Estes escrevem tanto como lêem, e cada livro que lhes cae nas mãos é um contribuinte, a que elles lançam pesado imposto, como inexoraveis escrivães de fazenda... alheia.

Será d'estes o leitor que a estampa nos representa? Não parece! É homem sincero e de bons costumes, segundo o attesta a sua physionomia, se é que não tem escondida entre as folhas do seu livro a certidão em fórma passada pela auctoridade administrativa da localidade em que reside. Lê de boa fé. Estuda, na convivencia das gerações que passaram, arcanos ignorados do preterito. Recreia-se e instrue-se, no generoso intuito de instruir os outros. Não lhe passa uma proposição sem analyse, um argumento sem exame, uma phrase sem madura reflexão.

Leva já o livro em meio. Todos os pontos difficéis ou obscuros têm sido sufficientemente explanados; não ha duvidas, nem hesitações na doutrina exposta; tudo corre ás mil maravilhas. De repente, o seu espirito vacilla ao contacto de algumas linhas; medita, fecha os olhos, concentra-se em si mesmo; instiga a intelligencia para que tire a luz d'aquella treva, pede a cada palavra a chave do enigma, sua-lhe a fronte calva, treme-lhe o labio inferior. Vae a tocar as raias do desespero, mas vence o impeto irreflectido. Enxuga a testa, serena o animo, preservera no empenho, compõe a physionomia no jubilo da esperanza, ageita os oculos, renova a leitura. Toma outro volume, consulta-o, confronta doutrinas, estuda proposições, divide periodos, aquilata o valor de cada vocabulo,

volve ainda a lêr a passagem obscura; o livro auxiliar serve-lhe de apoio; o index interposto ás follhas conserva-o entre-aberto no ponto consultado; a dextra sustem a pagina mal comprehendida, como que no empenho de destacal-a das subseqüentes para não contagial-as do mal da obscuridade de que enferma; a attenção concentra-se sobre aquellas linhas, que o atrahein, que o fascinam, que o torturam e deliciaem com o poder magnetico do mysterio; a sua vida está alli toda; as facultades do cerebro como que se aguçam n'aquelle esforço. No momento em que volver aquella pagina será feliz, porque terá vencido o escolho.

Mas a fadiga foi improficua! Debalde accomodou o livro sobre outros, tantas vezes consultados, e onde, aqui e além, se vêem tiras de papel entre as folhas, como marcos miliarios d'aquellas estradas que a sua intelligencia percorreu; debalde pôz a alma nos olhos, alheio a todas as outras impressões que não poderiam despertar-lo; debalde concentrou a attenção como Lavoisier quando da parte da guilhotina lhe vieram bater á porta do laboratorio. O seu espirito começa a perturbar-se; as idéas dançam-lhe já confusamente no campo da visão intima; os caracteres tomam aos seus olhos fórmas extravagantes, caprichosas; as palavras destacam-se como phantasmas negros do fundo branco da pagina, e baralham-se e misturam-se, cada vez mais inintelligiveis. A consciencia está-lhe a segredar baixinho ao ouvido que é baldado o trabalho; a vaidade subjugada aconselha-o a desistir; á flôr dos labios brinca-lhe já com o desalento a phrase:— « Não percebo! ».

Chega o momento de ceder. O cerebro declarou-se fatigado; mas ainda, no instante supremo da desistencia, a attenção está presa áquella folha, como a borboleta á luz no momento de expirar. Um minuto mais... e vae fechar o livro!

E nós, para não assistirmos a esse lance angustioso, fechámos o artigo tambem, desejosos que, em outra tentativa, o leitor seja mais feliz e não tenha de repetir o cruel—*Não percebo*.

CHRISTOVAM DE SÁ.

A SANTA CAPELLA DO PALACIO (PARÍS)



Em meio do Sena, escreve o abbade J. J. Boursic, na ilha onde se agglomeram os primeiros monumentos da antiga cidade de Paris, muito antes dos esplendidos *faubourgs* se adornarem de palacios e de mansões sumptuosas, ergue-se uma alta e pesada torre, dominando tranquillamente o curso do rio, e servindo ao mesmo tempo de moradia e cidadella aos senhores do paiz. Nos trabalhosos periodos que constituem o inicio da historia de França, esta sombria e arrogante fortaleza representa, ao justo, o estado da sociedade, quando o direito era tantas vezes postergado, tomando o seu logar a violencia. Os mais remotos chronistas ali nos mostram a suave e nobre figura de Santa Clotilde, até que a enfermidade e a viuvez a levaram a buscar asylo no humilde convento de S. Martinho de Tours. Apoz a ausencia d'aquella princeza, um longo silencio cobre a regia morada, como se ella fosse um sepulchro, silencio que é apenas quebrado com a exaltação do feudalismo.

A torre da cidade (*de la Cité*) tornou-se então o centro de uma nova organização, começada pela côrte de

Paris, e proseguida pelo resto da França. N'esse tempo ainda não existia a torre do Louvre.

Por detraz das espessas muralhas d'aquelle edificio, levantadas pelos condes de Paris e pelos duques de França, e ao pé d'aquelle mesmo baluarte, a esforçada raça de Roberto o Forte fez o seu apprendizado ao throno salvando Paris dos horrores da anarchia e do furor das hordas normandas.

Quando o fundador da nova dynastia, Hugo Capeto, do qual procede a terecira raça dos principes francezes, se acolheu para sempre ao tumulo, no anno 996, a Torre da Cidade era ainda um ponto militar, e não um simples palacio. O filho de Capeto, Roberto le Saye, ou como outros lhe chamam Roberto o Devoto, substituiu o castello, a pômos fé nos chronistas, por um edificio digno da realleza.

A governação d'este monarcha é caracterisada pelo levantamento de diversas fabricas architectonicas, sendo entre outras a capella de S. Nicolau, adjunta ao novo palacio.

Em 1242 esta capella cedeu lugar á Santa Capella, erecta entre 1242 a 1248, sob a direcção de Pedro de Montereau, formosa construcção gothica que tem sempre sido uma das maravilhas do Paris. Deve ella a sua origem a Luiz IX (S. Luiz) de quem Chateaubriand disse, que era o modelo do homem da idade media, como legislador, como heroe e como santo.

Luiz fez consideraveis melhoramentos no palacio edificado por Roberto le Saye, notando-se, de preferencia, a sala que tem o seu nome, o tribunal de justiça, os depositos subterraneos e a capella.

Esta ultima é a unica parte do palacio de S. Luiz que nos chegou, comparativamente, intacta— «magnifico testemunho da piedade do monarcha, e primor de uma arte em que o seculo XIII ostentou as maiores excellencias, edificada como repositorio das preciosas reliquias da paixão do Salvador».

Entre estas, segundo a tradição refere, está a verdadeira corôa de espinhos, conservada em Constantinopola desde tempo immemorial, e que o imperador Balduino deu a Godofredo de Bulhão. Dois annos depois do

recebimento d'esta não muito authentica reliquia, outras vieram igualmente duvidosas, taes como um fragmento da cruz, a ponta da lança que varou o flanco de Jesus, e um pedaço da esponja que os soldados embeberam em vinagre, para humedecer os labios do martyr.

Possuindo tão inestimaveis e sagrados thesouros, Luiz desejou ter para elles um relicario proprio; foi então que se construiu a Santa Capella, cujo nome deriva do fim para que foi destinada:—ser o cofre d'estas joias.

Foi seu architecto, como já dissemos, Pedro de Montereau, o qual tambem edificou a abbadia de Saint Germain des Prés.

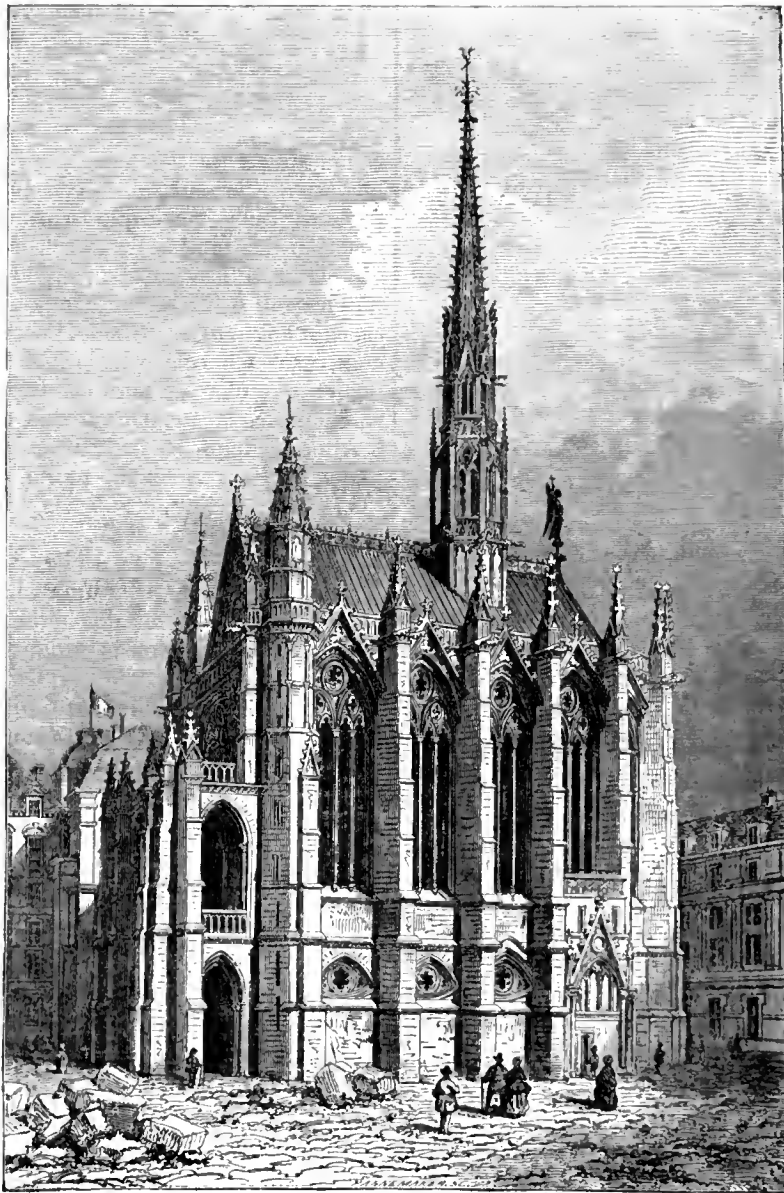
A capella divide-se em duas igrejas, una inferior outra superior. A primeira é dedicada á Virgem; e a ultima, consagrada sob o duplo titulo de *santa corôa* e *santo lenho*, é propriamente a capella real.

A abobada da primeira firma-se em columnas separadas, symmetricamente dispostas e admiraveis pela elegancia. É, porém, na capella superior que o architecto mostrou a larga amplitude do seu genio. Uma só nave, ainda que exigua, parece maior do que é em verdade tanto pela extrema simplicidade das suas linhas e harmonia do conjuncto, como pela altura das vidraças, nas quaes estão representados varios casos do velho e novo testamento. No altar mór está um cofre de metal dourado, no qual se acham depositadas as reliquias.

—«Porém, Densmen, — exclama o abbade Bourssé, de tantas preciosidades accumuladas pela devoção dos monarchas, nada hoje existe. O crisol revolucionario fundiu os ricos me-

taes, e as gemmas de valia foram presa da voracidade. Contudo, algumas reliquias se salvaram da impiedade de 1793, sendo guardadas na igreja metropolitana de Paris. A santa corôa mostra-se á veneração dos fieis em todas as sextas feiras de paixão.»

Podemos acrescentar ainda que a Santa Capella, profanada pela revolução franceza, e convertida em deposito de recordações nacionaes, tem nos ultimos dois annos recebido uma completa restauração, patenteando-se, quasi, na sua belleza primitiva.



A santa capella do palacio (Paris)

QUADRO INTIMO

Quando eu subi ao teu quarto,
Tépido ninho acciado,
Onde vives, lyrio amado,
E onde móra o meu desejo,
Morria o sol; na calçada
Tomavam fresco os visinhos,
Casava-se a voz dos ninhos
As queixas de um realejo.

Entrando, sentei-me ao perto
De ti que estavas bordando;
Mas tu, creança, notando
As sombras do meu desgosto,
Disseste: «vejam que modos!
«Não falla! como está serio!
«Nem que eu fosse um cemiterio!»
E pendeste amuada o rosto.

Eu tomei-te as mãos nas minhas
Volvendo: «esenta, Maria:
«Nunca saibas a agonia,
«Que ás vezes me rasga o scio!
«Adoro-te muito, e muito,
«E sei que tambem me queres,
«És o beijo das mulheres,
«Mas soffro por ser tão feio!»

Tu n'um impeto felino
Retiraste as mãos, que tinhas
Abandonado nas minhas,
E affastaste-te de mim.
Depois vieste, sereia,
E dado um abraço fraterno,
Com modo suave e terno
Disseste: «não falle assim!

«O mau, que sabe de quantas
«Caricias é rodeado,
«E vive desconsolado,
«Quando a gente o ama e adora!»
E continuavas fitando
Em mim teu olhar sincero:
«Guarda seus beijos, não quero,
«Que me fez chorar agora...»

E choravas, no meu hombro
Pendida a languida fronte;
Na limpidez do horizonte
Pallida a lua surgia;
Vaporavam teus cabellos
Um casto olôr penetrante;
No realejo distante
Chorava a doce Lucia!

E como me visses triste
Por te vêr mais triste ainda,
Volveste com graça infinda:
«Se não torna, acceto o beijo...»
Quando me achei na calçada,
Já não topci os visinhos,
Dormiam de ha muito os ninhos,
Nem se ouvia o realejo!

Coimbra.

G. CRESPO.

AS BELLAS ARTES NA EXPOSIÇÃO DE VIENNA DE AUSTRIA

(Continuação)

VI



s allemães dispozeram o seu pavilhão das bellas artes por modo que se encontrassem ali remidos, apesar da sua dimensão, certos quadros sem attender ás procedencias; e certamente facilitarão, com as obras d'elles, o estudo d'esta especialidade da pintura.

Assim, em frente do grande quadro de Wirtz, estava o bello trabalho de Cabanel, a que elle deu o nome de *Triumphos de Flora*, e que é, nem mais nem menos, a reprodução do tecto que aquelle artista pintára para as Tulherias e que os communistas destruíram por occasião dos motins de Paris, em 1871.

O sr. Piloty, austriaco, de quem as *Artes e Letras* publicaram o interessante quadro *O delphim da França em casa do sapateiro Simão*,¹ occupou um lado do pavilhão com uma composição meio historica, meio symbolica, que parece não chamar muito a attenção por lhe faltar o que se chama *character*. Desde que os homens como Gérôme e Alma-Tadema se dedicaram á pintura ethnographica, não será, ao que se vê, muito possivel augmentar o entusiasmo por algumas obras que não estejam á altura das d'aquelles artistas.

O sr. Canon, que é allemão, está em frente do trabalho do sr. Piloty, com uma téla religiosa, pelo gosto dos altares-móres ou retabulos italianos. É obra de valia, mas não a julgam superior ás antigas pinturas de Mantegna ou Bonacino.

Em volta dos quadros de grandes dimensões, que se citaram, agrupa-se um certo numero de retratos dos imperadores e principes, e dois quadros: A *Tomada de Corinto*, com o qual o sr. Tony Robert-Fleury ganhou a medalha de honra, e a *Morte de Cesar* do sr. Clement.

As pessoas entendidas, ao examinarem attentamente a galeria allemã, pensam talvez com fundamento, que a escola moderna da Allemanha não mostra a unidade de acção e de produção que caracterizam as escolas franceza e ingleza.

As exposições em França são, para assim dizel-o, tumultuosas, mas os artistas francezes julgam que tem a maior recompensa em acharem boa venda para os seus quadros no estrangeiro. Succede por isso que os proprios amadores de Vienna possuem formosas paizagens saídas dos pinecis francezes, e os de Londres e Manchester tambem os adquirem e lhes dão subido valor.

Na Allemanha, exceptuando os grandes nomes da geração que se vae extinguindo, Overbeck, Kaulbach, Cornelius e dois dos maiores artistas da escola actual, Mentzel em o norte e Mackart no sul, pôde-se dizer que, não obstante a escola de Dusseldorf, Munich e as suas pretensões exageradas de ser a Athenas do norte, os artistas allemães produzem e estudam no estrangeiro.

A colonia allemã de Roma é tão importante, que o elemento italiano e o elemento francez desapparecem ante uma proporção sempre crescente. Antes da guerra, os artistas allemães encontravam-se nas principaes officinas de Paris, e nas exposições annuaes elles obtinham bom numero de premios.

¹ Vide pag. 33 do tomo I.

O sr. Heilbuth, que nasceu em Hamburgo, tem o espirito e o talento de um parisiense. Os dois irmãos Achenbach, e o sr. Brendel, passaram a sua vida percorrendo Fontainebleau. O sr. Rodakowski, austriaco, é discípulo do sr. Léon Coignet, e adquiriu a *maneira* do seu distincto mestre. O sr. Schenck, animalista, e o sr. Schreyer, o pintor dos artilheiros da guarda franceza, não podem dar, de certo, nem character, nem unidade á exposição artistica da Allemanha.

O artista verdadeiramente nacional que a Prussia oppõe aos seus collegas das escolas estrangeiras, é o sr. Mentzel. A fama d'este distincto artista firmou-se nas gravuras da *Historia do grande Frederico* e nas series de desenhos, sendo a mais saliente a que se denomina: *generaes de Frederico*. Os desenhos em madeira, executados por modo que similham os trabalhos de agua-forte, são geralmente muito apreciados. Sobresaeem pelos effectos e pela exemplar correecção de linhas. Mentzel tentou uma revolução nas artes; é o que se chama um perfeito *naturalista*, e dedicando-se aos assumptos extrahidos dos Livros Sagrados, julga-se que pretendeu entrar na verdade absoluta no ponto de vista dos typos, dos logares, da geographia e da architectura. D'este artista, cita-se tambem o seu quadro de *Christo entre os doutores*.

(Continua.)

B. A.

CHRONICA DO MEZ



ue as novidades duram pouco em Lisboa, porque após uma vem logo outra, destruindo aquella para ser immediatamente destruida pela que lhe succede, é asserção tão certa e verdadeira, que não faltam exemplos para a confirmar, quer nos acontecimentos da mais alta importancia e consequencia, quer nas cousas mais simples e vulgares, como a usual conversação em nossas casas, nos passeios, nos cafés ou nas praças publicas.

Ha pouco tempo não se fallava n'esta boa cidade senão dos continuados incendios, que, na opinião dos mais assustadiços ameaçavam reduzir a cinzas a capital; logo depois desviou-se a conversação para as vantagens, commodidades e perigos do caminho de ferro Larmanjat, recentemente aberto á exploração; em seguida começaram as obras do caminho de ferro americano, e já todos indagavam as particularidades do systema, quaes os preços do transporte e o feitiço das carroagens; por fim abriram-se os theatros, e, tendo envelhecido todos estes assumptos e mais outros me- nos fallados, as analyses recaíram sobre a peça nova e o desempenho d'este ou d'aquelle artista.

Duas peças chamaram, principalmente, a attenção do publico, durante o mez findo; o drama *Joanna*, representado no theatro de D. Maria II, e a comedia *Uma bola de sabão*, dada no Gymnasio e anteriormente em S. Carlos, pela companhia italiana da Pasquali.

A primeira teve o infortunio de se estreiar sob ruins auspícios, não conseguindo nunca, durante as poucas recitas que deu, alcançar grandes favores do publico; da segunda todos são unanimes em dizer bem, encarecendo-lhe os attractivos e applaudindo-lhe, nas successivas representações que tem tido, as scenas mais vivas e os ditos mais chistosos.

Houve sobeja rasão para estes resultados diversos.

O drama *Joanna* apenas se recommenda pelo vigor do dialogo de algumas scenas; tudo mais—idéa, urdidura e desfecho—não converte nem diverte... se não perverte. Valeu-lhe, ainda assim, o bom desempenho que teve, principalmente por parte da actriz Emilia Adelaide.

A comedia *Bola de sabão*, peça inoffensiva que nem mora-

lisa nem desmoralisa—o que já é alguma coisa—tem excellentes condições theatraes, e está desenvolvida com talento e felicidade. Mais graciosa, natural e animada, difficil será de apparecer outra composição dramatica d'aquellas proporções. Auxiliada pelo brilhante desempenho dos artistas, entre os quaes se distinguiram Maria das Doros e Emilia dos Anjos, Joaquim de Almeida, Polla e João Rosa, tem sido *l'enfant gaté* dos espectadores do Gymnasio, e promete conservar-se em scena mais tempo do que duram as rosas, o que actualmente é indicio de extraordinario agrado.

Em D. Maria II tambem se representou, para estreia n'aquelle theatro da actriz Carolina Falco e do actor Cesar de Lacerda, o drama de T. Barrière e L. Thibout *As mulheres de marmore*, que, apesar de antigo e alheio completamente ao gosto actual, chamou alguma concorrência, para o que, de certo, contribui a boa interpretação dos artistas que se encarregaram dos primeiros papeis.

Foram os dramas acompanhados por duas comedias:—*O verão de S. Martinho* e *A audiencia... na sala*. A primeira de H. Meilae e L. Halevy, traduzida com muito esmero pelo sr. Christovam de Sá, é natural e delicada; a segunda, dada ha tempos no Gymnasio com o titulo de *Por causa de uma causa* e tambem de origem franceza, é de enredo commum e um pouco absurdo, mas tem tanta graça que faz rir os mais sisudos. O desempenho de qualquer d'ellas é excellente, notando-se porém na mais litteraria o cuidado com que o sr. J. C. dos Santos a ensaiou.

O Gymnasio acompanhou a *Bola de sabão* com varias comedias antigas:—*O testamento*, *Lenço branco*, *Marido e mulher*, *Pena de Talião*, e com um drama novo em um acto, original do sr. Maximiliano de Azevedo, intitulado *Paulo*.

Esta peça é, por assim dizer, o resumo de uma composição tetrica de muitos actos. Não lhe falta nem o tyranno de maus bigodes, nem o innocente calumniado, nem o amigo cheio de dedicação, que se compromette para salvar aquella a quem deve os maiores beneficios. Tem bom dialogo; a acção porém, concentrada talvez de mais, abunda em situações, que, ao inverso do proverbio latino, a prejudicam um pouco, por serem demasiadas. Entretanto prende a attenção dos espectadores, conseguindo commovel-os e arrancar-lhes applausos. O desempenho dos artistas é bom, incluindo o de um rapazinho dos seus quatorze annos, que faz com habilidade o principal papel.

O sr. Maximiliano de Azevedo é dos poucos escriptores que desejam protestar contra o andago de traducções que infesta o theatro portuguez; que o animo e as forças lhe não falleçam, é o que sinceramente lhe desejo.

Campanone, zarzuela já dada em Lisboa por hespanhoes e portuguezes, e *Uma viagem de recreio*, comedia em tres actos, traduzida da peça franceza *Trotman, la touriste*, foram as peças relativamente novas com que o theatro da Trindade reabriu as suas portas.

A zarzuela agradou medioeremente, embora a musica seja agradável e tivesse boa interpretação por parte de todos os artistas, distinguindo-se a actriz Florinda, em cujo beneficio foi á scena pela primeira vez. O roundó do terceiro acto, primorosamente cantado por esta gentil actriz, mereceu-lhe successivas ovações, valendo tambem ao acto o salvar-se do naufragio em que se perderam os dois primeiros.

A *Viagem de recreio*, que já se dera, ha annos, no Gymnasio, com o titulo de *O homem das fatalidades*, tem muita graça, principalmente nos dois primeiros actos. Bem representada pelos actores Leone e Pires e pelas talentosas actrizes Delfina e Anna Pereira, a ultima das quaes se não encumbia, ha muito, de papeis de comedia, foi sempre justamente applaudida e chamou, talvez, tanta concorrência ao theatro como as operas comicas, sem, todavia, fazer as despesas que este genero de espectaculos custa.

Dos demais theatros apenas está aberto o do Príncipe Real, enja empreza levou á scena o antigo drama *Os incendiarios*, que por ser baseado em assumpto de occasião, tem dado bom resultado pecuniario.

Vê-se, pois, do que fica dito, que de todas as peças novas dadas nos diversos theatros, durante o mez corrente, foram apenas verdadeiramente novas para o publico de Lisboa, tres: *Joanna*, *O verão de S. Martinho* e *Paulo*!

Do sr. Alberto Pimentel, inensavel escriptor portuense, recebi dois livros: *Entre o café e o coque*, preciosa collecção de folhetins publicados no *Primeiro de Janeiro*; e *O memorial de familia*, traducção do excellente romance do mesmo titulo, devido á penna analytica de Emilio Souvestre.

O primeiro lê-se com agrado e interesse, porque se encontra, a miude, em todos os folhetins, boa critica e muito espirito; o segundo é livro de utilidade e conforto, que todos os chefes de familia devem compulsar, principalmente em horas de amargura,

quando, ás vezes, os encantos do lar se transformam em dissabores ou tormentos.

Acha-se descripto n'aquellas paginas de consolação e poesia, o viver de duas honestas creaturas, marido e mulher, ora bafejadas pelas auras vivificantes da ventura, ora feridas pela mão despiadosa da adversidade. Em qualquer d'estes casos, lá estão o pae do esposo e a tia da consorte, um o mestre da alma, a outra a imagem do positivo, quer oppondo-se ás ambições dos dois, quando, por effeito da sua pouca experiencia, confiam demasiadamente na boa fortuna que lhes sorri, quer aconselhando-os prudentemente se a coragem lhes falta para supportarem as calamidades que os alligem.

Desde que o homem se casa até que tem de preparar o futuro de seus filhos, dar-lhes destino e entregal-os desacompanhados ao mundo, póde encontrar no excellento livro de Souvestre, salutareos conselhos que lhe indicam, como pharol de viva luz, o verdadeiro caminho a seguir.

Enviou-me o sr. A. M. Cunha e Sá o seu romance original, intitulado *Da parte d'El-Rei*, publicado pela empresa das *Horas românticas*, de que é proprietario o sr. Corazzi.

Da parte d'El-Rei é romance historico; a acção passa-se no reinado d'el-rei D. Diniz, o lavrador, casado com a rainha D. Isabel, mais tarde canonisada pela igreja.

Tem pequeno enredo, mas boa linguagem portugueza, dialogo fluente e por vezes gracioso; é fundado n'uma lenda que o bispo do Porto D. Fernando Correia de Lacerda insere na *Historia da vida, morte e milagres da rainha Santa Isabel*. Denota estudo e espirito de observação, tendo a vantagem, muito para louvar, de poder ser lido com prazer, tanto por uma donzella a quem só agradaem as ficções aventurosas e de amores, como por pessoa mais dada a estudos, que exija, além d'essas pouco valiosas lentejoulas, metal de maior estimação e apreço.

A casa Rolland & Semiond publicou a *Vida da Virgem Maria*, pelo desditoso arcebispo de Paris, monsenhor Darboy, fuzilado no tempo da communa. O livro é traduzido pelo sr. João de Deus.

Nas primeiras folhas lê-se a evocação á Virgem feita pela Margarida do *Fausto*, versão do sr. visconde de Castilho, bem como outras estrophes apropriadas ao assumpto. O livro é apreciavel pela sua doutrina e estylo; a edição nitida e elegante. Acompanha o volume uma formosa photographia do quadro de Murillo, representando a Virgem, e na capa vê-se a gravura de um quadro religioso.

O mez de setembro não é só o mez das vindimas e dos banhos do mar; é tambem o dos almanachs. Não tem conto os que este anno já vão publicados; até as *Artes e Letras* contribuiram d'esta vez para engrossar a torrente de calendarios que inunda as lojas de livros e as casas particulares.

Dos que tive occasião de vêr, citarei não só o *Almanach das senhoras*, coordenado pela sr.^a D. Guiomar Torrezão, contendo escriptos de muitas senhoras de talento e dos nossos primeiros escriptores, incluindo uma curiosíssima carta do sr. Alexandre Herculano; mas tambem o *Almanach da livraria internacional*, cuja coordenação foi incumbida ao sr. Alberto Pimentel. Este almanach, onde se encontram apreciaveis escriptos de muitas pessoas notaveis, é distribuido gratuitamente aos assignantes do *Diccionario de fr. Domingos Vieira*, do de *Educação e ensino* e do volume *As grandes invenções*.

Pelo catalogo que vem junto ao almanach, vê-se que o sr. Chardrou, proprietario da livraria internacional estabelecida no Porto, é um dos mais activos e intelligentes editores do paiz. Entre as excellentes obras que tem publicado, sobresaem o *Diccionario de educação e ensino*, de que já tive occasião de fallar n'esta seeção, e *As grandes invenções*, por Luiz Figuier, livro curioso e instructivo, que, do mesmo modo que o primeiro, tem tido a maior accitação tanto em Portugal como no Brazil.

Se os leitores m'o permittem, apresentar-lhes-hei um amador de pintura distincto pelo talento, e que facilmente ganhará fóros de artista na primeira exposição de bellas artes em que expozer os seus quadros.

É o sr. João Maria Alves Costa.

Como habil calligrapho é já o sr. Alves Costa bastante estimado em Lisboa. Ha trabalhos seus muito apreciaveis, que denotam os valiosos conhecimentos de desenho do auctor. Como pintor, porém, vaé, certamente, tornar-se conhecido na proxima exposição da Sociedade promotora de bellas artes, para onde destina os seus primeiros trabalhos.

Tive occasião de os vêr.

Constam de retratos de familia, uma composição representando um grupo de pombos e um quadro de genero, onde se vê uma carroça de recoveiro, puxada por dois machos.

Os retratos têm correção de desenho, tinta agradável e semelhança. No quadro dos pombos ha colorido apropriado e desenho irreprehensivel; um dos pombos, principalmente, visto de escoreço, é digno de especial reparo, pela dilliculdade que offerce a posição e pela felicidade com que está representada. Do quadro de genero nada posso dizer, porque o vi apenas esboçado.

Quando o sr. Alves Costa expozer os seus trabalhos, poderá vêr-se que não ha exagerados elogios n'esta menção, mormente se se considerar que o sr. Costa é um pintor que começa; que não tem curso regular nem irregular da arte, devendo o que executa unicamente ao seu talento; e, por ultimo, que tem contra si o que ha de peor para um artista... ser empregado publico.

RANUEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Falleceu o notavel pintor hespanhol Rosalles, auctor dos celebres quadros *O testamento de Isabel a Catholica* e *A morte de Lucrecia*. Deixaram tambem de existir os seguintes artistas: o decano dos esculptores francezes Amadeu Durand; o joven pintor suisso Ernesto Rayper; o pintor e lithographo francez Celestino Nanteuil; o pintor de animaes belga Edmundo T'schaggeny, um dos primeiros do seu paiz; o pintor francez Constancio Felix Smith, discipulo de Girodet e de David; o gravador inglez José Nyon e o esculptor italiano Rinaldo-Rinaldini. As chronicas mortuarias registam outrossim o nome do marido de M.^{me} Tussaud, celebre fundadora da grande colleção de figuras de cera exposta em Londres ha muitos annos.

Poucos quadros ha que tenham historia tão curiosa como a que vaé saber-se. Um artista de Roma via, a miude, brincando na rua, defronte da sua janella, um rapazinho de rara belleza, com cabellos de ouro e rosto de seraphim. Impressionado por aquella imagem encantadora, fez-lhe o retrato e collocou-o n'uma das paredes do seu estudo. Durante as longas horas da tristeza que o acommettia, aquella doce e gentil figura parecia espargir na alma do pintor consolos ineffaveis, e miral-o como um anjo. A sua presença fazia-o sonhar com o céo, cuja pureza era symbolisada por aquella pintura.

— Se alguma vez encontrar, dizia o artista, um contraste perfeito d'este formosissimo rosto, hei de pintal-o para o collocar na parede fronteira, intitulado um o Céo e outro o Inferno.

Passaram-se annos. N'outro ponto da Italia, visitou o pintor uma prisão, e viu, encostado á grade de uma fresta, o espectáculo mais repugnante que tinha encontrado em sua vida. Era a cabeça de um facinora, com tão medonho olhar e tão pronunciada expressão de malvadez, que, recordando-se o pintor da promessa que fizera a si proprio, a reproduziu logo na tela para servir de contraste á que lhe lembrava o céo, e collocou-a, como symbolo do inferno, na parede que defrontava com aquella onde estava o primeiro quadro. O contraste era perfeito. Estavam na sua presença os dois polos do universo moral. Succedia, porém, que, quanto mais o artista contemplava aquellas duas cabeças, tanto mais lhe parecia achar o que quer que fosse de semelhança entre ellas, não obstante o conjuncto de uma differir tanto do conjuncto da outra. Aquella idéa apoderou-se de tal modo da imaginação do pintor, que não pôde resistir á curiosidade de ir informar-se á prisão, da historia do criminoso a quem retratára. Avalie-se qual não foi a sua surpresa quando soube, pelas circumstancias da vida do preso, que a linda creança que para elle symbolisava o céo, era o malfetor a quem pintára para representar o inferno!





Typ. de Christovão A. B. d'Almeida.

O BANHO DAS CRIANÇAS

QUADRO DE GESELSCHAP

ARTES E LETRAS



LISBOA—OUTUBRO DE 1873

O GRANDE ANIMALISTA



IRMÃOS Van Eyck no norte e Paulo Ucello porventura, no sul, — mas principalmente os primeiros, — como que marcam o momento exacto, em que a Arte acorda, — extremamente e inconsciente ainda —, do longo extasis da inspiração ascética e deixa as vestes auritecidas do Bysantino pelas chlamydes transparentes da plastica naturalista. Esta evolução da Arte, que então parece aproximar-se do seu ponto culminante, ou que chega ao termo da sua maturidade, tem correspondencia intima, tem, pôde dizer-se, a sua etiologia na transformação que se va operando na Alma e na

Economia social e d'onde sahirá em breve, — robusta e ousada, — a moderna idade. Pondo, porém, de parte essa correspondencia facil de testificar e mais facil ainda de comprehender, é certo que aquelle simples facto da substituição dos fundos aureos pelos fundos panoramicos, da luminosa opacidade da arte bysantina e gothica pelas vivas profundezas e transparencias, pela perspectiva opulenta da paizagem, tem sob um elevado ponto de vista critico uma significação importante, não só na historia mas na philosophia da arte. E cousa curiosa! Um dos primeiros dos Van Eyck é a famosa e hoje esphacelada « adoração do Cordeiro », em que apparecem Adão e Eva de grandeza natural e na edenica nudez da tradição, o que annuncia já a rehabilitação da plastica. Como que a arte n'esta recordação revolucionaria dos dois typos consagrados da Creação affirma em si propria os elementos vivos e o momento fatal de uma nova genese.

O uso do oleo, feito pelos Van Eyck, — cousa diversa da invenção da pintura a oleo, que por confusão lhes attribuem, — teve de certo a larga influencia que lhe dá Fortoul, mas o aproveitamento d'esse processo para os fundos de paizagem não pôde explicar a adopção d'estes e a suppressão rapida dos outros. O processo influe

na *maneira* artistica, mas esta é antes revelação de um modo de ser intimo ou de um momento psychologico da arte e do artista, do que uma indicação e menos ainda um producto d'aquelle. E note-se: á proporção que os fundos aureos desaparecem, a *paizagem* va adquirindo sympathias crescentes e absorvendo em escala ascendente as aspirações artisticas, se pôde dizer-se assim. Nos flamengos, por exemplo, é seguir o movimento de Jan Van Eyck a Joaquim Patenier, a Henrique Met de Bles, etc. Por isso diziamos ha tempo¹:

« Quando os *fundos de oiro* do Bysantino e do Gothico, ou antes do mysticismo, cedem o logar aos *fundos panoramas*, a vida jorra em ondas sobre a concepção artistica e a Arte não desdenha mais manifestação alguma da *mater naturam* que a arte ascetica renegára.

« Expande-se a paizagem até absorver quasi a figura humana. A natureza é a grande fonte de inspirações. Mas a natureza não é simplesmente o mar, a terra, os céos. É a vida em todas as suas manifestações, em toda a sua fecundidade, revelação e evolução.

« O animal — a *besta* —, encontra na arte um sorriso de sympathia; até alli fôra simplesmente um accessorio lendarico, phantastico ou grotesco. E depois, como o aspirar mystico va cedendo o logar a preocupações e inspirações mais positivas, mais humanas, — se pôde dizer-se, o homem, assim como fixa na tēla os horisontes e panoramas que o rodeiam ou que o impressionam, e as scenas da vida real e commum, estuda tambem a *besta* que o acompanha, auxilia ou alimenta.

« O homem conversa com os seus irmãos e companheiros das classes inferiores. Quando a arte se faz biologica, deixem-me dizer assim, alargam-se indefinidamente os horisontes da concepção artistica.»

N'aquelle alargamento crescente da exploração paizagista, o accessorio passa muitas vezes a ser principal tambem: — a *besta*, os animaes, têm a miude a dilecção, a preferencia do artista, lembremos por agora Wynautz, o ultimo emancipador da *paizagem* e os seus discipulos Wouwzermanz, Adriano van Welde, Lingelbach; o grande animalista e não menor paizagista Alberto Cuypp, rival do Lorraine na arte de *vaporisar a luz*, como diz René Menard, os irmãos Booth, etc., etc.

E por que não havia de ser assim? Por que não fixar tambem a *verdade do animal*, — deixem-nos aproveitar a phrascologia de Ruskin, — como se concretisa na tēla a *verdade* dos longinquos horisontes, dos profundos céos, das variegadas campinas, da vida physica e da vida vegetal em summa!

« O animalista vale tanto como o pintor de deuses e heroes perante a esthetica positiva.

« Tem tantos direitos este genero como a pintura de apparato de que falla Emerie David, pintura tantas vezes metaphysica, heroica, principesea e que tantas vezes tambem se reproduz na apothecose, desvaira na allegoria e se estorce no entusiasmo retrospectivo, estudado, falso.

« E quando o pincel se faz bisturi, e quando em vez de parar na fórma, va estudando fibra por fibra, nervo por nervo, por assim dizer, — a estrutura intima, — psychica, — da vida animal, quando ausculta as pulsações da *besta*, as vibrações do cerebro inculco, o fluxo e refluxo das torrentes nervosas, quando enfim fixa na tēla, não a materia bruta, mas a materia relativamente intelligente e sensivel, quando dá ao pobre animal, a *alma*, — para me servir da expressão consagrada, — que o homem na sua concepção metaphysicamente egoista monopolisára: o animalista tem realisado nua boa e grande acção, a

¹ Segundo livro de critica.

Arte tem saído nobilitada do esforço supremo, e a Natureza, sua mãe, ha de sorrir-lhe satisfeita e grata, porque a filha não a renegou e mentiu no meio dos esplendores e opulencias do genio.¹⁾

Elles, — os pobres animaes, — são os companheiros nas canceiras e nas glorias do Homem, salvam-n'ò, seguem-n'ò, festejam-n'ò, defendem-n'ò, preparam-lhe, — laboratorios maravilhosos, — a alimentação e são elles proprios a melhor parte d'ella.

Elles luctam, sentem, têm heroicidades que assombam o Homem, e abnegações admiraveis, e perspicacias salvadoras, e humildades e dedicações e afecções profundas, intelligentes, boas.

Por que ha de desdenhá-los a Arte?

Não resistimos á tentação de transcrever as seguintes paginas brillhantes de T. Gauthier:

«Os animaes que habitam commosco o globo terraqueo, — não fallamos sob o ponto de vista da historia natural, mas sob o ponto de vista philosophico, — são dignos da attenção sympathica do observador; trazem em si um mysterio incomprehensivel, que o seu silencio permite interpretar de mil maneiras, sem se poder esperar comtudo que elle seja um dia devassado. Descartes considera-os como simples machinas, o padre Bougeaut erê que servem de prisão aos espiritos caídos, que não tomaram parte na revolta, mas que não se pronunciaram pelo Eterno. Não seguimos uma ou outra opinião. É difficil adoptar a primeira quando se tem tido a convivencia de um cavallo, de um cão ou de um gato; a segunda é uma d'estas phantasias que não se poderia discutir seriamente e de que a gente se ri como de uma hypothese engenhosa mas louca; o que é certo é que esta creação muda vivendo-nos de redor e submittida a leis fataes, tem alguma cousa que preoccupa a imaginação.

(Continúa).

LUCIANO CORDEIRO.

AS BELLAS ARTES NA EXPOSIÇÃO DE VIENNA DE AUSTRIA

(Conclusão)

VI



A na Austria um artista, o sr. Mackart, ainda moço, porém que gosa de alto favor em Vienna. Conta-se que o seu quadro principal, *Catharina Cornaro recebendo as homenagens do senado de Veneza*, foi pago ali por 100:000 florins, ou 45:000\$000 réis, pouco mais ou menos. Todavia, os entendedores dizem, que este quadro, medindo 14 metros de largura por 7 de altura, lembrava os trabalhos de Gallait com algumas das brillhantes qualidades de Henrique Regnault, sem comtudo possuir o elevado merito de qualquer d'estes dois pintores. O sr. Mackart tem muita facilidade para a decoração e sabe dar-lhe effeito e pompa.

A exposição austriaca tambem apresentou trabalhos de outro pintor de maior e melhor fama: do sr. Pittenkoffen. Tem ali nove quadros de pequena dimensão. As suas obras são muito valiosas. A tela mais saliente, e já mui apreciada em França, é a *Carreta dos voluntarios húngaros*. Este quadro figura entre os nove citados e é de certo a joia da colleção.

O sr. Pittenkoffen, tão popular na Allemanha como na Hungria, geralmente se dedica á reproducção das scenas da vida campesina. Notava-se-lhe que as ultimas pro-

¹ Segundo livro de critica.

ducções não tinham o brilho das primeiras: vac-lhes faltando o tom firme, os toques finos e graciosos, que as distinguiaam.

O sr. Matejko, laureado nas exposições francezas, tem optimo logar em Vienna com os seus assumptos da historia nacional da Polonia e da Hungria. Os artistas e a critica lastimam, todavia, que este pintor exagere nas atmosferas dos seus quadros a côr violacea.

O sr. Rodakowski figura com alguns de seus primorosos trabalhos. São bem conhecidos o retrato de Dembruski, a admiravel tela que representava a mãe do artista, e o retrato da rapariga, que em 1872 foi visto no Salão de Paris.

Entre os expositores ainda se vêem tres artistas, que já têm igualmente concorrido á exposição de bellas artes parisiense, e são os srs. Kowasseg, Schindler e Van Thoren.

Da Prussia, propriamente dita, encontram-se trabalhos de Henneberg, de Schreyer, de Broodman e do Richter, que é um excellento egyptologo e competidor de Alma-Tadéma.

VII

Fallemos ainda de uma obra de arte, que chamava, com fundamento, a attenção dos curiosos. Era o vaso de Anacreonte, saído das officinas da casa Christoffe. Esta peça grandiosa na fôrma e nas dimensões, porque media 1^m,60, julgava-se realisação extraordinaria e perfeita de um processo inteiramente novo: a incrustação de metaes coloreados sobre o bronze. A arte arabe e persa apresenta innumerous specimens de incrustações de oiro e prata sobre o bronze e o aço; a Renascença tambem empregou este meio de ornamentação na armaria; porém o processo da casa Christoffe differe muito da arte antiga, que era inteiramente mechanica, empregando a mão do homem para a applicação e inserção do metal decorativo no metal que lhe servia de base.

O processo de incrustação adoptado pela casa Christoffe é principalmente devido ao progresso das sciencias chímicas applicadas com intelligencia e gosto ás mais rigorosas exigencias estheticas.

O vaso de Anacreonte tem a fôrma dos vasos gregos, a que geralmente se dava, talvez com impropriedade, o nome de *vasos etruscos*. A fôrma todavia não é imitação desprimorosa e servil: tem maior elegancia, e a decoração é mais esplendida sem estar sobrearregada.

O sr. Reiber, habil architecto, auctor do vaso, utilisou-se com felicidade dos tons de bronze para conseguir uma decoração que lembra a das ceramicas antigas. O artista procurou a idéa, para este primor, em uma ode de Anacreonte, que descreve uma obra grega representando o nascimento de Venus. No bojo do vaso collocou dois quadros, oppostos um ao outro. No primeiro reproduziu o assumpto da primeira strophe, em que exalta o mar; e no segundo, a ode em que canta Venus. Os quadros são compostos de incrustações de oiro e prata, com esmaltes de tom escuro e avermelhado. A galvanoplastia tambem concorre para a harmonia do aformoseamento. A incorporação dos diversos metaes obtida por este processo chímico, dá-lhes pois a homogeneidade que não tinham os processos antigos.

No colo do vaso, o sr. Reiber pôz de um lado o retrato do poeta e do outro o da sua amante Khoré.

Este vaso, enfim, na opinião geral, era uma das joias da exposição franceza em Vienna.

VIII

Parece-nos que não deixarão de ter cabimento aqui, para concluirmos este rapido artigo ácerca das bellas ar-

tes na exposição de Vienna de Austria, a menção das impressões apresentadas pelo sr. Wolowski á academia franceza.

O illustre academico elogiou com elevação os esforços da Austria, apenas saída de uma gravissima crise, para effectuar a grande exposição, e disse que por isso merecia os applausos da Europa.

Na opinião do sr. Wolowski, via-se que se estava em Vienna como em uma zona mixta. O Oriente estava alli melhor representado que em Londres e Paris; e se o Oriente colhia vantagens do seu contacto com o Occidente, era forçoso reconhecer que havia lição nos trabalhos orientaes. O Occidente representa, é certo, o movimento e a variedade; e tem em segura base o equilibrio das forças e das fórmas: mas o Oriente representa a grandeza e a serenidade, e possui muitos segredos da harmonia dos tons e das côres.

Hoje, accrescentou o illustre academico, pôde haver firmeza nas apreciações a respeito da arte oriental; a China não tem mysterios, o Japão é da moda, a Persia sac da sua immobildade e a India entende-se com a Europa. Parece incontestavel que se o capricho, a fantasia, o esplendor constituem qualidades predominantes na arte oriental,—faltam-lhes todavia o sentimento, o gosto do bello, tudo o que falla á alma na linguagem elevada; tudo que purifica e ennobrece. A opulencia das côres, o primor do desenho, a elegancia na fantasia, que são qualidades brilhantes no Occidente, tem monotonia no Oriente. Procurar-se-hia baldadamente alli um trabalho que sequer fizesse lembrar as obras admiraveis que se chamam Venus de Milo ou Virgens de Raphael.

O sr. Wolowski declarou á academia, não só com o sentimento nobilissimo do bom francez, mas tambem de certo como homenagem á verdade, que a França, não obstante as espantosas calamidades dos ultimos annos e apesar do pagamento de sua indemnisação que assombrou a Europa, mostrou que tinha energia e recursos, e apresentou-se na exposição de Vienna de Austria como se não atravessasse uma época de afflicções e desgraças.

A exposição franceza em Vienna, portanto, a muitos respeito, e segundo o parecer confirmado do proprio jury, competia-lhe um lugar distincto.

B. A.

A VENDA DO NINHO



ALTAM-LHE apenas as rosas, o mais o quadro está completo—aves e creanças.

Que mimoso e variado grupo! Que pequenino drama a ler-se n'aquelles rostos, queimados um pouco do sol dos campos! Que alegria infantil a encher o albergue pobre e nú!

São como as trepadeiras as creanças. Está uma parede velha, arruinada, escura; vão as trepadeiras e forram tudo de verdura e cobrem de flôres as ruinas. As creanças enchem de vida os casebres; com as suas cabezinhas loiras são como os trigueiras no campo; com o seu chalar, ás vezes inintelligivel, são como os passaros nos choupos da margem do ribeiro.

Analysemos o grupo; tres indubitavelmente são de casa; são tres irmãos. O mais velho veio da escola. Todos aquelles caminhos e aziuhagas soffreram da sua impetuosidade. Elle era como o leãozinho encerrado na jaula; deixou de ser dominado pelo olhar do professor e cil-

que expande a alegria irrequieta dos seus oito annos. É agil e bom trepador. Sobe ás arvores, no outomno, para colher os fructos amadurecidos e na primavera para observar os ninhos o arrancar-os do musgoso dos troncos. É o seu grande prazer cruel. Não comprehende ainda o que seja o mundo do amor compendiado n'aquellas palhinhas d'onde sae o bico incipiente dos passaros. Mal poderá sentir o que seja a dôr dos filhos e a saudade dos paes. Como que tem necessidade de aquecer os dedos no quente envolvero, onde se cria uma familia de cantores.

Tem nas mãos o ninho e aos pés o livro. De tudo se esqueceu e só ali tem concentrado o pensamento. No entanto, ao que parece, já ha o que quer que seja de malicioso, de mercantil, n'aquella sua concentração. É o unico que está senhor da sua importancia e como que a meditar n'um problema. Aquella sua seriedade precoce denuncia-o diplomata. Parece o sr. de Bismark em miniatura a regatear á Dinamarca um palmo do Schleswig.

Todos têm os labios mais ou menos descerrados; só elle conserva a bôca fechada. Como que está avaro da sua mercadoria. Lança de soslaio o olhar para o barrete das cerejas e para a moeda de cobre, mas tudo aquillo não lhe faz arregalar o olho. Não é como Esaú, que vende a benção por um prato de lentilhas. Por que se conservará indeciso? Terá um certo amor pelo ninho ou achará que é mau o contracto que lhe propõem?

O irmão mais novo tem a expressão agaiatada. É um pouco indifferente ao negocio e o seu sorriso talvez seja para mostrar uns bellos dentes capazes de trincar todos os fructos do universo, quanto mais a barretada das cerejas.

Mas o typo graciosissimo, mas a imagem da candura e da innocencia, mas a alma compadecida e amorosa está na irmãsita, cujos cabellos loiros resaltam da orla de pelles do seu barretinho de lã. Ella não vê mais ninguém senão os passarinhos. Tem as mãos atraz das costas; tem talvez medo que elles lhe piquem os dedinhos, mas não tardará muito a que lhes amacie a cabeça, a que os achegue ao seio e os beije enfim. Será um dia de tristeza para ella se o rapaz da corneta ao tiracolo levar a dôce presa do irmão.

É este o quadro e será para sentir que o leitor desvie o olhar da gravura para percorrer esta prosa, que não vale sequer uma das cabecitas do ninho. Não é preciso uma grande intelligencia para comprehender a idéa do artista. O grupo impressiona sufficientemente de per si e não requer commentarios de critico.

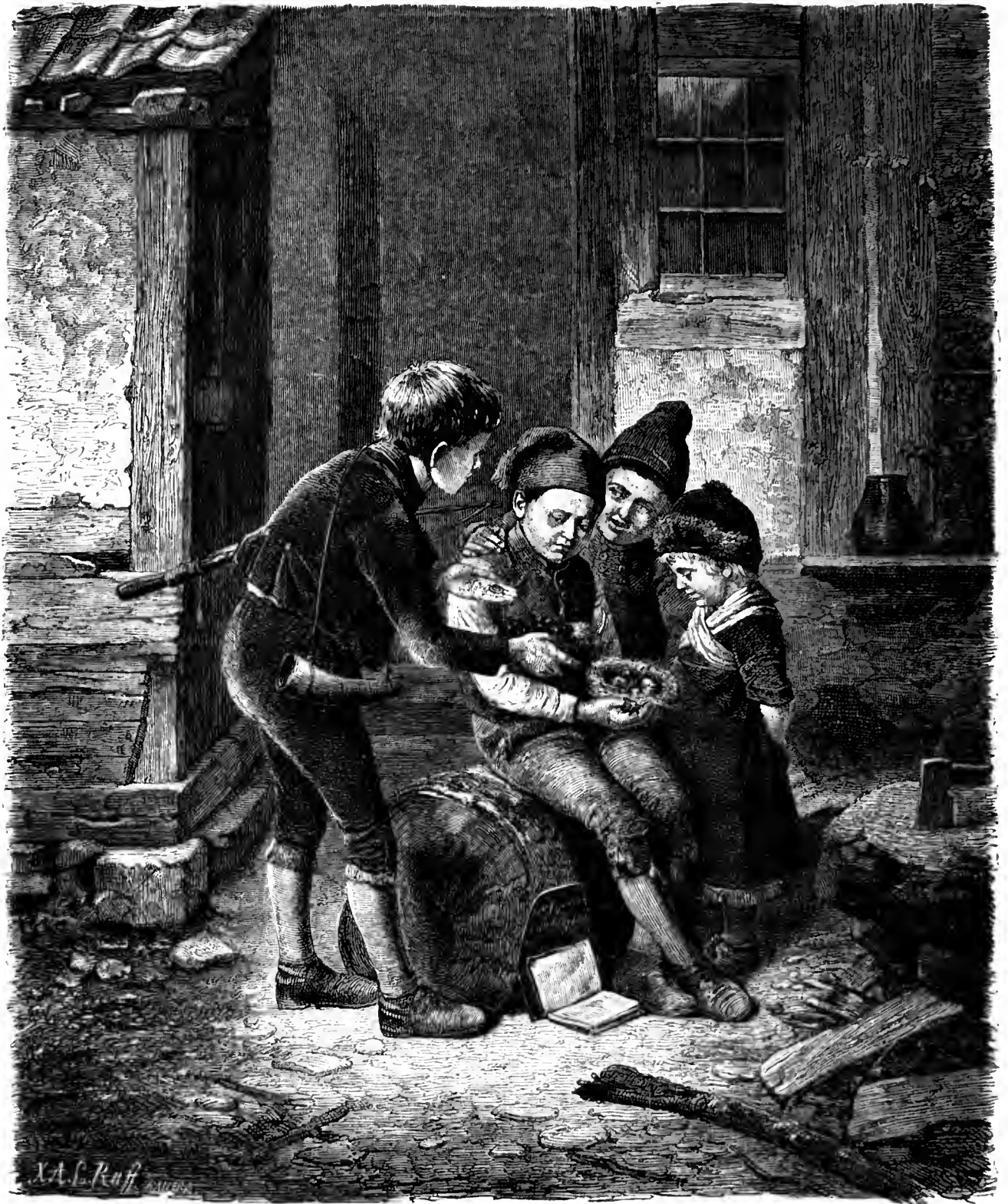
A arte antiga, como que respirando a athmosphera do heroismo, talvez se envergonhasse de descer das suas creações olympicas, para tratar d'estes assumptos na apparencia indignos das imaginações poderosas. Os grandes mestres da antiguidade amavam a natureza, mas precisavam de a divinizar, de lhe dar a fórma dos deuses. As florestas, os rios, os mares, tudo tinha uma alma celeste, que se desenhava gigantescamente nos marmores resplandecentes de Paros.

Mas a arte moderna levou muito mais longe o sentimento, sem desfigurar a natureza, sem recorrer ao sobrenatural. Acompanhou o estudo das sciencias naturaes e espiritalisou para assim dizer toda a materia. Nem só os heroes e os semi-deuses respiram o halito divino. Hoje o que se procura é traduzir em todo o organismo a sua força intima, a sua alma, mais ou menos rude, mais ou menos aperfeiçoada. Os leitores das *Artes e Letras* tem tido occasião de verificar mais de uma vez a corrente da arte contemporanea. No olhar dos animaes ha um raio de philosophia. O homem vive na convivencia e não no dominio da natureza. Elle não é independente; é preciso não des-

conhecer os elos da cadeia, que o prendem a todas as cousas.

A vida compõe-se de todas as luctas e não vive sómente aquelle que respira a athmosphera dos combates.

A arte moderna não podia esquecer as creanças; segue o preccito do Christo. A religião do crucificado talvez tenha influenciado debaixo d'este ponto de vista com a sua amorosa lenda do Jesus Menino. As creanças têm o rosto



A venda do ninho

Nos episodios mais serenos e d'óces é quando se revelam os mysterios mais sublimes da alma. Nada se deve desprezar; nada se deve esquecer. Quem lê, por exemplo, os poemas de Homero, sente um prazer indefinido, quando penetra com o divino *adós* na vida lararia da civilização grega.

sereno, mas n'essa serenidade offerecem o mais vivo contraste. Vêde o grupo da nossa gravura e dizei-nos se o artista não se sentiu inspirado e não fez de cada cabeça um delicado poemeto.

S. OUSA VITERBO.

NO PENSAMENTO

É triste como as plantas a que roubaram o sol, ou como as almas a que roubaram o amor. Tem o gesto len-

ta. Não conhecera pai nem mãe: chamavam-lhe *a engeitada*; mas haviam-na todos adoptado pelo coração.

Dormia ora aqui, ora ali, umas vezes nas quentes arribanas dos caseaes, ao pé dos grandes bois medios, man-



No pensamento

to, o olhar apagado, a humildade serena dos opprimidos.

Nasceu no campo, e no campo se creára, pobre mas livre como a corça das matas e a madresilva dos valados.

so e luzidios, que ruminavam lentamente, ollando para ella com o olhar benevolo dos fortes, outras vezes ao ar livre, debaixo das arvores, no leito cheiroso e macio dos fenoos ceifados de fresco. Tinha um defeito.

Era preguiçosa.

Preguiçosa como as flores, como os passaros, como as borboletas. Depois dera-lhe Deus o amor instintivo das cousas luminosas e transparentes. Levava horas e horas deitada nas ervas, bebendo a plenos tragos o ar balsamico das charneças floridas, embriagando-se de luz e de harmonias, olhando para as estrellas com os seus grandes olhos illuminados de extranhas curiosidades, ou namorando cá de muito longe as magneticas phosphorecencias do mar.

Gostava das historias maravilhosas, das lendas phantasticas, julgava ouvir ao luar os risos das fadas boas, e sabia contar as suas allucinações inoffensivas com uma graça pittoresca e bravia que era só d'ella.

Confiavam-lhe os seus rebanhos de cabras os lavradores do sitio, e ella selvagem como ellas seguia-as pelos pincares recortados da serra, saltando do penhasco em penhasco esbelta e ligeira, ou velava-as de longe n'algum recanto escuso onde o mato se entrellasse de mais flores, onde os giestaes exhalassem mais penetrante aroma.

Era uma vida risonha e miseravel. Alimentava-se e vestia-se da caridade das almas como o lyrio se veste e se alimenta da luz e do orvalho dos céos. Só ella sabia os extranhos gosos do seu desconfortado existir; o caso é que a viam alegre e palreira, lavando nas fontes o rosto crestado e enfeitando de malnequeres os loiros cabellos em desordem.

Um dia porém entristeceu de repente, sem que ninguém lograsse adivinhar as causas da estranha mudança.

Tornou-se mais sisuda, mais laboriosa e mais calada, e nunca mais se ouviram pelas quebradas do montão os eccos da sua voz fresca e impregnada de não sei que feitiços namorados.

Perguntavam-lhe o que tinha, e ella respondia com um olhar humilde e triste, um d'estes olhares que entram no coração da gente e o dilaceram.

Até que enfim sumiu-se de todo. Veio servir para a cidade. Ella que era livre, irrequieta e vagabunda como as cabras que guardava, prendeu-se voluntariamente nas paredes estreitas de uma casa de burguezes.

Como sabia pouco tratavam-na despidadamente.

Ella porém aprendêra em não sei que dolorosa iniciação a não queixar-se nunca.

As vezes, depois de feito o trabalho do dia, sentava-se n'uma larga cadeira antiga, de altas costas e torneados pés, e ali se deixava ficar pensando... pensando no que só ella sabia.

Então abria-se a porta, e um cherubim loiro, risinho, mimoso de mil carinhos, entrava na cosinha escura, como um raio de aurora, vinha pousar no regaço d'ella os seus bracinhos de leite roliços e nús; e fazia-lhe perguntas pueris n'essa lingua mysteriosa e encantadora que só fallam as creanças e que só entendem as mães.

Por que o entendia ella tão bem? Porque se fixavam com tão saudoso enlevo os olhos da pobre aldeã nos loiros cabellos da creança, e nos seus olhos azues, serenos e limpídos como uma nesga do céu da primavera.

Quem sabe a visão de azas brancas que a infeliz havia tido, e que ella deixára perder-se nas urzes do seu ingrato caminho! Sabe-o Deus, o adivinhava-o talvez a doce creatura que abandonava as bonecas e o regaço materno, para deixar chover n'aquella alma entristecida as perolas crystallinas do seu riso infantil.

Pinteus.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

VI

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucuruí.—Os meus tapuios.—A Jutahyica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem a través da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurunas.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.



ção Pagé perdeu inteiramente o sentimento da propria dignidade na scena final das onças. Tendo-se deixado ficar um pouco atraz de nós, talvez para se despedir dos restos do almoço, no momento em que a onça viva se arremessou sobre o cadaver da companheira partiu elle a fugir, com a cauda sumida entre as pernas, e soltando gritos tão dolorosos, que nos persuadimos de que a fera lhe tivesse arrancado algum osso... dos d'ello. Vendo porém a attitude de Ferrugem, quando este apostrophava a femca que comia o macho, virou-se tambem para traz e entrincheirando-se com as nossas pernas começou a ladrar furiosamente.

—Vac-te d'aqui, parapatão!—lhe gritou o nosso chefe, que acabára o seu discurso á onça.—Com as tuas valentias de parada, estiveste em risco de ser comido e de nos deixares comer, que era peor um pouco!

Deu-lhe brutalmente um pontapé, que obrigou o pobre cão a engolir o ultimo latido, indo cair atordoado alguns passos distante.

—Olhe que o mata!... E faz-nos falta,—observei eu, escandalizado com a selvajaria do meu patricio.

—Qual historia! Reparo como elle se meche! Parece que até lhe fez bem!

Effectivamente o Pagé, que fôra impellido para a banda do ribeiro, na direcção em que a onça estava rosnando e comendo o marido, levantára-se de chofre e despedira em corrida veloz para o nosso lado. Era o medo quem lhe dava azas!

Eu preparava-me para atirar ao hospede, que tão sem cerimonia almoçava á nossa vista; mas Ferrugem impediu-me.

—Poupemos a polvora... e o corpo. Quem sabe lá o que succederia?! Vossê já escapou por uma unha negra! Não nos mettâmos n'outra sem necessidade; nem perçamos tempo com divertimentos inuteis.

Pozemo-nos a caminho novamente, não sem pezar men que preferia mandar primeiro uma bala ao feroz animal, que fingindo não reparar em nós, não nos perdia comtudo do vista! Eu não me certificára ainda de quanto é perigoso o combate do homem com aquella especie de feras, quando o primeiro tiro não as põe logo fóra de combate; a lição perigosa da noite havia sido inteiramente perdida para os meus poucos annos, e para a minha temeridade intempestiva!

Ao fim de duas horas de marcha a floresta escurceu de repente e começaram a cair grossas gotas de chuva, que resoavam sobre a folhagem como se batessem em telhados de zinco!

—Não nos faltava mais nada!—exclamou o mameluco.—Vem ali agua que mette medo!

—É andar depressa!—gritou Antonio Ferrugem.

—O terreno por onde vamos agora é muito baixo e alaga-se facilmente! Se nos apanha aqui uma cheia, estamos aviados! Teremos de esperar em cima das arvores, na companhia das cobras, que ella se escõe, o que não será em menos de dois dias!

Ficámos atterrados, todos os que não conhecíamos a localidade, o apressámos o passo quanto nol-o permitiam as difficuldades da espessura, augmentadas com a escuridão, que era cada vez maior.

—Não se vê já signal de picada!—murmurou Agapito cheio de terror.—Se nos perdemos, ha de ser bonito!

—Haverá risco de nos perdermos?—perguntei eu a Ferrugem.—O sr. Agapito diz, que já não vê a picada.

—Tudo é possível n'estas alturas,—volveu philosophicamente o meu compatriota.

—Mau!... e uma vez perdidos?...

—Ficavamos peor.

—E... Como havíamos de sair da situação?

—Procurando o rumo.

—Traz bussola?

—En?!... E lembra bem! Seria muito util n'estas florestas!

—Se a não tem, arriscamo-nos a ficar por ali, n'esta ou n'outra occasião, até que...

—Até que tornemos a achar o caniuiho.

—E se se acabar a polvora?

—Restam-nos as flechas.

—E perdidas ou quebradas ellas?

—O Pagé encova pacas e cotias.

—E se elle fôr comido por alguma onça?

—Tanto lhe póde acontecer a elle, como a nós.

—Isso é consolador!

—Quem se aventura á vida das florestas é como se fizesse da pelle um alvo para atiradores inexperientes. Alguma vez podem-lhe acertar, por acaso!... Porém, não faltam fructas, peixe e caça, quando a gente se perde nos bosques do Xingú; e se um homem faz proposito de resistir á morte, atrapalha-a por muito tempo e não a deixa metter-lhe o dente. Eu cá sou duro de roer; e declaro que não hei de deixar-me ir por mal cosinhado!

Os nossos companheiros escutavam com visível interesse a nossa conversa. Os dois tapuios caminhavam, guardando sinistro silencio, atraz de Ferrugem; Agapito, que costumava ir adiante, dava suspiros ruidosos e fazia esforços por encobrir o medo que o dominava. A chuva ia engrossando a ponto de nos molhar os restos do fato, que os espinhaes e ramarias nos tinham até ali poupado.

—Parece-me prudente acampar,—disse o chefe da expedição.—Desconfio que o Agapito tem razão e que perdemos a picada.

—Perdemos a picada!—exclamaram como um echo os dois tapuios.

—Perdemos a picada!—repetiu lugubrememente o mameluco.

—Deixem-se de lamurias!—gritou Ferrugem.—Emquanto se vê ainda alguma cousa, tratem de cortar folhas de ubim e façam barraca para se accender o lume.

Os índios não esperaram a repetição da ordem. A palmeira ubim, que cresce rente do chão nas florestas virgens do Xingú, abundava em torno de nós. Com os seus ramos, do tamanho de tres metros, pouco mais ou menos, armou-se uma choupana, sobre a parte mais elevada do terreno, e accendeu-se immediatamente uma fogueira, em torno da qual nos reunimos.

Os índios do Brazil, enquanto bravos, percorrem as suas florestas como verdadeiros animaes ferozes. Logo, porém, que se domesticam, tornam-se inteiramente outros. Ninguém se arreccia mais que elles dos seus antigos companheiros, da existencia errante das selvas, e da propria tribo a que pertenceram! Perdidos no mato, não é para as bandas do berço que tentam encaminhar-se; não é a mãe, o irmão, a familia, o rio natal, o bosque

amigo da infancia que os attrahe e que procuram com ansiedade. O logar habitado pelos índios mansos, a aldeia ou a villa dos brancos, a servidão mal retribuida mas que elles terminam quando quereem, a variedade das residencias, o contacto da civilização elemental, é tudo isso ou é sómente isso que deploram haver perdido e que se esforçam para reachar immediatamente. Esquecidos os habitos da vida primitiva, como que perdem tambem a memoria do passado! E, diga-se a verdade, o temor que lhes inspiram os parentes e amigos dos primeiros annos não é nada infundado; se estes os apanham, tratam-n'os com a semcerimonia que usam com os que nunca viram. Se são tribus de boa indole, olham-n'os apenas com desconfiança; se das menos benevolas, acolhem-n'os a flechadas.

Justificava-se pois a crescente inquietação dos nossos tapuios, quando se souberam perdidos. Que importava que os jurumas, a quem íamos visitar, fossem considerados dos melhores? Estavamos transviados na floresta e para o indio todo o que não é amigo é inimigo; o desconhecido representa um perigo. Mas o lume, calor e alegria do homem em todas as circumstancias da vida dos bosques, companheiro constante, e ás vezes perdido, porque o denuncia áquelles de quem se esconde, o lume, accendido rapidamente no tejupar improvisado, mudou-os inteiramente. A medida que o clarão das chammas se espalhava em torno de nós, alumando a floresta, reaparecia no rosto dos dois índios senão a alegria o ar de indifferença e insensibilidade, que affecta a maioria d'elles. E quando Ferrugem puchou pelo enorme frasco de aguardente e declarou que era chegado o momento solemne de o passear pelas bôcas de todos os membros da caravana, desenhou-se-lhes nos labios um sorriso triste, que era a mais suprema demonstração de contentamento a que elles tinham podido attingir até então.

A chuva caía em torrentes; os ramos sêcos estalavam no lume; Pagé resonava com estrondo, enroscado quasi sobre os piús incendiados; o mameluco resava a *Magnificat* para conjurar os trovões, que se ouviam a distancia; Ferrugem dava estalos com a lingua e passava-me o frasco amigo; os tapuios preparavam a carne para o jantar; e ao longe troava com medonho fragor o ruido immenso da cataracta!

A aguardente reanimou-nos e aqueceu-nos; o jantar, que nos serviu egualmente de ceia, pôz-nos em estado de fazer frente á noite, que avançara cheia de mysteriosos terrores. Conseguimos atar as redes, cobrindo os espaços occupados por ellas com grandes ramos e folhas de palmeira; mas, pouco a pouco, as gotas d'agua foram-se introduzindo por entre as ramarias e ao cabo de poucos minutos tinham estabelecido canaes, que nos inundaram! O vento bramia furioso sobre as copas dos arvoredos, estorcia-os, abalava-os, e conseguia, nas clareiras, desarreigar um ou outro colosso vegetal, que de vez em quando sentiamos cair com terrível estrondo. Então, ao ruido pavoroso da arvore que caía, reuniam-se mil gritos sinistros, de aves e fêras, os gemidos dolorosos da selva, que perdia um irmão secular, as vozes plangentes da natureza e os rugidos da tempestade!

—Agapito?—gritou Ferrugem, deitando a cabeça fóra da rede;—vossê tem alma de dormir com uma noite d'estas? Palavra, que o invejo! Eu não sou difficil em cousa nenhuma; porém, agora, confesso que me é impossivel pregar olho!

—O seu Ferrugem está mangando!—respondeu o mameluco em tom lastimoso.—A minha rede é tão tapada que não deixa sair a agua que lhe cae dentro! Como hei de dormir, deitado n'uma pôça?!

— Pois levante-se e despeje-a! Eu tambem me sinto fresco. Que tal vae isso por lá, ó Chico?

— Eston n'uma sopa! Ainda faltará muito para amanhecer?

— É meia noite—disse um dos tapuios, indo atçar o lume e deitando-lhe mais lenha.

— Qual meia noite! Nem dez horas.

— Eu ouvi cantar pela quinta vez o inambú-tóro...

— Vae para o diabo com o teu inambú-tóro! Ouves?...

— Crêdo! É o jacurutú!

— Ai, Jesus! O jacurutú!

— É cousa má?—interrogou, transido de pavor, o mameluco.

— Se é cousa má?!—volvem um dos tapuios;— quando se ouve a voz d'elle, é contar com desgraça perto!

— Vem dizer-nos, que não tornámos a achar a picada!—secundou o outro indio.

— Estamos promptos!—carpiu Agapito, deixando-se cair na rede, onde se havia sentado.

— Ó Chico, vossê que está mais perto do lume, passe-me para cá um tição e não dê ouvidos a esses palvos.

Dei-lhe o lume e elle accendeu o cachimbo.

— Se tem ali tabaco picado, dê-me um pouco.

Ferrugem deu-me o tabaco pedido, eu fiz com elle um cigarro, embrulhando-o na folha de tauary, e ambos começámos a fumar em silencio. Agapito resava, e os dois tapuios benziam-se ao menor rumor que sentiam.

O inambú-tóro (*Crypturus serratus*, Spix?) é um passaro que se ouve de noite nas florestas do Amazonas e Pará, e que parece repetir em seu canto as duas syllabas *tó-ro*, que lhe deram o appellido. Crêem os indios, e até alguns brancos, que elle canta de hora a hora e consideram-n'ó o relógio infallivel das florestas, para medir o tempo durante a noite. O jacurutú (*Strix Nacurutú*, Vieill.) é uma das muitas aves nocturnas, tidas como agoureiras pelos indios, cujo canto os apavora mais que o de nenhuma outra.

— Lá canta outra vez o inambú!—disse Ferrugem;— ainda não passou uma hora e portanto é falso que elle cante a horas certas.

— Ouçam o jacurutú, que tambem repete!—exclamou o sempre aterrado Agapito.

— É que estão berrando á aposta,—volveu Ferrugem, rindo.

— Esperem-lhe a pancada!—murmurou um tapuio.

— Nunea eu viesse de Pombal!—suspiro o outro.

— Oh! *minha alma magnífica!*...—soluçava Agapito, estropeando com piedosa devoção o hymno religioso.

A noite corria lenta e cada vez mais pavorosa. Os clamores do vento, os rugidos das feras, o cair das arvores, os gritos das aves nocturnas, e o desabar da chuva em torrentes sobre a folhagem espessa formavam atterrador concerto. Todos estavam mais ou menos encharcados nas redes; apesar d'isso, pela volta da madrugada o cansaço foi-se apoderando de alguns de nós e o somno fechou-nos momentaneamente as palpebras. A minha idade contribuiu para que eu fosse dos primeiros que adormeceram, se acaso era dormir o estado de torpôr em que me achava, ouvindo e sentindo tudo, sem estar desperto. Pouco a pouco os ruidos foram diminuindo aos meus ouvidos: pareceu-me que a chuva e o vento se afastavam e que a noite se tornára serena e tranquilla. Um somno mais reparador principiava realmente a apossar-se de mim quando fui acordado repentinamente pelos gritos de Agapito.

— Acudam! Jesus! Acordem, que morremos todos!

Saltei de um pulo fóra da rede, ainda com os olhos mal abertos; a sensação de frio desagradavel, que senti immediatamente nas pernas, fez-me dar tambem um grito.

— Ai!

— É a inundação prevista,—disse serenamente Ferrugem, que, como eu, saltára da rede meio adormecido e fóra logo acordado do mesmo modo.

A agua dava-nos pelo meio das pernas e parecia continuar a crescer! Agapito, que se tinha levantado para ir deitar lenha no lume, por não o vêr quando abriu os olhos, ao achar-se inesperadamente n'um lago, deixou-se cair com o susto e soltou os clamores afflictivos que nos tinham despertado. O fogo havia-se extinguido; o misero Pagé, empoleirado sobre os ultimos tições apagados, que a cheia não levára ainda, pedia soccorro, ganindo e uivando!

Felizmente, vinha rompendo o dia e tinha cessado a chuva. Os dois indios, sentados nas redes, com as pernas pendentes, olhavam com estúpido esmorecimento para Ferrugem e para mim, que estávamos ajudando o mameluco a erguer-se.

— Pendurem as bagagens mais acima!—lhes gritou o chefe.

— Esperam, talvez, que a agua lhes cheguo e estrague tudo?! Acudam á farinha! Se a deixam molhar, a cousa será mais seria!

Suspendeu-se tudo, incluindo as redes; tornámos a deitar-nos, á espera que amanhecesse inteiramente. Agapito foi assás bom ou assás cauteloso para recolher consigo o infeliz Pagé, que ao sentir-se consolado com o calor do mameluco começou a rosnar de delicias. A cheia subia ainda. Apenas aclarou a manhã, alongámos a vista por entre os troncos e não vimos senão agua por todos os lados! Excepto Ferrugem, que, sempre philosopho e intrépido, encarava todos os acontecimentos com inalteravel sangue frio, todos os mais desanimaram.

— É preciso partir immediatamente,—ordenou elle.—Convem procurarmos logar alto para se fazer o almoço. A nossa boa fortuna será que esta inundação provenha dos igarapés que hontem deixámos atraz; se trasbordou dos que estão para diante, não poderemos ir longe.

— E se as aguas vierem crescendo sempre?—interroguei eu.

— As arvores são altas! Iremos subindo tambem. Não tenha medo que ellas se afundem de todo.

Cada um tomou rapidamente a sua bagagem.

— E o cão?—perguntou Agapito consternado.

— Que nade atraz de nós,—tornou Ferrugem.

— Coitado!

Partimos; não havia corrente, mas era impossivel poder-se caminhar por muito tempo com agua pelos joelhos. A cada passo tropeçavamos nos troncos e raizes mergulhados. As cobras de todos os tamanhos, que fugiam da inundação, serpenteavam pelos ramos em torno de nós; os jabotys fluctuavam; as pacas e cotias, accoradas timidamente sobre as arvores caidas, pareciam pedir-nos auxilio; Pagé, nadava, ladrando ou carpindo-se, e descausando, sempre que encontrava um commodo geitoso. Ao fim de duas horas trabalhosissimas, deparámos com terreno ainda não alagado e respirámos. Quando porém nos preparavamos para accender lume, reconhecemos que a praça fóra occupada antes de nós, por grande quantidade de caça, cobras e onças! Estas ultimas afastaram-se modestamente, para nos dar logar, deixando-nos os restos de um veado, que estavam comendo. Os reptis não foram tão amaveis nem tão faceis de desalojar; só á força de fogueiras cederam o campo. Quanto á caça munda,



PV. SLINGELANDT PINXIT

A OFFERTA.

deixava-se ficar, julgando-se protegida pela sua innocencia, como se estivesse no Paraiso!...

A tempestade da noite succedêra um dia sereno e um sol esplendido. No sitio onde acampámos havia uma clareira, que nos permitiu enlugar a roupa enquanto se fazia o almoço. Os rugidos surdos, que não cessavamos de ouvir muito proximos, e o pello irriçado de Pagé, que descancava em posição de poder ser assado, aconselhavam-nos a velar attentamente e a ter as armas sempre á mão. Depois do almoço, verificámos com alegria que a cheia baixava.

—A caminho!—intimou o nosso chefe.—Sigamos por esta barreira de terra preta; palpita-me que vamos dar com a picada dentro em poucos minutos.

Ferrugem onganava-se. Andámos todo o dia, por terrenos quasi sempre encharcados, e ao escurecer fomos parar ao sitio onde tinhamos almoçado! O mameluco chorava; os tapuios davam indicios de quererem assassinar Ferrugem, que, sem os perder de vista, fumára todo o dia placidamente no seu cachimbo de viagem; eu e Pagé guardavamos silencio; mas, n'essa noite pareceu-me prudente não dormir e passei-a contando historias, das que tinha lido nas *Mil e uma noites*, com as quaes conseguí sempre captivar a attenção dos indios.

No dia seguinte recommçámos a procurar a picada perdida, e foram ainda baldados os nossos esforços para encontral-a! Já ia anoitecendo, e o terror dos tapuios dava-lhes cada vez mais sinistro aspecto, quando Ferrugem parou e tirando o cachimbo da bôca, exclamou:

—Que corja de estupidos que nós sômos! Andámos ha dois dias perdidos, ouve-se o estrondo da cachocira, e ainda ninguem se lembrou de que deviamos encaminhar-nos para a margem do Xingú!

—É verdade!—respondemos todos com admiração e alegria.

No dia seguinte partimos em direcção á cataracta; encontrámos a picada o vinte horas depois chegámos ao territorio dos indios jurunas.

(Continúa.)

F. GOMES DE AMORIM.

VIOLANTE

Que linda! quem não te adora
raio de luz da manhã?
loura, rosada, louçã,
innocente o scismadora!

E por que scismas, querida?
reccia, acaso, a tua alma
de não encontrar a palma,
que a gente sonha na vida?

É muito cedo, vê bem;
deixa lá scismar o triste,
que, na soidão em que existe,
nada espera e nada tem;

mas tu!... Sabes, innocente,
que mo faz mal vêr-te assim?
arôma d'este jardim,
aurora do fulvo oriente!

A cada qual seus cuidados:
tu és a copla d'um hymno,
canta! cumpre o teu destino,
ave dos flóridos prados.

Tu és mulher anjo e flôr,
toda luz e riso e gala;
branca,—um champó de Bengala;—
bella,—uma rosa d'Onor.—

Que linda! quem não te adora
raio de luz da manhã?
loura, rosada, louçã,
porém sempre scismadora!

tu, a quem por um sorriso
dêra o seu nome *Angediva*,
que até no seres esquiva
dás mostras de paraiso,

por que has de scismar? e então
na terra onde ha tanta palma!
Deixa voar a tua alma...
e acautela o coração.

É como avesinha solta,
que um foco de luz attrahe,
e assusta-se e lucta e cáe...
e as azas queima e não volta.

Tens o olhar no oceano immerso?
serão saudades? responde!
Talvez, que onde o sol se esconde
fica o teu berço e o meu berço.

Tu nunca o viste, bem sei,
mas n'uma alma dolorida
ha saudade indefinida,
que chama, que attrahe, quo é lei.

Quando eu voltar, se algum dia
volvo á terra de meus paes,
tu vaes comigo! oh! sim vaes!
dou-te a nau e a companhia.

Vaes na galera doirada
da minha musa formosa;
é toda sandalo o rosa;
tu chamas-lhe Genio o eu, Fada.

Vão comnosco inspirações,
que brotam do seio amante;
vae o estro delirante
a derramar-so em canções.

Vae o bem-querer sem meta
e a liberdade sem fim;
vae teu seio junto a mim...
ventura e gloria completa!

Nas vélas de seda, flôres;
a flux, crystaes e brocados;
a guarnição, de cuidados,
a tripulação, d'amores.

Dará dia ou noite aos céos
o capricho dos teus sonhos;
dia, os teus, que são risinhos,
noite, a tristura dos meus.

Teu olhar será meu astro
e a vaga ha de acompanhar
uma harpa colia a cantar,
pendente de cada mastro.

Verás como se delira
na solidão luminosa!
quando cançares, formosa,
embalo-te ao som da lyra,

e vou encostar-te, ó flôr,
sobre o teu coxim bordado,
e hei de ajoellar-me a teu lado
a segredar-te d'amor.

Oh! para bem longe a praia,
onde a visão se desfaz!
onde a miragem, falaz,
mas tão risouha, desmaia!...

Quebre-se embora a galera
morrámos ambos, querida,
e continuemos a vida,
longe, escondidos na esphera.

Nova Goa, maio de 1871.

THOMAZ RIBEIRO.



A OFFERTA — O BANHO DAS CRIANÇAS



que recebe o presente é, sem duvida alguma, excellente dona de casa. Os seus braços brancos e roliços não brillam á luz dos bailes, mas arregaçam-se com presteza quando se trata de ajudar a cozinheira na manipulação de um guisado de maior responsabilidade. Anda tudo em casa limpo e arranjado; em cima dos moveis não ha um atomo de poeira, o sobrado reluz com os esfregados; nas gavetas cheias de maçãs a roupa perfumada e alvissima estende-se com uma regularidade admiravel. A boa mãe de familia começa a entrar no outomno da existencia, mas a placidez do seu viver honesto conservou-lhe toda a frescura da primavera, e deu-lhe apenas as fôrmas arredon-

dadas da mulher já feita. Os filhos andam na escola; já passaram os primeiros cuidados da maternidade, e ella, esperando o marido que não tarda para o jantar, esperando os filhos que d'ahi a pouco entram pela casa dentro, ruidosos, palradores, com os livros apertados pela correia tradicional, contando á mãe, que os escuta sorrindo, os incidentes pueris da escola, ella, sentada ao sol, junto da janella banhada de luz, cuida com enlevo dos seus, e a sua fronte sem rugas illumina-se com esse reflexo do esplendor do céo, com que Deus já corôa na terra os simples e os bons.

Contemplando a gravura, esperámos a cada instante vêr abrir-se a porta, e apparecer a cozinheira corada que vem pedir instrucções, ou submeter uma duvida á dona da casa. É que n'esse dia o jantar não se pôde fazer assim sem mais nem menos; ha festa de familia; vae grande azafama lá dentro. Preparam-se surpresas, um jantar pantagruelico. Assim o denuncia a *offerta* da velha visinha. É que a boa dona de casa espalha em torno de si o bem-estar e as bençãos. Não ha visinha que lhe não deva um favor. Como o céo lhe concedeu a aurea mediocridade, todos os que batem á porta vão remediados e alegres. E não é necessario que a procurem; ella saberá descobrir as miserias escondidas, ella saberá dar com a sua mão suave e branca o lenitivo aos afflictos. Por isso tambem a festa de familia é festa para a vizinhança. Todos se julgam na obrigação de trazer á boa senhora um presente que mostre o seu reconhecido affecto. A boa velha, que não é das mais pobres, trouxe a gallinha já morta, que não tardará a passar para as mãos exercitadas da cozinheira que a depennará n'um crédo.

Ha na gravura um personagem que destôa, emquanto a mim, da côr geral da scena. É um cãozinho pequeno, feio, hediondo, de olhar maldoso, e venta arrengada. Aquelle é o cão da solteirona rabujenta, está fóra do seu logar n'aquella casa tranquilla e boa. Um cãozinho assim ha de ter um ladrar esganigado, ha de revirar o dente para os pequenos, e ser o eterno tormento da cozinheira. Alli n'aquella sala antiga só devia figurar ou o gato que se aconhega e se enrosca, manso, pachorrento, familiar, ou o cão da Terra Nova forte e meigo, guarda fiel e amigo dedicado, ou o galgo de olhar terno e supplicante, que estende para o collo do dono o seu longo focinho que vem pedir caricias.

E acabo já o artigo, porque sinto diabolicas tentações de dar um pontapé no cão!

Fria manhã do norte! ao longe vem rompendo a aurora; mas a sua luz debil ainda não pôde rasgar as sombras do aposento. Accendem-se os candieiros, porque é necessario levantar cedo, apesar de ser domingo; mas em primeiro logar o habito pôde muito, em segundo logar trata-se de arranjar aquelle rancho de crianças, e não é pequeno trabalho para a mãe fecunda, que só tem para a ajudar a irmã mais nova, esbelta rapariga que assim se vae industriando nos dôces deveres maternas. O pae faz a barba com luz, e a avó, que foi a primeira a levantar-se — ella que tem os sonhos curtos e leves da velhice — foi aquecer ao lume os enregelados membros, e lá está já sentada na velha cadeira, onde passa os dias tomando o sol, e ralhando com os netos. A criança doideja; lá vae tudo para o banho, que é a alegria dos pequenos... e não importa que faça frio, que a agua curija e dá saude. Aquella manhosa de cama aproveita as occupações da mãe e da tia para se aconhegar com a roupa, e saborear o calor dos cobertores, mas não o somno da manhã, que isso é que lh'o não consente o irmão pequeno que, seguido

pelo cão traquina, vae trepando pela escada que dá serventia para o velho e monumental leito gothico, onde já dormiram quatro gerações.

Delicioso quadro este! e como o pintor percebeu bem a occasião em que devia apanhar as radiosas figuras dos pequeninos. O despertar das creanças é o momento mais alegre do seu dia. Como os passarinhos, saúdam a alvorada com os gorgocios das suas vozes infantis. Elles que estão na manhã da existencia como que se sentem melhor quando os vem banhar a frescura matinal, elles que são as flôres em botão espançam-se ao sol nascente, como os botões das rosas á luz da aurora e nos orvalhos da madrugada. Enchem a casa os seus alegres rumores, chapinham na agua com gritos de prazer; correm pelo aposento, semi-nús, escapando ás mãos, que se rejubilam ao contemplal-os, e nos seus olhos ri toda a pura alegria do seu immaculado alvorecer. E o homem, que passou a noite sentado á mesa do trabalho, acordando a meio com a matizada infantil, sorri-se vagamente, sente-se refrescado e alegre, e cuida que vê voltear em torno de si um bando de passarinhos, ou que as azas nevadas dos cherubins da Gloria vem com batejos celestiaes refrigerar-lhe a fronte fatigada.

Triste da casa, onde o despertar é frio e silencioso, onde se abrem os olhos ainda carregados de somno, para se encontrar a sombra das janellas cerradas, sulcada vagamente por um raio do sol já alto que se insinúa pelas físgas dos postigos, onde nos achâmos immersos no silencio triste da alcova, quebrado apenas pelo rumor banal dos criados que lá fóra sacodem o pó e preparam o almoço! Triste da casa onde o homem não encontra, quando acorda, o olhar limpido, alegre, immaculado das creanças que Jesus amava, onde se não tem o beijo dos filhinhos, a saudação jovial dos que deixam transparecer nos olhos todos os sentimentos da sua alma ingenua! e como, ao contemplar, com alegre sombra, o quadro familiar do pintor allemão, repetimos baixinho a admiravel estrophe de Victor Hugo:

Seigneur! préservez-moi, préservez ceux que j'aime,
Frères, parents, amis et mes ennemis même
Dans le mal triomphants,
De jamais voir, Seigneur, l'été sans fleurs vermeilles,
La cage sans oiseaux, la ruche sans abeilles,
La maison sans enfans!

PINHEIRO CHAGAS.



BACHANTE

(Fragmento de um livro inédito)

N'ella splende a belleza voluptuosa
d'uma deusa do Olympo; os hombros nús
modelados no marmore de rosa
banhavam-se em torrentes d'aurea luz!

O cabello que lembra na desordem
a selvatica juba d'um leão
envolve-a nas fulgentes espiraes,
serpentes que se enroscam e que mordem
os mosaicos phantasticos do chão.

Relampeja-lhe em chispas infernaes,
a malicia nos olhos verde-mar,
onde ha trevas e ha luz que ninguem souda
porque todos têm medo á inquieta onda
que passa ás vezes no seu fundo olhar.

Os labios sensuaes lembram dois gômmos
d'entr'aberta romã; e ha no seu riso
lampejos d'um vedado paraíso
onde medram lethaes e extranhos pômos.

Do bello e da justiça ella escarnece!
ella que tem do archanjo despenhado
a tenebrosa e indomita altivez.
Não acredita em Deus; nunca uma prece,
de su'alma no porto abandonado
veio ondular sequer uma só vez.

Mas é bella!... ha volupia, ha magnetismo
na felina indolencia do seu porte!
tem caricias de fera, e na pupilla
que ás vezes se dilata e que scintilla
entremostra-se um mysterioso abysmo
d'essas fataes delicias que dão morte!

Sómente falta á esplendida bachante
soberba estatua que deslumbra e cega
de pampans a c'róa verdejante
e o fundo azul d'uma paizagem grega!

Pintens.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

O TEMPLO ROMANO DE EVORA

Se os homens, ainda aquelles a quem mais fallo-
com naturaes disposições para apreciar a graça e a bel-
leza, contemplarem, todos os dias, obras primas da pin-
tura, esculptura e architectura, se forem educados entre
cozas taes, como em ar puro e saudavel, acabarão por
ter o gosto de tudo o que é bello, decoroso e delicado;
acostumar-se-hão a notar com verdade as perfeições e
defeitos nas obras da arte e da natureza, e esta feliz re-
ctidão de idéas tornar-se lhes-ha habitual ao espirito.

PLATÃO.

I



ão os monumentos religiosos aquel-
les que mais clara idéa nos dão da
architectura e esculptura e, por con-
sequinte, do estado social dos povos
que os edificaram. De tantos tem-
plos, porém, que, por inscripções,
sabemos ter havido na Península,
durante a dominação romana, ape-
nas subsiste de pé o de Évora, e,
ainda assim, muito mutilado.

Os odios de religião, mais im-
placaveis que os de raça, explicam
o total aniquilamento do edificios
que, por sua perfeição e solidez, de-
veriam ser os ultimos a desapare-
cer da superficie da terra.

Se outras rasões ponderosas não houvera, bastaria
esta da singularidade para que não faltassem áquellas
venerandas ruinas eborenses com o respeito e considera-
ção que merecem, para as conservarem como reliquias
preciosas, que em verdade são, e as estudarem, com o ex-
pressivo monumento, unico representante, em seu genero.

da perfeição das artes introduzidas na Península pela civilização romana.

Todavia estariam hoje, ou ao menos dentro em poucos annos, inteiramente perdidas, se não residira alguns annos em Evora quem escreve estas linhas. E tambem é este nosso, que á falta de melhor e mais competente apresentámos em publico, o primeiro estudo que em Portugal se faz de tão importante monumento. Por onde se prova o muito que esta nação despreza as memorias que as outras mais estimam.

Releve-nos, portanto, o leitor o tratarmos o assumpto com alguma dilatação. Temos, por uma parte, de destruir opiniões que, á força de terem sido repetidas, sem que ninguem as impugnasse, deitaram fundas raizes. Por outra parte, cumpre-nos, a fim de substituir taes opiniões por outras mais arrazoadas, buscar e descobrir a verdade por entre as densas trevas que a envolvem.

Primeiro que tudo vejamos qual é a historia do tempo, segundo os nossos escriptores e mais em particular os eborenses. E examinemos conjunctamente alguns factos historicos correlativos, porque, se bem que pareçam estranhos ao assumpto, n'elles acharemos provas interessantes ao que nos propomos demonstrar.

II

Pelos annos de 87 antes de Jesus Christo assenhorearam-se de Roma tres grandes capitães á frente de seus exercitos. Era Mario, o vencedor dos cimbrós e teutões; Cinna, o turbulento adversario de Cneio Octavio; e finalmente Sertorio já então famoso pela guerra de Italia, e que mais tarde havia de ser, como Viriato, illustre e valoroso propugnador das liberdades lusitanas.

Alguns annos depois, coroado com os loiros de muitas victorias, Sylla regressava do oriente, vencia Mario e entrava triumphante em Roma, assassinando uns e proscrevendo outros de seus inimigos.

Um dos proscriptos foi Sertorio, que de Italia passou á Hespanha, esperando talvez aproveitar-se das resistencias que os povos da Península offereciam ao jugo romano para suscitar a Sylla embarços e difficuldades. Os roubos e vexames dos proconsules e as exações do fisco faziam os romanos odiosos, e instigavam os indomitos habitantes da Iberia a pugnar pela perda independencia, revoltando-se, sempre que podiam, contra seus poderosos dominadores.

Sertorio diminuindo os impostos e seguindo em tudo um systema contrario ao das auctoridades romanas, constituiu um partido numeroso nas principaes cidades da Celtiberia. Porém, como lhe faltassem as forças necessarias para resistir ao exercito que Sylla mandára á Hespanha, capitaneado por Caio Annio, teve de refugiar-se na Mauritania com os soldados que lhe restavam.

Entretanto progredia a revolta dos lusitanos que deportaram alguns de seus principaes ao proscripto, pedindo-lhe que viesse capitaneal-os.

Anniu Sertorio ao pedido e, voltando no anno de 80 com os seus soldados á Península, e reunindo-se a alguns milhares de lusitanos, assenhoreou-se dentro em pouco da Lusitania e Betica.

Logo Sylla intentou suffocar esta revolução que ameaçava comprometter e prejudicar gravemente o dominio e os interesses de Roma na Península. Mandou em 73 Lucio Domicio contra Sertorio. Mas o pretor foi vencido e forçado a fugir. Veio depois Manilio, pretor da Gallia Narbonense, que teve a mesma sorte do seu predecessor. Seguiu-se Metello Pio, um dos famosos generaes

do partido de Sylla, que teve ainda de retirar-se desbaratado por Sertorio.

No anno de 77 antes de Christo, sendo já morto Sylla, veio Perpenna da Italia continuar a guerra por sua propria conta. Porém os seus soldados, que eram em numero de doze mil, o obrigaram a reunir-se áquelle contra quem se propunha combater.

Por determinação do senado entrou em 78 na Península novo exercito ás ordens de Pompeu, que, mal succedido logo em principio, teve de acolher-se á cordilheira dos Pyrenéus.

Nos annos seguintes correu a guerra com vario successo. Hirtuleio, um dos generaes de Sertorio, morreu com seus irmãos junto de Italica na Betica, depois de ter perdido dezoito mil soldados, combatendo contra Metello. Tanto este general, como Pompeu, se assenhorearam de muitas cidades.

Alcançou, porém, Sertorio no anno de 75 uma assignalada victoria, desbaratando o exercito de Pompeu que fugiu só e com grande risco de ser assassinado.

Não se conhecem os successos militares dos annos de 74 e 73, o que induz a crer que n'este curto espaço de tempo viveria Sertorio menos desassocadamente que nos annos anteriores, até que em 72 foi morto á traição, n'um banquete, por Perpenna e outros romanos que a este se associaram na conspiração.

Sertorio não foi sómente um habil e valoroso guerreiro. Nobres qualidades, espirito culto e bom coração, tanto como o seu valor, o faziam querido dos povos da Península, que ambicionava transformar de provincia romana em nação independente e rival de Roma. N'este intuito a dividiu em duas grandes provincias ou districtos; a Lusitania e a Celtiberia, fazendo Evora capital da primeira e capital da segunda Osea (hoje Huesca).

Até aqui a historia; agora a lenda:

Quando Sertorio regressava a Evora, carregado com os despojos dos exercitos vencidos ou das cidades saqueadas, occupava-se de fortificar e engrandecer com sumptuosas fabricas a sua patria adoptiva ¹.

Cercou-a de muros com vinte e cinco palmos de grossura, revestidos de enormes silhares e entrecortados de magestosas torres. Construiu um aqueducto de dezeseite mil passos de comprido, que trazia a agua ás maiores alturas da cidade. Edificou o seu magnifico palacio exornado de preciosas estatuas e columnas, onde é hoje o convento das freiras do Salvador, na praça do Peixe. Foi tambem obra sua o templo romano que dedicou á deusa Diana a quem adorava, fingindo que ella, por meio de uma corsa que sempre o seguia, lhe revelava os segredos do céo e os designios dos inimigos contra quem tinha de combater ².

¹ Mendes de Vasconcellos, Severim de Faria, Fialho e Fonseca são todos de opinião que Evora se assimilava a Roma, o que a tornava predilecta de Sertorio. O primeiro escreve: «Se algum pois considerar não uma vez sómente e de passagem os grossos campos de Evora, os altos montes que ao redor a cercam a modo de amphitheatro, este, se alguma vez viu Roma e seu termo, grande similitude achará entre um e outro terreno; tirando sómente não ter Evora ribeira e ser inteiramente sertã.» E prosegue comparando a serra de Ossa aos montes Tiburtinos; e as de Portel, Vianna e Alcaçovas aos montes Sabinos, Praenestinos, Tusculanos e Albanos. Liv. v do município eborense. Tradução de B. J. de Sousa Farinha.

² Seguiram ainda modernamente estas idéas, ácerca da origem sertoriana do templo e outros monumentos, os srs. Ignacio Villena Barboza no *Archivo Pittorresco*, tomo viii, pag. 313 e no *Commercio do Porto* de 16 de novembro de 1872, e Antonio Francisco Barata, no jornal *Instituto Vasco da Gama*, tomo i, pag. 202. E tambem Romey, *Hist. d'Espagne*, tomo i, pag. 262.

III

Quem tiver escutado attentamente esta narrativa, não precisará de grande reflexão para a julgar contradictória. Com effeito, importando em todos os povos ao

os lusitanos e dar-lhes a instrução e a cultura que em todas as nações antecedem a perfeição, o desenvolvimento e o gosto das artes?

Em vista das imperfeitas condições sociaes da Península antes da vinda de Sertorio, e do modo por que



Ruínas do templo romano de Évora, vistas da parte do norte

desenvolvimento das artes uma paz firme e duradoura, como foi que Sertorio, no breve espaço de poucos annos e occupado quasi sempre em resistir aos exercitos de Roma, pôde edificar todos esses monumentos e os demais de que se perderiam totalmente os vestigios? Como poderia distrahir para construcções dispendiosas o dinheiro e os braços de que tanto necessitava para a guerra? Como, finalmente, introduziria na Lusitania uma consequencia da civilisação, sem ter podido civilisar primeiro

em seu tempo foram alteradas, o mais que racionalmente poderíamos conceder aos sectarios d'aquella opinião, seria que Sertorio tivesse fortificado Évora ou outras cidades para resistir aos ataques dos inimigos que de continuo o ameaçavam.

Aqueductos, templos e outros edificios ornados de marmores seriam obras de luxo entre povos que não o podiam ainda ter, e provariam ao mesmo tempo notavel impvidencia de quem os fundasse, sem attender que,

de um para outro momento, viriam a ser destruídos pelos soldados inimigos que entrassem na cidade. E nem de entrar n'ella ou, ao menos, de aproximar-se muito precisavam para demolir o aqueducto que por mais de tres leguas se estendia para além dos muros.

É verdade que André de Resende se refere a uma inscripção, que diz ter largamente tratado na apologia contra o bispo de Vizeu em favor da existencia do aqueducto que Sertorio construiu¹. Essa inscripção, que Vasconcellos, Moraes e Brito publicaram, conserva-se na praça de Evora, na parede dos paços do concelho, esculpida modernamente n'um marmore em tudo similliante a outros dois que alludem a D. João III e a Philippe II com as datas de 1522 e 1605.

A inscripção tal qual se lê n'aquelle marmore, para onde parece ter sido trasladada, é a seguinte:

Q. SERTOR.....
HONOREM NOMINIS SVI ET COHORT FORT
EBORENSVM MVNIC VET EMER VIRTVTIS ERGO
DON DON BELLO CELTIBERICO DEQVE MANVBIBS
IN PVBLIC MVNIC EIUS VTLITATEM VRB ..
MOENIVT EOQVE AQVAM DIVERSEIS IN DVCT
VNVM COLLECTEIS FONTIB PERDVCEMAM CVRAV.

Assim a deu Gruter e tambem com as grandes variantes das copias de Strada e Schott, pondo-a, tanto de um como de outro modo, na classe das espurias². Hubner igualmente a considera apocrypha³. O proprio Resende parece ter tido escrúpulos de lhe dar logar em suas obras, excepto na mencionada apologia, que se perdeu inédita, e talvez o proprio auctor não tencionasse imprimir quando a escreveu.

É muito é para estranhar que, ascendendo as artes, como dizem, a tão alto gráu de perfeição em tempo de Sertorio, e sendo Evora o centro d'esta civilisação, não tenha apparecido dentro em seus muros n'uma só inscripção authentica o nome glorioso e memoravel do vencedor de Pompeu.

Posta de parte, com o voto dos mais auctorizados epigraphistas, a inscripção referida, não resta mais que o seguinte syllogismo para demonstrar a opinião dos que attribuem a Sertorio as edificações romanas de Evora:

Sertorio engrandeceu Evora, fazendo-a capital da Lusitania. Em Evora houve templo, aqueducto⁴ e outras obras sumptuosas similliantes ás dos romanos. Logo foi Sertorio quem as mandou fazer.

A conclusão não se contém na premissa, e, se tantos escriptores desde o seculo XVI até hoje o não tem visto ou querido vêr, não lancemos a culpa senão ao exagerado patriotismo, que em todos os tempos tem falsificado a historia em muitos pontos importantes. Era Sertorio um capitão romano, mas combatia contra os romanos em prol da independencia da Peninsula. Pareceria, por tanto obra mui benemerita o tirar aos dominadores a gloria do engrandecimento de Evora para a dar tão sómente aquelle que trabalhára para repellir a dominação e, até certo ponto, o conseguira.

Demais, o espirito humano, sem as luzes da historia, propende naturalmente para reduzir a uma só época

factos de épocas differentes, para attribuir a um homem só o que muitos fizeram. As grutas naturaes, as antas, os castellos dos seculos XI e XII, diz o vulgo serem obras dos moiros. Não ha muitos annos que até pessoas muito illustradas suppunham do Grão Vasco todas as pinturas em madeira dos seculos XVI e XVII, que appareciam em Portugal. E, com effeito, seria mister que Vasco Fernandes vivesse dois e mais seculos, para que lhe não faltasse o tempo absolutamente indispensavel para a obra immensa que lhe attribuiam.

Não havendo pois um só argumento ponderoso em favor da hypothese que os suppunha de Sertorio, vejamos agora as rasões porque reputámos posteriores á época d'aquelle guerreiro o templo e outros monumentos romanos da cidade de Evora¹.

(Continua.)

A. FILIPPE SIMÕES.

CHRONICA DO MEZ



com a aproximação do inverno e a animação dos espectáculos, crearam-se alguns novos jornaes de critica artistica e litteraria, que promettem, segundo se lê nos seus respectivos programmas, ser imparciaes nos juizos que fizerem dos artistas e das peças.

Bom será que esta parte do programma seja rigorosamente cumprida, porque da critica desapaixionada feita por escriptores competentes, todos têm a lucrar—o publico, que não é enganado nas apreciações dos espectáculos; os auctores, que tomarão conselho nas analyses judiciosas que mereçam as suas obras; os artistas, finalmente, a quem a critica illustrada deve servir de guia no seu trabalho de interpretação e execução.

Em Portugal usa-se muito fazer critica chamando boa a tudo, sem se dar a rasão porque; ou então—isso, porém, menos vezes—chamando mau a tudo, sem que tambem se explique o motivo da asserção. Quem conseguir, portanto, banir das suas analyses estas fórmulas triviaes, dirigindo-se com desassombro pelo verdadeiro caminho, alcançará as benquerenças dos que présum, acima de todas as considerações, a imparcialidade e justeza da opinião de cada um. Oxalá que os novos jornaes de critica artistica e litteraria, que ora se publicam na capital, e cuja remessa agradeço cordalmente, sigam sempre a boa escola, como parece desejarem, porque d'este modo prestarão grandes serviços á litteratura dramatica e não menores á arte de representar.

Os periodicos a que me refiro, são:—*Revista dos theatros*,

¹ Ao sr. A. F. Barata (jornal citado em a nota 2.ª) não parece de todo o ponto inadmissivel a creença do povo eborense acerca da origem sertoriana do templo e aqueducto pelas rasões seguintes:

1.º Entre os soldados que Perpenna trouxe de Italia poderiam ter vindo artistas.

Era isto possivel, e tambem o não terem vindo ou terem vindo para combater e não para edificar. Qual das tres supposições será mais provavel?

2.º A Peninsula estava já muito civilisada porque Sertorio fundou uma academia em Osea.

Se o facto é verdadeiro, apenas prova que Sertorio intentou civilisar a Peninsula por aquelle meio. Mas em oito ou dez annos nenhuma academia seria capaz de elevar á perfeição a architectura em qualquer povo, ou de fazer-lhe adoptar a que já fosse perfeita n'uma nação estranha, cujas artes, como tudo o que respeitasse a inimigos, deveriam repugnar a esse mesmo povo.

3.º Muito antes de Sertorio havia já aqueductos romanos e d'elles escreveu Sexto Julio Frontino.

Havia aqueductos em Roma. Porém não se prova que es houvesse grandiosos, como o de Evora deveria ser, nas provincias que Roma não dominava ainda inteiramente, e que, andando em continuas guerras com a metropole, não podiam ter aqueductos, pela grande facilidade que havia em destruil-os fóra dos muros das cidades.

Sexto Julio Frontino escreveu de aqueductos anteriores a Sertorio, mas depois do tempo em que este capitão viveu.

¹ Historia da antiguidade da cidade de Evora, cap. vi.

² Gruter—*Inscriptiones antiquae totius orbis romani*, tomo II, *Spuria ac Supposititia*, IV, 8 e 9.

³ Noticias archeologicas de Portugal, pag. 43.

⁴ A existencia do aqueducto romano prova-se não pela inscripção que dissemos ser falsa, porém pelos tanques que circundavam o templo, cujos vestigios muito extensos, apparecidos modernamente, já tinham sido vistos no seculo XVI por André de Resende. Na bibliotheca publico de Evora se conservam fragmentos de cimento dos mesmos tanques.

journal de critica de arte, tendo por director o sr. Gervasio Lobato e—*A arte dramatica*, folha instructiva, critica e noticiosa, de que é redactor principal o sr. Sousa Bastos.

Além d'estes tres periodicos, que se occupam exclusivamente de theatros, publicam-se actualmente—*A arte musical*, o *Ecco musical* e a *Gazeta musical de Lisboa*, dos quaes a especialidade é a que se deprehende dos titulos. *A Gazeta musical de Lisboa* é redigida pelo sr. Carlos Borges; distribue-se quinzenalmente, conta mais de um anno de existencia e offerece em cada numero, um folheto de musica aos assignantes.

Tambem este mez começou a publicar-se um periodico destinado a prestar relevantes serviços, vista a promessa feita pelos redactores de se occuparem desassombradamente de critica scientifica.

Esta tentativa—como os proprios iniciadores da publicação lhe chamam—é mais uma prova da necessidade que se está sentindo em Portugal, de critica seria e auctorizada applicada aos trabalhos scientificos, litterarios e artisticos produzidos no paiz. Bom será que a nenhum dos que hasteiam esta bandeira, falleça o animo de a defender, pois não é tão facil, como parece, fallar desapaixonadamente de todos, sem benevolencia para amigos nem rancôr para inimigos.

Intitula-se o periodico de que faço menção—*Revista de Portugal e Brazil*: é dirigido por dois illustrados professores, os srs. Luciano Cordeiro e Rodrigo Affonso Pequito e conta em o numero dos seus collaboradores, homens competentes nos diversos ramos de que promette occupar-se.

Já que estou fallando do movimento litterario d'este mez, citarei ainda a recente appareição de um livro do sr. Miguel J. T. Mascarenhas, intitulado—*Um conto portuguez, episodio da guerra civil a Maria da Fonte*, editado no Porto.

É assumpto melindrosissimo para um livro, qualquer facto politico da historia contemporanea do paiz, mormente se a lucta dos partidos foi tão encarnizada, que levou os filhos da mesma terra a decidil-a no campo da batalha. A revolução chamada da Mãia da Fonte está n'estes casos. Ainda vivem quasi todos os que tomaram parte n'ella, quer por um lado, quer pelo outro, e por isso ainda não é tempo da historia avaliar com imparcialidade factos cuja recordação, além de avivar sandades em corações de mães e de viúvas, seria menos agradável para aquelles, a quem não cobresse o melhor quinhão dos louvores.

O auctor do—*Conto portuguez* bem compenetrado, certamente, d'esta verdade, evitou o mais possivel occupar-se da historia politica da época em que faz passar a historia ficticia do seu livro, porquanto poucos factos se encontram n'elle inherentes á revolução, e nenhuns commentarios ás causas nem aos effeitos d'ella.

Vê-se, pois, que a parte historica pouco ayulta no—*Episodio da guerra civil da Maria da Fonte*. Quanto á parte romantica pôde-se dizer que dis-perta interesse, é escripta em linguagem clara e não pecca por gravissimas inverosimilhanças. Merece, portanto, ser lido por todos os que desejam estar ao corrente do movimento litterario do paiz, o livro do sr. Miguel J. T. Mascarenhas, escriptor que tem, afóra outros merecimentos, o de não se deixar cegar pela vaidade, como muito bem attestam as poucas linhas que antecedem o livro.

É para notar a animação que, durante estes ultimos tempos, tem havido em Portugal no commercio de livros. Lisboa conta hoje muitas livrarias recentemente estabelecidas, e no Porto não tem havido poucas tentativas, aliás bem succedidas, n'este genero de commercio.

Agora se annuncia a abertura de uma nova loja no largo dos Loyos, d'aquella cidade, que se denominará—*Livraria universal* e da qual são proprietarios os srs. Magalhães & Moniz.

Conta, pois, o Porto além da nova casa que vac estabelecere-se, quatro principaes livrarias:—a da Viúva Moré, hoje a cargo de um importantissimo homem de letras, o sr. José Gomes Monteiro; a do sr. Chardron, incansavel editor de obras de utilidade e de recreio; a do sr. Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho; a do sr. Jacinto Pinto da Silva; a do sr. José Lourenço de Sousa e a dos srs. Peixoto & Pinto Junior, todas muito conhecidas e acreditadas.

Seguindo o systema adoptado n'esta chronica de registrar os espectaculos que se realisaram durante o mez, acompanhando a menção de ligeiras apreciações que estão bem longe de merecerem o nome de critica, fallarei das seguintes peças:—*Recordações da mocidade*, no Gymnasio; *O pharoleiro, salvador dos príncipes*, no Principe Real; *A cruz de ouro*, na Trindade e *A idiota* e *Uma visita de casamento* em D. Maria II.

Recordações da Mocidade é uma comedia-drama em quatro actos, traduzida do francez pelo sr. Correia de Barros, na qual se

pintam com vivas côres os costumes da vida airada de Paris. Inferior á *Vie de Bohème*, de H. Murger, na fidelidade e graça com que este retrata o singular viver dos estudantes e das *grisettes* do bairro latino da grande capital, leva-lhe contudo a vantagem de ter sido logo do principio destinada e escripta para o theatro, emquanto que aquella foi extrahida de um romance. Tem boas situações comicas e dramaticas e obteve no Gymnasio o melhor de-empenho que se pôde exigir de artistas que não conhecem, senão pelos livros, o genero de vida chamada a *bohème de Paris*, tão peculiar a um povo alegre e folgasão e por isso mesmo tão estranho á nossa indole grave e sorumbatica. A peça, apesar de não ser nova, porque já ha annos se representára tambem no Gymnasio, ainda conseguiu dar bons lucros á empresa.

O perigo que parte da familia real portugueza corren n'uma das praias proximas de Cascaes, e do qual todos os periodicos, tanto nacionaes como estrangeiros, se occuparam largamente, suggeriu ao sr. Luiz de Araujo a idéa de pôr em acção no theatro, aquelle acontecimento, fazendo figurar como principal personagem o pharoleiro que salvou os príncipes.

Como é facil de suppôr, não dando o acontecimento para grandes peripecias dramaticas, teve o auctor de limitar-se a escrever um unico acto que é mais uma narração do que um drama.

A pompa do cartaz e o desejo que todos tinham de ver representado, por assim dizer, no vivo, um facto que alvoroçou todo o paiz, attrahiram na primeira noite grande numero de espectadores. A peça representou-se, e, se não foi reprovada pelo publico, tambem não obteve grandes manifestações de enthusiasmo.

Cumpriu entretanto o seu dever, dando á empresa algumas casas cheias, pois que para isso tinha ella sido escripta.

O successo theatral mais digno de menção, foi o apparecimento no theatro da Trindade da opera comica em dois actos *A cruz de ouro*, com musica do sr. Augusto Machado.

Enriqueceu o sr. Augusto Machado um simples poema traduzido de uma peça franceza regularmente enredada, com magnificos trechos de musica, que revelariam o grande talento do joven compositor, se elle o não tivesse manifestado já em outra peça dada, ha tempos, tambem na Trindade, e que poucas vezes se repetiu porque o poema desagradou.

Na *Cruz de ouro* ha numeros de musica muito apreciaveis, quer pelo sentimento que exprimem, quer pelo jubilo que despertam e sempre pela propriedade com que traduzem o assumpto.

O publico tem festejado, como deve, o distincto compositor, que é, na sua especialidade artistica, um dos mais promettedores talentos de Portugal.

Os artistas que interpretaram a peça mereceram tambem geraes applausos, pelos esforços que fizeram para dar todo o realce á partitura portugueza, que não é inferior ás melhores composições estrangeiras que se têm dado no theatro da Trindade.

Em D. Maria II representaram-se duas peças novas:—*A idiota*, drama em tres actos e um prologo, traduzido pelo sr. E. Biester e a comedia em um acto, de Alexandre Dumas, filho, *Uma visita de casamento*, traduzida pelo sr. Julio Cesar Machado. Este spectaculo subiu pela primeira vez á scena em beneficio da actriz Emilia Adelaide.

O drama é inverosimil e tallado por antigos moldes. Só tem de bom o principal papel que se presta a um bom trabalho artistico, como o que fez a actriz Emilia Adelaide que se encarregou d'elle.

A comedia é bem feita, cheia de observação e de espirito, mas com o senão de se conversar n'ella em assumptos um pouco livres para se referirem no theatro. D'aqui o protesto lavrado por alguns espectadores mais meticulosos, contra as palmas dos que só attenderam aos chistes do dialogo, tão esmeradamente conservados pelo traductor.

O desempenho da *Visita de casamento* foi muito bom por parte de Santos, Cesar de Lacerda, Emilia Adelaide e Amelia Vieira. O primeiro disse algumas scenas com primor inexcusable e ensaiou a peça com o cuidado que sempre lhe merecem as produções dos primeiros escriptores.

Abriu o theatro de S. Carlos com a opera de Donizetti, a *Favorita*, agradável, como era de esperar, a dama Galletti, já conhecida em Lisboa, desagradando o tenor Suni, e obtendo medioere attenção o barytono Bertolazi e o baixo Berberat.

As impressões da primeira noite, porém, não podem servir para devidamente se avaliar do merecimento da companhia, porque os artistas se apresentam geralmente receiosos e os espectadores nem sempre estão dispostos a animar-os.

Só depois de algumas representações, quando se conhecer toda a companhia e os cantores estiverem mais senhores de si, é que se poderá determinar mellhor o conceito em que o publico tem

os cantores que vieram na presente época, escripturados para S. Carlos.

Mais regularmente do que as do Campo Grande, se effectuaram este mez, nas proximidades de Cintra, corridas de cavallos.

Foi por diante felizmente a idéa de implantar em Portugal uma distração proveitosa adoptada em todos os paizes civilizados.

As corridas de Cintra, verificadas em terreno apropriado e com todos os preceitos usados, assistiu grande numero de pessoas que muito contribuíram para o luzimento do espectáculo.

Se a festa não foi tão esplendida como costuma ser em Long-champs ou Vincennes, onde se fazem apostas fabulosas e o champagne transborda dos copos para os ricos vestidos das elegantes que a ella assistem em custosos *landaus*, teve contudo o atractivo da novidade e sobretudo o interesse que despertavam os cavalleiros, alguns dos quaes, em vez de serem jockeys pagos para correrem nos cavallos, eram, rapazes da primeira sociedade, para os quaes os perigos de uma corrida a cavallo são quasi indifferentes, comparados com aquelles a que se têm exposto correndo toiros.

A festa, pois, foi magnifica e promete repetir-se. Assim as corridas de cavallos pudessem acabar com as de toiros; teriam então, em vez de um, dois fins uteis: — o de estabelecer uma diversão proveitosa e civilisadora, e o de acabar com outra barbara e retrograda.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

As exequias de sir Edwin Landseer effectuaram-se em Londres no dia 11 d'este mez. Os restos mortaes do celebre animalista foram depositados com grande pompa na cathedral de S. Paulo, ao lado dos de Reynolds, de Turner e de outros notabilissimos pintores inglezes. Van Dyck, embora flamengo, foi enterrado no mesmo lugar, mas o monumento que encerrava suas cinzas foi destruido pelo grande incendio que houve em Londres, no reinado de Carlos II.

Falleceram: o pintor inglez sir Edwin Landseer, de cujos merecimentos se trata em artigo especial n'este numero; o esculptor René Prieur, e o pintor Paulo Millery, francezes; o critico de artes Carl Cikanek, o esculptor americano Harry Martyns e o fundador do importante museu de antiguidades de Wilna, o conde de Tyszkrewicz.

O sr. D. Rodrigo Amador de los Rios vae publicar em Hespanha uma obra intitulada — *El Alcázar de Alhambra*, colleção de lendas historicas arabe-granadinas, comprehendendo a historia da dinastia Nassrita. O auctor já publicou um ensaio historico da indole do que vae emprender, o qual teve o melhor acolhimento da imprensa e do publico hespanhol; é, pois, natural que o seu novo trabalho mais desenvolvido e de maior folego, obtenha igual fortuna á do precedente.

N'uma venda de objectos de arte verificada ultimamente em Dresda, appareceu a famosa rebeça que o conde Trautmannsdorf, grande escudeiro do imperador Carlos VI, comprou ao celebre fabricante de instrumentos Jacob Steiner, nas mais originaes condições. Deu-lhe logo por ella 66 carolus em ouro, comprometendo-se a fornecer-lhe, enquanto elle Jacob vivesse, um jantar todos os dias, 100 florins em generos cada mez, uma veste com almares de ouro todos os annos e mais dois toneis de cerveja, morada, lenha e luz. Se o fabricante viesse a casar, receberia tantas libras quantas precisasse e doze cabazes de fructa, por anno, para si, e outros tantos para a sua velha ama. Como Steiner viveu ainda dezeseis annos depois que concluiu este admiravel negocio, veio a rebeça a custar ao conde Trautmannsdorf 20:000 florins em especies. O instrumento que ora pertencia a um fidalgo austriaco, foi adjudicado em hasta publica a um russo pela quantia de 2:500 thalers (1:800.5000 réis).

Descobriu-se n'uma das paredes da igreja da pequena aldeia de Mitschdorf (Wissemburgo) uma pintura notavel representando o Juizo final. Está bastante deteriorada, mas é por muitos motivos digna da attenção dos que se entregam ao estudo da archeologia.

Os americanos começam a cuidar dos trabalhos para a exposição universal, que deve effectuar-se, como dissemos, em 1876, para celebrar o centenario da sua independencia. O terreno esco-

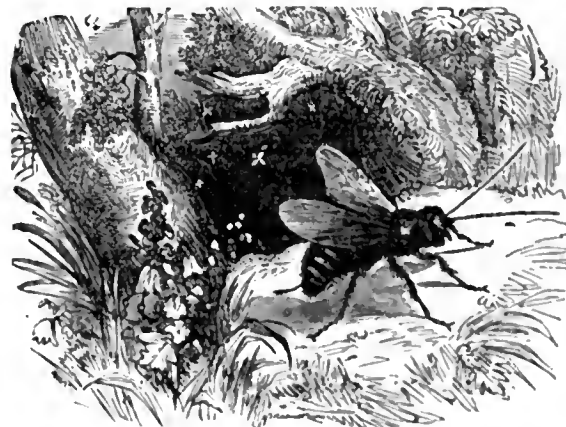
lhido é o parque Fairmount na Philadelphia. Na secção americana da exposição de Vienna, vê-se actualmente o plano do terreno, que mede 2:740 geiras, está situado no centro da cidade e é cortado pelo rio Schuykill. O solo não é raso como o do Prater de Vienna, mas desigual, coberto de collinas e pequenas eminencias, sobre as quaes se projectam construir os pavilhões para as exposições especiaes. Diz-se que os objectos serão collocados segundo a ordem do seu desenvolvimento, isto é, desde o seu estado natural ou primitivo até a sua transformação actual. Será pois seguida a ordem historica, formando-se quatro classes: 1.ª productos naturaes da terra como base das manufacturas; 2.ª productos manufacturados; 3.ª meios pelos quaes se obtiveram taes resultados; 4.ª effectos da actividade productiva. Sobre as bases d'esta classificação formar-se-hão dez secções com o nome de departamentos. Cada departamento dividir-se-ha em dez grupos e cada grupo em dez classes. Espera-se na America que todos os paizes civilizados do globo sejam brillantemente representados na exposição da Philadelphia, e para isso todas as vantagens serão concedidas para o transporte dos objectos.

Vendeu-se ultimamente em Bruxellas uma redução magnifica do *Casamento de Henrique IV*, que está no musen de Louvre. A tela mede 1^m,75 de largura por 0^m,80 de altura, e parece ter saído dos pinceis do grande mestre de Anvers. Comprou-a um amator hollandez por 22:850.5000 réis.

Vendeu-se em Londres a bibliotheca do antigo conservador dos manuscritos do Museu britannico, sir Frederic Madden. Entre varios livros de valor, contava-se uma notavel colleção de 27:000 canções populares publicadas nos seculos xviii e xix, canções das ruas, impressas em folhas soltas. Estas folhas vendiam-se no seu tempo a 1/2 penny. A colleção foi adjudicada por 443 libras; o producto total da venda subiu a 1:520 libras.

Contam os periodicos diarios, que a um kilometro da cidade de Leiria, na estrada que conduz á Figueira e no lugar designado pelo nome de Martin Gil, descobriu o sr. architecto Silva as ruinas romanas de tres casar contiguas, tendo cada uma d'ellas mosaicos com diferentes desenhos. Para o Musen da real associação dos architectos e archeologos portuguezes, foi escolhido o maior dos mosaicos descobertos, cujos embutidos são de cinco diferentes cores. Dentro da argamassa pegada ao mosaico, encontrou-se uma medalha de bronze do Baixo Imperio, no melhor estado de conservação, a qual representa a effigie do imperador Magueneia, dando a conhecer, por conseguinte, qual a época em que foi feita aquella construcção romana; isto é, entre 350 a 353 da era vulgar.

O Athenéo que figura na exposição de Vienna, creado para instrução dos operarios e aprendizes, estabelecer-se-ha, depois de encerrada a exposição, no centro dos bairros industriaes de Neubau, Schottenfeld, Mariahilf, etc. É fundado pelo modelo do Conservatorio das artes e officios de Paris e do Musen de industria de Bruxellas. Os objectos que muitos expositores têm abandonado, ser-lhe-hão entregues. Conterá series de desenhos, de modelos, de instrumentos, de machinas e de utensilios; colleções de amostras, de materias primas e de productos completamente ou meio fabricados. O Athenéo austriaco será provido, tambem, de uma bibliotheca, á qual o director da exposição, o barão de Schwarzenborn acaba de offerecer uma colleção de livros, reunida por elle de 1845 para cá, e que dizem respeito ás exposições universaes. Esta bibliotheca, ora em principio, conta já 3:412 volumes ou 2:205 obras. O Athenéo dispõe de um capital de 115:618 florins.







Typ. de Cassio, A. B. Figues

A MÃE E O FILHO

QUADRO DE BEYSLAG

ARTES E LETRAS



LISBOA—NOVEMBRO DE 1873

A MÃE E O FILHO—OS IRMÃOS



M dos peccados das mães é o demasiarem-se no amor.

Não se lembram de que a creança chora porque a vida é um livro de tristezas, que principia n'uma lagrima, e acaba n'um suspiro.

Chora porque soffre! pensam ellas.

E começam a executar prodigios de phantasia, milagres de dedicação, para que a creança sorria, não a ellas, que a amam, mas ao divertimento, que a seduz.

É como se atirassem para dentro da alma em flôr um germen de egoismo.

Vêem no filho do seu amor um principe. Cama afogada em cambraias, cortinado de seda, lençol de rendas, pouca luz, pouco ar, menos rumor ainda...

O berço de um rei pequenino!

Ao lado, ella, a sentinella dedicada, a primeira sombra protectora, a primeira luz, o primeiro sorriso, o primeiro amor.

Oh! mães! vêde que sobram regalos nos affectos que desentranhaes do coração amantissimo!

Berço são os vossos braços, cortinado os vossos cabellos, lençol de rendas o vosso seio...

Bem sei que o esculptor que modela a estatua, não faz senão contornal-a, bordal-a, brunil-a.

Mas lembrae-vos de que as tempestades da vida podem mutilar a vossa estatuasinha por formosa que vos pareça.

Bella era a Venus de Milo, e o tempo não a respeitou.

Não se pôde pedir ás mães que não pensem nos filhos, mas o que se lhes pôde e deve pedir é que tambem pensem em si mesmas. Se o amor escurecer a rasão, não poderão ser educadoras; se a rasão escurecer o amor, não poderão ser mães.

É preciso o meio termo, — esse ponto tão difficil de fixar no labyrintho dos affectos.

A alma da creança é como um vaso sem flôr. Cumpre preparar o terreno para a cultura. Importa jogar as sementes antes que as deixe cair a mão.

Se a mãe trata de colorir exteriormente o vaso, e não estuda a natureza, e não escolhe os bolbos, assemelha-se ao derviche a quem um soberano da Persia encarregára de guardar uma estatua de ouro, e que, só a examinando na apparencia, deixou que fossem roubando a preciosa massa do interior.

Não cuideis só do que sorri, porque o sorriso que vos gratifica pôde ser interesseiro; curae do que pensa, do que sente, do que ama, porque o amor não se pôde fingir, e o amor será a vossa verdadeira recompensa.

Vêde bem como plantaes os vossos cuidados, como semeaes as vossas lagrimas.

Disse um dos maiores poetas-philosophos da antiguidade:

Nec vero terræ ferre omnes omnia possunt.

É preciso escolher o lugar, ó mães, porque nem tudo se procria em todos os logares e em todas as almas.

Olhae para dentro de vossos filhos pela porta que a innocencia conserva aberta, e que a velhice ha de fechar.

Não prodigaliseis em vão os vossos cuidados, que são perolas. Guardaes os vossos thesouros para suavisardes a aprendizagem, — a aspereza do desbravar o terreno inculto. Isso sim que é larga recompensa! O mais, o transigir com todos os caprichos, o enxugar todas as lagrimas, não é educar, é perverter.

Quer a creança que a levantem á altura do espelho?

A mãe obedece, fazendo do seu direito um dever, do seu amor uma escravidão. D'ahi a instantes a creança pede que a levantem á lua. Mas a lua está no céu e a mãe na terra... Mãe e filho sentem no peito a magoa inconsolavel do impossivel.

Magoas, esperem-se as que o tempo trouxer; dôres, as que dia a dia virão.

Enquanto a vergonça é flexivel, acamaia-a. Amanhã será tronco, depois de amanhã floresta. O que hoje é folha será sombra amanhã, e se não purificardes a seiva, a sombra cairá funesta como a da mancenilha.

A loucura da cruz! disse S. Paulo.

A loucura da maternidade! podem dizer os Paulos de todos os tempos.

A infancia é a primeira chave do futuro. Entreabre uma nesga da porta da vida, e deixa vêr um pedacinho da alma, — a cellula do que ha de ser flôr.

A precocidade de Beethoven deslumbrou Mozart; os primeiros traços de Raphael assombraram Perugino.

Ha excepções, porque as ha em tudo. Mas a lei é que a verdade anda sempre ao de cima da agua, e a verdade da alma anda, por consequente, ao de cima da vida.

Uma das excepções é ainda, ó paradoxo! um assombroso exemplo de precocidade.

Conta-se que um escriptor do nosso seculo viandava em menino por deante da portaria de um mosteiro.

Entenderam com elle dois frades palreiros, e um dos dois, surprehendido da vivacidade do rapazinho, conjecturou-lhe prospero futuro, ao que a outra reverendissima respondeu:

— Isto ás vezes muda. A esperteza de certas creanças encrespa-se depois em lâ de camello!

Offendeu-se o menino, e replicou colérico:

— Bem se vê que vossa reverendíssima foi muito esperto em pequeno!

Eloquente e transparente resposta. Bem sei que a alma de quem a deu não foi das mais sãs, não foi. Mas ainda assim persisto na minha idéa. A resposta deixou vêr um espirito lucido e uma alma inflamável.

Isto foi ao depois o escriptor portuguez.

Ao frade sentencioso cabem as honras da excepção.

Posta a lei, vamos a vêr se, no caso que temos presente, a achámos observada e confirmada.

Achámos.

São dois irmãos. O mesmo sangue, — e indoles diversas. A natureza é tão prodigiosa na variedade, que faz ás vezes de uma familia um album de caracteres.

Um quer ser fidalguinho. Entraja-se ao garrido, como diziam os nossos classicos. Sapatinhos de fivella e cabeção de rendas: um Narciso-stanhope. O outro, não. É como os lyrios da biblia, que não trabalhavam nem fiavam, e tinham mais grandeza que Salomão. Deixa-se andar descalço e arremangado. É um homensinho que desabrocha. Em compensação tem tambem os seus caprichos. Do que elle gosta é de vêr livros. O irmão pouco se lhe dá d'isso. Sentam-se ás vezes a par. O fidalguinho distrae-se; o outro interessa-se. Ha em casa um livro de historia natural, que tem figuras. Sempre o acha novo o menino descalço. Não admira tanto o elephante, por ser muito grande, como a formiga, por ser minima. Quem sabe o que virá a ser menino tão perscrutador? Alfredo de Musset devia talvez começar assim, porque chegou a dizer a Deus:

Et pour me goutte de pluie
Des milliers d'êtres t'ont béni.

Os infinitamente pequenos é que o nosso menino admira. Talento observador, que começa pela gota de agua para chegar á estrella, e assim é que irá caminhando da terra para Deus, das reflectidas analyses para as syntheses brilhantes!

O irmão fidalguinho esse tem desgostos por causa das fivellas dos sapatos, e falla sempre. O estudioso é calado. O pae repete, a respeito de ambos, uma anecdota antiga:

— Tenho dois filhos, conta elle. Um não sabe o que diz; o outro não diz o que sabe.

E ambos crescerão.

O fidalguinho, que é mais velho, será par do reino n'um tempo em que em Portugal já se ha de fallar na camara dos pares. O outro adormecerá porventura na enxerga de Camões, se n'esse tempo os grandes homens de Portugal ainda tiverem enxerga...

ALBERTO PIMENTEL.

O GRANDE ANIMALISTA

(Continuação)

ELES são dotados dos mesmos orgãos, dos mesmos sentidos que nós, muitas vezes mais perfectos e subtilezas; respiram, movem-se, gosam, soffrem e morrem; têm affeições e antipathias, instinctos que parecem idéas, communicam-se por gritos, chamam-se, advertem-se, como o homem pôde observar com alguma attenção e como percebem os selvagens, os camponios, os pastores, todos os que vivem na solidão, em presença da natureza.

«Nos que temos domado e domesticado, que paciente doçura! que resignação corajosa! que attenta intelligencia! como se associam aos nossos trabalhos de todo o coração e com todas as forças! como procuram adivinhar o que se quer d'elles, e que olhar cheio de interrogações elevam para o dono quando hesitam e não sabem!

«E para este leal concurso que recompensa ha?

«Uma alimentação parcimoniosa, pancadas de azorrague ou picadas de agulhão; depois, quando a velhice vem, accelerada pelas fadigas excessivas, o cutelo cortador, o martello do *équarriseur*, o gancho do trapeiro. Tão aspero destino e tanta innocencia! Tão commovedora passividade e tão cruéis supplicios!

Que falta original expia o cavallo da traquitana?

Que herva defeza ruminou no Eden o boi de sogá ou o pobre jumento cortado de chicotadas e cujas pernas emagrecidas oscillam sob uma carga enorme?

«Quando eramos pequenos este pensamento importunava-nos muito, e na simplicidade infantil arranjávamos paraizos para os animaes que tivessem sido bons; cavalharigas de marmore com mangedouras de marfim cheias de cevada doirada, recebendo depois da morte os cavallos muito espancados e maltratados em vida; abegoarias muito aquecidas e perfumadas de trevo, verdes prados sombreados por grandes arvores e cuja herva estrellada de margaridas lhes chegasse aos joelhos, esperando lá em cima os pobres bois moídos pelo jugo e pelo agulhão; anjos-palafreiros e seraphins-boiceiros cuidando eternamente d'elles e ameigando-os com mãos mais brandas do que a plumagem do cisne. Os jumentos pastavam cardos de um sabor exquisito e que renasciam por si mesmos entre os dentes. Não era talvez muito orthodoxo isto, mas parecia-nos conforme á justiça divina.

«S. Francisco de Assis chamava ás andorinhas «minhas irmãs»; esta denominação amigavel fazia-o passar por um pouco doído, apesar da sua santidade, e contudo elle tinha razão; não são os animaes para o homem humildes irmãos, amigos de uma classe inferior, creados por Deus como elle e seguindo com uma placidez enternecedora o caminho que lhes foi traçado desde o começo do mundo? Bater n'um animal é uma acção impia e barbara como bater n'uma creança. A idade media nas suas sombras teve quasi medo dos animaes, cujos olhos cheios de mudas interrogações e de pensamentos indefinidos lhe pareciam illuminados de uma malicia demoniaca; accusou-os algumas vezes de feiticeria e queimou-os como queimava homens.

«Será uma gloria da civilisação ter melhorado a condição dos animaes, e te-los poupado á tortura inutil. Os inglezes precederam-nos de ha muito n'este campo.

«Já ninguem ri hoje do seu amor pelos cavallos e pelos cães, thema ordinario das caricaturas de 1815.»

Suggestiram-nos estas considerações a noticia da morte de um homem que era justamente considerado o primeiro animalista contemporaneo. Ha dias annunciou-nos o telegrapho que morrera Edwin Landseer.

Os burguezes, os nossos pobres burguezes pertinazmente alheios ao que se passa para além do seu mundo egoista e pequenino do *make money*, e sempre inclinados a vêr nos nomes de que o telegrapho se occupa ou de que se occupa a Europa, grandiosos sujeitos embuçados em glorias bellicas, em fartas reputações politicas, em estrondosas notoriedades financeiras, ou então heroes do Crime e do Escandalo, — de certo que esbugalharam muito

os olhos para este nome desconhecido e que vociferaram injurias e desdems quando souberam que era simplesmente o nome de um artista, de um pintor, e de um pintor de cães, de cavallos e de vacas. E que dirão quando souberem, — se quizerem dar-se ao ligeiro incommodo de saber, — que este homem cuja morte pareceu assumir as proporções de um acontecimento europeo, — chegou, pintando animaes, a accumular uma riqueza enorme e a conquistar um logar distincto e considerado no seio d'aquella arrogante aristocracia ingleza!

Não pensámos em fazer a biographia do illustre pintor.

Que Edwin Landseer ou Sir Edwin Landseer, nasceu em Londres em 1803; que era filho segundo de um excellente gravador fallecido em 1852; que só depois do exito auspicioso dos seus primeiros quadros, — o *Combate dos cães* (1819) e os *Cães do monte S. Gothard* (1821) por exemplo, é que se resolveu a frequentar os estudos n'uma academia por conselho do seu honrado amigo e illustre pintor Haydon, para se aperfeiçoar no conhecimento da anatomia animal; que em 1827 foi feito academico associado e em 1830 academico titular, e em 1847 membro da Academia Real da Belgica; que recebeu em 1855 a grande medalha de honra do jury internacional da exposição parisiense, e que em 1850 fôra feito cavalleiro (*knighthood*) pelo governo inglez: — são indicações facilmente obtidas em qualquer Diccionario de contemporaneos illustres. A proposito da elevação do Landseer á *order of knighthood* achámos curioso dizer como a recebeu o *Art-Journal*, registro magnifico e sério das glorias da arte ingleza; que registrára já as do illustre animalista agraciado. A mesma graça dispensada a este, fôra feita ao mesmo tempo a John Watson Gordon, retratista, presidente da *Royal Scottish Academy* e illuminista da rainha na Escocia (*Queen's Linmer for Scotland*); sujeito cuja reputação não parece ter passado as costas inglezas. Noticiando o facto dizia o *Art-Journal*, que a graça a Gordon era «em virtude do velho costume e de certo tambem em testemunho de consideração pelos seus talentos como pintor retratista», e a Landseer «em reconhecimento do seu eugenio (*genius*) como artista», e acrescentava logo: «Desejariamos que outros pintores tivessem obtido tambem a honra dispensada a Sir Edwin Landseer. Ninguém contestará que elle não tem rival na especialidade do seu trabalho artistico, mas essa especialidade não é a mais elevada, e não devemos esquecer que temos artistas, dos quaes os nomes é escusado mencionar, cujas glorias são mais categoricamente glorias da arte e da patria.»

Compreende-se como na arte ingleza se reflecte o preconceito da hierarchia e da classificação aristocratica. A troca porém do modesto *Esquire* pelo fidalgo *Sir* não foi que tornou Landseer um artista de reputação europea. Desde os seus primeiros ensaios, desde a exhibição do «*Combate dos cães*», aquella poderosa vocação de pintor animalista se affirmou com as melhores promessas. Não podia ser mais favoravel o meio em que ella nasceu e tinha de expandir-se. «A existencia do inglez» diz ainda Gauthier «muito menos distrahida e muito menos exterior do que a nossa, o seu *home* rigorosamente fechado, a sua vida de castello e de *cottage*, os seus habitos reflectidos e espontaneamente taciturnos, a sua concentração intima no lar domestico, tornam-lhe necessaria a sociedade d'estes companheiros silenciosos, com os quaes o mais timido se sente á vontade: Byron o dandy tinha por amigo Boatswain, um terra-nova; Cowper o melancolico domesticava lebres e falla d'ellas largamente nas suas memorias.

«Notámos que não se encontra quadro algum na galeria ingleza da exposição universal (1855), onde não tenha seu papel um cão e quasi sempre é o personagem melhor tratado. Este gosto geral na Inglaterra explica a pureza de raça, admirada e sentida pelo mais ignorante, dos cães, dos cavallos, dos bois, dos carneiros d'aquelle paiz, e a immensa popularidade que pôde adquirir um pintor como Sir Edwin Landseer, que de certo não teria obtido entre nós um tal exito porque a nossa admiração está reservada para os grandes quadros de assumptos historicos, de scenas classicas em que só o homem tem importancia.

«Não que não tenhamos animalistas muito notaveis. Rosa Bonheur, Brascassat, Troyon, Jadin, F. Rousseau, Decamps, trataram este genero com incontestavel superioridade, mas de nma maneira completamente differente e com um sentimento por assim dizer contrario. Os artistas que acabámos de citar consideraram o animal sob o ponto de vista puramente pittoresco; procuraram dar com a maior verdade possivel a fórma, a cor, a *pose*, os pellos da pelle, a melania e os listões dos seus trajos; mas não acreditando que tivessem alma não a procuraram n'elles...»

De triumpho em triumpho, do *combate dos cães* (1819) aos *cães de S. Gothard* (1821), e principalmente da *caça dos Falcões* (1832) a Sir Walter Scott e os seus cães (1833), á *Abadia de Bolton* (1834), á *Partida do gado* (1833), á *Volta da caça* (1837), ao *Honorable membro da Sociedade humana* (1838), á *Casa do pastor* (1842), á *Lontra* (1844), á *Paz e a Guerra* (1846), a *Van Amburgh* (1847), ao *Dialogo em Waterloo* (1850), ao *Sonho de uma noite de estio* (1851) á *Noite e á manhã* (1853), etc., etc., o antigo Edwin Landseer *Esquire*, ou o novo Sir Edwin Landseer foi conquistando com as sympathias e o applauso crescente dos seus compatriotas um dos primeiros logares tão difficéis de conquistar na arte ingleza e no qual se apresentou a receber a consagração europea na grande exposição de Paris de 1855, e a affirmar a pujança original do seu talento artistico no meio d'aquelles opulentos *thesouros da arte* (*treasures of art*) reunidos em Manchester em 1857.

((continua.))

LUCIANO CORDEIRO.

PRIMEIRO AMOR



manhã rompêra festiva e radiosa. Toda ella tepidos orvalhos, doces murmúrios, ineffaveis, frescos aromas que se levantam do seio da terra, como se a terra fosse a eterna esposa dos biblicos cantares, unvida de balsamos para as festas do noivado mystico.

As arvores cheias de seiva, sacodem a rama em vagos estremecimentos indiziveis; por entre a relva estrellada aqui e ali de congossa e violetas, zumbe n'um raio de sol, um enxame de abelhas loiras, os passaros têm d'estes chilros agudos que não são talvez a cadenciada harmonia dos poetas, mas que são em todo o caso a expansiva alegria dos ninhos, e por todo o campo em festa derrama a deusa das mythicas legendas a opulencia das sazoadas messecas, dos avelludados e maduros pomos, das sebes em flôr, da luz que vivifica e que fecunda.

É certo que o campo passou de moda, e que a gente não se atreve já a confessar o culto que elle inspira a todas as almas simples, sem com isso provocar a folina iro-

nia mephi-topheica da legião de pequenos Satanazes, que negam a existência do lilaz e da ró a silve tre em nome

Como hei de eu evitar que a alma se dilate no alvôr das ethereas madrugadas, ao contemplar sob os en-



do bom — em o, em nome do realismo e em nome da arte. Que culpa tenho eu, porém, de que n'aquelle sitio o campo fosse um idyllo de Florian, uma paisagem de Watteau, uma estrophe *arcalludica* de Gessner?

trelaçamentos lascivos da folhagem aquella creanga que vae ligeira, levemente inclinada, pisando com o seu passo ondulante e miudinho a herva humedecida e fresca das alamedas sombrias?

As aves caseiras saudam-n'a espavejando-se, grando, batendo as azas, fallando cada qual a lingua que o enbiçoso olhar, que tauta vez a gente lança ás estrelas.



X.A.v.R. Breandamour.

Deus lhe ensinou; ella porém não pára.

Vae absorta, sabe Deus em que visões que se não traduzem, e não repara sequer que alguém, um pobre camponio que vae para o trabalho, a mira de longe, com

Quando uma creança tem quinze annos, e foi creada no campo, com os bichos que são a humildade e a meiguice, com as flôres que são o luxo de Deus, com as nuvens côr de rosa do alvorecer estivo, embakula na mu-

sica mysteriosa que se exhala de todas as cousas, tem segredos no coração que os outros não têm, e vê passar ao longe na luz radiosa ou nas brumas do crepusculo aparições fugitivas, que são como as perolas da phantasia juvenil, e que subvertem consigo no fundo oceano do sonho, a alma que n'ellas se prende.

E aquella tem quinze annos. Não sabe nada do mundo, mas diante das magnificencias do céo e da terra estremece vagamente enleada, e tem desejos do que não conhece, saudades do que nunca viu, amor ao que nem ousou sonhar.

Tambem lá dentro d'aquelle mundo intimo, banhado em castos arreboes, alguma cousa mysteriosa e indefinivel alvorece e se desabotôa em flôres.

E ella caminha graciosa e leve, levando pendido do braço o cestinho de milho que vae encher de alegria o pombal.

Depois lá chega ao sitio predilecto onde as suas aves a esperam.

São aquelles por ora os seus amores.

Na curva do pequenino seio, na suavidade do gracioso perfil, no contorno eburneo do braço que se arredonda mollemente, nas ondas loiras do solto cabello que lhe cae nas espaldas, sorri-se a adolescencia em promessas encantadoras. É a idade de Margarida e de Julieta, mas o Fausto não trouxe ainda as joias prismaticas, nem Romeo soluçou na varanda illuminada pelas scintillações magneticas do luar, os seus voluptuosos carinhos.

Só os pombos a interessam. Para ser toda d'elles desnudou o alvo pé, arregaçou a manga do vestido, desmanchou despidosamente a symetria do singelo traje.

E os pombos têm arrulhos morbidos, languores cariciosos, ninhos onde alvejam uns pequenos ovos tentadores; e por sobre os muros do pombal as trepadeiras em flôr sacodem o embalsamado pollen. Por isso, diante de todas aquellas festas e estremecimentos e mysterios, enquanto os pequenos gulosos, muito alegres, muito esportinhos e muito meigos, devoram o abundante almoço que ella lhes trouxe, a doce creatura deixa pender com suave cansaço o corpo debil, e sente em assomos vagos, o desejo de saber tambem a lingua universal que tudo falla ao pé d'ella e que só ella não logrou ainda entender.

Não tenhas pressa, creança!

O meio dia não tarda, e com elle os ardores do sol, que ha de talvez queimar-te.

Enquanto os doces clarões da manhã brincam e scintillam nos teus cabellos doirados, que só os pombos te acariciem, e só na alva cabecinha dos innocentes a tua bôca desfie o rosario perfumado dos seus beijos.

Pintens.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



O TEMPLO ROMANO DE EVORA

IV

(Continuação)



'UMA extensa collina, alta bastante para ao longe parecer notavel eminencia, jaz edificada a cidade de Evora. Vastos campos a circundam, os quaes se dilatam por muitas leguas até acabarem nas serras de Ossa, Arrayolos, Montemro, Vianna e Portel, que limitam com uma curva irregular, ora angulosa, ora ondulada, toda a circumferencia do horizonte.

Na parte culminante da collina, acima dos edificios da cidade, em frente dos vastos campos, e como senhoreando tudo, construíram os romanos o alteroso templo. Já se não ergue, porém, livre e desaffrontado como outr'ora. Sobrepuja-o a agigantada cathedral e aceream-se-lhe de mais perto, de todas as partes excepto do norte, o paço dos arcebispos, a bibliotheca publica, as casas em que transformaram o tribunal da inquisição e finalmente o vasto palacio dos duques de Cadaval, ainda com mascarados vestigios do nobre solar dos condes de Olivença e do antigo castello com suas torres amciadas.

O templo é de fóma quadrangular. Representa a sua planta um parallelogramino perfeito com o eixo maior dirigido de norte a sul.

O envasamento ou pedestal continuo é feito de alvenaria, e, em contrario do que se poderia julgar pela perfeição das columnas e por outras obras congeneres de França ou Italia, não o reveste o grande, médio ou pequeno apparelho, nem ainda o reticulado. É o *opus incertum*, como se encontra em construcções mais vulgares. Todavia em varios pontos conservam-se restos de um cimento ou formigão hydraulico que parece ter revestido todas as paredes. O serem tão poucos estes restos explica-se pelas restaurações que modernamente se fizeram em muitos logares, onde a continuacão do ar humido ou da chuva desagregava as pedras exteriores. Similhante a este é o cimento que guarnecia os tanques adjacentes ao templo¹.

O envasamento está desmoronado na parte meridional, como se tivessem arrancado grandes pedras do cantaria que por este lado o cobrissem em alambôr. De certo eram aqui as escadas que davam accesso para a parte superior do pedestal e interna do edificio.

Sómente o dado do envasamento é de alvenaria. A cornija, a base e o socco, são de granito aparelhado.

Quando se restauraram as ruínas, fez-se n'esta parte do templo uma exeavacão profunda, na direcção diagonal, e não appareceram mais que as varias camadas de alvenaria de que é formada. Ao lado do poente e em meio do comprimento do templo encontrou-se um poço circu-

¹ Conservam-se na bibliotheca publica de Evora alguns fragmentos grandes do cimento dos tanques. Appareceram estes fragmentos quando em 1862 ou 1863 se rebateu o terreno junto do templo para alargar e macadamisar as ruas Oriental e Occidental de Diana. Resende vira tambem estes e outros vestigios do aqueducto.

lar, excavado na alvenaria e com a côr vermelha em partes¹.

Sobre o envasamento enchem-se as columnas em numero de quatorze e mais a base de outra, guardando todas a metade septentrional do edificio. Seis preenchem o lado menor do envasamento, na parte que olha ao norte; e de cada lado maior, attendendo a proporção em que está com o lado menor, deveria haver onze columnas, comprehendendo as dos angulos e por tanto as duas extremas das seis já mencionadas. Faltam os capiteis a duas das cinco columnas restantes no lado occidental.

Os capiteis e bases das columnas são de marmore branco, os fustes de granito, a ordem corinthia. É para admirar-se tanto a perfeição com que foram lavradas as folhagens dos capiteis; como a grande elegancia com que ainda hoje, apesar de mutilados, servem de graciosos remates ás altas columnas.

Os fustes, clausteados com doze meias canas cada um, são feitos de peças de granito de menor altura que o diametro da columna. As bases não têm ornatos.

Do entablamento resta a architrave de granito e em cima d'ella alguns fragmentos do friso tambem de granito e inteiramente lisos².

Pela grande mutilação que padecem o templo, desapareceram todos os vestigios da *cella* ou santuario que era a sua parte essencial. Adiante da *cella* para o lado do sul deveria ter sido o *pronaos* ou vestibulo. Por detrás, ou da parte do norte era o *posticum*, do qual restam as columnas que o limitavam, sendo entre ellas as seis do lado septentrional. E, como a estas columnas correspondiam outras seis no lado meridional ou na fachada, pertence o templo de Evora á classe dos *hexastylas*. Poderia tambem ser *periptero* porque totalmente o guardavam as columnas. Mas, como no templo congenere de Nimes as lateraes estão encostadas ás paredes da *cella*, e no de Evora a largura total é ainda menor que n'aquelle, ha plausivel razão para suppôr que tambem aqui as columnas estariam unidas ás paredes da *cella*. Parece pois que o nosso templo teria sido antes *pseudo-periptero*.

Enquanto aos tanques adjacentes que se descobriram em 1840 ou poucos annos depois nas excavações dirigidas pelo sr. Rivara³, observaremos que em Nimes, não no templo a que alludimos (*maison carrée*), mas n'outro que chamam de Diana, appareceram tambem vestigios que persuadiram ao sr. Pelet que a porta do edificio ficava entre duas cascatas⁴.

¹ A altura de todo o envasamento é de 3^m,45; da moldura 0^m,45, do nato ou dado 2^m,10, da base 0^m,35, do socco 0^m,55. A largura medida no socco é de 15^m,25; o comprimento 25^m,18.

² A altura da columna comprehendendo capitel e base é de 7^m,68; do capitel 1^m,01, do fuste 6^m,19, da base 0^m,48. O diametro da base e da parte interior do fuste em contacto com ella é de 1 metro. A distancia de eixo a eixo de duas columnas proximas é de 2^m,25 no lado maior e de 2^m,68 no lado menor. Os intercolumnios no lado maior medem 1^m,35, no lado menor 1^m,68. A altura da architrave com os fragmentos do friso que ainda restam é 1^m,71.

Todas estas medidas excepto as do envasamento, intercolumnios e diametro do fuste foram tomadas com o graphometro, pela grande difficuldade que havia de chegar com alguma escaida á architrave. Por isso não deverão reputar-se rigorosamente exactas, porém aproximadas.

³ *Instituto Vasco da Gama*. Additamento do sr. Rivara a um artigo do sr. A. F. Barata. N.º 8.º Agosto de 1872, pag. 210.

Acharam-se tambem vestigios dos tanques quando se fizeram as excavações citadas na nota 1.ª

⁴ De Caumont — *Abécédaire d'archéologie — Ere gallo-romaine*, 2.º edit., pag. 235.

V

Houveram de correr muitos seculos primeiro que em Roma se aperfeiçoasse a arte de edificar. Não tinham os romanos genio artistico. Antes da conquista da Grecia, o desenvolvimento das artes não correspondia de modo nenhum entre elles ao da organização militar e das instituições politicas, que lhes prometiam já o dominio do mundo.

Até ao anno de 470 da fundação de Roma ou 283 antes de Christo, nem ao menos colleciam o uso das tellas para cobrir as casas em que habitavam. Na edificação dos templos seguiram durante muitos seculos a pesada e disforme architectura dos etruscos, menos atrazados nas artes do que elles proprios. Eram estes edificios quadrilateros e de um estylo dorico ainda mais pesado que o primitivo da Grecia.

Definitivamente conquistado este paiz, o gosto da architectura não se introduziu desde logo em Roma. Desenvolveu-se mais tarde, quando as grandes riquezas das nações subjogadas geraram no povo romano o amor do luxo, dos prazeres, das obras primas da arte, de tudo enfim, que por qualquer modo podia deleitar-lhe os sentidos ou lisonjear-lhe a vaidade.

Este grande e rapido desenvolvimento das artes succedeu nos ultimos annos da republica e mais particularmente no imperio de Augusto. Pelos annos de 676 da fundação de Roma (77 antes de Christo), diz Plinio, não havia em todo o recinto da cidade casa mais bella que a de Lepido, e trinta e cinco annos depois esta mesma casa nem já merecia ser classificada em centesimo logar.

Só muito tarde começaram a ser exploradas as pedreiras de marmore da Italia. Aquelle de que se faziam em principio os templos mais sumptuosos vinha, como os artistas, ou como as estatuas, da Grecia. Até columnas de lá traziam, arrancadas aos monumentos primorosos da arte grega. O primeiro templo de marmore em Roma edificou-o Quinto Metello, consul 138 annos antes de Jesus Christo¹.

Não é, portanto, admissivel que, ao tempo em que a architectura principiára a aperfeiçoar-se e desenvolver-se em Roma, se fizessem já edificios sumptuosos, adornados de marmores, em provincias, a cujos habitantes davam em geral na metropole o nome de barbaros.

A historia demonstra irrefragavelmente que em povo nenhum florescem as artes sem primeiro decorrerem largos annos de paz e prosperidade que favoreçam o estudo e a cultura intellectual e permitam aos chefes do governo e aos principaes cidadãos entesourar riquezas que pagueem o trabalho dos artistas. Estaria, porém, n'essas condições a Peninsula durante os dois ultimos seculos decorridos antes de Jesus Christo? Não por certo. A sua historia por esse tempo, que, sem os auctores romanos, ignorariamos totalmente, não é mais que uma relação continua de guerras, invasões e revoltas. Este estado incompativel com a cultura das artes prolongou-se até ao anno de 45 antes de Christo, que foi quando Julio Cesar alcançou finalmente reduzir á inteira sujeição as provincias, dando-lhes constituição politica e civil e sobretudo governo regular.

Depois de estabelecida a paz, e postas em relações commerciaes a metropole e as provincias, sómente depois é que os lusitanos como os outros povos da Peninsula, poderiam acceitar com a religião, leis e costumes romanos a architectura usada em Roma. Sómente depois de longa paz não alterada por muitos annos se poderiam

¹ *Mommsen's history of Rome*, vol. III, pag. 475 e 476.

abrir estradas que não fossem vias militares destinadas a assegurar a dominação, fazer aqueductos, edificar templos, levantar arcos de triumpho, construir thermas, circos, theatros, palacios, e lavrar inscripções commemorativas d'essas grandes obras.

VI

Edificaram os romanos innumeros templos na Península iberica. Além das ruínas do que existiu em Evora, têm apparecido em Portugal inscripções ou vestigios de outros junto de Terena e Villa Viçosa, em Beja, perto de Arrayollos, na villa do Torrão, em Lisboa, etc.; na Hespanha, em Tarragona, Corniã del Conde, Murviedro, Saragoça, etc., etc. Mas em parte nenhuma se conservou, como em Evora, todo o envasamento do templo, e metade ou mais das columnas com seus capiteis e architrave. São por conseguinte as ruínas do nosso templo as mais importantes em toda a Península. Dão clara idéa do monumento, cuja fôrma, plano, magestade e perfeição artistica ainda hoje com evidencia demonstram.

Não podem os nossos visinhos hespanhoes determinar rigorosamente as eras em que foram construidos muitos dos templos e outros monumentos que houve em Hespanha durante a dominação romana. Atribuem-os, porém, quasi todos ao periodo dos dois seculos, decorridos desde o principio do imperio de Augusto até ao de Septimio Severo¹.

Aquelles a quem interessar a historia das artes em Portugal, não se contentarão de certo com tão vaga determinação. É muito longo o espaço de duzentos annos, e um monumento, como o de Evora, merece que mais aproximadamente se lhe rastrée a idade.

Julio Cesar, conquistando no centro e no meio-dia da Europa a Gallia, a Hespanha e a Lusitania, introduziu n'estes povos as leis, os costumes e a civilização romana.

Todavia não é provavel que desde logo se aperfeiçoassem as artes a ponto de produzirem monumentos, que mais correspondem ao apogeu do que aos principios de uma civilização. Assim, nem ao tempo da dictadura de Cesar nem ao imperio de Augusto attribuiremos os vestigios mais perfeitos da architectura e da escultura romana que têm apparecido em Portugal. E n'isto vamos conformes com os archeologos francezes e hespanhoes relativamente a França e Hespanha.

Depois com as devassidões e crueldades de Tiberio, Caligula, Claudio e Nero, coincidiu a decadencia rapida das artes. Emfim, nos reinados de Adriano, Trajano, Antonino e Marco Aurelio, o imperio resurge do abatimento em que jazêra e as artes, por effeito de uma benéfica reacção, brilham de novo com vivos resplandores.

Eram naturaes da Península os dois primeiros, e, por isso, mais em particular deveriam empenhar-se em engrandecel-a com obras magnificas para utilidade de seus compatriotas. A famosa ponte de Alcantara sobre o Tejo foi Trajano quem a mandou fazer; e outras obras sumptuosas, fundada ou infundadamente lhe andam attribuidas.

Demais, com relação ao templo de Evora, a perfeição dos capiteis corinthios, as boas proporções das columnas, a magestade do todo patenteada na parte restante persuade que, bem como os melhores monumentos peninsulares do estylo greco-romano, seria edificado antes dos seculos III ou IV, em que era já grande a decadencia da arte.

¹ Caveda — Ensayo historico sobre los diversos generos de architectura empleados en España, pag. 38.

A fôrma do templo, os labores das columnas e capiteis são de um typo que se nos depára n'outros monumentos congeneres edificados no seculo II, tanto em Roma como nas provincias. É o typo do templo de Antonino e Faustina, transformado na igreja de S. Lourenço in *Miranda* em Roma¹ e tambem o do templo de Nimes (*maison carrée*) em França².

D'onde concluiremos que o templo romano de Evora foi com toda a probabilidade edificado no seculo II da era christã.

VII

A tentativa mais importante que se tem feito para determinar a idade de monumentos romanos de Portugal, é de ha poucos dias e de um illustrado academico hespanhol. O sr. D. José Amador de los Ríos, tendo estudado attentamente em Lisboa e Porto os sarcophagos romanos que se guardam nos museus d'estas cidades, escreveu uma noticia critica e descriptiva dos citados monumentos³.

Suppõe o auctor que o sarcophago mais perfeito, o que foi achado em Reguengos, no districto de Evora, se não ha de attribuir senão ao tempo de Trajano. Reputa-o obra prima de escultura, parecendo-lhe que tão sómente poderia ser lavrado no tempo em que as artes mais floresceram na Península.

Com effeito, este sarcophago juntamente com o templo romano de Evora e o torso de uma estatua achado nas cercanias de Beja⁴ são os specimens mais perfeitos que da arte luso-romana se têm descoberto em Portugal. Pertencem evidentemente á mesma época e não muito longa, porque a perfeição que patenteiam não poderia subsistir por largos annos atravez das vicissitudes e alternativas do imperio romano.

Por conseguinte, diremos que se o templo de Antonino, o de Nimes e o sarcophago apparecido no monte da Azinheira junto de Reguengos, são obras do seculo II, o templo romano de Evora tambem o deve ser. Avançar mais longe, determinar, como fez o sr. Amador de los Ríos, com relação ao sarcophago, o reinado em que o templo seria construido, parece-nos exagerar muito a importancia dos dados que a historia e as artes nos ministram para a solução do problema.

VIII

A que divindade foi o templo consagrado?
Em Evora todos lhe chamam *templo de Diana* e al-

¹ Montfaucon — L'antiquité expliquée. Tom. 2^o, 1^a part. pag. 111, planche xxii.

² Vej. o desenho do templo e dos elementos que o constituem em Gailhabaud — Monuments anciens et modernes, tom. 1^{er}

Sabe-se que a inscripção d'este templo, feita de letras de bronze estava no friso, d'onde foi arrancada antes de ser conhecida. O sr. Séguier, pelos vestigios dos cravos que firmavam os caracteres na pedra, restituiu a inscripção de modo que o templo seria dedicado aos filhos adoptivos de Augusto. Mas, segundo a correção do sr. Pelet, a inscripção referir-se-hia antes aos filhos adoptivos de Antonino. Confessando n nenhuma certeza de qualquer restituição por meio de tão duvidosos vestigios, é certo que os mais auctorizados archeologos francezes attribuem a edificação do templo a esta ultima época. Vej. De Caumont — op. cit.

³ Publicada com as gravuras respectivas no tomo II do *Museu español de antigüedades*. Já em 1867 o sr. E. A. Allen, director do museu municipal do Porto, escrevera e publicara uma noticia em que attribuiu o sarcophago, existente n'aquelle museu ao periodo de 96 a 260 ou ainda para alem d'este ultimo anno um quarto ou uma metade de seculo. *Noticia e descripção de um sarcophago romano, descoberto ha annos na Alemtjeo e recentemente comprado pela cidade do Porto para o seu museu municipal*. Porto, 1867, pag. 17, nota 2.^a

⁴ Este precioso fragmento pertence á collecção de antiguidades que ajuntámos em Evora e se guarda hoje na galeria dos paços de D. Manuel no Passio publico.



OS IRMÃOS.



guns escriptores lhe têm dado esta mesma designação, que o sr. Hubner attribue falsamente a André de Resende¹. O antiquario eborense parece não ter sabido que ao monumento se deveria chamar templo. Não lhe deu outro nome senão o de *portico*². Assim o denominou também Diogo Mendes de Vasconcellos³. *Portico de columnas corinthias* lhe chamou ainda Gaspar Estago⁴.

Severim de Faria, no elogio de Evora, menciona apenas as *fabricas corinthias* do Sertorio. Brito não diz nada.

Onde primeiro se menciona o *templo de Diana edificado por Sertorio*, é na *Evora Illustrada* do padre Manuel Fialho. Por onde se vê que sómente nos fins do século XVII se veio a saber que as ruínas incorporadas na velha casa, que servia de açougue, eram de um templo romano. Classificadas as ruínas como de um templo, nada mais natural que attribuil-o, como os outros monumentos romanos de Evora a Sertorio, e julgal-o sagrado a Diana por causa das revelações que fingia ter d'esta deusa aquelle capitão.

O sr. abbade de Castro entende ter sido outra a dedicação do templo de Evora, porque a Diana competiam os de estylo jonico e não os de estylo corinthio. Confirma o sr. Rivara esta observação, lembrando o resultado das recentes excavações nas ruínas do templo de Diana em Epheso, que era em verdade da ordem jonica⁵.

As leis mencionadas por Vitruvio⁶ designam, com effeito, o estylo jonico para os templos de Juno, Baccho e Diana. Mas estas leis parecem apenas directivas, ou meras indicações, porque se prova em muitos casos não terem sido observadas.

Segundo as leis ou indicações de Vitruvio, o estylo corinthio conviria a Venus, Flora, Proserpina e ás Nayades. Isto, porém, não basta para resolver o problema. Ainda, segundo Vitruvio, a situação na parte culminante conviria aos deuses tutelares da cidade e também a Jupiter, Juno e Minerva. Finalmente, não é impossivel que a dedicação fosse a algum imperador.

Nas excavações que pelos annos de 1840 se fizeram em redor do templo appareceu um dedo agigantado de marmore branco sublamellar. A estatua a que pertenceu deveria ter mais de quatro metros de altura.

Dentro no templo está um grande fragmento do altar de marmore⁷.

(Continua.)

A. FILIPPE SIMÕES.

¹ *Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 47.

² *Historia da antiguidade da cidade de Evora*, cap. iij.

³ *Livro V do município eborense*.

⁴ *Varias antiguidades de Portugal*, cap. 44. B. J. de S. Farinha anotando o texto do auctor, suppoz que este portico seria o mesmo que o arco triumphal da praça. Não attendeu que este nome de *portico* procedêra de engano de Resende nas palavras seguintes: «... e assi fez trazer (Sertorio) ha agua da Pratta a ho portico en ho mais alto da cidade, donde se repartia per has regiões della». Na maior altura da cidade não ha outro monumento senão o templo e tanques adjacentes a que Resende poderia referir-se.

E quanto o mesmo Farinha refere do arco é fabuloso, excepto o alvará da demolição, firmado pelo cardeal D. Henrique. Não ha outras columnas que pertencessem ao arco romano senão as oito que estão no refeitório do collegio dos jesuitas, hoje da casa pia.

⁵ *Instituto Vasco da Gama*, tomo I, pag. 203.

⁶ *Archit.* lib. I, cap. II.

⁷ Mede 0^m,90 de altura. Vêem-se n'um dos topos restos de moldura, denticulos, ovos, etc. Tinha o altar, que o sr. Hubner chamou pedestal de uma estatua imperial, uma grande inscripção, da qual restam as letras SAC... da primeira linha e restos das ultimas letras das linhas seguintes, que eram seis, ao todo sete. As letras da primeira linha tem 0^m,09 de alto. As das linhas inferiores eram pouco menores.

N'esta mesma face vêem-se ainda os vestigios das cunhas de ferro com que fizeram saltar em pedaços o letreiro e com elle boa parte do altar.

UM GRUPO

I

Eu tenho á cabeceira do meu leito,
não um poema, como o heróe antigo,
mas dois retratos que em convívio estreito
conversam alta noite a sós comigo.

Ás vezes, quando a insomnia me descerra
as palpebras cansadas,
contemplo essas imagens adoradas
de seres que não vejo sobre a terra.

São dois vultos que vivem na memoria
das gerações libertas dos tyrannos,
e que só morrerão quando os gusanos
carcomerem as paginas da historia.

Um, chama-se Espartaco; o outro, Bonhome:
martyres ambos, ambos torturados
da oppressão entre os braços bronzeados,
da deshonra e da fome.

II

Espartaco sentiu profundo o travo
do fel da escravidão;
tentou um golpe nos grilhões do escravo,
e resvalou exanime no chão.

Caiu vencendo! O sangue do valente
foi para a humanidade
uberrima semente
de luz e liberdade.

Os seculos branqueiam as ossadas
das victimas de Crasso,
mas d'entre essas neerópoles caladas
herto se eleva de Espartaco o braço;

marco erguido nas sombras do passado,
mostra bem alto uma legenda eterna:
—Protesto!—eis o que lê, passando ao lado,
a geração hodierna.

III

—Protesto!—é a bandeira levantada
no braço de Bonhome,
quando elle expande a mágua que o consome,
vendo a sua cabana incendiada;

quando os algozes vis da liberdade
lhe violam a filha estremeçada,
e assolam e devastam sua herdade
o apagam á consorte a luz da vida.

A dôr fez-te gigante!
erguesto a consciencia recalçada,
e caminhaste ávante,
soltando a voz que ainda hoje brada!

IV

Algae a fronte nobre,
filhos augustos de uma era ingrata,
e possa herdar de vós o escravo e o pobre
a força que alevanta e que resgata.

Aos vossos cinerarios,
cobertos de sarcasmo e esquecimento,
vão hoje em romaria os proletarios,
para adorar o santo monumento;

e vão os opprimidos,
os párias, os ilotas, o engeitado,
famintos, maltrapidos,
dar-vos o preito que vos foi negado;

e estes romeiros, este povo mixto,
irá salvar do olvido a vossa gloria,
como o Bonillon da historia
foi libertar o tumulo de Christo.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

VII

Nova terra da promissão.—Expedição no rio Tueurui.—Os meus tapuios.—A Jutahycica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurunas.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.



AS proximidades da *taba* ou povoação não tínhamos encontrado nenhum signal que nos denunciasse a presença do homem; nenhuma plantação, nenhum caminho, nenhuma habitação separada do povoado!

A floresta acabou repentinamente, deixando-nos n'um largo espaço desarborizado, e vimos diante de nós uma estacada, em fórma circular, feita com troncos de paxiúba (*Palma Iriartea esorhiza*), por traz da qual se elevavam um pouco mais os tectos de palha de muitos tejupares. Ao centro da tranqueira havia uma abertura que servia de porta, e que n'aquella occasião estava desobstruida dos troncos com que costumava fechar-se. A paliçada era toda tecida com cipós, tendo, de espaço a espaço, estacas aguçadas, mais altas, que

eu depois soube serem destinadas para se espetarem n'ellas as cabeças dos inimigos em occasiões de guerra.

Tal era a fortificação, que defendia a *taba* do povo juruna.

Antes de penetrarmos n'ella, parámos um instante á entrada e eu relanceei rapidamente a vista para o interior da original fortaleza. Ao centro da praça havia uma edificação comprida, com paredes muito baixas, construi-

das de terra e palha, tendo uma unica abertura de um dos lados, e o tecto, de feito de arco, coberto com folhas de palmeira bussú (*Atalea spectabilis*, Mart.) Parecia um *tunnel*, superior ao solo! Era ali, como depois soube, a residencia do chefe. Em torno d'ella erguiam-se, com proporções mais modestas, as habitações dos guerreiros, semelhantes ás choupanas que na Europa se levantam ao pé das ciras, para abrigo dos guardas, mas um pouco maiores. Ao fundo da estacada passava o Xingú; e no porto da povoação viam-se, a par uns dos outros, numerosos ubás de cedro, amarrados em varejões espetados na terra baixa da margem.

Quando chegámos á entrada do cercado estavam no meio do terreiro alguns gentios, que eu tomei por mulheres. Traziam o cabello comprido, caído para as costas, e os rostos e corpos mais ou menos sarapitados com tintas de côres azuladas ou pretas. Nenhum tinha barbas; e esta circumstancia, bem como a de usarem longos cabellos, fez com que eu me equivoicasse com o seu sexo á primeira vista.

—São mulheres nuas!—exclamei com pasmo.—Dar-se-ha caso que viessemos surprehendê-las em occasião de banho?!

—São homens—replicou Ferrugem, fazendo um gesto amigavel aos selvagens, que acabavam de avistarmos e partiam a correr para a barraca do chefe;—são homens e estão vestidos com a maior decencia usada entre jurunas.

—Vestidos?!

—Sim senhor; repare bem.

Parte dos gentios, que corriam para as habitações, provavelmente a fim de se armarem, pararam ao gesto de Ferrugem; os outros continuaram a andar e foram talvez prevenir os companheiros de que havia gente estranha á entrada da sua tranqueira. Em poucos momentos appareceram ás portas de todos os tejupares mais algumas caras novas, olhando-nos com ares que não prometiam nada bom. Os primeiros que se detiveram, vendo que o nosso chefe continuava a fazer-lhes signaes familiares, encaminharam-se para nós, andando vagarosamente, em linha obliqua e separados uns dos outros. Foi quando Ferrugem me recommendou que reparasse bem no modo porque elles vinham vestidos.

Eram quatro ou cinco homens, ainda moços, de mediana estatura, rosto oval, cranco arredondado e um pouco deprenido na região frontal, com feições que apesar de desfiguradas pelas pinturas me pareceram regulares; olhos vivos, pequenos, escuros, e raros pellos na cara. A sua côr natural, que transparecia aqui e ali por entre espaços não pintados, era acobreado-vermelha.

Aproximavam-se com hesitação, que todavia tentavam disfarçar, e volviam a miude a vista para traz, como que para retemperarem o animo com a presença dos companheiros. Percebia-se que a curiosidade os attrahia para o nosso lado e que só não corriam por prudencia. Em vez do ar feroz que eu lhes tinha imaginado, eram physionomias simples, ingenuas, primitivas; assimilhavam-se mais a grandes creanças sem educação, timidas e desconfiadas, do que a homens intrepidos e aguerridos, como me constava que realmente eram os da sua nação.

Ferrugem fallou-lhes no seu dialecto e elles pararam estupefactos um momento; depois sorriram-se uns para os outros, olharam para os que das portas os estavam vendo, sem ousarem imital-os, e recommçaram a andar com menos cautela.

—É o amigo Ferrugem,—lhes disse, em juruna, o nosso chefe.

—Ferrugem!—repetiram elles aos seus.

—Ferrugem!— gritaram todos os que estavam ao pé das casas.

E como se esperassem unicamente esta declaração para lhes dar animo, moços, velhos, mulheres e crianças, correram todos ao nosso encontro!

—Repare, que só os homens é que andam vestidos,—me segredou rapidamente Ferrugem.

—E a dar-lhe! Vestidos?! Ah!...

Foi só então que dei pela ironia do meu compatriota. O traje alludido consistia n'uma estreita folhinha de palmeira que os indios traziam preza á cintura, e com as extremidades da qual fingiam prestar ao pudor uma irrisoria homenagem. Quanto ás mulheres, nem isso tinham; andavam simplesmente vestidas de innocencia, segundo a feliz expressão de Milton.

Todos os habitantes da taba nos rodearam n'um instante. O chefe, que andava por fóra com alguns dos seus, e que era amigo de Ferrugem, chegou ao tempo em que íamos entrando com a sua gente para dentro da estacada e fez-nos um acolhimento digno... de um guerreiro selvagem. Eu tive a honra de ser apresentado a esse grande homem, que se dignou atirar-me ao ar e dar-me duas pauladas nas costas, em signal de affectuosa fraternidade, com uma espada de pau, que trazia pendurada ao pescoço. O meu patricio aconselhára-me antecipadamente que fizesse um discurso, em tupy, que parte dos selvagens comprehendiam, dizendo «que a fama das acções heroicas e da provada valentia do povo juruna fóra levada por Ferrugem e outros brancos e tapuios ás terras distantes d'onde eu vinha, e me despertára os desejos de conhecer pessoalmente e travar amigaveis relações com os guerreiros do Xingú; que não medissem o meu animo e os meus desejos pelo meu tamanho e curta idade porque eu descendia do gente costumada a todas as emprezas grandes e que me considerava homem desde os dez annos, que fóra quando tinha começado a desprezar perigos e a affrontar a morte.»

O effeito d'estas basofias foi prodigioso! Os povos barbaros nada admiram tanto como a audacia e a ostentação do esforço varonil, porque usam tambem alardear o seu valor e gabar-se de seus feitos mais assignalados com ruidosa vaidade; Ferrugem ia-lhes traduzindo do meu discurso as palavras que elles não entendiam, e eu via-os entrecolharem-se com enthusiasmo, fazerem gestos de contentamento e darem gritos de applauso, que n'outras circumstancias me teriam sido mediocrementemente agradaveis.

Quando cessei de fallar, deitaram a correr á roda de mim, com as mãos erguidas, rugindo não sei que elogios capazes de aterrar um tigre, e por fim agarraram-me cada um por seu lado e arremessaram-me ao seu maior, que, depois de me dar novo boléo, assentou-me outras duas lambadas e declarou-me, por intermedio do meu patricio, que ficavamos sendo amigos e que eu prometia vir a ser um grande chefe!

É claro que a prudencia me obrigava a receber estes cumprimentos, manifestando a maior satisfação, comquanto interiormente estivesse dando os jurunas a todos os diabos e arrepellando-me por ter ido visitá-los. Depois de bem moido com as suas caricias, tive ainda que presentear o chefe com parte das minhas ferramentas, deixando assim reduzido a bem pouco o que tinha levado para negociar! Devo porém confessar, antes de passar adiante, e para credito do illustre gentio, que no momento de nos separarmos elle pagou generosamente a minha lembrança, offerecendo-me seis macacos, tres papagaios, doze periquitos, um magnifico arco e oito ou dez flechas excellentes. Pagava como rei. Porém a maioria

dos seus mimos tinha o inconveniente de ser demasiado incommoda, e eu fui-a largando pelas margens do Xingú, á medida que nos aproximámos da cachoeira; quando passámos esta, não me restava um unico bicho!

Ferrugem expôz o principal motivo da sua missão e não foi difficil resolver o chefe a ir com parte da sua tribu a Pombal. Promettiam-se-lhe todas as ferramentas que desejasse, para si e os seus, com a condição de trazerem consigo um missionario, dar-lhe casa, respeito e e provêr á sua subsistencia, deixando-lhe a liberdade de poder explicar a doutrina e proceder como entendesse para plantar de vez o christianismo entre os jurunas. Estas propostas eram feitas á vista dos mimos enviados pela auctoridade brasileira, os quaes Agapito ia entregando ao chefe e aos do seu conselho no meio dos gritos de admiração geral e do contentamento dos presenteados.

Assentou-se desde logo, que a expedição desceria pelo Tucuruí, dentro em dez ou doze dias, e que Agapito ficaria para ir com ella. Ferrugem, eu e os dois tapuios desceríamos antes d'isso o Xingú, como se tinha assentado no começo da viagem, para levarmos com antecipaçaõ a noticia do bom exito das negociações. Os indios não podiam partir mais cedo pela necessidade que tinham de fazer mantimentos, que consistiam simplesmente em farinha de mandioca, misturada com peixe sêcco desfiado, a que elles dão o nome de «farinha de guerra».

Agapito não se mostrou demasiado satisfeito com a combinação, que o deixava sózinho entre os gentios; vendo porém que elles pareciam os mais empenhados na ida proxima, sem duvida por interesse ou espirito de curiosidade, e não pelo desejo de se baptisarem, declarou que se resignaria. Talvez que tambem contribuisse para isso outra circumstancia, que adiante será referida.

Os jurunas, contentes com os nossos mimos, festejavam a nossa presença e obsequiavam-nos, a seu modo, o melhor que podiam. Deram-nos uma das maiores habitações, ao pé da do cacique, e este foi pessoalmente instalar-nos; mas, e seja dito sem offensa da sua franca e generosa hospitalidade, o tejupar, que tinha sufficiente comprimento para se atarem as nossas cinco redes umas a par das outras, parecia mais o antro de uma fôrta que habitação de creaturas humanas! Não recebia ar nem luz, senão da porta de entrada, buraco por onde apenas cabia um homem, curvando-se; os meus companheiros batiam com as cabeças na parte mais alta do tecto; e, ás vezes, eu proprio arranjava galos, que, se não cantavam, tinham o condão de me fazerem cantar a mim! Entre as nossas redes accendia-se o lume, no chão, para se fazer a comida e intretar a illusão de que o fumo afugenta os mosquitos. Imagine-se que noites deliciosas passaríamos n'aquella caverna quando a temperatura ao ar livre não baixava nunca de 30° centigrados.

O chefe juruna mandou-nos comestiveis, e cinco das mais jovens e formosas mulheres da tribu para nos servirem. Esta delicadeza sensibilisou extraordinariamente o nosso camarada Agapito. Quando se faziam as combinações da viagem dos gentios, notára eu que, reagindo elle a principio contra a idéa de separar-se de nós, mudára de repente de opinião e se resignára a ficar. Procurando, mentalmente, a rasão d'essa versatilidade, reparei que o excellento mameluco não tirava os olhos das mulheres e attribui essa fixidez de olhar ao facto de ellas se lhe mostrarem «unicamente vestidas de innocencia».

—Esta attenção do chefe juruna— disse elle, mirando e remirando as cinco raparigas—captiva-me completamente!

—É o costume—volveu Ferrugem.—São as maio-

res demonstrações que estes índios podem dar ás pessoas que estimam.

—E são bem boas! É pena estarem besuntadas de tinta! Isto não se tirará?—continuava o bom Agapito, esfregando com o dedo molhado em saliva as pinturas do peito de uma das selvagens.

A india sorriu-se melancolicamente e depôz no chão o paneiro de bananas que trazia. As outras eram também portadoras de diversos objectos, enviados pelo maioral juruna: farinha, peixe moqueado, goiabas e outros fructos. Arrumaram tudo a um lado e em seguida uma foi buscar agna, outra accendeu o lume e as tres ultimas começaram a desembulhar as nossas redes para as atarem.

—Gosto d'isto!—exclamava Agapito, andando á roda d'ellas com enternecimento.—Gosto d'isto!... E convem-me.

Havendo eu declarado, que prescindia do serviço da india que me vinha destinada, gritou o patife:

—Isso parece mal!... É feio! Não a mande embora; olhe que escandalisa esta boa gente!... E, se não a quer, ficarei eu tambem com ella...

—Oh! sr. Agapito!...

—É por deferencia... para não o comprometter com os gentios.

Tinha anoitecido. Depois de nos darem de ceiar, as indias dispunham-se a tomar posse das nossas redes. Quando eu lhes declarei, que não podiam alli dormir, e que era necessario irem para suas casas, encararam-me todas com supremo espanto, e insistiram por deitar-se.

—Não faça tolices!—me gritou o mamelucó enfurecido.—Quer ir contra os costumes da terra?! Deixe-se de asneiras!

Os tapuios tomaram o partido do Agapito; e Ferrugem hesitava em decidir-se, olhando ora para mim e elles, ora para as mulheres.

—São usos que não se devem desprezar...—disse elle;—contudo...

—Nós não somos selvagens, para vivermos como elles. Eu, pelo menos, não quero parecê-lo.

—Respeitemos os seus escrúpulos—volveu Ferrugem, depois de breve pausa, dirigindo-se a Agapito, que offerecia a rede a duas gentias.

—Quaes escrúpulos, nem qual carapuça?—berrou o tratante.—Quem o manda vir a terras aonde as mulheres andam nuas?! Ó seu Ferrugem! Agora é vossê que as põe fóra!... Pois regalem-se; durmam ambos aqui sózinhos, que eu vou arranjar outra casa para mim!

—Para nós tres!—clamaram os dois tapuios, saindo atraz d'elle e das indias e levando cada um sua rede, como fizera o mamelucó.

Ferrugem ficou embatucado um instante; depois riu-se, deitou-se na rede com o inseparavel cachimbo na bôca e disse, voltando-se para o meu lado:

—Fizeram-nos um grande favor!

—Tambem me parece.

—Ellas não eram feiasinhas!...

—Boa noite.

—Já quer dormir?

—Se lhe parece que estarei pouco moído?!...

—Tem rasão. Boa noite.

N'uma descripção de costumes selvagens é difficil, senão impossivel, compôr o quadro de modo que satisfaça todos os gostos. Embora se diga tão pouco do muito que ha para dizer-se, por mais ao de leve que se toquem certos assumptos, o viajante que respeita o pudor e o melindre dos que o lêem, temerá sempre ter ido além das conveniencias. É por isso que eu supplico a todas as pes-

soas que lançarem os olhos sobre estas minhas recordações, que se dignem perdoar-me tudo quanto n'ellas me tenha escapado, susceptível de ferir as organizações delicadas e as almas castas.

As mulheres jurunas, como em geral todas as selvagens, são destituídas do pejo natural, que tanto realça a belleza feminina. Aos doze annos, pouco mais ou menos, entram na puberdade e recebem marido. É este quem as escolhe, toma quantas quer, e importa-lhe pouco que ellas procedam do mesmo modo. Ha comtudo excepções, ainda que raras, e exemplos de se disputar com as armas na mão a posse de uma amante. A mulher pertence fazer todo o trabalho da casa e o das roças, plantações de maniba (planta que produz a mandioca), arranque das suas raizes, deitál-as de mólho, ralál-as, e expremêl-as, manipular a farinha, os vinhos inebriantes do cajú e do aipy (outra especie de mandioca), semear e apanhar o tabaco, o algodão e todos os fructos. O homem, caça, pesca, derruba os arvoredos para as roças, fabrica as canôas de cedro de uma só peça (ubá), as casas, as armas de toda a especie, e faz a guerra.

Um dos costumes mais singulares é ser o marido quem se deita quando a mulher passa pela mais dolorosa de todas as provas da maternidade! A mãe, apenas dá o filho á luz vae laval-o e lavar-se ao rio; depois trata do pae, que está na rede recebendo as visitas dos amigos e parentes; dá-lhe os melhores bocados, as comidas e bebidas de que elle mais gosta, e, durante tres dias, não o desampára como se o tivesse realmente doente! Ao fim d'esse tempo volta cada um ao seu trabalho. O filho, que a mãe amamenta, anda sempre com ella até dar os primeiros passos. D'ahi por deante cria-se no terreiro, com os cães lazarentos, que abundam nas povoações selvagens, e com os macacos de toda a especie, que os índios têm presos ás portas. Chegando á idade de dez ou doze annos começa o pae a levar-o consigo ás expedições de caça, pesca, ou á guerra. O commando da tribu pertence ao mais valente, que o conquista pelos seus feitos contra o inimigo ou por alguma acção que surprehenda o povo e o leve a elegê-lo por aclamação. Quando morre o chefe, se tem um filho esforçado, não é raro que este obtenha o mando; mas ás vezes concorrem ao poder supremo dois pretendentes, que têm de se bater diante dos anciãos para que estes decidam qual é o mais habil e valoroso e lhe dêem a preferencia. O maioral não pôde resolver a paz nem a guerra sem ouvir os velhos, que estejam ainda capazes de combater; os invalidos não são consultados porque as virtudes mais respeitadas pelos jurunas são o valor, a destreza e a força physica. A velhice inutil é desprezada. Apesar de não terem nenhuma moral e de se entregarem aos mais torpes excessos, os homens costumam ser fieis áquelles com quem se aliam, se reconhecem que os tratam com lealdade e boa fé; se desconfiam porém que os enganam, são terriveis inimigos porque sabem dissimular até terem oportunidade para a vingança. Uma das suas vaidades é julgarem-se superiores a todas as outras tribus suas visinhas, dizendo que só os jurunas descendem dos antigos tupis, conquistadores do Brasil. De todas as vezes que os tratei de perto, julguei-os susceptiveis de se civilisarem facilmente, se fosse outro o systema de cathechese que n'esse tempo se empreendia. Tinham intelligencia sufficiente para comprehender tudo quanto Ferrugem e eu lhes diziamos, e provam, ainda hoje, o seu genio industrioso, fabricando com perfeição varios tecidos de pennis, redes, frechas e canôas. A região em que habitam é immensamente fertil em caça e fructos, e o rio abunda em peixe. Do lado opposto á povoação tinham as suas roças, que eu fui vêr e achei

mais bem cultivadas do que as de muitos indios mansos. N'aquelle tempo não se julgavam já antropophagos; nunca vi despojos humanos pendurados ás portas dos seus tejupares; nem ouvi fallar nas cabeças das suas victimas, que, pintadas de urucú, constituem um dos seus ramos de commercio e se vendem na Europa a 500 francos cada uma, segundo affirma um viajante moderno ¹.

(Continúa).

F. G. DE AMORIM.

campo, na aldeia, caracterisavam de certo modo a paizagem. Pois n'uma telasinha em que se debuxa qualquer nesga de Collares, é indispensavel que appareçam duas pessoas de sexo differente, para um expressar segundo o *Codigo civil*, e que um sopro de ternura agite brandamente as ramadas.

Eles, pelo que dão mostras, acham-se embebidos na contemplação dos horisontes, gravemente aprumados, junto aquella muralha branca.



COLLARES

D'aqui lá são dois passos. Então agora com o caminho de ferro, é n'um abrir e fechar d'olhos. Varzeas floridas, collinas por onde os pampanos se enredam, fresquidões que são balsamos, e tudo isto coberto por um céu que nem turquezas lhe ganham. Bem fez o pintor em me bosquejar o quadro. Depois, como todos estes idyllios da natureza, — os passaros que noivam e as flôres que desabrocham, — estão pedindo o idyllio humano, o artista apanhou em flagrante aquelle homem e aquella senhora, que fallam provavelmente no estylo dos velhos poetas, — suspirando mansinho: *uma cabana e o teu amor!* —

Diz o Garrett, n'aquelle livro que eu nunca me farto de relêr, as *Viagens na minha terra*, que os frades, no

— « Um excellente dia! » —

— « Um dia excellente! » —

— « Veja como aquelles tentilhões se debicam... » —

— « São lindos. » —

— « E amam-se. » —

— « Talvez! » —

O dialogo prosegue n'esta innocentissima toada, que faz lembrar as eclogas de rabicho, trescalando um cheiro de benjoim de boninas.

Nada mais doce nem mais inoffensivo!

Ha outros para quem este nome *Collares* traz consigo um sentido mais plastico. Dispensam, razoavelmente, o espectáculo das verduras floridas, e apontam para o nectar das cêpas com a commoção propria... dos brios nacionaes.

— « Abençoado torrão é este. Aqui ha de tudo e para tudo. Madeira para a sôpa. Bucellas para o peixe, Collares em seguida, e o Porto para o *toast*. »

¹ Paulo Marcoy — *Le Tour du Monde*, 1867. pag. 125.

« E dizem que não sômos uma nação rica?... » —
 « Riquíssima! » —
 « E vinhateira... » —
 « Como a melhor! » —

O folhagens densas, que eu estou d'aquí a vêr, com tantas saudades de mo abrigar á vossa sombra; ó fontes amenas, que deveis a esta hora soluçar nos tanques alvissimos; ó genio dos campos, abrigado decerto no tronco de algum castanheiro annoso, — fazei medrar a poesia, que vive d'um raio de sol entre os lyrios, sem que fique em esquecimento essa outra... que se vende a oito vintens a garrafa.

E. A. VIDAL.

APONTAMENTOS ARTISTICOS



MIGUEL Angelo. — Por uma carta de Balthasar de Faria, agente da côrte de Portugal em Roma, escripta a Simão da Veiga, que tratava n'ella do estabelecimento da inquisição, em nome de D. João III, vê-se que Miguel Angelo fôra encarregado pelo mesmo rei de uma obra de arte. Diz a carta datada de Roma a 30 de outubro de 1545: Michael Angelo mente todo o possivel co'a cousa de Nossa Senhora da Misericordia. Parece-me que quer dinheiro. Filho de dar por concluir coele.

(Archivo nacional. Collecção Moreira, Quadro 2.º no fim.)

Francisco Henriques. — Em 1518 ou 1519 el-rei D. Manuel encarregou este habil artista (o melhor d'esse tempo, segundo o documento de que estrahimos esta noticia) de executar as importantes pinturas da Casa da Relação. Vieram sete ou oito pintores de Flandres, para o ajudarem, e a obra promettia grande actividade; mas ficou incompleta por causa da morte de todos, pois todos caíram victimas da peste que então flagellava a cidade de Lisboa.

Francisco Henriques estava tambem pintando por esse tempo as bandeiras que deviam servir na recepção da rainha D. Leonor.

Tinha-lhe sido concedido o officio de arauto.

(Idem, Corpo Chronologico, parte 3.ª, maço 15.º, documento 13.º)

Garcia Fernandes. — Morto Francisco Henriques e os seus companheiros procurou el-rei quem o substituisse; mas como aquelle recebêra quantia superior ao trabalho feito, foi-lhe difficil encontrar pessoa que o quizesse concluir pelo dinheiro que faltava para a quantia de principio estipulada. Recorreu então el-rei a Garcia Fernandes e propoz-lhe que acabasse a obra n'estas condições e cazasse com a filha do fallecido Francisco Henriques, pois lhe daria, além de uma certa somma para occorrer ás despezas do cazamento, o officio de arauto, que ficára vago pela morte do mesmo. Tratando este enlace matrimonial, D. Manuel cumpria a promessa que fizera a Francisco Henriques, quando ao mandar-lhe que não saísse de Lisboa, apesar da peste, pelo muito desejo que nutria de ver prompta a Relação, lhe assegurou que, no caso de morrer de contagio, cuidaria da sua familia. Aceitou Garcia Fernandes as propostas d'el-rei e acabou as pinturas, menos tres paineis que o marido da ama de el-rei, por ordem d'este, lhe não entregou; mas vinte e dois annos depois ainda a palavra de D. Manuel não fôra

satisfeita, como se mostra de um requerimento do mesmo Garcia Fernandes (de 16 de abril de 1540) a D. João III pedindo-lhe o logar de assellador do sal e pescado da alfândega de Lisboa, em compensação do officio de arauto e do dinheiro para o seu casamento, que el-rei seu pai lhe promettêra e não dera.

Garcia Fernandes foi encarregado por D. Manuel de outras obras, além d'esta, para Coimbra, S. Francisco d'Evora, Leiria, Montemor e para a India, assim como do retabulo de Santo Eloy de Lisboa, o qual não poudo acabar.

(Idem.)

Christovão de Figueiredo. — Era pintor do cardeal infante D. Henrique, e foi num dos officiaes que trabalharam com Francisco Henriques nas pinturas da Relação, o que fez por mandado d'el-rei. Foi tambem companheiro de Garcia Fernandes em varias obras artisticas.

(Idem.)

Jorge Affonso. — Era cunhado de Francisco Henriques e pintor d'el-rei, pelo que tinha 105000 réis de tença cada anno, na casa da Mina, como se vê de um recibo sen de 7 de agosto de 1516, e da sua carta de nomeação. Diz esta o seguinte: D. Manuel, etc. Sabendo nos quão sofyiciente official ho Jorge Affonso pyntor para todalas cousas que a noso serviço cumprirem, & e & avendo respeito aos serviços que delle temos recebido, & temos por bem e o filhamos ora novamente por noso pyntor, e queremos que ele seja examinador e veador de todalas obras de pyntura, que se para nos ou para hobra que nos ouvermos de pagar fizerem por alguns outros officiaes de sen officio, o asy nas que se ouverem de avaliar elle seja por nosa parte avaliador, com o qual officio queremos e nos praz que elle tenha e aja de nos, em cada hum anno, enquanto nossa merce for, dez mil réis e todos outros privilegios e liberdades que hão e sempre tiveram os semelhantes nosos officiaes, & os quaes dez mill réis lhe serão asentados na nosa casa da mina, & e, allem deles, quando quer ho dito Jorge Affonso for chamado por noso mandado ou enviado algumas partes e nyso perder alguns dias, quando quer que tall amostrar, nos lhe faremos por yso aquella merce que justa for e nos bem parecer & Cintra 9 de agosto de 1508.

Esta carta foi confirmada por D. João III a 9 de de dezembro de 1529.

(Idem, Corpo Chronologico, maço 6.º, documento 27.º e livro 33.º da Chancellaria de D. João III, folha 76.)

Jorge Affonso exerceu o officio de Arauto Malaca.

(Idem, Cartas Missivas, maço 3.º, n.º 57.)

Rainha D. Catharina. — O paragrapho da carta que abaixo transcrevemos e o rol que o acompanha não provam que a mulher de D. João III pintasse; mas o fervor com que é feita a encommenda e a pessoa que a faz levam-nos a suppôr, não sei se com muito ou pouco fundamento, que era para obra a que ella ligava particular interesse, pelo que pômos aqui o seu nome, se não como artista, ao menos como amadora.

A carta é dirigida a Balthazar de Faria, encarregado dos negocios de Portugal em Roma e deve ter a data de 13? de janeiro de 1545. É o paragrapho a que alludimos o seguinte:

Com esta vos mando hum rol de certas cousas que queria que me dela enviásseis, segundo vereis pelo dito rol, porque tenho delas muyta necessidade. Encomendo vos que procureis de as aver todas da maneira que per o dito rol se declara, e com tanta perfeigam de cada huña delas como ey por certo que os vós buscareys. E porque eu tenho necessidade delas e folgaria muyto de

me virem com brevidade, encomendo vos muyto que todas aquellas que poderem vyr por correo a boom recado e sem receberem dano, mas enviays por eles; e assy concertadas que não possam receber nojo. E as que logo folgaria de me enviardes he o oleo e as conchas de ouro e prata muyda. O dinheiro que tudo custar, que seram os setenta escudos de ouro como o apontamento diz, tomareys pera qua, e eu os mandarey logo pagar á pessoa a quo a letra disser e no tempo em quo declarar.

Segue-se o rol:

De Roma

Oleo do Saxa muito fino e verdadeiro pera pintar a oleo escolhido com algum bom pintor. E venha nũa aredoma liada muy bem;

Azul ultramarino muito fino pera pintar;

Lacra, e roxo, e sinopla de Veneza muito finos;

Verdes muito finissimos de toda las sortes;

Alvayde que chamam biacha muito fino e bianco;

Vermelhos muito finos e rosados;

Pretos muito finos;

E quaesquer outras cores que se em Roma acharem de pintar, e luminar, que sejam finas, assi per casas de pintores como na Strada do peregrino.

Item

Todas as sortes de colores pera pintar a fresco na parede, assi das compostas de esmaltes, como das de terra naturaes, em que entrem:

Azues muito finos e pavonazos;

Roxos e vermelhos de toda las sortes;

Verdes e oeres e gialos e pretos;

E toda las mais cores de pintar a fresco.

Duas duzias de conchas d'ouro moído;

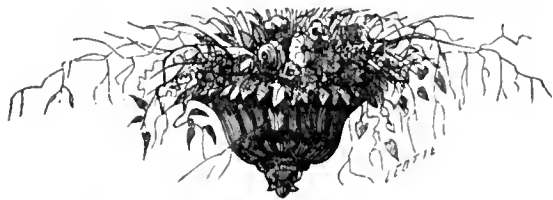
Duas duzias de prata muida muito fresca e fina;

Quatro duzias de pinceis muito bem feitos pera pintar a fresco e a oleo.

E tudo isto em preço de setenta escudos dorro, bem envolto em papeis e em pano encerado.

(Idem, Collecção Moreira, caderno 6.º)

RAMOS COELHO.



CHRONICA DO MEZ



interesse que o publico tem mostrado este inverno pelos espectaculos novos dados nos theatros de declamação, não afrouxou com a abertura de S. Carlos. E não se julgue que a notavel affluencia de espectadores aos theatros portuguezes, provém da opera italiana estar abandonada pelo publico. A companhia Lyrica, á excepção das damas Galleti e Marchisio e do tenor Massini, tem recebido demonstrações de desgarrado tão violentas, que se espera que o governo intervenha de qualquer modo para pôr cobro ás hostilidades em que andam os artistas com a arte e a platêa com os artistas; mas nem por isso os espectadores têm abandonado os seus logares, de sorte que o theatro conta ainda hoje as enquentes pelas representações.

A concorrência aos espectaculos de Lisboa pôde attribuir-se ou ao consideravel augmento que ultimamente se tem observado

na população fluctuante da cidade, ou então á grande folga de representações dramaticas que o publico teve no verão durante o qual estiveram fechados quasi todos os theatros. A boa escolha dos espectaculos é que não se pôde attribuir a influencia do publico pelo theatro, porque até hoje ainda não appareceu opera, comedia ou drama verdadeiramente notavel.

Em D. Maria II representou-se o drama — *Guanão o bom*, traduzido em prosa pelo fallecido escriptor L. A. Rebello da Silva, da peça em verso, de Mery — *Gusman le brave*.

O publico recebeu-o nas primeiras recitas com applauso, mas não se mostrou entusiasmado por elle. E, todavia, a intriga da peça é bem urdida e o dialogo tão portuguez e brilhante como o sabia escrever o auctor da *Mocidade de D. João I*. Comtudo a fórma e as molas sobre que assenta a acção, passam por antigas, e o publico geralmente não perdôa esse peccado senão ás peças que têm qualidades theatraes muito superiores.

O desempenho foi razoavel, distinguindo-se o actor Theodorico n'um papel muito apropriado ao seu genero artistico.

A comedia de E. Pailleron, traduzida pelo sr. Gervasio Lobato — *O outro fim* é formosissima e desculpada com muito primor pelas actrizes Gertrudes e Faleo, e pelo actor Brazão, unicos interpretes d'aquelle mimoso acto. Está perfeitamente ensaiada, sendo notavel a scena em que uma das actrizes muda de vestido n'um quarto de toneador, á vista do publico.

Verificou-se no Gymnasio o beneficio do actor comico Izidoro, muito apreciado por todas as platêas, desde as mais illustradas até as menos cultas.

Representou-se n'essa noite, pela primeira vez, a comedia em quatro actos, traduzida pelo beneficiado — *Castro e Filho*. É composição de uma simplicidade inoffensiva. A acção que nasce, se desenvolve e termina em quatro actos, podia facilmente concentrar-se, quando muito, em dois. Tem comtudo um final de acto perfeitamente calculado e de seguro effeito. Izidoro representa-o com talento. Os espectadores commovem-se repentinamente com o actor que até ali os tem feito rir, e não podem deixar de romper em applausos quando, depois de correr o panno, avaliam todas as difficuldades d'aquella transição magnifica.

Taborda, que tambem entra na peça, fez um papel no genero das suas antigas creações, com muita naturalidade. Os demais interpretes foram bem.

N'essa mesma noite reproduziu-se a comedia — *Nas armas do toiro*, versão do hespanhol, em que o actor Izidoro é inimitavel.

Além d'estas peças, representaram-se, durante o mez, no Gymnasio, duas comedias em um acto — *O Diario do Governo*, traduzida do hespanhol pelo sr. Maximiliano de Azevedo e — *Um criado brioso*, traduzida pelo sr. Sousa Bastos da comedia franceza — *Le piège au mari*, já representada, ha tempos, em portuguez, com outro titulo. Ambas agradaram.

Como o diabo as tee é o titulo da nova opera comica da Triunidade, traduzida do hespanhol com muito esmero pelo sr. Christovam de Sá.

O poema é delicadamente architectado, prestando-se a situações de bastante graça, mas de graça fina e comedida como é, em geral, a das altas comedias. Enriquecida por excellente musica do maestro Gaztambide e interpretada pelos artistas da Trindade muito regularmente, constitue esta peça um espectaculo agradável, que desperta os applausos do publico mais illustrado, contentando menos os espectadores que preferem a graça pesada aos ditos espirituosos e subtis, que não chegam muitas vezes a comprehender.

Nas demais casas de espectaculos só houve digno de menção o antiquissimo drama de espectaculo — *O almirante da esquadra azul*, traduzido do francez pelo sr. Eça Leal e representado no theatro do Principe Real.

A peça tem attrahido espectadores, apesar de não ser das que promettem sustentar-se por mais tempo em scena. As vistas pintadas pelos scenographos Procopio e Lambertini são de bon effeito.

Tenho occasião de fallar de varios livros que me foram enviados, entre os quaes figuram alguns de bastante importancia litteraria e um de verdadeiro interesse e utilissima coadjuvação para quem quizer occupar-se do estado de desenvolvimento em que se acha o imperio do Brazil.

Denomina-se este volume — *O imperio do Brazil na exposição universal de 1873 em Vienna de Austria*. Da situação geographica, extensão do imperio, constituição politica, agricultura, industria publica, industria, bellas artes, de tudo, enfim, porque se pôde aterir á importancia, progresso e civilização de um povo, nos falla scientemente o livro, elaborado por uma ou mais pessoas

profundamente conhecedoras do paiz, e que tiveram á sua disposição todos os dados estatísticos de que tão importante obra carecia. No fim do volume encontra-se um extenso mappa do imperio, appenção indispensavel em obra d'aquella valia.

É este livro, pois, um trabalho, por assim dizer, nacional, que faz, por todas as razões, a maior honra ao imperio.

Tratando dos livros de litteratura amena que recebi, compete o logar de honra á primeira parte da obra que, sob o titulo de *Jornadas*, começou a publicar o sr. Thomaz Ribeiro. Este volume intitula-se *Do Tejo ao Mandory*, e contém, como facilmente se presume, as impressões de viagem que o auctor experimentou quando, para ir exercer o logar de secretario do governo da India, saiu de Lisboa, seguindo por Hespanha, França e Egypto até fundear no rio que banha a capital d'aquella nossa tão celebre possessão asiatica.

O livro lê-se de um folego, tal é a facilidade com que está escripto e o interesse que desperta desde os primeiros capitulos. Encerra descrições formosissimas e conceitos preciosos, tudo illuminado por côres tão vivas e naturaes, que o leitor, durante o tempo que dedica a folhear a obra, acha-se como que assistindo ao desenrolar de um panorama grandioso e esplendido, tendo ao lado um amigo instruido e de espirito que tudo commenta, ora com o sorriso nos labios, ora com o fogo da inspiração na palavra.

E já que fallei de um livro que nos conduz tão agradavelmente, em espirito, aos palmars da India, permittam-me que lhes apresente o folheto publicado pelo sr. Candido de Figueiredo, contendo o episodio — *Morte do Yaginalatta*, extrahido do poema epico indiano — *O Ramayana* e traduzido em decasyllabos portuguezes com o perfume litterario que recendem sempre as obras de tão primoroso poeta. A versão é dedicada ao orientalista Max Muller.

O sr. Magalhães Lima tambem publicou, em folheto, alguns artigos que inserira ha tempos no *Diario da Tarde*, folha portuense, e na *Republica portugueza*, periodico de que é redactor. A esses artigos addicionou outros, escriptos, como aquelles, com a energia que revelam todas as suas obras e tendentes a ferir batalha entre as idéas avançadissimas que professa, e os princípios que denomina de conservadores e a cuja influencia attribue alguns dos grandes males que affligem a sociedade.

O folheto do sr. Magalhães Lima merece ser lido não só pelos que militam no mesmo campo em que o auctor se collocou, porque hão de honrar-se com a camaradagem do estudioso escriptor, mas pelos que occupam logar nas fileiras contrarias, os quaes não desdenharão de certo medir suas forças com tão energico inimigo.

Amores malditos é o titulo de uma comedia-drama em cinco actos, original do sr. Cesar de Sá, representada em Coimbra no theatro de D. Luiz I e impressa n'aquella cidade.

Conheço a comedia pela simples leitura que fiz d'ella, mas não é esse, como se sabe, o melhor meio de avaliar as composições destinadas ao theatro. Entretanto, parece-me que o auctor tem vocação para a litteratura dramatica, porque na sua peça ha, se não estou em erro, bastantes condições de agrado. Pelo que me diz respeito, basta-lhe a recommendação de ser original para eu a applaudir da melhor vontade, não só como leitor, mas como espectador, se alguma vez tiver a fortuna de a vêr em scena.

Annunciar a publicação do *Almanach de caricaturas*, pelo sr. Bordallo Pinheiro e a do *Almanach das horas românticas*, pelo sr. Manuel Macedo, é tempo quasi perdido, porque raros serão os leitores que têm a curiosidade de colleccionar estas publicações passageiras como um meteoro, mas, pela maior parte, brilhantes como este phenomeno, que não conheçam as duas referidas obrinhas. Estimo porém ter occasião de as citar, porque além do prazer de me referir a dois folhetos contendo graciosos desenhos e escriptos curiosos, experimento o de inserir em estas columnas dois nomes de artistas sympathicos e de experimentado talento.

No atelier do sr. Lupi encontram actualmente as pessoas que têm a satisfação de ser ali recebidas pelo distincto artista, tres retratos notaveis. Um é do sr. visconde de Castilho e os outros dois dos viscondes de Pernes. O do sr. visconde de Castilho é o que atrahê mais a attenção, não só pela similhaça, mas pelo bom effeito geral da luz e colorido. Comparado com os outros dois, facilmente se conhece que elle é feito do natural, enquanto que os dos viscondes de Pernes são pintados de côr.

A expressão da cabeça do eminente poeta, o primor com que as mãos estão pintadas e a harmonia e socego que reina em todo o quadro, são as principaes qualidades que tornam recommendavel a ultima obra do sr. Lupi, obra que os amadores terão de certo occasião de vêr em exposição publica.

Agora uma pequena anecdota que prova mais uma vez como o nosso povo, até o das classes menos humildes, vive alheio a tudo que é bellas artes.

O notavel pintor castelhano Palmerol esteve durante o mez passado em Lisboa. Um dia tirou-se dos seus euidados, deitou a caixa das tintas ás costas, pôz na cabeça um chapéo desabado e saiu de casa para ir pintar ao campo. Dirigiu-se a Cascaes. Ao atravessar, porém, a villa, reparou em que uma senhora elegante e bem vestida o chamava de uma porta. Aproximou-se e qual não foi a sua admiração quando, por algumas palavras trocadas entre ambos, percebeu que a senhora, em consequência dos petrechos de pintura que elle levava consigo, o tomára. . . por um vendilhão de agulhas e allinetes!

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Organisa-se em Bale uma exposição das obras de Winterhalter, fallecido ha pouco.

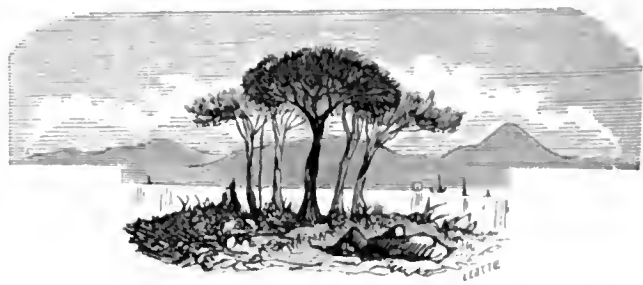
No mosteiro de S. Donato, Italia, descobriram-se ultimamente uns magnificos freseos do seculo xiv, que se attribuem a Agnolo Gaddi.

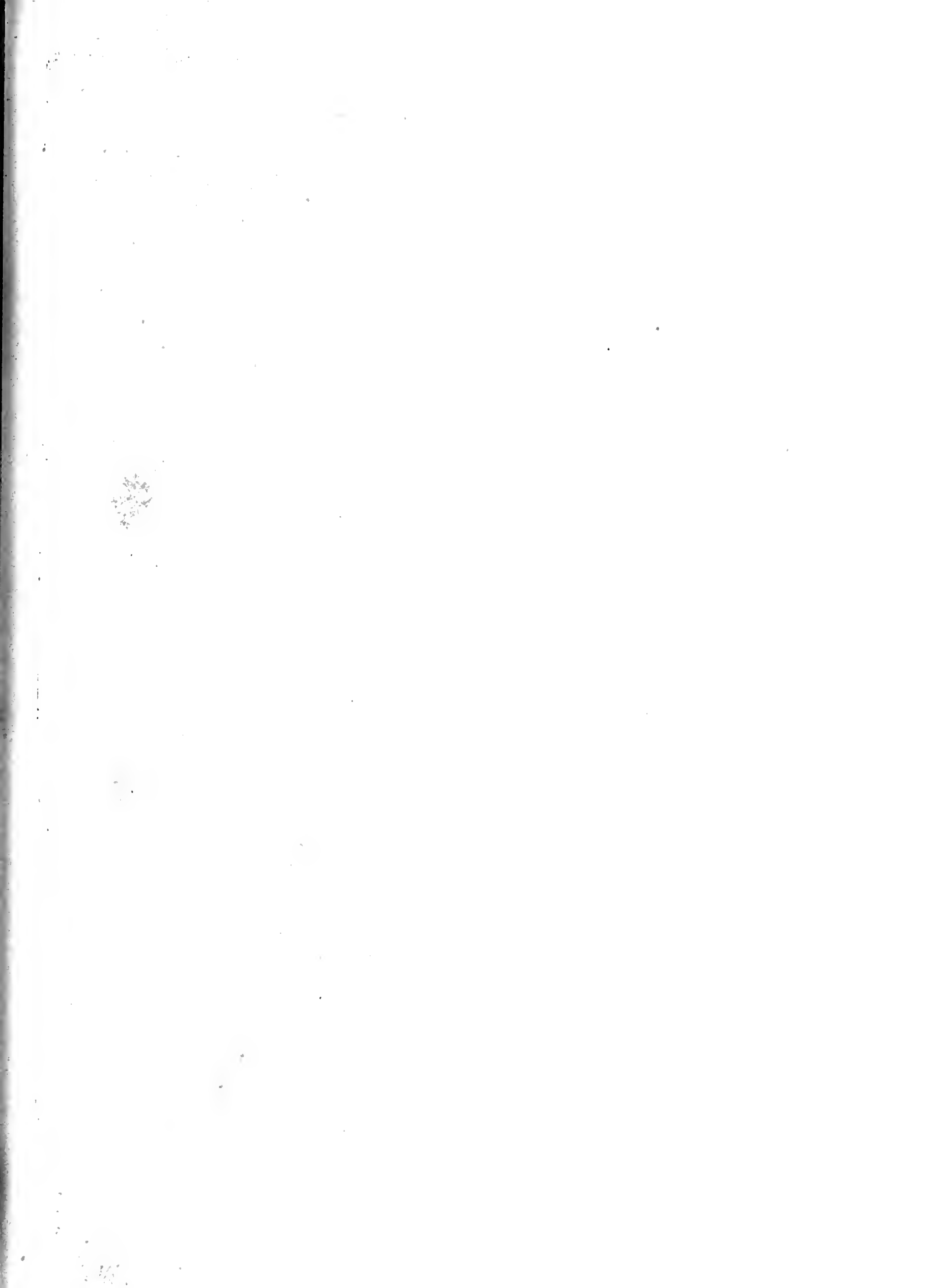
Aos 70:000 objectos, pouco mais ou menos, que figuram na exposição universal de Vienna, foram distribuidas nem menos de 26:002 recompensas, pois tal é a cifra a que subiram as menções honrosas, medalhas de progresso e de merito, diplomas de merito, medalhas de bom gosto, de arte e de cooperação que foram distribuidas. Estas 26:002 recompensas dividem-se em: 421 menções honrosas, 3:024 medalhas de progresso, 10:465 diplomas de merito, 8:800 medalhas de merito, 8:326 medalhas de bom gosto, 978 medalhas de arte e 1:998 medalhas de cooperação. O numero total das recompensas recebidas por cada paiz representado na exposição, é: Belgica 612, Brasil 202, China 118, Dinamarca 309, Alemanha 5:066, Egypto 75, Inglaterra e colonias 1:156, França 3:142, Grecia 183, Italia 1:908, Japão 217, Madagascar, etc. 10, Marrocos, Tunis e Tripoli 20, Mexico 1, Monaco 9, Paizes Baixos 284, Estados Unidos da America do norte 411, Austria (sem a Hungria) 5:991, Persia 29, Portugal 441, Roumania 238, Russia 1:018, ilhas de Sandwich 8, Suecia e Noruega 534, Suissa 722, Sião 1, Hespanha 1:157, republicas da America central e meridional 44, Turquia 470, Turkestan 1, Hungria 1:604. D'aqui se vê, que Portugal não foi, relativamente, dos paizes menos contemplados.

O celebre esculptor francez Carpeaux acaba de expôr o busto de Gounot, feito em terra cozida. O busto foi modelado em Londres.

A sr.^a Liotard, viuva do neto do celebre desenhador a pastel genovez Liotard, morreu ultimamente em Amsterdam, onde o marido exercia o logar de consul geral de Italia. Legou no seu testamento ao musen de Amsterdam (*Byks Museum*) muitas obras notaveis de Liotard, figurando entre outras um pastel que representa a condessa de Coventry vestida á oriental. Esta obra de rara elegancia e distincção infinita, é muito superior á *Bella chocola-teira* da galeria de Dresde.

Estevão Le Roy concluiu ultimamente a restauração da obra prima de Quintino Massys, do musen de Anvers, com igual felicidade á das suas admiraveis restaurações da *Elevação da cruz* e da *Descida da cruz*, de Rubens.







11. 11. 1871

TENTAÇÃO

QUADRO DE HERMANN KAULBACH

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

ARTES E LETRAS



LISBOA — DEZEMBRO DE 1873

TENTAÇÃO



IGAM o que disserem os seculares, ser leigo era bom, e foi pena acabarem os conventos, especialmente por acabarem os leigos. Eu entrava para o officio e... o leitor também. Compar-

tia-se do mosteiro o que no seu refeitório havia de salutarmente substancioso, e do mundo o que elle tinha de substanciosamente salutar. O que fazia bem ao corpo e ao espirito! Um pé na igreja e outro no mundo! De permcio apenas um parapeito. E como fosse maxima indispensavel da velha educação o *mens sana in corpore sano*, acontecia que os leigos conseguiam distender as pernas o bastante para ultrapassarem sem incommodo nem perigo os parapeitos, quando as pernas eram arrastadas pelos olhos e os olhos pela tentação.

Conta-se que um leigo, ao saltar de uma vez uma grade para ir no encaço de uma penitente formosa, com

tamanha tentação e tão pouca gymnastica fizera o salto, que fôra bater com o peito no pavimento do templo.

Acudiu, ao baque do corpo, o frade director do culto divino, e o leigo, ao sentir que se aproximava alguém, começou a dizer como se se estivesse penitenciando:

—A minha alma mereceu esta dôr!

A dôr a que o leigo se referia era a que resultava da contusão na rotula da perna traçoçira.

Ossos do officio. E que officios os não têm? Bons são elles, ainda hoje, quando os direitos de mercê, os emolumentos e o sello não pulverisam o osso já esburgado pelos que á mesa do orçamento se repastam na carne do estado! Os ossos do officio do leigo tinham siquer medula. Hoje, depois que se deu em trabalhar o osso para castões de bengala e botões, não ha osso que não seja ôco como tibia peruviana.

Vamos saber lá se o leigo da nossa estampa acabaria por penitenciar a rotula de qualquer perna menos firme.

Digamos que elle ia ás primeiras horas do dia renovar na alampada a luz que ao romper da manhã bruxuleava.

De repente, na penumbra da nave, ouviu ciciar.

—Olá! disse elle surprehendido. Passarinhos não entram á igreja, que não têm por onde!

Se realmente fossem avesinhas, iria buscar visco para lhes pôr armadilha. Não eram; era uma mulher que resava.

Seguindo o exemplo de um santo, que via para crêr, porque enfim os leigos tinham de seguir os santos exemplos em alguma cousa, deitou de esconso um olhar viscoso, — unicamente para ficar crendo com toda a segurança, como S. Thomé, que não eram passaros.

E deu-se pressa em accender a alampada. Vendo melhor, melhor devia crêr.

Viu.

Bonita mulher! Olhos no chão, mãos erguidas, cabellos por sobre as costas, e véo por sobre os cabellos.

—Magoas de amor! pensou o frade.

E eram.

E acudiu-lhe de repente esta tradição poetica dos seus tempos de rapaz:

A nodoa que põe a amora
Com outra amora se tira.

Fez rumor. Nada! A mesma devoção. De uma vez, ao perpassar, ouviu distintamente, nos labios da desconhecida, um nome de homem.

Zangou-se d'esta feita com a amora, por ella não ter pontualmente as qualidades dos sabonetes de alcatrão.

Quiz vingar-se. Bateu no hombro da desconhecida, e disse velhacamente:

—Eu queria fechar a porta.

ALBERTO PIMENTEL.



O GRANDE ANIMALISTA

(Conclui-se)



LORIOSO e significativo facto!

Elle, um simples retratista de cães, no meio dos esplendores venerandos, das velhas opulencias, das fidalguias tradicionais das escolas do norte e do sul; ao lado dos Van-Eych, de Durer, de Van-Dyck, de Rembrandt, de Cimabue, de Fiesole, de Ratael, de Murillo, de quantas magestades da arte puderam os brios inglezes congregar no seio da industrial Manchester!

Elle, um simples pintor de animaes, abrindo a sua illiada dos *Terra Nova*; a sua *Odyssea* suave e modesta dos bois; os seus poemas e os seus dramas dos curraes e dos campos; — junto, ao lado, a par dos santos anciãos espalmados nas magnificencias do Bysantino; das virgens esguias e mysticas do Gothico; das idealidades pagãs e sensuaes da Renascença; dos Christos cheios de tristezas e reprehensão; dos papas, dos imperadores, dos reis; das espadas flamejantes dos heroes, das lendas escuras do mal, das estrophes luminosas da creença e do amor, estampadas pelo genio na eterna epopea da arte!

É que esta, como Antico, tocou uma vez mais o seio uberrimo da natureza, sua mãe, realentando a pujança para as novas luctas e evoluções da alma social.

É que ella, — esgotada a creença e aspirar mystico, baqueadas as velhas instituições, apagados os esplendores dos velhos ideaes, abandonadas as inspirações de outras eras e de outras sociedades, — entron com a alma moderna nas regiões vivificadoras, jocundadas, illimitadas da verdade da vida e da harmonia universal, das concepções, das relações, das explorações positivas do grande e eterno drama da natureza.

Quando Darwin procura na serie animal e Hœckel no transformismo da vida organica, os traços genealogicos do homem; quando a psychologia humana se prende ás revelações desprezadas da psychologia da *besta*, e entra definitivamente no largo quadro da phenomenallidade biologica; quando o sentimento e a idéa deixam de ser um privilegio do homem ou passam a fazer parte da serie physiologica dos organismos, — sem que a vida humana deixe de occupar o ponto extremo e culminante, conhecido e actual, da serie: — a arte sincera, a arte honesta, a arte sciente e conscientemente contemporanea, enfim a verdadeira arte não pôde ficar-se na servil adoração dos altares que ruíram de ha muito, no serviço humilhante dos privilegios que se foram, na imitação systematica dos modelos que deixaram de ser, na exploração dos ideaes a que falta a contemporaneidade da idéa, — porque a verdadeira arte é manifestação espontanea, natural da consciencia: é contemporanea d'ella, por conseguinte, não pôde desmentil-a nem impôr-se-lhe, é um producto, uma elaboração, uma revelação fatal d'ella; e na consciencia moderna não existe já a fé n'os alta-

res, a comprehensão d'esses privilegios, os canons que davam esses modelos, as idéas que produziã esses ideaes.

A pintura ingleza, — porque ha uma arte ingleza e até uma escola ou muitas escolas inglezas, do que n'outra occasião fallaremos, — nasceu ou começou a ensaiar o vôo proprio e original, quando a inspiração artistica, resultante da evolução da alma social, ia já entrada n'este caminho positivo, naturalista. Hogarth, um dos patriarchas, é principalmente um caricaturista: tem o *humour* caustico, o riso escarnicador dos periodos da desillusão, da analyse e das decadencias dos velhos ideaes e das velhas creenças. É uma especie de Rabelais da pintura. Elle *analysa* a belleza: — é uma obra não do seu pincel mas da sua penna; — *analysa*, vêde bem, — *analysa* o bello, — esta entidade metaphysica, quasi mystica, que alguns pobres sujeitos do nosso tempo querem ainda que seja *ina-analysavel*, indescutivel, inimitavel, incomponivel, absoluta.

Joshua Reynolds, outro patriarcha, — é um retratista.

Gainsborough, — outro ainda, — tem em si, constantemente, como observa Burger, — a importunação, o tormento da natureza e dos meios de a exprimir sinceramente. Como dizia o seu amigo Reynolds, «o seu talento não tem nada de academico ou de antigo: pertence todo á grande escola da natureza.» Elle não qu'z nunca tratar assumptos heroicos e mythologicos.

«Em qualquer parte que se achasse», — diz ainda Burger — «elle estudava as particularidades, as combinações accidentaes da figura humana, os effectos de luz e de sombra no céo e na terra. Quando, em passeio, encontrava algum individuo que o impressionava, inventava qualquer meio de o atrahir ao seu *atelier*.»

Voltemos porém a Landseer. O lugar que elle occupou em Manchester não lhe foi contestado. Waagen, considerava-o já por aquelle tempo a par dos maiores animalistas de todas as escolas passadas. Um dos melhores quadros que elle expôz ali foi o intitulado «Filhos do nevoeiro» (*Children of the mist*), pertencente a Joseph Mill. «Estes filhos do nevoeiro, — diz o critico citado, — são uns cervos que bramam n'alguã euniada de uma montanha da Escossia, no meio das nuvens. O effecto é admiravel e eminentemente poetico.» Uns quinze a vinte Landseer acompanhavam este: os seus felizes proprietarios eram W. Wells, J. Bickerstaff, John Naylor, Jacob Bell, J. Watts Russell, Sir P. M. de Grey Egerton, general C. R. Fox, conde de Essex, marquez de Breadalbane e rei da Belgica. A rainha Victoria não enviou os seus, que eram dos mais afamados.

Na exposição franceza de 1855, — Landseer conquistára já, como dissemos, a consagração europea, no meio dos primores da arte moderna de toda a Europa. Como infelizmente as gravuras dos quadros do illustre animalista são quasi tão desconhecidas como elles em Portugal¹, vou transcrever de Gautier a descripção de alguns dos que maiores applausos receberam n'aquelle vasto congresso artistico.

«Os *Animaes na Ferraria*, — dizia Gautier, — são, pela dimensão, o quadro mais importante que Landseer

¹As *Artes e Letras* publicaram já em o n.º 3 do 2.º anno (1873) uma formosa gravura do *Stag at bay*. Tenho deante dos olhos produções de quatro Landseer dos melhores em magnificas gravuras de Beekwith, Outrin e Cousen. Recommendo-os aos amadores: são *Highland Music*, *High-life* e *Low-life* (um cão fidalgo e um cão plebeu), *The cavalier's pets* (dois cachorrinhos) e *The death of the stag* (a morte do veado). Este ultimo fórma um bello *pendant* com o reproduzido já n'este periodico.

enviou á exposiçãõ universal. A composiçãõ é muito simples. N'uma loja de ferrador, cujas paredes escurcidas pelo fumo e pelo pó do carvão formam um fundo de uma neutralidade favoravel, um cavallo baio, de pello assetinado e scintillante, de fórmas cheias e arredondadas, deixa resignadamente trabalhar n'um caseo um ferreiro e volta a cabeça como que seguindo o trabalho que o interessa. Junto d'elle, um pequeno burro ao qual a mocinha que o conduz, *Titania rustica* ornando o seu *Bottom*, pôz na orelha uma flôr vermelha, espera a sua vez com um ar tranquillo e modesto; Sterne não escolheria outra cavalgadura para Maria, nem Janin para Henriqueta; um cão magro collocado no primeiro plano parece apanhar no ar as lascas do caseo que o seu dono tira; junto da porta aberta um melro na gaiola canta ao céu azul. Nós, os francezes, desejaríamos uma pasta mais alta, um toque mais firme, um desenho mais severo; mas que encanto, que sentimento!

«É um curioso quadro de costumes,—interessante como uma pagina roubada a Walter Scott,—a *Partida dos conductores de gado para o sul*;—os rebanhos agrupados, bois de diversas côres, carneiros de chitres retorcidos como os de Jupiter Ammon, vão metter-se a caminho, e descer das alturas ás planicies; já alguns grupos estão em movimento e tomam a dianteira;—é o momento dos adeus:—o poney branco esperando que o dono lhe salte para a sella, inclina a cabeça para o solo e trata de apanhar algum pedaço de herva com a extremidade do focinho; as mulheres abraçam os seus maridos ou os seus noivos; um velho carrega philosophicamente o cachimbo, enquanto lhe enchem o chifre de whiskey; um rapazito,—muito novo para comprehender já as melancolias da partida,—mira um pequeno cão ladrando a uma gallinha que o ameaça, furiosa, com o bico e cobre os pintainhos com as azas.

«Nos dois extremos da vida a mesma indifferença.

«Ha mil pequenas minudencias n'este quadro encantador, cujo primeiro pensamento tem algumas relações com o do quadro de Leopoldo Robert, a *Partida dos pescadores do Adriatico*. Mas que differença no effeito produzido!

«Não é a dôr, o desalento profundo, as frias tintas do outono, mas uma tristeza que magõa o coração como um presentimento, mas uma tristeza ligeira sorrindo através das lagrimas que a esperanza do regresso dissipa. O céu claro, salpicado de alguns flocos de nuvens não faz ameaça alguma sinistra;—os longes azulados alegremente sob um raio de sol;—e depois, segundo o seu habito, Landseer deu o logar de honra aos animaes e o homem não é na sua tãla mais do que um accessorio.»

«O *Almoço na mentanha* é uma bella idéa traduzida da maneira mais graciosa. A scena tem por theatro uma das pobres cabanas dos *highlanders*: uma barraca de madeira, de taipa e de pedras, ao lar sem chaminé e saindo pelo tecto o fumo, está pendurada uma cadcia para o caldeirão;—uma luz diffusa entra por uma fresta;—a casa não é esplendida, mas não se morre de fome ali;—está posta a mesa para todos. Uma deliciosa rapariga, vestida de azul e com uma pequena touca de percal branco, dá de mamar a uma creancinha sobre a qual se inclina amorosamente, e faz brilhar na sombra o delicado perfil argentado de suaves reflexos. Eis um que almoça! Em redor de uma celha mexem-se cinco cães de raças e pello differentes mas de igual avidéz, que mergulham n'umas abundantes sopas os focinhos curtos ou afilados, ruivos, negros ou amarellos;—dois ou tres cachorriinhos manam na mãe, que não perde boeado. Cada qual governe-se.»

Fiquemos por aqui na transcripção que longo vae já o artigo.

A maioria, senão todos os quadros de Landseer estãõ reproduzidos pela gravura. A popularidade immensa do illustre animalista, a procura extraordinaria das reproduções dos primores saídos do seu lapis e do seu pincel, fizeram-n'o victima por vezes de abusos e mystificações por parte do industrialismo dos editores. Citaremos um facto. Sob os titulos de *Coming Events*.—*The Huntsman and Hounds. Engraved by H. T. Ryall from Drawings by E. Landseer R. A.*, publicou em Londres em 1850 um editor, J. L. Grundy, duas gravuras, de uns desenhos feitos por Landseer para o album da condessa de Blessington, a tinta da India, que o illustre animalista não pensara em que vissem a luz publica e que não passavam de uma insignificante offerta de amizade, feita n'uma hora de desleixo ou de importunação.

Para que se avalie o atrevimento da exploração basta vêr a maneira por que ella se systematisara.

HUNTSMAN AND HOUNDS, —artist'proofs;—two guineas.

Fac similes, in tints;—one guinea.

Print;—half-a-guinea.

COMING EVENTS, —artist'proofs;—two guinea.

Proofs before letters;—one guinea.

Prints;—half-a-guinea.

Mas se o nome de Landseer enriqueceu muitos, não é menos certo que o seu eminente talento lhe adquiriu uma excellente fortuna, como se costuma dizer.

A maneira de Landseer é desigual e ao seu processo apontam-se defeitos importantes. Elle não era um colorista e muitas vezes o seu desenho peccava por incorrecto o fallo de largueza perante os canons academicos. Mas era um genio eminentemente artista, um compositor,—porque não dizer assim?—admiravel, um psychologista dos animaes como poucos apresenta a historia da arte. Elle retratava com uma naturalidade inexcédível não só as fórmas,—o que seria pouco,—mas os habitos, os movimentos, os instinctos, a alma da pobre e desdenhada besta.

«Dizei a Landseer,—escrevia em 1855, o illustre critico francez que temos citado,—«dizei a Landseer... que os animaes não têm alma e não pensam, e vereis como elle vos recebe apesar da sua delicadeza de *gentleman*. Não poderá conter-se e deixar de vos collocar, por tal absurdo, muito abaixo d'aquelle asno que tem tão gentilmente na orelha uma flôr vermelha, do seu quadro da «Ferraria.»

«Landseer dá aos seus queridos animaes a alma, o pensamento, a poesia, a paixão. Fal-os viver uma vida intellectual quasi similhante á nossa; se onsasse, tirar-lhes-hia o instincto para lhes dar o livro arbitrio; o que o estimula não é a exactidão anatomica, os toques peritos, a solidez da pasta, a mestria do toque: é o proprio espirito do animal, e sob este ponto de vista, ninguem o igualou: penetra o segredo d'estes cerebros obscuros; sabe o que faz pulsar estes pequenos corações inconscientes; lê n'aquellas pupillas sonhadoras o vago assombro que lhes produz o espectáculo das cousas. No que pensa o perdigueiro junto do lar, o carneiro que ruma sobre os joelhos dobrados; o veado erguendo para o céu o focinho negro e lustroso d'onde pendem os filamentos da baba?

«Landseer contar-vol-ha em quatro pinceladas. Está na confiança dos animaes: o cão dando-lhe com a pata como n'um camarada, recita-lhe a gazeta do canil; o carneiro movendo o olho pallido, bala-lhe os seus pezares innocentes; o gamo, que tem o dom das lagrimas como a

mulher, vem chorar-lhe no seio a crueza do homem; e o artista consola-os como póde, porque os ama com uma ternu- grapho acaba de noticiar-nos foi um dos mais pujantes, dos mais originaes, dos mais sympathicos e dos mais ho-



Edwin Landseer

ra profunda e não tem pelos seus pezares o desdem do tolo.» nestos artistas dos nossos tempos: um verdadeiro ar-
E assim é que Edwin Landseer, cuja morte o tele- tista.

LUCIANO CORDEIRO.

A GUARDADORA

Destemida e robusta.

O cão emprôa-se-lhe ao lado com um certo geito de

Os cabellos são rijos, mas fartos, a musculatura sadia e possante, o collo magnifico a pedir o afogador de dois braços cariciosos. Fôrmas amplas, seio dilatado pelo ar da montanha, todos os espiritos feminis a despertarem,



valentia serrana, mas ella nem presente o perigo, nem sequer o receia. Tem os pés na terra e os olhos n'uma difusão amortecida.

Levanta-se cedo, quando ainda luz a estrella boieira, e parte para o campo, com o rebanho a saltitar na herva humida.

Devia ter sido bonita.

acordados pelo estímulo das sebes. — e depois a contemplação da natureza, desde que os musgos tremem, até que os astros scintillam...

Por isso ella está melancolica!

É só, quasi só, pelo menos assim a consideram.

Vae pouco á aldeia, conhece muito de longe as raparigas, e quando todas se enfeitam ao domingo, para

assistirem á sua missa piedosa, ella, como outr'ora em Chaldêa, fica-se a mirar as nuvens que corôam os pincares e que tão perto estão do céo.

As vezes,—mas essas poucas, lá lhe dão tarefas de recovagem, e então, com o seu pacotinho de missivas, dirige-se ao povoado, por uns ceítis que recebe.

Industrias com que se ajuda a vida!

Talvez d'aquí lhe venham tambem aquelles ares sentidos.

Cartas... cartas, o que dirão ellas, se virão de longe, e com que olhos serão lidas?... Fica-se então queda um pedaço, como está agora, até que os fumos se dissipam.

Costumou-se áquelle viver selvatico e aspero; nem os frios a inteiriçam, nem os calores a aljofram. Quando chove muito acóita-se n'alguma cavidade da rocha ou sob a ramada espessa dos azinheiros, e ali fica a vêr de longe o almalho, que tosa pelas encostas, sacudindo os vellos a miude.

Ora por aquelles desvios não é só ella que apparece.

Os gados são por ali muitos, e a verdura cresce em bamburraes soberbos.

Um dia o cão, o *Fiel*, pôz-se a latir, a latir, como quem via inimigo. Do largo respondeu-lhe outro ladrar roufenho. Os carneiros que andavam dispersos aconchegaram-se previdentes, e a guardadora subiu a pequena eminencia, para saber o que era de novo.

N'isto viu descer a quebrada outro rebanho, e atraz d'elle um rapagão espadando.

Não se lembrou de o já ter visto. Pouco importava.

As montanhas familiarisam-se.

—« Cala-te, *Fiel!* » — disse a rapariga ameaçando o rafeiro.

O de lá fez um movimento ao cajado, que vinha a dizer na sua:

—« Deus vos salve! » —

O homem seguiu para o outro lado dos campos, e ella deixou-se estar como d'antes.

Todos sabem que os pastos escassêam. O pastor é originariamente peregrino. Tem que caminhar sempre, caminhar muito, para que as ovelhas se lhe não traci-lhem. Foi o que succedeu a estas. Devoraram tudo, até as ultimas folhas que viçam por entre os tojaes do mato.

Era preciso ir em busca de novos pastos. Como ella era cuidadosa no seu mester, disse consigo e ás compa-nheiras:

—« É mudar de sitio, que n'este nem malmequeres amarellejam! » —

Viria isto a significar que era de seu uso esfolhal-os? Quem sabe!

O caso é que se aproximou do outro rebanho.

Os cães rosnaram a principio desconfiados, mas com o seguir do tempo já se comprimentavam n'una grunhida mais dóce, até que acabaram por se tornar amigos.

Sejámos modestos: o exemplo colhe-se em tudo. O homem tem a estulticia de querer primar sobre a criação inteira, mas ás vezes até n'um insecto acha um mestre.

Se os cães se juntavam, porque não fariam o mesmo os guardadores?

D'aquí tinha que sair naturalmente a ecloga.

Nem Ahmeno e Belisa.

Conversavam muito, um conversar em monosyllabos truncados, que não é de certo o dos vates bucolicos, mas que o coração d'elles entendia, e com o qual se deliciava.

Quando o sol descaia por detraz dos montes, e logo apoz elle a *escura claridade das estrellas*, como diz Bernardim Ribeiro, lembrava que era já tempo de se acolherem á arribana, os dois punham olhos um no outro,

com aquella brandura intensa das saudades, e tomavam o rasto da casa.

Isto é o que o luar via, sem que o desmentissem as sombras!

Agora está ella inquieta. O cão presentiu rumor e endireitou-se logo. Como é dia fóra e bem nado, é de erêr que o companheiro se avisinhe.

Por isso aquelle olhar ficou languido.

Se por ali passasse Guarini, o poeta do *Pastor Fido*, repetiria com certeza:

— « Pasec le verdi erbette

La greggia a lei commessa, ed ella pasec

De' suoi begli occhi il pastorello amante. »

Que Deus t'o traga e sem delongas, minha guarda-dora pensativa. Que has de tu fazer na solidão d'esse escampado? Povoal-o de alguma cousa boa, de alguma visão de oiro, de algum sonho, ou, se quizeres,—lembra-te dos silvanos, das dryades, das hamadryades, das querquetulanas, e deixa, pobre rapariga, deixa que o amor te transforme essa campina... em qualquer pedacinho da Arcadia!

E. A. VIDAL.

A ALCOVA

Atravez das cambraias transparentes
E sobre o azul papel cheio de lyrios,
Vê-se do Christo os olhos innocentes
E a cabeça crivada de martyrios.

Murcham n'um jarro de ideal opala
As rosas do Japão e as margaridas:
Pairam no ambiente as auras adormidas,
Que a aza dos sylphos pela noite exhala...

Sobre o tapete branco ao pé do leito
Vê-se uma fita... além vê-se a botina...
Uma botina cujo molde estreito
Diz que é do céo o pé d'essa menina.

E o travesseiro então? E os alvos folhos
D'esse lençol em que ella seisma e gosa,
Quando do somno a garra carinhosa
Cerra a cortina de seus negros olhos?

E é tal o encanto d'esse puro ambiente,
E é tão profundo esse beindito encanto,
Que a alma ao entrar ali, a um tempo sente
Ondas e ondas de sorriso e pranto.

E como os crentes, que da falta isentos,
Libam as auras d'uma vida nova,
Quem atravessa a porta d'essa alcova
—Casta morada de alvos pensamentos;—

Quem vê do Christo a fronte omnipotente,
A cruz eburnea, os cravos sacrosantos,
Nos olhos baços os gelados prantos,
Na terna bôca a perola cadente;

Pensa no dia do final juizo,
Farto de auroras, de delicias farto:
E não sabe se aquella alcova é um quarto
Ou se esse quarto é já o Paraizo.

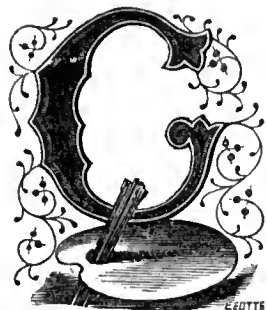
Rio de Janeiro, 1873.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

VIII

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucumã.—Os meus tapuios.—A Jutahyeica.—Índias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem a través da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos índios jurunas.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.



COMO a maior parte dos índios do Brazil, costumam os jurunas metter os seus mortos em vasilhas de barro, umas vezes sem os queimar e outras depois de terem reduzido os corpos a cinzas. Quando os não queimam, enterram o vaso em que recolhem o cadaver n'um lugar commum, denominado *tibicoára* (de *tibi*, jazigo, e *coára*, buraco); alguns enter-

ram-n'os dentro da propria habitação; e raros os guardam, para levarem consigo quando mudam de residencia, como fazem varias tribus do alto Amazonas.

Eram tão vagas, confusas ou absurdas as poucas idéas que conservavam de sua antiga theogonia, que eu nada pude apurar d'ellas que se me fixasse na memoria. Os conhecimentos que tinham do christianismo não eram mais accentuados nem mais claros, apesar de não se ter ainda extinguido a geração que vivera em contacto com os missionarios! Lembravam-se da cruz, sem saberem o que significava; e alguns velhos, deante dos quaes eu me persignei, imitaram-me o gesto, rindo estupidamente. Apesar de semelhante ignorancia, Ferrugem affirmou-me que muitos d'elles tinham sido baptisados antes da revolução dos cabanos!

Excessivamente dados á embriaguez, praticam durante ella actos da mais torpe sensualidade, sem respeito por nenhuma lei humana ou divina; não é raro matarem-se uns aos outros n'essas occasiões pela mais pequena rixa. As bebidas de que usam com maior frequencia são caxiri, guariba e payuarú, feitas da mandioca; vinhos de cajú e aipy; e ainda outros, de varias fructas silvestres. Também provocam a bebedeira fumando as folhas torradas de uma leguminosa, chamada por elles *paricá* (*Mimosa acacioides*, Bth.), que são inebriantes como as da *cannabis indica*, com que os orientaes preparam o hachisch.

A pedido de Ferrugem, obsequiaram-nos com uma das suas danças guerreiras, especie de pyrricha grotesca, em que simulavam lutas e combates, ora parciaes, entre duas ou tres pessoas, ora geraes, entre muitas. Apesar das figuras estupendas, das visagens, contorsões e gritos dos luctadores havia o que quer que fosse de grandioso e heroico na liberdade dos seus movimentos, no impeto com que arremetiam uns aos outros e na força e destreza que todos revelavam. Infelizmente, ou por ser esse o costume ou porque a falta do inimigo lhes não pudesse alimentar o ardor marcial, iam a miude procural-o aos potes, onde guardavam os vinhos; e em poucos minutos a embriaguez ineutiou-lhes furor verdadeiro e principiaram a aggreder-se seriamente.

O meu compatriota, que lhes sabia das manhas, tinha tido a prudencia de impedir que o chefe e alguns dos seus logar-tenentes bebessem com grande enthusiasmo; e conseguin que estes fizessem parar a dansa, dando nova

direcção á furia dos contendores. Tornaram-se inauditas, repugnantes, nauseabundas e impossiveis de descrever as scenas que se seguiram! As mulheres, que assistiam ao combate, aticando os combatentes, foram então forçadas por elles a tomar parte no resto do espectáculo, de um modo que me obrigou a velar o rosto!...

Mas, que poderia esperar-se de individuos creados quasi como irracionais, dominados pela embriaguez?! Eu ignorava a esse tempo a historia da revolução franceza; porém, quando a li, mais tarde, reconheci com horror que na Europa havia povos capazes de se mostrarem, em certas circumstancias, moralmente inferiores aos jurunas. As atrocidades commettidas em Paris, no mez de setembro de 1792, as torpezas e as matanças auctorizadas por miseraveis, a quem alguns historiadores chamaram homens de estado (!) deixam a perder de vista todos os selvagens e todas as selvajarias antigas e modernas!

Antes de concluir estas breves noticias, ácerca dos costumes e usos dos jurunas, repito, que, apesar de tudo, aquelles índios são muito susceptiveis de se civilisarem; aprendem com pasmosa facilidade tudo que se lhes ensina; têm extraordinaria aptidão para as artes e officios, e até mesmo para a musica! No estado inculto fabricam as suas canoas, auxiliados apenas por um machado (que antes do commercio com os brancos era de pedra!) e acabam-n'as com tanta perfeição, que parecem trabalhadas com a plaina e a lixa! Depois de mansos, tornam-se excellentes carpinteiros, marceneiros, e, como o geral dos tapuios, têm tão apurado ouvido que tocam na viola as musicas mais difficeis, unicamente pelas verem e ouvirem tocar a outros!

Isto parece confirmar a opinião de que a maioria das tribus do Pará e Amazonas descende das raças superiores, que fundaram as antigas civilisações do Perú e do Mexico e que a invasão obrigou a deixar o solo natal para se internarem nas solidões sombrias e profundas do Brazil. A vida dos bosques embruteceu-as e aviltou-as.

Os esplendidos vestidos de pennas de arara, papagaio e tucano, que usa cada chefe, nos dias de grande cerimonia ou nas occasiões de combate, não serão, por ventura, a ultima reminiscencia de sua passada grandeza?... Já disse que os jurunas andam inteiramente nus; porém, essa circumstancia não impede que sejam apaixonadissimos por adornos de toda a especie. Depois das armas e ferramentas nada estimam tanto como alguns fios de missanga. Com elles fazem pulseiras, que usam indifferenteemente nos braços e nas pernas, tecidas com pennas curtas e finissimas do peito do tucano (*Rhamphastos discolorus*). Todos os enfeites brilhantes os seduzem; e muitos andam com as gargantas cobertas de collares de insectos, beija-flôres, dentes de cotias, de inimigos mortos em combate (!) e de caroços de palmeira polidos. Durante a guerra o chefe veste-se de pennas; cobre-se com a pelle de uma onça, a que deixára pegada parte da cabeça e queixo para lhe servir de capacete; pinta-se de novo, arranjando-se de modo que pareça bem horrivel, para metter medo aos adversarios. Os seus guerreiros renovam igualmente as pinturas e põem sobre si tudo quanto os possa tornar terriveis e medonhos. Essas pinturas não são porém arbitrarias; é por ellas que se reconhece cada tribu; e ter-se-hia como covarde aquelle que as supprimisse ou não avivasse no momento do perigo. São feitas com tintas de genipapo (*Genipa brasiliensis*, Mart.), muruxi (*Byrsonima verbascifolia?*) anil e murta. Por armas levam arco, flechas com ferros de osso, de ferro, e de taboca (*Arundo*); estes têm feitio de punhal, com dois gumes finissimos, e denominam-se *tacuáras*. Ao pescoço penduram uma especie de espada ou maça acha-

tada, de páu mui rijo, a que chamam *tacápe* ou *tangapema*. Embracam escudos, de fórma elíptica ou quadrilonga, feitos de coiro de anta e forrados com taboca. Alguns servem-se tambem de lanças de arremesso, de madeira quasi tão pesada e resistente como o ferro.

Disse que elles não tinham conhecimentos religiosos; devo, porém, mencionar que em todas as tribus do Pará e Amazonas ha um charlatão chamado Pagé ou Piaga, que é o sabio por excellencia. Comquanto o vocabulo tupy signifique litteralmente—feiticeiro—o individuo a que elle pertence era, no tempo em que as tribus hoje degeneradas conquistaram o Brazil, o sacerdote do seu povo; depois, foi-se convertendo em augure; desceu, mais tarde, a simples feiticeiro; e hoje contenta-se com o papel de curador ou medico, e com o de cantor da tribu durante a guerra. É elle quem conduz, ao lado do chefe, o *maracá* sagrado (especie de chocalho feito de cabaço), que é um dos distinctivos do poder e tem sobre os indios a influencia que exerce a bandeira nos regimentos de soldados. Durante o assalto, o Pagé agita com furia o maracá, o canta os feitos heroicos da nação, descrevendo o modo porque ella costuma tratar os inimigos e ameaçando com o exterminio immediato aquelles com quem está pelejando.

Ferrugem tinha-me affirmado que os jurunas não comiam os seus prisioneiros e que nem sempre os matavam, salvos os casos de represalias. Interpellado novamente por mim, quando eu os estudava, tornou-me sorrindo:

—Roguemos a Deus que nos livre de nos vermos em circumstancias de experimentar a sua magnanimidade!

—Não crê que elles deixassem inteiramente de ser antropophagos?

—Creio que o não são, em geral; mas... tenho-os visto comer bichos horriveis, crus, nojentos!... e o selvagem é tão caprichoso nos seus appetites! Francamente: os jurunas não costumam comer os seus semelhantes; mas são homens... e eu julgo os homens capazes de tudo.

—Tambem os civilizados?!

—Sobretudo os civilizados.

O modo o o tom com que foram proferidas estas palavras atterrou-me. Se una pessoa de juizo, um philosopho consumado, emittia aquella opinião é porque tinha razões para isso. Os sujeitos que eu considerava como glorias da terra eram pois peiores do que os jurunas! Os grandes oradores, os poetas illustres, os sabios de todos os tamanhos estavam abaixo dos gentios do Xingú!

—N'esse caso—dizia eu comigo—não tenho nada que fazer fóra d'estes bosques? Foi a Providencia quem me inspirou esta viagem; vou inscrever-me juruna e estudar a maneira de me sarapintar menos horrorosamente do que elles. Sendo os civilizados peiores...

—Amanhã de madrugada vamos embora—disse Ferrugem, interrompendo as combinações que eu mentalmente fazia.

—Como é isso?! Vamos?! Bem... n'esse caso...

—Quer demorar-se mais tempo?

—Não; parecia-me que... sendo a civilização peor do que a barbárie, poderíamos muito bem ficar aqui para sempre.

—Ah! meu caro amigo!... nas occasiões de perigo todos os marinheiros juram que não tornarão a embarcar; e apenas chegam a terra, impacienta-os a demora de se fazerem novamente ao largo! Quem sabe se eu me deixarei morrer nas solidões do Tucuruí ou se trocarei ainda a barraca solitaria do tapuio improvisado pela vida das cidades?!

Mordeu o cachimbo e voltou o rosto, provavelmente para impedir-me de lhe vêr uma lagrima.

Era um homem extraordinario em tudo aquelle bom Ferrugem!

Fizemos as nossas despedidas ao chefe e aos seus amigos. O meu compatriota comprára um excellente ubá, dentro do qual embarcámos as mercadorias, que tinhamos adquirido por troca, e os presentes que nos deram os gentios; preparámos tudo para sairmos com o romper da lua, a fim de chegarmos de manhã cedo ao salto da cachocira.

Agapito foi despedir-se de nós antes da noite. Os tapuios dormiram no ubá, por cautela, para impedir que alguns dos gentios não fossem ali buscar o que outros nos tinham dado ou vendido.

—Então, adeus até á vista?—nos disse Agapito, da porta do tejupar.

—Que é isso?! Não entra?—perguntou Ferrugem.

—Não lhes quero tomar tempo.

—Nem o quer perder, provavelmente? Dá-se bem com os costumes da terra, hein?

—Parece que foram inventados de proposito para mim!

—Tome cautela!...

—Não ha de haver novidade.

Ferrugem piscou-me o olho e continuou:

—Por ora, não; mas, depois da nossa partida... quando ficar só... Alguns d'estes, que parecem agora mais amigos, são os menos certos.

—Que me diz?!

—Digo-lhe, que os conheço muito. Fingem não ter ciumes e são uns tigres!

Agapito começou a tremer e entrou na barraca.

—Esperam occasião, e... de repente...

—De repente?—interrogou Agapito pallido como um defunto.

—Zás!

—Zás?!... o quê?!

—Frechada na barriga.

—Ai, ai!

O misero saíu a correr, enquanto nós ríamos a bandeiras despregadas. Poucos instantes depois voltou elle, com a rede ás costas.

—Tambem parto; já botei no ubá todas as minhas cousas e venho dormir para aqui até a hora do embarque.

—Não pôde ser!—lhe gritou Ferrugem, rindo cada vez mais. E a descida dos gentios? Se vossê parte, quem ha de acompanhar-os?

—Não quero saber d'isso. Baptisem-se ou morram pagãos, como quizerem; comtanto que eu parta!... Ciosos como tigres!...—murmurava elle.—E... zás! Frechada na barriga!...

Temendo que se perdesse o fructo da nossa penosa viagem, Ferrugem confessou-lhe que tinha estado a agradecer e que se demorasse para ir com os indios; não houve logica que o convencesse! O meu compatriota viu-se obrigado a ir fallar novamente com o chefe juruna, dizendo-lhe que Agapito se resolvêra a partir tambem, a fim de participar pessoalmente ao seu superior os resultados da sua missão; o que confiava que este facto não prejudicasse a proxima descida d'elle e dos seus, como estava combinado. O chefe, que estava de boa fé, concordou com a partida do mameluco, protestando que não faltaria ao prometido; e lealmente cumpriu depois a sua palavra.

Embarcámos á meia noite, alumizados por numerosas fogueiras, accesas na praia pelos nossos hospedeiros. A lua começava a espelhar-se nas aguas do Xingú, quan-



NOSSA SENHORA, S. JOÃS E O MENINO.

do o ubá, solto da vara que o prendia á terra, se arremessou na corrente como um cavallo na carreira. Ferrugem entregou-me o jacumá ou governo, por ter visto provada no Tucuruí a minha aptidão de piloto... selvagem. Desculpe-me o leitor benevolo esta vaidade ou basofia, que por vezes paguei bem cara! posso dar-lhe por testemunhas, de nunca ter sido vencida na rapidez a canôa em que eu estivesse ao leme... as aguas do Xingú, do Tapajós, do Surubiú, e do Amazonas; de mil rios e lagos, que presenciaram os meus triumphos e os dos meus tapuios.

Oh! saudade!... Oh! glorias fluviaes!...

Ferrugem e Agapito remavam no banco immediato ao meu; os dois tapuios iam á prôa, remando igualmente a par um do outro. Entre os remeiros de prôa e os de ré iam arrumadas as nossas bagagens e sobre ellas, para nos prolongar a sensação que produz a floresta virgem, a bicharada com que nos tinham mimoseado o povo e a nobreza juruna. De vez em quando conseguia um macaco soltar-se; depois outro; e a final começaram todos a correr por cima de nós, guinchando e mordendo-nos, para cortar a monotonia da viagem, quando pretendiamos chamal-os á ordem. Como seguíamos pelo meio do rio, e não os queríamos afogar, aturamos-lhes as picardias com paciência, até o momento de passarmos encostados a uma ponta de terra. Ah!, fizemos-os voar todos por cima das ramarias, uns atirados e outros varridos a remo.

—Vão dizer aos nossos amigos jurunas, que passámos por este sitio sem novidade!—lhes gritou Ferrugem.

Os papagaios, araras e piriquítois, que eram numerosos, agitados com o reboliço dos macacos, ficaram fazendo uma bulha infernal.

—Esperem, que eu já os arranjo!—exclamei eu, incommodado sériamente com a berraria.

—Quer que os despache tambem?—interrogou o meu patricio.

—Faça-me esse favor.

—Vou expedir correios de cinco em cinco minutos ao nosso hospede, para que elle tenha sempre noticias frescas.

Em pouco tempo haviam partido todos; mas tivemos a desconfiança de que nenhum foi assás condescendente para ir ao campo juruna levar as nossas saudades!

—Era uma sucia de ingratos!—dizia depois Ferrugem.

Vinha rompendo a manhã quando nos aproximámos da cachoeira grande do Xingú, cujo estrondo se ouvia a distancia de tres leguas! Ferrugem havia-nos dado as suas instrucções muito antecipadamente, recommendando silencio absoluto, para se poder ouvir a sua voz, se algum incidente inesperado provocasse novas ordens. Escolhendo entre os dois tapuios o que lhe merecia mais confiança, passou com elle para a prôa o tomando cada um seu varejão, collocaram-se ambos de pé, costas contra costas. O outro indio veio para junto de Agapito.

A sciencia da navegação, para os temerarios que passam a cachoeira, reduz-se a conservar o ubá perfeitamente direito na linha da corrente para dar sem maior perigo o salto de frecha. A salvação ali depende tanto da habilidade de quem vae ao jacumá, como da firmeza dos prociros; se o impulso dado pelas varas não fôr igual e simultaneo, e se o piloto não souber manter o equilibrio, o ubá atravessa antes do salto e o naufragio é inevitavel.

Com a primeira claridade da manhã notei que o rio começava a estreitar-se, apertado por grandes rochedos escuros. O estampido era medonho! Olhei para os dois prociros e vi-os innoveis, como dois atletas de pedra, empunhando os varejões em attitude de se servirem d'el-

les. Dos prociros passei a examinar os meus visinhos remadores; o tapuió pareceu-me impassivel; estava no seu elemento. Agapito olhava com terror para a massa enorme de agua negra, que se desenrolava deante de nós, sumindo-se a quinhentos ou seiscentos metros da prôa. Todos íamos silenciosos; ninguem remava. Eu apertei o punho do jacumá, desejoso de imprimir-lhe a minha vontade, para conduzir a canôa bem no centro da corrente, que nos arrastava para o abysmo com uma velocidade de muitas milhas por hora.

O sol mostrou-se repentinamente sobre os arvoredos da margem oriental o deu ao quadro, em que nós eramos accessorios infimos, um aspecto phantastico e grandioso, que eu já não tive tempo para admirar detidamente.

O rio, que se fôra apertando gradualmente, mostrou-nos então a ponceas varas da prôa uma especie de garganta, por onde se precipitavam, em fôrma de rôlo aberto ao centro, todas as suas aguas, que caíam espumando e rugindo com indescriptivel fragôr n'uma bacia immensa. Ao tempo em que entravamos n'esse passo temeroso o ubá tocou em um rochedo e eu ouvi a voz potente de Ferrugem elevar-se acima da voz da cataracta, bradando:

—Contro! Contro!

E vi o intrepido portuguez cair no abysmo.

O ubá atravessou-se, voltando para baixo a pôpa com a rapidez do relampago; e este movimento, que era a nossa perda, permittiu-me deitar a mão ao naufragio e suspendel-o um momento fôra de agua; mas não podendo embarcal-o, nem conseguindo elle voltar-se, e tendo a canôa, por uma especie de prodigio, retomado a posição parallela com a corrente, saltou, ao mesmo tempo que eu, não querendo largar o meu companheiro e amigo, caia tambem pela borda fôra.

Tudo isto, que leva agora tanto tempo a descrever, foi instantaneo. A curta distancia da queda ha um grande baixo de areia e ali nos achámos, Ferrugem e eu, com a agua pelo meio do corpo, sem termos uma unica arranhadura! São milagres, que a Providencia parece com-prazer-se em conceder aos temerarios! Por quê? Sabe-o só Deus, que os permite.

Ai! Se eu pudesse tornar a ir ali vêr o sol, como n'aquelle dia, atravez das nuvens formadas pelo vapor da cataracta, que pareciam envolvel-o n'uma rede de crystal, de purpura e de oiro!... Que importa que a furia das correntes, atacando sem cessar os rochedos que formam a cachoeira, tenha reduzido immensamente a grandeza d'esta? Talvez que eu lá achasse novamente o entusiasmo, a inspiração, a força e a alegria... se tambem pudesse achar a mocidade!...

F. G. DE AMORIM.



MADONNA DE RAPHAEL



mais alta, e quem sabe se temeraria, concepção a que possa a arte aventurar-se é a representação da divindade pelas formas e pelas cores. É encerrar o infinito no que para ser painel ou imagem, tem de ser forçosamente limitado; é inserever n'uma figura a immensidade, é illuminar com o suave mas frouxíssimo clarão da palheta ou do buril o que mesmo entre os jorros de luz da natureza, nem a vista pôde alcançar, nem o entendimento discernir.

O *bello*, como noção para e transcendente conceito da razão, é de si ideal e illimitado. Mas a sua realisação concreta suppõe nas artes figurativas a forma finita, individual, determinada. E como pretendeis vós, pintores e imaginarios, ao que é immenso, incomprehensivel, clausal-o na forma definida pelos contornos, que são geometricamente a negação do infinito? Presuppõe a idéa de Deus a sua absoluta independencia em relação ao tempo e ao espaço, e vós aventuras-vos a exprimi-la na forma, que só pôde conceber-se e realisar-se, tendo o espaço e o tempo como suas condições essenciaes?

Que o pensamento nos seus vôos mais audazes se alteie e se arremece a inquirir a essencia e os attributos da divindade e busque enuncial-os pela palavra, não será para estranhar, porque são ideaes as pinturas do entendimento, espirituaes as côres da phantasia, incorporeas as figuras e os *schemas*, com que o espirito a si mesmo representa o mundo intelligivel e as suas admiraveis creações.

O contemplativo, que depurando a alma de todas as suas mundanidades, chegou em seu parecer a conversar com Deus, admira a imagem do Creator atravez da fé ardente e da piedade entusiasta, que, á semelhança de um poderoso telescópio espirital, lhe magnifica o que está longe da visão. O pantheista vê o rosto da divindade a debuxar-se a cada passo, a cada instante, nas grandiosas appareções da natureza e nos phenomenos mudaveis da vida universal. O pensador christão contempla indecisas e veladas por um sendal de escassa transparencia, as feições do Creator, reflectidas no espelho do universo. E quem sabe se os que souberam lêr mais largamente nas paginas do mundo, se os que melhor trasladaram para os livros da sciencia as harmonias dos céos, e pesaram na balança intellectual os corpos planetarios e mediram as distancias que os separam, e traduziram na linguagem humana o código da natureza, descobrindo as suas leis, não tiveram porventura com maior lucidez do que os artistas o remoto e imperfeito simulacro da divina physionomia? Pythagoras, o mystico da sciencia, melhor que Phidias, o mundano? Newton, o geometra da fé, melhor do que Buonarotti, e Raphael, pagãos na arte, christãos só pelo berço?

Não se contenta o homem com a noção espirital da divindade. É mister que as linhas e as côres, a luz e os perfis apresentem personificada a imagem do Omnipotente. E este empenho insaciavel de contemplar visualmente, n'uma expressão convencional, mas sensivel e for-

mosa, o que transcende os limites da razão, e ainda mais o dominio dos sentidos, é uma clara demonstração de que ainda aos mais altos conceitos intelligiveis, e ás cousas mais absolutamente espirituaes, o homem se compraz em associar as delicias da sensação e as scenas da phantasia.

Apoz a diuturna decadencia das artes figurativas, remittidas já de sua antiga e piedosa austeridade as repugnancias dos christãos contra o genio da classica gentildade e contra as suas mundanas, mas admiraveis creações, de novo principiam a alvorecer na Europa a pintura e a estatuaria. O sentimento religioso predomina sobre todas as relações da vida social na meia idade. Em vão os iconomachos assolam durante largos annos a igreja do Oriente com as lastimosas contencções sobre o uso legitimo dos simulacros e das imagens. Em vão, invocando a priméva simpleza dos tempos apostolicos, os mais severos ou os mais fanaticos intentam desterrar as artes do recinto dos templos christãos. A idéa esthetica, mal apagada na proscipção geral das tradições pagãs, reaparece no seio da christandade. A arte classica irrompe desfigurada, mas triumphante, por entre a evangelica singeleza da nova religião. A basilica do paganismo dá o modelo á basilica da cruz. O Pantheon gentilico, expulsos os numes antigos, dá logar ás pompas mysticas da nova creença espirital. A arte, ainda nos seus estreitos inemabulos, sente-se dominada pelo desejo ambicioso de altear-se ás celestes regiões. O mundo não pôde bastar-lhe por caupio de suas conquistas. É necessario que ella empreste as côres e as formas terrenaes aos assumptos do céo e aos paineis da immortalidade. Não se contenta agora a arte, como o austero symbolismo e a singela iconographia do christianismo primitivo, com representar na mão mysteriosa, surgindo d'entre as nuvens, a energia creadora; não lhe basta já esconder na figura do cordeiro, do peixe ou do leão, como em novo hieroglypho, a figura divina do Salvador. O sentimento, consubstanciando-se com a arte, aspira ousadamente ao infinito, alonga-se em demanda do que transcende os sentidos e a razão, e como que desprendendo-se do seu mundano invólucro, propõe-se estampar na têla as formas, com que a phantasia artistica debuxa em seu retrato a divindade.

O symbolo e a allegoria, por incolores e inestheticos, não satisfazem a devoção ou a gloria do imaginario ou do pintor, quando as artes, principiando a despertar de sua larga decadencia, para assumptos grandiosos temperam a palheta ou apparelham o buril. O symbolo e a allegoria são apenas signaes ideographicos, hieroglyphos, que podem fallar ao mysticismo da fé, mas são perpetuamente mudos para o entusiasmo da imaginação. A symbolica do christianismo vae cedendo o passo á representação anthropomorphica das divinas hypostases. Deus apparece humanado nos paineis e nas imagens. O dogma da encarnação torna mais solveis os problemas da arte christã. Ao Homem-Deus pôde a arte sem irreverencia e sem temeridade, dar logar nas suas mais sublimes concepções.

O anthropomorphismo, que no Zeus olympico de Phidias dá apenas a expressão de um homem ideal, mas physico e mundano, agora sanctificado pela creença na humanação de um divino Mediador, abre á arte christã novo caminho.

Na antiga Hellade a arte, ainda nos seus primordios, quando antes *significa* do que *representa* a divindade nas suas imagens toscas e primitivas, no *xoanon* ou nos *andriantes*¹ é essencialmente religiosa. Os proprios he-

¹In Diensten der Priester machte sie Bilder, we che die Göttheit vielmehr bedeuten, als darstellen sollten. *Gesch. der griech. Künstler*, von dr. H. Brunn. I. 56.

roes, com a sua popular significação na vida e nas tradições da Grecia, não acham a principio logar nas concepções plasticas do genio hellenico. Quando a arte se levanta depois aos seus mais esplendidos triumphos, com o cinzel de Phidias e o escopro de Polyceuto, é ainda a idéa religiosa, a representação anthromorphica da divindade, que demanda os vãos mais sublimes do artista no apogeu das suas glorias.

Assim tambem a arte christã vota as suas primeiras inspirações á honra e ao culto da divindade. Libertando-se da barbarie, que a dominava durante os primeiros seculos da idade media, principia com Cimabué a sua regeneração no ideal e no technismo, até florescer no seu inexcedível esplendor, illuminado pelos clarões quasi divinos de Raphael e Miguel Angelo. Os assumptos religiosos são os que absorvem quasi inteiramente as atenções da arte mediéva até ao ponto, em que o renascimento, desentranhando as quasi obliteradas tradições e os esquecidos ou pouco estudados monumentos da arte classica, vem conciliar em intima união o *bello* sensual da gentildade antiga e o sombrio mysticismo da meia idade.

Os grandes triumphos da arte religiosa realisa-os o genio fecundo e original dos dois grandes artistas encyclopedicos, do que traçou e coloriu a transfiguração de Christo, e do que concebeu e debuxou na capella Sixtina a apocalyptica epopéa do juizo final. Mas o genio de Miguel Angelo era porventura mais varonil e mais austero. Comprazia-se ao revez o amante da Fornarina em animar nas suas telas e nos seus frescos o gracioso, o feminino, o sentimental, o delicado. No pinzel de ambos, embora christianisado, andam brincando as graças pagãs e os espiritos hellenicos. As suas imagens religiosas não têm a severa gravidade e o rude ascetismo, que distinguia as figuras sacras da idade media, os panceis devotos do frá Angelico de Fiesole, assim como a basilica de S. Pedro, comparada com os monumentos hieraticos do estylo ogival, ganha em correcção e em harmonia geometrica o que perdeu na sublime expressão do sentimento religioso.

E comtudo, apesar de que em Raphael de Urbino se pudéra dizer em certa maneira redívivo o genio da antiguidade, ninguém melhor do que elle reuniu no seu engenho florentissimo as faculdades, que sabem alliar na tela a graça e o donaire, a ternura affectuosa e a grave austeridade. O seu animo, quasi diríamos infantil como o seu rosto formoso, comprazia-se nas scenas, onde brilha o affecto maternal, onde a infancia e a innocencia se estreitam em amoravel fraternidade. Por isso ninguém o excedeu nas pinturas a Sacra Familia, nas *Madonnas* inimitaveis, onde envidou a arte, e ideou a phantasia quanto ha de grande e familiar, de austero na representação das divinas historias e de gracioso na expressão das suas figuras; onde os personagens apparecem admiraveis por formosos, venerandos por divinos.

No quadro, de que é copia a nossa estampa, que doce e ao mesmo tempo sobrehumana formosura, não transparece no semblante da *Madonna!* Como é viva a expressão do carinho maternal, que se delicia em contemplar o filho pequenino, que ao mesmo tempo é o Redemptor da humanidade! Como a arte quasi vence o impossivel de exprimir nas linhas e nas côres este infinito amor que não é só de mãe vulgar para o fructo do seu seio, senão de mãe immaculada e virginal para o proprio Creador, de virgem *theótoca* para Deus feito menino! Como é formosissima a figura do Christo, que no regaço maternal anda já traçando a empreza divina de resgatar os homens do peccado! Como entre Jesus e o Baptista, parece travar-se uma infantil contenda, sobre qual dos dois

ha de levar a cruz, que o Precursor tem de sua mão, e o Menino-Deus como que procura conquistar!

De Raphael e dos seus quadros seria um attentado de lesa-esthetica encarecer com palavras o merito e o louvor. As suas creações sentem-se, admiram-se, veneram-se; não se podem descrever, nem criticar.

J. M. LATINO COELHO.

O TEMPLO ROMANO DE EVORA

IX

(Conclusão)



oi, por certo, obra de homens a demolição da grande parte que hoje falta ao templo romano de Evora. Se o não fôra, se uma causa natural a derribára, appareceriam indícios no envasamento, cuja inteiressa está mostrando o não ter padecido algum abalo ou commoção violenta.

Do attentado ficaram impressos signaes denunciadores no fragmento do altar. Em sua face anterior permanecem os vestigios das cunhas de ferro, com que fizeram saltar em estilhaços a inscripção da dedicação do templo.

Estas e simillhantes destruições se attribuem geralmente aos vandalos e outros barbaros que no seculo v invadiram a Peninsula. Sem pretender de modo nenhum attenuar a culpa que taes povos tiveram no estrago e ruina dos monumentos da architectura e da esculptura, observaremos que o templo de Evora e os edificios congeneres poderiam ter sido total ou parcialmente demolidos antes d'aquella invasão. Sirvam de prova os factos seguintes:

Pelos annos de 399 Gandencio e Jovino, por ordem do imperador Honorio, demoliram em Africa todos os templos e aras da idolatria. Governava a Hespanha Macrobio, e aqui já se dilatara tanto a nova religião que o vigario e os christãos, por iniciativa propria ou á ordem do imperador, demoliram os templos das divindades fabulosas. E chegou o zêlo a ponto de quererem tambem, por que não ficasse rastro da idolatria, deitar por terra todos os edificios publicos adornados com estatuas dos falsos deuses. Atalhou, porém, o imperador tamanho excesso, prohibindo terminantemente que se destruíssem ou mutilassem os edificios de utilidade publica e sem caracter religioso ¹.

Em Evora grande foi a sanha dos demolidores, quem quer que elles fossem. Puzeram por terra o frontão, o entablamento, mais de metade das columnas; fizeram saltar a ferro a face do altar, e despedaçaram finalmente a estatua da divindade por modo tal que até hoje não appareceu do colosso de marmore mais que um dedo!

A obra de demolição seguiu-se na idade media uma reconstrução, á qual, posto que incongruente, se deve o ter-se conservado a parte restante do templo. Na borda do envasamento e no plano das columnas construíram grossas paredes de alvenaria, guarnecidas de ameias. Na

¹ Ferreras — *Historia de España*, parte 2.^a, pag. 325.

parte septentrional as columnas e a architrave ficaram embutidas nas paredes, sobresaindo apenas tanto, quanto bastava, para se differencarem dos materiaes involventes¹.

Esta reconstrucção, que transformou o templo n'uma especie de torre, parece ter sido feita nos primeiros seculos da monarchia. Os arcos das portas nas paredes do norte e sul eram ogivas muito largas e imperfeitas, como as primeiras que se construíram em Portugal.

Que destino dariam em principio á torre ou casarão em que ficaram incorporadas as ruínas do templo romano? Ninguém o saberá dizer ao certo. Se é verdade ter havido uma casa da camara junto da Sé, como nos parece ter lido algures, muito bem poderia ser aquelle edificio. Que de ha muito pertence ao municipio prova-se com documentos do seculo XV que estão no archivo da camara de Evora². E que já no seculo XIV servia de açougue, como ainda ha quarenta annos, dil-o Fernão Lopes na chronica de D. João I³.

X

Era em janeiro de 1384. Decorrêra um mez depois que o mestre de Aviz fizera justiça por suas proprias mãos no amante da rainha D. Leonor. O povo applaudira amotinando-se, e chegára a precipitar de uma das torres da Sé o bispo de Lisboa. Sabidos nas provincias os motins da capital, haviam tido imitações n'algumas terras. Tomados tinham sido já pelos populares os castellos de Beja, Estremoz e Portalegre. Por toda a parte o partido do mestre se engrossava e fortalecia.

O alcaide mór da cidade de Evora, Alvaro Mendes de Oliveira, conhecendo quanto era para receiar o perigo do contagio, chamou aos seus criados, ao juiz Martin Affonso de Carvalho, casado com uma donzella da rainha, ao escrivão da camara do concelho, Vasco Martins Ponsado, ao alcaide pequeno Gonçalo Lourenço e a outros *honrados do lugar*, na phrase singela de chronista, e todos juntos se encerraram no castello, no dia 11 de janeiro, para o defenderem.

No mesmo dia Diogo Lopes Lobo, Fernão Gonçalves de Arca e João Fernandes, seu filho, *que erão hũs dos grandes que hi havia*, com todo o povo da cidade se levantaram contra os que se tinham encerrado no castello, e os foram combater, arremessando-lhes virotes de cima da Sé e do açougue.

E para os fazerem render mais depressa tomaram-lhes as mulheres e filhos, que encontraram na cidade, e os amarraram em cima de carros, e, levando-os á porta do castello, bradaram aos de dentro que o desamparassem logo, senão que lhes queimariam ali á vista as mulheres e filhos.

Sortiu o desejado effeito este ardil, que Fernão Lopes chama *hũ jogo que os poucos meulos em semelhante caso muyto acoustumauão de fazer*.

Sairam dissimuladamente os defensores do castello pela porta de traição para fóra dos muros; e para que a populaça não se fosse vingiar n'elles ao caminho, os que os protegiam tiveram de cerrar todas as portas da cidade, a fim de que pudessem retirar-se em paz, como lhes tinham promettido.

¹ Quem desejar fazer idéa do todo por que estas construcções alteravam o aspecto das ruínas do templo, compare a estampa gravada no *Archivo Pittoresco*, tomo viii, pag. 313, com a gravura que appareceu n'este jornal com a primeira parte do nosso artigo.

² Citados pelo sr. A. F. Barata no *Instituto Vasco da Gama*, tomo I, pag. 201.

³ *Chronica d'el-rey D. João I*, parte 1.ª, pag. 80.

Entrado o castello, a ferro e fogo destruíram boa parte d'elle. Deixaram, porém, uma torre a par do templo e outra mais abaixo, as quaes depois vieram a ficar incorporadas nos paços do conde de Olivença, hoje de seus descendentes os duques de Cadaval.

Continuou o templo a servir de açougue até ao anno de 1836, em que, sendo governador civil do districto de Evora o sr. Antonio José de Avila (depois marquez de Avila e Bolama), acertadamente fez que cessasse aquella ignobil applicação de tão venerando monumento, mandando fechar as portas e entregar as chaves á camara municipal.

XI

Em 1863 tinha desabado já a parte media do telhado que cobria o recinto da torre ou das ruínas. Algumas lapides, interessantes por seus lavores ou por inscripções que continham, ali haviam sido depositadas. A falta de logar mais conveniente, outras muitas, por diligencia de quem escreve estas linhas, se recolheram tambem no mesmo recinto.

Todavia, as paredes construidas na idade media estavam em risco de vir a terra, pelas grandes fendas que as dividiam, em particular as dos lados do sul e do nascente. A falta parcial do telhado augmentava ainda o perigo da ruina, em que inevitavelmente se perderiam as columnas e a architrave ou toda a parte superior ao envasamento.

Não havia senão dois meios de prevenir tamanha perda: ou reparar as paredes arruinadas, ou demolil-as, deixando unicamente o que fosse obra romana. O primeiro alvitre, além de exigir maior despeza, perpetuaria um barbarismo, toleravel sómente no caso, em que importasse á conservação dos restos do templo. O segundo tinha a seu favor todas as razões da economia e da esthetica. Era a obra unica racionalmente admissivel. Por isso a propuzemos em 1869 á camara municipal n'um relatório, que se imprimiu no mesmo anno¹.

Por infelicidade manifestava-se adversa a uma obra tão necessaria a opinião de muita gente em Evora. Uns, sequezas, inscientemente, das doutrinas utilitarias, entendiam que as ruínas do templo não passavam de uma antigualha improductiva, que se havia de deixar cair ou até de pôr por terra para desembaraçar o espaço que occupa. Outros, pelo contrario, filiados, tambem sem o saberein, na escola tradicional, pretendiam que se conservasse religiosamente não só a parte romana, mas ainda a da idade media, que suppunham representante da dominação arabe.

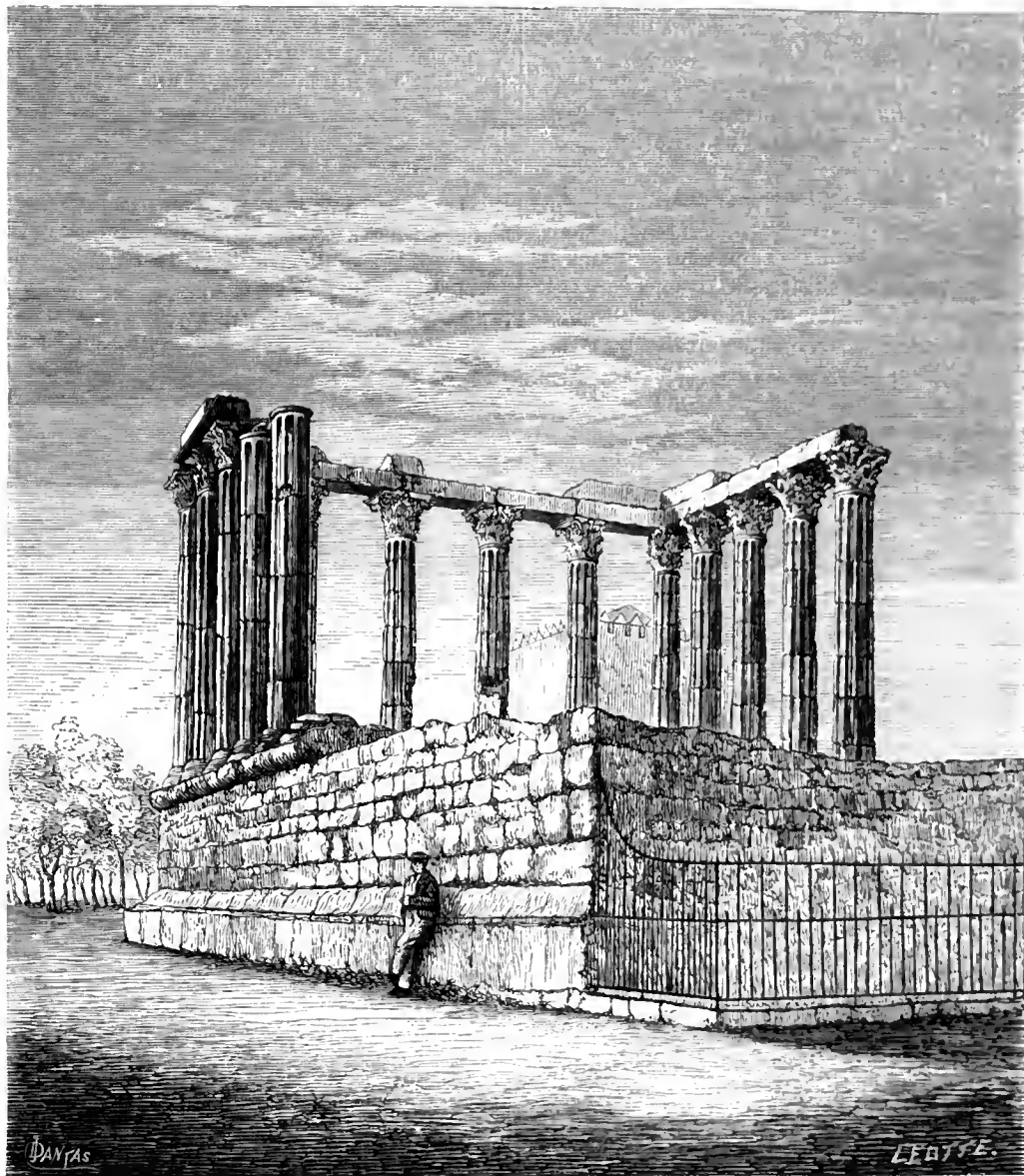
¹ *Relatorio acerca da renovação do museu Cenaculo, dirigido ao ex.^{mo} sr. visconde da Esperança, presidente da camara municipal de Evora, por Augusto Philippe Simões*. Evora, 1869. N'este relatório apresentavamos a idéa de conservar dentro no templo, depois de demolidas as paredes da idade media, a colleção archeologica ali depositada.

Conhecendo-se, porém, que os fragmentos de architectura e esculptura, especialmente os maiores alterariam a perspectiva das columnas, tirando ás ruínas o aspecto severo e magestoso, mudaram-se para uma casa inferior da galeria dos paços reaes no passeio publico, onde hoje se conservam. Perder-se-ha, porém, tão valiosa colleção, se as camaras municipaes persistirem na desarrazoada idéa de não completar a restauração d'aquella galeria, começada pelas verações que emprehenderam os mais valiosos melhoramentos da cidade. D'esta galeria escrevemos no *Archivo Pittoresco*, tomo xi, n.º 1 e 6. Ainda hoje, como em 1868, a abobada fendida em varios logares está em perigo de abater, desmoronando a galeria. No caso em que ás verações continue a repugnar a idéa racional da restauração, seria conveniente transferir para o museu do Carmo em Lisboa a colleção de Evora, que conterá uns setenta exemplares, muitos d'elles romanos.

Era vulgar a idéa de que o templo, por ter ameias, servira de mesquita aos mouros. E corre até impressa esta fabula com as outras de que tinham tecido commodamente a historia d'aquelle edificio. Como prova irrefragavel de que fôra mesquita, não faltou em Evora quem allegasse o campanario que estava entre as ameias. Ora o *campanario moirisco*, mandara-o construir em 1500 el-rei D. Manuel para o sino de correr ¹!

Presidia á camara municipal um cavalheiro illustrado que nos honrava com a sua amizade e que de boa-

ficação das ruínas, n'uma terra em que os documentos d'esta especie tantas vezes servem para se fazer o contrario do que demonstram: se outro amigo nosso, o sr. Manuel de Paula da Rocha Vianna, official da bibliotheca publica, não succedesse na presidencia da camara ao sr. visconde da Esperança. Compreendendo a necessidade da demolição das paredes e a grande vantagem que resultaria de expurgar a parte romana de todos os accrescentamentos posteriores, resolveu logo effectuar, custasse quanto custasse, uma obra indispensavel á conservação



Ruínas do templo romano de Evora, vistas da parte do sul

mente nos auxiliara, mandando transportar e collocar á custa do municipio as lapides que tratavamos de colligir. Mas, ou porque, relativamente ás ruínas, não ousasse contrariar a opinião geral, ou antes porque poucos mezes faltassem para terminar a gerencia da vereação presidida pelo sr. visconde da Esperança, findou o anno de 1869, sem que se desse um só passo para levar a effeito a obra do templo.

O relatorio ficaria, pois, sem ter outro resultado mais que o de prejudicar em vez de favorecer a idéa da puri-

¹ *Archivo municipal Eborense. Liv. III dos originaes, fol. 37.* O sino de correr era o que nas cidades tocava a recolher a horas certas da noite.

de um dos monumentos mais interessantes ao estudo das artes em Hespanha e Portugal.

N'aquelle tempo ia muitas vezes a Evora o sr. José Cinatti dirigir a execução do plano que traçára para o passeio publico. Sem prevenção alguma, lhe pedimos que examinasse attentamente as ruínas e dissesse a obra que mais conviria fazer para que de todo se não perdessem. A sua opinião saiu conforme á idéa fundamental do projecto. Completou-o, porém, com particularidades technicas, e obsequiosamente se offereceu para dirigir a obra, da qual se tornou desde logo defensor ardente e apaixonado.

O coração do artista pulsava com a idéa de libertar as ruínas das pesadas construcções que as opprimiam e

occultavam, restituindo-lhes a graça e magestade que tiveram outr'ora e assimilhariam de novo o nosso templo aos monumentos congêneres da sua patria.

Tinha então o sr. José Cinatti grande popularidade em Evora. Todos viam maravilhados como a phantasia do artista transformára em formosissimo jardim uns logares que os muros arruinados, os montões de entulho e as plantas bravias faziam repugnante e desprazivel á vista. A transformação dera tal auctoridade a quem a imaginara e dirigira que, em coisas de arte, as suas palavras, como de oraculo, eram acolhidas e respeitadas.

Todavia a voz do sr. Cinatti não fez as conversões que se esperavam relativamente á obra do templo. A opinião geral continuou-lhe adversa. Apenas alguns cavalleiros, por sua illustração ou por amizade para commosco, Vianna ou Cinatti, ousavam affrontar os obcecados contradictores do projecto.

Não deseperámos ainda de fazer persuadir uma idéa razoavel. Como presidente da camara, Manuel Vianna consultou muitos dos honens mais competentes em Portugal ácerca da obra que se pretendia fazer para conservar as ruínas. Alguns não deram resposta, ou prometeram ir a Evora e não foram. Responderam, porém, e todos conformes em approvar e até em instar pela demolição das exerescências que conspueavam as ruínas, os srs. Abbade de Castro, Francisco de Assis Rodrigues, Ignacio de Vilhena Barbosa, José Maria Eugenio de Almeida, Victor Bastos, visconde de Castilho e visconde de Juromenha¹. O sr. Alexandre Herculano, sem ter prometido cousa alguma, foi a Evora e deu verbalmente o seu parecer favoravel ao projecto. Lembrou tambem as indagações que, por interesse da archeologia, se haveriam de fazer, quando se demolissem as paredes construidas na idade media.

A unanimidade e ainda mais a qualidade dos votos eram para convencer os mais contumazes. Pois nem assim. Uns não se converteram, porque não conheciam aquellos nomes, excepto o de José Maria Eugenio de Almeida, que viam ás vezes em Evora e sabiam possuir algumas herdades proximas da cidade; outros porque se julgavam a si proprios superiores a todas e quaesquer auctoridades n'este ou n'outros assumptos.

Dirigida pelo sr. Cinatti, fez-se em 1871 a demolição das paredes que deformavam as magestosas ruínas. Ao vêr-se quanto ganhara a perspectiva do templo, por se projectarem no fundo azul do céu as columnas totalmente livres, mudou a opinião de muitos que se não convenceram com palavras, mas com os factos. Outros, porém, permaneceram firmes como rochedos. Tal foi a camara que succedeu áquella que tivera Manuel Vianna por presidente. Um anno depois, em 1872, chorava ainda com lagrimas de crocodilo n'um documento official *as obras com que tinham desmantelado o templo de Diana!*

XII

Decorreram dois annos depois de concluida a obra da restauração das ruínas. Em Portugal não foi ainda, que nos conste, julgada por algum escriptor ou por alguma corporação. Não é para estranhar. Por uma parte, Evora, apesar do caminho de ferro, está tão longe de Lisboa e das provincias do norte, como as terras do Algarve. Por outra parte, os assumptos d'esta natureza não são por certo dos que andam mais em voga.

Um estrangeiro escreveu a respeito do templo, tal qual o vemos hoje, o seguinte:

¹ O sr. A. F. Barata no artigo citado publicou os trechos mais importantes das cartas a que alludimos.

«Pero lo mas importante que encierra Evora, es una veneranda reliquia, sin rival en toda la Peninsula, una construccion del pueblo romano. No se sabe el año en que se erigio, ni esta probado el nombre de *Templo de Diana* que por tradicion lleva esta preciosidad architectonica, desmantelada ya en la edad media y aprovechada para servir de una de las muchas torres con que aquel tiempo fué fortificada Evora. Desde entonces hasta el presente año, sus elegantes columnas han estado envueltas en grosera albañileria, hasta los capitelos, soportando el arquitrave el enorme peso de arruinados paredones de ocho a diez metros de altura, que si tardan mas en derribarse, hubieron arrastado en su ruina al templo romano. Libres hoy de tan barbaras embolturas, ostentan ya la gracia esbelta del estilo corintio las preciosas columnas, cuya base es de marmol blanco¹.»

Não foi nova a idéa da restauração da parte restante do templo romano de Evora.

Pelos annos de 1840, pouco mais ou menos, os srs. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e João Raphael de Lemos haviam tentado esta obra, posto que, segundo julgámos, em seu projecto entrava a conservação de uma parte das paredes construidas na idade media. Chegaram a conseguir que a duqueza de Palmella cedesse para ser demolida, como em verdade foi, a casa velha da inquisição que se encostava ao templo por todo o lado occidental e parte do septentrional e meridional. Descoberto o terreno depois d'esta demolição, fizeram-se excavações em redor do envasamento e descobriram-se os tanques adjacentes². Estes vestigios, que deveriam ser tão cuidadosamente conservados como o proprio templo, já os não chegámos nós a vêr. Tinham sido destruidos antes de 1863 para embellesar o largo e as ruas proximas.

Não puderam aquelles benemeritos cidadãos eborenses levar a cabo a sua idéa. E nós da mesma sorte veríamos baldados todos os esforços, se não tiveramos a fortuna de achar empenho igual ao nosso no sr. Manuel Vianna, presidente da camara municipal de Evora no biennio de 1870 e 1871.

Ao sr. José Cinatti deve-se a obsequiosa direcção da obra, por amor da qual foi a Evora algumas vezes.

Infelizmente, quando se aprestavam para a começar, tivemos, por motivo de doença, de ausentar-nos para Coimbra. Suppriu a nossa falta o sr. Antonio Francisco Barata que vigiou com o maior zêlo e dedicação o trabalho dos operarios, obstando a que se perdessem ou estragassem tanto as lapides que estavam no recinto do templo, como as que se encontraram ao demolir as paredes e que deveriam ser guardadas.

Enfim, do sr. Caetano Xavier da Camara Manuel, digno engenheiro districtal em Evora, obtivemos alguns esclarecimentos, sem os quaes ficaria menos completa a descripção das ruínas.

Aqui, longe d'estes nossos amigos, lhes testemunhamos vivo reconhecimento e a saudade do tempo em que lidámos todos na mesma campanha, como leaes e briosos camaradas.

A. FILIPPE SIMÕES.



¹ Una semana en Lisboa — Guia del viajero por la ciudad, sus contornos y cercanias, pag. 31.

² Additamento do, sr. Rivara ao artigo citado do sr. Barata no Instituto Vasco da Gama, tomo 1, pag. 209 e 210.

AO OUVIR-TE...

A primavera esplendida estendia,
Por sobre o campo o seu lençol de flôres,
E um canto vago e dôce aos céos subia,
De harmonias, de arômas, de fulgores!—

Era noite! Uma noite de tristeza,
Em que a mente namora embevecida,
Um as visões de pallida belleza,
Que nos relembram sonhos d'outra vida!

Eu seismava á janella, a vêr na sombra,
Do luar o phantastico lavôr,
Bordados d'oiro em perfumada alfombra,
Imagens leves de indeciso alvôr.

Não sei que vagos filtros de saudade,
N'essa noite desciam sobre mim!
E eu murmurava: «ó loira mocidade,
Nem um lyrio me dás do teu jardim?»

Nunca á morbida luz de tantos astros,
Has de vêr-me com languido carinho,
Seguir co'a a vista os luminosos rastros,
Que outro olhar fôr deixando em meu caminho?

Não correrei jámais por esses campos,
Solto o cabello á voluptuosa aragem,
Entre a relva buscando os pyrilampos;
Nas fontes namorando a minha imagem?

Confiando do céo ás nuvens d'oiro,
Do meu sonho as delicias immortaes!
Tendo n'alma opulencias d'um thesouro,
Jorros de luz, concertos festivaes?

Ai! sempre, sempre quando a vida abranjo
Hei de achar desconforto e solidão?
Sou condemnada como o bello archanjo
Que Deus banii da celica mansão?»

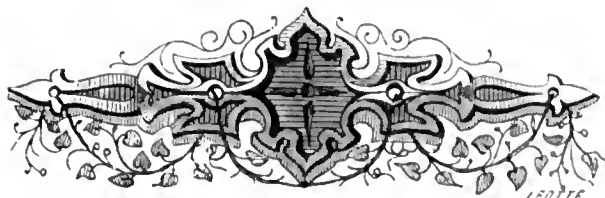
E a noite a distillar os seus languores!
E a seiva do arvoredô a estremecer,
E os ninhos revelando um céo de amores,
E a vida a palpar em cada ser!

Foi n'ess'hora de sonhos dolorosos,
Foi n'ess'hora de calidos desejos,
Que sobre mim desceram cariciosos,
Da tua lyra os languidos harpejos!

Hoje... meu Deus! Hoje a existencia é bella
Canta um hymno de graças cada aurora!
Vem-me filtros d'amor de cada estrella,
E é de ventura que a minha alma chora!

Pintous.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



CHRONICA DO MEZ



Os amadores de boa musica estiveram privados, quasi todo o mez, de ouvir cantar em S. Carlos.

O governo entendendo que a actual empresa não podia satisfazer ás principais condições do contracto, em consequencia da mediocridade da companhia escripturada, mandou suspender, como se previa, as recitas lyricas até que viessem novos artistas substituir os que, por não agradarem, tiveram rescisão de contracto.

A empresa, porém, solicitou licença para dar alguns concertos e para representar o *Polito*. O governo accedeu ao pedido. A opera não desagradou e nos con-

certos houve bastantes applausos, especialmente ao contralto, a sr.^a Marchisio.

Parece que a empresa escriptura os conjuges Tiberini, soprano e tenor, que se achavam disponiveis por não terem querido acceptar compromisso para theatro algum. Da dama ha as melhores informações e julga-se que agradará muito; outro tanto se não espera do tenor.

Diz-se que se estreiarão no meado do proximo mez de janeiro, a dama nos *Paritatos* e o tenor na *Mulher de Chabran*.

Bem será que a empresa seja mais feliz com estes artistas do que o foi com aquelles a quem rescindiu a escriptura. Lucram com isso os que tomaram a seu cargo a direcção dos espectaculos lyricos de Lisboa, e o publico, que terá occasião de ouvir em S. Carlos companhia digna d'aquelle theatro, um dos primeiros da Europa.

Nos theatros de declamação nenhum espectaculo houve que mereça menção especial.

Muitos artistas de nomeada fizeram beneficio — Taborda, Delfina, Theodorico, Joaquim de Almeida e outros, escolhendo todos peças novas, excepto Joaquim de Almeida que se lembrou de reproduzir a notavel comedia de V. Sardou *A familia Benoiton*. Boa lembrança teve aquelle actor porque a produção de Sardou tem chamado, como da primeira vez em que foi dada em Lisboa, a attenção do publico. As demais peças, embora não se recommendassem pela novidade da concepção nem pela verosimilhança do enredo, foram acolhidas benevolamente pelo publico.

Continua a escassez de originaes: apenas no theatro do Principe Real subiu á scena um drama portuguez, intitulado o *Cardenal-rei* para fazer face ás traducções que enxameiam os demais theatros.

O drama tem quatro actos, foi escripto pelo sr. F. Costa, que, segundo creio, se estreiou com elle no theatro, e é baseado nos acontecimentos succedidos na época em que no throno de Portugal se assentou o cardeal D. Henrique.

O publico applaudiu o trabalho do sr. F. Costa, coroando assim os esforços de um moço que principia, e incitando-o a tentar novas produções. O drama revela inexperiencias proprias de quem se aventura pela primeira vez a trabalhos d'aquella ordem, mas denota qualidades muito apreciaveis no auctor, que deve aproveitar-as seguindo animosamente a carreira de escriptor dramatico, onde infelizmente encontrará hoje tão poucos competidores.

As diversões da capital não se limitaram este inverno nos theatros. No circo Price trabalha uma companhia de aerobatas e gymnastas, da qual fazem parte alguns artistas de merecimento, e no Casino entoam canções mais ou menos livres, meia duzia de francezas, que tambem dansam o *caban* nos bailes de mascaras dados aos domingos e dias santificados n'aquella sala.

Houza-me sol remaneira ter de fallar de um livro notavel que viu a luz da publicidade este mez.

Refiro-me á comedia em quatro actos de Calderon de la Barca *Casa de dos puertas nada es de guardar*, accommodada á scena portugueza pelo sr. Francisco Serra.

Tem o sr. Francisco Serra procurado durante a sua carreira litteraria, tornar conhecidas do publico portuguez algumas obras

dramaticas mais salientes tanto de escriptores da nação vizinha como de poetas italianos. D'esta vez escolheu para traduzir em melodiosos versos portuguezes uma das melhores composições do celebre classico hespanhol, que tanto enriqueceu o theatro da sua nação com obras immortaes. É serviço prestante o do sr. Serra, traduzindo produções de verdadeiro merecimento, a fim de as pôr ao alcance dos que não conhecem as linguas em que ellas foram originalmente escriptas.

Na obra dramatica de Calderon, a que me refiro, foi o traductor fidelissimo, modificando apenas o indispensavel para dar á peça tanta unidade de logar, quanta o theatro moderno requer. A comedia é admiravelmente enredada, tem dialogo e situações engraçadissimas, o que deve convidar alguma empreza a pô-la em scena. Os bons resultados colhidos pelas excellentes traduções feitas ultimamente pelo sr. visconde de Castilho das principaes comedias de Molière, devem animar as emprezas a experimentar o effeito que na scena portugueza produzirá o excellent theatro de Calderon de la Barea.

Não posso terminar esta simples noticia sem mencionar o eloquente appello que o sr. Francisco Serra faz aos poderes publicos, em carta dirigida ao sr. Andrade Corvo, a quem dedica a sua excellente traducção, pedindo que se olhe convenientemente para o estado de abatimento em que está o theatro portuguez, e se ponha remedio a este mal, restabelecendo o subsidio, que, apesar de escasso, alguma influencia podia exercer nos futuros destinos da arte dramatica e da litteratura.

Como muito bem diz o sr. Francisco Serra, subsidiando o estado varias escolas, *não ha razão plausivel para deixar de estender o seu auxilio effizaz ao theatro, como escola de tirocinio para a litteratura, de modelo para a arte dramatica e de moralidade e bons costumes para o publico.* Não haverá, de certo, quem se apresente a combater estas idéas; antes pelo contrario, hoje que o estado das finanças do paiz se afigura tão lisonjeiro, todos pugnarão para que se renove o auxilio ao theatro portuguez, necessidade que o proprio actual sr. ministro do reino já reconheceu por escripto.

Tambem antecedem o livro dois formosos artigos criticos dos srs. Pinheiro Chagas e Julio Cesar Machado, escriptos com muita crudição e em estylo sympathico.

O sr. Miguel Angelo Lupi, pintor historico e professor da academia de bellas artes, teve em exposiçãõ publica, durante alguns dias, no seu *atelier*, o retrato do sr. visconde de Castilho, de que fiz menção na chronica do mez passado, e varias outras obras de pintura. O publico concorreu ao *atelier* do distincto artista e louvou os trabalhos expostos, os quaes são effectivamente dignos de apreço.

Bom será que o systema iniciado pelo sr. Lupi de expôr ao publico as suas melhores produções, seja continuado pelo esclarecido professor e seguido pelos seus collegas. O publico e os artistas lucram com a exhibiçãõ das obras de arte; o publico vai a

pouco e pouco aprendendo a vel-as e aprecial-as, os artistas tornam-se conhecidos grangeando assim admiradores.

Ao sr. Lupi que se tem ultimamente applicado quasi exclusivamente á pintura de retratos, compete emprehender obras de maior vulto. Sabe o talentoso artista que os retratos têm secundaria importancia na arte, e que não é permitido a um pintor de historia, principalmente depois de haver produzido composições de tanta valia como as que têm saído dos habeis pinceis do sr. Lupi, consagrar os seus estudos e talentos sómente á reproducção das feições e expressãõ de qualquer individuo, acompanhadas de accessorios mais ou menos difficeis, mas cuja execuçãõ requer mais habilidade do que talento.

O sr. Lupi tem começado um quadro de composiçãõ formosamente concebido; espero, portanto, que a nova exposiçãõ que se annunciar no *atelier* d'este artista, seja para chamar o publico a apreciar um trabalho, que, por todas as razões, ha de ser superior ao melhor retrato pelos mesmos pinceis produzido.

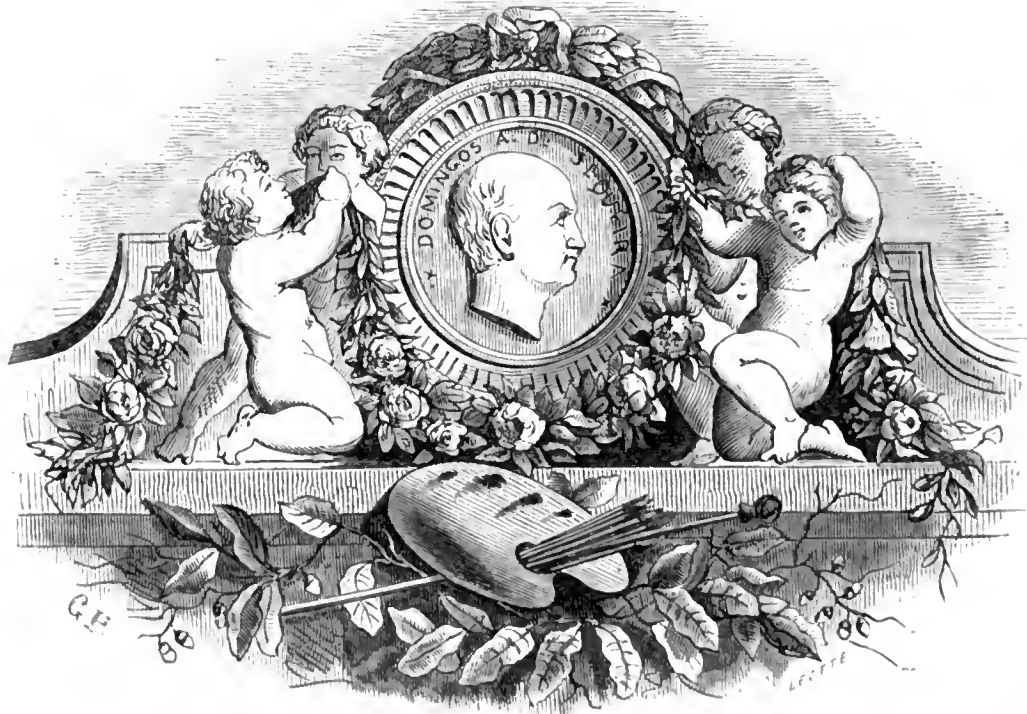
MANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

— A poesia que publicamos do notavel escriptor brasileiro o sr. Luiz Guimarães Junior intitulada — *A alcova*, faz parte de um volume de versos intitulado — *Cantares*, que está sendo impresso no Rio de Janeiro por conta do conhecido editor d'aquella cidade, o sr. B. L. Garnier. É o caso de se dizer, que pela belleza de *alcova* bem se pôde avaliar o primor dos demais *apostentos*.

— Falleceram os seguintes artistas estrangeiros:— F. Pi-geory, architecto francez; R. Arlett, gravador inglez; J. d'Armann, gravador allemão e A. de Tranchaut, conhecido pelo nome de Mirecourt, pintor de talento, discipulo de Ingres e antigo director do theatro do Odeon.

— Fazem-se preparativos para uma exposiçãõ universal em 1875, na cidade de Genebra. O plano do palacio é do architecto Julio Chatron, o constructor do de Sião. O palacio não terá menos de 300:000 metros de superficie, afóra 60:000 reservados para diversos embellesementos; será edificado á borda do lago no logar mais risonho e poetico que é possivel imaginar-se. Terá uma grande cupula, a maior que se tem construido, ao centro da qual se levantará uma columna monumental de 120 metros de altura, com um elevador mechanico que permittirá aos visitantes o contemplarem não só o interior da exposiçãõ mas tambem o mais formoso panorama da Suissa. Da plataforma descobrir-se-ha o lago Léman em toda a sua extensãõ, as montanhas do Jara, os Alpes Suissos e o monte Branco.





ARTIGOS

A daga (A) do convento—L. A. Palmeirim—pag. 106.
Alcova (A)—Lulz Guimarães Junior—pag. 182.
Animalista (O grande)—Luciano Cordeiro—pag. 145, 162 e 178.
Antiquidades—pag. 46.
Apontamentos artísticos—Ramos Coelho—pag. 174.
Archeologia—Vid. Museu Ceaculo em Evora.
Ariadna—Christovam de Sá—pag. 67.
Arrepellido—E. A. Vidal—pag. 74.
Atelier no convento—Alberto Pimentel—pag. 71.

Bachante—D. Maria Amalia Vaz de Carvalho—pag. 155.
Banho das creanças—Vid. Offerta.
Barbeiro (O) de aldeia—L. A. Palmeirim—pag. 122.
Belem—Vid. Igreja, Mosteiro.
Bellas (As) artes na exposição de Vienna de Austria—Brito Aranha—pag. 113, 142 e 146.
Bibliophilo (O)—Sousa Viterbo—pag. 52.
Bocage—Vid. Estatua.

Cachimbo (O) do sultão—Sousa Viterbo—pag. 34.
Casa (Aquella) triste—C. Castello Branco—pag. 10.
Cathedral de Lincoln—pag. 55.
Chavena (A) quebrada—Julio Cesar Machado—pag. 53.
Chimico (O)—Alberto Pimentel—pag. 6.
Christo no jardim de Gethsemani—Pinheiro Chagas—pag. 60.
Chronica do mez—Rangel de Lima—pag. 15, 31, 47, 62, 79, 95, 111, 127, 143, 158, 175 e 190.
Collares—E. A. Vidal—pag. 173.
Collecção artistica do fallecido rei da Suecia—pag. 87.
Concerto (O)—E. A. Vidal—pag. 97.
Confidanza—Gonçalves Crespo—pag. 7.
Conta (A) de Deus—F.—pag. 100.
Curiosa (A)—E. A. Vidal—pag. 30.

Despota (O) e o poeta—Emilio Castelar, trad. B. A.—pag. 84, 103 e 115.
Dia de annos—Julio Cesar Machado—pag. 37.
Diversas noticias—pag. 16, 32, 48, 64, 80, 96, 112, 128, 144, 160, 176 e 192.
Documentos ineditos acerca de Correggio—pag. 60.
Dois (Os) velhos—Ella, Elle—Alberto Pimentel—pag. 116.

Estatua de Bocage—J. Ribeiro Guimarães—pag. 132.
Evora—Vid. Templo romano.

Foz-me a honra?—Antonio Ennes—pag. 66.
Flôres (As) da janella—Julio Cesar Machado—pag. 3.
Francisca de Rimini e Paulo Malatesta—pag. 14.

Gil Vicente e a custodia de Belem—pag. 4 e 18.
Grupo (Um)—Candido de Figueiredo—pag. 169.
Guardadora (A)—E. A. Vidal—pag. 181.

Igreja (Portal da) de Santa Maria de Belem—J. Ribeiro Guimarães—pag. 77.
Ilustre (O) doutor Mathens—Ereckmann Chatrian, trad. B.—pag. 7, 23, 39 e 54.
Irmãos—Vid. Mãe (A) e o filho.

Leiria—A. X. Rodrigues Cordeiro—pag. 33, 58, 73 e 110.
Leitura (A) do Evangelho—Antonio Ennes—pag. 57.

Leonor da Fonseca Pimentel—A. Philippe Simões—pag. 1.
Lição (A)—Sousa Viterbo—pag. 104.
Lourenço (D.) de Almeida—Vid. Morte.
Lusiadas—Vid. Provas.

Madonna de Raphael—J. M. Latino Coelho—pag. 186.
Mãe (A) e o filho—Os irmãos—Alberto Pimentel—pag. 161.
Menos (Ao) . . .—Alfredo Campos—pag. 118.
Mogarem—Thomaz Ribeiro—pag. 70, 81, 102, 121 e 138.
Morte de D. Lourenço de Almeida—Marx de Sori—pag. 49.
Mosteiro (O) de Belem e a sua restauração—Innocencio Francisco da Silva—pag. 108.
Mosteiro de Nossa Senhora de Belem—Ignacio de Vilhena Barbosa—pag. 124.
Mulher desfolhando um malmequer—Rangel de Lima—pag. 13.
Museu (O) Cenaculo em Evora—Francisco Antonio Barata—pag. 129.

Não tem concerto—Julio Cesar Machado—pag. 81.
Não percebe!—Christovam de Sá—pag. 139.
Numero do intermezzo—Gonçalves Crespo—pag. 90, 97 e 139.
Nunca eu te lesse, bailada!—Gonçalves Crespo—pag. 51.

Offerta (A)—Banho das creanças—Pinheiro Chagas—pag. 151.
Orphão (O)—Julio Cesar Machado—pag. 65.
Ouvir-te (Ao)—D. Maria Amalia Vaz de Carvalho—pag. 191.

Paé!—Alberto Pimentel—pag. 136.
Paizagem (Uma)—Rangel de Lima—pag. 28.
Pastora (A)—Julio Cesar Machado—pag. 17.
Pensamento (No)—D. Maria Amalia Vaz de Carvalho—pag. 149.
Per amica silentia. . .—pag. 126.
Pomba (A) que voou—Gomes Leal—pag. 104.
Preciosidades artisticas—pag. 44, 92 e 98.
Prégador (O)—Antonio Ennes—pag. 113.
Primeiro amor—D. Maria Amalia Vaz de Carvalho—pag. 163.
Provas (Principaes) das gravuras da edição dos Lusitadas, pelo morgado Mathens—pag. 30.

Quadro intimo—Gonçalves Crespo—pag. 142.

Rabbi (O)—E. A. Vidal—pag. 131.
Ruinas do Carmo—A. A. da Fonseca Pinto—pag. 20 e 42.

Santa (A) capella do palocio (Paris)—pag. 141.
Santo Antonio de Padua—E. A. Vidal—pag. 89.
Senhora de Pedra—J. Simões Dias—pag. 14.
Surpreza—Ednardo Coelho—pag. 136.

Templo (O) romano em Evora—A. Philippe Simões—pag. 155 e 166.
Tenêra e a familia—Sousa Viterbo—pag. 28.
Tentação—Alberto Pimentel—pag. 177.
Trio de folhetinistas—Gonçalves Crespo—pag. 124.
Tudo (Ou) nada—J. Simões Dias—pag. 22.

Varnhagen (Francisco Adolpho)—Pinheiro Chagas—pag. 85.
Vcado (O)—E. A. Vidal—pag. 33.
Venda (A) do ninho—Sousa Viterbo—pag. 147.
Viagens pelo interior do Brazil—F. Gomes de Amorim—pag. 75, 87, 98, 118, 133, 150, 170 e 183.
Violante—Thomaz Ribeiro—pag. 133.

GRAVURAS

Alegria (A) no convento — Prutzner — pag. 97.
Ariadna — pag. 69.
Armas de Leiria — pag. 37.
Atelier no convento — Brend'amour — pag. 72.

Banho (O) das crianças — Goselschap, Heltland — pag. 145.
Barbeiro (O) da aldeia — Bower, Schrober — pag. 120.
Bibliophilo (O) — M. M. Bordallo Pinheiro, Pedrozo — pag. 52.

Cathedral de Lincoln — pag. 56.
Chaveira (A) quebrada — Burfield, Roth — pag. 49.
Chimico (O) — D. Teniers, W. French — pag. 8.
Christo no jardim de Gethsemani — Carlos Dolci, L. Sargent — pag. 61.
Claustro do mosteiro de Nossa Senhora de Belem — Severini — pag. 125.
Collares — J. Pedrozo — pag. 173.
Concerto (O) — Teniers, W. French — pag. 101.
Conta (A) de Deus — Brend'amour — pag. 101.
Curiosa (A) — Passini — pag. 29.
Custodia (A) de Belem — pag. 5.

Dias (Em) de annos — Benjamin Vautler — pag. 33.
Dois (Os) celhos — E. Stammel, Roth — pag. 116 e 117.

Estatua de Nocage — J. Dantas, Leotte — pag. 133.

Faz-me a honra — Erdmann — pag. 65.
Flóres (As) da janella — Max Kaltenmoser, Roth — pag. 1.

Guardulora — Brend'amour — pag. 181.

Ilustre (O) doutor Mathrus — Emilio Bayard — pag. 9.
Irmãos (Os) — C. L. Vogel, W. French — pag. 168.

Landseer (Edwin) — W. B. Gardner — pag. 180.
Leiria — J. Dantas, Leotte — pag. 36.
Leitura (A) da Evangelho — T. Faed, Robert C. Bell — pag. 57.

Lição (A) — pag. 103.

Mãe (A) e o filho — . . . — pag. 161.
Mulher desfolhando um malmequer — Simões, Rico — pag. 13.

Não percebo! — E. Stammel, Brend'amour — pag. 129.
Não tem concerto — Rotta — pag. 81.
Nossa Senhora, S. João e o Menino — Raphael, W. French — pag. 185.

Offerta (A) — Hingolandi, W. French — pag. 152.
Orphão (O) — T. Faed, P. Lighfoot — pag. 73.

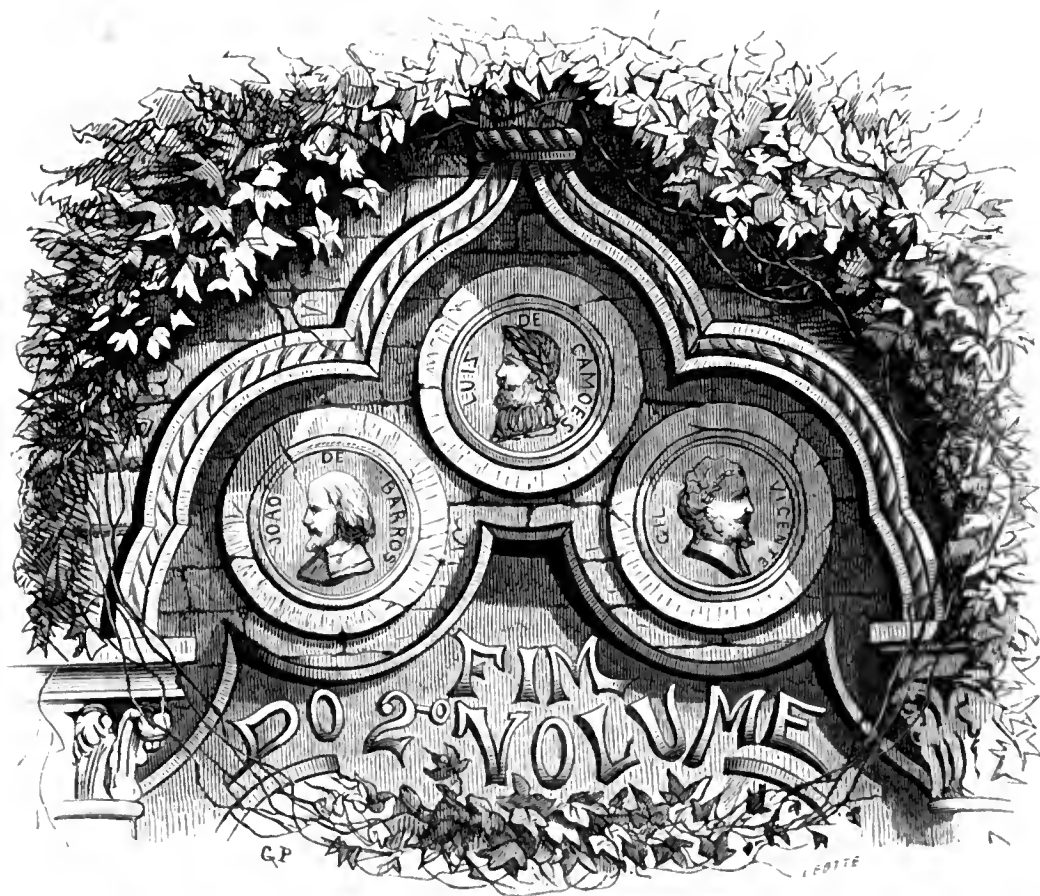
Paisagem (Uma) — Isala Newton, Leotte — pag. 28.
Pastora (A) — Meier, Roth — pag. 17.
Pensamento (No) — C. Mucke, Brend'amour — pag. 149.
Portal da igreja de Santa Maria de Belem — Severini — pag. 77.
Preciosidades artisticas — pag. 41, 43, 92, 93 e 94.
Prêgador (O) — Gustavo Sus, L. Heltland — pag. 113.
Princípio amor — Roth, Brend'amour — pag. 164 e 165.

Rabbi — G. Flnck, W. Flnck — pag. 136.
Ruínas do Carmo — Dantas, Leotte — pag. 21.
Ruínas do templo romano de Evora, parte do norte — R. Bordallo Pinheiro, Severini — pag. 157.
Ruínas do templo romano de Evora, parte do sul — J. Dantas, Leotte — pag. 189.

Santa (A) capella do palacio — pag. 111.
Santo Antonio de Padua — Murilla, A. H. Payoc — pag. 88.
Surpreza — C. D., Brend'amour — pag. 137.

Teniers e a familia — D. Teniers, W. French — pag. 21.
Tentação — Hermsun Kanibach, Sheu — pag. 177.
Torreões da casa pia — Severini — pag. 109.

Varnhagen — Severini — pag. 85.
Veados (O) — Landseer, Mottram — pag. 40.
Venda (A) do ninho — Ruff, Bauer — pag. 118.



Handwritten note:
 a e m
 41 up



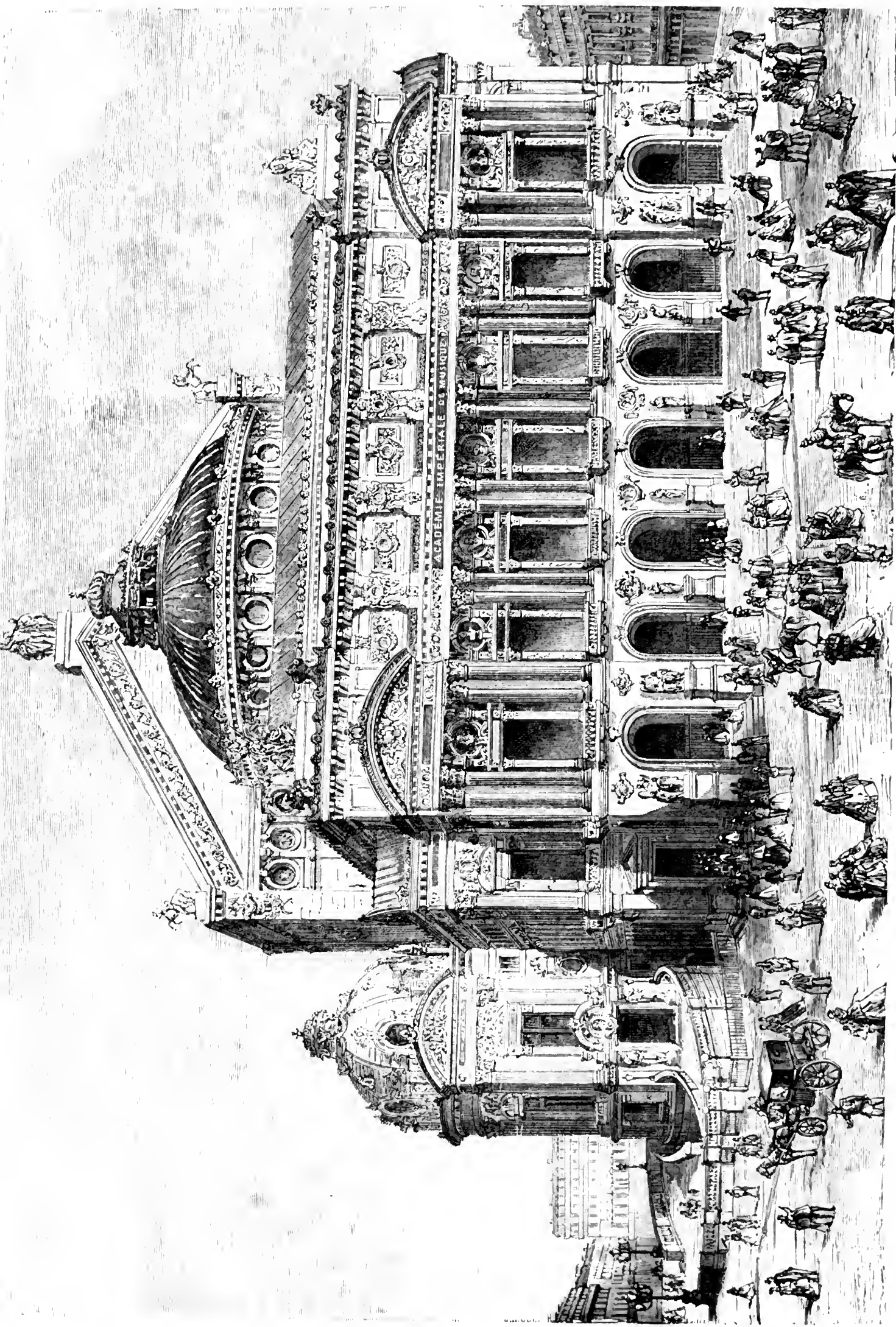




COLLABORADORES

Abilio A. da Fonseca Pinto—Alberto Pimentel—Alberto Telles—Alfredo Campos—Antonio Ennes—Antonio de Sousa e Vasconcellos—Antonio X. Rodrigues Cordeiro—Affis de Carvalho—Augusto (dr.) Filippe Simões—Augusto Soromenho—Brito Aranha—Bulhão Pato—Camillo Castello Branco—Campos e Oliveira—Christovam Ayres—Christovam de Sá—Claudio de Chaby—Coelho de Carvalho—Eduardo Augusto Vidal—Eduardo Coelho—Ernesto Marecos—Francisco Antonio Barata—Francisco Gomes de Amorim—Francisco M. Tubino—Frederico Laranjo—Gomes Leal—Gonçalves Crespo—Guilherme Franco—Guimarães Fonseca—Ignacio de Vilhena Barbosa—Innocencio Francisco da Silva—Jayme Batalha Reis—Joaquim de Araujo—José Maria de Andrade Ferreira—Julio Cesar Machado—Latino Coelho—Luciano Cordeiro—Lucio de Mendonça—Luiz Augusto Palmeirim—Luiz Guimarães Junior—Manuel M. Bordallo Pinheiro—Maria (D.) Amalia Vaz de Carvalho—Marquez de Sousa Holttein—Marx de Sori—Narcisa (D.) Amalia Oliveira Martins—Osorio de Vasconcellos—Pereira Caldas—Pinheiro Chagas—Ramalho Ortigão—Ramos Coelho—Raphael Bordallo Pinheiro—Ribeiro Guimarães—Simões Dias—Sousa Viterbo—Thomaz Ribeiro—Visconde de Benalcanfôr.

Rangel de Lima—Director



Typ. de Christovão A. Redondo

NOVO THEATRO DA OPERA EM PARIS

EDITORES ROLLAND & SEMIÖND; LISBOA

ARTES E LETRAS



NUMERO I—LISBOA—3.ª SERIE

NOVO THEATRO DA OPERA EM PARÍS



RADIO-SA se levanta a futura sala da Opera, que ficará sendo a duodecima, a partir da fundação do theatro, em 1671.

Antes de amudarmos pormenores, julgá-mos ser de inter esse apresentar algumas noticias referentes ás diversas salas em que, no lapso de

dois seculos, se têm dado as representações da academia de musica. Quanto á origem da opera fallaremos de relance, por isso que o nosso fim principal é dar a historia das salas, ainda que em esboço.

Tinha o cardeal Mazarino feito já executar na côrte varias operas incumbidas a artistas vindos de Italia, quando em 1659 Pedro Perrin, mestre-sala de Gastão, duque de Orleans, mandou cantar em Issy, na casa do M.^o de la Haye, a pastoral de Cambert, intitulada *Pomona*.

Nesta composição não havia coros, nem bailados, nem artificios; era unicamente a primeira obra dramatica onde a musica se allia ao idioma francez.

Do exito nasceram idéas de fundar um theatro consagrado a trabalhos d'este genero. Perrin associou-se então com o marquez de Sourdeac, homem de apurado gosto em artes mechanicas, e que tanto no seu castello de Neubourg, como em Paris, no palacio da rua Garancière, punha em scena diversas obras,—sendo de seu invento o mecanismo theatral.

A morte do cardeal Mazarino trouxe estorvo ao projecto, sendo só a 28 de junho de 1669 que Perrin obteve carta regia, pela qual lhe era concedido fazer representar e cantar em publico as operas com versos francezes.

Paris, a esse tempo, contava tres theatros: O do *Hotel de Bourgogne*, na rua Mauconseil, destinado ás representações da companhia real, o dos *Comédiens du Marais*, no cimo da antiga rua do Templo, e no Palais Royal a companhia de Molière (*troupe de Monsieur*), que funcionava n'essa sala mandada construir pelo cardeal Richelieu, com o fim de se representar a *Mirame*.

A *Salle des machines*, edificada nas Tulherias em 1660, era do uso privado da côrte.

Os theatros eram estes.

Os comediantes italianos e hespanhoes mostravam-se quer no Palais Royal, quer no *Hotel de Bourgogne*.

Urgia altear outra fabrica para o novo espectáculo. Perrin tinha a sua pastoral musicada por Cambert, desde 1659, o privilegio datava-lhe de 1669, o marquez de Sourdeac enriquecera-lhe o poema com transformações, visualidades, phantasmagorias, etc., etc.; não obstante, ainda alguma cousa faltava: o dinheiro. Entrou um novo associado na empreza. Chamava-se Lourenço de Bersac, senhor de Champeron, homem de haveres; passando-se a arrendar em 8 de outubro de 1670, por 2:400 libras, o recinto em que devia erguer-se o primeiro salão de espectáculo.

Este recinto, que servia para o jogo da pella, era propriedade de Maximiliano de Laffemas, e estava situado na rua dos Fossos de Nesle, depois chamada rua Mazarina, em frente da rua Guénégaud. A construcção foi dirigida por Guichard, intendente das obras do duque de Orleans, superintendendo em tudo o marquez de Sourdeac. A inauguração foi a 19 de março de 1671.

Na *Pomona*,—que foi a primeira obra representada,—havia mudanças de scena, transformações, garrafas que fugiam quando se lhes ia a pegar, trasgos que baixavam das nuvens, e alguns dos quaes raptavam os personagens. O successo foi rumoroso, e *Pomona* figurou por oito mezes consecutivos. Os lucros da empreza tornaram-se avultados; mas, apesar d'isso ou por causa d'isso, a siza-nia começou a lavrar entre os empregarios.

Lully, que desde muito compunha a musica dos bailados palacianos, não podia vêr com bons olhos os accrescentamentos de Cambert, e a boa fortuna dos associados. Tomando mão nas dissensões para negociar com Perrin, fez com que o primeiro privilegio se annullasse, terminando as representações em virtude de uma ordem do rei, de 30 de março de 1672. Esta opera, a primeira, durára pouco mais de um anno na sala da rua Mazarina.

O favor concedido a Lully destruiu o de Perrin, sem contudo implicar com o do Sourdeac e Champeron, que permaneciam locatarios. Para evitar discussões, Lully mandou edificar um novo theatro no sitio de Bel-Air, rua de Vaugirard, proximo ao Luxembourg, do qual foi architecto Vigarani. A 15 de novembro de 1672 fazia elle a sua estreia com as *Festas do Amor e de Baccho*.

A musica era uma rapsodia das composições de Lully. Os versos tinham saído da collaboração de Molière, Quinault e Benserade. É a partir de fevereiro de 1673, que começam pelo *Cadmo e Hermione* os fecundos trabalhos de Lully e Quinault.

Parece que o theatro do Bel-Air, eretto de afogadilho, dava seus rebates de queda. Pela morte de Molière, Lully pediu ao rei a sala do Palais Royal, — sendo-lhe concedida.

Devia ella a sua existencia a Lemercier, que a construiu em 1657, no angulo direito do palacio do cardeal, na rua Santo-Honorato. Em 1763 um violento incendio consumiu o theatro e grande parte do edificio.

A sala das Tulherias, devida ao architecto Levan, durante a minoridade de Luiz XIV, serviu para a representação da *Psyche* em 1671, e ao diante para n'ella se executarem bailados. Em 1738 Servandoni deu ao publico as suas pantomimas vistas. A sala ficou-se chamando *Sala das machinas*. Pelo incendio da Opera foi ali estabelecido um theatro provisorio, sendo os trabalhos encaminhados por Soufflot, espaçando-se as suas representações até inicios de 1770. Depois da Opera estabeleceu-se o Odeon. Foi nas Tulherias que se coroou o busto de Voltaire na decima representação da *Irene*, em 1778.

Os comediantes italianos succederam-se aos francezes; e a estes, em 1792, os membros da convenção nacional. Os derradeiros vestigios do monumento apagam-se com o incendio de maio de 1871.

A segunda sala do Palais-Royal, destinada especialmente para a Opera, e incumbida a Moreau, custou perto de 2.400.000 francos. Os desenhos, tanto do seu complexo como das ornamentações e machinismo, encontram-se gravados na *Encyclopedia*. Ali se deram as composições de Gluck, de Piccini, de Sacchini, até que onze annos depois da abertura, a 8 de junho de 1781, as chammas o devastaram, como ao seu predecessor.

N'esse tempo, a unica sala que podia offerecer guarida á Opera era a dos *Menus plaisirs du roi*, rua Bergère, no local onde depois se estabeleceu o salão dos concertos do conservatorio. Ali foi cantado *Le devin du village*, de J. J. Rousseau.

Em 27 de outubro de 1781 inaugurou-se no *boulevard Saint-Martin* um theatro provisorio construido por Lenoir em oitenta e seis dias. Abonava-lhe elle a duração em trinta annos, e a noventa chegou, — podendo ainda ser mais longa, se acaso a não tivesse acontado, como a tantos monumentos de Paris, o facho assolador da communa.

Em 1793 a cidadã Brunet Montansier mandou edificar na rua da Lei (depois rua Richelieu) um amplo theatro denominado *Theatro nacional*. Como este estivesse na frente da bibliotheca, a cidadã foi enclausurada, com o pretexto de que semelhante construcção em tal sitio envolvia o *designio despatriotico de queimar o repositorio dos conhecimentos humanos*.

N'uma d'essas salas morreu o duque de Berry, a 13 de fevereiro de 1820, assassinado por Louvel. Os ultimos sacramentos foram-lhe ministrados pelo arcebispo de Paris, sob condição que o edificio fosse demolido, o que se pôz em obra e foi levado a remate.

A opera accommodou-se então na sala Favart, onde permaneceu desde 19 de abril de 1820 até 11 de maio de 1821; passando em seguida para a Louvois, e depois para a da rua Lepeletier.

Um decreto de 9 de agosto de 1820 abriu concurso para o projecto de um theatro de opera, preservando a construcção immediata de uma sala provisoria no palacio Choiseul. Escolheu-se o jardim, olhando o edificio para a

rua Lepeletier, o que deu margem á causticidade dos periodicos da época. Ahí, pela primeira vez, se empregou o gaz na iluminação.

O decreto de 9 de agosto de 1820 permanecia, contudo, em esquecimento profundo. A 29 de setembro de 1860 declarou-se que um novo theatro de opera era de reconhecida utilidade publica. Em 29 de dezembro seguinte marcavam-se, n'estes termos, as condições do concurso:

O ministro d'estado

Visto o decreto de 29 de setembro de 1860, que declara de utilidade publica a edificação de um novo theatro destinado a opera, com todos os seus accessorios, no local situado entre o *boulevard* das Capuchas, a rua da *Chaussée-d'Antin*, a rua nova dos Mathurinos e a passagem Sandrié;

Considerando que o plano do novo theatro excita, com justo motivo, a attenção publica, o que é dever do governo convidar todos os architectos e rodear-se de todas as intelligencias;

Resolve:

Artigo 1.º Está aberto concurso publico para a organização de um plano de theatro destinado a opera, o qual tem de ser edificado em Paris.

O concurso effectuar-se-ha, não pelos projectos definitivos, mas simplesmente pelas indicações ou esboços que dêem a conhecer o pensamento de seus auctores, segundo a economia geral do edificio e o seu aspecto monumental.

O concurso terminará a 31 de janeiro de 1861.

Os documentos a apresentar consistirão n'um plano geral, n'um alçado geometrico da fachada principal, n'um corte longitudinal da sala, e no orçamento descriptivo e estimativo. Os artistas poderão addicionar a estes documentos os que julgarem tendentes ao esclarecimento de seus trabalhos.

As escalas dos desenhos deverão ser as seguintes:

Plano geral, 4 millimetros.

Plano das fachadas e dos cortes, 8 millimetros.

Haverá em cada projecto uma epigraphe correspondente a outra que deverá estar sob sello. A esta ultima juntar-se-ha o nome e o domicilio do concorrente, sendo o involucro aberto depois da votação do jury.

Art. 2.º O jury, presidido pelo ministro d'estado e composto de membros da academia das bellas artes (secção de architectura) e de membros do conselho geral de obras publicas, examinará os projectos, e classificar-los-ha conforme o merito.

O auctor do projecto que fôr considerado não só como o melhor do concurso senão como respondendo dignamente á expectativa do governo, sob o ponto de vista architectonico, será encarregado de organizar o projecto definitivo e de dirigir os trabalhos.

O auctor do projecto classificado em segundo logar terá jus a um premio de 6:000 francos. O auctor do projecto n.º 3 receberá 4:000 francos.

Se nenhum dos projectos fôr digno de execução, não haverá primeiro premio a conferir e o governo conservará plena liberdade de acção quanto ao projecto definitivo. Os dois melhores projectos terão, contudo, direito aos premios estabelecidos.

Os planos-esboços serão entregues ao ministro d'estado, na repartição de obras publicas.

Paris, 29 de dezembro de 1869. = (Assignado) A. *Walesky*.

O primeiro exame do jury deu em resultado a admissão de 43 projectos, entre os 171 que se apresentaram,

sendo em novas deliberações reduzido a 16 e por ultimo a 7. Os numeros dos projectos, suas divisas e os nomes dos candidatos vão em seguida:

N.º 6—*Denique sit quod vis simplex dantur et unum* (Ginain).

N.º 17—*L'art élève l'âme* (Garnaud).

N.º 29—*Forum adibus, non autem ades foro* (Duc).

N.º 31—*L'architecture est l'histoire vivante des nations* (Henard).

N.º 34—*Nourri dans le sérail, j'en connais les détours* (Botrel e Crépinet).

N.º 38—*Bramo assai, poco spero* (Garnier).

N.º 40—*Rudis, indigestaque moles* (Tetaz).

O voto definitivo não concedeu premio grande, mas adjudicou a Mr. Ginain o de 6:000 francos, a Botrel e Crépinet o de 4:000 francos, a Garnaud o de 2:000 francos, e por ultimo a Duc e Garnier, individualmente, o de 1:500 francos.

O jury deliberou que houvesse novo concurso entre os cinco candidatos preferidos, cuja recompensa seria a execução do edificio.

O projecto de Garnier foi proclamado por unanimidade.

O programma redigido por Felix Martin, secretario geral da Opera, constituiu um *in-folio* de 60 paginas.

A analyse d'este documento é a mais cabal apreciação, tanto da importancia da fabrica que se ia erigir, como da multiplicidade de exigencias a que o architecto havia de attender, e á grande somma de tantas outras e tão variadas dependencias.

A primeira parte do programma dizia respeito ás construcções destinadas ao publico.

(Continua.)

O VEADO PERSEGUIDO



OMO prosegue veloz na carreira o pobre veado rudemente perseguido por um dos cães da matilha, que lhe ficou atraz, pisando as ondulações das pastagens, por onde ambos vão cortando!

Que vida não respira em seus menores accidentes o quadro de Ansdell, de cuja tela se nos affigura que vão desaparecer os dois, tão rapidos correm!

Ao passo que o veado, voltando a cabeça para o lado de onde lhe salta o perigo, forceja menos por incutir medo, meneando a floresta de sua armadura, do que por espreitar a curta distancia que mal o separa do lebréo, este—com as orelhas hirtas, os dentes anavalhados e o pello erguido—redobra de ardor na perseguição implacavel.

Esforços de ligeireza, cômputa de energias, vigor de musculaturas, elasticidade de articulações, tudo concentrou admiravelmente o insigne pintor inglez n'este singelo episodio de caça, ou antes n'esta porfia teimosa de dois animaes, ajudada sómente das forças physicas, e dirigida pelo mero instincto.

Debaixo do pincel do artista, o que é apenas um lance trivial, assume o interesse palpitante de um drama, a cujos protogonistas, o veado e o cão, Ansdell soube transmittir a mobilidade extrema dos seres vivos.

E para que tudo quadre, esta scena venatoria, em que logo se adi vinha a Inglaterra, é allumiada por um céu

melancolico, baço, onde pairam duas gaivotas, percursoras do mau tempo, companheiro habitual dos prazeres e exercicios animados do *sport*.

Quantas vezes, na minha segunda visita a Londres, percorrendo de novo as salas de Burlington-house—o amplo edificio da academia real de que Ansdell é socio—, me convenci da influencia poderosa da vida rural, com suas lidas e diversões sobre os artistas inglezes contemporaneos!

Impera na pintura o mesmo culto apaixonado da natureza, o mesmo amor da vida rustica, que de ha muito seduzem e namoram os romancistas e poetas inglezes.

Ou nas descripções ideaes de Milton, ou nas obras de Dryden, quer em Shakspeare, quer em Thompson, para não citar outros, a musa britannica extasia-se sempre perante os encantos e as scenas da natureza agreste e da existencia campesina.

Se recuarmos para além do poeta sublime do «Paraiso Perdido» hão de deparar-se-nos em Spencer, o Ariosto inglez, imagens e quadros deliciosos do idyllio permanente da natureza.

Obedecendo a tendencia igual, os pintores mais afamados folgam de reproduzir na tela os innumerables accidentes da paizagem que os cerca, fonte perenne das suas inspirações.

Nas dez galerias, por onde divagámos, a cada passo vianmos os nomes distinctos da escola ingleza contemporanea, Cooper, Landseer, Horsley, Redgrave, Lewis, Webster firmando quadros cujos singelos titulos eram, *Uma aurora nas montanhas, Uma tarde serena, Um luar de inverno no parque, O fim do anno, etc.*

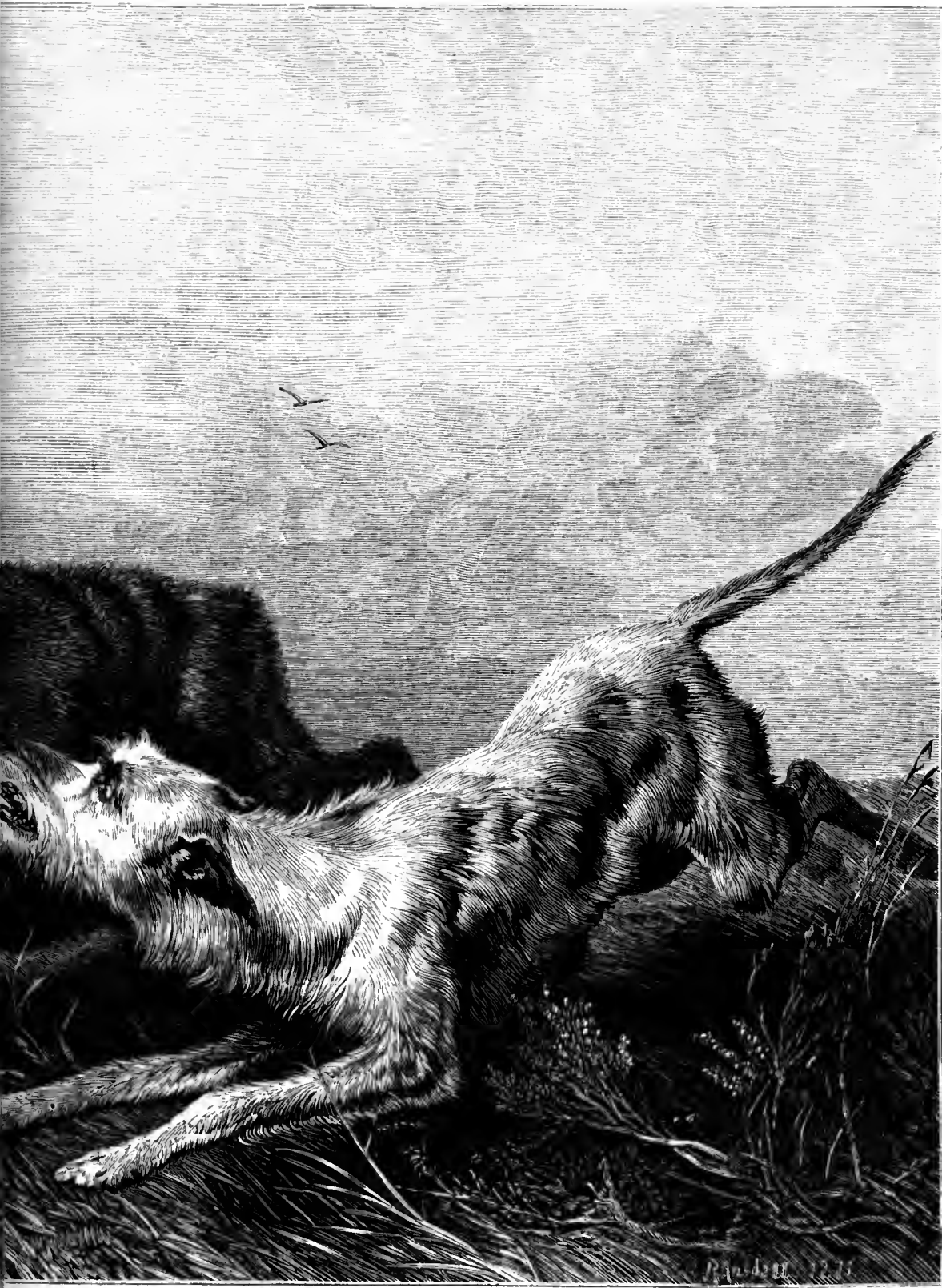
Desde a arvore que sussurra com o vento até a gota de orvalho a scintillar nas petalas de uma flôr; desde os pineiros escavados da serra, ora toucados de nevoas, ora mirando-se na agua espelhante dos lagos sobre que se debruçam, até ás hervinhas verdes dos prados prateadas pela neve matutina que o sol ainda não derreteu; arreboes festivos, crepusculos saudosos, furacões, tempestades, tudo abrange na sua escala infinita de gradações e de tonsa palheta dos pintores inglezes. E por que? Porque a natureza inteira com suas galas e seus crepes, ou pompeando as côres vivas do idyllio ou velando-se das tristezas da elegia, é, e ha de ser sempre, o enlevo predilecto, a paixão dominante da Inglaterra, e por isso, dos seus litteratos, dos seus poetas e pintores.

Enfiteos vivos dos campos e das tapadas de caça, os animaes são tambem attentamente estudados nas suas multiplex expressões, quer sejam destinados ás rudes tarefas da lavoura, quer os applicuem aos exercicios das corridas ou ás diversões venatorias.

A cada momento nos prendem a attenção, nos museus, quadros excellentes, cujos assumptos são, ora um rebanho de carneiros Dishleys ou South Downs, ora uma manada de vaccas de Alderney ou de Durham.

Os cães mais celebrados nas caçadas; os cavallos mais corredores e laureados no hippodromo de Epsom; a matilha inteira dos mais abastados solarengos; as raposas rudemente victimadas nas caçadas famosas de Melton-Mowbray; os gamos e veados; os gallos domesticos e de combate; muitos outros animaes, em que se desvelam as attencões e até a protecção philantropica dos inglezes, figuram em todas as galerias de pintura. Á imitação da escola dos lagos, pleiade de pintores que reproduzem as paizagens mais sylvestres, a dos animalistas compraz-se em estudar a plastica dos animaes, buscando surprehendel-os em toda a verdade das suas fórmulas e habitos, quer no remanso das estabulações, quer na li-





EGUIDO

berdade caprichosa e vagabunda que disfructam no meio das campinas e na espessura dos parques.

Voltando ao artista e ao seu quadro, é justo accrescentar, que Ansdell, se não pôde medir-se com o inspirado Landseer, é todavia um animalista de subido merito. É sempre acertada a disposição geral dos seus quadros; os grupos fundem-se harmoniosamente; a sua pintura tem extraordinaria correção e uma adoravel frescura de colorido, que nunca é arbitrario nem convencional; os typos de animaes, que pinta, resaltam da tela, tão intensa e verdadeira é a vida que os anima.

Enquanto ao assumpto do quadro, se não fosse, como dissemos, um episodio frequente das caçadas inglezas, assaltava-nos a velleidade de filiar a inspiração creadora do artista na reminiscencia d'aquelle sabido capitulo do «Vigario de Wakefield», em que o veado, perseguido pelos cães, vem cair na herdade de Primrose, a dois passos da mesa improvisada e alegre do vigario, — um molho de fêno coberto com uma toalha de linho onde loureja o *roast-beef* succulento, especie da vacca e riso do sobrio frei Bartholomeu dos Martyres.

No quadro de Ansdell ha todavia duas circumstancias que affastam a menor analogia com a scena tão adoravelmente pintada por Goldsmith. Não só o veado não parece disposto a cair, mas não se avista, como no famoso romance, nem sequer a sombra do fidalgo do solar proximo, imponente e magestoso sobre o seu cavallo, que relincha, funegante, com a victoria do seu cavalleiro.

V. DE BENALCANFÔR.



La Rabiatta

(A DAMNADA)

NOVELLA DE PAULO HEYSE

(Traduzida do allemão)



sol ainda não tinha nascido. Sobre o Vesuvio estendia-se uma espessa camada de nevoa pardacenta que descia até Napoles, occultando as povoações de toda a linha da costa. O mar estava sereno. N'uma praia situada na pequena enseada que dominavam as altas penedias de Sorrento, já os pescadores e as mulheres lidavam, puxando para terra com cabos grossos, os barcos e as redes com que de noite se havia pescado no mar alto. Outros preparavam os barcos, erguiam as vélas e tiravam silenciosamente os remos e as vergas das grutas naturaes cavadas na rocha e fechadas por grades, onde de noite guardavam os aparelhos. Ninguém descansava: os velhos que já não saíam ao mar juntavam-se aos que em grandes filas puxavam as redes; — aqui e ali, nos terraços, as mulheres fiavam, ou tratavam das creanças enquanto os filhos mais velhos ajudavam os maridos.

— Olha, Rachel, vés? É o nosso padre cura, dizia uma velha a uma creança de dez annos, que fiava ao pé d'ella

n'uma roca pequena: — vae no barco com o Antonino para Capri. Ih! Maria Santissima! o reverendo parece que ainda não acordou de todo. — E apontava-lhe para um homem baixo, de physionomia bondosa, que se havia sentado no barco depois de ter erguido cuidadosamente a sua batina preta e de a haver arranjado sobre o banco.

Os pescadores na praia tinham suspendido os seus trabalhos para verem partir o padre que os saudava amigavelmente.

— Porque vae elle a Capri, ó avó? perguntou a creança. A gente de além não tem padres, para vir pedir-nos os nossos?

— Cala-to lá tonta, disse a velha. Têm muitos padres, e muito bonitas igrejas; e até um ermitão como nós não temos. Mas vive lá uma senhora nobre que d'antes morava em Sorrento, tão doente, tão doente, que por mais de uma vez o padre teve de lhe levar o Santissimo Sacramento, por se julgar que não viveria nem mais uma noite. Mas a Santissima Virgem soccorreu-a e agora está fresca e de saude, e toma um banho de mar todos os dias. Quando ella foi d'aquí para Capri deu muitissimos ducados á igreja e aos pobres, e não quiz partir sem que o padre lhe promettesse ir vel-a para ella se lhe confessar. É muito amiga d'elle, e tambem é uma benção um padre assim! Recebe esmolas e presentes que nem um arcebispo, e a gente rica dá-se muito com elle. A Madonna o acompanhe! — e a velha voltou-se para o barco que ia largar.

— Teremos bom tempo, meu filho? perguntou o padre olhando na direcção de Napoles.

— Ainda não nasceu o sol, respondeu o rapaz; deixe-o vir e verá o que elle faz a essas nuvensitas.

— Vamos então depressa para chegarinos antes da calma.

Antonino pegava já n'un remo comprido para impeller o barco para o largo, quando de repente, olhando para o alto do carreiro abrupto que conduz de Sorrento á praia, parou.

Via-se ali uma rapariga esbelta, que descia a correr os degraus pedregosos do caminho e que acenava com um lenço. Trazia uma pequena trouxa debaixo do braço, e vestia com pobreza. Tinha porém um modo singular, bem que um pouco selvagem, de atirar com a cabeça para traz, e n'ella, as tranças negras que trazia enroladas, formavam-lhe como que um diadema.

— Porque esperâmos? perguntou o padre.

— Caminha para o barco alguém que talvez queira acompanhar-nos a Capri, com sua licença, sr. cura. Não iremos mais devagar por causa da carga — é um passageiro que não tem mais de dezoito annos.

N'este momento a rapariga saíu de traz do muro que fechava o atalho.

— Laurella! disse o padre. Que tem ella que fazer em Capri?

Antonino encolheu os hombros. A rapariga vinha depressa e olhando em frente.

— Bons dias, La Rabiatta, gritaram alguns rapazes de entre os marinheiros. E teriam de certo accrescentado mais alguma cousa, se a presença do cura os não detivesse; porque a expressão altiva e muda com que a rapariga acolheu estas palavras, pareceram irrital-os.

— Bons dias, Laurella — disse então o padre, como estás? Queres vir connosco a Capri?

— Se me dá licença, sr. cura.

— Pergunta-o a Antonino, que é o patrão do barco. Elle é senhor da sua casa, como Deus o é de todos nós.

— Aquí está meio earlin, disse Laurella sem olhar para o marinheiro, se posso ir por este preço.

—Tu precisas mais d'isso do que eu, resmungou o rapaz, arrumando uns cestos de laranja para lhe dar lugar. Costumava elle ir vendel-os a Capri, por essa ilha cheia de rochedos não dar laranjas bastantes para os seus numerosos visitantes.

—Não quero ir de graça— respondeu a rapariga, a quem os olhos negros scintillavam.

—Vem, vem, minha filha, disse o padre. É um bom rapaz, que não quer enriquecer-se com a tua pobreza. Vamos, sobe— e estendia-lhe a mão,—senta-te ao pé de mim. Vês tu? como elle pôz aqui a jaqueta para que estejas mais bem sentada? Não teve estes cuidados comigo, não. A gente moça é assim! Para ella uma rapariga ha de sempre valer mais que dez padres. Não tens de que te desculpar por isso: foi Deus que ordenou que cada um procurasse os seus iguaes.

Laurella havia embarcado durante este tempo, e sentára-se depois de, sem dizer palavra, ter arredado a jaqueta. O marinheiro deixou a ficar no chão, murmurou o que quer que fosse entre dentes, depois inclinou-se com força contra a margem e o barco fluctuou no golpho.

—Que levas n'essa trouxa? perguntou o padre enquanto se mettiam pelo mar afogucado pelos primeiros raios do sol.

—Seda, fio e um pão, sr. cura. Vou vender a seda a uma mulher de Capri que faz fitas, e o fio a outra.

—Foste tu que o fiaste?

—Fui eu, sr. cura.

—Mas, se bem me lembro, tu tambem aprendeste a fazer fitas.

—Tambem, mas minha mãe tem peiorado, eu não posso sair, e não podemos comprar uma machina.

—Tem peiorado... Coitada! Quando pela paschoa a fui vêr, estava ella ainda sentada na sua cadeira.

—O peor tempo para ella é sempre a primavera. Depois d'aquellas tempestades e do tremor de terra, as dôres obrigam-n'a a estar sempre deitada.

—Não deixes de resar, minha filha, para que a Santa Virgem interceda por ella. Sê sempre boa e trabalhadora, para que as tuas orações sejam escutadas.

Depois de uma pausa, o padre continuou:

—Quando tu chegaste á praia gritaram-te—bons dias, la Rabiata. Porque é que te chamam assim? Não é um bom nome de christã; todos devem ser affaveis e humildes.

A pelle morena da rapariga cobriu-se de vermelho e os olhos scintillaram-lhe.

—Escarnecem-me por eu não querer nem dansar, nem cantar, nem conversar com elles como as outras. Não sei por que me não hão de deixar; eu não lhes faço nada.

—Mas, podias ser mais meiga para com todos. Cantar e dansar é com effeito bom para quem leva vida mais folgada que tu. Mas dar uma boa palavra, convém ao que não é feliz.

Entretanto a rapariga olhava para os pés, e serrava as sobrancelhas como se quizesse cobrir os seus grandes olhos negros. Estiveram um momento calados. O sol brilhava então por cima das montanhas; o cume do Vesuvio saíu d'entre o nevoeiro que ainda lhe occultava a base, e as casas da campina de Sorrento destacavam-se brancas do fundo verde dos laranjaes.

—Nunca mais soubeste d'aquelle pintor napolitano que queria casar contigo, Laurella? perguntou o padre.

A rapariga abanou a cabeça.

—Elle queria tirar-te o retrato. Porque não quizeste tu?

—Para que? Ha tantas mais bonitas do que eu! E... depois... quem sabe o que elle queria fazer do meu re-

trato? Talvez deitar-me alguma sorte, fazer mal á minha alma, ou talvez mesmo matar-me, como diz minha mãe.

—Não creias n'isso, disse o padre com ar severo. Não estás tu sempre nas mãos de Deus? Sem a sua vontade nem um cabello só pôde cair da tua cabeça. Como é que um homem com um retrato ha de poder mais que Deus? Bem viste que te queria bem. Não te pediu elle em casamento?

A rapariga calou-se.

—Porque o rejeitaste? Era um bellissimo rapaz. Ter-vos-hia amparado, a ti e a tua mãe, melhor do que tu o podes fazer a fiar e a dobar seda.

—Somos pobres, respondeu ella com vivacidade. Minha mãe está doente ha tanto tempo! eramos uma pensão para elle. Eu não sou propria para um *signore*. Havia de envergonhar-se de mim se os seus amigos o visitassem.

—Ora ali está como tu fallas! E eu digo-te que é um bellissimo rapaz, que até queria estabelecer-se em Sorrento. Não achas tão cedo outro assim. Aquelle caía do céo de proposito para vos amparar.

—Não quero casar-me nunca! disse Laurella, com um ar resolute e quasi desvairado.

—Fizeste algum voto ou queres metter-te freira?

A rapariga abanou a cabeça.

—Essa gente tem rasão de se queixar da extravagancia das tuas maneiras, apesar de que aquelle nome não é bom, nem deve dar-se. Esqueces-te de que não estás só no mundo e que é a tua teima que peiora a vida e a doença de tua mãe? Que grandes motivos podes tu ter para recusar aquella mão, que se offereceu lealmente para vos sustentar? Dize lá, Laurella.

—Tenho um motivo muito grande, tenho, respondeu baixo e trémula, mas não posso dizel-o.

—Não podes dizel-o! Nem mesmo a mim? Nem mesmo ao teu confessor! Não dirás de certo que elle te não amava, não é verdade?

A rapariga fez um signal negativo.

—Vamos, desabafa, minha filha; e se tiveres rasão, sei eu o primeiro a approvar-te. Mas tu és muito nova, conheces pouco o mundo e pôde ser que um dia, mais tarde, te arrependas de haver rejeitado a tua felicidade.

Laurella lançou um olhar tímido sobre o barqueiro, que remava vigorosamente na prôa do barco, e que havia enterrado até os olhos o seu barrete de lã. Tinha elle a cara voltada para o mar o parecia esquecido nos seus proprios pensamentos. O padre viu este olhar e aproximou-se para escutar.

—Não conheceu meu pae? disse a rapariga; e os seus olhos tomaram uma expressão sombria.

—Teu pae? Ah! sim, morreu terias tu talvez dez annos. O que tem teu pae, que Deus haja, que vêr com a tua teima?

—Não o conheceu, sr. cura? Não sabe que é elle a causa da doença de minha mãe?

—Então de que maneira?

—Porque a maltratou,—batia-lhe e calcava-a aos pés.—Lembro-me muito bem: quando elle de noite entrava em casa muito zangado; minha mãe nunca lhe dizia nada, e fazia tudo quanto elle queria; mas elle batia-lhe de modo que me despedaçava o coração vêl-o. Mettia então a minha cabeça debaixo da roupa e fingia que estava a dormir, mas passava a noite a chorar. Só quando elle a via quasi desmaiada, no chão, é que mudava de repente; erguia-a então e abraçava-a tanto, tanto, que quasi a suffocava. Minha mãe prohibiu-me de contar isto. Coitadinha! e tanto soffreu assim de máus tratos, que desde que meu pae morreu nunca mais recuperou a saude.

De modo que se ella morrer, do que o céo me defenda, sei muito bem que meu pae é a causa da sua morte.

O padre meneou a cabeça e pareceu irresoluto: até que ponto deveria dar rasão á sua confessada?

Disse por fim:

—Perdôa-lhe tu, Laurella, como tua mãe lhe perdoou; e não penses mais n'esse triste espectáculo. Não de vir para ti tempos melhores que te farão esquecer tudo o mais.

—Nunca, nunca hei de esquecer isto, disse ella como sentindo um calefrio. Sabe, senhor cura, porque me eu quero conservar solteira? para não estar sujeita a alguém que mo ame, mas que mo maltrate. Se agora me quizessem bater, ou me quizessem beijar, eu bem saberia defender-me. Minha mãe é que o não sabia fazer: não podia repellir, nem as pancadas nem os beijos, porque o amava. Não quero amar nenhum homem a ponto de me tornar doente e miseravel!

—És uma creança, e fallas como uma creança que não sabe o que vae pelo mundo. Pensas que todos os homens são como teu pobre pae? e que todos se abandonam assim ás suas coleras e paixões? que todos maltratam as suas mulheres? Não conheces entre os teus visinhos tão boa gente, e tantas mulheres que vivem em paz com os seus maridos?

—Ninguém sabe como meu pae era para a minha mãe, porque ella antes morreria mil vezes do que queixar-se, fosse a quem fosse. Tudo isto ainda porque o amava! Ora se o amor nos fecha a bôca justamente quando devemos gritar por soccorro, se nos abandona sem defeza a males peiores que os que nos podia fazer o nosso peor inimigo, nunca hei de dar o meu coração a um homem.

—Repito-te que és uma creança e que não sabes o que dizes. Has de obedecer ao teu coração se tiveres de amar, quando chegar a occasião, e tudo quanto agora conservas na cabeça será inutil.

E, depois de um instante de silencio, acrescentou:

—Julgas então que aquelle rapaz pintor te viria a maltratar?

—Tinha nos olhos uma expressão como a dos de meu pae quando pedia perdão a minha mãe, e quando a queria abraçar para lhe dizer boas palavras. Conheço aquelle olhar. Todos os que têm alma de bater n'uma mulher que nunca lhes fez mal, sabem fazer aquelles olhos. Sintome arripiar como se os estivesse vendo.

Depois conservou-se obstinadamente calada.

O padre também ficára silencioso: pensava nas boas cousas que poderia dizer a Laurella; mas a presença do barqueiro a quem as ultimas palavras da confissão pareciam haver agitado, fê-lo calar.

Quando depois de duas horas de viagem chegaram ao pequeno porto de Capri, Antonino pegou no padre ao collo para o fazer passar as ultimas espraçadas da agua, e collocou-o respeitadamente em terra. Mas Laurella não quiz esperar que elle a levasse também: ergueu a saia, pegou nos tamancos com a mão direita, na trouxa com a esquerda, e metten-se á agua para chegar depressa á margem.

—Demoro-me provavelmente muito tempo em Capri, disse o cura ao barqueiro. Esecusas de esperar-me. Talvez só volte a casa amanhã. Adeus, Laurella, complimenta da minha parte tua mãe quando voltares. Hei de vos ir vêr antes do fim da semana. Voltas antes da noite, não é verdade?

—Se pudér, disse a rapariga, e pôz-se a arranjar o fato.

— Bem sabes que também tenho que voltar, disse Antonino com um tom de voz que elle julgou ser de bas-

taute indifferença. Espero-te até ás Ave-marias. Se não vieres, melhor.

—Deves voltar, Laurella, disse o padre, não deves deixar tua mãe só toda uma noite. Vaes longe?

—A uma vinha em Anacapri.

—Eu vou a Capri. Deus te guarde, minha filha, e a ti também rapaz.

Laurella beijou-lhe a mão, e murmurou um adeus indistincto, que poderia ao mesmo tempo dirigir-se ao padre e a Antonino.

Mas este não accitou nada para si; tirou o barrete para complimentar o cura e nem olhou para Laurella. Quando porém se afastaram, os olhos do pescador segniram durante um momento o padre, que caminhava com difficuldade por cima dos calhaos rollados da praia, mas logo depois voltou-os para a direita, por onde a rapariga subia com a mão sobre os olhos por causa do brilho do sol já alto.

Antes que o caninho que seguia desapparecesse de todo entre os muros, Laurella parou um momento como para tomar o folego, e olhou em volta de si. Em baixo, aos seus pés ficava a praia, e em volta as penedias a pique sobre o mar, que tinha então uma esplendida côr azul. Valia de certo a pena que se visse este quadro. O seu olhar dirigindo-se por acaso sobre o barco de Antonino, encontrou-o a olhal-a. Ambos se voltaram como quem se desculpa de uma acção involuntaria, e a rapariga continuou o seu caminho com uma expressão mais sombria ainda.

Era uma hora da tarde e já Antonino estava sentado havia duas, sobre um banco diante da taberna dos pescadores. Alguma cousa o preoccupava, porque de cinco em cinco minutos, levantava-se, punha-se ao sol e olhava com ar inquieto para os dois caninhos que, de um lado e de outro, levam ás duas povoações da ilha.

D'uma das vezes disse á dona da *osteria*, que o tempo lhe dava cuidado, apesar de estar sereno, porque o céo e o mar tinham uma côr que lhe era muito conhecida, por ser exactamente a mesma que se lhes vira antes da ultima tempestade em que tanto lhe custára a levar até terra aquella familia ingleza, de que ella devia lembrar-se.

—Não me lembro, disse a mulher.

—Pois pense em mim, se o tempo mudar antes da noite.

—Ha por lá já muita gente? perguntou a taberneira depois de um intervallo.

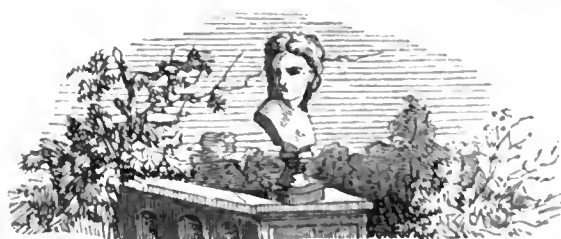
—Vem chegando agora. Até aqui tem havido mau tempo. Os que não de vir para banhos tardam este anno. A primavera também se demorou.

Ganharam por cá, em Capri, mais que nós? se eu tivesse só o meu barco, nem teria com que pudesse comer *i macaroni* duas vezes por semana. Levei de vez em quando uma carta a Napoles, trouxe por aqui alguém que queria pescar á linha, e mais nada.

Valeu-me meu tio, sabe? o dono d'aquelles laranjaes grandes. Elle tem de sen, tem. Tonico, diz-me elle sempre, enquanto eu viver não has de ter necessidades; e em eu morrendo, pensarei em ti. Aqui tem como eu passei o inverno, com a ajuda de Deus.

(Continua.)

J. BATALHA REIS.





A ADORAÇÃO DOS PASTORES.

1850. - Belland e C. - 111

A ADORAÇÃO DOS PASTORES



ASSAVA-SE ha dezenove seculos nos escurentados ambitos de um presepio, essa admiravel scena que inspirou o pincel de Poussin — o *philosopho da pintura*.

Pelas cercanias de Bethlehem velavam sobre seus rebanhos uns pobres pastores. Ia a noite em meio, e os pastores foram sorprendidos por umas harmonias tão suaves como nunca homens ouviram e por uns clarões tão vividos como nunca o sol fez brilhar a olhos humanos.

Era a gloria do Senhor que refulgia nos espaços: era um côro de anjos que cantavam em harpas divinaes um hymno eccleste.

A letra dizia assim:

Gloria a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade!

A musica... era de anjos, não a pôdem reproduzir os homens!

Qual o motivo de tão extraordinario facto?

—A Bethlehem dizem os anjos aos pastores. E os pastores tomaram os seus cajados e partiram.

Vamos com elles.

Abre-se ali uma gruta nas asperezas de uma rocha: entremos.

Que surpreendente grupo?

Uma mulher, um esposo e uma creança recém-nascida!

A innocencia nas suas tres mais sympathicas manifestações: a innocencia da virgindade, da castidade e da infancia!

Tres flôres igualmente bellas, colhidas no jardim das virtudes: uma açucena, um lyrio e uma rosa!

Tres mysterios de amor igualmente sublimes: um varão castissimo que se fez pae putativo, uma mulher virgem que se fez mãe, e um Deus Omnipotente que se fez homem!

Sobre uns feixes de feno se assenta a mulher. É bella como a virgem da alvorada que se levanta graciosa, eoroadada de perolas a espargir flôres por sobre as cristas das montanhas e os plainos dos convalles em manhã de primavera.

É formosa como o astro de prata que meigamente sorri poesia no silencio das noites.

Sua fronte é espaçosa e elevada como o Carmello da tribu d'Issachar sobre que pousam as nuvens.

Seus olhos são ternos como os da pomba que só exprimem innocencia e candura.

Seus labios são purpurinos como a petala da rosa que viça nos canteiros.

Seu collo é altaneiro como a torre de David da qual pendem mil escudos.

Cobrem-lhe seus cabellos, negros como as comas da noite quando no céu não se accendem as lampadas que a illuminam, uns pedaços de um véo, alvo como a pureza de sua alma; uns pedaços... porque aquella mãe rasgou o seu véo em mantilhas para enfaixar o filho que sustenta no regaço!

Pobres mantilhas são aquellas para acalentar o recém-nascido!

Pouco importa: perto, muito perto d'aquella creança atea-se uma chamma que escalda: é a chamma de amor que estúa no coração da mãe.

E a mãe, feliz por ter ali a urna de seus affectos, depõe ferventes beijos na assetinada face de seu tenro filhinho.

E em cada ponto onde imprime um osculo desabrocha uma rosa: é a rosa do amor: mas as rosas de amor erigam-se de tantos espinhos!...

A gruta de Bethlehem está tão perto do Golgotha!... Junto da Virgem levanta-se um homem.

Tendes visto o roble que no mais alto da serra se ostenta vigoroso, e desdobra as suas comas por sobre delicada flôr que lhe viceja ao pé, e a protege assim do rigor das estações?

Pois aquelle homem é o roble; aquella virgem é a flôr. E a creança?

Aquella creança é a expectação das gentes; é o vaticinado de todos os videntes; o desejado das nações; o filho da Virgem de Nazareth; o enviado de Deus e o seu Unigenito; e, finalmente, a aurora de um grande dia que surge meiga depois de uma grande noite.

Os vagidos que ella geme nas estreitezas d'aquella gruta, hão de tornar-se um dia verbo potente que ha de ceoar pelo mundo além e pelos seculos a dentro.

E ao ouvil-o, o paganismo decrepito e tremulo já de velhice, ha de oscillar e cair de seu pedestal levantado sobre a sepultura de tantas gerações.

E a velha philosophia ha de córar de pejo ante a singela sublimidade da palavra d'aquella creança feita homem, porque ella ha de abater a soberba que se levanta e levantar a humildade que se abate, e estabelecer assim a igualdade no mundo.

Aquella creança ha de um dia lembrar á humanidade a sua origem commum; ha de chamar o senhor e o escravo, e dizer-lhes:—Sois todos filhos de Deus; todos sois irmãos, sois todos livres, abraçae-vos n'um amplexo de amor!

Ha de um dia derramar o sangue das suas veias e infiltral-o nas arterias da humanidade e com ello a luz, a vida, o progresso! E bem carecia d'isto o mundo de ha dezenove seculos.

O mundo era, por assim dizer, esse colosso gigante, chamado Roma, que, estendendo seu corpo ingente de um polo ao outro polo, abarcava o globo pelo equador.

E as entranhas de Roma eram corroidas pelo veneno da degradação moral.

A soberba sentava-se orgulhosa em seu throno marchetado de marfim e engastado de pedraria.

A avareza, ao passo que com a esquerda abarcava montões de ouro, estendia a dextra rapace a defraudar o proximo.

A luxuria reclinava-se indolente em coxins fôfos de estofos flacidos.

A ira, com os olhos coruscantes do fogo, e os labios roxeados de laivos de sangue, esmagava aos pés a malfadada paciencia.

A gula engolfava-se sofrega em opiparos banquetes de mil ignuarias.

A inveja cravava seus olhos avidos na abundancia que a Providencia derramava no regaço do proximo.

A preguiça ora se reclinava maltrapida nos recantos do forum, ora arrastava roçagantes sedas com que cobria as suas irmãs.

E assim bem se pudéra dizer que as sete collinas, sobre que se espraiava a capital do mundo, eram as sete filhas de Satan!

Pois a creança d'aquelle grupo, feita homem, ha de

metter uma alavanca á raiz d'aquellas collinas e removê-las do mundo. A alavanca... ha de ser a cruz.

Tudo isto fez aquelle moço de Nazareth que se chamou Jesus.

E é Jesus o infante recém-nascido que védes no regaço d'essa Virgem.

Rasão têm os pastores de ajoelhar reverentes ali aos pés d'aquelle infante.

Foram os primeiros chamados porque eram os ultimos. Tinham as suas almas candidas como os vellos dos rebanhos que apascentavam.

Depois dos pastores é que hão de vir os reis, porque estes vêm de mais longe.

Do berço da humildade dista muito mais o throno do monarcha do que a cabana do pastor.

Acurva-se a velhice aos pés da infancia: o velho mundo ha de cair prostrado em face do mundo novo.

Os mais puros de coração hão de ser os primeiros a comprehender a doutrina sublime de Jesus.

Assim o quer dizer—*A adoração dos pastores.*

M. F.



THEATROS



EMPRE-ME tratar, n'esta secção, dos espectaculos dados ultimamente nos theatros de Lisboa. Fallarei d'elles seguindo aproximadamente a ordem chronologica em que subiram á scena, e abstendo-me de mencionar as peças traduzidas, salvo quando ellas forem de não vulgar importancia litteraria. Por este motivo, não será para estranhar que eu guarde silencio sobre a antiga comedia de Scribe—*La camaraderie*, posta em bom portuguez pelo sr. Ricardo Cordeiro com o titulo de—*Elogio mutuo*, e primorosamente desempenhada pela companhia dramatica do theatro de D. Maria II; que me abstenha de analysar—*O paralytico*, drama muito bem tradu-

dido pelo sr. Ferreira de Mesquita, e que foi para o actor Antonio Pedro um dos maiores triumphos—se não o maior dos ultimos tempos—que se tem visto no theatro portuguez; que me esqueça finalmente de fallar de outras composições de secundario merecimento, extrahidas dos repertorios estrangeiros, as quaes se obtiveram os applausos do publico, não foi porque se tornassem notaveis pelo enredo ou pelo primor do dialogo, nem tão pouco pelo optimo desempenho dos artistas que as interpretaram, mas sim porque a natural benevolencia dos espectadores os torna mais propensos a approvarem do que a reprovarem os espectaculos a que assistem.

Logar ás peças originaes.

No theatro do Gymnasio subiu pela primeira vez á scena, em beneficio da talentosa actriz Maria das Dores, a comedia em tres actos—*A orphã de Aldoar*, original do sr. Sousa e Vasconcellos.

Sabe-se pelos cartazes dos espectaculos estrangeiros, que certos artistas não se estreciam uma só vez nos circos ou nos theatros—estreciam-se muitas. Assim, não é raro vêr um dia annuciado o primeiro *debut* do sr. Fulano, no outro dia o segundo *debut* do mesmo sr., depois o terceiro, o quarto, etc. Quem pretendesse, pois, applicar este uso aos auctores dramaticos, diria com relação ao sr. Sousa e Vasconcellos, que a *Orphã de Aldoar* foi o segundo *debut* d'este escriptor no theatro.

A *Orphã de Aldoar* não é de certo um trabalho de mestre, isento de defeitos e modelo primoroso para se estudar e imitar; representa, porém, estudo e adiantamento no auctor, propensão para a litteratura dramatica e largos conhecimentos da boa linguagem portugueza.

Basta ao sr. Vasconcellos ser auctor novel para não se poder nem dever exigir nas suas obras um conjunto de perfeições, que a maior parte das vezes não se encontra nos mais festejados dramas e comedias dos principaes auctores nacionaes ou estrangeiros.

Todos clamam contra a falta de peças originaes no theatro portuguez, inçado ha muito de traducções nocivas ao bom gosto e á

moral; quando por conseguinte apparece uma composição original, quando se vê o fructo do trabalho de alguns mezes, para o qual o escriptor contribuiu com idéa, forma, episodios e dialogo, é dever impreterivel acatar esse trabalho, ser indulgente para com elle, e, sem deixar de lhe apontar as imperfeições, encarecer-lhe as bellezas, a fim de que o auctor se anime a produzir novas e melhores obras.

É por tudo isto que eu sinceramente applaudo o novo trabalho dramatico do sr. Sousa e Vasconcellos, no qual faltam, sem duvida, os accessorios brillhantes que adornam as composições francezas—accessorios por vezes tão brillhantes que não deixam vêr n'algumas a falsidade da idéa, nem a inverosimilhança da acção—mas onde abundam muitas qualidades boas, como são o desenvolvimento logico do enredo, o desenho de alguns caracteres e principalmente a correção do dialogo, que, se pecca, de vez em quando, é pelo sabor classico de algumas phrases e palavras, sabor que não se encontra hoje na conversação commum. Não me parece, porém, que este delicto seja dos que mereçam maior pena dos juizes mais amigos das cousas portuguezas.

Prosiga, pois, o sr. Sousa e Vasconcellos na difficil e espinhosa carreira que abraçou, procure alegrar as suas composições, revista-as de peripecias mais theatraes, estude os caracteres do natural e verá que o trabalho e a perseverança hão de facilmente conduzir-o ao logar de honra que o seu talento merece.

Se o auctor pateado contraher com o publico impreterivel obrigação de lhe apresentar novos e melhores trabalhos, ao auctor applaudido maior e mais indeclinavel obrigação cabe n'este ponto. Ora o publico tem applaudido sempre as composições do sr. Sousa e Vasconcellos, chamando-o ao proscenio e incitando-o a produzir outras obras; e, portanto, ao sr. Vasconcellos corresponde dignamente a este convite, a este incitamento, dotando o theatro portuguez com outras composições que revelem estudo e progresso incontestaveis.

Confio nos seus brios de auctor.

Com—*A orphã de Aldoar* subiu á scena a comedia original em um acto—*Ao calçar das luvas*, da qual me não é permitido fallar por ser auctor d'ella. O mesmo succede com relação á peça original em um acto—*Coimbra e tarimba*, representada tambem no theatro do Gymnasio.

Na Trindade representou-se nma comedia em um acto, original do sr. Christovam de Sá (pseudonymo conhecido do sr. Cunha Belem), intitulada—*Marido, mulher... e primo*.

É uma composição ligeira e engraçada; não discute principios, nem tenta converter os prevertidos ou tornar melhores os que não são de todo máus. Faz rir, sem offender a moral, que tanto se pôde exigir de uma breve composição em um acto.

Esta pecca e a que posteriormente se deu, do mesmo auctor, tambem na Trindade, intitulada—*A operação da catarata*, outrosim impõem ao sr. Cunha Belem o dever de compôr novas obras originaes de maior alcance. Se quem possui talento para produzir trabalhos seus se limitar apenas a traduzir os alheios, o theatro portuguez não sairá nunca da atonia em que actualmente se acha, e da qual é mister salvar-o.

Nos theatros da Rua dos Condes e do Principe Real, colheram applausos e deram boas receitas ás emprezas, duas revistas do anno. A do primeiro—*Cosias e toias*, foi escripta pelos srs. Sousa Bastos e Baptista Machado; a do segundo—*O diabo a quatro*, era do sr. Joaquim Augusto de Oliveira. Ambas registavam com bastante graça os factos succedidos durante o anno, sendo a primeira mais rigorosa e severa na critica de alguns.

O Gymnasio, que tem sido o theatro mais propenso a levar á scena peças originaes, annunciou para o beneficio do intelligente e naturalissimo actor Pinto de Campos a comedia em tres actos, original do sr. Baptista Machado—*Longe da vista...*

Se a comedia do moço escriptor, muito festejado pelas platéas dos theatros de segunda ordem, não prima pelas bellezas de linguagem, nem pela verosimilhança das situações, nem tão pouco pela idéa, que se não baseia sobre qualquer thema social, recommenda-se todavia pela habilidade com que o auctor grupou em todos os actos alguns effeitos theatraes, conseguindo assim que a sua obra fosse ouvida com attenção, contentamento e applauso.

Aos effeitos dramaticos e bons finaes de actos accrescem na comedia *Longe da vista...* outras mais apreciaveis qualidades, e vem a ser o desenho correcto do typo de um contraneste de bordo e os esboços feitos por mão amestrada, de uma creada antiga—d'estas que tem em casa mais propenderancia do que as amas—e de um creado gaiatão com quem ella anda sempre ás bulhas.

Pelo que fica dito, vê-se que a comedia do sr. Baptista Machado não sendo das mais perfeitas composições que sobem á scena nos theatros de primeira ordem, revela comtudo a disposição do seu auctor para architectar enredos de que possam resultar lances dramaticos de effeito seguro, e bem assim para traçar alguns typos, sobretudo populares, com bastante facilidade e correção.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

A PRIMEIRA SAUDADE

(De Lamartine)

Nas praias de Sorrento onde a agua vem gemente
es troncos oscular dos laranjeas floridos,
á beira do caminho, entre berva recedente
s'esconde lousa curta, estreita, indifferente
do caminheiro aos passos distrahidos.

Ahí, denso goival occulta nome pobre,
um nome que jámais os ceos repetiram!
Sómente alguma vez os que, passando, o viram,
lendo a idade afastando a relva que o recobre,
exclamam ao sentir as lagrimas correr:
«dezeseis annos só!... Foi bem cedo morrer!»

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
Voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

«Dezeseis annos só!» Jámais tão doce idade
pudera vicejar em fronte mais radiante!
Nunca essa riba viu mais fresca mocidade,
nunca se reflectiu em vista mais amante!
N'alma a contemplo eu só tão viva como quando
de seu olhar a luz no meu olhar fitando,
e unido o casto arrullo á voz das aguas mansas,
desprendidas ao vento as bastas, negras tranças,
vinha a sombra da véla, ou nuvem que passasse
como visão do céu acariciar-lhe a face;
e ao ouvir a canção do pescador distante,
e aspirando o frescor da brisa inebriante,
mostrava-me do céu no azul em que fluctua,
como nocturna flôr, o frio alvor da lua.
E dizia-me, vendo as vagas que uma a uma
se desfazem na areia em prateada espuma:
«Porque fulgura tudo, e em mim o brilho é tanto?
Nunca os astros do céu tiveram tal encanto!
Nunca as areias d'ouro onde estas aguas gemem,
nem os montes d'além que no horizonte tremem,
nem do bosque o rumor cingido em torno as plagas,
nem da costa os clarões, o canto sobre as vagas,
me commoveram tanto! O amor nunca assim veio
n'uma volupia vaga erguer-me tanto o seio!
Porque não senti sempre os gosos d'esta tarde?
É luz que tenho n'alma? É sol que dentro me arde?
Tu, filho da manhã, diz-me, são tão bellas
no teu paiz, sem mim, as noites, as estrellas?»
Depois olhando a mãe sentada ao pé, sorria,
e em seu collo encostada em paz adormecia.

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Que pureza no olhar, nos labios que candura!
Que de luz inundava em jorros aquell'alma!
No lago de Nemi a lympha é menos pura,
mais carregado o azul, mais agitada a calma!
N'alma ingenua nenhum occulto pensamento,
sob os cilios jámais, nem mesmo um só momento,
tão cheio de innocencia o olhar era velado;
o rosto sem ter sombra ou ruga de cuidado;
tudo era alegre ahí; e o rir da mocidade
que mais tarde emmurchece e expira com a idade,
dos labios lhe pairava á flôr, inquieto, vago,
qual iris que se arqueia e espelha sobre o lago.
Nem sombra de soffrer n'aquella face franca,
nem uma nuvem só velava a luz tão branca!
O passo descuidoso, incerto, leve, iguala
a vaga que se agita, e á luz do dia embala.
Corria por correr; e sua voz de prata,
ceco limpido e puro em que a alma se retrata,
e nuncia d'ess'alma onde só canto havia,
até ás auras dava oceanos d'harmonia!

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Sua impressão primeira a minha imagem fôra,
como é primeira a vér-se a roxa luz d'aurora;
não quiz mais nada vér mal começou a amar,
mundo, esperanza, vida, em mim foi concentrar;
sua existencia era eu, sua alma, e ser, e tudo,
o mais estava triste e sem encantos, mudo.
No quadro cambiante onde brilha a miragem
do mundo d'illusões, estava a minha imagem.
Não lhe lembrava o tempo, era a distancia nada,
inteira no presente a vida concentrada,
do passado viver não tinha uma lembrança;
de bello dia a noite: eis toda a sua esperanza!
Entregava-se toda á doce natureza
que inteira nos sorria, ao conforto da resa
que depunha no altar com flôres, seus encantos,
contente o coração, sem suspirar, nem prantos.
Por sua mão me guiava até levar-me ao templo,
e eu, pobre creancinha, eu seguia-lhe o exemplo,
e baixinho dizia: «assim bem junto, aqui,
resa, que até nem mesmo entendo o céo sem ti!»

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Vêde o jorro que entorna a limpida cascata
como n'um lago azul sereno se desata,
o vento não o agita, e o sol que passa ardente
e pudera seccal-o, o deixa estar dormente.
Um cygne que nos lembra a neve em branco rollo
á flôr d'agua deslisa e envolve n'agua o collo,
conserva-lhe a pureza, e sem onsar turval-a
dos astros ao clarão descuidoso s'embala.
Mas se desfere o vóo e busca outra paragem
delida a limpidez pela humida plumagem,
o céo se apaga então, as ondas escurecem,
e bastas pennas n'agua em focos apparecem;
bem como se o falcão que de ralé se nutre
lhe dera morte ali, ou o lacerára o abutre;
e os encantos do lago ha pouco todo azul
são ondas negras já, quaes se as cavára o sul.

Assim, quando parti a pobre alma tremia:
foi-se extinguindo o raio, e a chamma que morria
subiu até o céo para não mais voltar.
Um segundo porvir não quiz inda esperar;
não deixou pela esperanza a duvida,—o tormento,
tão pouco disputou a vida ao soffrimento,
sorveu d'un trago só da dôr a taça inteira,
e o coração matou na lagrima primeira!
É qual ave do céo, menos pura no entanto,
que á noite por dormir se faz das azas manto,
a triste s'envolveu no desesperar do bem,
e antes da noite vir se foi dormir tambem!

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Quinze annos dormiu ella em seu leito d'argila,
ninguem veio chorar na leiva em que se asyia,
e o olvido apressado—outra mortalha—um dia
veio a senda apagar que a estas praias trazia.
Já ninguém mais visita o gasto monumento,
nem seisma ou resa ali... salvo meu pensamento,
quando retrocedendo ao tempo decorrido
pergunto ao coração por quanto é já volvido,
e pondo lito o olhar em mil imagens bellas
pranteio do meu céo as extinctas estrellas!
A mais pura foi ella, e seu doce clarão
de carinhosa luz me alumbrava o coração.

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Singelo arbusto agreste, e verde, e mudo, e triste;
o monumento é só que em seu sepulchro existe;
qual saudade que n'alma enraizada teinha,
exposto á ventania e ao sol que eterno o queima
na rocha erguido está, mas nem sequer a cobre,
e o branco pó da estrada as folhas lhe recobre;

alastra pela terra onde os ramos pendentes
se vão por fim morrer de cabra vil nos dentes.
Na primavera, flôr que, qual floco de neve,
um dia ou dois sorri, deixa ao vento que a leve
e que a desfolhe ainda antes d'aroma dar,
como a vida se vac sem noss'alma encantar.
Uma ave de ternura e de melancolia
modula a flebil voz na basta ramaria!
Oh! dize, flôr que a vida assim deixou sem côr,
não deve um mundo haver onde renasça a flôr?

Voltae, oh! sim, voltae aos passados momentos!
Vossa triste lembrança ajuda o suspirar!
Ide-vos com minh'alma! Oh, ide, pensamentos!
Transborda o coração, quero chorar!

a. m.

CINTRA

REAL PAÇO DA PENA

I



CINTRA, encantadora Cintra! Com justa rasão te appellidou *eden glorioso* o immortal cantor de Childe-Harold. Cobrindo-te a serra de matisados tapetes de perenne verdura; vestindo-te os penedos gigantescos de musgos variegados e sempre viçosos; assombrando-te os prados e as encostas de arvoredos frondosos, que verdejam em todas as estações do anno; fazendo susurrar os ribeiros pelas quebradas da serra, rebentar as fontes d'entre as fendas das rochas, e deslisarem-se os arrosios, com dôce murmúrio, pelo meio da relva; coroando-te de nuvens diaphanas e vaporosas, que entornam constantemente fecundos orvalhos sobre os teus verdes; multiplicando em tuas florestas os cantores plumosos, que bomdizem o creador, e alegam a terra com os seus hymnos matinaes de melodiosos gorgeios; em fim, embalsamando-te os ares dos suaves aromas de eternal primavera; a natureza fez de ti, ó Cintra, o paraíso da Europa.

Tornaram-te os homens paraíso glorioso, erguendo em teu seio padrões de altos feitos. O teu castello construido pelos arabes, tomado aos infieis por D. Affonso Henriques, arrancado das mãos dos que tinham voz por Castella pelo nobre esforço do mestre d'Aviz, recorda duas épocas gloriosissimas da historia de Portugal: a da fundação da monarchia e a da heroica defesa da sua independencia contra as pretensões de Castella.

O teu antigo mosteiro de Nossa Senhora da Pena, edificado em elevadissimo throno de rochas, commemora as glorias do reinado do fundador, as felicidades d'el-rei D. Manuel o *afortunado*: recorda o descobrimento da India e do Brasil, e toda essa pleiada de heroes, que illustraram e engrandeceram o nome portuguez, e toda essa serie de victorias, que pozeram aos pés do rei de Portugal tantas e tão poderosas corôas da Africa e da Asia, e que sujeitaram ao seu sceptro vastas regiões na America e o vastissimo imperio dos mares!

Mas se estas são as recordações mais gloriosas, que resaltam desses teus quadros naturacs, resplandentes de luz e formosura; sobre as penhas phantasticas, que co-

roam os teus altissimos pincairos, ou por entre as fragas musgosas, penduradas do dorso da serra, ou nos valles, sob a ramagem umbrosa dos carvalhos seculares, enlanguan-se com as penhas, com as fragas, e com as arvores annosas muitas outras memorias do passado, lendas piedosas, tradições patrioticas, e tambem tristes lembranças de grandes infortunios.

É até, em homenagem á tua gentileza, os antigos padrões da nossa historia, pela maior parte desprezados, injuriados e caído em ruinas por todo o reino, rejuvenescem em teu seio, restaurados e alindados. Assim foram remogados e transformados em deliciosas estancias o velho castello dos moiros e o antigo mosteiro de Nossa Senhora da Pena.

II

Começado em 1503, e erguido uns 570 metros acima do nivel do Oceano, o mosteiro manuelino campeou durante tres seculos sobre os ridentes valles da serra de Cintra, habitado pelos filhos de S. Jeronymo.

Quando as tempestades politicas, fulminando a instituição, que o povoára, o deixaram deserto em 1834, principiarão a exercer no monumento a sua acção destruidora a mão implacavel do tempo e a barbaridade não menos vandallica dos homens.

Foi n'esse momento solemne de perigo imminente para a existencia do monumento, a tantos respeitos venerando, que um principe illustrado, verdadeiro amigo e protector das artes, estendeu sobre elle a sua benefica e efficaz protecção.

Em 1838 comprou el-rei o sr. D. Fernando ao estado o edificio e cêrea do extincto mosteiro; e pouco depois tiveram principio as obras para a sua restauração e acrescentamento. O antigo cenobio, despovoado, perdeu a poesia das erenças religiosas, que inspirava ao viajante pensamentos tão do cêo; mas o augusto restaurador, trocando-lhe as divisas monasticas pelos emblemas da realcaza, salvou da ultima ruina o monumento nacional, livrando assim de uma grande vergonha o nosso nome de povo civilizado, conservou-o para lustre das artes, e tambem para honra da religião, porque o sanctuario fundado por el-rei D. Manuel, enriquecido pela piedade de el-rei D. João III, e tão procurado pelos devotos em festivas romarias, lá está ornamentado, reverenciado e servido com esplendor.

Em 1844 começaram a construir-se, a par da obra antiga, o novo e sumptuoso palacio ha pouco tempo concluido. N'este esplendido edificio, tão graciosa e profusamente ornamentado, admiram-se os mais bellos e primorosos especimens da architectura gothica, da do renascimento, e do estylo arabe.

O architecto¹, para o tornar mais formoso e original, foi inspirar-se nas phantasiosas invenções, que crearam os conventos da Batalha, de Thomar e de Belem, e a Alhambra de Granada; ou, para fallarmos mais exactamente, foi o augusto fundador que designou, com o admiravel bom gosto do que é dotado, as partes que deviam ser copiadas d'aquelles monumentos artisticos para adorno do seu novo paço. Ao architecto coube a tarefa ardua, mas honrosa, de delinear por tal modo a traça do edificio, que essas decorações escolhidas, typos de differentes estylos architectonicos, se combinassem para constituir um todo, cheio de graça e formosura.

Não é possivel dar idéa em breve espaço, de uma obra, que demandaria muitas e longas paginas para ser des-

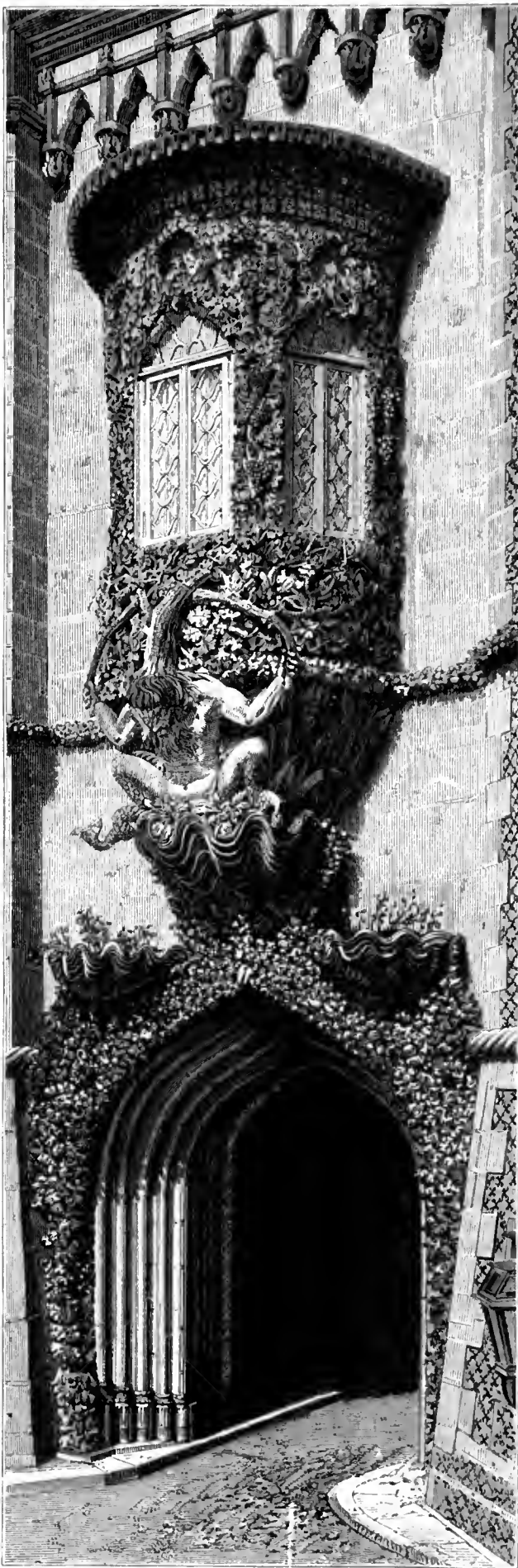
¹ O fallecido barão d'Eschwege.

cripta com a miudeza, que merecem tantos primores de | tores, que nunca visitaram o paço da Pena, fazer uma idéa exacta da fôrmosura e delicadeza de trabalho d'este magnifico portal e do seu gentil pavilhão.

Das galas e primores que ostenta, offerece a gravura junta uma brilhante amostra. O portal e o pavilhão, que ali se vê, occupam o centro de um corpo de edificio flanqueado por duas torres octogonas mais elevadas, tendo por corôas umas cupulas baixas, com a mesma fôrma octogona, e cercadas de aneias.

Em cada uma das torres ha quatro pavimentos, a que dão luz bonitas janellas floreadas. O portal compõe-se de seis arcos de ponto subido, sendo o primeiro, ou exterior fornado de madreporas, entresachadas de diversidade de molluscos. É obra de um trabalho esculptural delicadissimo, e do mais bello effeito. Sobre o arco das madreporas resaltam da parede tres grandes valvas de conchas, das denominadas *chammas*. A do centro, que é maior, serve de base á figura que, curvada e apoiando-se em uns troncos de vide, finge sustentar o esbelto pavilhão semi-circular, em que se abrem tres janellas. É todo coberto de esculpturas vazadas, como a renda mais delicada, representando, na parte inferior, plantas aquaticas, saindo da concha, e nas partes superiores videiras, com a folhagem e cachos dispostos com a maior naturalidade. Um cordão formado de flôres separa as videiras das plantas aquaticas, e vac depois correndo, no mesmo alinhamento, por toda a fachada do edificio, junto ao andar nobre.

A descripção, ainda que feita a traços largos, ahí está a par da gravura que representa essa obra de arte com a maior fidelidade, porque á sua perfeição artistica reune-se a circumstancia de ser copia exacta de uma excellente photographia, devida ao talento e provado amor da arte do distincto artista amator, o sr. Carlos Relvas. Pois nem assim poderão os nossos lei- | os progressos da civilisação. — I. DE VILHENA BARBOSA.



III

Ha, pois, na existencia d'este edificio duas phases muito distinctas, separadas por um periodo, felizmente curto, de abandono e opprobrio. Na primeira phase figura o mosteiro, symbolo das crencas vivas d'essas eras em que a fé dava coragem aos timidos, valor aos fracos e esforço sobrehumano aos mais intrepidicos. Na segunda phase avulta o paço real como padrão dos nossos progressos artisticos, e como documento irrecusavel do esforço patriotico e perseverante com que um soberano esclarecido se tem constantemente empenhado em promover a florescencia das artes em Portugal.

E ambos os monumentos, unidos, em sua significação moral, pelos laços da religião, do patriotismo e do amor da arte, levantam-se nobremente como dois marcos da civilisação portugueza: o mosteiro, recordando que foram os portuguezes, que, affrontando todo o genero de perigos e privações, atravez de mares ignotos, de terras inhospitas, e de gentes selvagens e inimigas, levaram a luz civilisadora do evangelho aos sertões da Africa, da Asia e da America; o novo palacio commemorando, pelo desenvolvimento artistico, que revela, os melhoramentos que a nação tem tido modernamente em todas as condições sociaes, em que se pôdem manifestar

MOGAREM

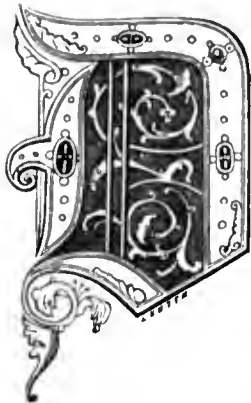
(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

VIII

(Continuação)



DUAS novas alvorotaram um dia a grande cidade: a partida para Diu de D. Fernando de Castro e a proxima chegada do noivo de Mogarem.

A classe nobre, européa e christã, preparava-se para assistir ao embarque da luzida frota que se destinava a soccorrer o grande reducto do norte. A população gentilica sonhava com as festas brilhantes do proximo noivado.

Muita esperança, muita saudade e sobretudo muito reboliço

e azafama na terra e no mar.

Os paes de Mogarem encommendavam de Belgão as mais ricas sedas e damascos ás caravanas dos Gattes; perolas e pedras finas aos ourives e commerciantes de Baçainu e de Ceilão; fructos, cristaes e coxins, aos da Persia. As bailadeiras e tocadores dos arredores recebiam aviso para se prepararem, planeava-se e descreviam-se os fogos e as illuminações para oito noites de festa. Riam todos e folgavam na embriaguez da esperança.

Mogarem, de longe em longe, e no meio de uma abstração ininterrompida e serena, sorria mas não fallava! Timida alegria de virgem, ou impotente resignação de victima?

No mar iam e vinham, do caes do arsenal aos navios, e dos navios ao caes, escaletes e fragatas que transportavam munições, armamentos e soldados.

N'um dos navios estava D. Fernando; no arsenal D. João de Castro; este enviando, aquelle recebendo os proviimentos e os seus companheiros de gloria.

Entre os soldados que andavam arrumando as munições travam-se dialogos caracteristicos, de que só algumas palavras soltas se podem colher.

Ouçâmos o que fôr possível:

—Que tal será esta, zanaga? anda-te o cabello arrepiado!

—É falta de pente, ou de tosquia.

—Lá em Diu te farão a marrafa.

—Veremos! já somos conhecidos antigos e á falta de santos oleos tenho-lhes posto o sal na molleira.

—E ellez, não te fizeram zanaga?

—Fizeram e não tiveram grande juizo. Apartaram-me os olhos, fiquei a vêr para todos os lados.

—Então a cidade tem muralhas?

—As muralhas é que têm lá uma cidade. Tu em lá estando não tens medo, só se fôr dos mosquitos, que trepam á escalada como os marinheiros ás vergas.

—O capitão d'esta vez é que é novo.

—Sim, mas é filho d'aquelle pae que lá anda a manobrar no caes.

—Bom tronco.

—E bonito ramo; parece um palmito.

—Se o moiro lhe bota o dente vac de duas mastigadellas; é tenro...

—Talvez, mas como é fructo verde ha de lhe amargar a bôca.

—E demais elle já fez uma africa que eu não sei se seria capaz de fazer; aquella do tigre foi boa.

—Crença que mata um tigre e gosta das feincas, tem as inquirições tiradas. Fica-te n'isto, mordango: menino que venha do reino e apanhe este raio de sol, é cousa de tres dias—está homem.

—E elle já gosta?...

—Pateta! Já o viste dar alguma palavra aqui? Para onde olha elle?

—É verdade!

—Acerta a pontaria por a d'elle e vê se descobres o alvo.

—Ó zanaga!...

—Psui! Se aquellas mangueiras dessem todo o anno mangas assim e á descripção...

—A gente arreventava com indigestões.

—Em Diu não ha de haver d'aquillo!

—Ha de haver de tudo, e em a gente os cravando nas muralhas vac-se pelo mar Vermelho acima a consolar as viuvas... Então! trabalhas ou ficas-te de costa direita a seismar nas mangueiras?

—Para te dizer a verdade, eu já me estava a vêr no mar Vermelho.

—E os moiros?

—Ficavas tu a matal-os quando me fiz ao largo.

Até o zanaga se riu e ficou muito mais feio.

No caes do arsenal, D. João de Castro depois de escolher e fazer embarcar as melhores armas e munições, falla a um grupo de velhos soldados de rostos queimados e cicatrizes avermelhadas.

Um frade pensativo e pallido está no grupo; é Francisco Xavier.

—Uma só recommendação vos faço, dizia D. João de Castro aos soldados, se Diu cair em poder dos moiros, que nenhum de vós me traga a má nova. Eu irei reconquistal-a e mandarei erigir um tunulo onde serão gravados todos os vossos nomes.

—Nós já os conhecemos e os moiros bem sabem como as colubrinhas dão os bons dias. A festa ha de ser luzida. D. João de Mascarenhas é um grande fidalgo.

—Quem elles ainda não conhecem é aquelle capitão que lá está de bordo a olhar para os arvoredos da alfandega.

—Havemos de arranjar-lhe um casamento de estrondo. Talvez seja o unico solteiro que vac na ronda.

—Que dizeis, loucos?

—Dizemos que vac casar. Qual é o soldado de Diu que se conserva solteiro?

—E casa com uma femea já avelhantada e viuva de mais de vinte maridos, que lá solteiras e virgens é que não ha, nem estas que de cá vão.

—As nossas lá estão á espera, caladas e debruçadas sobre aquelles muros, a estender a vista pelo mar adiante... Cá vamos senhoras, cá vamos, e aqui vac polvora e chumbo até se acabar o mundo.

—A fome ha de dar em indigestão.

—Sem offensa de nenhum de nós, como elle é o mais bonito ha de casar com a tigre¹.

—Pudera! se ella é a maioral e a que melhor canta.

—Vejo-vos triste, frei Francisco.

—Tenho saudades, senhor. Que faria eu em Diu se fosse na expedição?

—Convertei gentios, santo padre, os moiros levam-se

¹ Ha em Diu uma peça de artilheria que tem esta inscripção: —Eu sou o tigre exforçado, por onde me mandam passo.—

por outras praticas. Eu conheço-os muito. E depois... não acreditaes que eu tenha saudades tambem?

Dizia o visó-rei ao ouvido de Francisco Xavier.

Alta noite no bambual da estrada de Cunbarjua despediam-se entre soluços os dois amantes.

—Esperas por mim, Mogarem? dizia D. Fernando estremejando-lhe de lagrimas os perfumados cabellos.

—Espero, e se morres, morro.

Foram as derradeiras palavras, se não foram as unicas que irromperam dos seus corações tão saturados de amargura.

Momentos depois D. Fernando caminhava em direcção a Goa; sentiu passos, parou e achou-se em presença de frei Francisco Xavier.

—Padre, exclamou elle, ajoelhando de improviso e beijando-lhe a orla do escapulario, ali fica a minha alma! perdoae-me e lança-me a vossa benção. Eu amo-a, padre, ella é gentia, mas o nosso Deus é grande. Se quereis que eu seja forte e que meu pae não tenha que envergonhar-se de mim, jurae-me que velareis por ella!

—Erguei-vos e ide em paz, meu filho; confiae no servo do Senhor.

N'essa mesma noite e no salão do docel dizia D. João de Castro a um grupo de cavalleiros que se despediam e que com D. Fernando iam marchar para bordo:—«Quem me dera trocar as prisões de meu cargo pela vossa liberdade de soldados!» E para D. Fernando:—«Eu vos mando filho com este socorro a Dhu; encommendo-vos que tenhaes lembrança d'aquelles de quem vindes; fazei pormerecer o appellido que herdastes, acordando-vos que o nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens differentes; e lembro-vos que o que vier mais honrado esse será meu filho¹.»

E D. Fernando depois de beijar a mão a seu pae partiu para não mais voltar.

(Continua.)

UM RETRATO

(Fragmento)

É fragil como flôr que um sopro offende;
é vaporosa como a leve ondina,
que ao saudoso clarão da lua cheia,
pendida sobre a fonte se penteia,
ao liso espelho d'agua cristalina.

Sobre a azul morbidez dos olhos bellos,
grandes, profundos, são divino enfeite,
os doirados anneis de seus cabellos,
a cingirem-lhe um rosto côr de leite.

A bôca é rosea flôr que se entreabria,
ao lascivo beijar da madrugada;
que tem sêde, que o orvalho não sacia,
e que palpita, soffrega e córada!

As mãos d'uma rainha; a fronte altiva;
languido o riso; desmaiada tez.
As vezes seria, absorta, pensativa,
a reflectir-lhe o olhar o extranho pasmo,
de quem sonha com o céo, e o viu... talvez!
outras vezes a rir-lhe despidoso,
nos frescos labios o cruel sarcasmo!

¹ Jacinto Freire de Andrade.

Logo depois ao impulso mysterioso,
da inconstancia que a rege e que a domina,
resuscitando á sua voz divina
nos mortos corações, a morta fé;
e ao tocar e'o a varinha feiticcira
nos rochedos sem gallas nem verdores,
por entre as pedras desabrocham flôres,
que ella indifferente esmagará com o pé!

Enygma eterno! feminil Proteu,
que fascina, endoidece, e desespera!
Mulher, demonio, fada, anjo do céo,
creança ás vezes, e outras vezes... fera!
Quando Deus a creára tão formosa
depôz-lhe um sceptro na pequena mão,
e ella risonha, esquivava, caprichosa,
dominadora sempre, nem sabia
que da mulher o celestial condão,
não é ter por vassallo o mundo inteiro,
não é ser bella, e moça, e altiva, e rica,
é deixar-se immolar, manso cordeiro,
e bemdizer o algôz que a sacrifica!...

Pintens.

MARIA AMALIA VAZ DE CARYALHO.

LIVROS E FOLHETOS

Vou gostosamente registar as obras que ultimamente me foram enviadas por seus auctores ou editores, agradecendo a uns e a outros a honra que fizeram a esta publicação, lembrando-se d'ella.

O ANNEL MYSTERIOSO.—A PORTA DO PARAISO. Assigna estes dois romances o sr. Alberto Pimentel, moço escriptor dotado de talento e que tem sido incansavel trabalhador no genero de litteratura a que pertencem os livros mencionados.

No primeiro acha-se entretecida com descrições dos principaes episodios da guerra peninsular, nos quaes estão pintados com brillantes tintas os horrores que o Porto presenciou por occasião da invasão franceza, a fabula do romance em que figura como protagonista, um tyo popular que foi por alguns annos o alvo das assuadas do rapazio d'aquella cidade. Acompanha este personagem durante uma parte do romance, a poetica figura de Rosina Regnan, que o auctor cérea de attractivos e encantos que mais tarde se reproduzem em Augusta, creança não menos gentil e sympathica do que a anterior.

A attenção do leitor prende-se facilmente ao desenvolvimento da acção, que é sempre ornada pelas galas de um estylo claro e agradável onde avultam pensamentos mimosos como o que se encontra nas seguintes linhas, a proposito de Augusta ajoelhar, sem resar, de frente da sepultura da mãe, que morrêra ao dal-a ao mundo:

Não resara porque ninguém a tinha ensinado a resar. A falta das mães é tamanha que até Deus a sente.

No segundo livro, um enredo simples serve de pretexto á narração melancolica e sentida, exclusivamente consagrada á memoria do ehorado rei D. Pedro V. Exaltam-se n'aquelle formoso escripto as exceelsas qualidades do malogrado soberano, que tão cedo desapareceu da terra, registando-se outrosim muitas particularidades da vida publica e privada do finado monarca.

Este livro tem sido procurado com muito interesse, valendo ao auctor merecidos elogios da critica mais severa e conspiciua do paiz. Bem fizeram, pois, os srs. Lucas & filho em o incluir na *Bibliotheca universal* de que são editores.

EDUCAÇÃO POPULAR.—Os referidos editores emprehenderam uma nova publicação, sob este titulo, dedicada á mocidade estudiosa de Portugal e Brazil. Esta publicação formará uma encyclopedia instructiva e amena, collaborada pelos principaes homens de letras e dirigida pelo sr. Pinheiro Chagas.

O primeiro livro trata da *Guerra peninsular*, e é escripto pelo sr. Pinheiro Chagas em estylo facil, mas brillante. Em 132 paginas, que tantas são as de que se compõe a obra, não é possivel historiar mais largamente os duros sacrificios por que passou o paiz n'essa época nefasta, de permeio com as glorias que aleam-

com nas lutas ferozes sustentadas contra as hostes aguerridas e vencedoras, que depois de assoberbarem quasi toda a Europa, tamanhos reveses soffreram na península.

É digno de lêr-se o livro do sr. Pinheiro Chagas; as pessoas mais doutas encontram n'elle os attractivos que ornarn todas as obras do talentoso escriptor, as menos instruidas aprendem, consultando-o, uma parte da historia gloriosa do seu paiz, concernente a uma época relativamente moderna, e da qual ainda hoje existem alguns individuos.

Mais quatro volumes estão já publicados pertencentes á mesma encyclopédia. São todos escriptos pelo talentoso director d'ella, e intitulam-se: — *As cruzadas* — *Dramas do mar* — *O ultimo rei catalleiro* e — *Vulcões e tremores de terra*. Estes livrinhos satisfazem cabalmente, como o primeiro, ao fim a que se propõe a util publicação emprendida pelos editores Lucas & filho. Da leitura das *Cruzadas* resulta o adquirir-se instrucção sobre um ponto de historia, que não é permittido ignorar nem mesmo ás pessoas de medianos conhecimentos. Nos *Dramas do mar* encontra-se uma serie de interessantissimas descripções de scenas terriveis occorridas por occasião de alguns naufragios celebres de navios portuguezes, francezes, inglezes e hollandezes. O desenho dos sinistros quadros d'essas catastrophes medonhas é feito com a correção e vigor indispensaveis em assumptos d'esta natureza. *O Ultimo rei catalleiro* é a descripção minuciosa dos factos succedidos na época celebre da historia portugueza, em que os ardores bellicos de um rei tão moço quão entusiasta pela gloria colhida nos campos da batalla, pozeram fim a uma dynastia a que estão ligadas tradições gloriosissimas que ainda hoje são honra e luz para o nosso paiz. Por ultimo, o volume intitulado — *Vulcões e tremores de terra*, trata do assumpto que o seu titulo denuncia, narrando circumstanciadamente a catastrophe succedida em Lisboa no dia 1 de novembro de 1755.

A publicação dos srs. Lucas & filho é por todas as rasões merecedora da protecção do publico.

NOITES DE INSOMNIA. — Com este titulo começou a publicar o illustre romancista o sr. Camillo Castello Branco uma collecção de pequenos volumes, formando uma *Bibliotheca de algibeira*, da qual é editor o sr. Ernesto Chardron, livreiro do Porto e um dos industriaes mais emprendedores estabelecidos no paiz.

Sae em cada mez um volume de 100 paginas, de formato elegante e impresso em bom papel. Os cinco volumes até hoje publicados, contêm narrativas engraçadas, esboços de romances e esclarecimentos sobre factos historicos antigos, aos quaes o sr. Camillo Castello Branco faz commentarios judiciosos e interessantes. Entre as narrativas avulta a denominada *Egas Moniz*, na qual se denuncia a triste verdade de que existe na cidade do Porto um descendente do nio de Afonso Henriques, sem um pedaco de pão para matar a fome de seus filhos!

Em o numero quatro, correspondente ao mez de abril, vem um excellente artigo, que muito deverá interessar aos nossos leitores tanto de Portugal como do Brazil. Transcrevo-o com a devida venia.

Litteratura brasileira

« Longo tempo se queixaram os estudiosos do descuido dos livreiros portuguezes em se fornecerem de livros brazileiros. Nomeavam-se de oitiva os escriptores distinctos do imperio, e raro havia quem os tivesse nas suas livrarias. Nas bibliothecas publicas era escusado procural-os. Em compensação, sobravam n'ellas as edições raras de obras seculares que ninguém consulta.

« O mercado dos livros brazileiros abriu-se, ha poucos mezes, em Portugal. Develo-o á actividade intelligente do sr. Ernesto Chardron. Foi elle quem primeiro divulgou um catalogo de variada litteratura, em que realçam os nomes de mais voga n'aquelle florentissimo paiz. Ali se nos deparam, entre os poetas, Gonçalves de Magalhães, o correto e sublime auctor da *Confederação dos tamoyos*; o lyrico e arrojado Alvarés de Azevedo; o primaz dos escriptores brazileiros, e chorado Gonçalves Dias; o esperançoso devaneador, fallecido no vico da idade, Casimiro de Alencar; Junqueira Freire que prinou nos segredos da melodia e já não é d'este mundo; e o severo e enolencoso poeta de *Colombo*, tão estimado dos nossos. Entre os romancistas o fecundissimo Joaquim Manuel de Macedo, que disputa a supremacia a J. de Alencar, que tanta nomeada grangeou com o seu *Guarany*. Não lustram menos as novellas minusculissimas de Luiz Guimarães, e as arrobadas mesclas de prosa e verso de Machado de Assis. Em litteratura didactica sobresaem os valiosos escriptos do professor, o sr. conego Fernandes Pinheiro, nomeadamente o *Resumo de historia litteraria*, que muito se avanta a uns esboços que em Portugal circulam nas escolas, e — o que é mais deploravel — nos estudos secundarios. São notabilissimos todos os livros do sr. J. M. Pereira da Silva, já na sciencia historica, já na politica, e ainda no romance, tão prosperamente estreado na *Aspazia*. Sobre tudo, porém, os *Varões illustres do Brazil* e a *Historia da fundação do imperio brasileiro* são obras que denotam profundo estudo e muito engenho na boa disposição dos elementos e critica dos personagens historicos. Em varia sciencia, em livros elementares, em lexicologia, e ainda sobre motivos de religião, é copioso o catalogo da livraria Chardron. Esta variedade argue a fertilidade do intelligencias que ajuntam á riqueza congenial d'aquelle solo os thesouros do espirito. É muito importa e cumpre observar que os brazileiros modernamente nos não cedem no zelo de imitar a linguagem para dos grandes escriptores portuguezes dos seculos de ouro.

« Não esqueçamos, todavia, que o impulsor d'este brilhante movimento litterario no Rio de Janeiro, e por isso em todo o imperio, é o livreiro editor Garnier, espirito emprendedor que tanto faz luzir os talentos que divulga, quanto lucra para si a honra de os fazer conhecidos e laureados. Quem calcular o despendio grande de empresas similhantes n'aquelle paiz, deprehenda o quanto cumpre que seja robusto e afiuto o pulso que removeu as immensas difficuldades com que ha trinta annos lutavam os escriptores do Novo-mundo para se fazerem conhecidos. Coube esta gloria e este triumpho ao sr. Garnier.

« Falta dizer que os preços dos livros offercidos no catalogo das casas Chardron, no Porto e em Braga, são modicos, reduzidos, e inferiores ao preço corrente das obras portuguezas de igual tomo.

« E, pois que estou agradavelmente recommendando livros de brazileiros, seria injusticia não graduar de passagem ao menos o merito de uma obra que recentemente saiu dos prelos portuguezes. É o *Estudo sobre a colonização e emigração para o Brazil*. É seu auctor o sr. Augusto de Carvalho, que tão grave e prestadiamente abre carreira de escriptor, em annos ainda muito na flor, e com o espirito já a fructear as mais sensatas considerações sobre as questões controversas luctuadas no titulo da sua obra. A substancia do livro allia-se o primor da forma, a propriedade do termo, a chaneza eloquente, e, a espaços, a elevação do estylo que não in nubla a clareza da idéa. É o sr. Augusto de Carvalho um brazileiro que nobilita as letras da sua patria, e está grangeando um lugar entre os melhores escriptores, e, desde já, o tem distincto entre os bons pensadores e cultores de idéas proficuas. Congratulo-me com os seus contreranos.

SCENAS DE LISBOA. — Assim se denomina o primeiro romance de uma *Bibliotheca sem nome*, cuja publicação emprehenden um jornalista da capital. É auctor do volume o sr. D. Thomaz de Mello, moço muito conhecido em Lisboa, e a quem as letras deviam já alguns trabalhos apreciaveis. O titulo da obra e o nome do auctor despertaram curiosidade nos consumidores de livros portuguezes, com o que auctor e editor muito folgaram. O romance tem interesse, e, se algumas vezes encerra exagerações nos quadros horrorosos que nos apresenta, e pelos quaes se podem aferir os costumes de um povo, que, em boa verdade, não é tão depravado como poderá parecer a quem não o conhecer bem e lêr o livro, n'outras revela observação e tem verosimilhança nas descripções e nos episodios. Isto denota faculdades muito valiosas no sr. D. Thomaz de Mello, a quem eu rogaria, se me fosse permittido dirigi-lhe um pedido, que continuasse a dedicar a sua attenção ás lidas litterarias, das quaes pôde tirar grande proveito para o seu nome de escriptor. Algumas gravuras, cujo desenho se deve ao lapis espirituoso do sr. Bordallo Pinheiro, acompanham o livro.

A MULHER DE CESAR. — Em folheto de 21 paginas publicou o sr. Sousa Viterbo a sua excellente poesia assim intitulada. Se a idéa da obra não é das mais sympathicas, a belleza, o arrojio e a originalidade de alguns versos, e outras qualidades litterarias que se encontram no ultimo trabalho poetico do sr. Sousa Viterbo, resgatam de sobra aquelle senão. A poesia é dedicada ao sr. dr. Thomaz de Carvalho.

(Continua.)

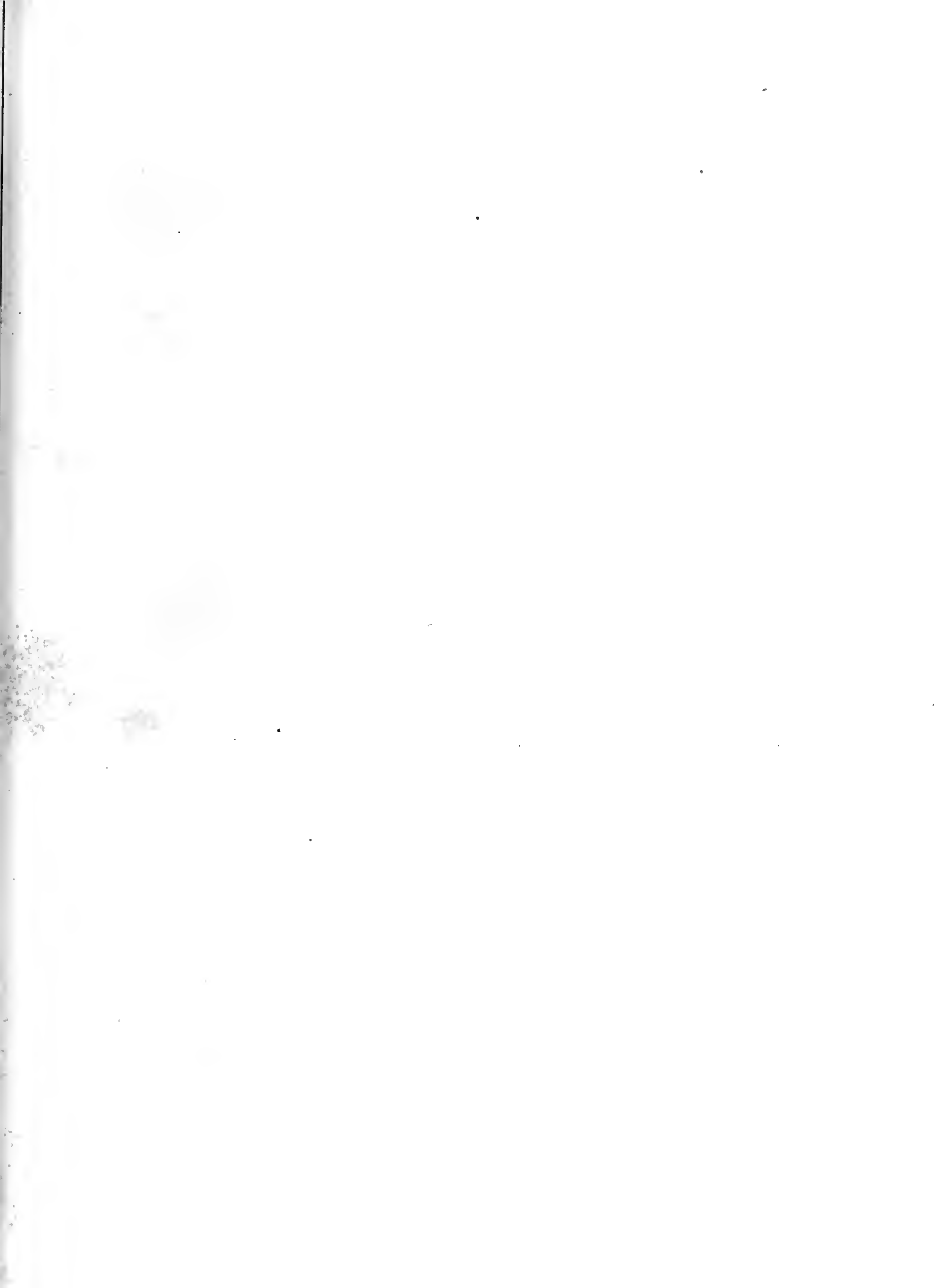
RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

— Por occasião do naufragio do *Ville du Havre* perdeu-se o quadro de Meissonier *Os tres amigos*, que fôra seguro em réis 10:800 \$000.

— O sr. Duranty tem publicado varios artigos tendentes a estabelecer em França um novo systema de ensino, denominado *par les yeux*, o qual consiste em povoar todas as superficies nuas das escolas, como paredes, tetos, etc., de pinturas que representem desde a abobada celeste e a serie dos pesos e medidas até os factos mais notaveis da historia universal, tornando assim as escolas em logares attrahentes, especies de museus onde as creanças desejem ir e estar. Parece que na Belgica, na incansavel e emprendedora Belgica, se estão fazendo experiencias para a adopção d'este util systema.







Typ. de Christovão A. Rodrigues

MARIA STUART RECEBENDO A SENTENÇA DE MORTE

QUADRO DE WEHLE

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

ARTES E LETRAS



NUMERO 2 — LISBOA — 3.ª SERIE

MARIA STUART RECEBENDO A SENTENÇA DE MORTE



E ha personagem da historia, ácerca do qual a critica tenha esgotado todos os seus requintes de analyse, sem conseguir a verdade, é de certo Maria Stuart, a gentil, a formosa, a sensível mulher, a cujos encantos fataes e feiticieiros a ninguem era dado resistir, como diz a celebre lady Douglas no magnifico romance de Walter Scott, *The Abbot*.

O colleccionador, que amontoasse tudo o que se ha escripto sobre essa mulher extraordinaria, que foi rainha de França e da Escossia e morreu no cadafalso, teria uma esplendida bibliotheca, onde fulgiriam os primeiros nomes da litteratura, desde Hume e Robertson até lord Macaulay e Schiller. Poetas, historiadores, monographos, artistas e sabios, quantos e quantos têm pretendido cinzelar esse busto, retratar esse rosto, descrever essa mulher, cuja vida tormentosa, trabalhada, episodica, é um verdadeiro poema, é uma das mais completas personificações femininas, que se destacam da tela da humanidade.

Mixto heteroclitó de altivez e sensibilidade, de frieza e arrebatamento, de leviandade e contumacia, de odio e amor, de energia e timidez, de dignidade e baixaza, de fanaticas severidades e desenfreadas paixões; tal é Maria Stuart como caracter moral.

Contar-lhe a vida accidentada, posto que em mui resumido trêcho, não cabe nos limites d'este artigo descriptivo.

Maria Stuart é mais do que um personagem, é uma lenda, um principio, uma personificação e sobretudo é mais do que tudo, é a mulher de formosura esplendida, irresistivel, com todas as seducções e prestigios de realza, da graça, da poesia, da erudição e da intelligencia cultissima.

Girava-lhe nas arterias o sangue calido dos Guises, desses principes lorenos, que governaram a França durante um seculo, que representaram o principio catholico, que firmaram a realza, julgando que a destruiam para succeder á casa de Valois. Lorena, pela mãe, Margarida do Guise; escosseza o Stuart, pelo pae, o representanto

de Roberto Bruce; educada na cõrte *raffinée* de Henrique II de França, em que Diana de Poitiers deixára no escuro a terrivel e vingativa filha dos Medicis; mal saida da adolescencia desposára Francisco II, cuja existencia breve acabou.

Foi então que o parlamento escossez exigiu o seu regresso á patria, sobre a qual havia de reinar.

Quem não conhece a magnifica pagina de Brantôme, em que o chronista descreve a grande e negra melancolia da formosa e delicada mulher, que deixava a cõrte mais luxuosa do mundo para ir governar um povo semi-barbaro, revoltado, sanguinario, onde aos odios do feudalismo se juntavam os odios de religião, fomentados por essa panthera de elevada intelligencia, a famosa Izabel de Inglaterra? Quando no horizonte esfumado desaparecia a terra, exclamava Maria Stuart: *Adieu, France, plus ne te reverrai!*

A Escossia, commovida pela palavra ardente e severa de Knox, discipulo de Calvino, um d'esses fanaticos austeros, que fundaram a religião reformada; a Escossia não podia supportar a governação de uma mulher fraca, amavel, lasciva e caprichosa, que symbolisava o principio catholico em toda a sua plenitude. Por outro lado, Izabel de Inglaterra, que, segundo os catholicos, era bastarda de Henrique VIII e usurpadõra, via em Maria não só uma belleza muito superior, mas uma pretensõra ao throno.

Rivalidades de mando, rivalidades de belleza, rivalidades de religião, tal era o abyssmo que dividia as duas mulheres, taes os motivos d'essa lucta sangrenta, cujo derradeiro episodio é o que representa a nossa gravura, copia de um quadro afamado.

Ambas estas mulheres tiveram os seus Plutarchos apaixonados e os seus biographos parcialissimos, assim como em vida tiveram os seus adoradores, ou antes, amadores, porque a castidade de qualquer d'ellas é uma negação absoluta.

Os escriptores catholicos endeusam Maria Stuart e amaldiçoam Izabel; os protestantes levantam esta á apothose e votam aquella ás gemonias. E por tal arte as duas rainhas representavam os dois principios politico-religiosos, implacavelmente adversos e exclusivos, que ainda hoje os auctores inglezes não se desprendem dos laços tradicionaes. O *whig* campeia por Izabel; o *tory* terça por Maria. Esta, porém, foi victima e aquella algoz.

Maria era formosa, sem senão; possuia todos os encantos da mulher; sabia perdoar muitas vezes; tinha todas as fragilidades suaves e todos os requintes arteiros. Que muito é pois que a poesia romanesca, o estudo superficial, a natural *sympathia* pela victima lhe circundem a fronte d'essa auréola dos martyres impollutos, que morrem sacrificados em holocausto á ambição e á politica sem tranhas?

E todavia a historia severa e imparcial chega á triste conclusão de que, a gentil e doce Maria, essa, que mandou matar o esposo, o desvairado e imbecil Darnley, para cair nos braços ensanguentados do criminoso Bethwell, o devasso, tambem sabia ser panthera, e que, se os papeis se trocassem e se Izabel caisse na cilada tecida pelos roscos dedos da filha dos Guises, a cabeça havia de rolar-lhe no cêpo.

Foi Izabel a vencedora. Não soube perdoar. Por largos annos a encerrou e a final matou-a.

A filha de Henrique VIII, e de Anna de Boleyn, impudica, lasciva e sanguinaria, não era capaz de abrir a gaiola, onde jazia o passaro gentil. Mas desse liberdade ao rouxinol dos bardos escossez, e a historia diria como a philomela se transformára em aguia, cujas garras se cravariam impiedosas na rival.

Repetimos. Entre aquellas mulheres, que se digladiavam, havia a lucta de dois principios oppostos e irreconciliaveis. A mais fraca havia de morrer. Não santificamos o assassinio. O crime é sempre crime. Mas nada mais barbaro e cruel do que a logica.

Maria Stuart foi, como disse um grande pensador inglez, a rainha mais mulher que tem havido, a creatura mais incompativel com as exigencias d'aquelle seculo de luctas sombrias, implacaveis e sem mercê. Os ultimos momentos da mulher são admiraveis. Ha o drama shakespeareano, fremente, brutal n'aquella sentença de morte, apoz um longo captivoiro, em que as blandicias hypocritas e felinas de Izabel mostram aos olhos espavoridos da historia os lobregos e insondaveis abyssos da pravidade humana em toda a sua nudez hedionda.

Izabel assigna a sentença fatal e derrama lagrimas de crocodilo. Depois, quando recebe a nova, quando sabe que o cutello do algoz completou a obra sinistra, exclama que lho extorquiram o consentimento. E n'esse remorder da consciencia senil morreria certamente de pezar se o bom povo de Londres não illuminasse a cidade, cheio de regosijo e jubilo. Eterna hypocrisia do crime, que ainda nas suas mais nefandas ferocidades, cobre o rosto com a mascara da virtude.

Maria Stuart, cuja morte heroica estava presagiando o triste fim da sua raça, soube conquistar um lugar excepcional no extenso martyrologio da rasão do estado.

A gravura representa-a quando o conde de Kent lhe intima a sentença. No rosto sereno, cujas linhas harmonicas e estatuaras a ferrea mão da desgraça não pode obliterar, divisa-se a coragem e a resignação.

D'alli a pouco, abraçada a um crucifixo, pousava a cabeça no cêpo, exclamando: *rainha nasci, rainha morro.*

N'estas palavras resume-se o drama e são ellas que ainda lhe estão propiciando os manes e o renome perante a posteridade.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

NOVO THEATRO DA OPERA EM PARÍS

(Continuação)



s trabalhos da edificação principiarão sem delongas. Em junho tinha o jury deliberado; em julho procederam os geometras ao traçado das ruas e determinaram o perimetro do edificio; em agosto andava-se em excavações á finea.

As exigencias que em tempo haviam sido feitas ao architecto eram de uma diversidade e magnitude incalculaveis. Demandavam-lhe entradas faccis, um grande

espaço abrigado, onde, em um quarto de hora, se pudesse dar vasão a tresentas carroagens, uma casa de guarda para vinte cinco homens de infantaria, outra para dez de cavallaria. Tres escadas principaes, salões de espera, vestiarias, gabinete do commissario de policia, enfim, para não descermos a minucias, tudo quanto a previden-

cia pôde requerer, tudo se havia alliado com a sumptuosidade.

Foram dificeis de começo os trabalhos da construcção. Tornava-se indispensavel um amplo subterraneo para guardar os machinismos e adereços. Para isso convinha aprofundar 15 metros. Ora baixando-se ali entrava-se desde logo no dominio das aguas, que são certas n'aquella zona do Paris. Não bastava, porém, minar, esgotar, construir o solo e as paredes; era mister que as aguas circumstantes não estivessem em immediato contacto com os muros.

Foi isto labutação de um anno, na qual se empregavam 8 bombas, movidas por 8 machinas a vapor da força total de 48 cavallos.

Para se fazer idéa da quantidade de agua absorvida pelas bombas, imagine-se que ella deveria cobrir o pateo do Louvre dando-lhe em altura vez e meia as torres de Notre Dâme. D'aqui resurtiram novos embarços. N'um raio de mais de um kilometro seccaram todos os poços. Eram constantes as reclamações dos proprietarios esbulhados d'aquelle elemento, inquietos por não saberem se elle tornaria. Com o tempo voltou de novo. A 21 de julho de 1862 lançava-se a primeira pedra do novo theatro. No fim do anno os trabalhos da edificação podiam dar-se por concluidos.

Deixando agora as profundezas para observar o aspecto geral do monumento, bastará dizer, calculando o volume de todas as construcções, que o cubo por ellas representado é proximamente de 430:000 metros, quando o volume total do Pantheon é de 190:000 e o da Bolsa apenas de 106:000 metros.

A fachada é uma das mais conhecidas obras architectonicas. No dia em que os olhares do publico a devassaram o sentimento da admiração foi entranhado. O desenho pôde indicar a harmonia do conjuncto, a elegancia dos contornos, a abundancia da ornamentação, mas não pode traduzir o magestoso effeito d'este lavor de Garnier. O architecto recorreu aos marmores e aos metaes mais diversos e variados para formar como que uma vasta palheta, onde se encontrassem todos os matizes do colorido. Monolithos de Ravière contrapõem-se ás pedras vermelhas do Jura; os marmores de l'Echaillon encimam os balaustres de marmore verde da Suécia. No brocatel violeta firmam-se os grupos em bronze dourado que dominam os angulos da fachada. Corôa-se esta com o *Apollo* de Millet, solevantando a lyra de ouro. As fachadas lateraes são mais sobrias. O emprego dos marmores é mais raro. Os pavilhões, que, a um e outro lado quebra a uniformidade das linhas, têm tido gabos unanimes. Cada um d'elles mostra o seu aspecto distincto. No intervallo das janellas estão bustos de musicos, a saber: á direita, Monteverde, Durante, Jomelli, Monsigny, Grétry, Sacchini (esculptor, Walter); Lesueur, Berton, Boieldieu, Herold, Donizetti, Verdi (esculptor, Bruyer); á esquerda, Cambert, Campra, Rousseau, Philidor, Piccine, Paisiello (esculptor, Itasso); Cherubine, Mehul, Nicolo, Weber, Bellini e Adam (esculptor, Denéchaux).

Da extremidade da rua Gluck vêem-se em perfeita sunima todas as fachadas lateraes do theatro.

Um edificio tem que indicar pelo exterior o destino de cada um dos seus corpos. É o que este revela tão claramente quanto é possível. Ao primeiro, que comprehende os vestibulos e escadarias, succede a sala, cuja cupula se levanta, denunciando a fórma interna do recinto pelo seu molde circular. Em seguida, apoz a scena, vem as construcções mais modestas para gabinetes de administração e camarins dos artistas.

Revertendo á parte ornamental da opera, e fallando

dos grupos que personificam as varias manifestações das bellas artes, convem especialisar a *Dansa* de Carpeaux, grupo exageradamente *realista*, que provocou tantos applausos de uns como censuras de outros. Mulheres de carnadura flacida, olhar sensual, corpo em requebro de bacchante, e enlaçando-se n'um movimento de voluptuosa ebriedade, tal foi o que saíu do cinzel do artista. Um dia,—como que para vingar a moral,—arremezaram a uma das figuras um frasco de tinta,—ficando uma grande mancha no quadril da dansarina. Tão continuas se tornaram as exprobrações,—não diremos por conta da arte, mas por conta da virtude,—que em 1869 uma ordem do ministerio mandou que o grupo fosse transferido para o interior do theatro.

Se o quizessemos acompanhar devassando as magnificencias do salão, por longas horas as estariamos descrevendo.

Escadas amplissimas, galerias vistosas, os marmores brancos de Serravezza guarnecidos pelas balaustradas de onyx, columnas innumeradas, mosaicos deslumbrantes,—o maravilhoso da luz reflectindo-se no granito roseo dos Vorsges, no jaspado do monte Branco; e em noites de festa, o ondear da multidão elegante, o brilho das sedas, das bordaduras, dos diamantes, dos olhos que se cruzam, ás vezes muito mais fulgidos ainda,—e tudo isto confundindo-se, mesclando-se, augmentando o esplendor de entorno,—eis o completo d'esta sala dado n'um traço,—do qual não saberá fazer quadro a imaginação mais exuberante.

No que respeita á scena, propriamente dita, continua a observar-se a mesma grandeza. Uma commissão presidida por mr. Regnault, membro do instituto, e director da manufactura de Sèvres, foi encarregada de propôr os necessarios melhoramentos quanto á parte do machinismo theatral. As principaes innovações consistiram na adopção dos pannos de fundo circular devendo produzir o effeito de panorama, e n'um systema para baixar ou erguer mechanicamente o tablado, ou apenas uma parte d'elle.

Não esqueça mencionar-se a bibliotheca e os archivos.

A primeira, entregue aos cuidados de Ernesto Reyer, possui numerosos fragmentos authenticos dos mais celebres compositores, muitos actos de Gluck, tres obras de Rousseau, um trecho de Haydn, e muitos outros,—na maior parte ineditos,—devidos a Grétry, Spontini, Cherubini, Mehul, Rossini, Meyerbeer, etc.

Os archivos encerram os documentos da administração, contas e correspondencias a datar de 1730. A administração da opera desde a sua origem, tem estado nas mãos de sessenta e tantos directores. Lully teve uma boa estrella que nem sempre acompanhou os seus successores.

Póde-se computar em um milhão cento e sessenta mil o numero de jornaes a operarios de todas as especies. Entre os materiaes empregados contam-se mais de 800:000 metros cubicos de pedras, 20:000 metros de gesso, 5:000:000 tijolos, 10.000:000 kilogrammas de ferro e 340:000 kilogrammas de chumbo. As despesas de construcção sobem a 28.000:000 francos.

O novo theatro da opera acha-se concluido exteriormente.

Quanto á parte interna ainda tem que sujeitar-se a diversas modificações e aperfeiçoamentos. A sala actual contém logares para 1:780 pessoas, mas fica-los-ha tendo para 2:194.

A questão do melhor modo de ventilar o edificio sem prejuizo dos espectadores foi entregue a uma commissão, presidida pelo general Morin, recommendando-se entre os projectos apresentados o de mr. Hamelincoirt. Para

obviar a qualquer fatalidade de incendio, as proprias aguas, que tanto embaraçaram os trabalhos iniciais, são as que hoje se prestariam como salvadoras. Além dos reservatorios alimentados pelos conductos ordinarios da cidade de Paris, ha dois poços inteiramente independentes do curso do Sena. Na proximidade da entrada das carroagens ha um elevador para os que, não podendo subir as longas escadarias, quizerem ter o seu lugar sem fadiga.

São estes, ao correr da penna,—os pontos salientes d'esta obra,—uma das mais notaveis que modernamente se tem levado a cabo na Europa. Ainda que o estylo se opulentasse das maiores galas, ficaria descorado e frouxo tentando pintar o assombro d'esta composição eternizada na pedra, e reverberando á luz de tantos genios consociados. Só no grande *foyer*, illuminado por dois lustres e que se alonga n'uma extensão de 54 metros, de cercado de vinte columnas, hão de figurar outras tantas estatuas allegoricas symbolizando as differentes virtudes ou attributos necessarios ao artista.

Entre ellas,—como serias tu esquecida?—tem de figurar a da *Belleza*.

O architecto póde hoje ser julgado cabalmente. Os que quizerem conhecer intimamente as suas idéas pessoais, as suas theorias particulares de artista, esses têm o livro que elle escreveu com tal mira, *O Theatro*, livro que é um perfeito commentario da sua obra monumental.



MORTA

(Ao meu amigo Gonçalves Crespo)

Deus sabe se te amei
Archanjo seductor...
Morri por ti d'amor
Apenas te avistei.

O tempo, que passei
Ralado pela dôr
Sem mais vêr o fulgôr
De teus olhos... nem sei.

Sei só que tudo é findo!...
E d'esse sonho lindo,
Que me fugiu p'ra Deus,

Só ha no cemiterio
Pobre leito funéreo
Por entre os mausoléus...

Porto.

JOAQUIM D'ARAÚJO.

A CARTA— A PRIMEIRA WALSA

Vê-se que é uma rapariga pobre. Tem a vassoura ao lado — talvez seja moça de cozinha, uma d'estas creaturas a quem a necessidade arranca ao seio da familia.

dade que envia á familia? será um pensamento de amor, uma d'estas confidencias da mocidade que nos abraçam a alma?

Não violemos o segredo. Ella escreve para quem escreve.

No meio d'aquella pobreza, ha todavia uma idéa que



A carta

A escrivaniinha é o joelho. O adoravel escrivaniinha que vales mais de certo que uma secretaria de prata rendilhada pelo buril de Cellini!

Tudo em roda d'ella significa indigencia. É de crêr que apenas a sua alma seja rica de bondade.

Tem a physionomia correcta, varonil e ao mesmo tempo doce. É uma d'estas admiraveis filhas do campo, que têm as mãos callosas mas o coração florido.

Vê-se que procura concentrar toda a attenção na carta. Que mysterios estará confiando ao papel? Será uma sau-

nos levanta o espirito ás alturas da consolação. Se ella soffre, ou por amor ou por saudade, se tem na sua alma a fatal exigencia de revelar o que sente, se ha um pensamento encarcerado no seu espirito e ao qual necessita dar azas, se o seu coração ancia por expandir-se como um jorro de agua, espalhar-se na atmosphera como um aroma, rasgar as trevas como um raio de luz—que martyrio não seria o d'ella, se por ventura tivesse de abafar as suas magoas, de contar a si propria as suas tristezas, de monologar na soledade as suas desventuras,

de desafogar em lagrimas o desalento que ninguém am-
para?

que nos deixaram, quando se quer abandonar as tris-
tas do mundo, para se entrar nas alegrias do céo, ainda



A primeira walsa

Quando se vive prisioneiro do corpo ou do espirito, | que a tinta seja de lagrimas, não ha consolação nenhuma
quando se vive na ausencia da patria ou na ausencia dos | que se iguale á febre da escripta. Que o diga Silvio Pel-

lico, que o diga frei Thomé de Jesus e que o digalin altamente a santa *do muero porque no muero!*

A PRIMEIRA WALSA

Eu supponho que o homemsinho da rebecca é o avô d'aquellas duas interessantissimas creanças.

Não sei se passarei de celibatario, mas se lograr a ventura de chegar a avô, afianço desde já que aprenderei a tocar qualquer instrumento só para entreter a pequenada. Se não tiver vocação philarmonica, se as minhas facultades musicas se esquivarem á propria gaita do folle, faço-me artista de realejo.

Deve ser indubitavelmente uma cousa para invejar a felicidade dos velhos, quando a alegria da infancia os rodeia. Os cabellos estrigados são as flôres brancas da cabeça; os pequerruchos são as flôres vermelhas da vida.

Quando ás vezes atravessava os campos, os campos risonhos da minha provincia, muitas vezes me quedava atraz de alguma parreira a observar um quadro curioso. Era á porta de algum lavrador remediado. Ao longe ouviam-se os sinos da igreja dando as Ave Marias. Os paes, os donos do casal, voltavam do monte de cortar lenha. A mulher, de fôrmas robustas, com a camisa de estopa arremangada e o lenço de côres atado na parte posterior da cabeça e a cair-lhe sobre as costas como um barrete de caçador, de agulhada na mão, puxava a soga dos bois. O marido vinha atraz, de jaqueta ao hombro, atroando as lages do caminho com os seus pesados sócos, deliciando-se com o chiar monotono do carro e trocando do longe em longe o *Guarda-o Deus* com a gente do trabalho.

Á porta estava uma velha sentada n'uma especie de preguiceiro debaixo de um carvalho frondoso. Duas creancitas lhe andavam pulando em roda. Ora se lhe reclinavam no seio, ora se lhe encavalgavam nos hombros. Ella sorria sempre e beijava-os. Como que vivia da vida d'elles. Elles tambem sabiam qual era a saia que os agasalhava. Quando a mãe queria bater em algum, lá vinha a avô a cobril-os com os braços, a protegel-os, a acariol-os.

Ao aproximar-se o carro da lenha, dirigiam-se á frente dos paes, como se fossem duas aves que saíssem do ninho. A avô lá ia tambem atraz d'elles, igualmente menina, igualmente alegre. Era este o bucolismo que eu adorava e que nunca vira descripto nos antigos poetas, tão amantes aliás da natureza.

Quando se é avô, é quando se gosa verdadeiramente o direito sacrosanto de pae; é uma regalia sem responsabilidade, um prazer tranquillo, uma esperança coroada. Não se pensa então no futuro das creanças, ha um cerebro robusto onde se resolve este problema; não se tem cuidado com a educação, não se indaga a maneira de vigorar uma intelligencia incipiente. O avô só quer consolar e ser consolado; é uma creança grande a trasbordar de affectuosidades, é o sentimento rejuvenescido a completar o sentimento que desabrocha nos labios do pae e nos seios uberrimos da mãe. O pae nem sempre disfructou serenamente os idyllos do berço; muitas vezes, quando se inclinou sobre o leitossinho infantil, foi para se reanimar, para erguer com mais força a cabeça que lhe pendia desalentada. O avô, quando pensa na morte, pôde lastimar a pobreza mas não pôde exercuciar-se nos martyrios da orphanidade sonhada para seus netos.

No quadro de Leinweber quer-me parecer que se procurou representar estas duas alegrias tão ignaes e tão oppostas. A avô suspende o seu serviço culinário para admirar os dois walsistas em miniatura. O avô não sabe

se ha de tocar se ha de rir. Só os pequenos é que tomam a serio a sua dança. Pudera, se é a primeira walsa!

A primeira walsa! Quando elles entrarem no mundo quantas vezes se lembrarão do seu ensaio choreographico, e quantas vezes dirão de si para si: — Ah! já não será elle que nos ha de tocar a ultima walsa!

SOUSA VITERBO.

A ORGIA

(Fragmento)

.....

Parenos a escutar o que na sala se ouve entre o som de mil risadas loucas, que distillam de si fundo amargor. E' venenoso o riso d'essas bóças, a que o vicio murchára a rosea flôr!

* Fernando, que feitiço poderoso soubeste dar á nossa altiva Aspasia? Vés o olhar caricioso, com que ella te namora a furto e a medo?! Acautela-te amigo!

Creio que um dia a manecinha d'Asia, ao vêr-lhe ao longe a faseicante imagem, quiz revelar-lhe esse fatal segredo, com que mata os que vão buscar-lhe o abrigo, da perfida folhagem!

* — Ai quem me dera ser a manecinha! Tu sabes lá meu louro adolescente com geitos de D. Juan, e olhar que ás vezes resplandece e brilha de jubilo innocente, que finges uns sorrisos de Satan, e inda tens compaixão para os que choram, a delicia infernal, com que en matára de louco amor as almas que me adoram! *

* — Mata-me pois mulher! Sabes que aspiro a todos os prazeres impossiveis violentos e selvagens! Quizera amar-te, ó pallido vampiro! esbrazear-me n'essa ignota chamma provar d'essa paixão que assim devora!... Fujo mas é das candidas imagens que me orvalharam a ridente aurora! De ti não fujo! o teu olhar derrama caudal de gosos que esta sede acalma! Teus a vaga attração do sobrehumano a vertigem fatal do precipicio, e eu quero dar por tumulo á minh'alma o teu amor tão vasto como o Oceano, Deificação esplendida do Vicio! *

Ella ouvia-o sorrindo, e mergulhando nos olhos d'elle o seu profundo olhar: e depois murmurou: — Olha, Fernando, és bello, és moço, e eu não te quero amar! *

* Descambas na elegia, *poveretta!* Um poeta satanico murmura, remirando através da aurea luneta da baehante a sinistra formosura.

E a tempestade dos risos que se acalmára um momento ergueu-se, como um lamento se ergue do abysmo infernal. Toda a sala arqueja e treme no sinistro uivar da orgia na satanica alegria d'esses seis pygmeus do mal!

E ella a esphinge que assombra, ella a mulher marmorea e tentadora, larva que vem do ignoto e vem da sombra, irmã lasciva das ficções pagãs;

ella espalha de roda, seismadora
o olhar que a luz d'aureas palhetas borda,
e seisma haurindo a taça que trasbordada
nas caricias enormes dos titãs.

Dos homens que a loucura ali juntára,
e que tem a loucura por seu fito,
nu só lhe lê do olhar na fulva chamma
a ambição audaciosa do infinito.

Ninguem lhe entende mais o ignoto drama
d'aquelle coração tão vil, tão grande,
que se arroja do charco á immunda lama,
e que na luz, na immensa luz se expande!

Fernando ergueu-se e foi sentar-se ao perto
da visão que o captiva deslumbrante
como um idolo informe no deserto
captiva e prende o olhar do caminhante.

E pousou-lhe a mão branca e feminina
nos seus cabellos d'ouro,
que distillam fragrancias namoradas,
e onde o olhar descortina una luz fatua;
manto enredado pela mão das fadas
nos marmoreos contornos d'essa estafua.

Era um sonho de Phidias ou de Homero!
um não sei quê de casto no impudor!
Pousou-lhe o bello o seu diadema austero
consagra-o da belleza o resplendor!

— En amo-te, mulher! És bella, és pura!
Que importa que as orgias te queimassem
os labios de carmim?

É meu culto exclusivo a formosura
amo-te, mesmo assim!

A luz brinca, reflecte-se, estremece
do teu corpo nas linhas serpentinas
que modelon por suas mãos o amor!
A luz beija-te as palpebras divinas,
toda te immunda, e as auras matutinas
baloiçam-te de leve, ó loira flôr!

Longe de mim as pudicas mulheres,
e o casto olhar que mente e que devora!
Ao pé d'ella que és tu candidez nescia?
Quando eu a vejo ri-me ao longe a Grecia
a terra das visões que tinge a aurora!

E parece-me vêr ao longe ao longe...
n'uns horisontes vagos, roseos, bellos...
d'entre a espuma das vagas que fluetua,
erguer-se una mulher robusta e nua,
mal envolta no véo dos seus cabellos!

En sou filho das eras voluptuosas
d'essa terra do olympico prazer!
Enche-me a taça, c'róa-me de rosas!
Densa, dá-me esse amor que faz morrer!

Quero afogar nos teus nervosos braços
a imagem divinal que eu trago aqui?
Quero extinguir a vida em taes delirios
que os demonios lhe bramem dos espaços
que eu — monstro que ella fez — em fim morri!

Verte o fel venenoso do teu riso
no meu passado candido e feliz!
Ó formosa, ó phantastica bohemia
escarnece o meu floreo paraizo!
ensina-me a lançar a vil blasphemia
nas câs de um velho pae que me maldiz,
de minha irmã nos seios virginaes!

.....
Assomára de um velho o vulto anstero
da porta do salão entre os umbraes.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



Ma Rabbinta

(A DAMNADA)

NOVELLA DE PAULO HEYSE

(Traduzida do allemão)

(Continuação)



EU tio tem
filhos?

— Não...
Não casou
nunca, e es-
teve muito
tempo fóra,
n'outras ter-
ras, longe,
onde juntou
boas piast-
ras. Agora
quer elle
montar una
pescaria em
grande, pa-
ra eu tomar
conta d'el-
la.

— Estás um homem feito, Antonino.

O rapaz encolheu os hombros.

— Cada um tem a sua carga, disse elle.

E levantou-se outra vez para vêr o vento, olhando
ora para um lado ora para outro, apesar de saber certa-
mente que o vento não sopra de dois lados a um tempo.

— Ah! tens mais uma garrafa. O teu tio póde pagar
— disse a taberneira.

— Só um copo; este vinho é forte como o diabo. Já
tenho a cabeça quente.

— Mas não vae para o sangue. Bebe quanto quizeres.
Ahi vem meu marido. Ainda te vaes demorar um bocado
a tagarellar com elle.

Efectivamente, a figura elegante do *padrone* da ta-
berna descia dos altos, com uma rede ás costas e o bar-
rete vermelho inclinado sobre os longos cabellos encara-
colados.

Levára á povoação peixe fresco, que a boa senhora en-
commendára para offerecer ao cura de Sorrento.

Quando viu o barqueiro disse-lhe adeus com a mão,
sentou-se no mesmo banco e começou a conversar. A mu-
lher havia n'esse momento trazido uma segunda garrafa
de verdadeiro o genuino Capri, quando a areia da praia
se sentiu ranger e Laurella chegou pelo caminho de Ana-
capri.

A rapariga saudou-os com a mão e parou indecisa e
calada. Antonino levantou-se immediatamente.

— Vou-me embora, disse elle — é uma rapariga de Sor-
rento que veio esta manhã com o cura, e quer voltar an-
tes da noite por causa da mãe que está doente.

— Já vae, já vae, a noite ainda vem longe, disse o
pescador — temos tempo de beber um copo de vinho. Tra-
ze mais um copo, mulher, traze mais um copo.

— En não bebo; obrigada, disse Laurella conservan-
do-se afastada do grupo.

— Traze sempre um copo, traze. Ella beberá.

— Deixe-a, disse o barqueiro. É teimosa como o diabo.
Quando ella não quer una cousa, nem un santo a con-
vence.

E despediu-se.

Chegou-se ao barco, desembarrou-o e esperou a rapariga. Esta deu as boas noites ao dono da taberna, e dirigiu-se para o barco, de vagar, olhando para todos os lados como se procurasse mais companheiros de viagem.

A praia estava só. Os pescadores ou dormiam ou estavam no mar com as suas redes. Algumas mulheres e crianças estavam sentadas ás portas a dormir ou a fiar, e os estrangeiros que haviam chegado de manhã esperavam o fresco da noite para partir.

Laurella não teve muito tempo para vêr tudo isto, porque antes que pudesse impedil-o já Antonino lhe havia pegado, e a levava como se fosse uma criança para o barco. Saltou elle depois e com algumas remadas pozeram-se no mar largo.

A rapariga sentára-se adiante, de lado, de modo que elle só a via de perfil. Tinha a physionomia ainda mais seria que de costume. Os cabellos cobriam-lhe a testa, que era estreita, as narinas finas e transparentes estavam dilatadas por uma expressão resoluta, e os beiços cheios e vermelhos conservaram-se contrahidos um contra o outro.

Já tinham navegado um bocado em silencio quando ella, sentindo o calor ardente do sol, tirou pão do lenço, pôz este na cabeça, e começou a jantar o seu pão sêcco porque não tinha comido nada em Capri.

Antonino não pôde vêr isto por muito tempo. Tirou duas laranjas de um cabaz que de manhã trouxera cheio d'ellas e disse:

— Come isto com o teu pão, Laurella.

— Come-as tu. Basta-me o pão.

— São boas para quem andou muito como tu debaixo do sol.

— Deram-me um copo com agua, que me refrescou.

— Como quizeres, disse elle, e deixou cair as laranjas no cabaz.

Novo silencio.

O mar estava liso como um espelho e murmurava apenas de encontro á quilha do barco. Em volta, os passaros do mar que têm os ninhos nos rochedos das costas, voavam quasi sem ruido.

— Podias levar estas duas laranjas a tua mãe — disse Antonino por fim.

— Ainda temos laranjas, e quando se acabarem eu irei comprar mais.

— Leva-lh'as da minha parte.

— Ella não te conhece...

— Mas pôdes tu dizer-lhe quem eu sou.

— Eu tambem te não conheço.

Não era a primeira vez que ella o renegava d'esta maneira. Um anno antes, quando o pintor veio a Sorrento, aconteceu que um domingo, Antonino jogava com outros rapazes n'um largo ao pé da rua principal da Boccia. Foi ali que o pintor encontrou pela primeira vez Laurella, que passava destrahida com uma bilha de agua á cabeça. O napolitano parou admirado ao vê-la, apesar de nesse momento se achar justamente no meio do jogo dos pescadores. Uma bola veio bater-lhe nas pernas e advertil-o de que não era aquelle o melhor lugar para se entregar á contemplação. O pintor olhou em volta e esperou que o jogador se desculpasse.

O barqueiro que atirára a bola estava calado e resolutamente entre os seus companheiros. Julgando prudente evitar uma altercação, o napolitano retirou-se. Fallou-se n'esta occorrença, principalmente, quando o pintor pediu Laurella em casamento.

— Não o conheço, disse ella machinalmente, perguntando-lhe o pintor se o rejeitava por causa d'aquelle pouco delicado namoro.

Aquella scena tinha-lhe chegado aos ouvidos. E, desde então, sempre que ella encontrava Antonino fingia não o conhecer.

(Continua.)

J. BATALHA REIS.

THEATROS

(Continuação)

Agora o momento de abrir excepção para fallar de uma peça estrangeira. Refiro-me ao excellent drama em tres actos, de Marianno Larra — *A oração da tarde*, traduzido do verso hespanhol para verso portuguez, pelo sr. Pinheiro Chagas.

Esta formosissima composição subiu á scena em D. Maria II, no beneficio da actriz Virginia, uma das comediantes modernas de mais talento que representam em os nossos theatros.

O drama, cuja acção verosinil cabia perfectamente nos moldes da escola realista, é essencialmente romantico e abundante em scenas de uma poesia encantadora. Foi essa poesia que o sr. Pinheiro Chagas soube conservar na sua primorosa versão, onde se encontram estrophes magnificas de naturalidade e ao mesmo tempo de enlevo tal, que arrebatam os menos propensos ás cousas ideaes.

A peça está publicada. No livro melhor do que na scena, pôde o leitor avaliar os primores de linguagem e versificação saídos da penna brilhante do valente escriptor o sr. Pinheiro Chagas, cujo braço robusto não cansa embora trabalhe, sem cessar, em todos os generos de litteratura desde o mais conspicio e exigente, como a historia, até o mais independente e folgazão, como a comedia.

Nos theatros de segunda ordem representaram-se duas peças originaes que chamaram, durante algum tempo, a attenção do publico frequentador d'aquellas casas de espectaculos. Intitulavam-se — *O cura Santa Cruz* e — *O circo do sr. Price*.

O cura Santa Cruz, drama em cinco actos, pelos srs. Baptista Machado e Lino da Assumpção, subiu á scena em o theatro da Rua dos Condes. Architectado e dialogado ao sabor das platéas populares, tem effeitos theatraes que subjagam a attenção dos espectadores, arrancando-lhes successivos applausos. Os auctores não se preocuparam muito com a verdade dos acontecimentos; mas, se o rigor historico havia de prejudicar os lancees scenicos, melhor foi que o drama saísse tal como os auctores o conceberam, achando-se elles, de mais a mais, n'esse ponto, ao abrigo da severidade da critica, porque não seria justo accusal-os de faltas tantas vezes desculpadas a muitos escriptores de primeira plana.

A comedia em dois actos — *O circo do sr. Price* é mais uma produção popular do sr. Luiz de Araujo. Como em quasi todas as composições dramaticas d'este conhecido auctor, encontra-se n'ella uma galeria de typos portuguezes desenhados com bastante naturalidade e graça. O primeiro acto é animado por scenas variadas e dialogo chistoso, o segundo pelos trabalhos gymnasticos exhibidos no circo de curiosos, que o palco representa. Subiu á scena no theatro do Principe Real.

Novamente me cumpre fallar de uma traducção.

O Gymnasio pôz em scena o — *Doente de scisma*, comedia em tres actos, que o sr. visconde de Castilho transplantou da prosa franceza em que é escripto o — *Malade imaginaire*, de Molière, para formosissimos versos portuguezes.

Muito se tem dito acerca da celebre comedia — *Le malade imaginaire*, mais celebre porque foi a quarta recita d'ella que Molière falleceu, do que pelos extraordinarios merecimentos que encerra; pois, não obstante ser urdida com finissima observação e conter galhofeira critica, não é todavia das melhores do grande poeta comico. Ocioso, portanto, seria fallar da obra original.

A traducção feita em alexandrinos no primeiro acto e em rondilhas nos dois ultimos, é modelo de boa linguagem portugueza e ouve-se com o maior agrado, porque tem versos admiraveis e muita graça de dialogo e de situação.

O sr. visconde de Castilho entendeu que para a comedia se representar em os nossos theatros, carecia de ser reduzida á forma moderna. Na transformação, porém, que o illustre poeta deu á obra de Molière, foi talvez alem do que conviria para a tornar exequivel na scena portugueza. Nacionalizou-a e conduziu a acção para os nossos dias.

Da mudança de costumes poderia ainda alcançar-se resultado satisfatorio, porque o — *Doente de scisma*, habilmente imitado, seria modelo completo da antiga farça portugueza, cognome que muitos dão hoje ás más composições comicas, originaes ou traduzidas, sem se lembrarem de que é o melhor elogio que lhes pôdem fazer. Da aproximação, porém, da época resulta que os principaes typos da comedia ficam sendo menos verdadeiros, começando pela creada,



AS MASCARAS.

1867

que não tem a minima parecença com as creadas de hoje; seguindo-se o namorado, que toma um disfarce para se apresentar em casa de uma familia, enjo chefe, segundo todas as probabilidades, conhece Alnaviva, pelo menos, de S. Carlos; passando aos medicos, que ostentam actualmente — os que podem ser accusados d'esse peccado — charlatanismo completamente diverso do d'aquelles tempos; e terminando no boticario, que traz o xarope ao enfermo e se prepara para lhe applicar umas frições, quando hoje o boticario mais parecido com este seria unicamente o da aldeia, que, apesar de retrogrado, já lhe custa a ir deitar umas bixas a casa do doente.

Por que a versão portugueza do sr. visconde de Castilho autorisa estes, e por ventura, outros reparos, não se deve porém concluir que o traductor commetteu faltas tão graves que destroem o merecimento da obra. São tantas as bellezas da traducção, que, para os menos investigadores, são ellas justamente que offuscam todos os defeitos que a critica lhe pôde certamente apontar.

O doente de scisma subiu á scena em beneficio da intelligente actriz Emilia dos Anjos, que desempenhou o papel da creada com muita perfeição. Não foram menos felizes os seus collegas na interpretação dos demais papeis, do que resultou obter a versão do *Malade imaginaire* desempenho condigno.

A empresa do Gymnasio, para commemorar a honra de poder incluir no catalogo dos auctores que têm escripto para aquella theatro, os nomes de Molière e de Castilho, deu uma recita com o *Doente de scisma*, para a qual convidou todos os escriptores residentes na capital. Escusado será dizer que o sr. visconde de Castilho recebeu n'essa noite uma completa ovação, promovida pelos que admiram no venerando poeta, o seu talento superior e as suas vastissimas letras.

A composição mais notavel que o Gymnasio offereceu ao publico, depois do — *Doente de scisma* foi o drama — *Os campinos*, original em tres actos do sr. Salvador Marques.

Os Campinos é uma composição que denota principalmente grandissima propensão em seu auctor para despertar interesse nos espectadores e crear situações theatraes de effeito certo. Não tem as grandes bellezas de um drama essencialmente litterario, porque o thema não offerece novidade; no seu desenvolvimento ha algumas pequenas inverosimilhanças e a linguagem, embora correcta e apropriada á condição dos personagens, não tem o sabor perfumado que se encontra no estylo dos mestres.

Mas se o drama dos *Campinos* não é uma peça litteraria em toda a amplitude d'esta designação, encerra todavia muitas e apreciaveis qualidades, não sendo as menos importantes a fórma correctissima de alguns personagens, o eunho portuguez que sobresahe no geral da composição e o estudo cuidadoso do auctor para reproduzir tão fielmente os usos e costumes d'aquella especialissima população, a quem está entregue a lavoura dos fertis campos do Riba Tejo.

Pena é que o sr. Salvador desse tão acanhadas proporções ao seu drama. Tres actos são sufficientes para as peças intimas ou para as composições ligeiramente graciosas; os assumptos, porém, que se prestam a lances arrebataadores e que dão margem ao escriptor para ornar a urdidura com episodios variados e com algum espectáculo, acham-se contrafeitos dentro da acanhada fórma dos tres actos e estão pedindo mais larga área para se desenvolverem com toda a energia da sua força vital.

A excellente peça do sr. Salvador, de certo uma das melhores do repertorio nacional e estrangeiro dado este anno nos theatros de Lisboa, teve desempenho acertado por parte dos artistas do Gymnasio, sobresaíndo a todos o actor Pinto de Campos, que interpretou o primeiro papel com a maior propriedade e correcção.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

AS MASCARAS

N

ão raro succede dividir-se o mesmo homem como que em duas personalidades differentes, e até inimigas, porque, se uma affirma, a outra nega; se uma chora, a outra ri; se uma succumbe, a outra vence...

Mas se o estylo é o homem, como disse Buffon, será difficil explicar satisfatoriamente o facto muitas vezes provado de se estarem contradizendo homem e estylo, da pessoa exterior desmentir completamente a pessoa interior!

Aqui começo eu a duvidar da critica chamada *natural*, e tão brilhantemente desenvolvida por Emilio Des-

chanel; de Buffon, da sciencia, de toda a legislação que tente regular o que nasceu caprichoso e vario.

Por outro lado, sou impellido a acreditar, por um rapido processo de observação, que o homem de dentro e o de fóra, deixem-me assim dizer, andam tanto a par e passo, que reconheço nas *Provinciales* a saude do Pascal, e nos *Pensamentos* a depressão cerebral proveniente da enfermidade que o accomettera.

Como hei de então tirar-me d'este labyrintho?

Reflexionando um pouco. Certo é que as idéas tomam o colorido do meio em que nascem. O meio torna-se o estylo, a individualidade, o character litterario. São como os homens, que, segundo o meio em que nascem, constituem uma ou outra raça. Já notou um escriptor que as idéas, antes de receberem as tintas do estylo e o eunho do escriptor, pertencem vagamente a todo o mundo, e era por isso que o auctor do *Tristram Shandy* dizia que tinha caçado mais de um pensamento que fluettuava sem destino.

Tudo isto so refere ás produções litterarias e artisticas, bem entendido, porque as obras scientificas têm processos determinados, moldes irrecusaveis, caminho riscado pela mão do methodo.

Certo é pois, como já nos dizendo, que o homem se revela nas suas obras, mas cumpre notar, — e assim ficará resolvida a nossa duvida, — que em todo o cerebro que está produzindo ha aquella exaltação doentia de que falla o dr. Moreau, e que outros já têm appellidado *loucura*. Se o é, sublime loucura, porque a invejam os de sã cabeça!

Além da sensação produzida pela actividade das faculdades intellectuaes, quando vibradas pela inspiração, importa observar que concorre um conjuncto de circumstancias a modificar temporariamente a pessoa do compositor, sendo entre outras importantissima o regimen hygienico ou o habito toxicologico observados no momento da composição.

É sabido de toda a gente que Michelet se esportava com café para eserever; Torgot só trabalhava depois do abarrotado com o jantar; Pitt não defrontava um negocio grave sem haver tomado um calix do nosso Porto com uma colher de quinino; e Horacio, menos sobrio do que Pitt, aquecia o estomago para versejar, como diz Juvenal:

... *Satur est quem dicit Horatius: Evoc!*

Portanto, ali fica explicado com a lição da historia o motivo por que, no respeitante a escriptores e artistas, ás vezes se digladiam no mesmo homem duas entidades oppostas, uma que se revela no livro e no quadro, outra que está na alma ou no corpo.

Assim é que Watteau, o celebre auctor das *Mascaras*, doente e melancolico, organização á Mozart, chegou a ser o pintor dos assumptos galantes e a ter o quente e doirado colorido dos seus quadros, um pouco por adoração do Rubens, porque as origens do seu talento são flamengas, como já alguém escreveu em França, e outro pouco por adoração da escola veneziana, a das cores brilhantes e calidas.

Esto opulento chronista das festas do amor e da elegancia fez-se solitario desde os primeiros annos da sua carreira artistica. Passeava só, copiando a natureza, os singelos idyllios dos campos. Referia-se visivelmente a esta primeira phase, o poeta que disse d'elle:

Parée à la Française, un jour dame Nature
Eut le désir coquet de voir sa portraiture.
Que fit la bonne mère? Elle enfanta Watteau.

Foi provavelmente n'essas longas e silenciosas peregrinações da sua mocidade, que Watteau estudou vagarosamente a existencia de Deus, cujo ideal de perfeição e belleza comprehendia tão religiosamente, que ao cura de Nogent, que á hora da morte lhe apresentava um Christo mal esculpturado, perguntou:

—Como pôde um artista reproduzir tão incorrectamente os traços de Deus?

A segunda phase da vida artistica de Watteau data da sua entrada em casa de Claudio Gillot, que pintava para o theatro; foi ali que se occupou dos assumptos tirados das comedias italianas, e que, para satisfazer talvez a exigencias de camarim, desenhou sobre adoraveis leques os graciosos ornatos subscriptos com o seu nome.

Foi certamente ainda no theatro que se entrou de ardente enthusiasmo pela Italia, onde todavia não chegou a ir, porque, desgostoso de ter sido vencido n'um concurso academico por um pintor obscuro, segundo diz um biographo¹, recolheu-se a Valenciennes, seu berço.

Mas, para não precipitarmos os acontecimentos, digamos que foi, frequentando a galeria de Luxemburgo, que travou mais intimo conhecimento com Rubens, o pintor das côres sanguineas, do loiro e do roseo, do gracioso e do tentador.

A diversidade dos elementos com que, para assim dizer, pouco a pouco se foi constituindo a sua alma de artista, fez de Watteau um pintor distincto, e, sobre tudo, original.

Francez pela graça da composição, não o é de modo tão absoluto, que não seja tambem flamengo e veneziano, isto é, que não represente na escola franceza um lugar á parte.

Tem ainda outro merito, e não pequeno. Escrupuloso pintor de costumes, deixou nos seus quadros a historia d'aquelles garridos trajos da côrte de Luiz XIV.

Por isso é que o seu biographo escreveu: «exprime o caracter da época».

Se gostassemos de usurpar o seu a seu dono, poderíamos entrar agora em observações emprestadas ácerca da correção artistica de Watteau, depois de termos aberto deante de nós o tomo IV do *Abrégé de la vie des plus fameux peintres*.

Deixamos essa canceira e essa gloria para os entendidos. Contentemo-nos com saudar, depois de termos fallado de Watteau, a alegre composição que temos presente, episodio romantico das folias carnavalescas, em que talvez se esconde no dominó um segredo de amor, como debaixo da mascara do artista se escondia a melancolia do homem.

ALBERTO PIMENTEL.

NUMEROS DO INTERMEZIO

HENRI HEINE

Rosas e lyrios, pombas, sol radiante,
Tudo isso outr'ora no fugaz passado
Eu adorei constante.

E d'esse amor, que tive, immaculado
Por lyrios e aves e subtis perfumes,
Nem já me lembro, seductora amante,
Fonte pura de amor, que em ti resumes
A rosa, o lyrio, a pomba e o sol radiante.

Coimbra.

G. CRESPO.

¹ *Nouvelle biographie générale*, tomo 45.

MOGAREM

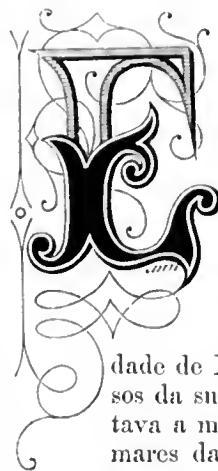
(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

IX

(Continuação)



como caísse o inverno torrencial sobre Goa e os ventos mudando do quadrante fechassem a barra da Aguada, e o mar das Indias se tornasse intratavel, nenhuma novidade chegavam do norte.

D. Alvaro de Castro saíra, já no meio do grande esbravejar dos mares, em navios bem apercebidos de gente e munições, mal sabendo que ia destinado a vingar a morte de seu irmão.

E emquanto Diu, mais feliz, mais nobre, mais heroica do que a famosa ci-

dade de Priamo, acompanhava a trovões os versos da sua Iliada, D. Alvaro de Castro completava a mais formosa Odysséa arrostando com os mares da India «em tempo em que se não deixam navegar», lutando contra os temporaes, cego pelos caliginosos nimbos que roubam todo o horisonte, «forçando o reino e navegando por debaixo das ondas. Era o vento travessão e os mares andavam tão cruzados e soberbos que comiam os navios.»

O inverno da India dá mostras do diluvio e assusta como a aproximação de um cataclismo.

Mais negro que o céu andaria de certo, e não se mostrava, o coração de D. João de Castro.

Quando os aguaceiros se adelgaçavam, e quando o governador tencionava socorrer pessoalmente a inconquistavel fortaleza, chegou á capital do estado a vaga noticia da sua perda. Ouviu-a, rindo, D. João de Castro, que nunca a ninguém mostrava elle as suas penas.

Mas com os clarões da bonança chegaram tambem esperanças e alentos. Na barra surgira uma nau do reino commandada por D. Manuel de Lima e após ella mais cinco. — Se Diu ainda resistisse!... pensava o governador; e n'isto chegava á barra de Goa a capitania em que fôra D. Alvaro, e vinha embandeirada e dando salvas de alegria, para annunciar de longe as boas novas que trazia.

É facil calcular como o povo correu, e cobriu as duas margens do Mandovy a vêr passar o mensageiro, que mostrava nas salvas e nas flamulas saudações de alegria e noticias de muita gloria.

«Quando o capitão entrou no palacio estava o governador, refere J. Freire, com o bispo D. João de Albuquerque e frei Antonio do Casal, custodio dos franciscanos. A primeira cousa que o governador perguntou foi se estava ainda a fortaleza por el-rei seu senhor. Ao que o capitão respondeu que estava e estaria. A cuja nova ajoelhando-se o governador, com os olhos no céu, deu a Deus as graças, não sem derramar lagrimas significadoras de piedade com Deus, de zelo com seu principe. E logo recebendo as cartas soube da morte de seu filho D. Fernando, que recebeu com tanta constancia que os de fôra lhe não conheceram mudança no rosto ou nas palavras, como se fôra fraqueza parecer pae, ou indignidade ter affectos de homem.

Fez mercê ao capitão e o mandou que fosse alegrar a cidade com as novas que trazia e logo recolhendo-se: cho-

rou em secreto o filho esperando tempo á dôr sem injuria do logar e do animo

No seguinte dia se fez uma solemne procição de graças a que assistiu o governador vestido de escaurlata, consolando com seu proprio exemplo o povo na morte de seu filho.»

X

Um grupo de moças indús acoitadas sob as mangueiras da alfandega tinham visto chegar o navio embandeirado, o pregoeiro das boas novas; n'esse grupo estava, mais morta que viva a formosa Mogarem. Bem olhava ella o convez o bem quizera ella partilhar da alegria geral! de balde! aquelle navio parecia-lhe um tumulto.

Viu-o colher as vélas, amainar, lançar ferro; viu-o cercado de escaleres, tonas e galeotas, viu descer, subir, vozear, formigar a immensa multidão de marinheiros e curiosos, a faina e a alegria, e sentia o coração despedaçarse-lhe.

Quando os escaleres desatracaram de bordo e se dirigiram ao caes, quando chegava o momento de saber o que mais desejava, fugiu.

Um *botto* vigiava todos os movimentos de Mogarem, correu para ella e tomou-lhe o passo no mais cerrado da floresta.

—Mogarem, lhe disse elle, e ella parou e olhou-o, pallida, por que vinha pallida, mas serena e fera d'esta fereza que o desespero ás vezes dispensa á mais fraca das creaturas; Mogarem, sabes que te amo?

—Não o sabia.

—Sei eu tudo de ti, porque os meus olhos e o meu coração te acompanham dia e noite. Lembras-te do vulto que atravessava o teu jardim nas noites em que te encontravas com D. Fernando de Castro?

—Recordo-me.

—Era eu, que tive mil vezes vontade de assassinar esse imberbe passeiante nocturno esquecido de que estava n'um paiz de feras.

—Elle matava-as.

—E recebia os teus parabens e talvez os teus protestos de amor.

—Talvez?! ó fraco! pois não saíste da tona? o tigre já estava morto.

—Mogarem: eu amo-te, para que me offendes? O teu noivo e o teu pae ignoram o que eu sei e lhes posso dizer, promette que serás minha e não perturbarei as festas do teu noivado.

—Chacal! redarguiu ella com os olhos chammejantes!

—Nada esperes de Diu, que D. Fernando é morto.

Não é facil avaliar o que se passou na alma d'aquella mulher. A expressão dos seus olhos e do seu rosto foi tal que o *botto* recebeu em cheio a descarga formidavel de uma pilha electrica; pareceu que girava vertiginosamente sobre si mesmo, que o sol se escondia e que uma vertigem o fulminava.

Quando voltou a si achou-se só e duvidou se teria sonhado.

Certo porém do que se passára, correu para a casa dos bambuaes na esperanza, talvez, ou do evitar uma grande desgraça obtendo o silencio de Mogarem, ou de se salvar perdendo-a.

Avistou-a já perto do jardim e bradou por ella. Mogarem, allucinada como ía, desejosa de se vingar e de morrer, teve uma lembrança cruel. Deu um grito, chamando por socorro e momentos depois era amparada nos braços de seu pae e do seu noivo.

—Que tens, Mogarem, que assim vens tremula e desfeita? bradaram os dois assustados.

—Esse miseravel, dizia ella apontando o *botto* que chegava, persegue-me desde o Mandovy!

—Mentes, Mogarem, lho disse o *botto* sentindo já sobre o peito a ponta de um punhal, pedi-te que não deixasses beijar ao teu noivo essas faces tão polluidas pelos beijos de D. Fernando de Castro.

Enquanto os rostos dos dois brahmines se contrahiam medonhamente, o de Mogarem illuminava-se, e erguia os olhos ao céo. Dir-se-hia que atravez do espaço descobrira a sombra do seu amante, e que na voz da sua alma lhe estava dizendo:—Vê como eu te amo e como sei cumprir o meu juramento.

—Calumniaste-a! rugiu em fim o noivo de Mogarem mettendo o miseravel debaixo dos joelhos.

—Não, não! amei-o; fui d'elle em vida, sou d'elle na morte e para sempre. Volta para mim o teu punhal e bemdito sejas tu.

Ergueu de novo os olhos ao céo e caiu por terra; que já não houve braços que a amparassem.

No dia seguinte duas unicas pessoas appareceram trajando d'escaurlata: o governador e Mogarem.

(Continua.)

A OURIVESARIA

SUA ANTIGUIDADE E PROGRESSOS NO ESTRANGEIRO E EM PORTUGAL

I

CONSTITUE a ourivesaria um ramo da arte, tão bello para enlevo dos olhos, quão interessante para o estudo.

Se a considerarmos em relação á belleza e infinita variedade de fórmias que ostenta em seus productos, e ao vasto campo que offerece aos artistas para poeticos vãos da phantasia, e para as mais admiraveis delicadezas do trabalho humano, forçoso é confessar que rivalisa com os outros ramos da arte na criação dos seus maiores primores. Se a apreciarmos relativamente á sua significação moral no desenvolvimento dos progressos humanitarios, reconhecer-se-ha, que n'ella se manifesta bem patentemente, e se retrata ao vivo, como na architectura e na esculptura em pedra, o viver da sociedade, as suas idéas, crenças, aspirações, usos e costumes, desde mui remota antiguidade.

A origem da ourivesaria esconde-se em a noite dos tempos, pois a arte de dar fórmias esbeltas e formosas ao oiro e á prata, nasceu dos primeiros impulsos de admiração e estima, que os homens sentiram por aquelles metaes. Os livros sagrados, os poetas e os historiadores offerecem-nos exuberantes testemunhos d'esta verdade. Por elles sabemos que muitos seculos antes do nascimento de Christo existia grande copia de riquissimos productos de ourivesaria, distribuidos pela Asia, pela Judea, Egypto, Grecia e Roma. Muitos seculos antes da fundação da famosa cidade do Tibre, enriquecia Salomão o celebrado templo de Jerusalem, segundo refere a Biblia, com preciosos vasos e mil variados ornamentos, de oiro e prata.

Fallam-nos aquelles poetas e historiadores dos vasos de prata guarnecidos de ornamentos de oiro, que Menelau e Helena receberam no Egypto; da espada de Agamemnon com os punhos de oiro; do escudo de Achilles com uma vide de oiro esculpida n'elle. Exalta Homero a taça de Peleo, declarando que é a mais bella obra que existe na terra. Expressam-se com entusiasmo todos os

escriptores contemporaneos, tratando da afamada estatua de Jupiter Olympico, admiravelmente cinzelada em ouro. E de muitas outras obras de escultura em metaes, e de ourivesaria de diversos povos, e em differentes eras da antiguidade, ha noticias circunstanciadas, e cheias de louvor e encarecimento.

Quando o desenvolvimento da civilisação, em todas as suas brilhantes manifestações, fez da Grecia uma nação grande, prospera, e eminentemente culta; quando a poesia das suas crengas, o amor da gloria e a paixão do bello, e as honras concedidas aos vencedores nos jogos olympicos, e ainda outros estimulos poderosos, que exaltam a imaginação e elevam a alma, ergueram as artes a essa altura assombrosa de esplendor e florescencia, que não attingiram antes, nem depois, a escultura em metal competiu, em belleza e perfeição, com os outros ramos da arte. As imagens das divindades pagãs, os premios de honra aos vencedores na liça, e os adornos de ouro com que se enfeitavam as damas, offereciam á ourivesaria vastissima área para os gloriosos certames do trabalho.

Emquanto a republica romana, já potente e avassalando muitos povos do orbe antigo, negava ás artes a consideração que dava aos negocios da guerra, e recusava aos artistas o favor que concedia aos que se illustravam na carreira das armas, a arte romana apresentava em todas as suas feições a mesma dureza dos costumes publicos. As damas romanas, recebendo das gregas a moda dos adereços de ouro, pediam estes adornos aos ourives da Grecia.

Porém, assim que os generaes romanos começaram a conduzir ao Capitolio, na sua entrada triumphal em Roma, os primores de arte produzidos pela pintura e pela escultura em Syracusa, Corintho e Achaia, na Macedonia e

na Asia, o povo rei, que, na altivez da sua grandeza, sómente sentia pulsar-lhe de jubilo o coração ao annunciarem-lhe victorias, que estendessem o seu dominio, achou attractivo e prazer na contemplação de todas aquellas maravilhas, que os triumphadores expunham aos seus olhos absortos. Raiou então para a orgulhosa Roma a aurora das bellas artes.

Os imperadores saciando de conquistas o povo romano, ora fazendo-o adormecer ao som dos hymnos triumphaes, ora desvairando-lhe a imaginação e entorpecendo-lhe os brios com o arruido e fulgor das festas publicas, usurparam-lhe o poder, e despojaram-n'o da liberdade. Mas doiraram-lhe as cadeias, e cercaram-n'o de todas as mani-

festações do luxo, e de todo o genero de prazeres que d'ellas póden derivar-se. Esse luxo desmedido, dando forte impulso ás artes, fez com que florescessem rapidamente, embora não chegassem ao grau de perfeição, que attingiram na Grecia, porque aos artistas romanos faltavam alguns incentivos moraes, muito poderosos, que impelliam os artistas gregos para o templo da immortalidade. A grande copia de objectos de arte romana, primorosamente cinzelados em ouro e prata, que se guardam no museu Campana, hoje no Louvre, e em muitas outras colleções de antiguidades na Italia, Alemanha e Inglaterra, attestam o desenvolvimento que teve a ourivesaria sob o sceptro dos Cesares.

A corrupção moral, que abateu o imperio romano até o entregar aviltado e indefeso nas mãos de seus implacaveis inimigos, prostrou tambem as artes e embaciou-lhes o lustre. No meio das trévas, que succederam á queda do imperio romano e que deram começo á idade média, perderam-se as letras e as artes, que tinham brilhado em Roma, irradiando-se d'aquelle grande foco de civilisação, como raios de luz, para toda a parte.

Sob o influxo do feudalismo, implantado no meio dia e occidente da Europa pelas nações septentrionaes, destruidoras do imperio dos Cesares, conservaram-se as artes por largos annos em completo estado de barbaria. Porém assim que o ardor da fé e o espirito aventureiro da sociedade impelliram os povos christãos á conquista da Terra Santa, começou a resurgir na escuridão do futuro a luz, que havia de illuminar, ao deante, a renascença das artes e a nova phase da civilisação. A passagem dos cruzados, na sua viagem para Jerusalem, pela cidade de Constantinopola, onde florescia ainda a arte

romana; o seu contacto depois com as nações asiaticas, onde as bellas artes, sobre tudo a ourivesaria, tinham cultores habeis e intelligentes; em fim, os productos artisticos que trouxeram, no regresso, para os seus paizes, foram as primeiras causas efficientes da restauração das artes na Europa semi-barbara.



Calix de S. Giraldo, 68.º arcebispo do Braga



Cofre de marfim do S. Giraldo, 68.º arcebispo de Braga (seculo XII)



Baculo de Santo Ovidio, 3.º arcebispo de Braga (seculo I)

Foi a escultura em metal, e particularmente a ourivesaria, o ramo da arte, que primeiro reverdeceu e floresceu, graças ao espirito religioso d'aquella era, que o pôz ao serviço da igreja, proporcionando aos artistas trabalho constante, e offerecendo-lhes remuneração condigna.

Obedecendo ás mesmas idéas e prescripções, que determinavam a mudança dos estylos architectonicos; acompanhando, por conseguinte, e como que consubstanciando-se com a architectura nas diversas phases por que ia passando, a ourivesaria religiosa assumiu todas as feições do estylo gothico ou ogival, que então reinava com imperio absoluto. Sob esta fórma attingiu a ourivesaria até o seculo XVI subido grau de perfeição e belleza, como o demonstram tantos relicarios, custodias, calices, cofres, thuribulos, e muitos outros vasos sagrados, feitos segundo aquelle estylo até á referida data, que se guardam nas sés e em outras igrejas d'este reino e dos paizes estrangeiros.

N'esta quadra de florescencia geral para as bellas artes, pela protecção desvelada que lhes concederam os soberanos, fidalgos e prelados, avultam alguns ourives, que adquiriram grande e merecida reputação. É muito extensa a lista de seus nomes, pois que se adornam com elles os fastos artisticos de quasi todas as nações da Europa. Portugal possuiu então alguns de incontestavel merecimento. Nomearemos, porém, sómente um, porque sobresaía a todos os seus patricios, e occupa lugar de honra entre os mais eximios ourives estrangeiros. Os nossos leitores já sabem que lhes fallamos de Gil Vicente, o famoso ourives de Lisboa, que fez por ordem d'el-rei D. Manuel a celebrada e formosissima custodia de ouro, deixada em legado por este monarcha ao mosteiro de Belem¹.

II

Antes de traçarmos, em resumido quadro, como o exi-

¹ Vidê a gravura d'esta custodia e o correspondente artigo a pag. 4, 5 e 18 do vol. 2.^o

gem os limites de que podemos dispôr, os progressos da ourivesaria sob a influencia da renascença, devemos dizer, que ao mesmo tempo brilhava este ramo da arte, com singular adiantamento, estranho a todos aquelles impulsos e influxos, em um paiz longinquo, desconhecido e segregado de todas as communicações com o mundo antigo. Referimo-nos ao Mexico e Perú.

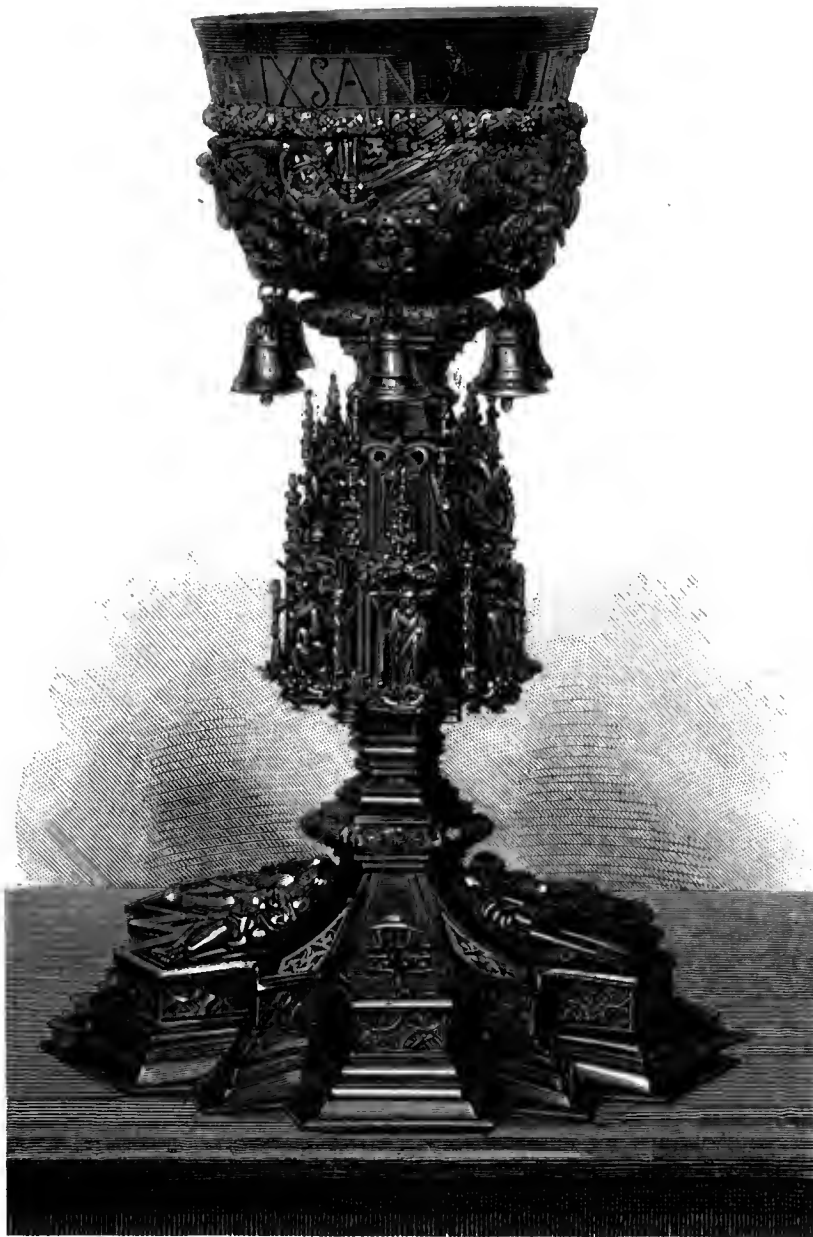
Quando Fernando Cortez entrou na cidade do Mexico em 1518, ficou assombrado á vista da quantidade, variedade e belleza artistica dos productos da ourivesaria mexicana, que encontrou nos templos e no paço do infeliz Montezuma.

Em uma carta, que o conquistador escreveu ao imperador Carlos V, participando-lhe a sua entrada n'aquella opulenta capital, lê-se o seguinte periodo: «Tudo quanto a terra e o Oceano produzem, e de que tem conhecimento el-rei Montezuma, é aqui imitado, por ordem do soberano, em ouro e prata, em pedras preciosas e em penas de aves, e com tão grande perfeição, que parece que se estão vendo os proprios objectos naturaes.»

A conquista do Mexico e do Perú pelos hespanhoes, e as inauditas barbaridades exercidas pelos conquistadores nos pacíficos povos d'estes dois desgraçados paizes, puzeram termo áquelle grande desenvolvimento da ourivesaria americana.

(Continúa).

I. DE V. BARBOSA.



Calix de prata dourada (1506) de D. Diogo de Sousa, 99.^o arcebispo de Braga

DECIMA EXPOSIÇÃO

DA

SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELLAS ARTES EM PORTUGAL

A sociedade promotora das bellas artes já assistiu a dez exposições, distribuidas por um periodo de mais de dez annos, e não pôde em verdade congratular-se pelos progressos artisticos do paiz. Reprehenderemos por isso a instituição destinada a *promover* esses progressos? declará-la-hemos inutil e nociva? Não. Muito tem ella feito,

attenta a escassez de recursos. Incitar o publico indifferente a prestar á arte a homenagem da curiosidade, embora superficial, e do obolo, embora regateado, é serviço relevante e espinhosa tarefa: a idade de oiro em que os devotos affluíam espontaneos aos seus templos vae passada e distante. Hoje só entram a empurrões, estão os altares tão pobres de offerendas que é forçoso que os andadores mendiguem para a cera, e a sociedade houve de resignar-se a este mistér, que lhe não rende para ser um Medicis, um Leão X ou um Luiz da Baviera. Batendo ás portas com incansavel diligencia tem, todavia, obtido quo n'esta terra, onde o luxo raramente tem gosto e a riqueza só procura commodos, não se pintem sómente taboletas de quinquilheiros nem se cinzelem apenas as quatro estações para os balaustres dos telhados. Sem ella é de querer que o pardieiro fradesco da academia já estivesse mudado em quartel, ou que só os pardaes lhe frequentassem as aulas. Mas é tambem certo que aos seus esforços generosos resiste a decadencia, e que na serie das suas exposições observa-se, senão um retrocesso, um empobrecimento crescente, que este anno diriamos estar no auge, se não tivéssemos que descontar os opulentos fructos, em esculptura, de uma vocação phenomenal.

Quaes são as causas d'esta decadencia? Valia a pena menciona-las todas n'um escripto de longo folego: aqui só apontarei uma, que se me affigura ser predominante e que é das mais facéis de remover para o futuro. É a ignorancia dos artistas,—perdõem-me elles,—ignorancia não dos *processos*, que quero suppôr que se aprendem e ensinam primorosamente, mas de quanto é indispensavel para a concepção da *idéa*. Examinem-se com boa critica os trabalhos dos pintores nacionaes: o que se nota? Que sabem em regra manejar o pincel, pôr as tintas, harmonisar as côres, traçar as perspectivas, reproduzir as fôrmas, distribuir a luz e as sombras, mas não conseguem exprimir com os elementos da linguagem plastica uma concepção intellectual. Fallam, mas não dizem nada. Estão de certo modo para os verdadeiros artistas como o calligrapho para o escriptor, porque o calligrapho pôde tambem copiar os pensamentos alheios, como elles copiam mechanicamente os aspectos naturaes. E esta sua impotencia, esta ausencia do ideal, este rastejar pelo officio, o que é senão a tristissima condição do espirito, que se retrah da produção artistica, não ousa imprimir-lhe o seu cunho, não tendo para offerceer-lhe uma inspiração robusta e original?

O abandono da pintura historica, apesar de ser a pintura por excellencia, ali está a documentar essa ignorancia que deploro, e se alguns dos nossos artistas se experimentam n'este genero eminente, os documentos que fornecem não são menos comprovativos, porque os seus assumptos, raras vezes bem comprehendidos, são sempre assumptos já estafados por pinceis illustres, moedas corriqueiras das que formam o thesouro scientifico dos illetrados, e que podiam catalogar-se como as *phrases feitas* de certas *stylistas*, figurando na primeira linha do catalogo o banalissimo Eneas, carregando com o pae Anchises. Como se foge da historia, arcano imperscrutavel para a arte portugueza, foge-se igualmente de toda a *composição* em que é forçosa a interferencia de um elemento ideal, e procuram-se com exclusivismo os generos infimos, para que sejam só os sentidos a guiar, á vista do manequim ou do panorama, a mão exercitada. Por isso predominam o *bodegone* e a paisagem, tendendo a paisagem a desearbar na photographia colorida; e todos estes phenomenos significam inanidade intellectual, e resultam do tão espalhado preconceito de que a vocação só

por si faz o artista, de que as faculdades estheticas não carecem do auxilio das outras faculdades, e de que se pôde egualar Kaulback ou Landseer sem saber lér, como se pôde ser rico sem estudar grammatica.

A academia tem dado caracter official a este preconceito, dispensando os seus alumnos dos mais modestos conhecimentos. Lêem por cima a lingua materna? soletram francez? Tanto lhes basta para, com o pincel, o escopro ou o buril, interpretarem a natureza physica, o mundo moral, a vida das sociedades antigas, os grandes homens e os grandes factos, que é missão da arte eternisar. Esta é a doutrina, que vigora com a força que entre nós adquire a rotina. Os livros são para os litteratos, diz-se, e até hoje não chegou a comprehender-se que para o estudo da pintura historica é rasoavel preparatorio o estudo da historia. Ensina-se sómente, por curiosidade, como é que pintam os seus episodios os que gosam a beatitude de os conhecer. Se já se vae confessando quanto é indispensavel para quem desenha ou esculpe a figura humana saber-lhe a anatomia, este ramo de sciencia ainda não pôde fazer-se cultivar por obrigação de escola. O que aprendem os paizagistas de mineralogia ou de botanica? os animalistas de zoologia? Nada, e se não vão alem de copiar servilmente, é talvez por medo de plantar á beira mar arvores que só frondejam nas cristas das serras, ou de fazer florir a amendoeira em agosto. Ha tal, que tendo cursado as aulas da academia, se acerta ouvir fallar em esthetica ou archeologia, vae perguntar ao Moraes o sentido d'estas palavras esdruxulas; dos grandes mestres e suas escolas conhecem os estudantes... a galeria nacional; e já ouvi um pasmar ingenuamente de que David, tocando harpa ás maravilhas e poetando ao divino, fosse tambem... esculptor! Que culpa tinha este ignaro de ser officialmente artista?

Emquanto a educação official dos artistas estiver n'este atrazo, a sociedade promotora das bellas-arts, por mais que amiude as exposições e avolume as recompensas do merecimento, ha de continuar a vêr os seus esforços tristemente despremiados. Por isso quizera que ella saísse da esphera de acção traçada pelos seus estatutos, e estudasse, propozesse e promovesse uma reforma radical da academia. Os poderes publicos, é sabido, não descem o olhar olympico para *futilidades*, e por isso cabe á iniciativa particular supprir-lhes a desatenção soberba. É impossivel educar intellectualmente os cultores do bello, por não lhes sobejar tempo para cursar sciencias? Não, de certo. Não se lhes pede que professem a historia como Gervinus, ou emparelhem com Linneu em saber botanica; se não podem mais, aprendam como se estudam os ramos dos conhecimentos humanos connexos com o seu lavor, habilitem-se para lhes pedir subsidios e obte-los com mais detida applicação quando d'elles caregam, e terão realisado um progresso immenso. E se nem tanto podem, se nem d'este exiguo sacrificio receberiam indemnisação futura, devemos desistir de procrear artistas, de ter arte nacional, e no chão da academia arrasada plantaremos hortaliças!

A ultima exposição da sociedade deve tê-la convenci-do, melhor do que nenhuma outra, da urgencia da reforma que me permitti alvitrar. Guarneçiam a sala da pintura algumas telas em que a vista se prendia com agrado, mas raro se destacava d'ellas uma idéa que penetrasse no cerebro do visitante. Havia quadros que eram como janellas abertas para o campo, mas por essas janellas não se avistava o espirito do artista. Via-se o *objecto*, mas não o *sujeito*. Não figurava lá quem pudesse dizer como Rembrandt: quando deixo de pensar deixo de pintar. A arte rastejava pelo processo, e este apoucamento sentia-o bem

quem passava da exposição dos pintores para a sala da escultura, e contemplava *D. Sebastião pensando na conquista de Africa*. Este primor, este diamante que ali estava engastado em metal vulgar, parecia a revelação de uma outra arte, e sobrepujava, pelo menos, quanto rodeiava, por ser a concepção de uma intelligencia fecunda, robustecida pela instrucção sadia e adequada ao seu mistér.

O sr. Simões de Almeida podia ser uma vocação portentosa, phenomenal; se fosse um ignorante ou conhecesse apenas os processos da sua arte, nunca acertaria com o seu *D. Sebastião*, e quando muito chegaria á perfeição technica do *busto da sr.^a viscondessa de Condeixa*, que conversava com quem o admira. Esta perfeição relativa imaginava eu que não está fóra do alcance do sr. Nunes, que modelou com muita verdade anatomica o *Filho prodigo*, e lançou lindamente as roupas da figura pouco symbolica da *Eucharistia*; isto é, imagino que não está fóra do alcance da educação deficiente da academia, que o escultor que acabei de citar deve completar e aperfeiçoar, se quizer ser creador. Com essa educação, o sr. Simões de Almeida einzelaria, por exemplo, com muito gosto *um adolescente scismando no que lêu n'um livro*; mas para converter esse adolescente no rei *D. Sebastião* meditando na conquista de Africa empregou recursos intellectuaes e um cabedal scientifico, que nas escolas se não ministra aos nossos artistas, porque exprimiu com o einzel a comprehensão acertadissima de um caracter e quasi de uma época inteira da historia patria, o que não é empreza para ignorar deshabituaes de pensar.

Faz gosto observar-se como a mão do sr. Almeida andou sempre guiada meticulosamente pela sua idealisação do moço rei, formada com os elementos historicos que lhe forneceram as chronicas. Repare-se n'aquelle corpo, sabiamente disposto n'uma attitudo desartificiosa, que exprime a indolencia physica da meditação, e que é lindo de qualquer lado que se veja: é flexivel como o de uma creança, mas é tambem secco e rijo como o de quem se deu desde tenros annos aos exercicios de agilidade e força. Mais algum arredondado de fórmãs, mais algum tecido adiposo a revestir os musculos, e ali perdia o personagem o eunho physico da sua educação. Fitemos-lhe agora o rosto: o frescôr jovial dos poucos annos foi apagado pelo ascetismo dos Camaras, a bôca diz palavras de mando, os olhos nadam em visões de guerra. Lavater leria n'aquellas feições duras a altivez obstinada, que havia de resistir a *D. Jeronymo Osorio*, que queria dissuadi-lo da jornada de Africa. O episodio que a estatua representa é tambem escolhido com finissima critica, para exprimir o caracter e denotar o fim tragico de *D. Sebastião*: ao rei que na idade dos folgares lê enamoradoamente as relações gloriosas dos feitos de armas e tem uma vontade imperiosa, vaticina-se a morte precoce n'uma empreza temeraria, como a de *Alcacerquibir*. E d'este modo, o sr. Simões de Almeida soube compendiar um caracter n'uma attitudo e uma época n'uma figura: n'uma figura de adolescente, em cujas veias gira o sangue cavalleiroso do mestre de *Aviz*, em cuja physionomia transluz o orgulho cesariano de *D. Manuel*, que tem a frente entreovada pelo fanatismo de *D. João III*, e que é um perfeito symbolo da realza guerreira do seculo XVI, que como adolescente se deixava tutelar pelos jesuitas.

Eis-aqui como eu entendo a arte, eis como a arte plastica pôde ser uma linguagem e a mais conceituosa de todas. A estatua de *D. Sebastião* decompõe-se, cada linha é uma idéa, e o conjuncto é uma historia ou um poema. O sr. Simões de Almeida permittiu á minha esthetica exemplificar-se e mostrar aos artistas como a sua aspira-

ção não é um impossivel: beijo-lhe as mãos pela mercê! Oxalá que o exemplo seja fecundo, oxalá que o imitem, bebendo a inspiração na fonte purissima do ideal, os escultores modestos mas promettedores, que fazem cortejo honroso ao mestre: o sr. Nunes, que já citei com o merecido gabo; o sr. Pereira, que nos seus ensaios, no retrato do sr. Barbosa nomeadamente, denota gosto e disposição natural para um lavor de que não faz profissão; e o sr. Rosado, que foi tão feliz no medalhão do sr. Calmels. Não sei porque, sempre a escultura se avantajou entre nós á pintura, e a tradição dos Machados de Castro, que o sr. Victor Bastos amparou com brio, que um discipulo eminente de Pradier veio revigorar com lição excellente, promette hoje animar-se e engrandecer. Tem sido uma arte privilegiada; e tão privilegiada é ainda, que se branqueiam com o pó do marmore as mãos sedosas de uma nobre senhora, a duquesa de Palmella, que aprendem ao tocador a anar o bello para o retratar n'um medalhão e interpretar n'um *busto* de sabor classico, duas joias de talento, cujos fulgores reverberam sobre as lapidadas gemmas da corôa ducal!

(Continúa.)

A. ENNES.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

HISTORIA BREVE DE COIMBRA.—A compra de um exemplar d'esta obra do antigo juiz dos orphãos de Coimbra, Bernardo de Brito Botelho, annotado marginalmente e com a dedicatória emendada, fez suppôr a quem o adquiriu, que o auctor havia preparado a obra para uma segunda edição, que não lograra fazer.

Dois antigos typographos da imprensa da Universidade, associados com o sr. Antonio Francisco Barata, escriptor versado em estudos de antiguidades, emprehenderam e realisaram a nova edição da obra, annotando-a o sr. Barata nos logares em que ella é deficiente e n'aquelles em que o auctor é menos exacto.

D'aqui se vê o interesse que despertará esta publicação, na qual se encontra larga copia de noticias sobre a fundação de Coimbra, suas armas, collegios, conventos e universidade.

A edição moderna é dedicada ao reverendo prior de S. Christovam de Coimbra (Sé velha) o sr. Manuel da Cruz Pereira Coutinho, distincto antiquario e auctor de apreciaveis publicações scientificas, historicas e litterarias.

A *POMBA DO MOSTEIRO*.—Com este titulo publicou o sr. Santos Silva um pequenino romance em versos octosyllabos, que se lêem de um folego e com muito aprazimento. No prologo que antecede a obra, declara o auctor que tem outros labores d'este genero, conjunctamente com os quaes deveria ser publicado este, que sahio agora em separado por um motivo particular. O apparecimento da *Pomba do mosteiro*, não privará, de certo, o publico de apreciar a seu tempo os demais, que ainda não lograram a fortuna de vêr a luz da publicidade.

GUIA OFFICIAL DOS CAMINHOS DE FERRO DE PORTUGAL.—Os melhoramentos materiaes do paiz trazem necessidades a que é mister attender. Em toda a parte onde ha caminhos de ferro, ha as respectivas guias que servem de auxilio a quem precisa utilizar-se d'aquelle rapido meio de communicação. Só em Portugal se notava esta falta. Ha dois annos, porém, que o sr. Julio Maximo Pereira, cavalleiro muito intelligente, suppriu a falta dirigindo uma publicação em que se encontram todos os esclarecimentos inherentes ao assumpto. publicação cujos proprietarios e editores são os sr. Pessoa & C.^a

Mais de cincoenta paginas de annuncios completam o interesse da *Guia official dos caminhos de ferro de Portugal para 1874*.

CARTAS DO PROFESSOR PEREIRA CALDAS, DO LYCEU NACIONAL BRACARENSE, AO ANTIGO DISCIPULO MATHEMATICO CANDIDO DE FIGUEIREDO, ALUMNO DISTINCTO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.—Contém este folheto uma longa apreciação da versão poetica ha pouco feita e publicada pelo esclarecido escriptor o sr. Candido de Figueiredo, do episodio *A morte de Yadjnadatta*, avaliada á luz da analyse philologica do texto original. Nada mais será preciso acrescentar para se comprehender o interesse do escripto.

ORAÇÃO ESCOLAR NA ABERTURA SOLEMNE DO LYCEU NACIONAL BRAGANESE NO ANNO LECTIVO DE 1872-1873 PELO SR. PEREIRA CALDAS — PROGRAMMA DAS CONFERENCIAS FAMILIARES DO PROFESSOR PEREIRA CALDAS NA SOCIEDADE DEMOCRATICA DE BRAGA SOBRE MONUMENTOS ARCHEOLOGICOS EM GERAL E A ARCHITECTURA CHRISTA DAS NOSSAS PROVINCIAS BORAES EM PARTICULAR. — Merecem tambem a attenção dos leitores estes dois folhetos, já de certo bastante conhecidos, pois que a sua publicação data de ha dois annos.

BRINDE AOS SENHORES ASSIGNANTES DO DIARIO DE NOTICIAS. — Cinco pequenos romances de escriptores conhecidos formam o volume destinado ao fim que o titulo indica. Denominam-se — *Singularidades de uma rapariga louca*, pelo sr. Eça de Queiroz — *O primeiro amor*, pelo sr. Mariano Proes — *Firme fé*, pelo sr. Oliveira Pires — *A peste negra*, pelo sr. Gomes Leal e — *A condessa do Carregal*, pelo sr. Eduardo Coelho. Em alguns dos contos ha narrativas graciosas, n'outros excerptos historicos ou descrições phantasticas e imaginosas, e em todos leitura amena e recreativa. É pois valioso o brinde com que o periodico popular foi, no principio d'este anno, dar as boas festas aos seus assignantes.

OS MEDICOS. — Esta comedia em tres actos, imitada pelo talentoso auctor dramatico o sr. Aristides Abranches, da comedia em cinco actos de Eduardo Brisebarre e Eugenio Nus — *Les medecins*, foi publicada no fim do anno passado pela casa editora Mattos Moreira & C., que está prestando valiosos serviços á litteratura portugueza, tornando conhecidas muitas obras dos nossos melhores escriptores.

A comedia — *Os medicos* está ha muito julgada como uma das mais attrahentes que se tem representado em dois dos principaes theatros de Lisboa, e como a que maior gloria foi para o actor Taborada. Dizer, pois, que ella está impressa, deve ser o sufficiente para que os leitores curiosos de obras dramaticas a vão comprar, a fim de, no seu gabinete, se recordarem dos chistes que tanto os alegraram, ha annos, na scena do Gymnasio e da Trindade.

O MESTRE JERONYMO. — A mesma casa editora Mattos Moreira & C. deu á estampa a comedia em dois actos assim intitulada, que tantas representações teve no theatro do Gymnasio de Lisboa e nos principaes theatros do Rio de Janeiro.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO DO TRABALHO NAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS DE AFRICA. — Assim se intitula um folheto de 78 paginas, no qual o sr. Oliveira Pires colligiu diversos artigos por elle escriptos nas columnas do *Jornal de Lisboa*, de que é illustrado redactor.

Inferre-se do titulo o assumpto sobre que versa a publicação. O auctor trata com muito criterio da questão do trabalho rural na Africa, advogando no mesmo tempo, com louvavel energia, o nobre principio da emancipação dos escravos. Como se vê, o folheto do sr. Oliveira Pires é obra de alcance e valia, com a qual devem travar conhecimento, pelo menos, os que se têm entregado ao estudo dos grandes problemas a que se acham ligadas a prosperidade e a civilisação das nossas possessões ultramarinas.

A ORAÇÃO DA TARDE. — N'outra secção das *Artes e Letras* fallo d'esta excellente comedia em tres actos, traduzida do verso hespanhol para verso portuguez, pelo fecundo escriptor o sr. Pinheiro Chagas.

A edição é feita pelo sr. Paulo Plantier e dedicada á actriz Virginia, um dos mais preciosos talentos do nosso theatro.

O leitor tem agora occasião de apreciar tranquillamente no seu gabinete, as innumerables bellezas de linguagem e versificação com que o esmerado traductor dotou a esplendida concepção de Marianno Larra, escriptor dramatico muito notavel do reino visinho.

MATHILDE. — Com este nome sympathico de mulher baptison a ex.^{ma} sr.^a D. Anna Ribeiro de Sá um formosissimo romance que deve ser lido com interesse, não só pelos que procuram nos livros de phantasia apenas o entretenimento de algumas horas, mas pelos que desejam encontrar n'elles os dotes litterarios que lhes são indispensaveis.

O romance *Mathilde* está bem enredado e prima pela naturalidade com que a acção se desenvolve e pela simplicidade com que está escripto. É o livro de uma senhora que não pretendeu embrenhar-se nas difficuldades enormes das altas questões sociaes, em que tantos modernos escriptores entram afanadamente para muitas vezes sairem d'ellas de modo que faz pena não haverem reservado a audacia para outros commettimentos. A ex.^{ma} sr.^a D. Anna Ribeiro de Sá limita-se a referir, com inspiração, um conto agradavel em que figuram typos delicadamente desenhados. O livro, portanto, honrando o talento de quem o escreveu, não honra menos o nome que foi transmittido á auctora *envolto em louros litterarios* — para me servir da expressão do sr. Pinheiro Chagas no prologo que antecede o romance.

É publicado pelos srs. Lucas & Filho e faz parte da *Bibliotheca universal* pertencente a estes editores.

ESTUDO SOBRE A COLONISAÇÃO E EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL. — Assim se intitula um grosso volume escripto pelo sr. Augusto de Carvalho, subdito brasileiro, mas conhecedor bastante do nosso paiz, onde residiu cinco annos para concluir os seus estudos.

A obra está desenvolvida com a maxima clareza e encerra doutrinas que hão de ser approvadas por uns e talvez controvertidas por outros, que assim succede a todos os escriptos, e principalmente áquelles que versam sobre assumptos de sua natureza tallados para crear opiniões divergentes, como é o da emigração para as terras de Santa Cruz. Revela, porém, a obra grande incremento em seu auctor, porque além da boa argumentação e muita luz derramada sobre a grave questão de que o livro trata, ha certa amenidade que convida o leitor, em vez de o afugentar, a percorrer aquellas bem escriptas paginas, embora elle, por ser estrangeiro ao assumpto, lhe não ligue vivo interesse.

A obra é offercida ao sr. conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior.

LEITURAS POPULARES, INSTRUCTIVAS E MORAES, 3.^a EDIÇÃO APPROVADA PELO GOVERNO. — O facto d'esta obra ir em 3.^a edição falla mais alto do que todos os elogios que se possam endereçar ao incremento d'ella.

O livrinho é devido á penna esclarecida do sr. Brito Aranha, e por este escriptor dedicado a Sua Magestade o Imperador do Brazil. Enriquecido com muitas gravuras, á maneira das obras estrangeiras destinadas á primeira instrucção das creanças, tem o feliz condão de convidar os pequeninos leitores a percorrerem aquellas interessantes paginas, a fim de conhecerem a explicação dos desenhos que lhes attrahem a vista. Por este modo agradável se instruem as creanças, adquirindo luzes de historia, de sciencia, de artes e de tudo que diz respeito aos conhecimentos humanos, na proporção relativa á pouco desenvolvida intelligencia dos primeiros annos.

As *Leituras populares* são editadas pela casa Rolland & Seimond e custam modico preço.

TABELLA POSTAL. — Este trabalho foi compilado pelo sr. Jeronymo Francisco Alves, pessoa entendida no assumpto, e é de grande utilidade para os escriptorios de commercio, porque trata de tudo quanto diz respeito ao serviço do correio. Põe-se á venda todos os annos e custa barato. Aos que precisarem da tabella postal bastará saber que ella está publicada para a adquirirem. O sr. Alves não deseja outra cousa e eu acho razoabilissimo o seu desejo.

(Continua.)

RANDEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

— A academia real das bellas artes tem a agradecer mais uma fineza ao sr. conde de Carvalhido. S. ex.^a acaba de novamente a presentear com sete quadros estrangeiros, que se denominam: — *S. Carlos Borromeu distribuindo esmolas*, attribuido a Ribera; *Paizagem com figuras*, de Janson; *Mulher deitando cartas*, de Mallé; *A tentação*, de Lawrence; *Natureza morta*, de Heem; *Uma caravana*, attribuido a Domenico Zampiere (Domeniquino) e *O paizão*, de auctor desconhecido.

— Foram definitivamente aceitos nos Estados Unidos os planos para o palacio da exposição universal, que devera realizar-se em 1876, na cidade de Philadelphia.

A exposição occupará uma superficie de 30 geiras e meia, e o edificio será construido pelo modelo do da grande exposição de Paris em 1867, sendo porém a fórma elliptica substituida pela do parallelogrammo. Os mais importantes materiaes serão madeira e ferro galvanizado. Deverá conter vinte e um pavilhões separados. Ao todo terá 1:667 pés de comprimento, 705 de largo e 137 de alto.





Typ. de Christóvão A. Rodrigues

O PEREGRINO

QUADRO DE J. MOZELAGEN

ARTES E LETRAS



NUMERO 3—LISBOA—3.ª SERIE

O PEREGRINO—S. MIGUEL ARCHANJO



NINGUEM, como portuguezes, para comprehender este quadro do *Peregrino*.

A idéa da hospitalidade anda no nosso sangue nacional e na nossa poesia popular.

Ide para o Minho ou para a Beira, anoiteça-vos no caminho, seja a noite fria e chuvosa, veja-se apenas uma claridade longinqua, de um palacio ou de uma choça, e indifferente, guiae-vos por ella, demandae o pharol, batei, abri-vos-lhão, como se diz na Escripura, *pulsate, et aperietur vobis*.

Em Lisboa, em qualquer capital, não se faz talvez justa idéa do que seja o cansaço, o frio e muitas vezes a fome do peregrino, e a espontaneidade, o carinho e a franqueza da hospedagem. Lá, no deserto das serras, é que isso se comprehende e admira e estima.

A poesia popular, que se inspira de todos os factos intimos da vida do paiz, glosou a velha hospitalidade portugueza em dezenas de trovas, o sob aspectos differentes.

Unas vezes o peregrino é o Amor, como no *Bernal francez*:

«Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá ali?»
—«Son Bernal francez, senhora,
Vossa porta a *amor* abrí.

Outras vezes o peregrino é Jesus, e então a hospitalidade como que apparece enquadrada n'uma aureola divina:

Lá por essa meia noite
O pobresinho gemia;
Levantou-se o lavrador,
Foi vêr o que o pobre tinha;
Achou-o erueficado
N'uma cruz de prata fina.

Toda a dedicação do hospedeiro pelo hospede está comprehendida n'um unico verso:

Levantou-se o lavrador.

A poesia popular tem d'estas concisões sublimes. Concentra muitas vezes n'uma palavra um grande pensamento, como aqui; o lavrador, extenuado do trabalho do campo, ergue-se do catre para socorrer o peregrino que

geme. Este zêlo caridoso é-lhe galardoado: o peregrino é Jesus. A caridade, n'esta poesia essencialmente religiosa, não podia ficar sem premio.

No nosso quadro o hospedeiro é talvez um lavrador abastado, um bom *bourgeois*, cuja familia se estende desde a mulher ao gato. N'aquella casa ha boa pinga e bom fogo,—o calor de fóra e de dentro. Ninguem lá quer ostentar de rico, mas a arca não está vazia. Uma ninhada de gatos não se engeita; um hospede tambem não.

É todavia os da casa já tinham ceiado, mas bateu o peregrino, porventura um vendedor ambulante, e abriu-se a porta. Veio toda a pequenada vêr, e o filho mais novo, que não gosta de gente desconhecida, está com os olhos no peregrino e a mão na mãe. As creanças, como se não regulam, são como os navios, quando não navegam: precisam sempre de amarra. O vestido das mães é que paga as custas. O pae, com a disfarçada curiosidade dos homens, vaé olhando de esguelha atravéz do fumo do cachimbo.

Depois de ceia, pôde ser que o peregrino siga jornada, mas não sairá sem *dar graças a Deus*, porque, como Victor Hugo disse, quem dá aos pobres empresta a Deus. Descobrir-se-ha o resará devotamente deante de qualquer retabulo, que será, talvez, um *S. Miguel Archanjo*, não tão perfeito, nem tão bello, como o de Luca, mas que, aos que conhecem a historia da arte, faria lembrar o soberbo quadro do pintor napolitano.

O peregrino saiu, o não obstante outro se nos mostra já. Anda correndo a Italia, é artista, e trabalhando sempre. Carlos II chama-o á Hespanha; o seu pincel enriquece o Escorial. Uma voz, a do pae, diz-lhe constantemente ao ouvido: *Luca, fa presto*. Presto! O artista peregrina sempre,—trabalha sempre.

É quem é elle?

É Luca Giordano, o auctor do quadro *S. Miguel Archanjo*, que podemos hoje admirar em copia.

Bemvindo seja o peregrino!

Que magestosa doçura a do seu archanjo! É sabido. A arte christã preoccupa-se com a significação, como a arte antiga se preocupava com o conjuncto harmonioso das fórmãs. Giordano quiz pintar a superioridade meiga dos anjos; conseguiu-o. Todavia observou á risca as tradições seguidas desde a idade media, que, como diz o abbade Pascal nas *Instituições da arte christã*, só nos ensinou duas maneiras de copiar os anjos: corpo inteiro ou cabeça alada.

No primeiro caso, vestidos do guerreiro ou cingidos de uma alva tunica fluctuante; brandindo o flammejante gladio ou dedilhando a harpa dos mysticos concertos; empunhando o sceptro da realesa celeste ou baloçando o thuribulo da adoração.

No segundo caso, como observa René Ménard, « as azas designam a rapidez d'estes mensageiros que zombam do peso da materia, porque são puros espiritos.»

S. Miguel archanjo teve sempre uma grande popularidade no occidente. Segundo a tradição byzantina, os archanjos Miguel, Gabriel e Raphael representavam a triplice potencia militar, civil e religiosa, mas talvez pelo importante papel que ao primeiro dos tres cabe no juizo final, e pela idéa da justiça eterna, que representa, por isso que tem na mão a balança das almas, e pelas suas repetidas victorias sobre Satan, como nol-o descrevem Raphael e Giordano, não havia fortificação da meia idade que o não anichasse no granito das suas torres ou que o não levantasse, em colossaes dimensões, sobre a flecha dos seus templos.

Depois do archanjo Miguel, apparece nos monumentos dos seculos XII e XIV S. Gabriel. Umaz vezes é a reli-

gião christã, figurada em rainha, que recebe n'um calix o sangue derramado pelas chagas de Christo; outras vezes são os dois archanjos, que sustentam o calix.

Os diabos que saíram do pincel de Giordano são homens de fealdade horrível.

Era assim, ou sob a forma de animaes monstruosos, que elles começaram a apparecer nos capiteis do seculo XI.

A cauda, ainda em conformidade com a arte da idade media, remata por uma cabeça de serpente, e, como nas miniaturas religiosas, um dos diabos espezinhadado pelo archanjo tem na mão o ferreo sceptro da realza condemnada ás trevas.

Ha quem accuse Giordano por se entregar frequentes vezes a uma composição complicada. Se tal defeito ha n'este quadro, quer-nos parecer uma belleza, porque contribue para o vago de terror, para o sombrio mysterio que envolve os anjos caídos, e o mesmo poderíamos dizer do nymbo resplendente que circunda o archanjo.

ALBERTO PIMENTEL.

THEATROS

(Conclusão)

O publico desviou a sua attenção d'esta peça de auctor que começa, por a empregar n'uma composição de escriptor muito pratico em assumptos de theatro.

Em D. Maria deu-se mais um drama original do sr. Cesar de Lacerda. Intitulava-se — *Homens e feras* e tinha tres actos e um prologo.

Esta peça, depois de decotada das exuberaneias do dialogo que a tornavam extensissima, foi ouvida com muito prazer pelas platéas do nosso primeiro theatro, e sempre applaudida.

O titulo chamou a attenção do publico; e se para a justificação d'elle ha na urdidura uma scena que me parece menos verosimil, qual é aquella em que uma senhora de boa sociedade alcunha de urso, de macaco e de panthera algumas das suas visitas, o publico, em compensação, riu francamente com as situações creadas pela theoria phrenologica de que todas as pessoas têm mais ou menos a indole de um irracional qualquer.

No desenvolvimento do drama ha lances de excellente effeito, embora alguns d'elles estabelecidos sobre bases menos seguras. Sirva de exemplo a situação do final do segundo acto, que tem o poder de conservar presa a attenção dos espectadores, não obstante a sua origem pouco verosimil, pois não é de erer que alguém faça passar uma creança por outra fallecida, quando sobre o cadaver d'esta se ergue um tumulo onde estão gravados nome e filiação da defunta, visto que mais tarde ou mais cedo virá forçosamente a succeder uma catastrophe como a que se dá no drama do sr. Cesar de Lacerda.

O prologo da peça, exceptuando o final que julgo menos bom, não se presta tanto a estes reparos. Quanto a mim, aquelle acto é o trabalho mais firmemente delineado e melhor escripto que figura no vasto repertorio do sr. Cesar de Lacerda. O typo do morgado é formosissimo de verdade, e a scena entre este e os dois crendos, a fim de os resolver a darem os tiros no doutor delegado, é feita com tanta felicidade e mestria, que, se não estou em erro, o melhor auctor dramatico não poria duvida em perfilhal-a.

No desempenho andaram bem todos os interpretes; nem podia deixar de ser assim, tendo sido a peça confiada, com pequenas excepções, aos primeiros artistas do theatro, incluindo Santos. O drama subiu pela primeira vez á scena em beneficio da actriz Carolina Falco, a quem cabem os maiores louvores pela maneira notavel como interpretou o primeiro papel da peça, o qual tem difficuldades de execução que só podem vencer os primeiros artistas.

Depois da comedia original em um acto — *Abençoado progresso!* da qual não posso dizer cousa alguma pelas mesmas razões que me abstiveram de fallar das comedias — *Do calçar das lvas e Coimbra e tarinaba*, ainda o theatro de D. Maria II deu uma peça original. Foi a comedia em um acto — *Os grutescos*, do sr. Gervasio Lobato.

Os grutescos é uma exposição de typos entre os quaes se ostentam alguns que me pareceram menos verdadeiros, como são, por exemplo, o homem de letras que passa a noite n'um baile a vêr provas nas salas; o padre que revela, para entretenimento das pessoas que o rodeiam, os segredos da confissão; e a mulher ensada

que em voz alta, com perigo de ser ouvida por qualquer pessoa, declara que é amante de um homem também casado.

Podem existir, e de certo existem, pessoas assim, mas formam a excepção da regra, e as excepções no theatro são quasi sempre perigosas, sobretudo quando se desviam de algumas convenções inherentes á antiga escola. Ora a peça do sr. Lobato é filiada na escola moderna, na escola do naturalismo, a melhor das escolas quando se não abusa dos excellentes principios d'ella, porque n'este caso succede que o escriptor ou o artista, á força de querer ser verdadeiro, parece falso.

É do abuso de taes principios, quanto a mim, que se sente a composição dramatica do sr. Gervasio Lobato, e por isso, e não por ella ser demasiadamente immoral, o publico a reprovou. Tem sido recebidas no theatro portuguez, sem demonstrações de desgosto, immoralidades de maior vulto do que as que se patenteiam nos *Grutescos*. E a razão porque as iras do publico se não desencadearam sobre ellas, não seria porque a luz da verdade que as illuminava era tão intensa, que ninguém ousava, dando provas de desgosto, negar a existencia d'essas ulceras fataes, que lavram no corpo da sociedade em que vivemos? Eu creio que sim.

Á parte as scenas em que o auctor, segundo a minha opinião, foi menos feliz, a peça tem qualidades boas que não passaram despercebidas, sendo as principaes a vivacidade de uma grande parte do dialogo e a descripção ficticia da origem da camelia vermelha, trecho espirituoso que dispõe perfeitamente o publico logo no começo da peça.

Não tendo que fallar de outras composições dramaticas originaes terminarei registando os merecidos e entusiasticos applausos dispensados a dois artistas de primeira ordem, em as noites de seus beneficios. Foram esses artistas Santos e Emilia Adelaide. Tanto um como outro não grangearam essas ovações esplendidas, sómente pelos relevantes serviços prestados á arte na sua longa carreira de grandes artistas; conquistaram-as na propria noite á custa do trabalho admiravel que executaram na interpretação dos magnificos papeis das peças novas que levaram á scena.

Santos representou o papel do duque de Aleria na famosa comedia de Jorge Sand — *O marquez de Villemer* (versão espirituosa do sr. Ramalho Ortigão) com a maior naturalidade e com o mais completo acabamento. Este papel ficou sendo um dos mais notaveis do largo repertorio do excellent artista, se por ventura não é o melhor, o mais completo, o mais altamente artistico dos que elle tem ultimamente exhibido em scena.

Emilia Adelaide fez muito bem o papel da protagonista na comedia de E. Augier — *A aventureira*, elegantemente traduzida do verso francez pelo sr. Julio Cesar Machado. Nas scenas de dissimulação, e bem assim nas de sentimento, mostrou que é actriz de grande merito, a quem não são estranhos os mais reconditos segredos da arte que tão cabalmente professa.

Depois da comedia recitou mui correctamente a poesia formosissima do sr. Pinheiro Chagas — *A liberdade*, em que se encontram versos primorosos e de grande vigor. Por fim desempenhou delicadamente o papel de Sophia Arnoult na bonita comedia de Lambert Thiboust — *Junto com minha mãe*.

Foram pois as noites de beneficio d'estes dois primeiros artistas, noites festivas em que as ovações não eram só de estima — como se usa dizer em França — mas sim de direito, pelo trabalho esplendido que ambos os artistas executaram, perfeitamente conjuvados pelos seus collegas.

Com a opera-comica a — *Dama de espaldas*, traduzida pelo sr. Antonio de Castilho e representada no theatro da Trindade em beneficio do actor Augusto, terminou a serie das peças novas dadas durante esta época nos theatros de Lisboa. Estes, vendo que as portas do Passio do Rocio se abriram ao publico, fecharam as suas para não passarem pelo desaire de se verem ermos de espectadores. Começaram pois as ferias theatraes. Os artistas que não foram representar pelas provincias, vão descansar á sombra de alguma arvore bem copada, para recobram forças a fim de continuarem a sua pesada tarefa de setembro em diante.

RANGEL DE LIMA.



MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

XI

(Continuação)



Mão foi na cidade que a viram assim vestida de gala, como se caminhasse para o noivado. De noite, voltando a si, entrou na casa que achou deserta; levou do seu quarto as joias que primeiro encontrou, desceu ao rio, desprendeu um escaler pequeno o doirado em que costumava brincar pelos canaes, olhou ainda na direcção da sua casa infamada e chorou de saudade, e quem sabe se de remorsos, pelo mal que havia feito a todos os que a adoravam! Recobrou-se; tomou um remo e com elle, aproveitando a maré, guiou e conduziu o barquinho¹ ao valle onde, mezes antes, vira o tragico fim dos dois amantes. Prendeu o escaler ás raizes de um arbusto marinho e foi curvar-se e chorar sobre o tunulo humilde, e já quasi escondido pelas trepedeiras, em que D. Fernando reunira e guardara os ossos dispersos, contra a voracidade das feras.

Depois de orar e chorar bateu na pedra como para ser ouvida e disse em tom de confidencia e com lagrimas na voz:

—Brahmine, minha irmã! venho contar-te as minhas penas e o valor do meu coração, digno do teu. Como a ti, mataram-me as feras o meu amante; como tu calquei aos pés uma serpente e deixei-me dilacerar por ella. Só não posso, ai de mim! morrer abraçada a elle e devoral-o com beijos na hora das ultimas agonias!

A minha morte ha de ser mais lenta e mais cruel; não de vir fazer-me companhia a fome e a sede; que importa? é tudo por elle!

Todas as mulheres são escravas, sonhámos nós com ser livres.

Só tu podias entender-me e perdoar-me. Vim contar-te a minha desventura e abraçar-me contigo.

Antes que o sol me veja vou esconder-me nas selvas. Adeus minha amiga, minha companheira, minha irmã.

E entre soluços e prantos beijou e abraçou a pedra tumular.

Pouco depois o barquinho doirado singrava para o norte sobre as aguas do canal, deixava a ré as nogueiras e palmares de Cumarjua, costeava a ilha de Chorão e approava ás aguas da *tirte*, junto do logar sagrado onde se queimam os cadaveres dos gentios.

Mogarem saltou em terra e arrojou com o remo o escaler ao largo. A maré que descia levou-o para oeste, no rumo do Mandovy. A lua caía no horisonte, as estrelas desmaiavam, o barquinho sumia-se alem, na extrema da sua esteira, e ella olhava-o parada, até perdê-lo de todo na bruma prateada que pulverisava as aguas.

¹É frequente vêr nos portos do levante barcos guiados por um só tripulante com uma pá que lhe serve de remo e de leme.

Adivinham-se as saudades que a prendiam áquelle barquinho, sobre cujas almofadas de seda tantas vezes adormecêra, d'aquelle somno irrequieto e risonho das creanças, embalada pelas vagas preguiçosas e acalentada pelas brizas e pelas canções longinhas das aves e dos marinheiros. Dos sonhos e dos prazeres da infancia ficam sempre uns ecos e uns perfumes que nos acompanham na vida e nos fazem rir e chorar. Encontram-se nas abstrações dos poetas, nos extasis dos amantes, nos passios solitarios dos velhos, nas inconsequencias e impaciencias das mulheres; e descobrem-se principalmente no fundo luminoso dos céos, no remanço extenso dos rios, no seio mysterioso dos arvoredos. Traduzem-se n'uma palavra só: «melancolia.»

Pobre creatura! sosinha! perdida nas trevas e no ermo! fraca, inerte, sem ninguém e sem esperança! deshonrada perante os homens, perdida para com Deus, privada de bater á porta do mais humilde *garath*, de estender a mão ao obolo do passageiro, de pedir soccorro!... Saber que ás suas lagrimas, á sua voz, ao seu contacto, as mãos — as creaturas amovaveis — não de fugir, levando consigo os seus filhos! Saber que o mundo lhe será ermo, porém ermo intencional, ermo só para ella, ermo em que ha olhos que a não querem vêr, ouvidos que a não querem ouvir, mãos que a não querem amparar!... Saber que, quando entrar no povoado os risos não de extinguir-se, os cantares não de immudecer, os velhos não de esconder o rosto, os moços desviar-se, as moças fugir, e as creanças chorar do medo!... A sua voz não ter um eco, a luz de suas lagrimas não ter um reflexo, a sua agonia não ter uma consolação, o seu cadaver não ter uma fogueira nem um sepultura! Terem todos a descaridade de a deixar morrer e ninguém a caridade de a matar!

Compreende-se o horror do vacuo n'este martyrio sem sevcias, n'este naufragio sem ondas, n'este aniquilamento sem lucta. O infinito abre-se, o todo faz-se nada, a vida torna-se vertigem.

Por que será que o immenso se não revela em nós pela ventura e se revela pelo infortunio?!

O barquinho perdera-se entre a bruma. A lua, olho sanguinio, ardente e somnolento, fechava-se no horisonte. A aurora espreguiçava-se já entre as ramarias do levante. Mogarem banhou-se nas aguas santas da *tirte*, enxugou-se e compôz os cabellos, adornou-se com as suas joias, e quando o sol se entre-mostrava nas avenidas dos Gattes viu-se o seu *panno* vermelho sumir-se pelas florestas insondaveis.

(Continúa.)

COMPANHÃO DE IRMÃ — UMA ESTALAGEM NO TYROL



BRANGE o nosso artigo, como pallido commentario, as duas estampas reproduzidas pelas *Artes e Letras*.

N'uma dellas respira a infancia com a frescura dos idyllios innocentes. São-lhe theatro as arvores, as flores, as alamedas, e cercam-n'a como espectadores inanimados os utensilios da jardinagem. Á tua esquerda, amigo leitor, jaz meio reclinado um regador, que o jardineiro para alli deixou, e em breve voltará, ao cair da tarde, a refrescar os arbustos e as plantas queimadas pelos ardores do sol. Quasi aos pés do protagonista da rapida scena infantil — scena como tantas

que as crianças representam entre folgedos e chóros, — vê-se o chapéo campestre da *ingenua* sua irmã; entre esta e aquelle, a bola dos brinquedos interrompidos pela tragedia felizmente inerente, que se seguiu ao idyllio, —

pos (quasi sempre um ninho de pardal), affrontavamos denodadamente os perigos de uma qu'eda formidavel?

Qual de nós, n'essa carreira de aventuras arriscadas, não perdeu vezes sem conto o equilibrio? não escorregou



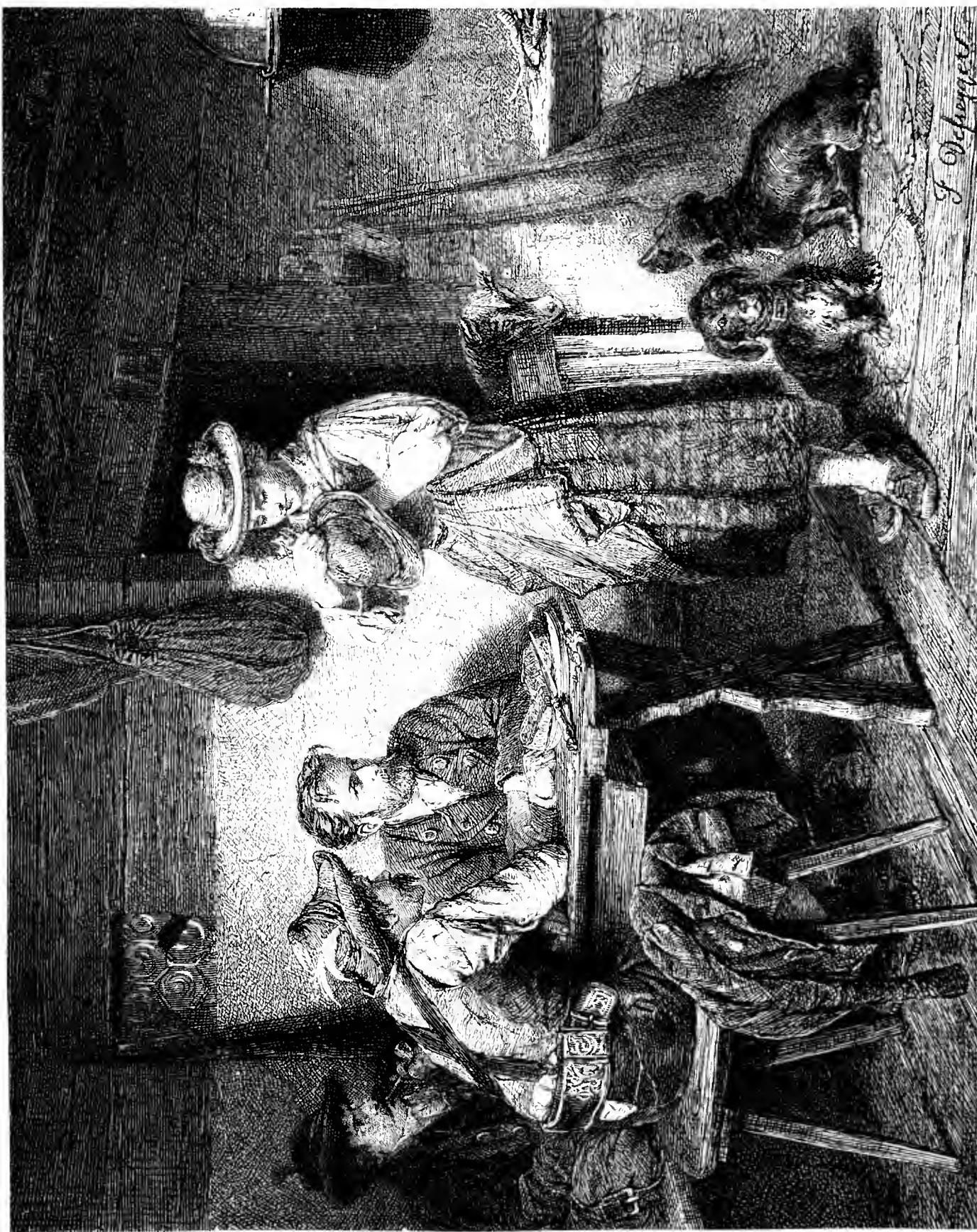
mas ainda assim orvalhada de lagrimas, que o primeiro beijo da mãe ou da irmã querida não tardará a enxugar.

Qual de nós não padecêu sustos iguaes aos que vieram perturbar as alegrias descuidosas do rapazinho traquinas, que se aventurára aos delirios da sua inquieta gymnastica, gymnastica endemoninhada, que se compraz umas vezes em engatinhar pelo chão, outras em pular ás arvores mais altas, pendurando-se-lhes dos esgallhos, marinhando-lhes pelos troncos como por outros tantos mastros de cocanha, por cujo premio cubigado, posto nos to-

desamparado de pés e mãos? não veio parar de costas ao chão? não ficou bem estatelado no meio da arena dos seus triumphos de ha pouco, empoeirado, sujo, roto como volatin de feira, e sem poder ao menos conservar na queda a graça correctea das attitudes com que caia no circo, o gladiador vencido?

É um dos tantos desastres aliás frequentes na quadra d'esses annos tão bellos, que a onda do tempo já afastou para bem longe de nós, o que ali se contempla nos olhos — não sabemos se maliciosa, se sinceramente chorosos —

d'aquelle menino, que ou está curtindo antecipadamente | Este lance angustioso, que magoa o coração e atormenta
os terrores da severidade dos paes, ou pretende mover á | tado do rapazinho e lhe converte em lagrimas os folgos-



piedade o coração da sua gentil irmã, para que esta, com o auxilio da agulha e do retroz, encubra aos olhos paternos o rasgão enorme das calças, — vestigio delator da recente travessura.

dos, é alternadamente entrecortado de piedade e de terror, e debaixo d'este aspecto (perdoem-nos a profanação os manos venerandos de Aristoteles), assume as proporções da verdadeira tragedia antiga. Ha alli um crime e um

criminoso, saltado pelas visões do remorso, cujo aspecto dolorido gera em nós os sentimentos da compaixão. Demais a mais, entra na tragedia uma confidente, personagem sem a qual o proprio Euripedes nunca poderia haver escripto nem a *Iphigenia* nem a *Medea*.

Vêde como a irmã se compadece enternecidamente do infortunio do irmão, e, como verdadeira consoladora dos afflictos ajoelha para lhe prodigalisar o socorro das suas artes valedoras. Naquelle momento de dôr suprema, aquella agulha e aquelle fio de seda valem exercitos e imperios. Graças a taes instrumentos de lavôr feminino, embora manejados por mãos de adolescente, hão de apparecer unidos os labios d'aquelle golpe rasgado no panno, como poderia cerzil-os a agulha feiçiceira de Casademund, desfazer-se em novos brinquedos e em novas alegrias os receios e terrores que estão pesando no coração do pobre rapaz, e transformar-se em risos as lagrimas que lhe bailam nos olhos.

O assumpto da outra gravura — representa o interior de uma estalagem. Os olhos dos tres caçadores denunciam o bom agrado que lhes merece a gentileza da estalajadeira, a qual enfeita o chapéo de um d'elles com flôres iguaes ás que lhe adornam o seu. Pelos typos e pelos vestuarios advinha-se que a scena se passa nos montes do Tyrol.

O que se experimenta, percorrendo pela primeira vez aquelles sitios encantadores, ou pelo menos o que senti, vendo-os e atravessando-os, poderá o leitor imaginal ou na pallida descripção que em outro lugar publiquei, extrahida de uns apontamentos rapidos de viagem:

Estavamos ainda enfeitados, escrevia eu, com os topos nevosos do Tyrol, que o sol da manhã — e manhã formosa de primavera — prateava, espelhando-se n'elles, ao passo que o céu se ia retingindo por igual n'um azul transparente, em cujo fundo sobresaíam bem accentuados no horisonte os contornos, ora caprichosos ora severos da extensa cordilheira com seus cabeços a branquejarem.

Campeiam ainda deante de nós os castellos e os conventos das cercanias de Salzburgo dependurados sobre serras ingremes, por entre cujas ladeiras e quebradas irrompem, ás golpadas de verdura, os soutos e os carvalhaes.

Estâmos a vê-los aos arroios cavados pela natureza nas entranhas d'aquellas penedias a derivarem paheiros até chegarem á planicie, onde engrossando suas aguas com as de outros ribeiros se vão transformando em torrente, que umas vezes rôla precipitada ao nosso lado, outras se esconde para nos surprehender de novo, como que emboscada por detraz das moitas e dos sinecraes que lhe orlam as margens, sombreando-as de retiros espessos e de grutas de verdura.

Como se me estampam na memoria os typos dos campinos tyrolezes com os seus fatos de vêr a Deus, os seus chapéos de feltro, as suas camisas de peitilhos bordados, as polainas de briche, os pescocões nús e tostados pelo sol das montanhas, a conversarem ao pé das estações do caminho de ferro, com as suas namoradas!

Estas, com seus brincos grandes, seus lenços de côres garridas encruzados sobre o peito, atados atraz pelas pontas, que lhes caem soltas sobre as saias encarnadas e com os seus chapéos desabados de borlas de veludo, trouxeram-nos á lembrança as feições e o trajar tão pittoresco das nossas formosas conterraneas de Avintes ou de Villar de Paraiso, nas immediações do Porto.

Agora um castello; logo uma abbadia; mais alem um presbyterio rural assente no pendor de uma serra; por aqui e por alli grupos de casaes rusticos e de aldeolas

espalhadas pelos campos verdes; tal é o conjuncto do panorama que, de algumas horas para cá, nos traz enleados os olhos.

Quem nos diz, que o artista, reproduzindo na tela os tres typos de montanheseos rudes, embora meigamente allumiados por um olhar affectuoso para a gentil companheira, para quem sorriem, não teria presentes na lembrança alguns dos destemidos atiradores das montanhas, que o patriotismo de Hofer tornou famosas para sempre, na lucta desesperada e heroicamente travada com os bavaros, oppressores da sua terra natal, e que o fim lugubre do caudillo suppliciado mais tarde pelos francezes n'uma hecatombe de suspeitas e de vinganças enlutou com os crepes das maximas tragedias da historia?

V. DE BENALCANFÓR.

A OUVIVESARIA

SUA ANTIGUIDADE E PROGRESSOS NO ESTRANGEIRO E EM PORTUGAL

III

(Conclusão)



RIMEIRAMENTE as cruzadas, que pozeram em contacto a civilização dos povos occidentaes com a dos orientaes; depois a tomada de Constantinopla por Mahomet II, que obrigou os sabios e os artistas do desmoronado imperio romano do Oriente a expatriarem-se, indo derramar em diversos paizes da Europa, sobre tudo na Italia, novas sementes de civilização, produziram essa revolução nas idéas e nos costumes, que acabou com o feudalismo, e que cereceou o poder theocratico. D'esta revolução social foi consequencia necessaria a revolução nas artes, denominada *renascença*.

Enfraquecido o poder dos papas, a architectura gothica, que se pôde considerar como creação sua, e que, acompanhando-o no seu engrandecimento, era um verdadeiro symbolo da theocracia, não podia subsistir na presença d'essa grande reacção moral, inspirada por um certo sentimento de veneração pelas instituições gregas e romanas. Portanto, ao mesmo tempo que os philosophos e os poetas concentravam o seu espirito, buscando inspirações na legislação e nas lendas d'estes dois povos da antiguidade, os artistas estudavam com enlevo os seus derrocados monumentos, e creavam o estylo da renascença, que tendo por base as regras fundamentaes da architectura grega e romana, trocou, todavia, a nobre simplicidade d'estas pela profusão dos ornamentos com que se ataviam; modificação devida, sem duvida, á influencia das relações com os povos do Oriente.

Esta revolução não se limitou, nem se podia limitar á architectura. As mesmas causas que a determinaram, fizeram com que se estendesse a todos os ramos da arte. Como a architectura, a esculptura em pedra e madeira, e a propria pintura, a ourivesaria deu de mão a todas as feições do estylo gothico. Adoptando a fórma classica dos vasos gregos e romanos, teve um grande desenvolvimento, e subiu ainda alguns degraus na escala dos aperfeiçoamentos. Os habitos do luxo, originados, e em crescente augmento, depois da descoberta da carreira da India, introduzindo nos banquetes dos reis e dos fidalgos, e na decoração dos seus aposentos, as baixellas de ouro

e prata, alargaram o campo já vasto aberto aos progressos da ourivesaria pelas praticas do culto catholico.

Do brilhante desenvolvimento, que apresentou a ourivesaria n'esta nova phase dos seus progressos, foram principaes promotores Francisco I, rei da França, Lourenço de Médicis, grão-duque de Toscana, e outros soberanos, pelo impulso que deram a este ramo da arte, proporcionando aos artífices trabalho assiduo e remuneração condigna; e o celebrado Benevenuto Cellini, pelo seu talento e gosto artistico, e pela delicadeza do seu cinzel, qualidades que lhe grangearam o epitheto do mais eximio ourives do seculo XVI.

Os vasos e outras obras d'este grande artista, tão esbeltas na fôrma, quão formosas pela sua opulenta e variada ornamentação, servindo de môdelo e de incentivo aos mais distinctos ourives de quasi todos os estados europeus, introduziram n'esses paizes a nova escola de ourivesaria, creada na Italia por Cellini.

Companheira inseparavel da architectura na prosperidade e na decadencia, e fiel imitadora das suas transformações, a ourivesaria continuou, como até ali, a acompanhá-la nos seus progressos, e a imital-a em todas as modificações dos seus estylos. Essa variedade de estylos, que a architectura apresenta na actualidade, fazendo reviver muitas vezes em obras modernas, as feições caracteristicas da arte egypcia ou grega, romana ou gothica, essa variedade ou antes confusão de estylos, que revela certa anarellia que lavra nas idéas, e que é o distinctivo das épocas de transição no viver da sociedade, manifestou-se do mesmo modo na ourivesaria.

A protecção e o impulso dados a este ramo da arte no seculo XVI, principalmente por alguns soberanos e prelados, são agora concedidos, nos paizes mais cultos, por centenares de individuos opulentos, movidos uns pela piedade religiosa, e outros pelo amor do luxo. E tambem lhe tem servido de incentivo em todo o curso do seculo actual os premios offerecidos aos vencedores nas corridas de cavallos em Inglaterra e França. Por conseguinte, não tem faltado estímulos á ourivesaria em nossos dias, e d'elles tem resultado nome illustre para alguns artistas e reconhecidos progressos na arte.

IV

Tudo era rude em Portugal no começo da monarchia. Os portuguezes d'esse tempo sómente primavam no ardor da fé, no esforço do braço, no amor da patria, e na lealdade ao rei. As artes achavam-se na sua infancia. A ourivesaria principiava a querer imitar, posto que grosseiramente, os relicarios trazidos da Palestina por alguns peregrinos, como o conde D. Henrique de Borgonha, no seu regresso ao reino¹. Os vasos sagrados e outras alfaias do culto divino, esculpidos em prata no reinado de D. Sancho I, que se guardam no gabinete de antiguidades e numismatica do paço da Ajuda, no musen archeologico da academia das bellas artes, e em algumas igrejas do reino, mostram grande atrazo, quer na perfeição do trabalho, quer no gosto artistico.

Quando o commercio maritimo, excitado e protegido por varias leis de el-rei D. Fernando, sabiamente meditadas, começou a trazer a Lisboa diversidade de productos de industria estrangeira, alguns vieram que exerceram benefica influencia em o nosso desenvolvimento industrial e artistico. Os que produziram este resultado mais evidentemente foram os vasos sagrados e os para-

mentos de brocados e damascos bordados a ouro ou a seda para o serviço dos templos.

A ourivesaria portugueza, que assim começou a aperfeiçoar-se, mais se desenvolveu no seguinte reinado de D. João I, n'essa quadra de grande energia e vigor da nação, e em que principiarum a florescer as artes e as letras. D'esta época existem no paiz relicarios e vasos sagrados, cinzelados em prata por ourives nacionaes, conforme o estylo gothico puro, então reinante, que dão testemunho de mui consideravel adiantamento. A igreja da Batalha, que foi uma grande escola pratica de architectura e esculptura em pedra, contribuiu tambem para se aperfeiçoar a ourivesaria, por effeito das relações, que tem entre si estes tres ramos da arte, e por causa das muitas e differentes peças de prata, que o fundador mandou fazer no reino para serviço do templo, a maior parte das quaes pesando 811 marcos, os frades mandaram desfazer, em tempos muito posteriores, para com o seu producto se construir varias officinas necessarias ao convento.

A gloria e engrandecimento que resultaram para Portugal das descobertas e conquistas de seus filhos no velho e novo mundo, elevaram as letras e as artes a subido grau de florescencia. Do lustre da ourivesaria, da perfeição que attingiu, e do bom gosto que ostentou n'essa quadra de grande prosperidade, que abrangeu todo o reinado de D. Mamel o *Afortunado*, são documentos irrecusaveis a custodia do mosteiro de Belem, a que já nos referimos, a cruz de prata executada pelo mesmo ourives, e tambem doada áquelle mosteiro pelo dito monarcha, muitas peças formosissimas da baixella dos nossos reis, que ainda servem nas funcções da côrte, e muitos vasos sagrados e outros objectos do culto divino, que se guardam em differentes sés e outras igrejas do reino, e em maior copia no thesouro da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães.

Floresceram n'este periodo eximios ourives, sendo os mais celebrados Gil Vicente, em Lisboa, ao qual já nos referimos; e Pedro Alvares, em Guimarães.

A decadencia da monarchia, a catastrophe de Alcaerquibir, a perda da independencia e sessenta annos de sujeição a Castella, e depois os vinte e sete annos da guerra da restauração, lançaram as artes em grande dehinamento. Quasi todos os monumentos d'essa época, senão todos, comparados com os da época anterior, attestam o nosso retrocesso na architectura e na esculptura em pedra. Resentiu-se a ourivesaria d'aquellas sinistras influencias, e, se não retrogradou tanto como a esculptura em pedra, perdendo, como esta, a delicadeza e perfeição de trabalho, que outr'ora a fizeram sobressair, perdeu, pelo menos, a belleza e graça das fôrmas.

O descobrimento das minas de ouro do Brazil, a fundação do palacio de Mafra, e o amor do luxo e da ostentação de el-rei D. João V, abriram a porta a uma nova época de florescencia para as artes. Os ourives encontraram poderoso estímulo na magnificencia e generosidade do monarcha, e proveitosa lição nos vasos sagrados e outras alfaias de prata, primorosamente cinzeladas, que o mesmo soberano mandou vir de fóra do reino para serviço de diversos templos. Assim tornou a ourivesaria portugueza a desenvolver-se e prosperar, de modo que, ainda sob o reinado de el-rei D. João V, produziu obras que podiam competir, em elegancia de fôrmas, e em belleza e primor de trabalho, com os mais excellentes productos da ourivesaria estrangeira. Entre a infinita copia de peças de prata e ouro da igreja patriarcal de Lisboa, que o terremoto e o incendio subsequente destruiu, havia muitas de grande formosura pela opulencia da orna-

¹ A peregrinação do conde D. Henrique á Terra Santa é posta em duvida por muitos auctores.

mentação, delicadeza e excellencia do trabalho, executadas por ourives nacionaes.

As diversas banquetas e outras peças de prata, mandadas fazer em Lisboa nos fins do seculo passado, e principios d'este, para ornato das capellas e oratorios dos paços reais, e cujos modelos se guardam na *fundição de cima*; e a magnifica e formosissima custodia da igreja do asylo dos invalidos militares, em Runa, feita por ordem e segundo o desenho da fundadora, a princeza viuva D. Maria Benedicta, attestam o estado florescente da ourivesaria sob os sceptros da rainha D. Maria I e de seu filho el-rei D. João VI. E se não fossem sufficientes para o attestarem, bastaria para esse effeito a copiosa e riquissima baixella de prata, mandada fazer em 1814 pelo principe regente, D. João, depois rei, para offerecer ao duque de Wellington, em galardão dos serviços, que acabava de prestar á nação portugueza, auxiliando-a no vencimento das aguias francezas. Esta baixella, tão rica pelo seu valor intrinseco, como pelos primores do trabalho, foi feita em Lisboa segundo os desenhos e sob a direcção do distincto pintor Domingos Antonio de Sequeira. Posta em exposição publica, primeiramente em Lisboa, e depois em Londres, obteve em ambas estas cidades os maiores elogios para os artistas que a executaram.

As estatuas do S. Pedro de Alcantara e de S. Miguel, cinzeladas em prata por João Teixeira Pinto, um dos mais insignes ourives de Lisboa dos fins do seculo passado e principios do actual, feitas por ordem do principe regente para servirem na solemnidade dos baptisimos de seus filhos, do mesmo nome d'aquelles santos, são duas obras tambem primorosas.

Emfim, o estado actual da ourivesaria portugueza é muito satisfatorio para a nação, e muito lisongeiro para os artistas, que se empregam n'ella. Os nossos actuaes ourives rivalisam sem duvida com os melhores estrangeiros. Falta-lhes, é certo, o estímulo e o largo campo que nos outros reinos, e principalmente em Inglaterra e França, se franqueiam a similliantes lidas. Porém, do que são capazes de fazer em honra sua e da arte dizem-n'o as obras enviadas ás exposições estrangeiras e á do Porto, e ultimamente a famosa *faca de matto*, cinzelada em prata pelo sr. Zacharias Raphael da Costa, distinctissimo ourives de Lisboa, obra de subido apreço pela belleza e correção do desenho, e pela inexcedível graça, delicadeza e perfeição da esculptura. Pede por ella o seu autor 24:000\$000 réis.

V

Thesouro da sé de Braga

Poucas igrejas no reino competiram com a cathedral bracharense na quantidade e riqueza dos objectos preciosos que se guardavam em seu thesouro. Quasi todos os seus prelados, na diuturnidade de seculos, ali depositaram por offerenda algum vaso sagrado, relicario, ou outra qualquer alfaiá de prata de mais ou menos valor. Infelizmente, a maior parte d'estas riquezas foi roubada pelos francezes, na invasão do marechal Sault em 1809.

As quatro peças d'aquelle thesouro, que se vêm representadas em gravura a pag. 28 e 29, e que são copias exactas de excellentes photographias do sr. Carlos Relvas, recommendam-se pelo merecimento artistico e archeologico.

O *baculo*, embora singelo e de metal não precioso, é de muito apreço pela sua muita antiguidade, e como reliquia de um santo varão.

Procedendo-se, em 1708, por ordem do arcebispo pri-

maz D. Rodrigo de Moura Telles, á trasladação dos ossos de Santo Ovidio, 3.^o arcebispo de Braga, eleito sob o pontificado do papa S. Clemente, que foi assumpto á cadeira de S. Pedro no anno 67 da era de Christo, encontrou-se na sua sepultura a parte superior do referido baculo, que se achava em bom estado de conservação. A simplicidade do feito e dos labores d'esta peça, e a qualidade do metal de que é fabricada, quadram perfeitamente com a singeleza dos costumes e com a pobreza dos prelados nos primeiros tempos do christianismo. Estas circumstancias, pois, juntas á do logar onde se achou, dão todo o fundamento para se crer, que o referido baculo pertencera ao arcebispo Santo Ovidio.

O *calix pequeno* é de prata branca, apenas ornado com simples labores ligeiramente cavados. Tem de altura 0^m,10, e 0^m,7 de diametro na boca e na base. Na orla da base, em toda a circumferencia exterior, tem gravado o seguinte letreiro: IN XME DNI MENENDVS GVNDI-SALVIS. Em nome do Senhor, Mendo Gonsalves.

Este calix, segundo refere a tradição, era usado por S. Geraldo, 68.^o arcebispo de Braga, o illustre prelado que baptisou o nosso primeiro rei. Era bastante esta consideração para tornar muito apreciavel esta peça. Mas ainda accresce outra circumstancia que lhe augmenta a valia archeologica, e consiste na quasi certeza de ser produção de arte nacional, em uma época, é certo, em que a ourivesaria portugueza se achava na infancia, mas da qual nos restam mui raros specimens.

O *cofre de marfim* tambem pertencia a S. Geraldo, e servia, segundo a mesma tradição, para este prelado conduzir dentro d'elle o calix de que acima fallamos, quando andava na visita da sua diocese.

É todo ornamentado este cofre de diversidade de labores em alto relevo. Tem uma inscripção em arabe, que conforme a interpretação do distincto archeologo de Braga, o sr. Pereira Caldas, quer dizer: «Deus é grande e Mahomet é o seu propheta!»

Tem quebrado um pedaço da tampa, o que mostra ter sido feito por pessoa que, ignorando o modo de o abrir, o arrombou, julgando, provavelmente, que encerrava algumas joias de grande valor. Attribute-se este acto de barbaridade ao tempo da invasão franceza. Pela inscripção arabe, e pelo primor do trabalho em marfim, é producto de arte asiatica, sem duvida, pois que n'aquellas eras só na Asia estava tão adiantada a esculptura em marfim e metaes. É de suppôr que viria da Terra Santa para as mãos de S. Geraldo.

O *calix de prata dourada* com campainhas é obra magnifica pela belleza do desenho, pela delicadeza e perfeição dos altos relevos que o adornam, e pelos formosos esmaltes que fazem sobresair ainda mais aquelles graciosos e variadissimos labores. Dizem que trouxe este calix de Roma D. Diogo de Sousa, 99.^o arcebispo de Braga. E indubitavel que foi mandado fazer por este prelado, porque tem gravado o seu brazão de armas, e por baixo o anno de 1506, em que governava a diocese bracharense. Mas ainda que não tivesse simillhante indicação, eram sufficientes signaes o estylo e as campainhas para lhe designarem a data.

As campainhas, denominadas *tintinabula*, foram introduzidas primeiramente nos paramentos. Passados muitos annos, nos fins do seculo XV, começaram a figurar como adorno nos calices e em outros vasos sagrados. Não obstante dizer-se que viera de Roma, inclinamo-nos mais a acreditar que seja feito em Portugal. Não nos permite a extensão d'este artigo expender todas as razões em que assenta esta nossa opinião. Apontaremos as principaes: achar-se então a ourivesaria nacional no seu maior ex-

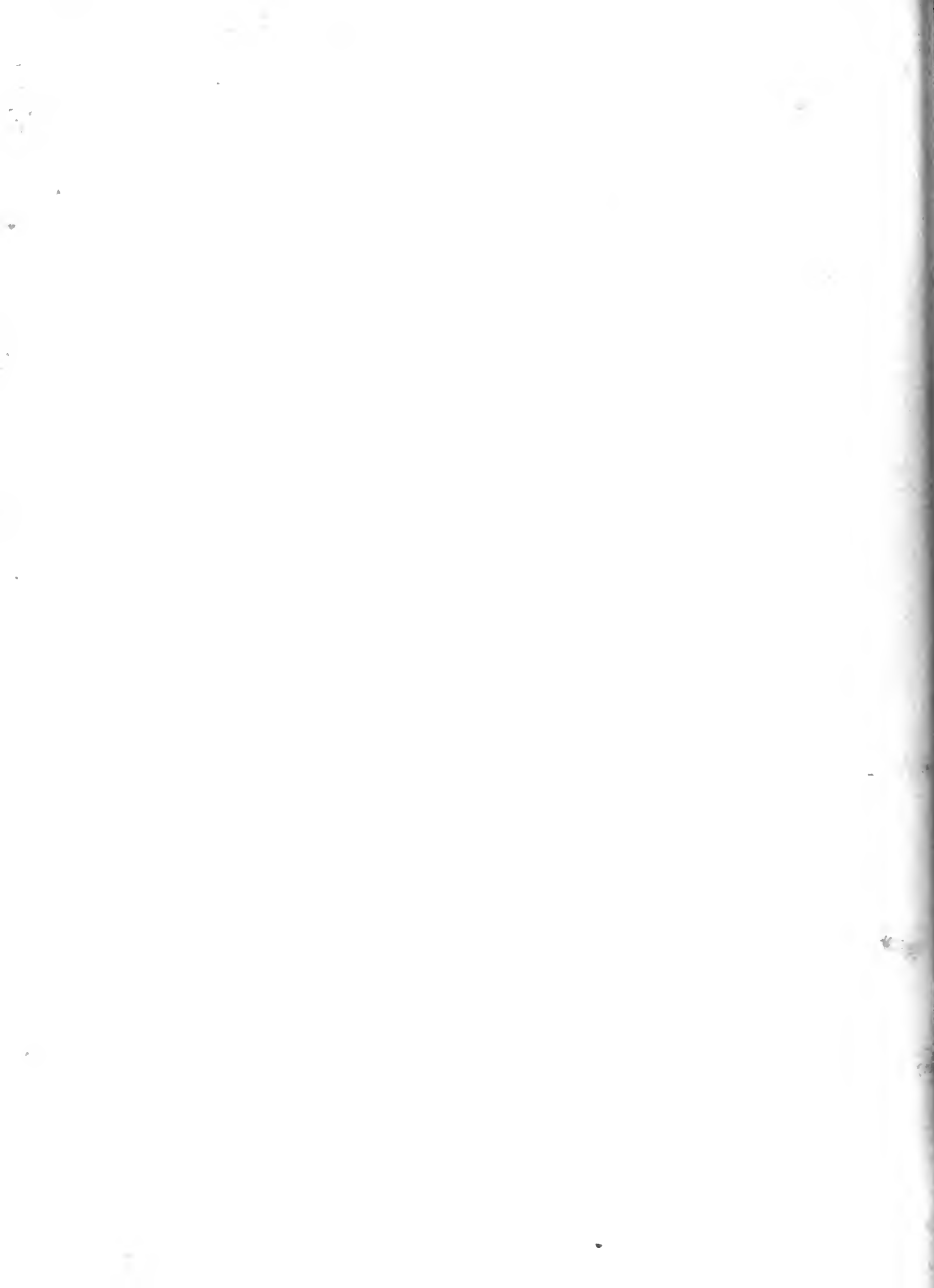


LUCA GIORDANO pinx't

W. FRENCH sc

S. MIGUEL ARCHANJO.

Editors Rowland & Sonmond, no.



plendor; haver em Guimarães e Lisboa exímios ourives; exercer-se em ambas estas localidades a arte de esmaltar com muita proficiência, como provam a mencionada custodia de Belem e outras obras d'esse tempo; e vêr-se representada, entre os relevos do mesmo calix, a fachada da sé de Braga.

O calix tem gravada em volta da boca a primeira parte da formula da consagração: *Hic est enim calix sanguinis mei.*

Agradecemos ao sr. Antonio Lopes de Figueiredo as informações que nos enviou sobre estas peças do thesouro da sé primacial.

I. VILHENA BARBOSA.

A POESIA REVOLUCIONARIA

E A
• MORTE DE D. JOÃO •

(Poema pelo sr. Guerra Junqueiro)



Em 1865 saíram á luz em Coimbra as *Odes modernas*, do sr. Anthero de Quental.

Esse livro, além do seu valor intrinseco, possui para o caso de que nos occupámos o valor especial de ter sido o iniciador do genero de poesia de que o volume do sr. Junqueiro nos dá hoje um exemplar esplendido.

Na nota que o sr. Quental juntou aos seus poemas lê-se: «A poesia moderna é a voz da Revolução, porque a Revolução é o nome que o sacerdote da historia, o tempo, deixou cair sobre a fronte fatidica do nosso seculo. Como do seu Deus dizia o apóstolo antigo, *in eo vivimus et sumus*, podemos nós com rasão ainda maior afirmar do grande espirito de revolta da nossa idade. N'elle e por elle é que somos, por elle e n'elle é que vivemos.—O ar que a nossa sociedade respira, a atmospherá turva e agitada, mas vivificante, em que vae penetrando dia a dia, não é já composta, não, de boas e pacíficas erenças velhas, de resignação, de obediência, de fé sublime... e céga. Outro é o ar! abrem-se os olhos para lêr as contradicções dos santos, dos venerandos, dos excellentes livros antigos. Estendem-se as mãos para palpar, sob os vestidos de brocado dos bons idolos d'outr'ora, o pau de que eram feitos... e o ferro também muitas vezes.»

Desde que a Europa ouviu pela primeira vez nas modernas idades proclamar o principio da Justiça como fonte do direito e da moral, desde o apparecimento do grande livro de Grotius *De jure pacis ac belli*, nunca mais a Revolução deixou de presidir aos destinos das nações europeas. N'ella viveram e foram. N'ella vivem e são. As transformações religiosas, a evolução philosophica, as revoluções sociaes e politicas, o progresso das sciencias, são as lages da grande via, estrada amplissima que ha tres seculos os povos europeus seguem pisando em precissão épica.

Os artistas vão na frente enehendo o ar com suas musicas; e é segundo o rythmo afinado pelo diapasão do grande todo que marcha, é a compasso medido pelo andar do exercito divino, é recebendo dos que os seguem a inspiração de que vivem, troando e gemendo, os risos de envolta com as lagrimas, pelindo á alma humana o seu segredo, e aos homens a sua idéa; é assim que os artistas,—perecursores inconscientes que sentem o que não lhes é dado definir,—incitam, preparam, decidem, o caminhar ondulado da massa de homens que progride na larga via da historia.

A *Morte de D. João* é o livro de um artista na rigorosa e mais bella acceção da palavra. É-o também de um poeta. Poeta é aquelle que adivinha; a poesia é uma religião, ou antes uma metaphysica concebida religiosa, imaginativa, não racionalmente. Artista é o que possui o dom de sentir o lado bello das cousas e de as referir com as palavras, notas, côres ou fórnas, mais adequadas para nos transmittir a energia das suas impressões. O auctor da *Morte de D. João* é mais artista do que poeta.

No decurso d'este trabalho travaremos conhecimento com o artista; é porém do poeta que especialmente nos hemos de occupar.

«Qual é o principio que domina o Universo? pergunta o poeta: A Justiça.»

Tal resposta, dá á obra os fóros de objecto vivo, são e forte, auctorisá a critica a estudal-a, e manda a todos os que amamos este mundo em que vivemos, a todos os que crêmos em suas obras, a todos os que esperámos para os homens um porvir de grandeza

e de virtude igual ao passado enorme de sombras e de angustias, manda que nos demoremos aqui, á sombra perfunada de uma bellissima efflorescencia artistica, a medir este novo marco da estrada da Revolução.

A semente lançada á terra da poesia nacional, vae em dez annos, produziu agora o seu mais bello fructo.

I

Já passou o tempo em que a vertigem do heroismo inchava os homens como na fabula da rã e do boi. Os gigantes-pygmeus do principio d'este sceno viram-se ainda em vida reduzidos ás proporções mesquinhas dos mortaes. Um pseudo-Prometheu carpia em Santa-Helena; Chateaubriand, o Juliano-apostata do catholicismo, despia o manto nas *Memorias*; os Rolandos do imperio humilhavam-se perante o obeso Luiz, 18 de nome; o grande eu heroico de Fichte e de Schiller apparecia em Waterloo com Blücher e depois em Paris a dar uma amostra dos prussianos de 1870. E, como verdade fria d'essa época de grandes illusões, restam-nos duas figuras, dois unicos homens que dominaram a situação, Metternich, um imbecil, e Talleyrand, um maroto.

Quem forjava os heroes da tragi-comedia era uma litteratura doente e uma philosophia insensata. O espirito humano, commovido pelo drama colossal de 1793, abandonára momentaneamente as suas gloriosas tradições: fulminava o seculo xviii e o seu espirito scientifico, esquecera Montesquieu e Gibbon, não sabia da existencia de Vico, e tinha horror a Locke e a Diderot. Nem Lamarek, successor de Buffon e verdadeiro pereursor do transformismo, nem Goethe e a escola naturalista da Allemanha, podiam achar graça perante os visionarios.

Napoleão, commandando batalhas com o Ossian-Maepherston no bolso, dá uma idéa exacta d'esta face do tempo de nossos paes.—Byron, o author do *D. João*, o escandaloso demonio que feriu na face o pudor das fêmeas inglezas, alistando-se entre os libertadores da Grecia, morrendo mesmo em Missolonghi, dá outro aspecto da época: o homem, apaixonado e indomito, conforme o entrevira Rousseau e Fichte o prégava.

O *D. João* de Byron é o monumento litterario mais caracteristico da época, e a *Morte de D. João* está para elle como a obra prima de Cervantes está para os Amadis.

A *Morte de D. João* é these de um tal aleance que o poema do sr. Junqueiro a não abrangem toda. D. João não é sómente o devasso nos seus differentes exemplos; D. João é o eu indomito de Fichte; D. João é aquelle homem, composto de ardencia e paixões, de nobres loucuras, e de atrozes crines, e de nojentas miserias, e de grandes amores, mixto confuso e anarchico de todos os factores constitueionaes do temperamento, elevados á maxima potencia. D. João é esse homem, e era com um homem assim que sonhavam os romanticos. Matar D. João é afirmar que a consciencia humana voltou a sentir-se, e o homem a venerar alguma cousa que é superior aos seus instinctos e ás suas paixões, a respeitar uma auctoridade que o envolve, e um criterio que o domina.

D. João e a sua morte são a philosophia do subjectivo e a do objectivo: a moralidade do facto está no momento solemne da historia do espirito, não no castigo do devasso. A devassidão e os crimes de D. João são metade só do homem, e metade necessaria á outra do heroismo e do louco amor. Não é o facto de D. João ser malvado que importa a sua condemnação; o que o condemna é a rasão porque elle é malvado, rasão necessaria de malvez. O heroe é por força um facinora.

Ora o toque para obras da natureza do *D. Quijote* ou da *Morte de D. João*, antitheses litterarias que vão de frente a um typo que consagra o ideal de uma época, é o consagrarem ellas em si, pela comprehensão do ideal que se lhe substitue, a completa e verdadeira morte do heroe caído. O humanismo que respira o *Quijote* é a atmospherá enbalsamada em que vive a Renascença. Na *Morte de D. João* respiramos sim o seculo xix (com as reservas que irei expondo), mas a antithese é incompleta porque não foi profunda a comprehensão do heroe. O auctor viu D. João com olhos de artista, e logo notou como com a guitarra elle conquistava todas as moças, como as perdia todas, como era um poço de imundicies; e foi a esse heroe da litteratura que deitou por terra. Mas atraz d'elle, dominando-o e produzindo-o, se tivesse aberto os olhos de poeta, de vate, teria visto o heroe da philosophia, o eu monstruoso de Fichte.

O heroe litterario, o D. João romanesco, é porém só uma das faces litterarias do romantismo; a outra deita raizes pelo seculo xviii. Tem por um dos avós ao abbade de Saint-Pierre, é boa metade de Rousseau, e dá o tom a Robespierre e á sua religião extravagante; Rousseau e Robespierre tinham ambos nascido para abbades, mas uma ironia da sorte fez de um philosopho, do outro dictador. Mais um abbade—abbades não são homens—cerra o côro dos fundadores d'esse genero piegas: o abbade Delille, o melifluo auctor dos *Jardins*, o que enehia os salões dos Martes e das

Minervas de cartão do imperio francez. Retemperado pelo *Genio do christianismo*, o genero resuscita em Lamartine, e Byron em George-Sand. Melibeu apparece de Jocelyn, e D. João de mulher: mudaram-se as scenas, os actores são os mesmos.

O lado propriamente litterario da revolução moral do nosso tempo, eis o que o artista da *Morte de D. João* sentiu e disse em versos memoraveis.

A musa dos lakistas apparece-lhe e manda-lhe cantar cousas que vão já com effeito, cantadas, choradas, grunhidas, e ditas a final em todas as vozes, de todos os animaes bipedes que tem enchido as livrarias modernas, com os productos do seu estro apaixonado ou sensível. Vae o poeta observando á musa os obstaculos que o seu coração de homem de bem, e a sua consciencia de homem sensato, oppõem a esse modo de pensar, e a musa respondendo, até que a final, perdida a esperanza, foge.

A musa dos lamartinianos, entretanto, nunca em seus dias on sou empregar em serviço proprio a ironia, essa alegre companheira, e consoladora intima de todos os bons espiritos. A ironia não se compadece, é verdade, com as regras litterarias da contemplação do vazio, das lamentações ao luar, e dos canticos de erotismo amoroso:

—Se ha estrellas no céu e rosas pelo monte,
Se sabes lér Petrarcha e lér Anacreonte,
Se a tua amante é bella e se o teu sangue é novo,
Deixa espingardear o coração do povo,
Deixa morrer Catão, deixa insultar a luz,
Deixa queimar Voltaire, deixa matar Jesus...
Não cessam de cantar por isso as cotovias,
Que o Pontífice lamba os pés das monarchias,
Que Tartufo conspire e D. João seduza,
Que a treva imunde a escola e a honra empenhe a bluzza,
.....
Que nos importa a nós? Que importa o bem e o mal,
As velhas dissensões, a lucta, o dogma, a critica?
Os rouxinões não têm opinião politica,
As flôres não vão lér as obras de Proudhon...

Ora a musa dos poetas-lyricos nunca disse estas cousas, não as sabe, nem quer saber, e duvido que fallasse em tão bons versos. Seja como fôr

.... a branca apparição, ligeira como o vento,
Perdeu-se pelo azul do claro firmamento.

A musa não pôde responder, foi batida. A brisa, as aguas, os ribeiros, e todas as flôres do prado, desde a ceceem até á bonina, e todos os labios de todas as virgens, a geographia e a botanica e a zoologia dos lamartinianos não conquistaram o moço, o forte, o vivo poeta moderno, das modernas paixões, dos valentes e profundos pensamentos, cuja musa é outra

.... a grande musa austera
Que habita junto a Deus na eterna primavera
Dos astros e dos sóes.

É ella que lhe apparece, e que o poeta ouve, como á sybilla, em religioso silencio, quem lhe manda que defina a lei suprema,

Que rege o movimento e as fórmãs da materia;
.....
Os globulos do sangue e os globulos dos mundos,
As correntes do mar e a lucta das paixões,
O verme e a tempestade, os homens e os vulcões,
.....
Definir essa lei, eis o immortal problema.
Trabalha para isso a natureza inteira:
A consciencia, o ferro, a bussola, a caldeira,
O magnetismo, a luz, as prensas, o martello,
A voz da intuição e a lingua do escafpello,
A critica e a fé, os dogmas e os metaes.
É de d'este turbilhão de sciencias colossaes,
Dos livros, do vapor, das forjas, dos museus,
D'esta aproximação immensa para Deus
Que hão de surgir em breve, athleticas, radiantes,
Musas para inspirar theorbas de gigantes.

Eis ahí a confissão do poeta, eis o alicerce de granito d'este livro que ha de viver, como vivem as cousas verdadeiras e santas.

Conceber o movimento da vida real e positiva como *aproximação para Deus*, é comprehender toda a profundidade verdadeira do pensamento moderno, para o qual deixou ha muito de existir o velho Deus exterior e inimigo, perante quem nós homens eramos tyteres movidos pelo cordel, cheio de nós, da sua divina graça, e cuja adoração consistia no sacrificio de tudo quanto ha santo

na alma, a começar pela dignidade humana, pisada a pés pelo dogma do peccado;—do pensamento moderno, para quem a contemplação do Universo moral, matou de vez as propectas doutrinas do empyrismo sensualista, e o dualismo primitivo da materia e do espirito, do bem e do mal, de Deus e do Diabo.

Mas não é sómente a corda épica, a que a musa lhe manda ferir. Pelo contrario. *A Morte de D. João*, animada de principio a fim por um pensamento épico, é um poema humouristico, usado, e vasado de mais, nos moldes de Espronceda, de Heine, de Baudelaire e de Swinburne. O baudelarianismo na poesia é um vicio de gosto que ataca hoje em dia os melhores. O requinte de sensibilidade dolente a que a elevação da vida psychologica moderna conduz os espiritos delicados; e o requinte de sybaritismo a que as contradicções moraes e economicas da nossa época tem levado os sentidos; dão as mãos para produzirem a tendencia, geral de mais para ser artificial, de uma das faces da poesia contemporanea. Combinae esta tendencia com a influencia dos modelos classicos de um genero, combinae-a com as necessidades estheticas do artista, e com o jugo da arte-poetica de uma escola, e tereis a applicação do baudelarianismo, que nem por isso deixa de ser uma perversão de gosto.

Succede n'este momento o que sempre succedeu. Os bordeis, as pustulas, a miseria ascorosa e as bacchanaes impudicas, são apenas figuras de rhetorica, chavões de escola, como o foram para os romanticos os crimes a serio, o luar, a meia noite, o espectro, o plebeu nobilitado, a cortezã democrata, e a eterna e parvoissima figura da meretriz santa, de Magdalena.

Quanto a mim a technologia baudelariana é o defeito artistico da *Morte de D. João*. Azorregar os vícios, ou blasphemando ou rindo, é sempre bom, mas é necessario que se trate dos vícios, que se vejam os costumes, e não em vez d'elles uma sociedade convencional de meretrizes e de paes que põem as filhas em leilão á janella; convencional e rhetorica, porque a final o nosso mundo, a nossa sociedade, não são assim.

Diz-nos o poeta que

A arte é hoje uma infiel Ninon:
Magra, elegante, anemica, fransina,
Triste belleza delicada e fina,
Doidamente vestida á *Benoiton*.

Mas qual arte? Não é essa a da musa épica dos monumentaes alexandrinos do prologo. Não é; é a arte que vem de Paris em volumes da casa Levy, e que a final em Paris mesmo é apenas a pimenta venenosa que aguçã o paladar embotado de D. João *creed* e das Imperias.

Será isto condemnar o humourismo em nome da *moral em acção*, a cousa mais immoral, por ser a mais imbecil, que existe? Por fórma alguma. O humourismo é a fórma necessaria e adequada do lyrisimo contemporaneo; distingamos porém entre o genero e a rhetorica de um dos exemplares d'esse genero, que é o mais conhecido em Portugal. *Humour* e do melhor quilate, traços de Heine ou de Swinburne peninsular, se encontram a cada pagina na *Morte de D. João*: rasão de mais para que o artista ponha de parte os logares communs de um supposto realismo; deixe isso a quem não dispõe d'outros materiaes.

É por uma noite escura:

..... ao longe dir-se-hia
Que os choros divinaes depois de alguma orgia
Partiram, embaleando, a abobada do espaço,
Caindo sobre a terra em fugido estilhaço.

Eis um exemplo de verdadeiro *humourismo*, e uma idéa poetica de incontestavel valor. Outra:

O poeta
Satanaz, meu amigo!
.....
Mas ainda agora vejo, andas de luto...

O diabo
Morreu-me meu irmão, o Padre Eterno.

O *humour* que dava além uma idéa poetica, traduz aqui um pensamento philosophico; não é uma blasphemia, é uma rigorosa verdade. O Diabo e o Padre Eterno são a these e a antithese de uma proposição theologica resolvida pela philosophia, que é a do poema. O Bem contrapõe-se ao Mal, um é a condição necessaria do outro; não podem existir isolados; a morte de qualquer d'elles implica a do companheiro. Se o Bem e o Mal se confundem na idéa do Absoluto, se o Diabo e o Padre Eterno se resolvem na idéa de Deus que é um aspecto do Absoluto, a expressão do poeta é uma verdade theologica affirmada humouristicamente.

Não acabaria se pretendesse esgotar os exemplos. Aqui é uma orquestra desvairada, brutal, americana; além um olhar cansado, metaphysico; n'outra parte dá-se com uma velha rua miseravel, triste, caliginosa, impenetravel, como um dogma christão.

Mas a par d'isso como são carregados, pintados á força com uma brocha molhada em pús, os *Saltimbancos* e os *Ultimos momentos*! O exagero das notas repugnantes e lugubres empasta o quadro. É com effeito *ultra-charogne*, mas de que vale isso para o poema? Essa accumulção de pustulas nas pernas de D. João, esse desvario de cousas nojentas, que provam, mais do que o abuso do genero, de si já falso?

Ai, que frio! que horror!
Se eu ainda tivesse consciencia,
Ai que frio!... comprava um cobertor.

Eis o que vale mais do que todos os termos tomados de emprestimo á pathologia.

Ó Deus forte, ó Deus justo, ó Deus clemente,
Para que eu seja um verdadeiro crente,
.....
Digna-te, ó Deus, lançar n'estes meus hombros,
Um capote hespanhol!
É um milagre tão facil, tão vulgar,
Que qualquer alfaiate o arranjará
Co'a simples condição de lh'o pagar.

D. João a final morre.— «Que tens? pergunta-lhe Imperia.— Não é remorso... é fome».

A feição humoristica é porventura a dominante no poema e nós vamos vêr agora como é que o poeta encara os vicios sociaes, e depois como concebe a resurreição moral do mundo que «perden a creença religiosa sem ter adquirido a convicção scientifica».

A minha lyra, aquillo
Que eu tenho de mais puro e candido e tranquillo,
Tu que és a minha amante, a minha esposa calma,
Que és o saerario azul onde eu guardo a alma,
Que palpitas de amor e de paixão trasbordas,
O' minha pobre lyra! hei de arranear-te as cordas
E, unindo-as n'esta mão, vibrar-as e torcel-as
Para fazer, ó musa! um latego de estrellas.

Entremos pois no Templo, guiados pelo Christo da poesia.

(Continua.)

OLIVEIRA MARTINS.

DECIMA EXPOSIÇÃO

DA

SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELLAS ARTES EM PORTUGAL

(Continuação)



CREDITO, pois, no futuro da esculptura, que figurou na exposição com fidalguia e progresso, mas infelizmente o contentamento que deixam os marmores e os gessos esmorece diante das télas. Estamos na sala do pintura, e antes dos artistas nacionaes antolha-se nos um estrangeiro illustre, que só tem logar aqui n'um parenthesis, mas que é apresentado á critica pela cortezia hospitaleira: abramos, portanto, o parenthesis para o receber. O estrangeiro é o sr. Layraud, e os seus quadros distingue-os, mesmo de longe, d'onde se não lêem as assignaturas, quem relanceia a vista pela galeria: são aquelles retratos de corpo inteiro, de tons frios e tinta barrenta, que parecem ter recebido, coada por um nevoeiro, a luz, que nas terras meridionaes aviva e esmalta as côres. Note-se porém que os não caracterizo assim para reprehender o colorido da moderna escola franceza, que para ella é realista, embora fosse para nós

absurdamente convencional. O sr. Layraud mergulhou o pincel na atmosphera da sua patria: imaginar que todos os climas tem a mesma illuminação, que a sensação da côr é identica n'um esquimau e n'um cafe, n'um inglez ou n'um suiso, equivale a estranhar que a *tela do firmamento*, que é annullada ao meio dia, desmaie no crepusculo. O que se poderia censurar no pintor estrangeiro, seria sómente o não ter mudado de palheta, ao mudar-se das margens do Sena para as do Tejo, mas de certo que não ousaria formular a censura nenhum artista intelligente.

N'um dos seus quadros, no que representa os filhos do sr. conde Armand, ha, porém, um defeito grave, que talvez se explique pela influencia, estranha para elle, do nosso meio luminoso: é que os tons *quentes* do ultimo plano adiantam-n'o e consequentemente recuam o primeiro, a tal ponto que até o banco, em que está sentada a menina, parece fugir-lhe debaixo do corpo. Não resultará este desequilibrio de ter o sr. Layraud pintado as figuras e os accessorios proximos com as suas tintas habituaes, relativas a condições de luz diversas d'aquellas em que viu e copiou o fundo, que é uma nesga do nosso céo, do Tejo e das collinas que o orlam? de ter, para assim me exprimir, pintado as figuras em Paris, convencionalmente, e o fundo em Lisboa, isto é, realisticamente? Creio que só assim se desculpa um erro flagrante, improprio de um mestre, porque o sr. Layraud é um mestre, apesar da dureza das cabeças, apesar do desleixo ostentoso com que tratou o arvoredo, que parece de scenographo, apesar da sua encarnação não ter transparencia nem frescôr e ser sempre *suja*; desprimores estes mal compensados, no quadro a que tenho alludido, pela perfeição do desenho, pelo toque magistral das roupas, leves, vaporosas da menina, e pelas posturas graciosas e firmes de ambas as figuras.

É no retrato do sr. conde Armand, a meu vêr incomparavelmente superior ao de seus filhos, que o pintor francez se revela distincto. Não é sómente um retrato material, deixem-me dizer assim: o artista soube interpretar a feição moral caracteristica do seu personagem e dar-lhe relevo, o que se me afigura regra essencial da *portraiture*. Não pintou sómente um *corpo*, estampou na tela um typo de gentil-homem, n'uma attitude nobre, e com a fronte estudadamente illuminada pela intelligencia, para sobressair e dominar. Alguns defeitos do outro quadro estão emendados n'este. Se a carne ainda é *suja*, os accessorios já são esmerados, notando-se o xadrez de ladrilho, que é de uma illusão perfeita e pintado com uma largueza e uma facilidade, que são dons exclusivos dos pineis expertos. O desenho é correcto, mais do que correcto, sabio, excepto nas mãos quasi disformes. A perna esquerda do modelo tem vida, avoluma, palpita debaixo do estofa da calça. E em toda a obra transluz o *savoir-faire* do artista eminente, julgado tal por tribunaes emeritos, e que embora não cultive o retrato com predilecção não desuente n'elle a grangeada fama.

Regressando á patria e aos patricios, a coordenação alphabetica dos expositores, concordando amavelmente com a classificação dos merecimentos artisticos para dar a um mestre a primazia no catalogo, depara-me o nome do sr. Annuniação. O seu unico quadro, *Um rebanho passando um riacho*, não suggere reflexões novas nem obriga a critica a modificar um só dos juizos seguros, que tem formado do consciencioso *animalista*, fidelissimo ao seu talento, constante na sua *mancieira*, e sempre interprete severo da *fôrma* e observador perspicaz da *vida* animal. A sua tela não annuncia um progresso, nem accusa uma decadencia. O primeiro plano, a agua encharecada que as ovelhas patinham e os arbustos que a esverdeiam, é pin-

tado a primor; a cabeça mais adiantada do rebanho, que como vigilante esculca fareja os ares e prescruta o mysterio de um rumor, foi colhida pelo artista em acto flagrante de intelligencia; o arvoredo é, porém, empastado e nota-se no fundo um abuso do *gris*, devido talvez a um prurido de reacção exagerada contra os esmalistas, e equivalente a uma reverencia á escola franceza.

Estas ligeiras observações harmonisam-se de certo com as muitas vezes feitas aos quadros do sr. Annuniação, que tem o credito consolidado, mas está sendo tempo de se lhe dizer tambem, sem quebra do respeito pelo seu trabalho, que circumstancie de mais as suas facultades artisticas dando-lhes por exclusivo objecto, não já a animalidade, que é um vasto mundo, mas uma ou duas das suas especies, que embora sejam das mais interessantes, não têm direito de monopolisar a arte. O sr. Annuniação está descaindo de animalista em *ovinista* e *bovinista*, deixem-me engendrar estas palavras, e não me parece licito levar a especialização a tanta incudeza. Chegou a ser consummado, inexcedível na pintura de ovelhas e bois; familiarizou-se com os seus costumes, as suas indoles, as suas expressões; exercitou-se em photographal-os com tanto acabamento e tão grande finura, que destaca, particularisa, avoluma cada floco de lã e cada filamento da pelagem: mas tendo alcançado a posse d'esta perfeição, que louvavelmente cubiçou, enamorou-se d'ella e jurou-lhe uma fidelidade esterilizada, ainda mais esterilizada por se consagrar tão só aos dois synbolos da mansidão e candura da alma animal, que ficou tendo para o artista um unico aspecto, um unico *genio*, que se revela em pouco variadas expressões, das quaes elle estudou com predilecção e reproduz com superabundancia o *alerta* da timidez!

Isto é um defeito e um apoucamento que me dava para muitas reflexões, se não cuidasse bastante despertar o sr. Annuniação do seu perdoavel enlévo: outro progresso desejaría eu, porém, que elle realisasse, porque não comprehendendo que ninguém estacione nem mesmo no optimo, e esse progresso consiste na escolha, para assumpto da pintura, dos episodios da vida da *besta*, que melhor caracterizam e põem em relevo os seus costumes, os seus instinctos, e o que á falta de mais rigoroso termo se chama a sua intellectualidade. Deixem-me explicar por comparação. Confronte-se o bem conhecido quadro de um artista famoso *Cavallos de cossacos abrigando-se da neve*, ou o de Landseer que representa um *veado* na agonia, com o do sr. Annuniação: n'este pouco mais ha do que a *fôrma* com o seu *mise-en-scène* impreterível e a *vida* vegetativa com a sua expressão indispensavel; aquelles representam estados da alma animal, em que se revelam sensações que a enobrecem e avizinham da alma humana, e a *fôrma* é a linguagem material d'essas sensações e não já o fim principal da arte. De um póde dizer-se que é *biologico*; os outros são *psychologicos*. E se a comparação não parecesse grotesca, diria ainda que guardam entre si a mesma relação esthetica, que póde haver entre duas telas que representem, uma: *um grupo de mulheres atravessando o Chiado em dia de chuva*, e a outra: *o amor de mãe!*

Ou o objecto da arte, seja o homem ou seja o animal, é necessario retratar-lhe a alma que dormita e se occulta nos actos mechanicos da vida, indignos por isso da contemplação do artista, quando pretende crear e não meramente estudar: esta é a doutrina que eu quizera vêr praticada pelo sr. Annuniação, a exemplo dos grandes mestres, que elle alcançou nos processos. Não se creia, porém, que o tenho em menos conta por lhe offerecer, sem vaidade de pedagogo, estas reflexões quiçá desaccertadas,

pois que o préso como ao primeiro dos nossos pintores, sem conceder que o reconhecimento da sua primasia, ganha com prodigios de trabalho consciencioso, deva causar despeitos ou desgostar rivaes.

Tambem não tem rivaes, no genero que cultiva e na exposição d'este anno, o sr. Alfredo Keil, ainda hontem estudante modesto. A rapidez dos seus progressos assombrou: o melhor elogio dos seus quadros é ter havido quem quizesse pôr em duvida a sua authenticidade. Um passeio rapido pela Allemanha ensinou ao seu talento o que é provavel que nunca houvesse aprendido cá, em que pese a probabilidade á nossa academia. Formou gosto, alcançou uma maneira de pôr a tinta, que se não é sua tambem não é dos mestres nacionaes, e acabou a sua educação, creio eu, na escola da natureza, grande escola da verdade, que abre as portas de par em par a quem a procura com amor, e que se póde frequentar sem subsidio do governo. Ha seis annos, a critica de Luciano Cordeiro, tão carinhosa sempre para os noviços da arte, concedia *uma saudação* e *uma esperança* aos quadros expostos pelo sr. Keil, *que promettia bastante*; e a previsão confirmou-se, pois que o novel pintor já bastante deu. Deu talvez mais do que em consciencia esperava o critico, e se venturosas circumstancias lhe ajudaram o aperfeiçoamento, ao trabalho o deveu antes de tudo, ao trabalho, que é o genio (no dizer de um compatriota illustre), que é o inimigo muitas vezes vencedor do impossivel, que não é condão nem privilegio senão da boa vontade, e que póde egualar ao sr. Keil os seus condiscipulos excedidos, se os mover a emulação generosa.

O talentoso artista expôz paisagens, das quaes só uma, a *Tarde*, tem o cunho dos processos e das lições da academia de Lisboa, e um quadro de genero, a *Leitura de uma carta*. Prefiro aquellas obras a esta, em que só é verdadeiramente excellente o vestido de uma das senhoras, cuja carnção avermelhada é grosseira e a quem falta de todo a expressão, o que não denota, todavia, que o pincel do sr. Keil seja inhabil para a plastica da figura humana, pois que o seu *Nobre* é um estudo bem succedido no desenho, na modelação e na côr. As paisagens são pois o seu diploma de honra. É singular entre nós e é proficientissima a maneira como elle trata os arvoredos, amedando-lhes os elementos, sem repintar e sem perder a franquesa e a facilidade do toque, e reproduzindo com verdade e harmonia o effeito geral das massas: esta qualidade sobresaie principalmente no *Estudo do natural* e na *Hora da sesta*, aformoseando tambem este quadro uma luz suave e sabiamente distribuida, que communica á rustica alameda, que representa, o socego e frescôr de uma aleova, resguardada por discreta gelosia do sol do estio. Na *Margem do Tejo* avulta, entre outros merecimentos, o da transparencia dos ares, profundos, insondaveis, e é pena que saisse curvo o plano anterior das aguas do rio, notando-se mais que essas aguas, como as do *Mondego*, são coloridas por uma illuminação agradavel, porém menos propria de um oceano que dos fogos rubros da pyrotechnia. O *Jazigo de S. Vicente*, é um exemplar de prespectiva. E d'este modo, as telas expostas pelo sr. Keil corrigem os desprimores uma das outras e completam-se, completando tambem um artista de raros dotes, que a extrema juventude absolve dos lapsos e das hesitações, que são a contraprova do seu extraordinario progresso e os *faux pas* inevitaveis do caminhar veloz, que o levará muito longe, se não se abaixar a colher as palmas e os pomos de ouro, que já lhe vão caíndo na estrada.

A. ENNES.

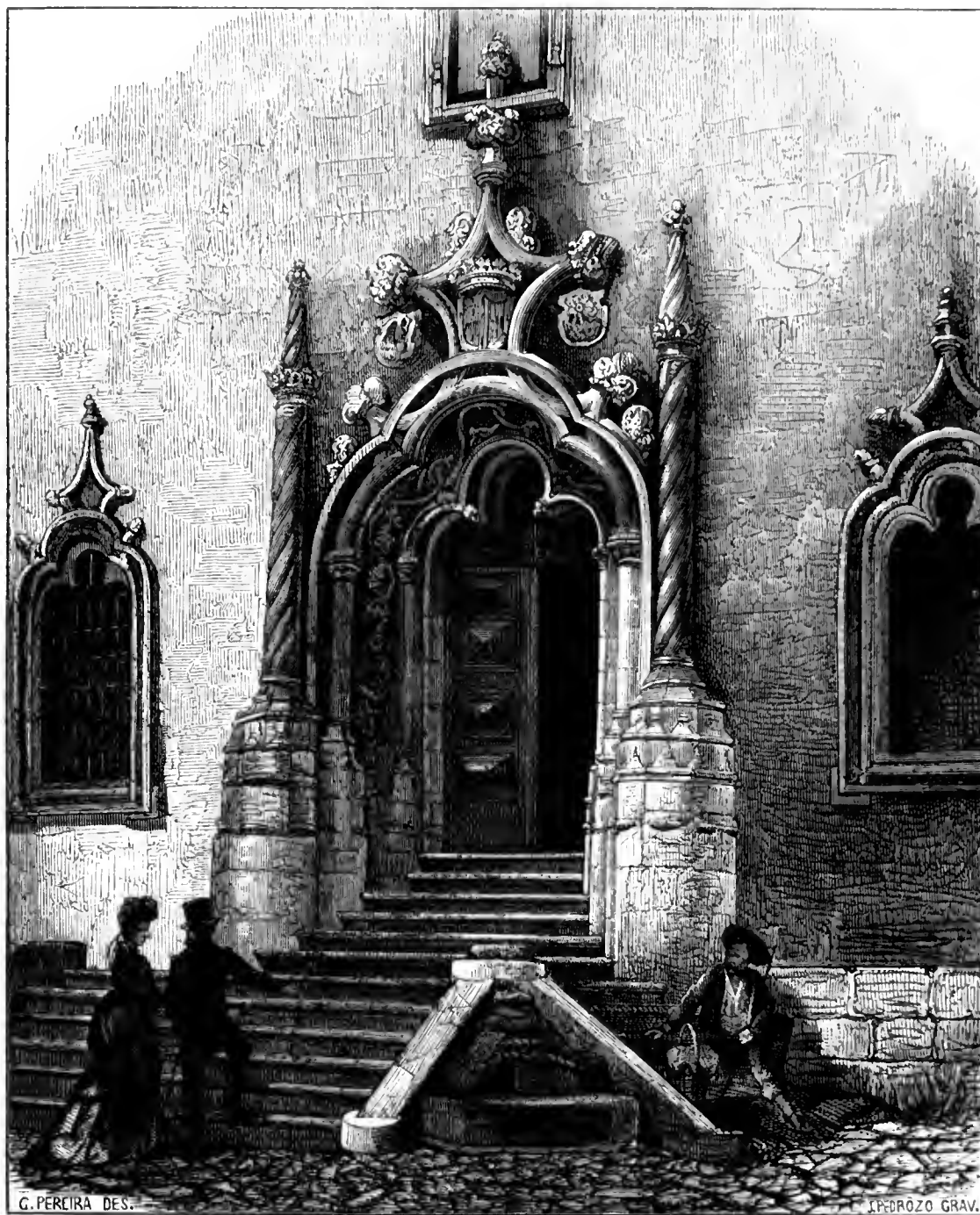
(Continua.)

O MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS

I

Se Portugal teve alguma rainha, que merecesse a qualificação de *santa*, foi, por certo, a rainha D. Leonor, mu-

grande a rainha D. Leonor, pela fundação dos mosteiros da Madre de Deus e da Anunciada; para os plántropos será sempre reputado o nome da illustre princeza pelas fundações da misericórdia de Lisboa, do hospital das Caldas, das mercearias de Torres Vedras, Obidos, e de algumas gafarias; para os que amam os progressos litte-



G. PEREIRA DES.

PEDROZO GRAV.

Porta da igreja da Madre de Deus

lher de el-rei D. João II. Vive a memoria d'esta nobilissima senhora em monumentos, que attestam não só o seu religioso espirito, senão a sua acrisolada caridade. Não ligaram os chronistas alguma lenda milagreira ao seu nome, mas referem as suas heroicas acções. D. Leonor não foi dotada do dom de fazer milagres, que lhe poderia grangear mais seguro logar na celestial morada, no conceito dos homens; possniu, porém, o verdadeiro sentimento religioso e um espirito inclinado a emprezas uteis á humanidade. Assim é que, para os mais devotos, é

rarios, tambem será sempre merecedora da maior sympathia a memoria da preclara rainha, porque, por sua ordem, foi impressa a *Vita Christi*, em 1495; os *Autos dos Apostolos*, em 1505; *Boosco deleytoso* em 1515, e o *Espelho de Christino* em 1518; e para os que prezam as letras patrias, será o nome da rainha D. Leonor mui querido, pela protecção que deu a Gil Vicente, o famoso iniciador do theatro portuguez, e cujas primeiras produções brotaram á soubra do esclarecido amparo da rainha.

A rainha D. Leonor, pois, vinculou a sua memoria ás primeiras tentativas para a formação do theatro nacional; protegen a imprensa, quando ella ainda em Portugal apenas dava os primeiros passos; amparou as bellas artes, patrocinando o famoso Gil Vicente que fabricou a custodia de Belem, que ha razões para crer ter sido o mesmo auctor das comedias, que ella tanto favoreceu. As artes e as letras, n'este paiz, devem á santa rainha extremada gratidão.

Tantos merecimentos foram acompanhados de profundas dores, de cruéis desgostos. Viu a sua familia perseguida por seu proprio marido; seu cunhado, o duque de Bragança D. Fernando II, morre no cadafalso, em Évora, no anno de 1483, justicado por traidor, á ordem de el-rei; seu irmão, o duque de Vizeu, D. Diogo, é apunhalado, nos paços de Setubal, no anno de 1484, pelo proprio monarcha; os filhos do duque de Bragança são proscripitos e despojados de toda a fazenda da casa de seu pae; e como remate de tanta desventura, a excelsa senhora vê morrer na flôr dos annos, pois apenas contava dezeseis, o seu unico filho o príncipe D. Affonso, caindo desastrosamente de um cavallo, na Ribeira de Santarem, no dia 13 de julho do anno de 1491, logo apoz as maravilhosas festas do seu consorcio celebradas em Évora; creança de cujos dotes de corpo e de espirito a historia falla com tantos encarecimentos. Assim a rainha D. Leonor recebeu duros golpes, que tornaram o seu viver bem amargurado. A corôa e a purpura deveram ser para ella uma causa de tristezas e de desgostos, particularmente n'um seculo, em que as idéas supersticiosas tanto dominavam os espiritos.

Mas a rainha desaffrontou-se bem do infortunio; no seu viver humilde, nos monumentos que elevou, na sua resignação, legou á posteridade eternos padrões de gloria.

As lagrimas que chorou, arrancadas pela politica implacavel e cruel de seu marido, e pela fatalidade, converteu-as o seu generoso espirito em beneficios, que ainda hoje subsistem, e em bençãos de tantos a quem elles tem aproveitado.

Á porta da casa do capitulo, no claustro do extincto mosteiro da Madre de Deus, lá estão os seus restos mortaes, cobertos apenas com uma singela lapida, na qual se lê esta modestissima inscripção: *== Aqui está a rainha D. Leonor ==*; a seu lado, repousa a primeira abbadessa do mosteiro, soror Colleta; e aos pés, dorme seu ultimo somno a princeza D. Isabel, a infeliz mulher do duque de Bragança D. Fernando II, o justicado. É um grupo que infunde respeito a quem visita hoje o arruinado mosteiro. Aquellas tres campas recordam casos bem tristes, memoram uma época importante da nossa historia, e são documentos da sincera piedade das pessoas, que, na morte, estão tão muidas, como estiveram na vida.

A lembrança da rainha D. Leonor, é como um balsemo suave, uma consolação, no meio dos enredos e das crueldades da politica tortuosa da côrte de el-rei D. João II.

A figura serena e angelica da rainha esparge como uma aureola por esse reinado tenebroso.

Em 1508 intentou a rainha D. Leonor fundar um mosteiro de religiosas, e escolheu para isso umas casas que possuia entre Santo Eloy e a freguezia de S. Bartholomeu, na costa do castello. Mais tarde, porém, talvez porque o sitio não lhe pareceu accommodado, fez eleição de umas casas que, no sitio de Xabregas, edificara um Alvaro da Cunha, e onde vivia recolhida sua viuva D. Ignez. Comprou a rainha as sobreditas casas, com as hortas adjacentes, a que chamavam da *Concha*.

Como não podia deixar de acontecer, a chronica registou o modo milagroso por que a rainha escolheu o si-

tio de Xabregas, para o mosteiro que pretendia fundar. Uma devota mulher vira elevar-se d'aquelle sitio uma escada milagrosa, pela qual subiam ao céo um sem numero de almas perfectas; e, accrescenta a lenda, que Deus lhe revelara ser sua vontade, que a rainha ali fundasse o mosteiro, revelando-lhe mais, que no mesmo mosteiro seria freira uma sua filha ainda então de menor idade, o que assim succedeu, porque a filha da dita devota foi freira, e foi grande santa, chamada soror Dorothea.

Ainda houve outro milagre, conforme dizem doutos chronistas; os tectos das casas de Alvaro da Cunha eram guarnecidos de cordões de S. Francisco, porque o mesmo Alvaro da Cunha, quando as construiu, logo teve presentimento de que viriam a pertencer a S. Francisco. Os cordões ainda se vêem na antiga casa do capitulo e na torre, e são proprios do estylo architectonico e decorativo do seculo xv.

Depois da rainha comprar as casas, lh'as pediu el-rei D. Manuel, porque sua mulher, a rainha D. Maria, as desejava; ao que D. Leonor respondeu, que já as tinha cedido a outra maior rainha, a Rainha do Céo.

Cuidou a fundadora de obter as licenças indispensaveis de Roma, para a fundação do seu mosteiro, e tão apressada andou na construcção, que a 23 de junho de 1509 entraram as primeiras religiosas, e a 18 de julho seguinte o arcebispo de Lisboa, D. Martinho da Costa, benzeu a igreja.

Era o mosteiro destinado para vinte religiosas, que deviam seguir a primeira regra de Santa Clara, a mais apertada. Em 8 de outubro de 1510, pôz a rainha fundadora o mosteiro na obediencia da ordem de S. Francisco. Existe o auto original da obediencia em poder do sr. Nepumeceno, architecto do asylo de Maria Pia.

Era pobre a casa das filhas de Santa Clara: era um edificio modesto em harmonia com o viver das que deviam habita-lo, e com o espirito da sua fundadora.

El-rei D. João III, talvez trinta ou quarenta annos depois da fundação, augmentou o mosteiro, fez nova igreja e novo claustro com muitas capellas. É tradição que a nova igreja se construiu, porque as aguas do Tejo, nas grandes marés, chegavam até as paredes do templo, ou as salpicavam, com grande incommodo dos fieis, e por isso se lhe fez uma elevada escadaria para lhe dar accesso da rua.

A igreja antiga transformou-se em casa do capitulo; a porta que dava para a rua foi entaipada, e assim esteve talvez mais de tres seculos, até que ha cinco ou seis annos, depois de extincto o mosteiro, tratando-se de fazer ali umas obras, para aproveitar as casas contiguas á igreja, e abrir nova porta de entrada para o edificio, visto que só tinha uma, como era de uso nos mosteiros franciscanos de mais apertada elausura, se descobriu o portal da primitiva igreja, no melhor estado de conservação, apenas com o fuste de uma das pilastras que sustentam o arco, mutilado, e mais alguns pequenos estragos.

Como se tratava de restaurar a igreja, assim como as casas contiguas, o architecto o sr. Nepumeceno, resolveu aproveitar o primitivo portal, a fim de o substituir ao portal, que existia, e cremos ser do tempo de el-rei D. João III, ou porventura mais moderno, posto que não haja repugnancia em o attribuir á segunda metade do seculo xvi, visto o seu estylo.

Cuidadosamente foi arrancado o portal, e posto no logar onde agora está, fazendo-se-lhe a necessaria restauração. Como se vê pela excellent gravura do sr. Pedroso, é de um estylo singelo, accommodado á humildade do edi-

ficio para que foi fabricado. Lá estão as divisas de el-rei D. João II, e de sua esposa, a rainha fundadora, isto é, o pelicano alimentando os filhos com o seu proprio sangue, e a rede de pescador devisa da rainha, em memoria da catastrophe acontecida a seu filho, de que veio a morrer na casa de um pescador, na Ribeira de Santarem.

(Continua.)

J. RIBEIRO GUIMARÃES.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)



METHODO PARA APRENDER A LER, FALAR E ESCRIVER A LINGUA FRANCEZA EM SEIS MEZES, PELO DR. H. G. ORLENDORFF, ARRANJADO PARA USO DOS PORTUGUEZES, POR F. ADOLPHO COELHO. — TOMOS I E II. — É esta uma das primeiras obras publicadas pela moderna livraria do Porto, da qual são proprietarios os srs. Magalhães & Mouiz. Dos livros de instrução devem principalmente fallar os que exercem o magisterio e estão habituados a estudar as obras que lhes são destinadas. Assim, direi apenas do *Methodo de Orleendorff*, applicado ao uso dos portuguezes pelo sr. Adolpho Coelho, que o nome d'este escriptor, muito conhecido por diversos trabalhos que tem publicado, é penhor sufficiente de que a obra se torna digna de ser compulsada pelas pessoas estudiosas, que se dedicam a este ramo dos conhecimentos humanos.

HISTORIA POLITICA E MILITAR DE PORTUGAL DESDE OS FINS DO XVIII SEculo ATÉ 1814. — TOMO I. — Abrange o primeiro volume d'esta prestadía obra, devida á illustrada e competentissima penna do sr. J. M. Latino Coelho, a historia circumstanciada do paiz desde o inicio do reinado de D. Maria I, precedida de breve noticia acerca dos ultimos dias do governo de D. João V e da administração do marquez de Pombal, até a morte d'este celebre ministro. O volume publicado e o que se lhe na de seguir, serão, por assim dizer, o prologo da historia da guerra peninsular, esse poema famoso de desgraças, de lutas e de glorias para o povo portuguez, a quem os soldados de Napoleão I vexaram e opprimiram, mas não venceram. Euseusado se torna, creio, encarecer a utilidade e o merecimento d'esta obra; o titulo é abono de uma, o nome do auctor garantia do outro.

HYGIENE DA ALMA. — 2.ª EDIÇÃO. — Esta obra é do barão de Feuchtersleben, professor na faculdade de medicina de Vienna e antigo ministro da instrução publica. A versão portugueza foi feita pelo sr. Ramalho Ortigão, que, no começo da obra, se dirige ao leitor nos seguintes termos:

Traduzo este livro porque o considero, entre quantos tenho lido, como o mais effez para dar ao homem a força e a felicidade.

Effectivamente a obra é curiosissima, e se a vontade de cada um fosse tão poderosa como o auctor cre, os preceitos estabelecidos por elle seriam de grande efficacia para o bem-estar e prosperidade do homem. Como specimen da doutrina do livro, transcrevo o seguinte periodo, rogando aos artistas portuguezes que meditem um pouco sobre cada phrase que elle encerra:

Todas as artes têm por principio, como a arte musical, o sentimento da harmonia. Logo todas as artes se tornam as guardas da saude desde que, sob a direcção da vontade, ellas tendem a derramar na alma o socego e a paz. As artes são o encontro da vida. E até no seio da morte, como disse o mystico Jacques Boehme, as almas transportadas nas espheras eternas são envolvidas de harmonia e de luz. Seria talvez este o lugar de nos occuparmos da esthetica e de inquirirmos se o estado actual da arte corresponde aos seus fins; se as obras dos pintores contemporaneos são, como o Apollo do Vaticano, salutaes e beneficas á saude dos que as contemplam; se finalmente os nossos poetas sabem por uma branda influencia levar a alegria aos espiritos, eleva-os, animal-os, dar-lhes a saude. Todas estas questões entram, mais do que á primeira vista se imagina, nos dominios da hygiene moral.

Este excellente livro foi publicado pelo acreditado livreiro editor o sr. A. M. Pereira.

ESTUDOS HISTORICOS E ARCHEOLOGICOS. — TOMO I. — Contém este precioso volume de grande interesse e verdadeiro auxilio para as pessoas estudiosas, varios artigos publicados, ha tempos, pelo sr. I. Villena Barboza no *Panorama* e no *Commercio do Porto*. Estes artigos, ora revistos e em alguns pontos accrescentados, representam assiduos trabalhos de investigação, porque versam quasi todos sobre assumptos que só se podem estudar nas antigas chronicas ou em documentos archivados nas diversas bibliothecas do paiz. Muitos d'esses assumptos são de sua natureza áridos, sobretudo os archeologicos; o auctor, porém, soube distribuil-os com tanto criterio no seu livro, entremeiando-os de artigos mais agradaveis e interessantes, que a amenidade de uns suavisa perfeita-

mente a aridez dos outros, resultando d'ahi poder-se adquirir, sem custo algum, antes com muito prazer, o proveitoso ensinamento que o livro encerra.

DO AMAZONAS AO BENÁ, NILO, BOSPHORO E DANUBIO. — APONTAMENTOS DE VIAGEM. — TOMO I. — Ha muito a exigir nas obras de um escriptor de viagens. Grande copia de conhecimentos; fina observação; critica judiciosa; espirito; linguagem clara, persuasiva, colorida e desaffectedada são qualidades estas indispensaveis nos livros que nos fazem transportar em espirito, ou ás opulentas capitales do mundo civilisado, ou ás florestas selvaticas do novo mundo, quer ao alto mar quando a procella ruga com mais frémito, quer ao pequeno barco do pescador que leva rio acima o viajante para o deixar na modesta aldeia onde parece morarem a paz e o socego. Ora a todas estas qualidades satisfaz o livro de viagens do sr. Gama e Abreu, esclarecido brasileiro que depois de ter viajado muito pelo novo e velho mundo, estabeleceu a sua residencia em Lisboa, onde vive ha annos. Recommenda-se pois a obra do sr. Gama e Abreu pela variedade dos assumptos, pela cor apropriada das descrições, pelo acerto dos commentarios, pelo chiste das anedotas e finalmente pelo estylo conciso, despretençioso e elegante em que todo o livro é escripto.

Permitta-me o auctor que eu termine a rapida menção que faço da sua obra, transcrevendo parte do capitulo em que falla dos quadros ridiculos que estão em Versailles, capitulo que demonstra á evidencia quanto é recto e justiceiro o espirito de quem o escreveu. Seguem as palavras do sr. Gama e Abreu.

Por ultimo, fallarei de outro quadro que, sem nada ter augmentado ás glorias da França, celebrado na tela, se torna ridiculo; refiro-me ao que representa a entrada da esquadra franceza no Tejo, para tomar o navio *Charles George*. Não só o facto em si foi a violação de todas as praticas seguidas em tales casos, assimilhando o procedimento de uma nação aliada a Portugal ao que teriam os filibusteiros da ilha da Tartaruga ha duzentos e cincoenta annos; mas houve n'elle uma prepotencia de força, agravada pela surpresa, que torna o procedimento da França, além de injusto, cobarde. O facto de celebrar em grandioso quadro o rapto de um navio em um porto desarmado, quando não foi traçado nem um unico tiro, e collocar este quadro a par dos grandes feitos praticados pelos Duque-sue, d'Estrées, Trouville, Jean-Bart, Forbin e Duguay-Trouin, é ridiculo, é mesquinho e desprezível, como sempre o é ser forte contra os fracos.

RELATORIO DA SOCIEDADE BENEFICENTE PORTUGUEZA « DOIS DE FEVEREIRO » APRESENTADO Á ASSEMBLÉA GERAL DE SOCIOS EM 2 DE FEVEREIRO DE 1874. — Vê-se por este relatorio a extraordinaria prosperidade em que se acha a sociedade de beneficencia fundada, ha dois annos, pela colonia portugueza do Ceará. Das vantagens d'esta utilissima instituição, dos estorços empregados pelos instituidores d'ella para a fazerem medrar, do patriotismo e sentimentos humanitários dos portuguezes residentes n'aquella provincia do Brazil, fallam bem alto as paginas eloquentes do referido documento, que é trophéo de gloria para os que generosamente concorrem com os seus haveres afim de socorrerem os seus irmãos indigentes, que foram, em vão, procurar bens de fortuna á mesma terra onde elles tiveram a dita de os encontrar.

CONTOS. — Assim se intitula um formoso volume, escripto e editado no Porto pelo sr. Pedro Ivo (pseudonymo). Contém os seguintes pequenos romances: — *O milagre* — *A sentença da tia Angelica* — *A boneca* — *A doida de Tagilde* — *Meigo* — *A quina de espadas* — *A figa de azeviche* — *O embarcação* — *O cruzeiro da via-sacra* e — *O berço*.

Cada um d'estes titulos corresponde a uma historiazinha por vezes engraçada, por outras sentimental, e sempre moralissima e escripta com tanta singeleza quanta amenidade. Sirvam de exemplo — *O milagre*, cuja idéa é magnifica; *A boneca*, narrativa concetivosa e interessante; o *Embarcação*, que revela grande observação; e o *Meigo*; e todos os outros contos que primam pela naturalidade da narração desde a primeira até a ultima pagina.

Quasi todos estes deliciosos escriptos eram já conhecidos por terem sido publicados em folhetins no *Commercio do Porto*, onde foram lidos com muito interesse, grangeando ao seu auctor o honroso nome litterario, que o seu livro, hoje disseminado por todas as terras onde se falla portuguez, veio firmar para sempre.

Desejaria eu, porém, que o sr. Pedro Ivo se applicasse, desde já, se ainda não encetou esse trabalho, á composição de um romance de largo folego, porque quem possui tão apurado e ingenho não deve limitar-se a escrever pequenos contos mais proprios para folhetim do que para livro; tem antes obrigação de enriquecer a litteratura do seu paiz com obras de mais largo tomo. Dez pequenos brilhantes, embora sejam de boas aguas, valem de certo menos do que um só que tenha o tamanho d'elles.

O PALCO. — Assim se intitula uma nova folha periodica publicada no Porto, da qual são redactores os srs. Silva Pinto e Bettenecourt Rodrigues, conhecidos jornalistas. Propõe-se o *Palco* a apreciar com desassombro e imparcialidade os espectaculos realisados nos theatros portunenses, bem como os factos que a elles se prendem.

Que a Providencia avivente a nova publicação, cujos resultados devem ser uteis tanto aos escriptores dramaticos como aos artistas que seguem a vida do theatro.

NOITES DE INSOMNIA.—Estão publicados mais dois volumes d'esta interessantissima *Bibliotheca de algebeira*, como a denomina o seu director litterario, o illustre escriptor o sr. Camillo Castello Branco. Os ultimos numeros relativos nos mezes de junho e julho, não desdizem dos primeiros; são escriptos em linguagem correctissima, encerram artigos curiosos sobre variados assumptos e têm por vezes boa graça portugueza. Em ambos figuram capitulos bem escriptos de um livro inedito do sr. visconde de Ouguella, intitulado — *Os salões*.

Corre portanto prospera esta publicação iniciada por um dos nossos mais notaveis talentos litterarios, e editada pelo sr. Ernesto Chardron, por ventura o mais arrojado emprehendedor em negocio de livros, que ha no paiz.

EDUCAÇÃO POPULAR.—Saíu á luz o n.º 6 da encyclopedica instructiva e amena assim denominada, que o sr. Chagas dirige e os srs. Lucas & Filho publicam. Intitula-se o volume que tenho á vista — *Vida de Jesus*.

Para cumprir religiosamente — sem *calembourg* — o programma d'esta publicação, competia ao sr. Pinheiro Chagas tratar tão importante assumpto, a fim de esclarecer os menos lidos sobre os principaes factos da vida do Redemptor, factos de que elles certamente teriam apenas ligeira noticia pelos deficientes folhetos em que aprenderam os preceitos essenciaes da nossa erença. Realison o illustre escriptor o seu intento, baseando-se para isso nas tradições biblicas e narrando as passagens d'aquella vida sublime de abnegações e agonias, com os esplendores do estylo proprios da sua penna seductora.

Como todas as obras dadas á estampa pelos srs. Lucas & Filho, merece esta ser lida com attenção.

OS FIDALGOS DO CORAÇÃO DE OIRO.—Faz parte da *Bibliotheca universal* pertencente aos referidos editores Lucas & Filho, a segunda edição revista e annotada, do romance historico em dois volumes, que tem o titulo da epigraphe acima e é devido á penna illustrada do sr. Pereira Lobato.

A obra é offerecida ao sr. conde de Bertandos, fallecido pouco tempo depois da publicação d'ella.

O romance passa-se no seculo XVI, n'essa época notavel da historia portugueza em que os nossos cavalleiros obraram prodigios nas inhospitas plagas da Africa, contra o mouro aguerrido. Figuram de principaes heroes cinco cavalleiros dos mais valentes que combateram no territorio africano, os quaes vendo-se por intrigas da corte, expoliados das boas graças do moço rei que tão deploravel fim teve, se recolheram á estalagem do *Coração de oiro*, donde saíam de noite para commetterem as maiores loucuras e violencias nas ruas de Lisboa.

Com estes elementos architectou o sr. Lobato o enredo do seu livro, sabendo conservar-lhe interesse constante; amenisando a parte historica, que se me afigurou perfeitamente investigada e descripta; dando o necessario vigor e colorido ás scenas em que os esforçados campeões que figuram na primeira plana do entrecho, praticam as suas decantadas proezas; dotando em fim a obra com muitas das seducções que os auctores francezes, e principalmente Alexandre Dumas, espargem profusamente pelos seus romances historicos.

D'aquí envio o meu parabem ao sr. Pereira Lobato pelas excellencias do seu livro, que deve forçosamente dar bons lucros aos emprehendedores industriaes que o editaram.

DA PARTE DA RAINHA.—Fallando de romances historicos, é dever citar o ultimo livro d'este genero, composto pelo sr. A. M. da Cunha e Sá, livro que tem o titulo acima, e é o brinde offerecido pela empresa *Horas romanticas* aos seus correspondentes e assignantes.

Esta obra está em intima relação com a que o sr. Cunha e Sá publicou ha tempos, e da qual eu tive o prazer de fallar, nas *Artes e letras*, intitulado — *Da parte d'el-rei*. Não é porém continuação d'ella, como se poderá suppór; é sim a primeira parte do conto que se termina em o romance anteriormente publicado.

A moderna publicação do illustrado escriptor não desdiz da precedentemente dada á estampa, nem em merecimento litterario, nem no interesse que captiva o leitor exclusivamente afficcionado aos livros que prendem a attenção pela urdidura do entrecho e pelas peripiecias que o abrilhantam.

Não deve, pois, o sr. Cunha e Sá levantar mão d'este genero de litteratura, em que certamente grangeará os gabos de todos os que prezam o trabalho serio e proveitoso. Continue a desenranhar d'essa mina tão pouco explorada, a que se chama Historia de Portugal, os valiosissimos thesouros n'ella encerrados, que não se ha de arrepender do seu honroso trabalho, antes bendirá a hora em que se lembrou de o emprehender.

No mesmo. — Assim intitidou o sr. D. Antonio da Costa, escriptor muito apreciado, o ultimo livro que deu á estampa. Ninguem ignora que o sr. D. Antonio é um dos homens de letras a quem o paiz mais serviços deve. Os seus livros não são apenas livros de recreio, são principalmente obras de estudo e utilidade. O leitor que os compulsa attentamente, aproveita d'elles valiosos subsidios,

conservando recordações agradaveis da amenidade com que lhe é ministrada a instrucção que elles contêm.

Este de que ora fallo, resume das impressões experimentadas pelo auctor quando jornadaou pela prospera e alegre provincia do Minho, não se compõe exclusivamente de elegantes descripções feitas com o colorido brillante do artista que possui uma palheta veneziana, nem de anedoctas engraçadas indispensaveis nos livros de viagem para desenfado do leitor ao cabo de alguma narrativa mais longa; quem esmugar aquellas paginas cheias de attractivos para os mais exigentes, encontrará de certo larga copia de esclarecimentos e de reflectidos commentarios, que logo denunciam não só a illustrada penna de um escriptor erudito, se não a lida constante do obreiro infatigavel para fazer chegar os beneficios da instrução a todas as classes da sociedade.

Não é, pois, menos valiosa do que as demais, a nova obra do sr. D. Antonio da Costa, a qual deve ser lida por todos, porque todos podem colher n'ella os fructos saborosos e nutritivos que a enriquecem.

A obra é dedicada á provincia do Minho, e encerra vinte e cinco formosos capitulos, que, alem de outros serviços, hão de prestar o não menos util de despertar a curiosidade de muitas pessoas, que, sonhando unicamente com as bellezas dos paizes estrangeiros, não cuidam em ir visitar aquelle solo abençoado em que a fertilidade auxiliada pela energia dos habitantes, produz a frondosa vegetação que faz de cada aldeia, de cada outeiro, de cada lanço de estrada um quadro de paizagem que o pintor mais imaginoso difficilmente poderia inventar.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

— Consta-nos o fallecimento dos seguintes artistas: Viotor Baldard, architecto francez; G. J. Hoffmann, pintor de marinhas, allemão; Philippe Kristfeld, afamado pintor de porcelanas, allemão; Paulo Riccardi, aguarellista italiano; Guilherme Volker, paizagista suizo; Carlos Winkler, desenhador allemão; Carlos Sprosse, aguarellista allemão; João Pye, celebre gravador inglez; João Passini, celebre gravador austriaco; Jorge C. Schetky, pintor de marinhas, escocez, companheiro de Lord Brougham e de Walter Scott no collegio; Howard Goodall, pintor inglez; Hermann Loschin, pintor de historia, allemão; H. Blanchard, pintor francez e antigo desenhador da *Illustração*; Beaugrand, pintor francez, morto no naufragio do *Ville du Havre* e Pedro Francisco Beauvalet, antigo pintor, discipulo de Paulo Delaroche, e mais tarde, graças ás boas diligencias de Casimiro Delavigne, actor distincto. Estreou-se no Odeon, passou depois para o Ambigu e entrou para o Theatro francez em 1830, onde se conservou até fallecer, contando 72 annos de idade; Guilherme Kaulbach, celebre pintor, director da academia de Munich; Lapito, paizagista francez; Van der Poorter paizagista e animalista belga, conhecido tambem pelas suas aguas fortes; Gleyre, celebre pintor suizo; Elias Robert, esculptor francez, discipulo de David d'Angers e de Pradier, e auctor em collaboração com M. Davioud, do monumento a D. Pedro IV que se vê no Rocio; barão Henrique de Trigmeti, pintor e esculptor francez; Hamon, pintor francez, discipulo de Paulo Delaroche e depois de Gleyre.

— Deve figurar proxicamente no Louvre uma estatua grega de marmore, encontrada em Falerone (Italia), que é uma variante notavel da Venus de Milo, differençando-se um pouco em as roupas. A estatua tem ambos os pés, descançando o esquerdo — o que falta á Venus de Milo — sobre um capacete.





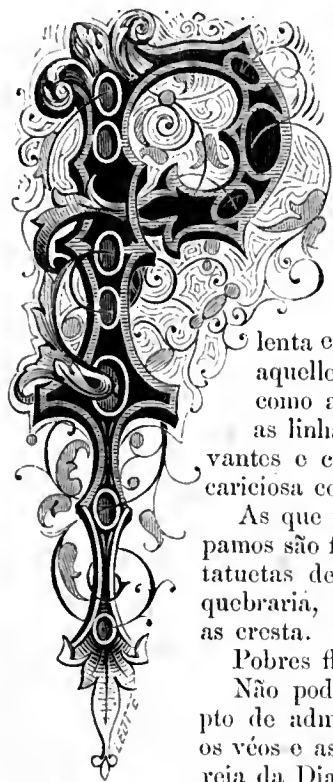
Typ. de Christovão A. Rodrigues

À SOMBRA DAS ARVORES

ARTES E LETRAS

NUMERO 4—LISBOA—3.^a SERIE

A SOMBRA DAS ARVORES—A CABRA CEGA



OSTO que tenha o labio austriaco, não lhe corre contudo nas veias o venerando sangue dos Ordonhos.

Ella não é illustre pelo sangue mas sim pela formosura, essa fidalguia ainda mais poderosa.

E senão vejão-me esta mulher.

Como a sobranceira é violenta e avulta em vivo relevo, como aquellos olhos se rasgam luminosos, como aquelle collo é firme, e como as linhas d'aquelle corpo são captivantes e cheias de graça irresistivel e cariciosa como um beijo de amor.

As que nós a cada passo por ahi topamos são franzinas, delicadas como estatuetas de *biscuit*: o menor vento as quebraria, o raio menos tepido de sol as cresta.

Pobres flôres de estufa!

Não podereis nunca n'um doido rapto de admiração pela arte deixar cair os véos e as roupas como fez aquella seireia da Diana de Poitiers deante do

estatuário Jean Goujon e como mais tarde ousou fazer na Italia a duqueza de Ferrara no *atelier* do Ticiano.

Quanto a esta guapa creatura que a estampa nos mostra...

Vive no campo: em uma casinha branca humilde e deliciosa.

Como o vento começasse a refrescar e o sol se fosse amortecendo, ella abriu de par em par as janellas do seu quarto e compoendo ao espelho o véo, pregando os punhos do renda, sacudindo com um gesto travesso e lindo os rebeldes caracões da cabelladura, disse:

—Que bonita tarde! Irei...

E os labios franziram-se-lhe n'umas reticencias syllininas, e os olhos afogaram-se-lhe em morbidos desmaios...

Partiu, e o seu grande cão felpudo seguiu-a.

Por mais que a gentil senhora o chamasse, o animal lá se escoava por entre as sebes do caminho, ora atraz

de um lascivo pardal inquieto, ora na caça de uma borboleta iriada que subia e descia em rápidas espiraes, como que zombando do seu esbelto perseguidor.

Depois quando menos o esperava a dona, o cão descia um comoro arrelvado, saltava de um muro em ruina e no meio de latidos de alegria vinha beijar a ponta dos dedos, ou os folhos da cauda da seismadora passeante.

A matta fica perto. A estrada é formosa. De um lado ha um monte por onde o vinhedo se alastra: do outro ha campos e varzeas d'onde saem as cantigas dos que moirrejam na lavoura.

O sol ia esmorecendo no occaso.

—Se eu tardasse! se eu não chegasse a tempo! murmura a formosa ao penetrar na matta.

O cão que ia adiante parou, levantou a cabeça intelligente e os seus olhos redondos da côr do topazio fitaram-se no ponto, em que as arvores eram mais folhudas e a sombra era mais espessa...

A dona, essa sentira uns rebates no coração, encostára-se risonha, pallida mas feliz, a um pedaço de muro que o destino ali puzera muito de proposito para encosto d'aquelles primorosos braços.

Rangeram no silencio da matta umas folhas seccas, e os melros assobiaram umas cantigas maliciosas...

Creio bem que não foi pelo amor da paisagem, nem pelos cambiantes do occaso, nem pela doce frescura das sombras, que te puzeste a caminho, minha seismadora gentil, explica-m'ó o languor da tua posição, revela-m'ó o quebrado dos teus olhos e a pallidez do teu formoso rosto.

Ai! tu não és nem pensas como aquella deliciosa actriz Maria Garcia, que morreu de amor, e que tão melancolicamente se expressava:—Prefiro as arvores aos homens; estes matam-nos, aquellas dão-nos vida.

A CABRA CEGA

Estauos provavelmente na Allemanha, no paiz das seismas côr de luar, das metaphysicas nebulosas, e das puerilidades infantis.

O dia foi de festa, um d'estes bons dias alegres, palreiros, tumultuosos, que deixam no coração um rasto de luz e um doce aroma de saudade.

Ergueram-se todos da mesa n'aquelle beatifico contentamento, que tem o seu quê de bestial, mas ao qual ninguem logra eximir-se, e que influe nas sadias organizações das lendarias virgens do Rheno, como em qualquer outro mortal meenos dado a idealidades e poesias.

Os velhos contaram episodios da mocidade, estiraram entre os dedos tremulos o rosario das recordações emmurchecidas, resuscitaram por instantes esses mortos, que de anno para anno se nos vão sepultando nos occultos escaninhos do coração.

Os moços devanearam futuros, debuxaram na phantasia uns serenos idyllios muito azues, apertaram a furto as mãos trocando olhares limpidos, innocentes, sem malicia, olhares, que a gente da Peninsula aquecida a este bom sol de Deus scintillante e inspirador, não percebe lá muito bem o que signifiquem.

No jardim, as arvores são frondosas, a relva exhala um delicioso cheiro, o despedir da tarde está convidando.

Aquelles corpos robustos não conhecem a morbidez d'esta preguiça, que a nós tanta vez nos avassalla e nos prostra.

Toça pois a brincar!

Escolha-se um jogo!—A cabra cega!—gritou d'ali um Hermann mais malicioso ou uma Dorothea mais garrida.

Forma-se um círculo e o jogo começou.

— Quem ha de ser que faça de cabra cega?

— Eu, disse o menos tímido e o mais folião do rancho.

Ataram-lhe o lenço aos olhos, voltaram-o de um para o outro lado.

— Elle vê? Elle não vê? até que o deixaram á mercê... dos braços, que n'estes jogos são os que vêem.

Emquanto isto se passava no grupo dos homens, vendavam-se os olhos tambem, no grupo das meninas a uma loura e suave rapariguinha; mas isto, já se vê, com toda a cautela, por fôrma que o lenço não desmanchasse os primores do penteado e não fosse desformisar aquelle palminho de cara onde se perdia tanto olhar cubiçoso.

A moça tocou a campainha, o rapaz abre os braços, estende-os, quer ir para o sitio d'onde o chama o tilintar argentino...

Se a moça fallasse, melhor seria, porque aquella voz é um imán energico, e tem feitiços capazes de endoidecer os anjos do céo, quanto mais aquelle pobre estonteado!

Mas fallar é prohibido. Tlin, tlin, tlin!

O velhote, que está entre duas matronas, não póde com o riso.

— No meu tempo!... no meu tempo!... diz elle, e quando a senhorita lhe passa ao pé, inclina-se um pouco e sopra-lhe baixinho:

— Por que tirou as azas?

Em redor cruzam-se os ditos, os dedos apertam-se, aquella inclina-se mais á vontade nos joelhos do amado, e o luar cada vez mais saudoso, e as arvores a tomarem umas fôrmas estranhas...

Aquelles que faltaram á festa, e que vem ao longe pela rua arcada e espaçosa, apressam o passo, e dizem-se mutuamente: — Não ouves?

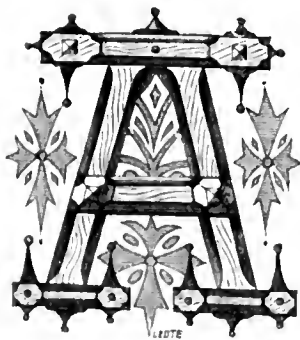
A campainha tilintava, e o violão murmurava na sombra não sei que choradas maguas...

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

O MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS

II

(Continuação)



restauração do portal não a fez ao acaso o sr. Nepomuceno, architecto que dirige as obras da igreja e de todo o edificio; na sacristia existe um quadro, no qual está representada a procissão da vinda do corpo de Santa Anta, a 12 de setembro de 1512, no acto de chegar á igreja; ali se vê a frontaria do templo, como antes era, porque o quadro é contemporaneo. Para lastimar é, que não tenha sido possível fazer-se a restauração conforme em tudo ao que se vê no alludido quadro. O sr. Nepomuceno ainda se aproximou, quanto póde, nas janellas baixas, que são de ponto subido, mas nas altas teve de seguir outro risco, por falta de meios, e por isso são á moderna. Na frontaria havia um ornato de porcelana, no estylo das chamadas louças de Robbio, porque se vê no

quadro, a que nos temos referido. Essa porcelana, ou outra identica, existe, e o sr. Nepomuceno vae colloca-la na fachada do templo, á semilhança do que se observa no quadro, cousa esta que se nota em muitos edificios antigos, posto que em Portugal não seja commum.

Costunavam as freiras do mosteiro da Madre de Deus, nas festas do Natal, reunir-se em redor de uma fogueira, e ali praticarem sobre cousas do convento. Na bibliotheca nacional existe um livro manuscrito cujo titulo é: *Noticia da fundação do convento da Madre de Deus, anno de 1639*. Depois, em outra pagina, lê-se o seguinte: «Praticas que houve no anno de 1638, nas fogueiras do Natal, n'esta casa da Madre de Deus de Lisboa, entre as religiosas seguintes; que não foram todas por estarem muitas doentes na enfermaria.»

«Estas praticas se fazem em uma casa que está junto do ante-côro, onde é logar do presepio.»

Ha tres volumes das *Praticas das fogueiras*, mas a bibliotheca nacional só possui um. Contém algumas noticias do mosteiro; a maior parte, porém, consta de noticias biographicas de religiosas, já se vê, mais ou menos milagreiras, ou de um exagerado ascetismo.

Em uma d'essas *Praticas* lemos isto:

«Eufrasia: — ... cuidava eu que todo este convento o fizera a rainha D. Leonor.

«Mauricia: — Antes quasi todo o fez el-rei D. João, porque o que a rainha tinha feito era mui pequeno; a igreja era o que agora é capitulo, e quasi todo está mudado.»

Por isto se conhece que, da primitiva fabrica, ordenada pela rainha fundadora, pouco existia já em 1638; e ainda depois d'isto se fizeram restaurações, que mais contribuíram para alterar o antigo edificio.

Em 1638 havia no mosteiro trinta e duas religiosas.

Foi por solicitação da rainha D. Catharina, mulher de D. João III, que o numero claustral das religiosas foi elevado de vinte a trinta e tres.

A rainha fundadora concluiu tambem o paço de Enxabregas, onde residia, e diz-se que, por vezes, habitou durante largos periodos no proprio convento, em convivencia com as religiosas.

Nas *Praticas das fogueiras* lemos ter sido tradição constante no mosteiro, de umas a outras religiosas, que Deus lhes promettêra a conservação da sua casa até a vinda do Ante-Christo, e que todas as que vissem n'esse tempo morreriam martyres. Esta tradição subsistiu até aos nossos dias. Piedosas crenças com que se embalavam os ingenuos espiritos que fugiam do mundo, em busca de uma perfeição que devia assegurar-lhes a vida eterna. Acabou o mosteiro, e não veio o Ante-Christo.

Os monarchas portuguezes encheram de graças e privilegios o mosteiro da Madre de Deus. El-rei D. Manuel mandou, por alvará passado em Evora a 4 de junho de 1509, que se não construíssem casas desde o mosteiro até o convento dos frades no mesmo sitio, nem em terreno proprio, nem concedido pela camara, e que os donos das hortas circumvisinhas não pudessem vende-las a pessoas de maior qualidade, sem licença sua.

El-rei D. João III isentou dos cargos do concelho o tintureiro que tingia os véos das religiosas. Era merecéo bem singular.

Foi popularissima a devoção dos sabbados e dos domingos, desde a septuagesima até a Paschoa, á Madre de Deus. N'aquelles dias havia verdadeiras romarias ao devoto mosteiro; nos sabbados havia sermão. Não podemos apurar a origem ou causa d'esta devoção. A verdade é que as hortas d'aquelles arredores facilitavam o con-

curso do povo, que por ali espiarecia, conciliando a devoção com o seu passatempo.

Na quinta e sexta feira da semana santa, tambem costumava haver grande concurso de povo ao mosteiro. Na quinta feira, no sermão do Mandato, mostrava-se aos fieis o Sudario, que para muitos era uma copia authentica do original, fabricado por modo milagroso. Conta a lenda que fôra o imperador Maximiliano, quem o mandára á rainha D. Leonor, sua prima, e que expressamente o fizera copiar do que se guarda na cidade de Turim, e é reputado o verdadeiro. Como era natural, houve milagre no caso. O imperador incumbiu a copia a dois pintores insignes. Os artistas estavam perplexos e receosos da obra, e por isso prepararam-se com jejuns e exercicios piedosos durante tres dias, para bem disporem o seu espirito; mas, ao cabo dos tres dias acharam estampada a imagem de Christo na tela, e tão perfeita como no original.

O Sudario mostrava-se, como dissemos, no sermão do Mandato em quinta feira santa, e tamanha era a concorrência de fieis e curiosos, que se fez um pulpito pela parte de fóra da igreja, para que todos podessem admirar e venerar a representação, que se reputava authentica, do corpo de Christo. Tão extraordinaria era a concorrência que se via o mar coalhado de embarcações, porque na terra, em frente do mosteiro, não cabia tanta gente.

Tambem se mostrava o Sudario na sexta feira santa, no sermão, quando os frades de Xabregas ali iam com a procissão do Enterro; n'este dia não era tanto o concurso de fieis.

O Sudario existe ainda guardado no côro, no mesmo local, onde as religiosas o tinham; é bordado a seda preta sobre seda branca; illude como se fôra estampado com a maxima perfeição: é obra de grande merecimento. Nas *Praticas das fogueiras* se diz d'esta, n'outro tempo tão preciosa tela:—«... ninguem dirá ser pintura, o que parece execução da arte, senão uma como sombra, ou reflexo, do que se encontra no seu proprio original.» É assim: com effeito o bordado similha uma sombra, um reflexo, e em um tempo tão supersticioso devia produzir maravilhoso effeito no espirito da multidão. Como obra da arte de bordar é mui valiosa. É d'aquella época florescentissima para as artes, o primeiro quartel do seculo XVI.

O edificio da Madre de Deus é hoje pertença do asylo de D. Maria Pia, que com propriedade se poderia denominar asylo da rainha D. Leonor, porque está no palacio que a santa senhora construiu, e agora tambem no mosteiro que fundou, e que foi o objecto de todas as suas complacências. Pretende o benemerito provedor aproveitar as casas do mosteiro, contiguas ao antecôro, côro, e o claustro, com todos os objectos de arte que encerram, para formarem um museu, que se mostrará ao publico, mediante uma certa quantia, por cada pessoa que entrar, revertendo o producto a favor do asylo. Ao mesmo tempo se venderá uma descripção historica do mosteiro, e de todas as preciosidades artisticas que ainda ali existem, tambem a beneficio do asylo. O sr. Nepomuceno, architecto do asylo e das obras do mosteiro, que o tem estudado minuciosamente, possui valiosos documentos a seu respeito, e pôde examinar os que existiam no seu cartorio; trabalha já na descripção a que nos referimos.

O nosso amigo, redactor principal d'este jornal, o sr. Rangel de Lima, intentou apresentar aos leitores das *Artes e Letras* algumas gravuras representando varios objectos preciosos, existentes no mosteiro, para o que sollicitou a devida auctorisação do benemerito provedor, o

sr. conselheiro Torres Pereira; foi-lhe porém denegada, porque poderia prejudicar, no futuro, os interesses do asylo, tornando conhecidos os objectos, que tambem hão de ser gravados para a descripção que projecta o sr. Nepomuceno.

Parece-nos haver n'isto exagerado zêlo, porquanto não é facil imaginar qual poderia ser esse prejuizo, com a publicação das gravuras n'um jornal, onde ficam em pouco tempo esquecidas de envolta com tantas outras, e entre tão variados assumptos. Estranhâmos a recusa da licença, por lhe não acharmos qualquer fundamento, e porque, enfim, n'este tempo de grande publicidade, e em que, por toda a parte, se procura dar noticia dos restos preciosos da arte antiga, não se põem embaraços ao jornalismo que se occupa d'esses assumptos.

Para que os leitores das *Artes e Letras*, todavia, possam ter algum conhecimento do que ainda resta dos objectos de arte; que possuíam as religiosas da Madre de Deus, procuraremos dar-lhes uma resumida noticia do que nós alcançámos vêr e examinar. Se podessemos acompanhar os nossos artigos com algumas gravuras, seria melhor e mais curioso; visto porém não ser isso possivel, por uma prohibição injustificada, contentâmo-nos com relatar summariamente o que vimos.

(Continua.)

J. RIBEIRO GUIMARÃES.

ONDAS

Ó ondas que passaes, ondas do mar dourado,
ondas de fogo e luz, ondas de tentação,
não me deixeis perdido, absorto, abandonado,
levae-me corpo e alma em vosso turbilhão!

Já não me conheceis, já não, ondas d'outrora,
ó ondas que rugis no canto do prazer!
Levae na vossa espuma o brilho d'uma aurora,
e venham-me na sombra as viboras morder!

Trazeis do mar profundo as perolas brilhantes,
de perolas vestís as hastes dos coraes,
e enquanto que beijaes o seio dos amantes,
eu fico repetindo um misero jámais!

Jámais, jámais, jámais! Maldito pensamento!
palavra que fulmina o que fitar os céos!
Negaes-me sem piedade a luz, o movimento,
e eu fico a rocha negra á flôr dos escarcéos!

SOUSA VITERBO.



APANHANDO MOSCAS

N'UM dos livros de Victor Hugo ha certa occasião em que o poeta nos falla das *moscas ephémeras*, — das que vivem só um dia.

Esta pouco mais viverá, coitada!

Achava-se tomando uma resaca do sol de que tanto gostam as flôres e os insectos, e desceidosa contemplava o que quer que fosse, ao longe, um ponto branco e lusente.

As moscas gostam da alvura. Vão-lhes lá dizer que são tolas. Gostam, e fazem muito bem na sua; por isso pousam nas rendas dos decotes, e começam a zumbir, a zumbir, e salto para a direita, salto para a esquerda, ora deslizando ora subindo, — travessas, a devassarem mysterios . . .

Aquella estava ali posta, scismando. Era uma philosopha humilde, uma especie de critico diptero, um animalzinho voador, — o que não são todos os criticos. Ora as moscas tambem podem fazer a sua metaphysica, — e onde está a duvida? — Nada ha defeso aos bichos. De Platão se diz que tinha colloquios com as abelhas, quando ellas lhe depunham nos labios os seus biscatos de mel. Por isso elle ostentava aquella facundia tão doce e tão clara, — apesar de vir dos cortigos. Deixassem que a nossa, a que alem se amesendara innocente, cogitasse no *eu* ou no *tu*, fazendo com os pronomes pessoaes um novo sistema scientifico.

Antes isso do que andar a morder na gente.

Mas não, — a historia de quantos se applicam ao bem humano, foi sempre e em todos os logares um tenebroso e vasto martyrologio. Não se póde inventar, fazer, exhibir um producto qualquer das amadurecidas concepções; não se deve ser genio, propheta, vidente, primo

co-irmão das entidades sublimes; não é permittido a ninguem colher a terra em movimento flagrante, vender o seu peixe, ensinar a extrair os callos sem dôr, — emfim, descalçar a bota da vulgaridade para metter o pé no cothurno; não senhores, — vem o primeiro insciente, o primeiro semsaborão, e zás! — como aquillo não é assumpto de conves lombardas, e ascende vagamente ao

ideal, — fulmine-se o louco, e aproveitem-se-lhe os residuos para adubo de sementieras!

Até quando; ó deuses immortaes, fareis callar a musica das espheras para que reine a das panderetas?...

Como estão vendo, o insecto adormecera, talvez ao cabo de muito parafusar no *objectivo* e no *subjectivo*. Chegará-lhe o somno do estafamento insipido. Se havia de estar a remirar-se no crystal da vidraça, ou a sugar o balsamo dos lyrios, abarrotou-se de calculos, de theorias, de palavriado mosqueiro, — e ficou assim entorpecida, tonta, quasi parva, cheirando a sabia, não prestando para nada, esterilecida de todo.

O rapaz estava de olho aberto e pé leve. É uma cousa a que ninguem se furtou em pequeno, — a apanhar moscas. Eu lembro-me d'isso, — e bato hoje no peito, como á recordação de um grande delicto. Que mal me fa-

ziam ellas?... Que tinha a minha pessoa, — despotasinho de meio covado, — com a existencia de uma creatura para cujo infortunio bastam apenas as teias da cruel Arachne?...

Só se eu já me azedava por desconfiar que eram philosophas!...

Presagios do coração — que nunca mente, — como assevera o nosso grande epico, — embora seja tão enganado sempre...

O rapaz tem a mão engatilhada e o beijo diffuso. É a posição de quem apanha, — a descer do tigre até o homem...



Descer?... Talvez subir, — que o decidam os naturalistas.

— «Cahirás, não cahirás» — vac elle resmungando com sigilo. O caso está na rapidez do golpe, na promptidão do ataque. É exactamente como nas batallas. Se a mão esbarra temos a artilheria que se prende. Pode cair em Waterloo o que chegaria a ser Austerlitz.

O rapaz abriu-se á vaga intuição d'estes principios.

É um Napoleão caseiro, adestrado nos exercicios de dedo. Aquillo é desabar sobre a imprevidente enquanto o démo esfrega um olho. As moscas são como as formigas: desconfiadas e cautelosas. Depois, tem de melhor que estas o possuírem azas, e possuírem-nas leves, rapidas, diafanas, — pouco para enfeite e muito para serventia. É comtudo não lhe hão de valer de nada, creiam.

Azas!...

Pois se os mesmos anjos, que as sentiam, orgulhosos, correr ao longo da espalda, se elles se precipitaram do céo, e nem ao menos tão rica plumagem lhes serviu para que se librassem na queda; onde ha ahí peito que creia no valor d'ellas, — das azas!

— «Cahiste!» — grita o caçador, e era uma vez da misera.

Attentem-me na physionomia que elle apresenta,

reparem-me n'aquellas faces de paschoa, — desanuviadas de sobresaltos antigos. Tem-a na palma, é sua, deu fim á agarrão, conquistou o que desejava, é feliz, muito feliz, — que a felicidade está em qualquer cousa, no apanhar de uma mosca, — para elle, que é pequeno, — e para tantos maiores, que de vezes em menos ainda!

Agora far-lhe-ha uma caixa, uma clausura, um *in pace* inquisitorial, roubando-lhe a liberdade dos campos, do ar immenso por onde ella volitava contente.

Por isso eu me inclino ás vezes a que o homem nasce

mau, embora me custe a accetear que um berço seja o melhor engaste da protervia.

Aquelles, — ou antes aquelle, — podia estar delectando n'algum livro curioso, correndo ao longo das varzeas, apanhando os lampos da figueira, ou esentando, sentadinho n'um tanho, — uma novella de heroes que andavam n'outro tempo a brigar com os gigantes, — historias em

que entra sempre um anão que toca a buzina, e uma mulher formosa, sentimental, victima de brutaes desejos, — uma Floripes de gergelim, — doce, que é mesmo de se lamberem os beiços.

A mocidade agora quer lucta.

Isso era bom para a época das avós e das poltronas, quando até aos doze annos se acreditava em boas fadas, — e os pequenotes, em roda de uma velhinha, pallida como a cêra e meiga como o sol posto, ouviam de pollegar na barba as aventuras d'aquella rapariga a quem a madrastra fazia apascentar uma vaquinha branca e de estrella na testa, a qual occultava dentro em si uma bolla de ouro que seria conção para o futuro.

O serio, serio, é que mesmo n'esses dias de aurea simplicidade não consta que o rapazio tivesse aberto mão do apanho. Lá vinha uma em zig-zag, debicando na testa, fazendo cocegas n'uma orelha, saltitando

aqui e alem até volver com a sua proverbial impertinencia, — *importunus ut musca*; e n'essa volta não era milagre que se sentisse presa por dois dedinhos valentes, rijos, tenases, — dois dedinhos acostumados a folhear o *Carlos Magno*, e por assim dizer ungidos nos balsamos de Ferrabraz. É a tua sina, pobresinha, e sê-la-ha de tantos mais que por ahí andam, — uns, como tu, a beijar as flores, e outros a segredar com os musgos.

Que se lhe ha de fazer?

Resigna-te e escuta-me:

Esse garoto colheu-te, escravisou-te, partiu os sonhos



da tua fantasia, esmigalhou-te com a ponta da unha o universosinho das tuas commoções,— que tu também has de sentir, e amar, e crêr n'alguma companheira que vouo contigo, n'um sol posto de verão, por entre os ulmeiros viçosos; pois bem, serás lanceada a bico de alfinete, torturada, constringida a saciar os desejos d'esse rapasete, os caprichos d'esse franchinote que se benze em nome de Deus; soffrerás para que elle se ria, morrerás para que elle se divirta... ouve-me, mas guarda-me segredo:— também cá succede o mesmo com os homens!

E. A. VIDAL.

A POESIA REVOLUCIONARIA

E A

— MORTE DE D. JOÃO —

(Poema pelo sr. Guerra Junqueiro)

II

(Conclusão)

CORRESPONDERÁ acaso á verdade social moral o quadro de costumes, ou antes de vícios, de que a *Morte de D. João* nos desenrola o longo inventario? Não me parece, e já disse a razão, que reputo verdadeira, d'essa inundação de cousas feias com que o poeta julgou que se desenha o retrato das classes ainda as mais immoraes e corrompidas da nossa sociedade. É uma questão de litteratura: o realismo *faz-se* assim.

Mas será sómente isto? O pensamento, que foi ligando essa cadeia de funebres e asquerosos esboços, não vac alem de um mero systema de escola?

Não o creio tão pouco.

Ha infelizmente um modo de olhar as cousas da sociedade, que é o maior obstaculo á rapida conciliação dos interesses e das tradições. Ao encarar os emovelados rolos da sombra densa por entre a qual entrevemos o agitar aparentemente confuso das idéas, das classes e das pessoas, o primeiro movimento, o movimento espontaneo do espirito, é abraçar-se a uma idéa, a uma classe,— e quantos, mal de nós! a um nome,— endeusal-o, e fulminar tudo quanto de perto ou de longe, mais ou menos completamente, parece oppôr-se-lhe.

Esse antigo espirito de critica subjectiva, fonte primordial de todas as intolerancias, não está por nosso mal apagado, apesar de Kant, apesar de Hegel, apesar dos exemplos de todos os dias, de todas as cousas, que nos vão mostrando a razão necessaria de tudo quanto existe, e a insensatez das nossas decisões, quando queremos condemnar com ellas uma linha só do que está escripto no livro dos destinos.

Não ha no mundo escolhidos nem réprobos, ha homens. E a verdadeira e exclusiva missão do homem é comprehender-se a si mesmo e no mundo onde existe; porque é da comprehensão das cousas que saem as grandes linhas do edificio do Ideal, nosso criterio supremo e exclusivo.

As leis do Universo são fataes e inacessiveis á liberdade: o ponto mais elevado da acção do homem é o mover-se dentro da fatalidade, de accordo com ella, consciente de quem e como é, e como que obrigando-a assim a patentear as suas feições mysteriosas.

A fatalidade universal tem para nós uma historia que se divide em dois grandes cyclos: o inconsciente e o consciente. O primeiro caracteriza-se pela lucta, o segundo pela concordia; no primeiro, os homens, ás egas, encontram em tudo materia para arduos decidoes, violentos combates, reptos insensatos do que julgam as ordens do seu espirito livre: no segundo *rifletono com mente pura*, como diz Vico, e percebem a necessidade das cousas, e o logar adequado de cada uma d'ellas, na serie ininterrompida da historia.

Definir essa necessidade como sómente historica, conceber a sua relação com o tempo, classificar-a chronologicamente, eis o que manda a verdadeira comprehensão das leis da Natureza que são as do Espirito, e o mais fundo alicerce do Ideal. Deixae aos que não podem ou não sabem amal-o, a adoração estúpida de uma fatalidade inconsciente, a concepção do mal como necessidade logica, e da Humanidade e da Historia como rolos de arca que o mar revoltado lança, conforme o vento impelle as ondas, á tóa, para qualquer dos pontos do quadrante...

Não ha no mundo escolhidos, nem réprobos, ha homens; acto-

res a quem a sorte distribuiu os differentes papeis da tragedia. Que façam uns de tyrannos, e outros de victimas, uns de demonios e outros de anjos, merecem acaso por isso pena ou premio?

Elles são todos conforme os fizeram as cousas: são méros productos, não são causas.

Que o véo das miserias humanas nos chame a tristeza ao pensamento, nada mais natural para quem espere n'um futuro de maior juizo: mas que vamos nós lançar gritos e gestos na grande caldeira onde fervem os gestos e os gritos de todos os que nem sabem para que tem mãos ou boca!... Para bem vér as cousas é mistér conservar-se fóra d'ellas: para poder saber-se alguma cousa da sociedade, é mistér viver no isolamento.

No dia em que os homens puderem vér o seu similhante com olhos de critico, esquecendo-se de que são homens, objectivamente, como diz a philosophia allemã, n'esse dia morreram todas as antigas dissensões, apagaram-se todos os velhos odios, comprehendeu-se a fatalidade natural das cousas, que é a concordia, o espirito de harmonia e de amor ineffaveis.

O predomínio sempre crescente do material scientifico e do espirito critico, *objectivo*, eis a solida garantia, a garantia unica do progresso.

Não ha no mundo escolhidos, nem réprobos: tem uns os papeis de tyrannos e outros os de victimas, e para quem póde encurar as cousas com criterio, tanto valem, sob este ponto de vista, os que prégam aos tyrannos que tyrannisem, como aquelles que prégam ás victimas que se rebellem. Sob um ponto de vista moral, póde e deve, comtudo, o espirito investigar qual das duas doutrinas contém em si maior somma de elementos immoraes e retrogrados, qual deve mais á comprehensão racional do progresso e nos impetos de uma consciencia que espontaneamente sente o bom e o bello.

Seria licito exigir a um poeta moço, que agora acorda para o pensamento, o conceber o Universo de um modo que só d'aqui a muito passará da região acanhada dos que especulam, para o grande todo que sente? Não me parece.

Saudemol-o pois pelo encontrarmos entusiasta do que é santo, e irritado contra a maldade; possain as nossas palavras levá-lo a meditar sobre a natureza do bom e do mau nas acções humanas, e oxalá que nos dê, sentida, e lavrada em versos esplendidos, uma das idéas mais nobres, mais reaes e mais bellas das ultimas que a Humanidade tem enthesourado...

Irrita-o a immoralidade do tempo, e não é mister dizer-lh'o, porque nol-o diz elle, d'onde provém este caracter de indecisão e fraqueza que effectivamente emovôa a nossa era: « a sociedade perde a crença religiosa sem ter adquirido a convicção scientifica ».

Vamos agora vér os personagens da comedia humana. São apenas dois; dois *velhos*, o Padre Eterno e D. João.— Não se sente já aqui uma especie de contradicção? symbolisar em *velhos* os fortes propulsores de uma devassidão que nos mina? A velhice é impotente: como será ella a causa de nossos males? Pois não é verdade que

O dogma feito carne e o Deus feito soldado

perdeu já ha muito a corôa de terrores com que reinava na crença dos homens temerosos,

.... o incendio, a peste, a fome, os exterminios,
Os impetos do mar e os roncos dos trovões...?

Aguas passadas não moem moinhos: não póde ser essa a causa dos males actuaes. Com effeito o poeta ao desrever-nos as feias acções do *despota sagrado* falla-nos sempre no preterito.

E D. João? Mas o poema é a prova da incapacidade malefica do typo. Tremei de D. João quando Byron se namora d'elle; mas para que ha receial-o, quando a poesia o põe, saltimbaneo esfarrapado, a morrer de fome a uma esquina? Faziam mal acaso os paladinos quando Cervantes escreveu o *Quijote*? Pobres paladinos já roidos de seculos! Pobre D. João pisado a pés por cinquecota annos de estudo e pensamento! Este livro é o teu *Requiem*!

Desappareceriam acaso porém já da terra o direito divino e a devassidão? Por fórma alguma: porque as tradições e os costumes não desapparecem de salto: são já historicos e ainda pelos desvios de alguma serra se vêem florir como nos bellos tempos da sua mais ampla existencia. Não desappareceram pois, mas deixaram de predominar, já não são vicio constitucional, factor necessario na equação social. O direito divino bate em retirada nas constituições e nos codigos, e a devassidão cede o passo a uma victoria decisiva do espirito critico, que sob um dos seus aspectos se diz sentimento da Justiça.

Qual será pois o vicio real, organico, a resultante proeminente d'esse estado da sociedade moderna, que perdeu a crença religiosa, sem adquirir a convicção scientifica?

É a adoração do bezerro de ouro; os *Levitas do milhão*, são Jehovah e D. João, porque tem um direito divino e uma individualidade indomita, romantica, como os heroes de Fichte.

Lançar-lhes-hemos, porém, aos hombros os assassínios e os estupro, e os adulterios, e os venenos, e a prostituição e a fome, e a guerra, e todas as lepras que corromem a pelle da sociedade enferma? Não; sem consciencia do acto não pôde haver culpa; sem intenção não ha crime.

Ora o culto do Milhão é um phenomeno superior á esphera da liberdade collectiva. Onde não ha fundas erenças, nem vivos enthusiasmos, ha este deixar correr estúpido da vida, occupando-a em ganhar e gastando-a em desperdiçar. Esse exercicio, exactamente por ser o que só demanda appetites e instinctos animaes, é tambem o que mais facilmente e com mais energia se enraiza no temperamento. Cuidado com o mastim quando come! Se lhe interrompeis o devorar ardente, elle apella, grita, não morde porque não tem dentes, mas paga a quem morde por elle:

— Meus bravos generaes catholicos romanos,
Meus burguezes fideis, meus velhos pretorianos,
Vamos! espingardeae, varrei-me esta canalha!
Querem mais luz? prisão. Querem mais pão? metralha.
E fallam em Direito, e fallam em Justiça,
Gente que nunca foi uma só vez á missa,
Gente que mata e rouba os padres e os banqueiros!
Cafile de ladrões! raça de petroleiros!

Mas poderemos nós, homens da critica, levar a mal aos Levitas que nos espingardeiem, quando onsarmos ataeer a area santa do seu novo culto? Não; por fórma alguma. O seu ponto de vista é outro: discutamos a fé, deixemos em paz os levitas. Lancemo-nos a essa massa de livros que defendem e propagam e exaltam o culto do Deus-Milhão e despedacemo-os. Como podemos exigir de homens que sigam este ou aquelle credo, se lhes não prégarmos nenhum? E como podemos esperar que não defendam o seu quando pretendermos impôr-lhes o uosso?

Todas as questões humanas se reduzem a equivoocos: não ha propriamente questões. Se os homens pudessem já discutir mais e combater menos, vêr-se-hia como tudo é simples e facil, como diria mr. Prudhomme. Não é aos poetas que cumpre discutir e argumentar; as suas armas são outras, de tempera diversa. Vêem as cousas imaginativamente, por grupos, em harmonia: o resultado será analogo, o processo psychologico é totalmente diferente.

Dividida a sociedade em tyranos e em victimas, as legiões dos primeiros passam entre as orgias, no meio dos côros de mulheres faceis e deslumbrantes:

Corre a turba pagã ao sacrificio ...

E os segundos, o pária, a victima, aquelle que

Curvado para o chão, como alguém que procura,
Na grande paz da terra, a paz da sepultura,

dorme sobre uma enxerga na choça humida do valle; apenas rompe o dia, a alvorada

Com sua luz hostil, mais viva que nma espada,
Entra pelo casebre, e diz ao aldeão:
— Levanta-te, animal! Tens fome e não tens pão;
É ganhá-lo, e andar... Descance quem puder;
Deixa o rico a dormir. Tens filhos, tens mulher,
Vamos! depressa, a pé! Já canta a cotovia...
Para ganhar um pão é necessario um dia.
Tens muito somno, tens?... Os párias, desgraçado,
Quando querem dormir um somno abençoado,
Vão-se deitar ali, debaixo de uma lousa,
A sombra de um epreste!...

Assim falla a alvorada; assim falla, com effeito, tão crua e desabridamente a Natureza, quando nós interpretamos mal as suas leis. A alvorada tem essas rudezas e essas ironias, porque é defeituosa e deficiente a nossa legislação predial.

O proletario ergue-se do leito e caminha, de enxada ás costas para o trabalho, *mudo como um assombro*.

Bravo! poeta. Quem te segredou ao ouvido esta expressão sublime? Mudo como um assombro! eis ahi como o aldeão ouve as ordens da fatalidade e as cunpre. Mudo trabalha, mudo erê, mudo trene! O mundo inteiro é para elle um assombro! Que viu, que sabe, que ouviu? Os sneos da terra, quando a cava, ou como é que ha de enfiar o trigo na ceifa, ou o ladrar dos cães alta noite, e o mugir do boi á tardinha? Santas musicas, com effeito! são o seu unico deleite, a só nota de alegria nas horas monotonas dos longos dias! Como elle entende o boi, como sabe interpretar-lhe o olhar largo, interrogativo e meigo! quantas cousas diz, que longas conversas com o cão! Assombros!

Antes a mudez do assombro, antes, e as dôres da miseria e do trabalho, do que o tagarelar dos imbecis e a digestão ociosa dos inuteis!...

Não é da alçada da poesia formular-nos as soluções ou mesmo enunciar-nos os dados do problema social; *A morte de D. João* não

briga fóros de tratado de economia; o poeta sente, o livro é um quadro, e o leitor interpreta.

Mas o problema social é apenas um dos aspectos do problema universal, da revolução das idéas metaphysicas, revolução que as diferentes doutrinas apropriam com maior ou menor criterio.— É um poeta, não o será na elevada acceção da palavra, se não possuir um systema de idéas, poeticamente concebido, uma theoria do Universo, sem a qual os grupos e as figuras animadas que a imaginação lhe evocar ficarão grudadas no fundo como nos quadros bysantinos, sem perspectiva, que é condição necessaria da realidade e da vida.

A Morte de D. João diz-nos que:

... o mundo precisa um vendaval de luz
E que precisa um Deus a consciencia humana.

Vamos travar pois conhecimento com esse Deus.

III

En chamo-me a Justiça, a grande musa austera
Que habita junto a Deus na eterna primavera
Dos astros e dos sóes.

Invocar a Justiça e dar-lhe o papel de musa da poesia, é o traço que mais revela n'este livro o sentimento profundo da Revolução. A Revolução é, com effeito, o reinado da Justiça.

Mas que é a Justiça? Será acaso a divindade mysteriosa e cega do naturalismo antigo? Será o attributo com que o transcendentalismo christão dotou o seu Deus, attributo subordinado ao principio supremo da *graça* que é a essencia divina? Não; porque a Graça obedece ao arbitrio divino que não pôde submeter-se a regras, e a Justiça desconhece anotoridade que não seja ella mesma, que reside fóra d'ella. Em que consiste, pois, e como se caracteriza?

Esboçemos em poucas linhas aquillo que exigia volumes para ser dito cabalmente.

A Justiça, conforme a definiu Montesquieu, é a relação natural que existe entre duas cousas: essa relação é constante, seja qual fór o ser a que se applique; Deus, os anjos, e os homens tem de obedecer-lhe sem distincção. Se Deus existe, continúa Montesquieu, necessariamente ha de ser justo, pois que se o não fosse, seria o mais perverso e o mais imperfeito de todos os seres.

A concepção da Justiça, como idéa que domina a propria idéa de Deus, é uma das muitas e enormes conquistas da Renascença. Subordinar Deus á norma das leis de relação encontradas no espirito humano; separar sequer Deus, isto é a vontade inintelligível, a fatalidade cega dos orientaes, o *despota supremo* que governa os homens e as cousas segundo o capricho do seu temperamento,—separar-o da idéa do Direito, é lançar a primeira e mais solida pedra no alicerce do edificio do humanismo.

Antes de Montesquieu, já Grocio dissera que, residindo, como reside, a origem do direito na natureza, é indifferente para o caso o haver ou não haver Deus. Indifferente, por que? porque as leis naturaes são immutaveis, constantes, eternas, e não podem ser alteradas por nenhuma especie de vontade.

Vieo, dando como origem ao direito, não a revelação, mas a consciencia: *il mondo é fatto dagli uomini*; e definindo os deuses como creações subjectivas nas quaes o espirito humano foi vasando as concepções proprias, determinou o ultimo dos traços fundamentaes da definição de Justiça.

Tal foi o ponto de partida, tal o programma dentro do qual o seculo xix, passado o pesadello romantico, tem incessante e valorosamente trabalhado.

As sciencias naturaes provando todos os dias a inalterabilidade, o systema, a harmonia das leis do Universo physico, isto é a idéa de Justiça no mundo da materia, demonstram, afirmando, aquillo que as sciencias moraes demonstram a seu turno: a não realidade das intervenções legendarias dos seres divinos na historia. D'esta negação resulta a affirmação correlativa no mundo do espirito: a inalterabilidade, o systema, a harmonia das leis do universo moral, isto é a Justiça, expressão da relação necessaria entre os individuos, como principio da sua existencia real.

Montesquieu, considerando a Justiça como uma idéa de relação, uma noção metaphysica, uma abstracção, não chegou, porém, a determinar a realidade positiva e psychologica d'onde procede o seu caracter organico. As observações de Proudhon a este respeito são um dos mais bellos lados do edificio dos seus pensamentos. A Justiça, diz elle, é tambem um facto da consciencia, uma faculdade organica e tão positiva como o amor, a ambição, a amizade, o gosto do bello, etc.: é o respeito da dignidade humana, considerada em si e em cada uma das suas manifestações; este respeito é innato em nós, de todos os nossos sentimentos é o que mais se afasta da animalidade, de todos os nossos affectos é o mais vivo: referido a mim chama-se o meu direito, referido ao meu semelhante

chama-se o meu dever. Se na consciencia humana não existisse esta faculdade, as sociedades seriam impossiveis, e impossivel a historia.

Conhecemos, pois, bastante, creio eu, os caracteres da Justiça; determinámos-lhe as feições, permitta-se-me a expressão, staticas e dynamicas. Vimos que, em si, é uma faculdade do espirito, e que fóra de si se manifesta como relação necessaria entre os individuos, expressão, portanto, da cohesão social, lei constitucional do universo moral, como a attracção o é para o universo physico. A Justiça é a attracção na consciencia, e a attracção é a Justiça na natureza.

Foi esta musa a que inspirou o poeta? Compreendeu elle, ou antes e melhor, sentiu elle acaso toda a vastidão amplissima d'esta idéa? Ou a Justiça que lhe appareceu, n'essas horas em que as idéas artisticas lhe ferviam na mente, é porventura ainda o velho symbolo mysterioso, que a intuição de vate lhe fazia entrevêr como já desvendado e definido pela critica do seculo XIX?

A justiça

... habita junto a Deus na eterna primavera
Dos astros e dos sóes.

Mas que Deus é este? É o nosso Deus immanente, aquelle que habita em nós, e com quem diariamente commungamos pensando, trabalhando, vivendo, amando? É o nosso Deus-consciencia, ou o *despota sagrado* das creações mythicas?

É evidentemente o primeiro, não o segundo; mas se o poeta viu, o artista peccou ao determinar o logar onde. A eterna primavera dos astros e dos sóes é o espaço ethereo onde a mythologia localisava Deus; a philosophia trouxe-nol-o para o seio de uma eterna primavera, bem mais florida e épica: para a consciencia dos homens. Deus é essa primavera, a consciencia é Deus.

Este desvio na concepção real da Justiça, ou se quizerem, na sua representação figurada, conduz o poeta a mais consideraveis incorrecções. Começou por esculpir uma figura á antiga, e a corrente natural leva-o a manter o typo que adoptou, typo que não corresponde á idéa que mais ou menos definitivamente andava na sua imaginação.

Assim, a Justiça que habita, como nos antigos tempos, junto a Deus, no empyreo, apresenta-se-nos como uma cousa tão supra e extra-humana, qual o proprio Deus de quem é emanação e que nós iremos analysar em seguida:

Se a luz do meu olhar dardeja pelo espaço,
Envolvem-se a tremer nas armaduras de aço
Os despotas antigos . . .
E hei de despedaçar as ferreas gargalheiras
E todas as prisões e todas as barreiras
Forjadas pelo mal,
Até que toda a alma e todo o peito humano
Seja um ninho de luz, e seja um Vaticano
D'amor universal.

A musa que assim falla é um Juiz, não é a Justiça. Ardendo no santo amor do Ideal, como nunca ardeu o outro, o novissimo Juiz não deixa por isso de ser uma criação artificial, phantastica, que vem substituir-se ás antigas phantasias. A extrema belleza da poesia não basta para encobrir o caminho errado que a imaginação do poeta segue; pelo contrario, a perfeição artistica, por accentuar os traços do desenho, torna-nos ainda mais evidente a imperfeição da idéa. A Justiça não é *alguem* que está fóra e sobre nós para nos julgar, somos nós mesmos que a nós mesmos nos julgamos. Fazer da Justiça uma abstracção, ou uma criação transcendente, é ir vasa-la nos velhos moldes partidos da mythologia, tirando-lhe o que faz a sua grandeza, isto é a realidade psicologica e social.

Darei acaso eu importancia demasiada a este ponto da minha critica? Teria sido verdadeiro o pensamento do poeta e culpado apenas o artista que não ponde traduzil-o em versos, conforme lho dictava a mente? Não o creio.

A musa que, principiando por uma profissão de fé religiosa, acaba por uma lição de moral stoica, a quem invoca? a *ultima ratio* da sua doutrina qual é?

Quando uma lousa cae sobre um cadaver mudo,
Dizem: tudo acabou . . . E principia tudo.
De nada vale o bronze e a lapide marmorea;
Alguem a vae partir; o *alguem* chama-se a Historia.

Substituir, com effeito, no juizo final apocalypticó, este juizo final da Historia é affirmar a humanisação da suprema auctoridade que julga. Mas esse juiz, nos céos ou na terra, Deus ou a Historia, é sempre uma abstracção, não é a realidade, não é a Justiça. O nosso juiz está em nós mesmos: é a nossa consciencia; é o nosso Deus; é a dignidade humana, faculdade tão constante em qualidade e quantidade no espirito de todos os homens, como são o

amor ou a amizade. A Historia não julga, a Historia conta, como e em que grau existiu no tempo a idéa da Justiça.

Essa idéa é a razão sufficiente da nossa existencia; é ao mesmo tempo a sua força motriz e a sua causa final; porque é a propria substancia da alma humana que o tempo nos vae gradualmente revelando, pela expansão natural da potencia propria. Esta revelação é a razão da nossa existencia, que não póde ser completa, emquanto não fór cabal em nós a consciencia do nosso ser. Adquirir essa consciencia, eis a finalidade do Universo. Se acaso é licito dizel-o assim, direi, que o mundo é o proemio da vida humana, porque o homem só realmente começará a viver quando tiver adquirido consciencia real da vida, pois que uma cousa não começa propriamente a existir emquanto não póde definir-se e affirmar-se como tal. Eis ali como a Justiça é a definição do homem e a razão sufficiente e causa final da sua existencia.

Assim, pois, como é que o poeta pôe estas palavras nos labios da Justiça:

Existe um iman—Deus—oculto no infinito?

Que Deus é esse? que infinito? É o Deus de Descartes ou o Deus de Spinoza? O primeiro não é, porque

No leito sensual do azul indefinido
Ha muito que exhalou seu ultimo gemido
O Deus omnipotente—essa ideal chimera.

É com effeito o Deus de Spinoza, conforme nol-o dizem estas duas esplendidas estrophes:

Estudae, contemplae os intimos segredos
Dos astros immortaes, das crystalinas fontes;
E ouvi a grande voz dos tristes arvoredos
Prégando ás solidões do pulpito dos montes.

Nas arvores, no mar, na rocha, em tudo habita
Uma essencia de amor, um Deus que sonha e dorme . . .
É e nos antros da terra, onde esse amor palpita,
Como um fóco de luz n'uma cabeça enorme.

É porventura adequada esta noção de Deus á idéa de Justiça? Não; e seria ocioso dizer por quê. O Deus da Justiça é o Deus de Hegel, que a poesia portugueza concebia já no seculo XVI na mente do maior dos seus prophetas, na mente de Camões. A paizagem viva da ilha dos amores, essa natureza luxuriosa e animada, abriga em si um Deus, mas esse Deus não é a substancia de Spinoza: a paizagem transfigura-se, a ilha é o *caminho da virtude alto e fragoso*, a natureza chama-se Virtude, e a vida Justiça.

Das *Odes modernas*, que eu citei ao começar este trabalho e vou citar agora ao concluil-o, extraio este soneto:

Oh! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes
Serão leito de amor—tendo pendentes
Os astros por docel e cortinado!

As bodas do desejo embriagado
De ventura, afinal! visões ferventes
De quem nos braços vae de idéas ardentes
Por espaços sem termo arrebatado!

Lá por onde se perde a phantasia
No sonho das bellezas—lá aonde
A noite tem mais luz que o nosso dia,

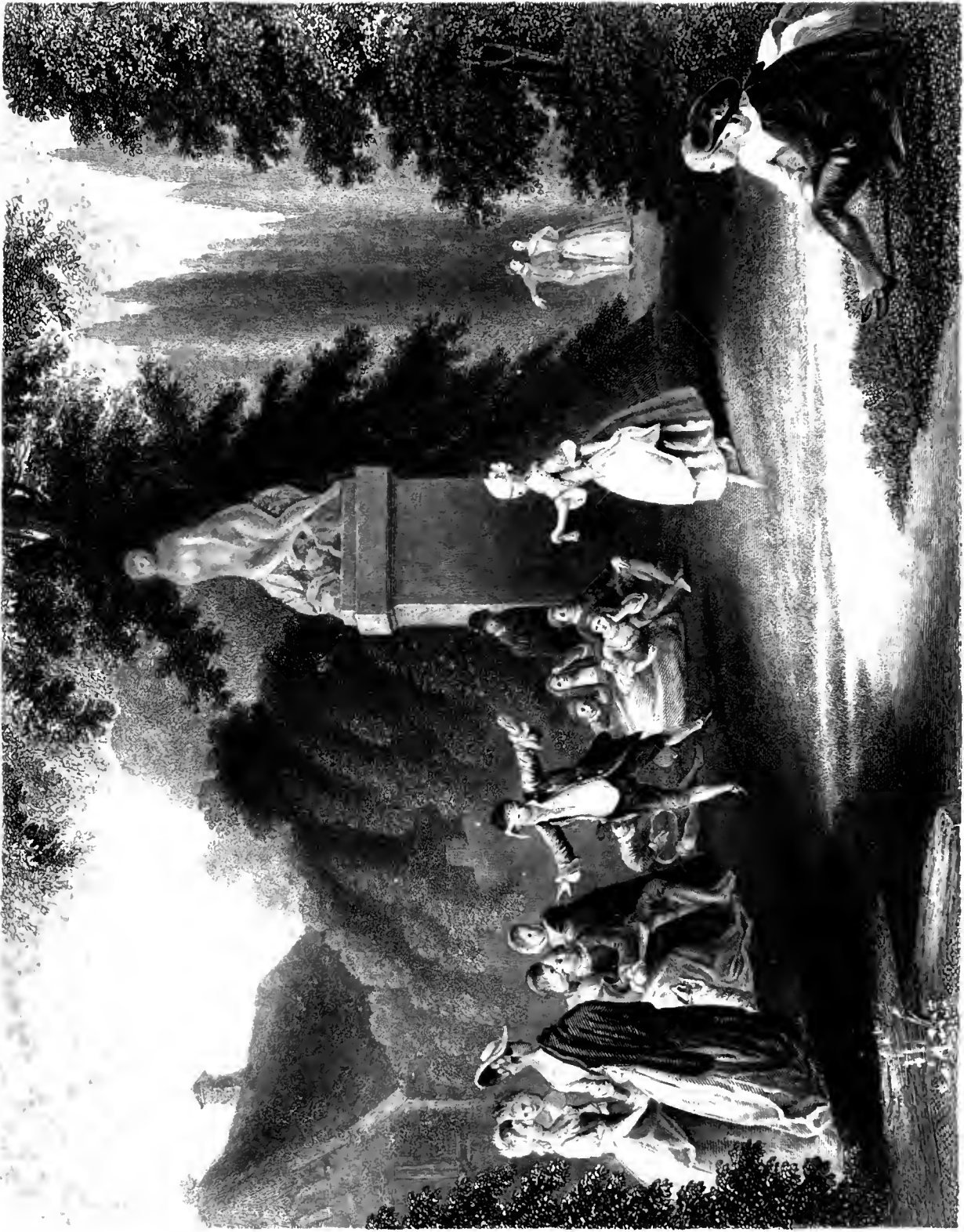
Lá, no seio da eterna claridade,
Aonde Deus á humana voz responde,
É que te havemos de abraçar, Verdade!

Peceava a poesia pelo defeito que vim notando na *Morte de D. João*, e ao auctor das *Odes* devo esta apostilla inedita:

Lá! mas onde é *la*? Aonde?—Espera
Coração indomado! O céo, que ancia
A alma fiel, o céo, o céo da Idea,
Em vão o buscas n'essa immensa esphera!

O espaço é mudo,—a immensidade austera
De balde noite e dia se incendia . . .
Em nenhum astro em nenhum sol se alteia
A rosa ideal da eterna primavera!

O Paraizo e o templo da Verdade,
Ó mundos, astros, sóes, constellações!
Nenhum de vós o tem na immensidade!



A GABRA JESA.

A Idéa, o summo Bem, o Verbo, a Essencia,
Só se revela aos homens e ás nações
No céo incorruptível da Consciencia!

Eis ahí a theologia da Revolução.

Eis o termo da minha viagem. Bastarão estas notas rapidas e mal cozidas para dar uma idéa cabal do poema do sr. Junqueiro? Não o creio.

Não o creio, nem no que diz respeito aos pensamentos que se accumulam n'essas trezentas paginas, nem com sobrada razão no que se refere ao modo por que essas idéas estão representadas. Occupai-me quasi exclusivamente do poeta, deixei mais na sombra o artista. Quando não tivesse outras razões para o fazer, bastava-me esta da minha pequena sufficiencia para julgar em tal assumpto.

Mas se não conheço os segredos da arte, possúo de certo com toda a gente a faculdade de sentir o que é bello, e a *Morte de D. João* deixou em mim a impressão que me dão as obras primas dos pintores italianos da Renascença, riqueza, graça e vigor.

OLIVEIRA MARTINS.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

XII

(Conclusão)



A festa que n'esse dia se celebrou em acção de graças na igreja de Bom Jesus, e a que assistiu o governador, faltava frei Francisco Xavier, o apostolo das Indias. Quando D. João de Castro perguntara por elle a um dos frades ninguém lhe soube dizer o seu destino. Affirmava o porteiro que entrara na igreja á hora de vespéras, que orara por alguns instantes prostrado ante o altar do Santissimo, que procurara

particulas e uma caixa da extrema-uncção e saíra. Os outros frades nem sequer o tinham visto.

A festa fôra concorridissima, porém a cidade estava triste. D'entre tantos, só o governador parecia alegre.

XIII

Os invernos da India deixam apoz de si trovoadas temerosas. As manifestações da natureza, grandes em toda a parte, são enormes no Oriente. Não ha trovões, nem relampagos, nem temporaes, nem inundações, nem estia-gens como aqui.

Uma noite começaram a vêr-se correr do sul nuvens negras condensadas, e os pobres habitantes de Nanús, que tinham, segundo o seu costume, sem medo ao orvalho nem ás feras, adormecido ás portas das cabanas, exaustos pelo trabalho e pelo calor do dia, acordaram alta noite sobresaltados pelo stertor de um trovão que fazia tremer a terra. Um prolongado e vasto clarão, pelo meio do qual caía a chuva em grossos fios de ouro, deslumbrava-os. De repente o clarão apagou-se e pelo meio das trevas, as mais densas e envolventes, serpçavam centenaes de fais-cas azuladas e sanguineas em todas as direcções. O vento mettia os hombros ás serras e ás florestas e de momento a momento sentiam-se estalar os troncos mais robustos

como se a mão de um gigante andasse partindo e colhendo lenha no montado. Aos mugidos do vento, ao bramar dos trovões e ás queixas do arvoredado juntaram-se em côro as vozes dos animaes selvaticos, que espreitavam do fojo e applaudiam a sublimidade augusta do cataclismo.

Junto a Nanús passa um pequeno rio, grosso e tumultuoso nos mezes do inverno, claro e murmuroso no estio, correndo entre ribas, selvaticas, sim, mas de uma formosura especial. Aquella agua que desliza sobre um leito de mosaico, feito de pedras transparentes e de côres as mais brilhantes, roça-se por tapetes avelludados de musgo florido, que cobre ambas as margens, e deixa-se beijar pelos bastos e finissimos fetos, que sobre elle se debruçam. O sol passa difficilmente por algumas frestas do arvoredado, e, como rara chuva de luz, esmalta as flores e os mosaicos do rio.

Na margem direita d'este arroio havia um pagode da deusa Parvaty, dentro do qual, n'aquella noite tempestuosa, se acendiam luzes, e para onde corriam os habitantes espavoridos, que a trovoadá surprehendêra.

De todos os lados se viam correr as sombras escuras dos indús, porque a religião foi sempre a suprema força, a suprema protecção, a derradeira esperanza em todo o mundo. A trovoadá parecia ter escolhido aquelle ponto para fixar-se; até ali corrêra; chegada ali atraíra, como as trombas marinhas, as nuvens todas do céo e redemoinhava. Dir-se-hia que aquella abobada esfumada e insondavel se tornava absorvente. Sentia-se ramalhar violentamente a folhagem, como se mão invisível enroscando-se n'ella tentasse desarreigar a floresta, sentia-se mugir o vento lá por cima, como a respiração violenta de luctadores titanicos; mas em baixo asfixiava-se.

Quando os chuveiros caíam a flux, o homem que corria era frequentemente lançado por terra, e morreria, a não ser soccorrido, sob aquelle jacto violento.

Com a furia crescente da trovoadá cresciam o medo e os clamores; sobre tudo quando o tufão apagava as luzes do pagode, ouvia-se um grito estridente e prolongado, grito em côro, de centenaes de pessoas, que julgavam sentir-se abraçar das azas negras da morte.

No momento em que o mundo parecia desabar, quando mais bastas se cruzavam e ferviam as fitas de lume no espaço, quando mais forte a rajada fazia vacilar a montanha, quando acabava apenas a repercussão do mais violento dos trovões, ouviu-se uma voz de mulher gritar: — Soccorro! — na direcção do templo gentilico. Momentos depois Mogarem, desfeita, ensanguentada, fibricitante, tentava da porta estender os braços para a multidão apinhada, e pôde ainda uma vez murmurar: — Soccorro! —

N'isto ouviu-se dentro do templo pronunciar como um grito de horror o seu nome, e as luzes apagaram-se e a porta fechou-se violentamente sobre ella e... Não longe d'ali, na outra margem do rio, ouviu-se tocar um sino umas badaladas vibrantes e compassadas a convidar christãos á oração.

— Tantos deuses, murmurou ella, e nenhum tem piedade de mim!

— Tem! ouviu ella ainda ao cair desmaiada nos braços de um velho, que chegava açodado, e a tempo de a salvar das aguas do rio, que trasbordava.

Dentro do templo gentilico soava um côro de maldições. O velho ajoellou, encostou sobre o peito a cabeça desfallecida de Mogarem, e, pondo as mãos, agradeceu a Deus, juntando á prece o nome de D. Fernando de Castro.

Era a terceira noite que a melindrosa menina passava nos bosques á espera da morte.

O céo desanuveava-se.

XIV

A menos de oitocentos passos do pagode de Parvaty havia frei Francisco Xavier construído uma capelinha toda branca, devota, no meio de umas penedias abruptas. Era no seu campanário que o sino tanguia chamando á oração o seu minguido rebanho de christãos, obra e amores do apóstolo venerando.

—Ouves? pobre mulher desamparada? lhe dizia elle enxugando-lhe as faces ardentes e conchegando-a ao peito, ouves? é a voz da caridade christã que te chama; é um porto franco e seguro ao pé do mar tempestuoso d'esta sociedade inclemente, é o meu Deus que te espera, o Deus de todos os naufragos.

E tomou-a nos braços e ergueu-se, o velho, o enfermo, o debil padre de Christo, orgulhoso da sua fé, pago dos seus sacrificios, agradecido á Providencia que lhe proporcionava ainda uma obra de misericórdia, dando-lhe mais uma irmã para os seus filhos, mais uma alma atribulada para o seu Deus; e de cabeça erguida, o ligeiro, e forte, atravessou uma tosea ponte de madeira que a corrente ameaçava, costcou os rochedos da outra riba na direcção do sino que continuava a tanger, chegou ao atrio da capelinha que estava por dentro toda festiva e allumiada, e ajoelhando exclamou no tom vibrante e sonoro de seu verbo inspirado:

—*Orate!*

Um tremor jubiloso e mystico percorreu o grupo dos fieis que responderam em erro:

—*Benedictus qui venit in nomine Domini.*

Um pequeno órgão acompanhava os canticos e Mogarem foi acordando e estremeccendo na idéa talvez de que apoz a morte lhe era dado entrever o logar dos bemaventurados.

A pouco e pouco lhe foi voltando a consciencia e quando olhou attenta para o homem que a tinha nos braços reconheceu o apóstolo. Ficou-se quieta e comprimida sem despregar os olhos d'elle.

—Senhor, onde estou eu? segredou ella emfim.

—Na casa de Jesus.

—Sou gentia!

—És desgraçada, minha filha.

—Sou maldita!

—Nunca o serás no templo do Deus do amor, da esperanza e da misericórdia. Mogarem chorava e o côro ia cantando:

—*Bemaventurados os que padecem porque elles serão consolados.*

XV

Dois dias depois entrava frei Francisco Xavier no palacio dos visos-reis. Era em 1548.

—Ben vindo, padre, tinha saudades vossas. Tenho chorado hoje. O meu pobre Fernando deve ter encontrado a sombra de D. Lourenço d'Almeida e no céu hão de gostar de os vêr, áquelles dois cherubins. Ouvis, padre? disseram-me que uma gentia o amava.

—Confessou-m'o elle, senhor, e confiou-a á minha protecção.

—Ah! padre! protector d'amantes! d'amantes temerarios, que se abraçavam por cima de tantos abyssos! Dizia o visos-rei, sorrindo.

—Ora ainda bem que entrou n'esta casa um raio de alegria. Deixemos lá os caminhos do Senhor, que só elle sabe, e, quando os quer ensinar, ou accende a sarça no Horeb ou solta a estrella dos Magos.

—Bem fallado, lingua de ouro; e voltando aos caminhos dos... amantes, que feito é da vossa protegida?

—Prepara-se para se encontrar com o seu noivo, já nivelados todos os abyssos no paiz onde só ha Deus e não religiões.

—Como, Francisco Xavier? algum prodigio novo?

—Ousaria eu esperar de hoje a um mez uma visita do nobre visos-rei no meu humilde eremiterio de Nanús?

—Esperae! o levarei a minha cruz de Christo. Honrar-vos-hei como devo, cofre de todas as consolações.

Abraçaram-se chorando e rindo.

Um mez depois na capelinha de Nanús D. João de Castro era padrinho da formosissima noiva do seu Fernando, e punha-lhe o nome de Maria das Dores que ella mesma escolhera; a madrinha era Nossa Senhora.

Quando, finda a cerimonia em que nenhuns olhos ficaram enxutos, a nova christã beijou a mão de seu padrinho, olhou para elle com os olhos muito abertos e muito cheios de tristeza e chamou-lhe:—Seu pae.

D. João de Castro abraçou-a commovido e disse-lhe, que todos ouviram:—Sim, minha filha querida, has de ser d'elle no céu.

E o povo e os padres e os nobres cantavam:—*Te Deum laudamus.*

Um anno apoz os paes de Mogarem tinham abraçado o christianismo e fugiam ao anathema que sem culpa sua os fulminara. Nas ruinas do pagode de Nanús começava a construir-se uma igreja. Mogarem tinha morrido um mez depois de baptisada.

As suas ultimas palavras ouviu-as frei Francisco Xavier.—Já estou vestida de branco e tenho saudades do meu noivo. Ah! padre, bendito sejas tu.

Da Rabbiana

(A DAMNADA)

NOVELLA DE PAULO HEYSE

(Traduzida do allemão)

(Continuação)

ESTAVAM pois sentados no barco, como se fossem dois inimigos. O coração palpitava com força a ambos. A cara antes bondosa e serena de Antonino estava n'esse momento muito corada. Batia na agua com tanta força, que estava coberta de espuma, e os beijos tremiam-lhe como se praguejasse. Laurella fingia não vêr nada d'isto. Simulou uma expressão tranquilla, inclinou-se na borda do barco e pôz-se a deixar correr a agua entre os seus dedos. Depois atou o lenço sobre o peito, e arranjou os cabellos como se estivesse só no barco. Sómente os olhos pretos brilhavam-lhe muito, e punha as mãos molhadas sobre a cara para refrescar as faces ardentes.

Estavam então no meio do mar, e nem uma véla se descobria no horisonte; as illas tinham ficado para traz, e a costa estava sempre envolta no vapor do sol. Nem sequer uma gaivota perturbava esta profunda solidão.

Antonino olhava para tudo em volta. Parecia que uma idéa lhe subira violentamente á cabeça. De repente im-

pallideceu e deixou cair os remos. Laurella olhou para elle involuntariamente, inquieta, mas sem mostrar o menor susto.

—É preciso acabar com isto—disse o barqueiro com impeto. Ha tanto tempo que eu soffro, que até me admira como não morri ainda. Dizes que me não conheces! Não me tens visto então passar por ti como um doido, e querer fallar-te...? Zangavas-te sempre e voltavas-me as costas.

—Que tinha eu que te dizer? e que tinha eu que ouvir de ti? respondeu ella. — Bem sei que querias ligar-te comigo:—eu é que não queria por cousa alguma d'este mundo que fallassem de mim, porque não quero casar nem contigo nem com outra pessoa.

—Nem com outra pessoa? não has de fallar sempre assim. Rejeitaste o pintor!—Ora, eras ainda uma creança. Um dia virá, quando te achares só, que mesmo assim como és has de accetar o primeiro que te apparecer.

—Ninguem conhece a sua sorte. Talvez a minha vontade mude. Mas que tens tu com isso?

—Que tenho eu com isso? e o rapaz saltou do seu logar com tanta violencia que o barco tremeu todo. Que tenho eu com isso? e podes-me tu perguntar isto quando vez como estou? Que morra mil vezes aquelle que tu tratares melhor que eu!

—Eu já me prometti a ti? Que culpa tenho que endoiecesses? Que direito tens tu sobre mim?

—Oh! de certo, disse elle, não está escripto, nenhum advogado o pôz em latim, nem sellou. Mas eu sei que tenho tanto direito sobre ti como sobre o meu logar no céo, se fôr bom. Talvez julgues que eu teria a paciencia de te vêr ir á igreja com outro, e de ouvir as raparigas, quando me vissem, zombarem comigo por tua causa?

—Faze o que quizeres. Tanto mais recusarei quanto mais me ameaçares. Tambem eu quero fazer a minha vontade.

—Não has de fallar sempre assim, repetiu elle a tremer, como n'uma convulsão, sou homem bastante para não querer que uma cabeça como a tua me apoquente por mais tempo. Vês que estás em meu poder e que has de fazer o que eu quizer?

A rapariga retrahiu-se um pouco e olhou para elle de frente.

—Matø-me, se te atreves a isso—disse lentamente.

—Não sei deixar nada em meio, disse elle com uma voz cada vez mais oppressa e surda. Ha logar para ambos no mar. Não poderei salvar-te creança,— e fallava quasi com um accento de dó vago, como se sonhasse. É preciso, sim, que vamos ao fundo, juntos, unidos, já! disse elle violentamente, e tomou-a nos braços.

Mas, logo, retirou uma das mãos escorrendo sangue. Laurella havia-lh'a mordido profundamente.

—Hei de fazer o que tu quizeres? gritou-lhe ella afastando-se rapidamente, vaes vêr se eu estou em teu poder—e saltando por cima da borda do barco desapareceu de repente no mar.

Logo porém reapareceu á superficie. Tinha o vestido collado ao corpo, os cabellos desmanchados pelas ondas caíam-lhe pesados sobre o pescoço; bracejava porém com tranquillidade e nadava com força para a costa sem dar um grito sequer.

Um immenso terror parecia ter paralyzado Antonino. Inclinado no barco, olhava fitamente para a rapariga como se estivesse presencendo um milagre. De repente estremeceu, pegou nos remos e seguiu-a com todas as suas forças.

O fundo do barco estava vermelho do sangue que lhe corria ainda da mão.

Por mais depressa que Laurella nadasse, o barco alcançou-a em breve.

—Pela Virgem Santa, disse-lhe o barqueiro, volta para o barco. Fui doido. Deus sabe o que me endoieceu. Parece que um raio me tinha ferido, parece que ardia, não sabia o que dizia nem o que fazia. Não me perdoes, Laurella, mas salva a tua vida, volta para aqui.

A rapariga continuava a nadar como se nada ouvisse.

—Não podes alcançar assim a terra. Está ainda a duas milhas. Pensa em tua mãe, que morreria se te acontecesse alguma cousa.

A nadadora mediu com os olhos a distancia que a separava da costa; depois sem dar resposta, nadou para o barco e agarrou-se á borda.

Quando Antonino se levantou para a ajudar, o barco deu a borda sob o peso da rapariga, e a jaqueta que estava sobre o banco caiu ao mar.

Laurella saltou com agilidade para dentro, e voltou para o seu logar.

Quando Antonino a viu sentada, pegou nos remos.

A rapariga torcia o fato encharcado e espremia a agua dos cabellos.

Então, lançando os olhos para o fundo do barco, viu-o, cheio de sangue. Mas olhando logo para a mão do barqueiro viu-a mover o remo como se não estivesse ferida.

—Toma, disse ella, e estendeu-lhe de longe o lenço do pescoço.

Elle acenou com a cabeça e continuou a remar.

Então Laurella levantou-se e foi ligar-lhe a ferida. Depois, apesar d'elle a desviar, tirou-lhe um dos remos e sentou-se ao pé d'elle sem o olhar, sem desviar os olhos do remo que estava todo coberto de sangue, e começou a impellir o barco com força.

(Continua.)

J. BATALHA REIS.

CASTELLO DE THOMAR

I



SSA ordem, meio religiosa, meio guerreira, que nasceu humilde e pobre em Jerusalem, junto ao Templo do Senhor; que ao deante encheu o mundo com a fama dos seus feitos de armas, e que, enriquecida e poderosa, foi o terror dos infieis, ao mesmo tempo que fazia sombra aos soberanos da christandade; essa ordem celebre na historia de todas as nações catholicas com o nome de *cavallaria do Templo*, e que do alto do seu poder e grandeza foi de improviso precipitada nos abysmos da desgraça e do opprobrio, sendo os seus cavalleiros accusados de crimes nefandos, processados, condemnados e confiscados; essa ordem, em fim, que foi perseguida com tamanha crueza, e extincta com tanta ignominia, principalmente, para satisfazer a vingança e a cubiga d'el-rei de França Philippe IV, cognominado o *formoso*, e do papa Clemente V, foi admittida em Portugal sob o governo da rainha D. Thereza, sendo viuva do conde D. Henrique de Borgonha.

Não se sabe ao certo o anno em que foi introduzida

em o nosso paiz: mas consta de documento authenticico, que já n'elle existia no anno de Chirto de 1126. Entre as escripturas de doações, feitas á ordem dos templarios, que se guardavam no cartorio do convento de Thomar, achava-se a do *castello e terra de Soure*, assignada pela rainha D. Thereza, e com data de 1166, que é o anno do nascimento de Christo de 1128. É a doação mais antiga de que ha noticia. E foi o castello de Soure a primeira fortaleza, que a ordem possuiu em Portugal. Ficava então este castello na fronteira de territorio de mouros. Não fôra, portanto, uma doação gratuita, mas sim onerosissima, porque, levando o encargo da defesa d'aquella fronteira, obrigava os cavalleiros a uma guerra sem repouso.

A maior parte dos nossos escriptores dizem que fôra D. Gualdim Paes o primeiro mestre, que a ordem da cavallaria do Templo teve em Portugal. É certo, porém, que se enganaram. No *Elucidario* do padre Viterbo, no longo artigo sobre *templarios*, vem citados muitos documentos, que pertenciam ao referido cartorio e a outros archivos do reino, dos quaes se collige, que foi D. Gualdim Paes o sexto mestre do templo em o nosso paiz. O primeiro, D. Guilherme Ricardo, figura nas escripturas anteriores ao anno de 1126. Ao segundo, D. Raymundo Bernardo, fez a rainha D. Thereza a doação do castello de Soure. Era tereceiro mestre em 1140 D. Pedro Froilaz; e quarto em 1143 D. Hugo de Martonio. Foi o quinto D. Pedro Arnaldo, a quem succedeu em 1157 D. Gualdim Paes, sexto mestre. Só os dois ultimos eram portuguezes.

Não temos espaço, nem este jornal é logar apropriado para extensos quadros historicos. É muito longa, e cheia de acontecimentos importantes e variadissimos a historia geral da ordem do Templo. Só a parte que diz respeito a Portugal, se estivera toda escripta e reunida em corpo, formaria, pelo menos, um grande e grosso tomo.

São gloriosos os fastos dos templarios portuguezes. Para se fazer idéa dos feitos de armas que os ennobrecem, e dos heroicos exemplos de amor da fé, de patriotismo, e de abnegação que lhes doiram as paginas, bastará lembrar, que estão perfeitamente enlaçados com os annos gloriosissimos da fundação da monarchia e da libertação d'esta terra do poder dos sarracenos. A *Balsa* dos templarios ¹ tremou triumphante ao lado do pavilhão das *Quinas* na memoravel jornada d'Ourique, na tomada de Leiria, na expugnação da torreada Santarem, que os mouros consideravam como a sua mais forte praça de guerra, na conquista de Lisboa, que dominava como rainha no magnifico porto em que se espelha, e em tantas outras povoações e fortalezas, com que se foram alargando as fronteiras do reino, até á expulsão do derradeiro soldado sarraceno.

II

Foi D. Gualdim Paes um dos mais notaveis mestres do Templo, que houve no reino, senão o mais distincto pelo valor do braço, pelo esforço do peito, e pela sua energia e actividade inexcediveis. E assim foi um dos mais zelosos e ardentes propugnadores da lei de Christo, e um dos mais extremados cavalleiros da côrte d'el-rei D. Affonso Henriques.

Nascido na aldeia de Marcôos, hoje denominada de Amares, proxima de Braga, em 1118, no proprio anno em que a ordem do Templo foi instituida na cidade de

¹ Chamava-se *Balsa* a bandeira dos templarios. Era quadrada, sendo metade branca e metade preta, com a cruz vermelha no centro e em volta da bandeira a letra: *Non nobis Domine, sed nomini tui dá gloriam*. Não a nós, Senhor, mas ao teu nome dá gloria.

Jerusalem; armado cavalleiro por el-rei D. Affonso Henriques no campo de Ourique, ao som dos brados da victoria, e das aclamações ao primeiro rei de Portugal; partido depois para a Palestina, e alistado na milicia do Templo; enramado de louros virentes nas guerras porfiosas, que a ordem sustentou com os sultões da Syria e do Egypto; regressado á patria, e feito commendador da casa dos templarios em Braga, onde se achava em 1148; e finalmente, passados mais nove annos, nomeado mestre da ordem n'este reino; tal é o epilogo da sua brilhante carreira até ser elevado a tão alta dignidade. Foi, portanto, sob o seu governo, que a ordem dos templarios teve em o nosso paiz extraordinario desenvolvimento.

Entre as muitas doações de castellos e terras que el-rei D. Affonso Henriques fez á ordem do templo, para remunerar os grandes serviços prestados pelos cavalleiros na lueta com os mouros, contavam-se os castellos, então arruinados, de *Almourol*, no meio do Tejo, e o de *Ceras* com extensos territorios em derredor.

Cuidando com incançavel actividade da defesa das terras doadas á ordem, em que se incluia a do reino, por serem fronteiras de territorio de mouros, mandou construir o castello de *Pombal* no senhorio do castello de *Soure*; e nas terras do de *Ceras*, por este se achar desmantellado, e mal situado, edificou uma nova fortaleza, e a pouca distancia a igreja que havia de servir para cabeça da ordem. A escolha do logar para fundação da igreja foi determinada pela existencia dos restos de um antigo e venerando mosteiro beneditino. Quiz D. Gualdim Paes, que a nova igreja se levantasse n'esse sitio já consagrado pela oração, e santificado pela pratica das virtudes christãs no correr de seculos, e pelo martyrio de Santa Iria no seculo VII. Esse templo, que ainda se conserva, com pouca alteração, denomina-se *Santa Maria do Olival*, e foi cabeça da ordem dos cavalleiros do Templo, e depois da extincção d'esta da dos cavalleiros de Christo.

As condições vantajosas do terreno é que determinaram a escolha do logar para a edificação do castello.

III

Foi construida a fortaleza sobre um monte, que se levanta na margem direita do rio Nabão, com duas encostas ingremes, e formado de rochas alcantiladas e cortadas quasi a prumo para o lado do rio, ficando a cavalleiro de uma extensa planicie, banhada pelo Nabão.

Em uma lapida, que está embebida na parede da igreja, fundada ao mesmo tempo a par da cidadella, e dentro das cercas exteriores de muros, lê-se a seguinte inscripção:

*E. M.C.L.X.VIII. Regnante: Alphonso
Illustrissimo Rege Portugallis:
Magister Gualdimus: Portugalensium
Militum Templi: cum Fratibus suis:
Primo die Martii: cepit edificare
Hoc Castellum: Nomine Thomar: quod Prefactus
Rex obtulit Deo; et Militibus Templi.*

Quer dizer em vulgar: « No primeiro dia de março do anno de 1198, reinando Affonso, illustrissimo rei de Portugal, Gualdim, mestre dos cavalleiros do templo em Portugal, começou, juntamente com os seus freires, a edificar este castello, cujo nome é Thomar, o qual estando acabado, el-rei o offereceu a Deus e aos cavalleiros do Templo. »

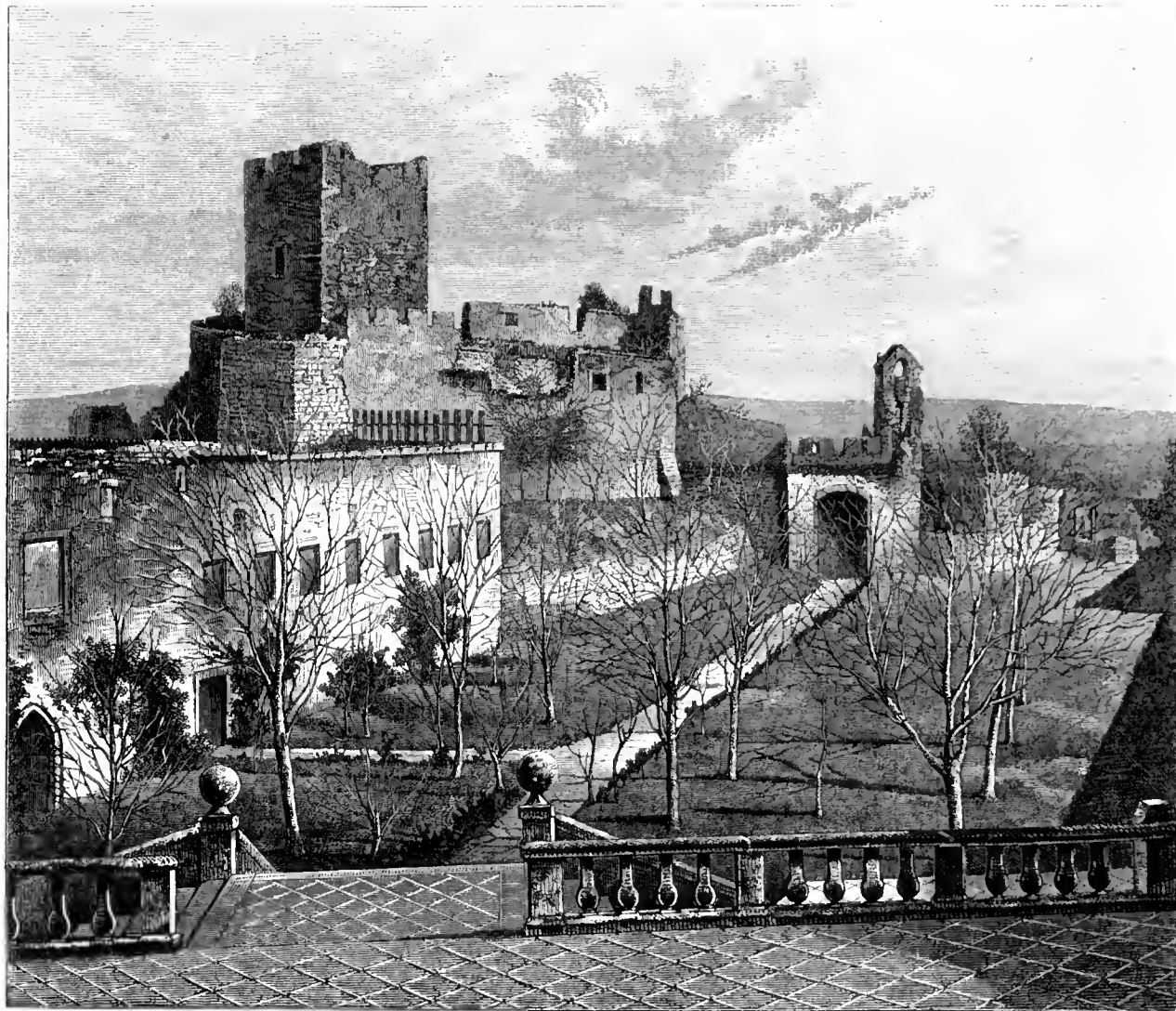
O X com o travessão por cima vale quarenta e não dez; pelo que se deve lêr 1198 da era de Cesar, por onde então se contava, e que corresponde á era de Christo de 1160.

Emquanto progrediam as obras da fortaleza, fundava D. Gualdim Paes, na planície a que ella está sobranceira, uma povoação, com o mesmo nome do castello, presentemente emobrecida com o título de cidade.

Depois de concluído o castello de Thomar, cresceu muito a ordem do Templo em gloria, riqueza e poder, por meio das emprezas guerreiras dos seus filhos, capitaneados por D. Gualdim Paes, e por effeito da generosidade de D. Affonso Henriques. Porém, no maior auge d'essa prosperidade sobreveio um successo, que ameaçou des-

castello, está a requinte, commemorativa da sua gloriosa defesa:

*Era MCCXXVIII : III Nonas Julii
Venit Rex de Marroquis ducens ecce
Milia equitum et quingenta milia pe-
ditum : et obsedit castrum is-
tud, per sex dies : et delecit
quantum extra murum in-
venit castellum : et prefatus magis-
ter cum fratribus suis liberavit*



carregar-lhe profundo golpe. Um poderoso exercito marroquino, que invadiu o reino, em 1190, deixando assinalada a sua passagem com a destruição das povoações, com o morticínio de seus moradores indefensos, e com o incendio e profanação dos templos, veio pôr cerco ao castello de Thomar.

Durante seis dias succederam-se os assaltos ao castello, uns após outros; e todos foram repellidos heroicamente pela valorosa guarnição, pequena em numero, pequenissima comparada com o formidavel exercito, que a combatia; mas forte e potente pela fé em Deus, pela coragem com que afrontava os maiores perigos, e pela resolução de vencer ou ficar sepultada sob os muros derrocados do castello. E triumphou do inimigo, animada e guiada pelo seu invicto mestre, D. Gualdim Paes, não obstante contar setenta e dois annos de idade.

Por baixo da inscripção, que commemora a fundação do

*Deus de manibus suis : ipsis Rex remea-
vit in patria sua cum innumera-
bili detrimento hominum et bestiarum .*

Diz em portuguez: «Na era de 1228 (que é o anno de Christo de 1190), aos cinco de julho, veio o rei de Marrocos, trazendo quatrocentos mil homens de cavallo e cincoenta mil de pé; pôz cerco a este castello por seis dias, destruindo quanto achou fóra dos muros do castello; e ao sobredito mestre¹ com os seus freires livrou Deus de cahir nas suas mãos: e o mesmo rei voltou para a sua patria com extraordinario prejuizo de homens e cavallo».

Achâmos traduzidos os *ecce milia* de dois modos. Em alguns dos nossos escriptores por quatrocentos mil; e em

¹ O sobredito mestre relativo á inscripção superior é D. Gualdim.

ontros por quarenta mil. Ainda que se accete esta segunda traducção, o calculo é, sem duvida, muito exagerado. Todavia é certo que as forças inimigas eram poderosissimas.

Explicam os auctores por differente maneira a retirada precipitada dos marroquinos; mas a explicação mais plausivel é a que a attribue á mortandade, causada nas tropas sitiadoras pelas febres perniciosas, reinantes durante aquella quadra do anno nas margens do Tejo e do Nabão; e principalmente a ter adoecido do mal o rei de Marrocos ao quinto dia do assedio.

No dia 11 de julho levantou o campo o inimigo. E nunca mais o facho da guerra açoitou os muros do castello de Thomar. Possuiu-o a ordem dos Templarios até a sua extincção em 1314; passando logo depois, juntamente com todos os outros bens que lhe tinham pertencido, para a ordem da cavallaria de Christo, no poder da qual se conservou até ser extincta, com as mais ordens religiosas em 1834. Desde então ficou pertencendo ao estado.

IV

O castello de Thomar compõe-se da alcaçova ou cidadella, e de duas cercas de muros. A cidadella, erguida no cimo do monte, fórma um quadrilongo de altas muralhas ameidadas, flanqueadas de torres, e elevando-se do centro da fortaleza, mais alterosa que suas irmãs, a torre de menagem. Se exceptuarmos as ameias, que foram reformadas pelos cavalleiros de Christo, cujo emblema n'ellas se vê aberto, toda a cidadella é da construcção primitiva de D. Gualdim Paes. As divisões interiores das torres e dos aposentos estão, pela maior parte, destruidas; no exterior apresenta igualmente bastante ruína esta fortaleza, sobretudo nas torres que a flanqueiam. Todavia, em relação a uma existencia de 712 annos, o ao nosso proverbial desleixo em conservar os padrões da antiguidade, pôde dizer-se que está em bom estado de conservação: e é de certo um dos nossos monumentos do seculo XII, que mais tem resistido á acção corrosiva dos seculos, e á barbaridade dos homens, não menos assoladora.

Uma ingreme calçada em zig-zags, praticada na escharpa do monte, do lado do norte, conduz da cidade á alcaçova, começando a subir por detraz dos paços do concelho, edificados na raiz do monte, com a frontaria para a principal praça de Thomar.

A porta, onde termina aquella calçada, fica junto da alcaçova, e dá entrada para um espaçoso terreiro, dentro da primeira cêrca de muros, plantado de pomar, e pertencente ao sr. conde de Thomar. Entrando n'este terreiro, vê-se do lado direito os paços arruinados dos mestres da ordem de Christo, fundados ou reedificados pelo infante D. Henrique, duque de Vizeu, e mestre da dita ordem, que por muitas vezes alli residiu. A rainha D. Catharina, sendo viuva d'el-rei D. João III, e regente do reino na menoridade de seu neto, el-rei D. Sebastião, tambem alli habitou algum tempo e por esta razão dá-se hoje mais geralmente a este edificio o nome de *paços da rainha D. Catharina*. O pavimento terreo consta de grandes armazens de abobada, sustentada em bellas columnas de pedra; tudo em bom estado. Ao pavimento superior falta-lhe o telhado. Este edificio é propriedade do estado, bem como a igreja, que lhe é contigua, de cujo adro se desce por tres escadas de cantaria para o terreiro acima referido. A gravura junta representa no primeiro plano o adro da igreja, no segundo o terreiro com os paços mencionados, e em seguida a alcaçova e o portal da entrada.

A primeira cêrca compõe-se de altos pannos de muro,

guarnecidos a distancias irregulares de torres e bastiões. Ha n'esta cêrca dois logares memoraveis: a *porta do sangue*, assim chamada pelo mito que junto d'ella se deram, em um dos assaltos dados ao castello pelos mouros em 1190; e a *torre da rainha D. Catharina*, á qual deram este nome por costunar esta soberana, quando vivia nos visinhos paços, ir a miude recrear-se áquella torre, com o formoso panorama que se desfruta da sua esbelta janella, de estylo gothico. Esta torre é ao presente uma espaçosa casa de regalo, que faz parte das propriedades do sr. conde de Thomar, pois que já no tempo dos freires os terrenos comprehendidos dentro das cêrcas do castello estavam plantados de pomares e hortas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DECIMA EXPOSIÇÃO

DA

SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELLAS ARTES EM PORTUGAL

(Continuação)



EMOS, pois, solemne promessa do um paisagista eximio, e ainda bem que a temos de novo para compensar outra que não foi cumprida. Alludo á do sr. Newton, que depois de annos de estacionamento, parece que sentiu remorsos de prolongar esperanças enganosas e atirou comsigo para traz. Não analysarei os seus quadros. Ha uma cousa que a critica proenra sempre, é o progresso; ha outra que ella não pôde perdoar nunca, é o retrocesso, que nem tem a desculpa do *como posso*, da modestia de Van Eych. Quando um artista retrograda, só ha que fazer a respeito d'elle a indagação das causas do desastre. O sr. Newton descuraria a arte, por lhe absorver as facultades um cargo official que alcançou? É possivel, mas ha tambem uma rasão profunda, senão para que este paisagista desaprendesse, ao menos para que não passasse alem das copias da natureza, primorosas como copias, que lhe afamaram o nome. Luciano Cordeiro notava n'elle, em 1868, *falta de illustração, de conhecimentos, por conseguinte apoucamento de força, de exuberancia concepional*; e se esta falta é realmente, como creio, uma das causas da subita decadencia do sr. Newton, as minhas censuras da educação da academia recebem d'ella um eloquente, embora tristissimo, argumento. A rara habilidade de execução, a *disposição natural*, não impediu que um artista *falto de conhecimentos, de illustração*, consumisse em pouco tempo a força creadora, ou mais exactamente, se cansasse de luctar com a propria fraqueza, descambando do alto de grandes esperanças n'uma baixa vulgaridade. Ponham os olhos n'este exemplo mestres e discipulos, poderes publicos e quantos se interessam pela arte nacional, e convençam-se de que o seu sacerdocio não pôde ser mistér da ignorancia, de que o bello não pôde ser concepção de cretinos!

Se esmoreceram tristemente as facultades do sr. Newton, a sr.^a Silva Reis apurou as suas com o esmeril do trabalho perseverante. É uma artista sympathica pela sua modestia e respeitavel pelo desejo ardente de progredir. Não a privilegiou a natureza nem a dotou a educação, mas quer com energia, e o querer tem sido o seu talisman. Este acto de vontade é tambem um acto de

amor de familia, e a inspiração de uma virtude feminina: honra á mulher, que precisando amparo se abraça com os joelhos da deusa da arte! Movida por um santo estímulo, adianta-se vagarosamente, com esforço, como quem não emprehe grande jornada nem avista dilatado horizonte, mas a passos firmes, sem canceira nem renuncia. Não se apresenta ao publico sem lhe trazer por homenagem um defeito corrigido, um acerto aprimorado, um bom exemplo aproveitado. Não tem rasgo, é acanhada de concepção, não póde crear, não possui mesmo a capacidade de apropriação intellectual, que funde o sujeito e o objecto da arte, mas faz o que póde e vac-se acercando do que se me afigura ser o limite do seu possível: a interpretação correctea e fidelissima dos panoramas naturaes.

Interpretação, disse eu; melhor diria, talvez, tradução. A sr.^a Silva Reis traduz á letra, assim como o sr. Christino paraphrascia tão liberrimamente, que não raro torna a obra desconhecida do seu auctor. É curioso aproximar estes dois artistas, que são dois verdadeiros antipodas. Elle vê o mundo no seu cerebro, e anda em pleito com o seu Architecto, como um inquilino com o senhorio por causa da pintura do predio: ella nada vê em si, e mais humilde do que elle nem se atreve a decotar uma arvore do jardim ou a rebocar a brecha de um muro. Elle é todo imaginação: ella é só sensação. Os quadros da sr.^a Silva Reis são retratos do campo, e pregarlos n'uma parede é um meio economico de lhe abrir uma janella, de onde se avistem limpidamente episodios pittorescos do Tejo ou da serra de Cintra: as telas do sr. Christino, ao contrario, são amostras de como podia ser a natureza, destinadas a fazer pirraça a Deus. Este é artista de mais, e tanto quer crear, que até refunde as creações naturaes: aquella é artista de menos, e descamba em copista. Copia porém com esmero, embora acanhadamente, é habil e euidadosa na execução, ao passo que o sr. Christino, sempre fogoso, exagera a largueza do toque até o desalinho, a liberdade do pincel até a licença, e contentando-se a miude com produzir um effeito de colorido, que é o seu enlêvo, deixa o demais por acabar, como se observa com tanto desagrado nas suas *Recordações de Cintra!*

Nos trabalhos de ambos estes pintores, que se podessem sommar-se produziriam uma maravilha, ha todavia merecimentos reaes. Na *paisagem tomada de Albarraque*, como em todas as outras seis da sr.^a Silva Reis, admira-se o primor com que pinta os *longes*, louva-se a suavidade e harmonia de tons, só poucas vezes e como por lapso monotonos e frios, e se os primeiros planos são de ordinario mal tocados, tenho fé que o estudo perseverante ainda ha de corrigir este defeito, á vista dos exemplares do sr. Keil. Uma parte do quadro do sr. Christino *Pescadores do Tejo*: o barco envolto na noite, os seus tripulantes, o seu fundo de agua e céo, tambem é uma verdadeira belleza, com que so realça o dote excellento do seu auctor, a imaginação de poeta, ora seismadora e terna, ora febrilmente entusiasta, e d'esta vez contida nas fronteiras da realidade e do gosto. E se a fogueira do plano direito com a sua massa de luz falsa, mal distribuida e mal graduada, e o grupo circumstante com a incorrectão do seu desenho, não depreciassem a tela, reputa-la-hia a melhor da exposição, como creio que o pincel do sr. Christino, se podesse curar-se das aberrações e dos desleixos chronicos, seria o mais estimado entre os nacionaes, porque o dirige uma alma de artista, como não sei de outra mais enamorada do bello nem mais luxuriante. Infelizmente, porém, é desregrada, talvez por falta de convicção firme de uma theoria esthetica, e não raro

confunde o bello com o extravagante e o sublime com o phantastico.

Eu não me propuz, n'esta revista succinta e só feita de recordação, mencionar e analysar um a um todos os quadros expostos: a brevidade não me levará, porém, a despedir-me dos paizagistas sem me congratular com os adiantamentos do sr. Gonçalves Pereira, e sem lhe inchiu o nome na lista das menções honrosas relativas. Estuda e aperfeioa-se: tanto me basta. Se fosse missão unica dos criticos procurar artistas famosos, talentos demarcados, que satisfizessem um remontado ideal, a minha critica apagaria a lanterna. Mas não é. Eu puz a mira antes em estimular do que em julgar, abaixei o anel da craveira da linha da perfeição á do simples progresso, e a esta linha chegam á farta o sr. Pereira, com as suas bem estudadas paizagens, o sr. Figueiredo, com o seu *guerreiro*, e o sr. Alves Costa, auctor de um quadro de *flôres e fructos* e de outro que representa dois meigos *pombos*. São todos artistas modestos, que começaram hontem, mas que já têm os grandes merecimentos do seu trabalho e da sua aptidão natural. São boas sementes ou rebentos vigorosos e seivosos: oxalá não lhes falte a cultura desvelada e achem o torrão propicio, porque se precisa muito da sua boa sombra e dos seus fructos sazonados! Os que até agora deram, já despertam o appetite de os possuir em pleno desenvolvimento e perfeita maturação: ao trabalho, pois, e que seja em boa hora para elles e para o paiz!

(Continúa.)

A. ENNES.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

MISANTHROPO. — A Academia das sciencias mandou imprimir, e pôz á venda, a liberrima versão da comedia de Molière — *Le misanthrope*, feita pelo sr. visconde de Castilho em primorosos versos alexandrinos, e pelo venerando poeta dedicada a Sua Magestade o imperador do Brazil.

É esta, segundo a expressão do vernaculo escriptor, a quinta tentativa por elle feita com o util proposito de transportar para o idioma patrio, o celebre theatro do grande poeta-comico francez.

Seguiu o sr. visconde de Castilho, n'este seu ultimo trabalho, systema identico ao que adoptara nas versões do — *Medecin malgré lui*, *Malade imaginaire* e outras composições famosas de Molière; isto é, passou a acção para Portugal e para os nossos dias. D'esta nacionalisação e transformação de época, não resultaram, porém, felizmente, d'esta vez, inverosimilhanças tão salientes como as que me atrevi a notar, em outro numero das *Artes e Letras*, quando fallei do — *Doente de seisma*.

Provém esta vantagem dos caracteres dos personagens da comedia de que ora trato, se amoldarem mais facilmente aos nossos actuaes costumes, o que não succedia aos da comedia de que anteriormente fallei. Entretanto não é raro topar no — *Misanthrope* com algumas scenas e dialogos menos naturaes; na scena 1 do acto III, por exemplo, profere o conde da Abrunheira os seguintes versos, que, não obstante a cortezia de el-rei, melhor figurariam em uma peça, cuja acção não fosse dos nossos dias.

Até por uma d'ellas
já tive um desafio; e se não fosse el-rei
pedir-me por favor que não violasse a lei
e lhe não destruisse a vida de um vassallo,
já tinha, onde me vês, fama de heroe.

Afóra estes pequenos senões, que podem ser apontados pelos que lerem com a devida attenção a excellento obra do sr. visconde de Castilho, é o — *Misanthrope* portuguez thesouro preciosissimo de linguagem vernacula e de estrophes admiraveis, onde os que prezam estas bellezas tão raras de encontrar nas modernas publicações, descobrirão, sem muito esmerilhar, todas as galas e opulencias que um perfeito conhecedor da lingua e um metrificador completo, como o sr. visconde de Castilho, póde produzir de me-

lhor. É por isto, de certo, que o auctor do livro que em seguida menciono, pergunta no capitulo denominado — *Livros novos* :

«Depois do visconde de Castilho quem se atreverá a traduzir Molière?»

PHANTASIAS E ESCRITORES CONTEMPORANEOS. — Editou o sr. Ernesto Chardron, livreiro estabelecido na cidade do Porto, a obra que sob a denominação acima, é assignada pelo sr. visconde de Benalcanfôr.

Facilmente se infere do titulo, que o novo livro de tão primoroso escriptor não é historia ou novella em que a acção esteja de tal modo enretecida, que prenda o leitor a ponto de o obrigar a percorrer, sem interrupção, as duzentas e tantas paginas de que o volume se compõe.

Phantasias — chama o sr. visconde de Benalcanfôr áquelles sympathicos capitulos que se lêem de um folego, sem fastio, e nos quaes se aprecia além da linguagem amena e florida, característica do auctor, critica acertada sobre livros, theatros, bellas artes e costumes nacionaes, figurando na critica dos livros os nomes de muitos escriptores notaveis e conhecidos, como os srs. visconde de Castilho, Camillo Castello Branco, Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, Julio Diniz, Bulhão Pato e D. Thomaz de Mello.

Não admira, pois, que o livro se divulgue facilmente; e o contrario seria uma excepção inexplicavel que viria introduzir-se nas obras do sr. visconde de Benalcanfôr.

PLANO GERAL DAS OBRAS QUE CONVÉM LEVAR A EFEITO NAS MARGENS DO TEJO, ENTRE O BEATO E A TORRE DE BELEM, PARA O MELHORAMENTO DO PORTO DE LISBOA E ENGRANDECIMENTO DA CIDADE. — Contém esta memoria assignada pela commissão nomeada em portaria de 9 de setembro de 1871 para tratar de tão importantissimo assumpto, descripções succintas e curiosas do porto de Lisboa, projectos anteriormente elaborados e outros que a commissão propõe para engrandecimento, defesa e saneamento da capital, e uma carta chorographica dos terrenos em volta de Lisboa, comprehendendo a principal parte do Tejo adjacente á sua foz.

É digno de compulsar-se este valiosissimo trabalho, que faz honra á commissão que o apresentou, a qual se compunha dos srs. capitão de mar e guerra, engenheiro hydrographo, Caetano Maria Batalha; major de artilheria, Gilberto Antonio Rolla; capitães de engenharia, Caetano Pereira Sanches de Castro, Ladislau Miceño Machado Alvares da Silva e Bento Fortunato de Moura Coutinho de Almeida d'Eça; vice-presidente da camara municipal de Lisboa, Antonio Rodrigues Loureiro; engenheiro da mesma camara, Domingos Parente da Silva; e primeiro tenente da armada, José Joaquim de Almeida.

EXTRACTO DA ACTA DA NESSÃO DA SOCIEDADE FRANCEZA DE PHOTOGRAPHIA, CONSTITUIDA EM ASSEMBLÉA GERAL NO DIA 5 DE JUNHO PROXIMO PASSADO, PUBLICADA NO BOLETIM DA MESMA SOCIEDADE. — É o folheto assim intitulado, prova innegavel da justiça feita pela sociedade franceza de photographia, aos serviços prestados pelo sr. José Julio Rodrigues na especialidade a que se tem entregado com tanta dedicação quanta boa fortuna.

No mesmo folheto se encontra uma pequena noticia escripta pelo sr. José Julio Rodrigues, para a qual chamo a attenção das pessoas interessadas. A noticia intitula-se — *Novo modo de evitar as matrizes negativas usuaves em muitos processos de photolithographia e de heliogravura, substituindo-as por outras em geral mais perfeitas, e de facil execução.*

HISTORIA RESUMIDA DE HESPAHNA DESDE A OCCUPAÇÃO DOS CARTHAGINEZES ATÉ A ACTUALIDADE. — O titulo indica muy claramente a indole da obra, escripta pelo sr. Carlos Lisboa e publicada pela livraria editora de Mattos Moreira & C.^a

Têm estes editores prestado relevantes serviços á litteratura portugueza com a publicação de livros importantes, muitos dos quaes se recommendam não tanto pelo deleite que podem prestar ás pessoas que lêem sómente para se entreterem, se não principalmente pela utilidade do assumpto de que se compõem.

Este de que ora trato, é, como todos os livros de historia, mais proprio para ser compulsado pelos leitores estudiosos, do que por aquelles que andam unicamente em busca das commoções alegres ou tristes produzidas pelos entrecchos mais ou menos engenhosos e dramaticos dos romances.

O auctor passa em revista os factos succedidos no paiz visinho, desde remota época, até nossos dias.

A Hespanha de hoje dedica o sr. Carlos Lisboa alguns capitulos, procurando esquivar-se a apreciações politicas, mas fallando muy benevolamente da causa de D. Carlos, sem deixar contudo de fazer justiça a muitos dos homens que têm figurado, e estão figurando, nos primeiros logares da Hespanha republicana.

O livro é offerecido ao sr. Henrique de Aranjó Tavares.

OS SARCHÕES — AO CALÇAR DAS LUVAS. — Estão publicadas estas duas peças, que, reunidas ás comedias — *O afilhado de Pompignac* e — *Um homem politico*, formarão o primeiro volume da *Bibliotheca theatral* de que são directores os srs. Castilho e Mello e Aristides Abranches.

Das comedias publicadas, ambas originaes, uma do sr. Ernesto

Biester e outra de quem assigna estas linhas, nada tenho a dizer, porque já fallei da primeira nas — *Artes e Letras*, e não posso nem devo senão fazer menção da segunda. Acerca da edição, cumpre-me declarar que é das melhores em que se tem impresso comedias e dramas portuguezes, acrescendo a isto a barateza dos fasciuculos.

Presta, pois, bom serviço á litteratura dramatica e ao publico, a empresa dirigida pelos srs. Castilho e Mello e Aristides Abranches.

A GUERRA DO PARAGUAY. — Assim se intitula o n.º 7 da publicação dos srs. Lucas & Filho — *Educação popular*, dirigida pelo sr. Pinheiro Chagas.

Este volume, como os demais até agora publicados, é cheio de interesse, não só pela natureza do assumpto, mas pela maneira como estão contados os factos ainda ha pouco succedidos n'essa deploravel guerra, que tamanhos cuidados deu ao Brazil e na qual tantos valentes se distinguiram.

NOITES DE INSOMNIA. — Sahiu o n.º 8 d'esta publicação dirigida pelo notavel escriptor o sr. Camillo Castello Branco e editada pelo sr. E. Chardron.

Entre os artigos mais interessantes d'este volumezinho, figura um em que se encontra minuciosa descripção do paço real da Ribeira, feita um anno antes do terremoto. O numero abre com o capitulo vi do romance do sr. visconde de Ouguella — *Os salões*.

(Continua.)

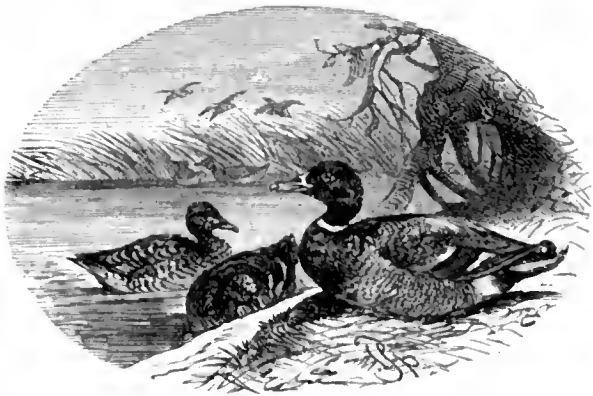
RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

— Houve um importante leilão de quadros no palacio da sr.^a condessa da Anadia, onde se arremataram, por avultado preço, algumas telas de valor. Entre as que estavam para ser vendidas e as que figuravam sómente em exposição, notavam-se as formosas composições de Vieira Portuense — *D. Filippa de Vilhena armando os filhos cavalleiros e Jupiter e Léda*; as de Sequeira — *Martim de Freitas entregando as chaves de Coimbra a D. Affonso III* e uma — *Sabia*; um quadro de Casa Nova, representando — *Um cavalleiro*; outro, em cobre, de escola allemã, figurando a — *Prisão de Christo* e muitos mais cujos titulos nos não recordam.

— Tem sido muito apreciados em Paris os trabalhos expostos pelo einzelador hespanhol D. Placido Zuloaga, nas galerias Goupil, na praça da Nova Opera. Os trabalhos são dois vasos de ferro, de um metro de altura, ornamentados com relevos de ouro e prata. Pertencem actualmente a um rico amator de bellas artes inglez, mr. Alfredo Morrisson. O artista inspirou-se para a execução d'estes preciosos objectos, no estylo persa, e gastou tres annos em fazel-os. D. Placido Zuloaga é filho do director do museu de armas de Madrid.

— Um rico negociante de Madrid, condoido da sorte precaria da maior parte dos artistas hespanhoes, estabeleceu, á sua custa, uma exposição permanente de obras de arte, franqueada ao publico mediante uma insignificante quantia. Figuram n'aquella philantropica exposição quatro admiraveis quadros de C. de Haës, um dos mais notaveis paizagistas dos modernos tempos; algumas aguarellas e tres quadros de Fortuny; um pequeno quadro magnifico de Domingo, intitulado — *Os saltimbancos*, e outras obras de arte muito notaveis. Entre os artistas novos, figuram com distincção A. Lhardy, discipulo de C. de Haës; Sala e Garrido, uma creança, que expõe um — *Rapto das Sabinas*, cujo desenho e composição passam por excellentes.





By J. P. D. A. R. G. G.

A RECRUTA

QUADRO DI C. BELLER

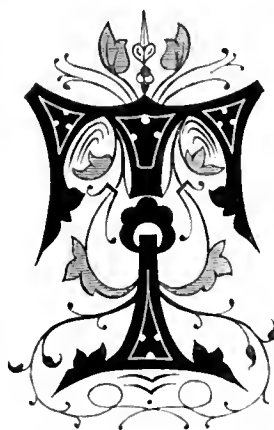
EDIT. DEL ROLLAND & SEMIONI DI LISBOA

ARTES E LETRAS



NUMERO 5—LISBOA—3.ª SERIE

A RECRUTA



ODOS assim fomos.

Todos cingimos uma vez, ao menos, uma espada de folha de Flandres, ou manobrámos, em guisa de espingarda, o pau de uma vassoura.

Por isso, quem haverá ahí que, ao pôr os olhos no bonito quadro do Boker, que a gravura, a que se refere a epigraphie d'este artigo, representa, se não recorde d'essas scenas da infancia com verdadeiras saudades?

Eu, por mim, sinto-as devéras ao lembrar-me d'esse tempo, como da idade em que tudo nos sorri, porque o sol da vida, embora mal desponte ainda, brilha no azul puro e limpo de um céu sem nuvens. Tudo são risos, sonhos e folguedos, pueris, como os annos, é verdade, mas que nos encham a alma de encanto e de alegria, porque o passado não existe ainda, e no futuro só pensa quem padece, ou quem d'elle se arreccia.

E porque então não lembra é que tão breve chega. Basta um dia. É aquelle em que a creança pensa que ha de ser homem amanhã. N'esse dia mudam-se-lhe em lagrimas os risos, em cuidados os sonhos, os folguedos em canceiras.

Para os rapazinhos da nossa gravura, porém, não raion elle ainda.

Por isso, ali os tendes, esquecidos do dia de hontem, e descuidosos do de amanhã.

São dois, o são irmãos.

Um tem, talvez, dez annos; o outro mal contará sete. O mais velho, com o direito que lhe confere a prioridade, é o instructor, ou antes o commandante. O outro é o recruta. O maior manda; o mais pequeno obedece. É lei do mundo que não tem excepção.

Ha ainda no grupo outra figura importante. É o cão, guarda fiel do lar, e companheiro inseparavel dos dois irmãos. Eil-o ali perfilado tambem, e attento á voz do instructor, como que buscando comprehendel-a para lhe obedecer na manobra.

Dos irmãos, o mais pequeno é o que parece tomar verdadeiramente a serio o papel que representa. Vêde com que firmeza, com que garbo até, elle ali está direito,

aprumado, como se devéras fôra, não um recruta lorpa e boçal, mas soldado feito e experimentado no fragor das batalhas, e nas lides da guerra! Nem sequer ousa voltar a cabeça para vêr se o seu camarada lhe segue o exemplo na marcial compostura do aspecto! Mal se atreve a lançar-lhe um olhar, e esse mesmo de soslaio. É que elle tem visto os soldados na formatura, tem-n'os observado attentamente, tem-lhes estudado o porte, a firmeza e o garbo, e considera-se já tão militar e aguerrido como elles.

Aquelle carapuço de papel que obrigou a mãe a interromper, por alguns momentos, o mourejar domestico para lh'o engenhar, tem-n'o elle por verdadeiro capacetto; a trombetasinha que o pae lhe comprou no domingo, á saída da missa, é o clarim que ha de entoar o hymno da victoria; o lenço da avó arvorado no extremo d'aquelle pau, a bandeira que se ha de desfraldar ao som festivo do clarim.

Serão os primeiros symptomas de uma vocação precoce para a vida das armas? Talvez. Quem sabe se n'aquelle corpinho, tão pequeno ainda, se occulta o germen de um Napoleão? Não irá abraçar-se no pae, pedindo-lhe que o conduza á guerra, como Annibal em Carthago, quando mal contava nove annos, mas correrá entusiasticamente, logo que a idade lh'o permitta, e sem que espere o chamamento da lei, a alistar-se como voluntario n'um regimento qualquer.

E, se um dia a guerra—a arte de destruir homens, segundo d'Alembert; a arte de defender uma nação, no dizer de Frederico o Grande—invasão com todos os seus horrores o solo da patria, terá aberto talvez o caminho da gloria, se não se te abrir antes a sepultura, porque a morte não respeita o valor, nem recua perante o heroismo.

Poderá cingir-te a fronte a corôa da gloria, illuminar-te a aureola dos heroes; mas, se caíres, trespassado pelas balas dos teus inimigos, se a morte te cerrar para sempre os olhos quando mais renhida andar a peleja; então, as mãos que ha pouco tallaram esse carapuço, buscarão inutilmente enxugar as lagrimas da mais acerba dôr que ao coração de mãe é dado experimentar, lagrimas que nem poderão regar-te a sepultura, porque será ignorada e perdida no ermo de algum descampado, como sôem ser as dos que cáem combatendo pela patria, embora heroes e martyres a um tempo!

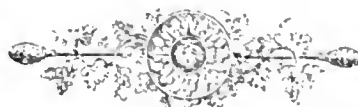
E nada d'isto te occorre!? e em nada d'isto pensas!?... Oh! felizes annos da infancia, com que saudades me lembraes!...

O outro, o mais velho, esse percebe-se-lhe no riso, no desconcertado sobraçar da espada, e na posição pouco marcial do corpo, que o não fadou Deus para a milicia. Prefere o arado á espada, o trabalho á lucta, o lourejar das searas ao brilho deslumbrante das fardas douradas. Se a patria reclamar um dia o seu braço, poderá ser Cincinnati, mas nunca Alexandre.

Irmãos pelo sangue, creados sob o mesmo tecto, com as caricias e com os beijos da mesma mãe, com as palavras e com os exemplos do mesmo pae; um propende já para a vida buligosa e aventureira do soldado; o outro parece inclinar-se para a lucta incruenta do trabalho, para a suave tranquillidade do lar, e para os sautos affectos da familia.

São assim os homens.

A. DE SOUSA E VASCONCELLOS.

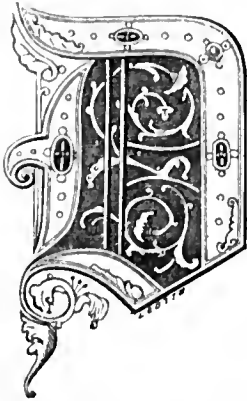


DECIMA EXPOSIÇÃO

DA

SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELLAS ARTES EM PORTUGAL

(Conclusão)



EIXARAM-ME agradavel impressão, disse eu, as flôres do sr. Alves Costa: e todavia tiveram que soffrer, e uso o vocabulo muito intencionalmente, com a comparação das *Nobres e plebeas* do sr. Chaves, que subtrahiu á natureza, ás restecas de sol, aos banhos de orvalho, o segredo de colorir a rosa e de esmaltar a tulipa. *Nobres e plebeas* é a execução esmerada de um pensamento singelamente gracioso: *plebeas* são um punhado de papoulas rubras como

os labios da aldeã, de rasteiros malmequeres, de rusticas boninas; *nobres*, um ramilhete de flôres *civilisadas*, que a estufa offerece ao baile e o rodopiar da walsa desfolha: e como se fôra intencional, o pincel do sr. Chaves deu ás *plebeas* um frescôr de tinta, que lhe não mereceu a altivez das *nobres*. As borboletas, porém, não desdenhariam nenhuma, e as *rolas*, que arrulham ternuras n'outra téla do mesmo pintor, afofariam com o setim das suas petalas o *abrigo* dos amores.

O auctor d'estes quadros mimosos é um artista de gosto, muito sabedor dos processos e esquadriñador dos segredos da arte, de pincel firme e affôito, de palheta vigorosa e temperante, e a sua vocação para o retrato não se desmentiu este anno, porque o *conde de Rio Maior* tem bom desenho, excellent *pasta* limpa e transparente, roupagens e adornos bem acabados, e só o desaprimoram algumas durezas e um certo tom *blême* na carnação, que faz lembrar a de um cadaver, mas de que eu sei que não tem culpa o retratista. O talento de composição do sr. Chaves não corresponde, porém, á sua proficiencia technica nem a aproveita como devera; e é esta mesma deficiencia, mas n'outras proporções, mas absoluta como raro se vê, que annulla fatalmente o sr. Manoel de la Cuadra, apesar de ter uma destreza manual, que parecia dever preparar-lhe melhor destino, e de possuir uma tinta feliz para encarnar as cabeças. As suas *uras* e os seus *preçosos*, todavia, só fazem appetite de comprar a realidade na praça da Figueira!

Não me deterei a fallar de uns artistas, que se fixaram na imperfeição, nem de outros que querem valer por um *talent d'agrement*, que pôde luzir nas *étagères* dos salões e nas vidraças dos quincalheiros, mas nunca nos museus de artes e nos concursos academicos; e sairia já da exposição, se não me detivesse á porta uma familia de pintores, em que se dá singularmente o atavismo do gosto. Retiro-me á familia Bordallo Pinheiro. O pae expôz este anno quatro quadriños formosos, d'aquelle seu estylo Meissonier enxertado na escola flamenga, cujo elogio está feito pelos amadores que os disputaram, melhor do que o poderia fazer a minha penna de critico, suspeita da parcialidade do amigo. A sua melhor obra, porém, e certamente a de que mais se ufana, é seu filho mais novo, Columbano Bordallo Pinheiro, aquella creança extraordinaria, que convenceria de erro quem obstinadamente descreesse das vocações, artista precoce que já de babadouro pintava os seus bonecos, e que ao cabo de um anno de

estudo na academia parece querer dispensar o restante curso!

Não é exagerado o muito que se tem contado já do talento d'este mocinho e do seu gosto pela pintura. Pôde dizer-se que começen a pintar por instincto, adivinhando o que lhe não ensinavam, descobrindo com o sentimento do colorido os segredos das combinações e da harmonia das tintas. Até hoje, o que elle aprendeu com o mestre que lhe falla lí de dentro, é mais do que aprendeu nas escolas. Mettido, porém, em methodo por seu pae e pela academia, regreou-se-lhe a espontaneidade e para logo pôde dar confirmação publica das fundadas esperanças, que incutira, nos quadriños da exposição d'este anno. São quadros de um inexperiente, de certo, e estimam-se mais pelo que promettem do que pelo que valem, mas attestam, a par da habilidade de execução, talento de compôr e um espirito de observação, que maravilha em tenros annos. *José das dornas* e o *marinheiro* são typos escolhidos na galeria humana pelas suas expressões characteristics, magistralmente traduzidas e accentuadas pelo pequeno artista, que se não enganou na escolha só por elle feita. A expressão comica é por enquanto a que mais o captiva, e é natural que assim seja: a mesma faculdade, porém, que já lhe permite descobri-la e interpreta-la, ha de incita-lo, se não se atrophiar e quando se lhe desenvolvam a intelligencia e o coração, a debuxar na carne os movimentos e os estados da alma, que por ora desconhece, e esta é, de quantas esperanças elle me incute, aquella a que mais quero, porque não sei resignar-me a vêr a arte devolver desdenhosamente a Deus o sopro com que animou o barro, e que a ella lhe devêra communicar a inspiração!

Columbano Bordallo promete, pois, ser um artista na significação mais elevada do termo, tão banalmente rebaixado á de official de officio; todavia a promessa ainda pôde ser illudida. Os desenvolvimentos prematuros não são de ordinario os mais solidos: custam ao espirito tenro um esforço que pôde arruina-lo, faze-lo parar de cansasso. Os triumphos rapidos e faceis tambem não raro produzem um contentamento, se não uma vaidade, que convida á indolencia. É preciso, pois, que o novel pintor tenha uma direcção tão cautelosa e illustrada, quanto são excepcionaes os seus dotes e a situação que esses dotes lhe crearam. Não tenho pretensões a pedagogo: creio, porém, que será perigoso estimular n'elle o desejo de produzir, porque se lhe podem inveterar defeitos que devam ser emendados pelo estudo, e corre risco de contrahir o pernicioso vicio da *fancaria*. E ninguem poderá sensatamente assegurar que cheguem a uma esplendida maturação os fructos verdes do seu talento artistico, se lh'o não adubarem com uma instrucção sadia, se o não dotarem com um cabedal de conhecimentos em que a imaginação encontre os seus materiaes, porque em chão bravio ou extenuado definham as mais vivazes plantas, e não ha luz que fulgure se faltar o oleo á lampada. Instruam-no e será um artista: se o deixarem ignorante soffrere-mos todos uma decepção cruel.

Raphael Bordallo Pinheiro, a quem a voga de caricaturista nunca persuadiu, felizmente, a abandonar o pincel, inscreveu-se no catalogo com sete aguarellas, dando testemunho do seu gosto por trabalhos mais serios do que os epigrammas do lapis.

Com o pincel, porém, como com o lapis, Raphael Bordallo é um folhetinista da arte. Espirituoso antes de tudo, as concepções profundas e laboriosas repugnam á sua intelligencia antes brilhante do que solida, mais critica do que creadora, e a estas qualidades se deve, creio eu, a predilecção que conserva pela aguarella, genero ou pro-

cesso tão merecidamente decadente. É o mais azado a fixar as suas impressões fugazes e os seus conceitos agudados, e o que melhor lhe satisfaz a precisão moral de produzir com rapidez. Se a tinta de agua tem jus a ser usada, é effectivamente nos assumptos ligeiros que são a sua especialidade: na paisagem é inadmissivel. Corresponde, para assim dizer, n'outra arte, ao verso de pequena medida, em que se não escreve uma epopeia, como se não escreve um madrigal ou uma satyra no tardo endecassyllabo.

Eu diria, pois, a Raphael Bordallo que renunciasse a aguarella pelo pintura a oleo, se tambem fosse licito dizer a Julio Machado que redigisse um tratado de philosophia; mas assim como não quizera ficar sem folhetinista nem philosopho, temo que se perca a espontaneidade do aguarellista na empreza infeliz de contrafazer a indole. Aceito-o, portanto, qual é, e aceito-o sem deprecição. Não foi desastradamente que o approximei de Julio Machado: têm logares analogos nas officinas de que são operarios. São ambos observadores perspicazes e narradores chistosos, a ambos captiva o pittoresco dos typos e dos costumes populares, e creio que as notas da carteira de um podem ser transcriptas pelo outro no seu album. Os *fadistas* do Bordallo parecem illustrações dos folhetins de Machado, tão intelligentes e conscienciosos que até hajam reproduzido, com o pensamento, a elegancia, a correção e a naturalidade do estylo do texto. Do *aragonez*, a melhor das aguarollas expostas, podia crêr-se que fosse uma impressão commum de viagem a Hespanha, e as margens brancas do quadro estão a pedir o cursivo do escriptor, como commentario á imagem animada do pintor. Estão em afinação tão perfeita que deviam colaborar, e quando algum d'elles queira saber com verdade o conceito que merece da critica, só tem que fazer-se critico e julgar do outro!

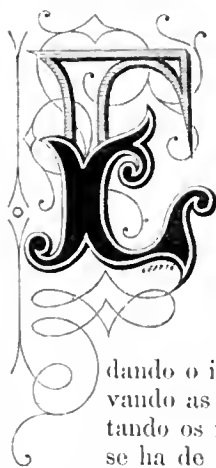
Já que me encontrei com Raphael Bordallo, com elle saírei da exposição, para que os seus chistes apaguem as impressões tristes da decadencia da arte. É elle, porém, que me faz parar diante das gravuras do sr. Severini, que em boa parte lhe devemos, e admirar o primor, o acabamento, a finura das *janellas de um portico em Valladolid*. Os gravadores celebres de Allemanha e de Inglaterra não se lhe avantajam: oxalá que faça escola entre nós, onde não escasseiam aptidões para o genero, mas onde se ignora o melhor dos seus preceitos e processos. A gravura está hoje recebendo em Portugal um incitamento que por muitos annos lhe foi negado, e já não póde desculpar-se de não progredir com a falta de exercitar-se: se um artista estrangeiro encontrou aqui trabalho tão de sobra que cançaria duas mãos, os nacionaes só poderiam estar ociosos, que o não estão, por impericia, que o gosto publico já distingue e castiga.

Oxalá tivesse egual incitamento a pintura, para que eu pudesse ser mais severo do que fui, para com os pintores. Não o tem, todavia, está sendo um mister ingrato, e é por isso que apesar de lhe lastimar a ruina, louvei não poucos dos seus cultores. Não me contradisse: louvei em cada um os merecimentos relativos, relativos aos defeitos de outros, á falta de gosto publico, aos vicios da educação academica, ás más condições do tempo para a produção artistica. Usei de duas bitolas ou de dois criterios, um para a arte que não quiz rebaixar, outro para os artistas, que não devia despremiar dos esforços sinceros e do trabalho consciencioso. Cumpri para com elles o dever da critica, como o define About: *de les harceler à toute heure et de leur pousser l'épée dans les reins, jusqu'à ce qu'ils aient sauté le fossé que les sépare de la perfection*, mas se não quiz diminuir a seus olhos a extensão

do salto, tambem não desejei persuadi-los de que não têm nem podem cobrar forças para saltar. Adquiram-nas com a gymnastica do trabalho, desenvolva-as a academia nos seus discipulos, illustrando lhes o espirito, e talvez haja de se desmentir o conceito, que para muitos é dogma de desesperança, de que a arte é planta exotica n'este solo, onde nem as transplantações de Van-Eyck e de David puderam aclimar-se, que não delinhassem na primeira geração!

A. ENNES.

TODOS ARTISTAS!



XCELENTE familia.

Allema e *dilletante*.

Dizem então que elles só se applicam a cousas graves e subjectivas: — um mero palavriado da critica! Para-fusam no desconhecido com uma sinceridade que vem de entranhas a dentro; mas tambem gostam de uma copada de cerveja em cima de um prato de *chou-crôte*.

É modo de fallar, descrevel-os sempre na investigação microscopica, sondando o intestino sabio do inintelligivel, desbravando as charneças da insciencia latina, e plantando os nabos pyramidaes e symbolicos de que se ha de repastar o universo. Não senhores. Não me vão cuidar que do Rheno para alem estão todos, *velhos e moços, donas e donzellas*, estilando verdades superlativas pelo alambique do cerebro. Isso é uma peta dos que citam Ewald Christian von Kleist, sem nunca lhe terem lido os versos, nem mesmo em traducções pascasias, e que apregoam Blücher como um semi-deus, só porque de lodo de duas traições lhe saiu a perola de um exito.

Desenganem-se, os allemães são simplesmente homens. E as allemãs. . . umas senhoras da côr dos lyrios, fazendo lembrar as ondinas, com unhas tranças que valem o ouro, e a pupilla fresca, seismadora, limpida, mais para o extase do amor do que para a caturrice das philosophias.

Estes lembraram-se de improvisar um pequenino concerto.

Basta o piano e o *flageolet*.

Estão repimpados e satisfeitos, attentos á execução, e com um regalo d'alma que chega a espraizar-se em sorrisos. O que se encosta junto á tocadora tem o typo de *maestro*, de um Gluck em pequeno formato. Se me não engano ensinou os primeiros elementos da solfa áquella gentil creaturinha de braços torneados e olhar vivo que tanto procura esmerar-se, para lhe não provocar censuras. Elle tem o queixo entre os dedos — o que denota concentraçõ de idéas, — e seisma. . . que quando ella era pequena ainda lhe não caíam nos hombros aquelles anneis castanhos.

Artista! . . .

Agora tocam uma pagina suave, melodiosa, em *ton menor* que é o mais terno, e sem cuidarem nos nadinhas da terra.

O do *flageolet*, curvo, pendente, embebido, até chegou a cerrar os olhos n'um certo extremo de voluptuosidade com quatro *bemoes* attenuantes.

Quem domina, porém, a scena, quem está ali todo, todo e multiplicado, — é o que de pernas cruzadas e mãos no abdomen inclina um tanto a cabeça ao peso da admiração, como as flôres se inclinam ao peso do orvalho.





De vez em quando ha um murmúrio como o das vespas na alfazema, e distingue-se um *bravo*, o qual se afunda logo n'um *psiu* respeitoso.

Sejamos imparciaes: é uma cousa onde palpita evidentemente o character allemão,—na musica. Estão ali sinceros, desaffectedados, nem nenhuma posturas de vermelhão metaphysico.

São melancolicos e devaneadores, repassados de uma tristeza branda que traz memorias do pôr do sol no outono, affogando de relance o cimo das carvalheiras. O que n'elles abunda, principalmente, é um vago sentimento da natureza,—o que quer que seja de um pantheismo ineffável.

A Italia, com certeza, é a patria do bello em todas as suas expressões; mas o bello que nasceu e emplumou ao sôpro das auras napolitanas, é esplendido, deslumbrante, alado, caricioso, como o cysne de Leda, mas tambem sensual como elle. Senão, vejam-me o que ha de profundamente distincto entre a inspiração de Weber e a de Rossini, por exemplo. E quando citô estes nomes faço o mesmo que tocar em dois pontos culminantes.

Aquelle é romanesco e fantasioso,—alma propensa a uma nostalgia indefinida, coração nas ancias de um ideal inaccessible; este é um tanto pagão,—mas do bom paganismo das selvas gregas, todo elle povoado de rumores e de lascivas confidenceras.

Longe de mim o querer a arte com o *delgado cendal* que o nosso velho épico tecer com tão garridos matizes; mas, chamente,—e aqui offereço os rins aos cilicios,—se as musas devem de ter um recesso, eu antes quero os de Chypre que os da Thebaida. E não me castigue Deus por isso!—

Quando a musica termina com uma harmonia poderosa e inesperada, as aclamações resoam, o *maestro* passa mandado de soltura á maxilla, e estende a mão, até ahi contrahida, para estreitar a da sua alumna esbeltissima.

—Um admiravel pensamento de Méhul,—diz elle lambendo os beiços, como quem acaba de tragar um favo.

—E executado por dedos de prata,—acrescenta o homem gordo,—que pelas banhas se está vendo que é frascario de sua pessoa, e incapaz de largar ensejo á damice.

O do *flageolet* mette o instrumento no sacco,—e os creados,—que já se lobrigam por entre portas,—de cara sollicita e bandeirão em punho,—entram para servir o auditorio.

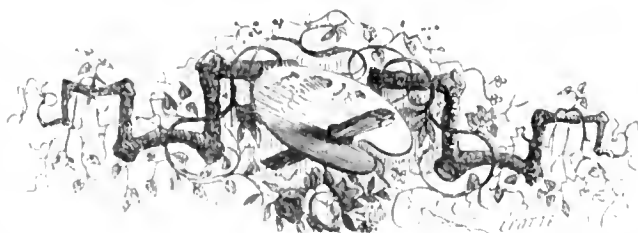
As cadeiras dispõem-se em conveniente semi-circulo, as senhoras do fundo vão abraçar a pianista, o dono da casa,—que parece ser o que está conversando com ellas,—faz com que os creados se tornem aguçosos no serviço, e o homem do queixo na dextra, murmura como quem preza mais a arte do que as fatias torradas:

—Depois d'isso mais um bocadinho do meu Haydn, de Mendelssohn, de qualquer dos meus antigos immortaes.

—Cujos louros reverdecem ao contacto d'estas mãos preciosas...—addiciona o cavalheiro gordo, e sorri-se.

Ella, a comprimentada,—cora ao de leve e agradece. Todos artistas!

E. A. VIDAL.



O MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS

III

(Continuação)



o claustro admiram-se seis laranjeiras muito corpulentas: são bellissimas arvores, e das mais desenvolvidas que temos visto: devem ser antiquissimas.

Ao centro do claustro está um tanque com o seu ropucho, que é de muita antiguidade. A taça sobre o tanque é inteiriça, e de boa proporção; assenta em quatro columnas, uma ao centro e tres dos lados. A do centro é singular. O seu capitel compõe-se de seis figuras de pouco mais de quatro centimetros de altura, na acção de sustentar a taça, e com umas fitas e n'estas umas legendas. Só podémos lêr tres das legendas, que são em letra gothica: uma diz—*Muito tem pesado*;—outra—*Não posso mais*;—e a terceira—*Ajuda-me senão rebento*.

As demais tres columnas têm capiteis de folha de acantho. O estylo nos parece anterior ao chamado manuelino. Seria o tanque, porventura, do jardim da casa de Alvaro da Cunha?

Parece-nos que é obra caracteristica, e do certo unica, no seu genero, em Lisboa, digna de maior apreço e de cuidadosa conservação.

Ha no claustro bastantes capellas. Em uma dellas, nota-se um azulejo antigo, em que é para admirar o brilho do vidrado. Teve o seu quadro, que lhe foi tirado não ha muitos annos!

Em outra capella, cremos que do Senhor Morto, o retable do altar é de magnifica talha, e em perfeito estado de conservação. Aqui está, na parede fronteira ao altar, um magnifico quadro, que representa *S. Francisco recebendo as chagas de Christo*, obra de Bento Coelho, celebre pintor do seculo xvii. A pintura é energica e expressiva, e acha-se mui bem conservada. É para lastimar que este quadro não vá para a galeria nacional; tambem corria o risco de lá se perder, como acontece aos que ali se acham. A capella é escura; o sr. Nepomnceno tencionava mandar o quadro para a igreja, e já ouvimos que assim se fez, estando collocado por modo, que pôde ser visto com soffrivel luz.

Tambem nas paredes do claustro se vêem umas preciosas porcelanas, das chamadas, de Robio. Ao pé da sepultura da rainha, ha uma mui graciosa; é uma linda grinalda com cabeças de seraphins, bem modelados, em redor.

Outra porcelana, é uma cruz com dois anjos, porém já mutilados, talvez pelo exagerado escrupulo de alguma abbadessa, ou de algum director espirital das freiras.

A capella da Senhora das Angustias, no claustro, é pouco funda. Tem um quadro, que representa a invocação da capella; consta que foi dadiua do imperador Maximiliano a sua prima, a rainha fundadora. Como hoje se vê, é obra sem merito. A talha do altar é ordinaria. Parece que andarão ali vandalias restaurações.

Junto da porta da casa do capitulo moderna, no claus-

tro, havia uma pia para a agua benta, obra da primeira construcção. Estava mettida na parede; foi arrancada, mas ainda se conserva. Tem quatro faces: em uma, o brazão portuguez duplicado, em outra uma inscripção que se não lê, e nas duas restantes, a divisa de el-rei D. João II, o Pelicano, e a divisa da rainha sua mulher, a Rede do pescador.

A casa do capitulo moderna, era a primitiva igreja. É de tres naves. Tem quatro altares, com quadros antigos deteriorados, mas alguns de merito; n'esta casa, estava o portal primitivo, hoje restituído ao fim para que fôra fabricado.

Na antiga casa do capitulo existe o tecto, e mui bem conservado, de alguma sala da casa de Alvaro da Cunha. É um curioso specimen da pintura decorativa do seculo xv. Lá se vê em redor a cercadura, em fôrma de cordão, vulgar na architectura da época, mas que ha de ser, conforme a devota tradição, o cordão de S. Francisco.

O côro antigo é tambem mui enrioso. A pintura do tecto é contemporanea da fabrica do mosteiro, é em pequenos quadros de arabescos, com as divisas do rei e da rainha fundadora, sua mulher. O chão é de ladrilho, com medalhões de azulejo, em admiravel estado de conservação: é da fabrica primitiva, e como se observa em edificios dos fins do seculo xv e principios do xvi. O côro estava coberto de soalho, por isso se acha tão bem conservado. A casa é bastante escura. Tem duas columnas de pedra ao centro; e hoje está escorada, por causa de uma parede superior. Oxalá se conserve, porque somos muito pobres de monumentos d'esta ordem.

O refeitório era uma casa sem qualquer caracter distinctivo: apenas sobre a porta da entrada ha uma porcelana de Robio, que figura um portico, com anjos arregaçando uma cortina. Está deteriorada, porque moderadamente a quizeram arrancar; segundo parece, foi um especulador, que conseguiu diferentes objectos valiosos, existentes no mosteiro, a troco de certa quantia que dera ás pobres freiras.

Quando visitámos o arruinado edificio, no refeitório estavam diferentes vasilhas de cobre e de barro, muito antigas, do serviço da cozinha do mosteiro; havia louça azul, preta e branca que era bastante velha; um grande candieiro de latão, de tres lumes, antiquissimo; louça das Caldas, hoje rarissima, assim como dos arredores de Lisboa, notavel, por ter o barro mui pouca espessura. Emfim, havia ali curiosas amostras de antigos moveis de cozinha.

O ante-côro tem as paredes revestidas de optimos azulejos representando eremitas e passos das vidas d'elles. Nas paredes ha quatro quadros grandes, e dois sobre as portas. Alguns d'elles têm merecimento. Parece que são obra de André Gonçalves, que floresceu nos primeiros annos do seculo passado. O tecto é apainellado de quadros, com molduras de talha. Os quadros do tecto são onze, e representam passos da vida de Santo Antonio, e de eremitas.

No ante-côro admirava-se o preciosissimo presepio, hoje desfeito, achando-se as figuras arrecadadas n'uma casa do claustro. Estava o presepio n'um armario, que tem 2^m,10 de fundo. Este presepio era, e é, uma obra de arte singular, pela belleza da esculptura das figuras, pela excellente disposição dos grupos, e mostra ser composição, que só um artista de subido merito poderia realisar. Estamos certos de que o sr. Nepomuceno o restaurará, conservando-lhe toda a sua primitiva formosura. É homem intelligente e possui bom gosto artistico.

O presepio tem tres planos, no primeiro está o berço, no segundo, mais elevado, os seraphins, no terceiro, o

mais alto, os diferentes grupos, e remata com uma gloria de seraphins.

O Menino, no seu berço, formado de troncos, é modelado com a maior perfeição.

É mimosissimo o grupo de seraphins, no segundo plano, n'uma gruta; um toca cythara, outro está como em extase. Não pôde imaginar-se cousa mais formosa: é verdadeiramente angelica a expressão, e perfectissimo o modelado.

No fundo vêem-se muitos grupos acavallo, e os reis, a fonte da Samaritana, e muitas outras figuras, dispostas com infinita arte.

É um enlevo contemplar esta primorosa obra de arte.

As figuras são de um barro mui duro e pesado.

Querem que este presepio seja obra do seculo xviii, e feita em Portugal, pelo escultor José d'Almeida, ou outro, nos principios do dito seculo. Não pôde ser. Não existem d'esses escultores obras algumas, que possam confirmar essa opinião, antes a contradizem formalmente.

O presepio deve ser obra do seculo xvi, d'essa época em que as artes tanto floresceram.

Tem o presepio na frente uma columnata, e no intercolumnio vê-se um busto, o que logo denota, que não pôde ser obra do seculo xviii, porque destoa da architectura d'esse tempo, mas aliás propria da do seculo xvi. Além de que, as figuras vestem á moda italiana.

Nas *Praticas das foqueiras*, de 1638, já citadas, diz-se que as foqueiras se faziam n'uma casa junto ao ante-côro, onde é o *logar do presepio*. Portanto se vê que o presepio já estava no ante-côro, n'aquelle anno; não prova isto, é certo, que fosse o mesmo que hoje se admira, mas tudo indica que a esse tempo já existia no mosteiro aquella obra prima de um engenho superior.

Ao lado do presepio ha dois armarios, onde se arrecadam as jarras de serviço dos altares: ha ali magnificos exemplares de primitivo Japão, China, Sevres, e da antiga fabrica lisbonense do Rato.

Em face do presepio, está um altar da Senhora da Graça, com magnifica talha dourada.

O côro encanta quem ali entra.

É uma casa riquissima de obra de talha e pinturas. Tem nas paredes dezoito quadros: na parede fronteira á entrada, de um e outro lado, entre os retratos d'el-rei D. João III e sua mulher a rainha D. Catharina, o grande panorama de Jerusalem, com os passos da Paixão, dadição do imperador Maximiliano, á rainha fundadora, e mais outras pinturas antigas de grande valor artistico. No panorama de Jerusalem, vê-se uma religiosa ajoelhada, é o retrato da piedosa D. Leonor, que ella mesma ali mandou pintar. É o unico retrato que se conhece da excelsa senhora, e não ha duvida que é authenticico.

O tecto é tambem apainellado de quadros, com suas molduras de bella talha: são quinze os quadros.

Tem duas ordens de cadeiras no côro, em numero de sessenta e duas, e ao centro uma rica estante.

As paredes por baixo dos quadros são de talha, graciosamente recortada com vidraças formando uns armarios, onde se arrecadam numerosas reliquias. Ali está o sudario, a que já nos referimos, uma estatueta de S. Lourenço, esculptura muito antiga e tosea, mas que tem as roupas admiravelmente pintadas: um Christo amarrado á columna, e dois carrascos com os açóites, em metal, sobre ebano, e com duas medalhas, obra perfeita; e muitos outros objectos curiosos.

Sobre a grade do côro ha uma maclineta, onde era exposto o Sacramento; é do mais elegante desenho e da mais primorosa execução. É uma peça de muito merecimento.

O côro tem sufficiente luz, mas como é muito alto, a luz está como velada, e redobra o effeito geral da decoração da casa. Comprehendem-se ali os extasis do acrisolado ascetismo das filhas de Santa Clara. No silencio, no centro d'aquelle devoto esplendor era facil aos espiritos fascinados pela superstição, ou feridos pelas adversidades da vida, reconcentrarem-se no pensamento de Deus, que lhes appareceria ou como um ente terrivel, ou como o Senhor de toda a consolação.

Existem ainda no mosteiro differentes objectos valiosos, como o relicario com o Espinho da Corôa de Christo, que pertenceu a el-rei D. Duarte, avô da rainha, o qual, diz a lenda, o perdera: passados muitos annos um venerando velho o veio entregar á rainha, dizendo que o punha nas suas reaes mãos, por ser da corôa d'estes reinos.

É um preciosissimo objecto de ouro: é como um portico, e no centro está o Espinho; o peso do ouro orça por 1.000\$000 réis; o lavor é do melhor estylo. Escapou aos vandalas. Alem d'isto é uma memoria da excellente rainha D. Leonor, que por seu testamento, com muitos outros objectos, o legou ao mosteiro, circumstancia que lhe augmenta o valor.

É tambem obra primorosa um Christo esculpido em marfim. Possui ainda o mosteiro riquissimos paramentos, e que merecerão a admiração de todos os que os virem.

Deviamos concluir com a descripção da igreja e sacristia, mas fíará isto para mais tarde, quando se achem mais adiantadas as obras da restauração do templo. Tudo o que ali está se deve ás diligencias do padre saeristão mór, frei Antonio de Santa Engracia, e depois ao padre José Pacheco, que morreu em 1756, o qual, com esmolos, conseguiu realizar na igreja, sacristia, côro e ante côro, obras importantissimas e realmente dirigidas com o mais apurado gosto, conforme a arte d'aquelles tempos.

Por esta brevissima exposição, conhecerão os leitores quanto ha que admirar no antigo mosteiro da Madre de Deus, no monumento da esclarecida piedade da rainha D. Leonor. Quando esteja concluida a restauração do edificio, e estabelecido o museu, como projecta o provedor do asylo de D. Maria Pia, o sr. Torres Pereira, será um dos pontos obrigados de todos que quizerem observar o que ha notavel em Lisboa, e advirta-se que já não existem muitas cousas preciosas, que vem referidas na *Chronica seraphica*, de frei Jeronymo de Belem.

J. RIBEIRO GUIMARÃES.

MAGDALENA

I

HA mais alegrias nos céos, ha mais jubilos na siderea mansão, quando ascende aos braços de Deus um peccador contricto do que quando se salva um justo.

São estas as palavras da escriptura, supremo alento da fragil humanidade, amparo e consolação dos miserimos mortaes que na senda da vida estão a cada passo tropeçando nas tentações do vicio.

Não tem conta as variações thematicas, que se hão feito sobre este texto da escriptura.

Moralistas, prégadores e philosophos, desde o infimo e rude exorcista de aldeia, que no pulpito do presbyterio sertanejo estruje os ares e fere os tympanos das broneas ovelhas, até aos Vieiras e Bossuets que tiveram por dili-

cil encargo mostrar aos reis e potentados da terra, que todos somos formados da mesma argila vil de Adão, e que perante o peccado reina a mais absoluta igualdade; todos os exegetas tem paraphraseado, annotado, amplificado essas palavras, que constituem uma das sentenças mais aphoreticas da moral pratica do christianismo.

Não ha sermonario *ad usum predicatorum*, em cujas folhas não rebrilhe o texto evangelico.

Um momento de contricção, ainda que seja quando as negras e tremendas sombras da morte invadem ameaçadoras e toldam á vista baça e vitrea do moribundo as ridentes perspectivas da vida; uma unica scentella de amor divino, nos derradeiros instantes, quando o sepulchro está prestes a devorar o que ha de terreno no homem e o juiz supremo apparella a balança em que ha de pezar as boas e as más acções; isso e só isso basta para arrancar das garras de Satanaz e dos eternos tormentos, a ovelha tresmalhada e montezinha, que se andou conspurcando em feias temporalidades e em diabolicas e mundanas fruições!

Uma lagrima que deslize pelas faces do moribundo é uma gemina de thesouros inexauriveis de graça efficiente e remissoria; e a alma, já depurada e sem macula, devestido o involuero carnal, surgirá envolta em candidas roupagens, cercada de resplandores, banhada de luz serena, coroada de immarecessiveis flôres, como a *Beatrice*, por entre as choreas angelicas n'essas bemaventuradas campinas por onde perpassam, embaladas pelas ondulações do ether, as sombras dos eleitos.

O dogma e a lenda, a philosophia e a fé, a tradição e a auctoridade, resumem-se n'esta concepção da remissão do peccado, que é balsamo suave para as almas timiditas e receosas.

Não quero eu disentir á luz da philosophia natural este principio fundamental do christianismo, que não é senão uma herança aperfeiçoada de todas as religiões, cujos dogmas são virtual e essencialmente identicos.

A religiosidade, quer seja uma faculdade natural, o que ainda se não demonstrou, quer seja uma faculdade adquirida, como pretende, com boas rasões, a escola positivista, exercita-se sobre um certo numero de bases, que são as mesmas para todas as religiões, variando apenas na extensão, segundo o grau de adiantamento das sociedades.

II

Acceitemos sem diseussão o dogma da remissão a troco de uma lagrima contricta.

Que de alegrias mais intimas haverá no céo, quando cruzar os umbraes da mystica cidade a alma de uma peccadôra, de uma mulher que foi bella, ardente, lasciva; que teve uns olhos languidos, onde se espelhavam paixões que devoram; uns seios d'onde irrompiam ardores nunca extinctos; uns cabellos, por onde folgavam brisas travêssas, que traziam nas azas emanações inebriantes; uns labios que fremiam e exhalavam um bafejar calido capaz de incender e tisnar em chammas diabolicas ao mais piedoso eremita da Thebaida, que, n'um momento de fatidico delirio, trocaria por um beijo os jejuns e as penitencias do deserto e as promessas de uma eternidade de celestes gosos.

Tal era Maria Magdalena, a sacerdotiza dos prazeres carnaes, a formosa filha de Astarte, que muito foi perdoada pelo muito que amou.

Era uma belleza possante.

Formas estatuarias, harmonia correcta de contornos, flexibilidade e valentia de musculatura; carnação esplendida, largos hombros, olhar igneo, pés que cabiam



MA FRANCISCHINI DEL. X

AH PAYNE SC.

MAGDALENA.

no calix de um lyrio, mão que desenhava o tecido nervoso, atravez de regrada adiposidade epidérmica, cabellos que a envolviam, como uma túnica de Niobe.

É este o typo ideal da mulher que arde em impudicos ardores, sob o sol torrido da Judéa, nas margens adustas do Jordão, á sombra dos cedros resinosos do Libano, reclinada em rosas fragrantas de Jerichó.

Todas as heroínas bíblicas têm laços de commum parentesco; em todas se divisam os mesmos caracteres; são todas a mulher da Galiléa, da raça escolhida, do povo chefe das nações semíticas.

Que differença entre Magdalena, a apostolisa dos alegres prazeres, dos loucos folgedos, das lubricas danças, das saturnaes aristocráticas, em que só tinham acolhida os sacerdotes, os levitas, os pontífices, os doutores da lei e os ricos mercadores, e essas creações rachíticas e enfuzadas das sociedades modernas, esses *cocodèss* miserandas, doentias, pallidas, emmagrecidas pelo *champagne*, pelas vigílias eróticas, pelas orgias ignobeis, cujo typo é a *dame aux camélias*, exemplar hybridó e mesquinho de uma bastardia incestuosa!

A Magdalena antiga, como todas as suas congéneres, como Sapho e Aspasia, como Semiramis e Cleopatra, como Lesbia e Julia, eram as mulheres do prazer, que acorrentavam á sua carroça triumphal os príncipes, os senadores, os poetas, e nas horas furtivas da noite saíam dos palácios marmoreos e trilhando ruas escusas, entregavam-se ao escravo no portal de algum templo da Venus Aphrodito.

Magdalena é um mixto de leão e gazella, tem os rugidos potentes e as suaves delicadezas.

As Magdalenas de hoje são vorazes como o abutre en gaiolado; repastam-se na carniça podre dos filhos prodigos e escrevem o *billet-doux* com orthographia de cozinheira, em vez de estudar, como Zenobia, o tratado do Sublime com Longino.

Não bebem, como Cleopatra, perolas dissolvidas, ou as cinzas do primeiro amante, como Artemisa.

Não se arrependem aos pés de Christo, nem varrem com os cabellos desgrenhados os lagedos humidos dos templos. Quando chega o momento da decadencia, descem do palacio para o prostibulo, e porfim morrem no hospital e entregam o corpo ao *bisturi* do *carabin*.

Entregamos este ponto aos physiólogos sociaes.

III

A grande e formosa peccadora já tinha por certo ouvido fallar de um moço nazareno, a quem a turba dos desherdados acclamára como rei; que prégava a igualdade de todos os homens e a remissão de todos os peccados; que se dizia filho de Deus, o Messias annunciado pelos prophetas, o redemptor e o libertador da humanidade escrava.

Que de curiosidades femininas não saltariam a mente da bella peccadora? Como ella arderia em ancias de olhar fito para esse Deus-humanado, que fazia do amor e do sentimento os baptisterios lustraes de todos as maculas? Quem sabe se nos seios turgidos não se aninhou o pensamento de vencer o nazareno, para quem as tentações do proprio satanaz eram imbelles?

Um dia encontraram-se.

Devia de ser uma scena dramatica. A mulher, que se requemava ao fogo ardente das chammas impuras, caiu, tocada por um raio divino aos pés d'aquelle que, morrendo immaculado, fundava a cidade de Deus e a redempção dos homens.

Prostrou-se a bella arrependida.

Pela primeira vez lhe deslisaram na face lagrimas de puro affecto.

O olhar dôce e suave de Christo rompeu a triplice couraça da volupia nunca saciada.

Tocara-a o dedo de Deus; operara-se o milagre pelo amor. E a mulher perdida, a sacerdotisa dos carnaes prazeres, caída no chão, não era já a lubrica e possante prostituta, senão a Magdalena arrependida e transfigurada.

Tão divina cousa, parcella tão sublimada do fogo celeste é o amor que até nos seus transvios impudicos pelos lodaços não perde a sua energica e prolifica virtualidade.

E apontando para a peccadora inconsolavel, que em prantos lavava os passados erros, e atirava para longe com as vestes rossagantes, com as pedrarias, com os perfumes da Arabia, com a myrrha e o narilo, com todos os ornamentos de uma belleza percível, Christo exclamava—muito lhe será perdoado, porque muito amou.

Seculos depois, uma freira hespanhola, Santa Thereza, invocando a Christo, ao seu esposo espiritual, fazia do amor extatico o manancial da redempção, e no meio das suas ardentissimas preces, exclamava afflicta:

«*Ó Redemptor mio, ó esposo mio, que no puede mi coraçõ llegar aqui, sin fatigarse mucho*».

A carmelita, que nunca tropeçara, professava no claustro a mesma religião de amor ardente, que fôra a redempção de Magdalena.

A peccadora, que se arrependeu, é a personificação de todas as naturezas femininas verdadeiramente superiores para quem o amor é condição essencial de existencia. Amor profano ou religioso, é força que do coração se precipite a caudal reprezada.

Magdalena, a arrependida, a mulher que enxugou as ultimas lagrimas de Christo, é portanto um dos ideaes da arte, que ora a representa no primeiro periodo, na plenitude da belleza e do prazer; ora no periodo da transição, quando, sob o influxo de Christo, sente os primeiros rebates da contricção; ora no ultimo periodo, quando pelas faces pallidas e escaveiradas lhe escorrem prantos amargos e assiste a esse immenso drama do Golgotha, que é o ruir do velho mundo e o adito da nova era.

Não ha escola que não conte uma obra prima, em que Magdalena é protagonista.

A gravura, que tem por texto esta singela apreciação, é copia de um magnifico quadro da selecta galeria de Dresde.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

O TEU NOME

Vê tu que devaneio!
vê tu que enlevo o men!
em tudo o nome teu,
em toda a parte o leio!

No livro que folheio,
na flôr, no sol, no céu,
quem é que o escreveu
que é sempre o meu enleio?

Até de noite, quando
ás vezes sonho, o vejo
e o estou pronunciendo...

E vale-me um harpejo
suave, meigo, brando,
da musica d'um beijo!

ALFREDO CAMPOS.

¹ Madre Thereza de Jesus, Caminho de Perfection, capítulo 1.

Na Rabbiana

(A DAMNADA)

NOVELLA DE PAULO HEYSE

(Traduzida do allemão)

(Conclusão)



STAVAM ainda pallidos e silenciosos quando se aproximaram da terra, e quando começaram a encontrar os pescadores que iam durante a noite lançar as suas redes.

Ao passar chamaram Antonino e zombaram de Laurella, mas nenhum dos dois respondeu.

O sol ia ainda alto sobre Procida quando chegaram á praia.

Laurella sacudiu o vestido que estava quasi sêcco e saltou em terra.

A velha que os havia visto embarcar de manhã estava outra vez no terrago.

—Que tens tu na mão Tonico? gritou-lhe ella de cima. Jesus Christo nos valha! o barco vem cheio de sangue!

—Não foi nada, comadre, respondeu o barqueiro. Rasguei-me n'um prego que estava mal pregado. Amanhã já se não vê nada. O sangue é da minha mão. Parece peor do que é.

—Vou pôr-te umas ervas em cima, compadre, espera.

—Não vale a pena, comadre. Isto já está curado. Amanhã estará prompto e esquecido. Tenho uma pelle do diabo que cresce debaixo das feridas.

—Addio, disse Laurella, e dirigiu-se para o carreiro que ia para cima da costa.

—Boas noites—respondeu o barqueiro sem olhar para ella.

Tirou depois do barco osapparelhos e os cabazes, e subiu com elles os degraus de pedra da sua cabana.

Estava só nos dois quartos da sua cabana e passeava de um lado para o outro. Pela janella aberta, e que apenas podia fechar-se com uma adufa de pau, entrava um ar mais fresco que o que costumava vir do mar sereno. Sentia-se bem n'aquella solidão. Parou durante muito tempo diante de uma imagem pequena da Madõna e olhou para a aureola de estrellas de papel prateado, que estava pegada de roda, sem que pensasse em resar.

Que havia de elle, já sem esperança, pedir ao céu!

Parecia-lhe que aquelle dia não tinha fim, e desejava a noite porque estava cansado, e o sangue perdido tinha-o enfraquecido mais do que elle queria confessar. Como sentiu na mão uma dôr forte, sentou-se n'um banco e tirou a ligadura.

O sangue comprimido até então tornou a correr; a ferida fizera inchar muito a mão. Lavou-a e refrescou-a com agua durante muito tempo. Quando depois tornou a olhal-a, viu distinctamente na sua carne o signal dos dentes de Laurella.

—Ella tinha razão, tinha, murmurou Antonino—amanhã hei de mandar-lhe o lenço por Giuseppe. Não quero que me torne a vêr.

Lavou então cuidadosamente o lenço, estendeu-o ao sol, e depois de haver ligado outra vez a mão ferida o melhor que pôde com a mão esquerda e os dentes, deitou-se na cama e fechou os olhos.

O luar e a dôr da mão tiraram-n'o no fim de tempo da modorra em que havia caído. Levantou-se para acalmar com agua o ardor do sangue, quando ouviu que alguém lhe tocava na porta.

—Quem é? perguntou elle, abrindo-a.

Viu Laurella diante de si.

Esta entrou sem dizer cousa alguma. Tirou o lenço que trazia na cabeça, pôz sobre a mesa um cabaz e soltou um profundo suspiro.

—Vens buscar o teu lenço? disse o barqueiro—escusavas de ter esse trabalho, tinha tenção de t'o mandar amanhã de manhã por Giuseppe.

—Não vim cá por causa do meu lenço, respondeu ella rapidamente. Fui á serra apanhar ervas que são boas para as feridas. Aqui estão—e levantou a tampa do cabaz.

—Tiveste muito incommodo, disse Antonino sem o mais pequeno signal de ironia ou amargura, tiveste na verdade muito incommodo. Isto vae melhor, muito melhor; e que o não fosse, a culpa toda foi minha. Que vieste aqui fazer a esta hora? Se alguém te visse! Não sabes como todos fallam, mesmo sem ter de que?

—Não me importa—respondeu a rapariga. Quero vêr a tua mão e pôr-lhe em cima estas ervas. Tu não pôdes fazêl-o só com a esquerda.

—Já te disse que não é preciso.

—Deixa vêr.

E pegou-lhe na mão, que não pôde defender-se mais tempo. Quando ella lhe tirou o panno que a envolvia, e que viu a grande inflammação, estremeceu o disse:

—Jesus! Maria!

—Está menos inchada, disse o pescador—em vinte e quatro horas põe-se boa.

A rapariga abanou a cabeça.

—Com isto não pôdes remar senão com a mão esquerda.

—É só até depois de amanhã provavelmente. A final que diabo me importa!

Laurella havia arranjado uma bacia para tornar a lavar a ferida. Antonino deixou-se tratar como se fosse uma creança. Depois ella pôz-lhe em cima da ferida as folhas das boas ervas que logo lhe tiraram todo o ardor, e ligou a mão com bocados de panno fino, que trouxera.

—Obrigado, disse-lhe elle quando Laurella acabou; muito obrigado, e se queres ainda fazer-me um favor, perdoa-me a minha loucura, e esquece tudo o que hoje te disse e te fiz. Não sei como aquillo me veio. Tu nunca me deste causa para semelhantes cousas. Verás que nunca mais has de ouvir da minha bôca cousa alguma que te desgoste.

—Sou eu que tenho que te pedir perdão, disse Laurella, eu devia ser melhor para ti, e não te irritar com as minhas estupidas palavras, quanto mais fazer-te esta horrivel ferida.

—Era tempo e muito tempo que eu voltasse a mim, não me fizeste mal algum. Não me falles de perdão. Fizeste-me bem, deveras, agradeço-t'o. Agora vae para tua casa e leva o teu lenço, aqui o tens.

E entregou-lh'o. Mas a rapariga conservou-se-lhe diante;—parecia estar-se dando n'ella uma lucta interior. Por fim disse-lhe:

—Perdeste tambem por minha causa a tua jaqueta, e o dinheiro das laranjas que eu sei que estava dentro. No caminho é que me lembrei de tudo isto.

Não posso pagar-te tudo já, porque bem sabes que não temos nada, e se alguma cousa tivéssemos era de minha mãe. Mas tenho uma cruz de prata que o pintor deixou sobre a mesa a ultima vez que veio a nossa casa. Nunca

mais olhei para ella desde então, e não quero conservá-la. Vende-a—poderá valer um par de piastras, disse-me minha mãe. Terás assim o que perdeste. Se faltar alguma cousa eu o ganharei, fiando de noite quando minha mãe dormir.

—Não quero, disse Antonino, repellindo a pequena cruz branca que Laurella tirára da algibeira.

—Has de aceitar-a. Quem sabe por quanto tempo estarás sem poder ganhar com a mão assim? Aqui t'a deixo e não quero tornar a vê-la.

—Deita-a ao mar então.

—Não é um presente isto, é o que te devo, o que te pertence.

—Bem, bem, eu não tenho direito sobre coisa alguma do que te pertence. Se alguma vez me encontrares fazes-me até favor se nem sequer olhares para mim, para que eu não julgue que ainda te lembras do que te fiz. E agora boa noite. Acabou-se.

Antonino pôz dentro do cabaz o lenço e a cruz, e fechou-o.

Quando levantou a cabeça, viu, pasmado, que grandes lagrimas corriam pelas faces de Laurella, sem que ella as enchugasse.

—Maria Santissima!—disse elle. Estarás tu doente! estás a tremer!

—Não é nada. Vou para casa.

E dirigiu-se a cambalear para a porta; mas as lagrimas cegavam-n'a a ponto que baten com a cabeça na parede soluçando violentamente.

Antes porém que elle tivesse tempo de se chegar a ella para a amparar, Laurella voltou-se de repente e atirou-se-lhe ao pescoco.

—Não posso, não posso mais! gritou ella apertando-se de encontro ao barqueiro como um moribundo que se agarra á vida, não posso ouvir-te dizer-me boas palavras, e deixares-me partir, tomando para ti toda a culpa. Bate-me, pisa-me aos pés, maldiz-me, ou, se é verdade que ainda me amas depois de todo o mal que te fiz, toma-me, aceita-me, faz de mim tudo o que quizeres, mas não me mandes embora assim.

E os soluços interrompiam-n'a.

Antonino conservou-se um instante abraçado sem poder fallar.

—Se ainda te amo! disse elle por fim. Santa Mãe de Deus! Julgas tu que o sangue do meu coração se foi todo pela ferida que fizeste? Não sentes como elle salta no meu peito como se quizesse ir todo d'esta vez para ti! Se me dizes isso para me experimentares ou porque tens medo de mim, vae-te. Eu esquecerei tudo isto. Não penses que me deves nada, porque eu soffro por tua causa.

—Não, responden ella com ar selvagem, erguendo para Antonino rapidamente os seus olhos humidos. Amote! Muito tempo o temi, isso sim! Muito tempo luctei! mas agora acabou-se, não posso deixar de olhar para ti quando te encontro na rua. Agora quero abraçar-te, beijar-te, para que, se duvidasses ainda, pudesses dizer: Laurella beijou-me e ella não beijaria nunca senão aquelle que escolheu para marido.

Depois beijou-o tres vezes e separou-se d'elle dizendo:

—Boas noites, meu bem amado! Vae agora dormir e cura a tua mão. Não venhas comigo. Agora de todos os homens ha só um de quem eu tenho medo—é de ti.

Passou rapida pela porta e desapareceu por entre a sombra das paredes.

Antonino ficou ainda por muito tempo a olhar pela janella que deitava sobre o mar, onde as estrellas tremulas pareciam então vagar.

Quando o cura veio pouco depois ao confessorario, onde Laurella se conservava havia tempo de joelhos, disse para consigo a rir:

—Quem teria adivinhado que Deus tocara tão depressa este extraordinario coração! E eu que me censurava a mim mesmo de não ter combatido com mais energia o demonio que a possuía! Como a nossa vista é curta para vêr os caminhos do céo! Deus seja bendito! Permitta elle que eu viva o sufficiente para que o primeiro filho de Laurella me conduza ao menos uma vez no barco do pae.

Ai! ai! ai! *La Rabbiata!*

J. BATALHA REIS.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

Onorate l'altissimo poeta.

DANTE. INF. C. IV.



A historia das artes portuguezas, durante os primeiros trinta annos d'este seculo, vêem-se brilhar como diamantes de bom quilate rodeados de grossa pedraria, os nomes illustres de Vieira Portuense e de Sequeira. Aquelle, colhido pela morte em toda a virilidade dos annos e do talento, não pôde cumprir quanto prometia o seu formoso engenho, quanto se esperava de quem tão cedo dêra mostras do

muito que valia. Este apóz uma longa vida, cortada de trabalhos e desgostos, teve ao menos a fortuna de rematar a sua carreira de artista com obras immortaes que lhe grangearam gloria, honras, fortuna, e o fizeram acclamar pelos contemporaneos nacionaes e estrangeiros, sobretudo por estes, um dos primeiros pintores da sua época. E comtudo, por um singular destino, este homem, admirado e respeitado pelos seus mais notaveis collegas, centro, em Roma, de uma pleiade de artistas que, recebiam ávidos, as suas lições, galardoado por illustrados soberanos, protegido e admirado pelos mais esclarecidos amadores, este homem, que em sua vida attingiu o fastigio da reputação e das honras, é agora quasi esquecido fóra do seu paiz; nem todas as historias mencionam o seu nome e é só com mão bem mesquinha que alguma vez se lhe tributam, hoje, os encomios e louvores que tão abundantes ceifou outr'ora.

Em Portugal, pelo contrario, a reputação de Sequeira cresceu depois da sua morte; só depois de o havermos perdido para sempre é que lhe rendemos o preito que elle mereceu; só depois é que o proclamámos o primeiro entre os primeiros; é que percebemos quanto realmente valia o homem que tão alto levantára a fama da arte portugueza.

Ambos estes factos, tão estranhos que parecem menos verdadeiros, explica, a meu vêr, a biographia do artista.

Na ultima phase do seu talento, quando Sequeira, conhecendo-se e percebendo a final o que era, *inveniens viam*, se librara nas azas da mais elevada e pura inspiração, dêra largas á sua poderosa fantasia e atirára ao mundo com os pasmosos trabalhos que hoje se contemplam na galeria Palmella, havia cerca de trinta annos que vivia n'este canto da peninsula, quasi recluso do resto da Europa, sem convivencia com os grandes homens do seu tempo e com as grandes obras do passado. Levára

esta melhor época da sua vida ou entregue a trabalhos ingratos, penosos e de todo o ponto alheios à sua índole, como a celebre baixela Wellington, ou à execução de facteis e rapidos desenhos com que matava o tempo em companhia de seus opulentos e poderosos protectores. Quando, saindo de Portugal, no fim de 1823, tornou a penetrar na atmosphera artistica que havia tantos annos não respirava e que se foi gradualmente costumando a este ambiente, sentiu renascem-lhe as forças, afinar-se-lhe a imaginação, revigorar-se-lhe o espirito. O corpo porém, quebrado não tanto dos annos como dos desgostos, não permittiu que fosse tão longo, como pudera ser-o, este ultimo periodo da sua vida de artista. Poucas obras lhe foi dado produzir, e se estas, expostas quando elle as executou, accenderam geral enthusiasmo, não admira que hoje, conservadas em algumas galerias particulares onde de poucos e a custo podem ser vistas, se achem esquecidas de uma geração que só tradicionalmente as conhece.

Além d'isso Sequeira não formou escola nem teve discipulos na verdadeira accepção da palavra. O seu estylo, tão propriamente seu, não foi herdado como tambem o não foram as faculdades sublimes que lhe opulentavam a alma de poeta. Finalmente Sequeira era portuguez, pertencia a uma nação que as outras não costumam encontrar no campo artistico, que não teve no passado influencia alguma no mundo das artes, cujos artistas são desconhecidos, enjos museus, se assim lhe podemos chamar, foram creados hontem e são profundamente ignorados.

Todas estas causas explicam, creio eu, a rapida gloria de Sequeira em Paris e em Roma, e o não menos rapido esquecimento em que seu nome ali caiu. Explicam tambem o segundo facto a que pouco ha alludi. Só muito depois da morte de Sequeira é que vieram para Portugal as suas ultimas composições. Racksynski, que nas suas *Lettres sur les arts en Portugal*, desdenha de Sequeira, não sympathisa nem com o homem nem com o artista, deserê da authenticidade do celebre desenho da *Deposição* que pertence a el-rei o senhor D. Fernando, Racksynski no seu *Dictionnaire historique-artistique du Portugal*, escripto algum tempo depois da primeira obra e quando já tinha visto os quadros da galeria Palmella, confessa que se enganára e presta a Sequeira a homenagem de entusiasta admiração e profundo respeito.

Não se julgue porém que Sequeira era tido em pequena conta dos seus contemporaneos portuguezes. Em 1816 encontro já mencionado com applauso o seu nome na *Mnemosine Lusitana*; Cyrillo chama-lhe pintor muito illustre; não poucos compatriotas importantes, respeitavam o artista e protegiam-n'o com uma protecção nem sempre esclarecida, mas que attestava pelo menos os seus bons desejos. O que porém ninguem suspeitava até ao apparecimento dos seus ultimos trabalhos, até aquella esplendida revelação da fantasia do artista, era o verdadeiro quilate da sua imaginação, o vigor do seu engenho, a poesia e o ideal que encerrava a sua alma. Portugal percebeu em fim que no renascimento artistico do seculo XIX lhe coubera tambem um não pequeno quinhão de gloria, e que podia, com orgulho, inscrever a Sequeira nas taboas de ouro em que estão gravados os nomes dos homens eminentes que honraram a patria.

Apezar porém da immensa reputação de que hoje goza em Portugal a sua memoria, não ha um trabalho completo sobre o grande pintor; ainda ninguem appreciou n'um estudo desenvolvido o talento de Sequeira, ninguem historiou com individuação os factos da sua vida, procurando descortinar o que elle deveu a seus mestres, aos artistas seus contemporaneos, às escolas dominantes durante a sua

existencia, o modo como sobre elle actuou a evolução artistica do fim do seculo passado e a revolução romantica a que ainda assistiu, finalmente a fórma por que se foi desenvolvendo aquelle peregrino genio até desabrochar nas obras immorredouras que nos legou. Não pretendo por fórma alguma preencher aqui esta lacuna. Conheço a difficuldade da empreza; ainda que para ella me sobrassem forças, faltar-me-iam agora os elementos indispensaveis para escrever uma biographia desenvolvida de Sequeira e como elle a merece. Esta divida nacional será sem duvida solvida por quem, melhor do que eu, o possa fazer.

No presente trabalho procurei apenas dizer com verdade e consciencia o que sei e o que sinto ácerca do illustre pintor portuguez, aproveitando estudos antigos e algumas informações e noticias ineditas que pude colher¹.

I

Domingos Antonio de Sequeira nasceu em Belem aos 10 de março de 1768. Segundo uma tradição cuja authenticidade não pude verificar, mas que me foi transmitida como verdadeira por algumas pessoas contempora-

¹ Conheço e consultei os seguintes trabalhos impressos ácerca de Sequeira:

1.º A sua biographia em tres paginas por Cyrillo Wolkmar Machado, nas *Memorias relativas á vida dos pintores... portuguezes*. Lisboa, 1823.

2.º Um artigo biographico pelo sr. Silva Leal, no *Jornal de bellas artes*. Anno de 1843, vol. 1, n.º 2, pag. 28—que algumas noticias accrescenta ao trabalho de Cyrillo a quem seguiu no essencial.

3.º Varias observações dispersas nas *Lettres sur les arts en Portugal*, escriptas pelo conde Racksynski, nos annos de 1843 e 1844 e publicadas em Paris em 1846.

4.º Artigo biographico de Sequeira no *Dictionnaire historique-artistique du Portugal*, pelo mesmo auctor. Paris, 1849—verbo Sequeira. N'estas paginas, além das observações de Racksynski e dos fundamentos da sua reconsideração sobre o merecimento do artista, reconsideração a que alludi no texto, encontra-se a sua biographia por Cyrillo e varias informações que o esclarecido diplomata prussiano alcançou de differentes pessoas no tocante á vida e obras de Sequeira.

5.º No *Panorama* do 1.º de janeiro de 1849, um artigo anonymo com o principio da biographia do nosso artista, que infelizmente não foi continuada apezar da promessa de o ser, que n'elle se lê.

6.º No *Archivo Pittoresco*, n.º 12, vol. II, pag. 89, um artigo muito resumido, compilado assim como o anterior, dos trabalhos já citados.

7.º Algumas paginas no *Livro de critica* do sr. Luciano Cordeiro, vol. 1, pag. 199, em que é rapidamente apreciado o talento de Sequeira, mas pouco se falla da sua vida, porque nem isto era o proposito do auctor.

Além d'estes estudos podem ainda citar-se a *Mnemosine Lusitana* que n'um suplemento ao n.º 24 do anno de 1816, contendo uma summarissima revista da historia da arte portugueza, transcreve uma nota extraida do *Gentleman's magazine* de 1814, louvando muito os quadros da Cartuxa de Laveiras; o mesmo jornal que no n.º 3 do anno de 1817, publica uma extensa descripção da baixela de Lord Wellington; e o sr. visconde de Juromenha que no vol. 1 das obras de Camões, pag. 424, traduz do *Courrier françois* de 1825 um artigo sobre o quadro de Camões.

Finalmente tive á mão algumas, ainda que infelizmente muito poucas, informações que obsequiosamente me puderam dar as pessoas de sua familia que ainda existem e tambem varios amigos que o conheceram. Por ultimo direi que durante a minha permanencia em Roma tive occasião de lêr e de copiar alguns papeis, que muito me auxiliaram n'este trabalho; faltou-me porém ensejo para indagar se em mão dos netos de Sequeira existem ainda documentos que possam esclarecer a sua vida.

Esta mingua de informações anima-me a pedir ao leitor desculpa dos erros involuntarios em que por ventura eu tenha caído, e de alguma apreciação que um estudo mais profundo mostre ser inexacta. Ponho fim a esta nota rogando a todas as pessoas, que me puderem dar noticias ácerca da vida e obras do nosso grande artista ou indicar fontes em que eu as encontre, se dignem transmitir-me o que a este respeito souberem, dirigindo as suas communicações ou á redacção d'este jornal ou a minha casa em Lisboa.

neas do nosso artista e que em sua intimidade viveram, era seu pae de modestíssima condição de pessoa e fortuna¹; exercia o officio de barqueiro, chamava-se Antonio do Espirito Santo e era sua esposa Rosa Maria de Lima. Foi padrinho do futuro pintor um certo Domingos de Sequeira Chaves, que, na pia baptismal da igreja parochial da Ajuda, lhe impoz seu nome e appellido.

riada a primeira instrucção do filho de Antonio do Espirito Santo. Apesar de haver, em sua mocidade e idade madura, procurado supprir com aturado estudo a falta dos primeiros rudimentos que em sua infancia não recebera, apesar do natural talento de que para elle tão liberal fôra a Providencia, Sequeira não logrou nunca remediar completamente a deficiencia da sua instrucção primaria;



Domingos Antonio de Sequeira

São inteiramente desconhecidos os primeiros annos da existencia de Domingos Antonio e sel-o-hão provavelmente para sempre. É porém de presumir, attentas a condição do pae e a época em que tanto escasseavam, ainda muito mais do que hoje, escolas e estabelecimentos destinados á educação dos filhos do povo, é de presumir digo, que não fosse nem muito profunda nem muito va-

ria boa letra, mas redigia com difficuldade e seu estylo, para não fallar na orthographia, revelava um tanto este defeito original. Possuo cartas authographas d'elle que provam o que deixo dito, e mais ainda, que elle reconhecendo a sua insufficiencia n'este ponto, não duvidava pedir a algum amigo que lhe revisse os escriptos.

Fosse porém qual fosse a sua primeira educação litteraria e os conhecimentos que ao deante adquiriu, e sobre os quaes fallarei mais de espaço, parece certo que bem cedo manifestou a sua extraordinaria vocação artistica.

¹ Cyrillo. — *Collecção de Memorias*, pag. 148, diz: nasceu de «paes, humildes sim, porém honrados.»

Elle mesmo referiu a pessoa, de quem o ouvi, que seu pae desejava que elle seguisse a carreira medica, contando talvez mais com a energia que dá o amor paterno quando se trata do bem dos filhos, ou com os patronos que depois tanto auxiliaram o joven pintor, do que com os recursos, do certo escassos, que possuia.

As manifestações do talento de Sequeira para as artes do desenho eram porém tão patentes, as suas provas tão repetidas e manifestas, que seu pae desistiu d'aquelle intento e cedeu á vocação que tão energeticamente se impunha. Ouvi sobre esta primeira época da vida de Sequeira, algumas anedotas que elle mesmo referiu a seus amigos, e entre ellas uma que parece inspirada pelo celebre cacho de uvas de Zenxis.

Era na época em que o pae, firme em seu proposito, determinára que elle encetasse estudos cujo resultado seria privar Portugal de um grande artista dando-lhe talvez em compensação um mão facultativo, Sequeira, buscando todas as occasiões de adestrar o lapis, copiava quanto via, e falto de modelos appropriados lançava mão dos que lhe deparava o acaso. Um dia em cima da mesa da casa de jantar ficára um ramo de cerejas que sua mãe ali deixára; foi obra de pouco tempo copial-o sobre o prato que o continha e esconder, não sei até se comer, o original, mas eram taes a verdade e perfeição da copia que sua mão só reconheceu a substituição quando tomou o prato e lhe sentiu a leveza. Com esta prova foi facil então persuadir o pae, que não podendo duvidar por mais tempo da vocação de Domingos Antonio, abandonou finalmente o antigo proposito e deu a appetecida licença até então debalde solicitada. Este passo, que só refiro para não omitir a parte legendaria da biographia de Sequeira, foi-me contado em Roma por um antigo amigo do artista que me asseverou ter-lh'o algumas vezes ouvido. É possível que a imaginação de Sequeira fosse tão forte que lhe atrophiasse a memoria, ou que a sua reminiscencia da historia da pintura grega se confundisse com as recordações da propria vida.

(Continua.)

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

BRIOS DE ADOLESCENTE

(Episodios da vida de Nuno Alvares Pereira)

I



OR uma linda noite de primavera, em pleno reinado de D. Fernando, n'um aposento de uma casa de Portalegre, um adolescente bem parecido, e em cuja physionomia se liam todos os symptomas do ardor marcial, vestia á pressa a armadura, ajudado com visivel repugnancia pelo seu escudeiro. Parece que se tratava de uma expedição secreta, porque o joven cavalleiro nem consentia que se accendesse luz, e era ao clarão da lua, que entrava pelo aposento e que accendia pallidos reflexos no aço da cota d'armas e do capacete, que elle se preparava para algum combate ou alguma correria nocturna.

—O que dirá vosso irmão em sabendo d'estas loucuras! exclamava o escudeiro. Ides combater sem sua licença. Menosprezaes assim a sua auctoridade de fronteiro estabelecido por el-rei aqui em Portalegre, n'esta boa provincia d'Entre Tejo e Odiana, e menosprezaes tambem a auctoridade paternal, que a elle, como filho primogenito legou vosso chorado pae e meu amo, o sr. D. Alvaro Gonçalves Pereira.

—D. Alvaro Gonçalves, o lidador do Salado, respondeu o nosso cavalleiro, quando estivessem em guerra portuguezes e castelhanos, não viria para a fronteira passear tranquillamente e recusar batalha aos inimigos do seu rei. É uma vergonha, Lançarote!

—Fernão Pelote, com vossa licença, sr. Nuno Alvares.

—Lá tornas, exclamou rindo o adolescente, queres que eu te trate pelo teu nome vulgar, e não accitas o nome de um heroe de romance de cavallaria!

—Romances de cavallaria! romances de cavallaria! resmungou o escudeiro, que era, segundo se vae vêr, um precursor de Cervantes, má peste os mate a elles e aos seus auctores que vos transtornam o juizo!

—Que dizes? bradou enfurecido Nuno. Onde ha ahi leitura mais propria para inflamar o animo de um fidalgo, que se destina a pelejador? Alli se encontra o ideal de pundonor e de pujança, a que todo o cavalleiro deve procurar attingir!

—Será como dizeis, mas lá se ensina tambem a desobediencia aos paes e aos irmãos mais velhos! Romances assim!... que o inferno os confunda!

—Porque é que o meu senhor irmão me não dá ordens que eu possa cumprir? Ninguém, mais do que eu, desejava obedecer-lhe, mas que! Traz-me para esta campanha, em que me promete que me hei de estreiar, e a final guarda-me aqui preso a estas muralhas, enquanto andam por ahi ás soltas os castelhanos dos mestres de S. Tiago e Alcantara, como se fosse uma velha d'essas que rezam na capella do solar, longo dos combates em que floreciam lanças e conquistam gloria os cavalleiros.

—Mas é que esta guerra é uma guerra impia, redarguiu o escudeiro, é que sua real senhoria empreendeu-a contra o voto do seu conselho, sem mais razão nem motivo, quebrantando a fé jurada e os tratados, tudo por conselho da barregan D. Leonor Telles, e do conde gallego, que... enfim, cala-te bôca!

—É fazes bem de te calar! Pois que me importam a mim os motivos da guerra? Em primeiro logar matar castelhanos é sempre obra meritoria, e em segundo logar eu vim para combater, para quebrar lanças. Recusam-me as batalhas, procuro os torneios; mas torneios a serio, e não vãs imagens da guerra. Mandei desafiar o filho do mestre de S. Tiago. É moço brioso, logo accitou a pelega; marcou-se o dia de amanhã ao romper d'alva, logar na propria fronteira. Nove cavalleiros me acompanham, nove o hão de acompanhar a elle. Que festa, Lançarote, que festa!

—Mas, senhor... interrompen o escudeiro, que já quizera cortar a palavra a Nuno, para mais uma vez protestar contra o nome romantico que seu amo teimava em dar-lhe.

—Vamos, vamos! Nada de perder tempo! Vá! só falta a espada. Cinge-m'a depressa.

O escudeiro ia obedecer de má vontade, quando de subito parou descorando. Sentiu-se um rumor de passos na escada, e por entre as físgas da porta viu-se passar o trémulo reflexo de alguns fachos.

—Virgem santissima! o que será isto? exclamou o escudeiro aterrado.

Ainda não acabára de proferir estas palavras, quando

a porta se abriu, dando entrada a D. Pedro Alvares Pereira, acompanhado por alguns creados com arhotes.

—Ah! ah! exclamou elle, vendo os preparos que se estavam fazendo, e vendo tambem Nuno com uma dolorosa expressão de desapontamento no rosto. Por um triz que não cheguei tarde. Temos então sortida que o fronteiro desconhece? Ora bem, meu senhor irmão, partireis como tencionaveis, mas para a côrte aonde el-rei expressamente vos chama.

—A mim, senhor! exclamou Nuno no auge do espanto.

—A vós mesmo, senhor cavalleiro, redarguiu o prior do Crato, a vós mesmo, que, segundo parece, mandaes desafiar por vossa conta e risco o filho do mestre de Santiago sem licença de vosso chefe e irmão, como se estivessemos, não em fronteira de guerra, mas em liça aberta ou estacada, como se se tratasse não de defender terra da patria, mas de sustentar um passo!

—Mas, senhor, que remedio tenho eu senão recorrer a pejeas individuaes, logo que as batalhas me são recusadas? Eu não posso, meu senhor irmão, estar para ali retirado na minha tenda como Achilles, sem primeiro ter praticado acções que me assimilhem ao brioso grego. E, meu senhor irmão, os paladinos de Carlos Magno não se limitavam a pejar nas batalhas, mas reptavam a combate singular os cavalleiros inimigos.

—Com previa licença do seu chefe, e nenhum d'elles ousaria desobedecer a Carlos Magno, seu suzerano; imitae-os pois na lealdade de vassallos, como os quereis imitar nas proezas. Chama-vós el-rei á côrte. Obedecei.

—E os cavalleiros hespanhoes que me esperam?

—Que esperem, ou que venham procurar-vos ao acampamento, que encontrarão quem lhes responda.

—Mas estou deshonrado, passo a ser a fabula da cavallaria de todos os reinos christãos! exclamou Nuno com lagrimas de desespero.

—O que! tornou D. Pedro. Julgaes que o mestre de Santiago não tratou de reprimir igualmente os outros doidos que vos acceitaram o desafio insensato? Bem! bem! como vosso chefe vos requeiro, como vosso irmão primogenito vos ordeno que me acompanheis á côrte.

Não havia remedio senão obedecer. D'ahi a meia hora, Nuno e D. Pedro, acompanhados por uns poucos de escudeiros e de homens de armas, seguiam a cavallo na direcção de Extremoz.

Era n'essa villa que estava então D. Fernando com sua mulher, a formosa e fatal Leonor Telles. Fôra n'essa villa que João Fernandes Andeiro, emissario do rei de Inglaterra, tramára com D. Fernando a guerra desleal que fôra depois declarada, a guerra contra o voto unanime dos principaes fidalgos portuguezes. Alli D. Fernando recebeu em segredo o fidalgo gallego, e alli tambem, a abrigo d'esse segredo, principiaran os adulterinos amores do conde Andeiro com D. Leonor Telles. Alli estava tambem agora o formoso, o fraco e melancolico monarcha, e n'uma das salas do castello recebeu D. Pedro o seu intrepido e juvenil irmão. Sentada ao seu lado, D. Leonor ostentava aquella ardente e provocadora formosura, que era tão fatal a todos os que se aproximavam d'ella.

—É este pois, disse D. Fernando, o valente cavalleiro que não pôde ter mão nas suas juvenis impaciencias, e que declara a guerra, por sua conta e risco, aos fidalgos hespanhoes? Intrepida creança!

—Não fui eu que declarei a guerra, senhor, respondeu audaciosamente o joven Nuno; procurando combater, desejava apenas cumprir as ordens de sua real senhoria.

—Bem respondido, maneebo, acudiu D. Leonor, e bem se vê que não sois como certos fidalgos, que tão remissos se mostram em fazer a guerra aos castelhanos. Por essa briosa resposta, permitto-vos que me beijeis a mão.

Nuno aproximou-se, mostrando pouco enthusiasmo por esse favor tão invejado. Levou aos labios a branca mão de Leonor Telles, e poison n'ella um beijo indifferente.

—Recompensa melhor vos outorgará de certo a vossa gentil dama, joven cavalleiro, acudiu Leonor Telles. Pouco sensível será ella aos brios de um paladino, se, em recompensa da vossa bravura, vos não dêr as duas mãos e os labios para colherdes com enthusiasmo o appetecido premio.

—Eu não tenho amores, senhora minha, redarguiu Nuno com altivez.

—Não tendes amores? Oh! qual é o cavalleiro que não quebra lanças pelo seu rei, pelo seu Deus, e pela sua dama? Pois bem! serei eu que de minha mão vos escolherei uma donzella para vossa noiva.

—Quero conservar-me solteiro, senhora minha, tornou Nuno; tenho lido nos livros de cavallaria que a virgindade augmenta os brios e a força dos cavalleiros. As armas são o meu enlevo, é-me facil a castidade.

D. Fernando sorriu-se, D. Leonor Telles, essa desatou a rir perdidamente.

—Vêde como são as cousas, exclamou ella, vosso pae, monge militar, teve dezeseis filhos. Vós que não fizestes voto de castidade, quereis conservar-vos casto. Estranho successo na verdade!

E, rindo a bom rir, Leonor Telles passava a mão branca e fina pelos loiros cabellos do moço cavalleiro. Nuno, pouco lisongeadado com a caricia, fez um movimento para fugir com a cabeça.

—Não vos assusteis, tornou ella, rindo ainda mais, são caricias de velha—e com as suas palavras contrastava de um modo notavel a radiosa juventude que no seu formoso rosto resplandecia—fui eu que vos vesti a couraça de cavalleiro, creis bem pequeno ainda, tanto que não se encontrava couraça que vos servisse, e foi necessario que o moço irmão de el-rei, D. João, mestre de Aviz, vos emprestasse a sua.

—Que faça melhor uso d'ella do que o seu dono, acudiu D. Fernando com modo um pouco sombrio.

—Faz de certo, redarguiu Leonor Telles, sem perder a sua risonha serenidade, mas em voz baixa, e se ouvísseis os meus conselhos, já hoje o mestre de Aviz não podia fazer, nem bom, nem mau uso das suas armas.

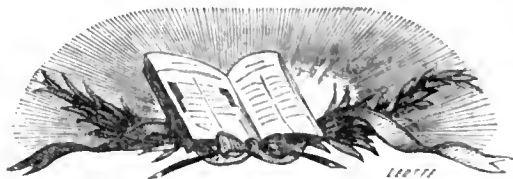
D. Fernando calou-se; e depois, voltando-se para Nuno, continuou:

—Applaudo os vossos brios, cavalleiro. Guardae-os porém para melhor occasião. Não tarda por ali o conde de Cambridge com os seus homens de armas, e em presença dos inglezes podereis então mostrar que nem só na escola do principe Negro se criam briosos paladinos. Ide.

Nuno, curvando-se respeitosamente diante do rei e da rainha, saiu da sala, enquanto seu irmão ficava para dar conta a D. Fernando dos successos da fronteira.

(Continua.)

PINHEIRO CHAGAS.



LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

PORTUGAL CONTEMPORANEO—DE MADRID A OPORTO PASANDO POR LISBOA (DIARIO DE UN CAMINANTE).—Em Portugal é medianamente conhecido tudo que diz respeito a Hespanha, não obstante a proximidade das duas nações. Conhecem-se os nomes dos principaes homens que figuram na politica d'aquelle paiz, mas quasi ninguem tem noticia nem dos escriptores, nem dos artistas da patria de Cervantes e de Murillo.

Em Hespanha succede outro tanto com relação a Portugal. Poucos são os hespanhoes que fazem idéa perfeita, ou mesmo approximada, do caracter do nosso povo e do estado de civilização em que nos encontramos. Dos escriptores e artistas portuguezes, rarrissimos são os que logram ser conhecidos das pessoas mais illustradas, e até dos seus collegas do reino visinho.

Ora, para estreitar as relações tanto litterarias como artisticas, entre os dois paizes, têm sido feitas ultimamente varias tentativas não só em Portugal, mas tambem em Hespanha. O livro, cujo titulo acima se lê, publicado pelo sr. D. Modesto Fernandez y Gonzalez, da sociedade dos escriptores e artistas, e official do ministerio da fazenda, é mais uma d'essas diligencias feitas para se conseguir o fim desejado. O sr. D. Modesto propõe-se, na obra que publicou, a tornar conhecido dos seus compatriotas o nosso paiz; o estado da nossa civilização; os homens que militam no campo da politica, no das letras e no das artes; tudo, enfim, quanto possa esclarecer e servir de guia aos que desejarem travar conhecimento com Portugal e com os portuguezes.

Um livro d'esta indole não pôde ser completo e perfeito senão quando o escriptor tem obtido, pela sua prolongada residencia n'um paiz, inteiro conhecimento d'elle e dos homens que o habitam. Escriptor hespanhol que esteja verdadeiramente nos casos de expôr com bastante conhecimento de causa, o bom e o máu que por cá temos, o nosso caracter, a nossa indole, o nosso estado de adiantamento nas sciencias, nas letras, nas artes e na industria, não conheço senão um:—é o sr. Alcalá Galiano, que viveu por muitos annos em Portugal, que falla a nossa lingua tão correctamente como a sua, e que tem espirito e talento sufficientes para discernir acertadamente sobre o que viu e estudou n'esta sua segunda patria.

O sr. D. Modesto passou por aqui de jornada, demorou-se pouco tempo na capital e nas provincias, por conseguinte não ponde apresentar no seu livro mais do que uma vista do nosso paiz, tomada, por assim dizer, *à vol d'oiseau*. Forçoso é todavia confessar, que para os breves dias de que o sr. D. Modesto Fernandez y Gonzalez dispôs, a fim de colher as bases e as indicações indispensaveis para o seu trabalho, muito conseguiu o illustre escriptor—de certo mais do que seria permittido exigir-lhe—pois que o seu *diario* encerra muitas descrições exactas e bem feitas, varias apreciações acertadas e chistosas, larga copia de esclarecimentos curiosos, primando a obra sobretudo pela justiça que o auctor nos faz quando falla da nossa indole essencialmente liberal, e do nosso caracter pacifico e emprehendedor.

A par de tantos acertos, algumas cousas ha em que o sr. D. Modesto se afastou involuntariamente da verdade rigorosa; mas d'esses peccados veniaes está o illustre escriptor desculpado pela sua curta permanencia entre nós.

A obra é dedicada ao sr. D. Antonio Romero Ortiz, homem de letras muito notavel em Hespanha, e que ainda ha pouco deu á luz da publicidade um livro importante a respeito de Portugal.

Agradecendo ao sr. D. Modesto Fernandez y Gonzalez os encomios que tece á minha patria, cumpre-me tambem agradecer-lhe, e muito cordalmente, as palavras lisonjeiras que me dirige não só quando, no capitulo em que trata dos jornaes portuguezes, falla das *Artes e Letras*, mas tambem quando se refere aos auctores dramaticos, entre os quaes me colloca, o que é para mim subida honra.

PARIS NA AMERICA.—A penna illustrada do conhecido escriptor francez E. Laboulaye se deve a obra assim denominada, e que foi uma das que na sua época produziram mais ruido no mundo litterario.

A França fez d'ella innumeradas edições, e quasi todos os paizes a traduziram, pondo-a por este modo ao alcance dos que não conhecem a lingua de Voltaire. Em Portugal inculmou-se da versão o sr. M. E. Lobo de Bulhões, escriptor muito illustrado e bem-quisto, que primeiro a fez apparecer em folhetos na *Gazeta de Portugal* e agora a dá em volume publicado pela casa editora Roland & Semiond.

Paris na America é uma critica espirituosa aos costumes da velha Europa. O auctor, servindo-se de uma ficção mais de uma vez usada no romance e no theatro, suppõe que o chefe de uma familia franceza residente em Paris se vê subitamente transpor-

tado á America. Nascem d'aqui milhares de episodios engraçadissimos e conceituosos, que prendem a attenção do leitor e de tal modo o affeição aos usos e costumes do novo mundo, que não será raro haver algum que, depois de lêr o livro, faça a mala e se embarque n'um paquete para ir acabar o resto dos seus dias em Washington ou New York. Se a missão do livro fosse, ao contrario do que é, fazer sobresair a Europa ao lado da America, e se o auctor advogasse esta causa com a vehemencia e convicção que se encontram na obra de Laboulaye, os *yankees* difficilmente resistiriam á tentação, e poderia muito bem succeder que a America do norte se transportasse em pezo para a velha Europa. Os europeus são, porém, menos susceptiveis de taes extravagancias, e os portuguezes ainda menos que nenhum outro povo, por isso recommendo ao leitor a excellente traducção do sr. Bulhões, certo de que, não obstante as boas palavras de Laboulaye, não abandonará a sua patria só porque leu um bom livro.

O AFILHADO DE POMIGNAC.—Está publicada esta excellente comedia de A. de Jalín, e, segundo creio, de Alexandre Dumas, filho, representada, ha mezes, no theatro do Gymnasio, e acerca da qual já escrevi algumas palavras n'outro numero d'este periodico.

A comedia faz parte da *Bibliotheca theatral* dirigida pelos srs. Castilho e Mello e Aristides Abranches.

IDYLLO.—Assim se intitula um folheto de 23 paginas, assignado pelas tres inicias P. G. M. e publicado em Macau. Lê-se com agrado a pequena obrasinha, onde se encontram bonitos versos que não hão de ter, de certo, a feia sorte que o sr. P. G. M. lhes vaticina, quando, nas poucas palavras que antecedem o poemeto, diz com demasiada modestia ser *provavel que uma justa indifferença castigue o atrevimento do auctor*.

(Continua).

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Quasi todos os theatros de Lisboa abriram já as suas portas ao publico, mas ainda nenhum apresentou espectáculo digno de especial menção. Uns têm entretido os espectadores com a repetição de dramas ou comedias do antigo repertorio, outros, como o Principe Real e as Variedades, estão dando peças novas, e originaes, mas de um genero que não quer nada com a critica, porque se contenta com divertir o publico, fazendo-o apenas rir.

A exposição das obras de Prud'hon, promovida em Paris a favor da filha do illustre pintor, fechou as suas portas em 5 de julho. O termo medio das entradas foi de 300 pessoas por dia. A receita, comprehendida a da venda dos catalogos, subiu a perto de 19:000 francos, dos quaes se abateram 7:000 francos de despesas, ficando por conseguinte 12:000 francos, ou 2:160\$000 réis, para M.^{me} Quoyeser, a filha de Prud'hon.

M. Ricardo Wallace, comprou na ultima exposição franceza denominada *Salon*, quadros na importancia de 280:000 francos, ou 50:400\$000 réis! Ponham os olhos n'isto os nossos amadores de bellas artes.

De um documento official inglez, vê-se que a somma total que o museu de South-Kensington tem custado á nação, desde o seu fundamento até o fim do exercicio do anno financeiro de 1873-1874, sobe a 1.601:700 libras, 19 sh., 4 d., ou 7.207:654\$350 réis. As compras feitas por conta do Museu figuram n'este total, na importancia de 281:672 libras, ou 1.267:521\$000 réis.





UMA ENTREVISTA EM VENEZA

QUADRO DE GRAMER

EDITORES ROLLAND & SEMIOND. LISBOA

ARTES E LETRAS

NUMERO 6—LISBOA—3.^a SERIE

UMA ENTREVISTA EM VENEZA



A noite vac alta, e a brisa, que passa cantando, enruga suavemente a limpida extensão das aguas. É a *aura del mare*, o vento tepido da primavera, impregnado de effluvios, a brincar ao longo dos canaes rumorosos.

Estamos em Veneza, no tempo da cavallaria e do amor,—a Veneza dos doges e das gondolas, a velha patria dos Dandolo e dos Foscarei, o sonho eterno dos poetas e dos amantes,—canto do mundo que se debuxa n'uma hora

de dulcissima melancolia, ao subirem do coração os fumos do extase.

N'esse momento é que eriam vulto, sobre um fundo eambiante e luminoso, as figuras e os grupos sentimentaes e patheticos. É ahi que vemos Othello e Desdemona, reverberando ao prodigioso clarão do genio; é ahi, na ponte de Rialto, que Shylock, para dar escambo ás offensas d'Antonio, celebra aquelle estupendo contracto em que o dinheiro devido será pago por um pezo igual da carne do devedor, *of your fair flesh*.

Que de memorias tão variadas, umas poeticas outras horriveis, agora esplendidas logo grotescas, mas todas a captivarem-nos o pensamento! Succodem-se as nuvens ás nuvens, os relampagos aos relampagos. O leão de S. Marcos abre as fauceas á delação mysteriosa, e o abysmo discreto cancella o nome da victima. Por instantes como que corre pela atmospherá um sopro pestilencial, e os que na vespera se sorriam, definham e succumbem. É que os açoitou a aza occulta da vingança.

Fluctuam os dramas voluptuosos e sanguinolentos. Os Borgia atravessam a scena,—os Borgia de todas as condições e aspectos,—conduzindo em taças de oiro o seu lento e irresistivel veneno.

Subitamente o panorama rarefaz-se, as côres sombrias alegam-se, outros periodos chegam, outras lembranças occorrem,—e assistimos, então, no pleno renascimento, ao grande lavor dos artistas. De uma banda é Aldo Manucio, pondo em laboriosa tarefa os caracteres da imprensa, e de conjuncto com os Estienne e os Froben, espalhando pelo orbe o segredo das maravilhas antigas, tão mal guardadas nos palimpsestos seculares. Da outra são

as amplas télas, a desdobrarem-se e a colorirem-se. Vêmos Giorgione e Ticiano, Paulo Veronez e Tintoretto, cada qual porfiando na lucta, esmaltando a palleta com as scintillações mais vividas,—prodigos de imaginação, exuberantes como os mananciaes fecundos.

E depois, quando se desvaneecem as recordações historicas, e a fantasia se nortéa por outros rumos,—como se ouve no ar a cantiga de um gondoleiro que passa, por noite, quando um raio de luar se espreguica na onda, alastrando-se, como um feixe de espigas que se tivesse desatado!

Estes, os da gravura, transportam-nos aos dias da capa e espada, dos rebuços de velludo, e dos punhaes na cinta,—promptos a embeberem-se no collo. Estâmos na quadra romanescá, aventureosa, castellã, toda ella cheia de sensualidades e de ciladas. Ha a morte n'um beijo e o paraíso n'um rapto. Vive-se na commoção e no enthusiasmo. O natural é o imprevisto, o simples é o arriscado. Ser bella é o que cumpre, ser temerario é quanto basta. Estes dois attributos comprehendem-se e enlaçam-se.

Que tem o mais ou o que importa?... Não faltarão ao diante os tempos da prosa e do calculo. Não faltarão, com certeza. Estes ainda colheram em maio a flôr lasciva dos éstos,—flôr que enebria,—e que tantas vezes mata aos que bem lhe tomam o perfume subtil.

Tinham-se visto e amado, por um modo rapido, ao cruzarem as pupillas, n'uma certa manlã em que elle ía atravessando, com o seu chapéo graciosamente inclinado.

O amor, como as heras, tem corações a que se enroscá de preferéncia. Gosta dos que se lhe entregam. Esses, na sua confiança, parece trazerem gravadas aquellas dôces palavras da Francesca di Rimini:—*«Amor ch'al cor gentil ratto s'apprende.»*

Tornaram-se a encontrar, no mesmo sitio, á mesma hora, e a timidez que do principio os envolvia foi-se diluindo pouco a pouco. Demoravam as vistas um no outro,—e surprehendiam-se com o riso nos labios.

Quem seria aquella mulher tão moça e tão formosa?—Vinte annos,—e vinte annos n'um corpo onde se estorciam as viboras da paixão ardente.

Quem seria a mysteriosa?

Affoitou-se a entrar no templo.

Ía ella a tomar agua benta. O cavalleiro adiantou-se, mollou a ponta dos dedos, e offereceu-os em guisa de hysosope. A dama tocou-os ao de leve,—mas não tanto, nem tão depressa, que alem do fresco da agua, não sentisse o calor de um beijo.

Como isto se passava em logar sagrado é de crer que os anjos afugentassem a culpa.

Os anjos!...

Eu sei lá o que elles fariam ou o que elles fizeram!... D'antes, se a tradição não mente, vinham tomar por suas mulheres as que d'entre as filhas dos homens se lhes mostravam mais esbeltas. E tanto assim foi, que os mesmos Santos Padres,—com serem padres e santos,—o que admira,—commentaram e explanaram este dizer, até o extremo de apurar em qual implicancia íria bater o conjugio de tão oppostas naturezas.

Fiquem-se, porém, os anjos, e tornemos aos homens.

É cousa provada que um beijo desafoga.

A seductora perdoou a ousadia, e só teve hõca para balbuciar n'um suspiro:

—Deixe-me!

—Deixa-a, agora?—perdel-a quando a possui?...

—Mas não sabe que é uma loucura...

—Será, mas é adoravel. Não se queira illudir a si, querida. Nós voamos um para outro como duas aves no

espaço. Não sei quem é, não o quero saber, advinho-o. É o brilho, é a graça, é a tentação, é a estrella para que a minha alma se volta, — Lucifer, porque me seduz, Venus, porque me deslumbra.

É com este aquecimento de phrase, o mancebo permite-se um novo beijo, a que ella não responde com um *deixe-me*, porém que a faz estremecer, como um lyrio na haste.

Quem era, no fim de tudo?

Porventura uma condessa, uma infavel condessa em cuja trança havia o estylete de ouro, e no seio todas as ardencias caprichosas. Tinham-na casado aos quinze annos, — na ante-manhã da existencia, — com um velho nobre e esforçado, que se batera contra Grimaldi ao lado do admirante Pisani.

A planta dos tropicos estiolava-se na aridez da sombra.

Aquelle homem que lhe apparecia, no florir da juventude, galhardo, audaz, com o fogo na palavra e no gesto, realisava-lhe por tal modo as aspirações do intimo, os seus devaneios mal contornados, mas irrequietos e latentes!...

Mesmo ao portal do palacio corriam as aguas. É tão silencioso o fender das gondolas, e o castellão dorme tão desengodoso no seu leito heraldico!...

Amanhã, depois, n'uma noite breve, quando fôr o transmontar da lua, — um passeio no canal, que tem isso?... Demais, as brisas são confidentes.

Assim foi, ó castas estrellas, como diz o mouro da tragedia.

— *Psii!*... faz ella ao entrar para o batel, temendo o acordar de algum pagem.

É este o momento em que se entrevê a Deus por um rasgão da abobada. Felizes dos que o tem visto cá da terra!

D'aqui a pouco estarão sentados juntos, na pôpa, sob os cortinados franzidos, ouvindo de alguma outra barca, — tambem ninho de amor como aquella, — uma voz que vae cantando mansinho:

— *Escam sinceri e liberi
I tuoi sospir dal core:
Quegli occhi i miei ricerehino,
E in lor gli arresti amore.* —

Os dois apertam mais as mãos, estremecendo.

A voz continua, languida e amavel, e elles parece irem-lhe apoz, desprendidos de tudo. Circunda-os a embriaguez celestial; subjuga-os o torpor divino.

A gondola vae correndo, correndo, e com ella os instantes. Ao volverem a si, junto ao portal da morada, repara a dama que se deixou adormecer, ou pouco menos, — sobre o hombro do cavalleiro, — e que elle lhe vae a brincar com os anneis do cabello, que se descenastrou por acaso.

— Quando nos tornarêmos a vêr?...

— *Psii!* volve ella ao entrar como ao sair, — e recolhe-se sobresaltada.

Eu não sei se a gondola atracou muita vez áquelles degraus marmoreos; mas se as aguas fallassem contar-nos-hiam porque é que tantas noites, o ali perto, as recortava um sulco de espuma...

E. A. VIDAL.



○ MENUETE

Ao dr. Thomaz de Carvalho

I

É espaçoso o salão; jarras a cada canto;
Admira-se o lavôr do tecto de pião santo.

II

Cadeiras de espaldar com fulvas pregarias;
Um enorme sophá; largas tapeçarias.

III

O purpureo tapete aos olhos nos revella
Saltando nos juncács um tigre de Benguella.

IV

Retratos em redor; olhemos o primeiro:
No Tóro as mãos de Affonso o armaram cavalleiro.

V

Era arcebispo aquelle; esta foi açafata:
Que frescura sensual nos labios de escarlata!

VI

Olhos revendo o azul que sobre a Italia assoma:
Em finos caracocs a crespá e loira côma.

VII

Collo robusto e nú: cabeça triumphante;
Dizem que um certo rei... passemos adiante.

VIII

Este, que vês, morreu n'um africano areal
Por vingança cruel do aspero Pombal.

IX

D'esse olhar na expressão infinda e inenarravel
Desabrocha uma dôr profunda e inconsolavel.

X

Defronte uma donzella, o rosto meigo e afflicto,
N'um extasis adora o pallido proscripto.

XI

O teu sonho nupcial, franzina morgadinha,
Tão breve se desfêz, ó misera e mesquinha!

XII

No burel escondeste o viço e a formosura,
E desmaiaste, flôr, no chão de uma clausura!

XIII

Repara nos desdens do fôfo conselheiro,
Que sorridente aspira a flôr de um jasminciro!

XIV

Em canones doutor: no paço foi bemquisto:
Orna-lhe o peito a cruz de um habito de Christo.

XV

Esse outro, combatendo ás portas de Bayona
Como um bravo, alcançou a rútila dragona.

XVI

Vibra flammás do olhar: cabeça erecta e audaz;
Enobrece-lhe o rosto a gloria de um gilvaz.

XVII

Assistimos, ao vê-lo, ás pugnas carnicciras,
E ouvimos o clangôr das musicas gnerreiras.

XVIII

No antiquissimo espelho, á sombra das cortinas,
Reflecte-se o primôr de argenteas serpentinas.

XIX

Sob o espelho se aninha um cravo marchetado,
Mimo outrora da casa, e prenda de um noivado.

XX

Á esquerda um cofre encerra em amovavel ninho
Antiga partitura em velho pergaminho.

XXI

Uma noite estendi a musica na estante,
E o cravo suspirou! N'aquelle mesmo instante

XXII

Da ebúrnea pallidez doentia do tcelado
Merencorio evolou-se o arôma do passado.

XXIII

E vi descer do quadro a languida açafata,
Que, ao discreto pallôr das lampadas de prata

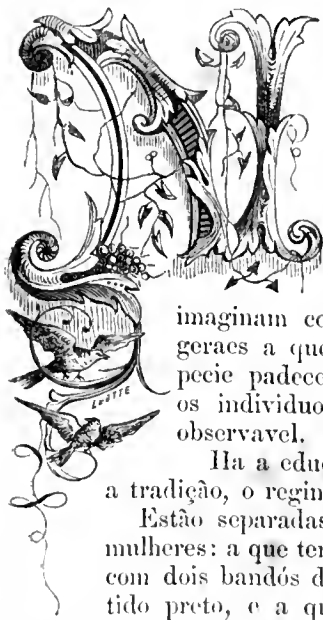
XXIV

A fimbria alevantando azul do seu vestido,
O rosto acerejado, o gesto commovido,
A sorrir deslisou graciosa no tapete
Dançando airoosamente o airoso menuete.

Coimbra.

G. CRESPO.

A QUE VENDE FRUCTA — A QUE VENDE PEIXE



A sociedade,—isto é: entre aquella parte menos numerosa do genero humano que por effeito de certos gastos de mobilia e de *toilette* se chama a si mesma a sociedade,—milhares de influencias especiaes tornam as mulheres diferentes.

Em vão alguns philosophos imaginam conhecer a mulher: as noções geraes a que se procura submeter a especie padecem tantas excepções quantos os individuos que constituem a materia observavel.

Ha a educação, a convivencia, o meio, a tradição, o regimen particular de cada uma.

Estão separadas por um abysmo estas duas mulheres: a que tem uma mãe alta, grave, recta, com dois bandós de cabellos brancos e um vestido preto, e a que tem uma mãe pequena e gorda, roliça, com buço, envesgando ligeiramente um olho, transpirando, caminhando com os calcanhares muito separados um do outro, bambaleando-se, como caminham, não só os patos, mas em geral todos os bipedes cujo apparelho locomotor é compromettido pela desproporção entre a exiguidade das pernas e o pezado volume do ventre.

Fazem uma differença infinita a mulher que foi creada n'um salão onde ha uma grande mesa em volta da qual se senta á noite a familia para lêr, para bordar, para desenhâr, para acabar uma costura, para organizar um herbario, para classificar uma concha, e a que foi creada em um salão onde não ha mesa e no qual os sedentarios e os lyricos desferrujam o coração e as pernas rendendo finezas ás meninas e dançando com ellas a polka.

Pertencem a hemisphérios Moraes inteiramente diversos a que frequenta a *Deusa dos mares* e a que a não frequenta; a que usa no cabello oleo de lucia-lima e a que o não usa; a que toma banhos de agua fria e a que toma banhos de agua morna; a que leu Dickens e Michelet e a que leu Ponson du Terrail e Eugenio Sue; a que traz uma trocha de ovos no estomago e a que traz no estomago uma fatia de roast-beef; a que calça os seus pés dentro de uns sapatos e a que os calça n'um apparelho orthopedico, impudentemente chamado uma botina, com saltos da altura e da configuração das barretinas dos lanceiros; a que tem a fortuna de poder conversar meia hora por dia com um homem instruido e honrado e a que escuta pelo mesmo espaço de tempo um cobarde ou um tolo.

Fôra do que se chama a sociedade, desaparecem todas estas modificações especiaes impostas pelos habitos, pelos costumes, pelos innumeros accidentes do methodo e do acaso, que constituem a educação e prefixam o destino.

Presiste porém, em todas as condições da vida em que se ache a mulher, uma fatalidade suprema que se apodera d'ella, que envolve todo o seu ser, que determina toda a sua existencia.

É a fatalidade da linha.

Aqui estão dois typos de mulher, tomados ao acaso, na mesma região, na mesma condição social, com a mesma idade, com a mesma educação, com os mesmos principios: duas raparigas do povo, na Italia meridional, na margem dos golfos, em Sorrento ou em Amalfi. Uma vende fructa, a outra vende peixe. Entre essas duas mulheres, uma unica differença: a linha. Pois bem: essa differença basta para fazer de cada uma d'ellas um destino especial, quasi um destino opposto.

Encontraram-se no mesmo dia, a uma certa hora, n'um certo mercado. Um viajante que passa levando debaixo do braço o seu album e os seus carvões, detem-se por um momento, paga-lhes um franco, e retrata-as como um apontamento, entre um canto de paisagem, uma ruina cesarea, um portico bysantino ou uma janella gothica.

Talvez que nunca mais ellas tornem a encontrar-se juntas no mundo.

As suas physionomias, o sentimento dos seus olhos, a expressão das suas bôcas, o contorno dos seus hombros, a curva do seu peito, a configuração das suas espaduas, a sua maneira de andar revelada pelas attitudes das suas cabeças, tudo isto—meros caprichos da linha que determina a figura humana e enforma a carne da mulher, a *ideal argilla*—tudo isto nos está dizendo que para cada uma d'essas raparigas ha na existencia um norte e um rumo diverso.

Uma tem a tranquillidade risonha das cousas simples e castas. Na outra ha como um fremito invisivel, uma palpitacão mysteriosa, o vago premoncio latente do perigo, a indefinida predisposição da aventura.

Aquella venderá o seu pescado, e recolherá serenamente para a sua cabana á beira do mar, ajudará seu pae a concertar a rede, fará a sopa aos irmãos, e adormecerá tranquilla ao doce murmurio benefico do seu austero visiuho, o mar.

Esta sentirá mais depressa o de alento, a preguiça, a obrigação a parar, a escutar, a olhar para traz, como se contemplação, a *morbidez*, a vaga saudade, a tristeza, alguém na solidão nos chamasse ou nos seguisse.



A que vende fructa

indefinida; e os pomares terão para ella aquelles rumores mysteriosos e plangentes que no meio das arvores nos — Nenhuma d'ellas mordeu ainda o fructo prohibido; mas uma parece ignorar inteiramente que elle existe; da on-

tra diríamos que sabe já pela revelação hereditaria o gosto que elle tem.

Para uma a tentação ou terá a forma bestial que torna instinctiva a defesa, ou terá a forma simples dos affectos



A que vende peixe

O tentador não hesitaria um momento sobre a qual d'ellas ha de primeiro offerrecer o pomo do mal.

verdadeiros em que desaparece o perigo.

Para a outra a tentação terá todas as formas. Satanaz.

conversará baixinho com ella debaixo de todos os disfarces. Sob a figura do fio de contas que lhe cinge o pescoco, o inimigo dir-lhe-ha: «O teu scio é bello, transparente, como o de uma madona de alabastro dentro da qual se accendesse uma lampada côr de rosa. . . Os primeiros cabellos curtos, finos, amclados, que nascem junto do teu pescoco, quando o sol os toca espelham-se na tua pelle, dão-lhe a côr do ambar e as tuas espadoas parecem então encerrar um ninho de luz esfiada, quente, de um perfume penetrante e embriagador. . . » Os brincos dir-lhe-hão: «Como a polpa da tua orelha pequenina e eburnea é espessa, dura e rosada! São assim, como a tua, as orelhas das duquezas sensuaes que amam as finas ceias, as ostras, os vinhos capitosos e a walsa no hombro de intrepidos mosqueteiros de olhos negros e bigodes rípidos.» Os seus pecegos, as suas maçãs, as suas peras dir-lhe-hão quando ella os morder: «Vê o vestigio que deixa a tua bôca!» E ella sorrirá olhando para as marcas iguaes e miudas gravadas pelos seus dentes, como a fôrma de um pequeno collar, na casea dos fructos. O luar das noites calmas, entrando no quarto d'ella e recortando no chão em grossos contornos duros, negros, phantasticos, as folhas da trapeira que lhe cerca a janella, banhará a sua nudez juvenil nas calidas exhalações balsamicas da flôr dos pecegueiros, e dirá ao seu lindo corpo magnetizado as cousas allucinadas, mysteriosas, profundas, que a lua communica ao temperamento das virgens scismadoras que a contemplam.

Qual d'essas raparigas é a mais feliz?

A menos bella. A modestia da sua candida figura infeliz mas resignada guardal-a-ha pura na sua familia e na sua pobreza. Os maus desejos, as tentações perigosas não a envolverão como a atmosphera electrica em que se cria a tempestade. As insomnias nevrálgicas, as devoradoras curiosidades de ignotos paraizos, os pallidos desfallecimentos, as febris esperanças violentas, as corrossivas e dilacerantes desillusões não lhe descorarão os beiços, nem lhe cavarão as faces com as sinistras manchas lividas de que morrem as gentis ephemerias. Ella acabará suavemente o seu destino obscuro e honesto; e quando a levarem para a sepultura, quando a viração que enfunava a pequena véla da sua bateira fizer oscillar o panno funerario do seu esquife por cima das papoulas e dos trigos no caminho do cemiterio da aldeia, os velhos tirarão os seus chapéos e dirão com as lagrimas nos olhos ás suas netas: «Aprendei no exemplo d'aquella a ser trabalhadoras, obedientes e boas.»

A outra, bonita de mais para ficar na estreita aldeia em que nasceu, irá para Veneza com um artista que a tomará successivamente para modelo de uma virgem com o *bambino*, de uma cortezá do baixo imperio, de uma bacante; ou irá para Florença com um tenente de guias, ou para Roma com um monseignor da curia, joven, de faces feminis, cabellos anclados, meias de seda encarnadas e batina de setim castellada com uma condecoração de diamantes. E acabará talvez pelo suicidio ou pelo hospital: nas aguas de um lago ou n'um theatro anatomico. O derradeiro segredo da tristeza da sua alma ou da podridão do seu corpo sabel-o-hão os bistoris dos estudantes na escola de medicina ou os genios aquaticos que nararam as legendas melancolicas de Ophelia e de Gizella nas grutas habitadas pelas ondinas debaixo dos nemfares.

Póbreos raparigas! olhando para vós lembra-me uma oração hebraica, em que se diz: «Abençoado sejas tu, ó meu Deus, porque me não fizeste mulher!» Sim, se não fosse do vosso destino que eternamente depende no coração do homem a sua fortuna ou a sua miseria!

RAMALHO ORTIGÃO.

BRIOS DE ADOLESCENTE

(Episodios da vida de Nuno Alvares Pereira)

II

(Conclusão)



M mez depois, Nuno Alvares Pereira acompanhava seu irmão mais velho, no meado fronteiro de Lisboa, na defeza da capital do reino contra uma esquadra castelhana que entrara no Tejo. A tarefa sorria pouco ao intrepido adolescente, que não podia senão escaramuçar com os tripulantes que desembarcavam, e entre os quaes nunca vinha um cavalleiro, com quem se pudesse decentemente quebrar uma lança em combate leal. Ora, ao mesmo tempo, no Alentejo portuguezes e inglezes preparavam-se para a luta aberta, e era natural que ali se tivessem de trocar vigorosas lançadas e rijos botes de montante.

Um dia que Nuno Alvares, encostado tristemente á janella das casas em que seu irmão poisava, contemplava as aguas do Tejo, e via balouçarem-se mollemente as galés castelhanas fóra do alcance dos virotes dos bésteiros da cidade, sentiu de subito um galope de cavallo na rua. Logo depois o cavallo parou, e um rumor de passos pesados na escada annunciou que o cavalleiro se apeára á porta da casa do fronteiro de Lisboa. Nuno Alvares voltou-se a tempo de ver entrar um escudeiro de seu irmão, que este mandára tempos antes com uns despachos a el-rei D. Fernando.

—Por aqui, Gil Vasques? disse Nuno. Que novas temos?

—Batalha, senhor, batalha! respondeu o escudeiro, que era moço e ardente.

—Travou-se já? perguntou Nuno com desespero. Fomos vencedores ou vencidos?

—Senhor, as hostes estão em presença. Espera-se peleja de um instante para o outro, mas ainda se não trocaram os primeiros tiros de bésta; e agora permitti-me que leve as novas de el-rei e da hoste a vosso senhor irmão.

—Ide, ide, que eu já vos sigo.

Enquanto o escudeiro entrava nos aposentos de D. Pedro Alvares, Nuno passeava agitado entre a janella e a porta.

—Não póde ser, dizia elle, não posso estar aqui em vergonhoso lazer, enquanto os meus irmãos de armas praticam altas façanhas de cavallaria. Meu irmão não ha de querer que me deshonre.

Ainda algum tempo hesitou, mas a final decidiu-se e entrou na sala, onde seu irmão, sentado n'uma cadeira de espaldar lavrado, decifrava com algum custo um pergaminho que recebêra.

—Novas da hoste, senhor? perguntou Nuno Alvares.

—Sim, parece que a final sempre haverá batalha.

—E esse pergaminho naturalmente chama-nos para o lado de sua real senhoria? perguntou D. Nuno, sentindo o coração bater-lhe com mais força.

D. Pedro olhou espantado para seu irmão.

—A nós! e quem havia de defender contra as galés castelhanas esta boa cidade de Lisboa?

—Senhor, bem sabeis vós que bastam os bésteiros do conto para manter a boa distancia esses refêces dos navios, e, se elles desembarcassem, os mesteiros da cidade, sem mais armas que as ferramentas de seus officios, os fariam voltar ao Tejo.

—Não pôde ser, tornou seccamente D. Pedro, e deixa-me, que tenho de vêr pausadamente as ordens que de el-rei recebi.

Nuno Alvares Pereira sentiu passar-lhe pelas faces a chamma fugitiva da indignação.

—Senhor, disse elle com voz, em que, através do respeito devido a seu irmão primogenito, se sentia já transparecer a colera, senhor, por determinado haveis vós todavia não partir d'aquí para ser com el-rei em batalha? Por mercê—e nos olhos fuzilavam-lhe relampagos—por mercê, declarac-me sobre isto a vossa vontade.

D. Pedro desatou a rir.

—Irmão, disse elle, bem vêdes que eu não posso ali al fazer, senão cumprir o que el-rei meu senhor me ordena, e, fazendo o contrario, não m'o contariam por serviço, mas espero em Deus, continuou D. Pedro Alvares, que elle será o vencedor da batalha, e a nós nos encaminhará com as gentes d'essa frota que o serviremos de tão bom serviço como lhe podiamos lá fazer.

E, vendo que Nuno, com os olhos baixos, o modo torvo e sombrio, com o labio desdenhoso, o escutava sem convieção, continuou, com voz em que transluzia o affecto fraternal, e o jubilo de vêr tão levantados brios no joven Nuno.

E porém, meu irmão, a vós não seja isto empacho, e por isso não vos amargureis.

As frases de seu irmão não consolaram todavia o activo mancebo, e apenas conseguiram impedir a explosão da sua colera. Fazendo um esforço sobre si mesmo para responder com moderação, Nuno tornou:

—Senhor irmão, a mim me parecia que todas as coisas vós haveis de deixar esquecer para todavia ser na batalha com vosso senhor el-rei, de que vosso pai e vós, e toda a vossa linhagem, tantas mercês haveis recebido d'elle e de seus avoengos. Mas enfim vós al cuidaes, e eu por vezes tenho ouvido dizer a alguns que melhor é a obediencia que o sacrificio. Parece-me pois que é bom o sêrdes-lhe obediente e cumprirdes o seu mandado; mas, senhor irmão, eu entendo que n'esta frontaria, onde ha tantos bons como os que aqui estão, eu hei de fazer pequena mingua. E demais, porque me parece tambem que eu faria a maior maldade do mundo se n'essa batalha não fosse, vos peço por mercê que me deis logar para ser n'ella, e eu deixarei aqui todos os meus, que não quero levar senão cinco ou seis companheiros com as nossas armas.

A insistencia de Nuno principiava a irritar seu irmão. O sangue dos Alvares Perciras começou-lhe tambem a referver nas veias, e, levantando-se, bradou assomado:

—Basta! não vos darei logar para tal, e como vosso chefe e vosso irmão primogenito vos requeiro e vos mando que em tal cousa não trabalheis.

Um repellão de colera inflamou o rosto de Nuno. Quiz fallar; as palavras embargaram-se-lhe na garganta, e a sua mão apertou convulsa o punho da espada. Mas tornou em si, e, sem dizer palavra, saiu do aposento.

Horas depois, quando já ia alta a noite, Nuno Alvares, á luz de um archote mettido uma argola de ferro chumbada na parede da sua camara, vestia a toda a

pressa as armas, e parecia preparar-se para longa jornada.

N'isto entron o seu escudeiro, e nosso já conhecido Fernão Pelote, que ficou estupefacto de vêr os preparativos de seu amo.

—O que é isso, senhor? Pois ides sempre partir?!

—Como vês, Lançarote.

—Apesar das ordens de vosso senhor irmão? tornou o pobre escudeiro, por tal fórma atrapalhado, que nem se lembrou de protestar contra o cognome cavalheiresco.

—Apesar das ordens de meu senhor irmão, respondeu Nuno tranquillamente.

—É uma loucura, senhor meu; olhae que ouvi ainda agora o senhor D. Pedro Alvares ordenar que se reforçassem as guardas das portas, e que se recusasse absolutamente a saída da cidade a toda e qualquer pessoa.

—Bem! passaremos por cima das guardas das portas!

—Mas, senhor...

Nuno Alvares acabava de cingir a espada.

—Boas noites, Lançarote, disse elle.

—O que! pois ides sem mim? exclamou o fiel escudeiro.

Nuno olhou para elle, enternecido.

—Não quero cumplices na desobediencia, Fernão Pelote.

E, abraçando-o estreitamente, saiu da camara.

O escudeiro esteve alguns momentos indeciso.

—Que leve o diabo as ordens! exclamou enfim; lá o filho querido do meu senhor D. Alvaro é que eu não desamparo por caso algum.

Desceu as escadas; quando porém pôde chegar á rua e montar a cavallo, já só ouviu ao longe nas ruas desertas o tropear do gincte de Nuno.

Esporeou o coreel, e partiu a galope.

Entretanto Nuno chegava á porta de S. Vicente. Os guardas, estremunhados, bradaram:

—Quem vem ali?

—Nuno Alvares Pereira, que vac militar na hoste do senhor rei D. Fernando.

—Perdoae, senhor! acudiu o homem de armas que commandava a guarda, vosso irmão deu ordens positivas para que vos não deixassemos sair.

—Mas eu trago aqui ordens contrarias.

—Quaes, senhor? tornou o homem de armas desconfiado.

—Estas, respondeu o bravo adolescente, e, assentando-lhe uma formidavel pranchada, partiu a galope.

—Sus! sus! a elle! exclamou o commandante, ao caír atordoado.

Os seus companheiros enristaram os piques, mas um redemoinho da rija espada do futuro condestavel abriu facilmente um claro em torno de si.

Ao longe Fernão Pelote fazia gestos desesperados e bradava:

—Tende-vos, senhor! tende-vos! Respeitae as ordens do fronteiro de el-rei.

Qual historia! Nuno galopava a bom galopar.

—Não se passa! exclamaram os homens de armas furiosos, quando Fernão Pelote chegou á porta da cidade.

—Tende paciencia, meus bons amigos... é uma desgraça, mas hei de passar!

—Com mil Belzebuths! Nós veremos!

Enristaram de novo os piques.

Mas Fernão Pelote não se intimidava assim. A sua espada tambem era de rija tempera. Bote aqui, bote alem, abriu caminho, bradando sempre, enquanto amolgava capacetes e ia sovando os guardas:

—Meus bons amigos, tendes carradas de razão! Que

desgraça! Desobedececer assim ás ordens do fronteiro de el-rei! de seu irmão! de meu senhor, D. Pedro Alvares.

E o mais comico era que o bom do escondeiro não dizia estas phrazes ironicamente, proferia-as com uma convicção profunda e uns ares lamentaveis, que tornavam mais curioso o contraste entre a theoria e a pratica.

Passou enfim, e, dizendo mal á sua vida, lá foi ter com seu amo, que o esperava, rindo a bom rir da sua singular aventura.

Foi inutil a resolução intrepida de Nuno Alvares, e a forçada bravura do seu escondeiro. Não houve a batalha annunciada. D. Fernando não era da tempera de Nuno.

Era assim porém que se manifestavam na adolescencia os brios do futuro vencedor de Atoleiros, de Valverde e de Aljubarrota.

PINHEIRO CHAGAS.

A JOGATINA



COMO elles estão attentos e solícitos na consulta do livro das quarenta folhas! O caso é intrincado, e a pareira julga-o de difficil solução; medita e calcula; tem o espirito preso n'aquellas delgadas folhas de cartão que segura entre os dedos. Vae decidir-se o lance culminante; o adversario fulmina-a com a serenidade imperturbavel, com que mostra a carta que vae jogar. Aquella carta é a affirmativa de uma superioridade, que debalde tentam disputar-lhe. Elle é cauteloso e frio, não se apaixonou; conchega o jogo ao peito para que llo não devessem olhos curiosos, e concerta de tal modo a physionomia que ninguem lhe descobrira nas linhas do rosto indicio revelador dos lances que leva calculados, nem do valor das cartas que tem na mão. Ella é impressionavel, como o costuma ser o bello sexo; a puxada do pareiro conturbou-lhe o espirito; chamou em seu auxilio todos os esforços da attenção e do calculo; a sua intelligencia não elaborou outra idéa que não seja passar em rapida revista todas as probabilidades que d'aquelle lance podem derivar. A sorte da partida está pendente da agudeza do seu animo n'aquelle ponto difficil. A carta que puxar decidirá porventura do ganho ou da perda da mão; será a victoria ou a derrota, a alegria ou o desespero, o prazer de humilhar o pareiro ou o desgosto de o soffrer insolente no seu triumpho. Entre os seus olhos e as cartas ha uma corrente electrica, que se transmite ao cerebro; tremem-lhe os dedos, sente-se mal á vontade na cadeira, está em posição contrafeita, procura ponto de apoio ao corpo, fincando o cotovello na mesa, e tem as cartas em desalinho. O confronto d'esta figura com a do seu pareiro offerece um contraste admiravel, e não é difficil inferir d'elle para que lado pende a victoria.

Outra figura completa o grupo, e que não é menos significativa do que a dos dois jogadores. Declara-se aliado do partido feminino contra o masculino; até suspendeu as variações de violeta, com que talvez estava arripiando os nervos acusticos dos dois, para se interessar exclusivamente pela solução do lance do modo mais proveitoso á pareira! Mas o *mirone* chama em auxilio da causa que esposa, não tanto a sua perspicacia ou a sua pericia no jogo, como uma certa audacia perscrutadora, maliciosa e

nem sempre leal, com que procura conhecer o jogo do adversario. O seu olhar parece um anzol lançado a pescar o pensamento do contrario atravez da mascara imperturbavel em que elle se lhe esconde.

Diante d'esto esudo de serenidade glacial, caem inertes todos os esforços d'aquelle olhar, penetrante como uma seta. O officioso conselheiro aponta ao acaso para uma carta, não perdendo até ao derradeiro momento a esperanza de traduzir nas linhas do rosto do pareiro o segredo que pretende desvendar.

A luz de uma vela illumina a scena, e projecta o seu pallido clarão sobre o rosto dos tres personagens do grupo. Ao fundo do aposento reina a penumbra; a luz concentra-se toda n'este grupo, que em eloquente nudez exprime variadissimos sentimentos.

Ha vida e animação n'esta scena; vida no olhar, vida no coração, vida no cerebro dos tres actores d'ella. É esse o infernal condão do jogo; pensamentos e affectos tudo se concentra inexoravelmente no limite estreito da mesa, sobre que as cartas, frias e fataes como o acaso que as impelle, vem dizer a cada um a sua sentença.

Que importam deveres? que importam obrigações? que importam cuidados?

O livro das quarenta folhas chama a attenção, prende-a com um magnetismo irresistivel; fóra do ambito limitado, onde se estende o raio da sua esphera de attracção, ha para o jogador o vaeuo, o nada. No mundo não existe senão elle e o seu adversario ligados por um traço, não sabemos bem se de união se de desunião, chamado baralho. Esta concentraçãõ é a monomania preparada por meios artificiaes; por isso os jogadores perdem a alegria, a expansãõ de alma, o estimulo dos affectos, o doce prazer da convivencia, da communicabilidade, do caprichoso adejar do pensamento sobre mil assumptos differentes, são taciturnos e merencorios como verdadeiros monomaniacos; têm a alma fechada aos sentimentos nobres, ás affeições elevadas; para elle ha só uma idéa fixa — o jogo! Que importa que a honra periclite, se vae decidir-se um lance importante? Que importa que a esposa tranzida de frio os aguarde, por alta noite, em tugurio humilde e sem conforto, se elles aguardam tambem a dama sempre requestada e tantas vezes esquiva, chamada fortuna? Que importa que os filhos gemam nas angustias da fome, quando o lar está apagado e sob o tecto domestico não existe uma fatia de pão sequer? Não lhes devora a olles tambem as entranhas, com a sua garra cruel, a fome insaciavel da ambição? Abre-se-lhes a porta do crime, da infamia, da devassidãõ, do inferno? Embora! o inferno tem elles na alma, onde só moram as negras ou vermelhas imagens dos naipes, das figuras, das pintas de todas aquellas quarenta cartas do baralho, que tantas vezes lhes tem passado por debaixo dos olhos como phantasmas inexoraveis! Oh! se nas profundezas do inferno ha tambem o costume de erguer monumentos aos benemeritos de lá, que rica e sumptuosa estatua se não terá levantado no *boulevard* mais elegante dos que banham as margens do Coccyto ao inventor das cartas.

Mas Gerard Dow, o celebre discipulo de Rembrandt, creando o seu primoroso quadro, que hoje reproduz a nossa estampa, não cogitou de certo nos abyssmos que o jogo cava aos pés d'aquelles que lhe entregam a alma e o coração, e só pensou em produzir uma scena cheia de verdade e de primor, em que, para desviar idéas de ambição desmedida, nem sequer figura dinheiro.

Não diremos que os dois pareiros estejam jogando a *putre nossos*, como é de uso dizer, porque não podemos atiançar muito a sua orthodoxia religiosa, se é que o *padre nosso* mesmo se não torna criminoso, quando é fructo



G. DOW P.

W. H. B. S.

A SOBATINA.

do vício abominável do jogo. Deixamos a solução d'este ponto aos casuistas; que nós estamos agora attentos também, como os tres personagens do nosso quadro, á solução da partida, que ao cabo de contas não decide nada, senão a gloria vã de ganhar ou perder, sem que cousa alguma se ganhe ou se perca. É que a jogatina tem encantos ainda mesmo a brincar; e os caturras, meditando profundamente n'uma partida de bisca ou de tres setes,—que não é muito averiguado se em Leyde, patria do auctor, e a que provavelmente elle referiu o seu quadro, eram acaso usados estes profundos e difficilimos jogos,—não estão menos entusiasmados, menos encarnigados na luta de vasos do que se se discutisse entre elles, no mais tolo dos contratos, a posse dos haveres de Cresso!

O celebre pintor, que tinha a extravagancia de fazer pagar os seus quadros por preço proporcional ás horas que na sua execução dispendia, computando cada hora de trabalho, muito conscienciosamente, em 20 soldos, o que não era de certo exagerado, não quiz que o dinheiro intervisse a dar o tom ferino da ambição aos seus personagens, que são apenas uns caturras, parecendo até que aquelle que não joga é um *caliarto*, que com os pés frios está sendo a causa do mau jogo que a dama tem na mão! Antes elle fôsse tocar violonecello e deixasse jogar quem joga!

Basta contemplar este quadro para formar idéa da indole artistica de Dow, o pintor minucioso e escrupuloso, que não esquecia um ponto n'um tapete, ainda que fôsse destinado a estar na sombra, e cujo trabalho era tão fino que muitas vezes se torna necessario o auxilio de uma lente para apreciar as minuciosidades dos seus quadros, onde, apesar d'isto, se encontra notavel expressão nas figuras, facilidade de toques no colorido, effeitos de luz admiraveis, rigorosa verdade, e enfim vigor alliado á freseura.

Dos quadros, que nos restam d'esto notavel allemão, os principaes são: *A mulher hydropica*, vendido ao rei da Sardenha por 30:000 escudos; *Uma velha lendo a biblia e o marido ouvindo-a respeitosaente*; *Um velho aparando uma penna*, que no primeiro numero d'este jornal foi reproduzido sob o titulo do *Mestre de escripta*; *O dentista*, que brevemente terá aqui o seu logar; e *Uma velha a brincar com o seu gato*... É uma velhada incrível! Pois não é que o auctor fôsse velho, porquanto, se não mentem as informações que temos por fidedignas nasceu em 1618 e morreu... quando Deus foi servido chamal-o á sua presença, que uns dizem ter sido em 1680, outros em 1666, e nós não vamos decidir tão grave assumpto, que importa, nada mais nem nada menos do que dar-lhe ou tirar-lhe dezoito annos de vida. Mas o caso é que, morresse lá quando morresse, ficou immortal nas suas obras, deixando ainda o seu nome ligado ao celebre invento de reduzir os quadros a proporções menores, por meio de uma rede de fios de seda cruzando em quadradões, a qual posta a distancia conveniente em frente do original, facilitava o transporte de cada uma das partes comprehendida em cada quadrado para um outro quadrado feito a traço no papel ou tela onde se fazia a reprodução!

Gerard Dow, que os leitores das *Artes e Letras* conhecem pessoalmente pelo retrato publicado no numero de setembro o que é reprodução de um primoroso quadro d'elle mesmo, Gerard Dow, que era extravagante nas extraordinarias precauções que tomava para que a poeira lhe não estragasse as tintas, teve tambem a extravagancia de deixar a parceira do seu quadro indecisa, atravez seculos, sobre a carta que devia jogar.

Não temos tempo para esperar que ella tome uma re-

solução; a véla vae-se gastando... e a paciencia tambem, por isso vamos deixar em paz a jogatina.

CHRISTOVAM DE SÁ.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação)



que é certo porém é que aos treze annos encontrámos Sequeira matriculado na aula regia de desenho fundada por D. Maria I em 23 de agosto de 1781. Era esta aula um dos primeiros ensaios tentados em Portugal para organizar o ensino publico e gratuito do desenho. Fôra precedida em 1780 por uma academia do nú que Cyrillo V. Machado, Joaquim M. da Rocha, Carneiro da Silva e o illustre Machado de Castro crearam

com o fim principal de poderem facilmente continuar em Lisboa os seus estudos pelo modelo vivo¹.

No anno seguinte o intendente de policia Pina Manique «cujos demeritos de togado ficaram em parte compensados pelo muito que se empenhou em promover a beneficencia, a industria, a educação²», poderíamos ainda dizer a arte, fundou na Casa Pia, que então estava no Castello, uma aula de desenho e restaurou em sua casa a academia do nú que não passára de uma tentativa, mallograda por motivos que não vem a proposito aqui referir, mas que são extensamente narrados por Cyrillo no logar indicado na nota.

Na aula regia foi Sequeira discipulo de J. M. da Rocha, primeiro professor da cadeira³. Existe na academia real de bellas artes o livro da matricula, onde a folhas 3 se lê o assento de Domingos Antonio do Espírito Santo, matriculado a 2 de dezembro de 1781.

Rocha, primeiro professor de Sequeira, foi pintor medioere. Era entusiasta admirador de Vicura Lusitano; existem ainda em muitas colleções grande numero de desenhos, copiados por elle dos originaes do grande artista, cujo estylo e technica imita por vezes de forma tal que não é facil differencar as reproduções dos modelos. Nos seus proprios quadros revela-se compositor medioere, mas correcto desenhador, e seguindo em tudo a escola então dominante. Executou obras em quasi todos os generos, desde quadros sacros e de grandes dimensões para igrejas, até pinturas de buzios e conchas. Desenhava bem o nú, diz Taborda⁴. É natural que devesse a nomeação de professor da nova aula, mais á sua idade, e á seriedade do seu caracter de artista que á excellencia das suas obras, apesar do muito apreço em que eram tidas pelos seus contemporaneos. Era extremamente zeloso no cumprimento dos seus deveres de professor, muito dedicado a seus discipulos, que todos o respeitavam e estimavam. Se por um lado o seu methodo de ensino estava cívado

¹ Silvestre Ribeiro. — *Historia dos estabelecimentos scientificos, etc.*, vol. II, pag. 24.

Cyrillo V. Machado. — *Collecção de Memorias*, parte I.^a, pag. 22 e 31.

² Latino Coelho. — *Historia politica e militar de Portugal desde os fins do seculo XVIII*, vol. I, pag. 310.

³ Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 117, 149 e 284.

Taborda. — *Regras, etc.*, pag. 236.

⁴ Taborda. — *Ob. cit.*, pag. 236.

de vícios a que se não furtavam n'aquella época artistas de plana mui superior, é certo que por outro lado recom-mendando e inculcando o estudo do natural, não arras-tava cegamente para o seu estylo os estudantes cujos primeiros passos fôra chamado a encaminhar. Basta para sua gloria haver sido mestre de Vieira Portucense¹ e do Sequeira, e é imogavel que este lhe deveu sobretudo o respeito o amor que toda a vida professou pelo natural, o mestre dos mestres no dizer de Toppfer.

Sequeira estudou cinco annos desenho n'aquella aula, sendo varias vezes premiado, como affirma Cyrillo. Dese-jei examinar os papeis do archivo da aula para descobrir alguma informação ácerca d'estes annos da vida do nosso artista, mas não os encontrando na academia de bellas artes de Lisboa nem no archivo da mesa da consciencia, existente na Torre do Tombo, nem no do ministerio do reino, faltou-me tempo para mais largas investigações.

Terminado o curso de desenho passou a estudar pin-tura com Francisco José da Rocha, vulgarmente conhe-cido pelo nome de Francisco de Setubal, e que não deve confundir-se com seu contemporaneo o morgado de Setu-bal, José Antonio Benedicto de Barros. Não é de crer que Sequeira lucrasse muito com as lições de Francisco José, artista do genio extravagante, como diz Cyrillo, e enjo extraordinario orgulho e rematadas originalidades só pôdem explicar-se, por um desarranjo nas faculdades mentaes. Como pintor era mais que mediocre e como pro-fessor de certo incompetente. Algumas obras que d'elle subsistem não o deixam classificar d'outro modo. Não pude encontrar razão plausivel para a escolha de d'elle fez Sequeira ou quem o guiava. Nem o talento nem o caracter de F. José o tornavam recommendavel. Talvez fosse n'aquella época pintor da moda, como Cyrillo in-culca. Tinha muito que fazer, e para aviar todas as en-commendas carecia de empregar seus discipulos que assim iam costumando-se a imital-o servilmente. Parece que Se-queira o auxiliou em alguns trabalhos, entre outros na pintura de uns pamos que, segundo o costume então usado, o rico negociante de sola, João Ferreira, encom-mendára para adorno de um gabinete no seu palacio², situado no Chiado. Este predio é hoje propriedade de uma sobrinha do abastado e esclarecido mercador, casada com o sr. D. Francisco d'Assis d'Almeida, e está ali es-tabelecido o grande hotel do Matta. Os tectos de algu-mas salas subsistem ainda, e affirma-se que o da prin-cipal foi todo pintado pelo Sequeira, no estylo porém do mestre.

Felizmente foi curto o tempo durante o qual Sequeira esteve sob a direcção do tresloucado artista, porque o en-contramos residindo em Roma no anno de 1788. O mar-quez de Marialva, que morava no seu palacio da quinta da Praia, em Belem, e que, visinho do artista, tinha fre-quentes occasiões de presenciar a sua tão singular voca-ção e seus rapidos progressos, alcançou-lhe do real bolsi-nho uma pensão annual de 300\$000 réis para ir aper-feiçoar-se em Roma, onde já estavam outros jovens artis-tas, seus antigos condiscipulos na aula regia de desenho e que haviam sido enviados para Italia por diligencias do zeloso intendente Diogo de Pina Manique. Eram es-tes os pintores A. Foschini, Bartholomeu Antonio Calixto, cujos nomes tornaremos a encontrar pouco honrosamente no decurso d'esta biographia, e José da Cunha Taborda, e o esculptor João José de Aguiar, auctor do monumento a D. Maria I, cujas figuras se acham ao presente depo-

sitadas no museu archeologico do Carmo, por se não ha-ver ainda encontrado em Lisboa local proprio para as erigir sobre um pedestal conveniente. Havia tambem dois pensionarios de architectura, um gravador a talho doce e um gravador de cunhos e camapheus¹.

Não era desusada em Portugal a pratica de enviar artistas a aperfeiçoar-se em Italia. Não fallando em varios pintores que ali residiram no seculo XVI, e entre os quaes um dos mais conhecidos Francisco de Hollanda, que dei-xou curiosas e interessantes memorias, utilissimas para a historia da arte e sem as quaes ficariam ignoradas bas-tantes particularidades da vida de Miguel Angelo², não fallando n'estes, sabemos que em tempo de D. João V, um dos soberanos a quem mais devedora é a arte portu-gueza, foram mandados a Roma alguns jovens artistas, entre os quaes podemos citar Domingos Nunes, pintor pouco conhecido, mestre que foi de J. M. da Rocha, Igna-cio de Oliveira Bernardes tambem pintor, e José de Al-meida esculptor³.

Estes mancebos constituíam o que se chamava acade-mia portugueza em Roma, instituição evidentemente co-piada da academia franceza na villa Medicis e que po-deria ter produzido sazoados fructos e levantado as ar-tes em Portugal do longo abatimento em que jazeram, e de que tanto a custo hoje se vão erguendo, se a idéa do beneemerito fundador d'aquella escola houvesse sido de-vidamente continuada. Mas o mau fado que persegue as artes no nosso paiz, não permittiu que a época da criação de semelhante instituto dêsse azo a que elle lançasse rai-zes tão fundas que sobrevivesse ás causas que motivaram a sua interrupção.

Só duas gerações de artistas se aproveitaram d'aquella beneficio. Se o systema de enviar pensionarios para Roma e outros paizes estrangeiros houvesse continuado, se a nossa arte não tivesse permanecido como que isolada n'este canto da Europa durante os primeiros trinta an-nos do seculo actual, é provavel que outro fôra o estado em que a tivesse encontrado a criação das academias em 1836. Interrompida porém a corrente vivificadora, a pintura portugueza foi-se deixando viver de imitações e tradições. A escola que se tentára levantar na Ajuda, e que houvera sido alguma cousa se os seus primitivos di-rectores Vieira Portucense e Sequeira a tivessem podido acompanhar, entregue ás mãos de Taborda, Foschini, Maximo e outros, não foi instrumento de progresso senão de decadencia. Quando o illustre Passos Manuel, o gran-de reformador da instrução publica, lançou os alicerces do ensino artistico, e fundando as academias, as dotou tão liberalmente quanto permittia a escassez do nosso or-gamento, cuja receita era proxima a metade da actual, a maior parte dos primeiros professores que, á mingua d'outros, teve de nomear, eram os derradeiros representantes dessa escola da Ajuda, cujos vestigios no ensino vão felizmente desapparecendo todos os dias.

Hoje, do excellento instituto da academia portugueza em Roma, é pallido reflexo, depois de uma interrupção de quasi um seculo, a criação de cinco pensões, com que vão aperfeiçoar-se no estudo de bellas artes outros tantos mancebos escolhidos a largos espaços, pelas academias de Lisboa e Porto. Apesar da avarenta parcimonia com que estas pensões foram reguladas, são já bem patentes as vantagens que d'ellas se hão de tirar, tão patentes que espero vêr em breve augmentada a verba para ellas vo-tada, e em vez de cinco alumnos enviados todos os cinco

¹ Taborda.— *Ob. cit.*, pag. 244.

² Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 126 e 149 — seguido por todos os bio-graphos de Sequeira.

¹ Taborda.— *Ob. cit.*, pag. 231, nota.

² Clément: *Michel Ange, Léonard de Vinci, Raphael*, pag. 141.

³ Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 93 e 116. Taborda.— *Ob. cit.*, etc., pag. 235.

annos, elevado o seu numero e amudados os concursos para a sua escolha.

Além dos seus condiscipulos, Sequeira encontrou ainda em Roma outro compatriota, destinado tambem a colher abundantes louros na arte da pintura, se a morte não viesse ceifar-o aos 40 annos, quando, amadurecido o seu talento pelo estudo e reflexão, mais brillantes manifestações começava a produzir. Fallo de Francisco Vieira Portuense, que, nascido em 1765, foi para Roma em 1789 subvencionado pela companhia geral de agricultura do Alto Douro. Afortunada época em que até as companhias mercantes não julgavam estranho aos seus estatutos aceitar o encargo de proteger e animar a arte, eloquente lição para o nosso tempo em que apenas o Estado se julga obrigado a lançar no seu orçamento uma verba mesquinha e insufficiente para protecção das suas escolas artisticas; em que nem uma só camara municipal vota o mais pequeno subsidio para as artes, nem um só instituto publico ou particular se dedica a fomentar-lhe a cultura; em que esta geral indifferença pelo futuro artistico do nosso paiz, tem por unicas excepções a sociedade promotora com as suas exposições e premios, e a protecção concedida a alguns estudantes por duas ou tres pessoas que não se limitam a afirmar com palavras o seu enthusiasmo, mas o provam por actos de incontestavel vantagem.

Os pensionarios estavam em Roma sob a protecção immediata do representante de Portugal e tinham por mestre commum um certo Labruzzi¹ que não deixou vestigio algum na historia da arte. D. João d'Almeida que exerceu o cargo de embaixador de Portugal junto da santa sé, pelo anno de 1788, modificou este systema auctorizando cada pensionario a escolher artista que houvesse de o dirigir. O seu successor melhorou esta organisação, mantendo a liberdade de escolha, mas formando uma aula commum para estudo do desenho, a que andavam annexas collecções de gessos, livros, quadros, etc. Foi director d'esta academia o illustre João Gherardo de Rossi, e chamava-se o embaixador portuguez, que ligou seu nome a tão util innovação D. Alexandre de Souza e Holsstein², cujo neto tem a honra de ser o auctor d'este estudo.

Sequeira, ao chegar a Roma, foi hospedado em casa do embaixador, no palacio Cimarra, mas havendo travado intimas relações com um rico proprietario chamado Cometti, foi, passado alguns mezes, habitar em casa d'este na via di Pane i Perna.

Frequentou em Roma as aulas da academia de S. Lucas, com a mesma distincção com que seguira o curso de desenho em Lisboa. Em 1789 encontramol-o alcançando o segundo premio n'esta academia, n'um concurso cujo assumpto era o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. O trabalho de Sequeira existe ainda exposto na galeria em que se conservam todas as obras premiadas n'aquelle instituto, onde mais de uma vez o vi junto ao quadro que obteve o primeiro premio. É só justiça e não cegueira de compatriota dizer que Sequeira foi inferior ao seu competidor apenas em se mostrar menos destro no manejo do pincel, mais timidez no desenho. Transparecem já n'este quadro as suas qualidades e os seus defeitos. Seja porém como fôr, a obra de Sequeira é notavel para um artista de 21 annos, saído havia apenas alguns mezes da escola de Francisco José.

Pouco tempo frequentou as aulas officiaes da academia de S. Lucas, e aproveitando-se da faculdade de es-

colher professor, tornou-se discipulo entusiasta de Cavallucci.

Não comportam os limites a que tenho de sujeitar este estudo, largas considerações sobre o estado das artes em Italia na época em que Sequeira chegou a Roma. Fôra contudo proveitoso fazel-as para bem conhecer a historia do talento de Sequeira, e poder seguir as diversas phases do seu desenvolvimento. O fim do seculo XVIII é data importante na historia das artes. Embatem-se em renhido mas incruento combate duas escolas, dois systemas, dois principios. O futuro da arte depende do exito da contenda. Por um lado os ultimos discipulos de Berettini, de Maratta, de Battoni, os derradeiros representantes da escola dos *macchinisti*, em que tinha descumbado a grande escola de Bolonha; pelo outro os primeiros imitadores e seguidores de Mengs e de David que reagiam com toda a energia da convicção, não só contra este convencionalismo mas tambem contra os estylos maneados e elegantemente falsos de Boucher e de Vanloo. Roma era o centro do combate. Imperára até ali sem rivales na capital do mundo christão e das artes, a escola que apóz tantas vicissitudes de varia fortuna, caíra de imitação em imitação no affectado e pretencioso estylo em que a natureza é esquecida, porque estudada só através dos trabalhos de outros artistas venerados, reputados inexcediveis e que era dever seguir e imitar. Este estylo academico e official dominava exclusivo e absoluto, e foi o que Sequeira veio encontrar praticado e ensinado na escola de S. Lucas.³

Com a intuição do genio percebera-lhe a falsidade e a caducidade. Ao lado porém d'este barrochismo moribundo, mas que ainda tentava um ultimo esforço para senhorear o mundo artistico, erguia-se a escola dos reformadores, que, fugindo de um excesso caíra n'outro não menos perigoso. Cansado do convencionalismo, pensára Mengs e depois d'elle David, regenerar a arte retemperando-a no estudo dos grandes modelos que nos ligára a antiguidade pagã. Das grandes machinas do Battoni e do Maratta em que as qualidades estheticas são sacrificadas á technica⁴, em que a falta de severidade no estudo da fórma, as pomposas falsidades do desenho, o exagero do colorido eram apenas compensados por uma grandiosidade como que scenographica da composição, passou a moderna escola a uma quasi dureza de linhas e rigidez de debuxo que por contrastar com as demasias da anterior lhe grangeou desde logo muitos imitadores e discipulos. Como o doente, a quem o facultativo prescreveu por longo tempo o uso de xaropes e remedios extremamente adoçados, toma com indizivel prazer medicamento que em outra occasião o desgostára por demasiado amargo, assim os artistas querendo sanar-se dos defeitos da escola amaneirada e convencional dos ultimos descendentes dos Carrachis, deixaram-se arrastar a uma fria e não menos convencional imitação do antigo. Se os primeiros só viam a natureza através das obras que se reputavam modelos unicos a seguir, assim estes só a contemplavam e estudavam nos reflexos que ella deixára nas obras da estatuaria antiga. David é o typo d'este genero. No seu desenho correcto e secco, nas suas composições bem balançaadas e severamente estudadas, na sua cõr tão fria, transparece o exclusivo estudo dos baixos relevos antigos e dos monumentos estatuarios que povoam os museus de Roma. O atrazo dos conhecimentos archeologicos, levando a confundir obras da época imperial romana, pela maior parte copias mais ou menos secundarias, com os grandes originaes gregos, discriminação melin-

¹ Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 146.

² Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 147. Taborda. — *Ob. cit.*, pag. 242. Taborda. — *Ob. cit.*, pag. 232, nota.

³ Wornum. — *Epochs of painting*, pag. 562.

drosa e difficil que só apóz longos e aturados estudos a sciencia poude estabelecer, não favorecia por certo a moderna escola. Differente era com effeito reproduzir a fórma humana pelas admiraveis estatuas gregas, ou ir desenhá-la pelas copias muito menos delicadas dos estatuarios romanos que, sendo já imitadores, não haviam ido buscar ao natural, unica e verdadeira fonte da inspiração artistica, os lineamentos e as fórmas das suas figuras.

D'aqui provém que, se as produções da escola de David têm um certo sabor de classicismo que parece nascido do estudo dos bons modelos, do respeito pelas tradições e regras que nos legou a arte grega, têm ao mesmo tempo uma secura e frieza que regela, afasta o entusiasmo e não desperta a emoção.

Entre os artistas então existentes era Antonio Cavallucci um dos mais distinctos. Percibendo que o demasiado apêgo aos princípios fundamentaes de David o faria cair de um erro em outro não menos perigoso, fugiu das exagerações do grande pintor francez aproveitando porém o que na sua escola havia de recommendavel.

Poucas informações cabem aqui ácerca de Cavallucci. Conheci ainda em Roma alguns contemporaneos dos seus discipulos e vi algumas das suas obras. Como artista alcançou bastante nomeada. Estudára muito o Correggio¹ cuja suavidade de côr e de claro escuro procurava imitar, esforçando-se ao mesmo tempo em corrigir com os severos preceitos de David a nimia affectação do grande pintor de Parma. Era tido em conta de excellent professor, não inculcando cegamente aos estudantes o seu methodo e estylo, mas espreitando-lhe as vocações e tendencias e esmerando-se em as cultivar e desenvolver. Consta que em suas lições, ao examinar os trabalhos dos estudantes que dirigia, tinha por invariavel costume obrigar-os a dar a razão do que faziam, e a explicar o *por que* das suas obras, em uma palavra a fazel-os raciocinar, cultivando-lhes a intelligência ao passo que lhes adestrava a mão.

Este foi o mestre que Sequeira escolheu e sob cuja direcção recebeu o impulso definitivo que determinou toda a sua carreira artistica, sem exceptuar mesmo os seus ultimos e pasmosos quadros. Com tal mestre aprenderam a *ver*, o resto tirou-o do riquissimo thesouro com que Deus o favorecêra.

Parece certo que os primeiros mezes que Sequeira passou sob a direcção de Cavallucci lhe foram penosos a ponto de mais de uma vez, desanimado, abandonar o estudo. Nem custa a crêr que assim houvesse acontecido. O ensino de Francisco de Setubal, extravagante e falso, estragára-lhe o gosto. Costumára-o a produzir rapida e descuidosamente, sem preocupação do natural nem do antigo. Tinha agora, em Roma, de sujeitar-se a uma disciplina severa, de esquecer o que houvera aprendido e de começar para assim dizer nova vida artistica.

Vencidas porém as primeiras difficuldades, não tardaram as suas pasmosas disposições artisticas a desenvolver-se. Com effeito, se nos trabalhos de Sequeira, executados n'aquella época, existem tendencias para a severidade na fórma, firmeza no contorno, e sobriedade de composição, bastante attenção prestada ao claro-escuro, vida e naturalidade nos personagens; por outro lado ha tambem nos seus quadros sentimento e expressão verdadeira e não convencional. Revela assim que se ha de distanciar tanto da affectação dos *barrocos*, como da severidade dos *dauidistas*. Alguns d'estes trabalhos estão em Roma, mas todos poderão em breve estudar na nossa galeria de Lisboa (na academia real das bellas artes) o quadro allegorico á fundação da Casa Pia, outr'ora proprie-

dade da illustre familia Manique, para cujo chefe Sequeira o executou em Roma em 1794, e comparal-o por um lado com o quadro de Battoni na capella mór da Estrella, e pelo outro com a bem conhecida gravura do juramento dos Horacios, uma das obras capitaes de David, e sem estabelecer parallelos impossiveis entre obras tão diversas em todos os sentidos, reconhecer que o joven portuguez procurava evitar as demasias do systema que tinham prejudicado aquelles dois grandes artistas.

Dos trabalhos de Sequeira fallarei mais de espaço na segunda parte d'este estudo, mas não pude acabar comigo de citar desde já este, para bem exemplificar o que deixo dito ácerca das escolas dominantes em Italia, na mocidade de Sequeira, e mostrar como elle soube, auxiliado pelo mestre de sua escolha, furtar-se aos perigos a que ambas o podiam expôr.

(Continua.)

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA EM GUIMARÃES

I

No tempo em que os monarchas da dynastia de Aviz empunhavam o sceptro de Portugal, havia no reino um vassallo, que hombraava com o rei nas riquezas que possuía, no poder de que dispunha, e no lustre e fausto do seu viver. Esse vassallo era o duque de Bragança. A sua casa, pelos grandes privilegios, que disfrutava, pelas grossas rendas que percebia, pelas muitas igrejas que apresentava, pelas numerosas villas e aldeias, que o reconheciam por senhor o lhe pagavam tributos, habilitando-o a levantar á sua voz e obediencia 10:000 infantes; esta casa tão poderosa constituia um verdadeiro estado dentro do estado portuguez.

Entre os numerosos titulos honorificos d'esta casa, usados pelo chefe, pelo herdeiro presumptivo e pelos filhos segundos, contavam-se os de duques de Bragança, de Barcellos, e de Guimarães; os de marquezes de Valença, de Villa Viçosa e de Montemór; e os de condes de Barcellos, de Ourem, d'Arrayolos, de Faro, de Penafiel, de Neiva e Faria.

D'entre os muitos privilegios e prerogativas concedidas aos duques de Bragança avultam duas verdadeiramente regias; a de conferirem, como o rei, todos os graus de nobreza ás pessoas do seu serviço; e a de disporem, como quizessem, de quarenta e uma commendas da ordem de Christo, todas muito rendosas, sem dependencia dos mestres d'esta ordem. Proviam com total independencia da corôa e dos prelados, mais de quinhentos officios de fazenda e de justiça, e cento e sessenta e tantos beneficios ecclesiasticos. Possuiam dezoito castellos, cujos alcaides eram de sua nomeação. As villas e aldeias, de que eram senhores, encerravam, nos fins do seculo xv, oitenta mil almas. N'esta época empregavam em seu serviço uns quinhentos familiares.

D. Fernando I do nome, e segundo duque de Bragança, quando acompanhou a Africa el-rei D. Affonso V, levou 2:000 infantes e 700 homens de cavallo, todos vassallos seus, armados e sustentados á sua custa; e D. Jayme, unico do nome, e IV duque de Bragança, enviado por el-rei D. Manuel á conquista da praça africana de Azamor, commetteu esta empreza á frente de 4:000 infantes e 500 soldados de cavallaria, tirados tambem das

¹ Migliarini, art. no *Art-journal*. Janeiro de 1863, pag. 4.

terras de que era senhor, e igualmente armados e sustentados á sua custa. Não bastavam todas estas despesas para absorverem os seus rendimentos. Do muito que ainda sobrava d'elles dão testemunho muitas fundações religiosas, magníficos palácios, e outras obras que demandaram enormes gastos. Em fim eram immensas as suas riquezas: em jóias, em baixellas de ouro, prata, cristal e porcellana da China e Japão, em tapeçarias da Persia, da India e de Arras.

Possuíam os duques de Bragança muitos palácios. Os mais vastos e mais notáveis por sua magnificencia e recordações historicas, eram os de Villa Viçosa, onde tinham a sua côrte, o de Lisboa e o de Guimarães. D'este ultimo trataremos agora, por que a isso nos convida a gravura junta.

II

Erguem-se estes paços em lugar um tanto elevado, quasi na extremidade occidental da cidade de Guimarães. Perto d'elles estão dois monumentos venerandos, coevos com a fundação da monarchia, e ricos de memorias do nosso primeiro rei: o castello da condessa Mumadona, onde nasceu D. Affonso Henriques, e a igreja de S. Miguel, onde este soberano foi baptisado.

O palácio dos duques de Bragança compõe-se de quatro corpos, formando um grande quadrado, com uma vasta praça ou pateo no centro. Da fachada principal, vol-

tada ao sul, apenas restam a parte inferior das paredes, e o portal da entrada resguardado com um alpendre, sustentado por duas columnas. Do corpo do palácio, que lhe fica opposto, acha-se de pé em toda a sua altura a fachada, que olha para o norte, e que assenta sobre um lanço da cêrea de muros da villa, hoje cidade de Guimarães. No centro d'esta fachada avultam, junto uma da outra, duas mui grandes e formosas janellas, de mais de sete metros de altura, ostentando as galas do estylo gothico puro. Pertenciam á capella do paço, que tinha dimensões de uma grande igreja, cujo portal está em frente das referidas janellas, e abria-se em uma grande sala interior. A gravura junta representa este portal, formado por diferentes arcos ogivacs, sustentados por delgadas columnas, o qual parece estar como que suspenso, por lhe

faltar o pavimento da sala, que o precedia. A fachada d'este corpo do edificio, que deita para o pateo, acha-se pela maior parte derrubada. O corpo do palácio do lado de oeste está desmoronado até meia altura, mas as casas do pavimento terreo conservam-se em bom estado. Pela parte de fóra corre, em todo o seu comprimento, encostada á parede, uma alpendrada.

Está intacto de ruina todo o corpo do lado de leste. Nas extremidades tem dois pavilhões mais elevados do

que a parte central. A frontaria, que deita para rua publica, tem mais de trinta janellas de diferentes tamanhos com grandes vãos de parede entre si, e dispostas em tres e quatro andares. Este corpo do palácio serve de quartel militar, e pôde accomodar um regimento. Encerra extensas salas, sem vestigio algum de decorações. Tem nas extremidades duas bem construidas escadas de caracol, que conduzem aos telhados, e que outr'ora davam saída para espaçosos terrados. No lado do norte tinha este paço uma pequena cêrea.

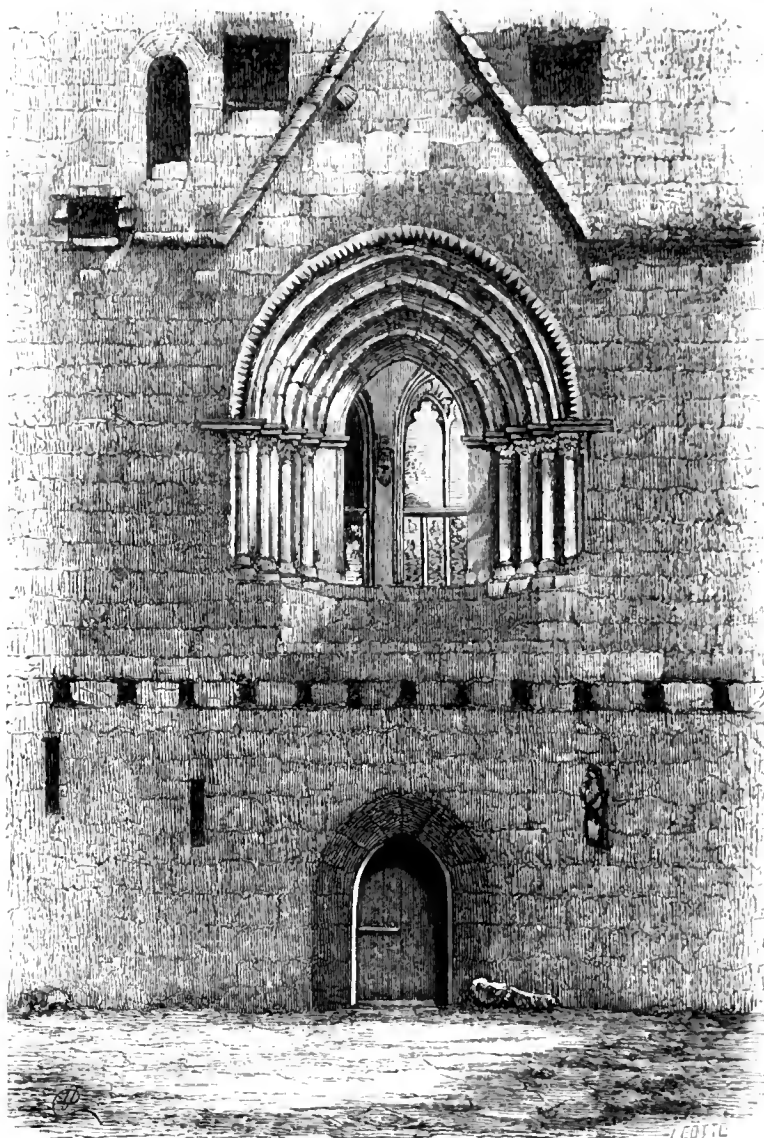
III

Foi fundado este paço nos principios do seculo XV por D. Affonso, conde de Barcellos e primeiro duque de Bragança, filho legitimado d'el-rei D. João I, e herdeiro, por sua primeira mulher, D. Beatriz, dos immensos bens que lhe coube, de seu sogro, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira; fallecendo, porém, antes da obra acabada, foi

esta concluida por seu filho, o duque D. Fernando I, durante o reinado d'el-rei D. Affonso V.

Segundo os antigos usos do nosso paiz, não apresentava este palácio, exceptuando a capella, bellezas de architectura, nem decorações algumas esculpturacs, quer no exterior, quer interiormente, pois que todas as suas galas deveriam consistir na magnificencia e variedade das tapeçarias, que lhe vestiriam as paredes das salas, que lhe occultariam as portas e cobririam os pavimentos de lage ou de tijolo; e na riqueza e abundancia dos vasos e outras peças de ouro, prata, cristal e porcellana da China e Japão, que adornariam os bufetes, e pejariam as copas ou aparadores.

Quando se contratou o casamento do infante D. Duarte, filho d'el-rei D. Manuel e da rainha D. Maria, com



Portal da capella do paço dos duques de Bragança, em Guimarães

D. Izabel, filha de D. Jayme, unico do nome, IV duque de Bragança, aquelles paços, juntamente com o ducado de Guimarães, fizeram parte do dote da noiva, por doação de seu irmão, o duque de Bragança D. Theodosio I, e confirmada por el-rei D. João III. Ao infante D. Duarte e sua esposa succedeu no ducado de Guimarães seu filho D. Duarte. Por morte d'esto principe, que falleceu na flôr da idade, e no estado de solteiro, reverteram o ducado e os paços para a casa de Bragança, por succeder n'elles sua irmã, D. Catharina, então casada com o duque de Bragança D. João I.

Habitaram n'estes paços muitos principes d'esta augusta familia, desde o fundador d'elles, o duque D. Afonso. A duqueza D. Constança de Noronha, sua segunda mulher, neta, pela parte paterna, d'el-rei de Castella D. Henrique II, e pela parte materna de D. Fernando I, rei de Portugal, ficando viuva, estabeleceu a sua residencia no palacio ducal de Guimarães, onde viveu bastantes annos e ali falleceu em 26 de janeiro de 1480.

Depois da morte do filho e successor do infante D. Duarte, não tornaram estes paços a servir de habitação aos seus proprietarios.

Começaram então para estes paços os dias de completa solidão e de tristeza. O abandono e a incuria fizeram com que, apesar da solidez da construeção, percorressem acceleradamente os degraus da decadencia dos monumentos, até chegarem ao misero estado de ruina em que os vemos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Do sr. A. Soromenho recebi a carta que em seguida se lê, relativa ao que o sr. I. de Vilhena Barbosa escreveu em o n.º 3 das *Artes e Letras* acerca do *Thesouro da sé de Braga*. A essa carta, que immediatamente communiquei ao sr. Vilhena Barbosa, responde este senhor com outra, que tambem vac publicada, ficando por este modo satisfeitos os desejos dos dois illustres academicos.

Emquanto ao que o sr. Vilhena Barbosa declara sobre a minha insistencia na publicação immediata das gravuras, obrigando-o assim a escrever o seu artigo sem ainda ter os dados necessarios, para elle, direi que a minha insistencia provio d'este periodico se publicar em um paiz onde faltam, por emquanto, muitos dos elementos necessarios e indispensaveis a empresas d'esta ordem, o que dá origem não só ao atraso em que a nossa folha ainda está, mas a ter de se passar muitas vezes, como no caso em questão, por cima de todos os obstaculos para que o periodico se não atraze mais.

RANGEL DE LIMA.

O THESOURO DA SÉ DE BRAGA

Sr. redactor das *Artes e Letras*.—Acabo de lêr na sua excellente revista um artigo do meu consocio e amigo o sr. Vilhena Barbosa, acerca do thesouro da sé de Braga; e tomo a liberdade de rectificar uma ou duas inexatidões, que ali se encontram, devidas, necessariamente, á demasiada fé que s. ex.ª prestou ás tradições locais, ou ás informações havidas de pessoas pouco competentes. Succede isso a todos os que não têm outro meio de averiguação.

Quem não tem ouvido dizer que o altar de prata, guardado no thesouro da collegiada de Guimarães, foi tomado

por D. João I de Portugal ao rei de Castella na batalha de Aljubarrota, e dado, em memoria e offerenda, a Nossa Senhora da Oliveira? que o retabulo da Virgem, conservado na sacristia da mesma igreja, é obra de S. Lucas, mandada de Roma? Todavia o presepio de prata é obra muito posterior, feita na Italia, por ordem de um prior da collegiada, cujo nome não me occorre n'este momento; e o painel foi legado em 1295 pelo prior D. Paio Domingues, que nada diz da origem evangelica da pintura, pois se limita a dizer *coram imagine beate Virginis quam ego duxi de urbe Romana*. Bastava isto para dar ao quadro, talvez o mais antigo existente em Portugal, um grandissimo valor artistico; mas pareceu aos ciceroni prebendados, incapazes de conhecer o merito do retabulo, que o maravilhoso de per si lhe dava fóros de preciosidade. Enganaram-se: o merito da pintura, que é real, fica; o maravilhoso, que é phantastico, passa: aquelle apreciam-n'o todos os competentes; este admittem-n'o só os ignorantes.

Mas o amor á lenda não é privativo da collegiada de Guimarães. Ha-o em toda a parte; e o sr. Vilhena Barbosa deve tel-o encontrado muitas vezes nas suas peregrinações archeologicas a atravessar-lhe o caminho e a envencilhar-lhe o fio das averiguações.

Em Braga, por exemplo, não pôde s. ex.ª tirar a meada a limpo. Aquelle cofre de marfim, que em 1851 se dava como trabalhado na China e «offerecido a S. Giraldo que o usava, para metter n'elle o calix, nas visitas diocesanas», suppõe o meu douto amigo ser «producto da arte asiatica, pois que n'aquellas eras só na Asia estava tão adiantada a esculptura em marfim e metaes.» Enganou-se. O exame um pouco mais preciso, e o espirito desembaraçado da lenda, teria feito vêr claramente a s. ex.ª, pela natureza do lavor e do desenho, que tinha diante de si um trabalho cordovez.

A inscripção em caracteres euficos, que se lê em torno da tampa, não diz «Só Deus é Deus, e Mahomet o seu propheta.» Segundo a memoria que conservo d'ella, diz o seguinte:

«Em nome de Deus, a benção, a prosperidade e a fortuna para o Hadjeb Seifo'-d-daula por esta obra que mandou fazer por mãos de . . . seu ennuco alainerita.» Está lascada a tampa no sitio onde estava o nome do artista.

O cofre foi, pois, mandado lavar por Abd-el-Melik, ministro de Hisehem II, khalifa de Cordova, e filho de Almançor (Mohammed ibn Abi-Amer); e concluido entre o anno de Christo 1004, em que, depois da tomada e destruição de Leon, recebeu o epitheto de Seifo'-d-daula (defensor do estado) e Al-modhofer (o victorioso), e o anno 1008, em que, voltando de uma expedição contra os christãos, morreu.

O vaso de marfim era destinado a usos profanos; e só a circumstancia de ter alguém mettido n'elle o calix, que se diz de S. Giraldo, fez que se originasse a lenda repetida pelo sr. Vilhena Barbosa.

Permitta-me por ultimo uma observação. S. Giraldo não foi o 68.º arcebispo de Braga; mas o 21.º; e ainda para isto é preciso admittir alguns prelados titulares e um bocadinho da lenda.

Esperando que o meu amigo e consocio me não tome a mal estas reflexões, sou, sr. redactor,

De v.

A. SOROMENHO.

Amigo e collega.—Quintã, junto ao Douro, 24 de setembro de 1874.—Agradeço muito a v. a copia, que me enviou da carta que lhe dirigiu o sr. A. Soromenho, meu amigo e consocio, relativamente ao que escrevi em o nu-

mero 3 das *Artes e Letras*, sobre algumas peças do thesouro da sé de Braga.

Como ha de estar lembrado, quando me pediu para eu fazer o artigo, que devia acompanhar as quatro gravuras, representando dois calices, um baculo e um cofre, pertencentes áquelle thesouro, escusei-me de o escrever, por me faltarem os esclarecimentos precisos; pois que me eram inteiramente desconhecidas as duas ultimas peças, e das outras apenas tinha uma leve recordação de as ter visto, ha muitos annos, mas sem exame, nem estudo. Insistindo, porém, v. no seu pedido, e expondo-me as conveniencias do jornal, que exigiam a publicação d'aquellas quatro gravuras em o numero que se estava a compôr, annuí, promptificando-me a escrever um artigo, em resumido quadro, ácerca da ourivesaria em geral, e em particular da que respeita ao nosso paiz; com o fim de que a primeira parte do artigo acompanhasse as ditas gravuras, e a segunda parte, em que se devia tratar d'ellas, ficasse para o seguinte numero, dando assim tempo a que fossem pedidos e viessem de Braga os esclarecimentos indispensaveis. Esses esclarecimentos não vieram com a presteza e antecipaçoão que era para desejar. Chegaram quando já era urgente a entrega do original da segunda parte do artigo; quando já estava quasi a entrar no prelo o numero do jornal, em que devia ser publicada; e não era possível, conforme as considerações que v. me apresentou, fazer passar o artigo para o numero immediato, accrescentando-lhe uma terceira parte.

Por conseguinte, desconhecendo o cofre a que se refere o sr. Soromenho, e não tendo meios, nem tempo, para fazer estudo algum sobre os esclarecimentos enviados de Braga, nada mais posso dizer em relação a esse assumpto, senão que muito estimo que s. ex.^a tenha conhecimento d'esse objecto de arte, e fizesse investigações bem succedidas ácerca d'elle, e que sinceramente applaudo a sua resolução de fazer conhecido do publico, e com especialidade dos assignantes das *Artes e Letras*, esse resultado dos seus trabalhos. Se a noticia historica do cofre de marfim, e a interpretação da inscripção, que fazem parte do meu artigo, fossem devidas a estudos meus, não me regosijaria menos com a carta do sr. Soromenho; pois que o alvo, a que sempre miro, nas minhas investigações historicas e archeologicas, é o descobrimento da verdade. D'isto que digo dão testemunho os meus escriptos sobre essas materias, principalmente no *Archivo Pittoresco* e no *Commercio do Porto*, nos quaes, por diferentes vezes, tenho declarado erroneas asserções ou opiniões minhas, anteriormente publicadas. E assim praticarei sempre, todas as vezes que alcançar conhecimentos mais fundamentados, quer seja por esforço meu, quer por diligencia de outrem. N'aquelle genero de estudos, sobretudo em o nosso paiz, as investigações de um dia feliz destroem muitas vezes os castellos de argumentos ou de conjecturas, que levaram mezes a construir.

O que disse no mencionado artigo com relação a julgar o cofre obra de arte asiatica, foi conjectura minha. Attendendo á presumida antiguidade do cofre, mais do que ao exame que se pôde fazer á vista de uma simples gravura, pareceu-me possível, e talvez provavel, que tivesse sido feito, não na India, nem na China, mas sim na Syria, onde as cruzadas levaram artistas do Occidente, que, pelo contacto com os do Oriente, mais adiantados, principalmente na esculptura, se aperfeiçoaram, creando um estylo original, em que se estampavam feições da arte gothica, bysantina e arabe. Os relicarios e outras obras artisticas, vindas da Palestina n'essa época, e que não são raras em o nosso paiz, abonam o que deixo dito. Isto, porém, não passa de uma simples explicação

do pensamento, que dictou aquella minha conjectura. A interpretação da inscripção do cofre pelo sr. Soromenho revela a verdadeira origem d'esta obra de arte. E não se pôde duvidar da competencia do interprete.

Quanto ao arcebispo primaz S. Giraldo, regulei-me pelos catalogos dos prelados bracharenses, que vem na *Corographia Portugueza*, do padre Carvalho, e no *Diccionario Geographico* do padre Cardozo. Segui essa chronologia sem acreditar na sua exactidão, antes pelo contrario, crendo que contém muitos nomes apocryphos. Porém, sendo essas duas obras muito vulgares, sobretudo a primeira, e além disso auctorizadas, entre as mãos dos ecclesiasticos d'este reino, preferi regular-me por ellas, repugnando-me indicar outra numeração, que as contradiscesse, sem adduzir razões para fundamento de tal discordancia. E não podia adduzil-as, porque a economia do jornal não me permittia alongar mais o artigo.

No logar em que presentemente estou, não tenho meio algum de averiguar, se me enganei na conta dos arcebispos, segundo aquelles catalogos; ou se haveria erro de imprensa, que me escapasse na revisão das provas.

Sou com toda a consideração e estima,

De v.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

CONDE DE S. LUIZ. — Assim se intitula o 12.^o volume publicado pela *Bibliotheca universal* de que são editores os srs. Lucas & Filho. A boa escolha das obras distribuidas por esta empreza aos seus assignantes, deve ella a prosperidade e augmento que, em pouco tempo, adquiriu. Nove são os romances que até agora tem dado á luz da publicidade, e apenas um d'estes é traduzido; os restantes são originaes. Prova isto que os editores têm cumprido fielmente o seu programma e auxiliado com dedicação os escriptores portuguezes, incumbindo-os de trabalhos mais importantes do que simples traducções. Honra lhes seja.

O conde de S. Luiz, romance escripto pelo sr. D. Thomaz de Mello, é uma narrativa de acontecimentos pela maior parte verosiméis, feita em linguagem correntia e abundante de interesse dramatico. Não obstante certas exagerações que a critica possa por ventura apontar-lhe, sobretudo no desenho de alguns caracteres, como o da gastrónoma Olympia, por exemplo, que representa o estomago um pouco, talvez, hyperbolicamente, a obra do sr. D. Thomaz de Mello é muito apropriada á indole da empreza em que figura, e ha de, certamente, ser lida com interesse.

ALJUBARROTA. — Os mesmos editores publicaram o n.^o 8.^o da encyclopedia *Educação popular*, de que é director o sr. Pinheiro Chagas. O novo livrinho é uma pagina da historia de Portugal em que se acham resumidos os grandes acontecimentos que tornaram tão brilhante a luta famosa sustentada pelos portuguezes contra os castelhanos, e que teve por successo principal a batalha de Aljubarrota. Este, como os demais volumes que fazem parte da encyclopedia publicada pelos srs. Lucas & Filho, tem a utilidade de instruir os que o compulsam, e a propriedade de attrahir e prender a attenção do leitor, o que succede a todos os escriptos do sr. Pinheiro Chagas.

RELATORIO APRESENTADO Á JUNTA GERAL DO DISTRICTO DE FARO NA SESSÃO ORDINARIA DE 1874. — Este relatorio publicado em volume de mais de 200 paginas, saído dos prelos da imprensa da Universidade de Coimbra, é assignado pelo sr. conselheiro José de Beires, governador civil do districto de Faro, e contém larga copia de documentos e mappas illustrativos, bem como resoluções e consultas da junta geral.

A exposição que o acompanha, escripta pelo sr. dr. Francisco Lazaro Côrtes, director das Caldas de Monchique, é muito digna de ser detidamente apreciada, porque n'ella se consigna, com a maior lucidez e proficiencia — como muito bem diz o sr. governador civil quando trata d'este trabalho no seu relatorio — tudo quanto interessa saber sobre aquelle importantissimo estabelecimento.

ALMANACH DAS SENHORAS PARA 1875. — Está publicado este curioso livrinho, um dos melhores da collecção de almanachs que de ha muito goza excellentes creditos tanto em Portugal como no Brazil, graças á boa vontade e perseverança de uma senhora de reconhecido talento, a sr.^a D. Guiomar Torreção. É este o quinto anno que o precioso volume, collaborado por muitas senhoras illustradas e pelos principaes escriptores portuguezes e brazileiros, vem desenlendar as horas do serão das familias, offerecendo-lhes poesias graciosas ou sentimentaes, narrativas humoristicas ou serias, aneddotas, sentenças e scenas de comedias, tudo moral e agradável, quando não é tambem instructivo. O volume d'este anno fecha com o nome do sr. Alexandre Hereulano. O illustre escriptor, a propósito do soldado, do cabo de policia e do guarda rural, escreve quatro capitulos resplandecentes de fina satyra e estylo vernaculo.

ESTATISTICA MEDICA DOS HOSPITAES E RELATORIOS SOBRE O SERVIÇO DE SAUDE NAS PROVINCIAS ULTRAMARINAS, COM REFERENCIA AO ANNO DE 1872. — Como se vê do titulo, este volume de perto de 300 paginas, dado á estampa na imprensa nacional, versa sobre assumpto, que só interessa ás pessoas que se dedicam á especialidade. Entretanto figura entre os relatorios, um assignado pelo sr. Custodio José Duarte, facultativo de primeira classe e delegado de saude na ilha de S. Vicente, que, pela amenidade do estylo em que está escripto e pela copia de curiosissimas noticias que encerra ácrea d'aquella importante ilha do archipelago de Cabo Verde, é digno de ser lido até pelos mais estranhos a assumptos medicos.

UM HOMEM POLITICO. — Foi já distribuida aos assignantes da *Bibliotheca theatral*, a comedia em tres actos que tem o titulo da epigraphie acima, imitada do hespanhol pelo sr. Aristides Abranches, a qual mereceu geraes applausos das platéas do theatro da Trindade, onde foi á scenha ha dois annos.

O *Homem politico* é peça muito elhista e que pôde ser facilmente representada em theatros particulares; não admira por isso que tenha boa venda.

ELEMENTOS DE DESENHO GEOMETRICO. — A acreditada livraria dos srs. Magalhães & Moniz, estabelecida na cidade do Porto, acaba de publicar um folheto de mais de 50 paginas, assim intitulado, e que deve servir de auxilio aos alumnos que têm de fazer nos lycæus do paiz, exame de desenho linear. O compendio foi elaborado pelo sr. J. G. Moreira, e é conforme ao programma official para os candidatos ao magisterio primario.

A doutrina pareceu-me estar exposta com a clareza indispensavel em obras d'esta natureza, o que me leva a crer que este novo opusculo de instrucção obterá do publico lisongeiro acolhimento.

A HARPA. — Assim se denomina uma revista litteraria publicada no Porto, sob a direcção do sr. Joaquim de Araujo. Contém artigos e poesias de escriptores conhecidos, tanto d'aquella cidade, como de Lisboa, e é publicação merecedora, por mais de uma razão, do favoravel acolhimento que tem encontrado, pois muitos dos seus numeros estão esgotados.

Que a sua prosperidade augmente cada vez mais, é o que sinceramente lhe desejo.

O TERREMOTO DE LISBOA. — Figura no mercado, com este titulo, mais um romance historico devido á penna do infatigavel escriptor o sr. Pinheiro Chagas, cujo talento e fertilidade surpreendem todos.

O enredo do novo livro do sr. Pinheiro Chagas é pretexto, aliás interessante e bem urdido, para o auctor escrever largamente a respeito do terremoto de 1755, que destruiu a cidade de Lisboa, e do grande estadista, o marquez de Pombal, que fez surgir do montão de ruinas produzido pelo forte abalo e pelo fogo, a regular cidade em que hoje vivemos.

O assumpto já de si interessante, mais attrahente se torna abrihantado pelas galas de estylo do illustre escriptor que o tratou em romance. É natural, portanto, que a obra tenha grande extração, pelo que bem andaram os editores os srs. Mattos Moreira & C.^a em a darem á estampa.

O INCENTIVO, PERIODICO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, SCIENCIAS E LETRAS. — Tenho presente o primeiro numero d'esta importante publicação mensal, de que são redactores e proprietarios os srs. Romualdo A. de Seixas Filho e Climerio C. de Oliveira. A julgar pela brilhante maneira por que o novo periodico se apresenta no seu começo, pôde-se afortunadamente augurar-lhe longa vida e crescente prosperidade. Este numero de vinte paginas, impresso em bom papel, contém artigos de generos variadissimos. A instrucção, a medicina e a critica theatral acham-se ali tratadas com bastante conhecimento das especialidades e amenidade de estylo; as poesias e os folhetins com que o fasciculo termina, são agradaveis e lêem-se com interesse.

A nova publicação brasileira é, pois, por todas as razões, merecedora da protecção publica.

A HISTORIA ANTIGA PARA USO DA mocidade. — O livro assim denominado, escripto por M. Lamé Fleury e traduzido em vulgar pelo sr. Arnaldo A. P. de Faria, foi publicado no Porto pelo conhecido livreiro-editor o sr. Ernesto Chardon.

São muitos os livros do escriptor francez que assigna a obra de que ora me occupo, o qual é conhecido por um dos mais habéis auctores de compendios para uso das escolas.

Este da *Historia antiga* é escripto em linguagem clara como o exigem os livros de estudo, contém unicamente os assumptos essenciaes á instrucção dos que começam a illustrar o espirito, e encerra conceituosos commentarios aos factos narrados, commentarios que têm por objecto dar certa educação moral ao estudante, exaltando a seus olhos os grandes rasgos de heroismo ou de virtude dos heroes, e castigando sem clemencias os delictos e crimes d'aquelles que occupam na historia logar menos lisonjeiro.

METHODO FACIL DE ESCRIPTEAR OS LIVROS — TRATADO COMPLETO DE ARITHMETICA PURA E APPLICADA AO COMMERÇO, AOS BANCOS, ÁS FINANÇAS E Á INDUSTRIA. — O referido editor o sr. E. Chardon vac encetar a publicação d'estas duas obras, cuja importancia para os que se applicam ao commercio, facilmente se deprehende dos titulos.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

— Os parisienses têm gosado, ultimamente, de um espectáculo muito curioso, exposto na sala das Conferencias, no boulevard dos Capuchinhos. Consiste n'um systema de vistas photo-esculpturales, representando a interessante cidade de Pompeia — encontrada ao cabo de dezoito seculos de esquecimento — com os seus foruns, as suas ruas, os seus templos, os seus theatros e as suas habitações. Ninguém imagina como é commovedor e sublime o espectáculo que apresentam aquellas correctissimas vistas, de aspecto admiravel, e de tal relevo, que o espectador julga-se a passear por entre os celebres e imponentes monumentos, que, de mais a mais, se erguem a seus olhos do tamanho natural. D'este modo está-se no *Forum* civico, donde, seguindo pela rua dos Tumulos, o passeante se dirige para os templos de Jupiter e de Venus. Saindo do immenso amphitheatro que pôde conter 20:000 expectadores, vê-se, á direita, o Pantheon de Augusto e os templos de Mercurio e de Isis, e, á esquerda, a Casa do Fauno, o Theatro comico e a *villa* de Diomedes. Encontram-se tambem varias casas particulares, as de Marcus Sueretius e de Cornelius Rufus; as *Thermas*, ou banhos publicos; a basilica e o Templo da Fortuna, etc. Estas vistas, devidas ao trabalho de um artista italiano, Giacomo Luzzatti, são excessivamente curiosas, sobretudo porque apresentam tal relevo, que ninguém duvida de que está em Pompeia, visitando as ruinas da grande cidade, que esteve enterrada durante mil e oitocentos annos debaixo das cinzas do Vesuvio.

— Falleceram ultimamente os seguintes artistas: — Hippolito Boulanger, famoso paizagista belga, tendo de idade apenas 36 annos; Lancrenon, pintor de historia, francez; Luiz Devedeux, tambem pintor de historia, francez; João Henrique Foley, o mais habil esculptor inglez; e o popular desenhador inglez Kenny Meadows, de 87 annos de idade, o qual produziu grande numero de desenhos para gravar em madeira. Foi amigo intimo de Carlos Dickens, Leigh Hunt e Douglas Jerrold.





IN 500 COPIES

A NOTICIA QUE VEM DE LONGE

QUADRO DE AMBERG

EDITORES ROLLAND & SEMIOND LISBOA

ARTES E LETRAS

NUMERO 7—LISBOA—3.^a SERIE

A NOTICIA QUE VEM DE LONGE



UE formosa e dulcíssima idéa a d'este quadro!

Largo pensamento onde os mais contrarios elementos se alliançam na mais suave harmonia que o espirito de um artista pôde modular pelos concertos divinos!

O que Deus creou de maior: o mundo; e de mais debil: o coração. Sobre a es-

phera terrestre cinco dedos finos, rosados, nervosos, unicamente habituados ao delicado contacto do bordado e da luva.

O ninho da humanidade dentro do gabinete da mulher. A enormidade dos mares diante da pequenez da lagrima. A distancia a luctar com o amor; a fraqueza a digladiar-se com a immensidade. O movimento da terra a oppôr-se á triste quietação d'aquelle quarto. O silencio da noite procurando vencer a harmonia

das espheras para que não perturbem, com a melopea que Pythagoras phantasiou, o doloroso atravessar do pensamento por entre os meandros da saudade... A vontade

a porfiar com o impossivel. A creatura a revoltar-se facilmente contra Deus... Sublime quadro em que tudo isto se adivinha sem que o artista tivesse necessidade de o sobrecarregar de grupos, de accidentes, de tintas!

Ao contrario. Tudo singelo, simples, casto e bom.

Uma só mulher, a mais adoravel figura do mulher que se tem visto, encantadora na simplicidade do vestir, formosissima na simpleza do pensar. Tem um só pensamento. É a saudade que enche o quadro. Mas essa mulher não é apenas, na sua angelica naturalidade, um coração que chora pensando. É mais. É propriamente a encarnação da saudade. O *delicioso pungir* de Garrett está-lhe nos olhos, na physionomia, no trage.

Tudo é terreno e ao mesmo passo tudo é ethereo no quadro. O que ha de terreno está no globo que ella estuda: na distancia. O que ha de ethereo está na candida expressão d'essa mulher: na saudade.

A noite é a solidão, o silencio, a tristeza. Pois bem. A saudade, mixto de solidão, de silencio e de tristeza, redivive a essa hora. Está á sua vontade. O ponto procurado na vastidão da esphera apparece com o vago que linimenta a imaginação quando sonha doloridamente. O sol, com os seus jorros de luz, seria duramente verdadeiro. Consentiria que se avaliassem melhor as distancias, e que se lessem com maior clareza os nomes das terras. Assim, pôde esquecer uma ilha, um canal, um estreito. E o pensamento é um viajante egoista: não quer obstaculos. Pensamento, a caminho! Partes d'este ninho perfumado e solitario. Vaes de vaga em vaga. Fluctuas como aquellas flôres errantes que navegam. Passas atravez dos emporios sem que o ruido da civilização te preoccupue. Levas o teu fito: andas sempre. Atravessas o mar, zombas dos perigos, vaes com a tua véla invisivel e com o teu leme imponderavel em demanda de porto certo. Chegaste. Estás aqui onde o dedo poisonou. Aqui fica, exactamente aqui, o archipelago ou a peninsula que sonhavas. Fizeste-te sentir. Fallaste. Volveste-te som, tinta, palavra. Não perdeste atravez da distancia a menor parcella do teu ser. Chegaste intacto e inviolado. Disseste o que tinhas a dizer: o teu poema. Entregaste o que te confiaram: as tuas lagrimas. Voltas com a resposta: as tuas lagrimas e o teu poema. Bemvindo! Seguiste fielmente a direcção que te ensinou essa mão recortada em gelo dos polos. O pensamento, ó prodigio, quem soube a essa hora, em que tudo dorme, e alguns sonham, que tu festsão longe, mensageiro de segredos, e tornaste sem te perdeses no caminho?!

Só quem te mandou, e quem te recebeu...

E, todavia, podia sabel-o mais gente, mas esses dormem felizes o somno tranquillo de quem tem ao pé de si quanto deseja ter.

Se não dormissem, lograrian acompanhar-te, porque o teu romance, ó amor, adivinha-se, folheia-se, percebe-se.

Eram duas creanças. Crearam-se juntas, brincaram como irmãos. As borboletas do campo tinham de ambas as mesmas queixas, porque de mãos dadas as perseguíam. As rosas, que desfolhavam, diziam d'ella: É má! E d'elle: É mau! Os pastores da serra chamavam *anjo* a ambos, quando as duas creanças lhes davam da uerenda, e impensadamente significavam no singular d'essa palavra que as duas almas estavam fundidas n'uma só pureza. O espelho cristalino dos rios era quadro para o retrato de ambos, quando se miravam nas aguas, e as mães lhes gritavam, de longe, que se acantelassem, porque as levaria a corrente.

Até nos perigos a que se expunham havia inteira comunidade!

Podia levá-los a mesma onda, a mesma...

Cresceram. Separaram-se então. Foi cada um para seu collegio. Mas, n'essa grande tristeza do collegio, n'essa grande desgraça moral do nosso seculo, tinham um pensamento commum. Encontrarem-se no dia em que as duas familias as fossem buscar, e não se separarem senão quando de novo voltassem para o collegio. Assim era. Que festivas risadas, que matinaes chilidos quando ella se enganava n'um ponto de geographia, e elle sorrindo a emendava! Assim se foram os primeiros annos em intermittencias de felicidade e sofrimento. Mas de uma vez, nas ultimas ferias do collegio, elle teve de se despedir para mais largo tempo. Ia cursar uma aula superior, e seguidamente encetaria a vida do mar, porque na sua familia havia a tradição de honrar indefinidamente a memoria de um admirante illustre.

Então começou ella a recordar com fervor os seus conhecimentos geographicos. Queria podel-o acompanhar, quando elle embarcasse para dilatadas viagens.

Na sua familia não havia o culto poetico do mar. Sua avó contava ainda ao serão a velha legenda do *mar tenebroso* com o sinistro appenso do naufragio de um parente remoto, que morreu sobre a ultima prancha do navio amaldiçoando, como o velho da praia do Rastello, o primeiro que ensinou a navegar:

Oh! maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas velas poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei, que sigo e tenho:
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria:
Mas contigo se acabe o nome, e a gloria!

Ainda nos primeiros tempos do collegio, e durante as primeiras lições de geographia, sentiu a divinal creança pairar sobre a sua cabeça o terrivel Nikker, o genio maligno das aguas, com o horrendo aspecto que elle tem na creança escandinava.

Pouco e pouco, porém, conseguiu dominar os terrores que derivaram de uma educação supersticiosa. Era preciso familiarizar-se com o oceano para seguir atravez dos escairecos o navio, que teria cordeame de seda se a deixassem cortar as longas franças do seu cabello. Lentamente, a creação mythologica de Nikker se convertem, como na tradição escandinava, na entidade protectora do santo bispo de Myra. A *noite do abysmo* transmudou-se hora a hora na ilha dos pomos de ouro, de que fallam as narrativas bretãs, ou na ilha dos amores, que Luiz de Camões idealisou.

Quando o seu companheiro de infancia embarcou pela primeira vez, já ella não compartiu dos terrores com que na sua familia o despediram. Chorou de saudade, não de medo, que já o não tinha. Ah! não! O amor fizera o milagre. Debruçou-se sobre os mappas, e disse ao pensamento, indicando os zig-zags de uma linha colorida:

«É por aqui que tens de seguir-o.»

Pouco depois veio uma carta: a primeira. O navio arribára. Estavam muito longe, talvez em plagas inhospitas e doentias. A familia apavorou-se. Chegou a suppôr que não voltasse. Ella fechou-se no seu gabinete com a sua saudade, e procurou na esphera terrestre a paragem aonde tinha de mandar o pensamento.

«É aqui!» E o pensamento foi, o voltou. Depois ella descerrou as cortinas alvejantes do seu leito de pureza, e começou murmurando as doces orações da noite. E o anjo da guarda, desdobrando as azas, cobriu-a e abençoou-a.

ALBERTO PIMENTEL.

A GALERIA DE QUADROS DO SR. P. DAUPIAS

Em terra onde os amadores de bellas artes são rarissimos; onde, alem da Academia, el-rei D. Luiz e el-rei D. Fernando, apenas um ou dois particulares possuem alguns quadros de valor, e estes mesmos collocados em casas sem luz apropriada, quando não estão em monte, cobertos de poeira, voltados para as paredes, é acontecimento digno de especial menção, principalmente para um periodico da indole d'este, apparecer um amator que munda construir uma galeria elegante e em boas condições artisticas, despendendo ao mesmo tempo alguns contos de réis na compra de quadros para a guardar.

É o sr. Daupias o amator a quem me refiro. Teve este cavalheiro a condescendencia de me receber na sua excellente galeria, prestando-me os devidos esclarecimentos acerca dos seus quadros e proporcionando-me, bem como a um amigo meu muito entendido em assumptos de arte, algumas horas de verdadeiro aprazimento.

Mede a galeria do sr. Daupias, levantada na sua casa no Calvário, 16 metros de comprimento por 5^m,75 de largura. O tecto é envidraçado e as paredes estão cautelosamente dispostas para não deteriorarem as télas, sendo pintadas de uma cor que não prejudica o effeito dos quadros. Ao cimo das paredes corre um simples ornato fingindo como que uma cimalha de pedra, muito bem pintado a fresco pelo distincto artista decorador o sr. Bordes.

Os quadros que preenchem a galeria são todos antigos, e muitos d'elles, talvez a maior parte, pertenciam a casas bastante conhecidas, de Lisboa, das quaes o sr. Daupias directamente os obteve.

Entre as télas que mais notaveis me pareceram, mencionarei as seguintes de que me recordo:

Uma cabeça attribuida a Rubens, de colorido vigoroso e agradável.

Dois quadros de Teniers.

Uma bonita e excellente composição, assignada, de Theobaldo Michau, representando um *Mercado de gado*. Este quadro pertenceu á galeria Hancock.

Dois quadros de flores, assignados, de Philipp Van Thielen, e que tambem pertenceram á referida galeria.

Quatro quadros representando a *Creação do mundo*, assignados por Breughel.

Um painel d'este mesmo artista, representando a *Tentação de Santo António*.

Dois quadros da escola veneziana, representando assumptos biblicos. São de Jacques Bassano, chamado Giacomo da Ponte, e estão ambos assignados.

Um quadro da escola hespanhola attribuido a Juan Valdés Leal. É uma grande e notavel composição, figurando um assumpto sacro.

Um quadro representando um *Rapaz vendendo gallinhas*, pintado com largueza, e muito similhante em estylo aos trabalhos de Velasquez.

Uma bambochata de Simão de Vos.

Um flamengo, attribuido a Lundens, representando uma *Festa campestre*. É primoroso este quadro. De variada composição e colorido apropriado, tem excellente desenho e admiravel acabamento. As figuras são muito expressivas e contrastam bem umas com as outras. A castidade do principal grupo em manifesta contrastação com a immodestia do grupo secundario, é de magnifico effeito. Tenho este quadro por um dos mais agradaveis da galeria do sr. Daupias.

Um quadro de Panini, figurando *Ruínas*.

Um grande painel da escola hollandeza, attribuido a Gerard Honthorst (Gherardo della notte). Representa um episodio da vida de S. Roque, e foi comprado no leilão que houve, ha pouco tempo, na Escola polytechnica. Pertenceira ao antigo Collegio dos nobres.

Um pequeno mas formoso quadro representando a *Ceia do Senhor*. É primorosa a figura que está assentada no primeiro plano.

Um *S. João Baptista*, attribuido a Carduci.

Um painel figurando o *Salvador adolescente*, attribuido a Julio Romano.

Dois quadros de batalhas, composições microscopicas em que ha uns longes muito bem tocados.

Alguns quadros gothicos de bastante merecimento, avultando entre elles dois de grandes dimensões.

Consta-me que o sr. Daupias fez aquisição, depois da minha visita á sua galeria, de um famoso quadro original de Ribera, figurando *Santa Maria Magdalena*. Alliançam-me que este quadro é superior ao de igual assumpto, mas de composição differente, pintado pelo mesmo mestre, que existe na vasta galeria de Madrid, com o n.º 80. Parece que tanto ao de Madrid como a este, serviu de modelo a filha do pintor.

Alem dos quadros referidos, muitos dos quaes estão encaixi-

lhados em ricas molduras, possui o sr. Daupias algumas composições modernas de incontestável merecimento, e uma collecção de aguarellas de artistas hespanhoes, muito importante.

Em contravenção ao uso seguido na maior parte das galerias, encontram-se na do sr. Daupias, além dos quadros que guarnecem as paredes, alguns objectos de subido valor.

Dois bufetes magníficos estão ao meio da casa, e sobre elles algumas louças preciosas, sobresaindo tres chavenas de Sévres, em uma das quaes se vêem primorosamente pintados, os retratos de Henrique IV e de duas princezas. E lindissima esta amostra dos famosos productos da celebre fabrica franceza.

Algumas talhas da India de muito preço, adornam os cantos da galeria, e um prato magnifico de prata doirada, com figuras cinzeladas, representando uma batalha do tempo dos romanos, assenta sobre um plintho feito de proposito para o expôr. Finalmente alguns passarinhos alegres e de côres variegadas, saltitam e cantam dentro de uma vasta e elegante gaiola de arame, animando aquella mansão da arte, onde os personagens que a habitam só vivem pela expressão e movimento que lhes imprimiu o pincel inspirado do artista que os produziu.

N'um dos extremos da galeria está a concluir-se um *salon carré*, que o sr. Daupias destina para quadros modernos. Terminado elle, seguir-se-lhe-ha outra galeria igual á primeira, e no enfiamiento d'esta, destinada aos quadros que o sr. Daupias tem dispersos pelas suas salas, que são muitos, e aos que este intelligente amator fôr d'aquí em diante comprando.

O sr. Daupias teve a fortuna de poder conciliar as condições artisticas da galeria já feita e da que vae edificar, com as suas commodidades. S. ex.^a não precisa sair de casa, nem sequer atravessar uma sala ou um corredor para vêr os quadros que possui; basta-lhe abrir a porta de um dos seus quartos para estar no *salon carré*, e d'ali se dirigir á direita ou á esquerda, conforme a galeria que primeiro quizer visitar.

Não abunda em Portugal quem allie os bens da fortuna ao bom gosto e ao sentimento artistico; quando, portanto, se depara com algum n'estas circumstancias, são sempre poucos os encomios que se lhe dirigem.

N'este caso está o sr. Daupias a quem vae, de certo, caber a gloria, superior a todos os elogios, de vêr seguido o exemplo de elevado gosto que deu, pois é natural que alguns amadores abastados, seduzidos pelos quadros de s. ex.^a, se disponham a crear galerias particulares, com o que prestarão relevantes serviços ás artes.

RANGEL DE LIMA.



RECORDAÇÃO HISTORICO-ARTISTICA

COMPLETARAM-SE, aos 29 de junho ultimo, 274 annos que Rubens partiu para a Italia.

Decidira-se esta viagem por conselho de seu primeiro mestre Octavius Van Veen, mais conhecido pelo nome latinizado de Ottovœnius.

Logoque veio a saber-se esta resolução, a mãe de Rubens reuniu os parentes mais dignos de confiança, e n'um accôrdo legalisado, escripto em flamengo, e do qual ainda existe o texto, declararam: «Que os parentes e tutores de Pedro Paulo Rubens, convencidos da honradez, habilidade e bom procedimento d'elle, não achavam difficuldade em conceder-lhe da melhor vontade licença para ir á Italia acostumar-se na boa sociedade e aperfeiçoar-se na sua arte, seguindo assim o exemplo de seu pae e do seu digno e honrado mestre Octavius Van Veen.»

Depois de ser apresentado por seu mestre, em audiencia de despedida, ao archiduque Alberto, que o brindou com uma riquissima cadeia de ouro, Rubens, entre os seus parentes e condiscipulos, e alguns personagens da côrte, montou a cavallo e partiu para a terra classica das artes, aos 29 de junho de 1600.

Contava então 23 annos.

Seu mestre Ottovœnius entregou-lhe, na occasião da partida, letras sobre as principaes casas bancarias da Italia na importancia representativa das suas economias.

Rubens chegou a Veneza e ali se demorou pouco. Em seguida partiu para Mantua, onde estava o duque, e tambem este o accumulou de favores; a final, o que havia de ser famigerado pintor, seguiu para a cidade de Roma.

E.

MARTYR CHRISTÃ

(Quadro de P. Delaroche)

Tu foste o branco lilio;
O vento, ao perpassar,
Levou-te o aroma ao empyreo,
E as petalas ao mar.

A candida existencia
Em nuvens a embalou;
E o sopro da innocencia
Aos astros a levou!

Na vaga, aonde a lua
Raios entorna a flux,
Morta a virgem fluetua,
Como em rede de luz.

A Roma dissoluta,
Alem, brame em furor.
Na terra não se escuta
Um ai da sua dôr!

Ninguem a haver chorado?!...
Que importa? vem banhar
Seu corpo desmaiado
As lagrimas do mar.

Na terra, em ermo escuro,
Nem lousa opprimirá
Seu peito alvo e puro.
Anjo, e martyr, terá

Por campã o eó da Italia,
O immenso manto azul;
E o dôce canto, oh dhalia,
Das virações do sul.

No firmamento os astros,
Cedendo á attração,
Em luminosos rastros
Seu nome insereverão.

—A crenga ao eó radiosa!—
Tu, corpo, habitar vaes
A estancia luminosa,
As grutas de coraes.

Então, reflexo vago
Das nuvens do luar,
Dôce ondina do lago,
Serás a alma do mar!...

Coimbra, 1874.

COELHO DE CARVALHO.

CATHEDRAL DE ANTUERPIA

Antuerpia, a antiga cidade dos Paizes Baixos, está situada a alguma distancia da embocadura do Scheldt. As margens d'este rio offerecem o espectáculo de abundantes pascigos e o matiz dos trigaes opulentos, bastando isto, e a variedade caprichosa dos edificios, para que o animo do viajante se sinta deliciosamente impressionado.

Antes de se abordar a cidade, descobre-se a grimpada elevada torre da cathedral, emergindo de um centro vicoso; e ao chegar-se a Lillo e Liefkenshoek, postados lateralmente como duas sentinellas, em defensão de Antuerpia, o contorno do monumento apresenta-se mais distincto, mais limpido, até que, fundeando o navio, a attenção se embebe tanto n'elle como na paizagem.

A cathedral de Antuerpia occupa um lugar proeminente no grupo da architectura continental, reputando-a, muitos, como o mais esplendido edificio gothico da Europa.

Em periodo remoto, erguia-se uma modesta igreja n'aquelle mesmo sitio, e conforme a lenda, Godfredo de Bullão transformava-a depois em templo de uma collegiada. Apoz varias alterações, de que a historia não legou capitulo authentico, a igreja, convertida em cathedral, foi inteiramente reedificada, dizendo-se que oitenta e quatro annos se consumiram n'este lavor prodigioso.

Em 1533 o fogo destruiu o edificio, poupando a torre e o côro. Este havia sido reconstruido dez ou doze annos antes, sendo o imperador Carlos V quem lançou a primeira pedra. A torre, começada em 1422, sob a direcção do architecto João Amelins, concluiu-se, na opinião de um escriptor francez, em 1518 sob as indicações de J. Appelmans, de Colonia. O que a torna geralmente admiravel são os requintes da sua construção, e a harmoniosa elegancia de suas partes. Composta de diversos lanços, cada um d'elles aporfia em extremos de ornamentação, não sabendo a vista em qual se demorará de preferencia.

De principio tentou-se erigir no outro angulo uma torre similhante, mas, como o denuncia a gravura, nunca passou do primeiro compartimento ou galeria.

Em 1540 addicionaram-lhe um carrilhão com sessenta sinos, o qual dá quartos e horas, — por fórma, ao que é de suppôr, tão ruidosa, que os experientes aconselham a que ninguem se vá hospedar no *hotel* de Santo Antonio ou no do Parque, — se acaso pertender dormir com socego.

Internamente, ainda a cathedral se mostra mais grandiosa. A nave, que é de uma extensão immensa, estadêa ao centro uma cupula ou lanterna, afestoada de laçarias

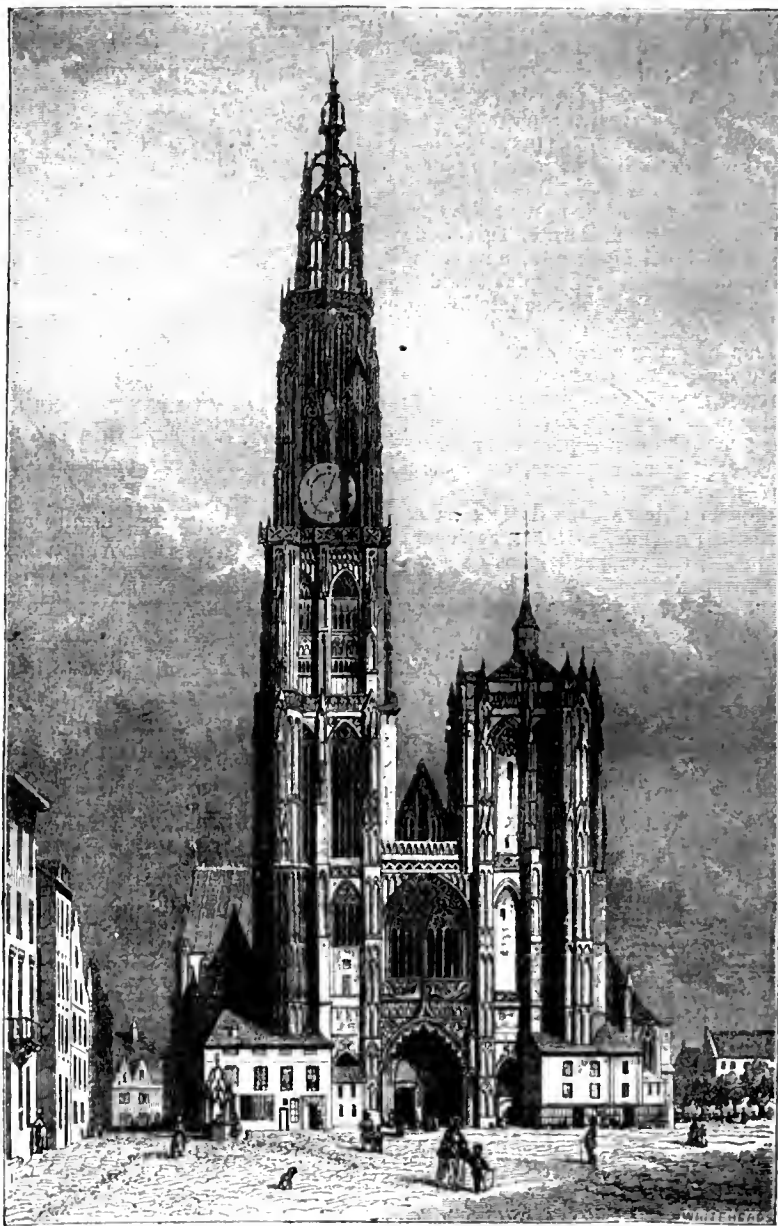
gothicas, e por ella se eoa uma luz tibia que vem projectar-se nos paredões guarnecidos pelas assombrosas té-las de Rubens.

Antuerpia é uma das cidades continentaes para onde o artista deverá encaminhar os passos de melhor grado; e a cathedral, o primeiro objecto a nortear-lhe o espirito. Sentir-se-ha captivado pela sumptuosidade dos adornos, pela riqueza dos paramentos, pelo deslumbrante conjuncto das alfaias. Centenares de candelabros de prata, baixelas de ouro, trinta e dois altares de marmore branco, profusão de quadros, — uma prolixidade magestosa. A onda da revolução, como sempre, desempenhou a sua tarefa destruidora; mas, felizmente, salvaram-se as tres grandes composições de Rubens: *O descimento da Cruz*, *A elevação da Cruz* e *A assumpção da Virgem*.

A esculptura em madeira conserva a sua primazia na Belgica. Não ha igreja que não patenteie algum primor no genero, — o pulpito, sobretudo. O

da cathedral revela um trabalho paciente, comquanto o gosto do desenho se não coadune com o pensamento que a elle se associa. Sustem-n'o quatro figuras colossaes, a Europa, Asia, Africa e America, com os seus attributos symbolicos, — servindo-lhe de remate ou corôa um emastado de ramos e troncos, por entre cujas folhas se descobrem innumeras aves, — concepção esta de Verbruggen. Não se esqueçam os modernos entalhes, planeados pelo professor Geets, de Louvain, e executados, sob suas vistas, por Durllet. N'estes se admiram grupos de estatuas e baixos relevos, simulando varios successos da vida de Christo, adornados com todas as exuberancias gothicas.

Taes esculpturas frisam em valia com as das melhores épocas da arte christã.



Cathedral de Antuerpia

O PASTORSITO ROMANO

Diz Rousseau que não tinha mão das lagrimas, quando ouvia as seguintes palavras: *voilà de la pervenche en*

Ao leitor, que ha de ser mais ou menos poeta, como peninsular que é, que de vezes não terá succedido quedar-se suspenso, distraído, de olhar absorto no vago, ou porque acertou de ouvir as palavras de uma cantiga

**O pastorsito romano**

fleurs! Que o amante de M.^{me} de Warens não explicasse o phenomeno, e sempre queriamos vêr quem lograria explicar-nos tamanha singularidade.

A alma do poeta é profunda e mysteriosa como o mar: não ha sonda que lhe rasteje no fundo, nem mergulhador por mais ousado que lhe devasse os segredos.

com que o embalaram na mehinice, ou porque aspirou o perfume de uma dada flôr, ou porque viu na rua, de passagem, um determinado perfil!...

É sabido de todos o quanto o passado influe no presente, e quanto d'esta influencia procede as mais das vezes a causa das nossas alegrias, das nossas tristezas e das nossas seismas.

Se isto succede com quem levon na terra vida remançada, e pouco de accidentes e aventuras, imagine-se como não será opulento de recordações e de lembranças o passado de quem andou de peregrinação em peregrinação, vendo terras, analysando costumes, e conversando povos, até que a fadiga e o cansasso lhe dissessem: basta!

Ora para esses, cujo thesouro de reminiscencias deve ser abundante, chega um dia, em que a intelligencia se obscurece, em que a memoria emperra, e a sensibilidade se embota.

Conhecemos um d'estes teimosos viajantes, que envelheceem, e que por unicos amores tem uns netos, que lhe rolem a poltrona e que em tardes de verão a arrastam para ao pé da varanda, de sorte que o avô possa vêr quem anda na rua e as andorinhas que recortam caprichosamente o azul.

À noite quando se accende o candieiro, bastas vezes até de chofre no peito do octogenario o gravame de uma tristeza incomportavel; nada o distrahe, nada o consola: nem a conversa do genro, nem o tagarelar das visitas, nem a voz argentina das creanças.

Quereis porém vêr como aquelles olhos quasi apagados se illuminam, e aquellas rugas se distendem, e aquelles beijos descolorados se desatam em risos, e como aquella memoria acorda n'um sobresalto alegre?

Ide buscar-lhe a pasta dos desenhos, abri-a em cima do tapete da mesa, chamae a pequenada, que toda se delicia com este episodio, e observae-mo agora como o velhinho se está narcisando n'aquelles desenhos, que elle em melhores tempos fez, já alcandorado nos pinearos agrestes dos Alpes, já debruçado nos brancos terraços de Malta, já em alguma *pozada* tentando fixar no papel as *mañolas* trêfegas e lascivas, que levantam nos requêbros do fandango as saias curtas, fôfas e pintalgadas!

Então é que é o recordar, o rir e o chorar do pobre velho, enquanto as creanças apertam mais estreitamente o circulo das cabezinhas louras, e se acotovelam silenciosas, ouvindo os commentarios do avô.

Chora, velhinho! Cada um d'esses desenhos representa uma parte da tua vida de outr'ora, da tua vida tão cheia de enthusiasmos, de illusões e de mocidade. N'aquelle tempo tinhas tu o cabello negro e lustroso, o olhar vivo e penetrante, o passo seguro e firme, o corpo tão rijo como o aço; tanto te montava a ti o calor ardente dos tropicos, como o frio intenso das *steepes*.

Amaste e foste amado, e muita vez quando a madrugada rompia, e a passurada regorgeiava pelas sebes em flôr, se te metias á estrada, sósinho, com o teu bordão, e se olhavas para traz, verias em certas janellas, por entre as cortinas ondeadas levemente pela brisa matutina, uns dedos que te diziam adeus, uns labios que te beijavam de longe...

Mas ao que vem tudo isto com o pastorito da estampa?

Vem, que nos estivemos lembrando que as recordações devem pungir mais vivamente ao viajante de que ao resto da gente, sobretudo quando este viajante seja artista, pintor ou poeta, e que nunca deixe de registrar, quer com a penna, quer com o *crayon*, a impressão que o commoveu, o enthusiasmo que o elcetrison, a paisagem melancolica ou risonha que lhe choven sombras no espirito, ou lhe inundou de risos o coração.

E senão indaguem do artista, que desenhou este pastor, se diante d'esta gravura, hoje ou amanhã, não sentirá rebates de saudades ao lembrar-se do momento, em que viu o moeito, conversou com elle, e, tirando do lapis, esboçou no papel as linhas e os contornos, que mais em socego corrigidas e avivadas nos deram esta figura tão simples, tão pittoresca e tão verdadeira!

E depois não será tão sómente o pastor a causa das reminiscencias do artista, acudir-lhe-hão as miudas circumstancias d'aquella hora, e assim desdobrar-se-lhe-ha á vista a manada de egoas que elle viu passar correndo debaixo das arcarias de um dos muitos aqueductos, que atravessam aquelles plainos dos arredores de Roma, descobrirá o Tibre deslisando em torcicollos ora apparecendo, ora desaparecendo, verá os bufalos escuros arrastando rio acima as pesadas embarcações, e logo a festiva e branca locanda onde o turista comêra uns vermelhos cachos de uvas da montanha, e mais tarde a Storta, e ao longe o mar, e lá em baixo ensanguentada pelos raios do occaso a enorme, a colossal, a prodigiosa cupula de S. Pedro, e depois... Roma...

Que saudades!

Pinteus.

GONÇALVES CRESPO.



DANDO cabimento nas columnas d'este jornal á carta que vae lêr-se, deixo de satisfazer ao desejo que — de certo, por imperdoavel modestia — o auctor d'ella manifesta no periodo em que me pede a reserve só para mim.

Prefiro porém não acceder, n'este ponto, ao dictame de Ernesto Marécos, a privar os leitores das *Artes e Letras* de uma pagina interessante escripta pelo desterrado poeta no ermo para onde ha tantos annos se ausentou, e donde tão rarissimas vezes dá noticias suas aos amigos e admiradores do seu esplendido talento.

Ahi vae, pois, a carta do poeta, á qual não omitti uma unica palavra, nem mesmo quando ello se dirige a mim com mais amisade do que justiça. Se n'esta publicação ha abuso de confiança, elle que m'o perdõe; mas — para me servir da sua expressão — não achei outro meio de fazer mais *fidalgamente as honras da casa, ao novo hospede que me visita*.

RANGEL DE LIMA.

Meu caro Rangel de Lima

Ibo, 20 de dezembro de 1873.

A esta villa do Ibo, ponto entre todos o mais desconhecido, e o mais digno de o ser, do mundo civilisado; a este ermo inhabitavel onde não apparece o livro, nem o jornal, nem o boato, nem o ecco enfraquecido, ao menos, dos rumores que lá fóra denunciavam a vida intellectual; a esta ilha, que em hora aziaga descobriram os nossos maiores, onde a ignorancia realisa o *nec plus ultra* das columnas da fabula; a esta obscura extremidade, emfim, da provincia de Moçambique, chegou-me n'um bello dia, depois de quatro annos, quatro seculos, de não ler e não ouvir, a noticia da existencia do teu jornal *Artes e Letras*.

D'ahi se prova que não ha deserto, por desamparado que seja, a que a Providencia não destine um raiosinho de luz.

Vaes presumir talvez, meu amigo, que um numero desgarrado da tua folha, depois de inauditas peripecias marítimas, terá vindo, por uma feliz combinação de coincidencias, aportar a estas praias. Vangloria do amor paternal! As muralhas da China são um positivo brinco de creanças se as compararmos ás barreiras de escuridade que me cercam aqui por todos os lados, e está ainda por

crear o jornal litterario que haja de atravessal-as. A noticia veio-me simplesmente n'uma carta de Moçambique. O signatario d'essa carta era o auctor da poesia que te remetto.

Singular excepção na sua terra, o sr. Campos Oliveira, que é natural de Moçambique, alliando a uma vocação accentuada a leitura dos bons mestres, consagra ás musas um culto que tem tanto de auspicioso para elle como para as letras. A poesia *Dois anjos* é um ligeiro specimen do que elle póde e sabe fazer. Corre-lhe agora o primeiro verdor dos annos e eu não duvido asseverar que, dentro em pouco, succederão magnificos fructos ás flôres delicadas em que o seu bello talento se desata já. Creio que para ti ficará de sobra confirmada a minha asserção pelas estrophes que te envio, mas se tens por ahí leitor meticoloso que não prescindia de prova testemunhal, requeiro desde já se tome depoimento ao Augusto de Castilho, juiz de toda a competencia, que ha mezes partiu para Lisboa, que, em Moçambique, privou com o poeta de quem tratamos, e que d'elle obteve mais de uma producção mimosa para esse livrinho, tão popular e tão festejado, que se chama *Almanach de lembranças*.

Um poeta de Moçambique, sobredomando as concepções com o escrever-as em portuguez correcto, é, para quem conhece o paiz, mais do que um phenomeno espantoso, é a *rara avis* que tem incontestavel direito a receber, por parte dos amigos das letras, e especialmente dos jornalistas, um acolhimento cheio de affeição e benevolencia.

Julgo, portanto, que me agradecerás o proporcionar-te o ensejo de apresentares aos teus leitores o moço poeta africano. Para mim foi tambem uma felicidade o deparar-se-me este meio de saudar dignamente o teu jornal. De cousa da propria lavra não fallemos. O estylo e a atmospheria do lbo não pódem coexistir. Do pouco e mal que por algum tempo lidei nas letras resta-me hoje apenas a saudade. A idéa acode-me agora tarda e descorada, a penna pesa-me positivamente na mão, e principio a acreditar que a mais admiravel de todas as audacias é a audacia de escrever para o publico.

Sei que farás fidalgamente as honras da casa ao novo hospede que te visita, e presumo que do que levo dito facilmente extrahirás o *quantum satis* para que, em algumas linhas tuas de introdução, se orientem os leitores sobre a procedencia da poesia que lhes offereço. O tomares tu a ti essa agradável tarefa terá a dupla vantagem de dar realce á obra e de permittir que reserves para ti só esta carta, que, confiada á imprensa, pouco aproveitaria ao poeta que recommendo, e muito menos ainda aos creditos litterarios da minha humilde pessoa.

Lembranças a teu pae. Recebe um fervoroso abraço do

Teu amigo sinceramente affeicionado
ERNESTO MARÉCOS.

DOIS ANJOS

Dormia a creança! belleza que tinha
não podem meus versos ao vivo pintar;
encanto que a ornava, meiguice mais pura,
nem Rubens soubera talvez imitar.

Dormia a creança! que doce innocencia
transluz na candura do rosto infantil!
—Que grato remanso concentra o repouso
da tímida infancia no berço gentil!—

Dormia a creança! do berço bem junto
um anjo velava de forma ideal;
singela grinalda cingia-lhe a fronte,
luziam-lhe as vestes de claro cristal.

Ficou largo espaço mirando a innocente,
nos olhos mostrando ternura sem fim,
depois, enlevado, soltou em caricias
a voz argentina fallando-lhe assim:

«Que fazes na terra, florinha tão debil,
estrella propicia de mago esplendor?
que esperas n'um mundo de eternas maldades,
cercado de espinhos n'um antro d'horror?»

«Aqui ha enganoso, profunda impiedade,
algozes sedentos e sem coração;
aqui ha pezares, martyrios que ulceram,
impuros desejos e vil corrupção.

«Não queiras, ó pomba, perder a candura
que doira teus dias, mandada dos céos,
não queiras na terra viver entre prantos
que pódes comigo voar para Deus!

«Vem vêr as bellezas que o céo reconcentra!
o throno do Eterno que encantos que tem!
que doce harmonia nas harpas dos anjos!
que estrellas! que flôres! que aromas tambem!

«O céo é risonho—tem magos primores,
é todo innocencia, todo elle é de luz!
ali não se escutam gemidos de angustia,
ali ha só festa que as almas seduz.

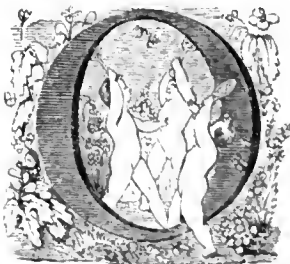
«Não deves na terra, florinha tão linda,
seccar teu perfume, teu brilho perder...
oh! vem! não demores, que os anjos te esperam!
oh! vamos depressa bem juntos viver!»

E o nuncio divino fallando taes fallas
do infante nos labios um beijo depôz;
e em ledo sorriso subiu ao Empyreo
as candidas azas batendo veloz.

Passados instantes... a mãe da creança
envolta gemia da mágoa nos véos:
—chorava a filhinha que o mundo deixára
e em côro de archanjos sorria nos céos!

J. P. DA SILVA CAMPOS OLIVEIRA.

FESTA CAMPESTRE



artista pintou este quadro e chamou-lhe *festa campestre*. Denominação falsa, digo eu, tão falsa como aquelles cordeiros que estão pacificamente pastando quasi debaixo dos pés do grupo alegre e juvenil, tão falsa como aquellas pastorinhas de bordão enfeitado de lagarias e flôres, e aquelle galã que se requebra n'uns tregeitos de comedia, e aquella garrida senhora, que mostra debaixo da saia curta e enfeitada a primôr, uns buliçosos péssinhos que a meu vêr hão de calçar sapatos de setim de taeção alto e vermelho.

Verdadeiro ali só ha o canzarrão, que não é para graças e que acompanha os sons do instrumento com uns nivos e ganidos de vir tudo abaixo.

Ou eu me engano muito ou nós estâmos na casa de campo de algum fidalgo da côrte de Luiz XV ou de algum opulento conselheiro do seu parlamento.

Aquellas pastoras são marquezas, que deixaram os seus *boudoirs* de setim, e os seus trajos de côrte para respirarem um pouco de ar que não seja impregnado de almiscar ou de *poudre d'Iris*. Tentam esquecer por instantes o carmin que lhes costuma colorir as faces, as moscas que lhes realçam a alvura da tez, os folhos dos seus longos vestidos de cauda, decotados até o meio das costas, e quem sabe mesmo se os finos ditos galantes dos seus amorosos vassallos.

Jantaram n'aquella casa que se vê lá ao fundo n'uma sala adornada de cupidos engrinaldados de flôres que atiram flechas, de nymphas que se perdem como a Galathéa antiga por entre a sombra dos cinzeiras, e de pastorinhas gentis que se deixam beijar por uns Melibeus postigos que nada tem de bucolicos.

O jantar foi abundante de viandas e de anécdotas, de licôres e de galanteios.

Fallou-se de Rousseau, que n'aquelle tempo apaixonava o espirito curioso e avido de sensações d'aquellas mulheres a quem já não bastava o leviano amor dos Richelieu e dos Lauzun, e para quem á voz do sombrio amante de M.^{me} de Houdetot a palavra *capricho* ia ser substituída pela palavra *paixão*. Cantou-se uma anacreontica do abbade de Bernis, e um cavalleiro de Malta narrou com muitissimo sal o dito de Piron que saía cambaleando de um café, e que reprehendido por se haver entregado a taes excessos no dia de sexta feira de Paixão, respondera—quando a Divindade morre não é muito que a humanidade cambaleie.— Um outro pede silencio e recita a novidade do dia, uma quadra feita a M.^{me} de Pompadour por Voltaire, ao entrar no gabinete em que a amante de Luiz XV retocava uma miniatura

Pompadour ton crayon divin
Devrait dessiner ton visage
Jamais me plus belle main
N'aurait fait un plus bel ouvrage.

Fallou-se muito do caustico poeta; estivera um com elle no ultimo sarau de M.^{me} de Defiant, sabia-lhe outro de côr um chistoso epigramma, e um mais feliz ouvira um acto da sua ultima tragedia.

Depois, quando o espirito dos convivas começava a esmorecer, uma d'ellas, das graciosas mulheres que rodeavam a mesa, e alimentavam aquella conversação, verdadeiro fogo de artificio iriado de cambiantes magicos, sentou-se a um cravo e rompeu com a musica da *gavote*.

Ao campo! ao campo! bradou em côro a turba dos mais moços, e quando abertas as portas de par em par os convivas saíram de roldão, os faunos do jardim sorriram-se maliciosamente para as nymphas que lhe estavam ao pé.

Afina-se o instrumento, a dança principia, mas os pares não podem de todo esquecer que ainda ha pouco se saracoteavam donairosos nos engommados salões de Versailles.

Ai! as festas da minha aldeia!...

Quem dera a essas doidas cabeças empoadas que a guilhotina espera, um raio do sol festivo e puro que illumina a humilde solemnidade a que se pôde chamar sem mentira uma *feira campestre*.

Pintous.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação)



ENCAMINHADO por Cavallucci e vencidos os primeiros obstaculos, dedicava Sequeira ao estudo todo o seu tempo, toda a sua energia, todas as suas forças. De manhã desenhava o natural ou o antigo; corria nos dias e horas de exposição a visitar os museus publicos e particulares, onde não cessava de copiar o antigo; as noites consumia-as no estudo da anatomia e em adquirir os conhecimentos que mais importavam á sua carreira. Depois de alguns mezes d'este incessante e durissimo trabalho, enfermou a tal ponto que se viu forçado a sair de Roma em busca do descanso e da saude. Visitou successivamente Parma, Bolonha, Milão e Veneza, e esta viagem emprehendida com o fim principal de lhe restaurar as forças, deu-lhe ensejo a continuar os seus estudos, offerecendo á sua esclarecida admiração os thesouros de arte conservados n'aquellas cidades. É natural que o grande pintor de Parma, cujo magico pincel só pôde bem apreciar quem ali tiver visto suas obras, que os deslumbrantes coloristas de Veneza houvessem produzido em Sequeira funda impressão. Aparelhado pelo ensino do mestre a resistir ás seducções perigosas dos bolonhezes, viu e admirou as produções d'esta escola, mas não se alistou em suas fileiras.

Voltou a Roma passados alguns mezes e ali não tardou o seu talento em ser apreciado como devia sel-o. Foi incumbido de executar em igrejas e palacios varios trabalhos importantes, alguns dos quaes subsistem ainda, e tive occasião de estudar, como ao diante referirei. Aquelles annos foram de abençoado e fructifero resultado. Sequeira vivia no meio de uma familia abastada e respeitavel, a familia Cometti, a quem dedicára carinhosa amizade e que lhe queria como se n'ella houvesse nascido. A um dos filhos, mancebo então e que muitos annos depois conheci bispo e octogenario, ouvi referir que mais de uma vez seu pae, saíndo de Roma, entregára a Sequeira o governo e direcção dos filhos, tal confiança tinha na prudencia e gravidade do joven artista portuguez.

A familia Cometti era muito querida de todos os pensionarios portuguezes. Tenho presentes affectuosas cartas dirigidas a algumas pessoas d'essa familia por José da Cunha Taborda e pelo gravador de cunhos e medalhas José Antonio do Valle. Parece que eram considerados ali mais como parentes do que como amigos, mitigando n'aquelle trato de carinhosa intimidade as saudades dos seus e da patria. Folgo de memorar estes factos e de prestar tardia mas sincera homenagem áquelles que souberam dar, tão longe da terra portugueza, gazalhado e amizade aos nossos compatriotas. O nome da familia Cometti não pôde separar-se do de Sequeira e de seus condiscipulos.

A permanencia de Sequeira em Roma foi cortada de outras viagens, além da que deixo mencionada, emprehendidas com o fim de visitar museus e obras de arte. Em uma d'ellas visitou Napoles e, como particularidade curiosa, referirei que d'esta cidade escreveu uma engraçada carta em verso italiano, que tenho diante dos olhos, na qual desereve á sua «comare la signora Giuditta Cometti» os pormenores da viagem e as saudades que sente pela casa que para elle era quasi «o ninho seu paterno».

Achava-se Sequeira em Roma, quando travada a lucta



FESTA CAMPESTRE.

entre os diversos estados italianos e a republica franceza, não tardava que o vencedor d'Areole e de Lodi transformasse a antiquissima monarchia pontificia na rejuvenescida republica romana. Andavam accessos os animos contra os francezes, e a plebe romana mais de uma vez se deixava arrastar a commetter actos sanguinarios que finalmente acarretaram as terriveis represalias que nos refere a historia. Não era prudente para os francezes, mesmo artistas e inteiramente alheios á politica, passarem desacompanhados pelas ruas de Roma principalmente pelas que avizinham os bairros populares.

Uma tarde estivera Sequeira passeando no Colyseu, desenhando talvez uma porção d'aquellas admiraveis ruinas, que mais grandiosas parecem ainda ao decair da tarde, quando as alumiam os ultimos raios do sol no occaso, e voltava de album debaixo do braço e trazendo na mão o banquinho de tesoura, util companheiro dos pintores em suas digressões no campo. Saiu do Colyseu e entrara no que foi outr'ora o fóro romano, quando turba furiosa e infrene o accomette de subito soltando gritos de *morra* ao francez; chegaram mesmo alguns a ameaçalo de perto com punhaes, e sem duvida n'esse dia teria perecido o grande artista ás mãos d'aquelles furiosos, se o não salvasse o sangue frio que felizmente o não abandonou. Conhecendo bem não só o italiano senão o dialecto fallado na região dos *monti* e no Transtevere, disse-lhes, empregando este idioma, que se enganavam, que elle não era francez, senão um artista que recolhia dos seus estudos, portuguez de nação, mas filho de Roma pelo affecto que lhe consagrava e o muito que lhe devia. Serenaram os populares e o nosso grande pintor pode seguir seu caminho sem mais molestia. Comtudo d'ahi em diante foi habitar de novo para o palacio da embaixada, não se julgando talvez seguro na casa do seu amigo Cometti, a quem não resguardavam as immunidades e o respeito devidos aos palacios dos representantes estrangeiros.

Os gravissimos acontecimentos politicos que ameaçavam desencadear-se em furiosa tempestade levaram o governo portuguez a fechar a academia portugueza em Roma e a ordenar o regresso dos pensionarios. Nunea mais se restaurou aquelle instituto, cujas colleções, trazidas para Lisboa por José Viale¹ pelo anno de 1803, nem assim escaparam aos francezes que as destruíram enchendo com os fragmentos dos gessos alguns caboucos de fortificação, no castello de S. Jorge onde estavam². Obedecendo á ordem do governo, Sequeira deixou Roma para regressar a Portugal. Antes porém foi recebido em audiencia pelo papa Pio VI, que lhe testemunhava muito affecto e que, em prova de sua estima, lhe mandou em grande ceremonial, segundo o uso d'aquelle tempo, uma reliquia de Santo Antonio, engastada em custoso relicario. Usavam os pontifices dar por esta fórma um publico testemunho de consideração ás pessoas a quem queriam honrar, enviando em grande pompa um dos seus camareiros em coche de gala, levar a reliquia ao agraciado. Esta demonstração que lhe conferiu o venerando Pio VI foi em extremo agradavel para Sequeira, que assim recebia como que a consagração do seu talento com a benção do futuro martyr de Valença. Para o animo piedoso de Sequeira misturava-se o respeitoso acatamento que sentia pelo dom pontificio, com o jubilo de receber, em tão verdes annos e em posição relativamente humilde, a mereç do soberano, pois outra cousa não era a distincção que o papa lhe outorgára. Quando velho comprazia-se em re-

cordar a fineza que n'aquelle dia lhe fôra feita e da qual sempre conservára grata memoria.

Não lhe faltaram tambem distincções d'ontra ordem, que para elle não eram menos apreciaveis. Em 1794 recebia o diploma de academico de merito da insigne e pontificia academia de S. Lucas, onde pouco antes fôra discipulo e laureado concorrente. Caminho de Portugal, aproveitando um curto resfolgar da tormenta que então rugia, tornou a visitar as principaes cidades do norte de Italia, Bolonha, Parma, Milão, Veneza e veio finalmente embarcar em Genova, em outubro de 1795. No decurso d'esta viagem recebeu novas distincções academicas, sendo nomeado membro das academias de Bolonha e Florença, como elle mesmo conta á sua comadre Cometti em carta datada de Bolonha aos 20 de junho de 1795, accrescentando «vado a Lisbona e tornerò a Roma pieno de accademicato».

Saindo de Roma deixára ali o coração. Extremamente severo em seus costumes, e dado desde tenros annos ás praticas religiosas, tivera Sequeira uma mocidade serena e pura. Costumava dizer que não deviam os artistas ter outra amante que não fosse a arte. Passára pois incolume pelos perigos que cercam os artistas jovens, entusiastas e talentosos, e em que tantos deixam pelo menos as bellas e preciosas illusões da poesia dos primeiros annos. Sequeira porém não fôra insensivel aos encantos de uma menina, filha ou sobrinha de Cometti, e amava-a com verdadeira paixão. Não tinha por enquanto fortuna, nem gloria, nem posição a offerecer-lhe. Persuadido de que seria accito o seu affecto, esperançado de haver conseguido o amor d'aquelle a quem tanto queria, mas a quem parece se não atrevera a confessar o segredo do seu coração, certo porém da annuencia da familia, partiu Sequeira para a sua patria em busca de quanto lhe faltava para voltar depois a Roma depór aos pés da sua *Nannina* um nome honroso e seguros meios de subsistencia.

Este incidente da vida de Sequeira foi inteiramente desconhecido dos biographos que me antecederam. Eu mesmo só delle tive conhecimento lendo em Roma umas cartas escriptas por Sequeira á familia Cometti, durante a sua viagem e depois da chegada a Lisboa. D'ellas se deprehende o que deixo dito, mas não tive agora occasião nem tempo para aprofundar este episodio da vida do nosso grande pintor. Assim não posso ainda saber por que motivo se não realisou o seu casamento. É natural que no resto da correspondencia, que ainda se conserva em poder dos descendentes do seu velho amigo, mas que não tive ensejo de examinar, esteja a explicação d'este facto. Das cartas que li e de que tenho copia, vê-se claramente que a senhora Cometti conhecia e approvava as intenções de Sequeira. As cartas que ella lhe dirigia em resposta já não existem, e a correspondencia fragmentada que tenho á vista e na qual o nosso pintor mui discretamente falla do seu amor, das suas esperanças e das promessas que havia enthesourado n'alma, não lança bastante luz sobre este episodio da vida de Sequeira, tão ignorado até agora, mas que se me atigura haver em parte sido a causa de uma das mais graves resoluções da sua vida.

II

Sequeira desembarcou em Lisboa nos ultimos mezes de 1795. Foi acolhido por todos, desde o soberano até á gente do povo, com singular cortezia e manifesto apreço. Tenho diante dos olhos algumas cartas suas nas quaes, em linguagem tão ingenua que se não pôde chamar vaidosa, narra á sr.^a Cometti o modo como o receberam na patria.

¹ Pae do illustre philologo o sr. conselheiro Antonio José Viale.

² Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 147.

«Vão progredindo a cada passo, diz elle, o meu credito e o meu nome; recebo finezas de todos, *adora-me (sic)* o povo. O Principe elle mesmo elogiou-me, o outro dia, fallando diante de mim com o embaixador de Hespanha.» E não se limitava a elogiar, mas expressava mais substancialmente o seu agrado concedendo-lhe em 17 de dezembro de 1795 uma pensão vitalicia de 60 moedas annuaes e casas pagas, sem prejuizo de remuneração especial por cada trabalho que executasse, «isto, accrescenta Sequeira, tão sómente como premio do muito que aproveitei em meus estudos»; e assim era porque o diploma regio diz: «em attenção ao distincto merecimento que adquiriu em Roma na arte da pintura de que tem dado distinctas provas.»

As commissões para quadros affluíam. Refere elle mesmo em sua carta de 1 de março de 1796 que terminára um quadro historico, os retratos dos dois principes, o que tivera encomenda de um quadro de Santo Antonio, feita por Beckford, o abastado inglez, fundador da magnifica vivenda de Monserrate, propriedade hoje de outro inglez não menos opulento nem menos amador da arte, o sr. visconde de Monserrate, F. Cook. Além d'estes trabalhos fóra-lhe pedido que pintasse a cupula de uma igreja que se estava terminando. Ignoro se fez o quadro para Beckford e faltou-me o tempo para averiguar qual a igreja cuja cupula Sequeira devia pintar. Não creio que chegasse a realisar este trabalho. Pelo menos não encontro vestigio algum escripto ou tradicional a este respeito. Não sei tambem o destino que teve o quadro historico a que alludo atraz, e nem sequer qual era o seu assumpto. Os retratos dos principes devem conservar-se nas arrecadações da Ajuda, onde está grande numero de quadros, obras pela maior parte de artistas portuguezes d'esta época, e quasi todas destituídas de merecimento.

Vinha de molde, n'este logar, uma digressão ácerca da arte portugueza, no periodo de que estou tratando. Mas por muito que eu apertasse os limites do trabalho, não poderia talhal-o por fórma que me coubesse n'este estudo, que tem de ser publicado n'um jornal, cujas columnas não devo, sem desproposito dos leitores, encher eu só. E permitta-se-me que lance mão do ensejo para pedir desculpa da extensão que, sem eu querer, tem ido tomando esta biographia, primitivamente concebida em proporções muito mais breves. O assumpto pela sua importancia e posso tambem accrescentar, pela sua novidade, foi-me levando muito além da primeira traça, mas devo refrear-me de o alongar ainda mais com digressões que não sejam absolutamente indispensaveis para o fim que tenho em vista. Não posso porém dispensar-me de, rapidamente e em levissimo esboço, dizer o que eram então a arte e os artistas em Portugal, afim de podermos conhecer o ambiente em que Sequeira vinha viver, as influencias que o rodeavam, as causas que determinavam o seu proceder. A biographia do nosso pintor enlaga-se forçosamente com a historia da arte portugueza.

Sequeira, chegando a Lisboa, vinha encontrar grande actividade artistica, iniciada depois da paz de Utrecht, em 1715. As grandes obras dos reinados de D. João V e D. José, as fabricas que a piedosa D. Maria I proseguia erguendo e entre as quaes avultava o convento da Estrela, a necessidade de acudir ás immensas ruinas do terremoto que lançára por terra grande numero de igrejas e palacios, as fortunas relativamente consideraveis que se accumularam, a opulencia territorial ainda grande da nobreza, tudo isto concorrêra para augmentar em larga escala o numero dos artistas a que não faltavam obras e com estas fortuna e honras. Os poderes publicos favoreciam ainda por outro lado este movimento, creando es-

colas, decretando pensões e concedendo tenças. O grande numero de artistas, a fama de que muitos gosavam, a consideração em que eram tidos reflectiam-se por seu turno no publico. Certos actos e necessidades sociaes, o luxo a que era, de algum modo, obrigada a classe nobre, o natural desejo que de a imitar sentiam os negociantes de grosso trato que tão protegidos haviam sido pelo marquez de Pombal, e que tinham adquirido avultados cabedacs nas industrias e emprezas patrocinadas pelo grande estadista, eram outras tantas causas que favoreciam a exuberancia de vida que então havia no mundo artistico. Trabalhos que a mudança dos costumes deixou de exigir ou que os progressos modernos incitados pela necessidade de os trazer ao alcance de todas as bolsas, tornaram hoje obra de simples industriaes, eram n'aquella época executados por homens que se prezavam do nome de artistas, e que não temiam rebaixar o pinçel, exercitado em quadros historicos ou sacros, empregando-o tambem em mais modestas obras que hoje diriamos *decorativas*.

N'este ponto, mas verdade é que só n'este, se pareciam elles com o divino Raphael, debuxando ornatos de sua invenção já na Farnesina, já nas galerias que Leão X accrescentou ao Vaticano, e que tomaram nome não do Pontifico que levantára a fabrica mas do pintor que a vestira. Os nossos artistas pois, além das varias classes de pintura propriamente dita, empregavam-se com frequencia e proveito na execução de pannos pintados para salas, de ornatos para casas de recreio, e até de pinturas em coches. Póde vêr-se em Cyrillo o numero, na verdade avultado, que a estes misteres consagrava o tempo que lhe sobrava d'outros de certo mais importantes, mas porventura menos luerativos.

Era tal a abundancia de trabalho que ficava ainda campo para não poucos artistas estrangeiros que por aquelles annos ou vieram estancear em Portugal, ou aqui se achavam de passo.

Era ao mesmo tempo symptoma e consequencia d'esta vida artistica a existencia de muitas collecções, não diro galerias, de quadros. É certo que anteriormente as tinhamos, numerosas e ricas. Attestam-no Guarienti e outros. Com o terremoto muitas, entre as quaes primava a do soberano, tão accrescentada por D. João V, ficaram amniquiladas. Na época porém de que tratamos ainda avultavam as collecções dos marquezes de Borba, de Angeja, de Penalva, de Lourçal, de Tancos, do duque de Lafões e muitas outras que é impossivel referir. Algumas subsistiram até os nossos dias, e foram ha poucos annos dispersas em leilões publicos, ou vendidas successiva e particularmente.

Não era pratica desusada proteger os artistas por outra fórma que não fosse comprar-lhes as obras, dando-lhes pensões, já para irem fóra aperfeiçoar-se, já para lhes assegurar na patria vida despreendida das necessidades materiaes da existencia.

Iria muito longe se tentasse apresentar, mesmo em breve compendio, todos os factos que comprovam a actividade artistica do paiz n'aquella época, e o amor e verdadeiro zêlo com que os poderosos e abastados se dedicavam a proteger a arte, sem querer comtudo dizer que este amor fosse sempre bem empregado, ou este zêlo bem consoante ao seu fim. No que já referi, porém, póde deprehender-se que a nossa época fica, a tal respeito, muito áquem d'essa, e que algumas lições poderiamos ir ali buscar por ventura muito aproveitaveis.

A par d'esta actividade no trabalho não póde comtudo esconder-se a decadencia na qual iam gradualmente caindo os artistas portuguezes, requintando ainda sobre seus collegas do centro da Europa, onde havia algumas escoras,

que não existiam aqui, para espicar o alluido templo da arte. Estes tinham museus e galerias que faltavam aos nossos; tinham uma atmosphera mais saturada de elementos artisticos, mais frequentemente renovada; entre nós vinham, verdade é, a miúdo aportar artistas, mas poucos eram os de ordem, não direi superior, mas mediana; os nossos viviam quasi a sós consigo mesmos, sem verdadeira critica, sem repetidas e frequentes communições com outras escolas, com outros paizes. Por isso o estylo trazido de Roma pelos pensionarios de D. João V, puros *macchiantes*, foi-se exagerando cada vez mais; avolumavam-se os defeitos, e minguavam as qualidades do genero. Copiava-se de copias, de estampas até. Veja-se em Cyrillo noticia dos muitos quadros copiados de estampas¹; veja-se sobretudo na sua biographia de A. J. Padrão a curiosa historia de um quadro da Anunciação, executado em competencia por este pintor com J. M. da Rocha, *copiado de uma estampa* de Baroccio. Que se diria hoje de um concurso, mesmo que fosse entre discipulos do primeiro anno de pintura, cuja prova consistisse em copiar com o pincel uma gravura?

E comtudo tal era a decadencia, tal era o inveteramento do falso methodo, que Cyrillo não só não reprova o facto, senão accrescenta ingenuamente que Padrão «conseguiu talvez igualar o modelo *no colorido*». Triste symptoma de decadencia, mais triste ainda quando se lê no historiador da arte portugueza, no Vasari portuguez, ia eu a dizer, pintor elle mesmo como o escriptor florentino discipulo de Miguel Angelo, que «servir-se o pintor de estampas era costume no nosso paiz²».

Em todos os quadros pintados n'esta época se descebro a negligencia no desenho, a pomposidade na composição, a affectação na côr, o desprezo pelas verdadeiras regras de claro escuro, feições principaes da escola de que procedia a nossa, afinadas ainda e como que requintadas.

Os mais notaveis artistas do periodo anterior tinham desaparecido. Vieira Lusitano fallecera em 1783 antes da partida de Sequeira para Roma; Oliveira Bernardes, distincto entre as medioeridades que o cercavam, passára a melhor vida dez annos antes. Guisti estava velho e cego. Verdadeiramente notavel havia então só um artista e não era pintor. Fallo de Joaquim Machado de Castro. Não encontrava tambem Sequeira a seu mestre Joaquim Manuel da Rocha que se finára em 1786. Campeava como pintor da moda Pedro Alexandrino de Carvalho, cujo pincel facil e destro passava de uma vista de theatro a um quadro de igreja, de um painel de carruagem a um tecto, sempre prompto, sempre rapido, cuidando só de produzir muito e depressa sem tratar de produzir correctamente. E já que fallo em Pedro Alexandrino não posso furtar-me ao desejo de notar como o amor do ganho e a deploravel mania de querer agradar a todos, fazendo *bonito* e rapido, desgraçaram este artista que tinha em seu natural talento e manifesta vocação, elementos para vir a ser pintor distincto e grangear entre os vindouros uma reputação que valeria mais para sua memoria do que os lucros que adquiriu entre os contemporaneos.

(Continua.)

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

¹ Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 92, 114, 123, 125, etc.

² Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 93.

MACAU



e coube á Hespanha abrir por mãos de Christovão Colombo os doirados portaes da nova idade, patenteando um mundo novo ao velho mundo, não foi menos gloriosamente que Portugal, emulo da Hespanha nos descobrimentos e conquistas, encerrou o xv secolo.

Se fôra esplendido o ante-amanhecer do secolo xvi, ainda mais esplendorosa havia de ser para nós a alvorada d'aquelle secolo.

Colhiamos os opimos fructos semeados abundantemente pelos audazes e aventureiros discipulos da escola de Sagres.

Ante as prôas das nossas naus e galeões desapareciam todas as barreiras levantadas pela ignorancia e pelo temor de milhares de gerações.

Se o immortal infante D. Henrique jazia no seu leito de marmore, entre o batalhador D. João I — a quem o povo conceituosamente chamou *de boa memoria* — e o grande rei D. João II, florescia ainda Affonso de Albuquerque. Affonso de Albuquerque, terceiro capitão do mundo, aquelle que depois de Alexandre e de Cesar, encheu a terra com a fama do seu nome, e que foi o segundo visorei da India; Affonso de Albuquerque o fundador do vasto imperio portuguez no Oriente, o conquistador de Goa, de Malaca, de Ormuz, que expede embaixadores e armadas para todos os pontos do seu vasto dominio.

Em 1515, em que o grande politico, o indomavel guerreiro e audacissimo navegador, fallece em Goa a bordo da nau que o conduzia de Ormuz, *morrendo mal com o rei por amor dos homens e mal com os homens por amor d'el-rei*, partira de Lisboa Fernão Peres de Andrade, nomeado capitão da armada, que havia de assentar relações de paz e amizade com a China.

Chegando aquelle capitão a Cochim, é por accordo unanime designado e eleito embaixador de Portugal um homem notavel entre os primeiros pela agudeza de entendimento, sagacidade e finura no trato, alliando a estes dotes a experiencia dos negocios publicos; é elle Thomé Pires, natural de Leiria e boticario, que no anno de 1511 fôra para a India, como feitor das drogarias, com tres homens para o servirem, trinta mil réis por anno, e vinte quintaes de drogas das que elle para si quizesse.

A Thomé Pires foi entregue uma carta e valiosos presentes que el-rei D. Manuel dirigia ao *rei* do Cathayo. De Cochim segue Thomé Pires para Malaca, e por demoras ali, e outros transtornos insuperaveis, só consegue chegar á China por meados de 1517.

Após cumprimentos e festas, Fernão Peres de Andrade veleja para a India deixando em Cantão o embaixador Thomé Pires e a sua comitiva. Em agosto de 1518 outra armada commandada por Simão de Andrade, irmão de Fernão Peres, aporta a Cantão onde encontra Thomé Pires, que ainda não lograra, apesar de diligencias e esforços, avistar-se com o *rei*. Em janeiro de 1520, concedida a permissão necessaria, embarcou-se o embaixador com a sua comitiva em tres embarcações de remos á maneira de *fustas*, gastando quatro mezes na viagem até Nankin, onde recebendo o recado do rei que o fosse esperar a Pekin, para ali se dirigiu conseguindo chegar lá em janeiro de 1521.

Parece que não logrou Thomé Pires colher os deseja-



dos resultados do seu entranhado amor á patria e á sciencia; parece que com varia fortuna ali passou vindo com certeza a finar-se em terras da China. Lei fatal é esta que as grandes ousadias, os commettimentos heroicos, os principios de eterna verdade, assim como as sublimes revelações da sciencia exigem para fructificar o sangue de um heroe, ou a ossada de um martyr.

Quem poderá hoje, mais de trezentos e einoenta annos passados, dilucidar se Thomé Pires deixou descendencia na China, como assevera Fernão Mendes Pinto, ou se elle se finou de maguas logo em 1523, anno em que outra armada, a de Martin Affonso de Mello, foi a Cantão. Póde crêr-se que o illustre Thomé Pires, a quem não faltavam nem letras, nem sciencia, escrevesse ao visor-ei um livro em que lhe dava conta das riquezas e grandezas do rei da China, como assevera Gaspar Correia. Mas d'este livro, que devera ser importantissimo, nem vestigio sequer se tem podido encontrar até hoje; existem quatro cartas do proprio punho d'elle, cuidadosamente archivadas na Torre do Tombo e firmadas assim:

Estes quatro documentos foram já publicados na excellente memoria chamada *Elogio historico e noticia completa de Thomé Pires*, escripta pelo sr. Pedro José da Silva, na GAZETA DE PHARMACIA.

Eis o que resta de Thomé Pires, do primeiro europeu que entrou a capital do imperio chinês.

Estes foram os primeiros passos, este o inicio das nossas relações com o celeste imperio.

Se a valente raça dos portuguezes do seculo XV já ra-reava sobre o solo da patria, tanto mais que as arcias da Africa, as vagas do oceano, as tranqueiras e fortalezas da Asia haviam collido a vida de bastas centenas d'elles, comtudo ainda restava bastante ousadia e exorço para não deixar obliteradas as primeiras tentativas, especialmente quando tinham um incentivo permanente, qual era a amostra dos estranhos e riquissimos productos da industria chinesa. Por isso em abril de 1519 velejavam do Tejo com destino á China, na armada do capitão-mór Pero da Silva, que levava treze navios para a India, duas naus—*Belem* e *Santa Maria da Estrella*, capitaneadas aquella por um tal Rafael Castanho, e esta por Jorge d'Albuquerque. Que importa que se mallograsse esta tentativa? O caminho estava aberto e patente a todos; nem as tempestades do mar nem as da terra podiam já ser obstaculo ou barreira, para quem estava costumado a vencer na terra e no mar. Quem tudo preserntara, quem tudo devassara, umas vezes arrancando da espada, outras arvorando o signal da redempção, não podia parar e deter-se ante as difficuldades oppostas pelos chins á communicação com os portuguezes. Repetiram-se as tentativas, redobraram-se os esforços, e tão porliados foram, que finalmente conseguiram os nossos estabelecer-se em Liampó ou Nimpó, na provincia de Che-qui-ang, de onde sendo perseguidos passaram para Chineheu, provincia de Fo-kiem; d'aquí tiveram ainda de fugir obrigados mais pela fome do que pela perseguição dos naturaes. Mas animos perseverantes, espiritos aventureiros, não desistem da porfia. Transportam-se á ilha de San-choan, onde procuram com fortuna incerta reunir familia e sociedade; porém em 2 de dezembro de 1552 têm elles de abrir ali

sepultura ao mais venerando de todos os missionarios portuguezes, a essa gloria da igreja lusitana, que christãos e gentios reverenciam hoje ainda.

Sepultado o apostolo do Oriente S. Francisco Xavier, tornam-se os chins receiosos de que o involucro humano d'aquelle anjo de caridade, valesse como fortaleza inexpugnável onde arvorando o pendão das quinas, nos senho-reassemos da sua terra; tratam elles de attrahir os portuguezes e o seu commercio para a ilha de Lam-passau, mas parece que a alma do justo ascendendo para o seio do Creador, alcançara protecção divina para os portuguezes n'aquellas regiões. Era tempo de acabar tão obstinada perseguição e de alcançarem os nossos um palmo de terra e uma hora de descanso na China.

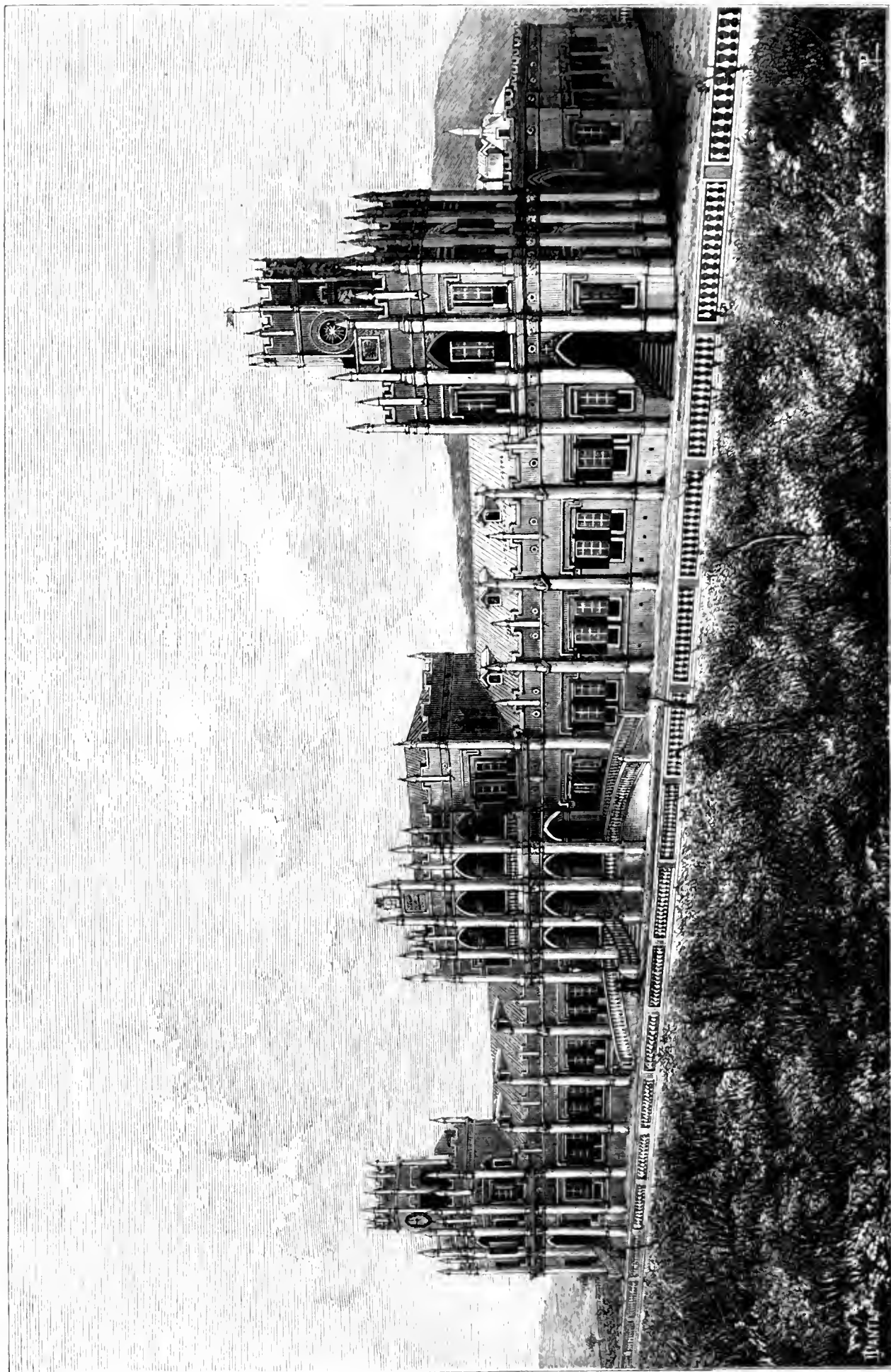
Somos chegados ao anno de 1557 em que apparece ali o celebre pirata Chang-silau, que em breve se torna o flagello e o terror dos chins; vêem-se estes em tão duro aperto que recorrem aos nossos pedindo auxilio e protecção. Trava-se a luta, e quer Deus que as armas portuguezas ganhem uma assignalada victoria; em troca de tão opportuno quão valioso serviço, concede o imperador Chin-Tousong condigna recompensa, cedendo perpetuamente a Portugal a pequena península de Macau, mediante o fôro annual de 500 taéis de prata, ou cêrea de 675\$000 réis.

Affanosos se transportam os nossos com suas familias e haveres da ilha de Lam-passau para Macau. Sobre a origem d'este nome, que os macaenses escrevem sempre—*Macao*, resa a tradicção ou antes a lenda, que provém de que os primeiros portuguezes ali desembarcados, levavam um cão por que chamavam, o que ouvido dos chins ali existentes e que pretendiam imital-os, fazia que estes bradassem *Ma cáo*; o nome chinês de Macau é *Gau-Mou*, que se escreve em linguagem sinica com dois caracteres sómente e que significam porta do cêreo ou porta da entrada.

Macau sendo uma pequena península ligada á ilha de Hiang-chon ou Hiamsan por um estreito isthmo, poude n'elle facilmente estabelecer-se um muro de separação a que chamaram cêreo, e n'este uma porta que ficou sendo denominada *porta do cêreo*.

E assim, e como na Africa, como na America, como em toda a parte do mundo ficou Portugal tendo na China, antes do que nenhuma outra nação, onde levantar uma fortaleza em que se desdobrasse o pendão de Al-jubarrota.

Em 1575 o senhor D. Sebastião instituiu o bispado de Macau que abrangia a China e o Japão. Os religiosos portuguezes da companhia de Jesus alcançam licença para se estabelecer em Pekin, e eriam o seminario de Nossa Senhora do Amparo; caso foi este que ainda hoje deve merecer admiração por se ter sempre conservado a China impenetravel a todo o estrangeiro. Fomos nós a primeira e unica excepção. D'aquí vem que em 1844 indo o visor-ei de Cantão Ki-im ou Ki-yng a Macau, entrando pela porta do cêreo, visitar o governador José Gregorio Pegado, e tratando de varios assumptos, escreveu as notaveis palavras, que já uma vez transerevemos, e que ora julgámos dever tornar a trasladar aqui: «As relações amigaveis do seu nobre reino (Portugal) com o imperio da China são de mais de tres seculos. Desde o principio da actual dynastia até agora, em todas as gerações, não tem faltado individuos (portuguezes) que entraram em Pekin e foram empregados do governo; além d'isto varios tem chegado ao grau de magistrado e de conselheiro de estado, o que na verdade as outras nações da Europa nunca tiveram. Depois que Cáo-con-hien (o bispo Serra) Li-chum-chum (o padre Ribeiro) obtiveram o decreto im-



Hospital de S. Januário, em Macau

perial para regressarem ao seu paiz, desde então não tem havido mais individuos portuguezes empregados em Pekin.

O motivo d'isto é porque os chins podem já perceber completamente a astronomia, e o grande imperador não quer tambem incommodar as pessoas de paizes distantes e reinos estrangeiros, e tel-as muito tempo demoradas em serviço.»

Ainda agora deve o viajante curioso, que conseguir visitar a capital do ceeste imperio, procurar o cemiterio dos christãos e dobrar os joelhos sobre as campas que guardam os restos venerandos d'aquelles missionarios, que trocando os commodos e deleites da patria e da familia, foram inflammados em verdadeiro zêlo, evangelisar com a palavra e com o exemplo a religião do crucificado, afrontando as vaias e os insultos da gentildade, entregando os ossos a terra estranha, quando os não deixavam na fogueira do martyrio, ou na arma do sicario. Honra áquelles missionarios — que o eram.

Tambem ainda existe em Pekin, e, assim como o cemiterio, foi visitado em 1862 pelo sr. Izidoro Francisco Guimarães, hoje visconde da Praia Grande, o resto de um observatorio astronomico construido junto á muralha, e que fôra dirigido pelos missionarios portuguezes, que ali tambem leccionaram.

Durante os sessenta annos em que Portugal agonisou algemado, subpesando as garras dos leões de Castella, conservou-se Macau portugueza, e como portuguezes repelliram os macaenses e baldaram os esforços que em renhido combate empenharam os hollandezes para se apossarem da cidade.

Pôdo dizer-se que em Macau nunca chegou a sentir-se o detestado jugo castelhano; não alcançavam imperar tão longe as determinações dos Filippes, mas nem por isso os macaenses saudaram menos festivamente a bandeira das quinas, arvorada nas fortalezas e bastiões de Macau, quando em 1641 ecoou ali o brado solemnisimo annunciando que raiara esplendido o sol da libertação.

Desde então até o anno de 1846, nenhum acontecimento tão notavel que mereça registrar-se occorreu em Macau, gosando a cidade de mais ou menos independencia do imperio chinês n'este lapso de tempo.

Em abril de 1846, João Maria Ferreira do Amaral, capitão tenente da armada, tomou posse do governo de Macau, e para logo começaram a sentir-se os beneficos resultados da sua vigorosa e illustrada administração.

Com effeito, uma serie de providencias que se completam por mandar fechar o posto da alfandega chinês que até então havia na cidade, e que era conhecido pelo nome de Vampú, testemunham o intuito tão audaz quanto patriótico, de, por uma vez, isentar completamente Macau de todo o dominio extranho.

Irritam-se os subditos do filho do sol com taes innovações, que ferem os seus costumes e principalmente os seus interesses; conspiram, planciam o põem a preço a cabeça do governador. Contra tudo isto arrosta impavido aquelle valente official de marinha, e zombando de prevenções e ameaças prosegue na execução do seu systema sem consultar mais do que a sua consciencia e o seu valor. Esquecêra porém a traição e á vil traição é morto junto á porta do cêreo, no dia 22 de agosto de 1849, quando a cavallo recolhia do seu passeio quotidiano acompanhado apenas por um ajudante de ordens; deceparam-lhe a cabeça e o unico braço que elle possuia quando ainda tentava lançar mão de uma pistola. Construiu-se então uma fortaleza junto á porta do cêreo que até ali era guardada por um posto chinês, e cessou de se pagar o fôro annual de 500 taéis.

Tambem desde essa época, que a jurisdicção do governo de Macau se estende ás ilhas da Taipa, Ribeira da Prata, Colowan e Lai-chivan. Alem de outras satisfações que deram os chins, entregaram elles a cabeça e o braço do governador Amaral.

De então até hoje tem sido varia, mas quasi sempre prospera, a vida d'aquella nossa importantissima possessão, que já em 1583 era denominada *Cidade do nome de Deus do porto de Macau*.

Esta formosa cidade está assente na pequena península, que fórma a parte meridional da grande ilha de Hiang-chon ou Hian-son. Tem oito milhas de circumferencia, tres na direcção NE-SE, e uma na sua maior largura; jaz em 22° 10' 30" de latitude Norte e 113° 32' 0" de longitude Este de Greenwich, ficando a mil e quatrocentas leguas de Lisboa, e a tres mil e dozentas leguas de navegação pelo cabo da Boa Esperança.

O solo de Macau é de formação granitica; a cidade edificada sobre as sinuosidades e encostas dos montes apresenta, vista do porto, um espectáculo deslumbrante aos olhos do europeu que contempla as suas elegantes casarias, igrejas e fortalezas, onde muitas vezes tem de admirar a elegante e phantasiosa architectura chinês.

Em 1860 contavam-se 85:470 habitantes n'aquella possessão, incluindo chinas, parses, mouros e christãos novos, sendo apenas 5:239 da cidade propriamente dita, isto é, das tres freguezias Sê, Santo Antonio e S. Lourenço, de que ella se compõe. É claro que só por calculos aproximados se pôde dizer qual a população chinês, que é impossivel trazer a um recenseamento, mas parece não dever andar muito longe da verdade o numero de 80:000, em que foram computados na referida época.

Como facilmente se pôde julgar, estes numeros estão sujeitos a grandes alterações, no respeitante á população chinês. O clima de Macau é ameno e agradável aos europeus.

As receitas publicas, não contando já com as verbas que produzia o negocio dos *coolies*, cuja exportação foi ultimamente prohibida, cobrem largamente todas as despesas da colonia e ainda podem supprir dos meios necessarios a administração de Timor, que actualmente depende do governo de Macau.

As obras publicas têm tido grande desenvolvimento.

No dia 1 de dezembro de 1872 lançou-se a primeira pedra para a construcção do grandioso edificio que representa a estampa — o Hospital de S. Januario — copia fiel de uma photographia existente no ministerio da marinha. Em 6 de janeiro de 1874 inaugurava o governador de Macau, o sr. visconde de S. Januario, fazia benzer pelo governador do bispado, o sr. Antonio Luiz de Carvalho, e entregava ao sr. dr. Lucio Augusto da Silva, chefe do serviço de saude, aquelle hospital destinado ao tratamento dos doentes militares.

Assenta elle no monte de S. Jeronymo, ao SO do reducto de S. Jeronymo, um dos sitios mais ventilados da cidade, e por isso o mais apropriado para uma construcção hospitalar.

Foi delineado pelo sr. barão do Cereal, vice-presidente da camara municipal e natural de Macau.

Compõe-se o formoso edificio da fachada principal na direcção NNE-SSO, de dois corpos lateraes perpendiculares a esta, e de mais tres corpos, destinados exclusivamente a enfermarias, e que como aquelles são tambem perpendiculares á fachada.

Mede esta 63 metros, e no centro e nos extremos tem corpos salientes avançados 6 metros. Ao centro tem um andar superior para sala de sessões, gabinete do director e secretaria. O torreão do NE tem inferiormente a ca-

rella, e por cima o observatorio astronomico; o torreão do SO tem inferiormente o alojamento dos officiaes facultativos de serviço; por cima o relógio, que foi da torre do Santo Agostinho. Exceptuada esta parte do edificio, tudo o mais é abarracado e elevado do terreno 2^m,64.

No corpo da frente, á direita da entrada, ha a casa da guarda, quarto para enfermeiros, enfermarias para officiaes, casa para banho, etc.; á esquerda são os quartos do porteiro e do enfermeiro mór, a pharmacia, arrecadações e a casa mortuaria.

Contigua e parallelamente corre uma galeria de 5^m,94 de largura, a qual communica com os cinco corpos, que são perpendiculares, de 41^m,5 de comprimento e que completam o hospital. D'estes cinco corpos, os tres contraes são grandes enfermarias de 15 metros de largura, onde cada doente tem 40 metros cubicos de ar e fica entre duas janellas; as enfermarias são separadas umas das outras por pateos largos de 11^m,2 uns, outros de 8 metros. N'estes pateos ha cisternas e poços, e nos extremos posteriores das enfermarias casas de banhos, etc.

Os dois corpos lateraes tem, um enfermarias para sargentos, quartos para enfermeiros, arrecadações para officiaes e para sargentos, casa para banho, etc.; o outro tem sala para operações, enfermaria para presos, quarto para enfermeiros, arrecadação, cozinha, quarto para cozinheiro, outro para serventes, etc. As paredes são caiadas, os tectos de estuque e os sobrados de excellente madeira. Attendeu-se n'esta edificação a todas as regras e preceitos da hygiene, dotando-a com ar e luz na maxima abundancia. Foi calculado para o tratamento de 120 doentes, mas em casos extraordinarios podem ali recolher-se 200 enfermos. A construcção foi arrematada por 38:500 patacas; juntado porém as quantias despendidas com o preparo do terreno e com outros accessorios importantes, deverá montar toda a despeza a 50:000,5000 réis.

Á luz d'este seculo não sabemos de estabelecimentos que mais possam nobilitar qualquer cidade do que a escola, o hospital e o asylo: estes são os nossos conventos. Cada época tem as suas glorias representadas em symbolos ou padrões diversos; os marcos do seculo XIX mostram com o carril de ferro, com a chaminé do vapor; e com o cabo telegraphico, a divisa da caridade benedita que abre a escola, constroe o hospital e edifica o asylo.

Macau, que tantos titulos tem de gloria, pôdo justamente ufanar-se quando mostrar ao estrangeiro as suas velhas fortalezas, a gruta de Camões e o hospital militar de S. Januario.

MARX DE SORI.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

LISBOA NA RUA. — Depois que o periodico *Artes e Letras* viu a luz da publicidade, a gravura em madeira começou de ter em Lisboa mais proemra e desenvolvimento. Ou fosse porque a nossa revista viesse despertar o gosto por este formoso ramo das bellas artes, ou porque o acaso honvesse por bem fazer coincidir o começo da prosperidade para os gravadores portuguezes com a appareição d'esta folha, o que me parece menos provavel, certo é que desde que ella se tornou conhecida, muitas obras com gravuras em madeira têm saído dos prelos das imprensas da capital, e até alguns gravadores vieram estabelecer-se n'esta cidade, sendo para notar, que, ha tres ou quatro annos, os poucos que tinhamos, pouquissimo achavam que fazer.

O livro de que ora trato faz parte das muitas obras illustradas que têm sido publicadas ultimamente em portuguez. Os desenhos d'elle foram feitos sem idéa de serem dados á estampa em volume.

Lembrou-se, porém, uma vez o artista de os aproveitar por este modo, e logo tratou de procurar quem escrevesse a respeito d'elles a fim de os apresentar e explicar ao leitor, como se usa nas *Artes e Letras*. Não podia ser mais feliz no seu empenho. Depressa encontrou um escriptor de provada competencia para o fim desejado, competencia que os leitores d'esta folha podem com segurança testemunhar.

O sr. Julio Cesar Machado — permita-se-me a phrase trivial — conhece Lisboa como os seus dedos. Observa todos os dias, com olhar intelligente, o exterior doirado e fascinador da soberana do Tejo, não ignorando nem esquecendo as misérias e as pustulas que se occultam nos logares mais reconditos. Dispondo de estilo folgazão e ligeiro, ninguém melhor do que o chistoso folhetinista poderia illustrar com a palavra, aquellas reproduções feitas a lapis, das scenas que repetidas vezes se nos deparam nas ruas de Lisboa. Por isso vemol-o descrever o quadro pomposo do Passeio publico e a scena repugnante da desordem dos *janotas* á porta da taberna, com o mesmo vigor e colorido apropriado, com a mesma ironia e graça exquisita. São formosas as divagações feitas pelo escriptor a proposito de qualquer peripecia, chistosas as amiudadas anedotas que narra com delicada simplicidade, e naturalissima a linguagem que fallam os seus personagens, como se pôde avaliar, por exemplo, pelas phrases mais polidas, porém menos sãs, das senhoras que trajam sedas e tiveram boa educação, e pelo dizer rude, mas verdadeiramente portuguez, da colonia que habita o bairro denominado pelo povo — das varinas. A parte litteraria do livro é, portanto, aprazível e interessante, como não podia deixar de ser procedendo de escriptor tão predilecto e imaginoso.

A parte artistica merece tambem elogio. O sr. Manuel Macedo desenhia com facilidade e *chic*, como se usa dizer de um certo modo agradável de tocar os desenhos. Desejaria eu, porém, que o habil artista se compenetrasse mais da expressão portugueza dos seus assumptos, a fim de reproduzir com maior fidelidade os typos nacionaes. Ha o que quer que seja nos desenhos do sr. Manuel Macedo que lhes dá um tom afrancezado, em vez do cunho portuguez que mereciam. Sirva de prova o policia que vem a paginas 105 da obra a que me refiro, o qual poderá ser um militar francez ou italiano, mas nunca um policia portuguez. Para muita gente, contudo, não perde o livro com a causa d'este reparo; pelo contrario, ganha e bastante.

ELEMENTOS DA ARTE MILITAR, 2.^a EDIÇÃO. — É o sr. D. Luiz da Camara Leme o auctor do livro assim denominado. Este militar esclarecido tem prestado bons serviços ao paiz com as suas publicações sobre a infelizmente necessaria arte da guerra, e unido a proposito apparece a 2.^a edição d'este seu livro, agora que um lamentoso succedimento veio chamar a attenção sobre o nosso exercito e sua disciplina. Da illustração das classes resulta a sua prosperidade, e o exercito não pôde ser exceptuado d'esta regra. Tudo, pois, quanto contribuir para a sua illustração, desde o soldado até o general, será um principio salutar de ordem, disciplina e mutuo respeito, sem o que não pôde prosperar, nem sequer subsistir, a instituição militar.

Á falta de conhecimentos especiaes, soccorrer-me-hei a dois paragraphos de um juizo critico da obra, escripto pelo sr. Latino Coelho, nos quaes se acham resumidas as principaes qualidades que recomendam o livro do sr. D. Luiz da Camara Leme.

Eil-os:

Das mais modernas doutrinas se compõe o livro do nosso camarada e amigo. Da leitura assidua dos mais illustres escriptores, e da propria meditação, nasceram os *Elementos da arte militar*.

É a sua ordem methodica e natural. A sua linguagem simples, qual deve ser a do homem de guerra, mas correctea, como é de necessidade que seja a do homem illustrado. O estylo geralmente singelo, como o podem objectos scientificos, levanta-se e aminha-se ás vezes quando o assumpto n reclama. Respira em todo o livro o amor da patria e o desejo fervoroso de que pela instrução, pela disciplina e pela reforma e progressivo aperfeiçoamento das nossas instituições militares, mantenhamos na Europa de hoje a posição brilhante e gloriosa que nos illustrou nos seculos passados, e a que já n'este acerescentou um novo e gloriosissimo capitulo á historia nacional.

A obra é dedicada ao marechal Saldanha.

DICIONARIO DE INVENÇÕES, ORIGENS E DESCOBERTAS ANTIGAS E MODERNAS. — Temos á vista as primeiras cadernetas d'esta importantissima publicação emprehendida pela casa editora Mattos Moreira & C.^o Foi o sr. Alberto Pimentel, escriptor consciencioso e de muitos conhecimentos, quem se encarregou de reunir os elementos necessarios para obra de tanta importancia e valia, indo procural-os ao *Dictionnaire classique des origines, inventions et découvertes* de W. Maigne; ao *Nouveau dictionnaire des origines, inventions et découvertes* de Noel e Carpentier; ao *Panorama des inventions et découvertes tant anciennes que modernes*; ás *Maravilhas do genio do homem* por Amédée de Bast, já traduzidas pelo sr. Mathews de Magalhães; á *Histoire de l'industrie* por Maigne; ás obras de Luiz Figuier, etc. O sr. Alberto Pimentel ampliou por vezes as noticias extrahidas d'estes acreditados livros, corrigindo-as sempre que ellas, com offensa á verdade historica, nos espoliam das nossas glorias. Por esta forma o novo Dicionario compilado pelo talentoso escriptor, será uma encyclopedia curiosa e proficua, em que portuguezes e brazileiros poderão encontrar larga copia de

subsídios para tudo quanto diz respeito ás artes, á litteratura e á sciencia. Nada mais se torna mister referir, para se conhecer o alcance da obra.

O FIDALGUINHO.—Está publicada pela *Bibliotheca theatral*, de que são directores os srs. Aristides Abranches e Castilho e Mello, a comedia em tres actos — *O Fidalguinho*, original do sr. Ferreira de Mesquita. Os frequentadores do Gymnasio ainda se recordam do grande exito que esta formosa composição dramatica obteve na scena, ha quatro annos. Tudo contribuiu para que o publico affluisse a vêr e applaudir o *Fidalguinho*—o eugenho com que a acção da peça está desenvolvida, a graça e naturalidade da lingua-gem, a idéa moralisadora que discute e a boa interpretação que obteve. É natural, portanto, que a comedia do sr. Ferreira de Mesquita, depois de impressa, seja tão procurada para se lêr, como o foi, quando esteve em scena, para se applaudir.

O sr. Ferreira de Mesquita se não abandonou completamente a vida de escriptor dramatico, tem-se afastado muito d'ella. É pena, porque de tal resolução só elle tira proveito. Livra-se, é verdade, dos successivos dissabores que perseguem os que se entregam a tão ingrata profissão, mas á custa do publico e dos seus amigos, a quem priva dos saborosos fructos do seu primoroso talento. Eu, que já uma vez tive o prazer de collaborar com elle n'uma obra dramatica — a qual se não nos produziu notaveis resaltados, trouxe-nos um que ainda hoje apreciamos, qual o de apertar mais vigorosamente os laços da nossa boa amisade—tenho o direito de aqui lhe dizer francamente, que a sua abstenção de escrever para o theatro vae-se tornando em egoismo; e lembre-se o meu sympathico amigo de que ninguem tem menos direito a ser egoista, do que o escriptor que ajudou já com a sua penna a castigar tão reprehensivel defeito.

ESPAÑA Y PORTUGAL Y SUS BANDERAS.—Com este titulo publicou em Madrid o sr. D. Frutos Martínez y Lumbreras, filho do conhecido escriptor o sr. D. Benigno Martínez, um opusculo de 23 paginas, em que fallando discretamente de Portugal e de Hespanha, sem referencia alguma n assumptos politicos, explica a origem das bandeiras, descreve as que tem sido hasteadas pelas duas nações vizinhas e dá noticia das batalhas em que os pavilhões portuguezes e hespanhoes tremularam juntos. O opusculo é dedicado á imprensa portugueza.

O CEDRO VERMELHO.—Está publicado o notavel drama, que, sob este titulo, se representou ha dezoito annos no theatro de D. Maria II, valendo ao sr. F. Gomes de Amorim os maiores triumphos que um auctor dramatico pôde ambicionar.

O interesse que o espectador toma durante o desenvolvimento d'esta composição dramatica, origina-se, principalmente, no contraste estabelecido pela aproximação de duas figuras diametralmente oppostas—o europeu educado e o indio selvagem, isto é, a civilisação e a barbarie. De tal contraste nasce o enredo, bem conduzido durante os cinco actos da peça, o qual dá ensejo ao auctor para apresentar na tela que tem por fundo a opulentissima vegetação das famosas regiões da America, a pintura dos originaes costumes das tribus selvagens que as habitam, pintura em que o sr. Amorim soube imprimir o toque firme da verdade com que os artistas habéis fazem valer os seus estudos do natural.

Ao interesse da composição reuniu o sr. Gomes de Amorim mais um attractivo para o leitor, qual é o esclarecimento de varios pontos do seu drama por meio de uteis e curiosissimas notas, sendo verdadeiramente apreciaveis as que se referem á flora americana, bem como as que descrevem a soberba paisagem onde a acção do drama se desenvolve.

Os leitores das *Artes e Letras* pôdem fazer idéa da curiosidade e instrucção que encerram essas notas, pelos formosos capitulos, que, sob o titulo de *Viagens pelo interior do Brasil*, o sr. Gomes de Amorim publicou em varios numeros d'este periodico.

É para suppôr e muito para desejar, pois, que o drama do sr. Amorim tenha facil venda não só em Portugal, mas tambem no Brasil. Uns porque desejarão ter mais uma pintura fiel d'esse extraordinario paiz, que só conhecem pelas descripções dos livros, ou pelos desenhos das illustrações; outros porque hão de estimar vêr reproduzidos, mais uma vez, em obra de grande valia, as scenas dramaticas e pittorescas passadas no interior da patria que tanto adoram, todos procurarão com avidéz adquirir o livro do desditoso escriptor, a quem uma pertinaz doenca tem impossibilitado de produzir tanto quanto o seu primoroso e esclarecido talento prometia, quando, ha annos, era victoriado em o nosso primeiro theatro de declamação como auctor do *Cedro vermelho*, do *Odio de raça* e de outros dramas notaveis.

A obra publicada em dois volumes—o drama no primeiro e as notas e esclarecimentos no segundo—é dedicada a sua magestade o imperador do Brasil.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOVA MOLESTIA DAS VINHAS.—Trata do assumpto que se lê n'este titulo, um folheto de 75 paginas publicado no Porto pelo sr. Duarte de Oliveira Junior. Para devidamente se julgar da doutrina exposta no interessante livrinho, precisa-se estar habilitado com estudos especiaes. Quem as-

signa estas linhas, carece d'esses estudos, mas conhecendo o auctor pela constancia e dedicação com que tem procurado adquirir noções sobre tudo que diz respeito á agricultura e seus progressos—o que já lhe mereceu ser nomeado pelo governo para uma importante commissão, que tratou practicamente do assumpto de que se occupa o folheto—não hesita em recommendar a obra aos interessados, crendo que ella é digna de ser lida e apreciada pelos que têm os seus interesses arriscados por effeito do terrivel flagello que ameaça de morte um dos mais importantes productos, se não o principal, das nossas terras.

A obra é dedicada ao sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares.

NOITES DE INSOMNIA.—Estão publicados mais dois numeros (9 e 10) d'estes interessantes livrinhos, escriptos pelo sr. Camillo Castello Branco e editados pelo sr. E. Chardron, do Porto. Contêm artigos primorosos e de grande curiosidade, que têm por fim delectar e instruir o leitor. O sr. visconde de Oguella collaborou em ambos estes numeros.

(Continua.)

RANUEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

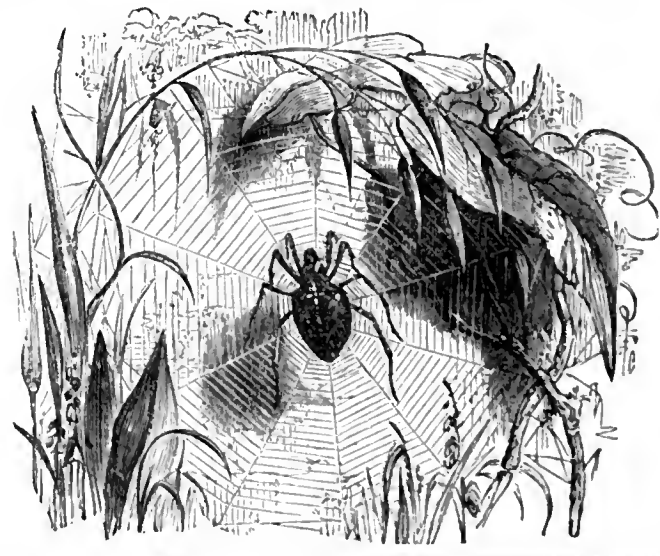
Annunciaram ultimamente os periodicos estrangeiros, e tambem os portuguezes, que se descobrira nas proximidades de Amboise, o tumulo de Leonardo de Vinci. A novidade é velha, e não completamente verdadeira. Ha muitos annos, foram encontrados no parque de Amboise alguns ossos e fragmentos de um tumulo com letras gravadas. Do minucioso exame a que então se procedeu, resultou julgar-se que entre os ossos descobertos, alguns deviam ter pertencido aos restos mortaes de Leonardo de Vinci. O governo mandou erigir logo, n'aquelle sitio, um pequeno monumento dedicado ao grande artista. Os ossos encontrados, porém, não foram depositados no monumento. Nos primeiros dias de setembro d'este anno, ordenou o conde de Paris que elles fossem encerrados n'um caixão de chumbo e collocados sob as lages da capella de Santo Huberto, no palacio de Amboise, com a seguinte inscripção:

Sob esta pedra repousam os ossos encontrados nas escavações da antiga capella real de Amboise, entre os quaes se suppõe estarem os restos mortaes de Leonardo de Vinci, nascido em 1452 e fallecido em 1519.—1874.

Eis o que deu corpo ao boato.

Deparámos n'um periodico francez com a seguinte importante noticia:—Entre as colleções provenientes do palacio da Ajuda, foram encontradas na Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, trinta e sete gravuras em madeira de Alberto Durer, datadas de 1511. Representam as figuras da paixão de Nosso Senhor Jesu Christo, que não existem completas em nenhuma bibliotheca. Na mesma colleção foi achado o *Adão e Eva*, de 1501, do mesmo auctor.

O professor Antonio Bachmaier offereceu ao Museu britannico, os moldes da parte superior de uma estatua encontrada em Chypre, que se julga ser a de Sapho.





A CARTA

1813

EMILIO S. ROLLAND & SIMION, LISBOA

ARTES E LETRAS



NUMERO 8—LISBOA—3.ª SERIE

A CARTA



ARECE-ME que é Dumas filho na *Dame aux perles* que declara que um dos maiores prazeres do amor é o de cortejar ceremoniosamente n'uma sala uma senhora, que nos corresponde com a gelida frieza da etiqueta, e á qual nos ligam comtudo secretamente os mais intimos laços. É que na verdade o mysterio é metade da poesia do amor. Olhares ardentissimos trocados a furto, entrevistas longe de profanos, cartas passadas rapidamente n'um aperto de mão convulso, peripecias encantadoras d'esse gentil idyllio que se desenrola na sombra, e que perfuma comtudo com a suavissima fragrancia das suas flôres a nossa mocidade, como nos acariciaes ainda o pensamento quando o crepusculo da vida começa a invadir-nos com as suas tristezas!

No tempo que a gravura representa, o amor e o mysterio tinham dupla poesia, porque eram encantadores os accessorios e o scenario d'este adoravel drama dos vinte annos. Vivia então D. Juan e a sua guitarra apaixonada acordava os eccos da ridente Andaluzia. Era o tempo dos mantos *couleur de muraille*, das lavradas varandas dos solares, dos chapéos derrubados sobre os olhos, das serenatas e dos duellos de amor. Era o tempo da ousadia e das aventuras, o tempo em que Julieta cantava, pela voz de Shakespeare, o seu hymno immortal de apaixonada ardencia.

Vejam! Sairam a passeio o pae e a filha: o pae, verdadeiro fidalgo de Ticiano, com a alva *colletterie* sobre o veludo negro do gibão, alto, forte, cheio, severo, encostado á pesada bengala, e respirando por todos os poros aquella saude pagã da Renascença; a filha, elegante, nova, ingenua, mas ingenua do seculo XVI, ingenua como o seria aos quinze annos Margarida de Navarra. Quem vir a expressão do olhar da donzella escusa de procurar mais, já sabe que o galã não está longe. E effectivamente lá o temos na sombra, envolto no manto escuro, com o chapéo sobre os olhos, seguindo a furto os passos

da deidade. Esta, que já folheou as primeiras paginas do romance do amor, aproveita habilmente a distração do pae, e com mão, que nem já treme, passa-lhe sorrateiramente a amorosa missiva.

Vejam! o corpo nem se move, o braço esquerdo nem palpita no braço do velho, apenas os olhos denunciam n'um relance o que se está passando. Tem já aquella ingenuidade uma larga dose de experiencia.

Ah! mas como tudo aquillo é poetico, se o compararmos com a prosa triste a que são condemnados os amourosos da actualidade. Se aquelles dois namorados vivessem em Lisboa no seculo XIX, iria elle por acaso, envolto na capa, com a espada cingida ao lado, seguir o vulto estremeado da donzella nos passeios com o papá? esperaria que este se distrahissem com o comprimento de um desconhecido para obter de uma alva e gentil mão a perfumada missiva? Não, iria simplesmente á rua dos Calafates, e n'um annuncio sem grammatica nem orthographia pediria á sua bella com a epigraphe «Flôr no cabelo» uma resposta á sua declaração, resposta que figuraria no *Diario de Noticias* do dia immediato com o n.º 352, entre um annuncio de manteiga e um aviso do monte pio official.

Para seres em tudo n'este seculo fatal genero de mercaria, até o teu doce mysterio, ó amor, se confunde com os annuncios de bacalhau!

PINHEIRO CHAGAS.

A MULHER ANTIGA E A MULHER CHRISTÃ



historia da mulher através todos os seculos, seria de certo um bello e fecundo estudo se alguém ousasse emprehender-o com a imparcialidade de um espirito justo, temperada pela suave compaixão de um Michelet.

Sentiriam todos profundo interesse em seguir as transformações progressivas d'essa casta soffredora e sublime que tem provado como a Israel antiga, os triumphos rapidos e as longas, as interminaveis perseguições.

Rainha ou escrava, companheira do homem, ou instrumento dos seus prazeres, a mulher conserva sempre aos olhos do pensador moderno, aquella aureola suave que illumina os fracos e os torna quasi sagrados.

E no entanto que de humilhações tragarão ellas ainda antes de chegar a hora tardia da sua completa redempção moral.

Quando o olhar se nos espraia pelas regiões azues do velho oriente, vemos passar nas paginas idyllicas que a biblia lhe consagra, uma ou outra figura de mulher de uma idealidade seductora e casta.

São as brancas filhas dos patriarchas, as que davam a beber a agua pura e fresca das suas grandes urnas de argila, aos viajantes do deserto e aos seus caçados dromedarios; são as candidas escravas que dormiam submissas aos pés do velho senhor; é a formosa Esther, é a muito amada esposa de Jacob, e a destacarem-se d'esse grupo sereno, humilde e tranquillo, a triumphante concubina dos lascivos Cantares, Dalila a astucia vencendo a força, Judith a fraqueza revoltada, derrubando a tyramnia.

O poetico esplendor d'estes quadros coloridos por aquelle sol, emmoldurados por aquellas paisagens, não pôde porém disfarçar por muito tempo ao nosso espirito, a in-

ferioridade humilhante, a ignobil servidão a que a mulher do oriente era condemnada.

Nos tempos heroicos do paganismo apparece-nos ella nas paginas candidas e sublimes do velho cantor grego, influente dominadora e prestigiosa.

Os olhos de Helena accendem a guerra troyana; os encantos de Briseis recolhem ao acampamento despeitado e sombrio, o guerreiro invulneravel; Penelope a esposa pura e fiel acalma com um aceno da sua branca mão, a orgia selvagem dos seus quarenta pretendentes barbaros, e mesmo o crime feminil, personalisado em Clytemnestra tem não sei que sinistra magestade que impõe, que aterra e não repugna.

Era o bello tempo heroico das grandes batalhas, e dos titanicos triumphos; o tempo em que as deusas desciam do Olympo a protegerem com o escudo invisivel os seus dilectos heroes.

Tinha então a esposa, a sagração do seu alto sacerdocio, e aos costumes da Grecia repugnava como uma abjecção a polygamia asiatica que tanto rebaixava a mulher d'aquelles climas.

Mais tarde as transformações politicas e sociaes operaram no destino da mulher a sua funesta influencia.

A mulher livre que o povo via passar envolta na sua castidade como n'uma armadura invencivel, tendo o seu logar no conselho dos chefes, e na mesa dos festins, possuindo e usando a sensatez que persuade, e a formosura que subjuga, segue-se a mulher das democracias hellenicis, a escrava obediente, cheia de pequenos vicios servis e victima resignada dos desprezos do homem.

O Agora abriu as suas portas ás paixões populares, o egoismo viril, absorvia todos os interesses, saeudira-se o jugo dos reis, e todo o poder das intelligencias cultas era votado agora á dominação de um povo inconstante, curioso e frivolo, de um povo mais tyranno ainda que os tyrannos que desthronára, ebrio do seu poder e vendendo o seu voto de cada dia a quem mais caro lh'o pagasse.

Os homens entregues todos ás tempestades e ás luctas da praça publica, separavam-se da que lhes fôra até ali companheira, dando-lhe por carcere o gynecen.

Um illustre escriptor grego, de quem não cito o nome com medo que algum praguento me dê a mesma sorte que Molière e Castilho deram ás *Sabichonas*, expôz d'este modo todos os deveres da mulher perfeita.

—«Deve ser semelhante á abelha mestra; não sair do casa, exercer sobre os escravos activa vigilancia, distribuir-lhes as tarefas diversas, tratar dos que estão enfermos qualquer que seja o seu numero e idade, receber e guardar cuidadosamente as provisões, zelar o fabrico do pão, das teias e dos vestidos, arranjar os utensilios da cozinha conservando-os sempre muito limpos e dando-lhes nomes que os distingam uns dos outros; amamentar e educar os filhos; e vestir-se com decencia e asseo.»—

A isto deviam limitar-se as aspirações de um coração que ama e deseja, de um espirito que se levanta pelo pensamento, de um corpo a quem Deus concedeu a graça indefinivel das suas mais bellas e escolhidas creações.

Um olhar para fóra d'este circulo asphyxiante, uma vacillação no arido caminho d'este calvario, era-lhes castigada pelas penas mais crueis.

D'este despotismo masculino nasceu como era de crer a revolta.

A mulher sequestrada da sociedade pela virtude enthronizou-se n'ella pelo vicio.

Dividiram-se e extremaram-se os campos.

Um as escolheram a tarefa ingrata, a escravidão pezada, a obscuridade monotona e sombria, as dôres sem premio de uma maternidade puramente material; quize-

ram outras os loucos triumphos electrizantes, ás conquistas celebres, os longos festins onde o vinho e o amor circulavam em ondas, a adoração dos artistas, a musica, as flôres, os oleos preciosos da poesia, as tunicas de purpura e oiro, todos os requintes sensuaes da esplendida civilisação que era a decadencia de um povo heroico.

Emquanto a esposa esquecida o só fiava na roca, pensando por ventura no marido, que orava na praça publica sob as marmoreas arcadas do Portico, ou se embriagava longe d'ella de vinho de Chypre e de lubricos sorrisos, a hetaira esplendida ensinava como Aspasia a arte de reinar a Pericles, a philosophia a Socrates, o amor á doida mocidade entusiasta que frequentava a sua extranha academia; tinha como Lamia um templo em Thebas e outro em Athenas; arrancava como Phrinêa ás mãos dos juizes vencidos pela admiração da sua formosura fulminadôra, a sentença de morte que elles acabavam de lavar; inspirava Phidias e Apelles; apparecia deslumbrante de luxo e de esplendor nos jogos olympicos d'onde a esposa honesta era ignominiosamente expulsa; era acclamada nos templos e nas praças, temida como as mythicas sercias, adorada como as divindades do Olympo.

A belleza physica, a graça, a elegancia eram então divinizadas pela Arte e pela philosophia, pelos poetas entusiastas, e pelos tranquilllos sabios, e a hetaira reinava sobre elles, sacerdotisa magna d'esse culto sensual.

Roma, envolvendo em prestigio as suas severas matronas, deu-nos a mãe dos Grachos e a filha de Catão.

Era um passo gigante na emancipação moral d'essa escrava que o mundo antigo agrilhôa ao poste dos grandes martyrios, das servidões ignobeis, dos deleites infamantes.

Não tarda para ella o alvorecer de uma purpurea madrugada toda alegrias ineffaveis e suavissimos perfumes.

Ao longe, das bandas do mysterioso Oriente, d'essa patria de todas as civilisações e de todos os prodigios, levanta-se outro sol, o sol das almas, o que vem purifical-as de todas as maculas nas bemitas claridades da redempção.

Surge o dôce Nazareno, a ideal figura melancolica do Christo e uma Virgem que é sua mãe, segue-lhe os passos orgulhosa e embebida no extasis, e as filhas de Jerusalem redimidias por elle choram todas as lagrimas do seu coração junto á Cruz do Justo, e a lascivia pagã, a grande sacerdotisa impudica vem na figura de Magdalena abjurar as criminosas pompas aos seus pés, unindo-lh'os do balsamo que a perfumava na embriaguez das passadas volupias, enxugando-lh'os na doirada toalha dos seus cabellos que varrem o pó em signal de humilde arrependimento.

Desde essa hora que data o renascimento da mulher, cada seculo lhe tem trazido uma conquista nova.

Maria, a suave madona inspiradora e casta, é o ideal onde poetas e pintores fixam d'ali ávante o olhar, outr'ora enamorado de todos os esplendores carnaes.

A idade média consagra pela mandora dos seus trovadores, pela espada dos seus cavalleiros, o culto immaterial da mulher; Dante, o poeta dos symbolos immortaes, resume tudo que pôde haver de mais bello na candida imagem de Beatriz; os prodigios da Renascença nascem e floream sob o delicado e harmonioso impulso feminil; e em todas as evoluções sociaes se encontra o vestigio indelevel d'este poder caprichoso e irresistivel.

Não está porém completa ainda a obra da sua regeneração.

A mulher de hoje, por muito que n'essa empreza se tenham empenhado as mais robustas intelligencias do seculo, está longe de comprehender a missão altissima que nas sociedades modernas lhe está reservada.

Não cabe nas acanhadas dimensões d'este rapido artigo, explicar-lhe tudo que d'ella espera a humanidade, oxalá se realizem os nossos sonhos, e a possamos vêr um dia tal como a nossa phantasia a entrevê nas claridades radiosas de um futuro que não vem muito longe.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

A TAÇA

Vi uma velha taça einzelada,
enorme, de phantastico lavôr
nos espaços azues dependurada;

continha o pranto, as lagrimas de dôr,
choradas entre as longas agonias
pelos tristes, que vivem sem amor;

ouvi, depois, nas dôces melodias
que me trazia o turbilhão que passa
as palavras d'amor que me dizias...

«Era a ventura então... hoje a Desgraça!
«ó meu perdido amor, tão puro e santo...
E vi ao longe trasbordar a taça
com a ultima boga do meu pranto!

M.

UM MOTIM NO APRISCO



A ausencia do rebanho, um casal galinaceo apossára-se do aprisco e aninhara-se na fôta cama de fêno, cacarejando os seus amores. Era de inverno, os nevoeiros tinham repassado a terra, a brisa do norte enregelava, e os dois intrusos, que tritavam na vagabundagem dos campos desabrigados, agradeceram áquella providencia que enroupa os que não fiam nem tecem, o agasalho do pardieiro, amornado pelo bafo

das ovelhas. Sacudiram das pennas as gotas de humidade, enxugaram-se espojando-se nas palhoças tepidas, o ficaram-se conchegados e na posse pacifica da beatitude, contando talvez com a hospedagem para toda a noite agreste, e promettendo pagal-a deixando ao hospedeiro incognito para uma gemmada. Mas o calculo saiu-lhes errado. Emquanto luziu o dia ninguem lhes perguntou pelo bilhete de residencia; ao cair da tarde, porém, guincharam: áleria! os gonzos da porta desconjunctada, e entraram em torpel os moradores legitimos da quieta mansão.

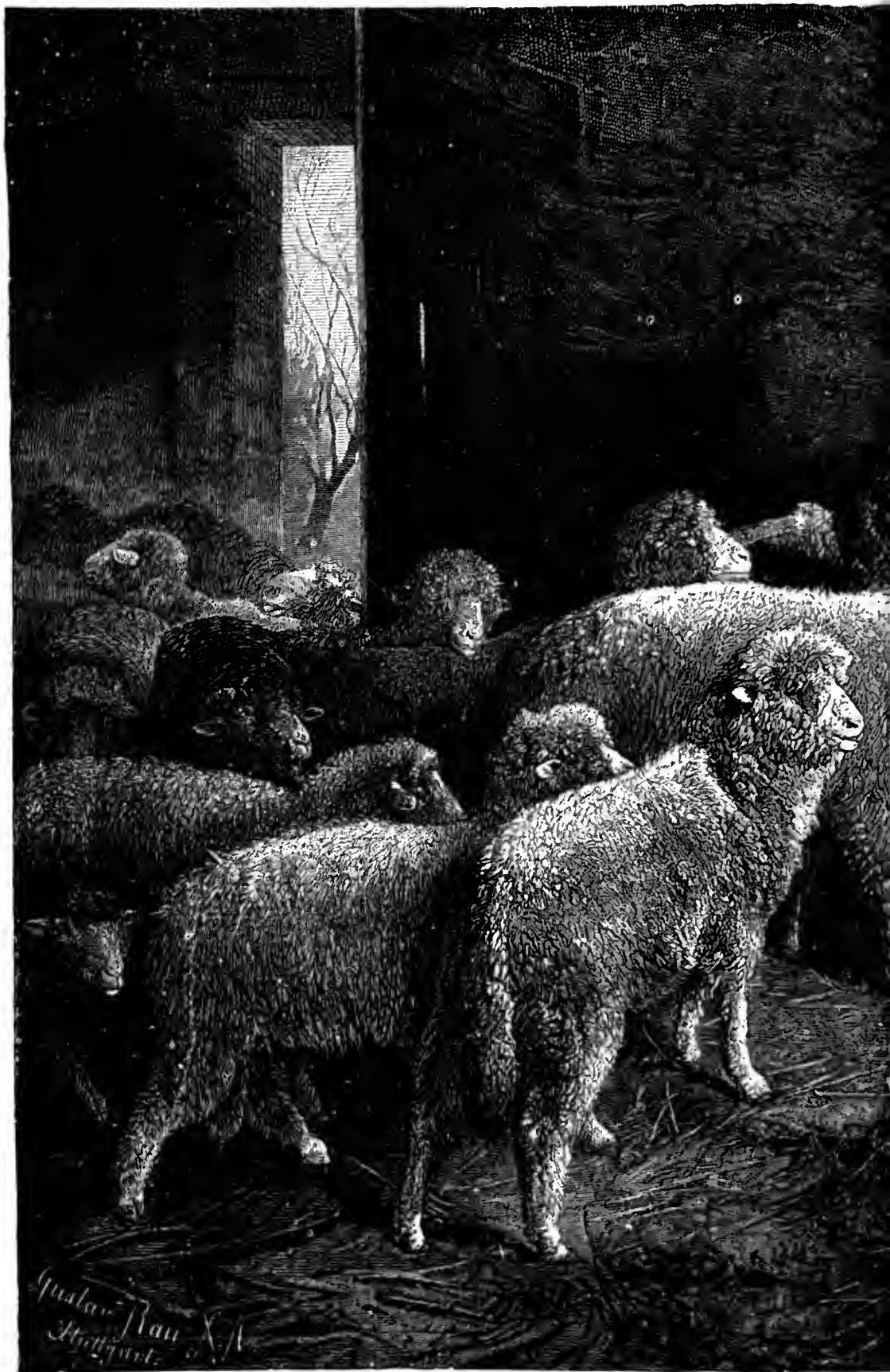
Cuidaes que os usurpadores lhes cederam resignados o abrigo, o leito, o calor? Qual! Fizeram escandalo e desataram em alaridos, parecendo chamar a vizinhança para os ajudar a defender a casa. A gallinha, mais assustadiça, deitou-se abaixo do thalamo, arripou-se e começou em pulos e correrias, defendendo-se com o barafustar do seu mêdo. O gallo tomou posição de athleta no circo, eriçou a colleira, alteiou a crista, e ameaçou o rebanho com os rasgões do bico, como heroe que não conta os inimigos. E, o que é a audacia! as ovelhas, que ti-

nam por si o direito e a força, detiveram-se entre assustadas e curiosas, e com os balidos chamaram o pegureiro, para que viesse expulsar os discolos, que lhes amotinavam o lar.

Eis o quadro de Gebler: uma especie de sedição de communistas irasciveis, que defendem a sua usurpação contra os proprietarios legitimos, supprindo a força com o arrojo e a razão com a gritaria. Aquelle gallo façanhudo é um Felix Pyat da sua raça, que como o da nossa ha de bater as azas quando se vir em apuros. Perdê-me, porém, o pintor germanico attribuir-lhe intenção epigrammatica, quando a que realmente teve é bem mais consoante os seus princípios da philosophia artistica. Eu escrevi ainda ha pouco n'este mesmo album, que o animalista materialisava a arte quando se reduzia a retratar a fôrma, em vez de conceber ou reproduzir os episodios da vida dos irracionaes, em que se patenteiam a sua *alma*, o *genio* das suas especies, os instinctos maravilhosos que são a sua intelligencia intuitiva. De que este preceito não é deduzido de uma theoria abstracta e inexequivel, dá testemunho o quadro de Gebler. O seu principal objecto será a fôrma? a composição será n'elle meramente um scenario disposto para a sua apresentação e para lhe dar realce, como se dispõem os enredos dos bailados só para darem pretexto ás piruetas da dançarina?

Oh! que não! O buril primoroso de Gustav Raw não nos deixa duvidosos da pericia magistral de Gebler, e todavia o artista não se apoucou retratando ovelhas, encantado com a perfeição e o acabamento dos retratos. Pelo molde das scenas da vida rustica, muitas vezes observadas no theatro da natureza, concebem uma, em que os figurantes puzessem em acção os instinctos e em relevo as indoles de um modo caracteristico. Eu disse concebeu e não *copiou*, muito intencionalmente. Estou certo de que a não viu como a traçou na têla, e ainda mais de que a não representou no *atelier* com um rebanho domesticado e gallos sabios, que mandasse *poser* em attitudes escolhidas: copiou tão sómente do seu espirito onde o estudo aturado gravára os elementos da composição que delincara, pois que para isso serve o estudo e não unicamente para, á vista de um modelo, se acertar com a melhor maneira de o reproduzir. Determinada a acção, a entrada do rebanho no aprisco espavorindo um gallo e sua femêa, o pintor attribuiu aos personagens, deixem-me exprimir assim, movimentos e expressões consoantes a situação-e o *character* de cada qual. Este foi o seu supremo intuito, e para se desempenhar d'esta parte da sua tarefa precisou recorrer ao que se poderá chamar a psychologia dos animaes, que só se aprende nos campos e na convivencia diaria com elles, e que é preciso *saber de cor* para se poder compôr, para se admittirem as faculdades imaginativas a intervir na elaboração artistica, pois que não ha modelos permanentes para as manifestações da alma dos animaes.

Gebler acertou precisamente na reproducção plastica d'essas manifestações, escolhidas para assumpto do seu quadro. Da indole altiva e bellicosa do gallo é proprio, ao vêr-se perturbado no seu repouso e accommettido por um perigo, arrostar com elle. Mais timida, porque a femilidade nunca perde os seus direitos, a gallinha foge e corre á doida pelo aprisco, cacarejando de susto e agitando as azas. As ovelhas, symbolo da mansidão, hostilizadas pelos invasores do seu lar, apertam-se umas contra as outras, a que mais se avisinhara do gallo brigão assusta-se e atira para traz o corpo, e só o carneiro, o forte, olha para um dos bullentos com certo mau humor que pôde ser annuncio de medidas severas. Cada attitude, cada expressão, é, pois, rigorosamente adaptada ao character de



Qualer Bau
Hollant.

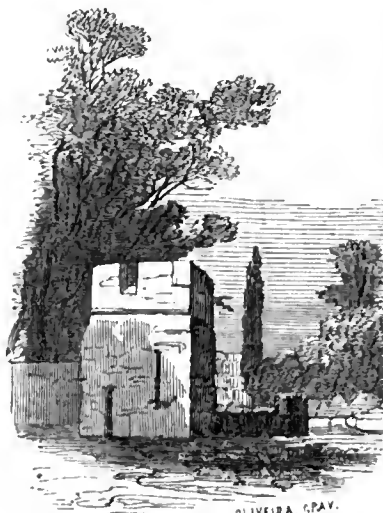


cada actor do interessante episodio, em que tambem a vivacidade irascivel de uns dá realce á paciencia e á timidez dos outros. Ha por isso vida no quadro, alma nos animaes, realismo, ou para que a palavra não produza confusão, verdade na sua composição e execução. A natureza não tem que queixar-se de um desacato, a arte não se privou do seu elemento subjectivo, o pintor não descaiu em copista, e a animalidade não perdeu, na tóla, um só dos attributos da vida sensivel e relativamente intelligente, que a pintura lhe póde e lhe deve conservar, como conserva aos deuses o seu resplendor olympico e aos heroes o clarão das suas almas sublimes.

Nem sempre se póde dizer o mesmo á vista dos quadros dos animalistas nacionaes, que tão vulgarmente se resentem do influxo do *bodegone*. Fallecer-lhes-ha talento? Não. Falta-lhes escola, em que se estimulem, acanha-os o amor excessivo do *processo*, e peia-os o jugo de certos methodos do trabalho, que esterilisa a intelligencia para adestrar os sentidos!

A. ENNES.

DE COMO VELASQUEZ TINHA UMA COSTELLA PORTUENSE E NÃO ERA PINTOR



OLIVEIRA. GPAY.

ONGE do torrão natal, qualquer cousa que nos falle d'elle tem a nossa sympathia immediata e irresistivel. Pelo menos tem a minha. Não quero envergonhar a prosapia alheia. Confesso sem reбуço esta fraqueza do meu singelo patriotismo, que se não é tão forte que não me deixe desejar uma e muitas viagens, não é tão fraco que não me deixe considerar como a melhor cousa de todas as viagens possi-

veis: o regresso.

Discutiremos isto mais tarde. O que por agora affirmo aos meus illustres compatriotas que não tenham viajado, é que me fatiguei em Sevres para atinar com uns barros das Caldas e com uma talha de vinho, do Alemtejo, que ostentavam a sua fealdade verdadeiramente notavel no meio do soberbo musen ceramico da fabrica;—é que tive uma deliciosa surpresa ouvindo em Roma fallar portuguez o velho porteiro de Santo Antonio;—e que, democrata dos quatro costados, me orgulhei em Munich, corrigindo a leitura de uma estrophe dos Lusíadas a um principe real de trinta avós pelo menos: o filho do principe Adalberto da Baviera, por signal, um bom rapazinho.

Ha em Madrid uma praça—*Plaza de Oriente*,—entre o palacio que era do rei quando o havia e a Opera,—onde entre outras ostentações da velha monarchia se vê um baixo relevo representando Filippe IV,—o que nós chamâmos Filippe III,—condecorando Velasquez com o habito de S. Tiago. Nem todos têm visto o relevo, mas conhecem muitos de certo o conto. Pelo menos terão ouvido fallar em Velasquez o grande pintor, um dos maio-

res não só da Hespanha, o que é já alguma cousa, mas do mundo que n'este caso é nada menos do que a Europa. É bom fazer esta restricção porque em Hespanha têm havido e continuam a haver muitos « primeiros homens *del mundo* » e o mundo ali póde ser indifferentemente a Hespanha, Madrid, a *Puerta del Sol*, o *Café Forbes*, uma *Tertulia*, a cabeça de um sujeito, ou o *Globo Terraqueo*.

O conto da condecoração tem variantes.

Uma é a d'esta condecoração pura o simples, como está no relevo,—á maneira das que fazem os reis constitucionaes em certos casos, sem preambulos, dispensando-se certas formalidades de secretaria.

Ora, no tempo de Filippe IV, o habito de S. Tiago não era apenas uma cruzinha galante e aquellas formalidades não eram exactamente umas formalidades quaesquer. Ignoro se havia direitos de mercê a pagar, mas é certo que se exigiam muitos requisitos raros como ao diante se verá.

Outra variante, é que uma vez, em 1658, estando Filippe IV no *Real Sitio* do Escorial, dera a escolher a Velasquez um habito de Calatrava de Alcantara ou de S. Tiago. O que é incontestavel é que o pintor teve o habito d'esta ultima ordem. Se foi elle proprio, ou o seu creado, ou o rei, como indica o relevo, que lh'o poz, é ponto grave que fica para discutir com a precisa circumspecção. O que por agora importa é que o facto que o relevo commemora ou exagera den occasião a descobrir-se que Velasquez tinha uma costella genuinamente portuense e era descendente proximo de uma familia portugueza, o que não é indifferente para o patriota d'estas partes de aquem-Guadiana, quando se acha na *Plazu de Oriente*. Eis como se descobriu o caso.

Foi Velasquez que requereu pelas vias competentes e nos termos devidos, o habito de S. Tiago ou na phrase do uma ordem regia de 17 de setembro de 1658, para *entrar en la dicha orden y vivir en la obseruancia, Regla y diziplina della por deuocion que tiene al bienenturado apostol Señor Santiago*...

Por aquella ordem pois *Don Phelipe por gracia de Dios Rey de Castilla, de Leon, de Aragon, de las dos Sicilias de Gerusalen, de Portugal* (de Portugal tanto como... de Jerusalem) *de Navarra, de Granada, de Toledo, de Valencia, de Galicia, de Mallorcas, de Sevilla, &c.*, ordenou que se procedesse escrupulosa e minuciosamente ao respectivo inquerito.

Como era natural começava este pela genealogia do candidato, como hoje diriamos, e não dispensava o indagar-se se *el padre y la madre, abuelos y abuelas, del dicho*... *nombrandolos a cada uno de por si, ayan limpios, Christianos viejos, libres de raza alguma y que no les toca mezcla de Indio, Moro, ó converso en ningun grado por remoto y apartado que sea*.

Outro requisito essencial era ser *hijo dalgo*, o que era muito differente, está claro, do que ser filho de alguém como toda a gente, e não só isto, mas *hijo dalgo segun costumbre y fuero de España y no de privilegio*, o que era então uma cousa por ahi alem que os simples plebeus mal podem comprehender sequer. Mas não bastavam ainda estas qualidades rigorosas. Era preciso que os juizes dos processos indagassem zelosamente se o *padre y abuelos paterno y materno han sido mercadores ó cambiadores ó ayan tenido algun officio vil ó mecánico y que officio e de que suerte y calidad &c.*, porque em caso affirmativo por muito contente se deveria dar o ousado requerente com um singelo e secco indeferido. O meus illustres compatriotas que sois barões!... Mas suspendamos.

Um entusiasta de Velasquez, o sr. Cruzada Villamil,

pôde descobrir e teve a excellente idéa de publicar recentemente as «*Informaciones de las calidades de Diego de Silva Velasquez, aposentador de palacio y ayuda de cámara de S. M. para el hábito que pretende de la Orden de Señor Santiago.*»

É por conseguinte com os documentos na mão que eu vou dar á cidade da Virgem, a prova de que abrigon no seu seio e de que comeram provavelmente costeletas n'alguma das suas viellas, os ascendentes do illustre fundador da escola de Madrid, que foi uma grande escola como provavelmente terá ouvido dizer.

Foram cinco os juizes do volumoso processo, e dois os informadores nomeados. Dizia Velasquez que era neto paterno do Diogo Rodrigues da Silva (ou Diego Rodriguez de Silva) e de sua mulher D. Maria Rodrigues, *naturaes da cidade do Porto*, no reino de Portugal. Deu-se por causa d'isto uma peripecia curiosa.

Eram passados dezeseis annos depois da restauração, ou como dizem alguns hespanhoes, da *rebellion* de Portugal, mas a orden de S. Tiago não queria ainda cousa alguma commoseo; Portugal era uma especie de paiz excommungado, para aquelles santos varões, e por isso não só se ordenou que os informadores fossem indagar da ascendencia de Velasquez em Monterrey e Tuy e não no Porto, mas os reverendos syndicantes tiveram o cuidado de dizer no auto respectivo que tinham andado 96 legoas e gasto 12 dias *por devíarnos de la Raya de Portugal*. Vinte e oito depoimentos foram colhidos em Berni e Monterrey, sete em Pazos, trinta e tres em Tuy, e sete em Vigo: total setenta e cinco! O melhor é o de um alferes hespanhol que *desde el año de Veinte hasta el de quarenta y tres que estubo en la Ciudad de Braga y en la de Oporto sirviendo a Su Magestad y cuando se levantó Portugal estubo detenido tres años en dicha ciudad de Oporto y entonces como antes oyo nombrar a Diego de Silua Velasquez y decian que estava en servicio de Su Magestad y que sus abuelos habian sido de dicha Ciudad de Oporto y que se llamauan Diego Rodriguez de Silua y Doña Maria Rodriguez y que eran nobles e hijo dalgo al usso costumbre y fuero de España*. Passaram os informadores ao sul tendo sempre o cuidado de ir levantando auto da sua chegada e de dizerem n'ello as legoas percorridas e a razão por que não *fue posible andar ningun dia las ocho leguas que se manda*. Não são menos numerosos nem menos favoraveis os novos depoimentos, entre os quaes apparecem alguns dos fidalgos portuguezes que tinham ficado na côrte de Madrid por acharem cousa muito feia que a sua patria se fizesse independente da corôa hespanhola: um é o conde de Castanheira e marquez de Collares D. Jeronymo de Athaide (*Atrude* diz o texto hespanhol), outro é um Felix Machado da Silva e Castro, que é nada menos do que *señor de las casas de Castro y Vasconcellos y Sierra de entre home e cana, marquez de Montevelo commendador de San Juan en la orden de Cristo en el Reyno de Portugal* e sobre tudo isto *natural de sus mismas sierras*, outro é D. Pedro de Mascarenhas Marques de Montalvan, que é apenas natural de Lisboa, vem logo um quarto, que é D. Francisco de Menezes, cavalleiro de Christo, commendador e alcaide maior de Proença a Velha. Este alcaide *in partibus* observa com muita circumspecção que ainda que a Velasquez *llaman pintor del Rey es porque pinta para el gusto de su Magestad y su real palacio, sin aver tenido tienda ni aver vendido en esta villa ni en otra parte ningunas pinturas*. . .

Não se esquece d'esta grave attenuante um quinto portuguez Gaspar Gomedo de Abren, que se intitula desembargador da casa de fiscalisação e fiscal do conselho de fazenda e mais juiz dos cavalleiros das ordens militares

de Portugal. E cousa curiosa, não são apenas os fidalgos é Alonso Cano, um pintor; é Zurbaran, outro pintor; é Carreño Milano, que foi discipulo de Velasquez; é Angelo Nardy, piutor *de su Magestad, natural de Florencia*; são Herrera Barrionueno e Pedro de la Torre, pintores, esculptores e architectos, e Juan de Villegas, dourador e estofador, que confessa que procurou vér Velasquez quando elle foi a Roma *porque deseava mucho conocerle por hombre isigne y de los mayores que a tenido la pintura*; são os artistas, os que trabalham, os que vivem e se elevam pelo talento e pelo trabalho proprio e não com os pergaminhos que só attestam os merecimentos ou a fortuna alheia, são elles que ali vão, concordes, unanimes, humildes, — não sabemos se convictos, se forçados pela esmagadora força da opinião do seu tempo ou antes da sua sociedade, defender Velasquez da sua grande gloria, dizer que elle só é pintor porque é cortezão, que só empunha a palheta para agradar ao rei, — attenuar, esconder quasi, o genio e o trabalho do grande artista no encomio da sua grandeza domestica, do apparatus da sua creadagem, da honraria dos seus cargos palacianos, do fastigio do seu valimento.

É verdade que elle pinta, mas é só, — diz Alonso Cano *por gusto suyo y obediencia de su Magestad para adorno de su Real palacio*, e, quando isto não baste para desculpal-o *tiene oficios onrosos como son el de aposentador mayor y ayuda de Camara!* Elle trata-se *com mucho lustre y estimacion*, dizem Carreño e Zurbaran. Elle não vive do seu genio e do seu trabalho artistico, não tem o officio de pintor, mas vive sim dos honrosos officios de aposentador do palacio e de ayuda da camara real, diz Nardy.

Francisco Gutiérrez Cavello *siempre le a conocido com mucho lucimiento de criados, casa y coche*. Comtudo ha no depoimento d'este homem desconhecido uma phrase curiosa. Dizendo que não faltavam a Velasquez os invejosos *por haver llegado a la altura y valimiento en que se halla*, accrescenta cheio do entusiasmo que *la tiene por merecida porque es de los mas primorosos hombres que a tenido el arte y justamente merecido que tiene e aun le parece poco*. . . &c.

Finalmente do longo inquerito, apurou-se que os avós paternos do Velasquez eram portuguezes, naturaes e residentes no Porto d'onde foram residir em Sevilha. Aqui lhes nasceu o filho Juan Rodrigues da Silva que casou com D. Geronyma Velasquez, d'aquella eidade.

Estes foram os paes do grande artista, que nasceu em junho de 1599.

E mais se depreheende do interessante processo, que se Filippe IV era dado a sentir impulsos generosos como o que parece registrar o relevo da *Plaza de Oriente*, e tinha pelas artes a protectora affeição que muitos lhe attribuem talvez por não saberem distinguil-a do desfastio ostentoso que ás vezes toma a apparencia d'ella: não foi a um d'esses impulsos nem áquella affeição que Velasquez deveu o misero habito, mas sim ao tel-o requerido e a ter provado que era *hijo dalgo, limpio, christiano viego, libre de raza*, que tinha cavallo e podia cavalgar, que podia apresentar folha corrida como diriamos hoje, que não exercia *oficio vil ó mecánico* e que rigorosamente não era pintor.

Ha no *Museu del Prado* um quadro de Velasquez representando o velho Esopo, andrajoso, com um pergaminho na mão direita e a outra no peito. É uma das melhores creações de Velasquez e pertencia á collecção de Filippe IV.

Mendigas tambem alguma honraria, entre os fidalgos vadios da côrte de Iadmon, meu velho philosopho?

Trazes no pergaminho a lista dos nomes e qualidades de teus avós, e abafas com a sinistra os desdens, as co-leras, as indignadas ironias do teu grande coração, meu velho artista da satyra?

O que tu me pareces, assim avocado por Velasquez, do seio da tua pobreza, das sombras impenetraveis da tua geneologia;—tu, que sabias talvez tanto de quem eras filho como nós que nada sabemos a tal respeito,—o que tu me pareces n'essa téla é uma expiação ou uma ironia.

A tua melhor satyra fel-a Velasquez, pintando-te. Realmente, tu fazias falta na côrte de Filippe IV!...

Afinal de contas é provavel que Velasquez preferisse ser cavalleiro de S. Tiago a ser Esopo, mas o seu Esopo vale para nós muito mais do que a sua fidalguia.

LUCIANO CORDEIRO.



O ENTERRO DE JESUS

Ah! já cançada se me affrouxa a lyra:
Rouca, e sem voz mal associa ás cordas
Difficéis nomes de estremados mestres.
Um por todos direi: e o nome illustre
Te baste, ó Flandria, a coroar-te gloria:
O bello, simples, verdadeiro, grande
De mestro a obra maior, Van Dick insigne.

OARRETT, RETRATO DE VENUS, CANTO III.

I



M abysmo separa a arte antiga da arte moderna. Esse enorme valladar, que nos dominios da grande arte, quebrou os elos da cadeia progressiva que liga a humanidade através do tempo e das idades; esse antemural, que partiu a tradição, é a figura a um tempo grandiosa e humilde, severa e dóce, epica e familiar, divina e humana, vencedora e vencida, de Jesus Christo, que fir-

mando a philosophia no sentimento, exercitou por isso um influxo muito mais poderoso nas manifestações affectivas e estheticas do pensamento.

Da arte antiga, ou antes da arte hellenica e romana quasi nos restariam apenas descripções e analyses rapidas dos escriptores de mais nota, ou alguns raros vestigios nas substrucções dos templos, se acaso a erupção do Vesuvio, que no anno 79 da era christã sepultou cinco cidades dos Oseos não tivesse preservado da acção do tempo os monumentos de toda a especie que fazem do museu de Napoles uma verdadeira maravilha.

Ainda assim só conhecemos a arte antiga na decadencia.

Das grandes obras e dos grandes mestres nada resta, senão a memoria.

Mas se compararmos os frescos de Herculano e Pompeia com os do Vaticano, que differença immensa achamos logo!

Entre os afamados mestres da antiguidade, cuja memoria immarcessivel fluctua na voragem dos tempos; en-

tre Apelles, Zeuxis, Polygnota, Panænos, Timantho e Parrhasios, e os mestres da renascença e dos periodos seguintes, o Sanzio, o Guido, Julio Romano, Leonardo da Vinci, Andrea del Sarto, o Ticiano, o Veronez, Fra Angelico, o Poussin, Murillo, Alberto Durer, Holbein, Rubens e Rembrandt; entre uns e outros debalde buscaremos as relações de commum parentesco e afinidade.

Se Miguel Angelo imita por tal arte o satyro antigo, que consegue enganar os mais peritos; se Rafael, contemplando com os seus olhares profundos o formoso grupo das Tres Graças, que o cinzel da antiguidade legou aos tempos modernos, compõe o celebre quadro que é o nosso pasmo e admiração e traduz por tal guisa o pensamento hellenico, que a sua obra parece copia de um fresco, que seculos depois foi descoberto em Pompeia; se os mestres da renascença como que adivinham a esthetica da arte grega; a verdade é que não ha comparação possivel entre a palheta christã e o pincel gentílico.

Assim como a arte greco-romana se inspirara em Homero; assim tambem a arte moderna se inspirou no Dante. A *Illiada* corresponde a *Divina comedia*.

Conta-se que um dos motivos dos odios e rancores, que levaram Savonarola ao supplicio, foi o elle ter clamado, do alto do pulpito, com a sua grande voz trovejante, contra o paganismo que invadia os dominios da propria religião.

O tribuno tremendo de Florença, que, como Giordano Bruno e Arnaldo di Brescia symbolisava a reacção contra a idolatria catholica, que em Lutero, em Calvino, em Melancton, em todos os reformadores achou poderosos adversarios e luctadores indefessos; Savonarola, o frade tribuno, enganou-se todavia com relação á arte.

O vencido dos papas não tinha razão contra Julio II, que se foi um pessimo claviculario eccleste, soube adivinhar a arte dos Angelos e dos Rafaelis, muito diversa da dos frisos de Eginio ou dos frescos muraes de Pompeia.

Assim como os *Lusíadas* de Luiz de Camões, apesar da heteroclitica structura e da combinação dos velhos mythos com a fé nativa e a erendice meticulosa e estreita do heroe, são um poema essencialmente christão; assim tambem todas as obras da arte, durante a renascença brotaram de um pensamento incompativel com o que gerou a esthetica antiga.

Galileu é o filho de Archimedes, assim como Copernico de Ptolomeu, assim como o tratado *De stella martis* de Kepler descende das magnificas disquisições sobre as conicas de Apollonio, assim como Machiavel, o auctor do Principe, tem por avoengo a Aristoteles, o auctor da Politica.

Qual é porém a relação entre o Dante e Homero?

Que parentesco ha entre o *Juizo final* de Miguel Angelo e o *Julgamento de Minos*? Que similhanças existem entre o *Sacrificio de Ephigenia*, na presença de Agamemnon e o quadro do *Descendimento da cruz*?

Qual a ligação entre a Virgem de Murillo e a Niobe plangente da antiguidade?

II

Grande e fecundo seculo foi esse, que tão justa e appropriadamente recebeu o nome da renascença.

Voltaire e os encyclopedistas diziam que foi no seculo xv que o espirito humano acordou de repente do immenso lethargo e do somno comatoso, que durou desde que o ferreo calcanhar do barbaro pison a terra sagrada do Lacio e transmontou as muralhas do capitolio.

Segundo a philosophia do seculo passado a renascença foi um phenomeno extraordinario e unico, um effeito sem causa, uma scintilha luminosa que dissipou a treva funda



O ENTERRO DE JESUS.

que ennoitava a humanidade, especie de Epimenides que dormia o somno secular nos seios da barbarie.

A philosophia da historia, que é honra e brazão da analyse moderna, mostra que a renascença continha-se implicitamente nos seculos anteriores, assim como nos cotyledones humildes da semente se encerra o roble que com a ramada forte ha de ensombrar o recosto.

E todavia é impossivel assistir áquelle despertar subito, áquella fluxão repentina de todos os succos seivosos, sem que o espirito pasme absorto.

Parece que uma febre irrequieta e devoradora se apôsso do mundo. Ha um quê de vertiginoso n'aquelle espectáculo, de desordenado n'aquella florescencia, de impetuoso n'aquella energia!

A humanidade entrou em plena juventude. Sorri-lhe a primavera pujante, jocunda e alegre. As severidades claustraes da idade media, as cathedraes gothicas, os castellos rouqueiros, a melancolica poesia dos trovadores, as longas encyclopedias, a auctoridade aristotelica, a propria escolastica, tudo cede o passo á onda invasora, ao tropel enorme da nova idéa, da nova arte, da nova sciencia.

Se Holbein, o seismador de Basilea, contempla no lago de Constança, á luz frouxa da lua, reflectida pelas neves alpinas, a sua *dança macabra*; se Alberto Durer, de Nuremberg, traça a scena phantastica que tem nome *o cavallo da morte*; a bella Italia rompe a tradição da idade media, e em Roma, em Florença, em Veneza, em Milão, em Genova, em Sienna, em Verona, em Piza, em cada cidade funda-se uma escola de pintura. E em toda a Europa é igualmente fervido o culto das bellas artes. Em Hespanha e em França surgiram os primeiros fundadores, e na verdejante Flandres, é Antuerpia o berço da gloriosa escola que mais estudou a sciencia do colorido e aprofundou os mysterios da luz e da sombra.

O realismo na pintura nasceu em Antuerpia, cuja academia, para logo celebre, foi fundada nos meados do seculo xv.

O caracter positivo e observador dos batavos traduziu-se nos primeiros tentames da arte. Do primitivo periodo da escola flamenga restam, na galeria nacional de Antuerpia, riquissimos specimens, nos quaes prima o celebre Van Eyck, cujo ensinamento, estreme do idealismo italiano, dos Giotto e Cimabues, se manteve até que o influxo omnipotente de Rafael e dos seus contemporaneos se derramou por toda a Europa.

A escola flamenga chegou então ao apogeu e como se synthetisa e adquire os seus caracteristicos sublimes de colorista sob a dominação de Pedro Paulo Rubens.

Se houve jámais homem para sacrificar o sentimento, o ideal, a propria forma aos jogos esplendidos de luz, ás carnações maravilhosas e opulentas, aos arrojados mais absurdos e ao mesmo tempo mais geniaes, é de certo Rubens, que até no nome estava já promettendo prodigios de colorista, assim como Rafael havia de ser o creador typico e predestinado da *madona*, da Virgem celestial, seismadora, carinhosa e melancolica, eserava do Senhor e area de alliança.

Rubens era profundamente humano e por isso vulgar.

A sua actividade prodigiosa nunca desfalleceu e a mão corria-lhe febril pela tēla ao tempo que a inspiração inexaurivel lhe estava descerrando continuamente novos horisontes.

Rubens é quasi o symbolo de um seculo. Protegido e protector de Maria de Medicis, esposa do celebre Henrique IV de França, embaixador do duque de Modena junto de Philippe III de Hespanha, representante d'este na cōrte de Inglaterra, cujo parlamento o nomeou caval-

heiro, Rubens, como Miguel Angelo, como Leonardo da Vinci, é um d'esses homens extraordinarios, que só apparecem nos grandes seculos e assombram a humanidade.

Na sua escola despontou uma pleiade de afamados artistas, que continuaram as tradições do mestre, como são Jordaens, David Teniers, Vanthulden, Breughel, Cornelius, Crayer e outros.

III

De todos os discipulos do glorioso pintor foi Antonio Van Dyck o que, obedecendo á influencia do mestre, mais soube conquistar uma individualidade propria, como se diz agora, e combinar com verdadeira magia o colorido flamengo com o veneziano, a furia por vezes selvagem de Rubens, com o sentimento suave da fôrma do Ticiano e do Veronez.

Van Dyck é por isso e só de per si uma escola.

Como Rubens, posto que menos fecundo, foi encyclopedico e os seus quadros historicos assignalam um estadio glorioso no progredir da arte. Os retratos, que pintou, são verdadeiros monumentos, são tēlas preciosas e seu rival.

Já dissemos que Rubens foi um personagem politico, que versou altos negocios e tratou potentados e reis.

Van Dyck é um heroe de legenda. A vida breve que viveu foi uma como sonho phantastico, uma successão de aventuras de capa e espada.

Mago, gentil, esbelto, no rosto umas leves tintas da melancolia do norte, natureza singularmente affectiva, vêmol-o na Italia euir *immamorato* aos pés de uma d'essas princezas de carnação poderosa e olhos faiscetos, cujos labios calidos, poisando na frente do artista, incendiam o fogo sagrado e geravam essas obras primas que são a eterna maravilha da Italia.

Vêmol-o depois em Inglaterra, na cōrte de Carlos I, que em pleno florir da primavera, mal entre-via o patibulo de White-Hall e o vulto severo e sombrio de Cromwell, o terrivel executor da monarchia.

Com a longa capa, cuja fimbria se voltava ao tocar na mais longa espada e o chapéo de largas abas com a pluma ondeante, Van Diek, o homem mais bello do seu seculo, coração sempre ardente, ou melancolico e pensativo, ou folgasão e alegre, personificava bem a cōrte de Carlos Stuart, o neto da desgraçada Maria, o rei predestinado que havia de descer do throno para subir ao cadafalso.

Por isso não admira que o grande pintor flamengo fosse acolhido de braços abertos pela velha fidalguia ingleza, pelos *caralliers*, a ponto que um dos seus representantes mais distinctos, um descendente dos heroes de Bruce e Wallace lhe desse a filha em casamento, uma formosissima virgem da Escossia.

Não é agora a occasião nem o lugar de relatar as aventuras romanescas de Van Dyck nem tão pouco rastrear, de leve que fosse, as obras primas que legou á posteridade. Do que fica exposto, em brevisimo e mui incompleto transumpto, já os leitores podem inferir quão poderoso foi o engenho de Van Dyck, que tendo vivido apenas 42 annos e succedendo aos famosos mestres da Italia, da Hespanha e ao proprio Rubens, soube ainda conquistar um logar proeminente e inscrever o seu nome no aureo livro da arte.

A gravura, de que é simples annotação elucidativa este artigo, representa um dos mais conhecidos e apreciados quadros historicos do mestre, que logrou harmonisar admiravelmente os esplendores coloristas de Rubens com uma delicadeza adoravel de tintas, uma sabia gradação

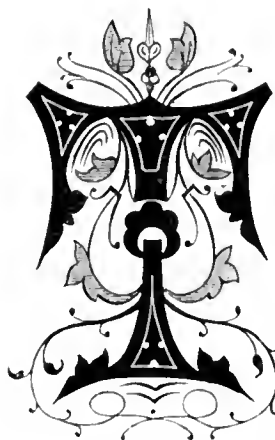
de sombras, aureolando aquella scena da tremenda tragedia com uns lampejos de poesia, que rebrilham nas feições dos diversos personagens.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.



DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação)



AL era o estado, a um tempo animador o triste, em que Sequeira vinha encontrar a arte portugueza, quando regressava á patria, d'onde estivera dez annos ausente. Havia elementos para tentar uma reforma, esperanças de conseguir bom resultado, mas necessidade de prompto e efficaz remedio. Era de esperar que a Sequeira lembrasse desde logo metter mãos á obra.

Sobejavam ao nosso artista certas qualidades de reformador, mas escesseavam-lhe outras. Voltava

de Roma cheio de vida e esperanças; estudára ali sob a disciplina severa e conscienciosa de um grande artista que era ao mesmo tempo um grande professor¹; recebêra bons e solidos principios; visitára o melhor dos thesouros da arte antiga e moderna que a Italia encerra em seus museus; era moço, talentoso, entusiasta; queria deveras empenhar-se na reforma da arte portugueza, e assim o mostrava e publicava, por actos mais sinceros e lealmente concebidos do que pausadamente meditados e cautelosamente executados.

Estas partes attrahiam desde logo sobre elle a attenção de todos, mas tambem, forçoso é dizel-o, não podiam deixar de crear despeitos e ciumes que cedo ou tarde haviam de manifestar-se, quando o acaso ou a imprudencia do proprio Sequeira, lhes deparasse occasião propicia.

O resultado d'estas paixões tão ruins mas infelizmente tão vulgares no homem, era tanto mais facil de prevêr quanto é certo que Sequeira, apesar do seu grande talento e dos seus laboriosos estudos, não era por emquanto um artista consummado. Tinha um estylo ainda hesitante; mostrava mais tendencias do que resultados. Não se affirmára por ora energicamente nas suas obras. Promettia muito, procurava muito, mas não dêra quanto promettia, nem achára quanto procurava. Se pelo genio era incontestavelmente superior aos collegas, se tinha em si, muito mais do que elles, elementos de progresso e de renovação, carecia ainda da auctoridade que dão os annos, os longos serviços, as obras acclamadas, as relações adquiridas, os numerosos discipulos. As suas primeiras pinturas, tão differentes dos trabalhos a que Portugal estava costumado, agradaram pela novidade, ou talvez pelo naturalismo que n'ellas transparecia, e que não podia dei-

¹ Sequeira, pouco tempo depois da sua chegada, teve noticia do fallecimento de Cavallucci. Em sua carta de 25 de dezembro de 1795 á sr.^a Cometti, diz que vac fazer o retrato do seu mestre, cuja morte deplora: este retrato pertence ao sr. conselheiro Fignière, digno director geral da secretaria dos negocios estrangeiros.

xar de impressionar um publico cansado já da affectação e do *barroquismo*.

Sequeira esteve algum tempo a moda; eram desejadas as produções do seu pincel; foi applaudido e conheceu os mebriantes deleites da popularidade. Com as illusões do seu entusiasmo juvenil, com a sua boa fé e sinceridade de crenças, com a sua ignorancia do mundo para onde entrára, com a sua alma de artista na qual se cava o amor da arte com a ambição da gloria, julgou-se chamado a desempenhar desde logo na sua patria o papel de reformador, de restaurador dos bons principios, de chefe e mestre de uma nova escola, e, sem hesitar, met-teu mãos á obra. Esperavam-no porém não poucos desgostos, e bem depressa conheceu quanto se enganára em suas generosas aspirações.

É fóra de duvida que nos primeiros tempos da sua estada em Portugal todos o applaudiram, todos o festejaram, todos o quizeram empregar. Dil-o o proprio Cyrillo¹, que por certo não é suspeito; « todos pretendiam ter uma obra do novo artista »; dil-o Sequeira elle mesmo, referindo em suas cartas, o acolhimento que tivera em Lisboa. Não tardaram, porém, a manifestar-se palpaveis as consequencias da posição em que elle forçosamente se havia de encontrar, passado aquelle entusiasmo.

Teve o seu primeiro dissabor na questão de preços. Ou fosse pelo grande numero de artistas que então havia em Lisboa, ou pela geral barateza da vida, é certo que os preços das obras de arte eram, n'aquella época, bastante modicos. Sequeira costumado ás elevadas remunerações que em Italia eram de uso, parecendo-lhe talvez que era desconsideração para o artista limitar-se ao que poderia suppôr-se modico salario, prezando em todo o caso as proprias obras, e avaliando-as pelo genio que em si mesmo sentia, Sequeira quiz, para assim dizer, apalpar terreno, começando pela reforma dos preços e pedindo pelos seus quadros muito mais que geralmente se dava.

Ao que parece não foi bem succedido. Os amadores, ou pelo menos alguns, quizeram antes não possuir quadros do nosso artista do que pagal-os pela sua craveira; e os collegas negaram-se a acompanhal-o.

Não desaninhou ainda, mas fantasiando realisar por outra fórmula mais efficaz e perduravel a reforma que intentava de regenerar a arte, procurou pouco depois da sua chegada organizar uma colligação de artistas, uma como academia, cujas bases e fórmula não conheço bem porque nada encontrei a este respeito, mas cujo fim, como Cyrillo diz, era « exaltar a arte, e dar mais estimação e valor ás obras ». É natural que propuzesse a criação de um corpo que viesse por um lado supprir a falta de uma academia propriamente dita, e pelo outro substituir a antiga irmandade de S. Lucas que vegetava debilmente apesar dos esforços tentados em 1794 por Pedro Alexandrino e Cyrillo, para lhe dar novo alento e mais larga acção. A estes mesmos se abriu Sequeira, o apesar da sua proposta versar sobre assumpto identico ao que elles tinham feito discutir poucos annos antes, quando buscavam a reforma do compromisso da irmandade, d'esta vez, ou cansados dos anteriores desenganos, ou tocados de ciumes indesculpaveis, recusaram o seu apoio.

Mallogravam-se pois, logo no começo e por culpa de quem mais efficazmente as devia patrocinar, as tentativas tão patrioticas como intelligentes do joven artista. Iam-se patenteando os fructos da inveja. O proprio favor do principe, as mercês que lhe concedêra levantavam incendio de novos ciumes, e lhe embargavam o passo em suas generosas diligencias.

¹ Cyrillo. — *Col. de Mem.*, pag. 150.

Obriga-me também a verdade historica a confessar, em que me peze, do que a modestia não era a qualidade predominante do nosso biographado. Tinha-se em muita conta, como merecia, mas não dissimulava este sentimento, como era dever seu. Póde suppôr-se que não evitava as occasiões de adquirir faceis glórias á custa dos seus collegas, que lhes não poupava humilhações, que fallava de si e das suas obras como bem convencido da sua superioridade.

Note-se ainda que o estylo de Sequeira, n'essa época, era, como eu já disse, uma transição; era um estylo indeciso, pouco accentuado, que não se impunha, com a energia de uma convicção enraizada e segura de si mesma. Em Portugal era novidade este estylo. Agradou por ventura no começo, mas não faltaria entre os artistas que então tinham o passo, quem lhe puzesse defeitos, quem lhes notasse as hesitações e o alcunhasse de perigosa e inconveniente innovação, de presumptuosa tentativa para derrubar os idolos venerados perante os quaes o mundo, por uso diuturno, se inclinava reverente, como os unicos a quem devia render culto.

A inveja e a malquerença dos seus collegas transparecem nos escriptos de Cyrillo e manifestam-se palpaveis, e despidas de todo o resguardo na miseravel denuncia, cujos promenores terão cabimento no decurso d'este estudo. Quanto a Cyrillo basta notar que lhe escreveu a biographia em duas paginas e oito linhas, que forçado a reconhecer o seu grande engenho, esconde com phrases aparentemente inoffensivas algumas allusões desagradaveis; que na propria auto-biographia impressa no fim do volume claramente se refere a Sequeira, quando diz «... fui pintando (em Mafra) alguns tectos, cuja descripção não cabe na brevidade d'estas memorias; só direi que quando fiz o Phaetonte tive em vistas o precipicio que parecia destinado a um mancebo menos illustre que o filho do Sol, mas tão audaz como elle até áquelle tempo¹» e logo na pagina seguinte volve ao systema de acobertar insidias apparentando narrar os factos mas não poupando as allusões.

Todas estas causas reunidas vieram a produzir effeito. Sequeira bem cedo na vida poude dizer com o immortal poeta ghibellino:

Non é il mondan rumor altro che un fiato
Di vento, ch'or vien quinci ed or vien quindi,
E muta nome, perhé muta lato.²

Não sei se falseio ou exagero a verdade. Desejo acerrar; faltando-me porém bases seguras, sou muitas vezes obrigado a deduzir de factos geraes, conhecidos e certos, a explicação de actos da vida de Sequeira que seus biographos se limitam a apresentar sem commentario, mas quero ao menos que o leitor me acompanhe na serie das minhas induções o conheça bem o caminho que vou levando. Assim, é sabido de todos que pouco tempo depois da sua chegada a Portugal, o nosso artista foi clausurar-se na Cartuxa de Laveiras. Cyrillo narra o caso simples e naturalmente, e duas linhas depois de dizer que todos queriam obras de Sequeira. É verdade que estas duas linhas encerram a caritativa insinuação que Sequeira afugentou todos os amadores com a exaggeração de seus preços. O conde de Val de Reis, diz o auctor da collecção de memorias, reusou dar mil moedas por dez batallas que pedira a Sequeira para as suas ante-camaras. Todos se admiravam, acrescenta, dos preços que elle pedia pelas suas obras. Nada mais. Mas será plausivel sup-

pôr que só porque um fidalgo não chegou a concluir um ajuste de preço, só porque havia quem se admirasse do alto valor de suas obras, só por estas causas desacompanhadas de outras, Sequeira corresse a encerrar-se em mosteiro de tão estreita observancia? Pois não é de presumir, não é logico que todas as causas ha pouco mencionadas, e que se deduzem rigorosamente de factos sabidos e evidentes, influissem n'aquella resolução; não é possivel também explicá-la em parte pelo genio naturalmente religioso de Sequeira, que não se contentando com a pratica da religião como a póde seguir no mundo um homem do seculo, quizesse ainda afinal-a? Tenho para mim que o poder da sua imaginação tão rica e exaltada lhe pintou com vivas côres o lado poetico d'aquelle acto, lhe representou, pelo lado do ideal, a vida de artista cenobita que n'aquelle retiro ia levar, consagrando os seus pinceis á religião, fugindo do mundo e de seus perigos, dedicando exclusivamente ao serviço de Deus os subidos dotes que d'Elle recebera. Quem sabe ainda se o exemplo de Lesueur o não tentou? E finalmente não póde ainda suppôr-se que o amor que deixára seu coração vinculado em Roma, como da sua correspondencia parece evidente, não tivesse passado por uma d'essas duras provações que dilaceram o intimo d'alma quando de todo a não arrancam do corpo?

Quizera ser rigoroso e não afirmar senão o que é certo e posso provar.

Que este amor existiu, que Sequeira resolvera dar a mão de esposo á joven romana a quem se afeiçoára, é indubitavel. Provam-o varios trechos de suas cartas que por brevidade omitti, quando atraz toquei n'este assumpto, mas que são clarissimas. Não tendo em meu poder o resto da correspondencia, ignoro como já disse, o desenlace d'este episodio, mas a resolução de entrar para a Cartuxa, o subito desapego pelas cousas do mundo é tão vulgar desfecho de amores infelizes, que não ha de admirar-me vêr ainda confirmado por provas irrefragaveis, a supposição que aventuro e que ali deixo consignada até melhores averiguações, de que a noiva de Sequeira ou morreu ou deu a outro a mão que elle ambicionava.

Outro argumento a favor d'esta hypothese se póde ainda invocar. Nas cartas de Sequeira, que tenho á vista, se deduz a intenção em que elle estava de regressar a Roma. Considerava a sua viagem a Portugal como uma interrupção da sua permanencia na cidade eterna, causada apenas pela necessidade de obedecer ás ordens do governo, mas parecia dar por certo que terminada a guerra volveria. Intentava aproveitar o ensejo para melhorar a posição social e pecuniaria, a fim de poder realisar o consorcio que havia de ligal-o com indissoluveis laços á familia Cometti.

A entrada para a Cartuxa indica uma completa mudança nas suas intenções. É evidente que n'esse retiro não encontraria fortuna, ou posição; nem a pratica da regra de S. Bruno se póde considerar como iniciação matrimonial. Separava-se do mundo, encerrava-se no claustro, e esta resolução não fóra largamente amadurecida desde a juventude, não era o resultado de profundas meditações e de uma vocação provada, senão um acto executado, ao que parece, logo depois de concebido, filho de uma impressão produzida em sua alma por algum ou alguns acontecimentos imprevistos, mas graves, que o levaram, quasi de improviso, a mudar a norma de vida que pretendia seguir.

É pois indubitavel que não faltam causas que nos expliquem a entrada de Sequeira para a Cartuxa. Apresento-as como as encontrei, e sem pretender afirmar qual foi a determinante, julgo poder dizer, sem perigo de er-

¹ Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 309.

² Dante. *Purgat.* xl. 100.

rar, que todas, mais ou menos, influíram n'aquella imprevista vocação.

Fossem porém quaes fossem, é certo que elle se foi encerrar no *Valle de Misericordia* em Laveiras pelos fins do seculo passado.

Na Torre do Tombo existe o cartorio d'este mosteiro. Devi ao sr. official maior Bastos o favor de me deixar examinar os livros e documentos que elle encerra. Corri-os com a maxima attenção, mas nada encontrei ácerca do nosso pintor, nem sequer a data da sua entrada, nem até a mais leve e fugitiva noticia dos quadros que, durante o seu enclausuramento, pintou para o convento. Creio porém que deveria entrar para Laveiras antes do fim do seculo passado, porque voltando para o mundo em meados de 1802, tivera tempo de pintar, enquanto se conservou no mosteiro, cinco quadros de grandes dimensões.

Para supprir até certo ponto a absoluta falta de documentos escriptos, tenho apenas a informação que obsequiosamente se dignou dar-me o sr. Meira, guarda livros do banco de Portugal e diligente investigador de noticias curiosas e pouco sabidas, amigo que foi do nosso grande artista com quem muito conviveu pelos annos de 1820 a 1823. O sr. Meira conhecia com bastante intimidade o frade cartuxo D. Ricardo e o leigo frei Antonio, tambem d'aquelle convento, e por elles foi informado de que Sequeira, enquanto esteve em Laveiras se adstringiu sempre a todos os rigores da ordem de S. Bruno, vivendo ali mais como recluso monge do que como homem do mundo temporariamente recolhido n'aquelle abrigo de paz. Frequentava todos os exercicios monasticos, acompanhava os frades em todas as suas praticas e austeridades, considerando-se como noviço e não como hospede.

Esta informação derrama luz sobre as intenções que Sequeira teve ao entrar no convento. Julgava-se chamado á vida contemplativa, e por uma illusão natural e explicavel, dado o seu caracter mixto de exaltação religiosa, de enthusiasmo artistico, e diga-se ainda, de amor proprio um pouco exagerado, illudiu-se a si mesmo, e reputou vocação sincera e inabalavel o que era apenas desapêgo e aborrecimento momentaneo do mundo e da vida social.

As praticas da vida monastica não lhe arrancaram da mão os pinceis. Intentou memorar por fôrma perduravel a sua reclusão voluntaria, e durante o periodo que denominarei da sua vida monastica, executou cinco grandes composições sobre têla e a oleo, que eram talvez a maior riqueza d'aquelle pobre mosteiro a cuja sombra fôra procurar abrigo e conforto. Estes quadros, de grandes dimensões, ornavam as paredes de uma sala que immediatamente precede o claustro e o communica com a galeria onde abrem as cellas. Hoje quatro estão na galeria nacional de Lisboa, e o outro na da Academia portuense de bellas artes. Este representa S. Bruno meditando diante de um crucifixo; aquelles têm por assumpto: os officios funebres por alma de Raymundo Diocres durante os quaes S. Bruno resolve fundar a ordem a que deu o nome; Santo Onofre no deserto; Santo Antão e S. Paulo; S. Bruno prostrado em oração. Menciono estes quadros pela ordem em que me parece haverem sido executados.

Em geral são fracos, ainda que por diferentes razões cada um. Na technica, Sequeira revela alguns progressos em relação sobretudo ao estudo do natural e á verdade do colorido que é menos convencional do que no quadro Manique. Contudo manifesta-se ainda muito balbuciante e indeciso, a tal ponto que não parecem do mesmo auctor aquellas produções. A mais importante de todas pela vastidão da composição e pelo tamanho é a que representa as exequias de Diocres; porém de todas é tambem a mais fraca e a unica que realmente é desagra-

davel. É bem conhecida a lenda do conego da sé de Paris Raymundo Diocres, cujo discipulo e amigo fôra S. Bruno, e que sempre em vida gosára da fama de varão exemplar por suas virtudes e austeridades; morrêra em conta de santo. A realidade porém não correspondia ás apparencias; era hypocrisia a virtude, fingidas as austeridades, por tal fôrma que sua alma se despenhára no fogo eterno, d'onde momentaneamente volvéra a unir-se ao corpo, durante as exequias, para confessar a sua iniquidade e revelar a sua condemnação. Sequeira representa a scena na igreja, quando o corpo do defunto conego se ergue do athaude para dar a tremenda noticia que apavora os espectadores. S. Bruno, amedrontado pela terrível vista, foge aterrado.

Lesueur tratou o mesmo assumpto e tratou-o muito melhor. O quadro de Sequeira é mal composto e mal executado em geral. O local da scena é indistincto, mal individualizado; a composição confrange-se acanhada entre as linhas architecturales do fundo. Os grupos estão mal compostos, as expressões falsas ou exageradas. O todo é theatral e inexacto; os anachronismos em vestuarios e architectura grosseiros, pois que estão vestidos á moda de D. João IV os contemporaneos de S. Bruno que viveu no seculo XII, e as linhas do sarcophago que se vê no fundo accusam um monumento do seculo XVIII. O quadro mais parece obra do inexperiente discipulo de Rocha, do que do academico de S. Lucas. Não posso analysar agora por miúdo este trabalho, em que apenas noto mais estudo do natural nas cabeças e menos convencionalismo na côr, comparado com o grande quadro allegorico á Casa Pia. Se devesse em poucas palavras expressar o meu sentimento diria, que, no enterro de Diocres, Sequeira se afasta mais dos maechiantes sem contudo alcançar um naturalismo de bom quilate.

No S. Bruno prostrado ha bastante preocupação no claro escuro, e diligencias para attingir a um grande effeito de luz; a côr porém é fraca, mas o desenho é correcto e o sentimento profundo e verdadeiro. Transluzem no quadro recordações do Dominichino, cujo estylo talvez lembrasse a Sequeira quando o executou. Os outros dois quadros da galeria de Lisboa são fracos na côr e no claro escuro, posto que bastante correctos no desenho. Ha n'elles tendencias evidentes para o naturalismo, como se evidencia no estudo das mãos e cabeças. Começam a apparecer figuras demasiadamente longas, defeito de que Sequeira nunca se curou inteiramente. O anjo que no Santo Onofre apresenta ao monge a hostia com que vae commungal-o, é adelgado e alto em demasia. Descubro n'esta figura vagas reminiscencias dos preceitos de David no tocante ao desenho, com a preocupação evidente de reproduzir, pelo menos em certas feições mais salientes, as figuras de anjos taes como as conceben a arte italiana até Rafael.

Em resumo, ha n'estes quadros hesitação e incerteza. Vê-se que Sequeira procurava, se recordava, hesitava, que não havia ainda vasado em molde definitivo e permanente o seu estylo, a sua *maneira*.

Creio que estas incertezas e hesitações se podem até certo ponto explicar pela gravissima perturbação que devia sentir o nosso artista n'aquella atribulada época da sua existencia. Em vez de reagir contra o infortunio e de lutar animosamente, procurou um abrigo no claustro. Não achou ali a paz que buscava para a alma, e que esperava encontrar nas praticas da vida religiosa para a qual não fôra talhado. D'este engano de vocação nascem, quanto a mim, os defeitos, por outra fôrma inexplicaveis, que tão patentes se notam nos trabalhos da Cartuxa.

(Continua.)

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

A FACA DE MATO

Cinzelada pelo sr. Rafael Zacharias da Costa

ENTRE os objectos de arte industrial mais notaveis produzidos ultimamente em Portugal, figura, sem duvida alguma, a faca de mato cinzelada em prata pelo sr. Rafael Zacharias da Costa, a qual esteve exposta, por alguns dias, na ourivesaria do sr. Estevão de Sousa, em Lisboa, e as *Artes e Letras* dão n'este numero em gravura primorosamente executada pelo sr. Pedrozo.

Veio a faca de mato alludida, augmentar a univêrsa fama que já tinha a ourivesaria nacional, fama justificada pelos productos saídos das mãos habilissimas de muitos artistas portuguezes, á frente dos quaes sobresaem os nomes tantas vezes celebrados, de Gil Vicente, ourives de Lisboa, e Pedro Alvares, ourives de Guimarães.

Da perfeição que attingiu em Portugal a sublime arte de Cellini, momentaneamente no tempo de D. Manuel, e mais tarde no de D. João V, até o começo d'este seculo, já esta folha tem mais de uma vez tratado, não só quando publicou em gravura a celebre custodia de Belem, que actualmente existe no paço da Ajuda, mas tambem quando, a proposito de alguns objectos do famoso thesouro de Braga, inseriu em os n.ºs 2 e 3, da sua 3.ª serie, os artigos, que, ácerca do assumpto, escreveu o erudito academico o sr. I. de Villena Barbosa.

Com a faca de mato de que ora se trata, gastou o auctor, desde que a modelou em cêra até que a concluiu na prata, onze annos. O valor intrinseco d'ella é de 80\$000 réis, e o estimativo, dado pelo seu actual possuidor o sr. Estevão de Sousa, de alguns contos de réis. Não é este o primeiro objecto notavel que sae dos cinzeis apurados do sr. Rafael Zacharias; el-rei D. Fernando possui dois copos para *champagne*, cinzelados em prata por este eximio artista, e varios outros objectos não menos dignos de serem admirados por amadores e entendidos. O sr. Rafael Zacharias é natural de Lisboa, estudou na Academia de bellas artes desenho de ornato e de figura, e trabalha pela sua arte ha mais de quarenta annos.

A composição da faca de mato representada pela gravura que o leitor tem á vista, foi subordinada á de um trabalho do mesmo genero, feito em marfim, que pertenceu a el-rei o sr. D. Pedro V, e está hoje na interessante galeria de objectos de arte, que possui o sr. D. Fernando.



A esta subordinação obrigada se deve talvez o principal defeito d'aquelle primoroso trabalho, não obstante o habil cinzelador ter feito n'elle certas modificações vantajosas. E não se estranhe que em lavor tão excellente, a critica ache defeitos. Não é isenta d'elles nenhuma producção humana; e esta, de que ora me occupo, merece bem, pelo muito que vale, que desassombradamente n'ella se descremine o que é verdadeiramente bom do que podia ser melhor. Só ás producções insignificantes a louvaminha vulgar pôde caber sem grande desaire para ellas, nem para quem a dispensa.

Quanto a mim, a falta de composição que se nota n'aquella amalgama de animaes, sem nenhuma intenção, e não revelando, por conseguinte, una idéa que determine qualquer assumpto, constitue o grave defeito a que me refiro, o qual prejudica um pouco a magnifica execução da obra do sr. Rafael Zacharias.

Se o artista houvesse podido trabalhar livremente, sem se sujeitar a seguir ou imitar o trabalho que lhe apresentaram, de certo escolheria para o lavor a que tão corajosamente se entregou, um ou mais episodios de caçadas, em que os diversos grupos de animaes se entrelaçassem com uma ornamentação apropriada, conforme a sua phantasia lhe suggerisse, offerecendo o todo um agradável conjuncto de boas linhas de composição, sem as quaes não ha harmonia em qualquer trabalho de arte. Alem d'isso, talvez se lembrasse de empregar na sua obra diversos metaes, ou de procurar o effeito no contraste produzido pela prata oxidada sobre a prata brumida, quebrando por qualquer d'estes systemas a monotonia que apresenta, á primeira vista, o seu precioso trabalho.

Accitando, porém, o facto do artista se haver submettido a um determinado modelo, devo confessar que o seu talento singular conseguiu vencer grandes difficuldades, tendo em vista, principalmente, que o sr. Rafael Zacharias é mais cinzelador do que escultor.

Alguns dos animaes que se vêem no puho e bainha da faca, não têm, é certo, aquella correcção de fórnas que se observa, por exemplo, nas pequenas esculpturas do celebre artista francez Maïne; mas não se pôde negar que muitas d'aquellas cabecinhas são de grande expressão, alguns dos animaes têm flexibilidade e movimento, e em nenhum d'elles ha aleijões que dêem nas vistas aos menos entendidos.

Mas o que n'aquella famosa obra de arte ha de verdadeiramente extraordinario, é o admiravel trabalho

de cinzel, é o maravilhoso acabamento de tudo. Póde alguém, ainda assim, accusar o artista de ter sido demasiado minucioso na execução, procurando dar conta dos mais insignificantes *detalhes*, em vez de apresentar planos e massas grandiosas para fugir ao que na arte se denomina — mesquinho. Quem, todavia, attender ás dimensões da faca, e mormente ás dos animaes, verá que esta observação da critica é de todo o ponto improcedente, estando, de mais a mais, o supposto defeito compensado com larga generosidade, pela rara firmeza do toque, manejo acertado do cinzel e esmero inexcedível com que tudo está perfeitamente acabado.

Os trabalhos artisticos, como todos os trabalhos em geral, devem ser tratados conforme o fim a que se destinam. Se aquelles animaes, que, pelo tamanho em que estão figurados, são para vêr ao pé, fossem executados por planos, de modo que saltasse á vista a linha principal de cada um, e as suas mossas mais salientes, nenhum artista deixaria de afirmar, é certo, que tal obra tinha sido satisfatoriamente concebida, mas todos haviam de confessar tambem, que a falta de acabamento indisponível em trabalhos d'aquella natureza, a prejudicava bastante.

E. Beulé, nas suas *Causeries sur l'art*, conta que Alcamene e Phidias concluíram, cada um, uma estatua de Minerva, de proporções colossaes, destinadas a serem collocadas no centro dos frontões do Parthenon. Expozeram os dois artistas as suas estatuas, antes de as fazerem subir á altura em que ellas deviam figurar. A Minerva de Alcamene, realçada pelo aspecto agradável de uma execução aprimorada, foi, vista de perto, a que mais agradou; e tanto sobresaiu á sua competidora, que a de Phidias tornou-se o alvo da indignação geral. Esta desagradava porque tinha os olhos ampliados, as narinas dilatadas, a boca enorme, o que era de pessimo effeito ao pé; mas que, segundo as leis da perspectiva, devia produzir o exigido resultado, quando vista no logar para que fôra modelada. Assim succedeu. A opinião publica mudou prompta e completamente logo que as estatuas foram assentes nos frontões onde haviam de ficar. A Minerva de Phidias ostentava no seu verdadeiro logar, todas as suas bellezas esculpturaes, apresentando um effeito grandioso, ao passo que a estatua executada por Alcamene parecia mesquinha, e como tal foi julgada.

Com este exemplo póde, *mutatis mutandis*, defender-se o notavel cinzelador de qualquer accusação, que, por ventura, lhe façam no sentido do seu trabalho ser demasiado minucioso, o que, no caso em questão, é não só uma belleza, mas tambem uma necessidade.

Resumindo, pois, vê-se que a faca de mato cinzelada pelo sr. Rafael Zacharias tem dois pontos de vista por onde póde ser analysada e apreciada; ou como trabalho artistico, em que as regras de composição e de desenho precisam ser estritamente observadas, ou exclusivamente como trabalho de cinzelador. Como obra de bellas artes, não é de todo irreprehensível, diga-se a verdade; como execução de cinzel, é o objecto mais perfeito que tenho visto, e não creio que haja muitos, que, n'este ponto, o excedam.

A faca não tendo achado, até agora, comprador em Lisboa, onde o gosto pelas artes está pouco desenvolvido, vae ser mandada, segundo me informam, para Paris ou para Londres.

Pena é que tão primoroso trabalho não fique em Portugal. Merecia estar exposto n'um museu, para admiração dos estrangeiros e incitamento de nacionaes. Infelizmente, porém, tudo nos falta para isso; até o museu. Esta falta reflecte-se no atrazo que entre nós se observa

das industrias que prendem de perto com as bellas artes. Em Portugal cuida-se um pouco do aperfeiçoamento do fabrico, ou, por assim dizer, da sciencia da industria; mas no bello, no aperfeiçoamento artistico das manufacturas industriaes, quasi ninguem pensa.

A criação de um museu central de artes applicadas á industria, e de museus provinciaes dedicados ás especialidades manufacturadas de cada localidade, auxiliados por associações destinadas ao aperfeiçoamento das artes do desenho nas suas variadas applicações aos diversos artefactos, devia, com certeza, de influir beneficemente no bom gosto dos productos saídos dos *ateliers* dos nossos industriaes.

Contentemo-nos, ao menos, leitor, com o que poderia succeder, já que não podemos folgar com o que realmente acontece.

RANGEL DE LIMA.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)



VIAGENS. HESPAÑIA E FRANÇA. — Eu tenho especial predilecção pelos livros de viagens. Leio-os com interesse, concluo-os com pena e muitas vezes releio-os com satisfação. Considerando as viagens um dos melhores e mais proveitosos passatempos que o homem pode gosar, phantasio na minha imaginação ambiciosa de vêr novas terras e desconhecidos costumes, que acompanho o escriptor viajante nas suas observações, nos seus extasis, nas suas aventuras e até nos seus desenganos. Por isso, e porque alem das narrações pintorescas do caminheiro, o livro encerra critica artistica de entendedor e esclarecimentos historicos muito apreciaveis, li de um folego a ultima obra do sr. Luciano Cordeiro, escripta depois da sua visita a Hespanha, França, Allemanha e Italia, na qual o auctor deixou registadas as impressões que recebeu nos dois primeiros paizes estrangeiros onde esteve. Sem hesitar, recommendo este livro aos que, como eu, se deleitam com as narrações de viagens e se interessam pelos assumptos artisticos e historicos. Não me são totalmente desconhecidos os paizes, os costumes e os objectos de arte de que o sr. Luciano Cordeiro falla; mas nem por isso deixei de pereorrer com menos avidez as conceituosas paginas do seu excellento livro, antes pelo contrario, apreciei-as bastante, porque pude julgar da verdade com que o esclarecido viajante falla do que viu e do que estudou.

Noutro logar d'esta folha transcrevo, com a devida venia, um dos capitulos da obra, o qual por ser de assumpto demasiado interessante para nós, julgo que merece figurar no unico periodico de bellas artes, que actualmente existe em Portugal.

MORAL PARA TODOS. — Pelos tempos que vão correndo, é raro topar com um livro de origem franceza, traduzido em vulgar, que possa francamente ser lido em voz alta deante de senhoras. Este da *Moral para todos*, devido á illustrada penna de Ad. Franche, e muito bem vertido para portuguez pelo sr. Candido de Figueiredo, é um dos raros a que me refiro, porque moralisa, instrue e não enfastia, qualidade esta que é das mais essenciaes para uma obra se popularisar. É editor da *Moral para todos*, o sr. A. M. Pereira, que cneetou, sob o titulo de *Bibliotheca de livros uteis*, uma publicação com o fim de doutrinar os leitores, ministrando-lhe o antidoto do veneno que por ventura elles tenham absorvido dos perniciosos livros da moda. Bem andou, pois, o sr. Pereira em dar á estampa esta obra, que é das melhor escolhidas para cumprir fielmente o seu programma.

O ULTIMO DIA DE UM CONDEMNADO Á MORTE. — A casa editora Roland & Semiond publicou uma traducção do celebre folheto de Victor Hugo assim denominado, o qual é propaganda sublime em favor da abolição da pena capital. Eu não sei de obra que mais poder tenha no animo do leitor, para o converter aos santos principios que ella nas suas poucas paginas advoga. Difficil será de encontrar alguem, que, enquanto se lembrar d'aquellas descripções terrificas das torturas moraes porque passa o condemnado á morte, desde que lhe lêem a sentença fatal até que a vida se lhe exhala no patibulo, defenda essa desaffronta social, que felizmente o progresso riscou para sempre do nosso codigo civil. Leiam o livro os que são contra a pena ultima, para com aquellas doutrinas civilisadoras robustecerem as suas humanitarias creenças, e leiam-o tam-

bem os que são a favor d'ella, que a meio da narrativa talvez mudem de opinião.

ABENÇOADO PROGRESSO! — AS CAMPAINHAS. — JOÃO, O BRITADOR. — A *Bibliotheca theatra*, dirigida pelos srs. Aristides Abranches e Castilho e Mello, publicou estas tres peças, a primeira das quaes, original em um acto, escripta por quem assigna estas linhas, foi primorosamente representada em D. Maria II, pela actriz Virginia e pelo actor Antonio Pedro; a segunda, tambem n'um acto, traduzida pelo sr. Pinheiro Chagas, teve outrossim excellente desempenho na Trindade, por parte da actriz Rosa Damasceno e do actor Leone; a terceira, drama em cinco actos, traduzido pelo sr. A. E. de Castilho e Mello, ainda não foi representada. A empresa editora presta uteis serviços com esta publicação.

O PAPADO. — Assim se intitula um folheto de 47 paginas, no qual o leitor poderá encontrar o texto da conferencia, que, em 12 de julho do corrente anno, fez o sr. T. A. Araripe Junior na escola popular do Ceará. O thema da conferencia deprehende-se facilmente do titulo do folheto. O orador brasileiro tratou bem o assumpto e manifestou idéas que receberão, de certo, o applauso unanime dos que militam á dõea sombra da bandeira da liberdade, mas que hão de ser duramente impugnadas pelos que batalham no campo contrario. Não se pôde agradar a todos, mormente quando se toma por thema de qualquer trabalho, assumpto que prende com a organização social ou politica dos povos.

O NINHO DE BEIJA-FLOR. — Com este titulo publicou o referido escriptor brasileiro o sr. T. A. Araripe, um romance que merece, por todos os respeito, ser lido. O enredo não é dos mais complicados; conhece-se que o auctor se contentou com escrever um idyllio, certamente dedicado á leitora melancolica e phantasiosa, que sonha a deshoras com as delicias de uns amores irrealisaveis, amores que são mais do mundo ideal em que ella existe, do que da misera terra em que nós vivemos.

A essas leitoras principalmente recommendo o livro.

ARCHIVO ILLUSTRADO. — Reccebi os primeiros numeros da folha quinzenal, que tem o titulo acima e se publica na Bahia. Cada numero é de oito paginas, quatro das quaes contêm artigos curiosos, e as outras quatro estampas lithographadas.

Depois dos progressos que tem feito ultimamente a gravura em madeira, rarissimos são os periodicos illustrados que se servem da lithographia para a execução das estampas que publicam. A lithographia caiu em desuso; nem podia deixar de assim succeder, havendo para a substituir outro processo que tanto se lhe avanta. O buril do gravador consegue sobre a madeira mais finura, mais suavidade, do que o lapis do desenhador sobre o granido da pedra lithographica. Por isso, se me fosse permitido dar um conselho ao collega brasileiro, dir-lhe-hia que adoptasse a gravura de preferencia á lithographia, confiando os desenhos na madeira a artistas habéis e intelligentes. Estou que o *Arquivo illustrado* muito ganharia com esta modificação.

AMERICA ILLUSTRADA. — Assim se intitula um jornal de caricaturas, publicado aos domingos na cidade do Recife (Brazil), o qual já entrou no quarto anno da sua existencia. As pessoas estranhas á localidade não podem, em consequencia da indole especial da folha, apreciar a graça da parte litteraria d'ella. Sobre a parte artistica, applica-se perfeitamente a este o que digo ácerca do periodico acima referido.

HISTORIA DO CORPO HUMANO. — É este o titulo do numero 9 da interessante encyclopedica *Educação popular*, de que são editores os srs. Lucas & Filho, e director litterario o sr. Pinheiro Chagas. Este volume é assignado pelo sr. A. M. da Cunha Belem, escriptor muito competente para tratar o assumpto, não só pelos seus conhecimentos da especialidade, mas pelo seu bom nome litterario, e tem, como os anteriores, a excellente qualidade de instruir o leitor sem o fatigar. Promette a *Educação popular*, pelas proporções que vae attingindo, reunir em colleção obras quasi tão importantes como as que formam a celebre *Encyclopedica Roret*, onde quem sabe francez encontra vastos esclarecimentos sobre os diversos ramos do saber humano.

NOITES DE INSOMNIA. — Foram distribuidos os n.º 11 e 12 d'esta interessante publicação, dirigida pelo eminente escriptor o sr. Camillo Castello Branco. Segundo se lê no 12.º volume, a publicação acaba n'este numero, porque a favor publico esquivou-se a proteger esta empresa. Parece impossivel que tal succedesse, visto o primor de linguagem dos artigos e o ensinamento historico que muitos d'elles continham. É natural, porém, que as *Noites de insomni* reapareçam mais tarde, com o mesmo ou outro titulo, porque fora realmente para sentir que publicação tão curiosa e util, se retirasse para sempre da arena litteraria.

MOZAICO. — Sob este titulo, começou a publicar-se em Coimbra um periodico litterario e critico, que promette ser dos mais interessantes, a julgar pelo primeiro numero, onde se lêem artigos curiosos assignados por escriptores conhecidos. É folha quinzenal, e tem a forma do excellente periodico publicado em Lisboa — *A tribuna*. Que o novo collega visite por muitos annos esta redacção, é o que mais sinceramente lhe desejo.

EMILIA DAS NEVES. DOCUMENTOS PARA A SUA BIOGRAPHIA. — No frontespeio de um volume de mais de 500 paginas, muito bem impresso em excellente papel assetinado, e contendo o retrato photographico da eximia actriz, e seu *fac-simile*, se lê o titulo acima. Vinte ou trinta paginas, apenas, occupa o esboço da vida artistica e, por vezes, particular da celebre tragica portugueza, feito, segundo se lê tambem no rosto da obra, por um dos seus admiradores. Os documentos de toda a especie — diplomas honrosos, artigos criticos dos periodicos, apreciações assignadas pelos principaes homens de letras, poesias recitadas no palco, outras espalhadas no theatro em noites de festa de Emilia das Neves, cartas de escriptores notaveis e algumas da propria actriz — preenchem o restante das paginas. Vê-se, pois, que o livro é compilado em ordem a despertar o maior interesse e curiosidade, não só nos que desejarem ter perfeita informação das diversas peripecias, que ora têm illuminado, ora assombrado a gloriosa carreira de tão notavel talento artistico, como é Emilia das Neves, mas tambem n'aquelles, que, pretendendo reanimar apagadas recordações, se dispuzerem a lêr os gabos e panegiricos que a famosa actriz tem conseguido merecer desde que pela primeira vez, tão auspiciosamente, pisou as taboas do palco. Escusado é, pois, fallar mais detalhadamente de uma publicação, que tem no seu proprio titulo a melhor das recommendações.

EDUCAÇÃO PHYSICA. — A falta que havia de um livro escripto em portuguez, destinado a servir de guia ás pessoas que têm a seu cargo a educação physica da infancia, está agora preenchida pela valiosissima obra do doutor Augusto Philippe Simões, intitulada — *Educação physica*, a qual é segunda edição da que já foi mencionada n'este periodico, sob o titulo de — *Erros e preconceitos da educação physica*. O auctor do livro que ora fica registado n'estas paginas, não pôde ser mais competente para tratar de tão importante assumpto; possui os conhecimentos scientificos indispensaveis para se levar a effeito obra de tanto proveito, e é escriptor ameno e correcto, como o provam muitos trabalhos seus, entre os quaes não são, de certo, os menos valiosos alguns que as *Artes e Letras* têm publicado. Em se sabendo que o novo livro do sr. doutor Philippe Simões trata com sufficiente clareza e bastante minuciosidade, dos preceitos essenciaes da hygiene e de tudo quanto contribue para tornar validas e robustas as gerações tantas vezes atrophiadas pelos erros e preconceitos do vulgo, conhecer-se-ha do valor intrinseco da obra do illustrado lente da universidade, obra dada á luz para ser compulsada pelos que prezam os escriptos serios, e tambem, senão principalmente, pelas mães de familia, a quem muitissimo interessa. Contém ella, outrossim, considerações bastante acertadas e judiciosas sobre a ereação da infancia desvalida, ou preceitos a seguir nas rodas e bospicios; concluindo o volume por algumas e interessantes notas explicativas. Quanto a mim, o livro da *Educação physica* merece a analyse detida e imparcial dos entendidos n'este ramo tão importante da sciencia, bem como a attenção conscienciosa dos que precisam de um guia acertado para bem empurrar o difficil mister de educar convenientemente as creanças.

A FAMILIA ALBERGARIA. — Tem este titulo o 13.º romance publicado pela *Bibliotheca universal*, de que são editores e proprietarios os srs. Lucas & Filho. A obra é assignada pela ex.ª sr.ª D. Guiomar Torrezão, senhora muito conhecida pelas suas variadas e interessantes produções litterarias, sempre festejadas pela imprensa e pelo publico. A *Familia Albergaria* é um romance historico passado nos dez annos que decorrem de 1821 a 1834, época assignalada na historia politica do nosso paiz, pela commoção terrivel por que este passou ao substituir o regimen absoluto que então o governava, pelo systema constitucional que ainda o rege. A nova obra da sr.ª D. Guiomar Torrezão, analysada exclusivamente, como romance, parece-me satisfazer ás exigencias do leitor, que pretende, acima de tudo, recrear a imaginação com uma narrativa que o interesse e captive, sem o cansar; considerada como novella historica, julgo-a tambem relativamente boa, pois que encerra dentro dos limites acanhados que a parte romantica lhe determina, o mais que se pôde exigir de uma época por emquanto presente na memoria de quasi todos, e na qual a historia imparcial ainda não ousou fixar attentamente o seu olhar frio e investigador. O romance da sr.ª D. Guiomar Torrezão tem, pois, incontestaveis direitos a ser lido, que é, segundo creio, o sufficiente para ser lisonjeiramente apreciado.

A LIBERTAÇÃO DAS RAÇAS DE CÔR POR UMA REVOLUÇÃO NA APPLICAÇÃO DAS MACHINAS A VAPOR. — Servem estas palavras do titulo a um folheto impresso no Rio de Janeiro, o qual trata de estudos feitos pelo engenheiro civil e militar o sr. Roberto Armenio, para o invento de uma nova locomoção apta a percorrer rapidamente os desertos e as savanas. Na primeira parte do folheto encontram-se algumas apreciações da imprensa franceza ácerca dos estudos do sr. Armenio, e na outra uma extensa memoria, que julgo dever ser lida e meditada com plaidez pelos interessados no assumpto.

SEMPLE LIVRES! — Assim se intitula a poesia expressamente escripta pelo sr. Annes Baganla, para ser por elle proprio recitada

em a noite de 1 de dezembro d'este anno, por occasião de se inaugurar na cidade de Faro, o theatro que tomou por nome o dia anniversario da nossa gloriosa independencia. A poesia tem rasgos de verdadeiro patriotismo, e encerra alguns versos energicos e excellentes; é dedicada ao sr. Francisco Pedro da Silva Soares, o abastado cavalheiro que teve a sympathica idéa de dotar a principal cidade da provincia do Algarve, com mais um theatro.

CARTA AO MEU AMIGO BORGES, NA QUAL LHE DEMONSTRO QUE AS LETRAS E AS SCIENCIAS VARIAM COMO AS MODAS, E QUE SEGUNDO O ULTIMO FIGURINO, ELLE, EU E TU LEITOR DESCENDEMOS DOS MACACOS, TERMINANDO TUDO POR UM SONETO DE MANUEL MATHIAS, TENTATIVA HUMORISTICA POR JOÃO GORILHA, NATURAL DO PORTO. — O titulo diz tudo. Percorra o leitor as bem escriptas paginas da carta do folgasão auctor, para vêr se se convence da sua descendencia de macaco. A mim convençen-me elle de que é muito versado nas sciencias e escreve primorosamente em linguagem vernacula e elegante. Estas circumstancias bastarão, creio, para o folheto ser lido com interesse e curiosidade.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Realizou-se a 11.^a exposição trienal da Academia portuense de bellas artes, na qual figuraram alguns trabalhos de valor, segundo se deprehende das analyses feitas pelos periodicos da cidade da Virgem. Entre esses trabalhos, notaram-se um quadro do sr. João Antonio Correia, denominado — *A communhão*, e um esboço do mesmo artista, representando — *A adoração dos pastores*; quatro quadros de natureza morta, uma *Camponeza de Vianna do Minho* e a *Camponeza da Mortosa*, do sr. Francisco José Resende; a *Orphã de mãe*, do sr. Arthur Loureiro; *Isaac abençoando Jacob*, do sr. Teixeira da Silva; *Um dia santo em Campanhã*, do sr. F. Pelereau, discipulo da escola franceza, residente ha annos no Porto; e varios retratos, os meliores dos quaes são assignados pelos srs. Alberto Nunes, Antonio de Moura e Pinto Ribeiro. Entre os amadores sobresairam os srs. José Marçal Brandão e José Antonio Castanheira, bem como as ex.^{mas} sr.^{as} D. Maria Amalia Vieira Ramos, D. Thereza de Lima Vieira Fernandes e D. Leonor Augusta Gonçalves Pinto. Pelo que lêmos nos referidos periodicos, julgamos, contudo, que a perola da exposição foi a estatua em marmore de Carrara do sr. Soares dos Reis, representando um — *Desterrado*, da qual já fizemos rapida menção nas *Artes e Letras*. No Porto, como em Lisboa, não abundam os amadores de bellas artes; entretanto parece que a exposição foi muito concorrida.

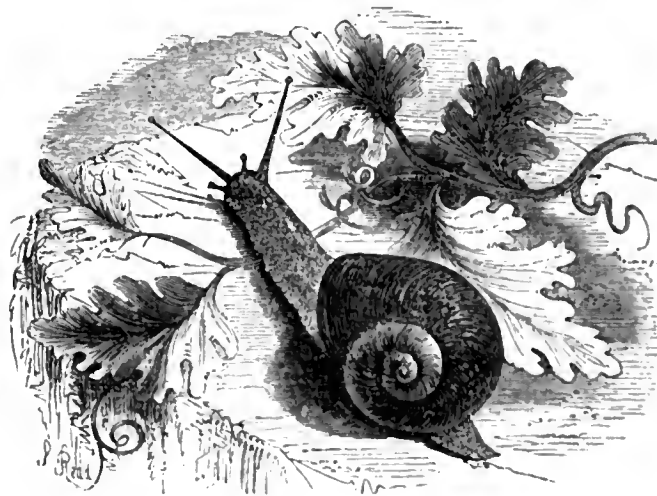
Á iniciativa e generosidade do sr. Delfim Guedes se deve uma escola de aguarelistas estabelecida, ha pouco, em Lisboa. O sr. Delfim Guedes, esclarecido amator de pintura, prestou o seu *atelier*, sito na calçada nova da Patriarchal Queimada, aos artistas que desejem exercitar-se, á noite, em desenhar do natural e aguarellar. Offerece tambem o modelo. O *atelier* é espaçoso, está convenientemente illuminado, e tem todas as condições para n'elle se estudar agradável e commodamente. As sessões duram duas horas e effectuam-se tres vezes por semana. Concorrem a ellas, afóra alguns professores da Academia, que, do melhor grado, auxiliam com os seus judiciosos conselhos os menos praticos, muitos artistas e alguns discipulos. São poucos todos os encômios dirigidos ao cavalheiro que tão bizarra protecção offereceu aos nossos artistas; oxalá estes a aproveitem, como lhes cumpre, contribuindo com o seu assíduo e valioso trabalho, para se formar em Portugal uma pleiade de aguarelistas tão distincta, como ha actualmente em Hespanha, Inglaterra, França, Allemanha e Italia.

Estiveram expostos no banco ultramarino os bustos em marmore, de Sua Magestade o imperador do Brazil, do duque de Caxias, visconde do Amazonas e barão do Triunpho, executados em Italia pelo habil escultor Seghinolfi. Estes bustos e os do marquez do Herval, dos condes de Eu e de Portalegre, dos viscondes de Itaparica, de Santa Thereza, de Pelotas, de Tamandaré e de Inahuma, e do barão de Angra, os quaes foram incumbidos aos escultores Calmels, Victor Bastos, Simões de Almeida e Soares dos Reis, são offerecidos á casa fundada no Rio de Janeiro para os invalidos da guerra, offerecimento feito pela commissão encarregada dos festejos ao imperador, por occasião da visita d'este soberano a Lisboa. Do merecimento artistico dos bustos expostos, não podemos fazer juizo seguro, porque os vimos dentro de caixotes, em más condições de luz e no chão. Entretanto pareceram-nos bem modelados e executados, não obstante certas durezas que prova-

velmente desaparecerão quando elles estiverem em conveniente altura e tiverem boa luz.

No dia 21 de novembro, pelas cinco horas da tarde, falleceu em Roma de uma gastrite que degenerou em febre perniciososa, o celebre pintor hespanhol Marianno Fortuny, ao cabo de oito dias de padecimento. Contava 36 annos de idade. Acompanharam-o até os ultimos momentos, os seus amigos e discipulos Simonetti, Capobianchi, Moragas e Agranot. Fortuny deixou viuva e dois filhos menores. Passára o verão em Napoles, á beira-mar, e regressára a Roma perfeitamente bom de saude. A imprudencia de trabalhar ao ar livre, depois das chuvas do outomno, se attribue a enfermidade que o roubou, tão inesperadamente, a sua familia que o estremeçia, e ás artes cujas era brilhante ornamento. Discipulo da Academia de Barcelona, partiu para Roma em 1858. Era trabalhador infatigavel. Em desenhos, aguarelas, aguas fortes e pinturas a oleo empregava todo o seu tempo. Quando comia em casas de pasto, desenhava os typos mais originaes que via por aquelles estabelecimentos. A sua grande reputação data verdadeiramente de 1866, época em que foi a Paris. Relacionou-se n'aquella cidade com o celebre editor de estampas Goupil, que o tornou conhecido dos amadores mais notaveis que existem na grande capital. Em 1868 casou com a filha do celebre pintor Madrazo, a qual o acompanhava em todas as viagens, sujeitando-se aos incommodos da vida de artista que o marido vivia, e regozijando-se com os triumphos que elle obtinha. Em quasi todos os quadros que produziu depois de casado, se vê alguma physionomia que lembra as feições da esposa. Os seus quadros mais celebres são: o *Casamento hespanhol*, vendido por 12:600\$000 réis; o *Modelo*, por 9:000\$000 réis; o *Jardim dos poetas*, por 3:600\$000 réis; o *Amador de estampas*; *Uma phantasia em Marrocos*; *O domador de serpentes*; *O espadeiro* e *O toureiro*. Deixou centenas de esboços feitos em Marrocos, em Granada, em Sevilha, em Italia e nos arrabaldes de Paris. No cavalete ficaram-lhe por acabar dois quadros — *Uma praia em Portici* e o *Interior de um açougue da aldeia*. A Hespanha perdeu em Fortuny um dos seus maiores pintores.

Tem produzido grande sensação em Hespanha o desaparecimento do celebre quadro de Murillo, representando — *Santo Antonio de Padua*. O furto foi commettido cortando o ladrão a télia, exactamente como, um mez antes, o mesmo, ou outro vândalo, praticára com um quadro importante do museu de Marselha. A municipalidade de Sevilha offerece 9:000\$000 réis a quem lhe apresentar o painel. Todos se perdem em conjecturas sobre a maneira por que se effectuou este singularissimo roubo. A télia media cinco metros de comprido por quatro de largo e estava preservada de qualquer imprudencia dos visitantes da cathedral, por uma grade de ferro que obrigava os curiosos a deterem-se a certa distancia. Parece que no museu provincial de Sevilha, sob o n.º 92, existe um quadro do mesmo assumpto, tratado por modo differente, com o qual, diz um periodico de artes que temos á vista, os hespanhoes se podem consolar da perda do primeiro.







PICCOLO

QUADRO DE RICHER

EDITORES ROLLAND & SEMIOND LISBOA

ARTES E LETRAS



NUMERO 9 — LISBOA — 3.ª SERIE

PICCOLO — PICCOLA

I



titulo do quadro e o nome do pintor estão-nos dizendo, que o que n'elle se reproduz é o typo de um rapaz italiano — criado ao sol da formosa patria das artes — pintado por um artista nascido na pensadora região, que foi o berço de Luthero, de Kant e de Goethe.

A circumstancia de ser um artista germanico quem trata um assumpto italiano, não suscitaria de certo a curiosidade de examinar, embora n'um quadro de breve perspectiva, até que ponto derivam independentes, e onde começam a confluir n'um alveo commum as correntes da pintura allemã e italiana?

Este quadro porém mesmo imperfeito, como não poderia deixar de sair de nossas mãos incompetentes, ainda assim haveria forçosamente de abarcar uma grande parte da historia da arte na Italia e na Allemanha, desde os prenuncios da renascença até os nossos dias. Que compridas paginas, para — além da ennumeração dos factos geraes e da historia dos grandes mestres — poder determinar devidamente algumas questões complexas e difficéis com que nos achariamos desde logo, face a face! Uma d'essas, e das mais graves, seria o inquirir e marcar sobre a indole peculiar da arte italiana e allemã as datas do nascimento da independencia e da originalidade da pintura em cada uma das escolas numerosas dos dois povos. Só na Italia, por exemplo, no seio das irradiações da arte, nada menos de cinco escolas — a florentina, a romana, a lombarda, a veneziana e a bolonheza! Como compendiar, n'um só artigo, as origens e o caracter de cada uma? Como historiar a evolução pela qual em cada uma d'ellas se animaram de repente os germens creadores, que pareciam adormecidos, e que n'um momento da historia raíam em crea-

ções admiraveis, assumindo feições proprias e originaes, que atravez dos seculos lhe têm conservado o viço de uma mocidade perenne?

Pelo que respeita só á Italia, em que demorada digressão pelos tempos passados haveriamos de deter-nos com o leitor, recuando até o seculo XIII, em cujo limiar nos apparecem os vultos de Andrea Pisano, do Cimabue, de Perugino e de Giotto, á entrada da extensa galeria dos seus artistas eminentes que immortalisaram os proprios nomes e a terra que lhes foi berço com tantas creações sublimes, como os frescos da capella Sixtina, as *Sibyllas*, o *Isaias* e a *Transfiguração* de Rafael, o *Adão e Eva*, o *Juizo final* de Miguel Angelo!

Renunciando pois, — com a convicção da nossa incompetencia, — a tentar tão largas excursões historicas, limitar-nos-hemos a procurar qual será a idéa permanente e culminante da pintura italiana, e, achada ella, determinar a differença, que a separa das escolas principaes em que se divide a pintura allemã contemporanea.

A nudez do corpo humano é o assumpto capital que buscam os artistas mais eminentes da Italia, quer a pretexto das tranquillias scenas biblicas, quer a proposito das tragedias mais tremendas do dogma christão.

Rafael, o casto pintor das virgens, esse mesmo faz palpitár em muitas de suas tēlas e nos seus *frescos* admiraveis o corpo e a musculatura humana com toda a sua vida e a sua energia caracteristicas. Sobre as concepções do seu genio religioso, da sua inspiração christã sopra uma forte aragem pagã. Seu pincel folga e triumphá, quando reproduz as curvas e as ondulações das virgens, dos bellos adolescentes, ou a voluptuosa desnudez da sua *Galathea* a sorrir, com indisivel deleite para Tritão hirsuto, que a aperta convulsivamente e com furor lubrico entre seus braços nervosos.

Miguel Angelo é por excellencia o poeta e o colorista da anatomia humana. Sente-se, vendo os seus personagens, que ninguem até hoje estudou com mais afineo do que elle as contorsões e attitudes, nem reproduziu mais athleticamente a vasta ramificação dos nervos e dos musculos, de que se forra e reveste o nosso corpo.

Debaixo do seu pincel vigoroso, nas linhas magestosas do seu Jeremias ou do seu Ezequiel, nos escorços do seu Juizo final, a mais tremenda e solemne tragedia, que tem saído da cabeça e das mãos de um artista, tragedia que lucha em horror com os episodios e os poemas sombrios de Dante e de Shakspeare, tumultua o nú da natureza com a inteira liberdade dos modelos pagãos.

Para Miguel Angelo o corpo humano não tem mysterios. Todos patenteia e faz resaltar com o maximo relevo e energia da vida nervosa seu pincel herculeo. Com elle a arte transporta-se nos tempos afastados da Grecia de Pericles, em que o alvo dos grandes artistas era contornar e insculpir no marmore, por entre roupagens fluctuantes, a formosura ideal das venus, das nymphas, das canephoras, a serenidade olympica do Apollo de Belveder, o vigor viril dos gladiadores e dos atletas adquirido e augmentado nos gymnasios, e reproduzir com o mais franco *realismo* a lascivia indomavel dos satyros.

A plastica humana preoccupa a Miguel Angelo por tal modo, que ás vezes a expressão moral dos personagens, (o vertice difficil e eminente da arte), desfallece e contrabe-se até as proporções secundarias de mero accessorio. Seu genio epico alteia por tal fôrma o tamanho dos vultos, e avoluma-lhes tão consideravelmente os musculos (os quaes batem e palpitam com assombrosa vida animal) que involuntariamente os aparentamos com os semi-deuses da mythologia, ou com os heroes colossaes de Homero.

O sentimento, o lyrismo da nudez — aliados com a observação da anatomia — nunca tiveram mais audacioso e inspirado interprete do que o foi Miguel Angelo em cada um dos vastos e dramaticos painéis da capella Sixtina. Ali, o seu genio devéras prodigioso attinge á sublimidade tragica de Dante e á grandeza hebraica dos Prophetas.

A *Danae* de Ticiano, do suave pintor da Magdalena (pois que todos estes artistas religiosos da Italia são essencialmente pagãos pela indole e pelos assumptos), resume em si as qualidades da escola veneziana: graça, elegancia, molleza, sensualidade, luz e colorido.

Ao passo que Miguel Angelo sobe, vencendo-as como um Titão, as mais altas escabrosidades da arte, Ticiano engolpha-se em reproduzir as fórmas da irreprehensivel formosura femínil. As imagens, as fórmas plasticas predominam n'elle sobre as idéas, ou sobre os conceitos profundos e metaphysicos. A sua phantasia banha-se voluptuosamente nas tintas vivas, nas pompas pittorescas e no colorido cáldo das suas *Bacchanes* e do seu *Triumpho do Amor*.

A que distancia immensa não nos achámos já das obras da primeira renascença, em que reinou a pintura mystica sob o pincel de frei Angelico, e illuminada pelos personagens graves, pelas allegorias mysticas de Giotto!

O mesmo Dominiquino, nas graves tragedias religiosas que reproduz (tal é o seu quadro de Nossa Senhora do Rosario e o seu Martyrio de Santa Ignez), presta as côres da sua palleta á observação e ao culto das bellezas plasticas, se bem que a expressão moral da piedade e do terror se pinte admiravelmente em muitas das physionomias por elle agrupadas com a arte mais acertada e feliz.

Igual poder dramatico anima alguns quadros do Guercino e principalmente os de Guido, cuja *Nossa Senhora da Piedade*, envôlta em roupagens azues, pairando sobranceira ao Christo, que jaz morto com a sua adoravel pallidez impressa no rosto macerado, se afevora e exalta na compaixão das miserias humanas ante o spectaculo da sua propria dôr. Aqui a pintura italiana esquece os deleites e os ardores sensuaes do paganismo, para se embeber toda nos puros e immateriaes sentimentos de dôr e de piedade, que respiram tão eloquentemente n'aquella scena, e transparecem, idealizando-a, na suave e divina physionomia de Nossa Senhora.

Em Venezia, debaixo d'aquelle céu refulgente, cujo sol semcia de palletas de ouro a agua preguiçosa e dormente das lagôas e dos canaes onde se reflectem os grupos de jaspe e as estatuas de marmore dos seus palacios, ali é que o genio pagão da arte italiana se afirma, a cada passo, por entre a floresta espessa dos seus zimbórios, das suas arcarias, das suas columnatas. O profano e o sagrado deo-se as mãos, e misturam-se, tanto nos labores da esculptura, como na phantasia e no colorido ardente dos pintores venezianos. Os triumphos guerreiros, os prazeres da orgia, as sensualidades alegres têm ali o seu culto gravado nas obras de Tintoretto, do Veronez, de Ticiano, e de Sanzovino. Por toda a parte os olhos se deleitam com os hombros nus e os seios palpitantes das deusas allegoricas, e das mulheres perdidas que foram o encanto, o poder e as verdadeiras rainhas da soberba Senhoria do Adriatico.

Entre tantas e tão lascivas nudezas campeia um ou outro assumpto casto, por exemplo o *Paraiso*, de Tintoretto! Em redor porém, nas télas do Veronez, não ha senão venezianas degotadas, com os corpos dos vestidos excessivamente apertados acima da cintura, umas rindo descuidosas, respirando a alegria e o estouvamento, outras com os olhos aveludados e languidos, os beiços vermelhos

e humidos, a tez fina e transparente como as folhas de uma rosa de chá, a deixarem adivinhar n'uma ondulação indiscreta o arfar dos seios por baixo das suas camisinhas diaphanas de rendas.

Herdeira directa da renascença, a Italia que, ao expirar a idade media, mantem por algum tempo na arte a severidade religiosa, a austeridade sombria e mystica, emancipa-se d'ellas mais tarde, para nunca mais deixar de imprimir nas artes plasticas — com as mais grandiosas manifestações do engenho humano — o sentimento das fórmas corporeas vivas, que é a feição caracteristica do seu genio.

(Continua.)

V. DE BENALCANFÓR.



TENTAÇÃO

Ninguém, ninguém, nem ella mesmo pensa
Quanto morro por ella, e quanto a adoro,
Porque nunca lh'o disse, nem lhe imploro
Que tenha fé n'esta paixão immensa!

No meio d'apparencia d'indifferença,
Em que m'envolve e sempre me demoro,
Quantas vezes vacillo e quasi exoro...
E sinto est'alma em duvida suspensa!

E quantas, apertando a mão mimosa
Na minha tão serena e regelada,
Indifferente, ao acaso, descuidosa,

Não tenho a tentação desesperada
De lhe sorver a mão branca e formosa
Em beijos de minh'alma apaixonada!

ALFREDO CAMPOS.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA EM 1876

O governo dos Estados Unidos communicou ás legações estrangeiras em Washington: 1.º a proclamação do presidente, declarando que se effectuará na cidade de Philadelphia uma exposiç:º internacional de artes e productos manufacturados do solo e de minas; 2.º as prescripções geraes, relativas á exposiç:º.

As prescripções são as seguintes:

1.ª A exposiç:º internacional de 1876 effectuar-se-ha no parque Fairamount, na cidade de Philadelphia, no anno de 1876:

2.ª A abertura da exposiç:º será a 19 de abril de 1876, e o encerramento em 19 de outubro de 1876:

3.ª Faz-se um cordeal convite a todas as nações do mundo, a fim de que ellas sejam ali representadas pelas suas artes e industrias, seus progressos e desenvolvimentos;

4.º Pede-se a accitação formal d'este convite até 4 de março de 1876:

5.º As nações que aceitarem o convite, devem nomear uma comissão encarregada de tudo que disser respeito aos seus interesses. A fim de facilitar as communicações e obter uma superintendencia satisfatoria, deseja-se especialmente que um membro de cada uma d'estas commissões seja incumbido de residir em Philadelphia até o encerramento da exposição. As prerogativas de expositor são unicamente conferidas aos cidadãos dos paizes, cujos governos tenham formalmente accedido o convite de se fazerem representar, e nomeado a comissão acima mencionada. Todas as communicações devem effectuar-se por intervenção das commissões governamentais;

7.º As requisições do espaço nos edificios e terrenos a cargo da comissão centenaria, devem ser feitas até 4 de março de 1875;

8.º Os desenhos completos dos edificios e terrenos serão fornecidos aos commissarios das diversas nações que aceitarem o convite para tomarem parte na exposição;

9.º Todos os artigos preparados para a exposição devem chegar a Philadelphia até 1 de janeiro de 1876, a fim de que se possa affiançar a classificação e regular distribuição;

10.º As leis do congresso respectivas aos regulamentos da alfandega, barreira, etc., bem como todas as prescripções especiaes que serão adoptadas pela comissão centenaria relativamente ao transporte, á escolha dos planos, á classificação, á força motriz, á segurança, ás regras de policia e outras materias, serão promptamente communicadas aos representantes acreditados dos governos que cooperarem para a exposição.

PIA MONUMENTAL



rude esculptor, que tirou da massa informe de granito a pia baptismal, que se vê representada em a gravura junta, mal presumiria, que essa sua obra, assim nua de arte, quasi tão tosca e grosseira como a propria rocha de que procedeu, havia de ter, a par de tão altos fins religiosos, tão subido destino na existencia politica de uma nação; mal pensaria, que esse humilde producto do seu mesquinho trabalho havia de vêr passar diante de si tantas gerações, no longo curso de oito seculos, e sempre incolume e venerado!

Não será facil, senão impossivel, adivinhar o anno em que esta pia, saída das mãos do canteiro, foi collocada na pequena igreja de S. Miguel, matriz do antigo burgo, depois villa, e hoje cidade de Guimarães. E fóra, porém, de toda a duvida, que já ali existia, quando D. Henrique de Borgonha, e sua mulher, a rainha D. The-reza vieram, como condes soberanos de Portugal, assentar a sua côrte no visinho castello da condessa Mumadona, nos fins do seculo XI. E tanta é a antiguidade d'esta igreja parochial, que alguns nossos escriptores lhe dão o titulo de primaz das parochias do arcebispado de Braga. Todavia, ainda que se provasse pertencer-lhe esse titulo e por maior consideração, que se lhe dê, não representa o brazão de que mais se ufana esta parochia. Encerra-se este na honra de ter dado a graça do baptismo ao filho, e

sucessor d'aquelles príncipes, ao infante D. Affonso Henriques, o estrenuo campeão da cruz, o glorioso fundador da monarchia portugueza.

Foi, portanto, n'aquella pia mesquinha que o primeiro rei de Portugal recebeu as aguas do baptismo das mãos de S. Giraldo, arcebispo de Braga. É ponto controverso o anno em que se celebrou esta cerimonia, sendo posto por alguns escriptores no de 1094, e por outros, com melhor fundamento, em agosto de 1109.

Conservou-se esta pia na igreja de S. Miguel até ao anno de 1664, em que foi transportada para a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, por ordem de D. Diogo Lobo da Silveira, dom prior da mesma collegiada. Ali está collocada em um nicho, aberto no grosso da parede, proximo do portal da igreja, do lado esquerdo de quem n'ella entra, e resguardado com grade de ferro, pintada e doirada.

Não contentes de a terem arrancado do logar, onde perseverára durante seis seculos, e onde adquirira a sua celebridade historica; não satisfeitos de manifestarem por aquelle modo pouco respeito ao monumento commemorativo de um successo auspiciosissimo para a nação portugueza, ousaram revestir com pinturas e doiraduras diferentes partes da pia, julgando que aformoseavam, com tão ridiculos arrebiques, o padrão que tira toda a sua formosura, e a veneração, que inspira, do acontecimento que recorda, da sua propria rude singeleza, e da negra côr do granito, attestados indeleveis da consagração dos seculos.

A par da gravura da pia baptismal de D. Affonso Henriques publica este numero duas pequenas gravuras, representando duas lapidas romanas com inscripções, existentes na cidade de Braga, cuja descripção e decifração, como abaixo segue, devemos á benevolencia do sr. Pereira Caldas, digno professor do lyceu d'aquella cidade e distincto archeologo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

As copias das duas lapidas romanas estão exactas no seu aspecto geral, conforme ellas o revelam no muro onde estão collocadas — muro outr'ora da extincta cangosta da Palmatoria, e hoje de quintal particular na travessa do Hospital de S. Marcos.

Examinadas com miudeza, e mais com auxilio do tacto que por meio da vista, não é difficil ao epigraphista o poder lêr as lacunas dos desenhos — e bastantes que são.

Eis a inscripção da lapida dos libertos, Agathópodo e Zetho:

A G A T H O P O D (a)
T (iti) S A T R I (liberto?)
Z E T H V S
C O N S E R V V S

Ambos os libertos são gregos de origem, como os seus nomes patenteiam. — Não são unicos aqui.

No cimo da lapida está figurada em relevo, ainda que um pouco apagada, uma *pátera* de pequenissimo cabo, se não é porventura um *páleo* de pequenissima acuminção. — As *fascas*, a *seqüre*, e o *milleo*, figurados por baixo da inscripção, não deixam de confirmar a supposição da *pátera* — *γίζην* dos gregos.

No fundo da lapida lê-se a custo:

Foi achada
a 14 palmos
neste sitio
annq 1751

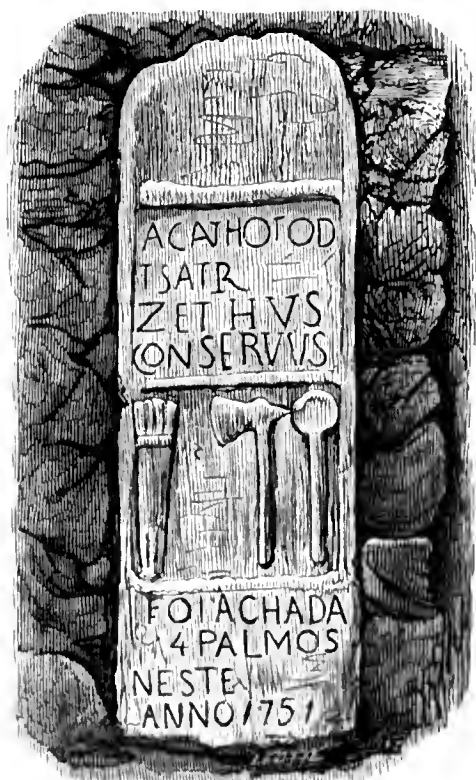
A leitura de *Titi Satri Liberto*, attenta a palavra *Conservus*, parece-me preferivel á de *Titi Satri Filio*, usual

aliás n'outras inscripções frequentes entre nós aqui em Braga.



Eis a inscripção da lapida do soldado romano bejense, achada ao pé da anterior:

M (arcus). ANTONIVS MF (Marci filius)
 GAL (eria). AVGVSTIVS
 PACE. MILES. LEG
 VII. GEM. FEL.
 O. MAMILI
 LVCANI. AN
 XLV. AER. XIX
 H. S. E
 SEMPRONIUS
 GRAECIVS
 HERES. F (eri). C (arvit).



Ha uma cousa a notar n'esta inscripção de Marco Antonio Agostinho, da tribu Galéria, oriundo do Beja (*Pax Julia*), e soldado da legião septima «gémina feliz». — É que a palavra AER não diz respeito a *era* alguma; dizendo-o designadamente ao «estipendio militar» *aes*. — Com esta observação, óbvia para o epigraphista, mas extranha talvez ao amator curioso, não ha difficuldades de leitura n'esta inscripção.



Escrevi em letras minusculas, como é do uso epigraphico, o complemento das palavras da inscripção abreviadas, em que o amator curioso poderia achar difficuldades de leitura. — Para os epigraphistas era isso desnecessario.

Braga, 1874.

PEREIRA CALDAS.

PERDIDA?



casal onde ella habita não pôde ficar muito longe.

Avistava-se de certo se o não encobrisse a rama folhuda das arvores que sacodem sobre a cabeça da chorosa creaturinha a sua chuva de flores.

A mãe é uma trefega e laboriosa dona de casa, o pae é um honesto lavrador; sentem-se ambos na simplicidade tranquilla da consciencia abençoada por Deus, por esse Deus

provido e bom que veste os lyrios e dá de comer aos passaros.

N'aquelle pequeno mundosinho humilde, não ha ninguém que não trabalhe.

As mais velhas lavam no rio a roupa de casa, o moço do rancho, pastoreia por montes e charnecas o rebanho das cabras inquieto, caprichoso e bravo, e até



Perdidu!

aquelle cherubim rechonchudo que se avista na estampa leva aos campos, onde lida o pae, o jantar que lhe prepararam as mãos desveladas da mulher.

De pequeninos costumam-se á grande lei do trabalho, e todos sabem já quanto custa a ganhar o pão, que enche em festiva abundancia as prateleiras do velho armario de pau santo.

Era um formoso dia dos princípios do estio.

Havia no espaço aquella grande serenidade azul onde se libra a aza dos passaros e a alma das creanças. Os trigas deixavam ondular ao sol as suas ondas doiradas, exhalava-se das arvores a suave musica indistincta que é feita das palpações inquietas da aragem e dos fremitos mysteriosos da seiva, a margem do rio estrellava-se de flôres azues que espreitavam d'entre a herva avelludada e lustrosa, e a immensa natureza tranquillã parecia expandir de todas as cousas não sei que fluidos voluptuosos.

A pequena partira de casa, ao meio dia, com o cesto da comida no braço. Ia depressa com esperanza de alcançar em recompensa da interesseira celeridade os melhores bocados da magra refeição que por inodora não attrahiria de certo as atenções de Brillat Savarin.

Dizem-nos que a humanidade nasce boa; eu tenho para mim que ella nasce pessima, e senão vejã-me os profundos calculos das creanças, aquellas *gracinhas* que as mães contam sorrindo e que não passam de outras tantas provas de promettedora malvadez.

E comtudo é tão divina a infancia, brincam n'aquella sombra tantos raios de sol, ha tão persuasivo encanto n'aquellas cabezinhas que nos trazem preso o coração nos tenues fios de oiro dos seus cabellos, que a gente ri-se ao vêr a avareza, a mentira, a gulosina, o egoismo, mostrarem o venenoso germen no seio da meiga flôr.

É por isso que tanta vez exclamãmos, ao descobrir por milagre uma creança isenta de tacs defeitos, — não pôde viver muito, é do céu!

Deixemos porém philosophicas digressões, e de mais a mais digressões pessimistas.

Ha pessoas que têm a pecha de vêr as cousas d'este mundo pelo seu lado mais escuro.

São as que pensam nas manchas que tem o sol, nas podridões que alimentam o colorido esplendor das rosas, e nos abysmos occultos no coração da pobre humanidade.

A nossa pequena da gravura assistiu ao jantar do pae, accitando d'elle avantajada partilha, esteve um bocado sentada na terra absorta, feliz, seguindo com a vista espartilha e curiosa a andadura lenta dos bois que ao passarem junto d'ella não deixavam nunca de acaricial-a com um olhar dos seus dôces olhos redondos e melancolicos. Depois, como se aquella demorada contemplação começasse a enfustial-a, atirou a trochemoche com as tigelas de barro e a grossa toalha de linho alva de neve para dentro do cabaz, enfiou-o no braço e abalou.

D'aquella vez não havia as mesmas razões para ir depressa.

De mais a mais tinham os silvedos da azinhaga tantas amoras, e tão maduras e provocantes que não havia resistir-lhe! Havia no meio das plantas cheirosas tantos insectos pequeninos, escoavam-se tão surrateiras as lagartixas pelos comoros esburacados e musgosos, o ar estava tão fresco, respirava-se tamanha alegria por terra e céu, que a travessa pequenita besuntada de fructa, doida de contentamento sem causa, — o unico contentamento possível n'este mundo — corria atraz das borboletas de côres, espreitava os ninhos dependurados muito alto, atirava pedras ao rio que mugia lá em baixo a sua cantilena mo-

notona, e ria com aquella bom rir da infancia que tanta saudade nos faz, a nós que para sempre o perdemos.

Quando deu por si estava no meio da floresta, o sol ia esmorecendo no occaso, e ao longe avistava-se através dos recortes miudinhos da ramada, aquella véo de poeira luminosa e vermelha com que pouco a pouco se nos vão toldando os longinquos horisontes.

A infantil vagabunda perdêra o caminho de casa.

Parou aterrada e surpresa, deitou em volta de si um olhar desconfiado e atirou-se ao meio da seara, abrindo uma enorme bôca pela qual jorrava em torrentes o mais impetuoso berreiro que ainda atreou ouvidos maternas.

Ali porém não havia mãe que a consolasse, ouviam-na só, empoleirados nos ramos, os passaros maliciosos, que deante d'aquella agonia turbulenta chilreavam sem vergonha nenhuma, as mais desafinadas cantigas.

Decididamente se as creanças são más, os passaros não são melhores.

Eu creio que elles romeiros audaciosos do infinito escarneciam a tímida creatura que tinha medo de tão animada solidão.

Ella, no entanto, sem grande respeito pelas regras da plastica, chorava n'aquella desalentada postura quasi grotesca, de sincera que é, e pela sua pequenina imaginação consternada passaram sem ella atinar d'onde lhe vinham umas visões que mais a consternavam ainda. Era áquella hora que ao festivo casal que fica longe, tão longe que nem ella sabe já onde é, iam chegando os bois, que param, a cada passo e que parecem meditar graves assumptos tão serio e magestoso é o seu caminhar; as cabras que o irmão conduz a muito custo e que saltam barrancos e penhascos sem nunca sentirem o inedo que ella sentia ali sentada; e o rancho dos patos que durante o dia se banham no rio e que recolhem á tarde em tão desordenado grasnar que é o desespero da mãe, e a alegria da pequenada!

Depois vinha a ceia, e n'este ponto culminante das suas saudades cerrava ella a bôca para lumber os beiços na mais comica das melancolias.

Esperemos que enquanto a roliça creaturinha, perdida toda a esperanza, se alaga n'um diluvio de lagrimas, a mãe guiada pelo instincto se encaminha para o recanto escuro da floresta onde se perdeu o seu dôce Benjamim.

E possas tu creança não perder-te nunca, mais tarde, n'outra enorme floresta sombria, onde os reptis nos mordem os pés, as lianas nos envolvem nos traiçoeiros laços, as flôres nos envenenam com a morbida voluptuosidade dos seus perfumes.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

SOMBRAS

(No album de Candido de Figueiredo)

Em casa do opulento, ao vir da aurora,
Entre o brilho das grandes serpentinas,
No delirio da walsa encantadora
Cortada a instantes por canções divinas,

Ninguem ouve o lamento da Desgraça
Esfarrapada, e fria, e vagabunda
A farejar de longe a velha taça
Que de vinho exquisito o chão inunda...

Porto.

JOAQUIM D'ARAÚJO.

SANTA MARIA DO GUIDO

À ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Conceição Osorio Cabral



M dia, conta um poema, com virgens deliciosamente vestidas, cheias de mocidade e belleza, descem ao jardim, e vivas como relampagos, põem-se a brincar.

Cantavam, dançavam, tocavam ou dedilhavam diversos instrumentos de musica, e envolvendo o ar no perfume das suas grinaldas deixavam-se ir aos movimentos de uma alegria suprema.

O vento — que se anda mettendo por toda a parte — viu-as o disse-lhes: Encantadoras, eu amo-vos a todas, sêde minhas esposas e sercis immortaes. Em resposta ao deus, as donzellas soltam uma gargalhada; o vento enfurece-se, e quebra-as pela cintura¹.

É dulcíssima, como um beijo de noiva, esta região em que o vento ama, e em que as jovens são tanto de kaolin que se deixam quebrar das suas violencias como qualquer liaste de uma açucena.

Por um contraste singularissimo, n'esta zona suave, em que a humanidade e o sol tem o seu berço, e em que se figura o eden primevo, a vida parece a todos uma illusão; o nada, ou, pelo menos, a absorpção da individualidade, uma bemaventurança.

As cidades são comparadas com ramilhetes de flôres; mas os reis deseem do throno para fazer penitencia; as mortificações são uma riqueza e o eremita é o primeiro entre todos os homens.

Mas este ascetismo da India, ascetismo colossal, que se encontra em tudo e por toda a parte, é ainda risonho; não assusta, nem inspira temor e respeito, como o ascetismo christão; as cem princezas não se tinham esquecido d'elle quando brincavam no jardim, doidejando com a exhuberancia da vida, e atirando risadas aos respiros da atmospheria que lhes murmuravam amores.

Passando ao solo da Judéa, e espalhando-se d'ali pelo mundo, o ascetismo da India perde as flôres em que se envolvia, torna-se severo e triste como o deserto; não raro terrivel como o Horeb ou o Sinai em fogo. Se se dulcifica ás vezes, é quando se enrola ao coração suavissimo de uma mulher, e lhe vem subindo até ao rosto, ameiçando-lhe as curvas dos labios, e inclinando-lhe para o céo os olhos, como flôres que buscam o sol, e que pretendem abrir na atmospheria de oiro dos seus raios.

A virgem Indiana brinca e sorri, harmoniosa como a harpa colia, elegante como a antilope; tem olhares para a terra e para tudo o que a rodeia. A virgem da Judéa, a virgem christã não brincam, não sorriem; o sólo nem o vêem, é o escabello em que poizam a ponta ultima dos pés; o seu desejo mais intimo seria que a terra ascendesse com ellas ainda para além das nuvens.

É fácil de explicar esta differença. A religião da India é pantheista; Deus está em tudo, por isso o asceta pôde olhar para tudo. A religião da Judéa e a religião christã são dualistas, Deus está no céo, por isso o asceta só pôde olhar para o céo.

D'esta feição seria, mas sublime, e ás vezes dôce, da religião de Moysés e de Jesus, derivam os caracteristicos da arte christã. A arte é a filha mais velha da religião, a filha traz no rosto as feições da mãe; e a architectura, a esculptura, a pintura, a musica e a poesia têm, como irmãs, um ar de familia.

Contemplae a Santa Maria do Guido! Este rosto que se debruça para o céo, como para o seu centro, não será na pintura o que são na architectura as frechas das cathedraes, subtilizando-se, e como que fugindo da terra? Sómente aqui a expressão é mais definida, as saudades de Deus transparecem com mais força. Sabe-se que a cruz das cathedraes enleia os seus braços com os braços dos anjos, porque os olhos a perdem de vista; aqui, o céo não se suspeita, vê-se n'um rosto illuminado pela luz que vem da atmospheria e pelo amor que vem do coração; dois soes que se confundem. Só o corpo se envolve em sombra, sombra que é a penumbra da terra; o rosto banhase em luz, luz que enleia o brilho da aurora com a suavidade do crepusculo, e que é o reflexo da visão de Deus.

O Guido nasceu em 1575, morreu em 1642. N'este tempo havia já muito que a risonha Grecia e a aspera Roma tinham vindo travar a indole do seu espirito com a indole do espirito christão. Sob diversas influencias, o catholicismo tinha começado a perder terreno; o norte da Europa desapertava-se um pouco das cadeias da fé; o sul sentia a necessidade de alliar o espirito e a materia, em vez de dominar uma pelo outro. Na propria Roma, Rafael tinha sido um grego; a *Virgem na cadeira* fôra um equilibrio da idéa e da fórma; todavia o Guido é ainda christão, christão como os dos primeiros seculos, christão como Gerson, como Santa Thereza de Jesus, como o auctor da *Luz e Calor*. É que é na alma dos artistas que o futuro amanhece mais cedo, e que o passado morre mais tarde. São na humanidade como os pinaros das montanhas, os primeiros beijados do sol quando nasce, os ultimos que elle abraça quando se despede.

Que amores os d'esta mulher! De muito olhar para cima prolongou-se-lhe o collo; fez-se a solidão em torno d'ella, descansaram-lhe um sobre o outro os labios; mas deprimindo a fronte, para fallar com o céo, a barba, as faces e os olhos elevam-se para elle, e na luz que resplende d'estas feições anda, e vê-se Deus.

Com que te hei de comparar, a que te hei de assemellar, virgem, filha de Sião?

A tua fronte lembra-me os jardins do paraizo emmoldurados na vastidão da terra ainda inculta e deserta. Do mesmo modo que as mãos dos anjos tinham concentrado n'aquelle recinto a agua, as aves, as flôres; assim a tua alma fugiu para o teu rosto.

O genio da pintura tem muitas vezes exercido a sua palheta lançando na extensão do mar a mole de um navio, e pondo na praia de olhos prolongados para elle até se desfazer o ultimo recochete da sua esteira o vulto triste e sympathico de uma mãe, de uma filha, de uma esposa. A terra é para ti uma praia, tu tambem olhas para o mar, esse outro mar, o céo.

Durante trinta e tres annos houve na terra uma vida divina que começou no teu seio; o mundo affogava-se n'um diluvio de vícios, um novo *fiat lux* creou o mundo moral em que vivemos; o deus que o pronunciou era teu filho.

Um dia transfigurou-se e ascendeu para seu pae; o ar que elle perpassava desfazia-se em rosas que te caíam sobre os hombros; então, no meio da chuva das flôres, e sempre depois, tu dizes a Jesus: — Eu quero estar contigo, constroe-me um bareo com as azas dos teus anjos, acurva-m'as ao corpo, e leva-me para ti.

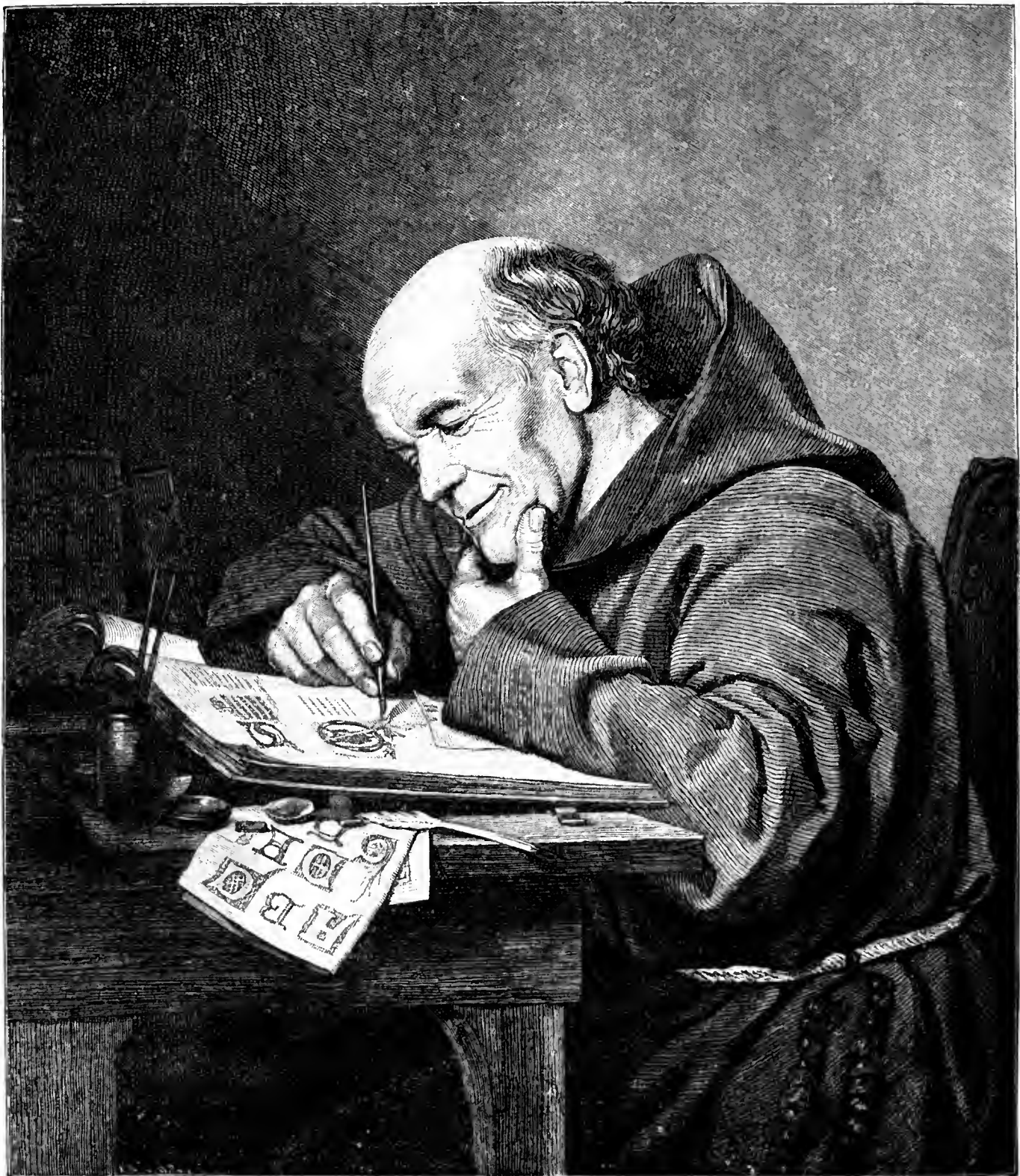
O Guido ouviu-te n'estes colloquios, e as tuas palavras traduziu-as em luz sobre o teu rosto.

¹ Râmâyana.

O MINUTUARIISTA

EXTROU na flôr dos annos para o mosteiro, e é de crer

far os soluços, e rompendo enfim no choro convulso dos que se sentem para sempre exilados d'aquellas duas ineffáveis e sacratissimas cousas: o aconchego do ninho onde nos enflumamos, e os doces carinhos unctuosos da mãe



que n'esse tempo muitas visões feiticieras lhe manteassem o espirito juvenil, tão prompto sempre em se rebellar contra tudo que seja estorvo e obstaculo, quanto mais contra a apertada e severa disciplina conventual.

Alta noite quando o silencio, no estranho dizer de um peregrino espirito, nos vem segredar muita cousa saudosa, estamos vendo o nosso pobre noviço a seismar em cima do catre, dando largas ás lembranças queridas, tentando aba-

que nos amamentou aos peitos.

As dôres porém por mais agudas e lancinantes que sejam, adormecem e cansam: outro tanto succedeu ás do noviço: foi-se pouco e pouco acostumando á reclusão, e só de longe em longe lhe acudiam saudades de outros tempos, e de tanta cousa, que lhe ficava para alem d'aquellas paredes.

Ora por aquelles annos succedeu chegar ao convento



A VIRGEM MARIA.

um notavel copista, e mais do que isso miniaturista primoroso, que fôra festivamente recebido e gasalhado pelo abbade e pela parte estudiosa da iradaria.

Entrou o curioso mancebo a delectar-se com os trabalhos do recémchegado, via, imitava e aprendia do mestre, e tão amovavel foi o ensino, e tão aproveitado o estudo, que ao cabo de algum tempo não se estremavam bem as copias do mestre d'aquellas que eram feitas pelo discipulo.

Partiu a final o laureado copista para outro convento, que a toda a hora o reclamáva: quando porém se despedia do abbade, disse o mestre, designando o seu dilecto companheiro.

— Já não tenho que fazer aqui. Deixo-lhe, dom abbade, quem já hoje, se o quizer, poderá competir em lustre e perfeição de trabalho com os miniaturistas melhormente conceituados em Allemanha e Italia.

Disse, e abraçou estreitamente ao peito o commovido e confuso rapaz, a quem já queria tão de entranhas como a um proprio filho.

Desde aquelle dia ficou o estudioso noviço encarregado do honroso mister de copiar e de ornamentar os in-folios, que deveriam ser para o diante uma das glorias d'aquelle convento.

Em ninguem acertára melhor a escolha, e o velho abbade não cabia em si de contente todas as vezes que entrava na cella do artista, e o via, como o leitor o está vendo, todo embevecido n'aquelles pacientissimos e delicados labores.

O abbade porém retirava-se sempre com tanta deferencia, e com tamanha cautela, que o artista nem sequer dava pela visita: nós demorar-nos-hemos todavia levando a curiosidade ao ponto de nos debruçarmos no espaldar da cadeira, e de observarmos a imaginosa e floreada miniatura, com que o frade está grimaldando a primeira letra de um capitulo.

Aquelle trabalho, pelo que se vê, satisfez-lhe as vaidades do artista, consumiu-lhe, é certo, muitas horas de minucioso esmero, mas no fim de contas saiu-lhe á medida dos desejos.

Vejam-me os extremos do namorado, com que elle está retocando e avivando os derradeiros traços, a maneira como aquelle pincel deslisa voluptuosamente, como aquelles labios se distendem n'um sorriso de infinita beatitude, e como os olhos do tonsurado artista estão seguindo e como que beijando as linhas do caprichoso arabesco!

Enlevos de artista!

Acabado que seja esse livro, virão todos os irmãos admirar-o pausada, e miudamente, letra por letra, pagina por pagina, depois o abbade com religiosa veneração encerral-o-ha em um cofre precioso, e a minguada bibliotheca do convento opulentar-se-ha com aquella joia de inextimavel preço.

Se porém, meu frade, depois de haveres dispendido a luz dos olhos, a energia e a saude com esses labores, em que por ventura assentavas a tua immortalidade, alguém te dissesse que em uma cidade da Allemanha andava por aquelles tempos um visionario luctando, e soffrendo privações obscuras para erguer com as suas poderosas mãos de semi-deus o maior e mais luminoso monumento da humanidade, se alguém te explicasse o processo milagroso de se conseguir em rapidos momentos uma parte do trabalho, em que tu desbarataste os melhores dias da tua vida, que condensada e illimitada nuvem de tristeza enluctaria n'esse instante a tua alma, meu pobre e sympathico artista!

Ainda bem que não teris de vêr cortada pela raiz a radiosa florescencia dos teus sonhos.

Desceás ao tumulto cercado da veneração, do amor, e das saudades de teus companheiros e irmãos, e o teu querido missal ao passo que fôr considerado por muitos como um objecto inutil e de somenos importancia, será para o bibliophilo, para o poeta, e para as almas delicadas, sonhadoras e meigas, uma como que dôce evocação de uns tempos, que vão longe, de umas idéas que se extinguiram, e de uns homens, que á tua similhaça punham ainda fê em alguma cousa.

Com que delicias estivemos nós, ha mezes, folheando o formosissimo missal de um outro trabalhador convencido, ao qual, ha cousa de pouco tempo, em Paris, na gloriosa Athenas da arte, dos prodigios titanicos, dos generosos sacrificios, e da civilisação, está fazendo bizarramente salas um grupo de homens decididos, que se prezam de ter gosto, e de adorar as cousas que incontestavelmente são grandes, bellas, e geniaes!

O leitor adivinha que lhe fallamos do precioso missal de Estevam Gonçalves, e da empresa editora que tomou sobre os hombros a difficil e dispendiosa tarefa de publicar essa obra monumental, espanto e inveja de estrangeiros, e de reproduzir pelo moderno processo da chromolithographia as finas, delicadas, e scintillantes miniaturas, que exornam cada pagina do livro, apregoando d'esta forma e tornando vantajosamente conhecido lá fóra, e ainda entre nós, um nome, que com bastante magoa não víamos incorporado e citado entre os demais miniaturistas allemães, francezes, e italianos.

Já agora não ha motivos para que fique no escuro este varão de tão notavel engenho, cabendo aqui os maiores louvores não só á Academia real das sciencias, que de tão bom grado acquiesceu ás propostas da empresa, como a esta que tentou o levantado e supremo esforço de levar a cabo um commettimento, que cobrindo-a de honra, allumiará de gloria ao mesmo tempo o nome de um portuguez, que tão credor se nos afigura d'ella.

Coimbra.

G. CRESPO.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação)¹

III

o dizer do grande poeta inglez a intenção é escrava da memoria.

«Purpose is but the slave to memory,
«Of violent birth but poor validity?»



Não durou muitos annos o proposito de Sequeira, e, ou porque o tempo abrandára a violencia dos soffrimentos que o haviam atirado para a Cartuxa, ou porque lhe sorria fagueira a vida nos campos mais largos que iam abrir-se á sua actividade e energia, ou ainda porque se considerava desaggravado das malquerenças de seus inimigos com as novas honras que lhe acrescentavam, o certo é que pôz termo á sua vida cenobitica o decreto de 28 de julho de 1802².

¹ Vide os n.ºs 5, 6, 7 e 8.

² Shakespeare. — Hamlet, a. iii, sc. 2.

³ Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 150, diz erradamente junho e assim o repetem todos os outros biographos do artista.

Este diploma nomeava-o primeiro pintor da camara e côrte, conjunctamente com Francisco Vieira Portuense, e a ambos encarregava da direcção das obras de pintura do Paço da Ajuda. Era referendado este decreto pelo presidente do Real Erario, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, nomeado depois conde de Linhares, e que durante cerca de vinte annos, desde 1776 até 1796 fôra ministro de Sua Magestade em Turim onde travára com o nosso artista relações de amizade que o tempo havia robustecido. A sr.^a D. Gabriella de Souza Coutinho, irmã do actual conde de Linhares, neta d'aquelle estadista e digna herdeira de tão illustre nome, possui bastantes desenhos de Sequeira que, por estarem datados, juntam ao merecimento artistico o não pequeno valor de serem ao mesmo tempo documentos historicos. Alguns ha que são cartas dirigidas a D. Rodrigo, cartas em que Sequeira *illustrando* a palavra com o desenho, revela a familiaridade e affecto com que n'aquella casa era acollido. Não admira pois que tratando-se de dar novo e vigoroso impulso ás obras da Ajuda, nas quaes superintendia o Real Erario, pela Contadoria Geral da cidade, acudisse desde logo ao presidente d'aquelle tribunal, incumbir a direcção da pintura a quem já dêra mostras do muito que n'essa arte valia.

O palacio da Ajuda, levantado á pressa depois do terremoto de 1755, não chegára a durar quarenta annos, sendo totalmente destruido por um incendio em 1795¹. Tratando-se da sua reedificação, foram os architectos incumbidos da obra José da Costa e Silva e Francisco Xavier Fabri. Se eu buscasse novas provas das malquerenças e ciúmes que infelizmente n'essa época traziam divididos os artistas, voltando-lhes as atenções do trabalho a que deviam consagrar o tempo todo, para as discussões e intrigas que sem cessar e a proposito de tudo se levantavam, achal-as-hia abundantes e claras na historia da reedificação da Ajuda. Leiam-se na obra de Cyrillo as biographias dos dois architectos acima referidos e a de Mannel Caetano de Sousa e vêr-se-hão os enredos que precederam a escolha dos architectos. Quem mais soffria a final era a arte. Era a menos lembrada n'estes conflictos aos quaes servia de pretexto, não de verdadeiro motivo. Não levava a palma o auctor do melhor projecto, mas o artista mais favorecido. Era um concurso entre os protectores, não entre os artistas. Succedia ás vezes que sendo as forças iguaes, era mister usar de meios conciliatorios e assim podemos explicar o dualismo, aliás inexplicavel, nas direcções da architectura e da pintura do palacio da Ajuda. Dois architectos para delinear um edificio, dois pintores para imaginarem a sua decoração, são symptoma tristissimo e sufficiente prova da enfermidade de que padecia o corpo artistico. A unidade de pensamento sacrificava-se porque assim era conveniente para vencer attritos, poupar vaidades, contentar a todos. Da arte não se curava. Saía-se a pobre como podia d'estes conflictos, quando n'elles não parecia qual victima unica, offerecida para aplacar as iras dos contendores.

Os logares de primeiros pintores da camara e côrte não eram, como o nome parece dizer, cargos palacianos. Por isso debalde procurei o registo d'esta mercê feita a Sequeira nos livros da chancellaria na torre do tomo, nos de decretos e mercês no archivo do ministerio do reino, e nos de filhamentos da casa real no archivo da mordomia môr. Este titulo, inventado quando se tratára das obras da Ajuda para designar os artistas encarregados da direcção da pintura, foi conferido a Sequeira e a Vieira pelo proprio decreto que approvou o «Plano para regulção dos trabalhos de pintura no real palacio

de Nossa Senhora da Ajuda.» No archivo da antiga intendencia, hoje direcção das obras publicas, do districto de Lisboa estão muitos livros e pastas com documentos, pertencentes ás obras d'aquelle paço; no archivo do tribunal de contas está vivo o do antigo Erario, por uma repartição do qual, a Contadoria Geral da cidade, eram processadas todas as despezas d'essa obra e fiscalizada a sua execução. D'estes dois archivos extrahi o que n'elles se contém ácerca de Sequeira. Poneo é, mas ainda assim foi o unico subsidio que pude alcançar para esclarecer este periodo da vida do nosso artista.

O plano para a regulção dos trabalhos de pintura determinava em seu artigo 1.^o que houvesse: «dois primeiros pintores da camara e côrte, aos quaes pertenceria regular de accordo o methodo com que haviam de ser executadas as obras de pintura.» No caso de discordia tinham de representar ao presidente do Real Erario, que tomaria as ordens do principe regente. Competia a estes primeiros pintores propôr os secundarios e o da escola «que se haja de instituir». Havia pelo artigo 3.^o um pintor para a compra *em primeira mão*, de todas as drogas, etc.¹ O artigo 4.^o estatua que ficassem gosando vitaliciamente das duas terças partes das suas pensões os pintores «logo que houvessem finalizado totalmente e com distincção os seus trabalhos, com o encargo de serem obrigados a trabalhar em todas as obras arcaes que lhes fôr determinado». O artigo 6.^o ordenava que os pintores de historia acabassem com perfeição os seus esbocetos e os fizessem da grandeza que lhes fosse determinada, servindo os mesmos esbocetos para ornato d'aquellas salas do palacio que fossem indicadas pelos referidos pintores da camara e côrte, o que era ao mesmo tempo um meio economico de ornar elegantemente o palacio. Finalmente, o artigo 7.^o concedia aos primeiros pintores sego para o serviço ou um equivalente².

Sequeira desempenhou effectivamente as funcções de director das obras de pintura do paço. Em 14 do setembro de 1802 foi admittido, sob proposta d'elle, o pintor Manuel Antonio Preto com o ordenado annual de 80\$000 réis que pela portaria de 25 de outubro de 1802 foi elevado a 100\$000 réis, em lugar de 140\$000 réis que Sequeira propunha em seu officio de 1 do mesmo mez³. A portaria de 21 de abril de 1803 manda admittir como pintores a Archangelo Foschini com o ordenado de réis 1:000\$000, a J. da Cunha Taborda com o de 800\$000 réis e a Bartholomeu Calixto com o de 600\$000 réis⁴, conforme a proposta de Sequeira, datada de 16 de março do mesmo anno⁵, na qual refere a D. Rodrigo que devendo informar sobre a petição de Foschini (*sic*) e não tendo este «obras em que elle pudesse fazer juizo sobre o seu merecimento» deu a este requerente e aos outros dois «assumpto para elles fazerem em concurso cada um o seu quadro, por terem sido os tres condiscipulos em Roma e merecerem contemplação para a grande obra do real palacio». Accrescenta que «os ditos artistas acabaram o seu concurso e que elle com o seu collega (Vieira Portuense) examinaram os tres quadros e vendo o merecimento de cada um, entenderam em suas consciencias, deverem todos tres ser empregados» com os ordenados que já mencionei. Deprehende-se d'este officio que só Foschini requere-

¹ Para este logar foi nomeado José Viale, no mesmo decreto de 28 de julho.

² Archivo da Contadoria Geral da cidade (no do tribunal de contas) liv. 2 de decretos, fl. 272. — Archivo das obras da Ajuda (no da direcção de obras publicas do districto de Lisboa) pasta n.^o 91.

³ Archivo das obras da Ajuda, liv. 34.

⁴ *Ibidem*, *ibidem*.

⁵ *Ibidem*, pasta n.^o 21.

¹ Cyrillo. *Op. cit.*, pag. 237.

reu o logar, mas que Sequeira espontaneamente se lembrou dos outros dois e juntamente os propôz com o primeiro. Ao diante se verá por que modo se manifestou a gratidão d'estes artistas para com o seu protector e amigo e a fôrma por que lhe pagaram o serviço que lhes prestava, dando-lhes consideração e ordenados.

(Continua.)

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

ANTONIO JOSÉ PATRICIO



DOIS sentimentos diversos se apoderam de mim no momento em que pego na penna para traçar estas linhas dedicadas á memoria de Antonio José Patricio, o desditoso pintor que em tão verdes annos se finou, e ao qual me ligavam os deveres da amizade e da gratidão.

Foi elle meu mestre e meu amigo.

Se o discipulo nunca pôde honrar o nome do mestre, exhibindo provas das valiosissimas lições que recebeu, ao menos que o amigo pague a divida de affecto contrahida tantas vezes com tão excellente coração.

Por isso, ao mesmo tempo que a magoa me enche a alma ao reordar-me da vida attribulada que levou na terra aquelle rapaz de talento, sinto verdadeiro jubilo por ter ensejo de perpetuar a sua memoria, deixando impressos n'esta folha, não só os traços principaes da sua vida, mas tambem os da sua physionomia.

Por tal motivo, pois, é esta umas das occasiões em que eu mais tenho estimado achar-me dirigindo uma publicação em que tão de molde cabem o retrato e a biographia do mallogrado artista. Para esta prestaram alguns subsidios, que muito agradeço, os srs. José Rodrigues, Thomaz José da Anunciação, Leonel Marques Pereira e Joaquim Pedro de Sousa, todos collegas e amigos do biographado; o retrato é tirado de uma photographia executada no começo da enfermidade do artista. Desenhou-o José Ferreira Chaves, o intelligente pintor colorista, a quem as *Artes e Letras* devem mais de um apreciavel trabalho artistico.

Antonio José Patricio nasceu em Lisboa aos 28 de agosto de 1827, sendo baptisado na freguezia de Nossa Senhora do Socorro. Era filho de pessoas modestas, mas honradas. Seu pae fazia parte do pessoal operario empregado na fabrica de tabacos em Xabregas, e elle proprio, na sua juventude, ganhou por algum tempo o sustento quotidiano, trabalhando na mesma fabrica.

Quiz a providencia, porém, que um homem singular pelos seus talentos e virtudes, descobrindo em Patricio vocação para a arte do desenho, transformasse, pelos seus esforços, o rude operario em laborioso artista.

Patricio empregava os poucos momentos que lhe sobravam do seu consecutivo trabalho na fabrica, em fazer recados ás freiras do convento do Salvador, e tinha por costume andar sempre munido de um lapis ou de um pedaço de carvão, para encher de bonecos as paredes caídas da velha portaria do convento.

Ao capellão das freiras não passaram despercebidos os contornos menos correctos, mas não completamente informes, dos taes bonecos.

Era o capellão frei José do Coração de Jesus, presbytero egresso do extinto convento de Santo Antonio dos Capuchos, ancião respeitavel, sympathico e de bondade inexcedivel. O venerando sacerdote habitava uma pequena casa ou hospicio, á entrada da portaria. Por uma vetusta janella rodeada de espessa folhagem, não era raro vê-lo a trabalhar, assentado a uma banca cheia de livros e de papeis espalhados com a maior desordem. Era muito lido em classicos, de intelligencia esclarecida e sobretudo de fina prespicacia para conhecer a indole e vocação das pessoas com quem tratava.

Reparando, pois, com attenção nas figuras que Patricio traçava pelas paredes, indagou quem era o auctor d'ellas, e, travando conhecimento com o humilde rapaz, logo lhe descortinou intelligencia e habilidade. Data d'ahi a protecção que sempre lhe dispensou até Patricio ser homem, e homem prestadio.

Tratou frei José de lhe ensinar instrucção primaria, unico preparatorio que ainda hoje se exige para a entrada na Academia de bellas artes. Em compensação dos prejuizos pecuniarios que Patricio soffria pelas horas que furtava aos trabalhos da fabrica, para as empregar nos do estudo, dava-lhe o bom do padre algum dinheiro, com o qual o que mais tarde havia de ser habil pintor, se supriu até estar habilitado para se matricular na Academia. Foi ainda o seu patrono quem se entendeu com o professor Joaquim Rafael para a sua admissão n'aquelle estabelecimento de educação artistica, começando Patricio de o frequentar no anno lectivo de 1844-1845¹.

Aproximadamente por este tempo era tambem frei José desvelado protector de Agostinho Ribeiro de Carvalho, irmão de José Rodrigues—o estimado pintor tão co-

¹O attestado de instrucção primaria que frei José passou ao seu discipulo e protegido, resa assim:

José do Coração de Jesus, presbytero egresso do extinto convento de Santo Antonio dos Capuchos d'esta cidade, e na mesma capellão gratuito das religiosas do convento do Salvador.

Attesto, e sendo necessario juro *in verbo sacerdotis*, que o sr. Antonio José Patricio, natural de Lisboa, filho unico de viuvo, pobre, do mesmo nome e appellidos, conmigo se instruiu, pois outro mestre não teve, nas materias de ensino primario, — comprehendida grammatica portugueza, — nas quaes se acha sufficientemente prompto e desembaraçado. Em costumes: é naturalmente circumspecto, comedido nas suas palavras, e em todas suas acções, inteiramente alheio ás levandades dos manebos da sua mesma idade. Tendo sete para oito annos me fez antever, pelos seus desenhos e recortes de tesoura, quanto melhoraria de fortuna se se dedicasse ás bellas artes! para este fim o persuadi, e me convidei para lhe ensinar as primeiras letras: e desde então até agora cada vez mais me confirmo de que tem igual aptidão para as artes e para as sciencias; porque tem tanta promptidão em aprender o que se lhe ensina, quanta memoria para conservar o que aprende. Mas obsta-lhe o ser pobre, a não mais! e só com auxilio estranho poderá vir a ser, sobre bem aproveitado, mui util cidadão, com gloria de seus eximios lentes. E por este me ser pedido, e devido á verdade o passei por mim feito e assignado. Lisboa, no hospicio das religiosas do convento do Salvador, 1 de outubro de 1844. — O padre, José do Coração de Jesus.

nhecido hoje por alguns quadros e pelos seus magníficos retratos — e de outro rapaz pobre, como aquelle, aos quaes fornecia livros e guiava com bons conselhos, conseguindo que o primeiro fosse approved nas disciplinas necessarias para tomar ordens — o que não se effectuou, ignoro por quê — e que o outro obtivesse as cartas de cirurgião-médico pela escola de Lisboa.

Estes factos demonstram que era justificadissima a fama de que frei José gosava de padre modelo e extremamente philantropo. Deus premiou-lhe, ainda na terra, o patrocínio excepcional que dispensára áquelles tres rejeitados da fortuna; frei José conheceu á hora da morte que não valera a ingratos, porque exhalou o ultimo suspiro nos braços dos seus protegidos, unicas pessoas que por amizade e reconhecimento lhe cercaram nos ultimos momentos o leito de dôr.

Nos primeiros tempos em que Patricio frequentou a Academia, acertou de conhecer por intermedio de um piloto seu amigo, que mais tarde naufragou na barra do Tejo, onde perdeu a vida, a familia de D. José Serrate, o popular funambulo que deu nome por muitos annos á praça do Salitre.

Serrate era escrupulosissimo na escolha das pessoas que frequentavam sua casa; a familia do arlequim, não obstante exercer profissão pouco decorosa, sobretudo para mulheres, gosava de boa fama e era considerada o respeitada pelas pessoas que de perto a conheciam.

O piloto fazia a côrte a uma sobrinha de Serrate, e Patricio agradara-se da outra. O amor sincero e honrado levou-o, mais tarde, a offerecer a mão de esposo á sobrinha do funambulo. A protecção que Serrate lhe dispensou durante os primeiros dois annos do casamento, foi á custa de sacrificios bem cruéis para o desventurado estudante, sacrificios de que elle se libertou logo que pôde viver independente. Succedeu, pois, que n'aquella época, quando justamente Patricio mais carecia de tranquillidade de espirito para robustecer o seu talento, maiores soffrimentos Moraes o perseguiram. E foi, contudo, durante essas luctas titanicas contra a infelicidade, que elle viu o seu talento desenvolver-se, a sua mão adestrar-se, que surgiu artista!

Patricio conseguiu, sendo sempre alumno distincto, vencer o curso da Academia. Foi premiado no concurso do 1.º anno (copia de estampa), e notado por ter muita habilidade e exemplar comportamento. Obteve tambem premio no 2.º anno (copia de estatua), e no 4.º anno (copia do modelo vivo) recebeu o diploma de *accessit*. Admittido á frequencia da aula de pintura historica no anno lectivo de 1848-1849, terminou o curso tendo tido algumas interrupções, mas alcançando sempre elogios e excellentes informações dos professores.

Munido dos seus honrosos diplomas de pintor, mas, como sempre, falto de meios para viver, lançou mão do unico expediente que se depara aos artistas em Portugal enquanto não conseguem tornar-se conhecidos: — começou de dar lições. Empregando o melhor de suas forças n'este aborrecido lidar, mais aborrecido ainda para os que se sentem com pujança para subir a posição mais elevada, conseguiu adquirir o sufficiente para viver com decencia e gosar das principaes commodidades que desfructam os remediados da fortuna. Tinha muitos discipulos e entre elles os srs. Veigas, cavalheiros abastados, e já n'esse tempo muito amigos dos artistas, os quaes o estimavam e protegiam com louvavel bizzarria.

A desventura, porém, não o perdia de vista, e aproveitando-se do excesso de trabalho a que o estudioso artista se dedicava, feriu-o de morte. O soffrimento physico veio, pois, substituir no engeitado da sorte, o soffrimento

moral. Padeceu muito por espaço de tres annos, sendo obrigado a abandonar a maior parte das lições e a dar descanço aos pineis e á palheta, sens enlevos e consolação durante as horas de amargura e dôr. Como tudo n'este mundo tem fim, os seus males encontraram termo, mas só na morte. Sendo levado quasi moribundo para uma quinta na estrada da Charneca, pertencente ao pae do piloto que fôra seu amigo, ali succumbiu, victima de um tumor na cabeça, em julho de 1858. Jaz no cemiterio dos Santos Reis, no Campo Grande.

É notavel a coincidencia dos titulos dos seus ultimos quadros. Chamam-se a *Tempestade* e a *Despedida*! O nome de um é o symbolo da vida do desventurado pintor; o do outro lembra a derradeira agonia do homem que deixou uma familia a quem tanto amava, do artista que abandonou para sempre a arte a que tanto queria!

Patricio morreu tão pobre, que nos ultimos dias de vida o afamado pintor de paisagem o sr. Thomaz José da Annuenciação, condoído do estado miseravel em que o viu, levou os quadros da *Tempestade* e da *Despedida* ao sr. D. Fernando, solicitando de sua magestade a graça de os comprar. O rei artista deu por elles trinta libras. O sr. Annuenciação veio radiante de alegria trazer aquelle lenitivo ao seu amigo e collega, mas quando chegou ao quarto de Patricio, encontrou um cadaver.

Mal sabia o misero quando pintava com tamanho entusiasmo n'aquellas duas télas, que estava ganhando não para o seu enterro, que lhe foi feito pela dona da casa em que falleceu, mas para o luto de sua viuva e de suas filhas!

Como fica dito, o excesso do trabalho contribuiu principalmente para a morte do artista. Effectivamente Patricio trabalhava muito. Nas horas de dia que lhe sobravam, pintava; de noite desenhava e lia até deshoras.

Um dos livros mais sens predilectos era o *Retrato de Venus*, o famoso poema do visconde de Almeida Garrett. Patricio lia e relia aquella excellente obra, e amiudadas vezes conversava comigo a respeito d'ella e das demais produções litterarias do grande escriptor portuguez. Havia, porém, um trecho do livro que o fazia meditar e discutir largamente. Era a nota ao canto 1, onde se lê:

« Nem só aquillo, que tem *bellas*, e lindas formas, é *bello*; e nem tudo aquillo, que as tem, o é. Boileau o declara manifestamente, e o prova:

Il n'est point de serpent, ni de monstre odieux,
Qui, par l'art imitée, ne puisse plaire aux yeux.
D'un pinceau délicat l'artifice agréable
Du plus affreux objet fait un objet aimable.»

Patricio impressionava-se tanto com as palavras e citação de Garrett; porque a parte da esthetica que mais o fazia reflectir, era a significação do *bello*. Por esta razão seguia com o maior interesse os importantes artigos que F. Sequeira Barreto publicou sobre o assumpto, em o *Jornal de bellas artes*, artigos cuja doutrina Patricio approvava n'uns pontos e impugnava n'outros, apresentando, porém, sempre as suas opiniões a medo, porque a modestia o fazia duvidar a cada momento da sua clara intelligencia.

Patricio tinha como regra que niuguem podia ser pintor sem estudar cuidadosa e aturadamente o natural. Era o instincto, esta cega força que tanto pôde em nós, que o levava a adivinhar o fundamental principio da moderna escola, n'aquella tempo quasi desconhecida em Portugal. Tinha grande tendencia para o colorido, o que provam os quadros e até os estudos que deixou.

Os melhores quadros que Patricio produziu, são:

Rapazes jogando na roda das castanhas, hoje pertencente aos herdeiros de mr. Walsh, tela que foi muito

apreciada na primeira exposição universal de Paris, pelas excellentes qualidades de colorido que a exornam.

A interrupção da leitura (1^m,21 de alto por 0^m,99 de largo), que figurou na exposição triennial da Academia real de bellas artes em 1856, e foi comprado por el-rei D. Fernando. O *Jornal de bellas artes*, que já citei, publicado em 1857, deu uma gravura a agua forte d'este bellissimo quadro, feita pelo auctor. Para duas das creanças que se vêem na composição, serviram de modelo as filhas do artista, que morreram depois do fallecimento do pae, uma com sete annos e a outra com onze.

Patricio tambem pintou os tectos das igrejas de S. João da Praça e das Mercês. Em sete annos de trabalho, que tantos são os que distam desde que elle terminou o curso até que falleceu, difficil seria produzir mais, tendo principalmente a maior parte do tempo empregada no inglorio mister das lições particulares.

A Academia, os srs. Joaquim Prieto, José Ferreira Chaves, F. Gomes de Amorim, Joaquim Ventura Pereira e outros artistas e amadores possuem varios estudos e esboços do talentoso artista. Eu tenho apenas um desenho assignado por elle.



Antonio José Patricio

Paizagem tomada de dentro da tapada da Ajuda (0^m,72 de alto por 0^m,91 de largo) exhibido na referida exposição da Academia e tambem gravado a agua forte, pelo auctor, para o *Jornal de bellas artes*. É um excellente quadro refulgente de luz, ostentando as mais finas galas de colorido e primando pela notavel transparencia dos escuros. Pertenceu ao sr. visconde do Arceiro, e está actualmente em poder do sr. José Gregorio da Silva Barboza, intelligente amator, que o comprou no leilão d'aquelle cavalheiro, juntamente com outro do mesmo artista, intitulado *A conversação junto á fonte*, do qual dá uma pequena idéa a letra por que começa esta modesta biographia.

A *Tempestade* e a *Despedida*, já citados, os quaes denotam alguns progressos do artista, e que foram, como fica dito, os ultimos trabalhos de Patricio. O primeiro d'estes quadros é muito preferivel ao segundo.

O producto d'estes estudos, cuja venda foi promovida pelo benemerito artista o sr. Joaquim Prieto, e as trinta libras dos ultimos quadros comprados por el-rei D. Fernando, foram o unico patrimonio que legou um martyr do trabalho, um homem de talento, a sua angustiada familia!

Cabiam aqui algumas considerações philosophicas consoantes a este triste e tão repetido facto, mas a necessidade de terminar quanto antes o artigo, dispensa-me d'ellas.

É estylo n'estes trabalhos referir algumas anecdotes dos biographados. Para não me esquivar ao uso, contarei uma de que fui testemunha.

Nos ultimos dias da doença de Patricio, inculcaram-lhe certo charlatão, que se dizia especialista da molestia que os medicos lhe suppunham. Patricio consentiu com repugnancia em recebê-lo. Eu estava ao lado do artista

quando o curandeiro chegou. O pseudo-esculapio examinou-o pausadamente, e acabou por lhe dizer que não o achava tão mal como elle presunha. Patricio animou-se, indicando na physionomia a satisfação que experimentava em se entregar aos cuidados do mezinheiro. O nosso homem depois de receitar não sei o que, ergueu-se da cadeira e deu com o quadro da *Tempestade*:

—Bonito quadro! exclamou, e que bello pensamento! Aquillo é mãe e filhos que vão para o mercado. Tudo respira n'aquella formosa t'ela, serenidade e quietação. Bem tratado assumpto! Parabens.

N'isto despediu-se e saiu.

Patricio havia mudado mais de uma vez de côr, durante aquelles nescios elogios. A composição fôra concebida em ordem a exprimir o contrario do que o charlatão dissera. A saia da mulher, que se vê no quadro, v'oa com a furia do vento; um rapazito volta rapidamente a olhar, assombrado pelo relampago que illumina a paizagem; uma rapariguinha tapa os ouvidos para não ouvir o estrondear do trovão.

Patricio quando se viu a sós comigo e com a esposa, bradou, indignado, a esta:

—Não tornes a abrir a porta a esse homem!

E voltando-se para mim, accrescentou com voz quasi desfallecida:

—Não, meu amigo, não é nas mãos d'aquelle animal que eu entrego a minha vida.

RANGEL DE LIMA.

PAULO VERONEZ E A INQUISIÇÃO

I



E o seculo XV preparou na Italia uma época de florescencia para as bellas artes, o seculo XVI formou, a este respeito, como que as cupulas do maximo esplendor para os grandiosos monumentos que legaram indestructiveis ás gerações vindouras os mestres que se chamaram Miguel Angelo, Leonardo de Vinci e Raphael de Urbino. A verdadeira importância d'estes artistas eminentes todos a conhecem. As suas obras ficaram immortaes e insubstituiveis. Ninguem pôde por então imital-as.

Nasceram no mesmo seculo Ticiano e Tintoreto. Dava-lhes realce e força o meio em que viviam; animava-os e engrandecia-os os esplendores artisticos que os cercavam. Tinha a Italia uma nova luz para as artes e essa luz fulgurante aquecia todos. D'ahi vinham raios que exaltavam a imaginação dos pintores, que se iam succedendo, sem se copiarem, posto que alguns, muito depois, tentassem com bom exito imitar, a ponto de se confundirem, os trabalhos que davam nome e lustre aos antigos mestres.

Paulo Veronez veio d'elles. Succeden a Ticiano, cujo vigor de colorido herdou, mas não pôde affirmar-se que o imitasse. Se Ticiano tinha a sua maneira, ou o seu estylo, como litterariamente se diz: e se os demais, até ali, se distinguiam pela originalidade e pela formosura da concepção e da execução, Paulo Veronez em breve se afastava de todos para deixar sobre-sair a sua individua-

lidade, o seu character e a sua imaginação. Elle dava aos seus quadros uma feição propria e ao seu colorido uma expressão que havia de ser causa de inveja para os artistas contemporaneos e de justa anciedade para os pintores futuros.

Era tão extraordinario o seu talento, e tão viva a sua imaginação, que Paulo Veronez excedia os limites do razoavel, e, na exuberancia do engenho e dos recursos artisticos, repetidas vezes o accusavam, não de faltar ao desenho, nem ao colorido, que foram sempre admiraveis, mas de faltar á verdade historica no que elle considerava como excesso de ornamentação. Assim, não era raro vê-se, n'uma composição, aliás assombrosa de efeitos e primores, uma ou muitas figuras, que destoavam do assumpto principal e que nem podiam acceptar-se como accessorio por anachronicas e extravagantes.

Quando deixou a sua patria, Verona, para se estabelecer em Veneza, onde não lhe foi difficil conquistar as sympathias geraes, revelou Paulo que, ás suas inestimaveis qualidades de artista, juntava os mais subidos dotes do coração, porque elle era bom, amavel, desambicioso e nobre. Leio em um de seus biographos que, assim como era dos que na sua época pintavam melhor em Veneza, e por isso o chamavam de muitas partes para que elle enriquecesse com os thesouros do seu engenho e com a pericia da sua palheta salas, capellas e refeitórios; assim tambem era dos que pediam e recebiam menos pelos seus maravilhosos trabalhos e por isso não pôde nunca enriquecer, como succedia com outros pintores contemporaneos, rivaes e emulos.

Relerirei um episodio da vida do afamado pintor, para justificar a epigraphie que inscrevi no alto d'estas linhas. A relação do caso foi desentranhada por esforços de um auctor moderno, e é extrahida de documento authenticico. Testemunha a originalidade do character de Paulo Veronez¹.

II

Já disse que Paulo Veronez era mui estimado em Veneza. Todos desejavam, porque as apreciavam, as obras de tão afamado artista. Um dia, os monges do convento de S. João e S. Paulo mandaram-lhe pedir que fosse pintar uma ceia de Christo no refeitório. O pintor accetou a encomenda e executou-a com promptidão e brilhantismo; porém, sem idéa reservada e dando só ampla liberdade á sua fecunda imaginação, Paulo, segundo elle proprio declarou e o saberemos em seguida, viu-se obrigado por causa das dimensões da t'ela a pintar mais figuras do que as que devia pôr no quadro conformando-se com o rigor exigido nos assumptos religiosos e historicos; e algumas d'essas figuras, embora formosas e de effeito, consideradas artisticamente, podiam comtudo tomar-se como ridiculas e irreverentes n'uma composição d'aquella ordem. Viram e analysaram a t'ela. A critica transformou-se em arma envenenada contra o pintor. Os invejosos, de certo, aproveitaram-se logo do caso, intrigaram Paulo junto do tribunal da inquisição e conseguiram o fim. Instaurou-se-lhe o processo.

No sabbado 18 de julho de 1573² o estimado e já celebrado pintor recebeu a intimação para se apresentar no tribunal da inquisição, que funcionava em Veneza. Paulo, desde todo o principio, estranhou o acto inquisitorial; porém não se atemorizou, porque o seu animo estava sereno e a consciencia não o accusava de cousa alguma. Ergueu a cabeça e correu ao tribunal.

¹ Vide Yriarte na sua *Hist. d'un patricien de Venise*.

² Tinha então Paulo 43 ou 45 annos de idade, porque nos marcamos-lhe o nascimento em 1528 e outros em 1530. Falleceu em 1588.

Darei conta do interrogatorio, segundo a acta, ou o documento, a que já alludi. Na presença de juizes tão severos, o artista não titubeou. Expressou-se com clareza, como quem patenteia a todos um nobre coração.

Depois das perguntas do costume, nome, idade, naturalidade, etc., o interrogatorio seguiu d'este modo:

—Qual é a sua profissão?
—Pinto e faço figuras.
—Conhece a rasão por que foi chamado a este tribunal?

—Não conheço.
—Mas não pôde suppôr alguma cousa a este respeito?
—Não me vem á idéa.
—Diga-nos comtudo o que pensa.

—Penso que fui citado por causa do que me disseram os reverendos padres, ou antes o que me declarou o prior do convento de S. João e S. Paulo, prior de quem não sei o nome; porque foi elle quem primeiro veio aqui e vossas senhorias lhe ordenaram que mandasse pôr no quadro a Magdalena em vez do cão; e eu respondi-lhe que faria o que quizessem para minha honra e honra do quadro; porém eu não comprehendia o realce que lhe daria a figura da Magdalena por muitas rasões que direi, se me derem licença para as dizer.

—Qual é o quadro de que falla?
—É o que representa a ultima ceia de Jesu Christo com os apóstolos na casa de Simão.

—Onde está o quadro?
—No refeitório dos frades de S. João e S. Paulo.
—É a freseo, em madeira ou em tcla?
—É em tcla.
—Que altura tem?
—Mede uns dezeseite pés.
—E largura?
—Trinta e nove, pouco mais ou menos.
—N'essa ceia de Nosso Senhor pintou mais algumas pessoas estranhas.

—Sim, senhores.
—Então quantas representou e que profissão deu a cada uma?

—Representei, em primeiro logar, o mestre Simão; depois, abaixo d'elle, um criado, que suppuz que poderia vir ali para observar o arranjo da mesa. Ha outras figuras, das quaes não me lembro já, porque ha muito tempo que fiz esse quadro.

—Já pintou outras ceias?
—Sim, senhores.
—Quantas pintou e onde se acham?
—Pintei uma em Verona para os reverendos monges de S. Lazaro e está no seu refeitório. Vê-se outra no refeitório dos reverendos padres de S. Jorge, n'esta cidade de Veneza.

—Mas essa não é uma ceia e não se chama a ceia de Nosso Senhor.

—Foi outra para o refeitório de S. Sebastião, em Veneza; outra em Padua, para os padres da Magdalena. Não me occorre agora se pintei mais alguma.

—Na ceia que fez para S. João e S. Paulo que significação deu á figura a quem se vê sair o sangue pelo nariz?

—A de outro criado, que, por qualquer circumstancia, teve aquelle accidente.

—Que significam aquelles homens armados e trajando á moda da Allemanha, com alabarda na mão?

—Se me dão licença direi umas vinte palavras sobre isso.

—Falle.
—Os pintores têm d'essas liberdades de que sempre

usam e abusam os poetas e os loucos; e portanto representei, sem pensamento reservado, os alabardeiros, um bebendo, e outro comendo, promptos a desempenharem qualquer commissão; porque se me figurou conveniente e possível que o dono da casa, pessoa de haveres e generosa, segundo o que me disseram, tivesse em seu serviço taes homens.

—E com que fim pôz no quadro o que está vestido de bôbo, com um papagaio na mão?

—Foi um simples ornamento. Isso é de uso entre nós.

—Quantas pessoas se acham á mesa de Nosso Senhor?

—Os doze apóstolos.
—Que faz S. Pedro, que é o primeiro?

—Corta o cordeiro para o mandar para o outro lado da mesa.

—Que faz o apóstolo que se lhe segue?

—Apresenta um prato a S. Pedro para receber o que elle lhe der.

—E o que faz o terceiro?

—Esgaravata os dentes com o garfo.

—Quaes são, com verdade, as figuras a que o sr. Paulo deu logar n'aquella ceia?

—Parece-me que á ceia só foram Christo e os seus apóstolos; porém, quando me sobeja espaço na tcla, orno-a com figuras de invenção.

—Foi por inspiração ou ordem de alguém que o sr. Paulo pintou allemães, bôbos, e que taes figuras no seu quadro?

—Não, senhores. Disseram-me que ornasse a sala como julgasse conveniente; ora, como a sala é grande, podia conter muitas figuras.

—Então as ornamentações que o sr. Paulo, como pintor, costuma fazer nos quadros, não devem estar em relação directa com o assumpto, ou são da sua phantasia, sem discrição e sem senso?

—Eu pinto conforme a minha imaginação e como entendendo que devo pintar.

—Pareceu-lhe pois conveniente, na ultima ceia de Nosso Senhor, representar bôbos, allemães ebrios, andes e outras frioleiras?

—Não, de certo.

—Então porque pintou assim?

—Suppuz que essas figuras estavam fóra do logar em que se dava a ceia.

—Não sabe que na Allemanha e em outros logares infestados de heresia, os pintores frívolos e nescios costumam envilecer e ridicularisar as cousas da santa igreja catholica para demonstrar assim a falsa doutrina ás pessoas ignorantes ou destituidas de bom senso?

—Convenho em que isso é mau, porém eu repito-lhes o que já disse, e é que é dever para mim seguir os exemplos dos meus mestres.

—Quo fizeram os seus mestres? Procederam assim?

—Sem duvida. Miguel Angelo, em Roma, na capella do papa, representou Nosso Senhor, sua Mãe, S. João, S. Pedro e a côrte celeste, e representou n'is estes personagens, e até a Virgem Maria, e em posições diversas que a religião certamente não inspirou.

—Não sabe que representando o juizo final, era desnecessario inventar e pintar vestidos? Mas n'aquellas figuras, que estaria que não fosse inspirado pelo Espirito Santo? Não havia portanto logar para bôbos, nem para cãs, armas e outras facecias. Diga-nos, sr. Paulo, depois do que lhe observámos, se acha bom e decoroso ter pintado o seu quadro do modo como o fez?

—Não, illustrissimos senhores, não defenderei o meu trabalho; mas torno a confessar-lhes que pensei que não

fazia mal. Nunca me ocorreram tantas considerações como as que se dignaram apresentar-me. Estava tão longe de mim tal desordem, que as figuras estranhas, que me indicam, estão muito fóra do plano em que se vê Nosso Senhor.

III

Findo o interrogatorio, pouco mais ou menos como o deixo posto, os juizes lavraram a sentença, em que intimavam Paulo Veronez a emendar o quadro, de que se tratára, no espaço de tres mezes a contar do dia da sentença, pagando elle á sua custa a despeza que fizesse. O artista executou a sentença e não se queixou. Mas ninguém podia empanar o brilho do seu extraordinario talento, nem cortar os audaciosos vôos da sua fecunda imaginação.

BRITO ARANHA.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

RECREIO INFANTIL. — Empreheo a casa editora Rolland & Semiond uma nova publicação que recebeu o titulo acima, dedicada exclusivamente ao entretenimento e educação moral das creanças. Não havia em Portugal livro ou periodico d'esta indole, falta que se não sente, ha muito, em nenhum paiz culto, onde abundam publicações baratissimas, illustradas e bem escriptas, da natureza da que os srs. Rolland & Semiond começaram de vulgarisar. O *Recreio infantil* é imitação primorosa d'essas publicações estrangeiras; contém excellentes gravuras, contos historicos, narrações divertidas e um capitulo de curiosidades de artes, sciencias e industrias, que muito deve interessar os pequeninos leitores. O novo periodico das creanças publica-se quinzenalmente, em fasciculos de 16 paginas impressas em bom papel, com a nitidez e esmero que se nota nas obras saídas da acreditada typographia do sr. Christovão Rodrigues. Por todas estas razões, e principalmente porque o *Recreio infantil* veio preencher uma lacuna que não devia existir, o novo periodico illustrado dos srs. Rolland & Semiond merece a protecção do publico, protecção que não lhe será difficil de alcançar, logo que se reconheça o alcance d'elle e se divulgue o luxo com que é publicado, bem como a barateza por que é vendido.

BIBLIOTHECA THEATRAL. — Concluiu o segundo volume d'esta util publicação, dirigida por dois escriptores conhecidos, com a magia em tres actos e dezeseite quadros, do sr. Aristides Abranches — *As tres rocas de cristal*. Todos se recordam, certamente, do entusiasmo que esta peça causou no theatro da Trindade, pela graça do poema, excellentes musica do maestro Frondoni, muito bom desempenho dos principaes actores que a interpretaram e excellentes scenario dos habéis scenographos os srs. Procopio e Lambertini. Oxalá que, em livro, as *Tres rocas de cristal* obtenham o lisongeiro acolhimento que alcançaram na scena, durante uma infinidade de recitas — o que é muito de supprôr.

O CONTEMPORANEO, LIVROS, PALCOS, QUADROS, SALAS. — A indole d'este novo periodico denuncia-a o titulo. A redacção é composta dos srs. Gervasio Lobato, Pedro Vidocira, Salvador Marques e Sousa Bastos. Todos estes escriptores são principalmente conhecidos pelos seus trabalhos para o theatro, o que os torna competentes para exercerem a critica de um dos quatro assumptos a que o periodico se dedica. Da critica dos demais assumptos — livros, quadros e salas — estou que os redactores do *Contemporaneo* se hão de sair, outrosim, como entendidos; do que resultará, principalmente para as bellas artes, a grande vantagem de haver mais um jornal adequado a analysar os quadros dos nossos artistas, com retidão e saber. Rarissimos são os escriptores portuguezes que têm sufficientes habilitações para fallar da composição, do colorido, da distribuição de luz e do desenho de um quadro; bom é portanto que aos raros que ha, se juntem mais alguns, com o que muito tolga este periodico. O *Contemporaneo* publica, á maneira do *Paris-theatre*, photographias primorosas dos principaes artistas nacionaes e estrangeiros.

O CHÁ DE D. BICHANA. — A casa editora Rolland & Semiond, euctou uma nova publicação de contos populares e infantis, illustrados com engraçadas chromo-lithographias, que muito deve agradar ás creanças. O primeiro d'esta serie de livrinhos, intitula-se o *Chá de D. Bichana*. Contém uma especie de historia da carochinha, traduzida do inglez, e cinco estampas figurando varios episodios da vida das salas, mas onde os personagens que tomam chá, cantam, passeiam, etc., são gatos e gatas vestidos com o luxo e

explendor das pessoas da melhor sociedade. Os numeros que vão seguir-se a este, são no mesmo genero. É natural que o favor publico anime a casa editora a continuar a serie d'estes folhetos dedicados ás creanças, os quaes são entretenimento economico e proveitoso para ellas.

EL GRAN MUNDO. — Tem este bem escolhido titulo um periodico elegante publicado em Sevilla, expressamente dedicado ao bello sexo. Trata de litteratura, modas, salas, passios e theatros; sae tres vezes por mez e contém artigos bem escriptos assim como noticias bastante curiosas. Fóra para louvar que em favor das senhoras portuguezas, alguma empreza de Lisboa se lembrasse de crear um periodico identico ao *Gran mundo*. Estou que as nossas elegantes haviam de agradecer a lembrança, auxiliando a empreza com os necessarios meios para ella viver e até prosperar.

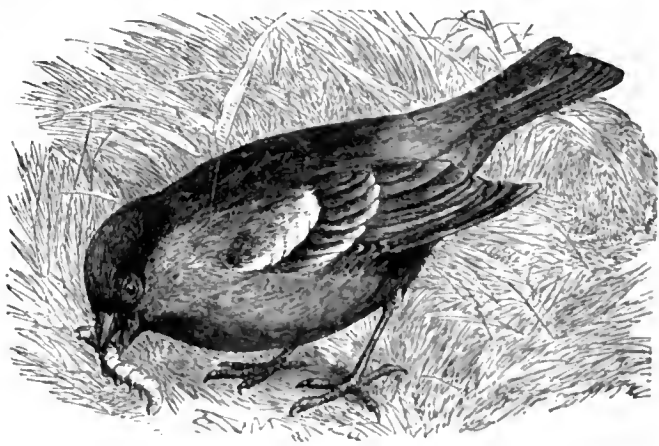
(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

— O projecto do monumento que vae ser erigido no Père-Lachaise á memoria de Theophilo Gautier, é do esculptor Godebski, francez de nascença, e actualmente professor da Academia de S. Petersburgo. Este celebre artista é o auctor dos tumulos elevados em Varsovia, a Chopin e a Kosciusko. O architecto Drevet, a quem erradamente se tem attribuido o projecto em questão, deu apenas parecer ácerca da parte architectonica do sarcophago, sobre o qual será collocada a figura da Poesia. A estatua está assentada, empunha com uma das mãos uma palma, e com a outra apoia-se a um medalhão com o retrato do grande escriptor. Para o medalhão inspirou-se o esculptor na agua-fôrte de Jacquemart, que orna o livro de Gautier *Esmaltes e camaphéus*. O pedestal e o sarcophago, tallados na Belgica em excellentes pedra azul de Brabant, já estão collocados; o esculptor trata de acabar a estatua, sendo provavel que a inauguração se effectue nos primeiros mezes do anno de 1875. O artista não quiz aceitar remuneração alguma do seu trabalho. As subscrições abertas são para acudir ás despesas do material, transporte e assentamento, que já são consideraveis. Como se sabe, Gautier era muito estimado dos russos. A grã-duquesa Maria da Russia concorreu com uma quantia importante. Os artistas francezes dos diversos theatros de S. Petersburgo, fizeram tambem, entre si, uma subscrição, da qual se encarregou m.^{lle} Delaporte. Finalmente, alguns pintores russos encarregaram o celebre pintor Zichy, que ultimamente se estabeleceu em Paris, de organizar uma venda de obras que elles tencionam enviar-lhe para augmentar a subscrição. Parece não ser necessario abrir-se subscrição publica.

— A seguinte anecdota diz respeito á ultima exposição effectuada em Berlim. Certo pintor allemão querendo fazer um quadro historico, representou a entrevista do rei Guilherme com o imperador Napoleão, depois da batalha de Sedan. O quadro foi collocado na primeira sala da exposição. Dias antes da abertura, quando o imperador visitou as salas, não ponde conter-se e soltou uma estrepitosa gargalhada ao parar defronte do painel, e vêr como o artista o havia figurado e ao imperador vencido. A gargalhada imperial obrigou a commissão a collocar o quadro, que aliás é bom, na ultima sala. Mas esta circumstancia, que por um lado prejudicou o artista, pela outra foi-lhe o mais favoravel possível. Um amador americano pretendendo que o riso do imperador tornára o quadro verdadeiramente historico, tratou logo de o comprar ao artista, pagando-o, sem hesitar, pela somma pedida.





PICCOLA

QUADRO DE RICHTER

EDITORES ROLLAND & SEMOND, LISBOA

ARTES E LETRAS



NUMERO 10 — LISBOA — 3.ª SERIE

PICCOLO — PICCOLA

(Conclusão)

II



MRACTANDO-SE das escolas de pintura europeas, entre as quaes a italiana se avanta com indisputavel superioridade, é impossivel na ordem historica recusar a prioridade primitiva á escola byzantina. É sob o reinado e a protecção de Constantino, que a arte christã solta os seus primeiros vagidos sob a fórma da allegoria. Ao culto espiritualista do Deus verdadeiro repugnavam naturalmente as fórmas consagradas pela arte pagã.

Foi d'esta preocupação, que nasceu o esforço tentado para oppôr a escola da idéa á escola da fórma. Foram encarados com suspeita e desamor os magnificos vestigios do passado, e taxadas de abominaveis as obras dos grandes mestres da antiguidade, em que predominavam as divindades, os heroes, e os fastos da mythologia e dos ritos do paganismo. A arte byzantina aspirou a crear-se por si mesma, independente das velhas tradições.

Cedendo á idéa poderosa que a dominava, a arte byzantina viu na allegoria a linguagem verdadeira e expressiva da pintura christã. Expressiu o dogma evangelico por emblemas, diz o sr. Michiels, e até as pessoas divinas se metamorphoseavam em symbolos. Uma vez, por exemplo, Jesus mostrava-se sob a physionomia de um joven pastor levando aos hombros, para a metter no redil, a ovelha perdida; outras vezes, representavam-no como o Orphico da lei nova, enfeitando e amansando ao som da cithara os animaes ferozes. Ora o apresentavam sob o aspecto do cordeiro immaculado, ora como a phenix

abrindo as azas, vencedora da morte e dos espiritos das trevas. D'este modo se preparava a transição, e se fugia aos motejos dos pagãos que zombariam dos soffrimentos heroicos e das humilhações gloriosas do Filho do Homem. Mas esta timidez não podia prolongar-se. O concilio celebrado em Constantinopola, em 692, ordenou que a allegoria fosse proscripta e patenteados sem o menor vco aos fics os assumptos e os cantos da sua devoção. Foi um espectáculo novo para os homens ver um Deus coroado de espinhos, arrostando os martyrios do vil populacho, ou pregado na cruz, traspassado de uma lança, olhando tristemente para o céu e luctando contra a dôr. Os gregos, os latinos, só lentamente e a custo adoptaram este modo de representação. Mas a idéa da elevação moral devia eclipsar a pompa vã da grandeza gentilica: era mister que as angustias generosas do sacrificio se tornassem a principal entre todas as glorias. Chegada a este ponto, a pintura christã, nas margens do Bosphoro, immobilizou-se. As fórmas, as attitudes, os grupos, as roupagens, tudo foi pautado por prescripções sacerdotaes. Reimon, para assim dizer, uma pragmatica inflexivel, a que houveram de submeter-se os artistas. A finura do colorido, a nobreza das posições, foram as unicas reminiscencias da bella arte dos antigos. Ainda hoje, os pintores gregos e russos empregam os mesmos meios, traçam e dispõem as suas figuras do mesmo modo que os seus antecessores dos tempos de Honorio ou dos Paleologos.

Esta mesma phase, este mesmo momento na historia e na evolução da pintura reproduziu-se, pôde dizer-se, em quasi todo o Occidente, enquanto o exercicio d'ella foi o patrimonio consideravel, senão o morgado indiviso, dos artistas saídos de Constantinopola. Dez seculos decorreram, durante os quaes pareceu haverem fallecido de todo ás familias occidentaes a scentella creadora, a iniciativa artistica, o conjunto de todos os dotes que constituem e affirmam a individualidade propria na esphera da imaginação e do gosto. A rotinã propaga-se como um flagello. A inventiva some-se n'um prolongado eclipse. Por toda a parte, aonde vão, os pintores gregos impõem o seu estylo debil e ensinam a sua arte acanhada. Sente-se o enfraquecimento e a impotencia das aptidões creadoras do antigo Oriente, que animara com o seu ardor o sangue generoso e rico dos Zeuxis, dos Protogenes, dos Apelles. Durante a idade media, a missão do Oriente, bem longe de renovar, como outrora, os germens creadores, limita-se tão somente a conserval-os, para mais tarde os fecundar o Occidente.

No fim do seculo XIII e principios do seculo XIV, a aurora do renascimento raiava para a Italia inteira, particularmente para a Toscana, depois de alguns distinctos artistas italianos haverem gloriosamente tentado modificar a immutavel *maneira* grega. — tentativa de certo pequena, se a medirmos pelos largos progressos realizados posteriormente, mas que ainda assim revela uma audacia immensa, porque é o primeiro passo adiantado fóra das trilhas rotineiras e das veredas seculares.

Começam então a desfilar diante de nós os nomes d'esses grandes artistas, que são a gloria eterna da Italia e das artes, e cuja influencia sobre os destinos da pintura se perpetua atravez dos seculos.

Cimabúe, que em Florença estuda com affineada attenção o modo de pintar dos artistas gregos, procura emancipar a arte da immobildade tradicional a que a haviam condemnado. Giotto prosegue com fortuna o grande emprehendimento de Cimabúe, seu glorio mestre. É elle quem primeiro entre os artistas modernos se abalança a fazer retratos em que é insigne, tal é por exemplo o do Dante, seu amigo o seu intimo. A Giotto

seguem-se como depositários das suas tradições e continuadores de suas obras Taddeo Gaddi, Giotto, Stefano, André Orcagna e Simão Memmi.

Trava-se ainda um resto de lucta não só entre os artistas gregos, despojados da sua supremacia pelos ousados innovadores italianos, mas também entre estes e os seus compatriotas petrificados na immobilitade das tradições byzantinas, a que se haviam tenazmente afferrado.

Nos principios do seculo xv desponta o genio admiravel de frei Angelico, cujas pinturas respiram o extasis, o fervor e o lyrismo christão, illuminando com as suas channas vivas a gloria immortal da escola florentina. Apoz este, surge o vulto grandioso de Masaccio, de quem pôde escrever-se com verdade «que as obras dos seus antecessores eram pintadas, ao passo que as suas eram vivas.» Depois Lippi, o artista que n'aquelle tempo estudou mais a fundo a natureza, tanto na physionomia humana, como nos accessorios das suas obras, nas quaes se imprime já a virilidade da arte. Aproxima-se a época precursora dos prodigios; nasceram os mestres dos grandes mestres, taes como Andréa Verrochio, de quem foi discipulo Leonardo da Vinci; Domenico Ghirlandago, professor de Buonarrotti; frei Bartholomeu, o amigo de Savonarola, Baccio della Porta, e outros.

Se a propaganda revolucionaria (seja-nos permittida esta phrase moderna) começou a arder nas margens do Rheno, lavrou comtudo com pasmosa rapidez por Verona, Padua, e Roma, onde o facho de Giotto deixou traçado um immenso sulco de luz, e o pincel de frei Angelico, no Vaticano, assignalou para sempre a gloriosa passagem do grande artista.

Na capital do mundo christão, que de nomes prestigiosos para a arte surdem de todos os lados! Pedro Cavallini, educado por Giotto, Gentile de Fabriano, Pedro della Francesca, creador da perspectiva, Perugino em fim, o afamado mestre, astro cujo curso brilhante teve o mais feliz occaso, qual foi o dar as primeiras noções da arte a Rafael, o príncipe da pintura.

Em Veneza, Gentile e João Bellini são os esperanças prenuéios d'essa futura pleiada de artistas que se hão de chamar Ticiano, Tintoretto, e Veronez.

Em Parma, floresce nma escola particularista, local, chamemos-lhe assim, a qual se personifica no Corregio e no Parmezão.

Quatro escolas principaes defrontam umas com as outras: a florentina, a romana, a veneziana, a parmezana. A primeira é capitaneada por Leonardo da Vinci e Miguel Angelo, dois genios raros e assombrosos. Leonardo da Vinci, caso pouco frequente nos grandes mestres, mostra-nos duas épocas distinctissimas na sua *maneira* de pintar. Na primeira procura o vigor pelo contraste das sombras, a espiritualidade, o vago scismar pelos jorros de luz sobrenatural, imprimindo um cumho estranho, original no todo das suas composições. Foi d'este seu character que lhe proveio, no parecer de um critico competentissimo, a qualificação do «mais septentrional de todos os pintores italianos». A sua segunda *maneira* «clara, serena, exacta» transporta-nos ás regiões e ao ambiente do meio dia; mas tal era a poderosa influencia do seu estylo primitivo, que já velho, o grande pintor voltou a adoptar-o no seu afamado e bello retrato da Mona Lisa (a Joconde) que tantos de nós temos admirado no Louvre. Em Miguel Angelo a arte italiana attinge a uma grandeza epica. Ora com as côres da pallheta, ora com o scopro do estatuário, Miguel Angelo reproduz na tãla e no marmore os heroes que elle sente tumultuarem-lhe vivos lá dentro. Que typos, que personagens magestosos os seus! Que sublimidade de ideal aquella, que faz com que os

seus vultos não pareçam da raça mortal e acanhada dos homens, e que fiquemos esmagados diante das suas creações colossaes!

Em seguida a Miguel Angelo, o divino Rafael, o poético scismador das Madonas quando adolescente, mas que mais tarde em plena florescencia de imaginação e de genio, faz palpar na tãla as fórmãs mais bellas, e as nudezas mais seductoras, engalanando a pureza mystica das suas pinturas com as mais adoraveis pompas carnaes. Interprete inspirado da natureza em todas as suas relações e affinidades mysteriosas, o seu genio portentoso revestiu-lhe todas as creações com o mais esplendido e sumptuoso ideal. As regiões divinas são-lhe tão familiares como os segredos da natureza, do universo e da alma humana; é em tintas celestes que parece molhar-se o seu pincel, para nos legar essas pinturas, que são ao mesmo tempo o diadema da sua gloria, os melhores brazões artisticos da Italia, e a honra imperecivel do ingenho humano. Quantos nomes ainda para glorificar n'este deficientissimo resumo da historia da arte italiana! Nas obras de Ticiano, por exemplo, como diz Alexandre Lenoir, não ha senão proporções grandes e verdadeira nobreza. As suas carnações são mais bellas e frescas do que as de nenhum outro pintor; o colorido das suas carnes é-tão difficil de imitar como o dos proprios modelos. E Robusti, chamado o Tintoretto, appellido derivado da profissão paterna, o discipulo de Ticiano, colorista vigorosissimo e admiravel, cuja febre de composição immoderada gastou a final as forças e a seiva d'aquella fantasia exuberante? E o Veronez com a sua pasmosa facilidade, com as admiraveis distribuições de luz dos seus quadros festivos, em que respiram ao mesmo tempo a verdade e a naturalidade alliadas com as pompas mais magnificentes e deslumbrantes? E o Corregio com a sua graça unica e a sua molleza deliciosa? E o Parmezão, cujo talento aquecido ao lume do Corregio, mas sazornado pelos soes de Miguel Angelo e de Rafael, o sobe a um logar perfeitamente reservado entre estes dois mestres?

Para não sairmos nem da Italia artistica, nem dos assumptos que ella inspira, e que são inteiramente seus, do seu sol, do seu céu, dos seus montes, das suas aldeias e cidades, e das classes differentes de povo que as habitam, diremos duas palavras do «*Piccolo* e da *Piccola*» epigraphe e gravuras d'este artigo. No rapazito, cujos cabellos abundantes e olhos negros e vivos denunciam a procedencia d'aquelles robustos e vivazes *popolani*, que tão energeticamente tumultuavam nas republicas italianas descriptas por Sismondi, adivinha-se o generoso e rico sangue meridional. Que fórmãs tão desempenadas e sadias! Como a saude e a vida se affirmam cheias de alegre petulancia n'aquella bem travada estructura e como ha de atear-se e lavrar rapido atravez d'aquella carnação opulenta o fogo contagioso e electrico ora das commoções alegres, ora dos lances agitados da vida! Qual será o seu futuro, se lhe lermos attentamente as feições infantis! Resignar-se-ha ás lidas pacificas da agricultura na Lombardia? Irá no futuro engrossar as sombrias phalanges do carbonarismo e das sociedades secretas? Irá sentar praça de vadio, ou deleitando-se em Napoles com o dormir ao relento, ou contentando-se em tomar por alimento algumas colheres de *macarroni*? A colher, que sustem nas mãos, será já o emblema antecipado dos seus destinos de adolescente e de homem feito?

A *Piccola* é uma bella raparigota, cujas faces aveludadas attrahem o beijo, como as alturas attrahem o raio. E que olhos immensos aquelles, em que se presentem atravez do véo humido das lagrimas as tormentas futuras do amor!

Castá, descuidosa de tudo quanto não fôr alegria e folguedos, brincando entre as arvores e as flôres, ora correndo atraz das borboletas não mais ligeiras do que ella, ora colhendo as rosas que minutos depois desfolha com indiferença igual á leviandade com que as cortou da hastea, a *Piccola* é por ora o que são todas as raparigas da sua idade: uma aurora e um enigma. D'aquí a annos o que será? A virtude, ou o vício? A esposa submissa no lar, ou a guerra civil no matrimonio? Aquelles olhos negros de azeviche serão tão sómente o olhar meigo e doce do amor puro, ou incendiar-se-hão com o tempo como os luzeiros das paixões criminosas e infernaes? Adivinhe-o quem puder. Por ora, a *Piccola* balbucia apenas o idyllo da vida, e perfuma-se com o aroma opulento da rosa aberta em manhã de primavera, que sustem na mão com adoravel naturalidade.

Permitta Deus, que o perfume da sua innocencia, — mais constante do que o da flôr, a qual nasce coitada! para morrer horas depois, — a acompanhe na vida, e lhe embalsame a existencia inteira, para que da duração da sua virtude não possa dizer-se o mesmo que o poeta francez dizia da vida ephemera das rosas.

V. DE BENALCANFÓR.

ARCHEOLOGIA

Objectos curiosos encontrados em Roma



AS excavações, que se fazem ao presente em Roma para a construcção de novos bairros, têm-se encontrado muitos objectos dos tempos passados. Daremos a relação de alguns:

Estatua de Baccho maior que o natural. Faltam-lhe um braço, um joelho e o manto. A escultura d'este ultimo era feita em materia diversa do marmore. — Duas estatuas de Tritões, sem a parte inferior e sem os braços. — Preciosa collecção de prendas votivas de barro, representando mãos, pés, pernas, cabeças, visceras, etc. — Busto de Commodo, com os attributos de Hercules, maior que o natural, tendo uma chave na mão direita e os pomos do Jardim das Hesperides na esquerda. A base do busto vê-se ornada com trophéo de armas, esphera celeste com os signaes do Zodiaco e duas pequenas Victorias. — Estatua de rapariga preparando-se para tomar banho, grandeza natural. — Diversos cofres mortuarios da maior antiguidade, que pertenciam ao cemiterio de Esquilino e os quaes continham restos de utensilios italo-gregos da mais bella época. — Collecção de utensilios de cozinha em bronze, entre os quaes figuram caldeiras, caçarolas, etc. — Duas estatuas de mulher, maiores que o natural, revestidas de tunicas. — Cabeça perfeitamente conservada, que parece o retrato de um moço imberbe. — Outra cabeça de divindade feminina. — Dois capiteis elegantes em *opus sectile*.

Enfim, nas excavações do Esquilino, os operarios, ao entrarem no compartimento de uma antiga casa romana soterrada a 15 metros, acharam, espalhados no solo, 22498 moedas romanas do IV e V seculos. Julga-se que estas moedas estavam em um vaso, cujos fragmentos por causa talvez de um tremor de terra fôrão em parte destruidos e com elles a casa. As moedas são, em geral, de cobre, á excepção de duas de prata, e tem pouco valor archeologico.

Em outro ponto, encontraram um enorme peso de marmore preto antigo, que devia servir porventura de padrão para os outros pesos do commercio. N'elle se lê: *Quintus Junius Rusticus*. Este Quinto Junio Rustico era o prefeito de Roma no tempo de Adriano.

Não é o primeiro padrão que têm achado nas excavações, porém é o maior. Sabe-se que os antigos empregavam diversas materias nos seus pesos, porque empregavam ora o bronze, ora o marmore, ora a pedra. A fórma era tambem diversa. Nas collecções dos objectos recentemente encontrados, vê-se uma serie de pesos, cuja fórma é parecida com a que acompanha algumas balanças de pesar cartas. São pesos chatos, que se amoldam uns aos outros e se vão agrupando como uma especie de pyramide. Ha tambem uns pesos da fórma da pera, outros como certas moedas de prata, e outros como queijo. Estes ultimos são de pedra ou marmore.

Outro descobrimento curioso é o de um espelho, á si milhança dos espelhos de barba com punho.

Acharam igualmente uma formosa lampada de bronze sobre pedestal do mesmo metal, com 1^o.20 de altura; 54 objectos de vidro, 73 estyletes e alfinetes; 25 lampadas de barro, 1 de bronze e 1 de chumbo; amethista com gravura representando um bonzo, e cornalina com gravura representando uma cabeça de cavallo.

Finalmente, outro descobrimento interessante para a archeologia é a de um fragmento de vaso de barro da celebre fabrica de Aretium (Arezzo), em que se vê a cruz no fundo. É o primeiro achado que se faz n'este genero e dá logar a que se julgue que a fabricação da ceramica em Aretium durou por largos annos.

A NATUREZA



M gravador, George Doo, ao perpetuar pelo buril o quadro de Lawrence, inserveu por baixo o seguinte distico — a *Natureza*.

Que palavra immensa não é esta! que de cousas que ella traduz, que de phenomenos não comprehende, que de cambiantes que a matisam! — a *Natureza*!

Quem seria o primeiro homem que soltou de seus labios inflammados este verbo assombroso, que resume em si todo o labor intimo, tudo o que o pensamento abrange?

É todavia nada ha mais vago, mais indetimivel e indefinido que estas quatro syllabas assim agrupadas.

Que se quer representar por esta idéa? Onde estão os limites da sua significação?

O infinitamente grande e o infinitamente pequeno, o real e o ideal, o tangivel e o invisivel, o positivo e o mysterioso, tudo cabe no pequeno ambito d'esta palavra. É um abysmo como o coração humano, onde se aninham e crescem e tomam a mais gigantea estatura as paixões e os sentimentos.

Para uns a *Natureza* é o Cosmos, o conjuncto admiravel de todos os seres; a harmonia das espheras; a linha azul do firmamento, curva como as linhas do coração; a terra no meio dos astros como um diamante no meio de um anel; o homem no centro dos mundos, como o éolo dominador, a chave de segredo de toda a cadeia da existencia.

Para outros, a *Natureza* é o poder subtil, ethereo, que não é propriamente a luz do sol, nem a attracção dos astros, que não tem por habitação especial nenhum planeta, como os deuses da mythologia; uma vontade suprema, uma intelligencia sem limites, uma entidade superior a tudo.

superior ás leis do universo, para quem o tempo é momento, para quem o infinito é uma idéa inteiramente absoluta.

Para aquelles a Natureza é a luz, a electricidade, o movimento enfim, esta fórma suprema da materia, na qual todas as outras se vem traduzir, como se elle fóra o fecho da abobada, da qual todas as outras não são senão representações secundarias.

engrandece pela justiça. É isto que em si proprio é um problema e que, não obstante, procura resolver todos os problemas, decifrar todos os mysterios.

Ah! e que Natureza é esta que o gravador imaginou existir no quadro de Lawrence?

É o mimo das fórmas, é a bondade dos sorrisos, é a intelligencia do olhar, é a despreocupação das creanças,



A Natureza

Para estes a Natureza é uma cousa que, apesar de existir dentro em nós, ainda se não pôde avaliar como o calor pelo thermometro ou como as metamorphoses do insecto pelo microscopio; poder maravilhoso que se vae desenvolvendo e accumulando de seculo para seculo e cujas faculdades sublimes se chamam Aristoteles, Homero, Eschylo, Phidias, Euclides, Copernico, Newton, Colombo, Galvani, Rafael, Cuvier, Lavoisier, Leibnitz, Shakspeare e Victor Hugo. É o espirito humano enfim, que se eleva pela invenção, que se expande pelo amor, que se aperfeiçoa pelo bello, que se fortalece pelo trabalho, que se

é a flôr humana, a flôr da infancia, a mais bella de todas, porque tem em si um perfume immorredouro — a alma.

Foi esta a Natureza, que o gravador descobriu no quadro de Lawrence, e esta descoberta e esta comprehensão são a mais brilhante apothecose do grande pintor inglez.

E todavia sir Lawrence não quiz mais que pintar dois corposinhos delicados, não quiz mais que fazer o retrato de duas creanças, os filhos de George Calmady.

Abençoado quadro, abençoado retrato que, ao vê-lo, nos faz gritar com o artista — a Natureza!

SOUSA VITERBO.



O barbeiro turco

O BARBEIRO TURCO



quadro de Bonnat, de que este periodico dá hoje a gravura, é, em nossa humilde opinião, uma verdadeira obra prima. Póde-se citar esta composição extremamente simples como tendo attingido os fins que se propõe a grande arte moderna.

É um quadro *realista* na acceção philosophica, no puro sentido prouddoniano d'esta palavra tão calumniada infelizmente pela critica, tão erradamente comprehen-

dida pelo vulgo.

É lastimoso que, depois de tão profundos estudos como os que n'este seculo se têm feito ácerca do principio, da missão e do ideal na arte, o publico se ache tão pouco esclarecido, principalmente em Portugal, que muitos supponham ainda que o realismo na pintura, filho do naturalismo flamengo, tomado por Courbet como divisa de escola, é a baixa e grosseira idolatria da fórma na sua expressão mais plebeia, mais trivial e mais impudica!

Perdoem-me os legítimos artistas, perdoem-me os verdadeiros criticos, perdoem-me os estudiosos, se eu tomo a liberdade de me dirigir aos que não pertencem á arte, nem á critica, nem ao estudo, para lhes dizer: Não, meus senhores, o realismo não é o que vós julgaes. E todavia é de vós outros que procedem frequentemente os juizos que condemnam ou que glorificam perante a opinião as obras da arte! O vosso erro, a vossa ignorancia são estorvos funestissimos aos progressos do espirito. É certo que vós não podeis fazer com que succumba a verdade, que é immortal, mas fazeis muita vez com que temporariamente ella se suspenda ou retrograde no seu caminho para a consciencia. D'este modo perturbaes e comprometteis o principio da collectividade das idéas, que constitue a condição essencial do meio artistico. Julgar mal um quadro bom é tão triste como não ter senão um quadro pessimo. Um critico illustre dizia que um povo lucra menos para a arte em ter um pintor de genio do que em possuir mil individuos que saibam desenhar mal.

O realismo é o resultado na arte das leis achadas na philosophia moderna para o regimen de todos os factos sociaes.

Assim como não ha ideal sem idéas, assim tambem não ha esthetica sem philosophia. Ao positivismo philosophico corresponde a arte realista.

A obra do realismo tende principalmente a exprimir-nos a subordinação do talento á intelligencia e á razão, o dominio das forças mentaes sobre a inspiração e sobre o sentimento.

O realismo é a mais poderosa e violenta negação do velho principio tonto da arte pela arte. Pintar por pintar — já o dizia Chenavart — presume no pintor exactamente a mesma dose de merito que se requer no dançarino.

O rei Luiz Philippe referia que o sr. de Villemain começava por fazer uma phrase e ia depois procurar uma idéa para lhe metter dentro. O realismo suppõe a preexistencia da idéa, anterior á escolha do signal graphico que tenha de represental-a. Ao inverso do sr. de Villemain, um realista tem sempre, antes da preoccupação da fórma, o pensamento de um fim. Todavia o realismo não destroe por esse modo a idealidade. Pelo contrario.

Nas artes plasticas e nas do desenho chamam-se idealistas os que idealisam. — O quê? — Unicamente uma coisa: a fórma. Realistas são aquelles que por meio da realidade formulam. — O quê? — A idéa.

Eis a differença.

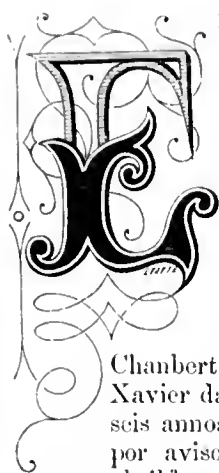
O quadro de Bonnat apresenta-nos duas simples e singelas figuras, primorosamente pousadas, surprehendidas na plena sinceridade da sua natureza, no acto mais trivial da vida.

Aos meus olhos o quadro não me dá senão o barbeiro turco, no exercicio das suas funcções, defronte do seu cliente, de mãos á obra, sob um esplendido raio de luz scintillante e quente. Ao meu pensamento porém essas duas figuras representam-me o Oriente em todo o rigor da sua historia; representam-m'o mais expressivamente, n'uma synthese mais viva e mais palpitante do que a immensa paisagem fulva e arenosa com as pyramides ao fundo, com as mesquitas rendilhadas, com a recua dos dromedarios, com os minaretes tartaros, com os esbeltos e nervosos cavallos empinados, clina ao vento, penacho pendente das barbellas, meias luas de ouro suspensas dos peitoraes: — espectáculo rico de lithographia barata, pompa de circo olympico, perspectiva de panno do fundo.

O meu Oriente é n'esta pequena loja de barbeiro que eu o sinto. O meu Oriente é aquelle musulmano que ali está encruzado, de pés descalços, abraçado ás pernas, com a face entre os joelhos, de cabeça pendente, deixando-se rapar. É o verdadeiro indigena do paiz entre cuja mobilia se desconhece a existencia das mesas e das cadeiras, em que se ignora o sentido europeu da palavra conforto: por unica ornamentação n'aquelles muros, uma bacia e uma navalha pendurada n'um prego. É n'aquella mesma posição que elle come, que fuma, que medita, que lê, que escreve, que copia o alcorão, collocando o papel sobre o joelho esquerdo e tendo ao lado a taça com o algodão embebido em tinta onde molha a sua grossa penna de um só bico, feita de cana das margens do Euphrates; é assim que elle ama a circassiana que trouxe de Stambul para lhe tocar castanholas; é ainda assim que elle viaja no dorso do camello branco, guiando entre Jerusalem e Babylonia a caravana que traz ao commercio os tapetes da Persia e as jóias de Damasco. Alguns dos seus avós vieram para o Occidente, pelo caminho das cruzadas, e, ou seguiram, ou promoveram o movimento geral da civilisação europea. Elle ficon na patria guardando a primitiva simplicidade patriarchal, grave, simples, imperturbavel. Não sabe talvez quem foi Pedro Eremita ou Godofredo de Bulhões. A civilisação europea já lhe deu mais do que elle precisava para as exigencias do seu espirito menos curioso que contemplativo; deu-lhe a philosophia aristotelica, a imprensa, a geometria de Euclides. De resto contenta-o o que tem de casa: na philosophia Averrhoes; na medicina Avicena; na historia, na jurisprudencia, na poesia, no romance, milhares de cultores que têm illustrado a litteratura ottomana. Para a instrucção tem as mesquitas, em que se aprende a lingua, os dogmas e as leis. Para as suas relações com a natureza e com a divindade, tem o seu astrologo imperial e tem o alcorão. Para o amor tem o serralho.

Bonnat achou n'este quadro a expressão typica, ethnographica, physiologica do seu personagem. Aquelle homem não é um turco, é a Turquia. Essa modesta loja de barbeiro é pagina pittoresca da vida de um povo, é a historia de uma raça aninhada em uma das mais bellas regiões do globo, debaixo do enorme peso de dez seculos de fanatismo e de escravidão.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação) ¹

M 1 de abril de 1803 informa o desembargador corregedor de Belém que ultimou a questão acerca das casas do francez Luiz Chambert, a fim de serem entregues as chaves ao primeiro pintor da corte D. A. de Sequeira; sendo as condições de Chambert que se lhe deviam pagar em cada anno vinte e cinco moedas de ouro, sem obrigação para elle de abonar despeza alguma com o concerto e arranjo das casas, e a renda adiantada de dois annos, «por elle Chambert ter feito o mesmo ao senhorio Antonio Xavier da Serra, a quem as havia arrendado por seis annos²». Estas condições foram approvadas por aviso do Real Erario em data de 22 de abril³, no qual se vê que eram as casas destinadas para *academia de pintura*. Pouco depois arrendaram-se ao mesmo Chambert outras casas e umas lojas contiguas pela renda annual de 100\$000 réis para deposito das drogas da academia⁴. Estes predios eram ambos situados no pátio de D. João.

Funcionou esta academia. Tinha até empregados menores, era seu porteiro Vicente José de Araujo⁵. Apesar, porém, das minhas diligencias não pude alcançar informações algumas sobre os trabalhos que n'ella foram executados. As colleções de desenhos e esboços ou se perderam, ou existem nas arrecadações da Ajuda, onde se conserva grande numero de quadros, a maior parte sem valor e quasi todos pertencentes a esta época. Examinando estas arrecadações, encontrei ali muitos trabalhos de Foschini e da sua gente, mas nenhum que apparentasse ser do tempo em que Sequeira dirigia a pintura. É fóra de duvida que esta academia não produziu os resultados que d'ella se deviam esperar. Além dos tres artistas já indicados, não me consta que ali trabalhassem outros, debaixo da direcção de Sequeira, a não ser Joaquim Gregorio Rato e Antonio Faustino⁶. No archivo das obras da Ajuda não encontro referencia alguma a esta academia fóra as que deixei indicadas. Presumo pois com bons fundamentos que a sua vida foi debil e ephemera. Os testemunhos dos poucos contemporaneos que ainda pude consultar, são concordes em affirmar que Sequeira prestou sempre pouca attenção a esta aula creada sob seus auspicios. Ou fosse pelas commissões e encargos que logo em seguida teve a desempenhar, ou fosse por não sentir junto a si verdadeiras vocações artisticas que o incitassem a consagrar-se mais á direcção d'aquelle instituto, ou fosse ainda porque se não coadunavam com o seu genio trabalhos que requeressem perseverança e firmeza de proposito, é certo que não achámos nas produções da escola da Ajuda impresso o cunho que deveria caracterisar uma obra a que mettesse mãos o nosso illustre artista.

Um dos grandes defeitos da indole de Sequeira, defeito que até certo ponto procede apenas do abuso de uma

grande qualidade, era a promptidão no enthusiasmo, o arrebatamento na concepção da idéa, seguido quasi desde logo de um grande desanimo na realisação da mesma. Inflamava-se facilmente, arrebatava-se com uma promptidão que indicava grande vigor nas faculdades imaginativas, mas não sabia depois entregar-se ao trabalho lento, perseverante e por vezes custoso, que deveria assegurar-lhe a realisação do que primeiro delineara. Já tive occasião de referir mais de um exemplo d'esta feição do seu caracter. Quando, voltando de Roma, intentára desempenhar o papel de reformador da arte portugueza, desanimou perante os obstaculos que lhe embargavam o passo; não soube então vencel-os e refugiou-se na Cartuxa. Ali permaneceu apenas o tempo necessario para se lhe apagarem de todo as impressões que o haviam atirado ao ermo. Quando, saindo de lá, achára finalmente ensejo para realisar o sonho, que, poucos annos havia, tão carinhosamente allagára, não soube ou não pôde aproveitar o ensejo para de um modo perduravel encaminhar devidamente a arte portugueza.

A sua influencia nas obras da Ajuda foi portanto de mui pequena monta. Creio mesmo que pouco tempo consagrou á direcção d'aquelles trabalhos durante os annos em que d'elles foi incumbido. Fez, ao que parece, alguns desenhos, um dos quaes, pelo menos, foi executado n'um tecto do pavimento inferior onde são hoje os aposentos reais. Racksynski¹ ainda viu este tecto que já hoje não existe, por ter sido transformada a ornamentação da sala em que elle estava. Na opinião do illustre historiador allemão era trabalho de pouca importancia. Entre os innumerados desenhos de Sequeira que tenho examinado nenhum encontrei com referencia ás obras da Ajuda, cuja decoração foi principalmente executada quando Foschini e Taborda vieram substituir o nosso pintor na direcção da pintura d'aquelle paço. Além d'aquelle tecto completou tambem a decoração de uma das salas do paço representando a historia de Afonso Henriques. Estes quadros, executados sobre tela, foram transportados para o Rio de Janeiro, por occasião da viagem d'el-rei D. João VI, e ali se conservam conjuntamente com a rica bibliotheca que o mesmo soberano consigo levou.

Não vi estes quadros; mas com isso nada perderá o leitor, porque a descripção que lhe vou dar é da penna do illustre brasileiro o sr. Porto Alegre, hoje barão de S. Angelo, e consul geral do Brasil em Portugal, que se dignou obsequiar-me com a seguinte informação: «A visão no campo de Ourique é obra de grande machina, de vasta composição, de luz quente, e de grande effeito. No alto, entre nuvens doiradas, está Christo crucificado, rodeado de anjos; no centro, sobre throno elevado, está o rei vestido de aço, a pé, olhando extasiado para o céo. Os guerreiros e os cavallos são de bom desenho, colorido, e toque. Apesar de ter sempre ouvido dizer aos pintores portuguezes que aquelle painel era de Sequeira, nunca me convenci. O desenho, colorido, e toque da gloria em nada se assemelham ás obras que vi d'elle depois que veio de Roma. O pincel é robusto, o toque largo, o empaste franco, e o colorido vigoroso e pendendo para o vermelho. Para mais me convencer, estive na sala immediata dois paineis que em tudo mostram ser obra de Sequeira. Na consulta do conde D. Henrique sobre a gravidez da infanta sua esposa, tudo é assetinado, tudo é claro e transparente. A cabeça do monge é obra divina como pincel, apesar de que a sua physionomia seja bem humana. O burel parece de setim porque todas as roupagens são setim. As tintas são claras e transparentes e as attitudes

¹ Vide os n.ºs 5, 6, 7, 8 e 9.

² Archivo das obras da Ajuda, pasta n.º 91.

³ Arch. cit., liv. 34.

⁴ Ibidem, pasta n.º 78.

⁵ Ibidem, liv. 34.

⁶ Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 151.

¹ Lettres, pag. 267.

nobres e simples. O outro, o do baptismo do infante, é do mesmo genero em tudo, mas não tem fundo, porque Sequeira evitou o trabalho da perspectiva com alfaias e côres claras esfumadas. Na galeria de S. Christovão ha uma allegoria que representa D. João VI sobre nuvens, circulado de figuras diversas. Este painel é do penultimo estylo de Sequeira e contemporaneo das figuras mythologicas pintadas por elle na sala chamada da audiencia em Mafra; tem o mesmo brilho e viveza de colorido, apezar de que o desenho não tenha estylo. Os primeiros paineis foram reparados pelo professor Mafra, na terceira restauração do paço da cidade¹.»

O collega que fôra conjunctamente nomeado com Sequeira primeiro pintor da camara pouco tempo exerceu este logar. Todos sabem que Vieira Portuense, atacado de molestia que não costuma perdoar, morreu, na ilha da Madeira em 1805, quando apenas tinha 40 annos; deixando portanto a Sequeira todo o encargo de uma direcção que primeiro fôra dividida pelos dois. Tenho por vezes ouvido referir e é mesmo tradição que aos olhos de muitos tem fôro de verdadeira, que se haviam dado entre estes dois artistas deploraveis rivalidades, que no dizer de alguns apressaram a morte do infeliz Vieira. Eu por mim confesso que não pude tirar a limpo a verdade d'este caso; comtudo não me parece que seja exacto quanto a semelhante respeito se ouve narrar. É possível que entre os dois houvesse mais de uma discussão acerca das obras que lhes estavam commettidas: é de erer cada um ter querido impôr ao outro a sua opinião; nem pôde estranhar-se que assim acontecesse, pois era o resultado infallivel do dualismo que na direcção suprema das pinturas da Ajuda se havia estabelecido. Não esquega porém que ambos os artistas se achavam collocados a par no mais elevado grau official da arte portugueza. Poderiam portanto competir em questões de arte, disputar entre si primazias para fazer aceitar cada qual o seu parecer, mas não podiam nunca renhir para conquistar uma posição que ambos já tinham segura. Não esquega tambem, como já disse, que o regulamento para as obras de pintura, providenciando até um certo ponto para o caso de completo desacordo entre os artistas, havia determinado que a pendencia, quando a houvesse, fosse levada ao conhecimento do principe, para elle a resolver como lhe parecesse. Nos livros e documentos do archivo das obras da Ajuda, deveria por certo constar alguma dissensão séria, que por ventura tivesse havido entre Vieira e Sequeira; nada porém encontro a este respeito, antes, nos poucos officios de Sequeira que n'aquelles livros estão registados, vejo que procedia de accordo com o seu collega. Creio pois que é menos bem fundada a tradição que referi, e que se acaso houve entre os dois desencontro de opinião, que não podiam evitar-se, nunca porém chegou a haver occorrencias desagradaveis, que apressassem a morte de Vieira.

Na galeria dos condes de Anadia existem dois quadros que, segundo uma tradição, foram feitos em competencia por Vieira e Sequeira. O do primeiro representa Philippa de Villena armando seus filhos cavalleiros; não tenho que tratar d'elle n'este logar porque é bem conhecido pela lithographia que o sr. Novaes fez ha annos, para a Sociedade promotora das bellas artes. O de Sequeira representa Martim de Freitas entregando as chaves do castello de Coimbra a D. Affonso III. É uma vasta composição que se desenrola n'uma tela de mais de tres metros de comprido por cerca de dois em altura. Contém

grande numero de figuras na pouco feliz dimensão de dois terços do natural; a composição é fria; o desenho por vezes incorrecto e a côr em geral desharmonica; o claro escuro porém está bem entendido e algumas cabeças, que sem duvida foram estudadas do natural, distinguem-se pela correcção do desenho e verdade da expressão. Não posso demorar-me em descrever miudamente este trabalho, que, no seu todo, não revela grandes progressos em relação aos quadros da Cartuxa, a não ser talvez na technica. É evidentemente mais naturalista; a composição, apesar de affectada e um pouco confusa, procura ser verdadeira; não ha vestigios alguns do estylo dos macthiantes, mas tambem, forçoso é dizel-o, está longe da severidade e da sobriedade que o assumpto requeria. Tenho para mim que o quadro de Martim de Freitas foi executado pouco tempo depois da saída da Cartuxa. Vejo n'elle as mesmas hesitações que indiquei quando descrevi estes trabalhos, e que se resumem, como eu então disse, n'um certo acanhamento, que bem mostram que Sequeira não conseguira ainda ter um estylo definitivo e proprio.

A posição eminente que Sequeira tinha na Ajuda, dava-lhe não só consideração o importancia senão tambem uma remuneração que, mesmo em nossos dias, se poderia considerar avultada. Tinha de ordenado 2:000\$000 réis annuaes, o qual accumulava com a pensão que recebêra á sua volta de Italia, e com outras gratificações pertencentes aos cargos que successivamente lhe foram conferindo. Poucos mezes depois da sua nomeação de primeiro pintor, foi escolhido pelo principe regente para mestre de desenho dos infantes; este logar não tinha ordenado, mas dava a quem o exercia o privilegio de ter a seu serviço uma sege montada da casa real. Por decreto de 12 de janeiro de 1805 foi nomeado cavalleiro da ordem de Christo, e por alvará de 28 do mesmo mez e anno lhe foi conferida a tença de 12\$000 réis annuaes, na forma costumada¹, «sendo dispensado nas provanças e habilitações de sua pessoa, e de apresentar quaesquer certidões e folhas corridas².» Pouco depois, havendo sido reformada a Academia de marinha e commercio do Porto, por alvará de 29 de julho de 1803, foi Sequeira nomeado, pela carta regia de 8 de maio de 1806, director da aula de desenho e pintura d'esta academia. Tornamos aqui a encontrar uma fundação devida ao zêlo e incansavel diligencia da junta da administração da companhia geral de agricultura do Alto Douro. É de lêr-se no sr. Silvestre Ribeiro³ a historia da fundação e progressos d'aquelle utilissimo instituto, que hoje se acha transformado na Academia polytechnica do Porto, devendo notar-se que una das tres aulas creadas por decreto de 27 de novembro de 1779, a instancias da já mencionada junta foi a de desenho e debuxo, sendo seu primeiro lente Antonio Fernandes Jacomo. D'esta aula dá miuda e interessante conta a junta de administração em 19 de junho de 1785 ao presidente do Real Erario, que então era o marquez d'Angeja. Em 1803 foi esta aula encorporada na Academia real de marinha e commercio, determinando-se que n'ella se deveria ensinar o desenho de marinha, a tirar plantas de costas, vistas de ilhas, cabos, etc., e de navios com todos os seus pertences e a desenhar cartas geographicas. O sr. Silvestre Ribeiro, no seu trabalho já citado, e em que tão miudamente vae narrando todos os factos que dizem respeito aos estabelecimentos de que trata, não

¹ Archivo da torre do tombo. Chancellaria da ordem de Christo. D. Maria I. Liv. 42, fl. 106 e 157, e liv. 36, fl. 173.

² Archivo citado. Habilitações da ordem de Christo; letra D, maço 10, n.º 20.

³ Historia dos estabelecimentos scientificos etc., vol. II, pag. 67, e 387 e seguintes.

¹ Informação manuscrita do sr. barão de S. Angelo, em meu poder.



W. H. R. V.

O DENTISTA.

refere a nomeação de Sequeira para director d'aquella aula. Não posso porém duvidar que elle exerceu esse logar, porque no requerimento dirigido pelo nosso artista aos governadores do reino em 25 de outubro de 1808, requerimento cuja minuta original tenho á vista e a que mais ao diante terei de referir-me, elle proprio o declara, accrescentando que o ordenado d'este logar era de réis 600\$000 annuaes, pagos pela companhia geral de agricultura das vinhas, e que deveria ir cada anno passar tres mezes no Porto para superintender a aula de que era director.

Permitta-se-me que abra aqui um parenthesis, curto para não estender leitura, porque demasiadamente longo vae já este trabalho, e que note uma vez ainda a differença dos tempos. Qual é hoje o artista que em Portugal, por mais elevado que seja o seu valor, por mais subido que seja o merito, possa nem sequer esperar uma remuneração que ao longe se pareça com os ordenados e lueros que Sequeira reunia? Posições officiaes não as ha hoje para os artistas no nosso paiz, a não ser os poucos logares de professores nas academias de Lisboa e Porto; e estes mesmos tem ordenado inferior ao que Sequeira percebia como director da aula de desenho. Note-se ainda que, além das gratificações officiaes que recebia, era remunerado especialmente por todos os trabalhos que executava e que podia aceitar commissões de particulares, como o prova o quadro da galeria Anadia. Calo as muitas reflexões que me acodem ao meditar n'esta differença de tempos. Menciono o facto, cito algarismos; e por ser laconico não creio ser menos expressivo.

N'esta época da sua vida, Sequeira executou bastantes trabalhos. Afóra os que porventura fez para o palacio da Ajuda, delineou e dirigiu alguns no de Mafra. Na collecção do sr. José da Costa Sequeira, sobrinho do grande pintor, collecção que hoje existe na Academia real das bellas artes, ha os desenhos originaes de uns baixos relevos pintados a claro-escuro n'uma das salas de Mafra. Os desenhos são de Sequeira, a execução dos quadros de um dos seus discipulos, ignoro qual. Representam episodios da historia de Portugal; a composição é grandiosa, e desenvolve-se larga e francamente n'um estylo severo que pela primeira vez encontro no nosso artista. Não fallarei da execução porque não vem ao caso, por ser de mão estranha. D'outros trabalhos farei menção quando chegar a occasião opportuna, por não querer interromper a biographia do artista com amudadas descripções das obras do seu pincel.

Uma excepção farei contudo. N'uma das salas da Ajuda ha um retrato de D. João VI, que tenho na conta de um dos melhores trabalhos de Sequeira. É assignado e datado de 1803. O quadro é de breves proporções, pois não terá mais de um metro em altura e proxímanente cincoenta centímetros de largo. O principe regente, montado em um cavallo branco, dirige-se a passar revista ás tropas que muito ao longe se enxergam debaixo de fôrma. O principe está de perfil, levantando o cavallo n'um passo largo e magestoso. Não sei qual deva louvar mais, se a excellencia do desenho, se a harmonia do colorido. A composição está muito bem entendida; destaca-se a figura do principe regente em plena luz, largamente modelada e muito cuidadosamente desenhada; por fôrma que, quando se olha para o quadro, parece estar-se vendo uma obra do genero historico e do tamanho natural, e não um trabalho que por suas dimensões deveria chamar-se miniatura. Tal é o effeito que produz a largueza do estylo e a franqueza do toque. Quanto á côr, basta-me dizer que o principe veste farda encarnada, calção amarello e bota preta, e monta um cavallo branco, e que no meio d'esta

diversidade tão grande de tons, ha no quadro uma harmonia geral que a todos funde n'um complexo eminentemente agradavel e transparente. Duas figurinhas a cavallo que se vêem no segundo plano, estão tocadas, bem como o fundo do quadro onde se perfilam as tropas, com uma delicadeza e transparencia, que lembram as ultimas produções do pincel de Sequeira. Em resumo, este retrato, exceptuando tão sómente alguma dureza nos contornos da cabeça, é uma obra de todo o ponto perfeita e que em nada se parece com os outros trabalhos de Sequeira executados anterior ou contemporaneamente. Na segunda parte d'este estudo, quando chegar a occasião de apreciar em si mesmo o talento de Sequeira, buscarei explicar a razão por que tanto se distancia dos outros trabalhos do nosso pintor, este cuja resumida descripção ahí deixo escripta. Para terminar este assumpto resta-me accrescentar que o sr. José Ricca, acreditado negociante da praça de Lisboa, possui uma excellente copia, ou talvez repetição d'este retrato, do qual apenas se distingue por ser um pouco mais dura e ter menos perspectiva aerea.

As occupações artisticas de Sequeira não lhe tomavam o tempo todo. Apesar da direcção das pinturas do palacio da Ajuda, das lições de desenho aos filhos do principe, da inspecção que tinha de exercer sobre a aula de desenho na Academia do Porto, e da execução dos differentes trabalhos que lhe eram commettidos, a sua indole vivissima e irrequieta permittia que tratasse tambem de assumptos de todo o ponto alheios ao seu habitual modo de vida. Assim é que encontrámos o seu nome vinculado a uns estabelecimentos bem conhecidos de todos os libanenses, que usando d'elles quotidianamente nos mezes de estio e outomno, ignoravam como toda a gente até agora, que os deviam ao immortal auctor do «descimento da cruz». Fallo nas *Barcas de banhos* que foram inventadas por Sequeira no anno de 1804, como prova o alvará de privilegio, que por ser curioso vae transcripto na sua integra na nota abaixo¹. Esta noticia é interessante, e até aqui inteiramente desconhecida. Mostra a grande actividade de espirito de Sequeira, que em meio de seus importantes trabalhos artisticos, se applicou em introduzir um melhoramento que, na verdade, era de grande conveniencia publica, como se depreheende das queixas que algumas relações de viagens feitas em Portugal, por aquella época, contêm contra a fôrma, realmente primitiva, com que homens e mulheres se banhavam promiscuamente e a todas as horas do dia, offerecendo o mais indecoroso espectaculo a quem passava pelas margens do

¹D. João, etc. Faço saber que Domingos Antonio de Sequeira Me representou em sua petição, que sendo publicos os incomodos e inconvenientes que soffria todo o povo em tomar os banhos do mar, a indecencia a que se expunhão particularmente as mulheres, como igualmente as desgraças que todos os annos succedião de mortes, por não terem os comodos proprios para os ditos banhos; todos estes motivos o fizeram pensar seriamente sobre o modo mais polido e seguro para se tomarem os banhos do mar; tivera a honra de apresentar-me o modo para as embarcações de banhos construidas com quartos, de maneira que com toda a comodidade, decencia e sem perigo, podesse cada pessoa privadamente aproveitar-se de hum comodo que por todos os principios vinhão a ser muito uteis e muito mais por haverem embarcações separadas, humas só para os homens e outras para as mulheres. Me pedia fosse servido conceder-lhe o Privilegio por vinte annos para que pessoa alguma podesse construir neste Reino embarcações de banhos; e attendendo ao que o supplicante representou. Hey por bem conceder-lhe o privilegio exclusivo por tempo de vinte annos para que elle possa sómente durante este tempo fazer construir e ter as embarcações que inventou para o uso dos banhos; e esta Provisão se cumprirá como n'ella se contem etc., etc. 3 de Novembro de 1804.

(Archiivo da Torre do Tombo, Chanc. de D. Maria I. Liv. 72. f. 250 v.º)

Tejo. Ignoro o uso que Sequeira fez d'este privilegio, se porventura o vendeu, se por sua conta o explorou, ou se pelo contrario permittiu que a concessão que obtivera caísse no dominio publico. O que é certo é que por esta invenção não logrou augmentar muito sua fazenda, poisque do requerimento que já citei e que em 25 de outubro de 1808 dirigiu á regencia, se torna evidente que eram seu cabedal unico os ordenados que percebia.

(Continua.)

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

THEATRO DOLOROSO.

Ao seu amigo Rangel de Lima

Quando se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrimosa estatua da amargura.

Dos céos a curva era tranquilla e pura,
Das gementes aleyones o bando
Via-se ao longe em círculos voando
Do oceano sobre a cérula planura.

Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedera, astro mavioso,
De alvor banhando os alcantis das fragas.

E aquella pobre mãe não dando conta,
Que o sol morrera, e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas...

Pintens.

GONÇALVES CRESPO.

THEATROS

DURANTE a presente época theatral, é esta a primeira vez que as —*Artes e Letras* fallam dos espectaculos publicos de Lisboa. Não deve causar estranheza o silencio guardado pela nossa folha sobre materia de que tão amindadas vezes se tem occupado; justifica-o a mingna de novas composições originaes estrejadas no começo da época, a pouca importancia dramatica das traducções, e o mediano acolhimento que mmas e outras merecidamente receberam das platéas mais cultas.

Todavia, apesar da insufficiencia dos espectaueulos, a concorrencia de espectadores nos theatros nunca afrouxou; pelo contrario, notava-se com aprazimento que era maior do que em alguns annos anteriores, o que denuncia que a boa disposição do publico para as peças declamadas, va augmentando consideravelmente. Symptoma de adiantamento é este com que muito devem folgar, de certo, os que vêm no theatro — no theatro bem dirigido, entende-se — antes uma instituição destinada a educar e moralisar agradavelmente o povo, do que simples passatempo sem alcance nem séria utilidade.

O theatro de D. Maria II foi, ao principio, o mais concorrido, não obstante lhe haverem caído quasi todas as peças novas. Ao reportorio antigo, exclusivamente a elle, deveu, portanto, a boa fortuna que nos primeiros tempos o acompanhou.

A empresa teve a louvavel idéa de reproduzir algumas peças originaes já vistas, taes como o — *Pedro*, do sr. Mendes Leal; o — *Canões do Rocio*, de Feijó; o — *Frei Luiz de Sousa* e as — *Prophécias do Bandarra*, de Garrett; o — *Jogo*, do sr. E. Biester. Não se deu mal com a lembrança; a critica teceu-lhe devidos louvores por tirar do esquecimento composições nacionaes que deviam andar sempre na memoria do publico, e este correu pressuroso a vê-las e a applaudil-as.

D'estas cinco peças a que despertou, principalmente, geral curiosidade, foi o — *Frei Luiz de Sousa*, a obra prima do cantor

de — *D. Branca*, a jóia mais valiosa do theatro portuguez, dada em primeira representação no beneficio da actriz Virginia, formoso talento de tal modo robustecido pelo estudo, que não ha já em o nosso theatro quem no seu genero o iguale.

A critica foi talvez demasiadamente severa com o desempenho da celebrada peça de Garrett, accusando os principaes actores de a não haverem interpretado tão primorosamente quanto ella merecia. Effectivamente, o desempenho do — *Frei Luiz de Sousa*, drama filiado n'uma escola ha muito proscripta do nosso theatro, resentiu se um tanto da carencia de educação artistica dos nossos modernos actores, para composições d'aquella ordem. Habitudos a peças trajadas á actualidade, nas quaes o dialogo familiar e espirituoso consideravelmente diversifica da classica e tragica linguagem das antigas obras dramaticas de cunho, os modernos actores portuguezes acham-se ollegados por aquelles fatos que lhes são estranhos, perplexos na reprodução de costumes que não são os seus, titubeantes no dizer de phrases a que o emphase e o tom declamatorio que o publico não lhes supporta nas peças da actualidade, cabe mais de molde do que a pronunciação vulgar e *conversada* que elles têm procurado aprender.

Mas nem por isto o desempenho do — *Frei Luiz de Sousa*, foi, na minha opinião, desdouro para a peça, nem para os actores que a interpretaram. Santos no papel de Manuel de Sousa Continho, e Emilia Adelaide no de D. Magdalena de Vilhena tiveram scenas inteiras em que sustentaram os creditos do seu grande talento; Virginia foi sempre a encantadora Maria, aquella sublime creação, mais celesteal do que terrestre, meiga e suave nas intimas conversações dos primeiros actos, vehemente e sentimental no difficil lanceo do ultimo; finalmente, Theodorico e Antonio Pedro representaram com dignidade os papeis de D. João de Portugal e de Telmo Paes.

Foi esta, pelo menos, a impressão que me ficou da primeira noite em que o drama subiu á scena, noite de festa e de gloria para a actriz a quem coube a subida honra de apresentar na occasião unica em que lhe é licito escolher o espectaculo, a composição mais extraordinaria do theatro portuguez.

José Carlos dos Santos, o nosso primeiro actor dramatico, realison o seu beneficio com uma nova peça original do fecundo escriptor o sr. Pinheiro Chagas. A peça intitula se — *O drama do povo*. Tem quatro actos, prologo e epilogo. *O drama do povo* não é, de certo, a melhor composição dramatica do illustre escriptor; tem, contudo, qualidades litterarias muito apreciaveis, e no terceiro acto revela os seguros conhecimentos que o auctor possui dos effeitos theatraes. A acção do drama passa-se no tempo da invasão franceza, alcançando o epilogo ao dia da entrada das tropas liberaes em Lisboa.

A peça termina por uma vista do Terreiro do Paço e de parte da cidade de Lisboa, tomada da esplanada do castello de S. Jorge. Esta vista produz optimo effeito, e é pintada com muito acerto pelos srs. Procopio e Lambertini.

Santos obteve, em a noite da sua festa, a mais brillante ovação, não só pelo talento com que desempenhou o difficil papel que lhe pertence, mas porque os seus admiradores, que eram todos os que enchiam a casa, quizeram demonstrar-lhe o lisonjeiro conceito em que tem o seu esplendido talento. Virginia representou com muita arte o seu papel de camponesa, por ventura o mais trabalhoso do drama, fazendo a scena da morte, no quarto acto, com inexcédível primor. Antonio Pedro foi completo na parte que lhe coube. Carolina Faleo desempenhou muito bem o papel da condessa que tão facilmente se rendeu ao poder de Junot. Correcta na dicção, conservando sempre o porte nobre e gentil de verdadeira fidalga, soube tirar o melhor partido do seu interessante papel. Amelia Vieira, César de Lima, Theodorico, Alvaro e os demais actores interpretaram acertadamente os diversos papeis de que foram encarregados. A peça tem algum apparatus, e deve chamar concorrência ao theatro.

Do sr. Maximiliano de Azevedo representou-se no mesmo theatro a comedia original em um acto — *A vida airada*, quadro de costumes bastante acanhado para o desenho dos personagens que formam o enredo. A comedia tem, contudo, algumas scenas bem imaginadas, que o publico applaudiu sem favor.

Entre as versões que se têm dado em D. Maria II, figura, de preferencia, a comedia em cinco actos — *As sabichonas*, traduzida em primorosos versos, pelo sr. visconde de Castilho, da afamada comedia de Molière — *Les femmes savantes*.

A comedia das — *Sabichonas* perdeu, como as demais obras dramaticas accommodadas á scena portugueza pelo venerando poeta, em não ser traduzida litteralmente do original. Tem, pois, as mesmas qualidades excellentes e menos boas que se admiram, e, em geral, se desapprovam no — *Medico á força*, no — *Doente de scisma*, no — *Aravelto* e no — *Misanthropo*, podendo por conseguinte a critica escrever d'ella quasi que as mesmas palavras que tem escripto d'estas.

As — *Sabichonas* foram representadas pela primeira vez em beneficio da actriz Carolina Faleo, interprete conscienciosa de todos

os papeis que lhe distribuiu. No da protagonista da celebre composição do grande poeta francez, não foi a intelligente comediante menos feliz do que nos melhores papeis que tem desempenhado, conseguindo por isso ganhar os applausos espontaneos e sinceros do publico. Tambem as actrizes Emilia Candida e Beatriz se distinguiram na graciosa interpretação de dois dos principaes papeis da famosa comedia de Molière.

As outras peças traduzidas que chamaram a attenção para o nosso primeiro theatro, foram—*Mr. Alphonse*, de A. Dumas, versão do sr. Alberto Pimentel; e *Esphinge*, de Octavio Feuillet, versão do sr. Ramalho Ortigão; *Claudia*, drama italiano traduzido por quem assigna estas linhas.

A nomeada que as duas primeiras peças obtiveram em Paris, incitou grande numero de espectadores a ir ouvi-las; infelizmente, porém, nenhuma d'ellas conseguiu agradar tanto quanto se esperava.

Mr. Alphonse foi á scena pela primeira vez no beneficio do estudioso actor Brazão, e a *Esphinge* no beneficio de Emilia Adelaide, notavel actriz a cuja intelligencia menos vulgar o publico faz a devida justiça, prestando-lhe as homenagens que realmente merece. Emilia Adelaide empregou no desempenho do principal papel da ultima composição de Feuillet, todos os apreciaveis recursos dramaticos de que dispõe, conseguindo dar grande relevo ao caracter indefinido e problematico da singular figura de mulher, que o titulo da comedia symbolisa. Obteve, por isso, dos espectadores as provas mais salientes de estima que uma comediante de primeira ordem pôde invejar. A actriz Virginia eoadjuvou-a brilhantemente n'esta peça, desempenhando com toda a verdade, singularidade e perfeição a que o personagem se prestava, o importante papel que lhe coube.

O drama—*Claudia* deu-se em primeira representação na festa artistica de Gertrudes, actriz de fina intelligencia, que tem sabido grangear, durante a sua longa carreira artistica, as maiores sympathias do publico. A peça obteve geraes applausos, tornando-se notavel não só pela sua contextura, mas pela interpretação acertada, e por vezes excellente, que todos os artistas conseguiram dar-lhe.

A nova empresa do Gymnasio, composta dos principaes artistas que ora representam n'aquelle theatro, reproduziu o drama original—*Os campinos*, e tem dado em primeira representação quatro composições originaes—*Santos de casa*, em um acto, pelo sr. Maximiliano de Azevedo; a—*Vida alheia*, em tres actos, pelo sr. M. Pereira Lobato;—*Francez e inglez*, em um acto, pelo sr. Sousa e Vasconcellos;—*Os Lazaristas*, drama em tres actos, pelo sr. Antonio Ennes.

Santos de casa é um gracioso *lever de rideau* em que figuram apenas dois personagens, uma menina saída ha pouco do convento e outra com alguma experiencia do mundo. Ao cabo de poucas scenas, coloridas com delicados chistes, resulta que a mais experiente reconhece, com pasmo seu, que a educada sob o aspero regimen conventual, é tanto se não mais fina e sagaz, do que ella. Esta comedia teve muito boa interpretação por parte das actrizes Maria das Dores e Emilia dos Anjos.

Na—*Vida alheia* vêem-se traçadas com bastante verdade e acerto curiosas scenas do viver da provincia, conduzidas em ordem a produzir algumas situações de seguro effeito. A comedia tem o fim moral de condemnar a maledicencia, fazendo recair n'um mexeriqueiro incorrigivel, todos os ridiculos que elle julga deseobrir nas pessoas com quem trata. Se o primeiro e o terceiro acto se resentem da inexperiencia natural de um escriptor que principia, o segundo mostra que no sr. Pereira Lobato ha disposição bastante para a carreira que tão lisonjeiramente acaba de encetar. No desempenho distinguiram-se os actores Joaquim de Almeida e Polla, conseguindo o primeiro crear um typo de barbeiro de aldeia com incontestavel perfeição.

Inglez e francez é um acto rapido e gracioso, architectado sobre pequenissima base, mas escripto em dialogo portuguezissimo, e dando logar a um desempenho bastante comico por parte dos tres actores que o interpretaram. O sr. Sousa e Vasconcellos que tem produzido mais de uma composição dramatica de fino quilate, não desmereceu do seu reconhecido talento n'esta ultima, justamente sancionada pelos calorosos applausos do publico, e pela favoravel opinião das pessoas mais entendidas em assumptos de theatro.

O drama—*Os Lazaristas*, que tão extraordinario acolhimento está obtendo do publico, é uma peça feita pelos modernos processos. Mira a um fim util: combater a propaganda feita pela igreja reaccionaria. As perniciosas doutrinas de uma religião mal entendida, oppõe o auctor os mais sãos principios da liberdade. A composição dramatica do sr. Antonio Ennes pertence á escola realista, mas á escola realista que estuda bem o natural e o reproduz com todos os preceitos que a arte requer. Se não abunda em lances verdadeiramente theatraes, tem, contudo, muitas e variadas situações produzidas pela palavra, situações que o publico applaude com o maior enthusiasmo. Os caracteres dos diversos per-

sonagens são correctamente desenhados; a scena final do primeiro acto e principalmente a do terceiro entre Carlos de Magalhães e a filha, são o mais dramaticas possivel. A todas as boas qualidades do drama, porém, dá realce a correcte e elegante linguagem em que elle está escripto. O drama dos—*Lazaristas* é, pois, uma peça de combate, mas aprestada de modo que pôde medir-se vantajosamente com os seus inimigos, que são muitos e poderosos.

A interpretação da peça foi condigna ao valor d'ella. As actrizes Maria das Dores e Emilia dos Anjos, e os actores Joaquim de Almeida, Polla, Simões e Leopoldo desempenharam-se bem dos seus difficeis papeis, sendo coadjuvados acertadamente pelos seus collegas a quem menor encargo coube.

Das traducções representadas no Gymnasio, a que mais agradou foi o drama em cinco actos—*Luiza*, cujas condições para se insinuar no animo das platéas menos illustradas, são muito superiores aos dotes litterarios da obra. O desempenho de Maria das Dores n'este drama, principalmente durante o quarto acto, o mais difficil de todos, contribuiu, acima de tudo, para a popularidade que a peça obteve.

Esta intelligentissima actriz realisou o seu beneficio de escriptura, obtendo evidentes manifestações do apreço e estima em que todos têm o seu mimoso talento dramatico. Foi muito bem na comedia—*Romanço de uma mulher lousta*, que escolheu para a noite de sua festa, arrostando corajosamente com todas as difficuldades do trabalhoso papel que lhe coube, papel creado em Paris pela celebre Delaporte. O publico indemnizou-a dos seus louvaveis esforços, dispensando-lhe espontaneas palmas.

A actriz Emilia dos Anjos tambem realisou o seu beneficio com duas comedias, uma das quaes intitulada—*Quem muito falla*... esmeradamente vertida do hespanhol pelo sr. Alfredo de Mello, agradou mais do que a outra. A beneficiada representou com muito acerto em ambas as peças, tendo occasião de avaliar nos finais de cada uma d'ellas, o bom conceito em que é tido pelo publico o seu amor ao estudo.

Durante um ou dois mezes, uma companhia de *zarzuela*, na qual havia alguns actores de merecimento, chamou a concorrência ao Gymnasio, representando as melhores peças do vasto repertorio hespanhol. Por conta d'esta companhia e da empresa d'aquillo theatro, foi exhibido na capital e no Porto, o magnifico—*Panorama da guerra civil do norte da Hespanha*, que tão calorosos applausos obtivera em Madrid. O panorama alludido é um dos melhores exemplares de boa scenographia, que se tem visto em Lisboa. Não o applaudiu o publico tanto quanto elle merecia, porque, diga-se a verdade, aquella serie de vistas de theatro não constituia, só por si, espectaculo bastante para quem não quizesse ou pudesse analysal-as artisticamente. É imogavel, porém, que taes vistas representam um bello trabalho, no qual se revela o subido talento do scenographo hespanhol Plá, que o executor, coadjuvado por desenhos e esboços do pintor Pellicer. A paisagem, principalmente, é pintada com a maior perfeição. Os longes são formosissimos e o céu de uma transparencia notavel. Ha effeitos de luz nas nuvens que parecem alcançados por qualquer artificio além da acertada combinação dos tons. Os primeiros planos são variados e cheios de sol; as arvores feitas com arte, imitando, quanto possivel, o natural, e destacando-se perfeitamente do fundo. As figuras são, pela maior parte boas. Um soldado que vai a entrar para o hospital de sangue, coxeando de uma perna em que foi ferido, é primorosamente desenhado, e completo na expressão da dor que o afflige. Ha outras figuras menos correctas, e os animaes são de escudidamente desenhados. Os accessorios estão feitos com muita arte e perfeitamente dispostos para aformosearem as linhas da composição. O quadro do comboio, o do hospital, o da barraca de campanha e o da noite são excellentes, e, por ventura, os melhores do panorama. Oxalá os nossos scenographos tirem proveito da exposição d'aquelle excellente trabalho, que é dos melhores que no seu genero tem sido apresentados no paiz.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

O DENTISTA

CONHECEM alguma coisa mais tragica do que uma dôr de dentes? E comtudo, é notavel que ainda nenhum dramaturgo se lembrou de aproveitar o assumpto. A musa grega legou ao theatro classico moderno os mais extravagantes euredos. Agamemmon, para ter vento norte, mata a sua propria filha. Edipo, ao atravessar um monte, tem os seus dades e tomars com um velho; jogam a bordoadada, o velho morre. De subito sabe que este velho é seu pae. Entra em

Thebas, casa com uma rainha já durazia, e depois vem a saber que a sua quarentona esposa é sua mãe, o que prova em primeiro logar a inconveniencia das rodas dos engeitados, ainda que essas rodas fiquem situadas no monte Cythéron. Uma madrastra apaixonou-se pelo enteado, o marido da madrastra queixa-se aos deuses, e os deuses, que representam n'este caso um papel desgraçadissimo, deixam-se embaçar pela sobredita madrastra, e mandam um monstro de fórmas absolutamente eccentricas dar cabo do innocente enteado. Uma especie de processo Lesurques no Olympo.

E Sophocles, e Euripedes, e Racine e quantos auctores tragicos por esse mundo nasceram, obstinaram-se a fazer-nos chorar com estes assumptos, que não nos causam a mais leve commoção, quando tinham para nos commover, para nos apertar o coração, a dôr de dentes! Mudam com os tempos as paixões, os affectos e os costumes. Só a dôr de dentes não muda. Parece-nos Médca infame e tão fóra da natureza humana quanto é possível inaginar-se, banana o rei Priamo que sustenta uma guerra de dez annos para conservar dentro de Troia a amasia do filho, aquella Helena, verdadeira *cocotte* classica, mas appareça-nos com uma grande dôr de dentes Jasão ou Paris, Menelau ou Polynico, Polycletes ou Orestes, e verão como nós o comprehendemos, como nós o lamentámos!

Da dôr de dentes ao suicidio vae um passo apenas. Catão matando-se porque morreu a liberdade romana, que a final de contas era uma fresca liberdade, parece-nos simplesmente um fanatico; mas, se Catão se tivesse suicidado por causa de uma dôr de dentes, ah! então perceberiamos devéras a sua tragica resolução.

Uma dôr de dentes inspira-nos o delirio e a loucura.

Queremos bater com a cabeça nas paredes, acordâmos alta noite e passeiamos gementes no quarto, invocâmos o auxilio do céo, perdemos completamente o senhorio da nossa razão, tornamo-nos uns seres sem vontade propria, e entregamo-nos cegamente nas mãos d'aquelles que desejam alliviar-nos. Uma dôr de dentes a proposito podia salvar um estado ou uma constituição. Se o general Martinez Campos, no momento de bradar *Viva Affonso XII*, fosse atacado de subito por uma dôr de dentes, ainda hoje a republica floresceria em Hespanha.

E por isso tambem que o dentista, o salvador, pôde ser charlatão á vontade que ninguem lhe pede contas por isso. Um homem com dôr de dentes não discute, entrega-se nas mãos de quem lhe disser que vae pô-lo bom. Nos salões dos dentistas passa, lugubre e desfigurada, uma proçissão de gente em delirio. Todas as realezas perdem o seu prestigio, só a do dentista é immortal. Hoje estamos bons, rimo-nos d'elles, rimo-nos do cartaz, do réclame, do programma estrepitoso, das denominações pomposas, da agua dentrificia, da torquez que tira dentes sem dôr, do sr. Luiz Ernest, dentista das cabeças coroadas; amanhã, se uma dôr de dentes nos assalta, vamos cair-lhes aos pés, e elles, os dentistas omnipotentes, arrancam-nos os dentes, os queixos e o dinheiro, e sorriem-se triumphantes, mostrando com ar soberano aos que passam a torquez ensanguentada, o seu sceptro glorioso.

Perante os dentistas somos todos iguaes. Cáem os thronos dos Bourbons, e o dentista ambulante, percorrendo os campos no seu carro triumphal, continúa a exercer por toda a parte a sua realeza sem opposição. Os seus subditos agglomeram-se a seus pés, entregam-lhe, pallidos e de lagrima no olho, a bôca dolorida, e elles, sublimes e desdenhosos, brandem nos ares o dente arruinado, como os indios a cabelleira de um inimigo vencido, e bradam: «Meus senhores, sem dôr! sem dôr!» E o desgraçado solta gemidos dolorosos, mas cobre-lh'os a voz solemne do

dentista que brada, com a segurança do triumpho: Sem dôr! sem dôr!

Vem de longe essa realeza, e a pompa que a cerea tem existido sempre. Outr'ora, como se vê no quadro que a nossa gravura representa, rodeiava-se o dentista de largatos empalhados, de retortas mysteriosas, que lhe davam um ar de alchimista que impressionava o vulgo, hoje o dentista rodeia-se de diplomas, de frascos, e de annuncios. Então a sua residencia tinha um certo aspecto de antro de magico, hoje nas cidades o dentista sedentario mora n'um primeiro andar com taboleta, e annuncia nos jornaes; o dentista ambulante percorre a cidade n'um cabriolet, com realajo ao lado. Mas tenha ou não realajo, não ha industrial que rufo com mais energia na *grosse caisse* do réclame.

E, então como hoje, a scena é sempre a mesma. Sempre vem o desgraçado, o que padece, a victima d'essa horrivel dôr, ajoelhar genebundo aos pés do algoz; e este, arrancando o dente com um ar triumphal e magnanimo, brande-o com jubilo, deixando o infeliz a verter sangue, e a soltar gemidos convulsos. Nada d'isso o perturba, a sua gloria será sempre a mesma. É mais um dente para a collecção dos seus triumphos. Se lh'o permitissem os usos sociaes, com elles formaria uma corôa para ornar a sua cabeça angusta! Uma torrente de sangue protesta contra o grito de triumpho. Embora! quando é que os triumphadores se importaram com os protestos de sangue? O seu carro ovante caminha, calcando aquelles que contribuem para as honras da realeza, e elle passa, rei de direito divino, monarcha eleito pelo suffragio universal dos dentes cariados, embocando a trombeta epica, e bradando sempre, sem que ninguem ouse desmentil-o: «Sem dôr! meus senhores! sem dôr!»

PINHEIRO CHAGAS.

MOSTEIRO DE ALCobaça—A PORTA DA SACRISTIA

I



STE immenso edificio, de tamanha celebridade entre nós com o nome de mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, é uma verdadeira chronica de pedra, onde estão escriptos, a par dos annaes da ordem monastica de S. Bernardo, muitos capitulos dos fastos de Portugal, e um resumo interessantissimo da historia das artes n'este reino, sobretudo da architectura e da esculptura. Cada pedra d'este monumento é como uma pagina, que nos falla eloquentemente ao espirito e ao coração dos triumphos da fé christã sob o estandarte das quinas; das victorias que constituiram os portuguezes em nação independente; de honrosos commettimentos litterarios, que nos fizeram entrar mais desassombradamente, primeiro do que outras potencias mais poderosas, no caminho das letras e da sciencia. Falla-nos de muitos compatriotas que illustraram o seu nome e o da patria, combatendo e morrendo pela liberdade e engrandecimento da terra que lhes serviu de berço, ou honrando-a com as suas luzes e escriptos, ou guiando-a e fortalecendo-a com o exemplo de todas as virtudes christãs, que, desprezando as grandezas do mundo, se acolheram á solidão do claustro, vestindo a cogula de S. Bernardo, ou que ali foram dormir o somno derradeiro na paz dos tumulos, sob a protecção da cruz. Falla-nos enfim de muitos reis, rainhas, principes e outros homens illustres

por sangue, ou por feitos de armas, ou por seu saber, nacionaes e estrangeiros, que visitaram e se hospedaram n'esse mosteiro.

A gloria das armas portuguezas conta-o em o numero dos seus monumentos, pois que o fundou o nosso primeiro rei em commemoração da tomada de Santarem aos mouros, a mais forte praça de guerra que o islamismo então possuia em Portugal. Contam-n'o as letras patrias pelo seu mais glorioso padrão, pois que os primeiros estudos publicos e regulares que houve no reino foram creados pelos monges de S. Bernardo no seu mosteiro de Alcobaça¹, e d'ali saíram o pensamento inicial e grande impulso e poderosos auxilios pecuniarios para a fundação da universidade de Lisboa, depois transferida para Coimbra, uma das mais antigas da Europa.

Quasi todos os nossos soberanos, desde D. Affonso I até D. Affonso VI, no longo espaço de cinco seculos, deixaram commemorados os seus reinados n'aquelle mosteiro por alguma obra importante, que o afor-moseou ou augmentou, a ponto de fazerem d'elle o mais vasto mosteiro do reino, assim como o tinham feito o mais rico e auctorizado de todos, pelos bens e privilegios com que o dotára a liberalidade de tantos monarchas.

Por este modo se reuniram em um só edificio specimens de todos os estylos architectonicos que têm sido introduzidos n'este paiz desde o principio da monarchia até aos fins do seculo XVII. Portanto, no seu vastissimo templo, nas differentes capellas exteriores, nos numerosos mausoleus que encerra, nos seus cinco claustros, na casa do capitulo, na da livraria e na sacristia estão representados todos os passos que temos

dado n'aquelle longo periodo, nas difficis sendas da arte de construir e de esculpir em pedra e em madeira.

Dos variados simos e specimens de architectura e de escultura que ali se apresentam aos olhos do observador estudioso, ou simplesmente curioso, offerece hoje este jornal aos seus leitores um dos mais singulares e mais formozos que se vêem n'aquelle monumento: é o esbeto e brincado portal da sacristia. Não ha nelle data alguma que recorde o anno da sua construcção, nem divisa ou emblema que revele o nome do fundador.

Mas ainda que não constasse a sua origem por outro modo n'o menos incontrolado, aquellas indicações seriam desnecessarias á vista d'essa invenção phantasiada e d'essa ornamentação opulenta e caprichosa em que se estão espelhando, como nas timpidas aguas de um rio os arbustos floridos das margens, a gloria, as felicidades, os jubilos e poesia que entreteceram a corôa de el-rei D. Manuel, engrandecendo e abrihantando o nome portuguez.

II

Resolveu-se pois el-rei D. Manuel, quasi no fim do seu reinado, a reedificar ou fazer de novo a casa da livraria e a sacristia do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. Encarregado da obra o architecto João de Castilho, começaram logo os trabalhos. Corria então o anno de 1519.

É a sacristia uma grande e bem construida casa, tendo uns 28 metros de comprimento e 8 de largura. A abobada é de laçaria de pedra com os flôres dourados. Tem no fundo uma capella de fôrma oitavada, na qual se veneravam muitas reliquias santas.

Fica a sacristia por detraz da capella mór, que sendo construida ao modo das antigas basilicas, tem o altar no centro e em torno d'ella a *chavola*. É para esta que deita a porta da sacristia. Delineou-a o architecto com



Mosteiro de Alcobaça—A porta da sacristia

¹ Foram abertos estes estudos no dia 11 de janeiro de 1269, reinando D. Affonso III.

tanta graça e belleza, e sobretudo com tão notavel originalidade, que não sabemos que exista outra igual em todo o reino. Adornou-a o artista, entre outros labores, com duas columnas, figurando arvores. Os fustes representam os troncos principaes, não inteiramente nus, mas guarnecidos a espaços com seus labores, fingindo rebentões. Nas bases vêem-se as raizes saindo d'elles para o solo. Logo acima dos capiteis, formados de folhas das mesmas arvores, dividem-se os troncos em muitas ramificações, com graciosa e recortada folhagem, entrelaçando-se e coroando a porta com a mais formosa e exquisita ornamentação, que temos visto usada em portas pelo estylo chamado entre nós *mamuelino*.

A gravura, que acompanha este artigo, copia exacta de uma excellente photographia, torna superflua a descripção, que por mais minuciosa e bem urdida que fosse, ficaria sempre imperfeita e escura, comparada com a estampa. Bastará pois acrescentar ao que deixámos dito, que toda a ornamentação da porta está cinzelada com delicadeza e primor, dando irrecusavel testemunho da perfeição que attingiu em o nosso paiz, n'essa época memoravel, a esculptura ornamental em pedra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

CANTOS MATUTINOS.—De um livro que vai na sua terceira edição, e do qual já fallaram com louvor os principaes criticos portuguezes e brazileiros, nada mais ha a dizer. Por isso me limitarei a registar n'estas paginas o apparecimento da nova edição dos *Cantos matutinos*, primeiros versos de Gomes de Amorim, dos quaes o sr. visconde de Castilho disse que podiam merecer o titulo de *Cantos para todas as horas do dia e de todos os dias*. Ainda me recordo do effeito que produziu no publico o prefacio da primeira edição d'esta obra, no qual o sr. Gomes de Amorim conta, com a mais sincera e commovente simplicidade, os trabalhos da sua vida aventureira começados aos nove annos em uma aldeia do Minho, que lhe serviu de berço, e continuados em terras de Santa Cruz. Naquelle curioso escripto descreve o auctor as suas diabruras de rapaz travesso e os castigos corporaes que padeceu, até o dia em que tomou a providencial resolução de internar-se nas grandes florestas, para aspirar o aroma embalsamado da luxuriante vegetação americana capaz de tornar poeta a qualquer mortal por mais simples que seja, quanto mais a Gomes de Amorim, que já tinha em si o germen da inspiração e encontrara o — *Camões* de Garrett para lh'a annunciar e desenvolver. O prefacio a que me refiro acompanha tambem a nova edição. Nitidamente impresso em bom papel e com typos elzevires, é este livro um dos mais luxuosos que o sr. Ernesto Chardron, seu editor, tem ultimamente publicado. Por isto, e porque a obra é de si bastante valiosa e merecedora de figurar entre os melhores livros portuguezes, a protecção publica não ha de certamente abandonal-a, o que deverá ser agradavel e consolador para o desditoso poeta que está privado, ha tantos annos, de trabalhar com assiduidade, em consequencia da enfermidade terrivel que o prostra e afflige.

THESSOUROS DE ARTE. RELANCES DE UM VIAJANTE.—Com este titulo publicou o sr. Luciano Cordeiro um pequeno volume contendo curiosas noticias e descripções dos principaes museus da Europa.

Em algumas paginas que antecedem o principal assumpto, lavra o sr. Luciano Cordeiro vigoroso protesto contra o deploravel estado de abandono a que chegou a arte em Portugal, protesto a que devem adherir todos os que votam ainda algum culto a essa famosa deusa tão reverenciada e acatada pelas nações mais esclarecidas.

Efectivamente, o desprezo dos portuguezes de hoje por tudo que diz respeito a bellas artes, é manifesto e reconhecido. Ao desleixo que tem havido na educação do povo, se deve tão incontestavel prova de crassa ignorancia. A falta de museus, a falta de annuadas exposições, a falta, inclusivamente, de quem escreva com assiduidade e saber ácerca de assumpto de tão alta importancia, tem-nos conduzido a este lastimoso estado de decadencia.

É por este motivo que vemos quasi sempre o paiz de familia mandar ensinar bellas artes nos filhos, unica e simplesmente para elles terem uma prenda. Escolhe para isso o pessoal menos habilitado e mais barateiro, e se algum dos filhos mostra tendencia para seguir com seriedade qualquer arte, prefere mandal-o para a costa de Africa vender algodões e missanga, a tel-o na capital a pintar monos ou a aturdir os ouvidos da familia com o som rouqueto de qualquer instrumento, segundo a sua phrase pittoresca.

É tambem a esta fatal ignorancia transmittida de geração para geração, que se deve aclararem-se as salas dos mais abastados ornadas com lithographias coloridas de Ju'ien, ou com algumas insignificantes copias dos mais ridiculos painéis; os mestres de obras serem preferidos aos architectos para as edificações mais custosas; a multidão embasbacar, por occasião das raras exposições que fazemos, defronte dos quadros chamados de natureza morta, assignados por qualquer discipulo da Academia, e passar despercebida por deante de alguma pintura de verdadeiro merecimento; presenciarem-se, finalmente, milhares de desenhos artisticos todos os dias repetidos e nunca emendados.

É desgraçadamente aquelles a quem de direito cabe pôr cobro ao mal que lavra por todo o paiz, pouco se lhes dá que elle exista e se propague; a politica está primeiro que as artes, e a politica absorve-os completamente. Não é crendo o gosto dos povos pelo bello e pelo grandioso, que se fazem eleições; é talvez perdendo-o. Sirva-lhes isto de desculpa, e fiquem-se com Deus.

O sr. Luciano Cordeiro queixa-se na sua proteacção, do exagerado encerramento em que se acham as preciosidades artisticas existentes no convento da Madre de Deus, e da menos razoavel prohibição de que essas preciosidades sejam reproduzidas pela photographia ou pela gravura. Em abono do seu asserto, cita-me o sr. Luciano como testemunha.

Alguna coisa posso, infelizmente, dizer sobre o assumpto. Pensei uma vez em divulgar por meio de gravuras em madeira publicadas nas — *Artes e Letras*, acompanhadas de artigos escriptos por pessoa competente, alguns dos inestimaveis objectos de arte que enriquecem o pequeno musen que possuímos na Madre de Deus. Sem procurar empenhos—arrojo que nem todos os pretendentes commettem—dirigi-me ao sr. conselheiro Torres Pereira, dignissimo provedor d'aquella casa e do asylo de Maria Pia, a fim de sollicitar de s. ex.^a a devida venia para mandar photographar os objectos que me parecessem mais dignos e proprios de serem reproduzidos pela gravura. Suppunha eu que prestava com isto um pequeno serviço não só aos assignantes d'este periodico, mas tambem ao paiz, tornando conhecida uma parte das poucas riquezas artisticas de que podemos nfanar-nos, e das quaes rarissimas pessoas têm noticia. Enganei-me, porém; a licença que eu sollicitava foi-me denegada: logo não era serviço o que eu julgava sê-lo, porque a serviços voluntarios não se recusa licença.

O sr. conselheiro Torres Pereira declarou-me que não podia consentir no que eu desejava, porque tivera igual idéa e tencionava reunir em folheto, para vender aos visitantes do asylo Maria Pia, a preço de 200 réis, salvo o erro, os desenhos dos objectos de arte em questão, acompanhados de monographias escriptas por pessoa que anda ha muitos annos a estudal-os. Por este modo esperava s. ex.^a crear uma fonte de receita para o asylo.

Atrevi-me a observar a s. ex.^a que para as gravuras serem de tamanho e perfeição condignos ás preciosidades que tinham de reproduzir, custariam avultado preço, sobrecarregando assim o custo do folheto—que talvez deitasse a livro—o que, a meu vêr, longe de ser receita, se tornaria em onus para o asylo, visto que a venda da obra por modico preço aos raros visitantes d'aquelle estabelecimento de caridade, só muitissimo tarde cobriria as avultadas despesas com ella feitas. Disse, alem d'isto, que me parecia obvio não causar prejuizo algum á venda do folheto, se elle viesse a apparecer, a publicação que eu desejava levar a effeito nas — *Artes e Letras*, não se servindo, principalmente, o folheto das gravuras e dos artigos estampados no periodico. O sr. Torres Pereira disse-me, por ultima resposta, que insistia na sua recusa.

Em o n.º 4 da 3.ª serie das — *Artes e Letras*, o sr. J. Ribeiro Guimarães, escrevendo ácerca do mosteiro da Madre de Deus, estranhou o exagerado zêlo do sr. provedor em negar a publicidade dos objectos, que, segundo a phrase do sr. Luciano Cordeiro, tem fechados a sete sellos; eu, respondendo á intimação do auctor dos — *Thesouros de arte*, limitar-me-hei a deixar aqui registado, sem mais commentarios, este facto muito para se admirar n'um paiz em que as cousas de arte estivessem commettidas a pessoas competentes; naturalissimo, porém, n'uma terra onde as habilitações para o bom desempenho de certos cargos, valem, por via de regra, muito menos que a provada inhabilidade e a manifesta insciencia.

LIÇÃO AO MESTRE.—Os srs. Lucas & Filho, editores conhecidos; enriqueceram a sua — *Bibliotheca universal*, dedicada ao sr. visconde de Castilho, com o notavel romance, em dois volumes, assim intitulado, composto pelo primoroso escriptor e eximio jornalista o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Da vernaculidade, conceito e amenidade com que este notavel homem de letras

escreve as suas obras, têm larga noticia portuguezes e estrangeiros, porque as publicações litterarias do sr. Teixeira de Vasconcellos são bem conhecidas e devidamente apreciadas não só em Portugal, mas tambem no Brazil, e algumas até, por serem escriptas em francez ou estarem vertidas para esta lingua, em terras onde se não falla o idioma de Camões. O livro de que ora trato, reúne todas as qualidades excellentes que se admiram nas antecedentes obras romanticas do mesmo auctor; ingenho na urldura, descripções coloridas, caracteres bem definidos, dialogo animado, interesse, moralidade, tudo, enfim, quanto é agradável a quem lê, e pôde servir de ensinamento aos que põem mãos como obreiros, em labores d'esta natureza; e tão perfeitamente o livro do sr. Teixeira de Vasconcellos se desempenha d'esta ultima parte da sua proficiua missão, que melhor se lhe poderia chamar, em vez de *lição ao mestre* — *lição de mestre*.

ALMANACH BUROCRATICO, GERAL, DISTRICTAL E CONCELHO PARA 1875. — O livro, que tem este titulo, muito acertadamente coordenado pelo sr. Aristides Abranches, é um dos mais importantes e notaveis que se têm publicado ultimamente. Não o folheiem os que desejarem entreter o espirito com agradaveis leituras, porque não encontrarão n'elle uma unica pagina que devidamente corresponda á sua expectativa. O *Almanach burocratico* é unica e simplesmente um livro de utilidade, absolutamente indispensavel nas repartições publicas, nos escriptorios commerciaes, no gabinete de trabalho, na officina e até no *boudoir* da mais elegante senhora, porque rara será a pessoa que não precise, mais de uma vez, durante o anno, saber o nome e a morada de qualquer dos individuos que — servindo-me das palavras que se lêem no preambulo assignado pelo sr. A. Abranches — exercem nos varios districtos administrativos do continente do reino e ilhas, funções publicas, quer de ordem elevada, quer de humilde cathgoria, ou profissões particulares de reconhecida importancia. O interesse do publico em adquirir este excellent livro de 600 paginas, deve ser tal que recompense largamente o enfadonho trabalho que elle den ao seu coordenador, e a avultada despeza que os editores fizeram para a sua publicação.

Nas vantagens que o novo almanach do sr. Abranches apresenta como auxiliador valioso de todas as classes da sociedade, está a recommendação d'elle, e n'essas proprias vantagens, de certo incontestaveis, assenta a probabilidade, se não a certeza, de que o livro terá extraordinaria venda e virá a ser em todos os annos que apparecer, um dos mais procurados e bemquistos. A edição pertence á empresa Carvalho & C.^a, que enceton, ha pouco, as suas publicações com a excellent — *Bibliotheca theatral*, e vae continuando-as empregando a vulgarisação de romances originaes e traduzidos, dos melhores auctores.

MAGDALENA E HELENA. — Em volume publicado pela acreditada livraria Moré, do Porto, se encontram impressos os dois notaveis dramas assim intitulos, devides á brilhante penna do fecundo escriptor o sr. Pinheiro Chagas. O primeiro ainda hoje se repete no theatro de D. Maria II com geraes applausos; o segundo está retirado de scena ha tempos, mas foi sempre lisonjeiramente recebido pelas platéas d'aquelle theatro. Agora que estas duas famosas composições dramaticas estão impressas, têm occasião de as conhecer os que não lograram assistir á representação d'ellas, e de melhor apreciar as galas de estylo com que o dialogo de ambas está enriquecido, aquelles que, não obstante haverem-lhes dispensado os seus applausos no theatro, não puderam avaliar-as com a pausa e o vagar de que unicamente se pôde dispôr na tranquillidade do gabinete. A uns e a outros o reconhecido talento do auctor recommenda o volume.

GUIA HOMEOPATHICA PARA O TRATAMENTO DAS DOENÇAS SEM DEPENDENCIA DE MEDICO. — Esta conhecida obra de J. Prost-Laenzon achon traductor competente para a divulgar em Portugal e no Brazil. Logo que a medicina de Hahneman começou de generalisar-se, a necessidade de formular manuaes praticos, que, sem omitirem nenhuma particularidade, fossem completos em indicações uteis, tornou-se reconhecida. De entre os que até hoje têm visto a luz da publicidade, considera-se mais notavel o de Laenzon, pelo methode como está organizado, e pelo acerto com que, no dizer dos entendidos, satisfaz plenamente ás exigencias de quem o consulta, e aos principios da sciencia de que trata. O reconhecido merito d'esta obra deu-lhe tal voga, que em França conta varias edições, e nos demais paizes tem sido traduzida e rapidamente vulgarizada. Em Portugal, e muito mais no Brazil, onde a homeopathia já conta muitos proselytos, deve, pois, a — *Guia* de Laenzon, posta em portuguez, ter prompta venda, porque é auxilio economico para os que tendo fé nas theorias de Hahneman, pretenderem tratar-se, pelo menos quando forem acommettidos de enfermidades ligeiras, sem ter de recorrer ao serviço dos medicos.

REVISTA OCCIDENTAL. — Assim se intitula um novo periodico bimensal de que são redactores principaes os srs. Authero do Quental e J. Batalha Reis, e collaboradores varios homens de letras portuguezes e hespanhoes. Custa semanalmente \$5000 réis em Portugal e 18\$000 réis no Brazil.

METEOROS. — Mais um livro da ex.^{ma} sr.^a D. Guiomar Torrezão vem firmar o bom conceito em que é tido, geralmente, o mimoso talento d'esta senhora. *Meteoros* se denomina. Incumbe se a auctora em algumas palavras que dirige a outra senhora, a quem dedica a obra, de provar a justeza do titulo. *O meteorito irrompe, brilha, deslumbra, atravessa o céu e expira sem deixar um rasto!* Assim será em relação ao livro da sr.^a D. Guiomar, com uma pequenina excepção, porém, e vem a ser, que estes — *Meteoros* deixam um rasto, que é a recordação agradável que nos fica das amenas paginas em que os vemos fulgir. O livro da sr.^a D. Guiomar Torrezão é como certos paizes fadados pela natureza, nos quaes o viajante descobre a cada passo, quadros variados e formosos. Nos — *Meteoros* encontra o leitor biographias, critica de livros, descripções interessantes, contos ligeiros, tudo, enfim, quanto recreia, sem fatigar, a imaginação dos que procuram na leitura amena, entretenimento para as horas em que repositam de seus fadigos. Não taltarão, pois, leitores á nova obra da illustre senhora.

HISTORIA DA CIVILISAÇÃO NA EUROPA. — É do grande historiador e notavel politico francez Guizot, a obra em dois volumes assim intitulada. Foi traductor d'ella o sr. marquez de Souza Holstein, a quem as letras, e principalmente as artes portuguezas, devem proficiuos desvelos, e editor o sr. A. M. Pereira, que enriqueceu com tão celebrado escripto a sua interessante — *Bibliotheca de livros uteis*. A obra é conhecida das pessoas dantas e principalmente versadas em assumptos tratados por publicistas; aquellas a quem não tenha chegado a noticia e a fama d'ella, basta-lhes, de certo, o nome do auctor, universalmente estimado e applaudido como um dos engenhos mais notaveis da França moderna. A edição portugueza é apurada. Cada volume contém uma gravura em madeira, executada pelo habil professor da Academia o sr. Pedrozo. A primeira é o retrato de Guizot, a segunda representa a modesta casa de campo em Val-Richer, onde o famoso historiador exhalou o ultimo suspiro.

BRINDE AOS SENHORES ASSIGNANTES DO DIARIO DE NOTICIAS EM 1871. — N'este folheto de 118 paginas destinado ao fim que o seu titulo indica, acham os leitores quatro pequenas obras litterarias, que muito os devem interessar. — *O degredado*, pela ex.^{ma} sr.^a D. Anna Maria Ribeiro de Sá, é um conto popular escripto em linguagem amena e elegante. — *Rosinha*, pelo sr. João Cesario de Lacerda, facultativo da armada muito dado á cultura das letras, serve de titulo a uma rapida novella baseada sobre factos da historia contemporanea, escripta em estylo fluente e mirando ao fim de synbolisar a conciliação dos partidos, que, não ha muito, se guerrearam com as armas na mão. — *Nos casabres do Loveto* é um conto moral, bem escripto e cheio de sentimento, no qual o sr. Brito Araujo phantasiou um enredo baseado em factos verdadeiros e que por ventura presencou. Finalmente, a — *Lenda das ruínas*, pelo sr. Eduardo Coelho, narrativa historica extrahida das chronicas do condestavel, contém curiosos e interessantes apontamentos sobre a vida de um dos maiores vultos da historia patria, o grande D. Nuno Alvares Pereira. Vê-se, pois, que este livrinho é mimo precioso e digno da talha popular, que tamanha accitação tem conseguido adquirir durante os seus dez annos de não interrompida publicação.

O GENACULO, REVISTA CONTEMPORANEA DA LITTERATURA PORTUGUEZA. — O periodico mensal assim intitulado, promette ser interessantissimo e ter longa duração. É dirigido por um escriptor de talento, o sr. Candido de Figueiredo, e tem por collaboradores muitos dos principaes homens de letras do nosso paiz. Trata de assumptos de litteratura amena, e encerra no seu programma um dos principios que se tem procurado seguir na direcção litteraria das — *Artes e Letras*, e que me parece o melhor para publicações exclusivamente litterarias e alheias ao combate em que têm andado empenhados ultimamente alguns dos nossos escriptores mais apreciaveis. Este principio está consignado nas seguintes palavras, que se lêem na introdução do periodico do sr. Candido de Figueiredo: — *todas as obras da boa litteratura podem sentar-se á mesa do GENACULO*. Estou certo de que o director da nova revista contemporanea da litteratura portugueza ha de respeitar este ponto essencial do seu programma, no qual mostra a sua tolerancia litteraria, e o respeito que professa por todos os homens de talento do nosso paiz, seja qual for o campo em que elles militem.

OS DRAMAS CELEBRES DO AMOR. — Assim se intitula o fasciculo n.^o 10 da bibliotheca — *Educação popular*, de que são editores os srs. Lucas & Filho e director litterario o sr. Pinheiro Chagas. Este numero é escripto pelo director da publicação, e, como o titulo diz, contém interessantes narrativas, ás quaes servem de base os amores de personagens popularisados, uns pela historia, outros por livros romanticos de bastante voga. Os primeiros amores de que o livrinho trata, são os de D. Ignez de Castro com D. Pedro; seguem-se-lhes os de Heloisa e Abcillard; após estes vem os de la Vallière e Luiz XIV, terminando com os de Marianna Alcoforado, freira franciscana do convento da Conceição de Beja, com M. de Chamilly, official francez ao serviço de Portugal, em 1668. Esta ultima narrativa que tem no livro o titulo de — *A religiosa portu-*

queza, é por ventura a mais interessante das quatro de que trata o volume, que não é dos menos curiosos e aprazíveis da collecção até hoje publicada.

O MARQUEZ DE POMBALE. — Deu o sr. Pinheiro Chagas esta denominação ao n.º 11 da referida — *Bibliotheca*, dos srs. Lucas & Filho. É fácil de perceber que o volume trata resumidamente da administração famosa do grande vulto politico portuguez, a quem a posteridade chegou a fazer inteira justiça. A interessante narração é acompanhada de sensatas e elucidativas reflexões do sr. Chagas, correspondendo perfeitamente ao fim a que a publicação se propõe, que é derramar amenamente o ensino pelas classes populares.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

==== A celebre faca de mate cinzelada pelo sr. Rafael Zacharias da Costa, afundou-se no alto mar por occasião do naufragio do vapor *Cadiz*. O sr. Estevão de Sousa, proprietario d'ella, tinha-a segura em 31:500.5000 réis, e remetia-a para Inglaterra a fim de ser ali vendida. Do primoroso trabalho que tanta honra fazia ao sr. Zacharias da Costa, resta apenas a gravura que esta folha publicou em o n.º 8 da presente serie, e algumas photographias executadas pelo distincto amator o sr. Carlos Relvas e pelo sr. Rocchini. Magoa-nos sobremaneira ter de registar este successo.

==== A Academia real de bellas artes fez acquisição de uma notavel custodia que pertencia á ordem terceira do Carmo. É um interessante exemplar de ourivesaria dos principios do seculo xv, talvez de 1520, bem conservado, apenas com algumas pequenas adulterações facéis de reparar, mas sem acrescentamento algum moderno. Não se póde affirmar que seja obra portugueza por lhe faltarem indícios bastante característicos para isso. A fórma da custodia é gothica, do segundo periodo, chamado *florido*, com ornatos que já se re-entem da influencia do renascimento. Compõe-se essencialmente de uma base ornamentada com figuras em alto relevo representando Nossa Senhora, S. João Baptista, S. Jeronymo e Santo Antonio, muito bem executadas e separadas umas das outras por ornatos feitos com delicadeza e perfeição. O pé que nasce da base, é ornado com coruchéus e arcarias de puro gothico. Pertence ao mesmo estylo a capula que assenta sobre duas pilas-tras, tambem gothicas, que muito elegantemente terminam o edificio, cuja fórma é sobre modo airosa. Parece que este objecto pertenceu primitivamente ao convento da Pena em Cintra.

==== Tivemos occasião de vêr a curiosa collecção de aguarellas executadas pelo sr. Carlos Van Zeller, fallecido ha annos, as quaes são hoje propriedade do sr. Eduardo Van Zeller, seu primo. Muitos d'aquelles trabalhos são correctamente desenhados e graciosamente compostos, revelando todos o espirito e a singular vocação para as artes com que era dotado quem os effeitou. A collecção do sr. Van Zeller é, por assim dizer, um album de apontamentos de viagem feitos a pincel, e tem importancia não só como obra de esclarecido curioso, senão como subsidio apreciavel para quem quizer fazer a historia dos costumes da peninsula, durante a primeira metade d'este seculo. O sr. Eduardo Van Zeller possui, alem d'estas aguarellas, alguns quadros a oleo, figurando entre elles duas cabeças esboçadas do natural pelo nesso insigne Domingos Antonio de Sequeira. Na sua sala tambem se encontram loiças antigas de Sévres, de Saxe, da India, do Japão, de Derby e de Wedgwood, bem como alguns objectos de verdadeira curiosidade.

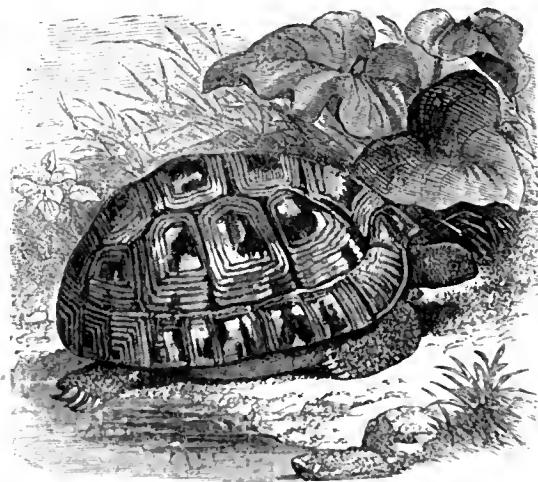
A extrema amabilidade de outro cavalheiro devemos tambem a satisfação de conhecer um dos melhores quadros de Michaud, que temos visto. É possuidor d'esta famosa obra o sr. Duarte Sergio de Oliveira Duarte, intelligente amator e colleccionador de objectos de arte. O quadro de Michaud é dos maiores d'aquelle artista e representa um mercado. Tem grande numero de figuras perfeitamente desenhadas e tocadas com tanta finura e ao mesmo tempo tão largamente, que é um encanto analysar com attenção aquelle formosissimo lavor artistico. O grupo do plano principal, onde ha um velho assentado a vender peixe, tendo á esquerda um cavallo branco; um barco cheio de gente navegando em plano secundario; outro do lado opposto, aguentado por uma vara que um marítimo esforçadamente segura, são de inexcedivel perfeição como desenho, como colorido e como toque firme e acertado. Temos este quadro pelo melhor do mesmo auctor, que existe no paiz. O sr. Oliveira Duarte tambem possui outros quadros antigos dignos de serem vistos, não devendo deixar de mencionar-se dois esboços do fallecido professor da nossa Academia, Joaquim Rafael, representando assumptos sacros.

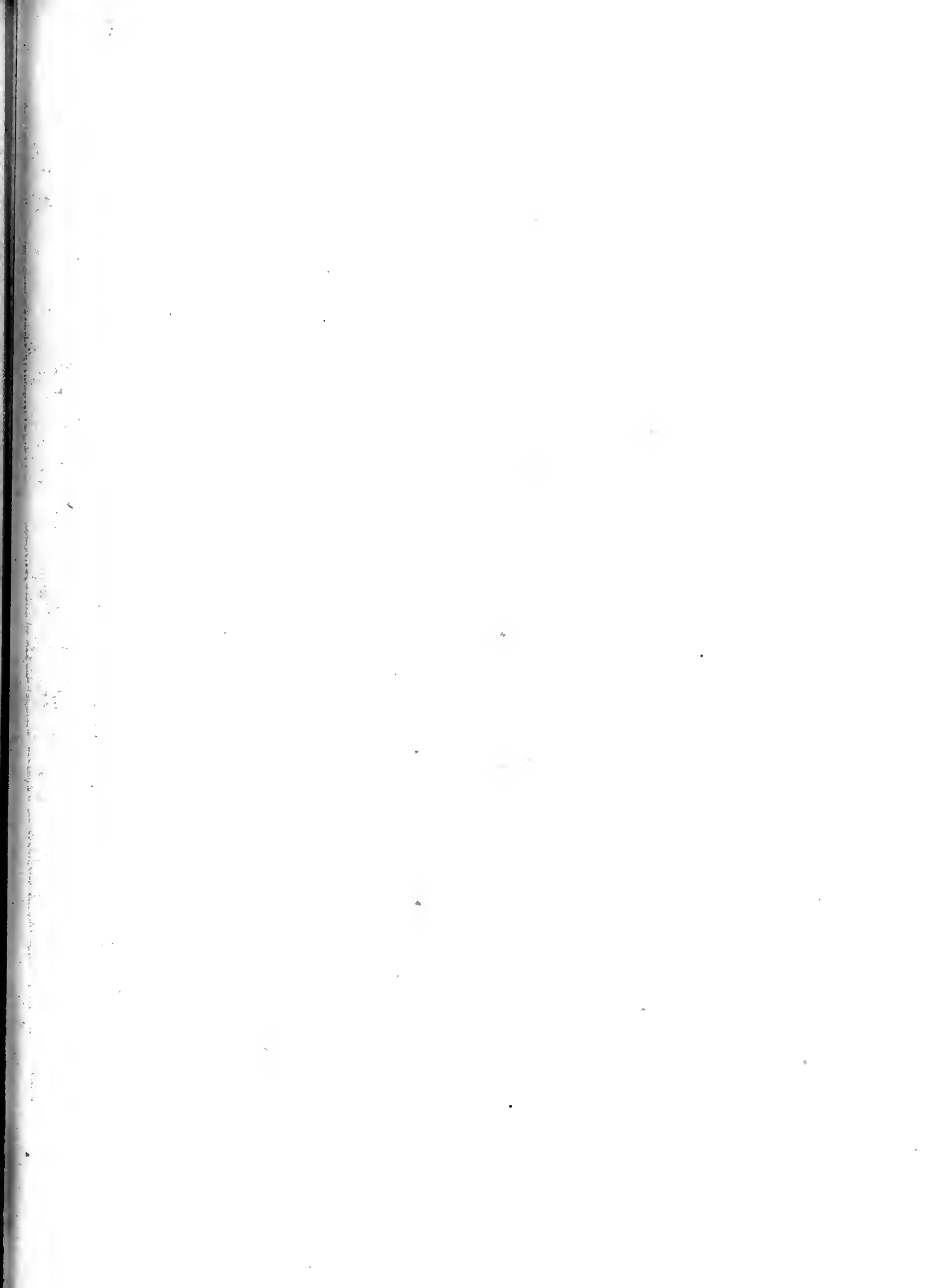
Tiveram grande baixa em Inglaterra os quadros anti-

gos. O principal motivo d'esta inesperada depreciação é, de certo, o haver-se descoberto em Londres uma fabrica de copias das composições dos mestres inglezes. Os quadros de Linnell eram os de preferéncia copiados, sendo as contrafações vendidas por originaes, aos amadores menos esclarecidos. Dava-se uma circumstancia curiosa. Os falsificadores compravam um quadro original do mestre, pedindo recibo, carta ou qualquer documento relativo á obra, e mandavam tirar as copias que queriam para as vender depois authenticadas pelo recibo, carta ou documento, que havia acompanhado o original. Este meio, sagazmente imaginado para enganar os incautos, não falhava nunca. As copias eram compradas, sem que o individuo que fazia a acquisição, ficasse com a minima duvida ácerca da authenticidade da pintura. Por este modo a fabrica chegou a ganhar sommas avultadissimas. Entre as télas de Linnell copiadas, figuram o — *Pastor montanhez*, um — *Bonito dia para a pesca*, o — *Pastor tocando flauta* e muitas outras. Parece que de alguns quadros foram vendidas dez e doze copias, scapree como originaes, graças aos certificados, e sem que os compradores tomassem precaução alguma para adquirirem qualquer outra prova de authenticidade da obra, que pagavam por bom dinheiro.

==== A França acaba de perder um grande artista. O celebre pintor Corot falleceu em a noite de 22 para 23 de fevereiro. João Baptista Camillo Corot nasceu em Paris a 29 de julho de 1796; ia completar, pois, a avançadissima idade de 79 annos. Seu pae foi empregado publico, sua mãe era modista. Depois de haver feito rapidos estudos no lyceu de Rouen, Corot dedicou-se ao commercio de pannos. Tinha 25 annos, quando, seguindo os conselhos do pintor Michallon, conseguiu ser admittido no *atelier* de V. Bertin. No seguinte anno dirigia-se a Roma, e pouco tempo depois enviava dois quadros, que foram recebidos no *Salão de 1827*. Desde esta época até 1875, Corot figurou em todas as exposições officaes, sem excepção alguma. Foi feito cavalleiro da Legião de Honra em 1846, e promovido a official em 1867. No dia 1.º d'este anno, os seus collegas offereceram-lhe no *Grand-Hôtel*, uma medalha de honra, que o famoso artista aceitou com a mais indescriptivel commoção. Corot legou ao Louvre dois notaveis quadros, dos quaes não quiz nunca separar-se — *Hagar no deserto* e — *Dante*. No *Salão* d'este anno devem figurar duas grandes télas do fallecido mestre, intituladas — *Uma dança antiga* e o — *Rachador de lenha*. A escola franceza ha de sentir por muito tempo a irreparavel perda de tão famoso paizagista. Falleceram mais os seguintes artistas: João Francisco Millet, notavel paizagista; Guilherme Régamcy, joven pintor de batalhas; Langier, gravador de historia; m.^o Victorina de Tréverret, que pintava notavelmente em porcelana, e da qual o musen de Sévres conserva uma copia da — *Familia de Gerard Dou*, muito apreciada na exposição universal de 1855. Todos estes artistas eram francezes.

==== Parece que os roubadores de objectos de arte em Hespanha, não deram ainda por concluidos os seus trabalhos. Depois dos cartões de Goya, roubados em Madrid; depois do — *Santo Antonio*, de Murillo, e da corôa da Virgem da capella de S. Fernando, roubados em Sevilha; depois da — *Mater Dolorosa*, de Alonzo Cano, roubada em Granada, um audacioso espertalhão apoderou-se ultimamente de uma imagem valiosa, em ponto pequeno, que existia n'uma igreja de Hespanha, enviando-a immediatamente para França. A imagem, de madeira pintada e dourada, representa a Virgem e é considerada trabalho precioso do fim do seculo xvii. M. Haro, remettem-a, como deposito, para casa dos conhecidos banqueiros francezes André & Marcuards.







TIRO CERTIPEIRO

QUADRO DE MAFEI

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

ARTES E LETRAS

NUMERO 11—LISBOA—3.^a SERIE

TIRO CERTEIRO



AROU-TE o peito uma bala! pobre veado! Atravessavas desuadido a cerrada mata, em busca da pastagem virente, ou em demanda do regato crystalino em que pudesses saciar a sêde abrasadora, e encontraste no caminho a morte! Esperava-te de atalaia, e á traição, por detraz de emmananhada moita, caçador experimentado e dextro. Ao avistar-te, ao longe, por entre os pinheiros e os carvalhos, reverberou-lhe nos olhos a alegria do tigre que aguarda a sua victima como se já devêras fôra sua presa, examinou ainda uma vez a escorva, sofreu os impetos do sabujo, encurtando-lhe a tréla, e quedou-se immovel e attento até que lhe entraste no alcance.

Então, mettendo a espingarda á cara, e firmando a pontaria, desfechou; a detonação acordando os êcos tristes da mata, deteve te subitamente na carreira; de repente, porém, sentiste-te ferido, e viste o proprio sangue tingir o terreno que pisavas; tomado de medo, quizeste fugir, e partiste com a rapidez do raio, mas a este vigoroso impulso succedeu dentro em pouco o cansaço e o torpôr que em vão tentaste dominar.

As forças abandonavam-te, a luz dos olhos ia-se-te amortecendo pouco a pouco, e conhecias que com ella se te apagara de todo a vida; já nem a pastagem virente, nem o regato crystalino te lembrava; só na companheira e nos filhos pensavas; era para elles que corrias, era entre elles que querias morrer. O caçador, porém, receiando perder-te, largou a tréla ao sabujo, e o sabujo voou em tua perseguição; redobrade então em esforço para lhe escapares, mas as forças falleceram-te de todo, e foste cair

extenuado na clareira proxima. Procuraste ainda erguer-te, porque já sentias proximo o teu perseguidor, mas não pudeste; pendeu-te inerte a cabeça, deixaste de ouvir os latidos do sabujo, e cerraram-se-te para sempre os olhos: estavas morto. O tiro fôra certo.

O veado que figura junto de Diana n'alguns monumentos e moedas antigas, que na infancia do christianismo, nas eras das crendices e superstições, era o symbolo da verdade e da justiça, da eterna lucta do bem contra o mal, porque era o maior inimigo da serpente, imagem de Satanaz; já não tem hoje a importancia symbolica d'esses tempos remotos, mas para os caçadores é ainda este animal, não só na Russia, Allemanha e França, mas tambem na Hespanha e em Portugal, o mais estimado e mais nobre de todos que a arte de montear comprehende.

Eram afamados, pela sua belleza e corpulencia, os que se creavam n'algumas das nossas antigas tapadas e coutadas reaes, e magestoso o esplendor com que os nossos reis, usavam entregar-se a este divertimento, por muito dados a elle. O direito de caçar foi por muito tempo restricto, ás pessoas reaes e á nobreza, assim em Portugal como no resto da Europa. A arte de montear era então considerada não só como aprazivel divertimento e prenda indispensavel ao primor de cavalleiro, mas como escola em que os fidalgos se adextravam no uso e manejo das armas, como quem se aperebia e aprestava para a guerra.

Dos episodios de algumas d'essas festas — porque o eram, e de muito luzimento, quando se não volviam em verdadeiras e arriscadas luctas — nos deixaram preciosos monumentos os pinceis dos mais celebres e famosos pintores, taes como Rubens, Teniers, Velasquez, etc.

Como íamos dizendo, porém, não só o direito de caçar foi por muito tempo restricto, mas rigorosas as leis que o regulavam em o nosso paiz, e extremamente severas as penas inflingidas aos infractores.

O feudalismo outhorgara exclusivamente á nobreza a prerogativa d'aquelle direito, com grave prejuizo da agricultura, por isso que a propriedade particular estava em muitos casos sujeita ao direito de caça, e era considerada para todos os effeitos como coutada ou montaria.

Era tão grande a extensão que essas coutadas occupavam ainda nos reinados de D. Alfonso V e D. João II, que os povos pediram nas côrtes de Montemor-o-Novo que se descontasse parte d'ellas, para que os campos se pudessem aproveitar, e se evitassem os damnos que as caças silvestres faziam nas sementeiras. «El-rei, como príncipe tão amante de seus vassallos, o consentiu e descontou muitas terras¹.» O mesmo fez el-rei D. Manuel nas côrtes de Lisboa de 1498 e Philippe II em 1594, ordenando que desde então não houvesse mais coutadas alem das de Lisboa, Cintra, Collares, Almcirim e Salvaterra, e das tapadas de Villa Viçosa e Mafra.

Não obstante, porém, as leis que regulavam o direito de caça continuaram a ser rigorosas e severas. do que ainda dão testemunho o *Regimento do monteiro-mór do reino de 20 de março de 1605*, e o *Regimento das coutadas de 18 de outubro de 1650*, cujas disposições e penas merecem a attenção do leitor curioso e amante de velharias.

A revolução de 1793 aboliu em França estas leis o privilegios semelhantes aos nossos, e poneo depois caducavam tambem em Portugal. Hoje, felizmente, todos podem caçar, quando munidos da licença necessaria, e nas épocas que a lei designa.

Antes de terminarmos esta rapida e deficiente noticia,

¹ Mappa de Portugal antigo e moderno, pelo padre João Baptista de Castro, tomo 1, parte 2.^a, capitulo xii. Ed. de 1762.

a que poderíamos dar maior desenvolvimento se não carecemos por agora dos elementos necessários, e para que o leitor que porventura o ignore, possa fazer uma idéa do fausto e magnificencia com que antigamente se realisavam as caçadas reaes, daremos aqui breve relação da que se effectuou n'uma época já recente, na tapada de Villaboim, em 25 de janeiro de 1729, por occasião dos desposorios de D. José I com a rainha D. Maria Anna Victoria de Bourbon, segundo a refere frei José da Natividade, prégador geral da ordem dos prégadores.

Era então monteiro-mór do reino, Fernão Telles da Silva, que a este cargo reunia os de caçador mór e falcoeiro-mór, e a quem, como tal, incumbia presidir ás caçadas, e dar as ordens necessarias aos monteiros de cavallo e de pé, e aos moços do monte.

A comitiva entrou na mata na ordem seguinte:

4 Couteiros adiante, a cavallo, com suas espingardas;

8 Trombetas de caça, cada um segundo a sua graduação, vestidos de verde e tão agaloados de prata, que apenas se lhes divisava a côr das librés;

2 Partidas na frente, cada una de 6 couteiros, commandadas por um monteiro-mór da comarca;

8 Partidas de 8 couteiros a cavallo, com suas espingardas, cada uma similhantemente commandada;

54 Batedores do mato, a pé, cada um com seu sabujo atrelado, e com suas armas e choupas ao modo de moços do monte;

3 Emprazadores¹;

47 Moços do monte a cavallo;

1 China bem montado com seis cavallos de mão para o monteiro-mór, conduzidos por seis palafreiros tambem a cavallo;

6 Monteiros-móres das montarias;

14 Officiaes ou couteiros das coutadas;

37 Monteiros pequenos;

O ministro geral das coutadas para expedir as ordens;

O monteiro-mór em uma berlinda a seis;

2 Carros para a caça pintados de prata e verde, e tirado cada um por seis mulas;

2 Azemolas para o mesmo ministerio.

«Quando as pessoas reaes entraram na mata, diz frei José da Natividade, acharam já o monteiro-mór formado com a sua comitiva. Apearam-se e foram penetrando n'aquella mata: ao mesmo tempo se espalharam os monteiros, e vieram batendo o mato por todas as partes para aquella em que estavam suas magestades e altezas. Foram muitos os tiros que se fizeram, e a senhora princeza do Brasil, que, assim como se distingue nas relevantes prendas da erudição, musica, dança e bordadura, não é menos singularmente insigne na da caça, empregou tres com summa dextreza, matando á espingarda dois coelhos na carreira, o que foi de summo gosto para suas magestades, e para todos de grande admiração. Houveram-se á mão alguns coelhos vivos, e soltando-se todos á sua vista, atirou ella a um d'elles, e, matando-o, o duque de Cadaval e estribeiro-mór o fez embalsamar. Quando suas magestades, concluido este divertimento, se recolheram a Elvas, era já quasi noite; e foi ella tão igualmente festiva, como as antecedentes.»

A grandeza e lustre destas festas foram-se perdendo pouco a pouco até se reduzirem ás modestas condições das que se têm verificado na tapada real de Villa Viçosa durante o reinado de el-rei D. Luiz.

A. DE SOUSA E VASCONCELLOS.

¹ Monteiros pequenos, ou moços do monte que observam o sitio da caça para se fazer a batida.

DO HYTOPADESA

(Versão)

N'um valle fundo e escuso havia uma mangueira frondosa, onde de inverno as aves multicores vinham armar seu ninho, á sombra hospitalcira, cantando alegremente os placidos amores.

Um dia, —era de inverno— occultas na ramagem velavam sobre o berço as azas maternas; rugia a natureza um cantico selvagem e o céu mandava á terra as chuvas torrencias.

N'isto apparece lá um bando immenso e esguio de monos bestiaes, fugindo em debandada; alagados da chuva e tremulos de frio á rama secular vinham pedir poisada.

Tiveram compaixão as aves, e bondosas fallaram d'esta sorte aos rudes estrangeiros: — Enquanto o céu derrama as aguas caudalosas onde vos abrigaes, errantes forasteiros?

«Deus apenas nos deu um fragil bico e as azas, mas, quando chega o inverno, as chuvas e os terraes, das hervas da montanha armâmos nossas casas, enquanto vós sem lar nas serras divagaes.

«Vós a quem Deus formou tão fortes, tão completos que até vos concedeu as perfeições humanas podieis habitar os sitios mais selectos e construir ali palacios ou choupanas.

«Não terieis que andar á chuva e aos temporaes.» — N'isto os monos raivando ás aves retorquiram: — «Por terdes um abrigo é que de nós zombaes?...» — e mal cessou a chuva, os ninhos destruíram.

Esmagaram no berço os pobres passarinhos, torcendo-os entre as mãos, rojando-os pelo chão, e fugiram, erueis! deixando aos pobresinhos os temporaes do inverno, a dôr e a solidão.

É perigoso dar conselhos á ignorancia; — quem a quizer tirar da triste obscuridade terá de lhe soffrer o odio, a petulancia, tragando em recompensa o fel da iniquidade.

Lisboa.

CHRISTOVAM AYRES.

THEATROS

(Conclusão)

Mo theatro da Trindade tem-se repetido amiudadas vezes uma graciosissima comedia n'um acto, original do sr. Pinheiro Chagas, denominada — *Quem desdenha*... É compositão bem urdida, cheia de vida e animação; tem dialogo fluente e algumas scenas de seguro effeito para as platéas. Foi muito bem interpretada pelos artistas a quem couberam os principaes papeis.

Zé Fura-vidas é o titulo de outra comedia original, representada tambem na Trindade, e da qual é auctor o sr. Cunha Moniz. Esta comedia repetiu-se poucas vezes, não obstante ser alegre e haver tido bom desempenho. Prejudicou-a, de certo, haver o auctor, á força de querer eserever portuguez, abusado um pouco do emprego de plebeismos no dialogo.

Foram muito applaudidos nos seus beneficios os actores Augusto Rosa, Isidoro, João Rosa, Leone, a actriz Florinda e o tenor Silva. Em a noite de festa dos quatro primeiros, estreiarão-se as comedias em tres actos (traduções) — *As proezas de D. Quixote* — *Quatro mulheres n'uma casa* — *Mãos de fidalgo* e a comedia

em quatro actos a — *Botija*; na de Florinda, foi á scena a opera-comica em tres actos, correctamente vertida do hespanhol pelo sr. Francisco Serra — *O atrevido na côrte*, e na de Silva a opera italiana — *As educandas de Sorrento*.

Actualmente a peça que mais chama a attenção para aquelle theatro, é a — *Filha da sr.^a Angot*, a celebre opera-comica de Lecocq, tão conhecida e victoriada nas principaes côrtes da Europa. Em Lisboa foi esta peça levada á scena com grande esplendor de vestuario e scenario, sobressaindo a tudo a vista do primeiro acto, primorosamente pintada pelos srs. Procopio e Lambertini.

Quanto a mim, porém, o que durante a presente época theatral tem havido de mais notavel na Trindade, é o desempenho do actor Ribeiro na comedia em dois actos, traduzida do hespanhol — *Uma erança de 90 annos*. Se o publico houvesse por habito ir áquelle theatro vêr representar comedias, e não operas-comicas, a — *Creação de 90 annos* teria dado successivas enchentes, não pelo que a peça vale, que pouco é, mas pelo brilhante desempenho do primeiro papel d'ella, um velho de noventa annos, curvado até o chão, meio idiota, com a voz quasi extincta e fazendo maldades como qualquer ciancinha. Ribeiro foi realmente inexecutivel n'este papel. Como os actores que se tornam odiosos do publico porque fazem com energia e verdade uma carregada parte de tyranno, assim Ribeiro infundia sincera e profunda compaixão pela naturalidade com que figurava aquella senilidade extrema, aquelle idiotismo affligidor. As gargalhadas quasi sumidas, o susto quando ouve fallar em tropa, o deliquio com que termina a comedia, tudo é de uma perfeição e acabamento fóra do vulgar.

Nos demais theatros as peças que maior concorrência obtiveram, foram o — *Cofre dos encantos*, magica em tres actos e innumerados quadros, pelo sr. Parisini, e — *Lisboa no palco*, revista do anno de 1874, pelo sr. Sousa Bastos, a primeira dada nas Variedades e a segunda na Rua dos Condes. A revista apresentada este anno pelo sr. Sousa Bastos foi considerada uma das melhores que têm apparecido em os nossos theatros, porque registava engraçada e conceituosamente os factos, e estava ornada com o espectaculo indispensavel em peças d'aquelle genero.

Para fallar de todos os theatros de declamação que ha em Lisboa, resta-me citar o do Principe Real. De proposito o deixei para o fim, porque preciso occupar-me d'elle com algum vagar, não para fazer analyse detida da opera-burlesca — *O filho de m.^{me} Angot*, letra do sr. Baptista Machado e musica do sr. Angelo Frondoni, peça que pelos chistes do poema, excellente partitura e luxo com que está posta em scena, attrae actualmente a curiosidade publica; mas porque mais uma vez coube áquelle theatro a gloria de sêr o alvo das attentões das pessoas que frequentam os espectaculos de primeira plana.

Celestina de Paladini, celebre atriz italiana, veio ao palco do Principe Real colher com o seu esplendido talento dramatico, tantas ou mais palmas, tantas ou mais ovações, quantas, ha annos, na mesma scena, havia colhido o afamado tragico Rossi.

Deserever o enthusiasmo que a eximia atriz causou em Lisboa, a sensação que produziu nos que a viram, o delirio com que foi victoriada, é tarefa quasi impossivel de realisar. Durante as duas ou tres primeiras representações que deu, enquanto o seu nome não se tornou conhecido, os logares do theatro estiveram quasi abandonados; mas apenas constou o muito que Paladini valia, logo que se divulgou que a atriz italiana era um dos melhores talentos que têm visitado a capital, e que o numero de receitas que podia realisar seria limitadissimo, as enchentes foram immensas e successivas, chegando-se a pagar camarotes e logares de platéa por avultados preços.

Todas as demonstrações de estima que Lisboa tem dado por vezes aos grandes artistas, dispensou então prodigamente a Paladini. Alem das palmas e dos bravos entusiasticos do publico, recebeu a notavel atriz prendas de grande valor efferecidas pelas pessoas reaes; formosos bouquets e corôas vistosas, uma das quaes dada pela imprensa da capital; poesias laudatorias; aclamações na rua quando recolhia do theatro; todas as homenagens, enfim, que se podem prestar á realza do talento, e que o publico portuguez não regateia aos artistas que sabem captival-o.

Celestina de Paladini é effectivamente uma atriz de subido talento e de preciosos dotes de observação e estudo. Depois da Ristori, do Salvini e do Rossi, Lisboa ainda não havia admirado comediante de mais extraordinario merecimento. Incompleta na tragedia em consequencia da sua estatura mediana e da carencia de certos attributos indispensaveis para a perfeita execução dos grandes lances, representa o drama intimo com singular correcção e mestria. Apresentou-se-nos em peças da escola antiga e da escola moderna. Durante as scenas mais familiares d'estas, sustentou sempre admiravel naturalidade, mostrando que seguia com louvavel rigor os preceitos adoptados pelos melhores modelos do theatro de hoje; nas composições antigas, procurava aproveitar as scenas mais reaes d'ellas para as reproduzir com a verdade possivel, reservando os seus vigorosos recursos dramaticos para as situações violentas, cujo effeito theatral obtinha com arrojô, energia e sentimento.

A dôr profunda, a loucura e as agonias da morte são imitadas pela famosa atriz com tal conformidade e semilhança, que o publico chega a commover-se e a horrorisar-se durante as representações de algumas peças, como se tivesse na sua presença a realidade e não a ficção. Succedem assim no quarto acto das — *Causas e effeitos*, quando, vendo expirar o filho, a atriz desatava em copioso e afflictivo choro; no quarto acto da — *Linda de Chamounix* e no segundo da — *Louca de Toulon*, quando perdia a razão, e no prologo da — *Estatua de carne* e no ultimo acto da — *Dama das Camélias*, quando simulava os derradeiros paroxismos da tísica.

Se n'uma ou n'outra scena de alguns dramas, a grande atriz não satisfizes plenamente os entendidos, que, de certo pelo muito elevado conceito em que a tinham, lhe exigiam que fosse sempre completa, os prodigios que ella exhibiu em tantos e tão variados papeis, em tantas e tão oppostas situações, foram-lhe levados em conta para o unanime applauso com que todos saudaram o seu brilhantissimo talento. Nem podia deixar de ser assim; os lances patheticos das peças que já citei, o quarto acto da — *Mãe e filha* e o quinto da — *Adelaide*, resgatarem perfeitamente a ingenuidade por ventura exagerada com que a celebrada atriz fez o primeiro acto das — *Causas e effeitos*, a individualidade talvez pouco verdadeira com que figurou de Margarida Gautier, e o trabalho de certo menos brilhante com que desempenhou o terceiro e quinto actos da — *Estatua de carne*.

Os artistas que vinham na companhia de Paladini representaram sempre muito regularmente, distinguindo-se alguns em difficeis papeis, e primando todos pelo dizer correcto e natural, e pela harmonia que sabiam conservar no conjunto de todas as peças. Bianchi, o primeiro actor dramatico da companhia, Chioldi, engraçada *soubrette*, e Cavara, comico alegre e muito variado nas suas creações, foram os que melhor souberam ganhar as sympathias dos espectadores.

Registado o grande acontecimento theatral produzido pela vinda de Paladini a Lisboa, e citadas as principaes peças dadas nos theatros de Lisboa, nada mais ha a dizer sobre o assumpto, visto que dos artistas do circo e dos Davenports, seus semelhantes em agilidade, me julgo dispensado de tratar. Verdade seja que ainda me falta fallar do theatro de S. Carlos; d'este, porém, narra-se a historia da presente época em quatro palavras: — na sala, amudadas enchentes e parcimonia de applausos; no palco, nenhuma celebridade artistica á excepção da sr.^a Sass, nenhum tenor acceptavel á excepção do sr. Corsi, e nenhuma opera nova sem excepção alguma.

Depois de escripto este artigo, mais duas produções originaes foram representadas nos theatros de Lisboa. A primeira — *As apparencias*, drama em quatro actos pelo sr. L. Lucotte, deu-se no Gymnasio, em beneficio do actor Simões; a segunda — *Os viscondes de Algirão*, pelo sr. Cesar de Lacerda, subiu á scena do theatro de D. Maria II, em beneficio d'este applaudido actor-actor.

As apparencias é um drama convencional, mas bem combinado, com situações dramaticas de seguro effeito e alguns ditos comicos que alegrem os espectadores. O seu auctor tem revelado em mais de uma obra para o theatro, a muita disposição que possui para este genero de litteratura. Oxalá continue a escrever peças, se não melhores, tão boas como a ultima que fez, que é, sem duvida, de todas as que lhe tem sido representadas, a mais bem urdida e dialogada.

No desempenho, houveram-se perfeitamente os principaes artistas, distinguindo-se o actor Simões, que interpretou com o maior acerto o seu trabalhoso papel, merecendo do publico justissimos applausos.

Os viscondes de Algirão é uma comedia fina, de bom dialogo, mas com algumas scenas longas e pouco animadas. O seu entreeho corre naturalmente. Passa-se em duas épocas. Os dois primeiros actos succedem em 1834; estão perfeitamente traçados e têm algumas scenas de verdadeiro interesse. Os tres ultimos alcançam o anno de 1855, e são feitos com menos felicidade que os dois primeiros. O terceiro, um acto excellent de exposição, ouve-se com frieza porque vem depois do primeiro e segundo, que preparam o publico para assistir ao desenvolvimento da acção, desenvolvimento que não existe, porque o enredo da segunda época difere completamente do da primeira, que é como que um longo prologo em dois actos.

O desempenho da comedia foi muito bom por parte de todos os interpretes, cabendo, porém, as honras d'elle, á atriz Carolina Falco, que representou primorosamente o seu papel, mormente no terceiro acto; e ao actor Antonio Pedro, que de uma parte insignificante fez uma criação magnifica.

E com o mais vivo prazer que á lista dos originaes representados este anno em os nossos theatros, accrescento estes dois, que se não obtiveram extraordinario acolhimento do publico, fazem, todavia, honra á litteratura dramatica portugueza.

A AGUADEIRA DE VENEZA — O PASTORSINHO ROMANO

Tenho uma idéa vaga de que os vi.

Ella, a Therezina, a aguadeira, enchia com a sua gentileza selvagem, com o seu olhar humido e ardente, com a tempestade dos seus cabellos negros, com a sua vózinha

tro de ferro e fogo que engolia furiosamente o espaço, e voltava de novo ás tentativas melódicas, enquanto o molosso, o fiel companheiro, dominava com o seu olhar intelligente e triste, a alvoroçado rebanho.

Lá o rapazinho, tenho eu a certeza de que o vi, n'uma deveza, á beira de um barrocal, n'alguma rechan solitaria d'aquella vasta e assoalhada *campanha*, que eu atraves-



A aguadeira de Veneza

enrouquecida, com o requebro forçado do seu corpinho, uma *rughetta* qualquer, suja e deserta.

Convem dizer que uma *rughetta* se enche com qualquer cousa: é a *ruga*, a hypothese veneziana de uma rua, reduzida ás mais modestas proporções; ás proporções de um saguão.

Elle, o pastorinho, o nomada deseuídoso e alegre das ardencias e das pestilencias da *campanha*, interrompia os ensaios da avena para saudar ruidosamente o comboio, seguia por momentos, com a vista espantada, aquelle mons-

sava, cheio de um sentimento inexpronível e profundo, esperando a cada instante ver desenhar-se nas purpuras do horisonte, a cidade eterna.

Por signal que me lembrei de Giotto, aquelle outro pastorinho que Cimabue encontrou a ensaiar entre as estevas e as ovelhas, o *dono di Dio* com que havia de rasgar um dia os fundos aureos do Bysantino, fazendo jorrar sobre a Arte a aurora esplendente da renascença italiana.

Quem sabe se n'aquella creança, que experimentava na avena grosseira a traducção das vagas harmonias lá de

dentro, não se formava, em face da severa e opulenta magestade d'aquella natureza, a alma de um Pergoleso, que a *malaria* primeiro do que um Cinabue da musica, encontraria talvez?

Ah! Quantos Giotto's se perdem á mingua de um Giovanni Gualtieri!

E quantos poderia registrar a Arte nos bronzes da sua

contemporanea sómente e deficientemente pela da arte franceza: as suas decadencias e as suas glórias, as suas feições dominantes e os protestos isolados que do seio d'ella se elevam, não sómente nos preoccupam nas nossas criticas, mas dirigem-nos nas nossas sympathias e aspirações. É o que acontece, por exemplo, na velha e confusa questão do *realismo* artistico.



O pastorsinho romano

historia, se os seus cultores, como o pastorinho de Vespignano, embebessem, por um lado, aquelle *dono di Dio* de que falla Vassari, no seio jocundo da Natureza, e por outro, o vasassem no estudo sincero e paciente, em vez de o desperdiçar em phantasias fatuas, em convenções esterilizadoras, em gloriolas inanes!

Vinha aqui á mão de semear um dissertar mais ou menos lamentoso sobre os eternos motivos da decadencia da arte e... da perdição do mundo.

Nós estamos costumados a julgar da situação da arte

Graças principalmente ao bello livro de Proudhon, infelizmente mais citado do que conhecido, nunca se falla aqui em realismo pictorico, que não se ouça o nome de Courbet, elevado, entre applausos ou entre clascos apaixonados, á cathegoria de uma verdadeira revolução, de uma solução definitiva, de uma escola completa e novissima, — e que não rebentem os enthusiasmos ou as coleras de um sectarismo exclusivista, falso porque é exclusivo, e falso ainda porque sendo exclusivo, pretende amarrotar o facto e a evolução natural da Arte, a propria Natureza

até, no cadinho de um systema preestabelecido, em vez de deduzir este d'aquella.

Para mim a Arte é simplesmente uma resultante social começando por ser um resultado da propria natureza humana; — é o «homem junto ás cousas», como disse um grande philosopho que reuniu n'esta phrase caracteristica a affirmação de outro de que a Arte era o resplendor da Verdade, com a d'aquelle profundo arabe que definiu a Verdade, «a equação entre o homem e as cousas».

Formula exclusiva de um systema, é que elle não é com certeza, e parece-me extravagante que a queiram estreitar n'uma concepção escolastica qualquer, exactamente n'uma época em que o principio supremo da critica scientifica é deduzir a concepção dos phenomenos, do estudo positivo das suas leis.

Que Luiz XIV dissesse dos admiraveis labregos de van Ostade ou de Tenier: *Otez-moi ces magots*, ou que Paulo IV se assustasse com as magestosas nudezas do *fresco* do Buonrotti e encontrasse um Volterra que se prestasse a cobri-las, é natural.

É porém deploravel que a critica pareça ás vezes amesquinhar-se até á nulla valia artistica d'aquelles dois sujeitos, e que no fanatismo das produções deslumbrantes da Arte chamada classica, volte, desdenhosa, as costas aos Ostade ou aos Teniers de qualquer tempo ou de qualquer paiz.

É não é menos deploravel que na sympathia por estes, ou n'uma preocupação social, que para ser justa precisa ser positiva, se faça fanaticamente iconoclasta dos monumentos ou dos productos artisticos que parecem contrariar essa preocupação ou representar uma preocupação opposta.

Tudo isto quer dizer, que n'estas questões de escolas me parece que a Verdade e a Natureza são a miude sacrificadas á intolerancia e aos preconceitos doutrinaes, e que eu, exactamente porque amo a verdade e a natureza, sympathizo com as duas figurinhas italianas que suggeriram este escripto, e não estou disposto a tortural-as, — pobres creanças surprehendidas pelo lapis de um artista viajante, na sua triste obscuridade d'ellas! — nos embates das transcendencias de escola.

Devem ou não devem encaixar-se os dois galantes quadrosinhos no compartimento respectivo á escola *realista*, em archivo muito methodico de critica artistica?

Que me importa?

Ponham-n'os onde quizerem.

Se fossem meus, creiam que não os archivava n'um armario. Pendurava-os no meu gabinetesinho, defronte da minha banca, entre os meus livros, ao lado dos meus Leon Monceaux, dos meus pobres *magots* flamengos e francezes; dos meus Landseer... em gravura, e dos meus Rafael, Durer, Ruysdael... em photographia.

Alianças-lhes que gostava muito de os ter, sem me dar o menor cuidado que fossem *realistas* ou não.

Naturaes é que elles são, ou, *naturalistas*, se querem, e a proposito d'isto sempre direi que o *naturalismo* me parece feição criticamente mais ampla do que a fixada pelas theorias, um pouco vagas e que já G. Planche achava um pouco... transitorias, do realismo artistico, e tanto mais ampla que abrange o realismo verdadeiro.

Ora, mas poderá observar alguém que a rapariguinha da agua está um pouco *idealizada*, como se costuma dizer, no contorno corporeo; que apresenta uns braços bem feitos, um rosto correctamente modelado, uns olhos rasgados e scismadores, e varios predicados plasticos que podem parecer menos vulgares n'uma pobre labrega.

Em primeiro lugar convem que concordemos n'uma cousa muito clara e simples, e é que a photographia póde

ser um ramo da Arte, mas que de certo a Arte não se reduz á photographia.

Depois, os contornos vigorosos não são exactamente um producto especial dos espartilhos; uns olhos bonitos estão longe de ser um privilegio do *high-life*; e enfim uma plastica sadia e correcta tanto não é exclusivo do mulherio galante, que este é o principal consumidor de certas pomadas e apparatus suppostamente correctivos.

Junte-se a isto que não se é impunemente filha de Veneza, da gentilissima e melancolica Veneza. A este respeito havia um milhão de cousas interessantes que dizer.

Uma ultima observação.

Conhecem Leopold Robert?

É costume affirmar que elle se lembrava demais dos Apollos e dos Adonis, quando pintava os rusticos da Italia, e que envolvia geralmente estes n'uns certos esplendores olympicos.

Eu tinha tambem esta prevenção, antes de fazer a viagem da Italia.

Na volta porém tive de corrigir consideravelmente a prevenção¹.

«Quem não conhece o sitio não conhece a planta», dizem os persas.

É Stendhal observa que «o verdadeiro talento, toma como o vismara, borboleta das Indias, a côr da planta em que vive».

LUCIANO CORDEIRO.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação)²

IV



CHAVA-SE Sequeira desempenhando o seu logar de primeiro pintor da Camara e dirigindo as obras de pintura da Ajuda, quando em 1807 sobreveio a invasão franceza. Era sabido que n'essa época, tão calamitosa para Portugal, havia sido perseguido por jacobino o nosso grande pintor, de envolta com muitas outras pessoas respeitaveis³; mas este episodio, referido por Cyrillo com a sua costumada brevidade, nunca fôra conhecido em seus pormenores até que, em 1866, o sr. J. Ribeiro Guimarães⁴ publicou extractos de alguns interessantes documentos que lançavam muita luz sobre o jacobinismo de Sequeira. Estes documentos, que pertenciam ao sr. José da Costa Sequeira, sobrinho do grande pintor, foram adquiridos ha pouco pela Academia real de bellas artes em cuja bibliotheca estão depositados. São os seguintes manuscritos: memoria justificativa de Sequeira, original da sua letra, dirigida, ao que parece, ao juiz relator do seu processo⁵; allegação juridica a favor

¹ Viagens: Hespanha e Franca.

² Vide os n.ºs 5, 6, 7, 8, 9 e 10.

³ Restaurado... o Reino, o povo miúdo de Belem se levantou contra o Sequeira, porque o suspeitava de inconfidencia; elle conseguiu poder-se justificar... Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 310.

⁴ *Journal do Commercio* de 22, 24 e 30 de novembro de 1866. Estes artigos saíram reimpressos no 4.º volume do *Summario de varia historia*. Lisboa, 1874. Rolland & Semiond.

⁵ Esta memoria foi enviada pelo secretario d'estado Salter de Mendonça ao juiz da inconfidencia Antonio Gomes Ribeiro. Archivo do ministerio do reino, liv. 39. Avisos, liv. 35, fl. 202.

de Sequeira pelo seu advogado Henriques Ferreira — parece original e tem no fim a assignatura do advogado; e finalmente, copias dos depoimentos de tres testemunhas. Estes papeis, encontrados entre os que Sequeira deixou em Lisboa quando d'aqui emigrou em 1823, e conservados cuidadosamente pela familia, são os unicos documentos com os quaes posso reconstituir este periodo da sua vida, pois que das investigações a que procedi em varios archivos apenas pude respigar algumas noticias, valiosas sim, mas muito incompletas e deficientes.

A narração d'este episodio é curiosa e instructiva. Veremos que d'aquelles de quem se devia fiar, como devedores que lhe eram de grandes finezas e obsequios, recebeu Sequeira, em vez de premio, castigo; em vez de justiça, calumnias; e como paga da sua nimia condescendencia, accusações gravissimas de que muito a custo poude livrar-se. «É um dos grandes males da vida, diz o maviioso frei Thomé de Jesus, a falsa amizade, principalmente quando chega a affrontas e deshonras publicas, e a infamar o amigo¹.» Bem o experimentou Sequeira atraído por aquelles que deveria ter na conta de amigos, por aquelles que havia associado a seus trabalhos e com elle viviam em diuturna commuidade de relações.

Entre outros artistas eram empregados debaixo das suas ordens na decoração da Ajuda, os pintores Archangel Fuschini e Bartholomeu Calisto, ambos mais do que mediocres cultores da arte, e que só ao favor de Sequeira, deviam, como atraz eu disse, aquella collocação. Não satisfeitos com a posição secundaria que n'essas obras tinham, aspirando em seu louco amor proprio ao lugar eminente d'aquelle que sobre ser seu mestre fôra seu protector e amigo, não duvidaram buscar por meio dos mais tortuosos caminhos, o que nunca poderiam alcançar se fossem levados em conta os seus talentos e prestimo. Aproveitaram-se das circumstancias, e como aquelles de quem diz D. Joanna da Gama «que andam desinquietos e desapoderados de repouso e o que fazem não é a horas senão a deshoras²», vieram roubar a Sequeira mais do que a existencia e a fazenda n'aquellas deshoras da vida de Portugal a que se chama o *tempo dos francezes*. E digo a deshoras, porque a época na verdade era de trevas, de confusão e de geral desordem.

Nos sonhos titanicos do seu insaciavel orgulho, o primeiro Napoleão havia devancado restaurar o imperio do occidente, e submeter ao seu gladio vencedor os paizes mais desaffectedos á França por sua indole e tradições. Na phrase de Victor Hugo era seu intento:

..... prendre
L'Europe à Charlemagne, à Mahomet l'Asie³;

O encargo de trazer Portugal para o gremio d'este colossal imperio fôra commettido a Junot, que, avançando em marchas forçadas, conseguira entrar em Lisboa na manhã de 30 de novembro de 1807, a tempo ainda para ver sair pela barra o Principe Regente, que, tendo embareado a 27, mas ficando demorado por causa dos ventos contrarios «a cada instante julgava escutar, da sua camara a bordo, os brados de victoria dos soldados de Junot⁴». Um dos primeiros cuidados d'este general ao chegar a Lisboa, fôra de alterar o governo a quem o Principe Regente deixára confiado Portugal, introduzindo-lhe tanto quanto possivel o elemento francez. Assim é que nomeou, em 1 de dezembro, adjunto ao conselho da regencia e, em 3, administra-

dor geral das finanças, a M. Herman que havia sido consul de França em Lisboa¹. Foi pois a este que vinha substituir em suas funcções o presidente do Real Erario, que pertenceu desde logo a direcção suprema das obras do paço da Ajuda. Em 9 de dezembro de 1807 baixara ordem para que fossem suspensos os trabalhos e despedidos os operarios; porém, poucos dias depois, em 23 do mesmo mez, foi esta ordem revogada por outra que determinava que as obras continuassem². Sequeira portanto ficou como até ali incumbido da direcção da pintura, quando voltando do Porto em janeiro seguinte, se recolheu a Lisboa³. O seu grande talento tornou-o mui depressa considerado e respeitado por quantos no exercito invasor amavam ou cultivavam as artes. Entre outras pessoas travou relações de amizade com o conde de Forbin, que no tempo da restauração foi director geral das bellas artes em França. Acompanhou-o em uma digressão á Batalha e Alcobaga, durante a qual o conde executou os estudos para um quadro em que reproduziu o tumulto de Ignez de Castro, quadro que depois offereceu ao principe Eugenio, em cuja galeria se achava. Era o conde n'aquella época um dos ajudantes de campo do general Junot, e facilmente deu ao nosso artista relações com os seus companheiros de armas⁴, para alguns dos quaes executou trabalhos. O proprio general em chefe, informado dos seus merecimentos, desejou que pintasse um quadro allusivo ao estado actual de Lisboa, dando-lhe elle mesmo o thema da allegoria. Junot havia-lhe tambem promettido o pagamento de alguns mezes de ordenado que estavam em divida, e tinha-o incitado a que continuasse na direcção dos trabalhos do paço⁵. O sr. Ribeiro Guimarães nos artigos já citados, descreve com muita individualização e clareza o quadro que Sequeira executou para o duque de Abrantes, seguindo as proprias indicações do artista no memorial que já indiquei. Queria Junot que Lisboa se mostrasse segura, sob a protecção do heroe, cujo governo sabio e prudente preparava premios para quem os merecesse; Neptuno devia apresentar-se tremulo ao aspecto do fulminante Marte. Este quadro, diz Sequeira, foi executado, e achava-se na casa das drogas quando o governo legitimo foi restaurado. Não sei o que d'elle foi feito; nas arrecadações da Ajuda onde devia conservar-se, se porventura existisse, não o encontrei; e nem sequer invocando as recordações dos mais antigos creados do paço, alcancei noticia d'elle. Comtudo, é imnegavel que o quadro foi executado, pois que assim o confessa o proprio Sequeira.

Era tradição muito acceita, que havia sido preparada com acidos corrosivos a tela d'este painel, de fórma que pouco deveria durar. Esta tradição porém parece ser menos exacta. Se o fôra, Sequeira, em sua memoria justificativa, não teria deixado de referir o facto como argumento fortissimo em seu favor. Se o quadro hoje não existe, é mais natural que o destruissem n'aquella época de reacção violenta contra os francezes, que se seguiu á sua expulsão de Portugal.

¹ Raton. — *Recordações da minha vida*, pag. 354.

Este Herman estivera em Lisboa depois da primeira embaixada de Lannes, incumbido pelo primeiro consul de pedir explicações ao governo de Portugal. — Vid. *Accursio das Neves*. — *Historia geral da invasão dos francezes*, vol. 1, pag. 87.

² Archivo citado das obras do paço da Ajuda, liv. 34.

³ Memoria justificativa de Sequeira; mss. da bibliotheca da academia real de bellas artes.

⁴ Devo o conhecimento do facto que deixo referido ao favor do sr. marquez de Fronteira, que se recorda de o haver ouvido contar ao proprio Sequeira.

⁵ Vid. memoria justificativa de Sequeira e allegação do seu advogado Henriques Ferreira, nos mss. da bibliotheca da Academia real das bellas artes.

¹ Trabalhos de Jesus, ed. 1865, vol. II, pag. 8.

² Ditos da Freyra, ed. de Tito de Noronha, pag. 15.

³ Les Chants du Crépuscule. *Napoléon II*.

⁴ Pinheiro Chagas. — *A guerra peninsular*, pag. 24.

O auctor d'este estudo possui um pequeno esboço que lhe deu o fallecido conde de Farrobo, em cuja galeria estava e que tambem é allusivo ao marechal Junot. A sua descripção completa encontra-se nos apontados artigos do sr. Guimarães. Um Genio pairando nos ares segura com a mão esquerda um ramo bastante avolumado de saudades, e levanta com a mão direita um pequenissimo medalhão, no qual se lê em letras microscopicas *Duque de Abrantes*; ao lado vê-se uma aguia branca com as azas fechadas, e poitando em cima de nuvens; toda a parte superior do quadro está brillantemente illuminada; na parte inferior, assombrada pelas nuvens, está uma paisagem em cujo ultimo plano se descobre a torre de Belem, sobre a qual fluctua, em ponto tão pequeno que mal se pôde enxergar, a bandeira tricolor franceza. É evidente que n'este quadro allegorico, executado certamente durante a invasão franceza, o nosso artista quiz encobrir e dissimular quanto possível, as allusões que se viu obrigado a fazer em honra dos nossos temporarios vencedores. Se glorificou Junot, não pôde esquecer-se das *saudades* que tinha da independencia da patria, e, ao passo que o genio proclama a gloria do general francez, quiz o artista mostrar que não era d'este que fiava o futuro da patria, senão do principe que tão ao longe, nas terras de além mar, conservava vinculado a si o amor dos portuguezes, apesar de não ter sabido ou não ter podido protegê-los. Este pensamento de Sequeira é, a meu vêr, perfeitamente indicado pela facha de luz brillantissima que no horizonte da parte inferior do seu quadro, todo mergulhado em densissimas trevas, chama a vista do espectador para aquelle ponto do occidente, onde, em relação a Portugal, está situado o Brasil. O conde de Farrobo não conhecia a historia d'esse quadro; eu tambem nada pude descobrir a tal respeito, mas creio que a simples descripção d'elle basta para provar a época em que foi pintado, e explicar o seu assumpto. Além d'estes trabalhos, fez alguns retratos de officiaes francezes, como o seu advogado confessa na já referida allegação. Parece co.n.tudo que durante a época da invasão, se quiz excusar de continuar a trabalhar no palacio da Ajuda, recceiando, como elle diz na sua memoria, que lhe destinassem algumas obras que pelos seus assumptos compromettessem os leaes sentimentos do seu coração; não foi porém attendido e permaneceu pintando no paço.

Rastreado com attenção todos os documentos que pude descobrir ácerca d'esta época da vida do nosso pintor, nada mais encontrei, que tivesse sabor de francezismo. Contudo, para as paixões do tempo era bastante, era de sobejo o que elle praticara. A seus inimigos sobravam os pretextos para o criminares, e não se furtaram a aproveitar todas as circumstancias que podiam aggravar-lhe a sorte, tornando-o mais suspeito ainda do que por suas imprudências merecia. No abençoado tempo em que vivemos de liberdade e de tolerancia para todos e para todas as opiniões, tempo em que publicamente qualquer pôde allardear até de iberico, sem que esta manifestação lhe custe outra coisa mais do que a geral desconsideração e o universal desagrado, n'esta época em que as demasias da policia, quando as ha, levantam unisono clamor, em que a lei é igual para todos, a casa do cidadão inviolavel, a liberdade de opiniões illimitada, as formas do processo rigorosamente determinadas por lei, as delações justamente proscriptas e condemnadas, mal podemos comprehender o estado de anarchia moral dos calamitosos annos de 1808 e 1809. Quem d'elles quizer ter cabal noticia leia *Accursio das Neves*, historia da invasão dos francezes 1;

¹ Lisboa, 1810-1811, 5 volumes.

o sr. Simão José da Luz, historia da guerra civil¹; o sr. Barros e Cunha, historia da liberdade em Portugal², e os interessantes trabalhos do sr. Alberto Telles de Ultra Machado³; leia sobretudo nos livros de registo e maços de documentos pertencentes á antiga intendencia geral da policia, que se conservam na torre do tomo, as contas diarias do intendente aos governadores do reino, e as denuncias anonymas ou assignadas que eram lançadas na caixa da intendencia, que, como outr'ora a bôca do leão de bronze na escada dos gigantes em Veneza, estava aberta de dia e noite ás delações de toda a sorte.

Não posso, nem mesmo a largos traços, esboçar aqui esta terrivel época. Uma descripção, por muito succinta que fosse, do estado de Lisboa, durante os ultimos mezes de 1808 e quasi todo o anno de 1809, seria ainda assim demasiado extensa para as columnas d'este jornal. E seja-me licito dizer aqui de passo, que vão por tal fórma accumulando-se entre as minhas mãos documentos e elementos para a biographia do nosso grande artista, que este trabalho emprehendido em proporções muito acanhadas e primitivamente delineado para o espaço limitado de que n'esta publicação posso dispôr, cresceu por fórma tal que me vejo obrigado a encurtar aqui muito do que poderia dizer, reservando-mo para tratar mais amplamente a materia em livro que brevemente espero imprimir.

Expulsos os francezes em agosto de 1808 não só pelo valor do exercito anglo-luso, senão ainda pela patriótica unanimidade com que se sublevaram os povos todos, «ensinando á Europa civilisada a resistir ao oppressor»⁴, e restaurado o governo nacional, era forçoso acudir sem perda de tempo ás urgentissimas necessidades do paiz, entre as quaes avultava então o miseravel estado do thesouro publico. Acabaram-se os tempos felizes de D. João V, em que os galeões carregados de ouro e diamantes vinham trazer á rainha do Tejo os tributos da sua riquissima capitania brasileira. Estancára esta fonte de receita publica. Os rendimentos da que fôra colonia, e agora estava sendo metropole temporaria, ficavam-se ali e não sobravam para as despezas ordinarias da côrte accrescentadas com as da sua installação na capital da provincia ultramarina. Os francezes além das enormes contribuições de guerra⁵ e das depredações de toda a sorte que praticaram, deixaram o paiz por tal modo arruinado que faltava a materia collectavel. A iniciativa individual supriu a falta de recursos governativos, e n'um sublime lance de patriotismo acudiu com subscrições a preencher as deficiencias do thesouro. Os numeros da *Gazeta de Lisboa* de 1 de outubro de 1808 em diante, até quasi ao fim de 1809, contêm extensas listas de donativos e offerecimentos de toda a sorte, dinheiro, cavallos, generos, equipamentos, armamentos, etc. Todas as classes se associaram a esta imponente manifestação: conventos cedendo das suas rendas, fidalgos dos rendimentos das suas commendas e dos seus bens da corôa, negociantes do pagamento de generos vendidos, artistas do preço do seu trabalho, de tudo sobram exemplos. Nas listas dos nomes dos donatarios estão, confundidas em fraternal amplexo, todas as ordens sociaes, todas as gerarchias.

¹ Segunda época, tomos I, II e III. Lisboa, 1870 a 1874.

² Lisboa, 1869, vol. I (unico publicado).

³ *Instituto de Coimbra*, vol. xv, pag. 205 e 276, vol. xvi, pag. 138 e 185.

⁴ Barros e Cunha. — *Ob. cit.*, pag. 211.

⁵ Só o decreto de Milão tributou Portugal em cem milhões de francos *pelo resgate* das propriedades particulares. Esta contribuição foi reduzida a metade por instancias da deputação enviada a Napoleão, diz o sr. Rebello da Silva em uma nota da *Casa dos Fautasmas*, vol. II, pag. 253.



ABRAHÃO E AGAR.

Sequeira foi um dos primeiros a manifestar por este modo o seu aquilatado patriotismo, porque em 25 de outubro de 1808 entregou elle mesmo, como consta de uma nota do seu punho na margem da minuta original¹, um requerimento á *Regencia* no qual diz «... tudo o que percebo pelo bolcinho cedo desde o 1.º de janeiro de 1808 por todo o tempo que durar a guerra com a França, dos ordenados de 2 contos de réis como Primeiro Pintor da camera e corte cedo hum conto cada hum anno começando desde o primeiro dia que a Regencia felizmente governa e continuando por todo o tempo que durar a guerra com a França, e em tudo venho a ceder 1:688\$000. Restando-me para a minha subsistencia e da minha familia 1:600\$000: hum conto que devo receber pelo Real Erario e 600\$000 pela junta da companhia do Porto². Digne-se V. A. R. aceitar esta gratificação que faço em virtude do meu dever, desejando que ella se não manifeste ao Publico, porque não ambiciono outra gloria mais que a de ser grato a V. A. e util á minha Nação, &». Os governadores do reino aceitaram a cedencia e cumpriram com os desejos de Sequeira, não publicando o seu nome nas listas dos offerentes, que passei com todo o cuidado nas gazetas sem mesmo anonymamente vêr mencionada aquella offerta. É certo porém que ella foi aceita porque assim o prova um documento official datado de 30 de abril de 1814, em que o administrador geral do Real Erario ordena ao contador geral da cidade, que do mez de março em diante fique sem effeito o desconto de metade da pensão de 2:000\$000 réis que Sequeira tinha na folha das pensões lavrada n'esta contadoria e que *havia cedido durante a guerra*³. Este documento prova não só que foi accito o offerecimento do nosso artista, senão que foram cumpridos os seus desejos quanto á duração da cedencia.

(Continúa.)

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

Abraham e Hagar



ARA, era infecunda e sendo já proveccta em sua idade, fugira-lhe a esperanza de que por ella pudesse o esposo responder ao nome de Abraham, em que Deus lhe haveria de trocar o nome primitivo. Ora Abraham em hebraico significa o *pae da multidão*, o patriarcha de numerosa descendencia.

Um dia (reconta o Genesis no capitulo XVI), Sara disse a Abraham: «O Senhor inhibiu-me de ter filhos. Celebra nupcias com a minha escrava, por se acaso alcanças d'ella a prole, que eu te nego.»

A ancilla havia nome Hagar, e procedia da terra de Mizraim, ou do Egypto.

Quadrou o conselho ou rogativa da mulher ao patriarcha dos hebreus. E diz o texto que Sara, tomando consigo a escrava egypcia, a levou a Abraham, deixando-lh'a por consorte. E passava este successo dez annos depois que o velho patriarcha assentára sua morada na terra de Chanaan.

¹ Bibliotheca da academia real de bellas artes. Mss. de Sequeira já por vezes citados.

² Companhia geral de agricultura das vinhas do Alto Douro, de cuja aula de desenho na academia de marinha era director, como atraz se disse.

³ Archivo do tribunal de contas. Archivo do real erario. Contadoria geral da cidade. Thesouraria mór. Liv. 1 do registro de ordens de 1813 a 1816, fl. 126.

Aconteceu porém que a pobre serva certificou a Abraham, que lhe daria em breve um descendente. E ao vêr-se mais feliz do que a senhora, com a inestimavel preeminencia de ser mãe, tomou-se de natural desvanecimento, e accrescentando por ventura aos jubilos da maternidade uma certa malicia e emulação, que da costella do primeiro homem se transfundiu ás mulheres mais innocentes, começou de remoquear a infecundidade e talvez tambem os annos d'aquella, que por senhora e já edosa, lhe cabia reverenciar. Diria acaso a pegureira que n'aquella casa, onde os rebanhos eram innumeraveis e copiosas as riquezas, para que houvesse herdeiro, fôra necessario que deixada a antiga esposa buscasse Abraham a propria escrava. E ainda porventura a mais haveria de passar a jactancia da egypcia, depois de exalçada ao tóro nupcial, porque o texto diz expressamente *desperit dominam*.

Levou Sara suas queixas a Abraham e disse-lhe: «Dei-te a minha escrava, a qual em se vendo mãe de um filho, me desacatou e offendeu. Que Deus entre mim e ti seja nosso julgador». E Abraham respondeu: «Eis ahi que ponho nas tuas mãos a tua ancilla. Faze d'ella o que te approuver».

Ora a mulher de Abraham ao offerecer Hagar ao seu consorte, quizera remediar—se era possível— a propria esterilidade. Não contara com o ciúme, que nem os cabellos brancos, a tez rugosa e as faces amortecidas, conseguem inteiramente sepultar nos gelos da indifferença femil.

O texto cala o como a senhora castigou a vaidade offensiva da sua escrava. Refere apenas que Sara affligia ou vexava a propria, que elegêra, para assegurar a prole a Abraham. *Affligente igitur eam Sarai*. E accrescenta brevemente que a ancilla fugiu para o deserto. Não haveriam de ser doces os tratos, nem amenas as palavras, para que a pobre mãe se determinasse em divagar pelos ermos desabridos, sem pão, sem conforto, sem esperanza. Palavras e tratos de mulher aneja e offendida no mais delicado melindre do seu sexo.

Poisou Hagar (provavelmente para se carpir e desfêchar em lagrimas a sua desventura) ao pé de uma fonte, que no deserto brotava solitaria no caminho aspero de Suz.

E o anjo do Senhor appareceu a Hagar, e disse-lhe: «Hagar, escrava de Sarai, d'onde vens? Aonde vaes?» E ella respondeu: «Fujo da casa de Sarai, minha senhora».

E disse-lhe o anjo do Senhor «Torna para a tua senhora, e humilha-te debaixo da sua mão».

E o anjo em nome de Deus affiançou a Hagar que a sua descendencia seria innumeravel na sua multidão. E ordenou-lhe que ao filho, que lhe havia de nascer, puzesse nome Ismael, em memoria de que o Senhor ouvira os seus lamentos e se amerceara de sua miseria e soledade. E mais lhe prometteu que Ismael viria a ser um temível batalhador, e que as suas mãos pelejariam contra todos e as mãos de todos contra elle, apontando d'este modo aos costumes bellicosos da raça arabiga, ou ismaelita, que d'elle se haveria de multiplicar, guerreira e dominadora, até os ultimos confins da terra.

Hagar volveu sobre seus passos e entrou de novo na casa de Abraham. E deu á luz um filho e impoz lhe o nome, que o Senhor designára.

E a este tempo o santo patriarcha era de oitenta e seis annos já cumpridos.

Ora o Senhor havia promettido a Abraham fazel-o pae de um povo numeroso, e estirpe de regios descendentes. E a Sara, apesar da sua velhice e incredulidade, mandou annunciar pelos tres anjos do valle de Membre, que havia de ser mãe. No fim do termo assignalado Sara deu á

luz um filho, e Abraham poz-lhe o nome de Isaac. Raiava o patriarcha nos cem annos.

Um dia Sara disse a Abraham: « Lança fóra d'esta casa a Hagar e a Ismael; porque não quero que o filho da escrava participe da herança de seu pae com meu proprio filho Isaac ».

E refere a sagrada pagina que o velho patriarcha houve grande amargura com tão peremptoria intimação. Isaac era filho seu, mas filho seu e primogenito era tambem o indomito Ismael.

E como obrigado dos vinculos paternos hesitasse Abraham em cumprir a dura sentença da consorte, disse-lhe Deus: « Não te pareça aspereza e immanidade o expulsares de tua casa á egypcia e a seu filho. Obedece ao que Sara te mandou ». E o Senhor lhe confirmou as promessas de que por Isaac seria Abraham o patriarcha da nação israelita, e por Ismael o tronco, d'onde brotasse a innumeravel multidão de outra gente oriental.

No dia seguinte, levantou-se Abraham mui de manhã, e trazendo pão e um odre de agua, aperceben a Hagar de seu viatico para as largas e trabalhosas jornadas, a que ia aventurar-se no deserto. E pondo aquella resumida matalotagem ao hombro da escrava laehrymosa, a despediu e encommendou á sua ventura.

Esta é a scena final, este o epilogo e desenlace d'este drama biblico, em que já na mais escura antiguidade se põe de manifesto que não podem duas mulheres caber, sob o mesmo tecto, com o homem, que tem um só coração para dois amores. Este é o momento, que o pintor elegeu para debuxar n'um quadro admiravel a lastimada historia de Hagar e Ismael. É n'este ponto que, segundo as tradições mosaicas e as lendas arabes, se está repartindo a progenie de Abraham, para que se funde por uma parte o povo eleito de Israel, e pela outra se propague a raça indomestica dos filhos do deserto.

É n'esta sasão que se estão delineando os portentosos acontecimentos, que hão de encher a historia da humanidade, porque de Isaac mimoso e afortunado terá com o decorrer dos tempos seu principio e fundamento a civilização christã, e de Ismael, expulso e foragido, nascerá a cultura musulmana. E assim como os dois irmãos já na casa paterna andavam mal avindos, haverá por largos seculos inexoravel e cruenta contençaõ entre os que hão de professar o Evangelho ou o Islam.

O assumpto pois ao mesmo passo é dramatico, emquanto scena de familia, e historico, emquanto origem de profundo antagonismo entre os dois ramos principaes da familia dos Semitas.

No painel, cujo transumpto se vê na nossa estampa, represento o pintor Adriano Van der Werf o instante, em que a escrava, levando pela mão a Ismael, deixa pela derradeira vez a casa de Abraham para divagar nas solidões de Bersabée. Ao limiar da mansão patriarchal adianta-se o velho centenário, parecendo abençoar o filho desgraçado e exprimindo no gesto e compostura a necessidade e o pesar, a suprema resignação ao divino mandamento e a entranhavel compunção de impellir para o deserto a mulher, que participara do seu thalamo e o filho, com que Deus abençoara a sua ephemera união.

É grave e austera a figura do patriarcha. Meio escondido nos pamejamentos da capa de Abraham, o pequenino Isaac, entre malicioso e infantil, se está contemplando aquella scena e justificando com o seu riso o proprio nome, que em hebraico tanto vale como o *ridente* ou o *irrisor*. Encostada no eumhal da porta apparece a velha Sara, com quem não quer participar nas despedidas, mas deseja verificar no rosto da rival o effeito da expulsão. A figura da escrava é formosa e ideal. É a florescente ju-

ventude a separar-se da ancianidade implacavel. Pendelhe a tiracollo o fardel de sua escassa provisão e o vaso, em que leva a agua para as primeiras horas do caminho. Com discreta invenção e artificio, não quiz o pintor que n'aquella extrema desolação da mãe afflieta apparecesse de frente o semblante da mulher expulsa e desherdada. Como o grego Timanthes no *Sacrificio de Iphigenia*, assentou que o pincel e a palheta não podem rastrear sequer a natureza nos lances, em que a dôr contráe e desfigura o rosto dos que penam sem consolação e sem esperanza. É radiante de belleza a cabeça de Ismael. Talvez a arte idealizou de mais o rosto do *ferus homo*, segundo o appellidou a Escriptura. Na doçura e resignação, que reluzem suavemente em suas feições, na saudosa tristeza e mansidão, com que vae apartar-se do tecto paternal, não é facil adivinhar o intratavel e fero campeador, que submeterá ao seu dominio as terras, que demoram desdo Chevila até Suz.

J. M. LATINO COELHO.

QUATRO HORAS NA GOLLEGÃ

I

Rasão da viagem



annuncio de uma festa na Gollegã e o desejo de vêr uma villa, que ainda não tinha visto, levaram-me a sair mais uma vez de Lisboa.

Não ha nada tão agradavel como viajar, e viajar na propria terra antes do visitar a alheia. Alem de outras vantagens, tem a de apurar o espirito de observação e obrigar um honnem a estudar, entre o povo das aldeias e villas portuguezas, seus usos e costumes, de que não se for-

ma idéa clara e perfeita nos livros, por mais bem escriptos que elles se nos deparem.

Resolvi-me a ir só. Mas, para uma diversão que chama sempre numerosa concorrência a toda a parte, era quasi um impossivel. Havia de, necessariamente, encontrar companheiros e amigos; e, encontrando-os, não me era licito, nem delicado, separar-me d'elles.

Á saída da primeira estação, depois da de Lisboa, já eu tinha tres companheiros e já estava ajustado com elles não os deixar senão quando, no regresso á capital, cada um tivesse que ir para as suas casas. Não me arrependi da companhia.

Erao tres bons moços, vivos e inteligentes — dois jornalistas e um official do exercito. A morte separou-nos já de um d'aquelles, Morato Roma, que por então escrevia no *Jornal da Noite*, e cujo nome inscrevo aqui com o profundo sentimento que me causa a recordação da prematura perda de um nobre character e de um talento provido e auspicioso.

Quando entrámos na Gollegã, antes de ir para a festa, que era uma tourada esplendida por curiosos na praça fundada pelo sr. Carlos Relvas, a primeira cousa que fizemos foi vêr a villa.

Uma povoação em dia santificado, por consequencia de descanço, de arrebiques e de trajos domingueiros; e de mais a mais em occasião de grande festa e da maior concorrência de hospedes e visitas de inumeros concelhos das circumvisinhanças — é muito diversa de uma povoação em dia de semana, de trabalho no lar e no cam-

po, e de desenfiteis. No entretanto, ha villas que, n'uma ou n'outra circumstancia, não perdem o seu caracter, nem deixam de mostrar a sua feição predominante.

Na Gollegã predominam o asseio e o trabalho, condições essenciaes para a vida campesina e urbana. Um povo laborioso é para mim digno de respeito e de affecto, o póde sempre dar-se como exemplo para os que nem tratam da sua limpeza nem da sua industria.

As opulentas propriedades que rodeiam a villa, e as afamadas campinas que formam o concelho, dão brilhante idéa da sua riqueza e da valia da sua lavoura, onde não é raro saber-se que os modernos processos da sciencia agricola são adoptados por lavradores intelligentes, ensaiados e seguidos com bom exito.

Verificada a nossa primeira e rapida visita, bom é confessar que a impressão foi agradável para todos; e até, se não me falha a memoria, promettemos uns aos outros, voltar mais descansadamente á Gollegã para a conhecermos melhor e nos regosijarmos ante a uberrima fertilidade de seus campos e a assombrosa actividade das suas industrias agricola e pecuaria.

Não cunprimos a promessa. E já agora não era possível cumprir-se, infelizmente, porque não podiamos chamar á vida um dos nossos companheiros, e outro andava mui afastado de nós pelas exigencias do serviço militar activo.

A acrescentarei ainda que, tendo tomado alguns apontamentos a respeito d'esta digressão e solicitando depois outros, que se apressaram em mandar-me, não tive occasião de servir-me d'elles por diversas circumstancias; e se o faço hoje, discorridos bons dois annos, é em satisfação desprezenciosa—digo-o com franqueza—da minha consciencia, que não podia com o peso de ter eu dito a alguém que escreveria, sem que nunca vissem em tempo algum letras minhas. Pouco valor têm ellas, sem duvida; mas a palavra empenhada vale, e, sem me reforçar com exemplos de outros tempos em que havia homens que cumpriam o que diziam, julgo que sempre é bom para uma pessoa desempenhar-se das cousas em que se empenha. Chegou a occasião.

II

A villa

Está situada a Gollegã a 20 kilometros NE. de Santarem, a 5 SSE. de Torres Novas e a 108 NE. de Lisboa. A villa antiga era descripta pelo venerando padre Antonio Carvalho da Costa, na sua *Chorographia portugueza*¹, d'este modo:

«Consta de 630 vizinhos com uma igreja parochial, orago Nossa Senhora da Conceição, que fundou el-rei D. Manuel, a qual tem um vigario que o apresenta sua magestade, com cura e thesoureiro. A casa da misericordia, que tem sete capellas; as ermidas do Salvador, Santo Antonio, S. Miguel e um convento de frades franciscanos, da invocação de Santo Onofre. O seu governo civil compõe-se de juiz de fóra, camara com tres vereadores, escrivão e procurador do concelho; juiz dos orphãos com seu escrivão, dois escrivães do judicial, outro da portagem, outro das sizas, outro das notas, inquiridor e alcaide. Tem vigario da vara com seu escrivão e dois meirinhos. No militar, tem duas companhias de ordenanças, subordinadas ao sargento-mór que reside em Santarem. O termo da villa tem duas leguas de comprido e

legua e meia de largo, com duas ermidas, S. Cactano e S. Sebastião. Ha n'este termo as quintas da Labruja, pertencente aos padres jesuitas; a da Cardiga com doze torres, que é dos freires de Christo de Thomar; e dos Alemos, que é do conde de S. Tiago, e do Paul.»

Hoje não é assim. Na ordem ecclesiastica, judicial, militar e administrativa, a villa passou pelas transformações que os annos e os diversos systemas de governo, principalmente nos já quasi decorridos tres quartéis do presente seculo, têm ali levado pela acção do progresso e pela força da civilisação.

A Gollegã pertenceu á corôa, como muitas outras terras do reino, que se foram desaggregando do que em épocas passadas chamavam os bens do monarcha, para a transformação do que depois constituíram os bens nacionaes, divididos ainda assim em successivas desamortisações pela riqueza particular.

A quinta do Paul, uma das maiores propriedades do concelho, pertenceu á casa dos marquezes de Niza, depois foi vendida ao abastado lavrador e capitalista, o par do reino José Maria Eugenio de Almeida, e hoje pertence aos seus herdeiros. A da Cardiga, que tambem era propriedade de grande valor, por occasião da venda dos bens dos conventos em 1834, veio ter á familia Lima, que ainda a possui. O intelligente lavrador o sr. Vaz Monteiro tem emprehendido, nas suas terras da Gollegã, muitos melhoramentos notaveis; e, amando a sciencia e o progresso, não tem descurado todos os meios de aperfeiçoar o amanho e fabrico da sua vasta lavoura, dotando-a com os instrumentos modernos aconselhados e usados pelos mais esclarecidos agronomos e proprios para isentar a terra dos estorvos da ignorancia e da rotina.

Nas propriedades do sr. Relvas observa-se igual preito pela sciencia agricola; mas, o que é ali mais digno de vêr-se; é a sua casa na villa e á qual eu chamarei o Paraizo d'aquelle cavalheiro. Tudo quanto a arte, o bom senso, o gosto e a elegancia, podem reunir e alliar em uma vivenda e nas suas proximas dependencias, para as tornarem commodas e appeteciveis, se encontram juntas, e com a maximo esplendor, na casa do sr. Relvas. Disse a arte, em primeiro logar e mui de proposito, porque todos sabem que o sr. Carlos Relvas é o primeiro photographo amator em Portugal e um dos primeiros no estrangeiro, e que a sua galeria e o seu laboratorio photographicos excedem o que possa imaginar-se em luxo de ornamentações, em abundancia de especimens resplendentes e em profusão de machinas e utensilios dos melhores auctores. Ao par d'isto, veremos ali testemunhos de que aquelle illustre cavalheiro e prestante cidadão é floricultor cuidadoso, agricoltor exímio e creador ousado. Superabundam estas provas.

No começo do seculo passado constava a Gollegã aproximadamente de 700 fogos com 3:000 habitantes; 150 annos depois vejo, segundo as estatisticas officiaes, que tinha 793 fogos com 3:300 moradores. Em 1864-1865 o mappa das congruas dá-me 830 fogos com 3:320 habitantes; e no excellente livro *Alguns elementos para o estudo da questão de fazenda*¹, vem indicada a Gollegã com a população de 3:538 almas e com a contribuição predial de 8:928\$562 réis, sendo o rendimento collectavel de 67:953\$363 réis. Tem, presentemente, mais de 1:000 fogos e 4:000 almas. A superficie da Gollegã é de 4:088 hectares.

A 11 de novembro faz-se na villa uma grande feira, á qual concorrem moradores de muitos concelhos vizinhos e distantes, e é de importancia e fama pela affluencia de

¹ Vidé tomo III, pag. 254, ed. de 1712; e *Portugal antigo e moderno*, do sr. Pinho Leal, ed. dos srs. Mattos Moreira & C.^a, 1874.

¹ Pelo sr. Fradesso da Silveira, 2.^a ed., 1870, pag. 11.

excellente gado, entre o qual a commissão de remonta do exercito costuma effectuar valiosas compras.

As armas da villa são escudo verde, tendo no centro uma mulher com infusa na mão. Refere a tradição que, vindo da Galliza áquelle sitio certa mulher, ali se estabelecêra com estalagem á qual concorriam pessoas de todas as partes de Portugal. A numerosa freguezia deu portanto á estalagem o nome da *Gallega*, que foi passando dos freguezes para a villa e n'ella ficou até hoje, com pequena alteração, ao que parece. É o que diz a tradição.

El-rei D. Manuel, de certo pelos campos magnificos que rodeiam a villa, ou por outra causa que não apparece descripta nas chronicas, tinha especial predilecção á Gollegã, como parece demonstral-o a fundação da igreja, de que nos fallou o investigador padre Antonio Carvalho. O templo é digno de vêr-se e a sua porta principal pôde considerar-se formoso especimen da elegante architectura manuelina, tão notavel pelos arrojados de bellissimo estylo⁴.

Tem havido na Gollegã algumas mudanças, em resultado de melhoramentos effectuados com acerto. Deve ella a diversas municipalidades beneficios sem duvida de valia, e taes são as novas ruas, que lhe deram mais salubridade e a arborisação da praça e em volta da igreja, que a tornaram mais vistosa. É attenda-se a que, se as vercações não têm feito mais e melhor, é porque os recursos do cofre municipal são muito insignificantes. Mas, como quer que seja, a villa vae melhorando pouco a pouco, e não tem razão de queixa dos seus principaes proprietarios, que, aformoseando as proprias vivendas, contribuem tambem d'este modo e com outros contingentes para embellecer a terra natal.

Que o diga o sr. Carlos Relvas; e que o atestem os fastos da villa, onde os serviços prestados pelo finado pae d'aquelle cavalleiro benemerito deixaram n'elles lembrança immorredoura!

(Continúa.)

BRITO ARANHA.



A UMA FRANCEZA

Se viveres outr'ora, em tempo afortunado,
Não cairias assim, tão cedo na indigencia:
Teu corpo alabastrino, em ondas cinzelado,
Iria aformosear os bailes da regencia.

Tens olhos, essa luz, que me entristece a mim,
Como em noites de hyverno o pallido luar,
Talvez brillassem mais, em meio de um festim
Do que, aos raios do sol, a folha do kandjar.

Teus labios de coral, talvez que voluptuosos
Beijassem com ardor os labios do regente...
Vê que desgraça a tua!... Em tempos tão formosos
Serias mais feliz do que ora no presente.

Depois no turbilhão de moços tão gentis
Olvidavas em breve essa paixão fatal,
Que assim te arrebatou dos seios de Paris
A triste morbidez do velho Portugal.

Porto.

JOAQUIM D'ARAUJO.

⁴ O *Arquivo Pittoresco* publicou já, no tomo x, uma gravura da igreja e outra da vivenda do sr. Relvas, copiadas de photographias d'elle, com artigos do illustre academico e meu excellento amigo o sr. Villena Barbosa.

A PRAÇA DO COMMERCIO E O ARCO DA RUA AUGUSTA



FOI el-rei D. Affonso III o primeiro monarcha que fixou a côrte em Lisboa, embora, tanto elle, como os seus successores até el-rei D. Manuel, residissem por vezes, e mesmo com frequencia, em outras cidades ou logares onde tinham paços. D. Affonso III, pois, mandou edificar o primeiro palacio real, em Lisboa, proximo do castello da cidade, e quasi em seguida á igreja parochial de S. Bartholomeu, para a qual communicava por um passadiço. Era chamado o paço d'apar S. Bartholomeu. Nem do paço, nem da igreja existem vestigios alguns.

Ali morreu o fundador, e ali morreu el-rei D. Diniz. Este monarcha doou o paço a seu neto D. João Affonso, filho do seu filho bastardo Affonso Sanches, e assim saiu da corôa.

El-rei D. Diniz, depois de habitar por alguns annos no paço d'apar S. Bartholomeu, construiu dentro do proprio castello, um novo palacio, que se ficou denominando os paços da Alcaçova, e ali fixou a sua residencia.

É desde Affonso III, que, se pôde dizer, Lisboa principiou a ser considerada capital d'este reino, ainda que os monarchas nma parte do anno habitassem em Coimbra, Evora, Santarem, Almcirim, Torres Vedras, etc.

Dos paços da Alcaçova desfructava o rei o panorama de toda a cidade, e estendia a vista pelos arrabaldes, pelo Tejo e pelo mar fóra. Era um sitio bem accommodado para residencia real, que, alem disso, para assim dizer, ficava no centro da cidade, e dominando-a. Ainda então não se tinha feito a cêrea da cidade, que se estendia até S. Roque, e portas de Santa Catharina. A casaria agrupava-se em redor do castello, e pelas suas encostas, estendendo-se pouco pelos valles adjacentes.

O terremoto de 1755 arrasou os paços da Alcaçova.

No reinado de D. Manuel as condições da cidade eram já outras; crescia e dilatava-se. Já os lisbonenses não careciam de se encostar ás muralhas do castello, como abrigo e defeza contra inimigos que assaltassem a cidade. Os espiritos, agitados pelas descobertas iniciadas pelo glorioso infante D. Henrique, tornaram-se menos guerreiros e mais mercantis. A população acereava-se do Tejo, donde saíam poderosas naus em busca de novas regiões, e das maravilhosas riquezas do oriente. O castello deixava de ser o centro da cidade, já commercial em larga escala.

É n'esta situação que el-rei D. Manuel resolve fundar um novo paço, mesmo á beira do Tejo, a fim de transferir a sua residencia do castello para o centro da vida activa e commercial da cidade. Funda, pois, os paços da Ribeira em terreno, que arranca ao Tejo, e em frente do paço manda fazer uma espaçosa praça. Tudo isto no sitio, onde hoje vemos a magestosa praça do Commercio, ainda vulgarmente chamada Terreiro do Paço, porque assim se denominara antes do terremoto, por causa do paço de D. Manuel. Primitivamente o paço occupava parte do lado do norte da praça, onde esteve a camara municipal, e hoje a secretaria do reino, e a secretaria da justiça e corria pelo lado occidental até nmi cêrea da praia, como se vê, em antigas plantas da cidade. Filippe II ampliou o paço com um torreão, mais sobre a praia. Depois D. Pedro II, e particularmente D. João V o augmentaram com accommodações para o lado do sul, hoje



O arco da rua Augusta

arsenal, havendo differentes postigos, por onde se communicava do lado do Corpo Santo com o Terreiro do Paço. O torreão tinha uma ponte, que dava passagem directa do paço para o rio. Era o torreão, no sitio d'aquelle onde hoje está a secretaria da guerra, e serviu de modelo para os dois, que se delinearão, no novo risco da praça do Commercio, apoz o terremoto.

Era mui espaçoso o Terreiro do Paço. Temos as medidas exactas d'elle, ao tempo do terremoto. Media: comprimento 1:120 palmos (247 metros) e largura 543 palmos (120 metros). Como se vê, era irregular, mas vasta, a praça em frente do paço. Não era, como hoje, só povoada de edificios publicos: do lado do norte e do oeste havia casas particulares com frente para a praça, e até entestando com o paço. No tombo da cidade, feito depois do terremoto, mencionam-se dezoito propriedades, cujas frentes olhavam para o Terreiro do Paço. Aqui estavam, a vedoria, a alfandega do Jardim do Tabaco, a alfandega grande com as casas dos despachos do consulado, o paço da madeira, dos portos seccoos e do sal; tribunal dos contos do reino e terreiro do trigo.

O terremoto de 1 de novembro de 1755 tudo arruinou n'aquella praça: o que não se desmoronou ao impulso dos abalos da terra, foi destruido pelo incendio subsequente. E n'essas lastimosas ruínas ficou sepultado o palacio real com todas as innumeraveis riquezas n'elle accumuladas desde o tempo d'el-rei D. Manuel.

Arazada Lisboa era mister levantar uma nova cidade: difficilima e grandiosa empreza. Felizmente estava então no governo do estado um homem de forte vontade, e de elevadissimo talento, um estadista na altura das circumstancias em que Lisboa se achava. O marquez de Pombal, impassivel no meio da geral consternação, sereno no meio do terror universal, a tudo proveu, a tudo acudiu com uma providencia, com uma sollicitude, que serão eterno padrão de gloria para o seu nome.

Era mister sobre os destroços, sobre as ruínas de uma grande cidade, riscar o plano da que devia substitui-la; e esse plano devia de ser conforme as exigencias do progresso e do desenvolvimento de uma populosa capital. As antigas ruas estreitas e tortuosas, deviam ser substituidas por outras espaçosas; os antigos e apertados becos deviam dar lugar a travessas de regular largueza. Tudo se fez. E a cidade, que ali vemos hoje, cujas ruas nos parecem acanhadas, á vista das que se têm aberto, e vão abrindo nas grandes cidades modernas, era então uma das mais aperfeiçoadas n'este ponto.

O marquez de Pombal, depois do terremoto, instituiu a casa do risco, destinada aos trabalhos da restauração da cidade, cujo architecto foi Eugenio dos Santos de Carvalho. Não era para tanto o talento d'esse artista, diz Cyrillo Volkmar Machado, nas suas *Memorias*; é certo, contudo, que, a nosso vêr, fez muito. Na restauração da cidade notam-se defeitos, que eram os da época; certo acanhamento nas linhas geraes das construcções; o agrupamento da casaria, no valle, desde o rio até á praça da Alegria, rua de S. José, Anjos, etc.; uns saguões estreitos, e outros defeitos, mostram que Eugenio dos Santos não possuia o talento e os conhecimentos necessarios para levantar uma cidade, para a qual tudo se fazia de novo, e que, portanto, deixava ao architecto ampla liberdade de acção.

Foi Eugenio dos Santos quem deu o risco para todas as edificações do Terreiro do Paço, e n'esta parte parece-nos que teve um pensamento, senão completamente feliz, por certo grandioso. Se essa vasta praça, que hoje ali vemos, não é um primor architectonico, é, sem duvida, uma das maiores grandezas de Lisboa; e porventura nenhuma

cidade possuirá outra de tão magestoso aspecto, particularmente por ficar á beira da amplissima bacia do Tejo, pelo qual entram as rampas dos seus caes.

Não era possivel que o architecto da nova cidade deixasse de conservar a praça, que no mesmo local havia; e era natural que procurasse tornal-a mais regular, e engrandecel-a com magnificos edificios. Assim se fez. O plano de Eugenio dos Santos, sem embargo, de não ter sido levado á sua completa execução, ainda produz agradável impressão em quem entra n'essa vasta praça e a observa attento.

Todos os edificios, que hoje circumdam a praça do Commercio, foram levantados á custa do donativo dos 4 por cento, offerecido a el-rei D. José, pelos principaes negociantes de Lisboa, e imposto nos direitos de todas as mercadorias e manufacturas que entrassem no reino. Por decreto de 2 de janeiro de 1756 accitou el-rei D. José o donativo. O producto d'este voluntario imposto devia ser especialmente applicado á reedificação das alfandegas, e a uma praça de commercio, com as commodidades necessarias a fim dos homens de negocio não estarem sujeitos ás injurias do tempo. Foi assim que, do producto do alludido donativo, se dispenderam 3.250:520\$187 réis em todos os edificios da praça, alem de 24:640\$443 réis no pedestal da estatua equestre, e 224:593\$582 réis na alfandega provisoria. E cumpre notar que do producto do mesmo donativo saíram importantes subsidios para as fabricas do reino. Já se vê, pois, que com razão o marquez de Pombal deu á nova praça a denominação de praça do Commercio. Destinada ao commercio, e feita pelo seu voluntario donativo, era justo perpetuar-lhe no nome a memoria do seu patriotismo.

Não permitem as dinheões, que este artigo deve ter, alargarmo-nos com mais noticias, aliás enriosas, ácerca da reedificação da cidade; devemos pois circumscrevermos ao mais importante relativo ao arco da rua Augusta, que a gravura representa.

A praça do Commercio mede 191 metros (870 palmos) de oriente a occidente, que diremos ser a sua largura, e 183 metros (830 palmos) de norte a sul, que será o seu comprimento. Esta medição não comprehende o espaço occupado pelas arcadas, nem pelo caes. Um curioso achou que a area total da praça, que póde ser occupada pelo povo, é de 780:668 palmos quadrados, e dando a cada homem nove palmos quadrados, podem accommodar-se na praça 86:740 homens em columna cerrada.

Existe uma gravura que representa o desenho de toda a praça, como o delineou o architecto Eugenio dos Santos.

Desconhecemos os motivos que fizeram com que não fosse seguido, á risca, o plano do architecto. Conhecemos evidentemente que ali falta alguma cousa, e que a decoração da praça não está completa. Vejamos como a delineou Eugenio dos Santos.

Os torreões tinham seus zimbórios bem elevados, rematando em lanternins, com grimpas mui altas: nos quatro angulos de cada torreão havia, como uma especie de guaritas quadrangulares com quatro janellas rematando em cupulas ponteagudas. A altura dos torreões, conforme uma descripção que temos á vista, devia ser de 202 palmos (46 metros).

Ao longo de toda a platibanda, que circumda a praça, sobre as pilarettes, deviam collocar-se trophéos militares. Os remates nas esquinas das ruas, que desembocam na praça, são conformes com o primitivo risco.

O arco da rua Augusta, parou, durante muitos annos, na architrave, se bem nos lembra: tudo o mais não tem conformidade alguma com o primeiro risco. O arco devia

ter 100 palmos (22 metros) de alto; assentava, como lá se vê, sobre seis columnas inteiriças, compositas, de 42 palmos (9 metros). O tympano elevava-se sobre as duas columnas primeiras, de cada lado; e sobre o tympano levantava-se uma esbelta torre, quadrangular, onde havia um relógio, com mostradores, em todos os quatro lados. A altura do arco e torre até á grimpá era de 260 palmos (58 metros). Seis estatuas decoravam o arco; duas ficavam sobre as duas columnas de cada lado; duas, sobre cada columna mais recolhida, e duas sobre as pilastras para além das primeiras janellas; as ultimas quatro estatuas destacavam-se, produzindo bello effeito. O corpo do arco era em frontão, bem proporcionado, com dois altos fogareos nas empenas. Como se vê, era uma decoração muito mais magestosa. Por que se não seguiu este risco? Dizem que os alicieiros não podiam com o pezo dos torredões e do arco. Não pôde ser assim. A verdade é que a economia e o mau gosto apossaram-se da obra, e deixaram-n'a incompleta em parte, e n'outra parte desfiguraram-na, estragaram-na.

São do magnifico effeito as tres ruas que desembocam pelo lado do norte da praça. A rua Augusta tem 80 palmos (17^m,60) de largo, e as duas, dos Ourives do Ouro e da Prata, 60 palmos (13^m,20); e a sua extensão é de 2:530 palmos (560 metros: estas medidas são approximadas).

A obra moderna é característica do mau gosto, que ha muito se arrojou em Portugal. Onde devia erguer-se um arco de boas fórmas, puzeram nma immensa mole de pedra: tendo em una das faces, olhando para a praça, o brazão nacional, entre silvados e grinaldas; e na outra, para a rua Augusta o mostrador do relógio igualmente entre silvados e grinaldas. Encostadas a esse monte informe de pedra, collocaram-se seis estatuas; quatro correspondem ás columnas, e representam, a primeira (lado direito) Viriato; segunda, Vasco da Gama; terceira, Marquez de Pombal; e quarta, D. Nuno Alvares Pereira. Aos lados estão assentadas duas estatuas, que representam, a do lado direito o Tejo, e a do lado esquerdo, o Douro. Sobre o tympano vê-se um grupo que representa a Gloria coroando o Genio e o Valor, e mede 9 metros de altura.

O grupo foi executado pelo estatuario francez, Anatole Calmels, que se obrigou a fazel-o pela quantia de 11:200\$000 réis.

As seis estatuas são do esculptor portuguez, Victor Bastos, que por ellas recebeu a somma de 9:000\$000 réis.

O grupo é uma obra de esculptura de relevante mérito; as estatuas tambem merecem louvor. O fornecimento das pedras, o assentamento e collocação de todas as esculpturas, foi por conta da direcção das obras publicas.

A conclusão d'esta obra, que será padrão eterno do mau gosto artistico d'esta época, demorou-se, talvez, quasi um seculo. Só todo o corpo do arco levou mais de cincoenta annos a concluir, porque as columnas já em 1815 estavam collocadas!

Não admira nada d'isto, porque todas as obras mais ou menos grandiosas que, no principio d'este seculo, estavam por concluir, nunca se levaram ao fim, ou, se as concluíram, foi por modo mais mesquinho e sem conformidade com os riscos primitivos.

Sem embargo, a praça do Commercio será sempre considerada entre as mais notaveis das primeiras cidades do mundo.

J. RIBEIRO GUIMARÃES.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)



LAGENS. FRANÇA, BAVIERA, AUSTRIA E ITALIA.—Está publicado o segundo livro de viagens, do sr. Luciano Cordeiro. Como se vê do titulo, refere-se este volume a quatro principaes nações da Europa, tres das quaes disputam preferencias em tudo que diz respeito a bellas artes, assumpto predilecto do sr. Luciano, e do qual mais de um capitulo da obra se occupa largamente. Todos sabem a consideração que a França tem adquirido pela universal fama dos seus modernos artistas; é notoria a brilhante figura que a Baviera fez com os seus quadros na ultima exposição de Paris, onde foram admirados como os primeiros d'aquelle civilizador certame; ninguém ignora as tradições famosas da Italia artistica, e a boa acceitação que obtiveram as obras dos seus modernos esculptores na exposição referida. Tinha, pois, o sr. Luciano Cordeiro campo vastissimo para fazer os seus estudos criticos, reconhecendo-se pelo seu livro que muito aproveitou d'esses estudos. Além a parte instructiva, contem a obra a parte amena e interessante peculiar aos escriptos d'este genero. Os que adquiriram o primeiro tomo, não podem eximir-se a comprar o segundo, que não é inferior em merecimento e curiosidade ao que o antecedeu.

A REPUBLICA DAS LETRAS. PERIODICO MENSAL DE LITTERATURA.—É redactor d'esta nova publicação, que saiu á luz na cidade do Porto, o talentoso escriptor, o sr. João Penha, e administrador o sr. Alfredo Campos, nome tambem lisongeiadamente conhecido na pacifica republica que dá o titulo ao periodico. Collaboram no primeiro numero escriptores distinctos, muitos dos quaes o leitor d'esta folha conhece, porque tambem têm honrado as columnas das —*Artes e Letras* com os seus escriptos. A *Republica das letras* é por todos os respeitos um periodico interessantissimo, e dos de mais valia que até hoje se tem publicado no país. Que a fortuna lhe seja prospera é o que sinceramente lhe desejo.

O CRIME.—Com este titulo publicou o sr. Guerra Junqueiro um folheto de poucas paginas, no qual expõe a sua opinião acerca dos debates ultimamente suscitados por motivo do assassinio do alieires Brito. A opinião do sr. Guerra Junqueiro é apresentada em versos alexandrinos, e, não obstante o assumpto prestar-se mais ao phrascado convencional dos artigos de polemica dos jornaes politicos, encontram-se em o novo poemeto do illustre escriptor, algumas estrophes que mais uma vez confirmam o talento de quem as assigna. A obra é dedicada ao sr. Barjona de Freitas, ministro da justiça.

PRADO PERMANENTE. BROMUS SCHRADERI.—O sr. Duarte de Oliveira Junior, redactor principal do *Jornal de horticultura pratica*, e um dos cavalheiros que muito têm trabalhado em Portugal para a prosperidade da nossa agricultura, publicou mais uma obra da sua especialidade. Denomina-se ella, como acima se vê, *Prado permanente*, e trata das vantagens da cultura do Bromus Schraderi, planta originaria da America septentrional. O folheto deve ser procurado com interesse pelos amadores de plantas, porque o sr. Oliveira Junior, que o traduziu e annotou, dá-lhe auctoridade com o seu nome, e o assumpto desperta a curiosidade dos entendidos. A edição, feita no Porto, é primorosa. Na primeira pagina encontra-se uma gravura representando o Bromus Schraderi.

A QUEDA DE UM GIGANTE.—Assim se intitula o volume n.º 16 da *Bibliotheca universal* de que são proprietarios os srs. Lucas & Filho. O novo livro publicado por estes diligentes editores, é assignado pelo sr. Manuel Pereira Lobato, auctor do romance—*Os fidalgos do coração de ouro. A queda de um gigante*, não obstante formar por si só um romance que se pôde ler sem dependencia de qualquer outro, serve, todavia, de continuação ao dos—*Fidalgos*. O sr. Pereira Lobato tem estudado com muito proveito a nossa historia relativa ao seculo xvi, e é em resultado d'esses estudos que deu á publicidade os dois alludidos livros, os quaes não de ter, de certo, continuação. É innegavel que este escriptor presta relevante serviço ás letras, publicando romances historicos de interesse, e com a leitura dos quaes se trava intimo conhecimento com uma pagina curiosa da historia portugueza.

AS MARAVILHAS DA PHOTOGRAPHIA.—Trata d'esta famosa descoberta, fructo precioso da civilização do seculo em que vivemos, o n.º 12 da *bibliotheca*—*Educação popular* de que tambem são editores os srs. Lucas & Filho. Este folheto, resumido do que Tissandier escreveu sobre o assumpto, é devido á pena esclarecida do sr. Osorio de Vasconcellos, escriptor versado no estudo das sciencias, e por isso dos mais competentes para se occupar de tão importante materia. Deve merecer a attenção do publico a instructiva narração de tudo que diz respeito a photographia, porque das vantagens de tão maravilhoso processo todos tiram proveito, vistas as variadas applicações que se tem conseguido dar-lhe. É como não é permitido fallar-se de photographia sem se mencio-

nar o nome do sr. Carlos Relvas, direi, que, em nosso favor, trouxe-nos a photographia, além de outros beneficios, a gloria de possuímos um compatriota, que pela sua perseverante applicação a tão interessante estudo, tem honrado o paiz nas exposições estrangeiras, merecendo em todas as primeiras distincções. O sr. Ozorio de Vasconcellos refere-se no seu folheto ao sr. Relvas, bem como ao sr. José Julio Rodrigues, que tambem está prestando valiosos serviços com os seus trabalhos photographicos.

A LANTERNA MAGICA.—Publica-se uma vez por semana o periodico humoristico assim intitulado. Contém caricaturas excelsas por artistas competentes, e artigos devidos a pennas illustradas e folgasãs. A politica e as letras têm sido o alvo da critica dos primeiros numeros. Que prosiga como até agora, jovial e inoffensivo, é o que sinceramente não deo desejar todos os que, como eu, saudam com verdadeiro jubilo as novas publicações, dignas, pelo seu merecimento, da attenção publica.

ROSTO E CORAÇÃO.—Assim intitulou o sr. J. B. Mattos Moreira um romance original, que ultimamente publicou em volume de mais de 200 paginas. *Rosto e coração* é uma desprezenciosa narrativa escripta em linguagem clara e desallectada, com enredo attractante e variadas peripecias, que ora commoventi, ora alegam o leitor. Tem a seu favor, além do merecimento real que recommenda a obra, uma qualidade rarissima nos romances modernos: é poder entrar nas mais honestas casas, sem que os paes de familia se assustem com a visita. Esta circumstancia, junta á de ser o livro interessante e feito em edição nitida e bonita, deve contribuir para a sua rapida venda, o que muito lisonjeará o auctor-editor.

DO AMAZONAS AO SENA, NILO, BOSPHORO E DANUBIO.—Está publicado o segundo volume do curioso livro de viagens do sr. J. C. da Gama e Abreu. Não é menos interessante do que a primeira, a parte dada agora á estampa. O leitor percorre ao lado do auctor, em agradável convivência com as suas acertadas observações, varias terras de França, onde se demora algum tempo nas principaes, e menos nas de secundario interesse, seguindo depois viagem até paizes que lhe são mais estranhos, porque a respeito d'elles não ha tantos livros escriptos, como ácerca d'aquelle famoso emporio. De Alexandria, do Cairo e de Jerusalem, encontra o leitor curioso boa copia de noticias no livro do sr. Gama e Abreu, o que facilitará a prompta divulgação da obra não só em Portugal, patria adoptiva do auctor, mas tambem no Brazil, sua terra natal.

JUZO CRITICO DA IMPRENSA SOBRE O GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ DE FREDERICO DOMINGOS VIEIRA E O DICCIONARIO DE EDUCACÃO E ENSINO, TRADUZIDO POR CAMILLO CASTELLO BRANCO.—O titulo indica o assumpto de que trata este folheto. N'elle se encontram os principaes artigos que a imprensa periodica tem dedicado ás duas importantes obras de que é editor o sr. Ernesto Chardron, estabelecido no Porto, as quaes são de grande valia para as pessoas estudiosas. A extraordinaria procura que os dois notaveis dictionarios têm tido em Portugal e no Brazil, justifica os encomios que a imprensa lhes dispensa todas as vezes que d'elles falla.

SUMMARIO DE VARIA HISTORIA.—Sahiú á luz o volume quarto d'esta curiosa e importante obra, devida á penna esclarecida do sr. J. Ribeiro Guimarães. Como os antecedentes, contem este volume artigos interessantes sobre antiguidades portuguezas, nos quaes se encontra larga copia de esclarecimentos de que podem tirar grande proveito os estudiosos e dedicados ás coisas patrias. Entre os artigos mais dignos de menção, figura o intitulado—*Episodio da vida do insigne pintor Domingos Antonio de Sequeira*. N'elle se queixa, com razão, o sr. J. Ribeiro Guimarães da deficiencia de todas as biographias do insigne pintor portuguez até áquella data publicadas. As—*Artes e Letras* estão inserindo nas suas columnas um dos trabalhos mais completos que a respeito do famoso artista, se tem escripto e dado a publico. É o referido trabalho devido a assiduas investigações feitas pelo sr. marquez de Souza Holstein, que, revelando a maior competencia, tem empregado todos os desvelos para preencher a lacuna até agora existente. Parece-me, pois, que a publicação da extensa e interessante biographia do nosso grande Sequeira, é dos melhores serviços que as—*Artes e Letras* têm prestado, porque pouco se conhecia com respeito áquella gloria nacional, e muito se ficará sabendo depois de concluido o proveitoso estudo do sr. marquez. A edição do—*Summario de varia historia* é da casa Rolland & Semiond.

BIBLIOTHECA THEATRAL.—Publicou a empresa d'esta *Bibliotheca*, dirigida pelos srs. Aristides Abranches e Castillo e Mello, mais tres peças: o drama em cinco actos, original do sr. Ricardo Cordeiro—*A familia*; e as comedias em um acto—*Quem desdenha...* original do sr. Pinheiro Chagas—*O caso de consciencia*, vertida do francez por este escriptor, e—*Luiz XI e o poeta*, traduzida tambem do francez, pelo sr. Ferreira de Mesquita. Conhecido, como é, o valor litterario d'estas produções dramaticas, natural será que ellas tenham venda proporcional á boa acceitação que obtiveram, quando foram representadas nos theatros de Lisboa.

ARCHIVO LATINO-AMERICANO.—Assim se intitula uma colleção de manuscritos ácerca do descobrimento, conquista, colonização, independencia, costumes e instituições dos paizes da America-la-

tina, extraídos dos melhores archivos e bibliothecas publicas e particulares da America e da Europa. Esta curiosa colleção é publicada em Londres pelo sr. Luiz Ricardo Fors, advogado hespanhol, e offerecida ao grande caudillo italiano J. Garibaldi.

(Continúa.)

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

As folhas francezas, que se occupam de assumptos de arte, registaram a morte do barão Anselmo de Rothschild, membro da camara dos senhores de Austria, classificando o rico banqueiro como um dos colleccionadores de objectos artisticos, de gosto mais apurado. O seu palacio em Vienna estava mobilado com a maior simplicidade. Afóra as soberbas decorações de Prud'hon que ornaram em Paris a magnifica morada do barão Salomão, pae do fallecido, (palacio onde está actualmente a embaixada ottomana, rua Laflitte, 17) todo o luxo de Anselmo Rothschild se concentrava nas suas colleções de quadros, e de objectos de arte e de grande curiosidade. Deixou grande numero de madeiras e marfins incomparavelmente esculpidos, armaduras da mais rara belleza, admiraveis manuscritos, uma colleção importantissima de caixas de rapé enriquecidas de esmaltes e de miniaturas, quadros notaveis—hollandezes principalmente—e *gonachas* de Van Blanderberghe, excepcionaes no seu genero pelas dimensões e merecimento artistico que têm.

Segundo refere um periodico americano, os hollandezes conseguiram descobrir o segredo de fazer charão. Compõe-se este de gomma copal de Zanzibar, tornada preta com tinta da China. Os objectos cobrem-se com muitas camadas do charão assim preparado, adornando-se com madreperla ou com qualquer outra substancia decorativa, emquanto a massa negra não endurece. O charão secca expondo-se ao calor de um forno; depois applica-se-lhe nova camada, e quando esta se acha tambem completamente secca, pulem-se os objectos com pedra pomes até a superficie d'elles ficar perfectamente lisa e igual.

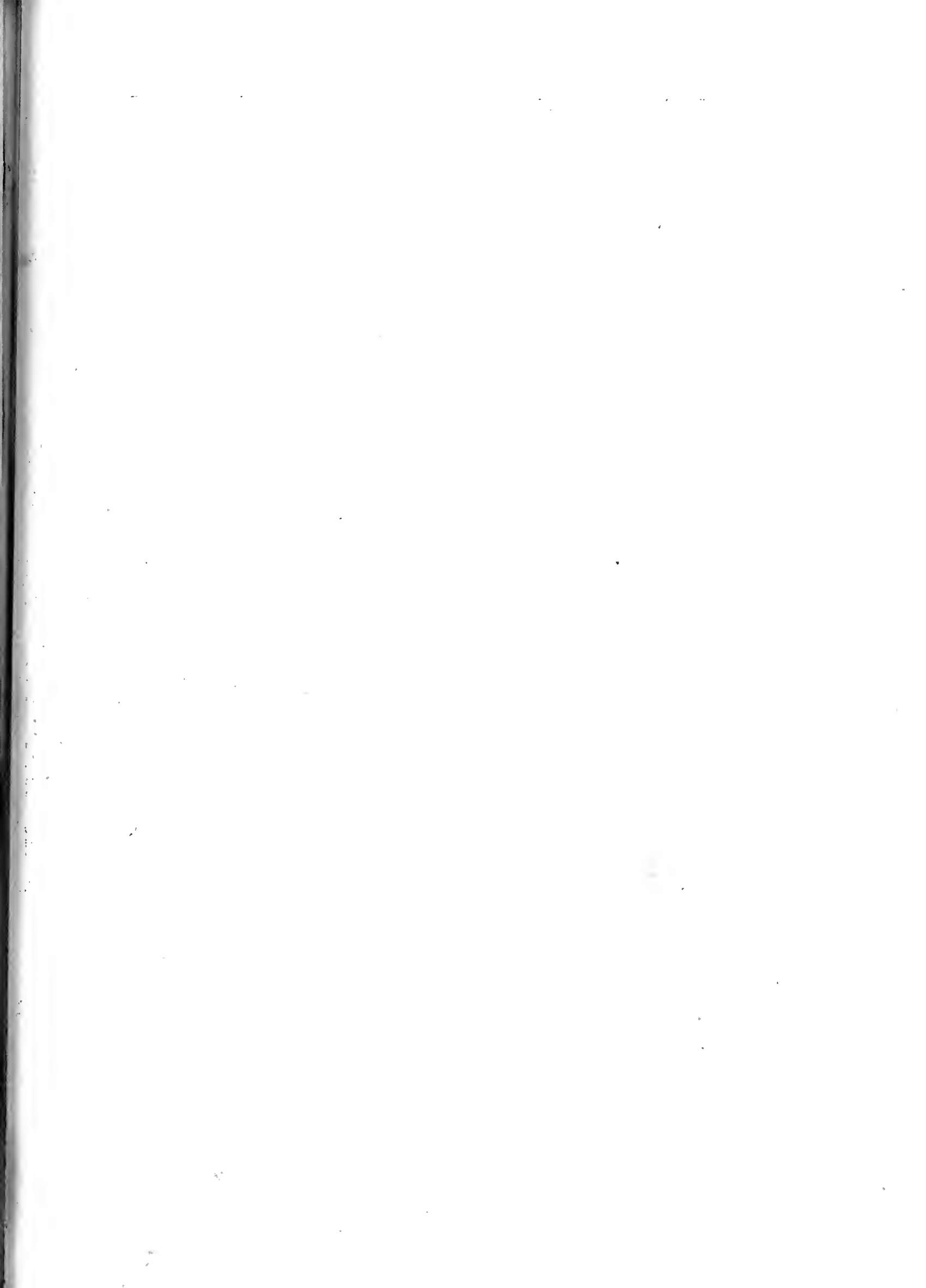
Miss Leech, irmã do fallecido John Leech, o celebre caricaturista que tanto contribuiu para a extraordinaria fama do *Punch*, pôz á disposição da auctoridade civil de Brighton, mais de quinhentos desenhos de seu irmão, para serem expostos, durante tres mezes, no palacio do Pavilhão. Comprehende esta riquissima colleção a historia comica da Inglaterra e a historia de Roma. Cada desenho é acompanhado de uma descripção feita por Miss Leech.

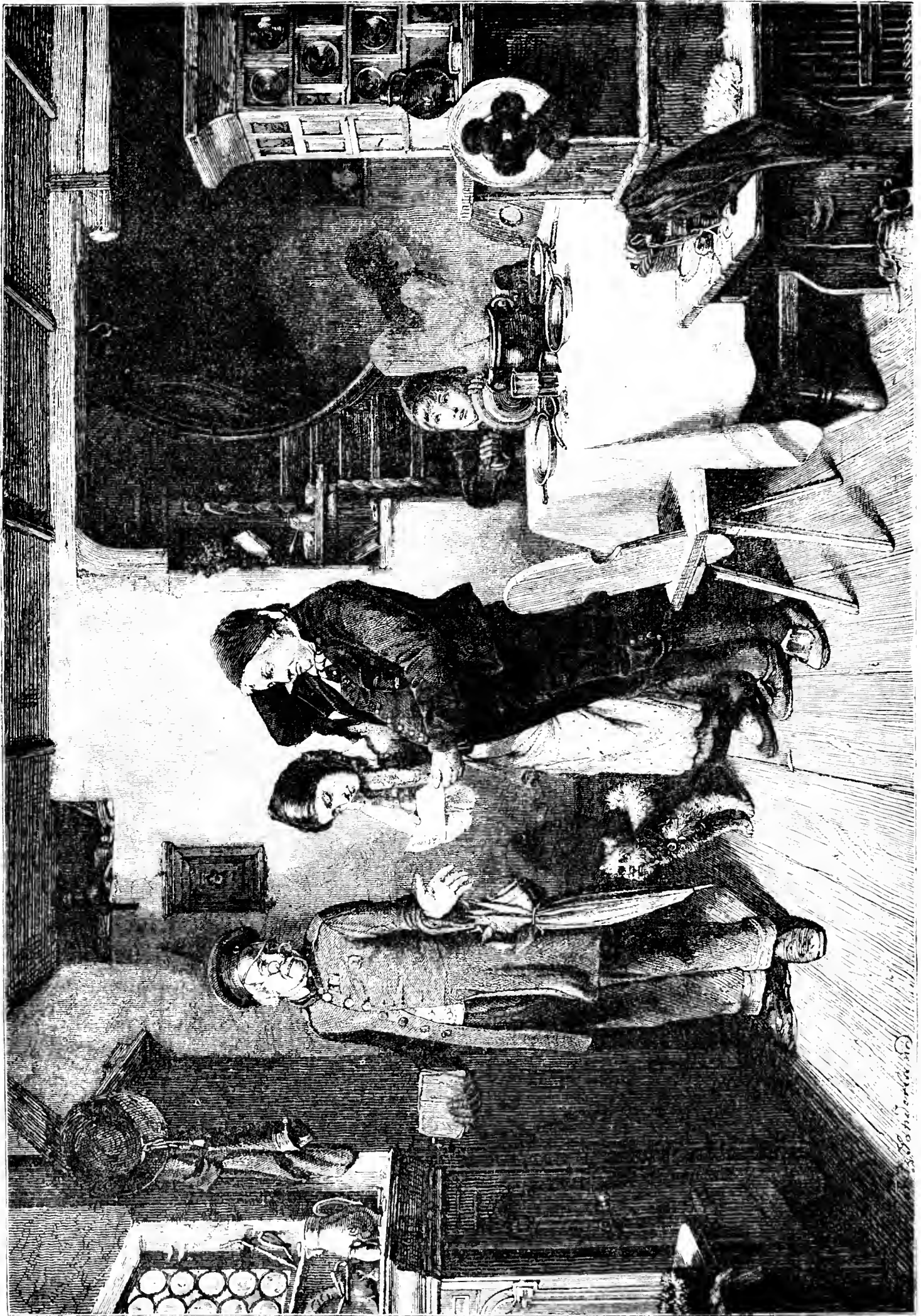
Na sala dos guardas do palacio, em Compiègne, inaugurou-se, ha pouco, um museu indo-chinez, contendo uma formosa colleção de monumentos de esculptura e de architectura trazidos da Indo-China pelo capitão de navios Delaporte. No palacio de Compiègne ha, além d'esta colleção, algumas antiguidades gallo-romanas e uma interessante galeria de quadros. A Inglaterra, porém, está melhor servida n'este ponto, do que a França. Na galeria real de *Albert-Hall*, no museu de *South Kensington*, existe uma preciosissima colleção trazida da India pelo doutor Leitner, que não tem comparação em riqueza com a de Compiègne. Contém, afóra outros objectos de subido valor, 1:000 medalhas e moedas, e 184 esculpturas.

ERRATA

Em o n.º 10, pag. 153, col. 2.ª, lin. 17, onde se lê «o sr. José Ricca» leia-se «Francisco Ricca».







TENHAM PACIENCIA!

QUADRO DE SONDERLAND

EDITORES ROLLAND & SEMIOMD, LISBOA

ARTES E LETRAS



NUMERO 12 — LISBOA — 3.ª SERIE

TENHAM PACIENCIA!...



ois então assim se interrompe o jantar áquella boa gente?

Estavam muito descansados a comer, — e por signal que as sopas ainda fumegam, — senão quando apparece um figurão de umbella na sinistra e cartapacio na dextra, como se dizia d'antes na rua dos Condes, e puxa de um papel que só a vista d'elle faz cocegas.

—Então isto ha de ser por força?...

—Manda quem pôde...

—Decimas sobre decimas, tambem é o

que sabem estes senhores do governo. E para que?... ehuz, bôca.

—Amigo, isso é como a agua, quando cae molha todos.

—Sim, mas não é esse seu dizer que me enxuga.

A Eva do casal, que é uma creatura nedeia, de faces roliças e duras, de cabellos espessos, fortes, e toda ella a ressumbrar vida opulenta, debruça-se para averiguar do assumpto.

—E logo isto, hein?...

—O que quer, flôr?... Tenham paciencia!...

A scena é esta, nem mais nem menos.

No entremettes, o rapazete, que ainda não está em idade de pensar nas contribuições directas, mette a colher na malga, — e os progenitores que se afflijam. Até o cão, espivitado e felpudo, até esse parece comprehender que se está ali tratando de alguma legalidade rapinante.

O agente publico tem cara de quem se condoe do acto; mas o estado exige, o estado precisa, o estado, — essa unidade organica do grande corpo social.

!Mas para que?

Eis ali um ponto em que o velho pensa a momentos, mal destringendo a rede e os torcícollos das exaccões.

Se elle tivesse lido Bastiat, Mac-Culloch, ou pelo menos o abundante dictionario de Coquelin e Guillaumin, — é possivel que soubesse dobar a meada, e até que abrisse na sua circumscripção um cursosinho de economia politica. Mas o homem não é da *idéa nova*, não senhores; é da antiga, da muito antiga, e então o que querem?... já não tem pernas para acompanhar a juventude esperancosa, a adolescencia andarilha, a mocidade que leva o pendão no cirio dos principios modernos.

A velhice é trôpega, já lá o dizia antes de haver taes idéas aquella atalaia nocturna da formidavel *Orestide*.

Proseguindo:

—Pois não ha que fugir ao laço, não é verdade?...

—Vamos, que os graneis abarrotaram-se este anno.

—E visto isso, ando eu a mourejar, por baixo das calmas de agosto, — aqui lhe limpo a cevada, alem lhe rego os pomares, acolá lhe apanho o rabisco, para me levarem logo o melhar, que nem com um gerifalte na palma?...

—E quem é que lhe pôz a estrada á beira do muro?...

—Olhe, por minha causa não foram elles que a fizeram.

—E quem lhe vela pelo que o senhor tem!...

—Lá isso sim; do que eu tenho é que se não esquecem.

—Ó amigo, o mundo foi sempre o mesmo, e já agora não ha de haver ninguem que o emende. Isto, mal comparado, é como os aleatruzes: passa de uns para outros. Deixe girar a nora e encher a almacega, que com isso é que hão de folgar os campos. Lá gemer ha de ella, como vossemecê o está fazendo; pois é condão que todos mais ou menos se aqueixam.

Pelo que se vê, o agente sabe escaudugar por musica. Tem estudado esta solfa, e com ella diminue os inchaços do mau humor contribuinte.

—Bem, pague-se, — e leva a mão ao carapuço, com aquelle gesto solemne do aborrecimento insoffrido.

—Ora Deus queira que eu ainda lhe bata ao ferrolho por longos annos e bons.

—Metade d'isso era para eu fazer uma saia nova, — adjunta a mulher, que sabe que as saias novas dão na vista, e que a vista desliza tambem por ellas, a devarsar a fórmula esbelta do pé.

Vaidosa!...

—E então eu, ficava sem um barrete para o dia da feira?... — accrescenta o individuo das sopas, ainda com os beiços a denunciarem a golodice.

Visto que todos deram testemuinho da voz, o mesmo cão ladra ás pernas do velho. Este emboleja a colheita, guarda os oculos na caixa, e despede-se da familia com o dito sacramental e intermitente:

—Isto é navalha que barbeia a todos. O que lhe havemos de fazer?... Tenham paciencia!

E. A. VIDAL.



NEGRO

O negro das tuas franças
e o negro do teu olhar
são meu constante martyrio,
são meu continuo seismar.

Não sei qual d'elles mais brilha,
qual dos dois tem mais encantos,
que se um é noite sem lua,
no outro estrellam-se os prantos.

As franças caem no seio,
negrejam por sobre a neve;
que nunca a noite dos polos
gelo e trevas assim teve.

Os olhos mergulham sombras
nas linhas meigas do rosto,
como as densas ramarias
por noites calmas de agosto.

Mas esse negro das franças,
o negro do teu olhar,
corôa do meu martyrio,
origem do meu seismar,

não são a causa mais viva
de penas que eu não revelo:
assim tua alma não fosse,
como teu seio, de gelo!...

ASSIS DE CARVALHO.

A PECUREIRA

Ao deuter Luiz Jardim

I



nossa gravura representa uma pastora da aldeia. Todos se recordam ainda no bulício das cidades do cair das folhas do outono nas longas devezas, quando na clareira da floresta se descobre um panno de púrpura e ouro, a côr mais nítida do principio do crepusculo, que precede o mavioso anoitecer. Então lembramo-nos tambem de umas pobres raparigas, magras, franzinas, de saia curta de burel, cabello solto, pés nus e collo nu, ás vezes

formosas como as dryades, quasi sempre tristes como a tarde do outono, que vão conduzindo ao redil do meio das devezas e da orela das montanhas o rebanho, que adormece ao cair das sombras humidas e ao despontar das estrellas.

A que me deixou uma impressão indelevel nas memorias da infancia, chamava-se Maria. Dulcissimo nome, que é uma suave melodia do amor.

Tambem foi essa eterna paixão dos anjos, que lhe nurechou as roxas perpetuas das suas alvoradas de alegria.

II

Cantava muitas vezes aquellas baladas agrestes, que têm uma significação vaga como as neblinas brancas dos rios em manhã limpida de inverno, e sôam no ouvido pelas quebradas dos montes como a toada religiosa de uma prece de finados, ou como o tanger das Ave Marias no sino do presbyterio.

Chovem do céo as estrellas
Sobre as florestas cerradas,
E as penas são, como ellas,
Tristes lagrimas caladas!

As queixas leva-as o vento,
E ninguem ouve o luar,
Mortalha do meu tormento
Nas nuvas do meu penar.

A avesinha, que esmorece
Ao fugir da luz do céo,
Ao raiar do sol esquece
A noite, que a adormeceu.

E eu sou a aza da rôla
Ferida no pinheiral,
Nem a alvorada consola
Minha tristeza mortal.

E era assim a sua tristeza prophetica.

Seismava a innocente ao pôr do sol, nas quebradas da serra, com umas longinquas esperanças, que são o ideal de todas as almas, predestinadas para o martyrio.

As estrellas, que despontavam no céo, eram comô as suas lagrimas, caladas e mysteriosas.

Na virgindade do coração já presentia as labaredas do amor.

Tinha uma sensibilidade de creança animada com os requintes do luxo e do affecto, na atmosphera perfumada da riqueza. Era alva como um lirio, delicada como a essencia da madresilva, meiga como a pomba, e suave como a tarde do outono.

III

A historia d'este anjo, que passou nas sombras da minha mocidade, como a estrella cadente, é simples e breve.

O dono do casal, cujo rebanho pastoreava a gentil Maria, tinha dois filhos quasi gemeos na idade e na formosura varonil. Maria enamorou-se do mais velho; todavia calava o sentimento da sua alma no intimo da sua humildade.

Via a sua imagem d'elle a desenhar-se vagamente na projecção das arvores da deveza, ao radiar obliquo do sol poente; no lago moldurado de salgueiracs; nas cristas nevocentas da serrania longinqua; no despenhar sonoro das aguas da montanha; no susurro das folhas sêcas, que caem nas tardes tristes do preludio suavissimo do inverno; no canto magoadado da tutinegra; no deslizar monotono e placido do rio da sua aldeia natal; nas grandes constellações luminosas, como na luz perdida ao longe, á noite, na cabana do valle; no céo e na terra; nos sonhos e nas lagrimas.

Pobre Maria! Escondia-se no silencio da sua paixão um drama lugubre.

Os dois irmãos, ambos, perecheram o amor de Maria.

O mais velho sorriu-se, o mais novo entristeceu-se.

E começou, como ella, a definhar, a definhar, na longa amargura da sua affeição ignorada.

Um dia, os paes perguntaram-lhe a causa da sua tristeza.

— Não posso viver na aldeia, respondeu elle.

— E por quê. José? disse a mãe, commovida.

—Porque morro, mais tarde ou mais cedo, se continuar a viver aqui.

Os pobres velhos calaram-se indecisos e angustiados.

—Queres então deixar-nos, e ir... para onde? perguntaram ambos.

—Vou para o Brazil.

—Sim, disse o paé; vae para onde se finou na desgraça teu primo, o Antonio Duarte, de quem eras tão amigo; e preferes isso ao amparo, que deves á nossa velhice, e a morte em terra estranha ao calor do nosso lar. Pois vae, e que Deus te abençõe.

A mãe chorava, calada; Maria abraçava-a, debruçada em lagrimas: tinha pelo filho mais novo do casal uma amizade de irmã.

O rapaz partiu, pouco depois; e escreveu, nos primeiros tempos da sua chegada ao Rio de Janeiro, dando as mais auspiciosas noticias.

Quando Maria voltava do correio da villa proxima com uma carta do Brazil, era uma alegria immensa para toda a familia.

IV

Decorreram alguns annos, sem se receber uma letra de José. A pegureira cresceu em idade e tornou-se a mulher mais formosa d'aquelles sitios. Muitos a requestavam, e ella de todos se esquivava pertinazmente.

O filho mais velho do lavrador deixou-se dominar pela seducção da sua formosura, e amou-a. A innocente, que acreditava desde a infancia na pureza e na felicidade do amor, deu toda a sua vida aos encantos de uma união mysteriosa e funesta.

Não passaram muitos mezes, que a infeliz visse, que já não podia guardar o rebanho na encosta da collina, porque era mãe.

O caso espalhou-se na aldeia, e o filho do lavrador não teve a coragem de levantar do abysmo da deshonra aquella desgraçada. Maria abandonou o casal, onde refloriram e murcharam as rosas da sua mocidade.

E foi esconder na grande solidão do mundo o fructo dos seus amores, orvalhado de eternas lagrimas.

V

Falleceram os velhos na paz ignorada e triste do seu quasi deserto.

Sucedeu-lhes o filho na lavoura do casal.

E nunca mais se lembrou da infeliz pegureira.

Até ajustou casamento com uma lavradeira visinha, mulher que levava em dote o que perdia em formosura.

Na vespera da confirmação dos esponsaes, recebeu uma carta de Lisboa, cuja letra o fez empallidecer.

Resava assim aquella carta:

Meu irmão.—Voltei a Portugal, porque uma desgraçada mulher, que tu seduziste e abandonaste, me obrigou a isso, pedindo-me que viesse salvá-la. Encontrei-a aqui na extrema pobreza, na mais afflictiva miseria, arrancando ao somno e ao sustento, á propria vida definhada pelo trabalho, a vida de teu filho. Amava eu esta mulher, ainda a amo, e foi por causa d'ella que me expatriei. Levo-a comigo, para que lhe dês com o teu nome a honra e a dignidade, que ella nunca perdeu.—*José.*

O lavrador apertou a carta nas mãos crispadas. Tal occorrença imprevista arruinava todos os seus projectos de riqueza.

Não respondeu, e appressou a celebração das nupcias.

No dia do casamento, quando caminhavam para a igreja, sentiu-se o trote largo de dois cavallos, na mesma direcção.

Todos voltaram o rosto.

Era o irmão do lavrador e Maria, que corriam, lado a lado, ao longo da estrada, que conduzia ao presbyterio da aldeia.

Parou a comitiva. José apeou-se, e dirigindo-se aos noivos, exclamou:

—Aquella senhora, que me acompanha, protesta contra este casamento, que rouba a seu filho a herança e o nome de meus paes. Todos se lembram ainda de Maria, a pegureira. Meu irmão perdeu-a e abandonou-a: qual de vós poderá assistir ás nupcias de meu irmão?

Houve um grito unanime de assombro.

A noiva caiu desmaiada, e o lavrador arremetteu, livido de colera, com os punhos cerrados, contra José.

—Hei de afogar essa infamia com o teu sangue, rugiu elle.

—Infame és tu, que renegas a tua mulher e o teu filho.

E os dois irmãos atiraram-se um ao outro, braço a braço, n'uma luta feroz.

Ninguém pôde separal-os, quebrar as cadeias de bronze d'aquelle odio fraticida.

Sentiu-se depois o baque de dois corpos no chão. Ambos tinham no rosto a roxa agonia da morte. Por mais socorros que se lhes prestassem, não foi possível evocal-os á vida.

Maria fugiu, desvairada, louca, arquejante, para longe, para longe d'aquelle tragedia fatal.

Andou todo o dia e toda a noite, por montes e descampados, rasgando os vestidos e os pés sangrentos, caindo de roxo nas pedras do caminho, erguendo-se hirta de desespero, gritando que a matassem, pedindo á terra que a engulissem no mais profundo abysmo.

Depois desmaiou pallida e amortecida, como a flôr que pende ás horas da tarde, sorrindo tristemente para as suas lagrimas, frios os labios aos beijos suspirados das auras dos arvoredos, ai! branca e formosa como a mortalha de lirios, a neblina dos valles, que a escondeu para sempre!

Pousou a face defecada nas rosas da sua infancia, mirou ainda com os olhos da alma, ao escurecer da vida, os pomos de amor, que lhe brotaram dos seios nus.

O lago dormente ao raiar da aurora mostrava-lhe o rosto emmagrecido, assombrado das azas do anjo do Senhor, que a vinha roubar com o primeiro raio do sol.

Ella inclinava o rosto sobre o espelho das aguas, e os salgueiros inclinavam a ramagem suspirante aos ventos da manhã, para lhe segredarem os derradeiros gemidos.

Os gorgeios das aves eram mais timidos e doloridos, ao esvoaçar d'aquelle sombra para o céu; magoados os requiebro do rouxinol nas franças do arvoredo; tristes os murmurios das ribas solitarias; desbotadas, em fim, todas as flôres, que ella tanto amara, nos fugitivos sonhos da sua felicidade.

Ao abraçar-se o mundo com Deus, ao primeiro desabrochar da rosa do oriente, ao alegre sorrir do astro da vida, ai! que saudades ella tinha das auroras embalsamadas pelos perfumes da sua alma, e pelos perfumes das rosas da mocidade, que ella ia deixar para sempre!

Que lagrimas, as ultimas, as mais dolorosas, as mais angustiadas, lhe vinham amargar nos labios desmaiados a essa luz suave, que vela, como em sudario piedoso, todas as alegrias e todas as amarguras da terra!

Foram assim os seus ultimos gemidos. Illuminou-os o astro do céu, levou-os o vento da montanha, amimou-os o gorgoio triste da ave do crepusculo, suspirou-os o sussurro das aguas e o amarellecer das flôres, e sumiu-os o pallido raio da sua estrella.

Morreu ao desmaiar da estrella d'alva.

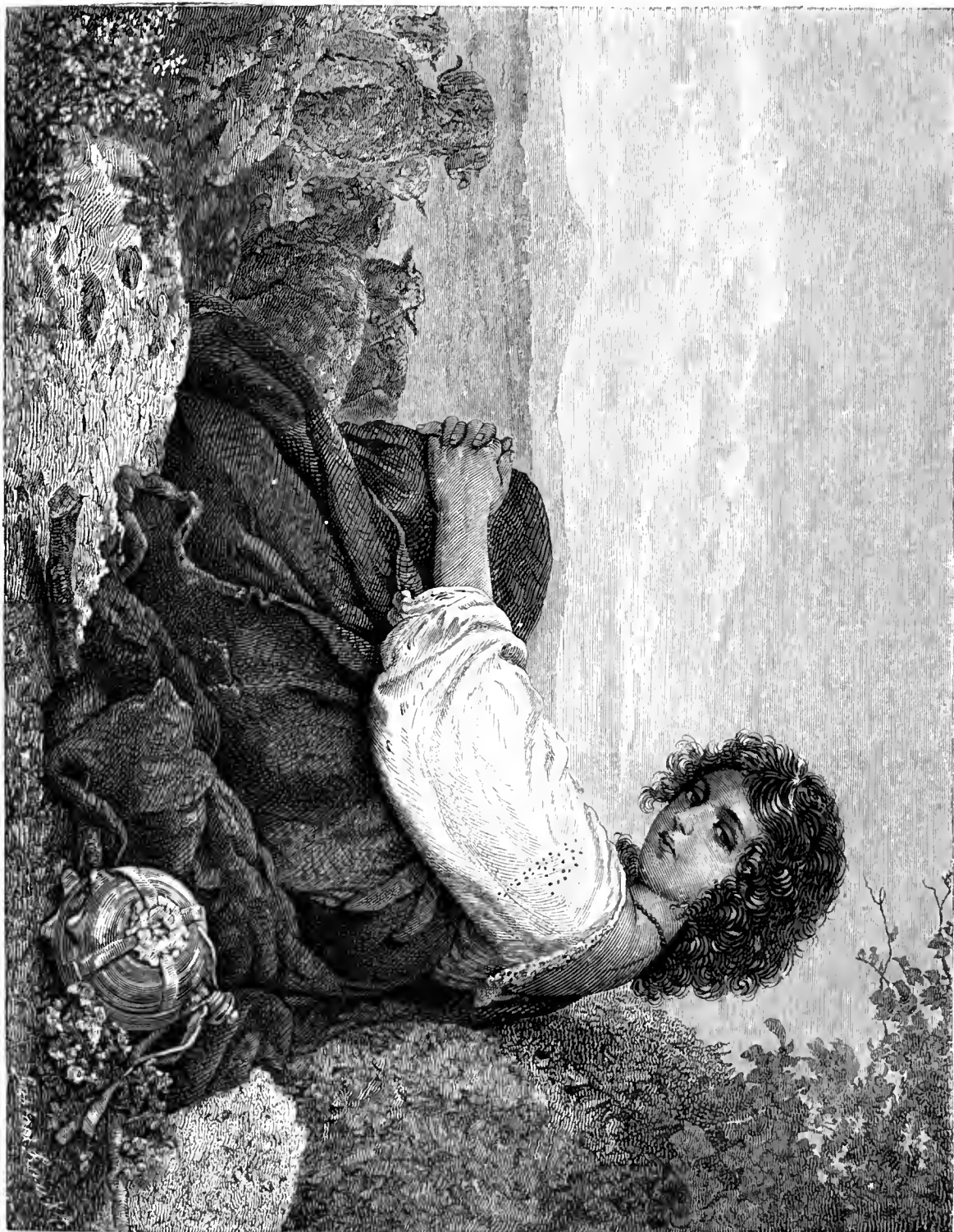
Os esplendores do sol não lhe abriram mais os lábios para o seu cântico divino; doiraram os cabellos formosíssimos, onde se prendiam os sonhos da felicidade, mas não irradiaram na luz dos seus olhos, onde se revia a sua alma e se retratava o seu coração: beijaram-lhe a fronte pal-

DEIXAI QUE OS PEQUENINOS VENHAM A MIM

Vos estis sal terra...

Agora me está lembrando o que escrevem a este respeito o nosso padre Vieira: «Vós, diz Christo Senhor Nosso,

A peregrina



lida, como um celeste diadema, reflexo do eterno dia; e a rosa branca do seu amor, alva como a sua mortalha de lírios, a neblina dos valles, levou-a no seio inanimado, o ultimo beijo da primavera.

Levou-a Deus para si.

F. GUIMARÃES FONSECA.

fallando com os prégadores, sois o sal da terra: e chama-lhe sal da terra, porque quer que façam na terra, o que fez o sal.» Aquelle insigne orador, uma das maiores glorias portuguezas, o gigante do pulpito, o trovão da eloquencia, desenvolve brilhantemente, como elle dizia e escrevia tudo, a comparação biblica. Não era preciso, porém,

ser tamanho como Vieira para ficar do *sal terra* a doce. Que outra coisa deve ser o padre senão o preservativo



Deixai que os pequeninos venham a mim

e profunda philosophia que essa phrase contém: para o | do desespero? A sua palavra deve temperar as paixões
fazer como elle, isso sim. como o sal tempera os alimentos. De modo que o padre

foi talhado para consolação e remedio, como o sal que, tornando mais agradaveis as viandas, as defende da corrupção. D'onde sae o sal? Do mar, que tudo lava, e que dá saúde. D'onde sae o padre? Da igreja, que tudo purifica, e tudo melhora. A tunica vestida pelo padre, é branca como o sal. Até n'isso se parecem! A missão do padre é acompanhar a humanidade desde o berço ao tumulo, abrangendo portanto todas as idades. A missão do sal é acompanhar todas as refeições sejam faustosas ou modestas, abundantes ou mesquinhas. Mas, restituindo o sal ao mar, pois que lhe pertence, fallemos unicamente do sal da terra, *sal terra*, que é o nosso assumpto. Vamos, ó filho dilecto de Christo, acompanhar-te na tua missão, já que tantas vezes nos tens acompanhado em a nossa. É preciso ir levar a luz e a fé ao mais agreste das montanhas? Faze-te Bartholomeu dos Martyres, e vaes. É preciso ir converter o gentio a remotas e arriçadas paragens? Volve-te Francisco Xavier, e parte. É preciso visitar os mil enfermos que a epidemia arrojou para o hospital, e d'ahi arrojará para o cemiterio? Torna-te monsenhor Belzunce, o santo bispo de Marselha, e acode impavido e meigo aos moribundos desamparados. Encontras no caminho o mendigo quasi reduzido a completa nudez? Sê Martinho; retalha a tua capa, e cobre-o. Ah! meu bom padre, qualquer que seja a tua idade e a tua hierarchia, ampara a velhice que topares no caminho, tremula, faminta, solitaria, e a infancia que te saír ao encontro, alegre, ruidosa e festiva. Salga a insôssa fraqueza dos velhos; tempera os alegres impetos das creanças. *Sal terra*. Sal do mundo, cumpre a tua missão. Chovam sobre ti as bençãos de Deus e dos povos, dos ricos e dos indigentes. Entra no seio da familia, e aconselha-a. Sobe ao pulpito e esclarecc. Senta-te á beira do catre e converte. Aproxima-te da sociedade e regenera-a. E se a tua patria, ó abençoado mensageiro de Deus, geme oppressa sob o jugo da escravidão, ou fumeja com os incendios da guerra civil, ou fluctua em rios de sangue e oceanos de lagrimas, ó padre, ó luz, ó consolação, ó providencia terrena, ergue-te sobre as ruinas e hasteia a cruz, solta do alto da tua cadeira evangelica o verbo divino, e as ondas do sangue refluirão, e os soldados cairão vencidos á tua voz, e o espirito do Senhor fluctuará ao de cima das aguas revoltas para serenal-as na doce calmaria da paz. Padre, o teu logar é no presbyterio, d'onde com a vista e o coração abranges o teu rebanho disseminado no pendor da serra. Se ouvires chorar, desce a montanha. Mas se retumbar a teus ouvidos o estrondo da fuzilaria, não pegues na escopeta, não desças ansioso de carnificina, porque, no momento em que te volvas Santa Cruz, Deus estremeccerá de horror no altissimo pedestal da sua infinita bondade, a casta Maria chorará de novo a dôr de ter visto morrer seu filho, e a cruz, esses dois bocados de pau que governam o mundo e que ninguém logrou ainda lançar por terra, ficará solitaria e triste no ermo da serra, como o sol na vastidão do céo, quando illumina um dia de horrores e de luto. O teu exercito não traz armas; não precisa de ferir nem de defender-se. Tu não proteges um só homem; tu proteges a humanidade. Tu não és cidadão de um paiz, porque a tua patria é o mundo. Tu não és mensageiro de um rei; tu és emissario de Deus. Tens de lutar? Pois luta. Ah! tens o pulpito, o altar, as ereolas, as praças, os livros, os jornaes. Mas nem com a palayra nem com a penna venhas acobertar as paixões partidarias, nem defender os interesses pessoais. Não enganés o povo, padre. Não lhe dês politica quando elle quer religião. Para ti o melhor rei é o que fór melhor para os outros. Não te assentes á mesa do banquete conspirador. Em toda a parte ha pobreza, e doença, e miseria. Vaes jantar com to-

dos esses infelizes; os principes têm consolações abundantes e promptos socorros. Não precisam de ti. Que lhes faz a elles um grão de sal, o que tu és, ó padre?

Dá alegria vêr-te, ó venerando pastor de algum rebanho aldeão, velho, prasenteiro, tranquillo, sem paixões, sem odios, erguer ao collo as creancinhas que vaes encontrando pelas alamedas para que ellas cheguem aos pomos que pendem das grandes arvores seculares.

Nem os pequeninos fogem d'elle, porque é alegre como o sol; suave como a luz da manhã; carinhoso como o octogenario avô, que lá está em casa, e p r quem as creanças se morrem.

— Anda cá, Luizinha, anda cá. Olha a gingeira como está carregada! Ora dize-me, se eu te fizer um presente, és capaz de me dar noticia de teu avô? Como vaes elle, o pobre velho doente?

— O avôsinho... vaes bem! Gagueja a pequerrucha olhando de revez para a gingeira.

— Ainda bem, filha! Ora dize-lhe que fallaste com o prior e que me espere lá um d'estes dias que, se me Deus der vida, lhe hei de ir fazer uma visita. Sim, senhora. Ganhaste o presente. Vaes ter as ginjas, rapariga, ladina, meu zig-zig...

Não se vê arrancar os pomos, mas ad'vinha se.

O artista quiz tambem que os seus admiradores collaborassem no quadro com pequeno dispendio de imaginação. Chegado a este ponto, disse á gente: Que faria agora o abbade e que fariam as creanças? E a gente responde facilmente: O abbade cortava as ginjas, e as pequerruchas comiam n'as.

ALBERTO PIMENTEL.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação)¹



E envolta porém com estes e outros actos do mais acrisolado patriotismo, misturaram-se acções bem vis que é triste encontrar a par d'aquelles. Foi infelizmente certo que alguns portuguezes houvera traidores á patria e ao rei: que por temor, demasiada prudencia, ou até por motivos torpes consentiram não só em servir com os francezes, mas até em auxiliar-os em seus damnados intentos de avassallar Portugal. A saída dos francezes estipulada na convenção que tomou o nome de Cintra, e que foi celebrada em 30 de agosto de 1808 produziu uma recrudescencia de patriotismo. Eram por toda a parte denunciados e perseguidos os jacobinos, termo então inventado para designar os que eram suspeitos de affeição aos francezes². As denuncias tomaram proporções assustadoras; verdade é que o proprio governo não só as favorecia, senão as ordenava e recommendava como serviço importante³. As denuncias seguiam-se as prisões, e as cadeias foram atulhadas de jacobinos. O povo a quem haviam mandado tomar armas⁴ servia-se d'estas para promover desordens,

¹ Vid. os n.ºs 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11.

² Officio do intendente geral da policia em 4 de fevereiro de 1809. — Torre do Tombo, archivo da intendencia da policia, contas para as secretarias, L. X., fl. 56, v.

³ Edital de 5 de dezembro de 1808, citado pelo sr. S. J. da Luz: *Ob. cit.*, vol. 1, pag. 660; e decreto de 20 de março de 1807. (Gazeta de Lisboa, n.º 12, de 21 do mesmo mez, suppl. extraord.)

⁴ Proclamação dos governadores do reino de 9 de dezembro de 1808 e decreto de 11 do mesmo mez. Vid. sr. S. J. da Luz: *Ob. cit.*, pag. 662 a 665.

não para manter a ordem. São de ver-se nos livros de registo da intendencia as repetidas informações que sobre o estado anarchico da capital elevava o intendente aos governadores do reino. Estes não sabiam ou não podiam acalmar as paixões populares e só curavam de instituir tribunaes para o julgamento dos réus políticos. Restauraram o antigo juizo da inconfidencia por decreto de 26 de setembro de 1808; nomearam uma junta camararia, composta, diziam elles¹, dos melhores magistrados para julgar os processos de insultos sacrilegos contra a real pessoa de sua alteza; crearam por decretos de 7 de dezembro de 1808 e 26 de janeiro de 1809, duas commissões de desembargadores incumbidos de julgar os réus accusados de serem affeiçãoos aos francezes; por aviso de 8 de maio acrescentaram a estas commissões mais desembargadores, porque os juizes de que ellas se compunham não bastavam para a multidão de processos pendentes². Estes eram rapidos, secretos³, despidos de todas as garantias de defeza. Aos advogados dos réus concediam-se apenas 24 horas improrogaveis para responderem⁴.

É facil de perceber que, em similhantes condições anarchicas, fosse muito facil dar pasto a vinganças pessoas, e explorar as paixões populares em menoscabo d'aquelles a quem havia desejo de perder. Foi sem duvida o que succedeu a Sequeira. O seu processo está infelizmente perdido. Pelo menos não me foi dado encontrar-o apezar das buscas muito minuciosas que dei á torre do tombo, aos archivos do ministerio do reino e da justiça, ao archivo geral dos cartorios findos na relação de Lisboa. Em nenhum d'estes repositorios de documentos ha vestígios sequer d'este processo e dos outros d'aquella época. Não sei se por bem guardados se acham perdidos, o que sei é que nem buscas nem informações sollicitadas de pessoas versadas nos segredos dos nossos archivos, conseguiram que se me deparasse o que em vão busquei⁵. A falta pois do processo direi com os poucos subsidios que tenho, a historia d'estes annos de Sequeira.

É incontestavel que foi preso em consequencia das exigencias do povo. Não só o diz Cyrillo no logar já citado, mas os governadores do reino, em sua conta ao príncipe regente de 24 de dezembro de 1808, escrevem no § 10.^o «... e o povo fez prender em Belem o pintor D. A. de Sequeira⁶.» Este em sua memoria justificativa já por vezes mencionada, não refere o facto d'esta fórma mas diz que fôra vio'entemente assaltado por tres soldados de cavallaria n.^o 4. O advogado Henriques Ferreira na allegação tambem citada, expressa-se por modo que parece indicar ter havido alguma manifestação do povo contra Sequeira: «os crimes que se imputam ao réu... e pelos quaes o *considera o vulgo* não merecedor de vassallo fiel, etc.» Nem admira que assim se houvessem passado os factos pois é certo que n'essa época de jacobinismo era vulgarissimo, e assim o provam as contas diarias do intendente, que o povo elamasse aos soldados que prendessem individuos suspeitos. Não faça peso em contrario o silencio de Sequeira a este respeito. Para a sua defeza, unico fim da sua memoria justificativa, era inutil esta cir-

¹ Archivo do ministerio do reino. Min. do Rio de Janeiro. Diferentes objectos, maço 1, n.^o 12.

² Archivo da relação de Lisboa. Casa da supplicação. Decretos e avisos. Liv. 23, fl. 163 v.^o

³ Archivo do ministerio do reino, loc. cit., maço 8, n.^o 1.

⁴ Archivo da relação, loc. cit., fl. 154.

⁵ Talvez ardesse no incendio das casas do juiz da inconfidencia. N'este sinistro foram destruidos todos os papeis da devassa, dizem os governadores do reino em sua conta de 10 de setembro de 1814. Archivo do ministerio do reino. Contas cit., liv. 316, fl. 70 v.^o

⁶ Archivo do ministerio do reino. Contas dos governadores do reino 1808-1811. L. 314. 1.

cumstancia, e para o seu natural amor proprio era pouco agradavel reconhecer e confessar a sua impopularidade. Creio pois que podemos dar por assente que a prisão de Sequeira, effectuada por tres soldados do regimento de cavallaria n.^o 4, havia sido pedida pelo povo.

Segundo a sua memoria, foi a prisão na noite de 15 de dezembro de 1808 quando elle recolhia de casa do Marquez de Marialva onde havia juntado com Pedro José da Silva, um dos grandes negociantes de Lisboa e o conde da Louzã, D. Diogo de Menezes. Passou a primeira noite da sua prisão no corpo de guarda do regimento. No dia seguinte o commandante do regimento leu a parte, que fundamentava a prisão no pretexto falso, diz Sequeira, de o haverem encontrado n'um café fallando mal do príncipe regente, e apesar de mandar prender o soldado que fôra cabeça do procedimento, pelo achar em contradicção nas suas respostas e em desacordo com a affirmação dos outros, ordena que Sequeira seja remettido para o quartel da Luz, e o facto participado ao juiz da inconfidencia. N'este quartel ficou retido até 18 de janeiro de 1809 sendo então enviado para o Limoeiro¹. Quanto tempo ao certo ali se conservasse preso não pude eu com exactidão saber; apenas posso dizer que na interessante colleção de sentenças feitas pelo fallecido Antonio Joaquim Moreira, official maior que foi da Academia real das sciencias, colleção que hoje está na bibliotheca publica², encontrei a folhas 349 do vol. v, a seguinte indicação manuscrita na letra do proprio Moreira, «Lista dos jacobinos mandados sair de Lisboa como incorrigiveis e teimosos³.» N'esta lista entre muitos nomes importantes como o de Vandelli, Ratton, Manuel Alves do Rio, o Senhor de Pancas, etc., vem o de Sequeira com esta nota «Esteve preso no Limoeiro oito mezes, onde saiu por favor.» Data portanto a sua soltura de setembro. Procurei na cadeia civil da cidade os registos de presos pertencentes a essa época, mas infelizmente foi-me declarado que não existiam, e que provavelmente haviam sido destruidos, com alguns outros livros de não menos valor e interesse, n'uma das muitas revoluções que durante tantos annos foram a doença chronica do nosso paiz.

É indubitavel que durante a prisão de Sequeira lhe formaram processo e o pronunciaram. Bastaria para proval-o a allegação juridica do seu advogado e os traslados dos tres depoimentos a que já alludi, ainda quando não constasse officialmente como consta, entre outros documentos, do aviso de 21 de fevereiro de 1809⁴ que manda remetter ao chanceller⁵ da casa da supplicação as culpas dos cinco réus, Domingos Antonio de Sequeira, Antonio, denominado o *Navalhada*, Joaquim José Fragoço, Manuel Vicente Rodrigues e Manuel dos Santos pintor, e ordena que elle os faça sentenciar na commissão de que era juiz relator o desembargador Antonio Xavier de Moraes Teixeira Homem.

Conforme se deprehende da allegação de H. Ferreira, tres eram as culpas imputadas a Sequeira: o ter executado o quadro encommendado por Junot, no qual havia allusões e allegorias offensivas da nação e do príncipe regente; fazer da sala do docei do paço da Ajuda, casa de pintura; e metter um cavallo dentro de uma sala do paço. Quanto á primeira culpa attenua-a facilmente o advogado

¹ Allegação de H. Ferreira, cit.

² Sala dos mss. B. 16.

³ Foram os chamados *setembrigados*.

⁴ Archivo da relação de Lisboa. Casa da supplicação. Decretos e avisos. L. 23, fl. 153 v.^o, e Archivo do ministerio do reino, div. 39. Avisos liv. 35, fl. 227.

⁵ Este funcionario era o proprio inteuente geral da policia, Lucas de Seabra da Silva.

declarando não só que o quadro fôra executado por ordem superior, a qual se não fosse cumprida podia expôr o artista a um severo castigo, mas também que n'essa obra nada havia que tivesse vislumbre de offensa contra a patria e o regente. A descripção feita pelo proprio Sequeira e na qual copia o thema que lhe foi dado por Junot, cujo original declara ter em seu poder, prova que se por um lado aquella obra era evidentemente destinada a glorificar e exaltar o general francez, nada encerrava que pudesse considerar-se insultuoso ou offensivo para o paiz. O orgulhoso francez queria memorar por fórma perduravel a sua entrada triumphal em Lisboa e os planos grandiosos cuja execução lhe fôra commettida. Aprazia-lhe associar a este padrão que intentava erguer a si proprio, o artista a quem todos tinham em conta do melhor que em Portugal havia. Chamou-o, lisonjeou-o; não esqueceu promessas, não foi curto em offerecer premios, sendo servido, nem descuidado em apontar castigos se encontrasse resistencia.

Para melhor convencer deu elle mesmo o thema escripto de sua letra. No dizer de Sequeira resava assim: «Lisboa não temas a tua sorte; hum heroe te protege quando te envia este guerreiro invicto, prudente e justo. Lembra-te suas victorias por toda a parte conseguidas, os perigos e trabalhos que teve para a tua felicidade, e o seu governo sabio e prudente do qual já tens experiencia; cuidadoso da tua ventura, prepara para aquelles que o merecerem premios de que o heroe lhe confiou a distribuição. Já Neptuno tremé ao aspecto do fulminante Marte.» Seguindo estas indicações esboçou Sequeira um painel, no qual a figura principal era Lisboa triste, amparada pela Religião e o Genio das Nações, e consolada por Junot. A composição era toda allegorica, não faltando Neptuno fulminado por Marte, allusão transparente á Inglaterra abatida pela França.

Não podia negar-se a existencia do painel; innumeras testemunhas o tinham visto, e mesmo n'aquelle tempo existia ainda; mas Sequeira desculpa-se, deixando bem adivinhar em suas expressões que por coacção obedecêra á ordem do general francez. Não lhe esquece também de allegar em sua defeza, e como prova da má vontade com que apprehendia o trabalho, o facto de o não haver terminado, deixando-o em partes menos do que esboçado.

A principal questão versou, ao que parece, sobre a significação das allegorias do quadro. Sustentavam os accusadores de Sequeira que n'ellas se encerravam injurias para a nação e para o principe; diziam mais que depois da saída dos francezes o artista apagára tudo quanto pudesse ser considerado odioso. Esta accusação, já de si bem grave, era accrescentada de outras duas, que a serem provadas, envolviam evidente e acintoso menoscabo da magestade real, sobretudo a ultima. N'ellas não falla Sequeira em sua memoria, o que me leva a crer que só foram apontadas no decurso do summario, como auxiliar e reforço á primeira e principal queixa. II. Ferreira percebe o perigo da situação, invoca força maior, irresistivel; affirma com energia o patriotismo do seu cliente, as suas intenções puras, o amor que tem pelo principe regente, as muitas obrigações de que lhe é devedor, a impossibilidade de ser ingrato.

Não vi, como já disse, o processo. Ignoro por tanto as testemunhas que n'elle depozeram, e as provas reunidas no summario. Tenho apenas diante dos olhos tres depoimentos: os de Manuel da Costa, architecto e pintor, e os de Fuschini e Bartholomeu Calixto ambos pintores, admittidos por Sequeira, como atraz vimos, nas obras do paço da Ajuda. Estes homens parece terem sido os prin-

cipaes accusadores de Sequeira, não só porque os seus depoimentos foram os unicos de que o nosso artista tirou as copias que se encontraram em seus papeis e agora estou consultando, mas também porque a nenhuma outra testemunha se refere o advogado em sua allegação. D'estes falla com profundo desprezo e como que negando por abjecto e vil o seu testemunho. Aponta indignado os motivos que os levaram a jurar contra o accusado, e diz sem reboço que o primeiro se considerava aggravado por julgar que Sequeira influira na sua inadmissão nas obras da Ajuda, e que os segundo e terceiro se queixavam «do réu por se persuadirem que elle tinha meios de concorrer para que Junot lhes conservasse as pensões.» Não pára aqui o ousado patrono, e não hesita em affirmar que «estes tres homens eram movidos do interesse de occuparem os empregos do réu e para este fim se mancomunaram.» Era mistér que fossem bem notorios os factos apontados por Ferreira para elle se animar a referil-os com tanta individuação e certeza. Parece-me pois fôra de duvida que d'estes homens se pôde e deve dizer que foram os principaes promotores da perseguição movida contra Sequeira, e que a final em nenhuma outra base assenta além das que deixei mencionadas.

N'aquelle época de grande effervescencia politica não deixariam de mover-se contra um réu jacobino, todas as accusações que tivessem vislumbre de verdade ou que pudessem servir de pretexto para lhe aggravarem a situação. Comtudo o advogado diz terminantemente que só aquellas tres eram as culpas apontadas. E por mais que eu deseje conservar a maxima imparcialidade, narrar com toda a verdade e julgar com solido fundamento, não posso ainda acabar comigo de notar que não sendo de grande escandalo publico os actos imputados a Sequeira, pois que se haviam passado dentro do recinto do paço e á vista só de pouquissimas testemunhas, como se deprende dos depoimentos a que me tenho referido, de suppôr é que os mesmos tres que tão acereamente depuzeram contra o nosso artista, seriam os proprios que espalharam a noticia d'aquelles actos, avolumando-lhes a importancia, especulando com elles, como hoje diriamos, e logrando afinal despertar contra Sequeira a opinião publica e incitar o povo a requerer sua captura. Se esta é supposição que avento, não o é por certo o azedume com que depoem, a má fé com que juram, a inimidade que resalta das suas respostas. E dois d'estes homens deviam a Sequeira a sua collocação, eram seus ajudantes, conviviam com elle, recebiam-lhe as lições! É tão antiga como o mundo a ingratião, mas é tão torpe que não podemos afazer-nos a encontral-a sem que nos cause tedio e magoa, como se fôra acção que por sua propria raridade nos dêsse abalo.

Foi sem duvida imprudencia de Sequeira executar o quadro delineado por Junot, mas não creio que fosse maldade ou crime. Sequeira não era, não podia ser jacobino. Nenhum indicio encontrei que n'o podesse fazer suspeitar. Antes examinando com cautella, e lendo todas as denuncias que foram feitas á policia, conservadas conforme referi, em varios maços do archivo da extincta intendencia, existente hoje na torre do tomo, não acho insinuação alguma a respeito do nosso artista. Comtudo de crer é, como já disse, que se elle houvesse praticado algum acto que podesse ser acimado de francezismo, não faltariam ou nos espiões ordinarios de Lucas de Seabra ou nos inimigos de Sequeira, apontados em n'o comprometterem, olhos bastante perspicazes para o enxergarem e linguas bastante afiadas para o dizerem, engrassando a seu sabor, até lhe darem proporções de crime, o que podia não ser mais do que imprudencia ou levandade.



FILIPPE III DE PORTUGAL.

Editeur & Releur. & Sem. 1850.

Nada porém descubro, o creio que pôde afoitamente dizer-se que é porque nada existio.

Da verdade dos sentimentos patrióticos de Sequeira não é licito duvidar. Amava a patria até ao enthusiasmo, e amava o príncipe em quem ella se incarnava, segundo as idéas d'esse tempo que Sequeira, ainda então, abraçava inteiras; devia a este a sua posição, os seus ordenados, e muitas mercês, que n'aquella época eram mais raras e por isso valiam mais do que as de hoje. A roda em que vivia, e cujo centro era o marquez de Borba, um dos governadores do reino, nada tinha de afrancezada, mas antes representava as idéas do velho Portugal; as amizades illustres que não perdeu depois do seu processo e ás quaes deveu naturalmente o feliz desenlace d'este episodio, são prova evidente que os seus sentimentos patrióticos nunca foram seriamente contestados. Quando a patria lhe pediu sacrificios não hesitou em lh'os fazer, despojan-do-se voluntariamente, como atraz vimos, de mais de metade dos seus rendimentos. Passados annos, e havendo o grito liberal do Porto em 1820 acordado os brios da nação, Sequeira abraçou com delirio a nova ordem politica; servio-a na medida de suas forças, esquecendo antigas e respeitaveis amizades; e em 1823, ao despontar da reacção, abandonou sem hesitação cargos, parentes e patria. Não podia ser francez e jacobino quem taes actos praticou. Busquemos pois outra origem para a perseguição de que foi victima, e digamos com todas as probabilidades de acertar, que um acto de amor proprio e de leviandade, avolumado pelo rancor dos seus inimigos, é explicação satisfatoria e cabal do enredo em que o envolveram e da meada que hoje podemos desfiar. Foi fraco, faltou-lhe a força para resistir á ordem do general francez; receiou mesmo esquivar-se a cumpril-a, pretextando qualquer impossibilidade temporaria que fosse demorando a execução da obra. E porque não direi todo o meu pensamento? foi vaidoso talvez; deixou-se enlevar da muita consideração que Junot parecia tributar-lhe, lisongeou-se vendo o vencedor render preito ao vencido; afagou-lhe as mais intimas fibras do amor proprio o alto conceito em que o marechal o tinha, escolhendo-o de entre todos os artistas portuguezes, dando-lhe assim fóros de primazia; lembrou-se que este seu quadro iria figurar entre os sublimes trophéos das victorias francezas, a par das telas do Rafael e do Ticiano, n'aquella admiravel museu roubado a todos os povos da Europa, que o genio de Napoleão, colossal em tudo quanto emprehedia, fundára na capital dos seus estados. Taes seriam, talvez, as idéas de Sequeira, tal a explicação do seu procedimento. Não acuso, nem defendo; digo o que sei, refiro o que sinto. Apresentei os factos, deixo ao leitor a sua apreciação.

Ignoro como terminou o caso e se o nosso artista chegou a ser julgado e absolvido ou condemnado, ou se o processo, a instancias dos protectores de Sequeira, que os tinha sem duvida e poderosos, não chegou á sua natural conclusão. As palavras que atraz citei de A. J. Moreira dão força a esta segunda hypothese, sendo possível que Sequeira, depois de oito mezes de prisão no Limoeiro, e socegados um pouco os espiritos como estavam no ultimo quartel de 1809, fosse restituído á liberdade por um acto tão arbitrario como havia sido o que d'ella o privára.

Como remate curioso d'este episodio, e lição não menos proveitosa, direi que não perderam de todo o fructo de suas traças os accusadores de Sequeira. Já Cyrillo nos dizia, que, apesar de se haver justificado, não conseguira o nosso artista que o fiscal da obra da Ajuda o admittisse na pintura dos tectos¹. Fuschini foi pois incumbido da di-

recção da casa da pintura da real obra, como se vê da portaria de 18 de janeiro de 1809, que manda fazer inventario de quanto se achar na dita casa¹ para ser entregue ao novo director. Conservon o invejoso pintor aquella posição bastantes annos, pois que em 1 de setembro de 1811² baixou uma portaria que lhe mandava pagar 75\$900 réis pelas despesas com a factura do painel a *Restauração de Portugal*³, que por ordem superior estava executando em grande, e em 1818, como adiante veremos, Sequeira sendo convidado a reassumir effizamente as funcções de que nunca havia sido officialmente demittido, analysa e discute os trabalhos que seus menos dignos successores haviam realisado nas salas d'aquelle paço, que podendo ser padrão de gloria para a arte portugueza, é tão sómente tristissimo attestado da miseravel situação a que a tinham reduzido.

(Continúa.)

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

PHILIPPE III

De Portugal



UEM fôr ao museu de Madrid, e não quizer simplesmente delectar-se com a contemplação das maravilhosas obras primas que nas suas salas resplendem, pôde fazer um curioso estudo, lendo nos retratos dos soberanos da casa de Austria a historia da decadencia da Hespanha. Encarando essas imagens, fixadas na tela pelo pincel dos primeiros pintores dos seculos XVI e XVII, vê transluzir n'esses rostos a depauperação do sangue generoso de Carlos V, condemnado pela etiqueta das côrtes a não se retemperar nunca no cruzamento, e a perder successivamente a força vital, até produzir, como ultimo fructo rachitico, esse pobre anemico e enfestado idiota que se chamou Carlos II.

O pincel prestigioso do Ticiano empregou toda a riqueza magica do seu colorido no semblante do grande imperador Carlos V (Carlos I de Hespanha) radioso de saude, de vigor e de intelligencia. Segue-se depois o pallido Philippe II, rosto sombrio e cavo illuminado ainda pelo clarão do talento; depois a decadencia precipita-se. Philippe III é já uma physionomia apagada e melancolica, Philippe IV é um vulto insignificante e frivolo, em Carlos II a depressão é completa. A dynastia de Austria morre como uma arvore velha, como um ancião decrepito. Esvairam-se-lhe o sangue e a seiva.

É de Philippe IV que temos de occupar-nos, Philippe IV, que na lista dos nossos monarchas intrusos é o III Philippe. Pobre rei cujos braços debeis não podiam, nem sequer tentaram sustentar o pesado sceptro de Carlos V e de Philippe II! E comtudo chamaram-lhe Grande

¹ Archivo da direcção das obras publicas do districto de Lisboa; Archivo das obras da Ajuda. L. 31.

² Ibidem, ibidem.

³ Este quadro é o muito conhecido e escarnecido quadro de D. João VI na concha, felizmente hoje coberto com as sedas que revestem as paredes da sala. Se fôra picado e destruido, como por sua ineptia merecia, não se perdêra de todo a memoria de tão extravagante obra, porque o auctor d'este estudo possne o esboçeto original do mal avisado Fuschini.

¹ Cyrillo.—*Ob. cit.*, pag. 310.

as chronicas cortezãs, e a sua estatua equestre campeia em Madrid, na praça do Oriente, defronte do palacio dos reis! Viam-n'o da sua janella Isabel II e Amadeu, e aprenderam talvez no seu exemplo a saber como se perde um throno.

As lisonjas que cercaram Philippe IV, e que a historia tão cruelmente desmente, têm a sua explicação n'um predicado, que distinguio este soberano, e que lhe valeu de muito aos olhos da posteridade. Soube chamar a si e presar os artistas e os poetas. Teve na sua côrte, honrados e estimados, Velasquez e Calderon: Velasquez — a pintura hespanhola no que ella teve de mais brilhante; Calderon — o drama hespanhol na sua mais esplendida manifestação, e estas duas magnificas figuras enchem de tanta luz o reinado de Philippe IV, illuminam a pallida fronte do soberano com tão vivos reflexos das suas immortaes aureolas, que chegamos por um instante a persuadir-nos que é da corôa que dimana esse fulgor emprestado.

Mas, se não devemos attribuir a Philippe IV as glorias que pertencem exclusivamente aos grandes engenhos que illustraram o seu tempo, tambem é justo que lhe não attribuamos os erros e as inepeias que são da exclusiva responsabilidade dos seus ministros e dos seus generaes. Se Philippe IV tivesse Turenne e Condé em vez do Marquez de Caracena e de D. João de Austria, se tivesse Louvois e Colbert em vez de D. Luiz de Haro e do conde-duque de Olivares, como teve em Velasquez e em Calderon o seu Lebrun e o seu Racine, quem o impediria de se proclamar deveras grande, como Luiz XIV, perante a posteridade e a historia? Porque não se chamaria o seu seculo seculo de Philippe IV, como o do seu sobrinho e genro se chamou seculo de Luiz XIV? Acasos da fortuna, lhe diria algum dos muitos dramaturgos que enxameavam na sua côrte.

Porque realmente Philippe IV o que não tinha era vocação para rei, e n'isso formava a antithese mais perfeita com seu avô Philippe II. Tanto era o prazer com que este se embrenhava nos negocios do estado, enchendo de notas e de commentarios com a sua propria letra os officios e os despachos, querendo vêr tudo, querendo dirigir tudo, febril, preocupado, insaciavel na sua sêde de mando, tanto era o prazer com que Philippe IV punha de parte a fastidiosa tarefa de assignar decretos para ir vêr pintar Velasquez, ou para compôr algum soneto, porque o bisneto de Carlos V privava tambem com as musas, fazia uns versinhos de *dilletante*, e parece que até mesmo algumas d'essas innumeradas peças que figuram no repertorio hespanhol com a nota de terem sido compostas por um *ingenio de esta côrte* foram escriptas pelo soberano hespanhol, na mesma hora talvez em que os quarenta fidalgos do palacio do conde de Almada lhe arrancavam da corôa herdada o precioso florão de Portugal.

Ha curiosos exemplos da frivolidade com que Philippe IV encarava os negocios publicos. Quando rebentou a revolução da Catalunha, todos os fidalgos de Madrid mostraram o maior zelo pela causa do seu rei, e Calderon, como os outros, apressou-se a ir-lho offerecer a sua espada. Philippe IV disse-lhe que guardasse a espada em casa, que pegasse na penna e que lhe escrevesse immediatamente outro drama. Calderon, que tinha começado uma peça *Certamen de amor y celos* concluiu-a, e o rei assistiu satisfeitissimo á sua representação, enquanto a Catalunha em fogo e Portugal fremente e agitado ameaçavam com um terrivel cataclysmo a monarchia hespanhola.

Ah! se Philippe IV houvesse encontrado um Richelieu, teria sido o homem mais feliz do seu tempo. Diz o

nosso velho rifão: Dá Deus nozes... Luiz XIII, que possuia esse grande ministro, nos ocios que elle lhe deixava, não sabia senão bocejar e enfasiar-se; e entretanto Richelieu firmava-lhe a corôa na cabeça, ampliava-lhe os dominios, estabelecia no seu reino a paz e a ordem, semeava no solo da França os germens da sua grandeza. E Philippe IV que sabia aproveitar excellentemente as longas horas vagas, tinha o conde-duque para lhe despedaçar o diadema, para lhe cercar o imperio, para lhe deshonnar o governo. Pobre Philippe IV!

E comtudo Olivares caminhava com a sua época, obedecia ás tendencias geraes da politica do seu tempo, tentava realisar na Hespanha a obra que Richelieu estava riscando em França. Faltava-lhe porém a mão vigorosa, o genio do cardeal. A unificação politica foi em toda a Europa a obra do seculo XVII. No seculo XV Luiz XI, Fernando e Isabel, D. João II tinham começado a empreza, e tinham lançado sobre as ruinas da fidalguia os alicerces do poder absoluto dos reis. Ficaram os monarchas face a face com o povo, que os ajudára a despedaçar os nobres. Tratou-se portanto de derrubar esse gigante, e de lhe pôr em cima do amplo e robusto peito o joelho de ferro da monarchia. Carlos V intentou o empreendimento, e na sua lueta victoriosa com os *comuneros* levou-o ao cabo. Rasgadas as isenções da nobreza, rotas as liberdades populares, surgiu de subito a revolta das consciencias, e o pensamento acordou a reclamar liberdade. Alliado com a igreja, Philippe II extirpou a ferro e a fogo essa planta damninha do solo das Hespanhas. Seu filho, Philippe III, expulsando os mouros, não fez mais do que pôr o remate definitivo á obra de seu pae. Havia porém ainda n'essa vasta monarchia uma liberdade que sobrevivera a todas as outras, uma isenção que escapára ao nivelamento geral; eram as liberdades e as isenções inscriptas nos fóros provinciaes. Philippe II arcaára já com ellas, e decepára no cadafalso de Lanuza os fóros do Aragão. Mas a vara de ferro do Tarquinio do Escorial não conseguira o nivelamento absoluto. Para alcançar Portugal, vira-se obrigado a prometter respeitar-lhe os fóros e os privilegios. A obra que elle deixára em meio quiz Olivares completal-a. Tentou realisar a unidade, mas a sua mão inhabil não fez senão accender em toda a parte as explosões das nacionalidades comprimidas. As sublevações da Catalunha, de Portugal e de Napoles foram os fructos que colheu da sua audaciosa tentativa.

São verdadeiramente providenciaes os grandes homens! A condemnação da Hespanha estava lavrada no livro dos destinos, e a França passava a ser a nação escolhida. Por isso appareceram ao mesmo tempo Olivares na Hespanha e Richelieu em França. E as mesmas medidas que aqui preparam a potente unidade franceza debaixo do sceptro glorioso de Luiz XIV, alem preparam o esphacelamento da vasta monarchia de Carlos V! E Richelieu, que vence no interior da França os protestantes, que lhes arranca a Rochella que é a sua ultima fortaleza, tem comtudo no estrangeiro a alliança d'esses mesmos protestantes, ao passo que Olivares não faz senão concitar sublevações e hostilidades! Tudo é contra elle: a republicana Inglaterra de Cromwell, e a monarchia catholica de Luiz XIII de França, e, quando quer realisar os seus planos unificadores, vê rebentarem-lhe debaixo dos pés as revoltas, a sublevação da Catalunha inflamma o rastilho da polvora, e logo depois surge Portugal armado, e até os indolentes *lazzaroni* de Napoles pretendem por um instante sacudir o jugo, capitaneados por Masaniello.

De todas estas revoltas a que mais pungiu Olivares foi a insurreição portugueza. Foi essa tambem a que o der-

rubou do poder. Por muito indifferente que Philippe IV se mostrasse aos negocios publicos, a perda d'este reino e das suas vastas colonias não podia deixar de lhe causar uma impressão profunda. Olivares, contando com a frivolidade do seu amo, julgou que o seu valimento sobreviveria á tremenda catastrophe, e annunciou-lh'a rindo: «Meu senhor, disse-lhe elle, na noite de 7 de dezembro de 1640, approximando-se da mesa onde Philippe IV jogava com alguns dos seus cortezãos, dou os parabens a Vossa Magestade; acaba de ganhar um ducado e doze milhões.»—Porquê? perguntou o rei surprehendido.—Porque o duque de Bragança acaba de commetter a loucura de se acclamar rei de Portugal, e o confisco dos seus bens vac encher os cofres do thesouro.» Philippe IV empallideceu e franziu o sobr'olho; a noticia magoara-o profundamente, e o modo como o conde-duque entendera dever communicar-lh'a irritára-o tambem. Poucos annos depois o conde-duque de Olivares caía do poder, e era exilado da côrte.

O seu successor vingou-o. D. Luiz de Haro ainda valia menos do que elle. O tratado dos Pyreneus é obra sua, e esse tratado teve por consequencia o desmembramento da monarchia de Carlos V, e o estabelecimento no throno hespanhol da dynastia dos Bourbons. Mas de todos os desastres politicos do seu reinado o que verdadeiramente magoou Philippe IV foi a consolidação da independencia de Portugal. A ousadia com que este pequeno paiz lhe arrojára a lva e sustentava o combate, as humilhações successivas que infligio ás armas hespanholas, eram golpes que alcançavam profundamente o coração de Philippe IV. No tratado dos Pyreneus, elle e o seu ministro, D. Luiz de Haro, que, tendo sido derrotado pessoalmente na batalha das linhas de Elvas, sentia tambem o mais amargo resentimento, fizeram ao cardeal Mazarino todas as concessões, comtanto que a França abandonasse Portugal ao seu destino. De nada valeram essas precauções. A fortuna continuou a bafejar as armas portuguezas, e a victoria de Montes-Claros poz termo á lucta. N'esse mesmo anno de 1665, e pouco tempo depois de ter recebido a noticia da derrota do seu exercito, morreu Philippe IV, e a dôr d'esse ultimo desengano não foi de certo o golpe menos profundo que o prostrou no leito da morte. Ao menos não teve a vergonha suprema de assignar elle mesmo o tratado que reconheceu a independencia de Portugal. Coube a seu filho Carlos II esse doloroso encargo.

Não era para estas luctas, para estas preoccupações o protector de Calderon e de Velasquez. Nascêra para viver tranquillo e ignorado, entre pintores e poetas, entre galanteios e sonetos, longe do bulicio da politica, longe das guerras e das agitações das côrtes. A historia reconhece a sua nullidade, mas o seu vulto, que não é antipathico, passou para o dominio do romance, que folga de enlevar em torno d'elle os seus aventurosos enredos. A sua côrte foi animada e brilhante. Ao longe nas fronteiras as armas hespanholas soffriam derrotas sobre derrotas, mas em Madrid os theatros estavam sempre cheios, applaudiam-se com fervor as deliciosas comedias de Calderon, Quevedo e Gongora versejavam encantadoramente, Velasquez desentranhava maravilhas da tela, e o proprio Philippe IV galanteava, modulava sonetos, e até dizem que, pegando no pincel de Velasquez, ousava dar ás vezes uns ligeiros toques nos seus quadros. Pôde-se dizer assim que, se Philippe IV perdia reinos, sabia ao menos perdê-los alegremente.

PINHEIRO CHAGAS.



MAUSOLÉU DE D. IGNEZ DE CASTRO

I



LEGRIAS da juventude, magos encantos da formosura, doces transportes de amor, dias ledos de inefavel ventura, esperanças fagueiras de um futuro brilhante; todas estas idéas, repassadas de poesia, estão associadas ao nome de Ignez de Castro, a par dos pensamentos lugubres de mocidade mallograda, de belleza cortada em flor, das doçuras de amor convertidas em fel, da paz e felicidade domestica de improviso civadas de espinhos e dôres cruciantes, das esperanças mais bellas e risonhas, transformadas subitamente no mais triste desengano da vida. Esse nome, que assim recorda uma tristissima lenda de amores e desventuras; que, depois de ser pronunciado com effusões de ternura por seu real amante, foi por este inscripto com letras de sangue em bandeira arvorada em guerra civil; mais tarde por elle proferido, junto de um patibulo, entre os jubilos ferozes da vingança satisfeita; e em seguida acclamado e reverenciado em throno regio, mas ao pé do tumulo, com o titulo de rainha de Portugal, esse nome que deu assumpto para um dos mais bellos e tocantes episodios dos Lusíadas, e para a primeira tragedia portugueza; esse nome em fim diz-nos o que são e de que valem as vaidades e grandezas do mundo; mostra-nos que tudo são illusões, que o sopro do infortunio em um instante dissipa, deixando por unica realidade algumas cinzas recolhidas em uma sepultura.

Eis-ahi a historia, em resumo, commemorada por esse funebre monumento, cuja gravura adorna as paginas d'este numero das *Artes e Letras*.

II

Se o mausoléu de D. Ignez de Castro é tão rico de memorias historicas, não é menos digno de apreço aos olhos da arte. O pensamento do artista, que o delineou, foi elevado, religioso e poetico. O modo por que os esculptores interpretaram esse pensamento, e lhe deram fiel execução, esculpindo no marmore tão variada e significativa ornamentação, é sem duvida merecedor de elogio, embora não ostente primores de trabalho. Porém o que a tudo isto dá maior realce, o que torna o tumulo mais apreciavel com relação á arte, é a época em que foi feito, assim como lhe augmenta a valia historica o nome da pessoa que o mandou fazer.

Quando el-rei D. Pedro I subiu ao throno, em 1357, revolviam-se-lhe no peito dois desejos ardentes, e mal soffredos. Vingar a morte cruel da sua Ignez, e honrar-lhe o nome e as cinzas eram esses dois desejos, que lhe assoberbavam a alma. Portanto o seu primeiro cuidado foi apoderar-se dos assassinos, e faze-los expiar o crime no meio dos tormentos mais atrozes, que a crueldade pôde execogitar. Depois tratou de dar ao nome de Ignez de Castro lugar entre os das rainhas de Portugal, e aos seus restos mortaes jazigo nobilissimo no panteão real. Mandou logo fazer um tumulo magnifico, e, assim que foi terminado, ordenou se procedesse á trasladação do cadaver.

A declaração e reconhecimento do seu consorcio com D. Ignez de Castro: a legitimação dos filhos, que houvera d'ella; a pomposa cerimonia da exhumação do corpo no convento de Santa Clara, junto a Coimbra, e do beijamão do cadaver, como rainha, paramentado com as regias insignias e sentado no throno ao lado do rei; o es-

plendido e numeroso prestito fúnebre, composto do monarcha, de todos os fidalgos da sua côrte, dos prelados do reino, e de todos, por assim dizer, que no paiz representavam grandeza, auctoridade e illustração, caminhando desde Coimbra até Alcobça (85 kilometros) pelo meio de milhares de homens enfleirados, com brandões accessos nas mãos, o que fez dizer ao nosso distincto escriptor Faria e Sousa: «Duvida-se qual era mais admiravel, se a pompa das luzes que estavam fixas, se o luzimento da pompa que caminhava»: enfim, a repetição da cerimonia do beijamão em Alcobça; e a solemnidade das exequias no magestoso templo, fundado por D. Affonso Henriques, e do encerramento do feretro no mausoléu; todos estes actos de um apparatus extraordinario, constituiram uma verdadeira apothecose.

III

Nasceu a monarchia portugueza em um campo de batalha. Embalaram-na em seu berço, vigorou e cresceu entre o estridor das armas e ao som dos hymnos da victoria. Desde a aclamação do nosso primeiro rei nos plainos de Ourique, até á conquista do Algarve e expulsão dos sarracenos por el-rei D. Affonso III, todas as atencões e braços validos da nação empregavam-se, quasi exclusivamente, na guerra. As letras estavam refugiadas no fundo dos claustros das sés e dos mosteiros. A industria e as artes, apenas na infancia, eram a expressão genuina da ignorancia do povo, da rudeza dos seus costumes, e da pobreza e simplicidade do seu viver.

Em taes circumstancias, quando se pretendia construir algum edificio mais grandioso, templo ou mosteiro, pois que fóra d'isso todas as mais edificações eram mesquinhas, recorria-se a artistas estrangeiros. Como n'esse tempo já floresciam as artes na Hespanha, sob o dominio dos arabes, vinham-nos os architectos e os esculptores de Sevilha, de Cordova e de Granada, umas vezes attrahidos com a promessa de salarios avultados, outras vezes obrigados a servir como prisioneiros de guerra. Depois vieram tambem trabalhar em o nosso paiz alguns artistas leoneses, amestrados sob o poderoso influxo d'aquelle brilhante foco de civilisação, que se irradiava da Andaluzia para os estados catholicos confiuantes.

Porém assim que a paz ficou assegurada pela conquista do Algarve, começaram a florir entre nós as artes e a industria. Coube a el-rei D. Diniz a gloria de iniciar essa época de regeneração; partiu do monarcha o impulso dado á industria por differentes leis e providencias, cuja referencia é desnecessaria á questão de que nos occupamos. O impulso ás artes foi o effeito de diversas causas. Os artistas estrangeiros, a que acima alludimos, creando uma escola pratica de architectura e esculptura, desbravaram o terreno onde havia de germinar a arte portugueza. A paz, assegurada pelo animo pacifico e prudente do soberano, traçou-lhe amplo caminho. As numerosas construcções religiosas, civis e militares a que mandou proceder em todo o reino el-rei D. Diniz, offereceram aos artistas vasto campo em que se exercitassem, e variados estímulos para o seu aperfeiçoamento. Este soberano fundou varios templos e mosteiros, sendo o mais notavel o de Odivellas, que ao presente poucos vestígios mostra das feições primitivas, por effeito das muitas reconstrucções por que tem passado. Edificou os paços reais da *Alcaçova*, dentro do castello de Lisboa, de *Frielas*, proximo d'esta cidadê, de *Leiria* e de *Extremoz*, nos castellos d'estas mesmas povoações. O da *Alcaçova* foi o primeiro palacio que se viu no reino, construido conforme as regras de uma architectura regular e nobre. O de *S. Bartholomeu*, que foi o primeiro palacio real que houve em Lisboa, edifi-

cado por el-rei D. Affonso III junto ao castello d'esta cidade, mas da parte de fóra d'elle, entre a muralha e a igreja parochial, de que tirou o nome, não passava de uma casa burgueza, bastante grande, em relação á época, porém destituida de nobreza. Era de mesquinho prospecto.

Fundou el-rei D. Diniz numerosos castellos; muitos dos quaes ainda existem de pé, ou conservam levantado o sufficiente para se poder ajuizar da sua architectura. Se os compararmos com os castellos que ainda nos restam, fundados anteriormente, desde a invasão dos mouros até ao fim do reinado de el-rei D. Affonso III, reconhecer-se-ha que, sob o sceptro de D. Diniz, foram introduzidas innovações na architectura militar, que lhe melhoraram as suas condições defensivas, ao mesmo tempo que a aperfeiçoaram no que respeita a belleza de formas.

A esculptura acompanhou em seus progressos a architectura n'este reinado. Bastará para exemplo o tumulo de el-rei D. Diniz no mosteiro de Odivellas, mandado fazer por este monarcha, logo que acabou de construir o mosteiro. A estatua do soberano e todas as figuras e mais obra de ornamentação, que decoram o mausoléu, estão grosseiramente esculpidas, e o desenho apresenta muita incorrecção. Mas se se compararem com as que adornam os tumulos de Egas Moniz e de seus filhos no mosteiro de Paço de Sousa; dos reis D. Affonso II e D. Affonso III na igreja de Alcobça; de varios fidalgos na galilé do templo de Santa Maria de Pombeiro, e em outras igrejas, ficará evidente que este ramo da arte fez notaveis progressos sob o governo esclarecido do rei *lavrador*.

Estas e outras rasões, que omitimos por brevidade, e para não darmos a este quadro incidental um desenvolvimento que o assumpto principal não comporta, mostram a importancia que devem ter, para o estudo da historia das artes em Portugal, as obras executadas em tempo de el-rei D. Diniz; pois que foi então que a architectura e a esculptura assumiram um caracter verdadeiramente nacional, sobretudo a primeira.

Servem tambem estas observações para demonstrar quão importante é para aquelle estudo, como obra de arte, o tumulo de D. Ignez de Castro. Feito em vida de el-rei D. Pedro I, e logo no principio do seu reinado, offerece-nos irrecusavel testemunho dos grandes progressos que o nosso paiz fez nas artes no curto periodo que medeou entre a feitura do tumulo de el-rei D. Diniz e a do mausoléu da esposa de seu neto.

Não apontamos este ultimo como um primor de correcção de desenho, ou de esmero e delicadeza de esculptura. Nas sendas difficeis da arte não é possivel caminhar com tal rapidez. Mas ha em todo esse trabalho elevação de idéas e bom gosto artistico na traça do monumento, e em toda a obra de esculptura bastante perfeição relativamente ao estado d'este ramo da arte em reinados anteriores. Progredindo desde então com successivos aperfeiçoamentos, ostentou-se com esplendor nos fins d'esse mesmo seculo e nos começos do seguinte, nas obras da igreja da Batalha e nas da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, e nos magnificos tumulos de el-rei D. Fernando I, no côro da igreja de S. Francisco, em Santarem, e de D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, no templo dos religiosos agostinhos da dita villa, hoje cidade.

El-Rei D. Pedro I apenas reinou dez annos. Poucas construcções importantes se fizeram sob o seu governo. Algumas d'estas perderam inteiramente as feições primitivas nas modificações que tem tido. Restam, porém, tres monumentos d'essa época: a ponte do Lima, em frente da villa d'este nome, e os mausoléus de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro. A ponte, apesar de despojada bar-

baramente, em nossos dias, e em nome do progresso, das duas torres anciadas, que lhe davam ingresso, levantadas nas extremidades para a sua defesa, ainda nos apresenta um grandioso exemplar da architectura n'aquelle tempo. Os dois mausoléus patenteiam-nos, com exactidão e vantajosamente, o estado da esculptura. Esta circumstancia, pois, ainda os torna mais apreciaveis.

grande copia de figuras de santos mettidas em nichos, e de diversidade de labores. Assenta cada um sobre seis leões, e tem deitada sobre a tampa a estatua do soberano. O tumulo de D. Ignez de Castro tem na parte superior, em volta da tampa, uma cercadura, em que avultam alternados o escudo das armas reaes e o brasão dos Castros, com seis arruelas.



Mausoléu de D. Ignez de Castro

IV

Estão collocados estes dois mausoléus na segunda nave do cruzeiro da igreja de Santa Maria de Alcobaça, entre os tumulos dos reis D. Affonso II e D. Affonso III, das rainhas D. Urraca e D. Beatriz, e de alguns infantes, sobresaindo, porém, a todos estes em sumptuosidade e belleza. São ambos de marmore branco, e ornamentados por todos os lados de decorações architectonicas de invenção variada e phantasiosa, segundo o estylo gothico, de muitos quadros de meio relevo, de assumpto religioso, de

O grande quadro de meio relevo, que se vê na caixa, do lado dos pés da estatua, representa o *juízo final*. A estatua da rainha, de proporções naturaes, e ataviada com as insignias da realca, repousa entre seis anjos, que a estão velando, e que, na piedade e ternura que expressam, parecem condoídos e magoados do infortunio que a arremessou no sepulchro na primavera da vida e no esplendor da formosura.

E tão grande foi este infortunio, que ainda exerceu perseguição alem da morte, pesando com a sua mão de ferro sobre as cinzas da desditosa. Dois soberanos, mo-

vidos da curiosidade, tentaram profanar o mausoléu de D. Ignez de Castro. O primeiro foi el-rei D. Sebastião, que, fugindo da peste que assolára Lisboa em 1569, indo passar um mez ao mosteiro de Alcobaça, depois de ter peregrinado por diferentes terras, quiz ver os cadáveres dos soberanos que ali jazem. Foram abertos os tumulos dos reis D. Afonso II e D. Afonso III, e das rainhas D. Urraca e D. Beatriz: mas encontrando maior difficuldade na abertura do mausoléu de D. Ignez de Castro, e reconhecendo-se pelos estragos causados pelas primeiras diligencias, que não se conseguiria abrirem-no sem muita deterioração do monumento, desistiu el-rei do seu intento.

A segunda tentativa foi em 1704. Empreheu-a o archiduque Carlos de Austria, mais tarde Carlos VI, imperador de Allemânia. Vindo a Lisboa n'aquelle anno, com o titulo de Carlos III, rei de Hespanha, a fim de disputar a corôa d'esse paiz ao duque de Anjou, que fôra aclamado com o nome de Philippe V, visitou o convento de Alcobaça, e desejou ver os restos mortaes de D. Ignez de Castro. Repetiram-se as diligencias, mas com o mesmo resultado. D'estas duas vezes recuaram os profanadores ante o perigo de occasionarem grande destruição no monumento.

Porém, á terceira vez completou-se a obra da profanação. Felizmente não tomaram n'ella parte mãos portuguezas. Foi a soldadesca franceza, do exercito do marechal Massena, na invasão de 1810, que commetteu esse desacato, não por simples curiosidade, mas sim instigada pelo espirito de rapina. D'este feito brutal ficaram no mausoléu indeleveis vestigios.

I. VILHENA BARBOSA.

DOIS MORTOS ILLUSTRÉS

O visconde de Castilho (Antonio Feliciano de Castilho) e o visconde de Paiva Manso (o dr. Levy Maria Jordão) já não existem. A morte riscou do numero dos vivos aquelles dois vigorosos talentos, aquelles dois infatigaveis trabalhadores, que tanto e tão proficuaemente lidaram — um nas letras, o outro nas letras e na sciencia, honrando ambos a terra que lhes foi patria.

O visconde de Castilho, ingenho poetico dos mais avantajados que n'este seculo têm vivido em Portugal, legou á posteridade obras importantes, que hão de tornar immorredouro o seu nome illustre.

Habil metrificador e poeta navioso, prosador insigne e mestre da lingua, os seus escriptos são deleite e ensinamento para quem os lê e medita. Afanosamente lidou por muitos annos em prol da educação das classes populares, e teve a ineffavel satisfação de arrancar aos horrores da mais infamante pena, um miserando velho que deveu a liberdade a uma inspirada epistola em verso, que o aprimorado poeta dirigiu á imperatriz do Brazil solicitando graça para o infeliz.

Interprete de Anacreonte, de Ovidio, de Virgilio, de Goethe e de Molière, quando a sua fama já estava solidamente estabelecida por meio de obras originaes, como as *Cartas de Echo e Narciso*, a *Primavera*, *Amor e melancolia*, a *Chave do enigma*, a *Noite do Castello*, os *Cinzas do Bardo*, o *Outono* e outras, dedicara-se ultimamente a verter para a lingua vernacula uma das primeiras obras de Shakspeare *O sonho de uma noite de verão*, e o *D. Quixote*, de Cervantes, versão que ficou por concluir.

Não foi isento de defeitos, pois que não ha homem que o seja, e a critica algumas vezes o feriu nos seus pontos mais vulneraveis; a luz resplandecente que irradiava do seu entendimento possante dissipava, porém, a maior parte das sombras que porventura se divisavam em algumas das suas produções litterarias, tornando-as sempre notaveis quando não eram verdadeiramente sublimes.

O visconde de Castilho terminou a sua trabalhosa vida aos 75 annos de idade, deixando aos seus amigos e aos seus admiradores a mais pungente saudade.

Era o visconde de Paiva Manso eximio jurisculto e muito sabedor das letras patrias e das estrangeiras; o seu prematuro fallecimento, aos 41 annos de idade, não foi menos sentido que o do venerando poeta.

O visconde de Paiva Manso estava, como se vê, na robustez da idade, no periodo em que o seu vastissimo talento cultivado pelo estudo e amadurecido pela experiencia, mais promettia empregar-se em proveito do paiz que o viu naseer; era de presumir, pois, que, aos importantes serviços até agora prestados, viesse a juntar outros não menos dignos de louvor e de galardão.

Filho do afamado jurisculto o barão de Paiva Manso, irmão do acreditado medico Abel Maria Jordão, e neto, por descendencia materna, do celebre philologo Francisco Dias Gomes, sustentou sempre honrosamente os bons creditos hereditarios de uma familia de cidadãos talentosos e prestadios.

Deixa obras importantes sobre philosophia de direito, historia e litteratura, sendo as mais notaveis o *Commentario ao codigo penal portuguez*, o *Projecto do codigo penal*, *Portugallie inscriptioes romanas* e as duas *Memorias* com que reivindicou para a corôa portugueza, os direitos postos em duvida pela Inglaterra á posse de Lourenço Marques.

N'estas duas ultimas obras, que lhe deram o indizível jubilo de conhecer, pouco tempo antes de cerrar para sempre os olhos, o favoravel resultado do pleito em que se empenhara, não trata o famoso jurisculto exclusivamente da analyse da questão submettida á arbitragem da França, mas sim desenvolve interessante e substancioso estudo sobre administração colonial, assumpto em que era muito sabido.

Tanto o visconde de Castilho como o visconde de Paiva Manso occupavam logares de alta consideração na Academia real das sciencias de Lisboa, e possuíam honrosas provas do bom conceito em que eram tidos não só em Portugal, mas nos paizes estrangeiros.

Eu que era admirador de ambos e me hourava com a amizade do ultimo, aqui lhes deixo estas pobres linhas, unica homenagem que posso render áquelles benemeritos operarios da civilização, que tanto contribuíram para que eu e os meus conterraneos possamos ainda emobrecer-nos com o glorioso nome de portuguezes.

RANGEL DE LIMA.

QUATRO HORAS NA GOLLEGÃ

III

Torturas de um viajante

(Continuação)

QUANDO chegámos ao palácio do sr. Relvas perguntei aos meus companheiros se queriam entrar. Teria prazer em apresentar-me e apresentá-los á amabilidade e bisarria do proprietario; mas elles responderam-me que nos dispensassemos d'isso em tal dia, e eu reflexionei que, em uma casa com enchente de hospedes para determinada festa, não era commoda, nem opportuna, a nossa entrada ali. Alem de que, eu e os meus companheiros, sem almoço, queriamos seguir o nosso passeio pela villa em procura de comer.

Tenho agora que declarar, *com justo orgulho*, que fui nomeado para ir na frente d'esta exploração gastronomica.

Nem todas as explorações são faceis, nem ferteis de resultados. Esta, de que me incumbiram os meus companheiros, não foi das mais felizes.

Era provavel que, n'uma terra pequena e com uma agglomeração extraordinaria de visitantes, as casas de venda não tivessem comida, nem mãos para tantos freguezes. E assim succedeu. Se não tivesse testemunhas presencias do caso para as apresentar em juizo conformo a lei, quando me obrigassem a esse processo, ninguém me acreditaria. Julgariam todos que estava phantasiando algum romance para dar interesse á narrativa. Pois podem acreditar-lo.

Depois de procurar baladadamente em varias lojas com que saciar a fome, porque chegáramos sem almoçar, deparou-se-nos um bom homem em uma loja, a que nós, os lisboetas, costumámos chamar *tenda*.

— Querem comer?
 — Sim, senhor.
 — Olhem . . . isso só em casa do príncipe cá da terra. Lá é que o encontram com fartura.
 — Então o príncipe tem casa de pasto?
 — Ora essa! . . . Os senhores estão brincando! . . . Como elle tem talvez hoje cem hospedes, não lhe faz differença mais quatro.
 — Então é uma hospedaria em ponto grande?
 — Deixem-se de gracejos! . . . Não é hospedaria: é a casa do sr. Relvas. Os senhores bem sabem que elle é um príncipe. Em cousas de obsequio ninguem lhe leva a barra adiante.
 — Mas nenhum de nós quer incommoda-lo, nem cair em casa d'elle como importuno. Assim veja se nos arranja de comer. Temos fome.
 — Ah! estão tres ovos, se lhes servem.
 — Tres ovos! Então quatro homens hão de almoçar e jantar tres ovos?
 — Não tenho mais, e até me parece difficil arranja-los hoje.
 — Pois empregue a sua boa vontade, e apresente-nos, quando menos, uma duzia.
 — Uma duzia?
 — Uma duzia.
 — Nem mais, nem menos.
 — Antes mais. . .
 — Em que trabalhos me vão metter!
 — Tenha paciência. Olhe lá, além dos ovos, chouriço, queijo e fructa.
 — Santo nome de Jesus!

E o tendeiro pôz as mãos na cabeça e abriu muito os olhos de atemorizado. Parecia que adivinhava alguma desgraça.

Insistimos, e o homem chegou ao accôrdo de que arranjaria tudo o que pediramos. Effectivamente ali tomámos em seguida uma pequena refeição; e, depois da tourada, encontrámos na casa da familia do tendeiro, uma fritada de chouriço com ovos, vinho, pão, queijo e uvas. Não jantámos; mas saciámos a fome até a hora em que o signal da partida do comboio para Lisboa nos chamou á estação, distante 2 ou 3 kilometros da villa.

Peço licença para não descrever o albergue do tendeiro, porque não tem nada de singular. Era a casa das familias pouco abastadas da provincia. Quatro compartimentos, tres ou quatro cadeiras de pinho, outros tantos bancos; duas areas, uma commoda mal estimada e cuidada, uma candeia de folha e um candieiro de latão, dando mau cheiro ao ambiente; no fundo uma cosinha enegrecida pelo fumo da lenha e dois quartos com barras ou leitos de ferro dos mais economicos. Em compensação, bom modo para todos e alegria expansiva, como pôde gosa-la quem anda por essas villas e aldeias portuguezas.

Jantámos a final; mas — perdoe-nos o bom do tendeiro — como n'uma penitenciaria.

O tendeiro, vendo-nos devorar aquelle menos que frugal jantar, punha as mãos e dizia:

— Se o príncipe soubesse?

Nós respondíamos:

— Não se afflija. Estamos aqui por nossa vontade. Quando o príncipe souber ha de ter pena de que tres jornalistas passem assim a tarde na sua terra e ao pé da casa d'elle; mas elle não tem culpa das contrariedades dos que viajam e não querem incommodar ninguem. É o *senão* d'estas digressões.

Com effeito, se não fosse a tourada, este sacrificio seria espantosamente grande.

(Continúa). 1

BRITO ARANHA.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)



PORTUGAL DE CABELLEIRA. — Deu o sr. Alberto Pimentel, escriptor portuguez ha tempos residente em Lisboa, o titulo acima a um volume de prosa, no qual se encontram os seguintes capitulos:

Barba e bigode — A dama da cutilada — O Terreiro do Paço — Os sinos d'Alpendurada — Reabilitação do queijo por um documento antigo — Ha dois seculos e meio — As feiras — A antiga viagem portugueza — Um episodio da conquista de Lisboa — Como as borboletas se queimam — O convento de Jesus — Tradições antigas de S. Thiago de Cacem — Um serão de Boage.

São realmente curiosos os bem escriptos artigos contidos no livro do sr. Pimentel. Em alguns d'elles dão-se noticias de certos factos que esclarecem assumptos importantes para os que se interessam pelos usos e costumes portuguezes, bem como por alguns homens que têm sido honra para este paiz.

O livro, como se depreende da seguinte dedicatória que o acompanha, é quasi exclusivamente dedicado ao Brazil.

Aos portuguezes que, residentes no Brazil, amam em Portugal a terra em que nasceram e no Brazil o paiz hospitaleiro que os recebeu; aos brazileiros que, associando-se nas lides do commercio, e muitas vezes no gremio da familia, aos portuguezes seus co-irmãos, honram a sua patria e a nossa, oferece Alberto Pimentel.

É de erer que este livro seja lido com a maior curiosidade no Brazil, podendo afirmar-se que obterá semelhante exito em Portugal, se o auctor o tornar conhecido dos muitos leitores que têm tido sempre as suas obras litterarias.

AS DUAS FLORES DE SANGUE. — Este novo romance historico, original do sr. Pinheiro Chagas, foi editado pela empresa Carvalho & C.^a, que tem dado á luz da publicidade varias obras importantes. *As duas flores de sangue* é um romance que interessa o leitor, instruindo-o. Escripto em estylo brilhante e opulento, como todas as obras litterarias do sr. Pinheiro Chagas, falla-nos o livro de duas mulheres celebres na historia; uma, a princeza de Lamballe, cuja cabeça formosissima rolou sobre as taboas do patibulo em França; a outra D. Leonor da Fonseca Pimentel, que soffreu igualmente a pena ultima, em Italia. D'esta heroína, filha de um diplomatico portuguez, já as *Artes e Letras* deram o retrato acompanhado de um curioso e elucidativo artigo escripto pelo sr. dr. Philippe Simões. O typo mais saliente, e por ventura o mais bem acabado, do romance, é o de D. Jayme, conde de Espozende, portuguez cavalleiro, que vai colher as duas flores ensanguentadas nos cadaveres das duas mulheres celebres justicadas pela grande revolução do seculo passado, mulheres que elle adorava e que pretendu disputar aos algozes com risco da propria vida. As flores são, uma rosa que ficara apertada nos dentes da cabeça decepada da fidalga franceza, e uma branca magnolia caída das tranças da revolucionaria poetisa, enforecada em Napoles.

O interesse historico e dramatico do romance deve attrahir-lhe a curiosidade publica, do que resultará a vulgarisação facil de dois curiosos assumptos historicos relativos á famosa revolução, que deu tão profundo golpe nas instituições politicas e sociaes da Europa.

AS DOZE ESPADAS DO DIABO. — A mesma empresa acaba de publicar o romance em dois volumes assim intitulado, escripto originalmente por Henri Koek e traduzido mui correctamente para vulgar, pelo sr. Guilherme Celestino. É livro que deverá tambem chamar a attenção dos amadores de romances.

HOMENS DE BEM. — É o titulo de um drama em cinco actos, original do sr. Antonio Correia. Esta peça, que, ainda ha pouco, obteve geraes applausos do publico do Porto, onde foi representada pela companhia do theatro Baquet, tem enredo conduzido com bastante naturalidade, e desfecho satisfatorio para os espectadores. A idéa que preside á composição é moralissima, e o dialogo em que ella se desenvolve fluente e escripto em boa linguagem portugueza. O final do terceiro acto é altamente dramatico, e no decurso dos demais actos encontram-se algumas situações que devem produzir bom effeito na scena. A lisonjeira recepção que a peça obteve das illustradas platéas da segunda cidade do reino, é a sua melhor recommendação. Foi editor da obra o sr. J. E. da Cruz Coutinho, acreditado livreiro do Porto.

O TRICENTENARIO DA UNIVERSIDADE DE LEIDEX. — Assim intitulado o sr. dr. Augusto Philippe Simões o relatório que dirigiu ao sr. visconde de Villa Maior, reitor da universidade de Coimbra, em desempenho da commissão que dignamente exerceu, quando ultimamente foi mandado á Hollanda assistir ao tricentenario da universidade de Leiden. O relatório está publicado em folheto, e é documento curioso para as pessoas estudiosas. Ninguem ignora os

serviços prestados ás letras e á sciencia pelo esclarecido cathedraico da universidade de Coimbra o sr. dr. Philippe Simões; qualquer publicação devida á sua penna illustrada é digna, portanto, da leitura cuidadosa das que prezam os bons livros.

Os *TRIPTEIROS*.—De um romance historico assim denominado, escripto pelo fallecido A. C. Lousada, extrahi o sr. Augusto Garraio um drama de grande espectáculo, que se representou com applauso no theatro Baquet do Porto, e do qual o sr. João E. da Cruz Coutinho foi editor. O drama dos *Tripteiros*, cuja acção se baseia nas chronicas do seculo XIV, tem condições theatraes muito apreciaveis, e é interessantissimo como obra historica, mormente para os filhos do Porto, em cuja cidade e seus arrabaldes se passa a acção. Na ultima scena do 5.º acto explica-se a origem da denominação de *tripteiros*, que geralmente se dá aos portuenses.

O sr. Cruz Coutinho está prestando serviços á litteratura portugueza com a publicação de composições theatraes de reconhecido merecimento, bem como de outras obras litterarias dignas da attenção dos leitores mais intelligentes.

HOMENS E DATAS.—O referido editor acaba de publicar o excellente livro d'este titulo, escripto pela incansavel penna do sr. Alberto Pimentel. Reune a obra, alem de varios artigos que se referem a homens conhecidos, quer na litteratura, quer na politica, ligeiros contos baseados em factos historicos não só da actualidade, mas succedidos em épocas remotas. Alguns dos escriptos têm fina graça, outros encerram conceituosa critica e em todos se ostenta a boa linguagem portugueza, que distingue as obras litterarias do sr. Pimentel. É de presumir, portanto, que o novo livro do illustrado escriptor portuense tenha a procura que sempre favorece as suas produções, em geral bem acceitas pelos leitores portuguezes e brazileiros. O retrato do auctor acompanha o volume, que é dedicado ao sr. Miguel Queriol.

O LIVRO DAS FAMILIAS.—É tambem do sr. J. E. C. Coutinho a segunda edição d'esta obra escripta pelo sr. J. P. de Almeida Brandão, pharmaceutico pela universidade de Coimbra. O livro, que traz no começo o retrato do auctor, contém diversas considerações ácerca do casamento, e varias instrucções para a cura das doenças mais communs. A segunda edição prova a utilidade da obra; é inutil, portanto, recommendal-a.

O BISTRI.—É este o titulo de uma folha semanal, publicada no Porto, da qual são redactores os srs. Acacio Antunes, Carneiro Torres e Catão Simões. Contém o novo hebdomadario portuense artigos de critica-litteraria, analyse das peças representadas nos theatros do Porto, poesias e varias noticias curiosas e interessantes. Publica na primeira pagina uma gravura em madeira; os artigos são impressos com typos elzevirius. É natural que a boa fortuna proteja a nova folha, que se torna merecedora d'isso.

ORAÇÃO ESCOLAR NA ABERTURA SOLEMNE DO LYCEU NACIONAL BRACARENSE NO ANNO LECTIVO DE 1874-1875.—É um folheto de 27 paginas o assim intitulado, e contém o discurso que o intelligente professor de mathematicas elementares, o sr. Pereira Caldas, proferiu

na abertura do lyceu de Braga, substituindo em tal solemnidade, na sua qualidade de decano, o chefe d'aquelle estabelecimento, o sr. dr. Luiz da Costa Pereira. É digna de lêr-se a doutrinal oração do erudito professor, pela qual se podem avaliar devidamente os vastos conhecimentos do sr. Pereira Caldas sobre a especialidade do ensino publico, e bem assim os seus dotes litterarios e idéas patrioticas e liberaes, qualidades estas indispensaveis aos que têm a seu cargo a ardua tarefa da educação da mocidade.

SYNOPSIS DOS DECRETOS REMETTIDOS AO EXTINGTO CONSELHO DE GUERRA DESDE O ESTABELECIMENTO D'ESTE TRIBUNAL EM 11 DE DEZEMBRO DE 1640, ATÉ Á SUA EXTINÇÃO DECRETADA EM O 1.º DE JULHO DE 1834, ARCHIVADOS NO ARCHIVO GERAL DO MINISTERIO DA GUERRA E MANDADOS RECOLHER NO REAL ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO, EM 22 DE JUNHO DE 1865.—Está publicado o quarto volume d'esta prestadia obra, colligida pelo distincto militar o sr. Claudio de Chaby. Do muito que vale o importante trabalho ha annos começado pelo sr. Chaby, e até hoje continuado com louvavel persistencia, já as *Artes e Letras* de ram conta por occasião do apparecimento dos anteriores volumes. Este que ora se distribue, não é menos curioso do que os demais já conhecidos. Alem das peças officias relativas ao assumpto de que trata especialmente, contém um retrato e biographia do fallecido general de brigada Belehior José Garcez, á memoria do qual o sr. Claudio de Chaby dedica o volume.

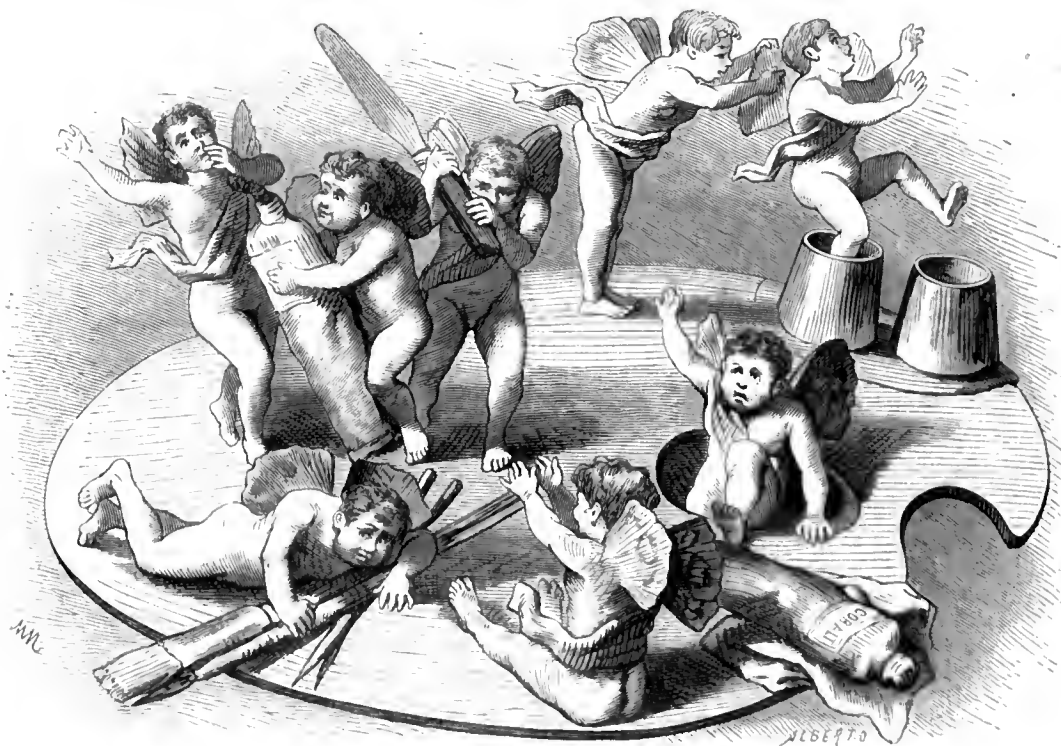
(Continúa.)

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

— O museu archeologico da cidade de Genova foi ultimamente enriquecido com uma curiosa colleção que deve despertar a curiosidade de todos, desde a mais modesta cozinheira até o sabio mais erudito. Compõe-se a famosa colleção de uma bateria de cozinha completa, do tempo dos romanos, encontrada, segundo se diz, n'um campo dos arrabaldes de Martigny. Quasi todos os objectos se parecem com os seus modernos equivalentes. Os mais notaveis são: uma fôrma de pudins, do feitio de concha; muitos pratos de diferentes tamanhos; uma panella, cujo fundo está arruinado pelo tempo; uma grande caldeira; um funil de fôrma não vulgar; duas escomadeiras trabalhadas com muito primor e uma cassarola semelhante á que continha ainda a famosa sopa de Pompeia.

— Effectuou-se ultimamente em Londres a venda da importante colleção de quadros do sr. Sam Mendel, de Manchester, a qual produziu a enorme quantia de 675:000\$000 réis. O *Juramento de Vargas*, por Gallait, vendeu-se por 11:592\$000 réis; um Turner, representando o grande canal de Veneza, attingio o fabuloso preço de 33:075\$000 réis. É talvez a quantia mais avultada porque se tem pago um quadro moderno.





ARTIGOS

- A que vende fructa - A que vende peixe** - Ramalho Ortigão - pag. 83.
Abraham e Ilagar - J. M. Latino Coelho - pag. 169.
Adoração (A) dos pastores - M. F. - pag. 9.
Aguadeira (A) de Veneza - Luciano Cordeiro - pag. 164.
Antonio José Patricio - Rangel de Lima - pag. 139.
Apanhando moscas - Eduardo A. Vidal - pag. 52.
Archeologia (objectos curiosos encontrados em Roma) - pag. 147.
Arco (O) da rua Augusta e a praça do Commercio - J. Ribeiro Guimarães - pag. 172.
- Barbeiro (O) turco** - Ramalho Ortigão - pag. 150.
Brios de adolescente - Pinheiro Chagas - pag. 78 e 86.
- Cabra (A) cega** - D. Maria Amalia Vaz de Carvalho - pag. 49.
Carta - A. Soromenho - pag. 94.
Carta - I. de Vilhena Barbosa - pag. 94.
Carta - Ernesto Marecos - pag. 102.
Carta (A) - Sousa Viterbo - pag. 20.
Carta (A) - Pinheiro Chagas - pag. 113.
Castello de Thomar - I. de Vilhena Barbosa - pag. 59.
Catedral da Antuerpia - pag. 100.
Cintra (Real paço da Pena) - I. de Vilhena Barbosa - pag. 12.
Compaizão de irmã - Visconde de Benalcañor - pag. 35.
- Deixae que os pequeninos renham a mim** - Alberto Pimentel - pag. 180.
Dentista (O) - Pinheiro Chagas - pag. 155.
Diversas noticias - pag. 16, 32, 48, 64, 80, 96, 112, 128, 141, 159, 176 e 192.
Dois anjos - J. P. da Silva Campos e Oliveira - pag. 103.
Dois mortos illustres - Rangel de Lima - pag. 190.
Domingos Antonio de Sequeira - Marquez de Souza Holsteln - pag. 75, 89, 104, 122, 137, 151, 166 e 182.
- Enterro (O) de Jesus** - A. Osorio de Vasconcellos - pag. 120.
Eutrevista (Uma) em Veneza - Eduardo A. Vidal - pag. 81.
Estalagem (Uma) no Tyrol - Visconde de Benalcañor - pag. 35.
Exposição (Decima) da sociedade promotora de bellas artes em Portugal - Antonio Ennes - pag. 29, 43, 62 e 66.
Exposição universal dos Estados unidos da America em 1876 - pag. 130.
- Faca (A) de mato** - Rangel de Lima - pag. 125.
Festa campestre - D. Maria Amalia Vaz de Carvalho - pag. 103.
Filippe III de Portugal - Pinheiro Chagas - pag. 185.
Franceza (A uma) - Joaquim de Araujo - pag. 172.
- Galeria (A) de quadros do sr. P. Daupias** - Rangel de Lima - pag. 98.
Collegã (Quatro horas na) - Brito Aranha - pag. 170 e 190.
- Hytopadesa (Do)** - Christovam Ayres - pag. 162.
- Jogatina (A)** - Christovam de Sá - pag. 88.
- Lapidias romanas** - Pereira Caldas - pag. 131.
Livros e folhetos - Rangel de Lima - pag. 15, 31, 47, 63, 80, 95, 111, 126, 144, 158, 175 e 191.
- Macau** - Marx de Sori - pag. 107.
Magdalena - A. Osorio de Vasconcellos - pag. 72.
Maria Stuart recebendo a sentença de morte - A. Osorio de Vasconcellos - pag. 17.
Martyr christã - Coelho de Carvalho - pag. 99.
Mascaras (As) - Alberto Pimentel - pag. 25.
Mater dolorosa - Gonçalves Crespo - pag. 151.
- Mausoléu de D. Ignéz de Castro** - I. de Vilhena Barbosa - pag. 157.
Mennete (O) - Gonçalves Crespo - pag. 82.
Miguel (S.) Archanjo - Alberto Pimentel - pag. 33.
Miniaturista (O) - Gonçalves Crespo - pag. 136.
Mogarem - Thomaz Ribeiro - pag. 14, 26, 35 e 57.
Morta - Joaquim de Araujo - pag. 19.
Mosteiro de Alcobaga - I. de Vilhena Barbosa - pag. 156.
Mosteiro (O) da Madre de Deus - J. Ribeiro Guimarães - pag. 45, 50 e 70.
Motim (Um) no aprisco - Antonio Ennes - pag. 115.
Mulher (A) antiga e a mulher christã - D. Maria Amalia Vaz de Carvalho - pag. 113.
- Natureza (A)** - Sousa Viterbo - pag. 147.
Negro - Assis de Carvalho - pag. 178.
Noticia (A) que vem de longe - Alberto Pimentel - pag. 97.
Novo theatro da Opera em Paris - pag. 1 e 18.
Numeros do intermezzo - Gonçalves Crespo - pag. 26.
- Objectos curiosos encontrados em Roma (Archeologia)** - pag. 147.
Onilas - Sousa Viterbo - pag. 51.
Orgiu (A) - D. Maria Amalia Vaz de Carvalho - pag. 22.
Ovrireasaria (A), sua antiguidade e progresso no estrangeiro e em Portugal - I. de Vilhena Barbosa - pag. 27 e 38.
- Paço dos duques de Bragança em Guimarães** - I. de Vilhena Barbosa - pag. 92.
Pastorsinho (O) romano - Luciano Cordeiro - pag. 161.
Pastorsito (O) romano - Gonçalves Crespo - pag. 101.
Paulo Feronez e a inquisição - Brito Aranha - pag. 112.
Pegureira (A) - Goimariães Fonseca - pag. 178.
Perdida! - D. Maria Amalia Vaz de Carvalho - pag. 132.
Peregrino (O) - Alberto Pimentel - pag. 33.
Pia monumental - I. de Vilhena Barbosa - pag. 131.
Piccolo, Piccola - Visconde de Benalcañor - pag. 129 e 145.
Poesia (A) revolucionaria e a Morte de D. João - Oliveira Martins - pag. 41 e 51.
Porta da sacristia do mosteiro de Alcobaga - I. de Vilhena Barbosa - pag. 156.
Praça (A) do Commercio e o arco da rua Augusta - J. Ribeiro Guimarães - pag. 172.
Primeira (A) saudade - Trad. de Lamartine por G. M. - pag. 11.
Princira (A) walsa - Sousa Viterbo - pag. 20.
- Quatro horas na Collegã** - Brito Aranha - pag. 170 e 190.
- Rabiata (La)** trad. do allemão por J. Batalha Reis - pag. 6, 23, 58 e 74.
Recordação historico-artistica - E. - pag. 99.
Recruta (A) - A. de Sousa e Vasconcellos - pag. 65.
Retrato (Um) - D. Maria Amalia Vaz de Carvalho - pag. 15.
- Santa Maria, do Guído** - J. Frederico Laranjo - pag. 135.
Sombra (A) das arvores - D. Maria Amalia Vaz de Carvalho - pag. 49.
Sombros - Joaquim de Araujo - pag. 134.
- Taça (A)** - M. - pag. 115.
Tenham paciencia! - Ednardo A. Vidal - pag. 177.
Tentação - Alfredo Campos - pag. 130.
Teu (O) nome - Alfredo Campos - pag. 73.
Theatros - Rangel de Lima - pag. 10, 24, 34, 151 e 162.
Theouso da sé de Braga (cartas) - A. Soromenho, I. de Vilhena Barbosa - pag. 91.
Tiro certoiro - Antonio de Sousa e Vasconcellos - pag. 161.
Todos artistas! - Eduardo A. Vidal - pag. 67.
- Veado (O) perseguido** - Visconde de Benalcañor - pag. 3.
Velasquez (De como) tinha uma costella portuense e não era pintor - Luciano Cordeiro - pag. 118.

GRAVURAS

A que vende fructa—Roth—pag. 84.
A que vende peixe—H. Koch—pag. 85.
Abraham e Hagar—Adr. v. d. Werff, W. French—pag. 168.
Adoração (A) dos pastores—Ponsin, W. French—pag. 8.
Aguadeira (A) de Veneza—Roth—pag. 161.
Antonio José Patricio—Ferreira Chaves, Pastor—pag. 141.
Apanhando moscas—(copias de photographias)—pag. 52 e 53.
Arco (O) da rua Augusta—Silva, Alberto—pag. 173.

Baculo de Santo Orídio—pag. 28.
Barbeiro (O) turco—Bonnat, Pelissier—pag. 149.

Cabra (A) cega—D. Chodowicky, A. H. Payne—pag. 56.
Caliz de prata dourada de D. Diogo de Sousa—pag. 29.
Caliz de S. Giraldo—pag. 28.
Carta (A)—Becker, Brend'amour—pag. 113.
Carta (A)—Frantz Dreffregger, H. Koch—pag. 20.
Castello de Thomar—pag. 61.
Cathedral de Antuerpia—Whiteheads—pag. 100.
Cofre de marfim de S. Giraldo—pag. 28.
Comparação de irmã—R. Beyschlag, Roth—pag. 36.

Deirai que os pequeninos venham a mim—Conrad Beckmann, L. Buff—pag. 181.
Dentista (O)—Gerard Dow, W. French—pag. 152.
Domingos Antonio de Sequeira—J. Pedrozo—pag. 77.

Enterros (O) de Jesus—Van Dyck, Wagner—pag. 120.
Entrevista (Uma) em Veneza—Cramer, Brend'amour—pag. 81.
Estalagem (Uma) no Tyrol—Frantz Dreffregger—pag. 37.

Faca (A) de mato—Raphael Zacharias da Costa, J. Pedrozo—pag. 125.
Festa campestre—Nicolau Lancred, A. H. Payne—pag. 104.

Hospital de S. Januario, em Macau—J. Dantas, J. Pedrozo—pag. 109.

Jogatina (A)—Gerard Dow, W. French—pag. 88.

Lapidarias romanas—Leotte—pag. 132.

Magdalena—M. A. Franceschini, A. H. Payne—pag. 72.
Maria Stuart recebendo a sentença de morte—Wehle—pag. 17.
Mascaras (As)—Watteau, W. French—pag. 24.
Mausoléu de D. Inez de Castro—pag. 189.
Miguel (S.) Archânjo—Luca Giordano, W. French—pag. 40.
Miniaturista (O)—Roth—pag. 136.
Molim (Um) no aprisco—Otto Gebler, Gustavo Ran—pag. 116 e 117.

Natureza (A)—Laurence, Roth—pag. 148.
Noticia (A) que vem de longe—Amberg, Roth—pag. 97.
Novo theatro da Opera em Paris—pag. 1.

Pastorsinho (O) romano—Roth—pag. 165.
Pastorsito (O) romano—Bonifazi, Roth—pag. 101.
Pegureira (A)—Gustavo Ran—pag. 180.
Perdida—W. S.—pag. 133.
Peregrino (O)—J. Moselagen, Roth—pag. 33.
Philippe III de Portugal—Velasquez, W. French—pag. 181.
Pia monumental—Leotte—pag. 132.
Piccola—Richter, Roth—pag. 145.
Piccolo—Richter, Roth—pag. 129.
Porta da igreja da Madre de Deus—G. Pereira, J. Pedrozo—pag. 45.
Porta da sacristia do mosteiro de Alcobaça—pag. 157.
Portal da capella do paço dos duques de Bragança, em Guimarães—J. Dantas, Leotte—pag. 93.
Portal e pavilhão do palacio da Pena—pag. 13.
Primeira (A) walsa—Leinweber, Roth—pag. 21.

Recruta (A)—C. Boker, Roth—pag. 65.

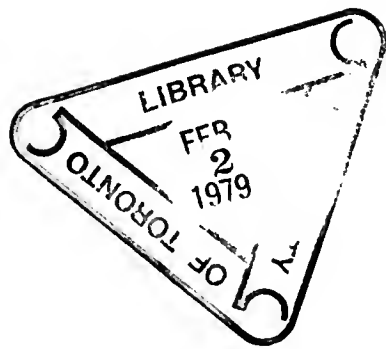
Sombra (A) das arvores—Andriolli, J. Holeywinski—pag. 49.

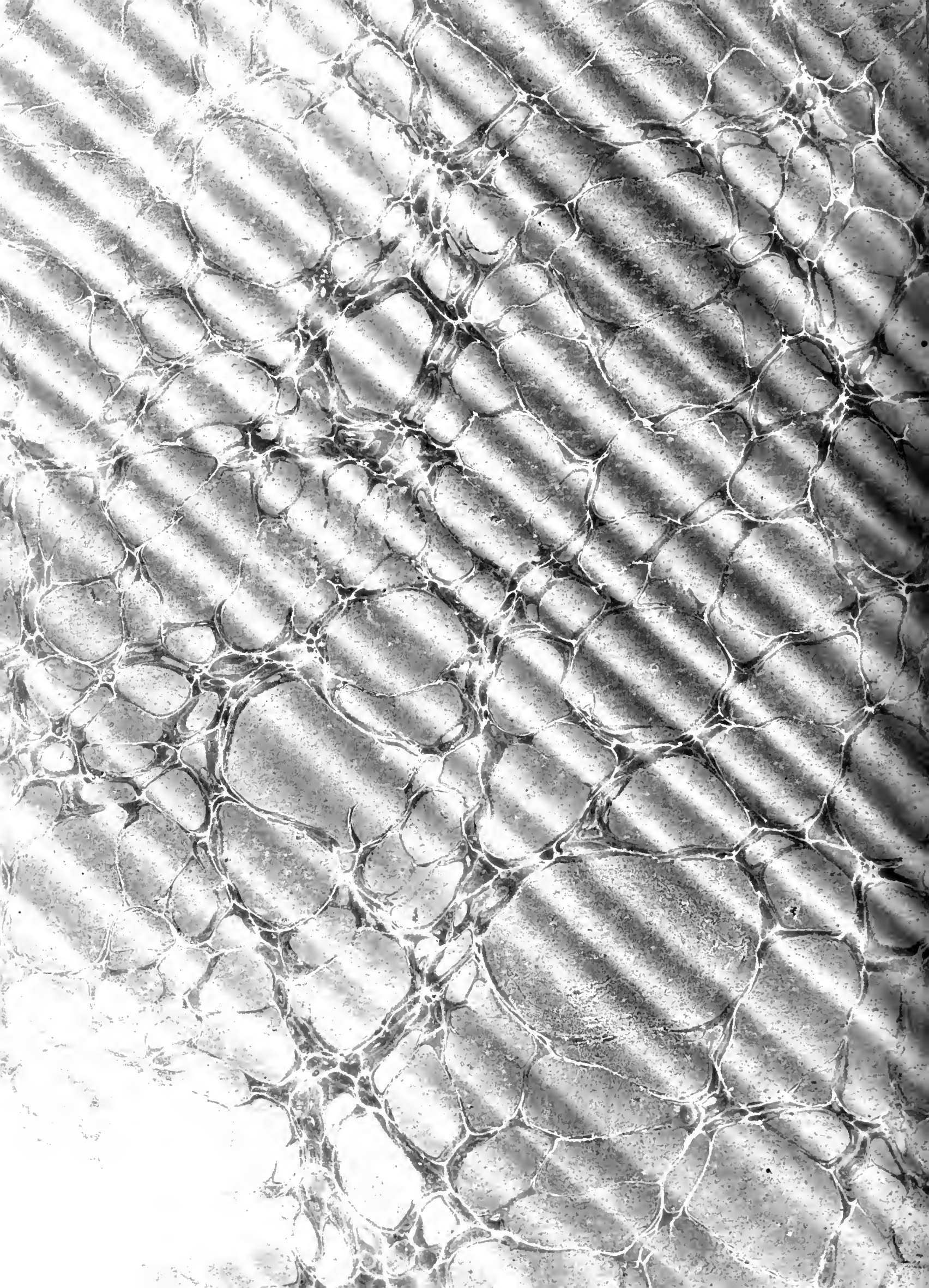
Tenham paciencia...—Sonderland, Roth—pag. 177.
Tiro criteiro—Maffel—pag. 161.
Todos artistas!—Erdmann, Roth—pag. 68 e 69.

Vado (O) perseguido—Ansdell—pag. 5 e 6.
Virgem (A) Maria—Guido Reni, A. H. Payne—pag. 136.









The image shows a book cover with a marbled paper pattern. The pattern consists of irregular, rounded shapes in shades of grey and white, resembling stone or biological cells. A white rectangular pocket is attached to the cover, containing a library notice.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

